



Crônicas Lunares

marissa meyer

Rocco:
DIGITAL



Coletânea Crônicas Lunares

ISBN: 978-65-5595-233-9

Contém os títulos:

Cinder | 978-85-8122-207-3

Scarlet | 978-85-8122-411-4

Cress | 978-85-8122-616-3

Winter | 978-85-7980-310-9

Sumário

Cinder

Scarlet

Cress

Winter

Índice

Cinder

A detailed illustration of a mechanical leg, resembling a prosthetic or a robotic limb, wearing a bright red, glossy high-heeled shoe. The leg is composed of various metallic parts, including joints, pistons, and a complex network of pipes and wires. The leg is positioned vertically, with the foot planted on a light blue surface. The background is a dark, gradient blue.

Rocco:
DIGITAL

marissa meyer

Cinder

Livro Um

Crônicas Lunares



Marissa Meyer

Tradução
Maria Beatriz Branquinho da Costa

Rocco
DIGITAL

*Para minha avó, Samalee Jones, com um amor tão grande que jamais
caberia nestas páginas.*

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

LIVRO UM

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

LIVRO DOIS

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

LIVRO TRÊS

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

LIVRO QUATRO

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Agradecimentos

Créditos

A Autora



LIVRO

Um

*Enquanto a suas irmãs foram dados lindos vestidos e sandálias
finas, Cinderela tinha apenas um avental sujo e sapatos de
madeira.*



CAPÍTULO



O PARAFUSO QUE ATRAVESSAVA O TORNOZELO DE CINDER ENFE

marcas em forma de cruz tinham sido gastas até se tornarem um círculo deformado. Suas articulações doíam por forçar a chave de fenda nas juntas, enquanto lutava para afrouxar o parafuso numa volta rangente após a outra. Quando já o havia retirado o bastante para que terminasse de torcer e puxar com sua mão protética de aço, os fios finos como cabelo estavam desencapados.

Jogando a chave de fenda na mesa, Cinder segurou o calcanhar e puxou o pé do encaixe. Uma centelha queimou levemente as pontas de seus dedos e ela se sobressaltou e largou o pé, que ficou pendurado por uma confusão de fios vermelhos e amarelos.

Ela se deixou cair para trás com um gemido. Uma sensação de alívio pairava no fim daqueles fios – liberdade. Suportara o pé pequeno demais por quatro anos. Jurou nunca mais usar aquele lixo novamente e tinha a esperança de que Iko voltasse logo com a peça substituta.

Cinder era a única mecânica faz-tudo na feira de Nova Pequim. Sem nenhuma placa, seu ofício podia ser deduzido apenas pelas prateleiras que enchiam as paredes com peças

estocadas de andróides. O estande ficava espremido em um espaço sombrio entre um comerciante de netscreens usados e um mercador de seda, e ambos constantemente reclamavam do cheiro ácido de metal e graxa que vinha dali. Mesmo que, em geral, ele fosse disfarçado pelo aroma dos pães de mel que vinha da padaria do outro lado da praça, Cinder sabia que, na verdade, os dois não gostavam de ficar perto *dela*.

Uma toalha de mesa manchada separava Cinder dos fregueses que passavam. A praça estava repleta de compradores, mascates e crianças fazendo barulho: os gritos dos homens que negociavam com os donos de comércios de peças robóticas, tentando barganhar até que o preço dos computadores atingisse a margem de lucro desejada; o zumbido dos escâneres de identidade e os monótonos recibos falados, quando o dinheiro era transferido de uma conta para a outra; os telões que cobriam cada um dos edifícios e preenchiam o ar com o burburinho de anúncios, notícias, fofocas.

A interface auditiva de Cinder abafava o ruído, transformando-o em uma estática repetitiva e monótona, mas naquele dia uma melodia se mantinha mais alta do que o restante, e ela não conseguia abafá-la. Uma roda de crianças cantarolava bem na frente de seu estande: “Cinzas, cinzas, nós todos caímos!”, e, em seguida, riam de maneira histérica e se jogavam na calçada.

Um sorriso se formou nos lábios de Cinder, não tanto pela cantiga infantil, uma canção fantasmagórica sobre doença e morte que tinha voltado a ser popular na última década. A

música em si fazia com que Cinder se sentisse enjoada, mas ela amava os olhares dos pedestres quando as crianças sorridentes se jogavam em seu caminho. A inconveniência de ter que se desviar dos corpos se contorcendo despertava resmungos dos compradores, e Cinder adorava as crianças por isso.

– Sunto! *Sunto!*

O divertimento de Cinder se extinguiu. Ela viu Chang Sacha, a padeira, forçando passagem pela multidão, com o avental coberto de farinha.

– Sunto, venha aqui! Eu te disse para não brincar tão perto da...

Sacha encontrou o olhar de Cinder, apertou os lábios, pegou o filho pelo braço e deu meia-volta. O garoto choramingava, arrastando os pés, enquanto Sacha mandava que ele ficasse mais perto do estande deles. Cinder franziu o nariz para as costas da padeira que se retirava. As outras crianças desapareceram no meio da multidão, levando junto suas risadas alegres.

– Fios não são contagiosos – murmurou Cinder para seu estande vazio.

Alongando os braços para estalar a coluna, ela passou os dedos sujos pelo cabelo, prendendo-o em um rabo de cavalo bagunçado, e pegou as luvas de trabalho enegrecidas. Cobriu a mão de aço primeiro, e embora a palma da mão direita tivesse começado a suar imediatamente dentro do tecido espesso, sentiu-se mais confortável com as luvas, escondendo o revestimento metálico da mão esquerda. Esticou os dedos, tentando se livrar da cãibra que começara a sentir na base do polegar de tanto apertar a chave de fenda, e olhou novamente

para a praça da cidade. Avistou vários andróides brancos atarracados em meio àquela barulheira, mas nenhum deles era Iko.

Suspirando, Cinder se curvou sobre a caixa de ferramentas debaixo da mesa de trabalho. Depois de procurar em meio à bagunça de chaves de fenda e chaves inglesas, ela se levantou segurando o saca-fusíveis que havia muito tempo estava escondido ao fundo. Um por um, cortou os fios que ainda conectavam seu pé ao tornozelo, cada um soltando uma pequena faísca. Como suas mãos estavam protegidas pelas luvas, ela não podia senti-las, mas o visor de retina, de modo prestativo, informou-lhe com um texto piscante em vermelho que ela estava perdendo a conexão com o membro.

Deu um puxão no último fio e seu pé retiniu no concreto.

A diferença foi imediata. Pela primeira vez na vida, sentiu-se... leve.

Ela abriu espaço para o pé descartado sobre a mesa, dispondo-o como num santuário em meio às chaves e porcas, antes de curvar-se novamente sobre o tornozelo e limpar a sujeira da parte de encaixe com um trapo velho.

BAMP.

Cinder levou um susto e bateu a cabeça embaixo do tampo da mesa. Afastou-se, de semblante fechado, vendo primeiro a carcaça de um andróide jogado sobre a área de trabalho e, em seguida, o homem logo atrás. Ela se deparou com os olhos castanho-acobreados surpresos, os cabelos pretos que passavam

um pouco da altura das orelhas e lábios que cada menina no país tinha admirado milhares vezes.

Sua careta desapareceu.

A expressão de surpresa dele também durou pouco, derretendo-se em um pedido de desculpas.

– Sinto muito – disse ele. – Eu não percebi que tinha alguém aí atrás.

Cinder mal o escutava apesar do vazio em sua mente. Com os batimentos cardíacos ganhando velocidade, seu visor de retina escaneava as feições dele, tão familiares depois de tantos anos vendo-o nos netscreens. Ele parecia mais alto pessoalmente e usava um moletom cinza com capuz, diferente de todas as roupas refinadas com que geralmente era visto, mas ainda assim, o escâner de Cinder levou apenas 2,6 segundos para medir os pontos de seu rosto e vincular sua imagem à base de dados. Mais um segundo e o visor informou o que ela já sabia; letras rabiscavam a parte inferior de sua visão em um fluxo verde de texto.

**PRÍNCIPE KAITO, HERDEIRO DA
COMUNIDADE DAS NAÇÕES ORIENTAIS**

IDENTIDADE: #0082719057

**NASCIDO EM 07 DE ABRIL DO ANO 108
DA TERCEIRA ERA**

**FF 88.987 APARIÇÕES NA MÍDIA,
ORDEM CRONOLÓGICA REVERSA**

POSTADO EM 14 DE AGOSTO DO ANO
126 DA TERCEIRA ERA: UMA COLETIVA
DE IMPRENSA SERÁ DADA PELO
PRÍNCIPE HERDEIRO KAI NO DIA 15 DE
AGOSTO PARA DISCUTIR AS PESQUISAS
EM ANDAMENTO SOBRE LETUMOSE E
POSSÍVEIS CAMINHOS PARA UM
ANTÍDOTO –

Cinder saltou da cadeira e quase caiu por ter esquecido que lhe faltava um membro. Firmando-se com as mãos na mesa, conseguiu fazer uma estranha reverência. O visor de retina desapareceu de vista.

– Vossa Alteza – gaguejou Cinder, com a cabeça baixa, feliz por ele não poder ver o tornozelo sem pé atrás da toalha de mesa.

O príncipe vacilou e lançou um olhar por sobre o ombro antes de se curvar em direção a ela.

– Talvez, hum... – pediu silêncio, com o dedo nos lábios –, sobre essa coisa de Alteza?

De olhos arregalados, Cinder dá um aceno trêmulo com a cabeça.

– Certo. É claro. Como... posso... o senhor está? – Ela engoliu em seco as palavras grudadas como chiclete na língua.

– Estou procurando um tal de Linh Cinder – disse o príncipe. – Ele está por aí?

Cinder se atreveu a levantar a mão que a estabilizava na mesa, usando-a para puxar a bainha da luva mais para cima de seu

pulso. Encarando o peito do príncipe, balbuciou:

– Eu... eu sou Linh Cinder.

Seus olhos seguiram a mão dele enquanto a apoiava no topo da cabeça arredondada do androide.

– *Você é Linh Cinder?*

– Sim, Vossa Alte... – Ela mordeu o lábio.

– O mecânico?

Ela concordou.

– Como posso ajudar?

Em vez de responder, o príncipe curvou-se, esticando o pescoço de forma que ela não teve escolha senão olhá-lo, e abriu um sorriso para ela. Seu coração se contraiu.

O príncipe se endireitou, forçando o olhar de Cinder a segui-lo.

– Você não é bem o que eu esperava.

– Bem, o senhor também... o que eu... hum... – Incapaz de sustentar o olhar dele, Cinder alcançou o androide e puxou-o para o seu lado da mesa. – O que está errado com o androide, Vossa Alteza?

O androide parecia ter acabado de sair da esteira, mas Cinder conseguia ver pelo formato feminino que era um modelo ultrapassado. O design porém, era elegante, com uma cabeça esférica em cima de um corpo em forma de pera e um revestimento branco lustroso e acetinado.

– Não consigo ligá-la – disse o príncipe Kai, observando enquanto Cinder examinava o robô. – Ela estava funcionando bem num dia, e no outro, parou.

Cinder virou o androide para que a luz do sensor ficasse de frente para o príncipe. Ela estava contente por ter tarefas rotineiras para as mãos e perguntas rotineiras para a boca – algo em que se concentrar para que não se afobasse e perdesse o controle da conexão de rede em seu cérebro novamente.

– Já teve problemas com ela antes?

– Não. Ela passa por uma avaliação completa dos mecânicos da realeza a cada mês, e este é o primeiro problema que de fato já apresentou.

Inclinando-se para a frente, o príncipe Kai pegou o pequeno pé de metal de Cinder na mesa de trabalho, virando-o com curiosidade em suas mãos. Cinder ficou tensa, observando enquanto ele olhava a cavidade repleta de fios e mexia nas articulações dos dedos do pé. Ele usou a manga longa demais de seu moletom para polir o metal e remover uma mancha.

– O senhor não está com calor? – perguntou Cinder, no mesmo instante se lamentando por ter falado quando ele voltou sua atenção para ela.

Por um breve momento, o príncipe parecia quase envergonhado.

– Morrendo – disse ele –, mas estou tentando ser discreto.

Cinder cogitou dizer-lhe que não estava funcionando, mas pensou melhor. A falta de uma multidão de meninas gritando ao redor de seu estande era, provavelmente, uma evidência de que estava funcionando melhor do que ela desconfiava. Em vez de parecer um galã real, ele apenas parecia um louco.

Limpendo a garganta, Cinder voltou sua atenção para o androide. Ela encontrou a trava quase invisível e abriu o painel traseiro.

– Por que os mecânicos da realeza não a consertaram?

– Eles tentaram, mas não conseguiram. Uma pessoa sugeriu que eu a trouxesse para você. – Ele voltou a atenção para as prateleiras de coisas velhas e desgastadas: peças de andróides, aerodeslizadores, telões, tablets. Partes de ciborgues. – Dizem que você é o melhor mecânico de Nova Pequim. Eu esperava encontrar um velho.

– Dizem? – murmurou ela.

Ele não fora o primeiro a ficar surpreso. A maioria de seus clientes não conseguia entender como uma adolescente podia ser o melhor mecânico da cidade, e ela nunca divulgava a razão de seu talento. Quanto menos pessoas soubessem que era um ciborgue, melhor. Cinder tinha certeza de que enlouqueceria se *todos* os comerciantes do mercado olhassem para ela com o mesmo desprezo que Chang Sacha.

Ela cutucou alguns fios do androide com o dedo mindinho.

– Às vezes os robôs simplesmente se desgastam. Talvez seja hora de trocar por um modelo novo.

– Receio não poder fazer isso. Ela contém informações secretas. É uma questão de segurança nacional que eu as recupere... antes que outra pessoa o faça.

Batucando na mesa, Cinder olhou para ele.

Ele sustentou seu olhar por três segundos antes dos lábios se contraírem.

– Só estou brincando. Nainsi foi meu primeiro androide. Tem valor afetivo.

Uma luz laranja piscou no canto do olho de Cinder. Seu dispositivo óptico biônico tinha captado alguma coisa, embora ela não soubesse o quê – uma engolida em seco, uma piscada muito rápida, uma leve tensão na mandíbula do príncipe.

Ela estava acostumada àquela pequena luz laranja. Aparecia o tempo todo.

Significava que alguém estava mentindo.

– Segurança nacional – disse ela. – Engraçado.

O príncipe inclinou a cabeça, como se a desafiasse a contradizê-lo. Uma mecha de cabelo preto caiu em seus olhos. Cinder desviou o olhar.

– Modelo Tutor 8.6 – disse ela, lendo o painel pouco iluminado dentro do crânio de plástico. Tinha quase vinte anos. Para um androide, era uma anciã. – Parece estar em perfeitas condições.

Levantando o punho, Cinder bateu com força na lateral da cabeça do androide, mal conseguindo segurá-lo antes que tombasse na mesa. O príncipe deu um salto.

Cinder ajeitou o androide na mesa de novo e apertou o botão de energia, mas nada aconteceu.

– O senhor ficaria surpreso com a frequência com que isso funciona.

O príncipe soltou uma única risada estranha.

– Tem certeza de que é Linh Cinder? O mecânico?

– Cinder! Consegui! – Iko avançou da multidão até o estande dela, e o sensor azul de Cinder piscou. Levantando a mão em

forma de pinça, ela pôs com força um novo pé de aço sobre a mesa, atrás do androide do príncipe. – É uma grande melhoria em relação ao antigo, com pouquíssimo uso, e a fiação parece compatível. Além disso, consegui negociar o preço com o vendedor para apenas seiscentos univs.

Uma onda de pânico percorreu Cinder. Ainda equilibrada na perna humana, tirou rapidamente o pé da mesa e o deixou cair atrás dela.

– Bom trabalho, lko. Nguyen-shìfu ficará feliz em ter um pé de reposição para o seu androide-acompanhante.

O sensor de lko esmaeceu.

– Nguyen-shìfu? Não computei.

Sorrindo por entre os dentes cerrados, Cinder fez um gesto apontando o príncipe.

– lko, por favor, cumprimente nosso cliente. – Ela baixou a voz.
– Sua Alteza Imperial.

lko esticou a cabeça, mirando o sensor redondo no príncipe, que estava quase um metro acima dela. A luz brilhou mais quando seu escâner o reconheceu.

– Príncipe Kai – disse ela, com a fina voz metálica. – É ainda mais bonito pessoalmente.

O estômago de Cinder se retorceu em constrangimento, mesmo quando o príncipe riu.

– Já é o suficiente, lko. Entre no estande.

lko obedeceu, afastando a toalha e se agachando sob a mesa.

– Não se vê uma personalidade como essa todo dia – disse o príncipe Kai, encostado no batente da porta do estande como se

trouxesse androides para o mercado o tempo todo. – Você mesma a programou?

– Acredite ou não, já veio assim. Desconfio que tenha um erro de programação, e provavelmente foi por isso que minha madrastra pagou tão barato por ela.

– Eu não tenho nenhum erro de programação! – disse Iko atrás dela.

O olhar de Cinder cruzou com o do príncipe. Foi momentaneamente ofuscada por outra risada fácil e baixou a cabeça atrás do androide dele.

– Então, o que você acha? – perguntou ele.

– Precisarei executar o diagnóstico dela. Levará alguns dias, talvez uma semana. – Ajeitando uma mecha do cabelo atrás da orelha, Cinder sentou-se, satisfeita em dar descanso à perna enquanto examinava o interior do androide. Ela sabia que deveria estar quebrando algum protocolo, mas o príncipe pareceu não se importar e se inclinou para a frente, observando as mãos dela.

– Você precisa de pagamento adiantado?

Ele ofereceu o pulso esquerdo para ela, onde estaria incorporado o chip de identificação, mas Cinder acenou com a mão enluvada para ele.

– Não, obrigada. Será uma honra para mim.

O príncipe Kai parecia disposto a protestar, mas depois baixou o braço.

– Suponho que não haja nenhuma esperança de tê-la de volta antes do festival.

Cinder fechou o painel do androide.

– Acho que não será problema. Mas sem saber o que há de errado com ela...

– Eu sei, eu sei. – Ele se balançou para trás nos calcanhares. – É apenas pensamento positivo.

– Como vou avisá-lo quando ela estiver pronta?

– Envie uma mensagem ao palácio. Você estará aqui novamente na semana que vem? Eu também poderia vir ao mercado.

– Ah, sim! – disse Iko dos fundos do estande. – Estamos aqui todos os dias de mercado. O senhor deveria passar por aqui novamente. Seria ótimo.

Cinder se encolheu.

– O senhor não precisa...

– Será um prazer. – Baixou a cabeça em uma despedida cortês, ao mesmo tempo puxando as bordas do capuz para cobrir mais o rosto. Cinder retribuiu o aceno de cabeça, sabendo que deveria ter se levantado e curvado, mas não ousou testar seu equilíbrio uma segunda vez.

Ela esperou até que a sombra dele desaparecesse da mesa antes de observar a praça. A presença do príncipe em meio à multidão parecia ter passado despercebida. Cinder se permitiu relaxar.

Iko rolou para o seu lado, apertando as garras de metal sobre o peito.

– Príncipe Kai! Verifique minha ventoinha, acho que estou superaquecendo.

Cinder inclinou-se e pegou o pé novo, limpando-o na calça cargo. Verificou o revestimento de metal, contente por não tê-lo amassado.

– Consegue imaginar a expressão da Peony quando souber o que aconteceu? – disse Iko.

– Imagino um monte de gritinhos agudos. – Cinder se permitiu fazer mais uma varredura cautelosa da multidão antes que o primeiro sinal de tontura e distração surgisse dentro dela. Mal podia esperar para contar a Peony. *O príncipe em pessoa!* Uma risada abrupta escapou. Era estranho. Era inacreditável. Era...

– Ah, *querida*.

O sorriso de Cinder sumiu.

– O quê?

Iko apontava para a testa dela com o dedo pontudo.

– Você está manchada de graxa.

Cinder cambaleou para trás com o susto e esfregou a testa.

– Você está brincando.

– Tenho certeza de que ele mal reparou.

Cinder baixou a mão.

– Que importa? Vamos lá, me ajude a encaixar isso antes que mais alguém da realeza resolva passar por aqui. – Ela apoiou o tornozelo no joelho oposto e começou a conectar os fios de cores coordenadas, imaginando se tinha conseguido enganar o príncipe.

– Adapta-se perfeitamente, não é? – disse Iko, segurando um punhado de parafusos, enquanto Cinder os apertava nos furos já feitos.

– É muito bom, lko, obrigada. Só espero que Adri não perceba. Ela me mataria se soubesse que gastei seiscentos univs em um pé.

– Ela apertou o último parafuso e esticou a perna, rodando o tornozelo para a frente, para trás, balançando os dedos dos pés. Ainda estava um pouco rígido, os sensores nervosos precisariam de alguns dias para se harmonizar com a fiação que fora trocada, mas pelo menos ela não teria mais que mancar por aí.

– É perfeito – disse ela, puxando a bota. Ela viu o pé antigo entre as pinças de lko. – Pode jogar esse pedaço de lixo fora...

Um grito invadiu os ouvidos de Cinder. Ela se encolheu com o susto, o som chegando no volume máximo a sua interface de áudio, e virou-se na direção dele. O mercado ficou silencioso. As crianças, que estavam brincando de esconde-esconde entre os estandes aglomerados, saíram lentamente de seus esconderijos.

O grito viera da padaria, Chang Sacha. Perplexa, Cinder levantou-se e subiu na cadeira para olhar além da multidão. Ela viu Sacha no estande, atrás da vitrine de pães doces e bolos de carne de porco, olhando boquiaberta para as mãos estendidas.

Cinder fechou a mão sobre o nariz ao mesmo tempo que o fato percebido se espalhou pelo resto da praça.

– A peste! – gritou alguém. – Ela tem a peste!

A rua se encheu de pânico. Mães pegaram os filhos, cobrindo-lhes os rostos com mãos desesperadas enquanto lutavam para sair do estande de Sacha. Comerciantes fecharam as portas com força.

Sunto gritou e correu em direção à mãe, mas ela mostrou as mãos para ele. *Não, não, não se aproxime.* Um comerciante

vizinho pegou o menino, enfiando a criança debaixo do braço enquanto corria. Sacha gritou algo para ele, mas suas palavras se perderam no meio do tumulto.

O estômago de Cinder se revirou. Elas não podiam correr porque Iko seria pisoteada em meio ao caos. Prendendo a respiração, alcançou o cabo no canto do estande e puxou a porta de metal pelo trilho. A escuridão as cobriu, deixando apenas um único fio de luz cruzando o chão. O calor emanava do piso de concreto, sufocante, no espaço apertado.

– Cinder? – disse Iko, com preocupação na voz robótica. Ela acendeu o sensor, banhando o estande com luz azul.

– Não se preocupe – disse Cinder, pulando da cadeira e pegando o pano coberto de graxa da mesa. Os gritos já estavam diminuindo, transformando o estande em seu próprio universo vazio. – Ela está do outro lado da praça. Estamos a salvo aqui. – Mas se aproximou da parede das prateleiras mesmo assim, agachando-se e cobrindo o nariz e a boca com o pano.

Ficaram lá, e Cinder mal respirava até que ouviram as sirenes do aerodeslizador de emergência vindo e levando Sacha.

CAPÍTULO

Dois

AS SIRENES DE EMERGÊNCIA AINDA NÃO HAVIAM DESAPARECIDO

ronco de outro motor tomou a praça. O silêncio do mercado foi interrompido pelo ruído de pés batendo na calçada e de alguém bradando comandos. Seguiu-se a resposta gutural de alguém.

Atirando a bolsa-carteiro nas costas, Cinder rastejou pelo chão empoeirado do estande e passou pela toalha que cobria a mesa de trabalho. Enfiou os dedos pela fenda iluminada debaixo da porta e a abriu alguns centímetros. Pressionando o rosto no chão quente e duro, conseguiu distinguir três pares de botas amarelas do outro lado da praça. Uma equipe de emergência. Ela abriu um pouco mais a porta e viu os homens, todos usando máscaras antigás, encharcando o interior do estande com o líquido de uma lata amarela. Mesmo do outro lado da praça, Cinder torceu o nariz por causa do cheiro ruim.

– O que está acontecendo? – perguntou Iko atrás dela.

– Eles vão queimar o estande da Chang-ji. – Os olhos de Cinder passaram rapidamente por toda a praça, examinando o aerodeslizador branco e imaculado parado perto da esquina. Exceto pelos três homens, a praça estava deserta. Virando de costas, Cinder olhou para o sensor de Iko, ainda brilhando com

uma luz fraca no escuro. – Nós vamos sair quando as chamas começarem, enquanto eles estiverem distraídos.

– Estamos encarceradas?

– Não. Apenas não posso perder tempo com uma viagem à quarentena hoje.

Um dos homens deu uma ordem, seguida pelo ruído de pés se movimentando. Cinder virou a cabeça e espiou pela abertura. Lançaram as chamas no estande. O cheiro de gasolina logo se juntou ao de pão queimado. Os homens permaneceram afastados, via-se a silhueta de seus uniformes contra as chamas crescentes.

Esticando-se, Cinder pegou o androide do príncipe Kai pelo pescoço e puxou-o. Ajeitando-o debaixo do braço, abriu a porta o suficiente para que pudessem passar rastejando, mantendo os olhos nas costas dos homens. Iko seguiu, apressando-se para o estande seguinte enquanto Cinder abaixava a porta. Elas saíram em disparada ao longo das fachadas dos estandes – a maioria fora deixada escancarada durante o êxodo em massa – e entraram no primeiro beco estreito entre as lojas. Fumaça negra manchava o céu acima delas. Segundos depois, um grupo de aerodeslizadores de noticiários pairava sobre os edifícios em seu caminho até a praça do mercado.

Cinder diminuiu a velocidade quando abriram uma distância suficiente entre elas e o mercado, emergindo do labirinto de vielas. O sol estava se pondo atrás dos arranha-céus a oeste. O ar estava pesado com o calor de agosto, mas uma ocasional brisa quente canalizava-se entre os prédios, tirando redemoinhos de

lixo das calhas. A quatro quadras do mercado, sinais de vida apareciam novamente nas ruas, pedestres parando nas calçadas e fofocando sobre o surto de peste no centro da cidade. Telões fixados nas paredes dos prédios mostravam transmissões ao vivo de fogo e fumaça no centro de Nova Pequim e manchetes alarmantes anunciavam que o número de infectados crescia a cada segundo, apesar de apenas uma pessoa ter sido confirmada doente, até onde Cinder sabia.

– Todos aqueles bolos pegajosos – disse Iko, quando exibiram uma imagem de perto do estande queimado.

Cinder mordeu o canto interno da bochecha. Nenhuma das duas havia experimentado os aclamados doces da padaria do mercado. Iko não tem paladar, e Chang Sacha não servia ciborgues.

Centros executivos e shoppings gradualmente se misturavam a uma confusa variedade de prédios residenciais, construídos tão próximos uns dos outros que se tornaram uma área de vidro e concreto que não parecia ter fim. Os apartamentos naquele canto da cidade já haviam sido espaçosos e desejáveis, mas tinham sido tão subdivididos e remodelados ao longo do tempo, sempre tentando enfiar mais pessoas no mesmo metro quadrado, que os edifícios se tornaram labirintos de corredores e escadas.

Mas toda aquela feiura superlotada foi rapidamente esquecida assim que Cinder virou a esquina e entrou em sua rua. Mais um passo, e o Palácio de Nova Pequim podia ser vislumbrado entre os complexos, extenso e sereno sobre o penhasco com vista para a

cidade. Os telhados de ouro pontiagudos brilhavam em cor de laranja sob o sol e as janelas refletiam as luzes da cidade. As cumeeiras ornamentadas, os pavilhões diferenciados que oscilavam perigosamente perto da borda do penhasco, os templos arredondados se esticando para os céus. Cinder fez uma pausa mais longa do que a habitual para observar o palácio, pensando em alguém que vivia além daqueles muros, que estava lá em cima, talvez naquele exato momento.

Não que ela não *soubesse* que o príncipe vivia lá todas as vezes que vira o palácio antes, mas hoje sentira uma conexão que nunca havia sentido, e com isso veio um prazer quase presunçoso. Ela havia conhecido o príncipe. Ele tinha ido ao seu estande. Ele sabia o nome dela.

Inspirando uma lufada de ar úmido, Cinder forçou-se a continuar seu caminho, sentindo-se infantil. Ela começaria a soar como Peony.

Cinder passou o androide do príncipe para o outro braço, enquanto ela e Iko abaixavam-se sob a projeção dos apartamentos da Torre Fênix. Mostrou o pulso livre ao escâner de identificação na parede e ouviu a fechadura se abrir.

Iko utilizou suas extensões braçais para galopar escada abaixo enquanto desciam para o porão, um labirinto escuro de depósitos cercados com tela de arame. E, quando uma onda de ar mofado soprou em sua direção, o androide ligou a lanterna, dispersando as sombras das poucas lâmpadas. Era um caminho familiar da escada para o depósito número 18-20, o

compartimento apertado e sempre frio que Adri permitia que Cinder usasse para trabalhar.

Cinder abriu espaço para o androide na confusão da bancada de trabalho e largou a bolsa no chão. Ela trocou as luvas de trabalho pesado por outras de algodão menos sujas, antes de trancar o depósito.

– Se a Adri perguntar – disse ela, enquanto iam até os elevadores –, nosso estande não fica nem perto da padaria.

A luz de Iko cintilou.

– Anotado.

Elas estavam sozinhas no elevador. Quando saíram, no décimo oitavo andar, o prédio virou uma colmeia: crianças perseguindo umas às outras pelos corredores, gatos domésticos e de rua andando colados nas paredes, a constante mistura confusa dos barulhos dos telões reverberando pelos corredores. Cinder ajustou o ruído branco de sua interface cerebral enquanto se esquivava das crianças, a caminho do apartamento.

A porta estava escancarada, o que fez Cinder parar e verificar o número antes de entrar.

Ela ouviu a firme voz de Adri vindo da sala de estar:

– Mais decote para Peony. Ela está parecendo uma velha.

Cinder observou ao redor com atenção. Adri estava com uma das mãos sobre a moldura da lareira holográfica, vestindo um roupão de banho com crisântemos bordados, que se misturavam com a extravagante coleção de leques que cobria a parede atrás dela – reproduções feitas para parecerem antiguidades. Com o rosto brilhando de tanto pó de arroz e lábios pintados com uma

cor espalhafatosa, Adri quase parecia uma reprodução em pessoa. Seu rosto estava maquiado como se planejasse ir a algum lugar, embora raramente saísse do apartamento.

Se ela percebeu Cinder espreitando à porta, ignorou-a.

O telão acima das chamas sem calor mostrava imagens do mercado. O estande da padeira tinha sido reduzido a cinzas e ao esqueleto de um forno portátil.

No centro da sala, Pearl e Peony estavam envoltas em seda e tule. Peony segurava o cabelo escuro e encaracolado, enquanto uma mulher que Cinder não reconheceu ajeitava impaciente o decote do vestido. Peony avistou Cinder por cima do ombro da mulher e seus olhos brilharam, seu rosto se iluminou. Ela apontou para o vestido com um gritinho pouco discreto.

Cinder sorriu de volta. Sua meia-irmã mais jovem estava angelical com o vestido todo prateado e cintilante, com brilhos violeta que apareciam sob a luz da lareira.

– Pearl. – Adri fez um gesto girando o dedo para a filha mais velha, e Pearl rodopiou, exibindo uma fileira de botões de pérola nas costas. O vestido dela combinava com o de Peony, com seu corpete apertado e sua saia de babados, só que era dourado, da cor da poeira estelar.

– Vamos apertar mais a cintura.

Enfiando um alfinete na bainha do decote de Peony, a desconhecida notou Cinder à porta, mas logo se virou. Dando um passo atrás, a mulher retirou um pacote de afiados alfinetes do meio dos lábios e inclinou a cabeça para um lado.

– Já está muito apertado – disse ela. – Nós queremos que ela dance, não é?

– Queremos que ela encontre um marido – disse Adri.

– Não, não. – A costureira sufocava o riso enquanto marcava o material na cintura de Pearl. Cinder percebeu que Pearl estava encolhendo a barriga o máximo que podia; conseguia ver as costelas marcadas sob o tecido. – Ela é muito jovem para casar.

– Eu tenho dezessete anos – disse Pearl, encarando a mulher com um olhar de reprovação.

– Dezessete! Viu! Uma criança. Agora é para se divertir, não é, menina?

– Gasto muito dinheiro para ela se *divertir* – disse Adri. – Espero que esse vestido nos traga resultados.

– Não se preocupe, Linh-ji. Ela ficará adorável, como o orvalho matinal.

Botando os alfinetes de volta na boca, a mulher voltou a atenção para o decote de Peony.

Adri levantou o queixo e finalmente percebeu a presença de Cinder, observando suas botas imundas e sua calça cargo.

– Por que você não está no mercado?

– Ele fechou mais cedo hoje – disse Cinder, com um olhar significativo para o telão que Adri não seguiu. Fingindo indiferença, Cinder esticou um polegar em direção ao corredor.

– Então, vou só me limpar, e logo estarei pronta para experimentar meu vestido.

A costureira parou.

– Outro vestido, Linh-ji? Eu não trouxe material para...

– Você já substituiu a correia magnética no aerodeslizador?

O sorriso de Cinder se desfez.

– Não. Ainda não.

– Bem, nenhuma de nós irá ao baile se isso não for consertado, não é?

Cinder escondeu sua irritação. Elas já haviam tido essa conversa duas vezes na semana passada.

– Eu preciso de oitocentos univs, pelo menos, para comprar uma nova correia magnética. Se a renda do mercado não fosse depositada diretamente na sua conta, já teria comprado uma.

– E confiar que você não vai gastá-la toda com seus brinquedos inúteis? – Adri disse *brinquedos* lançando um olhar irritado para Iko e apertando os lábios, embora, tecnicamente, Iko lhe pertencesse. – Além disso, não posso pagar por uma correia magnética e um vestido novo que você vai usar apenas uma vez. Você vai ter que encontrar outra forma de consertar o aerodeslizador ou costurar você mesma um vestido para o baile.

A irritação aumentava dentro de Cinder. Ela poderia ter dito que Pearl e Peony podiam ter comprado vestidos prontos, em vez de tê-los feito sob encomenda, para que Cinder pudesse comprar um também. Poderia ter dito que elas também só usariam seus vestidos uma vez. Poderia ter dito que, como era a única a trabalhar, o dinheiro deveria ser dela, para gastar como bem entendesse. Mas os argumentos não dariam em nada. Legalmente, Cinder pertencia a Adri, tanto quanto o androide doméstico, assim como seu dinheiro, seus poucos pertences e

até mesmo o pé novo que acabara de colocar. Adri adorava lembrá-la disso.

Então, engoliu sua raiva antes que Adri pudesse ver uma centelha de rebeldia.

– Talvez eu consiga propor uma troca pela correia magnética. Vou verificar com o comércio local.

Adri fungou.

– Por que não trocamos esse androide inútil por ela?

Iko se escondeu atrás das pernas de Cinder.

– Não conseguiríamos muito por ele – disse Cinder. – Ninguém quer um modelo tão velho.

– Não. Não querem, não é? Talvez eu tenha que vender vocês duas como peças de reposição. – Adri estendeu a mão e inquietou-se com a bainha inacabada da manga de Pearl. – Não quero saber como você consertará o aerodeslizador, apenas conserte-o antes do baile, e é melhor que seja barato. Não preciso daquele monte de lixo ocupando um espaço valioso no estacionamento.

Cinder enfiou as mãos nos bolsos traseiros.

– Está dizendo que, se eu consertar o aerodeslizador e arrumar um vestido, vou poder mesmo ir este ano?

Os lábios de Adri se enrugaram ligeiramente nos cantos.

– Será um milagre se você conseguir encontrar algo adequado para vestir que esconda suas – seu olhar voltou-se para as botas de Cinder – *excentricidades*. Mas sim. Se consertar o aerodeslizador, creio que você possa ir ao baile.

Peony abriu um meio sorriso chocado para Cinder, enquanto sua irmã mais velha girava em torno da mãe.

– Você não pode estar falando sério! *Ela?* Ir com a *gente*?

Cinder apoiou o ombro na moldura da porta, tentando esconder de Peony que estava chateada. A indignação de Pearl era desnecessária, pois uma pequena luz laranja piscou no canto da visão de Cinder – Adri não estava dizendo a verdade ao fazer aquela promessa.

– Bem – disse ela, tentando parecer animada. – É melhor eu achar uma correia magnética, então.

Adri fez um gesto com o braço na direção de Cinder, voltando a prestar atenção no vestido de Pearl. Ela a dispensou sem uma palavra.

Cinder olhou novamente para os suntuosos vestidos de suas irmãs antes de se retirar da sala. Ela mal tinha entrado no corredor quando Peony gritou.

– Príncipe Kai!

Sem se mover, Cinder olhou para o telão. Os alertas sobre a peste foram substituídos por uma transmissão ao vivo da sala de imprensa do palácio. O príncipe Kai estava falando para uma multidão de jornalistas, humanos e andróides.

– Aumentar o volume – disse Pearl, dispensando a costureira.

– ... pesquisas continuam sendo a nossa prioridade – o príncipe Kai estava dizendo, com as mãos nas laterais do púlpito – Nossa equipe de pesquisa está determinada a encontrar uma vacina para esta doença, que já levou um dos meus pais e ameaça levar o outro, assim como dezenas de milhares de nossos cidadãos. As

circunstâncias são ainda mais desesperadoras depois do surto que ocorreu hoje nos limites da cidade. Não podemos mais dizer que esta doença se restringe aos pobres, às comunidades rurais do nosso país. A letumose ameaça a todos nós, e vamos encontrar uma maneira de detê-la. Só então poderemos começar a reconstruir nossa economia e devolver a Comunidade das Nações Orientais ao seu estado próspero de outrora.

Aplausos sem entusiasmo ecoaram na multidão. Pesquisas sobre a peste estavam em andamento desde o primeiro surto, ocorrido em uma pequena cidade na União Africana, havia dezenas de anos. Parecia que muito pouco progresso tinha ocorrido. Enquanto isso, a doença aparecera em centenas de comunidades aparentemente desconexas em todo o mundo. Centenas de milhares de pessoas haviam adoecido, sofrido, morrido. Até o marido de Adri tinha contraído a doença em uma viagem à Europa – a mesma viagem durante a qual ele concordara em se tornar o guardião de uma ciborgue órfã de onze anos. Uma das poucas lembranças que Cinder tinha do homem era o momento em que ele fora levado para a quarentena, enquanto Adri reclamava que ele não poderia deixá-la com *aquela coisa*.

Adri nunca falava sobre o marido, e havia poucas lembranças dele no apartamento. A única prova de que ele sequer havia existido era encontrada em uma fileira de placas holográficas e medalhões esculpidos que ladeavam o consolo da lareira – troféus de realizações pessoais e prêmios de uma feira internacional de tecnologia, três anos consecutivos. Cinder não

tinha ideia do que ele inventara. Evidentemente, fosse o que fosse, não dera certo, porque ele não deixou quase nenhum dinheiro para a família quando morreu.

Na tela, o discurso do príncipe foi interrompido quando um estranho subiu no palco e lhe entregou um bilhete. Os olhos do príncipe se anuviaram. A tela ficou preta.

A sala de imprensa foi substituída por uma mesa diante de uma tela azul. A mulher sentada atrás dela não tinha expressão, mas agarrava-se à beirada da mesa.

– Nós interrompemos a coletiva de imprensa de Sua Alteza Imperial com uma atualização sobre o estado de Sua Majestade Imperial, Imperador Rikan. Os médicos do imperador acabaram de nos informar que Sua Majestade entrou na terceira fase da letumose.

Surpresa, a costureira tirou os alfinetes da boca.

Cinder apoiou-se na moldura da porta. Ela não tinha nem pensado em prestar suas condolências a Kai, ou desejar melhoras à saúde do imperador. Ele devia pensar que ela era muito insensível. Muito ignorante.

– Fomos informados de que tudo está sendo feito para garantir o conforto de Sua Majestade Imperial neste momento, e oficiais do palácio nos dizem que os pesquisadores estão trabalhando sem parar em busca de uma vacina. Voluntários ainda são necessários com urgência para testar o antídoto, assim como o recrutamento de ciborgues continua.

– Tem havido muita controvérsia sobre o 126º Festival Anual da Paz devido à doença do imperador, mas o príncipe Kaito disse

à imprensa que o festival acontecerá como previsto e que ele espera que possa trazer alguma alegria neste momento trágico. – A jornalista fez uma pausa, hesitante, mesmo com o ponto à sua frente. Seu rosto suavizou, e a voz dura tinha um tom musical quando ela concluiu. – Vida longa ao imperador.

A costureira murmurou as mesmas palavras, respondendo à jornalista. A tela ficou preta novamente antes de voltar para a coletiva de imprensa, mas o príncipe Kai havia deixado o palco, e a plateia de jornalistas estava em convulsão ao se reportar às respectivas câmeras.

– Eu conheço um ciborgue que poderia se voluntariar para os testes da peste – disse Pearl. – Por que esperar pelo recrutamento?

Cinder baixou os olhos, lançando um olhar de ódio a Pearl, que era cerca de quinze centímetros mais baixa do que ela, apesar de um ano mais velha.

– Boa ideia – disse ela. – E depois *you* poderia arrumar um emprego para pagar pelo seu vestido bonito.

Pearl resmungou.

– Eles reembolsam as famílias dos voluntários, cabeça de arame.

O recrutamento de ciborgues fora iniciado por um grupo de pesquisadores da realeza havia um ano. Todas as manhãs, um novo número de identificação era sorteado entre os números dos milhares de ciborgues que residiam na Comunidade das Nações Orientais. Muitos deles tinham sido transportados de províncias longínquas como Mumbai e Cingapura para servirem

de cobaias. O sistema fora inventado para ser um tipo de honra, a troca da vida pelo bem da humanidade, mas era apenas um lembrete de que ciborgues não eram como os outros. Muitos deles tinham recebido uma segunda chance na vida pelas mãos generosas de cientistas e, portanto, deviam sua existência a quem os criara. Tiveram sorte por ter vivido todo aquele tempo, muitos pensavam. Era justo que fossem os primeiros a abrir mão de suas vidas em busca da cura.

– Não podemos oferecer Cinder – disse Peony, juntando a saia nas mãos. – Preciso dela para consertar meu tablet.

Pearl fungou e se afastou. Peony torceu o nariz pelas costas da irmã.

– Parem de brigar – disse Adri. – Peony, você está amassando sua saia.

Cinder voltou para o corredor quando a costureira retornou ao trabalho. Iko já estava dois passos à frente, ansiosa para escapar da presença de Adri.

Ela ficou agradecida por Peony tê-la defendido, é claro, mas Cinder sabia que, no final, não faria diferença. Adri nunca a apresentaria como voluntária para os testes, porque isso seria o fim de sua única renda, e Cinder tinha certeza de que sua madrasta nunca tinha trabalhado sequer um dia na vida.

Mas, se o recrutamento a escolhesse, ninguém poderia interferir. E parecia que ultimamente um número desproporcional de escolhidos era de Nova Pequim e dos subúrbios vizinhos.

Toda vez que uma das vítimas do recrutamento era uma adolescente, Cinder imaginava o toque de um relógio dentro de sua cabeça.

CAPÍTULO

Três

– VOCÊ VAI AO BAILE! – IKO BATEU AS PINÇAS COMO SE BATESSE PA

Temos que encontrar um vestido e sapatos. Não vou permitir que use essas botas horríveis. Compraremos luvas novas e...

– Poderia trazer essa luz aqui? – disse Cinder, arrancando a gaveta de cima da caixa de ferramentas. Ela a vasculhou, parafusos e tomadas sobressalentes tilintando, enquanto Iko se aproximava. Uma luz azulada dispersou a penumbra do depósito.

– Pense na comida que vai ter – disse Iko. – E nos vestidos. E na música!

Cinder a ignorou, selecionando uma variedade de ferramentas e organizando-as no torso magnético de Iko.

– Ah, pelas estrelas! Pense no príncipe Kai! Você poderia dançar com o príncipe!

Isso fez Cinder parar e apertar os olhos em direção à luz ofuscante de Iko.

– Por que o príncipe dançaria comigo?

A ventoinha de Iko zumbia enquanto procurava uma resposta.

– Porque você não terá graxa no rosto.

Cinder segurou uma risada. O raciocínio androide podia ser muito simplista.

– Odeio ter que lhe dizer isso, lko – disse ela, fechando a gaveta e passando para a próxima –, mas eu não vou ao baile.

A ventoinha de lko parou momentaneamente, e depois voltou a funcionar.

– Não faz sentido.

– Para começar, acabei de gastar minhas economias em um pé novo. E, mesmo que eu tivesse dinheiro, por que gastaria em um vestido, sapatos ou luvas? Seria um desperdício.

– No que mais gastaria?

– Um conjunto completo de chaves inglesas? Uma caixa de ferramentas com gavetas que não emperram? – Ela fechou a segunda gaveta com o ombro para enfatizar seu argumento. – Uma entrada num apartamento próprio, onde não tenha mais que ser a criada de Adri?

– Adri não assinaria os documentos de liberação.

Cinder abriu a terceira gaveta.

– Eu sei. De qualquer maneira, sairia bem mais caro do que um vestido insignificante – disse, pegando um punhado de chaves inglesas e colocando-as em cima da caixa de ferramentas. – Talvez comprasse enxerto de pele.

– Sua pele está boa.

Cinder olhou para lko pelo canto do olho.

– Ah. Você quer dizer para as suas peças de ciborgue.

Fechando a terceira gaveta, Cinder pegou a bolsa-carteiro na bancada e enfiou as ferramentas ali.

– O que mais você acha que nós... Ah, o macaco hidráulico. Onde coloco isso?

– Você não está sendo razoável – disse Iko. – Talvez você possa trocar algo por um vestido ou conseguir um em consignação. Estou morrendo de vontade de entrar naquela loja de vestidos antigos em Sakura. Sabe de qual estou falando?

Cinder vasculhava ferramentas aleatórias que tinha recolhido debaixo da bancada.

– Não importa. Eu não vou.

– Mas é claro que importa. É o baile. E o príncipe!

– Iko, estou consertando um androide para ele. Não somos amigos. – Mencionar o androide do príncipe trouxe uma lembrança e, um momento depois, Cinder puxou o macaco pela alavanca. – E isso não importa, porque Adri nunca vai me deixar ir.

– Ela disse que se você consertasse o aerodeslizador...

– Tudo bem. E depois disso? E quanto ao tablet de Peony, que está sempre dando problema? E quanto... – Ela examinou o quarto e viu um androide enferrujado escondido no canto. – E esse Gard 7.3 velho?

– O que Adri ia querer com essa coisa velha? Ela não tem mais jardim. Sequer tem varanda.

– Só estou dizendo que ela não tem nenhuma intenção real de me deixar ir. Enquanto puder inventar coisas para eu consertar, minhas “tarefas” nunca acabarão. – Ela colocou mais algumas ferramentas na bolsa, dizendo a si mesma que não se importava. Não mesmo.

Cinder não caberia em um vestido de baile, de qualquer jeito. Mesmo que encontrasse luvas formais e sapatos em que pudesse

esconder suas monstruosidades de metal, seu cabelo sem graça nunca iria segurar um cacho, e não sabia nada sobre maquiagem. Ela acabaria ficando fora da pista de dança, tirando sarro das meninas que desmaiavam para chamar a atenção do príncipe Kai, fingindo que não estava com ciúmes. Fingindo que aquilo não a incomodava.

Embora estivesse curiosa sobre a comida.

E, agora, o príncipe a conhecia, mais ou menos. Ele tinha sido gentil com ela no mercado. Talvez ele a chamasse para dançar. Por educação. Por cavalheirismo, quando a visse sozinha.

Essa fantasia desmoronou tão rapidamente quanto tinha começado. Era impossível. Não valia a pena pensar.

Ela era um ciborgue e nunca iria ao baile.

– Acho que é tudo – disse, disfarçando a decepção e ajustando a bolsa no ombro. – Está pronta?

– Eu não computo – disse Iko. – Mesmo se consertar o aerodeslizador, não convencerá Adri a deixá-la ir ao baile, então, por que estamos indo ao ferro-velho? Se ela quer tanto uma correia magnética, por que não vai procurar uma no lixo?

– Porque, com baile ou não, eu acredito *mesmo* que ela venderia você por qualquer trocado, se tivesse motivo. Além disso, com elas no baile, teremos o apartamento só para nós. Não parece agradável?

– Para mim, parece ótimo!

Cinder se virou e viu Peony se esgueirando pela porta. Ela ainda usava seu vestido cor de prata, mas agora as bainhas ao longo do pescoço e das mangas estavam prontas. Um pouco de

renda tinha sido adicionada ao decote, acentuando o fato de que, aos quatorze anos, Peony já havia desenvolvido curvas que Cinder nem sonharia ter. Se o corpo de Cinder tivesse sido predisposto à feminilidade, isso fora arruinado pelo que os cirurgiões lhe tinham feito, o que a deixara com um corpo reto como uma tábua. Muito angular. Parecendo um menino. Muito estranho, com sua pesada perna artificial.

– Vou matar a mamãe – disse Peony. – Ela está me enlouquecendo. “Pearl precisa arrumar um marido”, “Minhas filhas são tão sem graça”, “Não dão valor ao que faço por elas”, “blá-blá-blá”. – Ela balançou os dedos no ar zombando da mãe.

– O que você está fazendo aqui?

– *Escondendo-me*. Ah, e queria perguntar se você poderia dar uma olhada no meu tablet. – Ela puxou o aparelho de detrás das costas, entregando-o a Cinder.

Cinder pegou-o, mas seus olhos estavam na parte inferior da saia de Peony, observando a barra reluzente acumulando poeira.

– Você vai estragar o vestido. E aí Adri realmente ficará louca.

Peony mostrou a língua, mas depois recolheu a saia com as mãos, levantando a barra até os joelhos.

– O que você acha? – disse ela, saltando com os pés descalços.

– Você está maravilhosa.

Peony fez uma pose, franzindo o tecido ainda mais nos dedos. Em seguida, sua felicidade vacilou.

– Ela deveria ter mandado fazer um para você também. Não é justo.

– Não quero ir mesmo. – Cinder deu de ombros. Peony tinha tanta pena em sua voz que ela não se preocupou em discutir. Normalmente era capaz de ignorar o ciúme que sentia das meias-irmãs, de como Adri as adorava, de como suas mãos eram macias, especialmente porque Peony era a única amiga humana que Cinder tinha. Mas não conseguiu suprimir a inveja ao ver Peony naquele vestido.

Ela mudou de assunto.

– O que há de errado com o tablet?

– Está fazendo aquela coisa estranha de novo. – Peony empurrou algumas ferramentas que estavam em cima da pilha de latas de tinta vazias, escolhendo o local mais limpo antes de se sentar, com a saia esvoaçante ao seu redor. Ela pôs os pés de forma que seus calcanhares se apoiassem firmemente no plástico.

– Você baixou aqueles aplicativos estúpidos de celebridades de novo?

– Não.

Cinder levantou uma sobrancelha.

– Um aplicativo de idiomas. É só. E eu precisava para a aula. Ah, antes que eu esqueça, Iko, trouxe uma coisa para você.

Iko deslizou para o lado de Peony quando ela puxou uma fita de veludo do corpete, restos de tecido da costureira. A iluminação na sala ficou mais forte quando Iko viu a fita.

– Obrigada – disse o androide enquanto Peony amarrava a fita em volta da articulação fininha do punho. – É adorável.

Cinder apoiou o tablet na bancada, ao lado do androide do príncipe Kai.

– Vou dar uma olhada nele amanhã. Nós vamos procurar uma correia magnética para Sua Majestade Adri.

– Mesmo? Aonde vão?

– Ao ferro-velho.

– Será pura diversão – disse Iko, escaneando sem parar a pulseira improvisada com seu sensor.

– Sério? – disse Peony. – Posso ir?

Cinder riu.

– Ela está brincando. Iko tem praticado o sarcasmo.

– Eu não me importo. Qualquer coisa é melhor do que voltar para aquele apartamento abafado. – Peony abanou-se e recostou-se distraída numa pilha de estantes metálicas.

Alcançando a irmã, Cinder puxou-a de volta.

– Cuidado com o vestido.

Peony examinou a saia, depois as prateleiras cobertas de fuligem, e em seguida fez um gesto despreocupado para Cinder.

– Sério mesmo, posso? Parece emocionante.

– Parece sujo e fedido – disse Iko.

– Como você sabe? – disse Cinder. – Você não tem receptores de cheiro.

– Mas tenho uma imaginação fantástica.

Sorrindo, Cinder começou a empurrar a meia-irmã para a porta.

– Tudo bem, vá se trocar. Mas seja rápida. Eu tenho uma história para contar.

CAPÍTULO

Quatro

PEONY DEU UM TAPA NO OMBRO DE CINDER, QUASE A EMPURRA cima de uma pilha de rodas velhas de andróides.

– Como você pode ter esperado tanto tempo para me contar? Você já está em casa, o quê, há *quatro horas*?

– Eu sei, eu sei, me desculpe – disse Cinder, esfregando o ombro. – Não era uma boa hora, e não queria que a Adri soubesse. Não quero que ela tente tirar vantagem disso.

– Quem se importa com o que a mamãe pensa? *Eu* quero tirar vantagem disso. Pelas estrelas, o príncipe. No seu estande. Não acredito que eu não estava lá. Por que eu não estava lá?

– Você estava ocupada provando seda e brocado.

– Ugh. – Peony chutou um farol quebrado que estava no caminho. – Você devia ter me chamado. Eu teria chegado lá em dois segundos, com vestido de baile inacabado e tudo. *Ugh*. Eu odeio você. É oficial, eu *odeio* você. Você vai vê-lo de novo? Quero dizer, terá que vê-lo de novo, né? Talvez eu possa parar de odiá-la se *prometer* me levar com você, tudo bem? Combinado?

– Achei um! – gritou Iko de uma distância de quase dez metros à frente delas. Seu refletor mirou a carcaça de um aerodeslizador enferrujado, deixando as pilhas de restos e escombros atrás dela na escuridão.

– Então? Como ele é? – perguntou Peony, acompanhando o passo apressado de Cinder na direção do veículo, como se estar perto dela agora fosse o mesmo que estar perto da própria Alteza Imperial.

– Não sei – respondeu Cinder, abrindo o capô e o apoiando no suporte apropriado. – Que bom, ele não foi futucado.

Iko saiu rapidamente do caminho de Cinder.

– Ele foi educado o bastante para não apontar a enorme mancha de graxa na testa dela.

Peony deu um suspiro.

– Ah, não, você não fez isso!

– O quê? Sou mecânica. Eu me sujo. Se ele me quisesse toda enfeitada, deveria ter avisado que viria. Iko, um pouco de luz aqui seria uma boa.

Iko inclinou a cabeça para a frente, iluminando o compartimento do motor. Do outro lado de Cinder, Peony estalou a língua.

– Será que ele achou que era uma verruga?

– Isso faz com que eu me sinta muito melhor. – Cinder tirou um alicate da bolsa. O céu noturno estava límpido e, embora as luzes da cidade bloqueassem qualquer estrela, a lua crescente pontuda ocultava-se próxima ao horizonte, um olho adormecido observando através da neblina.

– Ele é tão bonito na vida real quanto parece nos netscreens?

– Sim – disse Iko. – Até mais bonito. E terrivelmente alto.

– Todos são altos para você. – Peony se encostou no para-choque dianteiro com os braços cruzados. – E quero ouvir a

opinião de Cinder.

Cinder parou de cutucar o motor com o alicate quando a lembrança do sorriso fácil dele lhe veio à mente. Embora o príncipe Kai fosse havia muito tempo um dos assuntos favoritos de Peony – ela provavelmente fazia parte de todos os fã-clubes dele –, Cinder nunca imaginara que pudesse compartilhar dessa admiração. Na verdade, sempre pensara que a queda de Peony por celebridades era um pouco tola, um pouco pré-adolescente. *Príncipe Kai isso, príncipe Kai aquilo*. Uma fantasia impossível.

Mas agora...

Algo em sua expressão deve ter falado por si só, porque Peony de repente soltou um gritinho agudo e se agarrou nela, envolvendo a cintura de Cinder com os braços e pulando.

– Eu sabia! Eu *sabia* que você tinha gostado dele também! Não posso acreditar que você realmente o conheceu! Não é justo. Eu já disse o quanto odeio você?

– Sim, sim, eu sei – disse Cinder, desvencilhando-se dos braços de Peony. – Agora vá ser bobinha em outro lugar. Estou tentando trabalhar.

Peony fez uma careta e deu um pulinho, girando ao redor das pilhas de tralhas.

– O que mais? Conte tudo. O que ele disse? O que ele fez?

– Nada – respondeu Cinder. – Ele só me pediu para consertar o androide dele. – Ela removeu as teias de aranha do que uma vez fora o gerador solar do aerodeslizador, mas agora não passava de uma casca plástica. Uma nuvem de poeira voou no seu rosto e ela recuou, tossindo. – Catraca?

Iko puxou a catraca de seu torso e a entregou a Cinder.

– Que tipo de androide é? – perguntou Peony.

Cinder ergueu o gerador do compartimento com um grunhido e o pousou no chão ao lado do aerodeslizador.

– Um velho.

– Tutor 8.6 – respondeu Iko. – Mais velho do que eu. E ele disse que voltará ao mercado no próximo fim de semana para buscá-la.

Peony chutou uma lata de óleo enferrujada de seu caminho antes de se encurvar sobre o motor.

– Os noticiários dizem que o mercado ficará fechado durante a próxima semana por causa do surto.

– Ah, eu não tinha ouvido isso. – Cinder limpou as mãos na calça, estudando com atenção o compartimento inferior do motor. – Acho que teremos que entregá-lo no palácio, então.

– Sim! – Peony dançou sem sair do lugar. – Vamos juntas e você pode me apresentar e... e...

– A-rá! – Cinder sorriu, radiante. – Correia magnética.

Peony botou as mãos em forma de concha na frente da boca, aumentando a voz.

– *E então* ele vai me reconhecer no baile, e eu vou dançar com ele e... Pearl vai morrer de *raiva*! – Ela riu, como se irritar a irmã mais velha fosse a maior realização em sua vida.

– Se o androide estiver pronto antes do baile. – Cinder escolheu uma chave inglesa do cinto de ferramentas que estava pendurado ao redor de seus quadris. Ela não queria dizer a Peony

que o príncipe Kai provavelmente não seria o responsável por receber as entregas ao palácio.

Peony fez um aceno rápido com a mão.

– Bem, seja quando for.

– Eu quero ir ao baile – disse Iko, olhando para o horizonte. – É preconceito não permitir a entrada de andróides.

– Faça uma petição ao governo, então. Tenho certeza de que Peony ficará feliz em levar seu caso diretamente ao príncipe em pessoa. – Cinder segurou a cabeça esférica de Iko e forçou-a a mirar novamente a luz no capô. – Agora fique parada. Estou quase conseguindo desencaixar essa terminação.

Cinder prendeu a chave inglesa em Iko, depois ergueu a correia magnética de seu suporte, deixando-a cair no chão com um retinir.

– Um lado já foi, agora só falta o outro.

Ela andou ao redor do aerodeslizador, abrindo o caminho pelas quinquilharias de forma que as rodas de Iko não ficassem presas.

Peony foi atrás e subiu no porta-malas do veículo, cruzando as pernas.

– Sabe, dizem por aí que ele vai procurar uma noiva no baile.

– Uma noiva – disse Iko. – Que romântico!

Cinder se abaixou para o lado, atrás do para-choque traseiro do aerodeslizador, e pegou uma pequena lanterna do cinto de ferramentas.

– Me passa a chave inglesa de novo?

– Você não me ouviu? Uma *noiva*, Cinder. Como uma princesa.

– Como... não vai acontecer. Ele tem só, o quê? Dezenove anos?

– Segurando a lanterna entre os dentes, Cinder pegou a chave inglesa da mão de Iko. Os parafusos da parte traseira estavam menos enferrujados, pois eram melhor protegidos pelo portamalas suspenso, e foram necessárias apenas algumas torções rápidas para afrouxá-los.

– Dezoito e meio – disse Peony. – E é verdade. Todos os *links* de fofoca dizem isso.

Cinder grunhiu.

– Eu me casaria com o príncipe Kai sem hesitar.

– Eu também – disse Iko.

Cinder tirou a lanterna da boca e mudou-a de posição.

– Vocês e todas as garotas da Comunidade.

– Como se você não – disse Peony.

Cinder não respondeu enquanto afrouxava o último parafuso da correia magnética, que se soltou e caiu no chão com estrépito.

– Aqui vamos nós. – Ela saiu de debaixo do carro e pôs a chave inglesa e a lanterna no compartimento da panturrilha antes de se levantar. – Vê outros aerodeslizadores que valham a pena darmos uma olhada enquanto estamos aqui? – Puxando a correia magnética de debaixo do aerodeslizador, ela dobrou-a pelas dobradiças, formando um bastão de metal mais fácil de segurar.

– Eu vi algo ali. – Iko passou a luz pelas pilhas. – Não sei ao certo qual modelo.

– Ótimo. Vá na frente. – Cinder cutucou o androide com o bastão. Iko foi andando, resmungando por ter que ficar em meio

à sucata enquanto Adri estava toda limpinha e confortável em casa.

– Além disso – disse Peony, saltando de cima do porta-malas –, o rumor de que ele estaria procurando uma noiva no baile é bem melhor do que o que os *outros* boatos estão dizendo.

– Deixe eu adivinhar. O príncipe Kai, na verdade, é um marciano? Ou não, não... ele teve um filho bastardo com um androide-acompanhante, não teve?

– Androides-acompanhantes podem ter *filhos*?

– Não.

Peony bufou, soprando um cacho de cima da sobrancelha.

– Bem, isso é ainda pior. Dizem que há uma conversa de ele se casar... – ela baixou a voz até um sussurro grave – com a rainha Levana.

– *Rainha* – Cinder congelou e pôs a mão enluvada sobre a boca, olhando em volta como se alguém pudesse estar espreitando em meio às pilhas de lixo, ouvindo. Ela tirou a mão, mas manteve a voz baixa. – Sinceramente, Peony. Esses tabloides vão apodrecer o seu cérebro.

– Eu também não quero acreditar, mas todos estão dizendo isso. Esse seria o motivo pelo qual a perversa embaixadora da rainha estaria hospedada no palácio, para que ela possa garantir uma aliança. É tudo politicagem.

– Eu não acredito. O príncipe Kai nunca se casaria com ela.

– Você não sabe.

Mas ela sabia. Cinder podia não saber muito sobre política intergalática, mas sabia que o príncipe Kai seria um tolo se se

casasse com a rainha Levana.

A lua vagarosa chamou a atenção de Cinder, e uma onda de arrepios cobriu seus braços. A lua sempre lhe causara certa paranoia, como se as pessoas que morassem lá pudessem estar observando-a, e tinha medo de que, se olhasse por muito tempo, pudesse atrair a atenção delas. Uma superstição sem sentido, mas tudo a respeito dos lunares era misterioso e envolto em superstições.

Os lunares eram uma sociedade que evoluíra de uma colônia terrestre na lua séculos atrás, mas não eram mais humanos. Dizia-se que podiam modificar o cérebro de uma pessoa – fazer você ver, sentir e fazer coisas que não devia. O poder anormal deles os tornara uma raça gananciosa e violenta, e a rainha Levana era a pior deles.

Havia boatos de que ela sabia quando as pessoas estavam falando dela, mesmo a milhares de quilômetros de distância. Mesmo aqui embaixo, na Terra.

Dizia-se também que ela assassinara a irmã mais velha, a rainha Channary, para que pudesse assumir o trono. E que mandara matar o próprio marido também, com o propósito de ficar livre para conseguir um casamento melhor. Havia rumores de que forçara sua enteada a mutilar o próprio rosto porque, em seus doces treze anos, tornara-se mais bonita do que a invejosa rainha podia suportar.

Os boatos também a acusavam de ter matado a sobrinha, única ameaça ao trono. A princesa Selene tinha apenas três anos

quando um incêndio destruiu seu quartinho, matando a criança e sua babá.

Algumas teorias conspiratórias diziam que a princesa sobrevivera e ainda vivia em algum lugar, esperando pela hora certa para reivindicar a coroa e acabar com o reinado tirânico de Levana, mas Cinder sabia que apenas o desespero alimentava tais rumores. Afinal, encontraram traços da carne da criança em meio às cinzas.

– Aqui. – Iko ergueu a mão e bateu em uma lâmina de metal que se destacava de um enorme monte de sucata, surpreendendo Cinder.

Ela afastou os pensamentos. O príncipe Kai nunca se casaria com aquela bruxa. Ele nunca se casaria com uma lunar.

Cinder empurrou algumas latas enferrujadas de aerossol e um colchão velho para longe, antes de poder ver com clareza a frente do aerodeslizador.

– Bom olho.

Juntas elas tiraram bastante sucata do caminho, para que toda a frente do veículo pudesse ser vista.

– Nunca vi nenhum como esse – disse Cinder, passando a mão sobre a insígnia cromada esburacada.

– É horroroso – disse Peony com desdém. – Que cor horrível.

– Deve ser realmente velho. – Cinder encontrou o trinco e abriu o capô. Chegou a recuar, surpresa pela bagunça de metal e plástico que viu. – *Realmente* velho. – Ela semicerrou os olhos na frente do motor, mas o chassi ocultava os suportes da correia

magnética. – Hum... você pode direcionar a luz para cá, por favor?

Cinder se abaixou e se debruçou na sujeira. Apertou o rabo de cavalo antes de se contorcer embaixo do aerodeslizador, arremessando para o lado o amontoado de partes velhas deixadas para enferrujar em meio às ervas daninhas embaixo dele.

– Pelas estrelas – murmurou quando conseguiu olhar bem seu interior. A luz de lko oscilava para cima e para baixo, exibindo cabos e fios, tubos e coletores, porcas e parafusos. – Esta coisa é uma relíquia.

– Está em um ferro-velho – disse Peony.

– Estou falando sério. Nunca vi nada igual. – Cinder correu a mão por um cabo de borracha.

A luz piscava para a frente e para trás conforme o sensor de lko escaneava o motor.

– Alguma peça útil?

– Boa pergunta. – A visão de Cinder tornou-se azul conforme se conectava à sua rede. – Você poderia me ditar o número de identificação do veículo que está no para-brisa? – Ela procurou o número enquanto Peony lia para ela e fez o *download* do projeto em minutos, a tela criando uma imagem sobre o motor acima dela. – Parece estar praticamente intacto – murmurou, correndo as pontas dos dedos por um grupo de fios acima dela. Seguiu com os olhos, inclinando a cabeça para traçar o caminho das mangueiras para as polias, e delas para os eixos, tentando decifrar como combinavam entre si. Como tudo funcionava.

- Que legal.
- Estou entediada – disse Peony.

Suspirando, Cinder pesquisou no projeto onde ficava a correia magnética, mas uma mensagem verde de erro piscou no seu campo de visão. Ela tentou apenas *magnética*, e depois apenas *correia*, recebendo finalmente um resultado. O projeto iluminou-se em uma correia que envolvia uma série de engrenagens, encapsulada por uma cobertura de metal – algo chamado correia sincronizadora. Franzindo o cenho, Cinder esticou a mão e procurou os parafusos e arruelas que prendiam a cobertura ao bloco de motor.

Ela achava que arruelas não fossem usadas desde que o motor de combustão interna havia se tornado obsoleto.

Arfando, ela estendeu o pescoço para o lado. Na escuridão embaixo do veículo, podia distinguir algo redondo ao seu lado, conectado às barras acima de sua cabeça. Uma roda.

– Não é um aerodeslizador. É um carro. Um carro movido a gasolina.

– Sério? – disse Peony. – Pensei que carros de verdade deviam ser... não sei. Elegantes.

Indignação desabrochou no peito de Cinder.

– Tem personalidade – respondeu ela, tateando o padrão dos pneus.

– Então – disse Iko um segundo depois –, isso significa que não podemos aproveitar nenhuma das peças?

Ignorando a pergunta, Cinder analisou avidamente o desenho diante dela. Câter, injetores de combustível, canos de escape.

– É da segunda era.

– Fascinante. *Ou não.* – disse Peony. Subitamente gritou, pulando para longe do carro.

Cinder se sobressaltou e bateu a cabeça na suspensão dianteira.

– O que foi, Peony?

– Um rato acabou de sair da janela! Um bem grande e peludo. Ai, que *nojo*.

Resmungando, Cinder acomodou novamente a cabeça na sujeira, massageando a testa. Já eram duas lesões na cabeça em um dia. Nesse ritmo, teria que comprar um novo painel de controle também.

– Ele deve ter feito ninho no estofamento. Provavelmente o assustamos.

– *Nós assustamos o rato?* – A voz de Peony estava abalada. – Podemos ir agora, por favor?

Cinder suspirou.

– Tá bom.

Descartando o desenho, ela se contorceu para sair de debaixo do carro, aceitando a ajuda das mãos em forma de pinça de Iko para se levantar.

– Pensei que todos os carros a gasolina sobreviventes estivessem em museus – disse ela, tirando as teias de aranha dos cabelos.

– Eu não o chamaria de “sobrevivente” – disse Iko, seu sensor se escurecendo com repulsa. – Parece mais uma abóbora podre.

Cinder fechou o capô com um baque, lançando uma impressionante nuvem de poeira sobre o androide.

– Vocês precisam de um pouco mais de imaginação? Com alguma atenção e uma boa limpeza, poderíamos devolvê-lo à sua antiga glória.

Ela acariciou o capô. O carro em forma de domo tinha um tom amarelo-alaranjado que parecia doentio sob a luz de Iko – era uma cor que ninguém nos tempos modernos escolheria –, mas com o estilo antigo do veículo beirava o encantador. A ferrugem vinha do buraco sob os faróis despedaçados, descendo sobre os para-lamas amassados. Faltava uma das janelas traseiras, mas os assentos estavam intactos, embora cobertos por mofo e rasgados, e provavelmente servissem como lar para mais do que roedores. O volante e o painel pareciam ter sofrido apenas pequenos danos ao longo dos anos.

– Talvez pudesse ser nosso carro de fuga.

Peony deu uma olhada pela janela do passageiro.

– Fuga de quê?

– De Adri. De Nova Pequim. Podíamos sair todas juntas da Comunidade. Podíamos ir para a Europa! – Cinder deu a volta para o lado do motorista e tirou a sujeira do vidro com a luva. No chão, no interior do veículo, três pedais piscavam para ela. Embora todos os aerodeslizadores fossem controlados por sistemas de computação, ela lera o suficiente sobre a antiga tecnologia para saber o que era uma embreagem e até mesmo ter uma ideia básica de como acioná-la.

– Esse bloco de metal não nos levaria nem até os limites da cidade – disse Peony.

Dando um passo para trás, Cinder tirou a poeira das mãos. Provavelmente elas estavam certas. Talvez aquele não fosse o veículo ideal, talvez não fosse a chave para a salvação delas, mas de alguma forma, algum dia, ela deixaria Nova Pequim. Encontraria um lugar onde ninguém soubesse quem ela era – ou o que era.

– Além disso, não podemos pagar a gasolina – continuou Iko. – Poderíamos vender seu novo pé e mesmo assim não teríamos dinheiro o bastante para pagar a gasolina necessária para sairmos daqui. Sem contar as multas por poluição. E eu não vou entrar nessa coisa. É provável que tenha cocô de rato se acumulando por décadas sob esses assentos.

Peony se contraiu de nojo.

– *Eca.*

Cinder deu uma risada.

– Tudo bem, já entendi. Não conseguirei convencê-las a levar o carro pra casa.

– Ainda bem. Você me deixou preocupada – disse Peony. Ela sorriu, porque não se preocupara de fato, e tirou o cabelo do ombro.

O olhar de Cinder captou algo – um ponto preto abaixo da clavícula de Peony, visível bem acima da gola de sua camisa.

– Fique parada – disse ela, esticando a mão para a frente.

Peony fez exatamente o contrário, entrando em pânico e espanando com as mãos os fantasmas em seu peito.

– O quê? O que é? Um bicho? Uma aranha?

– Eu já disse, fique parada! – Cinder agarrou Peony pelo pulso, passou a mão no ponto preto e ficou paralisada.

Soltando o braço de Peony, ela cambaleou para trás.

– O quê? O que é? – Peony puxou a camisa, tentando ver, mas então notou outro ponto na parte de trás da mão.

Ela olhou para Cinder, o rosto pálido.

– Uma... uma alergia? – disse ela. – Ao carro?

Cinder engoliu em seco e se aproximou dela com passos hesitantes, segurando a respiração. Esticou novamente a mão até a clavícula de Peony e puxou a gola de sua blusa para baixo, revelando toda a mancha sob a luz da lua. Uma nódoa vermelha, envolta com um roxo típico de hematomas.

Seus dedos tremeram. Ela se afastou, encontrando o olhar de Peony.

Peony deu um berro.

CAPÍTULO

Quinco

O FERRO-VELHO FOI TOMADO PELOS GRITOS AGUDOS DE PEONY, nas rachaduras de máquinas quebradas e computadores ultrapassados. A interface auditiva de Cinder não a protegia de sons agudos, mesmo quando a voz de Peony falhou e se dissolveu em histeria.

Cinder ficou parada, sem firmeza, incapaz de se mover. Querendo consolar Peony. Querendo fugir.

Como aquilo era possível?

Peony era jovem, saudável. Não podia estar doente.

Ela chorava, esfregando repetidamente a pele, as manchas.

A rede de Cinder assumiu o controle, como costumava acontecer em momentos em que ela não conseguia pensar por si mesma. Pesquisando, conectando, conseguindo informações que ela não desejava obter.

Letumose. A febre azul. Pandemia mundial. Centenas de milhares de mortos. Causa desconhecida. Cura desconhecida.

– Peony...

Ela esticou a mão de modo hesitante, mas Peony se afastou sem jeito, secando as bochechas e o nariz.

– Não cheguem perto de mim! Você vai pegar! Vocês vão pegar!

Cinder encolheu a mão. Ela ouviu lko ao seu lado, a ventoinha zumbindo. Viu a luz azul lançada sobre Peony, sobre o ferro-velho, piscando. Ela estava assustada.

– Eu já disse, afastem-se! – Peony caiu de joelhos, curvando-se.

Cinder recuou dois passos e então parou, observando Peony se balançar para a frente e para trás sob a luz de lko.

– Eu... Eu preciso chamar um aerodeslizador de emergência. Para...

Para que a levem daqui.

Peony não respondeu. Todo o seu corpo tremia. Cinder podia ouvir os dentes dela batendo em meio aos lamentos.

Cinder estremeceu. Esfregou os braços, inspecionando-os à procura de manchas. Não via nenhuma, mas olhou para a luva da mão direita com desconfiança, sem querer removê-la, sem querer checá-la.

Afastou-se novamente. As sombras do ferro-velho se avultaram na direção dela. A peste. Estava lá. No ar. No lixo. Quanto tempo levaria para que os primeiros sintomas se manifestassem?

Ou...

Ela pensou em Chang Sacha na feira. Na multidão apavorada fugindo de seu estande. No barulho das sirenes.

O estômago dela se revirou.

Tinha sido culpa dela? Ela levava a peste da feira para casa?

Verificou os braços de novo, espanando com a mão os insetos invisíveis que rastejavam em sua pele. Cambaleou para trás. Os soluços de Peony encheram sua cabeça, sufocando-a.

Um aviso em vermelho piscou em seu visor de retina, informando-a de que seus níveis de adrenalina estavam elevados. Ela piscou para desativar o alerta, depois acionou seu *link* de sistema de comunicação com as vísceras se contraindo e enviou uma mensagem simples antes de sequer poder questionar.

EMERGÊNCIA, FERRO-VELHO DO DISTRITO DE TAIHANG. LETUMOSE.

ela trincou os dentes, sentindo a dolorosa secura nos olhos. Uma dor de cabeça latejante tornou evidente que deveria estar chorando, que seus soluços deveriam se juntar aos da irmã.

– Por quê? – perguntou Peony, gaguejando. – O que foi que eu fiz?

– Você não fez nada – respondeu Cinder. – Isso não é sua culpa.
Mas pode ser minha.

– O que devo fazer? – perguntou Iko, muito baixo para ser ouvida.

– Não sei – disse Cinder. – Um aerodeslizador está a caminho.

Peony esfregou o nariz com o braço. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

– Você p-precisa ir. Pode pegar isso de mim.

Sentindo-se tonta, Cinder percebeu que vinha respirando muito rápido. Deu mais um passo para trás antes de encher os pulmões.

– Talvez eu já tenha pegado. Talvez seja minha culpa você estar doente. O surto no mercado hoje... Eu-eu não pensei estar

perto o bastante, mas... Peony, eu sinto muito.

Peony apertou os olhos e escondeu o rosto de novo. Seus cabelos castanhos estavam embaraçados, caindo ao longo dos ombros, em forte contraste com a pele pálida. Um soluço, seguido por outro.

– Eu não quero ir.

– Eu sei.

Foi tudo que Cinder conseguiu dizer. Não se preocupe? Tudo ficará bem? Ela não podia mentir, não quando era tão óbvio.

– Queria que houvesse alguma coisa... – Ela parou. Ouviu as sirenes antes de Peony. – Eu sinto muito mesmo.

Peony secou o nariz com a manga da blusa, deixando uma trilha de muco. Depois, continuou chorando. Ela não respondeu até que o som das sirenes alcançasse seus ouvidos e sua cabeça se erguesse. Olhou ao longe, para a entrada do ferro-velho em algum lugar além das pilhas de lixo. Os olhos arregalados. Os lábios tremendo. O rosto extremamente vermelho.

Cinder sentiu um aperto no coração.

Ela não podia evitar. Se tivesse que ser infectada, provavelmente isso já acontecera.

Caiu de joelhos, envolvendo Peony com os braços. O cinto de ferramentas ficou enterrado em seu quadril, mas ela o ignorou enquanto Peony se agarrava à sua camisa, os soluços renovados.

– Eu sinto tanto.

– O que você dirá à mamãe e a Pearl?

Cinder mordeu os lábios.

– Não sei. – E então: – A verdade, eu acho.

Ela sentiu o gosto de bile na boca. Talvez fosse um sinal. Talvez a dor em seu estômago fosse um sintoma. Ela baixou a vista para o braço, que mantinha Peony abraçada a ela. Ainda não havia manchas.

Peony a empurrou, voltando rapidamente para a sujeira.

– Fique longe de mim. Você pode não estar doente ainda. Mas eles levariam você. Você precisa sair daqui.

Cinder hesitou. Ouviu o som de correias esmigalhando alumínio e plástico. Não queria deixar Peony, mas e se ela não tivesse sido contaminada ainda?

Sentou nos calcanhares, depois se ergueu. Luzes amarelas se aproximavam delas vindo da escuridão.

A mão direita de Cinder suava dentro da luva. Sua respiração estava fraca de novo.

– Peony...

– Vá! Vá embora!

Cinder se afastou. E ainda mais. Teve o bom senso de parar para pegar a correia magnética dobrada. Moveu-se em direção à saída, sua perna humana tão dormente quanto a protética. Os soluços de Peony a seguiram.

Três andróides brancos encontraram-na dobrando uma esquina. Tinham sensores amarelos e cruzes vermelhas pintadas na cabeça, e dois deles traziam uma maca flutuante.

– Você é a vítima de letumose? – perguntou um deles com voz neutra, portando um escâner de identificação.

Cinder escondeu o pulso.

– Não. Minha irmã, Linh Peony. Ela... ela está naquela direção, à esquerda.

Os medidroides com a maca se desviaram dela e seguiram caminho.

– Você teve contato direto com a vítima nas últimas doze horas? – perguntou o último androide.

Cinder abriu a boca, hesitou. Culpa e medo se contorciam em suas vísceras.

Ela podia mentir. Não havia prova de que já tivesse a doença, mas, se eles a levassem para a quarentena, não teria a menor chance.

Mas, se fosse para casa, poderia infectar a todos. Adri. Pearl. Aquelas crianças que gritavam e riam e que corriam pelos corredores.

Mal pôde ouvir a própria voz.

– Sim.

– Você está manifestando sintomas?

– Na-não. Não sei. Eu me sinto tonta, mas não. – Ela não continuou.

O medidroide se aproximou dela, as rodas rangendo no chão sujo. Cinder cambaleou para longe dele, que não disse nada, apenas se aproximou até que as panturrilhas dela tivessem encostado numa caixa empilhável apodrecida. Ele portava um escâner de identificação em uma das mãos, e então um terceiro braço surgiu de seu torso – com uma seringa no lugar da mão em forma de pinça.

Cinder encolheu os ombros, mas não resistiu quando o androide agarrou seu pulso direito e introduziu a agulha. Ela se contraiu e ficou observando enquanto o líquido escuro, quase negro sob a luz amarela do androide, era coletado. Embora não tivesse medo de agulhas, o mundo começou a girar. O androide removeu a agulha bem na hora em que ela se deixou cair sobre a caixa.

– O que você está fazendo? – sussurrou.

– Iniciando um escaneamento de sangue em busca dos patógenos portadores de letumose. – Cinder ouviu um motor ser acionado dentro dele, alertas difusos anunciando cada passo. A luz do androide diminuía quando sua fonte de energia era mais exigida.

Ela prendeu a respiração até que seu painel de controle a dominasse e forçasse seus pulmões a se contraírem.

– Identidade – disse o androide, estendendo o escâner para ela. Uma luz vermelha passou pelo pulso de Cinder e o equipamento bipou. O androide guardou-o no torso oco.

Ela se perguntou quanto tempo levaria para que o escaneamento fosse finalizado e determinasse que estava infectada, confirmando que fora culpa dela. Por tudo.

Cinder ouviu alguma coisa se aproximando e virou a cabeça enquanto os dois andróides apareceram com Peony sobre a maca. Ela estava sentada, com as mãos atadas ao redor dos joelhos. Seus olhos inchados se moviam de forma selvagem pelo ferro-velho, como se procurassem uma fuga. Como se estivesse vivendo em um pesadelo.

Mas ela não tentou fugir. Ninguém nunca resistia quando era levado às quarentenas.

Os olhos delas se encontraram. Cinder abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. Ela tentou implorar por perdão com os olhos.

Um breve sorriso saiu dos lábios de Peony. Ela ergueu uma das mãos e acenou apenas com os dedos.

Cinder acenou de volta, sabendo que deveria ser ela.

Já sobrevivera ao destino uma vez. Ela é que deveria estar sendo levada. Era ela que deveria estar morrendo. Deveria ser ela.

Tudo se resumia a isso.

Tentou falar, dizer a Peony que estaria logo atrás dela. Que ela não ficaria sozinha. Mas então o androide bipou.

– O escaneamento foi concluído. Nenhum patógeno portador de letumose foi detectado. O indivíduo tem que manter uma distância de quinze metros do paciente infectado.

Cinder piscou. Alívio e medo se contorceram dentro dela.

Ela não estava doente. Não ia morrer.

Não acompanharia Peony.

– Nós a avisaremos por meio do sistema de comunicação quando Linh Peony entrar nos estágios subsequentes da doença. Agradecemos sua cooperação.

Cinder se envolveu nos próprios braços e viu Peony se deitar enquanto era transportada, enrolada em posição fetal, como uma criança, na maca.

CAPÍTULO

Seis

CINDER MOVEU-SE FURTIVAMENTE PELA NOITE AMENA, E SUAS BOT se arrastando pelo concreto fazendo barulho, como se as duas pernas fossem feitas de aço. A noite vazia era um coro de sons emudecidos em sua cabeça: o esmagar arenoso das rodas de Iko, o chiado da iluminação de rua acima delas, o constante zumbido do supercondutor magnético sob a rua. A cada passo, a chave inglesa inserida na panturrilha de Cinder tinha. Tudo isso era pouco em comparação ao vídeo sendo reproduzido repetidas vezes em sua mente.

Sua interface costumava fazer isso – gravava momentos de emoção intensa e reproduzia sem parar. Como *déjà-vu* ou quando as últimas palavras de uma conversa ficavam no ar bem depois de o silêncio ter se instalado. Frequentemente, ela conseguia fazer a memória parar antes de enlouquecê-la, mas naquela noite estava sem energia.

A nódoa negra na pele de Peony. Seu grito. A seringa do medidroide tirando o sangue de seu braço. Peony, pequena e tremendo na maca. Já morrendo.

Ela parou, apertando firmemente o estômago enquanto a náusea a atingia. Iko parou alguns passos à frente, dirigindo o farol para o rosto enrugado de Cinder.

– Você está bem?

A luz percorreu toda a extensão do corpo de Cinder, e ela tinha certeza de que Iko procurava por nódos em forma de anel, apesar de o medidroide ter dito que ela não estava infectada.

Em vez de responder, Cinder tirou as luvas e as colocou no bolso traseiro. Com a tonteira passando, apoiou o ombro no poste de luz da rua e respirou fundo o ar úmido. Estavam quase chegando em casa. O edifício Phoenix Tower ficava na próxima esquina, apenas o último andar recebendo a fraca luz da lua crescente, enquanto o restante do prédio mergulhava na escuridão. As janelas estavam todas apagadas, exceto por um punhado de luzes e o brilho branco-azulado dos netscreens. Cinder contou os andares, localizando as janelas da cozinha e do quarto de Adri.

Apesar da escuridão, uma luz estava acesa em algum lugar do apartamento. Adri não era uma pessoa noturna, mas talvez tivesse descoberto que Peony ainda não tinha voltado. Ou Pearl estivesse acordada, trabalhando em um projeto da escola ou trocando mensagens com amigos pelo sistema de comunicação, tarde da noite.

Provavelmente era melhor assim. Ela não queria ter que acordá-las.

– O que vou dizer a elas?

O sensor de Iko se fixou no edifício por um instante, e em seguida no chão, focando o mosaico de escombros na calçada.

Cinder esfregou a palma da mão suada na calça e se forçou a seguir em frente. Por mais que tentasse, não encontrava palavras

apropriadas. Explicações, desculpas. Como dizer a uma mulher que sua filha estava morrendo?

Ela passou sua identidade pelo escâner e entrou pela porta principal desta vez. O saguão cinzento era decorado apenas com um netscreen que trazia comunicados aos moradores – um aumento nas taxas de manutenção, uma petição para um novo escâner para a porta da frente, um gato perdido. Chegou ao elevador, barulhento com os sons metálicos abafados da maquinaria velha. O corredor estava vazio, exceto pelo homem do 1807 que dormia na soleira de sua porta. Cinder teve que afastar o braço dele para que Iko não o esmagasse. Uma respiração pesada e o aroma adocicado de vinho de arroz subiu.

Ela hesitou diante da porta do apartamento 1820, com coração batendo forte. Não conseguia se lembrar de quando o vídeo de Peony parara de se repetir em sua mente, eclipsado pelos nervos em frangalhos.

O que ela diria?

Cinder mordeu o lábio e ergueu o pulso na altura do escâner. A luzinha mudou para verde. Ela abriu a porta fazendo o menor barulho possível.

A claridade vinda da sala de estar se espalhou pelo corredor escuro. Cinder deu uma olhada no netscreen, ainda mostrando sequências anteriores do mercado naquele mesmo dia, o estande da padaria pegando fogo repetidas vezes. A tela estava sem som.

Cinder entrou na sala, mas parou no meio do caminho. Iko deu um encontrão em sua perna.

Encarando-a do meio da sala, havia três andróides com cruzes vermelhas pintadas nas cabeças esféricas. Medidróides do atendimento de emergência.

Atrás deles, Adri, em seu robe de seda, apoiava-se contra a cornija da lareira, embora a chama holográfica estivesse desligada. Pearl ainda estava totalmente vestida, sentada no sofá com os joelhos dobrados até o queixo. Ambas seguravam toalhas de rosto secas sobre o nariz e olhavam para Cinder com um misto de repulsa e medo.

O estômago de Cinder se contraiu. Deu meio passo para trás, na direção do corredor, imaginando qual estava doente, mas rapidamente percebeu que nenhuma delas poderia estar. Os andróides as teriam levado na mesma hora. Elas não estariam protegendo a respiração. Todo o edifício estaria isolado.

Ela notou um pequeno curativo no cotovelo de Adri. Elas já tinham sido testadas.

Cinder tirou a bolsa-carteiro, pousando-a no chão, mas ficou com a correia magnética.

Adri limpou a garganta e baixou a toalha até o esterno. Ela parecia um esqueleto à luz fraca, a carne farinhenta e os ossos saltados. Sem maquiagem, olheiras avolumavam-se embaixo de seus olhos injetados. Tinha chorado, mas agora seus lábios formavam uma linha imóvel.

– Recebi um comunicado há uma hora – disse ela quando o silêncio se tornou palpável na sala. – Informava que Peony foi apanhada em um ferro-velho no distrito de Taihang e levada. –

Sua voz falhou. Ela baixou o olhar e quando o levantou novamente, seus olhos brilhavam. – Mas você já sabe disso, não é?

Cinder mudou de posição, tentando não olhar para os medidroides.

Sem esperar pela resposta de Cinder, Adri disse:

– Iko, pode começar a jogar as coisas de Peony fora. Qualquer coisa que ela tenha usado na última semana pode ser descartada, mas leve tudo para o beco você mesma, não quero entupir a rampa de lixo. Acho que todo o restante pode ser vendido na feira. – Sua voz estava aguda e firme, como se aquela lista viesse se repetindo em sua cabeça desde o momento em que recebera a notícia.

– Sim, Linh-ji – disse Iko, deslizando de volta para o corredor. Cinder ficou onde estava, congelada, as mãos segurando a correia magnética como se fosse um escudo. Embora o androide fosse incapaz de ignorar as ordens de Adri, estava claro pela sua lentidão que não queria deixar Cinder sozinha enquanto os medidroides estivessem observando com aqueles sensores amarelos ocos.

– Por que – perguntou Adri, torcendo a toalha de rosto – minha filha mais nova estava no ferro-velho de Taihang District esta noite?

Cinder puxou a correia magnética para si, alinhando-a do ombro ao dedo do pé. Feita do mesmo aço que sua mão e igualmente gasta, parecia uma extensão dela mesma.

– Ela foi comigo para procurar as correias magnéticas. – Cinder respirou fundo. Sua língua parecia ter sido engolida, sua

garganta parecia estar se fechando. – Eu sinto muito mesmo. Eu não... Vi as manchas e chamei o aerodeslizador de emergência. Não sabia o que fazer.

Lágrimas brotaram nos olhos de Adri, brevemente, antes que ela piscasse para fazê-las sumir. Ela baixou a cabeça, olhando para a toalha torcida. Seu corpo se vergou sobre a cornija da lareira.

– Eu não sabia ao certo se você voltaria aqui, Cinder. Esperava receber outra mensagem do sistema de comunicação, dizendo-me que meu pertence também havia sido levado. – Adri jogou os ombros para trás, ergueu o olhar. A fraqueza passara, seus olhos escuros se tornaram mais duros. – Estes medidroides testaram a mim e a Pearl. Nenhuma de nós foi contaminada pela peste.

Cinder começou a assentir, aliviada, mas Adri continuou.

– Diga-me, Cinder. Se Pearl e eu não somos portadoras da doença, de onde Peony a contraiu?

– Eu não sei.

– Você não sabe? Mas você *sabe*, com certeza, do surto no mercado hoje.

Os lábios de Cinder se abriram. É claro. As toalhas. Os medidroides. Elas achavam que Cinder estava infectada.

– Não entendo você, Cinder. Como pôde ser tão *egoísta*?

Ela sacudiu a cabeça em negativa.

– Eles fizeram o teste em mim também, no ferro-velho. Eu não tenho a doença. Não sei como ela foi contaminada. – Ela estendeu o braço, mostrando a ferida inchada na parte de dentro do cotovelo. – Eles podem repetir o exame, se você quiser.

Um dos medidroides deu seu primeiro sinal de vida, jogando luz sobre o pequeno ponto vermelho em que a agulha a havia picado. Mas eles não se moveram, e Adri não os encorajou. Em vez disso, voltou sua atenção para um pequeno porta-retratos digital na cornija da lareira, que exibia fotos de Peony e Pearl na infância. Imagens de sua antiga casa, aquela com o jardim. Fotos com Adri, antes que ela perdesse seu sorriso. Fotos com o pai delas.

– Eu sinto tanto – disse Cinder. – Eu também amo Peony.

Adri apertou a moldura.

– Não me insulte – disse ela, trazendo o dispositivo para junto de si. – Sua espécie ao menos sabe o que é amor? Você pode sentir qualquer coisa, ou é só... programada?

Ela estava falando consigo mesma, mas as palavras feriram. Cinder arriscou um olhar para Pearl, que estava sentada no sofá com o rosto meio escondido atrás dos joelhos, mas não segurava mais a toalha para proteger-se. Quando viu que Cinder olhava para ela, desviou o olhar para o chão.

Cinder flexionou os dedos que seguravam a correia magnética.

– É claro que sei o que é amor. – E tristeza também. Ela desejava poder chorar para provar.

– Bom. Então você entenderá que estou fazendo o que mães fazem para proteger as filhas. – Adri devolveu o porta-retratos digital à cornija da lareira, mas com a tela voltada para baixo. No sofá, Pearl virou o rosto, pressionando a bochecha contra os joelhos.

Um fio de medo se enrolou no estômago de Cinder.

– Adri?

– Há cinco anos você faz parte desta família, Cinder. Cinco anos desde que Garan deixou você para mim. Ainda não sei por que ele o fez, não sei por que se sentiu obrigado a viajar para a Europa, de todos os lugares, para encontrar alguma... mutante de quem cuidar. Ele nunca me explicou a razão. Talvez explicasse algum dia. Mas eu nunca quis você. Você sabe disso.

Cinder torceu os lábios. Os medidroides sem expressão olhavam para ela.

Ela sabia, mas nunca pensara que Adri seria tão objetiva.

– Garan queria que eu cuidasse de você, portanto fiz meu melhor. Mesmo quando ele morreu, mesmo quando o dinheiro acabou, mesmo quando... tudo desmoronou. – A voz dela falhou, e ela pressionou a palma da mão firmemente na boca. Cinder viu os ombros dela tremerem, ouviu os curtos arquejos enquanto tentava engolir os soluços. – Mas Garan concordaria. Peony vem primeiro. *Nossas meninas vêm primeiro.*

Cinder se sobressaltou por causa de sua voz exaltada. Podia ouvir a justificativa no tom de Adri. A determinação.

Não me deixe com essa coisa.

Ela encolheu os ombros.

– Adri...

– Se não fosse por você, Garan ainda estaria vivo. E Peony...

– Não, não é culpa minha. – Cinder viu de relance algo branco: Iko vagava lentamente no corredor, incerta. Seu sensor estava quase preto.

Cinder procurou por sua voz. Seu pulso estava latejando, pontos brancos sumiam e apareciam em sua visão. Um alerta vermelho piscou no canto de seu olho – era uma recomendação para que se acalmasse.

– Eu não pedi para ser feita assim. Não pedi nem a você, nem a ninguém que me adotasse. Isso não é culpa minha!

– Também não é culpa minha! – atacou Adri, dando um tapa no netscreen, que se soltou do suporte. Ele caiu e se quebrou, levando duas placas em homenagem aos feitos de seu marido junto. Lascas de plástico ricochetearam pelo tapete gasto.

Cinder pulou para trás, mas a agitação se desfez tão rápido quanto aflorou. A respiração furiosa de Adri já estava se acalmando. Ela era sempre tão cuidadosa em não perturbar os vizinhos... Em não ser notada. Em não causar uma comoção. Em não fazer nada que pudesse arruinar sua reputação. Mesmo agora.

– Cinder – disse Adri, esfregando os dedos na toalha como se pudesse apagar a perda momentânea de controle. – Você irá com esses medidroides. Não faça cena.

Ela perdeu o chão.

– O quê? Por quê?

– Porque todos temos a missão de fazer o que pudermos, e você sabe que a demanda por... sua espécie é alta. Especialmente agora. – Ela parou. Seu rosto ficou vermelho e manchado. – Ainda podemos ajudar Peony. Eles só precisam de ciborgues para encontrar a cura.

– Você me inscreveu como voluntária na pesquisa da peste? – Sua boca mal podia formular as palavras.

– O que *mais* eu poderia fazer?

A boca de Cinder se abriu tanto que seu maxilar parecia pendurado. Ela sacudiu a cabeça, estupefata, enquanto os três sensores amarelos se focavam nela.

– Mas... ninguém sobrevive aos testes. Como você pôde...

– Ninguém sobrevive à *peste*. Se você se importa com Peony tanto quanto diz, fará o que digo. Se não fosse tão egoísta, teria se tornado voluntária depois de deixar a feira hoje, antes de vir para cá e arruinar minha família. De novo.

– Mas...

– Levem-na. Ela é toda sua.

Cinder estava chocada demais para se mover quando o androide mais próximo ergueu um escâner para o pulso dela. Ele bipou e ela se encolheu.

– Linh Cinder – disse o androide em uma voz metálica –, seu sacrifício voluntário é admirado e apreciado por todos os cidadãos da Comunidade Oriental. Um pagamento será feito a seus entes queridos como demonstração de gratidão por sua contribuição para nossos estudos em andamento.

Sua mão segurou ainda mais firme a correia magnética.

– Então é *disso* que realmente se trata, não é? Você não se importa com Peony nem comigo. Só quer seu pagamento absurdo.

Os olhos de Adri se arregalaram, as têmporas esticando-se no crânio.

Ela cruzou a sala com dois passos e estapeou o rosto de Cinder. Ela se chocou contra o batente da porta e pôs uma das mãos na bochecha.

– Levem-na – disse Adri. – Tirem-na da minha frente.

– Eu não sou voluntária. Vocês não podem me levar contra minha vontade.

O androide não se perturbou.

– Fomos autorizados por sua guardiã legal a levá-la sob custódia, usando a força, se necessário.

Cinder dobrou os dedos, pressionando o punho contra o ouvido.

– Você não pode me forçar a ser cobaia dos testes.

– Sim – disse Adri, com respiração entrecortada. – Eu posso. Desde que você esteja sob minha guarda.

– Você não acha realmente que isso salvará Peony, então não finja que é por causa dela. Ela tem *dias*. As chances de eles encontrarem a cura antes...

– Então meu único erro foi ter esperado tempo demais para me livrar de você – disse Adri, correndo a toalha por entre os dedos. – Acredite em mim, Cinder. Você é um sacrifício do qual nunca me arrependerei.

As rodas de um dos medidroides se arrastaram sobre o carpete.

– Você está preparada para nos acompanhar?

Cinder apertou os lábios e baixou a mão. Lançou um olhar para Adri, mas não encontrou solidariedade nos olhos da madrasta. Um novo ódio crescia dentro dela. Alertas piscaram em seu visor.

– Não, não estou.

Cinder girou a correia magnética, golpeando com força o crânio do androide. O robô caiu no chão, as rodas girando no ar.

– Eu não vou. Os cientistas já fizeram o suficiente por mim.

Um segundo androide veio em sua direção.

– Iniciando procedimento 240B: remoção forçada de ciborgue para cobaia de testes.

Cinder sorriu com desdém e acertou o sensor do androide com a ponta da correia magnética, estilhaçando as lentes e empurrando-o pelas costas.

Ela se virou para encarar o último androide, já pensando em como fugiria do apartamento. Perguntava-se se seria muito arriscado chamar um aerodeslizador. Imaginava onde poderia encontrar uma faca para remover seu chip identificador, porque, de outra forma, com certeza seria rastreada. Será que Iko seria rápida o bastante para segui-la? Será que suas pernas poderiam levá-la até a Europa?

O medidroide se aproximou muito rápido. Ela cambaleou, mudando a trajetória da correia magnética, mas as mãos metálicas em forma de pinça do androide agarraram o seu pulso antes. Eletrodos foram ligados. Eletricidade percorreu o sistema nervoso de Cinder. A voltagem sobrecarregou sua instalação elétrica. Os lábios de Cinder se abriram, mas o grito ficou preso no fundo da garganta.

Ela largou a correia magnética e despencou no chão. Alertas vermelhos piscaram por todo o seu visor até que, em um ato de autopreservação de ciborgue, seu cérebro a forçou a se desligar.

CAPÍTULO

Sete

O DR. DIMITRI ERLAND ARRASTOU O DEDO PELO TABLET, ESCALOU registros do paciente. Homem. Trinta e dois anos. Tinha um filho, mas não havia menção a uma esposa. Desempregado. Transformado em ciborgue depois de um acidente de trabalho que o debilitara, havia três anos. Sem dúvida gastara quase todas as economias na cirurgia. Viera de Tóquio.

Tantas coisas contra ele, e o dr. Erland não podia explicar isso a ninguém. Pressionando a língua entre os dentes, zombou de seu desapontamento.

– Qual a sua opinião, doutor? – perguntou a assistente do dia, uma garota de pele escura cujo nome ele nunca lembrava e que era mais alta do que ele pelo menos dez centímetros. Ele gostava de encarregá-la de tarefas que a mantinham sentada ao trabalhar.

O dr. Erland encheu os pulmões lentamente, e em seguida soltou o ar de uma só vez, mudando a tela para o diagrama mais relevante do corpo do paciente. Ele tinha uma mera composição de 6.4% – seu pé direito, alguma instalação elétrica e um painel de controle do tamanho de uma unha embutido na coxa.

– Muito velho – disse ele, arremessando o tablet na bancada de trabalho diante da janela de observação. Do outro lado do vidro,

o paciente estava deitado em uma mesa de laboratório. Parecia tranquilo, exceto pelos dedos que batucavam loucamente nas almofadas de plástico. Seus pés estavam descalços, mas um enxerto de pele cobria a prótese.

– Muito velho? – disse a assistente. Ela se levantou e veio até a janela, agitando seu próprio tablet para ele. – Trinta e dois é muito velho agora?

– Não podemos usá-lo.

Ela fez uma expressão desapontada.

– Doutor, esta será a sexta cobaia dispensada pelo senhor este mês. Não podemos nos dar o luxo de continuar fazendo isso.

– Ele tem uma criança. Um filho. É o que diz bem aqui.

– Sim, um filho que poderá jantar hoje à noite porque seu papai foi sortudo o bastante por preencher os requisitos dos nossos testes.

– Por preencher os requisitos? Com uma taxa de 6,4%?

– É melhor do que testar em pessoas. – Ela largou o tablet ao lado de uma pilha de placas de petri. – Você realmente quer dispensá-lo?

Dr. Erland olhou para o interior da sala de quarentena, um rosnado zumbindo no fundo de sua garganta. Jogando os ombros para trás, puxou o jaleco para baixo.

– Ponha-o no grupo de placebo.

– Pla... mas ele não está doente!

– Sim, mas se não dermos nada a ele, a tesouraria questionará o que está fazendo aqui. Agora, dê um placebo a ele e faça um relatório para que possa seguir seu caminho.

A garota bufou e foi buscar um tubo etiquetado na prateleira.

– E o que nós *estamos* fazendo aqui?

Dr. Erland ergueu um dedo, mas a garota lançou um olhar tão irritado para ele que se esqueceu do que ia dizer.

– Qual é o seu nome mesmo?

Ela revirou os olhos.

– Honestamente. Eu só sou sua assistente todas as segundas-feiras nos últimos quatro meses.

Ela deu as costas a ele, sua longa trança preta batendo no quadril. Dr. Erland franziu o cenho enquanto olhava para a trança, observando seu movimento para cima, enrolando-se em si mesma. Uma cobra negra e brilhante empinando a cabeça. Sibilando para ele. Pronta para atacar.

Ele fechou os olhos com força e contou até dez. Quando os abriu de novo, a trança era só uma trança. Cabelo preto brilhante. Inofensivo.

Tirando o chapéu, dr. Erland passou a mão pelo cabelo, cinzento e consideravelmente menos espesso do que o de sua assistente.

As visões estavam piorando.

A porta do laboratório se abriu.

– Doutor?

Ele se sobressaltou e enfiou o chapéu de volta na cabeça.

– Sim? – respondeu, pegando seu tablet. Li, outro assistente, pousou a mão na maçaneta. Dr. Erland sempre gostara de Li, que também era alto, mas não tanto quanto a garota.

– Há uma voluntária aguardando na 6D – disse Li. – Alguém que trouxeram ontem à noite.

– Uma voluntária? – disse a garota. – Faz tempo que não temos uma dessas por aqui.

Li tirou um tablet do bolso superior do jaleco.

– Ela é jovem, uma adolescente. Não fizemos o diagnóstico ainda, mas acho que terá uma taxa bem alta. Não tem enxerto de pele.

Dr. Erland empertigou-se, coçando a têmpora com o canto do tablet.

– Você disse adolescente? Que... – Ele se esforçou para encontrar uma descrição apropriada. *Incomum? Coincidência? Sorte?*

– Suspeito – disse a garota, a voz baixa. O dr. Erland se virou, vendo-a carrancuda e encarando-o.

– Suspeito? O que você está dizendo?

Ela se abaixou no canto da bancada, diminuindo a altura até o nível dos olhos dele, mas ainda parecia intimidadora com os braços cruzados e uma cara fechada e insensível.

– Que você está sempre querendo encaminhar para o grupo de placebo os ciborgues masculinos que chegam, mas se anima no mesmo instante que ouve falar de uma garota, especialmente as mais *jovens*.

Ele abriu a boca, fechou-a, e em seguida começou de novo.

– Quanto mais jovem, mais saudável – respondeu. – Quanto mais saudável, menos complicações teremos. E não é *minha* culpa que o recrutamento continue selecionando garotas.

– Menos complicações. Tudo bem. De qualquer forma, elas vão morrer.

– Sim, bem. Agradeço seu otimismo. – Ele gesticulou para o homem no outro lado do vidro. – Placebo, por favor. Junte-se a nós quando terminar.

Ele saiu do laboratório, Li ao seu lado, e, com a mão em forma de concha sobre a boca, perguntou:

– Qual é mesmo o nome dela?

– Fateen?

– Fateen! Nunca consigo me lembrar. Qualquer dia desses, esquecerei meu próprio nome.

Li deu um risinho discreto, e o dr. Erland sentiu-se bem por ter feito a piada. As pessoas toleram melhor um homem idoso que está perdendo a memória se de vez em quando ele trata o assunto com humor.

O corredor estava vazio, exceto pelos dois medidroides parados próximo à escadaria, aguardando ordens. Era uma caminhada curta até o laboratório 6D.

O dr. Erland puxou uma caneta de detrás da orelha e bateu a ponta no tablet, baixando a informação que Li lhe enviara. O perfil da nova paciente se abriu.

LINH CINDER, MECÂNICA LICENCIADA

ID # 0097917305

**NASCIDA EM 29 NOV. 109 TERCEIRA
ERA**

O APARIÇÕES NA MÍDIA

RESIDENTE EM NOVA PEQUIM,
COMUNIDADE DAS NAÇÕES ORIENTAIS.
SOB A GUARDA DE LINH ADRI.

Li abriu a porta para o laboratório. Enfiando a caneta atrás da orelha novamente, dr. Erland entrou na sala com os dedos contraídos.

A garota estava deitada na mesa do outro lado da janela de observação. A sala estéril de quarentena estava tão clara que ele teve que semicerrar os olhos para enxergar. Um medidroide tampava um frasco plástico cheio de sangue e depositava-o no conduto, enviando-o para o laboratório.

As mãos e pulsos da garota haviam sido amarrados com tiras de metal. Sua mão esquerda era de aço, embaciada e escura entre as articulações, como se precisasse de uma boa limpeza. As pernas da calça haviam sido enroladas até a altura das panturrilhas, revelando uma perna humana e outra sintética.

– Ela já está ligada? – perguntou ele, deslizando o tablet para o bolso do casaco.

– Ainda não – disse Li. – Mas olhe pra ela.

O dr. Erland grunhiu, reprimindo a frustração.

– Sim, a taxa dela deve ser impressionante. Mas não é da melhor qualidade, é?

– Talvez não externamente, mas você devia ver o sistema elétrico dela. Autocontrole e sistema nervoso de quarta geração.

Dr. Erland ergueu uma sobrancelha, mas logo a abaixou.

– Ela foi desobediente?

– Os medidroides tiveram dificuldade para apreendê-la. Ela acertou em cheio dois deles com uma... correia, ou algo assim, antes que eles pudessem sobrecarregar o seu sistema com eletricidade. E ela havia passado a noite toda fora.

– Mas ela é voluntária?

– A guardiã legal dela a tornou voluntária. Ela desconfia que a paciente já tenha tido contato com a doença. Uma irmã, trazida ontem.

O dr. Erland puxou o microfone pela mesa.

– Acorda, acorda, bela adormecida – cantarolou, batucando no vidro.

– Eles a atordoaram com 200 volts – disse Li. – Mas acho que ela deve voltar a si a qualquer minuto.

O dr. Erland enfiou os polegares nos bolsos do casaco.

– Bem. Não precisamos que ela esteja consciente. Vamos em frente e comecemos logo.

– Ah, que bom – disse Fateen no corredor. Os saltos de seu sapato retiniram contra o chão de ladrilhos quando ela entrou no laboratório. – Fico feliz que você tenha achado uma que se encaixa nos seus padrões.

O dr. Erland pressionou um dedo contra o vidro.

– Jovem – disse ele, mirando o brilho metálico das coxas da garota. – Saudável.

Com um sorriso de desdém, Fateen tomou um assento diante de uma tela que projetava os registros do ciborgue.

– Se trinta e dois anos é velho e decrepito, o que isso faz de você, coroa?

– Muito valioso no mercado de antiguidades. – O dr. Erland baixou os lábios até o microfone. – Med? Prepare o medidor de taxas, por favor.

CAPÍTULO

Oito

ELA ESTAVA DEITADA EM UMA PIRA CREMATÓRIA, COM BRASAS ES embaixo de suas costas. Chamas. Fumaça. Bolhas borbulhando em sua pele. Sua perna e mão haviam sumido, deixando tocos nos lugares em que os cirurgiões haviam instalado as próteses. Fios sem função dependurados. Ela tentou rastejar, mas seu esforço era tão inútil quanto o de uma tartaruga com o casco para baixo. Ela esticou a outra mão, tentando se arrastar para fora do fogo, mas a cama de brasas se alongava até o horizonte.

Tivera esse sonho antes, uma centena de vezes. Contudo, daquela vez era diferente.

Em vez de estar sozinha, como costumava acontecer, estava cercada. Outras vítimas aleijadas se contorciam ao longo das brasas, gemendo, suplicando por água. Faltavam membros a todas elas. Algumas não eram nada além de uma cabeça, um torso e uma boca que suplicava sem parar. Cinder se encolheu para longe delas, notando nódoas azuladas em suas peles. Os pescoços delas, suas coxas amputadas, os pulsos encolhidos.

Ela viu Peony. Gritando. Acusando Cinder. Cinder fizera aquilo com ela. Trouxera a peste à família. Era tudo culpa de Cinder.

Cinder abriu a boca para implorar por perdão, mas parou quando olhou para sua mão boa. A pele estava coberta por

manchas azuladas.

O fogo começou a derreter a pele doente, revelando metal e fios sob a carne.

Ela cruzou o olhar com o de Peony de novo. Sua irmã abriu a boca, mas sua voz soou estranha, profunda.

– Prepare o medidor de taxa, por favor.

As palavras zumbiram como abelhas nos ouvidos de Cinder. Seu corpo levou um choque, mas ela não conseguia se mover. Os membros estavam muito pesados. O cheiro de fumaça se demorou em suas narinas, mas o calor das chamas estava diminuindo, deixando suas costas doídas e queimadas. Peony desapareceu. O buraco das brasas derreteu no chão.

Um texto verde rolou pelo canto superior do visor de Cinder.

Em meio à escuridão, ela ouviu o ruído familiar de rodas de androide. Iko?

**VERIFICAÇÃO DE DIAGNÓSTICO
COMPLETA. TODOS OS SISTEMAS
ESTÃO ESTABILIZADOS. REINICIANDO
EM, 3... 2... 1...**

Algo retiniu acima da sua cabeça. O zumbido de eletricidade. Cinder sentiu seu dedo se contrair, o mais próximo que seu corpo era capaz de recuar.

A escuridão começou a se amornar e um sutil brilho avermelhado surgiu além de suas pálpebras.

Ela forçou os olhos a se abrirem, semicerrando-os por causa das fortes luzes fluorescentes.

– Ah! Julieta acordou!

Fechou os olhos de novo, deixando-os se ajustarem. Tentou trazer a mão até eles para cobri-los, mas algo a prendia.

Pânico percorreu seus nervos. Ela abriu os olhos de novo e virou a cabeça, endireitando-se para ver quem havia falado.

Um espelho preenchia a parede. Seu próprio rosto a encarava com olhar selvagem. Seu rabo de cavalo estava uma bagunça: frouxo, embaraçado, precisando de uma lavagem. Sua pele estava pálida demais, quase transparente, como se a voltagem tivesse drenado mais do que somente sua energia.

Eles haviam tirado suas luvas e botas, e enrolado as pernas da calça para cima. Ela não olhava para uma garota no espelho, mas para uma máquina.

– Como está se sentindo, senhorita, hum... srta. Linh? – perguntou uma voz desencarnada com um sotaque que ela não conseguia identificar. Europeu? Americano?

Ela umedeceu os lábios ressecados e ergueu o pescoço para ver o androide atrás dela. Estava inquieto na beira da bancada, segurando uma pequena máquina, em meio a uma dúzia de outras. Equipamentos médicos. Brinquedinhos cirúrgicos. Suprimentos para procedimentos intravenosos. Agulhas. Cinder percebeu que estava ligada a uma das máquinas por sensores no peito e na testa.

Uma tela pendurada na parede à direita exibia seu nome e o número de identificação. Fora isso, a sala estava vazia.

– Se você ficar quieta e cooperar, não tomaremos muito de seu tempo – disse a voz.

Cinder fechou a cara.

– Muito engraçado – disse ela, fazendo força para esticar as amarras de metal. – Eu não me inscrevi. Não me tornei voluntária para esses testes idiotas.

Silêncio. Algo bipou atrás dela. Ao olhar para cima, viu um androide puxando dois instrumentos em forma de pinça ligados por cabos finos a uma máquina. Um calafrio percorreu sua espinha.

– Mantenha essa coisa longe de mim.

– Isso não doerá nada, srta. Linh.

– Não me importo. Fique longe da minha cabeça. Não sou um de seus voluntários lêmingues.

A voz falou num tom mais agudo.

– Tenho aqui a assinatura de uma sra. Linh Adri. Você deve conhecê-la, não?

– Ela não é minha mãe, só... – Seu coração deu uma guinada.

– Sua guardiã legal?

A cabeça de Cinder fez um baque ao bater na mesa de exames acolchoada. A toalha hospitalar se enrugou embaixo dela.

– Isso não está certo.

– Não se aflija, srta. Linh. Você presta um grande serviço a seus companheiros cidadãos estando aqui.

Ela olhou para o espelho, na esperança de estar encarando o idiota que se encontrava do outro lado.

– Ah, é? E o que foi que eles já fizeram por mim?

Em vez de responder, ele simplesmente disse:

– Med, por favor, prossiga.

Rodas deslizaram na direção dela. Cinder se encolheu, torcendo o pescoço em um esforço para evitar as pinças geladas, mas o androide segurou seus cabelos com uma força mecânica e forçou sua bochecha direita contra a toalha hospitalar. Ela mexeu com força os braços e as pernas, mas foi inútil.

Talvez, se ela resistisse o bastante, eles a dopassem de novo. Não sabia se isso seria melhor ou pior, mas a recordação da cova com brasas ardentes deteve sua luta.

Seu coração galopava enquanto o androide soltava a tranca atrás de sua cabeça. Ela fechou os olhos, tentando imaginar-se em qualquer outro lugar que não fosse aquela sala fria e estéril. Não queria pensar nas duas pinças de metal sendo inseridas em seu painel de controle – seu cérebro –, mas era impossível não refletir sobre elas ao ouvi-las sendo manobradas para a posição inicial.

Náusea. Ela sentiu a bile na boca e a engoliu.

Ouviu o clique das pinças. Não conseguia sentir nada – não havia terminações nervosas –, mas um estremecimento a atravessou, arrepiando seus braços. Seu visor de retina informou que agora ela estava conectada ao **DETECTOR DE TAXA 2.3.**

ESCANEANDO... 2%... 7%... 16%...

A máquina operava na mesa atrás dela. Cinder imaginou uma súbita corrente elétrica percorrendo suas fiações. Ela a sentiu

principalmente nos pontos em que sua pele encontrava o metal, um formigamento onde a corrente sanguínea fora interrompida.

63%...

Cinder cerrou a mandíbula. Alguém estivera lá antes – em sua mente. Um fato nunca esquecido, sempre ignorado. Algum cirurgião, algum estranho, abrindo seu crânio e inserindo seu sistema de fios e condutores enquanto ela estava estendida, indefesa, diante deles. Alguém alterara seu cérebro. Alguém a alterara.

78%...

Ela engasgou com o grito que tentava efervescer de dentro dela. Era indolor. Indolor. Mas alguém estava em sua cabeça. Dentro dela. Uma invasão. Uma violação. Ela tentou se esquivar, mas o androide a segurou com firmeza.

– *Saia!* – O grito ecoou de volta para ela pelas paredes frias.

ESCANEAMENTO CONCLUÍDO.

O medidroide desconectou as tomadas. Cinder estava deitada e tremendo, seu coração pressionando o tórax.

O medidroide não se deu o trabalho de fechar o painel na parte de trás de sua cabeça.

Cinder odiou aquilo. Sentiu ódio de Adri. Odiou a voz louca que vinha de trás do espelho. Odiou os desconhecidos que a transformaram naquilo.

– Obrigada por essa colaboração formidável – disse a voz sem corpo. – Levaremos apenas um minuto para registrar o que há de

cibernético em você e depois prosseguiremos. Por favor, sintase em casa.

Cinder o ignorou, o rosto virado para o espelho. Era um daqueles raros momentos em que se sentia grata por não ter canais lacrimais. De outra forma, tinha certeza de que estaria choramingando, e se odiaria ainda mais por isso.

Ainda podia ouvir as vozes nos alto-falantes, mas suas palavras consistiam em um linguajar científico que ela não entendia. O medidroide zanzava atrás dela, afastando o medidor de taxa. Preparando seu próximo instrumento de tortura.

Cinder abriu os olhos. A tela na parede havia mudado, não mostrava mais as estatísticas de sua vida. O seu número de identificação ainda estava na parte superior, servindo de cabeçalho para uma imagem holográfica.

De uma garota.

Uma garota cheia de fios.

Era como se alguém a tivesse partido ao meio, separando sua metade anterior da posterior, e em seguida colocado a imagem desenhada em um livro de medicina. Seu coração, seu cérebro, seus intestinos, seus músculos, suas veias azuis. O painel de controle, a mão e a perna sintéticas, fios que seguiam espinha abaixo a partir do crânio até os membros protéticos. O tecido cicatrizado era uma mistura de carne e metal. Um pequeno quadrado escuro em seu pulso – seu chip de identificação.

Mas essas coisas ela sabia que estavam lá. Essas coisas ela esperava.

Não sabia da existência da vértebra de metal ao longo de sua espinha, nem das quatro costelas de metal, nem do tecido sintético ao redor de seu coração, nem das talas de metal nos ossos de sua perna direita.

Na parte inferior da tela surgiu uma informação:

TAXA: 36,28%

Ela era 36,28% inumana.

– Obrigado por sua paciência – disse a voz, sobressaltando-a. – Como você sem dúvida deve ter notado, é um exemplar e tanto da ciência moderna, senhorita.

– Me deixe em paz – sussurrou ela.

– O que vai acontecer agora é que o medidroide injetará em você uma solução composta de um décimo de micróbios da letumose. Eles foram marcados magneticamente, e aparecerão verde-brilhante no diagrama holográfico, em tempo real. Uma vez que seu corpo tenha entrado no primeiro estágio da doença, seu sistema imunológico reagirá e tentará destruir os micróbios, sem sucesso. Seu corpo então processará o segundo estágio da doença, que é, obviamente, aquele em que é possível observar as manchas em sua pele. Neste ponto, injetaremos em você nossa mais recente combinação de anticorpos, o que, se formos bem-sucedidos, incapacitará de modo permanente os patógenos. Abracadabra, você voltará para casa a tempo do jantar. Está pronta?

Cinder olhou fixamente para a holografia e se imaginou assistindo à própria morte. Em tempo real.

– Quantas combinações de anticorpos vocês já experimentaram?

– Med?

– Vinte e sete – disse o medidroide.

– *Mas* – disse a voz de fora – as cobaias estão morrendo cada vez mais lentamente.

Cinder amassou o lenço de papel entre as pontas dos dedos.

– Acredito que estejamos todos prontos. Med, por favor, comece com a seringa A.

Algo retiniu na mesa, e em seguida o androide estava ao seu lado. Um painel se abriu no torso do robô, revelando um terceiro braço que terminava em uma seringa, semelhante a aqueles dos andróides de emergência.

Cinder tentou se esquivar, mas não tinha para onde ir. Imaginou a voz sem rosto do outro lado do espelho, observando, rindo de suas tentativas vãs de resistência, ficou imóvel e fez o máximo para se manter assim. Para ser forte. Para não pensar no que estavam fazendo com ela.

As pinças do androide estavam geladas quando seguraram o cotovelo de Cinder, ainda marcado por ter sido picado por uma agulha duas vezes nas últimas doze horas. Ela fez uma careta, os músculos se retesando nos ossos.

– Será mais fácil encontrar uma veia se você relaxar – disse o androide com voz oca.

Cinder contraiu os músculos dos braços até que tremessem. Uma risadinha de desdém saiu dos alto-falantes, como se a voz sem corpo estivesse entretida por sua bizarrice.

O androide estava bem programado. Apesar de sua resistência, a agulha punccionou a veia de Cinder na primeira tentativa. Cinder engasgou.

Um beliscão. Apenas um beliscão. A energia se esvaiu de seu corpo conforme o líquido começava a correr por suas veias.



LIVRO

Dois

Não havia cama para ela, e de noite, quando ela estava exausta de tanto trabalhar, tinha que dormir perto da fonalha, nas cinzas.



CAPÍTULO

Doze

– TRANSMISSÃO DOS HOSPEDEIROS BEM-SUCEDIDA – DISSE LI. – T reações parecem normais. Pressão sanguínea estabilizando. Espera-se que os sinais do estágio dois apareçam cerca de 01:00 da madrugada. – Ele bateu palmas e girou a cadeira a fim de olhar para o dr. Erland e Fateen. – Isso significa que podemos todos ir para casa e cochilar, não é?

O dr. Erland fungou. Passou o dedo na tela diante dele, virando lentamente a holografia da paciente. Vinte pequenas luzes verdes piscavam ao longo da corrente sanguínea, espalhando-se lentamente por suas veias. Mas ele já tinha visto aquilo antes, dezenas de vezes. Era o restante dela que despertava seu interesse agora.

– Você já viu algo parecido com ela? – disse Fateen, postando-se ao lado dele. – Só a venda de seu painel de controle cobrirá toda a indenização à família.

O dr. Erland tentou lançar um olhar indiferente para ela, mas não funcionou porque ele teve que inclinar a cabeça para trás e olhar para cima. Rosnando, ele se afastou e se virou para a holografia. Deu um tapinha no topo da espinha dorsal que brilhava, onde duas vértebras de metal se conectavam, e ampliou

a imagem. O que antes era apenas uma pequena sombra, agora parecia enorme, bem definido.

Fateen cruzou os braços e se inclinou.

– O que é isso?

– Não sei ao certo – respondeu Erland, girando a imagem para obter um ângulo de visão melhor.

– Parece um chip – disse Li, levantando-se para se aproximar deles.

– Na coluna? – perguntou Fateen. – Em que isso a beneficiaria?

– Estou só dizendo que é o que parece. Ou talvez eles tenham cometido algum erro na vértebra e precisaram remendá-la ou algo assim.

Fateen apontou.

– Isso é mais do que um remendo. Dá para ver as reentrâncias aqui, como se estivessem conectadas a... – Hesitou.

Ambos encararam o dr. Erland, cujos olhos seguiam um pequeno ponto verde que acabara de entrar no campo de visão da holografia.

– Como um vagalume selvagem – murmurou ele para si mesmo.

– Doutor – disse Fateen, atraindo a atenção dele novamente –, por que ela teria um chip ligado ao sistema nervoso?

Ele limpou a garganta.

– Talvez – respondeu ele, tirando os óculos do bolso e encaixando-os no nariz – o sistema nervoso dela tenha passado por algum dano traumático.

– De um acidente de aerodeslizador? – perguntou Li.

– Lesões na espinha costumavam ser comuns antes que a navegação coordenada por computador se consagrasse. – O dr. Erland arranhou a tela com a unha, virando a holografia para exibir todo o torso de Cinder. Ele semicerrou os olhos por trás das lentes, os dedos tremulando sobre a imagem.

– O que você está procurando? – perguntou Fateen.

O dr. Erland pousou a mão e olhou para a garota imóvel do outro lado da janela.

– Está faltando alguma coisa.

O tecido cicatrizado em volta do pulso dela. O brilho fraco do pé sintético. A graxa sob as pontas dos dedos.

– O quê? – perguntou Li. – O que está faltando?

O dr. Erland se aproximou da janela e pressionou a palma suada na bancada.

– Um pequeno vagalume verde.

Atrás dele, Li e Fateen trocaram olhares, antes de se virarem novamente para a holografia. Cada um começou sua contagem, ele silenciosamente, ela em voz alta, mas Fateen parou no número doze com um engasgo.

– Um simplesmente desapareceu – disse ela, apontando para um lugar vazio na coxa direita da menina. – Um micróbio, estava bem aqui, eu estava olhando bem para ele, e agora desapareceu.

Enquanto observavam, dois outros pontos brilharam e desapareceram, como lâmpadas queimadas.

Li pegou seu tablet em uma mesa e bateu os dedos nele.

– O sistema imunológico dela está frenético.

O dr. Erland se inclinou na direção do microfone.

– Med, por favor, colha outra amostra de sangue. Rápido.

A garota despertou ao som da voz dele.

Fateen aproximou-se dele na janela.

– Ainda não lhe demos nenhum antídoto.

– Não.

– Então como...

O dr. Erland roeu a unha do polegar para diminuir a onda de vertigem.

– Preciso pegar aquela primeira amostra de sangue – disse ele, se afastando, temendo tirar os olhos da garota ciborgue. – Quando todos os micróbios desaparecerem, levem-na ao laboratório quatro.

– O laboratório quatro não está preparado para a quarentena – disse Li.

– De fato. Ela não será mais contagiosa. – O dr. Erland estalou os dedos, a meio caminho da porta. – E talvez possamos pedir ao medidroide que a desamarre.

– Desamarrar. – O rosto de Fateen se contorceu sem acreditar. – Você tem certeza de que é uma boa ideia? Ela foi agressiva com os medidroides, lembra?

Li cruzou os braços.

– Ela está certa. Eu não gostaria de estar do outro lado daquele pulso se ela ficasse com raiva.

– Nesse caso, você não tem nada a temer – disse o dr. Erland. – Vou me encontrar com ela a sós.

CAPÍTULO

Dez

CINDER DESPERTOU QUANDO A VOZ MISTERIOSA PREENCHEU novamente, solicitando outra amostra de sangue do cordeiro sacrificado. Ela olhou para o espelho, ignorando o medidroide que preparava uma nova agulha com eficiência robótica.

Ela se forçou a engolir, umedecendo a garganta.

– Quanto tempo até eu receber o suposto antídoto?

Esperou, mas não houve resposta. O androide prendeu suas garras metálicas em volta do braço dela. Ela se encolheu com o contato do metal gelado, e de novo conforme a agulha picava seu cotovelo dolorido.

A ferida duraria dias.

Então ela se lembrou de que amanhã estaria morta. Ou quase.

Como Peony.

Seu estômago se revirou. Talvez Adri estivesse certa. Talvez fosse melhor assim.

Um estremecimento tomou seu corpo. A perna de metal tiniu com força contra as contenções.

Por outro lado, talvez não. Talvez o antídoto funcionasse.

Ela encheu os pulmões com o ar frio e estéril do laboratório e observou a holografia na parede. Dois pontos verdes vagavam em seu pé direito.

O medidroide tirou a agulha e usou uma bola de algodão para estancar o sangramento. O frasco cheio de sangue foi depositado em uma caixa de metal presa à parede.

Cinder bateu a cabeça contra a bancada do laboratório.

– Eu fiz uma pergunta. Antídoto? Vocês vão pelo menos *tentar* salvar minha vida, né?

– Med – disse uma nova voz, feminina. Cinder girou a cabeça para olhar para si mesma no espelho outra vez. – Desconecte a paciente das máquinas de monitoramento e a transfira para o laboratório 4D.

Cinder enterrou as unhas na toalha hospitalar embaixo dela. Laboratório 4D. Era para onde enviavam as pessoas para que pudessem observá-las morrer?

O androide desligou o painel da cabeça dela e removeu os sensores em seu peito. O monitor de batimentos cardíacos foi desligado.

– Alô? – disse Cinder. – Você pode me dizer o que está acontecendo?

Sem resposta. Uma luz verde brilhou ao lado do sensor do androide, e a porta se abriu para o corredor branco e azulejado de uma sala. O medidroide empurrou a maca de exames de Cinder para fora do laboratório, para além do espelho. O corredor estava vazio e cheirava a água sanitária, e uma das rodas da maca fazia o mesmo barulho ritmado das rodas do androide.

Cinder ergueu a cabeça, mas não conseguiu ver o sensor do medidroide.

– Acho que tenho algum óleo guardado na panturrilha, se você quiser consertar essa roda.

O androide permaneceu em silêncio.

Cinder apertou os lábios. Portas brancas e numeradas ficavam para trás.

– O que há no laboratório 4D?

Silêncio.

Cinder batucou com os dedos, ouvindo o farfalhar da toalha hospitalar e a roda que com certeza acabaria enlouquecendo-a. Ela ouviu o som de vozes em algum lugar distante, em outro corredor, e pensou ouvir gritos vindos de trás das portas fechadas. Em seguida uma das portas se abriu, e o androide a empurrou para dentro da sala, que era quase uma cópia da outra, só que sem o espelho de observação.

Cinder foi transferida para outra maca de exames, sobre a qual estava um par de botas e luvas familiares. Depois, para sua surpresa, seus imobilizadores se abriram com um assobio de ar simultâneo.

Ela puxou rapidamente as mãos e os pés para fora dos anéis de metal abertos antes que o androide pudesse perceber que cometera um erro e a prendesse de novo, mas o androide não demonstrou nenhuma reação enquanto se dirigia ao corredor. A porta se fechou atrás dele.

Tremendo, Cinder se sentou e procurou câmeras escondidas pela sala, mas nada lhe pareceu óbvio. Uma bancada ao longo de uma parede contava com o mesmo monitor de batimentos

cardíacos e de taxas que a outra sala tinha. Um netscreen à sua direita permanecia apagado. A porta. Duas mesas de exame. E ela.

Cinder girou as pernas para o lado e pegou suas botas e luvas. Enquanto amarrava a bota esquerda, lembrou-se das ferramentas que guardara na perna antes de deixar o ferrovelho, há o que agora parecia uma eternidade. Ela abriu o compartimento e ficou aliviada ao constatar que não havia sido violado. Respirando para se acalmar, pegou a maior e mais pesada ferramenta que tinha – uma chave inglesa – antes de fechar o compartimento e amarrar a bota.

Com os membros sintéticos cobertos e uma arma na mão, ela se sentiu melhor. Ainda tensa, mas não tão vulnerável quanto antes.

Mais confusa do que nunca.

Por que devolver suas coisas se iam matá-la? Por que levá-la a um novo laboratório?

Ela esfregou a chave inglesa gelada contra o hematoma no cotovelo. Parecia quase uma mancha como a da peste. Cinder a pressionou com o polegar, satisfeita em sentir a leve dor que provava o contrário.

Novamente estudou com meticulosidade a sala à procura de uma câmera, esperando que um pequeno exército de medidroides invadissem o aposento antes que ela pudesse destruir todo o equipamento do laboratório, mas ninguém veio. Não se ouviam pegadas lá fora, no corredor.

Deslizando da maca de exame, Cinder foi até a porta e testou a maçaneta. Trancada. Havia um escâner de identidade inserido

no batente, mas ficou vermelho quando ela estendeu o pulso diante dele. Sinal de que devia ter sido programado para permitir a passagem apenas de pessoas selecionadas.

Ela foi até os arquivos e tentou abrir as gavetas, mas não conseguiu.

Batendo a chave inglesa na coxa, Cinder se virou para o netscreen, que brilhou, uma imagem holográfica saltando para ela. Era sua imagem novamente, o diagrama médico fatiado ao meio.

Ela acertou o abdômen da holografia com a chave inglesa. A imagem piscou, depois voltou ao normal.

Atrás dela, a porta se abriu sibilando.

Cinder girou, escondendo a chave inglesa na lateral do corpo.

Um velho com um boné cinza de entregador de jornal postou-se diante dela, segurando um tablet na mão esquerda e dois frascos cheios de sangue na outra. Ele era mais baixo do que Cinder. Um jaleco branco de laboratório estava pendurado em seus ombros como se ele fosse um esqueleto modelo. Linhas se desenhavam no seu rosto, sugerindo que passara muitos anos analisando com concentração problemas bem difíceis. Mas os olhos dele eram mais azuis do que o céu e, naquele momento, sorriam.

Ele lembrava a ela uma criança salivando por um pão doce grudento.

A porta se fechou.

– Olá, srta. Linh.

Os dedos dela apertaram a chave inglesa com mais força. O sotaque estranho. A voz sem corpo.

– Sou o dr. Erland, o cientista-chefe da equipe real de pesquisadores da letumose.

Ela forçou seus ombros a relaxarem.

– Você não deveria estar usando uma máscara?

Ele ergueu as sobrancelhas cinzentas.

– Por quê? Você está doente?

Cinder trincou os dentes e pressionou a chave inglesa contra a coxa.

– Por que você não se senta? Temos algumas coisas importantes para discutir.

– Ah, *agora* você quer conversar – disse ela, avançando devagar em direção a ele. – Tive a impressão de que você não se importava muito com as opiniões de suas cobaias.

– Você é um pouco diferente dos nossos voluntários habituais.

Cinder fez a mira nele, a arma de metal esquentando na palma da mão.

– Talvez seja porque eu *não seja voluntária*.

Em um movimento fluido, ela ergueu o braço. Mirou a têmpera dele. Viu-o caindo no chão.

Mas parou, com a visão turva. Os batimentos cardíacos se acalmaram, o pico de adrenalina passou antes que seu visor de retina pudesse alertá-la.

Pensamentos invadiram sua mente, agudos e claros em meio ao sentimento de confusão formado em seu cérebro. Ele era simplesmente um velho. Frágil e desamparado. Com os mais

doces e inocentes olhos azuis que ela já vira. Ela não queria lhe fazer mal.

O braço dela tremeu.

A pequena luz laranja se acendeu e, surpresa, ela soltou a chave inglesa. A ferramenta retiniu no chão ladrilhado, mas Cinder estava muito atordoada para se importar com aquilo.

Ele não havia dito nada. Como poderia estar mentindo?

O doutor nem sequer vacilou. Seus olhos expressaram satisfação com a reação de Cinder.

– Por favor – disse ele, indicando com os dedos a mesa de exames. – Você não vai se sentar?

CAPÍTULO

Onze

CINDER PISCOU RAPIDAMENTE, TENTANDO DISPERSAR A NÉVOA cérebro. A luz laranja no canto de sua visão desapareceu – ainda não tinha ideia do que a causara.

Talvez o choque anterior em seu sistema tivesse mexido com a programação.

O doutor passou por ela e gesticulou para a imagem holográfica projetada na tela.

– Sem dúvida você reconhece isto – disse ele, deslizando o dedo ao longo da tela de forma que o corpo girasse preguiçosamente em um círculo. – Deixe eu lhe dizer o que há de peculiar aqui.

Cinder puxou mais a luva, fazendo a bainha cobrir a cicatriz. Ela foi depressa em direção a ele, e, sem querer, chutou a chave inglesa, que bateu na mesa de exame.

– Eu diria que 36,28% é bem peculiar.

Já que o dr. Erland não estava olhando para ela, Cinder se abaixou e pegou a chave inglesa. Parecia mais pesada do que antes. Na verdade, tudo parecia mais pesado. Sua mão, sua perna, sua cabeça.

O doutor apontou para o cotovelo direito da holografia.

– Este é o ponto em que injetamos os micróbios hospedeiros de letumose. Eles foram marcados para que pudéssemos monitorar o progresso em seu corpo. – Ele tirou o dedo, dando um tapinha no lábio. – Agora você vê o que há de peculiar?

– O fato de que não estou morta, e você não parece preocupado em estar na mesma sala que eu?

– Sim, de certa forma. – Ele a encarou, esfregando a cabeça por cima do boné de lã. – Como você pode ver, os micróbios se foram.

Cinder coçou o ombro com a chave inglesa.

– O que você quer dizer?

– Que eles se foram. Desapareceram. Puf. – Ele gesticulou com as mãos, imitando uma explosão.

– Então... eu não estou com a peste?

– Exatamente, srta. Linh. Você não está contaminada.

– E não vou morrer.

– Correto.

– E não sou contagiosa.

– Sim, sim, sim. É uma sensação adorável, não é?

Ela se apoiou na parede. A onda de alívio que a tomou foi seguida por desconfiança. Eles haviam injetado a peste nela, mas agora estava curada? Sem nenhum antídoto?

Parecia uma armadilha, mas a luz laranja não estava em lugar algum. Ele lhe dizia a verdade, não importava o quão inacreditável parecesse.

– Isso já aconteceu antes?

Um sorriso maldoso cruzou o rosto envelhecido do médico.

– Você é a primeira. Tenho algumas teorias sobre como isso pode ser possível, mas preciso fazer mais testes, claro.

Ele abandonou a holografia e foi até a bancada, pousando os dois frascos.

– Essas são suas amostras de sangue, uma tirada antes da injeção, outra depois. Estou *muito* animado para ver quais segredos elas guardam.

Ela correu os olhos para a porta e depois de volta para o doutor.

– Você está dizendo que acha que sou *imune*?

– Estou! É exatamente isso o que parece. Muito interessante. Muito especial. – Ele juntou as mãos. – É possível que você tenha nascido assim. Algo no seu DNA predispôs seu sistema imunológico a combater essa doença em particular. Ou talvez você tenha sido contaminada com uma quantidade muito pequena de letumose no passado, talvez ainda na infância, e seu corpo foi capaz de combatê-la, criando a partir daí a imunidade que você utilizou hoje.

Cinder se encolheu, constrangida pelo olhar ávido dele.

– Você se recorda de algo de sua infância que poderia estar ligado a isso? – continuou ele. – Alguma doença terrível? Algum contato com a morte?

– Não. Bem... – hesitou ela, guardando a chave inglesa em um bolso lateral da calça cargo. – Talvez, acho. Meu padrasto morreu de letumose há cinco anos.

– Seu padrasto. Você sabe onde ele poderia ter contraído a doença?

Ela encolheu os ombros.

– Não sei. Minha mad... minha guardiã, Adri, sempre suspeitou de que ele a tivesse contraído na Europa. Quando me adotou.

As mãos do doutor tremiam, como se a tensão de seus dedos, por si só, evitasse que ele entrasse em combustão.

– Então você é da Europa.

Ela assentiu, sem muita certeza. Era estranho pensar que nascera em um lugar do qual não tinha memória alguma.

– Você se recorda de haver muita gente doente lá na Europa? Algum surto importante na sua província?

– Não sei. Não me lembro, na verdade, de nada de antes da cirurgia.

As sobrancelhas dele se ergueram, seus olhos azuis absorvendo toda a luz do ambiente.

– A operação cibernética?

– Não, a de mudança de sexo.

O sorriso do doutor se esvaiu.

– Estou brincando.

O dr. Erland retomou sua compostura.

– O que quer dizer quando fala que não se lembra de nada?

Cinder soprou um cacho de cabelo para longe do rosto.

– Simplesmente isso. Aconteceu alguma coisa quando eles instalaram a interface do cérebro... algum dano à minha... você sabe, seja lá o que for. A parte do cérebro que se lembra das coisas.

– O hipocampo.

– Deve ser.

– E quantos anos você tinha?

– Onze.

– Onze. – Ele soltou a respiração depressa. Seu olhar disparou casualmente, como se a razão para sua imunidade estivesse escrita ali. – Onze. Por causa de um acidente de aerodeslizador, não foi?

– Foi.

– Acidentes de aerodeslizador são praticamente impossíveis hoje em dia.

– Até que algum idiota remova o sensor de colisão, tentando fazer com que ele vá mais rápido.

– Mesmo assim, alguns inchaços e feridas não justificariam a quantidade de reparos que foram feitos em você.

Cinder batucou no quadril com os dedos. *Reparos* – que termo bem apropriado para um ciborgue.

– Sim, bem, o acidente matou meus pais e me arremessou através do para-brisa. O impacto expulsou o aerodeslizador dos trilhos do trem de alta velocidade. Ele capotou algumas vezes, e fiquei presa embaixo dele. Depois alguns dos ossos da minha perna adquiriram a consistência de serragem. – Ela parou de falar, brincando com as luvas. – Pelo menos, foi o que me falaram. Como eu disse, não me lembro de nada.

Ela apenas se lembrava muito vagamente de um entorpecimento induzido por drogas, seus pensamentos sem consistência. E depois, o sofrimento. Cada músculo queimando. Cada articulação gritando. Seu corpo se rebelando como se tivesse descoberto o que lhe fora feito.

– Você tem alguma dificuldade em reter memórias desde então, ou em formar novas?

– Não que eu saiba. – Ela o fitou. – Isso é relevante?

– É fascinante – respondeu o dr. Erland, esquivando-se da pergunta. Ele pegou o tablet e fez uma anotação. – Onze anos – murmurou de novo, e então: – Você deve ter tido uma enorme quantidade de membros protéticos até chegar a esses.

Cinder torceu os lábios. Ela *deveria* ter tido uma enorme quantidade de membros, mas Adri se recusara a pagar por novas partes para a aberração que era sua enteada. Em vez de responder, ela fixou os olhos na porta, e em seguida nos frascos repletos de sangue.

– Então... estou livre para partir?

Os olhos do dr. Erland faiscaram como se tivessem sido feridos pela pergunta.

– Partir? Srta. Linh, você deve ter consciência do quão importante se tornou com essa descoberta.

Os músculos dela se contraíram, os dedos percorrendo as linhas ásperas da chave inglesa no bolso.

– Então ainda sou prisioneira. Só que agora sou valiosa.

A expressão dele se suavizou, e ele enfiou o tablet em algum lugar fora de vista.

– Isso é muito mais do que você pode mensurar. Você não tem ideia de como é importante... não imagina seu valor.

– E o que acontece agora? Você vai injetar mais dessas doenças letais em mim, para ver como meu corpo reage?

– Nossa, não. Você é preciosa demais para que a matem os.

– Você não estava dizendo exatamente isso há uma hora.

O olhar do dr. Erland se desviou para a holografia, a testa enrugada como se estivesse pensando nas palavras dela.

– As coisas agora são bem diferentes do que eram há uma hora, srta. Linh. Com sua ajuda, podemos salvar centenas de milhares de vidas. Se você for o que acho que é, poderíamos... bem, poderíamos, para começar, interromper os testes com ciborgues. – Ele encostou o punho na boca. – Além disso, pagaríamos a você, é claro.

Pendurando os polegares nos passadores de cinto da calça, Cinder se apoiou na bancada em que estavam todas as máquinas que pareciam tão ameaçadoras antes.

Ela era imune.

Ela era *importante*.

O dinheiro era tentador, é claro. Se ela pudesse provar sua autossuficiência, seria capaz de anular a guarda legal de Adri sobre ela. Poderia comprar sua liberdade.

Mas mesmo essa perspectiva se desbotou quando pensou em Peony.

– Você realmente acha que posso ajudar?

– Acho. Na verdade, acho que cada pessoa na Terra pode, dentro em breve, ser imensamente grata a você.

Ela engoliu em seco e subiu na mesa de exame, dobrando ambas as pernas debaixo de si.

– Tudo bem, desde que esclareçamos tudo. Agora eu estou aqui como voluntária, o que significa que posso desistir na hora que quiser. Sem perguntas e sem discussões.

A face do doutor se iluminou, os olhos brilhando como lanternas entre as rugas.

– Sim. Absolutamente.

– E espero pagamento, como você disse, mas preciso de uma conta à parte. Algo a que minha guardiã legal não tenha acesso. Não quero que ela tenha ideia de que concordei em fazer isso, ou que possa, de alguma forma, pôr as mãos no dinheiro.

Para a surpresa dela, ele não hesitou.

– É claro.

Ela respirou fundo para se acalmar.

– E mais uma coisa. Minha irmã. Ela foi levada para a quarentena ontem. Se você realmente encontrar um antídoto, ou qualquer coisa que talvez pareça ser um, quero que ela seja a primeira a tomá-lo.

Desta vez, o olhar do doutor vacilou. Ele se virou e caminhou em direção à holografia, esfregando de cima para baixo as mãos na parte da frente do jaleco.

– Isso eu temo não poder prometer.

Ela apertou os punhos.

– Por que não?

– Porque o imperador deve ser o primeiro a receber o antídoto. – Suas pálpebras enrugaram-se com simpatia. – Mas eu *posso* prometer que sua irmã será a segunda.

CAPÍTULO

Doze

O PRÍNCIPE KAI ASSISTIU PELO VIDRO ENQUANTO O MEDIDROII

uma agulha intravenosa no braço de seu pai. Apenas cinco dias haviam se passado desde que o imperador mostrara os primeiros sinais da febre azul, mas parecia uma vida inteira. Anos de preocupação e angústia comprimidos em tão poucas horas.

O dr. Erland uma vez lhe contara sobre uma antiga crença de que coisas ruins sempre vinham em grupos de três.

Primeiro, seu androide Nainsi tinha quebrado antes que pudesse comunicar suas descobertas.

E agora seu pai estava doente, e não havia esperança de que sobrevivesse.

O que aconteceria a seguir? O que poderia ser pior do que isso? Talvez os lunares declarassem guerra.

Ele se encolheu, querendo apagar aquele pensamento.

Konn Torin, conselheiro de seu pai e o único outro humano que tinha permissão para ver o imperador em tal estado, pousou a mão no ombro de Kai.

– Vai dar tudo certo – disse, sem emoção, naquele jeito estranho que ele tinha de ler os pensamentos dos outros.

O pai de Kai gemeu e abriu os olhos inchados. O quarto estava na quarentena, no sétimo andar da ala de pesquisa do palácio,

mas providenciaram para que o imperador se sentisse o mais confortável possível. Inúmeras telas cobriam as paredes para que ele pudesse desfrutar de música e entretenimento, para que pudessem ler para ele. Suas flores favoritas tinham sido trazidas em massa dos jardins. Lírios e crisântemos cobriam a sala estéril. A cama fora feita com as melhores sedas que a Comunidade tinha para oferecer.

Mas nada disso fazia muita diferença. Ainda era uma sala feita para manter os vivos separados dos que estavam para morrer.

Uma janela transparente separava Kai do pai. Ele apertava os olhos para ver Kai agora, mas seus olhos estavam duros como o vidro.

– Vossa Majestade – disse Torin. – Como está se sentindo?

Os olhos do imperador estavam enrugados nos cantos. Ele não era um homem velho, mas a doença o envelhecera rapidamente. Sua pele estava amarelada e pálida, e manchas pretas e vermelhas pontilhavam seu pescoço.

Ele levantou os dedos do cobertor: era o mais próximo que conseguia de um olá.

– O senhor precisa de alguma coisa? – perguntou Torin. – Um copo de água? Comida?

– Uma Escort 5.3? – sugeriu Kai.

Torin lançou um olhar de desaprovação ao príncipe, mas o imperador soltou uma risadinha.

Kai sentiu seus olhos umedecerem e teve que desviar o olhar para seus dedos que apertavam o peitoril da janela.

– Quanto tempo mais? – disse ele baixinho para que seu pai não ouvisse.

Torin balançou a cabeça.

– Dias, se tanto.

Kai podia sentir o olhar de Torin sobre ele, compreensivo, mas também duro.

– Você deve se sentir agradecido pelo tempo que tem com ele. A maioria das pessoas não consegue ver seus entes queridos quando são levados.

– E quem quer ver seus entes queridos assim? – Kai olhou para cima. Seu pai lutava para se manter acordado, as pálpebras tremendo. – Med, traga água.

O androide deslizou para o lado do imperador e ergueu o encosto, levando um copo de água até sua boca e enxugando o que escorria com um pano branco. Ele não bebeu muito, mas parecia renovado quando afundou novamente no travesseiro.

– Kai...

– Eu estou aqui – disse Kai, seu hálito embaçando o vidro.

– Seja forte. Confie... – Suas palavras foram interrompidas por uma tosse. O medidroide segurava uma toalha em sua boca, e Kai conseguiu ver rapidamente o sangue no tecido. Ele fechou os olhos, controlando a respiração.

Quando os abriu de novo, o medidroide estava injetando na intravenosa um líquido transparente, algo para aliviar a dor. Kai e Torin assistiram ao imperador cair em um sono imóvel. Era como observar um estranho. Kai o amava, mas não conseguia

ligar o doente diante dele ao pai vivaz que tinha havia uma semana.

Uma semana.

Um calafrio percorreu seu corpo, e Torin apertou seu ombro. Kai tinha esquecido que a mão dele estava lá.

– Vossa Alteza.

Kai não disse nada, o olhar fixo no peito do pai, que subia e descia.

Os dedos em seu ombro apertaram brevemente, depois sumiram.

– Você será o imperador, Vossa Alteza. Temos que começar a prepará-lo. Nós já adiamos isso por tempo demais.

Tempo demais. Uma semana.

Kai fingiu não ouvi-lo.

– Como disse Sua Majestade, você deve ser forte. Sabe que ajudarei de todas as formas que puder. – Torin parou. – Você será um bom líder.

– Não. Não serei. – Kai enfiou a mão nos cabelos, puxando-os para trás.

Ele seria imperador.

As palavras soavam vazias.

O verdadeiro imperador estava ali, naquela cama. *Ele* era um impostor.

– Estou indo falar com o dr. Erland – disse Kai, afastando-se do vidro.

– O médico está ocupado, Vossa Alteza. Você não deve distraí-lo.

– Só quero perguntar se houve qualquer avanço.

– Tenho certeza de que ele o chamará na mesma hora se algo surgir.

Kai trincou o maxilar e fixou o olhar em Torin, o homem que havia sido conselheiro de seu pai desde antes de Kai nascer. Mesmo agora, estar na presença de Torin o fazia sentir-se uma criança e lhe dava uma vontade peculiar de ser indisciplinado. Ele se perguntou se algum dia superaria isso.

– Preciso sentir que estou fazendo *alguma coisa* – disse ele. – Não posso ficar aqui simplesmente assistindo à morte dele.

Torin baixou o olhar.

– Eu sei, Alteza. É difícil para todos nós.

“Não é a mesma coisa”, Kai queria dizer, mas segurou a língua.

Torin virou-se, ficando de frente para a janela, e inclinou a cabeça.

– Vida longa ao imperador.

Kai repetiu as palavras, sussurrando mesmo com a garganta seca.

– Vida longa ao imperador.

Eles permaneceram em silêncio ao deixar a sala de visitas e ao caminharem pelo corredor até os elevadores.

Uma mulher os aguardava. Kai deveria saber – ela estava sempre por perto naqueles dias, quando era a última pessoa na Terra que ele queria ver.

Sybil Mira. Taumaturga-chefe da Coroa Lunar. Excepcionalmente bela, com o cabelo preto até a cintura e a pele quente e morena. Ela usava o uniforme condizente com sua

posição e título: um casaco branco comprido com gola alta e mangas boca de sino, com runas e hieróglifos que não significavam nada para Kai bordados nos punhos.

A cinco passos dela estava seu guarda, sempre presente, sempre em silêncio. Ele era um jovem tão bonito quanto Sybil, com cabelos loiros puxados em um rabo de cavalo baixo e traços fortes que Kai nunca vira expressarem nada.

Os lábios de Sybil se curvaram quando Kai e Torin se aproximaram, mas seus olhos cinzentos permaneceram frios.

– Vossa Alteza Imperial – disse ela com uma graciosa inclinação da cabeça. – Como está o honroso imperador Rikan?

Quando Kai não respondeu, Torin interveio:

– Não muito bem. Obrigado por sua preocupação.

– Fico muito descontente em ouvir isso. – Ela soava tão descontente quanto um gato que acabara de encurralar um rato.

– Minha senhora envia suas condolências e votos de uma rápida recuperação.

Ela fixou os olhos no príncipe, e sua imagem parecia tremer diante dele como uma miragem. Sussurros invadiram sua cabeça. Respeito e admiração, compaixão e preocupação.

Kai desviou o olhar, silenciando as vozes. Levou um momento para que seu pulso acelerado se estabilizasse.

– O que você quer? – disse ele.

Sybil gesticulou em direção aos elevadores.

– Uma palavra com o homem que em breve será imperador... caso o destino decida assim.

Kai olhou para Torin, mas a expressão que encontrou não era de compreensão. Tato. Diplomacia. Sempre. Especialmente quando se tratava dos malditos lunares.

Suspirando, ele se virou para o androide à espera.

– Terceiro andar.

O sensor piscou.

– Por favor, vá para o elevador C, Alteza.

Eles embarcaram no elevador, Sybil flutuando como uma pena na brisa. O guarda entrou por último, ficando perto da porta e de frente para os três como se a taumaturga estivesse em perigo mortal. Seu olhar gelado deixou Kai desconfortável, mas Sybil parecia até esquecer que o guarda estava lá.

– Este é um momento trágico para Sua Majestade adoecer – disse ela.

Kai segurou o anteparo e virou-se para defrontá-la, pressionando a madeira polida com todo o seu ódio.

– Será que o mês que vem teria sido mais conveniente para você?

Ela não perdeu a paciência.

– Falo, é claro, das conversas sobre uma aliança que minha senhora vinha mantendo com o imperador Rikan. Estamos muito ansiosos por um acordo que atenderá tanto a Luna quanto a Comunidade.

Olhar para ela o deixava tonto, fora de equilíbrio, então ele se forçou a desviar o olhar e observou os números acima das portas decrescerem.

– Meu pai tenta assegurar uma aliança com a rainha Levana desde que ela assumiu o trono. *Ela* sempre recusou.

– Ele ainda precisa atender a suas sensatas exigências.

Kai trincou os dentes.

Sybil continuou.

– Minha esperança é que, como imperador, você seja mais capaz de enxergar o motivo, Vossa Alteza.

Kai ficou em silêncio enquanto o elevador passou pelos sexto, quinto e quarto andares.

– Meu pai é um homem sábio. Neste momento, não tenho nenhuma intenção de alterar qualquer uma das suas decisões anteriores. Espero que nós sejamos capazes de chegar a um acordo, mas temo que a sua *senhora* precisará diminuir suas tão sensatas exigências.

O sorriso de Sybil tinha congelado em seu rosto.

– Bem – disse ela, enquanto as portas se abriram para o terceiro andar –, você é jovem.

Baixou a cabeça, fingindo que ela lhe fizera um elogio, e em seguida virou-se para Torin.

– Se tiver um minuto de sobra, talvez possa andar comigo até o consultório do dr. Erland. Você pode ter questões nas quais eu não tenha pensado.

– É claro, Vossa Alteza.

Nenhum deles acenou para a taumaturga ou para seu guarda ao deixarem o elevador, mas Kai ouviu a voz açucarada atrás deles dizer “Vida longa ao Imperador” antes de as portas se fecharem. Ele rosnou.

– Deveríamos encarcerá-la.

– Uma embaixadora lunar? Isso não é bem uma demonstração de paz.

– É um tratamento melhor do que eles nos dariam. – Ele esfregou uma das mãos pelos cabelos. – Argh... *lunares*.

Percebendo que Torin tinha parado de segui-lo, Kai baixou a mão e se virou. O olhar de Torin estava pesado. Preocupado.

– O quê?

– Sei que este é um momento difícil para você.

Kai sentiu os pelos do pescoço se arrepiarem em autodefesa e tentou se forçar a relaxar.

– É um momento difícil para todos.

– Com o tempo, Vossa Alteza, teremos que discutir sobre a rainha Levana e o que você pretende fazer em relação a ela. Seria prudente ter um plano.

Kai aproximou-se de Torin, ignorando um grupo de técnicos de laboratório que foi forçado a se desviar deles.

– Eu tenho um plano. Meu plano é *não* casar com ela. A diplomacia que se dane. Aí está. Não se fala mais nisso.

Torin contraiu o maxilar.

– Não olhe para mim desse jeito. Ela nos destruiria. – Kai baixou a voz. – Ela nos transformaria em escravos.

– Eu sei, Alteza. – Seus olhos solidários aplacaram a raiva crescente em Kai. – Por favor, acredite em mim quando digo que não pediria isso a você. Assim como nunca pedi a seu pai.

Kai recuou e despencou contra a parede do corredor. Cientistas passavam apressados em seus jalecos brancos, esteiras

de andróides chiavam no linóleo, mas se alguém notou o príncipe e seu conselheiro, não o demonstrou.

– Tudo bem, estou ouvindo – disse ele. – Qual é o nosso plano?

– Vossa Alteza, este não é o lugar...

– Não, não, você tem minha atenção. Por favor, dê-me algo para pensar que não seja essa doença estúpida.

Torin respirou, ponderando a situação.

– Eu não acho que precisemos reescrever a nossa política de relações exteriores. Vamos seguir o exemplo de seu pai. Por agora, vamos esperar um acordo de paz, um tratado.

– E se ela não assinar? E se ela se cansar de esperar e decidir seguir com as ameaças? Você consegue imaginar uma guerra agora, com a peste, e a economia, e... ela nos destruiria. E ela sabe disso.

– Se quisesse começar uma guerra, ela já o teria feito.

– A menos que esteja apenas ganhando tempo, esperando que fiquemos tão fracos que não teremos escolha a não ser nos render. – Kai coçou a parte de trás do pescoço, observando a agitação do corredor. Todos tão ocupados, tão determinados em busca de um antídoto.

Como se houvesse um antídoto.

Ele suspirou.

– Eu deveria ter me casado. Se já estivesse casado, a rainha Levana nem sequer seria problema. Ela *teria* que assinar um tratado de paz... se quisesse paz.

Ante o silêncio de Torin, ele se forçou a olhar para o conselheiro, surpreendendo-se ao encontrar um raro

entusiasmo em seu rosto.

– Talvez você conheça uma menina no festival – disse Torin. – Encontre um romance arrebatador, um final feliz, e não tenha mais preocupações para o resto de seus dias.

Kai tentou lançar um olhar exasperado para ele, mas não conseguiu mantê-lo. Torin raramente brincava.

– Ideia brilhante. Por que não pensei nisso? – Ele se virou de lado, apoiando o ombro contra a parede, e cruzou os braços sobre o peito. – Na verdade, talvez haja uma opção em que você e meu pai não pensaram ainda. Algo que tem estado na minha cabeça ultimamente.

– Diga, Alteza.

Kai baixou a voz.

– Andei fazendo uma pequena pesquisa. – Fez uma pausa, antes de prosseguir. – Sobre... sobre a herdeira lunar.

Os olhos de Torin se arregalaram.

– Vossa Alteza...

– Apenas ouça – disse Kai, erguendo as mãos para silenciar Torin antes que fosse repreendido. Ele já sabia o que Torin diria: a princesa Selene, sobrinha da rainha Levana, estava morta. Morrera em um incêndio, treze anos atrás. Não havia nenhum herdeiro lunar.

– Há rumores todos os dias – continuou Kai. – Aparições, as pessoas afirmando que a ajudaram, teorias...

– Sim, todos já ouvimos as teorias. Você sabe tão bem quanto eu que não há nenhuma solidez nelas.

– Mas e se forem verdadeiras? – Kai cruzou os braços e abaixou a cabeça em direção a Torin, a voz chegando a um sussurro. – E se houver uma menina lá fora que pudesse depor Levana? Alguém ainda mais forte?

– Você está se ouvindo? Alguém *mais forte* do que Levana? Você quer dizer alguém como a irmã dela, que mandou cortar os pés de sua costureira favorita para que ela não tivesse nada melhor a fazer do que sentar-se e costurar seus vestidos?

– Não estamos falando da rainha Channary.

– Não, estamos falando de sua *filha*. Kai, a linhagem inteira, até o último deles, tem sido gananciosa, violenta, corrompida pelo próprio poder. Está no sangue deles. Acredite em mim quando digo que a princesa Selene, mesmo se estivesse viva, não seria melhor.

Kai percebeu que seus braços doíam por apertá-los com tanta força, a pele branca em torno dos dedos.

– Ela não pode ser muito pior – disse ele. – E quem sabe? Se os boatos estiverem certos, e ela esteve na Terra todo esse tempo, talvez seja diferente. Talvez ela seja solidária a nós.

– Você está baseando essa ilusão em *boatos*.

– Nunca encontraram um corpo...

Torin franziu os lábios numa linha fina.

– Encontraram o que restava de um.

– Não faria mal pesquisar, faria? – disse Kai, começando a se sentir desesperado. Seu coração tinha se fixado na ideia havia muito tempo, e sua pesquisa era muito importante para ele. Não podia suportar a ideia de que tudo tinha sido apenas um sonho,

embora essa possibilidade sempre estivesse no fundo de sua mente.

– Sim, *poderia* fazer mal – disse Torin. – Se Levana descobrisse que você está pensando nisso, destruiria nossa chance de chegar a um tratado. Nem deveríamos estar falando sobre isso aqui, é perigoso.

– Agora, quem está ouvindo boatos?

– Vossa Alteza, é o fim desta discussão. Seu objetivo agora deve ser evitar uma guerra, não se preocupar com princesas lunares fantasmas.

– E se eu *não puder* impedir a guerra?

Torin abriu as palmas das mãos, parecendo cansado depois do argumento.

– Então a União lutará.

– Certo. Excelente plano. Estou tão confortado agora que tivemos essa conversa...

Ele se virou e marchou cegamente em direção aos laboratórios.

Claro, a União Terráquea lutaria. Mas, contra Luna, eles perderiam.

CAPÍTULO

Treze

– **SEU PAINEL DE CONTROLE É MARAVILHOSAMENTE COMPLEXO.** É mais altas tecnologias que já vi em um ciborgue. – O dr. Erland girou o holograma para um lado e depois para o outro. – E repare na fiação ao longo de sua espinha. Funde-se quase perfeitamente ao sistema nervoso central. Acabamento perfeito. E, ah! Olha aqui! – Ele apontou para o holograma da pélvis. – O seu sistema reprodutivo está quase intocado. Sabe, muitos dos ciborgues fêmeas ficam estéreis por causa dos procedimentos invasivos, mas, pelo que posso ver, não acho que você terá problemas.

Cinder sentou-se em uma das mesas de exame, com o queixo apoiado nas palmas das mãos.

– Que sorte a minha.

O médico sacudiu um dedo para ela.

– Você deveria ser grata por seus cirurgiões terem tomado esse cuidado.

– Tenho certeza de que vou me sentir muito mais grata quando encontrar um cara que considere atraente uma fiação complexa em uma menina. – Ela bateu os calcanhares na base de metal da mesa. – Isso tem alguma coisa a ver com a minha imunidade?

– Talvez sim, talvez não. – O médico pegou um par de óculos do bolso e colocou-o no rosto, ainda olhando para o holograma.

Cinder inclinou a cabeça.

– Não pagam o suficiente para você fazer uma cirurgia corretiva de visão?

– Eu gosto de usá-los. – O dr. Erland arrastou o holograma para baixo, revelando o interior da cabeça de Cinder. – Falando em cirurgia nos olhos, você sabe que não tem dutos lacrimais?

– O quê? É mesmo? E eu pensei que era apenas insensível. – Ela puxou os pés para cima da mesa, abraçando os joelhos. – Também sou incapaz de corar, se isso seria a sua próxima brilhante observação.

Ele se virou, seus olhos aumentados pelos óculos.

– Incapaz de corar? Como assim?

– Meu cérebro monitora a temperatura corporal e me obriga a esfriar se ficar muito quente rápido demais. Parece que apenas suar como um ser humano normal não seria suficiente.

O dr. Erland sacou seu tablet e escreveu alguma coisa.

– Isso é realmente muito inteligente – murmurou. – Devem ter ficado preocupados com o superaquecimento do sistema.

Cinder esticou o pescoço, mas não conseguiu ver a pequena tela no tablet dele.

– Isso é importante?

Ele a ignorou.

– E olhe seu coração – disse ele, apontando para o holograma novamente. – Essas duas câmaras são feitas principalmente de silicone, misturado com biotecido. Incrível.

Cinder apertou a mão sobre o peito. Seu coração. Seu cérebro. Seu sistema nervoso. O que *não haviam* adulterado?

A mão dela correu para o pescoço, traçando as lombadas da coluna enquanto seu olhar percorria as vértebras de metal, as invasoras metálicas.

– O que é isso? – perguntou ela, esticando-se para a frente e apontando para uma sombra no holograma.

– Ah, sim. Eu e meus assistentes estávamos discutindo isso antes. – O dr. Erland coçou a cabeça por cima do chapéu. – Parece feito de um material diferente do das vértebras, e está justo sobre uma aglomeração central de nervos. Talvez tenha sido concebido para corrigir uma falha.

Cinder franziu o nariz.

– Ótimo. Eu tenho falhas.

– Seu pescoço já a incomodou?

– Só quando passo o dia todo embaixo de um aerodeslizador.

E quando estou sonhando. Em seu pesadelo, o fogo sempre parecia mais quente abaixo de seu pescoço, o calor escorrendo pela espinha. A dor era implacável, como se uma brasa tivesse entrado debaixo de sua pele. Ela estremeceu, lembrando-se de Peony no sonho da noite passada, chorando e gritando, culpando Cinder pelo que havia acontecido com ela.

O dr. Erland a observava, batendo levemente o tablet contra os lábios.

Cinder contraiu o corpo.

– Tenho uma dúvida.

– Sim? – disse o médico, guardando o tablet.

– Você disse antes que não fiquei contagiosa depois que meu corpo se livrou daqueles micróbios.

– Está certo.

– Então... se eu tivesse contraído a peste naturalmente, digamos... dois dias atrás. Quanto tempo demoraria para que eu já não fosse mais contagiosa?

O dr. Erland franziu os lábios.

– Bem. Pode-se imaginar que seu corpo fica mais eficiente em se livrar dos hospedeiros a cada vez que entra em contato com eles. Então, se demorou vinte minutos para destruir todos desta vez... ah, acho que não teria levado mais de uma hora antes. Duas, no máximo. Difícil dizer, é claro, uma vez que cada doença e cada corpo funcionam de forma pouco diferente.

Cinder cruzou as mãos no colo. Ela levava pouco mais de uma hora a pé do mercado para casa.

– E... podem aderir à roupa?

– Apenas brevemente. Os patógenos não sobrevivem muito tempo sem um hospedeiro. – Ele franziu o cenho para ela. – Você está bem?

Ela brincou com os dedos das luvas. Assentiu.

– Quando é que vamos começar a salvar vidas?

O dr. Erland ajustou seu chapéu.

– Receio que não possamos fazer muita coisa até que eu tenha a oportunidade de analisar amostras de seu sangue e mapear o sequenciamento do seu DNA. Mas primeiro eu queria ter uma melhor compreensão da sua composição corporal, caso pudesse afetar os resultados.

– Ser ciborgue não pode mudar o DNA, pode?

– Não, mas existem estudos que sugerem que o corpo humano desenvolve diferentes hormônios, desequilíbrios químicos, anticorpos, esse tipo de coisa, como resultado das operações. Claro, quanto mais invasivo o procedimento, mais...

– Você acha que isso tem algo a ver com a minha imunidade? Ser ciborgue?

Os olhos do médico brilhavam, risonhos, enervando Cinder.

– Não exatamente – disse ele. – Mas, como disse antes... Eu tenho uma ou duas teorias.

– Você estava pensando em compartilhar alguma delas comigo?

– Ah, sim. Uma vez que saiba que estou correto, pretendo compartilhar minha descoberta com o mundo. Na verdade, tive uma ideia sobre a sombra misteriosa na sua coluna. Você se importaria se eu tentasse uma coisa? – Ele tirou os óculos e deslizou-os de volta para o bolso, ao lado do tablet.

– O que você vai fazer?

– Apenas uma pequena experiência, nada para se preocupar.

Ela torceu a cabeça enquanto o dr. Erland andou ao redor da mesa e colocou as pontas dos dedos em seu pescoço, apertando as vértebras logo acima dos ombros. Ela enrijeceu com o toque. As mãos dele estavam quentes, mas ela tremeu mesmo assim.

– Diga-me se sentir alguma coisa... incomum.

Cinder abriu a boca, prestes a anunciar que *qualquer* toque humano lhe parecia incomum, mas o ar não saiu.

Fogo e dor romperam sua coluna, invadindo suas veias.

Ela gritou e caiu da mesa, dobrando-se no chão.

CAPÍTULO

Quatorze

UMA LUZ VERMELHA ATRAVESSOU SUAS PÁLPEBRAS. ENTRANDO EM visor de retina enviava uma sequência de rabiscos em verde contra o fundo de suas pálpebras. Algo estava errado com a sua fiação. Seus dedos esquerdos se contraíam, pulsando descontroladamente.

– Acalme-se, srta. Linh. Você está perfeitamente bem. – Esta voz, calma e insensível, com seu sotaque estranho, foi seguida por uma muito mais nervosa.

– Perfeitamente bem? Você está louco? O que aconteceu com ela?

Cinder gemeu.

– Apenas um pequeno experimento. Ela vai ficar bem, Vossa Alteza. Viu? Ela já está acordando.

Soltou outro protesto engasgado antes que pudesse abrir os olhos. A brancura do laboratório cegou Cinder, exceto pelas duas sombras que a cortavam. Seus olhos focaram as formas ao olharem para o boné de lã e para os olhos azul-celeste do dr. Erland, e para o príncipe Kai e seus fios de cabelo preto despenteados sobre a testa.

Quando o visor de retina começou a executar o teste básico de diagnóstico pela segunda vez naquele dia, ela fechou os olhos

novamente, um pouco preocupada que o príncipe Kai notasse a luz verde no fundo de sua pupila.

Pelo menos ela estava de luvas.

– Você está viva? – disse Kai, tirando o cabelo despenteado da testa dela. Cinder sentiu os dedos quentes e úmidos contra sua pele, antes de perceber que ela é quem estava febril.

Isso não deveria ser possível. Ela não podia enrubescer, não podia ter febre.

Não podia superaquecer.

O que o médico tinha feito nela?

– Ela bateu a cabeça? – perguntou Kai.

Os espasmos pararam. Cinder apertou as mãos contra o corpo num esforço instintivo de escondê-las.

– Ah, ela está *bem* – repetiu o dr. Erland. – Foi só um susto, mas não se machucou. Lamento, srta. Linh. Não sabia que você seria tão sensível.

– O que você fez? – disse ela, tomando cuidado para não embolar as palavras.

Kai passou o braço por baixo dela e a ajudou a se sentar. Cinder se encolheu contra ele e abaixou a perna da calça, caso o brilho do metal de sua canela estivesse aparecendo.

– Eu estava apenas ajustando sua coluna.

Cinder olhou para o médico, sem precisar da luz laranja para saber que ele estava mentindo, mas a luz apareceu mesmo assim.

– O que há de errado com a coluna dela? – A mão de Kai deslizou para sua lombar.

Cinder prendeu a respiração, um arrepio percorrendo sua pele. Ela temia que a dor voltasse, que o toque do príncipe de alguma forma anulasse seu sistema como o dr. Erland tinha feito, mas nada aconteceu, e em seguida Kai diminuiu a pressão do toque.

– Não há nada errado com ela – disse o dr. Erland. – Mas a região da coluna vertebral é o lugar em que muitos dos nossos nervos se reúnem antes de enviar mensagens ao cérebro.

Cinder mirou o dr. Erland com olhos ferozes. Ela já podia imaginar o quão rapidamente Kai se afastaria dela quando o médico lhe dissesse que ele estava apoiando um ciborgue.

– A srta. Linh estava se queixando de uma dor incômoda no pescoço...

Ela fechou a mão, apertando com força até que seus dedos começaram a doer.

– ... e então ajustei sua coluna. Chama-se *quiropraxia*, uma prática muito antiga que ainda é incrivelmente eficaz. Ela devia estar mais desalinhada do que pensei, por isso o súbito realinhamento das vértebras criou um choque temporário em seu sistema. – Ele sorriu para o príncipe, um olhar despreocupado.

A luz laranja persistiu.

Cinder ficou boquiaberta, esperando o médico continuar, parar com suas mentiras insanas e começar a contar ao príncipe todos os segredos dela. Ela era um ciborgue, era imune à peste e sua nova cobaia favorita.

Mas o dr. Erland não disse mais nada, apenas sorriu para ela com olhos brincalhões que a encheram de desconfiança.

Sentindo o olhar de Kai sobre si, Cinder virou-se para ele, querendo dar de ombros, como se a explicação do dr. Erland fizesse tanto sentido para ela quanto para ele, mas a intensidade do olhar do príncipe arrebatou suas palavras.

– Espero que ele esteja me dizendo a verdade, porque seria uma pena você morrer quando acabamos de ter o prazer de nos conhecer. – Seus olhos brilhavam, como se compartilhassem uma piada secreta, e ela forçou a risada mais falsa que já ouvira sair de seus lábios. – Você está bem? – disse ele, pegando a mão dela na sua, um braço ainda nas suas costas. – Consegue ficar de pé?

– Acho que sim.

Ele a ajudou a ficar de pé. Nenhum sinal da dor excruciante restava.

– Obrigada. – Ela se afastou dele, se limpando, apesar do chão do laboratório estar impecável. Sua coxa bateu na mesa de exame.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele, deixando as mãos caírem e se movimentarem sem jeito por um segundo antes de encontrarem os bolsos.

Cinder abriu a boca, mas foi interrompida pelo pigarro do dr. Erland.

– Vocês dois se conhecem? – perguntou, suas sobrancelhas espessas desaparecendo sob o chapéu.

Kai respondeu:

– Nós nos conhecemos ontem. No mercado.

Cinder enfiou as mãos nos bolsos, imitando Kai, e descobriu a chave inglesa.

– Estou, hum, aqui... porque...

– Um dos medidroides estava dando problemas, Vossa Alteza – interrompeu o dr. Erland. – Eu pedi que ela viesse dar uma olhada. A oficina mecânica dela faz muito sucesso.

Kai começou a assentir, mas parou e estudou a sala.

– Qual medidroide?

– Não está mais aqui, é claro – disse o dr. Erland, sua voz alegre, como se mentir fosse uma brincadeira divertida. – Provavelmente está lá fora, retirando sangue de algum paciente.

– Isso – disse Cinder, forçando a boca a não ficar aberta, como uma idiota. – Eu já consertei o droide. Novinho em folha. – Ela tirou a chave do bolso e girou-a entre os dedos como prova concreta.

Embora Kai parecesse confuso, ele assentiu como se não valesse a pena questionar a história. Cinder ficou grata pelo médico ter inventado uma história tão facilmente, mas isso também a deixou aflita. Que motivo ele teria para manter segredos do príncipe herdeiro, especialmente quando poderia estar próximo de um avanço na pesquisa da peste? Será que Kai não merecia saber disso? Todos não mereciam?

– Acho que você não teve chance de examinar Nainsi – disse Kai.

Cinder parou de girar a chave inglesa e segurou-a com as duas mãos para evitar que tremesse.

– Não, ainda não. Sinto muito. Tem sido... as últimas vinte e quatro horas...

Ele deu de ombros, com rigidez.

– Você provavelmente tem uma lista enorme de clientes. Eu não deveria contar com um tratamento especial. – Torceu os lábios. – Acho que mesmo assim vou esperar.

O coração de Cinder saltou quando o sorriso dele a pegou de surpresa, tão encantador e inesperado quanto tinha sido no mercado. Então seus olhos repararam no holograma atrás dele, ainda exibindo o seu funcionamento interno. Das vértebras de metal a seus fios esmaltados e seus ovários perfeitamente intactos. Ela desviou o olhar de volta para Kai, seu pulso acelerado.

– Prometo dar uma olhada nela assim que puder. Antes do festival. Definitivamente.

Kai virou, seguindo seu olhar para o holograma. Cinder apertou os punhos, seus nervos se contorcendo no fundo do estômago, quando Kai se afastou da imagem. Uma garota. Uma máquina. Uma aberração.

Ela mordeu o lábio, resignando-se a nunca mais receber outro sorriso do príncipe, quando o dr. Erland aproximou-se do holograma e desligou a tela com um toque.

– Minhas desculpas, Vossa Alteza, sigilo do paciente. É de uma cobaia do recrutamento de hoje.

Outra mentira.

Cinder apertou a chave inglesa, partes iguais de gratidão e desconfiança crescendo dentro dela.

Kai deixou a surpresa de lado.

– É por isso mesmo que vim aqui. Eu queria saber se fez algum progresso.

– Difícil dizer neste momento, Vossa Alteza, mas talvez tenhamos encontrado uma pista promissora. Eu obviamente irei mantê-lo informado sobre quaisquer avanços. – Ele sorriu de modo inocente, primeiro para Kai, depois para Cinder.

O olhar era claro: ele não contaria nada a Kai.

Ela simplesmente não conseguia entender o porquê.

Limpando a garganta, Cinder se afastou em direção à saída.

– É melhor eu ir, deixá-lo voltar ao trabalho – disse, batendo a chave inglesa contra a palma da mão. – Acho que... hum... voltarei para garantir que o med está funcionando adequadamente. Digamos... amanhã?

– Perfeito – disse o médico. – Eu também tenho o seu número de ID, caso precise encontrá-la. – Seu sorriso tornou-se só um pouco sombrio, como se quisesse dizer que o status de “voluntária” de Cinder só duraria se ela voltasse por livre e espontânea vontade. Agora, ela era valiosa. Ele não tinha intenção de deixá-la ir embora para sempre.

– Eu acompanho você – disse o príncipe, passando o pulso no escâner. A porta abriu sem problemas.

Cinder ergueu as mãos enluvadas, apertando a chave inglesa.

– Não, não, obrigada. Eu consigo achar a saída.

– Tem certeza? Não é nenhum problema.

– Sim, tenho. Tenho certeza de que você tem coisas muito importantes... reais... governamentais... de pesquisas... para

discutir. Mas obrigada. Vossa Alteza. – Ela tentou fazer uma reverência, contente que pelo menos desta vez estivesse com os dois pés bem presos.

– Tudo bem. Foi bom ver você de novo. Uma surpresa agradável.

Ela riu com ironia, surpresa pela expressão séria dele. Seus olhos calorosos mantinham-se sobre ela, um pouco curiosos.

– V-você também. – Ela saiu. Sorrindo. Tremendo. Rezando para que não tivesse manchas de graxa no rosto. – Eu aviso, então. Quando o seu androide estiver pronto.

– Obrigado, Linh-mèi.

– Pode me chamar de Cin... – A porta se fechou entre eles. – ...der. Cinder. Seria ótimo. Vossa Alteza. – Ela se apoiou contra a parede do corredor, batendo os nós dos dedos na testa. – *Eu aviso. Você pode me chamar de Cinder* – imitou, e em seguida mordeu o lábio. – Não ligue para a menina balbuciante.

Ele era o sonho de todas as garotas no país. Estava tão longe de seu alcance, de seu *mundo*, que ela deveria ter parado de pensar nele no instante em que a porta se fechou. Devia parar de pensar nele imediatamente. Nunca deveria pensar nele de novo, exceto talvez como cliente – e seu príncipe.

E, no entanto, a lembrança dos dedos dele em sua pele se recusou a desaparecer.

CAPÍTULO

Quinze

CINDER TEVE QUE BAIXAR UM MAPA DA ALA DE PESQUISA DO PALA achar o caminho até a saída. Seus nervos estavam no limite, com o príncipe, com Peony, com *tudo*. Sentia-se uma impostora perambulando pelos lustrosos corredores brancos de cabeça baixa, evitando contato visual com os cientistas e com os andróides brancos. Mesmo que agora ela fosse realmente voluntária. Uma voluntária valiosa.

Ela passou por uma sala de espera – decorada com dois netscreens e três poltronas – e congelou, seu olhar preso na janela.

Avista.

Acidade.

Ao nível do chão, Nova Pequim era uma bagunça: edifícios demais amontoados em um espaço muito pequeno, as ruas descuidadas, cabos de energia e varais atravessando cada beco, vinhas intrometidas escalando as paredes de concreto.

Mas daqui, no topo do penhasco e três andares acima, a cidade era linda. O sol estava alto, e sua luz reluzia em arranha-céus de vidro e telhados de ouro matizado. Cinder podia ver o movimento constante de netscreens gigantes e aerodeslizadores

piscando enquanto corriam por entre os prédios. Daqui, a cidade fervilhava de vida, mas sem todo o chiado tecnológico.

Cinder procurou o grupo de edifícios cromados e com vidro azul fino que ficava de sentinela sobre a praça do mercado e em seguida tentou traçar a rota para o norte, procurando os apartamentos da Torre Fênix, mas eles estavam escondidos atrás da cidade lotada e suas sombras.

Seu assombro se esvaiu.

Ela tinha que voltar. Voltar para o apartamento. Voltar para sua prisão.

Precisava consertar o androide de Kai. Precisava proteger Iko, que não duraria uma semana até Adri decidir desmantelá-la para vender a sucata, ou pior, substituir seu chip de personalidade “defeituoso”. Ela se queixava do androide ser teimoso demais desde o dia em que Cinder foi morar com ela.

Além disso, ela não tinha outro lugar para ir. Até que o dr. Erland conseguisse descobrir como depositar o pagamento na conta de Cinder sem que Adri descobrisse, ela não tinha dinheiro, nem aerodeslizador, e sua única amiga humana também era prisioneira na quarentena.

Ela fechou os punhos.

Precisava voltar. Mas não ficaria muito tempo. Adri tinha deixado bem claro que via Cinder como um fardo inútil. Não teve problema algum em se livrar dela quando encontrou uma maneira lucrativa de fazê-lo, uma maneira que a manteria livre de culpa pois, afinal, precisavam encontrar um antídoto. Peony precisava de um antídoto.

E talvez estivesse certa em fazer aquilo. Talvez fosse o dever de Cinder como ciborgue sacrificar-se para que todos os seres humanos normais pudessem ser curados. Talvez fizesse sentido usar os humanos que já haviam sido adulterados. Mas Cinder sabia que nunca perdoaria Adri pelo que fizera. Aquela mulher supostamente deveria *protegê-la, ajudá-la*. Se Adri e Pearl eram o que restara de sua família, ela estava melhor sozinha.

Ela tinha que ir embora. E sabia exatamente como o faria.

A EXPRESSÃO NO ROSTO DE ADRI QUANDO CINDER EN-
apartamento quase fez toda a experiência medonha valer a pena.

Ela estava sentada no sofá, lendo em seu tablet. Pearl estava no outro lado da sala, jogando um jogo de tabuleiro holográfico em que as peças eram modeladas a partir das celebridades favoritas das meninas, incluindo três sócias do príncipe Kai. Havia muito tido o jogo favorito dela e de Peony, mas agora Pearl estava jogando contra estranhos na internet e parecia entediada e infeliz. Quando Cinder entrou, tanto Pearl quanto Adri ficaram boquiabertas, e uma versão em miniatura do príncipe caiu sobre a espada de seu oponente virtual. Pearl pausou o jogo tarde demais.

– Cinder – disse Adri, apoiando o tablet em uma mesinha lateral. – Como você...?

– Eles fizeram alguns testes e decidiram que eu não era o que queriam. Então, me mandaram de volta. – Cinder deu um sorrisinho com a boca fechada. – Não se preocupe, tenho certeza

de que ainda vão reconhecer seu nobre sacrifício. Talvez lhe enviem um comunicado de agradecimento.

Olhando Cinder com descrença, Adri se levantou.

– Eles não podem mandá-la de volta!

Cinder tirou as luvas e as enfiou no bolso.

– Acho que terá que fazer uma reclamação oficial. Então, desculpe interromper. Posso ver que você estava muito ocupada gerindo seu lar. Se me der licença, é melhor eu tentar ganhar meu sustento, para que você pense duas vezes na próxima vez que encontrar uma maneira conveniente de se livrar de mim.

Ela marchou para o corredor. Iko estava com a cabecinha brilhante aparecendo na cozinha, seu sensor azul brilhando com espanto. Cinder se surpreendeu com a rapidez com que suas emoções mudaram de amargura para alívio. Por um momento, ela pensou que nunca mais veria Iko.

A alegria momentânea desvaneceu-se quando Adri apressou-se no corredor atrás dela.

– Cinder, pare.

Embora estivesse tentada a ignorá-la, Cinder parou e se virou para enfrentar sua guardiã.

Elas se encararam, e a boca de Adri se mexia enquanto tentava ultrapassar sua surpresa. Ela estava envelhecida. Anos mais velha do que parecia antes.

– Vou entrar em contato com o centro de pesquisa para confirmar essa história e ter certeza de que não está mentindo – disse ela. – Se você fez alguma coisa... se arruinou a única chance que eu tinha de ajudar a minha filha... – A raiva na voz de Adri

diminuiu, depois subiu para um grito estridente. Cinder podia ouvir as lágrimas escondidas debaixo das palavras. – Você não pode ser tão inútil assim! – Ela esticou os ombros para trás, segurando o batente.

– O que mais você quer que eu faça? – Cinder gritou de volta, agitando as mãos. – Tudo bem, ligue para os pesquisadores! Eu não fiz nada de errado. Fui lá, eles fizeram alguns testes e não me quiseram. Sinto muito se não me enviaram para casa em uma caixa de papelão, se era isso que você estava esperando.

Adri apertou os lábios.

– Sua posição nesta casa não mudou, e eu não gosto de ser tratada de forma desrespeitosa pela *órfã* que recebi no meu lar.

– É mesmo? – disse Cinder. – Gostaria que eu listasse todas as coisas que me fizeram hoje de que *eu* não gostei? Enfiaram agulhas em mim, prenderam pinos na minha cabeça, e micróbios venenosos... – Ela se conteve, não querendo que Adri soubesse a verdade. Seu verdadeiro valor. – Sinceramente, não me importo com o que você gosta ou não agora. Você é a pessoa que me traiu, quando eu nunca fiz nada para você.

– Já basta. Você sabe muito bem o que você me fez. O que fez a esta família.

– A morte de Garan não foi minha culpa. – Ela virou a cabeça, com manchas brancas de fúria encobrendo sua visão.

– Tudo bem – disse Adri, sem perder o tom de superioridade. – Então, você voltou. Bem-vinda ao lar, Cinder. Mas, enquanto ainda morar na minha casa, vai continuar a obedecer às minhas ordens. Você entendeu?

Cinder apoiou a mão mecânica na parede, dedos espalhados, se equilibrando.

– Obedecer às suas ordens. Certo. Como: “Faça suas tarefas, Cinder. Arrume um emprego para que eu possa pagar as *minhas* contas, Cinder. Vá brincar de cobaia para cientistas loucos, Cinder.” Sim, eu entendo perfeitamente. – Ela olhou por cima do ombro, mas Iko tinha voltado para a cozinha. – Como tenho certeza que *you* vai entender que acabei de perder meio dia de trabalho, é melhor eu pegar o seu Serv 9.2 emprestado para me ajudar. Você não se importa, não é? – Sem esperar por uma resposta, ela avançou para seu quartinho e bateu a porta atrás de si.

Ficou parada com as costas apoiadas na porta até o texto de advertência em sua retina desaparecer e as mãos pararem de tremer. Quando abriu os olhos, viu que o netscreen velho, aquele que Adri tinha arrancado da parede, fora empilhado no monte de cobertores que ela chamava de cama. Pedacos de plástico caíram sobre seu travesseiro.

Ela não tinha notado se Adri já havia comprado uma nova tela ou se a parede da sala estava vazia.

Suspirando, ela se trocou, ansiosa para se livrar do cheiro de antisséptico que aderira a suas roupas. Empurrou as peças para a caixa de ferramentas e enfiou a tela debaixo do braço antes de se aventurar de volta ao apartamento. Iko não tinha se mexido, meio escondida na porta da cozinha. Cinder fez um gesto com a cabeça para a frente do apartamento, e o androide a seguiu.

Ela não olhou para a sala enquanto passava, mas achou ter ouvido o som abafado do príncipe Kai morrendo no jogo da Pearl.

Mal tinham entrado no corredor principal – bem calmo, para variar, pois os filhos do vizinho estavam na escola – quando Iko colocou seus braços desengonçados ao redor das pernas de Cinder.

– Como é possível? Eu tinha certeza de que você estava morta. O que aconteceu?

Cinder entregou a caixa de ferramentas para o robô e se dirigiu para os elevadores.

– Vou lhe contar tudo, mas temos trabalho a fazer.

Ela esperou até que estivessem sozinhas e a caminho do porão antes de contar a Iko tudo o que tinha acontecido, deixando de fora apenas a parte sobre o príncipe Kai encontrá-la inconsciente no chão.

– Quer dizer que você tem que voltar? – disse Iko ao chegarem no porão.

– Sim, mas está tudo bem. O médico disse que não estou em perigo agora. Além disso, eles vão me pagar, e a Adri não vai ficar sabendo disso.

– Quanto?

– Não tenho certeza, mas muito, acho.

Iko segurou o pulso de Cinder no momento em que ela abriu a porta de arame da oficina.

– Você está entendendo o que isso significa?

Cinder segurou a porta aberta com o pé.

– Qual parte?

– Significa que você pode comprar um belo vestido, *mais bonito* do que o da Pearl! Você pode ir ao baile, e Adri não poderá fazer nada para impedi-la!

Cinder apertou os lábios como se acabasse de morder um limão e puxou o pulso das garras de Iko.

– É mesmo, Iko? – disse ela, examinando a confusão de ferramentas e peças de reposição. – Você acha mesmo que a Adri vai me deixar ir só porque agora posso comprar meu próprio vestido? Ela provavelmente o arrancaria de mim para tentar revender os botões.

– Bem... que seja, não contaremos a ela sobre o vestido nem sobre ir ao baile. Você não tem que ir com elas. Você é melhor do que elas. Você é *valiosa*. – A ventoinha de Iko estava rodando feito louca, como se seu processador mal conseguisse acompanhar todas aquelas revelações. – Imune à letumose. Nossa, você poderia ser uma celebridade por causa disso!

Cinder a ignorou, inclinando-se para apoiar o netscreen na estante. Seu olhar havia pousado sobre uma pilha de tecido prateado amassado no canto, quase cintilante à luz empoeirada.

– O que é isso?

A ventoinha de Iko reduziu o ritmo a um zumbido lento.

– O vestido de baile da Peony. Eu... Eu não tive coragem de jogá-lo fora. Não achei que alguém viria aqui de novo, já que você... então pensei em guardá-lo. Para mim.

– Isso não foi bom, Iko. Poderia estar infectado. – Cinder hesitou apenas um momento antes de ir até o vestido e pegá-lo pelas mangas crivadas de pérolas. Estava manchado de sujeira e

todo amassado, e *havia* a chance de ter sido exposto a letumose, mas o médico tinha dito que a doença não sobreviveria por muito tempo em roupas.

Além disso, ninguém nunca iria usá-lo.

Ela deitou o vestido sobre o soldador e se virou.

– Não vamos usar esse dinheiro em um vestido – disse ela. – Nós não vamos ao baile.

– Por que não? – disse Iko, com um gemido evidente em sua voz robótica.

Aproximando-se da mesa, Cinder apoiou a perna no alto e começou a descarregar as ferramentas escondidas em sua panturrilha.

– Lembra o carro que vimos no ferro-velho? Aquele velho, movido a gasolina?

Os alto-falantes de Iko fizeram um resmungo grosseiro, o mais próximo que conseguia chegar de um gemido de exasperação.

– O que é que tem?

– Vamos precisar de todo o tempo e dinheiro para consertá-lo.

– Não. Cinder! Diga que você está brincando.

Cinder estava gravando uma lista mental enquanto fechava o compartimento em sua perna e ajeitava a calça. As palavras rolavam em seus olhos: **PEGAR O CARRO; AVALIAR SEU ESTADO; ENCONTRAR PEÇAS; FAZER DOWNLOAD DO PROJETO DE FIAÇÃO; COMPRAR GASOLINA.**

Então reparou no androide de Kai em sua bancada. **CONsertar ANDROIDE.**

– Estou falando sério.

Ela puxou o cabelo para trás em um rabo de cavalo, estranhamente animada. Marchando para o gabinete de ferramentas no canto, começou a procurar coisas que poderiam ser úteis – cordas e correntes, trapos e geradores, tudo para ajudar a limpar o carro e deixá-lo pronto para ser consertado.

– Vamos voltar hoje à noite. Levá-lo para a garagem se pudermos. Caso contrário, teremos que consertá-lo no quintal. Bom, eu preciso voltar ao palácio amanhã de manhã e dar uma olhada no androide do príncipe na parte da tarde, mas, se formos diligentes, acho que consigo consertar o carro em duas semanas, talvez menos. Dependendo do que for necessário, é claro.

– Mas *por quê*? Por que vamos consertá-lo?

Cinder enfiou as ferramentas na bolsa.

– Porque aquele carro vai nos tirar daqui.

CAPÍTULO

Dezesseis

AS ENFERMEIRAS E OS ANDROIDES DO TURNO DA NOITE PREGA

paredes quando o príncipe Kai passou zunindo pelo corredor. Ele tinha corrido desde o seu quarto no décimo sexto andar da ala privada do palácio, parando para recuperar o fôlego somente quando foi forçado a esperar o elevador. Irrompeu pela porta da sala de visitas e parou, ainda segurando a maçaneta.

Seus olhos inquietos encontraram Torin, de braços cruzados, encostado na parede oposta. O conselheiro arrancou seu olhar da janela de vidro e recebeu a expressão de pânico de Kai com outra de resignação.

– Eu ouvi... – começou Kai, esticando os ombros para trás. Molhando a boca seca, ele entrou na sala. A porta fechou atrás dele. A pequena sala era iluminada apenas por um abajur de mesa e as luzes fluorescentes da quarentena.

Kai olhou para a enfermaria ao mesmo tempo que um medidroide puxava um pano branco sobre os olhos fechados de seu pai. Seu coração, que martelava intensamente, parou.

– Cheguei tarde demais.

Torin se mexeu.

– Aconteceu há apenas alguns minutos – disse ele, forçando-se a afastar-se da parede. Kai examinou o rosto enrugado e os olhos

cansados do conselheiro, bem como uma xícara de chá intocada que estava apoiada ao lado de seu tablet. Ficara até tarde para trabalhar, em vez de voltar para a própria casa, a própria cama.

A exaustão alcançou Kai de uma só vez, e ele apertou a testa, que parecia estar queimando, no vidro frio. Ele também deveria ter estado presente.

– Vou marcar a coletiva de imprensa. – A voz de Torin soava oca.

– Uma coletiva de *imprensa*?

– O país precisa saber. Vamos lamentar juntos. – Torin pareceu abalado por um raro momento, mas disfarçou, controlando a respiração.

Kai fechou os olhos e os esfregou com força. Mesmo sabendo que isso aconteceria, que seu pai estava com uma doença incurável, ainda não fazia sentido. Tudo o que acabara de perder lhe fora tomado tão rapidamente. Não apenas seu pai. Não apenas o imperador.

Sua juventude. Sua liberdade.

– Você será um bom imperador – disse Torin. – Como ele era.

Kai se afastou. Não queria pensar nisso, em todas as próprias imperfeições. Ele era jovem demais, estúpido demais, otimista demais, ingênuo demais. Não conseguiria.

A tela atrás deles apitou, e em seguida uma doce voz feminina anunciou:

– Comunicado para o príncipe Kaito, da Comunidade Oriental, da rainha Levana, de Luna.

Kai girou em direção ao netscreen, em branco, exceto por um globo girando no canto, sinalizando um comunicado disponível. Qualquer ameaça de lágrimas desapareceu, transformando-se em uma dor de cabeça iminente. O ar ficou espesso, mas nenhum deles se moveu.

– Como ela poderia saber? Tão cedo? – disse Kai. – Ela deve ter espiões.

Do canto do olho, viu Torin lançar-lhe um olhar. Um aviso para não começar com as teorias de conspiração agora.

– Talvez a taumaturga ou o guarda tenha visto você – disse ele.
– Correndo pelo castelo no meio da noite. O que mais poderia significar?

Contraindo o maxilar, Kai aprumou-se, enfrentando a tela como a um inimigo.

– Parece que o nosso período de luto acabou – murmurou. – Tela, aceitar comunicado.

A tela se iluminou. Kai arrepiou-se ao ver a rainha lunar, sua cabeça e ombros envoltos em um véu ornamentado de cor creme, como uma noiva perpétua. Só o que se via sob o manto era um pouco dos longos cabelos escuros e a sombra de seus traços. A explicação dada pelos lunares era que a beleza de sua rainha era um presente aos olhos indignos dos terráqueos, mas Kai tinha ouvido falar que, na realidade, o glamour da rainha – sua capacidade de fazer as pessoas verem-na como divinamente bela, manipulando suas ondas cerebrais – não funcionava através dos netscreens, por isso ela nunca se permitia ser vista neles.

Qualquer que fosse o motivo, olhar por muito tempo para aquela figura branca embrulhada sempre fazia os olhos de Kai arderem.

– Meu caro príncipe Regente – disse Levana com uma voz melosa –, quero ser a primeira a oferecer minhas condolências pela perda de seu pai, o bom imperador Rikan. Que ele descanse em paz para sempre.

Kai lançou um frio olhar para Torin. *Espiões?*

Torin não retornou o olhar.

– Embora a ocasião seja trágica, estou ansiosa para continuar a discutir uma aliança com você, como o novo líder da Comunidade Oriental Terrestre. Como não vejo nenhuma razão para adiarmos essas conversas até a sua coroação, quando quer que aconteça, acho apropriado planejar uma reunião assim que for conveniente em relação a seu tempo de luto. Meu transporte está pronto. Posso partir ao seu próximo nascer do sol e oferecer tanto os meus pêsames quanto meus parabéns em pessoa. Alertarei minha taumaturga que aguarde minha chegada. Ela pode garantir que as acomodações sejam preparadas adequadamente. Peço que não se preocupe com meu conforto. Tenho certeza de que você terá muitas outras preocupações durante esse momento trágico. Meus pêsames estão com você e a Comunidade. – Ela concluiu a mensagem inclinando a cabeça, e a tela escureceu.

Boquiaberto, Kai olhou para Torin. Ele pressionou os punhos contra o corpo antes que comesçassem a tremer.

– Ela quer vir *aqui*? Agora? Não se passaram nem quinze minutos!

Torin limpou a garganta.

– Devemos discutir isso pela manhã. Antes da coletiva de imprensa, suponho.

Kai se virou, encostando a cabeça na janela. Do outro lado do vidro, o relevo do corpo de seu pai estava encoberto pelo lençol branco, não muito diferente da rainha e seu véu. O imperador tinha perdido tanto peso nas últimas semanas que sua forma mais parecia a de um manequim do que a de um homem.

Seu pai não estava mais lá. Incapaz de proteger Kai. Incapaz de oferecer conselhos. Incapaz de liderar o país outra vez.

– Ela pensa que eu sou fraco – disse Kai. – Ela vai tentar me convencer a aceitar o pacto de casamento agora, quando tudo está um caos. – Ele chutou a parede, segurando um grito de dor quando se lembrou de que não estava usando sapatos. – Não podemos responder que não? Avisar que ela não é bem-vinda aqui?

– Não tenho certeza de que essa seria a indicação de paz a qual seu pai vinha se esforçando para alcançar.

– *Ela* é quem vem ameaçando uma guerra nos últimos doze anos!

Torin apertou os lábios, e a preocupação assombrosa em seu olhar abrandou a raiva de Kai.

– Discussões devem ter duas direções, Vossa Alteza. Vamos ouvir suas solicitações, mas ela terá que ouvir as nossas também.

Os ombros de Kai caíram. Ele se virou, jogando a cabeça para trás e olhando para o teto.

– O que ela quis dizer com “minha taumaturga irá preparar as acomodações”?

– Vai retirar os espelhos, imagino.

Kai fechou os olhos.

– Espelhos. Certo. Esqueci. – Ele massageou a testa. O que havia de tão estranho com os lunares? E não qualquer lunar. A rainha Levana. Na Terra. No país dele, sua *casa*. Ele estremeceu. – O povo não vai gostar disso.

– Não. – Torin suspirou. – Amanhã será um dia sombrio para a Comunidade.

CAPÍTULO

Dezessete

UM ALERTA DISPAROU NA CABEÇA DE CINDER, SEGUIDO POR UMA M
que rolou em meio à escuridão do sono.

**COMUNICADO RECEBIDO DO DISTRITO
DE NOVA PEQUIM 29, QUARENTENA DA
LETUMOSE. LINH PEONY INGRESSOU
NO TERCEIRO ESTÁGIO DA LETUMOSE
ÀS 04H57M DE 22 DE AGOSTO, ANO 126
DA TERCEIRA ERA.**

Levou um minuto para afastar o entorpecimento do sono e entender o significado das palavras que rolavam em seu visor. Ela abriu os olhos para o quarto sem janelas e se sentou. Todos os músculos doíam da viagem até o ferro-velho na noite anterior. Suas costas doíam tanto que parecia que aquele carro velho a atropelara, em vez de permanecer imóvel enquanto ela e Iko o empurravam e puxavam pela estrada. Mas elas tinham conseguido. O carro era dela, transportado para um canto sombrio da garagem subterrânea do apartamento, onde ela seria capaz de trabalhar nele em cada momento livre. Desde que

ninguém se queixasse do cheiro, seria um segredinho entre ela e Iko.

Quando enfim voltaram para casa, Cinder desabou como se alguém tivesse apertado seu botão de força. Pela primeira vez, não tivera pesadelos.

Pelo menos, nenhum pesadelo até ser acordada pela mensagem.

A ideia de Peony completamente sozinha na quarentena a expulsou de sua pilha de cobertores com um grunhido contido. Ela calçou um par de luvas, roubou um cobertor verde bordado no armário de roupas de cama e mesa do corredor e passou por Iko – em modo de hibernação e conectada a uma estação de carregamento na sala de estar. A sensação de sair sem o androide era estranha, mas ela planejava ir direto para o palácio.

No corredor do apartamento, podia ouvir alguém andando no andar de cima e um netscreen murmurando as notícias da manhã. Cinder mandou um comunicado pedindo um táxi pela primeira vez na vida, e ele já a esperava quando chegou à rua. Passou sua identidade pelo escâner e deu as coordenadas antes mesmo de se acomodar no banco de trás. Cinder se conectou à rede para que pudesse traçar o trajeto do aerodeslizador até a quarentena. O mapa que foi exibido em seu visor indicou que era um distrito industrial, vinte e quatro quilômetros além dos limites da cidade.

A cidade era toda sombras, um borrão, apartamentos adormecidos e calçadas vazias. Os edifícios ficavam cada vez menores e mais distantes uns dos outros conforme o centro ia

ficando para trás. Uma luz pálida de sol se esgueirava pelas ruas, lançando longas sombras no asfalto.

Cinder sabia que haviam alcançado o distrito industrial sem a ajuda do mapa. Ela piscou para que o mapa sumisse e observou as fábricas passando, lado a lado com armazéns de concreto e suas portas de rolagem gigantescas, que poderiam acomodar até mesmo o maior dos aerodeslizadores. Provavelmente até navios de carga.

Ela escaneou sua identidade ao sair para que o aerodeslizador pudesse debitar de sua conta já quase zerada e em seguida ordenou que a esperasse. Rumou para o armazém mais próximo, onde um grupo de andróides estava parado à porta. Sobre a porta brilhava um netscreen novinho em folha.

QUARENTENA DE LETUMOSE. ENTRADA
PERMITIDA SOMENTE A PACIENTES E
ANDRÓIDES.

Ela jogou o cobertor sobre os antebraços e tentou parecer confiante ao andar, imaginando o que diria se os andróides a questionassem, mas os medidróides não deviam ser programados para lidar com gente *saudável* querendo entrar na quarentena; mal notaram quando ela passou. Ela esperava que fosse fácil sair também. Talvez devesse pedir uma credencial ao dr. Erland.

O fedor de excremento e podridão a atingiu quando ela entrou no armazém. Cinder recuou, pondo a palma da mão no

nariz enquanto o estômago se revirava, desejando que sua interface cerebral isolasse odores como fazia com o barulho.

Respirando fundo sob a luva e prendendo o ar, forçou-se a entrar.

Estava mais fresco lá dentro, o chão de concreto intocado pelo sol. Um plástico verde opaco cobria uma estreita fila de janelas próximas a telhados altos, envolvendo o edifício em uma névoa lúgubre. Lâmpadas cinzentas zumbiam lá em cima, mas eram de pouca ajuda para diminuir a escuridão.

Centenas de camas estavam alinhadas entre as paredes distantes, cobertas por cobertores descombinados – doações e retalhos. Ela sentia-se grata por ter trazido um bom para Peony. A maioria dos leitos estava vazia. Esta quarentena fora construída rapidamente nas últimas semanas, conforme a doença rastejava cada vez mais rápido em direção à cidade. Ainda assim, as moscas já haviam tomado o lugar e preenchiam o recinto com seu zumbido.

Os poucos pacientes pelos quais Cinder passou estavam adormecidos ou olhando fixa e inexpressivamente para o teto, a pele coberta por erupções preto-azuladas. Aqueles que ainda estavam conscientes encolhiam-se com seus tablets – sua última ligação com o mundo lá fora. Olhos brilhantes se ergueram, seguindo Cinder enquanto ela se apressava.

Mais medidroides se moviam entre as camas, fornecendo comida e bebida, mas nenhum deles interpelou Cinder.

Ela encontrou Peony adormecida, aninhada em um cobertor azul-bebê. Cinder não tinha certeza de que a reconheceria se não

fosse pelos cachos castanhos enrolados no travesseiro. As manchas arroxeadas haviam se espalhado pelos seus braços. Embora estivesse tremendo, sua testa brilhava de suor. Parecia uma mulher idosa, próxima à hora da morte.

Cinder tirou a luva e pousou a parte de trás da mão na testa de Peony. Quente ao toque e úmida. O terceiro estágio da letumose.

Ela jogou o cobertor verde sobre Peony, depois se ergueu, perguntando-se se deveria acordá-la ou se era melhor deixá-la descansar. Balançando-se sobre os calcanhares, olhou em volta. A cama atrás dela estava vazia. A que ficava no lado oposto a Peony estava ocupada por uma pequena forma virada de costas para ela, enrolada em posição fetal. Uma criança.

Cinder se sobressaltou ao sentir um puxão em seu pulso esquerdo. Peony estava agarrando seus dedos de aço, apertando com a pouca força que ainda tinha. Seus olhos observavam Cinder, suplicantes. Assustados. Perplexos, como se estivesse vendo um fantasma.

Cinder engoliu em seco e se sentou na cama. Era quase tão dura quanto o chão do próprio quarto.

– Me leva para casa? – pediu Peony, a voz arranhando as palavras.

Cinder se encolheu e cobriu as mãos de Peony.

– Trouxe um cobertor para você – disse ela, como se isso explicasse sua presença.

O olhar de Peony se desviou dela. A mão livre traçou a textura do brocado. Não disseram nada por um longo tempo, até ouvirem um grito estridente. As mãos de Peony apertaram com

mais força enquanto Cinder girava, procurando, certa de que alguém estava sendo assassinado.

Uma mulher, quatro corredores adiante, estava se debatendo na cama, gritando, implorando para ser deixada em paz enquanto um medidroide calmamente aguardava com uma seringa para lhe injetar algo. Um minuto depois, mais dois andróides chegaram para imobilizar a mulher, forçando-a a ficar parada na cama, segurando o braço esticado para receber a injeção.

Sentindo Peony se encolher ao seu lado, Cinder se virou de volta. Peony estava tremendo.

– Estou sendo punida por alguma coisa – disse Peony, fechando os olhos.

– Não seja ridícula – disse Cinder. – A peste é só... não é justa. Mas você não fez nada de errado.

Ela acariciou a mão da irmã.

– Mamãe e Pearl estão...?

– Com o coração partido – respondeu Cinder. – Nós todas sentimos muito a sua falta. Mas elas não pegaram a doença.

Os olhos de Peony piscaram, abertos. Ela estudou o rosto de Cinder, seu pescoço.

– Onde estão suas manchas?

Os lábios se abrindo, Cinder esfregou distraidamente a garganta, mas Peony não esperou por uma resposta.

– Você pode dormir ali, não pode? – disse ela, gesticulando para a cama vazia. – Eles não vão botar você numa cama longe?

Cinder apertou as mãos de Peony.

– Não, Peony, eu não... – Ela olhou em volta, mas ninguém estava prestando nenhuma atenção nelas. Um medidroide estava a duas camas de distância, ajudando um paciente a beber água. – Não estou doente.

Peony apontou com a cabeça.

– Você está aqui.

– Eu sei. É complicado. Veja bem, fui para o centro de pesquisas sobre a letumose ontem, e eles me testaram e... Peony, eu sou imune. Não posso contrair letumose.

A testa tensa de Peony se descontraiu. Ela avaliou o rosto de Cinder, o pescoço, novamente os braços, como se sua imunidade fosse algo visível, algo que deveria estar aparente.

– Imune?

Cinder esfregou mais rápido a mão de Peony, agora ansiosa por ter contado seu segredo a alguém.

– Eles me pediram para voltar lá hoje. O médico-chefe acha que pode ser capaz de me usar para encontrar um antídoto. Eu disse a ele que, caso consiga fazer isso, você tem que ser a primeira a recebê-lo. Fiz ele prometer.

Ela observou, espantada, quando os olhos de Peony começaram a se encher de lágrimas.

– Verdade?

– Isso mesmo. Nós vamos encontrar um antídoto.

– Quanto tempo vai levar?

– E-eu não sei ao certo.

A outra mão de Peony encontrou o pulso dela e o apertou. Suas longas unhas se enterraram na pele de Cinder, mas levou um

tempo considerável até que ela registrasse a dor. A respiração de Peony se tornou mais rápida. Mais lágrimas surgiram em seus olhos, mas uma parte daquela esperança momentânea se desvaneceu, deixando-a num desespero incontrolável.

– Não me deixe morrer, Cinder. Eu queria ir ao baile, lembra? Você ia me apresentar ao príncipe... – Ela virou a cabeça, erguendo o rosto numa tentativa vã de conter as lágrimas, escondê-las ou esgotá-las mais rápido. Então uma tosse estourou em sua boca, junto com um fino fio de sangue.

Cinder fez uma careta, depois esticou a mão e limpou o sangue do queixo de Peony com a ponta do cobertor bordado.

– Não desista, Peony. Se eu sou imune, então deve haver um jeito de combater isso. E eles vão descobrir. Você ainda vai ao baile. – Ela pensou em contar a Peony que lko conseguira salvar seu vestido, mas imaginou que isso implicaria ter que contar a ela que tudo o que ela já tocara fora descartado. Ela limpou a garganta e, com um carinho, tirou o cabelo de Peony da têmpora.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer para deixar você mais confortável?

Peony balançou a cabeça no travesseiro gasto, segurando o cobertor contra a boca. Mas então ergueu os olhos.

– Meu tablet?

Cinder se encolheu, culpada.

– Me desculpe. Ainda está quebrado. Mas vou dar uma olhada nele hoje à noite.

– Eu só quero mandar um comunicado para Pearl. E mamãe.

– É claro. Vou trazê-lo para você, assim que puder. – *O tablet de Peony. O androide do príncipe. O carro.* – Sinto muito, Peony, mas preciso ir.

As pequenas mãos a apertaram.

– Volto assim que puder. Prometo.

Peony respirou tremulamente, fungou e em seguida a soltou. Enfiou as mãos frágeis embaixo do cobertor, cobrindo-se até o queixo.

Cinder se levantou e desembaraçou o cabelo de Peony com os dedos.

– Tente dormir um pouco. Poupe sua energia.

Peony seguiu Cinder com os olhos cheios de lágrimas.

– Amo você, Cinder. Fico feliz que não esteja doente.

Cinder sentiu um enorme aperto no coração. Franzindo os lábios, ela se inclinou e deu um beijo na testa úmida de Peony.

– Eu também amo você.

Ela lutou para respirar enquanto se forçava a afastar-se, tentando se enganar e ter esperanças. Havia uma chance. Uma chance.

Não olhou para nenhum outro paciente ao se encaminhar para a saída da quarentena, até que ouviu seu nome. Parou, pensando que a voz áspera não fora nada além de sua imaginação misturada a muitos lamúrios histéricos.

– Cin-der?

Ela se virou e avistou um rosto familiar meio coberto por uma colcha desbotada pelo tempo.

– Chang-ji? – Ela se aproximou do pé da cama, o nariz enrugando com o odor forte que vinha do leito da mulher. Mal reconheceu Chang Sacha, a padeira, com suas pálpebras inchadas e a pele pálida.

Tentando respirar normalmente, Cinder contornou a cama.

A colcha que repousava sobre o nariz e a boca de Sacha contribuía para sua respiração difícil. Os olhos dela estavam embaçados e mais abertos do que Cinder jamais vira. Era a primeira vez que Sacha a olhava sem desdém.

– Você também? Cinder?

Em vez de responder, Cinder disse, sem muita convicção:

– Tem alguma coisa que eu possa fazer por você?

Foram as palavras mais gentis já trocadas entre elas. A colcha se mexeu, exibindo o rosto de Sacha. Cinder mordeu o lábio para conter um engasgo ao ver as manchas azuis em forma de anel no maxilar da mulher e garganta abaixo.

– Meu filho – disse ela, ofegante. – Você pode trazer Sunto? Eu preciso vê-lo.

Cinder não se mexeu, lembrando-se de como Sacha ordenara que Sunto se afastasse de seu estande dias antes.

– Trazê-lo?

Sacha tirou um braço de debaixo das cobertas e tentou alcançar Cinder, agarrando seu pulso, onde a pele se encontrava com o metal. Cinder se contorceu, tentando se desvencilhar, mas Sacha segurou firme. Sua mão estava marcada por pigmento azulado em volta das unhas amareladas.

O quarto e último estágio da febre azul.

– Vou tentar – disse ela. Esticou a mão, hesitou, e então afagou Sacha nas articulações. Os dedos azuis a soltaram e se afundaram na cama.

– Sunto – murmurou Sacha. Seu olhar ainda estava fixo no rosto de Cinder, mas o reconhecimento falhava. – Sunto.

Cinder deu um passo para trás, observando as palavras sumirem. A vida se apagou dos olhos negros de Sacha.

Cinder convulsionou, envolvendo a barriga com os braços. Ela olhou em volta. Nenhum dos outros pacientes estava prestando atenção a ela ou à mulher – o cadáver – diante dela. Mas então ela viu o androide seguindo na sua direção. Os medidroides deviam ter algum tipo de conexão, ela pensou, para saber quando alguém morria.

Quanto tempo levaria para que o comunicado de notificação fosse enviado à família? Quanto tempo levaria até que Sunto soubesse que sua mãe morreria?

Ela queria se virar, ir embora, mas ficou enraizada ao lugar enquanto o androide vinha em suas rodas até a beira da cama e levava sua mão mole entre seus pegadores. A complexão de Sacha estava cinzenta, exceto pelas manchas, como as de contusões, em seu maxilar. Seus olhos ainda estavam abertos, mirando o céu.

Talvez o medidroide tivesse perguntas a fazer a Cinder. Talvez alguém quisesse saber as palavras finais da mulher. Seu filho provavelmente iria querer saber. Cinder deveria contar a alguém.

Mas o sensor do medidroide não se virou na direção dela.

Cinder umedeceu os lábios. Ela abriu a boca, mas não conseguia pensar em nada para dizer.

Um painel se abriu no corpo do medidroide. Ele pôs os pegadores livres lá dentro e tirou um bisturi. Cinder observou, impressionada e enojada, o androide pressionar a lâmina no pulso de Sacha. Um fio de sangue escorreu pela palma da padeira.

Cinder espantou o estupor e cambaleou para a frente. O pé da cama ficou pressionado contra suas coxas.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, mais alto do que pretendia.

O medidroide parou com o bisturi enterrado na carne de Sacha. Seu visor amarelo piscou na direção de Cinder e em seguida escureceu.

– Como posso ajudá-la? – respondeu, com sua educação fabricada.

– O que você está fazendo com ela? – perguntou Cinder novamente. Ela queria esticar a mão e tirar o bisturi, mas temia ser mal compreendida. Devia haver uma razão, algo lógico. Medidroides se resumiam à lógica.

– Removendo o chip de identificação dela – respondeu o androide.

– Por quê?

O visor se iluminou de novo, e o androide voltou a se concentrar no pulso de Sacha.

– Ela não vai mais usar.

O medidroide trocou o bisturi por um pequena pinça, e Cinder ouviu o clique sutil de metal no metal. Ela fez uma careta quando

o androide extraiu o pequeno chip com o plástico de proteção coberto por um vermelho cintilante.

– Mas... você não precisa identificar o corpo?

O androide depositou o chip em uma bandeja que se abriu em seu revestimento de plástico. Cinder viu quando ele caiu em um compartimento com dezenas de outros chips ensanguentados.

Então jogou o cobertor esfarrapado sobre os olhos de Sacha, que não piscavam mais. Em vez de responder a pergunta de Cinder, simplesmente disse:

– Fui programado para seguir instruções.

CAPÍTULO

Dezoito

UM MEDIDROIDE INTERCEPTOU CINDER QUANDO ELA SAÍA DO bloqueando a passagem com os braços abertos e esticados.

– Pacientes são terminantemente proibidos de deixar a área de quarentena – disse, empurrando Cinder de volta para a escuridão do portal.

Cinder engoliu seu pânico e deteve o robô com a palma da mão contra sua testa lisa.

– Não sou paciente – disse ela. – Nem sequer estou doente. Olhe. – Ela ergueu o cotovelo, exibindo uma pequena ferida por ter sido espetada por tantas agulhas nos últimos dois dias.

Os componentes do androide zumbiram enquanto ele processava a declaração dela, pesquisando no banco de dados uma reação lógica. Então um painel se abriu em seu torso e o terceiro braço, o braço da seringa, se estendeu na direção de Cinder. Ela se encolheu, a pele sensível, mas tentou relaxar enquanto o androide colhia uma nova amostra de sangue. A seringa desapareceu no corpo do androide e Cinder aguardou, desenrolando a manga até a bainha da luva.

O teste pareceu demorar mais do que o do ferro-velho, e o pânico profundo rastejava pela espinha de Cinder – e se o dr.

Erland estivesse enganado? – quando ela ouviu um bipe baixo e o androide se afastou, saindo do caminho.

Ela soltou a respiração e não olhou para trás, para o robô ou nenhum de seus companheiros enquanto cruzava o asfalto quente. O aerodeslizador ainda esperava por ela. Acomodando-se no banco traseiro, ela mandou que a levasse até o Palácio de Nova Pequim.

Como estava inconsciente na primeira vez que fora ao palácio, Cinder se viu admirando a janela do aerodeslizador enquanto era levada pela íngreme e sinuosa estrada até o topo dos rigorosos penhascos que contornavam a cidade. A sua rede captou informações, dizendo que o palácio fora construído depois da Quarta Guerra Mundial, quando a cidade era pouco mais do que cascalho. Fora desenhado à moda do Velho Mundo, com doses abundantes de simbolismo nostálgico e engenharia de ponta. Os telhados, semelhantes aos dos pagodes, feitos de telhas tingidas de dourado, eram cercados por gárgulas *qilin*. Mas as telhas eram na verdade feitas de aço galvanizado coberto com minúsculas cápsulas solares que criavam energia suficiente para manter o palácio todo, inclusive a ala de pesquisa, e as gárgulas eram equipadas com sensores de movimento, escâneres de identidade, câmeras em 360 graus e radares que podiam detectar a aproximação de aeronaves e aerodeslizadores em um raio de quase cem quilômetros. Tudo isso era invisível, contudo: a tecnologia ficava oculta na vigas esculpidas para ornamentação e nos pavilhões enfileirados.

O que despertou a atenção de Cinder não foi a tecnologia moderna, mas uma estrada de pedras arredondadas com fileiras de cerejeiras dos dois lados. Depois de uma janela entreaberta, havia um gotejante riacho.

O aerodeslizador não parou na entrada principal, com suas pérgulas vermelhas. Em vez disso, circulou até o lado norte do palácio, mais próximo à ala de pesquisa. Embora aquela parte do palácio fosse mais moderna, menos nostálgica, Cinder ainda notou uma escultura de Buda agachado com uma expressão alegre ao lado do caminho. Enquanto ela pagava o aerodeslizador e caminhava na direção da porta automática de vidro, sentiu uma vibração sutil no tornozelo – Buda escaneava visitantes à procura de armas. Para seu alívio, o aço em sua perna não disparou nenhum alarme.

Do lado de dentro, foi saudada por um androide que perguntou seu nome e lhe disse que esperasse no banco próximo ao elevador. O centro de pesquisa era uma colmeia de atividade – diplomatas e doutores, embaixadores e andróides, todos perambulando pelos corredores em suas missões particulares.

Um elevador se abriu e Cinder entrou, satisfeita por estar sozinha. As portas começaram a se fechar, mas então se abriram novamente.

– Por favor, aguarde – disse a voz mecânica do ascensorista.

Um momento depois, o príncipe Kai disparou pelas portas entreabertas.

– Desculpe, desculpe, obrigado por aguardar...

Ele a viu e congelou.

– Linh-mèi?

Cinder se desencostou da parede do elevador e fez a reverência mais natural que pôde, checando ao mesmo tempo se sua luva esquerda escondia bem seu pulso.

– Vossa Alteza.

As palavras foram um jorro, cuspidas automaticamente, e ela sentiu a necessidade de dizer algo mais, de preencher o espaço do elevador, mas nada veio à mente.

As portas se fecharam; o elevador começou a subir.

Ela limpou a garganta.

– Você deveria, hum, me chamar de Cinder. Não precisa ser tão... *diplomático*.

O canto da boca do príncipe se torceu, mas o quase sorriso não alcançou os olhos dele.

– Tudo bem. Cinder. Você está me seguindo?

Ela fechou a cara, os pelos do pescoço se eriçando antes que percebesse que ele estava implicando com ela.

– Só vim dar uma olhada no medidroide. Aquele que olhei ontem. Para me certificar de que não há nenhuma falha.

Ele assentiu, mas Cinder detectou uma sombra vagando atrás de seus olhos, uma nova tensão em seus ombros.

– Eu estava indo conversar com o dr. Erland sobre o progresso dele. Ouvi boatos de que ele tinha avançado com uma das cobaias. Será que ele disse alguma coisa a você?

Cinder remexeu nos passadores do cinto.

– Não, ele não mencionou nada. Mas eu sou só uma mecânica.

O elevador parou. Kai gesticulou para que ela saísse primeiro e se juntou a ela enquanto percorriam o caminho até os laboratórios. Ela observou o chão branco passando por baixo de seus pés.

– Vossa Alteza? – interrompeu uma jovem com cabelos negros presos em uma trança apertada. Seu olhar estava fixo no príncipe Kai, toda simpatia. – Eu sinto muito.

O olhar de Cinder se voltou para Kai, que virou a cabeça para a mulher.

– Obrigado, Fateen.

E em seguida retomou sua caminhada.

Cinder franziu o cenho.

Nem uma dezena de passos depois, foram parados novamente por um homem que carregava um punhado de frascos transparentes.

– Minhas condolências, Vossa Majestade.

Cinder estremeceu quando seus pés fizeram uma pausa.

Kai parou e olhou para ela.

– Você não viu a net esta manhã.

Um segundo depois, Cinder estava acessando a rede, páginas piscando diante do seu visor. Na página do noticiário, uma meia dúzia de imagens do imperador Rikan e duas de Kai – o príncipe regente.

Ela pôs uma das mãos na boca.

Kai pareceu surpreso, mas sua expressão rapidamente se desvaneceu. Ele baixou a cabeça, a franja preta caindo em seus olhos.

- Bom palpite.
- Sinto muito mesmo. Eu não sabia.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e olhou corredor abaixo. Apenas agora Cinder notava o pálido tom avermelhado ao redor dos olhos dele.

- Eu queria muito que a morte do meu pai fosse o pior de tudo.
- Alteza? – A rede dela ainda estava buscando informações, mas nada parecia pior do que o imperador Rikan ter morrido na noite anterior. A única outra informação digna de atenção era que a coroação do príncipe Kai tinha sido marcada para a mesma noite que o Festival da Paz, que aconteceria antes do baile.

Seus olhares se encontraram, como se ele tivesse esquecido com quem conversava.

- Você pode me chamar de Kai?
- Ela piscou.
- O quê?
 - Sem mais “Vossa Alteza”. Escuto muito isso de... todos os outros. Você deveria me chamar de Kai.
 - Não. Isso não seria...
 - Não me faça transformar isso numa ordem real. – Ele ameaçou sorrir.

Cinder levantou os ombros até as orelhas, subitamente constrangida.

- Tudo bem. Acho.
- Obrigado. – Ele levantou a cabeça na direção do corredor. – Nós devíamos ir, então.

Ela quase se esqueceu de que estavam no corredor da ala de pesquisas, cercados de gente, todos educadamente os ignorando como se não estivessem ali. Ela olhou corredor abaixo, imaginando se havia falado fora de hora e sentindo-se estranha ao lado do príncipe, que, de repente, era *apenas Kai*. Isso não parecia certo.

– O que havia de errado com o androide?

Ela esfregou uma mancha de óleo na luva.

– Ah, me desculpe. Ela não está pronta ainda. Estou trabalhando nela, juro.

– Não, eu quis dizer o medidroide. O tal que você consertou para o dr. Erland.

– Ah. Ah, tudo bem. Foi... tinha... um... fio solto. Entre o sensor ótico e... o painel de controle. – Kai ergueu uma sobrancelha, e ela não sabia ao certo se o tinha convencido. Cinder limpou a garganta. – Você, hum, disse alguma coisa pior? Antes?

Quando Kai não disse nada por um momento embaraçoso, ela encolheu os ombros.

– Deixa pra lá. Eu não quis me intrometer.

– Não, está tudo bem. Vai descobrir logo, logo. – Ele baixou a voz, inclinando a cabeça na direção dela enquanto andavam. – A rainha lunar nos informou esta manhã que está vindo para a Comunidade em uma missão diplomática. Supostamente.

Cinder quase tropeçou, mas Kai continuou andando. Ela cambaleou atrás dele.

– A rainha lunar está vindo para cá? Você não pode estar falando sério.

– Eu queria não estar. Cada androide deste palácio passou a manhã removendo toda superfície reflexiva na ala dos hóspedes. É ridículo, como se não tivéssemos nada melhor para fazer.

– Superfícies reflexivas? Sempre achei que isso fosse apenas superstição.

– Evidentemente que não. Algo sobre o encanto delas... – Ele passou um dedo em volta do rosto, depois parou. – Isso na verdade não importa.

– Quando ela virá?

– Hoje.

Cinder sentiu o estômago despencar. A rainha lunar? Vindo para Nova Pequim? Um arrepio rastejou pelos seus braços.

– Farei um anúncio daqui a meia hora.

– Mas por que ela viria justamente agora, quando estamos de luto?

Um sorriso maldoso.

– *Porque* estamos de luto.

Kai parou. Com um olhar pelo corredor, ele se aproximou de Cinder, baixando o tom de voz.

– Ouça, eu realmente agradeço sua ajuda com os medidroides e tenho certeza de que a melhor mecânica da cidade tem um milhão de trabalhos para priorizar, mas, correndo o risco de soar como um príncipe mimado, será que posso pedir a você que passe Nainsi para o topo da lista? Estou ficando ansioso para tê-la de volta. Eu... – Ele hesitou. – Acho que o apoio moral da minha tutora da infância seria muito útil neste momento. Você entende? – A intensidade nos olhos dele não tentava esconder

seu verdadeiro significado. Ele queria que ela soubesse que ele estava mentindo. Aquilo não tinha nada a ver com apoio moral ou apegos infantis.

O pânico presente nos olhos do príncipe falava muito mais. Que informação teria o androide que poderia ser tão importante? E o que tinha a ver com a rainha lunar?

– É claro, Vossa Alteza. Desculpe, príncipe Kai. Vou dar uma olhada nela assim que chegar em casa.

Ela pensou ter visto gratidão escondida em algum lugar sob todo o temor dele. Kai gesticulou para uma porta ao seu lado, com a placa DR. DMITRI ERLAND. Ele a abriu e conduziu Cinder para dentro.

O dr. Erland estava sentado a uma mesa laqueada, ruminando sobre uma tela instalada na superfície. Quando viu Kai, ficou de pé em um salto, ao mesmo tempo pegando seu boné de lã e contornando a mesa na direção deles.

– Vossa Alteza, sinto muito. O que posso fazer para ajudá-lo?

– Nada, obrigado – disse Kai, em uma reação habitual. Então jogou os ombros para trás, reconsiderando. – Encontre uma cura.

– Eu encontrarei, Vossa Alteza. – Ele vestiu o boné. – É claro que vou encontrar. – A convicção no rosto do doutor era quase assustadora, mas também confortante. Cinder imediatamente se perguntou se ele descobrira algo novo nas horas que haviam se passado desde que o vira pela última vez.

Ela pensou em Peony, sozinha na quarentena. Embora fosse uma coisa horrível de se pensar, e ela imediatamente se puniu

por isso, não podia evitar – com o imperador Rikan morto, Peony seria a primeira na fila pelo antídoto.

Kai limpou a garganta.

– Encontrei essa bela mecânica lá embaixo, no saguão, e ela me disse que estava aqui para checar os medidroides de novo. Eu sei que poderia conseguir fundos para alguns modelos mais avançados, se você pedir.

Cinder se prendeu àquela palavra simples – *bela* –, mas nem Kai nem o dr. Erland a olharam. Cambaleando, ela observou cuidadosamente o quarto. Uma janela do chão ao teto capturava uma vista perfeita dos exuberantes jardins do palácio e da cidade abaixo. Prateleiras abertas preenchidas com objetos tão familiares quanto incomuns, novos e antigos. Uma pilha de livros – não tablets, mas livros de verdade, de papel. Jarras cheias de folhas e flores secas, jarras cheias de líquidos devidamente etiquetados, jarras cheias de espécies animais e formaldeído. Uma série de rochas, metais e minérios, todos etiquetados com cuidado.

Era o escritório de um doutor bruxo tanto quanto de um aclamado cientista real.

– Não, não, eles só precisavam de uma manutenção – dizia o dr. Erland, mentindo tão facilmente quanto fizera no dia anterior. – Nada com que se preocupar, e eu odiaria ter que programar um novo modelo. Além disso, se não tivéssemos androides com defeito, que desculpa nós teríamos para trazer a srta. Linh ao palácio de tempos em tempos?

Cinder lançou um olhar para o doutor, meio envergonhada, mas o começo de um sorriso surgiu no rosto de Kai.

– Doutor – disse Kai –, ouvi rumores de que você fez algum tipo de descoberta nos últimos dias. É verdade?

O dr. Erland tirou os óculos do bolso e os limpou com a batinha do jaleco.

– Meu príncipe, o senhor já deveria saber que é bobagem dar ouvidos a boatos como esse. Odeio lhe dar esperanças antes de saber algo de mais concreto. Mas, quando eu tiver alguma informação certa, o senhor será o primeiro a ver o relatório. – Ele deslizou os óculos no nariz.

Kai enfiou as mãos nos bolsos, aparentemente satisfeito.

– Certo. Nesse caso, eu o deixarei em paz e espero ver um relatório em minha mesa qualquer dia.

– Isso pode ser difícil, Vossa Alteza, considerando que o senhor não tem uma mesa.

Kai deu de ombros e se virou para Cinder. Seus olhos se suavizaram um pouco, com uma educada reverência da cabeça.

– Espero que nossos caminhos se cruzem de novo.

– Mesmo? Nesse caso, acho que vou continuar seguindo você.

– Ela se arrependeu da piada por meio segundo antes que Kai risse. Uma risada verdadeira, e o peito dela se amornou.

Então o príncipe esticou a mão para pegar a dela – a mão cibernética.

Cinder ficou tensa, receando que ele sentisse o metal duro, mesmo através das luvas, e ainda mais temerosa de tirar a mão e ele desconfiar de alguma coisa. Mentalmente desejou que o

membro cibernético se tornasse macio, maleável, *humano*, enquanto observava Kai erguer e beijar o dorso de sua mão. Ela prendeu a respiração, estupefata e constrangida.

O príncipe a soltou, fez uma reverência – o cabelo caindo em seus olhos de novo – e deixou o recinto.

Cinder ficou lá, paralisada, seus nervos interligados por fios zumbindo.

Ela ouviu o dr. Erland grunhir, curioso, mas a porta se abriu novamente tão rápido quanto havia se fechado.

– Que cortês – murmurou o dr. Erland quando Kai entrou novamente na sala.

– Me perdoe, mas posso dar mais uma palavrinha rápida com Linh-mèi?

O dr. Erland fez um movimento rápido na direção dela.

– É claro.

Kai se virou para ela, ainda no corredor.

– Sei que o momento parece ruim, mas confie em mim quando digo que meus motivos são baseados em autopreservação. – Ele respirou fundo. – Você gostaria de ser minha convidada pessoal no baile?

O chão se dissolveu sob os pés de Cinder. Sua mente ficou em branco. Certamente ela não ouvira direito.

Mas ele permaneceu lá, paciente, e depois de um longo momento ergueu ambas as sobrancelhas em uma provocação muda.

– De-desculpe-me?

Kai limpou a garganta. Se empertigou.

– Presumo que você vá ao baile.

– E-eu não sei. Quero dizer, não. Não, sinto muito, mas não vou ao baile.

Kai vacilou, confuso.

– Ah. Bem... mas... talvez você possa mudar de ideia. Porque eu sou... você sabe.

– O príncipe.

– Não estou me gabando – disse ele rapidamente. – É só um fato.

– Eu sei. – Ela engoliu em seco. O baile. O príncipe Kai estava lhe pedindo que o acompanhasse ao baile. Mas aquela era a noite em que ela e Iko fugiriam, se o carro estivesse pronto a tempo. A noite em que deveriam escapar.

Além disso, ele não sabia a quem, o quê, estava convidando. Se soubesse a verdade... o quão envergonhado ficaria se alguém descobrisse?

Kai mudou de apoio de um pé para outro, lançando um olhar nervoso na direção do doutor.

– Sinto muito – gaguejou ela. – Obrigada... Eu... Obrigada. Vossa Alteza. Mas eu respeitosamente devo declinar.

Ele piscou. Seus olhos pareciam estar processando a resposta dela. Então ergueu o queixo e tentou forçar um sorriso que foi quase desanimado.

– Não, tudo bem. Eu entendo.

O dr. Erland se apoiou na mesa.

– Minhas sinceras condolências, Vossa Alteza. Em vários aspectos, parece.

Cinder lançou um olhar gélido para ele, mas ele se concentrou em limpar os óculos de novo.

Kai coçou a nuca.

– Foi bom vê-la de novo, Linh-mèi.

Ela vacilou com a volta da formalidade e tentou falar, sua voz procurando desculpas, explicações, mas o príncipe não esperou por nada disso. A porta já estava se fechando atrás dele.

Ela fechou a mandíbula com um estalo, pensamentos faiscando em sua mente. O dr. Erland estalou a língua, e Cinder se preparou para injuriá-lo com aquelas explicações brotando, mas ele se virou antes que ela tivesse a oportunidade e voltou para sua cadeira.

– Que pena você não poder corar, srta. Linh.

CAPÍTULO

Dezenove

O DR. ERLAND ERGUEU AS MÃOS NA DIREÇÃO DE UMA CADEIRA DO C
de sua mesa.

– Por favor, sente-se. Só preciso terminar algumas anotações, e depois vou lhe contar algumas coisas que descobri desde ontem à tarde.

Cinder se sentou, satisfeita em tirar o peso do corpo de cima de suas pernas fracas.

– O príncipe acabou de...

– Sim. Eu estava bem aqui. – O dr. Erland se sentou no seu lugar e deu um tapinha na tela sobre a mesa.

Cinder se inclinou para trás na cadeira, segurando os braços para deter a tremedeira. Sua mente estava repassando a conversa enquanto o escâner de retina informava que seu corpo estava produzindo doses maciças de endorfinas e que ela deveria tentar se acalmar.

– O que você acha que ele quis dizer com seus motivos serem baseados em autopreservação?

– Ele provavelmente não quer ser atacado por todas as jovens presentes no baile este ano. Sabe, há alguns anos quase houve um tumulto.

Ela mordeu o lábio. De todas as garotas da cidade, ela era...

A mais conveniente.

Cinder repetiu as palavras para fixá-las na mente. Ela estava aqui e parecia ser sã e era um passo seguro para ele chamá-la para o baile. Só podia ser isso.

Além do mais, ele estava de luto. Não estava em seu pleno juízo.

– O imperador Rikan está morto – disse ela, procurando por qualquer outra coisa em que pensar.

– De fato. O príncipe Kai era bem próximo do pai, sabe?

Ela baixou o olhar para a tela sobre a qual o dr. Erland tinha se curvado. Só conseguia ver o pequeno diagrama de um torso humano, cercado por caixas de texto denso. Não parecia ser dela.

– Eu estaria mentindo – continuou o dr. Erland – se dissesse que não tinha alimentado esperanças secretas de encontrar um antídoto a tempo de salvar Vossa Majestade, embora eu soubesse, desde o momento em que o diagnóstico foi feito, que era improvável. Porém, devemos prosseguir com nosso trabalho.

Ela assentiu em concordância, pensando na mãozinha de Peony segurando as dela.

– Doutor, por que não contou ao príncipe a meu respeito? Você não quer que ele saiba que encontrou alguém que é imune? Isso não é importante?

Ele apertou os lábios, mas não olhou para ela.

– Talvez eu devesse. Mas seria responsabilidade dele compartilhar a novidade com o país, e não acho que estejamos prontos para chamar atenção para isso. Quando tivermos uma

prova concreta de que você é... tão valiosa quanto espero, contaremos nossas novidades ao príncipe. E ao mundo.

Ela apanhou uma caneta para tablet que estava na mesa e a examinou como um mistério científico. Rodando-a como um catavento pelos dedos, murmurou:

– Você também não contou a ele que sou ciborgue.

O doutor estabeleceu contato visual agora, os pés de galinha no canto dos olhos se enrugando.

– Ah. E é com isso que você está mais preocupada agora?

Antes que ela pudesse confirmar ou negar, o dr. Erland agitou a mão como se dispensasse sua atitude defensiva.

– Você acha que eu *deveria* dizer a ele que você é ciborgue? Eu contarei se quiser. Mas francamente não vejo por que isso seria do interesse dele.

Cinder largou a caneta para tablet no colo.

– Não, não é isso... eu só...

O dr. Erland riu com desdém. Estava rindo dela.

Cinder bufou, irritada, e olhou pela janela. A cidade quase cegava de tão clara que estava sob o sol da manhã.

– Não que isso importe. No fim, ele descobrirá.

– É, creio que descobrirá. Especialmente se continuar a demonstrar, hum, *interesse* em você. – O dr. Erland afastou a cadeira da mesa. – Aqui. O sequenciamento do seu DNA foi concluído. Vamos até o laboratório?

Ela o seguiu pelo corredor estéril. Era uma caminhada curta até os laboratórios, e eles entraram no 11 D desta vez, que parecia

exatamente igual ao 4D: um telão, armários embutidos, uma única mesa de exames. Sem espelho.

Cinder se sentou na mesa de exame sem que ele mandasse.

– Fui até a quarentena hoje... para visitar minha irmã.

O doutor parou, a mão no botão de ligar e desligar a tela.

– Isso foi um pouco arriscado. Você sabe que não se espera que as pessoas *saíam* uma vez que tenham entrado, não sabe?

– Eu sei. Mas eu tinha que vê-la. – Ela balançou as pernas, batendo os pés nas pernas da mesa. – Um dos medidroides fez um exame de sangue antes que eu saísse e estava tudo em ordem.

O doutor mexeu nos controles do telão.

– De fato.

– Só pensei que você deveria saber, no caso de isso afetar alguma coisa.

– Não afeta. – Ele enfiou a língua no canto da boca. Um segundo depois, a tela se acendeu. Suas mãos deslizaram pela tela, puxando o arquivo de Cinder. Estava mais complicado hoje, repleto de informações que nem ela mesma sabia a seu respeito.

– E eu vi uma coisa – disse ela.

O médico grunhiu, mais concentrado na tela do que nela.

– Um dos medidroides tirou um chip de identificação de uma vítima. Depois que ela morreu. Ele disse que fora programado para tirá-lo. Ele tinha *dezenas* deles.

O dr. Erland se virou para ela com uma expressão pouco interessada. Parecia ponderar sobre aquilo por um momento, então seu rosto lentamente relaxou.

– Bem.

– Bem o quê? Por que ele faria isso?

O médico coçou a bochecha, onde uma barba bem-cuidada começava a crescer ao longo do rosto severo.

– É uma prática comum em partes rurais do mundo, onde a letumose tem tirado vidas muito antes do que nas cidades. Os chips são extraídos dos mortos e vendidos. Ilegalmente, é claro, mas entendo que podem alcançar um bom preço.

– Por que alguém ia querer comprar o chip de identificação de outra pessoa?

– Porque é difícil viver sem um. Contas bancárias, benefícios, licenças, tudo isso requer uma identificação. – Ele juntou as sobrancelhas. – Embora isso levante um ponto interessante. Com todas as fatalidades causadas pela letumose nos últimos anos, era de se pensar que o mercado estaria saturado com chips de identificação desnecessários. É curioso que ainda haja demanda por eles.

– Eu sei, mas quando você já *tem* um... – Ela parou ao perceber o que dizia. Será que era tão fácil roubar a identidade de alguém?

– A não ser que você queira se tornar outra pessoa – disse ele, lendo os pensamentos dela. – Ladrões. Fugitivos da lei. – O doutor coçou a cabeça por cima do chapéu. – Os raros lunares. Eles, é claro, não têm chips de identificação, para começar.

– Não há nenhum lunar na Terra. Bem, a não ser embaixadores, eu acho.

O olhar do dr. Erland se encheu de dó, como se ela fosse uma criança ingênua.

– Ah, sim. Para a consternação infinita da rainha Levana, *nem* todos os lunares são tão facilmente suscetíveis a um contentamento vazio, e muitos arriscaram a vida para escapar de Luna e se estabelecerem aqui. É difícil deixar a Lua, e tenho certeza de que são muito mais numerosos os que morrem tentando do que os que conseguem, especialmente conforme mais restrições são feitas nos portais lunares, mas estou certo de que isso ainda acontece.

– Mas... é ilegal. Eles não deveriam de forma alguma estar aqui. Por que não os detivemos?

Por um momento, pareceu que o dr. Erland ia dar uma risada.

– Escapar de Luna é difícil, chegar à Terra é a parte fácil. Os lunares têm meios de ocultar suas espaçonaves e seguir caminho para dentro da atmosfera terrestre sem serem detectados.

Mágica. Cinder se inquietou.

– Você faz parecer que eles estão escapando de uma prisão.

O dr. Erland ergueu as sobrancelhas para ela.

– Verdade. Isso mesmo.

Cinder chutou com as botas a mesa do laboratório. A ideia de a rainha Levana vir a Nova Pequim revirara seu estômago – o pensamento de dezenas, talvez centenas de lunares vivendo na Terra disfarçados quase a fez precisar correr para a pia. Esses selvagens – com um chip de identificação programado e habilidade para fazer lavagem cerebral nas pessoas – podiam ser qualquer um, *se tornar* qualquer um.

E os terráqueos nunca saberiam que estavam sendo manipulados.

– Não fique tão assustada, srta. Linh. Em sua maioria, eles residem no interior, onde é mais provável que a presença deles não seja notada. As chances de que você alguma vez tenha cruzado o caminho de um deles é extremamente pequena. – Ele sorriu, um sorriso de aprovação, com os lábios fechados.

Cinder se endireitou na cadeira.

– Você certamente sabe muito sobre eles.

– Sou um homem velho, srta. Linh. Sei muito sobre muitas coisas.

– Tudo bem, eis uma questão. Qual é o problema dos lunares com espelhos? Sempre pensei que fosse apenas um mito eles temerem os espelhos, mas... é verdade?

As sobrancelhas do doutor se uniram.

– Tem algum fundo de verdade. Você entende como funciona e para que serve o encanto dos lunares?

– Não muito.

– Ah, entendi – disse ele, balançando-se para trás nos calcanhares. – Bem... o dom lunar nada mais é do que a habilidade de manipular energia bioelétrica, a energia que é naturalmente criada por todas as coisas vivas. Por exemplo, é a mesma energia que tubarões usam para detectar suas presas.

– Parece algo que os lunares fariam.

As linhas ao redor da boca do doutor se enrugaram.

– Os lunares têm a habilidade sem paralelo de não apenas detectar bioeletricidade nos outros, mas também de controlá-la. Eles podem manipulá-la de forma que as pessoas vejam o que os lunares quiserem e até mesmo sintam o que os lunares

desejarem. Encanto é o nome que eles dão à ilusão de si mesmos que projetam na mente dos outros.

– É como fazer as pessoas pensarem que você é mais bonito do que é de fato?

– Exatamente. Ou... – Ele gesticulou para as mãos de Cinder. – Fazer uma pessoa ver pele onde na verdade há metal.

Cinder esfregou, constrangida, a mão cibernética por cima da luva.

– Esse é o motivo pelo qual a rainha Levana é tão admirável de se olhar. Alguns lunares talentosos, como a rainha, mantêm o encanto ativo o tempo todo. Mas, da mesma forma que ela não pode enganar os netscreens, também não consegue fazer isso com espelhos.

– Então eles não têm espelhos porque não querem se ver?

– Vaidade é um fato, mas é mais uma questão de controle. É mais fácil induzir os outros a acreditar que você é lindo se você puder se convencer de que você é lindo. Mas espelhos têm um jeito incomum de dizer a verdade. – O dr. Erland a encarou, como se estivesse se divertindo. – E agora uma pergunta para você, srta. Linh. Por que o súbito interesse em lunares?

Umedecendo os lábios, Cinder baixou o olhar para as mãos e percebeu que ainda estava com a caneta para tablet roubada da mesa dele.

– Algo que Kai disse.

– Sua Majestade?

Ela assentiu.

– Ele me disse que a rainha Levana está vindo para Nova Pequim.

O doutor recuou. Ele ficou boquiaberto, as sobrancelhas volumosas quase tocando a aba do chapéu, então deu um passo para trás, batendo nos arquivos. Pela primeira vez naquele dia, a atenção dele estava inteiramente voltada para ela.

– Quando?

– A chegada dela é esperada para hoje.

– *Hoje?*

Ela pulou. Não poderia imaginar o dr. Erland levantando a voz daquele jeito. Ele se afastou dela, coçando o chapéu, ponderando.

– Você está bem?

Ele dispensou a pergunta com um gesto.

– Suponho que ela estivesse esperando por isso.

Ele tirou o chapéu, revelando um ponto calvo cercado por fios finos e bagunçados. Passou a mão por ele umas poucas vezes, olhando para o chão.

– Ela espera se aproveitar de Kai. Sua juventude, sua inexperiência. – Ele soltou uma respiração furiosa e vestiu novamente o boné.

Cinder espalmou os dedos nos joelhos.

– O que você quer dizer, se aproveitar dele?

Ele se virou para ela. O rosto tenso, os olhos turbulentos. O olhar que cravou em Cinder fez com que ela se encolhesse de novo.

– Você não deveria estar preocupada com o príncipe, srta. Linh.

– Não deveria?

– Ela está vindo hoje? Foi o que ele lhe disse?

Ela assentiu.

– Então você deve partir. Rápido. Você não pode estar aqui quando ela chegar.

Ele a espantou da mesa. Cinder desceu, mas não fez nenhum movimento em direção à porta.

– O que isso tem a ver comigo?

– Temos suas amostras de sangue e seu DNA. Podemos nos virar sem você por agora. Só fique bem longe do palácio até que ela tenha ido embora, entendeu?

Cinder empacou no lugar.

– Não. Não entendi.

O médico desviou o olhar dela para o netscreen, que ainda mostrava suas estatísticas. Parecia confuso. Velho. Exausto.

– Tela, exibir atualização.

As estatísticas de Cinder desapareceram, substituídas por um âncora do noticiário. A manchete acima dele anunciava a morte do imperador.

– ... Alteza está se preparando para fazer um discurso dentro de alguns minutos sobre a morte de Sua Majestade Imperial e a coroação por vir. Estaremos transmitindo ao vivo...

– Mudo.

Cinder cruzou os braços.

– Doutor?

Ele virou olhos suplicantes para Cinder.

– Srta. Linh, você deve ouvir com muita atenção.

- Vou botar o volume da minha interface de áudio no máximo.
- Ela se apoiou nos arquivos, desapontada quando o dr. Erland não fez muito mais do que piscar para ela com sarcasmo.

Em vez disso, deixou escapar um suspiro contrariado.

- Não sei ao certo como dizer isso. Pensei que teria mais tempo.
- Ele esfregou as mãos. Andou na direção da porta. Endireitou os ombros e olhou para Cinder de novo.
- Você tinha onze anos quando passou pela cirurgia, certo?

A pergunta não era o que ela esperava.

- Foi...
- E antes disso, você não se lembra de nada?
- Nada. O que isso tem a ver com...?
- Mas e seus pais adotivos? Com certeza eles lhe contaram algo sobre sua infância. Suas origens.

A palma da mão direita de Cinder começou a suar.

- Meu pai adotivo morreu logo depois do acidente, e Adri não gosta de falar sobre isso, se é que sabe de alguma coisa. A minha adoção não estava exatamente nos planos dela.

– Você sabe alguma coisa sobre seus pais biológicos?

Cinder sacudiu a cabeça.

- Só os nomes deles, datas de nascimento... o que estava nos meus arquivos.

– Os arquivos no seu chip de identificação.

- Bem... – A irritação cresceu dentro dela.
- Aonde você quer chegar?

Os olhos do dr. Erland se suavizaram, tentando oferecer algum conforto, mas o olhar apenas a enervou.

– Srta. Linh, a partir de suas amostras de sangue deduzi que você é, na verdade, uma lunar.

A palavra se abateu sobre Cinder como se ele estivesse falando um idioma diferente. A máquina em seu cérebro continuou funcionando, como se trabalhasse tentando resolver uma equação impossível.

– Lunar? – A palavra evaporou de sua língua, quase não existindo.

– Sim.

– *Lunar?*

– Isso mesmo.

Ela recuou. Olhou para as paredes, a mesa de exame, o âncora silencioso do noticiário.

– Eu não tenho poderes mágicos – disse ela, cruzando os braços como provocação.

– É, bem. Nem *todos* os lunares nascem com o dom. Eles são chamados de cascudos, o que tem uma conotação ligeiramente depreciativa em Luna, então... Bem, bioeletricamente deficiente não soa muito melhor, não é? – Ele deu um risinho para si mesmo, de uma maneira estranha.

A mão de metal de Cinder se retesou. Ela desejou brevemente ter algum tipo de magia que pudesse disparar um raio na cabeça dele.

– Eu não sou lunar. – Ela tirou a luva e agitou a mão para ele. – Sou um *ciborgue*. Você não acha que isso já é ruim o bastante?

– Lunares podem ser ciborgues tão facilmente como humanos. É raro, claro, dada a intensa oposição deles a

cibernética e interfaces cerebrais mecânicas...

Cinder fingiu um engasgo.

– *Não*. Quem se oporia a *isso*?

– Mas ser lunar e ser ciborgue não são incompatíveis. E não é uma surpresa total que você tenha sido trazida para cá. Desde a admissão do infanticídio dos nascidos sem dom, durante o reinado da rainha Channary, muitos pais lunares tentam salvar seus filhos cascudos trazendo-os para a Terra. É claro, a maioria deles morre ou é executada como punição pela tentativa, mas ainda assim... acredito que esse tenha sido o seu caso. A parte do salvamento. Não a da execução.

Uma luz laranja piscou no canto do visor dela. Cinder semicerrou os olhos para o homem.

– Você está mentindo.

– Não estou mentindo, srta. Linh.

Ela abriu a boca para argumentar – mas qual parte? O que exatamente ele tinha dito para disparar o detector de mentiras?

A luz se foi assim que ele continuou a falar.

– Isso também explica sua imunidade. Na verdade, quando o seu sistema combateu os patógenos ontem, a possibilidade de você ser lunar foi a primeira que passou pela minha mente, mas não quis dizer nada até ter a confirmação.

Cinder pressionou as palmas das mãos nos olhos, bloqueando as fortes luzes fluorescentes.

– O que isso tem a ver com imunidade?

– Lunares são imunes à doença, é evidente.

– Não. Não é *evidente*. Isso não é de conhecimento geral. – Ela enrolou as mãos no rabo de cavalo.

– Ah. Bem, mas é senso comum quando você conhece a história. – Ele torceu as mãos. – O que, creio eu, não acontece com a maioria das pessoas.

Cinder escondeu o rosto, arfando. Talvez ela pudesse presumir que o homem era louco e não ter que acreditar em nada do que ele dizia, afinal.

– Sabe – disse o dr. Erland –, lunares são os hospedeiros originais da letumose. A migração deles para áreas rurais da Terra, principalmente durante o reinado da rainha Channary, colocou a doença em contato com os humanos pela primeira vez. Historicamente, é uma situação comum. Os ratos levaram a peste bubônica à Europa, os conquistadores levaram varíola aos americanos nativos. Soa muito Segunda Era os terráqueos considerarem sua imunidade algo garantido agora, mas com a migração de lunares, bem... os sistemas imunológicos terráqueos apenas não estavam preparados. Uma vez que mesmo um punhado de lunares chegou, trazendo consigo a doença, ela começou a se espalhar como um incêndio fora de controle.

– Pensei que eu não fosse contagiosa.

– Você não é *agora*, porque seu corpo desenvolveu formas de se livrar da doença, mas deve ter sido em algum momento. Além disso, suspeito que lunares tenham níveis diferentes de imunidade. Enquanto alguns podem livrar o corpo inteiramente da doença, outros carregam-na sem apresentar os sintomas,

espalhando-a por todos os lados por onde passam e inconscientes do problema que causam.

Cinder agitou as mãos diante dele.

– Não. Você está enganado. Tem que haver outra explicação. Eu não posso ser...

– Entendo que é demais para compreender nesse momento. Mas preciso que você entenda por que não poderá estar presente quando a rainha chegar. É perigoso demais.

– Não, você *não* entende. Eu não sou um *deles*!

Ser ciborgue e lunar. Uma dessas coisas já era o bastante para fazer dela uma mutante, uma rejeitada, mas ser *ambas*? Ela encolheu os ombros. Lunares eram pessoas cruéis e selvagens. Eles matavam suas crianças que nasciam sem o dom. Mentiam, trapaceavam e faziam lavagem cerebral uns nos outros porque *podiam*. Não se importavam com o mal que fariam, desde que fossem beneficiados. Ela não era um deles.

– Srta. Linh, você deve me ouvir. Você foi trazida até aqui por um motivo.

– Qual, ajudar você a encontrar a cura? Acha que isso é algum tipo de presente tortuoso do destino?

– Não estou falando de sorte ou destino. Estou falando de sobrevivência. Você *não pode* deixar que a rainha a veja.

Cinder se encolheu contra o gabinete, ainda mais perplexa.

– Por quê? Por que ela se importaria comigo?

– Ela se importaria bastante com você. – Ele hesitou, seus olhos azuis selvagens de pânico. – Ela... ela odeia cascudos lunares, sabe. Cascudos são imunes ao encanto lunar. – Ele girou as mãos pelo

ar, procurando. – É a *lavagem cerebral* deles, propriamente dita. A rainha Levana não consegue controlar cascudos, motivo pelo qual continua mandando exterminá-los. – Seus lábios se endureceram. – Nada impedirá a rainha Levana de assegurar seu controle, de exterminar qualquer resistência. Isso significa matar aqueles que podem resistir a ela, gente como você. Está me entendendo, srta. Linh? Se ela visse você, isso significaria sua morte.

Engolindo em seco, Cinder pressionou o pulso esquerdo com o polegar. Não conseguia sentir seu chip de identificação, mas sabia que ele estava no lugar.

Extraído de algum falecido.

Se o dr. Erland estivesse certo, então tudo que ela sabia sobre si mesma, sua infância, seus pais, estava errado. Uma história inventada. Uma garota inventada.

A ideia de lunares fugitivos não soava mais tão estranha.

Ela se virou na direção do netscreen. Kai estava lá agora, na sala de imprensa, falando em um pódio.

– Srta. Linh, alguém passou por um baita problema para trazê-la para cá, e agora você está em perigo extremo. Você não pode correr esse risco.

Ela mal ouviu, observando enquanto o texto começou a rolar ao longo da parte inferior da tela.

ANUNCIADO: A RAINHA LUNAR LEVANA VIRÁ À
COMUNIDADE ORIENTAL PARA DISCUTIR UMA

ALIANÇA DE PAZ. ANUNCIADO: A RAINHA
LUNAR LEVANA. . .

– Srta. Linh, você me ouviu?

– Ouvi – disse ela. – Perigo extremo. Eu ouvi.

CAPÍTULO

Vinte

A ESPAÇONAVE LUNAR NÃO ERA MUITO DIFERENTE DAS NAVES T exceto pelo fato de que brilhava como se tivesse diamantes incrustados, e uma série de runas douradas circulava seu casco em uma linha ininterrupta. A nave estava clara demais sob o sol da tarde, e Kai teve que semicerrar os olhos para olhar. Ele não sabia se as runas eram mágicas ou se a intenção deles era que parecessem assim. Não sabia se a nave era feita de um material decorativo e brilhante, ou se apenas a haviam pintado dessa forma. Ele só sabia que doía olhar para ela.

A nave era maior do que o transporte pessoal em que a taumaturga-chefe da rainha, Sybil, viera à Terra, e ainda assim relativamente pequena para toda a importância que trazia consigo: menor do que a maioria das naves de passageiros e menor do que qualquer transporte de carga que Kai já vira. Era uma nave particular, feita apenas para a rainha lunar e seu séquito.

A nave pousou sem nenhum solavanco. Vapor se levantou do concreto em ondas borbulhantes. A fina seda da camisa de Kai colou em suas costas e um fio de suor começou a escorrer pelo seu pescoço – à noite, o comitê de boas-vindas estaria protegido

pelas paredes de pedra, mas agora estava sob o ataque do sol de agosto.

Eles aguardaram.

Torin, ao lado de Kai, não se inquietou. Seu rosto estava impassível, expectante. Sua tranquilidade só serviu para inquietar Kai ainda mais.

Do outro lado de Kai, Sybil Mira estava vestida com seu casaco branco oficial com runas bordadas, similares àquelas que se encontravam na nave. O material parecia leve, ainda que a cobrisse do alto do pescoço até as juntas de cada mão, e as caudas alargadas ficassem penduradas para além dos joelhos. Ela devia estar morrendo de calor, mas parecia completamente serena.

Poucos passos atrás dela estava o guarda louro, com as mãos unidas atrás das costas.

Dois dos guardas reais de Kai postavam-se de cada lado da plataforma.

Isso era tudo. Levana insistira para que ninguém mais a recebesse na plataforma.

Kai enterrou as unhas nas palmas das mãos em uma tentativa de manter o desdém longe do rosto e esperou pacientemente enquanto o calor grudava sua franja à testa.

Finalmente, quando a rainha pareceu ter se cansado de fazê-los sofrer, a rampa da nave desceu, revelando escadas prateadas.

Dois homens desembarcaram primeiro – ambos altos e musculosos. Um era pálido, com cabelo cor de laranja selvagemmente desganhado, e vestia a mesma armadura de

guerra e armamentos do guarda de Sybil. O outro era escuro como o céu da noite, sem nem um fio de cabelo sequer, e usava um casaco como o de Sybil, com mangas boca de sino e bordadas. O dele, entretanto, era vermelho, anunciando que estava abaixo de Sybil, um taumaturgo suplente. Kai ficou feliz em saber o suficiente sobre a corte lunar para reconhecer *isso*, pelo menos.

Ele observou enquanto os dois homens mapeavam a plataforma, as paredes em volta e o grupo reunido com expressões estoicas antes de se postarem cada um de um lado da rampa.

Sybil esgueirou-se para a frente. Kai tragou o ar sufocante.

A rainha Levana apareceu no topo da escada. Ainda usava um véu muito longo e muito claro sob o sol implacável. Seu vestido branco roçava os quadris enquanto ela descia os degraus e aceitava a mão de Sybil.

Sybil se curvou sobre um joelho e tocou as articulações do pé da rainha com a testa.

– Nossa separação foi insuportável. Estou feliz em mais uma vez poder servi-la, minha rainha. – Em seguida ela ficou de pé e, com um único movimento singelo, ergueu o véu de Levana, ajustando-o para trás.

O ar quente entrou na garganta de Kai, sufocando-o. A rainha parou somente o tempo necessário para parecer que estava deixando seus olhos se acostumarem à claridade da luz do sol na Terra – mas Kai suspeitava de que na verdade ela queria que ele a visse.

Era de fato linda, como se alguém tivesse medido com precisão científica a perfeição e usado as informações para moldar um único exemplo ideal da espécie. Seu rosto tinha uma leve forma de coração, com maçãs altas e um pouco coradas. Cabelos castanho-avermelhados caíam em cachos sedosos até a cintura, e sua pele imaculada de mármore cintilava como madrepérola ao sol brilhante. Seus lábios eram extremamente vermelhos, o que dava a impressão de que a rainha tinha bebido uma caneca de sangue.

Um arrepio sacudiu Kai de dentro para fora. Ela era sobrenatural.

Kai arriscou um olhar para Torin e viu que ele sustentava o olhar de Levana sem nenhuma emoção aparente. Ver a determinação de seu conselheiro fez com que a mesma perseverança percorresse Kai. Lembrando-se de que era apenas uma ilusão, forçou-se a olhar para a rainha de novo.

Os olhos de ônix dela brilharam ao pousarem sobre ele.

– Vossa Majestade – disse Kai, levando o pulso ao coração –, é uma grande honra recebê-la em meu país e em meu planeta.

Os lábios dela se torceram. Uma doçura iluminou o seu rosto – inocente como o de uma criança. Isso o inquietou. Ela não fez nenhuma reverência, nem sequer assentiu. Em vez disso, ergueu a mão.

Kai hesitou, encarando a pele pálida, translúcida, perguntando-se se apenas tocá-la era o bastante para destruir a mente de um homem.

Recompondo-se, pegou a mão dela e deu um rápido beijo em seus dedos. Nada aconteceu.

– Vossa Alteza – disse ela em uma voz ritmada que reverberou pela espinha de Kai. – É uma grande honra ser tão bem recebida. Quero novamente oferecer minhas sinceras condolências pela perda de seu pai, o grande imperador Rikan.

Kai sabia que ela não sentia de forma alguma a morte de seu pai, mas nem a expressão nem o tom de sua voz o demonstravam.

– Obrigado – respondeu ele. – Espero que tudo corra de acordo com suas expectativas durante a visita.

– Estou ansiosa pela famosa hospitalidade da Comunidade Oriental.

Sybil deu um passo à frente, os olhos respeitosamente evitando a rainha Levana.

– Eu inspecionei pessoalmente suas instalações, minha rainha. Elas são inferiores a nossas acomodações em Luna, mas acho que serão adequadas.

Levana não tomou conhecimento de sua taumaturga, mas seu olhar se suavizou, e o mundo mudou. Kai sentiu que o chão se abria embaixo dele. Que o ar havia sido tragado da atmosfera terrestre. Que o sol se apagara, fazendo com que a rainha etérea fosse a única fonte de luz na galáxia.

Lágrimas brotaram no fundo de seus olhos.

Ele a amava. Precisava dela. Faria qualquer coisa para agradá-la.

Enterrou as unhas nas palmas das mãos o mais fundo que conseguiu, quase gritando de dor, mas funcionou. O controle da rainha se desfez, ficando apenas a bela mulher – não a adoração desesperada por ela.

Kai sabia que ela estava consciente do efeito que tinha sobre ele enquanto o príncipe lutava para acalmar a respiração irregular, e ainda que ele quisesse detectar arrogância em seus olhos negros, não viu nada. Nada mesmo.

– Se você vier comigo – disse ele, a voz levemente rouca –, lhe mostrarei seus aposentos.

– Isso não será necessário – disse Sybil. – Estou bem familiarizada com a ala dos hóspedes e posso levar Sua Majestade eu mesma. Gostaríamos de um momento para conversarmos a sós.

– É claro – respondeu Kai, esperando que seu alívio não ficasse muito evidente.

Sybil liderou o caminho, o taumaturgo suplente e os dois guardas marchando atrás. Ignoraram a presença de Kai e Torin ao passarem, mas Kai não duvidava de que eles golpeariam seu pescoço em um segundo caso ele fizesse qualquer movimento suspeito.

Ele deixou escapar uma respiração trêmula quando se foram.

– Você a sentiu? – perguntou em um tom que era pouco mais que um sussurro.

– É claro – disse Torin. Seus olhos estavam voltados para a nave, mas ele podia estar olhando para Marte, pelo foco de seu olhar. – Você resistiu bem a ela, Vossa Alteza. Sei que foi difícil.

Kai passou as mãos pelos cabelos, procurando uma brisa, qualquer brisa, mas não havia.

– Não foi tão difícil. Foi apenas por um momento.

Os olhos de Torin encontraram os dele. Foi uma das poucas vezes em que Kai vira sincera simpatia naquele olhar.

– Ficaré mais difícil.



LIVRO

Três

*Você quer ir ao baile toda suja e coberta de poeira? Isso só nos
envergonharia!*



CAPÍTULO

Vinte e Um

CINDER DESMORONOU EM SUA MESA DE TRABALHO, ALIVI- finalmente ter saído daquele apartamento sufocante. Não apenas o sistema de ar estava quebrado – *de novo* – e o serviço de manutenção não aparecia, mas a estranheza entre ela e Adri beirava o insuportável. Vinham se alfinetando desde que ela chegara em casa do laboratório, dois dias antes. Adri tentara lembrar a Cinder sua superioridade ordenando-lhe que desfragmentasse o computador central de todo o apartamento e atualizasse o software que elas nem sequer usavam mais. Ao mesmo tempo, espreitava-a como se quase já estivesse envergonhada do que fizera a Cinder.

Mas Cinder provavelmente estava imaginando essa última parte.

Pelo menos Pearl saíra durante o dia todo e só aparecera quando Cinder e Iko estavam de saída para trabalhar no carro.

Outro longo dia. Outra noite de trabalho. O carro precisava de mais reparos do que ela imaginara – todo o sistema de escapamento necessitava ser trocado, o que significava que ela mesma teria de produzir várias partes, o que lhe traria muitas dores de cabeça. Cinder tinha o pressentimento de que não

conseguiriam descansar se quisesse que ele estivesse em condições de circular até a noite do baile.

Ela suspirou. O *baile*.

Não se arrependia de ter recusado o convite do príncipe, porque sabia como isso poderia acabar mal. Um número enorme de coisas poderia dar errado – desde tropeçar nas escadas e mostrar ao príncipe uma sensual coxa de metal até encontrar Pearl, Adri ou alguém do mercado. As pessoas comentariam. Os canais de fofoca com certeza vasculhariam seu passado, e em muito pouco tempo o mundo todo saberia que o príncipe tinha levado um ciborgue para seu baile de coroação. Ele ficaria envergonhado. *Ela* ficaria envergonhada.

Mas o fato de ela se perguntar se estava agindo bem não facilitava as coisas. E se o príncipe Kai não se importasse? E se o mundo fosse diferente e ninguém se importasse com o fato de ela ser ciborgue... e, além disso, de ela ser lunar?

Aham. Quem dera.

Ao ver o netscreen quebrado sobre o tapete, ela se levantou da cadeira e se ajoelhou diante dele. A tela negra era reflexiva o suficiente para que ela pudesse ver o contorno de seu rosto e corpo, a pele bronzeada dos braços contrastando com o metal escuro em sua mão.

A negação seguiria seu curso até não ter mais para onde ir. Ela era lunar.

Mas não temia a superfície espelhada, não temia seu próprio reflexo. Não conseguia entender o que Levana e os conterrâneos *delas* achavam tão perturbador naquilo. Suas partes mecânicas

eram a única coisa perturbadora no reflexo de Cinder, e isso fora feito a ela na Terra.

Lunar. E ciborgue.

E fugitiva.

Adri sabia? Não, Adri jamais abrigaria uma lunar. Se soubesse, teria denunciado Cinder ela mesma, provavelmente esperando pagamento.

O marido de Adri sabia?

Essa era uma pergunta cuja resposta talvez Cinder nunca soubesse.

De qualquer forma, estava confiante de que, enquanto o dr. Erland não dissesse nada, seu segredo estaria a salvo. Ela apenas precisava seguir adiante como se nada tivesse acontecido.

De várias maneiras, nada acontecera. Ela era tão excluída quanto antes.

Um brilho branco chamou sua atenção na superfície da tela – o androide de Kai, com o sensor sem vida olhando para ela de seu lugar na mesa. O corpo em forma de pera era a coisa mais clara da sala e, provavelmente, a mais limpa. Fez com que se recordasse dos medidroides estéreis nos laboratórios das quarentenas, mas aquela máquina não tinha bisturis nem seringas escondidos em seu torso.

Trabalho. Mecânica. Ela precisava daquela distração.

Voltando para a mesa, ela mudou sua interface de áudio para alguma música de fundo tranquila. Tirou as botas, segurou os lados do androide e o rolou na sua direção. Após um rápido

exame do revestimento externo, ela virou o androide, deitando-o de forma que ele se equilibrasse sobre as rodas.

Cinder abriu o painel traseiro e inspecionou os fios ao longo da moldura cilíndrica. Não era um androide complicado. O interior, na maior parte, era oco, uma concha para abrigar o mínimo de discos rígidos, fios e chips. Androides tutores requeriam pouco mais do que uma unidade central de processamento. Cinder suspeitou de que o androide teria que ser apagado e reprogramado, mas tinha a sensação de que essa não era uma opção viável. Apesar da indiferença de Kai, estava claro que o androide sabia de algo importante, e depois da conversa deles no saguão da ala de pesquisas ela teve um pressentimento inquietante de que tinha algo a ver com lunares.

Estratégias de guerra? Comunicação confidencial? Evidência para chantagem? Fosse lá o que fosse, Kai com certeza achava que poderia ajudar, e confiara em Cinder para salvar o conteúdo.

– Sem pressão nem nada – murmurou ela, segurando uma lanterna entre os dentes para que pudesse ver a parte de dentro do androide. Pegou um alicate e esticou os fios de um lado para o outro do crânio. Sua configuração era similar à de Iko, então Cinder sentiu familiaridade com as partes dela, e sabia exatamente onde encontrar todas as conexões importantes. Ela checkou se as ligações entre os fios estavam funcionando, se a bateria segurava carga, se nenhuma peça importante estava faltando, e tudo pareceu bem. Limpou o transmissor de som e ajustou a ventilação interna, mas Nainsi, o androide, continuou uma estátua sem vida em plástico e alumínio.

– Toda arrumada sem nenhum lugar para ir – disse Iko da porta.

Cinder deixou cair a lanterna com uma risada e olhou para baixo, para sua calça cargo suja de graxa.

– Aham, certo. Tudo que preciso é de uma tiara.

– Eu estava falando de mim.

Ela girou a cadeira. Iko colocara um colar de pérolas em volta da cabeça bulbosa e passara batom cor de cereja embaixo do sensor, em uma péssima imitação de lábios.

Cinder riu.

– Uau. Essa cor fica ótima em você.

– Você acha? – Iko rolou para dentro da garagem e parou diante da mesa de Cinder, tentando ver seu reflexo no netscreen.

– Eu estava imaginando que podia ir ao baile e dançar com o príncipe.

Cinder esfregou a mandíbula e distraidamente batucou na mesa com a outra mão.

– Engraçado. Eu me peguei imaginando exatamente a mesma coisa nos últimos dias.

– Eu sabia que você tinha gostado dele. Você finge ser imune aos seus encantos, mas pude ver o jeito que você o olhou no mercado. – Iko esfregou o batom, espalhando-o pelo queixo branco.

– Aham, bem... – Cinder apertou com os dedos de metal a ponta do alicate. – Todos temos nossas fraquezas.

– Eu sei – disse Iko. – A minha é por sapatos.

Cinder jogou a ferramenta na mesa. Algo como culpa começava a crescer dentro dela quando Iko estava por perto. Ela sabia que deveria contar-lhe sobre ser lunar, pois Iko, mais do que qualquer um, entenderia como era ser diferente e indesejada. Mas de alguma forma não conseguia dizer aquilo em voz alta. *Aliás, Iko, acontece que sou lunar. Você não se importa, não é?*

– O que você está fazendo aqui embaixo? – perguntou ela, em vez disso.

– Só vendo se você precisava de alguma ajuda. Eu deveria estar tirando poeira dos ventiladores, mas Adri estava no banho.

– E?

– Eu ouvi ela chorando.

Cinder piscou, confusa.

– Ah.

– Aquilo fez com que eu me sentisse inútil.

– Entendo.

Iko não era um androide servo normal, mas tinha uma característica proeminente – sentir-se inútil era a pior emoção que poderia experimentar.

– Bem, claro, você pode ajudar – disse Cinder, esfregando as mãos. – Só não deixe que ela pegue você usando essas pérolas.

Iko ergueu o colar de contas com suas pinças, e Cinder notou que ela usava a fita que Peony lhe dera. Ela recuou, como se tivesse levado uma ferroadada.

– Que tal um pouco de luz?

O sensor azul se iluminou, irradiando um foco de luz no interior de Nainsi.

Cinder apertou os lábios.

– Você acha que ele poderia ter um vírus?

– Talvez a programação dele estivesse sobrecarregada com a sensualidade excepcional do príncipe Kai.

Cinder se encolheu.

– Será que poderíamos, por favor, não falar no príncipe?

– Não acho que isso será possível. Você está trabalhando no androide dele, afinal. Pense só nas coisas que ele sabe, que viu e...

– A voz de Iko afinou. – Você acha que ela já viu o príncipe nu?

– Ah, pelo amor de Deus. – Cinder arrancou as luvas e as jogou na mesa. – Você não está ajudando.

– Só estou puxando conversa.

– É melhor parar. – Cruzando os braços sobre o peito, Cinder empurrou a cadeira para longe da mesa de trabalho e apoiou as pernas em cima dela, descansando. – Tem que ser algum problema de software.

Ela deu um sorrisinho malicioso para si mesma. Os problemas de software em geral se resolviam com a reinstalação, mas isso tornaria o androide uma lousa em branco. Ela não sabia se Kai estava preocupado com o chip de personalidade do androide, que provavelmente evoluíra para algo bem complicado depois de vinte anos de serviço, mas tinha certeza de que Kai estava preocupado com alguma coisa no disco rígido daquele androide e não queria se arriscar a apagar o que quer que fosse.

A única maneira de determinar o que havia de errado e se uma reinstalação seria necessária era checar o diagnóstico interno do robô, e para isso era preciso se conectar a ele. Cinder odiava se conectar. Sempre se sentia um pouco exposta ao perigo quando conectava sua própria fiação a um objeto estranho, como se, caso ela não fosse cuidadosa, seu próprio software pudesse ser apagado.

Criticando a si mesma por ser melindrosa, esticou a mão para o painel na parte de trás da cabeça. Sua unha encontrou a pequena tranca e a abriu.

– O que é isso?

Cinder olhou para a mão de Iko em forma de pinça que apontava.

– O que é o quê?

– Esse chip.

Cinder pôs os pés no chão e se inclinou para a frente. Semicerrou os olhos para ver a parte de trás do modelo, onde uma fileira de pequenos chips estavam dispostos como soldados ao longo do fundo do painel de controle. Havia vinte plugues no total, mas apenas treze deles estavam ocupados; fabricantes sempre deixavam espaço de sobra para acréscimos e atualizações.

Iko avistara o décimo terceiro chip, e ela estava certa. Havia algo de diferente nele. Estava enfiado longe o bastante dos demais chips para passar despercebido em uma olhada geral, mas quando Cinder o mirou com a lanterna, brilhou como prata polida.

Cinder fechou o painel na parte da cabeça e pesquisou a impressão digital do modelo do androide em sua retina. De acordo com os planos originais do fabricante, aquele modelo vinha apenas com doze chips. Mas com certeza, depois de vinte anos, o androide teria recebido pelo menos um acréscimo. Certamente o palácio tinha acesso aos mais novos e melhores programas disponíveis. Ainda assim, Cinder jamais vira um chip como aquele.

Ela pressionou com a unha as garrinhas que prendiam o chip e pegou a ponta dele com o alicate. Ele deslizou do plugue como se tivesse graxa.

Cinder o segurou perto do rosto para analisá-lo. Exceto pelo acabamento perolado e brilhante, parecia um chip de programação igual a qualquer outro. Virando-o, viu as letras D-COMM gravadas no verso.

- É isso mesmo? – Ela abaixou o braço.
- O que é? – perguntou Iko.
- Um chip de comunicação direta.

Cinder franziu a testa. Quase toda a comunicação era feita pela rede – comunicação direta que não usava a rede era quase obsoleta, já que era lenta e tinha tendência a perder a conexão no meio de uma ligação. Ela supôs que tipos paranoicos que exigiam absoluta privacidade achariam comunicados diretos atraentes, mas, mesmo assim, usariam um tablet ou um netscreen, um dispositivo que fosse preparado para tal. Usar um androide como uma das partes da ligação não fazia sentido algum.

A luz de Iko escureceu.

– Meu banco de dados informa que androides não vêm equipados com dispositivos para comunicação direta desde o ano 89 da Terceira Era.

– O que explicaria o motivo de o chip não funcionar com a programação dela. – Cinder ergueu o chip na direção de Iko. – Você pode fazer um escaneamento do material, ver do que ele é feito?

Iko recuou.

– De jeito nenhum. Ter um colapso mental não está na minha lista de coisas a fazer hoje.

– Não parece que ele tenha causado a falha no funcionamento. Será que o sistema simplesmente não o rejeitou? – Cinder ficou virando o chip em vários ângulos, para a frente e para trás, fascinada pela forma como sua superfície reflexiva absorvia a luz de Iko. – A menos que tenha tentado enviar informação pela ligação direta. Isso poderia mexer com a rede.

Pondo-se de pé, Cinder andou devagar pelo espaço de armazenamento em direção ao netscreen. Embora sua moldura estivesse quebrada, a tela e os controles pareciam intactos. Ela deslizou o chip para dentro e pressionou o botão de força, tendo que apertá-lo mais do que o habitual antes que uma pálida luz verde se acendesse ao lado do driver e a tela se iluminasse com uma luz azul-clara. Um círculo no canto anunciava que o dispositivo estava lendo o novo chip. Cinder soltou a respiração e cruzou as pernas embaixo de si.

Um segundo depois, o círculo desapareceu, substituído por texto.

INICIANDO LIGAÇÃO DIRETA COM USUÁRIO
DESCONHECIDO. POR FAVOR, AGUARDE...

INICIANDO LIGAÇÃO DIRETA COM USUÁRIO
DESCONHECIDO. POR FAVOR, AGUARDE...

INICIANDO LIGAÇÃO DIRETA COM USUÁRIO
DESCONHECIDO. POR FAVOR, AGUARDE...

Cinder esperou. E moveu seus pés para a frente e para trás. E esperou. E batucou no joelho com os dedos. E começou a se perguntar se estava perdendo tempo. Ela nunca ouvira falar de um chip de comunicação direta fazendo mal a alguma coisa, mesmo que a tecnologia fosse arcaica. Aquilo não a estava ajudando a resolver o problema.

– Acho que isso é meio inútil – disse Iko, rolando para detrás dela. Sua ventoinha se ligou, soprando um ar morno no pescoço de Cinder. – Ah, droga, Adri está me mandando um comunicado. Ela deve ter saído do banho.

Cinder inclinou a cabeça para trás.

– Obrigada pela ajuda. Não se esqueça de tirar as pérolas antes que ela veja você.

Inclinando-se para a frente, Iko pressionou o rosto liso e fresco na testa de Cinder, sem dúvida deixando uma mancha de batom. Cinder riu.

– Você vai descobrir o que há de errado com o androide de Sua Alteza. Não tenho dúvida disso.

– Obrigada.

Cinder esfregou a palma da mão grudenta na calça, ouvindo as rodas de Iko se afastarem. O texto continuou a se repetir na tela. Parecia que, quem quer que estivesse do outro lado da ligação, não tinha a menor intenção de atender.

Uma série de cliques a sobressaltou, seguida por um zumbido revelador. Ela se virou, apoiando-se no chão arenoso.

O painel de controle do androide brilhava enquanto o sistema processava sua rotina de diagnóstico. Ele estava ligando novamente.

Cinder se levantou e tirou a poeira das mãos bem na hora em que uma voz feminina começou a sair dos alto-falantes do androide, como se estivesse continuando um discurso que fora interrompido de modo brusco.

– ... que um homem com o nome de Logan Tanner, um médico lunar que trabalhava sob o reinado da rainha Channary, tenha trazido a princesa Selene para a Terra aproximadamente quatro meses depois de sua suposta morte.

Cinder ficou paralisada. *Princesa Selene?*

– Infelizmente, Tanner foi encarcerado na prisão de Nova Pequim em 8 de maio de 125 da Terceira Era e cometeu suicídio bioeletricamente induzido em janeiro de 126 da Terceira Era. Embora fontes indiquem que a princesa Selene tenha sido dada a outro cuidador anos antes da prisão de Tanner, até agora não fui capaz de confirmar sua identidade. Um suspeito é uma ex-piloto

militar da Federação Europeia, tenente-coronel Michelle Benoit, quem...

– Pare – disse Cinder. – Pare de falar.

A voz ficou em silêncio. A cabeça do androide girou 180 graus. O sensor piscou em uma luz azul-clara enquanto escaneava

Cinder. Seu painel interno de controle escureceu. A ventoinha no torso dela começou a girar.

– Quem é você? – perguntou o androide. – Meu sistema de posicionamento global indica que estamos no setor 76 de Nova Pequim. Não tenho recordação de ter deixado o palácio.

Cinder montou na cadeira virada, juntando os braços por cima do encosto.

– Bem-vinda à oficina mecânica de Nova Pequim. O príncipe Kai me contratou para consertá-la.

O zumbido alto no torso do androide diminuiu até que mal fosse discernível, mesmo no silêncio.

A cabeça arredondada rotacionava para trás e para a frente, escaneando os arredores desconhecidos. Depois, focou novamente em Cinder.

– Meu calendário me informa que estive inconsciente por doze dias e quinze horas. Eu passei por um colapso no sistema?

– Não exatamente – respondeu Cinder, olhando por cima do ombro para o netscreen. Ele continuava a repetir o mesmo texto, incapaz de estabelecer uma ligação direta. – Parece que alguém instalou um chip de comunicação que não se deu muito bem com a sua programação.

– Eu vim pré-instalada com capacidades de comunicação em vídeo e texto. Um novo chip de comunicação seria desnecessário.

– Esse era para uma ligação direta. – Cinder acomodou o queixo no pulso. – Você sabe se foi o príncipe Kai quem fez isso? Se por acaso ele quisesse ser capaz de entrar em contato com você sem precisar usar a rede?

– Eu não tenho conhecimento de qualquer chip de comunicação direta em minha programação.

Cinder mordeu o lábio. Obviamente, o chip de comunicação fora o responsável pelo súbito mau funcionamento do androide, mas por quê? E se Kai não o havia instalado, quem, então?

– Bem agora, quando você despertou, estava falando sobre... você tem informações sobre a herdeira lunar.

– Essas informações eram confidenciais. Você não deveria ter ouvido.

– Eu sei. Mas acho que você podia estar se comunicando com alguém quando foi desativada. – Cinder torceu para que tivesse sido Kai, ou alguém leal a ele. Ela duvidava que a rainha Levana ficasse feliz em saber que o futuro imperador estava pesquisando sobre a herdeira ao trono dela por direito. – Espere – continuou, procurando sua chave de fenda. – Vou recolocar seu painel, e em seguida levar você ao palácio. Nesse meio-tempo, você deveria baixar as atualizações dos últimos dias. Muita coisa aconteceu durante seu colapso.

CAPÍTULO

Vinte e Dois

CINDER PODIA OUVIR OS ALERTAS DO DR. ERLAND EM SUA MENTE como um arquivo de áudio danificado, durante todo o percurso de quase dez quilômetros até o palácio.

Nada impedirá a rainha Levana de assegurar seu controle, de exterminar qualquer resistência. Isso significa matar aqueles que podem resistir a ela, gente como você. Está me entendendo, srta. Linh? Se ela visse você, isso significaria sua morte.

E ainda assim, se algo acontecesse no percurso entre o apartamento e o palácio ao androide que tinha informações reais sobre a princesa lunar desaparecida, Cinder nunca se perdoaria. Era sua responsabilidade entregar o androide são e salvo para Kai.

Além disso, o palácio era um lugar enorme. Quais eram as chances de ela esbarrar com a rainha lunar, que provavelmente não tinha a intenção de passar muito tempo socializando com o povo, de qualquer forma?

Nainsi era bem mais rápida em suas rodas do que Iko, e Cinder tinha que se apressar para acompanhá-la. Mas o passo delas diminuiu quando descobriram que não eram as únicas pessoas do povo que se dirigiam ao palácio aquela tarde. Na base do penhasco, a estrada principal fora bloqueada ao deixar a cidade para trás e se tornar o caminho privativo para o palácio,

sombreada pelos pinheiros torcidos e salgueiros caídos. A via sinuosa estava cheia de pedestres percorrendo sua lenta subida montanha acima. Alguns andavam sozinhos, outros em grandes grupos. Suas conversas alcançaram Cinder, iradas e determinadas, os braços movimentando-se em gestos loucos. *Nós não a queremos aqui. O que Sua Alteza está pensando?* O crescente bramido da multidão ecoava estrada abaixo. Centenas, talvez milhares, de vozes irritadas entoando em uníssono.

– Fora, rainha lunar! Fora, rainha lunar! Fora, rainha lunar!

Ao virar a última curva, o olhar de Cinder recaiu sobre a multidão lá em cima, tomando o jardim diante dos portões marrons do palácio e se espalhando pela rua. Mal era contida pela fila aturdida de guardas da segurança.

Cartazes apareciam acima de suas cabeças. A GUERRA É MELHOR DO QUE A ESCRAVIDÃO! PRECISAMOS DE UMA IMPERATRIZ, NÃO DE UMA DITADORA! SEM ALIANÇA COM O DEMÔNIO! Muitos incluíam a imagem da rainha coberta por um véu riscada com um X vermelho.

Meia dúzia de novos aerodeslizadores circulavam pelo céu, capturando imagens dos protestos para transmiti-los mundialmente.

Cinder margeou o fim da multidão, abrindo caminho para o portão principal enquanto tentava proteger o corpo compacto de Nainsi com o seu próprio. Mas, quando alcançou o portão, ela o encontrou fechado e protegido por humanos e andróides, postados ombro a ombro.

– Me desculpe – disse ela ao guarda mais próximo. – Preciso entrar no palácio.

O homem esticou o braço na direção dela, empurrando-a até dar um passo atrás.

– Hoje a entrada do publico não é permitida.

– Mas eu não estou com *eles*. – Ela pôs as mãos na cabeça de Nainsi. – Este androide pertence a Sua Alteza Imperial. Fui contratada para consertá-lo e agora vim devolvê-lo. É muito importante que ele seja devolvido o quanto antes.

O guarda olhou para o androide, examinando-o.

– Sua Alteza Imperial deu um passe a você?

– Bem, não, mas...

– O androide tem código de identificação?

– Tenho. – Girando o torso, Nainsi mostrou o código de identificação ao guarda.

Ele assentiu.

– Você pode entrar.

Os portões foram abertos, apenas um pouco, e não levou nem um segundo até que a multidão se avolumasse sobre ele. Cinder gritou por causa do conflito de vozes furiosas em seus ouvidos e o repentino esmagamento dos corpos, empurrando-a contra o guarda. Nainsi adiantou-se portão adentro sem hesitar, mas, quando Cinder se moveu para segui-la, o guarda bloqueou sua passagem com o braço, firme contra a multidão.

– Só o androide.

– Mas nós estamos juntas! – gritou ela para superar a multidão.

– Sem passe, nada de entrada.

– Mas eu o consertei! Preciso entregá-lo. Preciso... receber pelo meu trabalho. – Mesmo ela estava comovida pela lamúria em sua voz.

– Mande sua cobrança para a tesouraria, como todos os demais – disse o homem. – Ninguém pode entrar sem uma licença.

– Linh-mèi – chamou Nainsi do outro lado do portão. – Vou informar ao príncipe Kai que você quer vê-lo. Tenho certeza de que ele pode lhe mandar uma mensagem com o passe oficial.

Na mesma hora, Cinder sentiu o peso de sua tolice. É claro que ela não precisava *ver* o príncipe. Entregara o androide; seu trabalho estava feito. E ela não pretendia, realmente, cobrar o serviço, de qualquer forma. Mas Nainsi já tinha se virado e se dirigia à entrada principal do palácio antes que Cinder pudesse argumentar, deixando-a com a missão de bolar uma desculpa razoável para que fosse tão importante ver Kai, algo melhor do que o motivo tão estúpido e infantil que viera primeiro a sua mente. Ela simplesmente queria.

A entoação parou de repente, causando um sobressalto em Cinder.

O silêncio da multidão criou um vácuo na rua, desejoso para ser preenchido com uma respiração, um som, qualquer coisa. Cinder olhou em volta, para os rostos deslumbrados virados para cima, para o palácio, para os cartazes abaixados e seguros por dedos frouxos. Uma onda de temor percorreu sua espinha.

Ela seguiu os olhares da multidão para a sacada que se projetava de um dos andares mais altos do palácio.

A rainha lunar estava com uma das mãos no quadril, a outra na beirada da sacada. Sua expressão era dura – amarga –, mas essa visão em nada prejudicava sua beleza misteriosa. Mesmo de longe, Cinder podia ver a pálida luminescência de sua pele, o tom rubi de seus lábios. Os olhos escuros estudavam a multidão silenciosa, e Cinder se afastou do portão, querendo desaparecer atrás dos rostos inexpressivos.

Mas o choque e o terror logo passaram. Aquela mulher não era assustadora, não era perigosa.

Ela era meiga. Acolhedora. Generosa. Deveria ser a rainha deles. Deveria governá-los, guiá-los, protegê-los...

Um alerta piscou no visor de Cinder. Ela tentou, em vão, piscar até que ele se desativasse, incomodada com a distração. Queria olhar para a rainha para sempre. Queria que a rainha falasse. Que promettesse paz e segurança, prosperidade e conforto.

A luz laranja brilhou no canto de sua visão. Cinder levou um momento para perceber o que era, o que significava. Ela sabia que algo estava errado. Sabia que aquilo não fazia sentido.

Mentiras.

Ela fechou os olhos com força. Quando olhou para cima de novo, a ilusão de bondade tinha desaparecido. O sorriso doce da rainha tinha se tornado soberbo e manipulador. O estômago de Cinder se revirou.

Ela estava fazendo uma lavagem cerebral neles.

A rainha tinha feito uma lavagem cerebral *nela*.

Cinder cambaleou e deu um passo para trás, colidindo com um homem de meia-idade hipnotizado.

O olhar da rainha mirou na direção deles, focando-se em Cinder. Uma onda de surpresa se acendeu em seu rosto. Depois ódio. Nojo.

Cinder se encolheu, querendo se esconder. Dedos gelados envolveram seu coração. Embora se sentisse compelida a correr, suas pernas haviam derretido. O visor de retina exibia linhas confusas em sua visão como se não aguentasse o encanto da rainha por mais um segundo.

Ela se sentiu exposta e vulnerável, totalmente sozinha em meio à multidão inculcada. Estava certa de que o chão debaixo de seus pés se abriria e a engoliria. Estava certa de que o olhar da rainha a transformaria em uma pilha de cinzas na estrada de pedras.

O olhar furioso da rainha se escureceu até que Cinder começasse a sentir que, com dutos lacrimais ou não, explodiria em lágrimas.

Mas então a rainha se virou, os ombros erguidos enquanto entrava de maneira tempestuosa no palácio.

Cinder pensara que, quando a rainha se fosse, a multidão retomaria seus protestos novamente, até mesmo mais furiosa por ela ter se atrevido a se mostrar. Mas não foi o que aconteceu. Lentamente, como sonâmbula, a multidão começou a partir. Aqueles com cartazes os deixaram no chão, para serem pisoteados e esquecidos. Cinder se apoiou no muro que cercava o palácio, saindo do caminho conforme os cidadãos passaram lentamente por ela.

Então esse era o efeito do encanto lunar, o feitiço para seduzir, ludibriar, tomar o coração de alguém para você e voltá-lo contra seus inimigos. E, em meio a toda aquela gente que desprezava a rainha lunar, Cinder parecia ser a única que havia resistido a ela.

E, ainda assim, ela *não havia* resistido a ela. Não no início. Um arrepio percorreu seus braços. Sua pele doía onde se misturava ao metal.

Ela não havia ficado inteiramente imune ao encanto, não da forma como cascudos deveriam ficar.

Pior ainda, a rainha a vira, e sabia.

CAPÍTULO

Vinte e Três

KAI CRAVOU AS UNHAS NOS JOELHOS QUANDO O CÂNTICO DOS cessou. Torin virou-se para ele, a expressão espelhando espanto, embora o conselheiro tivesse sido mais rápido em disfarçar. O sucesso da rainha em acalmar a multidão fora fácil demais; Kai esperava pelo menos por um pouco de luta por parte dos cidadãos.

Engolindo em seco, Kai metamorfoseou o rosto de volta ao autocontrole.

– É um truque muito útil – disse Sybil, sentando na ponta de uma *chaise lounge* diante da fogueira holográfica. Ela entrelaçou as mãos. – Especialmente ao lidar com cidadãos desobedientes, que nunca são tolerados em Luna.

– Ouvi dizer que, quando os cidadãos são desobedientes, em geral há uma boa razão para isso – disse Kai. Torin lançou uma expressão de alerta, com o cenho franzido, mas ele o ignorou. – E lavagem cerebral não parece exatamente uma solução apropriada.

Sybil juntou as mãos no colo polidamente.

– *Apropriada* é uma palavra tão subjetiva. Essa solução é *efetiva*, e dificilmente se pode argumentar contra ela.

Levana voou para o parlatório com os punhos fechados. A pulsação de Kai se acelerou quando o olhar da rainha caiu sobre ele. Estar na presença dela era como sentar-se em um ambiente confinado que ficava rapidamente sem oxigênio.

– Poderia parecer – disse ela, enunciando com cuidado cada palavra – que você está violando o Acordo Interplanetário do ano 54 da T.E., artigo 17.

Kai fez seu melhor para continuar indiferente diante da acusação, mas não conseguia evitar um espasmo que fazia tremer seu olho direito.

– Receio não ter memorizado o Acordo Interplanetário na íntegra. Quem sabe você possa me esclarecer sobre o artigo em questão?

Ela respirou fundo pelas narinas dilatadas. Mesmo então – mesmo com todo o ódio e a raiva aparentes em seu rosto –, ela era deslumbrante.

– O artigo 17 declara que nenhuma das partes do acordo deve de modo consciente abrigar ou proteger fugitivos lunares.

– Fugitivos lunares? – Kai olhou para Torin, mas o conselheiro manteve a expressão neutra. – Por que você pensaria que estamos abrigando fugitivos lunares?

– Porque acabei de ver um no seu jardim, em meio àqueles protestantes insolentes. Isso não deve ser tolerado.

Kai se levantou e cruzou os braços.

– Essa é a primeira vez que escuto falar de lunares em meu país. Exceto pela companhia presente, é claro.

– O que me leva a acreditar que você tem feito vista grossa para o problema, exatamente como seu pai fazia.

– Como posso fazer vista grossa para uma coisa da qual nunca ouvi falar?

Torin limpou a garganta.

– Com o devido respeito, Vossa Majestade, posso assegurar que monitoramos todas as naves espaciais que entram e saem da Comunidade. Embora não possamos negar a possibilidade de que alguns lunares estejam sendo contrabandeados sob o nosso radar, posso prometer que fazemos todo o possível para cumprir o Acordo Interplanetário. Além disso, mesmo que um fugitivo lunar residisse na Comunidade, parece improvável que ele se arriscasse a ser descoberto vindo a um protesto sabendo que você estaria presente. Talvez você tenha se enganado.

Os olhos da rainha arderam lentamente.

– Eu reconheço os meus quando os vejo, e há um deles dentro dos muros desta cidade. – Ela apontou para a varanda. – Quero que a encontrem e a tragam até mim.

– Certo – disse Kai –, isso não será problema em uma cidade de dois milhões e meio de habitantes. Deixe só eu ligar meu detector especial de lunares e já resolveremos isso.

Levana jogou a cabeça para trás.

– Você não vai querer testar minha paciência com seu sarcasmo, jovem príncipe.

Ele contraiu o rosto.

– Se você é incapaz de encontrá-la, então designarei um regimento de meus próprios guardas para que venham até a

Terra, e *eles* a encontrarão.

– Isso não será necessário – disse Torin. – Nós pedimos perdão por duvidarmos de você, Vossa Majestade, e estamos ansiosos para cumprir a parte do acordo concernente ao nosso país. Por favor, nos dê tempo para preparar a coroação e o festival, e começaremos nossa busca pela fugitiva tão logo nossos recursos permitam.

Levana estreitou os olhos para Kai.

– Você pretende deixar que seu conselheiro sempre tome as decisões por você?

– Não – disse Kai, deixando escapar um sorriso frio. – Em algum momento, terei uma imperatriz para isso.

O olhar da rainha Levana se suavizou, e Kai mal pôde conter as palavras seguintes. *E não será você.*

– Tudo bem – disse Levana, virando-se e sentando-se ao lado de sua taumaturga. – Esperarei que ela, e mais qualquer outro fugitivo lunar que esteja em seu país, seja entregue em Luna um ciclo lunar depois de sua coroação.

– Está bem – disse Kai, esperando que Levana esquecesse aquela conversa antes que o prazo se esgotasse. Lunares em Nova Pequim: ele nunca ouvira nada tão absurdo.

A raiva desapareceu tão completamente do rosto de Levana que parecia que os últimos minutos tinham sido um sonho. Ela cruzou as pernas, de forma que a fenda no vestido transparente exibiu a pele branca como leite. Kai relaxou a mandíbula e olhou pela janela, sem saber se coraria ou vomitaria.

– Falando na sua coroação – disse a rainha –, trouxe um presente para você.

– Que atencioso – respondeu, sarcástico.

– Sim. Eu não estava certa se deveria esperar até a grande noite, mas concluí que poderia passar uma impressão errada se tentasse retardar isso.

Incapaz de negar sua curiosidade aguçada, Kai dirigiu o olhar à rainha.

– É mesmo?

Ela inclinou a cabeça, cachos ruivos caindo em cascata sobre o peito, e estendeu os dedos na direção de seu segundo taumaturgo, o homem do casaco vermelho. Ele tirou um frasco de vidro, não maior do que o dedo mindinho de Kai, da manga e o pousou na palma da mão de Levana.

– Quero que você saiba – disse Levana – que tenho um grande interesse no bem-estar da Comunidade, e ver sua luta contra a letumose tem sido de partir o coração.

Kai enterrou as unhas nas palmas das mãos.

– Você provavelmente não está ciente, mas tenho uma equipe de pesquisadores dedicada a estudar a doença há alguns anos, e parece que finalmente meus cientistas descobriram um antídoto.

O sangue subiu à cabeça de Kai.

– O quê?

Levana apertou o frasco entre o polegar e o indicador e o estendeu para ele.

– Esta dose deve ser suficiente para curar um homem adulto – disse ela, e depois estalou a língua. – Que hora inadequada, não é?

O mundo girou. Os dedos de Kai queriam tanto estrangulá-la que seus braços começaram a tremer.

– Vá em frente – disse Levana, um calor persistente no olhar. – Pegue.

Kai deu um tapa no frasco, arremessando-o da mão da rainha.

– Há quanto tempo você tem isso?

As sobrancelhas da rainha se arquearam.

– Por quê? Somente foi confirmado como um antídoto de fato horas antes de minha partida.

Ela estava mentindo. E nem tentava esconder o fato de que estava mentindo.

Bruxa.

– Vossa Alteza – disse Torin com a voz baixa, pousando a mão firme no ombro de Kai. Primeiro com gentileza, depois apertando, como um aviso. A pulsação de Kai começou a filtrar as fantasias de assassinato, mas apenas de maneira superficial.

Levana cruzou as mãos no colo.

– Este frasco é seu presente. Espero que o ache útil, jovem príncipe. Acredito que seja tanto do meu interesse quanto do seu varrer essa doença de seu planeta. Meus cientistas poderiam preparar milhares de doses até o fim do mês. Entretanto, tal empreitada, possível graças a seis anos de trabalho e pesquisa, exigiu muito esforço de meu próprio país, então tenho certeza de que você entenderá que preciso de alguma compensação. Isso levará a negociações mais aprofundadas.

Os pulmões de Kai se comprimiram.

– Você guardaria isso para si? Quando tantos estão morrendo?

– Foi uma pergunta estúpida. Ela já havia guardado o antídoto por tempo suficiente. Por que a incomodaria se mais terráqueos sofressem nesse meio-tempo?

– Você tem muito que aprender sobre política. Acho que em breve descobrirá que tudo gira em torno de dar e receber, meu querido e belo príncipe.

O sangue de Kai pulsava em suas têmporas. Ele sabia que seu rosto tinha ficado vermelho, que sua raiva era o objetivo do jogo dela, mas não se importava. Como ela ousava usar isso como objeto de barganha política? Como ela *ousava*?

Sybil rapidamente ficou de pé.

– Nós temos companhia.

Liberando a respiração presa, Kai seguiu o olhar de Sybil até a entrada, feliz por desviar o olhar da rainha, e arfou.

– Nainsi!

O sensor de Nainsi piscou.

– Vossa Alteza, perdoe minha interrupção.

Kai balançou a cabeça, tentando dispersar sua surpresa.

– Como... quando...?

– Minha consciência foi restaurada há uma hora e vinte e sete minutos – disse o androide. – E agora estou me apresentando para o trabalho. Deixe-me oferecer minhas condolências pela perda precoce do imperador Rikan. Meu coração está partido com a notícia.

Kai ouviu a rainha Levana rir com desdém atrás dele.

– A ideia de que uma pilha de metal possa sentir alguma emoção é insultante. Tirem essa monstruosidade daqui.

Kai franziu os lábios, pensando em uma série de palavras a dizer sobre como faltava a *ela* um coração, mas em vez disso se virou para Torin.

– De fato, deixe-me tirar essa *monstruosidade* da presença de Sua Majestade e reativá-la em suas funções.

Ele meio que esperava que Torin o repreendesse pelo plano de fuga deplorável, mas Torin pareceu aliviado que a discussão tivesse acabado. Kai notou que ele ficara pálido e se perguntou o quão difícil havia sido para ele dominar seu próprio mau humor.

– É claro. Quem sabe Vossa Majestade queira conhecer os jardins?

Kai olhou cheio de ódio para a rainha Levana e juntou os calcanhares.

– Obrigado pelo presente tão cheio de consideração – disse ele com uma breve reverência.

– O prazer é meu, Vossa Alteza.

Kai deixou o recinto com Nainsi. Quando chegaram ao corredor principal, ele soltou um grito gutural e socou com o punho a parede mais próxima, e se apoiou nela, pressionando a testa no emboço.

Quando sua respiração estava sob controle, ele se virou, de repente querendo chorar – de raiva, de desespero, de alívio. Nainsi estava de volta.

– Você não pode imaginar como estou feliz em vê-la.

– É o que parece, Vossa Alteza.

Kai fechou os olhos.

– Você não faz ideia. Os últimos dias. Eu tinha certeza de que nossa pesquisa tinha se perdido.

– Todos os registros parecem intactos, Vossa Alteza.

– Bom. Precisamos retomar a pesquisa imediatamente. Agora é mais importante do que nunca.

Ele lutou para conter o pânico que crescia dentro de si. Faltavam nove dias para sua coroação. A rainha Levana estava na Terra havia menos de vinte e quatro horas e já tinha transformado as negociações de aliança em um caos. Quais outros segredos ela revelaria antes da coroação, quando a função de proteger seu país cairia de fato sobre ele?

Sua cabeça latejava. Ele a desprezava, por tudo o que ela era, por tudo que fizera, por como transformara o sofrimento na Terra em um jogo político.

Mas ela estava enganada se achava que ele se tornaria seu animalzinho de estimação. Ele a enfrentaria o tempo que suportasse, da maneira que pudesse. Encontraria a princesa Selene. O dr. Erland copiaria o antídoto. Sequer dançaria com Levana naquele baile absurdo se pudesse evitar – que a diplomacia fosse para o inferno.

Lembrar-se do baile de repente atraiu nuvens negras para os pensamentos de Kai. Abrindo um olho, ele observou o androide.

– Por que a mecânica não veio com você?

– Ela veio – respondeu Nainsi. – Deixei-a esperando do lado de fora do palácio. A entrada dela não foi permitida sem um passe oficial.

– Do lado de fora do palácio? Ela ainda está lá?

– Suspeito que sim, Vossa Alteza.

Kai apertou o frasco no bolso.

– Ela disse alguma coisa sobre o baile? Sabe se ela mudou de ideia?

– Ela não mencionou baile algum.

– Está bom. Bem. – Engolindo em seco, ele tirou as mãos dos bolsos e esfregou as palmas nos lados da calça, percebendo o quão quente sua raiva contida se tornara. – Eu realmente espero que ela tenha mudado de ideia.

CAPÍTULO

Vinte e Quatro

CINDER SE AGACHOU APOIADA NO MURO QUE CONTORNAVA O PAI

da pedra se infiltrando pela sua camiseta. A multidão tinha ido embora, e a única recordação que restara deles eram os cartazes pisoteados. Mesmo os guardas haviam abandonado o jardim, embora o intrincado portão de ferro permanecesse trancado. Dois *qilins* de pedra estavam empoleirados acima da cabeça de Cinder, ocasionalmente emanando uma vibração magnética que zumbia nos seus ouvidos.

Sua mão finalmente havia parado de tremer. Os alertas em seu visor haviam desaparecido. Mas a confusão permaneceu, persistente como nunca.

Ela era lunar. Tudo bem.

Era um tipo raro de lunar, uma cascuda, que não podia manipular os pensamentos e emoções dos outros, e era, ela mesma, imune à ludibriação lunar.

Tudo bem.

Mas então por que o encanto de Levana a afetara como aos demais?

Ou o dr. Erland estava errado, ou estava mentindo. Talvez ela não fosse lunar, e ele estivesse enganado. Talvez a sua imunidade se devesse a alguma outra coisa.

Ela liberou um gemido frustrado. Nunca a curiosidade de saber seu passado, sua história, fora tão intensa. Precisava saber a verdade.

O zumbido dos portões nos trilhos disfarçados sob o piso a sobressaltou. Cinder olhou para cima e viu um androide branco imaculado vindo em sua direção pelo pavimento.

– Linh Cinder? – Ele ergueu um escâner.

Piscando, ela ficou de pé, escorando-se na parede para se apoiar.

– Sim? – respondeu, estendendo o pulso.

O escâner bipou e, sem ter parado completamente em momento algum, o androide virou o torso em 180 graus e começou a voltar em estrépito para o palácio.

– Siga-me.

– Espere, o quê? – Seu olhar moveu-se com temor para cima, em direção à varanda onde a rainha lunar estivera.

– Vossa Alteza Imperial solicitou vê-la.

Verificando suas luvas, Cinder lançou um olhar na direção da estrada que a levaria embora do palácio, de volta para a segurança de ser uma garota invisível em uma cidade muito grande. Soltando lentamente o ar, ela se virou e seguiu o androide.

A entrada do palácio era intrincada, com portas em dois andares douradas e quase cegantes com o sol que refletia seu brilho quando estavam abertas. O saguão adiante estava agradavelmente fresco e exibia muitas esculturas grandes de jade, flores exóticas, as vozes e passos de dezenas de diplomatas

apressados e empregados do governo, combinadas ao calmanete murmúrio da água – mas Cinder mal notou. Estava tomada pelo pânico com a possibilidade de se descobrir cara a cara com a rainha Levana, até que em vez disso ficou cara a cara com o príncipe Kai. Ele estava esperando apoiado em um pilar entalhado, com os braços cruzados.

Ele se endireitou quando a viu e quase sorriu, mas não um de seus brilhantes e despreocupados sorrisos. Na verdade, ele parecia exausto.

Cinder fez uma reverência com a cabeça.

– Vossa Alteza.

– Linh-mèi. Nainsi me disse que você estava esperando.

– Eles não estavam deixando as pessoas entrarem no palácio. Eu só queria me certificar de que ela tinha chegado bem até você.

– Ela juntou as mãos atrás de si. – Espero que as questões de segurança nacional sejam resolvidas logo. – Cinder tentou manter a suavidade na voz, mas a expressão de Kai pareceu hesitante.

Ele deixou o olhar cair sobre o androide.

– Isso é tudo – disse ele, e esperou até que o androide desaparecesse em uma alcova na entrada antes de continuar. – Peço desculpas por tomar seu tempo, mas queria agradecer-lhe pessoalmente por consertar Nainsi.

Ela encolheu os ombros.

– Foi uma honra. Espero... espero que você encontre o que está procurando.

Kai semicerrou os olhos, desconfiado, e ele deu uma olhada por sobre o ombro enquanto duas mulheres bem-vestidas passavam, uma falando animadamente, a outra assentindo, nenhuma das duas prestando qualquer atenção em Kai ou em Cinder. Quando elas passaram, Kai soltou o ar e se virou de novo para ela.

– Aconteceu uma coisa. Preciso ir falar com o dr. Erland.

Cinder assentiu em compreensão, talvez de maneira muito forçada.

– É claro – respondeu, recuando na direção das portas maciças. – Agora que Nainsi está de volta, eu vou só...

– Você gostaria de caminhar comigo?

Ela parou no meio de um passo.

– Desculpe?

– Você pode me dizer o que descobriu. O que havia de errado com ela.

Ela torceu as mãos, incerta se o formigamento em sua pele era deleite ou algo próximo a terror. A consciência da presença da rainha a acompanhava, era inevitável. Ainda assim, ela se viu lutando contra um sorrisinho estúpido.

– Certamente. É claro.

Kai pareceu aliviado ao inclinar a cabeça na direção de um corredor amplo.

– Então... o que *havia* de errado com ela? – perguntou ele enquanto caminhavam pelo saguão majestoso.

– Um chip – respondeu Cinder. – Um chip de comunicação direta interrompeu a conexão de força, acho. Bastou removê-lo

para que ela despertasse.

– Chip de comunicação direta?

Cinder examinou as pessoas passando apressadas ao redor deles, e nenhuma parecia interessada no príncipe real. Porém, ela baixou a voz ao responder.

– Sim, o D-COMM. Você não o instalou?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não. Nós usamos D-COMMs para conferências internacionais, mas, além disso, não acho que já tenha visto outro. Por que alguém botaria um em um androide?

Cinder franziu os lábios, pensando nas coisas que Nainsi dissera ao despertar. Possivelmente ela relatava a mesma informação quando ficou inconsciente, talvez pelo canal de comunicação direta.

Mas quem recebera as informações?

– Cinder?

Ela puxou a bainha da luva. Queria contar a ele que sabia sobre sua pesquisa, que provavelmente alguém mais sabia, mas não podia dizer nada ali nos corredores cheios de gente do palácio.

– Alguém deve ter tido acesso a ela, pouco antes de ela apresentar o defeito. Alguém que queria instalar o chip.

– Por que alguém iria querer instalar um chip defeituoso nela, para começar?

– Não acho que ele estivesse totalmente defeituoso. Parece que alguma informação foi transmitida pelo canal antes que Nainsi entrasse em colapso.

– O quê... – hesitou Kai. Cinder notou o nervosismo em seus olhos, sua postura tensa. Ele esticou a cabeça para mais perto dela, mal diminuindo o passo. – Que tipo de informação pode ser enviada por comunicação direta?

– Qualquer coisa que possa ser enviada pela rede.

– Mas se alguém a estava acessando remotamente, dessa maneira, não poderia... quero dizer, ela teria que autorizar o acesso a qualquer informação que eles tenham recebido, certo?

Cinder abriu a boca, parou, fechou-a novamente.

– Não sei. Não estou certa sobre como a comunicação direta funciona em um androide, especialmente um que não tenha sido equipado para isso. Mas há uma chance de que, quem quer que tenha instalado o chip nela, estivesse tentando conseguir informações. Possivelmente... informações específicas.

O olhar de Kai estava distante quando cruzaram uma ponte envidraçada para a ala de pesquisa.

– Então como eu localizo quem instalou o chip nela, e o que eles conseguiram acessar?

Cinder engoliu em seco.

– Tentei iniciar a ligação, mas parece ter sido desabilitada. Continuarei tentando, mas agora não tenho como saber quem estava no outro lado. Nem o que descobriu...

Percebendo o tom na voz dela, Kai parou de andar e se virou para olhá-la, os olhos queimando.

Cinder baixou a voz, falando de uma vez só.

– Eu sei o que você esteve pesquisando. Ouvi algumas das informações que Nainsi descobriu.

– *Eu* nem mesmo sei o que ela descobriu ainda.

Ela assentiu.

– São... interessantes.

O olhar de Kai se iluminou e ele se aproximou mais dela, inclinando o pescoço.

– Ela está viva, não está? Nainsi descobriu onde posso encontrá-la?

Cinder sacudiu a cabeça, o medo se agarrando a ela por saber que Levana estava em algum lugar dentro daquelas mesmas paredes.

– Não podemos falar sobre isso aqui. E Nainsi saberá mais do que eu, de qualquer jeito.

Kai franziu o cenho e se afastou, mas ela podia ver que os seus pensamentos ainda estavam confusos enquanto se encaminhava para o elevador e dava instruções ao androide que o operava.

– Então – disse ele, cruzando os braços enquanto esperavam. – Você está me dizendo que Nainsi tem informações importantes, mas algum desconhecido talvez tenha essas informações também.

– Receio que sim – disse Cinder. – Também, o próprio chip era incomum. Não era de silicone nem de carbono. Nunca vi nenhum chip como aquele antes.

Kai a encarou, as sobrancelhas erguidas.

– Como assim?

Cinder ergueu os dedos como se estivesse segurando o chip entre eles, visualizando-o.

– No tamanho e na forma, era como qualquer outro chip normal. Mas era brilhante. Como... uma pequena pedra preciosa. Como um brilho perolado.

A cor se esvaiu do rosto de Kai. Um segundo depois, ele fechou os olhos com uma careta.

– É lunar.

– O quê? Você tem certeza?

– As naves deles são feitas do mesmo material. Não sei bem o que é, mas... – Ele praguejou, apertando o polegar na têmpora. – Deve ter sido Sybil ou o guarda dela. Eles chegaram dias antes de Nainsi dar defeito.

– Sybil?

– A taumaturga de Levana. A subordinada que faz todo o trabalho pesado para ela.

Cinder sentiu como se um grampo sufocasse seus pulmões. Se a informação tinha chegado a Sybil, era quase certo que a rainha já soubesse de tudo.

– Elevador B para Vossa Alteza Imperial – disse o androide enquanto as portas do segundo elevador se abriam. Cinder seguiu Kai para dentro dele, incapaz de resistir a olhar para cima, para a câmara no teto. Se lunares tinham conseguido se infiltrar em um androide real, podiam estar em qualquer outra coisa no palácio.

Ela prendeu uma mecha perdida do cabelo atrás da orelha, sua paranoia forçando-a a agir naturalmente quando as portas se fecharam.

– Deduzo disso tudo que as coisas não estão indo muito bem com a rainha?

Kai fez uma cara feia, como se aquele fosse o assunto mais doloroso do mundo, e se deixou apoiar na parede. O coração de Cinder acelerou, observando enquanto seu comportamento de realeza o abandonava. Ela deixou o olhar cair nas pontas das botas.

– Não acho que seja possível odiar tanto alguém como a odeio. Ela é diabólica.

Cinder vacilou.

– Você acha que é seguro... Quer dizer, se ela pôs esse chip no seu androide...

Compreensão surgiu no rosto de Kai. Ele olhou para cima, para a câmera, e então deu de ombros.

– Eu não me importo. Ela sabe que a odeio. Acredite, ela não está de fato tentando mudar isso.

Cinder umedeceu os lábios.

– Eu vi o que ela fez com os manifestantes.

Kai assentiu.

– Eu não deveria ter deixado que ela aparecesse para eles. Quando virem nos netscreens a rapidez com que ela os controlou, a cidade ficará caótica. – Ele cruzou os braços, erguendo os ombros até as orelhas. – Além disso, agora ela está convencida de que estamos intencionalmente abrigando fugitivos lunares.

O coração dela deu um pulo.

– Sério?

– Eu sei, é absurdo. A *última* coisa que quero é mais lunares famintos por poder circulando livremente pelo meu país. Por

que eu...? *Argh. É tão frustrante.*

Cinder esfregou os braços, subitamente nervosa. Ela era o motivo pelo qual Levana acreditava que Kai estivesse abrigando lunares. Não pensara que ter sido notada pela rainha poria Kai em risco também.

Quando Kai ficou em silêncio, ela arriscou olhar para ele. Ele estava observando atentamente as mãos dela. Cinder as trouxe para junto do peito, checando as luvas, mas elas estavam no lugar certo.

– Você as tira em algum momento? – perguntou ele.

– Não.

Kai abaixou a cabeça, olhando-a como se conseguisse enxergar através da placa de metal na cabeça dela. A intensidade do seu olhar não enfraqueceu.

– Acho que você deveria ir ao baile comigo.

Ela apertou os dedos. A expressão dele era muito genuína, muito segura. Os nervos dela formigaram.

– Pelas estrelas – murmurou ela. – Você já não me perguntou isso?

– Tenho esperança de receber uma resposta mais favorável dessa vez. E parece que fico mais desesperado a cada minuto.

– Que encantador.

Os lábios de Kai se contraíram.

– Por favor!

– Por quê?

– Por que não?

– Quero dizer, por que *eu*?

Kai enganchou os polegares nos bolsos.

– Porque, se os freios do meu aerodeslizador de fuga quebrarem, terei alguém à mão para consertá-los?

Ela revirou os olhos e percebeu-se incapaz de olhar para ele de novo, encarando, em vez disso, o botão vermelho de emergência ao lado das portas.

– Estou falando sério. Não posso ir sozinho. E *realmente* não posso ir com Levana.

– Bem, deve haver aproximadamente umas duzentas mil garotas solteiras nessa cidade que fariam qualquer coisa por esse privilégio.

Um silêncio se instalou entre eles. Ele não a estava tocando, mas ela podia sentir sua presença, quente e esmagadora. Sentia a temperatura subindo no elevador, apesar de seu medidor de temperatura garantir que nada havia mudado.

– Cinder.

Ela não podia evitar. Olhou para ele. As defesas dela se enfraqueceram um pouco ao encontrarem os olhos castanhos de Kai arregalados. A confiança dele fora substituída por preocupação. Incerteza.

– Duzentas mil garotas solteiras – disse ele. – Por que não você? Ciborgue. Lunar. Mecânica. Ela era a última coisa que ele queria.

Ela abriu os lábios e o elevador parou.

– Sinto muito, mas acredite: você não quer ir comigo.

As portas se abriram e a tensão sumiu. Ela se apressou para fora do elevador, a cabeça baixa, tentando não olhar para o

pequeno grupo de pessoas esperando por um elevador.

– Venha ao baile comigo.

Ela congelou. Todos no saguão congelaram.

Cinder se virou. Kai ainda estava no elevador B, uma das mãos mantendo a porta aberta.

Estava emocionalmente esgotada, e todas as sensações da última hora convergiam para um único e incômodo sentimento – exasperação. O saguão estava repleto de médicos, enfermeiras, andróides, oficiais, técnicos, e todos caíram em um silêncio constrangedor e olharam para o príncipe e para a garota que usava calça cargo larga, com quem ele estava flertando.

Flertando.

Endireitando os ombros, ela voltou para o elevador e o puxou para dentro, sem sequer se importar de fazer isso com a mão de metal.

– Segure o elevador – disse ele ao andróide enquanto as portas os fechavam lá dentro. Ele sorriu. – Isso prendeu sua atenção.

– Escute – disse ela. – Sinto muito. Realmente sinto. Mas não posso ir ao baile com você. Você tem que acreditar em mim dessa vez.

Ele olhou para a mão enluvada espalmada no peito dele. Cinder se afastou, cruzando os braços.

– Por quê? Por que você não quer ir comigo?

Ela bufou.

– Não é que eu não queira ir ao baile com *você*, é que eu não vou *de jeito nenhum*.

– Então você *quer* ir comigo.

Cinder contraiu os ombros.

– Não importa. Porque não posso.

– Mas eu preciso de você.

– *Precisa de mim?*

– Preciso. Você não vê? Se eu estiver passando todo meu tempo com *você*, então a rainha Levana não poderá me envolver em nenhuma conversa ou... – Ele encolheu os ombros. – Dança.

Cinder cambaleou para trás, os olhos perdendo o foco. Rainha Levana. É claro que isso se tratava da rainha Levana. O que Peony dissera a ela, muito tempo atrás? Rumores de uma aliança forjada com um casamento?

– Não que eu tenha nada contra dançar. Eu posso dançar. Se você quiser dançar.

Ela semicerrou os olhos para ele.

– O quê?

– Ou não, se você não quiser. Ou se você não souber. O que não é nada do que se envergonhar.

Ela começou a esfregar a testa, a dor de cabeça aumentando, mas parou quando percebeu que as luvas estavam imundas.

– Eu realmente, realmente não posso ir – disse ela. – Olha só... – *Eu não tenho vestido. Adri não vai permitir. Porque a rainha Levana me mataria.* – É minha irmã.

– Sua *irmã*?

Ela engoliu em seco e direcionou o olhar para o chão de madeira escura polida. Até os elevadores eram requintados no palácio.

– É. Minha irmã mais nova. Ela está doente, com letumose. E não seria o mesmo sem ela, e não posso ir, não vou. Sinto muito. – Cinder ficou surpresa ao perceber que as palavras soavam sinceras, mesmo para seus ouvidos. Ela se perguntou se seu detector de mentiras teria apitado se pudesse vê-la.

Kai deslizou de encontro à parede, o cabelo roçando os olhos.

– Não, me desculpe. Eu não sabia.

– Você não tinha como saber. – Cinder esfregou as palmas das mãos dos lados do corpo. Sua pele estava esquentando nas luvas. – Na verdade, há algo... que eu gostaria de falar para você. Se estiver tudo bem.

Ele inclinou a cabeça, curioso.

– Só acho que ela gostaria de saber que você conhece alguns detalhes sobre ela. Hum... o nome dela é Peony. Ela tem quatorze anos e é loucamente apaixonada por você.

As sobrancelhas dele se levantaram.

– Eu só pensei que, se por algum milagre inexplicável, ela sobrevivesse, será que você poderia convidá-la para dançar? No baile? – A voz de Cinder arranhou a garganta quando disse isso; ela sabia que milagres inexplicáveis não aconteciam. Mas tinha que perguntar.

O olhar de Kai queimou dentro dela, e ele assentiu lenta e determinadamente.

– Seria um prazer.

Ela baixou a cabeça.

– Farei chegar aos ouvidos dela que você está ansioso por isso. – Do canto do olho, Cinder viu Kai deslizar a mão para dentro do

bolso e a fechar em um punho.

– As pessoas provavelmente estão ficando desconfiadas lá fora – disse Cinder. – Os rumores vão se espalhar como fogo. – Ela fez a declaração com um risinho desajeitado, mas Kai não entendeu a piada. Quando ela se atreveu a olhá-lo de novo; ele estava encarando distraidamente a parede de painéis atrás dela, os ombros pesados.

– Você está bem?

Ele começou a assentir, mas parou.

– Levana acha que pode me manipular como a um fantoche. – Ele franziu a testa. – E acabou de me ocorrer que ela pode estar certa.

Cinder mexeu inquietamente nas luvas. Como era fácil esquecer com quem estava conversando e todas as coisas que deviam estar passando pela mente dele, muito mais importantes do que ela. Mais importantes até mesmo do que Peony.

– Eu sinto como se fosse arruinar tudo – disse ele.

– Você não vai. – Ela quis tocá-lo, mas se conteve, torcendo as mãos. – Você será um desses imperadores a quem todos amam e admiram.

– É. Claro.

– Estou falando sério. Veja o quanto você se preocupa, o quanto está tentando, e nem mesmo é imperador ainda. Além do mais – acrescentou ela, cruzando os braços, enterrando as mãos neles –, não é como se você estivesse sozinho. Você tem conselheiros e representantes das províncias e secretários e

tesoureiros e... quero dizer, de verdade, quanto estrago é possível um homem causar sozinho?

Kai deu um meio sorriso.

– Você não está realmente fazendo com que eu me sinta melhor, mas eu aprecio o esforço. – Ele ergueu os olhos para o teto. – Eu não devia estar dizendo isso tudo, de qualquer forma. Não é um problema com que você deva se preocupar. É só que... é fácil falar com você.

Ela arrastou os pés.

– Também é problema meu. Todos temos que viver aqui.

– Você poderia se mudar para a Europa.

– Sabe, eu de fato tenho pensado nisso ultimamente.

Kai riu de novo, o ardor voltando ao som.

– Se isso não é um voto de confiança, eu não sei o que é.

Ela curvou a cabeça.

– Olha, eu sei que você é da realeza e tal, mas as pessoas devem estar ficando impacientes esperando este... – Sentiu dificuldade para respirar quando Kai se inclinou para a frente, tão perto que ela teve certeza, por um segundo, de que ele tinha a intenção de beijá-la. Ela congelou, uma onda de pânico atacando-a, mal conseguindo levantar a vista.

Em vez de beijá-la, ele sussurrou:

– Imagine se houvesse uma cura, mas encontrá-la lhe custasse tudo. Arruinaria completamente sua vida. O que você faria?

O ar quente a envolveu. Tão próxima, ela podia sentir um suave aroma de sabonete vindo dele.

Os olhos de Kai se demoraram nos dela, aguardando, com um traço de desespero.

Cinder umedeceu os lábios.

– Arruinar a *minha* vida para salvar um milhão de outras? Não é bem uma escolha.

Os lábios dele se abriram – ela não teve opção a não ser a de olhá-los e em seguida olhar de novo para os olhos dele. Quase podia contar os cílios negros. Mas uma tristeza surgiu no olhar de Kai.

– Você está certa. Não há escolha, de fato.

O corpo de Cinder ansiava por acabar com a distância entre eles ao mesmo tempo que queria afastá-lo. A expectativa que trouxe calor aos seus lábios tornou impossível fazer qualquer uma das duas coisas.

– Vossa Alteza?

Ela ergueu o rosto na direção dele, o mais sutil dos movimentos. Ouviu a respiração oscilante dele e, dessa vez, eram os olhos de Kai que recaíam sobre os lábios dela.

– Sinto muito – disse ele. – Tenho certeza de que isto é horivelmente inapropriado, mas... parece que minha vida está prestes a ser arruinada.

As sobrancelhas dela se juntaram, questionando, mas ele não elaborou nenhuma outra frase. Os dedos de Kai, leves como um sopro de ar, acariciaram o cotovelo dela. Ele esticou o pescoço. Cinder não se movia, mal conseguindo umedecer os lábios enquanto seus olhos se fechavam.

Dor explodiu em sua cabeça e percorreu sua espinha.

Cinder engasgou e se dobrou, abraçando a barriga. O mundo se moveu de maneira brusca. Ácido queimava sua garganta. Kai gritou e a aparou quando ela cambaleou para a frente, pousando-a com cuidado no chão do elevador.

Cinder se apoiou nos ombros nele, tonta.

A dor se foi tão rápido quanto começara.

Cinder continuou deitada, arfando, amparada pelo braço de Kai. A voz dele começou a penetrar pelos tímpanos dela – seu nome, repetido inúmeras vezes. Palavras abafadas. *Você está bem? O que aconteceu? O que foi que eu fiz?*

Ela estava quente, as mãos enluvadas suavam, seu rosto queimava. Como antes, quando o dr. Erland a tocara. O que estava acontecendo com ela?

Ela umedeceu os lábios. Sua língua parecia inchada.

– Estou bem – respondeu ela, perguntando-se se isso era verdade. – Já passou. Estou bem. – Ela esfregou os olhos fechados e esperou, com medo de que o mais leve dos movimentos trouxesse a dor de volta.

Kai pressionou os dedos contra a testa e os cabelos dela.

– Tem certeza? Consegue se mexer?

Ela tentou assentir e se forçou a olhá-lo.

Kai engasgou e se afastou, com a mão a centímetros da testa de Cinder. O medo deu um nó em suas vísceras. O visor de retina dela estava visível?

– O quê? – perguntou ela, afundando o rosto atrás da mão, correndo dedos nervosos pela pele, pelos cabelos. – O que foi?

– N-nada.

Quando se atreveu a buscar o olhar de Kai, ele estava piscando rapidamente, a confusão dominando seu olhar.

– Vossa Alteza?

– Não, isso não foi nada. – Os lábios dele se curvaram para cima, em um sorriso nada convincente. – Eu estava vendo coisas.

– O quê?

Ele balançou a cabeça.

– Não foi nada. Aqui. – Ele se levantou e a pôs de pé ao seu lado.

– Talvez devêssemos ver se o doutor pode encaixar você na agenda lotada dele.

CAPÍTULO

Vinte e Cinco

KAI RECEBEU DOIS COMUNICADOS ENTRE O MOMENTO EM QUE S. elevador e que chegaram ao escritório do dr. Erland – Cinder sabia porque podia ouvir o som vindo do cinto dele –, mas não os respondeu. Insistiu em ajudá-la a percorrer o corredor, apesar de seus protestos de que podia andar por si só e dos olhares curiosos de todos que passavam por eles. Olhares curiosos não pareciam incomodar o príncipe como a ela.

Ele não bateu à porta quando chegaram ao escritório, e o dr. Erland, vendo que tinham entrado sem se anunciar, não pareceu surpreso ao ver o príncipe.

– Aconteceu de novo – disse Kai. – O desmaio dela, seja lá o que isso for.

Os olhos azuis do dr. Erland se voltaram para Cinder.

– Já passou – disse ela. – Estou *bem*.

– Você não está bem – argumentou Kai. – O que causa isso? O que podemos fazer para impedir que isso aconteça de novo?

– Vou dar uma olhada nela – disse o dr. Erland. – Veremos o que pode ser feito para evitar que isso aconteça de novo.

Kai pareceu considerar essa uma resposta aceitável, mas apenas um pouco.

– Se você precisar de verbas para fazer a pesquisa... ou de um equipamento especial, ou qualquer coisa.

– Não vamos precipitar as coisas – disse o doutor. – Ela provavelmente só precisa de outro ajuste.

Cinder cerrou os dentes quando o detector de mentiras piscou para ela. Ele estava mentindo para o príncipe de novo. Estava mentindo para ela. Mas Kai não se opôs, não questionou. Ele respirou fundo e encarou Cinder. A expressão a deixou desconfortável – o olhar que sugeria que ela era uma boneca chinesa, facilmente quebrável.

E talvez um sinal de desapontamento estivesse por trás de tudo.

– É sério, estou bem.

Ela podia ver que ele não estava convencido, mas não tinha como argumentar. O comunicador dele soou de novo. Kai finalmente olhou para o aparelho, em seguida fechou a cara e o desligou.

– Preciso ir.

– É óbvio.

– O primeiro-ministro da África convocou uma reunião dos líderes mundiais. Muito chato e político. Meu conselheiro está prestes a ter um colapso.

Ela ergueu as sobrancelhas de uma forma que esperava convencê-lo do quanto estava tranquila com o fato de ele a deixar. Afinal, ele era um príncipe. Os mais poderosos homens e mulheres da Terra o haviam convocado. Ela entendia.

E ainda assim ele estava lá, com ela.

– Estou *bem* – disse Cinder. – Vá embora.

A preocupação nos olhos dele se suavizou. Ele se virou na direção do dr. Erland, tirou algo do bolso e colocou-o na mão do doutor.

– Eu também vim para lhe trazer isso.

O dr. Erland pôs os óculos e segurou o frasco de vidro contra a luz. Estava cheio de um líquido claro.

– E isso é?

– Um presente da rainha Levana. Ela declara ser um antídoto para a letumose.

O coração de Cinder disparou. Todo o foco de seu olhar estava no frasco.

Um antídoto?

Peony.

O dr. Erland ficou pálido, os olhos arregalados por trás dos óculos.

– É mesmo?

– Pode ser um truque. Eu não sei. Supostamente, é uma dose, o suficiente para um homem adulto.

– Entendo.

– Você acha que pode duplicá-lo? Se for mesmo um remédio?

Os lábios do dr. Erland se apertaram em uma linha fina. Ele baixou o frasco.

– Isso depende de muitas coisas, Vossa Alteza – respondeu ele, depois de uma longa pausa. – Mas farei o melhor possível.

– Obrigado. Me avise assim que descobrir alguma coisa.

– É claro.

A testa de Kai relaxou com alívio. Ele se virou para Cinder.

– E você me avisará se qualquer coisa...

– *Sim.*

– ... mudar sua ideia quanto ao baile?

Cinder pressionou os lábios.

O sorriso de Kai mal alcançava seus olhos. Com uma reverência breve para o doutor, ele se foi. Cinder tornou a olhar para o frasco, seguro pelo punho do doutor. Um desejo a percorreu. Mas então ela viu que as articulações dele estavam pálidas, e levantou os olhos, percebendo-se alvo de um olhar tempestuoso.

– O que você acha que está *fazendo* aqui? – perguntou ele, plantando a mão livre na mesa. Ela o encarou, surpresa com a sua veemência. – Você não compreende que a rainha Levana está aqui, agora, neste palácio? Não *entendeu* quando eu lhe avisei para ficar longe daqui?

– Eu tive que entregar o androide do príncipe. Faz parte do meu trabalho.

– Você está falando de subsistência. Eu estou falando de *sobrevivência*. Você não está segura aqui!

– Para sua informação, aquele androide pode ser uma questão de *sobrevivência*. – Ela cerrou os dentes, impedindo-se de dizer mais. Com um suspiro pesado, tirou as mãos das luvas sufocantes e as enfiou no bolso. – Está certo, desculpe, mas agora estou aqui.

– Você tem que ir. Agora. E se ela pedir para visitar os laboratórios?

– Por que a rainha se importaria com os laboratórios? – Ela tomou o assento em frente ao do dr. Erland. Ele continuou de pé.
– Além disso, é tarde demais. A rainha já me viu.

Ela esperava que o doutor explodisse com a declaração, mas em vez disso sua cara fechada foi logo substituída por uma expressão de horror. Suas sobrancelhas espessas se juntaram sob o chapéu. Lentamente, ele afundou na cadeira.

– Ela *viu* você? Tem certeza?

Cinder assentiu.

– Eu estava no jardim quando os protestos aconteceram. A rainha Levana apareceu em uma das varandas superiores e... fez alguma coisa. Com a multidão. Lavagem cerebral ou encanto ou seja lá como for chamado. Todos se acalmaram e pararam de protestar. Foi tão *horripilante*. Como se todos tivessem, de uma hora para outra, esquecido por que estavam ali, por que a *odiavam*. E depois simplesmente foram embora.

– Isso mesmo. – O dr. Erland pousou o frasco na mesa. – De repente fica muito claro como ela consegue impedir que o próprio povo se rebele contra seu reinado, não fica?

Cinder se inclinou para a frente, batendo na mesa com os dedos de metal.

– Mas o problema é o seguinte. Você disse antes que os cascudos não são afetados pelo encanto lunar, não disse? Foi por isso que ela mandou que eles, quero dizer, *nós* fôssemos mortos?

– Certo.

– Mas o encanto me afetou. Eu confiei nela, tanto quanto em qualquer um. Pelo menos, até que a minha programação entrasse

em cena e tomasse o controle. – Ela o observou enquanto o dr. Erland tirava o boné, ajustava a aba e o colocava de novo sobre seu macio cabelo grisalho. – Isso não deveria ter acontecido, não é? Porque sou uma cascuda.

– Não – respondeu ele, sem muita convicção. – Isso não deveria ter acontecido.

Ele se levantou da cadeira e ficou olhando pelas janelas que iam do chão ao teto.

Um impulso de esticar a mão e pegar o frasco da mesa se avolumou na ponta de seus dedos, mas Cinder se conteve. O antídoto – se aquilo era mesmo um antídoto – era importante para todos.

Engolindo em seco, ela se inclinou para trás.

– Doutor? Você não parece muito surpreso.

Ele ergueu a mão e deu tapinhas na boca com dois dedos antes de se virar lentamente para ela.

– Talvez eu tenha interpretado mal seu diagnóstico.

Mentira.

Ela esfregou as mãos no colo.

– Ou então você simplesmente não me disse a verdade.

As sobrancelhas dele se uniram, mas ele não negou.

Cinder torceu os dedos.

– Então eu não sou lunar?

– Não, não. Você é definitivamente lunar.

Verdade.

Ela afundou na cadeira, desapontada.

– Estive pesquisando sobre sua família, srta. Linh. – Ele deve ter visto os olhos dela se iluminarem, porque rapidamente ergueu as mãos. – Quero dizer, sua família *adotiva*. Você está ciente de que seu falecido guardião, Linh Garan, desenvolvia sistemas para androides?

– Hum. – Cinder pensou nas placas e prêmios na cornija da lareira da sala de estar de Adri. – Isso me soa meio familiar.

– Bem. No ano anterior a sua cirurgia, ele lançou uma invenção na Feira de Ciências de Nova Pequim. Um protótipo a que chamou de sistema de segurança bioelétrico.

Cinder ficou olhando para ele.

– Um o quê?

De pé, o dr. Erland mexeu no netscreen até que uma holografia familiar surgisse diante deles. Ele aumentou a representação do pescoço de Cinder, exibindo o pequeno ponto preto na parte de cima de sua coluna.

– Isso.

Cinder esticou a mão para tocar sua nuca, massageando-a.

– É um dispositivo que se liga ao sistema nervoso de uma pessoa. Tem dois propósitos: em um terráqueo, evita a manipulação externa de sua própria bioeletricidade. Essencialmente, torna a pessoa imune ao controle lunar. Por outro lado, quando instalado em um lunar, impede que ele manipule a bioeletricidade dos outros. É como instalar uma trava no encanto lunar de alguém.

Cinder sacudiu a cabeça, ainda coçando a nuca.

– Uma trava? Na magia? Isso é possível?

O dr. Erland ergueu um dedo para ela.

– Não é magia. Chamar isso de magia apenas confere mais poder a eles.

– Tudo bem. Seja lá o que for bioelétrico. Isso é possível?

– Evidentemente. O dom lunar é a capacidade de usar o cérebro para emitir e controlar energia eletromagnética. Bloquear essa capacidade demandaria alteração do sistema nervoso quando ele entra no tronco cerebral, e fazer isso enquanto ainda permite movimento total e sensações seria... É bem impressionante. Engenhoso, de fato.

De boca aberta, Cinder seguiu o doutor com o olhar enquanto ele se sentava de novo.

– Ele estaria rico.

– Se ele tivesse sobrevivido, talvez estivesse. – O doutor desligou o netscreen. – Quando ele lançou a invenção na feira, o protótipo ainda não tinha sido testado, e seus contemporâneos estavam céticos, e com razão. Ele primeiro precisava testá-lo.

– E para isso ele precisava de um lunar.

– Para que tudo ocorresse da forma ideal, ele precisava de um lunar e um terráqueo para cobaias, a fim de testar os dois resultados separadamente. Se ele encontrou uma cobaia terráquea, não faço a menor ideia, mas claramente achou você, e instalou a invenção como uma forma de impedir que você usasse seu dom. Isso explica por que você não usou seu dom desde a operação.

Ela balançou os pés, inquieta.

– Você não interpretou mal meu diagnóstico. Você sabia disso desde o começo. Desde o momento em que entrou neste laboratório, *sabia* que eu era uma lunar e que tinha essa trava louca e... você *sabia*.

O dr. Erland apertou as mãos. Pela primeira vez, Cinder notou um anel de ouro no dedo dele.

– O que você fez comigo? – perguntou ela, fincando os pés e se levantando. – Quando me tocou e doeu tanto que eu desmaiei, e hoje de novo. O que está causando isso? O que está acontecendo comigo?

– Acalme-se, srta. Linh.

– Por quê? Para que você possa mentir um pouco mais para mim, como mente para o príncipe?

– Se eu menti, foi apenas para proteger você.

– Me proteger do quê?

O dr. Erland abriu os dedos.

– Entendo que você esteja confusa...

– Não, você não entende nada! Há uma semana, eu sabia exatamente quem eu era, *o que* eu era, e talvez fosse um ciborgue sem valor algum, mas pelo menos eu sabia disso. E agora... agora sou uma lunar, uma lunar que supostamente tem magia mas não pode usá-la, e agora tem essa rainha louca que, por alguma razão, quer me *matar*.

NÍVEIS DE ADRENALINA ACENTUADOS, alertou o painel de controle dela. PROVIDÊNCIA RECOMENDADA:

DESACELERAR E CONTROLAR A RESPIRAÇÃO. CONTANDO 1, 2, 3...

– Por favor, se *acalme*, srta. Linh. Na verdade, é muito bom que você tenha sido selecionada para receber essa trava.

– Tenho certeza de que você tem razão. Eu simplesmente amo ser tratada como cobaia, sabia?

– Goste ou não, a trava tem sido benéfica para você.

– Como?

– Se você parasse de gritar, eu diria.

Ela mordeu o lábio e sentiu a respiração se estabilizando contra sua vontade.

– Tudo bem, mas me diga a verdade dessa vez. – Cruzando os braços, ela se reclinou na cadeira.

– Às vezes você é um pouco irritante, srta. Linh. – O dr. Erland suspirou, coçando a têmpora. – Veja, manipular bioeletricidade é algo tão natural para os lunares que é praticamente impossível evitar, especialmente em uma idade tão jovem. Deixada à própria sorte, você teria chamado muita atenção para si mesma. Seria como tatuar “lunar” na sua testa. E mesmo que você *conseguisse* controlar isso, o dom é uma parte tão fundamental de nossa constituição interna que sufocá-lo poderia gerar efeitos colaterais psicológicos devastadores: alucinações, depressão... até mesmo loucura. – Ele uniu as pontas dos dedos. Esperou. – Então veja, instalar uma trava no seu dom protegeu você, de várias formas, de si mesma.

Cinder o encarou, os olhos fixos.

– Você entende como isso foi mutuamente benéfico? – continuou o doutor. – Linh Garan teve sua cobaia, e você foi capaz de se misturar aos terráqueos sem enlouquecer.

Cinder lentamente se inclinou para a frente.

– *Nossa?*

– Perdão?

– *Nossa.* Você disse que “o dom é uma parte fundamental de *nossa* constituição interna”.

O doutor se endireitou, ajustando as lapelas do jaleco.

– Ah. Eu disse?

– Você é lunar.

Ele tirou o chapéu e o arremessou na mesa. Parecia menor sem ele. Mais velho.

– Não minta pra mim.

– Eu não ia mentir, srta. Linh. Estava apenas tentando pensar em um jeito de explicar isso de um modo que faça você me olhar de uma maneira menos acusatória.

Fechando a boca, Cinder se levantou da cadeira novamente e se afastou da mesa. Ela o encarou de forma dura, como se realmente fosse aparecer uma tatuagem de “lunar” em sua testa.

– Como posso acreditar em qualquer coisa que você já disse? Como posso saber se não está fazendo uma lavagem cerebral em mim agora?

Ele deu de ombros.

– Se eu andasse por aí encantando pessoas o dia todo, pelo menos faria com que me vissem mais alto, você não acha?

Ela franziu o cenho, ignorando-o. Estava pensando na rainha à varanda, como seus dispositivos opticobiônicos a alertaram sobre uma mentira, mesmo quando nada havia sido dito. De alguma forma, o cérebro dela era capaz de diferenciar a realidade da ilusão, ainda que seus olhos não conseguissem.

Semicerrando os olhos, ela projetou um dedo acusador para o doutor.

– Você *usou* seu controle mental em mim. Quando nos conhecemos. Você... você fez uma lavagem cerebral em mim. Igualzinho à rainha. Me fez confiar em você.

– Seja justa. Você estava prestes a me atacar com uma chave de fenda.

A raiva dela oscilou.

O dr. Erland estendeu as palmas das mãos para ela.

– Eu lhe asseguro, srta. Linh, que nos vinte anos em que estive na Terra, não fiz mau uso do meu dom nenhuma vez sequer, e estou pagando o preço por essa decisão todos os dias. Minha estabilidade mental, minha saúde psicológica, meus sentidos estão falhando porque eu me recuso a manipular os pensamentos e sentimentos dos que estão a minha volta. Nem todos os lunares são confiáveis, e sei disso tão bem quanto qualquer outra pessoa, mas você *pode* confiar em mim.

Cinder engoliu em seco e se apoiou no encosto da cadeira.

– Kai sabe?

– É claro que não. Ninguém pode saber.

– Mas você trabalha no palácio. Vê Kai o tempo todo. E o imperador Rikan!

Um brilho de irritação atravessou os olhos azuis do dr. Erland.

– Sim, e por que isso deveria aborrecer você?

– Porque você é *lunar*!

– Assim como você. Eu deveria pensar que a segurança do príncipe está ameaçada porque ele a convidou para o baile?

– Isso é diferente!

– Não seja tola, srta. Linh. Eu entendo os preconceitos. De muitas formas, eles são compreensíveis, até mesmo justificáveis, dado o histórico da Terra com Luna. Mas isso não significa que somos todos demônios egoístas e gananciosos. Acredite em mim: não há neste planeta uma pessoa que gostaria mais de ver Levana longe do trono do que eu. Eu mesmo poderia matá-la se tivesse poder para isso. – O rosto do médico ficou vermelho como cereja, seus olhos flamejando.

– Tudo bem. – Cinder apertou a almofada da cadeira até sentir o aço de seus dedos furar o material. – Eu posso aceitar isso. Nem todos os lunares são demônios, e nem todos os lunares são tão facilmente convencidos a seguir Levana. Mas mesmo dentre aqueles que desejam desafiá-la, quantos arriscam a vida para fugir? – Ela parou, olhando para o doutor. – Então, por que *você* fugiu?

O dr. Erland se moveu como se fosse se levantar, mas, depois de hesitar, seus ombros caíram, murchos.

– Ela matou minha filha.

Verdade.

Cinder recuou.

– A pior parte é que, se fosse qualquer outra criança, eu acharia certo – continuou o doutor.

– O quê? Por quê?

– Porque ela era uma cascuda. – Ele pegou o boné da mesa e o analisou enquanto falava, seus dedos traçando o padrão espinha de peixe do tecido. – Eu concordava com as leis no passado, pensava que os cascudos eram perigosos. Que nossa sociedade ruiria se permitíssemos que eles vivessem. Mas não a *minha* garotinha. – Um sorriso irônico torceu seus lábios. – Depois que ela nasceu, eu quis fugir, trazê-la para a Terra, mas minha esposa era mais devota à Sua Majestade do que eu. Ela não queria ter nenhum tipo de ligação com aquela criança. E então minha pequena Lua Crescente foi levada embora, como todos os outros. – Ele colocou o chapéu de volta na cabeça e semicerrou os olhos para Cinder. – Ela teria sua idade agora.

Cinder girou na cadeira e se ajeitou na ponta do assento.

– Sinto muito.

– Foi há muito tempo. Mas preciso que você entenda, srta. Linh, pelo que alguém passou para trazer *você* para cá. Ir tão longe a ponto de esconder seu dom lunar, para proteger você.

Cinder cruzou os braços, encolhendo-se.

– Mas por que eu? Eu não sou cascuda. Não corria perigo algum. Isso não faz sentido.

– Fará, prometo. Escute atentamente, mesmo que isso seja um pouco chocante para você.

– Chocante? Você quer dizer que tudo que veio antes era só o começo?

Os olhos dele se suavizaram.

– Seu dom está voltando, srta. Linh. Eu consegui manipular sua bioeletricidade para controlar temporariamente o protótipo de Linh Garan. Foi o que fiz no primeiro dia em que você esteve aqui, quando perdeu a consciência, e a trava de seu dom foi danificada de forma irreparável por causa disso. Com a prática, você será capaz de lidar com as falhas sozinha, até que controle totalmente seu dom de novo. Entendo que é doloroso quando acontece tão rápido quanto hoje, mas essas situações devem ser raras, apenas em momentos de extrema perturbação emocional. Você pode pensar em qualquer coisa que tenha servido de gatilho para isso hoje mais cedo?

O estômago de Cinder se revirou, lembrando a proximidade com Kai no elevador. Ela limpou a garganta.

– O que você está dizendo é que eu estou me tornando lunar de fato? Magia e tudo mais?

O dr. Erland crispou os lábios, mas não a corrigiu de novo.

– Sim. Vai levar algum tempo, mas você terá o dom pleno com que nasceu. – Ele girou os dedos no ar. – Você quer tentar usá-lo agora? Pode ser que consiga, não tenho certeza.

Cinder imaginou uma faísca em sua fiação, algo estalando na base da coluna. Ela sabia que provavelmente era coisa de sua cabeça, pânico autoinduzido, mas não conseguia ter certeza. Como se sentia sendo lunar? Tendo esse tipo de poder?

Ela balançou a cabeça.

– Não, tudo bem. Não estou preparada para isso.

Um sorriso estreito se alongou pelos lábios do doutor, como se ele estivesse um pouco desapontado.

– É claro. Quando você estiver pronta.

Envolvendo sua própria cintura com os braços, ela respirou tremulamente.

– Doutor?

– Sim?

– Você é imune à letumose, como eu?

O dr. Erland a encarou, sem piscar.

– Sim, sou.

– Então por que não usou suas próprias amostras de sangue para encontrar a cura? Tanta gente morreu... E as experiências com ciborgues...

As rugas no rosto dele se suavizaram.

– Eu *usei*, srta. Linh. De onde você acha que vieram os vinte e sete antídotos pelos quais já passamos?

– E nenhum deles funcionou. – Ela enfiou os pés embaixo da cadeira, sentindo-se pequena. Insignificante, de novo. – Então a minha imunidade não é o milagre que você fez parecer. – Os olhos dela pousaram no frasco. O antídoto da rainha.

– Srta. Linh.

Encontrando o olhar do doutor, Cinder viu um lampejo. Uma excitação mal contida, como na primeira vez em que eles se encontraram.

– Você é o milagre pelo qual eu procurava – disse ele. – Mas você está certa. Não é por causa de sua imunidade.

Cinder o encarou, esperando que ele explicasse. O que mais poderia ser tão especial nela? Será que ele estivera procurando pelo genial dispositivo de trava da magia, o protótipo de Linh Garan?

O comunicado interno dela apitou com uma nova mensagem antes que ele pudesse continuar. Ela se sobressaltou, desviando-se do doutor enquanto um texto verde rolava por seu visor.

**COMUNICADO RECEBIDO DO DISTRITO
29 DE NOVA PEQUIM, QUARENTENA DE
LETUMOSE. LINH PEONY ENTROU NO
QUARTO ESTÁGIO DA LETUMOSE ÀS
17H24M, EM 18 DE AGOSTO, 126 DA
TERCEIRA ERA.**

– Srta. Linh?

Os dedos dela estremeceram.

– Minha irmã entrou no quarto estágio. – O olhar dela recaiu no frasco em cima da mesa do dr. Erland.

Ele seguiu o olhar.

– Entendo – respondeu ele. – O quarto estágio avança muito rápido. Não há tempo a perder. – Inclinando-se para a frente, ele pegou o frasco. – Promessa é promessa.

– Mas você não precisa disso? Para duplicar?

De pé, o doutor andou até a estante de livros e pegou um copo à sua frente.

– Quantos anos ela tem?

– Quatorze.

– Então acho que isso será o suficiente. – Ele pingou um quarto do antídoto no copo. Fechando o frasco, ele se virou para Cinder.
– Você está ciente de que isso veio da rainha Levana. Não sei qual poderia ser o plano dela, mas sei que não será para o bem da Terra. Isso pode muito bem ser um truque.

– Minha irmã já está morrendo.

Ele assentiu e ofereceu o frasco a ela.

– Foi o que pensei.

Cinder se levantou, pegou o frasco e aninhou-o na palma da mão.

– Tem certeza?

– Tenho uma condição, srta. Linh.

Engolindo em seco, ela segurou o frasco junto ao peito.

– Você deve me prometer que não chegará nem perto deste palácio enquanto a rainha Levana estiver aqui.

CAPÍTULO

Vinte e Seis

O PRÍNCIPE KAI CHEGOU À REUNIÃO COM DEZESSETE MINUTOS D

Foi recebido pelos olhares decepcionados de Torin e quatro outros oficiais do governo, todos sentados em uma longa mesa, junto com mais uma dezena de rostos surgindo de seus respectivos netscreens na parede forrada de telas diante dele. Embaixadores de cada país da Terra – Reino Unido, Federação Europeia, União Africana, República da América e Austrália. Uma rainha, dois primeiros-ministros, um presidente, um governador-geral, três representantes de Estado e dois representantes de província. Um texto ao longo da parte inferior das telas prestativamente exibia seus nomes, títulos e afiliações de países.

– Que gentil da parte do jovem príncipe nos agradecer com sua presença – disse Torin, enquanto os oficiais em volta da mesa se levantavam para saudar Kai.

Kai fez um gesto para afastar o comentário de Torin.

– Pensei que você poderia precisar da minha tutela.

Na parede coberta de telas, a primeira-ministra da África, Kamin, grunhiu de maneira nada feminina. Todos os outros permaneceram em silêncio.

Kai caminhou para se sentar em seu lugar habitual, mas Torin o impediu, gesticulando para a cadeira ao fim da mesa. A cadeira

do imperador. Com a mandíbula tensa, Kai trocou de lugar. Ele olhou para a fileira de rostos – embora cada um dos líderes do mundo estivesse a milhares de quilômetros de distância, olhando de seus próprios netscreens de parede, parecia que seus olhares estavam focados nele, desaprovadores.

Kai limpou a garganta, tentando não se inquietar.

– A ligação da conferência é segura? – perguntou ele, a questão trazendo de volta suas preocupações em relação ao chip de comunicação direta que Cinder encontrara dentro de Nainsi. As telas nessa sala eram equipadas com D-COMMs para que eles pudessem promover reuniões internacionais sem temer que alguém os ouvisse pela rede. O chip havia sido colocado dentro de Nainsi por um dos comparsas de Levana pelo mesmo motivo: sigilo, privacidade? Se fosse isso, o que exatamente ela havia descoberto?

– É claro – disse Torin. – As redes foram verificadas por aproximadamente vinte minutos, Vossa Alteza. Estávamos discutindo a relação da Terra com Luna quando você se dignou a se juntar a nós.

Kai juntou as mãos.

– Certo. A relação a que se refere é aquela em que a rainha dominatrix dá um ataque de pirraça e nos ameaça com guerra toda vez que não consegue as coisas exatamente como quer? É essa relação?

Ninguém riu. O olhar de Torin se focou em Kai.

– O momento é inconveniente, Vossa Alteza?

Kai limpou a garganta.

– Peço desculpas. Isso foi inapropriado. – Ele viu os rostos dos líderes da Terra o observando de milhares de quilômetros de distância. Apertou as mãos embaixo da mesa, sentindo-se como uma criança sentada em uma das reuniões do pai.

– Obviamente – disse o presidente Vargas, da América –, a relação entre a Terra e Luna tem sido tensa há muitos anos, e o reinado da rainha Levana apenas piorou as coisas. Não podemos culpar nenhuma das partes, mas o que é importante aqui é que consertemos isso, antes...

– Antes que ela comece uma guerra – completou um representante de uma região da América do Sul –, como o jovem príncipe já observou.

– Mas se os relatórios na rede não estiverem equivocados – disse o governador-geral Williams, da Austrália –, o diálogo entre a Terra e Luna foi retomado. Pode ser verdade que Levana esteja na Terra *agora* mesmo? Mal acreditei nas notícias quando as ouvi.

– Sim – disse Torin, todos os olhares voltados para ele. – A rainha chegou na tarde de ontem, e sua taumaturga-chefe, Sybil Mira, está hospedada em nossa corte há duas semanas.

– Levana informou a vocês o propósito da visita? – perguntou a primeira-ministra Kamin.

– Ela diz que quer chegar a um acordo de paz.

Um dos representantes da República da América deu uma gargalhada.

– Eu só acredito vendo.

O presidente Vargas ignorou o comentário.

– O momento é um tanto suspeito, não é? Logo depois... – Ele não terminou. Ninguém olhou para Kai.

– Nós concordamos – disse Torin –, mas não pudemos recusar a requisição quando veio.

– Realmente parece que ela está mais disposta a discutir uma aliança com a Comunidade do que com qualquer um de nós – disse o presidente Vargas –, mas as condições dela eram sempre insatisfatórias. Elas mudaram?

Kai olhou de canto de olho enquanto o peito de Torin lentamente se expandia.

– Não – respondeu ele. – Até onde sabemos, as condições de Sua Majestade não mudaram. Sua meta continua a ser consagrar a aliança pelo casamento com o imperador da Comunidade.

Embora os rostos na sala e nos netscreens tenham tentado permanecer estáticos, o desconforto se instalou entre eles. Kai apertou tanto as mãos que suas unhas deixaram marcas de luas crescentes na pele. Ele sempre desprezara a diplomacia dessas reuniões. Todos pensando a mesma coisa, ninguém com coragem o bastante para dizer.

E é claro que seriam todos solidários ao destino de Kai, mas, ainda assim, gratos por não ser nenhum deles. Ficariam bravos com a possibilidade de a rainha Levana se infiltrar em qualquer país da Terra com seu regime ditatorial, mas certos de que isso seria melhor do que ver o exército dela atacando o planeta.

– A posição da Comunidade – continuou Torin – também não mudou.

Aquilo pareceu agitar a todos.

– Você não se casará com ela? – perguntou a rainha Camilla do Reino Unido, as rugas em sua testa se aprofundando.

Kai endireitou os ombros, em posição de defesa.

– Meu pai era firme em sua decisão de evitar tal aliança, e acredito que suas razões sejam tão pertinentes hoje quanto eram na semana passada, ou no ano passado, ou na última década. Tenho que considerar o que é melhor para o meu país.

– Você disse isso a Levana?

– Eu não menti para ela.

– E qual será o próximo passo dela? – conjecturou o primeiro-ministro da Europa, Bromstad, um homem de cabelos claros e olhar gentil.

– O que mais? – disse Kai. – Ela pretende acrescentar mais ofertas de barganha até que aceitemos.

Olhares se encontraram pelas telas. Os lábios de Torin ficaram brancos, seus olhos suplicando a Kai que fosse mais sutil. Kai podia adivinhar que Torin não tinha a intenção de mencionar o antídoto, pelo menos não até que planejassem seu próximo passo – mas a letumose era uma pandemia que afetava a todos. Eles tinham no mínimo o direito de saber que talvez existisse um antídoto. Isso considerando que Levana não tivesse mentido para eles.

Kai respirou fundo, espalmando as mãos na mesa.

– Levana alega ter encontrado a cura para a letumose.

Os netscreens pareceram estalar com surpresa, embora os líderes reunidos estivessem perplexos demais para falarem.

– Ela trouxe uma única dose consigo, e eu a entreguei para nossa equipe de pesquisa. Não sabemos se é realmente um antídoto até termos a oportunidade de estudá-lo. Se ele *for* real, precisamos encontrar uma maneira de replicá-lo.

– E se não pudermos?

Kai olhou para o governador-geral australiano. Ele era bem mais velho do que o pai de Kai. Eram todos muito mais velhos do que ele.

– Eu não sei – respondeu ele. – Mas farei o que for preciso pela Comunidade. – Ele pronunciou muito cuidadosamente a palavra “Comunidade”. De fato, tinham a força de uma aliança entre seis países e um planeta. Mas tinham seus próprios laços, e ele não se esqueceria disso.

– Mesmo assim – disse Torin –, podemos ter esperanças de que ela seja razoável e de que consigamos convencê-la a assinar o Tratado de Bremen sem uma aliança consagrada por casamento.

– Ela vai recusar – disse um representante de Estado da Federação Europeia. – Não devemos nos iludir. Ela é teimosa...

– É claro, a família imperial da Comunidade não é a única com sangue real com que ela poderia alimentar esperanças de casamento – argumentou o representante de estado africano. Ele disse isso sabendo que seu próprio país não seria uma escolha, já que não era regido por uma monarquia. Qualquer laço de matrimônio seria superficial e passageiro demais. Ele continuou: – Acho que deveríamos explorar todas as possibilidades para apresentarmos uma proposta, não importando o que Levana

resolva fazer em seguida. Uma oferta que nós, como um grupo, achemos que pode beneficiar os cidadãos de todo o planeta.

Kai seguiu a atenção do grupo para a rainha Camilla, do Reino Unido, que tinha um filho solteiro com trinta e poucos anos, uma idade mais próxima à de Levana do que a de Kai. Ele percebeu o quão passiva a rainha tentava parecer e teve que se conter para não passar uma imagem de presunção. Era bom virar a mesa.

E ainda, politicamente, não havia dúvida de que Kai era a melhor opção aos olhos de Levana. O príncipe do Reino Unido era o mais jovem de três irmãos e talvez nunca viesse a se tornar rei. Kai, por outro lado, seria coroado na próxima semana.

– E se ela rejeitar qualquer outro? – perguntou a rainha Camilla, erguendo uma sobrancelha que sofrera muitas intervenções cirúrgicas rejuvenescedoras ao longo dos anos. Quando ninguém respondeu a pergunta, ela continuou: – Não quero levantar alarme falso, mas vocês levaram em conta que a razão de ela ter vindo à Terra talvez seja assegurar essa aliança à força? Talvez sua intenção seja manipular a mente do jovem príncipe para que se case com ela.

O estômago de Kai se revirou. Ele podia ver seu desassossego espelhado nos rostos dos demais diplomatas.

– Ela poderia fazer isso? – perguntou ele.

Como ninguém respondeu rapidamente, ele se virou para Torin.

Levou muito, muito tempo para que Torin balançasse a cabeça, parecendo assustadoramente incerto.

– Não – disse ele. – Talvez em teoria, mas não. Para manter tal manobra, ela nunca poderia sair do seu lado. Tão logo você não estivesse mais sob a influência dela, poderia provar que o casamento não foi legítimo. Ela não se arriscaria a isso.

– Você quer dizer que nós *esperamos* que ela não se arrisque a fazer isso – falou Kai, sem se sentir muito consolado.

– E quanto à filha da rainha Levana, a princesa Inverno – lembrou o presidente Vargas –, houve alguma discussão acerca dela?

– Enteada – disse Torin. – E o que deveríamos discutir sobre a princesa lunar?

– Por que não podemos formar uma aliança em casamento com ela? – perguntou a rainha Camilla. – Ela não pode ser pior do que Levana.

Torin cruzou as mãos em cima da mesa.

– A princesa Inverno é filha de outra mãe, e seu pai era um mero guarda do palácio. Ela não tem sangue real.

– Mas talvez Luna ainda honrasse uma aliança de casamento com ela – disse Kai. – Será que não?

Torin suspirou, parecendo desejar que Kai mantivesse a boca fechada.

– Politicamente, talvez, mas isso não muda o fato de que a rainha Levana está na difícil posição de precisar se casar e gerar um herdeiro para continuar a linhagem por sangue. Não acho que ela vá aceitar casar a enteada enquanto *ela* mesma precisar arranjar um casamento apropriado.

– E não há esperança – disse o primeiro-ministro africano – de que os lunares aceitem algum dia a princesa Inverno como rainha?

– Somente se você conseguir convencê-los a abandonar suas superstições – respondeu Torin –, e todos sabemos o quão profundamente eles valorizam sua cultura. Senão eles sempre insistirão em um herdeiro de sangue real.

– E se Levana nunca gerar um herdeiro? O que eles farão então?

Kai olhou para seu conselheiro e ergueu uma sobrancelha.

– Não sei ao certo – respondeu Torin. – Tenho certeza de que a família real tem um monte de primos distantes que estão loucos para clamar o trono.

– Então, se Levana tem que se casar – disse o representante da América do Sul –, e se ela somente se casará com um imperador da Comunidade, e o imperador da Comunidade se recusa a casar com ela, o que acontecerá então? Chegamos a um impasse.

– Talvez – respondeu o governador-geral Williams – ela concretize suas ameaças.

Torin sacudiu a cabeça.

– Se o desejo dela fosse começar uma guerra, oportunidades não faltaram.

– Parece claro – argumentou o governador-geral – que o desejo dela é se tornar imperatriz. Mas não sabemos o que ela planeja fazer caso vocês não...

– Na verdade, nós temos, sim, uma ideia – disse o presidente Vargas, a voz pesada. – Temo que não precisemos mais especular

se Levana pretende iniciar uma guerra contra a Terra. Nossas fontes me levam a acreditar que a guerra não só é provável como iminente.

Um rumor inquieto percorreu a sala.

– Se nossas teorias estiverem certas – disse o presidente Vargas –, Levana planeja investir contra a Terra dentro dos próximos seis meses.

Kai se inclinou para a frente, brincando com a gola da camisa.

– Que teorias?

– Parece que a rainha Levana está reunindo um exército.

Confusão se instalou no recinto.

– Certamente Luna tem um exército já faz algum tempo – disse o primeiro-ministro Bromstad. – Não é novidade nem é um absurdo. Não podemos exigir que eles não tenham um exército, por mais que queiramos.

– Não é o exército comum de Luna, soldados e taumaturgos – disse o presidente Vargas –, nem é como qualquer exército que nós tenhamos na Terra. Aqui estão algumas fotografias que nossas unidades orbitais operacionais conseguiram obter.

A imagem do presidente sumiu e foi substituída por uma imagem distorcida, como se tivesse sido tirada de muito longe. Fotos de satélite tiradas sem a luz do sol. Ainda assim, na imagem granulada, Kai conseguia distinguir filas e filas de homens de pé. Ele semicerrou os olhos e outra fotografia apareceu na tela, essa mais de perto, mostrando as costas de quatro homens vistas de cima, mas Kai notou, com um choque, que *não* eram homens. Seus ombros eram largos demais, muito arqueados. Seus perfis

pouco discerníveis eram muito alongados. Suas costas estavam cobertas pelo que aparentava ser pelo.

Outra imagem apareceu na tela. Mostrava uma meia dúzia de criaturas, seus rostos uma mistura de homem e besta. Seus narizes e mandíbulas se projetavam bizarramente da cabeça, os lábios torcidos em caretas perpétuas. Pontos brancos irrompiam da boca – Kai não podia vê-los com clareza, não podia afirmar, mas lhe davam a distinta impressão de serem presas.

– O que são essas criaturas? – perguntou a rainha Camilla.

– Mutantes – respondeu o presidente Vargas. – Nós acreditamos que sejam lunares transformados por engenharia genética. Esse é o projeto que presumimos estar sendo executado há muitas décadas. Estimamos seiscentos deles somente nesse batalhão, mas suspeitamos que haja mais, provavelmente na rede de tubos de lava sob a superfície da Lua. Podem ser milhares, muitos milhares, pelo que sabemos.

– E eles possuem magia? – Foi uma pergunta hesitante, proposta pelo representante de província do Canadá.

A imagem desapareceu, mostrando o presidente americano de novo.

– Não sabemos. Não conseguimos vê-los treinando ou fazendo qualquer outra coisa que não ficar em formação e marchar para dentro e para fora das cavernas.

– Eles são lunares – disse a rainha Camilla. – Se não estiverem mortos, possuem magia.

– Não temos provas de que eles tenham matado as crianças não dotadas de dom – interrompeu Torin. – E por mais excitante

que seja olhar para essas imagens e criar especulações loucas, precisamos manter em mente que a rainha Levana ainda não atacou a Terra, e não temos evidências de que tais criaturas se destinam a tal ataque.

– Qual mais poderia ser a finalidade delas? – perguntou o governador-geral Williams.

– Trabalho manual? – argumentou Torin, desafiando qualquer um a negar tal possibilidade. O governador-geral fungou, mas não disse nada. – Nós devemos, é claro, nos preparar para o caso de uma guerra começar. Mas nesse meio-tempo, nossa prioridade precisa ser formar uma aliança com Luna, não afastá-la com paranoia e desconfiança.

– Não – disse Kai, apoiando o queixo no punho. – Eu acho que esse é o momento perfeito para paranoia e desconfiança.

Torin franziu o cenho.

– Vossa Alteza.

– Parece que todos deixaram passar o ponto óbvio dessas imagens.

O presidente Vargas estufou o peito.

– O que você quer dizer?

– Você disse que provavelmente eles estão formando esse exército há décadas? Aprimorando seja qual for a ciência que usam para gerar essas... criaturas?

– É o que parece.

– Então por que só os percebemos agora? – Ele gesticulou em direção à tela em que as imagens haviam estado. – Centenas deles, de pé do lado de fora como se não tivessem nada melhor

para fazer. *Aguardando* para serem fotografados. – Ele cruzou os braços em cima da mesa, observando enquanto expressões de incerteza se viraram em sua direção. – A rainha Levana queria que víssemos seu exército assombrado. Ela queria que tomássemos conhecimento.

– Você acha que ela está nos ameaçando? – perguntou a primeira-ministra Kamin.

Kai fechou os olhos, a imagem das filas de bestas fresca em sua mente.

– Não. Acho que ela está tentando *me* ameaçar.

CAPÍTULO

Vinte e Sete

O AERODESLIZADOR FEZ UM RUÍDO AO PARAR DO LADO DI quarentena. Cinder saltou da porta lateral e imediatamente recuou, cobrindo o nariz com o cotovelo. Suas entranhas pesaram com o fedor de carne podre intensificado pelo calor da tarde. Junto à entrada, um grupo de medidroides estava carregando um aerodeslizador com cadáveres que seriam retirados, suas formas inchadas e sem cor, cada um com uma fenda vermelha no pulso. Cinder desviou o olhar, mantendo os olhos longe e segurando a respiração enquanto passava por eles para entrar no armazém.

A luz do sol foi de muito intensa a turva, filtrada pelas películas verdes nas claraboias ao longo do teto. Antes, a quarentena estava quase vazia; agora, estava superlotada de vítimas – de todas as idades, de todos os gêneros. Ventiladores de teto pouco faziam para aplacar o calor sufocante e o cheiro de morte que tornava o ar pesado.

Medidroides transitavam com um murmúrio por entre as camas, mas não havia um número suficiente para atender a todos os doentes.

Cinder andou despercebida por um corredor, engasgando com respirações superficiais sob a manga da blusa. Ela avistou o

cobertor verde bordado de Peony e correu para o pé da cama.

– Peony!

Como Peony não se mexeu, ela esticou a mão e a pousou em seu ombro. O cobertor estava macio, morno, mas o volume embaixo dele não se movia.

Tremendo, Cinder agarrou a ponta da coberta e a puxou.

Peony lamuriou, um protesto brando, que gerou calafrios de alívio pelos braços de Cinder. Ela desmoronou ao lado da cama.

– Pelas estrelas, Peony. Eu vim assim que soube.

Peony semicerrou os olhos turvos para ela. Seu rosto estava pálido, os lábios descascando. As nódoas escuras em seu pescoço começavam a desbotar para um tom de alface na pele fantasmagórica. Com os olhos em Cinder, ela tirou o braço de debaixo do cobertor e abriu os dedos, exibindo as pontas preto-azuladas e o tom amarelado das unhas.

– Eu sei, mas vai ficar tudo bem. – Ainda ofegando, Cinder desabotoou o bolso lateral da calça cargo e tirou a luva que normalmente vestia sua mão direita. O frasco estava em um dos dedos, protegido. – Eu trouxe uma coisa para você. Você consegue se sentar?

Peony fechou a mão em um punho sem força e a enfiou novamente debaixo do cobertor. Seus olhos estavam ociosos. Cinder não achava que ela a ouviria.

– Peony?

Uma mensagem ecoou na cabeça de Cinder. O visor mostrou que havia uma nova mensagem de Adri, e a onda familiar de ansiedade que vinha com ela fechou a garganta de Cinder.

Ela rejeitou a mensagem.

– Peony, me escute. Preciso que você se sente. Você consegue fazer isso?

– Mamãe? – sussurrou Peony, a saliva se amontoando no canto dos lábios.

– Ela está em casa. Ela não sabe... – *Que você está morrendo.* Mas é claro que Adri sabia. O comunicado fora enviado para ela também.

Com a pulsação disparada, Cinder se curvou sobre Peony e deslizou o braço por baixo do ombro dela.

– Vamos, vou ajudar você.

A expressão de Peony não mudou – o olhar cadavérico e vazio –, mas ela deixou escapar um grunhido de dor quando Cinder a ergueu.

– Sinto muito – disse Cinder –, mas preciso que você beba isto.

Outro alerta, outra mensagem de Adri. Dessa vez, a irritação aflorou em Cinder e ela desligou sua rede, bloqueando quaisquer novas mensagens.

– É do palácio. Deve ajudar. Você compreende? – Ela manteve a voz baixa, preocupada com a hipótese de outros pacientes ouvirem e a atacarem. Mas o olhar de Peony continuou inexpressivo. – Uma *cura*, Peony – sibilou nos ouvidos da menina. – Um antídoto.

Peony nada disse, a cabeça jogada no ombro de Cinder. Seu corpo estava mole, mas ela era leve como uma boneca de madeira.

A garganta de Cinder parecia cheia de areia enquanto ela olhava para os olhos vazios de Peony, que se fixavam para além dela, através dela.

– Não... Peony, você me ouviu? – Cinder puxou Peony completamente para junto de si e destampou o frasco. – Você tem que beber isso. – Ela levou o frasco aos lábios de Peony, mas ela não se moveu. Não recuou. – *Peony*.

Com a mão trêmula, ela virou a cabeça de Peony para trás. Seus lábios magros se abriram.

Cinder forçou a mão a ficar firme enquanto erguia o frasco, preocupada em não desperdiçar uma gota sequer. Ela encostou o frasco contra os lábios de Peony e segurou a respiração, mas parou. Seu coração estava descontrolado. Sua cabeça pesava com as lágrimas que não viriam. Ela sacudiu a cabeça duramente.

– *Peony, por favor.*

Quando nenhum som ou ar passou pelos lábios da irmã, Cinder baixou o frasco. Ela enterrou a cabeça na dobra do pescoço de Peony, rangendo os dentes até que a mandíbula doesse. Cada respiração a alfinetava ao descer pela garganta, sofrível por causa do fedor em volta dela, mas mesmo agora ela conseguia sentir o odor do xampu de Peony, de tantos dias atrás.

Segurando firmemente o frasco, ela soltou Peony com delicadeza, deixando que ela deslizesse de volta ao travesseiro. Seus olhos ainda estavam abertos.

Cinder socou o colchão. Um pouco do antídoto espirrou em seu polegar. Esfregando os olhos até que estrelas aparecessem diante dela, ela desmoronou e enterrou a cara no cobertor.

– Maldição. *Maldição*. Peony!

Balançando-se em seus calcanhares, ela respirou longa e irregularmente. Observou o rosto em forma de coração de sua irmãzinha e seus olhos sem vida.

– Eu mantive minha promessa. Trouxe isso para você. – Ela mal se conteve para não esmagar o frasco no punho. – Além disso, falei com Kai. Peony, ele vai dançar com você. Ele me disse que dançaria. Não entende? Você *não pode* morrer. Estou *aqui*... Eu...

Uma dor de cabeça dilacerante a lançou contra a cama. Ela agarrou a ponta do colchão e abaixou a cabeça, deixando-a pender. A dor vinha do alto de sua espinha de novo, mas não a sobrepunha como antes. Foi apenas um calor desconfortável, como uma queimadura de sol interna.

Passou, deixando apenas um fraco latejamento e a imagem do olhar vazio de Peony a assombrando. Ela ergueu a cabeça, tampou o frasco com dedos fracos e guardou-o novamente dentro do bolso. Esticando a mão, ela fechou os olhos de Peony.

Cinder ouviu o familiar esmigalhar das rodas no concreto sujo e avistou um medidroide vindo em sua direção, sem água ou panos úmidos em seus pegadores. Ele parou do outro lado da cama de Peony, abriu o torso e pegou um bisturi.

Cinder esticou o braço por cima da cama e agarrou o pulso de Peony com a mão enluvada.

– Não – disse ela, mais alto do que pretendia. Os pacientes mais próximos viraram a cabeça na sua direção.

O sensor do androide virou-se para ela, ainda escuro.

Ladrões. Condenados. Fugitivos.

– Você não pode pegar essa aqui.

O androide continuou onde estava, sua face branca inexpressiva, o bisturi saindo de seu torso. Com um pouco de sangue seco grudado na ponta.

Sem falar, o androide esticou um de seus braços livres para a frente e pegou o cotovelo de Peony.

– Eu fui programado...

– Eu não me importo com o que você foi programado para fazer. Nesta aqui você não vai tocar. – Cinder arrancou o braço de Peony do pegador do androide, que deixou arranhões profundos na pele dela.

– Eu devo remover e preservar o chip de identificação dela – disse o androide, esticando o braço de novo.

Cinder se curvou sobre a cama e cravou a mão no sensor do androide, bloqueando-o.

– Já falei que você não vai pegá-lo. Deixe-a em paz.

O androide girou o bisturi, enterrando a ponta na luva de Cinder. Houve um retinido de metal contra metal. Cinder recuou, surpresa. A lâmina ficou presa no grosso tecido de suas luvas de trabalho.

Rangendo os dentes, ela retirou o bisturi da luva e o afundou no sensor do androide. Vidro se estilhaçou. A luz brilhante amarela piscou e se apagou. O androide recuou, os braços de metal balançando, alertas altos e mensagens de erro saindo de suas caixas de som ocultas.

Cinder movimentou-se rapidamente por cima da cama e golpeou a cabeça do androide com o punho. Ele se espatifou no

chão, silenciado, os braços ainda se mexendo.

Ofegando, Cinder olhou em volta. Os pacientes que não estavam tão fracos sentados na cama, piscando os olhos turvos. Um medidroide que estava a quatro camas de distância deixou seu paciente e andou em sua direção.

Cinder respirou fundo. Abaixando-se, pegou o bisturi no sensor estilhaçado do androide. Virou-se para Peony – as cobertas desarrumadas, os arranhões em seus braços, as pontas dos dedos azuis pendendo da lateral da cama. Ajoelhando-se ao lado dela, pediu apressadamente perdão enquanto agarrava o frágil pulso da irmã.

Ela inseriu o bisturi na pele macia. Sangue brotou da ferida e molhou sua luva, misturando-se a anos de sujeira. Os dedos de Peony se mexeram quando Cinder passou por um tendão, fazendo com que ela se sobressaltasse.

Quando o corte estava grande o bastante, ela o abriu com o polegar, revelando o músculo vermelho brilhante. Sangue. Seu estômago se contorceu, mas ela enterrou a ponta da lâmina tão cuidadosamente quanto pôde, levantando o chip quadrado.

– Eu sinto tanto, sinto muito mesmo – sussurrou ela, pousando o pulso mutilado na barriga de Peony e se levantando. O barulho das rodas do medidroide se aproximava.

– Cinzas, cinzas...

Ela girou na direção da voz seca e melódica, segurando com firmeza o bisturi em uma das mãos, o chip de Peony protegido na outra.

O menininho na cama seguinte se encolheu novamente quando seus olhos dilatados viram a arma. A cantiga de ninar cessou. Cinder levou um momento para reconhecê-lo. Chang Sunto, do mercado. O filho de Sacha. Sua pele brilhava de suor, os cabelos negros emaranhados em um lado da cabeça de tanto dormir. *Cinzas, cinzas, todos nós morremos...*

Todos os que estavam fortes o suficiente para sentar estavam olhando para ela.

Inspirando rapidamente, Cinder se voltou na direção de Sunto. Ela pescou o frasco no bolso e o forçou nos dedos melados do menino.

– Beba isso.

O medidroide chegou ao pé da cama, e Cinder o empurrou para longe. Ele tombou no chão como um peão caído. Os olhos delirantes de Sunto a seguiram sem reconhecê-la.

– Beba isso! – ordenou ela, tirando a tampa e forçando o frasco na sua boca. Ela esperou que os lábios dele se fechassem ao redor do frasco e então correu.

O sol momentaneamente a cegou enquanto ela voltava para a rua. Com a passagem para seu aerodeslizador bloqueada pelos medidroides e duas camas com pacientes mortos, ela girou e correu na outra direção.

Virou uma esquina e já havia andado quatro quadras quando ouviu outro aerodeslizador suspenso, o zumbido de ímãs despertando debaixo dos seus pés.

– Linh Cinder – chamou uma voz estrondosa saída da caixa de som –, você está, por meio deste, intimada a parar e ser levada de

modo pacífico sob custódia.

Ela praguejou. Eles a estavam *prendendo*?

Firmando os pés no chão, ela se virou, ofegante, para olhar o aerodeslizador branco. Era um veículo usado para a manutenção da ordem pública, guiado por mais andróides. Como haviam chegado tão rápido a ela?

– Eu não o roubei! – gritou Cinder, firmando o punho que segurava o chip de Peony. – Ele pertence à família dela, não a vocês nem a ninguém mais.

O aerodeslizador pousou no chão, o motor ainda funcionando. Um andróide apareceu na rampa, sua luz amarela escaneando Cinder de cima a baixo enquanto se aproximava dela. Tinha uma arma de eletrochoque no pegador.

Ela recuou, os calcanhares chutando escombros na rua deserta.

– Não fiz nada de errado – disse ela, as mãos estendidas na direção do andróide. – Aquele medídroide estava me atacando. Foi legítima defesa.

– Linh Cinder – disse a voz mecânica da máquina –, fomos contactados por sua guardiã legal em virtude de seu desaparecimento não autorizado. Você está violando o Ato de Proteção aos Ciborgues e foi classificada como um ciborgue fugitivo.

Cinder semicerrou os olhos, confusa. Uma gota de suor correu por sua sobrancelha quando ela olhou do andróide que havia falado para um segundo andróide que estava descendo a rampa do aerodeslizador.

– Esperem – disse ela, baixando as mãos. – Foi Adri quem enviou vocês?

CAPÍTULO

Vinte e Oito

O SILÊNCIO CONSTRANGEDOR NO SALÃO DE JANTAR ERA QUEBR pelo retinir dos *hashis* na porcelana e o arrastar dos pés dos servos. Somente servos humanos estavam presentes – uma concessão à enorme desconfiança de Levana em relação aos andróides. Ela dizia que eles iam contra os valores morais humanos e as leis da natureza ao conceder emoções falsas e pensamentos a máquinas fabricadas pelos homens.

Kai sabia, no entanto, que ela só não gostava de andróides porque não podia manipular a mente deles.

Sentando-se em frente à rainha, Kai se viu lutando para não olhar para ela – era ao mesmo tempo uma tentação e uma repulsa, e ambos os sentimentos o irritavam. Torin estava ao seu lado, e Levana era flanqueada por Sybil e o segundo taumaturgo. Os dois guardas lunares se apoiavam nas paredes. Kai se perguntou se eles alguma vez comiam.

O assento do imperador na cabeceira permaneceria vazio até a coroação. Ele também não queria olhar para aquela cadeira vazia.

Levana fez um gesto extenso, floreado, chamando a atenção de todos para si, embora tenha resultado apenas em um gole de

chá. Seus lábios se torceram quando ela pousou a xícara, seu olhar encontrando o de Kai.

– Sybil me contou que seu pequeno festival acontece todos os anos – disse ela, a cadência da voz suave como uma cantiga de ninar.

– Isso mesmo – disse Kai, erguendo um empanado de camarão com os *hashis*. – Acontece sempre na nona lua cheia de cada ano.

– Ah, que encantador da parte de vocês basear seus feriados nos ciclos do meu planeta.

Kai sentiu vontade de zombar da palavra *planeta*, mas engoliu suas palavras.

– É a celebração do fim da Quarta Guerra Mundial – disse Torin.

Levana estalou a língua.

– Esse é o problema de tantos pequenos países em um só globo. Tantas guerras.

Algo espirrou no prato de Kai. Ele olhou para baixo e viu que o recheio do empanado transbordara para fora da massa.

– Talvez nós devamos agradecer por a guerra já ter acontecido e por ter forçado os países a formarem os conglomerados que existem agora.

– Eu não acredito que isso tenha aumentado o bem-estar dos cidadãos – disse Levana.

A pulsação de Kai vibrou em seus ouvidos. Milhões de pessoas haviam morrido na Quarta Guerra Mundial; culturas inteiras foram devastadas, dezenas de cidades reduzidas a escombros – inclusive a Pequim original. Sem falar nos inúmeros recursos

naturais que foram destruídos por meio de guerras nucleares e químicas. Sim, ela tinha toda razão; o bem-estar dos cidadãos sofrera muitos danos.

– Mais chá, Vossa Alteza? – perguntou Torin, sobressaltando Kai. Ele percebeu que vinha segurando os *hashis* como armas.

Resmungando para si mesmo, ele se sentou para trás na cadeira, permitindo que o servo enchesse novamente sua xícara.

– Podemos dar crédito à guerra por ter gerado o Tratado de Bremen – disse Torin –, que desde então tem sido benéfico a todos os países da União Terráquea. Esperamos, é claro, ver sua assinatura no documento algum dia em breve, Vossa Majestade.

Os lábios da rainha se abriram em um esgar.

– De fato. Os benefícios do tratado são amplamente discutidos em seus livros de história. E, ainda assim, não consigo deixar de sentir que Luna, um único país regido por uma única governante, oferece um arranjo ainda mais perfeito. Aquele que é justo e benéfico para todos os habitantes.

– Isso presumindo que o governo vigente é justo – disse Kai.

Um lampejo de desdém se mostrou no maxilar da rainha, mas quase instantaneamente se desfez em um sorriso sereno.

– Isso, é claro, Luna tem, como mostram centenas de anos sem nem um levante sequer, nem mesmo o menor dos protestos. Nossos livros de história atestam isso.

Chocante. Kai resmungaria se não tivesse sentido o olhar furioso de Torin sobre ele.

– Esse é o legado que todo governante deseja – disse Torin.

Os servos tomaram a frente e retiraram os primeiros pratos, substituindo-os por sopeiras de prata.

– Minha rainha está tão ansiosa para forjar um acordo entre Luna e a Terra quanto vocês – disse Sybil. – É uma vergonha que o acordo não tenha sido acertado durante o reinado de seu pai, mas estamos esperançosas de que você, Vossa Alteza, seja mais receptivo aos nossos termos.

Kai novamente se esforçou para diminuir a tensão das mãos, a fim de não saltar por cima da mesa e enfiar os *hashis* nos olhos da bruxa. Seu pai tentara todos os acordos imagináveis para chegar a uma aliança com Luna, exceto a única coisa com a qual não podia concordar. A única coisa que ele sabia que, com certeza, significaria o fim da liberdade de seu povo. Um casamento com a rainha Levana.

Mas ninguém se opôs ao comentário de Sybil. Nem mesmo ele. Kai não conseguia tirar a imagem do encontro daquele dia da cabeça. As mutações lunares, o exército de criaturas bestiais. Aguardando.

Os calafrios que percorriam seu corpo não eram causados apenas pelo que vira, mas pelo que podia imaginar não ter visto. Se ele estivesse certo, então Levana tinha exibido seu exército, como uma ameaça. Mas ele sabia que ela não mostraria todas as suas cartas assim tão fácil.

Então o que mais estaria escondendo?

E ele se arriscaria a descobrir?

Casamento. Guerra. Casamento. *Guerra.*

Os servos simultaneamente ergueram os domos de prata das bandejas, liberando nuvens de vapor com odor de alho e óleo de gergelim.

Kai balbuciou um agradecimento ao servo que estava atrás dele, mas suas palavras foram interrompidas por um engasgo da rainha. Ela afastou a cadeira da mesa. As pernas guincharam no contato com o chão.

Perplexo, Kai seguiu o olhar da rainha para o prato. Em vez de finos filés de carne de porco e talharim de arroz, o prato da rainha trazia um pequeno espelho de mão dentro de uma moldura branca e prateada.

– *Como você ousa?* – Levana virou os olhos flamejantes para a serva que lhe trouxera a refeição, uma mulher de meia-idade com finos cabelos cinzentos. A serva cambaleou para trás, seus olhos tão redondos quanto o espelho.

Levana se levantou tão rápido que sua cadeira caiu no chão. Um coro de pernas de cadeira rangeu no chão quando todos os demais se levantaram também.

– Fale, sua terráquea nojenta! Como você ousa me insultar?

A serva ergueu a cabeça, muda.

– Vossa Majestade – começou Kai.

– Sybil!

– Minha rainha.

– Essa humana demonstrou desrespeito. Isso não deve ser tolerado.

– Vossa Majestade! – disse Torin. – Por favor, acalme-se. Nós não sabemos se a culpada é esta mulher. Não devemos tirar

conclusões precipitadas.

– Então ela deve servir de exemplo – disse Sybil, bem tranquilamente –, e o verdadeiro culpado sofrerá com a dor de sua consciência, o que com frequência é uma punição bem pior.

– Essa *não* é a forma como funciona nosso sistema – disse Torin. Seu rosto estava vermelho. – Enquanto você estiver na Comunidade, se comportará de acordo com as nossas leis.

– Não seguirei suas leis enquanto elas permitirem que a desobediência floresça – respondeu Levana. – Sybil!

Sybil contornou a cadeira caída da rainha. A serva recuou, curvando a cabeça, murmurando desculpas e implorando por piedade, sem saber o que ela dissera.

– Pare com isso! Deixe-a em paz! – disse Kai, apressando-se na direção da serva.

Sybil apanhou uma faca da mesa de serviço e ofereceu o cabo à mulher. A mulher a pegou, chorando, implorando enquanto o fazia.

Kai ficou boquiaberto, e em seguida enojado e fascinado quando a serva virou a lâmina contra si mesma, segurando o cabo com as duas mãos.

O belo rosto de Sybil continuou complacente.

As mãos da serva tremeram e lentamente ergueram a faca até que a ponta brilhante estivesse pronta para se enterrar no canto de seu olho.

– Não – choramingou a serva. – *Por favor.*

O corpo todo de Kai tremeu quando ele percebeu o que Sybil pretendia forçar a mulher a fazer. Com o coração disparando, ele

endireitou os ombros.

– *Fui eu.*

O salão ficou estático, silencioso, exceto pelos soluços estabanados da mulher.

Todos se viraram para Kai. A rainha, Torin, a serva com o minúsculo arranhão vermelho junto à pálpebra, a faca ainda na mão.

– Fui eu – repetiu ele. Kai olhou para Sybil, que o observava sem expressão alguma no rosto, e depois para a rainha Levana.

A rainha fechou ambas as mãos coladas ao lado do corpo. Seu olhar sombrio fervia de raiva. Sua pele tremeluzia. Em um único, fugidio momento, ela ficou horrível, com sua respiração cansada e o escárnio no sorriso de seus lábios cor de coral.

Kai passou a língua seca no céu da boca.

– Eu mandei que alguém na cozinha pusesse o espelho na sua bandeja. – Ele pressionou os braços firmemente nas laterais do corpo para evitar que tremessem. – Era para ser uma brincadeira amigável. Entendo agora que foi uma decisão estúpida e que uma brincadeira não pode ultrapassar os limites culturais. Tudo que posso fazer é me desculpar e pedir o seu perdão. – Ele alinhou o olhar ao de Levana. – Mas, se não for possível você me perdoar, então pelo menos direcione sua ira para mim e não para a serva, que não tinha a menor ideia de que o espelho estava aí. A punição deve recair inteiramente sobre mim.

Se ele achava antes que a tensão era extrema, agora estava engasgando por causa dela.

A respiração de Levana se normalizou enquanto seus olhos avaliavam as opções. Ela não acreditava nele – era mentira, e todos no salão sabiam disso. Mas ele havia confessado.

Ela abriu as mãos, esticando os dedos pelo tecido do vestido.

– Liberte a serva.

A energia se dispersou. Kai sentiu seus ouvidos estalarem como se a pressão do ar no salão tivesse mudado.

A faca retiniu no chão e a serva cambaleou para trás, batendo em uma parede. As mãos trêmulas se espalmaram em seus olhos, seu rosto, sua cabeça.

– Agradeço sua honestidade, Vossa Alteza – disse Levana, seu tom de voz estável e vazio. – Aceito seu pedido de perdão.

A mulher chorosa foi levada do salão de jantar. Torin esticou o braço pela mesa, pegou o domo de prata e cobriu o espelho.

– Tragam para a nossa mais nobre hóspede a entrada.

– Isso não será necessário – disse Levana. – Perdi o apetite.

– Vossa Majestade – disse Torin.

– Vou me recolher aos meus aposentos – disse a rainha. Ela ainda desafiava Kai do outro lado da mesa, seus olhos frios e calculistas, e ele, ainda incapaz de desviar o olhar. – Aprendi algo valioso a seu respeito esta noite, jovem príncipe. Espero que você tenha aprendido algo sobre mim também.

– Que você prefere governar por meio do medo à justiça? Sinto muito, Vossa Majestade, mas eu já sabia isso a seu respeito.

– Não, de fato. Espero que tenha notado que sou capaz de escolher minhas brigas. – Os lábios dela se torceram, sua beleza

retornando totalmente. – Se é isso o que é preciso para vencer a guerra.

Ela saiu do salão como uma pena, como se nada tivesse acontecido, seus empregados atrás. Apenas quando os guardas, cujos pés soavam como cavalos galopando, deixaram os corredores, Kai se deixou desabar na cadeira mais próxima, a cabeça pendendo sobre os joelhos. Seu estômago estava pesado. Cada nervo se agitava.

Ele ouviu uma cadeira sendo levantada e Torin se posicionar ao lado dele com um suspiro pesado.

– Deveríamos descobrir de quem é a culpa pelo espelho. Se foi alguém da equipe, deve ser suspenso enquanto a rainha estiver no palácio.

Kai ergueu a cabeça o bastante para olhar para a ponta da mesa, vendo o alto domo de prata na frente da cadeira abandonada pela rainha. Inalando um pouco de ar, ele esticou o braço para a frente e descobriu o espelho, então pegou seu cabo delgado. Era tão liso quanto vidro, mas brilhava como diamante quando ele o virou contra a iluminação turva. Ele só vira material parecido uma vez antes. Em uma nave espacial.

Virando a face do espelho na direção de Torin, ele sacudiu a cabeça, enojado.

– Mistério resolvido – disse ele, virando novamente o espelho para que o conselheiro pudesse ver a estranha runa lunar entalhada na parte de trás da moldura.

Os olhos de Torin se arregalaram.

– Ela estava testando você.

Kai deixou o espelho virado para a mesa. Esfregou a testa com os dedos esticados, ainda tremendo.

– Vossa Alteza. – Um mensageiro bateu os calcanhares na porta. – Tenho uma mensagem urgente da Secretaria de Saúde e Segurança Pública.

Kai inclinou a cabeça, semicerrando os olhos para o mensageiro através da franja.

– Não era possível mandar um comunicado? – perguntou ele, checando seu cinto com a mão livre antes de lembrar que Levana solicitara que não houvesse tablets no jantar. Ele grunhiu e chegou para a frente na cadeira. – Qual é a mensagem?

O mensageiro entrou no salão de jantar, os olhos brilhando.

– Houve um distúrbio na quarentena do Distrito 29. Uma pessoa não identificada atacou dois medidroides, incapacitando um deles, e em seguida fugiu.

Kai franziu o cenho, se endireitando.

– Um paciente?

– Não temos certeza. O único androide que poderia ter gravado uma boa imagem foi o incapacitado. Outro androide pegou relances do acontecido de longe, mas apenas das costas do agressor. Não conseguimos chegar a uma identificação certa. Mas o culpado não parecia doente.

– Todos na quarentena estão doentes.

O mensageiro hesitou.

Kai segurou com força os braços da cadeira.

– Nós precisamos encontrá-lo. Se ele tem a doença...

– Parece ser uma mulher, Vossa Alteza. E tem mais. As cenas que temos a mostram conversando com outro paciente, momentos após ela ter atacado o primeiro medidroide. Um garoto cujo nome é Chang Sunto. Ele deu entrada na quarentena ontem com letumose em estágio dois.

– E?

O servo limpou a garganta.

– O garoto parece estar se recuperando.

– De quê? Do ataque?

– Não, Vossa Alteza. Se recuperando da doença.

CAPÍTULO

Vinte e Nove

CINDER FECHOU COM FORÇA A PORTA DO APARTAMENTO E MARC sala de estar. Adri estava sentada imóvel ao lado da lareira, olhando furiosa para Cinder como se a estivesse aguardando.

Cinder fechou os punhos.

– Como você ousa me caçar como se eu fosse uma criminosa qualquer? Não pensou que talvez eu estivesse fazendo alguma coisa?

– Como eu me atrevo a tratar você como um ciborgue qualquer, você quer dizer? – Adri cruzou as mãos sobre o colo. – Você é um ciborgue comum, e está sob minha jurisdição legal. É meu dever assegurar que você não se torne uma ameaça para a sociedade, e pareceu bem claro que você estava abusando dos privilégios que lhe concedi no passado.

– Que privilégios?

– Sempre concedi liberdade a você, Cinder, para fazer o que quiser, para ir aonde desejar. Mas despertou minha atenção o fato de que você não respeita as limitações e responsabilidades que acompanham a liberdade.

Cinder franziu o cenho e recuou. Ela repetira todo o discurso irado na mente durante o percurso de aerodeslizador até sua casa. Não esperava que Adri revidasse com um discurso próprio.

– Isso tudo é porque eu não respondi uns poucos comunicados?

Adri jogou os ombros para trás.

– O que você estava fazendo no palácio hoje, Cinder?

O coração de Cinder saltou no peito.

– No palácio?

Adri levantou uma sobrancelha, calma.

– Você vem rastreando meu chip de identificação?

– Você fez com que fosse necessário tomar determinadas precauções.

– Eu não *fiz* nada.

– Você não respondeu a minha pergunta.

Os alarmes internos de Cinder dispararam. Adrenalina em níveis críticos. Ela respirou fundo.

– Fui me juntar aos protestos, entendeu? Isso é crime?

– Tinha a impressão de que você estava no porão, trabalhando, como deveria estar. Sair furtivamente de casa sem permissão, sem sequer me informar, para se juntar a um protesto sem sentido, e tudo enquanto Peony está... – A voz dela falhou. Adri baixou os olhos, se conteve, mas sua voz estava mais grave quando ela falou novamente. – Seus registros mostram também que você andou de aerodeslizador hoje, para a periferia da cidade, até o distrito do antigo armazém. Me parece claro que você estava tentando fugir.

– Fugir? Não. É... É onde... – Ela hesitou. – Há lojas de peças usadas lá. Eu fui atrás de peças.

– É mesmo? E, só para saber, como você conseguiu dinheiro para pagar o aerodeslizador?

Mordendo o lábio, Cinder afundou o olhar no chão.

– Isso é inaceitável – disse Adri. – Não vou tolerar tal comportamento de sua parte.

Cinder ouviu uma movimentação no corredor. Olhando pela porta, ela viu Pearl saindo furtivamente do quarto, atraída pelo tom alto da voz da mãe. Ela se virou para Adri novamente.

– Depois de tudo que fiz por você – continuou Adri –, tudo que sacrificamos, você tem a *coragem* de me roubar.

Cinder franziu o cenho.

– Eu não roubei nada de você.

– Não? – As juntas dos dedos de Adri embranqueceram. – Eu poderia deixar passar uns poucos univs para uma volta de aerodeslizador, Cinder, mas me diga, onde você conseguiu seiscentos univs para pagar pelo seu... – o olhar dela recaiu sobre as botas de Cinder, os lábios se torcendo em um sorriso desdenhoso – seu novo *membro*? Não é verdade que o dinheiro estava reservado para aluguel, comida e despesas de manutenção da casa?

O estômago de Cinder se contraiu.

– Eu acessei a memória de lko. Em apenas uma semana, seiscentos univs, sem falar em brincar com as pérolas que Garan me deu em nosso aniversário. Me faz mal pensar no que mais você anda escondendo de mim.

Cinder comprimiu os punhos trêmulos nas coxas, grata por não ter contado a lko sobre ser lunar.

– Eu não estava...

– Eu não quero ouvir. – Adri juntou os lábios. – Se você não estivesse fora o dia inteiro borboleteando por aí, saberia que – disse, e sua voz aumentou, reforçada, como se a raiva por si só pudesse conter as lágrimas – que agora tenho um enterro para pagar. Com seiscentos univs eu poderia comprar uma placa respeitável para minha filha, e pretendo recuperar esse dinheiro. Vamos vender alguns pertences pessoais para pagar as despesas, e você terá que contribuir com a sua parte.

Cinder agarrou a moldura da porta. Ela queria dizer a Adri que nenhuma placa cara traria Peony de volta, mas não teve forças. Fechando os olhos, encostou a testa no frio batente de madeira.

– Não fique aí de pé, parada, fingindo entender pelo que estou passando. Você não é parte desta família. Nem sequer é mais *humana*.

– Eu sou humana – respondeu Cinder, em voz baixa, devastada pela raiva. Ela apenas queria que Adri parasse de falar para que pudesse ir para o quarto e pensar em Peony. O antídoto. A fuga delas.

– Não, Cinder. Humanos choram.

Cinder recuou, passando os braços em volta de si mesma de forma protetora.

– Vá em frente. Derrame uma lágrima por sua irmãzinha. Eu pareço já ter chorado tanto que sequei, então, por que você não divide esse fardo?

– Isso não é justo.

– Não é justo? – vociferou Adri. – O que não é justo é que *you* ainda esteja viva enquanto *ela* não está. Isso não é justo! Você devia ter morrido naquele acidente. Eles deviam ter deixado você morrer e minha família viver em paz!

Cinder bateu o pé.

– Pare de me culpar! Eu não pedi para viver. Não pedi para ser adotada. Não pedi para me tornarem ciborgue. Nada disso é culpa minha! E Peony também não foi culpa minha, e nem Garan. Eu não dei início a essa peste, eu não...

Ela parou quando as palavras do dr. Erland voltaram. Os lunares haviam trazido a peste para a Terra. Os culpados eram os lunares. Os lunares.

– Você teve um curto-circuito agora?

Cinder balançou a cabeça para afastar o pensamento e lançou um olhar silencioso para Pearl antes de se virar novamente para Adri.

– Eu posso devolver o dinheiro – disse ela. – O suficiente para comprar a mais bonita placa para Peony ou até mesmo uma lápide.

– É tarde demais para isso. Você provou que não faz parte desta família. Provou que não podemos confiar em você. – Adri alisou a saia na altura dos joelhos. – Como punição por seu roubo e sua tentativa de fuga esta tarde, resolvi que não permitirei que você vá ao baile anual.

Cinder engoliu uma risadinha irônica. Adri achava que ela era idiota?

– Até que eu mude de ideia – continuou Adri –, o mais longe que você poderá ir é ao porão durante a semana, e para o seu estande no festival para que possa começar a pagar o dinheiro que me roubou.

Cinder enterrou os dedos nas coxas, muito enfurecida para argumentar. Cada fibra, cada nervo, cada fio vibrava.

– E você deixará seu pé comigo.

Ela ficou perplexa.

– Como é?

– Acho que é uma solução justa. Afinal, você o comprou com meu dinheiro, então ele é meu para que eu faça o que quiser. Em algumas culturas, cortariam sua mão por isso, Cinder. Considere-se sortuda.

– Mas é meu pé!

– E você vai ter que se virar sem ele até encontrar um substituto mais barato. – Ela olhou furiosamente para os pés de Cinder. Seus lábios se torceram em repulsa. – Você *não* é humana, Cinder. Já é hora de aceitar isso.

Com a boca aberta, Cinder lutou para formar um argumento. Mas legalmente, o dinheiro era de Adri. Legalmente, *Cinder* pertencia a Adri. Ela não tinha direitos, não tinha posses. Não era nada além de um ciborgue.

– Você pode ir agora – disse Adri, lançando os olhos na direção da cornija vazia da lareira. – Mas certifique-se de deixar seu pé no corredor antes de ir dormir.

Com os punhos fechados, Cinder recuou para o corredor. Pearl se grudou à parede, olhando para Cinder com nojo. Suas

bochechas estavam úmidas com as lágrimas recentes.

– Espere, mais uma coisa, Cinder.

Ela congelou.

– Você verá que já comecei a vender algumas coisas desnecessárias. Deixei algumas peças com defeito no seu quarto que foram consideradas sem valor. Talvez você possa pensar em algo para fazer com elas.

Quando ficou claro que Adri havia terminado, Cinder disparou pelo corredor sem olhar para trás. A raiva parecia transbordar de seu corpo. Ela queria liberar sua fúria pela casa, destruindo tudo, mas uma voz baixa em sua mente a tranquilizou. Adri queria aquilo. Adri queria uma desculpa para mandar prendê-la, se livrar dela de uma vez por todas.

Ela só precisava de tempo. Mais uma semana, duas no máximo, e o carro estaria pronto.

Então ela realmente seria um ciborgue fugitivo, mas, dessa vez, Adri não seria capaz de rastreá-la.

Entrou em seu quarto com passos pesados e bateu a porta, se jogando nela com a respiração quente e trêmula. Ela apertou os olhos. Mais uma semana. *Mais uma semana.*

Quando sua respiração começou a se normalizar e os alertas em seu visor desapareceram, Cinder abriu os olhos. Seu quarto estava tão bagunçado quanto sempre, ferramentas velhas e peças jogadas nas cobertas manchadas por graxa que cobriam sua cama, mas seus olhos imediatamente pousaram sobre uma nova adição ao caos.

Seu estômago pesou.

Ela se ajoelhou em uma pilha das partes de coisas sem valor que Adri deixara para que ela olhasse. Uma roda bem usada marcada por pedras e escombros. Uma ventoinha antiga com uma lâmina torta. Dois braços de alumínio – um ainda com a fita de veludo de Peony amarrada no pulso.

Tensionando a mandíbula, ela começou a procurar em meio aos pedaços. Cuidadosamente. Um por um. Seus dedos tremiam sobre cada parafuso deformado. Cada pedaço de plástico derretido. Ela balançou a cabeça, suplicando em silêncio. Suplicando.

Finalmente ela encontrou o que procurava.

Com um soluço seco e grato, desmoronou, apertando o chip de personalidade de Iko, sem valor algum, contra o peito.



LIVRO

Quatro

O príncipe mandou que as escadas fossem cobertas por piche, e quando Cinderela as desceu correndo, sua sapatilha esquerda ficou presa ali.



CAPÍTULO

Trinta

CINDER SE SENTOU EM SEU ESTANDE, O QUEIXO APOIADO NA observando o enorme netscreen do outro lado da rua lotada. Ela não conseguia ouvir os comentários do repórter em meio ao caos, mas não precisava – ele estava cobrindo o festival no qual ela estava. O jornalista parecia estar se divertindo bem mais do que ela, gesticulando loucamente para os vendedores de comida e malabaristas que passavam, contorcionistas em pequenos carros alegóricos e o fim da cauda de uma pipa do dragão da sorte. Cinder sabia, pelo rebuliço, que o repórter estava na praça a apenas uma quadra dela, onde a maioria dos eventos acontecia durante o dia. Era bem mais festiva do que a rua com os estandes dos vendedores, mas pelo menos ela estava na sombra.

O dia *teria* sido bem ocupado comparado aos dias de feira – um monte de clientes em potencial tinham pesquisado preços de tablets quebrados e peças de andróides –, mas ela fora forçada a dispensar todos. Não faria mais clientes em Nova Pequim. Ela nem estaria ali se Adri não a tivesse forçado a ir, deixando-a lá enquanto ela e Pearl iam ao shopping para comprar os acessórios de última hora para o baile. Ela desconfiava que Adri só queria observar os olhares pasmos para a garota manca de um pé só.

Ela não podia dizer à madrastra que Linh Cinder, renomada mecânica, não estava disponível para os negócios.

Porque não podia dizer a Adri que partiria.

Cinder suspirou, soprando um cacho de cabelo desarrumado para longe do rosto. O calor era miserável. A umidade se colava à pele, grudando sua camisa às costas. Junto às crescentes nuvens no horizonte, isso prometia chuva, muita chuva.

Não eram as condições ideais para dirigir.

Mas isso não a deteria. Dali a doze horas, estaria quilômetros além dos limites da cidade, abrindo a maior distância que conseguisse entre ela e Nova Pequim. Descera para a garagem todas as noites depois que Adri e Pearl adormeciam, saltando em uma perna só, apoiada em uma muleta improvisada, feita em casa, para que pudesse trabalhar no carro. A noite passada, pela primeira vez, o motor rugiu para a vida.

Bem, na verdade, foi mais como se gaguejasse para a vida e cuspiasse gases nocivos do escapamento, que a fizeram tossir como louca. Usara quase a metade do dinheiro da pesquisa de Erland em um grande tanque de gasolina que, se ela tivesse sorte, a levaria pelo menos até a província seguinte. Seria uma viagem sacolejante. Seria uma viagem fedorenta.

Mas ela estaria livre.

Não – *elas* estariam livres. Ela e o chip de personalidade de Iko e o chip de identificação de Peony. Iam todas fugir juntas, como sempre dissera que fariam.

Embora ela soubesse que nunca traria Peony de volta, esperava que algum dia pelo menos pudesse encontrar outro

corpo para Iko. Alguma outra carcaça de androide, talvez – quem sabe até mesmo uma acompanhante, com suas formas femininas ideais, zombeteira. Ela achava que Iko gostaria disso.

O telão mudou, exibindo as outras principais notícias da semana. Chang Sunto, a criança que passara por um milagre. Sobrevivente da peste. Ele foi entrevistado inúmeras vezes sobre sua inacreditável recuperação, e toda vez isso despertava um pequeno brilho no coração de silício de Cinder.

Imagens de sua louca fuga da quarentena foram reproduzidas repetidas vezes nas telas também, mas a gravação nunca mostrava seu rosto, e Adri estava muito distraída – pelo baile e pelo enterro para o qual Cinder não foi convidada – para perceber que a garota misteriosa vivia debaixo de seu próprio teto. Ou talvez Adri prestasse tão pouca atenção nela que não a reconheceria de qualquer forma.

Rumores abundavam sobre a garota e a miraculosa recuperação de Chang Sunto, e embora alguns falassem de um antídoto, ninguém era muito claro. O menino estava agora sob a vigilância da equipe de pesquisa do palácio, o que significava que o dr. Erland tinha uma nova cobaia para se divertir. Ela esperava que fosse o suficiente, dado que seu papel como voluntária na pesquisa chegara ao fim. Ela não tivera a coragem de dizer ao doutor ainda, contudo, e a culpa se agarrava a ela quando via um novo depósito em sua conta a cada manhã. O dr. Erland mantinha suas promessas – criara uma conta ligada à identificação de Cinder de forma que só ela pudesse acessar, e não Adri, e fizera depósitos quase diários do fundo de pesquisa e

desenvolvimento. Até então não pedira nada em troca. Seus únicos comunicados foram para dizer que ainda estava usando suas amostras de sangue e para lembrá-la de não retornar ao palácio até que a rainha tivesse ido embora.

Cinder franziu o cenho, coçando a bochecha. O dr. Erland nunca tivera a chance de lhe explicar por que ela era tão especial, se ele também era imune. A curiosidade dela permanecia no fundo de seus pensamentos, mas não tão forte quanto sua determinação para fugir. Alguns mistérios permaneceriam sem solução.

Ela puxou a caixa de ferramentas em cima da mesa para si, remexendo-a por nenhuma outra razão a não ser manter suas mãos ocupadas. O tédio dos últimos cinco dias a levava a organizar meticulosamente cada parafuso restante. Agora começara a contar, criando um inventário digital no cérebro.

Uma criança surgiu do outro lado da mesa de trabalho, o cabelo preto macio preso em marias-chiquinhas.

– Com licença – disse ela, pousando um tablet na mesa. – Você pode consertar isso?

Cinder virou os olhos entediados da criança para o tablet. Era pequeno o bastante para caber em sua mão e estava coberto por uma capa rosa cintilante. Suspirando, ela pegou o tablet e o virou nas mãos. Pressionou o botão de força, mas apenas um jargão ininteligível apareceu na tela. Torcendo os lábios, ela bateu o canto da tela na mesa duas vezes. A garota pulou para trás.

Cinder tentou o botão de força novamente. A tela de boas-vindas apareceu.

– Dê uma chance a ele – disse ela, devolvendo-o à criança, que tropeçou ao pegá-lo. Os olhos da garota brilharam. Ela deu um sorrisinho rápido com dois dentes faltando antes de correr para a multidão.

Cinder se curvou, pousou o queixo nos antebraços e desejou pela milésima vez que Iko não estivesse presa dentro de um pequeno pedaço de metal. Elas estariam se divertindo com os vendedores com os rostos suados e rosados, se abanando dentro das coberturas de seus estandes. Falariam sobre todos os lugares a que iriam e veriam – o Taj Mahal, o mar Mediterrâneo, a estrada do trem transatlântico de levitação magnética. Iko iria querer fazer compras em Paris.

Quando um estremecimento a percorreu, Cinder enterrou o rosto no cotovelo. Por quanto tempo ela teria que carregar aqueles fantasmas ao seu redor?

– Você está bem?

Ela se sobressaltou e levantou os olhos. Kai estava se inclinando no canto do estande, um braço apoiado no trilho de metal da porta, o outro escondido atrás dele. Usava seu disfarce novamente, o moletom cinza com o capuz na cabeça, e, mesmo naquele calor sufocante, conseguia parecer perfeitamente composto. O cabelo dele apenas despenteado, o sol brilhando atrás dele – o coração de Cinder começou a se expandir antes que ela o contivesse.

Ela não se deu o trabalho de levantar, mas de modo consciente enfiou a perna o mais para baixo possível, querendo esconder o máximo de fios, mais uma vez feliz pela fina toalha de mesa.

– Vossa Alteza.

– Não quero lhe dizer como conduzir o seu negócio nem nada – disse ele –, mas você já pensou em cobrar das pessoas pelos seus serviços?

Seus fios pareciam estar lutando para se conectar em seu cérebro por um momento, antes que ela se lembrasse da garotinha de alguns instantes atrás. Ela limpou a garganta e olhou em volta. A garota estava sentada na calçada com o vestido esticado sobre os joelhos, cantarolando a música que saía das pequenas caixas de som. Consumidores passavam, girando sacolas contra os quadris e petiscando ovos cozidos em chá. Os lojistas estavam ocupados transpirando. Ninguém estava prestando nenhuma atenção neles.

– Não quero lhe dizer como ser príncipe, mas você não devia ter alguns guarda-costas ou algo assim?

– Guarda-costas? Quem iria querer fazer mal a um cara encantador como eu?

Quando ela o olhou, ele sorriu e mostrou rapidamente o pulso para ela.

– acredite em mim, eles sabem exatamente onde estou o tempo todo, mas tento não pensar nisso.

Ela pegou um parafuso de cabeça chata da caixa de ferramentas e começou a rodopiá-lo entre os dedos, qualquer coisa para manter as mãos ocupadas.

– Então, o que você está fazendo aqui? Você não deveria, não sei, estar se preparando para a coroação ou algo do gênero?

– Acredite ou não, parece que estou tendo dificuldades técnicas de novo. – Ele tirou o tablet do cinto e olhou para baixo. – Veja, eu imaginei que provavelmente é demais esperar que a mecânica mais renomada de Nova Pequim esteja tendo problemas com o tablet *dela*, então concluí que deve haver algo errado com o meu. – Contorcendo os lábios, ele bateu o canto de seu tablet na mesa, em seguida checkou a tela de novo com um suspiro pesado. – Não, nada. Talvez ela esteja ignorando meus comunicados de propósito.

– Ela não pode estar ocupada?

– Ah, sim, você parece completamente atarefada.

Cinder revirou os olhos.

– Aqui, eu trouxe uma coisa para você. – Kai deixou o tablet de lado e tirou a mão de detrás das costas, fazendo surgir uma caixa longa e fina embalada num papel dourado e com uma fita branca. O papel era lindo, mas o embrulho em si, nem tanto.

Cinder largou a chave de fenda com um retinir.

– Para que é isso?

Uma pontada de mágoa atravessou o rosto dele.

– Como assim? Eu não posso comprar um presente para você?

– perguntou, em um tom que quase interrompeu as ondas elétricas na fiação dela.

– Não. Não depois de eu ter ignorado seis comunicados seus na última semana. Você é lento para entender as coisas?

– Então você os recebeu!

Ela pousou os cotovelos na mesa, afundando o queixo nas palmas das mãos.

– É claro que recebi.

– Então por que está me ignorando? Eu lhe fiz alguma coisa?

– Não. Sim. – Ela fechou os olhos e os esfregou, massageando as têmporas em seguida. Pensara que a parte difícil tinha passado. Ela desapareceria, e ele seguiria com sua vida. Ela passaria o resto da vida acompanhando quando o príncipe, não, o *imperador* Kai fizesse discursos e aprovasse impostos. Quando viajasse em missões diplomáticas pelo mundo. Quando apertasse mãos e beijasse bebês. Ela o veria se casar. Assistiria quando sua esposa lhe desse filhos, porque o mundo todo pararia para ver isso acontecer.

Mas ele a esqueceria. Era o que precisava acontecer.

Como fora ingênua em pensar que seria tão simples.

– Não? Sim?

Ela gaguejou, pensando que *seria* fácil culpar Adri por seu silêncio, sua cruel madrasta que se recusara a lhe permitir que deixasse a casa, mas não era fácil. Ela não podia arriscar dar esperanças a Kai. Não podia se arriscar a fazer qualquer coisa que pudesse mudar sua determinação.

– É só que eu...

Ela recuou, sabendo que deveria lhe contar. Ele pensava que ela era uma simples mecânica, e talvez estivesse disposto a cruzar *essa* barreira social. Mas ser ciborgue e lunar? Ser odiada e desprezada por cada cultura na galáxia? Ele entenderia em um instante porque precisava tirá-la da cabeça.

Mais do que isso, ele provavelmente a *esqueceria* num piscar de olhos.

Seus dedos de metal coçaram. Sua mão direita estava queimando dentro do tecido.

Tire as luvas e mostre a ele.

Ela esticou a mão para a batinha distraidamente, tocando o material sujo de graxa.

Mas não conseguia. Ele não sabia. Ela não queria que ele soubesse.

– Porque você ficou insistindo sobre o baile idiota – disse ela, empalidecendo só em pensar nas próprias palavras.

Ele lançou um olhar superficial para a caixa dourada em suas mãos. A tensão se derreteu até que seus braços caíssem ao lado do corpo.

– Pelas estrelas, Cinder, se eu soubesse que você baixaria um embargo sobre mim só por convidá-la para um encontro, eu não teria me atrevido.

Ela olhou para cima, para o céu, desejando que ele tivesse ficado pelo menos um pouco aborrecido com a resposta dela.

– Tudo bem, você não quer ir ao baile. Entendi. Não vou mais mencioná-lo.

Ela brincou com as pontas dos dedos das luvas.

– Eu agradeço.

Kai pousou a caixa na mesa.

Ela se remexeu, desconfortável, incapaz de esticar o braço para pegar o presente.

– Você tem alguma coisa importante para fazer? Algo como... governar um país?

– Provavelmente.

Inclinando-se para a frente, ele espalmou a mão no balcão e se inclinou mais, endireitando-se para ver o colo de Cinder. O coração dela saltou e ela se enfiou ainda mais para dentro do balcão, posicionando o pé o mais longe possível do raio de visão dele.

– O que você está fazendo? – perguntou ela.

– Você está bem?

– Estou. Por quê?

– Você normalmente é o mais elevado exemplo da etiqueta real, mas nem sequer se levantou. E eu estava tão preparado para ser um cavalheiro e insistir para que você se sentasse novamente...

– Sinto muito por ter roubado de você *esse* momento de tanto orgulho... – disse ela, afundando mais na cadeira. – Mas cheguei aqui ao amanhecer e estou cansada.

– Desde o amanhecer! Que horas são agora? – Ele esticou a mão para pegar o tablet.

– São uma e quatro da tarde.

Ele parou com a mão no dispositivo em sua cintura.

– Bem, é hora para um intervalo então, não é? – Ele sorriu radiante. – Será que eu posso ter a honra de lhe convidar para almoçar?

Pânico faiscou na parte posterior da cabeça de Cinder e ela se sentou reta.

– É claro que não.

– Por quê?

– Porque estou trabalhando. Não posso simplesmente sair daqui.

Ele ergueu uma sobrancelha para as pilhas de parafusos impecavelmente organizados no balcão.

– Trabalhando nisso?

– Para seu governo, estou esperando um grande pedido de peças e alguém tem que estar aqui para recebê-lo. – Ela estava orgulhosa pela mentira ter soado tão verossímil.

– Cadê o androide?

A respiração dela falhou.

– Ela... não está aqui.

Kai deu um passo para trás, afastando-se do balcão, e olhou dramaticamente em volta.

– Peça a um dos vendedores para dar uma olhada no seu estande.

– De jeito nenhum. Gastei dinheiro para alugar esse estande. Não vou simplesmente abandoná-lo porque algum *príncipe* apareceu.

Kai se aproximou da mesa de novo.

– Vamos... Não posso levar você para aquele lugar que começa com *b*, e não posso levá-la para almoçar. A não ser que eu desconecte o processador de um dos meus androides, essa será a última vez em que nos veremos.

– acredite ou não, eu, na verdade, já tinha meio que aceitado isso.

Kai pousou os cotovelos no balcão, abaixando a cabeça de forma que o capuz ocultava dela os olhos dele. Os dedos de Kai

encontraram um parafuso e começaram a passá-lo de um para o outro.

– Você vai assistir à coroação, pelo menos?

Ela hesitou antes de encolher os ombros.

– É claro que sim.

Assentindo com a cabeça, ele usou a ponta do parafuso para limpar a unha do polegar, embora Cinder não conseguisse ver nenhuma sujeira ali.

– Espera-se que eu faça uma declaração hoje à noite. Não durante a coroação, mas no baile. Sobre as negociações de paz que estamos discutindo desde a semana passada. Não será transmitida por causa dessa política ridícula da Levana contra câmeras, mas eu queria que você soubesse.

Cinder se enrijeceu.

– Houve algum progresso?

– Acho que pode-se dizer que sim. – Ele olhou para ela, mas não conseguiu sustentar o olhar por muito tempo. Logo ele estava olhando além dela, para todas as peças abandonadas. – Sei que é idiota, mas em parte eu sentia que, se visse você hoje, se eu pudesse convencê-la a me acompanhar esta noite, então talvez ainda pudesse mudar as coisas. É ridículo, eu sei. Não que Levana se importe se eu, você sabe, de repente sentir alguma coisa por alguém. – Ele ergueu a cabeça de novo, arremessando o parafuso de volta para sua pilha.

Todo o corpo de Cinder formigou com as palavras dele, mas ela engoliu em seco, forçando a distração a se afastar. Ela se lembrou de que aquela era a última vez que o veria.

– Você quer dizer que vai... – As palavras secaram. Ela baixou a voz. – Mas e Nainsi? As coisas que... que ela sabia?

Kai enfiou as mãos nos bolsos, o olhar perturbado desaparecendo.

– É tarde demais. Mesmo que eu pudesse *achá-la*. Não aconteceria hoje, nem mesmo antes... E também há o antídoto, e eu... não posso simplesmente fazer corpo mole diante disso. Muita gente está morrendo.

– O dr. Erland descobriu alguma coisa?

Kai assentiu lentamente.

– Ele confirmou que é um antídoto de verdade, mas diz que não consegue duplicá-lo.

– O quê? Por quê?

– Acho que um dos ingredientes somente é encontrado na Lua. Irônico, não? E também houve o menino que se recuperou na semana passada, e o dr. Erland tem feito exames nele há dias, mas está fazendo muito segredo quanto a isso. Diz que não devo alimentar esperanças de que a recuperação do menino possa nos conduzir a qualquer nova informação. Ele não disse isso diretamente, mas... estou com a impressão de que o doutor está perdendo as esperanças de encontrar um antídoto a curto prazo. Algum antídoto além do de Levana, pelo menos. Pode ser que leve anos para que façamos qualquer progresso, e a qualquer momento... – Ele hesitou, os olhos assombrados. – Não sei se seria capaz de ver tanta gente morrer.

Cinder baixou o olhar.

– Sinto tanto... queria que houvesse algo que eu pudesse fazer.

Kai se levantou do balcão, endireitando-se de pé novamente.

– Você ainda está pensando em ir para a Europa?

– Ah, sim, de fato. Estou, um pouco. – Ela respirou fundo. – Você quer me acompanhar?

Ele deu uma risadinha e tirou o cabelo do rosto.

– Sim. Você está brincando? Acho que essa foi a melhor proposta que já recebi.

Ela sorriu para ele, mas durou pouco. Um único momento feliz de faz de conta.

– Preciso voltar – disse ele, baixando o olhar para a caixa embrulhada pelo fino papel dourado. Cinder tinha quase esquecido o presente. Ele o empurrou pelo balcão, desarrumando uma fila de parafusos com o gesto.

– Não. Eu não posso...

– Claro que pode. – Ele deu de ombros, aparentemente constrangido, o que lhe dava uma aparência, por estranho que pareça, charmosa. – Tinha pensado nele para o baile, mas... bem, onde quer que você tenha a chance, eu acho.

A curiosidade fervia dentro dela, mas ela se forçou a empurrar a caixa na direção dele.

– Não, por favor.

Ele pousou com firmeza a mão sobre a dela – Cinder podia sentir seu calor mesmo com a luva grossa.

– Aceite – disse ele, e deu seu característico sorriso de príncipe encantado, como se estivesse completamente tranquilo. – E pense em mim.

– Cinder, aqui, pegue isso.

Cinder se sobressaltou com a voz de Pearl e puxou a mão de baixo da de Kai. Pearl passou o braço por sua mesa de trabalho, lançando pecinhas e parafusos retinindo para a calçada, e depois pousou violentamente uma pilha de caixas de papel no lugar deles.

– Coloque-as em algum lugar lá atrás, onde não serão roubadas – disse Pearl, gesticulando distraidamente na direção dos fundos do estande. – Algum lugar *limpo*, se houver.

Com o coração latejando, Cinder esticou a mão para pegar as caixas e as puxou para si. Seus pensamentos dispararam para seu calcanhar vazio, como ela teria que mancar para os fundos do estande, como não haveria jeito de esconder sua deformidade.

– Como assim, sem “por favor” nem “obrigado”? – disse Kai.

Cinder recuou, desejando que Kai já tivesse ido embora antes que Pearl arruinasse os últimos momentos em que ela poderia vê-lo.

Pearl se eriçou. Ela jogou o longo cabelo sobre o ombro enquanto virava na direção do príncipe, os olhos escurecendo.

– Quem é você para...

As palavras desapareceram, e seus lábios formaram um beicinho, em surpresa.

Kai botou as mãos nos bolsos e olhou para Pearl com um desdém mal disfarçado.

Cinder torceu os dedos nos laços que amarravam as caixas de Pearl.

– Vossa Alteza, por favor conheça minha meia-irmã, Linh Pearl.

Os lábios de Pearl se abriram, a mandíbula caindo enquanto o príncipe lhe fazia uma curta reverência.

– É um prazer – disse ele, o tom muito direto.

Cinder limpou a garganta.

– Obrigada novamente por seu generoso pagamento, Vossa Alteza. E, ah, felicidades em sua coroação.

O olhar de Kai se suavizou quando ele o desviou de Pearl. Uma ponta de conspiração compartilhada tocou os cantos de seus lábios, algo muito sugestivo para passar despercebido por Pearl. Ele abaixou sua cabeça para Cinder.

– Acho que é adeus, então. Meu pedido ainda vale, de qualquer forma, se você mudar de ideia.

Para o alívio de Cinder, ele não se estendeu no assunto, apenas se virou e desapareceu em meio à multidão.

Pearl o seguiu com os olhos. Cinder quis fazer o mesmo, mas se forçou a olhar para a pilha de caixas de compras.

– Sim, claro – disse ela, como se a interrupção do príncipe não tivesse acontecido. – Vou deixá-las nas prateleiras ali atrás.

Pearl pôs a mão sobre a de Cinder, detendo-a. Seus olhos estavam arregalados, incrédulos.

– Aquele era o príncipe.

Cinder fingiu indiferença.

– Eu consertei um dos androides reais semana passada. Ele veio apenas me pagar.

Uma ruga se formou entre as sobrancelhas de Pearl. Seus lábios se fecharam firmemente. Seu olhar cheio de suspeita caiu

na fina caixa dourada que Kai deixara para trás. Sem hesitar, ela a pegou.

Cinder arfou e tentou pegar a caixa, mas Pearl saiu de seu alcance. Cinder pôs o joelho em cima da bancada, pronta para pulá-la, quando percebeu que catástrofe seria. Com a pulsação disparada, ela congelou e observou enquanto Pearl desfazia o laço e deixava a fita cair no chão poeirento, e depois rasgou o papel dourado. A caixa embaixo era simples e branca, sem nenhuma marca. Ela levantou a tampa.

Cinder levantou a cabeça, tentando ver o que tinha dentro, enquanto Pearl olhava pasma o presente. Ela podia ver vincos de papel de seda e algo branco e sedoso. Analisou o rosto de Pearl, tentando julgar sua reação, mas conseguia apenas perceber confusão.

– Isso é uma *piada*?

Sem dizer nada, Cinder recuou lentamente, tirando o joelho do balcão.

Pearl baixou a caixa para que Cinder pudesse ver. Do lado de dentro estava o mais lindo par de luvas que ela já vira. Seda pura e com um brilho branco-prateado. Eram longas o bastante para cobrir seus cotovelos, e havia uma linha de pérolas somente ao longo da bainha que acrescentava um toque simples de elegância. Eram luvas adequadas a uma princesa.

Parecia mesmo uma *piada*.

Uma risada aguda explodiu em Pearl.

– Ele não sabe, não é? Ele não sabe sobre sua... sobre *você*. – Ela pegou as luvas, tirando-as de sua cama de papel de seda, e deixou

a caixa cair na rua. – O que você achou que aconteceria? – Ela sacudiu as luvas para Cinder, os dedos vazios balançando, indefesos. – Você achou que o príncipe poderia *gostar* mesmo de você? Pensou que poderia ir ao baile e dançar com ele usando suas lindas luvas novas e seu... – Ela olhou com cuidado para as roupas de Cinder, a calça cargo imunda, a blusa manchada, o cinto de ferramentas amarrado ao redor da cintura, e deu uma risada de novo.

– É claro que não – disse Cinder. – Eu não vou ao baile.

– Então qual é a utilidade *disto* para um ciborgue?

– Não sei. Eu não... ele só...

– Talvez você tenha pensado que não teria importância – disse Pearl, estalando a língua. – Foi isso? Você achou que o príncipe, não, o *imperador* acharia sentimento em seu coração para relevar todas as suas... – ela girou a mão – deficiências?

Cinder fechou as mãos, tentando ignorar as palavras afiadas.

– Ele é apenas um cliente.

O brilho de deboche se apagou nos olhos de Pearl.

– Não. Ele é o príncipe. E, se soubesse a verdade a seu respeito, não teria olhado para você, nem de passagem.

O peito de Cinder se encheu de ressentimento. Ela olhou nos olhos de Pearl.

– Isso foi mais ou menos o que ele fez com você, não é? – Ela desejou ter segurado a língua no momento em que as palavras saíram, mas o ultraje que surgiu no rosto de Pearl quase valeu a pena.

Até que Pearl jogou as luvas no chão, apanhou a caixa de ferramentas no balcão e deixou que todo seu conteúdo caísse sobre elas. Cinder gritou com o barulho que se seguiu, com porcas e parafusos rolando para a rua. A multidão parou e olhou para elas e para a bagunça.

Pearl ergueu o nariz na direção de Cinder. Seus lábios mal se enrugaram.

– É melhor você arrumar tudo isso antes que o festival acabe. Vou precisar de sua ajuda hoje à noite. Afinal, tenho um baile real para comparecer.

Os fios de Cinder ainda zumbiam quando Pearl pegou suas caixas de compras e foi embora. Mas Cinder não perdeu tempo em pular sobre o balcão e se abaixar ao lado da caixa de ferramentas virada. Ela virou a caixa para cima, mas ignorou as peças bagunçadas, esticando-se para pegar as luvas no fim da pilha.

Estavam cobertas por sujeira e poeira, mas foram as manchinhas de graxa que fizeram seu coração doer. Cinder as enrolou sobre o joelho e tentou desamassar as rugas da seda, o que apenas espalhou o óleo. Elas eram lindas. A coisa mais bonita que ela já havia possuído.

Mas se havia uma coisa que ela aprendera ao longo dos anos como mecânica era que certas manchas nunca saíam.

CAPÍTULO

Trinta e Um

FOI UMA LONGA CAMINHADA ATÉ EM CASA. ADRI E PEARL DEIXARAM o mercado sem ela, ansiosas para se aprontarem para o baile, o que foi um alívio para Cinder inicialmente, mas depois do primeiro quilômetro e meio andando com suas muletas improvisadas enterradas embaixo das axilas e a bolsa-carteiro batendo no quadril, ela amaldiçoava sua madrasta a cada passo claudicante.

Não que Cinder tivesse alguma pressa de chegar em casa. Não conseguia imaginar em que preparativos poderia ajudar Pearl, mas não tinha dúvidas de que seriam bolados para torturá-la. Mais uma noite de servidão. Mais uma noite.

Os pensamentos a impulsionaram.

Quando finalmente chegou ao apartamento, encontrou os corredores sinistramente quietos. Todo mundo estava no festival ou se arrumando para o baile. Os gritos que em geral podiam ser ouvidos atrás das portas fechadas haviam sido substituídos por risadinhas femininas.

Cinder enfiou as muletas sob os braços doloridos e apoiou-se na parede para chegar até a porta.

O apartamento parecia vazio quando ela entrou, mas conseguia ouvir o ranger do piso enquanto Adri e Pearl se moviam pelos quartos em direção aos fundos. Esperando ser

capaz de passar a noite inteira sem esbarrar com elas de novo, Cinder foi para o seu pequeno quarto e fechou a porta atrás de si. Tinha pensado em começar a fazer as malas quando alguém bateu na porta.

Suspirando, ela a abriu. Pearl estava no corredor, usando seu vestido dourado de baile, todo de seda e com pérolas minúsculas, com um decote que se aprofundava exatamente como Adri requisitara.

– Será que você conseguiria vir mais devagar para casa? – disse ela. – Sairemos assim que a coroação acabar.

– Bem, tenho certeza de que teria vindo mais rápido se não tivessem roubado meu pé.

Pearl lançou-lhe um olhar rápido de raiva e em seguida recuou, voltando para o corredor, e fez uma meia-volta, deixando a saia se avolumar em volta de seus calcanhares.

– O que você acha, Cinder? O príncipe me notará neste vestido?

Cinder mal conteve a vontade de passar as mãos imundas pelo vestido. Em vez disso, tirou as luvas de trabalho e as enfiou no bolso traseiro.

– Você precisa de alguma coisa?

– Sim, na verdade. Eu queria pedir sua opinião. – Pearl levantou a saia para revelar sapatos descombinados em seus pequenos pés. No esquerdo, havia uma pequena bota de veludo da cor de leite fresco amarrada no tornozelo. No direito, uma sandália dourada amarrada com fitas brilhantes e pequenos enfeites em forma de coração.

– Já que você é tão próxima do príncipe, pensei que poderia perguntar se você acha que ele ia preferir as sandálias douradas ou os sapatos brancos.

Cinder fingiu pensar.

– As botas fazem seu tornozelo parecer gordo.

Pearl deu um sorriso afetado.

– O revestimento de metal faz com que o *seu* tornozelo pareça gordo. Você está com inveja porque tenho pés encantadores. – Ela suspirou com uma simpatia debochada. – Que pena que você nunca conhecerá esse prazer.

– Fico feliz que você tenha encontrado *uma* parte de seu corpo que é encantadora.

Pearl jogou os cabelos para trás, um sorrisinho sarcástico convencido no rosto. Ela sabia que o argumento de Cinder não tinha fundamento, e Cinder estava irritada porque o insulto vulgar não lhe trouxe prazer.

– Estive ensaiando minha conversa com o príncipe Kai – disse Pearl. – É claro, pretendo contar *tudo* a ele. – Ela girou para que a saia brilhasse. – Primeiro, contarei a ele sobre suas horrorosas extremidades metálicas e a vergonha que você é, a criatura repulsiva em que a transformaram. E me assegurarei de que ele perceba o quão mais desejável *eu* sou.

Cinder se apoiou no batente da porta.

– Eu queria ter sabido dessa sua quedinha por ele antes, Pearl. Sabe, antes de ela morrer, fiz Sua Alteza prometer que dançaria com Peony hoje à noite. Poderia ter pedido o mesmo para você, mas acho que agora é muito tarde. Que pena.

O rosto de Pearl corou.

– Você não deveria nem dizer o nome dela – disse ela, com um sussurro áspero.

Cinder piscou.

– Peony?

A raiva nos olhos de Pearl se tornou mais intensa, superando os insultos infantis.

– Eu sei que você a matou. Todo mundo sabe que foi sua culpa.

Cinder ficou boquiaberta, perturbada pela repentina mudança dos insultos imaturos.

– Isso não é verdade. Eu nunca fiquei doente.

– Foi culpa sua ela ter ido ao ferro-velho. Foi onde ela pegou.

Cinder abriu a boca, mas nenhum som saiu.

– Se não fosse por você, ela estaria indo ao baile hoje, então não tente fingir que teria lhe feito algum favor. A melhor coisa que você poderia ter feito por Peony era tê-la deixado em paz. Então talvez ela ainda estivesse aqui. – Lágrimas se acumulavam nos olhos de Pearl. – E você tenta fingir que se importava com ela, como se ela fosse *sua* irmã, e isso não é justo. Ela estava doente e você estava... se encontrando com o príncipe, tentando atrair a atenção dele, quando você sabia o que ela sentia em relação a ele. É doentio.

Cinder cruzou os braços, se protegendo.

– Sei que você não acredita nisso, mas eu realmente amava Peony. Ainda amo.

Pearl fungou uma vez, alto, como se quisesse encobrir o choro antes que ele a dominasse.

– Você está certa. Eu não acredito em você. Você é mentirosa e ladra, e não se importa com ninguém a não ser você mesma. – Ela fez uma pausa. – E vou me assegurar de que o príncipe saiba disso.

A porta do quarto de Adri se abriu, e ela saiu usando um quimono branco e vermelho bordado com elegantes grouns.

– Sobre o que vocês duas estão discutindo agora? Pearl, você está pronta para irmos? – Ela mirou Pearl com um olhar astuto, tentando averiguar se alguma coisa ainda precisava ser feita.

– Não acredito que vocês vão – disse Cinder. – O que as pessoas pensarão, enquanto vocês ainda estão no período de luto? – Ela sabia que estava mexendo em ninho de marimbondos, um comentário injusto quando havia escutado ambas chorando através das paredes finas, mas agora ela não estava disposta a ser justa. Mesmo que tivesse escolha, não iria. Não sem Peony.

Adri fixou um olhar gelido nela, os lábios retesados.

– A coroação está começando – disse ela. – Vá lavar o aerodeslizador. Quero que ele pareça novo em folha.

Feliz por não ser forçada a se sentar com elas durante a coroação, Cinder não retrucou enquanto pegava as muletas e rumava para a porta.

Mais uma noite.

Ela ligou o netlink tão logo chegou ao elevador, exibindo os procedimentos da coroação no canto de sua visão. Era ainda a pré-cerimônia. Uma parada de oficiais do governo marchava para dentro do palácio, enxameado por um mar de jornalistas e câmeras.

Ela pegou um balde e sabão na despensa antes de mancar em direção à garagem, ouvindo sem atenção enquanto o locutor explicava o simbolismo por trás dos diferentes elementos da coroação. O bordado no manto de Kai, os desenhos no brasão que seria erguido quando ele fizesse seus votos, o número de vezes que o gongo tocaria quando ele subisse à plataforma de discurso, todos os procedimentos praticados por séculos, executados juntos como resultado das diversas culturas que se uniram para formar a Comunidade.

O noticiário continuamente mudava do festival no centro da cidade para uma tomada ocasional de Kai durante seus preparativos. Apenas esses pequenos lances afastavam a atenção de Cinder do balde de água com bolhas de sabão. Ela não conseguia evitar a fantasia de que estava no palácio com ele, em vez de naquela garagem escura e fria. Kai apertando a mão de algum representante desconhecido. Kai saudando a multidão. Kai tentando conseguir um momento de conversa privada com seu conselheiro. Kai virando-se na sua direção, sorrindo para ela, feliz porque ela estava ao seu lado.

As visões momentâneas dele fizeram com que o coração de Cinder se sentisse consolado, e não magoado. Era um lembrete de que coisas muito maiores estavam acontecendo no mundo, e o anseio de Cinder por liberdade, os ataques infantis de Pearl, os caprichos de Adri e até mesmo o flerte de Kai com ela não cabiam numa visão mais abrangente.

A Comunidade Oriental estava coroando seu novo imperador. Hoje, o mundo inteiro assistia.

A roupa de Kai era uma mistura de novas e antigas tradições. Pombas bordadas ao longo de sua gola chinesa significavam paz e amor. Sobre os ombros, um manto azul-escuro bordado com seis estrelas prateadas, significando a paz e a unidade dos seis reinos orientais, e uma dúzia de crisântemos, significando as doze províncias da Comunidade e como elas prosperaram sob seu reinado.

Um conselheiro real permanecia ao lado de Kai na plataforma. As primeiras filas da multidão eram formadas por oficiais do governo de cada divisão e província. Mas os olhos de Cinder eram sempre atraídos de volta para Kai, se prendendo a ele como ímã, uma vez depois da outra.

Em seguida, uma pequena equipe desceu um dos corredores, a última a ocupar os assentos – a rainha Levana, junto a dois taumaturgos. A rainha usava um delicado véu branco que descia até os cotovelos, ocultando sua face e fazendo-a parecer mais um fantasma do que uma hóspede real.

Cinder estremeceu. Não achava que algum lunar já tivesse comparecido a uma coroação da Comunidade. Em vez de deixá-la esperançosa com o futuro, a visão encheu Cinder de ansiedade, porque a postura arrogante de Levana sugeria que ela pertencia ao lugar mais do que qualquer cidadão terráqueo. Como se fosse *ela* quem estivesse prestes a ser coroada.

A rainha e sua equipe reivindicaram seus assentos reservados na primeira fila. Aqueles sentados em volta deles tentaram, sem sucesso, esconder o desagrado por estar tão perto dela.

Cinder pegou o farrapo com sabão no balde e depositou toda sua apreensão no trabalho, esfregando o aerodeslizador de Adri até que brilhasse.

A coroação começou com um estrondo de tambores.

O príncipe Kai se ajoelhou em uma plataforma coberta por seda enquanto um lento desfile de homens e mulheres passava diante dele, cada um depositando uma fita ou medalhão ou joia ao redor de seu pescoço. Cada um era um presente simbólico – longa vida, sabedoria, bondade no coração, generosidade, paciência, alegria. Quando todos os colares haviam sido colocados no pescoço do príncipe, a câmera aproximou-se do rosto de Kai. Ele parecia surpreendentemente sereno, seus olhos baixos, mas a cabeça erguida.

Como era costume, um representante de cada um dos outros cinco reinos terrestres fora selecionado para oficializar a coroação, a fim de mostrar que os outros países honrariam e respeitariam o direito do novo soberano de governar. Eles selecionaram o primeiro-ministro da Federação Europeia, Bromstad, um homem alto e loiro com ombros largos. Cinder sempre achara que ele parecia mais um fazendeiro do que um político. Ele ergueu um rolo de papel antiquado que continha todas as promessas que Kai estava fazendo a seu povo ao aceitar ser imperador.

Enquanto as mãos do primeiro-ministro seguravam as extremidades do rolo, ele pronunciou uma série de votos, e Kai repetia depois dele.

– Eu juro solenemente governar os povos da Comunidade Oriental de acordo com as leis e costumes conforme foi feito pelas gerações de governantes anteriores – proclamou ele. – Usarei todo o poder conferido a mim para promover a justiça, ser misericordioso, honrar os direitos inerentes a todos os povos, respeitar a paz entre as nações, governar com bondade e paciência, e buscar a sabedoria e conselhos de meus colegas e irmãos. Tudo isso, prometo fazer hoje e durante todos os dias de meu reinado, diante de todas as testemunhas da Terra e dos céus.

O coração de Cinder se avolumou enquanto ela esfregava a capota. Nunca vira Kai parecer tão sério, nem tão bonito. Ela temeu por ele um pouco, sabendo o quão nervoso deveria estar, mas naquele momento não era o príncipe que trouxera um androide quebrado para o mercado ou quase a beijara em um elevador.

Ele era um imperador.

O primeiro-ministro Bromstad ergueu o queixo.

– Eu, por meio deste, proclamo você Imperador Kaito da Comunidade Oriental. Longa vida a Sua Majestade Imperial.

A multidão explodiu em saudações e cânticos animados de “*Longa vida ao imperador*” enquanto Kai se virava para olhar seu povo.

Era impossível dizer se ele estava feliz em sua elevada posição. Seus lábios estavam neutros, seu olhar discreto enquanto ele permanecia na plataforma e os aplausos da multidão explodiam ao seu redor.

Depois de um longo momento de sua própria serenidade enfrentando o tornado de saudações, um pódio foi trazido ao palco para o primeiro discurso do imperador. A multidão silenciou.

Cinder jogou água no veículo.

Kai ficou inexpressivo por um momento, olhando fixamente a borda da plataforma, os dedos batendo nos lados do pódio.

– Estou honrado – começou – que minha coroação tenha coincidido com nosso mais celebrado feriado. Há cento e vinte e seis anos, o pesadelo e a catástrofe que foi a Quarta Guerra Mundial acabou, e a Comunidade Oriental nasceu. Ela cresceu a partir da unificação de muitos povos, muitas culturas, muitos ideais. Foi fortalecida por uma única crença persistente de que juntos, nós, como um só povo, somos fortes. Temos a capacidade de amar uns aos outros, não importando nossas diferenças. De ajudar uns aos outros, não importando nossas fraquezas. Escolhemos a paz em vez da guerra. A vida em vez da morte. Escolhemos coroar um homem para ser nosso soberano, nos guiar, nos apoiar. Não para governar, mas para servir. – Ele fez uma pausa.

Cinder desviou o foco do visor de retina por tempo suficiente para fazer uma rápida inspeção no aerodeslizador. Estava muito escuro para saber se ela tinha feito um trabalho decente, mas perdera o interesse na perfeição.

Satisfeita, ela jogou o pano molhado no balde e se apoiou na parede de concreto atrás da fila de aerodeslizadores estacionados, prestando total atenção à pequena tela.

– Eu sou o tataraneto do primeiro imperador da Comunidade – continuou Kai. – Desde o tempo dele, nosso mundo mudou. Continuamos a enfrentar novos problemas, novas decepções. Embora uma guerra entre homens não seja travada em solo terrestre há cento e vinte e seis anos, agora lutamos em uma nova batalha. Meu pai estava combatendo a letumose, um mal que assola nosso planeta por anos. Essa doença trouxe morte e sofrimento até a porta de nossas casas. As boas pessoas da Comunidade e todos os nossos semelhantes terráqueos perderam amigos, familiares, amores, vizinhos. E, com essas perdas, enfrentamos a queda da indústria e do comércio, uma retração econômica, condições de vida piores. Alguns ficaram sem comida porque não há fazendeiros o bastante para trabalhar na terra. Alguns ficaram sem aquecimento quando nossas fontes de energia minguaram. Essa é a guerra que encaramos agora. A guerra com que meu pai estava determinado a acabar, e agora tomo para mim essa missão. Juntos encontraremos uma cura para essa doença. Nós a derrotaremos. E devolveremos ao nosso país o seu antigo esplendor.

A plateia aplaudiu, mas Kai não demonstrou nenhum sinal de alegria com suas palavras. Sua expressão estava sombria, resignada.

– Seria ingênuo da minha parte – disse ele quando a audiência silenciou – não mencionar um segundo tipo de conflito, não menos mortal.

Houve um rumor na multidão. Cinder inclinou a cabeça para trás, apoiando-a na parede fria.

– Como estou certo de que todos estão cientes, a relação entre as nações terráqueas aliadas e Luna tem sido tensa durante muitas gerações. Também tenho certeza de que todos sabem que a soberana de Luna, Sua Majestade rainha Levana, nos honra com sua presença desde a semana passada. Ela é a primeira soberana lunar a pisar na Terra há quase um século, e sua presença indica a esperança de que um tempo de verdadeira paz entre nós se aproxima rapidamente.

A tela se abriu, mostrando a rainha Levana na primeira fileira. Suas mãos leitosas estavam dobradas recatadamente no colo, como se ela aceitasse humildemente o reconhecimento. Cinder estava certa de que não enganava ninguém.

– Meu pai passou os últimos anos de vida discutindo com Sua Majestade, na esperança de forjar uma aliança. Ele não viveu para ver o resultado dessas discussões, mas estou determinado a fazer com que seus esforços ganhem nova vida em mim. É verdade que houve obstáculos nesse caminho para a paz. Que tivemos dificuldades em achar um meio-termo com Luna, uma solução que seja boa para as duas partes. Mas não abri mão da esperança de que uma solução possa ser encontrada. – Ele respirou fundo, então parou, com os lábios ainda abertos. Seu olhar baixou para o pódio. Os dedos se apertaram ao redor das beiradas.

Cinder se inclinou para a frente, como se pudesse olhar o príncipe mais de perto enquanto ele lutava com as próximas palavras.

– Eu vou... – Ele parou novamente, se endireitou, e elegeu algum ponto distante e invisível como seu novo foco. – Farei o

que quer que seja necessário para assegurar o bem-estar de meu país. Farei o que for preciso para mantê-los todos a salvo. Essa é a minha promessa.

Ele tirou as mãos do pódio e o deixou antes que a multidão pudesse pensar em aplaudir, deixando uma salva de preocupadas embora educadas palmas atrás de si.

O coração de Cinder se apertou quando a tela permitiu outra olhada nos lunares da primeira fileira. O véu podia esconder o semblante da rainha, mas os sorrisinhos convencidos de suas duas assistentes não deixavam dúvidas. Elas estavam certas da vitória.

CAPÍTULO

Trinta e Dois

CINDER ESPEROU POR MEIA HORA ANTES DE MANCAR DE VOLTA no elevador. O edifício de apartamentos ganhara vida novamente. Ela se manteve grudada na parede, as muletas enfiadas atrás dela, enquanto seus vizinhos entravam e saíam com suas melhores roupas. Uns poucos olhares de pena pousaram sobre Cinder enquanto ela se desviava, tomando cuidado para não sujar nenhum dos lindos vestidos, mas a maioria dos vizinhos a ignorou.

Chegando ao apartamento, ela fechou a porta atrás de si e ouviu por um momento o alegre vazio da sala de estar. Fez uma lista mental de tudo que queria pegar, texto verde rolando por sua visão. Em seu quarto, Cinder abriu o cobertor e nele depositou seus poucos pertences – roupas manchadas de óleo, ferramentas que nunca voltaram para a caixa, presentinhos bobos que Iko lhe dera ao longo dos anos, como um “anel de ouro” que, na verdade, era uma arruela enferrujada.

Tanto o chip de personalidade de Iko quanto o chip de identificação de Peony estavam guardados em segurança no compartimento de sua panturrilha, onde ficariam até que ela encontrasse um lar mais permanente para eles.

Ela fechou os olhos, subitamente cansada. Como aquilo poderia estar acontecendo? A liberdade tão perto no horizonte, e ela de repente sentir um desejo absurdo de se deitar e tirar um cochilo? Agora seu corpo cobrava todas aquelas longas noites consertando o carro.

Afastando a sensação, ela terminou de arrumar suas coisas o mais rápido que pôde, tentando ao máximo não pensar nos riscos que estava assumindo. Seria considerada um ciborgue fugitivo de verdade desta vez. Se fosse pega, Adri poderia mandar prendê-la.

Ela manteve as mãos em movimento. Tentando não pensar em Iko, que havia estado ao seu lado. Nem em Peony, que teria tentado fazê-la ficar. Nem no príncipe Kai.

Imperador Kai.

Ela jamais o veria de novo.

Cinder amarrou as pontas do cobertor com um puxão irado. Estava pensando demais. Tinha apenas que ir embora. Um passo de cada vez e logo estaria no carro, e tudo isso ficaria para trás. Depois de colocar a mala improvisada sobre o ombro, ela mancou de volta para o saguão e depois para baixo, para o porão de depósitos subterrâneos. Mancando para dentro do depósito, ela colocou a trouxa no chão.

Parou por apenas um momento para recuperar o fôlego antes de continuar, destravou a tampa da caixa de ferramentas portátil e jogou tudo de cima da bancada para dentro dela. Haveria tempo para organizar as coisas depois. A caixa de ferramentas vertical que vinha quase até seu peito era grande demais para caber dentro do carro e teria que ficar para trás. O consumo de

gasolina seria enorme com todo aquele peso na traseira do carro, de qualquer jeito.

Ela olhou a sala em que passara a maior parte dos últimos cinco anos. Era o mais próximo de uma casa que conhecera, mesmo com o arame de galinheiro que parecia uma gaiola e as caixas que fediam a mofo. Ela não achava que sentiria muita falta daquilo.

O vestido de Peony para o baile, todo amassado, ainda estava jogado em cima do soldador. Ele, como a caixa de ferramentas, não a acompanharia.

Ela foi até as elevadas prateleiras de aço da parede mais distante e começou a procurar por peças que poderiam ser úteis no carro ou até mesmo no caso de seu próprio corpo apresentar algum defeito, jogando peças sortidas em um amontoado no chão. Ela parou quando a mão bateu em algo que ela pensou que nunca mais veria novamente.

O pequeno e gasto pé de um ciborgue de onze anos.

Ela o ergueu da prateleira, onde havia sido escondido. Iko devia tê-lo guardado, mesmo depois de Cinder ter pedido que o jogasse fora.

Talvez, na mente de Iko, fosse o mais próximo de um sapato de androide que ela possuiria. Cinder aninhou o pé contra o peito. Como ela odiava aquele pé. Como estava feliz em vê-lo agora.

Com um sorriso irônico, ela se deixou cair na cadeira pela última vez. Tirando as luvas, olhou o pulso esquerdo e tentou visualizar o pequeno chip que estava logo abaixo da superfície. O

pensamento trouxe Peony à mente. Seus dedos com as pontas azuis. O bisturi em sua pálida pele branca.

Cinder fechou os olhos, forçando a lembrança a se afastar. Tinha que fazer isso.

Ela esticou o braço e pegou o canivete suíço no canto da mesa, a lâmina mergulhada em uma lata cheia de álcool. Ela o sacudiu, respirou fundo e pousou a mão cibernética com a palma virada para cima na mesa. Recordou-se de ter visto o chip na holografia do dr. Erland a menos de dois centímetros e meio de onde a pele encontrava o metal. O desafio seria tirá-lo sem cortar por acidente algum fio importante.

Forçando sua mente a se acalmar, a mão a se firmar, pressionou a lâmina contra o pulso. A dor foi forte, mas ela não vacilou. Firme. Firme.

Um bipe a sobressaltou. Cinder pulou, afastando a lâmina e girando para olhar a parede com prateleiras. Seu coração esmurrou as costelas enquanto ela olhava todas as peças e ferramentas que deixaria para trás.

O bipe tocou de novo. Os olhos de Cinder caíram sobre o velho netscreen que ainda estava escorado nas prateleiras. Ela sabia que ele estava desconectado da rede, e ainda assim um quadrado azul-claro piscava no canto. Outro bipe.

Pousando o canivete, Cinder se esgueirou da cadeira e ajoelhou-se diante da tela.

No quadrado azul estava escrito:

PEDIDO DE LIGAÇÃO DIRETA RECEBIDO DE
USUÁRIO DESCONHECIDO. ACEITAR?

Inclinando a cabeça, ela avistou o chip de D-COMM ainda inserido no compartimento da tela. A pequena luz verde diante dele brilhava. À sombra da tela, parecia com qualquer outro chip, mas Cinder lembrou a resposta de Kai quando ela descreveu o material de brilho prateado. Um chip lunar.

Ela pegou um pano sujo da pilha de lixo e o pressionou no corte que mal sangrava.

– Tela, aceite a ligação.

O bipe parou. A caixa de diálogo azul desapareceu. Uma espiral apareceu na tela.

– *Olá?*

Cinder deu um pulo.

– *Olá, olá, olá... tem alguém aí?*

Quem quer que fosse ela, soava estar à beira de um colapso.

– Por favor, ah, por favor, alguém responda. Onde está aquele androide estúpido? *Olá?*

– O-lá?... – Cinder se inclinou em direção à tela.

A garota arfou, o que foi seguido por um curto silêncio.

– Olá? Você pode me ouvir? Tem alguém...

– Sim, eu consigo ouvi-la. Espere, tem algo de errado com o cabo de vídeo.

– Ah, que bom – disse a voz quando Cinder deixou o pano de lado. Ela posicionou a tela de frente para o concreto e abriu a tampa do painel de controle. – Pensei que o chip talvez tivesse

sido danificado ou que eu o tivesse programado com a identidade de conexão errada ou algo assim. Você está no palácio agora?

Cinder encontrou o cabo de vídeo desconectado de seu plugue. Deve ter se soltado quando Adri o quebrou. Cinder ligou o cabo e uma onda de luz azul se espalhou pelo chão.

– Prontinho – disse Cinder, endireitando a tela.

Ela deu um pulo para trás quando viu a garota do outro lado da conexão. Devia ter mais ou menos a idade de Cinder e o cabelo loiro mais longo, ondulado e embaraçado que se podia imaginar. O ninho dourado ao redor de sua cabeça estava amarrado em um grande nó sobre um dos ombros e cascadeava em uma confusão de tranças e cachos, enrolando-se em volta de um dos braços da garota antes de sumirem tela abaixo. A garota estava brincando com as pontas, enrolando-as e desenrolando-as em seus dedos sem parar.

Se não fosse pelo cabelo bagunçado, ela seria bonita. Tinha um rosto doce em forma de coração, olhos grandes e azuis como o céu e sardas salpicadas no nariz.

De alguma forma, não era nada do que Cinder esperava.

A garota pareceu igualmente surpresa ao ver Cinder, com sua mão cibernética e a blusa deprimente.

– Quem é você? – perguntou a garota. Seus olhos dispararam para trás de Cinder, vendo a luz difusa e a cerca de galinheiro. – Por que você não está no palácio?

– Não fui autorizada a ir – respondeu Cinder. Ela semicerrou os olhos para ver o lugar onde a garota estava, se perguntando se procurava um lar na Lua... mas não parecia de jeito nenhum com

um lar aonde quer que fosse. A garota estava cercada por paredes de metal e máquinas e telas e computadores e mais controles e botões e luzes do que a cabine de uma nave de carga.

Cinder dobrou as pernas, deixando a panturrilha sem pé se apoiar mais confortavelmente na coxa.

– Você é lunar?

Os olhos da garota tremularam, como se surpreendida pela pergunta. Em vez de responder, ela se inclinou para a frente.

– Preciso falar com alguém no palácio de Nova Pequim imediatamente.

– Então por que você não manda um comunicado para o painel de informações do palácio?

– Eu não posso! – O grito desafinado da garota foi tão inesperado, tão desesperado, que Cinder quase caiu para trás. – Eu não tenho um chip global de comunicação... esta foi a única ligação direta que consegui com a Terra!

– Então você é lunar.

O olhos da garota se arregalaram até quase se tornarem círculos perfeitos.

– Isso não é...

– Quem é você? – perguntou Cinder, a voz aumentando. – Você está trabalhando para a rainha? Foi você quem instalou o chip naquele androide? Foi você, não foi?

As sobrancelhas da garota se juntaram, mas em vez de ficar irritada com as perguntas de Cinder, ela pareceu assustada. Até mesmo envergonhada.

Cinder cerrou a mandíbula para controlar o ataque violento de perguntas e respirou lentamente antes de perguntar com calma:

– Você é uma espiã lunar?

– Não! É claro que não sou! Quero dizer... bem... tipo isso.

– *Tipo isso?* O que você quer dizer...

– Por favor, me escute! – A garota juntou as mãos, como se travasse uma batalha interna. – Sim, eu programei o chip, e estou trabalhando para a rainha, mas não é o que você pensa. Programei todos os sistemas de vigilância que Levana usou para observar o imperador Rikan nos últimos meses, mas não tive escolha. Minha senhora me mataria se eu... Pelas estrelas sobre minha cabeça, ela *vai* me matar quando descobrir sobre isso.

– Senhora quem? A rainha Levana?

A garota fechou bem os olhos, o rosto contorcido pela dor. Quando os abriu novamente, cintilavam.

– Não. Sra. Sybil. Ela é a taumaturga-chefe de Sua Majestade... e minha guardiã.

Reconhecimento atravessou a mente de Cinder. A primeira suspeita de Kai sobre quem poderia ter instalado o chip em Nainsi recaíra sobre a taumaturga da rainha.

– Mas ela está mais para uma captora, na verdade – continuou a garota. – Não sou nada para ela exceto uma prisioneira e escra...ava. – Ela soluçou na última palavra e enterrou a cabeça em um monte de cabelo, ainda soluçando. – Me desculpe. Me desculpe. Sou uma garota perversa, sem nenhum valor e deplorável.

Cinder sentiu o coração se apertar em compaixão – ela podia se dizer uma “escrava” de sua guardiã, mas não conseguia se lembrar de temer que Adri a matasse de fato. Bem, além da vez em que ela a vendeu como cobaia para a pesquisa da letumose.

Ela contraiu a mandíbula diante da crescente pena, lembrando a si mesma de que aquela garota era lunar. Havia ajudado a rainha Levana a espionar o imperador Rikan e Kai. Ela imaginou rapidamente se a garota estava apenas manipulando suas emoções agora, antes de se lembrar de que lunares não podem controlar pessoas por meio de netscreens.

Soprando o cabelo que estava em seu rosto, Cinder se inclinou para a frente e gritou:

– Pare com isso! Pare de chorar!

A garota parou e olhou para Cinder com seus grandes e úmidos olhos.

– Por que você está tentando entrar em contato com o palácio?

A garota se encolheu e soluçou, mas as lágrimas pareciam ter sido drenadas.

– Preciso entregar uma mensagem ao imperador Kai. Preciso alertá-lo. Ele está em perigo, todos na Terra... a rainha Levana... e é tudo minha culpa. Se pelo menos eu tivesse sido mais forte, se tivesse tentado lutar, isso não teria acontecido. É tudo minha culpa.

– Pelas estrelas sobre nossas cabeças, você pode *parar de chorar*? – disse Cinder, antes que a menina entrasse em histeria de

novo. – Você precisa se recompor. Como assim, Kai corre perigo? O que você fez?

A garota abraçou a si mesma, seus olhos implorando a Cinder como se o perdão dela resolvesse tudo.

– Sou a programadora da rainha, como disse. Sou boa no que faço, me infiltrar em redes, sistemas de segurança e coisas semelhantes. – Ela disse isso sem um pinga de arrogância na voz oscilante. – Pelos últimos anos, minha senhora vem me pedindo para conectar as atualizações dos líderes políticos da Terra ao palácio de Sua Majestade, a rainha Levana. No começo, eram só discussões de corte, reuniões, transferências de documentos, nada muito interessante. Sua Majestade não descobria nada que seu imperador não tivesse dito a ela, então não pensei que muito mal pudesse vir disso.

A garota torceu o cabelo em volta dos dedos.

– Mas então ela me pediu para programar um chip de comunicação direta que pudesse instalar em um dos androides reais, pensando que assim poderia espionar o imperador fora das redes. – Ela ergueu os olhos para Cinder, com a culpa estampada no rosto. – Se tivesse sido qualquer outro androide, qualquer androide de todo o palácio, ela ainda não saberia de nada. Mas agora ela sabe! E é tudo minha culpa! – Ela choramingou e passou o nó de cabelo em volta da boca como uma mordaca.

– Espere. – Cinder ergueu a mão, tentando diminuir a velocidade das palavras da garota. – O que exatamente Levana sabe?

A garota puxou o cabelo quando lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas.

– Ela sabe de tudo que o androide sabia, tudo que ele esteve pesquisando. Sabe que a princesa Selene está viva e que o príncipe, desculpe, o imperador Kai estava procurando por ela. Sabe que o imperador queria encontrar a princesa e declará-la a verdadeira rainha lunar.

Temor contorceu o estômago de Cinder.

– Ela sabe os nomes dos médicos que a ajudaram a escapar e quem é a pobre idosa na Federação Europeia que a abrigou por tanto tempo... Sua Majestade já enviou pessoas para caçá-la, usando a informação que Kai tinha. E, quando eles a encontrarem...

– Mas o que ela fará contra Kai? – interrompeu Cinder. – Levana já venceu. Kai já deu a entender que dará a ela o que quiser, então por que isso importa agora?

– Ele tentou tirá-la do trono! Você não conhece a rainha, os seus rancores. Ela jamais perdoará isso. Tenho que entregar uma mensagem a ele, a alguém no palácio. Ele tem que saber que é uma armadilha.

– Uma armadilha? Que tipo de armadilha?

– Para se tornar imperatriz! Quando ela tiver o controle sobre a Comunidade, pretende usar seu exército para declarar guerra contra o resto do mundo. E ela pode fazer isso mesmo, o exército dela... esse exército... – Ela tremeu e baixou a cabeça como se alguém a tivesse golpeado.

Cinder sacudiu a cabeça.

– Kai não permitiria isso.

– Não importa. Quando ela se tornar imperatriz, ele não terá mais utilidade.

Cinder sentiu o sangue pulsar nas têmporas.

– Você acha... mas ela seria uma idiota se tentasse matar Kai. Todos saberiam que foi ela.

– Os lunares desconfiam que ela tenha matado a rainha Channary e a princesa Selene, mas o que podem fazer a esse respeito? Podem pensar em rebelião, mas assim que estivessem na presença dela, ela faria uma lavagem cerebral neles e restauraria sua cooperação.

Cinder esfregou os dedos na testa.

– Ele ia anunciar no baile desta noite – murmurou para si mesma. – Ele vai anunciar sua intenção de se casar com ela. – Seu coração estava disparado, os pensamentos transbordando do cérebro.

Levana sabia que ele estivera atrás da princesa Selene. Ela o mataria. Tomaria a Comunidade. Declararia guerra contra... todo o planeta.

Ela agarrou a cabeça enquanto o mundo girava a seu redor.

Precisava avisá-lo. Não podia permitir que ele fizesse a declaração.

Podia mandar um comunicado para ele, mas quais eram as chances de ele os checar durante o baile?

O baile.

Cinder olhou para suas roupas sem graça. Para o tornozelo vazio.

O vestido de Peony. O pé velho que lko salvara. As luvas de seda.

Sua cabeça assentiu antes que ela soubesse com o que concordava, e usou as prateleiras para se apoiar e se levantar.

– Eu vou – murmurou ela. – Vou encontrá-lo.

– Leve o chip – disse a garota na tela. – No caso de precisarmos contatar uma à outra. E, por favor, não conte a eles sobre mim. Se minha senhora descobrir...

Sem esperar que ela terminasse, Cinder se abaixou e tirou o chip do compartimento. A tela ficou escura.

CAPÍTULO

Trinta e Três

O VESTIDO DE SEDA DAVA A SENSACÃO DE HERA VENENOSA DESLIZ pele de Cinder. Ela olhou para o corpete prateado enfeitado com um laço delicado, para a saia, para as pequenas pérolas, e quis se encolher dentro do vestido e sumir. Aquele vestido não era dela. Ela era uma farsa, uma impostora.

Estranhamente, o fato de que ele estava enrugado como o rosto de um velho fez com que ela se sentisse melhor.

Ela pegou o antigo pé da prateleira – a coisa pequena e enferrujada com que acordara após a operação, quando era uma garota de onze anos confusa e rejeitada. Jurara jamais colocá-lo novamente, mas naquele momento ele parecia ser feito de cristal, de tão precioso que parecia para ela. Além disso, era pequeno o bastante para caber nas botas de Pearl.

Cinder caiu na cadeira e pegou uma chave de fenda. Foi o conserto mais apressado que já fizera, e o pé estava ainda menor e mais desconfortável do que lembrava, mas logo ela estava pisando sobre dois pés novamente.

As luvas de seda pareciam finas, delicadas e frágeis demais, e ela ficou com medo de rasgá-las em algum prego mal posicionado. Pelo menos também estavam cobertas por manchas de graxa, completando a afronta.

Cinder era um desastre ambulante e sabia disso. Teria sorte se sequer a deixassem entrar no baile.

Mas ela lidaria com a situação quando chegasse lá.

O elevador estava vazio quando ela desceu para a garagem. Apressou-se na direção do carro abandonado, as botas soando estranhamente no chão de concreto conforme ela tentava não tropeçar com o pé muito pequeno e evitar torcer o tornozelo. Ela sentia o pé preso de forma precária no fim da perna. Como não tivera tempo para conectá-lo aos fios de seu sistema nervoso, sentia como se arrastasse um peso de papel de um lado para o outro. Tentou ignorar a sensação, pensando apenas em Kai e no anúncio que ele faria naquela noite.

Ela chegou ao canto escuro da garagem, já suando com o esforço e sabendo que as coisas ficariam ainda piores quando saísse para a umidade implacável da cidade. Diante dela, o carro estava imprensado entre dois aerodeslizadores polidos e cromados. Sua horrível pintura laranja era disfarçada pelas luzes tremeluzentes da garagem. O carro não pertencia àquele local.

Cinder conhecia a sensação.

Ela se sentou no banco do motorista, e o cheiro de lixo velho e mofo a envolveu. Pelo menos substituíra o estofado dos assentos e os cobrira com um cobertor velho, então não precisava se preocupar se estava sentando em fezes de rato. Ainda assim, podia apenas imaginar as manchas que o chassi e o piso estavam deixando no vestido de Peony.

Afastando os pensamentos para o fundo da mente, ela esticou a mão para debaixo da barra do volante e pegou os fios de força e

circuitos que já havia desencapado e os entrelaçou. Tateou desajeitadamente em busca do fio marrom da ignição.

Segurando a respiração, ela juntou os fios.

Nada aconteceu.

Uma gota de suor deslizou pela parte de trás de seu joelho. Ela juntou os fios mais uma vez. E outra.

– Por favor, por favor, por favor.

Uma centelha surgiu, seguida pelo infeliz barulho do motor.

– *Isso!* – Ela pisou o acelerador, reavivando o motor, sentindo o carro se agitar e roncar embaixo dela.

Cinder se permitiu um gemido de alívio, em seguida enfiou o pé na embreagem e tirou a marcha do ponto morto, recitando as instruções que baixara uma semana antes e vinha estudando desde então. Como dirigir.

Manobrar para fora da garagem se provou ser a parte mais difícil. Uma vez na estrada, seu trajeto era guiado pelas luzes solares da rua e pelo brilho amarelo-pálido das janelas dos apartamentos – a luz constante da cidade era uma bênção, já que os faróis do carro não funcionavam. Cinder se surpreendeu com o quanto as ruas eram cheias de pedrinhas, quanto lixo e escombros estavam jogados no chão, já que aerodeslizadores não precisavam de caminho aberto. O percurso era irregular e difícil, e mesmo assim Cinder sentia uma onda de poder a cada volta da roda, pisada no acelerador, troca de marcha, chiado da borracha dos pneus.

Uma brisa quente soprou pelo buraco da janela de trás, bagunçando o cabelo de Cinder. As nuvens haviam alcançado a

cidade e se postaram de modo ameaçador sobre os arranha-céus, cobrindo a noite com uma mortalha cinza. Do outro lado do horizonte, o céu ainda estava bem aberto e orgulhosamente exibindo a nona lua cheia do ano. Uma esfera perfeita no céu escuro. Um olho branco e agourento paralisado acima dela. Ignorando a lua, Cinder pisou fundo no acelerador, forçando o carro a ir mais rápido – a voar.

E ele voou. Não tão suave ou graciosamente quanto um aerodeslizador, mas com todo o rugido e a força de uma besta orgulhosa. Não pôde evitar um sorriso, sabendo que tinha conseguido. Ela trouxera aquela monstruosidade de volta à vida. O carro estava em dívida com ela e parecia saber disso.

Conseguiria, pensou, à medida que o palácio surgia à frente, uma construção alta sobre a cidade no topo do penhasco pontudo. Ela deveria estar beirando os limites da cidade agora. Ganhava velocidade. Observando as luzes se tornarem turvas atrás dela. Correndo para o horizonte sem nunca olhar para trás.

Um esguicho de chuva acertou o para-brisa rachado.

Cinder segurou o volante com mais força quando começou a subir o caminho serpenteante e sinuoso para a entrada do palácio. Não havia aerodeslizadores contra os quais competir – ela seria a última convidada a chegar.

Ela alcançou o topo do penhasco, jubilando-se na sensação de fuga, de liberdade, de força – e logo a torrente começou. A chuva encharcou o carro, embaçando as luzes do palácio. O som martelava no metal e no vidro. Sem faróis, o mundo desapareceu além do para-brisa.

Cinder apertou o freio.

Nada aconteceu.

Uma onda de pânico percorreu seu corpo e ela pisou com desespero no freio duro. Uma sombra se avultou em meio à tempestade. Cinder gritou e cobriu o rosto.

O carro bateu em uma cerejeira, sacudindo Cinder com um solavanco. Metal se amassou ao seu redor. O motor engasgou e morreu. O cinto de segurança queimou seu peito.

Tremendo, Cinder ficou boquiaberta com a chuva que se avolumou no para-brisa. Folhas amarronzadas molhadas caíram dos galhos acima, grudando no vidro. Ela lembrou a si mesma de respirar conforme a adrenalina corria por suas veias. Seu painel de controle recomendou o seguinte processo: respirar devagar e de modo disciplinado, mas a respiração a fazia engasgar tanto quanto o cinto de segurança, até que ela esticou a mão na direção do fecho e o tirou.

Um vazamento apareceu ao longo da vedação na janela da sua porta, pingando em seu ombro.

Cinder se recostou no encosto de cabeça, ponderando se tinha forças para andar. Talvez se ela esperasse a monção passar. Tempestades de verão como essa nunca duravam muito tempo; se tornaria uma garoa em um piscar de olhos.

Ela ergueu as luvas ensopadas e se perguntou o que, exatamente, esperava. Não era orgulho. Não era respeitabilidade. Estar ensopada poderia ser quase um progresso a essa altura.

Ofegando para respirar fundo, ela puxou a maçaneta da porta e a chutou com a bota para forçá-la a abrir. Ela pisou em um

aguaceiro, a chuva fria e refrescante na pele. Ao bater a porta, virou-se para avaliar o estrago, tirando o cabelo da testa.

A dianteira do carro estava contorcida em volta do tronco da árvore, o capô amassado como um acordeão até o para-lama do lado do passageiro. Seu coração se partiu um pouco ao olhar para os escombros – todo o seu trabalho duro destruído tão rapidamente.

E – o pensamento ocorreu um segundo depois – lá se ia sua chance de fugir. Já era.

Tremendo sob a chuva, ela espantou os pensamentos. Haveria outros carros. Naquele instante, precisava achar Kai.

De repente, a chuva parou de cair sobre ela. Ela olhou para cima, para o guarda-chuva sobre sua cabeça, e então se virou. Um recepcionista observava os restos do carro com os olhos arregalados, as mãos segurando o cabo do guarda-chuva.

– Ah, oi – gaguejou ela.

O olhar de descrença do homem se direcionou para ela. Seus cabelos, seu vestido. Ele parecia sentir mais repulsa a cada segundo.

Cinder pegou o guarda-chuva das mãos dele e deu um rápido sorriso.

– Obrigada! – disse, e disparou pelo jardim em direção às portas duplas do palácio, escancaradas, deixando o guarda-chuva nas escadas.

Guardas vestidos em uniformes vermelhos se alinhavam no corredor, direcionando os convidados para longe da plataforma do elevador e na direção do salão de baile, na ala sul, como se o

retinir de copos e a música de orquestra não fossem sinais claros o bastante. A caminhada para a entrada do salão de baile era longa e chata. Cinder não sabia se os guardas lhe lançavam olhares estoicos enquanto ela passava, as botas molhadas esguichando, e ela não ousaria olhá-los nos olhos, se fosse esse o caso. Toda sua atenção estava sendo desviada para os fios de seu pretenso pé.

Seja graciosa. Seja graciosa. Seja graciosa.

A música ficou mais alta. O salão estava ornamentado com dezenas de estátuas de pedra – deuses e deusas há muito tempo esquecidos. Câmeras escondidas. Escâneres de identidade ocultos. Ela sentiu uma centelha de paranoia ao lembrar que ainda trazia o chip de identificação de Peony, guardado no compartimento da perna. Imaginou alarmes disparando e luzes piscando quando percebessem que ela tinha dois chips de identificação dentro de si – o que seria suspeito, se não ilegal –, mas nada aconteceu.

Emergindo do corredor, ela se viu no topo de uma grande escada que cascadeava até o salão de baile. Uma fila de guardas e servos ladeava a escada, os rostos tão sem expressão quanto os das pessoas que estavam no salão. No teto alto haviam sido penduradas centenas de lanternas de papel vermelhas, cada uma brilhando com uma luz dourada e profunda. A parede mais distante era ocupada por janelas que iam do chão ao teto, com vista para o jardim. A chuva esmurrava os vidros, fazendo quase tanto barulho quanto a orquestra.

A pista de dança fora montada no centro, com mesas redondas cercando o espaço. Cada mesa estava enfeitada com centros de mesa feitos de pródigas orquídeas e esculturas de jade. Nas paredes do salão estavam telas de seda pregueada, pintadas à mão com imagens de grou, tartarugas e bambu, símbolos ancestrais de longevidade que indicavam uma única mensagem definitiva: longa vida ao imperador.

De onde estava, ela podia ver todo o salão, florescendo com sedas vibrantes e crinolinas, *strass* e plumas de avestruz. Avistou Kai.

Ele não era difícil de ser encontrado – dançando. A multidão abria espaço para ele e sua parceira, a mais bela, mais graciosa, mais divina mulher no salão. A rainha lunar. Cinder não conseguiu reprimir um engasgo de perplexidade ao vê-la.

Seu estômago se revirou, o espanto momentâneo se transformando em repugnância. A rainha deu um sorriso venenoso, mas a expressão de Kai era tão indiferente quanto uma pedra enquanto eles valsavam pelo chão de mármore.

Cinder recuou na escada antes que a rainha a notasse. Ela observou a multidão, convencida de que Kai não havia feito o anúncio ainda, senão a atmosfera no ambiente não seria tão festiva. Kai estava bem. Estava em segurança. Tudo que ela precisava fazer era encontrar uma forma de falar com ele, em algum lugar privado, e contar a ele sobre os planos da rainha. Dizer a ele que Levana sabia sobre sua busca pela sobrinha. Então dependeria dele adiar a aceitação dos termos da rainha até que...

Bem, Cinder sabia que nada *afastaria* a rainha Levana para sempre sem convencê-la a começar a guerra que ela vinha ameaçando iniciar havia tanto tempo.

Mas talvez, apenas talvez, a princesa Selene pudesse ser encontrada antes que isso acontecesse.

Expirando lentamente, Cinder saiu do portal amplo e se escondeu atrás do pilar mais próximo, tropeçando no pezinho. Rangendo os dentes, ela olhou em volta, mas os guardas e servos mais próximos permaneciam tão desinteressados quanto paredes de concreto.

Cinder se grudou na coluna, tentando ajeitar o cabelo para trás para que pudesse ao menos fingir fazer parte do ambiente.

A música parou e a multidão começou a aplaudir.

Ela ousou olhar para baixo, para a pista de dança, e viu Kai e Levana se separarem – ele, com uma reverência retesada e ela, com a graça de uma gueixa. Quando a orquestra começou novamente, todo o salão de baile se juntou à dança.

Cinder acompanhou os cachos castanhos e brilhantes da rainha rumando para uma escadaria do outro lado do salão, a multidão se abrindo com antecedência diante dela. Ela procurou Kai novamente e o encontrou tomando o rumo contrário – em direção a ela.

Segurando a respiração, ela se afastou da coluna protetora. Aquela era sua chance. Se ao menos ele olhasse para cima e a visse. Se ao menos viesse até ela. Cinder lhe contaria tudo e em seguida sairia furtivamente. Ninguém jamais saberia que ela estivera lá.

Ela puxou o vestido de baile prateado para cima com os punhos, os olhos praticamente perfurando a cabeça do imperador, desejando que ele levantasse a vista. Olhe para cima. *Olhe para cima.*

Kai parou com um olhar de leve perplexidade, e Cinder pensou, com um sobressalto, que havia conseguido – teria ela acabado de usar seu dom lunar?

Mas então ela percebeu um ponto dourado ao lado de Kai, uma manga cheia de babados roçando o braço dele. Sua respiração ficou presa.

Era Pearl, roçando as pontas dos dedos no cotovelo de Kai. Estava cheia de sorrisos deslumbrantes e piscadas ao se curvar em uma mesura.

Com o estômago embrulhando, Cinder escondeu-se atrás do pilar.

Pearl começou a falar, e Cinder monitorou as expressões de Kai enquanto sua pulsação martelava em seus ouvidos. No começo, ele apenas ensaiou um sorriso cansado, mas logo pareceu confuso. Surpreso. Um franzir de cenho de dúvida. Ela tentou adivinhar o que Pearl estava dizendo: *Sim, eu sou a garota do festival desta manhã. Não, Cinder não virá. Nós não desrespeitaríamos essa ocasião tão importante permitindo que minha horrenda meia-irmã ciborgue comparecesse. Ah, você não sabia que ela era um ciborgue?*

Cinder se encolheu, os olhos grudados nos dois. Pearl contaria tudo a Kai, e não havia nada que ela pudesse fazer a não ser observar e esperar o momento horrível em que Kai perceberia

que estivera flertando com um ciborgue. Ele não iria querer ouvir suas explicações. Não desejaria nada mais dela. Ela seria forçada a mancar atrás dele para contar a razão pela qual viera, sentindo a desgraça que era.

Alguém pigarreou, e Cinder despertou de seus pensamentos cada vez mais ansiosos, quase torcendo o tornozelo. Um dos servos havia evidentemente se cansado de ficar de pé, imóvel e inexpressivo, e agora a olhava com uma repugnância mal disfarçada.

– Queira me perdoar – disse ele, com firmeza na voz. – Preciso escanear sua identificação.

Cinder instintivamente afastou a mão dele, apertando o pulso no estômago.

– Por quê?

Os olhos dele dispararam para a fila de guardas, prontos para chamá-los e mandá-los escoltarem-na para fora a qualquer momento.

– Para me certificar de que você está na lista de convidados, é claro – respondeu ele, segurando um pequeno escâner de mão.

Cinder pressionou as costas contra o pilar, os nervos zumbindo.

– Mas... eu pensei que todos os cidadãos estivessem convidados.

– De fato, estão. – O homem deu um sorrisinho, parecendo quase feliz com a perspectiva de *desconvidar* a garota diante dele.
– Mas devemos nos assegurar de que estamos recebendo aqueles que responderam aos convites. É uma medida de segurança.

Engolindo em seco, Cinder olhou na direção da pista de dança. Kai ainda estava sendo assediado por Pearl, e agora Cinder podia ver Adri perambulando não muito longe dali, parecendo pronta a se meter na conversa no caso de Pearl dizer alguma coisa que pudesse envergonhá-la. Pearl não perdera seu tímido e galanteador encanto. Permanecia com a cabeça abaixada e uma das mãos cuidadosamente pousada na clavícula.

Kai ainda parecia perplexo.

Com arrepios percorrendo os braços, Cinder se virou para o cortesão e tentou imitar a inocência alegre de Peony.

– É claro – disse ela. Prendendo a respiração, ela esticou o braço. Estava elaborando um monte de desculpas, justificativas; sua confirmação devia ter se misturado à de alguém, ou talvez tenha havido confusão já que sua meia-irmã e sua madrasta haviam chegado sem ela, ou...

– Ah! – O homem ficou chocado, os olhos grudados na pequena tela.

Cinder ficou tensa, perguntando-se quais eram as chances de ela nocauteá-lo com um golpe rápido na cabeça sem que nenhum dos outros guardas notasse.

Os olhos perplexos dele passaram mais uma vez por seu vestido, cabelo, e depois voltaram para a tela. Ela podia ver a luta interna enquanto seu sorriso se transformou, aparentando educação.

– Cara Linh-mèi, que prazer. Estamos tão felizes que você tenha vindo esta noite.

As sobrancelhas dela se levantaram.

– Estão?

O homem lhe fez uma reverência seca.

– Por favor, perdoe minha ignorância. Estou certo de que Sua Majestade Imperial ficará feliz com a sua chegada. Por favor, me acompanhe, e eu a anunciarei.

Ela piscou, seguindo de maneira confusa o braço dele enquanto o homem caminhava em direção às escadas.

– Você vai fazer o quê?

Ele clicou algo em seu tablet antes de olhar novamente para Cinder. O olhar dele se precipitou sobre ela mais uma vez, como se não pudesse acreditar no que estava prestes a fazer, mas seu sorriso cordial não se desfez.

– Todos os convidados pessoais de Sua Majestade Imperial são devidamente anunciados, em reconhecimento à sua importância. É claro, eles normalmente não chegam tão... tarde.

– Espere. Convidados pessoais de... ah. Ah! Não, não, você não tem que...

Ela foi silenciada pelo retumbar de trompetes gravados pelos alto-falantes, invisíveis acima das suas cabeças. Encolheu-se com o som, os olhos se arregalando, quando a curta melodia acabou. Ao último soar dos trompetes, uma voz majestosa retumbou pelo salão de baile.

– *Por favor, queiram dar as boas-vindas ao 126º Baile Anual da Comunidade Oriental à convidada pessoal de Sua Majestade Imperial: Linh Cinder, de Nova Pequim.*

CAPÍTULO

Trinta e Quatro

A TEMPERATURA NO SALÃO DE BAILE SE ELEVOU QUANDO CENTENA se viraram na direção de Cinder.

Talvez a multidão tivesse se virado um momento depois, indiferente, se não tivesse visto que a convidada pessoal do imperador era uma garota com cabelos molhados e manchas de lama na bainha do amassado vestido prateado. Mas os olhares se grudaram em Cinder, no alto da escada. Seus pés, diferentes um do outro, se prenderam ao chão como se concreto tivesse se endurecido em volta deles.

Ela olhou para Kai, que tinha o queixo caído ao reconhecê-la.

Kai esperara o tempo todo que ela viesse. Reservara um lugar para ela como sua convidada pessoal. Cinder mal podia imaginar o quanto ele se arrependia daquela decisão no momento.

Ao lado dele, o rosto de Pearl começou a queimar em meio aos candelabros brilhantes. Cinder olhou para a meia-irmã, para Adri, percebeu a mortificação muda delas e lembrou a si mesma de respirar.

Já estava acabado para ela.

Era quase certo que Pearl já houvesse contado a Kai que ela era um ciborgue.

Em breve, a rainha Levana também a veria e saberia que ela era lunar. Ela seria levada, talvez morta. Não havia nada que pudesse fazer a respeito disso agora.

Mas correria o risco. Aceitara as consequências que sua ação traria.

Não seria em vão.

Ela endireitou os ombros. Ergueu o queixo.

Segurando a ampla saia de seda, ela fixou o olhar em Kai e desceu lentamente os degraus.

Os olhos dele se suavizaram, quase divertidos, como se tal aparência largada fosse tudo que alguém pudesse esperar de uma renomada mecânica.

Um murmúrio reverberou na multidão e, enquanto o salto da bota de Cinder batia no chão de mármore com uma precisão forçada, o mar de vestidos começou a se mover para os lados. Mulheres sussurravam por trás das mãos. Homens abaixavam os pescoços para acompanhar a fofoca silenciosa.

Mesmo os servos haviam parado para observá-la, segurando no alto bandejas de iguarias. O cheiro de alho e gengibre os envolvia, revolvendo o estômago de Cinder em nós. Ela percebeu de repente o quão faminta estava. Todos os preparativos para fugir lhe haviam deixado pouco tempo para comer. Junto à ansiedade, aquilo quase a fez desmaiar. Ela deu tudo de si para ignorar a fome, para ser forte, mas o nervosismo se expandia em seus músculos tensos a cada passo. Seus batimentos formavam uma bateria dentro da cabeça.

Cada olhar sobre Cinder era zombeteiro. Cada cabeça se virava para sussurrar, rumores já levantando voo. Os ouvidos de Cinder tiniam, captando passagens de conversas – *Convidada pessoal? Mas quem é ela? E o que é aquilo no vestido dela?* – até que ela ajustou a interface de áudio, silenciando as palavras.

Nunca em sua vida ela se sentiu tão grata por não poder ruborizar.

Os lábios de Kai se torceram, e embora ele ainda parecesse confuso, não parecia com raiva nem enojado. Cinder engoliu em seco. Conforme se aproximava, seus braços ardiam de vontade de envolver a si mesma, para cobrir o vestido imundo, amassado e manchado o melhor que pudesse, mas ela não o fez. Seria em vão, e Kai não se importava com o seu vestido.

Na verdade, ele devia estar tentando discernir o quanto dela era metal e silício.

Ela manteve a cabeça erguida, mesmo quando seus olhos ardiam, mesmo quando o pânico enchia seu visor com alertas e precauções.

Não era sua culpa ele ter gostado dela.

Não era culpa dela ser ciborgue.

Ela não pediria desculpas.

Concentrou-se apenas em andar, um passo soando depois do outro, enquanto a multidão se abria diante dela, e então se fechava após sua passagem.

Mas, antes que ela alcançasse o imperador, uma figura saiu da multidão e se pôs em seu caminho. Cinder ficou paralisada, detida pelo olhar irado de sua madrasta.

Ela piscou, perplexa, conforme a realidade se estabelecia aos tropeços naquele sereno e silencioso momento. Ela esquecera que Adri e Pearl estavam lá.

Bochechas manchadas de vermelho apareceram através da maquiagem branca de Adri, e seu peito arfava no modesto decote do quimono. Os risinhos confusos entre dentes se aquietaram, empurrando as perguntas na direção daqueles mais atrás na multidão que não podiam ver o que estava acontecendo, mas podiam, sem dúvida, sentir a tensão aumentando ao redor.

A mão de Adri se lançou para a frente, segurando a saia de Cinder. Ela sacudiu o material.

– Onde você conseguiu isso? – sibilou ela, sua voz baixa como se ela temesse causar uma cena maior do que a que Cinder já havia causado.

Contraindo o maxilar, Cinder recuou, tirando o vestido das mãos da madrastra.

– Iko guardou o vestido. Peony iria gostar que eu ficasse com ele.

Atrás da mãe, Pearl engoliu em seco, as mãos voando para a boca. Cinder olhou para ela e viu Pearl olhando para os pés dela com horror.

Cinder deu de ombros, imaginando sua perna de ciborgue visível para qualquer um, até que Pearl apontou para seu pé e deu um grito agudo:

– Minhas botas! Essas são as minhas botas! *Nela!*

Os olhos de Adri se estreitaram.

– Sua pequena *ladra*. Como ousa vir aqui e tornar esta família motivo de piada? – Ela esticou o dedo sobre o ombro de Cinder, na direção da escada principal. – Eu ordeno que você vá para casa neste instante, antes que me envergonhe ainda mais.

– Não – disse ela, cerrando os punhos. – Eu tenho o mesmo direito de estar aqui que vocês.

– O quê? *Você?* – A voz de Adri começou a aumentar. – Mas você não é nada além de uma... – Ela segurou a língua, ainda não querendo dividir o segredo humilhante de sua enteada. E, em vez disso, ela ergueu a mão espalmada.

A multidão engoliu em seco e Cinder se encolheu, mas o golpe não veio.

Kai postara-se ao lado de sua madrasta, a mão fechada com firmeza ao redor do pulso dela. Adri se virou para ele, o rosto queimando de raiva, mas a expressão logo se desfez.

Ela se encolheu, gaguejando.

– Vossa Majestade!

– Já basta – disse ele, a voz gentil mas austera, e a soltou. Adri fez uma reverência patética, assentindo.

– Sinto muito, Vossa Majestade. Minhas emoções... meu temperamento... essa garota é... sinto muito que ela tenha interrompido... está sob minha guarda... não deveria estar aqui...

– É claro que deveria. – Houve uma leveza nas palavras dele, como se acreditasse que sua presença, por si só, pudesse acabar com a hostilidade de Adri. Ele fixou o olhar em Cinder. – Ela é minha convidada pessoal.

Ele olhou em volta, acima das cabeças da plateia chocada, em direção ao palco, onde a orquestra estava em silêncio.

– Esta é uma noite de celebração e diversão – disse ele em voz alta. – Por favor, voltem a dançar.

A banda começou, hesitante no início, até que a música novamente tomou o salão de baile – Cinder não conseguia se lembrar de quando a música parara, mas sua audição ainda estava confusa devido ao barulho das fofocas ao seu redor.

Kai olhava para ela de novo. Ela engoliu em seco e percebeu que tremia – de raiva, terror e nervoso, e pela sensação de ter sido capturada pelos olhos castanhos dele. Sua mente estava em branco, incerta se queria agradecer a ele ou se virar e continuar gritando com sua madrasta, mas ele não lhe deu a chance de fazer nenhuma das duas coisas.

Kai esticou o braço, pegou a mão dela e, antes que ela percebesse o que estava acontecendo, a afastou de sua madrasta e da meia-irmã e a tomou em seus braços.

Eles estavam dançando.

O coração palpitando, Cinder desviou o olhar dele e olhou por cima do ombro de Kai.

Eles eram os únicos a dançar.

Kai havia percebido isso também, porque tirou levemente a mão da sua cintura, gesticulou para a multidão pasma e disse, em um tom encorajador e de comando, ao mesmo tempo:

– Por favor, vocês são meus convidados. Aproveitem a música.

Constrangidos, os mais próximos trocaram olhares com seus próprios parceiros, e logo a pista estava repleta de saias em

movimento e caudas de casacas. Cinder arriscou uma olhada para o local onde haviam largado Adri e Pearl – elas ainda estavam paradas no meio da multidão em movimento, observando enquanto Kai sabiamente guiava Cinder para cada vez mais longe delas.

Pigarreando, Kai murmurou:

– Você não faz a menor ideia de como dançar, não é?

Cinder fixou o olhar nele, a mente ainda titubeando.

– Eu sou *mecânica*.

As sobrancelhas dele se ergueram em gozação.

– acredite, eu percebi. Essas manchas nas luvas que lhe dei são de graxa?

Envergonhada, ela olhou para os dedos entrelaçados deles e as manchas negras nas luvas de seda branca. Antes que pudesse se desculpar, sentiu que era afastada com delicadeza e girada nos braços dele. Ela arfou, por um momento sentindo-se leve como uma borboleta, antes de tropeçar em seu pé de ciborgue menor do que o ideal e cair no abraço dele.

Kai deu um sorrisinho, conduzindo as costas dela para a altura do braço, mas não a provocou.

– Então aquela é a sua madrasta.

– Guardiã legal.

– Certo, o erro foi meu. Ela parece uma pessoa realmente encantadora.

Cinder riu e seu corpo começou a relaxar. Sem nenhuma sensibilidade no pé, era como tentar dançar com uma bola de ferro soldada no calcanhar. Sua perna começava a doer de

carregá-la, mas ela resistiu ao impulso de mancar, visualizando a sempre graciosa Pearl em seu vestido de baile e seus saltos, e forçou seu corpo a se conformar.

Pelo menos, seu corpo parecia estar memorizando o padrão dos passos de dança, executando cada movimento de forma ligeiramente mais fluida do que o anterior, até que ela quase sentisse saber o que estava fazendo. É claro, a delicada pressão da mão de Kai em sua cintura não era nada ruim.

– Sinto muito por isso – disse ela. – Por ela e por minha meia-irmã. Você acredita que elas pensam que *eu* sou motivo de vergonha? – Ela fez com que o comentário soasse como uma piada, mas não podia evitar analisar a reação dele, esperando pelo momento em que ele perguntaria se era verdade.

Se ela era realmente um ciborgue.

Então, conforme o sorriso dele começou a desmoronar, percebeu que o momento viera muito antes, e ela desesperadamente desejou nunca ter feito o comentário. Preferia que eles continuassem fingindo para sempre que seu segredo estava guardado. Que ele ainda não sabia.

Que ele ainda queria que ela fosse sua convidada pessoal.

– Por que você não me contou? – perguntou Kai, sua voz mais baixa apesar do barulho de risadas e saltos retinindo que preenchia o ar ao redor deles.

Cinder abriu a boca, mas suas palavras entalaram na garganta. Ela queria refutar a declaração de Pearl, chamá-la de mentirosa. Mas a que aquilo a levaria? A mais mentiras. Mais traição. Os dedos em sua mão de metal apertaram mais o ombro dele, o

duro, impiedoso limite do membro. Ele não vacilou, apenas esperou.

Ela queria se sentir aliviada porque agora eles não tinham mais segredos um para o outro, mas isso também não era totalmente verdadeiro. Ele ainda não sabia que ela era lunar.

Ela abriu a boca de novo, incerta do que ia dizer até que as famosas palavras lhe ocorreram.

– Eu não sabia como.

Os olhos de Kai se suavizaram, pequenas rugas formando-se nos cantos.

– Eu entenderia – respondeu ele.

De maneira quase imperceptível, ele chegou mais perto, e Cinder viu seu cotovelo subir até o ombro dele de um jeito que parecia impossivelmente natural. Ainda assim, ele não recuou. Não encolheu o ombro nem o tensionou.

Ele sabia e, mesmo assim, não estava enojado? Ainda a tocava? De alguma forma, inacreditavelmente, talvez ele ainda gostasse dela?

Ela sentiu que choraria se tivesse essa opção.

As pontas dos dedos dela, com hesitação, se enrolaram no cabelo da nuca dele, e Cinder percebeu que tremia, certa de que ele a afastaria a qualquer momento. Mas ele não fez isso. E também não recuou. Não fez careta.

O lábios dele se separaram, apenas um pouco, e Cinder imaginou se talvez ela não era a única a ter dificuldade para respirar.

– É só que... – começou ela, correndo a língua pelos lábios. – Isso não é algo de que eu goste de falar. Eu não contei a ninguém que...

– Que não conhecia ela?

As palavras de Cinder evaporaram. *Ela?*

Com dedos rígidos, ela os tirou do cabelo dele e pousou a mão de volta em seu ombro.

A intensidade do olhar de Kai se derreteu em solidariedade.

– Eu entendo por que você não disse nada. Mas agora me sinto egoísta. – A mandíbula dele se contraiu e a testa se franziu em uma expressão de culpa. – Eu sei, eu devia ter concluído depois que você me falou que ela estava doente, para começar, mas com a coroação, a visita da rainha Levana e o baile, eu só... Acho que esqueci. Sei que isso faz de mim o maior patife do mundo, e eu devia ter me dado conta de que sua irmã tinha... e por isso você estava ignorando meus comunicados. Faz sentido agora. – Ele a trouxe mais para perto, até que ela quase pudesse deitar a cabeça no seu ombro, mas ela não o fez. O corpo de Cinder ficara tenso de novo, os passos de dança esquecidos. – Eu só queria que você tivesse me contado.

Cinder fixou o olhar no vazio, para além do ombro dele.

– Eu sei – disse –, eu devia ter contado.

Ela sentiu como se todas as suas partes sintéticas estivessem se comprimindo, esmagando-a por dentro.

Kai não sabia.

Lamentava por ter sentido a presença confortante da aceitação, só para ser confinada ao segredo novamente, o que

era ainda mais insuportável do que mentir para ele, para começar.

– Kai – disse ela, sacudindo a autocomiseração que a ameaçou. Ela recuou a distância de um braço, fazendo com que voltassem à posição aceitável para dois estranhos, ou de uma mecânica dançando com seu imperador. Pela primeira vez, Kai errou um passo de dança, os olhos surpresos. Ela ignorou a culpa que arranhava sua garganta.

– Eu vim até aqui para lhe contar uma coisa. É importante. – Ela olhou em volta, assegurando-se de que ninguém os ouvia. Embora tivesse percebido alguns semblantes fechados de ciúmes mirando-a, ninguém estava perto o bastante para ouvi-los acima da música, e a rainha lunar não estava em nenhum lugar à vista. – Escute. Você não pode se casar com Levana. Independente do que ela quiser, independente do que ela ameaçar.

Kai corou com a menção à rainha.

– O que você está querendo dizer?

– Ela não quer apenas a Comunidade. Ela vai começar uma guerra contra a Terra de qualquer forma. Ser imperatriz será apenas uma forma de abrir o caminho.

Foi a vez de ele olhar em volta, simultaneamente transformando seu olhar de pânico em indiferença, embora de perto Cinder pudesse enxergar temor.

– E tem mais. Ela *sabe* sobre Nainsi... sobre o que Nainsi descobriu. Ela sabe que você estava tentando encontrar a princesa Selene, e, a partir do que você descobriu, está agora

caçando a garota. Ela tem gente procurando Selene... se é que já não a encontrou.

Os olhos se arregalando, Kai olhou de volta para ela.

– E você sabe – continuou Cinder, não permitindo que ele a interrompesse –, você *sabe* que ela não perdoará você por tentar encontrar a princesa. – Ela engoliu em seco. – Kai, assim que você se casar com Levana, e ela tiver o que quer... vai matar você.

A cor sumiu do rosto dele.

– Como você sabe de tudo isso?

Ela respirou fundo, de certa forma exausta por relatar toda a informação, como se tivesse apenas reservado energia suficiente para chegar até aquele momento.

– O chip de comunicação direta que encontrei em Nainsi. Havia uma garota, que é a programadora... ugh. É complicado. – Ela hesitou, pensando que deveria dar o chip a Kai enquanto podia. Ele talvez fosse capaz de conseguir mais informações com a garota. O problema era que, em sua pressa de ir ao baile, ela o guardara no compartimento na panturrilha. Seu estômago afundou. Recuperá-lo agora significava revelar-se a Kai e a todos ao seu redor.

Ela engoliu em seco, espantando sua aflição. Salvar seu próprio orgulho era o mais importante para ela?

– Há algum lugar aonde possamos ir? – pediu ela. – Longe da multidão? Vou lhe contar tudo.

Ele olhou em volta. Em sua dança, haviam percorrido quase toda a extensão do salão de baile, e agora estavam diante de portas maciças que se abriam para os jardins reais. Além dos

degraus, um salgueiro pingava por causa da chuva pesada e um pequeno lago quase transbordava. O estrondo do impacto da chuva vinha em ondas, quase suplantando o som da orquestra.

– Os jardins? – disse ele, mas antes que pudesse se mover, uma sombra caiu sobre os dois. Olhando para cima, Cinder viu a expressão contrariada de um oficial real, olhando para Kai com os lábios tão cerrados que começavam a embranquecer. Ele não tomou conhecimento da presença de Cinder.

– Vossa Majestade – disse o homem, com rosto tenso. – Está na hora.

CAPÍTULO

Trinta e Cinco

CINDER OLHOU PARA O HOMEM, SUA LIGAÇÃO COM O BANCO DE rede informando que ele era Konn Torin, conselheiro real.

– Está na hora? – perguntou ela, meio se desculpando, meio temerosa. Seu estômago se revirou. – Hora de quê?

Kai encarou-a, cheio de temor. Engoliu em seco.

– Hora de selar o destino da Comunidade Oriental.

– Não – sibilou ela. – Kai, você não pode...

– Vossa Majestade – disse Konn Torin, ainda sem se dignar a cruzar seu olhar com o de Cinder. – Permiti que você tivesse sua liberdade, mas está na hora de dar um fim a isso. Você está passando vergonha.

O olhar de Kai caiu, antes que ele fechasse os olhos. Kai esfregou a testa.

– Só um instante. Eu preciso de um instante para pensar.

– Nós não temos um instante. Já passamos da hora e novamente...

– Há novas informações – disse Kai, com a voz áspera. O semblante de Konn Torin se tornou sombrio, e ele lançou um olhar cheio de suspeita para Cinder. Ela estremeceu diante da desaprovação; pela primeira vez, o ódio era direcionado a ela não

porque era um ciborgue, mas porque era uma garota normal, indigna da atenção do imperador.

Daquela vez, não podia discordar.

Se ela deixou transparecer a compreensão em seu rosto, o conselheiro a ignorou.

– Vossa Majestade. Com todo o respeito, você não pode mais se dar o luxo de ser um adolescente apaixonado. Você tem um dever a cumprir com seu povo.

Deixando cair a mão, Kai encontrou o olhar de Konn Torin, os olhos vazios.

– Eu sei – respondeu. – Farei o que for melhor para ele.

Cinder juntou todo o tecido da saia com as duas mãos, a esperança crescendo dentro dela. Ele entendera seus alertas. Entendera o erro que estaria cometendo se concordasse em se casar com Levana. Ela conseguira.

Mas, em seguida, ele se virou para ela, e a esperança se esstraçalhou ao ver a impotência gravada em linhas profundas ao longo de sua testa.

– Obrigado por me alertar, Cinder. Ao menos não vou me meter nessa completamente cego.

Ela sacudiu a cabeça.

– Kai, você *não pode*.

– Eu não tenho escolha. Ela tem um exército que pode nos destruir. Tem o antídoto de que precisamos... Tenho que arriscar.

Cinder cambaleou para trás como se as palavras dele a tivessem acertado como o tapa que ela receberia antes se Kai não a tivesse protegido. Ele se casaria com a rainha Levana.

A rainha Levana seria imperatriz.

– Sinto muito, Cinder.

Kai parecia tão arrasado quanto ela, e ainda que seu corpo tivesse se tornado pesado e imóvel, Kai encontrou forças para se virar com a cabeça erguida e começar a caminhar na direção da plataforma no fim do salão de baile, onde anunciaria a decisão àqueles que se reuniam.

Ela vasculhou seu cérebro em busca de qualquer coisa que pudesse fazer para mudar a decisão dele. Mas o que mais havia?

Kai sabia que Levana ainda começaria uma guerra, e que provavelmente tentaria matá-lo após o casamento. Provavelmente sabia mais sobre os feitos cruéis e diabólicos dela do que Cinder, e nada daquilo fizera diferença. De alguma forma, Kai ainda era ingênuo o bastante para pensar que coisas melhores do que piores viriam da união. Ele não impediria que aquilo acontecesse.

A única outra pessoa que tinha poder para deter aquele casamento era a própria rainha.

Um punho se fechou em volta do coração de Cinder.

Antes que ela soubesse o que estava fazendo, disparou atrás de Kai. Agarrou o cotovelo dele e o virou para que a encarasse.

Sem hesitar, Cinder passou os braços ao redor do pescoço dele e o beijou.

Kai congelou, o corpo tão tenso quanto o de um androide contra o dela, mas seus lábios estavam macios e quentes. Embora Cinder pretendesse que fosse um beijo curto, quando deu por si, estava protelando. Um formigamento quente percorreu seu

corpo, surpreendendo-a e assustando-a, mas não de uma forma desagradável, explodindo como eletricidade em seus fios. Dessa vez, ela não teve uma sobrecarga. Dessa vez, sua fiação não ameaçou queimá-la de dentro para fora.

O desespero derreteu e, pelo mais breve dos momentos, os motivos ocultos desapareceram. Ela se descobriu beijando-o por nenhuma outra razão além de querer fazê-lo. Queria que ele soubesse que ela também desejava isso.

Não tinha percebido o quanto queria que Kai retribuísse o beijo até se tornar claro que ele não o faria.

Cinder se afastou novamente. Suas mãos permaneceram nos ombros de Kai e ainda tremiam devido à energia dentro dela.

Kai ficou boquiaberto, os lábios entreabertos, e apesar da reação instintiva de Cinder ser a de recuar e pedir imensas desculpas, ela se controlou.

– Talvez – disse ela, testando a voz antes de elevar o tom o suficiente para que tivesse certeza de que a multidão ia ouvi-la. – Talvez a rainha não aceite sua proposta, uma vez que saiba que já está apaixonado por mim!

As sobrancelhas de Kai subiram mais ainda.

– O quê...?

Ao lado dele, o conselheiro inspirou fundo por entre os dentes, e uma série de suspiros e sussurros atravessou a multidão. Cinder percebeu que a música havia parado novamente, pois os músicos se levantaram, tentando dar uma olhada no que estava acontecendo.

A explosão de uma risadinha jovial cortou o constrangimento. O som, embora repleto da doçura de um riso de criança, enviou calafrios à espinha de Cinder.

Tirando as mãos do pescoço de Kai, ela se virou lentamente.

A multidão também seguiu o ruído, girando junto como marionetes presas por cordas.

E lá estava a rainha Levana.

Encostada em uma das colunas que ladeavam a porta para os jardins, segurando uma taça de vinho de ouro em uma das mãos e pressionando os dedos da outra a seus sorridentes lábios vermelhos. Sua imagem era a perfeição. Sua postura não poderia ser mais equilibrada se tivesse sido esculpida da mesma pedra que o pilar. Ela usava um vestido azul royal, que brilhava com o que provavelmente eram diamantes, dando a distinta impressão de serem estrelas do céu de um verão sem fim.

A luz laranja piscou no canto do campo de visão de Cinder. O encanto da rainha, a mentira sem fim.

Além da rainha, um guarda lunar estava posicionado um pouco à frente da porta, seu cabelo vermelho gritante arrepiado como a chama de uma vela. Um homem e uma mulher vestidos com o uniforme dos taumaturgos reais também ficaram por perto, aguardando ordens da soberana. Todos os dois eram belíssimos e, ao contrário da rainha, sua beleza não parecia ser uma ilusão. Cinder se perguntou se isso era um requisito para servir o trono lunar ou se Levana era a única lunar na galáxia que não tinha nascido com os olhos brilhantes e a pele perfeita.

– Que encantadoramente ingênuo – disse a rainha, deixando escapar outra risadinha. – Você deve compreender mal minha cultura. Em Luna, consideramos a monogamia nada mais do que um sentimentalismo arcaico. Que me importa se meu futuro marido é apaixonado por outra... – ela fez uma pausa, seus olhos escuros analisando o vestido de Cinder – mulher?

Terror envolveu a garganta de Cinder enquanto os olhos da rainha pareciam atravessá-la. A rainha sabia que Cinder era lunar. Ela conseguia perceber.

– O que me preocupa – continuou a rainha Levana, sua voz soando como uma doce canção de ninar que a cortava com as palavras seguintes – é que parece que meu noivo se apaixonou por uma cascuda. Estou enganada?

Os taumaturgos concordaram com a cabeça, seus olhos fixos em Cinder.

– Ela sem dúvida tem o cheiro de uma – disse a mulher.

Cinder franziu o nariz. Segundo o dr. Erland, ela não era realmente uma cascuda, e ela se perguntou se a mulher estava inventando aquele insulto para zombar dela. Ou talvez estivesse sentindo o cheiro do vapor da gasolina.

De repente, sua rede reconheceu a mulher, e Cinder se esqueceu da afronta. Ela era a diplomata que estivera em Nova Pequim durante semanas, cuja imagem aparecera em todos os noticiários, embora Cinder nunca tivesse prestado muita atenção.

Sybil Mira, taumaturga-chefe da rainha lunar.

Sra. Sybil, a menina dissera no chip de comunicação direta. Aquela era a mulher que a obrigara a montar o equipamento de espionagem, que havia colocado o chip em Nainsi.

Cinder tentou relaxar, surpresa que seu painel de controle não houvesse entrado em curto-circuito com toda a adrenalina correndo em suas veias. O que ela não daria por uma arma, mesmo uma simples chave de fenda para se proteger – qualquer coisa além daquele pé inútil e luvas de seda fina.

Kai deixou Cinder, marchando em direção à rainha.

– Vossa Majestade, peço desculpas por esta interrupção – disse ele, Cinder só ouvindo suas palavras quando ajustou sua interface de áudio. – Mas não precisamos fazer uma cena na frente dos meus convidados.

Os olhos da rainha, negros como carvão, faiscaram com a luz quente do salão.

– Parece que você é perfeitamente capaz de fazer uma cena sem a minha ajuda. – Seu sorriso tornou-se um beicinho brincalhão. – Ah, querido, parece que estou mais magoada do que julguei por sua volubilidade. Eu acreditava ser sua convidada pessoal esta noite. – Mais uma vez, seus olhos acariciaram o rosto do Cinder. – Você *não pode* achá-la mais bonita do que eu. – Ela estendeu um dedo e traçou a mandíbula de Kai com a unha. – Meu querido, você está *corando*?

Kai afastou a mão de Levana, mas antes que pudesse responder, ela se virou para Cinder e sua expressão se encheu de nojo.

– Qual é o seu nome, criança?

Cinder engoliu em seco, obrigando seu nome a sair da garganta.

– Cinder.

– Cinder. – Uma risada condescendente. – Que apropriado. Cinzas. Poeira. *Sujeira*.

– Chega! – interrompeu Kai, mas Levana passou por ele com facilidade, o vestido cintilante balançando em seus quadris. Ela segurou seu copo de vinho no ar, como se estivesse preparada para cumprimentar o príncipe por um jantar tão agradável.

– Diga-me, Cinder – disse ela –, de qual pobre moça da Terra você roubou esse nome?

A mão de Cinder voou para seu pulso e agarrou a luva de seda e a pele que escondiam seu chip de identificação, ainda dolorido pela pequena incisão que fizera mais cedo. Um peso se instalou na boca de seu estômago.

A rainha fungou.

– Vocês, cascudos – disse ela, erguendo a voz para a multidão –, acham que são tão inteligentes. Então, você roubou o chip do pulso de uma terráquea morta. Assim conseguiu entrar no sistema do governo. Acha que se passa por humana, que pode existir aqui, sem quaisquer repercussões. Vocês são tolos.

Cinder apertou o maxilar. Ela queria explicar que não tinha lembrança de nada *além* de ser terráquea – nada além de ciborgue. Mas de quem ela estaria se defendendo? Certamente não era da rainha. E Kai... Kai, que olhava entre ela e a rainha, tentando encaixar as peças das palavras de Levana em sua cabeça.

A rainha voltou-se para o imperador.

– Não só abrigando lunares, mas também se misturando com eles. Estou decepcionada com você, Vossa Majestade. – Ela estalou a língua. – O fato de esta menina viver dentro de suas fronteiras prova que você está violando o Acordo Interplanetário. Eu levo o desrespeito descarado a tal estatuto muito a sério, imperador Kaito. Na verdade, poderia justificar uma proposta de guerra. Eu insisto que esta traidora seja encarcerada e devolvida a Luna imediatamente. Jacin?

Um segundo guarda lunar saiu da multidão, tão bonito quanto os outros, com longos cabelos loiros e graves olhos azul-claros. Sem aviso, agarrou os pulsos de Cinder, prendendo-os atrás dela. Ela suspirou, seu olhar sobrevoando descontroladamente a plateia reunida enquanto gritos alarmados se espalhavam.

– Pare! – Kai correu em direção a Cinder e agarrou seu cotovelo. Ele a puxou para si e ela tropeçou, mas o guarda não afrouxou seu aperto.

O guarda puxou Cinder novamente e seu braço, escorregadio por causa das luvas de seda, foi arrancado das mãos de Kai. Ela se viu grudada ao lunar. O peito dele era sólido por detrás dela e um fraco zumbido ressoava em sua cabeça, como eletricidade estática no cabelo.

Magia, ela percebeu. Bioeletricidade zumbindo dentro dele.

Será que todos poderiam ouvi-lo de tão perto, ou seria mais um sinal de seu dom a despertar?

– Solte-a! – disse Kai, apelando para a rainha. – Isso é um absurdo. Ela não é fugitiva, nem mesmo é lunar. Ela é apenas uma

mecânica!

Levana ergueu uma sobrancelha fina. Seus olhos brilhantes ultrapassaram Kai, pousando em Cinder com um olhar ao mesmo tempo belo e cruel.

O calor estava aumentando na coluna de Cinder, um calor constante e crescente. Ela temia um colapso. A dor viria, ela desmaiaria e seria inútil.

– Bem, Cinder? – disse a rainha Levana, agitando o vinho pálido.
– Parece que você vem mantendo segredos de seus superiores reais. Você deseja refutar minha alegação?

Kai se virou para ela, e ela pôde sentir seu desespero, mesmo que não conseguisse olhá-lo. Ela se concentrou apenas na rainha, seu maxilar doendo com a tensão e o ódio.

Ela estava contente que lágrimas não revelariam sua humilhação. Contente que nenhum sangue em seu rosto revelaria sua raiva. Contente que seu odioso corpo de ciborgue servia para alguma coisa enquanto ela se agarrava a sua dignidade despedaçada. Levantou o olhar, fixando-o na rainha.

Seu visor começou a entrar em pane, observando seus níveis elevados de adrenalina, a pulsação acelerada. Advertências piscavam diante dela, mas ela as ignorou, por incrível que pareça, calma.

– Se eu não tivesse sido trazida à Terra – respondeu –, seria uma escrava sob seu governo. Não vou pedir desculpas por escapar.

No canto do olhar, viu o rosto de Kai desmoronar, olhos arregalados enquanto a verdade tornava-se inegável. Ele vinha

cortejando uma lunar.

Um grito ecoou da multidão. Uma série de gritinhos sufocados, um baque suave. Adri tinha desmaiado.

Engolindo em seco, Cinder endireitou os ombros.

– Não quero desculpas – disse Levana, lançando um sorriso perverso. – Eu só quero ver os erros de sua vida corrigidos de forma rápida e garantida.

– Você quer me ver morta.

– Como ela é inteligente. Sim, quero. E não só você, mas todos como você. Vocês, cascudos, são uma ameaça à sociedade, um perigo para nossa cultura ideal.

– Porque você não pode fazer lavagem cerebral para nos convencer a adorar você como faz com o resto das pessoas?

Os lábios da rainha afinaram, endurecendo como gesso no rosto. Sua voz baixou, gelando a sala. Uma súbita explosão de chuva atrás dela sacudiu as janelas.

– Não é só para o meu povo, mas para todos os terráqueos também. Vocês, cascudos, são uma praga. – Ela fez uma pausa, a leveza retornando a seus olhos, como se fosse rir. – Literalmente, parece.

– Minha rainha – disse a mulher de cabelos escuros – se refere à chamada febre azul, que causou tantos estragos em seus cidadãos. E, claro, na própria família real... que o imperador Rikan descanse...

– O que isso tem a ver? – interrompeu Kai.

A mulher enfiou as mãos nas mangas em forma de sino de seu casaco cor de marfim.

– Seus brilhantes cientistas ainda não chegaram a essa conclusão? Muitos lunares não dotados são portadores de letumose. Eles a trouxeram para a Terra. E continuam a espalhá-la, sem preocupação, ao que parece, pelas vidas que estão tomando.

Cinder balançou a cabeça.

– Não – disse ela. Kai virou-se para ela, inconscientemente dando um passo adiante. Ela sacudiu a cabeça com mais veemência. – Eles não sabem que estão fazendo isso. Como poderiam? E, claro, os cientistas já descobriram, mas o que podem fazer, além de tentar encontrar uma cura?

A rainha riu com energia.

– Ignorância é a sua defesa? Quão banal. Você deve ver a verdade, o fato de que você *deveria* estar morta. Seria muito melhor para todos se estivesse.

– E, só para *constar* – disse Cinder, erguendo a voz –, eu não sou cascuda.

A rainha sorriu maliciosamente, sem se convencer.

– Basta – disse Kai. – Não me importa onde ela nasceu. Cinder é uma cidadã da Comunidade das Nações Orientais. Eu não vou permitir que a prendam.

Levana não tirou o olhar de Cinder.

– Abrigar um fugitivo é motivo para guerra, jovem imperador. Você sabe disso.

A visão de Cinder esmaeceu enquanto sua retina derramava sobre ela um diagrama sem sentido. Ela fechou os olhos com

força, xingando. Aquele não era o momento para uma avaria cerebral.

– Mas talvez – disse a rainha – possamos chegar a algum tipo de acordo.

Cinder abriu os olhos. A película escura permaneceu, mas o diagrama confuso tinha desaparecido. Ela se concentrou na rainha bem a tempo de ver uma curva cruel em seus lábios.

– Essa menina parece pensar que você a *ama*, e aqui está sua chance de prová-lo. – Ela baixou os cílios faceiramente. – Então, diga-me, Vossa Majestade, você está preparado para negociar por ela?

CAPÍTULO

Trinta e Seis

– NEGOCIAR – DISSE KAI. – PELA VIDA DELA?

– Bem-vindo ao mundo da política de verdade. – Levana tomou um gole de vinho. Apesar de seus lábios vermelho-sangue, nenhuma marca foi deixada no vidro.

– Este não é o momento nem o lugar para essa discussão – disse ele, mal contendo um rosnado.

– Não é? Parece-me que essa discussão envolve todos os seres neste salão. Afinal, você quer paz. Você quer manter seus cidadãos seguros. São metas admiráveis. – Seu olhar deslizou até Cinder. – Você também quer salvar essa criatura infeliz. Assim seja.

O coração de Cinder bateu forte, sua visão piscando ao focar em Kai.

– E você? – perguntou Kai.

– Eu quero ser imperatriz.

Cinder se contorceu sob o aperto do guarda.

– Kai, não. Você não pode fazer isso.

Ele se voltou para ela. Seu olhar era turbulento.

– Não vai fazer diferença – disse Cinder. – Você sabe que não vai.

– Cale a boca da moça – ordenou Levana.

O guarda colocou uma das mãos na boca de Cinder, apertando-a com força contra seu peito, mas não conseguia impedir que seus olhos suplicassem. *Não faça isso. Eu não valho a pena, você sabe disso.*

Kai andou até a porta. Ele olhou para a tempestade lá fora por um momento, os ombros tremendo, antes de virar-se e varrer o salão com o olhar. O oceano de cores, seda e tafetá, ouro e pérolas. Os rostos assustados, confusos em volta. O baile anual. Cento e vinte e seis anos de paz mundial.

Ele soltou uma respiração estrangulada e endireitou os ombros tensos.

– Eu pensei ter deixado minha decisão bem clara. Apenas algumas horas atrás, falei ao meu país que faria qualquer coisa para mantê-lo seguro. Qualquer coisa. – Ele abriu as palmas das mãos, implorando para a rainha. – Eu reconheço prontamente que vocês são mais poderosos do que todos os reinos da Terra juntos, e não tenho vontade de testar nossas forças contra as suas. Também reconheço que sou ignorante quanto aos costumes de sua cultura e seu povo, e não posso condená-la pela forma como os tem governado. Acredito que sempre teve o interesse de seu povo como prioridade. – Ele encontrou o olhar de Cinder. Seus ombros enrijeceram. – Mas não é como quero que a Comunidade das Nações Orientais seja governada. Nós precisamos ter paz, mas não às custas da liberdade. Eu não posso... Eu não vou me casar com você.

O ar se esvaiu da sala, sussurros apressados cortando a multidão. Uma sensação de alívio preencheu Cinder, mas foi

esmagada quando Kai encontrou seu olhar, e ele não poderia parecer mais infeliz. Murmurou, simplesmente:

– Perdão.

Ela desejou que pudesse dizer-lhe que estava tudo bem. Que entendia. Aquela era a decisão que ela queria que ele tomasse desde o começo, e nada mudaria aquilo.

Não valia a pena começar uma guerra por causa dela.

Os lábios de Levana estavam apertados, seu rosto estático senão pela lenta contração da face, sua mandíbula quase cerrada. O escâner de retina de Cinder piscava loucamente no canto de sua visão, números e dados percorrendo a tela, mas ela os ignorou como se fossem um mosquito irritante.

– Você tomou sua decisão?

– Tomei – disse Kai. – A menina... A fugitiva será detida em nossa prisão até sua partida. – Ele ergueu o queixo como se se reconciasse com a decisão. – Eu não quis desrespeitá-la, Vossa Majestade. Desejo de todo coração que possamos continuar nossas discussões em prol de uma aliança justa.

– Não podemos – disse Levana. A taça em sua mão quebrou, mandando pedaços de cristal ao chão. Cinder deu um salto, um coro de gritos explodiu da multidão ao recuar, mas o guarda lunar pareceu imune à explosão. – As minhas exigências foram bem claras a seu pai, como têm sido bem claras a você, que é um tolo por negá-las – disse a rainha, jogando o fino pé da taça na coluna. Vinho escorreu por seus dedos. – Você insiste em negar meus pedidos?

– Vossa Majestade...

– Responda a pergunta.

O escâner de Cinder se iluminou, como se um holofote caísse sobre a rainha. Ela engasgou. Seus joelhos perderam as forças, e ela caiu apoiada ao guarda, que a pôs de pé novamente.

Ela fechou os olhos, certa de que estava imaginando coisas, e em seguida os abriu novamente. O diagrama estava realinhado. Retas apontavam os ângulos exatos do rosto de Levana. Coordenadas mostravam a posição dos olhos, o comprimento do nariz, a largura da testa. Uma ilustração perfeita se sobrepôs à mulher perfeita, e elas não eram compatíveis.

Cinder ainda estava olhando embasbacada para a rainha, tentando compreender as linhas e ângulos que seu escâner estava lhe mostrando, quando percebeu que a discussão havia acabado. Sua reação foi tão abrupta que a atenção de todos se voltou para ela.

– Pelas estrelas – sussurrou. Seu escâner estava vendo além da ilusão. Incólume ao glamour lunar, ele sabia onde os verdadeiros limites do rosto da rainha estavam, as imperfeições, as inconsistências. – É realmente uma ilusão. Você não é bela.

A rainha empalideceu. O mundo parecia ter congelado em torno dos diagramas no olhar de Cinder, os pequenos pontos e medições revelando o maior segredo da rainha. Ela ainda via o encanto da rainha, as maçãs do rosto altas e lábios carnudos, mas o efeito estava escondido sob a verdade do diagrama. Quanto mais olhava, mais dados seu visor reunia, gradualmente preenchendo as verdadeiras feições de Levana.

Ela estava tão extasiada com a lenta revelação que não percebeu Levana curvando os dedos longos ao seu lado. Só depois que uma corrente elétrica pareceu tremeluzir no ar foi que Cinder removeu seu foco dos rabiscos em sua visão.

A rainha flexionou os dedos. O guarda se afastou, soltando os pulsos de Cinder.

Firmando-se de pé, Cinder mal conseguiu não tombar para a frente – ao mesmo tempo que sua mão se esticou para trás, como se tivesse vontade própria, e tirou a arma do coldre do guarda.

Ela enrijeceu ao sentir a arma pesada de forma tão abrupta e inesperada em sua mão de aço.

Seus dedos deslizaram para o gatilho como se fosse uma extensão dela. A arma parecia confortável na palma de sua mão. Mas não deveria. Ela nunca tinha segurado uma arma antes.

Seu coração disparou.

Cinder levantou a arma, pressionando o cano contra a própria têmpora. Um grito trêmulo escapou de sua boca. Um fio de cabelo estava grudado nos lábios ressequidos. Os olhos dispararam para a esquerda, incapazes de ver a arma e a mão traidora que a segurava. Ela olhou para a rainha, para a multidão, para Kai.

Seu corpo todo tremia, exceto pelo braço confiante que segurava a arma pronta para matá-la.

– Não! Deixe-a em paz! – Kai correu para ela, agarrando seu cotovelo. Ele tentou puxá-lo, mas ela estava imobilizada, sólida como uma estátua. – Solte-a!

– K-Kai – gaguejou, o terror tomando conta dela. Ela implorou a sua mão que largasse a arma, implorou ao dedo que se afastasse do gatilho, mas foi inútil. Ela apertou os olhos. Sua cabeça latejava. NÍVEIS CRESCENTES DE ADRENALINA. CORTISONA. GLICOSE. RITMO CARDÍACO CRESCENTE. PRESSÃO ARTERIAL CRESCENTE. ALERTA, ALERTA...

Seu dedo se contraiu brevemente, e em seguida enrijeceu de novo.

Ela imaginou como a arma soaria. Imaginou o sangue. Imaginou seu cérebro desligando, não sentindo nada.

MANIPULAÇÃO BIOELÉTRICA DETECTADA.
INICIALIZANDO PROCESSO DE RESISTÊNCIA
3. . . 2. . .

Seu dedo soltou o gatilho de modo lento, deliberado.

Fogo explodiu em sua coluna vertebral, percorrendo rapidamente seus fios e nervos, deslizando pelos pinos de metal em seus membros.

Cinder gritou e forçou a arma a se afastar de sua cabeça. Com o braço esticado, o cano apontava para o teto. Ela parou de lutar. Puxou o gatilho. Um lustre se despedaçou acima dela, vidro e cristal e faíscas.

A multidão gritou e fugiu para a saída.

Cinder desabou de joelhos e se curvou para a frente, segurando a arma contra a barriga. Uma enorme dor a rasgou, cegando-a. Fogos de artifício explodiam em sua cabeça. Ela sentiu

como se seu corpo tentasse se livrar de todas as partes de ciborgue – explosões, faíscas e fumaça dilacerando sua pele.

A voz de Kai acima do tumulto em seus ouvidos a fez perceber que a dor estava diminuindo. Ela estava quente ao toque, como se alguém a tivesse jogado em um forno, mas a dor e o calor tinham se transferido para seu exterior, para sua pele e pontas dos dedos em vez de consumi-la por dentro. Cinder abriu os olhos. Pontos brancos salpicavam seu olhar. Seu visor exibia alertas vermelhos. Um diagnóstico rolava pelo canto de sua visão. A temperatura estava muito elevada, a frequência cardíaca disparada, a pressão arterial altíssima. Algumas substâncias estranhas, que seu sistema não reconhecia e não conseguia dissipar, tinham invadido seu sangue. Algo está errado, sua programação gritava para ela. *Você está mal. Você está doente. Você está morrendo.*

Mas ela não sentia como se estivesse morrendo.

Ela sentia seu corpo tão quente que se surpreendeu quando não incinerou o frágil vestido. Suor chiava ao evaporar em sua testa. Ela se sentiu diferente. Forte. Poderosa.

Em chamas.

Tremendo, sentou-se sobre os calcanhares e olhou para as mãos. A luva esquerda começara a derreter, formando manchas pegajosas de seda na mão de metal incandescente. Cinder podia ver a eletricidade chiando na superfície de aço, mas não conseguia dizer se eram seus olhos humanos ou ciborgue a detectá-la. Ou talvez, não humano. Não ciborgue.

Lunar.

Ela ergueu a cabeça. O mundo estava coberto por uma fria névoa cinza, como se tudo tivesse congelado, menos ela. Seu corpo estava começando a esfriar. Sua pele empalidecia, seu metal ficava opaco. Ela tentou cobrir a mão de metal – estupidamente, caso Kai não tivesse notado, caso tivesse sido cegado pelo brilho.

Ela trocou olhares com a rainha. Levana parecia soluçar de raiva quando seus olhares se encontraram. A rainha engoliu em seco e recuou um passo. Por um momento, ela quase pareceu estar com medo.

– Impossível – sussurrou ela.

Cinder convocou todos os nanobites de força que possuía para conseguir ficar de pé e apontou a arma para a rainha. Ela puxou o gatilho.

O guarda ruivo estava lá. A bala o atingiu no ombro.

Levana nem sequer vacilou.

O cérebro de Cinder alcançou seu corpo enquanto o sangue pingava sobre a armadura do guarda.

Cinder deixou cair a arma e correu. Sabendo que a multidão frenética era impenetrável, ela fugiu em direção à saída mais próxima, as portas maciças que levavam aos jardins. Passou o guarda, a rainha e a comitiva, com vidro sendo triturado sob suas botas roubadas.

O eco vazio do pátio de pedra. Uma poça espirrando em suas pernas. O cheiro fresco da chuva que se transformara em garoa.

A escada se estendia à sua frente. Doze passos e um jardim japonês, um muro muito alto, um portão, a cidade – a fuga.

No quinto degrau, ela ouviu o estalo dos parafusos. Os fios se soltaram, como tendões esticados ao máximo. Ela sentiu a perda de força na base da panturrilha, enviando um sinal de alerta ofuscante até seu cérebro.

Ela caiu, gritando, e tentou impedir a queda com a mão esquerda. Um choque de dor subiu pelo ombro até a coluna. O metal retiniu na pedra quando ela desabou no caminho de cascalho.

Estava deitada de lado. Buracos desgastaram sua luva onde Cinder havia tentado amortecer a queda. Sangue manchava a linda seda cor de creme em seu cotovelo direito.

Ela lutava para respirar. Sentiu sua cabeça subitamente pesada e a deixou afundar no chão, pedrinhas incomodando seu couro cabeludo. Seus olhos confusos focaram no céu, onde a tempestade tinha malogrado, deixando uma leve neblina que se agarrava aos cabelos e cílios de Cinder, refrescante em sua pele quente. A lua cheia tentava romper a cobertura de nuvens, queimando lentamente um buraco acima dela, como se planejasse engolir o céu inteiro.

Uma movimentação chamou sua atenção de volta para o salão. O guarda que a segurara alcançou as escadas e congelou. Um segundo depois, Kai estava ao lado dele e parava de repente, segurando o corrimão.

Seus olhos a assimilavam – o brilho dos dedos de metal, os fios faiscando na ponta de sua perna de metal amassada. Seu queixo caiu, e por um momento pareceu a ponto de vomitar.

Mais barulho no topo da escada. O homem e a mulher apareceram em seus uniformes de taumaturgos, e o guarda que ela tinha acertado, incontinente pelo ferimento gotejando. O conselheiro de Kai e finalmente a própria rainha Levana. Seu encanto tinha voltado com força total, mas toda a beleza não conseguia esconder a fúria que contorcia suas feições. Levantando a saia cintilante nas mãos, ela se moveu para descer os degraus em direção a Cinder, mas a taumaturga a deteve com delicadeza e apontou para a parede do palácio.

Cinder seguiu o movimento.

Uma câmera de segurança estava sobre eles – sobre ela. Vendo tudo.

Os últimos sinais de força escaparam de Cinder, deixando-a exausta e fraca.

Kai desceu as escadas com cuidado, como se estivesse se aproximando de um animal ferido. Curvando-se, ele pegou o pé ciborgue enferrujado que tinha caído da bota de veludo. Seu maxilar se retesou enquanto estudava o objeto, talvez o reconhecendo do dia em que conheceu Cinder no mercado. Ele não olhou para ela.

Os lábios de Levana se curvaram.

– Nojento – disse ela da porta, escondida com segurança dos olhos da câmera. Suas palavras eram altas e estranhamente forçadas em comparação com sua habitual voz melodiosa. – A morte seria misericordiosa.

– Ela não era uma cascuda mesmo – disse Sybil Mira. – Como escondeu isso?

Levana escarneceu.

– Não importa. Ela estará morta em breve. Jacin?

O guarda loiro desceu um único degrau em direção a Cinder. Ele estava segurando sua arma novamente, aquela que ela deixara cair.

– Espere. – Kai pulou os últimos degraus até estar no caminho diante dela. Parecia precisar forçar-se a olhar nos olhos dela, e chegou a vacilar. Cinder não conseguia interpretá-lo, a constante mudança de uma mistura de descrença, confusão e arrependimento. Seu peito arfava. Ele tentou falar duas vezes antes que as palavras saíssem, palavras silenciosas que nunca mais deixariam a cabeça de Cinder.

– Foi tudo uma ilusão? – perguntou ele.

Dor dilacerava seu peito, deixando-a sem ar.

– Kai?

– Estava tudo na minha cabeça? Foi um truque lunar?

O estômago dela se revirou.

– Não. – Ela balançou a cabeça com fervor. Como explicar que ela não tinha o dom antes? Que não poderia tê-lo usado contra ele? – Eu nunca mentiria...

As palavras esvaeceram. Ela havia mentido. Tudo o que ele sabia sobre ela era mentira.

– Sinto muito – concluiu ela, as palavras saindo desajeitadas ao ar livre.

Kai forçou-se a mover os olhos, a achar um lugar de conforto no belo jardim.

– É ainda mais doloroso olhar para você do que para ela.

O coração de Cinder murchou dentro dela até ter certeza de que pararia de bater completamente. Ela levou a mão ao rosto, sentindo a seda em sua pele úmida.

Trincando o maxilar, Kai virou-se para a rainha. Cinder olhou fixamente para as costas de sua camisa vermelha com as pombas da paz bordadas ao longo do colarinho. A mão ainda segurava seu pé ciborgue.

– Ela será levada sob custódia – disse ele, emitindo as palavras com pouca força. – Será detida até decidirmos o que fazer. Mas, se você matá-la hoje à noite, juro que nunca concordarei com qualquer aliança com Luna.

O olhar da rainha escureceu. Mesmo que ela concordasse, Cinder acabaria sendo levada de volta à Lua. E tão logo Levana a tivesse em seu poder, um laço seria colocado em volta de seu pescoço.

Kai estava ganhando tempo. Mas provavelmente não muito.

O que ela não conseguia entender era o porquê.

Cinder assistiu à rainha lutando contra seu temperamento, sabendo que poderia matar Cinder e Kai em um piscar de olhos.

– Ela será minha prisioneira – concedeu Levana finalmente. – Será devolvida a Luna e julgada sob o nosso sistema judicial.

Tradução: ela morreria.

– Eu entendo – disse Kai. – Em troca, você concordará em não declarar guerra contra o meu país ou o planeta.

Levana ergueu a cabeça, olhando para baixo de nariz empinado para ele.

– Concordo. Não declararei guerra contra a Terra por *esta* infração. Mas eu seria cautelosa, jovem imperador. Você já testou muito a minha paciência por hoje.

Kai inspirou uma única vez, inclinou a cabeça para ela e em seguida se afastou enquanto os guardas lunares desciam os degraus. Eles levantaram o corpo alquebrado de Cinder do caminho de cascalho. Ela fez o melhor que podia para ficar de pé, olhando para Kai, desejando que pudesse ter apenas um minuto para dizer-lhe que sentia muito. Um segundo para explicar.

Mas ele não a olhou enquanto ela era arrastada, passando por ele. Seus olhos estavam fixos no pé de aço sujo que agarrava com as duas mãos, seus dedos brancos pela força com que segurava o objeto.

CAPÍTULO

Trinta e Sete

ELA ESTAVA DEITADA DE COSTAS, OUVINDO A CONSTANTE BATIDA dos dedos metálicos na resina branca do chão da cela. De tudo que deveria estar ocupando sua mente, um único momento parecia preso em seus pensamentos, em uma repetição interminável.

Um dia de mercado, o ar úmido, o cheiro dos pães doces de Chang Sacha permeando a praça da cidade. Antes de isso tudo ter acontecido – antes de Peony ficar doente, antes de Levana vir para a Terra, antes de Kai a convidar para o baile. Ela era apenas uma mecânica, e ele era o príncipe com todos os encantos aos quais ela fingia ser imune. E ele estava lá, diante dela, enquanto ela se equilibrava em um único pé e tentava acalmar seu coração acelerado. Como mal conseguia olhar nos olhos dele. Como ele se inclinou para a frente, forçando-a a vê-lo, e sorriu.

Ali.

Aquele momento. Aquele sorriso.

Uma vez e outra, e outra.

Cinder suspirou e mudou o ritmo da batida de seus dedos.

A rede estava repleta de vídeos do baile. Ela assistira a exatamente 4,2 segundos das filmagens pela sua rede – ela em seu vestido de baile sujo tropeçando nos degraus – antes de desligar. A filmagem a fazia parecer louca. Sem dúvida, todo ser

humano da Terra ficaria feliz quando a rainha Levana se apossasse dela e a levasse de volta para Luna. Para seu “julgamento”.

Cinder ouviu os passos do guarda, abafados, no outro lado da porta da cela. Tudo em torno dela era branco, inclusive o macacão de algodão extremamente alvejado que a fizeram vestir, forçando-a a descartar o vestido destruído de Peony e o pouco da luva de seda que ainda não estava derretido ou rasgado. Eles também ainda não tinham se dado o trabalho de apagar as fortes luzes, deixando-a inquieta e exausta. Ela estava começando a se perguntar se não seria um alívio quando a rainha viesse buscá-la, se talvez ela lhe permitisse ao menos um momento de sono.

E ela só estava lá havia quatorze horas, trinta e três minutos e dezesseis segundos. Dezessete segundos. Dezoito.

A porta fez um barulho, assustando-a. Ela apertou os olhos em direção à pequena janela na porta, vendo a sombra da cabeça de um homem no portão de ferro. A parte de trás da cabeça. Nenhum dos guardas a olhava.

– Você tem uma visita.

Ela ergueu-se, se apoiando nos cotovelos.

– O imperador?

O guarda soltou uma curta risada.

– Sim, é claro. – Sua sombra desapareceu da grade.

– Por favor, abra a porta – disse uma voz familiar, com um sotaque familiar. – Preciso falar com ela em particular.

Cinder ergueu-se em um pé só, apoiando-se na parede lisa como vidro.

– Ela está sob segurança máxima – disse o guarda. – Eu não posso deixá-lo entrar. Você deve falar com ela através da grade.

– Não seja ridículo. Pareço uma ameaça à segurança?

Cinder pulou até a janela e subiu na ponta dos dedos. *Era* o dr. Erland, segurando um saco de linho claro. Ele ainda usava o jaleco, com os óculos prateados minúsculos sobre o nariz e o boné de lã na cabeça. Embora tivesse de erguer a cabeça para olhar nos olhos do guarda, não se intimidou.

– Eu sou o cientista líder da equipe real de pesquisa de letumose – disse o dr. Erland – e essa menina é minha principal cobaia. Preciso de amostras de sangue dela antes que deixe o planeta. – Ele retirou uma seringa do saco. O guarda cambaleou para trás surpreso, antes de cruzar os braços sobre o peito.

– Tenho que cumprir ordens, senhor. Você terá que obter uma autorização oficial do imperador que permita sua entrada.

O dr. Erland deixou seus ombros caírem e guardou a seringa de volta na sacola.

– Tudo bem. Se esse é o protocolo, eu entendo. – Mas, em vez de se afastar, ele mexeu com os punhos de suas mangas, sua expressão momentaneamente escurecendo, antes de lançar outro sorriso ao guarda. – Aqui, você vê? – disse, sua voz enviando uma sensação estranha para a espinha de Cinder. O médico continuou, a cadência de suas palavras calmante como uma canção. – Obtive a liberação necessária do imperador. Ele

indicou com as mãos em direção a porta da cela. – Pode abrir a porta.

Cinder piscou como se quisesse limpar teias de aranha de sua mente. Parecia que o dr. Erland queria ser preso também, mas, em seguida, o guarda se virou para ela com uma expressão perplexa e passou sua identificação no escâner. A porta se abriu.

Cinder cambaleou para trás, apoiando-se na parede.

– Agradeço muito – disse o médico, entrando na cela sem dar as costas para o guarda. – Vou pedir que nos dê um pouco de privacidade. Não demorarei mais do que um minuto.

O guarda fechou a porta sem discutir. Seus passos ecoaram pelo corredor.

O dr. Erland virou-se e deu um suspiro quando seus brilhantes olhos azuis caíram sobre Cinder. Seus lábios se abriram por um momento antes de ele virar a cabeça e fechar os olhos. Quando os abriu novamente, o olhar de espanto tinha suavizado em suas feições.

– Se havia qualquer dúvida, se foi agora. Pode lhe fazer bem praticar o controle do seu encanto.

Cinder apertou a bochecha com uma das mãos.

– Eu não estou fazendo nada.

O médico limpou a garganta, desconfortável.

– Não se preocupe. Você vai pegar o jeito. – Ele lançou seu olhar ao redor da cela. – Muito difícil a situação em que você se meteu, não é?

Cinder ergueu um dedo em direção à porta.

– Você tem que me ensinar esse truque.

– Seria uma honra, srta. Linh. É realmente muito simples. Se concentre em seus pensamentos, leve os de sua vítima em sua direção e deixe clara sua intenção. Internamente, é claro.

Cinder franziu a testa. Não parecia nem um pouco simples.

O médico ignorou o olhar.

– Não se preocupe. Você vai perceber que virá naturalmente quando precisar de seu dom, mas não temos tempo para lições. Eu preciso ser rápido antes que levante suspeitas em alguém.

– *Minhas* suspeitas aumentaram.

Ele a ignorou, seu olhar percorrendo Cinder – o macacão branco, volumoso e largo sobre seu corpo esguio, a mão de metal amassada e riscada pela queda, os fios coloridos que pendiam da perna da calça.

– Você perdeu seu pé.

– Sim, eu notei. Como está o Kai?

– O quê? Você não vai perguntar como eu estou?

– Você parece estar bem – disse ela. – Melhor do que o normal, na verdade. – Era verdade: a luz fluorescente da cela o deixava dez anos mais jovem. Ou, mais provável, ela percebeu, eram os efeitos prolongados de usar o seu dom lunar sobre o guarda. – Mas como ele está?

– Confuso, eu acho. – O médico deu de ombros. – Acredito que ele estivesse apaixonado por você. Descobrir que você é... Bem... Foi muito para assimilar, tenho certeza.

Cinder passou a mão pelos cabelos, frustrada, os fios emaranhados pelas quatorze horas que passara amassando-os entre os punhos.

– Levana o forçou a escolher. Casar com ela ou me entregar. Caso contrário, ela disse que iria declarar guerra com base em alguma lei sobre abrigar lunares fugitivos.

– Parece que ele tomou a decisão certa. Ele será um bom governante.

– A questão não é essa. Levana não se satisfará com a decisão por muito tempo.

– Claro que não. Nem teria deixado você viver por muito tempo se ele tivesse escolhido o casamento. Ela quer muito ver você morta, mais do que imagina. É por isso que ela deve acreditar que Kai fez tudo ao seu alcance para mantê-la confinada e está disposto a lhe entregar assim que ela retorne à Lua, o que não vai demorar muito, acho. Caso contrário, pode haver consequências horríveis para ele... e para a Comunidade das Nações Orientais.

Cinder olhou para ele, apertando os olhos.

– Parece-me que ele está fazendo tudo que pode para me manter confinada.

– De fato. – Ele girou os polegares. – Isso complica as coisas, não é?

– O que você...?

– Por que não nos sentamos? Você não pode estar confortável assim, em um pé só. – O dr. Erland afundou na única cama da cela. Cinder deslizou pela parede oposta a ele.

– Como está sua mão?

– Bem. – Ela flexionou os dedos de metal. – A articulação no meu dedo mindinho está ruim, mas poderia estar pior. Ah, e... –

Ela apontou para a têmpera. – Sem buracos na minha cabeça. Ainda estou feliz com isso.

– Sim, ouvi dizer como a rainha a atacou. Foi sua programação ciborgue que a salvou, não foi?

Cinder deu de ombros.

– Acho que sim. Eu recebi uma mensagem sobre manipulação bioelétrica, logo antes de... Eu nunca tinha recebido aquela mensagem, nem mesmo perto do seu encanto.

– Foi a primeira vez que um lunar a forçou a *fazer* algo, ao contrário de simplesmente acreditar ou sentir alguma coisa. E parece que sua programação funcionou como foi concebida: outra decisão impressionante do seu cirurgião, ou talvez tenha sido o protótipo de Linh Garan que fez isso. De qualquer maneira, Levana deve ter sido pega completamente desprevenida. Embora eu suspeite que a exibição explosiva que você criou não tenha cativado muitos terráqueos.

– Eu não sabia como controlar. Não sabia o que estava acontecendo. – Ela puxou os joelhos contra o peito. – Acho que é bom eu estar aqui. Não há lugar lá fora a que eu pertença, não depois disso. – Ela apontou para um lugar inexistente além das paredes brancas. – Ainda bem que Levana acabará com meu sofrimento.

– É mesmo, srta. Linh? É uma pena. Eu esperava que você tivesse herdado a garra do nosso povo.

– Desculpe. Pareço ter perdido minha energia quando meu pé caiu durante uma transmissão ao vivo.

O médico torceu o nariz para ela.

– Você se preocupa tanto com coisas tão bobas.

– *Bobas?*

O dr. Erland sorriu.

– Eu vim aqui por uma razão muito importante, sabe, e não temos o dia todo.

– Certo – resmungou Cinder enquanto arregaçava as mangas e estendia o braço para ele. – Colha quanto sangue você quiser. Não vou precisar dele.

O dr. Erland afagou seu cotovelo.

– Isso foi uma desculpa. Não estou aqui para coletar amostras de sangue. Existem lunares na África para testar se for preciso.

Cinder deixou o braço cair de volta para o colo.

– Na África?

– É, estou indo para a África.

– Quando?

– Dentro de três minutos. Há muito trabalho a ser feito, e será difícil concluí-lo em uma cela, portanto decidi ir para onde os primeiros casos de letumose foram documentados, em uma pequena cidade a leste do deserto do Saara. – Ele girou os dedos no ar, como se apontasse para um mapa invisível. – Espero encontrar alguns hospedeiros e convencê-los a se tornarem parte da minha pesquisa.

Cinder desenrolou a manga.

– Então, por que você está aqui?

– Para convidá-la a se juntar a mim. Quando for conveniente, é claro.

Cinder fez uma careta.

– Puxa, obrigada, doutor. Vou dar uma olhada na minha agenda para ver quando estarei disponível novamente.

– Eu espero que sim, srta. Linh. Aqui, tenho um presente para você. Dois, na verdade. – O dr. Erland enfiou a mão no saco e retirou uma mão e um pé de metal, ambos brilhando sob as luzes fortes. As sobrancelhas de Cinder se ergueram.

– De última geração – disse o dr. Erland. – Com todos os acessórios. Revestidos por titânio puro. E olhe! – Como uma criança com um brinquedo novo, ele mexeu os dedos da mão, revelando uma lanterna secreta, uma adaga, uma pistola, uma chave de fenda e um cabo conector universal. – É um pilar da utilidade. Os dardos tranquilizantes são armazenados aqui. – Ele abriu um compartimento na palma da mão, revelando uma dezena de dardos finos. – Assim que a fiação estiver sincronizada, você será capaz de carregar a arma com um simples pensamento.

– Isso é... fantástico. Agora, quando eu estiver para ser executada, posso ao menos levar alguns espectadores comigo.

– Exatamente! – Ele riu. Cinder franziu a testa, irritada, mas o dr. Erland estava muito ocupado admirando as próteses para notar. – Eu as mandei fazer especialmente para você. Usei o exame do seu corpo para garantir que tivessem as dimensões corretas. Se houvesse mais tempo, poderia ter feito um enxerto de pele, mas não podemos ter tudo, suponho.

Cinder pegou as partes quando ele as entregou, fiscalizando o trabalho com apreensão.

– Não deixe que o guarda veja isso, ou realmente estarei em apuros – disse ele.

– Obrigada. Eu com certeza estou animada para usá-los nos dois últimos dias da minha vida.

Com um sorriso malicioso, o dr. Erland percorreu com o olhar a pequena cela.

– Engraçado, não é? Tanto avanço, tanta tecnologia. Mas mesmo os sistemas de segurança mais complexos não são projetados com ciborgues lunares em mente. Acho que é bom não existirem muitos de vocês por aí, ou ganhariam uma má reputação pelas fugas de cadeias.

– O quê? Você está louco? – disse Cinder, baixando a voz para um sussurro áspero. – Você está sugerindo que eu deveria tentar escapar?

– Na verdade, estou um pouco louco esses dias. – O dr. Erland coçou sua bochecha. – Não tenho cura. Toda essa bioeletricidade sem ter para onde ir, nada a fazer... – Ele suspirou de forma excêntrica. – Mas não, srta. Linh, não estou sugerindo que *tente* escapar. Estou dizendo que *deve* escapar. E deve fazê-lo em breve. Suas chances de sobrevivência cairão drasticamente quando Levana vier buscá-la.

Cinder recostou-se na parede, sentindo o princípio de uma dor de cabeça.

– Olha, eu agradeço que se importe comigo, de verdade. Mas mesmo que eu pudesse encontrar um jeito de sair daqui, você sabe como Levana reagiria? Você mesmo disse que haverá

consequências terríveis se ela não conseguir o que quer. Não vale a pena começar uma guerra por *minha* causa.

Os olhos dele brilharam por trás dos óculos. Pareceu jovem por um momento, quase eufórico.

– Na verdade, vale.

Ela inclinou a cabeça, olhando-o com atenção. Talvez ele fosse realmente louco.

– Eu tentei lhe dizer quando você esteve no meu consultório semana passada, mas você teve que sair correndo para ver a sua irmã... Ah, e eu sinto muito sobre sua irmã, a propósito.

Cinder mordeu o interior de sua bochecha.

– De qualquer forma, sabe, eu tinha o seu DNA sequenciado. Isso me informou não só que você é lunar, não só que você não é uma cascuda, mas também algo sobre sua herança. Sua linhagem.

O batimento cardíaco de Cinder acelerou.

– Minha família?

– Sim.

– E? Eu tenho uma? Meus pais, eles estão... – Ela hesitou. Os olhos do dr. Erland se entristeceram com a sua explosão. – Eles estão mortos?

Ele tirou o boné.

– Sinto muito, Cinder. Eu deveria ter lhe contado isso de uma maneira melhor. Sim, sua mãe está morta. Não sei quem é seu pai nem se ele está vivo. Sua mãe era, digamos assim... conhecida por sua promiscuidade.

Cinder sentiu sua esperança murchar.

– Ah.

– E você tem uma tia.

– Uma tia?

O dr. Erland apertou o chapéu entre as mãos.

– Sim. A rainha Levana.

Cinder piscou, confusa.

– Minha querida. Você é a princesa Selene.

CAPÍTULO

Trinta e Oito

O SILÊNCIO PREENCHEU O AR ESTÉRIL ENTRE CINDER E O DR. também a nebulosidade nos pensamentos de Cinder. Seu rosto não se livrou da confusão.

– O quê?

O médico estendeu a mão e a colocou sobre a de Cinder.

– Você é a princesa Selene.

Ela se afastou dele.

– Eu não... O quê?

– Eu sei. Parece inacreditável.

– Não, parece... Isso é impossível. Por que você brincaria com uma coisa dessas?

Ele sorriu com delicadeza e afagou-lhe a mão novamente. Foi quando Cinder percebeu que sua visão estava clara. Sem luz laranja incomodando.

Perdeu o fôlego. Seu olhar caiu sobre os fios com as pontas saindo de seu tornozelo.

– Eu sei que vai levar tempo para você aceitar isso – disse o dr. Erland –, e eu gostaria de poder estar aqui para ajudá-la. E ajudarei. Direi tudo que você precisa saber quando chegar à África. Mas agora é fundamental que entenda por que você não

pode deixar Levana levá-la. Você é a única que pode destroná-la. Entendeu?

Ela balançou a cabeça, atordoadas.

– Princesa...

– *Não* me chame assim.

O dr. Erland rodou o chapéu no colo.

– Tudo bem. Srta. Linh, preste atenção. Estive procurando por você há tantos anos... Em Luna, eu conhecia o homem que trouxe você para a Terra e realizou sua cirurgia. Segui o rastro dele na esperança de encontrá-la, mas quando o achei ele já havia começado a enlouquecer. Tudo que pude tirar dele era que você estava em algum lugar aqui, na Comunidade. Eu sabia que devia procurar um ciborgue, uma adolescente, e mesmo assim houve tantas vezes em que pensei que também enlouqueceria antes de encontrá-la. Antes de conseguir lhe dizer a verdade. E então, você estava lá, de repente, no meu laboratório. Um *milagre*.

Cinder levantou a mão, interrompendo-o.

– Por quê? Por que eles me transformaram num ciborgue?

– Porque seu corpo foi danificado demais pelo fogo – disse ele, como se a resposta fosse óbvia. – Seus membros não podiam ser recuperados. É incrível que você tenha sobrevivido e que tenha conseguido ficar escondida por todos esses...

– Pare. Pode parar. – Cinder flexionou a prótese amassada da mão antes de envolver com os dedos o membro novinho que o médico tinha levado. Seus olhos corriam pela cela, sua respiração vinha em suspiros curtos. Ela fechou os olhos quando uma onda de tontura tomou conta dela.

Ela era...

Ela era...

– A pesquisa – sussurrou ela. – Você organizou a pesquisa para me encontrar. Um ciborgue... na Comunidade Oriental.

O dr. Erland se agitou, e quando ela se atreveu a olhar para cima novamente a culpa tomara conta dos seus olhos.

– Todos tivemos que fazer sacrifícios, mas se não impedirem Levana...

Largando a nova prótese, Cinder tapou os ouvidos e escondeu o rosto entre os joelhos. A pesquisa. Todos aqueles ciborgues. Tantas pessoas convencidas de que era a coisa certa. Que era melhor eles serem usados do que os humanos. Uma vez um projeto científico, sempre um projeto científico.

E ele só queria encontrá-la.

– Cinder?

– Eu vou vomitar.

O dr. Erland apertou seu ombro, mas ela o afastou.

– Nada do que aconteceu é sua culpa – disse ele. – E agora eu encontrei você. Podemos começar a acertar as coisas de novo.

– Como posso acertar as coisas? Levana vai me matar! – Ofegante, Cinder levantou a cabeça. – Espere. Ela sabe?

A sua memória lhe respondeu primeiro – Levana no topo da escada, com medo. *Furiosa*. Ela escondeu o rosto novamente.

– Ai, minhas estrelas, ela sabe.

– Seu encanto é único, Cinder, muito parecido com o da rainha Channary. Levana perceberia imediatamente quem você é, embora eu duvide que alguém mais tenha percebido, e Levana

vai tentar manter isso em segredo enquanto puder. Claro, ela não perderá tempo em matar você. Estou certo de que eles estão planejando sua partida, agora mesmo.

A boca de Cinder estava ressecada.

– Olhe para mim, Cinder.

Ela obedeceu. E, embora os olhos do médico fossem de um azul de tirar o fôlego, cheios de piedade e quase reconfortantes, de alguma forma ela sabia que ele não estava fazendo nada para manipular sua mente. Aquele era apenas um velho determinado a destronar a rainha Levana.

Um velho que tinha, de alguma forma, colocado todas as esperanças nela.

– Kai sabe? – sussurrou ela.

O dr. Erland balançou a cabeça, triste.

– Não posso me aproximar dele enquanto Levana estiver presente, e isso não é algo que eu possa enviar por um comunicado. Ela levaria você antes que eu tivesse a chance de vê-lo. Além disso, o que ele poderia fazer?

– Se ele soubesse, iria me liberar.

– E se arriscar a Levana voltar sua ira contra o país inteiro? Levana encontraria uma maneira de matá-la muito antes de você ter alguma esperança de recuperar o trono. Kai seria um tolo por fazer algo tão precipitado sem um plano.

– Mas ele merece saber. Ele está procurando por ela. Por... Ele esteve procurando por...

– Muitas pessoas estiveram à sua procura. Mas encontrar você e ser capaz de restaurá-la como rainha são dois objetivos muito

diferentes. Planejei este momento por muito tempo. Eu posso ajudá-la.

Cinder o encarou de um jeito estúpido, enquanto o pânico tomava conta de seus pulmões.

– Restaurar-me como rainha?

O médico limpou a garganta.

– Eu entendo que você esteja com medo agora, e confusa. Não pense muito. Tudo o que estou pedindo é que encontre uma forma de sair desta prisão. Eu *sei* que você consegue. Em seguida, vá para a África. Depois, vou guiá-la. Por favor. Não podemos deixar Levana vencer.

Ela não conseguia responder, não conseguia sequer começar a entender o que ele estava lhe pedindo. Princesa? Herdeira?

Cinder balançou a cabeça.

– Não. Eu não posso. Não posso ser rainha nem princesa nem... Não sou ninguém. Sou um ciborgue!

O dr. Erland cruzou as mãos.

– Se você não vai me deixar ajudá-la, Cinder, então ela já ganhou, não é? Logo a rainha Levana a levará embora. Ela encontrará uma maneira de se casar com Kai e se tornar imperatriz. Vai travar uma guerra contra a União Terráquea e, não tenho dúvida, será vitoriosa. Muitos morrerão, quem sobrar será feito escravo, assim como nós, lunares. É um destino triste, mas inevitável, suponho eu, se você não estiver disposta a aceitar quem você realmente é.

– Isso não é justo! Você não pode simplesmente jogar isso sobre mim e esperar que eu seja capaz de resolver alguma coisa!

– Não espero, srta. Linh. Tudo o que espero é que você encontre uma forma de sair desta prisão e venha me encontrar na África.

Ela o encarou, boquiaberta, enquanto aquelas palavras gradualmente penetravam em seu cérebro.

Escapar da prisão.

Ir para a África.

Parecia quase simples quando ele falava daquele jeito.

O médico deve ter visto algo mudar em seu rosto, porque ele bateu de leve em seu pulso novamente, então ficou de pé, com as articulações gemendo.

– Eu acredito em você – disse ele ao alcançar a porta e dar uma pancada na grade. – E mesmo que não saiba disso neste momento, Kai acredita em você também.

A porta da cela se abriu e o dr. Erland a saudou com o boné. Ele se foi.

Cinder esperou até que dois pares de passos soassem corredor abaixo antes de tremer convulsivamente e cair de joelhos, apertando as mãos nos ouvidos. Seu cérebro baixava informações mais rápido do que ela podia absorver: velhos artigos sobre o desaparecimento da princesa, entrevistas com teóricos da conspiração, imagens de escombros queimados do quarto de bebê onde sua carne queimada havia sido encontrada. Datas. Estatísticas. A transcrição da coroação de Levana quando a coroa passou para ela, a seguinte na linha de sucessão para o trono.

Data de nascimento da princesa Selene: 21 de dezembro do ano 109 da Terceira Era.

Ela era quase um mês mais jovem do que sempre acreditara ser. Era um fato pequeno, insignificante, e ainda assim por um momento teve a impressão distinta de que não tinha a menor ideia de quem era realmente. Nenhuma pista de quem seria.

E então veio a pesquisa com ciborgues. Todos os nomes daqueles que haviam participado antes dela piscaram na sua frente. Suas imagens, números de identificação, datas de nascimento, as datas em que haviam sido declarados mortos, honorariamente, por seu sacrifício para o bem da Comunidade das Nações Orientais.

Ela ouviu um relógio tiquetaqueando dentro de sua cabeça.

A respiração de Cinder vinha em engasgos difíceis conforme as informações inundavam sua mente. Pânico se agitou em seu estômago. Sentiu o gosto de bile na boca, queimando quando ela a engolia.

A rainha Levana viria até ela, e ela seria executada. Era seu destino. Cinder estava conformada. Preparara-se para isso. Não para ser uma herdeira. Nem para ser rainha ou heroína.

Seria tão simples deixar tudo acontecer. Tão fácil não lutar contra isso.

Em meio às confusas informações que retiniam em sua mente, seus pensamentos pousavam novamente no mesmo momento tranquilo capturado no tempo.

O sorriso despreocupado de Kai na feira.

Fechando-se como uma bola, Cinder desligou sua rede.

O barulho silenciou. As imagens e vídeos se tornaram um breu. Se ela não tentasse impedir Levana, o que aconteceria a Kai?

Embora tentasse bloquear a questão, ela continuava a assombrá-la, ecoando em seus pensamentos.

Talvez o dr. Erland estivesse certo. Talvez ela tivesse que fugir. Talvez devesse tentar.

Ela pegou os membros protéticos no colo e passou as mãos neles. Erguendo a cabeça, olhou para a grade na porta da prisão. O guarda nunca a fechara.

Um formigamento percorreu sua espinha. Uma estranha e nova eletricidade retumbava sob sua pele, dizendo-lhe que ela não era mais apenas um ciborgue. Era lunar agora. Podia fazer com que as pessoas vissem coisas que não estavam lá. Sentir coisas que não sentiam. Fazer coisas que não desejavam.

Podia ser qualquer um. *Tornar-se* qualquer um.

O pensamento a fez mal e a assustou, mas a decisão a acalmou de novo. Quando o guarda retornasse, ela estaria pronta.

Quando suas mãos pararam de tremer, ela deslizou o estilete para fora do novo dedo folheado de titânio e manobrou a lâmina no pulso. O corte ainda estava fresco quando ela começou a remover seu chip de identificação, para que eles não pudessem rastreá-la. Daquela vez, não haveria hesitação.

Logo, o mundo todo estaria procurando por ela – Linh Cinder.

Um ciborgue deformado com um pé faltando.

Uma lunar com identidade roubada.

Uma mecânica sem ninguém a quem recorrer, sem nenhum lugar para onde ir.

Mas estariam em busca de um fantasma.

Agradecimentos

EU TIVE A SORTE DE ESTAR CERCADA POR TANTAS PESSOAS MARAVILHOSAS que me apoiaram e me ajudaram a transformar uma ideia maluca no livro que você está segurando agora.

Minha mais profunda gratidão vai para minha agente, Jill Grinberg. É impossível expressar como me sinto honrada por ser representada por uma *rock star* como ela. Também sou grata ao restante da equipe de minha agência, Cheryl Pientka e Katelyn Detweiler, por todo o trabalho, dedicação e entusiasmo.

Agradeço muitíssimo às minhas editoras, Liz Szabla e Jean Feiwel, e a todos da Feiwel & Friends. A empolgação que mostraram por *Cinder* foi verdadeiramente inacreditável. Eu não poderia querer um grupo mais incrível de defensores.

Preciso agradecer aos meus amigos on-line e aos colegas blogueiros, que me incentivaram a cada passo do caminho. Em particular, muito obrigada aos meus primeiros leitores pelos incentivos, sugestões, críticas, sinceridade, apoio; e às fãs ocasionais: Whitney Faulconer, Tamara Felsinger, Jennifer Johnson, Rebecca Kihara e Meghan Pedra-Burgess.

Quero mandar um obrigada particularmente gigantesco a Gina Araner e Jennifer S. De Mello, Ph.D., por ajudarem com minhas perguntas sobre genética, mutações e bioeletricidade, e por encherem minha cabeça com todos os tipos de vocabulário

útil. Também sou imensamente grata a Paulo Manfredi, Ph.D., por sua assistência com as honrarias chinesas.

É claro que nada disso teria sido possível sem o apoio constante dos meus amigos mais próximos e familiares. Mamãe e papai, obrigada por me deixarem ter todos aqueles livros quando eu era criança, e por me fazerem sentar no computador e escrever histórias bobas durante as férias de verão, quando eu provavelmente deveria estar arrancando ervas daninhas. Meu irmão Jeff, obrigada por uma saudável obsessão por Star Wars. Minha cunhada Wendy, obrigada por valorizar meu sarcasmo quando ninguém mais o faz. Minha prima Lucy, obrigada por ser uma amante de livros como eu, e obrigada por todo o vinho. Tio Bob, obrigada por ter me levado em um Fusca cheio de adolescentes para convenções de anime e por incutir em mim um respeito saudável pelo cosplay. Melhores amigas, Leilani Adams e Angela Yohn, obrigada por todo o café e pelas fofocas, quero dizer, pelos *dias de trabalho*.

Finalmente, agradeço ao meu noivo, Jesse - que será meu marido quando estiver lendo isto -, por me trazer café na cama todas as manhãs, por me dizer para voltar para o escritório quando eu não tinha atingido a cota diária de palavras, e, principalmente, por acreditar em mim. Acho que você pode ler agora.

Título original
Book One
CINDER
THE LUNAR CHRONICLES

Primeira publicação pela Feiwel and Friends, um selo da
Macmillan Children's Publishing Group.

Copyright © 2012 *by* Marissa Meyer

Os direitos de publicação da edição brasileira foram acordados
pela Jill Grinberg Literary Management LLC e Sandra Bruna
Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato
eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos
Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

FRIDA LANDSBERG

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56c

Meyer, Marissa

Cinder [recurso eletrônico] / Marissa Meyer; tradução Maria Beatriz
Branquinho da Costa. 1. ed. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.

recurso digital (Crônicas lunares ; 1)

Tradução de: The lunar Chronicles

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-8122-207-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Costa, Maria Beatriz
Branquinho da. II. Título. III. Série.

13-00348

CDD:813

CDU:821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

A Autora

MARISSA MEYER MORA EM TACOMA, WASHINGTON, COM O MARI
dois gatos. É fã de muitas coisas nerds (*Sailor Moon*, *Firefly*, organizar as estantes por cor...) e é apaixonada por contos de fadas desde criança – e não pretende abandonar isso. Ela pode ser ou não um ciborgue. *Cinder* é seu primeiro romance e já foi traduzido para cerca de vinte países.

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Scarlet

Crônicas Lunares

Rocco
DIGITAL

marissa meyer

Livro Dois

Scarlet

Crônicas Lunares



Marissa Meyer

Tradução
Regiane Winarski

Rocco
DIGITAL

Para mamãe e papai, meus torcedores mais dedicados.

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

LIVRO UM

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

LIVRO DOIS

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

LIVRO TRÊS

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

LIVRO QUATRO

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo Quarenta

Capítulo Quarenta e Um

Capítulo Quarenta e Dois

Capítulo Quarenta e Três

Capítulo Quarenta e Quatro

Capítulo Quarenta e Cinco

Capítulo Quarenta e Seis

Capítulo Quarenta e Sete

Agradecimentos

Créditos

A Autora



LIVRO

Um

*Ela não sabia que o lobo era um tipo de animal perverso e não
teve medo dele.*



CAPÍTULO



SCARLET ESTAVA POUSANDO NO BECO ATRÁS DA TAVERNA RIEUX Q tablet apitou no banco do carona e uma voz automatizada soou em seguida: *Comunicado para mademoiselle Scarlet Benoit do Departamento de Pessoas Desaparecidas da Polícia de Toulouse.*

Com o coração disparado, ela desviou a nave bem a tempo de evitar que o boreste raspasse na parede de pedra e, então, manteve o freio pressionado até que parasse completamente. Scarlet desligou o motor ao mesmo tempo que pegava o tablet largado de lado. A pálida luz azul se refletiu nos controles do cockpit.

Tinham encontrado alguma coisa.

A polícia de Toulouse devia ter encontrado alguma coisa.

– Aceito! – gritou ela, praticamente esmagando o tablet com os dedos.

Ela esperava uma mensagem de vídeo do detetive encarregado do caso da avó, mas só recebeu um arquivo de texto sem sentido.

28 AGO 126 T.E.

**RE: ID CASO #AIG00155819, ARQ. 11 AGO
126 T.E.**

ESTE COMUNICADO É PARA INFORMAR SCARLET BENOIT, DE RIEUX, FRANÇA, FEDERAÇÃO EUROPEIA, DE QUE, ÀS 15H42 DO DIA 28 DE AGOSTO DE 126, O CASO DE DESAPARECIMENTO DE MICHELLE BENOIT, DE RIEUX, FRANÇA, FEDERAÇÃO EUROPEIA, FOI ARQUIVADO DEVIDO À FALTA DE PROVAS SUFICIENTES DE VIOLÊNCIA OU DELITO NÃO ESPECÍFICO. CONJECTURA: PESSOA(S) FOI(RAM) EMBORA POR VONTADE PRÓPRIA E/OU SUICÍDIO. CASO ENCERRADO. AGRADECEMOS O APOIO À NOSSA INVESTIGAÇÃO.

A mensagem veio seguida de um vídeo corporativo da polícia lembrando a todos os pilotos de naves de entrega que tomassem cuidado e usassem os equipamentos de segurança enquanto os motores permanecessem ligados.

Scarlet ficou olhando para a telinha até as palavras virarem uma mancha em preto e branco e o piso da nave quase sumir debaixo de seus pés. O painel de plástico atrás da tela estalou com a força do aperto de suas mãos.

– Idiotas – sibilou na nave vazia.

Em resposta as palavras *CASO ENCERRADO* riram dela.

Ela soltou um berro gutural e atirou o tablet contra o painel de controle da nave, torcendo para quebrá-lo em pedaços de plástico, metal e fios. Depois de três golpes fortes, a tela só tremeu com uma leve irritação.

– *Seus idiotas!*

Ela arremessou o tablet no piso em frente ao banco do carona e se recostou, puxando com os dedos os fios de seu cabelo cacheado.

O cinto de segurança apertou seu peito, estrangulando-a de repente. Na mesma hora, ela soltou a fivela, empurrou e abriu a porta, por pouco não caiu no beco sombrio. O cheiro de gordura e uísque da taverna quase a sufocou quando ela respirou fundo, tentando encontrar a razão em meio a tamanha fúria.

Iria até a delegacia de polícia. Mas agora estava tarde demais. Amanhã então. Logo de manhã. Estaria calma e racional, e explicaria por que as suposições deles estavam erradas. Faria com que reabrissem o caso.

Scarlet passou o pulso pelo escâner ao lado da porta traseira da nave e a abriu com mais força do que o sistema hidráulico permitia.

Diria ao detetive que ele tinha que continuar a busca. Faria com que ele ouvisse. Faria com que ele entendesse que a avó não tinha ido embora por vontade própria e que certamente *não* tinha se matado.

Havia seis engradados de plástico, cheios de legumes e verduras, amontoados na parte de trás da nave, mas Scarlet nem os notou. Estava a quilômetros de distância, em Toulouse,

planejando a conversa em pensamento. Procurando cada última possibilidade de persuasão, cada pedacinho de poder de argumentação que lhe restava.

Alguma coisa tinha acontecido com sua avó. Alguma coisa estava errada, e se a polícia não continuasse investigando Scarlet levaria o caso aos tribunais e cuidaria para que cada um daqueles detetives cabeça-oca fosse cassado e jamais pudesse voltar a trabalhar e...

Ela agarrou em cada mão um tomate, girou e os atirou contra a parede de pedra. Os tomates explodiram e espalharam suco e sementes em cima das pilhas de lixo que aguardavam a vez de serem colocadas no compactador.

A sensação foi boa. Scarlet pegou outro, imaginando as dúvidas do detetive quando ela tentasse explicar a ele que sumir *não* era um comportamento comum de sua avó. Imaginou os tomates explodindo naquela fuça arrogante...

Uma porta se abriu na hora em que o quarto tomate foi destruído. Scarlet ficou paralisada, pois já estava a caminho de pegar outro quando o dono da taverna se apoiou no batente da porta. O rosto estreito de Gilles brilhava enquanto ele avaliava a sujeira úmida e avermelhada que Scarlet tinha feito na parede do prédio.

– É melhor não serem os *meus* tomates.

Ela afastou a mão do engradado e a limpou na calça jeans manchada e suja. Conseguia sentir o calor que emanava de seu rosto, o batimento errático do coração.

Gilles secou o suor da cabeça quase careca e a olhou com raiva, sua expressão padrão.

– E aí?

– Não eram seus – murmurou ela. E era verdade. Tecnicamente, os tomates eram dela até que ele pagasse.

Ele resmungou.

– Então vou descontar apenas três univs pela limpeza dessa sujeira. Agora, se você acabou com o tiro ao alvo, talvez possa se dignar a trazer parte deles aqui pra dentro. Estou servindo alface murcha há dois dias.

Ele voltou para o restaurante e deixou a porta aberta. O barulho de pratos e gargalhadas se espalhou pelo beco, bizarro em sua normalidade.

O mundo ao redor de Scarlet estava despencando e ninguém ligava. A avó estava desaparecida e ninguém se importava.

Ela virou para o compartimento de carga e pegou pelas beiradas o engradado de tomates, esperando que o coração parasse de saltar dentro do peito. As palavras do comunicado ainda bombardeavam seus pensamentos, mas começavam a perder força. A primeira onda de agressão começou a apodrecer junto com os tomates destruídos.

Quando conseguiu respirar sem os pulmões entrarem em convulsão, ela colocou o engradado em cima de outro, de batatas russet, e os tirou da nave.

Os cozinheiros ignoraram Scarlet conforme ela desviava das frigideiras fumegantes e seguia em direção à gélida despensa. Ela colocou os produtos nas prateleiras que tinham sido rotuladas à

caneta, apagadas e rotuladas de novo mais de dez vezes ao longo dos anos.

– *Bonjour*, Scarlinda!

Scarlet virou enquanto tirava o cabelo do pescoço suado.

Émilie sorria na porta. Os olhos brilhavam com a promessa de um segredo. Mas recuou quando viu a expressão de Scarlet.

– O quê...?

– Não quero falar sobre isso. – Ela se esquivou da garçonete e seguiu pela cozinha, mas Émilie fez um muxoxo e, saltitante, foi atrás.

– Então não fale. Só estou feliz de você estar aqui – disse ela, segurando o cotovelo de Scarlet e seguindo com ela para o beco.

– Porque ele voltou. – Apesar dos cachos louros angelicais que cercavam o rosto de Émilie, o sorriso sugeria pensamentos diabólicos.

Scarlet se afastou, pegou um engradado de chirívia e rabanetes e entregou para a garçonete. E não respondeu, incapaz de ligar para quem *ele* era e por que importava o fato de ter voltado.

– Que ótimo – disse Scarlet, enchendo uma cesta de cebolas-rosas.

– Você não lembra, né? Vamos lá, Scar, o lutador de rua sobre quem te contei outro... Ah, talvez tenha sido pra Sophia.

– Lutador *de rua*? – Scarlet apertou os olhos quando uma dor de cabeça começou a latejar em sua testa. – Jura, Ém?

– Não fala assim. Ele é fofo! E veio aqui quase todos os dias desta semana e sempre senta na minha área, o que certamente

quer dizer alguma coisa, não acha? – Como Scarlet não disse nada, a garçonete colocou a cesta no chão e pegou um pacote de chicletes no bolso do avental. – Ele é sempre tranquilo, não é como Roland e o grupo dele. Acho que é tímido... e solitário. – Colocou um chiclete na boca e ofereceu outro a Scarlet.

– Um lutador de rua que parece tímido? – Scarlet recusou o chiclete com um gesto. – Ouviu o que *você* acabou de dizer?

– Você precisa vê-lo para entender. Ele tem uns olhos que... – Émilie abanou o rosto como se estivesse com calor.

– Émilie! – Gilles apareceu na porta de novo. – Pare de blá-blá-blá e venha para cá. A mesa quatro precisa de você. – Ele lançou um olhar irritado para Scarlet, um aviso silencioso de que descontaria mais uns do pagamento dela se não parasse de perturbar os funcionários, depois entrou sem esperar resposta. Émilie mostrou a língua na direção em que o chefe estivera um momento antes.

Scarlet apoiou a cesta de cebolas no quadril, fechou a porta do compartimento de carga e passou pela garçonete.

– A mesa quatro é a *dele*?

– Não, ele está na nove – murmurou Émilie, pegando a cesta. Ao passarem pela cozinha quente, Émilie ofegou. – Ah, sou tão idiota! Pensei em te mandar uma mensagem pra perguntar sobre a sua grand-mère a semana toda. Teve alguma notícia?

Scarlet cerrou os dentes, e as palavras do comunicado vibraram como cornetas em sua mente. *Caso encerrado.*

– Nada de novo – respondeu ela, depois deixou que a conversa se perdesse no caos dos cozinheiros gritando uns com os outros.

Émilie a seguiu até a despensa e descarregou a cesta. Scarlet se ocupou com a reorganização dos engradados para evitar que a garçonete dissesse algo otimista. Antes de voltar para o interior da taverna, Émilie disse o esperado:

– Tente não se preocupar, Scar. Ela vai voltar.

O maxilar de Scarlet estava começando a doer de tanto que ela trincava os dentes. Todo mundo falava do desaparecimento da avó como se ela fosse um gato de rua que voltaria para casa quando sentisse fome. *Não se preocupe. Ela vai voltar.*

Mas tinha sumido havia mais de duas semanas. Desapareceu sem deixar mensagem, sem se despedir, sem avisar. Até perdeu o décimo oitavo aniversário de Scarlet, embora tivesse comprado na semana anterior os ingredientes para fazer o bolo de limão favorito da neta.

Nenhum dos trabalhadores da fazenda a viu ir embora. Nenhum dos andróides trabalhadores registrou nada de suspeito. O tablet dela ficara em casa, mas não ofereceu pistas nas mensagens arquivadas, na agenda ou no histórico de rede. A partida dela sem o dispositivo era suspeita o bastante. Ninguém ia a lugar nenhum sem seu tablet.

Mas o pior não foi nem o tablet abandonado, nem o bolo a fazer.

Scarlet tinha encontrado o chip de identificação da avó.

O *chip de identificação*. Enrolado em gaze, com manchas vermelho-sangue e deixado como um pacotinho sobre a bancada da cozinha.

O detetive disse que era o que as pessoas faziam quando fugiam e não queriam ser encontradas: arrancavam seus chips de identificação. Ele falou como se tivesse solucionado o mistério, mas Scarlet concluiu que a maioria dos sequestradores provavelmente também conhecia aquele truque.

CAPÍTULO

Dois

SCARLET VIU GILLES ATRÁS DO FOGÃO, COLOCANDO MOLHO BE cima de um sanduíche de presunto. Ela foi até o outro lado, gritando para chamar a atenção dele, e foi recebida com irritação.

– Terminei – disse ela, retribuindo o olhar de raiva. – Venha assinar o recibo.

Gilles colocou uma pilha de batatas fritas ao lado do sanduíche e deslizou o prato pela bancada de aço até ela.

– Leve isso para a primeira mesa, e o recibo vai estar pronto quando você voltar.

Scarlet se enfureceu.

– Não trabalho para você, Gilles.

– Fique grata por eu não mandar você para o beco com um esfregão. – Ele virou de costas para ela, com a camisa branca amarelada por anos de suor.

Os dedos de Scarlet tremeram com a tentação de jogar o sanduíche na nuca dele e ver como seria em comparação aos tomates, mas o rosto austero da avó logo se infiltrou no sonho. Ela ficaria extremamente decepcionada se voltasse e descobrisse que Scarlet tinha perdido um de seus clientes mais leais em um ataque de raiva.

Scarlet pegou o prato, saiu da cozinha e quase foi derrubada por um garçom assim que uma das portas vaivém se fechou atrás dela. A Taverna Rieux não era um lugar elegante. O piso era grudento, a mobília era uma mistura de mesas e cadeiras baratas, que não combinavam, e o ar era saturado de gordura. Mas, em uma cidade onde beber e fofocar eram os passatempos favoritos, ficava sempre cheia, principalmente aos domingos, quando os trabalhadores das fazendas da área ignoravam o plantio por vinte e quatro horas seguidas.

Enquanto esperava que um caminho se abrisse na multidão, a atenção de Scarlet foi atraída pelas telas atrás do bar. Todas as três estavam transmitindo a mesma filmagem que ocupava a rede desde a noite anterior. Todos falavam sobre o baile anual da Comunidade das Nações Orientais, no qual a rainha Lunar era a convidada de honra. Uma garota ciborgue se infiltrou na festa, atirou em alguns candelabros e tentou assassinar a rainha visitante... ou talvez estivesse tentando assassinar o recém-coroadado imperador. Todos pareciam ter uma teoria diferente. As imagens congeladas nas telas mostravam um close da garota com manchas no rosto e mechas de cabelo molhado caídas de um rabo de cavalo malfeito. Era um mistério como ela tinha conseguido entrar em um baile real.

– Deviam ter dado fim nela quando caiu da escada – disse Roland, um cliente regular da taverna que parecia estar plantado no bar desde o meio-dia. Ele esticou um dedo na direção da tela e fez um gesto de tiro. – Eu teria colocado uma bala bem na testa dela. Não faria falta.

Quando um murmúrio de concordância se espalhou entre os clientes ali perto, Scarlet revirou os olhos com nojo e foi até a mesa mais próxima.

Ela reconheceu o belo lutador de rua de Émilie imediatamente, em parte por causa dos muitos hematomas e cicatrizes na pele morena, mas também porque ele era o único estranho na taverna. Era mais desganhado do que ela esperava depois da histeria de Émilie, com cabelos em mechas espetadas em todas as direções e um hematoma novo inchando em um dos olhos. Por baixo da mesa, as duas pernas balançavam como um brinquedo de corda.

Já havia três pratos na frente dele, vazios mas com manchas de gordura, restos de salada de ovo e fatias intocadas de tomate e alface.

Ela não tinha se dado conta de que o estava fitando até o olhar dele pousar no dela. Ele tinha olhos de um verde nada natural, como uvas azedas ainda na videira. Scarlet segurou o prato com mais força e de repente entendeu a histeria de Émilie. *Ele tem uns olhos...*

Ela passou pela multidão e colocou o sanduíche na mesa.

– Você pediu croque monsieur?

– Obrigado. – A voz dele a assustou, não por ser alta e rouca como ela esperava, mas por ser baixa e hesitante.

Talvez Émilie estivesse certa. Talvez ele fosse mesmo tímido.

– Tem certeza de que não quer que a gente traga o porco inteiro? – disse ela, empilhando os três pratos vazios. – Pouparia os garçons de ficarem indo e vindo da cozinha.

O homem arregalou os olhos, e, por um momento, Scarlet esperou que ele fosse perguntar se o porco inteiro era mesmo uma opção, mas ele se voltou para o sanduíche.

– A comida daqui é boa.

Ela sufocou uma risada debochada. “Boa comida” e “Taverna Rieux” eram duas coisas que ela não costumava associar.

– Lutar deve abrir muito o apetite.

Ele não respondeu. Seus dedos brincaram com o canudo da bebida, e Scarlet conseguiu ver a mesa começando a tremer por causa das pernas inquietas.

– Bom apetite – disse ela, retirando os pratos. Mas acabou fazendo uma pausa e inclinou os pratos na direção dele. – Tem certeza de que não quer os tomates? São a melhor parte e foram plantados na minha horta. A alface também, na verdade. Mas não estava murcha assim quando colhi. Deixa pra lá, você não vai querer a alface. Mas e os tomates?

Parte da intensidade desapareceu do rosto do lutador.

– Nunca experimentei.

Scarlet arqueou a sobrancelha.

– *Nunca?*

Depois de um momento de hesitação, ele soltou o copo, pegou as duas fatias de tomate e enfiou na boca.

A expressão dele ficou paralisada no meio do processo de mastigar. Pareceu ponderar por um momento, os olhos vagos, antes de engolir.

– Não é o que eu esperava – disse ele, olhando para ela de novo. – Mas não é horrível. Gostaria de mais disso. Posso?

Scarlet ajeitou os pratos que segurava para impedir que a faquinha de manteiga escorregasse.

– É que na verdade eu não trabalho...

– É agora! – disse alguém perto do bar, despertando um murmúrio excitado que se espalhou pela taverna. Scarlet olhou para as telas. Mostravam um jardim verdejante, cheio de bambus e lírios, e brilhando devido à chuva recente. A luz cálida e vermelha do baile se espalhava por uma grandiosa escadaria. A câmara de segurança estava acima da porta, direcionada para as longas sombras do caminho. Era bonito. Tranquilo.

– Aposto dez univs que uma garota vai perder o pé nessa escada! – gritou alguém, seguido por uma rodada de gargalhadas vindas do bar. – Alguém quer apostar? Vamos lá, quais as chances de isso acontecer?

Um momento depois, a garota ciborgue apareceu na tela. Ela saiu correndo pela porta e escada abaixo, destruindo a serenidade do jardim com o vestido prateado esvoaçante. Scarlet prendeu a respiração por saber o que acontecia depois, mas ainda fez uma careta quando a garota tropeçou e caiu. Ela rolou pelos degraus e terminou em posição desajeitada na base, espalhada pelo caminho de pedra. Apesar de não haver som, Scarlet imaginou a garota ofegante, deitada de costas e olhando para cima, para a porta. Sombras percorriam a escada, e uma série de figuras irreconhecíveis apareceu acima dela.

Por ter ouvido a história uma dezena de vezes, Scarlet procurou o pé que faltava ainda na escada, procurou a luz do salão de baile refletida no metal. O pé ciborgue da garota.

– Dizem que a da esquerda é a rainha – disse Émilie. Scarlet deu um pulo, pois não tinha ouvido a garçonete se aproximar.

O príncipe – não, imperador agora – desceu os degraus e se abaixou para pegar o pé. A garota esticou a mão para a barra da saia e a puxou até cobrir o tornozelo, mas não conseguiu esconder os fios mortos como tentáculos pendurados até cobrir a perna artificial.

Scarlet sabia o que os boatos diziam. Não só a garota havia sido confirmada como lunar – fugitiva ilegal e um perigo à sociedade terrestre –, mas conseguiu inclusive fazer uma lavagem cerebral no imperador Kai. Algumas pessoas achavam que ela estava em busca de poder; outras, de riquezas. Alguns acreditavam que ela estava tentando iniciar a guerra que há muito era uma ameaça. Mas, independentemente de quais fossem as intenções da garota, Scarlet não podia deixar de sentir um pouco de pena. Afinal, não passava de uma adolescente, mais nova até do que a própria Scarlet, e parecia patética, caída na base da escada.

– Que história foi essa de dar um fim na desgraça dela? – disse um dos caras no bar.

Roland apontou o dedo na direção da tela.

– Exatamente. Nunca vi nada tão nojento na vida.

Alguém perto da ponta se inclinou para conseguir olhar para Roland.

– Não sei se concordo. Acho que ela é bonita, fingindo ser inofensiva e inocente. Talvez, em vez de mandá-la de volta, deviam ter deixado que ficasse comigo!

A reação a isso foram gargalhadas ruidosas. Roland bateu com a palma da mão no balcão, fazendo balançar um pote de mostarda.

– Sem dúvida aquela perna de metal seria uma companhia aconchegante na cama!

– Porco – murmurou Scarlet, mas seu comentário se perdeu em meio às risadas.

– Eu não me importaria de ter a oportunidade de aquecê-la! – acrescentou uma nova pessoa, e as mesas tremeram com gritos e risadas.

A raiva voltou a subir pela garganta de Scarlet, e ela meio que bateu, meio que largou, a pilha de pratos na mesa. Ignorou as expressões surpresas ao redor e passou pela multidão, indo em direção ao fundo do bar.

O barman, perplexo, observou Scarlet tirar algumas garrafas de bebida do caminho e subir no balcão que acompanhava toda a parede. Ela esticou a mão, abriu um painel na parede abaixo de uma prateleira de copos de conhaque e puxou o cabo de rede. Todas as três telas ficaram pretas, e o jardim do palácio e a garota ciborgue desapareceram.

Um grito de protesto surgiu ao redor dela.

Scarlet se virou para encarar todo mundo e chutou acidentalmente uma garrafa de vinho da bancada. O vidro se estilhaçou no chão, mas ela mal escutou enquanto balançava o cabo na direção da multidão inflamada.

– Vocês deviam ter respeito! Aquela garota vai ser executada!

– Aquela garota é lunar! – gritou uma mulher. – Ela *deve* ser executada!

O sentimento foi reforçado por acenos e por alguém que jogou uma casca de pão no ombro de Scarlet. Ela colocou as duas mãos nos quadris.

– Ela só tem dezesseis anos.

Uma confusão de argumentos surgiu, com homens e mulheres ficando de pé e gritando sobre lunares e o mal e *aquela garota tentou matar uma líder da União!*

– Ei, ei, pessoal, se acalmem! Deixem Scarlet em paz! – gritou Roland, com a confiança aumentada pelo uísque no hálito. Ele esticou a mão para a multidão agitada. – Todos nós sabemos que a loucura é de família. Primeiro, a velhota foge, agora Scar está defendendo direitos lunares!

Uma onda de gargalhadas e gritos chegou aos ouvidos de Scarlet, abafados pelo som do sangue dela latejando. Sem saber como desceu do balcão, ela de repente estava na metade do caminho do bar, espalhando garrafas e copos, e seu punho atingiu a orelha de Roland.

Ele deu um grito e virou para olhar para ela.

– Que...

– Minha avó não é louca! – Ela segurou a frente da camisa dele.

– Foi isso que você disse ao detetive? Quando ele o interrogou? Você disse que ela era louca?

– É claro que eu disse que ela era louca! – gritou ele, e o fedor de álcool entorpeceu os sentidos dela. Scarlet apertou o tecido até seus punhos doerem. – E aposto que não fui o único.

Considerando como ela fica enfiada naquela casa velha, fala com animais e andróides como se fossem gente, vai atrás das pessoas com um rifle...

– *Uma* vez, e era escolta de vendedor!

– Não estou nem um pouco surpreso de Vovó Benoit ter pirado de vez. Para mim, isso estava prestes a acontecer faz tempo.

Scarlet empurrou Roland com força usando as duas mãos. Ele se desequilibrou e bateu em Émilie, que tentava se colocar entre os dois. Émilie gritou e caiu de costas sobre uma mesa, esforçando-se para impedir que Roland a esmagasse.

O homem recuperou o equilíbrio com expressão de quem não conseguia decidir se queria dar uma risada debochada ou rosnar de raiva.

– Melhor tomar cuidado, Scar, se não vai acabar que nem a velha...

Pernas de cadeira chiaram no piso, e de repente o lutador estava com a mão ao redor do pescoço de Roland, levantando-o do chão.

A taverna ficou em silêncio. O lutador, despreocupado, segurava Roland como se ele não passasse de uma boneca, ignorando os sons sufocados que ele fazia.

Scarlet ficou boquiaberta, com a beirada do balcão apertando sua barriga.

– Acredito que você deve a ela um pedido de desculpas – disse o lutador, com a voz baixa e equilibrada.

Um gorgolejar escapou da boca de Roland. Seus pés se balançavam à procura de apoio.

– Ei, solta ele! – gritou um homem, pulando do banco. – Você vai matá-lo! – Ele segurou o pulso do lutador, mas foi o mesmo que segurar uma barra de ferro, pois ele nem tremeu. Corando, o homem soltou e se preparou para dar um soco, mas, assim que desferiu o golpe, a mão livre do lutador se levantou e bloqueou o movimento.

Scarlet saiu cambaleando do bar e deteve o olhar em uma tatuagem de letras e números sem sentido no antebraço do lutador. SLOM962.

O lutador ainda parecia zangado, mas agora também havia um traço de diversão na expressão dele, como se tivesse acabado de se lembrar das regras de um jogo. Ele baixou Roland até os pés dele tocarem o chão e o soltou ao mesmo tempo que largou o punho do outro homem.

Roland se apoiou em um banco.

– Qual é seu problema? – perguntou ele com voz rouca, esfregando o pescoço. – Você é um transplante lunático da cidade ou o quê?

– Você estava sendo desrespeitoso.

– *Desrespeitoso?* – gritou Roland. – Você acabou de tentar me matar!

Gilles saiu da cozinha empurrando as portas vaivém.

– O que está acontecendo aqui?

– Esse cara está querendo arranjar briga – disse alguém em meio à multidão.

– E Scarlet quebrou as telas!

– Não quebrei, idiota! – gritou Scarlet, embora não tivesse certeza de quem havia falado.

Gilles observou as telas apagadas, Roland ainda esfregando o pescoço, as garrafas e copos quebrados espalhados pelo chão molhado. Olhou com raiva para o lutador de rua.

– Você – disse ele, apontando. – Saia da minha taverna.

O estômago de Scarlet deu um nó.

– Ele não fez na...

– Não comece, Scarlet. Quanta destruição você estava planejando causar hoje? Está *tentando* fazer com que eu feche minha conta?

Ela se enfureceu, o rosto ainda quente.

– Talvez eu leve a entrega de volta e vamos ver se seus clientes gostam de comer legumes estragados de agora em diante.

Contornando o bar, Gilles arrancou os cabos da mão de Scarlet.

– Você acha mesmo que a sua é a única fazenda que existe na França? Sinceramente, Scar, só compro com você porque sua avó não me deixaria em paz se eu não comprasse!

Scarlet apertou os lábios e sufocou a lembrança frustrada de que a avó não estava mais ali e que então ele talvez *devesse mesmo* comprar com outra pessoa, se era isso que queria.

Gilles voltou a atenção para o lutador.

– Mandeí você ir embora!

Ignorando-o, o lutador esticou a mão para Émilie, que ainda estava meio encurvada sobre a mesa. Seu rosto estava vermelho

e a saia, encharcada de cerveja, mas o olhar brilhava de fascínio enquanto ela se deixava ser levantada por ele.

– Obrigada – disse ela, e o sussurro se espalhou no silêncio incomum.

Por fim, o lutador se virou para o irritado Gilles.

– Vou embora, mas ainda não paguei pela comida. – Ele hesitou. – Também posso pagar pelos copos quebrados.

Scarlet piscou sem entender.

– O quê?

– Não quero seu dinheiro! – gritou Gilles, parecendo insultado, o que foi um choque ainda maior para Scarlet, que só ouvia Gilles reclamar de dinheiro, dizendo que os fornecedores estavam arrancando tudo que ele tinha. – Quero você fora da minha taverna.

Os olhos claros do lutador se dirigiram à Scarlet, e, por um momento, ela sentiu uma ligação com ele.

Ali estavam eles, dois párias. Indesejados. *Loucos*.

Com a pulsação latejando, ela enterrou o pensamento. Aquele homem era um problema. Ele *lutava* com pessoas para ganhar a vida ou talvez até para se divertir. Ela não sabia qual das duas opções era pior.

Ao virar, o lutador baixou a cabeça, quase como um pedido de desculpas, e saiu andando em direção à porta. Quando ele passou por ela, Scarlet não conseguiu deixar de pensar que, apesar de todos os sinais de brutalidade, o homem não parecia mais ameaçador agora do que um cachorro repreendido.

CAPÍTULO

Três

SCARLET TIROU A CESTA DE BATATAS DA PRATELEIRA MAIS BAIXA cair no chão com um baque antes de colocar o engradado de tomates em cima. As cebolas e os nabos foram colocadas ao lado. Teria que fazer mais duas viagens até a nave, e isso a deixava mais zangada do que qualquer outra coisa. Adeus, saída com dignidade.

Ela pegou as alças da cesta mais baixa e a levantou.

– O que você está fazendo *agora*? – perguntou Gilles, parado na porta com um pano de prato no ombro.

– Levando essas coisas de volta.

Com um suspiro, Gilles se apoiou na parede.

– Scar... eu não falei sério sobre aquilo tudo lá dentro.

– Acho um tanto improvável.

– Olha, eu gosto da sua avó e gosto de você. Sim, ela cobra caro e você me perturba e vocês duas são meio loucas às vezes... – Ele levantou as duas mãos na defensiva quando viu Scarlet voltando a ficar irritada. – Ei, foi *você* quem subiu no bar e começou a fazer discursos, então não venha me dizer que não é verdade.

Ela franziu o nariz para ele.

– Mas, no fim das contas, sua grand-mère tem uma boa fazenda, e vocês ainda colhem os melhores tomates da França ano após ano. Não quero cancelar minha conta.

Scarlet inclinou a cesta para que os frutos vermelhos e reluzentes balançassem.

– Coloque-os de volta, Scar. Já assinei o pagamento da entrega.

Ele saiu andando antes que Scarlet perdesse o controle de novo.

Soprando um cacho ruivo que lhe caía no rosto, Scarlet colocou a caixa no chão e chutou as batatas de volta para o lugar, debaixo das prateleiras. Ela conseguia ouvir os cozinheiros rindo por causa do drama na sala de jantar. A história já tinha ares de lenda, pelo jeito que os garçons contavam. De acordo com os cozinheiros, o lutador tinha quebrado uma garrafa na cabeça de Roland, que caiu, inconsciente, destruindo uma cadeira no caminho. Teria derrubado Gilles também, se Émilie não o tivesse acalmado com um de seus belos sorrisos.

Sem interesse nenhum em corrigir a história, Scarlet limpou as mãos na calça jeans e voltou para a cozinha. Havia uma frieza no ar entre ela e os funcionários da taverna quando seguia seu caminho até o escâner ao lado da porta dos fundos. Gilles não estava por perto, e dava para ouvir as risadinhas de Émilie que vinham do salão. Scarlet torceu para só estar imaginando os olhares de soslaio que recebia. Ela se perguntou com que velocidade os boatos se espalhariam pela cidade. *Scarlet Benoit estava defendendo a ciborgue! A lunar! Está na cara que ela pirou de vez, que nem a... que nem a...*

Ela passou o pulso pelo escâner velho. Por puro hábito, inspecionou a ordem de entrega que apareceu na tela, para ter certeza de que Gilles não tinha pago a menos, como costumava

tentar, e reparou que ele tinha mesmo deduzido três univs pelos tomates esmagados. 687U DEPOSITADOS NA CONTA DO VENDEDOR: BENOIT FAZENDAS E JARDINS.

Ela saiu pela porta dos fundos sem se despedir de ninguém.

Apesar de ainda estar quente por causa do sol da tarde, as sombras do beco pareciam frescas em comparação à cozinha quente e abafada, e Scarlet se acalmou ali enquanto reorganizava os engradados no compartimento de carga da nave. Estava atrasada. Já seria bem tarde da noite quando conseguisse voltar para casa. Teria que acordar ainda mais cedo para ir à delegacia de polícia de Toulouse, senão perderia um dia inteiro no qual ninguém estava fazendo nada para encontrar sua avó.

Duas semanas. *Duas semanas inteiras* em que a avó estava por aí. Sozinha. Indefesa. Esquecida. Talvez... Talvez até morta. Talvez sequestrada e morta e deixada em alguma vala escura e úmida em algum lugar. E por quê? *Por quê por quê por quê?*

Lágrimas frustradas arderam em seus olhos, mas ela piscou para afastá-las. Batendo a porta, foi para a frente da nave e ficou paralisada.

O lutador estava ali, apoiado de costas na parede do prédio de pedra. Observando-a.

Para sua surpresa, uma lágrima quente escapou de seus olhos. Ela a limpou antes que escorresse pela bochecha. Scarlet retornou seu olhar, avaliando se a postura dele era ameaçadora ou não. O lutador estava a uns dez passos da frente da nave, e sua

expressão parecia mais hesitante do que perigosa. Mas ele também não parecia perigoso quando quase estrangulou Roland.

– Eu queria ter certeza de que você estava bem – disse ele, com a voz quase perdida em meio ao barulho vindo da taverna.

Ela colocou a mão espalmada na parte de trás da nave, irritada pela forma como seus nervos zumbiam, como se não conseguissem decidir se devia ter medo dele ou ficar lisonjeada.

– Estou melhor do que Roland – retrucou ela. – O pescoço dele já estava ficando roxo quando saí.

O lutador olhou para a porta da cozinha.

– Ele merecia coisa pior.

Scarlet teria sorrido, mas não tinha mais energia depois de engolir toda a raiva e a frustração da tarde.

– Queria que você não tivesse se envolvido. Eu tinha a situação sob controle.

– Isso é óbvio. – Ele apertou os olhos como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeça. – Mas fiquei com medo de você apontar sua arma pra ele, e uma cena assim poderia não ser muito boa no seu caso. Com relação a ser maluca, é o que quero dizer.

Os pelos da nuca de Scarlet se eriçaram. Ela levou a mão instintivamente para a cintura, onde uma pequena pistola estava quente contra sua pele. A avó tinha lhe dado a arma de presente no seu décimo primeiro aniversário, com o aviso paranoico: *você nunca sabe quando um estranho vai querer levá-la para um lugar aonde não quer ir*. Ela ensinou Scarlet a usá-la, e Scarlet não saía de

casa sem ela desde então, independentemente de isso parecer ridículo ou desnecessário.

Sete anos se passaram, e Scarlet tinha certeza de que ninguém nunca tinha reparado na arma escondida debaixo do casaco vermelho com capuz que ela costumava usar. Até agora.

– Como você soube?

Ele deu de ombros, ou fez o que seria um dar de ombros se o movimento não fosse tão tenso e desajeitado.

– Vi o cabo quando você subiu no balcão.

Scarlet levantou a parte de trás do moletom o bastante para afrouxar a pistola presa na cintura. Tentou inspirar calmamente, mas o ar estava tomado pelo fedor de cebola e lixo do beco.

– Obrigada por sua preocupação, mas estou bem. Tenho que ir... Estou atrasada com as entregas... atrasada com *tudo*. – Ela andou em direção à porta do motorista.

– Você tem mais tomates?

Ela parou.

O lutador se encolheu ainda mais nas sombras, encabulado.

– Ainda estou com um pouco de fome – murmurou ele.

Scarlet achou que conseguia sentir o cheiro de tomate na parede atrás de si.

– Posso pagar – acrescentou ele rapidamente.

Ela fez que não com a cabeça.

– Não, tudo bem. Temos bastante. – Ela andou até a parte de trás, mantendo os olhos nele, e reabriu a porta. Pegou um tomate e algumas cenouras tortas. – Tome, elas também são boas cruas – disse, jogando para ele.

Ele os pegou com facilidade. O tomate desapareceu em seu punho grande, e a outra mão segurou as cenouras pelos cabos folhosos. Ele observou-as de todos os ângulos.

– O que são estas coisas?

Uma gargalhada surpresa saiu dos lábios dela.

– Cenouras. Você está falando sério?

Mais uma vez, ele pareceu desconfortavelmente ciente de ter dito alguma coisa incomum. Seus ombros se retraíram em uma tentativa vã de se encolher.

– Obrigado.

– Sua mãe nunca obrigou você a comer legumes, né?

Os olhares se encontraram, e o constrangimento foi imediato. Algo quebrou na taverna e fez Scarlet pular de susto. Em seguida, ouviu-se uma onda de gargalhadas.

– Deixe pra lá. São deliciosas, você vai gostar. – Ela fechou a porta, voltou para a frente e passou a identificação pelo escâner da nave. A porta se abriu, formando uma barreira entre eles, e as luzes internas se acenderam. Elas acentuaram o hematoma no olho do lutador, fazendo-o parecer mais escuro do que antes. Ele se encolheu como um criminoso sob holofotes.

– Eu queria saber se você precisa de ajuda na fazenda? – perguntou ele, embolando as palavras na pressa de falar rapidamente.

Scarlet parou ao entender de repente por que ele esperou por ela, por que enrolou tanto. Observou os ombros largos, os braços fortes. Ele era perfeito para trabalho braçal.

– Você está procurando emprego?

O lutador começou a sorrir, um visual que era perigosamente malicioso.

– O dinheiro das lutas é bom, mas não é uma profissão das mais promissoras. Pensei que você poderia me pagar com comida.

Ela riu.

– Depois de ver o tamanho do seu apetite, acho que eu acabaria perdendo até as roupas se fizesse um acordo desses. – Ela ficou vermelha assim que terminou de falar. Sem dúvida ele agora a estava imaginando sem roupas. Mas, para seu choque, o rosto dele permaneceu sereno e neutro, e ela se apressou para preencher o vazio antes que por fim reagisse às suas palavras. – Qual é seu nome, aliás?

Ele fez aquele constrangido dar de ombros de novo.

– Me chamam de Lobo nas lutas.

– *Lobo*? Parece tão... predador.

Ele assentiu, com uma expressão completamente séria.

Scarlet escondeu um sorriso.

– Talvez fosse melhor você tirar seu nome de lutador do currículo.

Ele coçou o cotovelo com a tatuagem estranha que mal podia ser vista no escuro, e ela pensou que talvez o tivesse constrangido. Talvez Lobo fosse um apelido de que ele gostasse.

– Bem, eu sou Scarlet. Sim, por causa do cabelo escarlate, que observação inteligente.

A expressão dele se suavizou.

– Que cabelo?

Scarlet colocou o braço por cima da porta e apoiou o queixo.

– Boa.

Por um momento, ele pareceu quase satisfeito, e Scarlet se viu gostando desse estranho, dessa anomalia. Desse lutador de rua de fala mansa.

Um aviso piscou no fundo de sua mente. Ela estava perdendo tempo. Sua avó estava por aí. Sozinha. Assustada. Morta em uma vala. Scarlet apertou a porta.

– Sinto muito, mas já tenho gente suficiente. Não preciso de mais trabalhadores.

O brilho sumiu dos olhos dele, e em um instante ele parecia constrangido de novo. Confuso.

– Entendo. Obrigado pela comida. – Ele chutou uma embalagem de fogos de artifício usados no chão, um resquício das comemorações de paz da noite anterior.

– Você devia ir pra Toulouse, ou quem sabe Paris. Há mais emprego nas cidades, e as pessoas daqui não recebem estranhos muito bem, como você deve ter reparado.

Ele inclinou a cabeça de forma que seus olhos de cor esmeralda brilharam ainda mais sob as luzes da nave, quase parecendo achar graça.

– Obrigado pela dica.

Scarlet virou e se sentou no banco do motorista.

Lobo virou para a parede quando ela ligou o motor.

– Se mudar de ideia quanto a precisar de um ajudante, pode me encontrar na casa abandonada Morel quase todas as noites. Posso não ser muito bom com pessoas, mas acho que me sairia

bem em uma fazenda. – Os cantos dos lábios dele se levantaram de leve. – Os animais me adoram.

– Ah, aposto que sim – disse Scarlet, dando um sorriso de falso encorajamento. Ela fechou a porta antes de murmurar: – Que animais de fazenda não adoram um lobo?

CAPÍTULO

Quatro

O CATIVEIRO DE CARSWELL THORNE COMEÇOU COMPLICADO, COM uma catastrófica rebelião do sabonete e tudo. Mas, desde que foi transferido para a solitária, ele se tornou a personificação de um cavalheiro educado, e depois de seis meses de comportamento tão louvável, ele persuadiu a única guarda de serviço a emprestar-lhe um tablet.

Ele tinha certeza de que isso não teria dado certo se a guarda não estivesse convencida de que ele era um idiota incapaz de fazer qualquer coisa além de contar os dias e procurar fotos indecentes de moças que ele conhecera e imaginava.

E ela estava certa, é claro. Thorne ficava intrigado com tecnologia e não seria capaz de fazer nada de útil com o tablet mesmo se tivesse um manual com instruções passo a passo de “Como escapar da prisão usando um tablet”. Ele não obteve sucesso ao tentar acessar suas mensagens, se conectar às notícias nem conseguir informações sobre a prisão e a cidade de Nova Pequim.

Mas gostou muito das fotos sugestivamente indecentes, mesmo que altamente filtradas.

Ele estava verificando seu portfólio no 228º dia de confinamento, se perguntando se a señora Santiago ainda era

casada com aquele homem que fedia à cebola, quando um terrível chiado agudo interrompeu a paz da cela.

Ele olhou para o alto e observou o teto branco liso e reluzente.

O chiado parou e foi seguido por um som de passos. Alguns baques. Mais arrastar.

Thorne cruzou as pernas em cima da cama e esperou enquanto o barulho ficava mais alto e mais próximo, parava e prosseguia. Ele demorou um tempo para identificar o ruído estranho, mas depois de ouvir bem e de refletir, ficou convencido de que era o som de uma furadeira.

Talvez um dos outros prisioneiros estivesse redecorando a cela.

O som parou, mas permaneceu em sua memória, vibrando nas paredes. Thorne olhou ao redor. Sua cela era um cubo perfeito com painéis brancos lisos e brilhosos em todas as seis direções. Lá dentro havia uma cama toda branca, um penico que surgia e desaparecia da parede com o apertar de um botão, e ele, vestindo um uniforme branco.

Se alguém estava fazendo redecoração da cela, ele torcia para que a dele fosse a próxima.

O som recomeçou, agora mais como um rangido, e um longo parafuso perfurou o teto e caiu no meio do piso da cela. Outros três caíram em seguida.

Thorne inclinou a cabeça para ver um dos parafusos que rolou para debaixo de sua cama.

Um momento depois, um azulejo quadrado caiu do teto fazendo um estrondo e duas pernas penduradas surgiram,

seguidas por um grito assustado. As pernas usavam um macacão branco de algodão igual ao de Thorne, mas, diferentemente dos sapatos brancos e simples dele, aqueles pés estavam descalços.

Um tinha pele.

O outro, uma cobertura de metal brilhante.

Com um grunhido, a garota se soltou do teto e caiu agachada no meio da cela.

Apoiando os cotovelos nos joelhos, Thorne se inclinou para a frente a fim de tentar vê-la melhor sem sair de sua posição segura recostado na parede. A garota tinha o corpo magro, a pele bronzeada e cabelo liso e castanho. Assim como o pé esquerdo, a mão esquerda também era de metal.

Tentando se equilibrar, ela ficou de pé e limpou o macacão.

– Com licença – disse Thorne.

Ela se virou subitamente.

– Parece que você caiu na cela errada. Precisa de ajuda para voltar para a sua?

Ela piscou, confusa.

Thorne sorriu.

A garota franziu a testa.

A irritação dela a deixou mais bonita, e Thorne apoiou o queixo na mão enquanto a avaliava. Nunca tinha visto uma ciborgue, muito menos flertado com uma, mas havia uma primeira vez para tudo.

– Essas celas não deveriam estar ocupadas – disse ela.

– Circunstâncias especiais.

Ela o observou por um tempo, franzindo as sobrancelhas.

– Assassinato?

O sorriso dele aumentou.

– Obrigado, mas não. Iniciei uma rebelião no pátio. – Ele ajustou a gola antes de acrescentar: – Estávamos protestando contra o sabonete.

Ela pareceu ainda mais confusa, e Thorne reparou que ela ainda estava na defensiva.

– O sabonete – disse ele de novo, se perguntando se ela o tinha escutado. – Resseca demais.

A garota não disse nada.

– Tenho pele sensível.

Ela abriu a boca, e ele esperava um pouco de solidariedade, mas tudo que saiu foi uma expressão de desinteresse.

– Ah.

De pé, ela chutou o azulejo caído do teto de debaixo dos pés e deu uma volta completa, observando a cela. Seus lábios assumiram uma curvatura de irritação.

– Burrice! – exclamou ela, chegando perto da parede à esquerda de Thorne e apoiando nela a palma da mão. – Errei por uma cela.

Os cílios dela tremeram de repente como se houvesse poeira grudada neles. Resmungando, ela bateu com a palma da mão na testa algumas vezes.

– Você está fugindo.

– Não neste exato momento – disse ela entredentes, balançando de leve a cabeça. – Mas, sim, essa era a ideia. – Seu

rosto se iluminou quando ela viu o tablet no colo dele. – Que modelo de tablet é esse?

– Não tenho a menor ideia. – Thorne ergueu o aparelho para que ela visse. – Estou montando um portfólio das mulheres que amei.

Ela se afastou da parede, pegou o tablet e o virou. Uma ponta do dedo robótico se abriu e exibiu uma pequena chave de fenda. Não demorou até ela conseguir tirar a cobertura da parte de trás do tablet.

– O que você está fazendo?

– Pegando seu cabo de vídeo.

– Por quê?

– O meu estragou.

Ela puxou um fio amarelo do tablet e o largou no colo dele, depois sentou de pernas cruzadas no chão. Perplexo, Thorne a viu jogar o cabelo para o lado e abrir um painel na base do crânio. No momento seguinte, seus dedos surgiram com um fio similar ao que ela tinha acabado de roubar do tablet, mas com uma ponta enegrecida. O rosto da garota se contorceu de concentração enquanto ela instalava o novo cabo.

Com um suspiro satisfeito, ela fechou o painel e jogou o fio velho ao lado de Thorne.

– Obrigada.

Ele deu um sorriso envergonhado e se afastou do fio.

– Você tem um tablet *na cabeça*?

– Algo do tipo. – A garota ficou de pé e passou a mão pela parede de novo. – Ah, bem melhor. Agora, como é que eu... – Ela

parou de falar e apertou o botão no canto. Um painel branco brilhoso deslizou para dentro da parede e o penico foi ejetado com precisão. Os dedos dela procuravam algo no espaço entre o dispositivo e a parede.

Afastando-se ainda mais do cabo largado sobre a cama, Thorne tirou da mente a imagem da garota abrindo o painel no crânio, mais uma vez incorporando o cavaleiro, e tentou conversar sobre trivialidades enquanto ela trabalhava. Perguntou por que ela estava ali e a parabenizou pelo belo trabalho das extremidades de metal, mas ela o ignorou, fazendo-o se questionar brevemente se tinha estado separado da população feminina por tanto tempo que talvez estivesse perdendo o charme.

Mas isso era improvável.

Alguns minutos depois, a garota pareceu encontrar o que estava procurando, e Thorne ouviu o som da furadeira de novo.

– Quando prenderam você – disse Thorne –, não consideraram que essa prisão poderia ter algumas fraquezas na segurança?

– Não tinha na época. Esta mão é meio que um novo acréscimo. – Ela fez uma pausa e olhou para o canto da cela, como se tentando ver através da parede.

Talvez ela tivesse visão de raios X. *Isso* ele conseguia pensar em boas formas de usar.

– Me deixa adivinhar – disse Thorne. – Invasão de propriedade privada?

Depois de um longo silêncio examinando o mecanismo de retração, a garota franziu o nariz.

– Duas acusações de traição, se quer saber. E resistência à prisão, e uso ilegal de bioeletricidade. Ah, e imigração ilegal, mas, sinceramente, achei que foi um pouco de exagero.

Thorne apertou os olhos enquanto observava a nuca dela, com um tremor surgindo no olho esquerdo.

– Quantos anos você tem?

– Dezesseis.

A chave de fenda no dedo dela começou a girar de novo. Thorne esperou até haver uma pausa no ruído.

– Qual é seu nome?

– Cinder – respondeu ela, e logo depois o barulho aumentou.

Quando o barulho sumiu, ele continuou:

– Sou o capitão Carswell Thorne. Mas as pessoas costumam me chamar só de...

Mais barulho.

– Thorne. Ou capitão. Ou capitão Thorne.

Sem responder, ela enfiou a mão de novo no buraco. Parecia que estava tentando girar alguma coisa, mas, o que quer que fosse, não devia ter se movido, pois um segundo depois ela sentou e bufou de frustração.

– Estou vendo que você precisa de um cúmplice – completou Thorne, ajeitando o macacão. – E, para sua sorte, por acaso sou um gênio do crime.

Ela olhou para ele com raiva.

– Vá embora.

– É um pedido difícil, nesta situação.

Cinder suspirou e limpou pedaços de plástico da chave de fenda.

– O que você vai fazer quando sair? – perguntou Thorne.

Cinder se virou de novo para a parede. O barulho retornou por um tempo antes de ela parar para massagear o pescoço.

– A rota mais direta para sair da cidade é pelo norte.

– Ah, minha ingênua presidiária. Você não acha que é isso que eles estarão esperando que você faça?

Ela enfiou a chave de fenda no buraco.

– Quer parar de me distrair, por favor?

– Só estou dizendo que talvez possamos ajudar um ao outro.

– Me deixa em paz.

– Tenho uma nave.

O olhar dela se desviou para ele por um segundo; um olhar de aviso.

– Uma nave espacial.

– Uma nave espacial – repetiu ela.

– Ela pode nos levar até a metade do caminho até as estrelas em menos de dois minutos e está logo depois do limite da cidade. Fácil de alcançar. O que você acha?

– Acho que, se não parar de falar e me deixar trabalhar, não vamos chegar até a metade do caminho para lugar nenhum.

– Faz sentido – disse Thorne, levantando as mãos em gesto de rendição. – Mas pense bem nisso com essa sua cabecinha linda.

Ela ficou tensa, mas continuou a trabalhar.

– Agora que estou pensando bem, havia um ótimo restaurante de *dim sum* a uma quadra de distância. Tinha bolinhos de carne de porco sensacionais. Saborosos e suculentos. – Ele juntou os dedos, salivando com a lembrança.

Com o rosto contraído, Cinder começou a massagear a nuca.

– Se tivermos tempo, podemos parar e comprar um lanche para comer no caminho. Eu adoraria provar uma coisa gostosa depois de sofrer comendo esse lixo sem gosto que chamam de comida aqui. – Ele lambeu os lábios, mas, quando voltou a olhar para a garota, a dor nas feições dela tinha aumentado. Havia suor cobrindo sua testa.

– Você está bem? – perguntou ele, esticando a mão na direção dela. – Precisa de uma massagem?

Ela bateu na mão dele.

– *Me poupe!* – disse ela, as mãos erguidas entre os dois. Ela lutava para respirar.

Sob o olhar de Thorne, a imagem dela tremeu, como calor subindo dos trilhos do trem de levitação magnética. Ele cambaleou para trás. Sua pulsação se acelerou. Um formigar dominou seu cérebro e percorreu seus nervos.

Ela era... linda.

Não, divina.

Não, *perfeita*.

Sua pulsação disparou, com pensamentos de idolatria e devoção invadindo a mente. Pensamentos de rendição. Pensamentos de obediência.

– Por favor – repetiu Cinder, se escondendo atrás da mão de metal. Seu tom era desesperado quando caiu contra a parede. – Só pare de falar. Só... me deixe em paz.

– Tudo bem. – A confusão reinava: ciborgue, colega de prisão, *deusa*. – É claro. Como você quiser. – Com olhos lacrimosos, ele cambaleou para trás e afundou cegamente na cama.

CAPÍTULO

Quinco

OS PENSAMENTOS DE SCARLET FERVIAM ENQUANTO ELA T engradados vazios do compartimento traseiro da nave e os levava pelas portas abertas do hangar. Ela havia encontrado o tablet no chão da nave, e ele agora estava em seu bolso, com a mensagem da polícia queimando na pele da coxa enquanto ela seguia sua rotina sem pensar.

Talvez estivesse com mais raiva de si mesma agora por se deixar distrair, mesmo que por um minuto, por um mero rosto bonito e uma aparência perigosa, tão pouco tempo depois de saber que o caso da avó tinha sido encerrado. Sua curiosidade sobre o lutador de rua a fez sentir que traía tudo que era importante.

E havia também Roland e Gilles e todos os outros traidores de Rieux. Todos achavam que sua avó era louca, e foi o que disseram à polícia. Não que era a fazendeira mais trabalhadora da província. Não que fazia as bombas de chocolate mais deliciosas daquele lado do rio Garonne. Não que servira ao país como piloto de nave espacial durante vinte e oito anos e ainda usava a medalha de serviços honorários no seu avental quadriculado favorito.

Não. Eles disseram à polícia que ela era louca.

E, agora, a polícia tinha parado de procurá-la.

Mas não por muito tempo. Sua avó estava por aí em algum lugar, e Scarlet a encontraria mesmo se tivesse que sujar suas mãos e chantagear todos os detetives da Europa.

O sol estava se pondo rapidamente, alongando ainda mais a sombra de Scarlet pela entrada. Depois do cascalho, as plantações sussurrantes de milho e as folhas de beterraba seguiam em todas as direções, encontrando as primeiras estrelas ao longe. Uma casa de pedra invadia a vista a oeste, com duas janelas brilhando em laranja. Os únicos vizinhos em quilômetros.

Durante mais da metade da vida dela, a fazenda havia sido o paraíso da vida de Scarlet. Ao longo dos anos, ela se apaixonou por aquele lugar mais profundamente do que pensava ser possível se apaixonar por terra e céu. E sabia que a avó sentia o mesmo. Apesar de não gostar de pensar na situação, ela sabia que um dia herdaria a fazenda, e às vezes tinha fantasias de envelhecer ali. Feliz e satisfeita, com terra para sempre embaixo das unhas e uma casa velha que precisava de constante reforma.

Feliz e satisfeita, como sua avó.

Ela não teria ido embora assim. Scarlet sabia.

Levou os engradados para o celeiro e empilhou-os no canto para que os andróides pudessem enchê-los no dia seguinte, depois pegou o balde de ração das galinhas. Scarlet andava e as alimentava, jogando punhados dos restos da cozinha no caminho enquanto as galinhas corriam ao redor de seus tornozelos.

Ao sair de trás do hangar, ela hesitou.

Havia uma luz acesa na casa, no segundo andar.

No quarto de sua avó.

O balde escorregou de seus dedos. As galinhas cacarejaram e fugiram, antes de voltarem para a comida derrubada.

Scarlet passou por cima das galinhas e saiu correndo, o cascalho deslizando por baixo dos sapatos. Seu coração inchava, explodia, e a corrida já estava fazendo seus pulmões doerem quando ela escancarou a porta. Ela subiu a escada dois degraus de cada vez, com a madeira velha rangendo debaixo do seu peso.

A porta do quarto da avó estava aberta, e Scarlet parou na entrada, ofegante, se segurando no batente.

Um furacão tinha passado pelo quarto. Todas as gavetas da cômoda estavam abertas, roupas e artigos de higiene tinham sido espalhados pelo chão. As colchas estavam empilhadas de qualquer jeito no pé da cama, o colchão estava torto, os retratos digitais haviam sido tirados dos pregos, deixando manchas escuras na parede onde a luz do sol não conseguia desbotar o reboco pintado.

Um homem estava de joelhos ao lado da cama revirando violentamente uma caixa com os antigos uniformes militares de sua avó. Ele deu um pulo quando viu Scarlet e quase bateu a cabeça na viga baixa de carvalho que sustentava o teto.

O mundo girou. Scarlet quase não o reconheceu. Havia anos que não o via, mas poderiam ser décadas; ele tinha envelhecido tanto. Uma barba cobria o maxilar, normalmente liso. Seu cabelo estava grudado na cabeça de um lado e espetado para o alto do outro. Ele estava pálido e esquelético, como se não se alimentasse direito havia semanas.

– Pai?

Ele apertou um paletó azul de voo contra o peito.

– O que você está fazendo aqui? – Ela observou o caos de novo, com o coração ainda disparado. – O que está *fazendo*?

– Tem uma coisa aqui – disse ele, com a voz rouca e confusa. – Ela escondeu uma coisa. – Ele olhou para o paletó, depois o jogou na cama. Ele se ajoelhou e começou a revirar a caixa de novo. – Preciso encontrar.

– Encontrar o quê? De que você está falando?

– Ela se foi – sussurrou ele. – Não vai voltar. Ela nunca vai saber, e eu... eu preciso encontrar. Preciso saber por quê.

O cheiro de conhaque se espalhou pelo ar, e o coração de Scarlet se endureceu. Não sabia como ele tinha descoberto sobre o desaparecimento da mãe, mas era um absurdo que simplesmente partisse do princípio que toda a esperança estava perdida assim tão fácil, tão cedo, e que pensasse que teria direito a qualquer coisa que pertencesse a ela, depois de ter abandonado as duas. Tantos anos sem uma única mensagem, para depois aparecer bêbado e começar a revirar as coisas da sua avó...

Scarlet teve uma vontade repentina de chamar a polícia, só que estava com raiva *deles* também.

– Saia! Saia da nossa casa!

Inabalável, ele começou a empilhar uma variedade de roupas de volta na caixa.

Com o rosto quente de raiva, Scarlet contornou a cama e segurou o braço dele, tentando puxá-lo para que ficasse de pé.

– Pare!

Ele sibilou e despencou no chão antigo de madeira. Arrastou-se para longe dela como um cão raivoso, segurando o braço. Seu olhar brilhava de tanta loucura.

Scarlet recuou, surpresa, antes de apoiar os punhos bem fechados na cintura.

– Qual é o problema com seu braço?

Ele não respondeu, só continuou a aninhar o braço junto ao peito.

Scarlet ergueu a cabeça com determinação, saiu andando na direção dele e agarrou-lhe o pulso. Ele gritou e tentou se soltar, mas ela segurou com firmeza, levantando ao mesmo tempo a manga até o cotovelo. Scarlet sufocou um grito e soltou, mas o braço ficou esticado no ar, como se seu pai tivesse se esquecido de baixá-lo.

A pele estava coberta de marcas de queimaduras. Cada uma era um círculo perfeito em uma fileira organizada e perfeita. Fileira após fileira, envolvendo o antebraço do pulso ao cotovelo, algumas brilhando com tecido cicatrizado, outras negras e com bolhas. E, no pulso, havia uma ferida onde antes ficava o chip de identificação.

Ela sentiu o estômago revirar.

Com as costas na parede, o pai afundou a cabeça no colchão, para longe de Scarlet, para longe das queimaduras.

– Quem fez isso com você?

Ele deixou cair o braço e se encolheu. Não falou nada.

Scarlet se apoiou na parede e correu até o banheiro do corredor. Voltou um momento depois com um tubo de pomada

e um rolo de ataduras. O seu pai não tinha se movido.

– Eles me obrigaram – sussurrou ele, já menos histérico.

Scarlet afastou o braço dele da barriga e começou a cuidar dos ferimentos com o máximo de delicadeza que conseguiu apesar das mãos trêmulas.

– Quem obrigou você a fazer o quê?

– Não consegui escapar – continuou ele, como se não a tivesse ouvido. – Fizaram tantas perguntas e eu não sabia. Não sabia o que eles queriam. Tentei responder, mas não sabia...

Scarlet ergueu o olhar quando o pai inclinou a cabeça na direção dela e observou com os olhos vidrados os cobertores emaranhados. Lágrimas haviam se acumulado em seus olhos. Seu pai... chorando. Era quase mais chocante do que as queimaduras. Sentiu um aperto no peito e ficou parada, com a atadura enrolada pela metade do pulso dele. Ela se deu conta de que não conhecia esse homem triste e destruído. Tinha apenas a forma de seu pai, aquele pai carismático e egoísta que não valia nada.

Onde antes queimaram tanta raiva e ódio, havia agora um doloroso sentimento de pena.

O que poderia ter causado isso?

– Me deram o atizador – prosseguiu ele com olhos arregalados e distantes.

– *Deram* para você...? Por quê...?

– E me levaram até ela. E percebi que era ela quem tinha as respostas. Ela tinha a informação. Eles queriam algo *dela*. Mas ela assentiu, apenas... me viu fazendo, e chorou... mas eles lhe fizeram as mesmas perguntas, e ela ainda assim não os

respondeu. Ela se recusou a respondê-los. – Ele soluçou, e o sangue subindo ao seu rosto com uma fúria repentina. – Ela permitiu que fizessem isso comigo.

Com um nó na garganta, Scarlet terminou de enrolar a atadura e se encostou no colchão, as pernas começando a tremer.

– Grand-mère? Você a viu?

Com ódio, ele se virou para ela, enlouquecido de novo.

– Ficaram comigo por uma semana e depois simplesmente me soltaram. Perceberam que ela não ligava para mim. Que ela não iria ceder por *mim*.

Sem aviso, ele se lançou para a frente e cambaleou de joelhos na direção de Scarlet, agarrando seus braços. A garota tentou se afastar, mas o pai a segurou com firmeza, afundando as unhas na pele dela.

– O que é, Scar? O que é tão importante? Mais importante do que seu próprio filho?

– Pai, você precisa se acalmar. Precisa me contar onde ela está.

– Os pensamentos dela se embaralharam. – Onde ela está? Quem está com ela? *Por quê?*

Seu pai a avaliou, seus olhos, em pânico e brilhando. Lentamente, ele balançou a cabeça e voltou a olhar para o chão.

– Ela está escondendo alguma coisa – murmurou ele. – Quero saber o que é. O que ela está escondendo, Scar? Onde está?

Ele virou para mexer em uma gaveta de camisas velhas que já tinha sido claramente revirada antes. Suava, o cabelo umedecido ao redor das orelhas.

Scarlet se apoiou na a base da cama para se erguer até o colchão.

– Pai, por favor. – Ela tentou parecer doce, embora o coração estivesse tão disparado que doía. – Onde ela *está*?

– Não sei. – Ele enfiou as unhas no espaço entre o rodapé e a parede. – Eu estava em um bar em Paris. Devem ter colocado drogas na minha bebida, porque acordei depois em um quarto escuro. Tinha um cheiro úmido, de mofo. – Ele fungou. – Também me drogaram quando me soltaram. Em um minuto eu estava naquele quarto escuro, no seguinte estava aqui. Acordei na plantação de milho.

Tremendo, Scarlet puxou os cabelos até eles se enrolarem em suas mãos. Levaram-no para *aqui*, o mesmo lugar onde sequestraram a avó. Por quê? Aquelas pessoas sabiam que Scarlet era a única pessoa que ele tinha na família? Será que acharam que ela seria a melhor pessoa para cuidar dele?

Não fazia sentido. Estava claro que não se preocupavam com o bem-estar de seu pai. Então o quê? Deixá-lo ali era uma mensagem para ela? Uma ameaça?

– Você deve se lembrar de alguma coisa – disse ela, sua voz assumindo um leve tom de desespero. – Alguma coisa do quarto ou algo que alguém disse? Você chegou a ver algum deles? Conseguiria descrever para um retratista da polícia? *Alguma coisa?*

– Estava drogado – disse ele rapidamente, mas suas sobrancelhas se franziram e se esforçou para pensar. Fez que ia

tocar nas marcas de queimadura, mas acabou deixando a mão no colo. – Não me deixavam ver.

Scarlet mal resistiu ao desejo de sacudi-lo e gritar que ele tinha que fazer mais esforço.

– Vendaram você?

– Não. – Ele apertou os olhos. – Tive medo de olhar.

Lágrimas frustradas estavam começando a arder em seus olhos, e Scarlet inclinou a cabeça para trás, engolindo em seco sua respiração, paciente. Seus piores medos, aquelas desconfianças sorrateiras e horríveis, eram verdade.

Sua avó tinha sido sequestrada. Não apenas sequestrada, mas sequestrada por pessoas cruéis e brutais. Será que a estavam ferindo como feriram seu filho? O que fariam com ela? O que queriam?

Resgate?

Mas por que ainda não tinham pedido nada? E por que levaram seu pai e depois o soltaram? Não fazia sentido.

Uma nuvem de terror cobriu sua mente. Todos os horrores possíveis passavam por sua imaginação. Tortura e queimaduras e quartos escuros...

– O que quis dizer quando falou que obrigaram você? O que obrigaram você a fazer?

– Me queimar – sussurrou ele. – Me deram o atizador.

– Mas como...?

– Tantas perguntas. Não sei. Não conheci meu pai. Ela não fala sobre ele. Não sei o que ela faz aqui nesta casa antiga e grande. O que aconteceu na lua. Não sei o que ela está escondendo. Ela está

escondendo *alguma coisa*. – Ele puxou fracamente os cobertores da cama, olhando sem entusiasmo debaixo do lençol.

– Você não está fazendo sentido – disse Scarlet, com a voz falhando. – Precisa pensar melhor. De alguma coisa você deve se lembrar.

Um longo silêncio. Do lado de fora, as galinhas estavam cacarejando de novo, com os pés ásperos raspando no cascalho.

– Tatuagem.

Ela franziu a testa.

– O quê?

Ele colocou o dedo em uma das queimaduras, na pele interna do braço, logo abaixo do cotovelo.

– O que me entregou o atizador tinha uma tatuagem. Aqui. Letras e números.

A visão dela se encheu de pontinhos de luz e Scarlet se apoiou na colcha emaranhada, sentindo por um momento que poderia desmaiar.

Letras e números.

– Tem certeza?

– S... L... – Ele balançou a cabeça. – Não consigo lembrar. Tinha mais.

A boca de Scarlet ficou seca, o ódio superando a tontura. Ela conhecia aquela tatuagem.

Ele tinha fingido ser gentil. Fingira que só precisava de trabalho honesto.

Quando – dias? horas? – ele torturara seu pai. E estava mantendo sua avó prisioneira.

E ela quase confiou nele. O tomate, as cenouras... Pensou que o estivesse ajudando. Céus, ela havia *flertado* com ele, e o tempo todo ele sabia. Ela se lembrou dos momentos de estranha diversão, do brilho nos olhos dele, e sentiu um nó no estômago. Ele estava rindo dela.

Com os ouvidos zumbindo, ela olhou para o pai, que estava revirando os bolsos de uma calça que não devia caber na avó havia vinte anos.

Ela ficou de pé. O sangue lhe subiu à cabeça, mas ela ignorou a sensação. Marchou até o canto do quarto e pegou o tablet da avó no local onde o pai o tinha jogado, no chão.

– Aqui – disse ela, jogando o tablet na cama. – Vou até a fazenda Morel. Se eu não voltar em três horas, mande uma mensagem para a polícia.

Atordado, o pai esticou a mão e pegou o tablet.

– Pensei que os Morel estivessem mortos.

– Você está me ouvindo? Quero que tranque todas as portas e não saia. Três horas e pode mandar uma mensagem para a polícia. Entendeu?

Mais uma vez, ele sucumbiu àquela expressão assustada e infantil.

– Não vá, Scar. Você não entendeu? Me usaram como isca para ela, e você vai ser a próxima. Eles virão para você também.

Scarlet cerrou os dentes e fechou o zíper do moletom até o pescoço.

– Pretendo encontrá-los primeiro.

CAPÍTULO

Seis

CARSWELL THORNE

ID #0082688359

NASCIDO EM 22 DE MAIO DE 106 T. E.,
NA REPÚBLICA DA AMÉRICA

FF 437 APARIÇÕES NA MÍDIA, ORDEM
CRONOLÓGICA REVERSA

POSTADO EM 12 DE JANEIRO DE 126 T.
E.:

O EX-CADETE DA FORÇA AÉREA
CARSWELL THORNE FOI CONDENADO E
SENTENCIADO A SEIS ANOS DE PRISÃO
APÓS UM RÁPIDO JULGAMENTO DE
DUAS SEMANAS...

O TEXTO VERDE FOI SURGINDO NA VISÃO DE CINDER, RELA crimes de Carswell Thorne, que já tinha tido uma vida bem produtiva infringindo a lei, apesar de ter acabado de completar vinte anos poucos meses antes: uma acusação de deserção militar, duas acusações de roubo internacional, seis acusações de venda de mercadoria roubada e uma acusação de roubo de propriedade pública.

A última acusação não parecia fazer justiça ao crime cometido. Ele tinha roubado uma espaçonave das Forças Armadas da República da América.

Por isso sentia tanto orgulho desta espaçonave.

Apesar de, no momento, estar cumprindo uma pena de seis anos na Comunidade das Nações Orientais por tentativa de roubo de um colar de jade da segunda era, ele também era procurado na Austrália e, é claro, na América, seu país natal, e seria julgado e, sem dúvida, também cumpriria pena nos dois países pelos crimes lá cometidos.

Cinder se encostou em um quadro de distribuição. Fugir da prisão já era uma coisa bem ruim, mas ajudar na fuga daquele criminoso, um criminoso *de verdade*, e fazer isso em uma espaçonave roubada?

Engoliu em seco e olhou pela abertura que fizera entre o aposento mecânico e a cela do prisioneiro. Carswell Thorne ainda estava sentado na cama com os cotovelos apoiados nos joelhos, girando os polegares.

Ela secou a palma da mão úmida no macacão impecavelmente branco. A questão não era Carswell Thorne. A questão era a rainha Levana e o imperador Kai e a *princesa Selene*. A criança inocente que Levana tentara assassinar treze anos antes, mas que tinha sido salva e levada escondida para a Terra. Que continuava sendo a pessoa mais procurada do mundo. Que por acaso era a própria Cinder.

Ela descobrira isso havia menos de vinte e quatro horas. O dr. Erland, que sabia havia *semanas*, decidiu informá-la que tinha

feito exames de DNA que provavam sua hereditariedade depois de a rainha Levana tê-la reconhecido no baile anual e ameaçado atacar a Terra se Cinder não fosse jogada na prisão por ser uma imigrante lunar ilegal.

O dr. Erland entrou escondido na cela da prisão e deu a ela um novo pé (o dela tinha caído nos degraus do palácio), uma mão de ciborgue feita com tecnologia de ponta com ferramentas sofisticadas com as quais ela ainda estava se acostumando e o maior choque da vida dela. Em seguida, mandou que ela fugisse e fosse se encontrar com ele na África, como se isso fosse tão fácil quanto instalar um processador novo em um Gard 3.9.

Aquela ordem, ao mesmo tempo tão simples e tão impossível, deu a ela alguma coisa em que se concentrar em vez de na recém-descoberta identidade. Coisa boa, porque, quando ficava pensando naquilo, seu corpo todo tinha uma tendência de ficar paralisado, deixando-a inútil, e esse era um momento ruim para ficar sofrendo de indecisão. Independentemente do que decidisse fazer quando saísse, Cinder tinha certeza de uma coisa: *não* fugir significava morte certa quando a rainha Levana fosse buscá-la.

Ela olhou para o detento de novo. Ter um destino próximo em mente e uma espaçonave pronta para ser utilizada podia ser a chave para sua fuga.

Ele ainda estava girando os polegares, ainda obedecendo à ordem dela: *só me deixe em paz*. As palavras saíram como fogo de sua boca, enquanto o sangue fervia e a pele queimava. A sensação de calor exagerado era um efeito colateral do novo dom lunar,

poderes que o dr. Erland tinha conseguido liberar depois que um dispositivo implantado em sua coluna a impediu de usá-los durante tantos anos. Apesar de ainda parecer magia para ela, era na verdade um traço genético com o qual os lunares nasciam e que permitia que eles controlassem e manipulassem a bioeletricidade de outras criaturas vivas. Eles conseguiam enganar as pessoas para que vissem coisas que não eram reais ou sentissem falsas emoções. Conseguiam fazer lavagem cerebral e levar as pessoas a fazerem coisas que normalmente não fariam. Sem discussão. Sem resistência.

Cinder ainda estava aprendendo a usar o “dom” e não tinha certeza de como conseguira controlar Carswell Thorne, assim como não sabia direito como conseguira convencer um dos guardas da prisão a transferi-la para uma cela mais conveniente. Sabia apenas da vontade que lhe dera de estrangular o presidiário quando ele não parava de falar e que o dom lunar surgiu na base do pescoço, estimulado pelo estresse e pelo nervosismo. Ela perdeu o controle do dom por um momento, e foi assim que Thorne fez exatamente o que ela queria que ele fizesse.

Ele parou de falar e a deixou em paz.

O sentimento de culpa foi instantâneo. Ela não sabia que tipo de efeito toda aquela manipulação cerebral poderia causar em uma pessoa. E, mais do que isso, não queria ser uma daquelas lunares que tiravam vantagem dos poderes só porque podiam. Não queria ser lunar em nada.

Ela bufou. Soprou uma mecha de cabelo do rosto e se abaixou para se enfiar no buraco que foi criado quando tirou o penico da

parede.

Ele ergueu o olhar quando Cinder veio e parou na frente dele com as mãos na cintura. Thorne ainda estava tonto, e apesar de ela odiar admitir, era bem atraente. Isso se uma garota por acaso gostasse de queixos meio quadrados, olhos azuis intensos e covinhas demoníacas. Embora ele precisasse desesperadamente de um corte de cabelo e de uma lâmina de barbear.

Ela respirou para se acalmar.

– Forcei você a fazer o que eu queria que fizesse, mas não devia. Foi abuso de poder, e peço desculpas.

Ele piscou para a mão de metal dela e para a chave de fenda que saía da junta de um dos dedos.

– Você é a mesma garota que estava aqui ainda agora? – perguntou ele, com a voz surpreendentemente clara, mesmo com o pesado sotaque americano. Por algum motivo, ela esperava que ele arrastasse as palavras depois da manipulação cerebral.

– É claro que sou.

– Ah. – Ele franziu a testa. – Você parecia bem mais bonita antes.

Irritada, Cinder pensou em retirar o pedido de desculpas, mas preferiu cruzar os braços sobre o peito.

– Cadete Thorne, não era mesmo?

– Capitão Thorne.

– Seus registros dizem que você era cadete quando desertou.

Ele franziu a testa, ainda intrigado, mas acabou sorrindo e apontou um dedo para ela.

– Tablet na cabeça?

Ela mordeu a parte interna da bochecha.

– Bem, se você quiser falar *tecnicamente* – disse ele. – Mas agora sou capitão. Soa melhor. As garotas se impressionam muito mais.

Cinder, nada impressionada, apontou na direção da sala mecânica do outro lado da parede.

– Decidi que você pode vir comigo se conseguirmos chegar à sua nave. Só... tente não falar demais.

Ele saiu da cama antes de ela terminar de falar.

– Foi meu charme irresistível que convenceu você, não foi?

Suspirando, ela entrou pelo buraco, tomando o cuidado de não pisar no encanamento desconectado.

– Essa sua nave... É a roubada, não é? Dos militares americanos?

– Não gosto de pensar nela como “roubada”. Ninguém tem provas de que não planejei devolvê-la.

– Você está brincando, né?

Thorne deu de ombros.

– Você também não pode provar.

Ela apertou os olhos para ele.

– Você *estava* planejando devolver?

– Talvez.

Uma luz laranja piscou no canto da visão de Cinder; sua programação ciborgue captando a mentira.

– Foi o que pensei – murmurou ela. – A nave é rastreável?

– É claro que não. Retirei todo o equipamento de rastreamento séculos atrás.

– Ótimo. Isso me faz lembrar de uma coisa. – Ela ergueu a mão, recolheu a chave de fenda e, depois de duas tentativas, exibiu o estilete. – Precisamos remover seu chip de identificação.

Ele deu meio passo para trás.

– Não me diga que você é um fresco.

– É claro que não – disse ele, com uma gargalhada desconfortável, dobrando a manga esquerda. – É que... Essa coisa está esterilizada?

Cinder olhou com raiva.

– Quero dizer... tenho certeza de que você é bem higiênica e tudo, é só que... – Ele parou de falar, hesitou e esticou o braço para ela. – Deixa pra lá. Só tente não cortar nada importante.

Inclinada sobre o braço dele, Cinder virou a lâmina na direção do pulso com o máximo de cuidado e delicadeza que conseguiu. Já havia uma cicatriz leve ali, supostamente de quando ele retirou outro chip de identificação, quando fugiu pela primeira vez da polícia.

Os dedos de Thorne tremeram com o corte, mas ele manteve-se imóvel como pedra. Ela extraiu o chip de identificação coberto de sangue e o jogou em meio a uma pilha de cabos no chão, depois cortou uma tira de tecido da manga e deixou que ele enrolasse no ferimento.

– É impressão minha, ou este é um grande momento em nosso relacionamento?

Cinder riu com deboche. Ela se virou e apontou para uma grade perto do teto. Estava cercada de fios pendurados saindo do

quadro de distribuição e desaparecendo em dezenas de buracos nas paredes.

– Você consegue me levantar até ali?

– O que é aquilo? – perguntou Thorne, entrelaçando os dedos.

– Sistema de ventilação. – Cinder pisou nas palmas das mãos dele e ignorou seu resmungo quando ele a levantou. Ela já esperava, sabendo que a perna de metal a deixava bem mais pesada do que aparentava.

Com essa ajuda, ela tirou a grade em segundos. Colocou-a silenciosamente em cima de alguns canos e se impulsionou pela abertura sem hesitar.

Enquanto esperava Thorne subir atrás dela, abriu o arquivo da planta da estrutura interior da cadeia para verificar a direção. Cinder acendeu a lanterna embutida e começou a engatinhar.

O caminho foi trabalhoso, quente e desajeitado, com a sua perna esquerda raspando no alumínio a intervalos de alguns centímetros. Duas vezes, ela parou para ouvir, pensando ter escutado passos embaixo. Será que um alarme seria disparado quando a fuga deles fosse descoberta? Ela estava surpresa de ainda não ter acontecido. Trinta e dois minutos. Tinha saído de sua cela trinta e dois minutos antes.

O suor pingando do nariz e o batimento acelerado do seu coração fizeram o tempo se arrastar, como se o relógio em sua cabeça tivesse quebrado. A presença de Thorne já a enchia de dúvidas. Já seria bem difícil sozinha. Como tiraria os dois dali?

O pensamento passou por sua mente, surpreendente e claro.

Ela podia fazer uma lavagem cerebral nele.

Podia convencê-lo de que ele queria contar a ela onde a nave estava e como chegar até lá, depois fazê-lo decidir que não queria ir, no fim das contas. Ela podia mandá-lo de volta. Ele não teria escolha além de obedecê-la.

– Tudo bem?

Cinder soltou o ar preso nos pulmões.

Não. Ela não tiraria vantagem dele nem de ninguém. Tinha vivido muito bem sem o dom lunar até então, e viveria bem agora.

– Desculpe – murmurou ela. – Estava só checando a planta. Estamos quase lá.

– Planta?

Ela o ignorou. Minutos depois, dobrou uma esquina e viu um quadrado de luz quadriculada no teto do duto. Uma pontada de alívio, de esperança, surgiu dentro dela quando esticou a cabeça sobre a grade e olhou para baixo.

O que viu foi uma área de concreto com uma pequena poça de água parada abaixo e, a menos de seis passos, outra grade, maior e redonda.

Um bueiro. Bem onde a planta dizia que estaria.

A queda era de um andar, mas, se eles conseguissem pular sem quebrar nenhuma perna, seria quase fácil.

– Onde estamos? – sussurrou Thorne.

– Em uma plataforma subterrânea de carga, por onde chegam a comida e os suprimentos. – Ela passou o mais graciosamente que conseguiu por cima da grade e deu a volta, para que tanto ela quanto Thorne pudessem olhar.

– Precisamos descer até lá, até aquele bueiro.

Thorne franziu a testa e apontou.

– Não é a rampa de saída bem ali?

Ela assentiu sem olhar.

– Por que não estamos tentando ir pra *lá*?

Cinder olhou para ele, com a grade criando sombras peculiares em seu rosto.

– E simplesmente andar até sua espaçonave? Em plena luz do dia, vestindo nossos lindos uniformes brancos?

Ele franziu a testa, mas qualquer resposta que daria foi silenciada pelo som de vozes. Os dois recuaram, agachados.

– Eu não o vi dançando com ela, minha irmã que viu – disse uma mulher. As palavras vieram acompanhadas de passos, depois de uma porta rolante sendo erguida em trilhos enferrujados. – O vestido dela estava encharcado e enrugado como um saco de lixo.

– Mas por que o imperador dançaria com uma ciborgue? – perguntou um homem. – E, depois, ela atacar a rainha lunar daquele jeito... Impossível. Sua irmã estava sonhando. Aposto que a garota era só uma maluca, uma maluca de rua que entrou na festa. Devia estar amarga por causa de alguma injustiça ciborgue.

A conversa foi interrompida pelo ronco de uma nave de entrega.

Cinder ousou espiar pela grade de novo e viu uma nave debaixo deles, indo de ré em direção a um compartimento de carga e parando exatamente entre Cinder e Thorne e o bueiro.

– Bom dia, Ryu-j-un – disse o homem quando o piloto desceu da nave. Os outros cumprimentos foram abafados pelo sibilar hidráulico de uma plataforma ajustável.

Aproveitando o barulho, Cinder usou a chave de fenda para remover a grade. Quando fez um aceno para Thorne, ele a ergueu cuidadosamente.

O suor escorria pelo pescoço de Cinder, e seu coração estava palpitando tanto que ela achou que poderia machucar o interior de sua caixa torácica. Colocando a cabeça pelo buraco, ela espiou a plataforma e procurou outros sinais de vida. E logo viu, a menos de um braço de distância, no teto de concreto, uma câmera giratória.

Ela pulou para dentro do buraco, a pulsação sibilando em seus ouvidos. Por sorte, a câmera tinha estado virada para o outro lado, mas não havia como eles conseguirem descer sem serem detectados. Havia também os três trabalhadores descarregando a entrega, e cada momento que passava deixava mais próximo o momento em que algum guarda descobriria as celas vazias.

Ela fechou os olhos e imaginou onde a câmera estava antes de colocar o braço para fora. Seu braço seguiu grudado no teto (a câmera estava mais longe do que parecia quando ela olhou), mas seus dedos acabaram por encontrá-la. Ela segurou a lente e apertou. O plástico foi esmagado como uma ameixa no seu punho de titânio, fazendo um som satisfatório que pareceu ensurdecador e alto demais.

Ela ouviu com atenção e ficou aliviada ao ouvir os sons de movimento e conversa abaixo seguirem sem mudança.

Não tinham tempo a perder. Em pouco mais de um minuto, alguém perceberia que uma câmera tinha sido desativada.

Cinder ergueu a cabeça, assentiu para Thorne e se deslocou para a abertura.

Ao pular no teto da nave de entrega, ouviu-se um estalo que tremeu debaixo de seu corpo. Thorne veio atrás, caindo com um grunhido abafado.

A conversa parou.

Cinder virou quando três pessoas saíram do compartimento de carga, com os rostos retorcidos de incompreensão.

Eles a viram junto com Thorne no alto da nave e ficaram paralisados. Cinder conseguia vê-los observando os uniformes brancos. A mão de ciborgue dela.

Um dos homens esticou a mão para o tablet na cintura.

Trincando os dentes, Cinder esticou a mão para ele, pensando apenas em como ele não podia pegar o tablet, não podia dar o alarme. Imaginando a mão dele petrificada no ar a centímetros do cinto.

Com a vontade dela, a mão do homem parou e ficou imóvel.

Os olhos dele se encheram de terror.

– Não se mexam – disse Cinder, com a voz rouca e a culpa já corroendo sua garganta. Sabia que estava tão em pânico quanto as três pessoas à sua frente, mas o medo nos rostos delas era inconfundível.

A sensação de queimação voltou, começando no alto da nuca, e se espalhou pelos ombros e quadris, ardendo nos pontos em que tocava nas próteses. Não foi doloroso nem repentino como

quando o dr. Erland libertou o dom lunar pela primeira vez. Na verdade, foi bem reconfortante, quase agradável.

Ela conseguia sentir as três pessoas de pé na plataforma, com a bioeletricidade emanando delas em ondas, estalando no ar, pronta para ser controlada.

Virem de costas.

Os três viraram ao mesmo tempo, com corpos rígidos e desajeitados.

Fechem os olhos. Cubram os ouvidos. Ela hesitou e acrescentou: *Cantarolem.*

Imediatamente, o ruído de três pessoas cantarolando preencheu o que tinha se tornado uma plataforma de carga silenciosa. Ela torceu para que fosse o bastante para impedir que ouvissem a grade sendo aberta no piso de concreto. Sua única esperança era que eles concluíssem que ela e Thorne tinham saído pela porta ou se escondido em uma nave de carga.

Thorne estava olhando fixamente, com o queixo caído, quando Cinder virou para ele.

– O que eles estão fazendo?

– Obedecendo – disse ela com pesar, se odiando por ter dado a ordem. Odiando o cantarolar que enchia seus ouvidos. Odiando esse dom que não era nada natural, que era tão poderoso, tão injusto.

Mas a ideia de interromper o controle sobre eles jamais cruzou sua mente.

– Vamos – falou Cinder, meio pulando, meio deslizando para fora da nave. Ela rastejou por debaixo da nave e encontrou a

grade entre as rodas do trem de pouso. Embora estivesse com as mãos tremendo, conseguiu girar a grade em noventa graus e levantá-la.

Uma poça rasa de água parada brilhou em seus olhos na escuridão.

A queda não era grande, mas, ao pular de pés descalços em uma água oleosa, ela se encheu de nojo. Thorne apareceu ao seu lado em um segundo e recolocou a grade na abertura.

Havia um túnel redondo de concreto na parede, que mal chegava à barriga de Cinder, tomado pelo fedor de lixo e mofo. Torcendo o nariz, ela se agachou e rastejou para dentro dele.

CAPÍTULO

Sete

O AMONTOADO DE ÍCONES NA TELA DO IMPERADOR KAI ESTAVA FICANDO vez maior, não só por haver tantas coisas que o novo imperador precisava ler e assinar, mas porque ele não estava se dedicando muito a ler e assinar nenhuma delas. Com os dedos enfiados no cabelo, ele olhou sem ver o painel embutido da tela destacada na mesa e viu os ícones se multiplicarem com uma sensação crescente de medo.

Deveria estar dormindo, mas, depois de incontáveis horas olhando as sombras acima da cama, acabou desistindo e decidiu ir até o escritório na tentativa de fazer algo produtivo. Estava louco por uma distração. Qualquer uma.

Qualquer coisa que afastasse os pensamentos que ficavam girando em sua mente.

Grande coisa suas boas intenções.

Inspirando controladamente, Kai olhou para o escritório vazio. Era para ser o escritório do pai, mas Kai achava o aposento extravagante demais para um local de trabalho. Três lustres ornados com franjas estavam pendurados em um teto vermelho e dourado, pintados à mão com dragões elegantes. Uma lareira holográfica ficava na parede à esquerda. Uma área de estar com mobília de cipreste entalhado cercava um minibar no canto.

Vídeos silenciosos da mãe de Kai brilhavam em porta-retratos perto da porta, às vezes acompanhados de imagens de Kai quando criança e dos três juntos.

Nada tinha mudado desde a morte do pai, exceto o dono do escritório.

E talvez o cheiro. Kai se lembrava do aroma da loção pós-barba do pai, mas agora havia o fedor distinto de água sanitária e produtos químicos, que restava da faxina feita pela equipe de limpeza depois que o pai contraiu letumose, a praga que matara centenas de milhares de pessoas em toda a Terra na década anterior.

A atenção de Kai se desviou das fotos e seguiu para o pequeno pé de metal que estava no canto da mesa, com as juntas cobertas de graxa. Como uma roda girando, seus pensamentos completavam uma volta inteira mais uma vez.

Linh Cinder.

De estômago apertado, ele colocou na mesa o stylus que segurava e foi pegar o pé, mas seus dedos pararam antes de chegar até ele.

Pertencia a ela, a bela e jovem mecânica do mercado. A garota com quem era tão fácil conversar. A garota que era tão autêntica, que não fingia ser uma coisa que não era.

Ou era o que pensara.

Seus dedos se fecharam e ele recuou, desejando ter alguém com quem conversar.

Mas seu pai não estava mais lá. E agora o dr. Erland também não estava; pedira demissão e tinha ido embora sem nem se

despedir.

Havia Konn Torin, o conselheiro de seu pai e agora dele também. Mas Torin, com sua constante diplomacia e lógica, jamais entenderia. Kai não sabia nem se *ele mesmo* entendia o que sentia quando pensava em Cinder. Linh Cinder, que tinha mentido para ele sobre tudo.

Ela era ciborgue.

Ele não conseguia afastar a lembrança de Cinder caída na base da escada do jardim, o pé solto da perna, a mão de metal branco e quente derretendo os restos de uma luva de seda, do par de luvas que tinha sido presente dele para ela.

Kai devia ter sentido repulsa. Ao reviver a lembrança, *tentou* sentir repulsa dos fios soltando faíscas, dos dedos cheios de sujeira e do fato de que havia falsos receptores neurais levando e trazendo mensagens do cérebro dela. Ela não era natural. Devia ser um caso de caridade, e ele não conseguia deixar de se perguntar se a família dela tinha pagado pela cirurgia ou se havia sido custeada pelo governo. Ficava pensando quem teria tido tanta pena dela a ponto de lhe dar uma segunda vida quando seu corpo humano fora tão destruído. Perguntou-se o que tinha acontecido para o corpo dela ficar tão destruído, ou se talvez ela tinha nascido desfigurada.

Ele se perguntou e se perguntou e sabia que devia ter ficado mais perturbado por cada pergunta não respondida.

Mas não ficava. Não era o fato de ela ser ciborgue que revirava seu estômago.

Na verdade, a repugnância começava no momento em que a visão que tinha dela piscou como se ela fosse uma tela quebrada. Então, de repente, e Cinder não era mais uma ciborgue indefesa e encharcada, mas a garota mais intensamente linda que ele já tinha visto. Era deslumbrante a ponto de tirar o fôlego e cegar, com a pele impecável e bronzeada e olhos brilhantes e uma expressão tão arrebatadora que ameaçava amolecer os joelhos dele.

O glamour lunar era ainda mais intenso do que o da rainha Levana, e a beleza *dela* era dolorosa.

Kai sabia que tinha sido isso: o glamour de Cinder, surgindo e sumindo enquanto ele estava de pé acima dela, tentando entender o que estava vendo.

O que ele não sabia era quantas vezes ela usara o glamour antes disso. Quantas vezes o tinha enganado. Quantas vezes o tinha feito de bobo.

Ou será que a garota no mercado, enlameada e desgrenhada, era a garota de verdade, afinal? A garota que arriscou a vida para ir até o baile dar um aviso a Kai, com um pé ciborgue instável e tudo...

– Não importa – disse ele para o escritório vazio, para o pé solto.

Fosse quem fosse, Linh Cinder não era mais preocupação dele. Em pouco tempo, a rainha Levana voltaria para Luna e levaria Cinder como prisioneira. Foi o acordo fechado por Kai.

No baile, ele foi forçado a fazer uma escolha, e recusou a proposta de aliança de casamento de Levana de uma vez por

todas. Estava determinado a nunca sujeitar seu povo a viver à mercê de uma imperatriz tão desalmada, e, naquele momento, Cinder fora sua última peça de barganha. A paz em troca da ciborgue. A liberdade do seu povo em troca da garota lunar que ousou desafiar a rainha.

Era impossível saber quanto tempo um acordo assim duraria. Levana ainda se recusava a assinar o tratado de paz que aliaria Luna à União Terráquea. Seu desejo de ser imperatriz ou conquistadora não se saciaria por muito tempo com o sacrifício de uma simples garota.

E, da próxima vez, Kai achava que não teria mais nada para oferecer.

Desgrenhando o cabelo, Kai voltou a atenção para a emenda na tela e leu a primeira frase três vezes, esperando compreender as palavras. Precisava pensar em outra coisa, alguma coisa, antes que as intermináveis perguntas o levassem à loucura.

Uma voz monótona o interrompeu e o fez dar um salto.

– Entrada requerida pelo Conselheiro Real Konn Torin e pelo Chefe de Segurança Nacional Huy Deshal.

Kai olhou a hora. 6h22.

– Entrada concedida.

A porta do escritório se abriu lentamente. Os dois homens estavam vestidos para o dia que se iniciava, embora Kai nunca tivesse visto nenhum dos dois tão desgrehados. Estava claro que tinham se levantado com pressa, embora ele desconfiasse por causa das olheiras de Torin, que ele não tivesse dormido muito mais do que Kai.

Kai ficou de pé para cumprimentá-los depois de clicar no canto da tela que a embutia de volta na mesa.

– Os dois estão começando cedo hoje.

– Vossa Majestade Imperial – disse o Chefe Huy, fazendo uma reverência. – Estou satisfeito por encontrá-lo acordado. Lamento informar uma falha na segurança que requer sua atenção imediata.

Kai ficou paralisado, seus pensamentos correndo, ataques terroristas, manifestantes descontrolados... a rainha Levana declarando guerra.

– O quê? O que aconteceu?

– Houve uma fuga da Prisão de Nova Pequim – disse Huy. – Aproximadamente 48 minutos atrás.

Os nervos contraíram seus ombros, e Kai olhou para Torin.

– Uma fuga?

– Dois detentos fugiram.

Kai enfiou as unhas na mesa.

– Não temos algum tipo de protocolo preparado para isso?

– Em termos gerais, sim. No entanto, essa é uma circunstância extraordinária.

– Como assim?

As rugas ao redor da boca de Huy se aprofundaram.

– Uma das detentas é Linh Cinder, Vossa Majestade. A fugitiva lunar.

O mundo virou de cabeça para baixo. O olhar de Kai se desviou para o pé ciborgue, mas o imperador logo voltou a olhar para cima.

– Como?

– Temos uma equipe analisando a filmagem de segurança para determinar o método exato. Sabemos que ela conseguiu lançar o glamour em um guarda e convencê-lo a levá-la para outra ala da prisão. De lá, conseguiu invadir o sistema de ventilação. – Constrangido, de repente, Huy mostrou dois sacos transparentes. Um continha uma mão ciborgue, o outro, um pequeno chip encharcado de sangue. – Isso foi encontrado na cela dela.

Kai abriu a boca, mas ele estava completamente estupefato pelo que via. Estava ao mesmo tempo intrigado e irritado pela mão solta.

– Isso é a *mão* dela? Por que ela faria isso?

– Ainda estamos trabalhando nos detalhes. Mas sabemos que ela conseguiu chegar até a plataforma de carga da prisão. Estamos trabalhando para bloquear todas as possíveis rotas de fuga a partir de lá.

Kai andou até as janelas, que iam do chão ao teto e davam vista para os jardins do lado oeste do palácio. A grama sussurrava ainda brilhando com o orvalho matinal.

– Vossa Majestade – disse Torin, a primeira vez que falava –, eu o aconselharia a acionar reforços militares para rastrear e recuperar os fugitivos.

Kai massageou a testa.

– Militares?

Torin respondeu lentamente.

– É de seu interesse fazer tudo que puder para recuperá-la.

Kai estava com dificuldade para engolir. Sabia que Torin estava certo. Qualquer hesitação seria vista como sinal de fraqueza, e possivelmente até sugeriria que ele teria ajudado a prisioneira a escapar. O que a rainha Levana certamente não encararia bem.

– Quem é o outro fugitivo? – perguntou ele, para ganhar tempo enquanto lutava para entender as implicações. Cinder, uma lunar, uma ciborgue, uma fugitiva, que ele praticamente tinha sentenciado à morte.

Fugiu.

– Carswell Thorne – disse Huy –, um ex-cadete da força aérea da República da América. Ele desertou 14 meses atrás depois de roubar uma nave de carga. No momento, não o consideramos perigoso.

Kai voltou a se aproximar da mesa, vendo que o perfil do fugitivo havia sido transferido para a tela. Franziu ainda mais a testa. Talvez não fosse perigoso, mas era jovem e inquestionavelmente bonito. A foto da prisão mostrava-o piscando de forma irreverente para a câmera. Kai o odiou na mesma hora.

– Vossa Majestade, precisamos que tome uma decisão – disse Torin. – Temos vossa permissão para mandar reforços militares para procurar os fugitivos?

Kai enrijeceu.

– Sim, claro, se é o que você julga que a situação exige.

Huy bateu continência e marchou em direção à porta.

Kai queria chamá-lo de volta imediatamente, quando mil perguntas encheram seu cérebro. Queria que o mundo

desacelerasse e desse a ele tempo para compreender isso, mas os dois homens já tinham saído antes que o hesitante “esperem” pudesse sair de sua boca.

A porta se fechou, deixando-o sozinho. Lançou um único olhar para o pé abandonado de Cinder antes de desabar na cadeira e encostar a testa na fria tela.

Kai não conseguiu evitar imaginar seu pai sentado àquela mesma mesa, encarando a situação. Ele tinha certeza de que seu pai já estaria enviando mensagens, fazendo tudo que pudesse para encontrar a garota e apreendê-la, porque era o melhor para a Comunidade.

Mas Kai não era seu pai. Não era tão altruísta.

Sabendo que era errado, não conseguiu deixar de desejar que, para onde quer que Cinder tivesse ido, ela jamais fosse encontrada.

CAPÍTULO

Oito

OS MOREL ESTAVAM TODOS MORTOS. A FAZENDA ESTAVA ABANDONADA

sete anos, desde que os pais e uma pequena tropa de seis filhos haviam sido transportados para as quarentenas da peste de Toulouse durante um outubro, deixando para trás uma coleção de estruturas apodrecendo (a fazenda, o celeiro, um galinheiro), além de cem acres de plantações abandonadas para crescerem por conta própria. Uma construção de depósito em forma de arco, que um dia abrigara tratores e fardos de feno, permanecia intacta, solitária em meio a um campo de grãos com plantas altas.

Uma fronha velha e empoeirada, tingida de preto, ainda balançava ao vento na varanda, avisando aos vizinhos para ficarem longe da casa infectada. Por muitos anos, a fronha fez seu serviço, até os maus elementos que organizavam as lutas encontrarem a casa e a tomarem para si.

As lutas já estavam acontecendo quando Scarlet chegou. Ela mandou uma mensagem apressada para o departamento de polícia de Toulouse quando estava na nave, imaginando que teria pelo menos vinte ou trinta minutos até que os agentes respondessem, inúteis como eram. Tempo suficiente para obter

a informação de que ela precisava antes de Lobo e o resto dos renegados da sociedade serem levados presos.

Respirando fundo o ar frio da noite que não ajudou em nada a acalmar seu coração acelerado, ela marchou para dentro do depósito abandonado.

Uma plateia enlouquecida gritava em volta de um palco improvisado, onde um homem estava socando o oponente no rosto, seu punho voando sem parar com uma regularidade doentia. Sangue começou a jorrar do nariz do oponente. A plateia berrava, estimulando o lutador que vencida.

Scarlet deu a volta por trás, permanecendo perto das paredes tortas, cuja superfície estava coberta de pichações das mais vibrantes cores. O chão estava coberto de palha, pisoteada até quase virar poeira. Fileiras de lâmpadas baratas estavam penduradas em fios alaranjados, uma boa quantidade piscava e ameaçava queimar. O ar quente fedia a suor e corpos e a uma doçura dos campos que não combinava.

Scarlet não esperava que houvesse tanta gente. Havia bem mais de duzentos espectadores, e ela não reconheceu nenhum. Aquelas pessoas não eram da pequena cidade de Rieux. Provavelmente, muitas tinham vindo de Toulouse. Havia uma grande quantidade de piercings e tatuagens e manipulações cirúrgicas. Uma garota com cabelo pintado como o pelo de uma zebra e um homem de coleira sendo arrastado por um androide-acompanhante curvilíneo. Havia até ciborgues na plateia, a raridade ainda mais estranha porque nenhum estava escondendo suas características robóticas. Eles exibiam tudo,

desde braços de metal polido a globos oculares pretos e espelhados que se destacavam de forma sinistra do rosto. Scarlet olhou duas vezes quando passou por um homem exibindo um pequeno tablet implantado no bíceps flexionado, rindo do âncora de noticiário formal que havia dentro dele.

A plateia urrou de repente, um som gutural e alegre. Um homem com a tatuagem de uma coluna vertebral e uma caixa torácica nas costas ficou de pé no palco. Scarlet não conseguia ver o oponente dele em meio a tanta gente.

Ela enfiou as mãos nos bolsos do moletom com capuz e continuou a procurar em meio aos rostos desconhecidos, aos sujeitos estranhos. Scarlet chamava atenção com a calça jeans simples com joelhos rasgados e moletom vermelho surrado que a avó tinha lhe dado anos antes. Em geral, o capuz era como uma camuflagem em uma cidade de pessoas igualmente malvestidas, mas agora ela estava parecendo um camaleão em meio a um bando de dragões-de-komodo. Para todos os lados que ela virava, olhares curiosos a acompanhavam. Com resistência implacável, ela retribuía todos os olhares e continuava a busca.

Scarlet chegou à parede dos fundos da construção, ainda com pilhas altas de caixas de plástico e metal na frente, sem ter encontrado Lobo. Recuou até um canto para ver melhor e puxou o capuz por cima do rosto. A arma apertou seu quadril.

– Você veio.

Ela deu um pulo. Lobo tinha se materializado do nada na sua frente, com os olhos verdes brilhando sob a intermitente luz das lâmpadas empoeiradas.

– Me desculpe – disse ele, dando meio passo para trás. – Eu não queria assustar você.

Scarlet ignorou o pedido de desculpas. Nas sombras, conseguia identificar apenas um pedaço da tatuagem no braço dele, que parecera tão sem importância horas antes, mas que agora estava gravada em sua memória.

O que me entregou o atizador tinha uma tatuagem...

Seu rosto foi tomado de calor quando a fúria, que ela havia enterrado em troca de uma praticidade calma, lhe subiu à cabeça. Aproximando-se dele, ela deu um soco no seu esterno, ignorando o fato de ele ser uma cabeça mais alto do que ela. Seu ódio a fazia sentir que seria capaz de esmagar o crânio dele com as mãos.

– Onde ela está?

A expressão de Lobo estava vazia, as mãos frouxas ao lado do corpo.

– Quem?

– Minha avó! O que você fez com ela?

Ele piscou, sua expressão imediatamente confusa e interrogativa, como se ela estivesse falando em outra língua que ele tivesse dificuldade para compreender.

– Sua avó?

Trincando os dentes, ela deu-lhe outro soco, no peito. Ele se encolheu, mas pareceu ser mais pela surpresa do que por dor.

– Sei que foi você. Sei que você a levou e está com ela em algum lugar. Sei que foi você quem torturou meu pai! Não sei o

que você está tentando provar, mas quero minha avó de volta e quero *agora*!

Ele lançou um olhar furtivo por cima da cabeça dela.

– Desculpe... Estão me chamando para o palco.

Com a pulsação latejando nas têmporas, Scarlet simultaneamente segurou o pulso esquerdo dele e sacou a arma. Apertou o cano na tatuagem dele.

– Meu pai viu sua tatuagem apesar de suas tentativas de mantê-lo drogado. Acho improvável existirem duas tatuagens idênticas assim, e também que você tenha aparecido na minha vida no mesmo dia em que os sequestradores do meu pai o libertaram depois de uma semana de *tortura*.

Os olhos dele clarearam por um momento, mas a expressão foi logo seguida de um franzir profundo da testa, que acentuou uma cicatriz pálida na lateral da boca.

– Alguém sequestrou seu pai... e sua avó – disse ele lentamente.

– Alguém com uma tatuagem como a minha. Mas soltaram seu pai hoje?

– Você acha que sou idiota? – gritou ela. – Vai mesmo tentar me convencer que não teve nada a ver com isso?

Lobo olhou para o palco de novo, e Scarlet apertou mais o pulso dele, mas ele não se moveu.

– Vou à Taverna Rieux todos os dias há semanas. Qualquer um dos garçons e garçonetes pode confirmar. E venho pra cá todas as noites. Qualquer um pode dizer pra você.

Scarlet fez uma expressão de raiva.

– Desculpe se as pessoas aqui não parecem exatamente do tipo que desperta confiança.

– Não são – concordou ele. – Mas todo mundo me conhece. Observe. Você vai ver.

Ele tentou passar por ela, mas Scarlet virou com ele, e seu capuz deslizou para trás. Ela afundou as unhas na pele dele.

– Você não sai daqui até... – Ela parou e olhou além de Lobo, para as pessoas em frente à plataforma.

Todas estavam olhando para eles, avaliando o corpo de Scarlet com olhares predatórios de cima para baixo.

Um homem na plataforma estava encostado nas cordas com um sorrisinho debochado no rosto. Ele ergueu as sobrancelhas quando viu que tinha atraído a atenção de Lobo e Scarlet.

– Parece que o lobo encontrou uma carinha mais macia pra hoje – disse ele, com a voz amplificada por caixas de som escondidas em algum lugar no alto.

Um outro homem estava no palco atrás dele, olhando com malícia para Scarlet. Tinha o dobro da largura e trinta centímetros a mais do que o que tinha falado antes e era completamente careca. O cabelo tinha sido substituído por duas fileiras de dentes de urso implantados como uma boca aberta em sua cabeça.

– Acho que vou levar essa aí pra casa, depois que destruir o rostinho bonito do garoto cachorrinho!

A plateia riu da provocação, assobiou e gritou. Alguém perto deles perguntou se Lobo estava com medo de testar sua sorte.

Impassível, Lobo virou para Scarlet.

– Ele nunca foi vencido – disse em tom de explicação. – Assim como eu.

Irritada por ele achar por um segundo sequer que ela se importava, Scarlet inspirou com fúria.

– Já mandei uma mensagem pra polícia, e eles chegarão aqui a qualquer minuto. Se me contar onde minha avó está, pode ir embora, pode até avisar seus amigos se quiser. Não vou atirar em você e não vou contar à polícia sobre você. Só... só me diga onde ela está. *Por favor.*

Ele olhou para ela, com calma apesar da agitação crescente da multidão. As pessoas tinham começado a cantarolar alguma coisa, mas as palavras estavam abafadas pelo sangue que pulsava nos ouvidos de Scarlet. Ela pensou por um segundo que Lobo estava desmoronando. Que ia contar a ela, e ela poderia manter a palavra pelo tempo suficiente de encontrar a avó e tirá-la dos monstros que a tinham sequestrado.

Depois, ela iria atrás da cabeça dele. Quando a avó estivesse em segurança em casa, ela o procuraria e a qualquer outra pessoa que o tivesse ajudado, e os faria pagar pelo que haviam feito.

Talvez ele tenha reparado na amargura sombria no rosto dela, porque esticou a mão, segurou a dela e delicadamente abriu seus dedos. Por instinto, ela empurrou a arma nas costelas dele, embora soubesse que não ia atirar. Não enquanto não recebesse respostas.

Ele não pareceu preocupado. Talvez também soubesse disso.

– Acredito que seu pai tenha visto mesmo uma tatuagem *como* a minha. – Ele baixou a cabeça para perto dela. – Mas não era eu.

Ele se afastou. Scarlet baixou o braço, deixando a arma pender inerte na lateral do corpo, observando a plateia, que cantarolava, abrir caminho para ele. Os espectadores estavam intimidados, mas também entretidos. A maioria deles sorria e cutucava uns aos outros. Alguns andavam em meio às pessoas, escaneando pulsos, recolhendo apostas.

Lobo podia nunca ter sido derrotado, mas estava claro que a maior parte das apostas estava a favor de seu oponente.

Ela apertou a arma até a textura do cabo de metal deixar uma marca na palma da mão.

Uma tatuagem como a minha...

O que ele quis dizer com isso?

Ele só estava tentando confundi-la, determinou ela enquanto Lobo subia pelas cordas do palco, ágil como um acrobata. Era coincidência demais.

Não importava. Tinha dado uma chance a ele, mas a polícia chegaria logo e o levaria preso. Ela teria suas respostas, de uma forma ou de outra.

Tremendo de frustração, ela colocou a arma de volta na cintura da calça. O latejar em suas têmporas estava começando a diminuir, e ela conseguiu entender o cantarolar da plateia.

Caçador. Caçador. Caçador.

Tonta pelo calor e pela onda de adrenalina, ela olhou para a enorme abertura da construção, onde conseguia ver uma área de mato alto e outra com uma plantação de trigo, iluminadas, ambas, pela lua. Reparou em uma mulher de cabelo curto olhando com raiva para ela, como uma namorada ciumenta.

Scarlet retribuiu o olhar antes de voltar a atenção para o palco. Ficou atrás de todo mundo e puxou o capuz sobre a cabeça de novo, escondendo o rosto sob as sombras.

A multidão se moveu para a frente, levando Scarlet para mais perto do palco.

Caçador tinha tirado a camisa, expondo um amontoado de músculos enquanto atiçava a plateia. A fileira de dentes incorporada à cabeça brilhou quando ele caminhou de um lado do palco até o outro.

Lobo era alto, mas parecia uma criança em comparação com o Caçador. Ainda assim, era pura compostura em seu canto da plataforma, irradiando arrogância com um dos pés nas cordas, praticamente relaxando.

Caçador o ignorou e andou de um lado para o outro como um animal enjaulado. Rosnando. Xingando. Atiçando a multidão até o frenesi.

O que me entregou o atiçador...

Scarlet sentiu um nó no estômago. Ela precisava de Lobo. Precisava de respostas. Mas, naquele momento, não se importaria de vê-lo tomar uma surra naquele palco.

Como se tivesse sentido sua onda de fúria, o olhar de Lobo se dirigiu a ela. O ar de diversão arrogante sumiu.

Scarlet torceu para que estivesse claro em seu rosto para quem ela estava torcendo.

Um holograma ganhou vida em cima da cabeça do apresentador. As palavras giraram e piscaram lentamente.

CAÇADOR [34] X LOBO [11]

– Esta noite, nosso atual campeão invicto... *Caçador!* – gritou o apresentador. A plateia vibrou. – Ele enfrenta o novato invicto, *Lobo!* – Uma mistura de vaias e gritos. Evidentemente, nem todo mundo tinha apostado contra ele.

Scarlet mal prestava atenção, mas se esforçava para ver para o holograma. Lobo [11]. Onze vitórias, desconfiava ela. Onze lutas.

Onze noites?

A avó estava desaparecida havia dezessete dias. Mas o pai... ele não disse que só ficaram com ele durante uma semana? Ela franziu a testa, frustrada com os cálculos.

Caçador gritou:

– Vamos jantar carne de lobo esta noite!

Centenas de mãos bateram na beirada da plataforma fazendo um barulho de trovão.

A concentração de Lobo se transformou em alguma coisa sedenta, mas paciente.

O holograma piscou em tom vermelho intenso, depois evaporou com o som de um gongo.

O árbitro desceu para o meio da plateia e a luta começou.

Caçador deu o primeiro soco. Scarlet sufocou um grito com a velocidade do movimento, mas Lobo desviou com facilidade e escapou da sombra de Caçador.

Caçador era incrivelmente ágil para seu tamanho, mas Lobo era mais. Evitou uma série de golpes, até que o punho de Caçador

por fim acertou o outro com um estalo doentio. Scarlet se encolheu.

A plateia vibrou, empurrando-a e gritando ao lado dela. O frenesi era palpável, e as pessoas salivavam por sangue.

Movendo-se como se tudo fosse coreografado, Lobo mirou um chute sólido no peito de Caçador. Um baque alto fez o chão tremer quando Caçador caiu de costas. Ele só ficou um momento no chão antes de pular de pé de novo. Lobo se afastou e esperou. Sangue pingava dos lábios dele, mas não parecia incomodá-lo. Seus olhos brilhavam.

Caçador atacou com vigor renovado. Lobo levou um soco no estômago e se dobrou com um resmungo. Em seguida, levou um golpe que o mandou cambaleante para a beirada da plataforma. Ele caiu apoiado em um dos joelhos, mas se levantou antes que Caçador pudesse se aproximar.

Ele balançou a cabeça de uma estranha maneira, como um cão, o cabelo voando, depois se agachou com as mãos enormes ao lado do corpo e olhou para Caçador com aquele sorriso peculiar.

Scarlet apertou os dedos no zíper do moletom, se perguntando se esse tique tinha dado origem ao apelido de Lobo.

Quando Caçador veio correndo pela plataforma, Lobo se jogou para o lado e mirou um chute bem nas costas dele. Caçador caiu de joelhos. A plateia vaiou. Um chute amplo, desta vez na orelha de Caçador, o derrubou de lado, estatelado.

Caçador tentou se levantar, mas Lobo mirou nas costelas dele e o derrubou de novo. A plateia estava fervendo, berrando e

gritando falta.

Lobo recuou para permitir que Caçador tivesse tempo de se levantar apoiando nas cordas e se reposicionar para a luta. Havia um novo brilho nos olhos de Lobo, como se ele estivesse gostando daquilo, e quando sua língua saiu da boca para lamber o sangue dos lábios, Scarlet fez uma careta.

Como um touro atacando, Caçador partiu para cima. Lobo bloqueou um soco com o antebraço, mas levou outro na lateral do corpo. Seu cotovelo disparou e acertou o maxilar de Caçador, e Scarlet percebeu que ele tinha levado o golpe de propósito. Caçador cambaleou para trás. Um calcanhar no peito quase o derrubou de novo. Lobo deu um soco no nariz dele, e um jorro de sangue desceu pelo queixo de Caçador. Uma joelhada na lateral do corpo de Caçador o fez se agachar, gemendo.

Scarlet se encolhia a cada golpe, com o estômago embrulhado. Estava perplexa por as pessoas conseguirem ver isso, *apreciar* isso.

Caçador caiu de joelhos, e Lobo estava atrás dele em um piscar de olhos, com o rosto violentamente contorcido, as mãos uma de cada lado da cabeça do oponente.

... me entregou o atizador...

E aquele homem, aquele monstro, estava com sua avó.

Scarlet colocou as mãos na boca para sufocar o grito enquanto seus ouvidos esperavam o estalo do pescoço de Caçador.

Lobo parou e olhou para ela. Seus olhos brilharam, vazios e loucos em um momento, e em seguida quase confusos. Surpresos em vê-la ali. As pupilas dele se dilataram.

A repulsa queimou os nervos de Scarlet. Ela queria afastar o olhar, queria correr, mas estava ancorada ao chão.

E então Lobo pulou para trás, deixando que Caçador caísse para a frente com o próprio peso.

O gongo soou de novo. Da plateia soava uma mistura de gritos e vaias, apreciação e raiva. Alegria explícita por ver o grande Caçador derrotado. Nenhuma daquelas pessoas se importava com a crueldade cega, nem com o fato de quase terem testemunhado um assassinato.

Quando o árbitro subiu pelas cordas para anunciar Lobo como vencedor, o lutador afastou o foco de Scarlet, passou pelo homem e pulou as cordas. A plateia se afastou dele, empurrando Scarlet para trás. Ela por pouco não perdeu o equilíbrio e quase foi esmagada pela multidão.

Lobo saltou, usando as mãos e os pés para dar impulso. Correndo em alta velocidade, ele fugiu noite adentro e desapareceu em meio ao mato prateado.

Vermelho e azul piscavam ao longe.

A multidão fervilhou, zumbindo de confusão e curiosidade. O consenso murmurado parecia ser que Lobo era um novo herói, mas um herói selvagem.

Não demorou muito até que alguém reparasse nas luzes, e o pânico se espalhou pela multidão. Primeiro, gritavam palavras de desafio para a polícia, mas logo saíram correndo pela porta e se espalharam pela fazenda abandonada.

Scarlet estava tremendo quando puxou o capuz por cima da cabeça e fugiu com a multidão. Nem todo mundo estava

correndo. Alguém atrás dela estava tentando botar ordem no caos. Houve um disparo e uma gargalhada louca. À frente, a garota com cabelo de zebra estava de pé em uma caixa de depósito, apontando e rindo para os covardes que fugiam da polícia.

Scarlet fugiu no ar da meia-noite, o barulho sumindo aos poucos, longe do eco do depósito ao redor dela. Conseguia ouvir as sirenes agora, misturadas com o cricrilar dos grilos. Na estrada de terra fora do prédio, ela fez um círculo completo quando a multidão passou por ela empurrando.

Não havia sinal de Lobo.

Ela achava que o tinha visto virar à direita. Sua nave estava estacionada à esquerda. Seu coração estava disparado, dificultando a respiração.

Ela não podia ir embora. Não tinha conseguido o que fora buscar.

Disse a si mesma que conseguiria encontrá-lo de novo. Quando tivesse tido tempo de se acalmar. Depois que conversasse com os detetives e os convencesse a procurar Lobo e prendê-lo, e descobrir para onde ele tinha levado sua avó.

Enfiando as mãos nos bolsos, ela correu em volta da construção, em direção à nave.

Um uivo doentio a fez parar, sugando todo o ar de seus pulmões. A falação da noite caiu em silêncio, e até uma multidão imunda de ratos da cidade parou para ouvir.

Scarlet tinha ouvido lobos selvagens antes, revirando o campo em busca de presa fácil nas fazendas.

Mas nunca um uivo de lobo tinha provocado um arrepio na espinha dela assim.

CAPÍTULO

Doze

– ARGH, TIRA, TIRA!

Cinder girou, se apoiando nas paredes curvas e escorregadias de concreto enquanto apontava a lanterna para trás. Thorne estava se contorcendo e se remexendo no túnel apertado, batendo nas costas e emitindo uma série de xingamentos e gritinhos não muito masculinos.

Ela apontou um fecho de luz para o teto e viu uma massa de baratas em movimento correndo em todas as direções. Ela tremeu, mas virou as costas e continuou a andar.

– É só uma barata – disse a ele. – Não vai te matar.

– Está no meu uniforme!

– Quer ficar quieto? Tem uma saída à frente.

– Por favor, me diga que vamos sair por aquele buraco.

Ela deu um riso debochado, mais preocupada com o mapa do sistema de esgotos em sua cabeça do que com a frescura do seu companheiro. Apesar de a ideia de ter uma barata debaixo da blusa deixá-la incomodada, ela achava que ainda era preferível a andar por aquela poça nojenta com um pé descalço e água até o tornozelo, e *ela* não estava choramingando por isso.

Eles passaram debaixo da saída, e Cinder percebeu o som regular de água ficando mais alto.

– Estamos quase na linha principal combinada – disse, a princípio ansiosa para chegar lá, pois estava tão quente quanto em Marte naquele túnel apertado, e suas coxas estavam queimando de tanto andar agachada. Mas então um fedor de revirar o estômago a atingiu, tão forte que ela quase vomitou.

Não seria mais pela rede de escoamento de água da superfície que eles andariam.

– Ah, droga – disse Thorne, gemendo. – Me diz que isto não é o que penso que é.

Cinder torceu o nariz e se concentrou em respirar ar quente pela boca.

O cheiro ficou quase insuportável quando eles passaram pelo lodo e saíram no cruzamento do esgoto, pela abertura de uma parede de concreto.

A lanterna embutida de Cinder iluminou o túnel abaixo, percorrendo as paredes viscosas. O canal principal era alto o bastante para eles ficarem de pé. A luz refletiu em uma grade estreita de metal, bastante estável e coberta de bosta de rato. Entre eles e a grade, um rio de esgoto crescia e corria, com pelo menos dois metros de largura.

Ela lutou contra outra onda de náusea quando o fedor pungente do esgoto entupiu suas narinas, garganta, pulmões.

– Pronto? – disse ela, se inclinando para a frente.

– Espere... o que você vai fazer?

– O que você acha?

Thorne olhou para ela, depois para o esgoto que mal conseguia enxergar na escuridão.

– Você não tem nenhuma ferramenta nessa sua supermão que possa nos ajudar a atravessar?

Cinder lançou-lhe um olhar irritado, meio tonta por conta da respiração superficial instintiva de seu corpo.

– Ah, uau, como pude me esquecer do meu *gancho com corda*?

Ela girou o corpo, inspirou outra lufada superficial de ar e se abaixou na gosma. Alguma coisa deslizou por entre os dedos de seus pés. A correnteza batia em suas pernas quando Cinder seguiu pela água, que chegava até suas coxas. Contorcendo-se por dentro, Cinder atravessou o mais rápido que pôde, sufocando a ânsia de vômito. O peso do pé de metal a mantinha firme no chão, e a correnteza não conseguia tirar seu equilíbrio. Em pouco tempo, ela estava do outro lado, subindo na grade. Apoiou as costas na parede do túnel e olhou para o falso capitão.

Thorne estava olhando para as pernas dela sem disfarçar seu nojo.

Cinder olhou para baixo. O macacão branco impecável estava agora tingido de marrom-esverdeado, encharcado e grudado às pernas dela.

– Olha só – gritou ela, apontando a lanterna para Thorne –, você pode vir até aqui ou pode voltar e cumprir o resto da sua pena em paz. Mas precisa tomar uma decisão *agora*.

Depois de uma série de palavrões e cuspes, Thorne atravessou o esgoto a duras penas, levantando bem os braços. Passou o tempo todo fazendo careta enquanto seguia até a grade e subia ao lado de Cinder.

– É isso que eu ganho por reclamar do sabonete – murmurou ele, se encostando à parede.

A grade já estava furando o pé descalço de Cinder, e ela transferiu seu peso para a perna ciborgue.

– Tudo bem, cadete. Pra que lado?

– Capitão.

Ele abriu os olhos e observou o túnel nas duas direções, mas, além da luz pálida que entrava pela saída mais próxima, os esgotos estavam mergulhados na escuridão. Cinder ajustou a intensidade da luz da sua lanterna, direcionando-a para a superfície espumosa da água e para as paredes de concreto molhadas.

– Está perto do velho parque Beihai – disse Thorne, coçando a barba do queixo. – Pra que lado fica?

Cinder assentiu e virou para o sul.

O relógio interno dela dizia que eles só estavam ali havia doze minutos, mas pareciam horas. A grade machucava seu pé a cada passo. A calça molhada estava grudada nas panturrilhas, e o suor escorria pela nuca, às vezes levando-a a pensar que era uma aranha que caíra dentro de um macacão e fazendo-a se sentir culpada por ter sido dura com Thorne antes. Apesar de não terem visto nenhum rato, ela ouvia seus passinhos apressados, correndo para longe da luz, por incontáveis túneis que se abriam por baixo da cidade.

Thorne falava sozinho enquanto andava, tentando reativar a memória. Sua nave estava perto do parque Beihai. No bairro

industrial. A menos de seis quadras ao sul dos trilhos do trem de levitação magnética... Bem, talvez fossem oito quadras.

– Estamos a uma quadra do parque – disse Cinder, parando em uma escada de metal. Um raio de luz caía sobre eles. – Esta saída dá na West Yunxin.

– Yunxin me soa familiar. Mais ou menos.

Ela rezou para ter paciência e começou a subir.

Os degraus da escada machucavam seu pé, mas o ar estava deliciosamente fresco perto do topo. O som da água correndo foi substituído pelo zumbido dos trilhos do trem de levitação magnética. Ao chegar ao alto, Cinder parou para ouvir sinais de vida antes de empurrar a tampa para o lado.

Um aerodeslizador flutuava acima dela.

Cinder se abaixou com o coração a mil. Ousando levantar um pouco a cabeça, ela viu luzes silenciosas acima do veículo branco. Era um aerodeslizador de emergência. Imagens de andróides com armas de eletrochoque de anulação de interface cerebral provocaram um tremor nela, antes de o aerodeslizador virar a esquina e ela ver a cruz vermelha na lateral. Era um aerodeslizador médico, não policial. Cinder quase desabou de alívio.

Eles estavam no antigo bairro de armazéns, perto das quarentenas da peste. Aerodeslizadores médicos eram de se esperar.

Ela olhou para os dois lados da rua deserta. Apesar de ainda estar cedo, o dia já estava quente e miragens oscilantes saíam do asfalto, a tempestade de verão de dois dias atrás esquecida.

– Limpo. – Ela se empurrou para fora do buraco e inspirou o ar úmido da cidade. Thorne foi atrás, com o uniforme brilhando no sol, exceto pelas pernas, que ainda estavam verde-musgo e fediam a esgoto. – Pra que lado?

Protegendo os olhos com o braço, Thorne olhou com dificuldade os prédios de concreto fazendo um giro completo. Olhou para o norte. Coçou o pescoço.

O otimismo de Cinder desmoronou.

– Me diga que reconhece alguma coisa.

– Reconheço, reconheço – disse ele, gesticulando para afastar as preocupações dela. – É só que não venho aqui faz tempo.

– Pense rápido. Não estamos exatamente camuflados no ambiente aqui.

Acenando com a cabeça, Thorne começou a andar pela rua.

– Por aqui.

Cinco passos depois, ele parou, pensou e se virou.

– Não, não, por aqui.

– Agente vai morrer.

– Não, agora já sei. É por aqui.

– Você não sabe o endereço?

– Um capitão sempre sabe onde está sua nave. É como um laço psíquico.

– Se pelo menos tivéssemos um capitão aqui.

Ele a ignorou e seguiu pela rua com uma confiança espetacular. Cinder o seguiu, três passos atrás, pulando a cada ruído: lixo rolando pela rua, um aerodeslizador atravessando um

cruzamento duas ruas depois. O sol brilhava nas janelas empoeiradas dos armazéns.

Três quadras vazias depois, Thorne diminuiu o ritmo e olhou para a fachada de cada prédio por onde eles passavam, coçando o queixo.

Cinder começou a pensar desesperadamente em um plano B.

– Ali! – Thorne se lançou para o outro lado da rua, em direção a um armazém idêntico a todos os outros, com gigantescas portas de rolamento e anos de pichação colorida. Ao dobrar a esquina, ele tentou abrir a porta principal. – Trancada.

Ao ver o escâner de identificação ao lado da porta, Cinder falou um palavrão.

– Óbvio. – Ela se ajoelhou e tirou a capa de plástico do escâner. – Talvez eu consiga desativar. Você acha que tem alarme?

– Acho bom que tenha. Não venho pagando aluguel há tanto tempo para minha queridinha ficar em um armazém desprotegido.

Cinder tinha acabado de fazer o download do manual de programação do número de série do escâner quando a porta ao lado se abriu e um homem gorducho com um cavanhaque preto saiu no sol. Cinder ficou paralisada.

– Carswell! – disse o homem. – Acabei de ver o noticiário! Achei que você poderia aparecer por aqui.

– Alak, como está você? – Um sorriso se abriu no rosto de Thorne. – Estou mesmo nas notícias? Estava bonito?

Sem responder, Alak desviou a atenção para Cinder. Sua simpatia congelou, escondida atrás de uma parede de

desconforto. Engolindo em seco, Cinder recolocou a capa do escâner e ficou de pé. Sua rede já estava se conectando ao noticiário, e já havia uma série de avisos exibindo a foto dela, tirada quando tinha sido levada para a prisão. **PRISIONEIRA FUGITIVA. CONSIDERADA ARMADA E PERIGOSA. SE LOCALIZADA, MANDE MENSAGEM IMEDIATA PARA ESTE LINK.**

– Também vi você no noticiário – disse Alak, olhando para o pé de aço dela.

– Alak, estou aqui pra pegar minha nave. Estamos com um pouco de pressa.

Rugas de solidariedade surgiram nos cantos da boca de Alak, mas ele balançou a cabeça.

– Não posso ajudar você, Carswell. A polícia federal já vive de olho em mim. Guardar uma nave roubada é uma coisa, sempre posso alegar que não sabia. Mas ajudar um criminoso condenado... e ajudar... um *deles*. – Ele torceu o nariz para Cinder, mas simultaneamente deu um passo para trás, como se tivesse medo de retaliação. – Se rastrearem você até aqui e descobrirem que ajudei vocês, vou ter mais problemas do que posso arriscar ter. É melhor ficarem um tempo escondidos. Não vou contar que vi vocês. Mas não vou deixar que peguem a nave. Não agora. Não até isso passar. Você entende, não é?

Thorne ficou vermelho de irritação.

– Mas... é minha nave! Sou um cliente pagante! Você não pode me impedir de pegá-la.

– Cada um cuida de si. Você sabe disso melhor do que ninguém. – Alak olhou para Cinder, seu medo se transformando mais e mais em repulsa. – Vão embora agora, e não vou comunicar à polícia. Se eles aparecerem, vou dizer que não vejo você desde que deixou a nave aqui ano passado. Mas, se ficar aqui por mais tempo, eu mesmo vou chamá-los, juro que vou.

Assim que ele terminou de falar, Cinder ouviu um aerodeslizador na rua. Seu coração deu um pulso ao ver um aerodeslizador de emergência, esse sem a cruz vermelha na lateral, mas ele desapareceu em outra rua. Ela virou para Alak.

– Não temos para onde ir. Precisamos daquela nave!

Ele recuou ainda mais, para se afastar dela, seu corpo enquadrado no batente da porta.

– Olha aqui, mocinha – retrucou ele, com tom determinado, apesar de ficar olhando para a mão de metal dela. – Estou tentando ajudar porque Carswell é um bom cliente, e não delato meus clientes. Mas não é um favor pra você. Eu nem piscaria antes de enviar você pra apodrecer na cadeia. É o mínimo que sua espécie merece. Agora se afastem do meu depósito antes que eu mude de ideia.

O desespero cresceu dentro de Cinder. Ela apertou os punhos. Uma onda de eletricidade tomara conta dela e a cegava. Uma dor branca e quente surgiu na base da nuca, inundando seu crânio, mas foi abençoadamente breve e deixou pontos piscando em sua visão.

Ofegante, ela retraiu a energia ardente bem a tempo de ver os olhos de Alak se revirarem. Ele caiu para a frente e tombou nos

braços de Thorne.

Cinder cambaleou e se apoiou na parede, tonta.

– Ah, estrelas... ele está morto?

Thorne gemeu por causa do peso.

– Não, mas acho que está tendo um ataque cardíaco!

– Não é ataque cardíaco – murmurou ela. – Ele... ele vai ficar bem – falou, tanto para convencer a si mesma, quanto para convencê-lo, pois tinha que acreditar que essas explosões do dom lunar não eram perigosas, que ela não estava se tornando o terror para a sociedade como todos pensavam acreditar.

– Caramba, ele pesa uma tonelada.

Cinder segurou os pés de Alak, e juntos eles o arrastaram para dentro do prédio. Um escritório à esquerda tinha duas telas. Uma delas exibia imagens de uma câmera de segurança que filmava o exterior do depósito, mostrando a porta se fechando atrás de duas pessoas de branco e um homem inconsciente. A outra mostrava um âncora de noticiário no mudo.

– Ele pode ser um idiota egoísta, mas tem bom gosto pra joias.

– Thorne ergueu a mão de Alak pelo polegar, mexendo em uma corrente de prata ao redor de seu pulso, um tablet em miniatura.

– Quer se *concentrar*? – Cinder puxou Thorne para que ficasse de pé. Ao virar, ela avaliou o enorme depósito. Ocupava o quarteirão inteiro e estava cheio de naves espaciais, grandes e pequenas, novas e velhas. Naves de carga, naves de passeio, naves individuais, naves de corrida, naves de transporte, naves de luxo.

– Qual delas?

– Ei, olha, teve outra fuga da prisão.

Cinder olhou para a tela, que agora mostrava o chefe de segurança nacional falando com um grupo de jornalistas. Na parte de baixo da tela rolavam as palavras: **LUNAR FOGE DA PRISÃO DE NOVA PEQUIM. CONSIDERADA EXTREMAMENTE PERIGOSA.**

– Que ótimo! – disse Thorne, quase derrubando-a com um tapa nas costas. – Não vão se preocupar conosco se têm uma lunar para procurar.

Cinder parou de assistir à transmissão, e o sorriso dele sumiu.

– Espere. Você é a lunar?

– Você é um gênio do crime? – Ela girou nos calcanhares e entrou no depósito. – Onde está a nave?

– Pera lá, pequena traidora. Fugir da prisão é uma coisa, mas ajudar uma lunar psicótica está meio que fora da minha área.

Cinder se voltou para ele.

– Primeiro, não sou psicótica. E, segundo, se não fosse por mim, você ainda estaria sentado naquela cela de prisão brincando com o seu tablet. Portanto, você me deve uma. Sem contar que já é considerado meu cúmplice. Aliás, você parece um idiota naquela foto.

Thorne seguiu o gesto de Cinder indicando a tela. Sua foto da prisão foi ampliada ao lado da dela.

– Acho que não estou nada mal...

– Thorne. *Capitão*. Por favor.

Ele piscou para ela, com um toque de arrogância substituído por um aceno rápido.

– Certo. Vamos sair daqui.

Cinder suspirou aliviada e marchou atrás de Thorne pelo labirinto de naves.

– Espero que não esteja lá no meio.

– Não importa – disse ele, apontando para o alto. – O teto abre.

Cinder olhou para cima, para a marca no meio do teto.

– Que conveniente.

– E ali está ela.

Cinder seguiu o gesto de Thorne. A nave era maior do que ela esperava, bem maior. Uma nave de carga Rampion 214, classe 11.3. Cinder ativou o escâner de retina e fez o download da planta da nave, boquiaberta com tudo que ela era capaz de fazer. A casa de máquinas e uma plataforma completamente preparada com duas naves-satélite ocupavam o nível inferior, enquanto o nível principal continha a área de carga, o cockpit, a cozinha, seis alojamentos para a tripulação e um banheiro coletivo.

Ela contornou a nave até a escotilha de entrada e viu que a marca da República da América tinha sido coberta apressadamente pela silhueta de uma moça deitada e nua, pintada à mão.

– Belo toque.

– Obrigado. Eu que fiz.

Apesar de suas preocupações de que a pintura pudesse deixá-los mais fáceis de identificar, ela não conseguiu evitar uma leve admiração.

– É maior do que eu esperava.

– Houve uma época em que ela abrigava uma tripulação de doze homens – disse Thorne, acariciando o casco.

– Deve haver espaço suficiente para evitarmos um ao outro, então. – Cinder andou embaixo do casco, esperando que Thorne abrisse a escotilha, mas, quando olhou para trás, viu-o encostando a cabeça amorosamente na lateral da nave e falando o quanto tinha sentido sua falta.

Cinder revirou os olhos quando uma voz desconhecida ricocheteou pelo depósito.

– Aqui!

Ao virar, ela viu uma pessoa agachada perto do corpo de Alak, envolta por um quadrado de luz. Ela usava o uniforme inconfundível dos militares da Comunidade das Nações Orientais.

Cinder soltou um palavrão.

– Hora de ir. *Agora*.

Thorne se agachou e seguiu em direção à escotilha.

– Rampion, senha: *O capitão é rei*. Abra a escotilha.

Eles esperaram, mas nada aconteceu.

Cinder ergueu as sobrancelhas em pânico.

– *O capitão é rei. O capitão é rei!* Rampion, acorde. É Thorne, o capitão Carswell Thorne. O quê...?

Cinder o mandou fazer silêncio. Atrás do casco da nave, quatro homens estavam atravessando o depósito lotado, com lanternas refletindo em vários trens de pouso.

– Talvez a bateria esteja arriada – disse Cinder.

– Como? Ela só está parada aqui.

– Você deixou o farol aceso? – perguntou ela.

Thorne fez um som de reprovação e se agachou encostado na nave. Os passos ficaram mais altos.

– Pode ser o sistema de controle automático – refletiu Cinder, revirando o cérebro. Nunca tinha trabalhado em nada maior do que uma nave de passeio, mas não deviam ser tão diferentes assim. – Você tem a chave mestra?

Ele olhou para ela, incrédulo.

– Claro, me deixa só pegá-la no bolso deste uniforme da prisão e vamos embora.

Cinder olhou para ele com raiva, mas ficou em silêncio quando um soldado passou a dois corredores de onde estavam.

– Fique aqui – sussurrou ela. – Fique tentando entrar e decolar o mais rápido possível.

– Aonde você vai?

Sem responder, ela deu a volta na nave, a planta já na sua tela da retina. Encontrou a escotilha de acesso e abriu-a o mais rápido que pôde, depois entrou na base da nave, contorcendo-se toda para evitar vários fios e cabos. Fechou a escotilha atrás de si com cuidado e se viu envolta em escuridão. A segunda porta interior foi mais difícil de arrombar, mas, usando a lanterna e a chave de fenda, ela logo saiu da camada de baixo e entrou na sala de máquinas.

O fecho da lanterna percorreu o motor gigantesco. Ela encontrou a placa-mãe do computador nas linhas azuis que ocupavam sua visão e foi se contorcendo em sua direção. Depois

de puxar o cabo conector universal da mão, ela o enfiou no terminal do computador principal.

Sua lanterna ficou fraca quando sua energia foi desviada. Letras verde-pálidas piscaram em sua visão.

DIAGNOSTICANDO SISTEMA DO
COMPUTADOR, MODELO 135V8.2
5% ... 12% ... 16% ...

CAPÍTULO

Dez

THORNE DEU UM PULO AO OUVIR UM ESTALO METÁLICO.

Uma voz masculina disse em seguida.

– Ouviu isso?

Thorne se agachou entre o trem de pouso da nave e se encolheu perto de uma viga de metal.

– O capitão é rei – sussurrou. – *O capitão é rei, o capitão é re...*

Um zumbido sutil pulsou acima de sua cabeça. Luzes pálidas piscaram perto do nariz da nave.

– *O capitão é...?*

Engrenagens começaram a estalar antes que ele pudesse terminar. A escotilha se abriu e a rampa desceu até o chão. Com o coração pulando, Thorne saiu de seu esconderijo bem a tempo de não ser esmagado.

– Ali!

Um fecho de lanterna iluminou Thorne, que já subia pela rampa.

– Rampion, fechar escotilha!

A nave não respondeu.

Uma arma foi disparada. A bala passou raspando pela luz superior da nave. Thorne se agachou atrás de uma das caixas de plástico que lotavam o compartimento de carga.

– Rampion, *fechar escotilha!*

– *Estou tentando!*

Ele ficou paralisado e olhou para os canos e tubos que dominavam o teto da nave.

– Rampion?

O silêncio a seguir foi pontuado por estalos da rampa no concreto lá fora e pelo som de botas marchando, até que a rampa gemeu de novo e começou a subir. Uma chuva de balas se alojou nas caixas de plástico, ricocheteando nas paredes de metal. Thorne cobriu a cabeça e esperou até que a rampa estivesse fechada o bastante para bloquear as balas, então empurrou a caixa e correu para o cockpit.

A nave vibrou quando a rampa se fechou. Uma chuva de balas ricocheteou no casco.

Thorne correu na direção das luzes de emergência que contornavam o cockpit, empurrando caixas fechadas no caminho. Seu joelho bateu em alguma coisa dura e ele soltou uma série de palavrões enquanto se acomodava no assento do piloto. O para-brisa estava sujo, e tudo que ele conseguia ver no armazém escuro eram as luzes fracas do escritório de Alak e as lanternas ao redor da Rampion, procurando outra entrada.

– Rampion, *aprontar para decolagem!*

O painel se iluminou com controles e telas; só as mais importantes.

A mesma voz estéril feminina soou nos alto-falantes da nave.

– *Thorne, não consigo preparar a elevação automática. Você vai ter que fazer a decolagem manualmente.*

Ele olhou para os controles, boquiaberto.

– Por que minha nave está conversando comigo?

– *Sou eu, seu idiota.*

Ele inclinou a orelha na direção do alto-falante.

– Cinder?

– *Escute, o sistema de navegação automática está com problema. A bateria também está ruim. Acho que conseguimos sair, mas você vai ter que decolar sem assistência do computador.*

As palavras, secas demais no tom do computador, foram pontuadas por outra saraivada de balas atingindo a escotilha fechada da nave.

Thorne engoliu em seco.

– Sem assistência do computador? Tem certeza?

Um silêncio curto foi seguido pela voz de novo, e Thorne detectou o tom irritado de Cinder, mesmo naquele tom computadorizado.

– *Você sabe pilotar, não é?*

– Hã. – Thorne observou os controles à frente. – Sei?

Ele endireitou a coluna e levou a mão ao controle preso ao teto. Um momento depois, um raio de sol cruzou o armazém quando o teto se abriu no meio.

Algo bateu na lateral da nave.

– Tá, tá, estou ouvindo. – Thorne acionou a ignição.

As luzes no painel ficaram mais fracas e a nave ganhou vida.

– Aqui vamos nós.

Outro estrondo ecoou na parte externa da escotilha. Mexendo em alguns interruptores, Thorne preparou o modo de flutuação

e tirou a nave do chão. Ela subiu lentamente, os ímãs embaixo da cidade empurrando a nave como uma pluma, e Thorne soltou um suspiro profundo.

E, então, a nave tremeu e começou a se inclinar.

– Ei, ei, ei, não faça isso! – O coração de Thorne disparou enquanto tentava acertar a nave.

– *A bateria vai acabar. Você precisa acionar os propulsores auxiliares.*

– Acionar os o quê? Ah, já encontrei.

O motor vibrou de novo. Com a onda repentina de força, a nave deu um salto para o lado oposto e Thorne ouviu um baque ao baterem na nave ao lado. A Rampion tremeu e começou a descer. Outra saraivada de balas bateu na lateral de estibordo. Uma gota de suor escorreu pelas costas de Thorne.

– *O que você está fazendo aí em cima?*

– Pare de me distrair! – gritou ele, segurando os controles e tentando controlar a nave. Um pouco demais. A nave se inclinou dessa vez para a direita.

– *Vamos morrer.*

– Não é tão fácil quanto parece! – Thorne nivelou a nave de novo. – Costumo ter um estabilizador automático pra cuidar disso!

Para sua surpresa, não ouviu nenhum comentário sarcástico em resposta.

Um momento depois, outro painel se iluminou.
CONDUTORES MAGNÉTICOS SE ESTABILIZANDO.

SAÍDA DE FORÇA: 37/63 ... 38/62 ... 42/58...

A nave se estabilizou calmamente, mais uma vez tremendo no ar.

– Ótimo! É isso aí!

Os dedos de Thorne estavam brancos, segurando os controles, quando arqueou o nariz da nave em direção ao telhado aberto. O zumbido do motor virou um rugido quando a nave decolou. Ele ouviu o último ricochetear de balas, e o som se distanciou quando a nave saiu do depósito e foi banhada pela luz amarelada do sol.

– Vamos, querida – murmurou ele, apertando bem os olhos quando, sem resistência, sem vacilar, a nave deixou o campo magnético protetor da cidade para trás, usou o poder total dos propulsores e varou pelas nuvens delicadas que pairavam no céu da manhã. Os arranha-céus do centro de Nova Pequim ficaram para trás, e logo só havia ele e o céu e a paisagem infinita do espaço.

Os dedos de Thorne permaneceram presos como algemas de ferro ao redor dos controles até a nave sair da atmosfera da Terra. Meio tonto, ele ajustou a saída dos propulsores e a nave entrou em órbita natural. Só então ele afastou as mãos dos controles.

Ele se recostou na cadeira, tremendo. Precisou de um longo tempo para voltar a falar, esperando seus batimentos cardíacos voltarem a um ritmo controlável.

– Bom trabalho, garota ciborgue – disse. – Se você quiser uma posição permanente na minha tripulação, está contratada.

Os alto-falantes ficaram em silêncio.

– E não estou falando de posição subalterna, não. A de imediato está disponível. Bem, na verdade, todas as posições estão disponíveis. Mecânico... cozinheiro... um piloto seria legal, pra eu não ter que passar por *isso* de novo. – Ele esperou. – Cinder? Você está aí?

Quando não houve resposta, ele se levantou e saiu do cockpit cambaleando, passou pela área de carga e entrou no corredor que levava aos aposentos da tripulação. Suas pernas estavam fracas quando ele esticou a mão para abrir a escotilha que levava ao nível inferior da nave. Ele desceu a escada até o corredorzinho entre a sala de máquinas e a plataforma de lançamento. A tela ao lado da sala de máquinas não dava aviso nenhum de vácuo espacial nem de compressão insegura. Também não falava sobre uma garota viva lá dentro.

Thorne bateu na tela no ícone de destrancar e girou a tranca manual, depois empurrou a porta.

O motor estava alto e quente, cheirando a borracha queimada.

– Olá? – gritou ele no escuro. – Garota ciborgue? Você está aí?

Se ela respondeu, as palavras se perderam no barulho do motor. Thorne engoliu em seco.

– Acender luzes.

Uma luz vermelha de emergência se acendeu acima da porta, lançando sombras melancólicas sobre o enorme motor em movimento e os vários fios e molas que saíam por baixo dele.

Thorne apertou os olhos e viu algo quase branco.

Ele ficou de quatro e engatinhou até ela.

– Garota ciborgue?

Ela não se moveu.

Quando Thorne chegou mais perto, viu que ela estava deitada, com o cabelo escuro espalhado sobre o rosto. A mão robótica estava enfiada no compartimento de um painel de computador exposto.

– Ei, você – disse ele, pairando sobre ela.

Ao abrir as pálpebras da garota, viu que seu olhar estava escuro e vazio. Thorne se agachou e encostou uma orelha no peito dela, mas, se havia batimentos, estavam abafados pelo rugido do motor.

– Vamos lá – resmungou ele, pegando a mão dela e tirando-a do compartimento. O painel mais próximo ficou escuro.

– Sistema de controle automático desconectado – disse uma voz robótica acima, dando um susto em Thorne. – Iniciando procedimentos de sistema padrão.

– Bom plano – murmurou ele, segurando os tornozelos dela. Thorne arrastou-a lentamente até o corredor e a apoiou na parede. Fosse lá qual fosse o material de que as partes ciborgue eram feitas, era bem mais pesado do que carne e osso.

Encostou de novo a orelha no peito dela. Desta vez, ouviu um leve batimento.

– Acorde – disse, sacudindo-a. A cabeça de Cinder tombou para a frente.

Thorne se agachou e apertou os lábios. A garota estava horrivelmente pálida e imunda da caminhada pelos esgotos, mas na claridade do corredor ele conseguia ver que estava respirando, mesmo que fracamente.

– E aí, você tem um botão de ligar ou algo do tipo?

Ele voltou a atenção para a mão de metal com o fio e o plugue ainda pendurados na junta do dedo. Segurou a mão e observou-a de vários ângulos. Ele se lembrava de uma lanterna, uma chave de fenda e uma faca em três dos dedos, mas não sabia o que o indicador escondia. Se era um botão de força, ele não conseguia ver como usá-lo.

Mas o cabo de ligação...

– Certo! – Thorne deu um salto e quase bateu na parede. Apertou a tela que abria a porta para a plataforma de lançamento. Luzes brancas se acenderam quando ele entrou.

Ele segurou os pulsos de Cinder e a puxou para a plataforma, largando-a entre as duas pequenas naves-satélite, que pareciam cogumelos com uma confusão de cabos e ferramentas no meio.

Ofegante, tirou o fio carregador da nave da parede e ficou paralisado, olhando para o cabo da garota, para o cabo da nave, para a garota... Falou outro palavrão e soltou os dois. Ambos machos. Até ele conseguia ver que não seria possível ligá-los.

Thorne bateu os nós dos dedos na têmpora e se forçou a pensar, pensar, pensar.

Outra ideia surgiu, e ele apertou os olhos para ver a garota. Ela parecia estar ficando ainda mais pálida, mas talvez fosse efeito da luz.

– Ah... – disse, outra ideia surgindo em sua mente. – Ah, rapaz. Será que... Ah, isso é nojento.

Deixando de lado a frescura, ele delicadamente puxou a garota até que ela caísse por cima de um dos braços dele. Com a mão livre, procurou em meio ao cabelo embaraçado até descobrir o pequeno fecho logo acima da nuca.

Afastou o olhar ao abrir, antes de ousar espiar com o canto do olho.

Uma confusão de fios e chips de computador e botões que não faziam o menor sentido para Thorne preenchia um compartimento raso na parte de trás do crânio dela. Ele expirou, feliz que o painel de controle escondia completamente qualquer tecido cerebral. Na base, viu o que parecia ser uma pequena tomada, do mesmo tamanho dos plugues.

– Ai – murmurou Thorne, procurando o cabo das naves-satélite de novo e torcendo para não estar prestes a cometer um grande erro.

Enfiou o plugue do fio de recarga no painel de controle dela. O encaixe foi perfeito.

Ele engoliu em seco.

Nada aconteceu.

Recostando-se, Thorne segurou Cinder com o braço esticado. Tirou o cabelo do rosto dela e esperou.

Doze batimentos depois, alguma coisa zumbiu dentro do crânio dela. Foi ficando mais alto e depois caiu em silêncio completo.

Thorne prendeu a respiração.

O ombro esquerdo da garota tremeu e se soltou da mão de Thorne. Ele a deixou cair no chão, com a cabeça pendendo para o lado. A perna dela se debateu e quase acertou a virilha de Thorne; que se afastou rapidamente, encostando no trem de pouso da nave-satélite.

A garota inspirou rapidamente, segurou o ar por alguns segundos e soltou um gemido.

– Cinder? Você está viva?

Uma série de espasmos mais fracos percorreu os membros robóticos, e ela franziu o rosto todo como se estivesse chupando um limão. Com as pálpebras tremendo, ela conseguiu olhar com algum esforço para ele.

– Cinder?

Ela se sentou devagar. O maxilar e a língua trabalharam silenciosamente por um momento, e quando ela falou, as palavras saíram muito arrastadas.

– O sistema padrão de controle automático... quase acabou com meu sistema de força.

– Acho que acabou com ele todo.

Ela franziu a testa e pareceu momentaneamente insegura antes de esticar a mão até o fio ainda ligado no cérebro. Ao arrancá-lo, ela fechou o painel.

– Você abriu meu painel de controle? – perguntou ela, as palavras um pouco mais claras com a raiva.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Eu não *queria*.

A expressão dela estava azeda quando olhou para ele; nem completamente zangada, tampouco agradecida. Eles se olharam por um longo momento, enquanto o motor zumbia do outro lado do corredor e uma luz no canto começou a se apagar, piscando em intervalos aleatórios.

– Bem – resmungou Cinder por fim. – Acho que foi um raciocínio bem rápido.

Um sorriso aliviado se abriu no rosto de Thorne.

– Estamos tendo outro momento, não é?

– Se por momento você quer dizer que eu não tenho vontade de estrangular você pela primeira vez desde que nos conhecemos, então acho que sim. – Cinder se deitou de novo. – Mas, talvez esteja exausta demais pra estrangular qualquer um agora.

– Por mim, tudo bem – disse Thorne, se deitando no chão ao lado dela, apreciando o piso duro e frio da plataforma, as luzes horivelmente intensas no teto, o fedor de esgoto nas roupas deles, e a perfeita sensação de liberdade.



LIVRO

Dois

*Chapeuzinho era carne jovem e macia, e o lobo sabia que ela
seria ainda mais saborosa do que a velha.*



CAPÍTULO

Onze

O OVO SIBILOU AO DESLIZAR NA MANTEIGA DERRETIDA, COM A GELADURA amarelo vívido estalando em meio ao branco. Scarlet tirou uma pena do ovo seguinte antes de quebrá-lo com a mão, simultaneamente passando a espátula pelo fundo da frigideira. A clara aguada ficou opaca, afofou e criou uma película crocante nas beiradas da frigideira.

Fora isso, a casa estava em silêncio. Tinha dado uma olhada no pai ao chegar em casa depois da luta e o encontrado desmaiado na cama da avó, uma garrafa de uísque roubada da cozinha aberta em cima da cômoda.

Ela derramou o resto do uísque no jardim, junto com todas as outras garrafas de bebida alcoólica que conseguiu encontrar, e passou quatro horas se revirando na cama. A noite anterior girava em sua cabeça: as marcas de queimadura nos braços do pai, o terror no seu rosto, o desespero para encontrar seja lá o que fosse que a avó tinha escondido.

E Lobo, com a tatuagem, a expressão intensa e o tom quase convincente: *Não era eu.*

Deixando a espátula equilibrada na beira da frigideira, Scarlet tirou um prato do armário e cortou uma fatia gorda do pão dormido na bancada. O horizonte estava iluminado, e o céu claro

prometia outro dia de sol, mas um vento surgira durante a noite, varrendo o milharal e assoviando pela chaminé. Um galo cacarejou no quintal.

Suspirando, ela colocou os ovos no prato e se sentou à mesa de jantar. Devorou a comida, a fome mais intensa do que o nervosismo. Com a mão livre, pegou o tablet na mesa e conectou à rede.

– Busca – murmurou ela, com a boca cheia. – Tatuagem S-L-O-M.

INCAPAZ DE IDENTIFICAR COMANDO.

Resmungando, ela digitou os termos e engoliu o resto dos ovos, quando uma série de links surgiu: tatuagens extremas. Desenhos de tatuagens. Modelos virtuais de tatuagem. A ciência por trás da remoção de tatuagens. O mais moderno em tecnologia de tatuagens, praticamente indolor!

Ela tentou: **TATUAGEM SLOM962.**

Nenhuma correspondência encontrada.

Ela pegou o pão e arrancou um pedaço com os dentes.

TATUAGEM DE NÚMEROS NO ANTEBRAÇO

Uma coleção de imagens ocupou a tela, mostrando braços finos e fortes, claros e escuros, cobertos de desenhos ou exibindo pequenos símbolos nos pulsos. Trezes e algarismos romanos,

datas de aniversário e coordenadas geográficas. O primeiro ano de paz, “1 T.E.”, era popular.

Com o maxilar começando a doer, Scarlet largou o resto do pão no prato e esfregou as palmas das mãos nos olhos. *Tatuagens de lutadores de rua? Tatuagens de sequestradores? Tatuagens da máfia?*

Quem eram essas pessoas?

Levantou e começou a preparar um café.

– Lobo – sussurrou para si mesma quando a água começou a passar pelo coador. Ela deixou a palavra se prolongar, sentindo-a nos lábios. Para alguns, uma fera selvagem, um predador, um problema. Para outros, um animal tímido, malcompreendido pela humanidade.

Um desconforto ainda resistia na boca do estômago. Não conseguia a memória dele, quase matando o oponente em meio a tantos espectadores, antes de correr para os campos como se estivesse possuído. Na hora, ela acreditou que o uivo ouvido minutos depois havia sido de um lobo de verdade andando pelas fazendas (a presença deles não era incomum, não depois do ato de proteção de espécies estipulado séculos antes), mas sua certeza estava se esvaindo.

Me chamam de Lobo nas lutas.

Ela colocou o prato e a frigideira vazia na pia, abriu a torneira e observou pela janela as sombras nos campos que balançavam com o vento. Em pouco tempo, a fazenda estaria tomada de vida: andróides e trabalhadores e abelhas geneticamente aperfeiçoadas.

Scarlet serviu o café antes de a água terminar de passar pelo filtro, colocou um pouco de leite na caneca e voltou para a mesa.

LOBOS

Uma imagem de um lobo-cinzento preencheu a tela, dentes à mostra, orelhas para trás. Flocos de neve presos no pelo denso.

Scarlet deslizou o dedo na tela para mandar a imagem embora. As imagens que surgiram em seguida eram mais pacíficas: lobos rolando com outros lobos, filhotes dormindo empilhados uns nos outros, lobos magníficos de pelagem branca e cinzenta se esgueirando por bosques de outono. Ela escolheu um link de uma das sociedades de preservação da espécie e passou os olhos pelo texto, fazendo uma pausa quando chegou à parte sobre uivos.

LOBOS UIVAM PARA OBTER A ATENÇÃO DA MATILHA OU DAR AVISOS TERRITORIAIS. LOBOS SOLITÁRIOS QUE SE SEPARARAM DA MATILHA UIVAM PARA ENCONTRAR OS COMPANHEIROS. EM GERAL, O MACHO ALFA É O UIVADOR MAIS AGRESSIVO DA MATILHA. SUA AGRESSIVIDADE PODE SER DETECTADA PELOS UIVOS GRAVES E ROUCOS QUANDO SE APROXIMA DE UM ESTRANHO.

Um arrepio fez Scarlet tremer tanto que derramou café da caneca. Xingando, ficou de pé para pegar um pano e limpar o café derramado, irritada por se deixar assustar por um artigo idiota. Pensava mesmo que o lutador de rua maluco estava tentando se comunicar com sua *matilha*?

Ela jogou o pano na pia e pegou o tablet para passar os olhos pelo resto do artigo, parou e abriu outro link, sobre hierarquia da matilha.

LOBOS VIAJAM EM GRUPOS DE SEIS A QUINZE MEMBROS E TÊM UMA HIERARQUIA BEM DEFINIDA. NO TOPO DA ESTRUTURA SOCIAL ESTÃO O MACHO ALFA E A FÊMEA ALFA, UM CASAL. APESAR DE COSTUMAREM SER OS ÚNICOS LOBOS DA MATILHA A PROCRIAR E TER FILHOTES, TODOS OS OUTROS MEMBROS AJUDAM NA ALIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO.

MACHOS ESTABELECEM A HIERARQUIA POR UM COMBATE RITUAL: UM LOBO PODE DESAFIAR OUTRO, O QUE RESULTA EM UMA LUTA QUE DETERMINA QUAL LOBO É SUPERIOR. VITÓRIAS REPETIDAS CONQUISTAM RESPEITO PARA O LOBO E ACABAM

LEVANDO À ESCOLHA DO LÍDER DA MATILHA.

A CLASSE SEGUINTE NA HIERARQUIA DA MATILHA SÃO OS LOBOS BETA, QUE COSTUMAM CAÇAR E PROTEGER OS FILHOTES.

O LOBO ÔMEGA É O DE POSIÇÃO MAIS BAIXA NA MATILHA. TRATADO COM FREQUÊNCIA COMO BODE EXPIATÓRIO, OS ÔMEGAS SOFREM DISCRIMINAÇÃO OCASIONAL DO RESTO DA MATILHA. ISSO PODE LEVAR AO DESLOCAMENTO DO ÔMEGA PARA OS LIMITES DO TERRITÓRIO DO GRUPO E, DE VEZ EM QUANDO, A ABANDONAR COMPLETAMENTE A MATILHA.

Uma sinfonia de cacarejos assustou Scarlet.

Pousando o tablet na bancada, olhou pela janela. Seu estômago se revirou.

A sombra de um homem se esticava pelo quintal, e as galinhas reunidas corriam para longe dele, na direção do galinheiro.

Como se sentisse sua presença, Lobo levantou o olhar e viu Scarlet na janela.

Ela saiu correndo. Engolindo o pânico crescente, correu para o saguão e pegou a espingarda da avó num canto, embaixo da escada.

Lobo não tinha se movido quando ela abriu a porta da frente. As galinhas já estavam se acostumando com o estranho e bicavam ao seu redor em busca de alimento.

Scarlet aninhou a arma nos braços e soltou a trava de segurança.

Se ele ficou surpreso, não demonstrou.

– O que você quer? – gritou ela, assustando as galinhas, que correram para longe. A luz da casa se espelhava ao redor dela pelo cascalho. Sua sombra se esticava na entrada da casa e quase tocava os pés de Lobo.

A loucura da luta tinha sumido e mal se viam os hematomas no seu rosto. Parecia calmo e despreocupado em relação à arma, mas não se deslocou em direção a ela.

Depois de um longo silêncio, ele levantou as duas mãos ao lado do corpo com as palmas abertas.

– Me desculpe. Assustei você de novo. – Como se para fazer as pazes, ele recuou: dois, três passos.

– Você tem o dom – retrucou Scarlet, sem se afetar. – Mantenha as mãos levantadas.

O dedos dele tremeram para indicar concordância.

Scarlet saiu da casa, mas parou quando sentiu o cascalho nos pés descalços. Seus sentidos se apuraram, esperando que Lobo fizesse algum movimento repentino, mas ele estava tão imóvel quanto a casa de pedra atrás dela.

– Já comuniquei à polícia – mentiu, pensando no tablet largado na bancada da cozinha.

A luz se refletiu nos olhos dele, e Scarlet de repente se lembrou do pai dormindo no andar de cima. Era demais ter esperanças de que sua voz erguida fosse despertá-lo do estado de estupor?

– Como você chegou aqui?

– Andando. Correndo, na verdade – disse, as mãos ainda erguidas, o vento deixando o cabelo dele desgrehado. – Quer que eu vá embora?

A pergunta a pegou de surpresa.

– Quero que me diga o que está fazendo aqui. Se pensa que tenho medo de você...

– Não estou tentando deixar você com medo.

Com uma expressão de raiva, ela olhou ao longo do cano da arma para ter certeza de que ele ainda estava na mira.

– Eu queria falar sobre o que você disse na luta. Sobre a tatuagem... e o que aconteceu com sua avó. E com seu pai.

Scarlet trincou os dentes.

– Como você descobriu onde eu moro?

Ele franziu a testa, como se estivesse confuso.

– Sua nave tem o nome da fazenda na lateral, então pesquisei. Não quero te causar mal. Só me pareceu que você precisava de ajuda.

– *Ajuda?* – As bochechas dela ficaram quentes de raiva. – Do psicopata que torturou meu pai? Que sequestrou minha avó?

– Não fui eu – disse ele em tom firme. – Há outras tatuagens como a minha. Foi outra pessoa.

– Ah, é? Você faz parte de um culto ou alguma coisa assim? – Uma das galinhas se encostou em sua perna, ela levou um susto e quase perdeu a mira da arma.

– Alguma coisa assim – respondeu, dando de ombros. Um dos pés pisando no cascalho.

– Não se aproxime! – gritou Scarlet. A galinha cacarejou e saiu andando. – Vou atirar, sabe.

– Eu sei. – Um traço de gentileza passou pelo rosto dele, e ele apontou para a testa. – É melhor mirar na cabeça. Costuma ser um tiro fatal. Ou, se você estiver nervosa, no tronco. É um alvo maior.

– Sua cabeça parece bem grande daqui.

Ele riu, e a expressão mudou tudo nele. A postura relaxou, o rosto ficou mais caloroso.

Um rosnado enojado vibrou na garganta de Scarlet. Esse homem não tinha o direito de estar rindo, não com a avó dela ainda desaparecida.

Lobo baixou os braços e cruzou-os. Antes de Scarlet mandar que os levantasse de novo, ele estava falando.

– Eu esperava impressionar você ontem à noite, mas parece que o tiro saiu pela culatra.

– Não costumo me deixar impressionar por homens com problemas para controlar a raiva que sequestram minha avó e me seguem por aí...

– Eu não sequestrei sua avó. – Pela primeira vez, as palavras dele foram incisivas, o que calou Scarlet. Sua atenção voltou para o cacarejo das galinhas que caminhavam ao redor da porta. –

Mas, se foi mesmo alguém com uma tatuagem como a minha, posso ajudar a descobrir quem foi.

– Por que devo acreditar em você?

Ele levou a pergunta a sério e refletiu por bastante tempo.

– Não tenho prova nenhuma além do que falei para você ontem à noite. Estou em Rieux há quase duas semanas. As pessoas da taverna me conhecem, as pessoas das lutas me conhecem. Se seu pai me visse, não me reconheceria. Nem sua avó. – Ele se remexeu como se estivesse ficando ansioso por ficar tanto tempo em pé. – Eu quero ajudar.

Franzindo a testa, Scarlet olhou para o cano duplo da arma. Se ele estivesse mentindo, era um dos homens que tirou a avó dela. Era cruel. Era mau. Merecia uma bala no meio da testa.

Mas ele era a sua única pista.

– Você vai me contar tudo. *Tudo*. – Ela tirou o dedo do gatilho e baixou a arma, apontando para a coxa dele. Um alvo não fatal. – E vai deixar as mãos onde eu consiga ver o tempo todo. Só porque vou deixar você entrar, não quer dizer que confio em você.

– É claro. – Ele assentiu, todo obediente. – Eu também não confiaria em mim.

CAPÍTULO

Doze

SCARLET FEZ UM SINAL COM A ARMA PARA QUE LOBO ENTRASSE E A expressão de raiva conforme ele seguia até a escada. Ele pareceu se preparar observando as paredes de estuque e a escada manchada antes de entrar no corredor. Precisou baixar a cabeça para não bater no batente da porta.

Scarlet fechou a porta com um chute, se recusando a afastar o olhar de Lobo, parado com o corpo encolhido, tentando parecer menor. A atenção dele foi desviada para as fotografias digitais na parede que mostravam Scarlet quando criança comendo ervilhas cruas do jardim, campos dourados de outono, a avó quarenta anos mais nova, com o primeiro uniforme militar.

– Por aqui.

Lobo seguiu o gesto dela em direção à cozinha. Scarlet olhou para a foto na hora em que a avó desapareceu e seguiu atrás dele.

Ao ver o tablet na bancada, ainda exibindo a foto de um macho alfa com sua companheira, enfiou-o no bolso.

Sem dar as costas para o lutador de rua, ela apoiou a arma em um canto dos armários e pegou o moletom vermelho das costas de uma das cadeiras. Sentiu-se menos vulnerável ao vestir os braços nas mangas. Menos ainda quando pegou uma faca no cepo da bancada.

Os olhos de Lobo se dirigiram para a faca antes de observar o resto da cozinha. Eles pousaram na cesta de arame ao lado da pia, as pupilas dilatando de fome.

Seis tomates brilhosos enchiam a cesta.

Scarlet franziu a testa quando Lobo baixou o olhar.

– Você deve estar com fome – murmurou ela. – Depois de *correr* tanto.

– Estou bem.

– Sente-se – disse ela, indicando a mesa com a faca.

Lobo hesitou só por um momento antes de sentar em uma cadeira. E não a puxou para perto da mesa quando se sentou, como se quisesse ter espaço para pular e sair correndo caso precisasse.

– Mãos onde eu consiga ver.

Ele pareceu quase achar graça ao se inclinar para a frente e colocar as mãos abertas em cima da mesa.

– Não consigo imaginar o que você deve pensar de mim depois de ontem à noite.

Ela riu, debochando.

– É mesmo, não consegue imaginar? – Ela segurou a tábua de corte e a jogou na mesa, na frente de Lobo. – Quer que eu dê uma dica?

Ele baixou o olhar e passou o dedo por um corte antigo na madeira.

– Fazia muito tempo que não perdia o controle daquele jeito. Não sei o que aconteceu.

– Espero que não tenha vindo aqui em busca de compreensão.
– Recusando-se a colocar a faca na mesa ou virar as costas para ele, ela teve que ir mais de duas vezes da bancada até a mesa, primeiro para pegar um pedaço de pão, depois para pegar dois tomates.

– Não. Já falei por que estou aqui. Mas passei a noite inteira tentando entender o que deu errado.

– Talvez você precise repensar no momento em que decidiu que lutas de rua seriam uma profissão promissora.

Um longo silêncio permaneceu intacto até que Scarlet, ainda de pé, cortou um pedaço de pão e jogou para Lobo, que pegou com facilidade.

– Você está certa – disse ele, arrancando pedaços da casca. – Deve ser onde começou. – Ele enfiou os dentes no pão, quase sem mastigar antes de engolir.

Perplexa por ele não ter argumento nem desculpa, Scarlet pegou um dos tomates e colocou na tábua, sentindo necessidade de manter as mãos ocupadas. Enfiou brutalmente a faca no tomate, ignorando as sementes que escorreram para a tábua.

Depois de cortar o tomate em fatias, ela entregou-as para ele, sem se dar o trabalho de pegar um prato. Várias migalhas de pão em cima da mesa rapidamente ganharam a companhia de um líquido vermelho aguado.

O olhar dele estava distante quando pegou as fatias.

– Obrigado.

Scarlet jogou o cabo do tomate na pia e limpou as mãos na calça jeans. Do lado de fora, o sol estava nascendo rápido e as

galinhas estavam ficando agitadas e cacarejando, querendo saber por que Scarlet não tinha dado o café da manhã delas quando saiu.

– É tão tranquilo aqui – disse Lobo.

– Não vou contratar você. – Pegando a caneca esquecida de café frio, Scarlet finalmente se sentou em frente a Lobo. A faca permaneceu na tábua de corte, perto dos dedos dela. Esperou até ele lambear os últimos restos de tomate dos dedos.

– E aí, qual é a história da tatuagem?

Lobo olhou para o antebraço. A luz da cozinha fazia com que seus olhos brilhassem como pedras preciosas, mas dessa vez Scarlet não ficou vermelha. No momento ela só se importava com as respostas que aqueles olhos escondiam.

Ele esticou o braço em cima da mesa para a tatuagem ficar sob a luz e esticou a pele, como se a estivesse vendo pela primeira vez. SLOM962.

– Soldado Leal da Ordem da Matilha – disse ele. – Membro 962.

– Ele soltou a pele e encolheu os ombros, afundando na cadeira. – O maior erro que já cometi.

A pele de Scarlet formigou.

– E o que exatamente é a Ordem da Matilha?

– Uma gangue, mais comumente chamada de Os Lobos. Eles gostam de se intitular paramilitares, rebeldes e arautos da mudança, mas... não são muito melhores do que criminosos, na verdade. Se algum dia eu tiver dinheiro, vou mandar remover essa coisa horrível.

Uma rajada de vento balançou o carvalho em frente à porta, e várias folhas bateram na janela.

– Então você não faz mais parte disso?

Ele fez que não com a cabeça.

Scarlet olhou para o outro lado, incapaz de decifrá-lo. Incapaz de decidir se estava falando a verdade.

– Os Lobos – murmurou ela, deixando o nome afundar em seu cérebro. – E eles costumam fazer coisas assim? Sequestrar pessoas inocentes por nenhum motivo?

– Eles têm um motivo.

Scarlet esticou o cordão do capuz até quase se estrangular, depois puxou de volta para afrouxar.

– Por quê? O que poderiam querer com a minha avó?

– Não sei.

– Não me diga isso. É dinheiro de resgate? O quê?

Os dedos dele se flexionaram em cima da mesa.

– Ela era militar – respondeu ele, apontando para o corredor. – Naquelas fotos, ela estava de uniforme.

– Ela foi piloto da Federação Europeia, mas isso foi anos atrás. Antes de eu nascer.

– Talvez ela saiba de alguma coisa. Ou talvez eles pensam que ela saiba.

– Saiba *o quê?*

– Segredos militares? Armas secretas?

Scarlet se inclinou para a frente até ficar com a barriga apertada na beirada da mesa.

– Pensei que você tivesse dito que eram criminosos comuns.
Por que se importam com isso?

Lobo suspirou.

– Criminosos que se veem como...

– Arautos da mudança. – Scarlet mordeu o lábio. – Certo.
Então, o quê? Estão tentando derrubar o governo ou algo do tipo?
Iniciar uma guerra?

Lobo olhou pela janela quando as luzes de uma pequena nave
de passageiros percorreu o campo ao longe – os primeiros
trabalhadores chegando.

– Não sei.

– Não, você *sabe*. Você é um deles!

Lobo deu um sorriso triste.

– Eu não era nada para eles, não passava de um garoto de
recados. Não tinha permissão para ouvir os planos executivos.

Scarlet cruzou os braços.

– Então dê o seu melhor palpite.

– Sei que eles guardam muitas armas. Querem que as pessoas
tenham medo deles. – Ele balançou a cabeça. – Talvez queiram
colocar as mãos em armas militares.

– Minha avó não saberia nada sobre isso. E mesmo se soubesse
antes, quando era piloto, não saberia agora.

Lobo abriu as mãos e mostrou as palmas para ela.

– Sinto muito. Não sei o que mais pode ser. A não ser que *você*
consiga pensar em alguma coisa com a qual sua avó estivesse
envolvida.

– Não, não paro de pensar nisso desde que ela desapareceu, mas não sei de nada. Ela só era... É minha avó. – Ela apontou para os campos lá fora. – É dona de uma fazenda. Fala o que pensa e não gosta que lhe digam o que pensar, mas não tem inimigos, não que eu saiba. Claro, as pessoas na cidade a acham meio excêntrica, mas não tem ninguém que não goste dela. E ela é só uma velhinha. – Ela juntou as mãos ao redor da caneca de café e suspirou. – Você deve saber ao menos como encontrá-los, não?

– Encontrá-los? Não... Seria suicídio.

Ela ficou tensa.

– Não é você quem decide.

Lobo coçou a nuca.

– Há quanto tempo eles a levaram?

– Dezoito dias. – A histeria subiu pela garganta dela. – Estão com ela há *dezoito dias*.

A atenção dele estava voltada para a mesa, com rugas de preocupação na testa.

– É perigoso demais.

A cadeira caiu com força no chão quando Scarlet levantou bruscamente.

– Pedi informação, não um sermão. Não ligo para o quanto eles são perigosos. É mais um motivo por que eu preciso encontrá-los! Sabe o que poderiam estar fazendo com ela agora, enquanto você desperdiça meu tempo? O que fizeram com meu pai?

Um baque soou em algum lugar na casa, e Scarlet levou um susto, quase perdendo o equilíbrio ao tropeçar na cadeira caída.

Olhou para trás de Lobo, mas o corredor estava vazio. Seu coração ficou apertado.

– Pai? – Ela correu até o saguão e abriu a porta da frente. – Pai!
Mas, do lado de fora, o caminho já estava vazio.

CAPÍTULO

Treze

SCARLET SAIU CORRENDO PELO CAMINHO DE ENTRADA, COM O machucando os pés. O vento açoitou seus cachos, jogando-os no rosto dela.

– Para onde ele foi? – perguntou ela, prendendo o cabelo no capuz. O sol já estava alto no horizonte, tingindo as plantações de dourado e cobrindo o caminho de sombras trêmulas.

– Talvez alimentar as aves? – Lobo apontou para uma galinha que contornou a casa, seguindo no caminho da horta.

Ignorando o cascalho que machucava seus pés, Scarlet saiu correndo para a parte de trás da casa. Folhas de carvalho giravam no vento. O hangar, o celeiro e o galinheiro estavam todos silenciosos no amanhecer. Não havia sinal do pai dela.

– Ele devia estar procurando alguma coisa, ou... – O coração de Scarlet saltou. – Minha nave!

Ela correu, ignorando o caminho de pedras, o mato áspero. Quase se chocou na porta do hangar, mas conseguiu segurar a maçaneta e abrir, quando um estrondo fez a construção tremer.

– Pai!

Mas ele não estava dentro da nave, se preparando para decolar como ela temia. Estava de pé no alto dos armários que ocupavam toda a parede oposta, enfiando a mão na parte de

cima e jogando no chão o que se encontrava ali. Latas de tinta, fios de extensões, peças de furadeira.

Uma caixa de ferramentas inteira tinha sido revirada, cobrindo o concreto com pregos e parafusos, e dois armários de metal no fundo estavam escancarados, deixando à mostra uma variedade de uniformes militares de piloto, macacões e um único chapéu de palha de jardinagem enfiado em um canto.

– O que você está fazendo? – Scarlet andou na direção dele, mas se abaixou e ficou imóvel quando uma chave inglesa voou por cima de sua cabeça. Como não houve estrondo depois, ela olhou para trás e viu Lobo segurando a ferramenta a trinta centímetros do rosto, piscando de surpresa. Scarlet virou. – Pai, o quê...?

– Tem alguma coisa aqui! – disse ele, enquanto abria outro armário. Ele virou uma lata de cabeça para baixo, e pareceu surpreso quando centenas de pregos enferrujados caíram estalando no chão.

– Pai, para! Não tem nada aqui! – Ela andou pela confusão, sentindo mais as peças enferrujadas doerem nos pés do que tinha sentido as pedras lá fora. – Para!

– Tem alguma coisa aqui, Scar. – Enfiando uma lata de metal debaixo de um braço, desceu da bancada e se agachou para abrir a tampa. Apesar de também estar descalço, os pregos e parafusos não pareciam incomodá-lo. – Ela tem alguma coisa aqui que eles querem. Tem que estar aqui. Em algum lugar... mas onde...

O ar se encheu dos vapores pungentes de lubrificante de motor quando o pai inclinou uma lata, fazendo com que a graxa

amarelada se derramasse por cima da confusão.

– Pai, larga isso! – Ela pegou um martelo no chão e segurou acima da cabeça. – Vou bater em você, eu juro!

O pai a olhou, finalmente, com aquela mesma loucura assombrada. Aquele não era seu pai. Este homem não era vaidoso, encantador e hedonista, todas as coisas que ela admirara quando criança e desprezara quando adolescente. Esse homem estava destruído.

O fluxo de óleo virou um gotejar.

– Pai. Larga a lata. Agora.

Os lábios dele tremeram e sua atenção se desviou, concentrando-se na pequena nave de entregas a menos de dois metros dele.

– Ela amava voar – murmurou ele. – Amava as naves dela.

– Pai. *Pai...*!

De pé, o pai bateu com a lata no vidro traseiro da nave. Uma rachadura se espalhou como uma teia de aranha.

– A minha nave não! – Scarlet largou o martelo e correu para cima dele, tropeçando em ferramentas e destroços.

O vidro quebrou com o segundo golpe, e seu pai já estava se jogando por entre os estilhaços.

– *Para!* – Scarlet o segurou pela cintura e o arrastou para fora da nave. – Deixa ela em paz!

Ele se debateu, golpeou a lateral do corpo de Scarlet com os joelhos, e os dois caíram no chão. Uma lata afundou na coxa de Scarlet, mas só pensava em segurar melhor o pai, em tentar prender seus braços que se debatiam para todos os lados. Havia

sangue nas mãos dele por ter segurado o vidro quebrado, e um corte no tronco já estava ficando vermelho.

– Me solta, Scar. Vou encontrar. Vou...

Ele gritou ao ser puxado para longe dela. Instintivamente, Scarlet apertou mais, ainda tentando dominá-lo, até perceber que Lobo estava ali, colocando seu pai de pé. Ela soltou, ofegante. Uma das mãos foi esfregar seu quadril, que latejava.

– Me solta! – Virando a cabeça, o pai mordeu o ar.

Lobo ignorou a luta, prendeu os pulsos dele com uma das mãos e ofereceu a outra para Scarlet.

Assim que a palma da mão dela tocou a dele, os gritos do pai reiniciaram.

– Ele é um deles! Um *deles*!

Lobo puxou Scarlet para que ficasse de pé e a soltou, passando a usar os dois braços para segurar o pai dela, que se debatia. Scarlet quase esperava ver espuma sair dos cantos da boca do pai.

– A tatuagem, Scar! São eles! São eles!

Ela tirou o cabelo do rosto.

– Eu sei, pai. Acalme-se! Posso explicar...

– Você não pode me levar de volta! Ainda estou procurando! Preciso de mais tempo! Por favor, chega. Chega... – E caiu no choro.

Lobo franziu as sobrancelhas e olhou para a parte de trás da cabeça caída do pai, pegou uma corrente fina ao redor do pescoço dele e puxou, quebrando-a.

O pai se encolheu e, quando Lobo o soltou, caiu, pesado, no chão.

Confusa, Scarlet olhou para o colar pendurado na mão de Lobo, com um pingente pequeno e desconhecido. Não conseguia se lembrar de o pai usar acessórios além da aliança de monogamia, que tirou dias depois de sua mãe descobrir que não tinha cumprido seu propósito, e deixá-lo.

– Transmissor – disse Lobo, erguendo o pingente para que o brilho prateado fosse visto na luz. Era do tamanho da unha do dedo mínimo de Scarlet. – Eles o estão rastreando e ouvindo tudo também, eu diria.

O pai de Scarlet abraçou os joelhos e se balançou para a frente e para trás.

– Você acha que estão ouvindo agora? – perguntou Scarlet.

– Provavelmente.

Ela sentiu uma explosão no peito, disparou para a frente e agarrou o punho de Lobo com as duas mãos.

– Não tem nada aqui! – gritou para o pingente. – Não estamos escondendo nada e vocês estão com a mulher errada! É melhor trazerem minha avó de volta, se não, juro pela casa em que nasci que, se tiverem machucado um fio de cabelo, uma ruga, *uma sarda do corpo dela*, vou caçar cada um de vocês e quebrar seus pescoços como os frangotes que são, estão entendendo?
TRAGAM MINHA AVÓ DE VOLTA!

Com a garganta ardendo, ela recuou e soltou a mão de Lobo.

– Terminou?

Tremendo de raiva, Scarlet assentiu.

Lobo deixou o transmissor cair no chão, pegou o martelo e o destruiu com um único golpe. Scarlet deu um pulo quando o

metal foi esmagado no concreto.

– Você acha que eles sabiam que ele viria aqui? – perguntou Lobo, ficando de pé.

– Eles o deixaram no nosso milharal.

A voz do pai dela surgiu entre eles, seca e vazia.

– Eles me mandaram encontrar.

– Encontrar o quê? – perguntou Scarlet.

– Não sei. Eles não disseram. Só... que ela está escondendo alguma coisa. Alguma coisa valiosa e secreta que eles querem.

– Espere... você sabia? – perguntou Scarlet. – Você sabia o tempo todo que tinha um transmissor no pescoço e não me disse nada? Pai, e se eu tivesse dito ou feito alguma coisa que fizesse com que desconfiassem de mim? E se *vierem* atrás de mim agora?

– Eu não tinha escolha – respondeu ele. – Era a única forma de me soltarem. Eles disseram que eu só poderia ter minha liberdade se descobrisse o que sua avó estava escondendo. Se eu encontrasse alguma pista que ajudasse... Eu tinha que sair de lá, Scar, você não sabe como era...

– Sei que ainda estão com ela! E sei que você é covarde o suficiente para salvar a própria pele e não ligar pro que acontece com ela e nem pro que poderia acontecer comigo.

Scarlet prendeu a respiração, esperando que ele negasse. Que desse alguma desculpa distorcida como sempre fizera, mas ele ficou completamente imóvel, completamente calado.

A pele dela ardeu de raiva.

– Você é uma desgraça para ela, para tudo que ela sempre defendeu. Ela arriscaria a vida pra proteger nós dois! Arriscaria a

vida por um estranho se fosse a coisa certa a fazer. Mas você só se importa consigo mesmo. Não posso acreditar que seja filho dela. Não consigo acreditar que seja meu *pai*.

Ele ergueu os olhos para a filha, assombrado.

– Você está enganada, Scarlet. Ela os viu me torturar. *A mim*. E ainda assim não contou os segredos. – Um brilho desafiador surgiu em seu rosto. – Tem alguma coisa que sua avó nunca contou pra nós, Scar, e nos colocou em perigo. Ela é que é egoísta.

– Você não sabe nada sobre ela!

– Não, *você* não sabe! Você a idolatra desde que tinha quatro anos, e isso cegou você para a verdade! Ela nos traiu, Scarlet.

Com as veias pulsando na testa, Scarlet apontou para a porta.

– Saia. Saia da minha fazenda e não volte nunca mais. Não quero nunca voltar a ver você.

Ele ficou pálido, e as olheiras pareciam hematomas sob os olhos. Lentamente, ele se levantou do chão.

– Você vai me abandonar também? Minha própria filha e minha própria mãe, as duas se virando contra mim?

– Você nos abandonou primeiro.

Scarlet se deu conta de que, nos cinco anos desde que o viu pela última vez, tinha alcançado a altura do pai. Eles se olharam nos olhos, ela queimando por dentro, ele franzindo a testa como se quisesse se desculpar, mas não conseguisse entender o sentimento.

– Adeus, Luc.

Ele trincou os dentes.

– Eles virão atrás de mim de novo, Scarlet. E a culpa será sua.

– Não ouse. Foi você quem estava usando o transmissor, foi você quem estava disposto a *me* vender.

Ele sustentou o olhar dela por um longo momento, como se estivesse esperando que a filha mudasse de ideia. Esperando que ela o convidasse de volta para casa, para sua vida. Porém, tudo que Scarlet conseguia ouvir era o barulho do metal esmagando o transmissor. Ela pensou nas marcas de queimadura no braço dele e soube que seu pai a entregaria para ser torturada se isso salvasse a pele dele.

Por fim, ele baixou o olhar e, sem levantar a cabeça, sem olhar para Lobo, foi andando pelos destroços e saiu do hangar.

Os punhos de Scarlet se apertaram. Ela teria que esperar. Ele entraria em casa para pegar os sapatos. Ela o imaginou revirando a cozinha em busca de comida antes de ir embora, ou tentando encontrar uma garrafa de bebida. Ela não ousaria correr o risco de cruzar com ele de novo antes que fosse embora de vez.

O covarde. O traidor.

– Eu ajudo você.

Ela cruzou os braços para proteger a raiva da voz gentil de Lobo. Observou o caos ao redor, a bagunça que levaria semanas para arrumar.

– Não preciso da sua ajuda.

– Quero dizer que vou ajudar a trazer sua avó de volta. – Lobo se abaixou, como se estivesse surpreso por ter feito a proposta.

Demorou um tempo patético para seu pensamento mudar de curso, indo do xingamento interno contra o pai traidor para a enormidade das palavras de Lobo. Olhou para ele e prendeu a

respiração, imaginando as palavras presas em uma bolha que poderia estourar.

– Vai mesmo?

A cabeça dele tremeu no que poderia ser um aceno de concordância.

– Os Lobos têm um quartel-general em Paris. Deve ser onde ela está.

Paris. A palavra preencheu a mente dela. Uma pista. Uma promessa.

Ela olhou para a nave e para a janela quebrada. Uma nova onda de ódio pelo pai surgiu, mas murchou rapidamente. Não havia tempo. Não agora. Não com o primeiro sinal de esperança que ela conseguia em duas intermináveis semanas.

– Paris – murmurou ela. – Podemos pegar o trem em Toulouse... Leva o quê, umas oito horas? – Odiava a ideia de estar sem a nave, mas até um trem de levitação magnética irritantemente lento seria mais rápido do que mandar trocar o vidro. – Alguém vai ter que cuidar da fazenda enquanto eu estiver fora. Talvez Émilie, depois do trabalho. Vou mandar uma mensagem pra ela, e preciso pegar umas roupas e...

– Scarlet, espere. Não podemos sair correndo para lá. Precisamos planejar.

– Sair correndo? Não podemos *sair correndo*? Eles estão com ela há mais de duas semanas! Isso não é correr!

O olhar de Lobo ficou mais sombrio e Scarlet parou, reconhecendo o desconforto dele pela primeira vez.

– Olha – disse ela, umedecendo os lábios –, vamos ter oito horas no trem para pensar em alguma coisa. Mas não posso ficar aqui nem mais um segundo.

– Mas e se seu pai estiver certo? – Os ombros dele continuaram rígidos. – E se ela escondeu alguma coisa aqui? E se eles vierem procurar?

Ela balançou a cabeça.

– Podem procurar o quanto quiserem, mas não vão encontrar nada. Meu pai está errado. Grand-mère e eu não temos segredos.

CAPÍTULO

Capítulo

– VOSSA MAJESTADE.

Kai se afastou da janela onde ficara olhando durante metade da manhã, ouvindo o tagarelar dos âncoras do noticiário e dos oficiais militares relatando a fuga da presidiária mais procurada da Comunidade das Nações Orientais. O Chefe Huy estava na porta, com Torin ao lado. Os dois pareciam incrivelmente infelizes.

Ele engoliu em seco.

– E aí?

Huy deu um passo à frente.

– Eles escaparam.

O coração de Kai deu um salto. Ele deu um passo hesitante em direção à mesa do pai e segurou o encosto da cadeira.

– Dei a ordem de convocar nossas frotas de reserva imediatamente. Estou confiante de que encontraremos os fugitivos e os prenderemos antes do pôr do sol.

– Com todo o respeito, chefe, você *não parece* particularmente confiante.

Embora Huy estivesse com o peito estufado, seu rosto ficou ligeiramente rosado.

– Estou, majestade. Podemos encontrá-los. É só que... é complicado por ser uma nave roubada. Todo o equipamento de rastreio foi retirado.

Torin deu um suspiro irritado.

– Agarota se provou mais inteligente do que eu imaginava.

Kai passou a mão pelo cabelo, escondendo um brilho inesperado de orgulho.

– Tem também a questão de ela ser lunar – acrescentou Huy.

– Quem a capturar tem que estar alerta – disse Kai. – Todos precisam saber que ela vai tentar manipulá-los.

– Com certeza, mas não era a isso que eu estava me referindo. No passado, tivemos dificuldade para rastrear naves lunares. Parece que eles aprenderam a desarmar nossos sistemas de radar. Infelizmente, não sabemos direito como eles fazem isso.

– Desarmar nossos sistemas de radar? – Kai olhou para Torin. – Você sabia disso?

– Ouvi boatos – disse Torin. – Seu pai e eu preferimos acreditar que eram apenas isso.

– Nem todos os meus colegas concordam comigo nessa questão – disse Huy. – Mas estou convencido de que são os lunares que desarmam nossos equipamentos. Se é pelas habilidades mentais ou por algum outro talento, não sei. Independentemente disso, Linh Cinder não irá muito longe. Vamos mobilizar todos os recursos para capturá-la.

Sufocando a tormenta interior, Kai forçou o rosto a ficar imóvel como uma pedra.

– Me mantenham informado.

– Claro, Vossa Majestade. Tem mais uma coisa que achei que o senhor poderia querer ver. Terminamos de examinar as filmagens da prisão. – Huy apontou para a tela embutida na mesa de Kai.

Kai contornou a cadeira, repuxou as mangas compridas por sentir um calor repentino e se sentou. Uma mensagem do conselho de segurança nacional girava no canto.

– Aceitar mensagem.

A tela se iluminou com a filmagem da prisão, as paredes brancas e reluzentes. Via-se um longo corredor com portas acolchoadas e escâneres de identificação. Um guarda de prisão apareceu e apontou para uma porta. Foi seguido por um senhor baixo usando um boné cinza.

Kai deu um pulo. Era o dr. Erland.

– Aumentar volume.

A voz familiar do dr. Erland surgiu na tela.

– Sou o cientista responsável pela equipe real de pesquisa da letumose, e essa garota é minha cobaia principal. Preciso de amostras de sangue dela antes que saia do planeta. – Com uma expressão mal-humorada, ele enfiou a mão em uma bolsa e tirou uma coisa; uma seringa, mas a bolsa ainda estava cheia. Ainda havia outros objetos lá dentro.

– Tenho minhas ordens, senhor – disse o guarda. – Precisa de uma ordem oficial do imperador para poder entrar.

Kai franziu a testa quando o doutor colocou a seringa de volta na bolsa, sabendo que o dr. Erland não tinha feito esse pedido.

– Tudo bem. Se é o protocolo, eu entendo – disse o dr. Erland. E ficou ali de pé, sereno e paciente. Depois de alguns segundos, Kai viu o doutor sorrindo. – Pronto, está vendo? Consegui a autorização necessária do imperador. Pode abrir a porta.

O queixo de Kai caiu quando, incrivelmente, o guarda virou para a porta da cela, passou o pulso pelo escâner e digitou uma senha. Uma luz verde piscou e a porta se abriu.

– Muito obrigado – disse o dr. Erland e passou pelo guarda. – Peço que nos dê um pouco de privacidade. Só vou demorar um minuto.

O guarda concordou sem discutir, fechou a porta e seguiu na direção de onde veio, deixando a tela vazia.

Kai ergueu o olhar para Huy.

– Esse guarda foi interrogado?

– Foi, senhor, e tudo o que ele declarou foi que se lembra de negar acesso à garota, e depois o doutor foi embora. Ele ficou confuso quando mostramos a filmagem. Alega não se lembrar de nada.

– Como isso é possível?

Huy ocupou as mãos abotoando o paletó.

– Parece, Vossa Majestade, que o dr. Dmitri Erland usou glamour no guarda para que ele permitisse o acesso à cela da prisioneira.

Com os pelos se eriçando debaixo do colarinho, Kai se recostou na cadeira.

– Usou glamour? Você acha que ele é lunar?

– Essa é nossa teoria.

Kai olhou para o teto. Cinder, lunar. O dr. Erland, lunar.

– É uma *conspiração*?

Torin limpou a garganta, como fazia sempre que Kai mencionava alguma teoria louca, embora para Kai parecesse ser uma pergunta perfeitamente legítima.

– Estamos investigando todas as possibilidades – disse Torin. – Pelo menos agora sabemos como ela fugiu.

– Temos outro vídeo que mostra a prisioneira usando glamour no guarda do turno seguinte – disse Huy – e sendo levada para outra cela. Nessa filmagem, ela está com dois pés e com uma mão esquerda diferente da que tinha quando entrou na prisão.

Kai se levantou da cadeira.

– A bolsa – disse, andando na direção da janela.

– Sim. O dr. Erland levou essas ferramentas para ela, e temos que supor que foi com a intenção de ajudar na fuga.

– Por isso que ele foi embora. – Kai balançou a cabeça, se perguntando como Cinder conhecera o dr. Erland, o que eles estavam realmente fazendo todas as vezes que ela foi vê-lo no hospital. Planejando, tramando, conspirando? – Pensei que ela estivesse só consertando um medidroide – murmurou ele. – Nem questioneiei... Pelas estrelas, fui tão burro.

– Vossa Majestade – disse Huy –, os poucos recursos que não estão concentrados na busca de Linh Cinder estão se dedicando a encontrar Dmitri Erland. Ele será preso como traidor da coroa.

– Por favor, desculpem a interrupção – disse Nainsi, o androide que deu aulas para Kai quando ele era criança, mas que agora tinha um papel mais significativo de assistente pessoal. O

androide que tivera problemas (menos de quatro semanas antes, não?) e o levou ao primeiro encontro com Linh Cinder, quando ela não passava de uma renomada mecânica. – Sua Majestade, a rainha lunar Levana pediu uma reunião imediat...

– Não serei anunciada por um androide!

Huy e Torin viraram quando a rainha Levana entrou e deu um tapa em Nainsi no sensor azul, o olhar flamejante. O androide sem dúvida teria caído de costas se o equipamento hidráulico estabilizador não tivesse entrado em ação bem na hora.

O grupo que costumava acompanhar a rainha entrou atrás: primeiro, Sybil Mira, taumaturga-chefe, cujo papel na corte lunar parecia ser um cruzamento entre cachorrinho fiel e criada satisfeita que tinha prazer em atender aos pedidos mais cruéis de Levana. Kai uma vez a viu atacar e quase cegar um criado inocente a pedido da rainha, sem um sinal de hesitação.

Atrás dela entrou outro taumaturgo, uma graduação abaixo de Sybil, que tinha pele escura, olhos penetrantes e propósito nenhum, pareceu a Kai, a não ser ficar de pé atrás da rainha com uma expressão arrogante.

O guarda pessoal de Sybil entrou atrás, um homem louro que segurou Cinder no baile, quando Levana ameaçou a vida dela pela primeira vez. Mesmo depois de um mês como hóspede em seu palácio, Kai não sabia o nome dele. O segundo guarda, com os cabelos ruivos flamejantes, foi quem pulou entre uma bala e Levana no baile, recebendo um tiro diretamente no ombro. Ao que parecia, ferimentos não eram o bastante para tirar alguém

da guarda real, embora se visse apenas o calombo do curativo por debaixo do uniforme.

– Vossa Majestade – disse Kai, se dirigindo à rainha com o que pensou ser uma admirável falta de desprezo. – Que surpresa agradável.

– Mais um comentário condescendente e vou mandar arrancar sua língua e prender no portão do palácio.

Kai empalideceu. A voz de Levana, normalmente tão melodiosa e doce, estava dura como aço, e apesar de tê-la visto com raiva muitas vezes antes, nunca o bastante para que deixasse de lado a leve aparência de diplomacia.

– Vossa Majestade...

– Você a deixou fugir! *Minha* prisioneira!

– Garanto que estamos fazendo tudo que podemos...

– Aimery, silencie-o.

A língua de Kai ficou flácida. Com olhos arregalados, ele levou a mão aos lábios e percebeu que não era apenas a língua, mas a garganta, o maxilar. Os músculos tinham ficado inúteis. O que talvez fosse melhor do que prenderem sua língua ao portão do palácio, mas ainda assim...

Seu olhar se desviou para o taumaturgo com a jaqueta vermelha impecável, que abriu um sorriso perverso em resposta. A ira cresceu dentro dele.

– Você está fazendo tudo que pode? – Levana apoiou as mãos na mesa de Kai. Os olhares se confrontaram por cima da tela que ainda mostrava o corredor vazio da prisão, congelado no tempo.

– Está me dizendo, jovem imperador, que não ajudou na fuga

dela? Que sua intenção desde o começo não foi de me humilhar em seu território?

Kai sentiu que a rainha queria que ele caísse de joelhos e silenciosamente pedisse perdão, promettesse mover os céus e a terra para satisfazê-la... mas sua raiva suplantou o medo. Com a capacidade de falar sufocada, ele cruzou os braços nas costas da cadeira e esperou.

Com o canto do olho, ele conseguia ver Torin e Huy, ainda imóveis como duas estátuas, mas com expressões sombrias de desprezo. Sybil Mira, com as mãos inocentemente enfiadas nas mangas marfim, devia estar segurando-os com a magia mental lunar.

Nainsi, o único ser que os lunares não conseguiam controlar com os truques mentais, estava sendo fisicamente segurada pelo guarda louro, virada de forma que o sensor com câmera embutida não pudesse capturar os acontecimentos.

As pontas dos dedos da rainha ficaram brancas em cima da mesa.

– Espera que eu acredite que você não encorajou essa fuga? Que não teve nada a ver com ela? – A expressão dela ficou mais tensa. – Você não parece muito *aborrecido* com isso, Vossa Majestade.

A perplexidade cresceu nas entranhas de Kai, mas seu rosto permaneceu neutro. Anos de boatos e superstições circularam em seus pensamentos, boatos de que Levana sempre sabia quando alguém falava dela, em qualquer lugar de Luna e até

mesmo na Terra, mas ele desconfiava de uma razão muito mais plausível para sua habilidade incrível de saber o que não devia.

Ela o espionava, e também ao pai dele antes. Sabia que era verdade, só não sabia como.

Ao perceber que ela estava esperando resposta, Kai ergueu uma sobrancelha e gesticulou na direção da boca.

Levana ferveu de raiva e se afastou da mesa. Esticou o pescoço até estar olhando para ele de cima.

– Fale.

Kai voltou a sentir sua língua e deu um sorriso mal-agradecido para Aimery. Em seguida, fez a coisa mais desrespeitosa em que conseguiu pensar: puxou a cadeira e se sentou. Em seguida, se inclinou para trás e cruzou as mãos sobre a barriga.

A raiva ferveu por trás dos olhos cor de carvão de Levana até ela ficar quase feia, por um segundo.

– Não – disse Kai. – Eu não encorajei a fugitiva a escapar *nem* a ajudei de maneira nenhuma.

– Que motivo tenho para acreditar nisso depois de ver você tão *encantado* com ela no baile?

A sobrancelha dele tremeu.

– Se vai se recusar a aceitar minha palavra, por que não força uma confissão minha e acaba logo com isso?

– Ah, eu poderia, Majestade. Poderia colocar quaisquer palavras que quisesse nessa sua boca. Mas infelizmente não somos *leitores* de mentes, e estou preocupada apenas com a verdade.

– Então me permita dizê-la. – Kai esperava parecer mais complacente do que irritado. – Nossa investigação preliminar revelou que ela usou tanto suas habilidades lunares quanto as de ciborgue para fugir da cela, e apesar de poder ter tido assistência interna, foi sem meu conhecimento. Infelizmente, não estávamos equipados para ter uma prisioneira que é ao mesmo tempo ciborgue e lunar. É certo que vamos trabalhar para fortalecer nosso sistema de encarceramento para o futuro. Enquanto isso, estamos fazendo tudo que podemos para encontrar a fugitiva e capturá-la. Fiz um acordo com você, Majestade, e pretendo cumprir minha parte.

– Você já falhou em cumprir a sua parte do acordo – disse ela com desprezo, mas sua expressão se suavizou. – Jovem imperador, espero que não tenha imaginado estar apaixonado por essa garota.

Kai apertou as mãos até os nós dos dedos gritarem de dor.

– Qualquer sentimento que eu possa ter imaginado por Linh Cinder obviamente não passou de um truque lunar.

– Obviamente. Fico feliz por você reconhecer isso. – Levana cruzou as mãos discretamente na frente do corpo. – Cansei dessa palhaçada e voltarei de imediato para Luna. Você tem três dias para encontrar a garota e entregá-la a mim. Se falhar, vou mandar o meu exército encontrá-la, e eles vão revirar todas as naves, todas as estações de lançamento e todas as casas deste planeta patético até que ela seja encontrada.

Pontos brancos piscaram na visão de Kai ao ficar de pé rápido demais.

– Por que não diz o que quer dizer? Você estava esperando um motivo para invadir a Terra há dez anos, e agora vai usar essa lunar fugitiva, essa *ninguém*, para fazer o que quer.

Os cantos dos lábios de Levana se ergueram.

– Você parece entender mal meus motivos, então vou falar precisamente o que quero dizer. Algum dia, vou governar a Comunidade das Nações Orientais, e a decisão é sua se farei isso por guerra ou por uma união pacífica ou diplomática de casamento. Mas *isso* não tem nada a ver com guerra e política. Quero essa garota ou o cadáver dela. Vou queimar seu país até não sobrar nada em busca dela se for preciso.

Levana se afastou da mesa e saiu do escritório, seu grupo a seguindo um passo atrás sem expressão ou comentário.

Quando todos foram embora, Huy e Torin despencaram na frente de Kai, como se não tivessem respirado desde a entrada da rainha. E talvez não tivessem respirado mesmo. Kai não sabia o que Sybil havia feito com eles, mas podia imaginar que não fora nada confortável.

Nainsi girou sobre as rodinhas.

– Sinto muito, Vossa Majestade. Eu jamais a teria deixado entrar, mas a porta já estava aberta.

Kai silenciou-o com um gesto.

– Sim, e que coincidência que ela tenha escolhido a hora em que a porta não estava fechada e trancada por código para invadir a sala, não é?

O processador de Nainsi chiou, sem dúvida calculando as probabilidades.

Kai passou a mão pelo rosto.

– Não importa. Saíam todos. Por favor.

Nainsi sumiu pela porta, mas Huy e Torin ficaram.

– Vossa Majestade – disse Huy. – Com todo respeito, preciso de sua permissão...

– Sim, tudo bem, o que você precisar. Preciso de um momento. Por favor.

Huy bateu os calcanhares.

– É claro, Vossa Majestade. – Apesar de Torin estar com cara de quem queria discutir, não o fez, e logo a porta chiou e se fechou atrás dos dois.

Com o estalo da tranca, Kai se permitiu desmoronar na cadeira. Seu corpo todo tremia.

Ficou claro, de repente, que não estava pronto para isso. Não era forte o bastante nem inteligente o bastante para ocupar o lugar do pai. Não conseguia nem manter Levana fora de seu escritório. Como ia proteger um país inteiro dela, um planeta inteiro?

Ele girou a cadeira e passou as mãos pelo cabelo. Dirigiu a atenção para a cidade abaixo, mas logo olhou para o céu azul-intenso, sem nuvens. Em algum lugar lá em cima estavam a lua, as estrelas e dezenas de milhares de naves de carga, naves de passageiros, naves militares, naves de entrega, competindo por espaço além do ozônio. E Cinder estava em uma delas.

Ele não conseguia evitar, mas uma parte dele, talvez uma parte bem grande, torcia para que Cinder desaparecesse como a cauda de um cometa. Só para contrariar a rainha, para impedi-la de ter

aquilo que queria tão desesperadamente. Afinal, tinha sido apenas sua vaidade que causara essa loucura. Porque Cinder fez um comentário tolo no baile, dando a entender que Levana, no fim das contas, não era bonita.

Kai massageou a testa, sabendo que tinha que parar de pensar essas coisas. Cinder tinha que ser encontrada, e logo, antes que milhões fossem assassinados em seu lugar.

Era tudo uma questão de política agora. Prós e contras, toma lá dá cá, trocas e acordos. Cinder tinha que ser encontrada; Levana, apaziguada; e Kai precisava parar de agir como traído e indignado e começar a agir como um imperador.

O que sentira por Cinder, ou pensara ter sentido, tinha acabado.

CAPÍTULO

Quinze

CINDER DESLIGOU O CHUVEIRO E SE APOIOU NA DIVISÓRIA DE FIBRA enquanto o bocal pingava na cabeça dela. Gostaria de ficar mais, porém estava com medo de acabar com o suprimento de água, e a julgar pelo banho de meia hora que Thorne tinha tomado, ficou claro que não podia contar com ele para economizar.

De qualquer modo, estava limpa. O cheiro de esgoto tinha sido removido, junto com o suor salgado. Ao sair do chuveiro comunitário, passou uma toalha áspera no cabelo e gastou um momento secando todos os cantinhos e juntas das próteses para protegê-las da ferrugem. Era um hábito, apesar de os novos membros já terem uma camada protetora. Parecia que o dr. Erland não tinha economizado em nada.

Seu imundo uniforme de prisão estava enrolado em um canto do piso de azulejos. Tinha encontrado um uniforme militar no alojamento da tripulação: uma calça cinza-carvão grande demais, que tinha que ser presa com cinto, e uma camiseta branca lisa, não muito diferente das calças cargo e camisetas que costumava usar antes de virar uma fugitiva da lei. Tudo que faltava eram as luvas sempre presentes. Ela se sentia nua sem elas.

Cinder jogou a toalha e o uniforme da prisão no buraco da lavanderia e abriu a porta do banheiro. Após um corredor estreito havia uma passagem aberta à direita, e o compartimento de carga cheio de caixas de plástico à esquerda.

– Lar, doce lar – murmurou ela, sacudindo a água do cabelo enquanto andava até o compartimento de carga.

Não havia sinal do suposto capitão. Só as luzes fracas de emergência estavam acesas. E a escuridão, o silêncio e a certeza de tanto espaço vazio ao redor da nave, seguindo até a eternidade, deram a Cinder a sensação peculiar de ser um fantasma assombrando um navio abandonado. Passou pelo caminho cheio de obstáculos compostos de caixas e afundou no assento do piloto no cockpit.

Pela janela, via a Terra: os limites da República da América e a maior parte da União Africana estavam visíveis por baixo da cobertura de nuvens. E além, estrelas, muitas estrelas piscando e se misturando a incontáveis galáxias. Eram tão lindas quanto apavorantes, a bilhões de anos-luz de distância, mas ao mesmo tempo tão iluminadas e próximas que era quase sufocante.

Tudo que Cinder sempre quis foi liberdade. Liberdade da madrasta e de suas regras dominadoras. Liberdade de uma vida de trabalho constante sem nenhum reconhecimento. Liberdade dos olhares de desprezo e palavras de ódio de estranhos que não confiavam na garota ciborgue – que era forte demais e inteligente demais e boa demais com máquinas para ser considerada *normal*.

Agora, conquistara a liberdade, mas não era nem um pouco como tinha imaginado.

Suspirando, Cinder puxou o pé esquerdo até o joelho, levantou a calça e abriu o compartimento oco na panturrilha. Tinha sido revistado e esvaziado quando chegara na prisão, apenas mais uma invasão de privacidade, mas os conteúdos mais valiosos haviam sido ignorados. Sem dúvida o guarda que fez a busca pensou que os chips em meio à fiação eram parte da programação de Cinder.

Três chips. Ela os puxou um a um e os colocou no braço da cadeira.

Havia o reluzente chip branco D-COMM. Um chip lunar, feito de algum material que Cinder nunca tinha visto antes. Levana ordenara que fosse instalado em Nainsi, o androide de Kai, e usado para obter informações confidenciais. A garota que programou o chip, supostamente programadora pessoal da rainha, usou-o depois para fazer contato com Cinder e revelar que Levana estava planejando se casar com Kai... e, depois, matá-lo e usar o poder da Confederação das Nações Orientais para invadir o resto da União Terráquea. Foi essa informação que fez Cinder sair correndo para o baile poucos dias antes, tempo que mais parecia uma vida.

Ela não se arrependia. Sabia que faria tudo de novo, apesar da confusão que sua vida tinha virado desde que tomara aquela decisão apressada.

Havia também o chip de personalidade de Iko. Era o maior e mais gasto dos três. Um lado tinha uma distinta marca de polegar

sujo de graxa, provavelmente de Cinder, e um canto tinha uma rachadura fina. Ainda assim, estava confiante de que funcionaria. Iko, um androide servo que pertencera à madrastra de Cinder, era uma de suas melhores amigas fazia tempo. Mas, em um ataque de raiva e desespero, Adri havia desmontado Iko e vendido as partes dela, deixando só as peças mais inúteis para trás. Incluindo o chip de personalidade.

Ao pegar o terceiro chip, o coração de Cinder se apertou.

O chip de identificação de Peony.

Sua meia-irmã mais nova tinha morrido quase duas semanas antes. A peste a tinha matado porque Cinder não conseguira o antídoto para ela a tempo. Porque Cinder demorou demais.

O que Peony pensaria agora? Agora que Cinder era lunar. Que Cinder era a princesa Selene. Que Cinder tinha dançado com Kai, beijado Kai...

– Eca, isso é um chip de identificação?

Ela deu um pulo e escondeu o chip na mão quando Thorne se sentou na outra cadeira.

– Não me dê um susto assim.

– Por que você está com um chip de identificação? – perguntou ele, olhando com desconfiança para os outros dois no braço da cadeira. – É melhor não ser o seu, depois de você me obrigar a tirar o meu.

Ela fez que não com a cabeça.

– É da minha irmã. – Engolindo em seco, ela abriu a mão. Um pouco de sangue seco tinha se espalhado na palma.

– Não me diga que ela é condenada fugitiva também. Ela não precisa dele?

Cinder prendeu a respiração, esperou que a dor no peito diminuísse e lançou um olhar raivoso.

Ao ver o olhar dela, a percepção se espalhou pouco a pouco pelo rosto de Thorne.

– Ah. Sinto muito.

Ela remexeu o chip, passando-o de um dedo de metal ao outro.

– Há quanto tempo?

– Duas semanas. – Cinder fechou a mão sobre o chip. – Ela só tinha catorze anos.

– Foi a peste?

Cinder assentiu.

– Os andróides que cuidam das quarentenas tiram os chips de identificação dos mortos. Acho que os levam para condenados e lunares fugitivos... Pessoas que querem uma nova identidade. – Ela colocou o chip ao lado dos outros. – Não pude deixar que levassem o dela.

Thorne se acomodou na cadeira. Tinha se limpado bem: o cabelo estava bem aparado; a barba, feita; e ele cheirava a sabonete caro. Usava uma jaqueta de couro gasta com um único escudo preso à gola: a patente de capitão.

– Os andróides que trabalham nas quarentenas não são propriedade do governo? – perguntou ele, olhando para a Terra pela janela.

– É, acho que são. – Cinder franziu a testa. Nunca tinha pensado no assunto antes, mas falar em voz alta despertou uma

onda de desconfiança.

Thorne expressou o pensamento primeiro.

– Por que o governo programaria andróides para pegarem chips de identificação?

– Talvez não seja para serem vendidos no mercado negro – disse Cinder, apertando o chip de Peony no braço da cadeira. – Talvez os apaguem e os reutilizem.

Mas não acreditava nisso. Chips de identificação eram baratos de produzir, e se o público descobrisse que as identidades de seus entes queridos estavam sendo apagadas, haveria um alvoroço.

Ela mordeu o lábio. Então havia outro motivo? Outra coisa para a qual o governo estaria usando os chips? Ou será que alguém tinha conseguido reprogramar os andróides das quarentenas sem o governo saber?

Sentiu um nó no estômago. Como queria poder falar com Kai...

– O que são os outros dois?

Ela baixou os olhos.

– Um chip de comunicação direta e um chip de personalidade que era de uma androide amiga minha.

– Você é colecionadora de chips, por acaso?

Ela amarrou a cara.

– Só estou guardando até descobrir o que fazer com eles. Vou precisar encontrar um corpo novo para Iko, alguma coisa que ela possa... – Ela parou de falar e sufocou um gritinho. – Isso!

Enfiou rapidamente os dois outros chips na panturrilha. Segurando o chip de personalidade de Iko, saiu correndo para o compartimento de carga. Thorne a seguiu, pelo corredor, pela

escotilha para o nível inferior, até a sala de máquinas, e ficou na porta enquanto Cinder se arrastava por baixo dos fios até aparecer ao lado do computador central.

– Precisamos de um novo sistema de controle automático – disse ela, abrindo um painel e passando o dedo pelas etiquetas. – lko é um sistema de controle automático. Todos androides são! É verdade que ela está acostumada a lidar com um corpo bem menor, mas... o quão diferente pode ser?

– Vou supor que muito?

Ela balançou a cabeça e enfiou o chip no computador central.

– Não, não, isso vai dar certo. Só preciso de um adaptador. – Ela trabalhava enquanto falava, soltando fios, rearrumando, religando.

– E temos um adaptador?

– Vamos ter.

Virando, ela analisou o painel de controle atrás de si.

– Nunca vamos usar o módulo de aspirador de pó, vamos?

– Aspirador de quê?

Ela soltou o cabo do painel e enfiou uma ponta no computador principal, a outra na entrada do sistema de controle automático, o mesmo que quase fez o circuito dela fritar.

– Agora vai! – disse ela, se sentando nos calcanhares.

O sistema se iluminou, e Cinder ouviu o som familiar da verificação diagnóstica interna. Seu coração estava acelerado só de pensar que não estaria mais sozinha, que poderia salvar ao menos uma pessoa que importava para ela...

O computador principal ficou em silêncio de novo.

Thorne olhou para o teto da nave, como se esperasse que fosse desmoronar na sua cabeça.

– Iko? – chamou Cinder, olhando para o computador. Os alto-falantes estavam ligados? As configurações de entrada de som e dados estavam corretas? Tinha conseguido se comunicar com Thorne direitinho quando eles estavam no depósito, mas...

– Cinder?

Quase caiu pra trás e suspirou, aliviada.

– Iko! Sou eu, Cinder! – Ela segurou um duto de resfriamento acima, parte do motor, parte da nave.

E Iko era parte de tudo.

– Cinder. Tem alguma coisa errada com meu sensor de visão. Não consigo te ver e me sinto meio estranha.

Com a língua para fora, Cinder se inclinou para analisar o orifício em que o chip de personalidade de Iko encontrara um novo lar. Parecia se encaixar perfeitamente, estar protegido e funcionando direito. Não havia sinal de qualquer problema de compatibilidade. O sorriso dela se abriu de orelha a orelha.

– Eu sei, Iko. As coisas vão ficar um pouco diferentes por um tempo. Tive que instalar você como o sistema de controle automático de uma nave. Uma Rampion 214, classe 11.3. Você tem conexão de rede? Deve poder baixar as especificações.

– Uma Rampion? Uma *nave*?

Cinder se abaixou. Embora só houvesse um alto-falante na casa de máquinas, a voz de Iko ecoou em todos os cantos.

– O que estamos fazendo em uma nave?

– É uma história muito longa, mas foi o que consegui pensar em fazer com seu...

– Ah, Cinder! *Cinder!* – A voz de Iko saiu como um choro, que provocou um arrepio na coluna de Cinder. – Onde você esteve o dia todo? Adri está furiosa, e Peony... *Peony.*

As palavras de Cinder ficaram secas.

– Ela morreu, Cinder. Adri recebeu um comunicado da quarentena.

Cinder olhou cegamente para a parede.

– Eu sei, Iko. Isso foi duas semanas atrás. Tem duas semanas que Adri desativou você. Este é o primeiro... corpo... que consegui encontrar.

Iko ficou em silêncio. Cinder olhou ao redor, sentindo Iko em todo lugar. O motor girou mais rápido por um momento, depois se reduziu à velocidade normal. A temperatura nem caiu muito. Uma luz piscou no corredor atrás de Thorne, que estava rígido e desconfortável na porta, com cara de quem achava que um poltergeist tinha possuído sua amada Rampion.

– Cinder – disse Iko após alguns minutos silenciosos de exploração. – Eu sou *enorme*. – Havia um choramingo distinto na voz metálica.

– Você é uma nave, Iko.

– Mas eu... como posso... sem mãos, sem sensor de visão, com um trem de pouso gigantesco... Isso é pra ser meus pés?

– Bem, não. É pra ser um trem de pouso.

– Ah, o que aconteceu comigo? Estou horrenda!

– Iko, é apenas temporário...

– Pera lá, senhorita voz incorpórea. – Thorne entrou na casa de máquinas e cruzou os braços sobre o peito. – O que você quer dizer com “horrenda”?

Então, a temperatura foi lá no alto.

– Quem é esse? Quem está falando?

– Sou o capitão Carswell Thorne, o dono desta bela nave, e não vou deixar que você a insulte na minha presença!

Cinder revirou os olhos.

– Capitão Carswell Thorne?

– Isso mesmo.

Um breve silêncio.

– Minha rede só encontra um cadete Carswell Thorne, da República da América, detido na prisão de Nova Pequim em...

– É ele mesmo – disse Cinder, ignorando a expressão de raiva de Thorne.

Mais silêncio enquanto o calor da sala de máquinas crescia a um ponto que passava ligeiramente do confortável. E então:

– Você é... bem bonito, capitão Thorne.

Cinder gemeu.

– E você, minha bela dama, é a nave mais bonita dos céus, e não deixe que ninguém diga o contrário.

A temperatura subiu ainda mais, até que Cinder deixou os braços penderem e suspirou.

– Iko, você está corando *intencionalmente*?

A temperatura voltou a ficar agradável.

– Não – disse Iko. – Mas sou mesmo bonita? Mesmo sendo uma nave?

– A mais bonita – disse Thorne.

– Você tem uma moça nua pintada na sua lateral esquerda – acrescentou Cinder.

– Eu mesmo desenhei.

Uma série de pequenas luzes de teto piscou e emitiu um brilho suave.

– Olha, lko, isso é apenas temporário. Vamos conseguir um novo sistema de controle automático e vamos arrumar um corpo novo pra você. Em algum momento. Mas preciso que você cuide da nave, verifique os relatórios, talvez faça um diagnóstico...

– A bateria está quase acabando.

Cinder assentiu.

– Certo. Eu já sabia dessa parte. Mais alguma coisa?

O motor zumbiu ao redor dela.

– Bom, acho que eu poderia fazer uma verificação completa do sistema...

Abrindo um grande sorriso, Cinder rastejou em direção à porta e, ao ficar de pé, encontrou Thorne muito satisfeito.

– Obrigada, lko.

As luzes piscaram de novo quando lko desviou a energia.

– Mas por que estamos mesmo nesta nave? E com um criminoso condenado? Sem querer ofender, capitão Thorne.

Cinder deu um leve sorriso, exausta demais para contar a história, mas sabendo que não podia escondê-la de seus companheiros para sempre.

- Ok – disse ela, passando por Thorne e entrando no corredor.
- Vamos voltar para o cockpit. É melhor estarmos bem instalados.

CAPÍTULO

Dezesseis

SCARLET CHAMOU UM AERODESLIZADOR PARA LEVÁ-LOS A TOULON

esvaziou a conta com o último depósito de Gilles. Sentou-se em frente a Lobo durante a viagem, com a pistola apertando suas costas enquanto o observava. De perto assim, sabia que a pistola era inútil para ela. Afinal, tinha testemunhado a velocidade de Lobo mais de uma vez. Ele conseguiria segurá-la e quase sufocá-la antes que ela pudesse tirar a pistola da cintura.

Mas era impossível se sentir ameaçada por esse quase estranho sentado à sua frente. Lobo estava hipnotizado pelas fazendas passando pela janela, olhando boquiaberto para tratores e gado e celeiros decrepitos, desmoronando. Suas pernas se mexiam sem parar, embora ela duvidasse que ele percebesse.

Essa fascinação quase infantil parecia estranha nele, de todas as maneiras. O olho roxo, as cicatrizes pálidas, os ombros largos, a postura calma que ele demonstrara ao quase estrangular Roland, a brutalidade selvagem no olhar quando quase matara o oponente na luta.

Scarlet mordeu a língua, se perguntando qual parte dele era apenas um ato, e qual parte era real.

– De onde você é? – perguntou ela.

Lobo desviou o olhar para observá-la, e a curiosidade sumiu. Como se tivesse esquecido de que ela estava lá.

– Daqui. Da França.

Os lábios dela tremeram.

– Interessante. Você parece nunca ter visto uma vaca na vida.

– Ah... Não, não daqui. Não de Rieux. Sou da cidade.

– Paris?

Ele assentiu, e o movimento das pernas adquiriu um ritmo novo, alternando uma com a outra. Incapaz de suportar aquilo, Scarlet esticou a mão e apertou um joelho, forçando a perna dele a parar. Lobo ficou surpreso com o toque.

– Você está me deixando louca – disse ela, recolhendo a mão. As pernas ficaram paradas, ao menos um tempo, mas a surpresa permaneceu. – Então, como foi parar logo em Rieux?

Ele voltou a atenção para a janela.

– A princípio, eu só queria ir pra longe. Peguei um trem de levitação magnética até Lyon e comecei a seguir as lutas a partir de lá. Rieux é pequena, mas tem uma plateia boa.

– Eu reparei. – Scarlet recostou a cabeça na poltrona. – Morei em Paris por um tempo quando era criança. Antes de vir morar com grand-mère. – Ela deu de ombros. – Nunca senti saudade de lá.

Eles passaram por fazendas e olivedos, vinhedos e subúrbios, e estavam entrando no coração de Toulouse quando ela ouviu Lobo responder.

– Eu também não.



O NÍVEL INFERIOR DA ESTAÇÃO DO TREM DE LEVITAÇÃO MAGNÉTICA tão ridiculamente iluminado que chegava a irritar os olhos quando eles desceram a escada rolante, as luzes fluorescentes compensando até demais a falta de sol. Dois andróides e um detector de armas estavam esperando lá embaixo, e um apitou no momento em que os pés de Scarlet tocaram a plataforma.

– Pistola de uso pessoal modelo Leo 1272 TCP 380 detectada. Por favor, exiba seu chip de identificação e aguarde liberação.

– Tenho autorização – disse Scarlet, esticando o pulso.

Um brilho vermelho.

– Arma autorizada. Obrigado por usar o Trem de Levitação Magnética da Federação Europeia – disse o andróide, voltando ao seu posto.

Scarlet passou pelos andróides e encontrou um banco vazio perto dos trilhos. Apesar de haver meia dúzia de pequenas câmeras periféricas orbitando perto do teto, as paredes estavam pichadas com anos de rabiscos elaborados e imagens fantasmas de pôsteres de shows rasgados.

Lobo se sentou ao lado dela, e em poucos minutos sua energia frenética recomeçou. Embora ele tivesse deixado espaço entre os dois, Scarlet se viu sintonizada aos dedos agitados, joelhos

sacolejantes, ombros que giravam. A energia dele era quase tangível.

Scarlet ficou exausta só de olhar.

Ela pegou o tablet no bolso, tentando ignorá-lo, e verificou a chegada de mensagens, embora só houvesse recebido spam e anúncios.

Três trens chegaram e foram embora. Lisboa. Roma. Munique Oeste.

Scarlet ficou ansiosa e não percebeu que o próprio pé começou a batucar no mesmo ritmo até Lobo apoiar a ponta do dedo em seu joelho.

Ela gelou, e Lobo imediatamente afastou a mão.

– Desculpe – sussurrou ele, juntando as mãos no colo.

Scarlet ficou sem resposta, não sabendo bem pelo que ele estava se desculpando. Sem saber se as orelhas dele tinham ficado vermelhas ou se tinha sido as luzes piscantes de um anúncio ali perto.

Ela o viu dar um suspiro calculado e, sem aviso, enrijecer e virar a cabeça na direção da escada rolante.

Instantaneamente tensa, Scarlet esticou o pescoço para ver o que era. Um homem de terno estava passando pelos detectores na base da escada rolante. Seguido por outro homem, de calça jeans rasgada e suéter. Depois veio uma mãe empurrando um carrinho flutuante com uma das mãos enquanto verificava o tablet com a outra.

– Qual é o problema? – perguntou, mas as palavras sumiram sob o som dos alto-falantes anunciando o trem para Paris via

Montpellier.

A tensão nos músculos de Lobo diminuiu, e ele ficou de pé. Os ímãs dos trilhos começaram a zumbir, e ele foi se juntar aos outros passageiros seguindo em direção à beirada da plataforma. O desconforto já tinha desaparecido de seu rosto.

Puxando a bolsa pesada nos ombros, Scarlet olhou para trás apenas uma vez antes de se juntar a ele.

O nariz do trem-bala deslizou pela plataforma, uma mancha no começo, antes de parar lentamente. Em um movimento fluido, os vagões pararam no trilho com um estalo, e as portas do trem se abriram com um chiado. Androides saíram de cada vagão, suas vozes monótonas falando em uníssono.

– Bem-vindos a bordo do Trem de Levitação Magnética da Federação Europeia. Por favor, exibam a identificação para a verificação da passagem. Bem-vindos a bordo do Trem...

Um peso saiu dos ombros de Scarlet quando o escâner passou por seu pulso, e ela entrou no trem. Finalmente, *finalmente*, ela estava a caminho. Chega de ficar parada. Chega de não fazer nada.

Encontrou uma cabine particular vazia, com beliches, uma mesa e uma tela na parede. O vagão tinha o aroma bolorento de um aposento em que foram borrifados, em demasia, sprays aromatizantes.

– Vai ser uma longa viagem – disse, colocando a bolsa na mesa.
– Podemos ver a rede um tempo. Você tem algum canal favorito?

De pé dentro da cabine, Lobo olhou do chão para a tela e para as paredes, tentando encontrar novos lugares onde pousar o

olhar. Em qualquer lugar, menos nela.

– Na verdade, não – disse ele, indo até a janela.

Scarlet se sentou na beirada da cama e viu o brilho das telas no vidro, que acentuava uma coleção de marcas de dedos.

– Nem eu. Quem tem tempo de ver essas coisas, né?

Como ele não respondeu, ela se apoiou nas palmas das mãos e fingiu não notar o constrangimento repentino.

– Ligar tela.

Havia um grupo de repórteres de fofoca sentados ao redor de uma mesa. As palavras vazias e traiçoeiras entravam e saíam dos ouvidos de Scarlet, que estava distraída com seus pensamentos, até que percebeu que estavam criticando a garota lunar no baile de Nova Pequim: o cabelo horroroso, o estado vergonhoso do vestido, e aquilo eram manchas de *graxa* na luva dela? Trágico.

Uma das mulheres riu.

– Pena que não tem lojas de departamento no espaço, porque aquela garota precisava muito de uma transformação!

Os outros repórteres riram.

Scarlet balançou a cabeça.

– Aquela pobre garota vai ser executada e todo mundo está fazendo piada dela.

Lobo olhou de novo para a tela.

– É a segunda vez que ouço você defendê-la.

– É, bem, eu tento pensar por mim mesma de vez em quando, em vez de acreditar nas ideias ridículas em que a imprensa quer que a gente acredite. – Ela franziu a testa ao perceber que tinha falado exatamente como a avó. Temperou a irritação com um

suspiro. – As pessoas são tão rápidas para acusar e criticar, mas não sabem o que ela passou, nem o que a levou a fazer as coisas que fez. Por acaso temos certeza de que ela *fez* alguma coisa?

Uma voz automatizada avisou que as portas do trem estavam se fechando, e ela ouviu o chiado segundos depois. O trem se ergueu nos trilhos e deslizou para fora da estação, mergulhando-os em uma escuridão só quebrada pelo corredor iluminado e pela tela azul. Ganhou velocidade rapidamente, como uma bala deslizando nos trilhos, e saiu do subsolo, a luz do sol se espalhando pelas janelas.

– Tiros foram disparados no baile – disse Lobo enquanto as cabeças falantes na tela tagarelavam. – Algumas pessoas acreditam que a garota pretendia iniciar um massacre e que é um milagre ninguém ter se ferido.

– Algumas pessoas também disseram que ela estava lá para assassinar a rainha Levana, e isso não a tornaria uma heroína? – Scarlet mudava os canais sem prestar atenção. – Só acho que não devíamos julgá-la, e nem ninguém, sem tentar entender primeiro. Que talvez devêssemos ouvir a história toda antes de tirar conclusões. Uma ideia louca, eu sei.

Ela bufou, irritada ao perceber que estava ficando corada. Os canais foram passando. Anúncios. Anúncios. Notícias. Fofoca de celebridades. Um reality show sobre um grupo de crianças tentando governar um pequeno país. Mais anúncios.

– Além do mais – murmurou ela, meio para si mesma –, a garota só tem dezesseis anos. Me parece que todo mundo está exagerando.

Lobo coçou atrás da orelha e afundou na cama, o mais longe possível de Scarlet.

– Houve casos de lunares jovens, até com sete anos, que foram julgados culpados de assassinato.

Ela fez uma expressão de desprezo.

– Até onde eu sei, *aquela* garota não assassinou ninguém.

– Eu não assassinei Caçador ontem à noite. Mas isso não me torna inofensivo.

Scarlet hesitou.

– Não. Acho que não.

Depois de um silêncio pesado, ela mudou o canal da tela de volta para o reality show e fingiu estar interessada.

– Comecei a lutar quando tinha doze anos.

Ela voltou a atenção para ele. Lobo estava olhando para a parede, para o nada.

– Por dinheiro?

– Não. Por status. Entrara na matilha havia poucas semanas, mas logo ficou claro que, se você não luta, se não consegue se defender, não é nada. Você é atormentado e ridicularizado... praticamente se torna um escravo, e não tem nada que possa fazer quanto a isso. A única forma de não se tornar um ômega é lutar. E ganhar. É por isso que eu luto. É por isso que sou bom.

A testa dela estava tão franzida que começava a doer, mas Scarlet não conseguia relaxar enquanto ouvia.

– Ômega – disse ela. – Como em uma matilha de lobos de verdade.

Ele assentiu e cutucou nervosamente as unhas curtas.

– Vi o quanto você ficou com medo de mim. Não só com medo, mas... com nojo. E você tinha razão. Mas disse que gosta de saber a história toda antes de julgar, tentar entender primeiro. Então essa é minha história. Foi assim que aprendi a lutar. Sem misericórdia.

– Mas você não faz mais parte da gangue. Não precisa mais lutar.

– O que mais eu faria? – perguntou ele, com uma risada fria. – É o que sei fazer, é nisso que sou bom. Até ontem, eu nem sabia o que era um tomate.

Scarlet sufocou um princípio de sorriso. A frustração dele era quase adorável.

– Agora você sabe – disse ela. – Quem sabe? Amanhã você talvez aprenda sobre brócolis. Na semana que vem, pode até saber a diferença entre abóbora e abobrinha.

Lobo a fuzilou com os olhos.

– Estou falando sério. Você não é um cachorro que não consegue aprender truques novos. Pode aprender a fazer outra coisa sem ser lutar. Vamos encontrar algo.

Lobo bagunçou o cabelo com o punho, deixando-o mais desganhado do que o habitual.

– Não é por isso que estou contando tudo – disse, num tom mais calmo agora, mas ainda desanimado. – Não vai nem fazer diferença quando chegarmos a Paris, mas achei importante que você soubesse que não gosto. Odeio perder o controle daquele jeito. Sempre odiei.

A luta surgiu nas lembranças de Scarlet. A forma como Lobo soltou o outro lutador tão rapidamente. Como se lançou para fora do palco, como se tentasse correr mais rápido do que si mesmo.

Ela engoliu em seco.

– Você já foi o... o ômega?

Lobo pareceu insultado.

– É claro que não.

Scarlet ergueu uma sobrancelha, e Lobo pareceu reconhecer sua arrogância. Evidentemente, o desejo por status ainda não o tinha abandonado.

– Não – repetiu ele, com mais gentileza. – Tomei cuidado para nunca ser o ômega. – Ficou de pé e andou até a janela, para observar as colinas de vinhedos.

Scarlet apertou os lábios, sentindo alguma coisa similar a culpa. Era fácil esquecer o risco em que Lobo estava se colocando, pois ela só conseguia pensar em ter a avó de volta. Claro, Lobo podia ter saído da gangue, mas agora estava voltando diretamente para ela.

– Obrigada por me ajudar – disse depois de um longo silêncio.
– Não tinha muita gente nessa fila.

Ele deu de ombros sem jeito, e quando ficou claro que não ia responder, Scarlet suspirou e começou a mudar de canal de novo. Parou em um noticiário.

BUSCA POR LUNAR FUGITIVA LINH CINDER
CONTINUA.

Ela deu um salto.

– Fugitiva?

Lobo virou e leu a notícia antes de franzir a testa para ela.

– Você não sabia?

– Não. Quando?

– Uns dois dias atrás.

Scarlet apoiou o queixo na mão, hipnotizada pela notícia.

– Eu não fazia ideia. Como isso é possível?

A tela começou a repetir a filmagem do baile.

– Dizem que alguém a ajudou. Um funcionário do governo. –

Lobo apoiou a mão na janela. – Faz a gente se perguntar o que faríamos em uma situação dessas. Se um lunar precisasse de ajuda e você pudesse ajudar, apesar de colocar você e sua família em risco, você ajudaria?

Scarlet franziu a testa sem prestar muita atenção.

– Eu não colocaria minha família em risco por ninguém.

Lobo baixou o olhar para o tapete barato.

– Sua família? Ou sua avó?

A ira surgiu dentro dela como um gêiser a toda assim que se lembrou do pai. E como ele foi até a fazenda usando aquele transmissor. Como destruiu o hangar dela.

– Grand-mère é a única família que me sobrou. – Scarlet passou as palmas das mãos suadas na calça e ficou de pé. – Um *espresso* cairia bem.

Ela hesitou, sem saber qual resposta queria que ele desse quando perguntou:

– Quer ir até o vagão-restaurante comigo?

O olhar dele passou por trás do ombro dela, até a porta, com uma expressão dividida.

Scarlet encarou a indecisão dele com um sorriso, ao mesmo tempo provocador e simpático. Talvez um pouco paquerador.

– Tem quase duas horas desde que você comeu pela última vez. Deve estar morrendo de fome.

Algo surgiu no rosto de Lobo, algo que beirava o pânico.

– Não, obrigado – disse rapidamente. – Vou ficar aqui.

– Ah. – A pulsação disparada se acalmou. – Tudo bem. Volto logo.

Enquanto fechava a porta atrás de si, viu Lobo passar a mão pelo cabelo com um suspiro aliviado, como se tivesse acabado de escapar de uma armadilha.

CAPÍTULO

Dezessete

O CORREDOR DO TREM ESTAVA AGITADO COM TANTA ATIVIDADE

para o vagão-restaurante, Scarlet passou por andróides servos entregando marmitas de almoço, uma mulher em um terno engomado falando com seriedade com o tablet, uma criança pequena abrindo com curiosidade todas as portas pelas quais passava.

Scarlet desviou de todos, atravessou uns seis vagões idênticos, passou pela miríade de passageiros a caminho de empregos normais, férias normais, idas às compras normais, talvez até voltando para suas casas normais. Suas emoções começaram a se distanciar gradualmente; a irritação com a imprensa por demonizar uma garota de dezesseis anos e a surpresa de descobrir que ela tinha fugido da prisão e ainda estava por aí. A solidariedade para com a infância violenta de Lobo, seguida de uma rejeição inesperada quando ele preferiu não vir com ela. O pavor incontrolável pela avó e o que poderia estar acontecendo com ela agora, enquanto o trem seguia lento demais pelo campo, tranquila apenas com a certeza de que pelo menos estava a caminho. Pelo menos chegando mais perto.

Com a mente ainda girando como um caleidoscópio, ficou feliz ao encontrar o vagão-restaurante relativamente vazio. Um

atendente entediado estava atrás de um balcão de bar circular, vendo um talk show do qual Scarlet nunca gostou na tela. Duas mulheres estavam tomando *mimosas* em uma mesinha. Um jovem estava sentado com as pernas apoiadas em um banco, digitando furiosamente no tablet. Quatro androides esperavam junto à parede para fazer entregas em vagões particulares.

Scarlet se sentou em frente ao bar e colocou o tablet ao lado de um pote de azeitonas verdes.

– O que deseja? – perguntou o barman, ainda prestando atenção na entrevista do apresentador com um antigo astro de filmes de ação.

– *Espresso*, um cubo de açúcar, por favor.

Ela apoiou o queixo na palma da mão enquanto ele digitava o pedido. Depois de passar o dedo na tela do tablet, ela digitou:

A ORDEM DA MATILHA

Uma lista de bandas de música e grupos surgiu na página, todos com nomes de matilhas de lobos e sociedades secretas.

SOLDADO LEAL À ORDEM DA MATILHA

Nenhum resultado.

OS LOBOS

Assim que digitou, ela soube que o termo era amplo demais. Modificou rapidamente para **A GANGUE DOS LOBOS**.

Quando surgiram 20.400 respostas, ela acrescentou PARIS. Apareceu uma banda de música que tinha feito turnê em Paris dois anos antes.

GANGUE DE LOBOS DE RUA. LOBOS PARAMILITARES. SEQUESTRADORES SÁDICOS SE APRESENTANDO COMO VIRTUOSOS ASPIRANTES A LUPINOS.

Nada. Nada. Nada.

Frustrada, ela enfiou o cabelo para dentro do capuz. O *espresso* tinha aparecido na sua frente sem que reparasse, e ela levou a pequena xícara à boca, soprando o vapor antes de tomar um gole.

Se essa Ordem da Matilha existia havia tempo suficiente para recrutar 962 membros, devia existir algum registro dela. Crimes, julgamentos, assassinatos, alguma confusão com a sociedade. Ela se esforçou para pensar em outro termo de busca, desejando ter feito mais perguntas a Lobo.

– Que busca específica.

Ela virou a cabeça na direção do homem sentado a dois bancos de distância, que não tinha percebido antes. Ele estava dando um sorriso provocador com olhos caídos, que sugeria uma covinha na bochecha. Parecia ligeiramente familiar, o que a assustou até se dar conta de que o tinha visto uma hora antes na plataforma da estação de Toulouse.

– Estou procurando uma coisa bem específica – respondeu.

– Deu pra perceber. “Virtuosos aspirantes a lupinos.” Não consigo nem imaginar o que isso quer dizer.

O barman franziu a testa para eles.

– O que você deseja?

O estranho desviou o olhar.

– Leite achocolatado, por favor.

Scarlet sufocou uma risadinha quando o barman, sem se impressionar, pegou um copo vazio.

– Não teria sido meu primeiro palpite.

– Não? O que você teria chutado?

Ela o observou. Não podia ser muito mais velho do que ela, e apesar de não ser bonito de uma forma clássica, com toda aquela autoconfiança, ele sem dúvida nenhuma não tinha problemas com as mulheres. Era corpulento e musculoso, o cabelo bem penteado para trás. Havia uma ousadia na postura dele, uma certeza que beirava a arrogância.

– Conhaque – disse ela. – Sempre foi o preferido do meu pai.

– Infelizmente, nunca experimentei. – A covinha ficou mais funda quando um copo alto de leite achocolatado cheio de espuma foi colocado na frente dele.

Scarlet desligou o tablet e pegou o *espresso*. O aroma de repente pareceu forte demais, amargo demais.

– Parece bem gostoso.

– É surpreendentemente repleto de proteínas – disse ele, tomando um gole.

Scarlet tomou outro gole da xícara e descobriu que suas papilas gustativas não aceitaram bem. Ela recolocou a xícara no

pires.

– Se você fosse um cavalheiro, me ofereceria um também.

– Se você fosse uma dama, teria esperado que eu oferecesse.

Scarlet deu um sorrisinho debochado, mas o homem já estava chamando o barman e pedindo outro leite achocolatado.

– Sou Ran, a propósito.

– Scarlet.

– Por causa do cabelo ruivo?

– Ah, uau, nunca ouvi essa antes.

O barman colocou a bebida no bar e se afastou para aumentar o volume de sua tela.

– E para onde você está viajando, mademoiselle Scarlet?

Paris.

A palavra ressoou na cabeça dela e encheu o pensamento com seu peso. A atenção dela foi desviada para a tela na parede para verificar a hora, calcular a distância, a chegada.

– Paris. – Ela tomou um grande gole. Não era o leite fresco que estava acostumada a tomar, mas sua doçura densa foi uma alegria rara. – Vou visitar minha avó.

– É mesmo? Também estou indo para Paris.

Scarlet assentiu vagamente, de repente com vontade de encerrar a conversa. Ao bebericar o líquido denso, ocorreu a ela que estava tomando aquilo por um tipo de manipulação, por mais subconsciente que tivesse sido. Não estava interessada naquele homem, não tinha curiosidade nenhuma sobre o que o levava a Paris e nem se voltaria a vê-lo depois daquele momento. Só

precisou provar que conseguia atrair o interesse *dele*, e agora estava irritada por ter conseguido fazer isso tão facilmente.

Era o tipo de coisa que seu pai faria, e esse pensamento fez seu estômago se revirar. Fez com que ela tivesse vontade de jogar o leite achocolatado para longe.

– Está viajando sozinha?

Ela inclinou a cabeça e deu um sorriso como quem pede desculpas.

– Não. Na verdade, preciso voltar para ele. – Ela enfatizou a palavra *ele* mais do que o necessário, mas o homem não reagiu.

– É claro.

Os dois terminaram as bebidas ao mesmo tempo, e Scarlet passou o pulso pelo escâner do bar antes que o estranho pudesse protestar e pagou pelo dela.

– Barman – disse ela, se levantando. – Posso pedir algo para viagem? Um sanduíche, talvez?

O barman apontou com o polegar para as telas embutidas no bar.

– Cardápios.

Scarlet franziu a testa.

– Deixa pra lá, vou pedir alguma coisa da cabine.

O barman não deu sinal de ter ouvido.

– Foi um prazer conhecer você, Ran.

Ele apoiou o cotovelo no balcão e girou o banco na direção dela.

– Talvez nossos caminhos voltem a se cruzar. Em Paris.

Os pelos de sua nuca se eriçaram quando ele apoiou o queixo na palma da mão. Reparou, com uma onda de nojo, que cada uma das unhas tinha sido lixada até formar uma ponta afiada e perfeita.

– Talvez – disse ela, com a voz muito bem-educada.

O alarme instintivo permaneceu disparado por dois vagões inteiros enquanto ela voltava pelo trem, como um aviso vibrando no ar. Tentou afastar a sensação. Eram os nervos pregando peças, a paranoia se apresentando depois do que aconteceu com a avó e com o pai. Era incrível ela conseguir sustentar uma conversa com todo o pânico que residia sob a superfície da pele.

Ele tinha sido educado. Um cavalheiro. Talvez as unhas bem-feitas fossem moda na cidade.

Quando determinou que nada em Ran merecia uma desconfiança repentina e ardente, ela se lembrou.

Tinha-o visto na plataforma de Toulouse, descendo da escada rolante com calça jeans rasgada e sem bagagem, quando Lobo ficou tão tenso. Quando pareceu que Lobo tinha ouvido alguma coisa ou reconhecido alguém.

Coincidência?

O alto-falante estalou. Scarlet mal ouviu a mensagem em meio ao barulho do corredor, até que as palavras repetidas gradualmente silenciaram a conversa ao redor.

– ... passando por um atraso temporário. Todos os passageiros devem voltar para as cabines particulares imediatamente e ficar fora dos corredores até o próximo aviso. Isto não é um teste. Estamos passando por um atraso temporário...

CAPÍTULO

Dezoito

SCARLET FECHOU A PORTA, ALIVIADA POR LOBO AINDA ESTAR ALI, um lado para outro. Ele se virou para ela.

– Acabei de ouvir o aviso – disse ela. – Você sabe o que está acontecendo?

– Não. Estava me perguntando se você sabia.

Ela enlaçou os dedos em volta de seu tablet, dentro do bolso.

– Algum tipo de atraso. Mas me parece estranho esvaziar os corredores.

Ele não respondeu. Sua expressão de desprezo tornou-se de fúria, quase de ira.

– Você está fedendo...

Como ele não continuou, uma risada ofendida saiu pelos lábios dela.

– *Eu estou fedendo?*

Lobo balançou a cabeça, desajeitado, fazendo o cabelo voar na testa franzida.

– Não é isso. Com quem você conversou lá fora?

Ela franziu a testa e se encostou na porta. Se Ran estava usando perfume, era leve demais para ela sentir.

– Por quê? – respondeu, irritada tanto pela acusação como pela inesperada pontada de culpa. – É da sua conta, por acaso?

Ele trincou os dentes.

– Não, não foi isso que eu... – Ele fez uma pausa, olhando para além dela.

Uma batida na porta deu-lhe um tal susto que Scarlet se afastou da parede. Virou e abriu a porta.

Um androide entrou na cabine, com um escâner na extremidade do braço fino.

– Estamos fazendo uma verificação de identidade para a segurança de todos os passageiros. Por favor, mostrem suas identificações para verificação.

Scarlet levantou a mão por instinto. Não pensou em questionar a ordem até uma luz vermelha passar por sua pele, apitar e o androide virar para Lobo.

– O que está acontecendo? – exclamou. – Nossas passagens foram escaneadas quando embarcamos.

Outro bipe.

– Vocês não devem sair desta cabine até novas instruções serem dadas.

– Você não respondeu a minha pergunta – disse Scarlet.

Um painel se abriu no tronco do androide e um terceiro membro surgiu de lá, com uma seringa fina na ponta.

– Agora preciso executar um exame obrigatório de sangue. Estique o braço direito.

Scarlet olhou para a agulha reluzente.

– Estão fazendo exames de sangue? Isso é ridículo. Só estamos indo para Paris.

– Estique o braço direito – repetiu o androide –, senão vou ser obrigado a denunciá-la por não cumprir com os regulamentos de segurança dos trens de levitação magnética. Suas passagens serão consideradas inválidas e vocês serão retirados do trem na próxima estação.

Scarlet se enfureceu e olhou para Lobo, mas ele só tinha olhos para a seringa. Por um momento, Scarlet pensou que ele fosse destruir o sensor do robô, mas esticou o braço com relutância. A expressão de Lobo ficou distante quando a agulha perfurou sua pele.

Assim que o androide retirou uma amostra de sangue e recolheu o membro extra, Lobo recuou e dobrou o braço junto ao peito.

Tem medo de agulha? Scarlet apertou os olhos para observá-lo enquanto segurava o cotovelo e o androide surgia com outra seringa. Ela pensou que não devia doer mais do que a tatuagem.

Com uma expressão irritada, ela viu a seringa ser enchida com seu sangue.

– O que exatamente vocês estão procurando? – perguntou ela quando o androide terminou e as seringas desapareceram dentro do corpo dele.

– Iniciando avaliação do sangue – disse o androide, emitindo em seguida uma série de zumbidos e bipes. Lobo tinha acabado de baixar os braços para as laterais do corpo quando o androide declarou: – Avaliação completa. Por favor, fechem a porta e permaneçam nesta cabine até receberem novas instruções.

– Você já disse isso – falou Scarlet para o androide, que já tinha virado de costas e estava seguindo para o corredor.

Ela apertou o ponto de perfuração com o polegar e fechou a porta com o pé.

– O que foi isso? Estou considerando mandar uma mensagem para o serviço de atendimento ao cliente dos trens de levitação magnética e fazer uma reclamação.

Ao virar, viu Lobo já na janela. Seus passos tinham sido completamente silenciosos.

– Estamos desacelerando.

Um momento silencioso e agonizante se passou até Scarlet também sentir isso.

Pela janela, via-se uma cobertura densa de floresta bloqueando o sol do meio-dia. Não havia estradas nem prédios. Eles não estavam parando em uma estação.

Ela abriu a boca, mas a expressão de Lobo interrompeu sua pergunta antes que ela pudesse se formar.

– Está ouvindo isso?

Scarlet abriu o zíper do moletom para deixar o ar entrar e prestou atenção. O zumbido dos ímãs. O assobio de ar passando por uma janela aberta na cabine ao lado. O movimento de bagagem.

Um choro agudo. Tão distante que parecia um pesadelo desaparecendo.

Um arrepio gelado passou por seus braços.

– O que está acontecendo lá fora?

O alto-falante da parede estalou.

– Passageiros, quem fala é o condutor. Houve uma emergência médica no trem. Teremos um atraso enquanto aguardamos as autoridades médicas. Pedimos que todos os passageiros permaneçam em suas cabines particulares e obedeçam a qualquer pedido dos andróides tripulantes. Agradecemos pela paciência.

O alto-falante caiu em silêncio, e Scarlet e Lobo se entreolharam.

A garganta de Scarlet se apertou.

Exame de sangue. Choro. Atraso.

– A peste.

Lobo não disse nada.

– Vão isolar o trem todo – disse ela. – Vamos ficar de quarentena.

No corredor, portas batiam, pessoas gritavam perguntas e especulações e ignoravam o pedido do condutor para ficarem em suas cabines. O andróide devia ter seguido para o vagão seguinte.

Scarlet ouviu as palavras *epidemia de letumose* sussurradas, ditas como uma pergunta, um medo.

– Não. – Ela cuspiu a palavra como o disparo de uma bala. – Eles não podem nos manter aqui. Minha avó...! – Sua voz tremeu, com uma onda de pânico a envolvendo completamente.

Alguém no corredor bateu erratically em uma porta. O choro distante ficou mais alto.

– Pegue suas coisas – disse Lobo.

Os dois se moveram ao mesmo tempo. Ela jogou o tablet na mala enquanto Lobo foi abrir a janela. O chão passava disparado abaixo deles. Para além dos trilhos, uma floresta densa se perdia no escuros.

Scarlet verificou a arma na cintura.

– Vamos pular?

– Vamos. Mas eles podem estar esperando por isso, então temos que pular antes de o trem ficar devagar demais. Devem estar preparando androides policiais agora mesmo para pegar fugitivos.

Scarlet assentiu.

– Se for letumose, provavelmente já estamos em quarentena.

Lobo colocou a cabeça para fora da janela e olhou para os dois lados.

– Agora é nossa melhor chance.

Ele trouxe a cabeça para dentro e colocou a bolsa no ombro. Scarlet olhou para o chão correndo abaixo, tonta por um momento. Era impossível se concentrar em um ponto com o sol penetrando por entre as árvores.

– Ai. Isso parece perigoso.

– Vamos ficar bem.

Ela olhou para ele, esperando ver, por um momento, aquele louco ensandecido de novo, mas sua expressão estava fria e clínica. Lobo estava concentrado na paisagem que passava em disparada.

– Estão freando – disse. – Vamos parar em pouco tempo. – Mais uma vez, demorou alguns segundos para que Scarlet

também sentisse a mudança sutil na velocidade, a forma como estavam desacelerando, rapidamente.

Lobo inclinou a cabeça.

– Suba nas minhas costas.

– Consigo pular sozinha.

– *Scarlet*.

Ela olhou nos olhos dele. A curiosidade jovem de antes tinha sumido e sido substituída por uma firmeza que ela não esperava.

– O quê? Vai ser como pular do celeiro em um monte de feno. Já fiz umas cem vezes.

– Monte de feno? Sinceramente, Scarlet, não vai ser nada assim.

Antes que ela pudesse argumentar, antes que pudesse firmar a postura de desafio, ele se inclinou e a tomou nos braços.

Ela levou um susto e teve tempo apenas para abrir a boca, pronta para mandar que a colocasse no chão, mas Lobo já estava na janela, e o vento fazia os cachos de Scarlet baterem no pescoço.

Lobo pulou. Scarlet soltou um grito e se agarrou a ele, seu estômago dando voltas, e, então, o choque do impacto acertou sua coluna inteira.

Ela enfiou os dedos nos ombros dele. Todos os membros tremendo.

Lobo tinha caído em uma clareira dez passos além dos trilhos. Cambaleou até as árvores e se agachou nas sombras.

– Tudo bem? – perguntou ele.

– Igualzinho – disse ela enquanto recuperava o fôlego – a um monte de feno.

Uma gargalhada reverberou pelo peito dele, chegou a ela, e antes que estivesse pronta, Lobo colocou os pés dela em uma área de musgo úmido. Ela se soltou das mãos, se equilibrou e deu um soco no braço dele.

– Nunca mais faça isso.

Ele pareceu quase satisfeito consigo mesmo e depois inclinou a cabeça na direção da floresta.

– Temos que nos afastar, caso alguém tenha nos visto.

Ela ouviu o trem passando. Sua pulsação estava errática e pesada, e ela seguiu Lobo entre as árvores. Não tinham dado nem dez passos quando a vibração do trem desapareceu, se afastando nos trilhos.

Scarlet tirou o tablet da bolsa e verificou a localização deles.

– Que ótimo. A cidade mais próxima fica trinta quilômetros a leste daqui. É fora do nosso caminho, mas talvez alguém possa nos dar carona até a próxima estação de trem.

– Porque temos uma aparência superconfiável?

Scarlet reparou nas cicatrizes de Lobo, pálidas e espalhadas, e no olho roxo quase bom.

– Qual é sua ideia?

– Devemos seguir os trilhos. Outro trem vai acabar passando.

– E *por acaso* vai nos dar carona?

– Claro.

Desta vez, ela captou a malícia nos olhos dele quando começou a andar em direção aos trilhos. Mas não tinham andado

quase nada quando ele parou de repente.

– O quê...?

Lobo virou para ela e colocou uma das mãos com firmeza atrás da cabeça e a outra na boca dela.

Tensa, Scarlet fez um movimento para empurrá-lo, mas alguma coisa a fez parar. Ele estava olhando para a floresta com a testa franzida. Ergueu o nariz e farejou o ar.

Quando teve certeza de que ela não faria ruído nenhum, ele afastou as mãos, como se alguma coisa o tivesse picado. Scarlet cambaleou para trás, surpresa com o gesto repentino.

Os dois ficaram parados em silêncio, Scarlet tentando ouvir o que tinha deixado Lobo tenso. Levou lentamente a mão às costas e tirou a arma da cintura. O clique quando ela soltou a trava ecoou pelas árvores.

Na floresta, um lobo uivou. O grito solitário provocou um arrepio na coluna de Scarlet.

Lobo não pareceu surpreso.

Então, atrás deles, outro uivo, mais distante. E outro ao norte.

O silêncio se espalhou ao redor deles quando os uivos desapareceram no ar.

– Amigos seus? – perguntou Scarlet.

A lucidez voltou à expressão de Lobo e ele analisou-a junto de sua arma. Scarlet achou estranho que ele pudesse se assustar com ela quando os uivos não geraram reação nenhuma.

– Não vão nos incomodar – respondeu por fim, virando e seguindo os trilhos.

Com uma risada debochada, Scarlet saiu atrás dele.

- Ah, não é um alívio? Estamos presos em um território de lobos selvagens, mas como você diz que não vão nos incomodar...
- Ela travou a arma de novo e estava enfiando na cintura da calça quando um gesto de Lobo a fez parar.
- Eles não vão nos incomodar – repetiu ele, quase sorrindo. – Mas você pode ficar com isso na mão, só por garantia.

CAPÍTULO

Dezenove

– O QUE É ESSE LIXO TODO? – CINDER MORDEU O LÁBIO E SE ESFOI
empurrar uma caixa de plástico que era quase do tamanho dela.

Thorne resmungou ao seu lado.

– Não... é... lixo. – Os tendões do pescoço dele pulsaram quando a caixa bateu na parede do compartimento de carga.

Thorne apoiou os braços em cima da caixa com um gemido, e Cinder despencou encostada na lateral. Os ombros dela doíam, estavam tão duros quanto o metal da sua perna esquerda, e os braços pareciam prestes a cair. Mas, quando se permitiu olhar para o compartimento de carga, uma sensação de orgulho tomou conta dela.

Todas as caixas tinham sido empurradas para as paredes, abrindo caminho do cockpit até o alojamento. As menores e mais leves tinham sido empilhadas, e algumas ficaram como mobília improvisada na frente da tela principal.

Estava quase aconchegante.

O próximo trabalho seria tirar as coisas das caixas (as que valiam a pena), mas isso ficaria para outro dia.

– Não, sério – perguntou, recuperando o fôlego. – O que é isso tudo?

Thorne se sentou ao lado dela e limpou a testa com a manga.

– Não sei – respondeu, olhando para as etiquetas carimbadas na lateral da caixa mais próxima, um código que não representava nada para ele. – Suprimentos. Comida. Acho que tem armas em algumas delas. E sei que tinha umas esculturas de um artista importante da segunda era. Eu ia ganhar uma fortuna com elas, mas fui preso antes de ter uma oportunidade de vender. – Ele suspirou.

Cinder franziu a testa. Certa de que as esculturas eram roubadas, teve dificuldade em expressar solidariedade.

– Que pena – murmurou ela, batendo com a cabeça na caixa.

Thorne apontou para alguma coisa na parede oposta e seu braço passou por baixo do nariz de Cinder.

– O que é aquilo?

Ela acompanhou o gesto, franziu a testa e, com um gemido mal-humorado, ficou de pé. O canto de uma moldura de metal podia ser visto por trás de uma pilha alta de caixas que eles deixaram encostada na parede.

– Uma porta. – Ela baixou a planta da nave na tela da retina. – A enfermaria?

Uma lembrança surgiu no rosto de Thorne.

– Ah, claro. Esta nave tem isso.

Cinder apoiou os punhos nos quadris.

– Você escondeu *a enfermaria*?

Thorne se empertigou.

– Nunca precisei dela.

– Você não acha que poderia ser bom ter acesso a ela, só por garantia?

Thorne deu de ombros.

– Vamos ver.

Revirando os olhos, Cinder esticou a mão para a caixa mais alta e a empurrou para o chão, já atrapalhando o caminho recém-liberado.

– Como podemos ter certeza de que nada nessas caixas pode ser rastreado?

– O que você pensa que sou, amador? Nada entrou nesta nave sem ser cuidadosamente inspecionado. Senão a República a teria recuperado tempos atrás, em vez de tê-la deixado no depósito.

– Pode não haver nada rastreável – disse Iko, dando um susto em Cinder e Thorne. Ainda não estavam acostumados com a companheira invisível e onipresente. – Mas ainda podemos ser detectados por radar. Estou fazendo tudo para nos manter longe de satélites e naves, mas está surpreendentemente cheio aqui em cima.

Thorne desenrolou as mangas.

– E é quase impossível entrar na atmosfera da Terra sem ser detectado. Foi assim que me pegaram da última vez.

– Pensei que houvesse um jeito – disse Cinder. – Tenho certeza de que ouvi falar uma vez sobre como as pessoas podem entrar sorrateiramente na atmosfera da Terra, sem serem percebidas. Onde ouvi isso?

– É novidade para mim. Sou bom em jogar minha lábia nos hangares públicos, mas não sei se vai dar certo com uma presidiária fugitiva de tanto destaque.

Cinder tirou do bolso um elástico que tinha encontrado na cozinha e fez rabo de cavalo. Seu cérebro escaneou sua memória e ela lembrou: o dr. Erland tinha dito a ela que havia mais lunares na Terra do que as pessoas desconfiavam e que eles tinham um jeito de entrar no planeta sem o governo perceber.

- Lunares sabem disfarçar as naves.

- Hã?

Ela saiu do transe e piscou para Thorne.

- Lunares conseguem disfarçar suas naves. Para impedir que os radares da Terra os vejam. É assim que tantos conseguem entrar, quando conseguem sair de Luna.

- Isso é apavorante – disse Iko, que reconhecera a verdade sobre a raça de Cinder da mesma forma que reconhecia o status de condenado de Thorne: com lealdade e aceitação, mas sem mudar a opinião de que lunares e presidiários não eram confiáveis e eram irremediáveis em geral.

Cinder ainda não tinha descoberto como contar a ela que, por acaso, também era a desaparecida princesa Selene.

- Eu sei – disse Cinder –, mas seria incrivelmente conveniente se eu soubesse como fazem.

- Você acha que tem a ver – Thorne girou o pulso na direção dela – com aquela coisa mágica lunar maluca?

- Bioeletricidade – disse ela, citando o dr. Erland. – Chamar de magia só dá poder a eles.

- Tanto faz.

- Não sei. Pode ser alguma tecnologia especial que instalam nas naves.

– Torcendo para que seja magia, será que você não deveria começar a treinar?

Cinder mordeu a parte interior da bochecha. Começar a treinar *o quê?*

– Acho que posso tentar. – Ela desviou a atenção para a caixa, puxou a tampa e deu de cara com um monte de pedaços de isopor. Enfiou a mão de metal lá dentro e tirou uma boneca magrela de madeira enfeitada com penas e com seis olhos pintados. – O que é *isso?*

– Boneca venezuelana dos sonhos.

– É horrenda.

– Vale uns doze mil univs.

Com o coração disparado, ela colocou a boneca de volta na embalagem.

– Você não acha que pode haver alguma coisa útil em uma dessas? Como, sei lá, uma bateria carregada?

– Duvido – disse Thorne. – Quanto tempo mais a nossa vai aguentar?

Iko respondeu:

– Aproximadamente 37 horas.

Thorne ergueu o polegar para Cinder.

– Tempo suficiente pra aprender um novo truque lunar, certo?

Cinder fechou a tampa da caixa e a empurrou de volta para perto das outras, tentando não demonstrar pânico por ter que usar o novo dom para *qualquer coisa*, ainda mais algo tão grande quanto disfarçar uma nave de carga.

– Enquanto isso, vou fazer um pouco de pesquisa para tentar escolher o melhor lugar para pousarmos. Não na Comunidade das Nações Orientais, obviamente. Ouvi falar que Fiji é muito agradável nessa época do ano.

– Ou Los Angeles! – Iko cantarolou. – Lá tem um outlet enorme para andróides-acompanhantes. Eu não me importaria de ter um corpo de andróide-acompanhante. Alguns dos novos modelos têm cabelo de fibra ótica que muda de cor.

Cinder se sentou no chão de novo e coçou o pulso, uma mania que estava ficando estranha, agora que não usava mais luvas.

– Não vamos pousar com uma nave americana roubada na República da América – disse, fixando a atenção na tela onde pairava no canto a foto de prisão dela. Estava tão cansada daquela foto.

– Você tem alguma sugestão? – perguntou Thorne.

África.

Ela se ouviu dizendo isso, mas nada saiu.

Era para onde tinha que ir. Para se encontrar com o dr. Erland, para que ele pudesse lhe dizer o que fazer depois. Ele tinha planos. Planos de torná-la uma heroína, uma salvadora, uma princesa. Planos de destronar Levana e declarar Cinder a verdadeira rainha.

A mão direita dela começou a tremer. O dr. Erland tinha elaborado o recrutamento de ciborgues e tinha tratado dezenas, talvez centenas de ciborgues como chamarizes, tudo para *encontrá-la*. E então, quando a encontrou, manteve o segredo de sua identidade até não ter mais escolha, o tempo todo

planejando o resto da vida dela. Sua necessidade de vingança virara sua mais alta prioridade.

Mas o que o médico não levou em consideração era que Cinder não tinha qualquer desejo de ser rainha. Não queria ser princesa nem herdeira de nada. Durante toda a vida, pelo menos a vida da qual ela conseguia se lembrar, tudo o que quis foi liberdade. E agora, pela primeira vez, havia conseguido, por mais tênue que fosse. Não havia ninguém dizendo a ela o que fazer. Ninguém para julgar nem criticar.

Mas, se fosse até o dr. Erland, ela perderia isso tudo. Ele esperaria que ela tomasse sua posição de rainha de Luna, e, aos olhos dela, isso parecia a pior algema de todas.

Cinder segurou a mão trêmula com a mão ciborgue, mais firme. Estava cansada de todo mundo decidir o que ela devia fazer com sua vida. Estava pronta para descobrir quem era de verdade, não o que as outras pessoas mandavam que fosse.

– Hã... Cinder?

– Europa. – Ela pressionou as costas na caixa, se forçando a sentar ereta, a fingir certeza. – Vamos pra Europa.

Um breve silêncio.

– Algum motivo especial?

Ela olhou nos olhos dele e pensou por um momento antes de escolher as palavras.

– Você acredita na herdeira lunar?

Thorne apoiou o queixo nas palmas das duas mãos.

– É claro.

– Não, o que quero dizer é se você acredita que ela ainda está viva.

Ele olhou para ela como se ela estivesse fazendo gracinha.

– É, você se expressou de forma tão vaga antes. Sim, é claro que acho que ela está viva.

Cinder recuou.

– Acha?

– Claro. Sei que algumas pessoas pensam que são teorias da conspiração, mas ouvi que a rainha Levana ficou paranoica durante meses depois daquele incêndio, quando deveria estar eufórica porque finalmente tinha virado rainha, certo? Parecia que ela sabia que a princesa tinha fugido.

– É, mas... podiam ser só histórias – disse Cinder, sem saber por que estava tentando dissuadi-lo. Talvez porque ela mesma nunca tivesse acreditado, até saber a verdade.

Ele deu de ombros.

– O que isso tem a ver com a Europa?

Cinder virou de frente para ele e cruzou as pernas.

– Tem uma mulher que mora lá, ou pelo menos morava. Era militar. O nome dela é Michelle Benoit, e acho que pode estar ligada à princesa desaparecida. – Ela inspirou lentamente, torcendo para não ter dito nada que pudesse revelar seu segredo.

– Quando você ouviu isso?

– Um androide me contou. Um androide real.

– Ah! O androide de Kai? – disse Iko, mudando com euforia a tela para uma das páginas de fãs de Kai.

Cinder suspirou.

– Sim, o androide de *Sua Majestade*.

Sem que ela soubesse na época, seu cérebro ciborgue tinha gravado todas as palavras que o androide, Nainsi, falou, como se soubesse que um dia essas informações lhe seriam úteis.

De acordo com a pesquisa de Nainsi, um médico lunar chamado Logan Tanner tinha levado Cinder para a Terra quando ainda era criança, depois que a tentativa de assassinato de Levana falhou. Ele acabou sendo internado em um hospital psiquiátrico e cometeu suicídio, mas não sem antes entregá-la a outra pessoa. Nainsi achava que essa pessoa era um ex-piloto militar da Federação Europeia.

A tenente-coronel Michelle Benoit.

– Um androide real – disse Thorne, dando o primeiro sinal de especulação. – E como ele obteve essa informação?

– Não faço a menor ideia. Mas quero encontrar essa Michelle Benoit e ver se o androide estava certo.

Tinha esperanças de que Michelle Benoit tivesse algumas das respostas que o dr. Erland não pôde lhe dar. Talvez pudesse contar a Cinder sobre sua história, sobre os onze longos anos perdidos em sua memória, sobre a cirurgia e os cirurgiões, e a invenção de Linh Garan que impediu que Cinder usasse seu dom até o dr. Erland libertá-lo.

Talvez ela tivesse outras ideias sobre o que Cinder devia fazer em seguida. Outras escolhas do que fazer com o resto de sua vida.

– Eu topo.

Ela levou um susto.

– Topa?

– Claro. É o maior mistério não resolvido da terceira era. Deve ter alguém por aí oferecendo uma recompensa para quem encontrar essa princesa, certo?

– É, a rainha Levana.

Thorne se inclinou na direção dela e a cutucou com o cotovelo.

– Nesse caso, já temos uma coisa em comum com a princesa, não é mesmo? – Ele piscou, o que deixou os nervos de Cinder em alerta. – Só espero que ela seja bonita.

– Você poderia ao menos tentar se concentrar nas coisas importantes?

– Isso é importante. – Thorne se levantou com um resmungo, ainda dolorido de todo o trabalho que tiveram com a reorganização. – Está com fome? Acho que tem uma lata de feijão por aí com o meu nome nela.

– Não, estou bem. Obrigada.

Quando ele saiu, Cinder se sentou em cima da caixa mais próxima e relaxou os ombros. A notícia ainda estava sendo transmitida na tela, sem som. Uma legenda dizia: *A busca pela fugitiva lunar Linh Cinder e o traidor da coroa Dmitri Erland continua.*

Sua garganta se apertou. Traidor da coroa?

Não deveria ter ficado surpresa. Afinal, quanto tempo achava que demorariam para descobrir quem a ajudou a fugir?

Cinder se deitou de costas, com as pernas penduradas na beirada da caixa, e olhou para o labirinto de canos e fios que lotavam o teto da nave. Será que cometeria um erro ao ir para a Europa? Era um impulso ao qual ela não conseguiria resistir. Não

só por causa do que Nainsi dissera, mas por suas próprias lembranças, confusas. Sempre soubera que tinha sido adotada na Europa e tinha uma vaga lembrança disso. Apenas memórias meio estranhas que sempre pensou serem parcialmente sonhos. Um celeiro. Um campo coberto de neve. Um céu cinza que nunca acabava. E uma longa viagem de trem levando-a para Nova Pequim e para sua nova família.

Agora se sentia compelida a ir até lá. Para descobrir onde tinha estado durante todos esses anos perdidos e quem tinha cuidado dela, quem mais conhecia seu maior segredo.

Mas e se ela estivesse apenas evitando o inevitável? E se ir a Europa fosse só uma distração que a impediria de ir até o dr. Erland e aceitar seu destino? Pelo menos o médico podia ensiná-la a ser lunar. A se proteger da rainha Levana.

Ela nem sabia usar o glamour. Ao menos, não da maneira certa.

Apertou os lábios e levou a mão ciborgue até o rosto. A cobertura de metal brilhava quase como um espelho sob as luzes fracas da nave. Era tão impecável, tão bem-feita, que não parecia a mão *dela*. Ainda não.

Inclinando a cabeça, Cinder levantou a outra mão, a humana, posicionou-a ao lado da ciborgue e tentou imaginar como seria ser completamente humana. Com dois membros feitos de pele e tecido e ossos. Com sangue correndo levemente em veias azuis por baixo da superfície. Com dez unhas.

Uma corrente elétrica desceu pelos nervos, e a mão ciborgue começou a se modificar na frente de seus olhos. Pequenas rugas apareceram nos nós dos dedos. Tendões se esticaram por baixo

da pele. As extremidades se arredondaram. Aqueceram. Viraram carne.

Ela estava olhando para duas mãos, duas mãos humanas. Pequenas e delicadas com dedos perfeitamente esculpidos e unhas arredondadas. Flexionou os dedos da mão esquerda, formou um punho e os esticou de novo.

Uma risada quase eufórica saiu de seus lábios. Ela estava conseguindo. Estava usando o glamour.

Não precisaria mais de luvas. Poderia convencer todo mundo de que *aquilo* era real.

Ninguém jamais saberia que ela era ciborgue.

Uma ideia simples, repentina e avassaladora.

E então, rápido demais, uma luz laranja piscou no canto de seus olhos, o cérebro avisando que o que ela estava vendo era mentira. Que não era real, nunca seria real.

Ela se sentiu um pouco sem ar e fechou bem os olhos antes que o escâner de retina pudesse começar a captar todas as pequenas imprecisões e falsidades, como tinha feito com o glamour de Levana quando Cinder começou a ver através dele. Estava irritada consigo mesma, enojada pela facilidade com que seu desejo tinha se realizado.

Era assim que Levana fazia. Ela controlava as pessoas enganando seus olhos e seus corações. Governava pelo medo, sim, mas também pela adoração. Era fácil explorar uma pessoa quando ela não percebia que estava sendo explorada.

Não era muito diferente de quando ela usou o glamour com Thorne. Ela dominou a mente dele sem nem tentar, e ele fez de

bom grado tudo que ela queria.

Ficou tremendo por um tempo, ouvindo Thorne fazendo barulhos na cozinha e cantarolando.

Se essa era a chance de decidir quem ela era, quem queria ser, então a primeira decisão seria fácil.

Ela jamais seria como a rainha Levana.

CAPÍTULO

Vinte

OS ÍMÃS DOS TRILHOS FICARAM EM SILÊNCIO, E ELES SÓ OUVIAM OS próprios passos na vegetação, e os gritos dos pássaros migratórios. Apenas uma sugestão de luz penetrava pela cobertura formada pelas árvores, e a floresta tinha cheiro de seiva de árvore e do outono que se aproximava.

O tempo se arrastava, embora o tablet de Scarlet indicasse que nem uma hora havia se passado desde que o trem tinha parado. Scarlet reparou primeiro nos sons que não pertenciam à floresta: rodinhas esmagando terra e cascalho – dezenas de andróides circulavam pela área.

Lobo se afastou dos trilhos e caminhou pela vegetação até a segurança do bosque. Scarlet guardou o tablet a fim de poder usar as duas mãos para subir em troncos caídos e tirar galhos e teias de aranha do cabelo. Depois de um tempo, colocou o capuz na cabeça, o que limitava sua visão, mas se sentia mais protegida contra as coisas que roçavam e a cutucavam.

Eles subiram uma encosta pelas raízes de um pinheiro que parecia prestes a cair por cima dos trilhos. Do alto, Scarlet podia ver o brilho do sol reluzindo no teto metálico do trem. De vez em quando, a sombra de um passageiro surgia nas janelas. Scarlet não conseguia imaginar estar entre eles. Sem dúvida todo mundo

sabia o que era a “emergência médica” àquela altura. Quanto tempo demoraria para exames serem feitos em todos os passageiros em busca da peste e determinar quem poderia sair? Por quanto tempo eles manteriam pessoas saudáveis em quarentena?

Isto é, se as deixarem sair?

Para impedir fugas, um pequeno exército de andróides fiscalizava os arredores do trem, com sensores amarelos piscando em janelas e portas e se dirigindo ocasionalmente para a floresta. Apesar de achar que não conseguiam vê-la tão acima dos trilhos, ela desceu e tirou o moletom muito lentamente. Lobo a viu tirar os braços das mangas, feliz por ela estar usando por baixo uma camiseta preta, bem melhor para se camuflarem. Ela amarrou o moletom na cintura.

Melhor?, disse ela com movimentos labiais, mas Lobo só afastou o olhar.

– Vão perceber que desaparecemos – sussurrou ele.

O andróide mais próximo se virou na direção deles e Scarlet se abaixou, com medo de que até seu cabelo pudesse chamar atenção.

Quando o andróide se afastou, Lobo seguiu em frente e levantou um galho de árvore para Scarlet passar por baixo.

Eles seguiram em ritmo lento, agachados para não serem vistos. Parecia que cada passo que Scarlet dava fazia outra criatura ir correndo se esconder (um esquilo, uma pequena andorinha), e ela estava com medo de os andróides conseguirem

encontrá-los pela mera perturbação da vida selvagem, mas não houve nenhum alarme de aviso vindo dos trilhos.

Eles só pararam uma vez, quando um raio de luz azul dançou nos troncos acima de suas cabeças. Scarlet imitou Lobo e se deitou no chão, ouvindo o coração disparado, o fluxo de adrenalina nos ouvidos.

Com um susto, sentiu os dedos quentes de Lobo em suas costas. Firmes e tranquilizadores, se mantiveram lá enquanto ela observava a luz do androide passar de um lado para outro pela floresta. Ela arriscou um leve inclinar de cabeça até conseguir ver Lobo ao seu lado, imóvel, com todos os músculos contraídos, exceto os dedos da outra mão, que estavam batendo sem parar em um pedregulho, botando para fora a energia nervosa que não tinha para onde ir.

Ela observou os dedos, meio hipnotizada, e não se deu conta de que a luz tinha se afastado até a pressão do toque de Lobo sumir de suas costas.

Eles seguiram em frente.

Em pouco tempo, o trem ficou para trás, e o barulho da civilização perdida se abafou pelo barulho de grilos e sapos. Quando Lobo pareceu seguro de que não estavam sendo seguidos, ele os guiou para fora da floresta e de volta aos trilhos.

Apesar da crescente distância entre eles e o trem, nenhum dos dois falou.

Assim que o sol beijou o horizonte, quase ofuscante em um daqueles raros momentos em que podia ser visto por entre as árvores, Lobo parou e virou para trás. Scarlet parou poucos

passos à frente e seguiu o olhar dele, mas não viu nada além de arbustos densos e longas sombras sem fim.

Com os ouvidos em alerta, procurando outro uivo, Scarlet não conseguiu ouvir nada além de pios de pássaros e, acima, os gritos dos morcegos.

– Mais lobos? – perguntou ela.

Um longo silêncio, seguido de um aceno positivo curto.

– Mais lobos.

Scarlet prendeu a respiração até quando ele recomeçou a andar. Estavam caminhando havia horas sem sinal de outro trem, de cruzamento de trilhos ou de civilização. Por um lado, era um lugar bonito, com ar fresco, flores selvagens, criaturas que se aproximavam para ver Scarlet e Lobo antes de voltarem correndo para seus abrigos.

Mas, por outro lado, seus pés e costas estavam doendo, a barriga estava roncando, e agora Lobo estava dizendo que criaturas da floresta menos amáveis estavam por perto.

Um tremor subiu pelos braços dela. Ela desamarrou o moletom da cintura, vestiu e fechou o zíper até o pescoço. Ao pegar o tablet, ficou desanimada ao ver que só tinham percorrido vinte e oito quilômetros; tinham mais cinquenta a percorrer até chegarem à estação seguinte.

– Tem um cruzamento daqui a oitocentos metros.

– Que bom – disse Lobo. – Os trens que estavam marcados para passar por esses trilhos não vão passar tão cedo. Devemos começar a ver alguns trens depois do cruzamento.

– E quando o trem vier – disse ela –, como você planeja nos colocar nele?

– Da mesma maneira que saímos do último. – disse, abrindo um sorriso malicioso. – Foi como pular de um celeiro, não foi?

Ela olhou com raiva.

– A comparação não funciona tão bem para pular *de volta* para um trem.

A resposta dele foi o mesmo sorriso malicioso, e Scarlet virou o rosto, pensando que talvez não quisesse saber qual era o plano dele, desde que tivesse um. Um arbusto de florescimento tardio tremeu na lateral do caminho, e o coração de Scarlet pulou até uma marta-do-pinheiro-europeia aparecer e depois sumir em meio às árvores.

Ela suspirou, irritada com sua inquietação.

– E então – perguntou a Lobo, virando para trás. – Quem ganharia em uma luta: você ou uma matilha de lobos?

Ele franziu a testa, bem sério.

– Depende – respondeu lentamente, como se estivesse tentando entender o motivo da pergunta. – De que tamanho é a matilha?

– Sei lá, qual é o normal? Seis?

– Eu poderia ganhar de seis – disse ele. – Mais do que isso seria difícil.

Scarlet deu um sorriso debochado.

– Você não corre perigo de baixa autoestima, pelo menos.

– O que quer dizer?

– Nada. – Ela chutou uma pedra no caminho. – E você contra... um leão?

– Um gato? Não me insulte.

Ela riu, um som agudo e surpreendente.

– E um urso?

– Por quê, você viu um aqui?

– Ainda não, mas quero estar preparada caso precise salvar você.

O sorriso pelo qual estava esperando iluminou o rosto dele, mostrando seus dentes brancos.

– Não sei. Nunca precisei lutar contra um urso. – Ele inclinou a cabeça para o leste. – Tem um lago naquela direção, a uns cem metros. Seria bom pegar água.

– Espere.

Lobo fez uma pausa e olhou para ela.

A testa de Scarlet estava franzida quando ela virou para ele.

– Faça isso de novo.

Ele deu meio passo para trás, com os olhos tensos de nervosismo.

– Fazer o quê?

– Sorrir.

A ordem foi recebida com a reação oposta. Lobo se encolheu, com o maxilar tenso como se quisesse garantir que os lábios ficassem fechados.

Scarlet hesitou apenas por um momento antes de esticar a mão para ele. Lobo fez uma careta, mas não se moveu quando ela aninhou o queixo dele na mão e delicadamente abriu os lábios

com o polegar. Ele inspirou e encostou a língua na ponta de um dente da direita.

Mas eles não eram normais. Eram quase como presas, com caninos afiados e longos.

Ela se deu conta, tarde demais, de que pareciam dentes de lobo.

Lobo afastou o rosto e trincou os dentes de novo. Seu corpo todo permaneceu tenso, desconfortável. Ela o viu engolir em seco.

– Implantes?

Ele coçou a nuca, incapaz de olhar para ela.

– Aquela Ordem da Matilha leva essa coisa de lobo a sério mesmo, não é? – Ao ver que suas mãos ainda estavam no ar, com os dedos perigosamente próximos de virar o rosto de Lobo de volta, ela as baixou e enfiou nos bolsos da frente. De repente seu coração estava disparado. – Tem mais alguma coisa estranha da qual eu deva saber? Uma cauda, talvez?

Ele finalmente olhou para ela, corado por se sentir insultado até ver que ela estava sorrindo.

– Estou brincando – disse, dando um sorriso de desculpas. – São só dentes. Pelo menos, não estão implantados na sua cabeça, como aquele cara da luta.

Demorou um pouco, mas logo seu constrangimento começou a sumir e a expressão de raiva se suavizou. Os lábios se curvaram de novo, mas não era outro sorriso verdadeiro.

Ela cutucou o pé dele com o dela.

– Tudo bem, aceito esse sorriso por enquanto. Você disse que ouviu um rio aqui perto?

Parecendo agradecido por mudar de assunto, Lobo se afastou dela.

– Um lago – respondeu. – Estou sentindo o cheiro.

Scarlet apertou os olhos na direção que ele apontou, mas não viu nada além de árvores, as mesmas árvores.

– É claro que está – disse ela, seguindo-o em meio à vegetação baixa.

E ele estava certo, embora fosse um lagunho bem pequeno, mantido fresco por um riacho que chegava de um lado e seguia pelo outro. A margem mudava de grama para pedras antes de desaparecer sob a superfície, e os galhos de um amontoado de faias pendiam até perto da água.

Scarlet puxou as mangas, jogou água no rosto e tomou muitos goles. Não tinha percebido o quanto estava com sede até ver que não conseguia parar de beber. Lobo se ocupou molhando as mãos e passando os dedos molhados pelo cabelo, deixando-o de pé para todos os lados, como se tivesse ficado arrumadinho demais durante a caminhada.

Refrescada, Scarlet ficou de cócoras e olhou para Lobo.

– Não acredito.

Ele olhou nos olhos dela.

– Suas mãos não estão agitadas – continuou, indicando a palma da mão apoiada no joelho, que imediatamente se flexionou e formou um punho desconfortável sob o escrutínio dela. – Talvez a floresta esteja tendo um bom efeito em você.

Lobo pareceu pensar nisso, com as sobrancelhas franzidas enquanto enchia a garrafa de água e a guardava na bolsa.

– Pode ser – disse ele. – Ainda temos comida?

– Não. Eu não sabia que precisaríamos de suprimentos. – Scarlet riu. – Agora que você falou, aqui estou eu achando que o ar fresco deve estar fazendo milagres, quando na verdade você deve estar com hipoglicemia. Vamos, talvez a gente encontre frutas selvagens ou alguma coisa parecida.

Ela ficou de pé, mas ouviu um grasnido do outro lado do lago. Seis patos estavam entrando na água, nadando e mergulhando a cabeça na superfície.

Scarlet mordeu o lábio.

– Ou... você acha que consegue pegar um desses?

Ao ver os patos, um sorriso ousado se abriu em seu rosto.

Ele fez parecer fácil, se aproximando dos pássaros desatentos como um verdadeiro predador. Mas, se Scarlet estava impressionada, e talvez estivesse, não era nada comparado ao espanto dele ao vê-la depenar uma ave como uma especialista, fazendo buracos na pele para permitir que a camada externa de gordura escorresse enquanto assava.

A parte mais difícil foi acender o fogo, mas com uma busca rápida no tablet e o uso inteligente da pólvora de uma das balas da arma, Scarlet ficou logo hipnotizada pela fumaça cinza de uma pequena fogueira subindo para a copa das árvores.

A atenção de Lobo estava voltada para a floresta enquanto esticava as longas pernas à frente do corpo.

– Há quanto tempo você mora na fazenda? – perguntou, afundando o calcanhar na terra.

Scarlet apoiou os cotovelos nos joelhos e olhou com impaciência para o pato.

– Desde que eu tinha sete anos.

– Por que você foi embora de Paris?

Ela olhou para Lobo, mas a atenção dele estava voltada para a água tranquila.

– Eu estava infeliz lá. Depois que minha mãe foi embora, meu pai preferia passar o tempo no bar, e não comigo. Então fui morar com grand-mère.

– E você era mais feliz lá?

Ela deu de ombros.

– Demorei para me acostumar. Deixei de ser uma criança mimada da cidade e passei a acordar ao amanhecer e cumprir tarefas. Tive meus momentos de rebeldia. Mas não era a mesma coisa... Quando morava com meu pai, eu tinha ataques de birra, quebrava coisas, inventava histórias e fazia qualquer coisa para chamar a atenção dele. Para fazer com que ele *se importasse*. Mas nunca fiz nada disso com grand-mère. Nós nos sentávamos no jardim nas noites quentes e conversávamos, e ela ouvia o que eu tinha a dizer. Tratava minhas opiniões como se fossem válidas, como se eu tivesse algo importante a dizer. – Seus olhos embaçaram quando repousaram sobre as cinzas abaixo das chamas. – Metade do tempo, acabávamos brigando, porque nós duas temos opiniões fortes e somos teimosas demais para admitir que estamos erradas sobre alguma coisa, mas sempre

chegávamos a um ponto, todas as vezes, em que uma de nós gritava tão alto ou quase saía de cara amarrada batendo a porta, e aí de repente minha avó começava a rir. E é claro que eu começava a rir também. Ela dizia que eu era igual a ela. – Scarlet engoliu em seco e abraçou os joelhos. – Dizia que eu ia acabar tendo uma vida difícil, porque era igualzinha a ela. – Scarlet passou as palmas das mãos pelos olhos, secando as lágrimas antes que escorressem.

Lobo esperou que a respiração dela ficasse regular e perguntou:

– Sempre foram só vocês duas?

Ela assentiu, e quando teve certeza de que não haveria mais lágrimas, afastou as mãos. Fungou e esticou a mão para virar a ave, que já estava ficando no ponto.

– É, só nós duas. Grand-mère nunca se casou. Quem quer que tenha sido meu avô, já tinha sido jogado pra escanteio muito tempo antes. Ela nunca falou sobre ele.

– E você não tem irmãos? Nem... irmãos adotivos? Dependentes?

– Dependentes? – Scarlet passou a manga pelo nariz e olhou para ele. – Não, só eu. – Ela colocou um galho a mais na fogueira. – E você? Tem irmãos?

Lobo fechou os dedos sobre as pedras.

– Um. Um irmão mais novo.

Scarlet mal conseguiu ouvir acima do estalo das chamas. Mas sentiu o peso dessas quatro palavras. *Um irmão mais novo.* A expressão de Lobo não demonstrava afeição nem frieza. Parecia

uma pessoa que seria protetora com um irmão mais novo, mas sua expressão endureceu.

– Onde ele está agora? – perguntou ela. – Ainda mora com seus pais?

Lobo se inclinou para a frente e ajeitou a asa do pato mais próxima dele.

– Não. Nenhum de nós fala com nossos pais há muito tempo.

Scarlet olhou para a ave.

– Não se dar bem com os pais. Acho que é uma coisa que temos em comum, então.

Lobo segurou a coxa do pato, e foi só quando uma fagulha voou para cima dele, que ele recolheu o braço.

– Eu amava meus pais – disse ele com um carinho que havia faltado quando falou do irmão.

– Ah – disse ela sem jeito. – Eles morreram?

Ela fez uma careta por causa do jeito rude de falar, desejando apenas uma vez saber quando segurar a língua. Mas Lobo pareceu mais resignado do que magoado quando mexeu nas pedras ao lado.

– Não sei. Virar integrante da matilha envolve regras. Uma delas é cortar laços com todas as pessoas do seu passado, inclusive a família. Principalmente a família.

Ela balançou a cabeça, confusa.

– Mas, se você tinha um lar bom, por que foi se juntar à matilha?

– Não tive escolha. – Ele coçou atrás da orelha. – Meu irmão também não teve quando foram buscá-lo alguns anos depois,

mas isso nunca pareceu incomodá-lo como me incomodou... – Ele parou de falar e jogou uma pedra na água. – É complicado. E não importa mais.

Ela franziu a testa. Era inconcebível que uma pessoa pudesse escolher esse estilo de vida, deixar para trás lar e família para se juntar a uma gangue violenta. Mas, antes que pudesse insistir, a atenção de Lobo se dirigiu para os trilhos de trem e ele deu um pulo.

Scarlet virou e seu coração foi até a garganta.

O homem do vagão-restaurant saiu das sombras, silencioso como um gato. Ainda estava sorrindo, mas não era nada como aquele sorriso provocativo e paquerador que ela tinha visto.

Ela demorou para se lembrar do nome dele. *Ran*.

Inclinando a cabeça para trás, Ran farejou o ar com desejo.

– Ótimo – disse ele. – Parece que cheguei na hora do jantar.

CAPÍTULO

Vinte e Um

– **DESCULPEM A INTERRUPÇÃO – DISSE RAN, AINDA SOB A PROTEÇÃO** floresta. – O aroma estava delicioso demais para deixar passar. – Olhava para Lobo quando falou isso, e o brilho por trás de seus olhos fez Scarlet encolher os dedos dos pés. Ela segurou o cabo da arma e puxou até o quadril.

– Claro – disse Lobo depois de um longo silêncio, com a voz grave tensa. – Temos bastante.

– Obrigado, amigo.

O homem contornou a fogueira e passou tão perto de Scarlet que ela precisou se encolher para impedir que o cotovelo encostasse na perna dele. Os pelos de seus braços se arrepiaram.

Ran se sentou do outro lado da fogueira, em frente a ela, relaxado como se a margem fosse sua praia particular. Depois de um momento, Lobo se sentou entre eles. Nada relaxado.

– Lobo, este é Ran – disse Scarlet, corando de constrangimento. – Eu o conheci no trem.

Desejando poder reestruturar suas emoções até virarem indiferença, ela ocupou as mãos virando pedaços de pato. Lobo chegou mais perto dela, se mantendo como obstáculo entre ela e o outro, mesmo que seu rosto ficasse vermelho por estar tão perto das chamas.

– Tivemos uma ótima conversa no vagão-restaurante – disse Ran. – Sobre... o que mesmo? Virtuosos aspirantes a lupinos?

Scarlet olhou para ele com ódio.

– Um tópico que nunca deixa de me fascinar – continuou, com o tom firme enquanto arrancava asas e coxas do pato. – Estas partes estão prontas.

Ela pegou uma coxa e entregou a outra para Lobo. Ran não reclamou das duas asas ossudas, e Scarlet fez uma careta quando ele arrancou um pedaço da primeira e a cartilagem estalou alto nas juntas.

– *Bon appétit* – disse Ran, puxando a carne com as estranhas unhas afiadas, com os sumos escorrendo pelos braços.

Scarlet mordiscou a carne enquanto os outros dois atacavam seus pedaços como animais, olhando um para o outro com cautela. Ela se inclinou para a frente.

– E então, Ran. Como escapou do trem?

Ran jogou os ossos limpos de uma asa no lago.

– Posso lhe fazer a mesma pergunta.

Ela fingiu que o coração não estava batendo erráticamente.

– Nós pulamos.

– Arriscado – disse Ran com um sorrisinho.

Lobo se enfureceu. O relaxamento que tinha deixado suas feições graciosas antes tinha sumido e sido substituído pelo temperamento efervescente que Scarlet tinha visto na luta. Os dedos agitados, os pés em movimento.

– Ainda estamos muito longe de Paris – disse Ran, ignorando a pergunta de Scarlet. – Que situação infeliz. Para a vítima da peste,

é claro.

Scarlet ajeitou a carne do peito.

– É horrível. Estou grata por Lobo estar comigo, senão eu provavelmente ainda estaria presa lá.

– Lobo – disse Ran, pronunciando a palavra lentamente. – Que nome incomum. Foram seus pais que escolheram?

– Importa? – indagou Lobo, jogando o osso longe.

– Só estou puxando conversa.

– Prefiro o silêncio – rosnou Lobo.

Depois de um momento no qual a desconfiança ficou palpável entre eles, Ran fingiu ofegar.

– Me desculpem – disse ele, arrancando o último pedaço de carne dos ossos. – Estou atrapalhando a lua de mel de vocês? Que homem de sorte você é. – Com uma expressão provocativa, colocou a carne na boca.

Lobo enfiou os dedos na areia.

Scarlet forçou os olhos para observar o homem em meio à fumaça e ao calor e se inclinou para a frente.

– É impressão minha ou vocês se *conhecem*?

Nenhum dos dois negou. O olhar de Lobo estava fixado em Ran, quase a ponto de atacá-lo.

Uma desconfiança surgiu nos pensamentos de Scarlet e ela pegou a arma.

– Puxe sua manga.

– Perdão? – disse Ran, lambendo os sumos que escorriam pelo pulso.

Ela ficou de pé e apontou a arma para ele.

– Agora.

Ele hesitou apenas por um momento. Com expressão indecifrável, ele esticou a mão até o punho esquerdo e puxou a manga até o cotovelo. SLOM1126 estava tatuado no músculo do antebraço.

A raiva ferveu dentro de Scarlet, tão quente quanto o carvão na fogueira.

– Por que não me contou que ele era um deles? – sibilou ela, sem tirar o foco da arma e da tatuagem.

Pela primeira vez, Ran ficou tenso.

– Eu estava esperando determinar por que ele está aqui e por que a abordou no trem, mas sem querer alarmar você – respondeu Lobo. – Scarlet, este é Ran Kesley, um Soldado Leal da Ordem da Matilha. Não se preocupe, ele é só um ômega.

Ran franziu o nariz ao ouvir o que Scarlet percebeu ser um insulto baixo.

Ela dividiu a atenção entre os dois.

– Você conseguiu sentir o *cheiro* dele em mim – disse ela. – Quando voltei à cabine, você sabia, e sabia que ele estava nos seguindo o tempo todo! Como...? – Ela olhou boquiaberta para Lobo. Os olhos nada naturais. Os sentidos apurados. Os dentes. Os uivos. O fato de que ele nunca tinha comido tomate antes. – Quem são vocês?

O sofrimento tomou conta do rosto de Lobo, mas foi Ran quem falou.

– O que exatamente contou a ela, irmão?

Lobo ficou de pé, forçando Ran a inclinar a cabeça para trás para continuar encarando-o.

– Ela sabe que não sou mais seu irmão – disse. – E sabe que ninguém com essa marca é de confiança.

Ran sorriu por causa da ironia.

– Isso é tudo?

– Sei que vocês estão com a minha avó! – gritou ela, assustando um bando de andorinhas que estava na árvore mais próxima.

Quando elas se afastaram, a floresta mergulhou de novo em um silêncio denso, as palavras de Scarlet ainda ecoando. Com a mão começando a tremer, ela a forçou a ficar parada, embora Ran permanecesse acomodado à vontade na margem do lago.

– Vocês estão com a minha avó – disse, mais lentamente. – Não estão?

– Bem. Ela não está aqui *comigo*...

Fagulhas brancas piscaram na visão de Scarlet, e usou de toda a sua força de vontade para não puxar o gatilho e acabar com a arrogância dele.

– Por que está nos seguindo? – perguntou ela, e a ira que pulsava diminuiu até um latejar controlável.

Conseguia vê-lo calculando a resposta. Ran apoiou a palma da mão na margem pedregosa, se levantou e limpou a terra das mãos.

– Fui enviado para buscar meu irmão – respondeu ele, tão casualmente quanto se tivesse sido mandado ao mercado para comprar leite e pão. – Talvez ele não tenha contado a você que nós somos parte de um grupo de elite com uma missão especial.

A missão foi cancelada, e Mestre Jael quer que voltemos. *Todos* nós.

O estômago de Scarlet deu um nó ao ver o olhar cheio de significado de Ran, mas a expressão de Lobo se mostrava mais desconfiada e sombria do que nunca.

– Não vou voltar – disse ele. – Jael não me controla mais.

Ran fungou.

– Duvido. E você sabe tão bem quanto qualquer pessoa que não permitimos que irmãos nos abandonem. – Ele puxou a manga por cima da tatuagem. – Mas posso confessar que não senti falta de ter um alfa a menos por perto.

O vento mudou de direção, jogando fagulhas da fogueira no rosto de Scarlet, e ela cambaleou para trás, piscando para afastá-las.

– Você achou mesmo que seria uma boa ideia vir até aqui, sem Jael para proteger você? – perguntou Lobo.

– Não preciso da proteção de Jael.

– Isso é novidade.

Com um rosnado, Ran deu um pulo para a frente, mas Lobo desviou dele e retaliou com um golpe do punho na direção do maxilar do outro. Ran bloqueou o golpe, segurou o punho de Lobo e usou o impulso para girá-lo e passar o braço pelo pescoço dele. Lobo esticou o braço, segurou o ombro de Ran e virou-o de cabeça para baixo. Ran caiu com um gemido e seus pés bateram na água.

Ele se levantou em um piscar de olhos.

A mão de Scarlet vacilou, a arma dançando entre os dois e a pulsação disparada. Ran estava tremendo de ira sufocada, enquanto Lobo parecia feito de pedra, sagaz e calculista.

– Acho mesmo que está na hora de você voltar, irmão – disse Ran por entre dentes.

Lobo balançou a cabeça, com mechas úmidas de cabelo caindo na testa.

– Você nunca foi páreo pra mim.

– Acho que você vai ver que eu melhorei muito, *alfa*.

Lobo riu debochando, e Scarlet sentiu que ele não acreditava que Ran pudesse ser um oponente à sua altura.

– Foi por isso que você nos seguiu? Viu sua chance de melhorar de posição, de me vencer longe da matilha?

– Já falei por que estou aqui. Jael me mandou atrás de você. A missão foi cancelada. Quando ele descobrir sobre essa sua rebeldia...

Lobo se lançou em cima de Ran e o derrubou no chão. A cabeça de Ran caiu na água, e Scarlet ouviu um estalo terrível quando bateu nas pedras duras debaixo da superfície. Ela gritou, correu na direção deles e enfiou as unhas no braço de Lobo.

– Não, pare! Talvez ele possa nos contar alguma coisa!

Os caninos afiados de Lobo estavam à mostra quando ele levantou o punho e deu um soco no rosto de Ran.

– LOBO! Pare! Minha avó! Ele sabe sobre... *Lobo, solta ele!*

Lobo não parou, e Scarlet deu um tiro de alerta para o alto. O eco se espalhou pela clareira, mas Lobo não se deixou afetar. Os

braços de Ran pararam de se debater, escorregaram fracamente pelos antebraços de Lobo e caíram na água.

– Você vai matá-lo! – gritou ela. – Lobo! LOBO!

Quando uma última onda de bolhas surgiu da boca de Ran, Scarlet deu um passo para trás, soltou a respiração e puxou o gatilho de novo.

Lobo sibilou e caiu de lado. Ele colocou a mão no braço esquerdo, onde já havia sangue se espalhando pelo tecido da camisa. Mas o ferimento não era profundo. A bala mal o tinha atingido de raspão.

Ele olhou para Scarlet com surpresa.

– Você acabou de atirar em mim?

– Não tive muita escolha.

Com os ouvidos zumbindo, Scarlet caiu de joelhos e puxou Ran pelos ombros, colocando-o em um ângulo estranho na margem. Ele rolou para o lado, o olho esquerdo já inchando e fechando e o sangue misturado com água pingando do nariz e do maxilar. Com uma tosse rouca, mais sangue e água saíram pela boca e fizeram uma poça no chão.

Scarlet voltou a respirar e olhou para Lobo. Ele não tinha se mexido, mas sua expressão não era mais de ira maníaca, tinha se transformado em algo parecido com admiração.

– Você me recebeu com uma arma na porta da sua casa – disse ele –, e é bom saber que era sério.

Scarlet olhou para ele com irritação.

– Sinceramente, Lobo. O que você está *pensando*? Ele pode nos contar alguma coisa. Pode ajudar a encontrar minha avó!

O meio sorriso dele diminuiu, e por um momento ele pareceu sentir pena. Dela.

– Ele não vai falar.

– Como você sabe?

– Eu sei.

– Não é uma resposta boa o suficiente!

– Cuidado com a arma.

– O qu...? – Ela baixou o olhar para a margem ao lado, a tempo de ver Ran envolver o cano com os dedos. Ela puxou a arma, arrancando-a das garras de Ran.

Uma risada exausta fez com que mais cuspe sangrento saísse pelos lábios de Ran.

– Vou te matar um dia, irmão. Se Jael não o fizer primeiro.

– Pare de provocá-lo! – gritou Scarlet. Ela ficou de pé longe de Ran, recolocou a trava da arma e a guardou de volta na cintura da calça jeans. – Você não está exatamente em condições de fazer ameaças agora, de qualquer modo.

Ran não disse nada. Os olhos fechados, os lábios entreabertos, uma mancha de sangue na bochecha, e ele respirava devagar e com dificuldade.

Enojada, ela se voltou para Lobo, que afastou a mão do ferimento, o sangue que cobria a palma de sua mão surpreendendo Scarlet. Ele se apoiou no cotovelo e mergulhou a mão na água para tirar a mancha.

Com um suspiro, ela foi até a bolsa, esquecida, e tirou um pequeno kit de primeiros socorros. Lobo não discutiu quando ela abriu ainda mais o rasgo na manga provocado pela bala e assumiu

o trabalho de limpar o ferimento e fazer um curativo. A bala tinha lhe atingido de raspão no bíceps.

– Desculpe ter atirado em você – disse –, mas você ia matá-lo.

– Talvez ainda o faça – disse Lobo, observando as mãos dela.

Ela balançou a cabeça e prendeu o curativo.

– Ele não é seu irmão de verdade, é? É coisa da gangue, não é?

Lobo deu um resmungo, mas não disse nada.

– Lobo?

– Falei que não nos dávamos bem.

Scarlet observou o desprezo louco que tomou conta do rosto de Lobo. Os olhos verdes queimavam ao olhar para o corpo prostrado de Ran atrás dela.

– Que bom.

A ferocidade na sua voz afastou um pouco do ódio, e Lobo voltou a atenção para ela.

– Você deve saber as fraquezas dele. Vai saber a melhor forma de interrogá-lo.

Aquele olhar solidário voltou.

– Somos treinados para suportar interrogatórios. Ele não vai nos ajudar.

– Mas ele já nos deu informações. – Depois de guardar o resto do kit, ela o jogou na bolsa. Errou a mira e o kit caiu no chão. – Ele obviamente sabia de alguma coisa quando perguntei da minha avó. E agora essa missão foi cancelada. Do que isso se trata? Tem alguma coisa a ver com ela?

Lobo balançou a cabeça, mas ela detectou uma nebulosidade nos olhos dele.

– Ele nos contou o que queria que nós, que eu soubesse. Ou acreditasse. Eu não apostaria em nada daquilo.

– Como pode ter tanta certeza?

Ele começou a mexer os dedos: fechar, abrir, fechar.

– Conheço Ran. Ele faria qualquer coisa para melhorar de posição. Ao me seguir e me obrigar a voltar, ou mesmo mostrar provas de que lutou comigo e venceu, esperava conseguir exatamente isso. Quanto à missão da qual eu fazia parte quando fui embora... Eles não cancelariam. Era importante demais.

– E minha avó?

Ele franziu a testa de perturbação.

– Certo. Temos que seguir em frente.

Ele testou a força do braço ferido antes de usá-lo de apoio para ficar de pé. A fogueira tinha se resumido a carvões fumegantes, onde rapidamente pisou para apagá-los, ignorando o peito de pato que tinha encolhido e quase virado um pedaço de carvão.

– Não foi isso que eu quis dizer – disse Scarlet, se mantendo firme. – Não devíamos pelo menos *tentar* interrogá-lo?

– Scarlet, me escute. Ele sabe de alguma coisa que ajudaria? Sim, provavelmente. Mas não vai nos dizer. A não ser que seu plano seja torturá-lo, e mesmo então não tem nada que você possa fazer que o assustaria mais do que o que a matilha vai fazer se ele falar. Já sabemos onde sua avó está. Lidar com ele é perda de tempo.

– E se o levássemos conosco e o oferecêssemos como troca? – sugeriu, observando Lobo rearrumar a bolsa.

Ele riu.

– Troca? Um ômega? – Lobo apontou para Ran. – Ele não vale *nada*. – Embora a raiva pudesse ser percebida sob aquelas palavras, Scarlet estava feliz que a insanidade temporária havia sumido dos olhos dele.

– Ele vai voltar para a matilha – argumentou – e contar que você está comigo.

– Não importa. – Colocando a bolsa no ombro, Lobo lançou um olhar final de raiva para o irmão. – Vamos chegar lá antes dele.

CAPÍTULO

Vinte e Dois

A NOITE CAIU RÁPIDO. A FLORESTA PARECIA SE INCLINAR EM CIMA I
parede sólida de sombras sob a luz fraca da lua minguante. Passaram por um cruzamento e seguiram para o norte, sem falar nada. Ver outro trilho conjugado ao deles deu uma ponta de esperança a Scarlet; pelo menos, agora havia a chance de eles encontrarem outro trem. Mas os trilhos do trem de levitação magnética permaneceram em silêncio. A luz do tablet de Scarlet foi suficiente para eles enxergarem por um tempo, mas ela estava com medo de a bateria acabar e sabia que eles deveriam parar logo.

Lobo não ficava mais olhando para trás a cada minuto, e Scarlet desconfiava de que ele sabia que estavam sendo seguidos o tempo todo.

Ele parou de repente, e o coração de Scarlet deu um salto, pois teve a certeza momentânea de que ele tinha ouvido lobos mais uma vez.

– Aqui. Isso vai funcionar. – Ele olhou para cima, para um tronco caído que unia um lado da beirada dos trilhos à outra. – O que você acha?

Scarlet o seguiu pela vegetação que batia na sua cintura.

– Pensei que estivesse brincando antes. Você realmente acha que consegue pular em um trem em movimento daqui?

Ele assentiu.

– Sem quebrar a perna?

– Sem quebrar nada.

Ele observou o olhar especulativo dela com uma certa arrogância.

Scarlet deu de ombros.

– Qualquer coisa para sair desta floresta.

A plataforma ficava a alguns metros acima, mas ela subiu sem dificuldades, se agarrando em raízes e pedras presas. Ouviu um sibilar abaixo, virou e viu uma expressão de dor no rosto de Lobo quando ele se ergueu atrás dela. Prendeu a respiração quando ele limpou as mãos, se sentindo culpada.

– Me deixa ver – falou, segurando o antebraço de Lobo, e posicionou o tablet para iluminar o curativo. Não havia vazado sangue ainda. – Sinto muito por ter atirado em você.

– Sente mesmo?

Suas mãos se demoraram no curativo para verificar se estava bem apertado.

– O que isso quer dizer?

– Desconfio de que você atiraria em mim de novo se achasse que isso ajudaria sua avó.

Ela olhou para ele, surpresa ao perceber o quanto estavam próximos.

– É verdade – disse. – Mas isso não quer dizer que eu não sentiria muito depois.

– Só estou feliz de você não ter aceitado meu conselho de atirar na cabeça – disse ele, mostrando os dentes na luz do tablet. Quando seus dedos roçaram o bolso do moletom dela, Scarlet deu um pulo.

Mas logo os dedos se afastaram, e Lobo apertou os olhos sob a luz intensa do tablet.

– Desculpe – gaguejou Scarlet, apontando-o para o chão.

Lobo se moveu ao redor dela e pressionou o tronco caído com o pé.

– Parece confiável.

Scarlet notou uma ironia estranha na escolha de palavras dele.

– Lobo – disse, testando a forma como sua voz ecoava no vazio da floresta. Ele ficou tenso, mas não virou. – Quando você me contou que tinha abandonado a matilha, achei que meses ou anos tinham se passado, mas Ran fez parecer que você acabou de sair.

Uma das mãos bagunçando o cabelo, ele se virou na direção dela.

– Lobo?

– Faz três semanas – sussurrou. E depois: – Menos de três semanas.

Ela inspirou, prendeu a respiração e soltou de uma vez.

– Mais ou menos na época que minha avó desapareceu.

Ele baixou a cabeça e não conseguiu olhar nos olhos dela.

Scarlet tremeu.

– Você me disse que era um ninguém, pouco mais do que um garoto de recados. Mas Ran chamou você de “alfa”. Essa não é

uma posição bem alta?

Ela viu o peito dele subir e descer em uma respiração lenta e tensa.

– E agora, você me diz que deixou o bando na mesma época em que minha avó foi sequestrada.

Ele esfregou a tatuagem distraidamente, mas não disse nada. Scarlet esperou, com o sangue começando a ferver, até ele ousar olhar para ela. O tablet lançava uma luz branco-azulada nos seus pés, mas quase não o iluminava. No escuro, só se via um leve contorno do maxilar e das bochechas e o cabelo, que parecia um pinheiro se projetando da cabeça.

– Você me disse que não fazia ideia de por que levariam minha avó. Mas era mentira, não era?

– Scarlet...

– Então o que *era* verdade? Você os abandonou mesmo ou é tudo uma história pra me pegar... – Ofegando, ela cambaleou para trás. Sua cabeça girava, e uma cascata de dúvidas e perguntas disparou na mente dela. – Sou *eu* a missão sobre a qual Ran estava falando? A que supostamente foi cancelada?

– Não...

– E depois que meu pai me avisou sobre isso! Ele disse que um de vocês viria atrás de mim, e ali estava você, e eu até sabia que você era um deles. Sabia que não podia confiar em você, mas me deixei levar...

– Scarlet, *pare*.

Ela fechou a mão no cordão do casaco e apertou ao redor do pescoço. Seu coração estava disparado agora, com o sangue

correndo quente sob a pele.

Ela ouviu Lobo inspirar, viu as mãos dele se abrirem sob a luz do tablet.

– Você está certa, eu menti sobre não saber por que levaram sua avó. Mas você *não é* a missão sobre a qual Ran falou.

Ela inclinou o tablet para cima e iluminou o rosto de Lobo, que se encolheu, mas não afastou o olhar.

– Mas tem alguma coisa a ver com a minha avó.

– Tem tudo a ver com a sua avó.

Ela mordeu o lábio inferior com força, ainda tentando sufocar a onda de raiva crescendo dentro de si.

– Me desculpe. Eu sabia que, se lhe contasse, você não confiaria em mim. Sei que devia ter contado mesmo assim, mas... não consegui.

A mão segurando o tablet começou a tremer.

– Me conte *tudo*.

Houve uma longa pausa.

Uma pausa longa e enlouquecedora.

– Você vai me desprezar – murmurou ele. Seu peito encolheu na tentativa de ficar menor de novo, como tinha feito no beco, sob as luzes da nave.

Scarlet apertou as mãos com tanta força nos quadris que os ossos começaram a doer.

– Ran e eu estávamos no grupo enviado para pegar sua avó.

O estômago de Scarlet deu um nó. *O grupo enviado para pegá-la.*

– Eu não estava com eles quando ela foi levada – acrescentou logo depois. – Assim que chegamos a Rieux, vi minha chance de

fugir. Eu sabia que conseguiria desaparecer lá sem a rede da cidade me encontrar. Então, aproveitei a oportunidade. Na manhã em que ela foi capturada. – Cruzou os braços, como se estivesse se protegendo do ódio de Scarlet. – Eu poderia tê-los impedido. Era mais forte do que todos eles. Poderia ter impedido. Podia ter avisado a ela, ou a você. Mas não fiz nada. Só fugi.

Os olhos de Scarlet começaram a arder. Ela inspirou com força, virou as costas para ele e inclinou a cabeça para o céu preto, para impedir que lágrimas repentinas caíssem. Esperou até ter certeza de que conseguiria falar e virou de novo para ele.

– Foi quando você começou a ir às lutas?

– E à taverna – disse ele, assentindo.

– E depois, o quê? Você sentiu culpa, então pensou em me seguir por um tempo, talvez ajudar na fazenda, como se isso fosse algum tipo de *compensação*?

Ele fechou a cara.

– É claro que não. Eu sabia que me meter com você seria suicídio, que eles acabariam me encontrando se eu não fosse embora de Rieux, mas eu... mas você... – Ele pareceu frustrado porque as palavras lhe fugiam. – Eu não podia ir embora.

Scarlet ouviu um estalo de plástico e se obrigou a afrouxar o aperto no tablet.

– Por que a levaram? O que querem com ela?

Ele abriu a boca, mas ficou em silêncio.

Scarlet ergueu as sobrancelhas. Sua pulsação parecia trovejar.

– Bem?

– Estão tentando encontrar a princesa Selene.

O eco nos ouvidos a fez pensar por um momento que ela não tinha ouvido direito.

– Estão tentando encontrar *quem*?

– A princesa lunar, Selene.

Ela recuou. Ocorreu-lhe que talvez Lobo estivesse fazendo alguma brincadeira cruel, mas a expressão dele era séria demais, horrorizada demais.

– *O quê?*

Ele começou a se mexer desconfortavelmente, o peso passando de um pé para o outro.

– Estão procurando a princesa há anos e acreditam que sua avó tem informações sobre o paradeiro dela.

Scarlet semicerrou os olhos, perplexa, certa de que estava entendendo errado. Ele só podia estar enganado. Mas o olhar de Lobo, penetrante e seguro, a manteve alerta.

– Por que minha avó...? – Ela balançou a cabeça. – A princesa lunar está morta!

– Há evidências de que ela sobreviveu ao incêndio e de que alguém a salvou e trouxe para a Terra – disse Lobo. – E, Scarlet...

– *O quê?*

– Tem certeza de que sua avó não sabe de nada?

Ela ficou boquiaberta por tanto tempo que a língua ficou seca e grudada na boca.

– Ela é uma *fazendeira*! Morou na França a vida toda. Como saberia de alguma coisa?

– Ela era militar antes de ser fazendeira. Viajava bastante naquela época.

– Foi mais de vinte anos atrás. Há quanto tempo a princesa está desaparecida? Dez, quinze anos? Isso nem faz sentido.

– Você não pode desconsiderar a possibilidade.

– Claro que posso!

– E se ela souber de alguma coisa?

Ela franziu a testa, mas sua descrença sumiu ao ver o desespero crescente de Lobo.

– Scarlet – disse –, Ran falou que a missão tinha sido cancelada. Ele só podia estar falando da busca pela princesa. Não consigo imaginar por que, depois de tantos anos... Mas, se for verdade, isso pode significar que eles não têm mais utilidade para a sua avó.

Ela sentiu uma pontada no estômago.

– Então, a soltariam?

Rugas se formaram ao redor dos lábios de Lobo, e um peso começou a se instalar no peito de Scarlet. Ele não precisou falar para ela entender a resposta.

Não. Não, eles não a soltariam.

Ela inspirou fundo, tonta, e desviou a atenção para os raios de luar que iluminavam os trilhos abaixo.

– Se eu soubesse... Se tivesse conhecido você antes... Quero ajudar, Scarlet. Quero tentar consertar isso, mas eles querem informações que não tenho. A melhor coisa para sua avó é ser útil. Mesmo se tiverem parado de procurar Selene, pode ainda haver alguma coisa que ela saiba, ou alguma coisa no passado dela, qualquer coisa que a tornasse valiosa. É por isso que, se houver qualquer coisa que *você* saiba, qualquer informação que

tenha... É a melhor chance que você tem de salvá-la. Você pode negociar por ela. Dar a eles a informação que eles querem.

Ela foi envolvida por uma frustração enorme.

– Não sei o que eles querem.

– *Pense*. Já aconteceu alguma coisa estranha? Qualquer coisa que sua avó tenha dito ou feito que você achou peculiar?

– Ela faz coisas peculiares o tempo todo.

– Relacionadas aos lunares? Ou à princesa?

– Não, ela... – Scarlet fez uma pausa. – Ela sempre teve mais solidariedade para com eles do que a maior parte das pessoas. Ela não tira conclusões apressadas.

– O que mais?

– Nada. Mais nada. Ela não tem nada a ver com os lunares.

– Há evidências de que isso não é verdade.

– Que evidências? Do que você está falando?

Lobo coçou a cabeça.

– Ela deve ter contado a você que já esteve em Luna.

Scarlet pressionou os olhos e inspirou, trêmula.

– Você está louco. Por que minha avó teria ido a *Luna*?

– Ela fez parte da única missão diplomática enviada da Terra a Luna nos últimos cinquenta anos. Ela foi o piloto que levou os oficiais terráqueos. A visita durou quase duas semanas, então ela deve ter interagido *de alguma forma* com os lunares... – Ele franziu a testa. – Ela nunca contou nada disso a você?

– *Não!* Não, ela nunca me contou nada disso! Quando foi?

Lobo afastou o olhar, e ela percebeu que hesitava.

– Lobo. Quando foi isso?

Ele engoliu em seco.

– Quarenta anos atrás – respondeu, a voz baixa novamente. –
Nove meses antes do nascimento do seu pai.

CAPÍTULO

Vinte e Três

O MUNDO GIROU. SCARLET PROCUROU NO ROSTO DE LOBO O brincadeira que nunca surgiu.

– Meu pai.

– Sinto muito – murmurou ele. – Eu achava que ela teria lhe contado... *alguma coisa* sobre isso.

– Mas... como você sabe de tudo isso?

– Está tudo relacionado à princesa. As evidências sugerem que ela foi tirada de Luna por um homem chamado Logan Tanner, um médico lunar. – Procurou algum sinal de reconhecimento, mas o nome não significava nada para Scarlet. Lobo prosseguiu: – Os únicos terráqueos com quem o dr. Tanner teria tido contato antes de levar a princesa seriam os que estavam na mesma missão que a sua avó. As pessoas que o conheciam desconfiavam de que o dr. Tanner teve uma ligação com Michelle Benoit durante a estada delas. Essas teorias pareceram mais plausíveis quando descobrimos que Michelle deu à luz um filho sem pai registrado nove meses depois.

Incapaz de permanecer de pé, Scarlet desabou no chão. Se Lobo estivesse falando a verdade... se essas teorias estivessem corretas... o avô dela era *lunar*.

Uma série de pensamentos passou pela cabeça dela. Pistas que nunca soubera estar registrando começaram a fazer sentido. Por que a avó tinha tanta solidariedade por lunares. Por que nunca falava sobre o avô de Scarlet. Por que insistira para que nem Scarlet nem o pai nascessem em hospitais, pois os exames de sangue obrigatórios revelariam seus ancestrais.

Como conseguiu guardar esse segredo por tanto tempo?

De repente, ela percebeu com um susto que sempre foi intenção da avó manter segredo. Nunca pretendeu contar a verdade a Scarlet.

Uma coisa tão grande. Uma coisa tão importante. E sua avó escondera dela.

– Não temos segredos – sussurrou para si mesma, com a cabeça girando quando as lágrimas começaram a surgir em seus olhos de novo. – Não temos segredos uma com a outra.

– Sinto muito – disse Lobo, se ajoelhando na frente dela. – Pensei que você sabia disso tudo.

– Eu não sabia. – Esfregou os olhos para afastar as lágrimas. Por que a avó não teria contado sobre aquele Logan Tanner? Para protegê-la da desconfiança e do preconceito que acompanhariam o fato de ela ser parcialmente lunar ou será que havia mais alguma coisa? Um segredo ainda mais improvável que ela protegia...

Seu peito doeu quando se perguntou quantos outros segredos haviam sido escondidos dela.

A atenção de Lobo se desviou para o sul, uma orelha virada para o céu.

Imediatamente, os pensamentos de Scarlet se acalmaram. Ouviu com atenção, mas só havia uma brisa na floresta, um coral encantador de grilos.

Apesar de não ouvir nada, Lobo sussurrou:

– Um trem está chegando.

Fixou o olhar nela, de novo, a preocupação estampada na testa. Scarlet viu que ele pensava ter falado demais, mas estava louca para saber mais.

Com um aceno, apoiou a mão no chão e ficou de pé.

– E essas pessoas acham que minha avó sabe alguma coisa sobre a princesa porque...?

Lobo foi até a beirada do pequeno precipício e olhou para os trilhos.

– Acreditam que o dr. Tanner pediu ajuda para sua avó quando trouxe a princesa para a Terra.

– Acreditam, mas não têm como ter certeza.

– Talvez não, mas foi por isso que a levaram – disse ele, testando o tronco caído com o pé de novo. – Para descobrir o que ela sabia.

– E já pensaram que talvez ela não soubesse de nada?

– Estão convencidos de que ela sabe. Ou pelo menos estavam quando saí de lá, apesar de não saber o que descobriram desde então...

– Bem, por que não encontram esse tal dr. Tanner e perguntam a ele?

Lobo trincou os dentes.

– Porque ele está morto. – Inclinando-se para a frente, ele pegou a bolsa caída e pendurou no braço. – Cometeu suicídio no começo deste ano. Em um hospício na Comunidade das Nações Orientais.

Um pouco da raiva de Scarlet desapareceu e foi substituída por pena por um homem que minutos antes nem sequer existia para ela.

– Hospício?

– Era paciente de lá. Ele mesmo se internou.

– Como? Ele era lunar. Por que não foi capturado e enviado de volta para Luna?

– Deve ter descoberto como se misturar na sociedade terráquea.

Lobo esticou a mão, e Scarlet segurou por instinto, mas levou um susto quando dedos quentes envolveram os seus. Um momento depois, ele afrouxou o aperto de mão e subiu no tronco caído.

Scarlet inclinou o tablet na direção do tronco traiçoeiro e lutou para organizar os pensamentos com o latejar nos ouvidos.

– Deve ter alguma outra pessoa com quem ele teve contato na Terra. As pistas não podem terminar na minha avó. De acordo com meu pai, ela não tinha contado nada depois de *semanas* de... de sabe-se lá o que andaram fazendo com ela. Devem ter percebido que pegaram a pessoa errada!

Lobo foi tomado de um controle peculiar quando respondeu.

– Tem certeza disso?

Ela olhou para ele com raiva. A herdeira lunar era um mito, uma conspiração, uma lenda... como sua avó trabalhadora e orgulhosa, que morava na pequena Rieux, poderia estar envolvida nisso?

Mas não podia ter certeza absoluta de mais nada. Não se a avó já tinha escondido dela uma coisa tão grande.

Um zumbido leve interrompeu o sussurro da floresta. Os ímãs despertando.

Um aperto nos dedos dela despertou um choque na coluna de Scarlet.

– Scarlet – disse Lobo –, é para o bem dela e para o seu dar alguma coisa a eles. Por favor, pense. Se souber de qualquer coisa, talvez possamos usar a nosso favor.

– Sobre a princesa Selene.

Ele assentiu.

– Não sei de nada. – Scarlet deu de ombros, impotente. – Não sei de nada.

Ela se sentiu presa sob o olhar dele até que, com a testa franzida, Lobo a soltou. Sua mão desceu lentamente até a lateral do corpo.

– Tudo bem. Vamos pensar em outra coisa.

Scarlet sabia que ele estava errado. Não estava tudo bem. Aqueles monstros estavam caçando um fantasma, e a avó dela estava no meio disso tudo por causa de um envolvimento amoroso que supostamente aconteceu quarenta anos atrás... e não havia nada que Scarlet pudesse fazer.

Ela olhou para baixo, e seu estômago deu um salto quando viu a altura em que estavam. Com a escuridão ao redor, parecia a beira de um abismo.

– Temos talvez trinta segundos – disse Lobo. – Quando o trem chegar, vamos ter que agir rápido. Sem hesitar. Você consegue?

Scarlet tentou umedecer a língua seca, que mais parecia o tronco debaixo dos seus pés. Tentou desacelerar o coração. Os segundos se passavam em sua cabeça. Passavam rápido demais. O barulho dos ímãs ficando mais alto. Então, ouviu o assobio do ar nos trilhos.

– Vai me deixar pular por conta própria desta vez? – perguntou, vendo um brilho intenso na curva mais próxima. As luzes iluminaram as árvores e se refletiram nos troncos. Os ímãs abaixo deles estalaram.

– Você *quer* pular sozinha? – Ele colocou a bolsa entre os dois.

Scarlet observou os trilhos e imaginou um trem em disparada abaixo. Vibrações sutis fizeram seus pés tremerem. Os joelhos ficaram paralisados.

Ela jogou o tablet na bolsa e subiu em um nó protuberante no tronco.

– Vire de costas.

Lobo começou a sorrir, mas ainda havia uma ruga entre as sobrancelhas, uma distração que permanecia. Ele a deixou subir em suas costas e puxou as pernas mais para o alto até Scarlet conseguir se segurar nele com firmeza.

Ao passar os braços ao redor dos ombros de Lobo, ocorreu a Scarlet que tinha todo o direito de desprezá-lo. Ele teve a chance

de salvar a avó dela, mas preferiu fugir. Mentiou para ela e guardou segredos enormes que tinha todo direito de saber...

Mas isso não mudava o fato de que ele ainda estava ali. Ainda estava arriscando a vida e encarando os próprios perseguidores para ajudá-la. Ainda a estava levando em busca da avó.

Ela mordeu o lábio e se inclinou para a frente.

– Estou feliz que você tenha me contado tudo.

O corpo dele pareceu murchar.

– Devia ter contado antes.

– Sim, devia. – Scarlet inclinou a cabeça e encostou a têmpora na dele. – Mas não desprezo você. – Ela deu um beijo na sua bochecha e sentiu o corpo de Lobo ficar tenso. Os batimentos dele dispararam sob seu pulso quando ela uniu as mãos em cima do peito dele.

O trem fez a curva, suave como uma cobra. O corpo branco e reluzente vinha disparado na direção deles, e o vácuo criava uma rajada de vento que sacudia as árvores dos dois lados dos trilhos.

Scarlet afastou a cabeça do ombro de Lobo, olhou de lado para ele e reparou em outra cicatriz, no pescoço. Ao contrário das outras, era pequena e perfeitamente reta, parecendo mais o trabalho de um bisturi do que o resultado de uma briga.

Lobo se agachou e o coração dela deu um salto, voltando sua atenção para o trem. Lobo segurou a bolsa com firmeza. Seus músculos ainda estavam rígidos, a pulsação disparada, e ela não conseguiu evitar a comparação com a calma excepcional de quando eles pularam pela janela do trem.

O trem estava abaixo deles, fazendo o tronco e os dentes de Scarlet tremerem.

Lobo lançou a bolsa do tronco e pulou. Enfiando as unhas na camisa dele, Scarlet travou o maxilar para não gritar.

Caíram pesadamente no teto liso como vidro. O trem nem tremeu com o impacto, e Scarlet imediatamente teve a sensação de que havia algo errado. Lobo deslizou, seus ombros se inclinaram para a esquerda e o equilíbrio dele falseou sob o peso dela.

Scarlet gritou, e a queda a empurrou para longe, quase na beirada. Ela afundou os dedos nos ombros dele, mas a camisa rasgou e ela caiu, o mundo girando ao seu redor.

A mão de Lobo segurou o pulso dela, e sua queda foi impedida com um puxão no ombro. Ela gritou e bateu os pés enquanto o chão passava disparado embaixo. Cega pelo cabelo que voava no rosto, Scarlet levantou a mão livre na direção dele e segurou no antebraço, apertando o mais desesperadamente que conseguiu com dedos escorregadios.

Ela ouviu o gemido dele, quase um rugido, e foi puxada. Bateu com os pés nas laterais do trem em busca de um apoio qualquer, mas foi puxada para cima. Lobo rolou para longe da beirada e caiu em cima dela. As mãos dele afastaram os cachos do rosto dela rapidamente, seguraram os ombros, esfregaram o pulso machucado, e toda a energia frenética dele pareceu dedicada a verificar que ela estava ali. Que ela estava bem.

– Sinto muito. Sinto muito mesmo. Perdi o foco. Eu escorreguei... Sinto muito. Scarlet. Você está bem?

Ela soltou a respiração trêmula. O mundo lentamente parou de girar, mas cada nervo zumbia com adrenalina, cada pedaço dela tremia até o osso. Olhou boquiaberta para Lobo e envolveu os dedos dele, fazendo-os parar.

– Estou bem – ofegou ela, tentando dar um sorriso cansado. Ele não retribuiu. Seus olhos estavam tomados de pavor. – Eu talvez tenha distendido alguma coisa no ombro, mas... – Ela parou de falar ao notar uma marca vermelha no curativo de Lobo. Ele a segurou com o braço ferido, o que fez o ferimento se abrir. – Você está sangrando.

Ela esticou o braço na direção do curativo, mas Lobo segurou sua mão e apertou com bastante força. Scarlet se sentiu presa sob o olhar dele, intenso e apavorado. Ele ainda estava respirando com força. Ela ainda estava tremendo, e não conseguia parar.

Sua mente ficou vazia de tudo, menos do vento e da aparência frágil de Lobo naquele momento, como se um movimento pudesse parti-lo ao meio.

– Estou bem – disse, tranquilizando-o, passando o braço livre pelas costas dele e puxando-o para perto de si até conseguir se encolher sob a proteção do corpo dele e apoiar a cabeça no pescoço. Ela o sentiu engolir em seco, e logo os braços dele a estavam envolvendo, esmagando-a contra o peito.

O trem se dirigia para o oeste, e a floresta parecia uma mancha dos dois lados. Séculos pareceram se passar até a adrenalina sumir dos membros de Scarlet, até conseguir respirar sem os pulmões soluçarem com o esforço. O abraço de Lobo não

afrouxou. A sensação da respiração dele contra seu ouvido era a única prova de que ele era um ser vivo, e não feito de pedra.

Quando finalmente parou de tremer, Scarlet se afastou. Os braços fortes a soltaram com relutância, e ela ousou olhar para o rosto dele de novo.

O horror chocado tinha sumido e foi substituído por calor, desejo e incerteza. E medo, tanto medo, mas ela achava que isso não tinha nada a ver com ela quase ter caído do trem.

Com os lábios formigando, ela inclinou o pescoço na direção dele.

Mas Lobo logo se afastou, e o espaço entre os dois se encheu com o vento intenso e frio.

– Precisamos descer antes de chegarmos a um túnel – disse, com a voz trêmula e rouca.

Scarlet se sentou e um calor subiu ao seu rosto quando foi tomada de uma vontade quase irresistível de engatinhar até ele, não para descer do teto do trem, mas para se aconchegar. Para se sentir quente, segura e feliz só por mais um momento.

Ela sufocou essa vontade. Lobo não estava olhando para ela, e Scarlet sabia que ele estava certo. Não estavam em segurança ali em cima.

Sem confiança para ficar de pé, ela meio deslizou, meio engatinhou em direção à frente do vagão, se ajustando aos movimentos sutis do trem. Lobo ficou ao seu lado, sem tocá-la, mas nunca longe demais, para conseguir agarrar seu ombro se ela chegasse perto demais da beirada.

Quando chegaram no final, Lobo desceu até a plataforma entre os vagões. Scarlet olhou para ele e viu a bolsa no chão. Tinha esquecido, mas agora uma gargalhada de surpresa saiu pelos seus lábios. A mira dele tinha sido perfeita.

E talvez, se ela não tivesse beijado a bochecha dele logo antes do pulo, o equilíbrio também tivesse sido.

Ela estremeceu com a ideia e se perguntou se tinha sido a causa da distração dele.

Scarlet se sentou com as pernas balançando na lateral do trem.

– Exibido – brincou, esticando os braços e permitindo que ele a segurasse quando pulou. As mãos delicadas e gentis a trouxeram até a plataforma e permaneceram um segundo a mais ali, depois que os pés dela estavam firmemente plantados. Ou talvez não por tempo suficiente.

A expressão dele estava assombrada e confusa, e a testa tensa. Sem olhar diretamente para ela, ele pegou a bolsa e entrou no vagão.

Scarlet ficou olhando para a porta, esperando que o vento baixasse sua temperatura, a lembrança quente das mãos dele na cintura, nos ombros, nos pulsos. Sua cabeça estava tomada pela lembrança, pela agonia recente demais de querer beijá-lo.

Se encostando no corrimão, enfiou o cabelo no capuz. Tentou dizer a si mesma que foi bom Lobo ter se afastado. Estava sempre fazendo coisas por impulso sem pensar direito e por isso acabava se metendo em confusão. Esse era só mais um exemplo de quando foi levada pelas emoções e ficou caída por um sujeito que

só conhecia havia... Ela se esforçou para fazer a conta e percebeu com certa surpresa que só se conheciam havia um dia.

Só um dia. Seria isso mesmo? Aquela horrível luta podia ter acontecido na noite anterior? O ataque do pai dela ao hangar podia mesmo ter sido naquela manhã?

Mas, mesmo sabendo disso, seus sentimentos não mudaram. Sua pele não esfriou. A fantasia de se aconchegar nos braços dele não sumiu.

Quis que ele a beijasse. Ainda queria.

Scarlet suspirou e, quando os joelhos pararam de tremer de novo, entrou no vagão.

Era um vagão de carga, aberto e com pilhas de caixas plásticas. Um quadrado de luar entrava pela porta aberta. Lobo tinha subido em uma pilha de caixas e estava ocupado empurrando-as para abrir espaço.

Scarlet subiu e se juntou a ele. Apesar de o silêncio ser doloroso, qualquer coisa que ela conseguisse pensar em dizer parecia banal e artificial. Tirou um pente da bolsa e começou a desembaraçar os nós dos cabelos. Por fim, Lobo parou de empurrar caixas e se sentou ao lado dela. Com pernas dobradas. Mãos apertadas no colo. Ombros caídos. Sem tocar nela.

Scarlet o analisou com o canto do olho, tentada a diminuir a distância entre eles, nem que fosse só para apoiar a cabeça no ombro de Lobo. Mas o que fez foi esticar a mão e passar o dedo pela tatuagem que mal conseguia ver na luz fraca. Ele ficou rígido.

– Ran estava falando a verdade? Você acha que vão matar você por abandoná-los?

Um silêncio momentâneo fez a pulsação dela disparar até as pontas dos dedos que tocavam no braço dele.

– Não – respondeu. – Não precisa se preocupar comigo.

Ela acompanhou com o dedo uma longa cicatriz que já tinha sido um corte fundo do pulso até o cotovelo.

– Vou parar de me preocupar quando isso tudo acabar. Quando todos nós estivermos longe deles, em segurança.

Lobo olhou para ela, para a cicatriz e para os dedos apoiados no pulso dele.

– De onde veio essa cicatriz? – perguntou. – Uma das lutas?

Ele balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

– De burrice.

Scarlet mordeu o lábio, chegou mais perto e passou o dedo de leve por uma cicatriz ainda mais clara na têmpora dele.

– E esta?

Ele se curvou para trás e foi forçado a levantar a cabeça para se afastar dela.

– Essa foi ruim – respondeu, e não disse mais nada.

Scarlet cantarolou pensativa, depois passou o nó do dedo em uma levíssima cicatriz no lábio dele.

– E essa...?

Ele agarrou a mão dela e a fez parar com as carícias. Não segurava forte demais, mas era firme mesmo assim.

– Por favor, pare – pediu, enquanto o olhar descia para os lábios dela.

Scarlet os umedeceu por instinto e viu os olhos dele ficarem febris.

– Qual é o problema?

Um segundo.

– Lobo?

Ele não a soltou.

Scarlet levou a outra mão até ele e passou o polegar nos dedos dobrados.

Ele inspirou rapidamente.

Os dedos subiram pelo braço dele, passaram pelo curativo e pelo ponto com sangue seco. Ele estava tão rígido quanto uma estátua, grudado na parede. Os dedos segurando a mão dela tremeram.

– São apenas... ao que estou acostumado – disse com a voz tensa.

– Como assim?

Ela o viu engolir em seco. Nenhuma explicação se seguiu.

Scarlet se inclinou para a frente e olhou o contorno do maxilar. As maçãs proeminentes. O cabelo, tão selvagem e suave ao toque quanto parecia. Por fim, ele inclinou a cabeça, tocando delicadamente nos dedos dela.

– Foi de uma luta – murmurou ele. – Só mais uma luta sem sentido. Todas elas. – Seus olhos se dirigiram para os lábios dela de novo.

Ela hesitou. Como Lobo continuou na mesma posição, Scarlet se inclinou para a frente e o beijou. De leve. Só uma vez.

Quase sem conseguir respirar, com o coração disparado, Scarlet se afastou o bastante para o ar morno correr entre eles, e

Lobo se dissolveu à frente dela, com um suspiro resignado contra seus lábios.

Então, ele a puxou e a aninhou nos braços. Scarlet suspirou quando Lobo afundou uma das mãos no seu emaranhado de cachos e a beijou.



LIVRO

Três

“Ah, vovó, que dentes enormes você tem!”



CAPÍTULO

Vinte e Quatro

– **ESCONDA-SE**FALOU CINDER LENTAMENTE. COM DELICADEZA. C apelo suave no final da última sílaba. – Esconda-se. Rampion, esconda-se. Esconda-se, Rampion. Desapareça... Suma... Você não existe... Não pode ser vista...

Estava sentada de pernas cruzadas na cama, no escuro, visualizando a nave que a envolvia. As paredes de aço, o motor em movimento, os parafusos e soldas que mantinham tudo unido, o computador central, o vidro grosso das janelas do cockpit, a saída fechada do compartimento de carga, a plataforma sob seus pés.

E, então, ela imaginou a nave invisível.

Passando por radares, que permaneciam em silêncio.

Dissolvendo-se na escuridão sob o olho alerta das estações de satélite.

Dançando graciosamente entre todas as outras naves que lotavam o sistema solar. Sem chamar atenção. Sem existir.

As vértebras dela formigaram, começando na nuca e descendo até o cóccix. Um calor se irradiou, ocupando todos os músculos e todas as juntas, se espalhando pelos dedos e voltando para os joelhos. Circulando.

Ela respirou fundo, relaxou os músculos com a respiração e começou a recitar de novo.

– Esconda-se, Rampion. Rampion, esconda-se. *Esconda-se.*

– Está funcionando?

Cinder abriu os olhos. Na escuridão, só conseguia ver os pontinhos das estrelas pela janela. Estavam do lado da Terra oposto ao Sol, a nave oculta na sombra e na vastidão do espaço.

Oculta. Escondida. Invisível.

– Boa pergunta – respondeu ela, dirigindo a atenção para o teto como já tinha se tornado hábito, apesar de saber que era ridículo. Iko não estava em um ponto do teto, não estava nem nos alto-falantes que projetavam a voz alegre. Ela estava em todos os fios do computador, em todos os chips, em todos os sistemas. Estava em tudo, menos no aço e nos parafusos que mantinham a nave de pé.

Era meio desconcertante.

– Não faço ideia do que estou fazendo – disse Cinder, olhando pela janela. Não havia naves visíveis no pequeno portal, só estrelas e mais estrelas. Ao longe, uma névoa roxa vaga, talvez um pouco de gás que sobrou da cauda de um cometa. – Você se *sente* diferente?

Alguma coisa tremeu debaixo de seus pés, delicada como o ronronar de um gatinho. Fez ela se lembrar da forma como a ventoinha de Iko girava rápido demais quando ela estava processando informações.

– Não – disse Iko depois de um minuto, e o tremor parou. – Ainda gigantesca.

Cinder esticou as pernas e permitiu que o sangue voltasse a circular no pé.

– É isso que me preocupa. Sinto que não deve ser fácil. As forças militares da Comunidade das Nações Orientais estão todas atrás de nós. Até onde sabemos, podem ter pedido ajuda a outras forças militares da União, sem mencionar lunares e caçadores de recompensas. Quantas naves você captou nos *nossos* radares?

– Setenta e uma.

– Certo. E nenhuma delas reparou em nós nem ficou desconfiada? Isso parece provável?

– Pode ser que o que você está fazendo esteja realmente funcionando. Talvez você tenha um talento natural para esse negócio lunar.

Cinder balançou a cabeça, esquecendo que Iko não conseguia vê-la. Queria acreditar que estava provocando alguma coisa, mas a sensação era errada. Lunares tinham controle sobre bioeletricidade, não ondas de rádio. Tinha uma desconfiança de que o cantarolar e a visualização que estava fazendo eram um grande desperdício de tempo.

O que deixava a pergunta: por que eles ainda não tinham sido vistos?

– Cinder, quanto tempo vou ter que ficar assim?

A garota suspirou.

– Não sei. Até conseguirmos instalar outro sistema de controle automático.

– E até você encontrar um corpo novo para mim.

– Isso também. – Ela esfregou as mãos. O calor súbito que tinha preenchido os dedos da mão direita sumiu, e, pela primeira vez, eles estavam mais frios do que os de metal duro.

– Não gosto de ser uma nave. É horrível. – Havia um choramingo óbvio no tom de Iko. – Me dá a sensação de estar menos viva do que nunca.

Cinder se deitou no colchão e observou as sombras escuras. Sabia exatamente o que Iko estava sentindo; pelo breve momento em que funcionou como o controle automático, sentiu como se cérebro estivesse esticado em todas as direções. Como se ela tivesse perdido contato com o corpo físico, tivesse removido o cérebro e estivesse flutuando em um espaço inexistente entre o real e o digital. Ela ficou cheia de pena de Iko, que nunca quis nada além de se tornar mais humana.

– É temporário – disse ela, tirando o cabelo da testa. – Assim que for seguro voltar para a Terra, vamos...

– Ei, Cinder! Está assistindo à rede? – Thorne apareceu na porta, iluminado pelas luzes econômicas do corredor. – Está na hora do cochilo? Acenda as luzes.

Os músculos do ombro de Cinder se contraíram.

– Não consegue ver que estou ocupada?

Thorne observou o quartinho escuro.

– É, sim.

Cinder tirou os pés de cima da cama e se sentou ereta.

– Estou tentando me concentrar.

– Ah. Bom trabalho, colega. Mas você devia ver isso. Estão falando de nós em todos os canais. Estamos famosos.

– Não, obrigada. Prefiro não me ver agindo como louca no evento social mais importante do ano. – Só vira a filmagem do baile, de quando perdeu o pé e rolou pela escada até parar em uma pilha de seda amassada e luvas enlameadas, uma vez, mas foi suficiente.

Thorne balançou a mão.

– Já mostraram os vídeos. E agora, você realizou o sonho de todas as garotas ruivas com menos de vinte e cinco anos.

– Certo, minha vida é mesmo um sonho que virou realidade.

Thorne ergueu a sobrancelha algumas vezes.

– Talvez não, mas pelo menos o sonhador príncipe Kai sabe seu nome.

– *Imperador* Kai – corrigiu Cinder, franzindo a testa.

– Precisamente. – Thorne inclinou a cabeça para a frente da nave. – Estão iniciando uma coletiva de imprensa para falar sobre *você*. Achei que não ia querer perder – Thorne se abanou e fingiu que ia desmaiar – os maravilhosos olhos castanhos-chocolate e o cabelo perfeitamente descabelado, e...

Cinder pulou da cama e empurrou Thorne para o batente da porta ao passar.

– Ai – reclamou ele, esfregando o braço. – O que deu nos seus fios?

– Estou ajustando o canal agora. – A voz de Iko seguiu Cinder pelo compartimento de carga até o cockpit, onde a tela principal mostrava o imperador Kai em um pódio em frente a uma plateia de jornalistas. – A coletiva está só começando, e ele está tão *lindo* hoje!

– Obrigada, lko – disse Cinder, sentando na cadeira do piloto.

– Ei, essa é minha...

Ela silenciou Thorne com um aceno e ajustou o volume da tela.

– ... que podemos para encontrar os fugitivos – disse Kai. As olheiras sugeriam que fazia tempo que ele não tinha uma boa noite de sono. Ainda assim, vê-lo deixou Cinder quente de saudade e infeliz ao pensar nos últimos momentos em que o viu. Ela, depois de tropeçar na escada, caída no caminho de cascalho com os fios soltando fagulhas no tornozelo.

Ele... enojado, perplexo, desapontado.

Traído.

– Seleccionamos nossas naves mais velozes com a tecnologia de busca mais avançada e os melhores pilotos para encontrar os fugitivos. Eles tiveram sorte na fuga até agora, mas não esperamos que a sorte dure. A classe de nave que estão usando não foi feita para períodos longos em órbita. Vão acabar tendo que voltar à Terra, e estaremos prontos para encontrá-los.

– Em que tipo de nave eles estão? – perguntou uma moça na primeira fila.

Kai verificou as anotações.

– É uma nave de carga roubada da República da América, uma Rampion 214, Classe 11.3. Os mecanismos de rastreamento foram removidos, e esse é o fator responsável pelas dificuldades que tivemos para detê-los.

Thorne deu uma cutucada nas costas de Cinder com orgulho.

Na tela, Kai assentiu para outro jornalista nos fundos.

– O senhor disse que nossas forças militares estarão esperando quando eles voltarem à Terra. Quanto tempo o senhor acha que isso vai demorar, e o senhor vai interromper a busca espacial até lá?

– De jeito nenhum. Nosso objetivo principal é encontrá-los o mais rápido possível, e planejamos continuar a busca no espaço até que eles sejam encontrados. No entanto, meus especialistas calculam que a nave vai voltar à Terra a qualquer momento, entre dois dias e duas semanas, dependendo do combustível e das reservas de energia deles, e estaremos preparados para isso, se necessário. Sim?

– Minhas fontes me informaram que esse ciborgue, essa Linh Cinder...

– É você – sussurrou Thorne, dando outra cutucada. Ela deu um tapa para afastá-lo.

– ... ganhou um convite VIP para o baile anual e era, na verdade, convidada *sua*, Vossa Majestade. O senhor nega essa alegação?

– O quê? – perguntou Thorne.

– Convite VIP? – disse Iko.

Cinder deu de ombros e ignorou os dois.

Na tela, Kai se movimentou no pódio, com os braços completamente esticados, para dar a si mesmo espaço para respirar antes de limpar a garganta e se aproximar do microfone de novo.

– Não nego a alegação. Conheci Linh Cinder duas semanas antes do baile. Como muitos de vocês sabem, ela era uma mecânica famosa na cidade, e a contratei para consertar um

androide com defeito. E, sim, a convidei para ir ao baile, como minha convidada pessoal.

– *O quê?*

Cinder se encolheu por causa do grito agudo que saiu dos alto-falantes do cockpit.

– Quando isso aconteceu? É melhor que tenha sido depois que Adri me desmontou, porque se ele convidasse você para o baile e você não me contasse...

– Iko, estou tentando ouvir! – Cinder se contorceu na cadeira. Kai *tinha* convidado-a para ir ao baile antes de o corpo de Iko ser desmontado e vendido. Cinder teve oportunidade de contar a ela, mas ao mesmo tempo estava tão determinada a não aceitar o convite que não havia lhe parecido importante.

Quando Kai chamou outro jornalista, Cinder percebeu que tinha perdido uma pergunta inteira.

– O senhor sabia que ela era ciborgue? – perguntou uma mulher, com um tom de nojo não disfarçado.

Kai a encarou, parecendo confuso, depois dirigiu o olhar para a multidão. Aproximou os pés do pódio e uma ruga se formou entre as sobrancelhas.

Cinder mordeu a parte interna da bochecha e se preparou para a repulsa certa. Quem convidaria um ciborgue para o baile?

Mas Kai respondeu simplesmente:

– Não vejo por que ela ser ciborgue seja relevante. Próxima pergunta?

Os dedos de metal de Cinder tremeram.

– Vossa Majestade, o senhor sabia que ela era *lunar* quando fez esse convite?

Parecendo prestes a desmaiar de exaustão, Kai balançou a cabeça.

– Não. É claro que não. Inocentemente, ao que parece, eu estava sob a impressão de que não havia lunares na Comunidade das Nações Orientais. Excetuando-se nossos convidados diplomáticos aqui no palácio, é claro. Agora que trouxeram à minha atenção a forma como conseguem se misturar com a população, vamos tomar medidas adicionais de segurança para impedir que lunares migrem para cá e também para encontrar e deportar qualquer um que possa estar vivendo dentro de nossas fronteiras. Tenho toda intenção de cumprir os estatutos do Acordo Interplanetário do ano 54 da Terceira Era em relação a esse assunto. Sim, segunda fila.

– Com relação a Sua Majestade, a rainha Levana, ela ou alguém da corte lunar falou alguma coisa sobre a fuga da prisioneira?

Kai trincou os dentes.

– Ah, ela falou uma ou duas coisas sobre o assunto.

Atrás de Kai, um oficial do governo limpou a garganta. A irritação evaporou rapidamente do rosto do imperador e foi substituída por uma expressão neutra, calculada.

– A rainha Levana quer que Linh Cinder seja encontrada – acrescentou ele – e que seja punida.

– Vossa Majestade, o senhor acha que esses eventos podem afetar os procedimentos diplomáticos entre a Terra e Luna?

– Acho que não ajudaram.

– Vossa Majestade. – Um homem ficou de pé três fileiras atrás.
– Relatos de testemunhas do baile sugerem que a prisão de Linh Cinder foi parte de um acordo entre o senhor e a rainha, e que soltá-la poderia ser motivo para a deflagração de uma guerra. Há motivos para acreditar que a fuga da ciborgue poderia levar a uma ameaça maior à segurança nacional?

Kai ia coçar atrás da orelha, mas percebeu o tique nervoso e pousou a mão de volta no pódio.

– A palavra *guerra* vem sendo dita entre Terra e Luna há gerações. É minha prerrogativa, como fora a do meu pai, evitar isso a todo custo. Garanto que estou fazendo tudo em meu poder para não prejudicar nosso frágil relacionamento com Luna, começando por encontrar Linh Cinder. Isso é tudo, obrigado.

Ele saiu do palco com uma onda de perguntas não respondidas e foi puxado para uma conversa sussurrada entre integrantes do governo.

Fazendo beicinho, Thorne se encolheu no assento do copiloto.

– Ele não falou de mim. Nem uma vez.

– Nem de mim – disse Iko, sem pena.

– Você não é uma presidiária fugitiva.

– Verdade, mas Sua Majestade e eu nos conhecemos no mercado. Me pareceu que tínhamos uma forte ligação. Você não achou, Cinder?

As palavras foram absorvidas pela interface auditiva de Cinder sem fazer sentido algum. Não respondeu, incapaz de afastar o foco de Kai.

Ele estava sendo forçado a assumir a responsabilidade pelas ações dela. Estava tendo que encarar injustamente as repercussões das decisões dela. Depois da fuga, teve que lidar sozinho com a rainha Levana.

Cinder fechou os olhos para não vê-lo mais e esfregou a têmpora latejante.

– Mas eu sou um fugitivo procurado, como Cinder – prosseguiu Thorne. – Eles perceberam que desapareci, não?

– Talvez estejam agradecidos – murmurou Cinder.

Thorne resmungou alguma coisa incoerente, e em seguida fez-se um longo silêncio, durante o qual Cinder massageou a testa e tentou se convencer de que tinha feito a coisa certa.

Thorne girou e apoiou os pés no braço da cadeira de Cinder, empurrando o cotovelo dela.

– Agora entendo por que você anda tão imune ao meu charme. Eu não fazia ideia de que estava competindo com um imperador. É um adversário difícil, mesmo para mim.

Ela riu com deboche.

– Não seja ridículo. Nem o conheço direito, e agora ele me despreza.

Thorne riu e prendeu os polegares nos passadores do cinto.

– Tenho grandes instintos quando o assunto é *amore*, e ele não despreza você. Além do mais, convidar um ciborgue para o baile? É preciso coragem. Costumo não gostar de realeza e oficiais do governo por princípio, mas tenho que dar crédito a ele por isso.

Cinder ficou de pé, empurrou os pés de Thorne da cadeira dela e liberou o caminho até a porta.

– Ele não sabia que eu era ciborgue.

Thorne inclinou a cabeça quando ela passou.

– Não sabia?

– É claro que não – disse ela, saindo do pequeno cockpit.

– Mas agora sabe que você é ciborgue e ainda gosta de você.

Ela girou na direção dele de novo e apontou para a tela.

– Você percebeu *isso* em uma coletiva de dez minutos na qual ele disse que está fazendo tudo que pode para me caçar e me entregar para execução?

Thorne deu um sorrisinho. Com uma voz horrível e arrogante que Cinder supôs ser imitação de Kai, ele disse:

– Não vejo por que ela ser ciborgue seja relevante.

Revirando os olhos, Cinder deu as costas para ele.

– Ei, volte aqui! – As botas de Thorne bateram no chão atrás dela. – Tenho outra coisa para mostrar.

– Estou ocupada.

– Prometo não debochar mais do seu namorado.

– Ele não é meu namorado!

– É sobre Michelle Benoit.

Cinder inspirou lentamente e virou.

– O quê?

Thorne hesitou, com medo de se mover caso ela se irritasse de novo, mas acabou inclinando a cabeça na direção do painel do cockpit atrás.

– Venha dar uma olhada nisso.

Suspirando, Cinder andou até ele e apoiou os cotovelos nas costas de sua cadeira.

Thorne desligou o canal de notícias.

– Você sabia que Michelle Benoit tem uma neta adolescente?

– Não – respondeu Cinder, entediada.

– Ah, tem. A srta. Scarlet Benoit. Supostamente, ela acabou de fazer dezoito anos, mas, ouça só isso, ela não tem nenhum registro hospitalar. Sacou? Minha nossa, sou um gênio.

Cinder fez uma expressão de desprezo.

– Não entendi.

Thorne inclinou o pescoço para trás e olhou para ela de cabeça para baixo.

– Ela não tem nenhum *registro hospitalar*.

– E daí?

Ele girou a cadeira para olhar para Cinder.

– Você conhece uma única pessoa que não tenha nascido em hospital?

Cinder refletiu.

– Está sugerindo que ela poderia ser a princesa?

– É exatamente o que estou sugerindo.

A tela mostrou um perfil e uma foto de Scarlet Benoit. Era bonita, com curvas pronunciadas e cachos ruivos de cor intensa.

Cinder apertou os olhos para a imagem. Uma adolescente sem registro de nascimento. Parente de Michelle Benoit.

Que conveniente.

– Que bom. Excelente trabalho de detetive, capitão.

CAPÍTULO

Vinte e Cinco

SCARLET SONHOU QUE UMA NEVASCA COBRIA TODA A EUROPA camada de neve que ia até o pescoço. Era criança de novo, desceu a escada e encontrou a avó ajoelhada em frente ao fogão à lenha.

– Pensei que tinha encontrado uma pessoa para acolher você – disse a avó. – Mas ela não quer vir buscá-la, com toda essa neve. Acho que vou ter que esperar até a primavera para me livrar de você.

Ela cutucou o fogo. Fagulhas voaram nos olhos de Scarlet, fazendo-os arder, e ela acordou com as bochechas molhadas, os dedos parecendo gelo. Por muito tempo, não conseguiu distinguir o que era sonho e o que era lembrança. Neve, mas não tanta neve. A avó esperando para mandá-la para longe, mas não quando ela era criança. Quando era adolescente. Com treze anos.

Foi em janeiro ou um pouco mais adiante no inverno? Ela lutou para encaixar as lembranças vagas. Precisava tirar o leite da vaca, uma tarefa que odiava, e suas mãos ficavam tão dormentes que ela ficava com medo de apertar as tetas com força demais.

Por que não tinha ido à escola naquele dia? Era fim de semana? Férias?

Ah, sim. Ela tinha visitado o pai e voltara no dia anterior. Era para ter ficado com ele um mês inteiro, mas não conseguiu suportar. A bebedeira, a volta ao apartamento no meio da noite. Scarlet tomou o trem de volta para casa sem contar para ninguém, pegando a avó de surpresa com sua chegada. Em vez de ficar feliz em vê-la, a avó ficou zangada por Scarlet não ter mandado uma mensagem para avisar o que estava acontecendo. Elas brigaram. Scarlet ainda estava furiosa com ela quando tirava o leite da vaca, com os dedos congelando.

Foi a última vez que ela andou no trem de levitação magnética. A última vez que viu o pai.

Ela se lembrava de fazer as tarefas apressadamente, desesperada para terminar e poder entrar e se aquecer. Só viu o aerodeslizador na frente quando voltava correndo. Tinha visto muitos aerodeslizadores enquanto morava na cidade, mas eram raros no campo, onde os fazendeiros preferiam naves maiores e mais rápidas.

Scarlet entrou sorrateiramente pela porta de trás e ouviu a avó na cozinha com um homem, conversando com vozes abafadas. Contornou lentamente a escadaria, com os pés silenciosos nos azulejos de terracota.

– Não consigo imaginar que peso ela tem sido para você todos esses anos – disse um homem com sotaque oriental.

Scarlet franziu a testa e sentiu o calor da cozinha nas bochechas quando espiou pela fresta na porta. Ele estava sentado à mesa, com uma caneca nas mãos. Tinha cabelo preto sedoso e um rosto longo. Scarlet nunca o tinha visto antes.

– Ela não tem dado o trabalho que pensei que daria – disse a avó, que estava fora do seu campo de visão. – Quase me afeiçoei a ela depois de todos esses anos. Mas devo dizer que vou ficar feliz quando for embora. Não vou mais entrar em pânico cada vez que uma nave desconhecida passar voando.

A garganta de Scarlet se apertou.

– Você disse que ela estaria pronta para partir em uma semana? É possível?

– Logan parece pensar que sim. Esse seu dispositivo é tudo que estávamos esperando. Se o procedimento correr bem, pode até ser antes. Mas você vai ter que ser paciente. Ela vai estar bem fraca e bastante desnorteada.

– É compreensível. Não consigo imaginar como deve ser para ela.

Scarlet colocou a mão tapando a boca para esconder a respiração.

– Você está com as acomodações preparadas?

– Sim, estamos preparados. Vai demorar um pouco para nos acostumarmos também, mas tenho certeza de que vai dar certo depois que ela se acostumar. Tenho duas meninas mais ou menos da idade dela, de doze e nove anos. Tenho certeza de que vão se gostar, e vou tratá-la como se fosse minha.

– E quanto à madame Linh? Ela está preparada?

– Preparada? – O homem riu, mas o som foi rouco e desconfortável. – Ela não poderia ter ficado mais atônita quando sugeri a ideia de adotar uma terceira garota, mas é uma boa mãe. Lamento por ela não ter podido vir comigo, mas eu queria

chamar o mínimo de atenção possível. É claro que ela não *sabe* sobre a garota. Não... tudo.

Scarlet deve ter emitido algum som, porque o homem de repente ergueu o olhar e a viu. Ele se enrijeceu.

A cadeira da avó foi arrastada no chão e a porta foi aberta. Ela estava furiosa. Scarlet também estava furiosa com a avó.

– Scarlet, você sabe que não deve xeretar. Vá para o seu quarto!

Ela queria gritar, bater os pés, dizer que não podia dispensá-la como se não fosse nada, não novamente. Mas as palavras não surgiram. Ficaram entaladas na base da garganta.

Assim, fez o que a avó mandou, batendo os pés na escada e entrando no quarto antes que a avó pudesse ver suas lágrimas.

O problema não foi só descobrir que não era desejada, nem que poderia ser entregue a qualquer estranho que fosse buscá-la. O problema era que, depois de seis longos anos, ela começara a se sentir parte dali. A achar que a avó a amava, mais do que a mãe a amara, mais do que o pai. Que talvez as duas formassem um time.

Depois daquela manhã, ela viveu com medo por uma semana. Duas semanas. Um mês.

Mas o homem nunca foi buscá-la, e ela e a avó nunca voltaram a falar do assunto.

– Scarlet?

O aperto do braço de Lobo na cintura levou Scarlet de volta para o presente, para o vagão de trem que estava desacelerando. Ela estava encolhida como uma criança de costas para ele, e apesar de estar com os olhos apertados, algumas lágrimas

quentes escaparam, rolaram pelo nariz e escorreram até seu queixo. Ela as secou rapidamente.

Lobo se ergueu atrás dela.

– Scarlet? – A voz dele estava nervosa.

– Tive um sonho ruim – disse ela, não querendo que pensasse que as lágrimas tinham alguma coisa a ver com ele. O trem já estava parando, e ela se deitou de costas. Ainda devia ser noite, pela escuridão que dominava o vagão do trem, mas o brilho nada natural dos néons da cidade se refletia nas caixas perto da porta, espalhando tons de rosa e verde.

– Me lembrei de uma coisa – sussurrou ela. – Acho que pode ter relação com a princesa.

Ele ficou tenso.

– Eu agora me lembro de minha avó ter mencionado Logan, mas ela não queria que eu escutasse. Eu ouvi atrás da porta. E havia outro homem... – Ela contou a história da melhor forma que conseguiu, juntando as partes da lembrança de novo quando o cérebro ameaçou se confundir.

Quando acabou, ficou parada, ouvindo o assobio do vento do lado de fora dos vagões. A lateral do corpo estava toda doída por dormir em uma caixa dura.

Em vez de parecer aliviado ou esperançoso, Lobo olhou para ela apavorado.

– É o que estão procurando, não é? Só *pode* ser da princesa que eles estavam falando. Não sei onde ela estava, nem quem estava cuidando dela. Eu nunca a vi. O tempo todo, achava que ela estava planejando *me* mandar embora, mas agora... Depois do que você

me contou sobre Logan Tanner e grand-mère e a princesa Selene...

Lobo se afastou dela, se sentou e puxou os joelhos para o peito. Olhou sem ver as pilhas de caixas ao redor.

– Aquele homem tinha sotaque. Acho que era da Comunidade das Nações Orientais. – Scarlet se sentou ao lado dele e puxou o cabelo para um lado. – E tenho certeza de que vovó chamou a esposa dele de “madame Linh”. Não sei se é um nome comum, mas... Eu o reconheceria se o visse de novo. Tenho certeza de que sim.

– Não diga isso. – Lobo colocou as mãos nos ouvidos. – Eu não ouvi isso.

Scarlet piscou, perplexa pela cara dele.

– Lobo? – Ela esticou o braço e puxou as mãos dele. – Isso é bom, não é? Eles querem informações, e eu as tenho. Vamos negociar. Vamos trocar pela segurança da minha avó. Não é...?

– Não vá.

O olhar dele pareceu prendê-la na escuridão. Cabelo desgrenhado, cicatrizes leves, traços de sono nos olhos. Lobo enrolou um cacho do cabelo dela nos dedos.

– Não vá procurar sua avó.

Um raio de luz laranja brilhou pela porta e sumiu.

– Eu tenho que ir.

– Não, Scarlet, você não tem que ir – disse, segurando a mão dela. – Não tem nada que você possa fazer por ela. Se você for, só vai se colocar em perigo. Sua avó ia querer isso?

Scarlet afastou a mão.

– Podemos fugir – continuou ele, com os dedos procurando contato, procurando espaço nos bolsos dela. – Vamos desaparecer na floresta. Vamos para a África, ou para a Comunidade das Nações Orientais. Podemos sobreviver, e eles nunca vão nos encontrar. Posso manter você em segurança, Scarlet. Posso proteger você.

– Do que você está falando? Ontem à noite mesmo você disse que, se eu tivesse qualquer informação, isso poderia ajudar, poderia ser a única chance da minha avó, e agora eu tenho. Pensei que fosse o que você quisesse.

– *Talvez* – disse ele. – Talvez, se você tivesse nome completo, endereço, alguma coisa específica. Mas um sobrenome e um país, um país enorme, e uma descrição? Scarlet, se você contar isso para eles, só vão prender *você* na esperança de poder identificar o homem.

Ela puxou o zíper e o observou, viu a forma como os olhos dele ficavam mais enlouquecidos a cada inspiração.

– Que bom – retrucou. – Então vamos propor um troca: eu por minha avó.

Ele se encolheu, balançando a cabeça, mas Scarlet estava firme.

– Vamos juntos. Você pode dizer que tem informações, mas só vai dar a eles com a condição de deixarem você ir embora livremente com minha avó junto. E aí, podem ficar comigo.

Lobo tremeu.

– Lobo, você precisa me prometer que vai cuidar dela. Não sabemos em que tipo de condições ela vai estar. Se eles tiverem...

se ela estiver ferida... você vai ter que cuidar dela. – Sua voz falhou, mas não houve mais lágrimas. Ela estava decidida.

Até...

– E se ela já estiver morta, Scarlet?

O medo tomou conta dela junto com as palavras que ela se recusava a enunciar por medo de tornar a situação real. O trem ainda estava diminuindo de velocidade, e Scarlet conseguia ouvir o som furioso da cidade: aerodeslizadores e telas e alarmes avisando às pessoas para se afastarem dos trilhos. Era tarde da noite, mas na cidade nunca havia silêncio.

– Você acha que ela está morta? – A voz dela tremeu. O coração latejou enquanto esperava uma resposta. – Acha que a mataram?

Cada momento se enrolava no pescoço de Scarlet, estrangulando-a, até que a única palavra possível de sair dos lábios de Lobo era *sim*. Sim, ela estava morta. Eles a tinham assassinado. Aqueles monstros a assassinaram.

Scarlet apertou as palmas das mãos na caixa, tentando empurrar o plástico.

– Me responda.

– Não – murmurou ele, dando de ombros. – Não, acho que não a mataram. Ainda não.

Scarlet tremeu de alívio. Cobriu o rosto com as mãos, tonta pelo furacão de emoções.

– Graças às estrelas – sussurrou. – Obrigada.

O tom dele ficou mais duro.

– Não me agradeça por contar a verdade quando teria sido misericordioso mentir para você.

– Misericordioso? Me dizer que ela está morta? Partir meu coração?

– Fazer você acreditar que ela estava morta era a única chance que eu tinha de convencer você a não ir procurá-la. Nós dois sabemos disso. Eu devia ter mentido.

O zumbido dos trilhos aumentou quando o trem se aproximou da estação. Vozes gritaram. Máquinas estalaram e chiaram.

– Não é uma decisão sua – disse ela, pegando o tablet e verificando a localização deles. Tinham chegado em Paris. – Tenho que ir atrás dela. Mas você não precisa ir comigo.

– Scarlet...

– Não, escute. Agradeço sua ajuda. Me trouxe até aqui. Mas posso prosseguir sozinha. Só me diga para onde ir, e vou encontrar o caminho sozinha.

– Talvez eu não diga.

Scarlet enfiou o tablet no bolso, a raiva esquentando suas bochechas. Ao ver a expressão de Lobo, porém, viu não teimosia, mas pânico. Os dedos dele abriam e fechavam sem parar.

Deixou o ressentimento crescente de lado. Deslizou para perto de Lobo e segurou o rosto dele com as mãos. Ele se encolheu, mas não se afastou.

– Eles vão querer essa informação, não vão?

A expressão dele era de pedra.

– Vamos me oferecer para troca. Você e grand-mère podem ir para um lugar seguro, cuidar um do outro, e quando me soltarem,

vou procurar vocês. Não podem ficar comigo para sempre.

Ela deu o melhor sorriso que conseguiu e esperou que ele retribuísse. Mas não o fez. Ela passou os polegares pelas bochechas dele e o beijou. Apesar de puxá-la imediatamente para perto de si, Lobo não permitiu que o beijo fosse demorado.

– Não há garantia de que vão soltar você. Quando terminarem, podem matar você. Você está sacrificando sua vida pela dela.

– É um risco que tenho que correr.

O trem parou e baixou sobre os trilhos.

Os olhos de Lobo adquiriram uma expressão de tristeza.

– Eu sei. Você vai fazer o que tiver que fazer. – Tirou as mãos dela de seus ombros e deu um beijo doce no punho, onde o sangue pulsava sob a pele. – E eu também.

CAPÍTULO

Vinte e Seis

A PLATAFORMA SUBTERRÂNEA ESTAVA BEM-ILUMINADA E RE androides e carrinhos flutuantes prontos para recolher a carga do trem. Scarlet seguiu Lobo até as sombras de outro trem de carga. Esperaram um androide dar a volta antes de se esgueirarem até a plataforma.

Lobo segurou o pulso dela e a puxou, se escondendo atrás de um carrinho lotado de caixas. Um momento depois, Scarlet viu um androide entrar no vagão do qual ela e Lobo tinham acabado de sair, a luz azul saindo pela porta.

– Esteja pronta para correr quando o trem partir – disse Lobo, ajeitando a bolsa no ombro. Segundos depois, o trem se ergueu nos trilhos e começou a deslizar de volta para o túnel.

Scarlet correu na direção dos trilhos, mas foi puxada para trás pelo capuz. Solto um grito estrangulado e se chocou no corpo de Lobo.

– O qu...?

Ele colocou um dedo na boca.

Scarlet olhou para ele com irritação e puxou o capuz, mas logo ouviu também. O zumbido de um trem que se aproximava.

Foi na terceira linha, e passou voando sem nenhuma indicação de parar, sumindo na escuridão de novo com a mesma

rapidez que chegou.

Lobo sorriu.

– Agora podemos ir.

Chegaram à outra plataforma sem dar de cara com mais nada, vistos apenas por um homem de meia-idade que os observou com curiosidade por cima do tablet.

Scarlet olhou para o próprio aparelho quando eles chegaram à rua. A cidade estava silenciosa na madrugada. Haviam saído da Gare de Lyon, cercados de avenidas cheias de lojas e escritórios. Embora Lobo tentasse esconder, Scarlet notou que ele estava farejando em busca de alguma coisa.

Ela só conseguia sentir o cheiro da cidade. De metal e asfalto, e pão sendo assado na padaria mais próxima, na esquina.

Lobo seguiu para o noroeste.

A rua estava ladeada de imponentes estruturas de belas artes da segunda era e floreiras penduradas em janelas envoltas em pedra. Havia uma torre de relógio decorada ao longe, com a face iluminada exibindo dois ponteiros largos e algarismos romanos; abaixo uma tela digital que dizia 04h26 ao lado de um anúncio do mais moderno modelo de androide doméstico.

– Estamos muito longe? – perguntou Scarlet.

– Não muito. Podemos ir andando.

Viraram à esquerda em uma rotatória, Lobo meio passo à frente, curvado como se estivesse se protegendo. O olhar de Scarlet seguiu pelo braço dele, pelo ferimento com curativo que não parecia mais incomodá-lo, até os dedos inquietos. Queria

esticar a mão até a dele, mas achou impossível. Então, enfiou as duas nos bolsos do moletom.

Havia um abismo se abrindo entre eles, destruindo o que tinham compartilhado no trem. Estavam quase lá, perto da avó dela, perto da Ordem da Matilha.

Talvez ele a estivesse levando em direção à morte.

Talvez Lobo estivesse marchando em direção à própria morte.

Ela ergueu a cabeça, se recusando a provocar medo em si mesma com pensamentos soturnos. Tudo que importava agora era salvar sua avó, e estavam muito perto. Muito perto.

As residências antigas se apertavam, mais próximas à rua, conforme deixavam o cruzamento movimentado para trás. Só havia ocasionais sinais de vida: um gato se lambendo na janela de uma chapelaria, um homem de terno andando rapidamente de um hotel para um aerodeslizador. Passaram por uma tela que mostrava um comercial de xampu que prometia mudar a cor do cabelo da pessoa de acordo com o humor.

Ela já desejava a solidão da fazenda de novo. Era a única realidade que conhecia. A fazenda e a avó e as entregas semanais. E agora, Lobo. Essa era a realidade que queria.

Lobo acelerou o passo, mas os ombros estavam encolhidos de novo. Scarlet trincou os dentes, esticou a mão e segurou o pulso dele.

– Não posso deixar você fazer isso – disse, com mais raiva do que pretendia. – Só me diga onde fica e vou sozinha. Só me diga o que fazer. Me dê alguma pista sobre o que vou encontrar, e vou pensar em alguma coisa, mas não posso deixar você ir comigo.

Ele a encarou por um longo tempo, e ela tentou ver delicadeza naqueles olhos verdes e austeros, mas o calor e o desespero que estavam tão evidentes no trem agora tinham sido substituídos por uma resolução fria. Ele afastou o braço.

– Está vendo o homem sentado em frente ao café fechado do outro lado da rua?

Ela virou o rosto e viu o homem sentado em uma das mesas na rua. Um dos tornozelos estava apoiado no joelho da outra perna e o cotovelo, nas costas da cadeira. Estava olhando para eles e não tentou disfarçar. Quando Scarlet olhou nos seus olhos, o homem deu uma piscadela.

Um arrepio percorreu sua pele.

– Integrante da matilha – disse Lobo. – Passamos por outro na estação, dois quarteirões atrás. E... – Inclinou a cabeça. – Se o fedor for algum sinal, estamos prestes a dar de cara com outro quando dobrarmos a próxima esquina.

O coração dela disparou de repente.

– Como eles sabiam que estávamos aqui?

– Desconfio que estavam esperando por nós. Deviam estar rastreando sua identificação.

Era o que as pessoas faziam quando fugiam e não queriam ser encontradas: elas arrancavam os chips de identificação.

– Ou a sua – murmurou ela. – Se tiverem acesso a um rastreador de identificação, talvez estivessem seguindo você.

– Pode ser. – A voz dele soou indiferente, e ela percebeu que isso não era novidade para Lobo. Será que ele achava isso possível? Será que foi assim que Ran os encontrou?

– É melhor então irmos descobrir o que eles querem. – Lobo virou, e ela precisou correr para acompanhá-lo.

– Mas são só três. Você consegue lutar com eles, não consegue? Você disse que conseguia... – Scarlet hesitou. Ele tinha dito que conseguia vencer uma luta contra seis lobos. Quando esses animais selvagens tinham virado sinônimo daqueles homens, daquela Ordem da Matilha? – Você ainda pode fugir. Ainda há chance – concluiu.

– Eu disse que protegeria você, e é isso que vou fazer. Não tem sentido continuar essa discussão.

– Não preciso da sua proteção.

– Precisa. – A palavra se misturou ao barulho sintético de um vídeo de música em um outdoor próximo. – Precisa, *sim*.

Scarlet parou na frente dele e firmou os pés. Ele quase se chocou com ela.

– Não – disse ela. – O que preciso é saber que não sou responsável pelo que fizerem com você. Você precisa parar de ser burro e sair daqui. Pelo menos dê uma chance a si mesmo!

Lobo olhou por cima da cabeça dela para um local ao longe. Scarlet ficou tensa, se perguntando se ele tinha captado a presença de um quarto integrante da matilha, ou até mais. Engoliu em seco e olhou para o homem no café, que estava coçando a orelha e observando-os com divertimento óbvio no rosto.

– A burrice não é tentar proteger você – disse Lobo, voltando a atenção para ela. – A burrice é que quase acredito que vai fazer diferença.

Ele a contornou ignorando a mão que se levantara para impedi-lo. Os pensamentos dela ficaram confusos com a ideia de que tinha escolha. Podia fugir com ele, sair da cidade e não voltar nunca. Podia escolher não ir em busca da avó, afinal, e talvez salvar a vida dele.

Mas não era uma escolha real. Mal o conhecia. Apesar da dor no coração, apesar de tudo. Jamais conseguiria viver consigo sabendo que tinha abandonado a avó quando estava tão perto.

Ela virou só uma vez, quando eles estavam dobrando uma esquina, e viu que o homem do café tinha sumido.

Um quarteirão depois, as lembranças da Quarta Guerra Mundial surgiram de repente. Havia as marcas de queimadura e fachadas desmoronando de uma cidade atingida pela guerra. Não havia sobrado belos prédios suficientes para atrair o interesse de quem lutava pela preservação, e a mera quantidade de destruição devia ter sido demais para possibilitar a reconstrução. Incapaz de demolir a história da cidade, o governo deixou aquele quarteirão como estava. Os bairros, apesar de separados por poucas ruas, pareciam estar a quilômetros um do outro.

Sufocando um gritinho, Scarlet reconheceu o enorme prédio que ocupava o outro lado da rua, com as janelas em arco quebradas e as estátuas de homens de roupas antiquadas, muitos com membros quebrados e algumas alcovas vazias. Le Musée du Louvre, uma das poucas atrações à qual o pai a tinha levado quando criança. O prédio, parcialmente desmoronado no lado oeste, estava instável demais para se entrar, mas ela e o pai ficaram de pé na calçada enquanto ele falava sobre as valiosas

obras de arte que foram destruídas nos bombardeios, das poucas que tiveram a sorte de terem se tornado espólio de guerra.

Muitas ainda não tinham sido encontradas, mais de um século depois.

Era uma das poucas lembranças boas que tinha do pai, e havia se esquecido completamente.

– Scarlet.

Ela virou a cabeça de repente.

– Por aqui. – Lobo inclinou a cabeça na direção de outra rua.

Ela assentiu e o seguiu sem olhar para trás.

Apesar do estado destruído do bairro, estava claro que aquelas ruas antigas não estavam completamente abandonadas. Um pequeno motel anunciava na janela: “Venha passar a noite com fantasmas de civis mortos.” Uma loja de artigos de segunda mão exibia manequins sem cabeça vestidos em uma série de tecidos vibrantes.

No cruzamento, Lobo parou em uma praça de concreto com entrada coberta para o metrô e uma placa que indicava que a plataforma estava fechada, e que a mais próxima ficava no Boulevard des Italiens.

– Está pronta?

Ela seguiu o olhar decidido até um prédio enorme e belo à frente. Anjos e querubins montavam guarda nas gigantescas portas em arco.

– O que é isso?

Lobo seguiu o olhar dela.

– Já foi um teatro de ópera e uma maravilha arquitetônica. Mas a guerra chegou e foi convertido em depósito de artilharia e, depois de um tempo, de prisioneiros de guerra. Quando mais ninguém o queria, nós o pegamos.

Scarlet franziu a testa ao ouvir a palavra *nós*.

– Parece meio ostensivo para uma gangue de rua secreta, não acha?

– *Você* desconfiaria de que havia uma coisa horrível morando aí dentro?

Como ela não respondeu, ele virou para observá-la enquanto se aproximavam do teatro enorme. Mais uma vez, perguntou:

– Está pronta?

Ela prendeu a respiração e examinou os entalhes: rostos sombrios e belos, bustos de homens olhando para ela, uma enorme sacada sem metade dos balaústres. Scarlet cerrou os dentes, atravessou a rua, subiu os degraus que ocupavam a largura do prédio e passou pelos anjos silenciosos e maltratados sob o pórtico de entrada.

– Estou pronta – respondeu, observando a confusão de pichações nas portas.

– Scarlet.

Ela virou de frente para ele, surpresa pela rouquidão que ouviu na voz dele.

– Me desculpe.

Ele teve o cuidado de não tocar nela ao passar.

Ela ficou com a boca seca quando avisos dispararam em sua cabeça e Lobo abriu a porta mais próxima e entrou nas sombras.

CAPÍTULO

Vinte e Sete

A PORTA SE FECHOU ATRÁS DELES. SCARLET SE VIU NO SAGUÃO 1
uma casa de ópera, escuro como piche, exceto por calorosas e tremeluzentes chamas de velas além dos arcos. O saguão estava tomado por silêncio, poeira e pedaços de mármore quebrado no chão. A poeira entrou na garganta de Scarlet, e ela lutou para não tossir enquanto se deslocava na direção da luz. Os passos soaram absurdamente altos no prédio vazio e oco quando passou entre duas colunas gigantescas.

Scarlet ficou sem ar. A luz vinha de uma de duas estátuas que flanqueavam uma enorme escadaria dupla. Eram duas mulheres envoltas em tecidos leves no alto de um pedestal, cada uma segurando um buquê de tochas. Dezenas de velas de cera brilhavam e tremiam, projetando uma camada alaranjada e fantasmagórica no saguão. A escadaria, entalhada em mármore branco e vermelho, estava sem algumas balaustradas, e uma das estátuas similares à primeira estava sem cabeça e o braço que antes sustentara o candelabro.

Seu pé se afundou em uma poça e Scarlet pulou para trás, primeiro olhando para baixo, para o piso quebrado de mármore, depois para cima. Três andares de sacadas se erguiam acima e, no centro, aonde quase não chegava luz, havia um teto pintado com

uma claraboia quadrada no centro. Parecia que a vidraça não estava lá havia tempo.

Abraçando o próprio corpo, Scarlet virou para Lobo. Ele tinha parado de pé entre as colunas.

– Talvez estejam dormindo – disse ela, tentando parecer indiferente.

Lobo saiu das sombras e andou até a escadaria. Seu corpo estava tão tenso quanto os das estátuas que os observavam.

O olhar de Scarlet se dirigiu para os corrimões acima, mas ela não viu movimento, nenhum sinal de vida. Nenhum lixo. Nenhum cheiro de comida. Nenhum som de fala nem de telas. Até os sons da rua tinham desaparecido atrás das portas enormes.

Trincou os dentes e a raiva despertou dentro de si, com a sensação terrível de estar presa como um rato em uma ratoeira. Passando por Lobo, andou na direção da escada até os dedos dos pés tocarem o primeiro degrau.

– Olá? – gritou ela, olhando para cima. – Vocês têm visita!

As palavras ecoaram, hostis e desafiadoras.

Nenhum som. Nenhum alarme.

E então, no silêncio, um som leve de sino. Scarlet levou um susto ao ouvir o ruído que ecoava entre os pilares de mármore, apesar de vir, abafado, de seu bolso.

Com o coração disparado, pegou o tablet na hora em que a voz computadorizada começou a falar.

– *Mensagem para mademoiselle Scarlet Benoit de L'hôpital Joseph Ducuing em Toulouse.*

Scarlet piscou. Hospital?

Com as mãos tremendo, abriu a mensagem.

30 AGO 126 T.E.

**O OBJETIVO DESTA MENSAGEM É
INFORMAR A SCARLET BENOIT, DE
RIEUX, FRANÇA, FEDERAÇÃO
EUROPEIA, QUE ÀS 05H09 DE 30 AGO
126, LUC ARMAN BENOIT, DE PARIS,
FRANÇA, FEDERAÇÃO EUROPEIA, FOI
DECLARADO MORTO PELO MÉDICO DE
PLANTÃO ID #58279. SUPOSTA CAUSA
DA MORTE: INTOXICAÇÃO POR ÁLCOOL.
FAVOR RESPONDER DENTRO DE 24
HORAS CASO DESEJE UMA AUTÓPSIA
FEITA AO CUSTO DE 4500 UNIVS.
COM NOSSOS SENTIMENTOS,
EQUIPE DO L'HÔPITAL JOSEPH
DUCUING, TOULOUSE**

Mergulhada em confusão, seu coração perdeu o ritmo. Não conseguia absorver a mensagem, o cérebro a ficava repassando, de novo e de novo. Visualizou o pai da última vez que o viu, perdido em devaneios, torturado e com medo. Como tinha gritado com ele. Dissera que jamais queria voltar a vê-lo.

Como ele podia estar morto, apenas vinte e quatro horas depois? E não devia ter recebido uma mensagem quando ele deu

entrada no hospital? Não devia ter recebido um aviso?

Com o equilíbrio instável, olhou para Lobo.

– Meu pai está morto – disse, o sussurro mal se espalhando no espaço enorme. – Intoxicação por álcool.

Ele abriu a boca.

– Tem certeza?

A desconfiança dele demorou a ser percebida por causa da total apatia dela.

– Você acha que mandaram a mensagem por engano?

Um toque de pena brilhou nos olhos dele.

– Não, Scarlet. Mas acho que ele estava correndo um risco muito pior do que o prazer de beber.

Ela não entendeu. Seu pai tinha sido torturado, mas as marcas de queimadura não o teriam matado. A insanidade também não.

Em meio à névoa em seu cérebro, um instinto delicado e insinuante a mandou olhar para cima. Ela olhou.

Atrás de Lobo, ladeado por dois pilares que sustentavam castiçais apagados, havia um homem. Esguio e magro, com cabelo escuro e ondulado e olhos quase negros que ardiam à luz das chamas. Teria um sorriso agradável se Scarlet não tivesse levado um susto tão grande, tanto com a presença dele quanto pelo silêncio, e também pelo fato de Lobo não parecer surpreso por ele estar ali, nem se dar ao trabalho de olhar apesar de certamente sentir sua presença.

Mais apavorante do que tudo eram as roupas. Usava um casaco vermelho carmim largo na cintura com mangas longas e largas. Runas bordadas em dourado brilhavam nas beiradas. Era

quase como uma fantasia de criança, uma imitação da horrível corte lunar.

O medo vibrou no peito de Scarlet. Isso não era uma fantasia. Era um pesadelo, uma história de horror contada para fazer com que as crianças se comportassem.

Um taumaturgo. Um taumaturgo lunar.

– Oi – disse o homem, com uma voz doce e suave como caramelo derretido. – Você deve ser mademoiselle Benoit.

Ela cambaleou para trás no primeiro degrau e segurou o corrimão para se equilibrar. Em frente, Lobo baixou os olhos e virou. O homem o cumprimentou com um aceno educado.

– Alfa Kesley, fico feliz que tenha voltado em segurança. E, se entendi corretamente a mensagem que a moça acabou de receber, a tarefa de Beta Wynn em Toulouse também deve ter sido concluída. Parece que logo a matilha estará completa.

Lobo apertou o punho contra o peito e fez uma leve reverência.

– Fico feliz em saber, Mestre Jael.

Scarlet engoliu em seco e apoiou o quadril no corrimão.

– Não – disse, achando a voz na segunda tentativa. – Ele me trouxe aqui para encontrar minha avó. Não é mais parte do seu grupo.

O sorriso do homem foi caloroso e compreensivo.

– Entendo. Tenho certeza de que você deve estar ansiosa para ver sua avó. Espero poder reunir vocês duas em breve.

Scarlet fechou as mãos.

– Onde ela está? *Se você a machucou...*

– Ela está bem viva, eu garanto – disse o homem. Sem nenhuma mudança de expressão, se voltou para Lobo. – Me conte, alfa, você conseguiu cumprir seus objetivos?

Lobo baixou a mão ao lado do corpo. A obediência emanava dele como um disfarce leve e absurdo.

Uma dor de cabeça latejou nas têmporas de Scarlet. Os nervos zumbiam enquanto ela esperava, torcendo e desejando que ele contasse ao homem que tinha abandonado a matilha ridícula e nunca ia voltar.

Mas a esperança não demorou muito. Foi descartada antes mesmo de Lobo abrir a boca.

Esse homem não era um criminoso rebelde, um integrante de uma gangue paramilitar. Se era mesmo um taumaturgo, um taumaturgo de verdade de pé à frente dela, ele trabalhava para a coroa lunar.

E Lobo... o que isso fazia de Lobo?

– Eu a interroguei da melhor forma que pude – respondeu Lobo. – Ela só tem uma única lembrança vaga, mas duvido tanto da utilidade quanto da confiabilidade. O tempo e o estresse parecem ter afetado as lembranças, e a essa altura não tenho dúvidas de que criaria histórias falsas se acreditasse que poderiam ajudar a avó.

O taumaturgo ergueu a cabeça, refletindo. *Alfa Kesley.*

O coração de Scarlet martelou dentro do peito, pronto para sufocá-la.

Eu a interroguei da melhor forma que pude.

– Lobo.

Ele não olhou para ela. Não se moveu, nem suspirou, nem reagiu. Era uma estátua. Era um peão.

O taumaturgo emitiu um som triste.

– Não importa. – Em seguida, depois de um silêncio no qual Scarlet sentiu como se a escada estivesse desmoronando abaixo de si, acrescentou: – Ômega Kesley deveria ter informado a você que nossos objetivos mudaram. Vossa Majestade não está mais preocupada em identificar Selene.

Os dedos de Lobo tremeram.

– Ainda assim, está claro para mim que madame Benoit ainda não revelou todos os seus segredos. Talvez possamos encontrar outro uso para a mademoiselle.

Lobo levantou a cabeça ligeiramente.

– Se ela tivesse qualquer informação adicional, teria me contado. Tenho certeza de que a confiança dela era completa.

Scarlet meio que despencou no corrimão de mármore, segurando a base da estátua sem cabeça para não cair no chão.

– Tenho certeza de que você se saiu muito bem – disse o taumaturgo. – Não fique alarmado. Vou cuidar para que seus esforços recebam o reconhecimento apropriado.

– Quem é Beta Wynn? – perguntou Scarlet. – Qual era a missão dele em Toulouse? – A voz estava fraca, tomada de descrença enquanto ela tentava se equilibrar na escada. Lutou para acreditar que era um pesadelo. Em pouco tempo, acordaria no trem, nos braços de Lobo, e tudo aquilo aconteceria de maneira muito diferente. Mas não acordou, e o taumaturgo continuava olhando para ela com olhos escuros e solidários.

– A missão de Beta Wynn era matar seu pai de forma que não despertasse suspeitas – respondeu, sem problema nenhum, como se estivesse dizendo que horas eram. – Ofereci uma chance ao seu pai. Se ele tivesse encontrado alguma coisa útil na propriedade de madame Benoit, acho que eu realmente teria pensado em deixá-lo viver, talvez como escravo. Mas ele falhou após o prazo que demos, por isso fui obrigado a mandar silenciá-lo. Sabia muito sobre nós, entende, e tinha cumprido sua função. Infelizmente, temos pouca tolerância com terráqueos inúteis.

Ele sorriu, e a expressão pareceu fazer as entranhas de Scarlet se retorcerem, não por ser um sorriso cruel, mas por ser um sorriso gentil.

– Você parece estar se sentindo mal, mademoiselle. Talvez precise descansar um pouco antes de estar pronta para ver sua avó. Rafe, Troya, podem levar a moça para o quarto que preparamos para ela?

Os dois surgiram das sombras, homens que não passavam de manchas na lembrança de Scarlet. Eles a levantaram pelos cotovelos, sem se darem o trabalho de amarrá-la ou algemá-la.

A mente dela apagou e, antes que percebesse, estava enfiando a mão na cintura da calça.

A mão de Lobo chegou lá primeiro, e seu braço tocou de leve na lateral do corpo dela. A respiração ficou presa na garganta e Scarlet ficou paralisada, observando o rosto dele com olhos arregalados. Os olhos cor de esmeralda estavam vazios quando ele levantou as costas do moletom e puxou a arma.

Ele ia matá-los.

Ele ia protegê-la.

Girando a arma de forma a segurá-la pelo cano, Lobo a entregou a um dos captores.

Quando a severidade dele sumiu e indicou a presença de alguma coisa parecida com remorso, Scarlet firmou o maxilar.

– Um Soldado Leal da Ordem da Matilha?

Ela percebeu a dor quando ele engoliu em seco.

– Não. Agente Especial Lunar.

O salão girou.

Lunar. Ele era lunar. Trabalhava para eles.

Trabalhava para a rainha.

Scarlet virou a cabeça e forçou as pernas a serem fortes, se recusando a ser carregada como uma criança quando a guiaram até outra escadaria, que levava aos andares subterrâneos do teatro. Mas se recusou a dar a eles o prazer de uma luta.

A voz do taumaturgo soou atrás dela, benevolente.

– Você tem minha permissão para descansar até o pôr do sol, Alfa Kesley. Posso ver que seu esforço o exauriu.

CAPÍTULO

Vinte e Oito

KAI ANDOU POR TODO O ESCRITÓRIO, DA PORTA ATÉ A ESCRIV escrivaninha até a porta. Dois dias tinham se passado desde que Levana dera o ultimato: encontrar a garota ciborgue ou ela atacaria.

O prazo estava acabando, e cada hora fazia o medo de Kai aumentar. Não dormia havia mais de quarenta e oito horas. Com a exceção de cinco coletivas de imprensa nas quais ainda não tinha nada novo a relatar, também não saiu do escritório.

Ainda não havia sinal de Linh Cinder.

Nenhum sinal do dr. Erland.

Como se eles tivessem simplesmente desaparecido.

– Ah! – Ele passou as mãos pelo cabelo até o couro cabeludo doer. – *Lunares*.

O alto-falante em sua escrivaninha zumbiu.

– O androide real Nainsi pede permissão para entrar.

Kai soltou o cabelo com um gemido baixo. Nainsi estava sendo boa com ele nos últimos dias, levando quantidades absurdas de chá e não dizendo nada quando levava as xícaras ainda cheias e frias embora. Ela o encorajava a comer e lhe lembrava quando uma coletiva estava chegando, ou que tinha esquecido de retornar as mensagens do governador-geral da Austrália. Se não

fosse pelo título, “androide real Nainsi,” ele quase esperaria que uma humana entrasse pelas portas todas as vezes que era anunciada.

Kai se perguntou se seu pai tinha sentido a mesma coisa em relação aos seus assistentes andróides. Ou talvez Kai só estivesse delirando.

Afastando os pensamentos inúteis, Foi para trás da escrivaninha.

– Sim, entre.

A porta se abriu, e as rodinhas de Nainsi rolaram sobre o tapete. Não estava carregando a bandeja de comida que ele esperava.

– Vossa Majestade, uma mulher chamada Linh Adri e a filha, Linh Pearl, pediram uma reunião imediata. Linh-jiě diz que tem informações importantes sobre a fugitiva lunar. Eu a encorajei a procurar o Chefe Huy, mas ela insistiu em falar com o senhor diretamente. Verifiquei a identificação dela, e parece ser quem diz ser. Não tive certeza se devia mandá-la embora.

– Tudo bem. Obrigado, Nainsi. Mande-a entrar.

Nainsi saiu do escritório. Kai olhou para a camisa e abotoou o colarinho, mas concluiu que não havia nada que pudesse fazer quanto ao tecido amassado.

Um momento depois, duas estranhas entraram no escritório. A primeira, uma mulher de meia-idade com cabelo começando a ficar grisalho, e a outra, uma adolescente com cabelos densos e lisos que caíam pelas costas. Kai franziu a testa quando as duas fizeram uma reverência exagerada na sua frente, e só quando a

garota deu um sorriso tímido foi que ele se sentiu um idiota porque o cérebro embotado pela exaustão não percebeu os nomes delas quando Nainsi as anunciou. Linh Adri. Linh Pearl.

Não eram completamente estranhas. Tinha visto a garota duas vezes antes, uma na barraca de Cinder na feira, outra no baile. Ela era a meia-irmã de Cinder.

E a mulher.

A mulher.

Seu sangue gelou com a lembrança dela, piorada pelo olhar quase tímido que a adolescente lhe lançava agora. Ele também a tinha visto no baile. Quando ela estava prestes a bater em Cinder por ousar aparecer.

– Vossa Majestade – disse Nainsi, atrás delas. – Eu gostaria de apresentar Linh Adri-jiě e a filha, Linh Pearl-mèi.

As duas fizeram reverências de novo.

– Sim, oi – disse Kai. – Vocês são...

– Eu *era* a guardiã legal de Linh Cinder – disse Adri. – Por favor, perdoe a invasão, Vossa Majestade Imperial. Sei que o senhor é muito ocupado.

Ele limpou a garganta, desejando agora ter deixado o colarinho aberto. Já o estava estrangulando.

– Por favor, sentem – disse, apontando para os sofás ao redor da lareira holográfica. – Pode ir, Nainsi. Obrigado.

Kai andou na direção da poltrona, determinado a não se sentar ao lado de nenhuma das duas. Elas, por sua vez, se sentaram com as costas eretas no sofá, para não amassar os laços nas costas dos quimonos, e colocaram as mãos recatadamente no colo. A

semelhança entre as duas era incrível, e, é claro, não se pareciam em nada com Cinder, cuja pele sempre foi queimada pelo sol, cujo cabelo era mais liso e mais fino, e que demonstrava uma confiança implícita mesmo quando estava tímida e gaguejando.

Kai se controlou para não sorrir com a lembrança de Cinder tímida e gaguejando.

– Infelizmente não fomos apresentados de maneira formal quando nossos caminhos se cruzaram no baile na semana passada, Linh-jiě.

– Ah, Vossa Alteza Imperial é muito gentil. Adri, por favor. Para falar a verdade, estou tentando me distanciar da tutelada que agora carrega o nome do meu marido. E tenho certeza de que o senhor se lembra da minha adorável filha.

Ele direcionou a atenção para Pearl.

– Sim, nos conhecemos na feira. Você estava com alguns pacotes que queria que Cinder guardasse.

Ele ficou feliz em ver que a garota ruborizou e torceu para que estivesse se lembrando do quanto foi rude naquele dia.

– Também nos encontramos no baile, Majestade – disse Pearl.
– Falamos sobre minha pobre irmã, minha irmã verdadeira, que adoeceu e faleceu recentemente da mesma doença que levou seu ilustre pai.

– Sim, eu me lembro. Minhas condolências por sua perda.

Aguardou a esperada retribuição de condolências, mas ela não aconteceu. A mãe estava ocupada demais examinando o trabalho em madeira do escritório; a filha estava ocupada demais examinando Kai com falsa timidez.

Ele batucou no braço da poltrona.

– Meu androide me disse que vocês têm informações importantes para compartilhar, certo? Sobre Linh Cinder?

– Sim, Majestade. – Adri voltou a atenção para ele. – Obrigada por nos receber tão de repente, mas tenho informações que acho que poderiam ser úteis em sua busca por minha tutelada. Como cidadã preocupada, é claro que quero fazer o possível para ajudar e garantir que ela seja presa antes de causar mais danos.

– É claro. Mas perdoe-me, Linh-jiě, eu tinha a impressão de que você já tinha sido contatada e interrogada pelas autoridades como parte da investigação, não?

– Ah, sim, nós duas conversamos com homens muito gentis – disse Adri –, mas, depois disso, uma nova situação chegou à minha atenção.

Kai apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Vossa Majestade, acredito que o senhor conheça a filmagem das quarentenas, de cerca de duas semanas atrás, na qual uma garota atacou dois medidroides, não?

Ele assentiu.

– Claro. A garota que falou com Chang Sunto, o garoto que se recuperou da peste.

– Bem, na época eu estava distraída demais por ter acabado de perder minha filha caçula, mas desde então pude ver melhor o vídeo e estou convencida de que a garota é Cinder.

Kai franziu a testa, já repassando o vídeo na mente. A garota não foi vista claramente, pois a gravação era granulada e trêmula e só mostrava vislumbres das costas dela.

– É mesmo? – refletiu, tentando não parecer muito interessado. – O que faz você pensar isso?

– É difícil perceber pelo próprio vídeo, e eu não teria certeza do que digo se não fosse pelo fato de estar rastreando a identificação de Cinder naquele dia, pois ela vinha se comportando de maneira suspeita havia algum tempo. Sei que estava perto das quarentenas. Antes, pensei que só estivesse tentando fugir das tarefas domésticas, mas agora vejo que aquela aberraçãozinha tinha uma intenção muito mais sinistra em mente.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Aberração?

As bochechas de Adri ficaram vermelhas.

– Mesmo isso é muito gentil para ela, Vossa Majestade. O senhor sabe que ela nem é capaz de *chorar*?

Kai se encostou na poltrona. Depois de um momento ele percebeu que, em vez de ficar enojado como Adri claramente esperava, estava apenas curioso.

– É mesmo? Isso é normal em... em ciborgues?

– Não tenho como saber, Majestade. Ela foi o primeiro e espero que último ciborgue que terei a infelicidade de conhecer. Não consigo entender por que criamos ciborgues. São criaturas perigosas e orgulhosas, que andam por aí se achando melhores do que todo mundo. Como se merecessem tratamento especial por suas... excentricidades. Não passam de sugadores de nossa sociedade trabalhadora.

O colarinho começando a coçar, Kai limpou a garganta.

– Entendo. Você tinha dito alguma coisa sobre provas de que Cinder estava perto das quarentenas, não? E de que... fez alguma coisa sinistra?

– Sim, Vossa Majestade. Se o senhor puder fazer a gentileza de olhar minha página de identificação, verá que carreguei um vídeo que é bem incriminador.

Kai soltou o tablet do cinto, pensando nas filmagens da quarentena enquanto procurava a página de Adri. O vídeo estava no alto, uma imagem de baixa qualidade marcada com o símbolo dos androides policiais da Comunidade das Nações Orientais.

– O que é?

– Quando Cinder não atendeu minhas mensagens naquele dia e tive certeza de que ela ia fugir do país, fiz, como era meu direito e mandei que ela fosse capturada. Essa é a filmagem de quando a encontraram.

Prendendo a respiração, Kai iniciou o vídeo. Era a filmagem de um aerodeslizador, direcionada para uma rua poeirenta cercada de armazéns abandonados. E ali estava Cinder, ofegante e furiosa. Ela levantou um punho fechado para um androide.

– Eu não roubei isto! Pertence à família dela, não a você nem a mais ninguém!

A câmera tremeu quando o aerodeslizador pousou e o androide se aproximou dela.

Com expressão de raiva, Cinder deu meio passo para trás.

– Não fiz nada de errado. Aquele medidroide estava me atacando. Foi legítima defesa.

Kai observou com ombros tensos o androide falar em sua voz monótona sobre os direitos da guardiã legal dela e o Ato de Proteção dos Ciborgues, até que Cinder acabou concordando em acompanhá-lo e o vídeo terminou.

Kai levou meros quatro segundos para achar a filmagem da garota atacando o medidroide das quarentenas e apertou mais o aparelho ao encaixar as peças do quebra-cabeça. Sentiu-se como um tolo pela centésima vez naquela semana.

Fazia sentido ser Cinder. É claro que era Cinder. Tinha dado o antídoto horas antes para o dr. Erland bem na frente dela. Erland deve ter passado para ela, e ela o deu para Chang Sunto. E, apesar de as câmeras não terem conseguido uma boa imagem, o rabo de cavalo agitado e a calça cargo eram os mesmos.

Engolindo em seco, desligou o vídeo e prendeu o tablet no cinto.

– Do que ela estava falando, o que ela não roubou? Que pertence à família dela?

Adri apertou a boca, e rugas profundas surgiram sobre o lábio superior.

– Uma coisa que realmente pertencia à família dela, àqueles que respeitariam apropriadamente os falecidos. E Cinder mutilou algo que já foi muito precioso a mim para conseguir.

– Ela o quê?

– Acredito que ela tenha roubado o chip de identificação da minha filha minutos depois da sua morte. – Adri colocou a mão na seda que cobria sua barriga. – Pensar nisso faz meu estômago revirar, mas sei que devia ter esperado. Cinder sempre teve

inveja das minhas filhas, sempre teve mágoa. Apesar de não poder imaginá-la chegando a um nível tão baixo antes, agora que conheço a verdadeira natureza dela, não me surpreendo. Merece ser encontrada e punida pelo que fez.

Kai se afastou do veneno naquela voz, não conseguindo ligar as acusações às lembranças que tinha de Cinder. Pensou nos caminhos que se cruzaram no elevador, nos olhos dela cheios de tristeza enquanto falava da irmã doente. Na forma como perguntou se Kai dançaria com ela caso a garota milagrosamente sobrevivesse.

Ou será que todas as lembranças que tinha de Cinder não passavam de truque lunar? O que realmente sabia sobre ela?

– Tem certeza?

– Os relatos alegam que a arma usada contra os andróides foi um bisturi, e tudo aconteceu momentos depois que recebi a mensagem me informando que minha filha... minha filha... – Seu queixo tremeu, os nós dos dedos ficaram brancos entrelaçados no colo. – E consigo vê-la tentando pegar a identificação de Peony naquela cabeça *inumana* dela. – Ela fez uma cara de desgosto. – Me dá calafrios pensar nisso, mas é precisamente o tipo de coisa que ela faria.

– E você acha que ela ainda poderia estar com esse chip de identificação?

– Isso, Majestade, não tenho como dizer. Mas é uma possibilidade.

Com um movimento afirmativo de cabeça, Kai ficou de pé. Adri e Pearl olharam para ele, mudas, antes de ficarem

rapidamente de pé também.

– Obrigado por me trazer essas informações, Linh-jiě. Vou preparar imediatamente um rastreio para a identificação dela. Se estiver com o chip, vamos encontrá-la.

Enquanto falava, se viu implorando às estrelas para Adri estar errada. Para Cinder não ter guardado o chip de identificação. Mas era um desejo burro, um desejo imaturo. Ele precisava encontrá-la, e só tinha mais um dia para isso. Não queria descobrir o que Levana faria se falhasse.

– Obrigada, Vossa Majestade – disse Adri. – Só quero saber que a memória da minha filha não será manchada só porque fui generosa o bastante e permiti que aquela garota horrível entrasse na minha família.

– Obrigado – respondeu, sem saber por que estava agradecendo. Só parecia a coisa certa a dizer. – Se tivermos mais perguntas, vou pedir que alguém entre em contato com você.

– Sim, é claro, Majestade – disse Adri com uma reverência. – Só desejo ajudar meu país e ver essa garota horrenda pagar pelo que fez.

Kai baixou a cabeça.

– Você sabe que, quando for encontrada, a rainha Levana pretende que seja executada, não sabe?

Adri cruzou as mãos delicadamente à frente do corpo.

– Tenho certeza de que a lei existe por um motivo, Vossa Majestade.

Apertando os lábios, Kai se afastou do sofá e as levou na direção da porta.

Depois de mais duas reverências, Pearl saiu da sala batendo os cílios para Kai até não conseguir inclinar mais o pescoço para trás, mas Adri fez uma pausa na porta. Fez mais uma reverência.

– Foi uma grande honra, Majestade.

Ele sorriu rigidamente.

– Eu estava pensando... não que isso tenha a mínima importância, mas só a título de curiosidade... *se* isso levar a qualquer descoberta na investigação... devo esperar algum tipo de recompensa por minha ajuda?

CAPÍTULO

Vinte e Nove

A CELA DE PRISÃO DE SCARLET TINHA COMEÇADO A VIDA COMO CA contornos vagos de espelhos e penteadeiras estavam evidentes na parede, e as fileiras de lâmpadas que os cercavam estavam reduzidas a buracos vazios. O tapete tinha sido arrancado, deixando a pedra fria embaixo à mostra, e a porta sólida de carvalho tinha sido retirada das dobradiças e deixada abandonada em um canto, substituída por barras de ferro e uma fechadura com leitor de chip de identificação.

A fúria de Scarlet a manteve andando de um lado para o outro do aposento, chutando as paredes e rosnando por entre as barras durante toda a noite e a maior parte do dia. Pelo menos, parecia que quase um dia inteiro tinha se passado (pareciam meses, na verdade), mas ficar presa no subterrâneo do teatro significava que não tinha indicação nenhuma de tempo fora as duas refeições que lhe foram levadas. O “soldado” que fez a entrega não disse nada quando ela perguntou por quanto tempo a deixariam ali e exigiu ver a avó imediatamente. Só deu um sorrisinho irônico por entre as barras, de uma forma que fez a pele dela ficar arrepiada.

Ela acabou deitando no colchão sem cobertor, fisicamente exausta. Ficou olhando para o teto com raiva. Odiando-se.

Odiando aqueles homens que a mantinham prisioneira. Odiando Lobo.

Ela trincou os dentes e afundou as unhas no colchão gasto e rasgado.

Alfa Kesley.

Se o visse de novo, lhe arrancaria os olhos. Ela o estrangularia até ele ficar com os lábios azuis. Ela...

– Acabou se cansando?

Scarlet levantou com o susto. Um dos homens que a tinha levado para a cela estava de pé do outro lado; Rafe ou Troya, não sabia.

– Não estou com fome – falou.

O homem olhou para ela com desprezo. Cada um deles parecia carregar aquele mesmo sorriso sem humor, como se tivesse sido enfiado na cara deles.

– Não vim oferecer comida – retrucou, e passou o pulso pelo escâner. Segurou as barras e abriu a porta. – Vou levar você para ver sua preciosa grand-mère.

Scarlet se levantou do colchão e toda a sua exaustão se evaporou.

– De verdade?

– São as minhas ordens. Vou precisar amarrar você, ou pretende me acompanhar de boa vontade?

– Vou acompanhar você. Só me leve até ela.

Ele a examinou com o olhar. Depois de determinar que não era uma ameaça, deu um passo para trás e indicou o corredor longo e escuro.

– Você primeiro.

Assim que saíram para o corredor, ele segurou o seu pulso e baixou o rosto, de forma que ela sentiu a respiração quente no pescoço.

– Faça qualquer coisa estúpida e vou descontar meu desprazer na velha, entendeu?

Ela tremeu.

Sem esperar resposta, ele a soltou e a cutucou entre as omoplatas, empurrando-a pelo corredor.

O coração de Scarlet disparou. Estava quase delirante de tanto cansaço e da promessa de ver a avó, mas isso não a impediu de avaliar a prisão. Seis portas de barras de ferro se enfileiravam no corredor, todas às escuras. O homem a empurrou em uma esquina, e subiram uma escadaria estreita e entraram por uma porta.

Estavam nos bastidores. Objetos cênicos velhos e poeirentos ocupavam os cantos, e cortinas pretas estavam penduradas como fantasmas na escuridão. A única luz vinha da iluminação suave nos corredores da plateia, e Scarlet teve que apertar os olhos enquanto o soldado a levava até o palco, depois descia os degraus até a plateia vazia. Uma seção inteira de assentos tinha sido removida, deixando buracos onde as cadeiras ficavam presas ao piso inclinado. Outro grupo de soldados estava ali, de pé, nas sombras, como se estivessem tendo uma conversa jovial antes de Scarlet e seu captor os interromperem. Scarlet manteve os olhos grudados firmemente no final do corredor. Achava que

nenhum deles era Lobo, mas não queria descobrir caso estivesse errada.

Chegaram aos fundos do teatro e Scarlet abriu uma das enormes portas.

Estavam em um balcão com vista para o saguão e para a grande escadaria. Não entrava luz do sol nenhuma pelo buraco no teto. Obviamente, ela perdera o dia todo.

Seu captor segurou-a pelo cotovelo e a afastou da escada, passando por mais estátuas apavorantes de querubins e anjos. Ela soltou o braço preso e tentou guardar o caminho na memória, criar uma planta do teatro na mente, mas era difícil se concentrar sabendo que veria a avó. Finalmente.

O pensamento de ser mantida presa por esses monstros durante quase três longas semanas lhe embrulhou o estômago.

Subiram ainda outra escada até o primeiro balcão e depois até o segundo. Portas fechadas levavam de volta ao teatro, aos assentos mais altos, mas o soldado passou por eles e seguiu para outro corredor. Finalmente, seu captor parou em frente a uma porta fechada, segurou a maçaneta e abriu.

Tinham chegado a um dos camarotes particulares que davam vista para o palco, com apenas quatro cadeiras de veludo vermelho em duas fileiras.

Sua avó estava sentada sozinha na fileira da frente, a trança grossa e grisalha pendurada no encosto da cadeira. As lágrimas contra as quais Scarlet vinha lutando havia tanto tempo surgiram de repente.

– Grand-mère!

A avó levou um susto, mas Scarlet já estava correndo de encontro a ela. Caiu de joelhos no espaço entre as cadeiras e a frente do camarote e se deitou no colo da avó, chorando em cima da calça jeans. A mesma calça jeans suja que ela sempre usava para cuidar do jardim. O aroma familiar de terra e feno saía do tecido, fazendo Scarlet chorar ainda mais.

– Scarlet! O que você está fazendo aqui? – perguntou a avó, colocando as mãos nas costas da neta. Ela falou com severidade e irritação, mas também com gentileza. – Pare com isso. Você está fazendo papel de boba. – Afastou Scarlet do colo. – Pronto, pronto, se acalme. O que está fazendo aqui?

Scarlet se sentou nos calcanhares e olhou para o rosto da avó com olhos aguados. Olhos vermelhos revelavam a exaustão de sua avó, por mais firme que seu maxilar estivesse. Ela também estava à beira das lágrimas, mas ainda não tinha sucumbido ao choro. Scarlet segurou as mãos dela e apertou-as. Estavam macias, como se três semanas longe da fazenda tivessem acabado com anos de calosidades.

– Vim buscar você – disse. – Depois que papai me contou o que aconteceu, o que estavam fazendo com você, tive que vir procurá-la. Você está bem? Está ferida?

– Estou bem, estou bem. – disse, passando os polegares pelos nós dos dedos de Scarlet. – Mas não gosto de ver você aqui. Não devia ter vindo. Esses homens... eles... Você não devia estar aqui. É perigoso.

– Vou tirar nós duas daqui. Prometo. Pelas estrelas, senti tanto sua falta. – Soluçando, ela apoiou a testa nos dedos entrelaçados

das duas, ignorando as lágrimas quentes que escorriam. – Encontrei você, grand-mère. Encontrei você.

A avó soltou uma das mãos e afastou uma mecha embaraçada da testa de Scarlet.

– Eu sabia que você me encontraria. Sabia que viria. Venha, sente ao meu lado.

Sufocando as lágrimas, Scarlet saiu do colo da avó. Havia uma bandeja ao lado com uma xícara de chá, meia baguete e uma tigela pequena de uvas-rubi que pareciam intocadas. A avó pegou a bandeja e entregou-a para o soldado na porta. Ele deu um sorriso amarelo, mas recebeu a bandeja e saiu, fechando a porta. O coração de Scarlet se expandiu – ela não ouvira a porta sendo trancada. Estavam sozinhas.

– Sente-se aqui, Scarlet. Senti tanto a sua falta, mas estou muito zangada. Você não devia ter vindo. É perigoso demais... mas agora você está aqui. Ah, querida, você está exausta.

– Grand-mère, eles não monitoram você? Não têm medo de você fugir?

O rosto da mulher idosa se anuviou e ela deu tapinhas na cadeira vazia.

– É claro que me monitoram. Nunca fico realmente sozinha aqui.

Scarlet examinou a parede que as separava do camarote particular ao lado, coberta de papel de parede vermelho descascado. Talvez houvesse alguém ali agora, escutando a conversa delas. Ou o grupo de soldados que ela viu na plateia do térreo... Se os sentidos deles eram tão intensos quanto os de Lobo,

eles provavelmente conseguiam ouvi-las mesmo lá de baixo. Ignorando a vontade de gritar obscenidades, ela se sentou na cadeira e segurou as mãos da avó com força. Por mais macias que tivessem se tornado, também estavam mortalmente geladas.

– Tem certeza de que está bem? Eles não machucaram você?

A avó sorriu com cansaço.

– Eles não me machucaram. Ainda não. Mas não sei o que planejaram, e não confio neles nem um pouco, não depois do que fizeram com Luc. E falaram de você. Fiquei morrendo de medo de terem ido atrás de você também, querida. Eu queria que você não tivesse vindo. Eu devia ter me preparado melhor para isso. Devia saber que isso ia acontecer.

– Mas o que eles querem?

A avó olhou para o palco escuro.

– Eles querem informações que não posso dar, que teria dado na mesma hora se pudesse. Teria dado semanas atrás. Qualquer coisa para voltar para casa, para você. Qualquer coisa para mantê-la em segurança.

– Informações sobre o quê?

A avó respirou lentamente.

– Querem saber sobre a princesa Selene.

A pulsação de Scarlet se acelerou.

– Então é verdade? Você sabe mesmo alguma coisa sobre ela?

A avó levantou as sobrancelhas.

– Então eles contaram para você? Por que desconfiam de mim?

Ela assentiu, sentindo culpa por saber o segredo que a avó guardou por tanto tempo.

– Me contaram sobre Logan Tanner. Que acham que ele trouxe Selene para a Terra e que ele pode ter pedido sua ajuda. Eles me disseram que acham que ele é meu... meu avô.

As rugas na testa da avó ficaram mais profundas, e ela lançou um olhar preocupado para a parede atrás de Scarlet, na direção do outro camarote, antes de voltar a atenção para a neta.

– Scarlet. Meu amor. – Sua expressão era gentil, mas ela não prosseguiu.

A garota engoliu em seco, se perguntando se, depois de todos aqueles anos, a avó não conseguia suportar revirar o passado. Um romance tão curto, mas que a afetava havia tanto tempo.

Será que ela sabia que Logan Tanner estava morto?

– Grand-mère, eu me lembro do homem que foi lá em casa. O homem da Comunidade das Nações Orientais.

A avó inclinou a cabeça para cima com paciência.

– Pensei que ele tivesse ido lá para *me* levar, mas não foi isso, foi? Vocês dois estavam falando da princesa.

– Muito bom, querida Scarlet.

– Por que você simplesmente não diz o nome dele? Você deve se lembrar, e aí poderiam ir atrás dele. Ele não vai saber onde a princesa está?

– Não querem mais saber da princesa.

Ela mordeu o lábio. A frustração cresceu dentro de si. Estava tremendo.

– Então, por que não nos soltam?

A avó apertou os dedos de Scarlet. Anos arrancando ervas daninhas e cortando legumes os tinham deixado fortes, apesar da

idade.

– Eles não conseguem me controlar, Scarlet.

Ela observou o rosto marcado da avó.

– O que você quer dizer?

– Eles são lunares. O taumaturgo, ele tem o dom lunar. Mas não funciona em mim. É por isso que estão me mantendo aqui. Querem saber por quê.

Scarlet procurou possibilidades na mente. Dentre todas as coisinhas que aprendera sobre lunares, era impossível saber quais eram verdade e quais eram histórias inventadas. Acreditava-se que a rainha reinava por controle mental e que os seus taumaturgos eram quase tão fortes quanto ela. Que conseguiam manipular os pensamentos e as emoções das pessoas. Que conseguiam até controlar os corpos das pessoas se quisessem, como marionetes.

Scarlet engoliu em seco.

– Há muitas pessoas que não podem ser... controladas?

– Muito poucas. Alguns lunares nascem assim. São chamados de cascudos. Mas nunca viram um terráqueo que fosse capaz de resistir. Sou a primeira.

– Como? É genético? – Ela hesitou. – *Eu* posso ser controlada?

– Ah, sim, querida. O que me faz assim é uma coisa que você não tem. Vão usar contra nós, pode anotar. Imagino que vão querer experimentar em nós duas para tentar descobrir de onde vem a anormalidade. Se precisam ou não temer que outros terráqueos também sejam capazes de resistir. – Na escuridão, a

avó trincou os dentes. – Não deve ser hereditário. Seu pai também era fraco.

Scarlet estava perdida nos olhos castanhos e calorosos que sempre foram tranquilizadores, mas agora pareciam rígidos na escuridão do teatro. Alguma coisa a incomodava no fundo dos pensamentos. Uma leve desconfiança.

Seu pai *era* fraco. Fraco por mulheres. Fraco por bebida. Um pai fraco, um homem fraco.

Mas a avó nunca deu sinais de pensar a mesma coisa de Scarlet. *Você vai ficar bem*, ela sempre dizia depois de um joelho ralado, depois de um braço quebrado, depois do primeiro coração partido da juventude. *Você vai ficar bem, porque é forte como eu.*

Com o coração disparado, Scarlet baixou o olhar para os dedos entrelaçados das duas. Para as mãos muito enrugadas, muito frágeis, muito macias da avó.

O coração dela se apertou.

Lunares conseguiam manipular os pensamentos e as emoções das pessoas. Manipular a forma como vivenciavam o mundo ao redor.

Engolindo em seco, Scarlet se afastou. Os dedos da avó se apertaram em um breve esforço para segurá-la, mas acabaram soltando.

Scarlet cambaleou da cadeira até se encostar na amurada, olhando para a avó. O cabelo desgrenhado familiar na trança sempre torta. Os olhos familiares, ficando cada vez mais frios enquanto olhavam para ela. Ficando maiores.

Piscou rapidamente para se livrar da alucinação, e as mãos da avó ficaram maiores.

A repulsa tomou conta de Scarlet. Ela se agarrou na amurada para se manter firme.

– Quem é você?

A porta na parte de trás do camarote se abriu, mas, em vez do guarda, Scarlet viu a silhueta do taumaturgo no corredor.

– Muito bem, ômega. Descobrimos o máximo que podemos com ela.

Scarlet olhou para a avó de novo. Um grito sufocado se arrancou de sua garganta.

A avó tinha sumido e sido substituída pelo irmão de Lobo. O Ômega Ran Kesley estava olhando para ela, perfeitamente à vontade. Usava a mesma camisa de quando o tinha visto da última vez, amassada e manchada de lama seca.

– Oi, querida. Que bom ver você de novo.

Scarlet olhou com ódio para o taumaturgo. Conseguia ver a parte branca dos olhos dele, as dobras da túnica elegante.

– Onde ela está?

– Ela está viva por enquanto. E infelizmente continua um mistério. – Ele apertou os olhos para Scarlet. – A mente dela continua impenetrável, mas seja lá qual for o segredo, ela não passou para o filho nem para a neta. Imagino que, se estivesse usando algum truque mental, teria pelo menos tentado ensinar a *você*, se não para aquele bêbado patético. Mas, se for genético, seria um traço aleatório? Ou será que há um cascudo em seus ancestrais? – Ele levou um dedo aos lábios e analisou Scarlet

como se ela fosse um sapo que ia dissecar. – Mas talvez você não seja completamente inútil. Eu gostaria de saber o quanto a língua da coroa ficaria lubrificada se ela visse você martelar pregos na própria pele.

A fúria subindo pela garganta, Scarlet se lançou em cima dele e, com um grito rouco, arranhou seu rosto.

Ficou paralisada com as pontas dos dedos a milímetros dos olhos dele. A fúria desapareceu na mesma hora e ela despencou, chorando incontrolavelmente no chão, se perguntando o que havia de errado com ela. Procurou o ódio novamente, mas ele sempre fugia de sua mente, como se tentasse segurar uma enguia. Quanto mais tentava, com mais força e velocidade as lágrimas vinham. Engasgando-a. Cegando-a. Toda a raiva se dissolvendo em desesperança e infelicidade.

A cabeça dela se encheu de autodesprezo. Era inútil. Fraca, burra e insignificante.

Scarlet se encolheu, e seu choro quase encobriu a risada nada impressionada do taumaturgo acima dela.

– Que infelicidade sua avó não ser tão fácil de manipular. Tornaria tudo tão mais simples.

A mente dela acelerou e as palavras destrutivas escorregaram para um canto distante e silencioso dos pensamentos. As lágrimas sumiram junto. Foi como abrir e fechar uma torneira.

Como brincar com uma marionete.

Scarlet ficou caída no chão, ofegante. Limpou o muco do rosto.

Afundando as mãos no tapete, forçou o corpo a parar de tremer e se impulsionou para cima, usando o batente da porta como apoio. O rosto do taumaturgo se contorceu daquele jeito doentio.

– Vou mandar que a levem de volta aos seus aposentos – disse, com um tom de gentileza adocicada. – Agradeço humildemente por sua cooperação.

CAPÍTULO

Trinta

AS BOTAS DE SOLADO DURO DO ALFA ZE'EV KESLEY ESTALARAM COmo o piso de mármore quando marchou pelo saguão, ignorando alguns soldados que assentiram para ele com respeito ou talvez medo. Ou até mesmo curiosidade pelo oficial que passou semanas em meio a humanos, fingindo ser um deles.

Ele tentou não pensar no assunto. Estar de volta ao quartel-general dava a sensação de ter despertado de um sonho. Um sonho que primeiro parecia um pesadelo, mas não mais. Tinha acordado em uma realidade muito mais sombria. Tinha lembrado quem realmente era. *O que realmente era.*

Chegou à Rotunda Lunar, um nome irônico que agradava muito ao Mestre Jael. Passou por um espelho manchado e escurecido pelo tempo e quase não reconheceu seu reflexo com o uniforme limpo e o cabelo bem-penteado para trás. Desviou o olhar.

Sentiu o cheiro do irmão assim que pisou na biblioteca, e os pelos da nuca se arrepiaram. Hesitou brevemente ao seguir pela galeria com revestimento de madeira até entrar no escritório particular do taumaturgo. Tinha sido feito para a realeza, um aposento para terráqueos importantes da alta sociedade refletirem sobre os trabalhos filosóficos de seus ancestrais. Os

suportes antes exibiam obras de arte valiosíssimas, e as estantes alcançavam dois andares acima da cabeça dele. Mas os livros não estavam mais lá – tinham sido resgatados quando o teatro fora ocupado pelos militares –, e um aroma mofado e úmido tomara conta da madeira ao redor.

Jael estava sentado a uma escrivaninha larga. Feita de plástico e metal, causava uma impressão sem graça em comparação à decoração extravagante. Ran também estava lá, apoiado na parede de prateleiras vazias.

Seu irmão sorriu. Quase.

Jael ficou de pé.

– Alfa Kesley, obrigado por vir tão rapidamente. Queria que você fosse o primeiro a saber que seu irmão voltou em segurança.

– Fico feliz em ver – respondeu. – Oi, Ran. Você não estava com a aparência muito boa na última vez que te vi.

– A recíproca é verdadeira, Ze'ev. Seu cheiro melhorou muito, agora que você tirou o aroma daquela humana.

Todos os músculos dele se contraíram.

– Espero que não haja ressentimentos quanto ao que aconteceu na floresta.

– Nenhum. Você estava executando um papel. Entendo que fez o que tinha que fazer. Eu não devia ter interferido.

– Não. Não devia.

Ran prendeu os polegares na cintura larga da calça.

– Eu estava preocupado com você, irmão. Você pareceu quase... *confuso*.

– Como você disse – falou Ze’ev, erguendo o queixo –, eu estava desempenhando um papel.

– Sim. Nunca devia ter duvidado de você. Ainda assim, é bom ver que voltou ao normal e que o ferimento da bala não foi profundo. Quando ouvi o disparo, tive medo que ela tivesse atingido seu coração. – Ran sorriu e virou para Jael. – Se terminamos aqui, gostaria de pedir permissão para me reportar ao comando.

– Permissão concedida – disse Jael, assentindo, e Ran o cumprimentou com a saudação de um punho no peito.

Ze’ev captou um traço do aroma de Scarlet em Ran, e seu estômago se apertou. Mandou o corpo relaxar e afastou o instinto animal de arrancar o pescoço do irmão se descobrisse que encostou um dedo nela.

Ran inclinou a cabeça e sua expressão se turvou com um segredo guardado.

– Bem-vindo ao lar, irmão.

Ze’ev permaneceu impassível enquanto Ran prosseguiu e esperou até ouvir a porta se fechar do outro lado da galeria. Ele fez uma saudação para o taumaturgo.

– Se não houver mais nada...

– Na verdade, há mais uma coisa. Algumas coisas, na verdade, que desejo discutir com você. – Jael se sentou na cadeira. – Recebi uma mensagem de Sua Majestade esta manhã. Ela pediu que todas as matilhas localizadas na Terra se preparassem para atacar amanhã.

Ele trincou os dentes.

– Amanhã?

– As negociações dela com a Comunidade das Nações Orientais não seguiram conforme desejava, e decidiu parar de oferecer acordos que se recusam a aceitar. A rainha ofereceu uma prorrogação temporária de paz se uma garota ciborgue, Linh Cinder, fosse capturada e entregue a ela, mas isso não aconteceu. O ataque vai ser centrado em Nova Pequim, começando à meia-noite do horário local. Vamos atacar às 18h. – Enfiou as mãos nas enormes mangas carmesim, e as runas bordadas refletiram a luz das lâmpadas penduradas acima. – Estou feliz de você ter voltado a tempo de liderar seus homens. Quero você posicionado no coração de nosso ataque de Paris. Você aceita essa posição?

Ze'ev juntou as mãos atrás das costas, apertando os pulsos até doerem.

– Não desejo questionar os motivos de Sua Majestade, mas não consigo entender por que ela está nos afastando de nosso objetivo inicial de encontrar a princesa para dar uma liçãozinha na Comunidade das Nações Orientais. Por que a mudança de prioridades?

Jael se recostou e o observou.

– Não cabe a você questionar as prioridades de Sua Majestade. No entanto, odiaria que sua mente estivesse turva quando seguirmos para essa importante primeira batalha. – Deu de ombros. – Ela está enfurecida com a fuga dessa Linh Cinder. Apesar de ser uma mera civil, ela conseguiu ver além do glamour de Sua Majestade. No entanto, não é uma cascuda.

Ze'ev não conseguiu esconder a expressão de surpresa.

– Não sabemos ainda se essa capacidade incomum é devido a alguma coisa na programação ciborgue ou se o dom lunar dela é excepcionalmente forte.

– Mais forte que o de Sua Majestade?

– Não sabemos. – Jael suspirou. – O estranho é que essa capacidade dela de resistir à nossa rainha não é diferente da capacidade de madame Benoit de resistir a *mim*. Encontrar duas não cascudas com a mesma capacidade em um intervalo tão curto é bem impressionante. Infelizmente, continuo não conseguindo determinar o motivo da capacidade de Michelle Benoit. Testei a neta dela uma hora atrás. Ela é maleável como argila, então não herdou a característica.

Nas costas, os punhos de Alfa Kesley se apertaram. Ainda não conseguia deixar de sentir o cheiro dela no aposento, um leve aroma dançando abaixo de suas narinas. Então Jael a tinha interrogado, e Ran também devia ter estado presente. O que eles fizeram? Será que ela se machucou?

– Alfa?

– Sim – disse rapidamente. – Peço desculpas. Pensei ter sentido o cheiro da garota.

Jael começou a rir. Foi uma risada clara e divertida. Era a afabilidade de Jael que sempre provocava mais desconfiança em Ze'ev. Pelo menos, os outros taumaturgos não tentavam disfarçar sua falta de piedade, o controle desdenhoso dos cidadãos lunares inferiores... e de seus soldados.

– Seus sentidos são incríveis, alfa. Sem dúvida, um dos nossos melhores. – Ele bateu na cadeira antes de se levantar. – E a força de sua personalidade é inigualável. Sua lealdade. Sua disposição para sacrifícios. Tenho certeza de que nenhum dos meus outros homens teria feito o que você fez para obter informações da mademoiselle Benoit, teria ido tão além do dever. Foi precisamente por isso que o escolhi para liderar o ataque de amanhã.

Jael andou pelo aposento cheio de estantes e passou o dedo pelas prateleiras, recolhendo a poeira pálida e cinza na pele. Ze'ev manteve a expressão neutra, tentando não pensar nos sacrifícios que Jael imaginava ter feito, bem acima do que o dever pedia.

Mas ela estava lá, na sua mente. A parte macia do polegar roçando suas cicatrizes. Os braços ao redor de seu pescoço.

Ele engoliu em seco. Cada músculo se contraiu em um esforço de bloquear a lembrança.

– Agora é só uma questão do que fazer com a garota. Como é frustrante finalmente termos encontrado uma pessoa que poderia nos levar para mais perto da princesa Selene bem na hora em que a informação não é mais útil.

As unhas de Ze'ev afundaram nas palmas das mãos. *Frustrante* parecia piada. Se Sua Majestade tivesse tirado o foco da princesa três semanas antes, Scarlet e a avó nunca teriam sido envolvidas em nada daquilo.

E não saberia a diferença.

Sentiu um aperto no peito.

– Mas estou otimista – prosseguiu Jael, falando distraidamente.
– Ainda podemos encontrar um uso para a garota se ela conseguir persuadir a avó a falar. A madame tenta fingir ignorância, mas sabe por que consegue resistir ao controle. Tenho certeza. – Ele mexeu com a manga. – O que você acha que vai ser mais importante para a velha senhora? A vida da neta ou seus próprios segredos?

Ze'ev não tinha resposta.

– Acho que vamos descobrir – disse Jael, voltando à escrivania. – Pelo menos agora vou ter algum poder sobre ela.
– Abriu os lábios e exibiu dentes brancos perfeitos em um sorriso agradável. – Você ainda não respondeu a minha pergunta, alfa. Vai aceitar a posição de liderar nossa batalha mais importante na Federação Europeia?

Ze'ev sentiu uma queimação nos pulmões. Queria perguntar mais, saber mais; sobre Scarlet, sobre a avó dela, sobre o que Jael faria com ela.

Mas as perguntas não seriam aceitáveis. Sua missão estava completa. Não tinha mais nenhuma ligação com mademoiselle Benoit.

Bateu com o punho no peito.

– Certamente, Mestre Jael. Será uma honra.

– Que bom. – Jael abriu uma gaveta, tirou uma caixa branca simples e deslizou-a pela mesa. – Acabamos de receber esse carregamento de chips de identificação das quarentenas de Paris. Espero que não seja trabalho demais levar para limpeza e reprogramação. Quero que estejam prontos para os novos

recrutas que, espero, chegam amanhã de manhã. – Inclinou a cadeira para trás. – Queremos a maior quantidade possível de soldados disponíveis. É imperativo que as pessoas da Terra fiquem tão apavoradas a ponto de nem pensar em resistir.

CAPÍTULO

Trinta e Um

CINDER OBSERVOU UM CULTIVO DE PLANTAS FOLHOSAS PELA cockpit. O campo se estendia em todas as direções, e a visão do horizonte reto era interrompida apenas por uma casa de fazenda de pedra, a mais de um quilômetro de distância.

Uma casa. Muitos legumes e verduras. E uma espaçonave gigantesca.

– Isso não é nada chamativo.

– Pelo menos, estamos no meio do nada – disse Thorne, saindo da cadeira do piloto e colocando a jaqueta de couro. – Se alguém chamar a polícia, vai demorar um tempo para chegarem aqui.

– A não ser que já estejam a caminho – murmurou Cinder.

O coração dela disparou durante a descida sem fim para a Terra, com o cérebro avaliando mil destinos diferentes em que podiam estar esperando por eles. Embora tivesse mantido o cantarolar ridículo pelo máximo de tempo que conseguiu, ainda não tinham como saber se ela estava sendo eficiente, e Cinder tinha a sensação horrível de que suas tentativas de disfarçar a nave usando magia lunar eram pateticamente inúteis. Não conseguia entender como conseguiria manipular radares e ondas de rádio com nada além de pensamentos confusos.

Ainda assim, o fato era que ninguém os descobrira no espaço, e até o momento a sorte perdurava. A Benoit Fazendas e Jardins parecia completamente deserta.

A rampa começou a baixar no compartimento de carga, e Iko disse:

– Vocês dois, saiam e se divirtam. Vou ficar aqui sozinha, verificando interferências no radar e fazendo diagnósticos. Vai ser *fantástico*.

– Seu sarcasmo está ficando bem afiado – falou Cinder, se juntando a Thorne no alto da rampa, cujo metal esmagou uma fileira bem bonita de folhagem viçosa.

Thorne forçou os olhos para ter o brilho em seu tablet.

– Bingo – disse, apontando para a casa de dois andares que devia ser velha o bastante para ter sobrevivido à Quarta Guerra Mundial. – Ela está aqui.

– Me traga uma lembrancinha! – gritou Iko quando Thorne pisou no campo. O chão estava úmido por ter sido irrigado recentemente, e a lama grudou na barra de sua calça enquanto andava em meio à plantação, seguindo em linha reta para a casa.

Cinder foi atrás, absorvendo o terreno aberto da fazenda e o ar fresco, tão doce depois de ficar trancada dentro do ambiente de oxigênio reciclado da Rampion. Mesmo em comparação com a interface de áudio desligada, era o silêncio mais profundo que ela já tinha testemunhado.

– Está tão silencioso aqui.

– Assustador, né? Não sei como as pessoas aguentam.

– Acho até legal.

– É, da mesma forma que um necrotério é legal.

Um amontoado de construções menores se espalhava pelos campos: um celeiro, um galinheiro, um depósito, um hangar grande o bastante para alguns aerodeslizadores ou até mesmo uma espaçonave, embora não grande o suficiente para a Rampion.

Cinder parou de repente tinha visto alguma coisa. Ela franziu a testa e procurou a memória vaga que parecia reconhecer o hangar.

– Espere.

Thorne virou para ela.

– Viu alguém?

Sem responder, ela mudou de direção e saiu andando em meio à lama. Thorne foi atrás dela em silêncio enquanto Cinder abria a porta do hangar.

– Não sei se invadir os arredores da casa de Michelle Benoit é a melhor maneira de nos apresentarmos.

Cinder olhou para trás e observou as janelas vazias da casa.

– Preciso ver uma coisa – disse ao entrar. – Luzes, acendam.

As luzes se acenderam e seu queixo caiu com o que se deparou. Ferramentas e peças, parafusos e porcas, roupas e trapos sujos, tudo estava jogado para todos os lados. Todos os armários estavam abertos, todos os engradados de armazenamento e caixas de ferramentas tinham sido virados. O chão branco brilhoso mal podia ser visto embaixo da bagunça.

Do outro lado do hangar, uma pequena nave de entregas estava com a janela de trás quebrada. Cacos de vidro brilhavam

sob as luzes intensas. O hangar tinha cheiro de combustível derramado e vapores tóxicos, e fedia um pouco como a barraca de Cinder na feira.

– Que chiqueiro – disse Thorne, enojado. – Não sei se consigo confiar em um piloto com tão pouco respeito pela sua nave.

Cinder o ignorou e se ocupou virando o escâner para as prateleiras e paredes. Apesar da distração do caos, a interface do cérebro de máquina estava captando alguma coisa. Uma impressão geral de familiaridade, matizes de uma lembrança há muito perdida. O ângulo pelo qual o sol entrava pela porta. Os aromas combinados de maquinário e esterco. O padrão cruzado das vigas expostas.

Ela andou pelo concreto esmagando detritos com os pés. Caminhou lentamente, com medo de o fantasma da familiaridade sumir.

– Hã, Cinder – chamou Thorne, olhando para trás, para a fazenda. – O que estamos fazendo aqui?

– Procurando uma coisa.

– Nessa confusão? Boa sorte aí.

Ela encontrou uma área vazia de concreto e parou ali, pensando. Examinando. Sabendo que já tinha estado ali antes. Em um sonho, em um torpor.

Reparou em um armário estreito de metal pintado de marrom pútrido, em que havia três jaquetas penduradas. Todas tinham insígnias das forças militares da Federação Europeia bordadas nas mangas. Ajeitando a postura, Cinder seguiu na direção delas e empurrou as jaquetas para o lado.

– Sério, Cinder? – disse Thorne, aparecendo ao lado dela. – Não é hora de se preocupar com roupas.

Cinder mal o ouviu acima do tique-taque na cabeça. Aquela confusão não era coincidência. Alguém tinha estado ali, e a pessoa estava procurando alguma coisa.

Estava procurando por *ela*.

Desejou não ter tido essa percepção, mas agora não havia como voltar atrás.

Ela se agachou na frente do armário e deslizou a mão no canto de trás até tocar na maçaneta que sabia que estaria lá. Pintada do mesmo tom de marrom, ficava invisível nas sombras. Jamais seria percebida a não ser que a pessoa soubesse onde procurar. E ela sabia, porque já tinha estado ali. Cinco anos atrás, em um estado de delírio drogado que sempre confundiu com sonho, ela surgiu naquele lugar. Cada junta e músculo doía das cirurgias recentes. Rastejou lentamente para fora da escuridão sem fim, piscando, como se pela primeira vez, saindo em um mundo muito iluminado.

Cinder se apoiou no armário e girou a maçaneta.

A porta secreta era mais pesada do que ela esperava, feita de alguma coisa bem mais forte do que metal. Girou em dobradiças escondidas e deixou que batesse no chão de concreto. Uma nuvem de poeira subiu por todos os lados.

Um buraco quadrado esperava por eles. Uma escada com degraus de plástico tinha sido acoplada à base, levando a um compartimento subterrâneo secreto.

Thorne se inclinou e apoiou as mãos nos joelhos.

– Como você sabia que isso estava aí?

Cinder não conseguia desviar o olhar da passagem secreta.

Incapaz de dizer a verdade, respondeu simplesmente:

– Visão ciborgue.

Ela desceu primeiro e acendeu a lanterna ao sentir o ar denso e parado. O fecho de luz iluminou um aposento tão grande quanto o hangar acima, sem portas nem janelas. Quase com medo de saber o que tinha encontrado, ela disse com hesitação:

– Luzes. Acender.

Ouviu o som de um gerador independente estalando primeiro, antes de as três longas lâmpadas fluorescentes gradualmente se acenderem, uma após a outra. Os sapatos de Thorne bateram no chão duro quando pulou os quatro últimos degraus da escada. Ele virou e ficou paralisado.

– O que... o que é isso?

Cinder não conseguiu responder. Mal conseguia respirar.

Havia um tanque no meio do aposento, com dois metros de comprimento e uma tampa de vidro abaulada. Uma variedade de máquinas complexas o cercava: monitores cardíacos, indicadores de temperatura, escâneres de bioeletricidade. Máquinas com mostradores e tubos, agulhas e telas, plugues e controles.

Uma longa mesa de cirurgia encostada à parede mais distante continha uma quantidade de luzes móveis surgindo de cada extremidade como os tentáculos de um polvo de metal, e ao lado havia uma pequena mesa de rodinhas com uma jarra quase vazia de desinfetante e uma variedade de instrumentos cirúrgicos:

bisturis, seringas, ataduras, máscaras, toalhas. Na parede, havia duas telas desligadas.

Enquanto aquele lado do aposento secreto imitava uma sala de cirurgia, o outro parecia mais a oficina de Cinder no porão do prédio de Adri, cheio de chaves de fenda, extrator de fusíveis e um ferro de soldar. Partes de andróides descartadas e chips de computadores. A mão incompleta e com três dedos de um ciborgue.

Cinder tremeu ao sentir o ar com cheiro misturado de hospital estéril e de caverna úmida subterrânea.

Thorne se aproximou do tanque. Estava vazio, mas a forma vaga de uma criança podia ser vista no forro gosmento sob a tampa de vidro.

– O que é isso?

Cinder tentou mexer na luva, mas lembrou que não a possuía mais.

– Um tanque de animação suspensa – respondeu, sussurrando como se os fantasmas de cirurgiões desconhecidos pudessem estar ouvindo. – Projetado para manter uma pessoa viva, porém inconsciente, por longos períodos de tempo.

– Isso não é ilegal? Por causa da lei da superpopulação, ou algo assim?

Cinder assentiu. Aproximou-se do tanque e apertou o vidro com os dedos, tentando se lembrar de acordar ali dentro, mas não conseguiu. Só lembranças confusas do hangar e da fazenda voltaram à sua mente, mas nada desse calabouço. Só ficou completamente consciente quando estava a caminho de Nova

Pequim, pronta para começar a nova vida como uma órfã assustada, confusa e ciborgue.

O contorno da garota na gosma parecia pequeno demais para ser dela, mas ela sabia que era. A perna esquerda parecia significativamente mais pesada do que a direita. Ela se perguntou por quanto tempo ficou deitada ali sem perna.

– O que você acha que isso está fazendo aqui embaixo?

Cinder umedeceu os lábios.

– Acho que estava escondendo uma princesa.

CAPÍTULO

Trinta e Dois

OS PÉS DE CINDER ESTAVAM PRESOS AO CHÃO ENQUANTO ELA OBaposeito subterrâneo. Não conseguia afastar a visão de si mesma aos onze anos deitada naquela mesa de cirurgia enquanto cirurgiões desconhecidos cortavam e costuravam pedaços de seu corpo a estranhos membros de aço. Fios no cérebro. Optobiônica atrás da retina. Tecido sintético no coração, vértebras novas, pele enxertada para cobrir cicatrizes.

Quanto tempo demorou? Por quanto tempo ela ficou inconsciente, dormindo naquele porão escuro?

Levana tentou matá-la quando Cinder tinha apenas três anos.

A operação foi concluída quando tinha onze.

Oito anos. Em um tanque, dormindo, sonhando e crescendo.

Não morta, mas também não viva.

Ela olhou para a marca da cabeça sob o vidro do tanque. Centenas de pequenos fios com transmissores neurais estavam presos às paredes, e uma pequena tela estava implantada na lateral. Não, não era uma tela, percebeu Cinder. Nenhum acesso à rede podia se infiltrar neste aposento. Nada que pudesse chegar à rainha Levana.

– Não entendi – disse Thorne, examinando os instrumentos cirúrgicos do outro lado do aposento. – O que você acha que

fizeram com ela aqui?

Ela viu que não havia desconfiança no rosto dele, só curiosidade.

– Bem – começou –, programaram e implantaram o chip de identificação dela, pra começar.

Thorne balançou um bisturi para ela.

– Bem pensado. É claro que ela não teria o dela quando voltou pra Terra. – Ele indicou o tanque. – E aquilo tudo?

Cinder segurou as beiradas do tanque para firmar as mãos.

– As queimaduras deviam ser graves, talvez até quase fatais. A prioridade seria mantê-la viva, mas também deixá-la escondida. A animação suspensa resolveria os dois problemas. – Bateu com um dedo no vidro. – Esses transmissores devem ter sido usados para estimular o cérebro enquanto ela dormia. Ela não podia ter uma vida nem aprender como uma criança normal, então tiveram que compensar com aprendizado falso. Experiências falsas.

Ela mordeu o lábio e ficou em silêncio antes de mencionar o sistema de rede implantado no cérebro da princesa, que era uma maneira eficiente de saber quando finalmente fosse despertada, sem que soubesse de nada daquilo.

Era fácil falar sobre a princesa como se fosse outra pessoa. Cinder não conseguia parar de pensar que *era* outra pessoa. A garota que dormiu naquele tanque era uma pessoa diferente do ciborgue que acordou nele.

Ocorreu a Cinder com um tremor que era por isso que não tinha lembranças. Não porque os cirurgiões danificaram o

cérebro dela quando foram inserir o painel de controle, mas porque ela nunca esteve acordada para criá-las.

Se pensasse no passado, será que conseguiria se lembrar de alguma coisa de antes do coma? De alguma coisa da primeira infância? Então, ela se lembrou do sonho recorrente. A cama de carvão, o fogo queimando em sua pele, e se deu conta de que devia ser mais lembrança do que pesadelo.

– Tela, ligar.

As duas telas acima da mesa de cirurgia se acenderam à ordem de Thorne. A da esquerda mostrou uma holografia de um tórax dos ombros, girando e piscando no ar. O coração de Cinder deu um salto, achando que era *ela*, até observar a segunda tela.

PACIENTE: MICHELLE BENOIT
CIRURGIA: MEDULA E SISTEMA NERVOSO
BLOQUEIO DE SEGURANÇA DE
BIOELETRICIDADE.
PROTÓTIPO 4.6
STATUS: COMPLETA

Cinder se aproximou da holografia. Os ombros eram delicados e femininos, mas nada podia ser visto acima da linha do maxilar.

– O que é bloqueio de segurança de bioeletricidade?

Cinder apontou para a holografia quando estava girando para longe, e um ponto escuro e quadrado apareceu na medula, bem abaixo do crânio.

– Isso. Eu também tinha um, para não usar meu dom lunar por acidente quando era pequena. Em um terráqueo, faz com que você não possa sofrer lavagem cerebral pelos lunares. Se Michelle Benoit tinha mesmo informações sobre a princesa Selene, teria que se proteger, para o caso de cair em mãos lunares.

– Se temos tecnologia para anular a magia lunar, por que todo mundo não tem um desses?

Uma onda de tristeza tomou conta dela. O padrasto dela, Linh Garan, tinha inventado o bloqueio bioelétrico, mas morreu de peste antes de vê-lo passar do estágio de protótipo. Embora mal o tivesse conhecido, não conseguia deixar de sentir que a vida dele tinha sido interrompida cedo demais. Como as coisas poderiam ter sido diferentes se ele tivesse sobrevivido... E não só para Pearl e Peony, mas também para Cinder.

Ela suspirou, cansada de pensar, e disse simplesmente:

– Não sei.

Thorne resmungou:

– Bem, isso é uma prova, não é? A princesa esteve mesmo aqui.

Cinder observou o aposento de novo, prestando atenção nas mesas de maquinário. Nas ferramentas que a transformaram em ciborgue. Thorne não tinha reparado nelas ou ainda não tinha entendido para que foram usadas. A confissão estava na ponta da língua. Talvez ele devesse saber. Ele merecia saber com quem estava viajando. O verdadeiro perigo em que ela o colocava.

Mas, antes que pudesse falar, Thorne disse:

– Tela, mostre a princesa Selene.

Cinder girou, com a pulsação disparada, mas não foi uma versão dela com onze anos que estava em exibição. O que ela viu mal era reconhecível como humano.

Thorne cambaleou para trás, com a mão na boca.

– O quê...

O estômago de Cinder revirou antes de ela fechar os olhos, controlando a repulsa. Engolindo em seco, ousou olhar para a tela de novo.

Era a foto de uma criança.

O que havia sobrado de uma criança.

Estava enrolada em ataduras do pescoço até o cotoco da perna esquerda. O braço e o ombro direitos estavam descobertos e mostravam pele vermelha e ferida em certas partes, rosada e brilhosa em outras. Não tinha cabelo, e as marcas de queimadura subiam pelo pescoço até a bochecha. O lado esquerdo do rosto estava inchado e desfigurado, e só a abertura do olho podia ser vista. Uma linha de pontos ia do lóbulo da orelha até os lábios.

Cinder levou dedos, trêmulos, à boca, alisando a pele. Não havia cicatriz, não havia sinal daqueles ferimentos. Só algumas marcas ao redor da coxa e no pulso, onde as próteses foram presas.

Como a consertaram? Como conseguiram consertar aquilo?

Mas foi Thorne quem fez a verdadeira pergunta.

– Quem faria uma coisa dessas a uma criança?

A pele de Cinder se cobriu de arrepios. Não havia lembrança do sofrimento que aquelas queimaduras deviam ter causado nela. Não conseguia conectar a criança consigo mesma.

Mas a pergunta de Thorne ficou no ar, assombrando o aposento frio.

A rainha Levana tinha feito isso.

Com uma criança, pouco mais do que um bebê.

Com a própria sobrinha.

E tudo para governar. Para reivindicar o trono. Para ser rainha.

Cinder fechou os punhos nas laterais do corpo com o sangue fervendo. Thorne a estava observando com uma expressão igualmente sombria.

– Devíamos falar com Michelle Benoit – disse Thorne, colocando o bisturi na mesa.

Cinder soprou uma mecha de cabelo fora do rosto. O fantasma de seu eu criança pairava no ar, uma vítima lutando para permanecer viva. Quantas pessoas ajudaram a resgatá-la e protegê-la, guardaram seus segredos? Quantas arriscaram a vida porque acreditavam que a sua valia mais? Porque acreditavam que ela poderia crescer e virar uma pessoa poderosa o bastante para deter Levana.

Com os nervos arranhando o estômago, ela saiu com Thorne pelo armário, se certificando de fechar a porta escondida quando passou.

Quando saíram à luz do dia, a casa ainda estava estranhamente imóvel e silenciosa atrás de um pequeno jardim. A Rampion parecia enorme e deslocada no campo.

Thorne verificou o tablet, e sua voz estava tensa quando disse:

– Ela não se mexeu desde que chegamos aqui.

Ele não tentou disfarçar os passos no cascalho. Bateu na porta da frente, e cada batida ecoou no pátio. Esperaram o som de passos lá dentro, mas só o som das galinhas no quintal os recebeu.

Thorne verificou a maçaneta e a porta destrancada se abriu.

Ele entrou no saguão e olhou para a escada de madeira. À direita havia uma sala de estar cheia de mobília gasta. À esquerda, uma cozinha com pratos sujos na mesa. Todas as luzes estavam apagadas.

– Olá? – gritou. – Srta. Benoit?

Cinder ligou a rede e rastreou o sinal até o chip de identificação de Michelle Benoit.

– O sinal vem lá de cima – sussurrou. A escada gemeu sob o peso da perna de metal. Pequenas telas ocupavam a parede, revezando fotos de uma mulher de meia-idade de uniforme de piloto e uma garota de cabelos ruivos. Embora fosse gorducha e coberta de sardas quando criança, as fotos dela mais velha mostravam-na lindíssima, e Thorne falou baixinho quando passou:

– *Olá, Scarlet.*

– Srta. Benoit? – repetiu Cinder. Ou a mulher dormia muito profundamente ou eles estavam prestes a dar de cara com alguma coisa que Cinder tinha certeza de que não queria ver. A mão dela tremeu quando empurrou a primeira porta depois da escada, se preparando para não gritar se visse um corpo em decomposição caído na cama.

Mas não havia corpo.

O quarto estava tão bagunçado quanto o hangar. Havia sapatos e roupas, enfeites e cobertores, mas nenhum ser humano. Nenhum cadáver.

– Olá?

Cinder olhou ao redor e viu a penteadeira ao lado da janela. Seu coração se apertou. Andou até lá, pegou o pequeno chip e segurou para Thorne ver.

– O que é isso? – perguntou ele.

– Michelle Benoit – respondeu ela. Suspirando, desligou a rede.

– Quer dizer... que ela não está aqui?

– Tente acompanhar os acontecimentos, cara – resmungou Cinder e passou por ele em direção ao corredor. Colocou os punhos nos quadris e observou a outra porta fechada; sem dúvida, outro quarto.

A casa estava abandonada. Michelle Benoit não estava ali, nem sua neta. Ninguém podia dar respostas.

– Como rastreamos uma pessoa sem chip de identificação?

– Não rastreamos – respondeu. – É por isso que as pessoas tiram.

– Devíamos falar com os vizinhos. Talvez eles saibam de alguma coisa.

Cinder gemeu.

– Não vamos falar com ninguém. Ainda somos fugitivos, caso você tenha se esquecido. – Ela olhou para as fotos em sequência. Michelle Benoit e uma jovem Scarlet ajoelhada toda orgulhosa ao lado de um canteiro recém-plantado.

– Venha – disse, limpando as mãos como se tivesse sido ela a cavar na terra. – Vamos sair daqui antes que a Rampion atraia atenção. – As tábuas do piso estalavam sob seus pés conforme Cinder descia a escada e dobrava o primeiro patamar.

A porta da frente se abriu.

Cinder ficou paralisada.

Uma menina bonita de cachos cor de mel estava congelada na frente dela.

Os olhos da menina se arregalaram, primeiro de surpresa, depois de reconhecimento. Eles desceram até a mão ciborgue de Cinder, e a cor sumiu do seu rosto.

– *Bonjour*, mademoiselle – cumprimentou Thorne.

A menina olhou para Thorne. Em seguida, os olhos se reviraram e ela caiu no chão.

CAPÍTULO

Trinta e Três

CINDER SOLTOU UM PALAVRÃO E OLHOU PARA THORNE, MAS ELE ombros. Ela virou para a garota desmaiada. A cabeça estava inclinada em um ângulo estranho, apoiada na mesa do saguão, e os pés estavam perto da porta.

– É a neta? – perguntou Cinder enquanto seu escâner comparava as medidas do rosto da menina aos dados em seu cérebro, o que não levou a nenhum resultado. Ele teria reconhecido Scarlet Benoit. – Deixa pra lá – falou e se aproximou do corpo prostrado da garota. Tirou a mesa do caminho, e a cabeça da menina bateu no piso.

Cinder se aproximou sorrateiramente e espiou pela porta. Um aerodeslizador velho estava no pátio.

– O que você está fazendo? – perguntou Thorne.

– Olhando. – Cinder virou e viu Thorne entrando no saguão e olhando para a menina com uma leve curiosidade. – Ela parece estar sozinha.

Um sorriso malicioso se abriu no rosto dele.

– Devíamos levá-la conosco.

Cinder olhou com irritação.

– Você está louco?

– Loucamente apaixonado. Ela é linda.

– Você é um idiota. Me ajude a carregá-la para a sala.

Ele não discutiu, e um momento depois a menina estava nos braços dele, sem que a ajuda de Cinder fosse necessária.

– Aqui, no sofá. – Cinder seguiu na frente e rearrumou algumas almofadas desbotadas.

– Estou bem, assim. – Thorne mexeu os braços de forma que a cabeça da menina caiu contra o peito dele, com os cachos louros tocando o zíper da jaqueta de couro.

– Thorne. Coloque-a no sofá. Agora.

Murmurando alguma coisa baixinho, ele colocou a menina no sofá e ajustou meticulosamente a blusa de forma a cobrir a barriga exposta, depois arrumou as pernas para ficar em posição mais confortável. Cinder o agarrou pela parte de trás da gola e o puxou para cima.

– Vamos sair daqui. Ela nos reconheceu. Assim que acordar, vai mandar uma mensagem para a polícia.

Thorne tirou um tablet do bolso da jaqueta e entregou para Cinder.

– O que é isso?

– O tablet dela. Peguei enquanto você estava ocupada demais entrando em pânico.

Cinder tirou o tablet da mão dele e enfiou no bolso lateral da calça cargo militar.

– Ainda assim, não vai demorar até ela contar para *alguém*. Virão investigar e vão descobrir que estávamos procurando Michelle Benoit, e aí vão começar a procurar Michelle Benoit e...

Talvez eu devesse incapacitar o aerodeslizador dela antes de irmos.

– Acho que devíamos ficar e conversar com ela. Talvez ela saiba onde encontrar Michelle.

– Ficar e *conversar* com ela? E dar mais pistas sobre como nos encontrar? É a coisa mais idiota que já ouvi.

– Ei, sugeri que a levemos junto, mas você já vetou a ideia, então agora estou recorrendo ao plano B, que é interrogá-la. E estou muito ansioso para isso. Eu brincava de um jogo chamado interrogatório com uma das minhas antigas namoradas e nós...

– Já chega. – Cinder levantou a mão e o silenciou. – É uma péssima ideia. Vou embora agora. Pode ficar com a sua namorada, se quiser. – E passou andando por ele.

Thorne foi logo atrás.

– Isso que acabei de ouvir sem dúvida foi ciúme.

Um choramingo fez os dois pararem no caminho da porta, e, ao virarem, viram as pálpebras da menina se abrirem.

Soltando um palavrão, Cinder puxou Thorne para a porta, mas ele não se mexeu. Depois de um momento, soltou a mão dela e voltou para a sala. O pavor surgiu no rosto da menina e ela sentou, se apoiando no braço do sofá.

– Não tenha medo – disse Thorne. – Não vamos machucar você.

– Vocês são aquelas pessoas das telas. Os fugitivos – disse com um adorável sotaque europeu. Olhou para Cinder boquiaberta. – Você é a... a...

– Fugitiva lunar ciborgue? – sugeriu Thorne.

O pouco de cor que havia no rosto da garota sumiu. Cinder rezou para ter paciência.

– V-Vocês vão me matar?

– Não! Não, não, não, é claro que não. – Thorne se sentou na outra ponta do sofá. – Só queremos fazer algumas perguntas.

A menina engoliu em seco.

– Qual é seu nome, querida?

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para Thorne com uma mistura de desconfiança e esperança.

– Émilie – sussurrou ela, quase sem som.

– Émilie. Um nome bonito para uma garota bonita.

Lutando com a vontade de vomitar, Cinder bateu com a cabeça no batente da porta. Isso fez a menina olhar para ela, e Émilie se encolheu de medo.

– Me desculpe – disse Cinder, esticando as duas mãos. – Hã, é um prazer conhecer...

Émilie começou a chorar, histérica, com o olhar grudado na mão de metal de Cinder.

– Por favor, não me mate. Não vou contar para ninguém que vi vocês! Eu prometo, só não me mate, por favor.

Com o queixo caído, Cinder olhou para o membro por um segundo até perceber que não era a parte ciborgue dela que provocava medo na garota. Era a lunar. Ela olhou para Thorne, que olhava para ela de um jeito acusador, e levantou os braços no ar.

– Tudo bem, você cuida disso – disse ela e saiu da sala.

Ela se sentou na escada, de onde conseguia ouvir Thorne tentando acalmar a menina enquanto ficava de olho na estrada pela janela da frente. Cruzou os braços em cima dos joelhos e ficou a escutar Thorne acalmando o choro de Émilie, enquanto massageava a cabeça para afastar uma dor de cabeça incipiente.

Antigamente, as pessoas olhavam para ela com repulsa. Agora, as pessoas morriam de medo dela.

Não sabia o que era pior.

Tinha vontade de gritar para o mundo que não era culpa dela ser assim. Que ela não tinha nada a ver com isso.

Não teria sido a escolha dela, se tivesse tido a oportunidade de escolher.

Lunar.

Ciborgue.

Fugitiva.

Fora da lei.

Pária.

Cinder escondeu o rosto nos braços e desejou que as injustiças desaparecessem. Não se deixaria levar pela autodepreciação. Tinha muitas outras coisas com as quais se preocupar.

Na sala ao lado, conseguia ouvir Thorne falando sobre Michelle Benoit, pedindo que a menina contasse alguma coisa a ele, qualquer coisa útil, mas tudo que ouviu foram pedidos de desculpas exagerados.

Cinder suspirou, desejando haver alguma maneira de conseguir convencê-la de que não pretendiam fazer mal a ela, que na verdade eram os mocinhos.

O corpo dela ficou tenso.

Ela *era capaz* de convencer a garota disso. Com facilidade.

A culpa jorrou por suas veias um momento depois, mas não fez a tentação desaparecer. Ela observou o horizonte e não viu sinal de civilização além dos campos.

Cruzou os dedos e refletiu.

– Você conhece Michelle Benoit, não conhece? – perguntou Thorne, com um tom quase de súplica. – Afinal, você está na casa dela. Esta casa é dela, não é?

Cinder massageou as têmporas com os polegares.

Ela não era como a rainha Levana e seus taumaturgos, e todos os outros lunares que abusavam do dom faziam lavagem cerebral, enganavam e controlavam os outros para benefício próprio e egoísta.

Mas se controlar alguém fosse para o bem maior... E só por um curto período...

– Émilie, por favor, pare de chorar. É só uma pergunta simples.

– Tudo bem – murmurou Cinder, se levantando da escada. – É para o bem dela, afinal.

Depois de respirar fundo para afastar a culpa, voltou para a sala.

O olhar da menina se dirigiu para ela. Estava com o rosto inchado. Ela se encolheu.

Cinder se obrigou a relaxar e deixar o formigar delicado percorrer seus nervos enquanto pensava em coisas gentis, simpáticas, calorosas.

– Somos seus amigos – disse. – Viemos ajudar você.

Os olhos de Émilie se iluminaram.

– Émilie, pode nos contar onde está Michelle Benoit?

Uma última lágrima desceu despercebida pela bochecha de Émilie.

– Não sei onde ela está. Ela desapareceu três semanas atrás. A polícia não encontrou nada.

– Você sabe alguma coisa sobre o desaparecimento dela?

– Aconteceu no meio do dia, quando Scarlinda estava fazendo as entregas. Não levou o aerodeslizador nem a nave. Não pareceu ter levado nenhum pertence. O chip de identificação foi retirado e deixado para trás, junto com o tablet.

Foi preciso toda a concentração de Cinder para manter a aura de simpatia e confiança quando a decepção começou a surgir.

– Mas acho que Scarlet talvez soubesse de alguma coisa.

Cinder se animou.

– Ela ia procurar a avó. Partiu faz uns dois dias e me pediu para cuidar da fazenda. Parecia ter uma pista, mas não me contou qual era. Sinto muito.

– Você teve notícias de Scarlet depois disso? – perguntou Thorne, se inclinando para a frente.

Émilie balançou a cabeça.

– Nada. Estou preocupada, mas ela é forte. Vai ficar bem. – A expressão dela se iluminou como a de uma criança. – Eu ajudei? Quero ajudar.

Cinder se encolheu ao ouvir a ansiedade da garota.

– Sim, ajudou. Obrigada. Se você pensar em mais alguma coisa...

– Mais uma pergunta – disse Thorne, erguendo o dedo. – Nossa nave precisa de alguns consertos. Tem alguma boa loja de peças por aqui?

CAPÍTULO

Trinta e Quatro

O SONO DE SCARLET FOI AGITADO, CHEIO DE TAUMATURGO rondando. Quando conseguiu sair do estado de torpor, viu que duas bandejas de comida tinham sido deixadas para ela. Seu estômago roncou quando ela as viu, mas ignorou a sensação, rolou para o lado e se encolheu no colchão imundo. Muitos anos atrás, alguém tinha entalhado as iniciais na parede do camarim, e Scarlet passou os dedos por elas. Seriam trabalho de uma estrela da ópera em ascensão na segunda era ou de um prisioneiro de guerra?

Será que a pessoa morreu neste aposento?

Apoiou a testa na parede fria.

O escâner apitou no corredor e a porta se abriu.

Scarlet se deitou de costas e ficou paralisada.

Lobo estava de pé na porta e precisou baixar a cabeça para não bater no batente. Seus olhos perfuraram a escuridão, mas eram a única coisa nele que não tinha mudado. O cabelo antes bagunçado e espetado tinha sido penteado para trás, deixando as feições bonitas angulosas demais, cruéis demais. Ele tinha lavado a sujeira do rosto e agora usava o mesmo uniforme que tinha visto nos outros soldados: uma camisa marrom com decorações de runas nos ombros e antebraços. Uma série de cintos e faixas

sustentava coldres vazios. Ela se perguntou se Lobo preferia lutar sem armas ou se simplesmente não tinha permissão de levar armas para a cela dela.

Ela pulou da cama, mas se arrependeu imediatamente, pois o mundo se inclinou e precisou se apoiar na parede. Lobo permaneceu em silêncio, observando, até que os olhares dos dois se encontraram no meio do quarto; o dele, escuro e sem expressão, o dela ficando cada vez mais cheio de ódio, mais cheio de raiva a cada segundo.

– Scarlet. – Um traço de esforço cruzou seu rosto.

A repulsa tomou conta dela, e ela gritou. Não tinha lembrança de atravessar o aposento, mas o impacto dos punhos no maxilar, na orelha e no peito dele fez seus braços doerem.

Ele permitiu que ela batesse cinco vezes, sem nem fazer cara de dor, antes de forçá-la a parar. Segurou os pulsos dela no meio do movimento e os prendeu com força perto da barriga.

Scarlet recuou e mirou o calcanhar na patela dele, mas ele a virou tão rápido que ela perdeu o equilíbrio e se viu de costas, com os braços presos.

– Me solte! – gritou, batendo com o pé nos dedos do pé dele, pisando e gritando e se debatendo, mas, se o machucou, ele não deu sinal. Ela virou o pescoço e mordeu, mas não tinha possibilidade de alcançá-lo. Então, com uma dolorosa virada de cabeça, conseguiu cuspir no maxilar dele.

Ele se encolheu de novo, mas não a soltou. Nem olhou para ela.

– Seu traidor! Seu filho da mãe! Me solte!

Levantou um joelho para dar outro chute para trás quando ele obedeceu e a soltou. Ela caiu para a frente com um gritinho.

Scarlet correu para longe, trincando os dentes. Seus joelhos latejavam e ela teve que usar a parede para conseguir ficar de pé. Virou para olhar para ele. Seu estômago se revirou, e teve certeza de que vomitaria de ódio, nojo e fúria.

– O quê? – gritou ela. – O que você quer?

Lobo limpou o cuspe do queixo com o pulso.

– Eu tinha que te ver.

– Por quê? Pra poder se gabar do quanto me fez de boba? De como foi *fácil* me convencer de que você... – Um tremor percorreu o corpo dela. – Não consigo acreditar que deixei você *tocar em mim*. – Ela se contorceu e passou as mãos pelos braços para afastar a lembrança. – Vá embora! Me deixe em paz!

Lobo não se moveu nem falou por um longo tempo. Scarlet virou, cruzou os braços sobre o peito e olhou com raiva para a parede, tremendo.

– Menti pra você sobre muitas coisas – disse ele por fim.

Ela deu uma gargalhada debochada.

– Mas falei sério cada vez que pedi desculpas.

Ela fez uma expressão de raiva e viu pontos brilhantes na parede.

– Eu nunca quis mentir para você, nem assustar você, nem... E tentei, no trem...

– Não ouse. – Ela o encarou de novo e afundou as unhas nos braços para se impedir de partir para cima dele e fazer papel de boba de novo. – Nem *pense* em tocar nesse assunto, nem em

tentar justificar o que fez comigo. O que seu povo fez com minha avó!

– Scarlet... – Ele deu um passo na direção dela, mas ela levantou as mãos e recuou até suas pernas baterem no colchão.

– Não chegue perto de mim. Não quero ver você. Não quero ouvir você. Prefiro morrer a ser tocada por você de novo.

Viu a garganta dele se movendo quando engoliu em seco. Seu rosto demonstrou dor, mas isso só serviu para deixá-la com mais raiva.

Lobo lançou um olhar para a porta e Scarlet o acompanhou. Ela reparou que o guarda de sempre estava esperando do lado de fora, assistindo aos dois como se fossem uma novela popular sendo transmitida nas telas. O estômago dela deu um nó.

– Lamento ouvir isso, Scarlet – disse Lobo, virando para ela. A voz tinha perdido o tom de arrependimento e era pura praticidade e crueldade de novo. – Porque não vim pedir desculpas. Vim por outro motivo.

Ela se empertigou.

– Não ligo pro que você...

Ele a alcançou com um único passo, afundou as mãos em seu cabelo e pressionou-a na parede. A boca de Lobo sufocou o grito surpreso dela, depois um grito de raiva. Ela tentou empurrá-lo, mas teve tão pouco sucesso quanto teria com as barras de ferro da porta.

Seus olhos se arregalaram quando sentiu a língua dele, e, em um vislumbre de rebeldia, pensou em mordê-lo, mas havia outra

coisa. Uma coisa pequena, achatada e dura sendo pressionada para sua boca. Todos os músculos ficaram contraídos.

Lobo se afastou. Seu toque ficou mais leve, aninhando a cabeça dela. As cicatrizes eram um borrão na visão dela. Scarlet não conseguia respirar.

Então ele murmurou, tão baixo que ela mal conseguiu entender as palavras quando saíram dos lábios quentes.

– Espere até de manhã – disse. – O mundo não vai estar seguro esta noite.

Lobo se concentrou nos próprios dedos quando segurou um cacho. Fechou a cara, como se o toque provocasse dor.

A indignação voltando, Scarlet o empurrou e passou por baixo do braço dele. Correu para o canto do aposento e se agachou na cama. Depois de cobrir a boca com uma das mãos, colocou a outra na parede para se equilibrar.

Esperou, com o corpo todo em chamas, até Lobo sair do aposento. As barras se abriram e fecharam.

Do lado de fora, o guarda riu, debochando.

– Acho que todo mundo tem seus fetiches – disse ele, e os passos seguiram pelo corredor.

Caída na parede, Scarlet cuspiu o objeto estranho na palma da mão.

Um pequeno chip de identificação brilhou para ela.



LIVRO

Quatro

“Pra te comer melhor, minha querida.”



CAPÍTULO

Trinta e Cinco

– ELA VAI FICAR BEM, SABE.

Cinder deu um pulo de susto e foi arrancada do devaneio. Thorne estava pilotando uma pequena nave de passeio em Rieux, na França, e Cinder estava um tanto surpresa de ainda não terem batido e morrido.

– Quem vai ficar bem?

– Aquela Émilie. Você não devia se sentir tão mal por fazê-la dormir com seu truque lunar. Provavelmente ela vai até se sentir mais descansada quando acordar.

Cinder fez uma careta. Seus pensamentos estavam tão direcionados a encontrar uma bateria e voltar para Iko antes que alguém aparecesse na fazenda que nem tinha pensado na loucura que deixaram para trás. Estranhamente, depois de tomar a decisão de usar o glamour na garota para que confiasse neles, toda a dúvida e a culpa que sentira desapareceram. Pareceu tão natural, tão fácil, tão óbvio que era a coisa certa a fazer.

A facilidade a assustou mais do que a falta de culpa. Se era tão natural para *ela* depois de apenas alguns dias praticando o novo dom, como poderia sobreviver enfrentando um taumaturgo? Ou a própria rainha?

– Só espero estar bem longe quando ela acordar – murmurou.

Voltando a atenção para a janela, Cinder refez o rabo de cavalo usando o reflexo fantasma. Consequia distinguir vagamente os olhos castanhos e as feições comuns. Inclinou a cabeça, se perguntando como era sua aparência com o glamour. Ela jamais saberia, é claro. Os espelhos não podiam ser enganados pelo glamour. Mas Thorne pareceu impressionado, e Kai...

É ainda mais doloroso olhar para você do que para ela.

As palavras fizeram o corpo dela parecer pesado.

A cidade surgiu abaixo e Thorne fez uma descida rápida demais. Cinder segurou o cinto ao redor da cintura.

Thorne acertou a nave e tossiu.

– Houve uma rajada de vento.

– Claro que sim. – Ela encostou a cabeça no apoio do banco.

– Você está muito para baixo hoje – disse Thorne, beliscando de leve o queixo dela. – Alegre-se. Podemos não ter encontrado Michelle Benoit, mas agora temos certeza de que ela abrigou a princesa. Isso é bom. É um progresso.

– Encontramos uma casa revirada e fomos identificados pela primeira civil que nos viu.

– É, porque somos *famosos*. – Cantarolou a palavra com uma dose de orgulho. Quando Cinder revirou os olhos, ele a cutucou no braço. – Ah, pare com isso, podia ser pior.

Ela ergueu a sobrancelha para Thorne, e o sorriso dele se alargou.

– Pelo menos temos um ao outro. – Ele esticou o braço, como se fosse dar um grande abraço nela se não estivessem presos pelo cinto de segurança, cada um em seu assento. O bico da nave

virou para a direita, e Thorne rapidamente segurou os controles de novo, ajustando a direção a tempo de desviar de um bando de pombos.

Cinder cobriu uma gargalhada com a mão de metal.

Só começou a perceber que aquela ideia era ruim quando Thorne pousou meio torto em uma rua de pedras secundária. Mas não tinham escolha. Precisavam de uma bateria nova se quisessem levar a Rampion para o espaço de novo.

– As pessoas vão nos ver – disse, olhando ao redor ao sair da nave. A rua estava vazia, serenamente protegida nas sombras de prédios de pedra com séculos de idade e bordos de folhas prateadas. Mas a tranquilidade não ajudou em nada a acalmar os nervos dela.

– E você vai usar sua utilíssima magia de lavagem cerebral em todas elas, e nenhuma vai saber que está nos vendo. Bem, quero dizer, acho que vão nos ver de qualquer jeito, só não vão nos reconhecer. Ou... ei, você *consegue* nos deixar invisíveis? Isso seria muito útil.

Cinder enfiou as mãos nos bolsos.

– Não sei se estou pronta para enganar uma cidade inteira. Além do mais, eu não gosto de fazer isso. Faz com que eu me sintam... má.

Sabia que, se seu detector de mentiras interno pudesse vê-la, teria reconhecido a mentira. A sensação era certa *demais*, e talvez fosse isso que parecia mais horivelmente errado em fazer aquilo.

Os olhos azuis piscando, Thorne prendeu os polegares no cinto. Estava meio ridículo de jaqueta de couro elegante nessa cidadezinha simples e rural, mas tinha o balanço de um homem que fazia parte do local. Que fazia parte de qualquer lugar que quisesse.

– Você pode ser uma lunar maluca, mas não é *má*. Desde que esteja usando o glamour para ajudar as pessoas e, mais importante, para *me* ajudar, não tem motivo para se sentir culpada. – Ele parou para olhar o cabelo na vitrine suja de uma loja de sapatos enquanto Cinder o observava sem acreditar.

– Espero que essa não seja sua ideia de conversa animadora.

Ele deu um sorrisinho debochado e indicou a loja seguinte com um movimento de cabeça.

– Aqui estamos – disse, abrindo uma porta de madeira barulhenta.

O som oco de sinos digitais os recebeu, misturado com o cheiro de óleo de motor e borracha queimada. Cinder aspirou o aroma tão familiar. Mecânica. Maquinário. Aquele era o lugar *dela*.

Apesar de a loja parecer encantadora pelo lado de fora, com a fachada de pedra e janelas de madeira antiga, ela agora conseguia ver que era enorme, do comprimento do quarteirão. Perto da frente, prateleiras altas de metal exibiam peças de andróides e tablets. Mais para os fundos, Cinder conseguia ver partes de máquinas maiores: aerodeslizadores, tratores e naves.

– Perfeito – murmurou, seguindo em direção à parede dos fundos.

Passaram por um funcionário jovem com acne no rosto sentado atrás de uma bancada, e embora Cinder tenha imediatamente acionado o glamour para disfarçar a si mesma e a Thorne com a primeira coisa que lhe veio à mente (os fez parecer trabalhadores de fazenda, sujos e desgrehados), duvidou que a medida fosse necessária. O garoto nem se deu o trabalho de cumprimentá-los, pois estava com a atenção grudada em um tablet que emanava a melodia animada de um aplicativo de jogo.

Cinder contornou o corredor de conversores de força e viu um homem gigantesco, o único outro freguês da loja, encostado em um elevador de motor. Estava concentrado em limpar as unhas em vez de olhar as prateleiras, e quando encarou o olhar de Cinder, foi com um sorrisinho zombeteiro.

Cinder enfiou a mão de metal no bolso, encontrou a vibração do pensamento dele no ar e o dirigiu para longe. *Você não está interessado em nós.*

Mas o sorriso dele só se alargou, o que provocou um arrepio na espinha dela.

Quando ele virou de costas um momento depois, Cinder saiu sorrateiramente do corredor, com a atenção dividida entre manter o glamour e observar as peças variadas até encontrar a bateria de que eles precisavam. Ela a pegou na prateleira, ofegou com o peso e voltou rapidamente para a frente da loja.

Thorne suspirou assim que saíram do campo de visão do estranho.

– Ele me deu medo.

Cinder concordou.

– Você devia deixar a nave ligada para o caso de precisarmos fazer uma fuga rápida. – Ela colocou a bateria na bancada do funcionário com um baque.

O garoto nem sequer ergueu o olhar, continuou jogando com o polegar de uma das mãos enquanto com a outra esticava o escâner para Cinder. O laser vermelho piscou na bancada.

O medo se espalhou no estômago de Cinder.

– Hum.

O garoto conseguiu desviar a atenção do jogo e olhou para ela com irritação.

Cinder engoliu em seco. Nenhum dos dois tinha chip de identificação nem como pagar. Será que o glamour a ajudaria a escapar disso? Imaginou que Levana provavelmente não teria dificuldade...

Antes que conseguisse falar, uma coisa brilhosa apareceu no seu canto de visão.

– Isso cobre? – disse Thorne, esticando um relógio digital banhado a ouro. Cinder reconheceu como sendo o que Alak estava usando, o dono do hangar de espaçonaves em Nova Pequim.

– Thorne! – sibilou ela.

– Aqui não é casa de penhores – disse o garoto, largando o escâner na bancada. – Vocês podem pagar ou não?

Cinder olhou com raiva para Thorne, mas viu o homem estranho saindo do corredor perto dos fundos da loja. Vinha andando na direção deles, assobiando uma melodia alegre, e

tirou um par de luvas grossas de trabalho de um dos bolsos e colocou uma na mão esquerda com grande exagero de movimentos.

Com o coração disparado, Cinder virou para o garoto.

– Você quer o relógio – disse. – É uma boa troca por essa bateria, e você não vai nos denunciar por levá-la.

Os olhos do garoto ficaram vidrados. Tinha começado a assentir quando Thorne colocou o relógio na palma da mão dele e Cinder pegou a bateria na bancada. Saíram pela porta e deixaram o soar dos sinos falsos para trás.

– Chega de roubar! – disse ela quando Thorne chegou ao seu lado.

– Ei, aquele relógio nos salvou lá dentro.

– Não, *eu* nos salvei lá dentro, e caso você já tenha esquecido, esse é exatamente o tipo de truque mental que *não* quero fazer nas pessoas.

– Mesmo se salvar sua pele?

– Sim!

Uma luz piscou no olho de Cinder, indicando a chegada de uma mensagem. Um momento depois, palavras começaram a surgir em seu campo de visão.

**FOMOS DETECTADOS – POLÍCIA. VOU
MANTÊ-LOS LONGE O MÁXIMO DE
TEMPO POSSÍVEL.**

Ela cambaleou no meio da rua.

- O quê? – disse Thorne.
- É lko. A polícia encontrou a nave.

Thorne ficou pálido.

- Então não dá tempo de comprar umas roupas novas.
- Nem um corpo de androide. Vamos.

Ela saiu correndo com Thorne nos seus calcanhares até que dobraram a esquina e pararam de repente.

Dois policiais estavam entre eles e a nave, um comparando o modelo da nave com alguma informação no tablet que segurava.

Alguma coisa apitou no cinto do outro policial. Quando ele esticou a mão para pegar, Cinder e Thorne recuaram e se esconderam atrás do prédio.

Com a pulsação disparada, Cinder olhou para Thorne, mas ele estava avaliando a vitrine mais próxima. TAVERNA RIEUX estava pintado no centro da vidraça.

– Aqui – indicou, puxando-a para contornar duas mesas de ferro forjado e atravessar a porta.

A taverna fedia a bebida e fritura e vibrava com esportes nas telas e gargalhadas exageradas.

Cinder deu dois passos para a frente, prendeu a respiração e virou para ir embora. Thorne bloqueou o caminho com o braço esticado.

– Aonde você vai?

– Tem gente demais. Vamos ter mais sorte com a polícia. – Ela o empurrou, mas parou quando viu um aerodeslizador verde pousando nas pedras lá fora, com o emblema das forças militares

da Comunidade das Nações Europeias pintado na lateral. –
Thorne.

O braço dele ficou rígido e a taverna pareceu ficar em silêncio. Cinder encarou lentamente a multidão. Dezenas de estranhos olhavam boquiabertos para ela.

Um ciborgue.

– Pelas estrelas – sussurrou. – Preciso de um novo par de luvas.

– Não, você precisa se acalmar e começar a usar sua bruxaria cerebral.

Cinder chegou perto de Thorne e engoliu o pânico crescente.

– Nós somos daqui – murmurou ela. Cinder estava com a nuca coberta de suor, que escorria pela coluna. – Não somos estranhos. Vocês nos reconhecem. Não têm interesse, nem curiosidade, nem... – Parou de falar quando a atenção das pessoas no salão começou a voltar para as comidas e bebidas e telas atrás do bar. Cinder continuou a repetição mecânica em pensamento, *Nós somos daqui, não somos estranhos*, até as frases se misturarem em uma sensação de invisibilidade.

Eles não eram estranhos. Eram dali.

Ela se forçou a acreditar.

Ao observar as pessoas, viu que apenas um par de olhos permanecia nela, azuis vibrantes e tomados de humor. Era um homem musculoso sentado a uma mesa perto dos fundos, com um sorriso brincando nos lábios. Quando o olhar de Cinder sustentou o dele, ele se recostou e voltou a atenção para as telas.

– Venha – disse Thorne, guiando-a para uma mesa livre.

O som da porta gemendo atrás deles fez o estômago de Cinder se contrair como um motor morrendo. Eles se sentaram à mesa do canto.

– Foi uma ideia ruim – sussurrou ela, colocando a bateria ao seu lado no banco. Thorne não disse nada, e os dois curvaram os pescoços por cima da mesa quando três pessoas de uniforme vermelho passaram. Um escâner apitou, o que fez a pulsação de Cinder latejar nas têmporas, e o último oficial parou.

Com a mão ciborgue por baixo da mesa, Cinder abriu o tambor da arma tranquilizante embutida do dedo pela primeira vez desde que o dr. Erland lhe deu a mão.

O oficial ficou ao lado da mesa deles, e Cinder se forçou a virar para ele, pensando *inocente, normal, indistinguível de qualquer outra pessoa*.

O oficial estava segurando um tablet com um escâner de identificação embutido. Cinder engoliu em seco e olhou para cima. Era jovem, tinha talvez vinte e poucos anos, e seu rosto estava contorcido pela confusão.

– Algum problema, monsieur? – perguntou, repugnada por ouvir a própria voz sair adocicada como uma vez tinha ouvido a da rainha Levana.

Os olhos dele piscaram rapidamente. A atenção dos outros oficiais, um homem e uma mulher, também tinha sido atraída, e Cinder conseguia percebê-los por perto.

Um calor se espalhou da base de seu pescoço e desceu desconfortavelmente pelos membros. Ela apertou os punhos. A onda de energia no salão era pulsante, quase visível. Seu

dispositivo óptico biônico estava começando a entrar em pânico e a enviar avisos preocupados sobre hormônios e desequilíbrios químicos para o campo de visão dela, e o tempo todo procurou controlar desesperadamente o dom lunar. *Sou invisível. Não sou importante. Vocês não me reconhecem. Por favor, não me reconheçam.*

– Oficial?

– Você é... hum. – Dirigiu os olhos para o tablet e para o rosto dela, depois balançou a cabeça como se quisesse afastar teias de aranha em sua mente. – Estamos procurando uma pessoa, e aqui diz... Você por acaso não...

Todos estavam olhando agora. As garçonetes, os fregueses, o cara estranho com olhos inquietos. Nenhuma quantidade de súplica interior poderia torná-la invisível com um oficial militar de outro país falando com ela. Estava ficando tonta com o esforço. Seu corpo estava se aquecendo e havia suor em sua testa.

Ela engoliu em seco.

– Está tudo bem, oficial?

Ele franziu a testa.

– Estamos procurando uma garota... uma adolescente da Comunidade das Nações Orientais. Você por acaso não seria... Linh...

Cinder ergueu as sobrancelhas, fingindo ignorância.

– Peony?

CAPÍTULO

Trinta e Seis

O SORRISO DE CINDER FICOU CONGELADO NO ROSTO. O NOME DI como uma pedra em seu peito que tirava o ar dos pulmões enquanto lembranças povoavam sua visão. Peony assustada e sozinha nas quarentenas. Peony morrendo, com o antídoto ainda na mão de Cinder.

A dor foi imediata, como fogo estraçalhando seus músculos. Cinder gritou, apertou a mesa e quase caiu.

O oficial cambaleou para trás, e a colega dele gritou:

– É ela!

Cinder sentiu a mesa ser empurrada contra si quando Thorne deu um pulo. Levou um momento para a queimação diminuir. O gosto de sal permaneceu em sua língua, alguém gritou e, em meio à confusão no cérebro, ela ouviu pernas de cadeiras e de mesas arranhando o chão. A voz da mulher continuou:

– Linh Cinder, vamos levá-la conosco.

Um texto em vermelho brilhou em sua retina.

**TEMPERATURA INTERNA ACIMA DA
TEMPERATURA DE CONTROLE
RECOMENDADA. SE O PROCEDIMENTO
DE RESFRIAMENTO NÃO FOR INICIADO,**

O DESLIGAMENTO AUTOMÁTICO
OCORRERÁ EM UM MINUTO.

– Linh Cinder, coloque lentamente as mãos acima da cabeça.
Não faça movimentos bruscos.

Ela piscou tentando afastar a névoa intensa em sua visão, quase não percebendo a oficial com a arma apontada para sua testa. Atrás dela, Thorne estava dando um soco no nariz do jovem com o tablet, que se abaixou e reagiu. O terceiro oficial estava com a arma apontada para os dois homens, que, na briga, caíram em cima de uma mesa ali perto.

Cinder respirou fundo, feliz de só um resíduo da dor permanecer sob sua pele.

CINQUENTA SEGUNDOS ATÉ O
DESLIGAMENTO AUTOMÁTICO...

Ela soltou a respiração lentamente.

DESLIGAMENTO AUTOMÁTICO
PAUSADO. TEMPERATURAS CAINDO.
PROCEDIMENTO DE RESFRIAMENTO
ACIONADO.

– Linh Cinder – repetiu a mulher. – Coloque as mãos no alto da cabeça. Tenho autorização para atirar, se necessário.

Ao passar as mãos em frente ao rosto, ela percebeu que tinha esquecido que a ponta de um dos dedos estava aberta, armada com um dardo.

– Saia de trás da mesa lentamente e dê a volta. – A mulher deu um passo para trás para dar espaço para Cinder se mover. Atrás dela, Thorne gemeu quando um soco acertou seu estômago e ele se encolheu.

Cinder também se encolheu ao ouvir aquele som, mas fez o que mandaram, esperando que o estômago parasse de se revirar, que a fraqueza passasse. Tentou preparar o cérebro para a tentativa, sabendo que só teria uma chance.

Ficou de pé na hora em que estavam colocando algemas nos pulsos de Thorne. Cinder virou. Com o canto do olho, viu a oficial esticar a mão para o cinto.

– Você não quer fazer isso – disse, mais uma vez se encolhendo por causa da adorável serenidade da própria voz. – Você quer nos soltar.

A oficial fez uma pausa e olhou para ela com uma expressão vazia.

– Vocês querem nos soltar. – A ordem foi dirigida a todos os oficiais, a todo mundo na taverna, mesmo os fregueses assustados que estavam encostados na parede dos fundos. A cabeça de Cinder zumbia com a volta da força, do controle e do poder. – Vocês querem nos soltar.

A oficial baixou os braços para a lateral do corpo.

– Nós queremos soltar...

Um grito gutural ecoou pela taverna. Atrás da oficial, o homem de olhos azuis ficou de pé, mas caiu em cima da mesa. As pernas da mesa quebraram com o peso, e ele caiu no chão. Os outros fregueses se afastaram, e a atenção de todo mundo foi desviada. Cinder olhou para Thorne, que estava assistindo ao espetáculo com as mãos presas às costas.

O estranho rosnou. Estava agachado, de quatro, com saliva pingando da boca. Por baixo das sobrancelhas escuras, seus olhos tinham adquirido uma estranha luminescência e uma expressão louca e sedenta por sangue que fez as entranhas de Cinder se contorcerem. Ele curvou os dedos, arranhou o chão com as unhas e olhou para os rostos apavorados ao redor.

Um rosnado subiu de sua garganta e seus lábios se abriram, revelando dentes pontudos, mais lupinos do que humanos.

Cinder recuou até o banco, certa de que o surto momentâneo tinha estragado alguma coisa, que seu dispositivo óptico biônico estava enviando mensagens cruzadas ao cérebro. Mas sua visão não mudou.

Ao mesmo tempo, os oficiais militares apontaram as armas para o homem, mas ele não demonstrou preocupação. Pareceu satisfeito com os gritos horrorizados, com a forma como a multidão se afastou dele.

Ele pulou no oficial mais próximo antes que conseguisse puxar o gatilho. Suas mãos envolveram a cabeça do homem. Houve um estalo alto, e ele caiu no chão sem vida. Aconteceu tão rápido, cada movimento não mais que um borrão.

Gritos se espalharam pela taverna. Houve correria em direção à porta, clientes pulando por cima de mesas e cadeiras caídas.

Ignorando as pessoas, o homem deu um sorrisinho debochado para Cinder. Ela cambaleou até cair sentada no banco, tremendo.

– Oi, garotinha – disse ele, com voz humana demais, controlada demais. – Acho que minha rainha anda procurando você.

Pulou para cima dela. Cinder recuou, incapaz de gritar.

A oficial se jogou entre os dois, de frente para Cinder, com os braços bem abertos de forma protetora. Seu rosto estava completamente sem expressão. Seus olhos sem vida observavam Cinder na hora em que o homem uivou de raiva e agarrou-a por trás. Passou um braço ao redor da cabeça dela, puxou para trás e afundou as presas na garganta.

Ela não gritou. Não lutou.

Um gorgolejar sangrento saiu de sua boca.

Uma arma disparou.

O homem enlouquecido rosnou, pegou a oficial e jogou para o lado como um cachorro faria com um brinquedo, lançando-a do outro lado da taverna. Ela caiu no chão quando outro tiro soou e acertou o homem no ombro. Com um grito, ele pulou para a frente e arrancou com uma das mãos a arma do oficial que tinha sobrado. Atacou-o com a outra, os dedos curvados como garras, que deixaram quatro cortes no rosto do oficial.

Com o coração disparado, Cinder olhou para a mulher quando a vida se esvaía dos olhos. Sua respiração ofegante ficou presa na garganta. O coração estava batendo com tanta força que sem

dúvida pularia para fora do peito. Pontos brancos manchavam sua visão. Não conseguia respirar.

– *Cinder!*

Atordoadada, procurou pelo salão e encontrou Thorne saindo de trás de uma mesa derrubada com as mãos ainda presas nas costas. Ele caiu de joelhos ao lado do banco.

– Vamos, as algemas!

Os pulmões dela queimavam. Os olhos ardiam. Estava hiperventilando.

– Eu... eu a matei... – gaguejou.

– *O quê?*

– Eu matei... Ela estava...

– Não é a hora de surtar, Cinder!

– Você não entende. Fui eu. Eu...

Thorne se jogou e bateu sua testa na dela com tanta força que Cinder gritou e caiu no banco.

– Componha-se e me ajude a abrir esse troço!

Ela se segurou na mesa e se pôs de pé. Com a cabeça doendo, olhou para Thorne, depois para a oficial caída na parede, com o pescoço inclinado em um ângulo estranho.

Com o cérebro lutando para se prender à realidade, ela deu um salto para a frente e foi arrastando Thorne por entre cadeiras derrubadas. Depois de se agachar ao lado do primeiro oficial caído, segurou o braço dele e ergueu o pulso. Thorne girou as mãos na direção dela, e as algemas piscaram e se abriram.

Cinder soltou a mão inerte e ficou de pé. Saiu correndo para a porta, mas alguma coisa segurou seu rabo de cavalo e puxou-a

para trás. Ela gritou e caiu em uma mesa. Garrafas se estilhaçaram embaixo dela, e água e álcool encharcaram as costas de sua blusa.

O homem louco estava em cima dela, com uma expressão de desprezo. Sangue pingava de seus lábios e dos ferimentos a bala, que mal parecia reparar.

Cinder tentou se afastar, mas escorregou e um caco de vidro cortou a palma da mão. Sufocou um grito.

– Eu perguntaria o que trouxe você à pequena Rieux, na França, mas acho que já sei. – Ele sorriu, mas era inquietante e nada natural, com os caninos proeminentes manchados de sangue. – Pena que encontramos a velhota primeiro, e agora minha matilha tem vocês duas. Fico pensando qual será minha recompensa quando eu levar o que sobrar de você para minha rainha em uma caixa de plástico.

Thorne gritou, levantou uma cadeira e quebrou-a nas costas do homem.

O homem virou, e Cinder aproveitou a distração para rolar por cima da mesa. Ela desabou no chão e ergueu o olhar na hora em que o homem afundou os dentes no braço de Thorne. O capitão deu um grito.

– *Thorne!*

O homem recuou, com o queixo pingando sangue, e deixou Thorne, que caiu de joelhos.

Os olhos do assassino brilhavam.

– Sua vez.

Ele deu dois passos lentos na direção dela. Cinder virou a mesa e criou um obstáculo entre eles, mas o homem a chutou para longe com uma gargalhada.

Cinder ficou de pé, ergueu a mão e disparou um dardo tranquilizante no peito dele.

Rosnando, arrancou o dardo como um incômodo insignificante.

Cinder recuou. Ao tropeçar em uma cadeira caída, gemeu e caiu de costas no corpo quente e imóvel do oficial, e conseguiu disparar duas balas, mas inutilmente.

O homem sorriu de uma maneira repugnante, mas fez uma pausa, empalidecendo. Seu sorriso cruel sumiu e, com mais um passo, caiu de cara no chão.

Cinder ficou olhando com o estômago embrulhado para a forma inerte em meio à confusão.

Quando viu que ele não se mexia, ousou olhar para o oficial morto cujo sangue escorria pela clavícula. Rolou de cima do policial, pegou a arma que tinha caído no chão e ficou de pé.

Cinder segurou o cotovelo de Thorne e enfiou a arma na mão dele. Ele gemeu de dor, mas não lutou quando ela o colocou de pé e o empurrou até a porta. Cinder voltou correndo até a mesa, pegou a bateria e enfiou debaixo do braço antes de sair correndo atrás dele.

A rua estava um caos, com pessoas correndo e saindo dos prédios, chorando histericamente.

Cinder viu os dois policiais que estavam inspecionando a nave agora tentando orientar a multidão. Uma janela se estilhaçou

quando um homem passou pelo vidro (o homem apavorante da loja de peças) e agarrou um dos policiais no caminho. Seus dentes se enfiaram no pescoço do policial.

Uma onda de náusea cresceu dentro dela quando o louco soltou o policial e virou o rosto manchado de sangue para o céu.

E uivou.

Foi um uivo longo, orgulhoso e agourento.

O dardo de Cinder acertou-o no pescoço, silenciando-o. Ele teve tempo de virar e olhá-la com raiva antes de cair de lado.

Não pareceu importar. Enquanto Cinder e Thorne corriam para a nave abandonada, o uivo do homem foi repetido por outro e mais outro, meia dúzia de gritos alienígenas sendo repetidos em todas as direções para receber a lua que surgia no céu.

CAPÍTULO

Trinta e Sete

– O QUE FOI AQUILO? – GRITOU THORNE ENQUANTO FAZIA A NAVE

Voando mais baixo e muito mais rápido do que as leis permitiam, seguiram sobre a colcha de retalhos de plantações que cercava a cidade de Rieux.

Cinder balançou a cabeça, ainda ofegante.

– Eram lunares. O cara mencionou a rainha.

Thorne bateu com a palma da mão no painel de controle da pequena nave, falando vários palavrões.

– Sei que é de se esperar que lunares tenham uns parafusos soltos, sem querer ofender, mas aqueles homens eram psicóticos. Ele praticamente mastigou meu braço! E essa é minha jaqueta favorita!

Cinder olhou para Thorne, mas o ombro ferido estava do outro lado. No entanto, ela conseguia ver um galo vermelho no ponto em que tinha batido com a cabeça na dela para arrancá-la do delírio.

Ela apertou os dedos de metal frio na testa, que estava começando a latejar, e reparou em um fluxo de texto no campo de visão que antes estava apavorada e distraída demais para reparar.

ONDE VOCÊS ESTÃO???

– Iko está em pânico.

Thorne desviou de um trator abandonado.

– Eu esqueci a polícia! Minha nave está bem?

– Espere.

Ficando enjoada com as curvas que ele estava fazendo, Cinder se segurou no apoio lateral e enviou uma nova mensagem.

A CAMINHO. A POLÍCIA AINDA ESTÁ AÍ?

A resposta de Iko foi quase instantânea.

NÃO, ELES PRENDERAM UM MECANISMO DE RASTREAMENTO NA NAVE E FORAM EMBORA. HOUVE ALGUMA CONFUSÃO EM RIEUX. ESTOU ASSISTINDO ÀS TELAS AGORA... CINDER, VOCÊ ESTÁ VENDENDO ISSO?

Ela engoliu em seco, mas não respondeu.

– A polícia foi embora. Deixou um rastreador.

– Ah, isso é previsível. – Thorne desceu e o trem de pouso esbarrou na ponta de um moinho. Cinder viu a Rampion a poucos quilômetros, uma mancha enorme no meio da plantação, mas quase imperceptível à noite.

IKO, ABRA A PLATAFORMA DE NAVES DE PASSEIO.

Quando a nave alcançou a Rampion, a plataforma estava aberta. Cinder apertou os olhos e se ajeitou no assento quando Thorne mergulhou rápido demais na direção da abertura. Mas ele acionou os propulsores bem na hora, e em pouco tempo a nave parou repentina e agitadamente. Ela tremeu e morreu. Cinder já tinha saído pela porta lateral antes mesmo que as luzes se apagassem.

– Iko! Onde está o rastreador?

– Pelas estrelas, Cinder! Onde você esteve? O que está acontecendo lá fora?

– Não temos tempo. O rastreador!

– Está debaixo do trem de pouso, a boreste.

– Eu tiro – disse Thorne, caminhando em direção às portas abertas. – Iko, lacre a plataforma assim que eu sair, depois abra a escotilha principal. Cinder, instale a bateria! – Thorne pulou da plataforma, e Cinder ouviu um *splash* de lama quando ele caiu. Um momento depois, as portas de encaixe começaram a deslizar e fechar.

– Espere!

As portas pararam, deixando um espaço do tamanho da cabeça de Cinder.

– O quê? – gritou Iko. – Pensei que ele tivesse saído! Por acaso o esmaguei?

– Não, não. Ele está bem. Só preciso fazer uma coisa.

Mordendo o lábio, ela se abaixou em um joelho. Puxou a calça para cima, abriu o compartimento na prótese da perna e encontrou os dois pequenos chips em meio a vários fios emaranhados: o chip de comunicação direta, brilhando com sua iridescência peculiar, e o chip de identificação de Peony, ainda coberto de sangue seco.

Aqueles oficiais a haviam rastreado pelo chip de Peony, e ela não ficaria surpresa se os assecclas de Levana a tivessem encontrado da mesma forma.

– Sou tão burra – murmurou, soltando o chip. Seu coração se apertou de repente, mas fez o melhor que pôde para ignorar o sentimento, deu um beijo rápido no chip de identificação e o jogou no campo. Ele brilhou uma vez sob o luar e desapareceu no escuro.

– Tudo bem. Pode fechar as portas agora.

Quando as portas se fecharam com um estalo, ela foi até a nave e pegou a bateria no chão.

As luzes vermelhas de emergência da sala de máquinas estavam piscando. Seu display de retina já estava exibindo as plantas enquanto rastejava para o canto externo da nave, e desconectou a bateria velha.

Quando soltou os fios, a nave inteira ficou às escuras.

Ela falou um palavrão.

– *Cinder!* – gritou Thorne, perturbado, em algum lugar acima dela.

Cinder acendeu a lanterna e tirou a proteção da bateria nova, sua respiração rápida e assustada. Não demorou para a casa de

máquinas ficar sufocante sem o sistema de refrigeração.

Enfiou um cabo na entrada da bateria, depois o prendeu ao motor. Já estava esquecendo como conseguia sobreviver sem a chave de fenda na nova mão enquanto prendia a bateria à parede. A planta sobreposta à sua visão se aproximou enquanto ligava os fios delicados.

Engolindo em seco, ela digitou o código de reinicialização no computador central. O motor zumbiu, o barulho ficou mais alto e logo se tornou um ronronar como o de um gato feliz. As luzes vermelhas se acenderam e foram rapidamente substituídas por luzes brancas e intensas.

– lko?

A resposta foi quase imediata.

– O que acabou de acontecer? Por que ninguém me conta o que está acontecendo?

Com um suspiro, Cinder se deitou e se contorceu em direção à porta. Se segurou nos degraus da escada que levava ao nível principal da nave e gritou:

– Prontos para a decolagem!

Assim que terminou de falar, os combustores se acenderam embaixo dela e a nave começou a flutuar. Cinder gritou e agarrou a escada, se segurando com força enquanto a Rampion flutuava momentaneamente antes de subir ao céu, para longe da destruição que acontecia na bela cidade de Michelle Benoit.

Quando entraram em órbita de novo, Cinder encontrou Thorne no cockpit e afundou na cadeira com os dois braços pendendo na direção do chão.

– Temos que limpar as feridas – disse ao ver o ponto escuro de sangue no ombro dele.

Thorne assentiu sem olhar para ela.

– É, eu não quero pegar qualquer coisa que aquele cara pudesse ter.

Com a perna direita tremendo com o próprio peso, Cinder seguiu desajeitada até a enfermaria, feliz por ter tido a ideia de afastar as caixas da porta, e encontrou uma variedade de ataduras e pomadas.

– Bela decolagem lá embaixo – elogiou ao se juntar a Thorne no cockpit. – Capitão.

Ele resmungou e fez uma cara mal-humorada quando Cinder usou a faca embutida para cortar a manga grudada da jaqueta.

– Como está? – perguntou, examinando as marcas de mordida no braço.

– Parece que fui mordido por um cachorro selvagem.

– Você está tonto? Desnorteadado? Perdeu bastante sangue.

– Estou bem – respondeu, sem paciência. – Mas fiquei muito chateado por causa da jaqueta.

– Podia ter sido bem pior. – Ela cortou um pedaço comprido de atadura. – Eu poderia ter usado você como escudo humano, como fiz com aquela oficial. – A voz dela tremeu na última palavra. Uma dor de cabeça estava surgindo, começando nos olhos secos como o deserto, enquanto ela enrolava uma atadura no braço de Thorne e prendia o curativo com esparadrapo.

– O que aconteceu?

Ela balançou a cabeça e olhou para o corte na palma da mão.

– Não sei – respondeu Cinder, enrolando sem jeito o esparadrapo ali também.

– Cinder.

– Não era minha intenção. – Ela afundou na cadeira. Estava enojada, se lembrando do olhar morto e vazio da mulher ao se colocar entre Cinder e aquele homem. – Entrei em pânico e, quando percebi, ela estava lá, na minha frente. Eu nem pensei, nem tentei, simplesmente aconteceu. – Ela se levantou da cadeira e andou até o compartimento de carga, precisando de espaço. Respirar, se mover, pensar. – É exatamente disso que eu estava falando! De ter esse dom. Está me transformando em um monstro! Como aqueles homens. Como Levana.

Esfregou a cabeça e engoliu a confissão seguinte.

Talvez não fosse só por ela ser lunar. Talvez estivesse no sangue. Talvez ela fosse como a tia... ou como a mãe, que não era nem um pouco melhor.

– Ou talvez – sugeriu Thorne – tenha sido um acidente, e você ainda esteja aprendendo.

– Um acidente! – Ela virou. – Eu matei uma mulher!

Thorne ergueu um dedo.

– Não. Aquele homem lobo uivador e sugador de sangue foi quem a matou. Cinder, você estava com medo. Não sabia o que estava fazendo.

– Ele estava vindo para cima de *mim*, e eu a usei.

– E você acha que ele teria deixado o resto de nós em paz depois que pegasse você?

Cinder trincou os dentes, com o estômago ainda embrulhado.

– Entendo você achar que foi sua culpa, mas vamos tentar colocar um pouco da culpa no lugar certo.

Cinder franziu a testa para Thorne, mas estava vendo aquele homem de novo, com os olhos azuis sinistros e o sorriso doentio.

– Eles estão com Michelle Benoit. – Ela tremeu. – E isso é minha culpa também. Estão *me* procurando.

– Do que você está falando agora?

– Ele sabia que foi por isso que fomos a Rieux, mas disse que eles já a tinham encontrado. A “velhota”, ele disse. Mas só foram atrás dela porque estavam tentando me encontrar!

Thorne colocou a palma da mão no rosto.

– Cinder, você está iludida. Michelle Benoit abrigou a princesa Selene. Se a procuraram, foi por *isso*. Não tem nada a ver com você.

Cinder engoliu em seco, com o corpo todo tremendo.

– Ela ainda pode estar viva. Temos que tentar encontrá-la.

– Como nenhum de vocês me conta nada – interrompeu Iko, com voz firme –, vou ter que adivinhar. Vocês por acaso foram atacados por homens que lutavam como animais selvagens famintos?

Thorne e Cinder trocaram olhares. Cinder reparou que o compartimento de carga tinha ficado anormalmente quente durante a falação dela.

– Bom palpite – concordou Thorne.

– Estão falando sobre isso em todos os noticiários – disse Iko. – Não é só na França. Está acontecendo no mundo todo, em todos os países da União. A Terra está sob ataque!

CAPÍTULO

Trinta e Oito

UIVOS PREENCHERAM O PORÃO DO TEATRO. NO CANTO DA penumbra da cela, Scarlet prendeu a respiração e escutou. Os gritos solitários estavam abafados e distantes, em algum lugar nas ruas. Mas deviam ser bem altos, para chegarem até a masmorra dela.

E parecia haver dezenas. Animais procurando uns aos outros na noite, assustadores e apavorantes.

Não devia haver animais selvagens na cidade.

Scarlet se levantou da cama e andou lentamente até as barras. Uma luz se espalhava pelo corredor, vinda da escada que levava ao palco, tão suave que mal conseguia enxergar as barras de ferro na porta. Olhou pelo corredor. Nenhum movimento. Nenhum som. Só um letreiro de SAÍDA que provavelmente não era aceso havia cem anos.

Olhou para o outro lado. Só escuridão.

Teve a sensação horrível de estar presa sozinha. De ter sido deixada para morrer naquela prisão subterrânea.

Outro uivo ecoou, mais alto desta vez, embora ainda abafado. Talvez na rua em frente ao teatro.

Scarlet passou a língua pelos lábios.

– Olá? – disse, hesitante. Como não houve resposta, nem mesmo um uivo distante, ela tentou de novo, mais alto. – Tem alguém aqui?

Fechou os olhos para ouvir. Nada de passos.

– Estou com fome.

Nenhum movimento.

– Preciso ir ao banheiro.

Nada de vozes.

– Vou fugir agora.

Mas ninguém se importava. Ela estava sozinha.

Scarlet apertou a barra, se perguntando se era uma armadilha. Talvez eles a estivessem enganando com um falso senso de segurança, para ver o que faria. Talvez quisessem que tentasse fugir para poderem usar isso contra ela.

Ou talvez, só talvez, Lobo realmente tivesse tido a intenção de ajudá-la.

Ela resmungou. Se não fosse por ele, não estaria naquela encrenca. Se Lobo tivesse falado a verdade e explicado o que estava acontecendo, teria elaborado outro plano para salvar a avó, em vez de ser levada como uma ovelha para o banquete.

As juntas dos dedos dela começaram a doer de tanto apertar as barras.

Então, do vazio do porão, Scarlet ouviu o próprio nome.

Foi um som fraco e inseguro, pronunciado como uma pergunta delirante.

– *Scarlet?*

Com um nó no estômago, Scarlet apertou o rosto nas barras, sentindo o ferro frio nas bochechas.

– Olá?

Ela começou a tremer enquanto esperava.

– *Scar... Scarlet?*

– *Grand-mère? Grand-mère?*

A voz ficou em silêncio, como se aquela palavra a tivesse esgotado.

Scarlet se afastou da porta com barras e correu de volta até a cama, para pegar o pequeno chip que tinha enfiado debaixo do colchão.

Voltou para a porta, desesperada, implorando, esperançosa. Se Lobo a tivesse enganado quanto a isso...

Enfiou a mão pelas barras e passou o chip pelo escâner. Ele apitou com o mesmo tom alegre e doentio de quando os guardas levavam comida, um som que desprezara até o momento.

A porta se abriu sem resistência.

Scarlet ficou na passagem aberta, com o coração disparado. Mais uma vez, se viu lutando para ouvir algum som dos guardas, mas o teatro parecia abandonado.

Seguiu para o lado oposto da escada, para a escuridão do corredor. As mãos nas paredes de cada lado eram seu único guia. Quando chegou à outra porta com barras, ela fez uma pausa e se inclinou na abertura.

– Grand-mère?

A cela estava vazia.

Três, quatro, cinco celas, todas vazias.

– Grand-mère? – sussurrou.

Na sexta porta, um choramingo.

– Scarlet?

– Grand-mère! – Ela soltou o chip ao ser tomada pela emoção, mas imediatamente ficou de quatro para procurá-lo. – Grand-mère, está tudo bem, estou aqui. Vou salvar você... – Seus dedos encontraram o chip e o passou na frente do escâner. Uma onda de alívio tomou conta dela quando ele apitou, embora um som doloroso e apavorado tenha saído da avó no mesmo momento.

Scarlet abriu as barras e entrou na cela, sem se dar ao trabalho de ficar de pé para não tropeçar acidentalmente na avó na escuridão. A cela estava fedendo a urina, suor e ar estagnado.

– Grand-mère?

E encontrou-a encolhida no chão sujo perto da parede dos fundos da cela.

– Grand-mère?

– Scar? Como...?

– Sou eu. Estou aqui. Vou tirar você daqui. – As palavras se dissolveram em soluços, e ela segurou os braços frágeis da avó, puxando-a para um abraço.

A avó deu um grito, um som horrível e lastimável que feriu os ouvidos de Scarlet. Ela ofegou e a soltou.

– Não – choramingou a avó, com o corpo inerte no chão. – Ah, Scar... você não devia estar aqui. Não devia estar aqui. Não consigo suportar você estar aqui. Scarlet... – Ela começou a chorar, com soluços úmidos e engasgados saindo em gorgolejos pela boca.

Scarlet ficou de pé ao lado da avó, com o medo dominando todos os músculos. Não conseguia se lembrar de ter ouvido a avó chorar.

– O que fizeram com você? – sussurrou, passando as mãos pelos ombros da avó. Por baixo de uma camisa fina e surrada, havia amontoados de curativos e algo úmido e grudento.

Scarlet sufocou as próprias lágrimas e passou os dedos pelo peito e pelas costelas da avó. Havia ataduras em todas as partes. Acariciou os braços e as mãos, que pareciam mais duas clavas de tão cobertas que estavam de ataduras.

– Não, não toque nisso. – A avó tentou se afastar, mas estava tremendo incontrolavelmente.

Com o máximo de delicadeza que conseguiu, Scarlet passou o polegar pelas mãos da avó. Lágrimas quentes escorriam por suas bochechas.

– O que fizeram com você?

– Scar, você precisa sair daqui. – Cada palavra era uma luta, ela mal conseguia falar, mal conseguia respirar.

Scarlet ficou ajoelhada acima dela, com a cabeça apoiada no seio da avó e acariciando o cabelo grudento para longe da testa.

– Vai ficar tudo bem. Vou tirar você daqui e vamos para o hospital, e você vai ficar bem. Você vai ficar bem. – Ela se obrigou a sentar. – Você consegue andar? Fizeram alguma coisa com as suas pernas?

– Não consigo andar. Não consigo me mexer. Você tem que me deixar aqui, Scarlet. Tem que ir embora.

– Não vou deixar você. Todos foram embora, grand-mère. Temos tempo. Só precisamos pensar em uma maneira. Posso carregar você. – Lágrimas pingaram do queixo de Scarlet.

– Venha cá, meu amor. Chegue mais perto. – Scarlet limpou o nariz e afundou o rosto no pescoço da avó. Braços tentaram envolvê-la, mas só serviram para bater fracamente na lateral do corpo dela. – Eu não queria envolver você nisso. Me desculpe.

– Grand-mère.

– Shh. Escute. Preciso que você faça uma coisa para mim. Uma coisa importante.

Ela balançou a cabeça.

– Pare. Você vai ficar bem.

– Me escute, Scarlet. – O sussurro da avó pareceu ficar ainda mais baixo. – A princesa Selene está viva.

Scarlet apertou bem os olhos.

– Pare de falar, por favor. Poupe suas energias.

– Ela foi morar na Comunidade das Nações Orientais com a família Linh. Com um homem chamado Linh Garan.

Scarlet deu um suspiro triste e frustrado.

– Eu sei, grand-mère. Sei que você a abrigou e sei que a entregou para um homem da Comunidade das Nações Orientais. Mas não importa mais. Não é mais problema seu. Vou tirar você daqui e mantê-la em segurança.

– Não, querida, você precisa encontrá-la. Ela deve ser adolescente agora... e é ciborgue.

Scarlet piscou, desejando conseguir ver a avó na escuridão.

– Ciborgue?

– A não ser que tenha mudado o nome, chama-se Cinder agora.

O nome despertou um quê de familiaridade no fundo da mente de Scarlet, mas o cérebro estava ocupado demais para identificar quem era naquele momento.

– Grand-mère, por favor, pare de falar. Preciso...

– Você precisa encontrá-la. Logan e Garan são os únicos que sabem, e se a rainha me encontrou, pode encontrá-los. Alguém precisa contar à garota quem ela é. Alguém precisa encontrá-la. *Você* precisa encontrá-la.

Scarlet balançou a cabeça.

– Não ligo para a princesa idiota. Ligo para você. Vou proteger *você*.

– Não posso ir com você. – As mãos machucadas tocaram os braços de Scarlet. – Por favor, Scarlet. Ela pode fazer toda a diferença.

Scarlet se encolheu.

– É apenas uma adolescente – conseguiu dizer em meio a novos soluços. – O que ela pode fazer?

Nesse momento, se lembrou do nome. O noticiário surgiu em seu pensamento, uma garota correndo pela escada de um palácio, caindo, indo parar em um caminho de cascalho.

Linh Cinder.

Uma adolescente. Ciborgue. Lunar.

Engoliu em seco. Então Levana já tinha encontrado a garota. Encontrou, mas perdeu novamente.

– Não importa – murmurou, apoiando a cabeça no peito da avó. – Não é problema nosso. Vou tirar você daqui. Vamos para bem longe.

Sua mente buscou desesperadamente uma forma de fugirem juntas. Alguma coisa que pudesse usar como maca ou cadeira de rodas ou...

Mas não havia nada.

Nada que pudesse subir a escada. Nada que ela conseguisse carregar. Nada que a avó pudesse aguentar.

Seu coração se partiu, e a dor arrancou uma lamúria de sua garganta.

Scarlet não podia deixá-la assim. Não podia deixar que a ferissem mais.

– Minha doce garota.

Ela fechou bem os olhos e deixou cair mais duas lágrimas quentes.

– Grand-mère, quem é Logan Tanner?

A avó deu um beijo leve na testa de Scarlet.

– Ele é um bom homem, Scarlet. Teria amado você. Espero que você o conheça um dia. Diga oi para ele por mim. Diga adeus.

Um soluço cortou o coração de Scarlet. A camisa da avó estava encharcada por suas lágrimas.

Scarlet não conseguiu contar para ela que Logan Tanner estava morto. Que tinha enlouquecido. Que tinha se matado.

Seu avô.

– Eu te amo, grand-mère. Você é tudo pra mim.

Os braços cobertos de curativos acariciaram seus joelhos.

– Eu também te amo. Minha garota tão corajosa e teimosa.

Ela fungou e prometeu a si mesma que ficaria até de manhã. Ficaria para sempre. Não a abandonaria. Se os captores voltassem, as encontrariam juntas e matariam as duas juntas, se quisessem.

Jamais abandonaria a avó de novo.

A jura já estava feita, a promessa já estava determinada, quando passos ecoaram no corredor.

CAPÍTULO

Trinta e Nove

ENCOLHIDA POR CIMA DA AVÓ, SCARLET VIROU NA DIREÇÃO DO CC velhos zumbiram acima e uma luz pálida inundou a cela. A porta ainda estava aberta, e as barras lançavam sombras finas no chão.

Seus olhos se ajustaram lentamente. Ela prendeu a respiração para ouvir melhor, mas os passos pararam. Ainda assim, havia alguém ali. Alguém estava se aproximando.

A mão da avó, enrolada em ataduras, alcançou a dela, e ela virou. Seu estômago se contraiu. Linhas de sangue seco cobriam o rosto maltratado, o cabelo estava embaraçado e sujo. Era pouco mais do que um esqueleto agora, embora os olhos castanhos ainda estivessem fortes e vibrantes. Ainda cheios de mais amor do que existia em todo o resto do mundo.

– Corra – sussurrou ela.

Scarlet balançou a cabeça.

– Não vou abandonar você.

– Essa luta não é sua. Corra, Scarlet. *Agora.*

Passos de novo, chegando mais perto.

Scarlet trincou os dentes e ficou de pé, as pernas trêmulas, de frente para a porta. Seu coração estava disparado, esperando os passos se aproximarem.

Talvez fosse Lobo.

Vindo ajudá-la, vindo ajudá-las.

Estava tonta pela velocidade de sua pulsação, incapaz de acreditar que *queria* vê-lo de novo, depois de tudo que havia feito com ela.

Mas tinha lhe dado o chip. E era forte o bastante para carregar sua avó. Se fosse Lobo voltando para ela, as duas estariam salvas...

Viu a sombra no chão antes que o homem pisasse na entrada da cela.

Era Ran, e estava sorrindo.

Scarlet engoliu em seco e firmou os joelhos, determinada a não demonstrar o medo. Mas havia alguma coisa de diferente em Ran agora. Os olhos não estavam apenas cruéis; agora estavam famintos, olhando para Scarlet como se ela fosse um alimento que desejava havia muito tempo.

– Ah, raposinha. E como foi que você saiu da sua cela?

Um tremor percorreu o corpo dela.

– Deixe minha neta em paz. – A voz rouca da avó tinha recuperado um traço de força. Ela se mexeu, tentando se erguer.

Scarlet se sentou ao lado dela e apertou a mão da avó.

– Grand-mère... não.

– Eu me lembro de você. – Michelle encarou Ran. – Você estava com os que foram me buscar.

– Grand-mère...

Ran riu.

– Uma memória afiada para uma coisa tão antiga.

– Não se preocupe com ele, Scarlet. Ele é só o ômega. Deve ter sido deixado para trás, porque é fraco demais para entrar na

batalha.

Ran rosnou, deixando os caninos protuberantes à mostra, e Scarlet se encolheu.

– Eu fiquei para trás – rosnou – porque tenho negócios a concluir aqui. – Os olhos dele brilharam. Não havia nada além de ódio neles, incandescente e descontrolado.

Scarlet se moveu de forma a esconder melhor a avó com o corpo.

– Você não é nada – disse Michelle, com as pálpebras se fechando de exaustão. O pavor tomou conta do coração de Scarlet. – Nada além de uma marionete daquele taumaturgo. Tiraram seu dom e transformaram vocês todos em monstros, mas, mesmo com toda a força, com os sentidos apurados, toda a sede de sangue, você é o mais baixo de seu grupo, e sempre será.

A mente de Scarlet era um turbilhão. Queria encerrar a conversa, queria que a avó parasse de provocá-lo, mas sabia que não fazia diferença. Havia morte no rosto de Ran.

Uma gargalhada rouca explodiu de dentro dele. As mãos seguraram o batente da porta, seu corpo bloqueando totalmente a passagem.

– Você está errada, sua velha. Já que sabe tanto, deve saber o que acontece com um integrante da matilha que mata seu alfa, não? – Não esperou resposta. – Ele toma o lugar do alfa. – Covinhas surgiram em suas bochechas. – E descobri que meu irmão, meu *alfa*, tem uma fraqueza. – As palavras foram emitidas na mesma hora em que seu olhar pousou em Scarlet de novo.

– Você é um jovem ingênuo. – A avó tossiu. – Você é fraco. Nunca vai ser mais do que um ômega desprezível. Até *eu* consigo ver isso.

Scarlet sibilou. Conseguia ver a fúria crescendo dentro de Ran, conseguia sentir a raiva emanando dele.

– Grand-mère!

Então, ficou claro o que a avó estava tentando fazer.

– Não! Ela não está falando sério. – Teve ódio de si mesma por implorar, mas não ligava. – Ela está velha, está delirando! Apenas deixe-a...

Ran entrou espumando na cela, agarrou Scarlet pelo cabelo e a afastou da avó.

Gritando, enfiou as unhas no antebraço dele, mas foi jogada no canto.

– *Não!*

A avó gritou de dor quando Ran a levantou pelo pescoço. Em um piscar de olhos, ela estava presa na parede, fraca demais para se debater, para lutar, para oferecer alguma resistência.

– DEIXE-A EM PAZ! – Scarlet ficou de pé e pulou nas costas de Ran, prendendo os cotovelos ao redor do pescoço dele, apertando com toda força. Quando percebeu que Ran nem tremeu, ela enfiou as unhas nele, pretendendo acertar os olhos.

Ran uivou e largou a avó de qualquer jeito no chão, depois jogou Scarlet para longe. Ela bateu na parede, mas quase não sentiu o impacto, pois estava prestando atenção na forma inerte e enfaixada da avó.

– Grand-mère!

Seus olhares se encontraram e ela conseguiu ver, em um instante, que a avó não voltaria a se mexer. Seus lábios conseguiram formular:

– Cor...

Mas não houve mais nada. Os olhos permaneceram abertos, assustadoramente vazios.

Scarlet se lançou para a parede, mas Ran chegou lá primeiro, o corpo enorme esmagando o da avó, passando a mão pela lombar dela de forma que a cabeça caiu pesadamente no chão.

Como um animal faminto ao derrubar sua primeira presa, Ran se inclinou e enfiou os dentes no pescoço de Michelle.

Scarlet gritou e caiu para trás. O mundo girou com a visão do sangue e de Ran agachado, de quatro.

A acusação da avó ecoou na mente dela. *Transformaram vocês todos em monstros.*

Ainda em estado de choque, ela se forçou a virar o rosto para longe e rolou para ficar de lado. Seu estômago se revirou, mas não havia nada nele além de bile e saliva. Sentiu gosto de ferro, ácido e sangue e percebeu que tinha mordido a língua quando Ran a jogou na parede, mas não havia dor. Só vazio e horror, e uma nuvem preta se aproximando.

Ela não estava lá. Isso não estava acontecendo.

Com o estômago queimando por tentar expulsar a comida que não estava lá, rastejou até a parede mais distante, colocando o máximo de distância possível entre ela e Ran. Ran e a avó.

Sua mão caiu sob o raio de luz que entrava pelo corredor. Sua pele estava pálida e doentia. Scarlet estava tremendo.

Corra.

Ergueu a cabeça e pôde ver o início de uma escada no final do corredor. Ao lado, havia uma placa pintada e muito desgastada.

Para o palco.

Corra.

O cérebro dela lutava para encontrar o significado das palavras. *Para o palco.* Palco. Palco.

As últimas palavras da avó.

Corra!

Ela se inclinou para a frente, envolveu as barras da cela com os dedos e usou-as como apoio. Lutou para se levantar. Para ficar de pé. Para seguir em frente, para o corredor, para a luz.

Suas pernas pareciam não existir a princípio, quando Scarlet mancou até o pé da escada, mas, enquanto subia, encontrou forças. Obrigou-se a seguir em frente. Correu.

Uma porta fechada surgiu no alto da escada, uma porta velha de madeira sem escâner de identificação. A porta gemeu quando se abriu.

Ouviu passos abaixo, vindo atrás dela.

Scarlet saiu nos bastidores. Pilares velhos se amontoavam à direita, e um labirinto de muros falsos de pedra e árvores pintadas preenchem as sombras à esquerda. A porta bateu às suas costas, e Scarlet correu para a floresta de madeira, pegando um candelabro de ferro fundido no caminho.

Ela o levantou com as duas mãos e esperou, com os pés firmados no chão.

Ran explodiu pela porta, com o queixo coberto de sangue.

Scarlet bateu com o máximo de força que conseguiu. Um rugido saiu dos seus lábios quando a barra de ferro acertou o crânio de Ran.

Ele gritou e cambaleou para trás, até a cortina. Tropeçou no tecido e caiu de costas.

Scarlet jogou o candelabro nele, sem saber se tinha a força necessária para erguê-lo de novo. Ouviu um tecido se rasgando, mas já estava correndo, desviando das peças de cenário, observando o piso de madeira rachado enquanto corria por entre fios enrolados e poeirentos e holofotes caídos. Cambaleou até o palco, passou pela área vazia de piso de madeira e alçapões, e meio pulou, meio caiu na orquestra fantasma. Ignorando uma pontada de dor que surgiu no joelho, empurrou os suportes de partitura e correu para o auditório.

Passos soaram no palco atrás dela. Tão rápidos que pareciam sobrenaturais.

As fileiras de cadeiras vazias pareciam voar, e tudo que ela conseguia ver era a porta à frente.

Ele pegou-a pelo capuz.

Scarlet deixou que a puxasse para trás, usando o impulso para virar e mirar o joelho na virilha dele.

Ele soltou um grito de dor e cambaleou.

Scarlet correu pelos arcos de mármore em ruínas, passou pelos querubins com braços quebrados, pelos candelabros destruídos e atravessou o piso quebrado. Voou pela escada de mármore, concentrada nas portas enormes que levariam à rua.

Se ao menos conseguisse chegar lá fora. Num lugar público. No mundo real.

Quando chegou ao saguão, a silhueta de outro homem surgiu na saída.

Seus pés escorregaram até pararem no quadrado pálido de luz do sol que entrava pela claraboia no teto.

Scarlet girou e correu para a outra escadaria, a que levava para o interior do teatro da ópera.

Acima, uma porta bateu e ela ouviu passos, mas não conseguiu identificar se pertenciam a uma ou duas pessoas.

As costas da blusa estavam cobertas de suor. Suas pernas doíam e a explosão de adrenalina estava se desfazendo.

Dobrou uma esquina e foi parar em uma área tomada de escuridão. O aposento principal era usado no passado para convidados importantes do teatro da ópera, e uma série de portas e corredores conduzia a cada canto do subsolo. Scarlet sabia que os corredores à direita levariam de volta às celas da prisão, então virou à esquerda. Um chafariz seco ocupava o espaço entre as duas escadarias que levavam ao andar de cima. A estátua de bronze de uma dama seminua ficava em uma alcova em cima de um pedestal, uma das poucas estátuas que pareciam ter sobrevivido a tantos anos de abandono.

Scarlet correu para a escadaria oposta, se perguntando se voltar para o saguão seria suicídio, mas sabendo que ficar presa ali embaixo não era uma alternativa.

Chegou ao começo da escada e seu pé bateu na beirada da base do chafariz. Ela tropeçou e deu um grito.

Ran estava em cima dela antes que caísse no chão.

Unhas afundaram em seu ombro, virando-a de costas para o chão nos azulejos quebrados do chafariz seco. Olhou nos olhos cintilantes dele, os olhos de um louco, de um assassino, e se lembrou de Lobo na luta.

O medo apertou sua garganta e ela estrangulou um grito.

Ele agarrou sua blusa e a ergueu do chão. Ela segurou os pulsos dele, mas estava apavorada demais para lutar quando ele aproximou o rosto do dela. Scarlet quase vomitou com o fedor do hálito, de carne podre e sangue, muito sangue, da avó...

– Se não fosse um pensamento tão repulsivo, eu poderia me aproveitar de você aqui, agora que estamos sozinhos – disse, e Scarlet tremeu. – Só para ver a expressão na cara do meu irmão quando eu lhe contasse. – Com um rugido, a jogou em cima da estátua.

As costas dela bateram no pedestal de bronze, e a dor explodiu na cabeça, deixando-a sem fôlego. Caiu no chão com a mão no peito, tentando encher os pulmões de ar novamente.

Ran se agachou à sua frente, pronto para atacar. Passou a língua pelos caninos e os cobriu com uma camada de saliva.

O estômago dela deu um nó. Scarlet moveu os pés em uma tentativa de se impulsionar para o espaço estreito entre a estátua e a parede. Para desaparecer. Para se esconder.

Ele saltou.

Ela se encolheu na parede, mas o impacto não aconteceu.

Scarlet ouviu um grito de ataque seguido de um baque surdo. Rosnados.

Ela baixou os braços trêmulos. No meio do aposento, duas formas estavam entrelaçadas. Maxilares estalavam. O sangue pingava em músculos fortes.

Com a vista borrada, ela conseguiu respirar mais devagar, satisfeita ao sentir o peito se expandir. Esticou a mão, segurou a estátua e tentou se levantar, mas os músculos das costas protestaram.

Trincando os dentes, ela se forçou a encolher as pernas sob o corpo e lutou contra a dor até conseguir ficar de pé, ofegando e suando junto à deusa de bronze.

Se conseguisse fugir antes de a luta acabar...

Ran prendeu o outro homem em uma gravata. Os olhos cintilantes de esmeralda do oponente observaram Scarlet por um momento de parar o coração antes de ele girar Ran por cima da cabeça.

O chão vibrou com o impacto, mas Scarlet quase não sentiu.

Lobo.

Era Lobo.

CAPÍTULO

Quarenta

RAN FICOU DE PÉ, E ELE E LOBO SE SEPARARAM, CADA UM LUTANDO energia acumulada. Scarlet quase conseguia vê-la fervendo e borbulhando sob a pele deles. Lobo estava coberto de cortes e sangue, mas não parecia se importar e permaneceu um pouco curvado, flexionando as mãos.

Ran mostrou os dentes.

– Volte ao seu posto, Ran – disse Lobo com um rosnado. – Essa é minha.

Ran riu com deboche e nojo.

– E deixar você me constranger... constranger nossa família... com toda a sua recém-descoberta solidariedade? Você é uma desgraça. – Ele cuspiu uma bola de sangue no concreto quebrado. – Nossa missão é matar. Agora afaste-se para eu poder matá-la, se não está disposto a fazer isso você mesmo.

Scarlet olhou para trás. A escada era baixa o bastante para ela conseguir subir por cima do corrimão, mas seu corpo doía só de pensar. Tentou afastar a inutilidade e lutou para rastejar até a beira do chafariz.

– Ela é minha – repetiu Lobo, com a voz vibrando em um rosnado baixo.

– Não quero lutar com você por causa de uma humana, irmão
– disse Ran, embora o ódio em seu rosto fizesse o termo parecer uma piada.

– Então, deixe-a em paz.

– Ela foi deixada sob meus cuidados. Você não devia ter abandonado seu posto para vir atrás dela.

– Ela é *minha*! – A raiva de Lobo aumentou, e ele puxou o candelabro mais próximo, arrancando-o da parede. Scarlet se abaixou quando o metal caiu no chão, espalhando velas pela bacia do chafariz.

Os dois permaneceram em posição de ataque. Ofegando. Olhando com raiva.

Por fim, Ran rosnou:

– Então você fez sua escolha.

Ele atacou.

Lobo o derrubou com a mão aberta, empurrando-o na lateral do chafariz.

Ran caiu com um gemido, mas logo rolou e ficou de pé. Lobo atacou e afundou os dentes no antebraço do irmão.

Com um grito de dor, Ran passou as unhas afiadas pelo peito de Lobo, deixando marcas vermelhas. Lobo abriu a boca e deu um tapa na sua cara, que o fez voar na estátua do chafariz.

Scarlet gritou e cambaleou para trás, até bater em uma coluna na base da escada.

Ran atacou de novo, e Lobo, já esperando o golpe, o segurou pelo pescoço e usou o impulso para jogá-lo por cima da cabeça. Ran rolou graciosamente e se levantou. Os dois estavam

ofegantes, com sangue escorrendo pelas roupas rasgadas. Andaram de um lado para o outro, esperando, procurando fraquezas de seu oponente.

Mais uma vez, Ran atacou primeiro. Jogou todo o peso em Lobo, prendendo-o no chão. Seu maxilar foi na direção do pescoço, se fechando, mas Lobo o afastou, com as mãos ao redor do seu pescoço. Gemeu sob o peso de Ran, lutando para evitar as presas que se aproximavam, quando levou um soco no ombro, bem no ferimento de bala da arma de Scarlet.

Uivando, Lobo encolheu as pernas para pegar impulso e empurrou Ran para longe com um chute na barriga.

Ran rolou para o lado e os dois ficaram de pé. Scarlet conseguia ver a energia se dissolvendo quando se levantaram, cambaleantes, com olhares assassinos. Nenhum dos dois se moveu para proteger os ferimentos.

Ran passou o braço pela boca, manchando o queixo de sangue.

Lobo se agachou e pulou, empurrou Ran para trás e caiu em cima dele. Uma garra o atacou. Lobo desviou, e Ran acertou sua orelha.

Apertando o oponente no piso de mármore, Lobo ergueu o rosto para o teto e uivou.

Scarlet pressionou as costas à coluna, apavorada. O uivo ressoou pelas paredes, pelo crânio e pelas juntas dela, preenchendo cada espaço vazio em seu corpo.

Quando parou de uivar, Lobo se agachou e fechou os dentes na garganta de Ran.

Scarlet se escondeu atrás dos braços, mas não conseguiu deixar de olhar. O sangue borbulhou, cobrindo o queixo e o pescoço de Lobo, pingando no mosaico do chão.

Ran tremeu e se debateu, mas logo parou de lutar. Um momento depois, Lobo o soltou, deixando o corpo morto cair no chão.

Esticando a mão além da coluna, Scarlet segurou o corrimão e se levantou. Correu e mancou pelos degraus.

O saguão ainda estava deserto. Ela pisou na poça no meio do aposento ao correr em direção às portas. Portas que a levariam à rua. À liberdade.

Então, ouviu Lobo a caçando.

Scarlet empurrou a porta de saída. O ar fresco do anoitecer a envolveu quando desceu pelos degraus até a rua vazia, já procurando ajuda na praça.

Mas não havia ninguém.

Ninguém.

A porta se abriu atrás dela antes de ter tempo de a fechar, e ela cambaleou cegamente pela rua. Ao longe, viu uma mulher correndo para uma ruela ali perto. Scarlet se encheu de esperança e mandou os pés se moverem mais rápido, voarem. De repente, sentiu que poderia decolar e voar acima do concreto. Se ao menos conseguisse alcançar a mulher, usar o tablet dela para pedir ajuda...

Então, outra pessoa apareceu. Outro homem, com andar sobrenaturalmente rápido. Ele correu para a ruela, e, um

momento depois, o grito apavorado da mulher soou pela praça, mas logo foi interrompido.

Um uivo surgiu da mesma viela escura.

Ao longe, outro uivo soou em resposta, e outro, e mais outro, preenchendo o crepúsculo com gritos sedentos de sangue.

Pavor e desesperança dominaram Scarlet, que caiu imediatamente, areia e concreto marcando as palmas das mãos. Ofegante, coberta de suor, deitou de costas. Lobo tinha parado de correr, mas continuava seguindo na direção dela. Avançando com passos medidos, pacientes.

Estava quase tão ofegante quanto ela.

Em algum lugar da cidade, outro coral de uivos começou.

Lobo não se juntou a eles.

Sua atenção estava toda em Scarlet, fria, intensa e faminta. A dor dele era evidente. A fúria, mais ainda.

Ela se arrastou para trás com as palmas das mãos ardendo.

Lobo fez uma pausa ao chegar no cruzamento. A luz da lua evidenciava sua silhueta, com olhos dourados, verdes, pretos e furiosos.

Ela o viu passar a língua pelos dentes. Abrir e fechar os dedos. Seu maxilar trabalhava como se quisesse inspirar uma quantidade maior de ar.

Scarlet conseguia ver a luta dele. O esforço. Tão claramente quanto conseguia ver o animal, o lobo dentro dele. Tão claramente quanto ainda conseguia ver o homem.

– Lobo. – A língua dela estava seca. Tentou molhar os lábios e sentiu gosto de sangue. – O que fizeram com você?

– *Você*. – Cuspiu a palavra, cheia de ódio. – O que *você* fez comigo?

Lobo deu outro passo inseguro naquela direção enquanto ela se arrastava para trás com os calcanhares, mas era inútil. Em um piscar de olhos, ele se agachou em cima dela, derrubando-a nos cotovelos sem nem precisar tocá-la. Lobo apoiou as mãos no chão uma de cada lado da cabeça de Scarlet.

Scarlet observou olhos que agora pareciam brilhar no escuro. A boca de Lobo estava vermelho-rubi, e a frente da camisa estava preta. Sentiu o cheiro de sangue, nas roupas, no cabelo, na pele dele.

Se o cheiro era tão intenso para ela, não conseguia imaginar como deveria ser para Lobo.

Ele rosnou e baixou o nariz até o pescoço dela.

Farejando.

– Sei que você não quer me machucar, Lobo.

O nariz dele esbarrou no maxilar dela. Seu hálito acariciou a omoplata.

– Você me ajudou. Você me *salvou*.

Uma lágrima quente escorreu pela bochecha dela.

As pontas dos cabelos, desgrenhadas e emaranhadas de novo, roçaram nos lábios dela.

– As coisas mudaram.

O coração dela tremeu como um vaga-lume sem uma das asas. A pulsação latejava nas veias, esperando os dentes se fecharem em seu pescoço a qualquer momento. Mas alguma coisa o estava segurando. Já poderia tê-la matado, mas não matou.

Ela engoliu em seco.

– Você me protegeu de Ran. Não foi para poder me matar agora.

– Você não sabe o que se passa na minha cabeça.

– Sei que você é diferente deles. – Ela fixou o olhar na lua enorme no céu. Lembrou a si mesma que ele não era um monstro. Era Lobo, o homem que a abraçou com tanto carinho no trem. O homem que lhe deu o chip de identificação, para ajudá-la a fugir. – Você disse que nunca queria me assustar. Bem, está me assustando.

Um grunhido vibrou no corpo dela. Scarlet tremeu, mas forçou o corpo a não se encolher. Em vez disso, engoliu em seco e levou as mãos ao rosto dele. Depois de passar os polegares pelas bochechas, ela deu um beijo em sua testa.

O corpo dele ficou tenso, e ela conseguiu inclinar a cabeça para trás o bastante para conseguir ver seus olhos dele. Os lábios estavam curvados em um rosnado, mas ela sustentou o olhar.

– Pare com isso, Lobo. Você não é mais um deles.

As sobrancelhas dele tremeram, mas o ressentimento pareceu desaparecer. A expressão demonstrava dor e desespero e raiva muda, mas não direcionados a ela.

– Ele está na minha cabeça – disse Lobo, com a voz reduzida a um grunhido. – Scarlet. Não posso...

Ele afastou o olhar, contraindo o rosto.

Scarlet passou os dedos pelo rosto dele. O mesmo maxilar, as mesmas bochechas, as mesmas cicatrizes, tudo manchado de sangue. Passou os dedos pelo cabelo desganhado.

– Apenas fique comigo. Me proteja, como você disse que faria.

Alguma coisa voou pelo ouvido dela e acertou o pescoço de Lobo.

Lobo ficou rígido. Ele ergueu o rosto, com os olhos arregalados e já ficando acesos de sede de sangue, mas logo se turvaram. Com um gorgolejar estrangulado na garganta, perdeu as forças e caiu em cima dela.

CAPÍTULO

Quarenta e Um

– **LOBO! LOBO!– AO VIRAR O PESCOÇO, SCARLET VIU UM HOMEM** mulher correndo na direção dela, o luar refletindo na arma da mulher. O pavor de Scarlet não se prolongou; eles não eram lunares malucos. Ela voltou a atenção para Lobo e procurou o dardo enfiado em seu pescoço. – Lobo! – gritou de novo enquanto arrancava o dardo e o largava no chão.

– Você está bem? – gritou a mulher quando chegou mais perto. Scarlet a ignorou até seu próprio nome atravessar a sensação de pânico. – Scarlet? Scarlet Benoit?

Ela ergueu o olhar quando a mulher parou... mas não, não era uma mulher. Uma garota, com cabelo bagunçado e traços delicados e levemente familiares. Scarlet franziu a testa, com a certeza de já ter visto a garota antes.

O homem a alcançou, ofegando para respirar.

– Quem é você? – perguntou Scarlet, passando os braços ao redor de Lobo quando os dois se abaixaram para puxá-lo para longe dela. – O que fez com ele?

– Venha – disse o homem, puxando Lobo. Ele tentou afastar o corpo pesado, mas ela continuou segurando-o com força. – Temos que sair daqui.

– Pare! Não toque nele! *Lobo!*

Ela segurou as laterais do rosto dele e o inclinou para trás. Se não fosse pelos dentes e pelo sangue no queixo, ele pareceria até tranquilo.

– O que você fez com ele?

– Scarlet, onde está sua avó? Ela está com você? – perguntou a garota.

Isso fez Scarlet voltar a prestar atenção nela.

– Minha avó?

A garota se ajoelhou ao seu lado.

– Michelle Benoit? Sabe onde ela está? – As palavras da garota saíram tão apressadas que se misturaram.

Scarlet olhou sem entender. Sua memória trabalhou. Conhecia essa garota. Uma luz se refletiu nos dedos da garota, e Scarlet percebeu que o que tinha visto antes não era uma arma; era a mão dela.

– Linh Cinder – sussurrou.

– Não se preocupe – disse o homem. – Somos os bonzinhos.

– Scarlet – chamou Cinder, segurando Lobo pelos ombros para tirar um pouco do peso de cima dela. – Sei qual foi a impressão passada pelas telas, mas juro que não estamos aqui para machucar você. Só preciso saber onde está sua avó. Ela está em perigo?

Scarlet engoliu em seco. Aquela era a princesa Selene. Aquela era a garota que estavam procurando, a garota por quem a avó foi interrogada.

A garota que a avó deu tudo para proteger.

Juntas, ela e o homem afastaram Lobo e o largaram no concreto.

– *Por favor* – disse Cinder. – Sua avó?

– Ela está no teatro da ópera – respondeu. – Morta.

A garota olhou para ela boquiaberta; Scarlet não conseguiu identificar se com pena ou decepção. Depois de se sentar, ela colocou a mão aberta no peito de Lobo, aliviada ao senti-lo subir e descer sob o toque.

– Estavam procurando você.

A surpresa destruiu rapidamente a solidariedade da garota.

– Venha – disse o homem ao lado dela, se inclinando e passando o braço por baixo da axila de Scarlet. – Hora de ir.

– Não! Não vou abandoná-lo! – Ela se soltou, rastejou até o corpo inconsciente de Lobo e envolveu a cabeça dele com os braços. Os estranhos olharam para ela como se fosse louca. – Ele não é como os outros.

– Ele é exatamente como os outros! – discutiu o homem. – Estava tentando comer você.

– Ele salvou minha vida!

Os estranhos trocaram olhares incrédulos, e a garota deu de ombros sem entender.

– Tudo bem – disse o homem. – Você vai na frente.

Ele afastou Scarlet de Lobo, e a garota segurou-o pelos pulsos e os colocou por cima do ombro, gemendo pelo esforço.

O homem foi para trás e segurou as pernas de Lobo.

– Minha nossa – murmurou, já sem fôlego. – Do que esses caras são feitos?

Cinder começou a andar na direção do teatro da ópera em um ritmo que parecia quase de passeio. Scarlet se agachou entre eles e sustentou o abdome de Lobo da melhor maneira que conseguiu enquanto seguiam com dificuldade pela praça.

Depois da mulher, a forma brilhante de uma nave de carga militar surgiu na rua seguinte.

Um uivo quase fez Scarlet largar o corpo de Lobo com o susto. Não conseguia imaginar se sentir mais vulnerável, com os braços ao redor do tórax de Lobo, deixando a própria barriga e o peito expostos, se deslocando a ritmo de lesma, suando, exausta, com dor. Com sangue escorrendo pela barriga.

– É melhor você estar com os tranquilizantes prontos – disse o homem.

– Só consigo... botar... um de cada vez...

O homem xingou baixinho e quase gritou.

– Cinder! Dez ho...

Houve um estalo, e um dardo penetrou no peito de um homem na calçada em frente ao teatro. Ele caiu no chão antes mesmo de Scarlet perceber que estava lá.

– Vamos pegar esse aí – disse o homem atrás dela. – Quantos mais você tem?

– Só três – disse a garota, ofegando.

– Vamos ter que repor.

– Certo. Vou... até... a loja de conveniência e... – Ela não terminou, pois o esforço era muito.

Cinder tropeçou e todos caíram, e o corpo de Lobo bateu no chão com um baque surdo. Scarlet saiu de baixo dele, e seu

coração deu um pulo quando viu sangue escorrendo dos ferimentos, que tinham piorado na caminhada.

– Lobo!

Um uivo apavorante surgiu ao redor deles. Bem mais perto do que antes.

– Abra a rampa! – gritou a garota, assustando o homem.

– Precisamos de curativos – disse Scarlet.

A garota ficou de pé e segurou os pulsos de Lobo de novo.

– Temos ataduras na nave. *Venha.*

O homem correu à frente, gritando:

– Iko! Abra a escotilha!

Scarlet ouviu o clique de mecanismos e o zumbir de eletricidade quando a escotilha começou a se abrir, revelando o interior aconchegante da nave. Depois de ficar de pé, ela segurou os tornozelos de Lobo, mas logo viu um homem disparado na direção deles, com as narinas dilatadas, os lábios repuxados por cima dos dentes. Era um dos homens que a levaram para a cela.

Houve um zumbido, um baque, e um dardo afundou no antebraço dele. O homem rugiu e aumentou a velocidade, até que a raiva sumisse, e caiu para a frente, a cara batendo direto na calçada.

– Quase lá – disse Cinder por entre dentes, pegando os pulsos de Lobo de novo.

Mais uivos soaram nas ruas e becos e sombras, e grandes figuras galopantes surgiram da escuridão.

As costas e as pernas de Scarlet doíam, e as palmas das mãos estavam escorregadias enquanto lutava para continuar

segurando os tornozelos de Lobo.

– Eles estão chegando!

– Eu reparei!

Scarlet caiu de joelhos. Olhou para o rosto inconsciente de Lobo, para a garota em pânico, e a frustração cresceu dentro dela. Forçou-se a ficar de pé, mas suas pernas estavam moles como massa de pão.

O homem voltou e a empurrou em direção à nave.

– Venha! – gritou ele, pegando os tornozelos de Lobo.

– Thorne! Você tem que pilotar a nave, seu lerdo!

Scarlet virou para a escotilha aberta da nave.

– Eu sei pilotar! Tragam-no para dentro!

Correu, embora sua mente gritasse por deixar Lobo para trás. Os músculos queimavam, a cabeça latejava com o fluxo de sangue. Só conseguia se concentrar em colocar um pé na frente do outro. Em ignorar a queimação e a dor aguda no lado do corpo. Em piscar para tirar o suor dos olhos. Mais. Um. Passo.

Alguma coisa voou até suas costas. Ela ouviu tecido rasgando, um baque alto, e algo agarrou seu tornozelo. Ela gritou e caiu no pé da rampa. Unhas se afundaram na pele de sua panturrilha, e ela gritou de dor.

Um sibilar. Um baque.

A mão a soltou.

Scarlet chutou o queixo do homem antes de subir o restante da rampa, entrando pela abertura da nave. Saiu correndo para dentro e cambaleou até a cadeira do piloto. Os motores não haviam desligado, e a nave zumbia e ronronava ao redor. Seus

movimentos foram automáticos. Mal conseguia enxergar através do suor salgado que escorria pelos olhos. Os batimentos pareciam cascos de cavalo em seu peito.

Mas seus dedos sabiam o que fazer ao passearem pelo painel.

– Capitão? Cinder?

Ela virou assustada para olhar para a porta, mas não havia ninguém lá.

– Quem está aí?

Um breve silêncio.

– Quem é você?

Scarlet limpou o suor da testa. A nave. A nave estava falando com ela.

– Sou Scarlet. Precisamos nos preparar para decolar. Você pode...?

– Onde estão Thorne e Cinder?

– Logo atrás de mim. Esta nave é equipada com elevação automática?

Uma série de luzes se acendeu no painel.

– Elevação e estabilizadores magnéticos automáticos.

– Que bom. – Esticou a mão para o controle dos propulsores e esperou até ouvir o som de passos na rampa.

Uma gota de suor escorreu pela testa. Ela engoliu em seco com força e falhou na tentativa de umedecer a garganta.

– Por que estão demorando tanto? – Scarlet girou a cadeira, foi até a entrada do cockpit e olhou para além do compartimento de carga.

O rosto inerte de Lobo estava a menos de dez passos do fim da rampa, e ali estavam Linh Cinder e o amigo, um de costas para o outro.

Estavam cercados por sete agentes lunares e pelo taumaturgo.

CAPÍTULO

Quarenta e Dois

CINDER SENTIU O TAUMATURGO ANTES DE VÊ-LO, COMO UM deslizando para dentro de seu cérebro. Mandando-a parar de correr. Ficar imóvel e se deixar capturar.

A perna direita obedeceu, mas a esquerda continuou a correr.

Com um grito agudo, ela caiu de quatro. O homem inconsciente (Lobo?) quase a esmagou quando seu corpo saiu rolando. Thorne gritou e tropeçou, e quase não conseguiu se equilibrar antes de cair.

Cinder ficou de pé novamente e virou.

Os homens saíram das sombras, dos becos, de esquinas, de trás da nave, todos com olhos brilhantes e dentes afiados à mostra. Eram sete no total.

Ela viu o taumaturgo, belo, como os lunares sempre eram, com cabelo preto encaracolado e rosto esculpido como o de uma estátua. Usava um casaco vermelho, de taumaturgo de segundo nível.

Ao recuar, ela colidiu com Thorne, que murmurou.

– Então... Quantos dardos você tem ainda?

As íris escuras do taumaturgo brilharam ao luar.

– Um.

Ela duvidava que o taumaturgo pudesse ter ouvido, mas ele sorriu serenamente e enfiou as mãos dentro das mangas vermelhas.

– Certo – disse Thorne. – Se é assim...

Arrancou do cinto a arma roubada do oficial e girou, mirando no taumaturgo. Em seguida, ficou paralisado.

– Ah, não.

Com o canto do olho, Cinder viu o braço de Thorne se curvar e mudar de direção até o cano estar apontado para a têmpora dela.

– Cinder... – A voz dele quase falhou de pânico.

A expressão do taumaturgo permaneceu complacente.

Cinder prendeu a respiração, controlou os nervos e apontou o último tranquilizante para a perna de Thorne. O golpe a fez se encolher, mas em poucos segundos a arma caiu dos dedos dele e seu corpo despencou inerte sobre o de Lobo.

Uma gargalhada calorosa saiu da boca do taumaturgo.

– Olá, srta. Linh. É um prazer conhecê-la.

Ela observou os sete homens. Eram todos ameaçadores, estavam famintos e prontos para atacá-la e arrancar cada membro seu à menor provocação.

De alguma forma, ela preferia isso à diversão alegre do taumaturgo. Pelo menos com aqueles homens não havia como errar na interpretação das intenções.

Já tinha dado três passos para a frente quando percebeu. Se firmou e lutou para manter os pés parados, indecisos por um momento antes de se equilibrarem e ficarem imóveis no chão, ao mesmo tempo que seu dispositivo biônico captou a invasão.

MANIPULAÇÃO
DETECTADA.

BIOELÉTRICA

INICIALIZANDO PROCEDIMENTO DE
RESIST...

A mensagem sumiu quando Cinder recuperou o controle dos próprios pensamentos, do próprio corpo. Seu cérebro estava sendo puxado em duas direções, mas o taumaturgo não estava conseguindo controlá-la, seu dom lunar estava lutando contra o dele.

– Então é verdade – disse ele.

A pressão foi interrompida, seus ouvidos estalaram e ela estava de volta na própria mente. Ofegante, sentindo como se tivesse acabado de atravessar um oceano a nado.

– Queira me perdoar. Eu tive que tentar. – Os dentes brancos cintilaram. Não pareceu nem um pouco incomodado pelo fato de ela não poder ser controlada com a mesma facilidade que Thorne.

Com a mesma facilidade que os sete homens ao redor dela.

Com o coração disparado, ela olhou para o homem mais próximo, de cabelo louro escuro desgrenhado e uma cicatriz que ia da têmpora ao maxilar. Obrigou-se a ficar calma, mandou o desespero sumir e projetou os pensamentos na direção dele.

A mente dele não era como a das pessoas que ela já tinha tocado com o dom lunar. Não era aberta e concentrada como a de Thorne, nem fria e determinada como a de Alak, nem

apavorada como a de Émilie, nem ansiosa e orgulhosa como as dos oficiais militares.

Aquele homem tinha a mente de um animal, dispersa e selvagem e enfurecida com instintos básicos. Tinha desejo de matar, necessidade de se fartar comendo, percepção constante de seu lugar na matilha e de formas de provar sua posição. *Matar. Comer. Destruir.*

Com um tremor, ela afastou os pensamentos da mente dele.

O taumaturgo estava rindo de novo.

– O que você acha dos meus bichinhos? Eles se misturam com facilidade com humanos, mas viram feras rapidamente.

– Você os está controlando – disse ela, encontrando sua voz.

– Você me lisonjeia. Só estou encorajando instintos naturais.

– Não. Nenhuma pessoa ou animal tem instintos assim. De caçar e defender, talvez, mas você os transformou em monstros.

– Talvez tenha alguma coisa a ver com modificação genética. – Ele encerrou a frase com outra risadinha, como se ela o tivesse flagrado em um prazer do qual ele se envergonhava. – Mas não se preocupe, srta. Linh. Não vou deixar que machuquem você. Quero que minha rainha tenha esse prazer. Já seus amigos, infelizmente...

Ao mesmo tempo, dois soldados deram um passo à frente e seguraram Cinder pelos cotovelos.

– Levem-na para o teatro – disse o taumaturgo. – Vou informar Sua Majestade que Michelle Benoit acabou sendo útil para alguma coisa, afinal.

Mas os captores de Cinder não a haviam carregado por dois passos quando o rugido do motor fez o chão tremer. Eles hesitaram, Cinder olhou para trás e viu a Rampion começar a subir, flutuando na rua a um metro e meio de altura. A rampa ainda estava aberta, e o metal vibrava, as caixas batendo umas nas outras.

– *Cinder!* – A voz de Iko cortou o barulho trovejante. – Abaixese!

Ela caiu de joelhos, inerte entre os soldados, quando a nave se deslocou para a frente. A plataforma abaixada acertou os dois homens, que soltaram Cinder. Ela apoiou as mãos no chão e olhou para cima na hora em que a rampa passou por entre os outros soldados, derrubando todos menos um, que teve o reflexo de se abaixar, até atingir o taumaturgo.

Ele ofegou e se pendurou na beirada, com as pernas balançando.

Ainda abaixada e com a barriga da nave flutuando acima, Cinder virou e tateou em busca da pistola que Thorne tinha derrubado. Esperou até ter certeza de que não havia nada no caminho e atirou. A bala se alojou na coxa do taumaturgo e ele gritou, soltou a rampa e caiu na calçada.

Sua calma sumiu e seu rosto se contorceu de ira.

O soldado louro saiu do nada e derrubou Cinder no chão, o que fez a arma sair deslizando pela calçada. Ela lutou para empurrá-lo, mas era pesado demais e prendeu seu braço direito ao chão. Cinder o socou com o punho de metal e ouviu ossos sendo esmagados com o impacto, mas ele não a soltou.

Ele rosnou e abriu bem a boca.

Quando aproximou os dentes do pescoço dela, a nave girou no ar. O trem de pouso acertou o soldado pela lateral e o jogou para longe de Cinder. Ela rolou para o outro lado e colidiu com os corpos inertes de Thorne e Lobo.

A nave girou, e suas luzes acesas iluminaram a rua. A rampa raspou no chão quando pousou a uns dez passos de onde Cinder estava. De dentro da nave, a cabeça de Scarlet Benoit apareceu na porta do cockpit.

– Venha!

Cinder ficou de pé, agarrou Thorne pelo cotovelo e o arrastou por cima de Lobo, mas mal tinha se movido quando um uivo longo ecoou pela espinha dela. Foi rapidamente repetido pelos outros soldados, e o som foi ensurdecedor.

Cinder cambaleou na base da rampa e olhou para trás. Dois soldados estavam caídos e imóveis, os dois que tinham sido acertados primeiro pela nave. O restante estava de quatro, com o rosto virado para o céu, uivando.

O taumaturgo, mais afastado, se levantou do chão com uma expressão de desprezo. Apesar de estar escuro demais para se conseguir ver sangue, Cinder notou que ele estava poupando a perna atingida.

Tirando o suor dos olhos, ela se concentrou no soldado mais próximo. Buscou mentalmente as ondas bioelétricas que emanavam dele, desesperadas e famintas, e mirou seus pensamentos nelas.

Um uivo deixou de acompanhar o resto.

Uma dor de cabeça já estava se formando em suas têmporas pelo esforço necessário para controlá-lo, mas ela sentiu a mudança imediatamente. O soldado ainda era violento, ainda estava com raiva, mas não era mais uma fera selvagem enviada para destruir qualquer pessoa em seu caminho.

Você. Ela não sabia se tinha falado em voz alta ou apenas pensado. *Você é meu, agora. Pegue esses dois homens e coloque na nave.*

Os olhos dele piscaram, com ódio, mas sob controle.

– *Agora.*

Enquanto ele andava pesadamente na direção dela, o restante dos uivos parou. Quatro rostos olhavam para Cinder e para o traidor. O taumaturgo grunhiu, mas Cinder mal conseguia vê-lo. Pontos luminosos dançavam em sua visão. Suas pernas estavam começando a tremer pelo esforço de se manter de pé enquanto controlava o homem.

Ele segurou Lobo e Thorne pelos pulsos e começou a arrastá-los rampa acima, como uma marionete puxada por cordinhas.

Mas ela já conseguia sentir as cordinhas se rompendo.

Bufando, ela se apoiou em um joelho.

– *Impressionante.*

A voz do taumaturgo soou abafada em sua cabeça. Atrás dela, seu peão colocou Lobo e Thorne no chão do compartimento de carga.

– *Consigo entender por que minha rainha teme você. Mas tomar controle de um dos meus bichinhos dificilmente vai te salvar agora.*

Ela estava tão perto. Era só tirar o soldado da nave. Era só entrar na nave.

Conseguiu levá-lo até a porta, até a beirada da rampa, antes de o controle acabar. Caiu para a frente, segurando as têmporas, sentindo como se cem agulhas estivessem sendo enfiadas em seu cérebro. Não tinha doído assim quando precisara controlar outras pessoas, nunca sentira dor.

Mas a dor começou a diminuir. Ela apertou os olhos. O taumaturgo estava rosnando, com um braço apertando a barriga, onde a rampa o acertou.

O resto dos soldados só estava ali de pé, com os olhos ainda brilhando, mas expressões passivas, e ocorreu a Cinder que o taumaturgo estava machucado demais para manter o controle de todos. Que até o contato dele com os outros era tênue.

Mas não importava. Ela não tinha mais forças.

Ela se sentou nos calcanhares e deixou as mãos penderem ao lado do corpo. Seu corpo oscilou. Conseguia sentir a inconsciência chamando-a, penetrando em seu cérebro.

Um sorriso mais uma vez curvou os lábios do taumaturgo, mas daquela vez mostrava mais alívio do que diversão.

– Troya – disse –, entre e recolha a mademoiselle Benoit. Vou ter que decidir o que fazer com o Alfa Kes...

O olhar dele se deslocou para trás de Cinder no mesmo momento em que ela ouviu um tiro.

O taumaturgo cambaleou para trás segurando o peito.

Cinder escorregou para o lado, olhou para trás e viu Scarlet descendo a rampa com uma escopeta nas mãos.

– Mademoiselle Benoit recolhida – disse ela, e colocou o calcanhar nas costas do soldado tonto e de expressão vazia, empurrando-o para fora da rampa. – E não se preocupe, vamos tirar o Alfa Kesley das suas mãos.

Com olhar de desprezo, o taumaturgo caiu no chão. O sangue começou a jorrar por entre os dedos.

– Onde você conseguiu isso? – perguntou Cinder com dificuldade.

– Em uma das caixas no compartimento de carga – respondeu Scarlet. – Venha, vamos...

Uma mistura de emoções surgiu nos olhos dela: fúria atormentada, confusão assustada, vazio.

Scarlet baixou a arma.

Cinder falou um palavrão.

– Iko, a rampa! – gritou, rastejando pela rampa e desmoronando nos pés de Scarlet. Cinder esticou a mão e agarrou a arma antes que o taumaturgo conseguisse fazê-la ser apontada para uma das duas, e a rampa começou a subir, fazendo-as cair no compartimento de carga.

Um grito furioso chegou a elas, seguido de outro coro de uivos que desapareceu rapidamente. Os últimos esforços do taumaturgo para controlar seus bichinhos.

Cinder viu Scarlet balançando a cabeça para se livrar da névoa, e logo se levantou.

– Segure em alguma coisa se conseguir – gritou Scarlet ao entrar no cockpit. – Nave, acionar elevação magnética e propulsores posteriores!

Cinder se deitou no chão, exausta, ainda segurando a arma. Momentos depois, sentiu a nave subindo para longe da Terra, disparada pelo céu.

CAPÍTULO

Quarenta e Três

KAI ESTAVA SUANDO ENQUANTO SE ESFORÇAVA PARA NÃO VOM olhos ardiam, mas não conseguia afastá-los da tela. Era como ver uma produção de terror horrível, repugnante e surreal demais para ser verdade.

A imagem estava sendo transferida da praça do centro da cidade, onde a feira semanal e o festival anual aconteceram poucos dias antes, no dia de sua coroação. Corpos ocupavam a praça, com sangue derramado embaixo dos outdoors iluminados. A maioria dos cadáveres estava concentrada perto da entrada de um restaurante que ficava aberto até a madrugada, um dos poucos negócios que funcionava e estava com muito movimento à meia-noite, quando o ataque começou.

Disseram a ele que apenas um agressor estava no restaurante na hora, mas, vendo aquela carnificina toda, tinha certeza de que não podia ser. Como um homem podia fazer tanto estrago?

A imagem mudou para um hotel em Tóquio na hora em que um homem com olhar louco jogou um corpo inerte em uma coluna. Kai se encolheu na hora do impacto e virou o rosto.

– Desligue. Não consigo ver mais. *Onde está a polícia?*

– Está fazendo o melhor que pode para impedir os ataques, Vossa Majestade – disse Torin atrás dele –, mas é preciso tempo

para mobilizar a polícia e fazer uma tentativa de reação organizada. Esse ataque foi tão sem precedentes. Tão... anormal. Esses homens são rápidos, raramente ficam em um quarteirão mais do que alguns minutos, só o tempo suficiente para matar qualquer pessoa ao alcance antes de seguir para outra área da cidade... – Torin parou de falar, como se ouvisse o pânico aumentando na própria voz e tivesse que parar e se acalmar. Limpou a garganta. – Tela, mostre as notícias globais mais importantes.

O aposento se encheu de ruído, com seis novos âncoras relatando a mesma história: ataque repentino, psicopatas assassinos, monstros, número de mortes ainda desconhecido, confusão no planeta todo...

Quatro cidades tinham sido atingidas dentro da Comunidade das Nações Orientais: Nova Pequim, Bombaim, Tóquio e Manila. Mais dez foram vítimas nos outros cinco países terráqueos: Cidade do México, Nova York, São Paulo, Cairo, Lagos, Londres, Moscou, Paris, Istambul e Sydney.

Catorze cidades ao todo, e apesar de ser impossível obter o número exato de atacantes, os relatos das vítimas diziam que não mais de vinte ou trinta homens pareciam estar por trás das agressões em cada local.

Kai se esforçou para fazer a conta de cabeça. Trezentos ou quatrocentos homens.

Parecia impossível, pois o número de mortos só aumentava, e as cidades atacadas começavam a pedir assistência às vizinhas, enviando os feridos para outros hospitais.

Havia pelo menos dez mil mortos, diziam alguns, ao longo de menos de duas horas, e nas mãos de apenas trezentos ou quatrocentos homens.

Trezentos ou quatrocentos lunares. Porque ele sabia, ele *sabia* que Levana estava por trás disso. Em duas das cidades atacadas, sobreviventes alegaram terem visto um taumaturgo real entre os agressores. Embora as duas testemunhas estivessem quase alucinando pela perda de sangue, Kai acreditava nelas. Fazia sentido que os asseclas favoritos da rainha estivessem envolvidos nisso. Fazia sentido também que estivessem distantes do derramamento de sangue e apenas orquestrassem o ataque pelas mãos de seus peões.

Kai se afastou da tela e esfregou os dedos nos olhos.

Isso era por causa dele. Levana tinha feito isso por causa dele.

Dele e de Cinder.

– Isso é guerra – disse a rainha Camilla do Reino Unido. – Ela declarou guerra contra nós.

Kai desabou na escrivaninha. Todos estavam tão silenciosos, tão hipnotizados pelas imagens exibidas, que tinha esquecido que ainda estava em uma conferência global com os outros líderes da União Terráquea.

A voz da primeira-ministra da África, Kamin, soou pelos alto-falantes com fúria.

– Primeiro quinze anos de peste, e agora isso! E para quê? Levana está aborrecida porque uma única prisioneira fugiu? Uma simples garota? Não, está usando isso como desculpa. Quer nos humilhar.

– Vou mandar evacuar todas as minhas grandes cidades – disse o presidente Vargas, da América. – Podemos pelo menos tentar estancar o sangramento...

O primeiro-ministro europeu, Bromstad, interrompeu:

– Antes de você seguir esse caminho, infelizmente tenho mais notícias desagradáveis.

Kai baixou o queixo até o peito, derrotado. Sentiu vontade de cobrir os ouvidos e não escutar. Não queria ouvir mais nada, mas se preparou para o que viria.

– O ataque não é só nas metrópoles mais importantes – disse Bromstad. – Acabei de ser informado que, além de Paris, Moscou e Istambul, uma cidade pequena também foi atacada. Foi Rieux, uma comunidade de fazendeiros no sul da França. Com população de três mil e oitocentas pessoas.

– Três mil e oitocentas pessoas! – exclamou a rainha Camilla. – Por que ela atacaria uma cidade tão pequena?

– Para nos confundir – respondeu o governador-geral Williams, da Austrália. – Para nos fazer acreditar que não há sentido nesses ataques, para nos deixar com medo de que pode nos atacar em qualquer lugar, a qualquer hora. É precisamente o tipo de coisa que Levana faria.

O Chefe Huy entrou no escritório de Kai, sem bater. Kai deu um pulo e pensou por um momento que o chefe era um lunático que tinha ido matá-lo, antes de sua pulsação voltar ao normal.

– Alguma notícia?

Huy assentiu. Kai reparou que seu rosto havia envelhecido anos na última semana.

– Linh Cinder foi vista.

Kai engoliu um grito de surpresa e se levantou, afastando-se da escrivaninha.

– O quê? Quem estava falando? – perguntou Camilla. – O que falaram sobre Linh Cinder?

– Preciso cuidar de outros assuntos – disse Kai. – Fim da conferência. – Sons de protesto foram imediatamente silenciados, e Kai se concentrou em Huy, cada nervo zumbindo. – E então?

– Três oficiais militares conseguiram encontrá-la por meio da identificação positiva da meia-irmã falecida, Linh Peony, como a guardiã dela havia sugerido. Nós a encontramos em uma pequena cidade no sul da França, minutos antes do ataque.

– Sul da... – Kai olhou para Torin na mesma hora em que seu conselheiro fechou os olhos, atingido pela mesma percepção. – A cidade por acaso se chamava Rieux?

Os olhos de Huy se arregalaram.

– Como o senhor sabia?

Kai gemeu e voltou para trás da escrivaninha.

– Os homens de Levana atacaram Rieux, a única cidade atacada que não era metrópole. Também devem ter conseguido rastreá-la. Foi por isso que estavam lá.

– Então precisamos alertar os outros líderes da União – disse Torin. – Ao menos sabemos agora que ela não está atacando aleatoriamente.

– Mas como a encontraram? O chip de identificação da irmã dela era nossa única pista. De que outra forma ela poderia ser... –

Ele parou de falar e passou as mãos pelo cabelo. – É claro. Ela sabia sobre o chip. Sou tão *idiota*.

– Majestade?

Ele virou para Huy, mas foi Torin quem chamou sua atenção.

– Não diga que é paranoia. Ela *está* ouvindo. Não sei como, mas está nos espionando. Este escritório mesmo deve estar com alguma escuta. Foi assim que ela soube do chip, e foi assim que sabia quando meu escritório estava aberto e ela podia invadir sem ser anunciada, e foi assim que ela soube quando meu pai morreu!

Torin fechou a cara, mas pela primeira vez não fez nenhum comentário depreciativo sobre Kai e suas teorias ridículas.

– Então... nós a encontramos? Cinder?

O constrangimento fez Huy franzir a testa.

– Sinto muito, Majestade. Depois que o ataque começou, ela conseguiu fugir em meio ao caos. Encontramos o chip de identificação em uma fazenda nos arredores de Rieux, ao lado dos sinais da decolagem de uma nave. Estamos trabalhando para encontrar qualquer pessoa que a tenha visto, mas infelizmente... todos os três oficiais que a identificaram foram mortos no ataque.

Kai começou a tremer, o corpo queimando de dentro para fora. Lançou um olhar furioso para o teto, quase gritando.

– Está vendo, *Majestade*? Se não fosse seu ataque, nós a teríamos capturado! Espero que esteja satisfeita com o que fez!

Bufando, cruzou os braços e esperou a pressão sanguínea baixar novamente.

- Chega disso. Cancele a busca.
- Majestade? – questionou Torin.
- Quero todos os militares e oficiais da polícia concentrados em encontrar esses homens que nos atacaram e em colocar um fim nisso. É nossa nova prioridade.

Como se aliviado pela decisão, Huy fez uma reverência breve e saiu do escritório, deixando a porta aberta atrás de si.

– Vossa Majestade – disse Torin –, embora eu não discorde dessa linha de ação, temos que considerar como Levana vai reagir. Temos que considerar a possibilidade de que esse ataque, por mais horrível que seja, não passe de um incômodo em comparação ao que ela realmente é capaz. Talvez devêssemos tentar acalmá-la antes que cause mais danos.

– Eu sei. – Kai olhou para a tela e para os âncoras assustados que murmuravam. – Ainda não me esqueci das fotos da República da América.

A lembrança ainda lhe provocava um arrepio na espinha: centenas de soldados em formação, e cada um era um cruzamento entre homem e animal. Tinham dentes afiados e garras enormes, ombros caídos e uma camada fina de pelo nos braços fortes.

Os homens que estavam atacando toda a Terra eram cruéis, selvagens e brutais, isso estava claro. Mas ainda eram apenas homens. Kai desconfiava que não passavam de uma prévia do que o exército de animais de Levana seria capaz.

Não era capaz de odiá-la ainda mais. Não depois que escondeu propositalmente o antídoto contra a letumose. Depois que

atacou um de seus servos para provar uma questão política. Depois de forçá-lo a trair Cinder só porque ela fugira de Luna anos antes.

Mas nem ele teria conseguido imaginar essa crueldade.

E se odiaria para sempre pelo que estava prestes a fazer.

– Torin, você pode me dar um momento?

– Majestade? – Os olhos de Torin estavam com rugas nos cantos, parecendo entalhadas na pele. Talvez todos eles tivessem envelhecido injustamente naquela semana. – O senhor quer que eu saia?

Ele mordeu o interior da bochecha e assentiu.

Torin apertou os lábios, mas pareceu demorar muito tempo para conseguir formar palavras. Kai conseguia ver a compreensão no rosto do conselheiro; Torin sabia o que ele estava planejando.

– Vossa Majestade, o senhor tem certeza de que não deseja discutir isso? Deixe-me oferecer orientação. Deixe-me ajudar.

Kai tentou sorrir, mas o que saiu foi apenas uma careta de dor.

– Não posso ficar aqui, neste lugar seguro, sem fazer nada. Não posso deixar que ela mate mais ninguém. Não com esses monstros, não com a retenção do antídoto da letumose, não com... o que quer que ela tenha planejado. Nós dois sabemos o que ela quer. Nós dois sabemos o que vai impedir isso.

– Então deixe-me ficar para apoiá-lo, Majestade.

Ele balançou a cabeça.

– Não é uma boa escolha para a Comunidade das Nações Orientais. Pode ser a única escolha, mas nunca vai ser boa. – Ele

ajeitou a gola da roupa. – A Comunidade não deve poder culpar mais ninguém além de mim. Por favor, vá.

Ele viu Torin respirar lenta e dolorosamente antes de fazer uma reverência profunda.

– Vou estar do lado de fora, caso o senhor precise de mim, Vossa Majestade. – Parecendo terrivelmente infeliz, Torin saiu e fechou a porta.

Kai andou de um lado para outro em frente à tela, com um nó de ansiedade no estômago. Ajeitou a camisa, amassada depois do longo dia, mas pelo menos ainda estava no escritório quando o alerta chegou. Acreditava que talvez jamais voltasse a ter uma noite inteira de sono depois disso.

Depois do que estava prestes a fazer.

Em seus pensamentos febris, não conseguia deixar de pensar em Cinder no baile. No quanto ficou feliz ao vê-la descendo a escada para o salão. No quanto achou uma graça inocente do cabelo molhado de chuva e do vestido amassado, concluindo que era um visual adequado para a mecânica mais famosa da cidade. Achava que ela devia ser imune às imposições da sociedade de moda e decoro. Que ficava tão à vontade consigo mesma que podia ir a um baile real como convidada do próprio imperador com cabelo desgrenhado e manchas de óleo nas luvas, e mesmo assim manter a cabeça erguida.

Isso foi antes de ele saber que Cinder tinha corrido para o baile para lhe dar um aviso.

Cinder tinha sacrificado a própria segurança para implorar que ele não aceitasse a aliança. Que não se casasse com Levana.

Porque, depois que a cerimônia de casamento estivesse encerrada e ela tivesse ascendido ao trono da Comunidade das Nações Orientais, Levana pretendia matá-lo.

Kay se sentiu enjoado por saber que Cinder estava certa. Sabia que Levana não hesitaria em descartá-lo assim que ele tivesse servido a seu propósito.

Mas ele tinha que impedir esses assassinatos. Tinha que impedir essa guerra.

Cinder não era a única capaz de se sacrificar por uma causa maior.

Com um suspiro, olhou para a tela.

– Estabelecer ligação por vídeo com a rainha Levana, de Luna.

O pequeno globo no canto girou apenas uma vez antes de se iluminar com a imagem da rainha lunar, envolta num véu branco de renda. Ele imaginou o rosto dela velho, emaciado e decrepito por baixo da proteção, e isso não ajudou.

Kai sentiu que ela estava esperando aquela ligação. Sentiu que estava ouvindo tudo e já sabia precisamente quais eram as intenções dele. Sentiu que estava com um sorriso irônico por trás do véu.

– Meu querido imperador Kaito, que surpresa agradável. Deve ser bem tarde em Nova Pequim. Duas horas e vinte e quatro minutos após a meia-noite, correto?

Ele engoliu a repulsa da melhor maneira que conseguiu e ergueu as mãos para ela.

– Vossa Majestade, eu imploro. Por favor, pare o ataque. Por favor, chame seus soldados de volta.

O véu se mexeu quando ela inclinou a cabeça para o lado.

– Você *implora*? Que delícia. Prossiga.

O rosto dele ficou quente.

– Pessoas inocentes estão morrendo: mulheres e crianças, transeuntes, pessoas que não fizeram nada a você. Você venceu e sabe disso. Então, *por favor*, acabe com isso agora.

– Você diz que venci, mas qual é meu prêmio, jovem imperador? Você capturou a garota ciborgue que iniciou tudo isso? É a ela que você devia estar apelando. Se ela se entregar a mim, chamo meus homens de volta. Essa é minha proposta. Avise-me quando estiver preparado para negociar. Até lá, boa noite.

– Espere!

Ela cruzou as mãos.

– Sim?

A pulsação dele latejava dolorosamente nas têmporas.

– Não posso lhe dar a garota. Pensamos que a tínhamos capturado, mas ela fugiu de novo, como desconfio que já sabe. Mas não posso deixar você continuar a assassinar terráqueos inocentes enquanto tentamos encontrar outra maneira de rastreá-la.

– Infelizmente, não é problema meu, Vossa Majestade.

– Tem outra coisa que você quer, algo que *posso* oferecer. Nós dois sabemos o que é.

– Eu certamente não sei do que você está falando.

Kai não tinha percebido que estava apertando as mãos, praticamente implorando, até os nós dos dedos começarem a

doer.

– Se sua oferta de aliança de casamento ainda for válida, eu aceito. Seu prêmio por mandar seus homens pararem vai ser a Comunidade das Nações Orientais. – Sua voz falhou nas palavras finais e ele trincou os dentes com força.

Esperou, sem fôlego, sabendo que cada segundo que se passava significava mais derramamento de sangue nas ruas da Terra.

Depois de um silêncio agonizante, Levana riu.

– Meu querido imperador. Como eu poderia resistir a um pedido tão encantador?

CAPÍTULO

Quarenta e Quatro

QUANDO A NAVE ENTROU EM ÓRBITA NEUTRA, SCARLET SOLTOU pulmões doloridos e desabou no banco do piloto. Gemendo, todas as dores a atacando ao mesmo tempo, virou e olhou a nave.

Linh Cinder estava sentada no chão com as pernas esticadas à frente do corpo. Lobo, inconsciente, estava deitado de costas, esparramado. Um rastro de sangue o seguia da rampa por onde fora arrastado. O outro homem estava caído de barriga para baixo.

– Você pilota – disse Cinder.

Linh Cinder.

A princesa Selene.

– Minha avó me ensinou. Ela foi piloto na... – As palavras evaporaram com a dor que Scarlet sentiu no coração. – Mas sua nave voa muito bem por conta própria.

– Fico feliz em ser útil – disse uma voz incorpórea. – Sou Iko. Tem alguém ferido?

– Todo mundo está ferido – respondeu Cinder, gemendo.

Scarlet andou com dificuldade até o corpo de Lobo e sentou ao seu lado.

– Eles vão ficar bem?

– Espero que sim – disse Cinder –, mas nunca esperei para ver os efeitos desses dardos.

Scarlet abriu o zíper do moletom sujo e o amarrou acima do ferimento aberto no braço de Lobo.

– Você disse que tinha ataduras?

Viu o medo de Cinder por ser forçada se mover de novo, mas ela logo se levantou e desapareceu por uma porta no outro lado do compartimento de carga.

Um gemido baixo atraiu a atenção dela para o estranho. Ele rolou de costas, fazendo uma careta.

– Ondeagentestá? – murmurou, confuso.

– Ah, você já acordou – disse Cinder ao voltar trazendo pomada e gaze. – Eu tinha esperanças de que você ia ficar desacordado por mais tempo. A paz e o silêncio foram uma mudança agradável.

Apesar do tom dela, Scarlet conseguiu sentir o alívio emanando da garota quando pousou um tubo de pomada na barriga do homem. Ela passou a gaze para Scarlet, junto com outro tubo de pomada e um bisturi.

– Precisamos retirar seus chips de identificação e destruí-los antes que rastreiem vocês.

Depois de se sentar, o homem lançou um olhar torto e desconfiado para Scarlet, achou por um momento que ele tinha se esquecido de onde ela surgira, antes de a atenção dele se voltar para Lobo.

– Conseguiu colocar o maluco a bordo, hein? Quem sabe conseguimos arrumar uma jaula para ele em uma dessas caixas.

Eu odiaria que nos matasse quando estivéssemos dormindo depois disso tudo.

Scarlet olhou para ele cheia de raiva enquanto desenrolava um pedaço de gaze.

– Ele não é um animal – retrucou, se concentrando nas marcas de garra nas laterais do rosto de Lobo.

– Tem certeza?

– Detesto concordar com Thorne – disse Cinder. – Quero dizer, *realmente* odeio concordar com ele, mas está certo. Não sabemos se ele está do nosso lado.

Scarlet apertou os lábios e puxou outra tira de gaze.

– Vocês vão ver quando ele acordar. Ele não é... – Hesitou e percebeu tarde demais que não conseguia nem convencer a si mesma de que Lobo estava do lado deles.

– Ah – disse o homem. – Me sinto bem melhor.

Depois de abrir um buraco na calça, passou pomada no ferimento causado pelo tranquilizante.

Scarlet tirou o cabelo do rosto, abriu a camisa de Lobo e passou o unguento medicinal nos cortes profundos no abdome.

– Quem é você?

– Capitão Carswell Thorne. – Depois de fechar o tubo de pomada, ele se recostou na parede do compartimento de carga. Pousou a mão na arma. – De onde veio isso?

– Scarlet encontrou em uma das caixas – respondeu Cinder, olhando para a tela na parede. – Tela, ligar.

A tela mostrou uma imagem trêmula de um homem ensanguentado correndo em direção à câmera. Houve gritos,

depois estática. Um âncora atrás de uma mesa substituiu o vídeo, com o rosto pálido.

– Essa filmagem mostra os ataques em Manhattan no começo desta noite, e fontes confirmaram que mais de dez cidades em toda a União também estão cercadas.

Scarlet se inclinou para cortar o chip de identificação do pulso de Lobo. Reparou que já havia uma cicatriz ali, como se não houvesse muito tempo que o chip fora colocado nele.

O âncora prosseguiu.

– O governo pede que os cidadãos fiquem em casa e tranquem todas as portas e janelas. Agora vamos receber imagens ao vivo de Capitol City, onde o presidente Vargas fará um pronunciamento.

Um gemido chamou a atenção de todos para Lobo. Com o canto do olho, Scarlet viu o capitão Thorne engatilhar a arma e apontar para o peito do homem.

Scarlet colocou o bisturi de lado, junto com os chips de identificação dos dois, e virou o rosto de Lobo na direção do dela.

– Você está bem?

Ele abriu olhos turvos para Scarlet, então de repente se afastou e virou de lado para vomitar no chão da nave. Ela fez cara de nojo.

– Me desculpe – disse Cinder. – Deve ser efeito colateral do tranquilizante.

Thorne teve ânsia de vômito.

– Ainda bem que não aconteceu comigo. Que constrangedor.

Limpando os lábios, Lobo caiu de novo deitado de costas, fazendo caras de dor a cada movimento. Franziu a testa e olhou

para Scarlet. Os olhos tinham voltado ao verde vibrante normal, não mais tomados de fome animal.

– Você está viva.

Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, surpresa com o próprio alívio. Aquele era o homem que a tinha entregado àqueles monstros. Devia odiá-lo, mas só conseguia pensar no desespero dele quando a beijou no trem, quando implorou que não fosse procurar a avó.

– Graças a você.

Thorne riu com deboche.

– Graças a *ele*?

Lobo tentou olhar para Thorne, mas não conseguiu virar o pescoço o bastante.

– Onde estamos?

– Você está a bordo de uma nave de carga na órbita da Terra – respondeu Cinder. – Me desculpe pelo tranquilizante. Achei que você ia devorá-la.

– Eu também achei. – A expressão dele se tornou sombria quando reparou na mão de metal de Cinder. – Acho que minha rainha está procurando você.

Thorne ergueu uma sobrancelha.

– Isso é para me fazer sentir melhor por ele estar a bordo?

– Ele está melhor agora – disse Scarlet. – Não está?

Lobo balançou a cabeça.

– Vocês não deviam ter me trazido para cá. Só vou botar vocês em perigo. Deviam ter me deixado lá embaixo. Deviam ter me matado.

Thorne soltou a trava da arma.

– Não seja ridículo – disse Scarlet. – *Eles* fizeram isso com você. Não é sua culpa.

Lobo olhou para ela como se estivesse falando com uma criança teimosa.

– Scarlet... se alguma coisa acontecesse com você por minha causa...

– Você pretende machucar alguém nesta nave ou não? – perguntou Cinder, interrompendo a conversa.

Lobo olhou para ela, para Thorne e para Scarlet, onde seu olhar se demorou mais.

– Não – sussurrou.

Três segundos depois, o corpo de Cinder relaxou.

– Ele está falando a verdade.

– O quê? – disse Thorne. – E *isso* deve me fazer sentir melhor?

– Kai vai fazer um pronunciamento! – A voz de Iko ressoou pela nave, e o volume na tela aumentou.

Um âncora estava falando de novo.

– ... parece que todos os ataques pararam. Vamos manter o público informado conforme os eventos se desenrolarem. Agora, vamos conectar vocês à transmissão da Comunidade das Nações Orientais, de onde esperamos um pronunciamento emergencial do imperador Kai, a começar em...

Ele foi interrompido, e a imagem que surgiu foi da sala de imprensa da União Terráquea, onde Kai estava atrás de um púlpito. Cinder apertou o tecido da calça com as mãos.

– Cinder tem uma certa quedinha por ele – Thorne fingiu sussurrar.

– Todas nós temos, não? – comentou Iko.

Kai pareceu momentaneamente desconcertado pelas luzes intensas, mas essa impressão passou no momento em que empertigou os ombros.

– Todos vocês sabem por que pedi esta coletiva no meio da noite, e agradeço a todos por virem em tão pouco tempo. Espero poder responder a algumas das perguntas feitas desde que os ataques começaram, quase três horas e meia atrás.

Lobo sibilou de dor quando se sentou para ver melhor. Os dedos de Scarlet se apertaram em sua mão.

– Posso confirmar que aqueles homens são de Luna. Alguns de nossos cientistas já começaram a fazer exames no corpo de um deles, morto por um policial em Tóquio, e confirmamos que são soldados geneticamente projetados. Parecem ser machos lunares cuja estrutura física foi combinada com o circuito neural de algum tipo de híbrido lupino. Parece claro que o ataque surpresa foi orquestrado de forma a provocar terror, confusão e caos em todas as grandes cidades da Terra. Nisso, acho que é seguro dizer que foi bem-sucedido.

“Muitos de vocês estão cientes de que a rainha Levana vem ameaçando declarar guerra à Terra durante quase todo o seu reinado. Se estão questionando por que a rainha Levana escolheu este momento para iniciar o ataque depois de tantos anos de ameaça... É por minha causa.”

Scarlet reparou que Cinder puxou os joelhos até o peito e os apertou até os braços começarem a tremer.

– A rainha Levana está com raiva da minha incapacidade de aderir a um tratado entre Luna e a Terra que declara que todos os fugitivos lunares devem ser apreendidos e devolvidos a Luna. A rainha Levana deixou suas expectativas bem claras nesse ponto, e eu não consegui satisfazê-las.

Um som estranho escapou da garganta de Cinder, algo como um gemido ou um choramingo, e ela levou a mão metálica à boca para sufocá-lo.

– Por isso, sinto que é minha responsabilidade acabar com esses ataques e impedir uma guerra de proporções gigantescas enquanto ainda está a meu alcance. E foi o que fiz, da única maneira que podia. – O olhar dele perfurou a parede dos fundos da sala de imprensa, como se Kai estivesse envergonhado demais para olhar nos olhos dos jornalistas. – Aceitei a aliança de casamento com a rainha de Luna, Levana.

Cinder deu um grito de choque e ficou de pé.

– Não. Não!

– Em troca – continuou Kai –, a rainha Levana concordou em suspender os ataques. O casamento foi marcado para a próxima lua cheia, no vigésimo quinto dia de setembro, com a coroação imediata da rainha Levana como imperatriz da Comunidade das Nações Orientais em seguida. A retirada de todos os soldados lunares de território terráqueo começará no dia seguinte.

– *Não!* – gritou Cinder. Ela arrancou a bota do pé e a jogou na tela. – Idiota! Seu idiota!

– Meu gabinete e eu teremos mais atualizações nos próximos dias. Não responderei a nenhuma pergunta agora. Obrigado. – O aposento se encheu de gritos mesmo assim, mas Kai ignorou todos e desceu da plataforma como um general derrotado.

Cinder virou e chutou a caixa mais próxima com o pé de metal descoberto.

– Ele sabe que a culpa é dela, mas vai lhe dar tudo que quer mesmo assim! Ela é responsável pela morte de milhares de terráqueos e agora vai ser *imperatriz*! – Andou de um lado para outro, viu os dois chips de identificação manchados de sangue ao lado de Scarlet e esmagou-os com o pé sem pena, apertando com força com o calcanhar. – E por quanto tempo ela vai ficar satisfeita com isso? Um mês? Uma semana? Já falei para ele! Falei que ela planejava usar a Comunidade das Nações Orientais como ponto de partida para declarar guerra ao resto da Terra, e mesmo assim vai se casar com ela! Ela vai ter controle completo sobre todos nós, e vai ser tudo culpa dele!

Scarlet cruzou os braços sobre o peito.

– Ao que me parece – disse ela, erguendo a voz para competir com a de Cinder –, isso tudo vai ser *sua* culpa.

Cinder parou com o ataque de ira e olhou boquiaberta para Scarlet. Entre as duas, Thorne apoiou o queixo na palma da mão como se assistisse a um grande show, embora a mão livre ainda segurasse a arma apontada para a cabeça de Lobo.

– Você sabe por que ela fez isso – disse Scarlet, ficando de pé apesar dos protestos dos músculos furiosos. – Você sabe por que ela está atrás de você.

A fúria de Cinder diminuiu.

– Sua avó lhe contou.

– Sim. O que me dá nojo é você deixar isso tudo acontecer!

Com uma expressão de raiva, Cinder se inclinou e tirou a outra bota. Scarlet se encolheu, mas Cinder só a jogou em um canto.

– O que você acha que eu deveria fazer? Me entregar? Me sacrificar na esperança de que isso a satisfizesse? Acabaria sendo assim de qualquer forma.

– Não estou falando de quando você foi presa no baile. Estou falando de antes. Por que não fez nada para impedi-la? As pessoas contam com você. As pessoas acham que você pode fazer a diferença, e o que você está fazendo? Fugindo e se escondendo! Minha avó não morreu para você viver como fugitiva, covarde demais para fazer alguma coisa!

– Hum, estou confuso – disse Thorne, levantando um dedo no ar. – Do que estamos falando?

Scarlet olhou para o capitão.

– Quer *parar de apontar essa arma pra ele?*

Thorne jogou a arma para o lado e cruzou as mãos no colo.

– Ele nem sabe, não é? – Scarlet se dirigiu a Cinder. – Você colocou a vida dele em perigo, as vidas de todos nós, e ele nem sabe por quê.

– É mais complicado do que isso.

– É?

– Eu só sei há uma semana! Descobri quem eu era no dia depois do baile, quando estava sentada em uma cela de prisão me preparando para ser entregue a Levana como um troféu. Então,

entre fugir da prisão, escapar de todos os militares da Comunidade das Nações Orientais e tentar salvar a *sua* vida, não tive muito tempo para derrubar um regime inteiro. Lamento se decepcionei você, mas o que quer que eu faça?

Scarlet recuou, sentindo uma dor de cabeça latejar nas têmporas.

– Como você podia não saber?

– Porque sua avó me mandou para a Comunidade sem se dar o trabalho de me contar.

– Mas não foi por isso que você foi ao baile?

– Pelas estrelas, não. Você acha que eu teria sido burra o suficiente para encarar Levana se soubesse a verdade? – Hesitou.

– Bem. Não sei. Por Kai, talvez, mas... – Ela segurou a cabeça com as mãos. – Eu não sei. Eu não sabia.

De repente Scarlet ficou tonta de raiva, do sangue disparado nas veias, da exaustão. A única resposta que conseguiu formar foi um muxoxo desnorteado.

– Ah.

Thorne tossiu.

– Ainda estou confuso.

Com um suspiro, Cinder se apoiou em uma caixa e olhou para as mãos descombinadas. Contraiu o rosto todo, como se estivesse se preparando para um golpe, e murmurou:

– Eu sou a princesa Selene.

Thorne riu com deboche, e todos se viraram para ele.

Ele olhou sem entender.

– O que, é sério?

– É.

O sorriso debochado pareceu congelar nos lábios dele.

Um silêncio pesado foi seguido por uma vibração sob os pés deles, e então se ouviu a voz de Iko.

– Eu não computo.

– Então somos dois – disse Thorne. – Desde quando?

Cinder deu de ombros.

– Me desculpe. Eu devia ter contado, mas... não sabia se podia confiar em você, e achei que se conseguisse encontrar Michelle Benoit e pedisse que ela me explicasse algumas coisas, me contasse como vim parar aqui, como passei a ser *isso*... – Ela levantou as mãos antes de largá-las, imóveis, no colo de novo. – ... talvez pudesse começar a entender as coisas. – Suspirou. – Iko, me desculpe. Eu juro que não sabia antes.

Thorne fechou a boca e coçou o queixo.

– *Você é a princesa Selene* – repetiu, avaliando as palavras. – A garota ciborgue maluca é a princesa Selene.

– Seu dom está intacto? – perguntou Lobo, que estava sentado meio torto, tentando não colocar muito peso na lateral.

– Acho que sim – respondeu Cinder, se mexendo com desconforto. – Ainda estou aprendendo a usá-lo.

– Ela controlou um dos... agentes especiais – disse Scarlet. – Eu vi.

Cinder olhou para baixo.

– Foi difícil. Não consegui manter o controle.

– Você conseguiu manipular um integrante da matilha? Com Jael presente?

– É, mas foi horrível. Só consegui alcançar um deles e quase desmaiei...

Uma gargalhada alta a silenciou, mas logo Lobo começou a tossir com dor. Ainda assim, uma expressão divertida permaneceu no rosto dele.

– Então é por isso que Levana quer você. Você é mais forte do que ela. Ou... pode vir a ser, com treino.

Cinder balançou a cabeça.

– Você não entende. Aquele taumaturgo estava controlando sete homens, e eu mal consegui controlar um. Não chego nem perto da força deles.

– Não, *você* não entende – interrompeu Lobo. – Cada matilha é liderada por um taumaturgo, que controla quando nossos instintos animais tomam conta, quando só conseguimos pensar em matar. Eles manipularam nosso dom lunar e o usaram para nos transformar nos monstros que somos, com algumas modificações físicas. Mas tudo é ligado ao nosso mestre. A maioria dos lunares não conseguiria nos controlar, seríamos como cascudos para eles, e até nossos mestres, que conseguem controlar centenas de cidadãos normais de uma vez, só conseguem controlar uns doze agentes de uma vez. É por isso que nossas matilhas são tão pequenas. Entende?

– Não – responderam Cinder e Thorne ao mesmo tempo.

Lobo ainda estava sorrindo.

– Mesmo o mais talentoso dos taumaturgos só consegue controlar doze agentes, no máximo quinze, e isso depois de anos de modificações genéticas e treinamento. Mas você conseguiu

tirar um do mestre em sua primeira tentativa? Com um pouco de treino... – Ele parecia estar com vontade de rir. – Não achava antes, mas agora acho que Sua Majestade pode ter mesmo motivo para ter medo de você, princesa.

Cinder fez uma careta.

– Não me chame assim.

– Estou supondo, é claro, que você pretende lutar contra ela – prosseguiu Lobo –, a julgar por sua reação ao pronunciamento do imperador.

Cinder balançou a cabeça.

– Não tenho a menor ideia de como fazer isso... Não sei nada sobre ser governante ou líder ou...

– Mas muitas pessoas acham que você pode detê-la – disse Scarlet. – Minha avó morreu para que você pudesse ter essa chance. Não vou deixar que o sacrifício dela seja em vão.

– Eu ajudaria você – acrescentou Lobo. – Você poderia treinar suas habilidades comigo. – Ele se encolheu, com o corpo cansado de ficar sentado ereto por muito tempo. – Além do mais, se você for quem alega ser, isso a torna minha verdadeira rainha. Portanto, você tem minha lealdade.

Cinder balançou a cabeça e pulou de cima da caixa.

– Não quero sua lealdade.

Scarlet colocou as mãos nos quadris.

– O que você quer?

– Eu quero... quero um tempo para pensar nisso tudo e resolver o que fazer sem todo mundo resmungando no meu ouvido! – Cinder saiu batendo os pés na direção do corredor

principal, com um estalo alto a cada dois passos, quando o pé de metal batia no chão.

Depois que ela foi embora, Thorne deu um assobio baixo.

– Eu sei, eu sei. Ela parece meio – ele ficou meio vesgo e girou um dedo ao lado de cada orelha –, mas é parte do charme dela depois que você a conhece.

CAPÍTULO

Quarenta e Cinco

TINHA MANDADO CONSTRUIR A PONTE DE COMANDO ESPECIALM ela com vidro especial, para que pudesse ver os soldados de cima (vê-los treinar, vê-los lutar, vê-los se adaptar às novas mutações) sem ser observada. Estava intrigada agora com uma nova matilha que tinha completado a transformação genética alguns dias antes. Ainda eram tão jovens. Meros garotos, com no máximo doze anos.

Eram quase preciosos, pela forma como alguns se destacavam do grupo, verificavam constantemente o pelo fino nos dedos, pulavam para a frente e para trás nos membros reestruturados, enquanto os outros já estavam gritando e provocando uns aos outros.

Procurando seu espaço, determinando a hierarquia.

Como os animais que eram.

Cada taumaturgo sinalizava para os subordinados atribuídos a eles e os guiava por várias formações. Isso também sempre a fascinava. Como alguns deles forçavam o controle, enquanto outros tentavam seduzir os filhotes, como mães carinhosas.

Observou o grupo mais jovem com prazer crescente. Sete tinham se formado em fila sem perguntas e deixaram só um separado do resto. Agachado de quatro, ele estava rosnando para

a taumaturga, com os dentes à mostra, mais parecido com um lobo do que qualquer outro. Rebelião e ódio brilhavam por trás dos olhos dourados.

Aquele seria um alfa. Já conseguia perceber.

– Vossa Majestade.

Ela inclinou a cabeça, mas não tirou os olhos do garoto.

– Sybil.

Os calcanhares da taumaturga-chefe estalaram no piso de vidro. Ela detectou o movimento de tecido quando Sybil fez uma reverência.

Lá embaixo, na caverna, o filhote estava andando em círculo ao redor da mestra, uma garota jovem e loura que parecia pálida demais com o casaco preto. A expressão dela demonstrava um traço de ansiedade, uma sombra de dúvida se teria força mental suficiente para controlar aquele menino.

– Todos os agentes especiais foram temporariamente dispensados de suas missões e voltaram para os esconderijos. Estimamos a morte de duzentos e sessenta agentes.

– Os terráqueos vão reparar nas tatuagens em pouco tempo, se é que já não repararam. Certifique-se de que eles as escondam bem.

– É claro, Vossa Majestade. Infelizmente, também tenho a morte de um taumaturgo a relatar.

Levana ergueu o olhar, esperando por um momento ver o reflexo de Sybil no vidro, mas não havia reflexo, não naquela janela. Não em nenhuma das janelas reais. Ela cuidava para que

não houvesse. Mesmo assim, depois de todos esses anos, ainda não tinha se acostumado.

Ergueu uma sobrancelha para encorajar Sybil a continuar.

– O taumaturgo Jael. Levou um tiro no peito.

– Jael? Não é do perfil dele abandonar seu santuário, mesmo durante uma batalha.

– Um dos betas dele me informou que Linh Cinder apareceu. Parece que estava tentando prendê-la pessoalmente.

As narinas de Levana se dilataram, e ela virou para a área de treinamento bem na hora em que o filhote pulou para cima da mestra. A garota gritou e caiu de costas antes de todo o corpo dela ser tomado de concentração. Mesmo de seu ponto de observação, Levana conseguia ver gotas de suor se formando na testa, escorrendo pela têmpora.

O filhote abriu a boca, com os dentes cintilando, mas hesitou.

Levana não conseguia perceber o que estava lutando contra o instinto animal dele: a taumaturga buscando obter controle ou os resquícios de um garoto lunar ainda agarrado aos pensamentos na própria cabeça.

– A matilha de Jael já debandou, exceto pelo beta que foi encontrado no forte de Paris. Vou mandar o taumaturgo Aimery buscá-los.

O filhote saiu de cima da mestra e se encolheu de lado. Tremendo. Choramingando. Com dor evidente.

A taumaturga, abalada, ficou de pé e tirou o pó preto de regolito do casaco. Havia pó de regolito para todos os lados naquelas cavernas, tubos de lava criados naturalmente que

jamais ficariam limpos, independentemente do quanto continuassem a ser desenvolvidos e se construísse dentro deles. Levana odiava o pó, a forma como se agarrava ao cabelo e às unhas, enchia os pulmões. Ela evitava os túneis sempre que podia e preferia ficar no domo iluminado e brilhante que abrigava a capital de Luna e seu palácio.

– Vossa Majestade? – disse Sybil.

– Não, não mande Aimery – respondeu, com a atenção grudada no filhote enquanto ele se contorcia de dor. Ainda lutando contra o controle da mestra. Ainda lutando para manter a própria mente. Ainda querendo ser um garotinho. Não um soldado. Não um monstro. Não um peão. – Deixe a matilha de Jael pra lá. Os agentes já serviram a seus propósitos.

O filhote acabou parando de se contorcer. Com o pelo fino das bochechas molhado de lágrimas, ficou deitado no chão, ofegante.

O olhar da mestra era intenso, tão animalesco quanto suas ordens. Levana quase conseguia ouvir as ordens da mulher, apesar de nenhuma palavra estar sendo falada. Mandando-o ficar de pé. Entrar na fila. Obedecê-la.

O garoto obedeceu. Movendo-se lenta e dolorosamente, se levantou nas pernas magras e entrou na fila. Com a cabeça baixa. Os ombros encolhidos.

Como um cachorro repreendido.

– Esses soldados estão quase prontos – disse Levana. – As modificações genéticas estão completas e os taumaturgos estão preparados. Na próxima vez que atacarmos a Terra, esses homens vão liderar o ataque, e não vamos disfarçá-los.

– Sim, Vossa Majestade. – Sybil fez uma reverência. Levana sentiu o respeito emanando dela tanto quanto ouviu. – E eu também gostaria de dar meus calorosos parabéns por seu noivado, Minha Rainha.

Levana fechou a mão esquerda e passou o polegar sobre o anel de pedra no dedo. Ela sempre o escondia com o glamour. Não sabia se alguém vivo sabia que ainda o usava. Ela mesma costumava se esquecer que estava ali, mas seu dedo estava formigando hoje, desde que o imperador Kaito aceitara a aliança de casamento.

– Obrigada, Sybil. Isso é tudo.

Outra reverência e o som de passos se afastando.

Abaixo, os grupos estavam começando a debandar com o fim do dia de treinamento. Os taumaturgos os conduziram para cavernas separadas, para o labirinto natural sob a superfície de Luna.

Era peculiar observar aqueles homens e garotos, aquelas criaturas que eram só um experimento na época dos pais dela, mas que tinham se tornado realidade no seu reinado. Um exército mais rápido e mais forte do que qualquer outro. A inteligência dos homens, os instintos dos lobos, a flexibilidade das crianças. Eles a deixavam nervosa, uma sensação que não tinha havia muitos anos. Eram tantos lunares, com ondas cerebrais tão peculiares, que nem ela conseguia controlar todos. Não ao mesmo tempo.

Aqueles animais, aquelas criações científicas, jamais a amariam.

Não como o povo de Luna a amava.

Não como o povo da Terra em breve amaria.

CAPÍTULO

Quarenta e Seis

SCARLET CHOROU DURANTE HORAS ENCOLHIDA NO BELICHE E cabine da tripulação. Cada soluço pulsava pelos músculos doloridos, mas a dor só fazia com que chorasse mais com a lembrança de tudo pelo que passara.

A adrenalina, a raiva e a negação sumiram quando revirou a cômoda e encontrou um uniforme militar dobrado na gaveta de baixo. Embora o uniforme americano fosse todo cinza e branco, em vez da mistura de azuis dos uniformes dos pilotos europeus, ainda parecia muito com as roupas que sua avó usara nos dias de militar.

Agarrou a camiseta branca lisa e chorou nela por tanto tempo que ficou quase tão suja quanto as roupas que precisava tirar.

Seu corpo todo latejava quando as lágrimas finalmente começaram a secar. Esforçando-se para respirar, deitou de costas e secou as últimas com o tecido de algodão. Antes, cada vez que o choro começava a diminuir, as palavras ecoavam na cabeça dela, *grand-mère morreu*, e outra torrente se iniciava. Mas as palavras estavam ficando vazias, a dor estava virando entorpecimento.

O estômago dela roncou.

Gemendo, Scarlet colocou a mão na barriga e se perguntou se o corpo seria capaz de esquecer que não comia havia mais de um dia se fechasse os olhos e dormisse. Mas, enquanto ainda estava deitada ali, desejando que o entorpecimento tomasse conta de si, o estômago roncou de novo. Mais alto.

Scarlet fungou, irritada. Apoiou-se na cama de cima e sentou. Mesmo com a cabeça girando de tontura e desidratação, conseguiu cambalear até a porta.

Ouviu um estrondo vindo da cozinha assim que abriu a porta. Quando espiou pelo corredor, viu Lobo inclinado em uma bancada, segurando uma lata.

Ao entrar na luz da cozinha, Scarlet viu que a lata tinha uma etiqueta com a imagem de tomates vermelhos. A julgar pelos amassados enormes nas laterais, Lobo estava tentando abrir com um martelo de carne.

Ele olhou para Scarlet, e ela ficou feliz por não ser a única com o rosto vermelho.

– Por que colocariam comida aqui se é tão difícil de abrir?

Ela mordeu o lábio para evitar um sorriso fraco, sem saber se era de pena ou de diversão.

– Você tentou o abridor de latas?

Ao ver a expressão de incompreensão de Lobo, contornou a mesa e mexeu na gaveta de cima.

– Nós, terráqueos, temos tipos especiais de ferramentas, como esta – continuou, mostrando o abridor de latas. Prendeu-o na beirada da lata e girou lentamente até abrir.

As orelhas de Lobo ficaram cor-de-rosa quando ele puxou a tampa e olhou para a pasta vermelha.

– Não era isso que eu estava esperando.

– Não é fresco da fazenda como aqueles com os quais você se acostumou, mas vai ter que servir. – Scarlet revirou o armário, encontrou uma lata de azeitonas e um vidro de alcachofras em conserva. – Vem, vamos fazer um lanche.

Ela sentiu um toque delicado no cabelo e se afastou. Lobo baixou a mão e segurou a beirada da bancada.

– Me desculpe. Você estava... seu cabelo...

Depois de colocar a lata e o vidro na bancada, Scarlet tateou a parte de trás da cabeça e descobriu que o cabelo estava embaraçado como um palheiro. Empurrou as azeitonas para Lobo.

– Por que você não experimenta o abridor de latas?

Enquanto puxava os nós distraidamente, encontrou um garfo e se sentou à longa mesa. Havia anos de iniciais de tripulação militar entalhadas no tampo, o que a fez se lembrar da cela de prisão no teatro da ópera. Embora estar na nave fosse infinitamente melhor do que estar naquele porão, o confinamento ainda a incomodava e era quase sufocante. Sabia que a avó devia ter trabalhado em uma nave parecida durante a época em que serviu como militar. Não era surpresa ela ter ido para uma fazenda, com todo o céu e o horizonte que uma pessoa poderia querer.

Esperava que Émilie ainda estivesse cuidando dos animais.

Quando não conseguiu encontrar mais nenhum nó, alisou o cabelo com as mãos, depois abriu o vidro de alcachofra. Ao erguer o rosto, viu que Lobo ainda estava de pé com as latas de azeitonas e tomates, uma em cada mão.

– Você está bem?

Os olhos dele brilharam. Pânico, pensou. Talvez medo.

– Por que você me trouxe para cá? – perguntou Lobo. – Por que não me deixou para trás?

Ela baixou o olhar, pegou uma alcachofra e viu o azeite escorrer de volta para o vidro.

– Não sei. Não deu para parar e avaliar os prós e contras. – Deixou o coração de alcachofra cair de novo na conserva. – Mas não me pareceu certo deixar você lá.

Ele virou de costas, colocou as latas na bancada e pegou o abridor. Na terceira tentativa, conseguiu prendê-lo na tampa da lata de azeitonas e girar na beirada.

– Por que não me contou a verdade? – indagou Scarlet. – Antes de chegarmos a Paris?

– Não teria feito diferença. – Colocou as latas abertas sobre a mesa. – Você ainda teria insistido em ir atrás da sua avó. Pensei que pudesse debater com Jael e convencê-lo de que você era inútil para nós, que ele devia deixá-la ir embora. Mas eu só poderia fazer isso se ainda fosse leal a eles.

Scarlet espetou o coração de alcachofra de novo e o colocou na boca. Não queria discutir o que poderia ter acontecido. Não queria insistir em todas as escolhas que poderiam ter terminado

com ela e a avó em segurança na fazenda. Nem sabia se tais escolhas existiam.

Lobo baixou o olhar e se sentou no banco em frente a ela, fazendo uma careta de dor a cada movimento. Depois de acomodado, pegou um tomate na lata e enfiou na boca. Seu nariz se enrugou. Parecia que estava engolindo uma minhoca.

Scarlet apertou os lábios para sufocar uma risadinha.

– Acaba fazendo você gostar mais dos tomates da minha fazenda, não?

– Eu gostei de tudo que você me deu. – Pegou a lata de azeitonas e cheirou, com medo de estar sendo enganado de novo. – Apesar de não ter merecido nada daquilo.

Scarlet mordeu o lábio. Achava que ele não estava se referindo aos alimentos.

Inclinou a cabeça, enfiou o garfo na lata de azeitonas que Lobo estava segurando e conseguiu espetar duas.

Eles comeram em silêncio. Lobo descobriu que gostava de azeitonas e sofreu ao comer mais dois tomates, até Scarlet oferecer uma alcachofra. Descobriram que a combinação dos dois era quase aceitável.

– Um pouco de pão seria ótimo – disse Scarlet enquanto observava as prateleiras atrás de Lobo, com pratos de modelos variados e canecas de café com a insígnia da República da América.

– Me desculpe.

Com os braços arrepiados, ela ousou olhar para ele, mas Lobo estava olhando para a lata de tomates, quase esmagando-a na

mão fechada.

– Tirei de você tudo que você gostava. E sua avó...

– Não, Lobo. Não faça isso. Não podemos mudar o que aconteceu, e... você me deu aquele chip. Você me salvou de Ran.

Ele encolheu os ombros. Metade do cabelo estava desganhado e emaranhado e normal, e a outra metade ainda estava grudada com o sangue seco.

– Jael me disse que ia torturar você. Achava que isso ia fazer sua avó falar. E eu não consegui...

Scarlet tremeu e fechou os olhos.

– Eu sabia que me matariam quando descobrissem, mas... – Ele lutou para encontrar palavras e respirou fundo. – Acho que percebi que preferia morrer por tê-los traído a viver porque traí você.

Scarlet limpou os dedos oleosos na calça jeans.

– Eu ia voltar para buscar você e sua avó quando vi você sendo perseguida por Ran. Minha cabeça estava tão confusa que eu não conseguia pensar direito. Sinceramente, não sei se eu pretendia ajudar ou matar vocês. Mas, quando Ran jogou você naquela estátua, alguma coisa... – Os nós de seus dedos ficaram brancos. Balançou a cabeça, e as pontas dos cabelos balançaram junto. – Não importa. Era tarde demais.

– Você me salvou.

– Você não teria que ser salva se não fosse por minha culpa.

– Ah? Então, se você não tivesse sido escolhido para me raptar ou para descobrir que informações eu tinha, teriam me deixado

em paz? Não. Se tivesse sido qualquer outra pessoa, eu estaria morta agora.

Lobo franziu a testa.

– E não acredito nem por um segundo que você ia voltar para nos matar. Independentemente de quanto controle aquele taumaturgo tinha sobre você, ainda era você aí dentro. Você não ia me machucar.

Lobo olhou nos olhos dela, triste e confuso.

– Espero sinceramente que nunca tenhamos que testar essa teoria de novo. Porque você não faz ideia do quanto foi arriscado.

– Mas você lutou contra aquilo.

O rosto dele se contorceu, mas Scarlet ficou feliz por Lobo não discutir.

– Não devia ter sido possível resistir daquele jeito. O que fizeram conosco... com nossos cérebros... mudou a forma como pensamos nas coisas. A raiva e a violência vêm tão rápido, mas as outras coisas... Não devia nem ser possível. – A mão dele começou a se deslocar na direção da dela, mas parou na metade do caminho. Ele a retraiu rapidamente e mexeu no rótulo da lata de tomate.

– Bem, e se... – Scarlet inclinou a cabeça. – Você disse que eles controlam quando seus instintos animais superam seus próprios pensamentos, certo? Mas lutar e caçar não são os únicos instintos que um lobo tem. Os lobos... não são monogâmicos, por exemplo? – Suas bochechas ficaram quentes, e ele precisou afastar o olhar enquanto passava o garfo em uma inicial entalhada. – E o macho alfa não é o responsável por proteger todo mundo? Não só a

matilha, mas sua companheira também? – Ela largou o garfo e levantou as mãos no ar. – Não estou dizendo que acho que você e eu somos... Depois de só... Sei que acabamos de nos conhecer e... Mas não está fora de questão, está? Que seus instintos de me proteger possam ser tão fortes quanto os instintos de matar?

Ela prendeu a respiração e ousou olhar para ele. Lobo estava boquiaberto enquanto a encarava, e por um segundo pareceu quase envergonhado. Mas sorriu, com uma expressão calorosa e confusa. Scarlet teve um vislumbre dos dentes afiados e sentiu um nó no estômago ao vê-los.

– Você pode estar certa – disse. – Faz algum sentido. Em Luna, ficávamos tão distanciados do resto da população que nunca havia chance de...

Scarlet se animou de ver que ele também estava ficando vermelho.

Ele coçou a orelha.

– Talvez seja isso. Talvez o controle de Jael tenha funcionado *contra* ele, porque meus instintos me mandavam proteger você.

Scarlet tentou dar um sorriso indiferente.

– Aí está. Enquanto houver uma fêmea alfa por perto, você deve ficar bem. Não deve ser difícil encontrar uma, certo?

A expressão de Lobo ficou pétrea, e ele afastou o olhar. O clima ficou desconfortável de novo.

– Sei que você não deve querer nada comigo. Não culpo você.
– Lobo deu de ombros e olhou para ela com uma expressão de remorso. – Mas você é a única, Scarlet. Sempre será a única.

A pulsação dela acelerou.

– Lobo...

– Eu sei. Nos conhecemos há menos de uma semana, e nesse tempo não fiz nada além de mentir, enganar e trair você. Eu sei. Mas, se me der uma oportunidade... Só quero proteger você. Ficar perto de você. Pelo tempo que puder.

Ela mordeu o lábio, se inclinou para a frente e afastou os dedos dele da lata. Viu que o rótulo estava picotado por baixo da movimentação inquieta daquelas mãos.

– Lobo, você está me pedindo para ser... sua fêmea alfa?

Ele hesitou.

Scarlet não conseguiu evitar e caiu na gargalhada.

– Ah... me desculpe. Isso foi cruel. Sei que eu não deveria provocar você com isso. – Ainda sorrindo, tentou puxar a mão, mas ele de repente a estava segurando, se recusando a interromper o contato. – Você parece tão assustado, como se eu fosse desaparecer a qualquer minuto. Estamos presos em uma *nave espacial*, Lobo. Não vou a lugar algum.

Os lábios dele tremeram e o nervosismo começou a sumir, embora a mão continuasse tensa sobre a dela.

– Fêmea alfa – murmurou. – Acho que gosto disso.

Com um sorriso largo, Scarlet deu de ombros de leve.

– Posso acabar gostando também.

CAPÍTULO

Quarenta e Sete

CINDER ESTAVA DEITADA DE COSTAS, OLHANDO PARA O MOTOR D

Só sua mão ciborgue se movia, girando o pequeno e cintilante chip D-COMM nos dedos, passando por um dente de cada vez. Estava hipnotizada pela forma como o material estranho do chip refletia as luzes da placa-mãe na parede, espalhando rubis e esmeraldas pelos fios e ventoinhas e fontes chaveadas que zumbiam. Hipnotizada, mas sem realmente vê-las. Seus pensamentos estavam a milhares de quilômetros.

A Terra. A Comunidade das Nações Orientais. Nova Pequim e Kai, que agora estava noivo da rainha Levana. Seu estômago se revirou, ficava se lembrando do veneno na voz dele quando Kai comentou sobre a rainha. Tentou imaginar o que ele estava pensando agora. Será que *tinha* outras escolhas? Não tinha como saber. Queria dizer que sim, que qualquer coisa (a guerra, a peste, a escravidão) era melhor do que escolher Levana como imperatriz, mas não sabia se era verdade. Não sabia se ele teve escolha ou se aquela decisão tinha sido inevitável.

Seus pensamentos se afastaram da Terra e se dirigiram a Luna. Um local de que ela não se lembrava, um lar que nunca conheceu. A rainha Levana sem dúvida estava comemorando a vitória naquele momento, sem ligar para todas as vidas que tirou.

A rainha Levana. Tia de Cinder.

O chip D-COMM estalou, estalou, estalou nos dedos dela.

– Cinder? Você está aí?

Os dedos dela pararam, com o chip equilibrado no nó do dedo mindinho.

– Sim, lko. Estou aqui.

– Na próxima vez que formos à Terra, será que você pode comprar uns sensores? Parece que estou xeretando, com o áudio ligado o tempo todo. Está ficando estranho.

– Estranho?

As luzes ficaram mais fortes, o que fez Cinder pensar que lko estava ficando vermelha. Ela se perguntou se tinha sido intencional.

– Scarlet e Lobo estão falando coisas melosas na cozinha – explicou lko. – Eu normalmente gosto de coisas melosas, mas é diferente quando são pessoas de verdade. Prefiro nas novelas da rede.

Inesperadamente, Cinder se viu sorrindo.

– Vou fazer o melhor que puder para comprar uns sensores na próxima vez que formos à Terra. – Voltou a mexer os dedos. O chip girou, estalou, rolou. – Como está se sentindo, lko? Está se acostumando a ser o sistema de controle automático? Está ficando mais fácil?

Alguma coisa zumbiu no painel do computador.

– O choque já passou, mas ainda sinto como se estivesse fingindo ser muito mais poderosa do que eu sou e que vou decepcionar todo mundo. É muita responsabilidade. – As luzes

amarelas ficaram mais intensas no chão. – Mas me saí bem em Paris, não foi?

– Você foi excelente.

A temperatura na sala de máquinas aumentou.

– Fui meio incrível mesmo.

– Todos estaríamos mortos, se não fosse por você.

Iko emitiu um ruído agudo incomum, que Cinder imaginou ser uma risadinha nervosa.

– Acho que não é tão ruim ser uma nave. Você sabe, enquanto você precisar de mim.

Cinder deu um sorrisinho debochado.

– É muito... *grandioso* de sua parte.

Uma das ventoinhas do motor ficou mais lenta.

– Foi uma piada, não foi?

Rindo, Cinder treinou girar o chip como um pião na ponta do dedo. Precisou tentar algumas vezes até pegar o jeito e conseguir vê-lo cintilar e dançar sem muito esforço.

– E você? – perguntou Iko depois de um momento. – Como é ser uma princesa de verdade?

Cinder se encolheu. O chip caiu de seu dedo, e ela quase não conseguiu pegá-lo a tempo.

– Até agora, não está sendo nem um pouco legal, como era de se imaginar. Lembra da parte de ter muito poder e responsabilidade e achar que vai decepcionar todo mundo? Porque me pareceu bem familiar.

– Pensei que seria o caso mesmo.

– Você está zangada porque não contei?

Houve um longo período de silêncio, o que provocou vários nós no estômago de Cinder.

– Não – respondeu, por fim, e Cinder desejou que seu detector de mentiras funcionasse com andróides... ou espaçonaves. – Mas estou preocupada. Antes, achava que a rainha Levana se cansaria de nos procurar e acabaríamos podendo voltar para casa, ou ao menos voltar para a Terra e viver vidas normais de novo. Mas isso nunca vai acontecer, não é?

Cinder engoliu em seco e começou a girar o chip nos dedos de novo.

– Acho que não.

Clique, clique, clique.

Ela expirou e girou o chip uma última vez, depois o guardou na mão fechada.

– Levana vai assassinar Kai depois que se casarem. Vai ser coroada imperatriz, depois vai matá-lo e vai ter toda a Comunidade das Nações Orientais sob controle. Depois disso, vai ser mera questão de tempo até que invada o resto da União. – Tirou o cabelo da testa. – Pelo menos, foi o que aquela garota me disse. A programadora da rainha.

Ela afrouxou um pouco a mão fechada, com medo de o punho de metal esmagar o chip enquanto estivesse distraída.

– Mas eu gosto de Kai.

– Você e todas as garotas da galáxia.

– *Todas* as garotas? Você finalmente está se incluindo nessa contagem?

Cinder mordeu o lábio. Sabia que Iko estava pensando em todas as vezes que Cinder zombara de Peony por causa de sua quedinha inútil pelo príncipe, fingindo ser imune a tolices similares. Mas aquilo parecia ter sido muito tempo antes. Mal conseguia se lembrar da garota que fora naquela época.

– Só sei que não posso deixar que ele se case com Levana – disse com a voz engasgada. – Não posso deixar que isso aconteça.

Segurou o chip entre o polegar e o indicador. A nova mão ainda parecia nova *dema*s. Tão limpa, tão imaculada. Ela apertou os olhos e deixou que a corrente elétrica fluísse da coluna e aquecesse o pulso até a mão parecer humana. De pele e osso.

– Eu concordo – disse Iko. – Então, o que você vai fazer?

Cinder engoliu em seco e deixou o glamour mudar. A carne da mão voltou a ser metal; não titânio impecável, mas aço simples, surrado pelo tempo, com sujeira nas fendas, um pouco pequena demais, um pouco rígida demais. A mão ciborgue substituída. A que sempre escondia, normalmente com algodão pesado e manchado. Uma vez, com seda.

A garota que fora na época. A que sempre tentou manter às escondidas.

Uma luz laranja piscou no canto de sua visão. Ela a ignorou.

– Vou deixar Lobo me treinar. Vou me tornar mais forte do que ela. – Girou o chip de novo. Foi estranho no começo, porque ela precisava cuidar para que os dedos na ilusão se movessem da forma como deveriam, que as juntas se flexionassem e mexessem na hora certa. – Vou encontrar o dr. Erland, e ele vai me ensinar como vencê-la. Depois, vou procurar a garota que

programou este chip, e ela vai me contar tudo que sabe sobre Luna, a segurança de lá e todos os segredos da rainha.

Clique. Clique. Clique.

– Depois, vou parar de me esconder.

Agradecimentos

É IMPRESSIONANTE QUANTAS PESSOAS SÃO NECESSÁRIAS PARA T livro ao mundo, e este não é exceção.

Primeiro de tudo, quero agradecer às minhas quatro espetaculares leitoras-beta pela genialidade, paciência, entusiasmo e por serem simplesmente incríveis: Jennifer Johnson, Tamara Felsinger, Meghan Stone-Burgess e Whitney Faulconer –, vocês me tornam uma escritora melhor.

À minha maravilhosa editora que sempre me apoia, Liz Szabla, e a todos da Feiwel & Friends, obrigada por tornarem cada passo dessa jornada tão divertido. Rich Deas, Jean Feiwel, Elizabeth Fithian, Lizzie Mason, Anna Roberto, Allison Verost, Holly West, Ksenia Winnicki, Jon Yaged e incontáveis outros que causaram impacto nestes livros, vocês são os melhores e me orgulho muito de fazer parte da família editorial de vocês.

À equipe da minha agência, Jill Grinberg, Cheryl Pientka e Katelyn Detweiler, que trabalharam incansavelmente para levar estes livros às mãos de leitores de todo o mundo, obrigada por me fazerem sentir sempre a autora mais sortuda do planeta.

Eu gostaria de fazer um agradecimento especial ao meu editor da Pocket Jeunesse na França, Xavier D’Almeida, que concordou em ler um rascunho inicial e verificar detalhes relativos ao cenário, me ajudou a escolher a localização perfeita para a

fazenda Benoit e me salvou de envenenar as pobres galinhas, felizmente.

Aos meus colegas com estreia em 2012, the Apocalypsies, e em particular, ao meu grupo local de escrita: J. Anderson Coats, Megan Bostic, Marissa Burt, Daniel Marks e Jennifer Shaw Wolf, obrigada por fazerem esse ano ser tão bom. Espero ansiosamente ver suas carreiras de escritores crescendo durante muitos anos no futuro.

Toda minha gratidão neste mundo vai para meus amigos e família, que estão comigo a cada passo do caminho, para meu irmão, Jeff, por me emprestar tantos livros sobre naves espaciais, e para meu maravilhoso marido, Jesse – um ano de felizes para sempre, e contando.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço carinhosamente a todos os leitores, professores, livreiros, bibliotecários, críticos e blogueiros que mantiveram viva a chama do amor.

Título original
Book Two
SCARLET
THE LUNAR CHRONICLES

Copyright © 2013 *by* Marissa Meyer

Primeira publicação pela Feiwel and Friends, um selo da
Macmillan Children's Publishing Group.

Os direitos de publicação da edição brasileira foram acordados
pela Jill Grinberg Literary Management LLC e Sandra Bruna
Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato
eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos
Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

CLÁUDIA MELLO

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

ANA CHRYSOSTOMO

Edição Digital: julho 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56s

Meyer, Marissa

Scarlet [recurso eletrônico] / Marissa Meyer ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital (Crônicas lunares; 2)

Tradução de: Scarlet

ISBN 978-85-8122-411-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. 1. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

14-12539

CDD:813

CDU:821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

A Autora

MARISSA MEYER MORA EM TACOMA, WASHINGTON, COM O MARI
dois gatos. É fã de muitas coisas nerds (*Sailor Moon*, *Firefly*, organizar as estantes por cor...) e é apaixonada por contos de fadas desde criança – e não pretende abandonar isso. Ela pode ser ou não um ciborgue.

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Cress

Crônicas Lunares

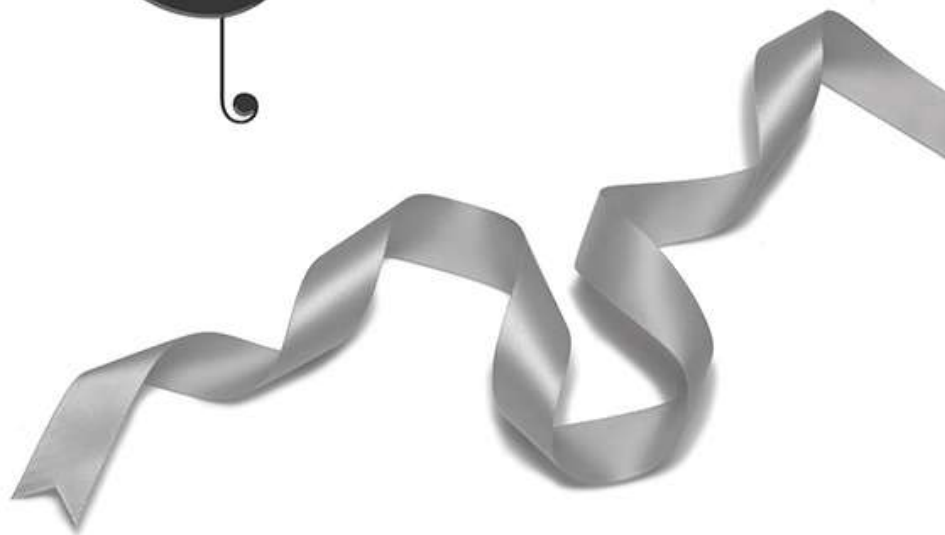
Rocque
DIGITAL

marissa meyer

Livro Três

Cress

Crônicas Lunares



Marissa Meyer

Tradução
Regiane Winarski

Rocco
DIGITAL

Para Jojo, Meghan e Tamara

high fives

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

LIVRO UM

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

LIVRO DOIS

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta

LIVRO TRÊS

Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo Quarenta

Capítulo Quarenta e Um

Capítulo Quarenta e Dois

LIVRO QUATRO

Capítulo Quarenta e Três

Capítulo Quarenta e Quatro

Capítulo Quarenta e Cinco

Capítulo Quarenta e Seis

Capítulo Quarenta e Sete

Capítulo Quarenta e Oito

Capítulo Quarenta e Nove

Capítulo Cinquenta

Capítulo Cinquenta e Um

Capítulo Cinquenta e Dois

Capítulo Cinquenta e Três

Capítulo Cinquenta e Quatro

Capítulo Cinquenta e Cinco

Capítulo Cinquenta e Seis

Capítulo Cinquenta e Sete

Capítulo Cinquenta e Oito

Capítulo Cinquenta e Nove

Capítulo Sessenta

Capítulo Sessenta e Um

Agradecimentos

Créditos

A Autora



LIVRO

Um

*Quando ela era criança, a bruxa a trancou em uma torre que
não tinha portas nem escadas.*



CAPÍTULO



O SATÉLITE FAZIA UMA ÓRBITA COMPLETA AO REDOR DO PLANETA 1

dezesseis horas. Era uma prisão com uma visão eterna de tirar o fôlego: vastos oceanos azuis e nuvens em movimento e nasceres do sol que deixavam metade do mundo pegando fogo.

Quando ela foi presa, o que mais amava fazer era empilhar os travesseiros na escrivaninha embutida na parede e colocar os lençóis sobre as telas, fazendo uma pequena alcova para si mesma. Fingia que não estava em um satélite, mas em uma nave de passeio a caminho do planeta azul. Logo, ela pousaria e andaria em um chão de terra de verdade, sentiria o sol de verdade, inspiraria oxigênio de verdade.

Ela olhava para os continentes durante horas e horas, imaginando como devia ser morar lá.

Mas evitava sempre olhar para Luna. Havia dias em que o satélite passava tão perto que a lua ocupava a vista toda, e ela identificava os enormes domos cintilantes na superfície e as cidades luminosas onde viviam os lunares. Onde ela também vivera. Anos atrás. Antes de ser banida.

Quando criança, Cress se escondera da lua durante aquelas longas horas dolorosas. Às vezes, fugia para o pequeno banheiro e se distraía fazendo tranças elaboradas no cabelo. Ou se encolhia

embaixo da escrivaninha e cantava cantigas de ninar até adormecer. Ou inventava uma mãe e um pai, imaginava-os brincando de faz de conta e lendo histórias de aventura e afastando com carinho o cabelo da testa dela, até que finalmente – finalmente – a lua sumiria de novo atrás da protetora Terra, e ela estaria a salvo.

Mesmo naquele momento, Cress passava horas debaixo da cama, cochilando, lendo ou escrevendo músicas na cabeça, ou tentando decifrar códigos complicados. Ela ainda não gostava de olhar para as cidades de Luna; ainda guardava dentro de si uma paranoia secreta de que, se conseguisse ver os lunares, sem dúvida eles também poderiam olhar além de seus céus artificiais e vê-la.

Durante mais de sete anos, esse tinha sido seu pesadelo.

Mas, então, o horizonte prateado de Luna surgiu no canto da janela, e Cress não prestou atenção. Dessa vez, a parede de telas invisíveis mostrava um novo pesadelo. Palavras brutais se espalhavam pelas notícias, e fotos e vídeos embaçavam sua visão quando ela mudava de uma fonte para outra. Ela não conseguia ler rápido o suficiente.

14 CIDADES ATACADAS NO MUNDO TODO

ONDA DE ASSASSINATO DE DUAS HORAS RESULTA EM 16 MIL MORTES TERRÁQUEAS

MAIOR MASSACRE DA TERCEIRA ERA

A rede estava tomada de horrores. Vítimas mortas nas ruas, seus abdomens esfaqueados e sangue escorrendo para os

bueiros. Criaturas meio humanas, meio animais, manchadas de sangue nos queixos, embaixo das unhas e na frente das camisas. Ela via tudo com uma das mãos sobre a boca. Conforme assimilava toda aquela verdade, ficava mais e mais difícil respirar.

Era culpa dela.

Durante meses, vinha impedindo que aquelas naves lunares fossem detectadas pela Terra, fazendo sem questionar o que a mestra Sybil mandava, como a serva bem treinada que era.

Ela sabia que tipo de monstro estava a bordo daquelas naves. E finalmente entendia o que Sua Majestade estava planejando o tempo todo, mas era tarde demais.

16 MIL MORTES TERRÁQUEAS

A Terra foi pega de surpresa, e apenas porque Cress não teve coragem suficiente de dizer não para as exigências da mestra. Tinha feito seu trabalho e fingido não perceber nada do que acontecia.

Desviando o olhar das fotos de morte e carnificina, concentrou-se em outra notícia que sugeria que mais horrores estavam por vir.

O imperador da Comunidade das Nações Orientais, Kaito, tinha posto um fim aos ataques ao concordar em se casar com Levana, a rainha lunar.

A rainha Levana se tornaria a nova imperatriz da Comunidade.

Chocados, os jornalistas da Terra estavam se esforçando para determinar uma postura frente a esse arranjo diplomático, mas

controverso. Alguns se mostravam ultrajados e proclamavam que a Comunidade e o resto da União Terráquea deviam se preparar para uma guerra, não para um casamento. Outros logo tentavam justificar a aliança. Fazendo um movimento com os dedos na tela fina e transparente, Cress aumentou o áudio para ouvir um homem que discursava sobre os benefícios em potencial. Nada mais de ataques nem especulações sobre quando um ataque poderia acontecer. A Terra viria a entender a cultura lunar melhor. Eles compartilhariam seus avanços tecnológicos. Seriam aliados.

Além do mais, a rainha Levana queria apenas governar a Comunidade das Nações Orientais. Sem dúvida ela deixaria o resto da União Terráquea em paz.

Mas Cress sabia que seriam tolos se acreditassem nisso. A rainha Levana se tornaria imperatriz, depois mandaria matar o imperador Kaito, reivindicaria o país como seu e o usaria como quartel-general para montar seu exército e invadir o resto da União. Só pararia quando o planeta inteiro estivesse sob seu controle. Esse pequeno ataque, essas dezesseis mil mortes, era apenas o começo.

Tirando o som da transmissão, Cress apoiou os cotovelos na escrivaninha e enfiou as mãos no emaranhado de cabelos louros. Ficou com frio de repente, apesar da temperatura consistentemente controlada dentro do satélite. Uma voz infantil, que levou quatro meses de um tédio quase enlouquecedor para ser programada, quando Cress tinha dez anos, lia algo em voz alta em uma das telas atrás dela. A voz era

alegre demais para o tema: um blog médico da República Americana anunciando o resultado de uma autópsia feita em um dos soldados lunares.

Os ossos foram reforçados com biotecido rico em cálcio, enquanto a cartilagem nas juntas principais continha uma solução salina para aumentar a flexibilidade e a maleabilidade. Implantes ortodônticos substituíram os dentes caninos e incisivos por outros que imitam os dentes de um lobo, e vemos o mesmo reforço ósseo ao redor do maxilar, que proporciona força suficiente para esmagar materiais como osso e outros tecidos. Um remapeamento do sistema nervoso central e interferências psicológicas constantes foram responsáveis pela agressividade contínua e pelas tendências lupinas do elemento. O dr. Edelstein levantou a hipótese de que uma técnica avançada de manipulação das ondas bioelétricas do cérebro também pode ter tido um papel em...

– Mudo.

A doce voz de dez anos silenciou, dando lugar ao zumbido do satélite e a outros sons que muito tempo antes já haviam sido relegados ao fundo da consciência de Cress. O girar das hélices. O vibrar do sistema de aparelhos. O gorgolejar do tanque de reciclagem de água.

Cress pegou as mechas grossas de cabelo na base do pescoço e puxou tudo por cima do ombro, porque seu cabelo tinha a tendência de ficar preso nas rodinhas da cadeira quando ela não tomava cuidado. As telas à frente piscaram, e mais e mais

informações apareceram dos noticiários da Terra. Havia notícias vindas de Luna também, sobre os “bravos soldados” e a “vitória conquistada”, baboseiras aprovadas pela coroa, naturalmente. Cress tinha parado de prestar atenção nas notícias lunares aos doze anos.

Ela enrolou distraidamente o rabo de cavalo no braço esquerdo, as voltas indo do cotovelo até o pulso, sem perceber os nós que se amontoavam no colo.

– Ah, Cress – murmurou. – O que vamos fazer?

Seu eu de dez anos respondeu:

– Por favor, explique melhor suas instruções, Mana.

Cress fechou os olhos contra o brilho da tela.

– Entendo que o imperador Kai só queira fazer a guerra parar, mas ele deveria saber que isso não vai deter Sua Majestade. Ela vai matá-lo se ele for em frente com isso, e o que vai ser da Terra, então? – Uma dor de cabeça latejou em suas têmporas. – Eu estava certa de que Linh Cinder tinha contado para ele no baile, mas e se eu estiver errada? E se ele ainda não fizer ideia do perigo que está correndo?

Ela girou na cadeira, passou os dedos por um noticiário mudo, digitou um código e abriu a janela escondida que checava cem vezes por dia. A janela do D-COMM se abriu como um buraco negro, abandonado e silencioso, sobre a escrivaninha. Linh Cinder ainda não tinha tentado entrar em contato com ela. Talvez o chip tivesse sido confiscado ou destruído. Talvez Linh Cinder nem o possuísse mais.

Suspirando, Cress fechou o link e, clicando depressa com as pontas dos dedos, abriu uma dezena de janelas diferentes no lugar da outra. Estavam ligadas a um serviço de alerta que patrulhava a rede constantemente em busca de qualquer informação relacionada à ciborgue lunar que tinha sido presa uma semana antes. Linh Cinder. A garota que fugiu da prisão de Nova Pequim. A garota que era a única chance de Cress de contar para o imperador Kaito a verdade sobre as intenções da rainha Levana, caso ele concordasse com a aliança de casamento.

O noticiário principal não era atualizado havia onze horas. Na histeria da invasão lunar, a Terra parecia ter esquecido sua fugitiva mais procurada.

– Mana?

Com o coração pulando, Cress agarrou os braços da cadeira.

– Sim, Pequena Cress?

– A nave da mestra foi detectada. Chegada esperada em vinte e dois segundos.

Cress pulou da cadeira ao ouvir a palavra *mestra*, falada, mesmo durante tantos anos, com uma pontada de medo.

Seus movimentos eram uma dança precisamente coreografada, que ela dominou depois de anos de prática. Na sua imaginação tornava-se uma bailarina da segunda era, deslizando em um palco escuro enquanto a Pequena Cress fazia a contagem regressiva dos segundos.

00:21. Cress apertou o botão de acionar o colchão com a palma da mão.

00:20. Ela se voltou para a tela e escondeu todas as notícias sobre Linh Cinder atrás de uma camada de propagandas da coroa lunar.

00:19. O colchão caiu com um baque no chão, os travesseiros e cobertores embolados, como ela os deixara.

00:18. 17. 16 Seus dedos dançaram pelas telas, escondendo noticiários terráqueos e grupos de rede.

00:15. Uma virada, uma busca rápida pelas duas pontas do cobertor.

00:14. Um giro de pulso, que fez o cobertor subir como uma vela soprada pelo vento.

00:13. 12. 11. Arrumando os lençóis, se arrastou até o lado oposto da cama, girando na direção das telas do outro lado de seus aposentos.

00:10. 9. Dramas terráqueos, gravações musicais, literatura da segunda era, tudo foi escondido.

00:08. Outro giro de volta para a cama. Uma dobra graciosa do cobertor.

00:07. Dois travesseiros empilhados simetricamente contra a cabeceira. Um floreio do braço para puxar o cabelo que tinha ficado preso debaixo do cobertor.

00:06. 5. Uma deslizada pelo chão, mergulhando e girando, catando todas as meias e elásticos de cabelo largados e os colocando no túnel de renovação.

00:04. 3. Uma limpeza das escrivaninhas em que pegou sua única tigela, sua única colher, seu único copo e um punhado de canetas digitais e guardou tudo no armário.

00:02. Uma pirueta final para avaliar seu trabalho.

00:01. Um suspiro satisfeito, culminando com uma reverência graciosa.

– A mestra chegou – avisou a Pequena Cress. – Está pedindo a extensão da haste de pouso.

O palco, as sombras, a música, tudo sumiu dos pensamentos de Cress, embora um sorriso treinado tenha permanecido em seus lábios.

– É claro – disse com alegria, e saiu andando na direção da plataforma de pouso principal.

Havia duas rampas no seu satélite, mas apenas uma era usada. Ela nem sabia se a outra entrada funcionava. Cada porta larga de metal se abria para uma haste de pouso e, depois disso, para o espaço.

Exceto quando havia uma nave ancorada ali. A nave da mestra.

Cress digitou o comando. Um diagrama na tela mostrou a haste se abrindo, e ela ouviu o baque que a nave fez ao atracar. As paredes ao redor tremeram.

Ela sabia os momentos seguintes de cor, seria capaz de contar seus batimentos entre cada som familiar. O zumbido dos motores da pequena nave se desligando. O estalo da haste se prendendo ao redor da nave. O vácuo quando o oxigênio era lançado para o espaço. O bipe confirmando que a viagem entre os dois módulos era segura. A nave se abrindo. Passos ecoando no corredor. O som da entrada no satélite.

Houve uma época em que Cress esperava carinho e gentileza por parte da mestra. Que talvez Sybil olhasse para ela e dissesse:

“Minha querida e doce Crescente, você ganhou a confiança e o respeito de Sua Majestade, a rainha. Pode voltar comigo para Luna e ser aceita como uma de nós.”

Essa época estava bem distante, mas o sorriso treinado de Cress se mantinha firme mesmo frente à frieza da mestra Sybil.

– Bom dia, mestra.

Sybil fungou. As mangas bordadas do casaco branco balançavam ao redor da caixa grande que carregava, cheia com os suprimentos de sempre: comida e água fresca para o confinamento de Cress e, é claro, o kit médico.

– Então você a encontrou, não foi?

O rosto de Cress ficou tenso ao redor do sorriso congelado.

– Encontrei, mestra?

– Se é um bom dia, então você deve finalmente ter concluído a tarefa simples que passei. É isso, Crescente? Você encontrou a ciborgue?

Cress baixou o olhar e afundou as unhas nas palmas das mãos.

– Não, mestra. Eu não encontrei.

– Entendo. Então não é um bom dia, é?

– Eu só quis dizer... Sua companhia é sempre... – Ela parou sem terminar a frase. Forçou-se a abrir as mãos e ousou encarar o olhar de raiva da mestra Sybil. – Eu só estava lendo no noticiário, mestra. Achei que talvez estivéssemos felizes pelo noivado de Sua Majestade.

Sybil deixou a caixa cair sobre a cama arrumada.

– Vamos ficar satisfeitas quando a Terra estiver sob controle lunar. Até lá, há trabalho a ser feito, e você não devia perder seu

tempo lendo notícias e fofocas.

Sybil se aproximou do monitor onde ficava a janela secreta com a transmissão do chip D-COMM e a prova da traição à coroa lunar, e Cress ficou tensa. Mas Sybil passou direto pelo monitor e esticou a mão para uma tela que exibia um vídeo do imperador Kaito falando em frente à bandeira da Comunidade das Nações Orientais. Com um toque, a tela se apagou, revelando a parede de metal e um emaranhado de tubos de aquecimento por trás.

Devagar, Cress voltou a respirar.

– Espero que você tenha encontrado *alguma coisa*.

Cress se empertigou.

– Linh Cinder foi vista na Federação Europeia, em uma cidadezinha no sul da França, aproximadamente às 18h no horário loc...

– Sei muito bem disso. Depois ela foi para Paris e matou um taumaturgo e alguns agentes especiais inúteis. Mais alguma coisa, Crescente?

Cress engoliu em seco e começou a enrolar o cabelo nos dois pulsos, formando um oito.

– Às 17h48 em Rieux, na França, o funcionário de uma loja de peças de naves e veículos atualizou o inventário da loja e retirou uma bateria que seria compatível com uma Rampion 214, Classe 11.3, mas sem acrescentar qualquer tipo de pagamento. Achei que talvez Linh Cinder o tivesse roubado... ou enfeitado...

Ela hesitou. Sybil gostava de fingir que a ciborgue era uma cascuda, apesar de as duas saberem que não era verdade. Diferentemente de Cress, que era cascuda de verdade, Linh

Cinder tinha o dom lunar. Mesmo que estivesse enterrado ou escondido de alguma forma, havia claramente se manifestado no baile anual da Comunidade.

– Uma bateria? – perguntou Sybil, ignorando a hesitação de Cress.

– Ela converte hidrogênio comprimido em energia para propelir...

– Eu sei o que é – cortou Sybil. – Você está me dizendo que o único progresso que fez foi encontrar provas de que ela está consertando a nave? Que vai ficar ainda mais difícil rastreá-la, uma tarefa que você nem conseguiu fazer quando eles estavam na Terra?

– Sinto muito, mestra. Estou tentando. É só que...

– Não estou interessada em suas desculpas. Todos esses anos eu convenci Sua Majestade a deixar você viver com o argumento de que você tinha uma coisa valiosa a oferecer, uma coisa ainda mais valiosa do que sangue. Será que errei ao proteger você, Crescente?

Cress mordeu o lábio e segurou um comentário sobre tudo o que fez por Sua Majestade durante seu tempo aprisionada. Elaborou incontáveis sistemas de espionagem para observar os líderes da Terra, invadiu as ligações de comunicação entre diplomatas e misturou sinais de satélite para permitir que os soldados de Luna invadissem a Terra sem serem detectados, de forma que o sangue de dezesseis mil terráqueos estava em suas mãos. Sybil só se importava com os fracassos de Cress, e não encontrar Linh Cinder era o maior deles até o momento.

– Sinto muito, mestra. Vou me esforçar mais.

Sybil apertou os olhos.

– Vou ficar muito insatisfeita se você não encontrar aquela garota, e logo.

Sob o olhar de Sybil, Cress se sentiu uma mariposa presa a uma lâmina de laboratório.

– Sim, mestra.

– Que bom. – Sybil esticou a mão e deu um tapinha na bochecha dela. A sensação foi quase de uma aprovação de mãe, mas não exatamente. Em seguida, ela se virou e soltou os mecanismos de tranca da caixa. – Agora – disse, pegando uma seringa de um kit médico. – Seu braço.

CAPÍTULO

Dois

LOBO PULOU DE CIMA DA CAIXA E CORREU NA DIREÇÃO DELA.

preparou para o pânico instintivo. A expectativa de outro golpe contraiu cada músculo, apesar de ele ainda estar pegando leve com ela.

Cinder fechou os olhos momentos antes do impacto e *se concentrou*.

A dor atingiu sua cabeça como um cinzel enfiado no cérebro. Cinder trincou os dentes e tentou se isolar das ondas de náusea que vieram em seguida.

O impacto não aconteceu.

– Pare. De. Fechar. Os. Olhos.

Com o maxilar ainda contraído, Cinder se forçou a abrir um olho e depois o outro. Lobo estava de pé na frente dela, com a mão direita a caminho de lhe dar um golpe na orelha. Seu corpo estava parado como uma pedra, porque ela o estava segurando ali. A energia dele era quente e palpável e quase a seu alcance, e a força do dom lunar o mantinha distante.

– É mais fácil ficar com eles fechados – sibilou ela em resposta.

Mesmo essas poucas palavras foram um esforço para sua mente, e os dedos de Lobo tremeram. Ele lutava contra o poder de Cinder.

Mas o olhar dele se desviou para trás dela, e um golpe entre as omoplatas a empurrou para a frente. A testa dela colidiu com o peito de Lobo. O corpo dele se soltou bem a tempo de segurá-la.

Atrás dela, Thorne riu.

– Também é mais fácil para as pessoas se aproximarem sem você perceber.

Cinder se virou e empurrou Thorne.

– Isso não é brincadeira!

– Thorne está certo – disse Lobo. Cinder ouvia a exaustão dele, embora não tivesse certeza se vinha da briga constante ou, mais provavelmente, da frustração de ter que treinar uma pessoa tão amadora. – Quando você fecha os olhos, fica vulnerável. Você precisa aprender a usar o dom e continuar ciente do que está à sua volta, enquanto continua ativa.

– Ativa?

Lobo alongou o pescoço para os dois lados, gerando alguns estalos, antes de sacudi-lo.

– Sim, ativa. Poderíamos enfrentar dezenas de soldados ao mesmo tempo. Com sorte, você vai controlar nove ou dez, embora isso seja uma estimativa otimista no momento.

Cinder franziu o nariz para ele.

– O que quer dizer que você ficaria vulnerável a muitos outros. Você deveria ser capaz de me controlar enquanto ainda está presente, de corpo e mente. – Ele deu um passo para trás e mexeu no cabelo bagunçado. – Se até Thorne consegue se aproximar sem você perceber, estamos com problemas.

Thorne dobrou as mangas da camisa.

– Nunca subestime a furtividade de um gênio do crime.

Scarlet começou a rir de onde estava, sentada de pernas cruzadas em uma caixa plástica de armazenamento, saboreando uma tigela de mingau.

– “Gênio do crime”? Estamos tentando descobrir como nos infiltrar no casamento real há uma semana, e até agora sua maior contribuição foi determinar qual dos telhados do palácio é o mais espaçoso para que sua preciosa nave não corra o risco de ganhar um arranhão ao pousar.

A luz se intensificou em alguns painéis no teto.

– Concordo com as prioridades do capitão Thorne – disse Iko, falando pelos alto-falantes embutidos da nave. – Como essa pode ser minha grande estreia na rede, quero estar com minha melhor aparência, muito obrigada.

– Isso mesmo, linda. – Thorne piscou para os alto-falantes, apesar de os sensores de Iko não serem sensíveis o bastante para captar isso. – E eu gostaria que o restante de vocês observasse o uso adequado que Iko fez da palavra *capitão* ao se dirigir a mim. Vocês todos poderiam aprender um pouco com ela.

Scarlet riu de novo, Lobo ergueu uma das sobrancelhas, nada impressionado, e a temperatura do compartimento de carga subiu uns dois graus quando Iko corou depois de receber tal elogio.

Mas Cinder ignorou todos eles e, enquanto as repreensões de Lobo giravam em sua cabeça, tomou um copo de água. Sabia que ele estava certo. Embora controlar Lobo sobrecarregasse todas as suas habilidades, controlar terráqueos como Thorne e Scarlet

costumava ser mais fácil do que substituir um sensor de androide quebrado.

A essa altura, ela já deveria ser capaz de fazer as duas coisas.

– Vamos tentar de novo – disse ela, apertando melhor o rabo de cavalo.

Lobo voltou a prestar atenção nela.

– Talvez você devesse descansar um pouco.

– Não vou ter tempo para descansar enquanto estiver sendo perseguida pelos soldados da rainha, vou?

Ela mexeu os ombros para tentar se reenergizar. A dor de cabeça tinha diminuído, mas as costas da camiseta estavam úmidas de suor, e cada músculo tremia pelo esforço de lutar com Lobo pelas duas últimas horas.

Lobo massageou as têmporas.

– Vamos torcer para você nunca ter que enfrentar os soldados verdadeiros da rainha. Acho que temos chance se encararmos os taumaturgos e os agentes especiais, mas os soldados avançados são diferentes. São mais animais do que humanos e não reagem muito bem à manipulação mental.

– Ao contrário da maioria das pessoas? – retrucou Scarlet, raspando a colher no fundo da tigela.

Lobo desviou o olhar para ela, e alguma coisa na sua expressão se suavizou. Essa era uma expressão que Cinder já tinha visto cem vezes desde que ele e Scarlet haviam se juntado à tripulação da Rampion, e, mesmo assim, vê-la fazia-a sentir como se estivesse invadindo uma coisa íntima.

– O que quero dizer é que eles são imprevisíveis, mesmo sob o controle de um taumaturgo. – Ele voltou o foco para Cinder. – Ou qualquer outro lunar. A alteração genética que sofrem para se tornarem soldados afeta seus cérebros tanto quanto seus corpos. Eles são inconstantes, selvagens... perigosos.

Thorne se apoiou na caixa de Scarlet, fingindo sussurrar para ela:

– Ele sabe que é um ex-lutador de rua que ainda é chamado de ‘Lobo’, né?

Cinder mordeu o lábio para segurar uma gargalhada.

– Mais um motivo para eu estar o mais bem preparada possível. Eu gostaria de evitar outra situação tensa como a de Paris.

– Você não é a única.

Lobo começou a se balançar nos calcanhares de novo. Antes, Cinder achava que isso indicava que ele estava pronto para outra rodada de luta, mas já estava começando a pensar que era apenas o jeito dele; vivia se movendo, sempre inquieto.

– Isso me lembra uma coisa – disse Cinder. – Eu gostaria de conseguir mais daqueles dardos tranquilizantes quando pousarmos de novo. Quanto menos soldados tivermos que enfrentar ou fazer lavagem cerebral, melhor.

– Dardos tranquilizantes, anotado – confirmou Iko. – Também tomei a liberdade de programar um relógio de contagem regressiva. Faltam quinze dias e nove horas para o casamento real.

A tela na parede ganhou vida e exibiu um enorme relógio digital fazendo contagem regressiva a cada décimo de segundo.

Três segundos olhando para o relógio e Cinder ficou zonda de ansiedade. Ela desviou o olhar, analisando o resto da tela e o plano de impedir o casamento entre Kai e a rainha Levana. Uma lista de suprimentos necessários estava anotada no lado esquerdo: armas, ferramentas, disfarces e, por fim, dardos tranquilizantes.

No meio da tela havia a planta do palácio de Nova Pequim.

À direita, uma lista de preparativos absurdamente longa, sendo que nenhum deles tinha sido marcado como feito, embora a equipe estivesse planejando e elaborando havia dias.

O número um da lista era preparar Cinder para quando voltasse a ficar inevitavelmente cara a cara com a rainha Levana e sua corte. Embora Lobo não tivesse dito com todas as palavras, ela sabia que seu dom lunar não estava progredindo rápido o bastante. Cinder estava começando a pensar que poderia levar anos para chegar a um bom nível, e eles só tinham mais duas semanas.

A ideia do plano era provocar uma distração no dia do casamento que lhes permitisse entrar escondidos no palácio durante a cerimônia e anunciar para o mundo que Cinder era na verdade a desaparecida princesa Selene. Em seguida, com a imprensa do mundo todo assistindo, Cinder exigiria que Levana entregasse a coroa para ela, acabando ao mesmo tempo com o casamento e seu reinado em um golpe só.

Tudo o que deveria vir depois do casamento aparecia embaçado na mente de Cinder. Ficava imaginando as reações do povo lunar quando descobrisse que a princesa perdida não era apenas ciborgue, mas também ignorava o mundo deles, a cultura, as tradições e a política. A única coisa que impedia que o peito dela fosse esmagado pelo peso de tudo era saber que, apesar de tudo, ela não poderia ser pior governante do que Levana.

Torcia para que eles pensassem da mesma forma.

A água que ela bebeu fazia barulho no estômago. Pela milésima vez, surgiu em seu pensamento uma fantasia de entrar debaixo da coberta de seu beliche nos aposentos da tripulação e se esconder até todo mundo esquecer que existia uma princesa lunar.

Em vez disso, ela se virou de costas para a tela e sacudiu os músculos.

– Tudo bem, estou pronta para tentar de novo – disse, assumindo a postura de luta que Lobo ensinara.

Mas Lobo já estava sentado ao lado de Scarlet, raspando os restos do mingau. Com a boca cheia, ele olhou para o chão e engoliu.

– Flexões.

Cinder baixou os braços.

– O quê?

Ele apontou para ela com a colher.

– Lutar não é o único tipo de exercício físico. Podemos fortalecer a parte superior do seu corpo e treinar sua mente ao

mesmo tempo. Apenas tente prestar atenção ao que está ao redor. Concentre-se.

Ela olhou para ele com raiva por cinco segundos inteiros antes de se abaixar.

Já tinha contado até onze quando ouviu Thorne se afastar da caixa.

– Sabe, quando eu era criança, fui levado a pensar que princesas usavam tiaras e davam festas. Agora que conheci uma princesa de verdade, devo dizer que estou meio decepcionado.

Cinder não sabia dizer se era um insulto, mas atualmente a palavra *princesa* deixava todos os seus nervos à flor da pele.

Soltando o ar com força, ela fez exatamente o que Lobo instruiu. Concentrou-se e captou a energia de Thorne com facilidade quando ele passou por ela, a caminho do cockpit.

Ela estava na décima quarta flexão quando obrigou os pés dele a parar.

– O qu...?

Cinder empurrou o corpo para cima e esticou uma perna em semicírculo. Seu tornozelo colidiu com a parte de trás da panturrilha de Thorne. Ele gritou e caiu de costas com um gemido.

Cinder abriu um largo sorriso e olhou para Lobo em busca de aprovação, mas ele e Scarlet estavam ocupados demais gargalhando. Ela conseguia até ver a ponta afiada dos caninos de Lobo, que ele costumava tomar o cuidado de manter escondidos.

Cinder ficou de pé e ofereceu a mão a Thorne. Até ele estava sorrindo, embora ao mesmo tempo tenha feito uma cara feia ao

massagear o quadril.

– Você pode me ajudar a escolher uma tiara quando acabarmos de salvar o mundo.

CAPÍTULO

Três

O SATÉLITE TREMEU QUANDO A NAVE DE SYBIL SE DESCONECTOU D pouso, e Cress ficou mais uma vez sozinha na galáxia. Apesar do quanto desejava companhia, ficou mais aliviada do que de costume quando Sybil foi embora. Normalmente, a mestra só a visitava a cada três ou quatro semanas, suficiente para tirar outra amostra de sangue com segurança. Mas essa era a terceira vez que ela vinha desde o ataque dos lobos híbridos. Cress não se lembrava de já ter visto sua mestra tão ansiosa. A rainha Levana devia estar desesperada para encontrar a garota ciborgue.

– A nave da mestra se desprende – anunciou a Pequena Cress.
– Vamos jogar algum jogo?

Se Cress não estivesse tão perturbada pela visita, teria sorrido, como costumava fazer quando a Pequena Cress fazia essa pergunta. Era um lembrete de que não estava tão sem companhia assim.

Cress já tinha aprendido anos antes que a palavra *satélite* vinha do latim e significava companheiro ou servo ou bajulador. Todas as três interpretações lhe pareciam irônicas, considerando sua solidão, até programar a Pequena Cress. Aí, ela entendeu.

Seu satélite lhe fazia companhia. Seu satélite fazia o que ela mandava. Seu satélite nunca a questionava nem discordava dela,

nem tinha pensamentos próprios e impertinentes.

– Talvez a gente possa jogar alguma coisa mais tarde – disse. – É melhor darmos uma olhada nos arquivos primeiro.

– Claro, Mana.

Era a resposta esperada. A resposta programada.

Cress costumava se perguntar se seria assim a vida lunar, ter esse tipo de controle sobre outro ser humano. Ela fantasiava sobre programar a mestra Sybil com a mesma facilidade com que havia programado a voz do satélite. Como o jogo mudaria, se a mestra seguisse *suas* ordens em vez do contrário.

– Todas as telas ligadas.

Cress ficou de pé em frente ao panorama de telas invisíveis, algumas grandes, outras pequenas, algumas posicionadas sobre a escrivaninha embutida, outras presas nas paredes do satélite em ângulos para otimizar a visão, independentemente de onde ela estivesse na sala circular.

– Limpar todas as fontes.

As telas ficaram vazias, permitindo que visse através delas, para as paredes vazias do satélite.

– Exibir pastas compiladas: Linh Cinder, Rampion 214, Classe 11.3; imperador Kaito da Comunidade das Nações Orientais. E... – Ela fez uma pausa, apreciando a onda de expectativa que percorreu seu corpo. – Carswell Thorne.

Quatro telas se encheram com as informações que Cress vinha reunindo. Ela se sentou para revisar os documentos que já tinha praticamente decorado.

Na manhã de 29 de agosto, Linh Cinder e Carswell Thorne fugiram da prisão de Nova Pequim. Quatro horas depois, Sybil deu ordens a Cress: *encontre-os*. Cress descobriu depois que a ordem vinha da própria rainha Levana.

Coletar informações sobre Linh Cinder só tinha levado três minutos; mas, por outro lado, quase todas as informações que encontrou eram falsas. Uma identidade terráquea falsa feita para uma garota lunar. Cress nem sabia quanto tempo fazia que Linh Cinder estava na Terra. Ela simplesmente passou a existir cinco anos antes, quando (supostamente) tinha onze anos. Sua biografia continha registros familiares e escolares anteriores ao “acidente de aerodeslizador” que matou seus “pais” e resultou na operação ciborgue, mas tudo isso era falso. Era só voltar duas gerações de ancestrais para dar em um beco sem saída. Os registros eram fraudulentos.

Cress olhou para a pasta que ainda baixava informações sobre o imperador Kaito. Seu arquivo era incomensuravelmente maior do que os outros, pois cada momento da sua vida tinha sido registrado e gravado por grupos de fãs na rede ou documentação oficial do governo. Informações eram acrescentadas o tempo todo, e tudo explodiu desde o anúncio do noivado com a rainha lunar. Nada era útil. Cress fechou os arquivos.

A pasta de Carswell Thorne exigiu um pouco de trabalho. Cress demorou quarenta e quatro minutos para invadir os registros do governo da rede de dados militar da República Americana e cinco outras agências que tinham histórico dele, compilando transcrições de julgamentos e artigos, registros militares e

relatórios escolares, licenças e declarações de renda e uma linha do tempo que começava com sua certidão de nascimento e continuava por diversas honras e prêmios conquistados na infância e adolescência, até a aceitação na força militar da República Americana quando tinha dezessete anos. A linha do tempo sumia depois do décimo nono aniversário, quando ele retirou seu chip de identificação, roubou uma espaçonave e abandonou o serviço militar. O dia em que desertou.

A linha recomeçava dezoito meses depois, quando o encontraram e o prenderam na Comunidade das Nações Orientais.

Além de todos os relatórios oficiais, havia uma boa quantidade de delírio e fofoca dos muitos grupos de fãs que surgiram após o recente status de celebridade de Carswell Thorne. Não tantos quanto tinha o imperador Kai, claro, mas parecia que muitas garotas terráqueas se animavam com a ideia desse belo desertor fugitivo da lei. Cress não se incomodou com isso. Ela sabia que todos estavam errados com relação a ele.

Em cima do arquivo havia uma holografia tridimensional digitalizada do Thorne na formatura militar. Cress preferia isso à famosa foto de prisão que ficara tão popular, na qual ele piscava para a câmera, porque na holografia estava usando um uniforme recém-passado com botões prateados brilhantes e um sorriso confiante e meio torto.

Ao ver aquele sorriso, Cress derretia.

Todas. As. Vezes.

– Oi de novo, sr. Thorne – sussurrou para a holografia. E então, com um suspiro tonto, se virou para a única pasta que faltava.

A Rampion 214, Classe 11.3. A nave de carga militar que Thorne havia roubado. Cress sabia tudo sobre a nave, desde sua planta até o planejamento de manutenção (tanto o ideal quanto o verdadeiro).

Tudo.

Incluindo a localização.

Ela clicou em um ícone na barra superior da pasta e substituiu a holografia de Carswell Thorne por uma da grade de posicionamento galáctico. A Terra surgiu cintilante, as beiradas irregulares dos continentes tão familiares quanto a programação da Pequena Cress. Afinal, ela tinha passado metade da vida observando o planeta a 26.071 quilômetros de distância.

Girando ao redor do planeta, milhares de pontinhos brilhantes indicavam todas as naves e satélites dali até Marte. Uma olhada indicou a Cress que ela podia espiar pela janela do lado da Terra naquele exato momento e ver uma nave patrulha inocente da Comunidade das Nações Orientais passando pelo satélite. Houve uma época em que ficaria tentada a chamá-los, mas com que objetivo?

Nenhum terráqueo confiaria em uma lunar, muito menos salvaria uma.

Assim, Cress ignorou a nave e cantarolou baixinho enquanto limpava todas as marquinhos na holografia, até só restar a identificação da Rampion: um único ponto amarelo,

desproporcional na holografia para que Cress pudesse analisá-la no contexto do planeta abaixo.

Pairava a 12.414 quilômetros do Oceano Atlântico.

Ela inseriu a identificação de seu satélite em órbita. Se alguém prendesse um fio do satélite dela até o centro da Terra, ele entraria bem pela costa da Província do Japão.

Não estavam nem um pouco perto um do outro. Nunca estavam. Era um enorme campo orbital, afinal.

Encontrar as coordenadas da Rampion foi um dos maiores desafios da carreira de hacker de Cress. Mesmo assim, ela só demorou três horas e cinquenta e um minutos para conseguir, e o tempo todo sua pulsação e sua adrenalina cantavam.

Ela precisava encontrá-los primeiro.

Ela precisava encontrá-los primeiro.

Porque tinha que protegê-los.

No final, tinha sido uma questão de matemática e dedução. Usando a rede do satélite para localizar sinais de todas as naves que orbitavam a Terra, descartou aquelas que tinham rastreadores, pois sabia que o da Rampion havia sido removido, e também todas que eram grandes demais ou pequenas demais.

Isso colocava basicamente as naves lunares e todas as que já estavam, claro, sob seu domínio. Ela vinha desregulando os sinais delas e confundindo ondas de radares havia anos. Muitos terráqueos acreditavam que as naves lunares eram invisíveis por causa de um truque mental lunar. Eles nem faziam ideia de que era na verdade uma cascuda qualquer que causava tanta confusão.

Só havia três naves orbitando a Terra e que se encaixavam no critério, e duas delas (sem dúvida naves piratas ilegais) não perderam tempo para pousar na Terra quando souberam que estava havendo uma enorme busca espacial no meio da qual eles seriam presos. Cress, por pura curiosidade, pesquisou depois registros policiais terráqueos nas proximidades e descobriu que as duas naves foram descobertas ao entrarem na atmosfera da Terra. Criminosos tolos.

Isso só deixava uma. A Rampion. E, a bordo dela, Linh Cinder e Carswell Thorne.

Doze minutos depois de descobrir a localização deles, Cress embaralhou todos os sinais que ofereciam qualquer risco de encontrá-los usando o mesmo método. Como magia, a Rampion 214, Classe 11.3 desapareceu no espaço.

E então, com os nervos esgotados pelo cansaço mental, ela desabou na cama desarrumada e deu um sorriso delirante para o teto. Ela conseguiu. Deixou-os invisíveis.

Um apito soou em uma das telas, atraindo a atenção de Cress para longe do ponto flutuante que representava a Rampion. Cress foi na direção dele, se contorcendo quando uma mecha de cabelo se prendeu nas rodas da cadeira. Ela puxou o cabelo com uma das mãos e tirou a tela da hibernação com a outra. Com um movimento dos dedos, a tela foi ampliada.

TEORIAS CONSPIRATÓRIAS DA TERCEIRA ERA

– Outra não – murmurou.

Os teóricos de conspiração vinham babando de empolgação desde que a garota ciborgue desaparecera. Alguns diziam que Linh Cinder estava trabalhando para o governo da Comunidade, ou para a rainha Levana, ou que estava em conluio com uma sociedade secreta determinada a derrubar um governo ou outro, ou que era a princesa lunar desaparecida, ou que sabia onde a princesa lunar estava, ou que tinha alguma ligação com a epidemia de letumose, ou que tinha seduzido o imperador Kaito e estava grávida de uma *coisa* lunar-terráquea-ciborgue.

Havia quase a mesma quantidade de boatos sobre Carswell Thorne. Entre eles, teorias sobre o *verdadeiro* motivo pelo qual tinha sido preso, como ter planejado matar o último imperador, ou que estava trabalhando com Linh Cinder durante anos antes da prisão dela, ou que estava ligado a uma rede subterrânea que infiltrara o sistema penitenciário anos antes, em preparação para o dia em que ele precisasse de assistência. A teoria mais recente sugeria que Carswell Thorne era na verdade um taumaturgo lunar disfarçado, enviado para ajudar Linh Cinder na fuga a fim de que Luna tivesse uma desculpa para iniciar a guerra.

Ou seja, ninguém sabia de nada.

Exceto Cress, que sabia toda a verdade sobre os crimes de Carswell Thorne, seu julgamento e sua fuga, ou, pelo menos, os elementos da fuga que tinha descoberto usando as imagens das câmeras de segurança da prisão e as declarações dos guardas que estavam em serviço no dia.

Na verdade, Cress tinha certeza de que sabia mais sobre Carswell Thorne do que qualquer pessoa viva. Em uma vida na

qual a novidade era tão rara, ele tinha se tornado uma fascinação constante para ela. No começo, sentia repulsa dele e de sua cobiça e imprudência aparentes. Quando desertou do serviço militar, deixou seis cadetes e dois comandantes presos em uma ilha do Caribe. Roubou de um colecionador particular na Comunidade das Nações Orientais uma coleção de esculturas de uma deusa da segunda era e um grupo de bonecas venezuelanas de sonho emprestadas a um museu na Austrália, que potencialmente nunca mais seriam vistas em público. Havia alegações adicionais de uma tentativa de roubo malsucedida a uma jovem viúva da Comunidade que era dona de uma coleção extensa de joias antigas.

Cress continuou a procurar, hipnotizada por esse caminho de autodestruição. Como diante de uma colisão de asteroides, ela não conseguia afastar o olhar.

Mas então anomalias estranhas começaram a surgir em sua pesquisa.

Oito anos. A cidade de Los Angeles passou quatro dias em pânico depois que um raro tigre de Sumatra fugiu do zoológico. As câmeras de segurança da jaula mostravam o jovem Carswell Thorne, que estava lá em um passeio de escola, abrindo a jaula. Mais tarde, ele contou às autoridades que o tigre parecia triste trancado daquele jeito e que não se arrependia do que fez. Por sorte, ninguém, inclusive o tigre, se feriu.

Onze anos. Um boletim de ocorrência foi registrado pelos pais alegando terem sido roubados; no meio da noite, um colar de diamantes da segunda era tinha sumido do baú de joias da mãe

dele. O colar foi rastreado até uma lista de comércio pela rede, onde tinha sido vendido recentemente por quarenta mil univs para um comprador no Brasil. O vendedor era, obviamente, o próprio Carswell, que ainda não havia tido a chance de enviar o colar e foi obrigado a devolver o pagamento, junto com um pedido de desculpas oficial. Esse pedido de desculpas, que foi registrado publicamente para impedir outros adolescentes de terem a mesma ideia, alegava que ele só estava tentando levantar dinheiro para um serviço de caridade local que oferecia assistência de andróides para idosos.

Treze anos. Carswell Thorne recebeu suspensão de uma semana depois de brigar com três garotos do mesmo ano, uma luta que perdeu de acordo com o relatório do medidroide da escola. A declaração dele dizia que um dos garotos roubou o tablet de uma garota chamada Kate Fallow. Carswell estava tentando recuperá-lo.

Uma situação depois da outra chamou a atenção de Cress. Roubo, violência, invasão de propriedade, suspensões escolares, reprimendas policiais. Ainda assim, Carswell Thorne, quando podia se explicar, sempre tinha um motivo. Um *bom* motivo. Um motivo impressionante de parar o coração e fazer o pulso acelerar.

Como o sol nascendo no horizonte da Terra, a percepção dela começou a mudar. Carswell Thorne não era um patife sem coração. Se alguém se desse ao trabalho de conhecê-lo, veria que tinha compaixão e era um cavalheiro.

Ele era exatamente o tipo de herói com que Cress sonhava a vida toda.

Com essa descoberta, os pensamentos em Carswell Thorne começaram a infiltrar todos os momentos que passava acordada. Ela sonhava com ligações profundas de almas e beijos apaixonados e fugas ousadas. Tinha certeza de que ele só precisava conhecê-la, vê-la uma vez, para sentir as mesmas coisas. Seria como um daqueles casos de amor épicos que nasciam em uma explosão e ardiam calorosamente por toda a eternidade. O tipo de amor que o tempo e a distância e até mesmo a morte não podiam separar.

Porque, se havia uma coisa que Cress sabia sobre heróis, era que eles não resistiam a uma donzela em perigo.

E ela era a própria definição de donzela em perigo.

CAPÍTULO

Quatro

SCARLET PRESSIONOU UM PEDAÇO DE ALGODÃO NO CANTO DA BC enquanto balançava a cabeça.

– Ela pode não acertar muitos golpes, mas, quando acerta, arrasa.

Apesar do hematoma surgindo no maxilar, Lobo estava sorrindo, os olhos radiantes sob as luzes da enfermaria.

– Você viu como ela me fez tropeçar antes de atacar? Ela me pegou de surpresa. – Ele esfregou as mãos nas coxas com empolgação, chutando a lateral da mesa de exames. – Acho que estamos finalmente progredindo.

– Bem, fico feliz de você sentir orgulho dela, mas acho que seria bom se na próxima vez ela batesse em você com a mão que não é de metal. – Scarlet afastou o algodão. O ferimento ainda estava sangrando no local em que o canino superior cortou o lábio, mas não tanto quanto antes. Ela pegou um tubo de pomada cicatrizante. – Talvez você acrescente uma cicatriz nova à sua coleção, mas ela combina com a que tem deste lado da boca, então pelo menos elas vão ficar simétricas.

– Não ligo para as cicatrizes. – Ele deu de ombros, e seus olhos assumiram um brilho malicioso. – Elas trazem lembranças melhores do que traziam antigamente.

Scarlet parou com um pouco de pomada na ponta do dedo. A atenção de Lobo estava voltada para suas mãos unidas, e havia uma leve cor nas bochechas dele. Em segundos, ela estava se sentindo mais quente do que antes, lembrando-se da noite que eles passaram clandestinos a bordo de um trem de levitação magnética. Da forma como ela passara os dedos pela cicatriz pálida do braço dele, roçara os lábios pelas marcas leves no rosto, fora tomada em seus braços...

Ela o empurrou no ombro.

– Pare de sorrir tanto – disse, passando mais pomada no ferimento. – Está piorando o machucado.

Ele logo recompôs o rosto, mas o brilho permanecia nos olhos sempre que ousava olhar para ela.

Aquela noite no trem continuava sendo a única vez que tinham se beijado. Scarlet não podia contar a vez que ele a beijou enquanto ela estava como sua prisioneira e do resto da “matilha” de agentes especiais. Ele usou aquela oportunidade para dar-lhe um chip de identificação que a ajudou a fugir, mas não houve sentimento naquele beijo, e, na época, ela o desprezava.

Mas aqueles momentos a bordo do trem de levitação magnética provocaram mais do que uma noite insone desde que foram para a Rampion. Quando ela ficava deitada, acordada, imaginava sair da cama. Seguir pelo corredor até o quarto de Lobo. Sem dizer nada, agarrá-lo quando ele abrisse a porta. Passar as mãos no cabelo dele. Envolver-se no tipo de segurança que só havia encontrado nos braços dele.

Mas ela nunca o fizera. Não por medo de rejeição; Lobo não tentava esconder os olhares demorados nem o quanto apreciava cada toque dela, por mais trivial que fosse. E nunca retirou o que dissera depois do ataque. *Você é a única, Scarlet. Sempre será.*

Scarlet sabia que ele estava esperando que ela desse o primeiro passo.

Mas, toda vez que se sentia tentada, via a tatuagem no braço dele, a que o marcava para sempre como agente especial lunar. O coração dela ainda estava partido pela perda da avó e por saber que Lobo poderia tê-la salvado. Tê-la protegido. Ter impedido que tudo acontecesse.

E não era justo com ele. Isso foi antes de conhecer Scarlet, antes de se importar. E se ele tivesse tentado salvar a avó dela, os outros agentes especiais o teriam matado também. E então Scarlet ficaria verdadeiramente sozinha.

Talvez ela estivesse hesitante porque, para ser honesta consigo mesma, ainda sentia um pouco de medo de Lobo. Quando ele estava feliz e paquerador e, às vezes, adoravelmente constrangido, era fácil esquecer que havia outro lado nele. Mas Scarlet viu-o lutar vezes demais para esquecer. Não como as brigas controladas que ele tinha com Cinder, mas lutas em que quebrava o pescoço de um homem com crueldade ou arrancava a carne de um oponente usando apenas os dentes afiados.

As lembranças ainda a deixavam trêmula.

– Scarlet?

Ela deu um pulo. Lobo a estava observando com a testa franzida.

– O que foi?

– Nada.

Ela conseguiu dar um sorriso, aliviada por não parecer tensa.

Sim, havia alguma coisa sombria dentro dele, mas o monstro que ela vira antes não era o mesmo que o homem sentado à sua frente . Fosse lá o que aqueles cientistas lunares tivessem feito com ele, Lobo tinha demonstrado repetidas vezes que era capaz de fazer as próprias escolhas. Que podia ser diferente.

– Eu só estava pensando em cicatrizes – respondeu ela, enquanto fechava a tampa do tubo de pomada.

O lábio de Lobo tinha parado de sangrar, mas o hematoma permaneceria por alguns dias.

Scarlet colocou a mão no queixo dele, virou o rosto de Lobo para o lado e deu um beijo no ferimento. Ele inspirou fundo, mas, fora isso, permaneceu imóvel como uma pedra, um feito incomum para ele.

– Acho que você vai sobreviver – disse ela, afastando-se e jogando o curativo na canaleta de lixo.

– Scarlet? Lobo? – A voz de Iko estalou pelos alto-falantes na parede. – Vocês podem ir até o compartimento de carga? Tem uma coisa no noticiário que vocês talvez queiram ver.

– Estamos indo – prontificou-se Scarlet, guardando o resto dos medicamentos enquanto Lobo pulava da mesa de exames.

Quando ela olhou-o, ele estava sorrindo, passando o dedo no corte.

No compartimento de carga, Thorne e Cinder estavam sentados em uma das caixas, inclinados sobre um baralho de

papel. O cabelo de Cinder ainda estava desgrenhado devido à recente semivitória contra Lobo.

– Ah, que bom – disse Thorne ao olhar para cima. – Scarlet, diga para Cinder que ela está roubando.

– Eu não estou roubando.

– Você acabou de jogar cartas idênticas, uma atrás da outra. Você não pode fazer isso.

Cinder cruzou os braços.

– Thorne, eu acabei de fazer o download do livro oficial de regras na minha cabeça. Sei o que posso e o que não posso fazer.

– Ahá! – Ele estalou os dedos. – Está vendo, você não pode fazer downloads no meio de um jogo de *Royals*. É regra da casa. Você está roubando.

Cinder lançou as mãos para o alto, espalhando as cartas pelo compartimento de carga. Scarlet pegou um três ainda no ar.

– Eu também aprendi que não é permitido jogar cartas repetidas seguidamente. Mas talvez fosse assim que minha avó jogasse.

– Ou talvez Cinder esteja roubando.

– Eu não estou... – Cinder trincou os dentes e grunhiu.

– Iko nos chamou aqui para alguma coisa? – perguntou Scarlet, devolvendo a carta à pilha na mesa.

– *Oui, mademoiselle* – disse Iko, fazendo o sotaque que Thorne imitava com frequência quando falava com Scarlet, embora o de Iko parecesse bem mais autêntico. – Há notícias recentes sobre os agentes especiais lunares. – O monitor na parede piscou quando Iko escondeu o relógio e a planta do palácio,

substituindo-os por uma série de vídeos: repórteres e filmagens de baixa qualidade de militares armados levando seis homens musculosos para um aerodeslizador protegido. – Parece que, desde o ataque, a República Americana vem conduzindo investigações sobre os agentes, e uma operação de flagrante está acontecendo nas três cidades da República que foram atacadas: Nova York, Cidade do México e São Paulo. Já capturaram cinquenta e nove agentes e quatro taumaturgos, que serão mantidos como prisioneiros de guerra.

Scarlet chegou mais perto da tela, que mostrava cenas da ilha de Manhattan. Parecia que aquela matilha estava escondida em uma linha de metrô abandonada. Os agentes estavam com as mãos e tornozelos presos, e cada um era alvo de pelo menos duas armas das tropas que os cercavam, mas todos pareciam tão tranquilos quanto se estivessem colhendo flores no campo. Um até deu um sorriso divertido para a câmera quando passou.

– Você conhece algum deles?

Lobo grunhiu.

– Não muito bem. As diferentes matilhas não costumavam se socializar, mas eu os via no refeitório e às vezes no treinamento.

– Eles não parecem incomodados – disse Thorne. – Está claro que nunca experimentaram comida de prisão.

Cinder se aproximou de Scarlet.

– Não vão ficar lá muito tempo. O casamento é em duas semanas, e eles serão soltos e enviados de volta a Luna.

Thorne passou os dedos pelos passadores de cinto da calça.

– Nesse caso, parece um grande desperdício de tempo e recursos.

– Eu discordo – retrucou Scarlet. – As pessoas não podem ficar vivendo com medo. O governo está tentando mostrar que está fazendo alguma coisa para impedir que os massacres aconteçam de novo. Dessa forma, eles podem sentir que têm algum tipo de controle sobre a situação.

Cinder balançou a cabeça.

– Mas o que vai acontecer quando Levana retaliar? A questão toda da aliança de casamento era para controlar o temperamento dela.

– Ela não vai retaliar – falou Lobo. – Duvido que se importe.

Scarlet olhou para a tatuagem no antebraço dele.

– Depois de todo o trabalho que ela teve para criar vocês... eles?

– Ela não colocaria a aliança em risco. Não pelos agentes, que só tinham um propósito desde o começo: executar o primeiro ataque e lembrar a Terra de que os lunares podem ser qualquer um, em qualquer lugar. Para fazer com que fiquem com medo de nós. – Ele começou a se mexer, inquieto. – Ela não precisa mais de nós agora.

– Espero que você esteja certo – disse Iko –, porque, agora que descobriram como encontrar os agentes, espera-se que o resto da União faça o mesmo.

– Como *foi* que os encontraram? – perguntou Cinder, ajeitando o rabo de cavalo.

Um suspiro saiu pelo sistema de ventilação.

– Parece que os lunares reprogramaram alguns medidroides localizados em quarentenas da peste em todo o mundo. Eles estavam coletando chips de identificação dos mortos e mandando para esses agentes, para serem reprogramados e inseridos nos corpos deles, a fim de que pudessem se misturar na sociedade. Quando o governo descobriu a ligação, só precisou procurar os chips de identificação, e logo foram levados direto para as bases de operação dos agentes.

– Peony... – Cinder se aproximou da tela. – Era por isso que o androide queria o chip dela. Você está me dizendo que ele teria ido parar dentro de um *deles*?

– Dito com verdadeiro desprezo por nossos amigos caninos – disse Thorne.

Cinder massageou a testa.

– Me desculpe, Lobo. Eu não estava falando de você. – Ela hesitou. – Só que... estou, sim. Qualquer pessoa. Ela era minha *irmãzinha*. Quantas pessoas morreram dessa doença e tiveram suas identidades violadas assim? Mais uma vez, sem querer ofender.

– Tudo bem – disse Lobo. – Você a amava. Eu sentiria a mesma coisa se alguém quisesse apagar a identidade de Scarlet e dar para o exército de Levana.

Scarlet enrijeceu e suas bochechas ficaram quentes. Ele não estava insinuando...

– *Aaaaw!* – gritou Iko. – Lobo acabou de dizer que *ama* Scarlet? Que fofo!

Scarlet se encolheu.

– Ele não... não foi isso... – Ela apertou as mãos contra os lados do corpo. – Podemos voltar para os soldados que estão sendo capturados, por favor?

– Ela está ficando vermelha? Pela voz, parece que está ficando mesmo.

– Ela está vermelha – confirmou Thorne, embaralhando as cartas. – Na verdade, Lobo também está meio coradinho...

– *Foco*, por favor – pediu Cinder, e Scarlet teve vontade de dar um beijo nela. – Então eles estavam pegando chips de identificação das vítimas da peste. E agora?

As luzes diminuíram, assim como a empolgação de Iko.

– Bem, não vai acontecer mais. Todos os androides americanos que trabalham nas quarentenas estão sendo avaliados e reprogramados agora mesmo, o que sem dúvida vai se repetir por toda a União.

Na tela, o último agente encontrado em Manhattan estava sendo colocado no aerodeslizador militar. A porta estalou e se fechou depois que ele entrou.

– Isso resolve uma ameaça, ao menos – disse Scarlet, pensando na matilha que a manteve prisioneira. Que matara sua avó. – Espero que a Europa os cace também. Espero que os mate.

– Espero que não pensem que o trabalho acabou depois disso – falou Cinder. – Como Lobo mencionou, a verdadeira guerra nem começou ainda. A Terra deveria estar em alerta total agora, se preparando para qualquer coisa.

– E nós deveríamos estar nos preparando para impedir esse casamento e colocar você no trono – acrescentou Scarlet,

reparando como Cinder fazia cara de desgosto à menção de se tornar rainha. – Se fizer isso, a guerra pode não ir além do que já foi.

– Tenho uma sugestão – contrapôs Iko, substituindo o noticiário dos agentes lunares por um relatório em tempo real do casamento. – Se vamos entrar escondidos no palácio de Nova Pequim com Levana lá dentro, por que não a assassinamos? Sem querer parecer assassina a sangue-frio demais, mas isso não resolveria muitos dos nossos problemas?

– Não é tão fácil – retrucou Cinder. – Lembre-se de quem estamos falando aqui. Ela é capaz de fazer lavagem cerebral em centenas de pessoas ao mesmo tempo.

– Ela não é capaz de fazer lavagem cerebral em mim – disse Iko. – Nem em você.

Lobo balançou a cabeça.

– Seria preciso ter um exército para chegar perto o bastante. Ela vai ter incontáveis guardas e taumaturgos por perto. Sem mencionar todos os terráqueos que poderia usar como escudo, ou mesmo transformar em armas.

– Inclusive Kai – disse Cinder.

O motor da nave engasgou, fazendo as paredes tremerem.

– Vocês têm razão. Não podemos correr esse risco.

– Não, mas podemos contar para o mundo que ela é uma fraude e uma assassina. – Cinder colocou as mãos na cintura. – Todos já sabem que ela é um monstro. Só precisamos mostrar que ninguém estará seguro se ela se tornar imperatriz.

CAPÍTULO

¶ Cinco

– **TELA QUATRO – DISSE CRESS, APERTANDO OS OLHOS PARA VER** grade de ícones. – Coringa para... D5.

Sem esperar que o bobo da corte animado fosse dando estrelas até o novo espaço, ela desviou a atenção para o outro jogo.

– Tela cinco. Coletar rubis e espadas. Descartar as coroas.

A tela piscou, mas ela já tinha se voltado para outra.

– Tela seis. – Ela fez uma pausa e mordeu as pontas do cabelo. Doze filas de números preenchem a tela, com alguns espaços vazios, alguns pintados com cores e desenhos. Depois de seu cérebro se contorcer com uma equação que ela não sabia se seria capaz de resolver outra vez, o enigma pareceu se iluminar, com a solução tão clara quanto o luar sobre a Terra. – No 3A, inserir um 4 amarelo. No 7B, um 16 preto. No 9C, um 20 preto.

A tabela desapareceu, dando lugar a um cantor da segunda era cantando em um microfone, e a plateia aplaudindo.

– Parabéns, Mana – disse a Pequena Cress. – Você ganhou!

A sensação de vitória de Cress durou pouco. Ela se virou de lado e reavaliou o primeiro jogo. Ao ver a jogada da Pequena Cress desde a última dela, seu orgulho murchou. Tinha sido encurralada.

– Tela um – murmurou, jogando o cabelo por cima do ombro e prendendo as pontas úmidas em nós ao redor do dedo. Cinco nós depois, sua vitória na tela seis já tinha sido esquecida. A Pequena Cress venceria essa.

Ela suspirou e fez a melhor jogada que conseguiu, que foi imediatamente seguida por um deslocamento do rei da Pequena Cress até o centro do labirinto holográfico para tomar o cálice dourado. Um bobo gargalhou e engoliu o resto do tabuleiro do jogo.

Cress gemeu e tirou o cabelo do pescoço, esperando a próxima tarefa que seu eu mais novo selecionaria aleatoriamente para ela.

– Eu ganhei! – disse a Pequena Cress depois que a holografia desapareceu na tela. Os outros jogos pararam automaticamente. – Você me deve dez minutos de dança country, usando o vídeo como guia, seguidos de trinta pulos com agachamento. Vamos começar!

Cress revirou os olhos e desejou não ter estado tão alegre quando gravara a voz. Mas fez o que foi pedido e saiu da cama quando o homem de bigode com o chapéu grande apareceu na tela, os polegares presos nos passadores do cinto.

Dois anos antes, ao perceber que sua moradia não oferecia muitas oportunidades para se exercitar, Cress entrou em um surto de boa forma. Instalou todos os jogos com um programa que cobria uma variedade de atividades físicas, que ela teria que executar todas as vezes que perdesse. Embora lamentasse a instalação do programa com frequência, ele a ajudava a não ficar

grudada na cadeira, e ela gostava de dançar e das sequências de ioga. Só não estava ansiosa para os pulos com agachamento.

Quando a melodia da guitarra anunciou o começo da dança, um apito alto atrasou o inevitável. Com os polegares enfiados nos passadores de cinto imaginários, Cress olhou para as telas.

– Pequena Cress, o que...

– Recebemos um pedido de comunicação direta de um usuário desconhecido. Usuário: Mecânica.

Suas entranhas se contorceram, como se ela tivesse dado um mortal.

Mecânica.

Com um grito, Cress meio que cambaleou e meio que caiu na direção da tela menor, digitou rapidamente o código para cancelar a sequência de exercícios, verificou as configurações de *firewall* e privacidade e viu. Um pedido D-COMM e a mais inocente das perguntas.

ACEITAR?

Com a boca seca, Cress passou as mãos sobre o cabelo.

– Sim! Aceitar!

A janela desapareceu, foi substituída por escuridão, e então...

E então...

Ali estava ele.

Carswell Thorne.

Estava reclinado em uma cadeira, os calcanhares das botas apoiados na frente da tela. Havia três pessoas atrás dele, mas

Cress só via os olhos azuis olhando para ela, *diretamente* para ela, começando a se encher com o mesmo assombro sem fôlego que sentia.

A mesma admiração.

O mesmo encantamento.

Apesar de estarem separados por duas telas e uma quantidade enorme de espaço vazio, ela podia sentir a ligação nascendo entre eles naquele olhar. Uma ligação que não poderia ser rompida. Seus olhos se encontraram pela primeira vez, e, pela expressão de puro espanto no rosto dele, ela soube que ele também sentia.

Um calor subiu pelas bochechas dela. Suas mãos começaram a tremer.

– Caramba – murmurou Carswell Thorne. Colocou os pés no chão e se inclinou para a frente a fim de observá-la melhor. – Isso tudo é *cabelo*?

A ligação desapareceu e a fantasia de um momento perfeito de amor verdadeiro se desintegrou ao redor dela.

Um pânico repentino e absurdo subiu pela garganta de Cress. Com um grito, ela se escondeu da câmera e foi para baixo da escrivaninha. Suas costas bateram na parede com um baque que fez seus dentes tremerem. Ela ficou ali agachada, com a pele queimando e a pulsação trovejando enquanto observava a sala à sua frente, a sala que ele também estava vendo, a cama desfeita e o homem de bigode mandando-a abraçar o parceiro imaginário e girá-lo.

– O qu... para onde ela foi?

A voz de Thorne chegou a ela pela tela.

– Sinceramente, Thorne. – A voz de uma garota. Linh Cinder? – Você alguma vez pensa antes de falar?

– O quê? O que eu disse?

– *‘Isso tudo é cabelo?’*

– Você viu? Parecia um cruzamento de ninho de passarinho e novelo de lã depois de ser atacado por um guepardo.

Um momento. Em seguida:

– Guepardo?

– Foi o primeiro felino grande que me veio à mente.

Cress tentou depressa pentear com os dedos os nós ao redor das orelhas. Não cortava o cabelo desde que tinha sido colocada no satélite e naquele momento chegava até abaixo dos joelhos. Mas Sybil não levava objetos afiados para o satélite, e Cress tinha parado de se preocupar havia tempos em mantê-lo cuidadosamente trançado. Afinal, quem a veria?

Ah, se ela tivesse arrumado o cabelo de manhã. Se tivesse colocado o vestido que não tinha um buraco na gola. Será que havia escovado os dentes depois do café da manhã? Não lembrava, e tinha certeza de que estava com pedaços de espinafre dos ovos à florentina congelados presos nos dentes.

– Deixe que eu falo com ela.

Barulho de movimento vindo da tela.

– Olá? – A voz de uma garota de novo. – Sei que você consegue me ouvir. Peço desculpas por meu amigo ser tão idiota. Você pode ignorá-lo.

– É o que costumamos fazer – disse a outra voz feminina.

Depressa, Cress procurou um espelho ou qualquer coisa parecida.

– Precisamos falar com você. Eu sou... Aqui é Cinder. A mecânica que consertou o androide.

A parte de trás da mão de Cress bateu no cesto de roupas sujas. O cesto colidiu com a cadeira de rodinhas, que foi lançada pela sala e bateu na escrivaninha do outro lado e fez um copo de água cheio até a metade se balançar e inclinar. Cress ficou paralisada, com os olhos se arregalando quando o vidro chegou perto do drive de memória que abrigava a Pequena Cress.

– Hã, olá? Você pode falar agora?

O copo parou sem cair e ficou imóvel mais uma vez, sem derramar uma gota.

Cress expirou lentamente.

Não era assim que esse encontro deveria acontecer. Essa não era a fantasia com a qual sonhara umas cem vezes. O que ela disse em todos aqueles sonhos? Como agiu? Quem era aquela pessoa?

Ela só conseguia pensar na humilhação horrível do dançarino country (*fique de frente pro parceiro e dois pra lá, dois pra cá*) e do cabelo que parecia um ninho, nas mãos suando e na pulsação disparada.

Apertou bem os olhos e se obrigou a se concentrar, a *pensar*.

Ela não era a garotinha boba escondida debaixo da escrivaninha. Ela era... ela era...

Uma atriz.

Uma atriz linda, cheia de pose e talentosa. E estava usando um vestido de lantejoulas que brilhava como as estrelas, um vestido que deixaria qualquer um hipnotizado. Não podia questionar seu próprio poder de encantar os que estavam ao redor, tanto quanto um taumaturgo não questionaria sua capacidade de manipular uma multidão. Ela era de tirar o fôlego. Estava...

Ainda escondida debaixo da escrivaninha.

– Você está aí?

Uma risada debochada.

– É, isso está indo muito bem.

Carswell Thorne.

Cress se encolheu, mas sua respiração estava ficando menos esporádica conforme ela ia se envolvendo em sua fantasia.

– Isso é um cenário de novela – sussurrou, baixo o bastante para eles não ouvirem.

Ela obrigou a ideia a penetrar na imaginação. Aqui não era o quarto dela, seu santuário, sua prisão. Era um cenário de novela, com câmeras e luzes e dezenas de diretores e produtores e assistentes andróides zanzando de um lado para outro.

E ela era uma *atriz*.

– Pequena Cress, pausa no programa de exercício.

As telas pararam, a sala ficou silenciosa, e Cress saiu de baixo da escrivaninha.

Cinder estava sentada em frente à tela agora, Carswell Thorne pairando atrás do ombro dela. Cress olhou-o por tempo suficiente para ver um sorriso que talvez pretendesse ser um pedido de desculpas, mas só fez o coração dela pular mais.

– Oi – disse Linh Cinder. – Me desculpe por pegá-la de surpresa assim. Você se lembra de mim? Nós nos falamos algumas semanas atrás, no dia da coroação, e...

– S-sim, claro – gaguejou Cress. Seus joelhos começaram a tremer, e ela puxou sorratamente a cadeira de volta e se sentou. – Estou feliz por você estar bem.

Ela se obrigou a se concentrar em Linh Cinder. Não em Carswell Thorne. Se não olhasse nos olhos dele de novo, conseguiria ir até o fim. Não desmoronaria.

Mas a tentação de olhar para ele estava presente, incomodando-a.

– Ah, obrigada – falou Cinder. – Não sei bem... Quero dizer, você acompanha as notícias da Terra? Sabe o que está acontecendo desde...

– Sei de tudo.

Cinder fez uma pausa.

Cress percebeu que suas palavras saíram todas misturadas e se lembrou de pronunciar melhor, uma vez que estava fazendo um papel tão sofisticado. Ela se obrigou a sentar mais ereta.

– Acompanho todos os noticiários – esclareceu. – Eu sabia que você tinha sido vista na França e venho rastreando sua nave, então sabia que não fora destruída, mas não sabia se você havia sido ferida e nem o que aconteceu. Eu estava tentando estabelecer a ligação pelo chip D-COMM, mas você nunca respondia. – Ela murchou um pouco, com os dedos amarrando o cabelo. – Mas estou feliz de ver que está bem.

– Sim, sim, ela está bem, estamos bem, todo mundo está bem – disse Thorne, apoiando um cotovelo no ombro de Cinder e se inclinado sobre a tela com sobrancelhas franzidas. Olhar nos olhos dele foi inevitável, e um gritinho involuntário escapuliu pelos lábios de Cress, um som que ela nunca tinha se ouvido fazer antes. – Você acabou de dizer que estava *rastreando* nossa nave?

Ela abriu a boca, mas fechou-a um momento depois, quando nenhum som saiu. Por fim, deu um leve aceno positivo com a cabeça.

Thorne apertou os olhos para ela como se estivesse tentando descobrir se estava mentindo. Ou se era apenas idiota.

Ela sentiu uma forte vontade de voltar para baixo da escrivaninha.

– É mesmo? – perguntou ele. – E para quem você trabalha mesmo?

Você é uma atriz. Uma atriz!

– Para a mestra – disse ela, forçando as palavras. – A mestra Sybil. Ela me mandou encontrar vocês, mas não contei nada para ela, e nem vou, não precisam se preocupar com isso. Eu... eu estou embaralhando os sinais de radar e garantindo que os satélites de observação estejam virados para o outro lado quando vocês passam, esse tipo de coisa. Para que mais ninguém encontre vocês. – Hesitou, percebendo que quatro rostos estavam olhando boquiabertos para ela, como se todo o cabelo dela tivesse acabado de cair. – Vocês devem ter reparado que ainda não foram capturados, não é?

Cinder ergueu uma das sobrancelhas e desviou o olhar para Thorne, que soltou uma gargalhada repentina.

– Esse tempo todo nós pensamos que Cinder estava lançando algum tipo de feitiço de bruxa nas outras naves, mas era *você*?

Cinder franziu a testa, mas Cress não sabia a quem sua irritação se dirigia.

– Acho que devemos um grande agradecimento a você.

Desconfortável, Cress deu de ombros.

– Não foi tão difícil. Encontrar vocês foi a parte mais difícil, mas qualquer um seria capaz de descobrir como. E levar naves despercebidas por toda a galáxia é uma coisa que os lunares fazem há anos.

– Minha cabeça vale um preço alto o bastante para comprar a província do Japão – lembrou Cinder. – Se alguém fosse capaz de nos encontrar, já teria nos descoberto. Então, é sério, obrigada.

Um rubor desceu pelo pescoço de Cress.

Thorne cutucou Cinder no braço.

– Amolecer com elogios. Boa estratégia.

Cinder revirou os olhos.

– Olha. O motivo de estarmos fazendo contato com você é que precisamos de sua ajuda. Evidentemente, muito mais do que eu imaginava.

– *Sim* – disse Cress com ênfase, desenrolando o cabelo dos pulsos. – Sim. O que você precisar.

Thorne abriu um sorriso largo.

– Está vendo? Por que vocês não podem ser sempre agradáveis assim?

A segunda garota deu um tapa no ombro dele.

– Ela nem sabe ainda o que queremos que faça.

Cress olhou direito para ela pela primeira vez. Tinha cabelo ruivo ondulado, uma coleção de sardas no nariz e curvas injustamente exageradas em comparação a Cinder, que era toda angulosa. O homem ao lado dela fazia as duas parecerem anãs. Ele tinha cabelo castanho espetado para todos os lados, cicatrizes que indicavam uma quantidade exagerada de brigas e um hematoma recente no maxilar.

Cress se esforçou para parecer confiante.

– Com o que vocês precisam de ajuda?

– Quando falei com você antes, no dia do baile, você me disse que estava espionando os líderes terráqueos e relatando tudo para a rainha Levana. E também que sabia que, quando Levana se tornasse imperatriz, planejava mandar assassinar Kai para ter controle absoluto da Comunidade e usar esse poder para deflagrar um ataque total contra os outros países da Terra.

Cress assentiu, talvez com vigor demais.

– Bem, nós precisamos que as pessoas da Terra saibam tudo o que ela está disposta a fazer para tomar a Terra toda para si, não só a Comunidade das Nações Orientais. Se os outros líderes soubessem que ela os vem espionando esse tempo todo e que tem toda a intenção de invadir seus países na primeira oportunidade que tiver, não vão aceitar esse casamento. Eles não a aceitariam como líder mundial, o casamento seria cancelado e... com sorte, isso nos daria uma chance de... er. Bem, o objetivo final é destroná-la.

Cress lambeu os lábios.

– Então... o que vocês querem que eu faça?

– Evidências. Preciso de evidências do que Levana está planejando, do que tem feito.

Refletindo, Cress apoiou as costas no encosto da cadeira.

– Tenho cópias de todos os vídeos de monitoração ao longo dos anos. Seria fácil escolher algumas das cenas mais incriminadoras e enviar para você por este canal.

– Isso é perfeito!

– Mas é circunstancial. Só provaria que Levana está interessada no que os outros líderes estão fazendo, não necessariamente que planeja invadir os países deles, e acho que não tenho nenhuma documentação sobre ela querer assassinar Sua Majestade. É basicamente minha desconfiança, além de especulações sobre coisas que minha mestra disse.

– Tudo bem, nós aceitamos o que você tiver. Levana já nos atacou uma vez. Acho que os terráqueos não vão precisar de muito para serem convencidos de que ela o fará de novo.

Cress assentiu, mas seu entusiasmo tinha murchado. Ela limpou a garganta.

– Minha mestra vai reconhecer as imagens. Vai saber que fui eu que as forneci.

O sorriso de Cinder começou a sumir, e Cress percebeu que não precisava explicar aonde queria chegar. Ela seria morta por traição.

– Me desculpe – disse Cinder. – Se houvesse um jeito de levarmos você para longe dela, nós faríamos, mas não podemos

correr o risco de irmos até Luna. Passar pela segurança do porto...

– Eu não estou em Luna! – As palavras saíram desesperadas, levadas por uma pontada de esperança. – Vocês não precisam ir a Luna. Não estou lá.

Cinder observou o aposento atrás de Cress.

– Mas você disse antes que não podia fazer contato com a Terra, então você não está...

– Estou em um satélite. Posso dar minhas coordenadas e já verifiquei semanas atrás que sua Rampion tem equipamento de atracagem compatível, ou pelo menos as naves de passeio que a acompanham têm. Vocês... vocês ainda têm as naves, certo?

– Você está em um satélite? – disse Thorne.

– Estou. Regulado para uma órbita polar de dezesseis horas ao redor da Terra.

– Há quanto tempo você mora em um satélite?

Ela enrolou o cabelo nos dedos.

– Sete anos... mais ou menos.

– Sete *anos*? Sozinha?

– S-Sim. – Ela deu de ombros. – A mestra traz comida e água, e tenho acesso à rede, então nem é tão ruim, mas... bem...

– Mas você é uma prisioneira – falou Thorne.

– Eu prefiro dizer donzela em perigo – murmurou ela.

Um lado da boca de Thorne se levantou naquele meio sorriso perfeito da foto da formatura. Um olhar que era um pouco malicioso e totalmente encantador.

O coração de Cress parou, mas se eles repararam que ela estava se derretendo na cadeira, não disseram nada.

A garota ruiva se afastou e saiu da imagem, embora Cress ainda a ouvisse.

– Não podemos mesmo fazer nada para Levana querer nos encontrar ainda mais do que já quer.

– Além disso – disse Cinder, trocando um olhar com os companheiros –, queremos mesmo deixar alguém que sabe rastrear nossa nave aos cuidados de Levana?

Os dedos de Cress começaram a formigar nas partes em que o cabelo estava interrompendo a circulação, mas ela nem percebeu.

Thorne inclinou a cabeça e olhou para ela pela tela.

– Tudo bem, donzela. Mande suas coordenadas.

CAPÍTULO

Seis

– **AGORA SOBRE O JANTAR. DESDE QUE NOS FALAMOS, SUA MAJEST** aprovou o tradicional banquete de oito pratos para depois da cerimônia. Nesse caso, sugiro que comecemos com um quarteto de sashimi, seguido de uma sopa leve. Talvez uma imitação de sopa de barbatana de tubarão, que acho que seria um bom equilíbrio entre as tradições antigas e as sensibilidades modernas.

– A cerimonialista fez uma pausa. Como nem Kai, que estava deitado no sofá do escritório com um braço sobre os olhos, nem seu conselheiro, Konn Torin, fizeram objeções, ela limpou a garganta e prosseguiu: – Para o terceiro prato, pensei em uma bela caçarola de toucinho com molho de manga verde. A isso se seguiria nosso prato vegetariano, e eu recomendaria *potol* com sementes de papoula em cama de folhas de bananeira. Para o quinto prato, eu ia conversar com os banqueteiros sobre algum curry de frutos do mar, talvez com um molho vibrante de leite de coco com limão. Vossa Majestade tem alguma preferência entre lagosta, camarão ou vieiras?

Kai tirou o braço do rosto apenas o bastante para olhar para a cerimonialista por entre os dedos. Tashmi Priya devia ter quarenta e tantos anos, mas tinha o tipo de pele que não envelhecera um dia depois dos vinte e nove anos. O cabelo, por

outro lado, estava fazendo uma lenta transição para grisalho, e ele achava que o processo vinha se acelerando na última semana, pois ela era a pessoa responsável por transmitir os desejos da noiva ao resto dos cerimonialistas. Ele não subestimou nem por um momento o estresse pelo qual ela passava por estar trabalhando com a rainha Levana.

Por sorte, ele tinha a impressão de que ela era muito, muito boa em seu trabalho. E aceitara a função de planejar o casamento real sem hesitar, nem por um segundo, e não recuou nem uma vez com as exigências de Levana. Seu perfeccionismo profissional era evidente em todas as decisões que tomava, mesmo em como se apresentava, com maquiagem sutil e sem nem um fio de cabelo fora do lugar. Essa simplicidade se contrastava com um guarda-roupa de sáris indianos tradicionais, seda luxuosa em tons vivos e com bordados intrincados. A combinação dava a Priya um ar real que Kai sabia que lhe faltava no momento.

– Vieiras, lagosta... – murmurou ele, esforçando-se para prestar atenção. Mas desistiu e voltou a cobrir os olhos. – Não, não tenho preferência. O que Levana quiser.

Houve um breve silêncio antes de ele ouvir o barulho das unhas dela sobre o tablet.

– Talvez possamos voltar ao cardápio do banquete depois. Quanto à cerimônia, você aprova a escolha da rainha pela primeira-ministra africana Kamin como celebrante?

– Não consigo pensar em ninguém mais adequado.

– Excelente. E você já pensou sobre os votos de casamento?

Kai deu uma risada debochada.

– Retire qualquer coisa que tenha a ver com amor, respeito ou alegria, e eu assino embaixo.

– Vossa Majestade – disse Torin, com aquele jeito que tinha de fazer o título de respeito soar como uma repreensão.

Suspirando, Kai se endireitou na cadeira. Torin estava sentado em frente a Priya, com a mão ao redor de um copo cheio apenas de cubos de gelo. Ele não tinha o hábito de beber, o que lembrou a Kai que era uma época difícil para todos.

Ele voltou a atenção para Priya, cuja expressão estava profissionalmente impassível.

– O que você sugere para os votos?

Rugas formaram-se nos cantos das pálpebras dela, quase pedindo desculpas, e ele percebeu que alguma coisa horrível estava prestes a ser dita.

– Sua Majestade lunar sugeriu que você escreva seus próprios votos, Vossa Majestade.

– Ah, pelas estrelas. – Ele se deixou cair de novo sobre as almofadas. – Por favor, qualquer coisa, menos isso.

Uma hesitação.

– Você gostaria que eu os escrevesse para você, Vossa Majestade?

– Isso está na descrição do seu trabalho?

– Garantir que esse casamento transcorra bem é a descrição do meu trabalho.

Ele observou os candelabros decorados com penduricalhos que ocupavam o teto. Depois de uma revista completa do

escritório que sua equipe demorou uma semana para terminar, um único aparelho de gravação foi encontrado, menor do que sua unha, escondido em um dos candelabros. Foi o único dispositivo de espionagem que localizaram. Não havia dúvida de que era lunar e de que Kai estava certo o tempo todo: Levana o estava espionando.

Seus aposentos pessoais também foram revistados, mas nada foi descoberto lá. Até o momento, esses eram os dois únicos aposentos em que ele se permitia falar abertamente sobre a noiva, embora sempre houvesse um aviso em sua cabeça. Ele torcia muito para que a equipe de segurança não tivesse deixado passar nada.

– Obrigado, Tashmi-jie. Vou pensar nisso.

Com um aceno, Priya ficou de pé.

– Tenho uma reunião com o banqueteiro esta tarde. Vou ver se ele tem alguma ideia para o resto dos pratos.

Kai se obrigou a ficar de pé, embora o movimento fosse extremamente difícil. O estresse das últimas semanas o fez perder alguns quilos, mas ele se sentia mais pesado do que nunca, como se o peso de todas as pessoas da Comunidade tivesse caído sobre ele.

– Obrigado por tudo – disse, fazendo uma reverência enquanto ela reunia suas amostras de cores e tecidos.

Ela retribuiu o gesto.

– Conversaremos de novo de manhã, antes da chegada do taumaturgo Park.

Ele gemeu.

– Já é amanhã?

Torin limpou a garganta.

– Quero dizer... fantástico! Foi uma alegria tão grande tê-lo por perto da primeira vez.

O sorriso de Priya foi efêmero quando ela passou pela porta.

Sufocando um suspiro melodramático, Kai se encolheu de novo no sofá. Ele sabia que estava sendo infantil, mas sentia que tinha o direito de explodir de vez em quando, principalmente ali, na privacidade de seu escritório. Em todos os outros lugares, tinha que sorrir e proclamar o quanto estava ansioso pelo casamento. O quanto essa aliança seria benéfica para a Comunidade. O quanto não tinha dúvida de que o casamento com a rainha Levana serviria para unir os povos da Terra e de Luna de uma forma que não era vista havia séculos e sem dúvida levaria à maior apreciação e compreensão mútua entre as duas culturas. Era o primeiro passo para acabar com os anos de ódio e ignorância. E a quem ele achava que estava enganando mesmo?

Ele odiava Levana. Odiava a si mesmo por ceder a ela. Odiava o fato de seu pai tê-la mantido distante, assim como suas ameaças, por anos e anos, mas, *semanas* depois de Kai assumir o trono, ele acabara deixando tudo ruir.

Odiava o fato de que a rainha Levana devia estar planejando isso desde o momento em que anunciaram que o imperador Rikan, o pai de Kai, estava doente, e que Kai acabou fazendo exatamente o que ela queria.

Odiava o fato de que ela ia ganhar.

O gelo no copo de Torin tilintou quando ele se inclinou para a frente.

– Você está pálido, Vossa Majestade. Tem alguma coisa com que eu possa ajudar? Alguma coisa sobre a qual queira conversar?

Kai tirou o cabelo da testa.

– Seja sincero, Torin. Você acha que estou cometendo um erro?

Torin refletiu sobre a pergunta por um longo momento antes de colocar o copo de lado.

– Mil e seiscentos terráqueos foram mortos quando Luna nos atacou. Foram mil e seiscentos mortos em apenas poucas horas. Isso foi onze dias atrás. Não imagino quantas vidas foram poupadas por causa do compromisso que você assumiu com a rainha Levana. – Ele juntou os dedos no colo. – E não podemos esquecer quantas vidas serão salvas quando tivermos acesso ao antídoto para a letumose.

Kai mordeu a bochecha por dentro. Eram os mesmos argumentos que vinha repetindo para si mesmo. Estava fazendo a coisa certa. Salvando vidas. Protegendo seu povo.

– Sei o sacrifício que está fazendo, Vossa Majestade.

– Sabe? – Seus ombros se contraíram. – Porque desconfio que ela vá tentar me matar. Quando tiver o que quer. Quando for coroada.

Torin inspirou fundo, mas Kai teve a impressão de que isso não era nenhuma novidade para Torin.

– Não vamos deixar isso acontecer.

– Podemos impedir?

– Seu casamento não vai ser uma sentença de morte. Temos tempo para descobrir um jeito. Ela... ainda quer um herdeiro, afinal.

Kai não conseguiu sufocar uma careta.

– Um consolo muito, muito pequeno.

– Eu sei. Mas isso torna você valioso para ela, ao menos por enquanto.

– Será mesmo? Você sabe a reputação que os lunares têm. Não sei se Levana se importa com quem vai ser o pai da criança, desde que alguém seja. E a princesa Selene não nasceu sem ninguém saber quem era o pai? Não estou convencido de que Levana precise de mim para qualquer outra coisa além de dizer “sim” e entregar a coroa a ela.

Por mais que odiasse admitir, o pensamento era quase um alívio.

Torin não tentou argumentar com ele. Apenas balançou a cabeça.

– Mas a Comunidade precisa de você, e o povo vai continuar precisando de você depois que Levana se tornar imperatriz. Vossa Majestade, não vou deixar que nada aconteça com você.

Kai reconheceu um tom quase paternal. Havia afeição ali, onde normalmente só havia paciência e frustração velada. De alguma maneira, ele sentia que Torin tinha se tornado o verdadeiro imperador depois da morte de seu pai. Torin era a pessoa sólida, que tomava decisões, que sempre sabia o que era melhor para a nação. Mas, ao olhar para seu conselheiro, essa impressão começou a mudar. Porque Torin estava com uma

expressão que Kai nunca tinha visto dirigida para si antes. Respeito, talvez. Ou admiração. Ou até confiança.

Ele se empertigou um pouco.

– Você está certo. A decisão foi tomada, e tenho que fazer o melhor possível com ela. Esperar ser esmagado pelos caprichos de Levana não vai ajudar em nada. Tenho que descobrir como me defender dela.

Torin assentiu, quase sorrindo.

– Vamos pensar em alguma coisa.

Por um momento, Kai se sentiu peculiarmente animado. Torin não era otimista por natureza. Se acreditava que havia um jeito, então Kai também acreditava. Uma forma de ficar vivo, uma forma de proteger seu país mesmo depois de ter amaldiçoado o povo com uma tirana como imperatriz. Uma forma de se proteger de uma mulher que era capaz de controlar seus pensamentos com um piscar de olhos.

Mesmo como marido dela, ele continuaria a desafiar Levana pelo tempo que pudesse.

Nainsi, a assistente androide de Kai, apareceu na porta do escritório com uma bandeja com chá de jasmim e toalhas quentes. Os sensores dela piscaram.

– Relatório diário, Vossa Majestade.

– Sim, obrigado. Entre.

Ele pegou uma das toalhas da bandeja enquanto ela entrava e limpou os dedos com o tecido de algodão fumegante.

Nainsi colocou a bandeja na mesa de Kai e se virou para ele e para Torin. Em seguida, iniciou o relatório do dia, que felizmente

não tinha nada a ver com promessas de casamento nem com jantares de oito pratos.

– O taumaturgo lunar Avery Park chega amanhã às três da tarde, junto com quatorze integrantes da corte lunar. Uma lista de nomes e títulos de convidados foi transferida para seu tablet. O jantar de boas-vindas vai se iniciar às sete da noite, seguido de um coquetel. Tashmi Priya vai tanto ao jantar quanto à recepção para começar a comunicar os planejamentos do casamento para o taumaturgo Park. Fizemos um convite para que Sua Majestade lunar se juntasse a nós por videoconferência, mas nosso convite não foi aceito.

– Que decepcionante – disse Kai.

– Esperamos uma reunião de manifestantes em frente ao palácio com a chegada da corte lunar, que provavelmente seguirá com o compromisso da cerimônia de casamento. Preparamos reforços militares, que chegarão a partir de amanhã de manhã, para garantir a segurança de nossos convidados. Alertarei você caso alguma manifestação fique violenta.

Kai parou de limpar as mãos.

– Esperamos que fiquem violentas?

– Negativo, Vossa Majestade. O chefe de segurança do palácio declarou que é apenas precaução.

– Ótimo. Continue.

– O relatório semanal da letumose estima trinta mil mortes relacionadas à peste durante a semana de 3 de setembro por toda a Comunidade. A equipe de pesquisa do palácio não obteve

nenhum progresso na investigação contínua em busca do antídoto.

Kai trocou um olhar triste com Torin. *Trinta mil mortes*. Quase o fazia desejar que o casamento fosse amanhã, para que pudesse pôr as mãos no antídoto de Levana mais cedo.

Quase.

– Recebemos notícias de que a República Americana, a Austrália e a Federação Europeia organizaram caçadas em busca dos soldados lunares responsáveis pelos ataques e alegam manter vários suspeitos como prisioneiros de guerra. Até agora, Luna não ameaçou retaliação e nem fez qualquer tentativa de negociar a liberdade deles, fora o acordo feito anteriormente de que todos os soldados serão retirados do solo terráqueo após a cerimônia de coroação no dia 25.

– Vamos torcer para que continue assim – murmurou Kai. – A última coisa de que a aliança precisa são mais complicações políticas.

– Vou mantê-lo informado sobre qualquer desenvolvimento, Vossa Majestade. O último item a relatar é que recebemos uma mensagem de Samhain Bristol, representante do parlamento de Toronto, da província do Canadá do Leste, Reino Unido, dizendo que recusa o convite de comparecer à cerimônia de casamento por não aceitar que a rainha lunar Levana seja uma líder mundial apropriada para a União Terráquea.

Torin gemeu e Kai revirou os olhos na direção do teto.

– Ah, pelas estrelas. Será que ele pensa que *alguém* acha que ela é uma líder apropriada?

– Não podemos culpá-lo por sua posição, Majestade – falou Torin, embora Kai pudesse ouvir a irritação na voz dele –, nem por querer fazer essa declaração. Ele tem seu próprio povo para se preocupar.

– Estou ciente disso, mas, se isso começar a virar moda entre os líderes da União, Levana ficará furiosa. Você consegue imaginar a reação dela se *ninguém* aparecer no casamento? – Kai passou a toalha, agora fria, pelo rosto. – Ela vai ver isso como uma ofensa pessoal. Se queremos tentar evitar outro ataque, acho que enfurecê-la não é o jeito de fazer isso.

– Concordo – disse Torin, levantando-se e ajeitando o paletó. – Vou marcar uma reunião por videoconferência com Bristol-dàren para ver se não chegamos a um acordo. Sugiro que mantenhamos essa informação em segredo por enquanto, para evitar dar ideias rebeldes aos outros convidados.

– Obrigado, Torin.

Kai se levantou e respondeu à reverência de Torin, que saiu do escritório em seguida.

Kai quase não resistiu à vontade de desabar de novo no sofá. Tinha outra reunião em trinta minutos, e ainda havia planos a serem revisados, relatórios a serem lidos e mensagens a serem respondidas e...

– Vossa Majestade.

Ele levou um susto.

– Sim, Nainsi?

– Ainda há um último relatório, que achei melhor discutir com você em particular.

Ele piscou. Havia bem poucos assuntos que não discutia com Torin.

– O que é?

– Uma associação foi descoberta recentemente por minhas sinapses de inteligência. É sobre Linh Cinder.

O estômago dele se contorceu. Esse seria o assunto, o único assunto sobre o qual não podia conversar nem mesmo com seu conselheiro de maior confiança. Cada vez que ouvia o nome dela, era tomado por pânico quase incontrollável, certo de que Cinder havia sido encontrada. De que tinha sido presa. De que já fora morta. Embora devesse ficar feliz por a fugitiva mais procurada do país ter sido capturada, a ideia o deixava doente.

– O que tem ela? – disse, jogando a toalhinha de volta na bandeja e sentando-se no braço do sofá.

– Eu talvez tenha deduzido o motivo pelo qual se encontrava em Rieux, França.

A série de pensamentos preocupados evaporou tão depressa quanto surgiu. Pressentindo uma dor de cabeça, Kai massageou o ponto acima do nariz, aliviado por mais uma hora ter se passado e Cinder continuar desaparecida. O que significava que ainda estava em segurança.

– Rieux, França – disse ele, se reorientando.

Todo mundo sabia que a nave em que Cinder estava precisaria voltar à Terra em algum momento, para se abastecer e passar por uma possível manutenção. A escolha dela por uma cidade pequena, *qualquer* cidade pequena, nunca parecera suspeita para ele.

– Continue.

– Quando Linh Cinder removeu o chip D-COMM que apagou temporariamente minha programação, eu transmiti para ela informações sobre Michelle Benoit.

– A piloto?

Kai tinha praticamente decorado as informações que Nainsi reuniu em relação a todo mundo que tivesse a menor ligação com a desaparecida princesa Selene. Michelle Benoit foi uma das principais suspeitas de ter ajudado e esconder a princesa.

– Sim, Vossa Majestade. Linh Cinder sabe o nome dela e sua ligação anterior com as forças militares europeias.

– E daí?

– Depois de se aposentar, Michelle Benoit comprou uma fazenda. Essa fazenda fica perto de Rieux, na França, e foi nessa propriedade que a nave roubada pousou primeiro.

– Então Cinder foi para lá porque... Você acha que ela estava procurando a princesa Selene?

– Essa é minha suposição, Majestade.

Ele se levantou de supetão e começou a andar de um lado para outro.

– Alguém falou com Michelle Benoit? Ela foi interrogada? Sabemos se ela viu Cinder, falou com ela?

– Lamento, Majestade, mas Michelle Benoit desapareceu há mais de quatro semanas.

Ele parou.

– Desapareceu?

– A neta dela, Scarlet Benoit, também desapareceu. Só sabemos que pegou um trem de levitação magnética em Toulouse, França, a caminho de Paris.

– Não podemos rastreá-las?

– O chip de identificação de Michelle Benoit foi encontrado na casa dela no dia em que desapareceu. O chip de identificação de Scarlet Benoit, ao que parece, foi destruído.

Kai deixou os ombros penderem. Outro beco sem saída.

– Mas por que Cinder iria lá? Por que quereria encontrar a princesa...? – Ele hesitou. – A não ser que esteja tentando me ajudar.

– Não consigo seguir seu raciocínio, Majestade.

Ele encarou Nainsi de novo.

– Talvez ela esteja tentando me ajudar. Cinder sabe que, se encontrar a princesa, isso poderia ser o fim do reinado de Levana. Eu não precisaria me casar com ela, que provavelmente seria executada por traição. Cinder arriscou a vida para ir para aquela fazenda, e fez isso... talvez tenha feito por mim.

Ele escutou o cooler de Nainsi girando antes de ela responder:

– Devo sugerir que a explicação alternativa para os motivos de Linh Cinder deriva do desejo da rainha Levana de que ela seja encontrada e executada, Majestade.

Com o rosto vermelho, ele baixou o olhar para o tapete tecido à mão embaixo dos pés.

– Certo. Ou isso.

Mas ele não conseguia afastar a sensação de que o novo objetivo de Cinder era mais do que autopreservação. Afinal, ela

fora ao baile a fim de avisá-lo para não se casar com a rainha Levana, e essa decisão quase fez com que fosse morta.

– Você acha que ela descobriu alguma coisa? Sobre a princesa?

– Eu não tenho como fornecer essa informação.

Ele andou ao redor da mesa, olhando pensativo para a enorme cidade que se estendia além da janela do escritório, vidro e aço brilhando sob o sol da tarde.

– Descubra tudo o que puder sobre essa Michelle Benoit. Talvez Cinder esteja atrás de alguma coisa. Talvez a princesa Selene ainda esteja viva.

A esperança surgiu de novo, brilhando mais a cada momento. A procura pela princesa tinha sido abandonada semanas antes, quando sua vida ficou tumultuada demais para que se concentrasse em qualquer coisa que não fosse impedir a guerra. Pacificar a rainha Levana e sua raiva. Preparar-se para uma vida ao lado dela, como marido... e isso só se tivesse sorte o bastante para não ser assassinado antes do primeiro ano de casados.

Ele ficou tão distraído com tudo isso que se esqueceu do real motivo de estar procurando a princesa Selene.

Se ela estivesse viva, seria a herdeira do trono lunar por direito. Poderia acabar com o reinado da rainha Levana.

Poderia salvar todos eles.

CAPÍTULO

Sete

O DR. DMITRI ERLAND SE SENTOU NA BEIRADA DA CAMA DE HOTE

de algodão velha enrolada ao redor dos tornozelos. Toda a sua atenção estava dirigida para a parede que abrigava o tablet velho, cujo som cortava aleatoriamente e cuja imagem gostava de tremer e piscar em momentos inoportunos. Ao contrário da última vez que um representante lunar viera à Terra, dessa vez a chegada estava sendo transmitida internacionalmente. Não estavam escondendo o motivo da visita.

Sua Majestade, a rainha, tinha conseguido o que queria. Ela se tornaria imperatriz.

Embora a própria Levana só fosse chegar mais perto da data da cerimônia, o taumaturgo Aimery Park, como um de seus principais lacaios... er, *conselheiros*, chegaria mais cedo como demonstração de “boa vontade” com as pessoas da Comunidade e do planeta Terra. Isso, e para garantir que todos os planejamentos do casamento estivessem de acordo com as preferências de Sua Majestade, sem dúvida.

A cintilante nave branca com suas runas decorativas tinha pousado na pista do Palácio de Nova Pequim havia quinze minutos, mas ainda não dava sinais de abrir as portas. Um jornalista da União Africana estava enrolando, ao tagarelar ao

fundo sobre detalhes triviais do casamento e da coroação: quantos diamantes a coroa da imperatriz teria, o comprimento do caminho que levaria ao altar, o número esperado de convidados e, é claro, outra menção de que a própria primeira-ministra Kamin tinha sido escolhida para ser a mestre de cerimônia.

Ele estava feliz por uma das consequências desse noivado, pelo menos. Todo esse bafafá desviou a atenção da imprensa da srta. Cinder. Ele torcia para que ela tivesse aproveitado essa feliz distração para ir procurá-lo, e logo, mas isso ainda não tinha acontecido. Ele estava ficando impaciente e bastante preocupado com a garota, mas não havia nada que pudesse fazer além de esperar pacientemente nesse deserto esquecido, continuar sua pesquisa e se preparar para o dia em que todo o seu trabalho fosse finalmente render frutos.

Entediado com a transmissão, o dr. Erland tirou os óculos e passou um momento soprando neles e limpando-os na camisa.

Parecia que os terráqueos logo esqueciam seus preconceitos quando havia um casamento real envolvido, ou talvez só estivessem morrendo de medo de falar abertamente sobre os lunares e sua tirania, ainda mais à sombra da lembrança dos ataques dos híbridos de lobo, tão recentes na memória coletiva. Além disso, desde o anúncio do casamento real, pelo menos dois integrantes da imprensa mundial que declararam que a aliança era um erro real (um administrador de redes de Bucareste-sobre-o-Mar e um editor de noticiário de Buenos Aires) tinham cometido suicídio.

O que o dr. Erland desconfiava ser uma forma diplomática de dizer “assassinado por lunares, mas quem pode provar?”.

Todo mundo estava pensando a mesma coisa, independentemente de dizer ou não. A rainha Levana era assassina e tirana, e esse casamento os arruinaria.

Mas toda a raiva dele sumia perto da percepção de que ele era um hipócrita.

Levana era assassina?

Bem, ele a ajudara a se tornar isso.

Anos se passaram, uma vida inteira, ao que parecia, desde que ele foi um dos principais cientistas na equipe de pesquisa de engenharia genética de Luna. Liderou várias das grandes descobertas, ainda na época em que Channary era rainha, antes de Levana assumir, antes de sua Lua Crescente ser assassinada, antes de a princesa Selene ser levada para a Terra. Ele foi o primeiro a integrar com sucesso a genética de um lobo do Ártico com a de um garoto de dez anos, dando a ele não apenas muitas das habilidades físicas que já tinham aperfeiçoado, mas também os instintos brutais de um animal.

Algumas noites ele ainda sonhava com os uivos daquele garoto na escuridão.

Erland tremeu. Depois de puxar o cobertor sobre as pernas, voltou a atenção para a transmissão.

Finalmente, a porta da espaçonave se levantou. O mundo viu a rampa bater na plataforma.

Uma procissão de nobres lunares saiu da nave primeiro, como um grupo de gansos, trajando sedas vibrantes e chiffons

esvoaçantes e enfeites de cabeça com véus. Isso tinha virado moda durante o reinado da rainha Channary, que, como a irmã, se recusava a revelar seu verdadeiro rosto em público.

Erland se viu chegando mais perto da tela, se perguntando se identificava algum de seus antigos colegas por baixo das capas.

Mas não teve sorte. Anos demais se passaram, e havia uma boa chance de todos os detalhes reveladores que ele decorou serem apenas glamour que criaram. Ele mesmo sempre passou a ilusão de ser bem mais alto quando estava cercado pela narcisista corte lunar.

Os guardas saíram depois, seguidos de cinco taumaturgos de terceiro nível, usando casacos pretos bordados. Todos eram bonitos sem precisar de glamour, como a rainha preferia, embora ele desconfiasse que poucos tinham nascido com aparência tão boa naturalmente. Muitos de seus colegas de Luna tinham negócios paralelos lucrativos que ofereciam cirurgias plásticas, ajustes de melatonina e reconstruções corporais para candidatos a taumaturgos e guardas reais.

Na verdade, ele sempre gostou do boato de que as maçãs do rosto de Sybil Mira eram feitas de canos reciclados.

O taumaturgo Aimery saiu por último, com o jeito tranquilo e arrogante de sempre, vestindo um casaco vermelho que complementava muito bem a pele morena. Ele se aproximou do imperador Kaito, que o aguardava, e de seu grupo de conselheiros e representantes, e todos fizeram uma reverência respeitosa.

O dr. Erland balançou a cabeça. O pobre e jovem imperador Kai. Ele acabou sendo jogado aos leões durante seu breve reinado,

não foi?

Uma batida tímida balançou a porta, fazendo o dr. Erland dar um pulo.

Olha para ele, desperdiçando tempo com procissões lunares e alianças reais que, com sorte, jamais seriam concretizadas. Se ao menos Linh Cinder parasse de perambular entre a Terra e o espaço e começasse a seguir instruções, para variar.

Ele ficou de pé e desligou a tela. Toda essa preocupação acabaria provocando uma úlcera.

No corredor estava um garoto magrelo que não podia ter mais de doze ou treze anos, de cabelo escuro curto e com corte irregular. O short que usava ia abaixo dos joelhos e tinha as barras desfiadas, e os pés com sandálias estavam cobertos da areia fina que encobria tudo nesta cidade.

Ele estava empertigado, como se quisesse passar a impressão de que não se encontrava nem um pouco nervoso.

– Tenho um camelo para vender. Ouvi que você talvez estivesse interessado. – Sua voz tremeu na última palavra.

O dr. Erland baixou os óculos para a ponta do nariz. O garoto era magro, claro, mas não parecia malnutrido. A pele escura parecia saudável, os olhos brilhantes e alertas. Em mais um ano ou dois, Erland desconfiava que ele seria o mais alto entre os dois.

– Uma corcova ou duas? – perguntou ele.

– Duas. – O garoto respirou fundo. – E ele não cospe nunca.

Erland inclinou a cabeça. Tinha que tomar cuidado em contar essa linguagem em código para qualquer pessoa, mas parecia que a notícia se espalhava depressa, mesmo nas cidades oásis

vizinhas. Todos estavam sabendo que o doutor velho e maluco procurava lunares dispostos a ajudá-lo com algumas experiências e que podia pagar pela ajuda.

É claro que o conhecimento que se espalhava de seu status de semicelebridade, junto com anúncios de procurado pela Comunidade, só ajudou. Ele achava que muitas das pessoas que iam bater a sua porta estavam apenas curiosas sobre o lunar que se infiltrou na equipe de um palácio real terráqueo... e que ajudou a verdadeira celebridade, Linh Cinder, a fugir da prisão.

Ele teria preferido o anonimato, mas esse parecia um método eficiente de conseguir novas cobaias, das quais ele precisava se queria copiar o antídoto para a letumose que os cientistas lunares descobriram.

– Entre – disse ele, recuando para dentro do quarto.

Sem esperar para ver se o garoto foi atrás, ele abriu a porta do armário que tinha transformado em minilaboratório. Frascos, tubos de ensaio, placas de Petri, seringas, escâneres, uma variedade de produtos químicos, tudo cuidadosamente rotulado.

– Não posso pagar em univs – disse, pegando um par de luvas de látex. – Só posso fazer troca. Do que você precisa? Comida, água, roupas, ou, se você estiver disposto a esperar pelo pagamento depois de seis amostras consecutivas, posso conseguir transporte de ida para a Europa, sem necessidade de documentação.

Ele abriu uma gaveta e tirou uma agulha do fluido esterilizante.

– E remédios?

Ele olhou para trás. O garoto não tinha nem dado dois passos para dentro do quarto.

– Feche a porta, antes que as moscas entrem – disse ele. O garoto obedeceu, mas sua atenção estava dirigida à agulha. – Por que você quer remédios? Está doente?

– É para meu irmão.

– Também lunar?

O garoto arregalou os olhos. Eles sempre faziam isso quando o dr. Erland dizia a palavra de forma tão casual, mas ele nunca entendeu por quê. Ele só pedia lunares. Só lunares batiam à porta dele.

– Não fique tão assustado – resmungou o dr. Erland. – Você deve saber que também sou lunar.

Ele fez um glamour rápido para provar que era, uma manipulação simples para que o garoto o visse como uma versão mais jovem de si mesmo, mas só por um instante.

Embora andasse mexendo com bioeletricidade mais livremente desde que chegou à África, ele achava que o deixava cada vez mais esgotado. Sua mente não era tão forte quanto costumava ser, e fazia anos que ele não tinha prática consistente.

Mesmo assim, o glamour teve o efeito esperado. A postura do garoto relaxou após ele ter alguma certeza de que o dr. Erland não faria com que ele e sua família fossem enviados para a lua para serem executados.

Mas não chegou mais perto mesmo assim.

– Sim – disse ele. – Meu irmão também é lunar. Mas ele é cascudo.

Então, foram os olhos de Erland que se arregalaram.

Um cascudo.

Isso tinha valor verdadeiro. Embora muitos lunares viessem para a Terra a fim de proteger as crianças sem dom, encontrar essas crianças se mostrou mais difícil do que Erland esperava. Elas se misturavam bem demais com os terráqueos e não tinham o menor desejo de abrir mão desse disfarce. Ele se perguntava se metade deles tinha ao menos noção de quem eram seus ancestrais.

– Quantos anos? – perguntou, colocando a seringa na bancada.

– Eu pagaria o dobro por uma amostra dele.

Com a ansiedade repentina de Erland, o garoto deu um passo para trás.

– Sete – respondeu ele. – Mas está doente.

– De quê? Tenho analgésicos, afinadores de sangue, antibióticos...

– Ele tem a peste, senhor. Você tem remédio para isso?

O dr. Erland franziu a testa.

– Letumose? Não, não. Isso não é possível. Conte os sintomas dele para mim. Vamos descobrir o que ele tem de verdade.

O garoto pareceu irritado por ouvir que estava enganado, mas não sem uma pontada de esperança.

– Ontem à tarde ele começou a ficar com a pele irritada, com hematomas pelos braços, como se tivesse brigado. Mas não brigou. Quando acordou hoje de manhã, estava quente ao toque, mas ficava dizendo que estava morrendo de frio, mesmo nesse

calor. Quando nossa mãe verificou, a pele debaixo das unhas dele tinha ficado azulada, como acontece na peste.

Erland levantou a mão.

– Você disse que ele ficou com manchas ontem, e as unhas já estavam azuis hoje de manhã?

O garoto assentiu.

– Além disso, logo antes de eu vir para cá, todas as manchas estavam inchando, virando bolhas de sangue. – Ele fez uma careta.

Um alarme tocou dentro do doutor enquanto sua mente procurava uma explicação. Os primeiros sintomas pareciam mesmo de letumose, mas ele nunca tinha ouvido que era possível a doença passar pelos quatro estágios tão rápido. E as manchas vermelhas virando bolhas de sangue... ele nunca tinha visto isso antes.

Não queria pensar na possibilidade, mas era uma coisa que vinha esperando que acontecesse havia anos. Uma coisa que achava que ocorreria. Uma coisa que temia.

Se o que o garoto dizia fosse verdade, se o irmão dele estava com letumose, isso poderia significar que a doença sofria mutação.

E se até um lunar tinha sintomas...

Erland pegou o chapéu na mesa e colocou na cabeça calva.

– Me leve até ele.

CAPÍTULO

8ito

CRESS MAL SENTIU A ÁGUA QUENTE BATENDO NA CABEÇA. FORA DO

uma ópera da segunda era tocava em todas as telas. Com a voz poderosa da mulher nos ouvidos, dançando sob o chuveiro incessante, Cress *era* a estrela, a donzela, o centro daquele universo. Ela cantou junto a todo o volume, fazendo pausas só a fim de se preparar para o *crescendo*.

Ela não sabia a tradução completa de cabeça, mas as emoções por trás das palavras estavam claras.

Coração partido. Tragédia. Amor.

Um arrepio cobriu sua pele, contrastando intensamente com o vapor. Ela apertou a mão contra o peito, submersa na água do banho.

Dor. Solidão. *Amor*.

Sempre voltava ao amor. Mais do que liberdade, mais do que aceitação... *amor*. Amor verdadeiro, como cantavam na segunda era. Do tipo que enchia a alma. O tipo que permitia gestos dramáticos e sacrifícios. O tipo irresistível e envolvente.

A voz da mulher cresceu, intensa, com os violinos e violoncelos, um clímax cantado debaixo da água do chuveiro. Cress sustentou a nota o máximo que conseguiu, apreciando a

forma como a música se espalhava por ela, preenchendo-a de poder.

Ela ficou sem fôlego primeiro, tonta de repente. Ofegante, caiu encostada na parede do chuveiro.

O *crescendo* acabou em um final simples, cheio de saudade, na mesma hora em que a água parou. Todos os banhos de Cress eram cronometrados, para garantir que as reservas de água não acabassem antes da próxima visita da mestra Sybil com os suprimentos.

Cress se sentou e abraçou os joelhos. Ao perceber que havia lágrimas em suas bochechas, cobriu o rosto e riu.

Estava sendo ridiculamente melodramática, mas com razão.

Porque aquele era o dia. Ela vinha seguindo a trajetória da Rampion com atenção desde que eles concordaram em salvá-la quase quatorze horas antes, e eles não tinham desviado o curso. A Rampion atravessaria a trajetória do satélite dela em aproximadamente uma hora e quinze minutos terráqueos.

Ela teria liberdade, amizades e um objetivo. E estaria com *ele*.

Na sala ao lado, o solo de ópera recomeçou, baixo, lento e repleto de saudade.

– Obrigada – sussurrou Cress para a plateia imaginária, que estava enlouquecida de tanto aplaudir.

Ela se imaginou erguendo um buquê de rosas vermelhas e cheirando-o, apesar de não fazer a menor ideia de como era o cheiro de uma rosa.

Com esse pensamento, a fantasia se desintegrou.

Suspirando, ela se levantou do chão do banheiro antes que as pontas dos cabelos fossem sugadas pelo ralo.

Seu cabelo pesava muito. Era fácil ignorá-lo quando estava absorta em um solo tão poderoso, mas o peso ameaçava fazê-la tropeçar, e uma dor de cabeça latejante já surgia na base do crânio.

Aquele não era o dia para dores de cabeça.

Ela segurou as pontas do cabelo com uma das mãos, tirando um pouco da pressão da cabeça, e passou alguns minutos torcendo-o, uma parte encharcada de cada vez. Depois de sair do chuveiro, pegou uma toalha, uma coisa cinza e velha que tinha havia anos, gasta até ter buracos nos cantos.

– Volume, abaixar! – gritou para a sala principal.

A ópera sumiu ao fundo. Algumas gotas do chuveiro pingaram no chão.

Cress ouviu um apito.

Puxou o cabelo através de seus punhos novamente, reunindo outro punhado de água e sacudindo-o antes de se enrolar na toalha. O peso do cabelo ainda a incomodava, mas parecia contornável de novo.

Na sala principal, só a tela de comunicação do D-COMM mostrava as imagens do teatro. A cena era um close do rosto de uma mulher, com maquiagem pesada e sobrancelhas pintadas de lápis, uma juba de cabelo ruivo com uma coroa dourada em cima.

A tela do D-COMM tinha uma nova mensagem:

DO USUÁRIO: MECÂNICA. CHEGADA PREVISTA EM 68 MINUTOS.

Cress flutuava de alegria. Estava acontecendo. Eles iam mesmo salvá-la.

Ela largou a toalha no chão e pegou o vestido amassado que usava antes; estava um pouco pequeno e curto demais porque Sybil o levara para Cress quando ela tinha só treze anos, mas estava gasto ao ponto da maciez perfeita. Era o vestido favorito de Cress, não que ela tivesse muitos outros.

Colocou-o pela cabeça e voltou correndo para o banheiro a fim de começar o longo processo de pentear os nós molhados. Queria estar apresentável, afinal.

Não, queria parecer *irresistível*, mas não fazia sentido tentar isso. Não tinha maquiagem, nem joias, nem perfume, nem roupas que coubessem direito, e só o necessário para uma higiene diária básica e essencial. Era pálida como a lua, e seu cabelo secaria cheio de frizz independentemente do quanto o penteasse. Depois de um momento olhando-se no espelho, decidiu trançá-lo, a melhor forma de tentar mantê-lo domado.

Tinha acabado de dividi-lo em três partes atrás da nuca quando ouviu a voz da Pequena Cress.

– Mana?

Cress ficou paralisada. Viu seu olhar arregalado no espelho.

– Sim?

– Nave da mestra detectada. Chegada esperada em vinte e dois segundos.

– Não, não, não, *hoje não* – sussurrou ela.

Soltando as mechas molhadas do cabelo, ela correu para a sala principal. Pela primeira vez, seus pertences não estavam espalhados pelo chão e por toda parte, porque tinham sido arrumados dentro de uma gaveta em cima da cama. Vestidos, meias e roupas íntimas tinham sido dobrados com capricho ao lado de pentes e prendedores de cabelo e dos pacotes de comida que haviam sobrado da última visita de Sybil. Ela até colocara seu travesseiro e cobertor favoritos na cama.

Tudo evidência de que iria fugir.

– Ah, pelas estrelas.

Ela deu um pulo e pegou a gaveta com as mãos, tirando-a da cama. Pegou o cobertor e o travesseiro e jogou-os em cima da cama, depois arrastou a gaveta pesada até a escrivaninha de onde a tinha tirado.

00:14, 00:13, 00:12, cantarolou a Pequena Cress enquanto ela lutava para colocar a gaveta no lugar. Mas não fechava.

Cress se agachou ao lado da gaveta e olhou os trilhos dos dois lados. Precisou ajeitar a gaveta por mais sete segundos até fechá-la. Suor, ou água do cabelo ainda molhado, pingava em seu pescoço.

Ela puxou uma mecha de cabelo que tinha ficado presa na gaveta e ajeitou depressa a cama, da melhor forma que conseguiu.

– A mestra chegou. Está requisitando uma extensão de haste de pouso.

– Estou chegando – respondeu Cress, correndo na direção da tela de rampa de pouso e digitando o código.

Ela se virou para a sala enquanto a haste se esticava das paredes, a nave de Sybil atracava e o oxigênio enchia o espaço.

A cantora de ópera ainda estava lá, e a mestra ficaria irritada pela perda de tempo de Cress, mas pelo menos não era...

Ela ficou sem ar ao pousar os olhos na tela que se destacava do resto, junto com uma única mensagem em luz verde sobre um campo preto:

DO USUÁRIO: MECÂNICA. CHEGADA PREVISTA EM 68 MINUTOS.

Ela ouviu os passos de Sybil se aproximando quando disparou pela sala. Fechou a tela na hora em que a porta do satélite assobiou, anunciando sua abertura.

Com o coração na boca, Cress se virou e sorriu.

Da porta, Sybil olhou nos olhos dela. Já estava com uma expressão de raiva, mas Cress achou que seus olhos se apertaram ainda mais naquele momento entre ver Cress e reparar em seu sorriso radiante.

– Mestra! Que surpresa. Acabei de sair do banho. Estava só... ouvindo... ópera. – Ela tentou engolir, mas a boca tinha ficado seca de repente.

Os olhos de Sybil escureceram e ela observou a sala e as telas transmitindo baixinho a cantora de ópera absorta na música. Sybil fez expressão de desprezo.

– Música *terráquea*.

Cress mordeu o lábio inferior. Ela sabia que havia músicos e peças e todo tipo de entretenimento para a corte lunar, mas

como raramente gravavam Cress não tinha acesso a nada daquilo. Os lunares em geral não gostavam que sua verdadeira aparência fosse transmitida para que toda a galáxia visse. Preferiam apresentações ao vivo, em que podiam alterar a percepção que a plateia tinha de suas habilidades.

– Todas as telas mudas – murmurou ela, tentando parar de tremer.

Após o silêncio, Sybil entrou e deixou que a porta se fechasse atrás de si.

Cress gesticulou para a caixa de metal familiar que Sybil carregava.

– Acho que não estou precisando de nenhum suprimento, mestra. Já está na hora de outra amostra de sangue? – perguntou, sabendo que não estava.

Sybil colocou a caixa na cama e lançou um olhar de desprezo para os cobertores bagunçados.

– Tenho uma nova tarefa para você, Crescente. Acredito que você tenha reparado que uma de nossas fontes principais do palácio de Nova Pequim foi desabilitada semana passada.

Cress se obrigou a fazer uma expressão natural. Controlada e despreocupada.

– Sim, o gravador do escritório do imperador.

– Sua Majestade a considerava uma das fontes mais lucrativas dentre as que havíamos colocado na Terra. Ela quer outra programada e instalada imediatamente. – Ela abriu a caixa e deixou à mostra uma coleção de chips e aparelhos de gravação. –

Como antes, o sinal não pode ser rastreável. Não queremos que atraia a atenção.

Cress assentiu, talvez com entusiasmo demais.

– É claro, mestra. Não vai demorar. Posso terminar até amanhã, tenho certeza. Vai ser disfarçado como luminária, como o anterior?

– Não, arriscamos demais ao fazer lavagem cerebral no zelador da outra vez. Faça de forma que possa ser escondido com mais facilidade. Que possa ser escondido em algum enfeite de parede, talvez. Um dos outros taumaturgos deve, ele mesmo, cuidar da instalação na próxima visita.

A cabeça de Cress ainda estava balançando.

– Sim, sim, claro. Não tem problema.

Sybil fez cara de desprezo. Talvez Cress estivesse sendo agradável demais. Ela parou de assentir, mas era difícil se concentrar com os ponteiros do relógio girando em sua cabeça. Se Cinder e os outros vissem a nave lunar atracada na lateral do satélite, pensariam que Cress os levara a uma armadilha.

Mas a mestra Sybil nunca ficava por muito tempo. Sem dúvida já teria ido embora quando a hora chegasse. Sem dúvida.

– Mais alguma coisa, mestra?

– Você tem alguma coisa a relatar das outras fontes terráqueas?

Cress se esforçou para pensar em qualquer novidade que tivesse ouvido nos últimos dias. Suas habilidades de cyber espionagem iam além de pesquisar e invadir as fontes e bases de dados terráqueos, ou programar equipamento de espionagem

para ser instalado estrategicamente em várias casas e escritórios de funcionários do alto escalão. Era também sua responsabilidade monitorar essas fontes e relatar qualquer coisa interessante para Sybil e Sua Majestade.

Era a parte mais voyeurista do trabalho dela, e ela odiava. Mas pelo menos, se Sybil estava perguntando, significava que ela e a rainha não tiveram tempo de monitorar as fontes pessoalmente.

– Todos estão concentrados no casamento – disse Cress. – Falam muito de planejar viagens e de marcar encontros diplomáticos já que tantos representantes estão juntos em Nova Pequim. – Ela hesitou antes de prosseguir: – Muitos terráqueos estão questionando a decisão do imperador Kaito de entrar na aliança e se isso vai sinalizar de verdade ou não o fim dos ataques. A Federação Europeia fez uma compra grande com um fabricante de armas. Parece que estão se preparando para uma guerra. Eu... Eu poderia obter os detalhes específicos dessa compra se você quiser.

– Não perca seu tempo. Nós sabemos do que eles são capazes. Mais alguma coisa?

Cress consultou sua memória. Pensou em contar para a mestra Sybil que um representante do Reino Unido, um certo sr. Bristol, estava tentando fazer uma declaração política ao rejeitar o convite para o casamento real, mas pensou que a decisão dele ainda poderia mudar. Conhecendo Sua Majestade, ela iria querer usar o homem como exemplo, e Cress não queria pensar no que ela faria a ele. E nem à família dele.

– Não, mestra. Isso é tudo.

– E a ciborgue? Algum progresso?

Ela havia contado a mentira tantas vezes que repeti-la já não exigia esforço algum.

– Me desculpe, mestra. Não descobri nada de novo.

– Você acha, Crescente, que a capacidade dela de não ser detectada é resultado de uma técnica similar à que usamos para esconder nossas naves?

Cress tirou o cabelo úmido do pescoço.

– Talvez. Pelo que soube, ela tem talento como mecânica. Suas habilidades talvez incluam desconfiguração de software.

– Se for esse o caso, *you* seria capaz de detectar?

Cress abriu a boca, mas hesitou. Provavelmente sim, mas dizer isso para Sybil seria um erro. Ela questionaria por que Cress não pensou em fazer isso antes.

– A-Acho que não, mestra, mas vou tentar. Vou ver o que consigo encontrar.

– Veja o que consegue. Estou cansada de inventar desculpas por você.

Cress tentou parecer triste, mas seus dedos formigavam de alívio. Sybil sempre dizia alguma variação dessa frase quando estava se preparando para ir embora.

– É claro, mestra. Obrigada por me trazer esse novo trabalho, mestra.

Um apito soou na sala.

Cress se encolheu, mas tentou imediatamente exibir uma expressão de indiferença. Era só outro apito. Só outro alerta nada

suspeito de um dos hobbies nada suspeitos de Cress. Sybil não tinha motivo para questionar.

Mas a atenção de Sybil tinha se desviado para a tela negra que despertou com o alerta.

Uma nova mensagem tinha aparecido:

*MENSAGEM RECEBIDA DE MECÂNICA: CHEGADA PREVISTA EM 41 MINUTOS.
NECESSÁRIO COORDENADAS FINAIS.*

O satélite balançou debaixo de Cress... mas, não, era seu equilíbrio falhando.

– O que é isso? – disse Sybil, aproximando-se da tela.

– É... é um jogo. Estou jogando com o computador.

Sua voz soou aguda. Seu rosto estava esquentando e só esfriava quando o cabelo úmido encostava na bochecha.

Houve um longo silêncio.

Cress tentou fingir indiferença.

– É só um jogo bobo, de imaginar que o computador é uma pessoa real... Você sabe como minha imaginação pode ser quando fico solitária. Às vezes é bom ter uma pessoa com quem conversar, mesmo que não seja...

Sybil agarrou o queixo de Cress e a empurrou contra uma janela com vista para o planeta azul.

– É ela? – sibilou Sybil. – Você andou mentindo para mim?

Cress não conseguiu falar com a língua pesada de pavor, como se estivesse presa por algum glamour. Mas isso não era magia. Era só uma mulher forte e furiosa o bastante para arrancar os braços

de Cress do próprio corpo, para quebrar seu crânio na quina da mesa.

– É melhor você nem pensar em mentir para mim, Crescente. Há quanto tempo você se comunica com ela?

Seus lábios tremeram.

– D-Desde ontem – disse ela, meio choramingando. – Eu estava tentando ganhar a confiança dela. Achei que, se me aproximasse o bastante, poderia contar para você e...

Um tapa fez o mundo girar, e Cress caiu no chão. Sua bochecha ardia e seu cérebro demorou um momento até parar de balançar dentro do crânio.

– Você esperava que ela viesse *salvar* você – disse Sybil.

– Não. Não, mestra.

– Depois de tudo o que fiz por você. Salvei sua vida quando seus pais queriam que você fosse assassinada.

– Eu sei, mestra. Eu ia trazê-la para você, mestra. Estava tentando ajudar.

– Até dei permissão para você acessar a rede e assistir aos noticiários terráqueos nojentos, e é assim que você me retribui? – Sybil olhou para a tela, onde a mensagem ainda estava sendo exibida. – Mas pelo menos você finalmente fez uma coisa útil.

Cress tremeu. Seu cérebro começou a se enevoar com a necessidade instintiva de correr, de fugir. Ela se levantou, mas tropeçou no cabelo e deu de cara com a porta fechada. Seus dedos procuraram o teclado e digitaram a sequência. A porta se abriu. Ela não esperou para ver a reação de Sybil.

– Fechar porta!

Cress disparou pelo corredor com os pulmões ardendo. Não conseguia respirar. Estava hiperventilando. Tinha que sair.

Outra porta apareceu na sua frente, com uma tranca idêntica ao lado. Ela quase se chocou com a porta.

– Abrir!

A porta se abriu.

Ela cambaleou para a frente e seu abdômen se chocou contra uma grade. Ela grunhiu com a colisão e se segurou antes de cair por cima da grade, direto no cockpit.

Ofegante, observou com olhos arregalados a pequena nave. Luzes e painéis e telas brilhantes cintilavam ao seu redor. As janelas formavam uma parede de vidro que a separava de um mar de estrelas.

E havia um homem.

O cabelo dele era da cor de palha dourada e seu corpo era forte e amplo dentro do uniforme real. Ele talvez pudesse parecer ameaçador, mas, naquele momento, só parecia perplexo.

Ele se levantou do assento do piloto. Eles se olharam enquanto Cress lutava para encontrar as palavras em meio aos pensamentos desgovernados.

Sybil não tinha vindo sozinha. Um piloto a trouxera aqui.

Outro ser humano sabia que Cress existia.

Não... outro lunar sabia que Cress existia.

– Me ajude – tentou sussurrar, ofegando no esforço de formar as palavras. – Por favor. Por favor, me ajude.

Ele fechou a boca. As mãos de Cress tremeram na grade.

– Por favor?

A voz dela falhou.

O homem flexionou os dedos e ela pensou (será que foi só imaginação?) que os olhos dele pareceram ficar mais suaves. Mais solidários.

Ou calculistas.

Ele moveu a mão na direção dos controles. O comando para fechar a porta? Para desatracar a nave do satélite? Para tirá-la daquela prisão?

– Você a matou, por acaso? – perguntou ele.

As palavras pareciam vir de uma língua completamente diferente. Ele as disse sem emoção, como uma simples pergunta. Esperando uma resposta simples.

Matou? Matou?

Antes que ela pudesse formar uma resposta, os olhos do guarda se deslocaram para trás dela.

Sybil segurou um punhado do cabelo de Cress e puxou-a para trás pelo corredor. Cress gritou e caiu no chão.

– Jacin, logo teremos companhia – falou Sybil, ignorando o choro de Cress. – Separe-se deste satélite, mas fique perto o bastante para ter uma boa visão sem atrair desconfiança. Quando uma nave terráquea se aproximar, uma nave de passeio provavelmente será liberada. Espere até que o piloto tenha entrado a bordo deste satélite e ataque-se nele usando a entrada oposta. Vou garantir que a haste já esteja estendida.

Cress tremeu, e palavras sem sentido saíam de sua boca em súplicas inúteis.

A solidariedade e a perplexidade do homem tinham sumido, desaparecido, como se nunca tivessem estado presentes. Talvez nunca tivessem mesmo.

Ele fez que sim com a cabeça. Sem perguntas. Sem intenção de desobedecer.

Embora Cress estivesse chutando e gritando, Sybil arrastou-a de volta à sala principal do satélite e jogou-a no chão como um saco de partes quebradas de androide.

A porta se fechou atrás delas e separou-as da saída, da liberdade, com um estalo familiar.

Ela jamais seria livre. Sybil a mataria, assim como mataria Linh Cinder e Carswell Thorne.

Quando Cress puxou o cabelo emaranhado para trás, um soluço a fez tremer até os ossos.

Sybil estava sorrindo.

– Imagino que eu deva agradecer a você. Linh Cinder virá até mim, e nossa rainha vai ficar tão satisfeita. – Inclinando-se, Sybil segurou o queixo de Cress como se sua mão fosse uma garra. – Infelizmente, acho que você não vai sobreviver o bastante para receber sua recompensa.

CAPÍTULO

Nove

CINDER GEMEU, O IMPACTO DA QUEDA MAIS RECENTE AINDA REVE pela coluna. O teto do compartimento de carga girava e tremia em sua visão.

– Isso foi necessário?

Lobo e Scarlet apareceram acima dela.

– Me desculpe – disse Lobo. – Achei que você estivesse no controle. Você está bem?

– Frustrada e dolorida, mas, sim, estou bem. – Ela se obrigou a aceitar a mão esticada de Lobo. Ele e Scarlet a ajudaram a ficar de pé. – Você está certo. Eu perdi a concentração. Senti sua energia se soltar do meu controle como um elástico. – Isso foi momentos antes de Lobo completar a manobra que ela conseguira segurar por seis segundos inteiros, agarrando o braço dela e jogando-a por cima do ombro. Ela massageou o quadril. – Preciso de um momento.

– Talvez você deva parar por hoje – disse Scarlet. – Estamos quase chegando ao satélite.

Iko se manifestou.

– O tempo estimado de chegada é de nove minutos e trinta e quatro segundos. Em minha estimativa, é tempo suficiente para Cinder ser derrotada e humilhada em mais sete lutas.

Cinder olhou com raiva para o teto.

– Tempo suficiente também para desligar seu mecanismo de áudio.

– Como temos alguns minutos – falou Scarlet –, talvez devêssemos falar sobre como lidar com essa garota. Se ela está presa em um satélite há sete anos, sem ninguém com quem conversar além de uma taumaturga lunar, ela pode ser... socialmente deslocada. Acho que deveríamos todos fazer um esforço adicional para darmos boas-vindas e apoio e... para tentarmos não apavorá-la.

Uma gargalhada soou no cockpit, e Thorne apareceu à porta, prendendo um coldre na cintura.

– Você está pedindo que a fugitiva ciborgue e o animal selvagem sejam um comitê de boas-vindas? Que adorável.

Scarlet colocou as mãos nos quadris.

– Estou dizendo que deveríamos estar cientes do que ela passou e tentar ser sensíveis a isso. Pode não ser uma transição fácil para ela.

Thorne deu de ombros.

– A Rampion vai ser como um hotel cinco estrelas depois de morar em um satélite. Ela vai se ajustar.

– Vou ser legal com ela! – disse Iko. – Posso ajudá-la a fazer compras pela rede, e ela pode me ajudar a escolher meu futuro guarda-roupa de marca. Olhem, encontrei essa loja de acompanhantes com os melhores acessórios e alguns modelos com desconto. O que vocês achariam se eu tivesse cabelo laranja?

A tela na parede se acendeu e mostrou uma lista de andróides acompanhantes à venda. A imagem de um modelo girava lentamente, mostrando as proporções perfeitas da andróide, a pele de pêssego e a postura aprovada pela realeza. Ela tinha íris roxas, cabelo cor de tangerina e uma tatuagem de um carrossel antiquado girando no tornozelo.

Cinder fechou um dos olhos.

– Iko, o que isso tem a ver com a garota do satélite?

– Eu ia chegar nisso. – A tela exibiu um menu e parou em acessórios de cabelo, e dezenas de ícones amontoados mostrando de tudo, desde perucas com dreadlocks até arcos com orelha de gatinho e fivelas cobertas de pedras. – Pense em quanto potencial ela tem com um cabelo daqueles!

– Está vendo? – disse Thorne, cutucando Scarlet no ombro. – Iko e a garota do satélite, prisioneira e socialmente deslocada, vão ser melhores amigas para sempre. O que *me* preocupa é como vamos dividir o dinheiro da recompensa quando isso tudo acabar. Porque esta nave está ficando cheia demais, e não sei se fico feliz com vocês todos se metendo nos meus lucros.

– Que dinheiro da recompensa? – perguntou Scarlet.

– A recompensa que Cinder vai nos pagar com o tesouro lunar quando for rainha.

Cinder revirou os olhos.

– Eu devia ter adivinhado.

– E isso é só o começo. No final desta aventura, o mundo vai nos ver como heróis. Imaginem a fama e a fortuna, as oportunidades de patrocínio, as propostas de marketing, os

direitos de dramatização na rede. Acho que deveríamos discutir a divisão do lucro logo, porque estou considerando uma divisão de 60-10-10-10-10 agora.

– O quarto dez por cento é meu? – perguntou Iko. – Ou é para a garota do satélite? Porque, se for para a garota do satélite, vou entrar em greve.

– Podemos discutir o dinheiro imaginário depois? – disse Cinder.

– Talvez quando houver dinheiro de verdade sobre o qual discutir? – sugeriu Scarlet. – Além do mais, você não tem que preparar a nave de passeio?

– *Oui, mademoiselle.*

Com uma reverência, Thorne pegou uma arma de uma caixa e a colocou no coldre.

Scarlet inclinou a cabeça.

– Tem certeza de que não quer que eu vá? Vai ser necessária uma manobra bastante precisa para se prender à haste de pouso, e pelo que Cinder me falou sobre suas capacidades de voo...

– O que você quer dizer? O que Cinder disse sobre minhas capacidades de voo?

Scarlet e Cinder se olharam.

– Naturalmente, ela me contou que você é um piloto fantástico – disse Scarlet, pegando o moletom vermelho que estava sobre uma caixa. Embora tivesse sido rasgado em Paris, ela o costurou da melhor forma que conseguiu. – O melhor dos melhores.

– Acho que ela estava treinando sarcasmo – comentou Iko.

Thorne fez expressão de irritação, mas Cinder deu de ombros.

– Só estou dizendo que pode não ser um atracamento fácil – prosseguiu Scarlet, enfiando os braços pelas mangas. – Você tem que parar devagar, e só pode sair da nave quando tiver certeza de que o sistema do satélite é compatível e que está bem preso.

– Pode deixar comigo – disse Thorne. Piscando, esticou a mão e deu um beliscão no nariz de Scarlet, ignorando a irritação de Lobo atrás dela. – Mas é fofo de sua parte estar tão preocupada comigo.



A HASTE DE POUSO SE PRENDEU NA SEGUNDA TENTATIVA DE que ele achou ótimo para alguém que nunca havia se atracado a um satélite. Ele torcia para que Scarlet estivesse vendo depois de ter duvidado tão abertamente da capacidade dele. E verificou a firmeza do atracamento antes de colocar a nave em stand-by e soltar o cinto. Pela janela, via a parte curva do satélite e uma das hélices circulares girando preguiçosamente acima, impulsionando o satélite pelo espaço. Ele via apenas a beirada da haste de pouso pela janela da nave, mas pareceu bem presa, e seus instrumentos diziam que os níveis de pressão e oxigênio tornavam a saída da nave segura.

Ele folgou o colarinho da camisa. Não era um homem paranoico por natureza, mas lidar com lunares o deixava mais hesitante do que estava acostumado, mesmo sendo lunares

jovens e meio bonitinhas, que deviam estar loucas depois de anos de solidão.

Thorne destrancou a porta da nave e abriu-a, deixando à mostra dois degraus que levavam a uma rampa com corrimão e, atrás dela, um corredor estreito. Seus ouvidos estalaram com a mudança de pressão. A entrada para o satélite principal ainda estava fechada, mas, quando se aproximou, ouviu um chiado e as portas se abriram, deslizando para dentro das paredes.

Ele reconheceu a sala pela ligação do chip D-COMM: dezenas de telas planas e limpas, alguns armários superiores, uma cama bagunçada com cobertores velhos, uma luz branco-azulada vindo das luzes embutidas. Uma porta à esquerda levava ao que ele supunha ser o banheiro, e, logo em frente, havia uma porta para a segunda haste de pouso.

A garota estava sentada na beirada da cama, com as mãos no colo e o cabelo caindo sobre os ombros e terminando em um amontoado cheio de nós nos tornozelos.

Ela estava sorrindo, com os lábios apertados e uma expressão educada que contrastava com a reação nervosa que tivera durante a conversa anterior.

Mas o sorriso hesitou quando o viu.

– Ah, é você – disse ela, inclinando a cabeça para o lado. – Eu estava esperando a ciborgue.

– Não precisa ficar tão decepcionada. – Thorne colocou as mãos no bolso. – Cinder sabe consertar naves, mas é inútil na hora de pilotar. Serei seu acompanhante hoje. Capitão Carswell Thorne, a seu dispor.

Ele acenou com a cabeça para ela.

Em vez de parecer tonta ou piscar os olhinhos, como era esperado dela, a garota afastou o olhar e se concentrou em uma das telas.

Tossindo, Thorne se balançou nos calcanhares. Ele esperava que uma garota que não tinha quase nenhuma interação humana fosse bem mais fácil de impressionar.

– Está de malas prontas? Não queremos ficar no mesmo lugar por muito tempo.

Ela olhou-o com expressão leve de irritação.

– Não importa – murmurou ela para si mesma. – Jacin e eu iremos buscá-la, então.

Thorne franziu a testa, sentindo uma pontada de arrependimento pelo deboche anterior, mesmo sendo apenas em sua cabeça. E se a solidão de fato a tivesse deixado maluca?

– Jacin?

Ela ficou de pé e seu cabelo se enroscando ao redor dos tornozelos. Ele não conseguira determinar a altura dela antes, mas, ao ver que não podia passar de um metro e meio, ficou bem mais tranquilo. Louca ou não, ela era inofensiva.

Provavelmente.

– Jacin, meu guarda.

– Certo. Bem, por que você não convida seu amigo Jacin para se juntar a nós a fim de podermos ir logo?

– Ah, acho que você não vai muito longe.

Ela deu um passo na direção dele e, naquele movimento, mudou. O cabelo ficou escuro e sedoso como a asa de um corvo.

Os olhos mudaram de azul céu para cinza, a pele clara ficou dourada e o corpo se esticou para cima, deixando-a mais alta e graciosa. Até as roupas mudaram, de um vestido simples e gasto para um casaco branco com mangas compridas.

Thorne não demorou para esconder a surpresa.

Uma taumaturga. Fazia sentido.

Por não ser do tipo que se permite mergulhar em negação, ele aceitou a resignação imediata com um enrijecer de ombros. Era uma armadilha, então. A garota foi a isca, ou talvez fosse parte disso o tempo todo. Engraçado, ele costumava ter instintos melhores nessas situações.

Ele lançou outro olhar pela sala, mas não havia sinal da garota.

Uma coisa estalou na segunda haste de pouso, fazendo o satélite tremer. *Esperança*. Sua tripulação devia ter reparado que alguma coisa estava errada. Deviam ser eles, a bordo da segunda nave.

Ele usou seu sorriso mais treinado e mais encantador e esticou a mão até a arma. Sentiu até uma pontada de orgulho quando a tirou do coldre, antes que seu braço ficasse paralisado sozinho.

Thorne deu de ombros com o ombro livre.

– Você não pode me culpar por tentar.

A taumaturga deu um sorrisinho debochado, e os dedos de Thorne se afrouxaram. A arma caiu no chão.

– *Capitão* Carswell Thorne, é?

– Isso mesmo.

– Infelizmente, você não vai ter direito a esse título por muito tempo. Vou enviar sua Rampion para a rainha.

– Lamento ouvir isso.

– Além do mais, suponho que esteja ciente de que ajudar uma fugitiva como Linh Cinder é crime punível com morte em Luna. Sua sentença será executada imediatamente.

– Eficiência. Respeito isso.

A segunda porta de entrada se abriu atrás dela. Thorne tentou enviar avisos mentais aos companheiros: era uma armadilha! Que se preparassem!

Mas não era Cinder nem Scarlet nem Lobo de pé na segunda entrada, mas um soldado lunar. A esperança de Thorne começou a murchar.

– Jacin, vamos entrar a bordo da Rampion usando a nave deles.

– Aah, *você* é Jacin – disse Thorne. – Achei que ela tivesse inventado.

Eles o ignoraram, mas o soldado estava acostumado com isso.

– Vá cuidar para que esteja pronta para partir assim que eu tiver terminado aqui.

O guarda inclinou a cabeça num gesto respeitoso e foi obedecer à ordem dela.

– Cuidado – avisou Thorne. – Não foi um atracamento fácil. Exigiu manobras muito precisas. Na verdade, você quer que eu solte a nave para você? Só para ter certeza de que vai dar tudo certo?

O guarda olhou-o com arrogância ao passar, seu olhar nada vazio, como aparentara antes. Mas não respondeu ao sair pelo corredor em direção à nave de Thorne.

A taumaturga pegou um cobertor da cama e o jogou para Thorne. Ele o teria pegado por reflexo, mas não foi necessário: suas mãos fizeram todo o trabalho sem ele. Em pouco tempo, viu-se enrolando o cobertor nos pulsos e dando nós complicados, seguido de um puxão final com os dentes para prender bem.

– Espero ansiosamente voltar à Luna a bordo de sua nave e espalhar a boa notícia de que Linh Cinder não é mais ameaça à nossa coroa.

As sobrelanceiras dele tremeram.

– Qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar a causa benevolente de Sua Majestade.

A taumaturga foi até uma tela ao lado da haste e digitou um comando, um código de segurança seguido de uma série complicada de instruções.

– Primeiro, eu considerei desligar os aparelhos vitais e deixar que você e Crescente ficassem tentando respirar enquanto o oxigênio ia acabando. Mas isso poderia demorar demais, e eu detestaria dar a vocês uma oportunidade de se libertarem e pedirem ajuda. Portanto, serei misericordiosa. – Ao terminar, ela ajeitou as mangas compridas. – Pense que tem sorte porque vai ser rápido.

– Eu sempre me considereei sortudo.

O olhar dela ficou duro como aço, e Thorne se viu andando na direção da porta aberta que levava ao banheiro. Quando se aproximou, viu a garota amarrada com um lençol ao redor das mãos, dos joelhos e dos tornozelos, e um pedaço de tecido como mordaça sobre a boca. Restos de lágrimas manchavam seu rosto

inchado. Seu cabelo era um emaranhado cheio de nós no chão ao redor, muitas mechas estavam presas nas amarras.

As entranhas de Thorne deram um nó. Ele tinha certeza de que ela os havia traído, mas o corpo trêmulo e a expressão horrorizada diziam o contrário.

Os joelhos dele cederam, e ele caiu no chão com um gemido. A garota tremeu.

Inspirando intensamente, Thorne olhou com raiva para a taumaturga.

– Isso tudo é necessário? Você está assustando a pobre garota.

– Crescente não tem motivo para ficar aborrecida. Foi a traição dela que nos trouxe a este momento.

– Certo. A garota de um metro e meio, amarrada e amordaçada no banheiro, é sempre a culpada.

– Além do mais – prosseguiu a taumaturga, como se ele não tivesse falado –, estou concedendo a Cress seu maior desejo. Vou mandá-la para a Terra. – Ela ergueu um chip metálico cintilante, idêntico ao D-COMM que Cinder carregava. – Tenho certeza de que Crescente não vai se importar de eu ficar com isso. Afinal, é propriedade de Sua Majestade.

As mangas compridas balançaram enquanto ela saía. Thorne ouviu o barulho dos saltos estalando na haste de pouso, e as portas se fecharam atrás dela. O som do motor da nave estava abafado, mas ele sentiu o sacolejar quando a nave se soltou.

Foi nesse momento que sentiu a primeira pontada de impotência.

Ela levou sua nave.

Aquela bruxa levou sua nave.

Mas a Rampion tinha outra nave. Sua tripulação ainda poderia ir buscá-los. *Iria* buscá-los.

De repente, ele sentiu uma coisa nova, uma força leve, um movimento suave, e a garota choramingou.

A trajetória do satélite tinha sido alterada. A gravidade estava agindo sobre eles, atraindo-os para fora de órbita.

O satélite estava caindo na direção da Terra.

CAPÍTULO

Dez

– ELE ATRACOU – DISSE SCARLET, OBSERVANDO A NAVE DE THORNE

do cockpit. – Não foi tão constrangedor.

Cinder se apoiou na moldura da porta.

– Espero que ele seja rápido. Não temos como saber se a garota está sendo monitorada.

– Você não confia nela? – perguntou Lobo.

– Não confio na pessoa para quem ela trabalha.

– Esperem. Aquilo é outra nave? – Scarlet deu um pulo para a frente e acionou uma busca de radar na tela ao lado. – Nossos aparelhos não estão vendo.

Lobo e Cinder se juntaram atrás dela e olharam para a nave, só um pouco maior do que a de Thorne, que se aproximava do satélite. O coração de Cinder disparou.

– Luna.

– Só pode ser – disse Scarlet. – Se estão bloqueando os sinais...

– Não, olhe. A insígnia.

Lobo falou um palavrão.

– É uma nave real. Provavelmente um taumaturgo.

– Ela nos traiu – murmurou Cinder, balançando a cabeça sem acreditar. – Não acredito.

– Fugimos? – perguntou Scarlet.

– E abandonar Thorne?

Na janela, a nave lunar atracou na segunda haste do satélite. Cinder passou os dedos pelo cabelo, os pensamentos disparados na mente.

– Mande uma mensagem. Estabeleça uma ligação pelo D-COMM. Precisamos saber o que está acontecendo...

– Não – retrucou Lobo. – É possível que não saibam que estamos aqui. Talvez ela não nos tenha traído. Se não captaram nossa nave no radar, ainda há uma chance de não nos terem visto.

– Eles saberiam que a nave de Thorne veio de algum lugar!

– Talvez ele consiga sair – opinou Iko, mas sem o entusiasmo de sempre na voz.

– Contra um taumaturgo? Você viu o quanto isso deu certo em Paris.

– O que fazemos então? – perguntou Scarlet. – Não podemos mandar mensagem, não podemos atracar...

– Devíamos fugir – sugeriu Lobo. – Virão atrás de nós depois.

Os dois olharam para Cinder, e, com um susto, ela percebeu que eles esperavam que assumisse o comando. Mas não era uma decisão simples. Thorne estava lá. Ele caiu direitinho na armadilha, e fora ideia de Cinder. Ela não podia abandoná-lo.

Suas mãos começaram a tremer apertando a cadeira. Cada segundo de indecisão era tempo desperdiçado.

– Cinder. – Scarlet colocou a mão no braço dela. Isso só a fez apertar a cadeira com mais força. – Temos que...

– Fugir. Temos que fugir.

Scarlet assentiu. Ela se virou para os controles.

– Iko, prepare propulsores para...

– Esperem – disse Lobo. – Olhem.

Pela janela do cockpit eles viram uma nave se desconectando do satélite. A nave de Thorne.

– O que está acontecendo? – perguntou Iko.

Cinder sussurrou.

– A nave de Thorne está voltando. Mande uma mensagem.

Scarlet ativou a tela de mensagens.

– Thorne, reporte-se. O que aconteceu lá?

A tela só respondeu com estática.

Cinder mordeu o lábio. Depois de um momento, a estática foi substituída por uma simples mensagem de texto:

CÂMERA DESABILITADA. ESTAMOS DANIFICADOS. ABRIR PORTA.

Cinder releu a mensagem até as palavras se misturarem em sua visão.

– É uma armadilha – disse Lobo.

– Pode não ser – respondeu ela.

– Mas é.

– Não temos certeza! Ele é habilidoso.

– Cinder...

– Ele poderia ter sobrevivido.

– Ou é uma armadilha – murmurou Scarlet.

– Cinder – interrompeu Iko com voz aguda. – O que devo fazer?

Ela engoliu em seco e se levantou da cadeira.

– Abra a porta. Vocês dois, fiquem aqui.

– De jeito nenhum.

Lobo a acompanhou. Ela notou que ele estava em postura de luta, com os ombros quase na altura das orelhas, as mãos fechadas, o passo rápido e determinado.

– Lobo. – Cinder pressionou o punho de titânio contra o esterno dele. – Fique aqui. Se houver um taumaturgo naquela nave, lko e eu somos as únicas que não podem ser controladas.

Scarlet se agarrou ao cotovelo dele.

– Ela está certa. Sua presença poderia causar mais dano do que fazer algo de bom.

Cinder não esperou que Scarlet o convencesse. Já estava na metade da escada que descia para o nível inferior da nave. No corredor, entre a doca de pouso da nave de passeio e a sala de máquinas, ela parou para escutar. Ouviu o fechamento sólido da porta e o sistema bombeando oxigênio para o espaço.

– A doca está fechada – disse lko. – O sistema vital está estável. Entrada segura.

O display da retina de Cinder estava em pânico, como costumava acontecer quando ela estava nervosa ou com medo. Diagnósticos em vermelho surgiram no canto da visão em uma série de avisos: PRESSÃO SANGUÍNEA ALTA DEMAIS; BATIMENTOS CARDÍACOS RÁPIDOS DEMAIS; SISTEMAS MUITO AQUECIDOS, INICIANDO REAÇÃO DE AUTORRESFRIAMENTO.

– lko, o que você vê lá dentro?

– Vejo que precisamos instalar umas câmeras de verdade nesta nave – respondeu ela. – Meus sensores confirmam que a nave atracou. Detecto duas formas de vida dentro, mas não parece que alguém já tenha saído da nave.

Talvez eles estivessem feridos demais para sair da nave.

Ou talvez fosse um taumaturgo que não queria sair da nave, onde ainda havia uma chance de poderem reabrir a porta da doca e fazer com que tudo lá dentro fosse sugado para o espaço.

Cinder abriu a ponta do indicador esquerdo e carregou um dardo. Embora tivesse usado todos os tranquilizantes na luta de Paris, ela havia manufaturado algumas armas, projéteis feitos de pregos soldados.

– Acabamos de receber outra mensagem de texto da nave – disse Iko. – Ela diz “Nos ajudem”.

Tudo dentro da cabeça de Cinder gritava *armadilha. Armadilha. Armadilha.*

Mas se fosse Thorne... se Thorne estivesse dentro daquela nave, ferido ou morrendo...

Ela limpou a mente, esticou a mão e digitou o código de acesso à área de pouso, depois desceu a alavanca manual. O mecanismo de destravamento estalou, e Cinder ergueu a mão esquerda como se fosse uma arma.

A nave de Thorne estava entre a segunda nave e uma parede de fios e maquinários presos ao painel grosso; eram ferramentas para prender e soltar cargas, equipamento de abastecimento, macacos, compressores a ar, bobinas pneumáticas.

Ela se aproximou aos poucos.

– Thorne? – disse, inclinando a cabeça.

Ela viu um amontoado de tecido no assento do piloto, um corpo inclinado.

Tremendo, abriu a porta antes de dar alguns passos para trás e apontar a arma para o corpo. A camisa estava encharcada de sangue.

– Thorne!

Ela baixou e esticou a mão, puxando-o para si.

– O que aconte...?

Uma luz laranja se acendeu no canto de sua visão, o dispositivo óptico biônico lembrando-a de que seus olhos eram uma fraqueza.

Ofegante, ela levantou a mão de novo, na mesma hora em que ele pulou. Uma das mãos envolveu o pulso dela, a outra, o pescoço, com movimentos tão rápidos que fizeram Cinder cair no chão. Por um momento, Thorne estava em cima dela, os olhos azuis surpreendentemente calmos enquanto a prendia no chão.

E então ele se transformou. O olhar ficou frio e cristalino, o cabelo tornou-se mais comprido e mais claro e as roupas se transformaram no uniforme vermelho e cinza da guarda real lunar.

Os instintos dela pareceram reconhecê-lo antes mesmo dos olhos, tremendo com ódio violento. Ele não era um guarda lunar qualquer. Era o guarda que a segurara durante o baile, enquanto Levana a ridicularizava e ameaçava Kai, ameaçava *todo mundo*.

Mas ele não era...?

Uma risada trêmula se espalhou no ar. Cinder apertou os olhos contra a luz intensa quando uma mulher saiu da nave.

Certo. O guarda pessoal da taumaturga-chefe Sybil Mira.

– Eu esperava mais da criminosa mais procurada da galáxia – comentou ela, vendo Cinder pressionar o queixo do guarda com a mão livre, lutando para empurrá-lo. A taumaturga sorriu, parecendo um gato faminto com um brinquedo novo. Estrelas começaram a manchar a visão de Cinder. – Devo matar você aqui ou entregá-la acorrentada para minha rai...

Ela parou e seus olhos cinzentos se desviaram para a porta. Um rugido gutural foi seguido de Lobo se jogando contra a taumaturga e prendendo-a contra a nave.

O guarda afrouxou as mãos, seu rosto indeciso olhando para a mestra. Cinder bateu com o punho no maxilar dele. Sentiu a batida e ele recuou, voltando sua atenção para ela.

Cinder dobrou os joelhos para ganhar apoio e o empurrou para longe. Ficou de pé na mesma hora em que Lobo segurou a taumaturga e a empurrou para trás. Ele encolheu os lábios, deixando as presas implantadas à mostra.

O guarda levou a mão ao coldre, o que chamou a atenção de Cinder. Ele puxou a arma. Cinder ergueu a mão.

Dois disparos soaram em uníssono.

Lobo uivou de dor quando a bala do guarda afundou na sua clavícula.

O guarda grunhiu quando o projétil de Cinder acertou o lado de seu corpo.

Cinder virou-se, procurando mirar no coração da taumaturga, mas Lobo estava entre elas, uma mancha escura de sangue se espalhando na camisa.

O rosto de Sybil estava desfigurado de fúria quando ela colocou a mão no peito de Lobo e rosnou:

– Muito bem. Vamos fazer você lembrar quem realmente é.

Lobo fechou o maxilar. Um rosnado baixo subiu pela garganta dele. Virou-se para Cinder, sua expressão se enchendo de sede de sangue.

– Ah, pelas estrelas – murmurou ela, recuando até encostar na segunda nave.

Ela manteve a mão firme, mas não tinha esperança de acertar Sybil com Lobo no caminho, principalmente porque ele estava sob o controle da taumaturga. Engolindo em seco, ela o procurou com a mente, querendo encontrar as ondas familiares da energia de Lobo, sua assinatura pessoal de bioeletricidade, mas só encontrou uma coisa brutal e selvagem envolvendo-o.

Lobo pulou para cima dela.

Cinder mudou o alvo e procurou o guarda mentalmente. Pareceu natural o meio segundo que precisou para tomar a força de vontade dele e obrigá-lo a agir. Em um piscar de olhos, o guarda entrou entre os dois. Ergueu a arma, mas foi lento demais e Lobo o empurrou para longe, deslizando entre o trem de pouso da nave. A arma bateu na fileira de armários.

Cinder contornou o nariz da nave. Eles fizeram contato visual por cima da nave e Lobo hesitou, os dentes à mostra. Os avisos internos de Cinder surgiam tão rápido que se misturavam,

indicando disparos nos batimentos e um aumento prejudicial de adrenalina. Cinder os ignorou e se concentrou em manter a nave entre ela e Lobo enquanto ele andava de um lado para outro.

Mas, de repente, o corpo dele todo se contraiu. Lobo se virou e correu na direção de Sybil quando outro tiro ecoou pela doca. Lobo se jogou na frente da taumaturga e foi baleado no peito.

Scarlet gritou da porta, segurando uma arma nas mãos trêmulas.

Ofegante, Cinder procurou uma arma, um plano. A taumaturga estava encurralada em um canto com Lobo funcionando de escudo. O guarda lunar estava encolhido debaixo da nave mais próxima, e ela torcia para que ele estivesse inconsciente. Scarlet baixou a arma. A taumaturga não teria dificuldade em controlá-la.

Só que a taumaturga estava com uma expressão de dúvida e de dor no rosto. Uma veia latejava em sua testa enquanto ela se escondia atrás de Lobo.

Cinder percebeu com certo choque que era quase tão difícil para Sybil controlar Lobo quanto para ela, que não era capaz de dominar mais ninguém enquanto estivesse com ele, e, assim que o libertasse, Lobo se viraria contra ela e a batalha estaria acabada.

A não ser que...

A não ser que ela matasse Lobo e o excluísse da equação.

Com o sangue pingando dos dois ferimentos a bala que ele levou, Cinder se perguntou quanto tempo isso demoraria.

– Lobo! – A voz de Scarlet tremeu.

A arma continuava apontada para Sybil, mas Lobo ainda estava entre eles.

Outro disparo fez Cinder pular, e o barulho ricocheteou nas paredes. Sybil deu um grito de dor.

O guarda, que não estava inconsciente, afinal, segurava a arma que tinha caído. E atirou *na taumaturga*.

Sybil resmungou, as narinas se dilatando ao cair de joelhos e a mão apertando a coxa, já coberta de sangue.

O guarda estava ajoelhado, segurando a arma. Cinder não via o rosto dele, mas ele pareceu tenso quando falou:

– Ela está me controlando. O ciborgue...

O detector de mentiras de Cinder piscou desnecessariamente. Ela não estava fazendo isso, embora tivesse pensado nisso antes...

Sybil empurrou Lobo na direção do guarda. A energia no aposento oscilou, com ondas de bioeletricidade fumegando e tremendo ao redor deles. Sybil interrompeu o controle sobre Lobo. O tiro a tinha enfraquecido e ela não conseguia mais controlá-lo.

Lobo tombou em cima do guarda, e os dois caíram no chão. O guarda tentou se segurar sem soltar a arma e empurrando Lobo. Pálido e tremendo, Lobo nem se defendeu. O sangue formava uma poça ao redor dele e deixava o chão escorregadio.

– LOBO!

Scarlet levantou a arma na direção da taumaturga de novo, mas Sybil já tinha se erguido e estava mancando para trás da nave mais próxima.

Cinder se lançou para cima de Lobo, pegou-o debaixo dos braços e puxou-o para longe do guarda. Ele mexeu as pernas e seus calcanhares escorregaram no sangue, mas não ofereceu nenhuma outra ajuda.

O guarda se agachou, ofegante e coberto de sangue, o lado do corpo sangrando pelo disparo de Cinder. Ele ainda estava com a arma.

Quando Cinder olhou para ele, viu a escolha.

Tomar controle do guarda antes de ele levantar a arma e matá-la.

Ou tomar controle de Lobo e dar-lhe a força de que ele precisava para sair do local antes de sangrar até morrer.

O guarda sustentou o olhar dela por um momento, depois se levantou e correu para sua mestra.

Cinder não esperou para ver se ele ia matá-la ou protegê-la.

Apertando os punhos, ela bloqueou tudo ao redor e se concentrou apenas em Lobo e na bioeletricidade que fervia ao redor dele. Estava fraco. Isso não era como tentar controlá-lo nas brigas fingidas. Ela percebeu que sua vontade se misturava facilmente com a dele e, apesar de o corpo dele protestar, o fez contrair os músculos das pernas. Só o bastante para aliviar o peso de cima dela. Só o bastante para ela carregá-lo, mancando, até o corredor.

Ela deixou Lobo encostado na parede. As palmas das mãos estavam grudadas de sangue.

– O que está acontecendo? – perguntou Iko pelos alto-falantes.

– Mantenha seu sensor neste corredor – disse Cinder. – Quando nós três estivermos em segurança fora da área da doca, feche a porta e abra a comporta.

Com gotas de suor pingando nos olhos, ela voltou para a doca. Só precisava pegar Scarlet e deixar que Iko abrisse a comporta. O vácuo do espaço cuidaria do resto.

Ela viu a taumaturga primeiro. Menos de dez passos à frente. Não havia obstáculos.

Com os nervos vibrando de adrenalina, ela levantou a mão e preparou um projétil. Mirou.

Scarlet pulou na frente dela, os braços bem abertos. Sua expressão estava vazia e a mente se encontrava sob o controle da taumaturga.

Cinder quase perdeu toda a sua energia de tanto alívio. Mas, sem hesitar, pegou Scarlet pela cintura com um dos braços e levantou o outro para disparar uma saraivada de projéteis na direção da taumaturga, mais para mantê-la longe do que com esperança de causar algum dano verdadeiro. O último dos pregos soldados bateu na parede de metal quando Cinder cambaleou para trás e caiu no corredor.

Ela notou a luz laranja no visor na mesma hora em que gritou:
– Iko, agora!

Quando a porta do corredor se fechou, ela viu Sybil correndo na direção da nave mais próxima e teve um vislumbre de pés do outro lado da nave.

Os pés do guarda.

Mas...

Mas...

De calça jeans e tênis?

Cinder empurrou o corpo de Scarlet para o lado com um grito.

O glamour sumiu, junto com a luz laranja em sua visão. O moletom vermelho de Scarlet tremeu, transformando-se em um uniforme lunar. O guarda grunhiu e rolou para o lado. Estava sangrando pelo ferimento no lado do corpo.

Ela havia agarrado o *guarda*. Sybil a enganou. O que queria dizer...

– Não... Scarlet! Iko!

Ela se jogou no painel de controle e digitou o código para abrir a porta, mas um erro piscou para ela. Do outro lado, a comporta estava se abrindo. Um grito ecoou pelo corredor, e Cinder quase não percebeu que era dela.

– Cinder! O que está acontecendo? O que...?

– Scarlet está lá... Ela...

Ela fincou as unhas com força na borracha que selava a porta, sem conseguir afastar a imagem de Scarlet sendo sugada para o espaço.

– Cinder, a nave! – disse Iko. – Ela está pegando a nave. Tem duas formas de vida a bordo.

– O quê?

Cinder olhou para o painel. E, como Iko dissera, os escâneres do aposento indicavam que só havia uma nave atracada.

A taumaturga sobrevivera e estava levando Scarlet junto.

CAPÍTULO

Doze

– ELA ESTÁ COM SCARLET – AVISOU CINDER. – RÁPIDO, FECHÉ A C

Vou pegar a outra nave, vou atrás delas...

As palavras sumiram quando seu cérebro se deu conta.

Ela não sabia pilotar uma nave.

Mas poderia aprender. Poderia fazer o download de instruções e poderia... teria que...

– Seu amigo está morrendo.

Ela se virou. Tinha se esquecido do guarda lunar.

Ele estava com a mão pressionando o lado do corpo, onde o projétil de Cinder ainda se encontrava enfiado, mas sua atenção se voltava para Lobo.

Lobo, que estava inconsciente e cercado de sangue.

– Ah, não. Ah, não.

Ela ejetou a faca no dedo e começou a cortar o tecido molhado de sangue ao redor dos ferimentos de Lobo.

– Thorne. Precisamos pegar Thorne. Depois, podemos ir atrás de Scarlet, e eu... eu vou fazer um curativo em Lobo e...

Ela olhou para o guarda.

– Camisa – disse, com firmeza, embora a ordem fosse mais para concentrar seus pensamentos.

Em segundos, as mãos do guarda obedeciam a sua ordem, retiravam o coldre vazio e puxavam a camisa suja de sangue pela cabeça. Ela ficou feliz ao ver uma camiseta de baixo; tinha a sensação de que precisaria de qualquer “atadura” que encontrasse para estancar o sangramento de Lobo. Em algum momento, teriam que levá-lo para a enfermaria, mas ela não tinha como removê-lo nessas condições, especialmente escada acima.

Ela tentou ignorar o pensamento insistente de que isso não seria o bastante. De que nem as ataduras na enfermaria seriam o bastante.

Ela pegou a camisa do guarda e a apertou sobre o peito de Lobo. Pelo menos essa bala não tinha atingido o coração. E esperava que a outra também não tivesse atingido nada vital.

Seus pensamentos estavam confusos, repetindo-se sem parar na cabeça. Eles tinham que ir buscar Thorne. Tinham que ir atrás de Scarlet. Tinham que salvar Lobo.

Ela não podia fazer tudo isso.

Ela não podia fazer nada disso.

– Thorne... – Sua voz falhou. – Onde está Thorne? – Mantendo a mão apertada sobre o ferimento de Lobo, ela esticou a outra para o guarda, pegou-o pelo colarinho e puxou-o em sua direção. – O que você fez com Thorne?

– Seu amigo que entrou no satélite – disse ele, mais uma afirmação do que uma pergunta. Havia lamento na expressão dele, mas não o suficiente. – Ele está morto.

Ela gritou e o jogou contra a parede.

– Você está mentindo!

Ele se encolheu, mas não tentou se proteger, apesar de ela já ter perdido o foco. Não o manteria sob controle com os pensamentos tão divididos, com o caos e o desespero tomando conta da cabeça.

– A mestra Sybil mudou a trajetória do satélite, tirou-o de órbita. Vai pegar fogo ao entrar na atmosfera. Já deve ter acontecido. Não tem nada que você possa fazer.

– Não – disse ela, balançando a cabeça. Seu corpo inteiro estava tremendo. – Ela não sacrificaria sua programadora.

Mas não havia luz laranja delatora em sua visão. Ele não estava mentindo.

O guarda apoiou a cabeça na parede atrás de si enquanto observava Cinder da cabeça aos pés, como se examinando um espécimen estranho.

– Ela sacrificaria qualquer pessoa para chegar a você. A rainha parece acreditar que você é uma ameaça.

Cinder trincou os dentes com tanta força que sentiu que o maxilar quebraria com a pressão. Ali estava, declarado com simplicidade tão evidente.

Era culpa dela. Era tudo culpa dela.

Eles estavam atrás *dela*.

– Sua camiseta – sussurrou.

Ela não se deu ao trabalho de controlá-lo dessa vez, e ele retirou a camiseta de baixo sem discutir. Cinder tirou-a da mão dele e viu a cabeça do projétil na pele logo abaixo das costelas.

Ela afastou o olhar e apertou a camiseta sobre o ferimento nas costas de Lobo.

– Role-o de lado.

– O quê?

– Vire-o de lado. Vai abrir as vias e ajudá-lo a respirar.

Cinder olhou para ele com raiva, mas uma busca de quatro segundos na rede confirmou a veracidade da sugestão, e ela virou Lobo de lado com o máximo de delicadeza que conseguiu, posicionando as pernas como o diagrama médico em seu cérebro demonstrava. O guarda não ajudou, mas assentiu com aprovação quando Cinder terminou.

– Cinder?

Era Iko, com voz baixa e controlada. A nave tinha ficado escura, iluminada só por luzes de emergência e usando sistemas básicos. A ansiedade de Iko estava atrapalhando sua capacidade de agir tanto quanto a de Cinder.

– O que vamos fazer?

Cinder lutou para respirar. Uma dor de cabeça explodiu em seu crânio. O peso de tudo a oprimia tornando tentador demais se encolher em cima do corpo de Lobo e desistir.

Ela não podia ajudá-los. Não podia salvar o mundo. Não podia salvar ninguém.

– Não sei – sussurrou ela. – Não sei.

– Encontrar um lugar para se esconder seria um começo – disse o guarda, rasgando um pedaço do tecido da barra da calça. Ele fez uma cara de dor ao arrancar o projétil do corpo e jogá-lo no corredor, para depois pressionar o tecido em cima do

ferimento. Pela primeira vez, ela reparou que ele ainda estava com o que parecia uma grande faca de caça no cinto. Como ela não respondeu, ele olhou-a com olhos afiados como furadores de gelo. – Talvez um lugar onde seu amigo possa receber ajuda. É uma ideia.

Ela balançou a cabeça.

– Não posso. Acabamos de perder os dois pilotos e não sei pilotar... Não sei...

– Eu sei pilotar.

– Mas Scarlet...

– Veja bem. A taumaturga Mira vai fazer contato com Luna para pedir reforços, e a frota da rainha não está tão longe quanto você talvez pense. Vai ter um exército inteiro atrás de você.

– Mas...

– Mas nada. Você não pode ajudar a outra garota. Considere-a morta. Mas pode ajudar *ele*.

Cinder baixou o queixo e se encolheu enquanto as decisões conflitantes em sua mente ameaçavam desestabilizá-la. A sugestão dele era sensata. Ela reconhecia isso. Mas era tão difícil admitir a derrota. Desistir de Scarlet. Fazer o sacrifício e ter que viver com isso.

Mas, a cada segundo, estava mais próxima de também perder Lobo. Ela olhou para baixo. O rosto de Lobo estava contorcido de dor, a testa coberta de suor.

– Nave – disse o guarda –, calcule nossa localização e trajetória relativa sobre a Terra. Qual é o lugar mais próximo para onde podemos ir? Um lugar não muito populoso.

Houve uma hesitação antes de Iko dizer:

– Eu?

Ele olhou para o teto com olhos apertados.

– É. *Você.*

– Me desculpe, certo. Calculando agora. – As luzes ficaram mais fortes. – Seguindo uma descida natural para a Terra, poderíamos chegar ao centro ou ao norte da África em aproximadamente dezessete minutos. Um raio de mil e quinhentos quilômetros se abre nas regiões mediterrâneas da Europa e na porção oeste da Comunidade das Nações Orientais.

– Ele precisa de um hospital – murmurou Cinder, mesmo sabendo que não havia hospital na Terra que não descobriria que ele era um dos híbridos de lobo da rainha assim que ele desse entrada. E o risco que ela corria ao levá-lo, e o quanto a Rampion seria reconhecível... Para onde eles poderiam ir a fim de encontrar alguma proteção?

Nenhum lugar era seguro.

Embaixo dela, Lobo gemeu. Seu peito tremeu.

Ele precisava de um hospital ou... de um médico.

África. O dr. Erland.

Ela olhou para o guarda e, pela primeira vez, lutou contra a confusão em sua cabeça para se perguntar por que ele estava fazendo isso. Por que não matou todos? Por que os estava ajudando?

– Você serve à rainha – disse ela. – Como posso confiar em você?

Os lábios dele tremeram, como se ela tivesse feito uma piada, mas seus olhos logo endureceram de novo.

– Eu sirvo a minha princesa. E a mais ninguém.

O chão despencou embaixo dela. A princesa. A princesa dele.

Ele sabia.

Ela esperou uma inspiração e uma expiração para que o detector de mentiras reconhecesse a falsidade dele, mas nada aconteceu. Ele estava falando a verdade.

– África – declarou ela. – lko, nos leve para a África, para onde aconteceram os primeiros casos de letumose.

CAPÍTULO

Doze

A QUEDA FORA LENTA NO COMEÇO, GRADUAL, CONFORME A FORÇA satélite era superada pela força da gravidade da Terra.

Thorne puxou a perna da calça e usou o dedão do pé para tirar a bota esquerda. A faca que guardava ali caiu no chão com um estalo e ele a pegou e tentou virar a lâmina com dificuldade para o cobertor que prendia seus pulsos.

A garota murmurou alguma coisa por baixo da mordança e se mexeu na direção dele. As amarras dela estavam bem mais presas e de forma mais elaborada do que as dele. A taumaturga só o fizera amarrar as mãos na frente do corpo, mas a garota estava com as pernas amarradas de cima a baixo, além dos pulsos presos nas costas e a mordança sobre a boca.

Sem posição para pressionar a faca contra suas amarras, ele assentiu para a garota.

– Você consegue se virar?

Ela se deixou cair, virou-se de lado e empurrou com os pés para se ajeitar, de forma a ficar com as mãos na direção dele. Thorne se curvou e cortou o lençol que amarrava com força os braços dela. Quando conseguiu, viu que havia marcas fundas e vermelhas na pele dela.

Ela tirou a mordaca e deixou-a pendurada no pescoço. Uma mecha de cabelo estava presa no nó do tecido.

– Meus pés!

– Você consegue desamarrar minhas mãos?

Ela não disse nada e pegou a faca da mão dele. Suas mãos tremiam quando apontou a lâmina para as amarras ao redor dos seus joelhos, e Thorne pensou que talvez fosse melhor mesmo ela treinar em si primeiro.

Enquanto cortava o lençol, ela parecia uma louca, com a testa franzida de concentração, o cabelo embaraçado, a pele úmida e corada e linhas vermelhas nas bochechas provocadas pela mordaca. Mas a adrenalina a fez trabalhar rápido, e logo ela empurrou o tecido com os pés.

– Minhas mãos – falou Thorne de novo, mas ela já estava se apoiando na pia e se levantando com pernas trêmulas.

– Me desculpe... os procedimentos de entrada! – disse ela, cambaleando para a sala principal.

Thorne pegou a faca e ficou de pé na hora em que o satélite fez uma virada repentina. Ele escorregou e deu uma topada na porta do box. Eles estavam caindo mais rápido conforme a força da gravidade os puxava.

Usando a parede para se equilibrar, Thorne cambaleou para a sala principal. A garota também tinha caído e estava se esforçando para subir na cama.

– Precisamos chegar à outra nave e nos desconectar – disse Thorne. – Você precisa me desamarrar!

Ela balançou a cabeça e se encostou na parede onde havia a menor tela de todas, a tela que a taumaturga tinha mexido antes. Havia fios de cabelo presos no rosto dela.

– Ela deve ter colocado um bloqueio de segurança na nave, e conheço o satélite melhor e... ah, não, não, não! – gritou, com os dedos voando na tela. – Ela mudou as senhas de acesso!

– O que você está fazendo?

– Os procedimentos de entrada... a cobertura ablativa deve aguentar enquanto estivermos passando pela atmosfera, mas, se eu não preparar o paraquedas, o satélite inteiro vai se desintegrar com o impacto!

O satélite balançou de novo, e os dois perderam o equilíbrio. Thorne tombou no colchão, e a faca caiu de sua mão e quicou na beirada da cama, enquanto a garota tropeçava e caía de joelho. As paredes ao redor começaram a tremer com a fricção da atmosfera da Terra. A escuridão que cobria as pequenas janelas foi substituída por uma intensa luz branca. A cobertura exterior estava sendo queimada ao mesmo tempo que protegia os dois do calor da atmosfera.

Diferentemente da Rampion, o satélite tinha sido feito para apenas uma descida na direção da Terra.

– Tudo bem. – Deixando de lado o fato de que estava preso, Thorne passou para o outro lado da cama e puxou a garota, levantando-a. – Faça esse paraquedas funcionar.

Ela ainda estava tonta quando ele girou-a na direção da tela e passou os braços ao redor de Cress, como um casulo protetor. Ela

era ainda mais baixa do que ele tinha percebido; o topo da cabeça não chegava nem à sua clavícula.

Os dedos dela apertaram a tela enquanto Thorne melhorava a postura e firmava os joelhos, preparando-se da melhor forma possível enquanto o satélite sacudia e balançava em volta deles. Ele se inclinou sobre ela, tentando manter o equilíbrio e mantê-la firme enquanto códigos e comandos piscavam e rolavam pela tela. Sua atenção se desviou para a janela mais próxima, ainda branca e ardente. Assim que o satélite entrasse o bastante na atmosfera da Terra, a autogravidade seria desligada e eles estariam tão seguros como um dado no punho de um jogador.

– Entrei! – gritou ela.

Thorne encolheu os dedos do pé descalço sobre o tapete. Ouviu um estrondo atrás de si e ousou olhar. Uma das telas tinha caído da mesa. Ele engoliu em seco. Qualquer coisa que não estivesse aparafusada na parede estava prestes a virar um projétil.

– Quanto tempo vai demorar para...

– Pronto!

Thorne a virou e jogou o peso dos dois na direção do colchão.

– Debaixo da cama!

Ele cambaleou e caiu, arrastando-a junto. Os armários se abriram acima deles, e Thorne se encolheu quando uma chuva de comida enlatada e pratos caiu ao redor dos dois. Ele se manteve sobre a garota e desviou os objetos dela.

– Rápido!

Ela se arrastou, saiu da proteção dos braços dele e se puxou para as sombras. Recuou contra a parede o mais longe que conseguiu, com as mãos empurrando a cama para prender o corpo no lugar.

Thorne chutou o tapete e se segurou no apoio mais próximo a fim de dar impulso para a frente.

O sacolejar parou e foi substituído por uma descida suave e rápida. A luz que vinha das janelas assumiu um tom de azul luminoso. O estômago de Thorne deu um nó, e ele sentiu como se estivesse sendo sugado para um vácuo.

Ele a ouviu gritar. Dor e luz explodiram em sua cabeça, e o mundo ficou preto.



LIVRO

Dois

A bruxa cortou o cabelo dourado dela e a jogou em um grande deserto.



CAPÍTULO

Treze

CRESS NUNCA ACREDITARIA QUE TERIA FORÇA PARA ARRASTAR CARS para baixo da cama e prender o corpo inconsciente dele contra a parede se a prova não estivesse em seus braços. O tempo todo, fios e telas e plugues e pratos e comida caíram e quicaram ao redor deles. As paredes do satélite gemeram, e ela apertou bem os olhos, tentando não imaginar o calor e a fricção derretendo os parafusos e soldas, tentando não adivinhar o quão estável aquele satélite, que nunca fora testado, poderia ser. Tentando não pensar na queda em direção à Terra, com montanhas e oceanos e geleiras e florestas, e no impacto que um satélite jogado do espaço sofreria quando caísse no planeta e se estilhaçasse em bilhões de pedacinhos.

Ela estava se saindo muito mal na tarefa de não imaginar nada disso.

A queda durou uma eternidade, enquanto seu mundinho se desintegrava.

Cress falhara. O paraquedas já deveria ter se aberto. Ela deveria ter sentido o acionamento, sentido o puxão para trás quando ele começasse a amortecer a queda delicada na direção da Terra. Mas a queda só estava acelerando, enquanto o satélite ficava mais quente. Ou ela havia feito alguma coisa errada, ou o

sistema do paraquedas era defeituoso, ou talvez não houvesse paraquedas nenhum e o comando fosse de uma programação falsa. Afinal, Sybil tinha preparado o satélite. É claro que não pretendia que Cress caísse com segurança no planeta azul.

Sybil obtivera sucesso. Eles morreriam.

Cress envolveu o corpo de Carswell Thorne com o seu e afundou o rosto no cabelo dele. Pelo menos, ele estaria inconsciente durante todo o processo. Pelo menos, não precisaria ter medo.

De repente, houve um tremor, uma sensação que não era da queda, e ela ouviu o som forte de cordas de náilon e um sibilar, e ali estava, o puxão repentino que pareceu sugá-los de volta para o céu. Ela deu um grito e agarrou Carswell Thorne com mais força quando seu ombro bateu no estrado da cama.

A queda livre virou uma queda delicada, e o choro desesperado de Cress passou a ser choro de alívio. Ela apertou o corpo inerte de Thorne e chorou e hiperventilou e chorou mais um pouco.

O impacto demorou séculos para chegar, e, quando aconteceu, Cress acabou tombando na cama de novo. O satélite caiu e deslizou, rolou e virou. Eles estavam escorregando em alguma coisa sólida, talvez uma face de colina ou montanha. Cress trincou os dentes para sufocar um grito e tentou proteger Thorne com um braço enquanto os apoiava na parede com o outro. Ela esperara água, pois uma parte tão grande da superfície da Terra era composta de água, não essa coisa sólida em que

caíram. A descida rodopiante acabou parando com um baque que fez as paredes tremerem.

Os pulmões de Cress queimavam com o esforço de inspirar o ar. Todos os músculos doíam pela adrenalina e pelo esforço de se preparar para o impacto, além das quedas que seu corpo sofrera.

Mas, em sua mente, a dor era inexistente.

Eles estavam vivos.

Estavam na Terra e estavam vivos.

Um grito agradecido e chocado saiu de dentro de Cress, e ela abraçou Thorne, chorando com alegria, aninhada no pescoço dele, mas a alegria desapareceu quando ele não retribuiu o abraço. Ela quase tinha se esquecido de vê-lo batendo a cabeça na cama, a forma como o corpo dele fora jogado de um lado para outro, a forma como caiu todo torto no canto e não fez som nem movimento enquanto ela o colocava embaixo da cama.

Ela se afastou dele. Estava coberta de suor, e seu cabelo tinha se emaranhado ao redor dos dois, prendendo-os quase com tanta força quanto os lençóis amarrados de Sybil;

– Carswell? – sussurrou ela.

Era estranho dizer o nome dele em voz alta, como se ela ainda não tivesse conquistado intimidade suficiente. Lambeu os lábios, e sua voz falhou uma segunda vez.

– Sr. Thorne?

Colocou os dedos no pescoço dele. Alívio; os batimentos estavam fortes. Ela não sabia se ele respirava durante a queda, mas, com o mundo silencioso e imóvel, ela ouvia o ar saindo pelos lábios dele.

Talvez ele tivesse sofrido uma concussão. Cress já tinha lido sobre concussões sofridas quando as pessoas batiam a cabeça. Não se lembrava do que acontecia a elas, mas sabia que era ruim.

– Acorde. Por favor. Estamos vivos. Conseguimos.

Ela colocou a palma da mão na bochecha dele e ficou surpresa de encontrar aspereza ali, completamente diferente de seu rosto lisinho.

Pelos faciais. Fazia sentido, mas ela jamais tinha inserido a sensação de barba espetando em suas fantasias. Teria que consertar isso no futuro.

Balançou a cabeça, envergonhada por estar pensando em algo assim quando Carswell Thorne estava ferido bem na frente dela, sem ela poder fazer nada...

Ele tremeu.

Cress levou um susto e tentou proteger-lhe a cabeça para o caso de ele se debater muito.

– Sr. Thorne? Acorde. Estamos bem. Por favor, acorde.

Um gemido baixo e doloroso, e a respiração começou a ficar regular.

Cress tirou o cabelo do rosto. Os fios lutaram contra ela, agarrados à pele molhada de suor. Mechas compridas estavam presas debaixo dos corpos deles.

Ele gemeu de novo.

– C-Carswell?

O cotovelo deu um solavanco, como se ele estivesse tentando levantar a mão, mas os pulsos ainda estavam presos. As pálpebras tremeram.

– O qu... hã?

– Está tudo bem. Estou aqui. Estamos em segurança.

Thorne passou a língua pelos lábios, depois fechou os olhos de novo.

– Thorne – grunhiu ele. – A maioria das pessoas me chama de Thorne. Ou de capitão.

O coração dela ficou mais leve.

– É claro, Tho... capitão. Você está sentindo dor?

Ele se mexeu com desconforto e descobriu que as mãos ainda estavam amarradas.

– Sinto como se meu cérebro fosse vazar pelos ouvidos. Mas, fora isso, estou ótimo.

Cress examinou a nuca dele com os dedos. Não havia umidade, então pelo menos não estava sangrando.

– Você bateu a cabeça com força.

Ele gemeu e tentou tirar as mãos das amarras.

– Espere, tinha aquela faca...

Ela parou de falar e examinou a bagunça e os destroços ao redor.

– Caiu da cama – disse Thorne.

– Sim, eu vi... ali!

Ela viu o cabo da faca preso embaixo de uma tela caída e foi buscá-la, mas seu cabelo estava tão enrolado em si mesma e em Thorne que acabou puxando-a de volta. Ela deu um gritinho e massageou o couro cabeludo.

Ele abriu os olhos de novo e franziu a testa.

– Não me lembro de estarmos amarrados um ao outro antes.

– Me desculpe, meu cabelo prende em tudo às vezes, e... se você pudesse só... aqui, role para cá.

Ela segurou o cotovelo dele e empurrou-o para que ficasse de lado. Com expressão de desdém, ele obedeceu, permitindo-lhe movimentar-se o suficiente para alcançar o cabo da faca.

– Você tem certeza de que acabou... – começou Thorne, mas ela já tinha se inclinado e estava cortando o cobertor. – Ah. Você tem boa memória.

– Hã? – murmurou ela, concentrada na lâmina afiada.

A faca cortou com facilidade, e Thorne suspirou de alívio quando o cobertor caiu. Ele massageou os pulsos e levou a mão à cabeça. Quando os emaranhados do cabelo de Cress tentaram puxá-lo para trás, ele puxou com mais força.

Cress deu um gritinho e caiu sobre o peito de Thorne. Ele não pareceu notar enquanto passava os dedos na parte de trás da cabeça.

– Ai – murmurou ele.

– É – concordou ela.

– Esse galo vai demorar para sair. Aqui, sinta só.

– O quê?

Ele pegou a mão dela e levou até a parte de trás da cabeça.

– Estou com um galo enorme aqui. Não é surpresa eu estar com tanta dor de cabeça.

Ele estava mesmo com um galo impressionante na cabeça, mas Cress só pensava na maciez do cabelo e no fato de que estava praticamente deitada em cima dele. Ela corou.

– É. Certo. Acho que você devia, hã...

Ela não fazia ideia do que ele devia fazer.

Beijá-la, pensou. Não era isso o que as pessoas faziam depois de sobreviverem a experiências emocionantes e quase morrerem juntas? Cress tinha certeza de que não era uma sugestão apropriada, mas, próximos assim, era tudo em que pensava. Ela desejava chegar mais perto, encostar o nariz no tecido da camisa dele e inspirar fundo, mas não queria que ele pensasse que ela era estranha. Nem que adivinhasse a verdade, que esse instante, cheio de ferimentos, no satélite destruído e longe dos amigos dele, era o momento mais perfeito de toda a vida dela.

Ele franziu a testa e puxou uma mecha de cabelo que apertava seu bíceps.

– Precisamos fazer alguma coisa com esse cabelo.

– Certo. Certo!

Cress se afastou, e seu couro cabeludo doeu quando o cabelo ficou preso embaixo dele. Ela começou a desemaranhar os nós com delicadeza, um a um.

– Talvez ajudasse se acendêssemos as luzes.

Ela fez uma pausa.

– As luzes?

– São ativadas por voz? Se o sistema de computador quebrou na queda... Droga, devemos estar no meio da noite. Tem um tablet ou alguma coisa que possamos ligar, pelo menos?

Cress inclinou a cabeça.

– Eu... não estou entendendo.

Por um breve momento, ele pareceu irritado.

– Ajudaria se conseguíssemos *enxergar*.

Os olhos dele estavam abertos, mas ele não enxergava nada mais distante que o ombro de Cress. Então soltou algumas mechas de cabelo que estavam enroladas no pulso e balançou a mão na frente do rosto.

– Essa é a noite mais escura que já vi. Devemos estar em algum ambiente rural... a lua de hoje é nova? – A testa dele se franziu mais, e ela percebeu que ele estava tentando lembrar em que ponto do ciclo lunar a Terra estava. – Não me parece certo. O céu deve estar muito nublado.

– Capitão? Não... está escuro. Estou vendo perfeitamente.

Ele franziu a testa confuso e, depois de um momento, preocupado. Seu maxilar se contraiu.

– Por favor, me diga que está sendo sarcástica.

– Sarcástica? Por que eu faria isso?

Balançando a cabeça, ele apertou bem os olhos. Abriu de novo. Piscou depressa.

Falou um palavrão.

Cress apertou os lábios e ergueu os dedos na frente dele. Balançou de um lado para outro. Não houve reação.

– O que aconteceu? – disse ele. – A última coisa de que me lembro é de tentar entrar debaixo da cama.

– Você bateu a cabeça de lado e eu arrastei você para baixo. Depois, pousamos. Foi meio sacolejante, mas... só isso. Você só bateu a cabeça.

– E isso pode provocar *cegueira*?

– Pode ser algum tipo de trauma no cérebro. Talvez seja só temporário. Talvez... talvez você esteja em choque.

Ele encostou a cabeça no chão. Um silêncio pesado os envolveu.

Cress mordeu o lábio.

Por fim, ele voltou a falar, e sua voz assumiu um tom determinado:

– Precisamos fazer alguma coisa com esse cabelo. Onde foi parar aquela faca?

Antes que pudesse questionar a lógica por trás de dar uma faca para um cego, ela a colocou na palma da mão dele. Thorne esticou a outra mão para trás dela e pegou um punhado de cabelo. O toque provocou um arrepio delicioso na espinha dela.

– Me desculpe, mas cresce de novo – disse ele, sem parecer arrependido.

Ele começou a cortar os nós, um punhado de cada vez. Segurava, cortava, soltava. Cress ficou perfeitamente imóvel. Não por ter medo de ser cortada; a faca estava firme na mão dele, apesar da cegueira, e Thorne manteve a lâmina virada cuidadosamente para longe do pescoço dela. Mas por ser Thorne. Por ser o *capitão Carswell Thorne* passando as mãos pelo cabelo dela, o queixo áspero a centímetros dos lábios dela, a testa franzida de concentração.

Quando ele encostou dedos leves como penas no pescoço dela, procurando mechas que tivesse deixado passar, ela ficou tonta de euforia.

Ele encontrou uma mecha perto da orelha esquerda e cortou.

– Acho que acabei. – Ele colocou a faca debaixo da perna para poder encontrá-la de novo e enfiou as mãos no cabelo curto e

impossivelmente leve, desembaraçando os nós que faltavam. Um sorriso satisfatório se abriu no rosto dele. – Talvez um pouco irregular nas pontas, mas bem melhor.

Cress levou a mão à nuca, impressionada pela sensação da pele nua, ainda úmida de suor, e do cabelo curto com um ondulado sutil que não tinha mais peso. Passou as unhas pelo couro cabeludo, paralisada pelo prazer de uma sensação tão desconhecida. Parecia que dez quilos tinham sido cortados de sua cabeça. A tensão sumia de músculos que ela nem sabia que existiam.

– Obrigada.

– De nada – disse ele, afastando as mechas de cabelo ainda grudadas nele.

– E sinto muito... pela cegueira.

– Não é sua culpa.

– É um pouco minha culpa. Se eu não tivesse pedido que você viesse me salvar e se eu tivesse...

– *Não* é sua culpa – repetiu ele, interrompendo o argumento dela com um tom duro. – Você parece Cinder. Ela sempre se culpa pelas coisas mais idiotas. A guerra é culpa dela. A avó de Scarlet é culpa dela. Aposto que assumiria a responsabilidade pela peste também se pudesse.

Ele pegou a faca e saiu de baixo da cama, empurrando os braços em um círculo amplo para afastar qualquer detrito antes de se elevar até a beirada do colchão. Seu progresso foi lento, como se não confiasse em si mesmo para se mover mais do que alguns centímetros de cada vez. Cress foi atrás e ficou de pé ao

lado dele, empurrando alguns escombros com os dedos dos pés. Uma das mãos permaneceu afundada no cabelo.

– A questão é que aquela bruxa tentou nos matar, mas sobrevivemos – disse Thorne. – E vamos encontrar um jeito de fazer contato com a Rampion, e eles vão nos buscar, e vamos ficar *bem*.

Ele falou como se estivesse tentando convencer a si mesmo, mas Cress não precisava ser convencida. E estava certo. Estavam vivos e juntos, e ficariam bem.

– Só preciso de um momento para pensar – falou Thorne. – Para descobrir o que vamos fazer.

Cress assentiu e se balançou nos calcanhares. Por um longo momento, Thorne pareceu estar mergulhado em pensamentos, com as mãos unidas no colo. Depois de um minuto, Cress percebeu que estavam tremendo.

Por fim, Thorne inclinou a cabeça na direção dela, embora os olhos perdidos estivessem direcionados para a parede. Ele respirou fundo, soltou a respiração e sorriu.

– Vamos recomeçar, e com apresentações apropriadas. Ouvi que seu nome é Crescente?

– Só Cress, por favor.

Thorne esticou a mão na direção dela. Quando ela ofereceu a sua, ele a puxou para perto, inclinou a cabeça e deu um beijo nos dedos. Cress ficou tensa e tonta, e os joelhos ameaçaram ficar moles.

– Capitão Carswell Thorne ao seu serviço.

CAPÍTULO

Quatorze

CINDER SEGUIU O PROGRESSO DA RAMPION NO VISOR DA RETINA

fôlego, quando entraram na atmosfera da Terra sobre o norte da África e seguiram na direção de Farafrah, um pequeno oásis que já tinha sido posto de comércio para caravanas viajando entre as províncias da África central e o mar Mediterrâneo. Caíra na pobreza desde que a peste atacara, uma década antes, motivando as caravanas de comércio a se deslocarem para o leste.

Ela não saiu do lado de Lobo. Cuidou dos ferimentos da melhor forma que pôde, usando as ataduras e pomadas que o guarda jogou da parte superior da nave. Já tinha precisado trocar as ataduras uma vez, e mesmo assim o sangue continuava encharcando-as. O rosto dele estava pálido e grudento, os batimentos ficavam mais fracos, cada respiração era uma luta.

Por favor, por favor, que o dr. Erland esteja aqui.

Até o momento, pelo menos o guarda se mostrou de confiança. Voou direto e rápido, muito rápido, para o alívio de Cinder. Era um risco entrar na órbita da Terra, mas um risco necessário. Ela só esperava que esse oásis fosse o abrigo seguro que o doutor acreditava ser.

– Cinder – disse lko –, o lunar está perguntando onde devemos pousar.

Ela tremeu. Já estava esperando a pergunta. Seria mais seguro e prudente pousar fora da cidade, no deserto implacável. Mas ela jamais conseguiria carregar Lobo, e eles não podiam se dar ao luxo de ser prudentes.

– Diga para ele pousar na rua principal. No mapa, parece que só tem uma espécie de praça da cidade. E diga para não se preocupar em ser furtivo.

Se eles não podiam se esconder, então ela atrairia o máximo de atenção possível. Talvez, se eles fizessem um show, isso fizesse o dr. Erland sair de onde quer que estivesse escondido. Ela torcia para que os civis ficassem tão distraídos pela ousadia deles que não se dariam ao trabalho de alertar a polícia até ser tarde demais.

Não era um bom plano, mas não havia tempo para pensar em nada melhor.

A nave desceu. Normalmente, essa era a parte tranquila do pouso, quando a força do motor era trocada por levitação magnética, mas parecia que o guarda estava pretendendo fazer tudo manualmente.

Talvez a cidade fosse tão rural que não tivesse ruas magnéticas.

Por fim, a nave estalou com o impacto. Apesar de ser um pouso delicado, o choque ainda fez Cinder dar um pulo. Lobo gemeu.

Cinder se inclinou e aninhou o rosto dele em suas mãos.

– Lobo, vou buscar ajuda. Só fique conosco, tá? Agente firme.

Ela ficou de pé e digitou o código da doca das naves de passeio.

A doca era uma visão e tanto: tinha sangue e destruição por toda parte. Mas ela passou pela nave que sobrou e tentou afastar tudo dos pensamentos.

– lko, abrir porta.

Assim que a porta se abriu o bastante para Cinder conseguir passar, ela se agachou na beirada e pulou na rua.

Uma nuvem de poeira rodopiou ao seu redor quando os pés bateram no chão duro e seco. Os prédios à volta eram estruturas de um único andar feitas de pedra ou barro ou grandes tijolos bege. Algumas janelas tinham sido pintadas de azul ou rosa e desenhos enfeitavam as portas, mas as cores estavam desbotadas pelo sol e arranhadas pela areia impiedosa. A rua descia na direção de um lago de oásis algumas quadras à direita de Cinder, com os dois lados cheios de palmeiras vibrantes; eram árvores que pareciam vivas demais para uma cidade tomada de deserção. Algumas quadras à esquerda havia um muro de pedra com mais árvores e, depois dele, platôs avermelhados que desapareciam na névoa de areia.

Pessoas saíam das construções e de esquinas, civis de todas as idades, a maioria usando shorts e camisas leves para combater o calor do deserto, embora alguns poucos usassem túnicas mais fechadas para afastar o sol ardente. Muitos cobriam a boca e o nariz. Primeiro, Cinder pensou que estivessem se protegendo da peste, mas então percebeu que só estavam irritados pelo tanto de poeira que o pouso da nave levantara. A nuvem já se afastava na direção de uma das ruas laterais.

Cinder os observou em busca de um rosto enrugado e um boné cinza familiar. O dr. Erland era mais claro do que a maioria dos habitantes, embora os tons de pele variassem dos marrons mais escuros a bronzeados cor de mel. Mesmo assim, ela desconfiava que um homenzinho velho com olhos azuis intensos teria atraído um pouco de atenção nas últimas semanas.

Ela abriu as mãos para mostrar que não tinha armas e deu um passo na direção das pessoas. Sua mão ciborgue estava à vista, e os habitantes da cidade perceberam. Estavam todos olhando abertamente, embora ninguém tenha se afastado quando ela se aproximou.

– Me desculpem pela poeira – disse ela, indicando a nuvem. – Mas isso é uma emergência. Preciso encontrar uma pessoa. Um homem. É dessa altura, velho, usa óculos e chapéu. Algum de vocês...?

– Eu a vi primeiro! – gritou uma garota.

Ela saiu correndo do meio das pessoas, com os chinelos batendo na poeira, e agarrou o braço de Cinder. Assustada, Cinder tentou se soltar, mas a garota segurou com firmeza.

Logo havia dois garotos, com no máximo nove ou dez anos, saindo da multidão e discutindo sobre quem viu a nave surgir no céu, quem a viu pousar, quem viu a porta se abrir e quem viu a ciborgue primeiro.

– Afastem-se da srta. Linh, seus abutrezinhos gananciosos.

Cinder se virou.

O dr. Erland estava caminhando depressa na direção deles, embora ela quase não o tivesse reconhecido. Estava descalço e

sem chapéu e usava um short cáqui e uma camisa listrada meio torta, como se tivesse errado uma casa de botão e o resto estivesse todo errado. O cabelo grisalho se eriçava por trás da careca como se ele tivesse acabado de ser eletrocutado.

Nada disso importava. Ela o tinha encontrado.

– Acho que vocês todos podem *compartilhar* o prêmio por terem encontrado a moça, embora o acordo fosse levá-la a mim, não me fazer vir até aqui nesse calor de núcleo do sol.

Ele tirou um saco de jujubas do bolso e balançou sobre a cabeça das crianças, obrigando-as a *prometer dividir* antes de entregar. Elas agarraram o doce e saíram correndo e gritando.

O resto das pessoas ficou onde estava.

O dr. Erland colocou as mãos nos quadris e olhou com irritação para Cinder.

– Você tem *muita* coisa a explicar. Por acaso sabe há quanto tempo eu espero você, vendo o...

– Preciso da sua ajuda! – disse ela, cambaleando na direção dele. – Meu amigo... ele está morrendo... precisa de um médico... não sei o que fazer.

Ele olhou com irritação, mas uma coisa chamou a sua atenção atrás de Cinder. O guarda lunar surgiu na porta da nave, sem camisa e coberto de sangue e fazendo esforço para sustentar o corpo de Lobo.

– O que... ele...

– É um guarda lunar – contou Cinder. – E Lobo é um dos soldados dela. É uma longa história e vou explicar tudo depois,

mas você pode ajudá-lo? Ele levou dois tiros, perdeu muito sangue...

O dr. Erland ergueu uma sobrancelha. Cinder percebeu que ele não estava animado pelo tipo de companhia que ela trazia.

– *Por favor.*

Ele resmungou, fez sinal para alguns dos observadores e chamou alguns nomes. Três homens se adiantaram.

– Levem-no para o hotel – disse ele. – *Delicadamente.* – Com um suspiro, começou a ajeitar os botões da camisa. – Siga-me, srta. Linh. Você pode me ajudar a preparar os instrumentos.

CAPÍTULO

Quinze

– **IMAGINO QUE SEJA DEMAIS TORCER PARA QUE TENHAMOS CAÍDO** algum tipo de civilização – disse Thorne, inclinando a cabeça para o lado.

Cress andou pelos destroços até a janela mais próxima.

– Não sei se queremos estar perto da civilização. Você é um criminoso procurado em três países terráqueos e um dos homens mais reconhecíveis do planeta.

– Estou bem famoso, não estou? – Sorrindo, ele balançou a mão para ela. – Acho que não importa o que queremos. O que você vê lá fora?

Na ponta dos pés, Cress espiou a claridade. Conforme seus olhos foram se ajustando à luz, eles foram se arregalando, tentando absorver tudo.

Imediatamente, ela se deu conta. Estava na Terra. *Na Terra.*

Já tinha visto fotos, claro. Milhares e milhares de fotos e vídeos, de cidades e lagos e florestas e montanhas, de todas as paisagens imagináveis. Mas nunca tinha pensado que o céu podia ser tão impossivelmente azul, nem que a terra podia ter tantos tons de dourado, nem que pudesse brilhar como um mar de diamantes, nem pudesse ondular e inchar como uma criatura viva.

Por um momento, a realidade de tudo invadiu seu corpo e transbordou.

– Cress?

– É lindo lá fora.

Um momento de hesitação.

– Você poderia ser mais específica?

– O céu é de um azul lindo e intenso.

Ela encostou os dedos no vidro e acompanhou as colinas onduladas no horizonte.

– Ah, que ótimo. Você explicou muito bem.

– Me desculpe, é que... – Ela tentou sufocar a onda de emoção.

– Acho que estamos em um deserto.

– Com cactos e bolas de palha rolando?

– Não. Só um monte de areia. É meio que laranja-dourado, com pontinhos cor-de-rosa, e consigo ver pequenas nuvens de areia flutuando acima do chão, como... como fumaça.

– Empilhada em um monte de morros?

– Sim, exatamente! E é *lindo*.

Thorne riu com deboche.

– Se é isso que você acha do deserto, mal posso esperar para você ver a primeira árvore de verdade. Sua mente vai explodir.

Ela sorriu para o mundo. *Árvores*.

– Isso explica o calor, então – falou Thorne. Cress, com seu vestido fino de algodão, não tinha reparado, mas a temperatura parecia mesmo estar aumentando. Os controles deviam ter se reiniciado na queda ou talvez quebrado. – Um deserto não teria

sido minha primeira escolha. Você está vendo alguma coisa útil? Palmeiras? Lagos? Um par de camelos passeando?

Ela olhou de novo e reparou em um desenho ondulado marcado na paisagem, repetido infinitamente.

– Não. Não tem mais nada.

– Tudo bem, preciso que você faça o seguinte. – Thorne foi contando com os dedos. – Primeiro, encontre um jeito de fazer contato com a Rampion. Quanto mais rápido pudermos voltar para minha nave, melhor. Segundo, vamos ver se conseguimos abrir aquela porta. Vamos cozinhar aqui dentro se a temperatura continuar subindo assim.

Cress observou a confusão de telas e fios no chão.

– Nunca foi instalada comunicação externa no satélite. A única chance que tínhamos de fazer contato com sua tripulação era o chip D-COMM que Sybil levou. E, mesmo que tivéssemos um jeito de fazer contato, não conseguiríamos dar coordenadas exatas a não ser que o sistema de posicionamento do satélite esteja funcionando, e mesmo assim...

Thorne levantou a mão.

– Uma coisa de cada vez. Precisamos avisar que não estamos mortos e ver se eles estão bem. Acho que são capazes de lidar com dois lunares malditos, mas eu ficaria mais calmo se tivesse certeza. – Ele deu de ombros. – Quando eles souberem que devem nos procurar, talvez Cinder arrume um detector de metais gigantesco, sei lá.

Cress observou o satélite destruído.

– Não sei se dá para salvar alguma coisa. As telas estão todas destruídas, e, a julgar pela perda de controle de temperatura, o gerador está... ah, não. *Pequena Cress!* – Ela gritou e foi chutando coisas até chegar à placa de dados principal que abrigava seu eu mais novo. Estava caída de lado, com pedaços de fios e plástico pendurados em volta. – Ah, Pequena Cress...

– Hum, quem é Pequena Cress?

Ela fungou.

– Eu. Quando tinha dez anos. Ela morava no computador e me fazia companhia, mas agora está morta. – Ela apertou a placa contra o peito. – Pobre e doce Pequena Cress.

Depois de um longo silêncio, Thorne limpou a garganta.

– Scarlet me avisou sobre isso. Precisamos enterrar a Pequena Cress antes de irmos em frente? Quer que eu diga algumas palavras para ela?

Cress olhou-o e, apesar de encontrar uma expressão solidária, achou que ele devia estar debochando dela.

– Não sou maluca. Sei que ela era só um computador. É que... eu mesma a programei, e ela era a única amiga que eu tinha. Só isso.

– Ei, não estou julgando você. Estou familiarizado com relacionamentos TI. Espere só até conhecer nossa espaçonave. Ela é demais. – A expressão dele ficou pensativa. – Falando em espaçonaves, e aquela outra nave, aquela com a qual o guarda atracou?

– Ah, eu tinha me esquecido disso!

Ela colocou a placa atrás da mesa caída e tropeçou até chegar à outra entrada. O satélite estava torto, e a segunda entrada estava perto da parte mais baixa de inclinação, e ela precisou tirar incontáveis pedaços de plástico e equipamento quebrado até chegar à tela de controle. A tela em si estava quebrada, ela não conseguiu nem fazê-la piscar, então abriu o painel que guardava os comandos manuais para desabilitar as trancas. Uma série de mecanismos e alavancas tinha sido colocada na parede acima da porta, e, apesar de Cress saber onde estava havia anos, nunca tinha pensado muito nisso.

Os mecanismos estavam emperrados depois de anos de negligência, e ela precisou usar toda a força para puxar a alavanca, apoiando um dos pés na parede para pegar impulso. A alavanca finalmente estalou e a porta se abriu um pouquinho.

Ao ouvir o esforço dela, Thorne se levantou e andou até lá, chutando com cuidado os destroços no caminho. Ele manteve as mãos esticadas até esbarrar nela e juntos eles puxaram a porta.

O compartimento de pouso estava pior do que o satélite. Uma parede quase inteira tinha sido afetada, e pilhas de areia já começavam a entrar pelas rachaduras. Fios e hastes pendiam de painéis quebrados nas paredes, e Cress sentia cheiro de fumaça e o aroma acre de plástico queimado. A nave foi jogada no corredor e amassou a extremidade do compartimento como um acordeão. A haste de pouso entrou no painel de controle do cockpit da nave, enchendo o vidro de rachaduras.

– Me diga que a aparência está melhor do que o cheiro – disse Thorne, segurando-se na moldura da porta.

– Não exatamente. A nave está destruída, e parece que todos os instrumentos também.

Cress desceu, segurando-se na parede para manter o equilíbrio. Experimentou alguns botões para trazer a nave de volta à vida, mas foi inútil.

– Tudo bem. Próximo plano. – Thorne esfregou os olhos. – Não temos como fazer contato com a Rampion, e eles não têm como saber que estamos vivos. Não vai nos ajudar muito ficar aqui e esperar que alguém passe. Vamos ter que tentar encontrar algum tipo de civilização.

Ela envolveu o próprio corpo com os braços, uma mistura de nervosismo e euforia invadindo as entranhas. Estava prestes a sair do satélite.

– Acho que o sol está se ponto – disse ela. – Então pelo menos não vamos caminhar no calor.

Thorne franziu os lábios enquanto pensava.

– Nesta época do ano, as noites não devem ser frias demais, independentemente do hemisfério em que pousamos. Precisamos reunir todos os suprimentos que pudermos carregar. Você tem mais algum cobertor? E é melhor colocar um casaco.

Cress passou as mãos pelo vestido fino.

– Não tenho casaco. Nunca precisei.

Thorne suspirou.

– Faz sentido.

– Mas tenho outro vestido que não está tão gasto quanto este.

– Uma calça seria melhor.

Ela olhou para as pernas nuas. Nunca tinha colocado uma calça.

– Esses vestidos são tudo o que Sybil trouxe para mim. Eu... também não tenho sapatos.

– Não tem sapatos? – Thorne massageou a testa. – Tudo bem. Passei por treinamento de sobrevivência quando era militar. Posso resolver isso.

– Mas tenho algumas garrafas que podemos encher de água. E vários kits de alimento.

– É um começo. Água é nossa prioridade. A desidratação vai ser uma ameaça bem maior do que a fome. Você tem alguma toalha?

– Duas.

– Ótimo. Pegue as duas e alguma coisa que possamos usar como corda. – Ele levantou o pé esquerdo. – E, já que estamos falando nisso, você tem alguma ideia de onde foi parar minha bota?



– TEM CERTEZA DE QUE NÃO QUER QUE EU FAÇA ISSO?

Thorne fez expressão de desdém e dirigiu o olhar para a área do joelho dela.

– Posso estar temporariamente cego, mas não sou incapaz. Ainda sei dar bons nós.

Cress coçou a orelha e sufocou mais um comentário. Estava sentada na beirada da cama, trançando uma mecha cortada de cabelo para usar como corda enquanto Thorne estava ajoelhado na frente dela. O rosto dele franzia de concentração enquanto envolvia o pé dela com uma toalha, depois passou a “corda” ao redor do tornozelo e no peito do pé algumas vezes antes de prender com um nó elaborado.

– Queremos que fique bem apertado. Se o tecido ficar frouxo demais, vai haver fricção e você vai ter bolhas. Como está?

Ela mexeu os dedos.

– Bom – disse ela, e esperou até Thorne terminar o outro pé para ajeitar as dobras do tecido sem ele perceber para que ficasse mais confortável.

Quando ela ficou de pé, a sensação foi estranha, como a de andar sobre travesseiros cheios de caroços, mas Thorne parecia pensar que ela ficaria grata pelos sapatos improvisados quando estivessem no deserto.

Juntos, eles fizeram uma trouxa usando um dos cobertores e encheram de água, comida, lençóis e um pequeno kit de primeiros socorros do qual Cress raramente precisava. A faca estava guardada na bota de Thorne, e eles desmontaram parte da cabeceira da cama para ele usar como bengala. Os dois beberam o máximo de água que aguentaram, e depois que Cress deu uma última olhada no satélite e não conseguiu pensar em mais nada que valesse a pena levar, pisou na doca e puxou a alavanca de destrancamento manual. Com um estalo, os mecanismos internos da porta se soltaram. A parte hidráulica assoviou. Uma

abertura surgiu no meio da porta dupla de metal, permitindo que Thorne enfiasse os dedos e empurrasse um dos lados para dentro da parede.

Uma brisa de ar seco soprou para dentro do satélite, um aroma o qual Cress não tem com o que comparar. Não era nada como o satélite nem as máquinas nem o perfume de Sybil.

Terra, ela supôs, memorizando o aroma. *Ou deserto*.

Thorne colocou a trouxa improvisada sobre o ombro. Depois de chutar alguns destroços do caminho, esticou a mão para Cress.

– Vá na frente.

A mão dele envolveu a dela, e ela queria saborear o momento, a sensação de toque e calor e esse cheiro perfeito de liberdade, mas Thorne a estava cutucando antes de o momento ser absorvido.

No final da área de atracamento havia uma grade e dois degraus que levavam para o local onde uma nave normalmente se acoplava, mas só havia areia, tingida de lilás com a aproximação das sombras da noite. Já tinha começado a chegar ao segundo degrau quando Cress teve uma visão do satélite sendo lentamente enterrado pela areia e desaparecendo para sempre no deserto.

Ela olhou para fora, para além da grade e das dunas, na direção do horizonte. O céu estava com um tom violeta, e, mais acima, havia azul e preto e estrelas. As mesmas estrelas que ela conhecera a vida toda, mas espalhadas como um cobertor acima

dela. Havia um céu inteiro e um mundo inteiro prontos para envolvê-la.

Sua cabeça girou. Tonta de repente, Cress cambaleou para trás e colidiu com Thorne.

– O quê? O que foi?

Ela tentou engolir o pânico que surgia, a sensação de que sua existência era tão pequena e tão importante quanto a do menor grão de poeira que batia em suas canelas. Havia um mundo inteiro, um planeta inteiro. E ela estava presa em algum lugar no meio dele, longe de tudo. Não havia paredes, nem limites, nada atrás do que se esconder. Um tremor percorreu seu corpo e arrepios surgiram em seus braços nus.

– Cress. O que aconteceu? O que você está vendo?

Os dedos de Thorne apertaram os braços dela, e ela percebeu que ele estava tremendo.

Ela gaguejou duas vezes antes de expressar o pensamento.

– É... é tão grande.

– O que é tão grande?

– Tudo. A Terra. O céu. Não parecia tão grande do espaço.

Seu coração pulsava como um tambor, trovejando por todas as artérias. Ela nem inspirava direito e precisou cobrir o rosto e se virar para poder conseguir respirar de novo. Mesmo assim, a sensação foi dolorosa.

De repente, ela estava chorando, sem nem saber de onde tinham vindo as lágrimas.

As mãos de Thorne encontraram seus cotovelos, delicadas e gentis. Houve um momento em que ela esperou ser tomada nos

braços dele, apertada e calorosamente contra o peito, em segurança. Ela desejava isso.

Mas ele só a sacudiu, e com força.

– Pare!

Cress soluçou.

– Qual é a principal causa de morte no deserto?

Ela piscou, e outra lágrima quente escorreu pela bochecha.

– O q-quê?

– A causa número um de mortes. Qual é?

– De-desidratação? – disse ela, lembrando-se da palestra de sobrevivência básica que ele lhe dera enquanto enchia as garrafas de água.

– E chorar faz o quê?

Ela demorou um momento.

– Desidrata?

– Exatamente. – Ele relaxou o aperto. – Não tem problema estar com medo. Entendo que até agora a maior parte de sua existência foi confinada a duzentos metros quadrados. Na verdade, até agora você se mostrou mais sã do que eu esperava.

Ela fungou, sem saber se ele a tinha elogiado ou insultado.

– Mas preciso que você se controle. Você pode ter reparado que não estou em plena forma agora, e preciso que você esteja alerta e observe tudo e nos ajude a encontrar um jeito de sair disso, porque senão... Não sei você, mas eu não gosto da ideia de ficar preso aqui e ser comido vivo por gaviões. Então posso contar com você para se controlar? Por nós dois?

– Sim – sussurrou ela, embora seu peito estivesse prestes a explodir com tantas dúvidas amontoadas nele.

Thorne apertou os olhos, e ela achou que ele não estava acreditando nela.

– Não estou convencido de que você esteja entendendo bem a situação aqui, Cress. Vamos ser comidos. Vivos. Por gaviões. Você consegue visualizar isso por um segundo?

– S-Sim. Gaviões. Entendi.

– Que bom. Porque eu *preciso* de você. E essas não são palavras que eu digo todo dia. Você vai ficar bem?

– Vou. Só me dê... Eu só preciso de um momento.

Ela respirou mais fundo e fechou os olhos e procurou uma fantasia, qualquer fantasia...

– Sou uma exploradora – sussurrou ela – partindo com coragem para o desconhecido. – Não era uma fantasia que tivesse pensado antes, mas ela sentiu o consolo familiar da imaginação envolvendo-a. Ela era arqueóloga, cientista, caçadora de tesouros. Era mestra da terra e do mar. – Minha vida é uma aventura – declarou, ficando mais confiante ao abrir os olhos. – Não vou mais ficar presa a esse satélite.

Thorne inclinou a cabeça para o lado. Esperou três segundos antes de colocar a mão na dela.

– Não faço ideia do que você está falando – disse ele. – Mas vamos em frente.

CAPÍTULO

Dezesseis

THORNE PASSOU A BENGALA IMPROVISADA PARA O LADO OPOSTO poder segurar o cotovelo de Cress quando eles pisaram na areia. Ela manteve a cabeça baixa e calculava com cuidado cada passo, mas também estava com medo de que, se olhasse para cima, para o céu, suas pernas fossem congelar e ela jamais conseguisse fazê-las se mover de novo.

Quando chegaram a uma distância segura do satélite, Cress ergueu o olhar com hesitação. À frente estava a mesma paisagem eterna, com o céu ficando mais escuro.

Ela olhou para trás, para o satélite, e levou um susto.

A mão de Thorne apertou seu cotovelo.

– Há montanhas – disse ela, olhando para os picos irregulares no horizonte.

Ele apertou os olhos.

– Montanhas ou morros glorificados?

Ela refletiu sobre a pergunta e comparou o local à frente com as fotos de cadeias de montanhas que tinha visto nas telas. Dezenas de picos de alturas variadas desapareciam na escuridão da noite.

– Eu acho... que são montanhas de verdade – disse ela. – Mas está escurecendo, e não consigo ver nada branco no topo. As

montanhas sempre têm neve?

– Nem sempre. Estão muito longe?

– Hum...

Elas pareciam perto, mas as subidas e as dunas de areia entre eles poderiam enganar, e ela nunca precisara avaliar distâncias antes.

– Deixa pra lá. – Thorne bateu com a bengala no chão. As entranhas de Cress tremeram quando ele não soltou o braço dela, embora talvez ele gostasse da sensação de ligação entre os dois tanto quanto ela. – Em que direção estão?

Ela pegou a mão dele e apontou. Seu coração batia erratically, e Cress se sentiu presa entre a exultação e o pavor. Mesmo de longe, via que as montanhas eram enormes, feras gigantescas e antigas alinhadas como um muro impenetrável dividindo o terreno vazio. Mas pelo menos eram *alguma coisa*, um marco físico, visual, que quebrava a monotonia do deserto. De alguma forma, elas a acalmavam, apesar de fazerem-na se sentir tão insignificante como nunca antes.

– Isso deve ser... sul, certo? – Ele apontou para outra direção. – O sol se pôs ali?

Ela seguiu o gesto dele, onde uma luz verde leve ainda podia ser vista por cima das dunas, sumindo rápido.

– Sim – disse ela, um sorriso trêmulo surgindo nos lábios.

Seu primeiro pôr do sol de verdade. Ela nunca soube que pores do sol podiam ser verdes, nunca soube o quanto a escuridão se espalhava depressa. Seus pensamentos vibravam enquanto tentava registrar cada minuto, guardar esse momento em

segurança em um lugar em que jamais esqueceria. A forma como a luz ficava turva e enevoadada sobre o deserto. A forma como as estrelas surgiam no céu negro. A forma como os instintos dela impediam que seu olhar se direcionasse para o céu alto, mantendo o pânico sob controle.

– Você vê alguma planta viva? Qualquer coisa que não seja areia e montanhas?

– Não daqui. Mas não consigo ver quase nada... – Enquanto eles falavam, a escuridão tomava conta de tudo, e a areia antes dourada estava virando sombras sob seus pés. – Ali está nosso paraquedas – acrescentou ela ao reparar no tecido branco murcho esticado sobre uma duna.

Ele já estava sendo engolido pela areia em movimento. Uma trincheira tinha surgido na duna, onde o satélite bateu e deslizou.

– Devíamos cortar um pedaço – disse Thorne. – Poderia acabar sendo útil, principalmente se for à prova d'água.

Eles falaram pouco enquanto Cress o guiava duna acima, o trajeto dificultado pelo terreno instável. Thorne era desajeitado com a bengala, tentando testar o chão à frente sem afundar a ponta na colina e bater com a outra ponta em si mesmo. Eles acabaram chegando ao paraquedas e conseguiram cortar um quadrado grande o bastante para ser usado como lona.

– Vamos na direção das montanhas – disse Thorne. – Isso vai impedir que a gente ande diretamente para o sol de manhã, e, com sorte, elas vão oferecer abrigo e talvez até água.

Cress achou que parecia um plano tão bom quanto qualquer outro, mas, pela primeira vez, reparou em um tom de incerteza

na voz de Thorne. Ele estava apenas supondo. Não sabia onde estavam e nem que direção os levaria até a civilização. Cada passo poderia levá-los para mais longe da segurança.

Mas uma decisão precisava ser tomada.

Juntos, eles começaram a subir a duna seguinte. O calor do dia estava sumindo, e uma brisa leve soprou areia nas canelas dela. Quando chegaram ao alto, ela se viu olhando para um oceano de nada. A noite tinha chegado e ela nem conseguia ver mais as montanhas. Mas, quando as estrelas ficaram mais iluminadas e seus olhos se acostumaram, Cress percebeu que o mundo ao redor não estava negro como breu, mas tingido de um leve tom de prateado.

Thorne tropeçou e gritou, cambaleando e caindo sobre as mãos e os joelhos. A bengala improvisada estava espetada na areia e por pouco não atravessou Thorne quando ele caiu.

Ofegante, Cress caiu de joelhos ao lado dele e apertou uma das mãos nas costas de Thorne.

– Você está bem?

Afastando-a com rispidez, Thorne se levantou até ficar sentado sobre os calcanhares. À luz suave, Cress viu que o maxilar dele estava tenso e as mãos, apertadas.

– Capitão?

– Estou bem – disse ele, com dureza na voz.

Cress hesitou, com os dedos pairando perto dos ombros dele.

Ela viu o peito dele se expandir com uma respiração lenta e ouviu o expirar trêmulo e esforçado.

– Eu – começou ele, falando lentamente – não estou feliz com a direção que os eventos tomaram.

Cress mordeu o lábio, ardendo de solidariedade.

– O que posso fazer?

Depois de um momento olhando cegamente para as montanhas, Thorne balançou a cabeça.

– Nada – disse ele, e esticou o braço até encontrar a bengala. Envolveu-a com os dedos. – Posso fazer isso. Só preciso entender como.

Ele ficou de pé e tirou a traiçoeira bengala da areia.

– Na verdade, se você pudesse tentar me avisar quando estivermos chegando a uma subida ou prestes a descer de novo, já ajudaria.

– É claro. Estamos quase no topo... – Ela parou de falar quando seus olhos deixaram o rosto de Thorne para procurar o topo da duna e encontraram a lua, uma faixa crescente brilhando vívida e branca no horizonte. Ela afastou o rosto, a força do hábito dizendo para que se escondesse debaixo da mesa ou da cama até a lua não poder mais encontrá-la; só que não havia mesa nem cama sob as quais se esconder. E, quando a surpresa inicial passou, ela começou a perceber que a visão da lua não a enchia de pavor como antigamente. Da Terra, parecia tão distante. Ela engoliu em seco. – ... Quase no topo dessa duna.

Thorne inclinou a cabeça para o lado.

– O que foi?

– Nada. É só que... estou vendo Luna. Só isso.

Ela afastou o olhar da lua e olhou para o céu noturno. Foi com hesitação no começo, com medo de que olhar para o céu a deixasse tonta mais uma vez, mas logo descobriu que havia alguma coisa de reconfortante em ver a mesma galáxia que sempre conhecera. As mesmas estrelas para as quais olhara a vida toda, vistas por uma nova lente.

A tensão em seu corpo diminuiu aos poucos. Isso era familiar. Era seguro. Um leve movimento de gases no universo, brilhando em tons de roxos e azul. O brilho de milhares e milhares de estrelas, tão numerosas quanto grãos de areia, tão estonteantes quanto um pôr do sol terráqueo visto pela janela do satélite.

A pulsação dela deu um salto.

– Espere... as constelações – disse ela, girando em um círculo enquanto Thorne tirava areia dos joelhos.

– O quê?

– Ali... ali está Pegasus, e Peixes, e... oh! É Andrômeda!

– O que você... ah. – Thorne afundou a bengala na areia e apoiou o peso nela. – Navegação. – Ele esfregou o maxilar. – Essas são todas constelações do norte. Isso tira a Austrália da jogada, pelo menos.

– Espere. Me dê um minuto. Sou capaz de descobrir isso.

Cress apertou os dedos contra o rosto, tentando se ver olhando para as mesmas constelações incontáveis vezes das janelas do satélite. Concentrou-se em Andrômeda, a maior à vista, com a estrela alfa brilhando como um farol não muito distante do horizonte. Onde o satélite dela estaria em relação à Terra quando ela via aquela estrela naquele ângulo?

Depois de um momento, as constelações começaram a se espalharem como um holograma em sua mente. Era como se estivesse vendo a ilusão cintilante da Terra girando devagar à frente dela, cercada de espaçonaves e satélites e estrelas, estrelas, *estrelas...*

– Acho que estamos no norte da África – disse ela, virando-se para olhar para as outras constelações que surgiam no oceano de estrelas. – Ou talvez na Comunidade das Nações Orientais, em uma das províncias ocidentais.

Thorne uniu as sobrancelhas.

– Poderia ser o Saara. – Seus ombros começaram a murchar, e Cress viu o momento em que ele percebeu que não fazia diferença em qual hemisfério eles estavam, em qual país. Ainda era um deserto. Eles ainda estavam presos. – Não podemos ficar aqui olhando as estrelas a noite toda – lembrou ele, abaixando-se para pegar a bolsa de suprimentos e recolocar no ombro. – Vamos continuar seguindo para as montanhas.

Cress tentou oferecer o cotovelo de novo, mas Thorne só o apertou de leve e soltou.

– Tira meu equilíbrio – disse ele, testando o comprimento da bengala para poder andar sem enfiá-la no chão de novo. – Vou ficar bem.

Cress escondeu a decepção e começou a subir a duna. Anunciou o topo quando eles chegaram lá e continuaram a descer pelo outro lado.

CAPÍTULO

Dezessete

SCARLET ESTAVA PILOTANDO A NAVE. ELA NÃO LEMBRAVA POR QU voava, nem onde estava antes, nem como tinha acabado atrás daquele painel de controle. Mas sabia muito bem *por que* estava ali.

Porque queria estar.

Porque *precisava* estar.

Se ela se saísse bem, seria recompensada. A ideia a deixava exultante. Ansiosa. Disposta.

Assim, ela voou rápido. Com firmeza. Permitiu que a pequena nave se tornasse uma extensão dela. As mãos seguravam os controles, os dedos dançavam sobre os instrumentos. Ela nunca pilotou tão bem, desde o dia em que a avó começou a ensiná-la a pilotar a nave de entregas pelo terreno da fazenda. Como a nave sacudiu debaixo das mãos inabilidosas. Como tremeu e despencou, com o trem de pouso raspando na terra úmida, depois subiu para o céu enquanto a voz paciente da avó a guiava por cada etapa...

A lembrança desapareceu tão rapidamente quanto chegou, trazendo-a de volta à nave, e ela não conseguiu lembrar em que estava pensando. Só pensava nesse voo. Nesse momento. Nessa responsabilidade.

Não prestou atenção às estrelas manchadas em todas as direções. Não pensou no planeta se afastando cada vez mais atrás dela.

No banco de trás da nave, a mulher sibilava e xingava enquanto cuidava do ferimento. Estava aborrecida, e essa era a única coisa que incomodava Scarlet, porque queria que a mulher ficasse satisfeita.

Os murmúrios zangados acabaram morrendo, e a mulher começou a falar. O coração de Scarlet deu um salto até ela perceber que não era com ela que a mulher falava. Na verdade, estava enviando uma mensagem. Ela ouviu duas palavras que geraram uma onda de pânico: *Vossa Majestade*.

Ela estava falando com a própria rainha.

Ocorreu a Scarlet que saber disso deveria apavorá-la, mas não lembrava por quê. Na verdade, sentia-se constrangida por estar ouvindo. Não era coisa dela ser curiosa. Ela tentou ignorar a conversa e deixar que a mente se enevoasse. Dentro da mente, recitou as rimas da infância nas quais não pensava em tantos anos.

Quase deu certo. Mas, quando um nome chegou aos ouvidos dela, a curiosidade tomou conta.

Linh Cinder.

– Não, não consegui capturá-la. Eu estava em número menor. Me desculpe, Majestade. Eu falhei com você. Sim, já mandei as últimas coordenadas conhecidas da nave para a guarda real. Consegui capturar uma refém, Majestade. Uma das cúmplices dela. Talvez ela tenha informações sobre o local para onde Linh

Cinder possa ir agora, ou sobre o plano dela. Sei que não é bom o bastante, Majestade. Vou compensar, Majestade. Eu *vou* encontrá-la.

A conversa terminou, e as orelhas de Scarlet queimavam por ela ter xeretado. Estava com vergonha. Merecia ser punida.

Em uma tentativa de compensar seu ato de delinquência, concentrou-se na tarefa: pilotar da forma mais suave e rápida que um piloto era capaz. Ela só pensava no quanto devia pilotar bem. Só pensava no quanto devia deixar sua mestra orgulhosa.

Não sentiu espanto ao se aproximar da grandiosa Luna, cheia de crateras, sua superfície branca cintilante e cidades brilhantes cobertas por domos.

Cidades que eram lar de incontáveis estranhos.

Cidades que tinham sido o lar dele no passado...

Ela se encolheu por causa do pensamento invasivo. Não sabia o que queria dizer. Não lembrava quem *ele* era.

Mas foi daqui que ele veio...

Ela sufocou a voz em um pânico nervoso de que a mestra sentisse sua confusão. E não queria isso. Não havia confusão.

Ela sabia precisamente onde queria estar. Precisamente quem queria estar servindo.

Scarlet não sentiu medo quando a lua foi aumentando perto da pequena nave, se expandindo até ser tudo o que conseguia ver pelo vidro.

Ela não prestou atenção às lágrimas quentes que desciam por suas bochechas e pingavam sem ruído no colo.

CAPÍTULO

Dezoito

NÃO DEMOROU PARA QUE CRESS E THORNE ACHASSEM UM

Conforme Thorne foi ficando mais à vontade com o movimento da areia embaixo deles e com a sensação da bengala na mão, permanecia mais confiante, e o ritmo de caminhada aumentou. Três dunas. Cinco. Dez. Em pouco tempo, Cress percebeu que era preciso bem menos energia para permanecer nos vales entre as dunas sempre que possível, e eles começaram a fazer uma rota mais lenta mas menos exaustiva em zigue-zague pelo deserto.

Enquanto ela andava, as toalhas ao redor dos pés começaram a afrouxar e grãos de areia entraram entre os dedos, apesar da força que Thorne usara para amarrar as cordas de cabelo. As solas dos pés começaram a arder, e uma câimbra ameaçava se espalhar pelo pé esquerdo devido ao movimento constante dos dedos no chão instável. As pernas dela doíam. O corpo de Cress começou a se rebelar quando estavam subindo mais uma duna. As coxas queimaram quando chegaram ao topo de mais uma colina, e as panturrilhas gritaram quando desceram do outro lado. As rotinas bobas de exercício a bordo do satélite não a haviam preparado para isso.

Mas ela não reclamou. Ofegava bastante. Limpava as gotas de suor da testa. Trincava o maxilar por causa da dor. Mas não

reclamava.

Pelo menos ainda enxergava, lembrou a si mesma. E pelo menos não precisava carregar os suprimentos. Ela ouvia Thorne trocar a bolsa de ombro de tempos em tempos, mas ele também não reclamava.

Às vezes, quando chegavam a uma parte plana, ela fechava os olhos para ver por quanto tempo conseguia andar sem abri-los. A vertigem a atacava quase imediatamente. O pânico florescia na base da espinha e subia até ela ter certeza de que cada passo a faria pisar em uma pedra ou pequena subida e que cairia de cara na areia.

Na quarta vez que ela fez isso, Thorne perguntou por que eles toda hora passavam a ir mais devagar. Ela manteve os olhos abertos depois disso.

– Você precisa parar um pouco? – perguntou Thorne horas depois.

– N-Não – ofegou ela, com as coxas ardendo. – Estamos quase no topo desta duna.

– Tem certeza? Não seria bom você desmaiar de exaustão.

Ela deu um suspiro de alívio quando eles chegaram ao alto da duna, mas o medo logo tomou o lugar do alívio. Cress não sabia por que esperava que essa duna fosse se mostrar diferente das dezenas de outras que já tinham subido. Não sabia por que estava pensando que essa devia marcar o fim do deserto, pois achava que não conseguiria ir muito mais longe.

Mas não era o fim. O mundo era feito de mais dunas, mais areia, mais nada.

– É sério. Vamos dar uma descansada – falou Thorne, colocando a bolsa no chão e enfiando a bengala na areia.

Ele passou um momento relaxando os ombros, depois se abaixou e desfez o nó da bolsa. Entregou a Cress uma das garrafas de água e pegou outra para si.

– Não deveríamos racionar? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

– É melhor beber enquanto estamos com sede e tentar suar o mínimo possível, pelo máximo que pudermos. Nossos corpos vão manter a hidratação melhor assim, mesmo se ficarmos sem água. E devemos evitar comer até encontrarmos outra fonte. A digestão precisa de muita água.

– Tudo bem. Não estou com fome.

E era verdade. O calor parecia ter roubado qualquer apetite que ela tivesse.

Quando acabou de beber o quanto conseguia, Cress devolveu a garrafa para Thorne e fantasiou-se deitando na areia e indo dormir, mas não ousava por medo de nunca mais acordar. Quando Thorne levantou a bolsa, ela desceu a duna sem questionar.

– O que você acha que está acontecendo na sua nave? – perguntou Cress enquanto eles desciam. A pergunta vinha ecoando em sua mente havia horas, mas a água finalmente a tornou capaz de falar. – Você acha que a mestra Sybil...?

– Eles estão bem – respondeu Thorne com confiança firme. – Tenho pena da pessoa que se posicionar contra Lobo, e Cinder é mais durona do que as pessoas imaginam. – Uma pausa, e uma

gargalhada sonora se espalhou pelo ar do deserto. – Literalmente, na verdade.

– Lobo. Esse deve ser o outro homem na nave, não?

– É, e Scarlet é a... bem, não sei direito como eles se chamam, mas ele é lunático por ela. Scarlet não é moleza também. Aquela taumaturga não fazia ideia no que estava se metendo.

Cress torcia para ele estar certo. A mestra Sybil os encontrara por causa *dela*, e a dor que sentia era tão intensa quanto as sensações sofridas em seus ossos.

– E como uma garota que nasceu em Luna foi parar em um satélite e se tornou simpatizante da Terra?

Ela franziu o nariz.

– Ah. Quando meus pais descobriram que eu era cascuda, me entregaram para ser morta, por causa das leis do infanticídio. Mas a mestra me salvou e me criou, junto com outros cascudos que salvou. Ela basicamente nos queria para alguma espécie de experimento como os que estão sempre fazendo, mas a mestra nunca me explicou direito. Nós morávamos em uns tubos de lava convertidos em dormitórios e estávamos sempre sendo monitorados por câmeras ligadas ao sistema de comunicação de Luna. Era meio apertado, mas não era ruim, e tínhamos tablets e telas, de forma que não ficávamos completamente isolados do mundo externo. Depois de um tempo, fiquei muito boa em invadir o sistema de comunicação, que eu fazia só para coisas bobas. Vivíamos curiosos com a escola, então eu usava para invadir o sistema escolar de Luna e baixar guias de estudo, coisas assim.

Cress apertou os olhos em direção à lua, tão distante. Era difícil acreditar que ela era de lá.

– Aí, um dia, um dos garotos mais velhos, Julian, me perguntou se eu achava que conseguiria descobrir quem eram os pais dele. Demorei uns dois dias, mas descobri, e vimos que os pais dele moravam em um dos domos de madeira, que os dois estavam vivos e que ele tinha dois irmãos mais novos. Depois, descobrimos como mandar uma mensagem para eles para contar que ele estava vivo. Ele achava que, se eles soubessem que ele não tinha sido morto, iriam procurá-lo. Ficamos tão animados achando que podíamos fazer contato com nossas famílias. Que seríamos resgatados. – Ela engoliu em seco. – Foi muita inocência, é claro. No dia seguinte, a mestra veio e levou Julian, depois alguns técnicos tiraram todo o equipamento de monitoria, para não termos mais acesso à rede. Eu acho... acho que os pais dele devem ter feito contato com as autoridades quando receberam a mensagem, e acho que ele deve ter sido morto, para provar que as leis do infanticídio estavam sendo levadas a sério.

Ela passou os dedos pelo cabelo e ficou surpresa de deslizarem com tanta facilidade.

– Depois disso, a mestra Sybil passou a prestar mais atenção em mim. Ela às vezes me levava para fora das cavernas, até os domos, e me passava tarefas diferentes. Alterar o código do sistema de transmissão. Invadir redes. Programar software inteligente para captar dicas verbais específicas e enviar informações para contas de mensagens diferentes. No começo,

eu amei. A mestra era boa comigo nessa época, e significava que eu podia sair dos tubos de lava e ver um pouco da cidade. Eu sentia como se estivesse me tornando a favorita dela e que, se eu fizesse o que ela me pedia, acabaria não importando mais o fato de eu ser cascuda, e eu teria permissão de ir à escola e ser como qualquer lunar normal. Um dia, Sybil me pediu para invadir uma troca de mensagens de dois diplomatas europeus, e eu falei que o sinal estava muito fraco. Eu precisava ficar mais perto da Terra, e precisava de conectividade melhor, softwares avançados...

Cress balançou a cabeça, lembrando-se de como dissera para Sybil exatamente o que Sybil precisaria para montar o satélite para seu jovem prodígio. Cress praticamente elaborou a própria prisão.

– Alguns meses depois, a mestra foi me buscar e me disse que íamos viajar. Subimos em uma nave, e eu estava tão animada! Pensei que ela fosse me levar até Artemísia, para ser apresentada para a própria rainha, para ser perdoada por ter nascido cascuda. Eu me sinto tão idiota agora. Mesmo quando começamos a voar para longe de Luna e eu vi que estávamos indo na direção da Terra, foi para lá que pensei que estivéssemos indo. Eu pensei, tudo bem, talvez os lunares não consigam me aceitar assim, mas a mestra sabe que os terráqueos aceitarão. Então está me deixando ir para a Terra. A viagem demorou horas e horas, e, no final, eu estava tremendo de empolgação e já tinha elaborado toda uma história na cabeça, de que a mestra me daria para um casal terráqueo legal que me criaria como filha, e eles moravam em uma casa enorme na árvore... Não sei por que pensei que eles

morariam em uma casa na árvore, mas acho que era para isso que eu torcia. Eu nunca tinha visto árvores de verdade. – Ela franziu a testa. – Na verdade, ainda não vi.

Houve um silêncio curto antes de Thorne dizer:

– E foi aí que ela levou você para o satélite e você se tornou programadora da rainha.

– Programadora, *hacker*, espiã... de alguma forma, nunca deixei de acreditar que, se eu fizesse tudo o que ela pedia, um dia ela me soltaria.

– E quanto tempo demorou para você decidir que preferia tentar salvar a realeza da Terra em vez de espioná-la?

– Não sei. Eu sempre fui fascinada pela Terra. Passei muito tempo lendo notícias terráqueas e vendo as novelas. Comecei a me sentir ligada às pessoas de lá de baixo... daqui de baixo. Mais do que me sentia ligada aos lunares. – Ela uniu as mãos. – Depois de um tempo, comecei a fingir que era uma guardiã secreta e que era meu trabalho proteger a Terra e seu povo de Levana.

Para o alívio dela, Thorne não riu. Ele não falou nada por um tempo, e Cress não conseguiu decidir se o silêncio era reconfortante ou constrangedor. Talvez ele achasse que as fantasias dela eram infantis.

Um bom tempo depois, Thorne falou:

– Se eu estivesse em seu lugar e só tivesse um chip D-COMM que pudesse usar para me comunicar com a Terra, eu teria encontrado alguma sujeira no passado de algum piloto famoso e feito chantagem com ele até fazê-lo me buscar no satélite em vez de tentar salvar o imperador.

Apesar de ele parecer sério, Cress não pôde evitar um sorriso.

– Não, não teria. Você teria feito a mesma coisa que eu porque você sabe que a ameaça que Levana é para a Terra é muito maior do que você e eu... muito maior do que qualquer um de nós.

Mas o capitão balançou a cabeça.

– É bondade sua dizer isso, Cress. Mas acredite em mim. Eu teria feito chantagem com alguém.

CAPÍTULO

Dezenove

KAI TIROU O CABELO DA TESTA ENQUANTO OLHAVA PARA A HOLpairava sobre a mesa de conferência com uma mistura de horror e assombro. Parte dele queria rir. Não por ser engraçado, mas porque não parecia haver reação melhor.

A holografia mostrava o planeta Terra. E, ao redor dele, havia centenas de luzinhas amarelas, muitas paradas acima das cidades mais populosas do planeta.

Centenas de pequenas espaçonaves.

Eles estavam cercados.

– E são todas lunares? – disse ele. – Temos certeza?

– Sem dúvida alguma – disse o primeiro-ministro europeu, Bromstad, com o rosto reunido com o dos outros líderes da União Terráquea na tela enorme. – O mais desconcertante é que não tivemos indicação nenhuma dessa aproximação. É como se todas elas simplesmente... *aparecessem* ali, dez mil quilômetros acima da nossa cabeça.

– Ou – disse a rainha Camilla, do Reino Unido – como se estivessem ali o tempo todo, mas nós não tivéssemos como detectá-las. Não ouvimos há anos sobre naves lunares que entram na nossa atmosfera e escapam de todas as medidas de segurança?

– Importa há quanto tempo estão ali? Ou como chegaram lá? – perguntou o presidente da República Americana, Vargas. – Elas estão ali agora, e isso é uma ameaça óbvia.

Kai fechou bem os olhos.

– Mas *por quê?* Ela está conseguindo exatamente o que quer. Por que nos ameaçar agora? Por que demonstrar força?

– Talvez para garantir que a Comunidade não vá desistir da aliança de casamento no último minuto? – sugeriu Bromstad.

– Mas ela não tem motivo nenhum... – Kai bufou e colocou a mão nas costas da cadeira... que no passado tinha sido a cadeira de seu pai. Ele estava inquieto demais para se sentar quando olhou para os membros do gabinete e conselheiros, os especialistas mais preparados de seu país, que estavam com expressão tão pasma quanto como ele se sentia. – O que vocês acham disso tudo?

Seus especialistas trocaram olhares, e o chefe Deshal Huy começou a bater com os dedos na mesa.

– Parece indicar que eles estão nos mandando algum tipo de mensagem.

– Talvez seja a forma de confirmarem presença no casamento – murmurou o governador geral Williams, da Austrália.

– Talvez devêssemos perguntar – falou Konn Torin, batendo com um dedo na testa. – Se Luna vai se tornar um aliado pacífico da União Terráquea, deveríamos começar a abrir as linhas de comunicação.

– Naturalmente – disse a primeira ministra da África, Kamin. Kai praticamente a ouvia revirar os olhos. – Já que eles foram tão

abertos conosco no passado.

– E você tem ideia melhor?

– *Eu* tenho – disse Williams. – Essa poderia ser nossa melhor chance de responder à invasão recente. Deveríamos coordenar um ataque completo, derrubar o máximo de naves que pudermos. Mostrar para Luna que eles não podem ficar nos ameaçando cada vez que Levana tiver outro chilique. Se querem lutar, vamos lutar.

– Guerra – disse a primeira ministra Kamin. – Você está sugerindo que iniciemos uma guerra.

– *Eles* começaram a guerra. Estou sugerindo que terminemos com ela.

Kamin fungou.

– E você acha que nossos militares estão preparados para lançar um ataque contra a frota inteira de naves lunares? Não temos a menor ideia de que tipo de armas eles têm, e acho que os ataques recentes ilustraram que eles não vão lutar usando nenhuma estratégia com a qual estejamos familiarizados. Eles são imprevisíveis, e por mais que me doa admitir, nossa sabedoria militar sofreu com as gerações de paz. Nossos números estão baixos, poucos de nossos homens foram treinados para combate no espaço...

– Eu concordo com a Austrália – interrompeu a rainha Camila.
– Essa poderia ser a única vez que teríamos o elemento surpresa do nosso lado.

– *Surpresa?! –* gritou o presidente Vargas. – Eles estão *nos* cercando. E se estiverem torcendo para que os ataquemos? E se

toda essa história de aliança de casamento foi uma distração para que não percebêssemos enquanto eles assumiam suas posições?

Os dedos de Kai ficaram brancos nas costas da cadeira.

– A aliança não é distração e ninguém vai iniciar uma guerra!

Camila deu um sorriso debochado.

– Ah, sim. Eu tinha esquecido que o jovem imperador sabe tanto sobre esses assuntos.

O sangue dele começou a ferver.

– Essa holografia indica que, apesar de essas naves estarem cercando a Terra, elas ainda estão fora das designações territoriais da União Terráquea. Certo?

– Por enquanto – disse o governador geral Williams.

– Certo. O que quer dizer que *por enquanto* essas naves não estão violando nenhum dos termos que estabelecemos com Luna. Não estou dizendo que Levana não esteja nos provocando ou ameaçando, mas seria tolice nossa reagir sem antes elaborar algum tipo de estratégia.

Williams balançou a cabeça.

– Quando terminarmos a estratégia, podemos muito bem já ter sido obliterados.

– Tudo bem – disse Kai, endireitando os ombros. – O Tratado de Bremen diz que precisamos de maioria para executar um ato de guerra contra qualquer entidade política. Todos os que forem a favor de atacar essas naves lunares digam sim.

– Sim – disseram Williams e Camilla ao mesmo tempo.

Os outros três líderes ficaram em silêncio, mas Kai percebeu pelas expressões tensas que ninguém estava feliz com isso.

– Nada de maioria.

– Então o que *você* propõe que nós façamos? – perguntou a rainha Camilla.

– Tem uma pessoa da delegação lunar no palácio neste momento – disse Kai, encolhendo-se por dentro. – Vou conversar com ele. Vou ver se consigo entender o que está acontecendo. As negociações de aliança são entre Luna e a Comunidade, então deixem que eu lido com isso.

Ele cancelou o link de comunicação antes que os outros líderes pudessem discutir ou ver o quanto ele estava ficando frustrado. Frustrado por nunca saber o que Levana estava pensando ou o que ia fazer em seguida. Frustrado por estar cedendo a todas as vontades dela, e, mesmo assim, ela ainda decidir fazer uma coisa assim, sem motivo aparente fora deixar o resto da União nervoso. Frustrado porque, se fosse sincero consigo mesmo, uma grande parte dele concordava que atacar aquelas naves poderia ser a melhor ação.

Mas, se uma guerra começasse, eles não tinham chance de completar a aliança de paz, o que significava esperança zero de pôr as mãos no antídoto da letumose.

Ele olhou para os outros homens e mulheres sentados ao redor da holografia.

– Obrigado – disse ele, com voz quase calma. – Isso é tudo.

– Majestade – falou Nainsi, entrando na sala de reuniões enquanto as pessoas saíam –, você tem uma reunião marcada

com Tashmi-jie em seis minutos.

Ele sufocou um gemido.

- Me deixe adivinhar. Vamos discutir toalhas de mesa hoje?
- Acho que vai ser a equipe de serviço, Majestade.
- Ah, certo, parece uma excelente forma de usar meu tempo.
- Ele prendeu o tablet no cinto. – Avise que estou a caminho.



– OBRIGADA POR CONCORDAR EM ME ENCONTRAR AQUI FORA, Tashmi Priya, fazendo uma reverência. – Achei que o ar fresco poderia ajudar você a se concentrar em algumas das decisões finais a serem tomadas com relação à cerimônia.

Kai deu um sorriso tenso.

– É uma forma muito diplomática de observar que não venho levando o planejamento do casamento muito a sério. E provavelmente é verdade. – Ele colocou as mãos nos bolsos e ficou impressionado com a sensação boa da brisa fria no rosto. Ainda estava quente de irritação depois da reunião com os líderes da União. – Mas é mesmo bom estar aqui fora. Sinto que não saio do escritório há um mês.

– Desconfio que haja filmagens de segurança que possam provar isso.

Eles passaram por um lagunho com carpas, ensombrado pelos galhos de um salgueiro-chorão e cercado de uma série de jardins que foram cavados e arados recentemente para o

replântio do outono seguinte. Ao sentir o cheiro do ar fresco, Kai ficou momentaneamente perplexo pela forma como a vida no palácio prosseguia; como a vida da cidade e da Comunidade das Nações Orientais e de toda a Terra prosseguiria, mesmo quando ele se trancava naquele escritório e queimava o cérebro em busca de alguma forma de proteger isso tudo.

– Vossa Majestade?

Ele levou um susto.

– Sim, desculpe. – Ele indicou um banco simples de pedra. – Vamos nos sentar?

Priya ajeitou o tecido do sári quando se sentou. Os peixes dourados e laranja se aproximaram da margem de pedra do lago na esperança de ganhar comida.

– Eu queria falar com você sobre uma ideia que tive em relação aos profissionais contratados que vão ajudar com a cerimônia de casamento, mas acho que Sua Majestade lunar não aprovaria. Mesmo assim, achei que a decisão deveria ser sua.

– Profissionais contratados?

– Banqueteiros, mordomos, recepcionistas, floristas, coisas assim.

Kai ajeitou o punho da camisa.

– Ah, certo. Continue.

– Achei que talvez fosse prudente contratar para o evento uma mistura de humanos e andróides.

Ele balançou a cabeça.

– Levana jamais aceitaria.

– Sim. É por isso que eu sugeriria que usássemos os andróides-acompanhantes que ela não reconheceria dessa forma.

Ele enrijeceu.

– Acompanhantes?

– Nós usaríamos só os modelos mais realistas. Poderíamos até fazer um pedido especial daqueles com características mais humanóides. Falhas na pele, cabelo e olhos de cor natural, tipos de corpo e de estrutura óssea variados. Eu tomaria o cuidado de encontrar andróides que não chamassem a atenção.

Kai abriu a boca para refutar de novo, mas fez uma pausa. Andróides-acompanhantes eram feitos basicamente para fazer companhia. Seria um insulto da maior ordem se Levana percebesse que estavam na cerimônia de casamento dela.

Mas...

– Eles não podem sofrer lavagem cerebral.

Priya ficou em silêncio por um momento antes de prosseguir:

– Também poderíamos usá-los para registrar os acontecimentos, caso Sua Majestade ou os convidados tentem fazer qualquer coisa... inconveniente.

– Levana insistiu na ausência de câmeras de novo?

A rainha odiava ser filmada e exigira que não houvesse nenhum aparelho de filmagem no baile anual, quando foi convidada especial.

– Não, Vossa Majestade, a rainha reconhece a importância de esse evento ser transmitido em âmbito internacional. Ela não ofereceu nenhuma resistência quanto a isso.

Ele soltou a respiração.

– No entanto, com androides podemos garantir que teremos olhos por todo o lado, de certa forma. – Ela deu de ombros. – Espero que essa seja uma precaução desnecessária.

Kai mexeu no punho da camisa. Era uma ideia inteligente. Os homens e mulheres mais poderosos da Terra estariam nessa cerimônia, tornando extremamente fácil para Levana abusar de seus poderes de manipulação. Ter funcionários leais que não podiam ser afetados poderia ser uma política de segurança contra uma catástrofe política mundial.

Mas Levana odiava androides. Se descobrisse, ficaria furiosa, e ele gostaria de evitar mais explosões da rainha se pudesse.

– Obrigado pela recomendação – disse ele. – Quando você precisa de uma decisão?

– No final desta semana, para podermos fazer o pedido a tempo.

– Eu aviso.

– Obrigada, Majestade. Além do mais, eu queria contar para você uma pequena descoberta que fiz esta manhã que resulta em mais um benefício de transmitir o evento.

– E qual é?

– Sua Majestade se recusa a retirar o véu na presença de qualquer câmera, e por isso vai usá-lo durante todo o casamento e coroação. – Ela esticou a mão e deu um tapinha no pulso de Kai.
– O que quer dizer que você não vai ter que beijá-la.

Ele não conseguiu evitar uma gargalhada aguda. Saber disso realmente diminuiu um pouco do seu pavor, mas também foi um

lembrete doloroso. Ele concluiu que ainda teria que beijá-la em algum momento. A ideia o enojava.

– Obrigado, Tashmi-jie. Isso torna tudo um pouco menos horrendo.

O rosto dela se suavizou.

– Posso falar abertamente, Majestade?

– É claro.

Ela puxou a mão e entrelaçou os dedos no colo.

– Não quero cruzar nenhum limite profissional, mas tenho um filho, sabe. Ele é um ano mais velho do que você.

Kai engoliu em seco, surpreso pela pontada de culpa. Ele nunca tinha pensado em quem essa mulher era quando saía do palácio todos os dias. Nunca tinha se dado ao trabalho de visualizá-la com uma família.

– Ultimamente, tentei imaginar como isso tudo seria para ele – prosseguiu Priya, olhando para os galhos caídos da árvore. As folhas estavam mudando para dourado e de vez em quando uma brisa soprava e algumas caíam girando no lago. – Que tipo de preço seria exigido de um jovem com essas responsabilidades, obrigado a tomar essas decisões. – Ela respirou fundo, como se arrependida das palavras antes mesmo de dizê-las. – Como mãe, me preocupo com você.

Ele olhou nos olhos dela e seu coração disparou.

– Obrigado – disse ele –, mas você não precisa se preocupar. Estou fazendo meu melhor.

Ela deu um sorriso gentil.

– Ah, sei que está. Mas, Vossa Majestade, estou planejando esse casamento há onze dias e vi você envelhecer anos nesse tempo. Me dói pensar no quanto as coisas vão ficar mais difíceis depois do casamento.

– Ainda tenho Torin. E o gabinete, e os representantes das províncias... Não estou sozinho.

Enquanto falava, ele sentiu o gosto da mentira.

Não estava sozinho. Estava?

A ansiedade subiu por sua garganta. É claro que não estava. Havia um país inteiro com ele, e todas as pessoas do palácio, e...

Ninguém.

Ninguém conseguia entender de verdade o que ele estava arriscando, que sacrifícios faria. Torin era inteligente o bastante para perceber, claro, mas ainda tinha uma casa para voltar no fim do dia.

E Kai não tinha contado para Torin que ele e Nainsi estavam procurando a princesa Selene de novo. E jamaisalaria para Torin que uma parte dele torcia para Cinder estar em segurança. E jamais diria para ninguém o quanto estava apavorado, a cada momento de cada dia. O quanto estava com medo de cometer um erro enorme.

– Sinto muito, Majestade – disse Priya. – Eu esperava, se não fosse muito ousado de minha parte, poder oferecer conselho materno.

Ele apertou a ponta dos dedos na pedra fria do banco.

– Talvez isso pudesse me ajudar.

Priya ajustou o sári no ombro, e o bordado dourado refletiu a luz do sol.

– Tente encontrar alguma coisa que faça você feliz. Sua vida não vai ficar mais fácil quando a rainha Levana for sua mulher. Se você tivesse ao menos uma pequena coisa que trouxesse felicidade ou esperança de que as coisas pudessem ficar melhores algum dia, talvez isso bastasse para sustentá-lo. Senão, temo que será fácil demais para a rainha ganhar.

– E o que você sugeriria?

Priya deu de ombros.

– Talvez este jardim seja um bom lugar para começar.

Seguindo o gesto dela, Kai observou os bambus sobre os muros de pedra, os lírios começando a murchar depois do longo período de verão, os peixes coloridos que se amontoavam e se empurravam, alheios à tormenta no mundo acima do pequeno lago. Era bonito, mas...

– Você não está convencido – falou Priya.

Ele forçou um sorriso.

– É um bom conselho. Só não sei se eu teria a energia para ser feliz agora, com qualquer coisa.

Priya pareceu triste com a resposta, mas não surpresa.

– Pense no assunto. Você merece um descanso de vez em quando. Todos merecemos, mas você mais do que qualquer pessoa.

Ele deu de ombros, mas sem entusiasmo.

– Vou manter isso em mente.

– É tudo o que eu posso pedir. – Priya ficou de pé, e Kai se juntou a ela. – Obrigada pelo seu tempo. Me avise sobre sua decisão em relação aos andróides-acompanhantes.

Kai esperou até ela voltar ao palácio para se sentar no banco de novo. Uma folha dourada estreita caiu em seu colo, e ele a pegou e girou entre os dedos.

O conselho de Priya tinha mérito. Um pouquinho de felicidade, de esperança, poderia fazer a diferença para preservar sua sanidade, mas era um pedido mais fácil de fazer do que de realizar.

Ele *tinha* um pouco de felicidade pela qual ansiar. Ver a assinatura de Levana no Tratado de Bremen. Distribuir o antídoto dela e erradicar essa peste horrível do planeta.

Mas essas vitórias viriam de mãos dadas com uma vida frequentando bailes de comemoração com Levana ao lado, e, da próxima vez, Cinder não estaria lá para distraí-lo. Embora fosse verdade que essa vida pudesse ser mais curta do que se esperava. Era um pensamento mórbido, que sua morte prematura ao menos impediria que ele fosse a muitos bailes sofríveis.

Ele suspirou e seus pensamentos voltaram a Cinder. Não conseguia deixar de pensar nela atualmente, talvez porque o nome dela estivesse no começo de cada relatório, de cada noticiário. A garota que ele convidou para o baile. A garota com quem ele *quis* dançar.

Ele pensou naquele momento, viu-a no alto da escada, com o cabelo e o vestido molhados da chuva. Quando reparou que ela estava usando as luvas dadas por ele. Um sorriso ameaçou se

abrir. Não devia ser isso que Priya tinha em mente; a situação mais impossível de todas. Seu relacionamento com Cinder, se é que podia ser chamado assim, foi fugaz e agri-doce.

Talvez se as coisas fossem diferentes. Talvez se ele não fosse se casar com Levana. Talvez se tivesse a chance de conversar com Cinder sobre as coisas que o atormentavam: foi tudo uma enganação? Ela em algum momento pensou em contar a verdade para ele?

Talvez então ele pudesse imaginar um futuro em que eles recomeçassem.

Mas o noivado era muito real, e Cinder era...

Cinder era...

Ele fez um movimento brusco e quase esmagou a folha no punho.

Cinder estava procurando a princesa Selene. Talvez até a tivesse encontrado.

Essa situação era repleta de outras perguntas. Quais eram os motivos de Cinder e o que estava fazendo? Como o povo de Luna reagiria quando a princesa Selene voltasse? Que tipo de pessoa ela tinha se tornado? Será que iria querer o trono de volta?

Apesar das dúvidas, ele acreditava que Selene estava viva. Acreditava que ela era a verdadeira herdeira do trono lunar e que podia encerrar o reinado de Levana. Acreditava que Cinder, que havia se provado a pessoa mais resistente e versátil que ele já conhecera, tinha uma chance verdadeira de encontrá-la e de mantê-la em segurança e de revelar a identidade dela para o mundo.

Podia ser uma esperança frágil, mas, agora, era a melhor que ele tinha.

CAPÍTULO

Vinte

CRESS ACORDOU EM MEIO A UMA VARIEDADE VERTIGINOSA DE S

Suas pernas latejavam e as solas dos pés doíam. O peso da areia em que eles haviam se enterrado para se manterem aquecidos a empurrava para baixo do pescoço até os dedos dos pés. O couro cabeludo ainda formigava com a estranha e nova leveza. A pele estava seca e coçava, os lábios, rachados.

Thorne se mexeu ao lado dela e se moveu devagar para não deslocar o quadrado de tecido do paraquedas com o qual tinham se coberto para impedir que a areia fosse soprada em seus rostos, embora os grãos nas orelhas e no nariz de Cress provassem que a medida não fora de todo eficiente. Cada centímetro do corpo dela estava coberto de areia. Havia areia debaixo das unhas. Areia nos cantos dos lábios. Areia no cabelo e nas dobras das orelhas. Tentar esfregar os olhos para despertar se mostrou uma operação difícil e dolorosa.

– Fique parada – disse Thorne, colocando a palma da mão no braço dela. – A lona pode ter juntado um pouco de orvalho. Não podemos desperdiçar.

– Orvalho?

– Água que sobe do chão de manhã.

Ela sabia o que era orvalho, mas parecia bobagem esperar que existisse nessa região. Ainda assim, o ar parecia quase úmido ao redor dela, e ela não discutiu quando Thorne a instruiu para encontrar os cantos da lona e erguê-los, reunindo qualquer umidade nela no meio.

O que eles encontraram quando saíram lá de baixo era um pouco menos do que um único gole de água, enlameado pela areia que caíra sobre o tecido à noite. Ela descreveu o sucesso frustrante para Thorne e viu a decepção gerar rugas em sua testa, embora elas logo sumissem com um movimento de ombros.

– Pelo menos ainda temos bastante água do satélite.

Sendo que *bastante* eram as duas últimas garrafas cheias de água.

Cress olhou para o horizonte iluminado. Depois de andar quase a noite toda, duvidava que tivessem dormido por mais de duas horas, e tinha a impressão de que seus pés iriam cair no próximo passo que desse. Ficou desanimada quando olhou para as montanhas e percebeu que não pareciam nem um pouco mais perto então do que na noite anterior.

– E seus olhos? – perguntou.

– Bem, me disseram que são sonhadores, mas vou deixar você decidir sozinha.

Ela ficou vermelha e se virou para ele. Thorne estava com os braços cruzados sobre o peito e um sorriso malicioso, mas havia algo de tensão por baixo. Ela percebeu que a leveza no tom dele também soou falsa, encobrendo a frustração que estava fervendo por baixo da atitude cavalheiresca.

– Não posso discordar – murmurou ela.

Apesar de ela querer imediatamente rastejar para baixo do paraquedas e se esconder de constrangimento, valeu a pena ver o sorriso de Thorne ficar um pouco menos forçado.

Eles levantaram acampamento, tomaram um pouco de água e reamarraram as toalhas nos pés de Cress enquanto o provocante orvalho matinal fervia e desaparecia ao redor deles. A temperatura já estava subindo. Antes de fechar a bolsa, Thorne sacudiu os lençóis e fez Cress se enrolar em um deles como se fosse uma túnica, depois ajeitou outro em si, formando uma capa com capuz que ia até as sobrancelhas.

– Sua cabeça está coberta? – perguntou ele, passando o pé no chão até encontrar a barra de metal que estava usando como bengala. Cress tentou imitar da melhor maneira que conseguiu a forma como ele tinha se coberto e confirmou que sim. – Que bom. Sua pele vai fritar como bacon. Isso vai ajudar por um tempo, pelo menos.

Ela mexeu no lençol desajeitado enquanto tentava guiar Thorne pela ladeira na qual tinham acampado. Ainda estava exausta e meio entorpecida de tanto andar. Todos os membros latejavam.

Não tinham atravessado nem quatro dunas quando Cress tropeçou e caiu de joelhos. Thorne afundou os calcanhares no chão para ganhar firmeza.

– Cress?

– Estou bem – disse ela, levantando-se e tirando areia das canelas. – Só um pouco cansada. Não estou acostumada a fazer

tanto exercício.

As mãos de Thorne estavam paradas no ar, como se ele pretendesse ajudá-la a se levantar, mas reparou tarde demais. Lentamente, as mãos voltaram para os lados do corpo.

– Você consegue seguir em frente?

– Consigo. Só preciso entrar no ritmo de novo.

Ela torcia para que isso fosse verdade e que suas pernas não fossem se comportar como cabos frouxos o dia todo.

– Vamos andar até ficar quente demais, depois descansamos. Não queremos nos exaurir demais, principalmente debaixo do sol forte.

Cress começou a descer a duna de novo, contando os passos para passar o tempo.

Dez passos.

Vinte e cinco.

Cinquenta.

A areia ficou quente e começou a queimar as solas dos pés dela pelas toalhas. O sol subiu.

A imaginação de Cress circulava por suas fantasias favoritas, qualquer coisa para mantê-la distraída. Ela era uma naufraga pirata da segunda era. Era uma atleta treinando para uma jornada de cross-country. Era um androide que não conhecia a exaustão, capaz de andar e andar e andar...

Mas os sonhos foram ficando cada vez mais fugidios, a realidade afastando-os com a dor e o desconforto e a sede.

Ela começou a torcer para Thorne permitir que parassem e relaxassem, mas ele não o fez. Seguiram em frente. Thorne estava

certo quanto aos lençóis, que impediram que o sol implacável a queimasse, e ela ficou grata pela umidade do próprio suor, que a mantinha mais fria. Cress começou a contar enquanto o suor escorria pela parte de trás dos joelhos, e, apesar de se sentir péssima por pensar assim, parte dela estava feliz por Thorne não poder vê-la nesse estado.

Não que ele fosse imune às provações do deserto. Seu rosto estava vermelho, o cabelo, desgrenhado devido ao contato com o capuz improvisado, e poeira escorria pelas bochechas onde havia a sombra de barba crescendo.

Quando ficou mais quente, Thorne encorajou Cress a beber o resto da água que eles abriram de manhã, que ela bebeu com vontade e só depois percebeu que Thorne não tomou nada. Ela continuava com sede, mas o dia ainda demoraria para terminar e eles só tinham mais uma garrafa. Apesar de Thorne ter dito que não deviam racionar, ela não conseguiu pedir mais considerando que ele não estava bebendo.

Ela começou a cantar para si mesma a fim de passar o tempo, murmurando todas as músicas bonitas que se lembrava da coleção de músicas do satélite. Deixou que as melodias familiares a distraíssem. Caminhar ficou mais fácil por um tempo.

– Essa é bonita.

Ela fez uma pausa e demorou um momento para se dar conta de que Thorne estava falando sobre a música que ela estava cantando, e demorou mais um momento para lembrar qual era.

– Obrigada – disse ela, um pouco insegura. Nunca tinha cantado na frente de ninguém e nunca tinha sido elogiada por

isso. – É uma canção de ninar popular em Luna. Eu achava que tinha sido batizada em homenagem a ela, isso antes de perceber o quanto “Crescente” é um nome comum. – Ela cantou o primeiro verso de novo: – *Doce lua crescente, bem alta no céu. Sua música é tão doce depois que o sol se põe...*

Quando ela olhou para Thorne, ele estava com um leve sorriso nos lábios.

– Sua mãe cantava muitas cantigas para você?

– Ah, não. Dá para perceber se você é cascudo assim que você nasce, então eu só tinha alguns dias quando meus pais me entregaram para ser morta. Não me lembro deles.

O sorriso de Thorne desapareceu, e, depois de um longo silêncio, ele disse:

– Você não devia estar cantando, agora que estou pensando. Vai perder umidade pela boca.

– Ah.

Cress apertou os lábios, colocou a ponta dos dedos no braço de Thorne, o sinal que passou a indicar que estavam começando a descer uma ladeira, e seguiram em frente. A pele dela estava em chamas, apesar do abrigo da túnica improvisada, mas ela foi movida pela ideia de ser quase meio-dia. E apesar de o meio-dia trazer a maior temperatura até o momento, Thorne também prometera um descanso da caminhada.

– Muito bem – disse Thorne enfim, como se as palavras estivessem sendo arrancadas da garganta. – Já chega. Vamos descansar até a temperatura baixar de novo.

Cress gemeu de alívio. Teria continuado a andar o dia inteiro se ele pedisse, mas estava muito feliz por ele não ter feito esse pedido.

– Você está vendo alguma sombra? Ou algum lugar que pareça ficar protegido quando o sol começar a descer?

Cress apertou os olhos e analisou as dunas. Apesar de haver um pouco de sombra perto de uma duna ou outra, ao meio-dia isso era praticamente inexistente. Ainda assim, eles estavam subindo uma duna grande que logo faria alguma sombra, e era o melhor que conseguiriam.

– Por aqui – disse ela, animada pela promessa de descanso.

Mas, quando chegaram ao alto de mais uma duna, uma coisa chamou a atenção dela ao longe. Ela sufocou um gritinho e agarrou o braço de Thorne.

– O que foi?

Ela olhou boquiaberta para a visão gloriosa, lutando para encontrar palavras para descrever. Azul e verde, um contraste intenso contra a areia laranja do deserto.

– Água. E... e árvores!

– Um oásis?

– Sim! Deve ser!

Ela foi tomada pela sensação de alívio. Começou a tremer com a promessa de sombra, água, *descanso*.

– Venha... Não está longe – disse ela, andando pela areia com energia renovada.

– Cress. Cress, espere! Guarde suas energias.

– Mas estamos quase lá.

– Cress!

Ela nem o escutou direito. Já imaginava a água fresca escorrendo pela garganta. A brisa embaixo da sombra de uma palmeira. Talvez houvesse comida, algum alimento tropical terrestre estranho que ela nunca experimentara e que seria suculento e crocante e refrescante...

Mas o que ela mais pensava era em desabar em uma área coberta de sombra, fresca e protegida do sol, e dormir até o anoitecer trazer de novo temperaturas mais baixas e estrelas sem fim.

Thorne seguiu atrás dela depois de ter desistido de fazê-la parar, e em pouco tempo ela percebeu que estava sendo cruel ao fazê-lo ir tão rápido. Diminuiu o ritmo, mas manteve os olhos no lago que cintilava na base de uma duna.

– Cress, você tem *certeza*? – perguntou ele quando recuperou o fôlego.

– É claro que tenho certeza. Está bem ali.

– Mas... Cress.

Ela diminuiu o passo.

– Qual é o problema? Você está ferido?

Ele balançou a cabeça.

– Não, só... Tudo bem. Tudo bem, eu consigo acompanhar. Vamos para esse oásis.

Ela sorriu e segurou a mão dele, levando-o pelas areias ondulantes do deserto. Suas fantasias assumiram o controle e eclipsaram o cansaço. As toalhas roçando nos pés tinham deixado as solas quase em carne viva, e os tornozelos estavam

queimados na área em que o lençol não os cobria, e seu cérebro girava de sede, mas eles estavam perto. Muito perto.

Ainda assim, enquanto ela deslizava pela areia fina, parecia que o oásis não se aproximava nunca. Sempre permanecia no horizonte, como se as árvores trêmulas estivessem se afastando a cada passo que dava.

Ela seguiu em frente, desesperada. As distâncias enganavam, mas logo chegariam. Só precisavam continuar andando. Um passo de cada vez, um pé na frente do outro.

– Cress?

– Capitão – ofegou ela –, não... não está longe.

– Cress, estamos chegando perto?

Ela tropeçou e diminuiu o passo drasticamente até parar, ofegando para recuperar o fôlego.

– Capitão?

– Você vê o oásis se aproximar? As árvores parecem maiores do que eram antes?

Ela apertou os olhos para a água, para as árvores, a visão mais linda do mundo, e passou a manga pelo rosto. Estava com tanto calor, mas não ficou suor nenhum no tecido.

A verdade era tão dolorosa que ela quase não teve forças para dizer.

– N-Não. Mas isso é... como pode...

Thorne deu um suspiro, mas não de decepção, apenas de resignação.

– É uma miragem, Cress. É a luz pregando peça nos seus olhos.

– Mas... estou *vendo*. Tem até ilhas no lago, e árvores...

– Eu sei. Miragens sempre parecem reais, mas você só está vendo o que quer ver. É um truque, Cress. Não está lá.

Ela estava hipnotizada pela forma como a água se quebrava em pequenas ondas, como as árvores tremiam como se uma brisa estivesse provocando os galhos. Parecia tão real, tão tangível. Quase sentia o cheiro, o gosto do vento frio soprando na direção dela.

Cress quase não conseguiu ficar de pé, apenas o medo de ser queimada pela areia quente lhe dando forças.

– Está tudo bem. Muitas pessoas veem miragens no deserto.

– Mas... eu não sabia. Devia saber. Já ouvi histórias, mas não... não achei que elas pudessem parecer tão reais.

Os dedos de Thorne tocaram no lençol e encontraram a mão dela.

– Você não vai chorar, vai? – disse ele, com um tom ao mesmo tempo gentil e severo.

Chorar não era permitido, não com água sendo um bem tão precioso.

– Não – sussurrou ela, e estava falando sério. Não que não estivesse com vontade de chorar, mas porque não sabia se o corpo era capaz de produzir lágrimas suficientes.

– Que bom. Venha. Encontre uma duna para nos sentarmos por um tempo.

Cress afastou a atenção da ilusão amarga e fugidia. Depois de observar as dunas mais próximas, ela o levou na direção de uma encosta virada para o sul. Assim que passara do topo da duna, foi

como se um fio fino que a sustentava tivesse se rompido. Cress soltou um gemido de dor e desabou na areia.

Thorne pegou o cobertor e o quadrado de paraquedas na bolsa e esticou para eles se sentarem, para que não tocassem na areia quente, depois puxou as pontas sobre suas cabeças como uma tenda que bloqueava a intensidade do sol.

Ele passou o braço pelos ombros de Cress e a puxou contra si. Ela se sentia tão burra, tão traída; pelo deserto, pelo sol, por seus próprios olhos. E a verdade estava desabando sobre ela.

Não havia água.

Não havia árvores.

Nada além de areia infinita, sol infinito, caminhadas infinitas.

E eles talvez nunca saíssem dessa. Não podiam seguir para sempre. Ela duvidava que aguentaria mais um dia assim, e quem sabia quanto tempo levariam para chegar ao fim do deserto. Não com todas as dunas de areia sendo multiplicadas em mais três, com cada passo na direção das montanhas parecendo mandá-las mais para longe, e eles nem sabiam se as montanhas ofereceriam alguma proteção quando chegassem lá.

– Não vamos morrer aqui – disse Thorne, com a voz suave e tranquilizadora, como se soubesse exatamente para onde os pensamentos a estavam levando. – Já passei por coisa muito pior do que isso e sobrevivi muito bem.

– É mesmo?

Ele abriu a boca, mas fez uma pausa.

– Bem... fiquei na prisão muito tempo, e não foi nenhum piquenique.

Ela ajeitou as toalhas nos pés. As cordas de cabelo tinham começado a machucar a pele.

– O serviço militar também não foi muito divertido, pensando bem.

– Você só ficou lá cinco meses – murmurou ela –, e a maior parte do tempo foi em treinamento de voo.

Thorne inclinou a cabeça.

– Como você sabia disso?

– Pesquisa.

Ela não contou o quanto havia pesquisado o passado dele, e ele não perguntou.

– Bem... Talvez isso seja o pior que já passei. Mas não muda o fato de que vamos sobreviver. Vamos encontrar civilização, vamos nos comunicar com a Rampion e eles virão nos buscar. Aí vamos destronar Levana e receber um monte de dinheiro de recompensa, e a Comunidade vai perdoar meus crimes e vamos todos viver felizes para sempre.

Cress se aconchegou a Thorne enquanto tentava acreditar nele.

– Mas, primeiro, temos que sair deste deserto. – Ele massageou o ombro dela. Era o tipo de toque que a teria enchido de vertigem e esperança se ela não estivesse cansada demais para sentir qualquer coisa. – Você precisa acreditar em mim, Cress. Vou tirar a gente dessa.

CAPÍTULO

Vinte e um

– PRONTO – DISSE O DR. ERLAND, CORTANDO AS PONTAS DA LINHA

É tudo o que posso fazer por ele.

Cinder molhou os lábios e percebeu que tinham começado a rachar devido à secura.

– E? Ele vai... por acaso ele vai...?

– Temos que esperar e ver. Ele tem sorte de as balas não terem perfurado um pulmão, senão ele não teria chegado até aqui. Mas perdeu muito sangue. Vou monitorar os anestésicos com atenção por mais um ou dois dias. Quero que ele fique sedado. Os soldados de Levana são feitos como armas descartáveis; são muito eficientes quando estão saudáveis, mas as alterações genéticas fazem com que seja difícil para eles descansarem, mesmo quando seus corpos precisam de tempo para se recuperarem de um ferimento.

Ela olhou para os ferimentos de Lobo, costurados com linha azul-escura que formava caroços e ondas feias onde antes havia pele aberta. Várias outras cicatrizes marcavam o peito nu, curadas havia tempos. Era óbvio que ele já tinha passado por muita coisa. Não era possível que esse fosse ser o fim dele depois de tudo.

Uma mesa ao lado dela continha uma bandeja pesada com as duas pequenas balas que o doutor retirou. Pareciam pequenas demais para causar tanto dano.

– Não posso deixar mais ninguém morrer – sussurrou ela.

O doutor parou de limpar os instrumentos cirúrgicos e olhou para ela.

– Eles podem ser tratados como bens descartáveis pela rainha, mas também são resistentes. – Ele colocou o bisturi e a pinça em um líquido azul. – Com o descanso adequado, é possível que ele se recupere completamente.

– Possível – repetiu ela estupidamente. Não era o bastante.

Ela se afundou na cadeira de madeira ao lado da cama de Lobo e colocou a mão na dele, torcendo para que ele apreciasse o toque, apesar de ela não ser Scarlet.

Ela fechou bem os olhos quando a onda de remorso tomou conta dela. *Scarlet*. Lobo ficaria furioso quando acordasse. Furioso e arrasado.

– Agora talvez você possa me dar a honra de contar como conseguiu estar em companhia tanto de um soldado lunar e de um guarda real lunar, dentre todos os aliados possíveis na galáxia.

Ela suspirou. Foi preciso um tempo para organizar os pensamentos e encontrar o começo da história. Ela acabou decidindo contar a ele sobre a procura por Michelle Benoit e que esperava descobrir mais sobre a mulher que protegeu seu segredo até a morte. Que estava procurando pistas sobre seu passado, quem a levou para a Terra e por que alguém colocaria tanta esperança em uma criança que, na época, tinha apenas três

anos e estava à beira da morte depois da tentativa de assassinato da rainha.

Explicou que eles seguiram as pistas até Paris, onde ela descobriu que Michelle Benoit estava morta, mas acabou encontrando a neta dela. Scarlet... e Lobo. Que eles se tornaram aliados. Que Lobo a estava treinando para usar suas habilidades mentais e lutar.

Ela contou sobre o ataque a bordo da Rampion e que Sybil Mira levara Scarlet, e que agora só havia ela e Lobo... e o guarda, em que ela queria confiar, sentia que *precisava* confiar, mas nem sabia o nome dele.

– Ele disse que serve à princesa – disse Cinder, suas palavras frágeis e delicadas. – De alguma forma, ele sabia sobre mim.

Erland mexeu no cabelo desganhado.

– Talvez ele tenha ouvido a taumaturga Mira ou a própria rainha falando sobre você. Você tem sorte de a lealdade dele ser à coroa. Muitos dos assecas de Levana prefeririam matar você e pedir uma recompensa a vê-la reconhecida como rainha.

– Eu percebi.

Ele riu com deboche, como se não estivesse feliz em reconhecer que o guarda podia ser um aliado, afinal.

– E falando em reconhecer você como a verdadeira rainha...

Ela se encolheu na cadeira e apertou a mão de Lobo.

– Srta. Linh, passei anos planejando a hora em que a encontraria novamente. Você deveria ter vindo direto até mim.

Cinder franziu o nariz.

– Foi exatamente por isso que *não vim*.

– E o que isso quer dizer?

– Quando você foi até minha cela e jogou essa história de princesa em cima de mim... como eu poderia reagir? De repente deixei de ser ninguém e passei a realeza perdida, e você esperava que eu desse pulinhos e aceitasse esse *destino* que você criou em sua cabeça, mas nem considerou que talvez não fosse o destino que eu quero? Não fui criada para ser princesa nem líder. Eu só precisava de tempo para entender quem eu era... sou. De onde vim. Achei que talvez essas respostas estivessem na França.

– E estavam?

Ela deu de ombros e lembrou-se do laboratório subterrâneo que eles encontraram na fazenda Benoit, com o tanque de animação suspenso onde ela dormiu, parcialmente viva, por oito anos. Onde uma pessoa sem nome e sem rosto lhe deu um novo nome, uma nova história e novos membros robóticos.

– Algumas, sim.

– E agora? Está pronta para aceitar seu destino ou ainda está *procurando*?

Ela franziu a testa.

– Sei que sou quem você diz que sou. E alguém tem que deter Levana. Se esse alguém tem que ser eu, bem... sim. Eu aceito isso. Estou pronta.

Ela olhou para Lobo e engoliu as palavras seguintes: *Pelo menos, eu achava que estava pronta, antes de estragar tudo.*

– Que bom – disse o doutor. – Porque está na hora de desenvolvermos um plano. A rainha Levana não pode reinar mais, e não podemos deixar que reine na *Terra*.

– Eu sei. E concordo. Eu tinha um plano, na verdade. *Nós* tínhamos um plano.

Ele ergueu uma sobrancelha para ela.

– Íamos usar o casamento a nosso favor, ainda mais que toda a imprensa estará presente. Íamos passar pela segurança do palácio, e eu ia me infiltrar na cerimônia e... fazê-la parar.

– Parar o casamento? – perguntou Erland, sem parecer impressionado.

– Sim. Eu ia dizer para todo mundo quem eu sou. Com todas as câmeras e a imprensa e o mundo todo vendo, eu ia insistir que Kai não podia se casar com ela. Ia contar para o mundo os planos de Levana de invadir todos os países da Terra, para que os outros líderes se recusassem a aceitá-la como líder mundial. E depois eu exigiria que Levana abrisse mão da coroa... e a passasse para mim.

Ela se afastou de Lobo ao perceber que a palma da mão tinha ficado quente demais. Esfregou-a com nervosismo na perna da calça.

A expressão do dr. Erland ficou sombria. Ele esticou a mão e beliscou Cinder com força acima do cotovelo.

– Ai, ei!

– Humph. Por um momento, pensei que você fosse outra das minhas alucinações, porque certamente seu plano não poderia ser *tão* idiota.

– Não é idiota. A notícia se espalharia em minutos. Não tem nada que Levana poderia fazer para impedir.

– Claro que se espalharia. Todo mundo alegraria estar testemunhando o surto da ciborgue maluca que se acha

princesa.

– Poderiam examinar meu sangue, como você fez. Eu posso provar.

– É claro que Sua Majestade ficaria pacientemente esperando enquanto você estivesse fazendo isso. – Ele bufou, como se falasse com uma criança pequena. – A rainha Levana está com as garras enfiadas tão fundo na Comunidade que você estaria morta antes de terminar a palavra *princesa*. Seu imperador Kai faria qualquer coisa para aplacá-la agora. Para garantir que uma guerra não exploda de novo e para pôr as mãos no antídoto para a letumose. Ele não se arriscaria a enfurecê-la só para validar a alegação de uma garota de dezesseis anos que já é uma criminosa procurada.

Ela cruzou os braços.

– É *possível*.

Ele ergueu a sobrancelha para Cinder, e ela se afundou na cadeira.

– Tudo bem – disse Cinder. – O que você sugere? É claro que você entende tudo dessa história de revolução política, então faça o favor de me esclarecer, ó grande enrugado.

O dr. Erland pegou o chapéu em uma escrivaninha pequena e colocou na cabeça.

– Você poderia começar aprendendo a ter boas maneiras, senão ninguém vai acreditar que *você* poderia ser da realeza.

– Certo. Tenho certeza de que etiqueta ruim é o motivo número um para a maioria das revoluções fracassadas.

– Já terminou?

– Ainda não.

Ele a perfurou com o olhar, e ela retribuiu.

Então, Cinder revirou os olhos.

– Sim, terminei.

– Que bom. Porque temos muito a discutir, a começar por como vamos fazer você chegar a Luna.

– *Luna?*

– Sim. Luna. A pedra no céu que você está destinada a governar. Imagino que você conheça, não?

– Você espera que eu vá para Luna?

– Não *hoje*, mas em algum momento, sim. Você está perdendo tempo com essa coisa de casamento e espalhar notícias pela imprensa. As pessoas de Luna não ligam para o que o pessoal da Terra pensa. Proclamar sua identidade aqui não vai persuadi-los a se rebelar contra a monarca e nem a coroar você como rainha.

– É claro que vai. Sou a herdeira por direito!

Ela recuou, impressionada com as próprias palavras. Nunca tinha se sentido tão envolvida com sua identidade e tão determinada a exigir seu lugar. Era uma sensação estranha, parecida com orgulho.

– Você é a herdeira por direito – falou o médico. – Mas precisa convencer as pessoas de Luna, não as pessoas da Terra. O povo lunar precisa ser informado de que você está viva. Só com eles do seu lado você pode esperar ter algum sucesso em exigir seu direito de nascença. É claro que Levana não vai desistir facilmente.

Ela massageou o pescoço e esperou que os avisos de adrenalina se dissipassem.

– Tudo bem. Vamos dizer que você esteja certo e que essa seja a única forma. Como é que vamos chegar a Luna? Os portos de entrada não são todos subterrâneos? E, acredito, intensamente monitorados?

– Exatamente aonde quero chegar. Precisamos encontrar uma forma de fazer você entrar escondida pelos portos. Obviamente, não podemos usar sua nave... – Ele parou de falar e esfregou a bochecha. – Vai ser preciso uma estratégia cuidadosa.

– Ah, que bom, mais estratégias. Eu adoro.

– Enquanto isso, sugiro que você não se aventure muito longe do coração desta cidade e fique dentro de sua nave o máximo possível. Não é totalmente seguro aqui.

Cinder fez expressão de irritação.

– Caso você não tenha reparado, todo mundo já me viu. Não adianta me esconder agora.

– Não era isso que eu queria dizer. Essa área sofreu mais casos de letumose do que qualquer outra na Terra. Apesar de não haver nenhum caso severo em mais de um ano, não podemos baixar a guarda. Não com você.

– Hã... sou imune. Lembra? Aquela pequena descoberta que gerou toda essa confusão?

Ele deu um suspiro longo e lento. A derrota na expressão dele gerou uma onda de preocupação pela espinha dela.

– Doutor?

– Já vi evidências de que a doença está sofrendo mutações – disse o dr. Erland. – E de que os lunares podem não ser mais imunes. Pelo menos, não todos nós.

Ela ficou arrepiada. Era incrível como os antigos medos voltavam depressa. Depois de semanas sendo invencível frente a um dos assassinos mais impiedosos da Terra, a ameaça estava de volta. A imunidade dela poderia estar em risco.

E ela estava na África, onde tudo começou.

Uma batida à porta assustou os dois. O guarda estava de pé na porta, ainda úmido depois de tomar um banho e usando roupas militares da Terra encontradas na Rampion. Apesar de os ferimentos não estarem mais visíveis, Cinder reparou que a postura dele estava tensa e favorecendo o lado não ferido.

Em suas mãos havia uma bandeja de pão árabe com um cheiro intenso de alho.

– Ouvi vocês falando. Achei que a cirurgia devia estar terminada – disse ele. – Como está seu amigo?

Cinder olhou para Lobo. Ele também estaria vulnerável.

Todos no aposento eram lunares, ela percebeu com um susto. Se o dr. Erland estivesse certo, todos estavam vulneráveis.

Cinder precisou engolir em seco para destravar a voz.

– Ele ainda está vivo. – Ela se afastou de Lobo e esticou a mão para o guarda. – Aliás, me chamo Cinder.

Ele apertou os olhos.

– Eu sei quem você é.

– É, mas achei que seria bom uma apresentação formal agora que estamos do mesmo lado.

– Foi isso que você decidiu?

Cinder franziu a testa, mas, antes que pudesse responder, ele passou a bandeja com os pães para a outra mão e apertou a dela.

– Jacin Clay. É uma honra.

Sem saber como interpretar o tom dele, que parecia quase debochado, Cinder se afastou e olhou para o doutor, que estava com os dedos pressionados no pulso de Lobo. Evidentemente, ele não tinha intenção de participar das apresentações.

Cinder limpou as mãos na calça e olhou para a bandeja.

– E aí? Você sabe usar uma arma, pilotar uma espaçonave e fazer pães?

– Isso foi trazido por umas crianças. – Ele empurrou a bandeja na direção de Cinder. – Disseram que era para você, mas eu falei que você estava ocupada.

Ela achou estranho.

– Para mim?

– ‘Para a ciborgue’, para ser específico. Pareceu improvável ter outra por aqui.

– Ah. Eu queria saber por quê.

– Desconfio que não vai ser o único presente que você vai receber dos cidadãos de Farafrah – disse o dr. Erland.

– Por quê? Essas pessoas não me conhecem.

– É claro que conhecem, ou pelo menos sabem de você. Não estamos tão isolados do mundo como pode parecer. Até eu já tinha fama quando cheguei.

Ela colocou a bandeja na escrivaninha.

– E não entregaram você? E o dinheiro da recompensa? E o fato de você ser lunar? Eles não se importam?

Em vez de responder, o dr. Erland desviou o olhar para Jacin, que estava encostado como uma estátua na porta. Era fácil esquecer a presença dele em um aposento quando ficava tão parado, falando tão pouco. Sem dúvida aprendera isso em seu treinamento de guarda. Sem dúvida estava acostumado a passar despercebido.

Mas, apesar de Cinder ter feito a escolha de confiar nele, era óbvio pela expressão do doutor que ela estava sozinha nessa decisão.

– Certo – disse Jacin, se desencostando da parede. – Vou dar uma olhada na nave. Tomar conta para que ninguém esteja retirando parafusos para guardar de lembrança.

Ele saiu do quarto de hotel sem olhar para trás, e seus passos mancos quase pareciam um gingado.

– Eu sei, ele parece meio... bronco – disse Cinder depois que ele saiu. – Mas ele sabe quem eu sou e salvou minha vida, além da de Lobo. Deveríamos tratá-lo como aliado.

– Você pode fazer a escolha de revelar todos os seus segredos, srta. Linh, mas não quer dizer que preciso revelar os meus, e nem os das pessoas desta cidade.

– O que você quer dizer?

– As pessoas daqui não ligam de sermos lunares porque não somos os únicos. Estimo que quinze por cento da população de Farafrah e de outros oásis vizinhos seja composta de lunares, ou de descendentes de lunares. É para cá que muitos do nosso povo

escolhem vir quando fogem. Eles imigram para cá desde a época da rainha Channary. Talvez até antes.

– Quinze por cento? – perguntou ela. – E os terráqueos sabem?

– Não é amplamente discutido, mas parece ser de conhecimento comum. Eles passaram a viver em harmonia juntos. Quando a peste se espalhou, muitos lunares passaram a cuidar dos doentes e a enterrar os mortos, pois não pegavam a doença. É claro que ninguém sabia que eles eram os portadores originais. Quando essa teoria foi apresentada, as duas raças já estavam misturadas demais. Eles trabalham juntos agora, ajudam uns aos outros a sobreviverem.

– Mas é ilegal abrigar fugitivos lunares. Levana ficaria furiosa.

– Sim, mas quem vai contar a ela? Ninguém liga para uma cidade pobre e tomada pela doença no Saara.

Com os pensamentos fervilhando, ela pegou um pedaço de pão que reluzia de azeite dourado e estava coberto de ervas. O interior macio ainda fumegava quando ela o partiu.

Era um presente... dos lunares. De seu povo.

Seus olhos se arregalaram e ela olhou para o doutor de novo.

– Eles todos sabem? Sobre... mim?

Ele fungou.

– Eles sabem que você desafiou a rainha. Sabem que continua a desafiá-la. – Pela primeira vez desde que chegou, Cinder pensou detectar um sorriso por baixo da expressão irritada do doutor. – E eu posso tê-los levado a acreditar que, um dia desses, você pretenda assassiná-la.

– O qu... *assassiná-la*?

– Deu certo – disse ele, dando de ombros como um pedido de desculpas. – Essas pessoas seguirão você a qualquer lugar.

CAPÍTULO

Vinte e dois

– O TAUMATURGO LUNAR AIMERY PARK, VOSSA MAJESTADE.

Kai e Torin ficaram de pé quando o taumaturgo passou por Nainsi e entrou no escritório de Kai. Embora Aimery Park tenha feito uma reverência respeitosa para Kai ao chegar do outro lado da escrivaninha, tão baixa que as longas mangas do casaco quase tocaram no tapete, havia no jeito dele alguma coisa extremamente desrespeitosa que sempre deixava Kai irritado. Ele nunca identificava o que havia com esse homem; talvez fosse a forma como ele sempre ficava com um sorriso leve nos cantos dos lábios, ou o fato de o sorriso só chegar aos olhos quando ele estava usando o dom para manipular alguém.

– Obrigado por se juntar a nós – disse Kai, indicando a cadeira em frente a ele. – Fique à vontade, por favor.

– O prazer é meu – falou Aimery, acomodando-se graciosamente na cadeira oferecida. – Qualquer coisa pelo futuro rei de Luna.

A designação deixava Kai arrepiado. Era fácil esquecer que ele assumiria um novo título da mesma forma que Levana, mas a diferença era que Luna tinha leis muito rígidas para controlar quem ficaria em posição de poder, e os terráqueos certamente

não se encaixavam. Ele seria coroado rei consorte, o que significava que seria um belo enfeite sem poder nenhum.

Infelizmente, a Comunidade das Nações Orientais não tinha as mesmas regras de segurança. O tataravô de Kai, o primeiro imperador do país, devia ter acreditado que seus descendentes tomariam decisões sábias quanto aos cônjuges.

– Eu queria discutir com você uma descoberta recente feita pela União Terráquea – disse Kai, assentindo para Torin.

Seu conselheiro chegou mais perto da escrivaninha e colocou um tablet no meio. Com um clique, a holografia da Terra com trezentas e vinte e sete naves lunares ao redor ganhou vida sobre a mesa.

Kai observou o taumaturgo com atenção, mas o homem não mostrou nem uma fração de reação à holografia, nem com as centenas de pontos amarelos brilhando como vagalumes em seus olhos escuros.

– Essa é uma imagem em tempo real da Terra e seu espaço ao redor – disse Kai. – Tivemos a confirmação de que os pontos são espaçonaves lunares.

A bochecha de Aimery pareceu tremer, como se ele estivesse prestes a gargalhar, mas sua voz permaneceu macia como caramelo quando ele falou:

– É uma imagem muito impressionante mesmo, Vossa Majestade. Obrigado por compartilhar comigo.

Kai trincou os dentes e se sentou. Ficou tentado a ficar de pé para demonstrar poder, mas já conhecia lunares havia tempo suficiente para saber que jogos mentais assim raramente surtiam

feito, e pelo menos sentado ele podia fingir estar à vontade. Fingir não ter passado o dia com medo dessa conversa.

– De nada – respondeu Kai. – Agora talvez você pudesse me explicar o que todas elas estão fazendo lá em cima.

– Recreação. – Aimery se encostou e cruzou as pernas tranquilamente. – Temos muitas famílias ricas de Luna que gostam de um passeio ocasional de férias por nossa galáxia. Ouvi dizer que pode ser muito relaxante.

Kai apertou os olhos.

– E esses passeios de férias costumam trazê-los para dez mil quilômetros da Terra? Onde ficam ancorados durante dias?

– Tenho certeza de que a vista que eles têm nessa localização deve ser linda. – Um dos lados da boca de Aimery tremeu. – Os nasceres do sol são de tirar o fôlego, pelo que ouvi.

– Interessante. Porque todas as trezentas e vinte e sete dessas naves têm a insígnia da coroa lunar. Me parece que são naves da coroa fazendo alguma espécie de vigilância na União Terráquea ou preparando um ataque caso seja declarada guerra.

A expressão de Aimery permaneceu neutra.

– Erro meu. Talvez eu devesse ter dito que temos muitas famílias ricas da *coroa lunar* que apreciam férias ocasionais.

Eles sustentaram o olhar um do outro por bastante tempo, enquanto os oceanos holográficos cintilavam sob o sol e as nuvens brancas giravam pela atmosfera.

– Não sei por que a rainha Levana decidiu nos ameaçar neste momento e desta forma – disse Kai, por fim –, mas é uma demonstração desnecessária de força que trivializa tudo o que

estamos tentando alcançar com nossas negociações pacíficas. Quero que essas naves voltem para Luna nas próximas vinte e quatro horas.

– E se Sua Majestade recusar?

Os dedos de Kai tremeram, mas ele os obrigou a relaxar.

– Aí não poderei ser responsável pelas ações do resto da União. Depois dos ataques lunares que aconteceram no território de todos os países terráqueos, qualquer um de meus colegas teria o direito de encarar essa ameaça ousada de guerra com a demonstração de força que preferir.

– Me perdoe, Vossa Majestade. Você não disse antes que essas naves lunares tinham entrado nos limites territoriais da União Terráquea. Claro, se Sua Majestade estivesse ciente de que invadimos seu espaço atmosférico designado por lei, ela os teria retirado imediatamente. – Ele se inclinou para a frente e mostrou um vislumbre de dentes brancos. – Você *está* insinuando que Luna invadiu seus limites legais, não está?

Dessa vez, Kai não conseguiu impedir que as mãos se apertassem embaixo da mesa.

– Neste momento, elas estão fora dos limites territoriais. Mas isso não...

– Você está dizendo que Luna não cometeu crime nenhum de acordo com as próprias leis da União? Então como exatamente uma demonstração de força contra essas naves poderia acontecer?

– Não vamos ser forçados a aceitar mais nenhuma de suas exigências – declarou Kai. – Sua Majestade sabe que já está

caminhando sobre uma corda bamba *muito* fina. Minha paciência está desaparecendo, e a União está cansada de ceder a cada desejo de Levana para, logo em seguida, levar na cara as demonstrações gratuitas de poder dela.

– A *rainha* Levana não tem mais exigência nenhuma – disse o taumaturgo. – A Comunidade foi extremamente prestativa com nossos pedidos, e acho uma pena que você veja como uma ameaça a presença dessas naves lunares pacíficas até o momento.

– Se isso não é um recado, então *por que* elas estão ali?

Aimery deu de ombros.

– Talvez estejam esperando a finalização da aliança de paz entre Luna e a Comunidade. Afinal, depois que Sua Majestade assinar seu Tratado de Bremen, viagens pacíficas entre nossas duas nações serão possíveis e até encorajadas. – Ele deu um sorrisinho. – E a Comunidade fica tão linda esta época do ano.

O estômago de Kai deu um nó quando o taumaturgo descruzou as pernas e ficou de pé.

– Imagino que isso seja tudo, Vossa Majestade – disse ele, enfiando as mãos nas mangas largas e vermelhas. – A não ser que você também queira discutir os números sinfônicos aprovados para serem tocados durante a festa do casamento.

Corando, Kai se levantou da cadeira e desligou a holografia.

– Este não é o fim da discussão.

Aimery inclinou a cabeça com educação.

– Se você insiste, Majestade. Vou informar minha rainha de que você quer discutir esse assunto com ela em seu devido

momento; embora talvez fosse prudente esperar até depois da cerimônia, não? No momento, ela está bastante ocupada. – Ele fez uma reverência, e, quando ficou novamente ereto, seu rosto exibiu um sorriso provocante. – Direi à rainha que você mandou um beijo.

Kai estava tremendo de raiva quando Aimery saiu do escritório. Como era possível que os lunares nem precisassem usar os poderes mentais para deixá-lo louco de raiva cada vez que falava com um deles?

Ele teve uma vontade repentina de jogar alguma coisa no chão, mas o tablet que tinha na mão era de Torin, então o devolveu gentilmente para o conselheiro.

– Obrigado por toda a sua ajuda – murmurou ele.

Torin, que não falara nada durante a reunião, afrouxou a gravata.

– Você não precisou da minha ajuda, Vossa Majestade. Eu não poderia ter argumentado melhor do que você. – Ele suspirou e prendeu o tablet no cinto. – Infelizmente, o taumaturgo Park fez observações muito sólidas. Aos olhos da lei intergaláctica, Luna ainda não cometeu crime nenhum. Pelo menos, não no caso *dessas* naves.

– Talvez as leis intergalácticas precisem ser revistas.

– Talvez, Vossa Majestade.

Kai desabou novamente na cadeira.

– Você acha que ele só estava tentando me irritar ou todas aquelas naves vão mesmo invadir a Comunidade quando a aliança estiver consolidada? Por algum motivo, eu só tinha

suposto que Levana ficaria satisfeita em se intitular imperatriz. Não pensei que fosse querer trazer o exército inteiro para cá e fazer com que se sentissem em casa. – Dizer as palavras em voz alta o fez se encolher por se sentir tão ingênuo. Kai falou um palavrão baixinho. – Sabe, estou começando a achar que entrei nessa história de casamento de forma meio apressada.

– Você tomou a melhor decisão que podia naquele momento.

Kai esfregou as mãos para tentar afastar a sensação de vulnerabilidade que a presença do taumaturgo provocou.

– Torin – disse ele, dirigindo o olhar para seu conselheiro –, se houvesse uma forma de evitar esse casamento *e* nos impedir de entrar em guerra *e* conseguir o antídoto... você concordaria que seria a melhor escolha de ações, não concordaria?

Torin se sentou devagar na cadeira onde antes estava o taumaturgo.

– Tenho quase medo de perguntar, Vossa Majestade.

Depois de limpar a garganta, Kai chamou Nainsi. Um segundo depois, sua pequena figura branca e reluzente apareceu à porta.

– Nainsi, você descobriu alguma novidade?

Quando ela se aproximou da mesa, seu sensor piscou uma vez para ele e para Torin.

– Peço permissão para o conselheiro Konn Torin.

As sobrancelhas de Torin se uniram em incompreensão, mas Kai ignorou.

– Permissão concedida.

Nainsi parou ao lado da mesa.

– Fiz um relatório completo sobre Michelle Benoit, incluindo uma linha do tempo detalhada com suas atividades, ocupações, realizações e serviço militar, além de informações biográficas sobre onze pessoas que pareceram próximas dela o suficiente para merecerem atenção. Meu sistema de coleta de dados está ampliando a busca para vizinhos e conhecidos em potencial, começando no ano 85 T.E.

– Quem é Michelle Benoit? – perguntou Torin, com um tom que sugeria que não queria na verdade saber a resposta.

– Michelle Benoit nasceu no ano 56 T.E. – disse Nainsi – e é mais admirada por seus vinte e oito anos de serviço nas forças armadas da Federação Europeia, vinte dos quais como tenente-coronel. Ela recebeu uma Medalha por Serviços Prestados por ser piloto na missão diplomática para Luna no ano 85 T.E. A missão incluía...

– Achamos que ela pode ter alguma coisa a ver com a princesa Selene – interrompeu Kai, digitando instruções rápidas nas telas embutidas em sua escrivaninha. Um momento depois, uma foto de satélite de uma fazenda no sul da França apareceu na tela. E ele apontou para um ponto escuro, onde a grama tinha sido queimada recentemente. – Ela era dona dessa fazenda, e esse campo é onde Cinder pousou na última vez que voltou para a Terra, logo antes do ataque. Portanto, supomos que Cinder acredita que Michelle Benoit esteja ligada à princesa também.

O rosto de Torin ficou sombrio, mas ele pareceu estar segurando a crítica até Kai terminar.

– Entendo.

– Nainsi, você descobriu alguma coisa útil?

– *Útil* é um termo subjetivo relativo às ações tomadas antes do recebimento das informações e do resultado...

– Nainsi. Você descobriu alguma coisa *relevante*?

– Relevante como? – perguntou Torin. – O que vocês esperam encontrar?

– A princesa Selene.

Torin suspirou.

– De novo?

– Sim. De novo – disse Kai. Ele fez um gesto para o céu. – Não foi você quem me disse que tínhamos que tentar enfrentar Levana?

– Não caçando fantasmas.

– Mas pense bem. Ela é a verdadeira herdeira do trono lunar. Você acha mesmo que encontrá-la não nos daria vantagem?

Torin apertou bem a boca, mas, para alívio de Kai, pareceu estar pensando na pergunta.

– Não quero que você se distraia e deixe de lado as coisas que são realmente importantes.

Kai deu uma risada debochada.

– As coisas importantes, como centros de mesa de jade e se minha faixa de casamento deve ter morcegos voadores ou um par de grouns bordados?

– Isso não é piada.

– *Obviamente*.

Torin massageou a testa e olhou Nainsi por um longo momento, para depois desviar o olhar para o teto.

– Vossa Majestade. De acordo com os avisos da própria Linh Cinder, a rainha Levana já pretende assassinar você por tentar encontrar a princesa antes. Qual vai ser a retaliação dela quando descobrir que você ainda não parou?

– Não importa; ela já pretende me matar, então o que mais pode fazer? E a princesa Selene seria a herdeira verdadeira. A existência dela acabaria com qualquer direito de Levana ao trono.

Torin deixou os ombros penderem.

– E você acha que se encontrar uma garota que tem o quê? Quinze anos?

– Dezesseis.

– Uma garota de dezesseis anos. Você acredita que encontrá-la é o que a Comunidade precisa agora, mais do que qualquer outra coisa?

Kai engoliu em seco, mas sua resposta foi firme:

– Acredito.

Torin se encostou na cadeira, resignado.

– Tudo bem. Certo. Não vou tentar dissuadir você. – Ele olhou para Nainsi de novo, dessa vez com desconfiança, como se tudo fosse culpa da androide. – Por favor, continue.

Nainsi voltou ao relatório.

– Michelle Benoit desapareceu da fazenda no dia 11 de agosto; seu chip de identidade foi deixado em casa depois de removido do pulso. As evidências não indicavam se houve luta ou não. Duas semanas depois, a neta dela, Scarlet, que morava com Benoit havia onze anos, viajou da casa delas em Rieux, na França, para

Paris. Os registros indicam que ela ficou em Paris durante dois dias antes de seu chip de identificação sumir. Presumivelmente, o chip foi removido e destruído. Cruzamentos de linhas temporais indicam que o chip de identificação dela foi visto pela última vez perto de um teatro de ópera abandonado de Paris, ao mesmo tempo que uma máquina próxima registrou o que parece ser o pouso e decolagem de uma Rampion 214. Mas transmissões de satélite não captaram essa nave naquele local. O raciocínio lógico me leva a acreditar que era a nave em que Linh Cinder está escondida e que Scarlet Benoit pode ter ido para a espaçonave naquele momento.

Kai franziu a testa e ficou feliz de até Torin parecer intrigado com essa informação.

- Cinder fez uma viagem especial para Paris por causa dessa garota?

- Minha aptidão lógica sugere que é uma possibilidade.

- O que mais sabemos sobre essa... Scarlet?

- De acordo com os registros de identidade, ela foi morar com Michelle Benoit em 115 T.E., dois anos depois do registro de morte da princesa Selene. A data de nascimento indica que tem dezoito anos. No entanto, não existe registro hospitalar do nascimento de Scarlet Benoit, e os dados dela só foram inseridos quando tinha quatro anos, então não temos como confirmar a validade de nenhum dos registros.

- Não estou entendendo.

- Scarlet Benoit não nasceu em um hospital. Nem o pai dela, Luc Raoul Benoit. Sem registros oficiais, temos que tratar com

cautela qualquer informação sobre os nascimentos deles. É possível que tudo o que saibamos sobre Scarlet Benoit seja informação falsa.

Kai apertou as mãos na mesa.

– Você está dizendo que há uma chance de essa garota, essa Scarlet Benoit... ser na verdade a princesa Selene?

– É uma possibilidade que não pode ser provada nem refutada no momento, mas não encontrei nenhuma evidência que permita o descarte dessa hipótese.

Kai encheu os pulmões, sentindo que não respirava direito havia semanas.

– E Cinder sabe. Cinder descobriu... e agora... está com ela. Cinder encontrou a princesa.

– Vossa Majestade – disse Torin –, você está tirando conclusões muito precipitadas.

– Mas faz sentido, não faz?

Torin fez expressão de desprezo.

– Prefiro não dar minha opinião sobre o assunto até termos informações baseadas em mais do que especulação.

– Especulação de um androide – disse Kai, apontando para Nainsi. – É melhor do que uma especulação qualquer.

Ele se levantou da cadeira e começou a andar na frente do janelão. A princesa Selene estava viva. Ele sabia.

E Cinder a tinha encontrado.

Ele quase riu.

– Estou surpreso de vê-lo encarando isso tudo com humor tão bom, Majestade – comentou Torin. – Eu imaginaria que você

ficaria horrorizado com essa virada nos acontecimentos.

– Por quê? Ela está viva!

– Se essa garota *for* a princesa desaparecida, ela é refém de uma criminosa perigosa, Majestade.

– O qu... Cinder não é perigosa!

Torin pareceu ficar inesperadamente furioso ao também permanecer de pé.

– Você esqueceu que ela é *lunar*? Ela é lunar e tem contatos trabalhando dentro deste palácio. Ela coagiu você, a pessoa mais protegida do país, a dar a ela um convite pessoal para nosso baile anual, depois se infiltrou nele com a suposta intenção de provocar a rainha Levana. Fugiu de uma prisão de alta segurança e esquivou-se de toda a nossa força militar, o que levou a um ataque que matou milhares de terráqueos. Como você pode dizer que ela não é perigosa?

Kai endireitou a coluna.

– Levana nos atacou, não Cinder.

Gemendo, Torin esfregou os dedos nas têmporas. Fazia muito tempo que Kai não via aquela expressão no conselheiro. A expressão que indicava que Kai era um imbecil.

A indignação cresceu dentro dele.

– E que fique registrado que ela recusou meu convite para o baile. Ela só foi para me *avisar*. E o dr. Erland... – Ele hesitou. Ainda não sabia o que pensar do relacionamento dela com o dr. Erland.
– Levana quer que ela seja morta. Não demos a ela nenhuma outra escolha além de fugir.

– Vossa Majestade, tenho medo de que... seus sentimentos por essa garota estejam atrapalhando de forma a botar em risco sua capacidade de tomar decisões lógicas no que diz respeito a ela.

O rosto de Kai ficou quente. Será que era tão transparente?

– Ainda estou tentando encontrá-la, não estou? Os militares ainda estão procurando-a.

– Mas você está tentando encontrá-la ou encontrar essa princesa?

Ele fez um gesto para Nainsi.

– Se elas estiverem juntas, que importância tem? Podemos encontrar as duas!

– E você dará a Luna uma nova rainha, e Linh Cinder será perdoada?

– Não sei. Talvez. É uma coisa tão horrível de se desejar?

– Ela ainda é um deles. Você mesmo disse que mentiu para você sobre tudo. O que você sabe sobre ela? Ela roubou um chip de identificação do pulso de uma garota morta. Ajudou um ladrão conhecido a fugir da prisão. Preciso continuar?

Com uma careta, Kai se virou para a janela e cruzou os braços com teimosia. Ele odiava que todas as palavras que Torin disse foram indiscutíveis, enquanto todas as esperanças que Nainsi lhe deu eram baseadas em vagas observações e palpites incertos.

– Entendo que você se sinta parcialmente responsável por condená-la à morte – falou Torin, com tom mais gentil. – Mas você precisa parar de idolatrá-la.

– Idolatrar... – Kai olhou para ele de novo. – Eu não a idolatro.

Torin lançou um olhar especulativo, até que Kai começou a ficar desconfortável.

– Eu posso *admirá-la* às vezes, mas até você tem que admitir que o que ela fez foi bem impressionante. Além do mais, ela enfrentou Levana no baile. Você não ficou impressionado com aquilo? Nem um pouco?

Torin abotoou o paletó do terno.

– Minha questão, Vossa Majestade, é que você parece estar colocando fé demais em uma garota sobre quem não sabe nada e que nos causou um monte de problemas.

Kai fez expressão de irritação. Torin estava certo, claro. Ele não sabia nada sobre Cinder, por mais que achasse que sabia.

Mas ele era o imperador. Podia não saber muito sobre Cinder, mas, se ela descobrisse sobre a princesa lunar perdida, ele poderia conhecer mais sobre *ela*. E ele sabia muito bem onde começar a procurar.

CAPÍTULO

Vinte e três

DESTA VEZ, QUANDO CRESS ACORDOU, NÃO HAVIA AREIA ENVO (embora houvesse muita), mas braços. Thorne a tinha puxado para tão perto de si que ela podia sentir o subir e descer do peito dele e a respiração na sua nuca. Ela abriu os olhos, ainda grogue.

A noite caíra. A lua tinha voltado, maior do que na noite anterior e cercada de um mar de estrelas que piscavam e cintilavam para eles.

Ela estava com uma sede mortal e não encontrava saliva que umedecesse a língua seca como papel. Começou a tremer, apesar das camadas de lençóis e cobertores, do paraquedas e do calor que subia da pele queimada. Apesar do calor protetor de Thorne.

Com os dentes batendo, ela se aconchegou nele o melhor que conseguiu. O abraço dele ficou mais apertado.

Ela ergueu o olhar. As estrelas estavam se movendo, girando sobre a cabeça dela como um redemoinho tentando sugar o planeta inteiro. As estrelas a estavam provocando. Rindo.

Ela fechou bem os olhos e deu de cara com visões do sorriso cruel de Sybil. Manchetes de noticiários ecoaram na cabeça dela, faladas na voz nasal de uma criança. *QUATORZE CIDADES ATACADAS... MAIOR MASSACRE DA TERCEIRA ERA... DEZESSEIS MIL MORTES...*

– Cress. Cress, acorde.

Ela levou um susto, ainda tremendo. Thorne estava acima dela, os olhos cintilando sob o luar.

Ele encontrou o rosto dela, apertou a palma da mão na testa e falou um palavrão.

– Você está com febre.

– Estou com frio.

Ele massageou os braços dela.

– Me desculpe. Sei que você não vai gostar disso, mas precisamos nos levantar. Precisamos seguir em frente.

Foram as palavras mais cruéis que ele poderia ter dito. Ela se sentia fraca demais. O corpo todo parecia feito de areia que desmoronaria à menor brisa.

– Cress, você ainda está aqui?

Ele aninhou as bochechas dela com as mãos. A pele dele estava quente, aconchegante.

– Não consigo.

A língua grudou ao céu da boca quando ela falou.

– Consegue, sim. Vai ser melhor andar à noite, quando está mais fresco, do que tentarmos andar de dia. Você entende isso, certo?

– Meus pés doem... e estou tão tonta...

Thorne fez uma careta. Ela pensou em passar os dedos pelo cabelo dele. Em todas as fotos que viu, mesmo as da cadeia, ele estava tão bem cuidado, tão arrumado. Mas no momento estava desganhado, com pelos no queixo e sujeira no cabelo. Mas isso não o deixava menos bonito.

– Sei que você não quer seguir em frente – disse ele. – Sei que merece um descanso. Mas, se ficarmos deitados aqui, você talvez nunca se levante.

Ela não achou a ideia tão ruim. Quando a areia começou a se mexer debaixo dela, ela pressionou a mão no peito dele, procurando os batimentos firmes. Suspirou com alegria quando encontrou. Seu corpo começou a se dissolver, pequenos grãos de areia se espalhando...

– Capitão – murmurou ela. – Acho que estou apaixonada por você.

Ele levantou uma das sobrancelhas. Ela contou seis batimentos antes de ele dar uma gargalhada repentina.

– Não me diga que demorou dois dias inteiros para se dar conta disso. Devo estar perdendo o jeito.

Ela dobrou a ponta dos dedos encostados no peito dele.

– Você sabia?

– Que você é solitária e eu sou irresistível? Sim. Sabia. Venha, Cress, você vai se levantar.

Ela deixou a cabeça cair sobre a areia, o sono ameaçando tomar conta. Se ele ao menos se deitasse ao lado dela e a tomasse nos braços, ela jamais teria que se levantar novamente.

– Cress... ei, chega de dormir. Eu preciso de você. Lembre-se dos gaviões, Cress. *Gaviões*.

– Você não precisa de mim. Nem estaria aqui se não fosse por minha causa.

– Não é verdade. Bem... só em parte. Já falamos sobre isso.

Ela tremeu.

– Você me odeia?

– É claro que não. E você não devia desperdiçar sua energia falando sobre coisas idiotas.

Thorne passou o braço por baixo dos ombros dela e a obrigou a se sentar.

Cress segurou o pulso dele.

– Você acha que algum dia poderia me amar também?

– Cress, isso é lindo, mas eu não sou o primeiro cara que você *conhece*? Vamos, levante-se.

Ela virou a cabeça para o lado, sentindo a pressão do medo. Ele não acreditava nela. Não entendia o quanto o sentimento dela era intenso.

– Ah, espadas e ases e estrelas. – Ele gemeu. – Você não está chorando de novo, está?

– N-Não.

Ela mordeu o lábio. Não era mentira. *Queria* chorar, mas seus olhos estavam secos.

Thorne passou a mão pelo cabelo, e uma nuvem de areia caiu.

– Sim – disse ele com firmeza. – Está óbvio que somos almas gêmeas. Agora, *por favor*, levante-se.

– Você já deve ter dito para um monte de garotas que as amava.

– Ah, já, mas eu teria reconsiderado se soubesse que você usaria isso contra mim.

Tomada por uma onda de infelicidade, ela desabou ao lado dele. Sua cabeça girava.

– Estou morrendo – murmurou ela, surpresa com a certeza que sentia. – Vou morrer. E nunca nem fui beijada.

– Cress. *Cress*. Você não vai morrer.

– E nós teríamos um romance tão apaixonado, como nas novelas. Mas não, eu vou morrer sozinha, sem nunca ter tido nem um beijo.

Ele gemeu, mas de frustração, não de coração partido.

– Escute, Cress, odeio ter que dar a notícia, mas estou suado e todo coçando e não escovo os dentes há dois dias. Não é uma boa hora para romance.

Ela deu um gemido e colocou a cabeça entre os joelhos para tentar fazer o mundo parar de girar tão rápido. A falta de esperança da situação estava acabando com ela. O deserto não terminaria nunca. Eles nunca sairiam dali. Thorne nunca a amaria.

– *Cress*. Olhe para mim. Está olhando para mim?

– Aham – murmurou ela.

Thorne hesitou.

– Não acredito em você.

Suspirando, ela levantou a cabeça para olhar para ele pela cortina do cabelo cortado.

– Estou olhando para você.

Ele se agachou perto dela e procurou o rosto.

– Prometo que não vou deixar você morrer sem ser beijada.

– Estou morrendo agora.

– Você não está morrendo.

– Mas...

– Eu decidirei quando você estiver morrendo e, quando isso acontecer, garanto que você vai ganhar um beijo que vai valer a espera. Mas agora você precisa se levantar.

Ela ficou olhando para ele por um tempo. Os olhos estavam surpreendentemente límpidos, quase como se Thorne conseguisse vê-la, e ele não fez caretas com o silêncio cético dela. Não deu um sorriso indiferente nem ofereceu uma provocação em seguida. Apenas esperou.

Ela não conseguiu controlar quando sua atenção se desviou até os lábios dele e sentiu uma coisa tremer dentro de si. Determinação.

– Você promete?

Ele concordou.

– Prometo.

Tremendo por causa da dor que a esperava, ela se preparou e esticou as mãos para ele. O mundo se inclinou quando ele a puxou e ela cambaleou, mas Thorne a segurou até estar firme. A fome rugia no estômago vazio. A dor latejava nos pés machucados, subindo pelas pernas e pela coluna. O rosto todo se contorceu, mas ela ignorou da melhor maneira que pôde. Com a ajuda de Thorne, reamarrou o lençol na cabeça.

– Seus pés estão sangrando?

Ela mal os via na escuridão, e ainda estavam envoltos pelas toalhas.

– Não sei. Estão doendo. Muito.

– Sua febre pode ser de infecção. – Ele entregou a ela a última garrafa de água, já pela metade. – Ou você pode estar desidratada.

Beba tudo.

Ela fez uma pausa com a garrafa de água já encostada na boca, com cuidado para não perder nem uma gota. Era uma oferta tentadora. Ela podia beber tudo e ainda sentir sede, mas...

– *Tudo* – disse Thorne.

Ela bebeu até conseguir parar sem a garganta implorar por mais.

– Mas e você?

– Eu já tomei minha parte.

Ela sabia que não era verdade, mas sua tolerância por altruísmo diminuía a cada gole, e em pouco tempo fez o que ele pediu e bebeu tudo. Ficou oscilando com a garrafa virada para o céu, torcendo para conseguir mais uma gota, até ter certeza de não haver mais nada lá dentro.

Ela quase perdeu o equilíbrio e colocou a garrafa vazia com pesar na bolsa-cobertor no ombro de Thorne. Ao olhar para o horizonte, viu as sombras das montanhas, ainda muito distantes.

Thorne pegou a bengala, e ela se obrigou a respirar fundo três vezes antes de começar, torcendo para que lhe desse coragem. Cress estimou a quantidade de passos necessários para chegarem à próxima duna e começou a contar. Um pé na frente do outro. Ar quente para dentro, ar quente para fora. A fantasia de ser uma exploradora corajosa já tinha desaparecido, mas se manteve agarrada à ideia de que Thorne contava com ela.

Subiu a duna, e seus dentes começaram a bater de novo. Tropeçou duas vezes. Tentou se lembrar de fantasias reconfortantes. Uma cama macia, um cobertor velho. Dormir

até bem depois do nascer do sol em um aposento com pouca iluminação em que flores cresciam do lado de fora das janelas. Acordar nos braços de Thorne. Os dedos dele tirando o cabelo da testa dela, a pressão de um beijo de bom-dia em sua têmpora...

Mas não conseguia sustentar essas fantasias. Não conhecia um quarto assim, e as visões difíceis de montar eram logo obscurecidas pela dor.

Uma duna veio e foi. Ela já estava ofegante.

Duas dunas. As montanhas permaneciam ao longe, provocantes.

Cada vez que chegavam ao topo de uma duna, ela se concentrava na seguinte. *Vamos só chegar lá em cima e vou me sentar por um minuto. Só mais uma...*

Mas, em vez de se permitir descansar quando o objetivo era alcançado, ela escolhia outro e seguia em frente.

Thorne não dizia nada quando ela tropeçava e caía de joelhos. Só a ajudava a se levantar e a colocava de pé. Não dizia nada quando ela reduzia o ritmo e passava a rastejar, desde que não parassem. A presença dele era reconfortante; nunca impaciente, nunca grosseira.

Depois de séculos de progresso delirante e enlouquecedor pela areia, quando ela sentia como se todos os membros estivessem prestes a cair, o céu do leste começou a clarear, e Cress percebeu que a paisagem estava mudando. As dunas diminuía de quantidade e tamanho e, não muito longe, pareciam terminar em uma planície comprida de sol pedregoso

e vermelho, com arbustos raros e ásperos. Atrás disso começava o pé das montanhas.

Ela olhou para Thorne e ficou surpresa de ver a evidência de exaustão nas feições dele, embora ele a substituísse por determinação firme quando paravam.

Ela descreveu a paisagem da melhor maneira que conseguiu.

– Você consegue estimar quanto tempo vamos demorar a chegar a esses arbustos?

Ela fez uma estimativa, sem esconder o pânico de que acabasse sendo outra ilusão e que o fim da areia e das dunas fosse se afastar a cada passo que dessem.

– Não.

Ele assentiu.

– Tudo bem. Vamos tentar chegar lá antes que fique quente demais. Talvez consigamos um pouco de orvalho dos galhos.

Orvalho. Água. Só uma lambida, só um gostinho... ela nunca mais esnobaria um gole lamacento que fosse.

Ela recomeçou a andar, as pernas berrando nos primeiros passos, até começarem a ficar dormentes com a infinita caminhada.

E então sua visão encontrou uma coisa grande e branca, e ela ficou paralisada.

Thorne se chocou contra ela, e Cress teria caído se ele não tivesse passado os braços ao redor dos ombros dela para segurá-la.

– O que foi?

– Tem... um animal – sussurrou ela, com medo de assustar a criatura de pé no alto da duna.

Ele já os tinha visto e estava olhando serenamente para Cress. Ela tentou identificá-lo com base do que sabia da vida animal terrestre. Algum tipo de cabra? Uma gazela? Tinha pernas brancas magras sobre patas enormes e uma barriga redonda que mostrava as pontas das costelas. A cara calma era marrom com marcas brancas e pretas, como uma máscara ao redor dos olhos. Dois chifres enormes em espiral subiam da cabeça, dobrando sua altura.

Era o primeiro animal terráqueo que ela via, e era lindo e majestoso e misterioso, observando-a com olhos escuros, sem piscar.

Por um momento, ela imaginou que seria capaz de falar com ele em pensamento, pedir que os levasse até um lugar seguro. Ele reconheceria a bondade dentro dela e sentiria pena, como uma deusa animal antiga enviada para guiá-la até seu destino.

– Animal? – disse Thorne, e Cress percebeu que ele estava esperando que ela explicasse melhor o que estava vendo.

– Tem pernas compridas e chifres e... e é *lindo*.

– Ah, que bom, estamos de volta a isso então.

Ela percebeu o sorriso no tom dele, mas não ousou afastar o olhar da criatura, com medo de que se dissolvesse no ar como um fantasma.

– Isso pode querer dizer que há uma fonte de água por perto – refletiu Thorne. – Devemos seguir em frente.

Cress deu um passo hesitante. Sentiu a areia escorregando com mais clareza e reconheceu o quanto ela e Thorne eram desajeitados, tropeçando e cambaleando pelas dunas, enquanto essa criatura era tão elegante e calma.

A criatura inclinou a cabeça sem se mexer enquanto Cress se aproximava.

Ela só percebeu que estava prendendo a respiração quando as pálpebras do animal tremeram e ele virou a cabeça na direção de alguma coisa do outro lado da duna.

O estrondo de um tiro soou no deserto.

CAPÍTULO

Vinte e quatro

A CRIATURA HESITOU, PARALISADA, E CAIU PELA DUNA, O SANGUE E do ferimento na lateral do corpo. Cress deu um grito e tropeçou para trás. Thorne a puxou para baixo, na areia.

– Cress! Você está bem?

Ela estava tremendo, vendo o animal cair e rolar o resto do caminho, com areia grudando no pelo. Tinha vontade de gritar, mas todos os barulhos estavam paralisados dentro dela, e não pensava em nada além de que o animal queria dizer alguma coisa para ela, e naquele momento o mundo estava se inclinando e sumindo, e ela ia vomitar, e havia sangue na areia, e não sabia o que tinha acontecido, e...

– Cress! *Cress!*

As mãos de Thorne estavam nela, procurando, e Cress percebeu que ele achava que ela tinha levado o tiro. Ela segurou os pulsos dele, apertou com força e tentou passar a verdade pelo toque, pois as palavras não chegavam à boca.

– Eu... Eu estou...

Ela fez uma pausa. Os dois ouviram. Um ofegar, junto com o movimento e o escorregar de passos.

Cress se encolheu no abraço de Thorne quando o pavor tomou conta dela. Um homem apareceu no alto da duna,

segurando uma arma.

Ele viu o animal primeiro, morrendo ou morto, mas logo avistou Cress e Thorne com o canto do olho. Deu um grito, quase perdeu o equilíbrio e olhou boquiaberto para os dois. Suas sobrancelhas desapareceram debaixo de um turbante de tecido. Seus olhos castanhos e a parte de cima do nariz eram tudo o que ela conseguia ver do rosto, pois o resto do corpo estava coberto com uma túnica que ia até os tornozelos, protegendo-o da natureza cruel do deserto. Por baixo da túnica apareciam uma calça jeans e botas desbotadas pelo sol e cobertas de areia.

Ele terminou de inspecionar Cress e Thorne e baixou a arma. Começou a falar, e por um momento Cress pensou que o sol e a exaustão a tivessem deixado maluca, pois não entendeu nem uma palavra que ele disse.

Thorne apertou mais seus braços.

Por um momento, o homem olhou-os em silêncio. Depois, se mexeu, baixou as sobrancelhas e deixou à mostra fios brancos nelas.

– Universal, então? – disse ele com um sotaque pesado que dificultou o entendimento das palavras. Ele examinou as roupas esfarrapadas e os lençóis. – Vocês não são daqui.

– Isso mesmo... senhor – falou Thorne, com voz rouca. – Precisamos de ajuda. Minha... minha mulher e eu fomos atacados e roubados dois dias atrás. Não temos mais água. Por favor, você pode nos ajudar?

O homem apertou os olhos.

– Seus olhos?

Thorne fez beicinho. Tentava esconder sua nova incapacidade, mas seus olhos ainda estavam desfocados.

– Os ladrões me deram um golpe muito forte na cabeça – disse ele –, e minha visão sumiu desde então. E minha mulher está com febre.

O homem assentiu.

– É claro. Meus... – Ele hesitou por causa da língua. – Meus amigos não estão longe. Tem um oásis perto daqui. Temos um... acampamento.

Cress ficou tonta. *Um oásis. Um acampamento.*

– Tenho que levar o animal – disse o homem, inclinando a cabeça na direção da criatura caída. – Vocês conseguem andar? Talvez... dez minutos?

Thorne massageou os braços de Cress.

– Conseguimos, sim.

Os dez minutos pareceram uma hora para Cress, enquanto seguiam o homem pelo deserto, andando na marca deixada pela carcaça do animal, arrastada na areia. Cress tentou não olhar para o pobre coitado e manteve os pensamentos na promessa de segurança.

Quando viu o oásis, como um paraíso à frente deles, uma explosão repentina de alegria subiu pela garganta dela.

Eles conseguiram.

– Descreva – murmurou Thorne, segurando o cotovelo dela.

– Tem um lago – disse ela, sabendo que era real e sem entender direito como pôde confundir aquela miragem indefinida com uma coisa tão intensa e vibrante. – Azul como o

céu e cercado de grama e algumas árvores... palmeiras, eu acho. São altas e finas e...

– As pessoas, Cress. Descreva as pessoas.

– Ah. – Ela contou. – Consigo ver sete pessoas... Não consigo saber o sexo daqui. Todos estão usando túnicas de cores claras por cima da cabeça. E tem... acho que são camelos? Amarrados perto da água. E tem uma fogueira, e algumas pessoas estão arrumando esteiras e barracas. E tem tanta sombra!

O homem com a caça parou no pé da ladeira.

– O homem está nos esperando – disse Cress.

Thorne se inclinou para perto dela e deu um beijo em sua bochecha. Cress ficou imóvel.

– Parece que conseguimos, *sra. Smith*.

Quando eles se aproximaram do acampamento, as pessoas ficaram de pé. Dois integrantes do grupo foram até a areia para recebê-los. Apesar de estarem com a túnica por cima da cabeça, eles puxaram a cobertura para baixo do queixo, e Cress viu que havia uma mulher. O caçador falou com eles na outra língua, e uma mistura de solidariedade e curiosidade surgiu nos rostos desses estranhos, mas não sem um toque de desconfiança.

Apesar dos olhos da mulher serem os mais rígidos do grupo, ela foi a primeira a sorrir.

– Que terrível provação pela qual vocês passaram – disse ela, com um sotaque não tão pesado quanto o do caçador. – Meu nome é Jina, e este é meu marido, Niels. Bem-vindos à nossa caravana. Venham, temos bastante comida e água. Niels, ajude o homem com a bolsa.

O marido se aproximou para tirar a bolsa improvisada do ombro de Thorne. Apesar de ter ficado mais leve conforme a água foi sendo bebida, a expressão de Thorne foi de alívio por se livrar do peso.

– Temos um pouco de comida aí – disse ele. – Kits de nutrição, basicamente. Não é muito, mas é de vocês se nos ajudarem.

– Obrigada pela oferta – agradeceu Jina –, mas isso não é uma negociação, meu jovem. Nós vamos ajudar vocês.

Cress ficou grata por não fazerem perguntas quando ela e Thorne foram levados até a fogueira. As pessoas se mexeram e olharam para eles com curiosidade enquanto abriam espaço em esteiras trançadas. O caçador os deixou e foi levando a carcaça do animal para alguma outra parte do acampamento.

– Que tipo de animal era aquele? – perguntou Cress, com os olhos grudados na marca deixada pelo corpo arrastado.

– Um adax do deserto – respondeu Niels, entregando para ela e para Thorne cantis cheios de água.

– Era lindo.

– Também vai ser delicioso. Agora, beba.

Ela queria sentir tristeza pelo animal, mas a água era uma distração abençoada. Desviou a atenção para o cantil e fez o que ele mandou, bebendo até o estômago doer de saciedade.

As pessoas ficaram em silêncio, e Cress sentiu a presença da curiosidade e dos olhares ao redor. Evitou olhar nos olhos deles e chegou mais perto de Thorne inconscientemente, até ele não ter escolha além de colocar o braço ao redor dela.

– Somos muito gratos a vocês – disse ele, oferecendo um sorriso fácil a ninguém em particular.

– Foi muita sorte vocês terem nos encontrado, ou Kwende ter encontrado vocês – falou Jina. – O deserto não é um lugar gentil. Vocês devem ter uma estrela da sorte muito forte.

Os lábios de Cress se esticaram em um sorriso.

– Você é muito nova. – As palavras soaram acusatórias aos ouvidos de Cress, mas o rosto da mulher estava gentil. – Há quanto tempo estão casados?

– Somos recém-casados – disse Thorne, apertando Cress. – Era para ser nossa lua de mel. Acho que a estrela da sorte não é tão forte assim.

– E eu não sou tão nova quanto pareço – acrescentou Cress, sentindo que tinha que oferecer alguma coisa ao fingimento. Mas sua voz falhou, e ela logo se arrependeu de falar.

Jina piscou.

– Você vai ser grata por essa juventude um dia.

Cress baixou o olhar de novo e ficou feliz quando uma colher larga e uma tigela de comida fumegante foram colocadas na sua frente, de onde saía um cheiro exótico, temperado e intenso.

Ela hesitou e arriscou um olhar de lado para a mulher que entregou a tigela, sem saber se era para compartilhar ou passar para a pessoa seguinte ou comer de forma lenta e delicada ou...

Mas em poucos momentos todos ao redor da fogueira estavam apreciando a própria comida com satisfação. Vermelha de fome, Cress colocou a tigela no colo. Mordiscou lentamente no começo, tentando identificar os alimentos terráqueos. As

ervilhas ela reconheceu facilmente, pois também existiam em Luna, mas havia outros tipos de legumes que ela não reconheceu, misturados com arroz e cobertos com um molho denso e aromático.

Ela pegou um pouco de alguma coisa amarelada e firme. Mordeu e descobriu que era macio e saía fumaça de dentro.

– Não existe batata no lugar de onde você vem?

Cress levantou o olhar e viu Jina observando-a com curiosidade. Ela engoliu.

– Este molho – disse ela baixinho, torcendo para Jina não perceber que ela estava fugindo da pergunta. *Batatas, claro!* As batatas de Luna eram mais escuras, sua textura mais esfarelada. – O que é?

– Só um curry simples. Gostou?

Ela assentiu com entusiasmo.

– Muito. Obrigada.

Ao perceber que todos os olhos estavam direcionados a ela, Cress enfiou o resto da batata na boca depressa, apesar de os temperos estarem deixando suas bochechas coradas. Enquanto ela comia, um prato de carne seca lhe foi passado (ela não perguntou de que animal), e depois uma tigela cheia de frutas laranja suculentas, e frutas secas, doces, e verdes de vários sabores, mais do que as frutas secas de proteína que Sybil costumava levar para ela.

– Vocês são comerciantes? – perguntou Thorne, aceitando o punhado de frutas secas que Cress colocou na mão dele.

– Somos – disse Jina. – Fazemos essa viagem quatro vezes por ano. Estou chateada pela ameaça de ladrões. Não temos esse tipo de problema há séculos.

– São tempos de desespero – falou Thorne, dando de ombros. – Se você não se importa de eu perguntar, por que camelos? Faz o estilo de vida de vocês parecer tão... segunda era.

– De jeito nenhum. Ganhamos nossa vida servindo muitas das menores comunidades do Saara, e muitas delas nem têm ímãs nas ruas, muito menos rotas de comércio.

Cress reparou na mão de Thorne apertando mais a tigela. O *Saara*. Então a observação que ela fizera das estrelas estava certa. Mas a expressão dele permaneceu impassível, e ela se obrigou a fazer o mesmo.

– Por que não usar veículos com rodas, então?

– Usamos ocasionalmente – contou um dos homens –, em circunstâncias especiais. Mas o deserto é cruel com as máquinas. Não são tão de confiança quanto os camelos.

Jina pegou algumas fatias da fruta doce e grudenta e colocou em cima do curry.

– Nossa vida pode não ser luxuosa, mas nos mantemos ocupados. Nossas cidades contam conosco.

Cress ouviu com atenção, mas manteve o foco na comida. Uma vez que se encontravam em segurança, abrigados e alimentados, ela estava desenvolvendo um novo medo: de que a qualquer momento um desses homens ou mulheres fosse olhar para ela e ver alguma coisa diferente, alguma coisa não muito... terráquea.

Ou que reconhecesse Thorne, um dos fugitivos mais procurados do planeta.

Sempre que ousava erguer o olhar, via a atenção voltada a ela e Thorne. Encolheu-se em cima da tigela de comida, tentando afastar os olhares curiosos e torcendo para ninguém falar com ela. Estava certa de que qualquer palavra que dissesse a marcaria como *diferente*, que só o ato de olhar nos olhos deles faria com que se entregasse.

– Não são muitos os turistas que vêm aqui – disse o marido de Jina, Niels. – Os estrangeiros costumam vir para mineração ou arqueologia. Este lado do deserto está quase esquecido desde que os surtos começaram.

– Ouvimos que os surtos não estão tão ruins quanto dizem – comentou Thorne, mentindo com uma facilidade que deixou Cress atônita.

– Você ouviu errado. O surto de peste está tão ruim quanto pensam. Pior.

– Para que cidade vocês estão viajando? – perguntou Jina.

– Ah, para a cidade que vocês forem – respondeu Thorne, sem nem hesitar. – Não queremos ser um peso para vocês. Vamos ficar em qualquer cidade que tenha tela de comunicação. Er... vocês não teriam por acaso um tablet, teriam?

– Temos – disse a mulher mais velha, talvez na casa dos cinquenta anos. – Mas o acesso à rede é ruim aqui. Só teremos boa conexão quando chegarmos em Kufra.

– Kufra?

– A próxima cidade de comércio – explicou Niels. – Vamos demorar mais um dia para chegar lá, mas você deve encontrar o que precisar.

– Vamos descansar hoje durante o dia e a noite, e partimos amanhã – disse Jina. – Vocês precisam descansar, e queremos evitar o sol alto.

Thorne deu um sorriso grato.

– Não sei como agradecer.

Uma onda de tontura se espalhou na cabeça de Cress, obrigando-a a colocar a tigela no chão.

– Você não parece bem – disse alguém, ela não sabia quem.

– Minha mulher estava se sentindo mal antes.

– Você devia ter dito. Ela pode estar com insolação. – Jina ficou de pé e colocou a comida de lado. – Venha, você não deve ficar tão perto do fogo. Vocês podem ficar na barraca de Kwende esta noite, mas precisam beber mais antes de dormir. Jamal, me traga cobertores úmidos.

Cress aceitou a mão que a puxou para ficar de pé. Virou-se para Thorne e reuniu coragem para dar um pequeno beijo nada teatral na bochecha dele, mas, assim que se inclinou, o sangue lhe subiu à cabeça. O mundo girou. Pontos brancos surgiram em seus olhos e ela desabou na areia.

CAPÍTULO

Vinte e cinco

CINDER ABRIU AS CORTINAS E ENTROU NA LOJA, SEGURANDO-AS A

Jacin enquanto observava as prateleiras ao redor. Havia jarros lotados de ervas e líquidos, muitos rotulados em uma língua que ela não conhecia, embora, se olhasse por tempo suficiente, sua ligação à rede fosse começar a procurar uma tradução. Esses ingredientes exóticos estavam espalhados entre caixas de remédios e frascos de comprimidos que ela reconhecia de farmácias da Comunidade, junto com rolos de gaze e ataduras, pomadas pesadas, acessórios elaborados de tablet para examinar sinais vitais, óleos de massagem, velas e modelos anatômicos. Partículas de poeira estavam visíveis nos poucos raios de luz que entravam pelas janelas sujas, e um ventilador girava preguiçosamente no canto, sem ajudar muito a dispersar o calor. No canto, uma holografia mostrava o desenvolvimento de uma hemorragia interna resultante de um ferimento lateral e tremia ocasionalmente.

Jacin foi até os fundos da loja, ainda mancando um pouco ao andar.

– Olá – chamou Cinder.

Outra cortina pendia em frente a uma porta na parede oposta, junto a um velho espelho e uma pia com uma planta dentro.

A cortina balançou e uma mulher passou por ela, prendendo um avental por cima de uma calça jeans e uma blusa estampada.

– Estou chegando, estou cheg... – Ela viu Cinder. Seus olhos se arregalaram e a mulher abriu um enorme sorriso ao prender as cordas do avental nas costas. – Bem-vinda! – disse com o sotaque pesado com o qual Cinder estava se acostumando.

– Oi, obrigada. – Cinder colocou um tablet na bancada entre as duas e mostrou a lista que o dr. Erland tinha gravado para ela. – Estou aqui em busca de algumas coisas. Me disseram que você teria aqui.

– Cinder Linh.

Ela ergueu a cabeça. A mulher ainda estava sorrindo.

– Sim?

– Você é corajosa e linda.

Ela ficou tensa, sentindo mais como se a mulher a tivesse ameaçado do que elogiado. Nos momentos seguintes à declaração inesperada, ela esperou que seu detector de mentira entrasse em ação, mas isso não aconteceu. Corajosa, talvez. Pelo menos, ela entendia por que alguém diria isso depois de ouvir as histórias do baile.

Mas linda?

A mulher continuou a sorrir.

– Hã. Obrigada? – Ela empurrou o tablet na direção da mulher.
– Meu amigo me deu esta lista...

A mulher segurou suas mãos e apertou. Cinder engoliu em seco, surpresa não só pelo toque repentino, mas pela forma como a mulher não fez uma careta ao segurar a mão de metal.

Jacin se inclinou por cima da bancada e empurrou o tablet na direção da mulher tão de repente que ela precisou soltar a mão de Cinder para segurar.

– Precisamos dessas coisas – disse ele, apontando para a tela.

O sorriso da mulher sumiu quando ela olhou para Jacin, que estava usando a camiseta do uniforme da guarda, limpa e costurada de forma que as marcas de sangue quase não apareciam no tecido vinho.

– Meu filho também foi recrutado para se tornar guarda de Levana. – Ela apertou os olhos. – Mas ele não era tão grosso.

Jacin deu de ombros.

– Alguns de nós têm coisas a fazer.

– Espere – falou Cinder. – Você é lunar?

A expressão dela se suavizou quando ela olhou para Cinder de novo.

– Sou. Como você.

Ela sufocou o mal-estar que veio junto com uma admissão tão aberta.

– E seu filho é guarda real?

– Não, não. Ele preferiu se matar a se tornar uma marionete na mão dela.

Ela lançou um olhar de raiva para Jacin e se empertigou um pouco mais.

– Ah. Sinto muito – disse Cinder.

Jacin revirou os olhos.

– Acho que ele não devia se importar muito com você.

Cinder sufocou um grito.

– Jacin!

Balançando a cabeça, ele tirou o tablet da mão da mulher.

– Vou começar a procurar – declarou ele, passando por Cinder. – Por que você não pergunta a ela o que aconteceu depois?

Cinder olhou com raiva para as costas de Jacin até ele desaparecer em um dos corredores.

– Me desculpe por isso – disse ela, procurando alguma desculpa. – Ele é... você sabe. Lunar também.

– Ele é um dos dela.

Cinder se voltou novamente para a mulher, que parecia ofendida pelas palavras de Jacin.

– Não é mais.

Resmungando, a mulher se virou para reposicionar o ventilador a fim de que Cinder recebesse a maior parte da brisa.

– A coragem existe em muitas formas. Você sabe disso.

O rosto da mulher se encheu de orgulho.

– Acho que sim.

– Talvez seu amigo tenha tido coragem suficiente para entrar para a guarda dela. Meu filho teve coragem suficiente para não entrar.

Massageando distraidamente o pulso, Cinder se apoiou na bancada.

– Aconteceu alguma coisa? Depois?

– É claro. – Ainda havia orgulho no rosto dela, mas também raiva e tristeza. – Três dias depois que meu filho morreu, dois homens foram à minha casa. Eles levaram meu marido para a rua

e o obrigaram a implorar pelo perdão da rainha por ter criado um filho tão desleal. E depois o mataram de qualquer jeito, como punição. E como aviso para qualquer outro convocado que estivesse pensando em desobedecer à coroa. – Os olhos estavam começando a se encherem de água, mas ela sustentou um sorriso sofrido. – Eu demorei quase quatro anos para encontrar uma nave vindo para a Terra e disposta a me aceitar como clandestina. Quatro anos fingindo que eu não a odiava. Fingindo ser mais uma cidadã leal.

Cinder engoliu em seco.

– Sinto muito.

A mulher esticou a mão e aninhou a bochecha de Cinder.

– Obrigada por desafiá-la de uma forma que nunca fui capaz. – A voz dela virou aço. – Espero que você a mate.

– Você vende fentanil de 10mg? – perguntou Jacin, voltando para a bancada e colocando três caixas pequenas em cima.

A mulher apertou os lábios e tirou o tablet da mão dele.

– Deixe que eu faço isso – disse ela, contornando a bancada e seguindo para o canto da frente da loja.

– Foi o que pensei – murmurou ele.

Cinder apoiou o queixo no punho de metal e olhou para ele.

– Eu nunca soube que ser guarda real era uma posição obrigatória.

– Não para todo mundo. Muita gente quer ser escolhida. É uma grande honra em Luna.

– Você quis?

Ele olhou para ela.

– Não. Eu sempre quis ser médico.

O tom dele estava cheio de sarcasmo, mas o dispositivo óptico biônico de Cinder não detectou como mentira. Ela cruzou os braços.

– Certo. Quem você estava protegendo?

– O que você quer dizer?

Alguma coisa arrastou no chão; a vendedora estava empurrando caixas poeirentas.

– Quando você foi convocado para ser guarda real. Quem Levana teria assassinado se você tivesse recusado?

Os olhos claros ficaram gélidos. Ele esticou a mão por cima da bancada e virou o ventilador para si.

– Não importa. Eles vão acabar mortos mesmo.

Cinder afastou o olhar. Como ele decidiu se juntar ao lado dela, seus entes queridos poderiam sofrer.

– Talvez não – disse ela. – Levana não sabe que você a traiu. Pode pensar que eu usei meu glamour com você. Que estou forçando você a nos ajudar.

– E você acha que isso vai fazer diferença?

– Talvez. – Ela viu a vendedora revirar uma caixa. Uma mosca zumbiu perto de sua cabeça, e Cinder a espantou. – E como se escolhe um guarda real?

– Há certas características que eles procuram.

– E lealdade não é uma delas?

– Por que seria? Ela pode imitar lealdade. É como com seu amigo agente especial. Ele pode ter reflexos rápidos, bons instintos e uma certa quantidade de bom senso. Mas, se você

juntá-lo a um taumaturgo capaz de transformá-lo em um animal selvagem, não vai mais importar o que ele pensa ou quer. Ele apenas faz o que mandam.

– Já vi Lobo lutar contra isso – falou Cinder, sentindo vontade de defendê-lo uma vez que Scarlet não estava ali para isso.

Na primeira vez que Cinder viu Lobo, ele estava coberto de sangue e agachado de forma ameaçadora por cima de Scarlet, embora ela tenha sempre insistido que ele não a machucaria. Que era diferente dos outros, mais forte.

É claro que isso foi antes de Lobo ter levado um tiro no lugar de uma taumaturga, momentos antes de Scarlet ser sequestrada.

– Obviamente, não é uma coisa fácil de fazer – acrescentou ela. – Mas eles podem lutar contra o controle mental.

– Parece ter feito muito bem a ele.

Cinder travou o maxilar e apertou a mão de metal na nuca, esperando que a acalmasse.

– Ele preferiu lutar e perder a se tornar um peão dela. Todos nós preferiríamos.

– Que bom. Nem todo mundo tem essa opção.

Ela reparou que ele tinha pousado a mão confortavelmente na faca embainhada ao lado da coxa.

– Está claro que Levana não escolheu você pela sua capacidade de manter uma boa conversa. Quais eram as características que você tinha que a fizeram pensar que você seria um bom guarda?

Aquela expressão de diversão arrogante voltou, como se ele estivesse compartilhando com ela uma piada particular.

– Meu rosto bonito – disse ele. – Não deu para perceber?

Ela riu.

– Você está começando a falar como Tho-Thorne. – Ela gaguejou no nome dele. Thorne, que jamais voltaria a fazer piadas sobre o próprio carisma.

Jacin não pareceu reparar.

– É triste, mas é verdade.

Cinder engoliu o remorso repentino.

– Levana escolhe os guardas pessoais com base em quem vai decorar melhor o ambiente? De repente me sinto melhor quanto às nossas chances.

– Isso e nossas mentes muito fracas.

– Você está brincando.

– Não. Se eu fosse bom com meu dom, talvez tivesse chegado a taumaturgo. Mas a rainha quer que seus guardas sejam controlados facilmente. Somos como marionetes que ela mexe por aí. Afinal, se demonstramos a menor resistência ao controle dela, isso poderia significar a diferença entre a vida e a morte para Sua Majestade.

Cinder pensou no baile, quando estava com a arma e tentou atirar em Levana. O guarda ruivo pulou na frente da bala sem hesitar. Ela sempre achara que ele estava fazendo seu dever de proteger a rainha, que fez por vontade própria, mas reconheceu que os movimentos dele foram desajeitados demais, nada naturais. E que a rainha nem piscou.

Ela o estava controlando. Jacin estava certo. Ele funcionou como uma marionete.

– Mas você resistiu ao controle na nave.

– Porque a taumaturga Mira estava ocupada com seu amigo agente. Senão, eu teria sido o mesmo manequim sem cérebro que costumo ser.

Havia humor em seu tom autodepreciativo, mas Cinder detectou amargura por baixo. Ninguém gostava de ser controlado, e ela achava que ninguém se acostumava com isso.

– E você acha que eles não desconfiam que você é...

– Um traidor?

– Se é isso que você é.

O polegar dele contornou o punho da faca.

– Meu dom é praticamente inútil. Eu não seria capaz de controlar nem um terráqueo, muito menos um lunar habilidoso. Eu jamais conseguiria fazer o que você faz. Mas desenvolvi a capacidade de manter os pensamentos vazios quando a rainha ou um taumaturgo estão por perto. Para eles, eu tenho tanto cérebro e força de vontade quanto um cotoco de árvore. Não sou exatamente ameaçador.

Perto da frente da loja, a mulher começou a cantarolar baixinho enquanto reunia a lista de Cinder.

– Você está fazendo isso agora mesmo, não está? – disse Cinder, cruzando os braços. – Mantendo os pensamentos vazios.

– É hábito.

Cinder fechou os olhos e o procurou com os pensamentos. A presença dele estava lá, mas só de leve. Ela sabia que poderia controlá-lo sem esforço, mas a energia que emanava do corpo dele não revelava nada. Nenhuma emoção. Nenhuma opinião. Ele simplesmente se misturava ao pano de fundo.

– Hã. Eu sempre achei que seu treinamento devia ter ensinado isso.

– É só autopreservação saudável.

Ela franziu a testa e abriu os olhos. O homem à frente era um buraco negro emocional, de acordo com seu dom lunar. Mas, se ele conseguia enganar Levana...

Ela apertou os olhos.

– Minta para mim.

– O quê?

– Me conte uma mentira. Não precisa ser nada grandioso.

Ele ficou em silêncio por bastante tempo, e ela imaginou ser capaz de ouvi-lo revirando todas as mentiras e verdades, pesando-as em relação umas às outras.

Por fim, ele disse:

– Levana não é tão ruim depois que você passa a conhecê-la.

Uma luz laranja piscou no canto da visão dela.

Ao ver o sorriso debochado de Jacin, Cinder começou a rir, e a tensão sumiu dos ombros dela como ondas de calor que sobem da areia do deserto. Pelo menos sua programação ciborgue ainda detectava se ele estava mentindo para ela ou não. O que queria dizer que não tinha mentido quando disse que era leal à princesa e só a ela.

A vendedora voltou e colocou vários remédios diferentes na bancada, olhou o tablet e se afastou de novo.

– Agora que você sabe tudo sobre mim – falou Jacin, como se isso fosse alguma coisa perto da verdade –, eu tenho uma pergunta para você.

– Pode falar – disse ela, organizando os vidros em fileiras arrumadas. – Meus segredos são quase todos de conhecimento público atualmente.

– Posso ser capaz de esconder minhas emoções da rainha, mas não consigo esconder o fato de que sou lunar e posso ser controlado por ela. Mas, quando você chegou naquele baile, seu dom parecia não existir. Sinceramente, no começo pensei que você fosse terráquea. E sei que foi por isso que a rainha e a taumaturga Mira estavam zombando de você... tratando-a como uma cascuda, o que você poderia muito bem ser, por não ter poder nenhum. – Ele ficou olhando para Cinder, como se tentando ver dentro da confusão de fios e chips dentro da cabeça dela. – E então, de repente, você não estava mais sem poderes. Seu dom era praticamente cegante. Talvez até pior que o de Levana.

– Nossa, obrigada – murmurou Cinder.

– Como você fez isso? Como conseguiu esconder tanto poder? Levana deveria ter percebido imediatamente... todos nós. Agora, quando olho para você, é praticamente só o que vejo.

Cinder mordeu o lábio e olhou para o espelho acima da pequena pia da loja. Viu seu reflexo e não ficou surpresa de encontrar uma mancha de sujeira no maxilar (há quanto tempo estava ali?) e fios de cabelo caindo desgrehados do rabo de cavalo. O espelho a mostrava exatamente como sempre foi. Comum. Suja. Um ciborgue.

Ela tentou imaginar como seria se ver como via Levana: assustadoramente bonita e poderosa. Mas era impossível com

aquele reflexo olhando para ela.

Era por isso que Levana desprezava tantos espelhos, mas Cinder achava seu reflexo quase reconfortante. A vendedora a chamou de corajosa e linda. Jacin a chamou de cegante. Era bom saber que os dois estavam errados.

Ela ainda era apenas Cinder.

Depois de prender uma mecha de cabelo atrás da orelha, ela se esforçou para explicar a Jacin o “sistema de segurança bioelétrico” que seu pai adotivo inventou e instalou em sua espinha dorsal. Durante anos, isso a impediu de usar o dom, e era por isso que, até recentemente, ela não sabia que era lunar. O dispositivo servia para protegê-la, não só impedindo-a de usar o dom para que os terráqueos não soubessem o que ela era, mas também para impedir os efeitos colaterais que a maioria dos lunares sentia quando não usava o dom por longos períodos, as alucinações, a depressão e a loucura.

– É por isso que você talvez ouça o dr. Erland falando sozinho às vezes – disse ela. – Ele não usou o dom durante anos depois de vir para a Terra, e agora a sanidade dele está...

– Espere.

Ela fez uma pausa, não só porque Jacin falou, mas porque alguma coisa mudou no ar ao redor dele. Houve um pico repentino de emoção que pegou Cinder desprevenida.

– Esse dispositivo impediu você de perder sua estabilidade mental? Mesmo você não usando seu dom durante... anos?

– Bem, ele me *impediu* de usar o dom antes de tudo, e também me protegeu dos efeitos colaterais.

Ele virou o rosto para o outro lado e levou um minuto para recompor as feições de volta à indiferença, mas era tarde demais. Havia uma nova intensidade por trás dos olhos dele conforme se dava conta das implicações.

Um dispositivo que podia anular o dom lunar de uma pessoa faria com que todos fossem iguais.

– Pois então – disse Cinder, massageando a nuca onde o dispositivo ainda estava instalado, embora estivesse quebrado. – O dr. Erland o desligou. Meu dom ficou indo e vindo durante algumas semanas antes do baile, mas todo o estresse emocional sobrecarregou meu sistema, e o dispositivo, e... ali estava eu. Completamente lunar. No momento certo.

Ela se encolheu ao relembrar da sensação de uma arma encostada na cabeça.

– Existe mais algum dispositivo desses? – perguntou ele, os olhos estranhamente brilhantes.

– Acho que não. Meu padrasto morreu antes de ter sido completamente testado, e até onde eu sei, não fez nenhum outro. Embora ele possa ter deixado papéis ou desenhos que expliquem como funciona.

– Não parece possível. Uma invenção assim... poderia mudar tudo.

Ele balançou a cabeça de novo, olhando para o nada, quando a vendedora voltou e colocou uma cesta cheia de compras sobre a bancada. Ela pegou os vidros de antes e colocou por cima, junto com o tablet de Cinder.

– Isso é perfeito – disse Cinder, puxando a cesta. – Muito obrigada. O doutor disse que você podia colocar na conta dele. Tudo bem?

– Nada de pagamento de Cinder Linh – retrucou a mulher, balançando uma das mãos enquanto tirava um tablet do bolso do avental. – Mas... posso tirar sua foto para meu perfil da rede? Minha primeira celebridade!

Cinder se encolheu para longe dela.

– Er... me desculpe. Não ando tirando fotos ultimamente.

A mulher murchou de decepção e guardou o tablet no bolso.

– Me desculpe, de verdade. Vou falar com o doutor sobre o pagamento, certo?

Ela tirou a cesta da bancada sem esperar ouvir outro argumento.

– Não anda tirando fotos ultimamente? – murmurou Jacin enquanto eles saíam apressadamente da loja. – Que lunar de sua parte.

Cinder apertou os olhos contra a luz do sol repentina e intensa.

– Muito criminoso procurado da minha parte também.

CAPÍTULO

Vinte e seis

EMBORA OS PENSAMENTOS DE SCARLET ESTIVESSEM DENSOS COM seus dedos estavam ágeis e rápidos, dançando pelos movimentos familiares de desligar a nave. Assim como em todas aquelas noites em que voltava para a fazenda ao terminar as entregas. Ela quase sentia o aroma bolorento do hangar da avó, combinado com a brisa fresca e natural vinda dos campos. Ela baixou o trem de pouso e pisou nos freios. A nave assentou, zumbindo por um momento antes de ela desligar o motor, quando ficou em silêncio.

Alguma coisa fez barulho atrás dela. Uma mulher começou a gritar em tom agudo, e a raiva dela era confusa e indistinta no cérebro enevoado de Scarlet.

Uma dor de cabeça começou a latejar na parte da frente do crânio dela e gradualmente ocupou a cabeça toda. Scarlet se encolheu e se encostou no assento do piloto, apertando as palmas das mãos sobre os olhos para bloquear a dor, a confusão, a luz intensa e repentina que explodiu em sua visão.

Scarlet gemeu e se inclinou para a frente. O cinto não a prendeu como os esperava, e logo ela estava encolhida sobre os joelhos, respirando fundo e ofegante, como se quase tivesse se afogado.

Sua boca estava seca, o maxilar doía como se ela tivesse trincado os dentes durante horas. Mas, quando ficou completamente imóvel e respirou fundo baixinho, o latejar na cabeça começou a diminuir. Seus pensamentos clarearam. A gritaria abafada ficou mais intensa e aguda.

Scarlet abriu os olhos. Uma onda de náusea tomou conta dela, mas ela engoliu em seco e esperou passar.

Ela soube imediatamente que essa não era sua nave de entregas e que não estava no hangar da avó. O cheiro era todo errado, o piso estava limpo demais...

– ... quero que tragam já o tenente Hensla, junto com uma equipe completa de busca e identificação de naves...

A voz da mulher disparou como eletricidade pelos nervos de Scarlet, e ela se lembrou. Da nave, do ataque, da arma em sua mão, da bala atingindo Lobo no peito, da sensação de vazio quando a taumaturga invadiu seu cérebro, tomou conta de seus pensamentos, retirou todo o seu senso de identidade e força de vontade.

– ... use o histórico da nave para rastrear a última localização e ver se ainda resta alguma conectividade com a nave principal. Eles podem ter ido para a Terra. Descubram. *Encontrem-na*.

Scarlet levantou a cabeça o bastante para espiar pela janela lateral da nave de passeio. Luna. Ela estava em Luna, atracada em um espaço fechado que não se parecia em nada com os hangares que ela conhecia e nem com a área de pouso da Rampion. Era grande o bastante para abrigar uma dezena de naves pequenas, e algumas já estavam enfileiradas ao lado da dela, suas formas

modernas ornamentadas com a insígnia de Luna. As paredes eram irregulares e pretas, mas com pontinhos cintilantes de luz, para imitar um céu inexistente. Uma luz leve era emitida pelo chão, de forma que as sombras das naves se esticavam como aves de rapina pelas paredes enormes.

No fim da fileira de naves havia uma enorme porta em arco, com pedras cintilantes embutidas que formavam uma lua crescente subindo acima do planeta Terra.

– ... peguei o D-COMM da programadora que nos traiu. Veja se os técnicos de software conseguem usá-lo para rastrear a nave auxiliar...

A porta da nave atrás dela ainda estava aberta, e a taumaturga encontrava-se de pé do lado de fora, gritando com as pessoas que tinham se reunido ao redor: dois guardas de uniformes vermelhos e cinza e um homem de meia-idade que usava uma túnica simples com cinto e estava inserindo informações em um tablet rapidamente. O casaco comprido da taumaturga estava manchado de sangue e encharcado na parte de cima da coxa. Ela estava um pouco curvada, com as mãos sobre o ferimento.

A porta em arco começou a se abrir, criando um pequeno buraco no meio da Terra cintilante. Scarlet se abaixou. Ouviu o clique sutil e o zumbido de imãs, o estalo de passos.

– Finalmente – disse a taumaturga, furiosa. – O uniforme está destruído. Corte o tecido e seja rápido. A bala não atravessou, e o ferimento não... – Ela parou de falar e deu um pequeno gemido.

Ousando erguer o olhar, Scarlet viu que três novas pessoas tinham chegado, vestidas de jalecos de laboratório. Elas

trouxeram uma maca flutuante, coberta com o estoque todo de um laboratório de suprimentos médicos, e estavam reunidas em torno da taumaturga, uma desabotoando o casaco enquanto outra tentava cortar um quadrado na calça, apesar de o tecido parecer ter grudado no ferimento.

A taumaturga se recuperou e recompôs a expressão para disfarçar quanta dor estava sentindo, apesar de a pele morena ter assumido uma palidez amarelada. Um dos médicos descolou o tecido do ferimento.

– Mandem Sierra enviar um novo uniforme e façam contato com o taumaturgo Park para informá-lo de que logo haverá mudanças em nossos procedimentos para reunir inteligência em relação a líderes terráqueos.

– Sim, taumaturga Mira – disse o homem de meia-idade. – Falando em Park, você precisa saber que ele já teve uma reunião com o imperador Kaito sobre nossa frota, que parece não estar mais disfarçada.

Ela falou um palavrão.

– Eu tinha me esquecido das naves. Espero que ele tenha sido inteligente o bastante para não contar nada antes de termos estabelecido uma declaração oficial. – Ela fez uma pausa para respirar fundo. – Além do mais, informe Sua Majestade da minha volta.

Scarlet deslizou no assento. Seus olhos se dirigiram para a porta do outro lado da nave. Ela considerou ligar o motor, mas não tinha chance de fugir na nave de passeio da Rampion. Eles

deviam estar debaixo do chão, e a saída devia exigir uma autorização especial para ser aberta.

Mas, se ela chegasse a uma das outras naves...

Tentando respirar fundo para se acalmar, ela se deslocou devagar pelo console central até o assento do copiloto.

Ela se preparou, o coração disparado no peito. Contou até três mentalmente e destravou a porta. Abriu muito devagar, para que o movimento não fosse notado pelos lunares atrás. Saiu e pousou os tênis no chão. Enfim via de onde surgia a luz peculiar; o chão todo era feito de azulejos brancos iluminados, fazendo parecer que ela estava andando...

Bem, na lua.

Ela fez uma pausa para ouvir. Os médicos discutiam ferimentos de entrada, o assistente listava horários para uma reunião com a rainha. Pela primeira vez, a taumaturga estava em silêncio.

Respire, respire...

Scarlet se afastou da nave. Seu cabelo estava grudado no pescoço molhado e ela tremia de medo e adrenalina e pela crescente certeza de que isso jamais daria certo. Não conseguiria chegar à nave lunar. Eles dariam um tiro nas costas dela a qualquer momento. Ou ela entraria na nave e não saberia pilotar. Ou a saída não estaria aberta.

Mas os lunares continuavam falando atrás dela, e ela estava tão perto, e isso podia funcionar, tinha que funcionar...

Agachada junto ao corpo branco cintilante da nave lunar, ela lambeu os lábios e aproximou os dedos do painel da porta...

Sua mão parou.

Seu coração despencou.

O ar ao redor dela ficou silencioso, carregado com uma energia que fez todos os pelos de seu braço ficarem em pé. Sua mente permaneceu clara dessa vez, bastante ciente do quanto ela chegou perto de entrar naquela nave e tentar chegar em segurança, e ao mesmo tempo ciente de que nunca teve chance.

Com um estalo, sua mão voltou a se mover e ela a deixou pender ao lado do corpo.

Scarlet forçou o queixo para cima e, usando a lateral da nave para se equilibrar, ficou de pé e se virou para encarar a taumaturga. Sentada na maca flutuante, Sybil Mira usava apenas uma camisola e estava deitada de lado, para que os médicos tivessem acesso ao ferimento. Havia sangue espirrado na bochecha e na testa dela, e o cabelo estava desgrenhado e sujo de ainda mais sangue, mas ela até então parecia intimidante, os olhos cinza grudados em Scarlet, encostada na nave.

Os médicos estavam curvados sobre a coxa dela, trabalhando com atenção, como se tivessem medo de ela reparar que eles permaneciam lá enquanto limpavam e cuidavam e davam pontos. Os dois guardas estavam com as armas na mão, embora suas posturas estivessem relaxadas enquanto eles esperavam ordens.

O assistente, que antes era de meia-idade e comum de todas as formas, tinha mudado. Embora ainda estivesse de túnica com cinto, havia se tornado lindo de uma maneira quase sobrenatural.

Vinte e poucos anos, maxilar forte, cabelo preto como breu penteado para trás, revelando um bico de viúva na testa.

Scarlet contraiu o maxilar e forçou o cérebro a lembrar como ele era antes. A não dar peso ao glamour que ele impunha. Era só uma pequena rebelião, mas ela a agarrou com toda a força mental que ainda tinha.

– Essa deve ser a refém tirada da nave da ciborgue – disse o assistente. – O que devo fazer com ela?

O olhar da taumaturga se concentrou em Scarlet com um ódio que poderia ter derretido a carne de seus ossos.

O sentimento era mútuo. Scarlet retribuiu o olhar de raiva.

– Preciso de tempo para falar sobre ela com Sua Majestade – disse Sybil. – Desconfio que ela vá querer estar presente quando a garota for interrogada. – Ela se contorceu quando a dor surgiu em seu rosto. Scarlet percebeu o momento em que a taumaturga perdeu o interesse no destino dela, quando seus ombros relaxaram e ela reuniu a energia que ainda tinha para se deitar na maca. – Não ligo para o que você fizer com ela enquanto isso. Dê para uma das famílias se quiser.

O assistente assentiu e fez um gesto para os guardas.

Em segundos, eles se aproximaram, afastaram Scarlet da nave e prenderam as mãos dela atrás do corpo com algum tipo de amarra que machucou seus pulsos. Quando começaram a levá-la na direção da enorme porta em arco, os médicos e a taumaturga já tinham ido embora.

CAPÍTULO

Vinte e sete

O TEMPO PASSOU EM UMA NÉVOA, SONHO E REALIDADE SE MIST

Quando foi arrancada do sono, obrigada a se sentar e beber água. Trechos de conversas confusas. Tremores. Quando estava com calor e suando e chutou os cobertores finos. Thorne ao lado dela, amarrando uma venda na cabeça. Mãos segurando a garrafa de água nos lábios dela. Beba. Beba. *Beba*. Tome essa sopa. Beba mais um pouco. Uma gargalhada desconhecida fazendo-a se encolher e se esconder debaixo do cobertor. A silhueta de Thorne sob o luar, esfregando os olhos e falando um palavrão. Ela ofegante no ar quente, certa de que sufocaria debaixo do cobertor e que todo o oxigênio seria sugado para o céu escuro da noite. Desesperada por água. Com coceiras devido à areia ainda presa nas roupas e cabelo.

Luz. Escuridão. Luz de novo.

Por fim, Cress acordou, grogue mas lúcida. A saliva estava densa e grudada na boca, e ela deitada em uma esteira dentro de uma pequena barraca, sozinha. Estava escuro fora das paredes de tecido fino, e o luar batia na pilha de roupas aos seus pés. Ela procurou o cabelo com a intenção de envolver os pulsos com ele, mas encontrou-o cortado abaixo das orelhas.

As lembranças voltaram, preguiçosas no começo. Thorne no satélite, Sybil e o guarda, a queda e a faca e o deserto cruel que se estendia até o fim do mundo.

Ela ouviu vozes lá fora. Perguntou-se se a noite tinha acabado de começar ou já estava terminando. Perguntou-se por quanto tempo dormiu. Ela parecia se lembrar de braços ao redor de seu corpo, de dedos macios tirando areia de seu rosto. Será que foi sonho?

A barraca foi aberta, e uma mulher, a mais velha da fogueira, apareceu com uma bandeja. Ela abriu um sorriso e colocou a comida no chão, um tipo de sopa com um cantil de água.

– Finalmente – disse ela, com aquele sotaque pesado e desconhecido, rastejando pelos montes de cobertores bagunçados. – Como está se sentindo? – Ela colocou a palma da mão na testa de Cress. – Melhor. Que bom.

– Por quanto tempo eu...?

– Dois dias. Estamos atrasados, mas não importa. É bom ver você acordada.

Ela se sentou ao lado de Cress. A barraca era apertada, mas não desconfortável.

– Você vai ter um camelo para andar quando partirmos. Precisamos manter seus ferimentos limpos. Você teve sorte de termos encontrado você antes da infecção.

– Ferimentos?

A mulher indicou seus pés, e Cress se inclinou. Estava escuro, mas ela sentiu as ataduras. Mesmo dois dias depois, eles ainda

estavam doloridos ao toque e os músculos das pernas formigavam de cansaço.

– Onde está...? – Ela hesitou, sem conseguir lembrar se Thorne tinha usado um nome falso. – Meu marido?

– Na fogueira. Ele está nos distraindo com a história do romance explosivo de vocês. Garota de sorte. – Ela deu uma piscadela maliciosa que fez Cress se encolher, depois um tapinha no joelho. Entregou a tigela de sopa para ela. – Coma primeiro. Se você estiver forte o bastante, pode se juntar a nós.

Ela voltou até a entrada.

– Espere. Eu preciso... hã.

Cress corou, e a mulher lançou um olhar de compreensão.

– Tenho certeza de que sim. Venha comigo, vou mostrar onde fazer o que você tiver que fazer.

Havia um par de botas na entrada da barraca, grande demais para ela. A mulher ajudou Cress a enchê-las de tecido até ficarem quase confortáveis, embora as solas dos pés ainda doessem, depois a levou para longe do fogo, para um buraco que cavaram na areia na extremidade do oásis. Dois lençóis tinham sido pendurados para oferecer privacidade, e havia uma palmeira jovem para Cress se apoiar enquanto se aliviava.

Quando terminou, a mulher a guiou de volta até a barraca e a deixou sozinha saboreando a sopa. Seu apetite voltou multiplicado por dez desde a primeira refeição no oásis. Sua barriga parecia vazia, mas o caldo a acalmou enquanto ouvia a conversa dos estranhos. Tentou identificar a voz de Thorne, mas não conseguiu.

Quando saiu rastejando da barraca de novo, viu oito formas sentadas ao redor do fogo. Jina estava mexendo o conteúdo de uma panela meio enterrada na areia, e Thorne se encontrava sentado de pernas cruzadas e relaxado em uma das esteiras. Estava com uma bandana ao redor dos olhos.

– Ela se levantou! – gritou o caçador, Kwende.

Thorne ergueu a cabeça, e sua surpresa ficou clara em um sorriso enorme.

– Minha mulher? – disse ele, mais alto do que o necessário.

Os nervos de Cress saltaram quando ela viu tantos estranhos a olhando. Sua respiração ficou errática, e então pensou em fingir um ataque de tontura para procurar refúgio na barraca de novo.

Mas Thorne ficou de pé, ou tentou, cambaleando em um dos joelhos como se fosse cair bem em cima da fogueira.

– Oh-oh.

Cress correu até o lado dele. Com a ajuda dela, ele se pôs de pé e segurou as mãos dela, ainda trêmulas.

– Cress?

– Sim, cap... hã...

– Você acordou, finalmente! Como está se sentindo? – Ele procurou a testa dela, e a palma da mão pousou primeiro no nariz e depois deslizou até a testa. – Ah, que bom, sua febre baixou. Eu estava tão preocupado.

Ele a puxou em um abraço, e ela sumiu nos braços dele.

Cress deu um gritinho, mas o som foi abafado pelo algodão da camisa dele. Ele a soltou depressa e aninhou o rosto dela com as mãos.

– Minha querida sra. Smith, *nunca* mais me assuste assim.

Apesar do exagero no ato, Cress sentiu uma alegria no peito ao ver a boca dele, ao sentir as mãos tão carinhosas em suas bochechas.

– Me desculpe – choramingou ela. – Me sinto bem melhor agora.

– Você está com *aparência* bem melhor. – Seus lábios tremeram. – Pelo menos, estou supondo que esteja. – Thorne enfiou os dedos dos pés na areia e levantou uma ponta de uma vara comprida, pegando-a com facilidade. – Venha, vamos dar uma volta. Para ver se conseguimos ter um tempinho sozinhos nessa nossa lua de mel.

Ele contorceu o rosto em uma piscadela que ficou óbvia mesmo por baixo da venda.

A multidão ao redor da fogueira gritou quando Thorne pegou a mão de Cress. Ela o guiou para longe das provocações, feliz por a escuridão da noite esconder suas bochechas vermelhas.

– Você parece estar se saindo bem – disse ela quando eles se afastaram da fogueira, embora tenha ficado feliz quando Thorne não soltou sua mão.

– Andei treinando caminhar com a bengala nova. Um dos homens a fez para mim, e é bem melhor do que aquela de metal. Mas a organização do acampamento ainda me confunde. Juro que eles ficam mudando as coisas de lugar cada vez que penso que entendi.

– Eu devia estar junto para ajudar você – disse ela quando eles se aproximaram do pequeno lago. – Me desculpe por ter dormido

tanto.

Ele deu de ombros.

– Estou feliz por você estar bem. Fiquei preocupado mesmo.

A atenção dela estava voltada para os dedos entrelaçados, como se fosse um farol. Cada movimento, cada batimento, cada passo era espalhado por todo o corpo dela.

Não demorou para que a imaginação dela os colocasse deitados juntos na areia quente, os dedos dele acariciando o cabelo dela, os lábios passeando por seu queixo.

– Então escute – disse Thorne, arrancando-a do sonho. – Falei para todo mundo que, quando chegarmos à cidade, vou chamar meu tio na América e pedir para que mande um transporte, então não vamos seguir com eles.

Cress prendeu o cabelo atrás das orelhas, ainda despertando dos resquícios da fantasia. O toque do ar noturno no pescoço foi inesperadamente agradável.

– E você acha que vamos conseguir fazer contato com sua tripulação?

– É minha esperança. A nave não tem equipamento de rastreamento, mas, considerando que você já descobriu nossa localização uma vez, achei que talvez você pudesse pensar em alguma forma de pelo menos mandar uma mensagem para eles.

Eles contornaram os camelos, que olharam para eles com total desinteresse, enquanto o cérebro de Cress começava a avaliar uma dezena de meios de comunicação possíveis com uma nave não rastreável e o que precisaria para conseguir executar

isso. Ela não conseguira fazê-lo do satélite, mas com o acesso correto à rede...

Cress ficou grata quando eles chegaram à barraquinha. Apesar de a caminhada ter sido curta, as botas grandes já tinham começado a queimar. Ela se sentou na esteira, tirou uma de um dos pés e inspecionou as ataduras da melhor forma que pôde no escuro. Thorne se sentou ao lado dela.

– Está tudo bem?

– Espero encontrar sapatos quando chegarmos nessa cidade. – Ela deu um suspiro sonhador. – Meu primeiro par de sapatos de verdade.

Ele deu um sorrisinho.

– Agora você está falando como uma verdadeira mulher terráquea.

Ela olhou para a fogueira para ver se ninguém estava ouvindo.

– Posso perguntar por que você está usando uma venda?

Ele passou os dedos no tecido.

– Acho que eu estava deixando as pessoas pouco à vontade olhando vagamente para o espaço o tempo todo, ou olhando através delas.

Ela baixou a cabeça e tirou a segunda bota.

– Eu não ficava pouco à vontade. Acho que seus olhos são... bem, sonhadores.

Os lábios de Thorne tremeram.

– Então você *reparou*.

Ele tirou a bandana e a colocou no bolso, depois esticou as pernas.

Cress mexeu com as pontas irregulares do cabelo e olhou para o perfil dele com um sentimento que fez seu corpo todo doer. Finalmente, depois de um agonizante minuto reunindo coragem, ela chegou perto dele e apoiou a cabeça em seu ombro.

– Boa ideia – disse ele, passando o braço pela cintura dela. – Como eles poderiam pensar que não estamos apaixonados?

– Como poderiam? – murmurou ela.

Ela apertou os olhos e tentou decorar a sensação exata dele.

– Cress?

– Humm?

– Estamos bem, certo?

Cress abriu os olhos. Um grupo de palmeiras na frente dela brilhou laranja com a luz trêmula da fogueira, e ela ouviu o estalo de fagulhas, mas o barulho pareceu distante.

– O que você quer dizer?

– É que eu estava pensando, sabe, no que você falou lá no deserto. Achei que era a febre falando, mas, mesmo assim, eu tenho o hábito de falar coisas sem pensar direito nelas, e com você sendo nova nessa coisa toda de socialização... – Ele parou de falar e apertou o braço na cintura dela. – Você é incrivelmente doce, Cress. Eu não quero magoar você.

Ela engoliu em seco, a boca áspera de repente. Nunca tinha pensado que palavras tão gentis pudessem doer, mas não conseguiu deixar de pensar que o elogio dele não queria dizer o que ela desejava que dissesse.

Ela afastou a cabeça do ombro dele.

– Você me acha ingênua.

– Claro, um pouco – admitiu ele, com tanta certeza que pareceu menos insulto do que ser chamada de doce. – Mas eu penso mesmo é que não sou a melhor pessoa para demonstrar toda a bondade que a humanidade tem a oferecer. Não quero que você fique decepcionada demais quando perceber isso.

Cress entrelaçou os dedos no colo.

– Conheço você melhor do que pensa, capitão Thorne. Sei que você é inteligente. E corajoso. E atencioso e gentil e...

– Encantador.

– ... encantador e...

– Carismático.

– ... carismático e...

– Bonito.

Ela apertou os lábios e olhou com raiva para ele, mas o sorriso debochado tinha afastado todos os sinais de sinceridade.

– Me desculpe – disse ele. – Por favor, continue.

– Talvez mais vaidoso do que eu tinha percebido.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. E então, para a surpresa dela, esticou a mão e segurou a dela, com o outro braço ainda ao redor da cintura.

– Para quem tem uma experiência social tão limitada, você, minha querida, é uma excelente avaliadora de caráter.

– Não preciso de experiência. Você pode tentar se esconder por trás de sua reputação ruim e das fugas criminosas, mas consigo ver a verdade.

Ainda sorrindo, ele a cutucou com o ombro.

– Que, por dentro, sou apenas um romântico meloso em busca do amor?

Ela enfiou os dedos dos pés na areia.

– Não... que você é um herói.

– *Herói?* Isso é ainda melhor.

– E é verdade.

Ele escondeu o rosto atrás da mão e levou a de Cress junto no movimento. Ocorreu a ela que essa conversa toda era uma piada para ele. Mas como ele podia não ver?

– Você está me matando, Cress. Quando me viu fazer *qualquer coisa* que poderia ser considerada heroica? Resgatar você do satélite foi ideia de Cinder, foi você quem impediu um acidente na nossa descida e nos fez passar pelo deserto...

– Não estou falando de nada disso. – Ela soltou a mão da dele. – E quando você tentou arrecadar dinheiro para ajudar a pagar por assistência androide para os idosos? *Isso* foi heroico, e você só tinha onze anos!

O sorriso dele sumiu.

– Como você sabia sobre isso?

– Eu fiz minhas pesquisas – contou ela, cruzando os braços.

Thorne coçou o maxilar, com a confiança abalada por um momento.

– Tudo bem – disse ele lentamente. – Eu roubei um colar da minha mãe e tentei vender. Quando fui pego, concluí que não me puniriam se achassem que eu estava tentando fazer uma coisa boa, e, como eu teria que devolver mesmo o dinheiro, não

importava. Então, inventei a história de dar o dinheiro para caridade.

Ela franziu a testa.

– Mas... se foi isso, o que você ia fazer com ele?

Ele suspirou de forma sonhadora.

– Comprar um aerodeslizador de corrida. O Neon Spark 8000. Nossa, eu queria muito.

Cress piscou. Um aerodeslizador de corrida? Um *brinquedo*?

– Certo – disse ela, sufocando uma pontada de decepção. – E quando você soltou aquele tigre do zoológico.

– É sério? Você acha que *aquilo* foi heroico?

– Ele era um pobre animal triste preso por toda a vida! Você deve ter se sentido mal por ele.

– Não exatamente. Eu cresci com gatos robóticos em vez de animais de estimação de verdade e achei que, se o soltasse, ele faria todas as minhas vontades e eu poderia levá-lo para a escola e então seria ridiculamente popular por ser o garoto com o tigre de estimação. – Ele balançou a mão no ar, como se pudesse ilustrar a história enquanto falava. – É claro que, no segundo que ele saiu e todo mundo correu desesperado, eu percebi o quanto minha ideia tinha sido idiota. – Ele apoiou o cotovelo no joelho e aninhou o queixo com a mão. – Esse jogo é divertido. O que mais você sabe?

Cress podia sentir sua visão do mundo desmoronando. Todas aquelas horas revirando os registros dele, justificando os erros, certa de que só ela conhecia o *verdadeiro* Carswell Thorne...

– E Kate Fallow? – disse ela, quase temendo a resposta.

Ele inclinou a cabeça.

– Kate Fallow... Kate Fallow...

– Quando você tinha treze anos. Uns colegas roubaram o tablet dela e você a defendeu. Tentou recuperar o tablet.

– Ah, aquela Kate Fallow! Uau, quando você pesquisa, pesquisa de verdade, não é?

Ela mordeu o lábio e o observou em busca de uma reação, de alguma coisa que dissesse que, ao menos nessa situação, ela estava certa. Ele salvou a pobre garota. Foi o herói.

– Na verdade, eu tinha uma queda por Kate Fallow – contou ele distraidamente. – O que será que ela anda fazendo atualmente?

Seu coração tremeu, apegando-se a filetes de esperança.

– Está estudando para ser arquiteta.

– Ah. Faz sentido. Ela era ótima em matemática.

– E então? Você não vê o quanto aquilo foi heroico? O quanto foi altruísta e *valente*?

O canto dos lábios dele tremeu, mas não com entusiasmo, e o sorriso logo sumiu quando virou o rosto para longe dela. Ele abriu a boca para falar, mas hesitou, até que, finalmente, procurou a mão dela de novo.

– É, acho que você está certa – disse ele, apertando. – Talvez haja um pouco de herói em mim mesmo. Mas... de verdade, Cress. Só um pouco.

CAPÍTULO

Vinte e oito

ELES DECIDIRAM PASSAR UM DIA A MAIS NO ACAMPAMENTO, PARA que Cress estivesse completamente recuperada, mas partiram cedo na manhã seguinte, desmontando as barracas e enrolando as esteiras sob um céu ainda escuro. Jina disse para Cress que eles deviam chegar em Kufra no fim da tarde e que, por estarem começando tão cedo, deviam percorrer uma boa distância antes que o calor escaldante tomasse conta da areia. Eles fizeram uma refeição rápida de carne seca, pegaram tâmaras nas tamareiras e deixaram para trás o santuário do oásis.

Apesar de exigir muita reorganização de mercadorias e equipamento, Cress recebeu um camelo para montar. Ela ficou grata, a mera ideia de andar já provocava nela vontade de chorar, mas logo descobriu que o animal também não era a epítome do conforto. Em horas, suas mãos doíam de segurar as rédeas e suas panturrilhas estavam vermelhas e irritadas. A capa que o pessoal da caravana emprestara para ela a protegia melhor do sol, mas, com o passar do dia, não houve descanso do calor.

Viajaram para o leste, em paralelo às montanhas. Thorne ficou ao lado dela, com uma das mãos apoiando as bolsas presas à cela e com a ponta da nova bengala, mais leve, roçando na areia. Ainda usando a venda, ele andava com facilidade enganosa. Cress

sugeriu que ele fosse no camelo várias vezes, mas ele sempre recusava. Ela sentiu que isso estava se tornando uma questão de orgulho. Ele estava provando, talvez para si mesmo, que era capaz de andar sem assistência, que conseguia ser independente, que podia manter um sorriso no rosto enquanto fazia isso.

Eles passaram a maior parte da manhã em silêncio, e Cress não pôde deixar de se perder nas fantasias que giravam mais em torno da ponta dos dedos dele fazendo desenhos na parte de dentro de seu pulso.

Ao meio-dia, estavam sob ataque de um sol impiedoso e da areia soprada pelo vento que os golpeava, tentando penetrar nas dobras das roupas. Mas o sol não estava mais nos rostos, e gradualmente as dunas deram espaço a um platô duro e rochoso.

À tarde, quando o sol estava em seu pior momento, eles chegaram a um leito de rio seco e pararam para descansar. Encontraram uma área com sombra debaixo de um penhasco quadrado, e dois dos homens saíram andando e voltaram um pouco depois com todos os cantis cheios até a boca. Jina explicou que havia um poço escondido em meio a umas pedras ali perto, alimentado pela mesma fonte subterrânea sobre a qual ficava Kufra, a cidade para onde eles estavam indo.

Subir no camelo depois da pausa foi uma tortura, mas Cress lembrou a si mesma que qualquer coisa era melhor do que andar.

A tarde levou-os a mais terrenos rochosos, seguidos de algumas horas de dunas. Eles passaram por uma cobra, e Cress percebeu que era a única com medo dela, apesar de Kwende confirmar que era venenosa. A cobra se encolheu e os viu passar

com olhos preguiçosos, sem nem se dar ao trabalho de sibilar nem de mostrar os dentes, como as cobras nas novelas sempre faziam. Mesmo assim, de seu ponto de vista vantajoso, Cress monitorou onde Thorne pisava, e suas pulsações só diminuíram de velocidade quando a cobra não podia mais ser vista atrás deles.

E então, quando Cress tinha certeza de que a parte de dentro de suas coxas estava em carne viva, Thorne levantou a mão e mexeu até encostar a palma no joelho dela.

– Está ouvindo isso?

Ela prestou atenção, mas só ouviu o barulho familiar dos camelos andando.

– O quê?

– Civilização.

Ela apertou as rédeas do camelo, mas o barulho só se separou do silêncio do deserto quando eles chegaram ao topo da duna seguinte. E ela viu.

Uma cidade surgiu na frente deles, abrindo-se no deserto entre penhascos pedregosos. As construções eram todas compactadas e próximas, mas mesmo de longe Cress via as manchas verdes das árvores entre elas. Não parecia possível que uma cidade existisse no meio de um deserto tão intenso e impiedoso, mas ali estava ela, sem nenhum preâmbulo. Um passo, deserto. Passo seguinte, paraíso.

– Você está certo – disse Cress suspirando, com olhos arregalados. – Estamos quase lá. Conseguimos.

– Como é?

– Não sei por onde começar. Parece lotada. Tem pessoas e construções e ruas e *árvores*...

Thorne riu.

– Você acabou de descrever todas as cidades no planeta.

Ela não conseguiu se impedir de rir com ele, tomada de euforia de repente.

– Me desculpe. Deixa eu ver. A maior parte das construções é feita de pedra, ou talvez argila, e são de uma cor meio castanha, meio pêssego, e a cidade toda é cercada de um muro alto de pedra, e tem muitas palmeiras em todas as ruas. Tem um lago que parece ir até o meio da cidade, quase de uma ponta a outra, e vejo barquinhos nele, e tantas árvores e plantas, e acho... que para o norte, depois das casas, acho que estão plantando algum tipo de alimento. Ah!

– O quê? Ah o quê?

– *Animais!* Pelo menos algumas dezenas... Cabras, talvez? E... aquele ali tem um carneiro! São iguaizinhos aos que vi na rede!

– Me conte sobre as pessoas.

Ela desviou o olhar das criaturas, descansando na pouca sombra que conseguiam encontrar, e tentou observar as pessoas andando nas ruas. Apesar de estar chegando a noite, o que parecia ser a rua principal ainda estava cheia de lojas ao ar livre abertas, com paredes de tecidos de estampas vibrantes tremendo na brisa.

– São muitas. A maioria usa túnicas como nós, mas tem muito mais cor.

– E qual é o tamanho da cidade?

– Tem *centenas* de construções!

Thorne deu um sorrisinho.

– Tente controlar o entusiasmo, garota da cidade. Eu falei para todo mundo que nos conhecemos em Los Angeles.

– Certo. Me desculpe. É que... conseguimos, capitão.

A mão dele desceu pela perna dela e envolveu um tornozelo.

– Vou ficar feliz de sair dessas dunas, mas vai haver muito mais coisas em que tropeçar aqui do que no deserto. Tente não ir para muito longe, certo?

Cress olhou para o perfil dele e reconheceu o olhar tenso de preocupação pela curva dos lábios, pela ruga entre as sobrancelhas. Ela não via aquele olhar desde que se encontraram com os viajantes e começou a achar que ele estava ficando mais à vontade com a cegueira. Mas talvez só estivesse tentando esconder sua fraqueza dos outros.

– Não vou sair de perto de você – disse ela.

Ficou claro a partir do momento em que entraram na cidade que a caravana era conhecida, esperada e estava atrasada. Os viajantes não desperdiçaram tempo e montaram uma barraca em meio às lojas para descarregar a mercadoria, enquanto Cress tentava absorver a arquitetura e os detalhes e a beleza que a cercavam. Apesar de a cidade ter parecido esbranquiçada e arenosa de longe, de perto ela conseguiu perceber variações vibrantes de laranja e cor-de-rosa decorando as laterais das construções, e azulejos azul-cobalto ao redor de portas e degraus. Quase toda superfície tinha algum tipo de decoração, de contornos dourados a arcos detalhadamente entalhados a uma

enorme fonte no meio da praça principal. Cress espiou a água borbulhante quando eles passaram, hipnotizada pelo desenho de explosão na base do chafariz.

– O que você acha? – perguntou Jina.

Cress sorriu.

– É de tirar o fôlego.

Jina olhou as barracas do mercado ao redor e as frentes das construções como se nunca tivesse olhado para nada daquilo.

– Essa sempre foi uma das minhas paradas favoritas ao longo do nosso caminho, mas mal dá para reconhecer em comparação a algumas décadas atrás. Quando eu estava aprendendo a fazer negócios, Kufra era uma das cidades mais bonitas do Saara... mas aí a peste atacou. Quase dois terços da população foi aniquilada em poucos anos, e muitas pessoas fugiram para outras cidades ou saíram da África. Casas e negócios foram abandonados, plantações queimaram no sol. Estão tentando se recuperar desde então.

Cress piscou e olhou de novo, além da bela ornamentação e das paredes pintadas de forma vibrante, tentando ver a cidade que Jina descreveu, mas não conseguiu.

– Não parece abandonada.

– Não aqui, na praça principal. Mas, se você seguir para as áreas do norte ou do leste, é praticamente uma cidade fantasma. Muito triste.

– Mas então era uma cidade muito rica? – perguntou Thorne, inclinando a cabeça. – Antes da peste?

– Ah, sim. Kufra ficava em muitas rotas mercantes entre as minas de urânio na África central e no Mediterrâneo. Um dos recursos mais valiosos da Terra, e quase temos o monopólio. Com exceção da Austrália, mas há demanda suficiente para compartilharmos.

– Urânio – disse Thorne. – Para energia nuclear.

– Também é o que alimenta a maioria dos motores de naves espaciais atuais.

Thorne assobiou, parecendo impressionado, embora Cress achasse que ele já devia saber disso.

– Me sigam – falou Jina. – Tem um hotel depois da esquina.

Jina os levou pelo labirinto apertado das barracas do mercado, passando por todo tipo de coisas, desde caixas repletas de tâmaras açucaradas a mesas cobertas de queijos de cabra frescos a uma clínica de medidroides oferecendo exames de sangue de graça.

Depois de deixar as ruas do mercado para trás, eles passaram por um portão velho e entraram em um jardim no meio de um pátio, cheio de mais palmeiras e uma árvore com grandes frutas amarelas penduradas nos galhos. Cress sorriu quando os reconheceu e ficou morrendo de vontade de falar sobre os limões, mas sufocou a empolgação.

Eles entraram em um pequeno saguão, com uma porta em arco que levava a uma sala de jantar, onde algumas pessoas estavam reunidas ao redor de uma mesa jogando cartas. A sala tinha um aroma de perfume doce e inebriante, quase intoxicante.

Jina se aproximou de uma garota sentada atrás da mesa e elas falaram na outra língua antes de ela se voltar para eles.

– Eles vão deixar o quarto de vocês na nossa conta. Aqui tem uma cozinha pequena, vocês podem pedir o que precisarem. Tenho trabalho a fazer, mas vou pedir sapatos para você quando tiver oportunidade.

Cress agradeceu repetidamente até Jina sair andando para concluir seus negócios.

– Quarto oito, no andar de cima – informou a recepcionista, entregando a Cress uma pequena placa com uma chave de sensor. – E juntem-se a nós em nossa competição noturna de *Royals* no saguão do restaurante, à esquerda. As primeiras três rodadas são cortesia para hóspedes.

Thorne inclinou a cabeça na direção da área de jantar.

– Não diga.

Cress olhou para os jogadores reunidos ao redor da mesa.

– Quer ir ver?

– Não, não agora. Vamos achar nosso quarto.

No segundo andar, Cress encontrou a porta marcada com um oito pintado de preto. Quando passou a placa e abriu a porta, sua atenção foi direto para uma cama encostada à parede, coberta por um mosquiteiro de cor creme pendurado em quatro traves altas. Os travesseiros e cobertores com bordado dourado e franjas eram bem mais elaborados do que os lençóis que ela tinha no satélite, e infinitamente mais convidativos.

– Descreva – disse Thorne, fechando a porta atrás deles.

Ela engoliu em seco.

– Hã. Bem. Tem... uma cama.

Thorne fez um ruído de susto.

– O quê? Este quarto de hotel tem *cama*?

Ela fez expressão de raiva.

– Quero dizer que só tem uma.

– Somos casados, querida.

Ele andou pelo quarto até sua bengala bater em uma escrivaninha.

– Isso é uma escrivaninha pequena – disse ela. – Tem uma tela acima. E aqui tem uma janela. – Ela abriu a cortina. A luz do sol entrou e bateu no chão. – Dá para ver toda a rua principal daqui.

Cress ouviu um baque e se virou. Thorne tinha tirado os sapatos e caído esparramado no colchão. Ela sorriu, querendo apenas deitar-se ao lado e apoiar a cabeça no ombro dele e dormir por muito, muito tempo.

Mas tinha *uma* coisa que ela queria ainda mais.

Pela única outra porta no quarto, ela viu uma pequena pia de porcelana e uma banheira antiquada com pés em forma de garras.

– Vou tomar um banho.

– Boa ideia. Eu vou também.

Ela arregalou os olhos, mas Thorne já estava rindo. Ele se apoiou nos cotovelos.

– Quero dizer – retrucou ele, mexendo os dedos no ar – que vou tomar quando você acabar.

– Certo – murmurou ela, e entrou no banheiro.

Cress podia nunca ter estado em um banheiro terráqueo antes, mas sabia o bastante para perceber que aquele não era de uma tecnologia avançada. A pequena luz no teto era acionada por um interruptor na parede e não por computador, e a pia tinha duas torneiras manchadas, uma de água quente e uma de água fria. O chuveiro era um disco de metal enorme posicionado sobre a banheira e boa parte da porcelana branca tinha sido danificada com o tempo, deixando à mostra o ferro preto por baixo. Havia uma barra com toalhas brancas e fofas penduradas, em condições bem melhores do que a toalha que Cress usava no satélite.

Ela despiu-se com mais de um suspiro de alegria. As roupas de baixo grudavam nela com uma camada de suor e sujeira. As ataduras nos pés estavam cheias de areia e sangue seco, mas as bolhas tinham se reduzido a pele rosada e fina. Ela jogou tudo em uma pilha no chão e abriu a torneira. A água saiu com força e fria. Ela entrou assim que conseguiu aguentar e achou-a surpreendentemente boa em contato com as queimaduras de sol no rosto e nas pernas.

A água esquentou rápido, e em pouco tempo uma nuvem de vapor a envolvia. Ela encontrou um sabonete enrolado em papel encerado. Com um gemido de êxtase, Cress se sentou na água e ensaboou o cabelo, impressionada com o quanto estava curto e leve e como era fácil de limpar.

Enquanto tomava banho, ela começou a cantarolar, imaginando sua ópera favorita tocando nos alto-falantes do satélite. Cercando-a e animando-a. O cantarolar baixinho virou

cantoria, com palavras impulsivas e estrangeiras. Ela cantou uma das italianas lentas favoritas, murmurando a melodia quando esquecia a letra. Quando chegou ao fim da música, estava sorrindo debaixo da água que caía.

Cress abriu os olhos. Thorne estava encostado à porta do banheiro.

Ela se empurrou até o fundo da banheira e passou os braços sobre o peito. Uma cascata de água caiu no chão.

– Capitão!

O sorriso dele aumentou.

– Onde você aprendeu a cantar assim?

O rosto dela ficou vermelho.

– Eu... eu não... não estou de roupa!

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– Sim. Estou ciente disso. – Ele apontou para os próprios olhos.

– Não precisa esfregar na cara.

Cress encolheu os dedos no fundo da banheira.

– Você não devia... não devia...

Ele levantou as mãos.

– Tá, tudo bem, me desculpe. Mas isso foi lindo, Cress. De verdade. Que língua era?

Ela tremeu, apesar do vapor.

– Italiano antigo. Não sei o que todas as palavras querem dizer.

– Hã. – Ele se virou para a pia. – Bem... eu gostei.

A vergonha começou a sumir quando ela o viu tatear pela torneira.

– Você está vendo alguma toalhinha?

Ela disse onde estavam as toalhas, e, depois de derrubar outro sabonete no chão, ele encontrou uma toalha limpa e a molhou na pia.

– Acho que vou para o saguão um pouco – disse ele, passando a toalha pelo rosto e deixando marcas limpas em meio à sujeira.

– Por quê?

– Para ver se consigo mais informações sobre este lugar. Se encontrarmos um daqueles bairros abandonados, seria o melhor lugar para Cinder e os outros virem nos buscar... depois de fazermos contato.

– Se você me der um minuto, eu posso...

Ela parou de falar quando viu Thorne tirando a camisa. Seu coração subiu para a garganta quando ela o viu torcer a toalha antes de lavar os braços e o pescoço, o peito e as axilas. Depois de deixar a toalhinha de lado, ele colocou as mãos em concha debaixo da água e passou água no cabelo.

Os dedos dela tremeram com um desejo repentino e irresistível de tocar nele.

– Pode deixar – disse ele, como se ela não tivesse acabado de perder a capacidade de formar frases coerentes. – Vou trazer comida.

Cress jogou água em si mesma, mandando seu cérebro se concentrar.

– Mas... você disse que há coisas em que tropeçar e que eu não devia sair de perto... Você não quer que eu vá?

A mão dele tateou pela parede até encontrar uma das toalhas penduradas. Ele a pegou e esfregou no rosto e no cabelo,

fazendo-o ficar de pé.

– Não precisa. Não vou demorar.

– Mas como você vai...?

– Pode deixar, Cress. Vou ficar bem. Talvez você possa dar uma olhada naquela tela para ver se descobre um jeito de fazer contato com a tripulação. – Ele pegou a camisa na bancada e balançou, espalhando pó e areia, antes de vesti-la pela cabeça. Acertou a bandana sobre os olhos. – Seja sincera. Estou parecendo um criminoso famoso e procurado?

Ele fez uma pose e completou-a com um sorriso estonteante. Com o cabelo desgrenhado, as roupas imundas e a bandana, Cress tinha que admitir que ele estava quase irreconhecível em comparação às fotos da prisão. Mas, de alguma forma, ainda incrivelmente lindo.

Ela suspirou.

– Não. Não parece.

– Que bom. Vou ver se consigo umas roupas limpas quando estiver lá embaixo.

– Tem certeza de que não precisa de mim?

– Eu estava exagerando antes. Estamos na civilização agora. Pode deixar.

Ele era puro carisma quando jogou um beijo e saiu.

CAPÍTULO

Vinte e nove

AFASTANDO-SE DA LATERAL PROTUBERANTE DA RAMPION, CINDER I

olhos com o braço e olhou para o trabalho desleixado deles. Jacin ainda estava em cima de uma das escadas de metal instáveis que o pessoal da cidade havia levado, pintando por cima de tudo o que restava da decoração que era a marca registrada da nave, a moça nua relaxando, o mascote que Thorne mesmo tinha pintado antes de Cinder conhecê-lo. Cinder odiou a pintura desde que botou os olhos nela, mas estava triste de vê-la coberta. Como se estivesse apagando uma parte de Thorne, uma parte da lembrança dele.

Mas um boato havia se espalhado pela imprensa dizendo que a nave procurada tinha essa marca específica, e isso era inaceitável.

Cinder limpou o suor da testa e observou o resto do trabalho. Eles não tinham tinta suficiente para cobrir a nave toda, então preferiram se concentrar no enorme painel lateral, para que ao menos parecesse que a peça exterior foi completamente substituída, o que não era incomum, em vez de parecer que eles tinham tentado cobrir alguma coisa, o que estragaria o objetivo.

Infelizmente, parecia que mais tinta preta tinha ido parar no chão poeirento e nas pessoas da cidade, que haviam ido em

massa ajudá-los, do que na nave em si. A própria Cinder tinha tinta seca na clavícula, na testa, no cabelo, nas juntas da mão de metal, mas estava relativamente ilesa em comparação a alguns dos assistentes. As crianças em particular, ansiosas para ajudarem no começo, em pouco tempo criaram um jogo de ver quem conseguia pintar o corpo para parecer mais ciborgue.

Era um tipo estranho de homenagem. Desde que Cinder chegara, ela via essa imitação cada vez mais. Costas de camisetas ilustradas com espinhas biônicas. Sapatos decorados com pedaços de metais variados. Colares com arruelas e porcas de roda antigas penduradas.

Cheia de orgulho, uma garota até mostrou a Cinder a nova tatuagem, bastante real: fios e juntas robóticas que cobriam a pele do pé esquerdo. Cinder sorriu, constrangida, e resistiu à vontade de dizer para ela que a tatuagem não era ciberneticamente precisa.

A atenção deixou Cinder pouco à vontade. Não por ela não se sentir lisonjeada, mas porque não estava acostumada. Não estava acostumada a ser aceita por estranhos, muito menos apreciada. Não estava acostumada a ser admirada.

– Ei, vira-latas, tentem pintar dentro das linhas!

Cinder ergueu o olhar na mesma hora em que Jacin balançou o pincel, espalhando tinta preta nas três crianças abaixo. Elas gargalharam e deram gritinhos e correram para se esconder embaixo da nave.

Depois de limpar as mãos na calça cargo, Cinder foi olhar a pintura com dedos que as crianças estavam fazendo do outro

lado da rampa. Bonecos palito simples mostravam uma família de mãos dadas. Dois adultos. Três crianças de várias alturas. E no final... Cinder. E sabia que era ela por causa do rabo de cavalo de lado e pela forma como uma das pernas da bonequinha tinha o dobro da largura da outra.

Ela balançou a cabeça, perplexa.

A escada tremeu ao lado dela quando Jacin desceu.

– Você devia apagar – disse ele, tirando um retalho molhado do cinto.

– Não está fazendo mal nenhum.

Com um som de deboche, Jacin jogou o pano em cima do ombro dela.

– O objetivo dessa coisa toda é remover marcas óbvias.

– Mas é tão pequeno...

– Desde quando você é tão sentimental?

Ela soprou uma mecha de cabelo do rosto.

– Tudo bem. – Ela tirou o pano do ombro e começou a limpar a tinta antes que secasse. – Pensei que eu desse as ordens aqui.

– Espero que você não ache mesmo que estou aqui para receber mais ordens. – Jacin soltou o pincel em um balde na base da escada. – Já recebi ordens demais na vida.

Cinder dobrou o pano em busca de um ponto que já não estivesse encharcado de tinta.

– Você tem um jeito engraçado de demonstrar lealdade.

Rindo sozinho, embora Cinder não tivesse certeza do que ele achava tão engraçado, Jacin deu um passo para trás e observou o enorme quadrado preto que ocupava a rampa principal da nave.

– Está bom o bastante.

Depois de esfregar o resto da tinta que pertencera ao retrato amador dela mesma, Cinder deu um passo para trás a fim de se juntar a ele. A nave não parecia mais a Rampion que ela tinha passado a considerar seu lar. Não parecia mais a nave roubada do capitão Carswell Thorne.

Ela engoliu o caroço na garganta.

Ao redor, estranhos estavam ajudando a reunir o material de pintura, limpando a tinta dos rostos uns dos outros, fazendo pausas para beber bastante água e sorrindo. Sorrindo por terem passado a manhã juntos fazendo algo.

De alguma forma, apesar de Cinder saber que era o centro de tudo, não conseguiu evitar um sentimento de afastamento da camaradaria, das amizades que se formaram ao longo dos anos sendo parte de uma comunidade. E em pouco tempo ela iria embora. Talvez um dia até voltasse a Luna.

– E aí? Quando começamos suas aulas de voo?

Cinder levou um susto.

– Como é?

– A nave precisa de um piloto – disse Jacin, assentindo na direção da frente da nave, onde as janelas do cockpit brilhavam de uma forma que quase cegava no sol. – Está na hora de você aprender a pilotar.

– Mas... você não é meu novo piloto?

Ele deu um sorrisinho.

– Caso você não tenha reparado, as pessoas costumam morrer perto de você. Acho que é uma moda que não vai passar no

futuro próximo.

Um garoto poucos anos mais novo do que Cinder se aproximou correndo para oferecer uma garrafa de água, mas Jacin tirou da mão dele antes que Cinder pudesse fazer isso e deu alguns longos goles. Cinder teria ficado irritada se as palavras dele, ao mesmo tempo tão práticas e tão dolorosas, não impedissem que ela sentisse qualquer outra coisa que não fosse choque.

– Vou começar a ensinar o básico depois que comermos – disse ele, passando a garrafa para ela. Cinder pegou com a mão dormente. – Não se preocupe. Não é tão difícil quanto parece.

– Tudo bem. – Cinder bebeu o resto da água. – Não é como se eu estivesse ocupada tentando impedir uma guerra no mundo todo nem nada do tipo.

– É isso que você está fazendo? – Ele olhou-a com desconfiança. – E eu achei que estivéssemos pintando uma espaçonave.

Uma mensagem piscou no canto da visão de Cinder. Do dr. Erland. Ela ficou tensa, mas a mensagem era composta de apenas duas palavrinhas que fizeram o mundo dela voltar a girar.

– Ele acordou – disse ela para si mesma. – Lobo acordou.

Virando-se para longe da nave e das pessoas que permaneciam ali, Cinder jogou a garrafa vazia na barriga de Jacin e saiu correndo na direção do hotel.

Lobo estava sentado quando Cinder entrou no quarto. Os pés, descalços, o tronco ainda coberto de curativos. Ele não pareceu

surpreso de ver Cinder, mas devia tê-la ouvido subindo correndo a escada. Também devia ter sentido seu cheiro.

– Lobo! Graças às estrelas. Estávamos tão preocupados. Como você está se sentindo?

Os olhos dele, mais vazios do que o habitual, passaram direto por ela na direção do corredor. Ele franziu a testa, como se ainda estivesse confuso.

Um segundo depois, Cinder ouviu passos e se virou bem na hora em que o dr. Erland passou por ela carregando um kit médico.

– Ele ainda está sob o efeito de analgésicos pesados – explicou o doutor. – Tente não fazer muitas perguntas confusas, se puder.

Engolindo em seco, Cinder seguiu o doutor até o lado de Lobo.

– O que aconteceu? – perguntou Lobo, as palavras saindo um pouco arrastadas. Ele parecia exausto.

– Fomos atacados por uma taumaturga – contou Cinder. Parte dela sentia que devia pegar a mão de Lobo, mas o contato mais íntimo que já tinha tido com ele foi um ocasional soco de amigos no queixo. Não pareceria natural, então ela só ficou perto, com as mãos fechadas dentro dos bolsos. – Você levou um tiro. Não sabíamos... mas você está bem. Ele está bem, não está, doutor?

Erland acendeu uma lanterna em frente aos olhos de Lobo. Ele se encolheu.

– Ele está melhor do que eu esperaria – admitiu ele. – Parece que você está a caminho de uma recuperação completa, desde que evite reabrir os ferimentos.

– Estamos na Terra – falou Cinder, sem saber se era óbvio para Lobo ou não. – Na África. Estamos seguros aqui por enquanto.

Mas Lobo pareceu distraído e chateado depois de levantar a cabeça e farejar. Sua testa ficou mais franzida.

– Onde está Scarlet?

Cinder se encolheu. Ela sabia que a pergunta viria. E que não saberia responder quando acontecesse.

A expressão dele ficou sombria.

– Não sinto o cheiro dela. Como se ela não viesse aqui desde... como se não estivesse aqui.

O dr. Erland encostou um termômetro na testa de Lobo, mas este o arrancou antes que pudesse medir a temperatura.

– *Onde ela está?*

Aborrecido, o doutor apoiou a mão fechada na cintura.

– Esse é exatamente o tipo de movimento brusco que você deve evitar.

Lobo rosnou e mostrou os dentes afiados.

– Ela não está aqui – disse Cinder, obrigando-se a não se encolher quando Lobo virou o olhar de raiva para ela. Ela se esforçou para formar uma explicação. – A taumaturga a levou. Durante a luta na nave. Ela estava viva, acho que não estava nem ferida. Mas a taumaturga a levou para a nave. Jacin acha que ela precisava de Scarlet para pilotar.

O maxilar de Lobo caiu. De terror, de negação. Ele virou a cabeça.

– Lobo...

– Quanto tempo? Quanto tempo atrás...?

Ela encolheu os ombros para perto do pescoço.

– Cinco dias.

Ele fez uma careta e se virou, o rosto contorcido de uma dor que não tinha nada a ver com os ferimentos.

Cinder deu meio passo na direção dele, mas parou. Não havia palavras que pudessem significar alguma coisa para ele. Nenhuma explicação, nenhum pedido de desculpas.

Então, ela se preparou para receber a raiva de Lobo. Esperava fúria e destruição. As pupilas dele tinham se contraído como cabeças de alfinete e os punhos começaram a se abrir e se fechar. Embora Cinder tivesse treinado o controle mental esporadicamente em Jacin e no médico desde que eles chegaram em Farafrah, seria um verdadeiro teste das habilidades dela se Lobo perdesse o controle.

E ela sentia vibrando dentro dele. O medo queimando e latejando. O pânico se contorcendo no peito dele. O animal dentro do homem, lutando para ser solto.

Mas logo a respiração de Lobo foi controlada e toda a fúria sumiu com um tremor. Como um homem que levou um tiro fatal no coração, ele desabou sobre os joelhos e cobriu a cabeça com o braço bom, como se quisesse bloquear o mundo.

Cinder ficou olhando. Todos os seus sentidos estavam sintonizados com Lobo, concentrados na energia e nas emoções que o envolviam. Era como ver uma vela se apagando.

Era como vê-lo morrendo.

Engolindo em seco, Cinder se agachou na frente dele. Pensou em esticar a mão e tocar no braço dele, mas não conseguiu. Seria

muito parecido com uma invasão, principalmente com o dom dela sintonizado a ele assim. Enquanto observava-o desmoronar na frente dela. Ela queria ajudá-lo. Tirar a vulnerabilidade que não combinava com ele. Mas era direito dele sentir dor. Era direito dele ficar apavorado por Scarlet, como ela estava.

– Sinto muito – sussurrou. – Mas vamos encontrá-la. Estamos tentando pensar em uma forma de chegar a Luna, e vamos encontrá-la. Vamos resgatar...

Ele levantou a cabeça tão rápido que Cinder quase caiu de surpresa. Os olhos estavam iluminados de novo.

– *Resgatá-la?* – disse ele, fervendo de raiva, com os nós dos dedos ficando brancos. – Você não sabe o que eles vão fazer com ela, o que já fizeram com ela!

Aconteceu rápido. Em um momento ele era um homem desmoronado, caído sobre os joelhos. No seguinte, estava de pé, segurando a cabeceira da cama e virando-a contra a parede. O kit médico caiu no chão. O quarto tremeu. Cinder deu um grito e recuou.

Mas o caos desapareceu tão repentinamente quanto surgiu. Lobo ficou paralisado, perdeu o equilíbrio e caiu com tanta força no chão que o hotel tremeu com o impacto.

O dr. Erland ficou de pé acima do corpo inerte, com a seringa vazia na mão, olhando com raiva para Cinder por cima dos óculos de armação fina.

Ela engoliu em seco.

– Não seria bom – disse o médico – se tivéssemos uma pessoa aqui com capacidade mental de controlar alguém como ele

quando ele tem esse tipo de reação?

Com as mãos tremendo, Cinder afastou o cabelo desgrehado do rosto.

– Eu estava... quase fazendo isso.

– Bem. Mais rápido da próxima vez, se eu puder sugerir. – Suspirando, ele jogou a seringa na mesinha do quarto e olhou para o homem inconsciente. Sangue começava a escorrer pelo curativo embaixo da clavícula de Lobo. – Talvez seja melhor deixá-lo sedado por enquanto.

– Talvez.

Os lábios do médico se contraíram e rugas surgiram em suas bochechas.

– Você ainda tem aqueles dardos tranquilizantes que dei para você?

– Ah, por favor. – Cinder se obrigou a ficar de pé, embora suas pernas ainda tremessem. – Você tem alguma ideia de quantas vezes eu quase morri desde que você os deu para mim? Eles não existem mais faz tempo.

O dr. Erland resmungou:

– Vou fazer mais. Tenho a sensação de que você vai precisar.

CAPÍTULO

Trinta

CRESS CANTAROLOU BAIXINHO ENQUANTO PASSAVA A TOALHA P

impressionada porque o peso não mais a incomodava. Saiu do banheiro revigorada: sua pele estava rosada de tanto ela esfregar, e tinha conseguido tirar quase toda a sujeira que havia debaixo da unha. As solas dos pés e as partes de dentro das pernas ainda doíam, mas todas essas reclamações eram pequenas em comparação à sensação do luxo inesperado. Uma toalha macia. Cabelo curto e limpo. Mais água do que ela era capaz de beber durante um ano. Ou, pelo menos, o banho logo fez com que parecesse infinita.

Cress olhou para a pilha de roupas e não conseguiu suportar a ideia de vesti-las novamente. Como Thorne ainda não tinha voltado, ela pegou um cobertor na cama e se enrolou com ele, depois lutou para chutar as pontas ao atravessar o quarto até a tela na parede.

– Tela, ligar.

Estava sintonizada em um canal animado que mostrava polvos laranja e crianças azuis pulando ao som de uma batida eletrônica. Cress mudou para o noticiário local, depois abriu uma janela no canto para verificar as coordenadas GPS.

Kufra, uma cidade mercante na beirada oriental do Saara. Ela afastou o mapa e tentou localizar onde o satélite devia ter caído, embora fosse impossível avaliar o quanto eles andaram. Provavelmente não tanto quanto parecia. Apesar disso, não havia nada, *nada*, no território coberto de areia ao norte e ao oeste.

Ela tremeu ao se dar conta do quanto eles chegaram perto de virar comida de gaviões.

Tirou o mapa da tela e começou a elaborar uma estratégia para fazer contato com a Rampion. Embora eles não tivessem mais o chip D-COMM, isso não queria dizer que a Rampion estava fora de alcance. Afinal, com ou sem equipamento de rastreamento, ela ainda teria capacidade de comunicação e um endereço de protocolo de rede. Poderia invadir o banco de dados militar e procurar o endereço original da nave, mas isso seria perda de tempo. Se fosse tão fácil, a Comunidade teria feito contato com a Rampion assim que determinou que nave estava procurando.

Isso significava que o endereço tinha sido mudado, provavelmente não muito depois da deserção de Thorne.

O que provavelmente significava que o sistema de autocontrole tinha sido trocado. Com sorte, Thorne teria alguma informação sobre onde e quando o novo sistema tinha sido comprado, ou por que a programação tinha sido substituída.

Se ele não soubesse de nada, bem... ela teria que ser criativa.

Não valia a pena se preocupar com isso. Uma coisa de cada vez.

Tinha que ter certeza de que havia alguém a bordo da nave para poder fazer contato.

Ela começou a verificar os noticiários. Uma busca simples deixou claro que, dessa vez, a imprensa da Terra não tinha mais informações sobre o paradeiro de Linh Cinder do que cinco dias antes.

– ... *satélite lunar*...

Ela dirigiu a atenção ao âncora do noticiário que estava falando em uma língua estrangeira, provavelmente a língua na qual o caçador da caravana falou com eles primeiro. Cress franziu a testa, pensando que estava só ouvindo coisas. Mas, ao apertar os olhos para observar os lábios do homem, ela pensou ter ouvido *Saara* e, de novo, *lunar*.

– Configurar tradução para língua universal.

A língua foi trocada quando o âncora foi substituído por imagens de um deserto enorme, um deserto horivelmente familiar. E ali, no meio dele, estavam os destroços que ela e Thorne abandonaram. O satélite, ainda preso à nave lunar e com o paraquedas preso atrás. Um quadrado grande tinha sido cortado do tecido.

Ela engoliu em seco.

Não demorou para ela entender a essência da história. Diversas testemunhas viram uma coisa cair do céu. A chama pôde ser vista até mesmo ao norte do Mediterrâneo, e o satélite foi descoberto dois dias depois. Não havia dúvida de que era de construção lunar. Não havia dúvida de que alguém tinha sobrevivido e abandonado o local, levando os suprimentos que conseguiu carregar.

As autoridades ainda estavam vasculhando o deserto. Não se sabia se procuravam um sobrevivente ou muitos, mas era certo que buscavam lunares, e, no estado de tensão entre Luna e a Terra, ninguém estava disposto a correr o risco da ira da rainha se os fugitivos não fossem encontrados.

Cress afundou as mãos no cabelo molhado e embaraçado.

As implicações a atingiram em sucessão rápida.

Se algum dos caravaneiros descobrisse sobre o acidente, desconfiaria que Cress e Thorne eram os sobreviventes. Eles os entregariam, e, quando as autoridades encontrassem Thorne, ele logo seria reconhecido.

E não só os caravaneiros. Todos ficariam desconfiados de estranhos.

Mas havia também uma luz em meio ao pânico.

Se Linh Cinder soubesse do acidente, também saberia o que aconteceu. Ela saberia que Thorne e Cress estavam vivos.

A tripulação iria buscá-los.

Era tudo uma questão de quem os encontraria primeiro.

Cress saiu da cadeira e vestiu as roupas sujas, ignorando o tanto que arranhavam a pele.

Ela precisava contar para Thorne.

Foi cautelosa ao seguir pelo corredor, tentando agir com naturalidade, mas sem saber direito como era isso. Já estava ciente do quanto a pele e o cabelo claros a destacavam ali e não queria atrair mais atenção do que precisava.

O barulho do saguão do hotel subiu pela escada. Gargalhadas e gritos e o tilintar de copos. Cress espiou por cima do corrimão. A

quantidade de pessoas quadruplicara desde que eles saíram do saguão; devia ser uma hora movimentada. Homens e mulheres ocupavam o bar e as mesas de jogo, comendo de tigelas de frutas secas.

O grupo ao redor de uma mesa no canto gritou de alegria, e Cress ficou aliviada ao ver Thorne no meio deles, ainda com a venda e segurando um leque de cartas. Ela seguiu em meio às pessoas na direção dele, com a boca aguçando pelos aromas desconhecidos e picantes.

A multidão se mexeu, e ela ficou paralisada.

Havia uma mulher no colo de Thorne. Ela era linda como uma atriz de novela, com pele marrom quente e lábios cheios e cabelo caído em dezenas de tranças compridas e finas tingidas de vários tons de azul. Usava um short cáqui simples e uma blusa, mas que lhe davam uma aparência elegante.

E tinha as pernas mais compridas que Cress já tinha visto.

A mulher se inclinou para a frente e empurrou uma pilha de fichas de plástico na direção de um dos outros jogadores. Thorne inclinou a cabeça, rindo. Pegou uma das poucas fichas que ainda havia na frente dele e girou pelos dedos algumas vezes antes de colocar na mão da mulher. Em resposta, ela passou as unhas pelo pescoço dele.

O ar queimou ao redor de Cress, grudando na pele dela e apertando-a, espremendo sua garganta até ela não conseguir respirar. Sufocada, virou-se e saiu correndo do saguão.

Seus joelhos estavam tremendo enquanto subia a escada. Ela achou a porta número oito e balançou a maçaneta inutilmente,

vendo aquelas unhas provocando a pele dele de novo e de novo, antes de perceber que estava trancada. A chave se encontrava lá dentro, atrás da pia do banheiro.

Ela chorou e escorregou encostada na parede enquanto batia a testa na moldura da porta.

– Burra. Burra. Burra.

– Cress?

Ela se virou enquanto limpava as lágrimas quentes. Jina estava na frente dela, pois tinha acabado de sair do quarto no final do corredor.

– O que foi?

Cress afastou a cabeça.

– E-Estou trancada do lado de fora. E Carswell... Carswell está...

Ela desabou, chorando nas palmas das mãos. Jina se aproximou e a abraçou.

– Ah, pronto, pronto, não vale a pena se chatear tanto.

Isso só fez Cress chorar mais. Como a história deles se distorceu! Thorne não era marido dela, apesar do romance inventado, apesar das noites passadas nos braços dele. Ele tinha todo o direito de flertar com quem quisesse, mas...

Mas...

Como ela estava errada. Como tinha sido burra.

– Você está em segurança agora – disse Jina, massageando suas costas. – Tudo vai ficar bem. Aqui, eu trouxe sapatos.

Fungando, Cress olhou para os sapatos simples de lona nas mãos de Jina. Pegou-os com mãos trêmulas, gaguejando sua gratidão, embora enterrada embaixo de soluços.

– Escute, eu ia me encontrar com Niels para comer. Você quer vir conosco?

Cress balançou a cabeça.

– Não quero voltar lá para baixo.

Jina acariciou o cabelo de Cress.

– Você não pode ficar aqui em cima sem sua chave. Vamos passar direto pelo saguão. Tem um restaurante na esquina. Parece boa ideia?

Cress tentou se acalmar. Só queria entrar no quarto e se esconder embaixo da cama, mas precisaria ir falar com a garota na recepção de novo para obter outra chave. Atrairia ainda mais atenção para si, principalmente porque seus olhos e rosto estavam vermelhos. As pessoas falariam, e ela de repente se lembrou do quanto era ruim as pessoas falarem.

E não queria ainda estar de pé no corredor, fungando e infeliz, quando Thorne voltasse. Se pudesse ter um tempo para se acalmar, depois poderia falar com ele racionalmente. Ela seguiria em frente, como se seu coração não estivesse em pedaços.

– Tudo bem – disse ela. – Sim, obrigada.

Jina a manteve em segurança debaixo do braço e desceu a escada depressa, passando pelo saguão em seguida. Guiou-a pela calçada da rua principal. A multidão tinha diminuído, e muitas das lojas estavam fechadas até o dia seguinte.

– Não é certo ver uma garota tão bonita chorando assim, principalmente depois do que você passou.

Cress fungou de novo.

– Não me diga que você e Carswell brigaram depois de sobreviver no grande Saara juntos?

– Ele não é...

Ela baixou a cabeça e viu areia escorrer pelas rachaduras no piso de argila.

Jina segurou o cotovelo dela.

– Ele não é o quê?

Cress fungou na manga.

– Nada. Deixe pra lá.

Houve uma pausa, e Jina falou com a voz suave:

– Vocês não são casados de verdade, são?

Cress trincou os dentes e balançou a cabeça.

Jina acariciou o braço dela de leve.

– Todos nós temos nossos segredos, e posso tentar adivinhar seus motivos. Se eu estiver certa, não culpo você pelas mentiras.

– Ela se inclinou a ponto de sua testa tocar no cabelo de Cress. – Você é lunar, não é?

Seus pés tropeçaram e pararam. Ela se soltou do toque gentil de Jina, os instintos a mandando correr, se esconder. Mas a expressão de Jina era cheia de solidariedade, e o pânico sumiu rapidamente.

– Eu soube do satélite caído. Achei que deviam ter sido vocês. Mas está tudo bem. – Ela puxou Cress de novo. – Lunares não são tão raros por aqui. Alguns de nós até apreciam o fato de ter vocês por perto.

Cress cambaleou ao lado dela.

– É mesmo?

A mulher inclinou a cabeça e apertou os olhos para Cress.

– Basicamente, descobrimos que o seu povo só quer ficar na sua. Depois de passar por toda a dificuldade para chegar à Terra, por que se arriscar a ser pego e enviado de volta, afinal?

Cress se permitiu ser guiada enquanto ouvia, surpresa pela forma racional como Jina falava sobre aquilo tudo. Toda a mídia terrestre a tinha feito acreditar que havia um ódio tão grande por lunares, que ela jamais poderia ser aceita. Mas e se isso não fosse verdade?

– Espero que você não se ofenda pela minha pergunta – prosseguiu Jina –, mas você não... tem o dom?

Ela confirmou sem jeito e ficou surpresa com o sorriso arrogante que surgiu no rosto de Jina, como se ela tivesse adivinhado desde o começo.

– Ali está Niels.

Os pensamentos de Cress giravam. E pensar que ela e Thorne podiam ter dito a verdade desde o começo... mas não, ele ainda era um criminoso procurado. Ela teria que pensar em uma nova história para explicar como ela e Thorne estavam juntos. Será que achavam que ele também era lunar?

Niels e Kwende estavam em frente a um veículo enorme e poeirento com grandes rodas de tração. A capota se achava levantada, um fio o ligava a um gerador adjacente a um prédio, e uma porta ampla estava aberta atrás. Eles colocavam coisas dentro, muitos sacos de mercadorias que Cress pensou reconhecer dos camelos.

– Abrindo espaço para a nova carga? – perguntou Jina, juntando-se aos homens.

Se Niels ficou surpreso de ver Cress sem o marido, não demonstrou.

– Praticamente terminamos – disse ele, limpando as mãos. – O motor está quase todo carregado. Não devemos ter problema para chegar a Farafrah e voltar sem precisar usar as reservas de gasolina.

– Fara...? – Cress olhou para Jina. – Vocês não vão ficar?

Jina estalou a língua.

– Ah, Jamal e alguns outros vão, mas recebemos uma nova ordem e precisamos fazer uma viagem especial. Tem sempre mais negócios a fazer.

– Mas vocês acabaram de chegar aqui. E os camelos?

Niels riu.

– Vão ficar nos estábulos da cidade, felizes pelo descanso. Às vezes eles servem a nossos propósitos, e às vezes precisamos de alguma coisa um pouco mais rápida. – Ele bateu com a palma da mão na lateral do carro. – Você andou chorando?

– Não é nada – disse ela, baixando a cabeça.

– Jina?

A mão de Jina apertou mais o braço de Cress, e ela respondeu à pergunta muda na outra língua deles. Cress ficou vermelha e desejou saber o que Jina estava dizendo.

Ele sorriu de forma enigmática e assentiu.

Cress foi agarrada de repente por trás. A mão de alguém cobriu sua boca e abafou o grito de susto quando foi empurrada

para depois de Jina, depois de Niels. Sua cabeça foi forçada para baixo quando ela foi jogada na traseira do veículo e bateu com a canela no para-lama. A porta se fechou. A escuridão a envolveu.

Niels gritou uma coisa que ela não entendeu, e o motor rugiu embaixo dela. Cress ouviu mais duas portas baterem na frente do veículo.

– Não!

Ela se jogou na porta traseira e bateu com os punhos no metal. Gritou até a garganta ficar áspera, até o rugido e o movimento do veículo ficarem altos e os solavancos a empurrarem sobre uma pilha de tecidos enrolados.

Sua mente ainda estava girando quando, poucos minutos depois, ela sentiu as vibrações mudarem. Eles já tinham deixado as ruas pavimentadas de Kufra para trás.



LIVRO

Três

*“A gata pegou o pássaro, e ela também vai arranhar seus olhos.
Você nunca mais vai ver sua Rapunzel.”*



CAPÍTULO

Trinta e um

A GAROTA VOLTOU DA IDA AO BAR E COLOCOU A BEBIDA ENCOSTA

de Thorne, para ele saber onde estava.

Ele inclinou a cabeça na direção dela e ergueu as cartas.

– O que você acha?

As tranças dela tocaram no ombro dele.

– Acho... – Ela puxou duas cartas na mão dele. – Essas duas.

– Exatamente o que eu estava pensando – disse ele, pegando as duas cartas. – Nossa sorte está mudando bem... agora.

– Duas para o cego – falou o carteador, e Thorne ouviu as cartas sendo colocadas na mesa. Ele as levou até a mão.

A mulher estalou a língua.

– Não é o que queríamos – retrucou ela, e ele notou o mau humor na voz dela.

– Ah, bem – disse Thorne. – Não dá para ganhar todas. Ou, ao que parece, nenhuma. – Esperou até as apostas chegarem a ele e desistiu. A mulher se inclinou para mais perto por trás e fez carinho no pescoço dele. – A próxima mão vai ser sua.

Thorne sorriu.

– Sinto que estou com sorte.

Ele escutou as apostas aumentarem duas vezes pela mesa, e o vencedor levou as fichas com coringas e setes. Pela voz rouca do

homem, Thorne imaginava uma barba áspera e barriga protuberante. Ele tinha construído imagens mentais detalhadas de todos os jogadores da mesa. O carteador era um homem alto e magro com bigode fino. A mulher ao lado dele era mais velha, e alguma coisa fazia barulho quando ela pegava as cartas, então Thorne imaginou uma abundância de joias chamativas. Ele avaliou o homem à direita como sendo magro e com pele ruim, mas isso devia ser porque era quem mais estava vencendo.

É claro que a mulher abraçando Thorne era incrivelmente linda.

E nem um pouco sortuda, ao que parecia.

O carteador distribuiu outra mão, e Thorne levantou as cartas. Atrás dele, a garota deu um assobio triste.

– Desculpe, amor – sussurrou ela.

Ele fez beicinho.

– Não tem esperança? Que pena.

As apostas começaram, seguindo pela mesa. Pedir cartas. Apostar. Aumentar a aposta.

Thorne bateu com os dedos nas cartas e suspirou. Eram inúteis, a julgar pela inflexão triste da mulher.

Naturalmente, ele colocou a palma da mão sobre as fichas e deslizou a pilha inteira para o centro da mesa, ouvindo o barulho alegre de umas caindo sobre as outras. Não que ele tivesse muitas.

– Aposto tudo – disse ele.

A mulher atrás ficou em silêncio. A mão no ombro dele nem tremeu. Nada que reconhecesse que ele agiu contra a sugestão

dela.

Cara de blefe mesmo.

– Você é um tolo – julgou o jogador magro, mas desistiu da jogada.

Em seguida, o homem barbudo deu uma gargalhada debochada que fez a espinha de Thorne formigar, não de preocupação, mas de expectativa. Esse era seu homem.

– Eu aumentaria se achasse que você ainda tem alguma coisa para apostar – retrucou ele, e seguiu-se o estalo de fichas.

Os dois últimos jogadores desistiram. O carteador entregou cartas para substituir as descartadas, duas para o oponente de Thorne.

Ele ficou com todas as cartas. Se sua moça não aprovou, suas mãos imóveis não indicaram nada.

Eles não se deram ao trabalho de apostar novamente, pois sabiam que Thorne estava sem nada. Thorne abriu as cartas na mesa. O carteador as leu, batendo com o dedo no conjunto do oponente.

– Dois pares. – E então: – A trinca real ganha!

Thorne arqueou uma sobrancelha enquanto a senhora com as bijuterias deu uma risadinha satisfeita.

– Do homem cego!

– Imagino que a trinca real tenha sido minha?

– Foi, sim. Bela mão – disse o carteador, e empurrou as fichas na direção de Thorne.

Ele ouviu uma cadeira cair no chão.

– Seu lixo velho! Você devia ter dito para ele desistir dessa mão!

– Eu disse – falou a garota atrás de Thorne, em um tom firme que parecia não reconhecer o insulto. – Ele preferiu ignorar minha recomendação.

Thorne inclinou a cabeça para trás.

– A culpa é sua por ensinar o jogo tão bem a ela. Se eu tivesse ganhado algumas rodadas, não teria ficado desconfiado, mas nem minha sorte é tão ruim. – Ele girou os dedos no ar, apreciando a explicação. – Só precisei esperar que ela me dissesse que eu tinha uma jogada impossível de salvar, aí soube que era a jogada vencedora.

Sorrindo largamente, ele se inclinou para a frente e puxou as fichas na direção dele, apreciando a forma como enchiam seus braços. Ele ouviu duas caírem no chão, mas deixou-as, para não sofrer a indignidade de tatear no chão com os dedos.

– Mas estou disposto a fazer um acordo, se você não for um mau perdedor – disse ele enquanto começava a empilhar seus ganhos, ficha a ficha, sem ter ideia da cor e do valor delas.

– Que acordo? Isso foi praticamente tudo o que eu tinha.

– Culpa sua, claro. Por roubar.

O homem disse alguma coisa incoerente:

– Mas não passo de um homem de negócios. Eu gostaria de comprar sua androide-acompanhante de você. – Ele balançou os dedos sobre as pilhas de fichas. – Você diria que ela vale mais ou menos... isso?

O homem falou com impulsividade:

– Mas você nem consegue vê-la!

Com um sorrisinho, Thorne esticou a mão e bateu na ainda apoiada em seu ombro.

– Ela passa confiança – disse ele. – Mas sou um homem de excelente observação, e o que posso dizer? Os batimentos dela não parecem normais. – Ele indicou as fichas de novo. – Troca justa?

Ele ouviu o barulho de pernas de cadeira sendo arrastadas sobre o piso e o estalo das botas do homem contornando a mesa.

– Oh-oh.

Thorne pegou a bengala no local em que a tinha apoiado, na lateral da mesa, na hora em que foi puxado pela gola da camisa.

– Vamos ser cavalheir...

Uma dor terrível se espalhou por seu crânio e jogou sua cabeça para trás. Ele caiu no chão, com a bochecha ardendo e gosto de ferro na língua. Depois de verificar que o maxilar ainda funcionava, apertou a mão no rosto e percebeu que o soco deixaria marca.

– Isso não foi politicamente correto – murmurou em meio aos pensamentos enevoados.

Um homem rugiu, e em seguida soaram mais cadeiras arrastadas e mobília caindo e alguma coisa como pratos quebrando e pessoas gritando, junto com uma confusão de membros caindo e tateando quando uma briga de enormes proporções explodiu no bar.

Thorne se encolheu e segurou a bengala acima da cabeça como um escudo patético contra o caos, tentando se tornar o

menor alvo possível. Um joelho aleatório acertou seu quadril. Uma cadeira caiu e machucou seus antebraços.

Duas mãos surgiram debaixo de suas axilas e o puxaram para trás. Thorne chutou o chão e se permitiu ser arrastado para longe da confusão de cotovelos e joelhos.

– Você está bem? – perguntou um homem.

Thorne usou a bengala para se levantar e se encostou à parede, feliz pelo apoio e proteção.

– Estou, obrigado. Se tem uma coisa que odeio é um cara que fica louco quando é pego roubando. Se você vai roubar, tem que estar pronto para encarar a descoberta como homem.

– Boa política. Mas acho que ele ficou mais incomodado por você insultar a mulher dele.

Thorne se encolheu e limpou um pouco do sangue da boca. Estava feliz de pelo menos todos os dentes ainda parecerem firmes.

– Não me diga que ela não é uma androide-acompanhante. Eu poderia jurar...

– Ah, ela é acompanhante. E bem bonita. Só que muitos homens não gostam de admitir que sua companheira é comprada e programada.

Thorne reajustou a bandana e balançou a cabeça.

– Mais uma vez. Se você vai fazer, encare como homem. Sem querer ser rude, eu conheço você?

– Jamal, da caravana.

– Jamal. Certo. Obrigado pelo resgate.

– Foi um prazer. Acho bom você colocar gelo no olho. Venha, vamos sair dessa confusão antes que mais alguém passe a não gostar de você.

CAPÍTULO

Trinta e dois

– **AAAAAIIIIII** – **GEMEU THORNE AO COLOCAR UMA BOLSA DE** bochecha latejante. – Por que ele precisava bater com tanta *força?*

– Você tem sorte de ele não ter quebrado seu nariz nem um dente – disse Jamal.

Thorne o ouvia se mexendo, bem como o barulho de copos batendo.

– É verdade. Tenho um grande apego ao meu nariz.

– Tem uma cadeira atrás de você.

Thorne testou o chão com a bengala até bater em uma coisa dura e se sentou na cadeira. Ele apoiou a bengala na lateral e ajeitou a bolsa de gelo na bochecha.

– Aqui.

Esticou a mão livre e ficou feliz quando um copo gelado e molhado de condensação foi colocado nela. Ele cheirou primeiro. A bebida tinha um odor leve de limão. Depois de tomar um gole, descobriu que era fria e espumosa, ácida e deliciosa. A ausência de calor repentino sugeria que não continha álcool.

– *Tamr hindi* – disse Jamal. – Suco de tamarindo. Meu favorito nas cidades mercadoras.

– Obrigado.

Thorne tomou um gole maior, e suas bochechas se repuxaram com a acidez.

– Você sempre gostou de jogar? – perguntou Jamal.

– Acho que podemos dizer que gosto de um desafio. Não tenho habilidades de sobrevivência? Vou passar a lua de mel no deserto. Não enxergo? Vou jogar cartas. E eu teria ganhado se aquele cara não tivesse ficado tão sensível.

Ele pensou ouvir uma risadinha, mas logo Jamal estava bebendo o suco.

– Você estava lá o tempo todo? Vendo a androide-acompanhante me deixar liso e sem dizer nada?

– Se um cego quer perder a cabeça em um jogo suicida, por que eu deveria impedir?

Thorne relaxou contra o encosto da cadeira.

– Acho que sou capaz de respeitar isso.

– Estou curioso para saber por que você não trouxe sua garota. Eu a acharia um bem valioso.

– Achei que ela precisava descansar. – Thorne ajustou a bolsa de gelo no rosto. – Além do mais, acho que nunca jogou *Royals*, e tem tantas regras difíceis para explicar...

– E ela provavelmente não gostaria do fato de você querer uma androide-acompanhante, não?

Thorne riu.

– Ah, não, não, eu não queria a androide-acompanhante para mim. Achei que seria um bom presente. – Um silêncio veio em seguida, e ele tinha certeza de que conseguia imaginar o ceticismo no rosto de Jamal, apesar de não ter ideia de como ele

era. – Ela era para uma nave... androide... amiga minha. É complicado.

– Sempre é. – Jamal brindou com os copos. – Mas eu entendo. Você bota as mãos em uma androide-acompanhante enquanto desvia a atenção de todo mundo do verdadeiro prêmio lá em cima. Você parece mesmo o tipo protetor.

Os instintos de Thorne vibraram por causa de alguma coisa no tom de Jamal.

– Ah. Sou um homem de sorte.

– É, sim. Uma garota dessas não cai do céu todo dia.

Thorne manteve o sorriso no rosto por um momento, depois bebeu o resto do suco. Seu nariz se franziu.

– Falando na sra. Smith, eu preciso voltar para ela. Prometi que ia levar comida e me deixei levar... você sabe como é.

– Eu não teria pressa – disse Jamal. – Eu a vi com Jina duas horas atrás. Acho que as moças saíram para comer.

O sorriso ficou congelado no rosto de Thorne, e ele teve certeza de que alguma coisa não estava certa. Cress saiu do hotel sem falar com ele? Improvável.

Mas por que Jamal mentiria sobre uma coisa assim?

– Ah. Que bom – respondeu ele, escondendo a incerteza. Colocou o copo vazio no chão, debaixo da cadeira para não tropeçar nele depois. – Cress precisa de... momentos... femininos. Elas por acaso disseram para onde estavam indo?

– Não, mas tem muitos lugares para comer lá na rua. Por quê? Está com medo de ela fugir sem você?

Thorne deu uma risada debochada, mas que pareceu forçada até para ele.

– Não. Vai ser bom para ela. Fazer amizades... Comer.

– Explorar tudo o que a Terra tem a oferecer?

A expressão dele deve ter sido hilária, porque a gargalhada de Jamal foi alta e abrupta.

– Eu sabia que você não ficaria surpreso – disse ele. – Kwende achou que você não sabia que ela era lunar, mas achei que sabia sim. Você me parece o tipo de homem com um senso preciso de valor. Principalmente quando vi você negociando pela androide lá embaixo. Mesmo cego, você parece ter um gosto impecável quanto a companhia feminina.

– Isso é verdade – murmurou Thorne, tentando repensar a conversa. Senso de valor? Gosto impecável? Do que ele estava *falando*?

– Me conte como a encontrou. Foi no satélite lunar, isso eu percebi, mas como você foi se enrolar com ela? Você a encontrou ainda no espaço ou aqui no deserto? Deve ter sido no espaço, eu acho. Tinha uma nave de passeio nos escombros.

– Hã. É uma história comprida.

– Não importa. Não vou pro espaço num futuro próximo. Mas *cair*. Isso não podia ser parte do seu plano original. – Cubos de gelo estalaram. – Me conte uma coisa, você planejou trazê-la para a África o tempo todo, ou há mercados mais lucrativos em outro lugar da União?

– Hum. Achei... a África... – Thorne coçou o maxilar. – Você disse que elas saíram há duas horas?

– Mais ou menos. – Pernas de cadeira arranharam o chão. – Você devia saber que ela era cascuda quando a encontrou, então? Eu não faria comércio com um deles se não fosse assim, por mais que sejam mais valiosos.

Thorne abriu a mão livre no joelho e direcionou o pânico repentino para ela. Então eles sabiam sobre a queda do satélite e que Cress era cascuda, e pareciam estar com a impressão de que havia mercado para isso. E que Thorne queria o quê? Vendê-la? Trocá-la como mercadoria roubada? Será que havia uma busca estranha e desconhecida, ao menos para ele, no mercado negro por cascudas?

– Sinceramente, os lunares também me apavoram – disse ele, tentando esconder a ignorância. – Mas não Cress. Ela é inofensiva.

– Inofensiva e nem um pouco ruim para os olhos. Mas baixa demais. – Houve passos, Jamal andando para o outro lado do aposento, som de alguma coisa sendo derramada. – Outra bebida?

Thorne relaxou os dedos tensos sobre a perna.

– Estou bem, obrigado.

Vidro batendo na madeira.

– Então você já sabe para onde a está levando? Ou ainda está procurando um bom preço? Achei que você estivesse levando-a para aquele médico velho em Farafrah, mas tenho que dizer, acho que Jina está interessada. Poderia poupar muito trabalho a você.

Thorne disfarçou o desconforto e tentou imaginar que eles não estavam falando sobre Cress. Eles eram parceiros de negócio

discutindo mercadoria. Só tinha que descobrir o que Jamal sabia que ele obviamente não conhecia.

Ele passou o dedo por baixo da venda e afastou o tecido dos olhos. Estava ficando apertada demais, e a bochecha latejava de forma mais dolorosa agora.

– Proposta interessante – disse ele lentamente. – Mas por que lidar com um intermediário quando posso ir direto ao cliente final?

– Conveniência. Vamos tirá-la das suas mãos, e você pode sair em sua próxima caça ao tesouro. Além do mais, conhecemos esse mercado melhor do que ninguém. Vamos cuidar para que ela vá para um lugar bom, se é que você liga para esse tipo de coisa. – Ele fez uma pausa. – Quanto você queria por ela, afinal?

Mercadoria. Transação de negócios. Ele tentou ser indiferente, mas sua pele estava formigando, e teve dificuldade em afastar a lembrança da mão de Cress na dele.

– Me faça uma proposta – disse ele.

Houve uma longa hesitação.

– Não posso falar por Jina.

– Então por que estamos tendo essa conversa? Me parece que você está desperdiçando meu tempo.

Thorne esticou a mão para pegar a bengala.

– Ela me deu um número – falou Jamal. Thorne parou, e, depois de um longo silêncio, Jamal prosseguiu: – Mas não estou qualificado para finalizar nada.

– Poderíamos pelo menos descobrir se estamos todos no mesmo jogo.

Mais som de bebida, seguido de um suspiro.

– Poderíamos oferecer vinte mil por ela.

Dessa vez, o choque foi impossível de esconder. Thorne sentiu como se Jamal tivesse dado um chute no peito dele.

– Vinte mil *univs*?

Uma gargalhada alta ecoou nas paredes.

– Muito pouco? Você vai precisar discutir com Jina. Mas se não se importa com a pergunta, quanto você *queria* obter por ela?

Thorne fechou a boca. Se a oferta inicial era vinte mil univs, quanto será que ele achava que ela valia de verdade? Ele se sentiu um tolo. O que era isso, tráfico lunar? Algum tipo de fetichismo estranho?

Ela era uma garota. Uma garota viva, inteligente e doce e desajeitada e diferente, e valia muito mais do que eles podiam imaginar.

– Não fique tímido, sr. Smith. Você deve ter algum número em mente.

Seus pensamentos começaram a clarear, e lhe ocorreu que, de muitas formas, ele era como essas pessoas. Um negociante querendo lucro rápido, que teve sorte o suficiente para encontrar uma cascuda lunar inocente e muito confiante.

Só que ele tinha o mau hábito de simplesmente pegar as coisas que queria.

Ele afundou as unhas nas coxas. Se ela valia tanto, por que eles não a levavam?

O pânico tomou conta dele, como um relâmpago percorrendo cada membro. Isso não era uma negociação, era

uma *distração*. Ele estava certo antes. Jamal desperdiçava o tempo dele. De propósito.

Thorne largou a bolsa de gelo e pulou da cadeira enquanto pegava a bengala. Chegou à porta em dois passos, remexeu na maçaneta e abriu.

– Cress! – gritou ele, tentando lembrar por quantas portas eles passaram para chegar ao quarto de Jamal. Ele se virou, mas não se lembrava de que lado do corredor o quarto dele e de Cress ficava.
– CRESS!

Ele correu pelo corredor, batendo aleatoriamente em paredes e portas ao passar.

– Posso ajudar, mestre?

Ele se virou para a voz feminina, seu otimismo pensando por um segundo que era ela, mas não. O som era distraído e falso demais, e Cress o chamava de capitão.

Quem o chamaria de *mestre*?

– Quem é?

– Meu dono anterior me chamava de Querida – disse a voz. – Sou sua nova androide-acompanhante. As regras da casa deram ao meu ex-dono a escolha entre devolver seus ganhos ou aceitar sua proposta de troca. Ele escolheu a troca, o que quer dizer que agora sou propriedade sua. Você parece estressado. Quer que eu cante uma música relaxante enquanto massajeio seus ombros?

Ao perceber que estava segurando a bengala como arma, Thorne balançou a cabeça.

– O quarto oito. Onde fica?

Ele ouviu algumas portas se abrirem no corredor.

– Cress?

– Que barulheira é essa? – perguntou um homem.

Outra pessoa começou a falar naquela língua que Thorne não reconhecia.

– Aqui está o quarto oito – disse a androide. – Devo bater?

– Sim! – Ele seguiu o som das batidas e testou a maçaneta. Trancada. Falou um palavrão. – CRESS!

– Dá para parar o barulho?

– Lamento informar que estou programada para evitar destruição de propriedade, então não posso derrubar esta porta para você, mestre. Devo ir buscar uma chave na recepção?

Thorne bateu na porta de novo.

– Ela não está aí – disse Jamal do corredor.

Aquela outra língua de novo, rápida e irritada.

– Devo traduzir, mestre?

Rosnando, Thorne andou na direção de Jamal, batendo com a bengala nas paredes do corredor. Ele ouviu gritinhos de surpresa quando as pessoas se lançavam de volta nos quartos para evitar os golpes.

– Onde ela está? E não tente me dizer que está apreciando uma refeição agradável na cidade.

– E o que você vai fazer se eu não contar? Propor um jogo do sério?

Ele desprezava o fato de sua preocupação aparecer, mas cada palavra elevava sua temperatura, grau a grau, até a fervura. Parecia que horas tinham se passado desde que dera um adeus despreocupado para Cress, quando ela ainda estava no banho,

quando sua cantoria ainda ecoava nos ouvidos dele. E ele a abandonou. Simplesmente a *abandonou*, e por quê? Para exhibir seu talento no jogo? Para provar que ainda era autossuficiente? Para provar que não precisava de ninguém, nem dela?

Cada momento que se prolongava era sofrimento. Eles podiam tê-la levado para qualquer lugar, ter feito qualquer coisa com ela, que estaria sozinha e assustada, perguntando-se por que ele não tinha ido salvá-la. Perguntando-se por que a abandonou.

Ele esticou a mão de repente e acertou a orelha de Jamal. Surpreso, Jamal tentou desviar, mas Thorne já estava segurando a frente da camisa e o puxando para mais perto.

– Onde ela está?

– Ela não é mais preocupação sua. Se era tão ligado, acho que devia ter ficado de olho, em vez de sair para flertar com a primeira acompanhante de ossos de aço que passou. – Ele colocou a mão sobre a de Thorne. – Ela viu, sabe. Viu a acompanhante pendurada em você lá embaixo. Ficou bem abalada com a visão. Nem hesitou quando Jina se ofereceu para levá-la.

Thorne trincou os dentes e o sangue subiu para o rosto. Ele não sabia se Jamal estava mentindo, mas a ideia de Cress vê-lo jogando com aquela androide-acompanhante, sem ter ideia do que ele realmente estava fazendo...

– Sabe, são só negócios – continuou Jamal. – Você a perdeu, nós a levamos. Pelo menos você ganhou um brinquedo novo e bonito, então tente não ficar chateado.

Thorne fez uma cara feia, apertou a bengala e bateu-a com o máximo de força que conseguiu entre as pernas de Jamal.

Jamal berrou. Recuando, Thorne bateu com a bengala na direção da cabeça dele. Acertou com força, mas o objeto foi logo arrancado das mãos dele enquanto Jamal soltava uma série de palavrões.

Thorne pegou a arma que ficara quase esquecida desde que ele e Cress saíram do satélite. Ele a tirou da cintura e mirou. Gritos de outras pessoas no corredor ecoaram, seguidos de portas sendo batidas e do barulho de pés na escada.

– Dessa distância – disse ele –, tenho certeza de que acerto você algumas vezes. Quantos tiros será que acerto antes de conseguir um fatal? – Ele inclinou a cabeça. – Mas acho que só vou pegar seu tablet, que deve ter todos os seus contatos de negócios. Você falou alguma coisa sobre um médico em... Faraquê? Acho que vou tentar ele primeiro.

Ele soltou a trava.

– Espere, *espere!* Você está certo. Eles a estão levando para Farafrah, um pequeno oásis cerca de trezentos quilômetros a nordeste daqui. Tem um médico lá que tem uma quedinha por cascudos lunares.

Thorne recuou um passo no corredor, mas mantendo a arma erguida e pronta.

– Androide-acompanhante, você ainda está aí?

– Sim, mestre. Posso ajudar?

– Me dê as coordenadas de uma cidade chamada Farafrah e o jeito mais rápido de chegar lá.

– Você é um idiota de ir atrás dela – retrucou Jamal. – Ela já vai ter sido vendida, e aquele coroa não vai pagar duas vezes por ela. Você devia aceitar a perda e seguir em frente. Ela é só uma cascuda lunar, não vale isso tudo.

– Se você acredita nisso de verdade – disse Thorne, guardando a arma –, então não sabe reconhecer valor verdadeiro quando está na sua frente.

CAPÍTULO

Trinta e três

CRESS FICOU AGACHADA NO CANTO DA VAN, SEGURANDO OS JOELHOS no peito. Tremia apesar do calor sufocante. Estava com fome e sede, e seus tornozelos, machucados no ponto em que bateram no para-choque. Apesar de ter derrubado alguns rolos de tecido para sentar sobre eles, o sacolejar constante do veículo em chão irregular deixou as costas dela doendo.

A noite estava tão escura que ela não via nem a própria mão na frente do rosto, mas o sono não vinha. Os pensamentos estavam erráticos demais enquanto ela tentava descobrir o que aquelas pessoas queriam. Repassou os momentos anteriores à captura na mente cem vezes, e a expressão de Jina definitivamente se iluminou quando Cress confirmou as desconfianças dela.

Ela era uma cascuda. Uma cascuda imprestável.

Por que Jina viu valor nisso?

Ela botou o cérebro para trabalhar, mas nada fazia sentido.

Cress se esforçou para ficar calma. Tentou ser otimista. Tentou dizer para si mesma que Thorne iria buscá-la, mas suas dúvidas se sobrepunham às esperanças.

Ele não enxergava. Não sabia para onde ela fora. Provavelmente ainda nem sabia que desaparecera, e quando descobrisse... e se ele achasse que ela o tinha abandonado?

E se não se importasse?

Ela não esquecia a imagem de Thorne sentado à mesa de jogo com uma garota estranha abraçando-o. Não estava pensando em Cress nessa hora.

Talvez Thorne não fosse buscá-la.

Talvez estivesse errada sobre ele o tempo todo.

Talvez ele não fosse herói, só um sujeito egoísta, arrogante, mulherengo...

Ela chorou, a cabeça tomada de medo e raiva e ciúme e horror e confusão, tudo se contorcendo em seus pensamentos até não poder sufocar mais os gritos frustrados.

Ela berrou e puxou mechas de cabelo até o couro cabeludo arder.

Mas os gritos pararam rápido, substituídos pelos dentes trincados quando ela começou a tentar se acalmar. Passou os dedos ao redor dos pulsos como se tivesse longas mechas de cabelo para enrolar neles. Engoliu em seco com força em uma tentativa de sufocar o pânico crescente, para se impedir de hiperventilar.

Thorne iria buscá-la. Ele era um herói. Ela era uma donzela. Era assim nas histórias, era assim que *sempre acontecia*.

Com um gemido, ela se acomodou no canto e voltou a chorar, e chorou até não sair mais nenhuma lágrima.

De repente, ela deu um pulo e acordou.

Havia sal seco em suas bochechas, e suas costas ardiam por ter passado tanto tempo encolhida. Seu traseiro e os lados do corpo

estavam machucados de bater com o sacolejo da van, que ela percebeu que tinha parado.

Ficou imediatamente alerta, o estupor espantado por uma nova onda de medo. Havia uma sugestão de luz entrando pelas frestas ao redor das portas, o que significava que eles dirigiram a noite toda. Uma porta bateu, e ela distinguiu a voz de Jina, nada simpática e reconfortante. A van tremeu quando o motorista saiu.

– Vieram rápido – Cress ouviu um homem dizer. – Alguém pode me ajudar ali atrás?

Outro homem riu.

– Não aguenta a mocinha sozinho?

A voz de Jina interrompeu a discussão deles:

– Tentem não a machucar. Quero um pagamento excelente desta vez, e vocês sabem como ele negocia. Presta atenção em cada detalhe.

Cress engoliu em seco quando as botas se aproximaram. Ela se preparou. Daria um pulo. Lutaria. Seria feroz. Morderia e arranharia e chutaria se precisasse. Ela o pegaria de surpresa.

E então correria. Rápida como um guepardo, graciosa como uma gazela.

Ainda era cedo. A areia estaria fria em seus pés descalços. As bolhas estavam quase secas, e, apesar de as pernas ainda doerem muito, ela era capaz de ignorar a dor. Com sorte, eles considerariam não valer a pena ir atrás dela.

Ou talvez atirassem nela.

Ela sufocou o pensamento. Tinha que se arriscar.

A tranca estalou. Ela respirou fundo, esperou que a porta se abrisse... e pulou. Um grito gutural foi arrancado dela, com toda a raiva e vulnerabilidade inflando e se soltando naquele momento cruel, quando as unhas foram direcionadas aos olhos dele.

O homem a pegou. Duas mãos seguraram seus pulsos pálidos. O impulso a fez seguir para fora do veículo, e ela teria caído na areia se ele não a tivesse segurado no ar. Seu grito de guerra foi interrompido de repente.

O homem começou a rir dela, das tentativas patéticas de vencê-lo.

– Ela é um tigre, isso eu tenho que dizer – disse ele para o homem que o tinha provocado.

Ele virou Cress para segurar os dois pulsos com um aperto firme. O corpo ainda estava preso na mão dele quando começou a levá-la para longe da van, na direção das dunas.

– Me solte! – gritou ela, chutando-o, mas ele não se deixou afetar pelo movimento. – Para onde você está me levando? Me solte!

– Acalme-se, garotinha, não vou machucar você. Não valeria a pena.

Ele deu uma risada debochada e soltou-a do outro lado da duna.

Ela cambaleou e rolou duas vezes na areia antes de parar agachada. Cress tirou o cabelo do rosto. Quando ergueu o olhar para o homem, ele estava com uma arma apontada para ela.

O coração dela saltou.

– Se você tentar fugir, eu atiro. E não pretendo matar. Mas você é inteligente o bastante, não é? Não tem mesmo para onde ir, certo?

Cress engoliu em seco. Ainda ouvia as vozes do outro lado da duna. Mas não conseguia saber quantos homens ainda estavam no grupo.

– O q-que você quer de mim?

– Desconfio que você tenha negócios a resolver, não?

Ela ficou de pé e cambaleou um pouco colina abaixo, com a areia instável abaixo dos pés. O homem nem tremeu. Ele apontou a arma para os pés dela.

– Vá logo. Só vamos parar daqui a algumas horas, então é melhor resolver logo. Não quero você urinando na traseira daquela van. Não receberíamos a devolução da nossa caução, e Jina odeia isso.

O lábio inferior tremeu e Cress lançou outro olhar pelo deserto, para a amplidão do terreno árido. Ela balançou a cabeça.

– Não, não consigo. Não com...

– Ah, não vou olhar. – Para provar, ele se virou e coçou atrás da orelha com a arma. – Mas seja rápida.

Ela viu outro homem em cima da duna, de costas para ela, e desconfiou que se aliviava. Cress virou-se de costas, envergonhada e constrangida. Estava com vontade de chorar, de implorar para o homem deixá-la em paz, para deixá-la ali. Mas sabia que não daria certo. E não queria implorar nada a esse homem.

Thorne iria buscá-la, pensou ao cambalear até a base da duna em busca da privacidade que conseguisse.

Thorne tinha que ir buscá-la.

CAPÍTULO

Trinta e quatro

– FATEEN-JIE?

A garota se virou, uma trança preta comprida balançando sobre o jaleco.

– Majestade!

A sombra de um sorriso surgiu no rosto de Kai.

– Você tem um momento para nos ajudar com uma coisa?

– É claro.

Fateen colocou um tablet no bolso do jaleco.

Kai seguiu na direção da parede do corredor branco, dando espaço para pesquisadores e técnicos passarem.

– Precisamos de acesso aos dados de alguns pacientes. Sei que devem ser confidenciais, mas...

Kai parou de falar. Não havia “mas”, só uma vaga esperança e uma boa quantidade de confiança de que seu título era a única credencial de que precisava.

Mas o olhar de Fateen ficou sério ao seguir de Torin para ele.

– Dados de pacientes?

– Algumas semanas atrás – disse Kai –, eu vim ver o progresso do dr. Erland, e Linh Cinder estava aqui. O ciborgue lunar de...

– Sei quem é Linh Cinder – disse ela, a rigidez sumindo tão depressa quanto surgiu.

– Certo, claro. – Ele limpou a garganta. – Bem, na época o doutor me disse que ela estava aqui consertando um medidroide, mas eu estava pensando no assunto e acho que talvez ela tenha sido...

– Recrutada?

– É.

Fateen deu de ombros.

– Na verdade, ela era voluntária. Venham, deve haver um laboratório vazio que vocês possam usar. Fico feliz em mostrar os dados de Linh Cinder para vocês.

Ele e Torin a seguiram, e Kai se perguntou se ela seria tão colaborativa se fosse outro paciente. Desde a prisão, Linh Cinder se tornara questão de preocupação pública, e portanto seus registros particulares não eram mais tão particulares assim.

– Ela era voluntária? É mesmo?

– Foi. Eu estava aqui no dia que foi trazida. Tiveram que suplantar o sistema dela para trazê-la aqui. Acho que ela resistiu bem quando vieram buscá-la.

Kai franziu a testa.

– Por que uma voluntária resistiria?

– Estou usando a palavra *voluntária* no sentido oficial. Acho que a guardiã legal dela a recomendou para os testes.

Ela passou o pulso por um escâner de identificação e os levou para o laboratório 6D. O aposento tinha cheiro de água sanitária e peróxido de hidrogênio, e todas as superfícies brilhavam de forma imaculada. Uma bancada na parede mais distante ficava embaixo de uma janela com vista para um quarto de quarentena.

Kai tremeu ao se lembrar dos últimos dias de seu pai passados em um quarto não muito diferente daquele, embora o dele tivesse cobertores e travesseiros, sua música favorita, uma fonte de água tranquilizadora. Os pacientes que vinham para esses laboratórios não receberiam os mesmos luxos.

Fateen seguiu até a parede ao lado.

– Tela, ligar – disse ela, clicando em alguma coisa no tablet. – Acredito que esses dados tenham sido parte da investigação após a fuga dela, Vossa Majestade. Você acha que os detetives podem ter deixado passar alguma coisa?

Ele passou os dedos no cabelo.

– Não. Só estou tentando responder a algumas das minhas próprias perguntas.

A tela de login sumiu e foi substituída pelo perfil de um paciente. Pelo perfil *dela*.

LINH CINDER, MECÂNICA LICENCIADA

ID 0097917305

NASCIDA EM 29 NOV 109 T.E.

RESIDENTE DE NOVA PEQUIM, COMUNIDADE DAS NAÇÕES ORIENTAIS, SOB CUSTÓDIA DE LINH ADRI.

PORCENTAGEM CIBORGUE: 36,28%

– Está procurando alguma coisa específica? – perguntou Fateen, deslizando os dedos pela tela para o perfil descer e mostrar o tipo sanguíneo (A), as alergias (nenhuma) e os medicamentos (desconhecido).

E o exame da peste. Kai chegou mais perto.

– O que é isso?

– As anotações do doutor de quando a injetou com a solução do micróbio da letumose. Quanto demos a ela e, subsequentemente, quanto tempo o corpo dela demorou para se livrar da doença.

No final do estudo, as palavras simples.

CONCLUSÃO: IMUNIDADE À LETUMOSE CONFIRMADA

– Imunidade – disse Torin, ficando de pé ao lado dele. – Nós sabíamos disso?

– Será que os detetives não acharam relevante à investigação? Mas é de conhecimento comum aqui no laboratório. Muitos de nós teorizamos ser resultado do sistema imunológico lunar. Existe uma teoria antiga de que a letumose foi trazida por lunares imigrantes, que são portadores não afetados pela doença.

Kai mexeu na gola da camisa. Quantos lunares teriam que vir para a Terra para criar uma epidemia tão ampla? Se essa teoria estivesse correta, eles poderiam ter bem mais fugitivos no planeta do que ele imaginava. Gemeu com a ideia: a mera possibilidade de ter que lidar com mais lunares o fazia querer bater com a cabeça na parede.

– O que isso quer dizer? – perguntou Torin, apontando para uma caixa no final do perfil.

NOTAS ADICIONAIS: FINALMENTE, EU A ENCONTREI.

As palavras deixaram Kai arrepiado, mas ele não sabia por quê. Fateen balançou a cabeça.

– Ninguém sabe. O dr. Erland digitou, mas não deu indicação do que queria dizer. Deve se referir à imunidade dela; ele finalmente encontrou o que estava procurando quando ela foi trazida. – O tom dela ficou amargo. – Embora não tenha ajudado em nada o fato de *os dois* terem decidido sair da cidade.

O tablet de Fateen fez um som, e ela olhou para ele.

– Me desculpe, Vossa Majestade. Parece que o recrutado do dia acabou de chegar.

Kai afastou a atenção das palavras assombradas.

– Os recrutamentos ainda estão valendo?

– É claro – disse Fateen com um sorriso, e Kai percebeu que era uma pergunta idiota. Aqui estava ele, o imperador, e não fazia ideia do que estava acontecendo em seu país. Nos próprios laboratórios de pesquisa.

– Sem o dr. Erland aqui, achei que talvez tivesse acabado – explicou ele.

– O dr. Erland pode ser um traidor, mas ainda há muitas pessoas aqui que acreditam no que estamos fazendo. Não vamos parar enquanto não tivermos encontrado a cura.

– Vocês estão fazendo um ótimo trabalho aqui – disse Torin. – A coroa valoriza cada avanço que já foi feito nestes laboratórios.

Fateen colocou o tablet de volta no bolso.

– Todos nós perdemos alguém para essa doença.

A língua de Kai ficou pesada.

– Fateen-jie, o dr. Erland alguma vez informou que a rainha Levana desenvolvera um antídoto?

Ela olhou para ele sem entender.

– A rainha Levana?

Ele olhou para os dados de Cinder, para a evidência da imunidade e para a biologia lunar dela.

– Uma parte de nossa aliança de casamento vai incluir a fabricação e distribuição desse antídoto.

Torin foi bem direto:

– Mas Sua Majestade precisa que essa informação permaneça confidencial até que a coroa faça a declaração oficial.

– Entendo – disse ela devagar, ainda observando Kai. – Isso mudaria tudo.

– Mudaria.

O tablet dela tocou de novo. Fateen afastou a surpresa e fez uma reverência para Kai.

– Me desculpe, Vossa Majestade. Você me dá licença?

– É claro. – Torin indicou o corredor. – Obrigado pela ajuda.

– Foi um prazer. Demorem o quanto precisarem.

Ela fez outra reverência e deixou o laboratório com a trança balançando. Assim que a porta se fechou atrás dela, Torin olhou irritado para o imperador.

– Que motivo você teve para dar a ela aquela informação? Até que o antídoto seja confirmado como eficiente, inofensivo e capaz de ser reproduzido, é tolice espalhar tais boatos.

– Eu sei – disse Kai. – Só me pareceu que ela devesse saber. Ela mencionou o recrutamento, e percebi quantas pessoas ainda

estão morrendo. Não só sendo mortas pela doença, mas também por nós enquanto tentamos encontrar a cura, e o tempo todo o antídoto está aí, só fora do... – Ele arregalou os olhos. *Imunidade confirmada.* – Pelas estrelas. O antídoto da rainha!

– Como?

– Cinder estava aqui no dia em que dei o antídoto para o dr. Erland. Ele deve ter dado para ela, e ela foi direto para a quarentena porque sabia que era imune. Ela estava levando para a irmã, tentando salvá-la. Mas deve ter chegado tarde demais, então deu o antídoto para aquele garotinho, Chang Sunto. – Ele balançou a cabeça, surpreso com o quanto essa percepção o deixava mais leve. – A guardiã dela está errada. Cinder não levou o chip de identificação da irmã por inveja ou por querer roubar a identidade dela, nem nada assim. Ela levou porque a amava.

– E você acredita que arrancar o chip de identificação de um ente querido é uma reação saudável?

– Talvez ela tenha descoberto que nossos androides os estavam recolhendo e dando para os lunares. Ou talvez tenha sido só o choque. Mas acho que não foi por maldade.

Ele caiu contra a parede, sentindo como se tivesse acabado de descobrir uma pista importante no mistério que era Linh Cinder.

– Temos que contar para Fateen-jie e para os outros que Chang Sunto não teve uma recuperação milagrosa. Isso confirma que o antídoto da rainha é real, e talvez eles possam usar essa informação na pesquisa. Pode ser útil, ou...

Ele bateu com o cotovelo na tela, e uma imagem surgiu ao lado dele. Kai deu um pulo quando a holografia se projetou, girando ao

alcance da mão dele.

Era uma garota, de tamanho real, com as camadas piscando e se dobrando umas sobre as outras. Pele e tecido fibroso se uniam a uma mão e a uma perna de aço. Fios se misturavam com o sistema nervoso. Sangue azul era bombeado por câmaras em um coração de silicone. Todo o tecido inorgânico tinha um brilho leve, a holografia assim mostrando o que não era natural nela, de forma que até um olhar leigo fosse capaz de compreender.

Ciborgue.

Kai recuou, sentindo-se desorientado enquanto olhava boquiaberto. Até os olhos dela tinham aquele brilho leve, junto com os nervos óticos que seguiam até o fundo do cérebro, onde havia uma placa de metal coberta de portas e cabos e fios e um acesso que se abria na parte de trás do crânio.

Lembrou-se da guardiã dizendo que Cinder não era capaz de chorar, mas ele nunca pensou... nunca esperou isso. Os olhos dela, o *cérebro*...

Ele afastou o olhar e passou a palma da mão no rosto. Isso era uma invasão, um tipo horrível de voyeurismo, e a culpa repentina o fez desejar poder apagar a visão da mente para sempre.

– Tela, desligar.

Um silêncio os envolveu, e ele se perguntou se Torin sentia a mesma culpa que ele ou se tinha sido capturado pela mesma curiosidade mórbida.

– Você está bem, Majestade?

– Ótimo. – Ele engoliu em seco. – Nós sabíamos que ela era ciborgue. Nada disso devia ser surpresa. Eu só não esperava que

fosse *tanto*.

Torin enfiou as mãos nos bolsos.

– Sinto muito. Sei que nem sempre fui justo quando o assunto é Linh Cinder. Desde o momento em que vi você conversando com ela no baile, fiquei com medo de ela ser uma distração desnecessária para você, e você estava sempre lidando com tanta coisa. Mas está óbvio que você tinha sentimentos legítimos por ela, e lamento por tudo o que aconteceu desde então.

Kai deu de ombros com desconforto.

– O problema disso é que nem *eu* sei se tinha sentimentos legítimos por ela ou se foi tudo truque desde o começo.

– Vossa Majestade. O dom lunar tem limitações. Se Linh Cinder estivesse forçando esses sentimentos, você não os estaria sentindo mais.

Com um susto, Kai olhou nos olhos de Torin.

– Eu não... – Ele engoliu em seco, calor subindo pelo pescoço. – É tão óbvio?

– Bem, como a rainha Levana gosta de observar, você ainda é jovem e não tão bom em disfarçar as emoções como o resto de nós. – Torin deu um sorriso, com um olhar provocador que enrugou os cantos dos olhos. – Para ser sincero, sinto que é uma de suas melhores qualidades.

Kai revirou os olhos.

– Ironicamente, acho que pode ser por isso que gostei tanto de Cinder logo de cara.

– Por ela não conseguir disfarçar as emoções?

– Por ela nem *tentar*. Pelo menos, era o que parecia. – Kai se encostou na mesa de exame, sentindo o papel estéril enrugar por baixo dos dedos. – Às vezes parece que todo mundo ao meu redor está fingindo. Os lunares são os piores. Levana e seu grupo... Tudo neles é tão falso. Estou *noivo* de Levana e nem sei como é a aparência dela de verdade. Mas não são só eles. São os outros líderes da União, até os membros do meu próprio gabinete. Todo mundo está tentando impressionar todo mundo. Tentando se fazer parecer mais inteligente ou mais confiante do que realmente é.

Ele passou a mão pelo cabelo.

– E aí, apareceu Cinder. Uma garota normal, trabalhando em um emprego comum. Estava sempre coberta de sujeira ou graxa e era tão *sensacional* consertando coisas. E brincava comigo sobre tudo, como se estivesse falando com um cara normal, não um príncipe. Tudo nela parecia tão genuíno. Pelo menos, foi o que pensei. Mas acabou que ela era igual a todo mundo.

Torin andou até a janela com vista para o quarto de quarentena.

– Mas você ainda está tentando encontrar motivos para acreditar nela.

Era verdade. Essa aventura toda tinha sido despertada pelas acusações de Torin de que Kai não sabia nada sobre Cinder. Que, mesmo naquele momento, sabendo que ela era ciborgue, ele ainda queria acreditar que nem tudo nela foi baseado em alguma enganação complicada.

E, ao vir aqui, ele *descobriu* coisas.

Descobriu que ela era imune à letumose, que talvez todos os lunares fossem.

Descobriu que aqueles olhos castanhos que viviam invadindo seus sonhos tinham sido feitos por um homem, ou pelo menos alterados.

Descobriu que a guardiã vendeu o corpo dela para testes, que ela não odiava a irmã e que o recrutamento ciborgue ainda acontecia. Até então chegavam ciborgues ao laboratório todos os dias. Também os sacrificavam para encontrar um antídoto que a rainha Levana já tinha.

– Por que ciborgues? – murmurou ele. – Por que só usamos ciborgues no recrutamento?

Torin suspirou.

– Com todo o respeito, Vossa Majestade. Você acha mesmo que é o melhor assunto com o qual se preocupar agora? Com o casamento, a aliança, a guerra...

– Sim, acho. É uma pergunta válida. Como nossa sociedade decidiu que as vidas deles valem menos? Sou responsável por tudo o que acontece nesse governo, tudo. E quando alguma coisa afeta os cidadãos assim...

O pensamento o atingiu como uma bala.

Eles não eram cidadãos. Ou eram, desde que o Ato de Proteção dos Ciborgues foi instituído por seu avô décadas antes, mas era mais complicado do que isso. O ato veio depois que uma série de crimes ciborgues terríveis provocou ódio generalizado e levou a revoltas catastróficas em todas as grandes cidades da Comunidade. Os protestos podiam ter sido gerados pela onda de

violência, mas foram resultado de gerações de desdém crescente. Durante anos, as pessoas reclamavam sobre o aumento da população de ciborgues, muitos dos quais tinham passado por suas cirurgias por causa dos cidadãos.

Os ciborgues eram inteligentes demais, as pessoas reclamaram. Estavam roubando os salários do homem comum.

Os ciborgues eram capacitados demais. Estavam tirando empregos do cidadão trabalhador e da classe média.

Os ciborgues eram fortes demais. Não deviam poder competir em eventos esportivos com pessoas comuns. Dava uma vantagem injusta a eles.

E então um pequeno grupo de ciborgues teve um surto de violência e roubo e destruição, mostrando o quanto podiam ser perigosos.

Se os médicos e cientistas iam continuar a executar essas cirurgias, as pessoas argumentaram, era preciso haver restrições para esse grupo de pessoas. Elas precisavam ser controladas.

Kai estudou tudo isso quando tinha quatorze anos. E concordou com as leis. Foi convencido, assim como seu avô tinha sido, de que eles estavam *certos*. Os ciborgues precisavam de leis e provisões especiais, para a segurança de todos.

Não precisavam?

Até esse momento, ele não tinha nem voltado a pensar na questão.

Ao perceber que estava olhando para uma mesa de laboratório vazia com os nós dos dedos pressionados contra a testa, ele se virou e se empertigou um pouco. Torin o estava

observando com aquela expressão de sabedoria sempre presente que tanto enlouquecia Kai, esperando com paciência que Kai formasse os pensamentos.

– É possível que as leis estejam erradas? – disse ele, com um nervosismo peculiar, como se estivesse falando uma blasfêmia contra sua família e as tradições antigas de seu país. – Quanto aos ciborgues?

Torin olhou para ele por muito tempo, sem dar sinal do que achava da pergunta de Kai, até que por fim suspirou.

– O Ato de Proteção dos Ciborgues foi elaborado com boas intenções. As pessoas viam uma necessidade de controlar a crescente população ciborgue, e a violência nunca mais chegou ao nível daquela época.

Os ombros de Kai murcharam. Torin devia estar certo. Seu avô devia ter estado certo. Mesmo assim...

– Mesmo assim – disse Torin –, acredito que seja a marca de um grande líder questionar as decisões tomadas antes dele. Talvez, depois que resolvermos parte de nossos problemas mais imediatos, possamos rever isso.

Problemas mais imediatos.

– Não discordo de você, Torin. Mas tem um ciborgue recrutado nesta ala, neste momento. Tenho certeza de que isso parece um problema imediato para ele... ou ela.

– Vossa Majestade, você não pode resolver todos os problemas em uma semana. Precisa se dar tempo...

– Então você concorda que é um problema?

Torin franziu a testa.

– Milhares de cidadãos estão morrendo dessa doença. Você acabaria com o recrutamento e as oportunidades de pesquisa que ele oferece porque os lunares vão resolver tudo para nós?

– Não, claro que não. Mas usar ciborgues e só ciborgues... parece errado. Não parece?

– Por causa de Linh Cinder?

– Não! Por causa de *todo mundo*. Porque, apesar do que a ciência lhes causou, eles também já foram humanos. E não acredito... não consigo acreditar que são todos monstros. De quem foi a ideia do recrutamento? De onde veio?

Torin olhou para a tela com uma expressão estranha de conflito interno.

– Se me lembro bem, foi ideia de Dmitri Erland. Tivemos muitas reuniões para discutir. Seu pai ficou inseguro no começo, mas o dr. Erland nos convenceu de que era para o bem da Comunidade. Os ciborgues são fáceis de registrar, fáceis de encontrar, e com as restrições legais...

– Fáceis de tirar vantagem.

– Não, Majestade. Era fácil convencer eles mesmos e o povo de que são os melhores candidatos para testes.

– Porque não são humanos?

Ele via que Torin estava ficando frustrado.

– Porque os corpos deles já foram ajudados pela ciência. Porque agora é a vez deles de retribuir, para o bem de todos.

– Eles deviam ter escolha.

– Eles tiveram escolha quando aceitaram as alterações cirúrgicas. Todo mundo sabe bem quais são as leis sobre os

direitos ciborgue.

Kai apontou a tela apagada.

– Cinder virou ciborgue quando tinha onze anos, depois de um acidente de aerodeslizador. Você acha que uma criança de onze anos tem alguma escolha?

– Os pais dela... – Torin parou de falar.

De acordo com o arquivo, os pais de Cinder morreram no mesmo acidente. A pessoa que aprovava a cirurgia ciborgue era desconhecida.

Torin apertou a boca em uma linha reta de insatisfação.

– Ela é uma circunstância incomum.

– Pode ser, mas continua não parecendo certo. – Kai andou até a janela do quartinho enquanto massageava um nó no pescoço. – Vou acabar com isso. Hoje.

– Tem certeza de que essa é a mensagem que você quer passar para o povo? De que estamos desistindo do antídoto?

– Não estamos desistindo. *Eu* não estou desistindo. Mas não podemos obrigar as pessoas a isso. Vamos levantar dinheiro para pagar voluntários. Vamos aumentar nossos programas de conscientização, encorajar as pessoas a se voluntariar se quiserem. Mas, a partir de agora, o recrutamento acabou.

CAPÍTULO

Trinta e cinco

CINDER CAMBALEOU PELA RAMPA DA NAVE ENQUANTO PUXAVA, para longe dos quadris em um esforço de conseguir um pouco de ventilação na pele. O calor do deserto era seco em comparação à umidade sufocante de Nova Pequim, mas também era implacável. E tinha a areia, aquela areia irritante e odiosa. Ela passara o que pareceram horas tentando tirar a areia das juntas cibernéticas, descobrindo mais cantos e fendas na mão do que sabia que existiam.

– lko, fechar rampa – disse ela, sentando-se sobre uma caixa.

Estava exausta. Seu tempo era todo passado em preocupação com Lobo e tentando ser gentil com os habitantes da cidade, que levaram tantos presentes de tâmaras açucaradas e rocamboles doces e curries temperados, que ela nem sabia se estavam tentando agradecer ou engordá-la para um banquete.

Além disso, havia as brigas constantes com o dr. Erland. Ele queria que ela se concentrasse em encontrar uma forma de chegar a Luna sem ser capturada, e, apesar de concordar que isso teria que acontecer em algum momento, ela ainda estava decidida a colocar um ponto final no casamento real primeiro. Afinal, que importância tinha se destronasse Levana em Luna

depois que ela tivesse sido coroada imperatriz da Comunidade? Tinha que haver um jeito de fazer as duas coisas.

Mas faltava uma semana para o casamento real, e o relógio de Iko parecia passar mais rápido a cada hora.

– Como ele está? – perguntou Iko, que ficou sozinha dentro do sistema da nave durante horas quando Cinder estava no hotel.

– O doutor começou a diminuir os sedativos hoje de manhã – disse Cinder. – Ele está com medo de Lobo acordar quando não houver ninguém lá e ter um colapso mental e voltar a se machucar, mas falei que não podemos deixá-lo inconsciente para sempre.

A nave suspirou ao redor dela, oxigênio assoviando pelo sistema de respiração artificial.

Cinder esticou a mão para baixo, tirou as botas e virou a areia no piso de metal.

– Alguma novidade?

– Sim, dois desenvolvimentos interessantes, na verdade.

A tela na parede se acendeu. De um lado havia um formulário de pedido estático com *CONFIDENCIAL* impresso no alto. Apesar da fagulha de curiosidade que causou, a atenção de Cinder foi atraída imediatamente pelo outro artigo e uma foto de Kai.

IMPERADOREXIGEDESCONTINUAÇÃOIMEDIATADORECRUTAMENTOCIBORGUE

Com o coração em saltos, Cinder pulou da caixa para ver melhor. A mera menção do recrutamento trouxe uma avalanche de lembranças de volta. De quando foi levada pelos andróides,

acordou em um quarto estéril de quarentena, amarrada a uma mesa, com um medidor de taxas enfiado na cabeça e uma agulha na veia.

O artigo começava com um vídeo de Kai em uma coletiva de imprensa, de pé em frente a um pódio.

– Tocar vídeo.

“Essa política não indica de modo algum que tenhamos perdido a esperança”, dizia Kai na tela. “Não vamos desistir de encontrar a cura para a letumose. Saibam que nossa equipe conseguiu um progresso incrível nos últimos meses, e estou confiante de estarmos à beira de uma descoberta. Quero que todos os que sofrem dessa doença ou que tenham entes queridos lutando contra ela agora saibam que isso não é sinal de derrota. Jamais vamos desistir enquanto a letumose não for erradicada de nossa sociedade.”

Ele fez uma pausa, o silêncio pontuado por flashes que iluminavam a bandeira da Comunidade atrás dele.

“No entanto, percebi recentemente que o uso do recrutamento ciborgue para dar prosseguimento à pesquisa era uma prática antiquada que não era necessária e nem justificável. Somos uma sociedade que valoriza a vida humana, *toda* vida humana. O propósito de nossos laboratórios de pesquisa é estancar a perda dessa vida da forma mais rápida e humana possível. O recrutamento ia contra esse valor e, acredito, diminuía tudo o que alcançamos nos cento e vinte e seis anos desde que nosso país foi formado. Nosso país foi construído sobre uma base de igualdade e união, não preconceito e ódio.”

Cinder o viu com fraqueza nas pernas. Sentia vontade de esticar a mão para a tela e passar os braços ao redor dele e dizer obrigada, *obrigada*. Mas, a milhares de quilômetros de distância, ela se viu abraçando a si mesma.

“Prevejo as críticas e reações que essa decisão vai gerar”, prosseguiu Kai. “Estou ciente de que a letumose é um problema que afeta cada um de nós e de que minha decisão de encerrar o recrutamento ciborgue sem consultar meu gabinete e seus representantes é inesperada e nada convencional. Mas não pude ficar parado enquanto nossos cidadãos estavam sendo obrigados a sacrificar as vidas devido a uma crença enganosa de que as vidas deles são menos valiosas do que as dos outros. A equipe de pesquisa de letumose vai desenvolver novas estratégias para a continuidade da pesquisa, e nós no palácio estamos otimistas de que essa mudança não vai atrapalhar nossa busca contínua pelo antídoto. Vamos continuar a aceitar candidatos a teste como voluntários. Existe um link de mensagem abaixo para quem quiser mais informações sobre o processo de voluntariado. Obrigado. Não vou responder a perguntas hoje.”

Quando Kai saiu do palco e foi substituído pela secretária de imprensa, já tentando acalmar uma multidão enlouquecida, Cinder se sentou no chão.

Mal acreditava no que tinha ouvido. O discurso de Kai não foi só sobre letumose e pesquisa e procedimentos médicos. O discurso foi sobre igualdade. Direitos. Ir além do ódio.

Com um discurso, menos de três minutos passados atrás do pódio, Kai começou a destruir décadas de preconceito contra

ciborgues.

Será que tinha sido por ela?

Ela fez uma careta, perguntando-se se era um egocentrismo sem tamanho pensar isso. Afinal, a declaração dele salvaria incontáveis vidas ciborgue. Estabeleceria um novo padrão de direitos e tratamento ciborgue.

Não resolveria tudo, claro. Ainda havia o Ato de Proteção dos Ciborgues, que tornava os ciborgues propriedade dos guardiões e limitava a liberdade deles. Mas era alguma coisa. Era um começo.

E a pergunta ficava voltando. *Será que ele fizera isso por ela?*

– Eu sei – disse Iko, com um tom sonhador na voz, embora Cinder não tivesse dito nada. – Ele é fantástico.

Quando ela concentrou os pensamentos o bastante para passar os olhos pelo resto do artigo, Cinder viu que Kai estava certo. A hostilidade já tinha começado. Esse jornalista em particular havia escrito um artigo de crítica mordaz, defendendo o recrutamento ciborgue e acusando Kai de tratamento preferencial injusto. Embora não mencionasse Cinder diretamente, seria questão de tempo até que alguém o fizesse. Kai tinha convidado uma ciborgue para o baile anual, e eles usariam isso contra ele, que seria atacado por essa decisão. Com crueldade.

Mas ele o fizera mesmo assim.

– Cinder? – disse Iko. – Você já chegou nos andróides-acompanhantes?

Ela piscou, sem entender.

– Me desculpe, o quê?

A tela mudou e trouxe o primeiro documento para a frente. Cinder balançou a cabeça para anuviá-la. Já tinha esquecido o segundo item que Iko queria contar para ela, o formulário marcado como “Confidencial”.

– Ah, certo. – Ela se levantou. Pensaria sobre Kai e a decisão dele posteriormente. *Depois* que tivesse encontrado um jeito de impedir que ele se casasse com Levana. – O que é isso?

– É um pedido feito pelo palácio dois dias atrás. Esbarrei nele sem querer quando estava tentando entender o pedido ao florista. Acontece que a rainha quer o buquê de lírios e folhas de hosta. *Sem graça*. Eu teria escolhido orquídeas.

– Você encontrou um pedido confidencial do palácio?

– Sim, encontrei, obrigada por reparar. Estou virando uma ótima *hacker*. Não que eu tenha alguma coisa melhor para fazer.

Cinder olhou o formulário. Era um acordo de aluguel enviado ao maior fabricante de andróides-acompanhantes do mundo, que ficava nos arredores de Nova Pequim. O palácio queria sessenta acompanhantes para o dia do casamento, mas só da linha “Real”, que incluía modelos com cores de olhos normais e tipos de corpo variados. A ideia era que tais imperfeições (como a empresa chamava) possibilitavam uma experiência mais real ao acompanhante.

Ela levou uns quatro segundos para entender o motivo do pedido.

– Vão usar como criados durante o casamento – disse ela –, porque os lunares não conseguem manipulá-los. Inteligente.

– Foi o que também pensei – falou Iko. – O acordo diz que eles serão entregues ao florista e aos banqueiros na manhã do casamento e contrabandeados para o palácio junto com a equipe humana. Bem, o acordo não usa a palavra *contrabandeados*.

Isso não fez Cinder se sentir melhor em relação ao casamento, mas ela ficou feliz que o palácio estava tomando algumas precauções contra os convidados lunares.

Conforme foi lendo o formulário de pedido e as instruções de entrega, ela deu um gritinho.

– O que foi? – disse Iko.

– Acabei de ter uma ideia. – Ela deu um passo para trás enquanto repassava na cabeça. A ideia estava crua e confusa demais para que tivesse certeza, mas por alto... – Iko, é isso. É assim que vamos chegar a Luna.

As luzes piscaram.

– Não estou computando.

– E se nos escondêssemos em uma nave que já estivesse indo para Luna? Poderíamos ser contrabandeadas, assim como esses andróides estão sendo levados escondidos para o palácio.

– Só que todas as naves que vão para Luna são naves lunares. Como você vai entrar em alguma delas?

– *Agora* elas são naves lunares. Mas eu talvez saiba como podemos mudar isso.

A informação na tela mudou e voltou para o relógio em contagem regressiva no meio.

– Ainda envolve impedir o casamento?

– Sim. Mais ou menos. – Cinder ergueu o dedo. – Se conseguirmos *atrasar* o casamento e persuadir a rainha Levana de fazer a cerimônia em Luna em vez de na Terra, todos os convidados terráqueos terão que ir para lá, assim como todos aqueles aristocratas lunares virão para cá.

– E aí você vai em uma das naves *deles*?

– Se fizermos isso dar certo. – Ela começou a andar de um lado para outro pelo compartimento de carga, os pensamentos ardendo com o nascimento de um novo plano. – Mas preciso que Kai confie em mim primeiro. Se *ele* puder convencer Levana a mudar o local... – Ela mordeu o lábio e olhou para o vídeo da coletiva de imprensa, para a manchete que confirmava que ele de fato acabara com o recrutamento. – Ainda precisamos entrar no palácio, mas não com grandes distrações nem atraindo a atenção da imprensa. Precisamos ser sutis. Sorrateiros.

– Ah! Ah! Você devia se passar por convidada! Aí teria uma desculpa para comprar um vestido de festa.

Cinder tentou protestar, mas hesitou. A ideia tinha potencial, *se* ela sustentasse o glamour tempo suficiente para ninguém reconhecê-la.

– Eu teria que tomar cuidado com os andróides-acompanhantes. Além do mais, precisaríamos de convite.

– Eu topo. – O formulário desapareceu e foi substituído por uma lista infinita de nomes. – Um site de fofocas publicou uma lista de todos os convidados alguns dias atrás. Você sabia que estão distribuindo convites de papel? Coisa de classe.

– Me parece desperdício – murmurou Cinder.

– Pode ser – disse Iko. – Mas também é mais fácil de roubar. De quantos precisamos? Dois? Três?

Cinder marcou nos dedos. Um para ela. Um para Lobo... com sorte. Ou talvez fosse melhor ir sozinha, ou levar o doutor? Ou mesmo Jacin? Levana e seu grupo reconheceriam qualquer um deles, e ela não os achava capazes de criarem glamour forte o bastante para si mesmos.

Ela teria que torcer para que Lobo estivesse melhor.

– Dois – disse ela. – Espero.

Nomes e títulos desceram pela tela. Diplomatas e representantes políticos, celebridades e comentaristas de imprensa, empreendedores e os muito, muito ricos. Ela não conseguia deixar de pensar que parecia uma festa muito chata.

De repente, Iko deu um grito. Foi um grito de romper os tímpanos, de metal em metal, de processadores aquecidos e fios pegando fogo.

Cinder cobriu as orelhas.

– O quê? O que foi?

A lista de nomes parou, e Iko iluminou uma linha.

LINH ADRI E FILHA LINH PERAL, DE NOVA PEQUIM, C.N.O., TERRA

Boquiaberta, Cinder afastou as mãos dos ouvidos.

Linh Adri? E Pearl?

Ela ouviu passos no alojamento da tripulação, e Jacin apareceu no compartimento de carga, com olhos arregalados.

– O que aconteceu? Por que a nave está gritando?

– Nada. Está tudo bem – gaguejou Cinder.

– Não, as coisas *não* estão bem – falou Iko. – Como elas podem ter sido convidadas? Nunca vi maior injustiça em toda a minha vida programada, e, acreditem, já vi grandes injustiças.

Jacin ergueu uma das sobrancelhas para Cinder.

– Acabamos de descobrir que minha ex-guardiã recebeu convite para o casamento.

Ela abriu a aba ao lado do nome da madrasta, achando que era um erro.

Mas é claro que não era.

Linh Adri ganhou oitenta mil univs e um convite oficial para o casamento real como ato de gratidão pela ajuda na caçada atual pela filha adotada e foragida, Linh Cinder.

– Porque ela me entregou – disse ela com desprezo. – Faz sentido.

– Está vendo? *Injustiça*. Aqui estamos nós, arriscando nossas vidas para salvar Kai e todo esse planeta, e Adri e Pearl vão ao casamento real. Estou enojada. Espero que derrubem molho de soja nos vestidos chiques.

A preocupação de Jacin logo se transformou em irritação.

– Sua nave tem umas prioridades muito estranhas, sabia?

– *Iko*. Meu nome é Iko. Se você não parar de me chamar de ‘nave’, vou cuidar para que nunca tenha água quente nos banhos, está entendendo?

– É, espere um minuto enquanto desligo o sistema de alto-falantes.

– *O quê?* Você não pode me *emudecer*. Cinder!

Cinder ergueu as mãos.

– Ninguém vai desligar nada! – Ela olhou com irritação para Jacin, mas a única resposta que recebeu foi um movimento de descaso de um ombro só. Ela revirou os olhos. – Vocês dois estão me dando dor de cabeça, e estou tentando pensar.

Jacin se encostou à parede e cruzou os braços sobre o peito.

– Você sabia que eu estava lá naquela noite, no baile da Comunidade?

A pálpebra dela tremeu.

– Como eu poderia esquecer?

Ela não pensava com frequência, não desde que ele se juntou a eles, mas, às vezes, quando olhava para Jacin, não deixava de lembrar que tinha sido ele quem a segurou enquanto Levana zombava de Kai, tentando barganhar com a vida de Cinder.

– Estou lisonjeado. A questão é que você também foi memorável naquela noite depois de ser publicamente humilhada, quase levar um tiro na cabeça e acabar sendo presa. Portanto, acho meio estranho você parecer estar fazendo tudo o que pode para encontrar um jeito de voltar para lá.

Ela levantou as mãos.

– E você não consegue pensar em nenhum motivo para eu querer estar naquele casamento?

– Mais um encontro com seu amorzinho de brinquedo antes de ele se tornar propriedade de Levana? Você estava caidinha por ele no...

Cinder deu um soco nele.

Jacin cambaleou contra a parede, já rindo ao levar a mão à bochecha.

– Toquei em um nervo, ou será que foi um fio? Você tem muito dos dois, certo?

– Ele não é brinquedo e não é propriedade dela – disse ela. – Se você insultar qualquer um de nós mais uma vez, vou bater com o punho de metal.

– Mostre para ele, Cinder! – comemorou Iko.

Jacin baixou a mão e deixou uma marca vermelha à mostra.

– Por que você se importa? Esse casamento não é problema seu.

– É claro que é problema meu! Caso você não tenha reparado, sua rainha é uma tirana. Talvez a Comunidade não me queira mais, mas isso não quer dizer que vou deixar Levana vir para cá e enfiar as garras no meu país e estragá-lo como estragou o seu.

– O nosso – lembrou ele.

– O *nosso*.

Ele tirou uma mecha de cabelo do rosto.

– Então é isso? Um excesso de zelo patriótico por um país que está caçando você neste instante? Você *tem* mesmo fios queimados. Caso não tenha percebido, assim que você botar o pé em território da Comunidade, está morta.

– Obrigada pelo voto *estelar* de confiança.

– E você não parece ser o tipo de garota que se sacrifica por uma ilusão exagerada de amor verdadeiro. O que não está me contando?

Cinder se virou.

– Ah, pare com isso. Não me diga que está obcecada por esse casamento porque acha mesmo que está apaixonada por ele?

– Eu estou – disse Iko. – *Loucamente.*

Cinder massageou as têmporas.

Depois de um silêncio constrangedor, Iko disse:

– Ainda estamos falando de Kai, né?

– Onde foi que você a *encontrou*? – perguntou Jacin, indicando os alto-falantes do teto.

– Não estou fazendo isso só por Kai. – Cinder baixou a mão para o lado do corpo. – Estou fazendo isso porque sou a única que pode fazer alguma coisa. Vou destronar Levana. Vou cuidar para que ela não machuque mais ninguém.

Jacin olhou boquiaberto, como se um braço androide tivesse brotado do alto da cabeça dela:

– Você acha que *você* é capaz de destronar Levana?

Gritando, Cinder ergueu os braços no ar:

– Essa é a ideia toda! *Você* não? Não é esse o motivo para estar nos ajudando?

– Pelas estrelas, não. Não sou maluco. Estou aqui porque vi uma oportunidade de fugir daquela taumaturga sem morrer, e...

Ele se obrigou a parar.

– E o quê?

Ele contraiu o maxilar.

– *E o quê?*

– E é o que Sua Alteza iria querer que eu fizesse, embora agora ela provavelmente vá morrer por causa disso.

Cinder franziu a testa.

– O quê?

– E agora estou preso com você e um plano horrível que vai nos fazer voltar para o começo, bem nas mãos da rainha Levana.

– O qu... mas... Sua *Alteza*? De que você está falando?

– Da princesa Winter. De quem você acha?

– Da princesa... – Cinder recuou um passo. – Você está falando da *enteada* da rainha?

– Aaaaaaaaaaaaaahhhh – disse Iko.

– É a única princesa que temos, se você não reparou. De quem você achou que eu estivesse falando?

Cinder engoliu em seco. O olhar dela se desviou para a tela, onde o plano original tinha sido escondido por notícias e por aquele maldito relógio. Jacin nunca soube da intenção que tinha de interromper o casamento e anunciar a identidade dela para o mundo.

– Hã. Ninguém – retrucou ela, gaguejando e coçando o pulso. – Então, hum... quando você diz que é leal à “sua princesa”... você está falando sobre *ela*. Certo?

Jacin olhou para ela como se não entendesse por que estava perdendo tempo com uma pessoa tão idiota.

Cinder limpou a garganta.

– Certo.

– Eu devia ter deixado Sybil acertar você – murmurou ele, balançando a cabeça. – Achei que talvez a princesa fosse sentir orgulho se ouvisse sobre o fato de que me virei contra Sybil. Que aprovaria minha decisão. Mas quem quero enganar? Ela nunca vai nem saber.

– Você... você a ama?

Ele olhou para ela com nojo.

– Não tente empurrar seu psicodrama louco para cima de mim. Eu jurei protegê-la. Não posso fazer isso daqui de baixo, posso?

– Protegê-la de quê? Levana?

– Dentre outras coisas.

Cinder desabou sobre uma das caixas, sentindo como se tivesse acabado de correr metade do deserto. O corpo estava esgotado, o cérebro estava em frangalhos. Jacin não se importava nada com ela; era leal à enteada da rainha. Ela nem sabia que a enteada da rainha *tinha* gente que era leal a ela.

– Me ajude – disse, sem esconder a súplica na voz ao olhar nos olhos de Jacin de novo. – Juro para você que posso deter Levana. Posso levar você de volta para Luna, onde você pode proteger sua princesa, ou fazer o que precisar fazer. Mas preciso de ajuda.

– Isso é bem óbvio. Você vai me deixar saber seu plano milagroso?

Ela engoliu em seco.

– Talvez. Em algum momento.

Ele balançou a cabeça, parecendo estar com vontade de rir ao indicar as ruas de Farafrah.

– Você só está desesperada porque o aliado mais forte que tem agora está em coma induzido.

– Lobo vai ficar bem – falou Cinder, com mais convicção do que sentia. Em seguida, suspirou. – Estou desesperada porque preciso do máximo de aliados que conseguir.

CAPÍTULO

Trinta e seis

ELES PARARAM DE NOVO NAQUELA NOITE, E CRESS RECEBEU PÃ secas e água. Prestou atenção aos sons do acampamento fora da van e tentou dormir, mas foi um sono interrompido.

Eles partiram cedo na manhã seguinte.

Ela foi ficando menos e menos segura de que Thorne iria buscá-la. Ficava vendo-o abraçando aquela outra mulher e imaginava que estava feliz de não ter mais trabalho com a cascuda lunar fraca e ingênua.

Até as fantasias que a consolaram e reconfortaram por tantos anos a bordo do satélite estavam ficando fracas. Ela não era uma guerreira corajosa e forte e pronta para defender a justiça. Não era a garota mais bonita do mundo, pronta para conquistar empatia e respeito até do vilão de coração mais duro. Não era nem uma donzela que sabia que um herói um dia a salvaria.

Na verdade, passava as horas agonizantes se perguntando se iria se tornar escrava, serva, banquete de canibais, sacrifício humano, ou se seria devolvida para a rainha Levana e torturada por causa da traição.

Em determinado momento, no fim do segundo dia aprisionada, as vans pararam e as portas foram abertas. Cress se encolheu por causa da claridade e tentou recuar, mas foi

agarrada e puxada para fora. Caiu de joelhos. Uma dor subiu por sua coluna, mas o captor ignorou o choro, puxou-a para que ficasse de pé e amarrou os pulsos.

A dor logo sumiu, sufocada pela adrenalina e pela curiosidade. Eles chegaram a uma nova cidade, mas mesmo ela percebia que o local nunca fora tão rico nem populoso quanto Kufra. Prédios modestos da cor do deserto seguiam por uma rua suja de areia. Paredes de argila vermelha, pintadas de azul e rosa, tinham desbotado no sol, seus telhados cobertos de telhas quebradas. Uma área cercada não muito longe guardava uma dezena de camelos, e havia outros veículos de roda, sujos, parados na rua, e...

Ela piscou para afastar o sol e a areia dos olhos.

Havia uma nave no meio da cidade. Uma Rampion.

O coração dela pulou de esperança desesperada, que logo morreu. Mesmo de longe, via que a área principal da Rampion estava pintada de preto, não enfeitada com a mulher recostada como foi relatado quando a nave de Thorne pousou na França.

Ela choramingou e afastou o olhar quando os captores a levaram para o prédio mais próximo. Eles entraram em um corredor escuro. Só uma pequena janela na frente deixava alguma luz entrar e estava coberta de areia soprada pelo vento ao longo dos anos. Havia uma mesinha encostada em um canto com um quadro de chaves antiquadas pendurado na parede. Cress foi empurrada para depois disso e levada até o final do corredor.

As paredes fediam a alguma coisa acre; não era um cheiro ruim, mas era forte demais para ser agradável. O nariz de Cress coçou.

Ela foi empurrada escada acima, uma escada tão estreita que precisou ir atrás de Jina, com Niels em seguida. Um silêncio sinistro assombrava as paredes cor de areia. O fedor era mais forte lá em cima, e um tremor desceu pela coluna dela, fazendo aparecer arrepios nos braços. Seu medo estava encolhido em um punhado de nervos na base da coluna.

Quando eles chegaram à última porta do corredor e Jina ergueu o punho para bater, Cress estava tremendo tanto que quase não conseguia ficar de pé. Ficou surpresa de se ver desejando a segurança da van.

Jina precisou bater duas vezes até ouvirem passos e a porta rangendo. Niels manteve Cress em segurança atrás de Jina, e ela só viu a barra da calça marrom de um homem e sapatos brancos gastos com cadarços desfiando.

– Jina – disse um homem, parecendo ter acordado de um cochilo. – Ouvi um boato em Kufra de que você estava a caminho.

– Eu trouxe outro elemento. Encontrei andando no deserto.

Uma hesitação. O homem disse, sem que fosse uma pergunta:

– Uma cascuda.

A certeza dele fez Cress se contorcer por dentro. Se ele não precisava perguntar, isso queria dizer que a sentia. Ou melhor, *não* a sentia. Ela se lembrou de Sybil reclamando que não sentia os pensamentos de Cress, do quanto era mais difícil treinar e comandar uma pessoa como ela, como se fosse culpa de Cress.

Esse homem era lunar.

Ela se encolheu, sentindo vontade de diminuir até ficar do tamanho de um grão de areia, até soprar pelo deserto e

desaparecer.

Mas não podia desaparecer. Então Jina deu um passo para o lado, e ela se viu cara a cara com um homem de idade avançada.

Ela levou um susto. *Estavam* cara a cara. Ele era bem pouco mais alto do que ela.

Por trás de um par de óculos de aro fino, os olhos azuis se arregalaram e pareceram incrivelmente vivos apesar das rugas que os envolviam. Ele era calvo, e tufo de cabelo desganhado se projetavam acima das orelhas. Um déjà-vu bizarro acometeu-a, como se ela já o tivesse visto antes, mas era impossível.

Ele tirou os óculos e esfregou os olhos. Quando os recolocou, os lábios estavam repuxados enquanto examinava Cress como se ela fosse um inseto a ser dissecado. Ela se encostou à parede, mas Niels a segurou pelo cotovelo e a puxou para a frente.

– Definitivamente cascuda – murmurou o homem – e fantasma, ao que parece.

O coração de Cress pulou em um ritmo forte e errático contra o peito.

– Estou pedindo trinta e dois mil univs por ela.

O homem olhou para Jina como se tivesse esquecido que ela estava ali. Ele se empertigou e exagerou ao tirar os óculos de novo e limpá-los desta vez.

Cress afundou as unhas na palma da mão para se distrair do pânico. Olhou para trás do homem. Uma única janela estava coberta por uma persiana, e havia poeira girando em um raio de sol que entrava por ela. Havia uma porta fechada, presumivelmente um armário, uma mesa, uma cama e uma pilha

de cobertores bagunçados no canto. Os cobertores estavam manchados de sangue.

Um arrepio percorreu a pele dela.

E então ela viu a tela.

Uma tela de comunicação. Ela poderia pedir ajuda. Poderia fazer contato com o último hotel, em Kufra. Poderia dizer para Thorne...

– Eu pago vinte e cinco mil. – O homem assumiu um tom mais firme, como o de um empresário, enquanto limpava os óculos.

Jina riu com deboche.

– Não vou hesitar em levar essa garota para a polícia a fim de que seja deportada. Vou receber a recompensa de cidadã deles.

– Só mil e quinhentos univs? Você se sacrificaria tanto pelo orgulho, Jina?

– Por meu orgulho e por saber que um lunar a menos caminha pelo meu planeta. – Ela disse isso com desprezo, e, pela primeira vez, ocorreu a Cress que Jina poderia de fato odiá-la, simplesmente por causa de onde ela havia nascido. – Deixo por trinta mil, doutor. Sei que você anda pagando isso por cascudos hoje em dia.

Doutor? Cress engoliu em seco. Esse homem não se parecia em nada com os homens e mulheres educados e elegantes das novelas, com jalecos brancos impecáveis e tecnologia avançada. De alguma forma, o título serviu para deixá-la mais temerosa, com imagens de bisturis e seringas piscando na mente.

Ele suspirou.

– Ah, vinte a sete mil.

Jina inclinou a cabeça e olhou para ele.

– Feito.

O doutor segurou a mão dela, mas parecia ter mergulhado em si mesmo. Não olhava para Cress diretamente, como se estivesse com vergonha de ela ter testemunhado a transação.

Uma sensação de desafio vibrou pela coluna de Cress.

Ele devia sentir vergonha. Todos deviam sentir vergonha.

E ela não se permitiria virar mera bagagem a ser comercializada. A mestra Sybil tinha tirado vantagem dela por tempo demais. Não permitiria que acontecesse de novo.

Antes que esses pensamentos se tornassem mais do que raiva rebelde, ela foi empurrada para dentro do quarto. Jina fechou a porta e prendeu todos no espaço quente e poeirento com cheiro de produtos químicos velhos.

– Faça a transferência depressa – disse ela, cruzando os braços. – Tenho outros negócios a resolver em Kufra.

O médico resmungou e abriu o armário. Não havia roupas lá dentro, mas um laboratório de ciências em miniatura, máquinas misteriosas e escâneres e um gabinete de gavetas de metal que estalou quando ele abriu. Puxou uma agulha e uma seringa e não demorou para retirá-las do pacote.

Cress recuou, puxando os braços contra as amarras, mas Niels a segurou.

– Sim, sim, me deixe pegar uma amostra de sangue dela e depois faço a transferência.

– Por quê? – disse Jina, ficando entre eles. – Para você poder determinar se tem alguma coisa de errado com ela e

comprometer nosso acordo?

O doutor resmungou:

– Não tenho intenção de comprometer nada, Jina. Só pensei que ela ficaria mais cooperativa com você aqui e me permitiria extrair uma amostra com mais segurança.

O olhar de Cress percorreu o quarto. Uma arma. Uma fuga. Um sinal de misericórdia nos olhos do captor.

Nada. Não havia nada.

– Tudo bem – disse Jina. – Niels, segure-a para o doutor fazer o que precisa.

– Não! – A palavra foi arrancada de Cress, e ela cambaleou para longe. Seu ombro bateu em Niels e ela começou a cair para trás, mas ele a segurou pelo cotovelo e a puxou de volta. As pernas estavam moles e inúteis. – Não... por favor. Me deixe em paz!

Ela implorou e viu uma mistura tão grande de emoções no rosto marcado do médico que ficou em silêncio.

As sobrancelhas dele estavam unidas e a boca, apertada. Ele ficava piscando depressa por trás dos óculos, como se tentasse se livrar de um cílio solto, até que seu olhar se afastou dela. Havia pena nele. Ela sabia; sabia que era solidariedade que ele estava tentando disfarçar.

– Por favor – soluçou ela. – Por favor, me solte. Sou só uma cascuda e estou presa aqui na Terra, e não fiz nada para ninguém, e não sou ninguém. Não sou ninguém. Por favor, me solte.

Ele não olhou nos olhos de Cress de novo, nem quando deu um passo à frente. Ela ficou tensa e tentou recuar, mas Niels a

segurou com firmeza. O toque do doutor era leve, mas ficou firme quando segurou o pulso com a mão.

– Tente relaxar – murmurou ele.

Ela se encolheu quando a agulha afundou na pele, no mesmo ponto em que Sybil tirara sangue cem vezes. Mordeu com força o lábio por dentro, recusando-se a chorar.

– Acabou. Não foi horrível, foi? – O tom dele era estranhamente delicado, como se estivesse tentando consolá-la.

Cress se sentia um pássaro cujas asas foram cortadas e que foi jogado em uma gaiola, mais uma gaiola, nojenta e podre.

Ela viveu em uma gaiola a vida toda. De alguma forma, nunca esperou encontrar uma horrível assim na Terra.

Terra, lembrou a si mesma quando o doutor caminhou pelo piso que gemia. Estava na Terra. Não presa em um satélite no espaço. Havia um jeito de sair disso. A liberdade estava do lado de fora daquela janela ou escada abaixo. Ela não seria prisioneira de novo.

O doutor colocou a seringa com o sangue dela em uma máquina e ligou um tablet.

– Pronto, vou transferir os fundos e você pode ir.

– Você está usando uma conexão segura? – perguntou Jina, dando um passo para a frente quando o doutor digitou algum tipo de código.

Cress apertou os olhos, prestou atenção nos pontos que os dedos tocavam, para o caso de precisar depois. Poderia poupar tempo se não precisasse quebrar a senha.

– Confie em mim, Jina, tenho mais motivo do que você para manter minhas transações escondidas de olhares xeretas. – Ele observou uma coisa na tela antes de dizer de um jeito mais solene: – Obrigado por trazê-la.

Jina olhou com desprezo para a cabeça calva.

– Espero que você mate todos esses lunares quando terminar. Já temos problemas suficientes com a peste. Não precisamos deles também.

Os olhos azuis cintilaram, e Cress detectou um brilho de desprezo por Jina, mas ele disfarçou com outro olhar benigno.

– O pagamento foi feito. Por favor, desamarre a garota antes de ir.

Cress ficou imóvel quando as cordas foram desamarradas. Puxou as mãos assim que ficaram soltas e correu para a parede mais próxima.

– Foi ótimo fazer negócio com você de novo – disse Jina.

O doutor apenas resmungou. Estava olhando para Cress com o canto do olho, tentando examiná-la sem ser óbvio.

Em seguida, a porta se fechou, e Jina e Niels foram embora. Cress ouviu os passos deles no corredor, o único barulho no prédio.

O doutor passou as mãos pela camisa, como se estivesse se limpando da presença de Jina. Cress achava que ele não podia estar com a sensação de sujeira tanto quanto ela, mas ficou imóvel na parede, olhando com raiva.

– Sim, bem – disse ele. – É mais constrangedor com os cascudos, sabe. Não é tão fácil explicar.

Ela falou com irritação:

– Você quer dizer que não é tão fácil fazer lavagem cerebral.

Ele inclinou a cabeça, e a expressão estranha voltou. A que dava a ela a sensação de estar num experimento de ciência sob o microscópio.

– Você sabe que sou lunar.

Ela não respondeu.

– Entendo que esteja com medo. Não posso imaginar que tipo de tratamento ruim Jina e os valentões dela deram a você. Mas não vou machucar você. Na verdade, estou fazendo coisas grandiosas aqui, coisas que vão mudar o mundo, e você pode me ajudar. – Ele fez uma pausa. – Qual é seu nome, criança?

Ela não respondeu.

Quando ele chegou mais perto, com as mãos esticadas em sinal de paz, Cress enfiou o medo goela abaixo e usou a parede para se impulsionar contra ele.

Um rugido subiu pela garganta, e ela bateu com o cotovelo com o máximo de força que conseguiu, acertando o queixo dele. Ouviu o estalo dos dentes batendo, sentiu o choque nos ossos, e ele caiu para trás com tanta força no chão que o prédio todo tremeu ao redor deles.

Ela não olhou para ver se ele estava inconsciente, nem se provocara um ataque cardíaco, nem se ele estava em condições de segui-la.

Abriu a porta e saiu correndo.

CAPÍTULO

Trinta e sete

O DR. ERLAND ACORDOU NO CHÃO EM UM QUARTO QUENTE E PO hotel, sem lembrar por um momento onde estava.

Não era o laboratório ao lado do palácio de Nova Pequim, onde ele viu ciborgue após ciborgue ser tomado de feridas vermelhas e roxas. Onde viu a vida sumir dos olhos e amaldiçoou o sacrifício de mais uma vida enquanto planejava o próximo passo em sua caça pela única ciborgue que importava.

Não era o laboratório de Luna, onde estudou e pesquisou com determinação única para receber reconhecimento. Onde viu monstros nascerem na ponta de seus instrumentos cirúrgicos. Onde viu as ondas cerebrais de jovens assumirem o padrão caótico e selvagem de animais ferozes.

Ele não era o dr. Dmitri Erland, como em Nova Pequim.

Não era o dr. Sage Darnel, como em Luna.

Ou talvez fosse... ele não conseguia pensar, não conseguia lembrar... não se importava.

Seus pensamentos ficavam se afastando dele e de suas duas identidades odiosas e voltando para o rosto em formato de coração da mulher com cabelo louro-mel que ficava cheio de frizz cada vez que o departamento de ecologia injetava mais umidade na atmosfera controlada de Luna.

Seus pensamentos estavam em um bebê que berrava, com quatro dias de nascido e confirmada como cascuda, quando a mulher a colocou nas mãos da taumaturga Mira, com toda a frieza e nojo que teria sentido por um roedor.

A última vez que ele viu sua pequena Lua Crescente.

Ele observou o ventilador girando no teto, que não diminuía o calor do deserto, e perguntou-se por que, depois de tantos anos, suas alucinações escolheram voltar para torturá-lo.

Essa garota cascuda não tinha *mesmo* as sardas e nem o cabelo louro da mulher. Essa garota cascuda não tinha sua altura infeliz nem seus olhos azuis. Essa garota cascuda não era sua filha, que se ergueu dos mortos para assombrá-lo. A ilusão estava toda em sua mente.

Talvez fosse apropriado. Ele tinha feito tantas coisas horríveis. O ataque recente contra a Terra era apenas o resultado de anos dos esforços dele. Foi pela pesquisa dele que a rainha Channary começou a desenvolver o exército de híbridos lobos, e pelos experimentos dele que Levana o levou ao final sangrento.

E havia também todos os que ele machucou para encontrar Selene e acabar com o reinado de Levana. Todos os que assassinou para encontrar Linh Cinder.

Ele estava otimista demais quando pensava que podia pagar essas dívidas. Esforçou-se para duplicar o antídoto que Levana deu para o imperador Kaito. Tinha que tentar, e por suas dores... mais sacrifício. Mais amostras de sangue. Mais experimentos, embora ele fosse obrigado a encontrar voluntários de verdade quando os traficantes não traziam sangue novo.

Ele descobriu em Nova Pequim, quando estava estudando o antídoto levado por Levana, que cascudos lunares guardavam o segredo. A mesma mutação genética que os tornava imunes à alteração lunar de bioeletricidade podia ser usada para criar anticorpos que lutavam e derrotavam a doença.

E assim começou a reunir cascudos e o sangue deles e o DNA. Usando-os, assim como utilizou os jovens que se tornaram soldados sem cérebro da rainha. Assim como usou os ciborgues que costumavam ser candidatos contra a própria vontade nas experiências contra a letumose.

É claro que seu cérebro faria isso com ele. É claro que sua insanidade chegaria a uma profundidade tal que as alucinações lhe devolveriam a única coisa com a qual ele já se importara e distorceriam a realidade para que ela se tornasse mais uma de suas vítimas.

Só mais uma pessoa comprada e descartada.

Só mais uma amostra de sangue.

Só mais uma cobaia de laboratório que o odiava.

Sua pequena Lua Crescente.

Acima de sua cabeça, o tablet apitou na prateleira do laboratório.

Ele precisou de mais energia do que pensava para se levantar, gemendo ao usar a moldura da cama como apoio.

Demorou o tempo que precisou, evitando a verdade, em parte porque não sabia qual verdade preferia. Uma alucinação com a qual conseguiria lidar. Ele poderia descartá-la e continuar o trabalho.

Mas, se fosse ela...

Ele não podia perdê-la de novo.

Passou pelo armário aberto e empurrou a janela para olhar para a rua. Dava para ver a curva da nave a duas ruas dali, refletindo a luz do sol conforme o crepúsculo se aproximava. Ele tinha que acabar logo com isso, antes que Cinder chegasse para ver o amigo Lobo. Nenhuma cobaia tinha sido vendida a ele desde que ela chegou, e ele achava que ela não entenderia. Ela já teve dificuldade para entender os sacrifícios que tinham que ser feitos para o bem de todos. Ela, que devia entender isso melhor do que qualquer pessoa.

Suspirando, andou pelo pequeno laboratório até a amostra de sangue da garota. Pegou o tablet e clicou no relatório gerado pelo teste. Sentiu-se tonto ao observar os dados recolhidos no DNA.

Lunar.

Cascuda.

ALTURA ATUAL (E FINAL): 153,48 CENTÍMETROS
PIGMENTAÇÃO DA ÍRIS NA ESCALA MARTIN-
SCHULTZ: 3
PRODUÇÃO DE MELANINA: 28/100, COM
MELANINA LOCALIZADA CONCENTRADA NO
ROSTO/EFÉLIDES

As estatísticas físicas vieram seguidas de uma lista de doenças em potencial e fraquezas genéticas, com sugestões de tratamentos e prevenções.

Não dizia o que ele precisava saber até se preparar e comparar os dados com os seus, um relatório que praticamente decorou de tantas as vezes que tirou o próprio sangue para experimentos.

Sentou-se na beirada da cama enquanto o computador avaliava os relatórios, comparando e contrastando mais de quarenta mil genes.

Ele se viu torcendo para a alucinação ser verdade e ela não ser sua filha. Para sua filha ter sido morta por Sybil Mira, como o fizeram acreditar tantos anos antes.

Porque, se *fosse*, ela o desprezaria.

E ele concordaria com ela.

Ela já fora embora, ele tinha certeza. Não sabia por quanto tempo ficara inconsciente, mas duvidava que ela fosse ficar por perto. Ele já tinha perdido aquele fantasminha. Duas vezes.

O tablet terminou de fazer a comparação.

Compatibilidade encontrada.

Paternidade confirmada.

Ele tirou os óculos, colocou-os na mesa e expirou fundo, tremendo.

Sua Lua Crescente estava viva.

CAPÍTULO

Trinta e oito

CRESS PRENDEU A RESPIRAÇÃO E PRESTOU ATENÇÃO, COM TANTA chegou a dar dor de cabeça. Mas só escutou silêncio. A perna esquerda estava começando a doer por permanecer encolhida em uma posição tão ruim, mas não ousava se mexer por medo de esbarrar em alguma coisa e o coroa acabar percebendo onde ela estava.

Ela não saiu correndo do hotel. Apesar de ter ficado tentada, sabia que Jina e os outros ainda podiam estar lá fora, e correr até eles faria com que voltasse para o mesmo lugar. Então, encolheu-se no terceiro quarto no corredor comprido e estreito depois da surpresa de encontrar a porta destrancada e o quarto abandonado. Tinha a mesma disposição do quarto do doutor: cama, armário, mesa; mas, para sua infelicidade, não tinha tela de comunicação. Se ela não estivesse tão desesperada para encontrar um esconderijo, teria chorado.

Acabou entrando no armário. Estava vazio, só tinha uma barra para pendurar roupas embaixo de uma única prateleira. Cress usou toda a sua força para subir naquela prateleira, apoiando-se nas paredes do armário com os pés antes de se espremer no buraco. Usou os dedos dos pés para fechar a porta. Pela primeira vez, ficou feliz com seu tamanho pequeno e concluiu que, se ele a

encontrasse, ela pelo menos teria vantagem por ser tão alto. Desejou ter pensado em pegar algum tipo de arma.

Mas a esperança dela era que isso não fosse necessário. Ela desconfiava que, quando ele acordasse, acharia que tinha corrido para a cidade e iria atrás, o que daria tempo para que ela voltasse até aquela tela e fizesse contato com Thorne no hotel.

Ficou deitada ali durante horas, esperando e escutando. Apesar de ser desconfortável, lembrava um pouco dormir embaixo da cama no satélite durante as longas horas em que Luna podia ser vista pelas janelas. Ela sempre se sentia segura assim, e a lembrança trouxe uma estranha sensação de proteção, mesmo naquele momento.

Depois de um tempo, ela começou a se perguntar se tinha matado o homem. A culpa que surgiu no seu peito a deixou com raiva. Não tinha nada que sentir culpa. Estava se defendendo, e ele era um monstro traficante de lunares.

Pouco depois de pensar nisso, ouviu um movimento tão baixo que poderia ser um rato nas paredes. Foi seguido de alguns baques e um gemido. O corpo dela se contraiu, o ombro direito doendo pela forma como estava deitada.

Isso foi um erro. Ela devia ter saído correndo quando teve oportunidade. Ou devia ter usado o tempo que ele estava inconsciente para acessar a tela. Ao olhar para trás, viu que tinha tido tempo suficiente, mas era tarde demais e ele estava acordado e a encontraria e...

Ela fechou bem os olhos até pontos brancos surgirem na escuridão.

O plano ainda não tinha falhado. Ele ainda podia sair para procurá-la. Ainda podia sair do prédio.

Ela esperou.

E esperou.

Inspirando e expirando. Enchendo-se de ar quente e sufocante. A pulsação pulava a cada som, a cada movimento abafado, a cada baque na madeira, tentando criar uma imagem na mente do que estava acontecendo no quarto no fim do corredor.

Ele não saiu do quarto. Não foi procurá-la.

Ela fez cara de irritação no escuro. Uma gota de suor desceu pelo nariz.

Quando a escuridão sólida invadiu o armário e, apesar do desconforto e dos músculos doloridos, Cress acabou cochilando, ela se obrigou a despertar e determinou que já tinha ficado escondida muito tempo. O coroa não a estava procurando, o que parecia absurdo, considerando o quanto pagou por ela. Será que não devia ter ficado mais preocupado?

Ou talvez ele só quisesse o sangue dela. Era uma coincidência peculiar, considerando a forma como a mestra Sybil salvou tantos bebês sem o dom da morte porque viu algum valor no sangue deles.

Ela tentou não deixar a desconfiança e a paranoia se aprofundarem. Fosse lá o que o coroa quisesse, ela não podia ficar naquele armário para sempre.

Esticando o pé para fora da prateleira, empurrou a porta do armário, que gemeu, um som incrivelmente alto, e ficou

paralisada, com uma perna esticada.

Esperando. Ouvindo.

Como nada aconteceu, ela empurrou a porta um pouco mais e chegou à beira da prateleira. Desceu da forma mais delicada possível até o chão.

O piso de madeira gemeu. Ela parou de novo, o coração disparado.

Esperou. Ouviu.

Tonta e com sede, Cress seguiu até o corredor. Estava vazio. Ela prosseguiu até o quarto ao lado. Mais uma vez, destrancado, mas o quarto era idêntico ao que ela ocupou um momento antes. Abandonado e vazio.

A pele dela estava coçando, cada sentido mais apurado quando ela fechou a porta e foi até o quarto seguinte.

No terceiro quarto, a janela estava fechada, mas a luz do corredor bateu em uma tela pendurada na escuridão. Ela quase não conseguiu sufocar um grito. Tremendo de expectativa, fechou a porta.

Mas sua atenção se dirigiu para a cama, e ela apertou a mão sobre a boca.

Havia um homem deitado ali. Dormindo, ela percebeu, enquanto esperava os batimentos pararem de fazer as costelas doerem. Só ousou se mexer quando teve certeza de que o padrão de movimento do peito dele era regular e profundo. Ela não o acordou.

Olhou para a tela de novo, avaliando os riscos.

Podia voltar para o corredor e continuar a procurar. Havia duas portas que ainda não abriam... mas as duas eram perto do quarto do coroa. Ou podia descer a escada e tentar a sorte.

Mas cada passo que dava no piso de madeira velho podia alertar alguém da presença dela, e ela não tinha garantia de que as outras portas estariam destrancadas, nem que teriam telas.

Os minutos se passaram, e ela ficou com uma das mãos na maçaneta e a outra sobre a boca, presa na indecisão. O homem não se mexeu, nem tremeu.

Por fim, ela se obrigou a dar um passo na direção da tela. Seu olhar ficava voltando para a forma adormecida, para ter certeza de que a respiração não tinha mudado.

– Tela – sussurrou ela. – Ligar.

A tela piscou, e ela começou a repetir:

– Tela, muda, tela, muda, tel...

Mas a ordem foi desnecessária. Quando a tela se iluminou, Cress deu de cara com um mapa da Terra, não com uma novela ou um noticiário. Quatro localidades tinham sido marcadas. Nova Pequim. Paris. Rieux, na França. Uma pequena cidade em um oásis no canto noroeste da Província do Nilo, na União Africana.

Uma sensação de coincidência surgiu nela, mas seu cérebro já estava adiantado demais para ela ficar pensando nisso. Em poucos momentos, descartou o mapa e ativou um link de mensagem. Hesitou. A única vez que mandou uma mensagem foi quando falou com Cinder, usando uma ligação que não podia ser rastreada e nem monitorada. Ela sabia com detalhes quanto acesso a rainha Levana tinha à rede da Terra e a todas as

mensagens que os terráqueos acreditavam enganosamente ser particulares.

Mas não podia se prender a isso. Que interesse a rainha Levana teria em uma única mensagem estabelecida entre duas cidadezinhas no norte da África? Ela devia estar envolvida demais com os planos de dominação intergaláctica.

– Tela – sussurrou ela –, mostrar hotéis em Kufra.

Sua pronúncia estranha gerou uma lista de sete Kufras possíveis. Ela escolheu a menos distante da localização atual e viu os nomes de doze opções de hospedagem, com anúncios e informações de contato piscando na barra lateral. Fez uma expressão séria e leu cada uma com atenção. Nenhum dos nomes pareceu familiar.

– Mostrar no mapa.

A cidade de Kufra apareceu na tela, uma foto tirada por satélite que, depois de um momento de observação atenta das ruas marrons, começou a preencher os vazios em sua lembrança. E então ela viu um pátio em frente a um dos hotéis e, depois de dar zoom na foto, reconheceu um limoeiro perto do muro. Ela ousou sorrir e clicou na informação de contato do hotel.

– Estabelecer ligação.

Em segundos, estava olhando para a mesma funcionária que fez o registro dela e de Thorne, com a ajuda de Jina. Ela quase desabou de alívio.

– Obrigada por ligar...

– Shh!

Cress balançou os braços para silenciar a mulher e olhou para o homem na cama. Ele se mexeu, mas só de leve.

– Me desculpe – sussurrou ela. A mulher se aproximou da tela para ouvi-la. – Meu amigo está dormindo. Preciso falar com um hóspede do hotel. O nome dele é Carswell Tho... Smith. Acho que está no quarto oito.

Ela ficou feliz quando a voz da mulher soou baixa.

– Um momento.

Ela digitou alguma coisa fora da tela.

Cress deu um pulo ao ouvir o estalo, mas o homem continuou dormindo. Um alerta apareceu no canto da tela.

(97) ALERTAS DE NOTÍCIA EM RELAÇÃO À BUSCA "LINH CINDER"

Ela piscou sem entender. *Linh Cinder?*

– Sinto muito – disse a recepcionista, atraindo novamente a atenção de Cress. – O sr. Smith saiu do hotel ontem à noite depois de provocar uma confusão com alguns outros hóspedes. – Os olhos dela ficaram desconfiados, e ela observou o quarto escuro com curiosidade crescente. – Na verdade, estamos fazendo uma investigação no momento, pois algumas testemunhas acreditam que ele podia ser procurado pela...

Cress cortou a ligação. Seus nervos estavam vibrando debaixo da pele, e os pulmões pareciam pequenos demais para absorver todo o ar de que ela precisava.

Thorne não estava lá. Precisou fugir, e ela não fazia ideia de como encontrá-lo, ele estava sendo caçado e seria capturado, e

ela jamais voltaria a vê-lo.

A tela piscou de novo. Os alertas sobre Linh Cinder tinham aumentado em dois.

Linh Cinder. Nova Pequim. Paris. Rieux, França.

A sequência começou a encaixar.

Perplexa, Cress clicou nos alertas. Eram as mesmas notícias que ela lera durante semanas a bordo do satélite. Críticas e especulações e teorias de conspiração e bem poucas evidências. Ainda sem confirmação de ela ter sido vista. Ainda sem prisões feitas e nem uma menção ao capitão Thorne, apesar do que a recepcionista do hotel disse.

E então, a atenção dela se fixou em uma manchete, e suas pernas quase se dobraram. Ela apoiou a mão com os dedos abertos na mesa para conseguir ficar de pé.

CÚMPLICE LUNAR DMITRIERLAND AINDA ESCAPA ÀS AUTORIDADES

Dmitri Erland.

O médico lunar que fazia parte da equipe de pesquisa da letumose. O médico que ajudou Cinder a fugir da prisão. O médico que era talvez o segundo fugitivo mais procurado da Terra, mais ainda do que Thorne.

Ela sabia que era ele antes mesmo de clicar na foto. Foi por isso que o homem pareceu familiar. De fato ela já o tinha visto antes.

Mas... ele não devia estar do lado deles?

Ela estava tão absorta na pergunta não respondida que não ouviu o sutil estalo da cama até que uma certa mão a segurou.

CAPÍTULO

Trinta e nove

CRESS SUFOCOU UM GRITINHO QUANDO FOI VIRADA. VIU-SE DE CArosto que era ao mesmo tempo bonito e assassino, os olhos cintilando na luz da tela.

– Quem é você?

Seu instinto foi gritar, mas ela se controlou e engoliu o barulho até não passar de um choramingo.

– M-Me desculpe por invadir – disse ela. – Eu precisava de uma tela. M-Meu amigo está em perigo e eu precisava mandar uma mensagem e... Me desculpe, juro que não roubei nada. P-Por favor, não chame o doutor. Por favor.

Ele parecia ter parado de ouvir e estava observando o quarto com olhar gelado. Soltou o braço dela, mas permaneceu tenso e na defensiva. Não estava de camisa, mas tinha bandagens ao redor do tronco que o cobriam quase tanto quanto uma camisa cobriria.

– Onde estamos? O que aconteceu?

As palavras dele saíram atropeladas e arrastadas.

Ele fez uma careta e apertou bem os olhos. Quando voltou a abrir, parecia que não focava o olhar em nada.

Foi nessa hora que a atenção de Cress se desviou para uma coisa mais apavorante do que as cicatrizes claras e os músculos

intimidantes.

Ele tinha uma tatuagem no braço. Estava escuro demais para ler, mas Cress soube na mesma hora o que era. Já tinha visto em incontáveis vídeos e fotos e documentários montados apressadamente. Ele era um agente especial lunar. Um dos mutantes da rainha.

Visões de homens enfiando as unhas nos peitos das vítimas, apertando os maxilares contra pescoços expostos, uivando para a lua surgiram e se espalharam pela mente dela.

Dessa vez, não conseguiu controlar o instinto. Ela gritou.

Ele a segurou e forçou a fechar a boca com as mãos enormes. Ela chorou e tremeu. Estava prestes a morrer. Seu corpo seria tão resistente a ele quanto uma vareta de madeira.

Ele rosnou, e ela viu a ponta afiada dos dentes.

– Você devia ter me matado quando teve a chance – disse ele, com respiração quente no rosto dela. – Mas me transformou nisso, e vou matar você antes de me tornar outro experimento. Entendeu?

Lágrimas começaram a escorrer pelos cílios. O maxilar doía no ponto em que ele segurava, mas ela estava com mais medo do que aconteceria quando a soltasse. Será que ele achava que ela trabalhava para o doutor? Seria possível que fosse mais uma vítima vendida para o coroa? Ele era lunar, eles tinham isso em comum. Se ela o convencesse de que eram aliados, talvez pudesse se afastar o bastante para sair correndo. Mas seria possível argumentar com esses monstros?

– *Entendeu?*

As pálpebras dela tremeram, e a porta atrás dele se abriu.

Os movimentos dele eram rápidos e fluidos, e a cabeça de Cress girou quando o homem se virou e a colocou na frente dele, grudando-a no peito. Ele cambaleou, como se o movimento repentino o tivesse deixado tonto, mas se controlou quando a luz se espalhou pelo quarto. Havia uma silhueta na porta; não o coroa, mas um guarda. Um guarda lunar.

Os olhos de Cress se arregalaram de reconhecimento. O guarda de *Sybil*. O piloto da nave de Sybil, que poderia tê-la salvo, mas não salvou.

O agente lobo sibilou. Cress teria caído se o aperto dele não fosse tão firme.

Sybil a tinha encontrado. Sybil estava aqui.

Suas lágrimas começaram a escorrer. Estava encurralada. Estava morta.

– Dê um passo e eu quebro o pescoço dela!

O guarda não disse nada. Cress nem sabia se ele tinha ouvido a ameaça. Estava com as sobrancelhas erguidas enquanto avaliava a cena e pareceu reconhecê-la. Mas, em vez de vitorioso, ele só pareceu confuso.

– O que... Scarlet? – As palavras eram quase incompreensíveis por baixo do rosnado. – Onde está Scarlet?

– Você não é aquela hacker? – perguntou o guarda, ainda olhando para Cress.

O aperto do agente ficou mais forte.

– Você tem cinco segundos para me dizer onde ela está, senão a garota está morta e você será o próximo.

– Eu não estou com eles – disse Cress, sufocando. – Ele... ele não se importa comigo.

O guarda levantou as mãos em um gesto de calma. Cress se perguntou onde estava a mestra Sybil.

Como o aperto do agente não afrouxou, ela se deu conta de que os dois homens trabalhavam para a rainha lunar. Por que estariam ameaçando um ao outro?

– Relaxe – disse o guarda. – Vou chamar Cinder ou o doutor. Eles podem explicar.

O agente se encolheu.

– Cinder?

– Ela está na nave. – Ele desviou o olhar para Cress. – De onde você veio?

Ela engoliu em seco, sua cabeça ecoando a mesma pergunta que o agente fez.

Cinder?

– O que está acontecendo aqui?

Ela tremeu ao ouvir a voz do doutor, mais forte do que durante as negociações com Jina. Em seguida, passos. O guarda deu um passo para o lado a fim de permitir ao doutor entrar no quarto, ainda escuro exceto pela luz do corredor. Cress até sentiu uma pontada de orgulho ao ver que deixara uma marca no maxilar dele.

Embora, no fim das contas, sua recente coragem não tenha feito bem nenhum a ela.

O doutor ficou imóvel e avaliou a cena.

– Ah, estrelas – murmurou ele. – De todos os momentos ruins...

Apesar de a visão dele ter reacendido o ódio de Cress, ela também se lembrou de que ele não era só um velho cruel que comprava escravos lunares. Era o homem que tinha ajudado Cinder a fugir.

A cabeça dela girou.

– Solte-a – disse o doutor, falando delicadamente. – Não somos seus inimigos. Essa garota não é sua inimiga. Por favor, deixe que eu explique.

Lobo afastou um braço dela e passou a mão pelo rosto. Oscilou por um momento, mas recuperou o equilíbrio.

– Já estive aqui antes – murmurou ele. – Cinder... África?

Um baque alto na escadaria distante invadiu a confusão dele. Em seguida, houve gritos, e Cress pensou ter ouvido seu nome, e a voz...

– Cress!

Ela deu um grito, esquecendo o aperto, exceto pelo fato de impedi-la de correr para cima dele.

– Capitão!

– CRESS!

O doutor e o guarda se viraram quando passos soaram no corredor. Eles todos viram o capitão Thorne, vendado, passar correndo direto pela porta.

– *Capitão!* Estou aqui!

Os passos pararam e mudaram de direção, e ele correu de volta até a bengala bater na moldura da porta. E ficou parado, ofegante, com uma das mãos na cintura. Estava com um

hematoma horrível em um lado do rosto, embora estivesse quase todo escondido pela bandana.

– Cress? Você está bem?

O alívio dela não durou.

– Capitão! À sua esquerda há um guarda lunar e à sua direita há um médico que está fazendo testes em lunares, e estou sendo segurada por um dos híbridos lobos de Levana e *por favor tome cuidado!*

Thorne deu um passo para trás no corredor e tirou uma arma da cintura. Passou um momento virando o cano da arma em cada direção, mas ninguém se mexeu para atacá-lo.

Com certa surpresa, Cress percebeu que o aperto do agente diminuiu.

– Er... – Thorne franziu a testa e apontou a arma para algum ponto perto da janela. – Você poderia descrever todas essas ameaças de novo? Porque eu sinto que perdi alguma coisa.

– Thorne?

Ele apontou a arma para Lobo e para Cress, que estava entre eles.

– Quem disse isso? Quem é você? Você a machucou? Porque juro que, se você a machucou...

O guarda lunar esticou o braço e tirou a arma da mão dele.

– Ei!

Furioso, Thorne ergueu a bengala, mas o guarda bloqueou o golpe com facilidade usando o antebraço e em seguida tomou a bengala. Thorne ergueu os punhos.

– Já chega! – gritou o doutor. – Ninguém está machucado e ninguém vai se machucar!

Rosnando, Thorne se virou para encará-lo.

– É o que você pensa, homem lobo... doutor... espere, Cress, qual deles é esse aqui?

– Eu sou o dr. Dmitri Erland e sou amigo de Linh Cinder. Você talvez me conheça como o homem que a ajudou a fugir da prisão de Nova Pequim.

Thorne deu um riso debochado.

– Bela história, mas tenho certeza de que fui *eu* que ajudei Cinder a fugir da prisão.

– Improvável. O homem em quem você acabou de bater também é aliado de Cinder, assim como o soldado lupino que ainda está tomando analgésicos pesados e deve estar delirante e que sem dúvida vai arrebentar alguns pontos se não se deitar imediatamente.

– Thorne – disse o agente de novo, ignorando os avisos do doutor. – O que está acontecendo? Onde estamos? O que aconteceu com seus olhos?

Thorne inclinou a cabeça.

– Espere... *Lobo*?

– Sim.

Houve uma longa pausa antes que a compreensão tomasse conta da expressão de Thorne e ele risse.

– Ah, Cress, você quase me provocou um ataque cardíaco com o comentário sobre o lobo híbrido. Por que não me contou que era ele?

– Eu... hum...

– Onde está Cinder? – perguntou Thorne.

– Não sei – respondeu Lobo. – E onde... Achei que Cinder tivesse dito alguma coisa sobre Scarlet. Antes? – Com um dos braços ainda ao redor do pescoço de Cress, embora mais frouxo, ele levou a mão livre ao rosto, gemendo. – Só um pesadelo...?

– Cinder está aqui. Ela está em segurança – disse o médico.

Thorne sorriu. Foi o maior e mais enigmático sorriso que Cress viu desde o satélite.

Cress olhou pelo quarto, quase hiperventilando quando sua visão do mundo virou de cabeça para baixo.

O guarda de Sybil, que ela viu pela última vez a caminho da Rampion. Será que ele tinha traído Sybil e se juntado a eles?

O médico que ajudou Cinder a fugir da prisão.

O agente lobo. Só então, com o reconhecimento de Thorne, ela se deu conta de que ele era o homem que tinha visto no vídeo quando eles fizeram contato com ela.

E em algum lugar... Cinder.

Em segurança. Eles estavam *em segurança*.

Thorne esticou a mão, e o guarda devolveu a bengala.

– Cress, você está bem? – Ele atravessou o quarto e se inclinou, como se fosse capaz de inspecioná-la... ou beijá-la, embora não tivesse feito isso. – Está ferida?

– Não, eu... eu estou bem. – As palavras eram tão estranhas, tão impossíveis. Tão libertadoras. – Como você me encontrou?

– Um dos homens de Jina me contou o nome deste lugar, e tudo o que precisei fazer foi mencionar “doutor maluco” para o

pessoal lá fora, e todos sabiam de quem eu estava falando.

Com os joelhos fracos de repente, ela esticou as mãos para os antebraços dele para se estabilizar.

– Você veio me buscar.

Ele abriu um sorriso largo, parecendo um herói altruísta e ousado.

– Não pareça tão surpresa. – Ele largou a bengala e puxou-a para um abraço apertado que a arrancou de Lobo e a ergueu do chão. – Acontece que você vale *muito* dinheiro no mercado negro.

CAPÍTULO

Quarenta

CINDER ESTAVA SEGURANDO O CABELO COM AS MÃOS E OLHANDO / palácio na tela em frente. Tinha passado o dia olhando para aquilo, mas o cérebro ficava dando voltas.

– Tudo bem. E se... se o doutor e eu conseguíssemos convites e entrássemos como convidados... e aí Jacin poderia criar uma distração... ou, não, se *you* criasse uma distração e Jacin fosse como um dos funcionários... mas o doutor é tão conhecido. Talvez Jacin e eu pudéssemos entrar como convidados e o doutor... mas aí como nós... *ugh*. – Ela jogou a cabeça para trás e olhou com raiva para o teto de metal da nave, com fios e dutos de ar entrecruzados. – Acho que posso estar complicando demais tudo isso. Talvez eu devesse ir sozinha.

– Sim, porque você não é *nada* reconhecível – disse Iko, pontuando a declaração inserindo a foto de Cinder da prisão no canto da planta.

Cinder gemeu. Isso nunca ia dar certo.

– *Ah!* Cinder!

Ela levou um susto.

– O quê?

– Isso acabou de aparecer no noticiário local.

Iko tirou a planta da tela e substituiu por um mapa do deserto do Saara. Um jornalista estava falando no fundo, e, enquanto elas assistiam, um círculo foi desenhado em algumas cidades próximas, com linhas e setas ligando-as. Uma legenda dizia: *CRIMINOSO PROCURADO CARSWELL THORNE VISTO EM CIDADE MERCADORA DO SAARA. FUGIU DA CAPTURA.* Conforme o jornalista prosseguiu falando, a foto de Thorne da prisão surgiu na tela, seguida das palavras luminosas e em negrito: *ARMADO E PERIGOSO. COMUNIQUE AS AUTORIDADES IMEDIATAMENTE SE TIVER INFORMAÇÕES.*

O estômago de Cinder deu um nó, primeiro de remorso e depois de pânico.

Era alarme falso. Thorne... Thorne estava morto. Alguém devia ter visto um sócia e tirado conclusões. Não era a primeira vez. De acordo com a imprensa, Cinder tinha sido vista várias vezes em todos os países da Terra, às vezes em vários locais ao mesmo tempo.

Mas isso não importava. Se as pessoas acreditavam que tinham visto a pessoa de verdade, eles viriam. Os guardas. Os militares. Caçadores de recompensas.

O deserto estava prestes a ser invadido por pessoas os procurando, e a Rampion ainda permanecia parada, óbvia e enorme, no meio de uma pequena cidade oásis.

– Não podemos ficar aqui – disse, colocando as botas. – Vou buscar os outros. Iko, passe o diagnóstico do sistema. Certifique-se de estarmos prontos para viagem espacial de novo.

Cinder desceu pela rampa antes de lko responder e foi correndo até o hotel. Esperava que não demorasse para o doutor fazer as malas, e Lobo...

Ela torcia para os ferimentos dele terem cicatrizado o bastante para não haver problema em deslocá-lo. O doutor tinha começado a diminuir as doses. Será que seria seguro acordá-lo?

Quando contornou a esquina do hotel, viu uma garota encostada em um veículo elétrico; o carro era velho o suficiente para ser surrado e maltratado, mas não o bastante para ter qualquer apelo vintage. Por outro lado, a garota devia estar no fim da adolescência e era linda, com pele marrom-clara e tranças pintadas em tons de azul.

Cinder diminuiu a velocidade e se preparou para lutar. Não reconheceu a garota como alguém da cidade, e algo parecia errado nela, embora não identificasse o quê. Seria caçadora de recompensas? Detetive disfarçada?

A expressão da garota permaneceu vazia e entediada quando Cinder se aproximou.

Nenhuma expressão de reconhecimento. Isso era bom.

Mas aí ela sorriu e enrolou uma das tranças sedosas no dedo.

– Linh Cinder. É um prazer. Meu mestre falou tão bem de você.

Cinder fez uma pausa e a observou de novo.

– Quem é você?

– Me chamo Darla. Sou a amante do capitão Thorne.

Cinder piscou, sem entender.

– Como?

– Ele me pediu para ficar tomando conta do veículo – disse ela.
– Ele acabou de entrar para ser heroico. Tenho certeza de que vai ficar feliz de saber que você está aqui. Acho que acredita que você está em algum lugar do espaço.

Cinder olhou para a garota e para o hotel. Quando pareceu que a garota não tinha intenção nenhuma de pegar uma arma nem algemas e nem de deixar a posição ao lado do carro, Cinder abriu a porta. Correu escada acima com as palavras da garota girando na mente. Era brincadeira, armadilha ou truque. Não era possível que ela estivesse... que Thorne estivesse...

Seu pé bateu no patamar com tanta força que ela quase ficou surpresa de não ter quebrado o piso. Ao se virar para o corredor, viu Jacin em frente ao quarto de Lobo com os braços cruzados.

– Jacin... tem uma garota lá embaixo... ela disse... ela...

Ele deu de ombros e indicou o quarto.

– Veja você mesma.

Usando a parede como apoio, Cinder se juntou a ele em frente à porta.

O dr. Erland estava lá com um hematoma enorme no queixo.

E Lobo estava acordado.

E... estrelas do céu.

Ele estava imundo. As roupas, rasgadas e cobertas de sujeira, e o cabelo estava tão desgrenhado quanto no dia em que o conheceu na cela da prisão. O rosto estava machucado, a barba por fazer ocupava o queixo, e ele usava, absurdamente, uma bandana vermelha sobre os olhos.

Mas estava sorrindo e com o braço ao redor da cintura de uma loura baixinha, e não havia dúvida de que era ele.

Cinder demorou alguns segundos para encontrar a voz e precisou segurar na moldura da porta para ficar de pé.

– Thorne?

Ele virou a cabeça.

– Cinder?

– O q... que você... como? Onde você *estava*? O que está acontecendo? Por que você está usando essa bandana horrível?

Ele riu. Pegou a bengala de madeira e cambaleou na direção dela, balançando a mão até encostar no ombro. Logo ele a estava abraçando, sufocando contra o peito.

– Também senti saudade.

– Seu imbecil – sussurrou ela, mas retribuindo o abraço. – Pensamos que você estivesse morto!

– Ah, por favor. Seria preciso muito mais do que um satélite que cai na Terra para me matar. Mas admito que Cress pode ter nos salvado dessa vez.

Cinder o empurrou.

– Qual é o problema com seus olhos?

– Estou cego. É uma longa história.

A língua dela hesitou com todas as perguntas lutando para sair, e ela finalmente elaborou uma:

– Quando você conseguiu tempo para arrumar uma *amante*?

O sorriso dele oscilou.

– Não fale de Cress assim.

– O quê?

– Ah... espere! Você está falando de *Darla*. Eu a ganhei em um jogo de cartas.

Cinder olhou para ele com assombro.

– Achei que ela seria um bom presente para Iko.

– Você... o quê?

– Como corpo substituto?

– Hum.

– Porque *Darla* é uma androide-acompanhante.

A compreensão foi lenta e gradual. Uma androide-acompanhante. Isso explicaria a simetria perfeita da garota e os cílios ridiculamente longos. E o fato de a presença parecer *desligada*, porque não havia bioeletricidade sendo emitida por ela.

– Sinceramente, Cinder, quem escuta você pensaria que sou um paquerador convicto. – Balançando-se nos calcanhares, Thorne indicou a garota loura. – Aliás, você se lembra de Cress?

A garota deu um sorriso desconfortável. Só nesse momento, Cinder a reconheceu, com bochechas queimadas de sol e descascando e o cabelo cortado curto e irregular.

– Oi – disse Cinder, apesar de a garota ter se escondido depressa atrás de Thorne e olhado com nervosismo para todas as pessoas no quarto.

Cinder limpou a garganta.

– E, Lobo, você está acordado. Isso é... eu... er, escute, Thorne. Você foi visto em uma cidade próxima. Já estão montando equipes de busca. Essa área toda vai ficar lotada de pessoas nos procurando. – Ela olhou para o doutor. – Nós precisamos sair daqui. Já.

– Cinder?

Ela ficou tensa. A voz de Lobo estava rouca e desesperada. Ela ousou olhar nos olhos dele. A testa, molhada de suor, as pupilas, dilatadas.

– Eu tive um sonho em que você dizia... você me contava que Scarlet...

Cinder engoliu em seco e desejou poder evitar o inevitável.

– Lobo...

Ele ficou pálido ao ver no rosto dela antes mesmo de ela falar.

– Não foi sonho – murmurou ela. – Ela foi levada.

– Espere, o quê? – Thorne inclinou a cabeça. – O que aconteceu?

– Scarlet foi levada pela taumaturga depois que fomos atacados.

Thorne falou um palavrão. Lobo se apoiou na parede com expressão vazia. O silêncio dominou o quarto, até que Cinder se obrigou a ficar mais ereta, a ser otimista, a não perder a esperança.

– Acreditamos que tenha sido levada para Luna – disse –, e tenho uma ideia. De como podemos chegar a Luna sem sermos vistos e como podemos encontrá-la e salvá-la. E, agora que estamos todos juntos de novo, acredito que pode dar certo. Vocês só precisam confiar em mim. E, neste momento, não podemos ficar aqui. Temos que ir embora.

– Ela está morta – sussurrou Lobo. – Eu falhei com ela.

– Lobo. Ela não está morta. Você não sabe.

– Nem você.

Ele se encolheu e afundou o rosto nas mãos. Os ombros começaram a tremer, e foi como antes. A forma como a sua energia escureceu e ficou densa ao redor dele. A forma como ele pareceu vazio, ausente.

Cinder deu um passo na direção dele.

– *Ela não está morta.* Eles vão querer ficar com ela como... como isca. Para terem informações. Não a matariam, simplesmente. Então ainda há tempo, há tempo para...

A raiva dele se acendeu como uma explosão. Em um momento, não havia nada. Em seguida, uma fagulha, e, de repente, ele estava fervendo, irado e furioso.

Ele esticou as mãos para Cinder, virou-se e prendeu-a contra a parede com tanta força que a tela tremeu e ameaçou cair no chão. Cinder ofegou e apertou o pulso de Lobo com as mãos enquanto ele a mantinha suspensa pelo pescoço, com os pés longe do chão. Os avisos no display da retina dela foram instantâneos: aumento na pulsação e na adrenalina e na temperatura e respiração irregular e...

– Você acha que eu quero isso? – rosnou ele. – Que eles tenham ficado com ela *viva*? Você não sabe o que vão fazer com ela... mas *eu sei*. – Em outro momento, a fúria sumiu e foi afundada embaixo do terror e da infelicidade. – Scarlet...

Ele a soltou, e Cinder caiu no chão, massageando o pescoço. Em meio ao tumulto em seus pensamentos, ela ouviu Lobo se virar e sair correndo, com os passos estalando no chão, até o quarto do dr. Erland.

Quando pararam, houve um silêncio curto que ocupou todo o hotel. E então, um uivo.

Um uivo horrível, doloroso e sofrido, que penetrou nos ossos de Cinder e fez seu estômago revirar.

– Maravilha – comentou o dr. Erland. – Fico feliz de ver que você estava bem mais preparada dessa vez.

Sibilando de dor, Cinder usou a parede para se apoiar e se levantar, e olhou ao redor para seus amigos, seus aliados. Cress ainda se escondia atrás de Thorne, os olhos arregalados de choque. Jacin estava com os dedos no cabo da faca. O dr. Erland, com o cabelo grisalho desgrenhado e os óculos na ponta do nariz, não podia parecer menos impressionado.

– É melhor vocês irem – disse ela. Sua garganta ardia. – Carreguem a nave. Cuidem para que lko esteja pronta para partir.

Outro uivo longo de partir o coração fez o hotel tremer, e Cinder se preparou da melhor forma que pôde.

– Vou buscar Lobo.

CAPÍTULO

Quarenta e um

CRESS SEGUIU O GUARDA PELA ESCADA DO HOTEL. THORNE ESTAVA com uma das mãos em seu ombro e a outra segurando a bengala. Ela o avisou do último degrau ao virar-se no corredor escuro. O dr. Erland estava atrás, já fazendo barulhos de cansaço por carregar o valioso equipamento de laboratório escada abaixo.

Era difícil para Cress se concentrar. Ela nem sabia para onde estavam indo. Para a nave, Cinder disse? Na hora, Cress tinha sido tomada de horror por ver o agente lunar surtar. Os uivos ainda ecoavam nos tímpanos dela.

O guarda abriu a porta do hotel, e todos saíram para a rua coberta de areia. Dois passos depois, ele parou e esticou os braços para impedir Cress, Thorne e o doutor de se chocarem contra ele.

Choramingando, Cress tremeu junto de Thorne e observou a rua.

Dezenas de homens e mulheres de uniformes oficiais de militares da Comunidade os cercavam com as armas erguidas. Ocupavam as ruas e os espaços entre os prédios, olhavam de cima de telhados e por trás de naves cobertas de ferrugem.

– Cress? – sussurrou Thorne ao sentir a tensão no ar tenso.

– Militares – murmurou ela. – Um monte. – O olhar dela pousou em uma garota de cabelo azul, e um ódio imediato surgiu dentro do peito dela. – O que *ela* está fazendo aqui?

– O quê? Quem?

– Aquela... aquela *garota* da outra cidade.

Thorne inclinou a cabeça.

– É Darla. A androide-acompanhante? Por que você e Cinder ficam tão confusas com isso?

Os olhos dela se arregalaram. *Ela* era uma androide-acompanhante?

A garota os observava sem emoções, de pé entre dois soldados e com as mãos inertes ao lado do corpo.

– Me desculpe, mestre – disse ela, com a voz se espalhando pelo silêncio. – Eu teria avisado, mas seria ilegal, e minha programação me impede de violar leis humanas.

– É, essa vai ser a primeira coisa que vamos consertar – fala Thorne antes de sussurrar para Cress. – Eu tive que achar uma brecha para ela me ajudar a roubar aquele carro.

Uma voz soou alto, e Cress demorou um momento para ver o homem segurando um tablet e um amplificador em frente à boca.

– Vocês estão presos por abrigarem e ajudarem fugitivos procurados. Deitem-se de barriga para baixo e coloquem as mãos na cabeça, e ninguém vai se machucar.

Tremendo, Cress esperou para ver o que o guarda faria. A arma que ele tinha tirado de Thorne ainda se encontrava presa no cinto, mas as mãos estavam cheias de coisas do doutor.

– Vocês estão cercados – prosseguiu o homem, uma vez que ninguém se mexeu. – Não há para onde ir. Deitem-se agora.

O guarda se moveu primeiro, ficou de joelhos e colocou a bolsa de suprimentos médicos e a máquina estranha no chão antes de se deitar na terra.

Engolindo em seco, Cress fez o mesmo e foi para o chão. Thorne se abaixou ao lado dela.

– Estrelas do céu – gemeu o doutor, resmungando ao se juntar a eles no chão. – Sou velho demais para isso.

Com calor e desconforto e pedras ásperas apertando a barriga, Cress colocou as palmas das mãos na cabeça.

O militar esperou até que todos estivessem no chão para voltar a falar:

– Linh Cinder. Você está cercada. Venha para a frente imediatamente com as mãos na cabeça e ninguém ficará ferido.



CINDER SOLTOU UMA SÉRIE DOS PALAVRÕES MAIS CRIATIVOS: conseguiu pensar quando a voz do homem sumiu. Deixou Lobo no corredor, onde ele não estava reagindo aos lembretes de que um colapso mental não teria a menor utilidade para ajudar Scarlet. Só ficou sentado encolhido, a cabeça encostada nos joelhos, sem dizer nada.

Cinder entrou abaixada no quarto de hotel do doutor e se aproximou da janela para espiar.

O telhado do outro lado da viela estava com dois militares com as armas apontadas para ela.

Ela soltou a persiana e falou outro palavrão enquanto se grudava à parede.

Uma mensagem de Iko apareceu em sua visão. Ela a abriu, já temendo o que diria.

O RADAR ESTÁ CAPTANDO NAVES MILITARES DA
COMUNIDADE. ACHO QUE FOMOS ENCONTRADOS.

– Você acha? – murmurou ela.

Ela fechou os olhos e elaborou uma mensagem rápida, vendo as palavras nas pálpebras enquanto pensava nelas.

NO HOTEL, CERCADA DE MILITARES DA C.N.O.,
PREPARE-SE PARA DECOLAGEM IMEDIATA. NÃO VAMOS
DEMORAR... EU ESPERO.

Ela soltou a respiração devagar e voltou a abrir os olhos. Como poderia passar um agente lobo em crise, um cego e um médico idoso por todos esses soldados sem ninguém ser morto?

Ela duvidava que a garota fosse ajudar muito. Cress não parecia o tipo ousado e que corre riscos, e Cinder duvidava que tivesse muita experiência em lutas para sair de situações assim.

Ela podia abandonar os amigos e tentar fugir sozinha. Podia tentar controlar Lobo e usá-lo como arma, mas nem ele era capaz de matar tantos soldados de uma vez, e eles não hesitariam

em matá-lo. Podia tentar fazer lavagem cerebral nos soldados para que os deixassem passar, mas teria que abandonar Lobo se ele não fosse junto por vontade própria.

Do lado de fora, o oficial repetiu as ordens várias vezes, como um robô.

Empertigando os ombros, ela se virou para Lobo no corredor.

– *Lobo* – disse ela, agachando-se ao lado dele. – Preciso que você me ajude aqui.

Ele se mexeu o bastante para olhar para ela por cima do braço. Os olhos verdes pareciam apagados e sem vida.

– *Lobo, por favor.* Precisamos chegar à nave, e há muitas pessoas com armas lá fora. Vamos lá... O que Scarlet iria querer que você fizesse?

Seus dedos se dobraram e as unhas afundaram nas coxas. Mas ele continuou sem dizer nada, não fez nenhum gesto de que ia se levantar.

A voz do militar soou de novo. *Você está presa. Saia com as mãos na cabeça. Você está cercada.*

– Tudo bem. Você não me deixa escolha.

Ela ficou de pé e obrigou os ombros a relaxar. O mundo mudou ao redor quando ela desligou o pânico e o desespero e procurou a energia que estalava ao redor de Lobo.

Só que, dessa vez, não estava em chamas. Não como era de costume.

Dessa vez, foi como controlar um cadáver.



ELES CHEGARAM À PORTA JUNTOS.

Pelo menos sessenta armas foram apontadas para eles, que ela pudesse ver. Sem dúvida havia mais escondidas entre prédios e veículos.

Jacin, Thorne, dr. Erland e Cress estavam deitados no chão.

Duas ruas os separavam da nave.

Ela ficava alimentando Lobo com mentiras como medicação intravenosa gotejando. *Scarlet vai ficar bem. Nós vamos encontrá-la. Nós vamos salvá-la. Mas primeiro temos que sair dessa confusão. Temos que chegar à nave.*

Com o canto do olho, ela viu os dedos dele tremerem, mas não sabia se ele reconhecia que ainda havia esperança lá fora ou se só estava com raiva dela por usá-lo assim. Por transformá-lo em uma marionete, como a taumaturga o transfigurara em um monstro.

Nos degraus do hotel, com sessenta armas apontadas para ela, Cinder percebeu que não era melhor do que aquela taumaturga. Isso era uma guerra, e ela estava mesmo no meio dela.

Se tivesse que fazer sacrifícios, faria.

O que isso fazia dela? Uma criminosa de verdade? Uma ameaça de verdade?

Uma lunar de verdade?

– Coloquem as mãos na cabeça e se afastem do prédio. Não façam movimentos repentinos. Estamos autorizados a matar se

necessário.

Cinder fez Lobo ficar ao seu lado. Os dois andaram juntos. O ar poeirento os envolvia e grudava na pele. Uma dor cega se espalhava pela cabeça dela, mas não era tão difícil controlar Lobo como antigamente. Na verdade, a facilidade a deixou enjoada. Ele não estava nem tentando resistir.

– Já estava na hora – murmurou Thorne quando ela passou.

– Cinder... salve-se – sibilou o dr. Erland.

Ela fez o melhor possível para não mover os lábios quando falou:

– Você consegue usar o glamour nesses?

– Pare aí mesmo!

Ela obedeceu.

– De joelhos, agora. Fique com as mãos levantadas.

– Só alguns – disse o dr. Erland. – Talvez juntos...

Ela balançou a cabeça.

– Estou com Lobo. Fora isso... consigo controlar um terráqueo, talvez dois.

Ela trincou os dentes. Apesar do que o doutor disse, ela não podia simplesmente se salvar. Não era apenas lealdade e amizade que fazia cada fibra do corpo dela se rebelar contra a noção de que podia abandoná-los todos.

Era a certeza de que, sem eles, ela era inútil. Precisava deles para impedir o casamento e salvar Kai. Precisava deles para levarem-na a Luna. Precisava deles para ajudarem-na a salvar o mundo.

– Jacin? Você consegue controlar algum deles?

– Ah, claro. – Ela praticamente o ouviu revirando os olhos. – A única forma de encarar isso é lutando.

Thorne resmungou:

– Falando nisso, alguém viu minha arma?

– Está comigo – disse Jacin.

– Pode me devolver?

– Não.

– Eu ordeno que vocês parem de falar! – gritou o homem. – Se eu vir mais lábios se mexendo, a pessoa vai levar uma bala na cabeça, entenderam? No chão!

Cinder fez questão de olhar com raiva para o homem enquanto dava outro passo à frente.

Como dominós empurrados, ela ouviu o destravar de sessenta mecanismos de segurança ao redor.

Cress choramingou. A mão de Thorne tateou pelo chão até segurar a dela.

– Tenho seis tranquilizantes – falou Cinder. – Vamos torcer para bastar.

– Não vai – murmurou Jacin.

– É o último aviso...

Cinder ergueu o queixo e grudou o olhar no homem. Ao lado dela, Lobo assumiu postura de luta, com os dedos encolhidos e prontos, tudo por sugestão de Cinder. Pela primeira vez, ela sentiu uma pontada de nova emoção vinda dele. Ódio, pensou ela. Dela.

Ela ignorou o sentimento.

– Esse é seu *primeiro* aviso – disse ela.

Ela deixou Lobo pronto, selecionou uma dentre os soldados terráqueos que estavam na linha de frente e usou toda a força de vontade. A jovem se virou e apontou a arma para o homem que estava no comando. Os olhos da mulher se arregalaram de choque enquanto olhavam para as próprias mãos rebeldes.

Ao redor dela, mais seis soldados mudaram os alvos e miraram nos colegas, e Cinder soube que estavam sob o controle do dr. Erland.

E isso era tudo o que eles tinham. Sete soldados terráqueos à sua disposição. A arma de Jacin. A fúria de Lobo.

Seria um banho de sangue.

– Abaixem as armas e nos deixem passar – declarou Cinder –, e ninguém vai se machucar.

O homem apertou os olhos para ela e fez questão de não olhar para a colega que o mantinha sob a mira da arma.

– Você não tem como vencer isso.

– Eu não disse que tinha – disse Cinder. – Mas podemos provocar muitos danos tentando.

Ela abriu a ponta do dedo e carregou um tranquilizador do cartucho na palma da mão quando uma onda de tontura a atingiu. Sua força estava falhando. Não poderia segurar Lobo por muito tempo. Se perdesse o controle e ele surtasse de novo... ela não sabia o que Lobo faria. Entraria em coma de novo, sairia em um surto louco ou viraria a raiva para ela e para o resto dos amigos?

Ao lado dela, Lobo rosnou.

– Na verdade, *podemos* vencer – disse uma voz de mulher.

Cinder ficou tensa. Havia uma vibração no ar. Uma onda de incerteza. O homem com o tablet se virou quando silhuetas começaram a surgir dos prédios ao redor, chegando por vielas, se materializando em janelas e portas.

Homens e mulheres, jovens e velhos. Vestidos com as calças jeans surradas e camisas frouxas de algodão, com lenços nas cabeças e chapéus de algodão, tênis e botas.

Cinder engoliu em seco e reconheceu quase todos da breve estada em Farafrah. Os que levaram comida para ela. Os que a ajudaram a pintar a nave. Os que fizeram desenhos ciborgues nos corpos.

O coração dela inflou por um momento, mas despencou na barriga.

Isso não terminaria bem.

– Isso é uma questão de segurança internacional – avisou o homem. – Estou mandando que todos voltem para suas casas. Qualquer pessoa que contrarie essa ordem vai ser presa por obstrução da justiça pelas leis da União Terráquea.

– Então nos prenda por obstrução. *Depois* de deixá-los passar.

Cinder apertou os olhos contra o brilho do sol em busca da fonte da voz. Ela viu a mulher da loja de remédios. A lunar cujo filho se matou para não entrar na guarda de Levana.

Alguns dos soldados mudaram as miras das armas, afastando de Cinder e apontando para a multidão, mas o homem com o amplificador levantou um dos braços.

– Essas pessoas são criminosos procurados! Não queremos usar força letal para apreendê-las, mas faremos isso se

necessário. Peço que se afastem e voltem para suas casas.

A ameaça foi seguida de um impasse, embora os poucos rostos civis que Cinder conseguia ver não parecessem assustados. Só determinados.

– Essas pessoas são nossos amigos – disse a vendedora. – Elas vieram para cá procurando abrigo, e não vamos deixar que as levem daqui.

O que eles estavam pensando? O que podiam fazer? Eles podiam estar em número maior do que os soldados, mas se encontravam desarmados e não eram treinados. Se ficassem no caminho, seriam massacrados.

– Vocês não estão me dando escolha – falou o homem, os dedos apertando o tablet. Uma gota de suor escorreu pelo lado do rosto dele.

O tom da vendedora assumiu um novo veneno.

– Você *não faz ideia* do que é não ter escolha.

Os dedos dela tremeram, um gesto imperceptível, mas o efeito passou como uma onda de choque pela multidão. Cinder se encolheu. Ao olhar ao redor, viu que muitas das pessoas da cidade pareciam tensas de repente, com as testas franzidas e os membros tremendo.

E ao redor deles os soldados começaram a se mexer. A redirecionar a mira, assim como fizeram os controlados por Cinder e pelo dr. Erland, até que todos os soldados apontavam para o que estava ao lado, até que todos os soldados tinham uma arma apontada para a cabeça.

Os olhos perplexos se encheram primeiro de descrença e depois de terror.

Só o líder ficou de pé no meio, olhando boquiaberto para a própria tropa.

– É assim – disse a mulher. – Ter seu corpo usado contra você. Saber que seu cérebro se tornou um traidor. Nós viemos para a Terra a fim de fugir disso, mas estamos todos perdidos se Levana conseguir o que ela quer. Eu não sei se essa moça pode impedi-la, mas parece que é a única em quem vale a pena botar fé agora, então é isso que nós vamos fazer.

Cinder deu um grito repentino quando a dor explodiu na cabeça. Seu poder sobre Lobo e a soldado ruiu. Seus joelhos se dobraram, mas de repente havia um braço na cintura dela segurando-a.

Ofegando pelo esforço mental, ela olhou para o rosto de Lobo. Os olhos dele estavam verdes e cintilantes de novo. Normais.

– Lobo...

Ele afastou o olhar quando uma arma caiu no chão. Cinder deu um pulo. A mulher que ela controlava estava olhando para os colegas e tremendo. Sem saber para onde olhar. Sem saber o que fazer. Ela levantou as mãos com nervosismo em sinal de rendição.

Vermelho de raiva, o homem com o tablet baixou o amplificador. Ele encarou Cinder de novo com os olhos cheios de ódio. Em seguida, jogou o tablet no chão.

Lobo virou a cabeça de um lado para outro.

– Hã, alguém pode me explicar...

– Mais tarde – disse Cinder, deixando o peso ser sustentado por Lobo. – Levantem-se. Está na hora de a gente ir.

– Eu que não vou discutir – falou Thorne quando ficou de pé junto com os outros. – Mas alguém acha que pode pegar minha androide-acompanhante? Eu passei por muita coisa pra consegui-la e...

– *Thorne.*

Cinder sentiu-se tonta e fraca quando seguiram por entre as pessoas. A sensação era de andar por um labirinto de esculturas de pedra, esculturas com armas grandes que os acompanhavam com os olhos, contorcendo-se por dentro de raiva e desconfiança. Cinder tentou olhar nos olhos das pessoas da cidade, mas muitas delas estavam com olhos fechados e tremiam de concentração. Não segurariam os soldados para sempre.

Só os óbvios terráqueos olharam nos olhos dela e assentiram com sorrisos assustados e fugidios. Não com medo dos vizinhos lunares, pensou ela, mas do que aconteceria se Levana assumisse o controle da Terra. Do que aconteceria se os lunares comandassem tudo. Do que aconteceria se Cinder falhasse.

Jacin segurou o pulso da androide-acompanhante e a puxou junto com eles.

– Aquela mulher está certa – disse Lobo quando se afastaram da multidão, e a Rampion, a liberdade deles, surgiu na rua à frente. – Não tem nada pior do que ter seu corpo usado contra você.

Cinder tropeçou, mas Lobo a segurou e a arrastou por alguns passos até ela se equilibrar de novo.

– Me desculpe, Lobo. Mas eu precisei. Não podia deixar você aqui.

– Eu sei. Entendo. – Ele esticou a mão e pegou uma bolsa que estava com o doutor para diminuir a carga dele enquanto seguiam para a nave. – Mas não muda o fato de que ninguém devia ter esse tipo de poder.

CAPÍTULO

Quarenta e dois

O GAROTO LUNAR NÃO PODIA TER MAIS DO QUE OITO ANOS, N tinha certeza de que torceria o pescoço dele como o de uma galinha se tivesse chance. Não havia dúvida de que era a criança mais horrível do mundo. Ela não conseguia deixar de pensar que, se todas as crianças lunares fossem assim, a sociedade deles toda estava amaldiçoada e Cinder devia deixá-los se destruir.

Scarlet não sabia como exatamente tinha acabado se tornando propriedade do Venerável Annotel, sua esposa e o monstrinho que criaram. Talvez fosse favoritismo da coroa ou talvez eles a tivessem comprado, como uma família terráquea poderia comprar um novo androide. Fosse como fosse, havia sete dias que ela era o brinquedo novo. O bichinho novo. A cobaia nova.

Porque, aos oito anos, o jovem mestre Charleson estava aprendendo a controlar seu dom lunar. Evidentemente, terráqueos eram bons de se usarem nos treinos, e mestre Charleson tinha um senso de humor muito distorcido.

Acorrentada com uma coleira no pescoço a um parafuso no chão, Scarlet ficava no que ela achava que era a sala de brinquedos do garoto. Uma tela enorme ocupava uma parede, e

incontáveis máquinas de realidade virtual e aparelhos esportivos estavam abandonados nos cantos, fora de alcance.

As sessões de treino eram um sofrimento. Desde que chegou à casa dos Annotel, Scarlet teve que aguentar aranhas de pernas compridas subindo pelo nariz. Cobras do tamanho do braço dela se contorcendo pelo umbigo e se enrolando no tronco. Centopeias entupindo seus canais auditivos e rastejando para dentro do crânio antes de sair na língua.

Scarlet gritou. Scarlet se debateu. Enfiou as próprias unhas na barriga e assoou o nariz até sangrar em uma tentativa de se livrar dos invasores.

Durante esse tempo todo, mestre Charleson só riu e riu e riu.

Era tudo na cabeça dela, claro. Ela sabia disso. Sabia até quando batia com a cabeça no chão para tentar tirar as aranhas e as centopeias. Mas não importava. O corpo estava convencido, o cérebro também. A mente racional tinha sido dominada.

Ela odiava aquele garotinho. *Odiava.*

Também odiava o fato de que estava começando a ficar com medo dele.

– Charleson.

A mãe apareceu na porta e resgatou temporariamente Scarlet da mais nova paixão dele, toupeiras com olhos apertados, corpos gordos e enormes garras reptilianas. Um mordida os dedos dos pés dela enquanto as unhas rasgavam a sola.

A ilusão e a dor sumiram, mas o horror permaneceu. A dor na garganta. A umidade salgada no rosto. Scarlet rolou de lado e chorou no meio do piso da sala de brinquedos, grata porque o

garoto não sustentava a lavagem cerebral enquanto estava distraído.

Scarlet não prestou atenção na conversa até Charleson começar a gritar e se esforçou para abrir os olhos inchados. O garoto estava tendo um ataque de birra. A mãe falava com voz tranquilizadora, tentando acalmá-lo. Prometendo alguma coisa. Parecia que Charleson não estava satisfeito. Um minuto depois, ele saiu da sala batendo os pés, e Scarlet ouviu a porta bater.

Ela expirou em alívio trêmulo. Os músculos relaxaram, como nunca conseguiam quando o terror estava por perto.

Empurrou o capuz vermelho e um emaranhado de cachos para longe do rosto. A mãe lançou um olhar horrível, como se Scarlet fosse uma toupeira nojenta, tão ofensiva quanto uma invasão de vermes na bancada imaculada da cozinha.

Sem uma palavra, ela se virou e saiu da sala.

Não demorou para uma sombra diferente ocupar a porta, um homem bonito usando um casaco preto de mangas compridas.

Um taumaturgo.

Scarlet quase ficou feliz em vê-lo.



– ELA FOI CAPTURADA DURANTE MINHA BATALHA COM LINH
garota era uma das cúmplices dela.

– A batalha na qual você falhou em erradicar ou apreender a
ciborgue?

As narinas de Sybil se dilataram enquanto ela andava entre Scarlet e o trono de mármore entalhado. Estava usando um casaco novo e impecável e se movia com uma rigidez estranha, sem dúvida como resultado do ferimento à bala.

– Correto, minha rainha.

Sybil uniu as mãos nas costas, e os nós dos dedos ficaram brancos.

– Infelizmente, nossos técnicos de software não tiveram sucesso no rastreio da Rampion usando a nave de passeio e nem com o chip D-COMM que confisquei. Portanto, o propósito principal desse interrogatório é para averiguar que informações nossa prisioneira pode fornecer à nossa busca contínua pela ciborgue.

A rainha Levana assentiu.

Scarlet, ajoelhada no centro da sala do trono feita de pedra e vidro, tinha uma boa visão da rainha, e, apesar de parte dela querer afastar o olhar, era difícil. A rainha lunar era tão linda quanto sempre disseram, mais até. Scarlet desconfiava de que houve uma época em que os homens fariam guerras para ter uma mulher com tamanha beleza.

Atualmente, o imperador Kai estava sendo obrigado a se casar com ela para *impedir* uma guerra.

Em seu estado mental faminto, delirante e exausto, Scarlet quase riu da ironia. Engoliu a gargalhada, mas foi por pouco.

A rainha reparou no tremor nos lábios dela e franziu a testa.

Com a pulsação acelerada, Scarlet observou a sala do trono. Apesar de ter sido obrigada a se ajoelhar, eles não prenderam as

mãos dela. Com a própria rainha presente, mais um bando de guardas e um total de dez taumaturgos (Sybil Mira, mais três de vermelho e seis de preto), ela achava que eles não estavam muito preocupados com a possibilidade de ela tentar fugir.

Além disso, as cadeiras forradas de veludo de cada lado do trono estavam lotadas de pelo menos cinquenta... bem, Scarlet não sabia *quem* eles eram. Jurados? A imprensa lunar? Aristocratas?

Sabia que estavam ridículos. As roupas cintilavam, flutuavam e brilhavam. Os rostos, pintados como sistemas solares e prismas de arcos-íris e animais selvagens. Os cabelos eram coloridos e se encaracolavam e estufavam, desafiando a gravidade para criar estruturas enormes e elaboradas. Algumas das perucas até abrigavam pássaros canoros engaiolados, apesar de estarem incrivelmente silenciosos.

Com esse pensamento, ocorreu a Scarlet que era só glamour que ela estava vendo. Esses lunares podiam estar usando um saco de batatas, pelo que ela sabia.

Os saltos de Sybil Mira bateram no chão duro e atraíram a atenção de Scarlet de volta.

– Por quanto tempo você fez parte da rebelião de Cinder antes de sua captura?

Ela olhou para a taumaturga e sentiu a garganta doendo de tanto gritar. Considerou não dizer nada. O olhar se desviou para a rainha.

– Por quanto tempo? – disse Sybil, seu tom já ficando impaciente.

Mas, não, Scarlet não pretendia ficar em silêncio. Eles iam matá-la, isso estava óbvio. Não era tão ingênua a ponto de não ver sua própria mortalidade se fechando à sua volta. Afinal, havia manchas de sangue no piso da sala, fazendo uma trilha na direção da parede oposta ao trono da rainha. Ou onde devia haver uma parede, mas só havia uma enorme janela aberta e um parapeito que se projetava e não levava a nada.

Eles estavam bem alto, no terceiro ou quarto andar, pelo menos. Scarlet não sabia o que tinha depois do parapeito, mas achava que era uma forma conveniente de se livrar de corpos.

Sybil a segurou pelo queixo.

– Sugiro que você responda à pergunta.

Scarlet trincou os dentes. Sim, ela responderia. Quando teria uma plateia assim de novo?

Quando Sybil a soltou, ela voltou a atenção para a rainha.

– Eu me juntei a Cinder na noite em que seus agentes especiais atacaram – disse, a voz rouca, mas forte. – Também foi a noite em que você matou minha avó.

A rainha Levana não reagiu.

– Você não deve fazer ideia de quem era minha avó. Nem quem eu sou.

– E isso é relevante para esses procedimentos? – perguntou Sybil, parecendo irritada por Scarlet ter tomado conta do interrogatório.

– Ah, sim. É muito relevante.

Levana apoiou a bochecha nos dedos e fez cara de tédio.

– O nome dela era Michelle Benoit.

Nada.

– Ela serviu vinte e oito anos como militar na Europa, como piloto. Recebeu uma medalha uma vez, por ser piloto de uma missão até aqui, até Luna, para discussões diplomáticas.

Um apertar de olhos de leve.

– Muitos anos depois, um homem que ela conheceu em Luna apareceu na porta dela com uma entrega muito interessante. Uma garotinha... quase morta, mas só quase.

Um enrugamento ao redor dos lábios.

– Durante anos, minha avó manteve a garotinha escondida, manteve-a viva, e acabou pagando por isso com a vida. Isso foi na noite em que me juntei a Linh Cinder. Foi na noite em que me juntei ao lado da verdadeira rainha de...

Sua língua congelou e seu maxilar e sua garganta ficaram imobilizados.

Mas seus lábios conseguiram dar um sorriso arrogante. Ela já tinha dito mais do que Levana permitiria, e a fúria nos olhos da rainha fez valer a pena.

A plateia estava se mexendo delicadamente, sem ninguém ousar falar, mas todos lançavam olhares confusos uns para os outros pela sala.

Sybil Mira ficou pálida enquanto olhava de Scarlet para a rainha.

– Peço desculpas pela falação da prisioneira, minha rainha. Você gostaria que eu continuasse a interrogá-la em particular?

– Isso não vai ser necessário. – A voz da rainha Levana estava lírica e calma, como se as palavras de Scarlet não tivessem

incomodado em nada, mas Scarlet sabia que era só de fachada. Viu o brilho de ódio mortal nos olhos da rainha. – Pode continuar com as perguntas, Sybil. Mas estamos programadas para partir para a Terra hoje, e eu odiaria me atrasar. Talvez sua prisioneira pudesse ter um pouco de motivação para ficar concentrada nas respostas que queremos.

– Eu concordo, Vossa Majestade.

Sybil assentiu para os guardas reais que ladeavam as portas.

Momentos depois, uma plataforma de rodinhas foi empurrada para a sala do trono, e a plateia pareceu se animar.

Scarlet engoliu em seco.

Na plataforma havia um grande bloco de madeira de ébano, intrincadamente entalhado de todos os lados com imagens de pessoas se prostrando na frente de um homem de túnica comprida e leve que usava uma lua crescente como coroa. Em cima do bloco, em meio a centenas de marcas de golpe, havia uma machadinha de prata.

Scarlet foi puxada por dois guardas até ficar de pé e ser arrastada à plataforma. Ela soltou a respiração devagar e ergueu o queixo, tentando sufocar o medo crescente.

– Me diga – disse Sybil, passando atrás dela. – Onde está Linh Cinder agora?

Scarlet sustentou o olhar da rainha.

– Eu não sei.

Uma hesitação, e sua mão a traiu, se esticou e pegou o cabo de prata. A garganta dela se apertou.

– Onde ela está?

Scarlet trincou os dentes.

– Eu. Não. Sei.

A mão dela arrancou a machadinha da madeira.

– Vocês devem ter conversado sobre a possibilidade de um pouso de emergência. Um lugar seguro caso fosse necessário. Me conte. *Especule* se precisar. Para onde ela teria ido?

– Eu não faço ideia.

A outra mão de Scarlet bateu em cima do bloco, com os dedos abertos sobre madeira escura. Ela sufocou um grito por causa dos movimentos repentinos e, finalmente, arrancou o olhar da rainha a fim de olhar para a mão traidora.

– Talvez uma pergunta mais fácil, então.

Scarlet deu um pulo. Sybil estava bem atrás, sussurrando no ouvido dela.

– A qual dedo você menos dá valor?

Scarlet apertou bem os olhos. Tentou limpar os pensamentos, ser lógica. Tentou não sentir medo.

– Eu era só o piloto – disse ela. – Nenhum deles fazia ideia de como pilotar uma espaçonave. Se tentassem voltar para a Terra, cairiam.

Os passos de Sybil recuaram, mas a mão de Scarlet continuou aberta sobre o bloco, com a machadinha ainda no ar.

– Meu guarda era um excelente piloto e estava bem vivo quando abandonamos a nave. Suponha que Linh Cinder tenha feito lavagem cerebral nele para pilotar a nave para ela. – Sybil foi para um lugar onde Scarlet pudesse vê-la de novo. – Para onde então ela o mandaria ir?

– *Eu não sei.* Talvez você devesse perguntar a ele.

Um sorriso lento e satisfeito começou a surgir no rosto da taumaturga.

– Vamos começar com o menor então.

O braço de Scarlet recuou e ela se encolheu e afastou o rosto, como se não olhar fosse impedir o que aconteceria. Os joelhos cederam, e ela caiu ao lado do bloco de madeira, mas os braços permaneceram fortes, inflexíveis. As únicas partes que não estavam tremendo.

O aperto na machadinha aumentou, pronto para agir.

– Minha rainha?

A sala inteira pareceu inspirar as palavras, faladas tão baixo que Scarlet não tinha certeza se as havia ouvido.

Depois de um longo, longo momento, a rainha respondeu:

– O quê?

– Posso ficar com ela? – As palavras saíram baixas e lentas, como se a pergunta fosse um labirinto que precisava ser atravessado com cautela. – Ela daria um ótimo animal de estimação.

Com a pulsação trovejando nos ouvidos, Scarlet ousou abrir os olhos. A machadinha cintilou no canto da visão.

– Você pode ficar com ela quando acabarmos – disse a rainha, não parecendo nada satisfeita com a interrupção.

– Mas ela estará estragada. Eles nunca são divertidos quando você me dá estragados.

A sala começou a rir com deboche.

Uma gota de suor ardida caiu nos olhos de Scarlet.

– Se ela fosse meu bichinho de estimação – prosseguiu a voz cantarolada –, eu poderia praticar com ela, que deve ser fácil de controlar. Talvez eu começasse a ficar melhor se tivesse uma terráquea tão bonita para brincar.

As risadinhas pararam.

A voz frágil ficou ainda mais baixa, pouco mais de um murmúrio, que ainda soou como um tiro no aposento silencioso.

– Papai teria dado ela pra mim.

Scarlet tentou piscar para tirar a água salgada dos olhos. A respiração estava entrecortada pelo esforço de tentar recuperar o controle dos braços e falhar.

– Eu falei que você pode ficar com ela, e você pode – disse a rainha, falando com rispidez, como se falasse com uma criança irritante. – Mas o que você não parece entender é que, quando uma rainha ameaça represálias contra alguém que fez mal a ela, tem que ir até o fim com essas ameaças. Se não fizer isso, está convidando a anarquia a entrar em casa. Você quer anarquia, *princesa*?

Tonta de medo, náusea e fome, Scarlet levantou a cabeça. A rainha olhava para uma pessoa sentada ao lado dela, mas o mundo estava borrado e Scarlet não viu quem era.

Mas ela a ouviu. A voz adorável parecendo cortá-la.

– Não, minha rainha.

– Precisamente.

Levana se virou para Sybil e assentiu.

Scarlet não teve nem um momento para se preparar quando a machadinha caiu.



LIVRO

Quatro

“Quando Rapunzel viu o príncipe, caiu em cima dele e começou a chorar, e suas lágrimas pingaram nos olhos dele.”



CAPÍTULO

Quarenta e três

CRESS FICOU NO LADO DA MESA DO LABORATÓRIO SEGURANDC enquanto o dr. Erland carregava um instrumento estranho ao lado do rosto de Thorne, apontando um raio fino de luz para as pupilas.

O doutor resmungou e balançou a cabeça com compreensão.

– Aham – fez ele, e mudou a configuração da ferramenta para que uma luz verde piscasse na parte de baixo. – Aham – repetiu, passando para o outro olho.

Cress se inclinou para mais perto, mas não viu nada que pudesse despertar resmungos tão pensativos.

A ferramenta na mão do doutor fez alguns cliques, e ele tirou o tablet da mão de Cress. Assentiu para o objeto antes de devolvê-lo. Ela olhou para a tela, onde a estranha ferramenta estava transferindo um monte de diagnósticos incompreensíveis.

– Aham.

– Você pode parar de repetir *aham* e me dizer o que tem de errado com eles? – perguntou Thorne.

– Paciência – pediu o doutor. – O sistema óptico é delicado, e um diagnóstico incorreto poderia ser catastrófico.

Thorne cruzou os braços.

O doutor mudou as configurações no instrumento de novo e fez outra verificação nos olhos de Thorne.

– De fato – disse ele. – Há um dano severo ao nervo óptico, provavelmente resultado de um traumatismo craniano. Minha hipótese é que, quando você bateu a cabeça na queda, um sangramento interno no seu crânio provocou um aumento repentino da pressão sobre o nervo óptico e...

Thorne acenou e empurrou o instrumento do médico para longe.

– Dá pra consertar?

O dr. Erland bufou e colocou o instrumento na bancada que ocupava toda a enfermaria da Rampion.

– É claro que dá – respondeu, parecendo insultado. – O primeiro passo vai ser coletar medula óssea da crista ilíaca do seu osso pélvico. A partir daí, posso coletar seus hemocitoblastos, que podemos usar para criar uma solução a ser aplicada externamente ao seu sistema óptico. Com o tempo, os hemocitoblastos vão substituir as células ganglionares da retina e vão formar pontes celulares entre os desconectados...

– Ah-lá-lá-lá-lá, tá, entendi – retrucou Thorne, cobrindo as orelhas. – Por favor, nunca mais diga aquela palavra.

O dr. Erland ergueu uma sobrancelha.

– Celular? Hemocitoblastos? Ganglionar?

– Essa última. – Thorne fez uma careta. – Blé.

O doutor fez uma careta.

– Você é fresco, sr. Thorne?

– Coisas do olho me apavoram. Assim como qualquer cirurgia no osso pélvico. Você pode me apagar nessa parte, né? – Ele se deitou na mesa de exames. – Seja rápido.

– Um anestésico local vai bastar – garantiu o dr. Erland. – Até tenho no meu kit uma coisa que deve funcionar. No entanto, apesar de eu poder coletar a medula hoje, não tenho os instrumentos necessários para separar os hemocitoblastos nem para criar a solução a ser injetada.

Thorne se sentou devagar.

– Então... você *não pode* me consertar?

– Não sem um laboratório decente.

Thorne coçou o queixo.

– Tudo bem. E se pularmos a parte dos hemocitoblastos e da solução a ser injetada e só trocássemos meus globos oculares por uma prótese ciborgue? Andei pensando que seria ótimo ter visão de raios X, e tenho que admitir que a ideia me conquistou.

– Humm. Você está certo – disse o dr. Erland, olhando para Thorne por cima da moldura dos óculos. – Isso seria *bem* mais simples.

– É mesmo?

– Não.

A boca de Thorne virou uma careta.

– Pelo menos, agora sabemos qual é o problema e que dá para consertar – falou Cress. – Vamos pensar em alguma coisa.

O doutor olhou para ela, virou-se e começou a arrumar nos armários da enfermaria o equipamento que eles trouxeram do hotel. Ele parecia estar tentando esconder qualquer emoção que

não fosse a curiosidade profissional, mas Cress tinha a impressão de que ele não gostava muito de Thorne.

Já os sentimentos dele por *ela* eram um mistério. Achava que ele não havia olhado nos olhos dela nem uma vez desde que saíram do hotel e desconfiava que tinha vergonha de toda a coisa de comprar cascudos lunares por causa do sangue. E ele tinha motivo para tanto. Apesar de estarem do mesmo lado, ela ainda não lhe perdoara pela forma como a tratou e a vários outros. Como gado em um leilão.

Mesmo ela nunca tendo visto um leilão de gado.

Se fosse sincera consigo mesma, tinha opiniões incertas sobre quase toda a tripulação da Rampion. Depois de ver Lobo surtar no hotel, Cress fazia o possível para ficar longe dele sempre que podia. O temperamento e a consciência do que a espécie dele era capaz de fazer deixavam os pelos da nuca dela eriçados cada vez que os olhos verdes se dirigiam a ela.

Não ajudava o fato de que Lobo não disse nada desde que saíram da África. Enquanto todos discutiam o perigo de ficar em órbita até que Cress reinstalasse os sistemas para impedir que fossem vistos, Lobo se encolheu sozinho em um canto do cockpit e ficou olhando sem expressão para o assento do piloto.

Quando Cinder sugeriu que eles fossem para algum lugar longe de Nova Pequim enquanto decidiam a próxima fase do plano, Lobo ficou andando de um lado para outro com uma lata de tomates nos braços.

Quando desceram na área abandonada e desolada da região norte da Sibéria, na Comunidade das Nações Orientais, Lobo

ficou deitado de lado na cama debaixo de um dos quartos da tripulação, com o rosto afundado em um travesseiro. Cress concluiu que era a cama dele, até Thorne informar que era de Scarlet.

Ela sentia pena dele, claro. Qualquer pessoa via que estava arrasado pela perda de Scarlet. Mas tinha mais medo dele. A presença de Lobo era como uma bomba tiquetaqueando que podia explodir a qualquer momento.

Havia também Jacin Clay, o ex-guarda de Sybil, que passava a maior parte do tempo em um silêncio arrogante. Quando falava, dizia alguma coisa rude ou desagradável. Além disso, podia ter ido para o lado deles, mas Cress não conseguia deixar de pensar em todas as vezes que levou mestra Sybil para o satélite, quantos anos soube sobre o cativo dela e não fez nada para ajudá-la.

E havia a androide-acompanhante, com os *mestre* isso e *mestre* aquilo e *Quer que eu lave seus pés e faça uma boa massagem, mestre?*

– Capitão!

Cress se encolheu ao ouvir o gritinho infantil, seguido por um borrão azul que entrou na enfermaria e se chocou com Thorne, quase o derrubando da mesa.

Ele grunhiu.

– O qu...

– Adorei! – disse a acompanhante. – Adorei muito! É o melhor presente que alguém já me deu, e você é o melhor capitão da galáxia toda! Obrigada, obrigada, obrigada! – A androide começou a cobrir o rosto de Thorne de beijos, ignorando os esforços dele para recuar.

Cress apertou os dedos na tela até os braços começarem a tremer.

– lko, deixe-o respirar! – disse Cinder, aparecendo na porta.

– Ah, desculpa!

A androide segurou as bochechas de Thorne e deu um beijo firme na boca antes de se afastar.

O maxilar de Cress começou a doer de tanto ela trincar os dentes.

– lko? – falou Thorne.

– Em carne e osso! Como estou? – Ela fez uma pose para Thorne e começou a rir. – Ops, quero dizer... ah, você vai ter que confiar em mim quando digo que estou *linda*. Além disso, verifiquei o catálogo do fabricante e posso fazer upgrade para *quarenta* cores de olhos diferentes! Gosto dos dourados metálicos, mas vamos ver. As modas passam tão rápido, sabe.

Thorne começou a relaxar e sorriu.

– Fico feliz de você ter gostado dela. Mas, se você está aqui, quem está comandando a nave?

– Eu só troquei os chips de personalidade – explicou Cinder. – Darla não pareceu se importar. Falou qualquer coisa do tipo “O que fizer meu mestre feliz”. – Cinder fingiu ânsia de vômito. – Também desfiz parte da programação dela. Com sorte, não vai se incomodar tanto se tiver que violar a lei.

– Do jeito que gosto das minhas naves – disse Thorne. – Darla, você está aí?

– Pronta para servir, capitão Thorne – entoou uma nova voz nos alto-falantes acima, estranhamente robótica se comparada

aos tons hiperativos de Iko. – Estou feliz de trabalhar como seu novo sistema de controle e vou me esforçar para garantir a segurança e o conforto da minha tripulação.

Thorne abriu um sorriso.

– Ah. Eu vou gostar dela.

– Quando você acabar o exame – disse Cinder, inclinando a cabeça para a porta –, venha para o compartimento de carga. Tem muita coisa que precisamos discutir.



EM MINUTOS, A TRIPULAÇÃO DA RAMPION SE REUNIU no compartimento de carga. Iko se sentou de pernas cruzadas no meio, hipnotizada pela visão dos dedos descalços. O dr. Erland levou uma cadeira de rodinhas da enfermaria para se sentar; Cress achava que a idade e as pernas curtas não permitiriam que ele subisse em uma das caixas sem ajuda. Lobo estava encostado à porta que levava ao cockpit, com os ombros encolhidos e as mãos enfiadas nos bolsos, e havia enormes olheiras sob os olhos dele. Em frente, Jacin estava encostado na parede do corredor que levava aos quartos da tripulação e à cozinha, virado de lado como se Cinder não merecesse mais do que metade da atenção dele.

Cress levou Thorne até uma das caixas grandes, torcendo para que não ficasse óbvio que estava se distanciando o máximo possível de Lobo.

Cinder limpou a garganta e ficou de pé na frente deles, em frente à grande tela embutida na parede do compartimento de carga.

– O casamento real é em quatro dias – disse ela. – E eu acho... espero... que estejamos de acordo em uma coisa: não podemos deixar que Levana se torne a imperatriz da Comunidade. A coroação seria uma posição legal que não poderia ser desfeita com facilidade, e dar a ela esse tipo de poder... bem. Vocês sabem.

– Ela esfregou as botas no chão de metal. – Nosso plano antes era de interromper o casamento e tentar destronar Levana publicamente enquanto ela estivesse aqui, na Terra. Mas o dr. Erland me convenceu de que não vai fazer diferença. Pode impedir que ela se torne imperatriz, mas, enquanto o povo de Luna ainda a chamar de rainha, ela vai continuar a ameaçar a Terra como puder. Portanto, acredito que a única forma de nos livrarmos realmente de Levana é indo para Luna e persuadindo as pessoas a se rebelar contra ela... e coroar um novo monarca. – Ela pareceu hesitar, desviando o olhar para Jacin antes de continuar:

– E acho... se conseguirmos... Sei de um jeito de nos levar lá para cima sem sermos vistos.

Thorne bateu com a bengala em uma caixa de plástico.

– Tudo bem, srta. Críptica. Qual é o novo plano então?

Cinder olhou ao redor e empinou o queixo.

– Começa com o sequestro do noivo.

Thorne parou de bater com a bengala, e o aposento ficou em silêncio. Cress apertou os lábios e ousou observar os rostos do resto da tripulação, mas todo mundo parecia perplexo.

A mão de Iko subiu no ar.

– Sim, Iko?

– É a melhor ideia do mundo. Pode contar comigo.

Parte da tensão começou a se dissipar, e Cinder até riu.

– Espero que todos sintam o mesmo, porque preciso da ajuda de vocês para esse trabalho. Ainda precisamos de suprimentos, de convites para o casamento e de roupas... – Ela balançou a cabeça para afastar o olhar perdido que surgiu em seu rosto. – Mas agora acho que nosso maior problema vai ser localizar Kai depois de entrarmos. Não descobri nada sobre uma identificação rastreável. Os guardas reais parecem ter feito um trabalho bom *demais* para manter os perseguidores e assassinos longe.

Cress se inclinou para a frente.

– Por que não usar o número de Tan Kaoru?

Todos desviaram as atenções para ela, e Cress se encolheu na mesma hora.

– O que é isso?

– É, hã, o número de rastreio do imperador Kaito. 0089175004. O perfil na rede mostra um guarda do palácio chamado Tan Kaoru, mas é só disfarce. É a identificação que as equipes de segurança real usam para rastrear Sua Majestade. Venho usando para confirmar o paradeiro dele há um tempão.

– É mesmo? Como foi que você descobriu isso?

Com o rosto quente, Cress abriu a boca, percebeu que seria uma explicação longa e tediosa e voltou a fechá-la.

– Não importa – disse Cinder, massageando a têmpora. – Se você tem certeza de que é ele.

– Tenho.

– Então... ótimo. Número 008... lko, você registrou?

– Registre.

– Obrigada, Cress.

Ela expirou.

Cinder esfregou uma das mãos na outra.

– Era isso o que eu tinha em mente. Cress, você está encarregada de desabilitar o sistema de segurança do palácio. Lobo, você dá cobertura a ela.

Cress ergueu o rosto e deu de cara com o olhar de Lobo. Ela se encolheu ao lado de Thorne. A última coisa que queria era fazer dupla com *Lobo*. Claro, Cinder e Thorne pareciam confiar nele, mas o quanto eles de fato sabiam sobre o homem que quase estrangulou Cinder naquele hotel, que uivou como um animal selvagem, que foi criado com o objetivo de matar humanos das formas mais horríveis e sem sentido?

Mas ninguém pareceu reparar no medo dela ou, se alguém notou, ignorou.

– Enquanto isso – prosseguiu Cinder –, lko e eu vamos rastrear Kai e fazer com que venha conosco. Vamos nos encontrar em um dos telhados, e Jacin vai nos buscar e levar para longe antes que percebam o que está acontecendo. Ao menos, essa é a ideia. – Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Mas isso gera um grande problema. Não vou poder entrar escondida como convidada, nem como alguém da equipe. Sou reconhecível demais. Então, como entro no palácio sem ser percebida?

– Que tal eu ir sem você? – sugeriu lko.

Cinder balançou a cabeça.

– Kai não conhece você. Se queremos que ele confie em nós, acho... acho que tem que ser eu.

Jacin deu uma risada debochada, o primeiro som que fez, mas Cinder o ignorou.

Cress mordeu o lábio enquanto os outros começaram a dar sugestões. Ela podia se disfarçar como alguém da imprensa? Escalar o muro de trás? Esconder-se em um enorme buquê de flores?

Já vermelha de vergonha, Cress forçou a boca a se abrir.

– Que tal... – Ela parou de falar quando todos se viraram para ela. – Hã.

– O quê?

– Que tal... os túneis de fuga?

– Túneis de fuga?

Ela puxou o cabelo, desejando que estivesse mais comprido para poder brincar, para girar e dar nós e descontar o nervosismo nele. Mas estava curto, leve e libertador, e todo mundo ainda olhava para ela. Arrepios surgiram em seus braços.

– Os que passam debaixo do palácio. Quando construíram o prédio depois da guerra, colocaram túneis que se ligam aos bunkers antirradiação e aos abrigos. Para o caso de outro ataque.

Cinder olhou para a tela.

– Nenhuma das plantas que vi mostrava qualquer coisa sobre túneis de fuga.

– Eles não seriam muito seguros se todo mundo soubesse sobre eles.

– Mas como você... – Cinder fez uma pausa. – Deixe pra lá. Tem certeza de que ainda estão lá?

– É claro que estão.

– Imagino que você não lembre para onde vão.

– Claro que lembro.

Ela secou as mãos molhadas na roupa.

– Excelente. – Cinder parecia estar quase relaxando. – Então, antes de entrarmos nos detalhes... alguém tem alguma perg...

– Quando vamos para Luna? – perguntou Lobo, a voz rouca pela falta de uso.

Cress engoliu em seco. Os olhos dele estavam vermelhos. Ele parecia capaz de partir todos em pedacinhos sem pensar duas vezes.

Mas logo ela percebeu que havia uma questão embutida na pergunta, uma questão que todo mundo deve ter percebido na mesma hora. *Scarlet*. Ele queria saber mesmo em quanto tempo poderia ir atrás de Scarlet.

– Umas duas semanas, pelo menos – respondeu Cinder. Sua voz ficou baixa, pesarosa. – Talvez até três...

Lobo contraiu o maxilar e se virou. Fora isso, permaneceu imóvel, uma sombra ameaçadora no canto.

Thorne levantou um dedo, e Cinder ficou tensa de novo.

– Sim?

– O Palácio de Nova Pequim não tem laboratórios médicos próprios? Tipo laboratórios médicos que talvez tenham máquinas mágicas que curam cegueira?

Cinder apertou os olhos.

– Você não pode vir. É arriscado demais, e você só atrapalharia.

Thorne deu um sorriso, sem se deixar perturbar.

– Pense bem, Cinder. Quando Cress derrubar aquele sistema de segurança, todos os guardas do palácio vão correr para um de dois lugares. Para o centro de controle de segurança, a fim de verem o que está acontecendo, e para onde quer que o precioso imperador esteja, a fim de garantirem que fique em segurança. A não ser que haja alguma outra confusão até mais *óbvia* acontecendo em outra parte do palácio. – Ele apoiou o queixo na palma da mão. – Uma grande confusão. Bem longe de vocês. Como nos laboratórios médicos.

Cress entrelaçou as mãos no colo e ficou desviando a atenção entre Thorne e Cinder, perguntando-se que tipo de confusão ele tinha em mente. Cinder parecia dividida. Ela ficava abrindo a boca, mas voltava a fechá-la. Não parecia feliz de avaliar a ideia de Thorne.

– Eu também tenho uma pergunta.

Cress deu um pulo e se virou para espiar Jacin por cima do ombro. Ele parecia extremamente entediado, com um cotovelo apoiado na parede e a mão no cabelo, como se estivesse prestes a adormecer de pé. Mas os olhos azuis estavam intensos ao olharem para Cinder.

– Vamos dizer que você consiga fazer isso, embora eu ache que não.

Cinder cruzou os braços.

– Você entende que, quando Levana perceber o que você fez, não vai ficar esperando para ver o que vai fazer depois, né? Vai ser o fim do cessar-fogo.

– Eu sei disso – disse Cinder, com um tom pesado ao afastar o olhar de Jacin e olhar para um de cada vez. – Se conseguirmos, iniciaremos uma guerra.

CAPÍTULO

Quarenta e quatro

A MANHÃ DO CASAMENTO CHEGOU. CINDER ESTAVA UMA CON- pensamentos fragmentados e nervosismo, mas no centro de tudo havia uma estranha sensação de calma. Antes de o sol voltar a se pôr, ela saberia o resultado de todo o planejamento e preparativos. Ou eles seriam bem-sucedidos naquele dia ou todos se tornariam prisioneiros da rainha Levana.

Ou seriam mortos.

Ela tentou não pensar nisso enquanto tomava banho e um café da manhã pobre, composto de biscoitos velhos e manteiga de amêndoa. Era tudo o que seu estômago suportava.

O sol tinha acabado de aparecer sobre a gelada tundra siberiana quando eles se entulharam na nave de passeio que sobrara, sete pessoas espremidas em um espaço destinado a cinco, para embarcar no voo de baixa elevação de quarenta minutos até Nova Pequim. Ninguém reclamou. A Rampion era grande demais para ser escondida. Pelo menos a nave de passeio poderia se misturar com todas as outras em uma cidade lotada de naves estrangeiras.

A viagem foi tortuosa e feita quase toda em silêncio, pontuado apenas pela conversa ocasional de Iko e Thorne. Cinder passou a

viagem mudando entre as notícias de cobertura do casamento real e a cobertura contínua da rebelião em Farafrah.

O povo da cidade parou de controlar os militares assim que os reforços chegaram. Em vez de tentar prender e transportar centenas de civis, os militares da Comunidade, com permissão do governo africano, colocaram a cidade toda em confinamento armado até serem todos interrogados e acusados. Os cidadãos estavam sendo tratados como traidores da União Europeia por ajudarem Linh Cinder, Dmitri Erland e Carswell Thorne, embora as notícias repetissem que o governo estava disposto a ser tolerante com qualquer pessoa que revelasse informações sobre os fugitivos, seus aliados e suas naves.

Até o momento, nenhum cidadão de Farafrah parecia cooperar.

Cinder se perguntou se o povo lunar estava sendo tratado da mesma forma que os terráqueos ou se só esperavam para serem devolvidos a Luna para o verdadeiro julgamento. Até o momento, nenhum jornalista mencionou que muitos dos rebeldes eram lunares. Cinder desconfiava que o governo estava tentando manter esse fato em segredo, para evitar o pânico em massa nas cidades vizinhas, ou mesmo em todo o mundo, o que acabaria acontecendo quando os terráqueos percebessem como era fácil para os lunares se misturarem com eles. Cinder ainda se lembrava de como era quando acreditava que não havia lunares na Terra e no quanto ficou horrorizada quando o dr. Erland lhe contou que estava enganada. Sua reação parecia ridiculamente ingênua naquele instante.

Quando Nova Pequim surgiu, Cinder desativou os noticiários. Os prédios do centro da cidade eram grandes e imponentes, como esculturas delgadas de cromo e vidro tentando alcançar o céu. Cinder foi pega de surpresa pela dor repentina que a assolou: saudade de casa. Uma saudade que ela estivera ocupada demais para reconhecer até aquele momento.

O palácio surgia majestoso, iluminado pelo sol da manhã, sobre o penhasco alto, mas eles se afastaram dele. Jacin seguiu as instruções de Cinder para o centro e acabou se misturando com os amontoados de aerodeslizadores e, ela ficou feliz em ver, várias naves de passeio também. A parada de Cinder era a primeira, a duas quadras do edifício Phoenix Tower.

Ela respirou fundo ao desembarcar. Embora o outono fosse chegar nas semanas seguintes, Nova Pequim ainda estava em clima de verão, e o dia começava sem nuvens e quente. A temperatura estava um pouco acima do confortável, mas não sufocante de umidade como na última vez que Cinder esteve na cidade.

– Se vocês não me virem no ponto de encontro em dez minutos – disse ela –, deem algumas voltas no quarteirão e voltem.

Jacin assentiu sem olhar para ela.

– Se você tiver oportunidade – sugeriu Iko –, dê um chute no traseiro de Adri por mim. Com o pé de *metal*.

Cinder riu, mas o som saiu estranho. Eles foram embora e a deixaram sozinha em uma rua onde ela já havia andado mil vezes.

Ela já acionara o glamour, mas era difícil se concentrar, então manteve a cabeça baixa enquanto seguia para o edifício que já tinha chamado de lar.

Era estranho ficar sozinha depois de semanas cercada de amigos e aliados, mas estava feliz porque ninguém se juntou a ela nesse estágio do plano. Parecia estranhamente importante se distanciar da garota que ela foi quando morava nesse apartamento, e a ideia dos novos amigos encontrando sua antiga família adotiva a deixava tensa.

A camisa já estava grudada nas costas quando ela se aproximou da entrada principal do apartamento. Esperou até outro morador chegar e destrancar a porta com o chip embutido e foi atrás. Um medo familiar tomou conta dela quando atravessou o pequeno saguão, uma sensação que antes parecia normal. Mas, dessa vez, também teve uma sensação de propósito ao entrar no elevador. Não era mais a indesejada órfã ciborgue que fazia o que mandavam e corria para a oficina do porão a fim de evitar os olhares de raiva de Adri.

Ela era livre. Estava no comando. Não pertencia mais a Adri.

Talvez pela primeira vez, saiu do elevador de cabeça erguida.

O corredor estava vazio, exceto por um gato cinzento se lambendo.

Cinder chegou ao apartamento 1.820, empertigou os ombros e bateu.

Passos soaram do outro lado da porta, e ela se concentrou no glamour. Escolheu assumir a aparência de uma das oficiais que viu de pé atrás de Kai na última coletiva de imprensa. Era uma

mulher de meia-idade, um pouco acima do peso, com cabelo grisalho e um nariz pequeno demais para o rosto. Imitou-a exatamente, até o terno azul-acinzentado e os sapatos sensatos.

A porta se abriu, e uma nuvem de ar quente e parado se espalhou no corredor.

Adri apareceu, amarrando a faixa do roupão de seda. Quase sempre usava o roupão quando estava em casa, mas esse não era o mesmo que Cinder conhecia. O cabelo estava preso, e ela ainda nem usava maquiagem. Havia uma camada fina de suor no rosto dela.

Cinder esperava que seu corpo se encolhesse com a inspeção da madrasta, mas isso não aconteceu. Na verdade, quando olhou para Adri, só sentiu uma frieza distante.

Essa era só uma mulher com um convite para o casamento real. Era só mais uma tarefa para riscar da lista.

– Sim? – disse Adri, com o olhar cético examinando-a.

A Cinder oficial do palácio fez uma reverência.

– Bom dia. Linh Adri-jie está em casa?

– Eu sou Linh Adri.

– É um prazer. Peço desculpas por incomodá-la tão cedo – entouou Cinder, dando início ao discurso ensaiado. – Sou integrante do comitê de planejamento do casamento real e sei que dois convites foram prometidos a você para as núpcias entre Sua Majestade Imperial, o imperador Kaito, e Sua Majestade Lunar, a rainha Levana. Como você é uma de nossas distintas convidadas civis, fico honrada em entregar pessoalmente os convites para a cerimônia.

Ela esticou a mão com dois pedaços de papel, que eram, na verdade, pedaços de guardanapos, mas, aos olhos de Adri, pareciam dois envelopes feitos à mão com capricho.

Pelo menos, ela esperava que fosse isso que Adri estivesse vendo. O mais perto que Cinder chegara de mudar a percepção de objetos inanimados havia sido com a prótese da mão, e não tinha certeza se isso contava.

Adri franziu a testa para os guardanapos, mas a expressão logo se transformou em um sorriso paciente. Sem dúvida por ela achar que estava falando com uma pessoa do palácio.

– Deve haver algum engano – disse ela. – Recebemos nossos convites semana passada.

Cinder fingiu surpresa e recolheu os guardanapos.

– Que peculiar. Você se importaria se eu desse uma olhada nesses convites? Para garantir que não tenha acontecido nenhuma confusão?

O sorriso de Adri ficou mais tenso, mas ela deu um passo para o lado e convidou Cinder a entrar.

– É claro, entre, por favor. Posso oferecer um chá?

– Não, obrigada. Vamos só esclarecer essa confusão, e não vou mais tomar seu tempo.

Ela seguiu Adri até a sala.

– Peço desculpas pelo calor – falou Adri, pegando um leque em uma mesinha lateral e abanando o rosto. – O ar está quebrado há uma semana, e a manutenção aqui é muito incompetente. Eu tinha uma serva que me ajudava com essas coisas, uma criada

ciborgue que meu marido acolheu, mas... bem. Não importa agora. Já foi tarde.

Cinder sentiu raiva. *Serva?* Mas ignorou o comentário enquanto observava a sala. Não tinha mudado muito, com exceção dos itens dispostos sobre a lareira holográfica. Pertences que antes tinham posição tão proeminente (as placas de premiação de Linh Garan e fotos digitais alternadas de Pearl e Peony) estavam amontoados na beirada da prateleira. No centro, havia um belo vaso de porcelana, com peônias cor-de-rosa e brancas pintadas e em cima de uma base de mogno.

Cinder inspirou fundo.

Não era um vaso. Era uma urna. Uma urna crematória.

Sua boca ficou seca. Ela ouviu Adri andando pela sala, mas seu foco estava grudado naquela urna e no que, *quem*, estaria dentro dela.

Por vontade própria, seus pés começaram a se deslocarem para a lareira e para os restos de Peony. O velório passou e Cinder não esteve presente. Adri e Pearl choraram. Sem dúvida, convidaram todas as pessoas das aulas de Peony, todas as pessoas do prédio, todos os parentes distantes que mal a conheciam, que deviam ter reclamado por terem que mandar os esperados cartões e flores de pêsames.

Mas Cinder não estava lá.

– Minha filha – disse Adri.

Cinder ofegou e se afastou. Não tinha percebido que os dedos estavam tocando em uma flor pintada até Adri falar.

– Ela se foi recentemente, de letumose – prosseguiu Adri, como se Cinder tivesse perguntado. – Só tinha quatorze anos.

Havia tristeza na voz dela, de verdade. Talvez fosse a única coisa que elas tinham em comum.

– Sinto muito – sussurrou Cinder, grata porque, em sua distração, algum instinto sustentou o glamour.

Ela se obrigou a se concentrar antes que os olhos comessem a produzir lágrimas. Eles falhariam, ela era incapaz de chorar, mas o esforço às vezes provocava uma dor de cabeça que só passava depois de horas, e aquela não era hora de sentir luto. Tinha um casamento para impedir.

– Você tem filhos? – perguntou Adri.

– Er... não. Não tenho – respondeu Cinder, sem ter ideia se a oficial do palácio que estava incorporando tinha ou não.

– Só tenho uma outra filha, de dezessete anos. Não foi muito tempo atrás que eu achava que poderia encontrar um marido bom e rico para ela. Filhas são caras, sabe, e uma mãe quer dar tudo a elas. Mas agora não consigo suportar a ideia de que ela também me abandonou. – Ela suspirou e afastou o olhar da urna. – Mas, veja só, eu fico falando sem parar quando você deve ter tantos outros lugares para visitar hoje. Aqui estão os convites que recebemos.

Cinder os pegou com cuidado, feliz por mudar de assunto. Uma vez que estava vendo um convite verdadeiro de perto, ela mudou o glamour que tinha feito para os guardanapos. O papel era um pouco mais duro, um pouco mais tom de marfim, com

letras douradas em alto-relevo com uma caligrafia floreada de um lado e kanji tradicional da segunda era do outro.

– Interessante – comentou Cinder, abrindo o convite de cima. Ela fingiu uma gargalhada e torceu para que não soasse tão sofrida quanto realmente foi. – Ah, esses são os convites para Linh Jung e a mulher. Os endereços devem ter sido trocados no banco de dados. Que besteira.

Adri inclinou a cabeça.

– Tem certeza? Quando eles chegaram, eu tive certeza...

– Veja você mesma.

Cinder inclinou o papel para que Adri pudesse ver o que não estava lá. O que Cinder a mandou ver. O que Cinder a mandou acreditar.

– Meu Deus, é mesmo – falou Adri.

Cinder entregou-lhe os guardanapos e viu a madrastra segurá-los como se fossem as coisas mais preciosas do mundo.

– Muito bem, então – disse ela, com a voz tremendo um pouco.

– Pode deixar que saio sozinha. Espero que goste da cerimônia.

Adri colocou os guardanapos no bolso do roupão.

– Obrigada por se dar ao trabalho de vir você mesma entregar. Sua Majestade Imperial é um anfitrião atencioso.

– Temos sorte de tê-lo.

Cinder andou pela sala. Ao pousar a mão na porta, percebeu com um susto que essa poderia ser a última vez que via a madrastra.

A última vez, se ousasse ter esperanças.

Ela tentou sufocar a tentação que surgiu dentro dela com a ideia, mas se viu virando-se para encarar Adri.

– Eu...

... não tenho nada a dizer. Eu não tenho nada a dizer para você.

Mas nem todo o bom senso do mundo poderia convencê-la a não dizer as palavras seguintes.

– Não quero ser xereta – disse ela, limpando a garganta –, mas você mencionou um ciborgue. Você por acaso não seria a guardiã de Linh Cinder?

Agentileza de Adri desapareceu.

– Eu *fui*, infelizmente. Graças às estrelas, isso tudo ficou para trás.

Contrariando a racionalidade, Cinder voltou para o apartamento e bloqueou a porta.

– Mas ela cresceu aqui. Você nunca sentiu que ela poderia ter sido da família? Nunca pensou nela como filha?

Adri bufou e voltou a se abanar.

– Você não conheceu a garota. Sempre ingrata, sempre se achando tão melhor do que nós por causa dos... *complementos*. Ciborgues são assim, sabe. Eles se acham tão importantes. Foi horrível para nós viver com ela. Ciborgue e lunar, embora nós não soubéssemos disso até o espetáculo humilhante no baile. – Ela apertou a faixa do roupão. – E agora ela manchou o nome da família. Preciso pedir que você não nos julgue por ela. Fiz tudo o que pude para ajudar a garota, mas ela era irremediável desde o começo.

Os dedos de Cinder tremeram, um gesto familiar de rebelião. Ela desejava abandonar o glamour, gritar e berrar, obrigar Adri a *vê-la*, a pessoa verdadeira, só uma vez. Não a garotinha ingrata e arrogante que Adri achava que ela era, mas a órfã que sempre só quis uma família, que só queria pertencer a algum lugar.

Mas, enquanto pensava isso, um desejo mais sombrio subiu por sua coluna. Ela queria que Adri se lamentasse. Por ter tratado Cinder como propriedade dela. Por ter tirado a prótese do pé de Cinder e a obrigado a pular por aí como uma boneca quebrada. Por ter provocado Cinder sem parar por sua incapacidade de chorar, sua incapacidade de amar, sua incapacidade de ser *humana*.

Ela se viu projetando a mente, detectando as ondas de bioeletricidade que cintilavam na superfície da pele de Adri. Antes que pudesse controlar a raiva que crescia nela, Cinder pressionou toda culpa e remorso e vergonha no crânio denso da madrasta, remoendo as emoções com tanta intensidade que Adri ofegou e tropeçou e bateu com a lateral do corpo na parede.

– Mas você nunca se perguntou o quanto deve ter sido difícil? – disse Cinder entre os dentes. Uma dor de cabeça estava chegando com rapidez, latejando pelos olhos secos. – Nunca se sentiu culpada pela forma como ela foi tratada? Nunca pensou que talvez você pudesse tê-la amado se ao menos tivesse dedicado um tempo para conversar com ela, para *compreendê-la*?

Adri gemeu e apertou uma das mãos sobre a barriga, como se os anos de culpa a estivessem corroendo e deixando lentamente enjoada.

Cinder fez uma careta e começou a diminuir o ataque de emoções. Quando Adri olhou para ela de novo, havia lágrimas umedecendo seus olhos. A respiração estava entrecortada.

– Às vezes... – disse Adri, em uma voz fraca. – Às vezes, eu acho que ela talvez tenha sido incompreendida. Era tão jovem quando a adotamos. Deve ter sentido muito medo. E minha querida Peony sempre pareceu gostar tanto dela que às vezes acho que, se as coisas tivessem sido diferentes, com Garan e com nossas finanças... talvez ela pudesse ter feito parte da família. Você entende... se ela fosse normal.

A última palavra foi como um golpe entre as costelas de Cinder e ela se encolheu, libertando as pequenas amarras da culpa.

Adri tremeu e passou a manga do roupão sobre os olhos.

Não fazia diferença. Adri podia estar cheia de toda a culpa do mundo, mas, na mente dela, a culpa sempre seria de Cinder. Porque Cinder não podia ser *normal*.

– Me... me desculpe – falou Adri, apertando a parte do alto do nariz. Ela havia ficado pálida. As lágrimas sumiram. – Não sei o que me deu. Eu... desde que perdi minha filha, às vezes minha mente... – Ela voltou a olhar para Cinder. – Por favor, não me entenda mal. Linh Cinder é uma garota mentirosa e manipuladora. Espero que a peguem. Eu faria qualquer coisa para garantir que não destruísse mais ninguém como me destruiu e à minha família.

Cinder assentiu.

– Eu entendo, Linh-jie – sussurrou ela. – Entendo perfeitamente.

Cinder dobrou os dedos sobre os convites que tinha ido buscar e saiu do apartamento. A dor de cabeça estava explodindo em seu crânio, dificultando a concentração em qualquer outra coisa que não fosse colocar um pé na frente do outro. Ela sustentou o glamour por pouco, sem saber se Adri ainda a estava observando, até entrar no elevador no fim do corredor.

Ela ficou paralisada.

Na parede do fundo do elevador havia um espelho.

Ela olhou para o próprio reflexo enquanto as portas se fechavam. Seu coração disparou. Felizmente, não havia mais ninguém no elevador para testemunhar, porque ela perdeu o glamour imediatamente, continuou olhando boquiaberta para os olhos castanhos e, pela primeira vez, ficou horrorizada com quem viu naquele reflexo.

Porque o que fizera com Adri, de virar as emoções contra ela, obrigá-la a sentir culpa e vergonha, tendo como único motivo a curiosidade terrível, seu desejo de retaliação...

Era uma coisa que Levana teria feito.

CAPÍTULO

Quarenta e cinco

IKO JOGOU BEIJOS E DEU UM ACENO LEVE COM CINCO DEDOS BA

quando a nave se aproximou da rua e se misturou com o tráfego matinal. Não era uma caminhada longa até o armazém, mas ela sentia o processador interno zumbindo de empolgação por todo o caminho.

Pelos cálculos dela, chegaria ao armazém às 7h25. O aerodeslizador das entregas com a encomenda para o palácio de sessenta acompanhantes devia partir do armazém às 7h32. Metade dos acompanhantes seria deixada na sede do bufê às 7h58. O resto seria entregue ao florista às 8h43, para ser levado ao palácio junto com a equipe humana.

Iko esperava estar no palácio no máximo às 9h50.

O bairro industrial estava quase deserto. A maior parte da cidade e talvez do mundo todo tinha decretado feriado para ver o casamento real. Não havia ninguém por perto para reparar em Iko quando ela entrou no beco em direção ao armazém e pulou com alegria a cerca de arame para o jardim onde cinco naves de entrega estavam encostadas nas plataformas de carregamento.

Ela se vestia de forma simples, com uma calça preta e uma blusa branca. Ainda estava um pouco decepcionada por não

poder usar um vestido chique de festa, mas sentia-se linda de um jeito só seu.

Mal podia esperar para o imperador Kai vê-la. A ideia acrescentou um gingado ao seu passo quando ela contornou a frente da primeira nave e subiu a escada para a plataforma.

A visão à frente dela a fez parar e quase cair de cara sobre o nariz perfeito.

O armazém estava lotado de androides-acompanhantes, a maioria garotas, de todos os tons de pele e cores de cabelo. A maior parte estava despida, sentada no chão com os braços ao redor dos joelhos e as cabeças abaixadas. Havia mais de duzentos androides alinhados em fileiras organizadas. Alguns tinham fita e papel de embalagem ao redor dos membros para protegê-los durante o transporte. Alguns foram colocados em bases de madeira e em caixas plásticas. Isopor e papelão cobriam o chão ao redor.

Na parede à esquerda de Iko havia três andares de prateleiras de metal cheias de caixas, todas com rótulos com as marcas e modelos e características especiais dos acompanhantes.

– Isso é tudo? – perguntou um homem.

Iko se abaixou atrás da parede do armazém e se aproximou devagar para espiar pela porta. Viu sessenta androides, quarenta e cinco mulheres e quinze homens, todos de pé em fileiras. Estavam vestidos com calças pretas e blusas rosadas de seda idênticas: camisas simples com gola japonesa para os homens e blusas elegantes de amarrar para as mulheres, presas na cintura e caídas como quimonos sobre os braços. Cada garota estava com

o cabelo preso em um coque firme e com uma orquídea presa de lado.

– Verificando o pedido agora – disse uma mulher, que estava andando entre as fileiras e tomando notas no tablet. – O pedido especificou um modelo pequeno da marca 618, não médio.

– Eu sei, mas nossa última pequena foi despachada semana passada. Esclareci a mudança com o palácio na quinta-feira.

A mulher digitou alguma coisa no tablet.

– Cinquenta e nove... sessenta. São todos.

– Ótimo. Vamos carregar. Não podemos deixar que se atrasem para a missão real.

O homem puxou a enorme porta rolante e abriu a baia para uma das naves de entrega, enquanto a mulher começou a andar entre os androides de novo, abrindo um painel no pescoço de cada um. As posturas ficaram mais relaxadas.

– Entrem em fila única – ordenou o homem. – Apertem-se. Vai caber certinho.

Os androides entraram na nave um a um.

Não havia como Iko se aproximar sem ser notada, e as roupas diferentes deixariam claro que ela não era parte do grupo.

A ideia de que poderiam confundir-la com um androide fujão e enviá-la para reprogramação fez sua fiação tremer.

Ela se manteve abaixada e seguiu em paralelo à parede, para longe dos dois funcionários, e se escondeu atrás da primeira torre de prateleiras industriais. Escondida atrás das caixas, ela seguiu na direção das fileiras de androides-acompanhantes que estavam esperando para ser empacotados. Ao chegar à última,

ela se agachou atrás de uma androide e procurou a tranca no pescoço. Iko ergueu o olhar e viu que metade dos androides-acompanhantes tinha entrado na nave.

Murmurando sozinha, ela ligou o androide. O processador zumbiu e a cabeça dela se levantou. Tinha cabelo louro-branco com pontas verdes fluorescentes que chegava à cintura. Iko tirou o cabelo do ombro dela e sussurrou:

– Ordeno que você se levante, grite e corra para a saída.

A garota ficou de pé quase antes de Iko terminar de falar. Começou a gritar, um som de gelar a espinha e fazer as orelhas sangrarem.

Iko se jogou no chão atrás da fileira de androides ainda sentados e alheios e ajustou o volume do processador de áudio, mas era tarde demais. O androide já tinha parado de gritar e estava correndo a toda velocidade para a saída, derrubando os colegas imóveis ao passar.

Iko ouviu os gritos de choque dos dois funcionários e os passos deles atrás do androide. Assim que eles pularam para o pátio de carregamento, Iko se levantou e correu pelas fileiras de androides. Os acompanhantes alugados não disseram nada, só olharam preguiçosamente enquanto ela andava em meio a eles.

– Me desculpem, não prestem atenção em mim, estou passando, ah, *oi*, você... – Isso ela disse para um androide particularmente bonito, parecido com Kai, que não reagiu tanto quanto os outros. – Ou não – murmurou ao passar por ele. – Com licença, um espacinho, por favor?

Quando os dois funcionários voltaram, ofegantes e reclamando sobre chips de personalidade defeituosos e os imbecis da programação, Iko tinha se acomodado no fundo da nave, espremida entre dois de seus primos distantes e com dificuldade para não sorrir como uma doida.

No fim das contas, ser humana era tão divertido quanto ela sempre achou que seria.



ERA FÁCIL ENTENDER POR QUE O GOVERNO DE CENTO E VINTE antes tinha escolhido aquele local como esconderijo da família real. Ficava a menos de quinze quilômetros da cidade de Nova Pequim, mas estava separado de lá por penhascos tão irregulares que davam a impressão de que eles estavam em outro país. A casa tinha sido construída em um vale cheio de plantações de arroz, embora Cinder duvidasse que houvesse arroz sendo cultivado lá havia várias gerações, dando a casa uma sensação de abandono.

Jacin pousou a nave ao lado da fazenda, e eles saíram em uma área de terra ainda úmida das chuvas pesadas de verão. O mundo permanecia silencioso ao redor deles, e o ar estava perfumado de gramas e flores silvestres.

– Espero que a garota esteja certa – falou Jacin, seguindo em direção a casa.

Apesar das janelas cobertas, ela parecia bem cuidada. Cinder desconfiava que havia uma equipe responsável por cuidar dela

duas vezes por ano, para consertar telhas e garantir que o gerador estivesse funcionando direito, de forma que, se acontecesse alguma catástrofe, o local ainda seria seguro para o imperador se esconder.

E devia ser monitorada, mas ela torcia para que naquele dia, dentre todos os outros, a equipe de segurança do país estivesse ocupada demais com outras coisas.

– Só tem um jeito de descobrir – disse ela, andando para a lateral da casa, onde havia portas de ferro fechadas na entrada do porão.

Se Cress estivesse certa, essas portas não levavam a um porão de armazenamento, mas a um túnel por baixo dos penhascos que conduzia diretamente ao subterrâneo do palácio.

Cinder abriu as portas e apontou a lanterna embutida para a escada. A luz iluminou teias de aranha e concreto e um interruptor antiquado que iluminaria o túnel embaixo, ao menos um certo trecho dele.

– Parece ser isso – disse ela, olhando para o grupo.

Thorne, com a venda nos olhos, estava com o cotovelo apoiando em um dr. Erland de cara feia.

Seria uma longa caminhada.

– Tudo bem – disse ela. – Jacin, volte com a Rampion e voe ao redor da cidade até receber minha mensagem.

– Eu sei.

– E fique de olho em qualquer coisa suspeita. Se detectar qualquer coisa, siga em frente e espere contato nosso de novo.

– Eu sei.

– Se tudo correr como planejado, estaremos na área de pouso do palácio às seis da tarde, mas, se alguma coisa der errado, talvez tenhamos que voltar para cá ou seguir por um dos túneis de fuga até a outra...

– Cinder – disse Thorne. – *Ele sabe.*

Ela olhou para ele com raiva e teve vontade de discutir, mas repassar o plano de fuga mais uma vez não faria nada além de lembrá-la de todas as coisas que poderiam dar errado. Jacin *sabia*; eles discutiram a questão exaustivamente, e todos estavam cientes de que o plano poderia desmoronar sem ele. Sem *qualquer um* deles.

– Tudo bem. Vamos.

CAPÍTULO

Quarenta e seis

CRESS SE EXAMINOU NO ESPELHO DE CORPO INTEIRO DO TROCAI

começou a chorar.

De alguma forma, tinha se tornado uma personagem de ópera.

A pele descascou depois da queimadura e deixou um leve toque de sol.

Iko tinha cortado seu cabelo, que emoldurava o rosto em ondas douradas graciosas, e, apesar de não haver maquiagem na nave, também a ensinou a beliscar as bochechas e morder os lábios até ficarem de uma cor rosada.

Apesar de tudo o que sentira, ela estava começando a gostar de Iko. Pelo menos, não era horrível como Darla.

E apesar de ter sido Cress quem fez a compra urgente na boutique de marca usando uma conta roubada, ela não acreditou antes daquele momento que isso tudo aconteceria.

Ela ia a um casamento real, usando um vestido de seda e chiffon tingido de azul royal para realçar seus olhos (sugestão de Iko). O corpete era justo, e a saia era tão ampla que ela não tinha certeza de que conseguiria andar sem tropeçar. Nos pés, sapatilhas simples. Apesar de ela e Iko terem discutido sobre uma variedade de sapatos de salto alto elegantes, Cinder lembrou a

todos que Cress talvez precisasse correr para salvar a vida em algum momento dos eventos do dia, e a praticidade venceu.

– Bristol-mèi, o que você acha? – perguntou a vendedora quando fechou o último botão nas costas de Cress.

– É perfeito. Obrigada.

A garota se estufou de orgulho.

– Estamos muito felizes por você ter nos escolhido para comprar a roupa do casamento real. Não poderíamos ficar mais honrados. – Ela afastou o cabelo de Cress das orelhas. – Você trouxe suas joias, para podermos ver como tudo fica junto?

Cress puxou o lóbulo da orelha com constrangimento.

– Ah, não, tudo bem. Eu, hã... tenho que pegar no caminho. Do palácio.

Apesar de um brilho de confusão ter surgido no rosto da garota, ela apenas fez uma reverência com a cabeça e saiu do trocador.

– Está pronta para seu marido vê-la?

Cress fez uma careta.

– Acho que sim.

Ela seguiu a vendedora para fora do trocador até uma sala com mobília luxuosa, onde viu o novo “marido”.

Lobo estava olhando irritado para um espelho e tentando ajeitar o cabelo desgrenhado. Usava um smoking impecável com gravata-borboleta clássica e gola engomada.

Ele olhou nos olhos de Cress pelo reflexo, e ela não conseguiu evitar se empertigar um pouco, mas, apesar de examiná-la, ele não teve reação nenhuma.

Desanimada, Cress uniu as mãos.

– Você está lindo... querido.

Ele estava mesmo, como um herói de romance, só músculos e ângulos e ossos esculpidos. Também parecia infeliz.

Nervosa de repente, Cress deu uma voltinha para mostrar a roupa toda.

Lobo só assentiu de forma rígida.

– O aerodeslizador está esperando.

Ela baixou as mãos para os lados do corpo, resignada ao fato de que Lobo estava disposto a se vestir para o papel, mas não a desempenhá-lo.

– Certo. Você está com os convites?

Ele bateu no bolso do peito.

– Vamos acabar logo com isso.



NA NAVE DE ENTREGA, VIAJANDO DO GALPÃO ATÉ O BUFÊ, IKO 7 facilidade para mandar que outro androide trocasse de roupa com ela, para que ela pudesse se misturar com o resto dos outros usando uniformes de trabalho, desde que ninguém se incomodasse com as tranças azuis no cabelo, que estava preso em um coque apertado.

Iko saiu da nave com o primeiro grupo de androides alugados na sede do bufê e, quando seu dublê de corpo fosse encontrado depois, no florista, usando as roupas erradas, já estaria longe.

E quem desconfiaria dela? Ela era só mais uma androide sem cérebro e obediente.

Mas *essa* era a parte difícil.

Ficar em perfeita sincronia com os outros. Piscar precisamente dez vezes por minuto. Ficar calada enquanto a equipe humana do bufê conversava com animação sobre talvez ver o imperador em pessoa e debatia sobre o quanto seria apavorante se a rainha Levana não ficasse satisfeita com a comida. Iko foi obrigada a morder a língua e permitir que os instintos programados, os que ela passou a vida tentando enterrar enquanto aprendia sobre humor e sarcasmo e afeição, a deixassem sem expressão.

De lá, eles foram levados a um aerodeslizador. Apesar de não ser uma distância grande, a viagem foi maior porque o veículo contornou para os fundos do palácio, para perto da área de laboratórios e pesquisas e, claro, da entrada dos funcionários.

Iko sentiu a conversa dos humanos do bufê ficar mais nervosa conforme o aerodeslizador diminuía a velocidade.

Ela ouviu portões se abrindo, e o aerodeslizador foi reduzindo gradualmente até parar. As pessoas começaram a seguir para uma doca de descarga comercial. Não era a entrada chique pela qual Iko sempre visualizou ingressar no palácio, mas tentou não deixar a decepção à mostra ao entrar na fila atrás dos colegas rígidos.

Havia duas mulheres ao lado da entrada. Uma, usando um sári de tom de pedras preciosas, estava anotando alguma coisa no tablet, enquanto a outra verificava chips de identificação para

garantir que a equipe tivesse sido pré-aprovada para trabalhar nesse evento importante. Quando terminou com os humanos, ela mandou que os andróides-acompanhantes fizessem duas filas. Iko foi para o final quando eles foram levados para dentro.

Foram guiados pelos corredores de serviço sem graça, com os sapatos estalando em sincronia perfeita. Iko observou com cuidado o progresso, contando portas e comparando com a planta que tinha na memória. A cozinha estava precisamente onde ela esperava e era ainda maior pessoalmente do que parecera na tela, com oito fornos de proporção industrial, incontáveis fogões e três bancadas que se esticavam por todo o comprimento do aposento, onde dezenas de chefs cortavam, amassavam, misturavam e mediam ao se prepararem para servir mil e duzentos dos convidados mais honrados da galáxia.

A mulher de sári puxou um homem de casaco de chef para o lado.

– Os andróides! – gritou ela em meio à barulheira, indicando Iko e os outros. – Onde você os quer?

Ele observou a fila e prestou atenção por um instante no cabelo azul de Iko. Evidentemente, determinou que se importar não estava na descrição de seu trabalho e prosseguiu deslocando o olhar.

– Deixe-os aqui por enquanto. Vamos mandá-los com a equipe normal durante o primeiro serviço. Eles só precisam carregar uma bandeja e sorrir. Acha que conseguem?

– Eles nos garantiram que a programação é imaculada. Seria melhor se pudessem se concentrar em nossos convidados

lunares. Quero que fiquem alerta para o caso de alguma coisa... indesejável acontecer.

Ele deu de ombros.

– Ninguém da minha equipe quer envolvimento com os lunares.

O homem voltou ao trabalho de organizar bandejas douradas em estações de trabalho diferentes, e a mulher saiu sem olhar para os andróides.

Iko ficou imóvel e se comportou muito, muito bem, e esperou. E aguardou. E tentou imaginar o que estava acontecendo com Cinder e Cress e os outros. Ninguém da equipe da cozinha prestou atenção neles além de lançar-lhes um olhar ocasional por ocuparem espaço demais na cozinha lotada.

Iko esperou até ficar confiante de que ninguém estava olhando e aproximou a mão da parte de trás da androide ao lado. A androide nem tremeu quando Iko procurou o trinco no pescoço, abriu e passou os dedos pelo painel de controle. Ela apertou um botão.

– Agora aceitando ordens externas – disse a androide em uma voz que não era nem humana, nem robô.

Iko baixou a mão e observou os chefs ali perto.

A cozinha estava barulhenta demais. Ninguém ouviu.

– Siga-me.

E, quando teve certeza de que ninguém estava olhando, entrou no corredor mais próximo.

A androide foi atrás como um animal treinado. Iko seguiu por dois corredores, prestando atenção em vozes e passos, mas as

áreas menos usadas estavam abandonadas. Como esperado, toda a equipe disponível preparava a cerimônia e a recepção, sem dúvida medindo a distância entre pratos e colheres de sopa naquele momento exato.

Quando elas chegaram a um armário de manutenção, Iko fez a androide-acompanhante entrar.

– Quero que você saiba que não tenho nada contra você – disse ela, como apresentação. – Entendo que não é sua culpa seu programador ter tão pouca imaginação.

A androide-acompanhante sustentou o olhar dela com olhos vazios.

– Em outra vida, poderíamos ter sido irmãs, e acho importante reconhecer isso.

Um olhar vazio. Um piscar de olhos a cada seis segundos.

– Mas acontece que sou parte de uma missão importante agora, e não posso ser desviada do meu objetivo por minha solidariedade por androides menos avançados do que eu.

Nada.

– Tudo bem, então. – Iko esticou as mãos. – Preciso das suas roupas.

CAPÍTULO

Quarenta e sete

CRESS AFUNDOU OS DEDOS NO ASSENTO DO AERODESLIZADOR E para a janela até a respiração embaçar o vidro. Ela não conseguia arregalar os olhos o bastante, não com tanta coisa para ver, não quando não absorvia tudo. A cidade de Nova Pequim era infinita. Ao leste, um amontoado de arranha-céus se projetava da terra, prata e vidro e laranja brilhando sob o sol do fim da tarde. Depois do centro da cidade, havia armazéns e arenas, parques e subúrbios, seguindo até perder de vista. Cress ficou feliz pela distração das novas paisagens, dos prédios, das pessoas... Se não fosse isso, achava que ficaria enjoada.

Ela soltou uma exclamação de surpresa quando o palácio surgiu acima do penhasco, reconhecível das incontáveis fotos e vídeos. Mesmo assim, era muito diferente na vida real. Ainda mais magnífico e imponente. Ela abriu os dedos sobre a janela e emoldurou a vista. Via uma fila de veículos e uma massa de gente em frente aos portões, descendo pela lateral do morro até a cidade abaixo.

Lobo também estava com os olhos ferozes grudados no palácio que se aproximava, mas ela não sentia nenhum assombro da parte dele, só impaciência. O joelho dele não parava de balançar, e os dedos ficavam se flexionando e contraindo. Vê-lo a

deixava nervosa. Ele estava tão deprimido na Rampion, tão impossivelmente imóvel. Ela se perguntou se essa explosão de energia era o primeiro sinal de que a bomba dentro dele tinha começado a tiquetaquear.

Ou talvez só estivesse ansioso, como ela estava. Talvez estivesse repassando o plano na mente. Ou pensando naquela garota. *Scarlet*.

Cress estava triste por não tê-la conhecido. Era como se a tripulação da Rampion estivesse sem uma peça vital, e Cress não entendia como ela se encaixava. Tentou pensar nas coisas que sabia sobre Scarlet Benoit. Tinha pesquisado um pouco sobre ela quando Cinder e Thorne pousaram a nave na fazenda da avó dela, mas não muito. Na época, não fazia ideia de que Scarlet tinha se juntado a eles.

E Cress só falou com ela uma vez, quando a tripulação toda fez contato e pediu ajuda. Ela pareceu legal, mas Cress estava tão concentrada em Thorne que mal se lembrava de qualquer outra coisa além do cabelo ondulado e ruivo.

Mexendo nas alças do vestido, ela olhou para Lobo de novo e o pegou em uma tentativa de afrouxar a gravata-borboleta.

– Posso fazer uma pergunta?

O olhar dele se voltou para ela.

– Não é sobre quebrar sistemas de segurança, é?

Ela piscou sem entender.

– É claro que não.

– Então, tudo bem.

Ela alisou a saia ao redor dos joelhos.

– Essa Scarlet... você está apaixonado por ela, não está?

Ele ficou paralisado, imóvel. Enquanto o aerodeslizador subia a colina até o palácio, os ombros dele murcharam e ele voltou a olhar pela janela.

– Ela é minha alfa – murmurou com uma tristeza assombrada na voz.

Alfa.

Cress se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Como a estrela?

– Que estrela?

Ela enrijeceu, constrangida, e olhou de novo para ele.

– Ah. Hã. Em uma constelação, a estrela mais brilhante se chama alfa. Achei que você talvez quisesse dizer que ela é... como... sua estrela mais brilhante.

Ela afastou o olhar e uniu as mãos sobre o colo, ciente de que estava corando furiosamente e que aquele homem animalesco estava prestes a perceber que tola romântica ela era.

Mas, em vez de debochar ou rir, Lobo suspirou.

– Sim – disse ele, dirigindo o olhar para a lua cheia que subia sobre a cidade. – Exatamente.

Com um nó no coração, o medo que Cress sentia dele começou a diminuir. Ela estava certa. Ele *era* como o herói de um romance, que tentava salvar a amada. Sua alfa.

Cress precisou morder o lábio para impedir que a imaginação divagasse. Isso não era uma história boba. Scarlet Benoit era prisioneira em Luna. Era bem provável que já estivesse morta.

Foi um pensamento que despencou com força no estômago de Cress enquanto o aerodeslizador parava na frente do portão do palácio.

Um porteiro abriu a porta, e milhares de vozes soaram ao redor deles. Tremendo, Cress deu a mão para o porteiro como viu as garotas fazerem nas novelas. O calcanhar bateu no chão azulejado, e ela logo ficou cercada. Multidões de jornalistas e curiosos, tanto pacíficos quanto raivosos, ocupavam os arredores do pátio, tirando fotos, gritando perguntas, segurando cartazes que pediam que o imperador não fosse até o fim com isso.

Cress baixou a cabeça, com vontade de voltar para o aerodeslizador e se esconder das luzes intensas e da falação incessante. O mundo começou a girar.

Ah, espadas. Ela ia desmaiar.

– Senhorita? Senhorita, você está bem?

A garganta dela ficou seca. Sangue latejou nos ouvidos, e ela se sentiu afogar. Sufocar.

Mas um aperto firme em seu cotovelo a afastou do cortesão. Ela cambaleou, mas Lobo passou o braço firme como ferro na cintura dela e a apertou com força, obrigando-a a acompanhar seus passos. Ao lado dele, ela se sentia tão pequena e frágil quanto um pássaro, mas havia também uma sensação de proteção. Ela se concentrou nisso e, em momentos, um sonho reconfortante surgiu ao redor dela.

Era uma atriz famosa de novelas fazendo uma grande estreia, e Lobo era seu guarda-costas. Ele não deixaria que nada acontecesse com ela. Era só manter a cabeça erguida e ser

graciosa e confiante. O belo vestido de baile se tornou uma fantasia. A imprensa virou seus fãs apaixonados. Sua coluna se empertigou, milímetro a milímetro, trêmula, enquanto a escuridão começou a sumir da visão.

– Tudo bem? – murmurou Lobo.

– Sou uma atriz famosa – sussurrou ela em resposta.

Cress não ousou olhar para ele, com medo de estragar o feitiço lançado por sua imaginação.

Depois de um momento, ele afrouxou o toque.

O barulho da multidão atrás desapareceu e foi substituído pela serenidade calma de riachos borbulhantes e o sussurro dos bambus nos jardins do palácio. Cress ficou olhando em frente, para a enorme entrada, ladeada por pérgolas carmesim. Mais dois cortesãos esperavam no alto da escada.

Lobo pegou dois convites em alto-relevo. Cress ficou perfeitamente imóvel enquanto a luz do aparelho piscava sobre o minúsculo chip inserido no papel. Ela e Lobo não se encaixariam no papel de Linh Adri e da filha, mas tinha sido brincadeira de criança mudar os perfis de identificação codificados em cada chip. De acordo com o tablet, Lobo era o sr. Samhain Bristol, representante parlamentar de Toronto, Província do Canadá do Leste, Reino Unido, e ela era sua jovem mulher. O verdadeiro sr. Bristol estava, até onde Cress sabia, em casa em segurança, sem saber que tinha um dublê de corpo estragando a declaração política que ele estava tentando fazer ao *não* comparecer ao casamento real. Cress torcia para que continuasse assim.

Ela soltou a respiração quando o cortesão devolveu o convite para Lobo sem nenhum sinal de hesitação.

– Estamos muito felizes pelo senhor ter decidido vir, Bristol-dàren – disse ele. – Por favor, sigam para o salão, onde vocês serão levados a seus lugares.

Quando terminou de falar, ele já estava pegando os convites do casal de trás.

Lobo a levou adiante e, se compartilhava da ansiedade dela, não demonstrava.

O corredor principal estava cheio de guardas do palácio vestindo casacos vermelhos elegantes e ombreiras com franjas. Cress reconheceu uma tela pintada em uma das paredes, montanhas acima de nuvens e um lago cheio de garças. Seu olhar subiu instintivamente para um dos candelabros decorados que ocupavam o corredor, e apesar de ser pequena demais para que visse, ela sabia que uma das câmeras da rainha estava ali, observando-os naquela hora mesmo.

Apesar de duvidar que a rainha ou Sybil ou qualquer outra pessoa que pudesse reconhecer Cress estivesse assistindo às filmagens de segurança, ela virou a cabeça e começou a rir como se Lobo tivesse contado uma piada.

Ele franziu a testa para ela.

– Esses candelabros são *incríveis*, não são? – disse ela, colocando no tom o máximo de leveza que conseguiu.

A expressão de Lobo permaneceu distante, e, depois de um momento de incompreensão, ele balançou a cabeça e retomou a caminhada firme para o salão.

Eles se viram em um patamar com uma escadaria que levava a um salão enorme e lindo. O simples tamanho dele a lembrou da amplidão do deserto, e ela foi tomada pelo mesmo espanto e tontura que sentiu antes. Ficou feliz por não serem os únicos no alto da escada vendo a multidão chegar e ocupar as fileiras de assentos acolchoados abaixo. Faltava pelo menos uma hora para que a cerimônia começasse oficialmente, e muitos dos convidados estavam usando o tempo para caminhar e observar a beleza de tudo.

Muitos pilares por todo o salão eram entalhados com dragões pintados de dourado, e as paredes estavam tão cheias de buquês de flores, alguns do tamanho de Cress, que parecia que os jardins tinham começado a crescer lá dentro. Havia seis gaiolas de pássaros ao lado das janelas que iam do chão ao teto, exibindo pombas e tordos e pardais, todos cantando uma melodia caótica que rivalizava com a beleza da orquestra.

Cress se virou para olhar para Lobo, assim, se alguém olhasse para eles, teria a impressão de que estavam mergulhados em uma conversa. Ele inclinou a cabeça para ela a fim de completar a farsa, mas seu foco estava no guarda mais próximo.

– Você não acha que a gente devia... andar por aí, acha?

Ele franziu o nariz.

– Acho melhor não. – Depois de olhar ao redor, ele ofereceu o cotovelo a ela. – Mas talvez nós possamos ir admirar os pássaros nas gaiolas.

CAPÍTULO

Quarenta e oito

DEPOIS DE PASSAR PELO PORÃO ÚMIDO, CINDER FICOU FELIZ DE que o túnel de fuga era, digamos, adequado a um imperador. O piso era azulejado e as paredes eram de concreto liso com luzes suaves a cada vinte passos. Eles podiam andar sem medo de Thorne tropeçar em pedras.

Mesmo assim, o progresso era lento demais, e mais de uma vez Cinder pensou em deixá-los para trás. Thorne estava acompanhando bem, mas a idade e as pernas curtas do dr. Erland faziam o passo dele parecer um rastejar agonizante. Se ela não achasse que iria ofendê-lo, teria oferecido carregá-lo nas costas.

Ela ficava lembrando a si mesma que eles se planejaram para isso. Estavam dentro do horário.

Tudo daria certo.

Ela repetiu várias vezes para si mesma.

Depois de um tempo, ela começou a reparar em sinais de que eles estavam se aproximando do palácio. Depósitos cheios de itens não perecíveis e jarras de água e vinho de arroz. Geradores de energia silenciosos e sem uso. Salas amplas, vazias exceto por mesas redondas enormes e cadeiras com aparência desconfortável, telas pretas e painéis de controle e processadores; não dos mais modernos, mas novos o bastante

para deixar claro que esses túneis de fuga estariam prontos para uso se fosse necessário. Se a família real precisasse se esconder, poderia ficar ali embaixo por muito tempo.

E não só a família real, percebeu Cinder ao seguir em frente e passar por mais depósitos e corredores que se abriam em todas as direções. Isso era um labirinto. Parecia haver espaço suficiente para o governo todo ir morar ali embaixo, ou pelo menos todo mundo que trabalhava no palácio.

– Estamos quase lá – disse ela, depois de rastrear a posição deles por navegação de satélite e pelo mapa em seu display na retina.

– Espere, para onde a gente está indo mesmo? Faz tanto tempo que saímos da nave que não consigo lembrar.

– Muito engraçado, Thorne.

Ela olhou para trás. Thorne estava andando com uma das mãos na parede, e o dr. Erland usava a bengala dele. Ela se perguntou quanto tempo havia se passado desde que Thorne dera a bengala para ele e depois que a respiração do doutor tinha começado a ficar ofegante. Ela mal percebeu, pois estava preocupada demais com o plano que ocupava sua cabeça.

Ao ver gotas de suor na testa do doutor e pingando pela aba do chapéu, ela fez uma pausa.

– Você está bem?

– Sonhando – ofegou ele, com a cabeça baixa. – Agarrado... a um rabo de cometa. Pó de estrelas e dunas de areia e... por que está... tão quente aqui?

Cinder massageou a nuca.

– Certo. Hum. Fizemos um bom progresso – mentiu ela. – Talvez possamos descansar um minuto.

O doutor balançou a cabeça.

– Não... minha Lua Crescente está lá em cima. Vamos seguir o plano.

Thorne chegou mais perto deles, sua expressão igualmente perplexa.

– A lua de hoje não é cheia?

– Doutor, você não está tendo alucinações, está?

O dr. Erland apertou os olhos azuis na direção dela.

– Vá. Estou logo atrás. Já... já estou melhor.

Parte de Cinder queria discutir, mas ela não podia negar que não havia muito tempo a perder, mesmo se ele quisesse.

– Tudo bem. Thorne?

Ele deu de ombros e esticou a mão na direção dela.

– Vá na frente.

Cinder verificou o mapa e seguiu adiante, esperando que um dos corredores se encaixasse nas instruções que Cress deu. Quando viu uma escadaria subindo em curva, ela diminuiu e verificou a localização em comparação à planta do palácio.

– Acho que é aqui. Thorne, cuidado. Doutor?

– Estou bem, obrigado – disse ele, com a mão no lado do corpo.

Cinder se preparou e começou a subir. A escada se curvava para cima, as luzes de baixo viraram sombras e acabaram se tornando tamanha escuridão que ela acendeu a lanterna de novo. A parede era lisa e sem decoração, exceto por um corrimão de metal. Cinder estimou ter subido três andares de

degraus até chegar a uma porta. Era grande o bastante para quatro pessoas entrarem lado a lado, feita de aço grosso e reforçado. Como esperado, não havia dobradiças nem maçaneta daquele lado, uma proteção adicional para o caso de alguém descobrir a entrada para o túnel de segurança e tentar entrar escondido no palácio.

Essa porta foi feita para só ser aberta por dentro.

Cinder se segurou no corrimão, levantou o outro punho e batucou uma melodia.

E então esperou, perguntando-se se foi alto o suficiente, se era cedo demais e se estava atrasada e o plano já tinha desmoronado.

Até que ouviu um barulho. Uma tranca estalando, um mecanismo de tranca chiando, o gemido de dobradiças sem uso.

Iko apareceu na frente dela, sorrindo e segurando uma pilha de roupas bem dobradas.

– Bem-vinda ao Palácio de Nova Pequim.



EMBORA NÃO QUISESSE ADMITIR EM VOZ ALTA, THORNE ESTÁ por se separar de Cinder e seguir adiante só com o médico mal-humorado e ofegante como guia. Até o momento, não sentiu muito calor vindo do coroa, que parecia não achar que consertar a cegueira de Thorne era prioridade, sem mencionar a baboseira que ficou falando nos túneis. Mesmo assim, ali estavam eles. No palácio. Seguindo para os laboratórios, onde encontrariam o

equipamento necessário para fazer toda a pseudociência de conserto óptico da qual o doutor tinha falado.

Sozinhos.

Só os dois.

– Por aqui – disse o doutor, e Thorne ajustou a direção, mantendo uma das mãos na parede.

Sentia falta da bengala, mas a ouvia estalando à frente, e o doutor parecia precisar mais.

Thorne torcia muito para que o doutor não estivesse prestes a desabar. Isso estragaria tantas coisas naquele dia.

– Está vendo alguém? – perguntou Thorne.

– Não faça perguntas idiotas.

Thorne fez uma careta, mas ficou de boca fechada. As coisas estavam como esperado. Ninguém imaginaria uma invasão do palácio pelos túneis de fuga secretos, então, enquanto toda a guarda estava colocada nos portões do palácio e ao redor do salão, ele e doutor provavelmente ficariam com a ala do laboratório toda para eles.

Pelo menos até a hora de afastar a atenção de Cinder e Cress.

A superfície da parede mudou sob os dedos dele, de uma textura quente parecida com papel para alguma coisa fria e lisa. Ele ouviu uma porta se abrir.

– Aqui – disse o doutor. – Mais escadas.

– Por que não pegamos o elevador?

– É operado por andróides. Exigiria um chip de identificação autorizado.

Thorne segurou o corrimão e seguiu o doutor, subindo e subindo. O doutor precisou parar duas vezes para recuperar o fôlego, e Thorne esperou, tentando ser paciente, o tempo todo se perguntando o que Cress estava fazendo. Se estaria pronta quando a hora chegasse.

Ele não ficou pensando muito tempo. Ela estava com Lobo. Ficaria bem.

Por fim, o doutor abriu outra porta. Uma curta distância por piso duro e liso. Um novo zumbir de luzes acima.

– O aconchegante laboratório 6D. Foi aqui que conheci a princesa, sabe.

– Laboratório 6D. Certo. Eu mesmo tive sucesso em conhecer princesas em laboratórios de pesquisa.

Ele franziu o nariz. A sala tinha cheiro de hospital, estéril e fria e medicinal.

– Tem uma mesa de laboratório quatro passos à sua frente. Deite-se.

– Sêrio? Você não quer descansar, recuperar o fôlego...?

– Não temos *tempo*.

Thorne engoliu em seco e andou devagar até bater com a mão em uma mesa acolchoada. Procurou a beirada e subiu nela, amassando embaixo de si o papel que forrava a mesa.

– Mas essa não é a parte em que você enfia objetos afiados no meu osso pélvico? Talvez não seja boa ideia ir com pressa.

– Você está nervoso?

– Estou. Muito, na verdade.

O doutor deu uma risada debochada.

– É a sua cara. Quando finalmente demonstra um pouco de humanidade por baixo da arrogância, é claro que é preocupação consigo mesmo. Não estou surpreso.

– *Você* não ficaria preocupado nessa situação? Minha visão. Minha pélvis.

– Meu país. Minha princesa. Minha filha.

– Que *filha*? Do que *você* está falando?

O doutor tossiu, e Thorne ouvi-o abrindo e fechando gavetas.

– Imagino que sua visão *foi* perdida enquanto *você* tentava salvar Crescente daquele satélite. Só por isso, estou em dívida com *você*.

Thorne coçou a bochecha.

– Imagino que sim?

– Ela por acaso contou por quanto tempo ficou presa?

– Cress? Sete anos no satélite.

– Sete anos!

– É. Antes disso, acho que ela ficava com outros cascudos em um alojamento vulcânico, sei lá. Não me lembro. Aquela taumaturga coletava amostras de sangue deles, mas Cress parecia não saber por quê.

Uma porta de armário foi fechada com força, e em seguida veio o silêncio.

– Doutor?

– Coletava amostras de sangue? De cascudos?

– Estranho, né? Mas pelo menos ela não foi sujeita a nenhuma alteração genética bizarra como Lobo. – Thorne balançou a

cabeça. – Não entendo esses cientistas lunares. Eles parecem estar fazendo muita coisa maluca lá em cima.

Mais silêncio e, depois, mais movimento. Thorne ouviu uma cadeira ou mesa ser empurrada na direção dele.

– Eles deviam estar usando sangue de cascudos para desenvolver o antídoto – refletiu o doutor. – Mas o momento não parece fazer sentido. Ela foi levada antes da epidemia de letumose aqui na Terra. Antes que soubessem que a doença existia.

Thorne inclinou a cabeça para o doutor quando a falação parou.

– O que foi agora?

– A menos que... *A menos quê.*

– A menos que... o quê?

– Ah, estrelas. É por isso que eles as queriam. Pobres crianças. Minha pobre e doce Lua Crescente...

Thorne apoiou o queixo na palma da mão.

– Deixe pra lá. Pode terminar sua falação sem sentido e me avise quando estiver pronto para seguir em frente.

Outro movimento de rodas no piso duro.

– Você não a merece, sabe – disse o doutor, com uma nova irritação no tom.

– Tenho certeza de que... espere, o quê?

– Espero que ela volte a si logo, porque vejo como olha para você e não gosto nem um pouco.

– De quem estamos falando?

Alguma coisa estalou quando o doutor deixou cair o que Thorne supôs serem ferramentas médicas em uma bandeja de metal.

– Não importa agora. Deite-se.

– Pare um segundo. E seja sincero. – Thorne levantou um dedo.

– Você está tendo um colapso nervoso agora?

O doutor bufou.

– Carswell Thorne. Eu posso ter acabado de fazer uma descoberta importante que precisa ser compartilhada com o imperador Kaito e os outros líderes terráqueos imediatamente. Mas isso não pode acontecer enquanto não tivermos terminado essa farsa toda. Agora, pela minha estimativa, temos menos de cinco minutos para extrair as células-tronco e dividi-las para a solução de regeneração. Posso não gostar de você, mas estou ciente de que estamos do mesmo lado e estamos ambos dedicados a ver Cress e Cinder saírem vivas desse palácio hoje. Você vai confiar em mim ou não?

Thorne pensou na pergunta por mais tempo do que o doutor queria, depois suspirou e se deitou de novo na mesa.

– Pode começar quando estiver pronto. Mas, primeiro, não se esqueça de...

– Eu não esqueci. Ativar o alarme de surto de letumose... agora.

Thorne ouviu o som delicado de dedos em uma tela, e uma sirene alta começou a berrar pelos corredores.

CAPÍTULO

Quarenta e nove

CRESS ESTAVA FICANDO INQUIETA. AS NÚPCIAS REAIS TINHAM SIDO

para começar em apenas vinte e sete minutos, e até onde ela conseguia perceber, todos os guardas e seguranças permaneciam em suas posições. Além disso, ela e Lobo ficavam sem alternativas para passarem despercebidos sem ter que voltar para as cadeiras. Até o momento, cada um tinha mordiscado aperitivos de camarão servidos por garçons (Cress: um; Lobo: seis), se revezado para ir ao banheiro enquanto tentavam na verdade perceber se algum dos guardas parecia preocupado com uma possível falha de segurança, e três vezes Cress teve que gargalhar de um jeito sonhador e segurar a mão de Lobo para fazer com que alguma admiradora seguisse em frente. Era sua atuação mais impressionante, porque tocar em Lobo a deixava pouco à vontade, e era difícil imaginá-lo contando uma piada.

– Talvez devêssemos começar a pensar em um plano B – murmurou Cress quando reparou que a orquestra recomeçou a tocar a mesma música.

– Já fiz isso – disse Lobo.

Ela olhou para ele.

– É mesmo? E qual é?

– Prosseguimos para o centro de segurança, como planejado. Só vou precisar derrubar bem mais guardas no caminho daqui até lá.

Ela mordeu o lábio, não muito animada com o plano B.

E então...

– Ali. Olhe.

Ela seguiu o gesto dele. Dois guardas estavam conversando de cabeça baixa. Um tinha distintivos que indicavam uma posição bem mais elevada. Ele apontou para um corredor, na direção do laboratório de pesquisa.

Bem, na verdade, era na direção de praticamente qualquer coisa, mas Cress torcia para ele estar falando de alguma confusão na ala de pesquisa. Isso significaria que os outros conseguiram chegar lá e acionar os alarmes.

Um segundo depois, os dois guardas saíram do salão.

– Você acha que elas conseguiram? – perguntou Cress.

– Hora de descobrir.

Lobo ofereceu o braço, e juntos eles seguiram para o corredor principal. Os guardas restantes não prestaram atenção quando os dois entraram em um corredor adjacente. Cress ficou repetindo as instruções que tinha decorado: pegar o quarto corredor à direita, passar pelo pátio com a fonte da tartaruga, depois pegar a segunda entrada à esquerda. O coração dela começou a bater desesperadamente no peito.

Duas vezes eles foram parados pelo pessoal do palácio, e duas vezes pediram instruções como convidados confusos e um pouco embriagados, e tiveram que voltar para um esconderijo

até Lobo achar seguro prosseguir com o deslocamento. Mas nenhum alarme foi disparado e nenhum guarda foi atrás. Cress sabia que eles já tinham sido capturados por várias câmeras espalhadas pelo palácio, mas ela e Lobo não eram reconhecíveis como Cinder, Thorne e o dr. Erland, e, mesmo que despertassem desconfianças, ela torcia para que todos estivessem distraídos demais pela emergência no laboratório de pesquisa para se importarem. Mesmo assim, quanto mais eles se afastavam do salão de baile, menos chance havia de acreditarem no fingimento de inocência deles.

Ela ficou feliz quando Lobo acelerou o passo. Cinder e Iko já os estariam esperando, e eles estavam ficando sem tempo.

Eles chegaram a uma passarela suspensa que unia duas das torres do palácio. O piso de vidro deixava à mostra um córrego pacífico borbulhando abaixo, entre plantas verdejantes e crisântemos pesados. Depois da passarela, eles se viram em um saguão circular, com assentos vazios entalhados de madeira escura, estátuas de criaturas míticas ao redor e uma floresta de bambus e orquídeas em vasos que davam um aroma intenso ao aposento.

Cress reconheceu o espaço, andou até uma escultura de um dragão da sorte de noventa centímetros e girou-a no pedestal até que ficasse de frente para a parede.

– Tem uma câmera lunar no olho esquerdo – explicou ela, e correu para os elevadores.

Havia um androide branco no centro da parede de elevadores, seus braços com pinças compridos cruzados na frente do

abdômen. Um sensor azul brilhou sobre eles.

– Peço desculpas pela inconveniência – disse ele, em um tom monótono cujo objetivo diplomático era não transmitir nenhum preconceito. – Estamos vivenciando uma falha de segurança de nível um, e todos os elevadores foram temporariamente desligados. Apreciem uma xícara de chá enquanto esperamos liberação.

Um dos braços indicou uma alcova onde havia uma máquina com um bule de porcelana delicada, com vapor saindo pelo bico e uma variedade de folhas e temperos.

– Você tem capacitação para desativação de segurança? – perguntou Cress ao androide.

– Tenho, mas só um código oficial ou...

Cress se agachou e virou o androide.

– Você não tem uma chave de fenda ou alguma outra coisa que possamos usar para abrir o painel de controle?

– ... um oficial do palácio com autoridade para isso...

Lobo se inclinou por cima dela, afundou as unhas na abertura e arrancou o painel todo com a mão.

– ... poderia suplantar uma falha de segurança de nível um. Peço desculpas pela inconveniência, mas tenho que pedir que vocês...

Lobo pegou no bolso o tablet que o doutor tinha lhe dado e passou-o para Cress. Ela puxou um cabo e ligou no androide, impedindo que a avaliação diagnóstica automática se iniciasse. Ela começou a fazer uma busca manual por configurações para suplantar a segurança.

– ... parem de tentar alterar propriedade oficial do governo. Alterar um androide real pode resultar em uma multa de até cinco mil univs e seis meses de... Identidade confirmada: conselheiro real Konn Torin. Suplantação de segurança completa. Esperando instruções.

– Elevador para o andar principal – disse Cress.

– Favor se dirigir ao elevador A.

Cress puxou o cabo. Lobo ajudou-a a se levantar quando as portas mais próximas se abriram e a puxou para dentro do elevador.

O coração dela estava disparado, e o elevador descia. Ela imaginou as portas se abrindo em frente a um exército de guardas com as armas apontadas e prontas. Achou que, a essa altura, eles já estavam sendo observados. A distração de Thorne não poderia oferecer mais do que isso, e havia duas câmeras em cada elevador do palácio. A única pergunta era quanto tempo os guardas levariam para chegar a eles depois que descobrissem para onde estavam indo.

O elevador parou. As portas hesitaram por tempo demais, e a pulsação dela tremeu loucamente, até que se abriram em um saguão vazio. Ela soltou a respiração presa.

Esse andar do palácio era praticamente só de espaço administrativo, usado para reuniões diplomáticas e onde ficavam os escritórios de uma multidão de oficiais do governo. Ela reconheceu algumas partes. O nome na placa daquela mesa. O quadro naquela parede. Em sua cabeça, Cress estava de volta ao satélite, enquanto ela e Lobo corriam pelo corredor acarpetado.

Ela via Lobo e a si mesma pelas câmeras nos tetos. Estava imaginando como os dois pareceriam a ela lá em cima, sempre desligada e nada envolvida e vendo, vendo. Quando eles dobraram uma esquina, ela se visualizou clicando em outras imagens. Quando passaram por uma câmera, ela a imaginou passando da visão da frente deles para a das costas.

Eles chegaram aos elevadores seguintes sem problemas, embora esses não tivessem andróides vigias.

Ela apertou o botão do elevador, mas nada aconteceu. As palavras ELEVADORES TEMPORARIAMENTE PARADOS DEVIDO A FALHA NÍVEL 1 apareceram na tela em fontes vermelhas. Cress olhou com irritação e enfiou as unhas no painel. Devia haver um jeito de passar, para o caso de alguém importante precisar ir por ali, mas sem um andróide designado...

Ela foi segurada pelo cotovelo e puxada. Deu um grito, pensando por um momento que um guarda a tinha capturado, mas era só Lobo puxando-a para um canto.

– Escadas – disse ele, abrindo uma porta.

Quando a porta se fechou atrás deles, Cress ouviu o som de botas batendo no chão ao longe.

O coração saltou na garganta, e ela olhou para Lobo a fim de ver se ele tinha ouvido, mas, antes que pudesse falar, a jogou sobre o ombro e pulou da escada até o patamar em um salto só. Ela deu um gritinho, mas colocou a mão sobre a boca para controlar o pavor repentino.

Para baixo, para baixo, para baixo. Finalmente, eles passaram por uma placa intitulada: SUBNÍVEL D:

MANUTENÇÃO/SEGURANÇA.

Dessa vez, quando Lobo a colocou no chão e abriu a porta, parecia que eles não estavam mais no palácio. As paredes eram brancas, o chão era de concreto cinza e sem graça. A escadaria os levou a um pequeno saguão, com o elevador à esquerda e uma mesa cheia de coisas à frente. Por trás da mesa havia uma sala toda de vidro escuro, com uma cadeira vazia em frente a uma parede onde trinta e seis telas mostravam filmagens de segurança dentro do palácio e na propriedade ao redor. Quatro das telas piscavam com avisos de falhas de segurança.

E havia também o guarda, apontando uma arma para eles.

– Fiquem onde estão! Coloquem as mãos onde eu consiga ver!

Trêmula, Cress se moveu para seguir a ordem, mas, antes que a ponta dos dedos pudessem roçar no cabelo, Lobo a empurrou para longe. Ela gritou e caiu no chão. O vestido rasgou em alguma parte do forro, e um tiro ecoou no concreto. Ela gritou e cobriu a cabeça.

– Cress, se levante. Agora.

Ela afastou os braços e viu que o guarda estava inconsciente e caído sobre a mesa. Lobo se inclinou, chutou a arma para longe, arrastou o guarda até a porta de vidro e levantou o pulso dele até o escâner de identificação. Uma luz verde piscou.

– Venha. Tinha mais dois guardas atrás de nós.

Tremendo, Cress se levantou e seguiu Lobo para a sala de controle de segurança.

CAPÍTULO

Quinquenta

– **ESTOU USANDO ISSO DIREITO? – PERGUNTOU CINDER, MEXENDO** de amarrar com três fitas diferentes que eram para ser presas de algum jeito misterioso.

– Sim, está ótimo – disse Iko. – Quer parar de mexer a cabeça?

Ela colocou as mãos sobre as orelhas de Cinder para que ela ficasse de cabeça parada.

Cinder se balançava, inquieta, tentando acalmar os pensamentos acelerados enquanto Iko girava seu cabelo em um coque apertado que fazia seu couro cabeludo formigar. Parecia que Thorne e o dr. Erland tinham se separado dela horas antes, embora o relógio contando os segundos em sua cabeça alegasse terem se passado menos de dezessete minutos.

No canto da visão havia um noticiário com uma contagem regressiva própria. A contagem para o início do casamento real.

Cinder fechou os olhos e tentou afastar outra onda de náusea. Nunca tinha ficado tão nervosa em toda a vida, e não era só a espera e a certeza de que tantas coisas podiam dar errado, e o pavor de ser capturada e devolvida para a prisão a qualquer minuto.

O que realmente a apavorava, o que deixava seus nervos latejando, era saber que veria Kai de novo. Cara a cara. Que

olharia nos olhos dele pela primeira vez desde que tinha caído no jardim do palácio.

Na ocasião, a expressão dele estava tão cheia de choque e traição que o coração dela se partiu em dois, principalmente porque, menos de uma hora antes, ela apareceu encharcada no alto da escada, e Kai ergueu o olhar e sorriu.

Um sorriso.

As duas expressões não poderiam ter sido mais diferentes, e as duas foram dirigidas a ela.

Ela não sabia o que esperar quando o visse de novo, e a incerteza era apavorante.

– Cinder... você está assistindo ao noticiário?

Ela retomou o foco no apresentador que estava falando de um atraso temporário na cerimônia. Disseram que tudo estava bem e a cerimônia começaria em pouco tempo, mas que uma equipe de segurança estava tomando precauções adicionais...

– É agora. Vamos.

Só depois que elas espiaram pelo corredor de serviço nas duas direções e confirmaram que não havia ninguém por perto e que as luzes suaves perto das câmeras de teto mais próximas estavam apagadas foi que Cinder começou a perceber a extensão de sua vulnerabilidade.

Ela era a criminosa mais procurada do mundo e estava voltando para a cena do crime.

Mas não havia como mudar de ideia.

Ela desligou o noticiário e abriu a porta do palácio.

– Localizando agora – disse ela, usando o sistema de posicionamento interno para marcar onde ela e Iko estavam antes de inserir o código de rastreamento do imperador Kai que Cress lhe dera.

Ela prendeu a respiração enquanto o sistema procurava e procurava.

E então... ali estava ele. Um ponto verde na torre norte. No décimo quarto andar. Na sala que levava aos seus aposentos pessoais. Ele andava de um lado para outro.

Ela tremeu. Estava tão perto dele, depois de estar a uma galáxia de distância.

– Achei.

Elas ficaram nos corredores que Cinder esperava estarem desocupados. Viu-se olhando continuamente para as câmeras no teto, mas nenhuma se moveu nem piscou nem indicou estar ligada, e a paranoia de Cinder começou a sumir lentamente.

Cress conseguiu. Ela desligou o sistema de segurança.

Então, elas dobraram uma esquina no saguão de elevadores da torre norte, e Cinder deu um encontrão em uma mulher.

Ela cambaleou para trás.

– Ah... desculpe!

A mulher olhou para Cinder. Era funcionária do palácio, vestida com a mesma blusa e a calça preta que elas.

Cinder ativou seu glamour e transformou a mão ciborgue em humana e deu o mesmo tom impecável à pele de um androide-acompanhante. Deu um sorriso que torcia para esconder a surpresa e fez uma reverência.

Ela demorou mais alguns segundos para se dar conta do motivo para estar tão surpresa. Não por elas terem dado de cara com uma pessoa aqui no corredor, mas porque não tinha sentido essa mulher no outro corredor.

Era uma sensação tão sutil que ela nem percebeu que estava fazendo isso antes: projetar a consciência e tocar de leve a bioeletricidade emanada por cada ser humano. Ela se acostumou a sentir Thorne e Lobo e Jacin e o dr. Erland quando estavam por perto, e a presença deles era como uma sombra no subconsciente dela. Era instintivo, tão fácil quanto respirar.

Mas essa mulher era uma tábula rasa para ela. Como Cress, uma cascuda. Como Iko.

– Minhas desculpas – disse a mulher, retribuindo a reverência de Cinder. – Essa ala do palácio está fechada para qualquer pessoa que não tenha passe emitido pela coroa. Preciso pedir que saiam.

– Temos passe – disse Iko, dando um sorriso largo. – Pediram que verificássemos com Sua Majestade Imperial se ele deseja alguma bebida enquanto espera o início da cerimônia.

Ela fez que ia passar pela mulher, mas uma mão surgiu e apoiou no peito dela.

No entanto, o olhar sereno da mulher permaneceu fixo em Cinder.

– Você é Linh Cinder – disse ela. – É uma fugitiva procurada. Preciso alertar as autoridades.

– Er, desculpe, mas agora é um momento ruim para mim.

Cinder deu um passo para trás, ergueu a mão e disparou um dardo tranquilizante na coxa da mulher. O dardo tiniu, a ponta

ficou presa brevemente no tecido da calça dela e caiu no chão.

Era toda a confirmação de que ela precisava.

Cinder trincou o maxilar e golpeou a lateral da cabeça da mulher, mas ela se abaixou e ergueu a perna, batendo com o pé no lado do corpo de Cinder.

Ela grunhiu e cambaleou, e acabou caindo contra a parede.

Com expressão impassível, a mulher pulou em cima dela, o cotovelo dirigido ao nariz. Cinder quase não conseguiu bloquear o movimento e aproveitou o impulso para girar e prender o braço ao redor do pescoço da mulher.

A mulher sacudiu os quadris e fez Cinder voar por cima da cabeça dela. Cinder caiu de costas, com a visão manchada.

– lko... ela é...

Ela ouviu um clique, e a briga parou atrás dela.

Cinder gemeu.

– Uma androide.

– Eu reparei – disse lko, erguendo um painel de controle cheio de fios arrancados. – Você está bem?

lko se agachou ao lado de Cinder, com uma expressão perfeita de preocupação.

Apesar de ainda estar ofegante, Cinder se viu sorrindo.

– Você é a androide mais humana que já conheci.

– Eu sei. – lko passou a mão por baixo de Cinder e a ajudou a se levantar. – Seu cabelo está uma bagunça. Sinceramente, Cinder, você não consegue ficar apresentável por mais de cinco minutos?

Cinder se apoiou em lko e ficou de pé.

– Sou mecânica – disse ela, uma resposta automática.

Ela olhou para a mulher, cujos braços estavam inertes nos lados e cujos olhos olhavam vazios para o elevador.

Cinder balançou a cabeça para clarear os pensamentos e apertou o botão do elevador. A tela piscou duas vezes com um aviso de falha de segurança de nível um e ficou verde. O elevador mais próximo se abriu.

Em algum lugar, muitos andares debaixo do palácio, Cress tinha conseguido liberar o elevador para elas.

Juntas, ela e Iko arrastaram a androide para o elevador e a deixaram em um canto. As mãos de Cinder estavam tremendo tanto de adrenalina que ela quase apertou o botão do andar errado. Quando as portas se fecharam, ela tirou os últimos grampos do cabelo e prendeu em um rabo de cavalo rápido e desgrehado. Cinco minutos apresentável foram o suficiente.

Mentalmente, direcionou o foco para os dois pontos separados que estavam se aproximando cada vez mais.

Ela, deslizando entre andares da torre.

E Kai.



HAVIA ALGUMA COISA ERRADA. A TAUMATURGA SYBIL MIRA forma como os guardas terráqueos estavam agindo, por haver sussurros demais e mãos pousadas em cabos de armas. Ao seguir a rainha Levana, Sybil foi ficando tensa.

A rainha não ficaria feliz se alguma coisa desse errado.

Ela olhou para o lado, para o taumaturgo Aimery. Seus olhos se encontraram. Ele também havia reparado.

Ela olhou para a frente, para a rainha, que estava usando vermelho e dourado, as cores tradicionais de casamento da Comunidade. Sua cabeça estava coberta por um véu fino, e a longa cauda do vestido foi bordada com os rabos decorados de um dragão e uma fênix que convergiam na frente. O tecido balançava como uma vela quando ela andava. A postura sugeria orgulho e confiança, como sempre. Será que já tinha reparado em alguma coisa? Mesmo que tivesse, talvez só atribuísse à sua presença e a como os fracos terráqueos simultaneamente a encaravam e se encolhiam de medo dela. Mas Sybil sabia que era mais do que isso.

Os cabelos em sua nuca se eriçaram.

Eles estavam quase no corredor principal quando um guarda entrou na frente dos acompanhantes. Sua Majestade parou e a saia se acomodou ao redor dos pés. Aimery também parou, mas Sybil continuou andando para ficar ao lado de Sua Majestade, tomando o cuidado de não favorecer a perna machucada. Ela podia ter sido obrigada a contar à rainha sobre o fracasso em capturar Linh Cinder, mas até o momento tinha evitado o fato constrangedor de ter levado um tiro na briga. Do *próprio guarda*, ninguém menos.

– Minhas sinceras desculpas, Vossa Majestade – começou o guarda terráqueo com uma reverência rápida.

Sybil olhou com raiva, e, com um movimento dos dedos, o guarda caiu de joelhos. Ele grunhiu.

– Você vai demonstrar respeito à minha rainha quando falar com ela – disse Sybil, enfiando as mãos nas mangas.

O guarda demorou um momento para se recuperar do choque. Ela não permitiu que ele ficasse de pé nem erguesse a cabeça da posição baixa e respeitosa, e finalmente limpou a garganta e prosseguiu, com voz mais tensa do que antes:

– Vossa Majestade, estamos passando por um mau funcionamento inesperado em nossos sistemas de segurança. Determinamos que, para sua segurança e para a segurança do imperador Kaito, teremos que atrasar a cerimônia. – Ele fez uma pausa para inspirar. – Estamos otimistas de que o atraso será curto. No entanto, infelizmente tenho que pedir que você volte para seus aposentos. Você será informada assim que a questão for resolvida e possamos prosseguir com a cerimônia. – Uma gota de suor desceu pelo pescoço dele. – Seus acompanhantes poderão levá-la até...

– Que tipo de mau funcionamento? – perguntou a rainha.

– Infelizmente, não posso divulgar nenhum detalhe neste momento, mas estamos trabalhando para corrigir o...

– Essa não é uma resposta aceitável para a pergunta justa da rainha – retrucou Sybil. – Você sugeriu que minha rainha pode estar em perigo. Exijo saber que detalhes você tem da situação, para que eu possa cuidar pessoalmente da segurança dela. Não aceitaremos ficar na ignorância. Agora, que tipo de mau funcionamento vocês estão tendo?

Ela viu o maxilar dele se flexionando, os olhos grudados no chão em frente aos pés da rainha. Sybil duvidava de que ele fosse de posição elevada o bastante para responder à pergunta, mas o medo estava trabalhando contra a determinação. Os dois guardas de posição inferior que o acompanharam não se moveram, mas a postura rígida indicava o desconforto deles. Talvez ela devesse deixar todos prostrados.

– Uma falha manual – disse o guarda. – Nosso sistema de segurança foi desligado, o que só pode ser feito na sala de controle central.

– E isso fica dentro do palácio?

– Sim, taumaturga Mira.

– Você está me dizendo que seu mau funcionamento é, na verdade, uma *falha* de segurança.

– É uma possibilidade que estamos considerando. Nossa prioridade número um é a segurança de nossos hóspedes. Mais uma vez, preciso pedir que volte aos seus aposentos, Vossa Majestade.

Sybil riu.

– O palácio pode ter sido infiltrado. Vocês não conseguem impedir que alguém invada seu sistema de segurança, mas acha que vamos ficar em segurança nos aposentos dos *hóspedes*?

– Já basta, Sybil.

Sybil parou e olhou para a rainha. Os dedos longos e pálidos estavam entrelaçados sobre a saia, mas Sybil supôs que, por baixo do véu, os olhos estariam perfurantes como agulhas.

– Minha rainha?

– Tenho certeza de que esses homens estão todos cientes da importância dessa cerimônia de casamento e das repercussões globais que poderiam ser geradas se alguma coisa o impedisse de acontecer. Não estão, cavalheiros?

Os guardas não disseram nada. O homem ajoelhado estava começando a tremer. Sybil achava que o pescoço dele doía por sustentar a cabeça em uma posição tão estranha.

Dois passos estalaram no chão do outro lado de Sua Majestade.

– Minha rainha fez uma pergunta – falou Aimery, sua voz calma e ameaçadora ao mesmo tempo, como um trovejar distante.

O guarda limpou a garganta.

– Não temos nenhum desejo de atrasar nem impedir este casamento, Vossa Majestade. Só queremos resolver o problema rapidamente para que a cerimônia possa continuar assim que possível.

– Façam isso – disse a rainha. – Sybil, Aimery, vamos voltar para nossos aposentos e permitir que esses homens cumpram suas responsabilidades sem ter trabalho conosco. – Ela começou a se virar, mas fez uma pausa. O véu balançou até os cotovelos. – Por favor, me informem imediatamente da segurança do meu noivo. Vou ficar uma pilha de nervos até saber que ele está bem.

– Sim, Vossa Majestade – confirmou o guarda. – Colocaremos proteção adicional em frente aos seus aposentos, assim como dos de Sua Majestade Imperial, até que isso seja resolvido.

Sybil esperou até elas estarem se afastando atrás dos acompanhantes e guardas para liberar o homem. Perguntou-se

se aqueles guardas faziam ideia da ira que sofreriam se essa interrupção não fosse resolvida.

Mas não era o atraso em si que deixava Sybil ansiosa. Era o que (ou quem) poderia ter causado o atraso.

Embora Levana se recusasse a falar sobre a ciborgue foragida, com exceção de quando mencionava a incompetência das forças militares terráqueas, Sybil concluiu o que a rainha não se permitia dizer abertamente.

Foi fácil interrogar a refém, e a ruiva não mentiu. Linh Cinder, a ciborgue, era realmente a princesa Selene.

Sybil viu o glamour da garota no baile. Mais revelador, viu a reação de Sua Majestade a ele. A sobrinha perdida era a única pessoa na galáxia que poderia ter causado uma reação daquelas, e a ideia de que a princesa Selene estava por aí, fugindo dela, provocando-a, devia estar deixando a rainha louca.

Até o momento, a garota se mostrou ser extremamente engenhosa. Fugiu de Nova Pequim. Escapou das autoridades em Paris e naquela cidadezinha africana. Fugiu até *dela*.

Será que ela estava por trás disso? Seria tão inconsequente a ponto de tentar impedir o casamento da rainha?

Se sim, talvez Sybil não tivesse dado crédito suficiente a ela. Invasão ao palácio. Mau funcionamento na segurança. Sistema desabil...

Ela quase errou o passo. Não costumava ser desajeitada, e Aimery reparou. Ela não devolveu o olhar dele. Seus pensamentos já estavam disparados.

Não era possível. Ela estava tirando conclusões precipitadas.

Pegou dentro da manga o tablet miniatura que ficava em um bolsinho lá dentro e abriu as informações de segurança do palácio de Nova Pequim. Todas as câmeras e rastreadores que ela instalou com dificuldade pelo palácio em incontáveis reuniões e discussões diplomáticas horríveis...

NÃO É POSSÍVEL ESTABELECEER LINK

Ela trincou os dentes.

Não era só a segurança do palácio que tinha sido alterada. O sistema de segurança dela estava incapacitado também.

O sistema inteiro.

Não parecia possível, mas ela conhecia o trabalho de Crescente quando via.

Ela guardou o tablet.

– Minha rainha.

O grupo parou.

– Eu gostaria de permissão para investigar pessoalmente essa falha de segurança.

Um dos guardas se mexeu, pouco à vontade.

– Peço desculpas, mas fomos instruídos a levar todos vocês de volta a...

Sybil distorceu a bioeletricidade ao redor da cabeça dele, e o guarda ficou em silêncio com um ofego estrangulado.

– Eu não estava pedindo *sua* permissão.

Depois de um momento, Levana deu um único aceno de cabeça, e a cortina de véu quase nem se mexeu.

– Concedida.

Ela fez uma reverência.

– E Sybil, se você encontrar os invasores, ordeno a morte imediata deles. Não quero ser incomodada com prisões e julgamentos triviais no dia do meu casamento.

– É claro, minha rainha.

CAPÍTULO

Quinquenta e um

KAI GARGALHOU, UM SOM ROUCO QUE ERA QUASE HIPERVENTILAÇÃO sabia se essa virada inesperada de eventos era terrível ou muito, muito engraçada.

– A segurança do palácio foi *afetada*? O que exatamente isso quer dizer?

– A guarda real não teve tempo de fazer um relatório oficial, Vossa Majestade – disse Torin –, mas sabemos que todas as câmeras e escâneres de segurança, incluindo os de armas, não estão funcionando. Ou pelo menos que seus guardas não conseguem acessar as transmissões nesse momento.

– Há quanto tempo não estão funcionando?

– Quase onze minutos.

Kai andou até a janela. Ele viu um noivo no reflexo: vestindo uma camisa branca de seda com uma faixa vermelha pendurada no ombro. Sempre que a via, pensava em sangue. Ele tinha passado a última hora andando de um lado para outro nos aposentos pessoais e evitando o reflexo o máximo possível.

– Você acha que Levana tem alguma coisa a ver com isso?

– Parece não ter sentido ela fazer qualquer coisa que pudesse atrapalhar a cerimônia de hoje.

Kai passou os dedos no cabelo. Priya teria um ataque quando o visse, depois que aqueles cabeleireiros especialistas passaram quarenta minutos ajustando cada fio de cabelo em sua cabeça.

– Vossa Majestade, devo pedir que se afaste da janela.

Ele se virou, surpreso pela preocupação na voz de Torin.

– Por quê?

– Temos que supor que essa falha gera ameaça à sua segurança, mas não temos como adivinhar de onde essa ameaça pode vir.

– Você acha que alguém vai tentar me assassinar por uma janela? No décimo quarto andar?

– Não sabemos o que pensar, mas não quero correr riscos desnecessários até termos mais informações. O capitão da guarda deve chegar em pouco tempo. Tenho certeza de que tem um plano para circunstâncias assim. Talvez tenhamos que evacuar o palácio ou entrar em modo de isolamento.

Kai se afastou da janela. Modo de isolamento? Ele não sabia que isso existia.

– Vamos cancelar a cerimônia? – perguntou ele, sem ousar ter esperanças.

Torin suspirou.

– Não oficialmente. Ainda não. Seria o último recurso. A rainha Levana e seu cortejo estão confinados aos aposentos e, se necessário, serão levados para um local remoto. A cerimônia está temporariamente adiada até podermos garantir sua segurança e a da rainha.

Kai se sentou brevemente na beirada de uma das cadeiras de madeira entalhada, mas, ansioso demais para ficar sentado, se levantou e voltou a andar.

– Ela vai ficar furiosa. É melhor você avisar quem for dar a notícia a ela.

– Imagino que todos saibam muito bem.

Kai balançou a cabeça, perplexo. Durante semanas, viveu em uma névoa mental, preso entre a infelicidade e a apreensão, com o medo e os nervos e a esperança desesperada e constante sempre em mente. A esperança de haver uma saída. A esperança de que o dia do casamento não chegasse nunca. A esperança de que a princesa Selene tivesse sido encontrada e que, de alguma forma, isso fosse mudar tudo.

E então... isso.

Não tinha como ser coincidência. Alguém invadiu de propósito o sistema de segurança do palácio. Quem era capaz disso? E o que queria fazer, apenas impedir o casamento? Havia muita gente no mundo que não queria que esse casamento acontecesse, afinal.

Ou seriam as motivações mais perigosas, talvez até sinistras?

Ele olhou para Torin.

– Sei que você não gosta quando falo em conspirações, mas *olha só*.

Torin expirou, um som longo e doloroso.

– Vossa Majestade, desta vez acho que estamos de acordo.

Alguém bateu à porta e deu um susto nos dois. Normalmente, um alto-falante na porta anunciaria a chegada da pessoa do

outro lado, mas isso devia fazer parte do sistema falho.

E isso fez Kai questionar: não devia haver um sistema alternativo? Ou ele também foi comprometido?

Torin se moveu na direção da porta primeiro.

– Apresente-se.

– Tashmi Priya, pedindo permissão para falar com Sua Majestade.

Kai massageou a nuca quando Torin destrancava e abria a porta. Priya apareceu tensa na frente deles, ainda mais formal do que o habitual, usando um sári esmeralda e prateado.

– Alguma novidade? – perguntou Kai.

A expressão de Priya era atordoada, quase temerosa. Kai se preparou para o pior, embora não soubesse o que isso poderia ser.

Mas, em vez de falar, Priya fechou os olhos e desabou no tapete.

Kai ofegou e se abaixou ao lado dela. Do outro lado, Torin ergueu o pulso e verificou os batimentos.

– Qual é o problema dela? – perguntou Kai, antes de seus olhos encontrarem um pequeno dardo se projetando das costas de Priya. – O que...

– Ela vai ficar bem.

Kai ficou paralisado.

Ergueu o olhar. Para uma calça preta e uma blusa de seda e...

Cinder. O coração pulou na garganta.

Ela usava o mesmo uniforme que a equipe que trabalhava no casamento. O cabelo estava desganhado, como sempre. Não

utilizava luvas. Parecia afobada.

Outra garota entrou atrás dela e fechou a porta. Era um pouco mais alta, com pele morena e cabelo azul, embora Kai não conseguisse dar a ela mais do que uma olhada rápida.

Porque Cinder estava ali.

Cinder.

Sem fechar a boca, Kai ficou de pé. Torin também se levantou e contornou Priya, tentando ficar entre eles como um escudo, mas Kai nem percebeu.

Cinder sustentou o olhar dele. Parecia que esperava alguma coisa. Que estava se preparando. Apesar do fato de que a mão ciborgue tinha algum tipo de acessório de metal com aparência perigosa projetado de um dos dedos, ela parecia quase tímida.

O silêncio estava insuportável, mas Kai não pensava em nada para dizer.

Finalmente, Cinder engoliu em seco.

– Me desculpe, mas tive que... – Ela indicou a cerimonialista inconsciente e balançou a mão, como se afastando o pensamento. – Mas ela vai ficar bem, eu juro. Talvez um pouco enjoada quando acordar, mas fora isso... E sua androide... Nainsi, certo? Precisei desabilitá-la. E o processador adicional dela. Mas qualquer mecânico pode recuperar a configuração antiga em uns seis segundos, então... – Ela massageou o pulso com ansiedade. – Ah, e encontramos seu capitão da guarda no corredor e alguns outros guardas, e eu talvez o tenha assustado e ele, hã, está inconsciente. Também. Mas, sério, vão todos ficar

bem. Eu juro. – Os lábios dela se contorceram em um sorriso breve e nervoso. – Ah... oi de novo. Aliás.

– Ugh – disse a outra garota, revirando os olhos. – Isso foi sofrível.

Cinder lançou um olhar de irritação para ela, mas a garota deu um único passo na direção de Kai e fez uma reverência graciosa.

– Vossa Majestade Imperial. É um *grande* prazer vê-lo de novo. Ele não disse nada.

Cinder não disse nada.

Torin, posicionado parcialmente entre Kai e Cinder, não disse nada.

Finalmente, a garota levantou a cabeça.

– Quando quiser, Cinder.

Cinder deu um pulo.

– Certo. Desculpe.

Ela deu um passo hesitante e parecia prestes a falar de novo, mas Kai finalmente encontrou a voz.

– Você está *louca*?

Cinder fez uma pausa.

– Você... sabe... a rainha Levana está *neste palácio*. Ela vai matar você!

Ela ficou olhando para ele.

– É. Eu sei.

– E é por isso que precisamos parar de perder tempo – murmurou a garota baixinho.

Kai franziu a testa para ela.

– Quem é você?

Ela sorriu.

– Ah, sou Iko! Você talvez não se lembre de mim, mas nos conhecemos na feira naquele dia que você levou o androide, só que eu era desse tamanho – ela levantou a mão até a altura do quadril – e tinha a forma de uma pera enorme, e era bem mais pálida. – Ela piscou os cílios.

Kai voltou a atenção para Cinder.

– Ela está certa – falou Cinder. – Precisamos ir embora agora. E você vai conosco.

– Eu o quê?

– Ele não vai fazer isso – retrucou Torin.

Ele começou a se mover na direção de Cinder, mas seu pé parou no ar e voltou. De repente, passou por cima de Priya e andou para trás até as partes de trás dos joelhos baterem em um divã e ele afundar na almofada.

Kai ficou olhando para ele boquiaberto, começando a achar que era tudo um sonho de ansiedade.

– Me desculpe – disse Cinder, levantando a mão ciborgue. – Mas tenho mais um tranquilizador e, se você tentar interferir, infelizmente vou ter que usar em você.

Torin olhou com raiva para ela, colocando mais ódio no olhar do que Kai já tinha visto.

– Kai, preciso remover seu chip de identificação.

Ele olhou para ela de novo e sentiu pela primeira vez uma pontada de medo. Alguma coisa estalou, e Kai baixou o olhar e a viu ejetando uma faca curta de um dos dedos.

Ela era ciborgue. Ele quase tinha se acostumado com isso.

Mas também era lunar, e apesar de ele saber as duas coisas pelo mesmo período de tempo, nunca a tinha visto antes agir como lunar. Não de forma tão aberta. Só agora.

Cinder deu um passo na direção dele.

Ele recuou um passo.

Ela fez uma pausa, uma dor aparecendo nos olhos.

– Kai?

– Você não devia ter voltado aqui.

Ela lambeu os lábios.

– Sei o que pode parecer, mas estou pedindo que você confie em mim. Não posso deixar que se case com ela.

Ele deu uma gargalhada repentina. O casamento. Quase tinha esquecido, e era ele quem estava com a roupa de noivo.

– Não é decisão sua.

– Mas estou decidindo mesmo assim.

Ela deu outro passo à frente, e, com outro passo para trás, Kai se viu encostado em uma mesinha. Cinder baixou o olhar e arregalou os olhos.

Kai seguiu o olhar.

O pé dela estava na mesa. O pé de tamanho infantil que caiu na escada do jardim, com a placa amassada e as juntas cheias de terra. Ele tirou do escritório quando a equipe de segurança fez a busca pelo equipamento de Levana.

As orelhas dele ficaram quentes, e ele sentiu como se tivesse sido flagrado guardando uma coisa estranha e muito íntima. Algo que não pertencia a ele.

– Você, hã... – Ele fez um gesto sem ânimo. – Você deixou cair isso.

Cinder afastou a atenção do pé e olhou nos olhos dele, sem palavras. Kai não conseguia adivinhar o que ela estava pensando. Nem *ele* sabia o que significava o fato de tê-lo guardado.

A outra garota, Iko, apoiou o queixo com as mãos.

– Isso é tão melhor do que as novelas.

Cinder baixou o olhar brevemente para se recompor, depois esticou a mão para ele.

– Por favor, Kai. Não temos muito tempo. Preciso do seu pulso.

A voz dela estava delicada e gentil, e por algum motivo isso chamou mais a atenção dele do que qualquer outra coisa. Os lunares eram sempre tão convincentemente gentis, tão maliciosamente delicados.

Ele balançou a cabeça e apertou o pulso vulnerável na lateral do corpo.

– Cinder, veja bem. Não sei o que você está fazendo aqui. Quero acreditar que está bem-intencionada, mas... não sei nada sobre você. Você mentiu para mim sobre tudo.

– Eu nunca menti para você. – Cinder lançou outro olhar para o pé. – Eu talvez não tenha contado *a verdade toda*, mas você pode me culpar?

Ele franziu a testa.

– É claro que posso. Você teve muitas oportunidades para me contar a verdade.

As palavras pareceram surpreendê-la, e ela apoiou as mãos fechadas nos quadris.

– Certo. E como seria se eu tivesse dito, claro, Vossa Alteza, eu *adoraria* ir ao baile com você, mas primeiro você precisa saber que sou ciborgue. O que aconteceria?

Kai afastou o olhar.

– Você nunca mais teria falado comigo – respondeu ela por ele. – Ficaria morrendo de vergonha.

– E você pretendia esconder para sempre?

– *Para sempre?* – Cinder balançou o braço na direção da janela.
– Você é o imperador de um país inteiro. Nunca haveria um *para sempre*.

Ele ficou surpreso com o quanto as palavras doeram. Ela estava certa. Não havia espaço para um absurdo desses entre eles. Um imperador. Uma ciborgue. As palavras dela não deviam ter machucado nada.

– E quanto a ser lunar? – disse ele. – Quando isso seria mencionado?

Cinder bufou, e ele percebeu que ela estava ficando exasperada.

– Não temos tempo para isso.

– Quantas vezes você me manipulou? O quanto foi lavagem cerebral?

O queixo dela caiu, como se ela estivesse perplexa de ele sugerir isso. E então um fogo ardeu atrás dos olhos dela.

– Por quê? Você está com medo de ter tido sentimentos verdadeiros por uma ciborgue inferior?

– Só estou tentando entender o que foi real e *quem* é essa pessoa. – Ele a indicou dos pés à cabeça. – Um dia, você está

consertando tablets na feira, no outro está fugindo de uma prisão de segurança máxima. E agora... desabilitou a segurança do meu palácio, está apontando uma faca para mim e ameaçando apagar meu conselheiro principal se não conseguir o que quer. O que devo pensar? Nem sei de que lado você está!

Cinder apertou os punhos, mas, quando digeriu as palavras dele, seus olhos se dirigiram para algum ponto acima do ombro dele. Na enorme janela com vista para a Comunidade das Nações Orientais. A expressão dela ficou distante. Calculista.

Ela deu outro passo na direção dele. Kai se encolheu.

– Estou do *meu* lado – disse ela. – E, se você quer o melhor para a Comunidade e para esse planeta inteiro, é melhor também ficar do meu lado. – Ela esticou a mão com a palma para cima. – Agora me dê seu pulso.

Ele fechou os dedos.

– Minha responsabilidade é aqui. Tenho um país para proteger. Não vou fugir disso e, sem a menor sombra de dúvida, não vou fugir com você.

Ele tentou erguer o queixo, mas foi difícil com a expressão de raiva de Cinder fazendo-o se sentir tão importante quanto um grão de sal.

– É mesmo? – perguntou ela. – Você prefere se arriscar com *ela*?

– Pelo menos eu sei quando ela está me manipulando.

– Olha só, eu *nunca* manipulei você. E espero nunca precisar. Mas você não é o único com responsabilidades e com o povo de um país inteiro contando com você. Portanto, lamento, *Vossa*

Majestade, mas você vem comigo e vai ter que decidir se confia em mim ou não quando o tempo não estiver tão apertado.

Em seguida, ergueu a mão e disparou nele.

CAPÍTULO

Quinquenta e dois

SEGUNDOS DEPOIS QUE O DARDO BATEU NO PEITO DE KAI, SUAS PÁ fecharam e ele caiu em cima de Cinder. O conselheiro deu um gritinho e ficou de pé, mas Iko o interceptou e restringiu o homem enquanto Cinder colocava o corpo inconsciente de Kai no chão.

Por um momento, ela ficou paralisada, a mente girando pelas coisas que tinha acabado de dizer, pelo que tinha acabado de fazer.

– Cinder? Você está bem? – perguntou Iko.

– Estou – murmurou ela, tremendo ao apoiar Kai na mesa e puxar o dardo. – Ele vai me odiar quando acordar, mas estou bem.

Ela não pôde evitar um olhar para a enorme janela com cortinas pesadas de seda. Para o próprio reflexo, olhando de volta para ela. Para a garota com mão de metal e cabelo desgrenhado, usando uniforme de criada.

Ela soltou a respiração devagar para espairecer a mente e puxou a mão de Kai.

– O que você vai fazer com ele?

Cinder fez uma pausa suficiente para olhar para o conselheiro. O rosto dele estava vermelho de fúria.

– Vamos levá-lo para um lugar seguro – disse ela. – Para um lugar onde Levana não vai conseguir chegar a ele.

– E você acha que isso não vai gerar repercussões? Não só para você, mas para todo mundo neste planeta. Você não percebe que estamos no meio de *uma guerra*?

– Não estamos no *meio* de uma guerra, estamos no comecinho.

– Ela fixou o olhar nele. – E eu vou acabar com ela.

– Ela *pode* acabar com a guerra – disse Iko. – Temos um plano. E Sua Majestade vai estar seguro conosco.

Estranhamente constrangida pela confiança de Iko, Cinder se concentrou no pulso de Kai. Ela já tinha extraído tantos chips de identificação nas últimas semanas que já estava quase acostumada, embora a primeira incisão ainda a lembrasse da mão inerte de Peony e dos dedos azuis. Todas as vezes.

Uma gota grossa de sangue surgiu na pele, e Cinder inclinou instintivamente o braço dele para que rolasse pelos dedos sem manchar a camisa branca.

– Ele acredita que você encontrou a princesa perdida, Selene.

Ela fez uma pausa e, depois de um momento, olhou para Iko e para o conselheiro.

– Ele... o quê?

– É verdade? Você a encontrou?

Ela engoliu em seco e voltou a se concentrar no pulso de Kai. Esperou até as mãos pararem de tremer para tirar o pequeno chip.

– É – disse ela, a voz cautelosa ao pegar ataduras limpas no compartimento da panturrilha e enrolar no ferimento. – Ela está

conosco.

– Então você também acredita que ela pode fazer diferença.

Ela trincou os dentes, mas se obrigou a relaxar ao prender as ataduras.

– Ela *vai* fazer diferença. As pessoas de Luna vão apoiá-la. Ela vai recuperar o trono. – Depois de embutir novamente a faca, ela reencontrou o olhar de raiva do conselheiro. – Mas, se esse casamento acontecer, não vai importar. Nenhuma revolução em Luna pode anular um casamento e uma coroação. Se vocês derem a ela esse poder, não tem nada que eu ou ninguém possa fazer para tirar dela. E sei que você é inteligente o bastante para ver as repercussões *disso*. – Com um suspiro, Cinder baixou a perna da calça e ficou de pé. – Entendo que você não tem motivo para confiar em mim, mas vou pedir que confie mesmo assim. Prometo que nada vai acontecer a Kai enquanto ele estiver conosco.

Em resposta, só recebeu silêncio e um olhar furioso.

Ela assentiu.

– É justo. Iko?

Iko se abaixou e pegou o cotovelo de Kai. Juntas, elas o levantaram e passaram um braço sobre os ombros de cada uma.

Elas o arrastaram por quatro, cinco passos na direção da porta.

– Ele tem outro chip.

Elas pararam.

O conselheiro, ainda sentado no divã, ainda com expressão de raiva, pareceu irritado consigo mesmo.

– O que você quer dizer?

– Tem um segundo dispositivo de rastreamento atrás da orelha direita dele. Para o caso de alguém algum dia tentar sequestrá-lo.

Cinder deixou que Iko sustentasse o peso de Kai e esticou a mão hesitante para a cabeça pendente. Afastou o cabelo dele e apertou os dedos no espaço entre a coluna e o crânio. Havia uma coisa pequena e dura encostada no osso.

Ela assentiu para o conselheiro.

– Obrigada – disse ela, ejetando a faca de novo.

Ele grunhiu.

– Se alguma coisa acontecer com ele, Linh-mèi, vou caçá-la e matá-la eu mesmo.



UMA GOTA DE SUOR DESCEU PELA COLUNA DE CRESS, MAS , estavam ocupadas demais para limpar. Os dedos voavam sobre as telas, observando listas e códigos, verificando pela terceira vez o que tinha feito.

O sistema de segurança de circuito fechado estava desligado, incluindo todas as câmeras, escâneres, software de identificação e alarmes.

Os dois sistemas de apoio estavam desativados, e ela não encontrou evidências de um terceiro esperando para ser acionado e estragar todo o trabalho assim que ela virasse as costas.

A conexão com os aparelhos de espionagem lunar tinha sido cortada.

Ela tomou cuidado para que todas as trancas digitais da torre norte estivessem desabilitadas, além de qualquer porta entre esse centro de controle de segurança e a ala de pesquisa. Tomou o cuidado especial de quebrar a tecnologia de radar embutida nas esculturas decorativas *qilin* do telhado, para que não detectassem a aproximação da Rampion.

Todos os elevadores estavam paralisados, exceto um único na torre norte, ainda parado no décimo quarto andar, esperando que Cinder e Iko fugissem.

O que estava demorando *uma eternidade*.

Ela afastou os dedos da tela principal e ergueu o olhar. As dezenas de telas ao redor estavam pretas, com apenas duas palavras piscando: ERRO OPERACIONAL.

– Pronto. – Ela se encostou. – Acho que é tudo.

Não havia ninguém por perto para ouvi-la. A parede de vidro que a separava de Lobo e do resto do Subnível D era à prova de som, à prova de balas e provavelmente à prova de um monte de outras coisas que ela nem imaginava. Cress se afastou da mesa.

Lobo estava no pequeno saguão, encostado na parede perto da porta que levava à escadaria. Em algum momento, ele tinha tirado o paletó do smoking e a gravata-borboleta, desabotoado o colarinho e dobrado as mangas. O cabelo não estava mais arrumado, mas espetado em vários ângulos. Ele parecia entediado.

Aos pés dele, espalhados no chão do saguão, havia pelo menos trinta guardas do palácio.

Ele olhou nos olhos de Cress na hora em que a porta que levava à escada se abriu e um guarda atacou com a arma erguida.

Cress gritou, mas Lobo só segurou o braço do guarda, dobrou-o nas costas dele e acertou um golpe preciso na lateral do pescoço.

O guarda desmoronou, e Lobo o colocou cuidadosamente na pilha de colegas.

E então esticou as palmas das mãos para Cress, como se perguntando por que estava demorando tanto.

– Certo – murmurou ela para si mesma, com o coração disparado.

Ela examinou a tela com o relatório da situação do elevador mais uma vez e viu que só um estava se movendo. Descendo do décimo quarto andar na torre norte.

Um sorriso surgiu nos lábios dela, mas foi sufocado pela avalanche de ansiedade. Inclinação sobre o painel de controle, ela ligou o tablet ao console principal e acionou o cronômetro.



O DR. ERLAND OLHOU PARA A PEQUENA TELA NO PAINEL DA MÁ cuspia um fluxo de dados, documentando a estabilidade das células-tronco de Thorne, cada passo do procedimento automatizado e os detalhes da reação química que acontecia em nível celular dentro do pequenino frasco plástico encaixado.

Demorava uma eternidade, mas eles não estavam com pressa. Ainda não. Atrás dele, Thorne permanecia sentado na mesa do laboratório, batendo com os calcanhares nas laterais.

A tela de dados se iluminou.

**SOLUÇÃO COMPLETA. REVISAR OS
PARÂMETROS ABAIXO.**

Ele deu uma olhada rápida nos tais parâmetros antes de se permitir ficar satisfeito.

Depois de retirar o frasco, ele procurou um conta-gotas na bancada.

– Terminei.

Thorne puxou a venda ao redor do pescoço.

– Mas já?

– Seu sistema imunológico vai ter que fazer o resto. Vamos precisar umedecer seus olhos quatro vezes por dia durante uma semana, mais ou menos. Sua visão deve começar a voltar depois de seis ou sete dias, mas vai ser gradual. Seu corpo está praticamente gerando um novo nervo óptico, o que não acontece da noite para o dia. Agora... você consegue ser um garoto crescido e pingar as gotas sozinho?

Thorne franziu a testa.

– É sério? Você quer que a gente tenha vindo até aqui e eu fure meu próprio olho?

Suspirando, o doutor mergulhou o conta-gotas no frasco.

– Tudo bem. Incline a cabeça para trás e fique com os olhos bem abertos. Três gotas de cada lado.

Ele esticou a mão, e a solução clara formou uma bolha na ponta do conta-gotas parado sobre os olhos arregalados de Thorne.

Mas, nesse momento, o dr. Erland prestou atenção em um hematoma na parte de dentro do próprio pulso. Ele parou e girou a mão para examinar.

O hematoma tinha se formado ao redor de uma mancha vermelha escura, como sangue acumulado logo abaixo da superfície da pele fina como papel.

Seu estômago deu um nó.

Tremendo de repente, ele se afastou de Thorne e colocou o frasco e o conta-gotas na bancada.

Thorne baixou o queixo.

– O que foi?

– Nada – murmurou o dr. Erland enquanto procurava uma gaveta e tirava uma máscara para o rosto e prendia sobre a boca e o nariz. – Só... estou verificando uma coisa.

Ele pegou um líquido esterilizador e limpou o frasco e o conta-gotas, depois envolveu em tecido. Já estava se sentindo fraco, mas sem dúvida era coisa de sua cabeça.

Mesmo com a doença em mutação, as vítimas ainda sobreviviam entre vinte e quatro e quarenta e oito horas depois de exibir sintomas. *Pelo menos.*

Mas ele era velho. E passou o dia se exaurindo, com a caminhada nos túneis e a correria pelo palácio. Seu sistema

imunológico já devia estar fraco.

Ele olhou para Thorne, que tinha começado a assobiar baixinho.

– Preciso tirar uma amostra de sangue.

Thorne gemeu.

– Por favor, não me diga que alguma coisa deu errado.

– Não. Só estou sendo precavido. Seu braço, por favor.

Thorne não pareceu feliz, mas dobrou a manga da camisa mesmo assim. Era um teste rápido, que o dr. Erland já fizera mil vezes: tirar o sangue e passar pelo módulo diagnóstico para verificar patógenos portadores de letumose. Mesmo assim, ele se viu distraído pelo calor da respiração presa na máscara.

Thorne. E, se ele voltasse com os outros, Cinder.

E sua Lua Crescente.

Ele se segurou na lateral da bancada para impedir que as mãos tremessem. Por que não contou a verdade a ela antes? Ele supusera que teriam tempo. Acreditara que haveria anos depois que Selene fosse coroada e Levana estivesse longe. Anos para contar a ela a verdade. Para abraçá-la. Para dizer o quanto a amava. Para pedir desculpas repetidas vezes por tê-la abandonado.

Ele olhou para a ferida que parecia um hematoma. Era um hematoma só até então. Não estava se espalhando, ao menos não nos braços. Mas seu cérebro analítico, depois de ter visto a mesma ferida nos pulsos de tantas vítimas, já tinha acionado um cronômetro.

Ele ia morrer.

O módulo apitou e o fez pular de susto.

RESULTADO DE LETUMOSE: NEGATIVO

Ele fechou os olhos, aliviado.

– Como está indo tudo aí, doutor?

Ele limpou a garganta.

– Eu... determinei que seria melhor deixar a solução de células-tronco descansar por algumas horas. Você pode pingar as gotas quando estiver de novo na nave. – Ele pegou um stylus e começou a digitar uma mensagem no tablet. – Vou colocar as instruções no tablet. Só por garantia.

– Instruções para quem?

Seu estômago deu um nó enquanto ele escrevia.

– Eu não vou voltar com vocês.

Houve silêncio, pontuado pelas batidas do stylus e pela respiração dele, repentinamente difícil.

– Do que você está falando?

– Estou velho demais. Só vou atrapalhar. Quando os outros chegarem, quero que vocês sigam sem mim.

– Não seja idiota. Nós temos um plano. Vamos segui-lo.

– Não. Vocês vão me deixar para trás.

– Por quê? Para Levana poder botar as mãos em você e torturá-lo para obter informações? Excelente ideia.

– Ela não vai ter tempo para me torturar. Já estou morrendo.

As palavras provocaram alguma coisa dentro dele, e, de repente, os óculos ficaram embaçados. Não havia tempo. Depois

de todos aqueles anos, nunca havia tempo suficiente.

– Do que você está falando?

Ele só respondeu quando terminou de digitar no tablet. Depois de colocar o stylus atrás da orelha, ele andou até a porta e espiou pela janelinha que levava ao corredor do laboratório.

Do lado de fora, dezenas de guardas ocupavam o corredor nas duas direções, com as armas erguidas.

– Tudo está mesmo indo como planejado – murmurou.

Uma mão pousou em seu ombro, e ele se afastou tão rápido que quase caiu na bancada.

– Não toque em mim.

– O que está acontecendo? – perguntou Thorne, ficando impaciente.

O dr. Erland desviou dele e andou até o outro lado da sala.

– Tem uma sala de quarentena adjacente a este laboratório. Vou me colocar em quarentena. Não se preocupe, ninguém vai ousar entrar para me interrogar. – Ele tirou os óculos e limpou as lentes na camisa. – Acabei de diagnosticar a mim mesmo com letumose.

Thorne deu um pulo para longe como se tivesse sido queimado e grudou as costas na parede para que houvesse o máximo de espaço entre eles. Falando palavrões, ele esfregou na calça a mão com que tocou o doutor.

– Não se preocupe. Seu resultado foi negativo. As chances são mínimas de você ter pegado nos últimos dois minutos. – Ele recolocou os óculos. – Sua solução de células-tronco está na bancada à sua esquerda, envolta em tecido. Tem um tablet ao

lado. Entregue para Cress, ela pode ajudar. – A voz dele ficou estrangulada, e ele tateou em busca do teclado digital. O código não tinha mudado desde que foi embora.

Quando abriu a porta, as luzes da quarentena se acenderam. A janela que dividia as salas só dava vista para um lado, para que os pacientes não pudessem ver os técnicos enquanto faziam testes.

Ele nunca tinha ido para aquele lado do vidro.

– Carswell Thorne?

Ao olhar para trás, ele viu que Thorne ainda estava grudado na parede, mas o medo tinha sumido da expressão dele e sido substituído por determinação e solidariedade.

– Sim?

– Obrigado. Por cuidar dela no deserto. – Ele franziu a testa. – Embora você ainda não a mereça.

Antes que Thorne pudesse reagir, o dr. Erland entrou na quarentena e se fechou. Seu cativeiro foi imediato, limitado, sufocante e final.

CAPÍTULO

Quinquenta e três

ELA FICOU FELIZ PORQUE LOBO PARECIA TER DECORADO A PLANTA

melhor do que ela, pois com toda essa correria subindo e descendo escadas, dobrando esquinas e percorrendo incontáveis corredores, Cress estava perdida. Já Lobo não demonstrou um momento de hesitação enquanto eles corriam pelos corredores abandonados.

– Sincronia perfeita – murmurou Lobo baixinho quando eles dobraram outra esquina.

Ele segurou o cotovelo de Cress e a puxou antes que ela pudesse colidir com Cinder e Iko e com o homem inconsciente entre elas.

– Ah, olá, estranhos – disse Iko.

Lobo assentiu, primeiro para Cinder e depois para o imperador inconsciente.

– Achei que esse deveria ser o perfume dele. Querem ajuda?

Nem Cinder e nem Iko reclamaram quando ele se abaixou e jogou Kai por cima do ombro.

Se Cress não estivesse em pânico e ofegante e correndo por conta da mais pura adrenalina, ela teria ficado muito mais impressionada.

– Os laboratórios são por aqui – falou Cinder, seguindo na frente. Cress segurou a saia e correu atrás dela. – Alguma surpresa?

– Até agora, não – respondeu Cress. – E você?

Cinder balançou a cabeça enquanto eles corriam pela passarela para a ala de pesquisa.

– Não exatamente. Só um monte... disso.

Um guarda do palácio apareceu na frente deles segurando a arma.

– Parem ag...!

A palavra virou um grito sufocado quando o rosto ficou sem expressão. As mãos caíram nos lados do corpo e a arma caiu no chão.

Cress levou um susto, mas Cinder a puxou, dando a volta no corpo atordoado sem diminuir o passo.

– Uau! – exclamou Cress por entre ofegos. – Que bom que você andou praticando, hein!

– Eu gostaria de esse ser o motivo de ser tão fácil – disse ela, balançando a cabeça quando contornou outra esquina. – Com Lobo, pelo menos havia resistência. Um pouco de *esforço* envolvido. Mas com os terráqueos... é fácil demais. – Ela engoliu em seco. – Se ela se tornar imperatriz, a Terra não tem a menor chance.

Eles chegaram a um hall de elevadores e Cress digitou um código.

– Pois é – disse ela, dando um sorriso cansado. – Que bom que ela não vai ser imperatriz.

Pareceu haver um suspiro mútuo quando todos entraram no elevador. Os nervos de Cress formigavam como um milhão de eletrodos. As costas do vestido caro estavam encharcadas de suor. Ela estava cansada de toda a correria e das escadas e do pânico, mas pelo menos eles tiveram um breve momento para descansar e respirar e se preparar para o que viria depois. Cress não conseguiu evitar um olhar curioso para o homem caído sobre o ombro de Lobo. *O imperador.*

Todas as vezes que se imaginou conhecendo-o, depois de anos espionando-o e ao pai dele, ela nunca imaginou que o primeiro encontro seria assim.

Lobo enrijeceu quando o elevador começou a ir mais devagar.

– Tem muitos lá fora.

– Nós sabíamos que seria assim – admitiu Cinder. – É melhor Thorne e o doutor estarem prontos.

Cress andou para trás, feliz por deixar Cinder e Lobo entre ela e o que quer que os esperasse no corredor.

Iko se inclinou na direção dela.

– Esse vestido ficou *lindo* em você – disse ela. – Cinder, ela não está linda?

Cinder suspirou quando o elevador parou completamente.

– Iko, depois disso vamos começar a discutir ocasiões apropriadas para puxar conversa.

As portas se abriram, e dezenas de guardas do palácio de vermelho e dourado surgiram na frente deles.

– E não tem um androide entre eles – murmurou Cinder. – Kai e eu vamos ter uma longa conversa sobre segurança no palácio. –

Ela andou para o corredor. – *Vocês* – ordenou, sem indicar ninguém em particular pelo que Cress conseguiu perceber – agora são nossa guarda pessoal. Formem uma barreira.

Oito guardas se aproximaram e, em sincronia robótica, formaram um muro entre eles e os outros guardas. Havia confusão nos olhos dos outros.

Cinder levantou a mão com a palma para cima, e um dos guardas colocou uma arma ali, com o cano virado.

Ela mirou na cabeça de Kai com expressão de neutralidade pura e fria.

– Se alguém pensar em nos atrapalhar, seu imperador morre. Agora, saiam.

Com os oito guardas agindo como uma bolha protetora ao redor deles, Cress se viu sendo levada junto com os outros na direção dos laboratórios. Quando chegaram à sexta porta, Cinder bateu, usando a sequência especial que eles combinaram.

A porta foi aberta um segundo depois. Thorne estava vermelho e franzindo as sobrancelhas. E com a bengala em uma das mãos, uma trouxinha de pano na outra e ainda de venda nos olhos.

– O doutor não vem – disse ele.

Um momento de hesitação, e Cinder perguntou:

– O que você quer dizer com ele não vem?

Ele indicou os fundos do laboratório, e todos entraram, deixando as marionetes de Cinder esperando, perplexas, no corredor. Havia uma janela na parede que mostrava uma sala de quarentena estéril. O doutor estava sentado em uma mesa de

laboratório, com a cabeça pendendo e os dedos mexendo no chapéu.

Com um gemido, Cinder andou até a janela e bateu com o punho.

O doutor levantou a cabeça, com o cabelo grisalho desganhado espetado em todas as direções.

Ela pegou um microfone na mesa, apertou um botão e gritou:

– Não temos tempo para isso! Saia daí.

O doutor só deu um sorriso triste.

– Cinder – disse Thorne, usando um tom pesado que Cress raramente ouvia. – Ele está com a peste.

O estômago de Cress deu um nó, e Cinder se virou da janela.

O doutor ajeitou o cabelo.

– Todo mundo voltou em segurança? – perguntou ele, sua voz saindo de um alto-falante na parede.

Cinder demorou um momento, mas acabou gaguejando:

– Sim. Todo mundo, menos você.

A mão de alguém pousou na cabeça de Cress. Ela levou um susto e se encolheu, mas Thorne já estava passando o braço pelos ombros dela e apertando.

– Só queria ver se era mesmo você – sussurrou ele.

Ela olhou para o perfil dele. As horas que passaram separados de repente pareceram dias, e Cress percebeu que poderia muito bem ser ele que seria deixado para trás em vez do doutor. Ela mergulhou mais no abraço dele.

– Eu sinto muito – disse o dr. Erland, as palavras quebradas, como se estivesse esperando a hora de dizê-las. Ele parecia mais

frágil do que nunca sentado naquela mesa de exames, com o rosto coberto de rugas. – Srta. Linh. Sr. Lobo. – Suspirou. – Crescente.

Os olhos dela se arregalaram. Ninguém a chamava assim desde Sybil. Como ele sabia?

Era um nome comum em Luna. Talvez fosse um palpite de sorte.

– Fiz mal a todos vocês de alguma forma. Fui ao menos parcialmente responsável por alguma tragédia nas vidas de vocês. Sinto muito.

Cress engoliu em seco e sentiu uma pontada de arrependimento na base do estômago. O doutor ainda estava com um hematoma no queixo, no ponto onde ela o acertou.

– Fiz algumas descobertas importantes – disse o doutor. – Quanto tempo vocês podem esperar?

A mão de Cinder apertou o microfone.

– A chegada estimada de Jacin é em seis minutos.

– Isso vai ter que bastar. – A dor no rosto do homem pareceu aumentar. – Sua Majestade está com vocês?

– Ele está inconsciente – disse Cinder.

Ele ergueu as sobrancelhas de forma quase imperceptível.

– Entendo. Você poderia fazer a gentileza de passar uma mensagem para ele? – Antes que Cinder respondesse, o doutor colocou o chapéu e inspirou fundo. – Essa peste não é uma tragédia aleatória. É uma guerra biológica.

– O quê? – Cinder apoiou as mãos na mesa. – O que você quer dizer?

– A coroa lunar está usando anticorpos encontrados no sangue das pessoas sem dom para fabricar antídoto há pelo menos dezesseis anos, e talvez bem mais do que isso. Mas, dezesseis anos atrás, a letumose nem existia, a não ser que também tenha sido criada em um laboratório lunar. Os lunares queriam enfraquecer a Terra e criar uma dependência do antídoto deles. – Ele bateu no peito, como se procurando alguma coisa no bolso, mas pareceu perceber que não estava lá. – Certo. Anotei minhas descobertas no tablet que está com o sr. Thorne. Por favor, entreguem para Sua Majestade quando ele estiver recuperado. A Terra precisa saber que essa guerra não começou com os ataques recentes. Essa guerra está acontecendo debaixo de nossos narizes há mais de uma década, e temo que a Terra esteja perdendo.

O silêncio em seguida foi sufocante.

Cinder se inclinou para o microfone.

– Não vamos perder.

– Acredito em você, srta. Linh. – A respiração do doutor tremeu. – Agora, será... será que Cress pode se aproximar, por favor?

Cress enrijeceu. E se apertou contra Thorne quando todos olharam para ela, e foi só o empurrão delicado dele que fez os pés dela se moverem. E seguiu até a janela que os separava da salinha de quarentena.

Só então, quando ficou de pé na frente do microfone, se deu conta de que a janela só permitia vista em uma direção. Ela via o

doutor, mas, do outro lado, ele devia estar olhando para um reflexo de si mesmo.

Cinder limpou a garganta sem afastar o olhar curioso de Cress.

– Ela está aqui.

Um sorriso patético tentou surgir nos lábios do doutor, mas falhou.

– Crescente. Minha Lua Crescente.

– Como você sabe meu nome? – perguntou ela, confusa demais para perceber a aspereza no próprio tom.

Mas o doutor não pareceu se deixar afetar, e seus lábios começaram a tremer.

– Porque eu escolhi seu nome.

Ela tremeu e enfiou as mãos nas dobras da saia.

– Quero que você saiba que quase morri quando perdi você e que pensei em você todos os dias. – Ele baixou o olhar para um ponto perto da base da janela. – Eu sempre quis ser pai. Mesmo quando jovem. Mas fui recrutado para a equipe de cientistas da coroa imediatamente depois de acabar os estudos. Era uma *honra* tão grande, sabe. Minha carreira virou tudo, e não havia tempo para a família. Eu já estava com mais de quarenta quando me casei, e minha mulher era outra cientista que eu conhecia havia anos e nunca achei que gostava muito dela até ela decidir que gostava de mim. Ela não era muito mais nova do que eu, e os anos se passaram, e eu tinha desistido... até que, um dia, ela ficou grávida.

Um arrepio desceu pela coluna de Cress. Parecia que ela estava ouvindo uma história velha e triste, da qual não fazia parte.

Uma história cujo final parecia conhecer, mas a negação criava uma distância entre ela e as palavras do doutor.

– Nós fizemos tudo certo. Decoramos o quartinho. Planejamos uma comemoração. E às vezes, à noite, ela cantava uma cantiga antiga, uma cantiga que eu tinha esquecido, e decidimos chamar você de nossa pequena Lua Crescente. – A voz dele falhou nessa última palavra, e ele se encolheu e coçou o chapéu.

Cress engoliu em seco. A janela, a sala estéril, o homem com um hematoma roxo, tudo isso começou a embaçar na frente dela.

– E aí você nasceu, e era cascuda. – As palavras dele se arrastaram. – E Sybil veio, e eu implorei, implorei para que não levasse você, mas não havia nada... ela não... e achei que você estivesse morta. Achei que você estivesse morta, e o tempo todo você estava... se eu soubesse, Crescente. Se eu soubesse, jamais teria ido embora. Teria encontrado um jeito de salvar você. Sinto muito. Sinto muito por tudo.

Ele escondeu o rosto quando os soluços começaram a sacudir seu corpo.

Cress apertou os lábios e balançou a cabeça, querendo negar tudo, mas como ela podia se ele sabia o nome dela, tinha os olhos dele, e...

Uma lágrima passou por seus cílios e escorreu quente pela bochecha.

Seu pai estava vivo.

Seu pai estava morrendo.

Seu pai estava ali, na sua frente, quase à distância de um braço. Mas ficaria ali para morrer, e ela jamais o veria de novo.

Metal frio tocou seu pulso, e Cress deu um pulo.

– Me desculpe – disse Cinder, afastando a mão. – Mas temos que ir. Dr. Erland...

– Eu sei, s-sim, eu sei. – Ele passou a mão no rosto rapidamente. Quando ergueu a cabeça, as bochechas estavam vermelhas, os olhos, vidrados. Ele parecia tão fraco e frágil quanto um pássaro ferido. – S-Sinto muito por ser assim que... ah, por favor, tome cuidado. Fique em segurança. Minha Lua Crescente. Eu amo você. Amo você de verdade.

Os pulmões dela se contraíram e mais lágrimas pingaram do queixo e marcaram a saia de seda com pontinhos molhados. Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. *Eu amo você. Eu também amo você.* Palavras que eram tão fáceis nas fantasias e naquele momento pareciam impossíveis.

Ela acreditava nele, mas não o conhecia. Não sabia se o amava também.

– Cress – falou Cinder, apertando o pulso dela. – Sinto muito, mas temos que ir.

Ela assentiu cegamente.

– Ad... adeus – disse ela, a única palavra que saiu quando foi arrastada da janela.

Do outro lado do vidro, o doutor chorou. Ele não ergueu o olhar, mas levantou a mão trêmula em um aceno de despedida. A ponta dos dedos estava enrugada e azul.

CAPÍTULO

Quinquenta e quatro

ELES ABANDONARAM A ESCOLTA DE GUARDAS NO ELEVADOR

chegaram ao último andar. Ninguém se importou por ser fácil demais deduzir para onde estavam indo. Com sorte, quando algum acordasse da influência mental de Cinder, eles já estariam longe.

O elevador de emergência da ala de pesquisa ficava sozinho, em uma alcova afastada do resto da ala. Era o obstáculo final, e Cress tomou cuidado para garantir que estaria funcionando direito quando eles chegassem. Ela seguiu na frente para digitar o código, embora se sentisse emocionalmente esgotada. Parecia que seu cérebro estava afundado em lama, e ela levou um momento para se lembrar do código.

O elevador abriu e eles entraram.

Ninguém falou nada, fosse por respeito ao dr. Erland ou por uma esperança tênue por eles estarem tão perto, tão perto...

As portas se abriram no telhado. O crepúsculo começava a encobrir a cidade, refletido nas janelas do palácio e cobrindo a pista de pouso de sombras roxas.

E a Rampion estava ali, com a rampa abaixada na direção deles.

Cress riu; foi uma gargalhada abrupta, delirante, que pareceu ser arrancada da garganta dela.

Iko deu um gritinho vitorioso e correu para a rampa, gritando:

– Conseguimos!

Thorne apertou mais o braço de Cress.

– Ele está aqui?

– Está – sussurrou ela.

Só Lobo foi mais devagar, mostrando os dentes. Kai ainda estava caído sobre o ombro dele.

– Jacin... preparar para decolar... agora! – gritou Cinder na direção da nave. – Estamos...

As palavras dela foram interrompidas, e ela diminuiu o passo até parar. Cress ofegou e apertou as mãos no braço de Thorne, segurando-o.

Uma pessoa apareceu no alto da rampa do compartimento de carga. O casaco branco e as mangas compridas a faziam parecer um fantasma assombrando a nave, bloqueando o caminho deles para a liberdade.

Os instintos de Cress gritaram que era para ela correr, se esconder, ir para o mais longe possível da mestra Sybil quanto pudesse.

Mas, quando olhou para trás, viu que a taumaturga não estava sozinha. Seis guardas lunares tinham aparecido atrás deles, bloqueando o caminho para o elevador, que não teria funcionado, de qualquer forma, porque ela o tinha programado para parar quando chegassem ao telhado, para que ninguém pudesse ir atrás. Só funcionaria de novo quando o cronômetro

que ela inseriu na programação de segurança chegasse ao zero e o sistema se reiniciasse.

O que significava que eles não tinham para onde correr. Nem para onde se esconder. Encontravam-se a quarenta passos da nave e estavam encurralados.



A ALEGRIA MOMENTÂNEA DE CINDER EVAPOROU QUANDO I para a taumaturga. Devia tê-la sentido imediatamente, ela e os guardas, antes mesmo de ter saído do elevador, mas estava distraída demais com a sensação de sucesso. Ficou arrogante, e naquele momento eles se encontravam cercados.

– Que linda reunião – disse Sybil, com as mangas sacudindo no vento do telhado. – Se eu soubesse que vocês todos viriam a mim, não teria desperdiçado tanta energia procurando.

Cinder tentou manter o foco em Sybil enquanto avaliava seus aliados. Lobo estava um pouco à frente e rosnava ao mesmo tempo que colocava Kai no chão. Embora não estivesse demonstrando dor, ela via uma mancha de sangue na camisa de Lobo; os pontos deviam ter se soltado e aberto o ferimento.

Iko se encontrava longe deles, a única que não estava ofegante.

Cress e Thorne permaneciam à esquerda de Cinder. Thorne estava com uma bengala, e, pensou ela, talvez ainda estivesse com a arma. Mas ele e Lobo poderiam virar problema facilmente,

armas com as quais a taumaturga brincar, ao contrário de Cress e Iko, que não podiam ser controladas.

– Quantos? – perguntou Thorne.

– A mestra Sybil na nossa frente – falou Cress – e seis guardas lunares atrás.

Depois de uma breve hesitação, Thorne assentiu.

– Eu aceito as chances.

– Que encantador – comentou Sybil, inclinando a cabeça. – Minha pequena protegida foi recebida por ciborgues e andróides e criminosos, a escória da sociedade terráquea. É bem apropriado para uma cascuda inútil.

Com o canto do olho, Cinder reparou em Thorne se colocando como um escudo entre Cress e a taumaturga, mas foi Cress quem ergueu o queixo, com expressão mais confiante do que Cinder já tinha visto.

– Você está falando da cascuda inútil que desconectou a ligação de todo o seu equipamento de observação do palácio?

Sybil estalou a língua.

– A arrogância não cai bem para você, minha querida. Que importância tem se a ligação foi cortada? Em pouco tempo, esse palácio vai se tornar o lar da rainha Levana. – Ela assentiu. – Guardas, não machuquem Sua Majestade nem o agente especial. Matem todo o resto.

Cinder ouviu o baque de botas, a movimentação de uniformes, o estalo de armas sendo retiradas de coldres.

Ela abriu os pensamentos para eles.

Seis homens lunares. Seis guardas reais que, assim como Jacin, foram treinados para manterem as mentes abertas. Treinados para serem marionetes.

Ela procurou as pulsações elétricas ao redor deles. Ao mesmo tempo, todos os seis guardas se viraram para a beirada do telhado e jogaram as armas com toda a força que tinham. Seis armas voaram para longe e caíram em algum lugar dos telhados abaixo.

Sybil soltou uma gargalhada aguda, a mais livre que Cinder já testemunhou vindo dela.

– Você aprendeu algumas coisinhas desde a última vez que nos vimos, não é? – Sybil começou a descer a rampa. – Não que controlar um punhado de guardas seja um feito impressionante.

Ela desviou o olhar para Lobo.

Cinder abandonou os guardas e se projetou na direção dele, preparando-se para as intensas pontadas de dor na cabeça que aconteciam sempre que assumia o controle de Lobo.

Mas a dor não veio. A mente de Lobo já estava fechada para ela, como se alguém tivesse trancado a energia dele em um cofre.

Ele se virou para Cinder, com o rosto contorcido em uma fome animal.

Cinder falou um palavrão e deu um passinho para trás. Sua mente lembrou todos os duelos dentro do compartimento de carga, e então Lobo se lançou para cima dela.

Cinder se agachou, esticou as mãos para o abdômen dele e usou o impulso para jogá-lo por cima da cabeça. Ele caiu graciosamente de pé e se virou, mirando o punho direito no maxilar dela. Cinder afastou o golpe com o punho de metal, mas a

força a desequilibrou e ela caiu no asfalto duro da área de pouso. Colocou as mãos no chão e levantou o calcanhar na direção de Lobo, atingindo-o no lado ferido. Ela se odiou por isso, mas ele gemeu de dor e cambaleou de leve para trás.

Ela ficou de pé. Já estava ofegante. Avisos encheram o display na retina dela.

Lobo lambeu os lábios e se preparou para atacá-la uma segunda vez, revelando o brilho dos dentes afiados.

Sufocando o pânico, Cinder tentou alcançá-lo de novo. Se ao menos rompesse o controle mental de Sybil. Se ao menos tivesse chegado nele primeiro. Ela procurou alguma fagulha do Lobo que sabia estar preso dentro de toda a fúria e sede de sangue. Algum ponto vulnerável na mente dele.

Estava tão distraída com as tentativas de afastar o controle de Sybil que não reparou no chute que acertou a lateral de sua cabeça e jogou-a longe na plataforma.

Ela ficou deitada de lado, tonta, com fagulhas brancas piscando na visão e o braço esquerdo ardendo por ter sido arrastado no chão. O ar não voltava aos pulmões. Cinder não conseguiu levantar a cabeça. Os diagnósticos de programação estavam enlouquecendo, e ela demorou um momento para lembrar como afastar isso para poder se concentrar.

Quando sua visão clareou, ela reparou em formas se movendo contra o céu crepuscular. Pessoas e sombras. Lutando. Brigando. As imagens confusas vinham acompanhadas de grunhidos de dor.

Os guardas atacaram. Thorne arrumou uma faca em algum lugar, Cress estava balançando loucamente a bengala dele e Iko usava os membros de metal e silício da melhor maneira possível para se defender. Mas Thorne estava cego, e Iko não tinha programação para lutar, e, assim que um dos guardas tirou a bengala da mão de Cress, ela caiu de joelhos, paralisada, encolhida atrás dos braços.

Enquanto Cinder olhava, um guarda segurou o pulso de Thorne e o virou até as costas. Ele deu um grito. A faca caiu. Outro guarda deu um soco no estômago dele.

Nesse momento, Cinder ouviu um rosnado. Lobo estava agachado, pronto para atacá-la de novo.

Cinder resistiu à vontade de fechar os olhos e se preparar para o impacto e soltou a respiração devagar pelo nariz. Fez com que os músculos relaxassem também.

Sua mente e seu corpo precisam trabalhar juntos.

Por um momento, foi como ser duas pessoas simultaneamente. Seus olhos estavam abertos, concentrados em Lobo enquanto ele pulava para cima dela, e seu corpo, relaxado, rolou para longe instintivamente antes de ela se levantar de novo.

Ao mesmo tempo, seu dom lunar procurou as pulsações de energia ao redor, direcionou para os seis guardas e os envolveu com tanta força que foi como agarrá-los com enormes punhos de metal.

Houve uma reação de surpresa dos guardas. Um caiu de joelhos. Dois caíram de lado, em convulsão.

Cinder desviou de outro soco, bloqueou outro chute. Seus instintos desejavam usar a faca no dedo, mas ela se recusou.

Lobo não era o inimigo.

Ela deu um soco para cima no queixo dele, seu primeiro golpe sólido, enquanto essas palavras se infiltravam no seu cérebro.

Lobo não é o inimigo.

Uma mancha azul chamou a sua atenção. Iko pulou nas costas de Lobo com um grito de guerra e envolveu a cintura dele com as pernas. Os braços envolveram a cabeça, tentando cegá-lo ou sufocá-lo ou distraí-lo como fosse possível.

Ela conseguiu por dois, três segundos, mas Lobo levantou as mãos, agarrou a cabeça dela e girou com tanta força que a pele rasgou no pescoço. Os fios na parte superior da coluna estalaram e soltaram fagulhas.

Iko escorregou dele e desmoronou no chão. As pernas estavam torcidas em uma posição estranha. As placas externas que protegiam a estrutura do colo estavam amassadas de um lado e deixavam à mostra fios desconectados e uma placa muscular rasgada, já vazando silício grosso e amarelado pelo ombro.

Cinder cambaleou e caiu de joelhos enquanto olhava para a forma retorcida. Seu áudio interno se fixou naquele som horrível e ficou repetindo sem parar o mesmo estalo brutal. O mesmo baque pesado de quando o corpo de Iko bateu no chão.

Seu estômago deu um salto, mas ela o acalmou quando desviou o olhar de Iko e o direcionou não para Lobo, mas para Sybil.

A taumaturga estava de pé na base da rampa. O rosto bonito, franzido de concentração.

Em seus pensamentos distantes, Cinder sentiu que os guardas estavam se levantando do chão. Partindo para cima de seus amigos de novo.

Rosnando, ela os ignorou. Ignorou Lobo.

Sybil era a inimiga.

Lobo se virou para ela. Seus pés bateram no asfalto.

Mas Cinder estava concentrada demais na bioeletricidade emanando de Sybil para se importar. A energia de Sybil era distorcida e arrogante e orgulhosa, e Cinder tinha acabado de penetrar nas rachaduras dos pensamentos dela quando o impacto chegou.

Lobo se chocou contra ela, derrubando-a, mas Cinder quase nem sentiu.

Enquanto Lobo a prendia no chão, Cinder trabalhava para contornar o dom de Sybil. Estava conhecendo intimamente a forma como a energia emanava dos membros e dedos dela. Era tão diferente da forma como a mesma energia latejava e ardia dentro do seu cérebro.

Quando Lobo revelou os caninos afiados, Cinder descobriu onde o dom de Sybil fervia em suas tentativas de controlar Lobo, deixando o resto do cérebro distante e vulnerável.

Quando Lobo baixou os dentes na direção do pescoço desprotegido de Cinder, ela agarrou a mente de Sybil e atacou.

CAPÍTULO

Quinquenta e cinco

CRACK.

Cress ergueu o olhar na hora em que Iko deslizou das costas de Lobo e caiu, quebrada e destruída, no chão duro. Um tremor percorreu o corpo dela. Mesmo de longe, ela via a pele rasgada e os fios soltando fagulhas.

– O que foi isso?

Ela voltou a atenção para Thorne. Ainda estava ajoelhada ao lado dele, tentando ajudá-lo da melhor forma possível. Ele tinha levado um soco forte no estômago que o deixou sem ar, mas pelo menos estava respirando e falando de novo.

– Acho que acabamos de perder Iko – disse ela. – Você consegue ficar de pé?

Thorne gemeu, ainda com a mão no estômago.

– Consigo – respondeu ele, não parecendo nada convencido.

Alguma coisa se mexeu. Ao erguer o olhar, Cress deu um gritinho e enfiou os dedos nos braços de Thorne. Os guardas, que tinham estado paralisados e com expressões vazias até pouco tempo, estavam se mexendo. Um deles gemeu.

Ao lado dela, Thorne se levantou.

– Pronto. Melhor – disse ele, embora ainda estivesse fazendo careta. – Você está vendo minha bengala por aí? Ou minha faca?

Ela viu a bengala atrás de um dos guardas, cujo olhar furioso não estava mais vazio e nem inofensivo.

– Cress?

– Os guardas estão levantando de novo – disse ela.

Thorne fez uma careta.

– Todos os seis?

Ela olhou por cima do ombro.

– E Cinder está no chão, talvez esteja inconsciente. E Lobo ainda está sob o controle de Sybil e eu... eu acho que ele vai...

Ela apertou o braço de Thorne, horrorizada com a visão de Lobo prendendo Cinder no chão. Queria afastar o olhar, mas não conseguia, era como estar presa em um sonho ruim.

– Isso tudo parece horrível – disse Thorne.

Tremendo, ela encostou as costas nele e se perguntou como sua morte viria. Com o crânio esmagado no concreto? Com o pescoço quebrado, como o de Iko?

– Acho que está na hora.

Enquanto os pensamentos de Cress continuavam remoendo as coisas horríveis que poderiam acontecer, ela se sentiu sendo virada de repente e deitada para trás, um braço forte sustentando suas costas. Deu um gritinho e se segurou no ombro de Thorne.

E ele a beijou.

A batalha se tornou um furacão com os dois bem no meio: os braços dele protegendo-a do vento, a saia dela voando ao redor das pernas dele, os lábios dele gentis mas insistentes, como se os dois tivessem todo o tempo do mundo.

Um calor tomou conta dela, e Cress fechou os olhos. Pensou que seus braços queriam envolver o pescoço dele, mas todo o seu corpo vibrava, e ela estava tão tonta que mal conseguia manter os dedos no tecido da saia.

Tinha acabado de derreter quando foi erguida novamente.

O mundo virou de cabeça para baixo. Thorne girou e a puxou contra o peito com um braço enquanto o outro procurava alguma coisa na cintura. Cress ouviu o tiro e gritou, pressionando-se contra ele, antes de perceber que foi Thorne quem atirou.

Um guarda grunhiu.

Outro guarda segurou Thorne pela gola e ele se virou, dando uma cotovelada no maxilar do guarda.

– Cress, me faça um favor. – Ele se virou de forma que ela ficasse de costas para ele; Cress estava começando a se sentir como um satélite constantemente tirado de órbita, mas não tinha tempo para pensar, pois Thorne apoiou um braço no ombro dela. – Faça com que eu não atire em ninguém de quem nós gostamos.

Ele disparou de novo, e a bala raspou no bíceps de um guarda. Ele nem reagiu ao disparo e partiu para cima deles.

Ofegante, Cress envolveu as mãos de Thorne com as suas e mirou. Ele disparou de novo, dessa vez acertando o guarda no peito, que cambaleou para trás e caiu.

Cress se moveu e direcionou a mão de Thorne para outro guarda. Mais um tiro no peito. Um terceiro tiro acertou o ombro do guarda seguinte. Ela mirou no quarto...

Click. Click.

Thorne falou um palavrão.

– Bem, foi divertido enquanto durou.

O guarda riu. Era alto e todo feito de músculos, seu cabelo ruivo-alaranjado penteado para o alto. Era o único guarda que Cress reconhecia. Ela o tinha visto nas filmagens de segurança junto com o grupo da rainha, o que significava que devia ser o guarda de posição mais alta entre eles.

– Se não se importar – disse ele –, vou matar você agora.

– Você não é um cavaleiro? – perguntou Thorne, empurrando Cress para trás de si e erguendo os punhos.

Um grito soou em meio ao vento.

Não apenas um grito, mas um grito feito de dor e delírio, tortura e agonia.

Cress e Thorne se abaixaram e cobriram os ouvidos, e Cress ficou morrendo de medo de ter sido Cinder. Mas, quando olhou, a mestra Sybil tinha caído no chão, tendo convulsões e enfiando as unhas no couro cabeludo. O grito prosseguiu enquanto ela se debatia e se feria, torcendo a cabeça com tanta força que se chocou no asfalto, depois se encolhendo como um feto, procurando um alívio que não vinha.

Cinder ainda parecia inconsciente, com Lobo acima dela. Mas nesse momento ele virou a cabeça como um cachorro atordado e se afastou de Cinder com olhos enlouquecidos e cheios de remorso.

Cinder permaneceu no chão como um cadáver.

– Pare! – gritou o guarda ruivo.

Ele segurou Cress, puxou-a para longe de Thorne e envolveu o pescoço dela com a mão. Ela gritou e enfiou as unhas no pulso dele, mas ele não pareceu perceber.

– Mandei parar, senão esmago o pescoço dela!

Embora ele estivesse gritando, mal podia ser ouvido por causa dos gritos de Sybil, e Cinder não o ouviu ou não se importou... ou não conseguiu parar. Cress tentou dar chutes, mas suas pernas eram curtas demais, e a escuridão já tomava conta de sua visão...

Crack.

O pulso do guarda afrouxou e ele caiu inconsciente. Cress cambaleou para longe dele e massageou o pescoço. Ao se virar, viu Thorne segurando a bengala como uma clava.

– Encontrei minha bengala – disse ele, girando-a uma vez e tentando segurar na outra ponta, mas errando. A bengala caiu no chão. Thorne fez uma careta. – Você está bem?

Ela engoliu em seco e tentou ignorar o ardor na garganta.

– S-Sim.

– Que bom. – Thorne pegou a bengala. – Agora, o que em nome das espadas foi aquele grito?

– Não sei. Cinder está fazendo alguma coisa com a mestra Sybil... alguma coisa com o dom dela.

– Bem, está me irritando, e estamos ficando sem tempo. Venha.

Um dos guardas em quem eles tinham atirado esticou a mão para o tornozelo de Cress quando ela passou, mas Cress o chutou e eles continuaram correndo até Cinder. Lobo a estava sacudindo, mas ela não reagia. Atrás deles, os gritos de Sybil

viraram um choramingo incontrollável enquanto ela convulsionava no chão.

– Talvez Cinder tenha que ser reiniciada – falou Thorne depois que Cress descreveu a situação da melhor maneira que conseguiu. – Isso já aconteceu uma vez. Aqui.

Ele enfiou a mão por baixo da cabeça de Cinder, e Cress ouviu um clique.

Os olhos de Cinder se abriram, e a mão dela envolveu o pulso de Thorne. Com um grito, ele caiu no chão.

Os soluços de Sybil viraram um choramingo.

– Não. Abra. Meu painel de controle – disse ela.

Depois de soltar Thorne, ela fechou a placa da cabeça.

– Então pare de ficar em estado de coma perto de mim! – Ele ficou de pé. – Podemos ir agora, antes que toda a força militar da Comunidade apareça?

Cinder se sentou, piscando.

– lko...

– Certo. Lobo, você pode pegar a androide, por favor? E o imperador, acho que ele ainda está em algum lugar por aí.

O imperador. Em meio ao caos, Cress se esqueceu dele.

– Sirenes.

Cress olhou para Lobo. Ele estava com a cabeça inclinada para o lado.

– Vindo para cá.

– O que quer dizer que os militares não devem estar muito atrás – disse Cinder. – Devo concluir que não há sinal de Jacin?

Ninguém respondeu. Não havia sinal do piloto desde que a luta começara. Cress lambeu os lábios. Teria ele os traído? Teria contado a Sybil sobre o plano?

– Faz sentido – disse Cinder. – Thorne, você vem comigo no cockpit. Jacin e eu treinamos decolagens... uma vez. Você pode ajudar a ativar minha memória.

Juntos, eles se apressaram para carregar o corpo quebrado de Iko e Kai, ainda inconsciente, para o compartimento de carga.

De repente, ouviram risos. Uma gargalhada aguda e tensa que fez a coluna de Cress congelar.

Sybil estava se esforçando para se levantar. Ficou de pé e deu dois passos cambaleantes, mas caiu sobre um dos joelhos. Ela riu de novo e fechou os punhos no cabelo comprido e desgrenhado.

Cress foi empurrada de lado de repente quando Lobo desceu a rampa e agarrou Sybil pela frente do casaco branco, puxando-a para perto. Os olhos dela se reviraram para dentro da cabeça.

– Onde ela está? – gritou ele. – Ainda está viva?

Mesmo do alto da rampa, Cress viu o ódio ardendo nos olhos dele, superado só pela necessidade de saber. De receber uma sombra de esperança de que Scarlet ainda estava viva. De que ele ainda tinha chance de salvá-la.

Mas a cabeça de Sybil só caiu para o lado.

– Que... que pássaros bonitos! – disse ela, antes de ser tomada de um ataque de risadinhas incoerentes.

Lobo rosnou e mostrou os dentes. Por um momento, o corpo todo dele tremeu, e Cress achou que ele ia arrancar um pedaço do pescoço dela. Mas largou Sybil no chão. Ela caiu com força,

choringou pelo impacto e rolou até ficar de costas. Em seguida, voltou a gargalhar, olhando para o céu. O sol estava se pondo, mas a lua cheia já tinha surgido acima dos contornos da cidade.

Lobo se virou de costas para ela e subiu a rampa. Não olhou nos olhos de Cress ao passar.

Cress ficou olhando, desnorteada, quando Sybil levantou os dois braços para o céu. Gargalhando. Gargalhando.

A rampa começou a subir e a bloquear lentamente a visão de Sybil e dos guardas ensanguentados espalhados pelo telhado. O rugido do motor logo encobriu tanto as risadas loucas quanto as sirenes berrando além dos muros do palácio.

CAPÍTULO

Quinquenta e seis

PARA QUEM A VISSE, LEVANA ERA UMA VISÃO DE SERENIDADE COM o véu de noiva vermelho etéreo e o véu dourado fino que ia até os pulsos. Ela estava sentada em um divã nos aposentos de hóspede, com a postura perfeita e as mãos cruzadas no colo.

Só que elas não estavam cruzadas, mas apertadas em punhos furiosos.

Cada uma tinha uma aliança de casamento. Uma que ela usou por anos demais, que antes acreditava que pudesse trazer amor e felicidade, mas só trouxe dor.

A outra devia trazer-lhe não o amor de um marido cego e egoísta, mas o amor de um planeta inteiro. Devia estar usando-a naquele momento.

Tudo estava indo tão bem. Ela esteve a momentos de subir no altar. *A momentos.*

Deveria estar casada. Deveria estar recitando as promessas que a tornariam imperatriz.

Quando descobrisse quem era responsável pelo atraso, atormentaria a mente frágil da pessoa até ela virar um idiota patético e babão, com medo da imagem das próprias mãos.

Uma batida interrompeu a fantasia. Levana desviou o olhar para a porta.

– Entre.

Um de seus guardas entrou primeiro, escoltando Konn Torin, o conselheiro irritante e sempre presente do jovem imperador. Ela lançou-lhe um olhar irritado através do véu dourado, embora soubesse que ele não tinha como perceber.

– Vossa Ilustre Majestade – disse ele, com uma reverência profunda. A adição de um novo adjetivo, junto com a reverência um pouco mais profunda do que o habitual, fez os cabelos da nuca dela se arrepiarem. – Peço desculpas sinceras pelo atraso e pela notícia que preciso dar. Infelizmente, fomos obrigados a adiar a cerimônia de casamento.

– Perdão?

Ele se empertigou, mas manteve o olhar respeitosamente no chão.

– Sua Majestade Imperial, o imperador Kaito, foi sequestrado. Ele foi levado dos aposentos pessoais para uma nave espacial não rastreável.

Os dedos dela apertaram as alianças de casamento.

– Por quem?

– Linh Cinder, Vossa Majestade. A ciborgue fugitiva do baile. Junto com vários cúmplices, ao que parece.

Linh Cinder.

Cada vez que ouvia aquele nome, ela sentia vontade de cuspir.

– Entendo – disse ela, cansada demais para aliviar a severidade de sua raiva. – Devo acreditar que vocês não tinham medidas de segurança para o caso de haver esse tipo de tentativa de ataque?

– Nossa segurança foi comprometida.

– *Comprometida.*

– Sim, Vossa Majestade.

Ela ficou de pé. O vestido voou como uma brisa ao redor dos quadris. O conselheiro nem se mexeu, embora devesse.

– Você está me dizendo que essa adolescente não só fugiu da sua prisão e da captura por seus militares altamente treinados, mas também invadiu o palácio e os aposentos particulares do próprio imperador, o sequestrou e escapou de novo.

– Precisamente, Vossa Majestade.

– E o que vocês estão fazendo para recuperar meu noivo?

– Reunimos todas as unidades policiais e militares ao nosso disp...

– NÃO É O BASTANTE.

Desta vez, ele se encolheu.

Levana acalmou a respiração.

– A Comunidade falhou muitas vezes em relação a Linh Cinder. A partir de agora, vou usar meus próprios recursos e táticas para encontrá-la. Meus guardas vão precisar ver todas as filmagens de segurança das últimas quarenta e oito horas.

O conselheiro uniu as mãos nas costas.

– Ficamos felizes em dar acesso às filmagens de segurança que temos. No entanto, não temos aproximadamente duas horas de filmagem, que foram comprometidas esta tarde pela falha de segurança.

Ela fez uma expressão de desprezo.

– *Certo.* Me tragam o que vocês têm.

O taumaturgo Aimery Park apareceu na porta.

– Vossa Majestade. Eu gostaria de pedir um momento em particular.

– Com prazer. – Ela acenou para Konn Torin. – Você está dispensado, mas saiba que a incompetência de sua equipe de segurança não será ignorada.

Sem argumentar, o conselheiro fez outra reverência profunda e saiu.

Assim que ele não estava mais na sala, Levana arrancou o véu da cabeça e o jogou no divã.

– O jovem imperador foi sequestrado, e no próprio palácio. Os terráqueos são patéticos. É incrível ainda não estarem extintos.

– Eu não discordo, Vossa Majestade. Acredito que o sr. Konn não a tenha informado do outro desenvolvimento interessante desta noite, certo?

– Que desenvolvimento?

Os olhos de Aimery dançaram.

– Parece que o dr. Sage Darnel está neste palácio, preso em uma sala de quarentena na ala de pesquisa.

– Sage Darnel? – Ela fez uma pausa. – Ousando retornar depois de ajudar na fuga daquela garota maldita?

– Sem dúvida eles estavam trabalhando juntos, embora eu tenha sido levado a acreditar que o dr. Darnel não vá sobreviver por muito tempo. Pelo que eu soube, contraiu uma variação incomum de letumose, que parece agir bem mais rápido do que a comum. E, é claro, ele é lunar.

A pulsação dela saltou. Isso abria algumas possibilidades interessantes.

– Me leve até ele – ordenou, colocando a verdadeira aliança de casamento no dedo de novo. A outra, a que a ligaria ao imperador Kaito, ela deixou para trás.

– Devo avisá-la – disse Aimery quando ela o seguiu para o corredor – que os elevadores de todo o palácio não estão funcionando. Vamos ser obrigados a tomar as escadas.

– Terráqueos – rosnou ela, levantando a barra da saia.

Foi como atravessar um labirinto infinito, mas eles finalmente chegaram à ala de pesquisa. Um grupo de oficiais tinha se reunido fora do laboratório, e Levana sentiu desprezo ao pensar que pretendiam esconder a informação quando Sage Darnel, assim como Linh Cinder, era problema *dela*, para resolver como lhe conviesse.

Quando ela entrou na sala do laboratório, penetrou nas mentes dos homens e mulheres ao redor e transmitiu uma vontade intensa de estarem em *outro lugar*.

A sala ficou vazia em segundos, exceto por ela e Aimery.

Era uma sala imaculada com cheiro de produtos químicos, cheia de luzes fortes e superfícies duras. E, do outro lado de uma janela escura, o dr. Sage Darnel estava deitado na mesa, segurando um boné cinza sobre a barriga.

Com exceção da filmagem de segurança que o mostrava ajudando Linh Cinder a fugir da prisão, Levana não o via desde que ele desapareceu, uma década antes. Houve uma época em que ele foi um dos cientistas mais proeminentes dela, fazendo grandes avanços no desenvolvimento dos soldados lupinos quase mensalmente.

Mas o tempo não foi gentil com ele. O rosto estava cansado e enrugado. Ele estava ficando careca, e o que sobrou do cabelo estava ressecado e grisalho. E havia a doença. A pele reptiliana estava coberta de manchas que pareciam hematomas e de uma irritação que surgia como bolhas, uma em cima da outra. A ponta dos dedos já ficavam azuis. Não, ele não permaneceria vivo por muito tempo.

Levana foi até a janela. Havia uma luz acesa ao lado de um microfone, indicando que a comunicação estava aberta entre as duas salas.

– Meu querido dr. Darnel, eu não achava que voltaria a ter o prazer.

Ele abriu os olhos, ainda brilhantes e azuis por trás dos óculos. A atenção dele estava grudada no teto, e, apesar de ter ocorrido a Levana que a janela só tinha vista em uma direção, ela ficou irritada por ele não se dar ao trabalho de olhar para ela.

– Vossa Majestade – disse ele em tom ríspido. – Eu achava que ouviria sua voz mais uma vez.

Ao lado dela, Aimery verificou um tablet preso ao cinto e pediu licença com uma reverência.

– Devo dizer que estou satisfeita com essa ironia. Você deixou uma posição honorável em Luna para vir para a Terra e dedicar seus últimos anos a encontrar uma cura para essa doença. Uma doença para a qual já tenho o antídoto. Na verdade... pensando bem, eu talvez tenha algumas amostras comigo no palácio. Gosto de tê-las à mão para o caso de alguma coisa acontecer com meu noivo ou com alguém que seja necessário aos meus objetivos. Eu

poderia mandar trazerem o antídoto para você, mas acho que não vou fazer isso.

– Não se preocupe, minha rainha. Eu não aceitaria se você trouxesse, agora que sei tudo o que você fez para obtê-lo.

– Tudo o que fiz? Para curar uma doença que, até hoje, não afetava meu próprio povo? Acredito que é bastante caridoso de minha parte, você não acha?

Ele se sentou mais ereto devagar. Baixou a cabeça até o peito ao tentar recuperar o fôlego depois do pequeno esforço.

– Eu descobri, minha rainha. Eu realmente acreditava que os cascudos eram mortos quando você os tirava de nós, mas isso não é verdade. *Algun* deles é morto ou é só fachada? Um jeito de colocá-los em reclusão e tirar o sangue sem ninguém ir procurá-los?

Ela piscou.

– Você teve um bebê cascudo, não teve? Me ajude a lembrar, era um garotinho ou uma garotinha? Talvez quando eu voltar para casa eu possa encontrá-lo e contar o quanto o pai dele era pequeno e patético quando morreu bem na minha frente.

– O que eu acho mais interessante – disse o doutor, coçando a orelha e agindo como se não a tivesse ouvido – é que o primeiro caso documentado de letumose ocorreu doze anos atrás. Mas você vem coletando anticorpos há bem mais do que isso. Na verdade, foi sua irmã quem começou os experimentos, se meus cálculos estiverem corretos.

Levana abriu os dedos sobre a bancada.

– Você me fez lembrar por que foi uma perda tão terrível para nossa equipe, doutor.

Ele passou o braço pela testa úmida. A pele parecia transparente sob as luzes intensas.

– Essa doença é toda coisa sua. Você fabricou a morte para fazer a Terra se ajoelhar, para, na hora certa, estar aqui e salvar a população com seu antídoto milagroso. Um antídoto que você tinha guardado o tempo todo.

– Você me dá crédito demais. Foi a equipe que trabalhava para meus pais que criou a doença, e a equipe da minha irmã que aperfeiçoou o antídoto. Eu só implementei a pesquisa ao determinar um meio de trazer a doença para a Terra.

– Expondo lunares a ela e enviando-os para cá, sem terem ideia do que estavam carregando.

– Enviando para a Terra? De jeito nenhum. Eu só cuidei para que minha equipe de segurança olhasse para o outro lado quando eles... *fugiram*.

A última palavra foi mordaz. Ela não gostava da ideia de que algumas pessoas preferiam fugir do paraíso que ela lhes tinha dado.

– É uma guerra biológica. – O dr. Darnel tossiu com o braço dobrado na frente do rosto, deixando pontos vermelho-escuros.
– E a Terra nem faz ideia.

– E vai continuar sem fazer ideia. Porque vou ficar aqui e ver você morrer.

Ele deu uma gargalhada aguda.

– Você acha mesmo que eu levaria esse segredo para o túmulo?

Uma pontada de irritação desceu pela coluna dela.

Os olhos do doutor estavam vidrados, mas o sorriso foi enorme quando ele observou a janela.

– É um espelho bem grande esse para onde estou olhando. É impossível me esconder do que sou... do que me tornei. Minha rainha, você não gostaria de morrer nesta sala. Eu desconfio que arrancaria a própria pele se fosse forçada a olhar para si por muito tempo.

Ela apertou bem as mãos e afundou as unhas nas palmas.

– Vossa Majestade.

Expirando, ela se forçou a abrir as mãos. As palmas estavam ardendo.

Aimery tinha voltado com Jerrico, o capitão da guarda, parecendo que tinha participado de uma luta impressionante.

– Finalmente. Onde você e Sybil estavam? Conte tudo.

Jerrico fez uma reverência.

– Minha rainha, a taumaturga e eu, junto com cinco dos meus melhores homens, cercamos Linh Cinder e seus cúmplices na plataforma de pouso de emergência no telhado desta torre.

A esperança aqueceu o peito dela.

– E vocês os capturaram? Eles não fugiram, no fim das contas?

– Não, Vossa Majestade. Nós falhamos em nosso objetivo. Dois dos meus homens estão mortos, os outros três estão seriamente feridos. Eu mesmo estava inconsciente quando a espaçonave fugiu com os traidores e o imperador Kaito a bordo.

A fúria começou a subir pela espinha de novo, desesperada para ser libertada.

– E onde está a taumaturga Mira?

Ele baixou o olhar respeitosamente.

– Morta, Vossa Majestade. Linh Cinder usou o dom para torturar a mente dela; eu ouvi os gritos. Os que estavam conscientes relataram que, depois que a espaçonave partiu, a taumaturga Mira se jogou do telhado. O corpo foi encontrado nos jardins.

Uma risadinha enlouquecida ecoou pela sala. Levana se virou e viu o doutor inclinado sobre os joelhos, batendo com os calcanhares na mesa.

– Ela mereceu, a cobra. Depois de manter meu passarinho dourado trancado na gaiola por tanto tempo.

– Vossa Majestade.

Levana olhou novamente para Jerrico.

– O quê?

– Encontramos um dos cúmplices de Linh Cinder a bordo da nave antes do confronto. O novo piloto dela, ao que parece.

Jerrico indicou o corredor. Passos estalaram, e, um momento depois, dois homens entraram. Outro guarda entrou escoltando...

O sorriso dela surgiu rapidamente.

– Meu querido Senhor Clay.

Apesar de os pulsos estarem presos nas costas, ele se manteve empertigado e parecia mais saudável do que nunca. Estava claro que não tinha sido tratado como prisioneiro na nave de Linh Cinder.

– Minha rainha. – Ele baixou a cabeça.

Ela projetou o dom lunar nele para testar sinais de escárnio ou rebelião, mas não havia nada disso. Ele estava tão vazio e maleável como sempre.

– Minha compreensão é que você abandonou sua taumaturga em uma batalha essencial para se juntar a Linh Cinder contra a coroa lunar. Sua presença aqui me leva a concluir que também está envolvido no sequestro de meu noivo. Você traiu a mim e meu trono. Como você se declara?

– Inocente, minha rainha.

Ela riu.

– É claro. Como você pode se declarar assim?

Ele sustentou o olhar dela sem remorso.

– Durante a batalha a bordo da nave, a taumaturga Mira foi consumida pelo esforço de controlar um agente especial lunar que se juntou aos rebeldes. Com minha mente aberta, Linh Cinder me obrigou a colaborar com ela e lutar contra minha taumaturga, o que fez com que ela abandonasse a nave e me deixasse a bordo. Ao perceber isso como uma oportunidade de conquistar as graças dos rebeldes, eu passei essas últimas semanas agindo como espião com a intenção de relatar as fraquezas e estratégias quando enfim voltasse para minha rainha, a quem tenho a honra de servir.

Ela deu um sorrisinho de desprezo.

– Sem dúvida sua ansiedade em voltar envolvia um desejo de ver sua amada princesa também.

Pronto... finalmente. Uma leve onda de emoção antes de o lago voltar a ficar parado como vidro.

– Eu vivo para servir todos os membros da família real lunar, minha rainha.

Ela passou os dedos pela saia.

– Como posso acreditar que você permanece leal a mim quando está de pé na minha frente acorrentado depois de ter sido arrastado de dentro da nave do meu próprio inimigo?

– Eu esperava que minhas ações provassem minhas lealdades. Se eu quisesse que Linh Cinder tivesse sucesso nos objetivos dela, não teria mandado uma mensagem para a taumaturga Mira informando-a onde e quando chegaria com aquela nave.

Levana sustentou o olhar de Jacin antes de se virar para Jerrico.

– Isso é verdade?

– Não tenho como saber. A taumaturga Mira parecia confiante da localização quando fomos interceptar os traidores, mas não disse nada sobre mensagem nenhuma. E pareceu furiosa quando encontramos Jacin no cockpit. Foi por ordem dela que o prendi.

– Com todo o respeito – disse Jacin. – Eu atirei nela em nosso último encontro. E a mensagem foi enviada anonimamente; ela talvez não tenha percebido que fui eu que mandei a dica.

Levana afastou essa declaração com um aceno.

– Vamos investigar mais, sr. Clay. Mas, como você alega ter coletado informações durante semanas, me conte, que coisas úteis descobriu sobre nossos inimigos?

– Descobri que Linh Cinder tem a capacidade de controlar um agente especial lunar – disse ele, recitando a informação com tanta emoção quanto um androide terráqueo. – No entanto, não

tem treino e nem foco. Não demonstra talento nenhum para se envolver em batalhas simultaneamente mentais e físicas.

– Especulação interessante – refletiu Levana. – Na sua avaliação, ela teria o foco mental necessário para torturar um inimigo, levando-o à beira da insanidade?

– De jeito nenhum, Vossa Majestade.

– De jeito *nenhum*. Muito bem, então. Ou você é muito mais burro do que eu imagino ou está mentindo, pois foi exatamente isso que Linh Cinder fez hoje, e com minha taumaturga chefe.

Outra pontada de emoção despertou um breve sinal de nervosismo, mas foi encoberto por batidas altas vindas da sala de quarentena.

– É claro que ele está mentindo! – gritou o doutor, com a voz falhando. Ele tinha se levantado da mesa e estava batendo com as palmas das mãos no vidro, deixando manchas de cuspe ensanguentado. – Ela é capaz de matar sua taumaturga chefe e todos os seus guardas e toda a sua corte. Ela é a princesa Selene, a verdadeira herdeira do trono. Pode matar vocês todos, e vai matar vocês todos. Ela está vindo atrás de você, minha rainha, ela vai *destruir você*!

Levana rosnou.

– Cale a boca! Cale a boca, seu velho! Por que você não morre logo?

Ele estava ocupado demais tentando recuperar o fôlego para ouvi-la. Caiu no chão com as mãos no peito, a respiração ofegante pontuada por ataques de tosse.

Quando ela se virou, Jacin Clay estava olhando ceticamente para a janela. Mas, em poucos momentos, seus olhos começaram a se encherem de compreensão. Seu lábio tremeu, como se ele estivesse pronto para rir de uma piada que só entendia agora. Era uma rara exibição de emoção que só a enfureceu mais.

– Leve-o. Ele vai passar por investigação completa em Luna.

Enquanto Jacin era levado de volta pelo corredor, ela olhou para o taumaturgo Park de novo, suas mãos fechadas ao lado do corpo.

– Você está sendo promovido. Comece a planejar nossa partida imediatamente e alerte nossa equipe de pesquisa sobre essa nova variação da letumose. Além disso, inicie os procedimentos de mobilização de nossos soldados. Linh Cinder é medrosa demais para me enfrentar. As pessoas da Terra vão sofrer pela covardia dela.

– Você entende que, com a perda da programadora da taumaturga Mira, não somos capazes de transportar nossas naves para a Terra sem sermos percebidos?

– E você acha que eu ligo de a Terra vê-las chegando? Espero que dê tempo para que as pessoas implorem perdão antes de as destruirmos.

Aimery fez uma reverência.

– Vou cuidar para que seja feito, Vossa Majestade.

Levana olhou para trás e viu que o dr. Sage Darnel estava deitado no chão, o corpo convulsionando entre os ataques de tosse. Ela o viu se contorcer e tremer, o sangue ainda fervendo pelas palavras dele.

Até onde as pessoas de Luna e da Terra sabiam, Selene tinha morrido treze anos antes.

Levana ia cuidar para que tudo continuasse assim.

Ela era a rainha de Luna por direito. Da Terra. Da galáxia inteira. Ninguém tiraria isso dela.

Fervendo de raiva, ela chegou mais perto, perto o bastante para ver as marcas de lágrimas no rosto marcado do doutor.

– Doce Lua Crescente... – sussurrou ele, os lábios quase incapazes de formar as palavras. Ele começou a tremer. – Bem alta no céu... – Ele murmurou algumas notas de uma música, uma cantiga que parecia levemente familiar. – Você canta sua música... tão doce... depois que o sol se põe...

A última palavra pairou sem ser dita quando ele parou de tremer e ficou imóvel, os olhos azuis virados para cima como bolas de gude vazias.

CAPÍTULO

Quinquenta e sete

– **SATÉLITE AR817.3... BLOQUEAR RASTREADOR... CONFIGURAR alternativo... e verificar.** Isso deve deixar apenas o satélite AR944.1 ... e... isso... deve... resolver.

Cress fez uma pausa, respirou e afastou devagar os dedos da tela principal do cockpit, onde tinha passado as últimas três horas cuidando para que qualquer satélite no caminho estivesse convenientemente virado para longe quando eles passassem. Enquanto o caminho orbital da Rampion permanecesse o mesmo, eles não seriam detectados.

Ao menos, não por satélites e radares.

Ainda havia o problema dos avistamentos, e, como a Comunidade das Nações Orientais tinha anunciado vinte minutos antes que uma recompensa monetária enorme seria dada para qualquer pessoa que encontrasse a Rampion roubada, todas as naves daqui até Marte estariam de olho.

Eles tinham que estar preparados para fugir se alguém os visse, o que era bem mais difícil uma vez que não tinham mais um piloto treinado a bordo. Pelo menos, não um que enxergasse. Thorne guiou Cinder pelos procedimentos de decolagem, com grande ajuda do novo sistema de autocontrole da Rampion, mas foi uma decolagem sacolejante seguida de uma mudança

imediate para órbita neutra. Se eles se deparassem com qualquer coisa que exigisse manobras mais complicadas antes de Thorne recuperar a visão, estariam encencados.

De acordo com Cinder, estariam encencados mesmo quando ele *recuperasse* a visão.

Cress massageou o pescoço e tentou fazer os pensamentos pararem de girar. Quando estava no meio de um trabalho, isso ocupava o cérebro dela até sua visão se saturar de códigos e cálculos, pulando para cada tarefa necessária mais rápido do que ela conseguia completá-las. Isso costumava deixá-la em um estado de euforia esgotada.

Mas, ao menos por enquanto, a Rampion estava segura.

Ela desviou a atenção para uma luz amarela na base da tela que a estava irritando desde que ela começou, mas que não havia tido tempo de resolver. Como esperado, quando ela gerou o comando de ejeção, um pequeno chip D-COMM reluzente pulou da tela.

Era o par do chip que Sybil tinha tirado do satélite dela, destruindo qualquer esperança que Cress e Thorne tinham de fazer contato com os amigos.

Amigos.

Ela apertou os olhos para o chip enquanto o segurava, perguntando-se se era a palavra certa. A sensação era de ter amigos, principalmente depois de sobreviverem juntos à missão. Mas, por outro lado, não tinha nada com que comparar essa amizade.

Mas uma coisa que ela sabia era que não precisava mais ser salva.

Ela olhou ao redor em busca de alguma coisa que pudesse usar para destruir o chip e viu o fantasma de um reflexo na janela do cockpit. Thorne estava na porta atrás dela, com as mãos enfiadas nos bolsos.

Ela levou um susto e se virou para olhar para ele, a saia volumosa levemente enrolada na base da cadeira. Apesar de estar suja e rasgada em algumas partes, ela ainda não tivera tempo de trocar e não tinha certeza de que queria. O vestido a fazia sentir como se ainda estivesse vivendo uma história, e talvez fosse o que a impedisse de entrar em choque por tudo o que aconteceu naquele dia.

– Você me deu um susto!

Thorne deu um sorriso moderadamente constrangido.

– Desculpe?

– Há quanto tempo você está aí?

Ele deu de ombros.

– Eu estava ouvindo você trabalhar. É meio relaxante. E gosto quando você canta.

Ela ficou vermelha. Não tinha percebido que estava cantando.

Thorne tateou para encontrar o caminho e se sentou na cadeira do copiloto, apoiando a bengala no colo e as botas no painel.

– Estamos invisíveis de novo?

– Para os radares, por enquanto. – Ela prendeu o cabelo atrás da orelha. – Posso ver sua bengala?

Ele ergueu uma das sobrancelhas, mas entregou sem fazer perguntas. Cress soltou o chip D-COMM no chão e o esmagou

com a ponta da bengala. Um tremor de poder percorreu o corpo dela.

– O que foi isso? – perguntou Thorne.

– O chip D-COMM que vocês usaram para fazer contato comigo antes. Não vamos precisar mais dele.

– Parece que foi séculos atrás. – Thorne passou o dedo pela venda. – Lamento por você não ter conseguido ver muita coisa da Terra quando estávamos lá. E agora estamos presos aqui de novo.

– Estou feliz de estar presa aqui. – Ela girou a bengala distraidamente entre as palmas das mãos. – É uma nave ótima. Bem mais espaçosa do que o satélite. E... com companhia bem melhor.

– Não posso discordar. – Sorrindo, Thorne tirou uma garrafinha do bolso. – Vim aqui perguntar se você pode me ajudar com isso. Essas são as gotinhas místicas que o doutor fez. Temos que colocar três ou quatro gotas em cada olho, duas vezes por dia... ou eram duas gotas, três vezes?... Não lembro. Ele anotou as instruções no tablet.

Thorne soltou o tablet do cinto e entregou a ela.

Cress apoiou a bengala no painel de instrumentos.

– Ele devia estar com medo de você esquecer depois de tanto estresse... – Ela parou de falar quando viu o texto no tablet.

Thorne inclinou a cabeça.

– O que foi?

O tablet tinha aberto em uma tela com instruções para uso das gotas e também um relato detalhado de por que o dr. Erland

acreditava que a peste era uma arma fabricada sendo usada como guerra biológica.

Mas, além de tudo isso...

– Tem uma aba com meu nome. – Mas não Cress. *Lua Crescente Darnel*.

– Ah. Era o tablet do doutor.

Cress deslizou os dedos pela tela e abriu a aba antes que sua mente decidisse se queria saber o que tinha ali ou não.

– Uma análise de DNA – disse ela – e... confirmação de paternidade. – Ela ficou de pé e apoiou o tablet no painel de controle. – Vamos pingar suas gotas.

– Cress. – Ele esticou a mão para ela e os dedos seguraram nas dobras da saia. – Você está bem?

– Na verdade, não. – Ela olhou para ele. Thorne tinha puxado a venda para o pescoço, deixando à mostra uma leve marca de bronzeado ao redor dos olhos. Engolindo em seco, Cress afundou na cadeira do piloto de novo. – Eu devia ter dito para ele que o amava. Ele estava morrendo e estava bem ali, e eu sabia que jamais o veria de novo. Mas não consegui dizer. Sou horrível?

– É claro que não. Ele podia ser seu pai biológico, mas você mal o conhecia. Como poderia amá-lo?

– E tem importância? Ele disse que *me* amava. Estava morrendo, agora já se foi, e eu nunca...

– Ei, Cress, pare. – Thorne virou a cadeira para ficar de frente para ela. Encontrou os pulsos dela e deslizou as mãos para entrelaçar os dedos com os dela. – Você não fez nada de errado.

Tudo aconteceu tão rápido, e não houve nada que você pudesse fazer.

Ela mordeu o lábio.

– Ele tirou uma amostra de sangue minha naquele primeiro dia, em Farafrah. – Ela fechou bem os olhos. – Ele sabia o tempo todo... quase uma *semana*. Por que não me contou antes?

– Devia querer esperar a hora certa. Ele não sabia que ia morrer.

– Ele sabia que havia uma chance de todos nós morrermos.

A respiração seguinte tremeu dentro do diafragma dela, e, quando as lágrimas começaram a rolar, ela se sentiu sendo puxada na direção de Thorne. Ele a pegou no colo e passou um braço por baixo das pernas para impedir que a enorme saia se emaranhasse. Chorando, Cress afundou o rosto no peito dele e deixou que as lágrimas viessem. Ela chorou intensamente no começo, a liberação saindo toda dela de uma vez. Mas quase se sentiu culpada quando, minutos depois, as lágrimas começaram a secar. A tristeza não bastava. O sofrimento também. Mas era tudo o que tinha.

Thorne a abraçou até o som de seus batimentos ficar mais alto do que o som do choro. Ele afastou o cabelo dela do rosto, e, apesar de ser egoísmo, Cress ficou feliz por ele não poder vê-la assim, com rosto vermelho e olhos inchados e todos os fluidos nada delicados que deixou na camisa dele.

– Escuta, Cress – murmurou ele com a boca perto do cabelo dela quando a respiração estava quase estável. – Não sou especialista, mas sei que você não fez nada de errado hoje. Você

não deve dizer para alguém que o ama a não ser que sinta de verdade.

Ela fungou.

– Mas pensei que você tivesse dito que falou pra várias garotas que as amava.

– E é exatamente por isso que não sou especialista. A questão é que eu não amava nenhuma delas. Não sei se reconheceria o amor verdadeiro nem se estivesse...

Ela passou as costas da mão sobre as bochechas molhadas.

– Se estivesse o quê?

– Nada. – Thorne limpou a garganta e apoiou a cabeça no encosto da cadeira. – Você está bem?

Ela fungou de novo e assentiu.

– Acho que sim. Eu talvez ainda esteja um pouco em estado de choque.

– Acho que todos estamos depois de hoje.

Cress viu o vidro de colírio ao lado do tablet do doutor. Não queria sair dos braços de Thorne, mas também não queria mais pensar no doutor. No segredo que ele guardou. Nas palavras que ela não poderia dizer.

– Devíamos cuidar dos seus olhos.

– Quando você parar de tremer – disse Thorne. – Não gosto de coisas tremendo perto dos meus olhos.

Ela deu uma gargalhada fraca e começou a se levantar do colo dele. Os braços de Thorne a apertaram, mas só por um momento antes de soltá-la. Ela forçou a culpa de volta para dentro de si. Não queria pensar nisso naquele momento.

Depois de ler as instruções do doutor, três gotas em cada olho, quatro vezes por dia, durante uma semana, ela abriu a tampa. Sugou a solução para o conta-gotas e ficou de pé atrás da cadeira de Thorne, o vestido amassado balançando ao redor do corpo.

Thorne apoiou os pés no painel de controle de novo e inclinou a cabeça para trás até o rosto ficar virado para o teto. Ela não via os olhos dele havia dias, mas estavam tão azuis como sempre.

Cress colocou a mão na testa dele para se firmar, e a bochecha dele tremeu.

– Aqui vai – murmurou, apertando o conta-gotas.

Ele se encolheu e piscou instintivamente, empurrando as gotas como lágrimas pelas têmporas. Cress as secou, incapaz de resistir a ajeitar uma mecha de cabelo na testa. Concentrou a atenção nos lábios dele e, envergonhada de repente, afastou os dedos.

– Que tal?

Ele apertou bem os olhos por um momento.

– Parece que estou com água nos olhos. – Ele deu uma risada sarcástica e os abriu de novo. – Talvez a solução seja só água e o doutor tenha pregado uma peça em mim.

– Isso seria horrível! – disse ela, girando a tampa para fechar o vidro. – Ele não faria isso.

– Não, você está certa. Não depois do que passamos para consegui-la. – Ele levantou a cabeça do encosto da cadeira e puxou a bandana amarrada no pescoço. – Mas ele deixou bem claro que não gostava muito de mim.

– Se isso for verdade, foi só porque ele ainda não conhecia você direito.

– Verdade. Eu acabaria deixando-o encantado.

Ela deu um sorriso.

– É claro que sim, além de mostrar para ele suas muitas outras qualidades – falou, corando enquanto configurava um lembrete no tablet para tocar quatro vezes por dia. Mas, quando olhou para Thorne de novo, a expressão dele estava séria. – Capitão?

O pomo de adão dele subiu e desceu. Thorne se sentou mais ereto e esfregou as palmas das mãos uma na outra.

– Preciso contar uma coisa.

– Ah?

A esperança latejou nas veias enquanto ela se sentava na cadeira do piloto de novo. O vestido luxuoso inflou ao redor dela.

O telhado. O beijo.

Será que ele tinha percebido o quanto a amava?

– O que é?

Thorne tirou os pés do painel de controle.

– Lembra quando nós estávamos no deserto... e eu falei que não queria magoar você? Porque você estava errada sobre mim?

Ela entrelaçou os dedos.

– Quando você tentou negar o quanto é realmente um herói?

Ela tentou inserir um tom de provocação na pergunta, mas seus nervos estavam tão à flor da pele que acabou saindo mais como um gritinho assustado.

– Herói. Exatamente. – Thorne passou o dedo entre a venda e o pescoço, afrouxando-a. – A questão é a seguinte. Aquela garota

que defendi quando aqueles idiotas pegaram o tablet dela, sabe?

– Kate Fallow.

– Certo, Kate Fallow. Bem, ela era *excelente* em matemática. E, na época, eu estava indo mal.

A ansiedade espalhada pelo corpo dela virou gelo. Espere... era essa a confissão dele? Alguma coisa a ver com... Kate Fallow?

Ele limpou a garganta uma vez que ela não disse nada.

– Eu perdi a briga e tudo, mas ela me deixou copiar o dever durante um mês mesmo assim. Foi por isso que fiz aquilo. Não por um desejo incomum de ser heroico.

– Mas você disse que estava a fim dela.

– Cress. – Ele deu um sorriso, mas pareceu um sorriso tenso. – Eu estava a fim de *todas* as garotas. Acredite em mim, isso não era uma grande motivação.

Ela apertou as costas na cadeira e puxou os joelhos para o peito.

– Por que está me contando isso agora?

– Não consegui contar antes. Você tinha tanta certeza de que eu era essa outra pessoa, e eu meio que gostei de você me ver de forma diferente do que as outras pessoas viam. Parte de mim ficava achando que talvez você estivesse certa e todo mundo estivesse errado. Que até *eu* me enganei sobre mim mesmo. – Ele deu de ombros. – Mas até isso foi só meu ego falando, não foi? E você merecia saber a verdade.

– E você acha que toda a minha opinião sobre você era baseada em um incidente que aconteceu quando você tinha treze anos?

Ele franziu a testa.

– Achei que eu tinha feito um bom trabalho de esclarecer todos os outros incidentes, mas, se você tem mais, por favor, me permita estragá-los também.

Ela mordeu o lábio.

O telhado. O beijo. Ele manteve a promessa. Deu nela um beijo pelo qual valeu a pena esperar porque ela estava prestes a morrer, os dois estavam prestes a morrer. Ela sabia que foi um risco, provavelmente um risco burro. E foi a escolha que ele fez em vez de deixar que ela morresse sem vivenciar aquele momento perfeito.

Ela não conseguia pensar em nada mais heroico.

Por que ele não mencionava isso?

Talvez o mais importante, por que ela não conseguia?

– Não – sussurrou ela por fim. – Acho que não consigo pensar em mais nenhum.

Ele assentiu, embora a expressão fosse de decepção.

– Então, considerando todas essas novas informações, você, hã, provavelmente, *não* pensa mais que está apaixonada por mim. Pensa?

Ela se encolheu na cadeira, com a certeza de que, se ele pudesse vê-la, saberia. A verdade estaria evidente em cada ângulo do rosto dela.

Ela o amava mais do que nunca.

E não por ter lido arquivo atrás de arquivo de relatos e resumos e dados e fotos. Não porque ele era o Carswell Thorne intocável dos sonhos que ela se imaginou beijando às margens de

um rio iluminado pelas estrelas enquanto fogos de artifício explodiam acima e violinos tocavam ao fundo.

Ele era o Carswell Thorne que deu a ela força no deserto. Que foi atrás dela quando foi sequestrada. Que a beijou quando a esperança foi perdida e a morte era iminente.

Thorne coçou a orelha constrangido.

– Foi o que eu pensei. Achei que era mesmo só a febre falando.
O coração dela deu um nó.

– Capitão?

Ele se empertigou.

– O quê?

Ela pegou a camada de chiffon da saia.

– Você acha que foi o destino que nos uniu?

Ele apertou os olhos e, depois de um momento de reflexão, balançou a cabeça.

– Não. Tenho certeza de que foi Cinder. Por quê?

– Acho que também tenho uma confissão. – Ela apertou a saia ao redor das pernas, com o rosto já quente. – Eu... eu já tinha uma queda por você bem antes de nos conhecermos, só de ver você em imagens. Achava que você e eu estávamos destinados a ficarmos juntos um dia e que teríamos um romance grandioso e épico.

Uma sobrancelha subiu.

– Uau. Sem pressão nenhuma.

Ela se mexeu, o corpo vibrando de nervosismo.

– Eu sei. Me desculpe. Mas acho que você talvez esteja certo. Talvez não exista destino. Talvez sejam só as oportunidades que

recebemos e o que fazemos com elas. Estou começando a pensar que talvez os romances grandiosos e épicos não acontecem sozinhos. Nós é que temos que fazê-los acontecer.

Thorne mexeu os pés.

– Sabe, se o beijo foi ruim, é só você dizer.

Ela enrijeceu o corpo.

– Não é isso que eu... Espere. *Você* achou que o beijo foi ruim?

– Não – disse ele, com uma gargalhada abrupta e desajeitada. – Achei que foi... hã. – Limpou a garganta. – Mas é claro que havia muita expectativa, muita pressão, e... – Ele se mexeu na cadeira. – Agente ia morrer, sabe.

– Eu sei. – Ela puxou os joelhos contra o peito. – E não, não foi... Eu não achei que foi um beijo ruim.

– Ah, graças às estrelas. – Ele apoiou a cabeça na cadeira de novo. – Porque, se eu tivesse estragado isso para você, eu ia me sentir tão incompetente.

– Não precisa. Correspondeu a todas as expectativas. Acho que eu devia agradecer, né?

O desconforto sumiu das feições dele, e ela continuou corando furiosamente. Thorne esticou a mão para ela, e foi preciso toda a coragem que conquistou naquele dia para colocar a mão na dele.

– acredite em mim, Cress. O prazer foi todo meu.

CAPÍTULO

Quinquenta e oito

ELA SONHOU QUE ESTAVA SENDO PERSEGUIDA POR UM ENOR branco, com os dentes à mostra e os olhos brilhando sob a lua cheia. Corria por uma plantação tão enlameada que sugava seus sapatos e sua respiração formava nuvens de vapor. A garganta ardia. As pernas queimavam. Ela estava correndo o mais rápido que conseguia, mas o corpo foi ficando mais pesado a cada passo. As folhas murchas de beterraba estavam podres e ásperas debaixo dela. Ela viu uma casa ao longe, *sua* casa. A fazenda na qual a avó a criou, com as janelas sorrindo calorosas.

A casa era segurança. A casa era seu lar.

Mas ela foi ficando mais longe a cada passo doloroso. O ar ao redor ficou denso com a neblina, e a casa desapareceu, engolida pelas sombras.

Ela tropeçou e caiu de quatro. Rolou para o lado, se debatendo e chutando o chão. A lama grudava nas suas roupas e no cabelo. A frieza do chão penetrava em seus ossos. O lobo chegou mais perto. Os músculos firmes se moviam graciosamente debaixo do pelo. Ele rosnou, a fome brilhando em seus olhos.

Ela tateou o chão, procurando com os dedos uma arma, qualquer coisa. Eles bateram em alguma coisa lisa e dura. Ela

agarrou e puxou da lama: um machado, sua lâmina afiada brilhando ao luar.

O lobo pulou com a bocarra aberta.

Scarlet ergueu o machado. Preparou-se. Virou-se.

A lâmina cortou a fera em duas partes, da cabeça ao rabo. Sangue quente caiu no rosto de Scarlet quando as duas metades do lobo caíram de cada lado dela. O estômago dela revirou. Ela ia vomitar.

Ela largou o machado e desmoronou no chão. A lama entrou nas orelhas dela. Acima, a lua ocupava todo o céu.

De repente, as metades do lobo começaram a se mexerem. Elas se levantaram gradualmente, só a pele do animal, partida em duas. Scarlet identificava vagas formas humanas de pé acima dela, cada uma usando metade da pelagem branca como neve.

A névoa sumiu, e Lobo e sua avó estavam à frente dela. Com os braços esticados.

Recebendo-a calorosamente em casa.

Scarlet ofegou. Abriu os olhos de repente.

Foi recebida pela visão de barras de aço, o cheiro natural de samambaias e musgo e o barulho de mil pássaros, alguns presos em gaiolas elaboradas, outros pousados em galhos de árvore ao redor das enormes vigas que sustentavam o teto de vidro.

Um lobo deu um latidinho, parecendo ao mesmo tempo triste e preocupado. Scarlet se apoiou em um cotovelo para ver a jaula do outro lado do caminho. O lobo branco estava sentado ali, olhando para ela. Ele uivou, um som curto e curioso, não os uivos assustadores que Scarlet ouviu nos sonhos. Imaginou que ele

estava perguntando se ela estava bem. Talvez ela tivesse gritado ou se debatido durante o pesadelo, e os olhos amarelos e pálidos do lobo piscavam de preocupação.

Scarlet tentou engolir em seco, mas a boca estava ressecada, a saliva, densa demais. Ela devia estar ficando louca para ter conversas silenciosas com lobos.

– Ele gosta de você.

Ofegante, Scarlet se virou de costas.

Uma estranha, uma garota, estava sentada de pernas cruzadas na jaula, tão perto que dava para Scarlet tocar nela. Scarlet tentou se afastar, mas o movimento gerou dor na mão enfaixada. Ela chiou e se deitou de novo no chão.

A mão era o pior; a machadinha tinha cortado o dedinho esquerdo na segunda junta. Ela não desmaiou, embora desejasse ter desmaiado. Um médico lunar estava esperando para enfaixar o ferimento e o fez com tanta precisão que Scarlet desconfiava ser um procedimento muito comum.

Mas havia também os arranhões no rosto e na barriga dela, do período passado na companhia de mestre Charleson, e dores incontáveis de dormir em pisos duros por... bem, ela perdera a conta de quantas noites.

A única reação da garota à careta de Scarlet foi um piscar de olhos longo e lento.

Estava claro que essa garota não era mais uma prisioneira... ou “bichinho”, como os lunares extravagantemente vestidos chamavam Scarlet quando passavam pela jaula, rindo e

apontando e fazendo comentários em voz alta sobre ser ou não seguro alimentar os animais.

A roupa da garota foi o primeiro indicativo do status dela: um vestido fino e prateado que descia pelos ombros e coxas como flocos de neve poderiam cair em uma colina sonolenta. A pele marrom calorosa era perfeita e saudável, as unhas estavam arrumadas e limpas. Os olhos eram brilhantes, da cor de caramelo derretido, mas com manchas cinza ao redor das pupilas. Além disso tudo, tinha cabelo preto sedoso encaracolado em espirais perfeitas que emolduravam as proeminentes maçãs do rosto e os lábios vermelho-rubi.

Ela era o ser humano mais bonito que Scarlet já tinha visto.

Mas havia uma anomalia. Ou... três. O lado direito do rosto da garota era marcado por três cicatrizes que atravessavam a bochecha do canto do olho até o queixo. Como lágrimas perpétuas. Estranhamente, as falhas na pele não reduziam a beleza dela, mas quase a acentuavam. Quase obrigava a pessoa a olhar mais para ela, sem conseguir afastar os olhos.

Foi com esse pensamento que Scarlet percebeu que era um glamour. O que significava que era outro truque.

A expressão dela mudou de impressionada e vermelha (ela desprezava o fato de que estava realmente *corando*) a ressentida.

A garota piscou de novo e atraiu a atenção para os cílios longos e impossivelmente grossos.

– Ryu e eu estamos confusos – disse ela. – Foi um sonho muito ruim? Ou muito bom?

Scarlet fez expressão de desprezo. O sonho já tinha começado a sumir, como acontece normalmente com sonhos, mas a pergunta reacendeu a lembrança de Lobo e da avó à frente dela. Vivos e em segurança.

O que era uma piada cruel. A avó estava morta, e, na última vez que viu Lobo, ele estava sob o controle de uma taumaturga.

– Quem é você? E quem é Ryu?

A garota sorriu. Foi um sorriso caloroso e conspirador, e fez Scarlet tremer.

Lunares idiotas e seu glamour idiota.

– Ryu é o lobo, sua boba. Vocês são vizinhos há quatro dias, sabe. Estou surpresa por ele ainda não ter se apresentado. – Ela se inclinou para a frente, baixando a voz a um sussurro como se estivesse prestes a compartilhar um segredo bem guardado. – Quanto a mim, *eu* sou sua nova melhor amiga. Mas não conte para ninguém, porque todos pensam que sou sua mestra agora e você é meu bichinho. Eles não sabem que meus bichinhos são na verdade meus amigos mais queridos. Vamos enganar todo mundo, você e eu.

Scarlet apertou os olhos para observá-la. Reconhecia a voz da garota, a forma como ela dançava pelas frases como se cada palavra tivesse que ser convencida a deixar a língua. Essa foi a garota que falou durante o interrogatório.

A garota esticou a mão para uma mecha de cabelo imundo que tinha caído na bochecha de Scarlet. Ela ficou tensa.

– Seu cabelo parece que está queimando. Tem cheiro de fumaça? – Inclinando-se, a garota levou o cabelo até o nariz e

inspirou. – Nem um pouco. Que bom. Eu não iria querer que você pegasse fogo.

A garota se sentou de repente e puxou para perto uma cesta na qual Scarlet não tinha reparado antes. Parecia uma cesta de piquenique, forrada do mesmo tecido prateado do vestido.

– Achei que hoje poderíamos brincar de médico e paciente. Você vai ser a paciente. – Ela tirou um dispositivo da cesta e apertou na testa de Scarlet. O aparelho apitou, e ela olhou para a pequena tela. – Você está com febre. Agora me mostre as amídalas.

Ela esticou uma tira fina de plástico na direção da boca de Scarlet.

Scarlet a afastou com a mão boa e se obrigou a se sentar.

– Você não é médica.

– Não. É por isso que é brincadeira. Você não está se divertindo?

– Divertindo? Estou sendo torturada mental e fisicamente há dias. Estou morrendo de fome. De sede. Estou sendo mantida numa jaula em um zoológico...

– Jardim.

– ... e estou sentindo dor em lugares que nem sabia que existiam no meu corpo. E agora uma pessoa maluca entra aqui e está tentando agir como se fôssemos boas amigas brincando de faz de conta. Me desculpe, mas *não* estou me divertindo e não vou cair no truquezinho idiota que você está tentando aplicar em mim.

Os grandes olhos da garota estavam vazios, nem surpresos e nem ofendidos pela explosão de Scarlet. Mas ela olhou para o caminho que serpenteava entre as jaulas, tomado de flores e árvores exóticas que sugeriam uma semelhança com uma selva cheia de vida.

Havia um guarda de pé na curva, olhando com desprezo. Scarlet o reconheceu. Era um dos guardas que lhe trazia regularmente pão e água. Foi ele que apalpou o traseiro dela na última vez que foi jogada na jaula. Na hora, ela estava exausta demais para fazer qualquer coisa além de cambalear para longe dele, mas, se tivesse oportunidade, quebraria todos os dedos dele em retaliação.

– Estamos bem – disse a garota, sorrindo alegremente. – Estamos fingindo que cortei o cabelo dela e grudei na minha cabeça porque queria ser uma vela, e ela não gostou disso.

Enquanto ela falava, o olhar de raiva do guarda não se afastou de Scarlet, só se intensificou em um aviso. Depois de um longo momento, ele se afastou.

Quando os passos dele deixaram de ser ouvidos, a garota colocou a cesta no colo e mexeu dentro.

– Você não devia me chamar de maluca. Eles não gostam disso.

Scarlet olhou para ela de novo, o olhar preso à cicatriz na bochecha.

– Mas você é maluca.

– Eu sei. – Ela tirou uma caixinha da cesta. – Quer saber como eu sei?

Scarlet não respondeu.

– Porque as paredes do palácio estão sangrando há anos, mas ninguém mais vê. – Ela deu de ombros, como se fosse uma coisa perfeitamente normal de dizer. – Ninguém acredita em mim, mas, em alguns corredores, o sangue é tanto que não tem lugar seguro onde pisar. Quando preciso passar por esses lugares, deixo uma trilha de pegadas sangrentas pelo resto do dia, e fico com medo de os soldados da rainha seguirem o cheiro e me devorarem enquanto estou dormindo. Tem noites em que não durmo muito bem. – A voz dela baixou a um sussurro assombrado, seus olhos assumindo um brilho frágil. – Mas, se o sangue fosse real, os criados limpariam. Você não acha?

Scarlet tremeu. A garota era *mesmo* maluca.

– Isso é para você – disse ela, incrivelmente alegre de novo. – As recomendações médicas são de tomar uma pílula duas vezes por dia. – Esticou a mão para Scarlet. – Não me deixaram trazer remédios de verdade, é claro, então é só uma bala.

E ela piscou, e Scarlet não sabia se a piscadela era para indicar que a caixa continha balas ou não.

– Eu não vou comer.

A garota inclinou a cabeça.

– Por quê? É presente, para cimentar nossa amizade eterna. – Ela abriu a tampa da caixa e mostrou quatro balas pequenas sobre uma cama de açúcar. Eram redondas como bolas de gude e vermelhas brilhantes. – Balinhas de maçã azeda. Minhas favoritas. Por favor, pegue uma.

– O que você quer de mim?

Ela piscou os cílios.

– Quero que sejamos amigas.

– E todas as suas amizades são baseadas em mentiras? Espere, é claro que são. Você é lunar.

Pela primeira vez, a garota murchou um pouco.

– Só tive dois amigos na vida – disse ela, e olhou depressa para o lobo. Ryu estava deitado com a cabeça apoiada nas patas, observando-as. – Fora os animais, claro. Mas uma de minhas amigas virou cinzas quando éramos bem pequenas. Uma pilha de cinzas em formato de garota. O outro desapareceu... e não sei se vai voltar algum dia. – Um tremor percorreu o corpo dela, tão forte que ela quase deixou a caixa cair. Com arrepios nos braços, ela colocou a caixa no chão entre as duas e puxou distraidamente o vestido. – Mas pedi às estrelas para mandarem um sinal de que ele estava bem, e elas me mandaram uma estrela cadente no céu. No dia seguinte foi o julgamento, como outro qualquer, só que a garota terráquea à minha frente tinha o cabelo como uma estrela cadente. E você o viu.

– Você alguma vez fala coisas que fazem sentido?

A garota apoiou as mãos no chão e se inclinou para a frente até o nariz estar quase tocando no de Scarlet, que se recusou a se afastar, embora tenha prendido a respiração.

– Ele estava bem? Quando você o viu? Sybil disse que ele ainda estava vivo, que talvez fosse ser usado para pilotar aquela nave, mas não disse se foi ferido. Você acha que ele está em segurança?

– Não sei do que você...?

A garota apertou a ponta dos dedos sobre os lábios de Scarlet.

– Jacin Clay – sussurrou ela. – O guarda de Sybil, de cabelo louro e olhos bonitos e com o sol nascente no sorriso. Por favor, me diga que ele está bem.

Scarlet piscou, sem entender. Os dedos da garota ainda permaneciam sobre os lábios dela, mas não importava. Estava perplexa demais para falar. A batalha a bordo da Rampion era mais uma confusão de gritos e tiros em sua memória, e o foco estava na taumaturga naquele momento. Mas ela se lembrava vagamente de outra pessoa lá. Um guarda louro.

Mas sol nascente no sorriso? *Por favor.*

Ela fez expressão de desprezo.

– Eu me lembro de duas pessoas tentando me matar e matar meus amigos.

– Sim, Jacin era uma delas – disse ela, evidentemente nada preocupada com a parte sobre matar na declaração de Scarlet.

– Acho que sim. Tinha um guarda louro.

Uma alegria se espalhou pelo rosto da garota. A expressão tinha o poder de parar corações e iluminar aposentos.

Mas não para Scarlet.

– E como ele estava?

– Ele parecia querer me *matar*. Mas tenho certeza de que meus amigos o mataram primeiro. É isso que costumamos fazer com as pessoas que trabalham para sua rainha.

O sorriso sumiu, a garota se encolheu e passou os braços ao redor da cintura.

– Você não está falando sério.

– Estou. E, pode acreditar, ele mereceu.

A garota estava começando a tremer, como se estivesse prestes a hiperventilar.

Scarlet decidiu sem muita culpa que, se isso acontecesse, não faria nada. Não tentaria ajudar. Não chamaria o guarda.

A estranha não era uma amiga.

Do outro lado do corredor, o lobo tinha ficado de pé sobre as quatro patas e estava cavando na base da jaula. Ele começou a choramingar.

Passados alguns momentos, a garota se controlou. Depois de fechar a tampa da caixa de balas, ela a guardou na cesta e ficou de pé encolhida na pequena jaula.

– Entendo – disse ela. – Isso encerra a visita. Recomendo descanso adequado e... – Ela deu um soluço e se virou, mas fez uma pausa antes de chamar o guarda. Lenta e rigidamente, ela se virou. – Eu não estava mentindo sobre as paredes que sangram. Em breve, temo que o palácio vá ficar encharcado de sangue e todo o lago Artemísia vá ficar tão vermelho que até os terráqueos vão ver.

– Não estou interessada nas suas fantasias. – Ela sentiu uma dor intensa e inesperada subir pelo braço que estava usando para se apoiar e caiu no chão, esperando que as pontadas sumissem. Olhou com raiva para a garota, irritada com o quanto estava fraca e vulnerável. Com raiva do brilho de preocupação no rosto, que parecia tão sincero. Ela disse com raiva: – E também não ligo para sua solidariedade fingida. Para seu glamour. Para seu controle mental. Vocês montaram toda a sua cultura sobre mentiras, e não quero ter nada a ver com isso.

A garota ficou olhando para ela por muito tempo. Scarlet começou a desejar não ter dito nada. Mas manter a boca fechada nunca foi um dos seus grandes talentos.

Finalmente, a garota bateu com os nós dos dedos nas barras. Quando os passos do guarda foram soando no caminho, ela enfiou a mão na cesta e pegou a caixa de novo. Colocou ao lado de Scarlet, de um jeito que o guarda não pudesse ver.

– Não uso meu glamour desde que eu tinha doze anos – sussurrou ela, com um olhar penetrante, como se fosse importante para ela que Scarlet entendesse isso. – Desde que eu tinha idade suficiente para controlar. É por isso que as visões acontecem para mim. É por isso que estou enlouquecendo.

Atrás dela, as trancas da jaula estalaram.

– Vossa Alteza.

Ela se virou e saiu da jaula, com a cabeça baixa de forma que o cabelo denso escondesse tanto a beleza quanto as cicatrizes.

Vossa Alteza.

Perplexa, Scarlet ficou deitada no chão até sua língua começar parecer giz de tanta sede. Até onde ela sabia, só havia uma princesa lunar. Fora Cinder, claro.

A princesa Winter, a enteada da rainha.

A beleza indescritível. As cicatrizes que, de acordo com os boatos, foram provocadas pela própria rainha.

Quando olhou de novo para a jaula do lobo, Ryu havia se afastado para o fundo da prisão. Ele tinha bem mais espaço para andar do que Scarlet, talvez um quarto de acre de terra e grama,

árvores e um tronco caído falso que formava um cantinho aconchegante.

Suspirando, Scarlet olhou para o teto de vidro, através do qual via o céu negro e incontáveis estrelas entre os galhos das árvores. Seu estômago doeu, um lembrete de que sua única pequena refeição foi devorada horas antes, e, ao contrário de Ryu e do cavalo branco que morava em uma jaula um pouco mais ao longe e do pavão albino que às vezes andava livremente entre as jaulas, Scarlet só receberia outra refeição no dia seguinte.

Foi preciso uma longa batalha com a força de vontade enfraquecida, sentindo o peso das balas ao lado. Ela não tinha motivo para confiar naquela garota. *Não confiava* naquela garota. Mas, depois que seu estômago começou a doer de tão vazio e a cabeça a girar de fome, ela cedeu e abriu a tampa da caixa.

Pegou uma das balas. Era lisa como vidro no contato com os dentes. A parte de fora rachou com facilidade e espalhou uma substância quente e viscosa que explodiu doce e azeda na língua dela.

Ela gemeu e apoiou a cabeça no chão duro. Nada, nem mesmo os famosos tomates da avó dela, tinha gosto tão bom.

Mas, de repente, quando estava passando a língua nas gengivas em busca de pedaços perdidos de bala, um formigamento começou a aquecer a garganta dela. Expandiu-se para o peito e pelo abdômen e todos os membros, até o dedo cortado, deixando uma sensação de consolo.

Quando acabou, Scarlet percebeu que a bala tinha levado a dor embora.

CAPÍTULO

Quinquenta e nove

FOI COMO SER ARRASTADO DEVAGAR DA ESCURIDÃO SERENA, DA F se acorda quando se está tendo um sonho lindo e o subconsciente luta para permanecer lá só mais um pouquinho. Mas, com resignação furiosa, Kai acordou, os olhos bem abertos olhando para um teto desconhecido. O estrado da cama superior de um beliche.

Ele esfregou os olhos e pensou que talvez ainda não tivesse acordado. O peito estava latejando, e havia um nó enjoado no estômago. Ele virou a cabeça para o lado e sentiu uma dor no pescoço. Ao levantar a mão, descobriu uma atadura presa perto do couro cabeludo.

Mas sua atenção já estava seguindo em frente, vagando pelo aposento. Havia uma mesinha e um armário utilitário do outro lado, embora o quarto fosse tão pequeno que ele quase conseguisse tocar de onde se encontrava. Uma luz fraca estava acesa ao lado da porta. As paredes eram de metal, e o cobertor meio áspero onde ele estava deitado era de um tom militar de marrom.

Com a pulsação acelerando, ele esticou a mão para a cama de cima para não bater a cabeça quando botou os pés no chão. Os

pés pousaram no piso sem tapete com um baque, e ele ficou surpreso de descobrir que estava de sapatos.

Sapatos de festa.

E calça de festa.

E a camisa do casamento e a faixa, amassada e solta.

Grandes estrelas. *O casamento.*

Com a boca seca de repente, Kai pulou da cama e cambaleou para a pequena janela. Apoiou as mãos de cada lado dela. Seu estômago despencou junto com o queixo.

Grandes estrelas mesmo. Ele nunca tinha visto tantas na vida, e nunca tão brilhantes. Provocou nele uma estranha sensação de tontura, como se devesse estar olhando para o céu noturno, mas a gravidade estava errada. Onde estava o horizonte para se orientar? Um suor frio cobriu sua testa quando ele encostou a bochecha na parede, tentando espiar o mais longe que a janelinha permitia, e então...

A Terra.

Kai se afastou da parede. Quase caiu, mas se apoiou no colchão de cima do beliche. Seu coração acelerou e tremeu.

Os mistérios começaram a clarear no cérebro enevado. Cinder. Uma faca. As ataduras no pulso e no pescoço, os chips de rastreamento. O chip no pescoço não era para ser secreto? E uma arma, alguma coisa embutida na mão dela. O ardor persistente ao lado do esterno.

Ela tinha *atirado* nele?

Ele passou a mão pelo cabelo, se virou e abriu a porta.

Viu-se em um corredor estreito, mais iluminado do que o quarto. Na extremidade, havia um tipo de cozinha. Ele ouvia vozes vindas da outra direção. Empertigando os ombros, andou nessa direção.

O corredor levava a um enorme aposento de metal, cheio de caixas plásticas. Pela porta, ele viu as luzes e instrumentos de um cockpit, além de outra vista de tirar o fôlego da Terra.

Duas pessoas estavam sentadas no cockpit quando ele se aproximou.

– Onde está Cinder?

Elas se viraram para olhar para ele, e a garota ficou de pé.

– Vossa Majestade!

O homem, com um sorriso enorme se abrindo no rosto, demorou mais para ficar de pé porque pegou antes uma bengala apoiada na parede.

– Bem-vindo a bordo da Rampion, Vossa Majestade. Sou o capitão Carswell Thorne a seu serviço.

Ele fez uma reverência.

Kai fez uma careta.

– É, reconheci você.

– É mesmo? – O sorriso do homem ficou mais largo, e ele cutucou a garota com o cotovelo. – Ele me reconheceu.

– Onde está Cinder?

A garota se balançou nervosamente.

– Acho que está na doca das naves de passeio, Vossa Majestade.

Kai se virou e marchou na direção do compartimento de carga, mas deu um gritinho.

Havia outro homem sentado de pernas cruzadas sobre uma caixa, sem camisa, com uma agulha na mão, um pedaço de linha na boca e uma pilha de ataduras ensanguentadas ao lado. O tronco estava coberto de inúmeros ferimentos e cicatrizes, velhos e novos. Ele tinha uma tatuagem preta no braço esquerdo.

Depois de passar a agulha por um corte no peito, soltou a linha da boca e assentiu.

– Vossa Majestade.

Com o coração na garganta, Kai se viu preso ao chão, esperando que o homem pulasse nele e o torturasse até a morte a qualquer momento. Ele ainda não tinha visto um dos soldados lobos da rainha de perto, mas havia assistido a muitas filmagens. Sabia o quanto eram rápidos e mortais.

No entanto, depois de um momento constrangido e silencioso, o homem voltou a atenção para o ferimento.

– Hum. Vossa Majestade?

Kai levou um susto e olhou de novo para a garota loura.

– Você gostaria que eu o levasse para a doca?

Ele se forçou a abrir as mãos e lembrou a si mesmo que era o governante da Comunidade dos Países Orientais e se comportaria de acordo com sua posição, mesmo entre criminosos e monstros.

– Obrigado – disse ele com a voz falhada. – Eu agradeceria muito.



CINDER MORDEU O LÁBIO INFERIOR ENQUANTO GIRAVA apertando com um conector.

– Tudo bem, experimente isso.

Iko, deitada de costas, olhou para baixo e depois inclinou a cabeça para a esquerda. Seus olhos se iluminaram e ela tentou a direita, ousando testar o movimento completo. Ela abriu um sorriso.

– Funciona!

Cinder bateu o cabo do alicate no queixo.

– Aquela terceira vértebra ainda está um pouco torta, mas não tem nada que eu possa fazer agora. Vamos ter que esperar até eu encontrar uma peça para trocar. Experimente usar os dedos de novo.

Iko mexeu os dedos das mãos e dos pés. Levantou as pernas até estarem perpendiculares ao chão e continuou até praticamente beijar os joelhos. Com um gritinho de prazer, ela se jogou para a frente e usou o impulso para ficar de pé.

– Funciona! Tudo funciona!

– Iko, pare! – Cinder ficou de pé ao lado dela. – Ainda preciso...

Antes de ela terminar, Iko a puxou para perto e a abraçou e balançou e tremeu de alegria.

Um androide. Tremendo de alegria.

– Você é a melhor mecânica que uma androide poderia desejar.

– Diga isso quando não estiver com um buraco enorme no pescoço – disse Cinder, soltando-se do abraço.

Iko verificou o reflexo na janela da nave de passeio e se encolheu. A cobertura da parte de cima do pescoço até o esterno estava aberta para Cinder poder ter acesso aos mecanismos internos. O processador central, os fios e a mecânica de mobilidade permaneciam completamente à mostra.

– Ah, eca – disse Iko, tentando cobrir o buraco com as mãos. – Odeio quando meus fios aparecem.

– Sei como é. – Cinder pegou um alicate na faixa magnética da parede. – Venha aqui. Vou ver se consigo dobrar parte dessa cobertura externa e botar no lugar. Uma boa parte das suas fibras de pele não tem conserto, então não vai ficar perfeito, mas é o que posso fazer agora. Você talvez tenha que usar blusas de gola alta por um tempo.

Suspirando, Iko ficou de pé ao lado de Cinder.

– Logo quando o capitão Thorne traz esse corpo maravilhoso para mim, os lunares idiotas estragam tudo.

Cinder deu um sorrisinho.

– Pare de falar por um minuto enquanto faço isso.

Iko bateu com impaciência os dedos nos quadris enquanto Cinder dobrava a cobertura externa em algo que se parecia com a forma de uma clavícula.

Atrás dela, a porta zumbiu e se abriu.

– Aqui está ela, Vossa Majestade.

Cinder enrijeceu com o alicate ainda preso na cobertura de Iko. Ouviu passos, e Iko deu um gritinho e empurrou Cinder e a ferramenta para longe.

– Não deixe que ele me veja assim! – gritou ela, mergulhando atrás da nave de passeio.

Cinder engoliu em seco, enfiou o alicate no bolso de trás e se virou lentamente. O olhar de Kai estava pesado ao se dirigir para ela e para a nave, com as pernas de Iko aparecendo embaixo, e para os baús de ferramentas e cabos de força presos às paredes, até voltar a Cinder.

Cress e Thorne ficaram na porta, curiosos.

– Você acordou – gaguejou ela. E então, percebendo que era uma coisa idiota de dizer, tentou ficar mais ereta. – Como está se sentindo?

– *Sequestrado*. Como eu deveria me sentir?

Ela massageou o pulso e ficou tentada a usar um glamour para esconder a mão ciborgue. O que também era idiotice, claro. Além do mais, era o tipo de coisa que Levana faria.

– Eu estava torcendo para que você estivesse se sentindo descansado – disse ela, com um sorriso fraco e hesitante.

Ela não recebeu reação alguma. Nenhum sorriso. Nenhuma risadinha. Nem mesmo um vislumbre de humor.

Ela apertou bem os lábios.

– Precisamos conversar – disse Kai.

Thorne soltou um assobio lento.

– Ninguém gosta de ouvir essas palavras.

Cinder olhou para ele com raiva.

– Thorne, por que você não dá uma aula de controles do cockpit para Iko?

– Excelente ideia – falou Cress, empurrando Thorne pela porta. – Venha, Iko.

Iko ainda estava escondida e abraçando o corpo com vergonha.

– Ele está olhando?

Kai ergueu uma sobrancelha.

– Ele não está olhando – disse Cinder.

Uma hesitação.

– Tem certeza?

Cinder fez um gesto exasperado para Kai.

– Você *não está olhando*.

Ele olhou para o teto.

– Ah, por todas as estrelas.

Ele cruzou os braços e virou-se de costas.

Cinder acenou para Iko.

– Está limpo. Vamos terminar isso... depois.

Com as tranças balançando, Iko correu para se juntar a Cress e Thorne no corredor.

– Estou tão feliz de ver que você está bem, Vossa Majestade! – gritou ela para as costas dele.

Quando a porta se fechou, Iko fez um sinal encorajador de positivo para Cinder.

E eles ficaram sozinhos.

CAPÍTULO

Sessenta

– **NÃO CONSIGO ACREDITAR QUE VOCÊ ME SEQUESTROU!** – GR virando-se para olhar para ela antes de Cinder se preparar. – Estamos em uma espaçonave, Cinder. No *espaço*! – Ele apontou para a parede. Não era a parede externa, mas Cinder não viu necessidade de observar isso. – Não posso estar em uma espaçonave. Tenho um país para governar. Tenho pessoas que precisam de mim. Estamos à beira de uma guerra. Você entende isso? *Guerra*. Em que pessoas *morrem*. Não posso ficar aqui em cima, perdendo tempo com você e um bando de desajustados! Você sabe que está abrigando um dos mutantes dela aqui?

– Ah, sei. Aquele é Lobo. Ele é inofensivo. – Ela revirou os olhos.

– Bem, não *inofensivo*...

Ele riu, mas foi uma gargalhada aguda e delirante.

– Não consigo... como você... o que você estava pensando?

– Seja bem-vindo – murmurou ela, cruzando os braços com postura desafiadora.

Ele olhou para ela com raiva e sem gratidão.

– Me leve de volta para a Terra.

– Não posso fazer isso.

– Cinder...

Ele bufou. Reconsiderou. Suavizou a expressão... só um pouco.

A mudança afetou imediatamente as defesas de Cinder e gerou um formigar estranho atrás da caixa torácica. Ela apertou os cotovelos com a ponta dos dedos.

– Como uma pessoa que entende por que você fez isso e admira sua capacidade de conseguir fazer, eu estou... *implorando*. Cinder. Por favor. Me leve de volta.

Ela encheu os pulmões.

– Não.

A suavidade sumiu na mesma hora. Kai inclinou a cabeça para trás e enfiou as mãos no cabelo. Ela ficou surpresa com o quanto o gesto era familiar.

– Quando você ficou tão *frustrante*?

Ela passou a ponta da bota no chão.

– Tudo bem! Como seu imperador, eu *ordeno* que você me devolva à Terra. Imediatamente.

Cinder se balançou sobre os calcanhares.

– Kai... Vossa Majestade. Você deve lembrar que sou lunar. E lunares são proibidos de ganhar cidadania na Comunidade dos Países Orientais. Portanto... você não é mais meu imperador.

– Isso não é brincadeira.

Ela ficou surpresa com o quanto as palavras doeram. Como antes, no palácio, a indignação cresceu de forma rápida e ardente.

– Você não faz ideia do quanto estou levando isso a sério.

– Está? Você imagina quais serão as consequências do que você fez?

– Na verdade, sim. Sei que isso é guerra. Sei que mais pessoas vão morrer antes de isso acabar. Mas não tivemos escolha.

– Sua escolha era ficar fora do caminho! Sua escolha era não fazer nada! Isso é meu trabalho, minha responsabilidade. Eu sou o imperador. Deixe que eu cuide disso.

– Deixando você se *casar* com ela? Isso é cuidar?

– É minha decisão.

– É uma decisão burra!

Kai se virou com as mãos enfiadas no cabelo. O produto usado para ajeitar o penteado para o casamento o estava deixando mais bagunçado do que o habitual, e, pelas estrelas, ele estava lindo.

Cinder sufocou o pensamento, irritada consigo mesma.

– Por favor – disse ele, a voz tensa, olhando de novo para ela. – Por favor, me diga que isso não é... um ato infantil de ciúme. Por favor, me diga que isso tudo não é só porque eu convidei você para o baile, ou por causa daquela vez no elevador, ou...

– Ah, você não pode estar falando sério. Espero que não pense mesmo tão pouco de mim.

– Você *atirou* em mim, Cinder, depois me *sequestrou*. Eu sinceramente não sei o que pensar.

– Bem, acredite ou não, não fizemos isso só por você. Estamos tentando salvar o mundo todo de sua noiva louca por poder. Eu me recuso a deixar Levana se tornar imperatriz. Eu me recuso a dar reinado livre para ela sobre a Comunidade. Mas precisamos de mais tempo.

– Mais tempo para quê? A única coisa que você fez foi deixá-la com mais raiva, de forma que, quando ela retaliar, a ira vai ser

muito pior. Isso era parte do seu plano de mestre, ou você está inventando tudo de improviso?

O sangue de Cinder começou a ferver, e ela desejou desesperadamente poder dizer para ele que sim, claro que eles tinham um plano com garantia de funcionar. Com garantia de livrá-los da rainha Levana e da tirania dela para sempre. Mas não havia garantia. Só um fio de esperança e a sabedoria de que perder não era opção.

Ela engoliu em seco.

– Eu tenho um plano para acabar com isso de vez. Mas preciso de sua ajuda.

Kai apertou a parte de cima do nariz.

– Cinder. Eu odeio Levana tanto quanto você. Mas é ela quem puxa as cordinhas aqui. Ela tem um exército... como nunca vi antes. Sabe aqueles nojentos que mataram mil e seiscentas pessoas duas semanas atrás? São risíveis em comparação ao que ela é capaz. Além do mais, ela tem o antídoto da letumose, e precisamos dele desesperadamente, você sabe o quanto. Por isso, apesar de a ideia de me casar com Levana e de coroá-la como imperatriz me dar vontade de arrancar os próprios olhos, não tenho escolha.

– Arrancar seus próprios olhos? – disse ela baixinho. – Ela poderia levar você a fazer isso, sabe.

A expressão dele escureceu.

– Você também, pelo que eu soube.

Ela afastou o rosto.

– Kai... Vossa Majestade...

Ele balançou os braços.

– Kai está bem. Não ligo.

Cinder apertou os lábios. A sensação era de vitória, mas não merecida.

– Você precisa confiar em mim. Podemos derrotá-la. Sei que podemos.

– Como? Mesmo se... vamos dizer que vocês possam. Vamos dizer que até a matem. Ainda há um grupo todo de taumaturgos prontos para tomar o lugar dela, e, pelo que eu vi, não são muito melhores.

– Vamos escolher a pessoa para substituí-la. Nós... já temos um substituto, na verdade.

Ele deu uma risada debochada.

– Ah. Entendo. Pois você acha que o povo lunar vai simplesmente reverenciar qualquer... pessoa... – Ele parou de falar e seus olhos se arregalaram. E, por um momento, a raiva sumiu. – A não ser que... espere. Você não está falando...?

Ela olhou para o chão.

Ele deu um único passo na direção dela.

– Você a encontrou? A princesa Selene? É isso?

Cinder tirou o alicate do bolso por precisar de algo em que mexer enquanto os nervos vibravam. Ela se lembrou de que a mão de metal ainda estava à mostra, mas Kai não olhou para ela nem uma vez durante a discussão.

– Cinder?

– É – murmurou ela. – É. Nós a encontramos.

Kai apontou para o compartimento de carga.

– É aquela garota loura?

Ela balançou a cabeça, e Kai franziu a testa.

– A garota da França? Qual era o nome dela... Scarlet alguma coisa?

– Não. Não é Scarlet.

Ela apertou o alicate e tentou direcionar toda a energia que sentia para ele.

– Então onde ela está? Está nessa nave? Posso conhecê-la? Ou ainda está em algum lugar na Terra? Está escondida?

Como Cinder não disse nada, Kai franziu a testa.

– Qual é o problema? Ela está bem?

– Tenho que perguntar uma coisa e preciso que você seja sincero.

Ele apertou os olhos, desconfiado na mesma hora, o que a incomodou mais do que gostaria de admitir. Ela afrouxou o aperto no alicate.

– Você acha mesmo que eu fiz lavagem cerebral em você antes? Quando nos conhecemos? E todas aquelas vezes, antes do baile...?

Ele murchou os ombros.

– É sério? Você está mudando de assunto para falar sobre *isso*?

– É importante para mim. – Ela se virou e começou a reunir as ferramentas que usou para consertar Iko. – Eu entendo se achar. Sei como deve ter parecido.

Kai mexeu na faixa cerimonial e, depois de um momento, puxou-a pela cabeça e a amassou nas mãos.

– Não sei. Eu nunca quis acreditar, mas tive que me perguntar. E quando você caiu e eu vi seu glamour... Cinder, você faz ideia do quanto o seu glamour é lindo?

Cinder se encolheu por saber que ele não estava falando como elogio. *Doloroso de olhar* foram as palavras que ele usou na época.

– Não – disse ela, distraíndo-se ao colocar cada ferramenta no lugar na parede magnética. – Não consigo ver.

– Bem, é... foi muito para absorver naquela noite. Mas Levana já tinha me manipulado muitas vezes, então sei como é a sensação. E nunca me senti daquele jeito com você.

Ela guardou a última ferramenta.

– É claro que a imprensa quer pensar que foi isso que aconteceu. Seria conveniente.

– Certo. – Ela olhou por cima do ombro dele. – Uma desculpa conveniente para convidar uma ciborgue para o baile.

Ele piscou.

– Para convidar uma lunar para o baile.

O nó que apertava o estômago dela havia semanas começou a se soltar um pouquinho.

– Não que faça diferença o que eu digo, mas... eu nunca fiz isso. Nunca manipulei você. E nunca vou manipular. – Ela hesitou. Era uma promessa que não sabia se poderia sustentar. Não se ele não concordasse em ajudá-los. – E eu tentei contar a você sobre como ser ciborgue. Mais ou menos. Tenho certeza de que considereirei pelo menos duas vezes.

Kai começou a balançar a cabeça, e ela prendeu a respiração.

– Não, você estava certa antes. Se tivesse me contado, eu provavelmente jamais voltaria a falar com você. – Ele olhou para a faixa apertada nos punhos. – Embora eu goste de pensar que agiria diferente agora.

Ele olhou-a nos olhos, e ela reparou com um susto que as orelhas dele estavam rosadas. E os lábios se curvaram no mais leve dos sorrisos.

Era o sorriso que ela estava esperando.

Não durou muito.

– Cinder. Olha. Estou feliz de não estar casado agora, mas isso ainda é um erro enorme. Não posso correr o risco de enfurecer Levana. Seja lá o que estiver planejando, você tem que me deixar de fora.

– Não posso. Preciso de sua ajuda.

Ele suspirou, mas foi um suspiro trêmulo, e ela viu que a determinação dele estava desmoronando.

– Você acha que Selene pode destroná-la?

Mordendo o lábio, ela concordou:

– Acho.

– Então espero que ela pretenda fazer isso logo.

Cinder passou as mãos pelas laterais do corpo e sentiu o nervosismo pressionando a caixa torácica.

– Kai, ela pode não ser exatamente o que você espera. Não quero que você se decepcione. Sei que você se dedicou muito a tentar encontrá-la e...

– Por quê? O que tem de errado com ela?

Ela se encolheu e entrelaçou os dedos. Metal e pele.

– Ah. Ela foi resgatada daquele incêndio, mas o fogo destruiu muito o corpo dela. Ela perdeu alguns membros. E boa parte da pele teve que ser enxertada. E... ela não está... completamente *inteira*.

Ele franziu a testa.

– O que você quer dizer? Ela está em coma?

– Não mais. – Ela se preparou para a reação dele. – Mas ela é uma ciborgue.

Ele arregalou os olhos, mas logo começou a olhar por todo o aposento, como se não conseguisse olhar para Cinder enquanto se acostumava à informação.

– Entendo – disse ele devagar antes de olhar nos olhos dela de novo. – Mas... ela está bem?

A pergunta a pegou de surpresa, e ela não conseguiu sufocar uma gargalhada assustada.

– Ah, sim, ela está ótima. Quero dizer, metade das pessoas no mundo quer matá-la e a outra metade quer acorrentá-la a um trono na lua, que é bem o que ela sempre quis. Portanto, ela está *fantástica*.

Ele ficou olhando como se mais uma vez estivesse questionando a sanidade dela.

– O quê?

Cinder fechou os olhos e tentou sufocar o pânico crescente. Ao abri-los novamente, mostrou as mãos de forma diplomática. E hesitou.

Ela olhou para o teto.

Respirou fundo.

Olhou nos olhos dele de novo.

– Sou eu, Kai. Eu sou a princesa Selene.

CAPÍTULO

Sessenta e um

O ROSTO DE KAI FOI TOMADO DE CONFUSÃO, COMO SE ELA TIVE alguma coisa sem sentido. A faixa de casamento escorregou das mãos dele e caiu no chão.

Quando o silêncio começou a ficar constrangedor, Cinder limpou a garganta.

– E, caso você tenha ficado em dúvida, eu estava sendo sarcástica quando falei sobre todas aquelas coisas “incríveis”. Não que, quero dizer... sei que você tem suas coisas com que se preocupar, então não precisa... eu não... estou bem, sério. É que essas semanas foram muito difíceis com toda essa... – ela balançou as mãos intensamente no ar – ... coisa de Peony-baile-Levana-casamento. E agora o dr. Erland está morto e Scarlet se foi e Thorne está cego e Lobo... sei lá. Ele anda tão *parado* ultimamente que estou começando a me preocupar. Mas tenho tudo sob controle. Eu consigo fazer isso. Eu...

– Pare. Por favor, pare de falar.

Ela fechou a boca.

O silêncio se arrastou.

Cinder abriu a boca, mas Kai levantou a mão. Ela a fechou de novo. Mordeu o lábio.

– Você? – disse ele por fim. – *Você é a princesa Selene?*

Ela fez uma careta e massageou o pulso.

– Surpresa?

– Esse tempo todo?

Ela baixou a cabeça, pouco à vontade de repente pela forma como ele a estava olhando.

– Hã, é, tecnicamente. O dr. Erland descobriu primeiro, quando fui levada para o recrutamento ciborgue. Ele fez meu teste de DNA e... é. Mas decidi só me contar quando eu estava trancada na prisão, o que complicou algumas coisas.

Kai deu uma risada, mas não de um jeito cruel. Depois de inspirar tremulamente, ele apertou as palmas das mãos sobre os olhos. E depois, tão depressa quanto a descrença chegou, veio a compreensão.

– Ah, estrelas. Levana sabe, não é? É por isso que odeia tanto você. É por isso que está determinada a encontrar você.

– É, ela sabe.

– E era você. O tempo todo, era *você*.

– Você está recebendo isso melhor do que eu esperava.

Ele passou as mãos no rosto.

– Não, sabe, quase faz sentido. Mais ou menos. – Ele olhou para ela. – Embora... de alguma forma, eu sempre imaginei a princesa... sei lá. De vestido.

Cinder riu.

– E sempre achei que, quando eu a encontrasse, seria tão fácil. Nós apenas... a apresentaríamos para o mundo e a anunciaríamos como a verdadeira rainha, e Levana rastejaria para algum buraco.

Nunca imaginei que Levana já saberia. Que estaria *lutando* contra isso.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Estou começando a achar que você talvez não conheça sua noiva muito bem.

Ele olhou para ela com desprezo.

– Agora chega, Cinder. Chega de segredos. Não sei se consigo sobreviver a mais revelações bombásticas suas, então, se tiver mais alguma coisa para me contar, é melhor falar logo. Agora.

Cinder se balançou nos calcanhares, refletindo.

Ciborgue. Lunar. Princesa.

Nada mais de segredos. Nada mais de mentiras.

Bem, só um.

Ela achava que talvez estivesse um pouquinho apaixonada por ele.

Mas não havia possibilidade de contar *isso* para ele.

– Eu não consigo chorar – sussurrou ela, encolhendo os ombros.

Kai piscou duas vezes, coçou a orelha e afastou o olhar.

– Eu já sabia disso.

– O quê? Como?

– Sua guardiã talvez tenha dito alguma coisa. E eu... vi seus registros médicos.

– Meus... – Ela arregalou os olhos. – Você viu... você sabe...?

– Você era uma fugitiva, e eu precisava saber mais sobre você, e eu... me desculpe.

Ela apertou bem os olhos. Ele já tinha visto o diagrama dos implantes ciborgues. Cada fio. Cada órgão sintético. Cada painel fabricado. Pensar nisso a deixou enjoada. Ela não imaginava o que outra pessoa pensaria quando visse. O que Kai devia ter pensado.

– Não, tudo bem – disse ela. – Chega de segredos.

Ele deu um passo na direção dela.

– Seus olhos... eles são mesmo...?

– Sintéticos – murmurou ela, pois ele não pôde dizer a palavra.

– E é por isso que você não consegue chorar?

Ela assentiu, incapaz de olhar para Kai, enquanto ele se aproximou e ficou a menos de dois passos dela.

– Não preciso dos dutos lacrimais para lubrificação, e eles estavam atrapalhando... hã. – Ela bateu com um dedo na têmpora.

– Tenho um escâner na retina e um display no olho. É como uma pequena tela, então tem muitos fios. Ah, estrelas, não acredito que estou contando isso.

Ela escondeu o rosto nas mãos.

– É brilhante – disse Kai.

Ela quase engasgou com a própria gargalhada.

Kai esticou as mãos para os pulsos dela.

– Posso ver?

Ela gemeu e soube que, se tivesse a capacidade de corar, seu rosto estaria tão vermelho quanto a faixa matrimonial dele.

Envergonhada e resignada, ela deixou que ele puxasse as mãos dela e lutou para sustentar o olhar. Kai olhou nos olhos dela como se pudesse ver até o painel de controle, mas, depois de um momento, balançou a cabeça.

– Jamais daria para saber.

Tentando não se agitar, Cinder ergueu os olhos até o teto e se odiou um pouco pelo que estava prestes a fazer. Mas que importância tinha? Ele jamais voltaria a pensar que ela era humana.

– Observe a parte de baixo da íris esquerda – sussurrou ela.

Ela ligou o display da retina e abriu um noticiário que estava assistindo antes de eles chegarem a Nova Pequim, com notícias sobre a União Africana. Um âncora estava falando, mas Cinder não se deu ao trabalho de ligar o áudio.

Kai inclinou a cabeça. Demorou um momento, mas seus lábios se abriram.

– Tem um... isso é...?

– Um noticiário.

– É tão pequeno. Só um ponto, na verdade.

– Para mim, aparece maior.

Ela sentiu um arrepio na espinha pela forma como ele a observava, quase com um assombro infantil, e pelo quanto estava perto e ainda segurando os pulsos dela.

Kai pareceu perceber ao mesmo tempo. Sua expressão mudou de repente, e ela soube que não olhava mais para o display na retina, nem mesmo para os olhos sintéticos. Ele estava olhando para *ela*.

O coração dela vibrou.

Kai lambeu os lábios.

– Me desculpe por ter mandado prender você. Mas estou feliz por você estar bem.

– É sério? Você não me odeia por... disparar em você?

Os lábios dele tremeram, e ele olhou para baixo. Segurando a mão ciborgue com as suas mãos, ergueu-a entre eles e olhou para os dedos de metal.

– Não me lembro de aquele diagrama médico mencionar uma arma. Minha equipe de segurança teria achado isso uma informação útil.

– Gosto de manter um ar de mistério.

– Eu reparei.

Ela viu o polegar dele acompanhar o comprimento de seus dedos e teve dificuldade de respirar e não conseguiu se mexer.

– A mão é nova – sussurrou ela.

– Parece ser um excelente trabalho. – A voz dele também estava mais baixa.

– É coberta com cem por cento de titânio.

Ela não sabia por que disse isso. Mal sabia o que estava dizendo.

Kai inclinou a cabeça e encostou os lábios nos nós dos dedos dela. A cobertura não tinha terminações nervosas, mas o toque despertou uma pontada de eletricidade no braço dela.

– Cinder?

– Humm?

Ele ergueu o olhar.

– Só para deixar claro, você não está usando seus poderes mentais em mim agora, está?

Ela piscou.

– Claro que não.

– Só verificando.

Ele deslizou os braços pela cintura dela e a beijou.

Cinder ficou sem ar e apertou as mãos sobre o peito dele. Kai a puxou para mais perto.

Segundos depois, o cérebro dela começou a registrar todas as novas substâncias químicas que invadiram seu cérebro. NÍVEIS ELEVADOS DE DOPAMINA E ENDORFINAS, QUANTIDADES REDUZIDAS DE CORTISOL, PULSAÇÃO ERRÁTICA, AUMENTO DA PRESSÃO SANGUÍNEA...

Inclinando-se na direção dele, Cinder afastou as mensagens. Suas mãos seguiram com hesitação para os ombros antes de envolver o pescoço.

E então, em meio à onda de sensações, a atenção de Cinder voltou para o display da retina, sozinho na escuridão atrás das pálpebras. No começo, foi só uma percepção leve e irritante. Mas então...

FARAFRAH.

LUNARES.

MASSACRE.

Ela abriu os olhos de repente. Afastou-se dele.

Kai levou um susto.

– O q...?

– Me desculpe.

Ela começou a tremer, ainda concentrada no noticiário.

Ficou vendo o noticiário com horror por um momento, e então Kai limpou a garganta. A voz dele ficou pesada.

– Não. Não, me desculpe. Eu não devia...

– Não! – Ela agarrou-o pela camisa antes que ele pudesse se afastar dela. – Não é... É Levana!

A expressão dele ficou fria.

– Ela... ela retaliou. Atacou...

Ela falou um palavrão e afastou as mãos de Kai para cobrir o rosto enquanto digería a notícia. Um grupo de soldados lunares atacou a cidade no oásis menos de duas horas antes e desapareceu no deserto tão depressa quanto apareceu. Eles assassinaram os civis e os soldados da Comunidade enviados para interrogá-los.

Imagens mostraram o local.

Sangue. *Tanto sangue.*

– Cinder... *onde?* Onde ela atacou?

– Na África. Na cidade... – Ela engoliu em seco. – As pessoas que nos ajudaram.

Alguma coisa estalou na cabeça dela. Gritando, Cinder esticou a mão para a tira magnética de ferramentas, agarrou uma chave-inglesa e jogou na parede mais distante. Ela caiu inofensiva no chão. Pegou uma chave de fenda em seguida, mas Kai tirou-a depressa da mão dela.

– Ela fez alguma exigência? – perguntou ele, absurdamente calmo.

Ela fechou os punhos vazios.

– Não sei. Só sei que estão todos mortos. Por minha causa. Porque *me* ajudaram.

Ela caiu agachada e cobriu a cabeça. O corpo todo estava fervendo de raiva.

De Levana.

Mas mais de si mesma. De suas decisões.

Porque ela sabia que isso ia acontecer. E fez a escolha mesmo assim.

– Cinder.

– É minha culpa.

Ele colocou a mão nas costas dela.

– Você não os matou.

– Daria no mesmo.

– Eles sabiam o risco que corriam quando ajudaram você? O perigo em que se meteram?

Ela afastou a cabeça dele.

– Talvez tenham feito o que fizeram porque acreditavam em você. Porque acharam que valia a pena o risco.

– Isso é para ajudar?

– Cinder...

– Quer saber outro segredo? O maior segredo? – Ela se sentou e largou as pernas como uma boneca quebrada. – Estou *com medo*, Kai. Estou com muito medo. – Ela pensou que falar as palavras em voz alta podia fazer com que se sentisse melhor, mas só a fez se sentir patética e fraca. Ela passou os braços ao redor da própria cintura. – Estou com medo dela e do exército dela e do que ela é capaz de fazer. E todo mundo espera que eu seja forte e corajosa, mas não sei o que estou fazendo. Não faço ideia de como destroná-la. E, mesmo se eu conseguir, não tenho ideia de como

ser rainha. Tem tanta gente contando comigo, pessoas que nem *sabem* que estão contando comigo, e agora elas estão morrendo, só por causa de uma fantasia ridícula de que eu posso ajudá-las, de que *eu posso salvá-las*, mas e se eu não puder?

Uma dor de cabeça começou a latejar nas têmporas dela, um lembrete de que devia estar chorando. Se fosse normal.

Braços a envolveram.

Cinder apertou o rosto na camisa de seda dele. Havia alguma espécie de colônia ou sabonete ali, tão suave que ela não captara o aroma antes.

– Sei exatamente como você se sente – disse Kai.

Ela fechou bem os olhos.

– Não exatamente.

– Acho que bem perto.

Ela balançou a cabeça.

– Não, você não entende. Mais do que qualquer outra coisa, tenho medo de que... quanto mais eu lute contra ela e quanto mais forte eu fique, mais eu esteja me transformando nela.

Kai se sentou sobre os calcanhares e se afastou o bastante para olhar no rosto dela sem soltá-la.

– Você não está virando Levana.

– Tem certeza? Porque eu manipulei seu conselheiro hoje e inúmeros guardas. Manipulei Lobo. Eu... eu matei um policial na França, e teria matado mais gente se precisasse, pessoas de sua força militar, e nem sei se eu me sentiria mal por isso, porque tem sempre um jeito de justificar. É pelo bem de todos, não é? Sacrifícios precisam ser feitos. E tem também os espelhos, uma

coisa tão, tão idiota, mas eles... estou começando a entender. Por que ela os odeia tanto. E então... – Ela tremeu. – Hoje eu torturei a taumaturga dela. Não apenas a manipulei. Eu a *torturei*. E quase *gostei*.

– Cinder, olhe para mim. – Ele aninhou o rosto dela. – Sei que você está com medo, e tem todo o direito de estar. Mas você não está virando a rainha Levana.

– Você não tem como saber disso.

– Mas eu sei.

– Ela é minha tia, você sabe.

Ele ajeitou o cabelo dela.

– É, bem, meu tataravô assinou o Ato de Proteção dos Ciborgues. Mas aqui estamos nós.

Ela mordeu o lábio. *Ali estavam eles.*

– Agora, vamos não falar nunca mais sobre você ser parente dela. Porque eu ainda estou tecnicamente noivo dela, e isso é muito estranho.

Cinder não conseguiu deixar de rir, mesmo de forma exausta, mesmo que para encobrir os gritos interiores, enquanto ele a envolvia nos braços de novo. A dor de cabeça começou a diminuir e foi substituída pela força dos batimentos dele e pela forma como ela se sentiu quase delicada quando Kai a apertou contra si.

Quase frágil.

Quase segura.

Quase como uma princesa.

– Você não vai contar para ninguém, vai? – murmurou ela.

– Não vou.

– E se eu acabar sendo uma princesa terrível?

Ele deu de ombros.

– O povo de Luna não precisa de uma princesa. Precisa de uma revolucionária.

Cinder franziu a testa.

– Uma revolucionária – repetiu ela.

Ela gostou bem mais disso do que de *princesa*.

A porta se abriu.

Cinder e Kai deram um pulo para longe um do outro, e Kai ficou de pé.

Cress, sem fôlego e corando, parou na porta.

– Me desculpem – disse ela. – Mas os noticiários... Levana...

– Eu sei – falou Cinder, obrigando-se a se levantar. – Eu sei sobre Farafrah.

Cress balançou a cabeça, de olhos arregalados.

– Não é só Farafrah. As naves estão cobrindo a Terra, todos os continentes. Milhares de soldados estão invadindo as cidades. Os outros soldados. – Ela tremeu tanto que precisou se segurar na moldura da porta. – Eles são como animais, como predadores.

– O que a Terra está fazendo? – perguntou Kai, e Cinder reconheceu a voz dele de líder. – Estamos nos defendendo?

– Eles estão tentando. Todos os seis países declararam estado de guerra. Evacuações estão sendo comandadas, os militares estão se preparando...

– Todos os seis?

Cress tirou o cabelo da testa.

– Konn Torin assumiu temporariamente o papel de líder da Comunidade... até sua volta.

Um silêncio pesado apertou o peito de Cinder. E então Kai se virou para olhá-la, e ela sentiu a gravidade das emoções sem olhar para ele.

– Acho que está na hora de você me contar o plano – disse ele.

Cinder fechou as mãos com força. A probabilidade do sucesso deles parecia tão pequena que ela quase nem pensou no que viria depois. Esperava que fossem ter tempo, pelo menos um dia ou dois, mas viu que não haveria tal pausa.

Aguerra tinha começado.

– Você mesmo disse que o povo de Luna precisa de uma revolucionária. – Ela ergueu o queixo e sustentou o olhar dele. – Então eu vou para Luna e vou iniciar uma revolução.

AGRADECIMENTOS

POR ONDE, AH, POR ONDE COMEÇAR.

A incrível equipe do Macmillan Children's Publishing Group continua a me maravilhar com seu talento, criatividade e entusiasmo. Minhas editoras, Liz Szabla e Jean Feiwel, junto com Lauren Burniac, Rich Deas, Lucy Del Priore, Elizabeth Fithian, Courtney Griffin, Anna Roberto, Allison Verost, Emily Waters-Curley, Ksenia Winnicki e sem dúvida muitos outros que trabalham incansavelmente nos bastidores para trazer esses livros ao mundo: vocês são incríveis. Obrigada.

Minha equipe de agentes (Jill Grinberg, Cheryl Pientka e Katelyn Detweiler) é uma fonte constante de segurança e encorajamento. Sou muito grata por tudo o que vocês fazem.

Tenho sorte de ter leitores beta incríveis que me deram feedbacks maravilhosos sobre esta série desde o primeiro dia. Tamara Felsinger, Jennifer Johnson e Meghan Stone-Burgess, eu não conseguiria sem vocês. E obrigada ao resto das UM Girls, que são tão inteligentes e hilárias e dão tanto apoio, e a Tuxedo Mask, por nos reunir.

Agradeço aos leitores de blog Melissa Anne e Mark Murata, junto com Kasey Andrews, Brittney, Chantalle, Elisabeth, Megan e Miniwriter12 do Goodreads, que me ajudaram a desenvolver as perguntas de discussão de *Scarlet*, uma tarefa que nenhum autor deveria ter que fazer sozinho.

Por fim, mas não menos importante, mil agradecimentos a meu marido, meus pais, minha família e meus amigos, que me ajudaram a planejar festas de lançamento (obrigada, mãe!), inventaram enfeites (obrigada, Leilani!), arrumaram meu cabelo para as turnês de livro (obrigada, Chelsea!), me impediram de enlouquecer nas tais turnês (obrigada, querido!) e que sorriem com sabedoria quando viajo durante uma conversa porque acabei de ter uma ideia excelente para O Livro. Eu amo vocês.

Título original

Book Three

CRESS: THE LUNAR CHRONICLES

Copyright do texto © 2014 *by* Marissa Meyer

Primeira publicação por Feiwel and Friends, um selo da
Macmillan Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Jill Grinberg
Literary Management LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato
eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos
Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

LUIZA PROVEDEL

MARIANA MOURA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
ANDRÉ REIS

Edição Digital: outubro, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56c

Meyer, Marissa

Cress [recurso eletrônico] / Marissa Meyer ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.
recurso digital (Crônicas lunares; 3)

Tradução de: Cress: the lunar chronicles

ISBN 978-85-8122-616-3 (recurso eletrônico)

1. Fantasia - Literatura infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil brasileira. 3. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

15-26214

CDD:028.5

CDU:087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

A Autora

Marissa Meyer mora em Tacoma, Washington, com o marido e os dois gatos. É fã de muitas coisas nerds (*Sailor Moon*, *Firefly*, organizar as estantes por cor...) e é apaixonada por contos de fadas desde criança – e não pretende abandonar isso. Ela pode ser ou não um ciborgue. *Cress* é o terceiro volume da série Crônicas Lunares.

AUTORA BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES

Winter

Crônicas Lunares



Rocco:
DIGITAL

marissa meyer

Livro Quatro

Winter

Crônicas Lunares

Marissa Meyer

Tradução
Regiane Winarski

Rocco
DIGITAL

*Para Jesse, que transforma cada dia
em um “felizes para sempre”.*

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Livro Um

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Livro Dois

Capítulo Vinte e um

Capítulo Vinte e dois

Capítulo Vinte e três

Capítulo Vinte e quatro

Capítulo Vinte e cinco

Capítulo Vinte e seis

Capítulo Vinte e sete

Capítulo Vinte e oito

Capítulo Vinte e nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e um

Capítulo Trinta e dois

Capítulo Trinta e três

Capítulo Trinta e quatro

Capítulo Trinta e cinco

Capítulo Trinta e seis

Capítulo Trinta e sete

Capítulo Trinta e oito

Livro Três

Capítulo Trinta e nove

Capítulo Quarenta

Capítulo Quarenta e um

Capítulo Quarenta e dois

Capítulo Quarenta e três

Capítulo Quarenta e quatro

Capítulo Quarenta e cinco

Capítulo Quarenta e seis

Capítulo Quarenta e sete

Capítulo Quarenta e oito

Capítulo Quarenta e nove

Capítulo Cinquenta

Capítulo Cinquenta e um

Capítulo Cinquenta e dois

Capítulo Cinquenta e três
Capítulo Cinquenta e quatro
Capítulo Cinquenta e cinco
Capítulo Cinquenta e seis
Capítulo Cinquenta e sete
Capítulo Cinquenta e oito
Capítulo Cinquenta e nove
Capítulo Sessenta

Livro Quatro

Capítulo Sessenta e um
Capítulo Sessenta e dois
Capítulo Sessenta e três
Capítulo Sessenta e quatro
Capítulo Sessenta e cinco
Capítulo Sessenta e seis
Capítulo Sessenta e sete
Capítulo Sessenta e oito
Capítulo Sessenta e nove
Capítulo Setenta
Capítulo Setenta e um

Capítulo Setenta e dois

Capítulo Setenta e três

Capítulo Setenta e quatro

Capítulo Setenta e cinco

Capítulo Setenta e seis

Capítulo Setenta e sete

Livro Cinco

Capítulo Setenta e oito

Capítulo Setenta e nove

Capítulo Oitenta

Capítulo Oitenta e um

Capítulo Oitenta e dois

Capítulo Oitenta e três

Capítulo Oitenta e quatro

Capítulo Oitenta e cinco

Capítulo Oitenta e seis

Capítulo Oitenta e sete

Capítulo Oitenta e oito

Capítulo Oitenta e nove

Capítulo Noventa

Capítulo Noventa e um

Capítulo Noventa e dois

Capítulo Noventa e três

Capítulo Noventa e quatro

Capítulo Noventa e cinco

Capítulo Noventa e seis

Capítulo Noventa e sete

Agradecimentos

Créditos

A Autora



LIVRO

Um

*A jovem princesa era linda
como a luz do dia. Era mais bonita até
do que a própria rainha.*



CAPÍTULO

Um

OS DEDOS DOS PÉS DE WINTER TINHAM VIRADO CUBOS DE GELO frios como o espaço. Frios como o lado escuro de Luna. Frios como...

– ... imagens de segurança o capturaram entrando no ar-condicionado central dos subníveis da clínica médica às vinte e três horas U.T.C...

O taumaturgo Aimery Park falava com cadência serena e calculada, como uma balada. Era fácil perder o fio da meada do que ele estava dizendo, fácil deixar todas as palavras se misturarem e confundirem. Winter encolheu os dedos dos pés nos sapatos de solas finas, com medo de que, se ficassem ainda mais frios antes do fim do julgamento, eles fossem cair.

– ... estava tentando interferir com um dos cascudos atualmente guardado...

Cair. Um por um.

– ... registros indicam que o menino cascudo é filho do acusado, levado no dia 29 de julho do ano passado. Ele tem quinze meses de idade hoje.

Winter escondeu as mãos nas dobras do vestido. Estavam tremendo de novo. Ela estava sempre tremendo. Apertou os dedos para fazê-los ficarem parados e pressionou as solas dos pés

no chão duro. Ela lutou para fazer a sala do trono entrar em foco antes de se dissolver.

A sala do trono, na torre central do palácio, tinha a vista mais incrível da cidade. De onde estava sentada, Winter via o lago Artemísia espelhando o palácio branco e a cidade indo até o domo transparente enorme que os abrigava dos elementos externos, ou da falta deles. A sala do trono ia além das paredes da torre, então, quando alguém ultrapassava o fim do piso de mosaico, se via em um parapeito de vidro transparente. Era como ficar de pé no ar, prestes a despencar nas profundezas do lago na cratera.

À esquerda, ela via as pontas das unhas da madrastra batendo no braço do trono, um assento imponente entalhado em pedra branca. Normalmente, a madrastra ficava calma durante esses procedimentos e ouvia os julgamentos sem dar sinal de emoção. Winter estava acostumada a ver as pontas dos dedos de Levana acariciando a pedra polida, não batucando nela. Mas a tensão estava forte desde que Levana e sua comitiva voltaram da Terra, e a madrastra teve mais ataques de fúria do que o habitual nos últimos meses.

Desde que aquela lunar fugitiva, aquela *ciborgue*, fugiu da prisão terráquea.

Desde que a guerra começou entre a Terra e Luna.

Desde que o noivo da rainha foi sequestrado e as chances de Levana ser coroada imperatriz foram roubadas dela.

O planeta azul pairava acima do horizonte, cortado bem na metade. Luna estava pouco depois da metade da longa noite, e a cidade de Artemísia brilhava com postes de um azul pálido e

janelas de cristal cintilantes, seus reflexos dançando na superfície do lago.

Winter sentia falta do sol e do calor. Os dias artificiais nunca eram iguais.

– Como ele sabia sobre os cascudos? – perguntou a rainha Levana. – Por que não acreditou que o filho morreu no parto?

Sentadas por toda a sala em quatro fileiras, estavam as famílias. A corte da rainha. Os nobres de Luna, favorecidos por Sua Majestade pelas gerações de lealdade, pelos talentos extraordinários com o dom lunar ou por pura sorte de terem nascido cidadãos da grande cidade de Artemísia.

Havia também o homem de joelhos ao lado do taumaturgo Park. Ele não teve sorte ao nascer.

Suas mãos estavam unidas, suplicantes. Winter queria poder dizer a ele que não importaria. Os apelos dele não serviriam para nada. Ela achava que haveria consolo em saber que nada podia ser feito para evitar a morte. Os que eram levados até a rainha já tendo aceitado o destino pareciam lidar melhor com a situação.

Ela olhou para as próprias mãos, ainda segurando a fina saia branca. Os dedos haviam sido maltratados pela geada. Até que era bonito. Brilhando e cintilando e *frios*, tão frios...

– Sua rainha fez uma pergunta – disse Aimery.

Winter se encolheu, como se ele tivesse gritado.

Concentração. Ela precisava tentar se concentrar.

Levantou a cabeça e inspirou.

Aimery estava usando branco agora que tinha substituído Sybil Mira como taumaturgo-chefe da rainha. O bordado dourado no casaco cintilou quando ele andou ao redor do prisioneiro.

– Peço desculpas, Vossa Majestade – disse o homem. – Minha família e eu a servimos há gerações. Sou zelador naquela clínica e já tinha ouvido boatos... Não era da minha conta, então nunca liguei, nunca dei atenção. Mas... quando meu filho nasceu cascudo... – choramingou. – Ele é meu *filho*.

– Você não pensou que podia haver um motivo para sua rainha ter decidido manter seu filho e todos os outros lunares sem dons separados dos nossos cidadãos? – disse Levana, com voz alta e ríspida. – Que podemos ter um propósito voltado para o bem de *todo* o nosso povo ao deixá-los sob controle como fizemos?

O homem engoliu em seco alto o bastante para Winter ver o pomo de adão subindo e descendo.

– Eu sei, minha rainha. Sei que o sangue deles é usado para... experiências. Mas... vocês têm *tantos*, e ele é só um bebê, e...

– Além de o sangue dele ser valioso para o sucesso de nossas alianças políticas, algo que não espero que um zelador dos setores externos entenda, ele também é cascudo, e a espécie dele se mostrou perigosa e instável, como você pode lembrar pelos assassinatos do rei Marrok e da rainha Jannali dezoito anos atrás. Ainda assim, você sujeitaria nossa sociedade a essa ameaça?

Os olhos do homem estavam loucos de medo.

– Ameaça, minha rainha? Ele é um *bebê*. – Ele fez uma pausa. Não parecia abertamente rebelde, mas a falta de remorso faria Levana ter um ataque de fúria em breve. – E os outros naqueles tanques... tantos deles, crianças. *Crianças* inocentes.

O aposento esfriou.

Ele sabia demais. O infanticídio de cascudos acontecia desde a ordem da irmã de Levana, a rainha Channary, depois que um

casado entrou escondido no palácio e matou os pais delas. Ninguém ficaria satisfeito de saber que seus bebês não foram mortos, mas trancados e usados como pequeninas fábricas de plaquetas.

Winter piscou e imaginou o próprio corpo como uma fábrica de plaquetas.

Baixou seu olhar de novo. O gelo tinha se estendido até os pulsos agora.

Isso não seria bom para a linha de produção de plaquetas.

– O acusado tem família? – perguntou a rainha.

Aimery balançou a cabeça.

– Os registros indicam uma filha de nove anos. Ele também tem duas irmãs e um sobrinho. Todos moram no Setor GM-12.

– Não tem esposa?

– Morreu cinco meses atrás de envenenamento por regolito.

O prisioneiro olhou para a rainha, seu desespero formava uma poça ao redor dos joelhos.

A corte começou a se mexer, com as roupas vibrantes balançando. Esse julgamento estava demorando tempo demais. Eles estavam ficando entediados.

Levana se encostou no trono.

– Você está sendo declarado culpado de invasão e tentativa de roubo contra a coroa. Esse crime é punível com morte imediata.

O homem tremeu, mas seu rosto permaneceu suplicante. Eles sempre demoravam alguns segundos para compreender essa sentença.

– Seus familiares vão receber, cada um, doze chibatadas públicas como lembrete ao seu setor de que não tolero que

minhas decisões sejam questionadas.

O maxilar do homem ficou frouxo.

– Sua filha vai ser dada como presente a uma das famílias da corte. Lá, vai aprender obediência e humildade, que é de se supor que não aprendeu sob seus cuidados.

– Não, por favor. Deixe que ela more com as tias. Ela não fez nada!

– Aimery, pode prosseguir.

– *Por favor!*

– Sua rainha já se pronunciou – disse o taumaturgo Aimery. – A palavra dela é final.

Aimery tirou uma faca de obsidiana de uma das mangas em forma de sino e segurou o cabo na direção do prisioneiro, cujos olhos estavam arregalados de histeria.

A sala ficou mais fria. A respiração de Winter cristalizou no ar. Ela apertou os braços com força contra o corpo.

O prisioneiro segurou o cabo da faca. A mão estava firme. O resto dele estava tremendo.

– Por favor. Minha garotinha... eu sou tudo o que ela tem. *Por favor.* Minha rainha. Vossa Majestade!

Ele levou a lâmina até o pescoço.

Foi nessa hora que Winter afastou o olhar. Era essa a hora em que ela sempre afastava o olhar. Ela observou os próprios dedos afundarem no vestido, as unhas raspando o tecido até sentir o ardor nas coxas. Viu o gelo subir pelos pulsos na direção dos cotovelos. Onde o gelo tocava, a pele ficava dormente.

Ela se imaginou atacando a rainha com os punhos sólidos de gelo. Imaginou as mãos se estilhaçando em mil pedaços.

Estava nos ombros dela. No pescoço.

Mesmo com os estalos e barulhos do gelo, ela ouviu o corte na carne. O borbulhar de sangue e um gemido abafado. O baque seco do corpo.

O frio tinha invadido o peito. Ela apertou bem os olhos e lembrou a si mesma de ficar calma, de respirar. Ouvia a voz firme de Jacin na mente, as mãos dele segurando seus ombros. *Não é real, princesa. É só uma ilusão.*

Normalmente, isso ajudava, essas lembranças a guiando em meio ao pânico. Mas desta vez a memória pareceu estimular o gelo. Envolvendo sua caixa torácica. Corroendo o estômago. Endurecendo sobre o coração dela.

Ela estava congelando de dentro para fora.

Escute minha voz.

Jacin não estava ali.

Fique comigo.

Jacin tinha ido embora.

Está tudo na sua cabeça.

Ela ouviu o bater das botas dos guardas quando eles se aproximaram do corpo. O cadáver sendo arrastado até o parapeito. O empurrão e o barulho de água distante lá embaixo.

A corte aplaudiu com uma polidez silenciosa.

Winter ouviu seus dedos se quebrarem. Um. Por. Um.

– Muito bom – disse a rainha Levana. – Taumaturgo Tavalier, cuide para que o resto da sentença seja executada.

O gelo estava no pescoço dela, escalando seu maxilar. Havia lágrimas congelando nos olhos. Havia saliva cristalizando na língua.

Ela levantou a cabeça quando um servo começou a lavar o sangue no piso. Aimery, limpando a faca com um tecido, olhou nos olhos de Winter. O sorriso dele queimava.

– Lamento dizer que a princesa não tem estômago para esses procedimentos.

Os nobres na audiência riram. A repulsa de Winter era fonte de diversão para boa parte da corte de Levana.

A rainha se virou, mas Winter não conseguiu encará-la. Ela era uma garota feita de gelo e vidro. Os dentes estavam frágeis, os pulmões seriam facilmente esmagados.

– Sim – disse Levana. – Muitas vezes, esqueço que ela está aqui. Você é tão inútil quanto uma boneca de pano, não é, Winter?

As pessoas riram de novo, mais alto, como se a rainha tivesse dado permissão para que elas debochassem da jovem princesa. Mas Winter não conseguia reagir, nem à rainha nem às gargalhadas. Ela manteve o foco no taumaturgo, tentando esconder o pânico.

– Ah, não, ela não é tão inútil assim – retrucou Aimery. Enquanto Winter o observava, uma linha vermelha fina surgiu no pescoço dele, o sangue borbulhando no corte. – A garota mais bonita de toda Luna? Ela vai tornar alguém da corte um noivo feliz um dia, eu acho.

– A garota mais bonita, Aimery? – O tom suave de Levana quase escondeu o rosnado por baixo.

Aimery fez uma reverência.

– Só bonita, minha rainha. Mas nenhum mortal poderia se comparar à sua perfeição.

A corte logo concordou e ofereceu cem elogios ao mesmo tempo, embora Winter ainda sentisse os olhares maldosos de mais de um nobre grudados nela.

Aimery deu um passo na direção do trono e sua cabeça cortada caiu, bateu no mármore e rolou, rolou, rolou, até parar nos pés congelados de Winter.

Ainda sorrindo.

Ela choramingou, mas o som ficou soterrado pela neve em sua garganta.

É coisa da sua cabeça.

– Silêncio – disse Levana, depois de ouvir sua cota de elogios. – Nós terminamos?

Finalmente, o gelo chegou aos olhos dela, e Winter não teve escolha além de fechá-los para a aparição sem cabeça de Aimery, envolvendo-a no frio e na escuridão.

Ela morreria ali e não reclamaria. Seria enterrada debaixo dessa avalanche de morte. Jamais teria que testemunhar outro assassinato.

– Tem mais um prisioneiro a ser julgado, minha rainha – ecoou a voz de Aimery no vazio gelado da cabeça de Winter. – Sir Jacin Clay, guarda real, piloto e protetor designado da taumaturga Sybil Mira.

Winter ofegou e o gelo se estilhaçou, um milhão de pedacinhos cintilantes e afiados explodindo pela sala do trono e deslizando pelo chão. Ninguém mais ouviu. Ninguém mais reparou.

Aimery, com a cabeça ainda presa ao corpo, estava olhando para ela de novo, como se estivesse esperando para ver sua

reação. O sorrisinho estava sutil quando ele voltou a atenção para a rainha.

– Ah, sim – disse Levana. – Tragam-no.

CAPÍTULO

Dois

A PORTA DA SALA DO TRONO SE ABRIU, E ALI ESTAVA ELE, PRESO guardas, com os pulsos amarrados atrás das costas. O cabelo louro estava embaraçado e sujo, com mechas grudadas no maxilar. Parecia fazer um bom tempo que ele não tomava banho, mas Winter não conseguiu detectar sinais óbvios de agressão.

O estômago dela deu um nó. Todo o calor que o gelo havia expulsado voltou correndo para a superfície da pele.

Fique comigo, princesa. Escute minha voz, princesa.

Ele foi levado até o centro da sala, sem demonstrar qualquer expressão no rosto. Winter cravou as unhas nas palmas das mãos.

Jacin não olhou para ela. Nem uma vez.

– Jacin Clay – disse Aimery –, você foi acusado de trair a coroa ao falhar na hora em que deveria proteger a taumaturga Mira e na hora de apreender uma conhecida fugitiva lunar, apesar de ter passado duas semanas na companhia da dita fugitiva. Você é um traidor de Luna e da nossa rainha. Esses crimes são puníveis com a morte. O que você tem a dizer em sua defesa?

O coração de Winter trovejou como um tambor junto às costelas. Ela virou olhos suplicantes para a madrastra, mas Levana não estava prestando nenhuma atenção a ela.

– Eu me declaro culpado de todos os crimes descritos – disse Jacin, atraindo a atenção de Winter novamente. – *Exceto* pela acusação de que sou traidor.

As unhas de Levana bateram no braço do trono.

– Explique.

Jacin se empertigou como se estivesse de uniforme, como se estivesse a serviço, e não sendo julgado.

– Como falei, eu não apreendi a fugitiva quando estava na companhia dela porque estava tentando convencê-la de que eu era confiável para conseguir informações para minha rainha.

– Ah, sim, você a estava espionando, assim como aos companheiros dela – disse Levana. – Eu me lembro de você ter dado essa desculpa quando foi capturado. Também lembro que você não tinha informações pertinentes para oferecer, só mentiras.

– Mentiras, não, minha rainha, embora eu admita que subestimei a ciborgue e as habilidades dela. Ela as estava escondendo de mim.

– Isso é que é ganhar a confiança dela. – Havia deboche no tom da rainha.

– Conhecer as habilidades da ciborgue não era a única informação que eu procurava, minha rainha.

– Sugiro que você pare de brincar com palavras. Minha paciência já está curta.

O coração de Winter murchou. Jacin, não. Ela não poderia ficar sentada ali vendo-os matar Jacin.

Ela negociaria por ele, decidiu, embora o plano tivesse uma falha. O que tinha para negociar? Nada além da própria vida, e

Levana não aceitaria isso.

Ela poderia dar um ataque de birra. Ficar histérica. Não estaria muito longe da verdade, nesse ponto, e poderia distraí-los por um tempo, mas só adiaria o inevitável.

Já havia se sentido impotente muitas vezes na vida, mas nunca assim.

Só havia uma coisa a ser feita, então. Ela jogaria o próprio corpo na frente da lâmina.

Ah, Jacin *odiaria* isso.

Sem saber da mais recente resolução de Winter, Jacin inclinou a cabeça em um gesto respeitoso.

– Durante meu tempo com Linh Cinder, descobri informações sobre um dispositivo que pode anular os efeitos do dom lunar quando ligado ao sistema nervoso de uma pessoa.

Isso provocou uma agitação curiosa na multidão. Um enrijecer de colunas, uma inclinação de ombros para a frente.

– Impossível – disse Levana.

– Linh Cinder tinha evidência do potencial. Como foi descrito para mim, em um terráqueo o dispositivo impede que a bioeletricidade seja alterada. Mas em um lunar vai impedir que ele use o dom. A própria Linh Cinder tinha o dispositivo instalado quando chegou ao baile da Comunidade das Nações Orientais. Ela só pôde usar seu dom quando foi destruído, como foi testemunhado pelos seus próprios olhos, minha rainha.

As palavras dele carregavam um ar de impertinência. Os nós dos dedos de Levana ficaram brancos.

– Quantos desses hipotéticos dispositivos existem?

– Que eu saiba, só o dispositivo quebrado instalado na própria ciborgue. Mas desconfio que ainda existam documentos e projetos. O inventor foi o pai adotivo de Linh Cinder.

O aperto da rainha começou a relaxar.

– É uma informação intrigante, sr. Clay. Mas fala mais de uma tentativa desesperada de se salvar do que de inocência verdadeira.

Jacin deu de ombros, indiferente.

– Se minha lealdade não pode ser identificada na forma como me portei com o inimigo, obtendo essa informação e alertando a taumaturga Mira sobre o plano de sequestrar o imperador Kaito, eu não sei que outra prova posso fornecer, minha rainha.

– Sim, sim, a dica anônima que Sybil recebeu, alertando-a sobre os planos de Linh Cinder. – Levana suspirou. – Acho muito conveniente que esse comunicado que você *alega* ter enviado não tenha sido visto por mais ninguém além da própria Sybil, que agora está morta.

Pela primeira vez, Jacin pareceu perturbado sob o olhar da rainha. Ele ainda não tinha olhado para Winter.

A rainha se virou para Jerrico Solis, o capitão da guarda. Assim como tantos dos guardas da rainha, Jerrico deixava Winter pouco à vontade, e ela costumava ter visões do cabelo ruivo alaranjado pegando fogo e do resto dele queimando até virar um carvão fumegante.

– Você estava com Sybil quando ela emboscou a nave inimiga naquele dia, mas disse antes que Sybil não mencionou essa mensagem. Você tem alguma coisa a acrescentar?

Jerrico deu um passo à frente. Ele tinha voltado da viagem à Terra com uma boa quantidade de hematomas, mas já tinham começado a sumir.

– Minha rainha, a taumaturga Mira parecia confiante de que encontraríamos Linh Cinder naquele telhado, mas não mencionou ter recebido nenhuma informação externa, anônima ou não. Quando a nave pousou, foi a taumaturga Mira que mandou que Jacin Clay fosse preso.

A sobancelha de Jacin tremeu.

– Talvez ela ainda estivesse chateada por eu ter atirado nela. – Ele fez uma pausa, mas depois acrescentou: – Enquanto eu estava sob o controle de Linh Cinder, devo dizer em minha defesa.

– Você parece ter muito a dizer em sua defesa – disse Levana.

Jacin não respondeu. Era o comportamento mais calmo que Winter já tinha visto em um prisioneiro; ele, que sabia melhor do que ninguém as coisas horríveis que aconteciam ali, bem no lugar onde estava. Levana devia estar furiosa com a audácia, mas parecia apenas pensativa.

– Permissão para falar, minha rainha?

A plateia se moveu, e Winter demorou um momento para discernir quem tinha falado. Era um *guarda*. Uma das ornamentações silenciosas do palácio. Apesar de reconhecê-lo, ela não sabia seu nome.

Levana olhou com irritação para ele, e Winter a imaginou calculando se daria permissão ou puniria o homem por se manifestar num momento inadequado. Por fim, disse:

– Qual é seu nome e por que você ousa interromper o procedimento?

O guarda deu um passo à frente, encarando a parede, sempre a parede.

– Meu nome é Liam Kinney, minha rainha. Eu ajudei na recuperação do corpo da taumaturga Mira.

Uma sobrançelha questionadora para Jerrico; um aceno confirmando.

– Continue – disse Levana.

– A mestra Mira estava com um tablet quando nós a encontramos, e apesar de ter quebrado na queda, o aparelho foi submetido como prova no caso do assassinato dela. Eu me pergunto se alguém tentou recuperar a suposta mensagem.

Levana voltou a atenção para Aimery, cujo rosto era uma máscara que Winter reconheceu. Quanto mais agradável era a expressão dele, mais irritado estava.

– Na verdade, nós conseguimos acessar as mensagens recentes dela. Eu estava prestes a apresentar as provas.

Era mentira, o que deu esperança a Winter. Aimery mentia muito bem, principalmente quando era de seu interesse. E ele odiava Jacin. Não ia querer entregar nada que pudesse ajudá-lo.

Esperança. Frágil, escassa, patética. *Esperança*.

Aimery indicou a porta, e um criado se aproximou correndo, carregando um tablet quebrado e um dispositivo holográfico em uma bandeja.

– Este é o tablet que Sir Kinney mencionou. Nossa investigação confirmou que realmente houve uma mensagem anônima enviada a Sybil Mira naquele dia.

O criado ligou o dispositivo, e um holograma brilhou no centro da sala. Atrás dele, Jacin sumiu como um fantasma.

O holograma exibia um texto básico de mensagem.

**LINH CINDER PLANEJANDO SEQUESTRAR O
IMPERADOR DA C.N.O.**

**FUGA PLANEJADA PELO TELHADO DA TORRE
NORTE, PÔR DO SOL.**

Tanta importância depositada em tão poucas palavras. Era a cara de Jacin.

Levana leu as palavras com olhos apertados.

– Obrigada, Sir Kinney, por chamar nossa atenção para isso. – Foi revelador o fato de ela não ter agradecido a Aimery.

O guarda, Kinney, fez uma reverência e recuou para sua posição. O olhar dele se desviou uma vez para Winter, ilegível, antes de se grudar de novo na parede distante.

Levana continuou.

– Imagino que você vá me dizer, Sir Clay, que essa foi a mensagem que você enviou.

– Foi.

– Você tem mais alguma coisa a acrescentar antes que eu declare meu veredito?

– Nada, minha rainha.

Levana se encostou no trono, e o aposento ficou em silêncio, com todo mundo esperando a decisão da rainha.

– Imagino que minha enteada gostaria que eu poupasse você.

Jacin não reagiu, mas Winter fez uma careta em resposta à arrogância do tom da madrastra.

– Por favor, madrastra – sussurrou ela, as palavras estalando na língua seca. – É *Jacin*. Ele não é nosso inimigo.

– Não *seu*, talvez – disse Levana. – Mas você é uma garota ingênua e burra.

– Não é verdade. Sou uma fábrica de sangue e plaquetas, e todo o meu maquinário está congelando...

A corte caiu na gargalhada, e Winter se encolheu. Até os lábios de Levana tremeram, embora houvesse irritação por baixo da diversão.

– Eu tomei minha decisão – disse ela, com a voz estrondosa exigindo silêncio. – Decidi deixar o prisioneiro viver.

Winter deu um grito de alívio. Colocou a mão sobre a boca, mas foi tarde demais para sufocar o barulho.

Houve mais risinhos da plateia.

– Você tem alguma outra coisa a acrescentar, princesa? – perguntou Levana entredentes.

Winter controlou as emoções da melhor maneira que conseguiu.

– Não, minha rainha. Suas determinações sempre são sábias e finais, minha rainha.

– Essa determinação não terminou. – A rainha endureceu a voz quando voltou a falar com Jacin. – Sua incapacidade de matar ou capturar Linh Cinder não vai passar sem punição, pois sua incompetência levou ao sucesso dela no sequestro do meu noivo. Por esse crime, eu sentencio você a trinta chibatadas autoinfligidas, a serem dadas no tablado central, seguidas de quarenta horas de penitência. Sua sentença vai começar no amanhecer de amanhã.

Winter se encolheu, mas nem essa punição poderia destruir o alívio eufórico na barriga dela. Ele não ia morrer. Ela não era uma

garota de gelo e vidro, mas uma garota de sol e poeira estelar, porque Jacin não ia morrer.

– E, Winter...

Ela voltou a atenção para a madrasta, que a encarava com desdém.

– Se você tentar levar comida para ele, vou mandar cortar a língua dele em pagamento pela sua gentileza.

Ela se encolheu na cadeira, um pequeno raio da luz de seu sol se extinguiu.

– Sim, minha rainha.

CAPÍTULO

Três

WINTER ESTAVA ACORDADA HORAS ANTES DE A LUZ ILUMINAR O Cdo domo, quase sem ter conseguido dormir. Ela não foi ver Jacin receber as chibatadas por saber que, se ele a visse, se controlaria para não gritar de dor. Ela não faria isso com ele. Então, que gritasse. Ele ainda era mais forte do que qualquer um deles.

Ela mastigou obedientemente as carnes curadas e queijos levados para o café da manhã. Permitiu que as servas a banhassem e vestissem de seda cor-de-rosa claro. Ficou sentada durante uma aula inteira com o mestre Gertman, um taumaturgo de terceiro nível e antigo professor dela, fingindo tentar usar o dom e pedindo desculpas por ser difícil demais, dizendo que estava muito fraca. Ele não pareceu se importar, já que passava boa parte das aulas encarando o rosto dela com a boca aberta. Winter não sabia se ele seria capaz de perceber se ela realmente usou um glamour nele ao menos uma vez.

O dia artificial chegou e foi embora; uma das empregadas levou uma caneca de leite quente e canela e preparou a cama dela, e finalmente Winter foi deixada em paz.

Seu coração vibrava de expectativa.

Ela vestiu uma calça leve de linho e uma blusa frouxa, depois colocou o robe noturno para que parecesse estar de pijama por

baixo. Ela pensou nisso o dia todo, com o plano tomando forma em sua mente, como pequenas peças de quebra-cabeça se juntando. A determinação pura sufocou qualquer alucinação.

Ela afofou o cabelo para parecer que tinha acabado de acordar de um sono profundo, apagou as luzes e subiu na cama. O candelabro pendurado roçou em sua sobrancelha e ela se encolheu, deu um passo para trás e recuperou o equilíbrio no colchão grosso.

Winter se preparou, inspirando uma lufada de ar cheia de intenções.

Contou até três.

E gritou.

Ela gritou como se um assassino estivesse enfiando uma faca em sua barriga.

Gritou como se mil pássaros estivessem bicando sua pele.

Gritou como se o palácio estivesse pegando fogo ao redor.

O guarda posicionado em frente à porta entrou com a arma na mão. Winter continuou gritando. Cambaleando para trás por cima do travesseiro, ela se encostou na cabeceira e puxou os cabelos.

– Princesa! O que foi? Qual é o problema? – Ele olhava por todo o quarto escuro, procurando um invasor, uma ameaça.

Batendo o braço atrás do corpo, Winter arranhou o papel de parede e arrancou um pedaço. Estava ficando mais fácil acreditar que ela estava apavorada. Havia fantasmas e assassinos ao redor, se aproximando.

– Princesa! – Um segundo guarda entrou no quarto. Acendeu a luz, e Winter se encolheu por causa dela. – O que está

acontecendo?

– Não sei. – O primeiro guarda tinha ido para o outro lado do quarto e estava olhando atrás das cortinas.

– *Monstro!* – gritou Winter, incrementando a declaração com um soluço. – Eu acordei e ele estava de pé do lado da minha cama... um dos... um dos soldados da rainha!

Os guardas trocaram olhares, e uma mensagem silenciosa ficou clara, até para Winter.

Não tem nada errado. Ela só é maluca.

– Vossa Alteza... – começou o segundo guarda na hora em que um terceiro apareceu na porta.

Bom. Normalmente, só havia três guardas de serviço nesse corredor entre o quarto dela e a escadaria principal.

– Ele foi por ali! – Escondendo-se atrás de um braço, Winter apontou na direção do closet. – Por favor. Por favor, não deixem que escape. Por favor, encontrem-no!

– O que aconteceu? – perguntou o recém-chegado.

– Ela acha que viu um dos soldados mutantes – resmungou o segundo guarda.

– *Ele estava aqui* – gritou ela, as palavras rasgando a garganta. – Por que vocês não estão me protegendo? Por que estão aí parados? *Vão procurá-lo!*

O primeiro guarda pareceu irritado, como se essa brincadeira tivesse interrompido algo mais do que ficar de pé no corredor olhando para a parede. Ele guardou a arma, mas disse com autoridade:

– Claro, princesa. Vamos encontrar esse criminoso e garantir sua segurança.

Ele fez sinal para o segundo guarda, e os dois saíram andando na direção do closet.

Winter se virou para o terceiro guarda e se agachou.

– Você tem que ir com eles – insistiu ela, com a voz trêmula e fraca. – Ele é um monstro, enorme, com dentes ferozes e garras que vão fazê-los em *pedacinhos*. Eles não vão ser capazes de derrotá-lo sozinho, e se falharem...! – As palavras dela viraram um grito de terror. – Ele vai vir atrás de mim, e não vai ter ninguém para impedi-lo. Ninguém vai me salvar! – Ela puxou o cabelo, e o corpo todo tremeu.

– Tudo bem, tudo bem. Claro, Alteza. Espere aqui e... tente se acalmar. – Parecendo grato por deixar a princesa louca para trás, ele saiu andando atrás dos colegas.

Assim que ele desapareceu, Winter desceu da cama e tirou o robe, que deixou em cima de uma cadeira.

– O closet está vazio! – gritou um dos guardas.

– Continuem procurando! – berrou ela. – Sei que ele está aí!

Ela pegou o chapéu simples e os sapatos que deixou ao lado da porta e saiu correndo.

Ao contrário dos guardas pessoais, que a teriam interrogado infinitamente e insistido em escoltá-la para a cidade, os guardas que estavam vigiando as torres fora do palácio mal se mexeram quando ela pediu que o portão fosse aberto. Sem guardas e vestidos elegantes, e com o cabelo denso preso e o rosto baixo, ela podia se passar por uma criada nas sombras.

Assim que passou pelo portão, saiu correndo.

Havia aristocratas andando pelas ruas da cidade, rindo e flertando, com suas roupas elegantes e luxuosas. Luz escapava

pelas portas abertas, música dançava pelas janelas, e para todo lado havia o cheiro de comida e o estalo de copos e sombras se beijando e suspirando em becos escuros.

Sempre era assim na cidade. A frivolidade, o prazer. A cidade branca de Artemísia, o pequeno paraíso embaixo do vidro protetor.

No centro de tudo ficava o tablado, uma plataforma circular onde dramas eram encenados e leilões aconteciam, onde espetáculos de ilusão e humor obsceno costumavam tirar as famílias de suas mansões para uma noite de diversão.

Humilhações públicas e punições também costumavam estar na programação.

Winter estava ofegante, sentindo-se exausta e eufórica com o sucesso, quando o tablado apareceu. Ela o viu, e a saudade enfraqueceu seus joelhos. Ela teve que ir mais devagar para recuperar o fôlego.

Ele estava sentado de costas para o enorme relógio de sol no centro do tablado, um instrumento tão inútil quanto impressionante durante aquelas longas noites. Cordas prendiam os braços nus e o queixo estava apoiado no peito, com o cabelo claro escondendo o rosto. Quando Winter se aproximou dele, viu as marcas das chibatadas em alto-relevo no peito e no abdome, com manchas de sangue seco. Haveria mais nas costas. A mão estaria com bolhas de segurar o chicote. *Autoinfligidas*, Levana proclamou na punição, mas todo mundo sabia que Jacin estaria sob o controle de um taumaturgo. Não havia nada de *autoinfligido* naquilo.

Winter tinha ouvido que Aimery se ofereceu para a tarefa. Ele deve ter sentido prazer a cada ferimento.

Jacin levantou a cabeça quando ela chegou na beirada do tablado. Os olhos deles se encontraram, e ela observou o homem que foi surrado e amarrado e debochado e atormentado o dia todo, e por um momento teve certeza de que ele estava destruído. Mais um dos brinquedos quebrados da rainha.

Mas então, um lado da boca de Jacin se ergueu, e o sorriso chegou aos impressionantes olhos azuis, e ele estava tão radiante e acolhedor quanto o sol nascente.

– Oi, Confusão – disse ele, encostando a cabeça no relógio de sol.

O pavor das semanas anteriores desapareceu. Ele estava vivo. Estava em casa. Ainda era Jacin.

Ela subiu no tablado.

– Você tem alguma ideia do quanto andei preocupada? – disse ela, indo até ele. – Eu não sabia se você estava morto ou se era refém, ou se tinha sido comido por um dos soldados da rainha. Estava ficando louca por não saber.

Ele ergueu uma sobrancelha.

Ela fez uma careta.

– Não comente sobre isso.

– Eu não ousaria. – Ele revirou os ombros o tanto que conseguia com as amarras. Os ferimentos se abriram e incharam com o movimento, e seu rosto se contorceu de dor, mas foi algo breve.

Fingindo não ter reparado, Winter se sentou de pernas cruzadas na frente dele e inspecionou os ferimentos. Querendo

tocá-lo. Sentindo medo de tocá-lo. Isso, ao menos, não tinha mudado.

– Dói muito?

– É melhor do que estar no fundo do lago. – O sorriso dele era irônico, de lábios rachados. – Vão me transferir para um tanque suspenso amanhã à noite. Metade de um dia e eu estarei novinho em folha. – Ele apertou os olhos. – Isso supondo que você não esteja lá para me dar comida. Eu gostaria que minha língua continuasse onde está, obrigado.

– Comida, não. Só um rosto amigo.

– Amigo. – Seu olhar a percorreu por inteiro, o sorriso relaxado ainda no rosto. – Para dizer o mínimo.

Ela baixou a cabeça e se virou para esconder as três cicatrizes na bochecha direita. Durante anos, Winter achou que quando as pessoas olhavam fixamente para ela era porque as cicatrizes as repugnavam. Era uma deformação rara no mundo de perfeição delas. Mas um dia uma empregada disse que as pessoas não se sentiam repugnadas, e sim impressionadas. Disse que as cicatrizes tornavam Winter interessante e, de alguma forma, por mais estranho que fosse, ainda mais bonita. *Bonita*. Era uma palavra que Winter ouviu a vida toda. Uma criança bonita, uma garota bonita, uma jovem bonita, tão bonita, bonita *demaís*... e os olhares que acompanhavam a palavra nunca paravam de lhe dar vontade de usar um véu como a madrasta e se esconder dos sussurros.

Jacin era a única pessoa que conseguia fazê-la se sentir bonita sem que isso parecesse uma coisa ruim. Ela nem mesmo se lembrava de ele ter usado essa palavra ou mesmo feito outro

elogio. Estavam sempre escondidos por trás das piadas descuidadas que faziam seu coração disparar.

– Não provoque – disse ela, corando pelo jeito como ele a olhava. Pelo jeito como ele sempre a olhava.

– Eu não estava provocando – rebateu, pura indiferença.

Em resposta, Winter esticou a mão e deu um soco no ombro dele.

Ele se encolheu, e ela sufocou um gritinho ao se lembrar dos ferimentos. Mas a risada de Jacin foi calorosa.

– Isso não é uma luta justa, princesa.

Ela sufocou o pedido de desculpas que estava quase saindo.

– Estava na hora de eu ter alguma vantagem.

Ele olhou para trás dela, para a rua.

– Onde está seu guarda?

– Eu o deixei para trás. Procurando um monstro no meu closet.

O sorriso ensolarado virou exasperação.

– Princesa, você não pode sair sozinha. Se alguma coisa acontecesse com você...

– Quem vai me fazer mal aqui, na cidade? Todo mundo sabe quem eu sou.

– Basta um idiota acostumado demais a ter o que quer e bêbado demais para conseguir se controlar.

Ela ficou vermelha e contraiu o maxilar.

Jacin franziu a testa e se arrependeu na hora.

– Princesa...

– Vou correr o caminho todo de volta até o palácio. Vou ficar bem.

Ele suspirou, e ela inclinou a cabeça, desejando ter levado algum unguento medicinal para os cortes dele. Levana não falou nada sobre remédios, e a visão dele amarrado e vulnerável (e sem camisa, mesmo cheio de sangue) fazia os dedos dela tremerem de jeitos esquisitos.

– Eu queria ficar sozinha com você – disse ela, se concentrando no rosto dele. – Nunca mais conseguimos ficar sozinhos.

– Não é apropriado princesas de dezessete anos ficarem sozinhas com jovens com intenções questionáveis.

Ela riu.

– E que tal jovens que são os melhores amigos delas desde antes de elas saberem andar?

Ele balançou a cabeça.

– Esses são os piores.

Ela riu, uma gargalhada debochada que serviu para iluminar o rosto de Jacin de novo.

Mas o humor era agri-doce. A verdade era que Jacin só tocava nela quando a estava ajudando no meio de uma alucinação. Fora isso, ele não a tocava deliberadamente havia anos. Desde que ela tinha catorze e ele dezesseis, e ela tentou ensinar a ele a Valsa do Eclipse, com resultados bem constrangedores.

Naquela época, ela teria leiloado a Via Láctea para tornar as intenções dele um pouco menos honradas.

O sorriso de Winter começou a se apagar.

– Senti sua falta – disse ela.

Ele desviou o olhar e se mexeu, na tentativa de ficar mais confortável na posição encostada no relógio de sol. Trincando o

maxilar para que ela não visse o quanto qualquer pequeno movimento o fazia sofrer.

– Como está sua cabeça? – perguntou ele.

– As visões vêm e vão – disse ela. – Mas não parecem estar piorando.

– Você teve uma hoje?

Ela puxou uma pequena falha natural no linho da calça e pensou.

– Não, nenhuma desde o julgamento de ontem. Eu virei uma garota de gelo, e Aimery perdeu a cabeça. Literalmente.

– Eu não me importaria se essa última se tornasse realidade.

Ela o fez calar.

– Estou falando sério. Não gosto do jeito como ele olha para você.

Winter espiou por cima dos ombros, mas os pátios ao redor do tablado estavam vazios. Só o barulho distante de música e gargalhadas a lembravam de que eles estavam em uma metrópole.

– Você está de volta a Luna agora – disse ela. – Tem que tomar cuidado com o que diz.

– Você está *me* dando conselho sobre como ser discreto?

– Jacin...

– Tem três câmeras nesta praça. Duas nos postes atrás de você, uma embutida no carvalho atrás do relógio de sol. Nenhuma delas tem áudio. A não ser que ela esteja contratando leitores de lábios agora.

Winter fez cara de irritação.

– Como você pode ter certeza?

– Vigilância era uma das especialidades de Sybil.

– Mesmo assim, a rainha poderia ter matado você ontem. Você precisa tomar cuidado.

– Eu sei, princesa. Não tenho interesse em voltar para aquela sala do trono como qualquer outra coisa que não seja um guarda leal.

Um rugido acima chamou a atenção de Winter. Pelo domo, as luzes de dezenas de espaçonaves estavam sumindo conforme elas voavam pelo céu estrelado. Indo para a Terra.

– Soldados – murmurou Jacin. Ela não conseguiu perceber se foi uma afirmação ou uma pergunta. – Como está indo a guerra?

– Ninguém me conta nada. Mas Sua Majestade parece satisfeita com nossas vitórias... apesar de ainda estar furiosa por causa do imperador desaparecido e do casamento cancelado.

– Cancelado, não. Só adiado.

– Tente dizer isso para ela.

Ele grunhiu.

Winter se inclinou para a frente, apoiada nos cotovelos, e aninhou o queixo.

– A ciborgue tinha mesmo o dispositivo de que você falou? Que pode impedir as pessoas de serem manipuladas?

Uma luz brilhou nos olhos dele, como se ela o tivesse lembrado de uma coisa importante, mas quando ele tentou se inclinar na direção dela as amarras o seguraram. Ele fez uma careta e falou um palavrão baixinho.

Winter chegou mais perto dele e cobriu a distância.

– Isso não é tudo – disse ele. – Supostamente, esse dispositivo pode impedir lunares de usarem o dom.

– Sim, você mencionou isso na sala do trono.

Ele a olhou profundamente.

– *E vai proteger as mentes deles. Ela disse que os impede de...*

Ficarem loucos.

Ele não precisava dizer em voz alta, não com o rosto demonstrando tanta esperança, como se tivesse resolvido o maior problema do mundo. O significado ficou pairando entre os dois.

Um dispositivo daqueles poderia curá-la.

Winter encolheu os dedos e apoiou embaixo do queixo.

– Você disse que não havia mais nenhum.

– Não. Mas, se conseguirmos encontrar os projetos da invenção... só de saber que é possível...

– A rainha vai fazer qualquer coisa para impedir que sejam feitos.

A expressão dele se tornou sombria.

– Eu sei, mas eu tinha que oferecer alguma coisa. Se Sybil não tivesse me prendido, aquela bruxa ingrata. – Winter sorriu, e quando Jacin viu a expressão, sua irritação sumiu. – Não importa. Agora que sei que é possível, vou descobrir um jeito de fazer.

– As visões nunca são tão ruins quando você está por perto. Vão ficar melhores agora que você voltou.

O maxilar dele se contraiu.

– Peço desculpas por ter partido. Eu me arrependi assim que me dei conta do que fiz. Aconteceu tão rápido, e aí eu não podia voltar para você. Eu simplesmente... abandonei você aqui. Com ela. Com *elas*.

– Você não me abandonou. Foi feito de refém. Não tinha escolha.

Ele afastou o olhar.

Ela se empertigou.

– Você não foi manipulado?

– Não o tempo todo – sussurrou ele, como uma confissão. – Eu escolhi ficar do lado deles quando Sybil e eu subimos na nave. – A culpa tomou conta de seu rosto, e era uma expressão tão estranha para Jacin que Winter não sabia se estava interpretando direito. – Então, eu os traí. – Ele bateu com a cabeça no relógio de sol, com mais força do que o necessário. – Eu sou tão idiota. Você deveria me odiar.

– Você pode ser idiota, mas eu garanto que é bem adorável.

Ele balançou a cabeça.

– Você é a única pessoa na galáxia que me chamaria de *adorável*.

– Sou a única pessoa na galáxia louca o bastante para acreditar. Agora me diga o que você fez que é digno de ódio.

Ele engoliu em seco.

– Sabe a ciborgue que Sua Majestade está procurando?

– Linh Cinder.

– É. Bem, eu achei que ela era só uma garota maluca em missão suicida, sabe? Eu achava que ela ia matar todos nós com aquelas ilusões de sequestrar o imperador e derrubar a rainha... só de ouvi-la falar, qualquer um teria pensado isso. Então achei que preferia correr o risco e voltar para você se pudesse. Ela que jogasse a vida dela fora.

– Mas Linh Cinder sequestrou o imperador. E escapou.

– Eu sei. – Ele voltou a atenção para Winter. – Sybil pegou uma das amigas dela de refém, uma garota chamada Scarlet. Imagino que você não saiba...

Winter sorriu.

– Ah, sei. A rainha me deu como bichinho de estimação, e ela fica no jardim. Eu gosto muito dela. – Ela franziu a testa. – Mas não consigo dizer se ela decidiu gostar de mim ou não.

Ele fez uma careta ao sentir uma dor repentina e desconhecida, e passou um momento se situando.

– Você pode passar uma mensagem para ela por mim?

– Claro.

– Você tem que tomar cuidado. Não vou dizer qual é se você não conseguir ser discreta. Para seu próprio bem.

– Eu sei ser discreta.

Jacin pareceu não acreditar.

– Eu *sei*. Vou ser tão cheia de segredos quanto uma espiã. Tão cheia de segredos quanto *você*. – Winter chegou um pouco mais perto.

A voz dele ficou mais baixa, como se ele não tivesse mais certeza de que aquelas câmeras não gravavam áudio:

– Diga que eles estão vindo buscá-la.

Winter ficou olhando para ele.

– Vindo... para cá?

Ele assentiu com um movimento sutil da cabeça.

– E acho que podem mesmo ter chance.

Franzindo a testa, Winter esticou a mão e prendeu as mechas do cabelo suado e sujo de Jacin atrás das orelhas. Ele se contraiu com o toque, mas não se afastou.

– Jacin Clay, você está falando por meio de charadas.

– Linh Cinder. – A voz dele passou a um leve sussurro, e ela chegou ainda mais perto para escutá-lo. Um cacho do cabelo dela caiu no ombro dele. Ele lambeu os lábios. – Ela é Selene.

Todos os músculos do corpo dela se contraíram. Winter recuou.

– Se Sua Majestade ouvir você falar...

– Eu não vou contar para mais ninguém. Mas eu tinha que contar para você. – Os cantos dos olhos dele se enrugaram, cheios de solidariedade. – Eu sei que você a amava.

O coração dela disparou.

– Minha Selene?

– Sim. Mas... Desculpe, princesa. Acho que ela não se lembra de você.

Winter piscou e deixou a fantasia tomar conta por um momento atordado. Selene, viva. Sua prima, sua amiga? *Viva*.

Ela encolheu os ombros e afastou a esperança.

– Não. Ela está morta. Eu estava *lá*, Jacin. Vi o que restou depois do fogo.

– Você não *a* viu.

– Encontraram...

– Carne queimada. Eu sei.

– Uma pilha de cinzas em formato de garota.

– Eram só cinzas. Olhe, eu também não acreditei, mas acredito agora. – Um canto da boca de Jacin deu uma leve inclinação para cima, indicando algo parecido com orgulho. – Ela é nossa princesa perdida. E está vindo para casa.

Uma pessoa pigarreou atrás de Winter, cujo esqueleto quase pulou para fora do corpo. Ela contorceu o tronco e se apoiou no cotovelo.

Seu guarda pessoal estava de pé ao lado do tablado, de cara feia.

– Ah! – Com o coração tremendo como se houvesse mil pássaros assustados dentro dele, Winter abriu um sorriso aliviado. – Vocês pegaram o monstro?

Não houve sorriso em resposta, nem mesmo um rubor nas bochechas, que era a reação normal quando ela fazia aquela expressão em particular. Mas a sobrancelha direita dele começou a tremer.

– Vossa Alteza. Vim buscá-la e acompanhá-la de volta ao palácio.

Endireitando-se, Winter uniu as mãos na frente do peito.

– Claro. É tanta gentileza sua se preocupar comigo. – Ela olhou para Jacin, que estava observando o guarda com desconfiança. Isso não era surpresa. Ele observava todo mundo com desconfiança. – Temo que amanhã vá ser ainda mais difícil para você, Sir Clay. Tente pensar em mim quando puder.

– *Tentar*, princesa? – Ele deu um sorrisinho para ela. – Não consigo pensar em mais nada.

CAPÍTULO

Quatro

CINDER ESTAVA DEITADA NO CHÃO, OLHANDO PARA O MOTOR

Rampion, para a tubulação e para o módulo rotativo de sustentação de vida. As plantas do sistema que ela havia baixado algumas semanas antes estavam sobrepostas em sua visão, um truque ciborgue que se mostrou útil incontáveis vezes, quando ela estava trabalhando como mecânica em Nova Pequim. Ela expandiu a imagem e deu zoom em um cilindro do tamanho do braço. Estava preso perto da parede da sala de máquinas. Tubos em espiral surgiam dos dois lados.

– Só pode ser isso – murmurou ela, fechando a imagem da planta.

Ela se mexeu debaixo do módulo rotativo, com bolinhas de poeira se prendendo aos ombros, e voltou a sentar. Havia espaço suficiente só para se espremer entre o labirinto de fios e molas, canos e tubos.

Segurando a respiração, encostou o ouvido no cilindro. O metal parecia gelo contra sua pele.

Ela esperou. Prestou atenção. Ajustou o volume dos sensores de áudio.

O que ouviu foi a porta da sala de máquinas sendo aberta.

Ao olhar para trás, viu a calça cinza de um uniforme militar na luz amarelada do corredor. Poderia ser qualquer pessoa na nave, mas os sapatos sociais pretos e brilhantes...

– Olá? – disse Kai.

O coração dela disparou. Sempre disparava.

– Aqui atrás.

Kai fechou a porta e se agachou do outro lado da sala, entre o amontoado de pistões subindo e descendo e de ventiladores girando.

– O que você está fazendo?

– Verificando os filtros de oxigênio. Um minuto.

Ela colocou o ouvido no cilindro de novo. Ali, um leve estalo, como uma pedrinha batendo lá dentro.

– *Arrá.*

Ela tirou uma chave-inglesa do bolso e começou a soltar as porcas dos dois lados do cilindro. Assim que foi solto, a nave ficou estranhamente silenciosa, como um zumbido que só era notado depois que parava. As sobrancelhas de Kai se ergueram até o alto da testa.

Cinder espiou dentro do cilindro, enfiou os dedos e puxou um filtro complexo. Era feito de pequenos canais e fissuras, tudo coberto por um filme cinza fino.

– Não é surpresa as decolagens estarem sendo agitadas.

– Imagino que você não precise de ajuda.

– Não. A não ser que você queira procurar uma vassoura.

– Uma vassoura?

Cinder levantou o filtro e bateu com a ponta em um dos canos acima. Uma nuvem de poeira explodiu ao redor dela, cobrindo

seu cabelo e seus braços. Tossindo, Cinder enfiou o nariz na dobra do cotovelo e continuou batendo até os pedaços maiores serem retirados.

– Ah. Uma vassoura. Certo. Será que tem uma na cozinha?

Piscando para tirar a poeira dos cílios, Cinder sorriu para ele. Ele costumava ser tão seguro que, nos raros momentos em que ficava confuso, as entranhas dela se contorciam e ficavam de cabeça para baixo. E ele ficava confuso com frequência ultimamente. Desde o momento em que acordou a bordo da Rampion, ficou claro que Kai estava a doze mil quilômetros de seu ambiente, mas se adaptou bem nas últimas semanas. Aprendeu a terminologia, comeu as refeições enlatadas e congeladas sem reclamar, trocou as roupas chiques de casamento pelo uniforme militar comum que todos usavam. Insistia em ajudar quando podia, até cozinhando algumas dessas refeições sem graça, apesar de Iko ter observado que, como ele era o convidado real, eles é que deveriam estar lhe servindo. Mas Thorne riu, e a sugestão pareceu deixar Kai ainda menos à vontade.

Apesar de Cinder não o imaginar abdicando do trono e partindo em uma vida de viagens espaciais e aventura, era adorável vê-lo tentando fazer parte do ambiente.

– Eu estava brincando – disse ela. – Salas de máquina devem ser sujas.

Ela examinou o filtro de novo, achou que estava satisfatório, enroscou de volta no cilindro e prendeu em todas as partes. O zumbido recomeçou, mas a batida da pedrinha, não.

Os pés de Cinder foram os primeiros a aparecer quando ela se espremeu para sair de baixo do módulo e da tubulação. Ainda agachado, Kai deu uma espiada e abriu um sorrisinho.

– Iko está certa. Você não consegue mesmo ficar limpa por mais de cinco minutos.

– É uma das exigências desse trabalho. – Ela se sentou e uma cascata de poeira caiu de seus ombros.

Kai limpou os pedaços maiores do cabelo dela.

– Onde você aprendeu a fazer tudo isso, afinal?

– O quê, isso? Qualquer pessoa consegue limpar um filtro de oxigênio.

– Acredite, nem todas. – Ele apoiou os cotovelos nos joelhos e correu os olhos por toda a sala de máquinas. – Você sabe o que isso tudo faz?

Ela acompanhou o olhar a cada fio, cada coletor, cada bobina de compressão, e deu de ombros.

– Quase tudo. Menos aquela coisa grande giratória no canto. Não consigo descobrir. Mas que importância poderia ter?

Kai revirou os olhos.

Segurando-se em uma tubulação, Cinder se levantou e colocou a chave-inglesa no bolso.

– Eu não aprendi em lugar nenhum. Eu só olho para as coisas e entendo como funcionam. Quando você sabe como uma coisa funciona, consegue descobrir como consertar.

Ela tentou tirar o resto de poeira do cabelo, mas parecia não acabar nunca.

– Ah, você só *olha* para uma coisa e entende como funciona – repetiu Kai, de pé ao lado dela. – Só isso?

Cinder ajustou o rabo de cavalo e deu de ombros, constrangida de repente.

– É só mecânica.

Kai passou o braço pela cintura dela e a puxou para perto.

– Não, é impressionante – disse ele, usando o polegar para tirar uma sujeira da bochecha de Cinder. – Sem mencionar estranhamente atraente – disse ele antes de tomar os lábios dela.

Cinder ficou brevemente tensa, mas acabou derretendo no beijo. A emoção era sempre a mesma, acompanhada de surpresa e uma onda de euforia. Era o décimo sétimo beijo deles (a interface do cérebro dela estava contando, meio contra sua vontade), e ela se perguntou se algum dia se acostumaria com a sensação. Ser *desejada*, embora tenha passado a vida toda acreditando que ninguém a veria como qualquer coisa além de um experimento científico bizarro.

Principalmente um garoto.

Principalmente *Kai*, que era inteligente e honrado e gentil, além de poder ter a garota que quisesse. *Qualquer* garota.

Ela suspirou durante o beijo e se entregou ao abraço. Kai esticou a mão para uma tubulação acima e encostou Cinder no console do computador principal. Ela não ofereceu resistência. Embora o corpo não lhe permitisse corar, havia um calor nada familiar que inundava cada centímetro dela quando ele estava tão perto. Cada terminação nervosa explodia e batucava, e ela sabia que ele poderia beijá-la mais dezessete mil vezes e ela nunca se cansaria.

Ela enroscou os braços no pescoço dele e uniu seus corpos. O calor do peito de Kai se infiltrava pelas roupas dela. Tudo parecia

certo. Perfeito.

Mas havia aquele sentimento, sempre se esgueirando, sempre pronto para encobrir a alegria dela. A certeza de que aquilo não podia durar.

Não enquanto Kai estivesse noivo de Levana.

Furiosa com a invasão do pensamento, ela beijou Kai com mais força, mas sua imaginação continuou a se rebelar. Mesmo que tivessem sucesso e Cinder recuperasse o trono, seria esperado que ela ficasse em Luna como a nova rainha. Ela não era especialista, mas parecia problemático dar continuidade a um relacionamento em dois planetas diferentes...

Er... um planeta e uma lua.

Não importava.

A questão era que haveria trezentos e oitenta e quatro mil quilômetros de espaço entre ela e Kai, o que era *muito* espaço, e...

Kai sorriu e interrompeu o beijo.

– O que foi? – murmurou ele, ainda encostado nos lábios de Cinder.

Ela se afastou para observá-lo. O cabelo dele estava ficando mais comprido, quase com ar descuidado. Como príncipe, ele sempre foi impecável, beirando a perfeição. Mas então se tornou imperador. As semanas depois da coroação foram passadas tentando impedir a guerra, caçando uma fugitiva procurada, evitando o casamento e vivenciando o próprio sequestro. Como resultado, cortes de cabelo se tornaram um luxo dispensável.

Ela hesitou antes de perguntar:

– Você pensa no futuro?

A expressão dele se tornou cautelosa.

– Claro que penso.

– E... ele me inclui?

Seu olhar suavizou. Soltando a tubulação, ele prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

– Depende se estou pensando no futuro bom ou no ruim.

Cinder aninhou a cabeça debaixo do queixo dele.

– Se um deles incluir...

– Vai dar tudo certo – disse Kai, falando com a boca enterrada nos cabelos de Cinder. – Nós vamos vencer.

Ela assentiu, feliz por saber que ele não conseguia ver o rosto dela.

Derrotar Levana e se tornar rainha de Luna era só o começo de uma galáxia inteira de preocupações. Ela queria tanto ficar assim, abrigada na espaçonave, junto e segura e sozinha com ele... mas era o oposto do que ia acontecer. Quando tirassem Levana do trono, Kai voltaria a ser o imperador da Comunidade das Nações Orientais e, um dia, ia precisar de uma imperatriz.

Ela até podia ter o direito de nascença para governar Luna, além da esperança de que o povo escolheria *qualquer pessoa* no lugar de Levana, mesmo uma adolescente politicamente inepta que era feita de 36,28 por cento de cibernética e materiais manufaturados. Mas ela viu o preconceito das pessoas na Comunidade. Alguma coisa dizia que não seriam tão receptivas a ela como governante.

Ela nem sabia se queria ser imperatriz. Ainda estava se acostumando com a ideia de ser princesa.

– Uma coisa de cada vez – sussurrou ela, tentando sossegar os pensamentos agitados.

Kai beijou a têmpora dela (o que seu cérebro não contou como o número dezoito) e se afastou.

– Como está indo seu treinamento?

– Bem. – Ela se soltou dos braços dele e olhou para o motor. – Ah, já que você está aqui, pode me ajudar com isso? – Cinder deu a volta ao redor dele e abriu um painel na parede, revelando um monte de fios embolados.

– *Isso* é que é mudar de assunto.

– Eu não estou mudando de assunto – disse ela, mas limpou a garganta de forma forçada, o que a contradisse. – Estou refazendo a fiação dos padrões orbitais para que os sistemas da nave funcionem de forma mais eficiente enquanto estivermos em cabotagem. Essas naves de carga são feitas para pousos e decolagens frequentes, não para o constante...

– Cinder.

Ela franziu os lábios e soltou alguns fios.

– O treinamento está indo *bem* – repetiu. – Você pode me entregar os cortadores de fios no chão?

Kai examinou o chão e pegou duas ferramentas.

– Mão esquerda – disse Cinder. Ele entregou para ela. – Lutar com Lobo está ficando bem mais fácil. Mas é difícil saber se é porque eu estou ficando mais forte ou porque ele... você sabe.

Ela não tinha uma palavra para descrever aquilo. Lobo era uma sombra de quem foi antes de Scarlet ser capturada. A única coisa que o mantinha vivo era a determinação de ir a Luna resgatá-la o mais rápido possível.

– Seja como for – acrescentou ela –, acho que ele me ensinou tanto sobre o uso do meu dom lunar quanto pôde. De agora em

diante, vou ter que me virar. – Ela examinou a confusão de fios e alinhou com o diagrama no display da retina. – Não que essa não tenha sido minha tática principal esse tempo todo. – Franziu a testa e fez alguns cortes. – Aqui, segure esses fios e não deixe que se toquem.

Encostando-se nela, Kai segurou os fios que ela indicou.

– O que vai acontecer se eles se tocarem?

– Ah, provavelmente nada, mas tem uma pequena chance de a nave se autodestruir.

Puxando dois fios recém-cortados, ela começou a girá-los juntos em uma nova sequência.

Kai quase não conseguiu respirar até ela ter tirado um dos fios ameaçadores da mão dele.

– Por que você não treina comigo? – perguntou ele.

– Treino o quê?

– Você sabe. Sua coisa de manipular mentes.

Ela fez uma pausa com o cortador parado acima de um fio azul.

– De jeito nenhum.

– Por quê?

– Eu disse que nunca manipularia você e vou manter minha palavra.

– Não é manipulação se eu sei que você está fazendo. – Ele hesitou. – Pelo menos, acho que não. Poderíamos usar uma senha para eu saber quando você está me controlando. Tipo... como se chama isso aí mesmo?

– Cortador de fios?

– Como *cortador de fios*.

– Não.

– Ou outra coisa.

– Eu não vou treinar em você. – Ela colocou o cortador no bolso, terminou de prender o resto dos fios e liberou Kai do trabalho dele. – Pronto, vamos ver como vai ficar.

– Cinder, eu não tenho nada melhor para fazer. Literalmente, *nada* melhor para fazer. Meu tempo nesta nave me ensinou que tenho zero habilidade prática. Não sei cozinhar. Não sei consertar nada. Não consigo ajudar Cress com a vigilância. Não sei nada sobre armas e lutas e... De modo geral, só sou bom em falar, e isso só é útil na política.

– Não vamos deixar de mencionar sua capacidade de fazer todas as garotas desmaiarem com apenas um sorriso.

Kai demorou um momento para ouvi-la em meio à sua própria frustração, mas sua expressão se abriu num sorriso.

– É – disse ela, fechando o painel. – É esse mesmo.

– Estou falando sério, Cinder. Quero ser útil. Quero ajudar.

Ela se virou para encará-lo. Franziu a testa. Pensou.

– *Cortador de fios* – disse ela.

Ele ficou tenso, e um traço de dúvida perpassou sua expressão. Mas depois ergueu o queixo. Confiante.

Com um pequeno cutucão na vontade de Kai, ela fez o braço dele ir até as costas dela para tirar a chave-inglesa do bolso. Não era mais difícil do que controlar seus próprios membros ciborgues. Um mero pensamento e ela podia fazê-lo realizar qualquer coisa.

Kai olhou para a ferramenta, piscando.

– Não foi tão ruim.

– Ah, Kai.

Ele olhou para ela e depois para a chave-inglesa, enquanto a mão levantava a ferramenta até a altura dos olhos, e os dedos, não mais sob seu controle, começaram a girá-la: por cima de um dedo, por baixo do outro. Devagar no começo, depois mais rápido, até o brilho do metal parecer um truque de mágica.

Kai ficou boquiaberto e perplexo, mas havia um leve desconforto nisso.

– Eu sempre me perguntei como você fazia isso.

– Kai.

Ele olhou-a de novo, com a chave-inglesa ainda dançando por cima dos dedos.

Ela deu de ombros.

– É muito fácil. Eu poderia fazer isso escalando uma montanha ou... resolvendo equações matemáticas complexas.

Ele apertou os olhos.

– Você tem uma *calculadora* na cabeça.

Rindo, ela liberou o controle da mão de Kai. Ele pulou para trás e a chave-inglesa caiu no chão. Ao perceber que estava controlando a mão de novo, ele se agachou para pegar.

– Essa não é a questão – disse Cinder. – Com Lobo, há um certo desafio, um certo foco é necessário, mas, com terráqueos...

– Tudo bem, entendi. Mas o que eu *posso* fazer? Me sinto tão inútil andando pela nave enquanto a guerra está acontecendo e você está fazendo todos os planos e eu só fico esperando.

Ela fez uma careta ao notar a frustração no tom dele. Kai era responsável por bilhões de pessoas, e ela sabia que ele sentia que

as tinha abandonado, mesmo não tendo tido escolha. Porque *ela* não lhe deu escolha.

Ele era gentil com ela. Desde aquela primeira discussão depois que ele acordou a bordo da Rampion, Kai tomou o cuidado de não a culpar por suas frustrações. Mas era culpa dela. Ele sabia e ela sabia, e às vezes parecia que eles estavam presos em uma dança cujos passos Cinder não conseguia aprender. Cada um evitava essa verdade óbvia para não abalar o terreno em comum que tinham descoberto. A felicidade incerta demais que descobriram.

– A única chance que temos de sucesso é você persuadir Levana a fazer o casamento em Luna – disse ela. – Então agora você pode começar a pensar em como vai fazer isso. – Ela se inclinou e deu um leve beijo nos lábios dele. (*Dezoito.*) – Que bom que você fala tão bem.

CAPÍTULO

Quinco

SCARLET APERTOU O CORPO NAS BARRAS DE FERRO, TENTANDO SEC de árvore pendurado em frente à jaula. Perto, *tão perto*. A barra machucou sua bochecha. Esticou os dedos, roçou em uma folha, tocou em um tronco... *sim!*

Os dedos se fecharam ao redor do galho. Ela voltou para dentro da jaula e o puxou para mais perto. Enfiando o outro braço entre as barras, arrancou três pequenos galhos cobertos de folhas, depois cortou a ponta e soltou. O galho balançou para cima, e um monte de nozes pequenas e desconhecidas caíram na cabeça dela.

Scarlet se encolheu e esperou a árvore parar de tremer para virar o capuz do moletom vermelho do avesso e tirar todas as nozes que a atacaram. Pareciam avelãs. Se ela descobrisse como abri-las, talvez não fossem um lanche ruim mais tarde.

Um som de arranhado leve chamou a atenção de volta à situação. Ela espiou o caminho do jardim e viu o lobo branco que estava de pé nas patas de trás, batendo nas barras da jaula dele.

Scarlet passou bastante tempo desejando que Ryu pulasse por cima daquelas barras. O muro da jaula dele batia na altura da cintura e ele deveria saltar com facilidade. Assim, Scarlet poderia acariciar seu pelo, coçar suas orelhas. Que luxo seria ter um

pouco de contato. Ela sempre gostou dos animais da fazenda, ao menos até a hora de matá-los para preparar um belo *ragoût*, mas nunca tinha se dado conta do quanto apreciava a afeição simples deles até ser reduzida a um animal também.

Infelizmente, Ryu não escaparia do confinamento, assim como ela. De acordo com a princesa Winter, havia um chip inserido entre as omoplatas que daria um choque doloroso se ele tentasse pular por cima da grade. A pobre criatura já havia aprendido a aceitar o habitat.

Scarlet duvidava que um dia pudesse aceitar o seu.

– É isso – disse ela, pegando o tesouro obtido com dificuldade: três raminhos e um galho quebrado. Ela os levantou para o lobo ver. Ele latiu e fez uma dança entusiasmada perto do muro da jaula. – Não consigo alcançar mais nada. Você vai ter que se contentar com isso.

As orelhas de Ryu tremeram.

Ela ficou de joelhos, o mais próximo de se levantar na jaula que conseguia. Scarlet segurou na barra, mirou um dos galhinhos menores e o jogou.

Ryu correu atrás e pegou o galho no ar. Em segundos, pulou de volta até a pilha de varas e largou o ramo no topo. Satisfeito, sentou-se com a língua para fora.

– Bom trabalho, Ryu. Boa demonstração de controle. – Suspirando, Scarlet pegou outro galho.

Ryu tinha acabado de pular quando ela ouviu o barulho de passos no caminho. Scarlet se sentou nos calcanhares, tensa na mesma hora, mas aliviada quando viu um vestido esvoaçante cor de creme entre os caules das flores exóticas e das trepadeiras

pendentes. A princesa surgiu na curva do caminho um momento depois, com uma cesta na mão.

– Oi, amigos – disse a princesa Winter.

Ryu largou o galho mais recente na pilha e depois se sentou, com o peito estufado como se estivesse demonstrando respeito.

Scarlet fez cara feia.

– Puxa-saco.

Winter inclinou a cabeça na direção de Scarlet. Uma espiral de cabelo preto caiu na bochecha dela e escondeu as cicatrizes.

– O que você me trouxe hoje? – perguntou Scarlet. – Murmúrios alucinógenos com acompanhamento de loucura? Ou você está em um de seus dias bons?

A princesa sorriu e se sentou na frente da jaula de Scarlet, sem se importar com a chance de o caminho com pedras pretas e terra sujar seu vestido.

– Hoje é um dos meus melhores dias – disse ela, colocando a cesta no colo –, pois eu trouxe uma coisa especial para você junto com um acompanhamento de notícias.

– Ah, não me conte. Vão me mudar para uma jaula maior? Ah, me diga que essa vai ter encanamento de verdade. E quem sabe um daqueles alimentadores chiques que os pássaros têm?

Apesar de as palavras de Scarlet estarem carregadas de sarcasmo, na verdade uma jaula maior com encanamento seria uma melhoria enorme. Sem conseguir ficar de pé, seus músculos estavam ficando cada dia mais fracos, e seria uma maravilha se ela não precisasse contar com os guardas para a levarem até o anexo ao lado duas vezes por dia, onde ela era graciosamente escoltada até uma calha para fazer as necessidades.

Uma *calha*.

Winter, imune como sempre à mordacidade no tom de Scarlet, se debruçou com um sorriso cheio de segredos.

– Jacin voltou.

A sobancelha de Scarlet tremeu, suas emoções disparando em dez direções diferentes. Ela sabia que Winter tinha uma paixão por esse tal de Jacin, mas a única interação de Scarlet com o rapaz foi quando ele estava trabalhando para uma taumaturga e atacou a ela e aos amigos.

Ela se convenceu de que ele estava morto, porque a alternativa era que ele tinha matado Lobo e Cinder, e isso era inaceitável.

– E aí? – encorajou ela.

Os olhos de Winter brilharam. Havia horas em que Scarlet sentia que tinha endurecido o coração diante da beleza impecável da garota, com cabelos densos e pele marrom calorosa, os olhos dourados e lábios rosados. Mas então a princesa dava um olhar *daqueles* e o coração de Scarlet pulava, e ela mais uma vez se perguntava como era possível isso não ser glamour.

A voz de Winter virou um sussurro conspiratório:

– Seus amigos estão vivos.

Essa simples declaração fez o mundo girar. Scarlet passou um momento no limbo, sem confiar, sem querer ter esperanças.

– Tem certeza?

– Tenho. Ele disse que até o capitão e a garota do satélite estavam bem.

Como uma marionete libertada, ela caiu sobre os joelhos.

– Ah, graças às estrelas.

Eles estavam *vivos*. Depois de quase um mês subsistindo de teimosia obstinada, finalmente Scarlet tinha motivos para ter esperanças. Foi tão repentino, tão inesperado que ela se sentiu tonta de euforia.

– Ele também pediu para lhe dizer que Lobo sente muito a sua falta – prosseguiu Winter. – Bem, as palavras de Jacin foram que ele estava deixando todo mundo louco com os choramingos patéticos por sua causa. É fofo, não acha?

Alguma coisa estalou dentro de Scarlet. Ela não chorou nem uma vez desde que chegou a Luna, com exceção das lágrimas de dor e delírio quando foi torturada, mental e fisicamente. Mas, naquele momento, todo o medo e todo o pânico e todo o horror se acumularam, e ela não conseguiu segurar, não conseguiu nem pensar além da onda de choro e lágrimas intensas.

Eles estavam vivos. Estavam todos vivos.

Ela sabia que Cinder ainda estava por aí, o boato tinha se espalhado até mesmo no jardim de que ela tinha se infiltrado no palácio de Nova Pequim e sequestrado o imperador. Scarlet ficou se sentindo superior por vários dias quando a fofoca chegou a ela, mesmo não tendo tido nada a ver com o sequestro.

Mas ninguém mencionou cúmplices. Ninguém disse nada sobre Lobo e Thorne e a garota do satélite que eles estavam tentando resgatar.

Ela limpou o nariz e tirou o cabelo sujo do rosto. Winter estava observando a torrente de emoções de Scarlet como alguém assistiria a uma borboleta saindo do casulo.

– Obrigada – disse Scarlet, dando outro soluço. – Obrigada por me contar.

– Claro. Você é minha amiga.

Scarlet passou a palma da mão pelos olhos e, pela primeira vez, não discutiu.

– E agora sua coisa especial.

– Não estou com fome. – Era mentira, mas ela tinha passado a ressentir o quanto contava com a caridade de Winter.

– Mas é uma balinha de maçã azeda. Uma iguaria lunar que...

– É uma das suas favoritas, é, eu sei. Mas não estou...

– Acho que você devia comer. – A expressão da princesa era inocente e significativa ao mesmo tempo, daquele jeito todo peculiar dela. – Acho que vai fazer você se sentir melhor – continuou ela, e empurrou uma caixa pelas barras da jaula.

Ela esperou até que Scarlet pegasse e atravessou o caminho até Ryu. Agachou-se para dar uma coçada amorosa atrás das orelhas do lobo e se inclinou por cima da grade para começar a pegar a pilha de galhos dele.

Scarlet levantou a tampa da caixa e encontrou a bala vermelha como mármore na cama de açúcar. Winter levava muitas guloseimas para ela desde seu aprisionamento, a maioria misturada com analgésicos. Embora a dor no dedo de Scarlet, que havia sido cortado durante o interrogatório com a rainha, tivesse virado uma lembrança distante, as balas ainda ajudavam com as dores e os sofrimentos da vida em um local tão apertado.

Mas, quando levantou a bala da caixa, ela viu uma coisa inesperada embaixo. Uma mensagem manuscrita.

Paciência, amiga. Eles vêm buscar você.

Ela fechou a caixa depressa, antes que a câmera de segurança acima de seu ombro visse, e enfiou a bala na boca, com o coração disparado. Fechou os olhos e quase não sentiu a casca da bala se quebrar, quase não sentiu a calda agri-doce dentro.

– O que você disse no julgamento – disse Winter, voltando com alguns galhos nos braços e os colocando onde Scarlet alcançasse.
– Eu não entendi na época, mas entendo agora.

Scarlet engoliu rápido demais. A bala desceu com dificuldade, com pedaços da casca arranhando a garganta. Ela tossiu, desejando que a princesa tivesse levado um pouco de água também.

– Que parte? Eu estava sendo intensamente coagida, você deve lembrar.

– A parte sobre Linh Cinder.

Ah. A parte sobre Cinder ser a princesa perdida Selene. A verdadeira rainha de Luna.

– O que tem? – disse ela, se enchendo de desconfiança. Teria Jacin dito alguma coisa sobre os planos de Cinder de recuperar o trono? E de que lado ele estava se passou semanas com os amigos dela, mas agora tinha voltado para Levana?

Winter pensou na pergunta por bastante tempo.

– Como ela é?

Scarlet enfiou a língua nos molares, pensando. Como Cinder era? Não fazia muito tempo que a conhecia. Era uma mecânica brilhante. Parecia honrada e corajosa e determinada a fazer o que precisava ser feito... mas Scarlet desconfiava que não era sempre tão confiante quanto tentava aparentar.

Além do mais, ela tinha uma paixão tão grande pelo imperador Kai quanto Winter tinha por Jacin, embora Cinder se esforçasse bem mais para fingir que não.

Mas Scarlet achava que isso não respondia a pergunta de Winter.

– Ela não é como Levana, se é isso que você quer saber.

Ryu choramingou e rolou, sentindo falta da atenção delas.

Winter pegou um galho na pilha e jogou. O lobo ficou de pé e correu atrás.

– Seu amigo lobo – disse Winter. – Ele é um dos da rainha?

– Não mais – respondeu Scarlet com rispidez. Lobo jamais voltaria a pertencer à rainha. Não se ela pudesse evitar.

– Mas *foi*, e agora ele a traiu. – O tom da princesa ganhou um ar sonhador, os olhos virados para o nada mesmo depois que Ryu voltou e largou o galho ao lado das barras, começando uma pilha nova. – Pelo que sei dos outros soldados, isso não deveria ser possível. Pelo menos não enquanto eles estão sob controle do taumaturgo.

Com calor de repente, Scarlet abriu o moletom. Estava imundo de terra e suor e sangue, mas usá-lo ainda fazia com que se sentisse ligada à Terra e à fazenda e à avó. Lembrava que ela ainda era humana, apesar de ter sido colocada em uma jaula.

– O taumaturgo de Lobo está morto – contou ela. – Mas Lobo lutou contra ele mesmo quando estava vivo.

– Talvez tenham cometido um erro com ele quando alteraram seu sistema nervoso.

– Não foi erro. – Scarlet deu um sorrisinho superior. – Eu sei, eles se acham tão inteligentes ao darem aos soldados os instintos

de lobos selvagens. Os instintos de caçar e matar. Mas veja Ryu. – O lobo tinha se deitado e estava mordendo o galho. – Os instintos dele também são de brincar e amar. Se ele tivesse uma companheira e filhotes, seus instintos seriam de protegê-los a todo custo. – Scarlet enrolou o fio do capuz do moletom no dedo. – Foi o que Lobo fez. Ele me protegeu.

Ela pegou outro galho na pilha em frente à jaula. A atenção de Ryu foi atraída, mas Scarlet só passou os dedos pela casca.

– Tenho medo de nunca mais vê-lo.

Winter enfiou a mão pelas barras e acariciou o cabelo de Scarlet com os nós dos dedos. Scarlet ficou tensa, mas não se afastou. Contato, qualquer contato, era um presente.

– Não se preocupe – disse Winter. – A rainha não vai matar você enquanto for meu bichinho de estimação. Você vai ter uma chance de dizer ao seu Lobo que o ama.

Scarlet fez cara de irritação.

– Não sou seu bichinho tanto quanto Lobo não é mais de Levana. – Desta vez, ela se afastou, e Winter deixou que sua mão caísse no colo. – E não é que eu o *ame*. É só que...

Ela hesitou, e mais uma vez Winter inclinou a cabeça e olhou para Scarlet com curiosidade penetrante. Era irritante pensar que ela estava sendo analisada por uma pessoa que reclamava com frequência que as paredes do castelo tinham começado a sangrar de novo.

– Lobo é tudo o que tenho – esclareceu Scarlet. Ela jogou o galho sem empolgação. Caiu ao alcance da pata de Ryu, mas ele só ficou olhando, como se não valesse o esforço. Scarlet murchou

os ombros. – Preciso dele tanto quanto ele precisa de mim. Mas nem por isso é amor.

Winter baixou os cílios.

– Na verdade, amiga querida, desconfio que seja *precisamente* por isso que é amor.

CAPÍTULO

Seis

– **ESSAS DUAS ATUALIZAÇÕES INCLUEM DECLARAÇÕES DAQUELA** Émilie Monfort – disse Cress, passando os dedos pelo netscreen do compartimento de carga, abrindo a foto de uma garota de cabelo louro falando com a equipe de jornalismo. – Ela alega estar cuidando da Benoit Fazendas e Jardins na ausência de Scarlet. Aqui, ela faz um comentário sobre o trabalho estar começando a ser excessivo e brinca que, se as Benoit não voltarem logo, ela pode ter que começar a leiloar as galinhas. – Cress hesitou. – Ou talvez não tenha sido piada. Não tenho certeza. Ah, e aqui ela conta que Thorne e Cinder foram à fazenda e deram um susto horrível nela.

Ela olhou para trás para ver se Lobo ainda estava prestando atenção. Os olhos dele estavam grudados na tela, a testa franzida, silencioso e tristonho como sempre. Como ele não disse nada, ela pigarreou e clicou em uma nova aba.

– No que diz respeito às finanças, Michelle Benoit era mesmo a dona das terras, e esses extratos bancários mostram que os impostos da propriedade e dos negócios continuam sendo automaticamente deduzidos. Vou deixar pagamentos agendados para os aluguéis de andróides de trabalho também. Ela não pagou o último mês, mas vou compensar, e parece que ela foi uma

cliente leal por bastante tempo para que o pagamento não feito não interrompesse o trabalho deles. – Ela aumentou uma foto granulada. – Essa imagem de satélite é de trinta e seis horas atrás e mostra a equipe toda de andróides e dois capatazes humanos trabalhando nessa colheita. – Ela deu de ombros e se virou para encarar Lobo. – As contas estão sendo pagas, os animais estão sendo cuidados e as plantações também. Qualquer conta que estivesse esperando entregas regulares deve estar irritada com a ausência de Scarlet, mas isso é o pior no momento. Estimo que a fazenda possa continuar se autossustentando por... ah, mais dois ou três meses.

Lobo não desviou o olhar desesperado da imagem de satélite.

– Ela ama essa fazenda.

– E a fazenda vai estar lá esperando quando a pegarmos de volta – falou Cress, da forma mais otimista que conseguiu.

Queria acrescentar que Scarlet ia ficar bem, que a cada dia eles estavam mais próximos de resgatá-la, mas mordeu a língua. As palavras foram ditas tantas vezes ultimamente que estavam começando a perder o sentido até para ela.

A verdade era que ninguém tinha ideia de que Scarlet ainda estava viva nem em que estado a encontrariam. Lobo sabia disso melhor do que ninguém.

– Tem mais alguma coisa que você quer que eu pesquise?

Ele começou a balançar a cabeça, mas parou. Os olhos brilharam para ela, cheios de curiosidade.

Cress engoliu em seco. Embora tivesse passado a gostar de Lobo durante o tempo que passou a bordo da nave, ele ainda a apavorava um pouco.

– Você consegue encontrar informações sobre pessoas em Luna?

Os ombros dela murcharam em um pedido de desculpas.

– Se eu tivesse como descobrir alguma coisa sobre ela, eu...

– Scarlet, não – disse, com a voz rouca quando pronunciou o nome dela. – Eu andei pensando nos meus pais.

Ela piscou. *Pais?* Ela nunca imaginou Lobo com os pais. A ideia desse homem enorme já ter sido uma criança dependente era estranha. Na verdade, ela não imaginava nenhum dos soldados da rainha com os pais, já tendo sido crianças, já tendo sido amados. Mas é claro que todos já tiveram. No passado.

– Ah. Certo – gaguejou ela, ajeitando a saia do vestido gasto de algodão que pegou no satélite, o que parecia ter sido uma eternidade antes. Embora tivesse passado um dia usando um dos uniformes militares encontrados no alojamento da tripulação, uma vida inteira descalça e com vestidos simples fez as roupas parecerem pesadas e incômodas. Além do mais, todas as calças ficavam compridas demais nela. – Você acha que pode vê-los? Quando estivermos em Luna?

– Não é prioridade. – Ele falou como um general militar, mas a expressão carregava mais emoção do que a voz. – Mas eu não me importaria de saber se eles ainda estão vivos. E talvez de vê-los de novo um dia. – Ele contraiu o maxilar. – Eu tinha doze anos quando fui levado. Eles devem pensar que *eu* estou morto. Ou que sou um monstro.

A declaração ecoou pelo corpo dela, fazendo seu peito vibrar. Durante dezesseis anos, o pai *dela* também achou que ela estivesse morta, ao passo que lhe disseram que os pais a

sacrificaram por vontade própria ao infanticídio de cascudos em Luna. Ela mal tinha reencontrado o pai quando ele morreu de letumose, nos laboratórios no palácio de Nova Pequim. Ela tentou sentir luto pela morte dele, mas sentiu mais tristeza pela ideia de ter um pai e de ter perdido todo o tempo que eles deveriam ter tido para se conhecer.

Ela ainda pensava nele como o dr. Erland, o senhor esquisito e amargurado que iniciou o recrutamento de ciborgues na Comunidade das Nações Orientais. Que fazia tráfico de cascudos na África.

Também foi o homem que ajudou Cinder a fugir da prisão.

Tantas coisas ele fez, algumas boas, algumas terríveis. E todas, Cinder contou, porque estava determinado a encerrar o reinado de Levana.

Para vingar a filha. Para vingá-la.

– Cress.

Ela levou um susto.

– Desculpe. Eu não... eu não consigo acessar as bases de dados de Luna daqui. Mas, quando estivermos em Luna...

– Deixe pra lá. Não importa. – Lobo se encostou na parede do cockpit e enfiou as mãos no cabelo desgrenhado. Ele parecia à beira de um ataque de nervos, mas essa era sua aparência normal ultimamente. – Scarlet é a prioridade. A única prioridade.

Cress pensou em mencionar que destronar Levana e coroar Cinder como rainha eram prioridades de tamanhos razoáveis também, mas não ousou.

– Você mencionou seus pais para Cinder?

Ele inclinou a cabeça.

– Por quê?

– Não sei. Ela comentou que não tinha nenhum aliado em Luna... que seria útil ter mais conexões. Talvez eles pudessem nos ajudar.

O olhar dele ficou mais sombrio, ao mesmo tempo pensativo e irritado.

– Isso os colocaria em perigo.

– Acho que Cinder pode pretender colocar muita gente em perigo. – Cress mordeu o lábio inferior e suspirou. – Você precisa de mais alguma coisa?

– Que o tempo passe mais rápido.

Cress esmoreceu.

– Eu estava falando mais de... comida ou alguma coisa assim. Quando você comeu pela última vez?

Os ombros de Lobo se encolheram para perto das orelhas, e a expressão de culpa foi a única resposta de que ela precisava. Ela tinha ouvido boatos do apetite insaciável dele e do metabolismo vigoroso que o fazia ficar sempre se mexendo, sempre se movendo. Ela quase não tinha visto isso desde que subiu a bordo da nave, e percebia que Cinder em particular estava preocupada com ele. Só quando eles estavam discutindo estratégias para a revolução de Cinder era que ele parecia rejuvenescido, com os punhos se abrindo e fechando como o lutador que foi feito para ser.

– Tudo bem. Vou fazer um sanduíche para você. – Cress se levantou, reuniu a coragem junto com sua voz mais exigente e colocou a mão no quadril. – E *você* vai comer sem discutir. Você

precisa recuperar as forças se vai querer ser útil para nós e para Scarlet.

Lobo levantou a sobrancelha em resposta à determinação recém-descoberta dela.

Cress ficou vermelha.

– Ou... pelo menos coma uma fruta enlatada ou alguma coisa.

A expressão dele se suavizou.

– Um sanduíche parece bom. Com... tomate, se tiver sobrado. Por favor.

– Claro. – Ela respirou fundo, pegou seu tablet e foi para a cozinha.

– Cress.

Ela parou e se virou para trás, mas Lobo estava olhando para o chão de braços cruzados. Ele parecia tão constrangido quanto ela normalmente se sentia.

– Obrigado.

O coração dela se expandiu, inflando de solidariedade. Palavras de consolo surgiram na língua dela: *Ela vai ficar bem. Scarlet vai ficar bem.* Mas Cress as sufocou dentro de si.

– De nada – disse, antes de entrar no corredor.

Ela quase tinha chegado à cozinha quando ouviu Thorne chamar seu nome. Fez uma pausa e recuou até a última porta, deixada ligeiramente entreaberta, e a abriu. O quarto do capitão era o maior da tripulação e o único aposento que não tinha beliches. Embora Cress tivesse entrado muitas vezes para ajudá-lo com a solução para os olhos que o dr. Erland fez para consertar o nervo ótico danificado de Thorne, ela nunca ficava muito tempo. Mesmo com a porta escancarada, o quarto parecia

íntimo demais, pessoal demais. Havia um mapa enorme da Terra em uma das paredes, coberto com anotações manuscritas de Thorne e com marcadores indicando os lugares aonde ele foi e os lugares aonde queria ir, junto com uma dezena de modelos em escala de diferentes espaçonaves espalhadas pela mesa do capitão, inclusive um proeminente de uma Rampion 214. A cama nunca estava feita.

Na primeira vez em que entrou no quarto, ela perguntou a Thorne sobre o mapa e ouviu-o, hipnotizada, falar das coisas que viu, de ruínas antigas a metrópoles vibrantes, de florestas tropicais a praias de areias brancas. As descrições dele encheram Cress de vontade. Ela era feliz na espaçonave, era mais espaçosa do que o satélite dela, e os laços que estava formando com o resto da tripulação pareciam de amizade. Mas ela tinha visto tão pouco da Terra, e a ideia de ver essas coisas ao lado de Thorne, com os dedos entrelaçados aos dele... A fantasia fazia sua pulsação disparar todas as vezes.

Thorne estava sentado no chão, segurando um tablet com o braço esticado.

– Você me chamou? – perguntou ela.

Um sorriso surgiu no rosto dele, alegria maliciosa.

– Cress! Eu achei que tinha ouvido seus passos. Venha aqui. – Ele fez um círculo com o braço, como se pudesse atraí-la com o vácuo criado.

Quando ela se aproximou, Thorne mexeu a mão até encontrar o pulso dela e a puxou para baixo.

– Está finalmente funcionando – disse ele, segurando o tablet novamente com a mão livre.

Cress olhou para a pequena tela. Uma novela estava passando, mas a transmissão estava muda.

– Estava quebrado?

– Não, a *solução*. Está funcionando. Eu consigo ver uma luz azulada. – Ele soltou o pulso dela e balançou o dedo na direção da tela. – E as luzes no teto. – Ele inclinou a cabeça para trás, com olhos arregalados e pupilas dilatadas que tentavam absorver o máximo de informação possível. – São mais amarelas do que a tela. Mas só isso. Luz e escuridão. Algumas sombras manchadas.

– Que maravilha!

Apesar de o dr. Erland acreditar que a visão de Thorne fosse começar a melhorar depois de uma semana mais ou menos, essa semana chegou e passou sem mudanças. Fazia quase duas semanas que a solução tinha acabado, e ela sabia que a espera havia sido uma provação até para o otimismo incansável de Thorne.

– Eu sei. – Ele fechou bem os olhos e baixou a cabeça de novo. – Mas está me dando uma dor de cabeça.

– Você não deveria forçar. Pode acabar machucando os olhos. Ele assentiu e cobriu os olhos com a mão.

– Talvez eu devesse usar a venda de novo. Até as coisas começarem a entrar em foco.

– Está aqui. – Cress se levantou, pegou a venda e o frasco vazio de colírio em meio aos modelos de naves. Quando se virou, Thorne estava olhando para ela, ou através dela, com a testa franzida. Ela parou.

Fazia muito tempo que ele não *olhava* para ela, e na época eles estavam lutando pelas próprias vidas. Isso foi antes de ele cortar

o cabelo dela. Cress às vezes se perguntava o quanto ele se lembrava da aparência dela e o que pensaria quando a visse de novo... praticamente pela primeira vez.

– Consigo ver sua sombra, mais ou menos – disse ele, inclinando a cabeça. – Meio que uma silhueta indefinida.

Engolindo em seco, Cress colocou a venda na palma da mão dele.

– Espere um tempo – disse ela, fingindo que a ideia de ele estar inspecionando-a, vendo cada confissão não dita em seu rosto, não era apavorante. – As anotações do médico diziam que seu nervo ótico continuaria a cicatrizar sozinho durante semanas.

– Vamos torcer para que comece a cicatrizar mais rápido depois disso. Não gosto de ver borrões e sombras. – Ele girou a venda entre os dedos. – Um dia desses, quero abrir os olhos e ver você.

As bochechas dela ficaram quentes, mas a profundidade das palavras não tinha sido registrada quando Thorne riu e coçou a orelha.

– Quer dizer, e todo mundo também, claro.

Ela sufocou o princípio de sorriso eufórico, xingando-se por se encher de esperanças de novo, pela milésima vez, quando Thorne deixou bem claro que a via como nada além de uma boa amiga e uma integrante leal da tripulação. Ele não tentou beijá-la de novo desde a batalha em cima do telhado do palácio. E às vezes ela achava que ele poderia estar flertando com ela, mas então ele começava a flertar com Cinder ou Iko, e ela lembrava que um toque aqui e um sorriso ali não eram especiais para ele como eram para ela.

– Claro – disse ela, indo na direção da porta. – Claro que você quer ver todo mundo.

Ela sufocou um suspiro e percebeu que ia ter que se treinar para não ficar encarando Thorne com tanta frequência quanto estava acostumada, senão não haveria chance de esconder o fato de que, apesar de todas as tentativas dele de persuadi-la do contrário, ela ainda estava desesperadamente apaixonada.

CAPÍTULO

Sete

JACIN ACORDOU COM UM SUSTO. ESTAVA MOLHADO E GRUDEN cheiro de enxofre. A garganta e os pulmões estavam queimando, não dolorosamente, mas como se tivessem sido tratados de forma inadequada e quisessem garantir que ele soubesse. O instinto lhe disse que não estava em perigo imediato, mas a confusão dos pensamentos o deixou tenso. Quando abriu os olhos, as luzes fortes explodiram em sua retina. Ele fez uma careta e os fechou.

As lembranças voltaram todas de uma vez. O julgamento. As chibatadas. As quarenta horas entorpecedoras que passou amarrado naquele relógio de sol. O sorriso malicioso que Winter compartilhava só com ele. Ser levado de maca para a clínica e sentir o médico preparando seu corpo para imersão.

Ele ainda estava na clínica, no tanque suspenso de animação.

– Não se mexa – disse uma voz. – Ainda estamos desconectando os umbilicais.

Umbilicais. A palavra parecia sangrenta e orgânica demais para essa coisa na qual o enfiaram.

Houve um beliscão no braço e um puxão de pele quando uma série de agulhas foi tirada das veias, seguidos de um estalo de eletrodos quando os sensores foram descolados do peito e do

couro cabeludo, os fios se emaranhando no cabelo. Ele testou os olhos de novo e piscou na claridade. A sombra de um médico surgiu acima dele.

– Você consegue se sentar?

Jacin examinou os dedos e os dobrou na densa substância em gel na qual estava deitado. Segurou as laterais do tanque e se levantou. Ele nunca tinha ficado em um negócio daqueles, nunca tinha ficado ferido o bastante para precisar e, apesar da confusão na hora de acordar, já se sentia surpreendentemente lúcido.

Ele olhou para o próprio corpo e viu traços da substância azul do tanque ainda no umbigo, grudada nos pelos das pernas e na toalha que enrolaram em sua cintura.

Tocou em uma das cicatrizes irregulares no abdome, que parecia ter cicatrizado anos antes. Nada mau.

O médico lhe entregou uma caneca de tamanho infantil com um líquido laranja que parecia xarope. Jacin olhou para o jaleco engomado do médico, para a identificação pendurada no peito, para as mãos macias que estavam acostumadas a segurar tablets e seringas, e não armas e facas. Houve uma pontada de inveja, um lembrete de que isso era mais próximo da vida que ele teria escolhido se tivesse tido a oportunidade de escolher. Se Levana não tivesse feito a escolha por ele, quando o selecionou para a guarda real. Embora ela nunca tivesse feito a ameaça em voz alta, Jacin soube desde o começo que Winter seria punida se ele saísse da linha.

Seu sonho de ser médico parou de importar muito tempo antes.

Ele tomou a bebida e engoliu os pensamentos junto. Sonhar era para pessoas que não tinham nada melhor para fazer.

O remédio era amargo, mas a queimação na garganta começou a passar.

Quando devolveu a caneca para o médico, reparou em uma pessoa perto da porta, ignorada pelos médicos e enfermeiros que trabalhavam ao redor do compartimento de armazenamento dos incontáveis outros tanques, verificando diagnósticos e tomando anotações nos tablets.

O taumaturgo Aimery Park. Parecendo mais arrogante do que nunca com o casaco branco elegante e chamativo. O novo cão favorito da rainha.

– Sir Jacin Clay. Você parece renovado.

Jacin não sabia se a voz funcionaria depois de ficar imerso no tanque e não queria que as primeiras palavras para o taumaturgo fossem um grunhido patético. Mas limpou a garganta e pareceu quase normal.

– Vim buscá-lo para uma audiência com Sua Majestade. Você pode ter perdido o direito à sua honrada posição no serviço à comitiva real, mas ainda pretendemos achar um uso para você. Imagino que esteja em condição de voltar à ativa, certo?

Jacin tentou não parecer aliviado. A última coisa que queria era se tornar guarda pessoal do taumaturgo-chefe de novo, ainda mais que Aimery detinha essa posição. Ele sentia um desprezo particular por esse homem, que tinha fama de ter abusado de mais de um criado do palácio com suas manipulações e cujas atenções maliciosas se dirigiam com muita frequência a Winter.

– Acredito que sim – disse ele. Sua voz estava meio enferrujada, mas não horrível. Ele engoliu em seco de novo. – Posso pedir um novo uniforme? Uma toalha não parece apropriada para a posição.

Aimery deu um sorrisinho debochado.

– Um enfermeiro vai acompanhá-lo até o chuveiro, onde um uniforme estará esperando. Vou encontrá-lo em frente ao arsenal quando você estiver pronto.



OS TÚNEIS EMBAIXO DO PALÁCIO LUNAR FORAM CRIADOS POR tubos de lava esvaziados, com paredes feitas de pedra preta áspera e iluminados por esparsas esferas cintilantes. Esses locais subterrâneos nunca eram vistos pela rainha nem pela corte, portanto ninguém se preocupava em torná-los bonitos para combinar com o resto do palácio, com superfícies brancas reluzentes e janelas cristalinas e sem reflexo.

Jacin gostava dos túneis. Lá embaixo, era fácil esquecer que estava sob a capital. A cidade branca de Artemísia, com seu lago enorme na cratera e pináculos altíssimos, foi construída em uma base sólida de lavagem cerebral e manipulação. Em comparação, os tubos de lava eram tão frios e ásperos e naturais quanto a paisagem fora dos domos. Eram despretensiosos. Não se enfeitavam com decorações luxuosas e brilho em uma tentativa de esconder as coisas horríveis que aconteciam dentro das paredes.

Mesmo assim, Jacin se moveu rapidamente na direção do arsenal. Não havia resíduo de dor, só a lembrança de cada chibatada e da traição do próprio braço portando a arma. Mas ele já estava acostumado com essa traição. Seu corpo não parecia totalmente dele desde que se tornou integrante da guarda da rainha.

Pelo menos estava em casa, para o bem ou para o mal. Mais uma vez, capaz de cuidar da sua princesa. Mais uma vez, sob o controle de Levana.

Troca justa.

Ele afastou Winter dos pensamentos quando entrou no arsenal. Ela era um perigo para sua neutralidade, conseguida com muito esforço. Pensar nela costumava provocar uma coceira indesejada nos pulmões.

Não havia sinal de Aimery, mas dois guardas postavam-se em frente à porta com grade e um terceiro estava sentado a uma mesa lá dentro, todos usando os uniformes cinza e vermelhos de guardas reais, idênticos ao de Jacin, exceto pelas runas metálicas acima do peito. Jacin tinha posição mais alta do que todos eles. Teve medo de perder a posição como guarda real depois do envolvimento com Linh Cinder, mas evidentemente sua traição a ela contou para alguma coisa, afinal.

– Jacin Clay – disse ele, se aproximando da mesa – apresentando-se para reincorporação por ordem de Sua Majestade.

O guarda olhou uma lista holográfica e assentiu com um gesto rápido de cabeça. Uma segunda porta gradeada ocupava a parede atrás dele, escondendo prateleiras de armas nas sombras.

O homem pegou um recipiente que continha uma arma e munição adicional e empurrou pela mesa, pela abertura nas barras.

– Tinha também uma faca.

O homem fez cara feia, como se uma faca faltando fosse a maior irritação do dia dele, e se agachou para olhar dentro do armário.

Jacin recarregou a arma enquanto o homem mexia no armário. Quando estava prendendo a arma no coldre, o homem jogou a faca dele na mesa. Ela deslizou pela superfície até a beirada. Jacin a pegou no ar antes que a lâmina se alojasse em sua coxa.

– Obrigado – murmurou ele, virando-se.

– Traidor – disse um dos guardas na porta bem baixinho.

Jacin girou a faca embaixo do nariz do guarda e a colocou na bainha no cinto sem se dar ao trabalho de fazer contato visual. Sua ascensão precoce pelas patentes gerou muitos inimigos, idiotas que pareciam achar que Jacin trapaceou para ganhar uma posição tão desejável sendo tão jovem, quando, na verdade, a rainha só queria ficar de olho nele e, por meio dele, em Winter.

O estalo das botas ecoou pelo túnel quando ele os deixou para trás. Jacin virou uma esquina e não se encolheu nem reduziu a velocidade quando viu Aimery esperando perto do elevador.

Quando estava a seis passos de distância, parou e bateu com o punho no peito.

Aimery deu um passo para o lado e seu braço foi na direção da porta do elevador. A manga comprida do casaco balançou com o movimento.

– Não vamos deixar Sua Majestade esperando.

Jacin entrou sem discutir e assumiu seu ponto habitual ao lado da porta do elevador, com os braços esticados nas laterais do corpo.

– Sua Majestade e eu andamos discutindo seu papel aqui desde seu julgamento – disse Aimery quando as portas se fecharam.

– Estou ansioso para ser útil.

Só anos de prática escondiam o quanto as palavras tinham um gosto repugnante na boca dele.

– Assim como desejamos mais uma vez ter fé em sua lealdade.

– Vou servir da forma que Sua Majestade achar que devo.

– Que bom. – Ali estava aquele sorriso de novo, e desta vez veio com um tremor suspeito. – Porque Sua Alteza Real, a própria princesa, fez um pedido por você.

O estômago de Jacin se contraiu. Não havia como ficar indiferente quando seus pensamentos dispararam.

Por favor, por favor, estrelas odiosas. Não deixem que Winter tenha feito alguma coisa idiota.

– Se seu serviço alcançar as expectativas de Sua Majestade – continuou Aimery –, vamos devolver sua posição anterior no palácio.

Jacin inclinou a cabeça.

– Sou muito grato pela oportunidade de provar meu valor.

– Não tenho dúvida, Sir Clay.

CAPÍTULO

Oito

A PORTA DO ELEVADOR SE ABRIU NO SOLAR DA RAINHA, UMA SALA feita de janelas em todos os lados. O elevador cilíndrico era envolto em vidro e ficava no meio da sala, de forma que nenhuma parte da vista fosse obstruída. A decoração era simples: pilares brancos finos e um domo de vidro, imitando o domo acima da cidade. Aquela torre, aquela exata sala, era o ponto mais alto de Artemísia, e a visão de todos aqueles prédios brancos e cintilantes abaixo e de uma caixa de joias inteira de estrelas acima era toda a decoração de que a sala precisava.

Jacin já tinha ido lá três dezenas de vezes com Sybil, mas nunca para uma audiência própria com a rainha. Ele se forçou a não se preocupar. Se estivesse preocupado, a rainha poderia detectar, e a última coisa que ele queria era que alguém questionasse sua lealdade à coroa.

Embora uma cadeira elaborada estivesse posicionada em uma plataforma, a rainha estava de pé em frente às janelas. O vidro era claro como cristal e não mostrava sinal de reflexo. Jacin não sabia como conseguiam fazer vidro assim, mas o palácio era cheio dele.

Sir Jerrico Solis, o capitão da guarda e tecnicamente superior de Jacin, também estava presente, mas Jacin nem olhou para ele.

– Minha rainha – disse Aimery –, Vossa Majestade solicitou a presença de Jacin Clay.

Jacin se apoiou em um joelho quando a rainha se virou.

– Pode se levantar, Jacin. Que bom que você veio.

Ah, não era fofo?

Ele se levantou e ousou encontrar o olhar dela.

A rainha Levana era horivelmente bonita, com lábios vermelho-coral e pele impecável como mármore branco. Era coisa do glamour dela, claro. Todo mundo sabia, mas não fazia diferença. Olhar para ela podia roubar o ar de qualquer homem mortal.

No entanto – e Jacin manteve esse pensamento muito, muito silencioso na cabeça –, a princesa era capaz de roubar o ar e o coração de qualquer homem.

– Sir Clay – prosseguiu a rainha, com a voz soando como uma cantiga em comparação à aspereza do julgamento. – Aimery e eu andamos discutindo sua volta surpreendente e fortuita. Eu gostaria de vê-lo reincorporado à sua posição anterior em breve. Nossa guarda fica mais fraca sem você.

– Estou sempre às ordens.

– Levei em consideração a mensagem que você mandou à taumaturga Mira antes da morte dela, bem como dois anos de serviço leal. Também mandei uma equipe investigar suas alegações relacionadas a esse... *dispositivo* que Linh Garan inventou, e parece que você estava certo. Ele apresentou um protótipo que chamou de dispositivo de segurança bioelétrica em uma convenção muitos anos atrás. Na verdade, essa descoberta também solucionou um mistério com o qual meu

grupo de agentes em Paris tinha se deparado no começo do ano. Agora, sabemos que Linh Cinder não era a única pessoa que tinha esse dispositivo instalado, mas que a antiga protetora dela, uma mulher chamada Michelle Benoit, também tinha. Só nos resta imaginar quantos mais ainda existem.

Jacin não disse nada, mas seu coração estava se expandindo com a notícia. Cinder pareceu segura de que nenhum outro dispositivo daqueles tinha sido feito, mas talvez estivesse errada. E, se estivesse... se houvesse mais deles por aí... ele poderia conseguir um para Winter. Poderia salvá-la.

– Não importa – disse Levana, passando a mão pelo ar. – Já estamos encontrando formas de garantir que essa invenção não chegue ao mercado terráqueo. O motivo de eu tê-lo chamado aqui foi para discutir o que vai acontecer com *você* agora. E tenho um papel especial em mente, Sir Clay. Um papel que acho que você não vai achar desagradável.

– Minha opinião não significa nada.

– Verdade, mas as opiniões de minha enteada ainda carregam algum peso. A princesa Winter pode não ter nascido com meu sangue, mas acho que as pessoas reconhecem que ela é parte da família, uma verdadeira querida na corte. E eu amava muito o pai dela. – Ela disse isso com um pequeno suspiro, embora Jacin não tenha percebido se era falso ou não.

A rainha se virou.

– Você sabe que eu estava presente quando Evret foi assassinado – continuou Levana, espiando a Terra pela janela. – Ele morreu nos meus braços. Seu último pedido foi que eu

cuidasse de Winter, nossa doce filha. Quantos anos você tinha quando ele morreu, Jacin?

Ele obrigou os ombros a relaxarem.

– Onze, Vossa Majestade.

– Você se lembra bem dele?

Ele trincou os dentes, sem saber o que ela queria que ele dissesse. O pai de Winter e o pai de Jacin foram guardas reais e amigos íntimos. Jacin cresceu com muita admiração por Evret Hayle, que manteve a posição mesmo depois de se casar com Levana, princesa na época. Continuou sendo guarda mesmo depois que a rainha Channary morreu e Seline desapareceu, e Levana subiu ao trono. Ele dizia que não tinha desejo de se sentar no trono ao lado dela e menos ainda de ficar sentado tomando vinho e engordando entre as famílias pomposas de Artemísia.

– Eu me lembro muito bem dele – disse por fim.

– Ele era um bom homem.

– Era, Vossa Majestade.

O olhar dela escorregou para os dedos da mão esquerda. Não havia aliança de casamento lá, pelo menos não que ela deixasse que ele visse.

– Eu o amava muito – repetiu ela, e Jacin teria acreditado se acreditasse que ela era capaz dessas coisas. – A morte dele quase me matou.

– Claro, minha rainha.

Evret Hayle fora assassinado no meio da noite por um taumaturgo faminto por poder, e Jacin ainda lembrava o quanto Winter havia ficado arrasada. Como foram inadequadas todas as tentativas dele de reconfortá-la e distraí-la. Ele se lembrava de

ouvir a fofoca triste: Evret morreu protegendo Levana e ela o vingou enfiando uma faca no coração do taumaturgo.

Disseram que Levana chorou histericamente por horas.

– Sim. – Levana suspirou de novo. – Enquanto o segurava morrendo, prometi proteger Winter. Não que eu não fosse protegê-la se não tivesse feito isso. Ela é minha filha, afinal.

Jacin não disse nada. Suas reservas de concordâncias vazias estavam acabando.

– E que jeito melhor há de protegê-la do que decretar como guarda uma das pessoas cuja preocupação com o bem-estar dela é comparável à minha? – Ela sorriu, mas havia um toque de deboche. – Na verdade, a própria Winter pediu que você ganhasse a posição de membro da guarda pessoal dela. Normalmente, as sugestões dela são baseadas em besteiras, mas, desta vez, até eu tive que reconhecer que a ideia tem mérito.

O coração de Jacin disparou, apesar de seus melhores esforços de permanecer distante. *Ele?* Na guarda pessoal de Winter?

Era ao mesmo tempo um sonho e um pesadelo. A rainha estava certa: ninguém poderia ser mais de confiança do que ele para garantir a segurança dela. De muitas formas, ele já se considerava guarda pessoal de Winter, com ou sem o título.

Mas ser guarda dela não era a mesma coisa que ser amigo, e ele já tinha muita dificuldade em não atravessar a linha entre as duas coisas.

– A troca da guarda dela acontece às dezenove horas – disse a rainha, virando-se novamente para as janelas. – Você vai se apresentar nesse horário.

Ele molhou a garganta.

– Sim, minha rainha. – Ele se virou para sair.

– Ah, e, Jacin?

O medo escorreu pela sua coluna. Contraindo o maxilar, ele olhou para a rainha de novo.

– Você pode não estar ciente de que tivemos... dificuldades no passado com a guarda de Winter. Ela pode ser difícil de cuidar, dada a brincadeiras de criança e a fantasias. Ela parece ter pouco respeito por seu papel como princesa e integrante desta corte.

Jacin sufocou sua repugnância no fundo do estômago, onde nem ele conseguiria sentir.

– O que devo fazer?

– Quero que você a mantenha sob controle. Minha esperança é que a afeição dela por você ajude-a a demonstrar mais autocontrole. Tenho certeza de que você está ciente de que a garota está se aproximando da idade de se casar. Tenho esperanças para Winter e não vou tolerar que ela traga humilhação para este palácio.

Idade de se casar. Humilhação. Autocontrole. A repugnância virou uma pedrinha dura, mas o rosto estava calmo quando ele fez uma reverência.

– Sim, minha rainha.



WINTER ESTAVA COM O OUVIDO ENCOSTADO NA PORTA DOS particulares, tentando desacelerar a respiração a ponto de ficar tonta. A expectativa rastejava pela pele dela como mil formiguinhas.

Silêncio no corredor. Silêncio doloroso e agonizante.

Ela soprou um cacho do rosto e olhou para a holografia de Luna perto do teto do quarto, mostrando a progressão de luz do sol e sombras, e o relógio digital padronizado embaixo. 18:59.

Ela secou as palmas úmidas no vestido. Prestou mais atenção. Contou os segundos em pensamento.

Pronto. Passos. As batidas fortes e firmes de botas.

Ela mordeu o lábio. Levana não deu indicação se seu pedido seria aceito, ela nem sabia se a madrastra ia *considerar* o pedido, mas era possível. Era *possível*.

O guarda que estava parado como uma estátua do lado de fora do quarto nas últimas quatro horas, liberado do serviço, foi embora. Os passos eram ecos perfeitos dos que tinham acabado de chegar.

Houve um momento de confusão enquanto o novo guarda se posicionava junto à parede do corredor, a última linha de defesa caso um espião ou um assassino fizesse um ataque à princesa, e a primeira pessoa responsável por protegê-la, caso a segurança do Palácio Artemísia entrasse em risco.

Ela fechou bem os olhos e abriu os dedos sobre a parede, como se pudesse sentir os batimentos dele pela pedra.

O que sentiu foi uma coisa quente e grudenta.

Ofegando, ela se afastou e viu a palma da mão manchada de sangue.

Exasperada, usou a mão suja de sangue para empurrar o cabelo para trás, apesar de as mechas caírem para a frente de novo na mesma hora.

– Agora, não – sibilou ela para o demônio que achava que era uma hora apropriada para lhe dar visões.

Ela fechou os olhos de novo e contou de dez até zero. Quando os abriu, o sangue tinha sumido e a mão estava limpa.

Com um suspiro agudo, Winter ajustou o vestido e abriu a porta o bastante para colocar a cabeça para fora. Virou para o guarda-estátua junto à porta e seu coração inchou.

– Ah... ela disse sim! – gritou ela, escancarando a porta agora. Ela se aproximou e olhou para Jacin.

Se ele a ouviu, não reagiu.

Se ele a viu, não deu sinal.

A expressão era pétrea, com os olhos azuis fixados em algum ponto acima da cabeça dela.

Winter murchou, mas foi tanto de irritação quanto de decepção.

– Ah, por favor – disse ela, ficando bem na frente dele, dedão do pé com dedão do pé, peito com peito, o que não era coisa simples. A postura impecável de Jacin lhe dava a impressão de que estava caindo para trás, a um segundo de bater no chão. – Isso não é necessário, é?

Cinco segundos completos e agonizantes se passaram, nos quais ela poderia estar olhando um manequim, até que Jacin inspirou devagar e soltou tudo de uma vez. O olhar dele baixou para o dela.

Isso foi tudo. Só a respiração. Só os olhos.

Mas o tornou humano de novo, e ela sorriu.

– Fiquei esperando o dia inteiro para lhe mostrar uma coisa. Venha aqui.

Winter dançou ao redor dele de novo e voltou para a sala. Pulou até a mesa do outro lado do aposento, onde tinha coberto a criação com um lençol. Segurando as duas pontas, ela se virou para a porta.

E esperou.

– Jacin?

Ela esperou mais um pouco.

Bufando, ela soltou o lençol e andou até o corredor. Jacin não tinha se mexido. Winter cruzou os braços e se encostou na moldura da porta para inspecioná-lo. Ver Jacin com o uniforme da guarda era sempre agri-doce. Por um lado, era impossível não reparar o quanto ele ficava lindo e imponente com ele. Por outro, o uniforme o marcava como propriedade da rainha. Ainda assim, ele estava particularmente bonito, todo curado depois do julgamento e com cheiro de sabonete.

Ela sabia que Jacin sabia que ela estava de pé ali, olhando para ele. Era irritante como era bom em ignorá-la.

Batendo um dedo na pele do cotovelo, ela disse:

– Sir Jacin Clay, tem um assassino debaixo da minha cama.

Os ombros dele se contraíram. O maxilar ficou tenso. Mais três segundos se passaram até ele se afastar da parede e entrar no quarto sem olhar para ela, passando pela surpresa coberta na mesa e indo direto para o quarto. Winter foi atrás e fechou a porta.

Assim que chegou perto, Jacin se ajoelhou e levantou a saia da cama.

– O assassino parece ter escapado desta vez, Vossa Alteza. – Levantando-se, ele se virou para olhar para ela. – Avise-me se ele

voltar.

Ele voltou para a porta, mas Winter entrou na frente dele e deu um sorriso paquerador.

– Vou mesmo – disse ela, se equilibrando nas pontas dos pés. – Mas já que você está aqui...

– *Princesa*.

O tom dele era um aviso, mas ela o ignorou. Recuando para a sala, ela puxou o lençol e exibiu um modelo do tamanho da mesa do sistema solar deles, com os planetas suspensos por fios de seda.

– Tchã-nã!

Jacin não chegou mais perto quando ela começou a mexer nos planetas, mas também não saiu.

Winter empurrou as esferas pintadas para que entrassem em uma órbita lenta, cada uma se movendo em separado das outras.

– Eu tive a ideia quando o noivado foi anunciado – disse ela, vendo a Terra completar um círculo ao redor do Sol antes de parar. – Ia ser um presente de casamento para o imperador Kaito antes... bem. De qualquer modo, tem sido uma ocupação desde que você partiu. – Com os cílios oscilando, ela arriscou um olhar nervoso para Jacin. Ele estava olhando para o modelo. – Ajuda a se concentrar em alguma coisa, sabe. Pensar nos detalhes.

Ajudou a manter os pensamentos em ordem, ajudou a manter a sanidade. Ela tinha começado a ter as alucinações quando tinha treze anos, um pouco mais de um ano depois que tomou a decisão de nunca mais usar o glamour, de nunca mais manipular os pensamentos e as emoções de alguém, de nunca mais se enganar para acreditar que esse uso nem um pouco natural de

poder poderia ser inofensivo. Jacin, que ainda não era guarda, passou muitas horas com ela, distraíndo-a com jogos e projetos e quebra-cabeças. A desocupação foi inimiga dela durante anos. Era nesses momentos, quando sua mente estava mais concentrada em uma tarefa, por mais trivial que fosse, que ela se sentia mais segura.

Fazer o modelo sem ele não foi tão divertido, mas ela gostou da sensação de estar no controle daquela pequena galáxia, uma vez que tinha controle de tão pouca coisa na própria vida.

– O que você acha?

Com um suspiro resignado, Jacin deu um passo à frente para examinar o aparato que dava a cada planeta seu próprio caminho orbital.

– Como você fez isso?

– Eu encarreguei o sr. Sanford do AR-5 de desenhar e construir o suporte. Mas fiz toda a pintura. – Ela ficou satisfeita de ver o aceno impressionado de Jacin. – Eu esperava que você pudesse me ajudar com Saturno. É o último a ser pintado, e eu pensei... posso ficar com os anéis se você quiser fazer o planeta... – Ela parou de falar. A expressão dele tinha endurecido de novo. Seguindo os dedos de Jacin, ela o viu empurrando Luna ao redor da Terra. O jeito como o sr. Sanford deu a Luna sua própria órbita ao redor do planeta azul era brilhante, na opinião de Winter.

– Desculpe, Alteza – disse Jacin, se empertigando de novo. – Estou a trabalho. Não deveria nem estar aqui dentro, e você sabe.

– Tenho certeza de que não sei nada sobre isso. Parece que você pode me proteger melhor aqui dentro do que lá fora. E se alguém entrar pelas janelas?

Os lábios dele formaram um sorriso irônico. Ninguém ia entrar pelas janelas, os dois sabiam, mas ele não discutiu. O que fez foi chegar mais perto e colocar as mãos nos ombros dela. Foi um toque raro e inesperado. Não era nenhuma Valsa do Eclipse, mas a pele dela formigou mesmo assim.

– Estou feliz de estar na sua guarda agora – disse ele. – Eu faria qualquer coisa por você. Se tivesse um assassino embaixo da cama, eu receberia a bala dele sem pensar duas vezes, sem ninguém precisar me manipular.

Ela tentou interrompê-lo, mas ele continuou falando:

– Mas, quando estou a serviço, isso é tudo o que posso ser. Seu guarda. Não seu amigo. Levana já sabe que sou próximo demais de você, que gosto de você mais do que deveria...

Winter franziu a testa e mais uma vez tentou interromper, achando que *essa* declaração merecia mais explicações, mas ele continuou falando:

– ... e não vou dar a ela mais nada para usar contra mim. Nem contra você. Não vou ser mais um peão no jogo dela. Entendeu?

Finalmente, uma pausa, e a cabeça dela girava, tentando se agarrar à declaração dele (*o que você quer dizer com gosta de mim mais do que deveria?*) sem contradizer as preocupações dele.

– Já somos peões no jogo dela – disse Winter. – Eu sou um peão no jogo dela desde que ela se casou com meu pai, e você desde o dia que foi convocado para a guarda.

Os lábios dele se tensionaram e ele tentou se afastar, pois o contato prolongado já ultrapassava mil fronteiras profissionais, mas Winter levantou as mãos e envolveu as dele com as suas. Ela as segurou com força entre seus corpos.

– Eu só pensei... – Ela hesitou, com a atenção voltada para o quanto as mãos dele estavam maiores em comparação com a última vez que ela as segurou. Era surpreendente. – Achei que poderia ser legal sair do tabuleiro do jogo de vez em quando.

Um dos polegares de Jacin roçou nos dedos dela, só uma vez, como um tique que precisava ser sufocado.

– Seria bom – disse ele –, mas não pode ser quando eu estiver em serviço, e muito menos atrás de portas fechadas.

Winter olhou para trás dele, para a porta que fechou quando ele entrou para procurar o assassino fictício.

– Você está dizendo que vou ver você todos os dias, mas tenho que continuar fingindo que não vejo?

Ele soltou as mãos.

– Mais ou menos isso. Desculpe, princesa. – Com um passo para trás, ele virou novamente o guarda estoico. – Estarei no corredor se você precisar de mim. Se precisar de mim *de verdade*.

Depois que ele saiu, Winter ficou mordendo o lábio inferior, incapaz de ignorar os pedacinhos momentâneos de euforia que escorreram pelas rachaduras do encontro, de modo geral, decepcionante.

Gosto de você mais do que deveria.

– Tudo bem – murmurou ela baixinho. – Consigo viver com isso.

Ela pegou o estojo compacto de tintas, alguns pincéis e o modelo de Saturno do tamanho de um punho que estava esperando o caleidoscópio de anéis.

Desta vez, Jacin levou um leve susto quando ela saiu no corredor. Na primeira vez, ele a estava esperando, mas essa deve

ter sido surpresa. Ela sufocou um sorriso quando andou até o outro lado dele e deslizou pela parede, se posicionando no chão com pernas cruzadas. Cantarolando baixinho, ela espalhou o material de pintura à frente.

– O que você está fazendo? – murmurou Jacin baixinho, apesar de o corredor estar vazio.

Winter fingiu dar um pulo.

– Ah, desculpe – disse ela, olhando para ele. – Acho que não tinha visto você aí.

Ele fez cara feia.

Piscando, ela voltou a atenção para o trabalho, mergulhando um pincel no intenso azul-cerúleo.

Jacin não disse mais nada. Nem ela. Depois que o primeiro anel foi completado, ela encostou a cabeça na coxa dele, ficando mais à vontade enquanto pegava o laranja solar. Acima, Jacin suspirou, e ela sentiu um leve roçar de dedos no cabelo. Um toque, uma sugestão de proximidade antes de ele virar estátua novamente.

CAPÍTULO

Doze

– **LEITE EVAPORADO... FEIJÃO VERMELHO... ATUM... MAIS ATUM... AH** quase caiu de cabeça na caixa quando esticou o braço para alcançar o fundo. Ela agarrou um vidro e se levantou, vitoriosa. – Aspargos em conserva!

Iko parou de revirar a caixa ao lado por tempo suficiente para olhar de relance.

– Você e suas papilas gustativas podem parar de se gabar agora.

– Ah, desculpe. – Apertando os lábios, Cress colocou o vidro no chão. – Que bom que abrimos esta. A cozinha estava começando a ficar vazia.

– Mais armas aqui – disse Lobo, com os ombros contraídos enquanto se inclinava em mais uma caixa. – Para um planeta que viveu um século de paz mundial, vocês fabricam muitas armas.

– Sempre vai haver criminosos e violência – disse Kai. – Nós ainda precisamos de polícia.

Lobo fez um som estrangulado, chamando a atenção de todo mundo na direção dele enquanto erguia uma arma da caixa.

– É igual à que Scarlet tinha. – Ele virou a arma na mão e passou o polegar pelo cano. – Ela atirou no meu braço uma vez.

Essa confissão foi feita com tanto carinho quanto se Scarlet tivesse dado a ele um buquê de flores selvagens em vez de um

ferimento à bala.

Cress e os outros trocaram expressões tristes.

Kai, que estava de pé mais perto de Lobo, colocou a mão no ombro dele.

– Se ela estiver em Artemísia – disse ele –, eu vou encontrá-la. Prometo.

Um leve baixar de cabeça foi a única indicação de que Lobo o ouviu. Virando-se, ele entregou a arma pela coronha para Cinder, que estava sentada de pernas cruzadas no meio do compartimento de carga, organizando as armas que tinham encontrado. Era um carregamento impressionante. Era uma pena que, quando se tratava de lutar com lunares, armas nas mãos dos aliados deles poderiam ser tão perigosas quanto armas nas mãos dos inimigos.

– Esta aqui é toda de suprimentos médicos e remédios comuns – disse Iko. – Se encontrássemos uma com vértebras substitutas de androide-acompanhante e painéis de tecido sintético, estaríamos chegando a algum lugar.

Cress deu um sorriso solidário. Iko estava usando o top de seda amarrado que vestiu para incorporar uma integrante da equipe do palácio durante o sequestro do imperador, e a gola alta quase cobria o dano feito ao pescoço biônico e à clavícula durante a luta no telhado. Ela usou a criatividade com retalhos de tecidos variados para esconder o resto do ferimento, que era o máximo que podiam fazer até Cinder conseguir as partes e terminar o conserto.

– Isso é o que eu penso que é? – Depois de se voltar para a caixa onde estava mexendo antes, Kai levantou uma boneca de

madeira entalhada, adornada com penas e quatro olhos a mais.

Cinder terminou de descarregar a arma e colocou ao lado das outras.

– Não me diga que você já viu uma dessas coisas feias antes.

– Bonecas venezuelanas de sonhos? Temos algumas em exibição no palácio. São incrivelmente raras. – Ele examinou as costas. – O que isso está fazendo aqui?

– Tenho quase certeza de que Thorne roubou.

A expressão de Kai se encheu de clareza.

– Ah. Claro. – Ele colocou a boneca de volta na embalagem. – É melhor ele planejar devolver todas essas coisas.

– Claro que ele vai devolver, Vossa Majestividade. Por uma recompensa adequada.

Cress se virou e viu Thorne encostado na parede do compartimento de carga.

Ela piscou. Tinha alguma coisa diferente nele. A venda que ele vinha usando desde que a visão começara a voltar, semanas antes, estava ao redor do pescoço, e ele estava excepcionalmente arrumado, como se tivesse se barbeado melhor do que o habitual, e estava...

Um impulso elétrico desceu pela coluna de Cress.

Ele estava *olhando* para ela.

Não. Não só olhando. Havia uma inspeção intensa por trás do olhar, junto com uma perplexidade curiosa. Ele estava surpreso. Quase... *cativado*.

Um calor subiu pelo pescoço dela. Engoliu em seco, segura de que estava imaginando coisas.

Um homem do mundo, o confiante capitão Thorne nunca ficaria cativado pela simples e constrangida garota que *ela* era, e ela já tinha se decepcionado com esse tipo de distorção da realidade antes.

Um canto da boca de Thorne se levantou.

– O cabelo curto – disse ele, com um aceno parcial. – Ficou bom.

Cress levantou a mão e segurou as pontas irregulares que Iko aparou até virarem algo que se parecia com um corte de cabelo.

– Ah! – disse Iko, ficando de pé. – Capitão! Você está enxergando!

A atenção de Thorne se voltou para a androide segundos antes de ela se jogar na frente de Cress, nos braços dele. Thorne cambaleou contra a parede e riu.

– Iko? – perguntou Thorne, segurando-a com os braços esticados e observando-a com atenção. A pele escura e impecável, as longas pernas, as tranças pintadas de vários tons de azul. Aceitando o escrutínio, Iko deu uma rodopiada. Thorne estalou a língua. – Caramba. Eu sei mesmo escolher, não sei?

– Visão não vista – disse Iko, jogando as tranças por cima do ombro.

Murchando, Cress começou a encher os braços de enlatados. Definitivamente, distorção da realidade.

– Excelente – disse Cinder, levantando-se e limpando as mãos.
– Eu estava começando a ficar com medo de não termos piloto para quando chegar a hora de levar Kai de volta para a Terra. Agora, só preciso me preocupar em ter um piloto competente.

Thorne se encostou na caixa que Cress estava organizando. Ela parou, mas, quando ousou espiar por entre os cílios, a atenção dele estava do outro lado do compartimento de carga.

– Ah, Cinder, senti falta de ver seu rosto quando você faz comentários sarcásticos na tentativa de esconder seus verdadeiros sentimentos por mim.

– Por favor. – Revirando os olhos, Cinder começou a organizar as armas na parede.

– Estão vendo esse revirar de olhos? Quer dizer: “Como estou conseguindo ficar longe de você, capitão?”

– É, para não *estrangular* você.

Kai cruzou os braços e sorriu.

– Por que ninguém me contou que eu tinha uma concorrência tão forte?

Cinder fez cara feia.

– Não o encoraje.

Com bochechas vermelhas, dentes trincados e três pilhas de latas aninhadas nos braços, Cress se virou para o corredor principal... e fez a lata de pêssegos do alto sair voando da pilha.

Thorne a pegou no ar antes que Cress ofegasse.

Ela parou, e por um momento estava ali de novo: o jeito como ele a olhava, fazendo o mundo ficar manchado e o estômago dela dar um nó. Foi um reflexo rápido, claro, e ela não conseguiu deixar de se questionar se ele estava prestando mais atenção nela do que ela pensava.

Thorne sorriu para os pêssegos.

– Reflexos de relâmpago. Ainda tenho. – Ele tirou algumas latas de milho da pilha. – Quer ajuda?

Ela fixou o olhar nas latas.

– Não obrigada pode deixar. – As palavras saíram apressadas e cheias de nervosismo enquanto o rosto enrubescia de novo. Ocorreu-lhe que estava corando desde o momento em que ele entrou, com o sorriso arrogante e olhos que viam através dela.

Ela queria entrar em uma das caixas e puxar a tampa. Ele só estava com a visão recuperada havia cinco minutos e ela já tinha voltado a ser a garota ansiosa, eufórica e afobada que era quando se conheceram.

– Tudo bem – disse Thorne devagar, colocando as latas de volta nos braços dela. – Se você insiste.

Cress passou por ele e seguiu para a cozinha. Foi um alívio colocar a comida na bancada e tirar um momento para se estabilizar.

Então ele estava enxergando de novo. Não mudava nada. Ele não a achou irresistível quando a viu naquele link D-COMM séculos antes e não ia achar que ela era irresistível agora. Principalmente não com Iko ali. Androide ou não, era ela quem tinha dentes de pérola e olhos acobreados...

Cress suspirou e conteve toda a inveja antes que crescesse. Não era culpa de Iko se Thorne não estava interessado em uma garota pequena e arisca. Na verdade, ela ficava feliz por Iko, que tinha mais satisfação com o corpo novo do que a maioria dos humanos.

Cress só queria poder ter a confiança dela. Se tivesse coragem de se jogar nos braços de Thorne, piscar, fazer comentários paqueradores e fingir que nada importava...

Só que *importava*, ou teria importado se ela ousasse.

Só amigos, lembrou a si mesma. Eles eram só amigos e seriam só amigos dali em diante. Era uma amizade a ser celebrada, assim como ela celebrava todas as amizades que fez na nave. Não a estragaria desejando que as coisas pudessem ser mais do que eram. Ficaria grata pela afeição que tivesse.

Cress soltou o ar devagar e se empertigou. Não seria tão difícil fingir que isso era tudo o que ela queria. Imaginar que estava satisfeita com a companhia dele e com o carinho platônico. Uma vez que ele estava enxergando de novo, ela ficaria mais alerta para que seus sentimentos mais profundos não ficassem evidentes.

Thorne era seu amigo e capitão, mais nada.

Quando voltou para o compartimento de carga, a alegria tinha desaparecido. Ao ouvi-la, Thorne olhou para trás, mas ela fixou o olhar em Kai com determinação.

– Eu entendo que é mais cedo do que esperávamos – disse Kai.
– Mas agora que Thorne está enxergando de novo, o que estamos esperando? Podemos partir amanhã. Podemos partir *agora*.

Cinder balançou a cabeça.

– Temos tanta coisa a fazer. Ainda temos o vídeo para editar e nem confirmamos que rota vamos tomar para os setores externos, e...

– Vocês não precisam da *minha* ajuda para isso – interrompeu Kai. – São coisas nas quais vocês podem trabalhar enquanto eu estiver fazendo minha parte. Tem gente morrendo todos os dias. Meu povo está sendo atacando neste *momento* e não posso fazer nada por eles daqui de cima.

– Eu sei. Sei que é difícil...

– Não, é *tortura*. – Kai baixou a voz. – Mas quando você me levar de volta posso conversar com Levana. Negociar um cessar-fogo e começar a botar nosso plano em ação...

– Chegar a Scarlet mais cedo – disse Lobo.

Cinder gemeu.

– Olhe, eu entendo. O mês está sendo muito longo e estamos todos ansiosos para seguir em frente, mas é que... nossa estratégia...

– Estratégia? Olhe para nós, estamos passando o tempo desabalando *aspargos em conserva*. – Kai passou a mão no cabelo. – Como isso pode ser um bom uso do nosso tempo?

– A cada dia que esperamos, nossas chances de sucesso melhoram. A cada dia, mais do exército dela está indo para a Terra, deixando Levana e a capital desprotegidas. Quanto mais fraca ela estiver, melhor chance teremos de ter sucesso na revolução. – Ela apontou para o netscreen, apesar de estar desligado. – Além do mais, a União está se defendendo. Ela já perdeu muitos soldados e talvez esteja começando a ficar meio preocupada, não?

– Ela não está preocupada – disse Lobo.

Cinder franziu a testa.

– Bem, pelo menos ela pode ter percebido que essa guerra não vai ser vencida tão facilmente quanto ela desejava, o que quer dizer que vai ficar bem mais animada em saber que Kai voltou e que o casamento vai acontecer. Vai ficar ansiosa para remarcar logo. – Ela passou os dedos ao redor do pulso esquerdo, onde a pele encostava no metal.

Cress mordeu o lábio e viu o medo e o nervosismo surgirem no rosto de Cinder. Apesar de ela sempre se esforçar para esconder, Cress sabia que Cinder nem sempre era tão corajosa quanto fingia ser. Era meio reconfortante achar que elas podiam ter isso em comum.

Kai murchou os ombros e sua voz perdeu o desespero quando ele deu um passo para mais perto dela:

– Entendo que você queira sentir que está pronta, que estamos todos prontos. Mas, Cinder... nós nunca vamos nos sentir assim. Em algum momento, vamos ter que parar de planejar e começar a fazer. Acho que esse momento é agora.

Ela demorou um pouco, mas finalmente correspondeu ao olhar dele e depois se virou para observar cada um. Apesar de Thorne ser o capitão, todos sabiam que era Cinder quem os unia.

– Estamos todos arriscando nossas vidas – disse ela. – Só não quero arriscá-las desnecessariamente. Quero ter certeza de que vamos estar preparados para...

Ela parou e seu olhar perdeu o foco. Cress reconheceu a expressão de quando Cinder estava vendo alguma coisa no display da retina.

Piscando depressa, Cinder se virou para Kai, atordoada.

– Nave, ligue o netscreen do compartimento de carga, no noticiário da Comunidade das Nações Orientais.

Kai franziu a testa.

– O que está acontecendo?

O netscreen ganhou vida. Mostrava o conselheiro de Kai, Konn Torin, de pé em um púlpito. Mas, antes que o sinal de áudio chegasse, Cinder disse:

– Sinto muito, Kai. Seu palácio está sendo atacado.

CAPÍTULO

Dez

ELES ASSISTIRAM AO NOTICIÁRIO EM SILÊNCIO, COM AS CÂMERAS enquanto aerodeslizadores pilotados por andróides circulavam o palácio. Muitos dos jardins estavam soltando fumaça por causa de incêndios gerados pelos soldados da rainha, estátuas foram derrubadas e o portão enorme foi despedaçado, mas o palácio em si permanecia intocado. Até o momento, o único regimento dos militares da Comunidade das Nações Orientais posicionado no palácio manteve o inimigo fora enquanto esperava a chegada de reforços.

O cerco ao Palácio de Nova Pequim ia contra as estratégias que os soldados lobos vinham usando por toda a guerra. Eles se tornaram famosos pelos ataques de guerrilha e pela falta de tática, preocupados tanto em deixar o povo da Terra morrendo de medo deles quanto em vencer batalhas de verdade. Até o momento, não houve nenhuma *batalha* de verdade, só lutas e ataques surpresa, resultando em derramamento de sangue e pesadelos demais.

Os soldados lobos se deslocavam em bando, furtivos e rápidos. Causavam caos e destruição aonde quer que fossem, depois desapareciam antes que os militares terráqueos os alcançassem. Especulava-se que eles estavam se deslocando pelos esgotos ou

desaparecendo na natureza, deixando uma trilha de sangue e membros arrancados no caminho. Gostavam de deixar ao menos uma vítima viva para relatar a brutalidade deles.

Repetidas vezes, a mensagem ia ficando clara. *Ninguém está seguro.*

A Terra matou sua cota de soldados lunares, assim como alguns dos taumaturgos que lideravam os bandos. Eles não eram invencíveis, como os líderes da Terra reiteravam sem parar. Mas, depois de cento e vinte e seis anos de paz, a União Terráquea não estava preparada para a guerra, principalmente de forma tão imprevisível. Durante gerações, a força militar se tornou mais um serviço social decorativo do que qualquer outra coisa, oferecendo trabalho manual em comunidades pobres e fornecendo suprimentos quando desastres naturais aconteciam. Agora, todos os países estavam se esforçando para convocar mais soldados para suas forças, para treiná-los, para fabricar armas.

Enquanto isso, os soldados lunares dizimavam bairros inteiros, deixando para trás só o eco dos uivos sedentos de sangue.

Até então.

Pelo que as pessoas sabiam, aquele ataque ao Palácio de Nova Pequim era a primeira vez que bandos múltiplos se juntaram em um ataque orquestrado, e em plena luz do dia. Cinder se perguntou se estavam ficando arrogantes ou se estavam tentando provar alguma coisa. Ela tentou se consolar com o fato de que havia mais corpos mutantes de lobos caídos no terreno do palácio do que ela já tinha visto em um lugar só. Não era possível que essa batalha não afetasse os números deles, ao menos em Nova Pequim. Mas era pouco consolo se o sangue deles estava

misturado ao dos soldados terráqueos e se uma das torres do palácio estava em chamas.

– O palácio foi evacuado – disse uma jornalista, falando mais alto que a catástrofe no vídeo. – E todos os oficiais e servos humanos foram levados para um lugar seguro. O secretário de Defesa comentou em um discurso vinte minutos atrás que eles não estão especulando quanto tempo esse cerco pode durar e nem quanta destruição pode ser feita. Até o momento, os especialistas militares estimam que cerca de trezentos soldados da Comunidade foram perdidos nesse ataque, e perto de cinquenta lunares.

– Eu me sinto tão inútil – disse Iko, com o tom grave de tristeza que só um androide entenderia. Iko não era um androide comum, mas ainda tinha um traço distinto com o qual todos os androides foram programados: a necessidade de ser útil.

Do outro lado de Cinder estava Kai, abalado. Sem dúvida, ele estava vivenciando seu próprio senso de inutilidade. Sem dúvida, aquilo estava acabando com ele.

– Os militares vão segurá-los – disse Cinder.

Ele assentiu, mas a testa estava franzida.

Suspirando, ela deixou que o olhar flutuasse de Kai para Lobo, Thorne, Cress e depois Iko. Todos encarando a tela, determinados e com raiva e horrorizados. Ela voltou sua atenção para Kai. Ele estava escondendo bem as emoções, mas ela sabia que ver sua casa queimar era de matar. Como nunca teve uma casa com a qual se importasse, ao menos até subir a bordo da Rampion, Cinder não imaginava a dor que ele estava sentindo.

Ela trincou os dentes e pensou em todos os cálculos deles, em todos os planos.

Kai estava certo. Ela nunca se sentiria pronta, mas eles não podiam ficar sentados sem fazer nada para sempre.

Thorne tinha recuperado a visão.

Lobo contou sobre os pais, operários que trabalharam em fábricas e minas de regolito a vida toda. Se estivessem vivos, ele achava que talvez estivessem dispostos a oferecer abrigo em Luna. Poderiam ser aliados.

A rainha estava dando o passo mais ousado desde que a guerra começou, o que queria dizer que estava ficando confiante demais ou estava ficando desesperada. Fosse como fosse, Cinder não queria que Luna vencesse a batalha. Não queria que tivessem controle do Palácio de Nova Pequim, mesmo que fosse apenas simbólico. Era a casa da família real da Comunidade das Nações Orientais. Pertencia a Kai, não a Levana. *Nunca* a Levana.

– Nós soubemos – disse a jornalista – que o grupo político radical que se intitula Associação da Segurança na Comunidade emitiu outra declaração pedindo a abdicação forçada do imperador Kaito, mais uma vez insistindo que ele não pode ser o governante de que precisamos nesses momentos difíceis e que, enquanto ele estiver nas mãos de terroristas, é impossível que tenha o bem-estar do país como preocupação principal. Embora a ideologia da ASC tenha sido amplamente ignorada na política, uma pesquisa recente divulgada pela rede indicou que as opiniões deles estão ganhando popularidade entre o público geral.

– Terroristas? – disse Iko, olhando para o grupo. – Ela está falando de *nós*?

Cinder passou a mão no rosto com frustração. Kai seria um ótimo líder, *era* um ótimo líder, mas ainda não tinha tido chance de provar isso. O estômago dela dava um nó de pensar que o reinado dele podia ser curto, tudo por causa dela.

Ela queria abraçar Kai e dizer que eles eram idiotas. Não tinham ideia do quanto ele ligava para o bem-estar do país.

Mas não era isso que ele precisava ouvir.

O display na retina dela foi mudando entre as transmissões mais assistidas. Contagens de corpos; total de mortos; filmagens das quarentenas da peste; adolescentes em fila em frente a centros de recrutamento, muitos deles parecendo quase eufóricos de se juntarem à luta para defender o planeta da invasão. Levava com o fino véu branco.

Ela desligou as transmissões.

Kai a estava observando.

– Está na hora, Cinder.

Hora de dizer adeus. Hora de seguir em frente. Hora de deixar para trás a pequena utopia na qual eles se esconderam.

– Eu sei – disse ela, com voz triste e pesada. – Thorne, vamos nos preparar para levar Kai para casa.

CAPÍTULO

Onze

– ACHEI QUE ENCONTRARIA VOCÊ AQUI.

Cinder espiou pela lateral da nave de passeio. Kai estava parado na porta com as mãos nos bolsos, vestindo novamente as roupas elegantes do casamento.

Ela tirou algumas mechas de cabelo da testa.

– Só estou fazendo algumas manutenções básicas – disse ela, soltando o medidor de bateria da nave e fechando a escotilha. – Cuidando para que esteja pronta para sua grande volta. Achei que era arriscado deixar que Thorne fosse seu piloto. O mínimo que eu podia fazer era ter certeza de que o transporte estaria em boas condições.

– Eu queria que você fosse com a gente.

– É, eu também, mas não podemos arriscar.

– Eu sei. É que é bom ter uma mecânica a bordo. Caso alguma coisa, sabe... quebre. – Ele coçou a orelha.

– Ah, é *por isso* que você me quer junto. Que lisonjeiro. – Cinder enrolou o fio no medidor e guardou no armário preso à parede.

– Isso e o fato de que vou sentir saudades. – A voz suave aqueceu a boca do estômago dela.

– Com sorte, nós vamos nos ver em breve.

– Eu sei.

Cinder tirou as luvas de trabalho e enfiou no bolso de trás. Ainda havia uma pontada de pânico nesse gesto, o cérebro lembrando-a, por questão de hábito, que ela não deveria tirar as luvas na frente de ninguém, principalmente Kai, mas ela ignorou a sensação. Kai nem piscou ao ver a mão ciborgue, como se nem reparasse mais nela.

Cinder sabia que *ela* estava pensando cada vez menos nisso. Às vezes, ficava até surpresa ao ver um brilho de metal com o canto do olho quando ia pegar alguma coisa. Era estranho. Ela sempre esteve bem ciente da mão ciborgue, morria de medo de alguém a ver.

– Você está com medo? – perguntou ela, tirando uma chave-inglesa do cinto de ferramentas.

– Morrendo – disse ele, mas com um descaso que a fez se sentir melhor por suas entranhas estarem todas cheias de nós de tensão. – Mas estou pronto para voltar. Tenho certeza de que Torin está prestes a ter um ataque cardíaco. E... – Ele deu de ombros. – Estou com uma certa saudade de casa.

– Vão ficar felizes de receber você de volta. – Cinder se ajoelhou ao lado da nave para verificar os parafusos no trem de pouso. Encaixou a chave-inglesa em um, dois, três parafusos. Nenhum estava solto. – Você sabe o que vai dizer para Levana?

Kai se agachou ao lado dela, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Vou dizer que me apaixonei por uma de minhas captoras e que o casamento está cancelado.

Cinder parou de mexer o braço.

Ele deu um sorrisinho.

– Ao menos, era o que eu queria poder dizer.

Ela soprou uma mecha de cabelo do rosto e terminou de verificar os parafusos antes de ir para o outro lado da nave e repetir o processo.

– Vou dizer a ela que não tive nada a ver com o sequestro – disse Kai, usando o que Cinder tinha passado a chamar de sua *voz de imperador*. – Não tenho ligação nenhuma com você e me esforcei para negociar uma libertação rápida. Eu fui vítima, fiquei preso como refém, não conseguia fugir. Devo inventar alguma coisa sobre tratamento desumano.

– Parece boa ideia.

– Depois, vou *implorar* para ela se casar comigo. De novo. – Ele curvou o lábio, cheio de repugnância.

Cinder não podia culpá-lo. Quanto mais pensava na situação, mais tinha vontade de sequestrar aquela nave e ir para Marte.

– Quando eu vir você de novo, vou ter roupas para todo mundo e placas novas para Iko – prosseguiu Kai. – Se você pensar em qualquer outra coisa de que possa precisar, Cress acha que consegue me mandar uma mensagem codificada. – Ele inspirou profundamente. – Aconteça o que acontecer, eu estou do seu lado.

O sentimento ao mesmo tempo a encorajou e gerou um choque de ansiedade nos seus nervos.

– Sinto muito por ter que botar você em tanto perigo.

– Você não está – disse ele. – Ela já ia me matar mesmo.

– Você pode tentar parecer mais preocupado quando diz isso.

– Com que preciso me preocupar? – Os olhos dele brilharam. – Você vai me salvar bem antes que isso aconteça.

Depois de ter terminado com os parafusos, ela se levantou e enfiou a chave-inglesa de volta no cinto.

– Cinder...

Ela parou, desconcertada pelo tom sério da voz dele.

– Tem uma coisa que tenho que dizer antes de ir. No caso...

– Não. Nem pense que essa vai ser a última vez que vamos nos ver.

Um sorriso melancólico surgiu nos lábios dele, mas sumiu com a mesma rapidez.

– Quero pedir desculpas.

– Por sugerir que essa pode ser a última vez que nos vemos? Porque isso é muito cruel quando estou aqui tentando trabalhar e...

– Cinder, me escute.

Ela contraiu o maxilar e deixou que Kai segurasse seus ombros, com os polegares delicados nas omoplatas.

– Desculpe pelo que aconteceu no baile. Desculpe por eu não ter confiado em você. Desculpe por... ter dito aquelas coisas.

Cinder afastou o rosto. Embora muita coisa tivesse mudado entre eles desde aquela noite, ainda parecia um golpe de furador de gelo no coração lembrar o jeito como ele a olhou e suas palavras horrorizadas: *É ainda mais doloroso olhar para você do que para ela.*

– Não importa mais. Você estava em estado de choque.

– Fui um idiota. Tenho vergonha agora de como tratei você. Eu deveria ter tido mais fé em você.

– Por favor. Você mal me conhecia. Depois, descobriu de uma vez só que sou ciborgue e lunar... Eu também não teria confiado

em mim. Além do mais, você estava muito estressado e...

Ele se debruçou e deu um beijo na testa dela. A delicadeza a fez parar.

– Você ainda era a garota que consertou Nainsi – disse ele. – Ainda era a garota que me avisou sobre os planos de Levana. Ainda era a garota que queria salvar a irmãzinha.

Ela se encolheu ao ouvir a menção a Peony, sua irmã mais nova. A morte dela era um ferimento que ainda não estava totalmente cicatrizado.

As mãos de Kai deslizaram pelos braços dela e seus dedos se entrelaçaram, pele com metal.

– Você estava tentando se proteger, e eu deveria ter me esforçado mais para defender você.

Cinder engoliu em seco.

– Quando você disse que era ainda mais doloroso olhar para mim do que para Levana...

Kai inspirou intensamente, como se a lembrança das palavras o machucasse tanto quanto a ela.

– ... eu... eu estava parecida com ela? Meu glamour se parece com o dela?

Ele franziu a testa entre as sobrancelhas e ficou olhando para ela, para dentro dela, e balançou a cabeça.

– Não exatamente. Você ainda estava com *sua* aparência, mas... – Ele lutou para achar uma palavra. – Perfeita. Uma versão sua sem defeitos.

Ficou claro que ele não falou como elogio.

– Você quer dizer uma versão nada natural de mim.

Depois de um momento de hesitação, ele disse:

– Acho que sim.

– Acho que foi instinto – disse ela. – Eu não me dei conta de que estava usando glamour. Só sabia que não queria que você soubesse que eu era ciborgue. – Um risinho sardônico. – Parece tão bobo agora.

– Que bom. – Ele a puxou para perto. – Acho que fizemos progresso.

Os lábios dele mal tocaram nos dela quando a porta se abriu.

– Estão com tudo de que precisamos? – perguntou Thorne, com a alegria de sempre. Iko, Cress e Lobo entraram depois dele.

Kai soltou as mãos de Cinder e ela deu um passo para trás, ajeitando o cinto de ferramentas.

– A nave está pronta. Verifiquei três vezes. Não deve haver nenhuma surpresa.

– E o convidado de honra?

– Estou com tudo com que vim – disse Kai, indicando as roupas de casamento amassadas.

Iko deu um passo à frente e entregou para Kai uma caixa com o rótulo de barras de proteína.

– Também temos um presente para você.

Ele virou a caixa para o jogo infantil impresso atrás.

– Que... delícia?

– *Abra* – disse Iko, se balançando nas pontas dos pés.

Kai abriu a tampa, virou a caixa e deixou cair na palma da mão uma corrente e um medalhão de prata. Ele levantou até a altura dos olhos e inspecionou a insígnia meio apagada.

– Octogésimo Sexto Regimento Espacial da República Americana – leu ele. – Estou vendo por que fez vocês pensarem

em mim.

– Encontramos em um dos uniformes militares antigos – disse Iko. – É para lembrá-lo de que você é um de nós agora, aconteça o que acontecer.

Kai sorriu.

– É perfeito. – Ele passou a corrente pelo pescoço e enfiou o medalhão dentro da camisa. Deu um abraço rápido de despedida em Cress, depois puxou Iko para um abraço apertado. Iko deu gritinhos e ficou paralisada.

Quando Kai se afastou, Iko olhou para ele, para Cinder e para ele de novo. Seus olhos de repente rolaram para dentro da cabeça e ela desabou no chão.

Kai deu um pulo para trás.

– O que aconteceu? Eu apertei o botão de desligar dela, por acaso?

Franzindo a testa, Cinder deu um passo para mais perto.

– Iko, o que você está fazendo?

– Kai me abraçou – disse Iko, ainda de olhos fechados. – Então, eu desmaiei.

Com uma gargalhada constrangida, Kai se virou para Cinder.

– Você não vai desmaiar também, vai?

– Duvido.

Kai passou os braços ao redor de Cinder e a beijou, e, apesar de ela não estar acostumada com plateia, não hesitou na hora de retribuir o beijo. Uma parte nada prática e nada calculista de seu cérebro mandou-a não o largar. Não dizer adeus.

A leveza se foi quando os dois se separaram. Ele encostou a testa na dela e as pontas de seu cabelo roçaram nas bochechas

de Cinder.

– Estou do seu lado – disse ele. – Aconteça o que acontecer.

– Eu sei.

Kai se virou para olhar para Lobo por último. Ele levantou o queixo e ajeitou a camisa elegante.

– Tudo bem, estou pronto quando você...

O soco acertou Kai no queixo e o derrubou para trás, em cima de Cinder. Todos ofegaram. Iko deu um pulo com um grito de surpresa enquanto Kai apertava a mão no rosto.

– Desculpe – disse Lobo, se encolhendo de culpa. – É melhor quando você não vê que está para acontecer.

– Não sei, não – disse Kai, com as palavras arrastadas.

Cinder puxou a mão dele para examinar o ferimento, que estava vermelho e já começando a inchar.

– Não abriu a pele. Ele está bem. Vai haver um hematoma grande quando ele voltar para a Terra.

– Desculpe – disse Lobo de novo.

Kai balançou a cabeça e não reclamou quando Cinder deu um beijo em sua bochecha.

– Não se preocupe – sussurrou ela. – É bizarramente atraente.

A gargalhada dele foi irônica, mas apreciativa. Ele a beijou uma última vez antes de ir correndo para a nave, como se pudesse mudar de ideia se ficasse mais.

– Também vou ganhar beijo de despedida? – disse Thorne, entrando na frente de Cinder.

Com cara feia, Cinder o empurrou.

– Lobo não é o único que sabe dar um gancho de direita aqui.

Thorne riu e levantou uma sobrancelha sugestiva para Iko.

A androide, ainda no chão, deu de ombros como quem pede desculpas.

– Eu adoraria dar um beijo de despedida, capitão, mas esse abraço apertado de Sua Majestade pode ter fritado uns fios aqui, e tenho medo de um beijo seu derreter meu processador central.

– Ah, acredite – disse Thorne, piscando para ela. – Aconteceria isso mesmo.

Por um instante, enquanto a piada ainda estava no rosto, o olhar de Thorne se virou com esperança para Cress, mas ela estava concentrada nas unhas.

De repente, o olhar sumiu e Thorne saiu andando para o lado do piloto da nave.

– Boa sorte – desejou Cinder, vendo-os prenderem o cinto.

Thorne fez uma saudação rápida, mas era com Kai que ela estava preocupada. Ele tentou sorrir, ainda massageando o maxilar, e as portas se fecharam ao redor deles.

– Para você também.

CAPÍTULO

Doze

KAI OBSERVOU AS MÃOS DE THORNE, APARENTEMENTE COMP mexerem em alguns interruptores no painel de controle da nave. Eles saíram da doca e mergulharam na direção do planeta Terra. Thorne digitou algumas coordenadas no computador, e Kai ficou surpreso com a pontada de saudade que sentiu ao ver as imagens de satélite da Comunidade das Nações Orientais surgirem na tela.

O plano era Thorne deixar Kai em um dos esconderijos reais, longe o bastante da civilização para a nave passar despercebida, se eles fossem rápidos, mas perto o bastante da cidade para Kai ser buscado em uma hora depois que alertasse sua equipe de segurança do retorno.

– Deve ser estranho para você – disse Thorne, arrastando os dedos por uma tela de radar. – Sua namorada ciborgue ser uma fora da lei procurada e sobrinha da sua noiva e tudo o mais.

Kai fez uma careta que fez seu rosto começar a doer de novo.

– Sinceramente, eu tento não pensar nos detalhes. – Ele desviou o olhar na direção da Rampion, que se afastava depressa da janela. – Ela se diz mesmo minha namorada?

– Ah, eu não teria como saber. Nós não passamos a noite fofocando e pintando unhas desde o sequestro.

Com cara feia, Kai encostou a cabeça no apoio do banco.

– Já estou desconfortável com você pilotando esta nave e estando no controle da minha vida. Tente não piorar as coisas.

– Por que todo mundo pensa que piloto tão mal?

– Cinder me contou.

– Bem, diga para Cinder que sou perfeitamente capaz de pilotar uma porcaria de nave sem matar ninguém. Minha instrutora de voo em Andrômeda, que é uma academia militar de muito prestígio na República...

– Eu sei o que é a Academia Andrômeda.

– Ah, bem, minha instrutora de voo disse que eu tinha talento nato.

– Certo – disse Kai. – Era a mesma instrutora de voo que escreveu no seu relatório oficial sobre sua falta de atenção, recusa de levar as precauções de segurança a sério e atitude tão confiante que costumava beirar a... qual foi a palavra que ela usou? “Tolice”, eu acho.

– Ah, é. A comandante Reid. Ela tinha uma quedinha por mim.

– O radar piscou e captou um cruzador ao longe, e Thorne foi rápido em mudar a direção para mantê-los fora do curso. – Eu não sabia que tinha um perseguidor real. Estou lisonjeado, Vossa Majestade.

– Melhor ainda, você teve uma equipe de governo inteira designada para descobrir informações sobre você. Eles se reportaram duas vezes por dia durante uma semana. Você fugiu com uma das criminosas mais procuradas do mundo, afinal.

– E sua namorada.

Kai sufocou ao mesmo tempo um sorriso e uma expressão de irritação.

– E minha namorada – admitiu ele.

– Eles demoraram uma semana, é? Cress poderia ter desenterrado minha biografia inteira em horas.

Kai refletiu sobre isso.

– Talvez eu ofereça um emprego a ela quando isso tudo acabar.

Ele esperava e não ficou desapontado: houve um tremor de irritação embaixo dos olhos de Thorne. Mas ele escondia com facilidade, sua expressão se transformando em indiferença.

– Talvez devesse mesmo.

Kai balançou a cabeça e afastou o rosto. A Terra ocupava a vista da janela, um caleidoscópio de oceano e solo. Ele segurou o cinto, sabendo que estavam disparados pelo espaço em velocidade apavorante, mas sentindo como se estivesse suspenso no tempo por um momento silencioso.

Relaxou os ombros, impressionado com a vista. Na próxima vez que subisse aqui, se tudo corresse de acordo com os planos, ele estaria a caminho de Luna.

– Sabe o que é muito estranho de pensar? – perguntou Kai, tanto para si mesmo quanto para Thorne. – Se Levana não tivesse tentado matar Cinder quando ela era criança, eu talvez estivesse noivo *dela* agora. Ela já seria rainha. Nós poderíamos estar tramando uma aliança juntos.

– É, mas ela teria sido criada em Luna. E, pelo que percebo, ser criada em Luna afeta muito as pessoas. Ela não seria a ciborgue fofa que todos nós aprendemos a adorar.

– Eu sei. Eu poderia desprezá-la tanto quanto desprezo Levana, apesar de ser difícil de imaginar.

Thorne assentiu, e Kai ficou aliviado de ele não dizer nada cretino enquanto a nave adentrava algumas nuvens. A luz ao redor começou a mudar e clarear conforme foram entrando nas primeiras camadas da atmosfera terráquea. A fricção fez a nave tremer, e gotas de água deslizavam pela janela, mas não demorou para eles passarem. O oceano Pacífico cintilava logo abaixo.

– Acho que isso tudo deve ser bem estranho para você também – disse Kai. – Um criminoso procurado pilotando a nave para levar um líder político sequestrado de volta ao país de onde você escapou.

Thorne riu com deboche.

– A parte esquisita é que não vou levar nenhum dinheiro de resgate. Se bem que, se você estiver se sentindo generoso...

– Não estou.

Thorne fez cara feia.

– Ah, talvez um pouco. Você foi condenado em três países, certo? Na Comunidade, na América e na Austrália?

– Não me lembre. Era de se pensar que essa coisa de união ia significar que poderíamos ter um pouco de consistência em nossos sistemas judiciais, mas *não*, você comete crimes em três países diferentes e todo mundo quer uma participação na punição.

Kai beliscou os lábios e deu a si mesmo uma última chance de reconsiderar. Só tinha tido a ideia poucos dias antes, e sua palavra seria sagrada depois que ele falasse em voz alta. Ele não queria abrir um precedente injusto como líder do país, mas, ao mesmo tempo, parecia *certo*. E qual era o sentido de ser imperador se ele não pudesse fazer as coisas às vezes só porque pareciam certas?

– Pode ser que eu me arrependa – disse ele, respirando fundo.
– Mas, Carswell Thorne, eu perdoo todos os seus crimes contra a Comunidade das Nações Orientais.

Thorne virou-se na direção de Kai. A nave deu um pulo para a frente e Kai ofegou, agarrando-se ao cinto.

– Ops, desculpe. – Thorne ajustou o nariz da nave e voltou ao voo firme. – Isso foi um, hã, uma estagnação... de ar. Mas o que você estava dizendo mesmo?

Kai expirou.

– Estou dizendo que você pode considerar que já serviu sua sentença, ao menos na Comunidade. Se nós dois sobrevivermos a isso, quando acabar, vou torná-lo oficial. Mas não posso fazer nada quanto aos outros países além de falar em seu nome. E, para ser sincero, provavelmente vão achar que fiquei maluco. Ou que estou sofrendo de síndrome de Estocolmo.

– Ah, você está *mesmo* sofrendo de síndrome de Estocolmo, mas não vou usar isso contra você. Então, certo. Ótimo. Posso ter isso por escrito?

– Não – disse Kai, vendo os controles da nave enquanto Thorne estava com a atenção voltada para ele de novo. – E o acordo só é válido se *nós dois sobrevivermos*.

– Sobrevivência mútua. Não vai ser problema. – Sorrindo, Thorne verificou o trajeto e fez alguns ajustes nos instrumentos de voo enquanto o Japão aparecia no horizonte.

– E tenho uma condição. Você tem que devolver tudo o que roubou.

O sorriso de Thorne começou a murchar, mas ele prendeu as mãos no console e sorriu de novo.

- Bonecas de sonhos e alguns uniformes adicionais? Feito.
- E?
- E... e é basicamente isso. Caramba, parece até que sou cleptomaníaco, sei lá.

Kai limpou a garganta.

- E a nave. Você tem que devolver a nave.

Os nós dos dedos de Thorne ficaram brancos.

- Mas... é minha nave.

– Não, ela pertence à República Americana. Se você quiser uma nave sua, vai ter que trabalhar por ela e comprar uma, como todo mundo.

– Ei, senhor nascido na realeza, o que você sabe sobre as coisas? – Mas a postura defensiva de Thorne sumiu com a mesma rapidez com que surgiu, terminando em uma cara emburrada e mal-humorada. – Além do mais, eu trabalhei por ela. A ladroagem não é fácil, sabe.

- Você não vai discutir comigo por causa disso, vai?

Thorne apertou bem os olhos, e cada músculo do corpo de Kai ficou tenso, mas então Thorne suspirou e os abriu de novo.

– Você não entende. A Rampion e eu passamos por muita coisa juntos. Eu posso tê-la roubado no começo, mas agora parece que ela pertence a mim.

– Mas ela *não* pertence a você. E você não pode esperar que o resto da sua tripulação queira ficar em uma nave roubada.

Thorne riu com deboche.

– Minha tripulação? Vou contar o que vai acontecer com minha tripulação quando isto acabar. – Ele foi marcando com os dedos. – Cinder vai ser a monarca de uma pedra enorme no céu.

lko vai aonde Cinder for, então vamos concluir que vai se tornar a cabeleireira da rainha ou alguma outra coisa assim. Você... você é parte da tripulação agora? Não importa, nós dois sabemos onde você vai terminar. E quando pegarmos Scarlet de volta, ela e Lobo vão se recolher em alguma fazenda na França e ter uma ninhada de lobinhos. É *isso* que vai acontecer com minha tripulação quando isto terminar.

– Parece que você já pensou bastante nisso.

– Talvez – disse Thorne, mexendo um ombro. – Eles são a primeira tripulação que eu tenho, e a maioria até me chama de capitão. Vou sentir falta deles.

Kai apertou os olhos.

– Reparei que você deixou Cress de fora. O que está acontecendo entre vocês dois, afinal?

Thorne riu.

– O quê? Não tem nada acontecendo. Nós... quer dizer, o que você quer dizer?

– Não sei. Ela parece mais à vontade perto de você do que de qualquer outra pessoa na nave. Eu só achei...

– Ah, não, não tem nada assim... Nós ficamos no deserto sozinhos por muito tempo, mas só isso. – Ele passou os dedos distraidamente pelos controles da nave, mas não tocou em nada. – Ela gostava de mim. Na verdade... – Ele riu de novo, mas foi uma risada mais tensa desta vez. – Ela achou que estava apaixonada por mim quando nos conhecemos. Engraçado, né?

Kai o observou com o canto do olho.

– Hilário.

Os nós dos dedos de Thorne ficaram brancos nos controles, depois ele olhou para Kai e começou a balançar a cabeça.

– O que é isso, uma sessão de terapia? Não importa.

– Meio que importa. Eu gosto de Cress. – Kai mexeu no cinto. – Também gosto de você, apesar de não dever.

– Você ficaria surpreso com a frequência com que ouço isso.

– Alguma coisa me diz que Cress talvez ainda goste de você, apesar de *ela* não dever.

Thorne suspirou.

– É, isso meio que resume tudo.

Kai inclinou a cabeça.

– Como assim?

– É complicado.

– Ah, é *complicado*. Porque eu não faço ideia de como são essas coisas. – Kai riu.

Thorne fez cara feia para ele.

– Não importa, doutor. É que, quando Cress achou que estava apaixonada por mim, estava na verdade apaixonada por um outro cara que ela inventou nas fantasias, um cara corajoso e altruísta e tal. Ele era um partidão. Quem podia culpá-la? Até eu gostei daquele cara. Eu meio que queria *ser* aquele cara. – Ele deu de ombros.

– Você tem certeza de que não é?

Thorne riu.

Kai, não.

– Você está brincando, né?

– Não.

– Hã, oi, sou Carswell Thorne, criminoso condenado no seu país. Já nos conhecemos?

Kai revirou os olhos.

– Estou dizendo que talvez você devesse parar de dedicar tanta energia a lamentar o fato de que Cress se enganou sobre você e começasse a dedicar energia a provar que ela estava certa, por exemplo.

– Eu agradeço a confiança, Vosso Psicólogo Real, mas estamos longe disso. Cress me esqueceu, e... é melhor.

– Mas você gosta dela?

Como Thorne não reagiu, Kai olhou de relance e notou a atenção de Thorne grudada na janela do cockpit. Por fim, ele respondeu:

– Como eu falei, não importa.

Kai afastou o olhar. De alguma forma, a incapacidade de Thorne de falar sobre sua afeição por Cress falava bem mais alto do que uma confissão direta. Afinal, ele não tinha dificuldade em fazer comentários sugestivos sobre Cinder.

– Tudo bem – disse ele. – E o que Cress *vai* fazer quando isto tudo terminar?

– Não sei – disse Thorne. – Talvez vá trabalhar para você na sua equipe de vigilância real.

Abaixo, a mancha de terra virou praias e arranha-céus e o monte Fuji, e, mais além, um continente inteiro, vivo e verdejante e acolhedor.

– Mas acho que não é isso que ela ia querer – refletiu Thorne. – Ela quer ver o mundo depois de ter ficado presa naquele satélite a vida toda. Ela quer viajar.

– Então, acho que ela devia ficar com você, afinal. Que jeito melhor há de se viajar do que de espaçonave?

Mas Thorne balançou a cabeça, decidido.

– Não, acredite. Ela merece uma vida melhor do que isso.

Kai se inclinou para ver melhor seu lar surgindo à frente.

– É exatamente o que eu queria dizer.

CAPÍTULO
Trize

– **QUANDO VOCÊ APRENDE BORDAR** PERGUNTOU JACIN, REMEXENDO a cesta pendurada no cotovelo de Winter.

Ela ficou exultante.

– Algumas semanas atrás.

Jacin pegou uma toalha de mão na coleção e observou os pontos precisos que formavam um amontoado de estrelas e planetas nas bordas.

– Você estava conseguindo dormir?

– Não muito, não. – Ela mexeu na cesta e entregou para ele um cobertor de bebê bordado com um cardume de peixes nadando pela borda. – Este é meu favorito. Demorei quatro dias inteiros.

Ele grunhiu.

– Imagino que as visões estivessem ruins nessa semana.

– Horríveis – disse ela com tom leve. – Mas agora tenho todos esses presentes. – Ela pegou o cobertor na mão dele e guardou no meio dos tecidos coloridos. – Você sabe que me manter ocupada ajuda. É quando estou à toa que os monstros vêm.

Jacin a observou pelo canto do olho. Ele já era guarda dela havia semanas, mas eles raramente conversavam de forma tão casual ou andavam lado a lado assim; esperava-se que os guardas mantivessem uma distância respeitosa da pessoa que estavam

protegendo. Mas, naquele dia, Winter o arrastou até o AR-2, um dos domos adjacentes ao setor central. Era composto por lojas chiques no meio de bairros residenciais, mas cedo assim todas as lojas ainda estavam fechadas, e as ruas, vazias e pacíficas. Não havia ninguém para se preocupar com o que era apropriado.

– E todos esses presentes são para os vendedores?

– Vendedores, trabalhadores, empregados. – Os olhos dela brilharam. – A máquina de Artemísia na qual ninguém presta atenção.

As classes mais baixas, então. As pessoas que cuidavam do lixo e faziam a comida e garantiam todas as necessidades da aristocracia de Luna. Eram recompensadas com vidas bem mais invejáveis do que os trabalhadores dos setores externos. Barrigas cheias, no mínimo. O único lado ruim era que elas tinham que morar em Artemísia, cercadas pela política e pelos jogos mentais da cidade. Um bom empregado era tratado como um bichinho amado, mimado e bajulado quando era querido, mas era surrado e descartado quando não tinha mais utilidade.

Jacin sempre pensou que, dada a escolha, ele preferiria arriscar a sorte nas minas ou fábricas.

– Você os tem visitado muito? – perguntou ele.

– Não tanto quanto eu gostaria. Mas uma das assistentes do chapeleiro teve bebê, e eu queria dar uma coisa para ela. Acha que ela vai gostar?

– Vai ser a melhor coisa que a criança vai ter.

Winter deu um pulinho alegre enquanto andava.

– Minha mãe era ótima costureira, sabe. Estava ficando bem popular entre as lojas de vestidos quando... bem. De qualquer

modo, ela bordou meu cobertorzinho. Levana tentou jogar fora, mas papai conseguiu guardar. É um dos meus bens mais preciosos. – Ela bateu os cílios, e Jacin sentiu os lábios tremerem para ela, contra a vontade.

– Eu sabia que ela era costureira – disse ele. – Mas como nunca vi esse seu cobertorzinho especial?

– Fiquei com vergonha de falar sobre ele.

Ele riu, mas como Winter não riu junto, o som sumiu.

– É mesmo?

Winter deu de ombros, dando seu sorriso malicioso.

– É besteira, não é? Eu me apegar a um cobertorzinho de bebê, dentre todas as coisas? – Ela respirou fundo. – Mas também é meu homônimo. Ela bordou uma cena do inverno na Terra, com neve e folhas sem árvore e um par de luvinhas vermelhas. Luvinhas daquelas em que os dedos ficam todos juntos.

Jacin balançou a cabeça.

– Com vergonha de me mostrar. É a coisa mais idiota que já ouvi.

– Tudo bem. Vou mostrar se você quiser.

– Claro que quero.

Ele ficou surpreso com o quanto a confissão dela o magoou. Ele e Winter compartilhavam tudo desde que eram crianças. Nunca lhe ocorreu que ela podia esconder uma coisa assim, principalmente uma coisa tão importante quanto um presente da mãe, que tinha morrido no parto. Mas o humor dele melhorou quando lembrou:

– Eu contei que vi neve quando fui à Terra?

Winter parou de andar, os olhos arregalados.

– Neve de verdade?

– Tivemos que esconder a nave na Sibéria, em uma tundra enorme.

Ela o olhou como se fosse derrubá-lo se ele não desse mais detalhes.

Com um sorrisinho, Jacin passou os polegares no cinto e se balançou nos calcanhares.

– Só isso.

– Não é só isso. Como era?

Ele deu de ombros.

– Branca. Cegante. E muito fria.

– Brilhava como diamante?

– Às vezes. Quando o sol batia nela.

– Como era o cheiro?

Ele se encolheu.

– Não sei, Win... princesa. Meio que como gelo, eu acho. Não passei muito tempo do lado de fora. Na maior parte do tempo, ficávamos enfiados na nave.

O olhar dela vacilou com o escorregão de Jacin ao quase dizer seu nome. Parecia desapontada, o que deu a ele um vislumbre de culpa.

Ele bateu de leve nas costas dela com o ombro.

– Seus pais escolheram bem. Você foi batizada em homenagem a uma coisa bonita. É adequado.

– *Winter* – sussurrou ela. – Inverno.

Sua expressão ficou especulativa, com as luzes de uma loja de vestidos acentuando as manchas cinzentas nos olhos.

Jacin tentou não ficar constrangido quando afastou o olhar. Havia vezes que ela estava tão perto que ele ficava impressionado com sua própria habilidade de não botar as mãos nela.

Passando a cesta para o outro braço, Winter recomeçou a andar.

– Nem todo mundo me acha bonita.

Ele riu.

– Quem disse isso estava mentindo. Ou com inveja. Provavelmente, as duas coisas.

– *Você* não me acha bonita.

Ele riu de novo, de um jeito meio descontrolado, depois gargalhou mais quando ela fez cara feia.

– Isso é engraçado?

Ele controlou a expressão e imitou a cara feia dela.

– Se ficar dizendo coisas assim, as pessoas vão começar a pensar que você ficou maluca.

Ela abriu a boca para refutar. Hesitou. Quase deu de cara com uma parede, mas Jacin a puxou para o centro do beco estreito.

– Você nunca me chamou de bonita, nem uma vez – disse ela, depois que ele puxou a mão de volta para perto do corpo.

– Caso não tenha reparado, você tem um país inteiro de pessoas cantando elogios para você. Sabia que escrevem poesias sobre você nos setores externos? Eu tive que ouvir um bêbado cantar uma balada inteira alguns meses atrás sobre sua *perfeição de deusa*. Tenho certeza de que a galáxia não precisa da minha opinião sobre o assunto.

Ela baixou a cabeça e escondeu o rosto atrás de uma cascata de cabelo. E isso foi ótimo. As bochechas de Jacin tinham ficado

quentes, o que o deixou ao mesmo tempo sem graça e irritado.

– *Sua* opinião é a única que interessa – sussurrou ela.

Jacin enrijeceu e lançou um olhar que não foi retribuído. Ele se deu conta de que talvez os tivesse levado a um assunto que não tinha intenção de explorar mais. Fantasias, claro. Desejos, o tempo todo. Mas realidade? Não, isso era tabu. Não terminaria em nada de bom.

Ela era uma princesa. Sua madrasta era uma tirana que casaria Winter com alguém politicamente benéfico para os desejos dela.

Jacin era o oposto de politicamente benéfico.

Mas ali estavam eles, e ali estava ela, toda bonita e rejeitada. Por que ele teve que abrir a boca enorme e burra?

Jacin suspirou, exasperado. Com ela. Consigo mesmo. Com a situação toda.

– Por favor, princesa. Você sabe o que sinto por você. *Todo mundo* sabe o que sinto por você.

Winter parou de novo, mas ele continuou andando, balançando o dedo acima do ombro.

– Não vou dizer essas coisas e olhar para você ao mesmo tempo, então me acompanhe.

Ela deu uma corridinha atrás dele.

– O que você sente por mim?

– Não. Já chega. Isso é tudo o que eu vou dizer. Eu sou seu *guarda*. Estou aqui para proteger você e deixá-la longe de problemas, só isso. Nós não vamos trocar palavras que vão resultar em um monte de noites constrangedoras minhas de pé em frente à porta do seu quarto, entendeu?

Ele ficou surpreso com a irritação em sua voz; não, com o quanto *pareceu estar* irritado. Porque era impossível. Era impossível e injusto, e ele passou anos demais nas trincheiras da injustiça para se irritar com isso.

Winter andou ao lado dele, os dedos envolvendo a alça da cesta. Pelo menos ela não estava tentando mais chamar a atenção, o que era uma pequena misericórdia.

– Eu *sei* o que você sente por mim – admitiu ela por fim, e pareceu uma confissão. – Sei que você é meu guarda e é meu melhor amigo. Sei que você morreria por mim. E sei que, se isso acontecesse, eu morreria logo depois.

– É – disse ele. – É basicamente isso.

O som de um moedor de grãos de café ecoou pela passarela de pedra, e o cheiro de pão assando atacou os sentidos de Jacin. Ele se preparou.

– Eu também acho você meio bonitinha. Você sabe. Em um dia bom.

Ela riu e o cutucou com o ombro. Ele a cutucou de volta, e ela cambaleou para cima de um vaso de flores, rindo mais.

– Você também é meio bonitinho – disse ela.

Ele fez uma cara feia, mas era impossível se segurar quando ela estava rindo assim.

– Vossa Alteza!

Os dois pararam. Jacin enrijeceu e a mão foi até o coldre da arma, mas era só uma garotinha olhando os dois da porta de uma lojinha. Um balde cheio de sabão estava intocado aos pés dela, e os olhos estavam tão grandes e redondos quanto a Terra.

– Ah, oi – disse Winter, ajeitando a cesta. – Astrid, não é?

A garota assentiu, com calor subindo pelas bochechas enquanto olhava para a princesa.

– Eu... – Ela olhou para a loja e de novo para Winter. – Espere aqui! – gritou, e largou um trapo no balde com um barulho molhado e entrou correndo pela porta.

Winter inclinou a cabeça para o lado e o cabelo caiu por cima do ombro.

– Você conhece aquela criança?

– A mãe e o pai dela são donos dessa floricultura. – Ela passou os dedos por uma trepadeira na janela.

Jacin grunhiu.

– O que ela quer?

– Como eu posso saber? Eu queria ter trazido alguma coisa para eles...

A garota reapareceu, com dois garotos menores junto.

– Está vendo? Eu falei que ela ia voltar! – disse ela. Os garotos pararam para olhar Winter com o queixo caído. O mais novo estava segurando um aro de galhos e flores secas com as duas mãos.

– Oi – cumprimentou Winter, fazendo uma reverência para cada um. – Acredito que não tivemos o prazer de nos conhecer. Sou Winter.

Como os garotos não encontraram coragem para falar, Astrid respondeu:

– Eles são meus irmãos, Vossa Alteza, Dorsey e Dylan. Eu falei que você comprou flores na nossa loja e eles não acreditaram.

– Ah, é verdade. Comprei um arranjo de belldandies azuis e deixei na minha mesa de cabeceira por uma semana.

– Uau – sussurrou Dorsey.

Winter sorriu.

– Peço desculpas por não podermos ficar para dar uma olhada na loja de vocês esta manhã, mas estamos indo visitar a assistente do chapeleiro. Vocês já viram o bebê?

Os três balançaram a cabeça. Em seguida, Astrid cutucou o menino mais novo, Dylan, com o cotovelo. Ele deu um pulo, mas não conseguiu reunir coragem para falar.

– Nós fizemos uma coisa para você – disse Astrid. – Estávamos esperando que voltasse. É só... é só das sobras, mas... – Ela cutucou o irmão de novo, com mais força desta vez, e ele finalmente levantou o aro de flores.

– O que é isso? – perguntou Winter, pegando nas mãos.

Jacin franziu a testa, mas levou um susto ao perceber o que era.

O garoto mais velho respondeu:

– É uma coroa, Vossa Alteza. Demoramos quase uma semana juntando todas as peças. – As bochechas dele estavam bem vermelhas.

– Sei que não é muito – disse a garota. – Mas é para você.

O garoto mais novo, depois de entregar o presente, disse de repente “Você é *linda*” antes de se esconder atrás do irmão.

Winter riu.

– Vocês são muito gentis. Obrigada.

Uma luz enevoada chamou a atenção de Jacin. Ele olhou para cima e viu um nódulo no beiral da loja ao lado, uma pequena câmera observando as lojas e os empregados. Havia milhares de câmeras idênticas em setores de toda a Luna, e ele sabia que as

chances de alguém dar atenção às filmagens de uma manhã sem movimento em AR-2 eram improváveis, mas um arrepio ameaçador subiu pela espinha.

– A coroa é linda – disse Winter, admirando os pequenos galhinhos de flores. Ela colocou em cima dos cachos pretos densos. – Tão esplêndida quanto as joias da rainha. Vou sempre gostar dela.

Com um rosnado, Jacin arrancou a coroa da cabeça dela e a colocou na cesta.

– Ela vai ser bem apreciada aí dentro – cortou ele, com um alerta na voz. – A princesa está ocupada. Voltem para dentro e não comentem com os amigos sobre isso.

Com gritinhos assustados e olhos arregalados, as crianças não podiam ter voltado para a floricultura mais rápido. Segurando o cotovelo de Winter, Jacin a arrastou para longe, mas ela logo soltou o braço da mão dele.

– Por que você fez aquilo? – perguntou ela.

– Passou uma impressão ruim.

– Aceitar um presente de crianças? Sinceramente, Jacin, você não precisa ser tão mau.

– Você poderia ser um pouco menos *gentil* – respondeu ele, observando as paredes e janelas, mas sem ver mais nenhuma câmera. – Colocar na cabeça. Você está maluca? – Ela fez cara feia para ele, que fez cara feia para ela, sem pedir desculpas. – Você tem sorte de ninguém ter visto. – Ele indicou a cesta. – Cubra antes que eu a tire daí e enterre em um desses vasos.

– Você está exagerando – disse Winter, mas puxou algumas toalhas de mão para esconder os galhos.

– Você não é rainha, princesa.

O olhar dela encontrou o dele, perplexo.

– Eu não quero ser rainha.

– Então, pare de aceitar *coroas*.

Bufando, Winter se virou e saiu andando, como uma verdadeira princesa marcharia na frente de seu guarda.

CAPÍTULO
Quatorze

KAI ESPEROU ATÉ A NAVE DE THORNE SER UM BRILHO AO LONGE PA tablet que Cinder lhe deu. Sem chip de identificação oficial para confirmar sua identidade, a mensagem para o conselheiro real Konn Torin foi interceptada pelo mainframe de comunicações do palácio. O rosto de uma jovem estagiária apareceu.

– Palácio de Nova Pequim. Como posso... direcionar... – Os olhos dela se arregalaram.

Kai sorriu.

– Imperador Kaito para o conselheiro real Konn Torin, por favor.

– S-Sim, Vossa Majestade. Claro. Agora mesmo. – As bochechas dela ficaram vermelhas enquanto se enrolava para redirecionar a mensagem. Em pouco tempo, a imagem foi substituída pela de Torin.

– Vossa Majestade! É... você está... um momento. Estou saindo de uma reunião com o gabinete... você está bem?

– Estou ótimo, Torin. Mas pronto para ir para casa.

Ele ouviu o estalo de uma porta.

– Onde você está? Está em segurança? Precisa...?

– Vou contar tudo quando voltar. Agora, estou em nosso esconderijo nos terraços de Taihang, e estou sozinho. Se você

puder alertar a guarda do palácio...

– Agora mesmo, Vossa Majestade. Vamos estar aí muito em breve.

Torin sugeriu que eles deixassem a linha aberta, com medo de mais alguém ir pegar Kai antes que a equipe de segurança chegasse. Apesar de Cinder ter garantido que o tablet em si era impossível de ser rastreado, o link não foi preparado como comunicação direta, e era possível que lunares estivessem ouvindo. Mas Kai sabia que Luna tinha perdido seu melhor método de observação quando perdeu Cress, então insistiu que estava bem, que ficaria *bem*, antes de encerrar a comunicação.

Ele precisava de um momento para pensar antes que a galáxia toda saísse de controle de novo.

Prendendo o tablet no cinto, Kai subiu em uma das pedras grandes com vista para o vale. Cruzou as pernas, surpreso com o quanto se sentia calmo olhando para os terraços, platôs que envolviam as montanhas exuberantes, o brilho provocador de um rio que serpenteava aos pés delas. Ele poderia ter entrado na casa para esperar, mas o tempo estava quente e havia uma brisa com cheiro de jasmim, e fazia tempo demais que ele não admirava o belo país no qual nasceu.

Depois de semanas a bordo da Rampion, com o ar reciclado e água processada, ele estava feliz de estar em casa.

E, apesar de nunca ter visto Luna nem seus biodomos cheios de florestas artificiais e lagos feitos pelo homem, ele estava começando a entender por que Levana podia querer enfiar as garras na Terra também.

Pouco tempo tinha se passado quando Kai ouviu o zumbido de motores. Ele fixou o olhar no horizonte, esperando as naves. Quando chegaram, chegaram com tudo, doze naves militares cercando a casa, muitas com armas em riste e uma grande quantidade de pessoas verificando os arredores em busca de sinais de ameaça.

Semicerrando os olhos por causa do sol, Kai tirou o cabelo da testa quando a maior nave pousou não muito longe da casa. Policiais uniformizados saíram, ocuparam a área e verificaram se havia a presença de formas de vida próximas, todos falando nos fones e segurando armas ameaçadoras.

– Vossa Alteza Imperial – gritou um homem de cabelo grisalho, liderando uma equipe de quatro homens até Kai. – Estamos felizes em vê-lo, senhor. Permissão para conduzir uma avaliação de segurança?

Kai desceu da pedra e entregou o tablet para um dos policiais, que o colocou em um saco de evidências. Então, esticou os braços enquanto outro policial passava um escâner pelos membros dele.

– Está limpo. Bem-vindo de volta, Vossa Majestade.

– Obrigado. Onde está Konn...

Um estrondo fez cinco ou seis homens se virarem na direção da casa, gritando e apontando as armas para a porta que tinha se aberto.

Konn Torin saiu mais atormentado do que Kai já o tinha visto.

– Conselheiro real Konn Torin – gritou, levantando as mãos.

Ele olhou uma vez para as armas, depois olhou para Kai perto da beirada do platô. Os ombros murcharam de alívio e, assim que

um dos policiais verificou o pulso dele e confirmou sua identidade, Torin fez uma coisa que nunca tinha feito antes.

Correu na direção de Kai e o abraçou.

O abraço foi tão rápido quanto inesperado, e Torin se afastou, segurou Kai com os braços esticados e o examinou. Kai ficou surpreso de ver que era um pouco mais alto do que Torin. Isso não podia ter acontecido nas últimas semanas. Talvez ele fosse mais alto havia meses e não tivesse reparado. Como conhecia Torin desde que era criança, era difícil mudar a percepção que tinha dele.

Cinder disse a ele que Torin a informou do segundo chip de Kai. Talvez ele fosse mais cheio de surpresas do que Kai lhe dava crédito.

– Seu rosto! – disse Torin. – O que fizeram com você? Ela me *prometeu...*

– Eu estou bem – respondeu Kai, apertando o braço de Torin. – É só um hematoma. Não se preocupe.

– Não se preocupe...!

– Vossa Majestade – interrompeu o homem grisalho –, para evitar a atenção da mídia pode ser bom você voltar pelos subníveis do esconderijo. Vamos mandar uma equipe para escoltá-lo.

Kai olhou ao redor. Vários guardas do palácio surgiram para acompanhar os militares.

– Se eu soubesse que isso era uma opção, teria evitado essa confusão toda.

O policial não reagiu.

– Ah, certo. Obrigado pela meticulosidade. Vamos.

Torin o acompanhou junto com demais guardas pelas portas do porão.

– Nainsi vai ter chá pronto esperando você, e os chefs receberam a ordem de preparar um lanche para sua volta – disse Torin. – O secretário de imprensa está rascunhando uma declaração para a imprensa, mas você vai precisar ser informado da posição oficial do palácio sobre a falha de segurança e o sequestro antes de liberarmos qualquer coisa.

Kai teve que baixar a cabeça ao entrar no porão da casa. Estava arrumado, apesar de umas poucas teias de aranha nos cantos, e, quando eles seguiram para as passagens embaixo das montanhas, elas foram ficando mais claras e limpas.

– Qual é o estado do palácio? – perguntou Kai.

– Os soldados inimigos ainda não atravessaram os muros. Nossos analistas táticos acreditam que, se entrarem no palácio e descobrirem que não há pessoas para matar, vão redirecionar a atenção para outro lugar. Até agora, descobrimos que esses soldados não parecem interessados em destruição geral nem em roubo, só em matar.

– A não ser que Levana esteja usando o palácio para fazer uma declaração. Sugeriria que eles estão vencendo.

– É uma possibilidade.

Eles dobraram uma esquina, e, ao longe, Kai identificou atividade: falas e passos e o zumbido de máquinas. Sua equipe toda estava espremida naquele labirinto de salas e corredores. Ele quase desejou ter ficado no terraço.

– Torin, e as famílias de todas essas pessoas? Elas estão em segurança?

– Sim, senhor. Os familiares de todos os oficiais do governo foram realocados para o palácio quarenta e oito horas depois dos primeiros ataques. Estão todos aqui.

– E todas as pessoas que não são oficiais do governo? Os chefs? Os... os empregados?

– Infelizmente, não tínhamos espaço para todo mundo. Teríamos trazido a cidade inteira se pudéssemos.

As entranhas de Kai se contraíram. Ele teria levado o *país* todo com ele se pudesse.

– Claro – disse ele, se obrigando a não pensar nas coisas que não poderia mudar. – Eu tenho um escritório aqui? Preciso que Nainsi organize uma reunião. Esta tarde, se possível.

– Sim, Vossa Majestade. Também há aposentos particulares separados para a família real. Mande preparar-los agora.

– Bem, eu sou um só e preciso apenas de um quarto. Podemos encontrar alguma coisa mais útil para fazer com os outros.

– Claro. Quem Nainsi deve chamar para a reunião?

Ele inspirou fundo.

– Minha noiva.

Torin reduziu a velocidade dos passos, e Kai achou que ele pararia, mas apenas empertigou os ombros e continuou andando pelo corredor. Um dos guardas à frente estava gritando: “Abram caminho! Abram caminho!”, enquanto funcionários e oficiais curiosos apareciam nas portas. Os boatos estavam se espalhando rápido e, quando Kai olhava nos olhos de quem via enquanto passava, enxergava alegria e alívio nos rostos das pessoas.

Ele engoliu em seco. Era estranho pensar em quanta gente estava preocupada com ele, não só as pessoas que via todos os

dias, mas os cidadãos por toda a Comunidade, esperando para saber se os sequestradores iam devolver o imperador em segurança, sem ter ideia de que Linh Cinder era a última pessoa no mundo que lhe faria mal. Ele sentiu um pouco de culpa por ter apreciado o tempo que passou a bordo da Rampion.

– Vossa Majestade – disse Torin, baixando a voz ao alcançá-lo novamente –, devo aconselhá-lo a reconsiderar seu acordo com a rainha Levana. Deveríamos ao menos discutir o melhor caminho antes de tomarmos decisões precipitadas.

Kai deu uma olhada no conselheiro.

– Nosso governo está sendo conduzido de um enorme abrigo antibombas e tem mutantes lunares batendo nas portas do meu palácio. Não estou tomando decisões precipitadas. Estou fazendo o que tem que ser feito.

– O que as pessoas vão pensar quando souberem que você pretende ir adiante com um casamento com a mulher que é responsável por centenas de milhares de mortes?

– Milhões. Ela é responsável por *milhões* de mortes. Mas isso não muda nada. Nós ainda precisamos do antídoto dela para a letumose, e estou torcendo para que ela aceite os termos de um novo cessar-fogo quando confirmarmos os detalhes da aliança.

Um dos guardas indicou uma porta aberta.

– Seu escritório, Vossa Majestade.

– Obrigado. Eu gostaria de um momento de privacidade com Konn-dàren, mas, se uma androide chegar com chá, pode mandar entrar.

– Sim, senhor.

Ele entrou no escritório. Era menos luxuoso do que o escritório no palácio, mas não desconfortável. Sem janelas, a sala era preenchida por luz artificial, mas a cobertura de bambu nas paredes dava ao espaço um certo calor e ajudava a amortecer o som dos passos de Kai no piso de concreto. Uma mesa grande com um netscreen e seis cadeiras ocupavam o resto do espaço.

Kai congelou quando seus olhos pousaram na mesa, e começou a rir. No canto, havia um pequeno pé ciborgue todo sujo.

– Você está de brincadeira – disse ele, pegando o pé.

– Achei que estava se tornando um sinal de boa sorte – comentou Torin. – Se bem que, em retrospecto, não consigo imaginar o que me levou a pensar isso.

Sorrindo, Kai colocou o pé abandonado de Cinder no lugar.

– Vossa Majestade – continuou Torin –, o que você quis dizer quando falou que Levana já é responsável por *milhões* de mortes?

Kai se encostou na mesa.

– Nós achávamos que essa guerra tinha começado quando os soldados especiais dela atacaram aquelas primeiras quinze cidades, mas estávamos enganados. Essa guerra começou quando a letumose foi fabricada em um laboratório lunar e trazida para a Terra pela primeira vez. Todos esses anos, ela estava travando uma guerra biológica conosco, e nós nem tínhamos ideia.

Apesar de ser habilidoso em esconder as emoções, Torin não conseguiu esconder o horror crescente.

– Você tem certeza?

– Tenho. Ela queria nos enfraquecer, tanto em população quanto em recursos, antes de atacar. Também desconfio que a

manobra de oferecer um antídoto como moeda de barganha tenha sido elaborada para criar uma dependência imediata de Luna... quando ela se tornasse imperatriz.

– E você não acha que isso muda nada? Você sabe que tudo foi uma estratégia para coagi-lo a entrar nessa aliança e ainda planeja ir em frente? Vossa Majestade, deve haver outro jeito. Alguma coisa que ainda não consideramos. – A expressão de Torin ficou tensa. – Devo informar que, na sua ausência, designamos uma equipe concentrada em criar uma nova classe de armas militares que vão penetrar até os biodomos de Luna.

Kai sustentou o olhar dele.

– Estamos construindo bombas.

– Estamos. É um processo lento. Nenhuma força militar da Terra constrói armas assim desde o final da Quarta Guerra Mundial, e há modificações únicas exigidas para enfraquecer Luna. Mas acreditamos que, com os recursos limitados de Luna e a dependência dos domos para protegê-los... o sucesso de algumas bombas poderia significar um fim rápido para a guerra.

Kai olhou para a mesa. Toda a população de Luna vivia embaixo de biodomos particularmente criados para oferecer uma atmosfera respirável, uma gravidade artificial e a capacidade de plantar árvores e lavoura. Destruir uma dessas barreiras protetoras mataria todo mundo lá dentro.

– Quanto tempo até essas armas ficarem prontas? – perguntou ele.

– Terminamos o primeiro protótipo e torcemos para ter a primeira leva pronta entre quatro e seis semanas. A frota de

espaçonaves necessária para transportar essas armas está pronta.

Kai fez uma careta. Não queria dizer, mas desprezava a ideia de reduzir as cidades lunares a escombros. Ele já tinha começado a pensar em Luna como pertencente a Cinder, e não queria destruir o reino que poderia um dia ser dela. Mas, se pudesse terminar a guerra e proteger a Terra...

– Mantenha-me informado de qualquer desenvolvimento – disse ele. – E deixe a frota espacial pronta para partir a qualquer momento. Isso é um último recurso. Primeiro, vamos tentar chegar a uma solução pacífica. Infelizmente, isso começa acalmando Levana.

– Vossa Majestade, imploro para que você reconsidere. Nós não estamos *perdendo* essa guerra. Ainda não.

– Mas também não estamos ganhando. – Os lábios de Kai se retorceram. – E uma coisa mudou. Até agora, Levana está dando todas as cartas, mas, pela primeira vez, posso estar um passo à frente.

Semicerrando os olhos, Torin deu um passo para mais perto.

– Isso não é relacionado a uma aliança, é?

– Ah, eu realmente pretendo formar uma aliança com Luna. – Kai olhou para o pé ciborgue de novo. – Só pretendo botar uma rainha diferente no trono.

CAPÍTULO

Quinze

O LINK DE COMUNICAÇÃO DEMOROU SÉCULOS PARA SER ESTABELECIDO enquanto Kai ficava de pé na frente do netscreen com as mãos unidas nas costas e o coração batendo mais alto do que o motor da Rampion. Ele não se deu ao trabalho de tirar a camisa branca de seda do casamento que estava usando quando foi sequestrado, apesar de estar amassada e ter um burquinho onde o dardo tranquilizador de Cinder a perfurou. Achava que Levana poderia apreciar o fato de que fazer contato com ela era prioridade absoluta, acima da troca de roupa, acima até de alertar a imprensa terráquea sobre sua volta.

Ele ia usar todas as táticas em que conseguisse pensar para cair nas graças dela de novo. Qualquer coisa para tornar o plano crível.

Finalmente, *finalmente* o pequeno globo no canto parou de girar e o netscreen se acendeu, revelando Levana com o fino véu branco.

– É possível que seja meu querido jovem imperador? – sussurrou ela. – Eu tinha praticamente dado você como perdido. Quanto tempo tem, mais de um mês, eu acho? Achei que seus captores o tinham assassinado e desmembrado a essas alturas.

Kai sorriu, fingindo que ela tinha feito uma piada divertida.

– Sofri uns galos e arranhões aqui e ali, mas nada tão horrível assim.

– Entendo – refletiu Levana, inclinando a cabeça. – Esse hematoma na bochecha parece recente.

– Mais recente do que alguns dos outros, é – disse Kai. Fingir que o tempo que passou a bordo da Rampion foi uma provação que ele quase não aguentou era o primeiro passo da estratégia. – Linh Cinder deixou claro desde o começo que eu era um prisioneiro na nave dela, não convidado. Cá entre nós, acho que ela ainda estava aborrecida porque mandei prendê-la no baile.

– Que selvagem.

– Estou me considerando um cara de sorte. Finalmente consegui negociar minha liberdade. Acabei de voltar a Nova Pequim. Informá-la da minha volta era minha maior prioridade.

– E a que devemos essa ocasião feliz? Desconfio que as negociações devam ter sido desagradáveis.

– Meus sequestradores tinham muitas exigências. Um pagamento em dinheiro, claro, e também que eu cancelasse a busca pelos fugitivos, tanto Linh Cinder quanto Carswell Thorne.

O véu tremeu quando Levana ajustou as mãos no colo.

– Eles devem ter achado que a captura deles era iminente – disse ela, com tom de quem não estava impressionada. – Se bem que não vejo como seria possível, considerando que você não conseguiu capturá-los quando eles estavam *no seu próprio palácio*.

O sorriso de Kai permaneceu no lugar.

– Mesmo assim, eu concordei com tudo. Mas não dei garantias quanto ao resto da União ou a Luna. Espero que esses criminosos

sejam encontrados e julgados pelos crimes deles, inclusive o ataque a mim e o sequestro.

– Espero que sim – disse Levana, e ele sabia que ela estava debochando dele, mas, pela primeira vez, saber disso não provocou um arrepio na pele.

– Eles fizeram uma exigência adicional. – Nas costas, Kai apertou as mãos, depositando toda a energia nervosa nelas. – Insistiram para que eu me recusasse a seguir em frente com os termos da aliança sobre os quais eu e você concordamos. Pediram que o casamento não tivesse permissão de acontecer.

– Ah – disse a rainha, com uma gargalhada perversa –, agora chegamos ao motivo pelo qual fazer contato comigo era uma prioridade tão grande. Tenho certeza de que você ficou arrasado de concordar com termos tão ofensivos.

– Na verdade, não – retrucou ele, na cara de pau.

Levana se encostou, e ele viu os ombros dela tremendo.

– E por que esses criminosos se preocupariam com política intergaláctica? Eles não estão cientes de que já são responsáveis por iniciarem uma guerra entre nossas nações? Não acreditam que vou encontrar um jeito de me sentar no trono da Comunidade das Nações Orientais, independentemente da sua barganha egoísta?

Kai engoliu em seco com dificuldade.

– Talvez o interesse deles tenha a ver com a alegação de Linh Cinder de que ela é a princesa perdida Selene.

Um silêncio estalou entre ele e o netscreen, estático como gelo em um lago.

– Ela parece pensar que, se prosseguíssemos com o casamento e a coroação, isso enfraqueceria a reivindicação dela pelo trono lunar – continuou Kai.

– Entendo. – Levana tinha recuperado a compostura e o tom frívolo e extravagante. – Eu me perguntei se ela encheria sua cabeça de mentiras. Imagino que você tenha sido uma plateia fascinada.

Ele deu de ombros.

– Era uma espaçonave bem pequena.

– Você acredita que essas alegações dela sejam verdade?

– Sinceramente? – Ele se preparou. – Não ligo se são ou não. Tenho mais de cinco bilhões de pessoas vivendo sob minha proteção e, nesse último mês, cada uma delas foi para a cama se perguntando se essa era a noite em que sua casa seria atacada. Se essa era a noite em que suas janelas seriam quebradas, seus filhos seriam arrancados da cama, seus vizinhos seriam mutilados nas ruas, tudo por seus... por esses *monstros* que você criou. Eu não posso... – Ele fez uma careta. Essa dor, pelo menos, não precisava ser fingida. – Eu não posso deixar isso continuar, e Linh Cinder, quer ela seja ou não a princesa perdida, não é quem está no comando da força militar lunar. Não ligo para política lunar e dinâmica familiar e teorias da conspiração. Quero que isso termine. E é você quem tem o poder de terminar.

– Um discurso comovente, jovem imperador. Mas nossa aliança acabou.

– Acabou? Você parece convencida de que eu cederia às vontades de criminosos e sequestradores.

Ela não disse nada.

– Você tinha minha palavra muito antes de eu dá-la a Linh Cinder. Portanto, sinto que meu acordo com você tem precedência. Você não concorda?

O véu tremeu nas mãos dela, como se estivesse mexendo em alguma coisa.

– Estou vendo que o tempo fora não diminuiu seu talento impressionante para a diplomacia.

– Espero que não.

– Você está me dizendo que quer ir em frente com nossa combinação anterior?

– Estou, e com os mesmos termos. Nós dois concordamos com um cessar-fogo em todos os territórios terráqueos no espaço e no solo, efetivo imediatamente. Com sua coroação como imperatriz da Comunidade das Nações Orientais, todos os soldados lunares serão removidos do solo terrestre, e você vai nos permitir fabricar e distribuir seu antídoto contra a letumose.

– E que segurança você pode me dar de que nosso casamento não vai ser sujeitado ao mesmo espetáculo vergonhoso da última vez? Sua ciborgue e os amigos dela não vão ficar satisfeitos quando souberem que você ignorou as exigências.

– Infelizmente, não tive tempo de desenvolver um plano. Vamos aumentar a segurança, claro. Trazer reforços militares. Sei o quanto você admira isso.

Levana riu com deboche.

– Mas Linh Cinder provou que é criativa. Uma opção seria fazer a cerimônia em segredo e não soltar prova do casamento até a coro...

– Não. Não vou deixar nenhuma dúvida na mente do povo terráqueo de que sou sua esposa e imperatriz deles.

Kai trincou os dentes para não vomitar com as palavras. *Sua esposa. Imperatriz deles.*

– Entendo. Podemos considerar outros locais para fazer a cerimônia, algum lugar mais remoto ou seguro. Uma espaçonave, talvez? Ou até...

Ele hesitou, tentando parecer assustado com o pensamento não pronunciado.

– Ou até o quê?

– Eu só estava... Duvido que você vá gostar. Exigiria muito trabalho, e não sei nem se é plausível... mas por que não fazer o casamento em Luna? Seria impossível Linh Cinder interferir, nesse caso.

Ele fez uma pausa e tentou não demonstrar que estava prendendo a respiração.

O silêncio ficou denso. O coração de Kai disparou.

Foi demais. Ele a deixou desconfiada.

Kai começou a rir e balançou a cabeça.

– Deixe pra lá, foi uma ideia idiota. – A mente dele girou em busca de outro ângulo de abordagem. – Tenho certeza de que encontraremos uma localização adequada na Terra. Só preciso de um tempo para...

– Você é mesmo inteligente, não é?

O coração dele pulou.

– Como?

A rainha riu.

– Um lugar remoto, um lugar seguro. Meu querido imperador, é *claro* que deveríamos fazer o casamento em Luna.

Kai fez uma pausa, esperou e expirou devagar, mantendo a expressão neutra. Mais um momento e ele se lembrou de até ser meio incrédulo.

– Tem certeza? Já temos tudo preparado na Terra. Todos os transportes e acomodações, o bufê, os convites...

– Não seja ridículo. – Ela balançou os dedos atrás do véu. – Não sei por que não pensei nisso antes. Vamos fazer a cerimônia aqui em Artemísia. Tenho espaço suficiente para as acomodações, e não tenho dúvida de que você vai ficar satisfeito com a hospitalidade que podemos oferecer.

Kai repuxou os lábios, com medo de dissuadi-la da ideia e ao mesmo tempo de parecer entusiasmado demais.

– Isso é um problema, Vossa Majestade Imperial?

– Não duvido que Artemísia seja... linda. Mas, agora que estou pensando melhor, tenho medo de isso alienar os convidados que teriam o privilégio de vir ao casamento aqui na Terra. Particularmente, os líderes da União Terráquea.

– Mas é claro que o convite vai ser estendido a todos os diplomatas terráqueos. Eu ficaria decepcionada se eles não viessem. Afinal, nossa união será um símbolo de paz, não só entre Luna e a Comunidade das Nações Orientais, mas também entre Luna e todas as nações terráqueas. Posso fazer o convite a cada convidado terráqueo pessoalmente se você achar que é apropriado.

Ele coçou atrás da orelha.

– Com todo o respeito, talvez haja uma certa... *hesitação* dos líderes da União. Se posso ser direto, como você pode garantir que nós... *eles* não vão cair em uma armadilha? Você não fez nenhuma tentativa de disfarçar suas ameaças contra a Terra, e há desconfianças de que ainda pode estar usando seu status de imperatriz como plataforma de lançamento para, bem...

– A dominação mundial?

– Precisamente.

Levana riu.

– E de que você tem medo exatamente? Que eu possa assassinar os chefes da União Europeia enquanto eles estiverem aqui, como forma de trilhar um caminho mais fácil para tomar o controle dos paisinhos idiotas deles?

– *Precisamente.*

Outra risadinha eufórica.

– Meu querido imperador, isso é uma oferta de paz. Quero ganhar a confiança da União, não terminar por aliená-la. Você tem minha palavra de que *todos* os convidados terráqueos serão tratados com a máxima cortesia e respeito.

Kai permitiu muito lentamente que seus ombros relaxassem. Não que acreditasse nela por sequer um minuto, mas não importava. Ela agiu como ele esperava que agisse.

– Na verdade, como prova da minha boa vontade, vou aceitar seu pedido de um cessar-fogo imediato em toda a União – continuou Levana. – Esse cessar-fogo vai valer para todos os territórios terráqueos cujos líderes aceitarem nosso convite de vir ao casamento aqui em Artemísia.

Kai fez uma careta.

Era um jeito de aumentar a frequência.

Ele esfregou as palmas das mãos no tecido amassado da camisa.

– Não posso discutir com o fato de que Artemísia é mais segura do que qualquer lugar que pudéssemos escolher na Terra. Vou discutir isso com os líderes da União Terráquea agora mesmo.

– Faça isso, Vossa Majestade. Tenho certeza de que a mudança de local não vai ser problema. Vou começar a fazer os preparativos para sua visita e para nossas cerimônias de matrimônio e coroação.

– Certo e... quanto a isso. Quando você gostaria...

– Sugiro o dia oito de novembro para nosso casamento e festa de celebração, seguidos das duas coroações no dia seguinte à lua nova. Podemos marcar para coincidir com o nascer do sol... é uma hora linda aqui em Luna.

Kai piscou.

– Isso é... posso estar meio confuso com os dias, com essa coisa de ter ficado de refém e tal, mas... isso não é só daqui a uma semana?

– Dez dias, Vossa Majestade. Essa aliança está sendo adiada há tempo demais. Não acredito que ninguém queira ver minha paciência testada mais do que já foi. E estou *mesmo* ansiosa para receber você e seus convidados. – Ela inclinou a cabeça em uma despedida cortês. – Meus portos vão estar prontos para receber vocês.

CAPÍTULO

Dezesseis

A MENSAGEM DE ÁUDIO TERMINOU COM UM ESTALO LEVE, DE um compartimento de carga em silêncio. Sentada em uma das caixas então vazias, Cress olhou ao redor, observou os ombros tensos de Cinder enquanto ela encarava o netscreen apagado, o jeito como Lobo batia com os dedos nos cotovelos, e Iko, que ainda estava concentrada no tablet no colo, tentando entender seu próximo movimento em um jogo que ela e Cress vinham jogando havia uma hora.

– Ele conseguiu – murmurou Cinder.

– Claro que conseguiu – disse Iko sem levantar o rosto. – Nós sabíamos que ia conseguir.

Virando as costas para a tela, Cinder coçou o pulso em um gesto distraído.

– O dia oito é bem mais cedo do que eu esperava. Aposto que os líderes terráqueos vão começar a partir nas próximas quarenta e oito horas.

– Que bom – comentou Lobo. – A espera está me deixando louco.

Não, a separação de Scarlet o estava deixando louco, Cress sabia, mas ninguém disse nada. Talvez a espera estivesse deixando todos meio loucos.

– Coringa para A1! – anunciou Iko finalmente. Sorrindo, ela mostrou o tablet para Cress.

– Rei para C4 e reivindico todos os rubis – disse Cress sem hesitação.

Iko fez uma pausa, olhou para a tela e murchou.

– Como você é tão boa nisso?

Cress sentiu uma onda de orgulho atrás do esterno, apesar de não saber se esse talento era impressionante ou constrangedor.

– Eu jogava muito quando estava entediada no satélite. E eu ficava muito entediada.

– Mas meu cérebro supostamente é superior.

– Eu sempre só joguei contra um computador, se isso faz você se sentir melhor.

– Não faz. – Iko franziu o nariz. – Eu quero aquele diamante.

Colocando o tablet novamente no colo, ela fechou a mão ao redor de um rabo de cavalo de trancinhas, mais uma vez em concentração profunda.

Cinder limpou a garganta e chamou a atenção de Cress, mas não de Iko.

– Kai vai ter uma frota com ele. É imperativo que saibamos em que nave ele vai estar.

Cress assentiu.

– Eu consigo descobrir.

– Esse plano vai dar certo – disse Lobo com agressividade, como se estivesse ameaçando o próprio plano. Ele começou a andar entre o cockpit e a enfermaria. A ansiedade dele e de Cinder deixava Cress mais nervosa do que qualquer coisa.

Era hora, a única chance deles. Ou daria certo ou falharia.

– Fazedor de coroa para A12.

Cress demorou um momento para voltar o foco ao jogo. Iko fez a jogada que ela esperava que fizesse, a mesma que o computador do satélite teria feito.

Cress sacrificou seu Coringa e depois levou sorrateiramente o Ladrão pelo tabuleiro, pegando todas as esmeraldas soltas, até que nem o desejado diamante de Iko pudesse fazer com que ela vencesse o jogo.

– Ah! Por que eu não vi isso? – Resmungando, Iko empurrou o tablet para longe. – Eu nunca gostei mesmo desse jogo.

– Nave detectada – disse a voz inflexível da Rampion. Cress deu um pulo, todos os músculos do corpo se contraindo. – O capitão Thorne pede permissão para atracar. A senha foi enviada. *O capitão é rei.*

Ela expirou, aliviada não só por eles não terem sido vistos por uma nave inimiga, mas também por Thorne estar de volta. Toda a preocupação que sentia desde que ele e Kai saíram subiu até a superfície da pele e evaporou em uma única expiração.

– Permissão concedida – disse Cinder, também com um certo alívio na voz. Ela cruzou os braços. – O primeiro passo está completo. Kai está de volta à Terra, o casamento está remarcado para acontecer em Luna e Thorne voltou em segurança. – Ela se balançou nos calcanhares com a testa franzida. – Não acredito que nada deu errado.

– Eu esperaria até você estar sentada em um trono antes de fazer uma declaração assim – disse Lobo.

Cinder contraiu os lábios.

– Faz sentido. Tudo bem, pessoal. – Ela bateu palmas. – Vamos começar os preparativos de último minuto. Cress e Iko, vocês estão encarregadas de fazer as edições finais de vídeo. Lobo, preciso que você...

A porta da escotilha de subnível se abriu, batendo na parede. Thorne subiu pela ladeira e foi direto para cima de Cinder, que deu um passo para trás.

– *Você pintou minha nave?* – gritou ele. – Por quê... o quê... por que você faria isso?

Cinder abriu a boca, mas hesitou. Ela esperava um tipo diferente de cumprimento, obviamente.

– Ah. Isso. – Ela olhou ao redor para Cress, Lobo e Iko, como se pedisse ajuda. – Eu achei... uau, isso faz tanto tempo. Acho que eu deveria ter mencionado.

– *Mencionado?* Você não deveria...! Você não pode sair pintando a nave dos outros! Sabe quanto tempo demorei para pintar aquela garota?

Cinder apertou um olho.

– A julgar pela precisão e pelo detalhe, vou supor que... dez minutos? Quinze?

Thorne fez cara feia.

– Tudo bem, desculpe. Mas a silhueta era reconhecível demais. Era um risco.

– Um risco! *Você* é um risco! – Ele apontou para Lobo. – Ele é um risco. Cress é um risco. Nós somos *todos* um risco!

– Eu também? – perguntou Iko. – Não quero ficar de fora.

Thorne revirou os olhos e levantou as mãos no ar.

– Que se dane. Tudo *bem*. Não é *minha* nave mesmo, né? – Resmungando, ele passou a mão pelo cabelo. – Eu queria que você tivesse dito alguma coisa antes de eu ter um ataque cardíaco achando que tinha me comunicado com a nave errada.

– Você está certo. Não vai acontecer de novo. – Cinder tentou dar um sorriso nervoso. – Então... como foi?

– Tudo bem, tudo bem. – Thorne descartou a pergunta. – Apesar da minha desconfiança inerente em relação a figuras de autoridade, estou começando a gostar desse seu imperador.

Cinder ergueu uma das sobrancelhas.

– Não sei se eu deveria ficar aliviada ou preocupada.

Cress mordeu o lábio para esconder um sorriso divertido. Ela sentiu certo desconforto vindo de Thorne quando Kai subiu a bordo. Afinal, “imperador” era um ranking superior a “capitão” no padrão de qualquer pessoa. Mas ela também reparou que Thorne ficava um pouco mais ereto na presença de Kai, como se quisesse que o imperador ficasse impressionado com ele, sua nave e sua tripulação... só um pouco.

Thorne tirou a jaqueta e a colocou em cima da caixa mais próxima.

– Aconteceu alguma coisa legal enquanto eu estava fora?

Pela primeira vez, o olhar dele passou por Cinder e Iko e parou em Cress, e foi tão repentino e concentrado que ela ficou afobada na mesma hora. Cress quebrou o contato visual e começou a inspecionar as placas de metal da parede.

– O casamento está de pé – disse Cinder. – Vai acontecer em Artemísia no dia oito, e a coroação será dois dias depois no amanhecer do sol lunar.

As sobrancelhas de Thorne dispararam.

– Não estão perdendo tempo. Mais alguma coisa?

– Levana aceitou um cessar-fogo – informou Lobo. – Mas estamos esperando para saber se foi implementado.

– Além do mais, Cress me destruiu em um jogo de Mineradores da Montanha – contou Iko.

Thorne assentiu, como se os dois anúncios tivessem o mesmo peso.

– Ela é um gênio.

Cress ficou mais vermelha, o que era frustrante. Era mais fácil fingir que não estava apaixonada quando ele não conseguia saber com que frequência o olhar dela o procurava e como ela enrubescia a cada elogio.

– É, mas eu sou *androide*.

Thorne riu, a raiva por causa da pintura da nave já dissipada.

– Por que vocês não jogam Ataque Androide, então? Talvez esse dê vantagem a você.

– Ou Resistência Robô – sugeriu Cinder.

Thorne estalou os dedos.

– *Isso*. Antigo e dos bons. – Os olhos dele estavam brilhando, calmos e confiantes, daquele jeito que sempre fez Cress se sentir mais calma e confiante também só por estar perto dele, sabendo que ele era corajoso e capaz e...

E ele estava olhando para ela. De novo.

Ela desviou o olhar. De novo.

Burra, burra, burra.

Morrendo de vergonha, ela se viu fantasiando sobre rastejar até a doca de naves e ser sugada para o espaço.

– A gente devia começar – disse Cinder. – Pegar os suprimentos que achamos que vamos precisar e preparar a nave para órbita neutra estendida.

– Você quer dizer abandono – disse Thorne, o tom leve sumindo de sua voz.

– Eu já ajustei a fiação para as configurações mais eficientes. Vai ficar tudo bem.

– Você sabe que não é verdade. Sem Cress interferindo com os sinais, não vai demorar para a nave ser encontrada e confiscada.

Cinder suspirou.

– É um risco que temos que correr. Que tal isto: quando eu for rainha, vou usar meus fundos reais, ou seja lá o que for, para comprar uma nave nova.

Thorne fez cara feia.

– Eu não quero uma nave nova.

Cress sentiu uma pontada de solidariedade. Estavam todos tristes por deixarem a Rampion. Foi uma boa casa pelo curto tempo que os abrigou.

– Sabe, Thorne – disse Cinder, falando baixo, como se não quisesse dizer aquilo –, não precisa vir conosco. Pode nos levar até Kai, voltar para a Rampion e... você sabe que nós nunca iríamos entregá-lo. – Ela respirou fundo. – Estou falando sério. Com todos vocês. Não precisam ir comigo. Sei o perigo em que estou colocando vocês, que não sabiam em que estavam se metendo quando se juntaram a mim. Vocês podem continuar a vida, eu não impediria. Lobo, Cress, voltar para Luna deve parecer uma sentença de morte para vocês dois. E, lko...

lko levantou a mão.

– Você precisa de uma limpeza de sistema se está sugerindo que eu a abandonaria agora.

Thorne sorriu. Seu sorriso seguro, de canto da boca.

– Ela está certa. É fofo da sua parte se preocupar, mas não tem como você fazer isso sem a gente.

Apertando os lábios, Cinder não discutiu.

Cress ficou em silêncio, se perguntando se era a única que ficou brevemente tentada pela proposta de Cinder. Voltar para Luna *era* como sentenciá-los à morte, principalmente uma cascuda como ela, que deveria ter sido morta anos antes. Sabotar Levana da segurança do espaço era uma coisa. Mas entrar em Artemísia... era quase como pedir para ser assassinada.

Mas Thorne estava certo. Cinder precisava deles. De todos eles.

Ela fechou os olhos e lembrou a si mesma de ser corajosa.

– Além do mais, nosso capitão ainda está querendo aquele dinheiro da recompensa – acrescentou Iko, quebrando a tensão.

Os outros riram, e um sorriso passou pelos lábios de Cress, mas, quando ela abriu os olhos, Thorne não estava se divertindo como os outros.

Na verdade, ele pareceu pouco à vontade de repente, com os ombros tensos.

– Ah, sabe, algumas pessoas podem dizer que fazer a coisa certa é uma recompensa por si só.

O compartimento de carga ficou imóvel. Cress piscou.

Uma incerteza se estendeu entre eles.

Com uma risadinha nervosa, Thorne acrescentou:

– Mas essas pessoas morrem pobres e desamparadas, então quem liga para o que elas pensam? – Ele descartou as próprias palavras. – Vamos lá, aproveitadores. Vamos começar a trabalhar.

CAPÍTULO

Dezessete

KAI OLHOU PELA JANELA E OBSERVOU AS NUVENS GIRAREM A continente. Procurou a Grande Muralha serpenteando pela Comunidade e sorriu ao pensar que seus ancestrais construíram uma coisa que nem a Quarta Guerra Mundial conseguiu destruir.

Esperava que não fosse a última vez que veria esse belo país.

Ele sabia do perigo em que estava se metendo, junto com incontáveis representantes da União. Esperava que Levana tivesse sido sincera quando disse que não queria fazer mal a nenhum deles. Esperava que a situação não estivesse prestes a virar um banho de sangue no qual os terráqueos inocentes seriam presa fácil.

Ele esperava, mas esperar não ajudava a reconfortá-lo. Ele não confiava em Levana. Nem por um momento.

Mas era a única forma de dar a Cinder a chance de que ela precisava para encarar Levana e iniciar a rebelião. O sucesso de Cinder faria todos se livrarem de Levana e da tirania dela. Seria o fim da peste. O fim da guerra.

Pelas estrelas, ele torcia para que isso funcionasse.

Sufocando um suspiro, lançou o olhar inquieto pela sala da nave real. Se não fosse a vista de tirar o fôlego da Terra, Kai não teria ideia de que estava a bordo de uma espaçonave. A

decoração exibia toda a exuberância do velho mundo do palácio: lanternas decoradas e papéis de parede com detalhes em dourado e um padrão de morcegos entalhado nas sancas. Muito tempo antes, os morcegos foram um símbolo de boa sorte, mas ao longo dos anos passaram a simbolizar viagens seguras pela escuridão do espaço.

Torin chamou a atenção dele, sentado em uma poltrona forrada do outro lado da sala, onde estava ocupado lendo o tablet. Ele insistiu em ir a Luna, garantindo que o Chefe de Segurança Nacional, Deshal Huy, seria capaz de agir como líder da Comunidade na ausência deles. O lugar de Torin era ao lado de Kai, mesmo que não adiantasse de nada.

– Tem alguma coisa errada, Vossa Majestade?

– Até agora, não. – Ele passou as palmas das mãos nas coxas. – Você disse para os pilotos que quero ser informado se alguma nave fizer contato?

– Claro. Eu queria poder dizer que acharam isso um pedido razoável, mas eles pareceram compreensivelmente desconfiados.

– Desde que façam o que pedi....

– E você tem certeza de que é boa ideia?

– Nem um pouco. – A nave fez uma volta, e a Terra não estava mais visível pela janela. Kai se virou. – Mas eu confio nela.

Torin colocou o tablet na mesa.

– Então não tenho escolha além de confiar nela também.

– Ei, foi você que contou a ela sobre meu segundo chip de rastreamento.

– Sim, e desde então fiquei me perguntando se não foi o maior erro que já cometi.

– Não foi. – Kai revirou os ombros, tentando relaxar. – Cinder é capaz de fazer isso.

– Você quer dizer que Selene é capaz de fazer isso.

– Selene. Cinder. É a mesma pessoa, Torin.

– Devo discordar. Para o mundo, Linh Cinder é uma criminosa perigosa que sequestrou um líder mundial e instigou uma guerra, enquanto a princesa Selene pode ser a solução de todos os nossos problemas com Luna. Ao ajudar Linh Cinder, o mundo vai achar que você não passa de um adolescente apaixonado. Ao ajudar Selene, você está resistindo corajosamente aos inimigos do nosso país e fazendo o que acredita ser melhor para o futuro da Comunidade.

Um esboço de sorriso surgiu nos lábios de Kai.

– Não importa o que o mundo pensa; elas *são* a mesma pessoa. Quero o que for melhor para Cinder e quero o que for melhor para o meu país. Convenientemente, acredito que sejam a mesma coisa.

Tinha sido um alívio contar tudo para Torin, a única pessoa em quem ele confiava que guardaria seus segredos. A identidade de Cinder, o verdadeiro motivo de estarem indo para Luna, a revolução que ela planejava iniciar lá e o papel de Kai em tudo. Apesar de Torin demonstrar preocupação por Kai estar se arriscando demais, não tentou convencê-lo a desistir. Na verdade, Kai se perguntou se Torin também não estava desenvolvendo certa fé em Cinder, mesmo que tentasse esconder por trás do cinismo.

Torin voltou a atenção para o tablet, e Kai ficou olhando pela janela, seu coração pulando cada vez que via outra nave no espaço.

Horas se passaram como dias. Kai tentou cochilar, mas não conseguiu. Ele leu suas juras de casamento sem entender uma palavra. Andou de um lado para outro e bebeu meia xícara de chá que alguém levou para ele, apesar de não ser tão bom quanto o que Nainsi faria, o que o fez sentir falta de sua androide assistente de confiança. Ele contava com a conversa prática e objetiva dela, mas Levana era firme na decisão de que androides não tinham permissão de entrar em Luna, então ele teve que deixar Nainsi na Terra.

Colocou o chá de lado, com um nó de nervosismo no estômago. Já devia ter tido notícia de Cinder. Alguma coisa deu errado, e ali estava ele, levando uma frota inteira das pessoas mais poderosas da Terra direto para as garras de Levana, e tudo seria por nada, e...

– Vossa Majestade.

Ele levantou a cabeça. O imediato da nave estava na porta.

– Sim?

– Fomos contatados pelo secretário de Defesa da República Americana. Parece que estão tendo problemas técnicos com o mainframe da nave e pediram permissão para subir a bordo e concluir a viagem até Artemísia conosco.

Kai expirou.

– O capitão sugeriu que enviássemos uma escolta militar para ajudá-los. Fico feliz em colocá-los em contato...

– Não vai ser necessário – disse Kai. – Nós temos espaço. Deixe que venham. – Apesar de doze representantes de províncias e alguns jornalistas da imprensa da Comunidade já estarem a bordo, a nave não estava nem perto da capacidade.

O oficial franziu a testa.

– Acredito que seja questão de segurança, não de espaço. Por causa das dificuldades técnicas, nós não conseguimos uma identificação apropriada da nave nem dos passageiros dela. As mensagens de vídeo também não funcionam direito. Nossa imagem da nave a confirma como uma nave militar da República, da classe Rampion. Fora isso, somos obrigados a aceitar a palavra deles, e tenho certeza de que não preciso lembrar a Vossa Majestade que... seus sequestradores também estavam em uma Rampion.

Kai fingiu pensar nisso.

– A Rampion em que fiquei de refém tinha a silhueta de uma mulher pintada na lateral a bombordo. Tem esse desenho na nave do secretário?

O oficial passou a pergunta por um chip de comunicação na gola do uniforme e, um momento depois, confirmou que não havia mulher nenhuma visível. Só um painel preto na rampa de bombordo.

– Então, pronto – disse Kai, fingindo distanciamento. – Vamos aceitar nossos aliados americanos a bordo, supondo que as naves de passeio deles estejam funcionando. Na verdade, por que não vou até a doca para recebê-los, como demonstração de boa vontade política?

– Eu também vou – disse Torin, deixando o tablet de lado.

O imediato pareceu querer protestar, mas, depois de um momento de incerteza, bateu os calcanhares e assentiu.

– Claro, Vossa Majestade.



ATÉ A SALA DE ESPERA JUNTO À DOCA DE NAVES ERA LUXUOSA, E batendo os pés no tapete grosso enquanto os motores zumbiam nas paredes. O capitão da nave se juntou a eles, esperando para cumprimentar os convidados antes de voltar para a ponte, e ele e o imediato estavam com postura impecável em seus uniformes passados.

A tela ao lado das portas seladas anunciou que era seguro entrar na doca.

O capitão foi primeiro, Kai logo atrás. Havia seis naves esperando por eles, e vagas para mais três. O transporte da Rampion ocupou o espaço mais distante e seus motores estavam sendo desligados.

As duas portas se levantaram simultaneamente e cinco pessoas saíram: a secretária de Defesa da América, uma assistente, uma estagiária e dois seguranças.

O capitão apertou a mão da secretária, dando boas-vindas aos recém-chegados a bordo, dando sequência a uma série de reverências diplomáticas.

– Obrigada pela hospitalidade. Pedimos desculpas por qualquer inconveniente que isso possa ter causado – disse a secretária enquanto Kai tentava descobrir quem era por baixo da ilusão. Ele achava que Thorne e Lobo eram os seguranças, mas era

perfeito o glamour emitido para a secretária da República, exibindo até mesmo a pinta no lado direito do queixo. A assistente e a estagiária eram igualmente convincentes. Era impossível distingui-las entre Cinder, Iko e Cress.

– Evidentemente – acrescentou a assistente, com o olhar virando na direção de Kai –, isso tudo poderia ter sido evitado se o mecânico da nave tivesse se lembrado de trazer um *cortador de fios*.

A boca de Kai tremeu. Aquela, então, era Cinder. Ele tentou imaginá-la por baixo do glamour, presunçosa pelo uso da nova “senha”. Ele se segurou para não revirar os olhos.

– Não é inconveniência nenhuma – disse Kai, se concentrando na secretária. – Ficamos felizes de poder ajudar. Vocês precisam que enviemos alguém para buscar a nave?

– Não, obrigada. A República já mandou uma equipe de manutenção, mas não queríamos nos atrasar mais do que o necessário. Temos uma festa para ir, sabe.

A secretária deu uma piscadela nada diplomática. Então, era Iko.

Lembrando-se do aviso de Cinder, de que seria cansativo para ela não só usar o glamour em si, mas também manipular a percepção dos quatro amigos e de que não sabia por quanto tempo conseguiria sustentá-lo, Kai indicou a saída.

– Venham comigo. Temos uma sala onde vocês ficarão à vontade. Posso oferecer chá?

– Eu aceito um uísque com gelo – disse um dos seguranças.

A assistente Cinder lançou um olhar glacial para o homem.
Thorne.

– Nós estamos bem – disse Cinder. – Obrigada.

– Por aqui. – Kai e Torin levaram os convidados para longe da doca, dispensando o capitão e o imediato. Ninguém falou nada até eles chegarem aos aposentos particulares.

Quando Kai se virou para os convidados novamente, os disfarces haviam sumido, e a realidade de ver cinco criminosos conhecidos na sala dele o lembrou que tinha colocado todo mundo a bordo da nave correndo um perigo enorme.

– Esta sala é segura? – perguntou Thorne.

– Deveria ser – disse Kai. – Nós usamos para conferências internacionais e...

– Cress.

– Pode deixar, capitão. – Cress tirou um tablet do bolso de trás e foi até o painel de controle embutido na parede para ativar a verificação de sistema que ela elaborou.

– Este é Konn Torin, meu conselheiro. Torin, você se lembra de Cin...

– Espere – disse Cinder, levantando a mão.

Kai parou.

Nove longos e silenciosos segundos se passaram entre eles antes que Cress finalmente desconectasse o tablet.

– Tudo limpo.

– Obrigado, Cress – disse Thorne.

Cinder baixou a mão.

– Agora, podemos falar.

Kai levantou uma das sobrancelhas.

– Certo. Torin, você se lembra de Cinder e Iko.

Torin assentiu para elas com os braços cruzados, e Cinder retribuiu o gesto, carregado de uma quantidade similar de tensão.

– Eu falei que o devolveria em segurança – disse ela.

Uma expressão de ironia surgiu no rosto de Torin.

– Você prometeu que nenhum mal seria feito a ele. Em minha opinião, isso inclui ferimentos físicos.

– Foi só um soco, Torin. – Kai deu de ombros para Cinder. – Tentei explicar que era tudo parte da armação.

– Eu entendo perfeitamente, mas me perdoem por estar na defensiva. – Torin observou os novos convidados. – Apesar de ser grato por Kai ter sido devolvido, parece que essa provação ainda não acabou. Espero que você saiba o que está fazendo, Linh Cinder.

Kai esperava que ela fizesse algum comentário autodepreciativo sobre Torin não ser o único, mas, depois de um longo silêncio, ela só perguntou:

– O quanto ele sabe?

– Tudo – disse Kai.

Ela se virou para Torin.

– Nesse caso, obrigada pela ajuda. Eu gostaria de apresentá-lo ao resto da equipe: lko você já conheceu, e este é o capitão da nave, Carswell Thorne, nossa engenheira de software, Cress Darnel, e meu oficial de segurança... Lobo.

Enquanto Torin cumprimentava os convidados com mais respeito do que era necessário, consideradas as circunstâncias, a atenção de Kai permaneceu em Cinder. Ela estava a dez passos dele, e por mais que Kai quisesse atravessar a sala e beijá-la, ele

não podia. Talvez fosse a presença de Torin. Talvez fosse saber que eles estavam a caminho de Luna, onde ele se casaria. Talvez estivesse com medo de que o tempo que passaram na Rampion tivesse sido um sonho, frágil demais para sobreviver à realidade.

Apesar de ele tê-la visto três dias antes, parecia uma vida. Um muro foi erguido entre eles durante esse intervalo, embora ele não tivesse certeza do que tinha mudado. O relacionamento deles era precário. Kai sentia que, se respirasse do jeito errado, poderia destruir tudo, e via a mesma incerteza espelhada no rosto de Cinder.

– Ah, olhem – disse Iko, indo até a fileira de janelas. Luna estava surgindo em seu campo de visão, branca e cintilante e marcada com mil crateras e penhascos. Eles estavam perto o bastante para ver os biodomos, a luz do sol brilhando na superfície.

Kai nunca na vida sonhou que fosse botar o pé em Luna. Ao vê-la, a inevitabilidade de seu destino gerou um nó apertado no estômago.

Cinder se virou para Kai. Ela estava fazendo um bom trabalho escondendo a ansiedade, mas ele estava aprendendo a desvendar o que ficava por baixo dos ombros empertigados e da expressão determinada.

– Espero que você tenha uma coisa para nós.

Kai indicou um armário encostado na parede.

Iko foi a primeira a chegar lá e abriu as portas com entusiasmo efervescente, mas murchou com rapidez quando viu as roupas que Nainsi tinha reunido. A pilha era uma mistura de marrons e cinza e brancos sem graça, linho e algodão. Roupas simples e utilitárias.

– Isso me parece certo – disse Lobo, que foi o mais útil em descrever o que as pessoas dos setores externos de Luna poderiam usar.

Enquanto eles olhavam as roupas e começavam a decidir quem ficava com que peça, Kai foi até outro armário e puxou uma peça de cobertura de androide de fibra de vidro e uma caixa de fibras de pele sintética.

– E isto é para Iko. Junto com tudo de que Cinder precisa para instalar.

Iko deu um gritinho e saiu correndo pela sala. Kai se preparou para outro abraço, mas ela foi para cima da peça e ficou maravilhada com os suprimentos. Cinder não demorou para ir atrás.

– São perfeitas – disse Cinder, examinando as fibras. Os olhos dela brilharam com provocação. – Sabe, se essa coisa de imperador não der certo, você pode ter uma carreira em espionagem.

Kai lançou um olhar irônico para ela.

– Vamos cuidar para que essa coisa de imperador dê certo, tá?

O rosto de Cinder se suavizou, e ela sorriu pela primeira vez desde que eles chegaram a bordo. Depois de colocar as fibras de volta na caixa, ela hesitou por um momento, deu alguns passos até Kai e enlaçou-o com os braços.

Ele fechou os olhos. E assim, com essa facilidade, o muro sumiu. Seus braços estavam ansiosos para puxá-la para perto.

– Obrigada – sussurrou Cinder, e ele soube que não era pelas roupas nem pelas peças de androide. As palavras saíram carregadas de fé e confiança e sacrifícios nos quais Kai ainda não

estava pronto para pensar. Ele a apertou com mais força, encostando a têmpora no cabelo dela.

Cinder ainda estava sorrindo quando se afastou do abraço, embora estivesse cheia de determinação também.

– O tempo está se esgotando – disse ela. – Sugiro que repassemos o plano mais uma vez.

CAPÍTULO

Dezoito

WINTER DEIXOU A EMPREGADA ARRUMAR SEU CABELO, PRENDENI

de cima em uma trança grossa feita com fios de ouro e prata, e deixando o resto caído sobre os ombros. Ela deixou que a empregada escolhesse um vestido azul-claro que deslizava pela pele como água e uma tira de strass para acentuar o pescoço. Deixou que a empregada passasse óleo aromático em sua pele.

Ela não deixou a empregada passar maquiagem, nem para cobrir as cicatrizes. A empregada não insistiu muito.

– Acho que a senhorita não precisa, Alteza – disse ela, fazendo uma reverência.

Winter sabia que era dona de uma espécie de beleza excepcional, mas nunca havia tido um motivo para incrementá-la. Independentemente do que fizesse, olhares a seguiam pelos corredores. Independentemente do que fizesse, a madrasta rosnava e tentava esconder a inveja.

Mas, desde que Jacin confessou não ser imune à aparência dela, estava ansiosa pela oportunidade de se arrumar com roupas novas e elegantes. Não que ela esperasse que muita coisa resultasse disso, além de uma satisfação embriagante. Ela sabia que era ingenuidade pensar que Jacin poderia fazer uma coisa tão louca quanto confessar seu amor por ela. Isso se ele a amasse.

Ela estava confiante de que amava, *deveria* amar, depois de todos aqueles anos... mas o jeito como ele a tratava tinha uma qualidade distante desde que entrou para a guarda real. O respeito profissional que ele mantinha lhe dava vontade de segurar as lapelas dele e beijá-lo, só para ver quanto tempo demoraria para ele ceder.

Não, ela não esperava uma confissão nem um beijo, e sabia muito bem que paquera estava fora de questão. Ela só queria um sorriso de admiração, um olhar sem fôlego que lhe daria forças.

Assim que a empregada saiu, Winter espiou no corredor, onde Jacin montava guarda.

– Sir Clay, posso solicitar sua opinião antes de irmos receber nossos convidados terráqueos?

Ele esperou duas respirações inteiras para responder:

– Ao seu serviço, Vossa Alteza.

Mas não desviou a atenção da parede do corredor.

Winter ajeitou a saia e parou na frente dele.

– Eu queria saber se você acha que estou bonitinha hoje.

Outra respiração, um pouco mais alta.

– Não é engraçado, princesa.

– Engraçado? É uma pergunta sincera. – Ela fez um biquinho de lado. – Não sei se azul é minha cor.

Com uma expressão zangada, ele finalmente olhou para ela.

– Você está *tentando* me deixar maluco?

Ela riu.

– A maluquice adora companhia, Sir Clay. Eu reparei que você não respondeu minha pergunta.

Jacin contraiu o maxilar ao voltar o foco para algum ponto acima da cabeça dela.

– Vá procurar elogios em outro lugar, princesa. Estou ocupado protegendo você de ameaças desconhecidas.

– E que trabalho excelente está fazendo. – Ela tentou esconder a decepção quando voltou para o quarto, dando um tapinha no peito de Jacin ao passar. Mas, com o toque, a mão dele agarrou a saia dela, ancorando-a ao lado. O coração de Winter pulou, e, apesar de toda a sua bravata, o olhar perfurante de Jacin a fez se sentir pequena e infantil.

– Por favor, pare de fazer isso – sussurrou ele, mais suplicante do que irritado. – Apenas... deixe pra lá.

Ela engoliu em seco e pensou em fingir ignorância. Mas, não... Ignorância era o que fingia para todo mundo. Não com Jacin. Nunca Jacin.

– Eu odeio isso – sussurrou ela em resposta. – Odeio ter que fingir que não vejo você.

A expressão dele se suavizou.

– Eu sei que você me vê. Isso é tudo o que importa. Certo?

Ela deu um aceno leve, mas não sabia se concordava. Como teria sido lindo viver em um mundo em que não tivesse que fingir.

Jacin a soltou, e ela entrou no quarto e fechou a porta. Ficou surpresa ao perceber que estava tonta. Devia ter prendido a respiração quando ele a parou, e agora...

Ela se deteve alguns passos depois de entrar na antessala. Suas entranhas se contraíram e as narinas se encheram com o odor férreo de sangue.

Estava ao redor dela. Nas paredes. Escorrendo do candelabro. Encharcando as almofadas do divã.

Um choramingo escapou de sua boca.

Havia semanas que não tinha uma visão. Nada a assombrou depois da volta de Jacin. Ela tinha esquecido o medo sufocante, o aperto de pavor no estômago.

Apertou bem os olhos.

– J-Jacin? – Uma coisa quente caiu em seu ombro, sem dúvida manchando a linda seda azul. Ela deu um passo para trás e sentiu o tapete fazer um barulho molhado debaixo dos pés. – Jacin!

Ele entrou pela porta de forma explosiva, e, apesar de ela estar com os olhos bem fechados, imaginou-o atrás de si, com a arma na mão.

– Princesa... o que foi? – Ele segurou o cotovelo dela. – Princesa?

– As paredes – sussurrou ela.

Um momento, seguido de um xingamento baixo. Ela ouviu a arma ser recolocada no coldre, e ele estava na frente dela, com as mãos em seus ombros. A voz ficou baixa e carinhosa.

– Me conte.

Ela tentou engolir, mas a saliva era densa e metálica.

– As paredes estão sangrando. O candelabro também, e caiu no meu ombro, e acho que está manchando meus sapatos, estou sentindo o cheiro, o gosto, e por que... – A voz dela se descontrolou de repente. – Por que o palácio sente tanta dor, Jacin? Por que está sempre morrendo?

Ele a puxou para perto e aninhou o corpo dela. Os braços eram estáveis e protetores, e ele não estava sangrando e não estava

destruído. Ela afundou no abraço, atordoada demais para retribuir, mas disposta a aceitar o consolo. Winter se afundou na segurança dele.

– Respire fundo – mandou ele.

Ela respirou, embora o ar estivesse tomado de morte.

Ela ficou feliz em soltar o ar novamente.

– É coisa da sua cabeça, princesa. Você sabe. Repita.

– É coisa da minha cabeça – murmurou ela.

– As paredes estão sangrando?

Ela fez que não e sentiu a pressão do broche militar dele em sua têmpora.

– Não. Elas não sangram. É só coisa da minha cabeça.

Ele a apertou mais.

– Você está bem. Vai passar. Mas continue respirando.

Ela continuou. E, repetidas vezes, a voz dele guiava cada respiração, até que o cheiro de sangue foi aos poucos sumindo.

Ela se sentiu tonta e exausta e com o estômago embrulhado, mas feliz porque o café da manhã não voltou.

– Está melhor agora. Passou.

Jacin expirou, como se também estivesse se esquecendo de respirar. Em seguida, em um momento estranho de vulnerabilidade, ele inclinou a cabeça e beijou o ombro dela, bem onde a gota inexistente de sangue tinha caído.

– Não foi tão ruim – disse ele, com uma nova leveza na voz. – Não teve janela, pelo menos.

Winter se encolheu, lembrando a primeira vez que viu o castelo sangrar. Ela ficou tão perturbada e desesperada para fugir

que tentou se jogar da varanda do segundo andar. Jacin chegou bem a tempo de puxá-la de volta.

– Nem objetos afiados – disse ela, falando como piada. Teve uma vez que ela fez doze buracos na cortina tentando matar as aranhas que estavam nelas, acertando a própria mão no processo. Não fora um ferimento fundo, mas desde então Jacin cuidava para manter objetos afiados longe dela.

Ele a segurou com os braços esticados e a inspecionou. Winter forçou um sorriso, mas percebeu que não era forçado, afinal.

– Acabou. Eu estou bem.

O olhar dele ficou caloroso, e por um breve momento ela pensou: *É agora, é agora que ele vai me beijar...*

Houve uma tosse vinda da porta.

Jacin se afastou.

Winter se virou com o coração disparado.

Aimery estava na porta com a expressão sombria.

– Vossa Alteza.

Winter recuperou o fôlego e prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha; devia ter se soltado da trança. Ela estava toda quente. Afobada e nervosa e ciente de que deveria estar constrangida, mas estava mais irritada com a interrupção do que qualquer outra coisa.

– Taumaturgo Park – disse ela, com um aceno cordial. – Eu estava tendo um dos meus pesadelos. Sir Clay estava me ajudando.

– Entendo – disse Aimery. – Se o pesadelo passou, sugiro que ele retome a posição.

Jacin bateu os calcanhares e saiu sem dizer nada, apesar de ser impossível saber se foi por vontade própria ou se Aimery o estava controlando.

Ainda tentando se recompor, Winter deu um sorriso para o taumaturgo.

– Deve ser a hora de ir para as docas, certo?

– Quase – disse ele, e, para a surpresa dela, virou-se e fechou a porta do corredor.

Os dedos de Winter tremeram na defensiva, mas não por preocupação consigo mesma. O pobre Jacin odiaria ficar sozinho do outro lado, sem protegê-la se alguma coisa acontecesse.

Mas era um pensamento inútil. Mesmo se Jacin estivesse presente, ele não poderia fazer nada contra um taumaturgo. Winter costumava pensar que isso era uma fraqueza na segurança deles. Ela nunca confiou nos taumaturgos, mas eles tinham tanto poder no palácio.

Afinal, um taumaturgo matou seu pai, e ela nunca superou esse fato. Até hoje, uma manga comprida vista com o canto dos olhos costumava lhe dar um susto.

– Você precisa de alguma coisa? – perguntou ela, tentando parecer despreocupada. Ainda estava se recuperando da visão. O estômago tinha dado um nó, e havia suor quente grudado na nuca. Gostaria de se deitar por um minuto, mas não queria parecer mais fraca do que já parecia. Do que já *era*.

– Vim fazer uma proposta um tanto interessante, Vossa Alteza – disse Aimery. – Na qual venho pensando há algum tempo e que espero que você concorde que é benéfica para nós dois. Já sugeri

a ideia a Sua Majestade, e ela manifestou aprovação, com a condição de você consentir.

A voz dele era ao mesmo tempo escorregadia e gentil. Sempre que estava na presença de Aimery, Winter desejava ao mesmo tempo se esconder e se encolher, sonolenta, junto ao timbre firme dele.

– Me perdoe, Aimery, meu cérebro ainda está confuso da alucinação e estou tendo dificuldade em entender você.

O olhar dele passou por ela, parou nas cicatrizes e nas curvas, e Winter ficou feliz por não tremer involuntariamente.

– Princesa Winter Blackburn. – Ele se aproximou. Ela não conseguiu resistir a dar um passo para trás antes que pudesse se impedir. Medo era uma fraqueza na corte. Era bem melhor agir de maneira imperturbável. Era bem mais seguro agir como louca quando na dúvida.

Ela queria não ter dito que o pesadelo tinha acabado. Queria que as paredes tivessem continuado sangrando.

– Você é querida pelo povo. Amada. *Linda*. – Os dedos dele acariciaram o queixo dela com a delicadeza de uma pena. Desta vez, ela tremeu. – Todo mundo sabe que você nunca vai ser rainha, mas isso não quer dizer que não possa ter sua espécie de poder. Uma capacidade de acalmar as pessoas, de dar alegria a elas. O povo admira você imensamente. É importante que mostremos ao povo seu apoio à família real e à corte que a serve. Você não concorda?

A pele dela estava coberta de arrepios.

– Eu sempre demonstrei apoio à rainha.

– Claro que sim, minha princesa. – Quando queria, ele tinha um sorriso lindo, e sua beleza fez o estômago dela se contrair. Mais uma vez, ele olhou para as cicatrizes. – Mas sua madrasta e eu concordamos que está na hora de fazer uma grande declaração para o povo. Um gesto simbólico que mostre onde você se encaixa nessa hierarquia. Está na hora, princesa, de você ter um marido.

Os músculos de Winter ficaram rígidos. Ela imaginou que o discurso chegaria nesse ponto, mas as palavras saídas da boca de Aimery eram repulsivas.

Ela apertou os lábios em um sorriso.

– Claro – disse ela. – Vou ficar feliz em pensar na minha felicidade futura. Já me disseram que há vários pretendentes que manifestaram interesse. Assim que as cerimônias de casamento e coroação da minha madrasta acabarem, vou ter prazer em dar uma olhada nos potenciais pretendentes e dar continuidade ao cortejo.

– Não vai ser necessário.

O sorriso dela era de gesso.

– O que você quer dizer?

– Eu vim pedir sua mão, Vossa Alteza.

Os pulmões dela entraram em convulsão.

– Nós somos um par perfeito. Você é linda e adorada. Eu sou poderoso e respeitado. Você precisa de um parceiro que possa protegê-la do seu dom e contrabalançar suas incapacidades. Pense bem. A princesa e o taumaturgo-chefe da rainha... vamos ser a maior fonte de inveja da corte.

Os olhos dele brilhavam, e ficou claro que ele já estava imaginando isso havia um bom tempo. Winter suspeitava que Aimery podia sentir atração por ela, e saber disso tinha sido fonte de incontáveis pesadelos. Ela *sabia* como ele tratava as mulheres por quem sentia atração.

Mas nunca imaginou que ele fosse procurar um casamento, acima das famílias, acima até de um potencial arranjo terráqueo...

Não. Já que Levana seria uma imperatriz terrestre, não importaria se Winter fosse fazer ou não um arranjo de matrimônio com o planeta azul. Na verdade, casar a enteada fraca e patética com um homem dotado de uma capacidade tão impressionante de controlar as pessoas...

Era uma combinação inteligente, realmente.

O sorriso de Aimery provocou arrepios nela.

– Estou vendo que a deixei sem palavras, minha princesa. Posso interpretar seu choque como consentimento?

Ela se obrigou a sorrir e afastar o olhar; pudica, não enojada.

– Estou... lisonjeada com sua proposta, taumaturgo Park. Eu não mereço as atenções de alguém tão bem-sucedido quanto você.

– Não finja modéstia. – Ele aninhou a bochecha de Winter, que se encolheu. – Diga sim, princesa, e podemos anunciar nosso noivado na festa desta noite.

Ela recuou para longe do toque dele.

– Estou honrada, mas... isso é tão repentino. Preciso de tempo para pensar. Eu... eu preciso falar com minha madrasta e... e pensar...

– Winter. – O tom dele tinha uma aspereza nova, embora o rosto permanecesse gentil, até impassível. – Não há nada a considerar. Sua Majestade aprovou a união. Só falta você aceitar para a confirmação do nosso noivado. Aceite minha proposta, princesa. É a melhor que você vai receber.

Ela olhou para a porta, procurando algum consolo que não sabia qual era. Estava encurralada.

Os olhos de Aimery escureceram.

– Espero que você não esteja esperando que aquele guarda peça sua mão. Espero que não esteja alimentando uma fantasia infantil de que me recusar é aceitá-lo.

Ela trincou os dentes e sorriu com tensão.

– Não seja bobo, Aimery. Jacin é um amigo querido, mas não tenho intenções com ele.

Ele riu com deboche.

– A rainha jamais permitiria tal casamento.

– Eu acabei de falar que...

– Qual é sua resposta? Não brinque com palavras e significados, princesa.

A cabeça de Winter girou. Ela não queria, não podia dizer sim. Para Aimery? O cruel e mentiroso Aimery, que sorria quando havia derramamento de sangue no chão da sala do trono?

Mas dizer não também não seria boa ideia. Ela não ligava para o que poderiam fazer com ela, mas, se colocasse Jacin em perigo com sua recusa, se Aimery acreditasse que Jacin era o *motivo* da recusa dela...

Uma batida na porta prolongou a falta de decisão.

Aimery rosnou:

– O quê?

Jacin entrou, e, apesar de não ter expressão nenhuma no rosto, como sempre, Winter detectou um tom vermelho de ressentimento nas bochechas dele.

– Sua Alteza foi convocada para se reunir ao grupo da rainha, para se encontrar com os convidados terráqueos.

Winter relaxou de alívio.

– Obrigada, Sir Clay – disse ela, contornando Aimery.

Aimery segurou o pulso dela antes que saísse de seu alcance. Jacin levou a mão à arma, mas não a puxou.

– Eu quero uma resposta – disse Aimery, baixinho.

Winter colocou a mão em cima da de Aimery, imaginando-se despreocupada.

– Se quer agora, infelizmente a resposta vai ter que ser não – disse ela, com um descaso que negava seus verdadeiros sentimentos. – Mas me dê tempo para pensar na proposta, taumaturgo Park, e talvez a resposta seja diferente quando voltarmos a falar nisso.

Ela bateu de leve nos dedos dele e ficou grata quando ele a soltou.

Mas a expressão que ele lançou a Jacin quando passaram não falava em ciúme, mas em assassinato.

CAPÍTULO

Dezenove

FOI PRECISO UMA QUANTIDADE HEROICA DE ESFORÇO PARA KAI não estava passando mal de nervosismo. A nave parou com um baque que o fez pular. A presença de Torin ao lado dele, ao menos, era estabilizante, e ele ouviu os sussurros ansiosos dos embaixadores da Comunidade enquanto esperavam para desembarcar da sala comum da nave. Ele sentia cinco clandestinos escondidos na nave, apesar de não saber onde, então não havia como entregar a localização deles com um olhar perdido.

Se alguém ia atrair desconfiança, seria ele. Só ele e Torin sabiam sobre Cinder e os aliados dela, e a expressão de Torin era impassível, como sempre. A tripulação da nave estava ocupada demais com os procedimentos de chegada para questionar o desaparecimento da secretária de Defesa da América, e nenhum dos outros passageiros sabia que eles tinham recebido convidados.

Ao mesmo tempo, Kai não parava de pensar sobre essas pessoas, seus amigos, e o que ele as estava ajudando a fazer. Invadir Luna. Iniciar uma rebelião. Encerrar a guerra.

Ele também não parava de contar as milhares de coisas que poderiam dar errado.

Ele precisava se concentrar. Isso só funcionaria se Levana acreditasse que Kai estava determinado a ir até o fim com a aliança de casamento de uma vez por todas. Ele tinha que fazê-la pensar que tinha vencido.

A rampa começou a descer. Kai respirou fundo e prendeu o ar, tentando limpar a mente. Tentando se convencer de que queria que esse casamento e essa aliança dessem certo.

O porto real de Artemísia estava brilhando desde o chão de uma forma que o deixou desconcertado na mesma hora. As paredes eram pedregosas e pretas, mas iluminadas por milhares de pequenas lâmpadas como um céu noturno estrelado. O porto continha dezenas de naves de vários tamanhos, a maioria lunares que cintilavam em um branco uniforme, pintadas com runas não familiares e exibindo o selo real. Kai também reconheceu emblemas entre as naves; alguns convidados terráqueos já tinham começado a chegar. Vê-los reunidos o encheu de medo.

Um movimento atraiu o olhar de Kai, que viu a própria Levana deslizando pela plataforma larga que envolvia as docas. Ela estava cercada pelo grupo: o sempre arrogante taumaturgo-chefe Aimery Park estava à direita, e uma garota de vestido azul-claro ia atrás da rainha, com a cabeça baixa e o rosto obstruído pelo cabelo ondulado volumoso. Havia mais cinco taumaturgos e pelo menos doze guardas. Era uma segurança impressionante; um exagero, na opinião de Kai.

Levana estava esperando que alguma coisa desse errado? Ou seria uma demonstração de intimidação?

Preparando-se, Kai desceu a rampa para encontrar a rainha. Seu próprio grupo, que incluía dez guardas, foi atrás.

– Vossa Majestade – disse Kai, aceitando a mão esticada de Levana. Ele se inclinou para beijá-la.

– Sempre tão formal – retrucou Levana, com aquela voz repugnante que provocava arrepios na pele dele. – Não podemos nos referir um ao outro em termos tão idiotas para sempre. Talvez eu deva chamá-lo de agora em diante de Meu Amado e você deva me chamar de Sua Querida.

Kai ficou parado perto da mão dela, o ódio fazendo sua pele arder onde tocava a de Levana. Depois de um momento prolongado, ele a soltou e se empertigou.

– *Vossa Majestade* – recomeçou –, é uma honra ser recebido em Luna. Meus ancestrais ficariam cheios de orgulho ao testemunhar uma ocasião assim.

– O prazer é meu. – O olhar de Levana foi até os embaixadores reunidos na rampa da nave. – Espero que você ache nossa hospitalidade agradável. Se precisar de alguma coisa, avise um dos servos e eles cuidarão para que tudo seja providenciado.

– Obrigado – disse Kai. – Estamos curiosos com os famosos luxos da cidade branca.

– Não tenho dúvida. Vou mandar servos serem trazidos para descarregarem seus pertences e levarem aos seus aposentos.

– Não será necessário. Nossa tripulação já está descarregando a nave. – Ele fez um gesto para trás. Uma segunda rampa de carga e descarga tinha sido baixada no compartimento de carga. Ele fez questão de dizer para o capitão que queria que a tripulação cuidasse disso como prioridade. Queria ter certeza de que a nave seria esvaziada de pessoas e carga o mais rápido possível, para

que Cinder e os outros não ficassem presos nas docas por muito tempo.

– Que eficiente – disse Levana. – Nesse caso, seus embaixadores podem seguir o taumaturgo Lindwurm até nossas suítes de convidados. – Ela indicou um homem de casaco preto. – Tenho certeza de que eles devem querer descansar depois da viagem longa.

Pouco depois, os companheiros nervosos de Kai estavam sendo levados por um par de portas enormes em arco, que cintilavam com um desenho de uma lua crescente acima da Terra. Apesar de a presença de seus companheiros terrestres não oferecer segurança nenhuma, Kai se sentiu abandonado quando ele, Torin e seus guardas ficaram para trás.

– Espero que não ache grosseria eu não oferecer apresentações completas para seus convidados – disse Levana. – Minha enteada se perturba com facilidade, e rostos novos em excesso poderiam deixá-la nervosa. – Ela esticou a mão para o lado, como se estivesse conduzindo uma sinfonia. – Mas quero apresentar a *você*, pelo menos, minha enteada, a princesa Winter Hayle-Blackburn de Luna.

– Claro. Eu ouvi falar muito... sobre... você.

Kai perdeu-se em seu discurso quando a princesa levantou a cabeça e o observou através de uma cobertura de cílios grossos. Foi um olhar rápido, quase um vislumbre, mas bastou para que uma onda de calor subisse pelo pescoço de Kai até as orelhas. Ele tinha ouvido falar da beleza lendária da princesa. Beleza que não era criada por glamour, como a de Levana. Os boatos não eram exagero.

Kai limpou a garganta e forçou um sorriso controlado.

– Estou honrado em conhecê-la, Vossa Alteza.

Os olhos da princesa eram provocadores quando ela deu um passo para o lado da rainha e fez uma reverência com a graça de uma dançarina. Quando se levantou, Kai reparou nas cicatrizes pela primeira vez. Três cicatrizes uniformes cortavam a bochecha direita. Elas também eram lendárias, junto com a história de como, por inveja, Levana fez a princesa mutilar o próprio rosto.

A visão deu um nó em seu estômago.

A princesa Winter deu um sorriso dócil de lábios cerrados.

– A honra é minha, Vossa Majestade Imperial. – Chegando mais perto, ela deu um beijo leve na bochecha machucada de Kai. As entranhas dele viraram gelatina. Ele teve a presença de espírito de ficar agradecido por Cinder não estar testemunhando essa interação, pois alguma coisa dizia que ele nunca deixaria de ouvir sobre isso.

A princesa deu um passo para trás, e ele conseguiu respirar de novo.

– Com as apresentações terminadas, acho seguro deixarmos de lado qualquer formalidade futura. Afinal, com as núpcias vindouras, você é praticamente meu pai.

Kai oscilou e seu queixo caiu.

Uma gargalhada silenciosa brilhou no olhar da princesa quando ela voltou à posição atrás da madrastra. Ela não parecia perturbada *nem* nervosa.

A rainha lançou um olhar irritado para a enteada e fez um gesto para o homem do outro lado dela.

– Você se lembra, claro, do meu taumaturgo-chefe, Aimery Park.

Kai fechou a boca e inclinou a cabeça, embora o taumaturgo oferecesse só a arrogância de sempre em resposta.

– Bem-vindo a Luna – disse ele.

Ao observar o grupo, Kai reconheceu dois guardas. Ver o capitão da guarda da rainha não foi surpresa, mas seus dentes se trincaram quando ele notou o guarda louro que era como uma sombra de Sybil Mira quando ela foi hóspede em Nova Pequim.

Suas entranhas se contorceram de desconfiança. Cinder havia pensado que esse guarda era aliado, mas ela desconfiava que ele os tinha denunciado para Sybil quando estavam tentando fugir do palácio. A presença dele ali, de uniforme novamente, confirmava as desconfianças dela.

Não importava, pensou ele. Cinder teve sucesso apesar da traição dele.

Levana sorriu, como se detectasse a rebelião nos pensamentos de Kai, apesar de todas as tentativas dele de parecer complacente.

– Acredito que isso deixa apenas uma questão para cuidarmos antes de levarmos vocês aos seus aposentos. – Ela estalou os dedos, e dois taumaturgos e seis guardas fizeram posição de sentido. – Revistem a nave deles.

Apesar de todas as suas tentativas de agir com normalidade, Kai não conseguiu se livrar do pânico que ardeu em seu peito.

– Como é? – disse ele, virando a cabeça enquanto o grupo marchava por ele. – O que vocês estão fazendo?

– Meu querido amado, você não achou que eu confiaria cegamente na sua palavra depois de você ter demonstrado tanta solidariedade com meus inimigos, achou? – Ela entrelaçou os dedos. Eles podiam estar falando sobre o tempo. – Quando estávamos monitorando sua frota, reparamos que vocês acolheram a bordo alguns passageiros da República Americana, mas parece que eles são tímidos demais para se mostrar.

O estômago de Kai despencou quando um dos guardas o puxou junto com Torin para trás da rainha, e ele teve que olhar impotente enquanto os homens de Levana subiam a bordo da nave. Se seus guardas pensaram em oferecer alguma proteção, já estavam sob controle lunar.

Kai apertou os punhos.

– Isso é um absurdo. Os americanos estavam com o grupo que você acabou de mandar lá para dentro. Não há nada na nave além de bagagem e presentes de casamento.

O rosto da rainha endureceu.

– Para seu bem, imperador Kaito, eu espero que seja verdade. Porque, se você veio aqui para me trair, temo que esta acabe sendo uma visita incrivelmente desagradável.

CAPÍTULO

Vinte

CINDER ESTAVA ENCOSTADA NO CANTO DE UM ARMÁRIO DE DEPÓS coração disparado na escuridão. Faixas leves de luz entravam pelas frestas da porta, permitindo que ela identificasse os perfis e olhos brilhantes dos companheiros. Ela ouvia o movimento e os barulhos conforme o compartimento de carga ia sendo esvaziado embaixo dos pés deles.

Ela tentou pensar naquilo como um retorno ao lar. Tinha nascido ali, naquela lua, naquela cidade. Ali, seu nascimento fora comemorado. E também, ali, ela teria sido criada para ser rainha.

Mas não importava como tentava pensar na situação; ela não se sentia em casa. Estava escondida em um armário com a possibilidade bem real de ser morta no momento em que alguém a reconhecesse.

Ela olhou para os companheiros. Lobo estava ao lado, com o maxilar tenso e a testa firme de concentração. Na parede oposta, Iko estava agachada com as mãos sobre a boca, como se a necessidade de ficar quieta fosse uma tortura. No silêncio vazio, Cinder detectou um zumbido sutil vindo da androide, uma indicação das máquinas por baixo da pele sintética. O pescoço estava consertado, pois Kai tinha trazido exatamente o que Cinder precisava.

De pé ao lado de Iko, Thorne estava com um braço em volta dos ombros de Cress, sua mão livre coçando o queixo. Encostada nele, Cress parecia mais pálida do que o habitual, com a ansiedade evidente até na escuridão.

Eles eram um grupo heterogêneo com as roupas amarronzadas que Kai havia levado, inclusive um chapéu de tricô preto para cobrir o cabelo azul de Iko, e luvas pesadas para a mão ciborgue de Cinder. Colocá-las gerou muitas lembranças. Houve uma época em que ela usava luvas para tudo, quando tinha tanta vergonha de ser ciborgue que se recusava a mostrar a prótese. Ela não conseguia lembrar quando isso mudou, mas agora as luvas pareciam uma mentira.

Um brilho azul chamou sua atenção para Cress, que tinha ligado um tablet e estava examinando um diagrama do porto real de Artemísia.

– Estamos em uma posição boa – sussurrou ela, inclinando a tela para mostrar a eles. Havia três saídas do porto, uma que levava ao palácio acima, uma que se ligava às docas públicas de espaçonaves da cidade, e uma que levava aos túneis dos trens de levitação magnética, o destino deles. Os túneis formavam um sistema de transporte subterrâneo complexo, unindo todos os setores de Luna. Cinder estudou o sistema tantas vezes que teria decorado mesmo se não tivesse feito o download do mapa para a interface cérebro-máquina. Para ela, o sistema parecia uma teia, e a capital Artemísia era a aranha.

Cress estava certa. Os pilotos pararam a nave perto da saída que os levaria para os túneis de trens de levitação magnética. Era o melhor que podiam esperar.

Mas ela não conseguia negar que era tentador abandonar o plano, esquecer a paciência, tentar acabar com tudo ali, naquele instante. Ela estava na porta de Levana. Estava *tão perto*. Seu corpo estava todo tenso, pronto para invadir o palácio e seu exército.

Ela olhou para Lobo. Os punhos dele ficavam se flexionando. Havia morte em seus olhos. *Ele* invadiria o palácio com ela, ela sabia, na esperança de Scarlet estar lá. Mas eles nem sabiam se Scarlet ainda estava viva.

Mas era o desespero que a estimulava, não a confiança. Mesmo se passasse pela segurança de Levana e a matasse, também acabaria morta. Aí, algum outro lunar se apresentaria para tomar o trono e Luna não ficaria melhor do que estava antes.

Ela enterrou a tentação no fundo do estômago. A questão ali não era assassinar Levana. Era dar voz aos cidadãos de Luna e garantir que essa voz fosse ouvida.

Ela tentou se distrair repassando o plano em pensamento. Essa era a parte mais perigosa, mas ela torcia para que Levana e sua equipe de segurança estivessem tão ocupadas com os convidados terráqueos chegando que nem reparariam em um grupo de trabalhadores saindo pelo porto real. O objetivo deles era chegar ao Setor MR-9, onde esperavam encontrar os pais de Lobo e receber abrigo temporário, no qual poderiam começar a fase seguinte do plano: informar ao povo de Luna que a verdadeira rainha tinha voltado.

Se eles chegassem lá sem serem detectados, Cinder sabia que teriam chance.

O barulho de passos a assustou. Estava alto demais, como se alguém estivesse no mesmo nível que eles, não abaixo, no compartimento de carga. Ela trocou expressões desconfiadas com os companheiros. Uma porta distante foi fechada, e ela ouviu alguém gritando ordens. Mais passos foram ouvidos em seguida.

– Sou só eu, ou parece que alguém está revistando a nave? – sussurrou Thorne.

As palavras dele espelharam os pensamentos dela. A compreensão logo virou horror.

– Ela sabe que estamos aqui. Estão nos procurando.

Ela olhou para os companheiros, com expressões que iam de pavor a ansiedade, e todos eles, Cinder percebeu com um susto, encaravam-na. Esperando instruções.

Fora do armário apertado, as vozes ficaram mais altas. Alguma coisa caiu no chão.

Cinder apertou os punhos com luvas.

– Lobo, Thorne, assim que um taumaturgo vir um de vocês, vai tentar controlá-los. – Ela lambeu os lábios. – Tenho permissão de assumir o controle de vocês primeiro? Só dos corpos, não das mentes.

– Eu estava esperando você admitir que queria meu corpo – disse Thorne. Ele colocou a mão na arma da cintura. – Fique à vontade.

Lobo pareceu menos animado, mas deu um aceno rápido.

Cinder projetou sua vontade em Thorne com a mesma facilidade com que cortava um pedaço de tofu. A energia de Lobo era mais caótica, mas ela passou tanto tempo treinando com ele

a bordo da Rampion que também notou pouca resistência. Cinder sentiu os membros deles como se fossem uma extensão dos seus. Embora soubesse que estava fazendo aquilo para a própria proteção deles, para impedir que fossem transformados em armas do inimigo, ela não conseguiu deixar de sentir que manipulá-los era trair a confiança deles. Era um equilíbrio injusto de poder; a segurança deles era responsabilidade dela.

Ela pensou em Levana, forçando o guarda a receber a bala por ela no baile real, e se perguntou se algum dia tomaria uma decisão semelhante com um dos amigos.

Ela esperava nunca ter que fazer isso.

Uma voz ecoou em um corredor próximo.

– Nada na sala de máquinas. Vocês, separem-se. Revistem esses corredores e relatem o que encontrarem.

Eles estavam perto, e, se houvesse um taumaturgo, ela sabia que não demoraria até ele ou ela estar perto o bastante para detectar a bioeletricidade vinda do depósito. Ela imaginou a disposição da nave e tentou elaborar um plano, mas havia pouca esperança de fugir sem anunciar sua presença.

Eles teriam que lutar para sair da nave. Teriam que lutar até os trens de levitação magnética.

– Cinder – sussurrou Thorne. O corpo dele estava imóvel como uma estátua, esperando a ordem. – Me mande lá para fora.

Cress virou a cabeça para ele, mas Thorne não devolveu o olhar.

Cinder franziu a testa.

– O quê?

– Me mande como isca, pela rampa principal e para longe das portas até os trens. Vou afastá-los por tempo suficiente para vocês saírem pelo compartimento de carga.

– Thorne...

– Ande. – Os olhos dele brilharam. Ele continuou sem olhar para Cress. – Nós chegamos até Luna. Você não precisa de piloto aqui, nem de capitão.

A pulsação dela acelerou.

– Você não precisa...

Lá fora, alguém gritou:

– A sala da imprensa está vazia!

– Pare de desperdiçar tempo – disse Thorne entredentes. – Vou levá-los para longe e dou a volta para encontrar vocês.

Ela sabia que ele estava sendo confiante demais, mas Cinder se viu assentindo na mesma hora em que Cress começou a balançar negativamente a cabeça.

– Meu controle sobre você vai ser intermitente dentro da nave, mas, se eu conseguir encontrá-lo, vou tomá-lo de volta assim que estivermos todos lá fora. – *Se eles não tomarem você primeiro*, pensou ela, sem querer falar em voz alta. Controlar um terráqueo como Thorne era fácil, mas tirar o controle de um taumaturgo era significativamente mais difícil.

– Entendi. – O maxilar de Thorne se contraiu.

– Tome cuidado – disse Cress, mais um gritinho do que um sussurro, e a atenção de Thorne se voltou para ela por um brevíssimo momento...

Mas Cinder abriu a porta com um chute e jogou Thorne no corredor. Ele bateu na parede, mas se empurrou e cambaleou

para a esquerda. Os braços e pernas se moveram conforme ele corria para o convés principal. Não demorou para que estivesse fora do alcance dela. Havia aço demais os separando. Cinder perdeu o controle, e Thorne estava por conta própria.

Segundos depois que seu domínio sobre ele se rompeu, ouviu-se um estrondo. Thorne tinha quebrado alguma coisa.

Cinder torcia para não ser algum artefato de valor inestimável da Comunidade.

Na câmara ao lado, um estampido de pés correu atrás dele. Quando Cinder projetou os pensamentos, não sentiu nenhuma outra bioeletricidade além da de Lobo. Aquele lado da nave estava vazio.

Ela colocou a cabeça no corredor. Não havia sinal de ninguém a bordo. Do outro lado da nave, ouviu gritos.

Cinder correu na direção oposta à qual enviou Thorne. Os outros correram atrás dela, descendo dois níveis em uma escada estreita em espiral, por uma cozinha industrial que fazia a da Rampion parecer brinquedo de criança, e por um corredor utilitário separando as docas das naves de passeio. Eles pararam acima da escotilha que os levaria ao compartimento de carga. Cinder ainda ouvia movimento de pés e barulho de máquinas abaixo, mas não tinha como saber se eram os trabalhadores terráqueos descarregando a carga ou os lunares a inspecionando.

Independentemente de quem fosse, não havia tempo para esperar que partissem.

Cinder carregou uma bala no dedo. Eles tinham encontrado munição suficiente a bordo da Rampion, mas ela não conseguia

deixar de desejar que Kai tivesse arranjado mais dardos tranquilizantes para ela na Terra.

Tarde demais. Não havia tempo para pensar.

Lobo abriu a escotilha e pulou primeiro. Cinder mais uma vez tomou controle do corpo dele, para o caso de haver lunares lá embaixo, mas não tinha nada a ver com o rosnado e com o brilho dos dentes.

Ela foi atrás dele. O chão estalou quando lko desceu em seguida, com os baques hesitantes dos passos de Cress na escada logo depois.

Três pessoas que estavam inspecionando as caixas se viraram para olhar para eles. Cinder registrou os uniformes de um taumaturgo de casaco preto e dois guardas lunares na mesma hora em que uma arma disparou.

A perna esquerda deu um pulo embaixo dela, com a onda de choque vibrando pelo quadril até a espinha. A bala acertou a coxa de metal.

Cress gritou e ficou imóvel na escada, e só soltou os degraus quando lko a segurou e puxou. Cinder mandou as pernas de Lobo se mexerem. Eles correram para trás de uma caixa carregada de mercadorias da Comunidade na hora em que outra bala quicou na parede acima. Uma terceira acertou a caixa e lascou a madeira do outro lado.

Os tiros pararam.

Cinder pressionou as costas na caixa e se reorientou. Ela projetou os pensamentos, encontrou a bioeletricidade dos lunares estalando no aposento, mas é claro que os guardas já estavam sob o controle do taumaturgo.

A rampa que os permitiria escapar da nave ficava do lado oposto do compartimento de carga.

Um silêncio sinistro se espalhou, deixando Cinder assustada, tentando ouvir passos indo na direção deles. Ela esperava que os lunares fossem tentar cercá-los. As armas não ficariam silenciosas por muito tempo.

Os membros de Lobo ficaram imóveis pela primeira vez, e ocorreu a Cinder que *ela* o mantinha tão imóvel. Só a expressão dele estava viva. Feroz, enlouquecida. Ele era a melhor arma, mas, sob o controle dela, ele seria desajeitado e estabanado, não tão brutal quanto poderia ser sozinho. O treinamento deles a bordo da Rampion se concentrou em deter um inimigo. Desarmá-lo. Afastar uma ameaça.

Ela desejou que eles tivessem passado mais tempo treinando como transformar pessoas em armas. Era uma habilidade na qual Levana e seus seguidores eram excelentes.

Lobo encarou os olhos dela, e um pensamento lhe ocorreu. Ela estava controlando o corpo dele, mas não a mente e as emoções. E se mudasse de tática? Ainda poderia protegê-lo do poder do taumaturgo enquanto permitia que ele fizesse o que fazia melhor.

– Pegue o taumaturgo – sussurrou ela, e soltou o corpo de Lobo, agarrando seus pensamentos. Cinder ofereceu a ele uma visão da primeira coisa terrível que lhe veio à mente: a luta a bordo da Rampion entre eles e Sybil Mira. O dia em que Scarlet foi levada.

Lobo pulou por cima da caixa. Tiros explodiram, balas ricochetearam, paredes tremeram.

Iko rugiu e passou voando por ela, derrubando um guarda que apareceu no canto da visão de Cinder. A arma dele disparou; a bala acertou o teto. Iko deu um soco nele, e a cabeça bateu no chão de metal. O corpo dele parou de se sacudir, inconsciente.

Cinder levantou-se num pulo, segurando a mão ciborgue como uma arma, e viu o segundo guarda se esgueirando pelo outro lado. O rosto dele estava vazio, sem medo. E então, enquanto ela o observava, a expressão passou. Seus olhos se concentraram em Cinder, perplexos.

O taumaturgo tinha perdido o controle dele.

O momento era passageiro. O guarda rosnou e mirou a arma em Cinder, mas era tarde demais. Ela já tinha agarrado a bioeletricidade dele. Com um pensamento, ela o enviou para a inconsciência. Ele ficou de joelhos e caiu de cara no chão com um estrondo. Sangue jorrou do nariz. Cinder se encolheu.

Um grito ecoou pelo compartimento.

Cinder não conseguia mais ver Lobo, e o terror tomou conta. Ao assumir o controle do guarda, ela se esquecera de proteger a mente de Lobo de...

Os gritos pararam, e logo houve um baque.

Um segundo depois, Lobo apareceu, saindo de trás de uma estante cheia de malas, rosnando e balançando o punho direito.

Com a pulsação latejando, Cinder se virou e viu Iko com o braço ao redor de Cress, muito pálida.

Eles correram para a rampa, e Cinder ficou agradecida pelo fato de o declive estar direcionado para longe da entrada do palácio. Conforme eles iam se esgueirando, ela observava os arredores, tanto com os olhos quanto com o dom lunar. Naquele

espaço aberto, sentia um amontoado de gente ao longe e notou que havia terráqueos e lunares misturados.

O caminho deles até as portas dos trens de levitação magnética ao menos estava liberado. Se tomassem cuidado, poderiam ficar escondidos atrás daquela fila de naves.

Ao menos até um daqueles lunares sentir a energia vibrante de Lobo e se perguntar o que um soldado modificado estava fazendo ali.

Ela balançou o braço, e eles seguiram pela lateral da rampa. Cinder aguardou o tempo de uma respiração por um sinal de que eles tinham sido notados. Como não houve nenhum, correram até a nave seguinte, e até a seguinte. Cada barulho de passos ressoava nos ouvidos dela. Cada respiração parecia uma ventania.

Um grito a assustou, e, juntos, eles se agacharam atrás do trem de pouso de uma nave elaboradamente pintada da União Africana. Cinder sustentou a mão em posição, com a bala ainda carregada no dedo.

– Ali! – gritou alguém.

Cinder espiou ao redor das pernas da espaçonave e viu uma pessoa correndo entre as naves. Thorne, indo para longe deles a toda a velocidade.

Ainda não controlado por um lunar.

Com o coração aos saltos, Cinder procurou a mente dele, torcendo para alcançá-lo antes de um dos lunares do outro lado da doca...

Sucesso.

Como com Lobo, ela enfiou uma ideia na cabeça dele.

Volte para cá.

Com um susto, Thorne tropeçou e caiu, rolou duas vezes e se levantou. Cinder se encolheu de culpa, mas ficou aliviada quando ele mudou de direção. Thorne contornou duas naves de passeio e desviou de uma saraivada de balas vindas de um grupo de guardas que surgiu da rampa principal da nave de Kai.

– Eu o peguei – disse Cinder. – Vamos.

Mantendo parte do foco em Thorne e o resto em seus movimentos cuidadosos, Cinder ficou perto de Lobo enquanto eles se protegiam atrás de uma nave e saíam de trás dela, ziguezagueando pela plataforma ampla que batia na altura dos ombros por todo o perímetro da doca. A saída surgiu à frente. Uma porta dupla enorme, entalhada com misteriosas runas lunares. Uma placa acima delas indicava o caminho até a plataforma dos trens de levitação magnética.

Eles chegaram na última nave. Ficaram sem proteção. Quando estivessem na plataforma, o terreno seria elevado e aberto.

Cinder olhou para trás. Thorne estava deitado de bruços embaixo da cauda de uma nave individual. Ele sinalizou para eles irem e se apressarem.

– Iko, você e Cress vão primeiro – disse Cinder. Se elas fossem vistas, ao menos não poderiam ser manipuladas. – Vamos dar cobertura a vocês.

Iko se colocou entre Cress e a porta do palácio, e elas correram pelo pequeno lanço de escadas. Cinder virou a arma embutida de um lado para outro, procurando ameaças, mas os guardas estavam concentrados demais em encontrar Thorne para reparar neles.

Um sibilar atraiu a atenção dela de volta à plataforma. Iko e Cress estavam na porta, que permanecia fechada.

O estômago de Cinder despencou.

A porta deveria se abrir automaticamente.

Mas... não. Levana os aguardava. É claro que tomou precauções para garantir que não escapassem.

O rosto dela se contorceu e o desespero a soterrou. Ela lutou para pensar em outra saída. Lobo seria forte o bastante para abrir a porta? Eles conseguiriam abri-la com disparos?

Enquanto revirava o cérebro, uma nova expressão surgiu em Cress, substituindo o pavor de olhos arregalados por determinação. Cinder seguiu o olhar dela até uma cabine de controle circular que ficava entre a entrada que levava aos trens e a do palácio. Antes que Cinder adivinhasse o plano, Cress ficou de quatro e começou a engatinhar junto à parede.

Uma arma disparou. Cress se encolheu, mas seguiu em frente.

Logo em seguida, houve outro disparo, e outro, cada um fazendo Cinder se abaixar mais. Com o terceiro tiro, houve ruído de vidro se estilhaçando.

Cinder se virou com o coração na garganta e procurou Thorne. Ele não tinha se movido, mas estava segurando uma arma mirada para trás. Tinha atirado em uma janela da nave de Kai.

Ele estava criando outra distração, tentando atrair mais atenção para si, a fim de afastá-los de Cress.

Com a garganta seca como areia do deserto, Cinder olhou para trás e viu que Cress tinha chegado à cabine. Ela estava segurando o tablet, com os dedos da outra mão dançando acima de uma

invisitela. Iko ainda estava ao lado da porta, agachada, pronta para pular e correr à menor provocação.

Ao lado de Cinder, Lobo estava concentrado em Thorne, pronto para correr para a luta assim que uma fosse iniciada.

Passos soaram na rampa da nave de Kai, e mais guardas lunares ocuparam os corredores. Mas não eram os guardas que preocupavam Cinder. Eles não seriam habilidosos o bastante para detectar Thorne no meio deles. Eram os taumaturgos que a preocupavam, mas ela não conseguia encontrá-los.

Portas assobiaram. Lobo segurou o cotovelo de Cinder antes que ela conseguisse se virar e a puxou para a plataforma.

Cress tinha conseguido abrir a porta.

Iko já estava do outro lado, com as costas em uma parede de corredor, acenando para eles. Tinha sacado a própria arma pela primeira vez e estava procurando um alvo.

– *Ali!*

Lobo e Cinder subiram a escada. Uma bala ricocheteou na parede, e ela se abaixou e cambaleou pela porta. Eles bateram contra a parede ao lado de Iko.

Cinder olhou para trás, ofegante. Os perseguidores tinham desistido de tentar pegá-los desprevenidos e estavam correndo na direção deles a toda a velocidade. Mas Thorne tinha a vantagem e também abriu mão do esconderijo em nome da velocidade. Cinder alimentou a mente dele com imagens: as pernas correndo tão rápido quanto as de uma gazela, os pés mal tocando o chão. Ela temia que transformá-lo em marionete fosse só desacelerá-lo, mas o encorajamento mental pareceu dar

certo. A velocidade dele aumentou. Ele subiu a escada em dois passos.

Por cima do ombro dele, Cinder finalmente viu a taumaturga, uma mulher de cabelo preto curto e casaco vermelho.

Trincando os dentes, ela levantou o braço e disparou. Não sabia onde a tinha acertado, mas a mulher gritou e caiu.

Thorne se jogou pela porta na hora em que os guardas chegaram à base da escada da plataforma. A porta se fechou atrás dele.

Thorne desabou encostado na parede, segurando o peito. As bochechas estavam vermelhas, mas os olhos vibravam de adrenalina enquanto ele olhava para o grupo. Para Cinder, para Iko, para Lobo.

O sorriso crescente sumiu.

– Cress?

Cinder, ainda recuperando o fôlego, balançou a cabeça.

O maxilar dele ficou flácido de pavor. Ele se empurrou da parede e correu para a porta, mas Lobo pulou na sua frente e segurou os braços de Thorne nas laterais do corpo.

– Me solte – rosnou Thorne.

– Não podemos voltar – disse Lobo. – É suicídio.

Para pontuar as palavras dele, uma saraivada de balas acertou a porta, com os estalos metálicos ecoando pelo corredor no qual eles estavam presos.

– Nós não vamos abandoná-la.

– Thorne... – começou Cinder.

– Não! – Thorne soltou um braço e deu um golpe, mas Lobo se abaixou. Em meio momento, Lobo já tinha se virado e prendido

Thorne contra a parede, a mão enorme no pescoço dele.

– Ela nos deu essa chance – declarou Lobo. – Não a desperdice.

O maxilar de Thorne se contraiu. Seu corpo estava tensionado como um cabo esticado, pronto para lutar, embora ele não fosse páreo para Lobo. O pânico era visível em cada linha de seu corpo, mas muito lentamente as respirações erráticas começaram a se regularizar.

– Nós temos que ir – disse Cinder, quase com medo de sugerir.

O foco de Thorne se dirigiu para a porta fechada.

– Eu poderia ficar? – sugeriu Iko num tom inseguro. – Eu poderia voltar para pegá-la?

– Não – respondeu Cinder. – Nós ficamos juntos.

Thorne se encolheu, e Cinder percebeu a crueldade das palavras tarde demais. O grupo já estava dividido.

Ela se aproximou para colocar a mão no braço de Thorne, mas pensou melhor.

– Ainda estaríamos lá se não fosse por ela. Nós *todos* teríamos sido capturados, mas, graças a Cress, não fomos. Ela nos salvou. Agora, temos que ir.

Ele apertou os olhos. Seus ombros murcharam.

Seu corpo todo estava tremendo, mas ele assentiu.

Lobo o soltou, e eles correram.



LIVRO

Dois

*O caçador teve pena dela e disse: “Fuja para a floresta,
criança, e não volte nunca.”*



CAPÍTULO

Vinte e um

EM UM DETERMINADO MOMENTO DURANTE A AGITAÇÃO QUE A depois da chegada do imperador Kaito, Jacin se colocou na frente de Winter (seu eterno protetor), e ela agarrou o tecido da camisa dele com a mão fechada. A presença dele era em parte consolo, em parte irritação. Ele bloqueava sua vista.

Mas ela tinha uma visão clara como o nascer do dia quando viu quatro pessoas saírem correndo pela saída que levava aos trens de levitação magnética. As portas se fecharam no meio de uma saraivada de balas. Apesar de estarem longe demais para ver, Winter tinha certeza de que uma daquelas pessoas era Linh Cinder.

Sua querida prima desaparecida, a princesa Selene.

– Atrás deles! – gritou Levana.

Os guardas que foram enviados para revistar a nave do imperador estavam na saída em segundos, tentando abrir a porta, mas elas nem se mexiam.

Levana girou nos calcanhares para encarar Sir Jerrico Solis.

– Envie uma equipe pelo palácio para as entradas do lago, outra pela cidade. Tente interceptá-los na plataforma.

Jerrico prendeu a mão no punho e saiu correndo, mandando oito guardas seguirem junto.

– Aimery – gritou Levana –, mande que todos os trens saindo de Artemísia sejam detidos. Mande revistá-los, assim como todos os túneis e plataformas. Eles não podem sair da cidade. E descubra como conseguiram passar por aquela porta!

Aimery fez uma reverência.

– Eu já convoquei o técnico. Vamos travar todo o sistema.

Com as narinas dilatadas, Levana empertigou a coluna e se virou para encarar o imperador. Ele estava de pé na parte de trás do pequeno grupo, sozinho exceto pela companhia de alguns guardas terráqueos e do conselheiro. Mas não parecia estar com medo. Winter achou que devia estar, mas os lábios dele estavam apertados em um esforço para não sorrir.

Winter inclinou a cabeça e o inspecionou. Ele parecia estar sentindo orgulho. Quase arrogância. Ela começou a sentir culpa por tê-lo provocado antes.

– Clandestinos – disse ele, quando tinha a atenção de Levana. Os ombros se balançaram em um movimento despreocupado. – Que surpresa inesperada.

O rosto de Levana estava ferozmente lindo. De tirar o fôlego de tanta crueldade.

– Você trouxe um inimigo conhecido para o coração do meu país. Em um momento de cessar-fogo mútuo, você cometeu um ato de traição.

Kai nem se mexeu.

– Minha lealdade é à Comunidade das Nações Orientais e à Terra. Não a Luna, e certamente não a você.

Levana apertou os olhos.

– Você parece confiante de que não vou mandar matá-lo por isso.

– Não vai – disse ele, com uma abundância de confiança, como a madrasta de Winter supôs. A princesa se contorceu de repente com medo por ele. – Pelo menos, ainda não – consertou Kai.

Uma sobrancelha perfeita foi erguida.

– Você está certo – disse Levana. – Talvez eu mate seu conselheiro, então. Claro que ele estava ciente dessa sua traição escancarada da minha confiança.

– Faça comigo o que quiser – disse o conselheiro, tão inabalável quanto Kaito. – A *minha* lealdade é só do meu imperador.

A bochecha de Kai tremeu.

– Se você fizer mal a qualquer um dos seus convidados terráqueos como punição ou ameaça a mim, eu vou me recusar a ir em frente com esse casamento.

– Aí não vou ter mais motivo para mantê-lo vivo.

– Eu sei – disse Kai –, mas também não vai ser imperatriz.

Os olhares deles se confrontaram enquanto Winter, Jacin e os outros guardas observavam. Os batimentos de Winter estavam erráticos enquanto ela esperava a ordem da rainha para matarem o imperador, pela insolência e pelo papel no transporte de Linh Cinder até Artemísia.

A porta do palácio se abriu e um guarda entrou, acompanhando um dos técnicos.

– Minha rainha, chamou?

Aimery deu um passo à frente.

– Houve ordens rigorosas para que as saídas deste porto fossem trancadas, mas parece que aconteceu algo de errado. Sua Majestade quer saber o que foi e ter certeza de que não vai acontecer de novo.

O técnico fez uma reverência e saiu correndo pela plataforma na direção do painel de controle que monitorava as saídas e a câmara enorme das naves depois das portas do porto.

Winter os observava quando seu olhar captou um movimento. Ela franziu a testa, segura de ter visto alguém se abaixando atrás de parte da carga terráquea.

Ou tão segura quanto podia ficar de qualquer coisa que visse, ou seja, não muito.

A madrastra se voltou de novo para o imperador e balançou o braço na direção dele, irritada com a presença.

– Levem os terráqueos para os aposentos deles – disse ela. – E façam com que fiquem lá.

O imperador e seu grupo não ofereceram resistência quando o guarda os levou com mais força do que era necessário. Kai não olhou na direção de Winter, mas quando passou ela viu que ele não estava mais escondendo o sorriso. Ele podia ter se tornado prisioneiro da rainha, mas estava claro que via aquilo como uma vitória.

Os passos altos dos guardas tinham sumido quando o técnico gritou:

– Minha rainha!

Seus dedos estavam dançando nas telas, com o rosto transtornado de pânico. Levana foi na direção dele. O resto do grupo a seguiu, e, apesar de Jacin ter se movido para ficar na

frente de Winter, ela se desviou dele e deu um pulo à frente, ignorando seu rosnado. Ela observou as pilhas de caixas e malas de novo, mas não havia sinal da pessoa misteriosa que imaginou ter visto antes.

– O quê? – disse Levana com rispidez.

O técnico não se virou dos controles. Na tela mais próxima, Winter via um mapa do sistema de transporte e uma mensagem de erro piscando no canto. Jacin apareceu de novo ao lado dela e lhe lançou um olhar gelado por sair do círculo de proteção dele. Ela o ignorou.

– É... – começou o técnico. Ele se virou para outra tela.

– Sugiro que você encontre sua língua, antes que eu a desabilite permanentemente – disse Levana.

O técnico tremeu e se virou para encará-los, embora suas mãos permanecessem inúteis perto das telas.

– O sistema está...

Levana esperou.

Winter ficou muito preocupada com a vida daquele homem.

– ... inacessível, minha rainha. Não consigo... eu não consigo acessar os horários dos trens, a sobreposição manual... até as entradas da plataforma principal foram trancadas. Com... com exceção do corredor que a liga a essas docas, que foi a única coisa deixada desimpedida.

Levana apertou os lábios em uma linha firme e não disse nada.

– O sistema foi invadido? – perguntou Aimery.

– S-Sim, acho que sim. Poderíamos levar horas para reconfigurar os códigos de acesso... eu nem sei o que *fizeram*.

– Você está me dizendo que não consegue nem fazer os trens saindo da cidade pararem? – disse Levana.

O técnico estava pálido.

– Vou continuar tentando, Vossa Majestade. Vou ter um acesso bem melhor ao sistema da sala de controle do palácio, então vou só...

– Você tem algum aprendiz? – perguntou a rainha. – Ou um parceiro de trabalho?

Os pelos do pescoço de Winter se eriçaram.

O técnico gaguejou:

– N-Nós somos três... aqui no palácio... mas eu tenho mais experiência, com mais de vinte anos de serviço leal, e...

– Matem-no.

Um guarda tirou a arma do coldre. Winter virou a cabeça e, apesar de ser um pensamento mesquinho, ela ficou feliz de não ser Jacin o obrigado a cometer o assassinato. Se ele ainda fosse guarda do taumaturgo-chefe, poderia ter sido.

– Por favor, minha rai...

Winter deu um pulo quando o tiro ressoou por sua cabeça, seguido de um som com que ela estava muito familiarizada. Um choramingo. Vindo de trás da pilha de caixas.

Atrás dela, o estalo de fios e estilhaços de plástico sugeria que a bala tinha acertado uma das telas também. O guarda colocou a arma no coldre.

Aimery se virou para a rainha.

– Vou fazer contato com Jerrico, para ver se as equipes dele conseguiram acesso à plataforma, e alertá-lo de que o caminho pode estar fechado.

– Obrigada, Aimery. Alerta também os outros dois técnicos sobre o problema com o sistema de trens.

Aimery pegou o tablet e se afastou do grupo, indo na direção da beirada da plataforma. Ele estava virado para a pilha de caixas, e apesar de a atenção estar no tablet, Winter procurava outro sinal de vida embaixo.

Ali. Um pé, ela pensou, encolhido contra um baú grande.

Winter deu um leve suspiro de alegria e entrelaçou os dedos embaixo do queixo. Todos se viraram para ela, assustados com a sua presença, o que não era incomum.

– Você acha que os terráqueos nos trouxeram presentes, madrasta?

Sem esperar resposta, ela levantou as saias e andou na direção da carga, subindo nas pilhas irregulares de caixas e baús até ter chegado ao nível mais baixo.

– Winter – cortou Levana –, o que você está fazendo?

– Procurando presentes! – gritou ela, rindo. A sombra de Jacin caiu sobre ela lá de cima. Winter conseguia visualizar a expressão dele, até o tremor irritado das sobrancelhas, e sabia que, de onde estava com o resto do grupo da rainha, ele não via o que ela estava vendo.

Uma garota de cabelos louros curtos e olhos azuis apavorados estava bem encolhida. As costas estavam grudadas a uma caixa e o corpo todo tremia.

Winter levantou a cabeça e sorriu, primeiro para Jacin e depois para a madrasta. Esforçando-se ao máximo para não olhar para o sangue na parede mais distante.

– Esta diz que tem vinho da Argentina! Deve ser dos americanos. Podemos brindar a uma tarde tão agitada.

Ela se inclinou sobre a garota trêmula e abriu a caixa com um estalo alto. Em seguida, levantou a tampa.

– Ah, droga, a caixa mentiu. Só tem enchimento.

Segurando a tampa com uma das mãos, ela começou a puxar os papéis picados o mais rápido que conseguiu, espalhando no chão a seus pés. A garota ficou olhando para ela.

A voz da madrastra estava fria como gelo:

– Sir Clay, por favor, escolha sua protegida daqui. Ela está passando vergonha.

As palavras dela carregavam peso demais, mas Winter não tentou decifrá-las. Estava ocupada cutucando a garota com o dedão do pé e indicando para que entrasse na caixa.

As botas de Jacin fizeram barulho nas caixas quando ele desceu na direção dela. Winter segurou o cotovelo da garota e a empurrou, fazendo com que se mexesse. Ela ficou de joelhos, segurou a beirada da caixa e se jogou lá dentro, o barulho sendo abafado pelo de Winter amassando papel.

Sem esperar para ver se a garota estava confortável, Winter fechou a tampa quando Jacin desceu para seu lado. O sorriso se abriu mais para ele.

– Ah, que bom, você está aqui! Pode me ajudar a carregar esses papéis para meu quarto. Que presente atencioso dos americanos, não acha?

– Princesa...

– Eu concordo, Jacin. Uma caixa cheia de papel é bagunçada demais para ser presente de casamento, mas não devemos ser

ingratos.

Ela pegou uma braçada de papel e saiu andando na direção da entrada do palácio, sem ousar olhar para trás.

CAPÍTULO

Vinte e dois

CINDER ESTAVA ACOSTUMADA A SENTIR A ENERGIA DE LOBO, INC agitada, saindo dele como fumaça, como ondas de calor no asfalto. Mas isso era novidade vindo de Thorne, normalmente inabalável. Enquanto eles corriam por uma escadaria interminável, cada vez mais fundo no subterrâneo de Luna, a energia de Thorne foi ficando tão palpável quanto a de Lobo. Furioso, apavorado, cheio de culpa. Cinder queria poder desligar seu dom lunar para não ter que lidar com a sobrecarga de emoções dos companheiros, além das dela própria.

Eles perderam Cress. Levana sabia da traição de Kai. O grupo já estava fragmentado e o plano dela estava desmoronando.

Os degraus terminaram em um corredor longo e estreito ladeado de estátuas de túnica, cada uma segurando uma esfera iluminada que emitia luz no teto em arco. O chão era feito de milhares de azulejos pretos e dourados, criando um padrão que girava e encolhia como a Via Láctea. Seria uma maravilha de olhar se eles tivessem tempo de admirar, mas os pensamentos de Cinder estavam tumultuados demais. Procurando sons de perseguição. Visualizando o rosto de Cress, determinado, apesar do medo. Tentando planejar o próximo passo e o que fariam se os trens falhassem, pois Levana devia saber para onde estavam indo.

No final do corredor, chegaram a outra escadaria em espiral, entalhada em madeira escura e polida. O corrimão e os degraus eram ondulados e irregulares, e Cinder demorou dois lanços, segurando nos corrimões para, em sua pressa, não cair de cabeça, para perceber que a escada fora feita para se assemelhar a um polvo enorme que oferecia passagem com seus tentáculos ondulados.

Tão lindo. Tão estranho. Tudo feito com talento e detalhes impressionantes. E tudo isso só em uns túneis dezenas de metros abaixo da superfície da Lua. Ela não conseguia imaginar o quanto o palácio devia ser lindo.

Eles chegaram a outra porta dupla decorada com um mapa artístico mostrando todo o sistema de trens de levitação magnética.

– Esta é a plataforma – disse Iko, a única que não estava ofegando.

– Eu vou primeiro – disse Cinder. – Se tiver alguém lá, vou usar um glamour para fazer com que nos vejam como integrantes da corte de Levana. Qualquer taumaturgo, nós matamos na hora. Todas as outras pessoas, nós ignoramos.

– E guardas? – perguntou Iko.

– Os guardas são fáceis de controlar. Deixe que eu cuido deles.

– Ela ajeitou as luvas grossas que Kai deu a ela e abriu os pensamentos, preparada para detectar a bioeletricidade de qualquer pessoa que pudesse estar na plataforma. Encostou as palmas das mãos nas portas. Com o toque, elas se abriram em quatro seções que espiralaram para dentro da parede. Cinder entrou na plataforma.

Vazia.

Ela não achava que fosse ficar assim por muito tempo.

Três veículos brancos cintilantes esperavam nos trilhos. Eles correram para o primeiro. Cinder deixou os outros entrarem antes, pronta para invocar um glamour ao primeiro sinal de alguém se aproximando, mas a plataforma permaneceu silenciosa. Lobo segurou Cinder e a arrastou junto.

– Como fazemos essa coisa funcionar? – gritou Iko, batendo na tela de controle. O trem permaneceu aberto e imóvel. – Fechar porta! Partir! Nos tire daqui!

– Não vai funcionar para você – disse Lobo, se inclinando ao lado de Iko para encostar as cinco pontas dos dedos na tela. Ela se iluminou e as portas se fecharam.

Era uma sensação falsa de proteção, mas Cinder não resistiu a um suspiro de alívio.

Uma voz tranquila encheu o veículo.

– Bem-vindo, Alfa Ze’ev Kesley, Agente Especial Lunar Número 962. Aonde devo levar você?

Ele olhou para Cinder.

Ela encarou a tela, avaliando as possibilidades. Dar instruções para o setor MR-9 era um jeito certo de levar Levana direto para eles. Ela abriu um mapa de Luna no display da retina, tentando criar a melhor rota, que levaria Levana para longe de seu encaixe.

– CS-1 – disse Thorne.

Ele estava caído no chão entre os dois bancos forrados, as mãos por cima dos joelhos e a cabeça encostada na parede. Com a expressão desanimada e a postura encolhida, estava quase irreconhecível. Mas, ao ouvir a voz dele, o veículo se levantou

usando a força magnética por baixo dos trilhos e disparou para longe de Artemísia.

– Coleta seletiva? – disse Iko.

Thorne deu de ombros.

– Achei que seria bom ter um plano B caso uma coisa assim acontecesse.

Após um silêncio breve, no qual o maquinário de Iko zumbiu, ela disse:

– E o plano B é ir para o setor de coleta seletiva?

Thorne ergueu o rosto. A voz estava neutra quando explicou:

– É um trajeto curto de Artemísia, então não vamos dar tempo demais para Levana se reorganizar e enviar gente atrás de nós antes de sairmos deste trem. E é um dos setores com mais conexões em Luna, considerando que todo mundo produz lixo. Tem quinze túneis de trens de levitação magnética saindo daquela plataforma. Podemos andar um percurso a pé, tirá-los do nosso encalço e começar a volt...

– Não diga – disse Cinder. – Não sabemos se vamos ser gravados aqui.

Thorne fechou a boca e assentiu.

Cinder sabia que ele ia dizer que eles podiam voltar na direção de MR-9. Ela se concentrou no setor CS-1 no mapa que tinha na cabeça, e Thorne estava certo. Era um plano inteligente. Ela não conseguia acreditar que não tinha pensado nisso.

– Boa, Thorne.

Ele deu de ombros de novo, sem entusiasmo.

– Gênio do crime, lembra?

Cinder se sentou no banco ao lado de Lobo e deu um breve descanso ao corpo tomado de adrenalina.

- O sistema reconheceu você.

- Todos os cidadãos lunares estão no banco de dados. Só estou desaparecido há poucos meses, por isso achei que ainda não teriam removido minha identificação.

- Você acha que vão reparar se um agente especial que deveria estar na Terra aparecer de repente?

- Não sei. Mas, enquanto estivermos usando o trem, usar minha identidade vai atrair menos atenção do que a sua. E sem Cress aqui para invadir o sistema...

Thorne fez uma careta e encostou a testa na parede do trem. Eles ficaram em silêncio por um tempo, a ausência de Cress preenchendo os espaços vazios ao redor.

Foi só com a falta dela que Cinder percebeu o quanto eles contavam com Cress. Ela poderia tê-los colocado no sistema de trens de levitação magnética sem ter que usar nenhuma identificação. E Cress tinha confiança de que, quando chegassem a MR-9, ela conseguiria desarmar qualquer equipamento de segurança que pudesse entregá-los. Além do mais, tinha a questão importantíssima de infiltrar o sistema de transmissões para espalhar a mensagem de Cinder para os cidadãos de Luna.

Mas saber o quanto a perda de Cress tinha impacto no objetivo deles não era nada em comparação ao horror que Cinder sentia. Cress seria torturada para entregar informações sobre o paradeiro deles e depois morta, era quase certo.

- Ela é cascuda – observou Cinder. – Eles não conseguem detectar a bioeletricidade dela. Enquanto ficar escondida, vai

estar...

– Não – disse Thorne.

Cinder encarou os nós brancos dos dedos e procurou uma coisa significativa para dizer. Seu grande plano de revolução e mudança tinha acabado de começar e ela já se sentia um fracasso. Mas isso parecia pior do que falhar com o povo de Luna. Ela tinha falhado com as pessoas de quem mais gostava no mundo.

Por fim, ela sussurrou:

– Eu sinto muito, Thorne.

– É – disse ele. – Eu também.

CAPÍTULO

Vinte e três

JACIN ESTAVA ABORRECIDO AO EXTREMO QUANDO WINTER O LEVOU NO
elevador.

– Por que estou com uma sensação ruim sobre isso? – resmungou ele, olhando para Winter com expressão desconfiada.

– Você tem uma sensação ruim sobre *tudo* – disse ela, cutucando-o com o ombro. Era um gesto brincalhão, que sempre a deixava ansiosa pela retribuição. Desta vez, não foi retribuído. Ela franziu a testa. – Esqueci uma coisa no porto. Só vai demorar um segundo.

Ela bateu os cílios para Jacin.

Ele fez cara feia e afastou o rosto. Estava no modo guarda. O uniforme. A postura. A incapacidade de sustentar o contato visual por mais de meio segundo.

O guarda Jacin não era seu Jacin favorito, mas ela sabia que era só um disfarce, que foi dado a ele contra a vontade.

Ela estava se coçando para contar a verdade desde o momento em que saíram do porto. Estava tomada de ansiedade pelo destino da garota que colocou dentro da caixa. Estaria ela ainda escondida? Teria tentado fugir e se juntar aos amigos? Teria sido encontrada? Capturada? Morta?

Aquela garota era aliada de Linh Cinder e talvez amiga de sua Scarlet também. O medo pela vida da garota deixou Winter em uma agitação inquieta pelas duas horas que se obrigou a esperar no quarto, para não chamar atenção para sua volta às docas. Seu conhecimento do sistema de vigilância do palácio a impediu de contar o segredo até para Jacin. Foi um segredo difícil de guardar.

Mas, se ela estava agindo de um jeito esquisito, nem Jacin questionou. Sem dúvida, a empolgação do dia era motivo mais do que suficiente para a agitação.

– O que foi? – perguntou Jacin.

Winter afastou o olhar da tela do elevador acima da porta.

– Como?

– O que você esqueceu no porto?

– Ah. Você vai ver?

– Princesa...

As portas se abriram. Ela segurou o braço dele e o puxou pela galeria extravagante onde os artemísios podiam esperar o transporte. Aquele nível estava vazio, como ela esperava. Apesar de ter sido fácil para Winter obter acesso ao porto com os guardas do palácio acima (foi preciso pouco mais do que um beicinho emburrado e uma rejeição desafiadora dos resmungos de Jacin), os portos estavam interditados durante a visita terráquea. *Para a segurança das naves e dos pertences deles*, dissera Levana, mas Winter sabia que era para impedir que qualquer pessoa tentasse ir embora.

Os portos estavam silenciosos quando eles entraram na plataforma principal. O chão iluminado fazia as sombras das naves parecerem monstruosas no teto alto, e as paredes amplas

ecoavam cada passo, cada respiração. Winter imaginou ouvir seus batimentos trovejantes sendo ricocheteados de volta até ela.

Ela saiu andando pela plataforma com Jacin logo atrás, caminhando rápido. Não conseguiu deixar de olhar para a cabine de controle, e, apesar de ainda haver uma tela quebrada e algumas manchas escuras na parede, o corpo do técnico tinha sumido. Até onde ela sabia, os substitutos dele ainda estavam no centro de controle principal do palácio tentando recuperar o acesso ao sistema defeituoso.

Ela voltou a atenção para o nível mais baixo, e um alívio infinito tomou conta de si ao ver a carga intocada. Embora a bagagem pessoal dos embaixadores tivesse sido levada para as suítes, os presentes e as mercadorias de troca foram deixados para trás para serem buscados depois.

Winter viu a caixa de vinho argentino. Seu passo acelerou.

– Estrelas do céu – resmungou Jacin. – Se você me trouxe até aqui para pegar mais papel...

– *Papel* – disse Winter, subindo nas caixas de uma forma que não era adequada a uma dama – é um recurso muito difícil de se obter. Os setores madeireiros têm demanda em excesso por material de construção. Já precisei trocar um par de sapatinhos de seda por meia dúzia de cartões, sabia?

Era parcialmente verdade. Boa parte dos produtos de papel disponíveis nas lojas de Artemísia eram feitos de polpa de bambu, um dos poucos recursos que cresciam em abundância nos setores agrícolas. Mas o bambu também contribuía para a

manufatura têxtil e de móveis, e até esse papel tinha suprimento limitado.

Winter gostava de papel. Gostava do jeito firme e tátil como amassava nos dedos dela.

Jacin se sentou em uma caixa de plástico, com as pernas penduradas na beirada. Na solidão serena das docas, o guarda Jacin se retirou.

– Você quer transformar papel de embalagem em cartão?

– Ah, não – disse ela. – Não tenho interesse em papel.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– No vinho, então?

Winter abriu a caixa.

– Nem no vinho.

Ela prendeu a respiração e arremessou a tampa, que caiu ao lado da próxima caixa. Winter se viu olhando para um caixote imenso, com uma camada de garrafas de vinho bem embaladas, e nenhum sinal da garota.

O coração dela despencou.

– O quê? – Jacin se inclinou para espiar dentro da caixa. Seu rosto foi tomado por uma camada de preocupação. – Princesa?

Ela abriu os lábios, mas voltou a fechá-los. Virou-se em um círculo lento, examinando as caixas empilhadas ao redor. A garota poderia ter entrado em qualquer uma delas.

Ou poderia ter fugido.

Ou poderia já ter sido encontrada por alguém.

Jacin desceu de onde estava e segurou o cotovelo dela.

– O que foi?

– Ela sumiu.

– *Ela?*

– Tinha... – Ela hesitou. Seu olhar se dirigiu a uma das muitas câmeras discretas por toda a doca. Apesar de a rainha certamente ter mandado desligá-las quando estava ali, Winter não fazia ideia se já tinham sido religadas ou não.

Jacin se irritou de impaciência, mas também de preocupação. Verificar as câmeras era o primeiro sinal de que alguém estava indo contra a vontade da rainha. Depois de uma observação rápida do teto, ele balançou a cabeça.

– Não tem luz nenhuma. Ainda estão desligadas. – Mas ele falou com a testa franzida. – Conte para mim o que está acontecendo.

Winter engoliu em seco.

– Tinha uma garota. Acho que ela veio com Linh Cinder e os companheiros. Eu a vi se esgueirando por essas caixas enquanto a rainha estava discutindo com o técnico, então a escondi aqui. Mas... agora ela sumiu.

Jacin se balançou nos calcanhares. Winter esperava que ele chamasse a atenção dela por fazer uma coisa tão perigosa, e logo na frente da rainha. Mas, depois de uma longa hesitação, ele perguntou:

– Como ela era?

– Pequena. Com cabelo louro curto. Estava com medo. – Lembrar-se da expressão apavorada da garota fez Winter tremer. – Talvez ela tenha tentado se juntar aos companheiros. Ou... ou será que voltou para a nave do imperador?

O olhar de Jacin tinha perdido o foco.

– Cress – sussurrou ele, virando-se. Ele soltou o cotovelo de Winter, subiu nas caixas e pulou para a plataforma acima.

– O quê? Jacin? – Ela levantou a saia acima dos joelhos e correu atrás dele. Quando voltou para a plataforma, Jacin estava na cabine de controle, abrindo armários cheios de fios e cabos e peças de computador que Winter não entendia.

Ele encontrou a garota atrás da terceira porta que abriu, com o corpo encolhido em uma posição tão apertada que Winter não conseguia acreditar que não tinha sufocado. Os olhos arregalados grudaram em Jacin e se arregalaram ainda mais do que era possível.

Winter parou de repente quando Jacin esticou a mão para o armário e puxou a garota. Ela deu um gritinho e tentou recuperar o equilíbrio enquanto Jacin fechava a porta. A garota soltou o braço da mão dele e recuou para a parede, tremendo como um animal enjaulado.

Em vez de esticar a mão para ela de novo, Jacin deu um passo para trás e apertou a ponte do nariz. Ele falou um palavrão.

– Princesa, você tem que parar de colecionar esses rebeldes.

Ignorando-o, Winter se aproximou da garota, com as mãos em sinal de calma.

– Nós não vamos machucar você – disse ela. – Está tudo bem.

A garota lançou um olhar rápido a ela antes de se virar para Jacin. Apavorada, mas também com raiva.

– Meu nome é Winter – disse ela. – Você está ferida?

– Nós não podemos ficar aqui – falou Jacin. – As câmeras vão ser religadas a qualquer minuto. É um milagre ainda não terem sido.

A garota continuou olhando para ele com ferocidade tímida.

– Espere. – Jacin riu. – Você as desabilitou, não foi?

A garota não disse nada.

Winter virou a atenção para Jacin.

– *Ela* as desabilitou?

– Essa garota era o segredo mais bem guardado da rainha. Ela consegue usar qualquer sistema de computador. – Ele cruzou os braços, com a expressão severa virando quase um sorriso. – É você que anda mexendo no transporte também.

Os lábios da garota se tornaram uma linha fina.

– Qual é seu nome? – perguntou Winter.

Como a garota continuou sem responder, Jacin falou:

– O nome dela é Cress. Ela é cascuda e é aliada de Linh Cinder.

– Ele coçou a têmpora. – Imagino que você não tenha um plano sobre o que vamos fazer com ela.

– Nós poderíamos levá-la escondida para a ala de convidados. Tenho certeza de que o imperador terráqueo cuidaria dela. Ele os ajudou a chegar aqui, afinal.

Jacin fez que não.

– Ele está cercado de segurança demais. Jamais conseguiríamos chegar perto com ela. Além do mais, quanto menos gente que conhece você a ajudasse, menos chance haveria de Levana descobrir.

A garota, Cress, pareceu relaxar quando ficou claro que Winter e Jacin não iriam mandar executá-la. Winter sorriu para ela.

– Eu nunca conheci uma cascuda. Que dom maravilhoso. Não consigo sentir você, é como se você nem estivesse aqui, apesar de

estar bem na minha frente. – Seu sorriso se alargou. – Isso deixaria minha madrastra furiosa.

– *Foi* um cascudo que matou os últimos rei e rainha – disse Jacin. – Talvez possamos transformá-la em uma assassina.

Winter se virou para ele, estupefata.

– Ela *parece* assassina?

Ele deu de ombros.

– Ela parece capaz de desabilitar todo o nosso sistema de trens de levitação magnética?

– Eu não desabilitei. – A voz de Cress soou baixa, mas Winter ficou tão surpresa de ouvi-la falar que foi como se tivesse dado um grito. – Só mudei os parâmetros de acesso para a rainha não o desligar.

Jacin ficou encarando-a.

– Mas você poderia desabilitar se quisesse.

Depois de um momento, a garota baixou o olhar para o chão.

– Temos que encontrar um lugar para ela – disse Winter, puxando um cacho de cabelo. – Um lugar seguro.

– Por quê? – perguntou Cress. – Por que vocês estão me ajudando?

Winter não sabia se a garota estava perguntando para ela ou para Jacin, mas ele respondeu primeiro com um resmungo:

– Boa pergunta.

Winter deu um empurrão no ombro do guarda. Ele mal se mexeu.

– Porque é a coisa certa a fazer. Vamos proteger você. Não vamos, Jacin?

Como Jacin não disse nada, Winter o empurrou de novo.

– Não vamos?

Jacin suspirou.

– Acho que podemos levá-la escondida até o alojamento dos guardas. Não fica longe e não vamos ter que entrar na parte principal do castelo.

Com descrença óbvia, Cress disse:

– *Você* vai me proteger?

– Meio contra a vontade – retrucou Jacin. – Mas parece que sim.

– Enquanto pudermos – disse Winter. – E, se a oportunidade surgir, vamos fazer o melhor para juntar você aos seus amigos.

Pela primeira vez, as defesas de Cress começaram a baixar.

– Eles escaparam?

– Parece que sim. Ainda não foram encontrados, pelo que eu saiba.

– Mas a rainha não vai parar de procurar – acrescentou Jacin, como se as duas não soubessem disso.

Cress tinha parado de tremer. A expressão dela ficou pensativa enquanto observava Jacin. Finalmente, ela perguntou:

– Por acaso o alojamento dos guardas tem acesso à rede de transmissão real?

CAPÍTULO

Vinte e quatro

O PROGRESSO PELOS SETORES EXTERNOS DE LUNA FOI LENTO E 7
vezes, eles pegavam trens de levitação magnética; às vezes, andavam pelos túneis; às vezes, usavam a identidade de Lobo para enviar um trem vazio antes de entrar em outra plataforma e seguir na direção oposta. Às vezes, se separavam e se reencontravam alguns setores depois, para confundir qualquer equipe de segurança procurando um grupo de dois homens e duas mulheres viajando juntos.

Eles mantiveram as cabeças baixas. Iko deixou o cabelo escondido debaixo do chapéu. Cinder ficava mexendo nas luvas para ter certeza de que a mão de metal não seria vista por nenhuma das câmeras. Apesar de evitarem todas as câmeras de segurança que podiam, ela sabia que deviam estar capturando imagens deles. Ela esperava que houvesse tantos feeds de vigilância em Luna que não pudessem ser todos monitorados.

Apesar de ocasionalmente se aventurarem na superfície para pegar uma linha diferente, eles evitavam sempre que podiam. Lobo avisou que a maioria dos setores externos era patrulhada por guardas armados. Mesmo que em teoria estivessem lá para garantir a segurança das pessoas, parecia que passavam mais tempo punindo qualquer um que ousasse falar contra a coroa.

Nas poucas vezes que se esgueiraram até os domos da superfície, eles prosseguiram sem incômodos com seus disfarces e posturas humildes, mas Cinder sabia que não demoraria para que as medidas de segurança fossem aumentadas em toda a Luna.

Eles quase não falavam. Cinder passou horas repassando a batalha na doca, relembrando cada erro em pensamento, tentando determinar um jeito de ter tirado todos de lá em segurança, de salvar Cress, de tirar Kai das garras de Levana.

Ela não encontrou uma solução boa.

A agitação constante dos pensamentos ameaçou levá-la à loucura.

Quanto mais se afastavam de Artemísia, mais os arredores mudavam. Começou a parecer que tinham entrado em um mundo diferente. A julgar pela opulência das docas reais, Cinder construiu uma imagem do quanto Luna devia ser linda. Mas logo ficou claro que os setores externos não recebiam nada dos luxos da capital. Cada plataforma pela qual passavam exibia sinais de negligência: paredes de pedra desmoronando e luzes oscilantes. As pichações que cobriam as paredes de um túnel falavam de inquietação.

ela está olhando... dizia uma mensagem pintada de branco nas paredes pretas. Outra perguntava: você viu meu filho?

– Como saberíamos se tivéssemos visto? – perguntou Iko. – Não deixaram descrição.

– Acho que é para levar você a pensar – disse Cinder.

Iko franziu a testa, sem parecer pensativa.

Eles paravam quando ouviam um trem se aproximando ou quando tinham que esperar uma plataforma esvaziar,

aproveitando o breve descanso antes de seguir em frente. Tinham levado alguns pacotes de ração, pois não sabiam quando teriam oportunidade de encontrar mais, e Cinder os dividia em pequenas quantidades, embora ninguém estivesse com tanta fome assim.

Apesar de Cinder saber que não devia ser a única com as costas e pernas doloridas, ninguém reclamou. Iko era a única que mantinha um andar gracioso, pois sua bateria tinha sido totalmente carregada antes de saírem da nave de Kai.

De trem, a viagem devia ter durado só umas duas horas. Quando enfim chegaram ao destino, o relógio interno de Cinder dizia que eles tinham saído de Artemísia mais de dezenove horas antes.

Quando deixaram o túnel escuro e entraram na plataforma da estação RM-9: mineração de regolito, a beleza elaborada de Artemísia pareceu um sonho distante. Os azulejos brilhantes e estátuas intrincadas sumiram, a madeira polida e as esferas iluminadas também. Essa plataforma era escura e fria e tinha gosto de ar estático e estéril. Cada superfície estava coberta por uma camada de poeira, anos de pegadas marcadas. Cinder passou a mão por uma parede e seus dedos ficaram acinzentados.

– Pó de regolito – disse Lobo. – Cobre tudo aqui.

Iko encostou as mãos em uma parede. Quando as tirou, duas marcas permaneceram, perfeitas, mas sem as linhas normais da palma da mão humana.

– Não parece saudável – murmurou Thorne.

– Não é. – Lobo passou a mão no nariz, como se a poeira estivesse fazendo cócegas. – Entra nos pulmões. A doença do

regolito é comum aqui.

Cinder trincou os dentes e acrescentou *vida e condições de trabalho insalubres* à longa lista de problemas que ia ter que resolver quando fosse rainha.

Iko passou as mãos sujas de pó na calça.

– Parece abandonado.

– Todo mundo está trabalhando, nas minas ou nas fábricas.

Cinder verificou o relógio interno, que tinha sincronizado com o horário lunar antes de sair da Rampion.

– Temos uns oito minutos até o fim do dia de trabalho. – Ela se virou para Lobo. – Podemos esperar aqui ou tentar encontrar a casa dos seus pais. O que você quer fazer?

Ele pareceu em dúvida ao espiar por uma escadaria estreita e irregular.

– Devíamos esperar aqui. Não tem muitos motivos para as pessoas estarem nas ruas durante o horário de trabalho. Nós ficaríamos óbvios demais. – Ele engoliu em seco. – Além do mais, eles podem não estar lá. Meus pais podem estar mortos.

Ele tentou falar com indiferença, mas não conseguiu.

– Tudo bem – disse Cinder, voltando para as sombras do túnel.

– A que distância estamos das fábricas?

Lobo estava com a testa franzida, e ela o viu tentando se lembrar de detalhes do lar da infância.

– Não muito longe. Eu me lembro de elas ficarem todas amontoadas perto do centro do domo. Acho que vamos conseguir nos misturar com os trabalhadores assim que o dia terminar.

– E as minas?

– Ficam mais longe. Tem duas entradas de mina do outro lado do domo. O regolito é um dos poucos recursos naturais que Luna tem, então é uma indústria grande.

– Então... – disse Thorne, coçando a orelha –, seu melhor recurso são... pedras?

Lobo deu de ombros.

– Tem muitas.

– Não só pedras – disse Cinder, enquanto sua base de dados oferecia uma abundância de informações não solicitadas. – O regolito é cheio de metais e outros compostos. Ferro e magnésio nas terras altas, alumínio e sílica nas terras baixas. – Ela mordeu o lábio. – Eu achava que o metal todo devia vir da Terra.

– Boa parte veio, séculos atrás – disse Lobo. – Nós nos tornamos especialistas em reciclar os materiais que foram trazidos da Terra durante a colonização. Mas também aprendemos a nos virar. A maioria das novas construções usa materiais minerados do regolito: pedra, metal, terra... Quase toda a cidade de Artemísia foi construída de regolito. – Ele fez uma pausa. – Bem, e madeira. Nós plantamos árvores nos setores madeireiros.

Cinder parou de prestar atenção. Já tinha estudado o máximo que podia sobre os recursos e indústrias de Luna. Se bem que, para os propósitos deles, ela tinha passado a maior parte do tempo pesquisando sobre a mídia e os transportes lunares.

Era tudo controlado pelo governo, claro. Levana não queria que os setores externos tivessem comunicação fácil entre si. Quanto menos interação os cidadãos estabelecessem uns com os outros, mais difícil seria que eles formassem uma rebelião.

Uma série de sinos ecoou pelo túnel, fazendo-a pular. Uma melodia curta veio em seguida.

– O hino lunar – disse Lobo, com expressão sombria, como se tivesse desenvolvido um ódio profundo da música.

O hino foi seguido de uma voz feminina agradável:

– O dia de trabalho terminou. Batam seus cartões e recolham-se às suas casas. Esperamos que tenham apreciado o serviço e aguardamos com ansiedade seu retorno amanhã.

Thorne grunhiu:

– Quanta consideração.

Em pouco tempo, eles ouviram passos altos de trabalhadores exaustos saindo para as ruas.

Lobo inclinou a cabeça, indicando que era hora, e os levou escada acima. Eles saíram na luz do dia artificial, onde o vidro curvo do domo bloqueava o brilho das estrelas. Esse setor não era muito melhor do que os túneis. Cinder estava olhando para uma colcha de retalhos marrom e cinza. Ruas estreitas e prédios maltratados sem vidros nas janelas. E poeira, poeira, tanta poeira.

Cinder percebeu que estava se encolhendo para longe dos primeiros grupos esparsos que eles viram, o instinto mandando-a ficar escondida, mas ninguém nem olhou para eles. As pessoas por quem eles passavam pareciam exaustas e imundas e quase não falavam.

Lobo revirou os olhos e olhou para os prédios, para as ruas cobertas de pó, para o céu artificial. Cinder se perguntou se ele estava constrangido por eles estarem vendo esse vislumbre do passado dele e tentou imaginar Lobo como uma criança normal,

com pais que o amavam e uma casa na qual passou a infância. Antes de ser levado e transformado em predador.

Era impossível pensar que todos os integrantes do exército de Levana, cada um daqueles mutantes, também começaram assim. Quantos ficaram agradecidos por terem a oportunidade de se afastar daqueles lugares, com a poeira que cobria as casas e enchia os pulmões?

Quantos ficaram arrasados de deixar as famílias para trás?

A pichação ecoou para ela: *Você viu meu filho?*

Lobo apontou para uma das ruas estreitas.

– Por aqui. As ruas residenciais ficam nos anéis externos do setor.

Eles foram atrás, tentando imitar os pés arrastados e as cabeças baixas dos trabalhadores. Era difícil com a adrenalina de Cinder a toda, com os batimentos começando a disparar.

A primeira parte do plano já tinha dado terrivelmente errado. Ela não sabia o que faria se aquilo também falhasse. Precisava que os pais de Lobo estivessem vivos e fossem aliados. Precisava da segurança que eles podiam oferecer: um lugar onde se esconder enquanto decidiam o que fazer sem Cress.

Era no mais à frente que ela conseguia pensar.

Encontrar um abrigo.

Depois, começaria a se preocupar com revoluções.

Eles não tinham se afastado muito do trem de levitação magnética quando Cinder viu os primeiros guardas, uniformizados, cada um segurando armas ameaçadoras. Diferentemente dos civis, os narizes e as bocas estavam cobertos para protegê-los da poeira.

Cinder tremeu quando os viu e olhou ao redor, em busca da aura singular de um taumaturgo. Ela nunca soube de um guarda estar longe de um taumaturgo, mas não sentiu nenhum ali.

Como era possível que alguns guardas de mente fraca pudessem ter tanto poder sobre centenas de civis com dom? Apesar de ela achar que os lunares dos setores externos não tinham a mesma força que Levana e sua corte, seria possível que não conseguissem manipular uns poucos guardas?

Assim que fez a pergunta, a resposta surgiu.

Aqueles guardas podiam não estar acompanhados de um taumaturgo, mas a ameaça ainda estava lá, imbuída na presença deles. As pessoas daquele setor podiam se rebelar. Podiam matar ou escravizar aqueles guardas com facilidade. Mas um ato de desafio assim despertaria a ira da rainha sobre eles. Os guardas que viessem depois não estariam sem a proteção de um taumaturgo, e a retribuição não seria misericordiosa.

Quando eles passaram pelos guardas, Cinder teve o cuidado de manter o rosto virado.

Eles seguiram pelo centro do domo, onde havia um chafariz no meio de um pátio coberto de poeira, obrigando a multidão a contorná-lo. O chafariz era esculpido no formato de uma mulher, com a cabeça coberta por um véu e uma coroa, água limpa jorrando das mãos esticadas, como se ela estivesse oferecendo a própria vida para quem atravessava seu caminho.

A visão gelou o sangue nas veias de Cinder. Levana era rainha havia uma década, mas já tinha colocado sua marca nos setores mais distantes.

Um chafariz tão lindo e sereno, mas parecia uma ameaça.

Eles seguiram a multidão por quarteirões de fábricas e armazéns com cheiros de produtos químicos, até que construções industriais deram lugar a casas.

Se bem que *casas* era um termo relativo. Pareciam mais casebres, casas tão sem planejamento e improvisadas quanto o lotado edifício Phoenix Towers em Nova Pequim. Cinder entendeu o que Lobo quis dizer quando falou que eles se tornaram especialistas em reciclar materiais. Cada parede e teto parecia ter sido cortado e ajustado e soldado e prendido e torcido e reconfigurado. Como não havia ação da natureza para enferrujar nem corroer os materiais, eles eram deteriorados pelas mãos das pessoas. As casas eram desmontadas e reconstruídas conforme as famílias se mudavam e cresciam. O bairro todo era uma variedade instável de folhas de metal e painéis de madeira e materiais abandonados nos espaços entre eles, esperando para serem usados de uma nova forma.

Lobo parou.

Com os nervos vibrando, Cinder observou as janelas próximas e abriu a ponta do indicador em preparação a um ataque.

– O que foi?

Lobo não falou. Não se mexeu. Estava concentrado em uma casa mais à frente, sem piscar.

– Lobo.

A respiração dele tremeu.

– Pode não ser nada, mas eu acho... achei que tinha sentido o cheiro da minha mãe. Um sabonete que pareceu familiar... apesar de eu não ter esses sentidos quando a vi pela última vez. Pode não ser...

Ele pareceu aflito e com medo.

Ele também pareceu *esperançoso*.

Alguns casebres tinham caixas de flores penduradas nas janelas, e algumas tinham até flores vivas. A casa para a qual Lobo estava olhando era uma dessas, um amontoado confuso de margaridas azuis caindo por cima da madeira mal cortada. Eram um ponto de beleza, simples e elegantes, destoando das cercanias horríveis.

Eles pararam na frente da casa. Não havia pátio, só uma área de concreto em frente a uma porta simples. Havia uma janela, mas sem vidro. Um tecido desbotado foi preso na moldura.

Lobo estava grudado no chão, então foi Thorne quem passou por ele e deu uma batidinha rápida na porta.

Com apenas o tecido servindo de barreira, eles ouviram cada estalo do piso quando alguém se aproximou da porta e abriu uma fresta tímida. Uma mulher pequena espiou e ficou alarmada quando viu Thorne. Ela era miúda por natureza, mas sua magreza não era natural, como se ela não comesse uma refeição completa havia anos. O cabelo castanho estava curto, e, apesar de ela ter pele morena do mesmo tom da de Lobo, os olhos eram preto-carvão, bem diferentes dos verdes dele.

Thorne deu seu sorriso mais enternecedor.

Não exerceu nenhum efeito.

– Sra. Kesley?

– Sim, senhor – disse ela com submissão, o olhar se direcionando para os outros. Ela olhou para Lobo primeiro, depois para Cinder e para Iko, antes de o olhar voltar de forma

quase cômica. Ela sufocou um grito e encarou Lobo de novo, mas então seus lábios se curvaram para baixo com desconfiança.

– Meu nome é capitão Carswell Thorne – disse Thorne, com uma inclinação respeitosa de cabeça. – Acredito que você talvez conheça...

Um som estrangulado saiu pela boca da mulher. O choque e a desconfiança se multiplicaram em segundos, um lutando contra o outro enquanto ela olhava o filho. Ela abriu a porta toda e deu um passo hesitante para a frente.

Lobo tinha virado uma estátua. Cinder sentia a ansiedade emanando dele em ondas.

– Ze’ev? – sussurrou a mulher.

– Mãe – sussurrou ele de volta.

A incerteza sumiu dos olhos dela e foi substituída por lágrimas. Ela colocou as mãos na boca e deu outro passo para a frente. Parou de novo. Em seguida, percorreu o resto do caminho e enlaçou Lobo com os braços. Embora ele fosse muito maior do que ela de todas as formas, ele pareceu repentinamente pequeno e frágil, encolhido para caber melhor no abraço dela.

A mãe se afastou o bastante para aninhar o rosto de Lobo nas mãos. Vendo o quanto ele tinha ficado bonito e maduro, ou talvez se perguntando sobre as cicatrizes.

Cinder viu uma tatuagem no antebraço dela, no mesmo lugar em que Lobo tinha uma que o identificava como agente especial. Mas a da mãe dele só dizia MR-9. Lembrou a Cinder a forma como alguém pode marcar o bicho de estimação, para que seja devolvido caso se perca.

– Mãe – disse Lobo de novo, sufocando as emoções. – Podemos entrar?

A mulher desviou a atenção para os outros e parou em Iko por um instante. Cinder se perguntou se ficou confusa com a falta de bioeletricidade de Iko, mas ela não perguntou.

– Claro.

Com essa palavra simples, ela se soltou de Lobo e os levou para dentro.

Eles se viram em uma salinha com uma única poltrona e um sofá, a costura solta revelando o forro amarelo. Um nódulo holográfico do tamanho de um punho estava pendurado no meio da parede, com uma mesinha logo embaixo. Havia um copo cheio de mais margaridas azuis.

Uma porta levava a um corredor curto, onde Cinder supôs que ficavam os quartos e o banheiro. Uma segunda porta oferecia o vislumbre de uma cozinha igualmente pequena, com prateleiras e bancadas cheias de pratos.

Parecia que não era limpa havia um ano. E a mulher também.

Lobo se encolheu na sala, como não coubesse mais fisicamente lá, enquanto a mãe segurava as costas de uma cadeira.

– Pessoal – disse Lobo –, esta é minha mãe, Maha Kesley. Mãe, esses são Iko e Thorne e... Cinder. – Ele mastigou as palavras como se quisesse falar mais, e Cinder sabia que estava na dúvida se contava ou não para a mãe a *verdadeira* identidade dela.

Cinder se esforçou para parecer simpática.

– Obrigada por nos receber. Infelizmente, colocamos você em perigo ao virmos aqui.

Maha se empertigou um pouco, ainda cautelosa.

Thorne estava com as mãos nos bolsos, como se com medo de tocar em alguma coisa.

– Seu marido vai chegar logo?

Maha olhou para ele.

– Nós não queremos surpresas – acrescentou Cinder.

Maha franziu os lábios. Olhou para Lobo, e Cinder soube. Lobo ficou tenso.

– Sinto muito, Ze’ev – disse Maha. – Ele morreu quatro anos atrás. Houve um acidente. Na fábrica.

A expressão de Lobo não revelou nada. Lentamente, balançou a cabeça com aceitação. Ele pareceu mais surpreso de ver a mãe viva do que de saber da morte do pai.

– Está com fome? – perguntou Maha, sufocando o choque. – Você vivia com fome... antes. Mas acho que você era um garoto em fase de crescimento na época...

As palavras ficaram no ar entre eles, cheias de uma infância perdida, tantos anos.

Lobo sorriu, mas não o bastante para exhibir os caninos afiados.

– Isso não mudou muito.

Maha pareceu aliviada. Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha e foi para a cozinha.

– Fiquem à vontade. Acho que tenho uns biscoitos.

CAPÍTULO

Vinte e cinco

JACIN SE SENTIA TOMADO PELO MEDO QUANDO ENTROU NA SALA

Os assentos reservados para os membros da corte estavam vazios. Só a rainha estava sentada no trono, com Aimery ao lado. Nem os guardas pessoais estavam com eles, o que queria dizer que, fosse qual fosse o assunto da reunião, Levana não queria que ninguém soubesse.

Cress, pensou ele. Ela sabia sobre *Cress*. Ele a estava escondendo em seus aposentos particulares, deixando-a em segurança como prometeu a Winter, mas sabia que não podia durar para sempre.

Como Levana descobriu?

Uma tela foi levada para o aposento, um netscreen grande de tela plana como os usados para a mídia bidimensional da Terra, só que aquele era mais elaborado do que qualquer outra coisa que Jacin tivesse visto na Terra. Estava apoiado em um cavalete com moldura de prata polida e rosas e espinhos envolvendo a tela como se fosse uma obra de arte. A rainha não poupava com nada, como sempre.

A rainha Levana e o taumaturgo Park estavam com expressões sombrias quando Jacin parou e bateu os calcanhares, tentando

não pensar na última vez que esteve na mesma posição. Quando teve certeza de que seria morto e que Winter teria que ver.

– Chamou, minha rainha?

– Chamei – disse Levana, passando os dedos pelo braço do trono.

Ele prendeu a respiração, revirando o cérebro em busca de uma forma de poder explicar a presença de Cress sem incriminar Winter.

– Andei pensando muito sobre nosso pequeno dilema – disse a rainha. – Eu desejo depositar minha confiança em você de novo, como fiz quando você estava sob os cuidados de Sybil, mas ainda não consegui me convencer de que você serve a *mim*. Sua rainha. E não... – Ela balançou os dedos no ar, e seu belo rosto assumiu uma coisa parecida com um esgar. – Sua *princesa*.

Jacin contraiu o maxilar. Ele esperou. Esperou que ela o acusasse de abrigar uma traidora conhecida. Esperou que sua punição fosse declarada.

Mas a rainha também parecia estar esperando.

Por fim, ele baixou a cabeça.

– Com todo o respeito, Vossa Majestade, meu posicionamento como guarda da princesa Winter foi decisão sua. Não minha.

Ela lançou um olhar opressivo para ele.

– E como você pareceu chateado por isso. – Suspirando, Levana se levantou e andou para trás da cadeira de sempre de Winter. Ela passou os dedos pelo acolchoado. – Depois de muita deliberação, elaborei uma espécie de teste. Uma missão para provar sua lealdade de uma vez por todas. Acho que, com o fim dessa missão, não vai haver dúvida sobre colocar ou não você

novamente a serviço do meu taumaturgo-chefe. Aimery está ansioso para ter suas habilidades sob o comando dele.

Os olhos de Aimery brilharam.

– Bastante.

Jacin franziu a testa, e lentamente lhe ocorreu que aquela reunião não tinha nada a ver com Cress.

Ele podia sentir alívio; mas, se *não tinha* a ver com Cress...

– Já falei com você sobre minha promessa ao meu marido, o pai de Winter – continuou Levana. – Falei para ele que eu protegeria a criança da melhor forma que pudesse. Todos esses anos, eu cumpri essa promessa. Cuidei dela e a criei como se fosse minha.

Embora tentasse, Jacin não conseguiu sufocar uma onda de rebeldia contra essas palavras. Ela criou Winter como se fosse dela? Não. Ela torturava Winter fazendo-a ir a todos os julgamentos e execuções, apesar de todo mundo saber o quanto a princesa odiava. Ela deu a Winter a faca que desfigurou seu belo rosto. Debochava de Winter incessantemente por causa do que via como “fraquezas” mentais, sem ter ideia do quanto Winter tinha que ser forte para evitar a tentação de usar o glamour e de quanta força de vontade foi necessária para que ela o sufocasse ao longo dos anos.

Um sorriso sarcástico surgiu nos lábios vermelho-sangue de Levana.

– Você não gosta quando eu falo da sua querida princesa.

– Minha rainha pode falar de quem quiser.

A resposta foi automática e sem entonação. Não faria diferença tentar negar que ele gostava de Winter, não com todas

as pessoas do palácio tendo testemunhado as estripulias de infância deles, as brincadeiras e as traquinagens.

Ele cresceu ao lado de Winter porque os pais deles eram muito próximos, apesar de ser impróprio para uma princesa ficar subindo em árvores e brincando de lutar de espada com o filho de um guarda humilde. Ele se lembrava de querer protegê-la já naquela época, bem antes de saber o quanto ela precisava de proteção. Também se lembrava de ter tentado roubar um beijo uma vez, só uma vez, quando tinha dez anos e ela, oito. Ela riu e se virou, repreendendo-o. *Não seja bobo. Só podemos fazer isso quando formos casados.*

Não, sua única defesa era fingir que não ligava por todo mundo saber. Que as provocações das pessoas não o incomodavam. Que, a cada vez que Levana mencionava a princesa, seu sangue não virava gelo. Que não morria de medo de Levana usar Winter contra ele.

Levana desceu da plataforma.

– Ela tem os melhores professores, as roupas mais elegantes, os animais mais exóticos. Quando me faz um pedido, eu me esforço para fazer o que ela pede.

Embora tenha feito uma pausa, Jacin achava que ela não estava esperando resposta.

– Apesar disso tudo, o lugar dela não é aqui. A mente dela é fraca demais para que ela seja útil, e a recusa dela de esconder aquelas cicatrizes horrendas a tornou motivo de risada na corte. Ela está debochando da coroa e da família real. – Ela firmou o queixo. – Só percebi o tamanho da desgraça dela recentemente.

Aimery ofereceu a mão em casamento à garota. Eu não podia esperar por melhor para uma criança que não tem sangue real.

O tom dela ficou feroz, e Jacin a sentiu estudando-o novamente, mas já tinha recuperado o controle. Ela não obteria reação dele, nem sobre esse assunto.

– Mas, não – disse a rainha, por fim. – A criança recusa até essa proposta generosa. Por nenhum outro motivo, tenho certeza, além de rejeitar meu conselheiro mais valioso e trazer mais humilhação para esta corte. – Ela inclinou o queixo para cima. – E houve também o incidente em AR-2. Imagino que você se lembre?

A boca dele ficou amarga. Se não tivesse tomado tanto cuidado para esconder o medo crescente, teria falado um palavrão.

– Não? – Levana ronronou quando ele não disse nada. – Permita que eu reavive sua memória.

Ela deslizou os dedos pela superfície. A tela ganhou vida no meio da moldura elaborada, mostrando imagens de uma fileira de lojas simples. Ele se viu sorrindo para Winter. Cutucando-a com o ombro e deixando que ela o cutucasse também. Os olhos de um observando o outro, quando o outro não estava olhando.

O peito dele pareceu ficar vazio. Qualquer um via o que eles sentiam um pelo outro.

Jacin ficou olhando, mas não precisava. Ele se lembrava das crianças e da coroa de galhos feita à mão. Lembrava-se do quanto Winter tinha ficado linda quando a colocou na cabeça, despreocupada. Lembrava-se de ter arrancado da cabeça dela e colocado na cesta.

Ele teve esperança de que o incidente fosse passar despercebido.

Mas devia ter sabido. A esperança era a ferramenta do tolo.

Ele voltou a atenção para a rainha, mas ela estava olhando com desprezo para a imagem, com ódio no olhar. As entranhas dele deram um nó. Ela mencionou uma missão especial que provaria a lealdade dele, mas só falou de Winter e da vergonha que ela se tornou.

– Estou decepcionada com você, Sir Clay. – Levana se virou para ele. – Achei que podia confiar que você a manteria sob controle, que cuidaria para que ela não fizesse nada que fosse constranger a mim e à corte. Mas você falhou. Achou apropriado ela ficar andando pela cidade, brincando de ser rainha em frente a seus súditos leais?

Jacin se manteve firme, já se resignando à morte. Ela o levou ali para que ele fosse executado, afinal. Ele ficou agradecido de ela ter decidido poupar Winter de presenciar aquilo.

– Bem? Você não tem nada a dizer em sua defesa?

– Não, minha rainha – disse ele. – Mas espero que você me permita falar em defesa *dela*. As crianças deram a ela um presente em agradecimento por ter comprado algumas flores na floricultura. Elas ficaram confusas, não sabiam o que a coroa sugeria. A princesa não teve intenção nenhuma com isso.

– Confusas? – O olhar de Levana tornou-se rígido. – As crianças ficaram *confusas*? – Ela riu. – E quanta confusão devo tolerar? Devo ignorar o jeito doentio como as pessoas a idolatram? Que falam sobre a *beleza* e as *cicatrices* dela como se fossem um distintivo de honra, quando não têm ideia do quanto ela é fraca!

Da doença, das ilusões. Ela seria esmagada se algum dia se sentasse em um trono, mas elas não veem isso. Não, só pensam em si mesmas e na bela princesa, sem pensar por um segundo em tudo o que fiz para dar-lhes segurança e estrutura e... – Ela se virou, os ombros tremendo. – Devo esperar até colocarem uma coroa de verdade na cabeça dela?

Um horror subiu pelo peito de Jacin, e desta vez ele não conseguiu disfarçar.

Ela era psicótica.

Disso ele sabia, claro. Mas ele nunca tinha visto a vaidade e a ganância e a inveja a inflamarem assim. Ela se tornou irracional, e sua raiva estava direcionada a Winter.

Não... a Winter e *Selene*. Era esse o motivo de tudo. Havia uma garota que alegava ser a sobrinha perdida dela, e Levana se sentia ameaçada. Estava com medo de seu domínio do trono estar diminuindo e estava compensando com paranoia e um controle maior.

Jacin levou o punho ao peito.

– Minha rainha, garanto-lhe que a princesa não é ameaça à sua coroa.

– Você não se curvaria a ela? – perguntou Levana, se virando para olhá-lo com veneno no rosto. – Você, que a ama com tanta lealdade? Que é tão leal à família real?

Ele engoliu em seco.

– Ela não tem sangue real. Não pode ser rainha.

– Não. Ela *nunca* vai ser rainha. – Ela oscilou na direção de Jacin, que sentiu como se estivesse sendo envolvido por uma

serpente, esmagado e sufocado. – Porque você é meu servo leal, como proclamou de forma tão veemente. E você vai matá-la.

A língua de Jacin ficou tão seca quanto pedra da lua.

– Não – sussurrou ele.

Levana ergueu uma das sobrancelhas.

– Quer dizer... minha rainha. – Ele limpou a garganta. – Você não pode... – Ele olhou para Aimery, que estava dando um meio sorriso, satisfeito com a decisão. – Por favor. Peça-a em casamento de novo. Vou falar com ela. Vou cuidar para que aceite. Ela ainda pode ser útil, é uma boa combinação. Ela só está nervosa...

– Você ousa me questionar? – perguntou Levana.

A pulsação dele trovejou.

– Por favor.

– Eu ofereci minha mão à princesa como gentileza – disse Aimery. – Para protegê-la das propostas de pretendentes bem menos solidários. A recusa dela demonstrou o quanto é ingrata. Eu não a aceitaria mais, nem se ela me implorasse.

Jacin trincou os dentes. Seu coração estava disparado agora, e ele não conseguia fazê-lo parar.

A rainha ficou suave, toda mel e açúcar. Ela estava perto dele. Perto o bastante para ele poder pegar a faca e cortar sua garganta.

Seu braço seria mais rápido do que os pensamentos dela? Seria mais rápido do que o de Aimery?

– Queridíssimo Sir Clay – disse ela, e ele se perguntou se ela detectou seu desespero. – Não pense que não estou ciente do que estou pedindo e do quanto vai ser difícil para você. Mas estou

sendo *misericordiosa*. Sei que você vai ser rápido. Ela não vai sofrer nas suas mãos. Dessa forma, também vou cumprir minha promessa para o pai dela, você não vê?

Ela era louca. Completamente louca.

O pior de tudo era que ele achava que ela talvez acreditasse mesmo no que estava dizendo.

Seus dedos tremeram. Uma gota de suor escorreu pelo pescoço.

– Eu não posso – disse ele. – Não quero. Por favor... por favor, poupe-a. Tire o título dela. Transforme-a em criada. Ou exile-a para os setores externos, e não vai nunca mais ouvir falar dela, prometo...

Com um olhar fulminante, Levana se virou e suspirou.

– Quantas vidas você sacrificaria pela dela? – Ela andou até a tela. O vídeo estava pausado, mostrando as três crianças na porta da floricultura. – Você prefere que eu mande matar essas crianças?

O coração dele deu um pulo, tentando se libertar da caixa torácica.

– Ou que tal... – Ela se virou para ele e bateu com o dedo no canto da boca. – Seus pais? Se me lembro corretamente, Sir Garrison Clay foi transferido para um posto da guarda em um dos setores externos. Diga, quando foi a última vez que você falou com eles?

Ele apertou bem os lábios, com medo de que qualquer admissão fosse usada contra ele. Não via e não falava com os pais havia anos. Assim como com Winter, ele tinha certeza de que a melhor forma de proteger seus entes queridos era fingindo que

não os amava, para que nunca pudessem ser usados contra ele. Assim como Levana os estava usando.

Como ele pôde fracassar assim? Não podia proteger ninguém. Não podia salvar ninguém...

Ele sabia que seu rosto estava contorcido de pânico, mas não conseguia controlar. Queria cair de joelhos e implorar que ela mudasse de ideia. Faria qualquer coisa, *qualquer coisa*, menos isso.

– Se você recusar de novo – disse Levana –, vai ficar claro que sua lealdade é falsa. Você será executado por traição e depois seus pais. Em seguida, vou mandar Jerrico cuidar da princesa, e acho que ele não vai ser tão delicado com ela quanto você seria.

Jacin engoliu a infelicidade. Não adiantaria de nada.

A ideia de Jerrico, o capitão da guarda arrogante e brutal, recebendo aquela ordem fez seu sangue gelar.

– Você fará essa tarefa para mim, Sir Clay?

Ele inclinou a cabeça para esconder o desespero, embora a demonstração de respeito quase o tenha matado.

– Farei. Minha rainha.

CAPÍTULO

Vinte e seis

PELA PRIMEIRA VEZ DESDE QUE O ABANDONOU, CRESS SE VIU S saudades do satélite. Os aposentos de Jacin eram menores do que os do satélite. As paredes eram tão finas que ela não ousava nem cantar para passar o tempo. E, quando precisava ir ao banheiro, tinha que esperar Jacin sair do turno dele para poder levá-la escondido até o lavatório compartilhado entre os guardas e suas famílias, que viviam todos naquela ala subterrânea do palácio. Uma vez, ela encontrou outra pessoa, e apesar de ser só a esposa de um guarda que sorriu com gentileza para ela sem nenhum sinal de desconfiança, o encontro deixou Cress abalada.

Ela sentia a rainha e a corte ao redor. Vivia ciente o tempo todo de que, se uma pessoa a reconhecesse como cascuda, seria a morte. Talvez com tortura e um interrogatório primeiro. Ela ficou doente de ansiedade por sua segurança, e apavorada pelo destino dos amigos. Ficava frustrada porque Jacin nunca tinha notícias sobre eles.

Ela disse para si mesma que era bom sinal. Jacin saberia se eles fossem encontrados. Não saberia?

Cress se distraiu fazendo o que podia para ajudar a causa de Cinder com os poucos recursos disponíveis para ela nos aposentos de Jacin. Ela ainda tinha o tablet, e apesar de não ousar

enviar mensagens por saber que podiam ser facilmente rastreadas, conseguia se conectar com o sistema de transmissão da rainha pelo nódulo holográfico embutido na parede de Jacin. Havia nódulos por toda a parte em Luna, eram tão comuns quanto os netscreens na Terra, e as transmissões podiam ser invadidas com a mesma facilidade. Ela ainda tinha o vídeo pré-gravado de Cinder no tablet, mas temia fazer alguma coisa com ele sem saber se Cinder e os outros estavam prontos. Então, passou o tempo interrompendo mensagens de propaganda da rainha e tentando pensar em um jeito de indicar para os amigos que estava viva e em relativa segurança. Ela não conseguia pensar em nada que não fosse óbvio ou obscuro demais, e era tímida demais para fazer qualquer coisa que pudesse alertar a rainha de sua presença.

Ela desejou várias vezes ter acesso à mesma tecnologia que tinha no satélite. Sentia-se mais isolada do mundo do que jamais tinha estado, sem imprensa para acompanhar além da aprovada pela coroa. Sem ter como mandar uma mensagem direta. Sem acesso à rede de vigilância de Luna e nem aos sistemas de segurança, e, portanto, sem ter como cumprir os deveres que Cinder passou para ela. Conforme as horas viravam dias, ela foi ficando mais ansiosa e desnorteada, doida para sair do espaço fechado e *fazer* alguma coisa.

Ela estava alterando a trilha sonora de uma mensagem real sobre “as corajosas vitórias contra os terráqueos de mente fraca” quando passos fortes no corredor a fizeram interromper a tarefa.

Os passos pararam na porta de Jacin. Cress desconectou o tablet, se jogou para fora da cama de Jacin e entrou embaixo dela, encostando-se o máximo possível na parede. Lá fora, ela ouviu a digitação de um código e uma verificação de digital na fechadura. A porta se abriu e fechou.

Ela prendeu a respiração.

– Sou eu – soou a voz de Jacin, tão desanimada quanto todos os dias.

Expirando, Cress saiu do esconderijo. Ela ficou no chão, com as costas na lateral da cama. Era o único lugar para se sentar naquele quartinho, e ela se sentia culpada de tirar isso de Jacin, embora não se lembrasse de vê-lo se sentando na presença dela. Ele até dormia no chão desde a chegada dela, sem discussão nenhuma sobre o assunto.

– Alguma novidade? – perguntou ela.

Jacin se encostou na porta, com os olhos escuros virados para o teto. Ele parecia estranhamente abalado.

– Não.

Cress puxou os joelhos até o peito.

– O que foi?

Ainda hipnotizado pelo teto, ele murmurou:

– Você desabilitou as câmeras das docas.

Ela piscou.

– Pode fazer de novo? Com qualquer câmera do palácio?

Ela esticou a mão para alcançar o cabelo. O hábito de mexer nele era difícil de abandonar, embora já estivesse curto havia semanas.

– Se eu tivesse acesso ao sistema. Mas não tenho.

Ele abriu a boca, fez uma pausa, fechou novamente.

Cress franziu a testa. Jacin nunca era de conversar, mas isso era incomum até para ele.

Por fim, ele disse:

– Eu consigo acesso ao sistema para você.

– Por que vamos desabilitar câmeras?

O peito dele subiu, e o foco desceu pelas paredes de pedra até parar em Cress.

– Você vai embora. Você, Winter e aquela ruiva vão deixar o palácio. Esta noite.

Cress se levantou.

– O quê?

– Winter não pode ficar aqui, mas não quer ir embora sem aquela amiga dela. Você pode me ajudar a tirá-las daqui, e isso vai ser seu bilhete de saída. – Ele começou a massagear a têmpora. – Você sabe para onde Cinder estava indo, certo? Pode encontrá-la. Ela vai proteger Winter. É *bom* que proteja.

Uma desconfiança subiu pela espinha dela à menção de Cinder. Era um truque? Ele estava tentando obter informação sobre ela para ser vendida para a rainha em troca de privilégios? Ele já tinha feito isso.

– Vai parecer suspeito se um bando de atualizações de câmeras cair de repente – disse ela.

Ele assentiu.

– Eu sei, mas espero que vocês estejam longe quando alguém reparar.

Ela mordeu o lábio. Podia colocar um timer, tentar fazer os blecautes parecerem falhas aleatórias de energia ou uma falha de

sistema, mas até isso tinha o potencial de ser descoberto.

Jacin começou a andar de um lado para outro. Ela conseguia ver os pensamentos dele a toda. Um plano estava se formando na cabeça dele, embora nem começasse a imaginar como ele planejava tirá-las do palácio sem ninguém ver, principalmente porque a princesa Winter era tão reconhecível.

– O que aconteceu? – perguntou Cress. – Levana descobriu sobre mim?

– Não. Foi outra coisa. – Ele estava apertando o alto do nariz. – Ela vai mandar matar Winter. Tenho que tirá-la daqui. Acho que sei um jeito. Posso organizar tudo, mas... – Os olhos dele ficaram suplicantes. – Você vai me ajudar?

O coração de Cress se apertou. No pouco tempo que conhecia Jacin, ele parecera frio, sem coração, até cruel às vezes. Mas naquele momento estava desmoronando, quase aos pedaços.

– Desabilitando as câmeras? – indagou ela.

Ele fez que sim.

Ela olhou para o tablet. Apesar de tê-lo soltado do nódulo holográfico quando foi para baixo da cama, o cabo de conexão ainda estava pendurado nele. Era a oportunidade dela. Poderia escapar do palácio, ir para longe da cidade e de todos os seus perigos. Poderia estar com os amigos de novo. Poderia estar em segurança, *esta noite*.

A tentação tomou conta dela. Tinha que sair dali.

Mas, quando virou o rosto na direção de Jacin novamente, ela estava balançando a cabeça.

O choque ficou aparente no rosto dele.

– Vai ser mais seguro para a princesa e para Scarlet se... – Ela engoliu em seco, mas a saliva entalou na garganta. – ... se eu ficar para trás.

– O quê?

– Nossa melhor chance de a alteração nas câmeras passar despercebida vai ser se eu operar a falha no sistema manualmente. Posso desligar as câmeras por períodos curtos, fazer com que pareçam mais falhas de energia aleatórias. Um blecaute total atrairia atenção demais, e apagar uma porção das câmeras daria uma pista à rainha do lado para que Winter e Scarlet foram. Mas, se eu desabilitar e reiniciar seções aleatórias do sistema de vigilância ao mesmo tempo... posso dar a impressão de que foi coincidência. – Ela bateu com o dedo no lábio inferior. – Posso montar uma distração também. Talvez um alarme em outra parte do palácio, para afastar as pessoas das duas. E todas as trancas dos caminhos principais também podem ser alteradas remotamente.

Ela estava ficando confiante da decisão. Ficaria para trás a fim de dar a Winter e Scarlet uma chance melhor de escaparem.

– Você é louca – disse Jacin. – Você *quer* morrer neste palácio?

Ela enrijeceu.

– Levana não sabe que estou aqui. Enquanto você me mantiver escondida...

– Assim que Levana souber que deixei Winter escapar, ela vai me matar.

Ela apertou os punhos, irritada por ele estar abrindo buracos em sua coragem recém-descoberta.

– Scarlet foi capturada durante uma tentativa de me resgatar. E Winter me protegeu, apesar de não ter que fazer isso, e sei que isso a colocou em muito perigo. É assim que posso compensar as duas.

Jacin a encarou, e ela viu o momento em que ele aceitou sua decisão. Era a melhor chance e ele sabia. Jacin se virou, os ombros murchando.

– Fui piloto de Sybil por mais de um ano – disse ele. – Eu soube de você por mais de um ano, mas não fiz nada para ajudar.

A confissão dele foi uma facada no peito de Cress. Ela sempre tinha achado que Sybil ia sozinha, nunca se dera conta de que tinha um piloto com ela até ser tarde demais. Talvez Jacin *pudesse* ter ajudado, até tê-la salvado.

Eles jamais saberiam.

Ele não pediu desculpas. O que fez foi firmar o maxilar e olhar nos olhos dela.

– Vou proteger Winter com minha vida. Em segundo lugar, prometo proteger você também.

CAPÍTULO

Vinte e sete

SCARLET ESTAVA TRABALHANDO NAQUELA COISA NOVA QUE ELA chamar de *não reagir*.

Era uma habilidade que não ocorria a ela naturalmente. Mas quando era ela quem estava trancada em uma jaula e o inimigo estava do lado de fora, implicando e rindo e sendo idiota, *não reagir* parecia um hábito melhor do que gritar obscenidades e tentar acertar golpes por entre as barras.

Pelo menos oferecia um pouco mais de dignidade.

– Você não consegue fazer com que ela faça algum truque? – perguntou a mulher lunar, segurando um guarda-chuva de penas de coruja sobre um ombro, embora Scarlet não soubesse de que ela estava se protegendo. De acordo com Winter, faltavam seis dias para eles verem a luz do sol de verdade de novo, e não havia chuva em Luna.

O companheiro da mulher se inclinou, apoiou as mãos nos joelhos e espiou Scarlet por entre as barras. Ele estava usando óculos de sol laranja. Mais uma vez, Scarlet não sabia por quê.

Scarlet, de pernas cruzadas no chão, com as mãos dobradas sobre o colo e o capuz puxado para cobrir a cabeça até as orelhas, olhou para as pessoas.

Sou uma visão de tranquilidade e indiferença.

– Faça alguma coisa – ordenou ele.

Scarlet piscou.

Ele olhou para ela de cara feia.

– Todo mundo diz que os terráqueos são fofos e divertidos. Por que você não faz uma dança para nós?

As entranhas dela se contorceram, querendo mais do que qualquer coisa mostrar àquele homem como ela sabia ser *fofa e divertida*. Mas, por fora, parecia uma estátua.

– Você é muda ou só é burra? Não ensinam a você naquela pedra lá como se dirigir aos seus superiores?

Sou a essência da paz e da calma.

– Qual é o problema com a mão dela? – quis saber a mulher.

O homem olhou para baixo.

– Qual é o problema com sua mão?

Os dedos dela nem tremeram. Nem o que estava pela metade.

A mulher bocejou.

– Estou entediada, e os terráqueos fedem. Vamos olhar os leões.

O homem se empertigou com as mãos na cintura. Scarlet conseguia vê-lo calculando alguma coisa em pensamento. Ela achava que ele não tentaria usar o dom nela; ninguém a manipulou desde que foi levada para o jardim, e ela estava começando a desconfiar que seu status como bichinho da princesa a estava protegendo *dessa* tortura, pelo menos.

Ele deu um passo para frente. Atrás dele, Ryu rosnou.

Foi um teste de força de vontade para Scarlet sufocar um sorriso. Ela tinha passado mesmo a gostar daquele lobo.

Apesar de a mulher ter olhado de relance para o cercado do lobo, o homem continuou com a atenção grudada em Scarlet.

– Você está aqui para nos entreter – disse ele. – Então *faça alguma coisa*. Cante uma música. Conte uma piada. Alguma coisa.

No meu próximo truque, vou vencer uma competição de quem fica mais tempo sério com o babaca de óculos laranja.

O homem rosnou, pegou o guarda-chuva da namorada e o fechou. Segurando o cabo curvo, ele empurrou a ponta pelas barras e cutucou Scarlet no ombro.

Ryu latiu.

A mão de Scarlet subiu na hora e se fechou no tecido de penas. Ela puxou o guarda-chuva fechado, e o homem cambaleou na direção da jaula. Scarlet empurrou o cabo do guarda-chuva na cara dele. Ele gritou e cambaleou para trás, os óculos caindo no chão. Sangue jorrou de seu nariz.

Scarlet deu um sorrisinho enquanto jogava o guarda-chuva do lado de fora; não fazia sentido ficar com ele, pois os guardas tirariam dela. Sufocou a expressão arrogante e voltou à expressão neutra.

Essa coisa de não reagir estava funcionando melhor do que ela esperava.

Depois de xingar e gritar e ficar com a camisa cheia de sangue, o homem pegou a namorada e o guarda-chuva e foi embora na direção da entrada do jardim. Eles provavelmente contariam tudo para os guardas. Ela provavelmente ficaria sem uma refeição ou duas por causa do mau comportamento.

Valia a pena.

Ela encarou os olhos amarelos de Ryu do outro lado e piscou. Em resposta, o lobo ergueu o focinho e uivou, um som curto e alegre.

– Você fez um amigo.

Ela levou um susto. Um guarda estava encostado em uma árvore de folhas grandes, com os braços cruzados e o olhar duro. Ele não era um dos guardas normais dela, mas havia um ar de familiaridade. Ela se perguntou quanto tempo havia que estava ali de pé.

– Nós, animais, ficamos do lado um do outro – disse ela, mas decidiu que isso era o máximo que ele arrancaria dela. Ela não estava ali para entreter os aristocratas lunares mimados e *não ia* entreter um dos assecas estúpidos da rainha.

– Acho que faz sentido você gostar daquele ali. Ele tem parentesco com seu namorado.

O coração dela disparou. Um mau presságio surgiu em seu peito.

O guarda se afastou da árvore e andou na frente do cercado de Ryu. Uma das mãos estava no cinto, no cabo de uma faca enorme. O lobo parou, apoiado nas quatro patas com cara de quem não tinha decidido se confiava naquele estranho ou não.

– O pai deste aqui era o lobo cujo DNA coletaram quando começaram a fazer experiências com os soldados. O estimado lobo do ártico da rainha. Já foi um macho alfa. – Ele se virou para Scarlet. – Mas é preciso uma matilha para ser alfa, não é?

– Eu não saberia – respondeu ela.

– Pode confiar na minha palavra. – Ele inclinou a cabeça e a inspecionou. – Você não sabe quem eu sou.

Ele falou isso na hora em que a lembrança estalou. O cabelo louro, o uniforme, o conhecimento sinistro sobre Lobo.

O reconhecimento só a deixou mais cautelosa.

– Claro que sei. A princesa não consegue calar a boca e parar de falar sobre você.

Ela o observou com atenção, curiosa para saber se os sentimentos de Winter eram ao menos parcialmente correspondidos, mas ele não revelou nada.

Era bonito, claro. Tinha ombros largos e maxilar esculpido. Mas não era o que ela estava esperando. A postura denotava condescendência; a expressão, desinteresse. Ele era todo espinhos e frieza enquanto andava na direção da jaula dela.

Era tão oposto à calorosa, aérea e faladeira Winter quanto ela conseguia imaginar.

Jacin não se agachou nem se inclinou, e era doloroso para o pescoço de Scarlet ficar olhando para ele. A antipatia dela aumentou.

– Acredito que ela tenha falado sobre seus amigos.

Winter contou a ela que eles estavam vivos. Que estavam indo buscá-la. Que Lobo sentia muita falta dela.

Agora, ao se encontrar com o famoso Jacin, ela não conseguia imaginá-lo como sendo quem tinha contado essas coisas.

– Eu recebi a mensagem.

Scarlet se perguntou se ele esperava um agradecimento, que não ia receber, considerando que estava ali em Luna, usando aquele uniforme. De que lado ele estava?

Scarlet bufou e se apoiou nos cotovelos, meio deitada. Podia não ser uma postura tão digna, mas ela não ia deixar aquele cara

intimidá-la e fazê-la ficar com dor no pescoço.

– Está precisando de alguma coisa?

– Winter acha que você é amiga.

– Uma de nós acha isso.

Depois de um momento, ele revelou uma rachadura na armadura. O menor dos sorrisos.

– O quê? – perguntou ela.

Balançando-se nos calcanhares, Jacin apoiou a mão na faca de novo.

– Eu não sabia que tipo de garota poderia fazer um agente especial perder a cabeça. Fico feliz de ver que não é do tipo idiota.

Ela cerrou os punhos.

– Também não é do tipo que cai em elogios vazios.

Jacin fechou a mão em uma das barras e se agachou, de modo que eles ficaram na mesma altura.

– Sabe por que você ainda está viva?

Ela trincou os dentes e respondeu um tanto contrariada:

– Por causa de Winter.

– Isso mesmo, esquentadinha. Tente não esquecer.

– É difícil esquecer se estou presa na jaula dela, docinho de coco.

O canto da boca de Jacin se enrugou com diversão controlada, mas logo sumiu. Irritante. Ele fez sinal com o cotovelo para a mão dela.

– Quando foi a última vez que alguém verificou isso aí para ver se havia infecção?

– Sei como é uma infecção. – Ela resistiu à vontade de esconder o dedo ferido, mas não ia mesmo mostrar o cotoco do dedo para aquele cara. – Está tudo bem.

Ele fez um som evasivo.

– Dizem que você é bem razoável como piloto.

Ela fez uma careta.

– O que é isso, entrevista de emprego?

– Você já pilotou uma nave lunar?

Pela primeira vez, ele conseguiu a atenção total dela, mas a curiosidade estava lotada de desconfiança.

– Por quê?

– Não é muito diferente de uma nave terráquea. A posição dos controles de voo é um pouco distinta, a decolagem é um pouco mais suave, de modo geral. Acho que você consegue entender como funciona.

– E por que eu preciso saber pilotar uma nave lunar?

O olhar dele pareceu cortá-la, dizendo mais do que as palavras. Ele se levantou.

– Esteja pronta.

– Estar pronta para *o quê*? E por que você se importa comigo?

– Eu não me importo – disse ele, de forma tão casual que Scarlet acreditou. – Mas me importo com a princesa, e ela precisa de uma aliada. – Ele afastou o olhar. – Uma aliada melhor do que eu.

CAPÍTULO

Vinte e oito

O CORAÇÃO DE WINTER PALPITOU QUANDO ELA ABRIU A PORTA enorme do jardim. Sons de vida selvagem se espalharam pelo corredor: pássaros piando nas gaiolas suntuosas, macacos tagarelando nas árvores, cavalos brancos relinchando nos estábulos ao longe.

Ela fechou a porta antes que o calor saísse e observou os caminhos bifurcados, mas não havia sinal de Jacin. O jardim ocupava vários hectares dessa ala do palácio, um labirinto de gaiolas com barras e cercos de vidro. Estava sempre úmido e perfumado com flores exóticas, um aroma que mal encobria o odor animal.

Era o lugar favorito dela, já antes mesmo de Scarlet morar ali. Ela sempre se sentia à vontade com os animais, que não sabiam nada de controle mental e manipulação. Eles não se importavam se ela era bonita ou se era a enteada da rainha ou se estava ficando louca. Ela não se lembrava de ter tido um episódio de loucura naquele lugar, cercada dos amigos. Ali, ela ficava mais calma. Ali, podia fingir que estava no controle dos próprios sentidos.

Ela prendeu um cacho atrás da orelha e se afastou da porta. Passou pelo lar gelado da raposa do ártico, que estava encolhida

junto a um tronco de bétula, com o focinho enfiado na cauda densa. A jaula ao lado abrigava uma fêmea de leopardo da neve com a ninhada de três filhotes brincalhões. Do outro lado do caminho cheio de musgo havia uma coruja branca dormindo. Abriu os olhos enormes quando Winter passou.

Ela observou o cercado de Ryu à frente, mas ele devia estar dormindo na toca, pois não o viu em lugar nenhum. E ali estava Scarlet, a única criatura do jardim que não era feita de pelos ou penas brancas, e ela exibia sua diferença com desafio, no cabelo ruivo e no casaco com capuz que nunca tirava apesar da umidade. Ela estava sentada com os joelhos encolhidos perto do peito, olhando para o musgo do lado de fora da jaula.

Levou um susto quando Winter se aproximou.

– Oi, amiga. – Winter se ajoelhou na frente da jaula de Scarlet.

– Oi, maluca – disse Scarlet. Pareceu um termo carinhoso. – Como estão as paredes do castelo hoje?

Winter cantarolou, pensativa. Ela estava tão distraída que mal vinha prestando atenção às paredes.

– Não tão sangrentas quanto o habitual – determinou ela.

– Já é alguma coisa. – Scarlet puxou os cachos para o lado. O cabelo estava escuro com oleosidade e sujeira, fazendo desaparecer o ruivo explosivo que já tinha feito Winter pensar em uma cauda de cometa. Ela também perdeu muito peso desde que foi capturada. Winter sentiu uma pontada de culpa. Deveria ter levado um lanche.

O olhar de Scarlet avaliou Winter com um toque de desconfiança, prestando atenção no vestido leve que cintilava mais do que o habitual.

– Você está... – Ela fez uma pausa. – Não importa. Qual é a ocasião?

Winter juntou as mãos.

– Jacin pediu para me encontrar com ele aqui.

Scarlet assentiu sem surpresa.

– É, ele passou aqui ainda há pouco. – Ela inclinou o queixo para o caminho. – E foi por ali.

Winter se levantou de novo, os joelhos tremendo. Por que estava tão nervosa? Ele era Jacin, que a viu coberta de lama e de arranhões quando eles eram crianças, que fazia curativo nos machucados dela quando se arranhava, que a abraçava quando as visões ficavam intensas e a trazia de volta com seus sussurros.

Mas alguma coisa soou diferente quando ele pediu que ela o encontrasse ali.

Pela primeira vez, ele pareceu nervoso.

Ela passou metade da noite se perguntando o que isso queria dizer, e sua mente sempre lhe mostrava uma possibilidade, uma esperança leve.

Ele ia dizer que a amava. Não queria fingir mais, apesar da política, apesar da madrasta dela. Não podia passar nem mais um dia sem beijá-la.

Ela tremeu.

– Obrigada – murmurou para Scarlet. Ajeitando a saia, ela seguiu pelo caminho.

– Winter.

Ela parou. Scarlet estava segurando a barra mais perto do rosto.

– Tome cuidado.

Winter inclinou a cabeça.

– O que você quer dizer?

– Eu sei que você gosta dele. Sei que confia nele. Mas só... tome cuidado.

Winter deu um sorriso. A pobre e desconfiada Scarlet.

– Se você insiste – disse ela, virando para o outro lado.

Ela o viu assim que fez a curva do cercado de Ryu. Jacin estava em uma ponte com vista para o lago central do jardim, com cascatas borbulhantes. Uma família de seis cisnes estava reunida abaixo, enquanto ele jogava os pedaços de pão que tinha nos bolsos.

Ele estava usando o uniforme, pronto para começar o turno como guarda pessoal dela. Seu cabelo ficava tão claro na luz obscura do jardim que, por um momento horrível, Winter imaginou que ele era um dos animais de Levana, um dos bichinhos dela.

Ela afastou o pensamento quando Jacin a olhou. A expressão dele era sombria, e sua euforia sumiu. Não era um encontro romântico, afinal. Claro que não. Nunca era.

Mas a decepção não afastou a fantasia do quanto ela queria que ele a imprensasse contra as barras e a beijasse até ela não conseguir pensar em mais nada.

Ela limpou a garganta e se aproximou.

– Isso é um tanto clandestino – disse ela, cutucando-o com o ombro enquanto ele esvaziava o pão que tinha nos bolsos.

Jacin hesitou antes de cutucá-la de volta.

– O jardim é aberto ao público, Alteza.

– Sim, e as portas vão se trancar em cinco minutos. Não tem ninguém aqui.

Ele olhou por cima do ombro.

– Você está certa. Acho que é mesmo clandestino.

Um novo sussurro de esperança surgiu entre as orelhas dela. Talvez. *Talvez...*

– Ande comigo – disse Jacin, descendo da ponte. Ela o seguiu ao redor do lago. A atenção dele estava grudada no chão, uma das mãos roçando o cabo da faca. Sempre o guarda.

– Tem alguma coisa...?

– Tem – sussurrou ele, como se saísse de pensamentos profundos. – Tem uma coisinha ou duas.

– Jacin?

Ele massageou a testa. Winter não lembrava a última vez que ele pareceu tão inseguro.

– Na verdade, tem um monte de coisas que eu gostaria de dizer a você.

O coração dela pulou. Lutando contra os pensamentos enlouquecidos na cabeça, ela só conseguiu dizer um atordoadado:

– Ah?

Jacin desviou o olhar para ela, mas não o sustentou, e voltou a observar o caminho. Eles atravessaram outra ponte entalhada em marfim. A maioria dos cisnes tinha se espalhado, mas um ainda estava indo atrás dele, mergulhando a cabeça na água. Do outro lado do caminho havia lebres albinas que os viram passar com olhos vermelhos e narizes tremendo.

– Desde que éramos crianças, eu só queria proteger você.

Os lábios dela formigaram. Ela queria que ele parasse de andar para poder olhá-lo no rosto. Mas ele não parou e a levou por afloramentos rochosos e flores pesadas e caídas.

– Por saber que você estava no julgamento, eu só pensava: tenho que sobreviver a isso. Não vou fazê-la ficar ali me vendo morrer.

– Jacin...

– Mas fui burro de achar que poderia proteger você para sempre. Não dela.

O tom dele ficou duro. As emoções de Winter ficaram em frangalhos pela mudança constante na conversa.

– Jacin, o que está acontecendo?

Ele inspirou fundo, tremendo. Eles completaram a volta no lago, e ela viu que Ryu estava acordado, andando atrás das barras.

Jacin parou de andar, e Winter afastou a atenção do lobo. Estava presa pelo olhar azul-gelo de Jacin. E engoliu em seco.

– Ela quer matar você, princesa.

Winter tremeu, primeiro por causa da intensidade das palavras dele e segundo por causa do significado. Achava que uma declaração dessas deveria tê-la chocado, mas desde que Levana provocou suas cicatrizes, ela estava esperando isso.

Sua decepção por Jacin *não* a ter levado até ali para confessar seu amor foi mais potente do que saber que a madrastra a queria morta.

– O que eu fiz?

Ele balançou a cabeça e a tristeza profunda voltou.

– Nada que pudesse evitar. O povo ama você demais. Levana se deu conta do *quanto*. Ela acha que você pode ser uma ameaça à

coroa dela.

– Mas eu nunca poderia ser rainha – disse ela. – A linhagem. As pessoas nunca...

– Eu sei. – A expressão dele foi solidária. – Mas não importa.

Ela recuou e ouviu as palavras dele novamente. Ditas com tanta certeza. *Ela quer matar você, princesa.*

– Ela contou isso para você?

Um único aceno curto.

Pontos pretos piscaram em seu campo de visão. Ela deu um passo para trás e segurou a grade do cercado de Ryu. Atrás, ouviu um rosnado, seguido do focinho de Ryu nos dedos. Não tinha se dado conta de que ele estava ali.

– Ela mandou você me matar.

O maxilar dele se contraiu. Com culpa, ele olhou para o lobo.

– Sinto muito, princesa.

Quando o mundo parou de girar, ela ousou olhar para a câmera acima do ombro dele. Ela raramente prestava atenção às câmeras, mas então se perguntou se a madrasta estava assistindo, esperando para ver a enteada ser assassinada para proteger seu trono de uma ameaça imaginária.

– Por que ela faria isso com você?

Ele riu, como se alguém tivesse enfiado uma faca em seu peito e ele não tivesse escolha além de achar divertido.

– *Comigo?* É sério?

Ela se obrigou a se empertigar. Ao relembrar a expectativa que sentiu pelo encontro, pensou no quanto fora ingênua e boba.

– Sim – disse ela com firmeza. – Como ela pode ser tão cruel de pedir logo a *você*, dentre todas as pessoas?

O rosto dele se suavizou.

– Você está certa. É tortura.

Lágrimas surgiram nos olhos dela.

– Ela ameaçou alguém, não foi? Vai mandar matar alguém se você não fizer isso.

Ele não respondeu.

Ela fungou e piscou para tentar afastar as lágrimas. Ele não precisava contar. Não importava quem era.

– É egoísmo da minha parte, mas fico feliz de ser você, Jacin. – A voz dela tremeu. – Sei que vai ser rápido.

Ela tentou imaginar. Ele usaria a faca? Uma arma? Ela não fazia ideia de qual era o jeito mais rápido de morrer. Não queria saber.

Jacin devia ter feito as mesmas perguntas. Na noite anterior toda. Naquele dia todo. Devia estar planejando como fazer, com medo daquele encontro tanto quanto ela o vinha desejando.

Seu coração se partiu por ele.

Atrás dela, Ryu começou a rosnar.

– Winter...

Fazia tanto tempo que ele não a chamava pelo nome. Sempre *princesa*. Sempre *Alteza*.

O lábio dela tremeu, mas ela se recusou a chorar. Não faria isso com ele.

Os dedos de Jacin se fecharam no cabo da faca.

Era tortura. Jacin parecia estar com mais medo do que quando passou pelo julgamento. Estar sofrendo mais do que quando seu tronco ficou em carne viva com as chibatadas.

Era a última vez que ela o veria.

Era seu último momento. Seu último suspiro.

De repente, toda a política e todos os jogos deixaram de ter importância. De repente, ela se sentiu ousada.

– Jacin – disse, com um sorriso trêmulo. – Você deve saber. Não consigo me lembrar de uma época em que não amava você. Acho que essa época não existiu.

Os olhos dele se encheram de mil emoções. Mas, antes que ele pudesse dizer o que queria, antes que pudesse matá-la, Winter agarrou a frente da camisa dele com as duas mãos e o beijou.

Ele derreteu bem mais rápido do que ela esperava. Quase na mesma hora, como se estivesse esperando aquele momento, segurou os quadris dela e a puxou para perto com uma possessividade que a sufocou. Os lábios estavam desesperados e famintos quando ele mergulhou no beijo, apertando-a contra a grade. Ela ofegou, e ele intensificou o beijo, enfiando uma das mãos no cabelo dela pela nuca.

A cabeça dela girou, desnorteada pelo calor e por uma vida inteira de desejo.

A outra mão de Jacin deixou o quadril de Winter. Ela ouviu o som de metal quando a faca foi tirada da bainha. Winter tremeu e o beijou mais intensamente, injetando naquele momento todas as fantasias que já teve.

A mão de Jacin escorregou de seus cabelos. O braço a envolveu. Ele a segurou contra si como se eles não pudessem ficar próximos o bastante. Como se pretendesse absorver o corpo dela.

Soltando a camisa dele, Winter encontrou seu pescoço, seu maxilar. Sentiu as pontas dos fios de cabelo dele com os polegares. Ele fez um ruído, e ela não discerniu se era desejo ou

dor ou lamento ou uma mistura de tudo. O braço se contraiu nas costas dela. O peso mudou quando ele levantou a faca.

Winter fechou os olhos com força.

Por ter visto tantas mortes na vida, ela teve o pensamento distante de que aquela não era uma forma muito ruim de morrer.

Ele baixou o braço depressa e Winter ofegou, um sopro de ar os separava. Seus olhos se abriram. Atrás dela, Ryu latiu, mas o som se transformou em um choramingo traído.

Os olhos de Jacin também estavam abertos, azuis e arrependidos.

Winter tentou recuar, mas ele a segurou com firmeza. Ela não tinha para onde ir, presa entre Jacin e a grade como estava. Por cima do ombro dele, a luz de uma câmera brilhava perto do teto. A respiração dela saiu entrecortada. A cabeça girou. Ela não diferenciava seus batimentos dos de Jacin.

Jacin. Que estava com as bochechas vermelhas e o cabelo desgrenhado. Jacin, que ela finalmente ousou beijar, Jacin, que retribuiu o beijo.

Mas, se ela ainda esperava ver desejo no rosto dele, ficou decepcionada. Ele estava paralisado de novo.

– Me faça um favor, princesa – sussurrou ele, com a respiração quente sobre sua boca. – Na próxima vez que alguém disser que vai matar você, não simplesmente *deixe* que matem.

Ela olhou para ele, atordoada. O que ele fez?

Os joelhos de Winter cederam. Jacin a segurou e a deslizou pelas grades do cercado. A mão dela tocou em uma coisa quente e úmida escorrendo por baixo da grade.

– Você está bem, princesa – murmurou Jacin. – Você está bem.

– Ryu? – A voz dela falhou.

– Vão achar que o sangue é seu. – Ele estava explicando alguma coisa, mas ela não entendeu. – Espere aqui. Não se mexa até eu apagar as luzes. Entendeu? Princesa?

– Não me mexer – sussurrou ela.

Jacin se afastou, e ela ouviu a faca ser arrancada da carne do lobo. O corpo cambaleou contra a grade. Jacin aninhou a bochecha com as cicatrizes, observando-a para ter certeza de que ela não estava tendo um surto, para ter certeza de que ela tinha entendido, mas ela só conseguia entender a umidade grudenta que encharcava a saia. Sangue escorria pelo caminho. Litros e litros de sangue estavam pingando do teto de vidro, pingando nos braços dela, enchendo o lago.

– *Winter.*

Ela olhou para Jacin, boquiaberta, incapaz de falar. A lembrança do beijo foi encoberta por uma coisa terrível e injusta. Ryu. O doce e inocente Ryu.

– Até as luzes se apagarem – repetiu ele. – Então, quero que você pegue sua amiga ruiva e saia dessa porcaria de tabuleiro de jogo. – Jacin passou o polegar pela pele dela, despertando-a do choque. – Agora se finja de morta, princesa.

Ela caiu e encontrou alívio nessa ordem. Eles estavam participando de um jogo. De um jogo. Como quando eram crianças. É um jogo e o sangue não é real e Ryu...

Ela contraiu o rosto por causa das lágrimas. Um soluço ficou trancado na garganta. Jacin a apoiou no muro da jaula e seu calor sumiu em seguida. O peso das botas se afastou, deixando uma trilha de passos grudentos.

CAPÍTULO

Vinte e nove

A CARETA PARECEU ENTALHADA NO ROSTO DE SCARLET ENQUANTO para o caminho vazio do jardim. Winter foi naquela direção e horas pareciam ter se passado, e Scarlet sabia que não podia haver visitantes no jardim tão tarde. Mas era provável que essas regras não se aplicassem a princesas. Talvez Winter estivesse vivendo a entrega romântica que desejava, afinal.

Mas alguma coisa não parecia certa. Scarlet poderia jurar que tinha ouvido Ryu sair da toca, mas ele não foi vê-la, como era a rotina. E ela escutou um ruído, uma coisa que a lembrou o barulho que uma cabra faz quando está sendo abatida. Uma coisa que despertou arrepios pelos membros dela, apesar do calor do jardim e do casaco fechado.

Por fim, passos. Scarlet segurou as barras.

Ela soube que suas desconfianças estavam certas assim que o guarda apareceu, com uma faca na mão. Seu coração disparou. Mesmo de longe ela avistou uma coisa escura na lâmina. Mesmo sem conhecer Jacin, via o arrependimento no rosto dele.

Os nós de seus dedos ficaram brancos na grade.

– O que você fez? – perguntou ela, engolindo a fúria que queria explodir, mas não teria para onde ir. – Onde está Winter?

O olhar de Jacin não oscilou quando ele parou em frente à jaula dela, e Scarlet não se encolheu e se afastou dele, apesar da faca e do sangue.

– Estique a mão – disse ele, se agachando.

Ela fez expressão de desprezo.

– Você sabe o que acontece aqui com as pessoas que “esticam a mão”?

Ele enfiou a ponta da faca no musgo macio e, antes que Scarlet pudesse se mexer, segurou o pulso dela e virou com tanta força que um grito de dor subiu até o ombro. Scarlet ofegou e sua mão a traiu, se abrindo com a palma virada para cima. Não era manipulação mental, só um truque sujo antigo e simples.

Scarlet tentou puxar o braço pela barra, mas o aperto era de ferro. Mudando de tática, ela apertou o corpo contra a jaula e tentou enfiar as unhas na cara dele, mas Jacin ficou longe do alcance.

Depois de desviar de um segundo ataque das unhas de Scarlet, o guarda tirou a bainha do cinto e virou. Um pequeno cilindro caiu na palma da mão dela.

Ele a soltou. Os dedos de Scarlet se fecharam no cilindro por instinto, o corpo tremendo para longe do alcance do guarda.

– Enfie isso no acesso de segurança do porto de uma nave lunar e você terá acesso real. Você consegue descobrir o resto. Tem também uma mensagem de uma amiga sua codificada aí dentro, mas sugiro que você espere até estar longe para pensar nisso.

– O que está acontecendo? O que você fez?

Ele enfiou a faca na bainha e, para a surpresa de Scarlet, jogou-a em sua direção. Ela se encolheu, deixando que caísse em seu colo, sem causar danos.

– Você precisa encontrar o Porto E de Artemísia, Compartimento 22. Repita.

A pulsação dela disparou. Ela olhou para o caminho de novo, esperando que o cabelo cacheado de Winter e o vestido cintilante e a graça natural da caminhada dela aparecessem a qualquer segundo. A qualquer segundo...

– *Repita.*

– Porto E, Compartimento 22. – Ela fechou os dedos no cabo da faca.

– Sugiro seguirem pelos corredores dos guarda-caças primeiro. Winter vai saber o caminho a partir de lá. Vamos fazer o que pudermos com relação à segurança, mas tente não fazer nenhuma besteira. E, se você ficar tentada a ir embora de Luna, lute contra isso. Você só vai chamar atenção, e aquela navezinha não está equipada para distâncias longas. Aja como se fosse buscar uma entrega em MR-9. É onde seu namorado passou a infância. Entendeu?

– Não.

– Só saia de Artemísia. Porto E, Compartimento 22. Setor MR-9.

– Ele se levantou. – E, quando você encontrar aquela sua princesa, diga para ela andar logo.

Scarlet voltou a atenção para ele, pensando: *Winter? Winter tem que andar logo?* Mas então percebeu que ele estava falando da outra princesa. Selene. Cinder.

Jacin contornou a jaula até a lateral com a porta de grade e encostou o polegar no leitor para se identificar. Ele digitou um código. Scarlet ouviu o estalo revelador da tranca, o estalo dela se abrindo. Seus nervos vibraram.

– Conte até dez. – Sem olhar para ela, Jacin se virou e saiu andando.

Tudo nela gritava para que empurrasse aquela porta e saísse correndo pelo caminho para procurar Winter, mas ela se segurou. Seus dedos tremeram. Ele lhe deu uma arma e um plano de fuga. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas alguma coisa dizia que *não reagir* por dez meros segundos não a mataria.

Ao chegar ao quatro, ela enfiou o pequeno cilindro no bolso do casaco. No cinco, prendeu a faca na parte de trás da calça jeans rasgada e imunda. No seis, chegou perto das barras novamente e encostou o rosto nelas. No sete, gritou:

– *Winter! Você...*

No oito, as luzes se apagaram, mergulhando-a na escuridão.

Scarlet ficou paralisada. Aquele *imbecil*. Ele queria facilitar as coisas? Queria ajudar? Queria...

Ah. As câmeras.

Bufando, Scarlet verificou se a faca estava bem presa e abriu a porta da jaula. Cambaleou por ela e usou as barras para se levantar e ficar ereta. As pernas tremeram pela falta de uso. Ela se firmou e pisou no musgo.

Primeiro, ver se a princesa estava morta.

Segundo, descobrir onde é que ficava o Porto E.

– Winter? – sussurrou ela, andando pelo caminho. O muro do cercado pareceu mais distante do que ela lembrava, seus

sentidos enevoados pregando peças. Por fim, sua mão encontrou a grade e ela a usou para se guiar pelo caminho. – Ryu?

O lobo não respondeu. Outra coisa estranha.

Acima da cobertura da floresta artificial e da parede de vidro, dava para ver estrelas piscando em abundância, e os olhos de Scarlet se ajustaram à luz fraca que emitiam. Quando fez uma curva, só viu as sombras das copas das árvores acima e a mão na frente do rosto.

Ela apertou os olhos. Havia alguma coisa branca no caminho, que poderia ser qualquer um dos vários animais albinos que moravam no local, mas os instintos de Scarlet disseram exatamente o que era. *Quem* era.

– Winter! – Ela correu o resto do caminho, com a mão encostada na grade. A forma da princesa surgiu, caída contra as barras. Havia uma coisa escura empoçada embaixo dela. – Ah, não... ah, não... *princesa!* Ela caiu de joelhos, inclinando Winter para trás e colocando a mão no pescoço dela.

– As paredes estão sangrando.

As palavras baixas e quase delirantes despertaram uma onda de alívio em Scarlet. Os batimentos de Winter estavam fortes quando ela os encontrou.

– Onde você está machucada?

– O sangue... para todo o lado... tanto sangue.

– Winter. Preciso que você fale comigo. Onde ele machucou você? – Ela passou as mãos pelos braços, ombros, pescoço da princesa, mas o sangue estava todo embaixo. Nas costas, então?

– Ele matou Ryu.

Scarlet ficou paralisada.

A princesa chorou e caiu para a frente, encostando a testa no pescoço de Scarlet.

– Ele estava tentando me proteger.

Scarlet não sabia se ela se referia ao lobo ou ao guarda.

– Você está bem – disse ela, mais em confirmação para si mesma. Olhou ao redor. O jardim desapareceu na escuridão, mas ela ouvia o barulho de uma cachoeira, ruídos de patas pequenas, as folhas de uma árvore sendo sacudidas quando uma criatura passou correndo. Então, viu um montinho de pelo branco atrás de Winter e seu coração deu um nó, mas ela rapidamente sufocou o sentimento.

Como com a avó, haveria um momento para sofrer mais tarde. Agora, ela ia sair dali com Winter.

Seu cérebro mudou para velocidade total.

Nas portas do jardim havia sempre guardas, que sem dúvida ficariam desconfiados quando a princesa Winter não voltasse. A não ser que Jacin tivesse alguma coisa na manga para eles, mas, de qualquer modo, Scarlet não ia sair andando no meio do palácio da rainha.

Ela olhou para trás de Ryu. Na parede ao longe, identificou o contorno suave da porta que levava aos corredores dos guarda-caças, usados para alimentar os animais e cuidar das jaulas. Jacin sugeriu aquele caminho, e, por mais que ele a irritasse, ela não tinha motivo para duvidar.

– Venha. – Ela ajudou Winter a se levantar.

A princesa olhou para as mãos e começou a tremer.

– O sangue...

– Tá, tá, as paredes estão sangrando, entendi. Olhe. Aqui. Concentração. – Scarlet segurou o cotovelo de Winter e a girou. – Está vendo aquela porta? É para lá que nós vamos. Vou dar uma ajudinha. – Ela entrelaçou os dedos, mas a princesa nem se mexeu. – *Winter*. Vou dar cinco segundos para você se controlar e decidir me ajudar, senão vou deixar você para trás com seu lobo morto e suas paredes sangrando. Entendeu?

Os lábios de Winter se abriram e sua expressão era de atordoamento, mas depois de três segundos ela assentiu. Ou melhor, ela baixou a cabeça e Scarlet achou que as pálpebras podem ter tremido um pouco, o que ela ia aceitar como um sim.

– Que bom. Agora suba nas minhas mãos e pule essa grade.

A princesa fez o que Scarlet mandou. O movimento foi desajeitado, o que contradizia todos os movimentos que Scarlet a viu fazer. Quando Winter caiu no cercado do lobo, a situação ficou clara para Scarlet.

Aquele guarda deu a elas uma chance de fugir. Elas tinham que ir rápido.

Adrenalina corria pelas veias dela. Scarlet verificou a faca mais uma vez, depois segurou a grade e pulou.

Ela caiu com um grunhido e logo se levantou e saiu correndo para a porta. A porta se abriu e, para o alívio dela, nenhum alarme soou. Ela olhou para trás e viu a princesa inclinada sobre o corpo de Ryu, mas, antes que Scarlet pudesse gritar por ela, a princesa levantou o queixo, limpou as palmas das mãos sujas de sangue na saia e foi atrás.

CAPÍTULO
Trinta

OS CORREDORES DE ALIMENTAÇÃO ESTAVAM PRETOS COMO BREU.

uma pausa para prestar atenção em passos ou vozes, mas não havia nada além dos ruídos abafados dos pássaros que ficaram para trás. O cheiro a lembrou da fazenda, uma combinação intensa de ração e feno e estrume. Ela se orientou. Ir para a direita a levaria para o meio do jardim, mas a esquerda poderia levá-las de volta ao palácio, com sorte a algum tipo de aposento de criados. Com uma das mãos na parede, ela segurou o pulso de Winter e saiu correndo. Seus dedos passaram por portas fechadas, e ela usou o que sabia do jardim para contá-las. *Esta deve ser a do cervo. Esta pode ser a do leopardo das neves. Esta é a da raposa do ártico?*

Elas dobraram uma esquina, e uma luz piscante chamou sua atenção, vaga e distante. Ela seguiu nessa direção e encontrou um painel de controle embutido na parede, onde dava para controlar as luzes e temperaturas e alimentadores automáticos do jardim.

Ao lado do painel, quase imperceptível na luz fraca, havia uma porta.

Ela apertou o mecanismo para destrancar, torcendo demais para que a porta não levasse ao leão. Nada aconteceu.

Scarlet falou um palavrão e apertou o mecanismo para destrancar. Nada.

Então, o painel de controle apitou, dando um susto nela, e uma mensagem surgiu no topo.

TOME CUIDADO, SCARLET.

O queixo dela caiu.

– O quê...

Antes que pudesse questionar, ela ouviu a porta se destrancar. Tremendo, esticou a mão para a maçaneta. A porta se abriu.

Ela se encolheu por causa de toda a luz que surgiu e puxou Winter para perto da parede, mas uma olhadela deixou claro que o corredor bem-iluminado estava igualmente vazio. Era estreito e simples. Se Scarlet tivesse que dar um palpite de como era um corredor de criados, seria assim.

Ela prestou atenção e não ouviu nada.

Olhou para cima e seu coração pulou.

Uma câmera estava girando no teto, verificando o corredor de um lado para outro. Mas, assim que Scarlet a viu, ela parou. A luz de energia ficou fraca e sumiu. Assustada, Scarlet se inclinou para a frente no corredor e viu uma segunda câmera a uns cinquenta passos. Na mesma hora, ela foi desligada.

O que Jacin dissera? Alguma coisa sobre cuidar da segurança?

Mas... *como?*

Scarlet segurou o cotovelo de Winter e a arrastou pelo corredor.

– Você sabe onde estamos?

– Perto da ala dos convidados.

Bem, já era alguma coisa. Pelo menos Scarlet não precisava se preocupar com a possibilidade de *começarem* totalmente perdidas.

– Estamos tentando chegar ao Porto E de Artemísia. Você sabe onde é, não sabe?

– *E...* – murmurou Winter. – E de *execução*. De *espaço*. De *Evret*. De *enteada*. – Ela ponderou mais um momento. – E de *escapada*.

Scarlet gemeu.

– E de inútil.

– Não, isso não está certo.

Scarlet se virou para ela, e a princesa parou de repente. A parte de trás da saia estava escura de sangue, e manchas cobriam os braços, pernas, até o rosto. Na verdade...

Ao olhar para baixo, Scarlet viu que também tinha uma boa quantidade nela. Isso não as ajudaria a passarem despercebidas.

– As docas, Winter – disse ela, com cara feia para a princesa. – Você sabe onde ficam ou não?

A princesa contraiu o rosto e apertou as palmas das mãos sujas de sangue nas bochechas. Por um momento, Scarlet achou que ela fosse chorar.

– Não. Sim. Não sei. – A respiração dela ficou curta e os ombros começaram a tremer.

– *Princesa* – avisou Scarlet.

– Acho que sei. As docas... sim, as docas. Com os cogumelos.

– Cogumelos?

– E as sombras que dançam. O Porto E. *E de escapada*.

– Isso mesmo, *E de escapada*. – Scarlet sentia a esperança escorrendo por entre os dedos. Não havia como aquilo dar certo.

– Como chegamos lá?

– Pegamos o trem. Até a extremidade da cidade.

– O trem. Tudo bem. Como chegamos lá?

– Para baixo, nós vamos para baixo.

Scarlet sentiu sua paciência chegando ao fim.

– E como vamos para baixo?

Winter balançou a cabeça, com desculpas nadando nos olhos cor de âmbar. Scarlet teria vontade de abraçá-la se não estivesse ao mesmo tempo com vontade de estrangulá-la.

– Tudo bem. Eu vou descobrir. – Ela saiu correndo pelo corredor, torcendo para darem de cara com um lanço de escadas ou um elevador. Criados tinham que se deslocar com rapidez, não tinham? Elas acabariam encontrando...

Ela dobrou uma esquina e parou, quase se chocando com uma garota, uma criada que não podia ter mais de catorze anos. Winter foi de encontro a Scarlet, que segurou o braço da princesa, adrenalina latejando nos ouvidos. A criada olhou por um segundo para Scarlet, depois para a princesa coberta de sangue, em seguida fez uma reverência nervosa, segurando roupas lavadas nos braços.

– V-Vossa Alteza – gaguejou ela.

Trincando os dentes, Scarlet pegou a faca na bainha e partiu para cima da garota, prendendo-a contra a parede com a lâmina na garganta.

A garota deu um gritinho. As roupas caíram aos pés delas.

– Precisamos chegar ao trem que vai nos levar às docas. Do jeito mais rápido. Agora.

A garota começou a tremer, com olhos enormes.

– Não tenha medo – disse Winter, com voz cantarolada e delicada. – Ela não vai machucar você.

– Imagine se não. Como chegamos às docas?

A garota levantou um dedo.

– P-Por esse corredor, à direita. A escada desce até a plataforma.

Afastando-se, Scarlet pegou uma toalha de mesa branca da pilha caída e levou Winter pelo corredor sem olhar para trás.

O corredor terminava em um T. Scarlet virou para a direita e encontrou uma alcova que dava em uma escadaria iluminada. Quando a porta se fechou depois da passagem delas, Scarlet abriu a toalha e a enrolou ao redor de Winter, fazendo o melhor que podia para criar algo parecido com uma capa, algo que escondesse o sangue e a beleza reconhecível da princesa. Quando achou que o resultado estava passável, ela segurou a mão de Winter e desceu a escada. Quando chegaram ao segundo patamar, as paredes passaram a ser de pedra cinza-amarronzada. Elas estavam no subterrâneo, nos subníveis do palácio.

Três andares, elas saíram em uma plataforma iluminada por arandelas brilhantes. À frente havia trilhos magnéticos silenciosos. Scarlet se aproximou da beirada e olhou para os dois lados do túnel.

Ela viu uma segunda porta, arqueada e adornada com azulejos fosforescentes. Era a entrada dos corredores do palácio, diferente da entrada sem graça dos criados.

Alguma coisa estalou. Os ímãs começaram a zumbir. Com o coração dando um pulo até a garganta, Scarlet esticou o braço e empurrou Winter contra a parede. Um veículo em forma de bala

surgiu do túnel e parou nos trilhos. Scarlet ficou imóvel, torcendo para que quem estivesse lá dentro não as visse, nem olhasse na direção delas.

A porta do veículo se abriu com um chiado hidráulico e uma nobre saiu aos risos, usando um vestido chamativo verde-esmeralda que cintilava com penas de pavão e pedras preciosas. Um homem a seguiu, de túnica bordada com runas parecidas com as usadas pelos taumaturgos. Ele esticou a mão e apertou as costas da mulher. Ela deu um gritinho e o empurrou para longe.

Scarlet só respirou quando eles saíram pela porta e a risada sumiu na escada.

– Aquele não era o marido dela – sussurrou Winter.

– Não estou nem aí. – Scarlet correu para o veículo. – Abra!

O veículo não se mexeu. A porta não se abriu.

– Abra, seu lixo imbecil! – Scarlet enfiou os dedos entre as portas e tentou abrir. O dedo machucado latejou pela primeira vez em dias. – Vamos lá. Qual é o problema dessa coisa? Como a gente...

A porta se abriu, quase derrubando Scarlet. Uma voz robótica disse:

– Transporte para Artemísia Porto E.

Arrepios explodiram em sua pele, mas ela fez Winter entrar, agradecendo em silêncio ao aliado invisível que as estava ajudando. Scarlet entrou logo depois de Winter e desabou em um banco. A porta se fechou, trancando-as lá dentro. Quando o veículo se elevou e começou a deslizar pelos trilhos, Winter acrescentou:

– De escapada.

Scarlet limpou a testa úmida com a manga suja. Quando sentiu o pânico sossegar o bastante para falar, ela perguntou:

– O que aconteceu lá? No jardim?

A força que tinha surgido nos olhos de Winter sumiu na mesma hora.

– A rainha o mandou me matar – disse ela. – Mas ele matou Ryu no meu lugar.

Scarlet abriu o moletom para esfriar a pele quente.

– Por que a rainha quer matar você?

– Ela acredita que eu seja uma ameaça à coroa dela.

Scarlet riu com deboche, um som exausto que não transmitia o desprezo que sentia.

– É mesmo? Ela já ouviu você falar?

Winter virou olhos questionadores para ela.

– Porque você é *maluca* – explicou Scarlet. – Não exatamente feita para ser rainha. Sem querer ofender.

– Eu não posso ser rainha porque não tenho ascendência real. Sua Majestade é apenas minha madrasta. Não tenho o sangue dela.

– Certo, porque é isso que importa em um governante.

Apesar de haver duas monarquias na União Terráquea, o Reino Unido e a Comunidade das Nações Orientais, Scarlet cresceu na Europa, uma democracia feita de separação de poderes, direito ao voto e representantes de províncias. Ela achava que cada um tinha seu jeito, e era evidente que os países da União estavam fazendo alguma coisa certo para terem passado por cento e vinte e seis anos de paz mundial.

Mas não era o caso com Luna. Havia alguma coisa defeituosa no sistema deles.

O veículo começou a ir mais devagar. Scarlet olhou para a janela quando a caverna preta de pedra se abriu em um enorme porto de espaçonaves vibrando em atividade. O piso azulejado brilhava, jogando as sombras de incontáveis naves nas paredes escuras. Mas aquela doca estava lotada e era enorme, com vários trilhos de levitação magnética trazendo mais veículos a cada segundo. Havia carga sendo depositada em um veículo de outro trilho, comidas e mercadorias vindas dos setores externos, por homens que gritavam uns com os outros em ordens abreviadas que pareciam outra língua.

– Compartimento 22 – Scarlet lembrou a si mesma quando as portas do veículo se abriram. – Tente passar despercebida.

Winter olhou para ela, um momento de perfeita clareza, e até humor, em seu olhar.

Ela estava certa. As duas estavam imundas. Estavam sujas de sangue. Winter era uma princesa amada mais bonita do que um buquê de rosas e mais maluca do que uma galinha sem cabeça.

Seria um milagre elas passarem despercebidas.

– Você poderia usar seu glamour – sugeriu Scarlet.

A ligação foi rompida e Winter se virou.

– Não, não poderia.

Ela saiu para a plataforma.

Scarlet foi atrás, aliviada de não ver ninguém usando roupas caras e adereços de cabeça ridículos. Ali era um lugar de negócios e carga, não de aristocratas, mas isso não queria dizer

que elas estavam em segurança. Ela já sentia os trabalhadores parando, olhando de novo, impressionados.

– Você quer dizer que não vai usar – disse Scarlet.

– Eu quero dizer que não vou usar – concordou a princesa.

– Então pelo menos fique de cabeça baixa. – Scarlet ajeitou a toalha de mesa no cabelo de Winter, enquanto elas se afastavam dos trilhos.

O porto era enorme e se estendia ao longe. Havia centenas de alcovas escuras enfileiradas dos dois lados, com números entalhados acima. Scarlet observou a carga quando elas passaram, e palavras de guerra chamaram sua atenção.

MUNIÇÃO PARA ARMAS PEQUENAS

ENTREGA: REGIMENTO LUNAR 51, MATILHA 437

TAUMATURGO LAIGHT, ALFA GANUS

POSIÇÃO: ROMA, ITÁLIA, FE, TERRA

Munição. Eram armas destinadas à Terra para ajudar nos esforços de guerra de Luna.

Não reaja, disse para si mesma, apertando as mãos. Cada fibra em seu corpo desejava pegar uma arma e abrir fogo contra cada caixa daquele porto.

Não reaja. Não reaja.

Ela controlou a respiração e seguiu em frente, com Winter ao lado. Viu E7 pintado na parede à esquerda, E8 à direita. Quase lá.

Foi preciso toda a força de vontade do mundo para não sair correndo para o Compartimento 22.

– Posso ajudar?

Elas pararam. Um trabalhador deu um passo na direção delas, usando um macacão imundo.

– O que vocês... – Ele se controlou quando seu olhar pousou em Winter, ou no que ele via do rosto abaixado. – Eu... me perdoe. Vossa Alteza?

Winter levantou o rosto. As bochechas do homem ficaram vermelhas.

– É você – sussurrou ele. – Eu não... Posso ajudar, Vossa Alteza?

Scarlet se irritou. Ninguém tinha reparado nelas ainda. Ela segurou o braço do homem antes de ele fazer a reverência.

– Sua Alteza não quer ser observada. Se você quiser ajudar, pode nos acompanhar até o Compartimento 22.

O rosto do homem foi tomado de ansiedade e ele assentiu, como se estivesse com medo dela. Talvez achasse que ela era uma taumaturga em treinamento.

– S-Sim, claro. Por aqui.

Scarlet o soltou e disparou um olhar frio para Winter, indicando que ela escondesse o rosto novamente. Os passos do homem estavam rígidos quando ele as levou por plataformas flutuantes de carga e caixa em trilhos complicados. Ao coçar o pescoço com a mão livre, ele olhou duas vezes por cima do ombro.

– Tem alguma coisa errada? – perguntou Scarlet, com um tom de aço.

– N-Não. Desculpe.

– Então pare de olhar para ela.

Ele abriu a boca, e Scarlet achou que queria mencionar o sangue ou a sujeira ou a mera existência de Winter, mas fechou-a

novamente e manteve a cabeça baixa.

Algumas das alcovas pelas quais passaram tinham portas pesadas de metal, mas a maioria estava aberta, e, dentro delas, havia naves paradas.

– Está vendo? – sussurrou Winter. – Cogumelos e as sombras que dançam.

Scarlet seguiu o gesto dela. As sombras das espaçonaves nas paredes pareciam mesmo cogumelos dançando. Mais ou menos. Se ela inclinasse a cabeça e apertasse os olhos.

– O Compartimento 22, Vossa Alteza.

Scarlet olhou para o número por cima da porta em arco e para a nave lá dentro. Era uma nave de duas pessoas, marcada com a insígnia dourada da corte real.

– Obrigada – disse Scarlet. – Isso é tudo.

As sobrancelhas do homem se uniram.

– Vocês... vocês vão precisar de acompanhante de volta?

Scarlet fez que não e enlaçou o braço no de Winter de novo, mas só deu dois passos e parou.

– Não diga a ninguém que nos viu – disse ela para o homem. – Mas, se alguém perguntar, diga que usamos glamour para você nos ajudar. Entendeu?

Seus olhos arregalados se viraram para Winter, que deu um sorriso caloroso. Ele ficou mais vermelho.

– Não sei se não usaram mesmo – murmurou ele.

Revirando os olhos, Scarlet puxou a princesa na direção da nave. Ela viu se o homem tinha ido embora e depois abriu a porta do lado do piloto e fez Winter entrar.

– Vá até o outro lado, a não ser que você planeje pilotar esta coisa.

Winter obedeceu sem questionar. Scarlet tirou a faca da cintura e a colocou entre elas. Fechou a porta, e o barulho das docas silenciou a nave selada a vácuo.

Scarlet expirou e desejou que as mãos parassem de tremer. Que a confusão de controles à frente entrasse em foco. Ela examinou o cockpit e reparou nas semelhanças e nas diferenças em relação ao da nave de entrega que pilotava desde que tinha quinze anos.

– Eu consigo fazer isso – sussurrou ela, apertando o dedo na tela principal. A tela se acendeu. Os controles se iluminaram.

LIBERAÇÃO DE SEGURANÇA INDETERMINADA

Ela ficou encarando a mensagem. Precisou ler quatro vezes para que o significado das palavras fosse absorvido. Em parte, esperava que a ajuda fantasma anulasse a segurança da nave e ligasse o motor para ela. Como nada aconteceu, ela se lembrou do cilindro que Jacin lhe deu. Pegou-o do bolso, tirou a tampa e prendeu a respiração quando enfiou no orifício de segurança correspondente.

Um ícone girou acima da mensagem.

E girou.

E girou.

Seu estômago se contraiu. Uma gota de suor deslizou por sua nuca.

LIBERAÇÃO CONCEDIDA. BEM-VINDO, GUARDA REAL JACIN
CLAY.

Scarlet deu um grito, tonta de alívio. Mexeu em alguns botões. O motor zumbiu e a nave se ergueu com a força magnética embaixo do porto, firme e segura. Fora da alcova, uma série de naves de carga seguia na direção da câmara selada que separava o Porto E de Artemísia do vazio do espaço. Elas podiam ir logo atrás, ninguém pararia uma nave real, ninguém nem questionaria...

– Espere – disse Winter quando Scarlet fez a nave seguir em frente.

O coração de Scarlet despencou.

– O quê? – perguntou ela, procurando um taumaturgo, um guarda, uma ameaça.

Winter esticou a mão e puxou o cinto de segurança do piloto por cima da cabeça de Scarlet.

– A segurança primeiro, amiga Scarlet. Somos coisinhas frágeis.

CAPÍTULO

Trinta e um

WINTER FICOU HIPNOTIZADA PELAS MÃOS CONFIANTES DE SCARLET pelos controles da nave. Atrás delas, portas de ferro enormes se fecharam, trancando-as em uma câmara fechada a vácuo com mais de dez outras naves esperando para serem liberadas do porto subterrâneo de Artemísia. Desviando a atenção de Scarlet e dos instrumentos piscantes, Winter olhou por cima do ombro para as portas, tão antigas que quase pareciam existir na Lua antes da colonização.

As portas a separavam do porto, da cidade, do palácio.

E de Jacin.

Scarlet estava muito nervosa, batendo os dedos nos instrumentos.

– Quanto tempo vai demorar?

– Não sei. Só saí de Artemísia pelos trens de levitação magnética.

– Eles só precisam lacrar algumas portas, certo? – Scarlet levou a mão ao teto e mexeu em alguns botões. As luzes dentro da nave se apagaram. – Seria uma hora ruim para alguém olhar e reconhecer você. Provavelmente pensariam que eu estou sequestrando você.

– De certa forma, está.

– *Não*. Eu estou salvando você da sua madrasta psicótica. Tem uma diferença.

Winter afastou a atenção das portas e observou as naves próximas. A maioria parecia ser de carga. Ela se perguntou quantas estavam levando suprimentos ou mais soldados da rainha para a guerra na Terra. Ainda assim, a maioria estaria indo para os setores externos para entregas ou carregamentos de bens para serem trazidos para a capital. Era bem mais rápido ir voando do que usar os trens de levitação magnética para dar a volta em metade da Lua.

– Nós vamos para a Terra?

Scarlet franziu mais a testa.

– Jacin disse que essa nave não iria tão longe. Disse para irmos ao setor MR-9.

Jacin. O corajoso Jacin. Sempre a protegendo.

Ela o abandonara.

Scarlet puxou um dos cordões do casaco de moletom, com a ponta desfiada e suja.

– Jacin disse que esse setor para onde vamos é onde Lobo passou a infância. A família dele pode ainda estar lá.

Winter passou o dedo pelo cinto e cantarolou em pensamento: *A Terra está cheia esta noite, esta noite, e os lobos todos uivam, auuuuuuuu...*

– Precisamos de um aliado. Alguém em quem possamos confiar. Talvez eu consiga persuadir os pais de Lobo a nos abrigar. A nos esconder até termos um plano melhor, e... em nome de todas as estrelas, *por que está demorando tanto?*

Winter olhou para ela.

– *Auuuuu?*

Scarlet bufou.

– Você pode se concentrar? Precisamos encontrar um lugar para nos escondermos da rainha.

– Ela vai nos encontrar em qualquer lugar. Nós não estaremos seguras.

– Não diga isso. O povo gosta de você, não gosta? Vai proteger você. Vai *nos* proteger.

– Eu não quero colocar ninguém em perigo.

– Você precisa deixar essa forma de pensamento para trás. Somos nós contra ela, Winter. De agora em diante, preciso que você pense como alguém que quer sobreviver.

Winter inspirou e tremeu, com inveja das brasas que ardiam dentro de Scarlet. Ela se sentia vazia e fria por dentro. Fácil de quebrar.

Scarlet colocou um dos cordões do capuz do moletom na boca e mordeu a ponta de plástico.

– MR-9 – murmurou ela baixinho. – O que MR-9 quer dizer?

– Mineração de Regolito Setor 9. É um setor perigoso.

– Perigoso? Perigoso como?

– Doença do regolito. Muitas mortes.

Scarlet curvou os lábios.

– Parece o tipo de lugar em que Levana não procuraria você. – Scarlet clicou em uma tela e abriu um mapa. – Perfeito.

Um segundo par de portas enormes começou a se abrir e desapareceu nas paredes pretas da caverna. Uma luz leve entrou.

– Scarlet?

– O quê? – Scarlet levantou o rosto e ofegou. – *Finalmente.*

Quando a abertura entre as portas aumentou, Winter viu que elas estavam em uma caverna na lateral de uma cratera. Depois das beiradas havia o terreno rochoso de Luna, com pedras irregulares e superfície marcada, tão receptivas quanto um buraco negro.

– Jacin salvou nós duas – sussurrou ela, com o peito doendo.

Scarlet limpou a garganta e pilotou a nave para a frente, entrando em fila com as outras. Adiante, os propulsores da nave mais próxima da saída se acenderam e a impulsionaram para o espaço.

– Ele poderia ter sido um pouco mais generoso com as informações. Mas, é. Depois me lembre de agradecer.

– Levana vai matá-lo. – Ela olhou para baixo. Havia sangue seco embaixo de suas unhas, manchando o vestido, encharcando os sapatos. Ela piscou, e manchas de sangue começaram a se espalhar no tecido.

Winter soltou o ar com fraqueza. *Não é real, princesa.*

– Tenho certeza de que ele teve motivo para ficar – disse Scarlet. – Ele deve ter um plano.

A nave chegou à frente da fila, e a galáxia inteira se abriu para elas. Um sorriso ousado surgiu nos lábios de Scarlet.

– Aí vamos nós.

Quando os dedos de Scarlet voaram acima dos controles e a nave zumbiu, Winter olhou para trás uma última vez. Houve um sacolejo. O estômago dela despencou, e elas saíram voando da antecâmara, e Scarlet começou a rir, e o domo de cristal que abrigava Artemísia ficou para trás e foi ficando menor e menor e...

Winter soluçou e levou a mão à boca.

– Ei, ei, nada disso – disse Scarlet, sem se dar ao trabalho de esconder sua alegria efusiva. – Nós conseguimos, Winter, e tenho certeza de que Jacin vai ficar bem. Ele parece ser forte.

O pescoço de Winter começou a doer por ela estar virada no assento, mas ela não queria afastar o olhar de Artemísia, mesmo quando o palácio e as construções começaram a se misturar e as luzes piscaram e sumiram, invisíveis embaixo da superfície do domo.

– Ela vai matá-lo.

– Sei que você está preocupada, mas *olhe*. Estamos fora daquela cidade esquecida pelas estrelas. Estamos vivas e estamos livres, então chega de ficar pra baixo.

Winter encostou a bochecha nas costas da cadeira. Mais lágrimas ameaçavam escorrer, mas ela as segurou e se concentrou na respiração irregular.

Depois de um longo silêncio, sentiu certa mão sobre a sua.

– Desculpe – disse Scarlet. – Não foi justo. Eu sei que você gosta dele.

Winter engoliu em seco.

– Eu o amo como amo minha própria fábrica de plaquetas.

– Sua *o quê*?

– Sei lá. Meu coração, eu acho. Meu corpo. Eu o amo, cada parte dele.

– Tudo bem, você o ama. Mas, Winter, ele pareceu saber o que estava fazendo.

– Me protegendo – sussurrou Winter. – Ele sempre está me protegendo.

Ela levou um susto com o odor inesperado de sangue que invadiu seus pulmões. Olhou para baixo e ofegou.

– O quê? O que foi?

Winter afastou o vestido da barriga. O sangue tinha encharcado o tecido branco cintilante e o deixado vermelho-escuro. Até a toalha que elas tiraram da criada estava coberta. O fedor era tão denso que ela sentia o gosto.

– Winter?

– É... não é nada – gaguejou ela, tentando fazer tudo sumir. O sangue escorreu pelas pernas.

– Você está tendo uma alucinação, não está?

Winter se encostou na cadeira. Envolveu as tiras do cinto de segurança com os dedos. *É só coisa da sua cabeça, princesa. Não é real.*

– Eu estou bem. Vai passar logo.

– Sinceramente – cortou Scarlet –, por que você não usa seu glamour? Por que se deixa enlouquecer assim?

– Eu não quero usar. – Winter inspirou com dificuldade.

– Eu entendi, mas *por quê?*

– É um dom cruel. Eu queria não ter nascido com ele.

– Mas você *nasceu* com ele. Olhe para você, Winter. Está péssima. Por que não... sei lá... me faz pensar que seu cabelo é laranja ou alguma coisa assim? Alguma coisa inofensiva?

– Nunca é inofensivo.

O cinto foi puxado. Os dedos apertaram as tiras.

– Se *eu* tivesse o dom, eu teria mostrado àqueles imbecis metidos uma coisa ou duas – continuou Scarlet, alheia ao aperto

do cinto, ao sangue jorrando. – Para ver o que *eles* achavam de ficarem mandando que fizessem truques.

As mãos de Winter estavam molhadas e escorregadias e grudentas.

– Meu avô era lunar – disse Scarlet. – Eu não o conheci, mas sei que morreu em um manicômio. Tenho que supor que foi porque fez a mesma escolha que você está fazendo agora. Ele estava na Terra e tentava esconder o que era, então talvez tivesse motivo. Mas você? Por que você faz isso com você mesma? Como melhora as coisas?

– Não piora nada.

– Piora *você*. Por que você não... faz coisas *boas* com seu dom?

Winter riu mesmo em meio à alucinação.

– Todos acreditam que estão fazendo o bem. – Ela inclinou a cabeça para o lado e observou Scarlet com os olhos cansados. – Minha madrastra não é poderosa só porque as pessoas têm medo dela, ela é poderosa porque pode fazer com que as pessoas a *amem* quando precisa. Nós achamos que, se escolhemos fazer só o bem, somos apenas bons. Podemos fazer as pessoas felizes. Podemos oferecer tranquilidade ou alegria ou amor, e achamos que isso deve ser bom. Nós não vemos a falsidade se tornando um tipo particular de crueldade.

A nave tremeu quando a velocidade aumentou. Luna virou um borrão embaixo delas.

– Uma vez... – continuou Winter, forçando as palavras a saírem. – Uma vez, eu acreditei de coração que estava fazendo o bem. Mas estava enganada.

Scarlet desviou o olhar para ela e depois novamente para a paisagem.

– O que aconteceu?

– Houve uma criada que tentou se matar. Eu a impedi. Eu a obriguei a mudar de ideia. Eu a deixei *feliz*. Tinha tanta certeza de que estava ajudando. – A respiração dela saiu entrecortada, mas ela continuou falando, torcendo para afastar a alucinação se a ignorasse. – Mas só dei a ela mais tempo para ser torturada por Aimery. Ele gostava bastante dela, sabe.

Scarlet ficou em silêncio, mas Winter não ousou olhar para ela.

– Na segunda vez que tentou tirar a vida, ela conseguiu. Só então percebi que não tinha ajudado em nada. – Ela engoliu em seco. – Naquele dia, jurei nunca mais manipular ninguém. Mesmo se acreditasse estar fazendo o bem... pois quem sou eu para presumir o que é bom para os outros?

O cinto apertou de novo, forçando o esterno de Winter, espremendo as costelas. O sangue estava escorrendo agora. Em pouco tempo, formaria poças ao redor dos tornozelos. O cinto a cortaria, a partiria em pedacinhos em formato de garota. Rasgaria toda a sua pele.

Winter fechou os olhos.

Fique comigo, princesa.

Depois de um silêncio sufocante, Scarlet murmurou:

– Sinto que deveria haver um jeito de controlá-lo sem... *isso*.

O cinto se apertou mais e forçou o ar para fora dos pulmões dela. Com um choramingo, inclinou a cabeça para trás a fim de evitar que apertasse a traqueia.

– O quê... *Winter*?

Estrelas dançavam atrás de suas pálpebras. Os pulmões estavam queimando. Sangue pingava dos cachos do cabelo e encharcava as tiras do cinto. Ela parou de lutar e deixou o corpo pender para a frente. As tiras esmagaram o esterno, quebraram as costelas.

Scarlet falou um palavrão, mas o som foi distante e abafado.

Mãos tocaram nela como dedos enluvados, empurrando-a para trás e tateando seu pescoço. Ela ouviu seu nome, mas foi distante, tentando chegar a ela por um mar de estrelas, e tudo estava sumindo rápido...

Houve uma série de estalos altos e o movimento do cinto sendo enrolado no teto na nave.

Winter desabou nos braços de Scarlet, as duas caídas sobre o console central. Scarlet lutou para levantar a cabeça de Winter e abrir a passagem de ar enquanto impedia que a nave colidisse com o terreno irregular de Luna.

O ar voltou com tudo para os pulmões de Winter. Ela ofegou e inspirou com voracidade. A garganta ainda ardia, mas as dores no peito estavam sumindo nas profundezas perdidas da alucinação. Ela tossiu e forçou os olhos a se abrir. O sangue tinha diminuído, e só sobravam os resquícios da morte de Ryu, secos e sujando a saia.

– Você está bem? – gritou Scarlet, meio histérica.

Winter olhou para o rosto atordoadado, ainda tonta pela falta de ar, e sussurrou:

– O cinto tentou me matar.

Passando a mão pelo cabelo, Scarlet se sentou na cadeira do piloto. Pela janela, seis domos distantes estavam ficando maiores, um crescimento lento, começando a revelar o contorno sutil das construções abaixo.

– O cinto não fez nada – resmungou Scarlet. – O problema é seu cérebro.

Winter começou a rir, mas as risadas foram interrompidas pelo choro.

– V-Você está certa – gaguejou ela, ouvindo a voz de Jacin em pensamento.

Fique comigo, princesa. Fique comigo...

Mas ela já estava tão longe.



– MINHA RAINHA, ESTAMOS TENDO ALGUNS PEQUENOS PROE sistema de vigilância. Está havendo falhas aleatórias de energia por todo o palácio.

Levana estava de pé em frente às amplas janelas do solar, ouvindo o taumaturgo de terceiro nível apresentar seu relatório diário, apesar de não estar com a concentração habitual. Seus pensamentos eram um labirinto de distrações. Mesmo usando todos os recursos disponíveis e exigindo que sua equipe de segurança repassasse horas e horas de filmagens dos setores externos, Linh Cinder e seus companheiros ainda não haviam sido encontrados. Os preparativos para o casamento estavam em andamento, mas ela estava furiosa demais para olhar na cara do futuro marido desde que ele chegara.

Agora, ela tinha Winter com que se preocupar. A princesa ingrata e infeliz não passava de um grande constrangimento desde o dia em que Levana se casou com o pai dela. Se Jacin fosse bem-sucedido, ela nunca mais teria que se defender das gargalhadas debochadas da corte. Nunca mais teria que ver as expressões de desejo para a garota pateta pelos corredores do palácio.

Levana queria que a princesa sumisse. Queria deixar para trás o ressentimento que a atormentava havia tanto tempo. Sua vida estava enfim recomeçando, e ela merecia esse novo início sem a garota incômoda arrastando-a para baixo, lembrando-a de um passado doloroso demais.

Mas, se Jacin falhasse...

Levana não conseguiria engolir outro fracasso.

– Minha rainha?

Ela se virou para o taumaturgo.

– Sim?

– Os técnicos precisam saber como agir. Eles estimam que no máximo em duas horas dá para localizar a fonte desses defeitinhos no sistema e restaurar os padrões. Talvez precisem desabilitar porções do sistema enquanto trabalham.

– Isso vai tirá-los da procura pela ciborgue?

– Tiraria, Vossa Majestade.

– Então, pode esperar. A ciborgue é nossa prioridade.

Ele se curvou.

– Vamos mantê-la informada sobre as novidades.

Aimery fez um gesto na direção da porta.

– Isso é tudo. Obrigado pelo relatório.

O taumaturgo foi embora, mas outra pessoa estava no elevador quando as portas se abriram.

Levana se empertigou ao ver Jacin Clay. Havia uma sombra na expressão dele, um desprezo que ele normalmente se esforçava muito para esconder. O olhar de Levana desceu para as mãos dele. Estavam cobertas de sangue. Havia também uma mancha no joelho da calça, seca e escura.

Ele saiu do elevador, mas Jerrico o impediu de prosseguir, com a mão espalmada em seu peito.

– Sir Clay? – disse ela.

– Está feito. – O tom dele carregava todo o horror que as palavras escondiam.

Um sorriso fez a boca de Levana tremer. Ela se virou para escondê-lo, um ato de generosidade.

– Sei que não deve ter sido fácil para você – disse ela, torcendo para transmitir solidariedade com a voz. – Sei que você gostava dela, mas fez a coisa certa pela sua coroa e pelo seu país.

Jacin não disse nada.

Quando retomou o controle do rosto, Levana se virou. Aimery e Jerrico estavam impassíveis, enquanto Jacin parecia prestes a arrancar o coração ainda pulsante de Levana se tivesse oportunidade.

Ela teve pena dele e preferiu perdoar esses instintos rebeldes. Ele amou a garota, afinal, por mais que fosse difícil compreender.

– O que você fez com o corpo?

– Levei para o incinerador do jardim, para onde levam os animais mortos. – A raiva dele não diminuiu conforme relatava o serviço, mas também não fez movimento nenhum na direção de

Levana. Mesmo assim, Jerrico não relaxou. – Também matei o lobo branco para disfarçar o sangue e deixei o corpo lá. Os guarda-caças vão achar que foi um ataque aleatório.

Levana franziu a testa e seu humor se agravou.

– Eu não mandei você destruir o corpo, Sir Clay. As pessoas precisam ver provas da morte dela, já que não é mais uma ameaça ao meu trono.

O maxilar dele se contraiu.

– Ela *nunca* foi ameaça ao seu trono – rosnou ele. – E eu não ia deixá-la para que fosse destruída por um daqueles animais de rapina albinos que você mantém lá. Vossa Majestade pode encontrar outra forma de dar a notícia ao povo.

Ela apertou os lábios para reprimir o gosto amargo que tinha na boca.

– É o que farei.

Jacin engoliu em seco e recuperou parte da postura.

– Espero que também não se importe de eu ter me livrado de uma testemunha, *minha rainha*. Achei que seria contrário aos seus objetivos se um boato se espalhasse de que um guarda real assassinou a princesa. As pessoas poderiam questionar se foi por ordem *sua*, afinal.

Ela ficou tensa.

– Que testemunha?

– A garota terráquea. Achei que ninguém sentiria falta dela.

– Ah, ela. – Com um som de desprezo, Levana correu a mão pelo ar. – Ela deveria estar morta há semanas. Você prestou um serviço ao me livrar dela. – Ela inclinou a cabeça e o examinou. Era divertido ver tantas emoções reveladas, considerando que

normalmente era impossível incomodá-lo. – Você excedeu minhas expectativas, Sir Clay. – Levana colocou a mão na bochecha dele. Um músculo tremeu debaixo da palma de sua mão, e ela tentou ignorar o brilho de raiva que ardia nos olhos de Jacin. A raiva era esperada, mas logo ele perceberia que era melhor assim.

Se não percebesse, ela sempre poderia obrigá-lo.

Levana já se sentia mais leve por saber que nunca mais teria que ver a cara da enteada.

Ela baixou a mão e flutuou de volta até as janelas. Além do domo curvo, ela via a paisagem inóspita de Luna, crateras e penhascos brancos contra o céu negro.

– Mais alguma coisa?

– Sim – disse Jacin.

Ela levantou uma das sobrancelhas.

– Quero pedir desligamento da guarda real. Quero ser transferido para o setor para onde meu pai foi enviado anos atrás. Este palácio me traz lembranças demais.

A expressão de Levana se suavizou.

– Tenho certeza de que traz, Jacin. Lamento ter precisado pedir isso a você. Mas seu pedido será negado.

As narinas dele se dilataram.

– Você se mostrou leal e de confiança, características que eu seria negligente de desperdiçar. Você pode tirar folga pelo resto do dia, com minha gratidão, mas amanhã vai se apresentar para sua nova tarefa. – Ela sorriu. – Muito bem, Jacin. Você está dispensado.

CAPÍTULO

Trinta e dois

CINDER ESTAVA FICANDO LOUCA. ELES ESTAVAM ESCONDIDOS NO

Maha Kesley havia dias. Lobo e a mãe, Thorne, Iko e ela, todos apertados em cômodos pequeninhos, tropeçando uns nos outros cada vez que tentavam se mexer. Se bem que eles não se mexiam muito. Não havia para onde ir. Eles tinham medo de serem ouvidos pelas janelas pequenas sem vidraça, então se comunicavam basicamente por sinais com as mãos e mensagens digitadas no tablet que restava. O silêncio era horrendo. A quietude era sufocante. A espera era uma agonia.

Ela pensava com frequência em Cress e Scarlet, e se perguntava se alguma das duas estava viva.

Estava preocupada com Kai conforme o casamento se aproximava.

Havia culpa também. Além de terem colocado Maha em perigo só por estarem ali, eles também estavam comendo comida demais, pois já tinham acabado com os poucos pacotes de provisões que tinham levado. Maha não dizia nada, mas Cinder percebia. A comida era muito racionada nos setores externos, e Maha mal conseguia se alimentar.

Eles passavam os dias tentando reestruturar o plano, mas depois de tanto planejamento a bordo da Rampion, Cinder estava

desanimada de voltar à estaca zero. O vídeo que eles gravaram continuava sem uso; havia cópias baixadas não só no tablet, mas também nos computadores internos de Cinder e Iko. Não importava quantas cópias eles tinham. Sem Cress junto para hackear o sistema de transmissão, o vídeo era inútil.

Eles discutiram iniciar um movimento popular. Maha Kesley poderia espalhar a notícia da volta de Selene para os trabalhadores da mina e deixar que o boato se propagasse a partir daí. Ou eles poderiam enviar mensageiros pelos túneis para rabiscar mensagens nas paredes. Mas eram estratégias lentas, com risco demais de erros de comunicação e pouca chance de que a notícia chegasse longe.

Havia um motivo para Levana manter seu povo em grupos isolados. Havia um motivo para ninguém ainda ter tentado uma rebelião coesa, e não era por não querer. Estava claro pela propaganda do governo que Levana e seus ancestrais procuraram fazer lavagem cerebral no povo de Luna, para que acreditasse que o governo dela era justo e predestinado. Ficava igualmente claro pelas pichações nos túneis e pelos olhares baixos das pessoas que elas não acreditavam mais – se é que já tinham acreditado um dia.

Qualquer fagulha de rebelião foi sufocada e ameaçada até desaparecer das pessoas, mas, quanto mais lunares Cinder via, mais acreditava que podia reinflamá-los.

Só precisava de um jeito de *falar* com eles.

Maha foi até a plataforma do trem de levitação magnética esperar na fila pelos alimentos semanais e deixou o resto do

grupo estudando um mapa holográfico de Luna. Fazia mais de uma hora, mas poucas sugestões foram dadas.

Cinder estava começando a ficar sem esperança, e o tempo estava passando. Chegando perto do casamento. Da coroação. Da descoberta inevitável deles.

Um coro inesperado de sinos fez Cinder dar um pulo. O mapa sumiu e a transmissão foi sobreposta por uma mensagem obrigatória sendo transmitida da capital. Cinder sabia que a mesma mensagem estaria passando em uma dezena de telas inseridas no domo lá fora, para garantir que todos os cidadãos a vissem.

O taumaturgo-chefe Aimery Park apareceu na frente deles, lindo e arrogante. Cinder se encolheu. A holografia dava a impressão de que ele estava ali na sala com eles.

– Bom povo de Luna – disse ele –, parem o que estiverem fazendo e escutem esta declaração. Infelizmente, temos uma notícia trágica para dar. Hoje cedo, Sua Alteza Real, a princesa Winter Hayle-Blackburn, enteada de Sua Majestade a rainha, foi encontrada assassinada no jardim real.

Cinder franziu a testa e trocou olhares intrigados com os companheiros. Ela sabia muito pouco sobre a princesa, só que diziam que era bonita e que o povo a amava, o que devia querer dizer que Levana a odiava. Ela tinha ouvido falar sobre o rosto com cicatrizes, uma punição dada pela própria rainha, ou era o que diziam os boatos.

– Estamos repassando as filmagens de segurança em uma tentativa de fazer justiça ao assassinato, e não vamos descansar enquanto nossa amada princesa não for vingada. Embora nossa

devotada rainha esteja arrasada com a perda, ela quer seguir em frente com a cerimônia de casamento, como planejado, para que tenhamos uma alegria neste momento de tristeza. Uma procissão funerária para Sua Alteza será marcada nas semanas futuras. A princesa Winter Hayle-Blackburn fará falta a todos nós, mas jamais será esquecida.

O rosto de Aimery desapareceu.

– Você acha que Levana a matou? – perguntou Iko.

– Claro que sim – disse Cinder. – Queria saber o que a princesa fez para irritá-la.

Thorne cruzou os braços.

– Acho que não se precisa *fazer* nada para conquistar a fúria de Levana.

Ele estava desgrenhado e com a barba por fazer e parecia cansado, mais ainda do que no dia que Cinder o conheceu na prisão de Nova Pequim. Apesar de ninguém ter ousado falar sobre o abandono a Cress, Cinder sabia que ele estava tendo mais dificuldade com a perda dela do que os outros. Ela percebeu desde o momento em que eles se reencontraram em Farafrah que Thorne sentia responsabilidade por Cress, mas pela primeira vez estava começando a se perguntar se as coisas não eram mais profundas do que isso.

Lobo levantou a cabeça de repente e fixou o olhar na janela coberta por um pedaço de tecido.

Cinder ficou rígida e se preparou para carregar uma bala no dedo ou para usar seu dom lunar para defender a si mesma e aos amigos, conter essa ameaça invisível. Sentiu a tensão crescer. Todo mundo ficou em silêncio e observou Lobo.

O nariz dele tremeu. A testa se franziu, em dúvida. Desconfiada.

– Lobo? – disse Cinder.

Ele farejou de novo e seus olhos se iluminaram.

De repente, ele sumiu; passou correndo pelo grupo e abriu a porta da frente.

Cinder ficou de pé.

– Lobo! O que você...

Tarde demais. A porta bateu e ele já estava lá fora. Ela falou um palavrão. Aquela *não* era a hora para seu aliado lobo mutante sair correndo por aí chamando atenção.

Ela calçou as botas para ir atrás dele.



SCARLET POUSOU A NAVE EM UM PEQUENO PORTO SUBTERRÂNEO abrigava duas naves antigas de entrega. Quando a câmara foi selada, duas lâmpadas cegantes se acenderam no teto, uma delas com um tremeluzir esporádico. Scarlet saiu primeiro, observou cada canto e inspecionou embaixo de cada nave. Tudo vazio.

Havia dois elevadores de carga enormes e três escadarias levando à superfície, com letreiros indicando MR-8, MR-9, MR-11.

Todas as superfícies estavam cobertas de poeira.

– Você vem? – perguntou ela para Winter, que já tinha chegado à porta da nave. O cabelo da princesa estava todo embaraçado e a saia estava cheia de sangue seco. A toalha que elas roubaram tinha escorregado até os ombros dela. A fuga encheu Scarlet de

adrenalina, mas deixou Winter esgotada. A cabeça dela estava frouxa quando saiu da nave.

Scarlet colocou as mãos nos quadris, com a paciência levada ao limite.

– Vou ter que carregar você?

Winter balançou a cabeça.

– Acha que nós não fomos seguidas?

– Espero que ninguém tenha descoberto que estamos desaparecidas. – Scarlet leu as placas de novo, com as letras quase indetectáveis embaixo da poeira. – Não que tenhamos muitas opções agora, mesmo que tivéssemos sido seguidas.

Scarlet se virou e apertou a toalha na cintura de Winter, para que parecesse uma saia desengonçada e cobrisse o sangue, depois tirou o casaco e ajudou Winter a enfiar os braços nas mangas. Enfiou o cabelo volumoso da princesa dentro do casaco nas costas e escondeu o rosto com o capuz da melhor maneira que conseguiu.

– Não está ótimo, mas está melhor do que nada.

– Você acha que ele já está morto?

Scarlet parou no meio de fechar o zíper do casaco. Winter olhou para ela, com expressão frágil e vulnerável.

Ela suspirou.

– Ele é inteligente e é forte. Vai ficar bem. – Ela fechou o zíper até o pescoço de Winter. – Venha.

Quando elas saíram na superfície, protegidas embaixo do domo gigantesco, Scarlet parou para ver onde estava. Tinha pesquisado o endereço dos Kesley na base de dados da nave, mas as séries de números e letras não faziam sentido para ela.

O porto era feito para carga, e aquela entrada ficava entre dois armazéns, uma parede cheia de carrinhos lotados até o alto com pedras pretas lascadas. Não muito longe, havia uma abertura enorme para o que parecia uma mina ou pedreira. *Mineração de regolito*, dizia o mapa do setor.

Os pais de Lobo eram mineiros? Lobo teria se tornado mineiro também se não tivesse sido convocado para o exército? Era impossível imaginar uma vida na qual ele morasse ali, naquela Lua, embaixo daquele domo, sem nunca ir à Terra. Sem conhecê-la.

– Este local não parece ser residencial – murmurou ela.

– As residências costumam ficar nos anéis externos de cada setor – disse Winter.

– Anéis externos. Certo. – Scarlet observou os armazéns retangulares. – Para que lado fica isso?

Winter apontou para o domo que as cobria. Mesmo sem os prédios ao redor, estava claro onde ficava o ponto mais alto do domo e onde se arredondava, perto das beiradas.

Scarlet virou de costas para o centro do domo.

Enquanto andavam, ela tentou montar um plano. Primeiro, encontrar onde as pessoas moravam. Segundo, descobrir como eram os endereços das casas e encontrar a dos pais de Lobo. Terceiro, desenvolver uma conversa esquisita na qual ela ia tentar explicar quem era e por que eles precisavam abrigar a ela e Winter.

Quando as construções industriais deram lugar às casas instáveis, Scarlet ficou aliviada de ver números de endereços

pintados no concreto em frente a cada construção, apagados após anos sendo pisoteados.

– A-49, A-50 – murmurou ela baixinho, acelerando o passo. O círculo de casas seguinte tinha a letra *B*. – É bem fácil. A casa dos Kesley era D-313, certo? Então, vamos até a fileira dos *D* e...

Ela olhou para trás.

Winter tinha sumido.

Scarlet falou um palavrão e deu uma volta inteira, mas não havia sinal da princesa.

– Isso não pode ser sério – resmungou ela, refazendo os passos. Estava tão concentrada em encontrar a casa que não se lembrava de ouvir Winter ao seu lado desde que deixou os armazéns para trás. Ela devia ter saído vagando, levada por alguma alucinação...

Scarlet parou ao ver a princesa em uma viela. Ela estava entre duas fábricas, hipnotizada por um duto de metal que se projetava de uma das construções. Pedras brancas quebradas caíam dele em um carrinho embaixo.

O capuz vermelho ainda estava puxado por cima do rosto da princesa, e uma nuvem de poeira girava ao seu redor, mas ela não pareceu reparar.

Bufando, Scarlet empertigou os ombros e começou a andar na direção dela, pronta para arrastar a garota maluca pelo cabelo se precisasse. Mas não tinha atravessado metade da distância quando Winter virou a cabeça para o outro lado, para longe de Scarlet.

Scarlet foi mais devagar, sentindo o medo latejar no corpo ao também ouvir passos. Passos altos, como se alguém estivesse correndo a toda a velocidade na direção delas.

Ela pegou a faca que Jacin lhe tinha dado.

– *Winter* – sibilou ela... mas ou ela estava longe demais ou o barulho das pedras e das máquinas estava alto demais. – *Winter!*

Um homem dobrou a esquina, correndo na direção da princesa. Winter ficou com o corpo rígido meio segundo antes de ele chegar nela. Segurando o cotovelo de Winter, ele puxou o capuz vermelho para trás.

Scarlet sufocou um grito. Seus joelhos ficaram frouxos. O homem olhou para Winter com uma mistura de confusão e decepção, talvez até raiva, tudo preso em olhos tão vividamente verdes que Scarlet os via brilhando de onde estava.

Era ela quem estava tendo uma alucinação.

Deu um passo cambaleado e incerto para a frente. Queria correr para ele, mas morria de medo de ser um truque. Sua mão apertou o cabo da faca enquanto Lobo, ignorando que Winter estava tentando se afastar, puxava seu braço e farejava a manga vermelha imunda do casaco de Scarlet, manchado de sujeira e sangue.

Ele rosnou, pronto para fazer a princesa em pedacinhos.

– Onde você conseguiu isso?

Tão desesperado, tão determinado, tão *ele*. A faca escorregou da mão de Scarlet.

A atenção de Lobo se desviou para ela.

– Lobo? – sussurrou ela.

Os olhos dele se iluminaram, selvagens e esperançosos.

Soltando Winter, ele seguiu em frente. Os olhos agitados se concentraram nela. *Devoraram* o que viam.

Quando ele estava ao alcance dela, Scarlet quase desabou, mas no último momento teve a presença de espírito de dar um passo para trás. Ela colocou a mão no peito dele.

Lobo parou, mágoa surgindo no rosto.

– Desculpe – disse Scarlet, com a voz tremendo de exaustão. – É que... estou tão fedida que quase não consigo *me* aguentar agora, então nem imagino como é para você e seu sentido de olfa...

Afastando a mão de Scarlet de seu peito, Lobo enfiou os dedos no cabelo da garota e apertou a boca na dela. Os protestos de Scarlet morreram num suspiro abafado.

Desta vez ela desabou, as pernas não conseguindo mais sustentá-la. Lobo caiu junto, ficou de joelhos para amenizar a queda de Scarlet e aninhou o corpo dela ao seu.

Ele estava aqui. Ele estava *aqui*.

Ela estava chorando quando se separou dele; parte dela odiou isso, e a outra parte sentia que já tinha passado da hora.

– Como?

– Eu senti seu cheiro. – Lobo estava sorrindo tanto que ela via os dentes afiados que ele normalmente tentava esconder. Fazia muito tempo que ela não o via tão feliz.

Na verdade... ela não sabia se já o tinha visto tão feliz.

Ela começou a rir, embora fosse uma gargalhada vinda do delírio.

– Claro que senti – disse ela. – Preciso muito de um banho.

Ele afastou um cacho do cabelo sujo de Scarlet da bochecha dela e seguiu o gesto com os olhos, ainda sorrindo. Passou o polegar pelo ombro dela, pelo braço, e levantou uma das mãos de Scarlet, a que tinha o curativo no dedo. Um momento de fúria

enfraqueceu o sorriso dele, mas foi breve, e logo Lobo estava examinando o rosto dela de novo.

– Scarlet – sussurrou ele. – *Scarlet*.

Com um soluço, ela apoiou a cabeça no pescoço dele.

– Se isso for um truque lunar, eu vou ficar *furiosa*.

Um polegar roçou a orelha dela.

– Você os chamou de porcos.

Ela franziu a testa.

– O quê?

Lobo se afastou e segurou o rosto dela com as mãos gigantes, ainda sorrindo.

– Na taverna em Rieux, quando todos aqueles homens estavam fazendo piada sobre Cinder no baile. Você os chamou de porcos e subiu no bar e a defendeu apesar de ela ser lunar, e foi naquele momento que comecei a me apaixonar por você.

As bochechas dela ficaram quentes.

– Por que você...?

– Nenhum lunar saberia disso. – Seu sorriso ficou malicioso. – Então, não posso ser um truque lunar.

Ela abriu os lábios ao compreender, e outro soluço virou uma gargalhada.

– Você está certo. – Ela pensou em uma época antes de saber sobre soldados mutantes e uma princesa lunar desaparecida. – Quando você foi até a fazenda e achei que teria que atirar em você. Você me mandou mirar no tronco porque o alvo era maior, depois riu quando eu falei que sua cabeça me parecia grande o bastante. – Ela afundou os dedos na camisa dele. – Foi quando eu...

Ele a beijou de novo e seus corpos se uniram.

Um assobio agudo soou em meio ao barulho das pedras, assustando-a. Quando se afastou, ela viu Cinder e Thorne, a fonte do assobio, junto com uma garota de pele escura com cabelo azul, as mãos encostadas nas bochechas com expressão sonhadora.

Era uma visão tão incrível que Scarlet começou a chorar de novo. Soltando-se dos braços de Lobo, ela se levantou. Ele logo se juntou a ela, um braço ao redor de seus ombros.

– Não acredito. Vocês estão aqui. Em *Luna*.

– Nós estamos aqui – concordou Thorne. – E se você tivesse se dado ao trabalho de avisar, a gente teria trazido um lanche. – Ele observou o corpo dela. – Quando foi a última vez que você comeu?

Scarlet olhou para baixo. As roupas pareciam penduradas nos ossos, os músculos murchos até não ter sobrado quase nada na gaiola apertada. Mesmo assim, ele não precisava ter comentado.

– Você está linda – disse a garota de cabelo azul. – Um pouco maltratada, talvez, mas dá mais personalidade.

– Hã, obrigada – disse Scarlet, secando as lágrimas das bochechas. – E você é...?

A garota se balançou.

– Sou eu, Iko! O capitão conseguiu um corpo para mim.

Scarlet ergueu as sobrancelhas. Aquela era Iko? A *espaçonave*?

Antes que ela respondesse, uma voz doce cantarolou pela viela.

– *Os papagaios cantam, tuí, tuí, e as estrelas brilham a noite toda...*

Quatro pares de olhos se viraram para o carrinho cheio de pedras brancas cintilantes, e o duto saindo do prédio estava em silêncio. Em algum momento, Winter entrou atrás dele, se enfiando entre o carrinho e a parede. Scarlet via o topo do capuz vermelho por cima do cabelo de Winter.

– *E os macaquinhos brincam, ee-ee-ee, enquanto foguetes passam voando...*

Cinder se aproximou do carrinho com a testa franzida e o empurrou. Winter estava encolhida de lado, de frente para a parede, fazendo desenhos na poeira. A toalha de mesa tinha caído e deixava à mostra a saia coberta de sangue.

– *E a Terra está cheia esta noite, esta noite, e os lobos todos uivam, auuuuuu...*

O uivo delicado foi morrendo.

Scarlet sentia os olhares curiosos de todo mundo indo dela para a princesa. Ela limpou a garganta.

– Ela é inofensiva – disse ela. – Tenho quase certeza.

Winter se deitou de costas e olhou para Cinder de cabeça para baixo.

Cinder arregalou os olhos. Os outros se aproximaram.

Depois de piscar três vezes, devagar, Winter se deitou de barriga para baixo e ficou de joelhos. Puxou o capuz e deixou o cabelo cair nos ombros.

– Oi.

Scarlet começou a rir de novo. Ela se lembrou de como foi ver a princesa pela primeira vez. Os lábios carnudos, os ombros delicados, os olhos enormes com manchas cinzentas, tudo ao

lado das cicatrizes inesperadas na bochecha direita, que *deviam* deixá-la menos linda, mas não deixavam.

Ocorreu a Scarlet que Lobo não parecera reparar. Ela sentiu uma pontada de orgulho.

– *Estrelas* – sussurrou Iko. – Você é linda.

Um clique alto ecoou na viela.

– Pare com o glamour – exigiu Thorne, apontando uma arma para a princesa.

A pulsação de Cinder deu um salto.

– Espere... – começou ela, mas Cinder já tinha colocado a mão no pulso dele e estava empurrando a arma para baixo.

– Não é glamour – disse Cinder.

– *Sério?* – Thorne se inclinou na direção de Cinder e sussurrou: – Tem *certeza*?

– Tenho.

A declaração foi seguida de um silêncio longo e carregado, durante o qual Winter deu o mais doce sorriso para cada um deles.

Thorne acionou a trava de segurança da arma e guardou no coldre.

– Santas espadas, vocês lunares têm genes ótimos. – Uma pausa constrangida veio em seguida, e ele acrescentou: – Quem é ela?

– Esta é Winter – disse Scarlet. – A princesa Winter.

Thorne riu e levantou a mão no ar.

– Estamos abrindo um lar para realza desabrigada aqui, por acaso?

– A princesa Winter? – disse Cinder. – Acabaram de anunciar que você foi assassinada.

– Jacin forjou o assassinato – disse Scarlet. – E nos ajudou a fugir.

Cinder olhou para ela com surpresa.

– Jacin?

Scarlet assentiu.

– O guarda que nos atacou na Rampion.

A expressão de Cinder foi encoberta por uma sombra. Ela afastou o olhar.

– Ela é tão linda. – Iko suspirou e tateou o próprio rosto para comparar.

Scarlet fez cara feia.

– Ela consegue ouvir.

Inclinando a cabeça, Winter esticou a mão para Thorne. Ele arregalou os olhos, e isso pareceu uma resposta automática que a fez ficar de pé.

Ele estava corando quando Winter afastou a mão e ajeitou a saia.

– Vocês são todos muito gentis – disse ela, mas sua atenção se voltou para Cinder. Ela observou a ciborgue com curiosidade. Cinder encolheu os ombros. – E você é minha prima desaparecida e querida amiga – continuou Winter. – Eu não acreditava até agora, mas é verdade. – Winter segurou as mãos de Cinder. – Você se lembra de mim?

Cinder balançou a cabeça devagar.

– Tudo bem – disse Winter, e a expressão dela dizia que *estava* tudo bem. – Minhas lembranças também estão enevoadas, e sou

um ano mais velha. Mesmo assim, espero que possamos ser boas amigas de novo. – Ela entrelaçou os dedos com Cinder. – Esta mão é diferente – disse ela, levantando a que tinha placa de titânio. – É feita de cinzas?

– É feita de... desculpe, o quê?

– Não – disse Scarlet, balançando a mão. – Descobri que é melhor não perguntar.

A princesa sorriu de novo.

– Me perdoe. Você não é mais minha amiga e minha prima, e isso não é jeito de cumprimentar você. – Ela fez uma reverência de dançarina e deu um beijo nos dedos de metal de Cinder. – Minha rainha, é uma honra servir a você.

– Er... obrigada? – Cinder afastou a mão e escondeu nas costas. – É gentileza sua, mas você não precisa fazer isso. De novo. Nunca mais.

Thorne limpou a garganta.

– Precisamos voltar para casa. Já corremos muito risco de chamar atenção, e ela... – Ele olhou para Winter. Havia uma tensão na expressão dele, como se não confiasse em ninguém mais atraente do que ele mesmo. – Ela vai chamar mais atenção *ainda*.

CAPÍTULO

Trinta e três

LOBO AJUDOU SCARLET A LIMPAR E FAZER CURATIVO NO DEDO

pedir que ela contasse exatamente o que aconteceu. Apesar de a expressão dele dizer que estava pronto para arrancar a jugular da rainha Levana, as mãos foram extremamente delicadas. Depois, Scarlet pediu um tempo para tomar banho, e, apesar de Lobo parecer quase arrasado, os momentos que passaram distantes valeram a pena. O banheirinho de sua casa de infância não era luxuoso, mas era incrivelmente superior ao que ela tinha no jardim, e Scarlet se sentiu renovada quando terminou. Ela e Winter receberam roupas novas do estoque limitado de Maha Kesley enquanto as delas eram lavadas, embora Scarlet já estivesse ansiosa para pegar o casaco de volta. Tinha se tornado sua armadura pessoal.

– Não consigo acreditar que vocês sequestraram o príncipe Kai – disse ela, puxando a cortina da janela para espiar lá fora. As margaridas azuis na jardineira eram um ponto solitário de cor.

– Imperador Kai – corrigiu Lobo. Ele estava encostado na parede, segurando a barra da camisa dela. Winter estava tomando banho enquanto os outros se amontoavam na cozinha, tentando reunir comida para todo mundo. Scarlet ouviu alguém mencionar *rações*, e lhe ocorreu que aquela casinha não era feita

para hóspedes, principalmente naquela quantidade. A mãe de Lobo voltaria logo da saída para buscar a comida da semana, mas claro que era só para uma mulher.

Scarlet tentou imaginar como devia ser para Lobo. Voltar para casa mais de uma década depois de ser levado, um homem adulto com cicatrizes e presas e o sangue de incontáveis vítimas nas mãos.

E ... com uma garota.

Scarlet estava tentando não pensar em conhecer a mãe dele. A sensação era estranha demais.

– Imperador, certo. – Ela prendeu a cortina novamente. – É estranho dizer isso depois de dezoito anos ouvindo as fofocas sobre celebridades falando sobre o “príncipe favorito da Terra”. – Ela se sentou em uma das almofadas carocudas do sofá e cruzou as pernas embaixo do corpo. – Eu tinha uma foto dele na minha parede quando tinha quinze anos. *Grand-mère* cortou de uma caixa de cereal.

Lobo fez cara feia.

– Claro que metade das garotas do mundo devia ter a mesma foto, da mesma caixa de cereal.

Lobo encolheu os ombros para perto do pescoço, e Scarlet sorriu, provocadora.

– Ah, não. Você não vai ter que lutar com ele pela liderança da matilha agora, né? Venha aqui – chamou-o ela com um aceno, e após meio segundo ele já estava ali, a cara feia sumindo enquanto a puxava para o peito.

A ousadia dele era novidade, muito diferente da timidez com a qual ela se acostumou. Na Rampion, Lobo estava sempre

tagarelando sobre os sentimentos, como se não quisesse arriscar a confiança hesitante que eles começaram a reconstruir depois de Paris.

Agora, quando ele a beijava ou abraçava, Scarlet sentia que estava reivindicando posse. Normalmente, isso geraria nela um discurso sobre independência no relacionamento, mas ela sentia que tinha reivindicado posse *dele* muito tempo antes. No momento em que esperou que ele a escolhesse no lugar da matilha, no momento em que o arrastou para aquela nave e o levou para longe de tudo o que ele conhecia, ela tomou a decisão para os dois. Ele era dela, assim como ela era dele.

Só que ela se perguntava se tudo tinha mudado entre eles. Ela achava que ele a acompanharia para a fazenda quando aquilo tudo acabasse, mas ele tinha reencontrado a mãe, a única parente que ainda tinha. Scarlet não podia mais supor que era a coisa mais importante para ele, e sabia que não seria justo pedir que escolhesse entre ela e a família da qual foi tirado. Não naquele momento, e talvez nunca.

Na cozinha, a porta de um armário bateu, resgatando-a de pensamentos para os quais não estava pronta. Não considerando que tinha acabado de reencontrá-lo. Ela ouviu Thorne dizer alguma coisa sobre papelão liofilizado, e Iko o acusou de ser insensível com quem não tinha papilas gustativas.

Scarlet aninhou a cabeça no ombro de Lobo.

– Eu estava tão preocupada com você.

– *Você* estava preocupada? – Lobo a afastou dele. – Scarlet... eles levaram você e eu não pude fazer nada. Eu não sabia se você estava morta ou se eles... – Ele tremeu. – Eu teria matado cada um

deles para chegar a você. Teria feito qualquer coisa para ter você de volta. Saber que estávamos vindo para cá foi a única coisa que manteve minha sanidade. – Ele franziu a testa. – Se bem que teve uma vez ou outra que me senti meio insano de qualquer modo.

Scarlet o cutucou com o cotovelo.

– Isso não devia soar tão romântico assim.

– O jantar está servido – disse Thorne, saindo da cozinha com um prato em cada mão. – E, quando digo jantar, quero dizer arroz integral empapado e carne salgada demais com biscoitos velhos. Vocês, lunares, sabem mesmo viver a vida.

– Nós estávamos tentando pegar coisas só da despensa – disse Cinder quando ela e Iko entraram na sala, apesar de quase não haver espaço para todo mundo. – Não tem muita comida fresca, e Maha já nos deu coisas demais.

Scarlet olhou para Lobo.

– Eu supus que você nunca tinha comido tomate nem cenoura porque essas coisas não podiam ser cultivadas aqui em Luna, mas não é bem isso, certo? É só que não são enviadas para os setores externos.

Ele deu de ombros, sem o menor sinal de autopiedade.

– Não sei o que pode e o que não pode ser plantado nos setores agrários. Mas, seja o que for, tenho certeza de que não pode competir com a Benoit Fazendas e Jardins. – Os olhos dele brilharam, e Scarlet, para sua própria surpresa, começou a corar novamente.

– Vocês dois estão me dando dor de barriga – resmungou Thorne.

– Tenho quase certeza de que foi a carne – disse Cinder, arrancando um pedaço de carne-seca misteriosa com os dentes.

A comida não era atraente, mas não era pior do que ela tinha no jardim, e Scarlet comeu sua pequena porção com satisfação. Winter saiu do banheiro; os cachos escuros ainda pingando, a calça curta demais e a blusa desengonçada não diminuía em nada sua beleza. O grupo ficou em silêncio quando ela se juntou a eles, ajoelhando-se no chão junto à pequena mesa e olhando para a comida com um olhar triste e distante.

Scarlet falou primeiro, enquanto empurrava dois biscoitos pela mesa:

– Sei que não é o tipo de coisa com que você está acostumada – disse ela. – Mas você tem que comer alguma coisa.

Uma expressão de ofensa surgiu no rosto de Winter.

– Eu não sou fresca. – A expressão dela se suavizou quando olhou para os biscoitos. – Só nunca tinha me dado conta do quanto recebi. Eu sabia que as condições eram ruins nos setores externos, mas não que eram tão ruins assim. Outros passaram fome para que meu estômago pudesse estar cheio todas as noites. – Suspirando, ela se sentou sobre os calcanhares e cruzou os braços no colo. – Não estou mesmo com fome. Um de vocês pode comer minha parte.

– Winter...

– Eu não estou com fome. – A voz dela soou mais austera do que Scarlet já tinha ouvido. – Não conseguiria comer nem se tentasse.

Scarlet franziu a testa, mas deixou o assunto de lado. Lobo acabou comendo os biscoitos, com expressão de culpa pelo que

estava fazendo.

– Você disse que Jacin falou para você onde nos encontrar? – perguntou Cinder. Os ombros dela estavam tensos, e ficou claro, desde o momento que Scarlet explicou tudo o que sabia sobre a fuga delas, que Jacin não era popular com os amigos. – Como ele sabia?

– Imagino que sua amiga em miniatura tenha contado para ele – disse Winter.

– Amiga em miniatura? – perguntou Cinder.

Winter assentiu.

– Cress, não é?

O silêncio se espalhou entre eles e tomou todo o oxigênio da sala.

Thorne se inclinou para a frente primeiro.

– *Cress?* Você viu Cress?

– Eu não a vejo há dias, mas Jacin a estava abrigando.

– Ah! Isso me lembra uma coisa. – Scarlet pegou o pequeno cilindro. – Jacin me deu isso e disse que tinha uma mensagem de uma amiga. Talvez ele estivesse falando dela. De Cress.

Thorne pegou da mão dela antes que terminasse de falar e girou o cilindro em sua palma.

– O que é? Como funciona?

Cinder pegou o cilindro da mão dele e inseriu no nódulo holográfico na parede. Um holograma ganhou vida no centro da sala.

Scarlet não reconheceria a hacker da rainha, pois só a tinha visto uma vez por mensagem. O cabelo comprido e desgrenhado

da garota foi cortado curto e a pele dela, embora ainda pálida, tivera ao menos um certo contato com o sol no passado recente.

Thorne pulou da cadeira e deu a volta na sala para ficar na frente do holograma na hora em que ela começou a falar.

– Oi, pessoal. Se vocês estão vendo isso, nossas amigas do palácio devem ter chegado a vocês. Eu queria poder ter ido com elas. Meu protetor atual me deu a opção de ir, mas tive que ficar para ajudar com o percurso delas. Sei que vocês vão entender. Mas queria que soubessem que estou bem. Estou em segurança e não estou ferida, e sei que vocês virão me buscar. Quando vierem, estarei pronta. Até lá, prometo ser cuidadosa e ficar escondida. – Ela fez uma pausa. Um sorriso leve surgiu nos lábios dela, como prova de coragem, embora os olhos continuassem ansiosos. Depois de respirar fundo, ela prosseguiu: – Minha ausência deve ter mudado algumas coisas para vocês, e sei que estavam contando comigo para ajudar com parte dos planos. Eu inseri um programa neste arquivo. Insiram este cilindro no conector universal no receptor de transmissões do domo e sigam as instruções que deixei. Para o caso de isto cair nas mãos erradas, tranquei o programa com a mesma senha que usamos na nave. – Ela baixou o olhar, e ali estava aquele sorriso fraco de novo. – Espero que esta mensagem chegue com segurança. Eu... sinto falta de vocês. – Ela abriu a boca para dizer mais, mas hesitou e voltou a fechá-la. Um segundo depois, a mensagem foi encerrada.

Eles ficaram olhando para o espaço vazio onde Cress estava. Scarlet ficou mexendo no zíper do casaco e teve certeza de que a

garota foi quem estava de olho nela e Winter durante a fuga. Ela as salvou e sacrificou a própria segurança para isso.

– Garota corajosa e burra – murmurou Thorne. Ele se sentou no chão, com expressão dividida entre alívio e perturbação crescente.

– Então ela ainda está com Jacin – disse Cinder. – Acho que... estou agradecida pelo que ele fez, mas... não gosto de pensar que ele sabe onde estamos nem de ser responsável por Cress. Eu não confio nele.

Winter olhou para ela com perplexidade.

– Jacin é uma boa pessoa. Ele nunca trairia você ou Cress.

– Tarde demais – disse Thorne. – Ele já traiu uma vez.

Winter entrelaçou os dedos.

– Ele lamenta. Não foi a intenção. Ele só... tinha que voltar para Luna. Por mim.

Iko fez um ruído que devia ter a intenção de ser de deboche. Scarlet inclinou a cabeça para observar a androide. O que eram tiques fofos quando ela era o sistema de controle da Rampion ficavam um pouco desconcertantes no corpo humanoide.

– É verdade – insistiu Winter, apertando os olhos. – Entendo por que vocês não confiam nele, mas ele está tentando compensar. Ele quer você de volta ao trono tanto quanto qualquer pessoa.

– Ele salvou minha vida – acrescentou Scarlet. Depois de uma pausa, ela deu de ombros. – Provavelmente só porque precisava de mim para salvar a vida *dela*, mas, mesmo assim, tem que contar para alguma coisa.

Thorne cruzou os braços e disse com ressentimento:

– Eu queria que ele tivesse se esforçado um pouco mais para mandar Cress junto com vocês.

– Pelo menos sabemos que ela está viva – disse Cinder.

Thorne grunhiu.

– Só sabemos que ela ainda está em Artemísia e sob a proteção de um cara que nos traiu uma vez. A princesa acha que ele está do nosso lado? Tudo bem. Mas isso não muda o fato de que ele nos entregou em Nova Pequim, e não duvido de que vá fazer de novo se quiser salvar a própria pele.

– Ao contrário, ele não liga muito para a própria pele. – A voz de Winter soou aguda e os ombros estavam tremendo. – É só com minha segurança que ele se preocupa, e nunca mais estarei em segurança enquanto minha madrastra for rainha. – Ela se virou para Cinder. – Acredito que ele vá fazer qualquer coisa que possa para ajudar sua revolução a dar certo. Nós dois vamos.

Um longo silêncio foi seguido de Thorne resmungando:

– Ainda planejo dar um soco nele, se um dia voltar a vê-lo.

Scarlet revirou os olhos.

Cinder bateu com os dedos na mesa.

– Não entendo por que Levana mandou matar você *agora*. Ela está com Kai. Ela tem o que quer.

– Acredito que tenha medo de perder o controle de Luna, principalmente com os boatos de que nossa verdadeira rainha ainda está viva – disse Winter. – Ela ficou paranoica, com medo de todas as ameaças em potencial.

Cinder balançou a cabeça.

– Mas você não é filha dela de verdade. Não existe alguma superstição sobre linhagens de sangue?

– Existe. Só uma pessoa de sangue real pode se sentar no trono de Luna. Acredita-se que, se uma pessoa de sangue não real subir ao trono, o dom concedido ao nosso povo vai deixar de existir. Houve incontáveis estudos provando isso.

Scarlet riu.

– Deixe-me adivinhar: os estudos foram pagos pela família real.

– Importa? – perguntou Winter. – Quer as pessoas acreditem ou não, minha madrastra está com medo. Está desesperada para manter o poder. Foi por isso que tentou me matar.

– Ótimo – disse Cinder. – As pessoas cometem erros quando estão desesperadas, e tentar matar você pode ter sido um dos grandes. – Ela se apoiou nas mãos. – Pelo que percebo, o povo adora você. Se soubesse que Levana mandou matá-la, isso poderia ser a coisa certa para persuadi-los de me escolher no lugar dela. Escute, Vossa Alteza, nós temos um vídeo. Se o programa de Cress funcionar, vamos poder transmitir por todos os setores externos. O vídeo vai dizer para as pessoas quem eu sou e vai pedir para que se juntem a mim para acabar com o reinado de Levana. – Ela inspirou. – Eu gostaria de incluir uma mensagem sua, para mostrar ao povo que você está viva e dizer a eles que foi Levana que mandou matar você. Ter seu apoio seria importante. Para o povo e para mim.

Winter sustentou o olhar dela por bastante tempo enquanto pensava, mas suspirou.

– Desculpe, mas não posso. Levana descobriria, e ela não pode saber que estou viva.

– Por quê? – indagou Scarlet. – O povo gosta de você. Merece saber a verdade.

– Jacin recebeu a ordem de me matar – contou Winter, com a voz fraca. – E teve muito trabalho para fazer parecer que conseguiu. Não vou colocá-lo em risco ao anunciar a verdade. Quanto mais tempo acreditar que Jacin é leal a ela, mais em segurança ele vai estar. – Ela levantou o rosto. – Mais em segurança sua Cress também vai estar.

Thorne olhou para o outro lado.

– Desculpe se não posso ajudar com isso. Se ajuda em alguma coisa, você *tem* meu apoio, mesmo que tenha que ser em segredo. – Winter murchou os ombros.

Scarlet a viu se recolhendo aos próprios pensamentos e à preocupação com a segurança de Jacin. Ela queria poder oferecer algum consolo, mas tinha passado tempo suficiente sob o controle de Levana para saber que não havia nada que pudesse dizer para fazer Winter se sentir melhor.

– Tudo bem – respondeu Cinder. – Eu entendo. Vamos ter que torcer para que o vídeo funcione sem você, então.

A porta da frente se abriu, e todos levaram um susto. Scarlet se virou na hora em que uma mulher entrou e fechou a porta. Estava usando um macacão coberto de partículas de regolito e carregava uma caixa de madeira gasta cheia de comida. Tinha o cabelo escuro de Lobo e a mesma pele morena, mas também tinha a estrutura óssea de um pássaro. Lobo seria capaz de esmagá-la com as pontas dos dedos.

Scarlet se sentiu estranha por ter esse pensamento.

Todo mundo relaxou. Todo mundo, menos Scarlet e Lobo, cujos braços se transformaram em ferro ao redor dela.

Encostada na porta, Maha observou a sala com um sorriso trêmulo.

– Estão distribuindo *açúcar* – contou ela –, em comemoração ao fato de que a rainha vai virar... – Ela parou de falar ao reparar em Scarlet com os braços de Lobo nos ombros.

Winter se levantou e atraiu a surpresa de Maha. Scarlet também se levantou, mas a atenção de Maha estava grudada na princesa. Sua boca estava aberta.

Winter fez uma reverência.

– Você deve ser Mamãe Kesley. Eu sou a princesa Winter Hayle-Blackburn e lamento imensamente pelos biscoitos.

Maha ficou só olhando, sem palavras.

– Espero que você não se importe com nossa invasão à sua hospitalidade. Seu filhote lobo nos recebeu. Ele é surpreendentemente gentil, considerando os dentes. E os músculos. – Winter levantou o olhar para o gesso rachado ao redor da porta. – Ele me lembra um lobo que conheci.

Scarlet fez uma careta.

– Vossa... Vossa Alteza – gaguejou Maha, parecendo incerta se devia estar com medo ou honrada.

– Mãe, esta é Scarlet – disse Lobo. – Foi dela que eu falei; foi tirada da nossa nave pela taumaturga. Ela estava como prisioneira no palácio, mas... fugiu. Esta é ela. Esta é Scarlet.

Maha ainda não tinha conseguido fechar a boca.

– A terráquea.

Scarlet assentiu.

– Em boa parte. Meu avô era lunar, mas eu não o conheci. E não tenho... hã, dom.

Com essa declaração, ocorreu a Scarlet que Maha provavelmente *tinha* o dom. Todos tinham em algum grau, não tinham? Mesmo Lobo tinha, antes que a alteração científica o retirasse.

Mas era impossível imaginar aquela mulher pequenina abusando do dom como acontecia na capital. Seria ingenuidade achar isso? Devia ser muito difícil viver em sociedade ali, sem saber quem estava controlando e quem estava sendo controlado.

– Oi, Scarlet – disse Maha, se recompondo o bastante para sorrir. – Ze’ev se esqueceu de mencionar que estava apaixonado por você.

Scarlet sentiu as bochechas ficando da cor do cabelo.

Thorne murmurou:

– Como você não percebeu?

Cinder deu um chute nele.

Lobo agarrou a mão de Scarlet.

– Nós não sabíamos se ela estava viva. Eu não queria contar sobre ela se... se você nunca a conhecesse...

Scarlet apertou a mão dele. Ele apertou a dela.

No fundo da mente, ela ouviu a voz da avó, lembrando-a dos bons modos.

– É um grande prazer conhecer você. Eu... hã. Obrigada pela hospitalidade.

Maha colocou a caixa de comida perto da porta e atravessou a salinha para envolver Scarlet em um abraço.

– Estou ansiosa para poder conhecer você. – Ao soltar Scarlet, ela se virou para Lobo e colocou as mãos nos ombros dele. – Quando levaram você, fiquei com medo de você nunca conhecer o amor. – Ela o abraçou, e seu sorriso estava tão iluminado quanto um buquê de margaridas azuis. – Isso tudo tem sido intenso. Muito intenso.

– Estamos acabando com a babação e o choro? – perguntou Thorne, massageando a têmpora. – Quando vamos voltar a planejar uma revolução?

Desta vez, foi Iko quem deu um chute nele.

– Eu sabia que você estava apaixonada por ele. – Winter bateu com os dedos no cotovelo. – Não entendo por que ninguém me escuta.

Scarlet a encarou, mas não havia raiva por trás da expressão.

– Você está certa, Winter. É um mistério mesmo.

CAPÍTULO

Trinta e quatro

LINH PEARL SAIU DO ELEVADOR, SEGURANDO A ALÇA DA BOLSA

Estava tremendo, lívida de raiva. Desde que Cinder deu aquele espetáculo no baile e foi desmascarada não só como sendo uma ciborgue maluca, mas uma lunar mais maluca ainda, o mundo de Pearl desmoronou.

Primeiro, foram pequenas inconveniências, irritantes, mas toleráveis. Sem criada ciborgue e sem dinheiro para contratar novos criados, queriam que Pearl ajudasse no apartamento. De repente, ela tinha “tarefas”. De repente, a mãe passou a querer que ela ajudasse com as compras e fizesse a própria comida e até lavasse a louça quando terminasse, apesar de ter sido uma decisão idiota *dela* vender a única androide que funcionava.

Mas ela conseguiria viver com isso, se sua vida social não tivesse de repente sido destruída junto com sua dignidade. Da noite para o dia, virou uma pária.

Os amigos lidaram bem com tudo no começo. Cheios de choque e solidariedade, eles revolveram ao redor de Pearl como se ela fosse uma celebridade, querendo saber tudo. Querendo oferecer condolências por saberem que a irmã adotada era tão pavorosa. Querendo saber cada história horrenda da infância.

Como uma garota que mal escapou da morte, ela foi o centro de todas as conversas, de toda a curiosidade.

Mas isso passou quando Cinder escapou da prisão e continuou foragida por tempo demais. O nome dela virou sinônimo de traição, e estava arrastando Pearl junto.

Então, a mãe, ignorante e tola, ajudou Cinder, sem saber do sequestro do imperador Kai, ao dar para ela os convites para o casamento.

Ela os trocou por guardanapos. *Guardanapos.*

E isso a deixou perplexa. Horas antes de terem que sair para o casamento real, já usando as melhores roupas, a mãe virou o apartamento de cabeça para baixo, revirando freneticamente todas as gavetas, engatinhando para espiar embaixo dos móveis, revirando todos os cantos do armário. Enquanto falava palavrões e jurava sem parar que estava com os convites, que os tinha visto *naquela manhã mesmo*, quando aquela mulher estranha do palácio levou para elas e explicou a confusão e *onde eles poderiam ter ido parar?*

Elas perderam o casamento, naturalmente.

Pearl gritou e chorou e se escondeu no quarto para ver as transmissões, as filmagens ao vivo que passaram de discussões sobre as tradições de casamento e a decoração do palácio ao relato arrasador de um ataque ao palácio e ao desaparecimento do imperador Kai.

Linh Cinder estava por trás de tudo. Sua monstruosa meia-irmã, mais uma vez, estragou tudo.

A equipe de segurança do palácio demorou dois dias para rastrear os convites de um tal de Bristol-dàren (que estava em

casa no Canadá, apreciando uma garrafa de vinho) como sendo os convites enviados a Linh Adri e sua filha, Linh Pearl. Só então sua mãe entendeu. Cinder a fez de idiota.

Aquela foi a gota d'água para os amigos de Pearl.

– *Traidoras* – disse Mei-Xing, acusando Pearl e a mãe de ajudarem a ciborgue e de colocarem Kai em perigo.

Furiosa, Pearl saiu batendo os pés, gritando que eles podiam acreditar no que quisessem. Ela era a vítima e não precisava dos supostos amigos jogando acusações na cara dela. Já tinha muita coisa para enfrentar.

Ela esperou que fossem atrás dela, cheios de pedidos de desculpas.

Mas eles não foram.

Ela foi andando até sua casa com os punhos apertados na lateral do corpo.

Cinder. Era tudo culpa de Cinder. Desde que Peony... não, desde que *o pai delas* pegou a peste e foi tirado dela. Tudo era culpa de Cinder.

Karim-jiě, a vizinha do 1216, não chegou para o lado quando Pearl passou por ela. Seu ombro empurrou a mulher contra a parede, e Pearl parou o bastante para olhar com raiva para ela (a velha estava ficando cega também, além de ser preguiçosa?), mas foi recebida com um som de desprezo e arrogância.

Pearl também viu essa reação com frequência desde o baile. Quem era aquela mulher para olhar com superioridade para Pearl e a mãe? Ela não passava de uma viúva velha cujo marido morrera por causa do amor pela bebida, e que ficava sentada no

apartamento com cheiro de lixo com uma coleção triste de macacos de cerâmica.

E *ela* achava que era melhor do que *Pearl*?

O mundo todo tinha se virado contra ela.

– Desculpe – disse Pearl entredentes, seguindo até o próprio apartamento.

A porta estava ligeiramente aberta, mas Pearl não pensou no assunto até tê-la escancarado e batido na parede.

Ela ficou paralisada.

A sala tinha sido revirada. Estava pior do que quando a mãe estava procurando os convites idiotas.

As fotos e placas foram derrubados da prateleira acima da lareira, o netscreen novinho estava virado para baixo no chão, e a urna contendo as cinzas de Peony...

Pearl sentiu um frio na barriga. A porta voltou e bateu no ombro dela.

– Mãe? – disse ela, atravessando o corredor.

Ela parou. Um grito chegou até a garganta, mas morreu em um gemido petrificado.

Ele estava encostado na parede oposta da sala. Embora tivesse a forma de um homem, os ombros estavam encolhidos e as mãos eram enormes como garras. O rosto era desfigurado, um focinho com dentes que se projetavam entre os lábios e olhos escuros e vidrados afundados na cara.

Pearl choramingou. O instinto a fez dar um passo para trás, embora o instinto também lhe dissesse que era inútil.

Cem histórias horríveis, de noticiários a fofocas sussurradas, encheram a cabeça dela.

Os assassinatos eram aleatórios, o povo dizia.

Os monstros lunares poderiam estar em qualquer lugar a qualquer hora. Ninguém conseguia discernir padrão ou lógica no ataque deles. Eles podiam invadir um prédio lotado de escritórios em um dia e matar todo mundo do nono andar, mas deixar o resto em paz. Podiam matar uma criança dormindo na cama, mas não o irmão no quarto em frente. Podiam desmembrar um homem correndo de um aerodeslizador para a porta de casa e tocar a campainha para que sua companheira o encontrasse ainda sangrando nos degraus.

O terror da situação era a aleatoriedade. A brutalidade e o jeito sem sentido como eles escolhiam as vítimas enquanto deixavam tantas testemunhas para espalharem o medo.

Ninguém estava em segurança.

Ninguém nunca estava em segurança.

Mas Pearl nunca achou que eles fossem até lá, até o apartamento irrelevante delas, em uma cidade tão cheia de gente...

E... e a guerra estava em meio a um cessar-fogo. Não houve ataques em vários dias. Por que agora? Por que *ela*?

Um choramingo se espremeu pela garganta. A criatura deu um sorrisinho, e ela percebeu que o maxilar dele estava trabalhando desde que ela entrou. Como se estivesse fazendo um lanchinho.

Mãe.

Chorando, ela se virou para correr.

A porta foi fechada. Uma segunda criatura bloqueava a passagem.

Pearl caiu de joelhos, chorando e tremendo.

– Por favor. *Por favor.*

– Tem certeza de que não podemos comê-la? – perguntou o que estava ao lado da porta, com as palavras quase ininteligíveis em meio ao tom áspero e rouco. Ele segurou os braços de Pearl e a levantou. Ela gritou e tentou se encolher, mas o aperto dele era imperdoável. Ele afastou o braço do corpo dela e o esticou para dar uma boa olhada no antebraço. – Só uma provinha? Ela parece tão *doce*.

– Mas o cheiro é tão azedo – disse o outro.

Pearl, em meio à histeria, também sentiu o cheiro. Havia uma umidade quente entre as pernas dela. Ela chorou, e as pernas cederam novamente, deixando-a pendurada na mão do monstro.

– A mestra disse para levá-la ilesa. Se você quiser dar uma mordidinha, vá em frente. A fúria dela vai custar sua cabeça.

O que estava segurando Pearl apertou o nariz molhado no cotovelo dela e farejou com desejo. Em seguida, soltou o braço e jogou Pearl por cima do ombro.

– Não vale a pena – disse ele com um grunhido.

– Concordo. – O segundo animal se aproximou e beliscou o rosto de Pearl com a mão enorme e peluda. – Mas pode ser que possamos experimentar quando acabarem.

CAPÍTULO

Trinta e cinco

– ALI ESTÁ A CASA DA GUARDA – DISSE THORNE, ENCOLHIDO EM 1 entre Iko e Lobo. Pela centésima vez desde que eles saíram da casa de Maha, ele verificou o bolso para ver se o cilindro com a mensagem de Cress estava lá.

– Eu tinha expectativas maiores – disse Iko.

Assim como tudo naquele setor, a casa da guarda era sem graça e estava coberta de pó. Também era feita de pedra e não tinha janelas, o que a tornava uma das construções mais impenetráveis que Thorne já tinha visto. Havia um guarda uniformizado na porta, com um fuzil nos braços e um elmo e uma máscara contra o pó escondendo o rosto.

Dentro estariam os armamentos, o equipamento de manutenção do domo, uma cela para prender infratores antes de mandá-los para o julgamento em Artemísia e um pequeno centro de controle para acessar a malha de transmissão do domo e o sistema de segurança. Mais importante, era onde ficava o receptor-transmissor que ligava este setor à rede de transmissão controlada pelo governo.

– Quanto tempo nós temos? – perguntou ele.

– Estimados dois minutos e quatorze segundos até que o próximo guarda da patrulha apareça – disse Iko.

– Lobo, é com você.

Houve um brilho de dentes afiados, e Lobo se empertigou e saiu andando da viela. Thorne e Iko se esconderam.

Uma voz ríspida ordenou:

– Pare e se identifique.

– Agente especial Alfa Kesley. Estou aqui sob ordens do taumaturgo Jael para verificar seu inventário de armas.

– Você é agente especial? O que está fazendo aq... – Um ofego soou, seguido de movimentação e um baque. Thorne se preparou para o estrondo de um tiro, mas não aconteceu. Quando o silêncio voltou, ele e Iko espiaram da viela.

Lobo já estava arrastando o corpo inconsciente do guarda até a porta e segurando a ponta do dedo dele na tela. Thorne e Iko correram para se juntar a ele quando a porta se abriu. Eles arrastaram o guarda para dentro.

O interior da casa da guarda não era muito melhor do que a parte externa. Era um pouco menos poeirento, mas ainda escuro e desconfortável. Naquele aposento principal, uma mesa grande ocupava boa parte do espaço e os separava de duas portas com trancas na parede de trás.

Thorne não perdeu tempo em arrancar a camisa áspera que estava usando para se misturar com os mineiros. Agachado ao lado do guarda, ele começou a desabotoar a camisa do uniforme. Embora o guarda fosse um pouco mais corpulento do que ele, parecia que ia caber.

– Você não está precisando de ajuda com isso, está? – perguntou Iko, parecendo esperançosa demais enquanto via

Thorne mexer nos braços inertes do guarda para tirá-los das mangas.

Thorne fez uma pausa para encará-la e, lembrando-se do cilindro, pegou-o e colocou na mão dela.

– Comece a trabalhar.

Iko fez uma saudação rápida e correu para trás da mesa. Em pouco tempo, Thorne ouviu o cantarolar alegre que ela emitiu ao encontrar o conector universal e inserir o cilindro. Uma tela apitou, e Iko proclamou com orgulho:

– Senha: o capitão é rei!

Os lábios de Thorne tremeram quando ele puxou a camisa do guarda pela cabeça.

– Deu certo! Eu entrei! – disse Iko. – Estou fazendo upload do programa agora.

Lobo ajudou Thorne a prender a armadura de ombro desconjuntada.

– Praticamente acabando e... acabou. Seleccionando os setores para receber a programação alterada e fazendo upload do vídeo de Cinder para a fila... Uau, Cress não podia ter tornado isso mais fácil.

Thorne grunhiu, pois não queria ouvir sobre o excelente trabalho que Cress fez em ajudá-los de longe. Queria que ela tivesse vindo junto.

Ele colocou a máscara no rosto para esconder a careta e enfiou os pés nas botas do guarda. Levantou uma sobrancelha para Lobo, indicando dúvida.

Lobo assentiu.

– Passável.

– Me deem pelo menos mais quatro minutos – disse Iko.

– Pode deixar. Duas batidas significam problema, três querem dizer que a costa está limpa. – Thorne pegou o fuzil do guarda. Ouviu Lobo estalando os dedos e passou pela porta para assumir a posição. A postura de cara feia e ombros para trás veio com facilidade e ele ficou feliz, pela primeira vez, por seu treinamento militar ser útil.

Ele contou seis segundos até que o guarda patrulhando aquela porção do domo aparecesse. O guarda passou por Thorne com a arma apoiada no ombro, procurando civis errantes ou trabalhadores que deviam estar trabalhando.

Thorne não percebeu se o guarda olhou para ele. Manteve o olhar grudado no horizonte, estoico e sério.

O guarda passou.

Por trás da máscara, Thorne deu um sorrisinho cínico.



CINDER QUERIA TER MAIS ESPAÇO PARA ANDAR. SEUS NERVOS em péssimo estado, enquanto ela esperava uma notícia de Iko.

– Você está bem? – perguntou Scarlet, sentada de pernas cruzadas na cadeira de balanço. Ela também estava agitada e ficava brincando com o cordão do moletom lavado.

– Estou – mentiu Cinder. A verdade era que ela estava tão tensa quanto uma mola encolhida, mas não queria falar sobre isso. Eles já tinham conversado demais sobre a estratégia. Tudo o que podia dar certo. Tudo o que podia dar errado.

O povo atenderia ao chamado dela ou não atenderia. Fosse como fosse, ela estava prestes a pôr as cartas na mesa para Levana.

Na cozinha, a princesa Winter estava cantarolando uma música desconhecida. Ela mal parou quieta desde que chegaram na noite anterior. Limpou, esfregou, bateu tapetes, reorganizou armários e dobrou roupas, tudo com a graça de uma borboleta. Todo aquele trabalho fazia Cinder se sentir uma hóspede ruim.

Cinder não sabia como interpretar a princesa. Ela admirava e ao mesmo tempo questionava a decisão de Winter de não usar o glamour. A vida era mais simples antes que Cinder pudesse usar o dom, e ela várias vezes morria de medo só de pensar que estava ficando cada vez mais como Levana. Mas, ao mesmo tempo, uma vez que o tinha, ela não se imaginava abrindo mão dele, principalmente ao ver o preço que isso cobrava da sanidade da princesa.

Mas rotular a princesa apenas como maluca também não parecia certo. Ela era evasiva e estranha e ridiculamente carismática. Também parecia se preocupar de verdade com as pessoas e mostrava vislumbres de inteligência que seriam fáceis de passar despercebidos. Embora exalasse humildade, Cinder não achava que ela ignorava seus encantos como fingia ignorar.

Ela queria se lembrar dela de quando era criança, mas todas as suas lembranças eram compostas de chamas e carvões quentes e carne queimada. Não havia nada sobre uma amiga, uma prima. Nunca lhe ocorreu que ela pudesse ter uma ligação assim de sua breve vida em Luna; ela tinha suposto que todo mundo no palácio era inimigo.

Uma mensagem apareceu no display de retina.

Cinder parou, leu e soltou o ar.

– Eles estão em posição. O vídeo está programado para tocar um minuto depois do anúncio do fim do dia de trabalho em todos os setores externos. Thorne está montando guarda. Nenhum alarme foi disparado... ainda.

Cinder colocou a mão no estômago embrulhado. Esse era o momento para o qual todos os seus preparativos foram destinados.

Mil horrores ocuparam a mente dela. Que não acreditariam nela. Que não a seguiriam. Que não *quereriam* a revolução.

Pelo que ela sabia, essa seria a primeira vez que os setores externos de Luna seriam expostos a uma mensagem que não era propaganda sancionada pela coroa nem alarmismo. Cada transmissão que recebiam vinha da coroa, de execuções públicas que transformavam em vilão qualquer pessoa que ousasse criticar a rainha a documentários sobre a generosidade e compaixão da família real. Os setores podiam ser separados para transmissões individuais ou programados para receber todos uma mensagem só ao mesmo tempo, embora Cinder desconfiasse que a rainha raramente fizesse comunicados em massa. Na verdade, as comunidades ricas de Artemísia viam cobertura sobre a maioria das festas de elite do momento, enquanto os trabalhadores dos setores externos viam relatos sobre escassez de comida e redução de rações. Mas, sem ter como se comunicar entre si, como eles poderiam saber como as coisas eram?

Cinder estava prestes a sequestrar a ferramenta mais valiosa de lavagem cerebral de Levana, mais poderosa até que o glamour. Pela primeira vez, os povos dos setores externos ouviriam uma mensagem de verdade e empoderamento. Pela primeira vez, estariam unidos.

Ela torcia por isso.

Um sino familiar tocou lá fora, seguido do hino de Luna e da voz educada da mulher mandando os trabalhadores para casa depois de um dia de trabalho.

Cinder abraçou o próprio corpo e se apertou em uma tentativa de não desaparecer.

– É agora – disse ela, olhando para Scarlet. Elas tinham discutido consideravelmente se Cinder devia correr o risco de estar lá fora quando a mensagem fosse tocada. Os companheiros todos a encorajaram a esperar e deixar o vídeo fazer o trabalho sem ela se arriscar, mas ela soube naquele momento que esperar não era uma opção. Ela tinha que estar lá fora para ver a reação das pessoas, ao menos naquele setor, já que não podia ver a reação nos outros lugares.

Scarlet fez uma careta.

– Você vai lá para fora, não vai?

– Eu tenho que ir.

Scarlet revirou os olhos, mas não pareceu surpresa. Ela se levantou e olhou para a cozinha, onde o cantarolar de Winter tinha ficado dramático e exagerado.

– Winter.

A princesa apareceu um momento depois, com as mãos cobertas de massa de parede.

Scarlet colocou as mãos nos quadris.

– O que você está fazendo?

– Consertando a casa – disse Winter, como se fosse óbvio. – Para que não caia.

– Certo. Bom trabalho. Cinder e eu vamos ver o vídeo. Se alguém vier até a casa, se esconda. Não saia e tente não fazer nenhuma maluquice.

Winter piscou.

– Serei um bastião de sanidade desimpedida.

Com um balançar exasperado de cabeça, Scarlet se virou para Cinder.

– Ela vai ficar bem. Vamos.

O relógio na cabeça de Cinder estava contando os minutos, e ela e Scarlet mal tinham saído de casa quando o domo escureceu. Ao longe, ela via os primeiros trabalhadores indo para casa depois de saírem das fábricas. Todos olhavam para cima, querendo saber que notícia ruim a rainha tinha para eles.

Uma série de quadrados do tamanho de prédios surgiu na superfície do domo e se sintonizou em uma imagem, duplicada doze vezes em todas as direções. O rosto de Cinder grudado um monte de vezes no céu.

Cinder fez uma careta ao ver isso. Quando eles gravaram o vídeo a bordo da Rampion, ela se sentiu ousada e decidida. Não se deu ao trabalho de se arrumar e preferiu se mostrar como era. No vídeo, estava usando a mesma camiseta militar e calça cargo que encontrou a bordo da Rampion séculos atrás. O cabelo estava preso no mesmo rabo de cavalo que ela sempre usava. Os braços estavam cruzados, a mão ciborgue exposta.

Ela não se parecia em nada com a tia majestosa, glamourosa e poderosa.

– Cinder – sibilou Scarlet. – Você não devia estar usando seu glamour?

Ela levou um susto e botou em uso o glamour de garota adolescente comum que usou durante o trajeto até ali vindo de Artemísia. Ao menos impediria qualquer pessoa do setor de reconhecê-la, embora não fosse capaz de protegê-la de imagens de câmera.

Ela torcia para que Levana tivesse muitas filmagens para examinar.

Sua similar no céu começou a falar.

– Cidadãos de Luna, peço que vocês parem o que estão fazendo para ouvir esta mensagem. Meu nome é Selene Blackburn. Sou a filha da falecida rainha Channary, sobrinha da *princesa* Levana e herdeira por direito do trono de Luna. – Ela tinha treinado o discurso mil vezes e ficou aliviada de não parecer idiota ao dizê-lo. – Vocês foram informados que morri treze anos atrás em um incêndio, mas a verdade é que minha tia Levana tentou me matar, mas fui salva e levada para a Terra. Lá, fui criada e protegida em preparação para a época em que voltaria a Luna e exigiria a restituição do meu direito. Na minha ausência, Levana escravizou vocês. Ela tira seus filhos e os transforma em monstros. Ela tira seus bebês cascudos e os mata. Ela deixa vocês passarem fome, enquanto o povo de Artemísia se empanturra de comidas caras e iguarias.

A expressão dela ficou feroz.

– Mas o reinado de Levana está chegando ao fim. Eu voltei e vim recuperar o que é meu.

Tremores percorreram os braços de Cinder ao ouvir sua voz parecendo tão capaz, tão confiante, tão *digna*.

– Em pouco tempo – prosseguiu o vídeo –, Levana vai se casar com o imperador Kaito, da Terra, e vai ser coroada imperatriz da Comunidade das Nações Orientais, uma honra que não poderia ser dada a uma pessoa menos merecedora. Eu me recuso a permitir que Levana aumente sua tirania. Não vou ficar de lado enquanto minha tia escraviza e explora meu povo aqui em Luna, e declara guerra para toda a Terra. E é por isso que, antes que uma coroa terráquea possa ser colocada na cabeça de Levana, eu vou levar um exército para os portões de Artemísia.

Acima dela, seu sorriso ficou malicioso e inabalável.

– Eu peço que vocês, cidadãos de Luna, sejam esse exército. Vocês têm o poder de lutar contra Levana e as pessoas que os oprimem. Começando agora, hoje, peço que vocês se juntem a mim na rebelião contra esse regime. Não vamos mais obedecer aos toques de recolher dela nem deixar passar nosso direito de nos encontrar e conversar e ser ouvidos. Não vamos mais abrir mão de nossos filhos para que se tornem guardas e soldados descartáveis. Não vamos mais ser escravizados para plantar comida e criar animais que serão enviados para Artemísia enquanto nossos filhos passam fome. Não vamos mais construir armas para a guerra de Levana. O que vamos fazer é tomá-las para nós, para *nossa* guerra.

“Tornem-se meu exército. Levantem-se e recuperem suas casas dos guardas que agridem e apavoram vocês. Enviem uma

mensagem para Levana de que vocês não vão mais ser controlados pelo medo e pela manipulação. E, no começo da coroação real, peço que todos os cidadãos capazes fisicamente se juntem a mim em uma marcha contra Artemísia e o palácio da rainha. Juntos, vamos garantir um futuro melhor para Luna. Um futuro sem opressão. Um futuro em que qualquer lunar, independentemente do setor onde mora e da família em que nasceu, possa alcançar suas ambições e viver sem medo de perseguição e de uma vida de escravidão.

“Sei que estou pedindo que vocês arrisquem suas vidas. Os taumaturgos de Levana são poderosos, os guardas são hábeis e os soldados são brutais. Mas, se nos juntarmos, poderemos ser *invencíveis*. Eles não podem controlar todos nós. Com as pessoas unidas em um exército, vamos cercar a capital e destronar a impostora que está sentada no meu trono. Ajudem-me. Lutem por mim. Eu serei a primeira governante na história de Luna que também vai lutar por vocês.”

O vídeo fechou o foco na expressão indomável de Cinder por um momento, e acabou.

CAPÍTULO

Trinta e seis

– UAU – SUSSURROU SCARLET. – BOM DISCURSO.

O coração de Cinder estava disparado.

– Obrigada. Kai escreveu a maior parte.

Ela espiou a fila de casas vazias. As poucas pessoas que tinha visto antes ainda encaravam o domo. Mais mineiros e operários de fábrica já deviam ter voltado, mas as ruas ficaram vazias. O domo era um vácuo de silêncio.

Saber que deu o primeiro passo deveria ter assustado Cinder. Ela estava fugindo havia tanto tempo. Levana a manteve na defensiva desde que a viu no baile da Comunidade.

Mas era o fim disso. Ela se sentia energizada. *Pronta*. Longe de fazer papel de boba no vídeo, ela na verdade falou como uma rainha. Falou como uma *revolucionária*. Falou como se fosse mesmo capaz daquilo.

– Venha – disse Scarlet, enquanto saía andando. – Vamos ver o que está acontecendo.

Cinder apressou o passo atrás dela. Elas ouviram gritos vindos da praça central, os cidadãos distantes estavam se aproximando das ruas residenciais, embora parassem com frequência para olhar para trás. Quando Cinder e Scarlet se aproximaram, ouviram que os gritos eram ordens.

Os guardas do setor tinham aberto caminho em meio à multidão parada, segurando cassetetes compridos e finos.

– Andem – gritou um guarda. O rosto dele todo, com exceção dos olhos, estava escondido embaixo do capacete e de uma máscara. – Faltam quatro minutos para o toque de recolher! Embromar é estritamente proibido, e nenhum vídeo vai mudar isso.

Cinder e Scarlet se esconderam atrás de um carrinho de entregas.

Os cidadãos estavam amontoados em pequenos grupos, com o cabelo e os uniformes cobertos de poeira de regolito. Alguns estavam com as mangas dobradas, deixando à mostra as tatuagens de MR-9 nos antebraços. A maioria baixou os olhos quando os guardas se aproximaram e se encolheram pelo prospecto de receberem golpes dos cassetetes. Mas bem poucos pareciam estar indo embora.

Um guarda segurou um homem pelo cotovelo e o empurrou para longe do chafariz borbulhante no centro do domo.

– Andem logo, todos vocês. Não nos obriguem a fazer um relatório de má conduta.

Os trabalhadores cansados trocaram olhares. A multidão estava diminuindo. Os ombros exaustos murcharam conforme eles foram dispersando. Os grupos se dissolveram sem nem uma palavra de raiva ser gritada para os guardas.

O coração de Cinder se espremeu.

Eles não iam lutar.

Eles não iam se defender.

Eles estavam com tanto medo dos opressores quanto antes.

Ela foi tomada de decepção e cambaleou, apoiando-se no carrinho. Era possível que não tivesse sido persuasiva o bastante? Tinha deixado de transmitir o quanto era importante que todos se defendessem, unidos e decididos? Teria falhado?

Scarlet colocou a mão no ombro dela.

– É só um setor – disse ela. – Não desanime. Nós não sabemos o que mais está acontecendo por aí.

Embora suas palavras fossem gentis, Cinder via sua frustração espelhada em Scarlet. Podia ser verdade, elas *não* sabiam o que estava acontecendo no resto dos setores e não tinham como saber. Mas o que ela viu ali não lhe passou confiança nenhuma.

– Não toquem em mim! – gritou um homem.

Cinder olhou de trás do carrinho. Um guarda estava olhando um homem magrelo com pele pálida e doentia. Apesar da curvatura esquelética de seu corpo, o homem estava na frente do guarda com punhos fechados.

– Eu não vou voltar para minha casa em aceitação ao toque de recolher – disse ele. – Podem ameaçar me denunciar o quanto quiserem. Depois de um vídeo assim, a rainha e os assecclas dela vão ficar atarefados reunindo pessoas culpadas de crimes bem maiores do que ficar na rua alguns minutos a mais.

Dois outros guardas pararam de mandar as pessoas dispersarem e foram na direção do homem. As mãos enluvadas apertaram os cassetetes.

O restante dos trabalhadores parou para olhar. Com curiosidade. Com cautela. Mas também, pelo que Cinder avaliou, com raiva.

O primeiro guarda parou de pé na frente do homem. A voz dele saiu abafada pela máscara, mas a arrogância ficou evidente:

– Nossas leis são para a proteção de todo o povo, e ninguém vai se eximir delas. Sugiro que você vá para casa antes que eu seja obrigado a fazer de você um exemplo.

– Sou perfeitamente capaz de fazer de mim um exemplo – o homem rosnou para os guardas que estavam se reunindo em torno dele, depois para as pessoas que hesitavam ao redor da praça: – Vocês não entendem? Se os outros setores também viram aquele vídeo...

O guarda colocou a mão livre na nuca do homem e o empurrou para baixo, forçando-o a ficar de joelhos. Suas palavras foram interrompidas por um grunhido estrangulado.

O guarda levantou o cassetete.

Cinder apertou a mão sobre a boca. Tentou usar o dom, mas estava longe demais para impedir, longe demais para controlá-lo.

Os outros dois guardas se aproximaram, com os cassetetes acertando a cabeça do homem, as costas, os ombros. Ele caiu de lado e cobriu o rosto, gritando pela força dos golpes, mas os guardas não paravam...

Cinder trincou os dentes e deu um passo para a rua, mas outra voz interrompeu os gritos do homem antes que ela pudesse falar.

– Pare! – gritou uma mulher. Ela abriu caminho pela multidão.

Um dos guardas parou. Não, ele ficou *paralisado*.

Os outros dois hesitaram ao verem o companheiro com o cassetete parado no meio do golpe. O rosto da mulher estava contorcido em concentração.

– Uso ilegal de manipulação – gritou outro guarda. Ele segurou a mulher e puxou os braços dela para as costas. Mas, antes que pudesse prendê-los, outro mineiro deu um passo à frente, um homem idoso com as costas curvadas de anos de trabalho. Mas o olhar dele era cortante quando levantou uma das mãos.

O corpo do guarda virou pedra.

Outro civil deu um passo à frente. Depois outro, todos com expressões de determinação severa. Um a um, os guardas largaram os cassetetes. Um a um, foram tomados pelo povo.

Um garotinho correu na direção do homem que apanhou. Ele estava caído inerte no chão, gemendo de dor.

A mulher que se adiantou primeiro rosnou para os guardas:

– Não sei se aquela garota era a princesa Selene ou não, mas sei que ela está certa. Essa pode ser nossa única chance de nos unirmos, e eu, pelo menos, me recuso a voltar a ter medo de vocês! – O rosto dela estava tenso, cheio de ressentimento.

Enquanto Cinder olhava, o guarda que ela estava controlando esticou a mão para pegar a faca que tinha no cinto e a levou até o próprio pescoço.

Um horror se espalhou por ela como água gelada.

– Não! – berrou Cinder. Ela saiu correndo e interrompeu o glamour de garota normal. – Não! Não os matem! – Abrindo caminho até o centro da multidão, Cinder levantou as mãos na direção dos civis reunidos. Sua pulsação estava disparada.

Ela foi recebida primeiro com raiva, resíduo de anos de tirania e de desejo de vingança transformados em nojo com sua interrupção.

Mas então, aos poucos, houve reconhecimento, misturado com confusão.

– Sei que esses homens são armas da rainha. Eles agrediram e humilharam vocês e suas famílias. Mas *eles* não são seus inimigos. Muitos guardas foram retirados de seus familiares e obrigados a trabalhar para a rainha contra a própria vontade. Não sei sobre esses aqui especificamente, mas matá-los sem oferecer um julgamento justo e sem mostrar misericórdia só vai prolongar o ciclo de desconfiança. – Ela olhou para a mulher que estava controlando o homem e a faca dele. – Não fiquem iguais à rainha e à corte. Não os matem. Vamos levá-los como prisioneiros até decidirmos o que fazer. Talvez ainda encontremos uso para eles.

O braço do guarda começou a baixar, acabando com a ameaça iminente da faca. Mas ele estava olhando para Cinder, não para a mulher. Talvez estivesse aliviado com a intervenção. Talvez estivesse constrangido por sua falta de poder. Talvez estivesse planejando matar todos os cidadãos rebeldes assim que tivesse a oportunidade.

Passou pela cabeça dela que essa mesma cena poderia estar acontecendo em vários outros setores, sem que ela estivesse lá para impedir. Ela queria que as pessoas se defendessem do regime de Levana, mas não considerou que podia estar sentenciando milhares de guardas à morte.

Tentou sufocar a sensação de culpa e disse a si mesma que agora era guerra e que as guerras tinham sua cota de morte. Mas isso não a fez se sentir melhor.

Ela se aproximou do chafariz e subiu na beirada. A água borrifou suas panturrilhas.

A multidão tinha crescido e continuava crescendo. As pessoas que tinham ido para casa voltaram com tudo, atraídas pela movimentação e pelos sussurros que se espalhavam, falando de rebelião. Com os guardas controlados, as cabeças das pessoas estavam erguidas.

Ela imaginou centenas de milhares, até mesmo *milhões* de lunares se reunindo assim, ousando imaginar um novo regime.

De repente, uma voz de homem gritou:

– Isso é um truque! É Levana nos testando! Ela vai nos matar por isso.

A multidão se agitou, nervosa com a acusação. Os olhos se dirigiram para o rosto de Cinder, para as roupas, para a mão de metal, que não estava escondendo. Ela sentia como se estivesse no baile de novo, o centro de atenção indesejada, seguindo em frente com determinação obstinada e a certeza de que não podia voltar atrás, mesmo que quisesse.

– Não é truque nenhum – disse ela, alto o bastante para as palavras ecoarem nas paredes das fábricas próximas. – E também não é teste. Eu sou a princesa Selene, e o vídeo que vocês viram foi transmitido para quase todos os setores de Luna. Eu estou, sim, organizando uma rebelião que vai se espalhar por toda a superfície de Luna... e vai começar aqui. Vocês querem se juntar a mim?

Ela esperava ser recebida com gritos animados, mas um silêncio desconfortável se estabeleceu.

O homem idoso que ela viu antes inclinou a cabeça.

– Mas você é só uma adolescente.

Ela o encarou com indignação, mas, antes que pudesse falar, um rosto familiar surgiu na multidão. Maha parou na frente dela. Apesar da estatura pequena, ela tinha todo o destemor de Lobo na postura.

– Vocês não ouviram o vídeo? Nossa verdadeira rainha voltou! Nós vamos nos acovardar com medo e ignorar a única chance que temos de tornar a vida melhor para nós?

O homem idoso indicou o céu.

– Um discurso bonito não vai servir de rebelião organizada. Nós não temos treinamento nem armas. Não temos tempo para nos preparar. O que você espera que a gente faça, que marche para Artemísia com pás e picaretas? Seremos massacrados!

Ficou claro pelas expressões perplexas e cabeças balançando que ele não estava sozinho com essas ideias.

– O que nos falta em treinamento e tempo, vamos compensar com números e determinação, como Selene falou – disse Maha.

– Números e determinação? Vocês vão dar dois passos para dentro de Artemísia e os taumaturgos dela vão fazer vocês cortarem as próprias gargantas antes mesmo que *vejam* o palácio.

– Eles não podem fazer lavagem cerebral em todos nós! – gritou alguém na multidão.

– Exatamente – concordou Maha. – E é por isso que temos que fazer isso agora, quando toda Luna pode seguir junta.

– Como sabemos se os outros setores vão lutar? – perguntou o homem. – Devemos arriscar nossas vidas por uma fantasia?

– Sim! – gritou Maha. – Sim, eu vou arriscar minha vida por essa fantasia. Levana tirou meus dois filhos e eu não pude fazer nada para protegê-los. Não pude enfrentá-la, mesmo morrendo

por permitir que eles fossem levados. Não vou desperdiçar essa chance!

Cinder percebeu que as palavras dela tinham significado para os civis reunidos. Olhos se dirigiram ao chão. Um punhado de crianças, cobertas com o mesmo pó que todo mundo, foi puxado para o abrigo dos braços dos pais.

O rosto do homem se contraiu.

– Eu desejei uma mudança minha vida toda, e é precisamente por isso que sei que não vai ser tão simples. Levana não pode enviar forças para todos os setores se nos rebelarmos ao mesmo tempo, mas o que vai impedi-la de parar de enviar trens com suprimentos? Ela pode nos fazer passar fome até a submissão. Nossas provisões já são poucas no momento.

– Você está certo – admitiu Cinder. – Ela pode cortar suas provisões e impedir a vinda dos trens com suprimentos. Mas não se nós controlarmos o sistema de trens de levitação magnética. Vocês não veem? A única forma de isso dar certo é se nos unirmos. Se nos recusarmos a aceitar as regras que Levana nos impôs.

Ela viu Scarlet na multidão, depois também Iko, com Lobo e Thorne. Thorne usava um uniforme de guarda, mas tinha tirado o capacete e a máscara. Ela esperava que o sorriso aberto dele bastasse para desviar o ódio deslocado de qualquer pessoa.

A presença deles lhe deu ânimo.

Ela tentou olhar nos olhos do máximo de cidadãos que conseguiu.

– Não tenho dúvida de que os outros setores estão enfrentando os mesmos medos que vocês. Sugiro que

selecioneemos voluntários para agirem como mensageiros e irem até os setores vizinhos. Vamos dizer para eles que eu estou aqui e que tudo o que eu disse no vídeo é verdade. Vou marchar para Artemísia e exigir meu direito de nascença.

– E eu vou com você – disse Maha Kesley. – Acredito que você seja nossa verdadeira rainha, e nós devemos nossa lealdade a você somente por isso. Mas, como mãe que teve a oportunidade de reencontrar o filho, devo muito mais a você.

Cinder sorriu para ela, agradecida.

Maha retribuiu o sorriso. Em seguida, ajoelhou-se e baixou a cabeça.

Cinder ficou tensa.

– Ah, Maha, não precisa...

Ela parou de falar quando, ao redor dela, em todos os lados, a multidão começou a fazer o mesmo. A mudança foi gradual no começo, mas se espalhou como ondas em um laguinho. Só os amigos dela ficaram de pé, e Cinder ficou grata pela falta de reverência deles.

Seus medos começaram a evaporar. Ela não sabia se o vídeo tinha persuadido *todos* os civis a se juntarem à causa, e talvez nem a *maioria* deles.

Mas a visão à frente dela era prova de que a revolução tinha começado.

CAPÍTULO

Trinta e sete

KAI ESTAVA COM OS BRAÇOS CRUZADOS, OLHANDO COM IRRITA janela da suíte luxuosa de hóspede, mas sem ver nada do belo lago e nem da cidade abaixo. Ele não conseguiu apreciar nenhum luxo de sua prisão, apesar de a suíte ser maior do que a maioria das casas da Comunidade. Levana estava fingindo respeito e deu a ele acomodações completas, com uma cama enorme e um closet, duas salas, um escritório e um banheiro que, a um primeiro olhar, parecia ter uma piscina, mas que logo Kai percebeu que era uma banheira.

De tirar o fôlego, claro. Era ainda mais luxuosa do que as suítes de hóspedes no Palácio de Nova Pequim, embora Kai e seus ancestrais se orgulhassem de como recebiam e tratavam bem seus convidados diplomáticos.

Mas o efeito era estragado pelo fato de que a porta dupla que levava para a varanda ficava trancada e guardas lunares permaneciam parados em frente aos aposentos dia e noite. Ele fantasiou sobre quebrar uma das janelas e tentar escalar para descer pela parede do palácio, provavelmente era o que Cinder teria feito, mas qual era o sentido? Mesmo que não quebrasse o pescoço, ele não tinha para onde ir. Embora doesse pensar no assunto, o lugar dele era ali, ao lado de Levana, fazendo seu

melhor para mantê-la ocupada com toda a porcaria de casamento e coroação.

E aquilo não estava indo bem, considerando que ele não via Levana e nenhum dos cúmplices dela desde que o trancaram ali, depois da emboscada na doca. Os únicos visitantes que recebeu foram criados mudos levando pratos transbordando com comidas extravagantes que ficavam praticamente intocadas.

Com um grunhido exasperado, ele recomeçou a andar de um lado para outro, seguro de que faria um buraco no piso de pedra antes que a situação se resolvesse.

Ele levou Cinder e seu grupo para Luna, que era seu papel básico no planejamento, mas as coisas não aconteceram com tranquilidade, e ele estava ficando louco por não saber o que tinha ocorrido. Eles tinham escapado? Alguém estava ferido?

Mesmo sem um chip D-COMM, ele ficaria tentado a mandar uma mensagem para Iko ou Cinder, só para saber o que estava acontecendo, mas Levana tinha confiscado seu tablet. Era enlouquecedor, mas considerando o risco de uma mensagem ser rastreada, devia ser mesmo melhor.

A ansiedade diminuiria se ele pudesse seguir em frente com os outros objetivos. Além de distrair Levana, ele também tinha sido encarregado de reunir informações sobre Scarlet Benoit, mas não poderia descobrir nada, *nada*, enquanto estivesse preso ali.

Era como estar preso na Rampion de novo, mas cem vezes pior.

Um sino ecoou por sua suíte.

Ele correu pela sala principal e abriu a porta. Havia um criado de uniforme do outro lado, um garoto poucos anos mais novo do

que Kai. Ele estava escoltado por quatro guardas lunares.

– Eu não sou prisioneiro – disse Kai, enfiando o pé na porta caso ela fosse batida, como tinha acontecido incontáveis vezes antes. O criado enrijeceu. – Sou o imperador da Comunidade das Nações Orientais, não um criminoso qualquer, e exijo ser tratado com respeito diplomático. Tenho o direito de me reunir com meu conselheiro e meus oficiais de gabinete e exijo ouvir os motivos da rainha Levana para nos deter desta forma!

A boca do criado se moveu sem falar nada por um momento, até que ele gaguejou:

– E-Eu fui e-enviado para acompanhá-lo até Sua Majestade.

Kai piscou, atordoado por um momento, mas logo se recompôs.

– Já estava na hora. Leve-me até ela imediatamente.

O criado se curvou e voltou para o corredor.

Kai foi levado pelo palácio se sentindo ainda mais prisioneiro com os guardas espalhados atrás, embora ninguém tivesse tocado nele. Esforçou-se para observar a disposição do palácio, prestando atenção em marcos memoráveis sempre que podia: uma escultura interessante, uma tapeçaria complicada. Passando por uma passarela e descendo um corredor longo e estreito, onde retratos holográficos se enfileiravam como um corredor polonês.

Seus pés tropeçaram quando ele viu o último holograma. Teve que olhar duas vezes para ter certeza de que não estava ficando louco.

O último holograma era de uma mulher que, a uma primeira olhada, se parecia muito com Cinder.

Seu coração disparou, mas quando o holograma se virou, ele percebeu sua confusão. Era uma versão madura de Cinder, com olhos que flertavam e sorriso de megera. As bochechas eram mais acentuadas e o nariz, um pouco mais estreito. Na verdade, as similaridades existiam não entre aquela mulher e a Cinder que ele conhecia, mas entre ela e a Cinder que ele viu na base da escada do baile.

Ele verificou a placa e confirmou suas desconfianças. Rainha Channary Blackburn.

O glamour não intencional de Cinder, por mais dolorosamente lindo que tivesse sido, se parecia muito com a mãe dela.

– Vossa Majestade.

Ele levou um susto e virou a cabeça. Não disse nada para o criado quando deixou o holograma para trás.

Ele esperava ser levado para a sala do trono, mas quando passaram por uma porta com grades de ferro e entraram em um corredor bem menos luxuoso, ele ficou desconfiado. À esquerda, passaram por uma porta elaborada de cofre.

– O que tem lá dentro?

Esperando ser ignorado, ele ficou surpreso quando o criado respondeu:

– As joias e insígnias da coroa.

As joias da coroa. Em Nova Pequim, eles guardavam artefatos e relíquias de valor inestimável em um dos cofres subterrâneos mais seguros. Lá havia pedras do tamanho de ovos, espadas milenares cobertas de ouro, até as coroas do imperador e da imperatriz quando não estavam em uso.

Ficou claro que aquela ala não era aberta para passeios do palácio. Para onde o estavam levando?

Eles dobraram outra esquina e Kai foi levado para uma porta até uma espécie de centro de controles de computador, cheio de invisíveis e nódulos holográficos. Mapas e vídeos de segurança piscavam em todas as paredes, e havia pelo menos trinta homens e mulheres analisando a abundância de transmissões e compilando dados do momento.

Antes que ele começasse a entender o que as pessoas estavam fazendo, foi empurrado por uma porta para uma sala adjacente. A porta foi fechada e o trancou atrás de um vidro à prova de som.

Seu olhar avaliou o novo espaço. Um pano de fundo em uma das paredes mostrava a cidade de Artemísia e a Terra além do horizonte. Havia dois tronos elaborados à frente.

O resto da sala estava cheio de luzes altas e equipamento de filmagem. O local lhe lembrou a sala de imprensa do Palácio de Nova Pequim, mas sem cadeiras para os jornalistas.

Levana estava atrás de um dos tronos, com as mãos apoiadas nas costas. Usava um vestido preto cintilante com uma faixa diagonal prateada. Um broche na faixa tinha uma filigrana dourada delicada e pedras que diziam: *Princesa Winter, Embora Falecida, Jamais Esquecida*.

Kai curvou os lábios com repulsa. Essa fofoca, ao menos, chegou a ele no cativeiro. A princesa Winter foi assassinada. Alguns diziam que foi por um guarda, alguns diziam que por um amante ciumento. Mas, depois de ver a forma como Levana falara com irritação com a própria enteada, Kai não conseguia evitar teorias próprias.

O taumaturgo Aimery estava junto à porta, ao lado do capitão ruivo da guarda. Um homem desconhecido estava mexendo numa das luzes.

Apesar de Levana estar sorrindo, os olhos eram malignos.

Alguma coisa tinha acontecido.

Kai firmou os pés e enfiou as mãos nos bolsos, torcendo para passar a imagem de composto e intimidante.

– Olá, *meu docinho* – disse ele, lembrando os apelidos carinhosos e bajuladores que ela mencionou no porto.

Levana lançou-lhe um olhar fulminante, o que dizia muito. Se não estava disposta a fingir que achou graça, alguma coisa tinha dado muito errado.

E ele torcia para que isso quisesse dizer que alguma coisa tinha dado muito certo.

– Prometeram que eu seria tratado como hóspede diplomático – disse ele. – Quero me reunir com Konn Torin e o resto dos representantes terráqueos e ter permissão de andar pelo palácio e pela cidade. Nós não somos seus prisioneiros.

– Infelizmente, não estou aceitando exigências hoje. – As longas unhas de Levana afundaram nas costas do trono falso. – Mas você vai me ajudar com um projetinho. Estamos prontos?

O homem estava segurando papéis de vários tons de branco.

– Mais um momento, minha rainha.

Kai ergueu uma das sobrancelhas.

– Eu não vou ajudar você com nada até que aceite meus pedidos e responda minhas perguntas.

– Meu querido futuro marido, você abriu mão dos seus direitos de cortesia diplomática quando trouxe aqueles

criminosos para minha casa. Sente-se.

Kai experimentou um breve momento de desafio antes de sentir as pernas se moverem por vontade própria e o corpo desabar em um dos tronos. Ele olhou para a rainha com raiva.

– Disseram que você capturou uma prisioneira terráquea durante um momento de cessar-fogo – insistiu ele. – Uma cidadã da Federação Europeia chamada Scarlet Benoit. Exijo saber se existe alguma verdade nesse boato e onde a garota está agora.

Levana começou a rir.

– Garanto que não existe prisioneira terráquea com esse nome aqui.

A gargalhada fez Kai trincar os dentes, e a declaração não o convenceu de nada. Estaria Levana sugerindo que Scarlet estava morta? Ou que não estava mais no palácio? Ou que não estava mais em Artemísia?

Levana pegou um véu na cabeça de um manequim e colocou sobre si mesma. Aimery deu um passo à frente e colocou a coroa da rainha na cabeça dela. Quando Levana se virou, o glamour não estava mais visível. Depois de se acostumar com o rosto bonito, Kai tinha esquecido como aquele véu liso o encheu de horror por tanto tempo.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntou Kai.

– Vamos filmar um videozinho – disse Levana. – Houve algumas confusões nos setores externos ultimamente, e achei pertinente lembrar ao povo a verdadeira lealdade que me devem, e todas as coisas grandiosas que você e eu vamos fazer quando formos marido e mulher.

Ele a observou, mas não viu muita coisa por baixo do véu.

Ela contou tão pouca coisa, mas contou o bastante. O vídeo de Cinder tinha sido transmitido. Levana estava na defensiva. Só podia ser.

– O que você espera que eu diga?

Levana estalou os dentes e se sentou no trono ao lado dele.

– Nada, querido. Eu falo por você.

Ele sentiu consternação no peito. Tentou se levantar, mas as pernas tinham virado pedra. Ele fechou as mãos nos braços da cadeira e afundou as unhas na madeira polida.

– Eu não acho...

A língua dele ficou imóvel.

O técnico contou nos dedos, e uma luz se acendeu nas câmeras à frente.

O corpo de Kai relaxou. Suas mãos soltaram os braços da cadeira e pousaram no colo. A postura estava ereta, mas natural; o olhar, delicado. Ele estava sorrindo quando olhou para a lente da câmera.

Mas, por dentro, estava furioso. Gritava e ameaçava Levana com todas as leis sobre política intergaláctica em que pensava. Nada disso importava. Seu rompante não era visível para ninguém além dele mesmo.

– Meu bom povo, chegou a mim a informação de que vocês foram abordados por uma impostora alegando ser nossa amada princesa Selene, que perdemos tragicamente treze anos atrás – declarou Levana. – Fiquei imensamente perturbada por essa garota, cujo verdadeiro nome é Linh Cinder e que é uma criminosa procurada tanto em Luna quanto na Terra, tenha ousado tirar vantagem desse episódio doloroso da nossa história,

particularmente quando ainda estamos de luto pela morte da minha enteada. Parte meu coração informar a vocês que as alegações dessa garota não passam de mentiras elaboradas para confundir e manipulá-los para que se juntem a ela, mesmo quando seu bom senso, quando não estão sendo manipulados, se recusaria a participar.

Ela fez um sinal na direção de Kai.

– Quero apresentar a vocês todos meu futuro marido, Sua Majestade Imperial, o imperador Kaito da Comunidade das Nações Orientais da Terra. Ele tem a reputação de ser um governante justo e compassivo, e não tenho dúvida de que será um grande rei para nós também. Juntos, vamos unir nossos países em uma união construída em admiração e respeito mútuos.

Por dentro, Kai vomitou.

Por fora, voltou o olhar apaixonado para a noiva.

– Vocês podem não saber que Sua Majestade teve experiências pessoais com Linh Cinder, essa criminosa que está se fazendo passar por Sua Alteza, a princesa Selene – continuou Levana. – Eu queria que vocês ouvissem a opinião dele sobre a garota, para tomarem uma decisão baseada em fatos, e não em reações emocionais. Por favor, ofereçam a ele sua total atenção.

Kai olhou para a câmera de novo, e as palavras que saíram pela boca o fariam mais tarde esfregar a língua:

– Cidadãos de Luna, é uma honra para mim falar com vocês como seu futuro rei e uma grande tristeza que minha apresentação tenha que ser feita em momento tão conturbado. Como sua rainha declarou, eu tive muitas experiências com Linh Cinder, e sei com certeza absoluta que ela não é o que alega ser. A

verdade é que ela é uma criminosa violenta, responsável por incontáveis roubos e mortes no planeta Terra. Depois de desenvolver uma obsessão por mim, ela até tentou assassinar minha amada futura esposa, sua rainha, durante nosso Festival Anual da Paz em Nova Pequim. Quando a tentativa falhou, ela chegou ao ponto de me sequestrar no dia que era para ser o do nosso casamento e me manteve refém contra minha vontade e em condições desumanas, até que promettesse desistir dessa união entre a Terra e Luna, e aceitasse me casar com ela. Foi só graças aos corajosos soldados de Luna e ao espírito indomável de Sua Majestade que fui libertado ileso. Infelizmente, Linh Cinder não desistiu. Ela continua a viver uma fantasia na qual é a princesa Selene, que voltou da morte, na esperança de conquistar minha afeição. A instabilidade e a imprudência dela a tornaram uma criminosa perigosa e uma ameaça, não só à minha segurança, mas ao bem-estar de todos os que entram em contato com ela. Peço a todos que, se virem Linh Cinder, relatem às autoridades imediatamente. Não falem com ela. Não se aproximem dela. Como seu futuro rei, estou muito preocupado com *sua* segurança, e é minha esperança que Linh Cinder seja encontrada e trazida a Artemísia, onde poderá receber a justiça que seus crimes merecem.

Quando terminou de falar, Kai se sentiu capaz de arrancar a própria língua se tivesse oportunidade.

Levana voltou a falar:

– Claro que, se fosse descoberto que havia qualquer verdade no boato de que minha querida sobrinha Selene sobreviveu tantos anos atrás, eu a receberia com alegria no meu coração e

na minha casa, e colocaria eu mesma a coroa de Luna na cabeça dela. Infelizmente, não é assim. Selene está com as estrelas, e eu, sozinha, devo manter a segurança e a subsistência do nosso povo. Sei que são tempos difíceis. É com grande tristeza que vejo nossa produção de alimentos diminuir ano após ano e nossos recursos limitados não cobrirem as necessidades de nossa população crescente. E é por isso que a prioridade maior do meu regime é assegurar essa aliança com a Terra, de forma que nosso futuro possa ser melhor e nosso povo receba os devidos cuidados pelas gerações vindouras. Esse, meu povo, é o futuro que posso oferecer a vocês. Não essa ciborgue, essa impostora, essa fraude.

Quando o tom começou a transmitir ressentimento, Levana fez uma pausa e se recompôs. A voz passava o som de um sorriso novamente quando ela terminou:

– Sou sua rainha e vocês são meu povo. É um grande privilégio para mim guiar a todos em direção a um futuro novo e melhor.

O técnico parou a gravação, e o corpo de Kai latejou quando recuperou o controle. Ele se levantou e se virou para Levana.

– Não sou um instrumento desmiolado para ser usado nas suas propagandas.

Levana tirou o véu e o entregou para Aimery.

– Fique calmo, meu amado. Você falou com muita eloquência. Sem dúvida, o povo ficou impressionado.

– Cinder vai saber que foi mentira. Vai saber que você estava me controlando.

Os olhos de Levana brilharam.

– Que importância tem o que *Cinder* pensa? A opinião dela, como a sua, não quer dizer nada. – Ela estalou os dedos para o

guarda. – Terminei com ele. Pode levar de volta.

CAPÍTULO

Trinta e oito

ASSIM QUE O IMPERADOR FOI LEVADO PELOS GUARDAS, LEVANA/
estúdio e entrou na sala de controle.

– Edite esse vídeo e mande ser transmitido em todos os setores em que a mensagem da ciborgue foi transmitida. Monitore as transmissões com atenção. Quero relatórios de hora em hora sobre como cada transmissão está sendo recebida. Qual é o status atual dos setores externos?

– Estamos vendo levantes menores em trinta e um setores – informou uma mulher. – Na maioria, os civis se recusam a respeitar as leis do toque de recolher, e houve alguns ataques a guardas de setor.

Um homem acrescentou:

– Também estamos vendo um aumento nos roubos em dois setores agrários. Os trabalhadores voltaram aos campos e começaram a colher alimento para uso próprio. Os guardas foram incapacitados nos dois setores.

Levana bufou.

– Mande segurança adicional a todos os setores que mostrem sinais de insurgência. Temos que sufocar isso imediatamente. E encontre aquela ciborgue!

Ela ficou olhando o piscar dos vídeos de vigilância por um momento, embora os pensamentos estivessem longe. Enquanto o sangue fervia, ela se viu novamente em Nova Pequim, vendo a garota passar correndo por ela com aquele vestido prateado espalhafatoso. Ela a viu tropeçar na escada e cair na direção do jardim. O pé de metal horrendo quebrou no tornozelo, e a força do glamour oscilou sobre ela, estalando como eletricidade, emanando do corpo dela como ondas de calor no deserto.

Em sua condição sem prática, a garota não fez nada além de conjurar uma versão exageradamente bonita de si mesma, e, ao fazer isso, se transformou em Channary. Sua mãe. A atormentadora de Levana.

Levana ainda a via como uma fotografia impressa para sempre em sua memória. Um ódio que ela não sentia havia anos correu por suas veias. A fúria explodiu em sua visão, branca e cegante.

Selene. Ela tinha que ter morrido treze anos antes, mas ali estava, desastrosamente viva. E, como Levana temia na época, ela tiraria tudo seu. Tudo o que Levana se esforçara tanto para ter.

Isso a deixava enjoada. Por que Selene não pôde morrer com facilidade e misericórdia, como ela planejou? Quando convenceu aquela jovem babá a botar fogo no quarto de brinquedos da princesa, tudo deveria ter terminado. Não deveria haver sobrinha. Nem princesa. Nem futura rainha.

Mas ela foi enganada. Selene estava viva e tentando tirar o trono dela.

Sua atenção voltou para as telas.

– Esse é meu povo – sussurrou ela. – Meu sangue e minha alma.
Eu sou sua rainha.

Aimery apareceu ao lado dela.

– Claro que é, Vossa Majestade. A ciborgue não faz ideia do que é ser rainha. Das escolhas com as quais é preciso viver. Dos sacrifícios que precisam ser feitos. Quando ela se for, o povo vai reconhecer que você sempre foi a pessoa com direito de se sentar no trono.

– “Quando ela se for” – repetiu Levana, se agarrando às palavras. – Mas como vou saber que ela foi, se não a encontro?

Era irritante. Ela soube que a ciborgue era uma ameaça desde o momento em que a reconheceu na Terra. Mas tentar virar os cidadãos de Levana contra ela foi um golpe que não previu. A ideia do amor deles virando um ódio controlado roubava o ar de seus pulmões e a deixava se sentindo vazia por dentro.

E esse era o plano da ciborgue. Virar o máximo de pessoas que pudesse contra Levana, sabendo que os números grandes seriam sua maior vantagem. Quando precisava, Levana controlava centenas, talvez milhares de seus cidadãos. Com os taumaturgos, eles podiam controlar setores inteiros, *idades* inteiras.

Mas até ela tinha limites.

Ela balançou a cabeça. Não importava. O povo não se revoltaria contra ela. O povo *a amava*.

Ela massageou a testa com dois dedos.

– O que vou fazer?

– Minha rainha – disse Aimery –, talvez eu possa oferecer uma boa notícia.

Ela soltou o ar e se virou para o taumaturgo.

– Uma boa notícia seria muito bem-vinda mesmo.

– Recebi um relato interessante dos seus laboratórios esta manhã, mas não tive chance de compartilhar as descobertas após a transmissão da ciborgue. No entanto, foi confirmado que somos capazes de duplicar os micróbios da letumose com a mutação que recuperamos do corpo do dr. Sage Darnel na Terra, e que nossa imunidade à doença original ficou mesmo comprometida com essa mutação.

Levana demorou um momento para mudar o rumo dos pensamentos.

– E o antídoto?

– Ainda funciona, embora haja uma janela bem menor em que pode ser usado.

Levana bateu com os dedos no lábio inferior.

– Isso é interessante mesmo.

Anos antes, Levana soltou a peste na Terra e logo desfrutaria dos resultados. A Terra estava fraca e desesperada. Desesperada para curar a peste. Desesperada para acabar com a guerra.

Quando ela lhes desse o antídoto, eles ficariam imensamente gratos à nova imperatriz.

Mas ela não esperava que sua doença criada em laboratório fosse sofrer mutação depois de liberada. Agora, ninguém era imune, nem mesmo seu próprio povo. Que coisa estranha e milagrosa.

– Obrigada, Aimery. Essa pode ser a resposta que eu estava procurando. Se o povo não enxergar seus erros e não voltar rastejando para mim, posso ter que empregar novos meios de persuasão. Partiria meu coração ver meu povo sofrendo, mas

essa é uma daquelas decisões difíceis que uma rainha tem que tomar de tempos em tempos.

O coração dela saltou quando imaginou o povo enchendo o pátio do palácio depois dos muros e se ajoelhando para ela, com lágrimas nos olhos. Eles a idolatrariam por salvá-los. Ela salvaria a todos com sua bondade e caridade.

Ah, eles a idolatrariam, a salvadora, a rainha por direito.

– Vossa Majestade!

Ela se virou para a voz. Uma mulher tinha se levantado e estava ajustando uma invisitela.

– Acho que encontrei uma coisa.

Levana passou por Aimery para ver melhor. A tela mostrava a praça central de um setor externo, de mineração de regolito, talvez, a julgar pelo pó que cobria cada superfície e sujava até a lente da câmera. O chafariz com a imagem dela podia ser visto no filme, uma coisa bela naquele mundo feio.

A praça estava cheia de gente, uma raridade por si só. O toque de recolher ordenado por ela garantia que as pessoas se concentrassem no trabalho e no descanso, sem a tentação de se juntar aos vizinhos nas horas em que não estavam trabalhando.

– Isso é ao vivo? – perguntou ela.

– Não, minha rainha. Foi filmado não muito tempo depois do final do dia de trabalho.

Ela acelerou a filmagem, e Levana apertou o olhar para tentar entender. Guardas, civis, uma punição justa, e então...

– Pause o vídeo.

A mulher obedeceu, e Levana se viu olhando para o rosto que a assombrou durante meses. Se havia alguma dúvida, a mão de

metal monstruosa acabou com ela.

– Onde é isso?

– Mineração de regolito nove.

Levana curvou os lábios.

A ciborgue era dela.

– Aimery, reúna uma equipe que parta imediatamente para esse setor. Linh Cinder deve ser presa e trazida até mim para julgamento e execução públicos. Use o método que achar necessário para detê-la.

A visão dela sangrou com ódio enquanto olhava para a tela. A garota arrogante com as palavras ignorantes e exibições orgulhosas.

– Não vamos tolerar nenhum simpatizante e nenhum aliado. Esse levante tem que ser encerrado.



LIVRO

Três

*“Sua madrasta logo vai saber que você está aqui”,
avisaram os anões gentis. “Não deixe ninguém entrar.”*



CAPÍTULO

Trinta e nove

O VÍDEO DE RÉPLICA DE LEVANA ESTAVA PASSANDO PELA TERCEIRA naquela hora. Cinder esforçava-se o melhor possível para ignorar, mas, toda vez que Kai começava a falar, o som da voz dele a fazia pular, e logo ela lembrava novamente que ele não estava lá. Ele estava sob o controle de Levana, como ela deixou claro com tanta habilidade.

De onde estava, atrás da mesa no terceiro andar de uma fábrica de regolito, Cinder via a maior parte de uma das telas embutidas no domo. Mostrava uma Levana alegre e um Kai tranquilo. Tão *felizes* juntos. Houve um momento em que Kai se virou para Levana e sorriu com uma expressão sonhadora que fez a pele de Cinder ficar arrepiada de pavor. Pela bilionésima vez, ela desejou que Cress estivesse com eles. Ela saberia como desligar.

Cinder se virou para longe do vídeo para se concentrar. Ela não tinha maneiras de saber como a mensagem de Levana estava sendo recebida em Luna, assim como não tinha maneiras de saber como *seu* vídeo estava sendo recebido. O melhor que podia fazer era seguir em frente.

Ela estava reunida com seus aliados: Iko, Thorne, Lobo e Scarlet. A mãe de Lobo também estava presente, junto com

alguns residentes do setor que foram indicados para representar os outros. Eles tinham trabalhado a noite toda, planejando e organizando, energizados demais para dormir.

Dois mensageiros voltaram naquela manhã de setores mineradores vizinhos e trouxeram boas notícias. Os guardas foram controlados, as armas foram confiscadas e o povo se juntaria a Cinder na marcha para Artemísia. Mensageiros adicionais assumiram a missão perigosa de viajar pelas minas, pelos tubos de lava e pelos túneis dos trens de levitação magnética, para confirmar a verdade do vídeo de Cinder e convocar o máximo possível de setores para se juntarem à causa.

Era um começo promissor.

O resto dos residentes do setor foi enviado para casa depois que Cinder os encorajou a descansar um pouco. Na verdade, ela precisava de distância da curiosidade deles e dos sussurros impressionados.

Quando se reunissem, ela dividiria as pessoas em equipes e designaria uma tarefa para cada. Embora alguns voluntários já estivessem vigiando as plataformas dos trens, ela logo teria que estabelecer turnos para garantir que ficassem alertas. Alguns grupos ficariam encarregados de reunir os alimentos e suprimentos médicos que encontrassem, e outros vigiarão a casa da guarda, enquanto outros ainda seriam enviados para procurar possíveis armas e ferramentas nas minas. Lobo prometeu passar um tempo treinando qualquer cidadão capaz em técnicas básicas de combate, o que seria iniciado naquela tarde.

Ela abriu o mapa holográfico de Luna com a testa franzida, enquanto Lobo indicava as rotas que achava que deveriam tomar para a capital. Todos concordaram que deveriam chegar à cidade do máximo de direções possíveis, para obrigar Levana a dividir suas defesas contra eles.

– Seria bom evitar Pesquisa e Desenvolvimento e também Serviços Técnicos – disse Lobo, mostrando os dois setores na vizinhança próxima de Artemísia. – A maioria das pessoas lá deve apoiar Levana.

– PD-1 parece fácil de contornar. – Cinder girou a holografia para poder ver melhor. – Mas ST-1 e 2 ficam bem no caminho, se quisermos passar pelos setores agrários.

– Talvez nós não os evitemos – disse Thorne. – Tem algum jeito de podermos bloquear as plataformas embaixo daqueles setores e prender todo mundo lá dentro? Isso nos permitiria uma passagem segura, e também impediria qualquer pessoa de se esgueirar atrás de nós e de nos prender nos túneis.

Cinder bateu com o dedo no lábio inferior.

– Isso pode funcionar, mas vamos bloquear com quê?

– Esse setor não fabrica material de construção? – perguntou Scarlet, indicando um setor chamado CG-6: Construção Geral. – Talvez eles tenham alguma coisa que possamos usar.

Cinder se virou para um dos mineiros.

– Posso escolher você para pesquisar isso?

Ele bateu com a mão no coração em uma saudação orgulhosa.

– Claro, Vossa Majestade. Podemos pegar também alguns dos carrinhos de mineração para transportar os materiais.

– Perfeito. – Tentando não se sentir constrangida por causa do *Vossa Majestade*, Cinder se virou para o grupo.

Lobo enrijeceu, uma pequena mudança que deixou Cinder alarmada.

– O que foi?

Ele começou a balançar a cabeça, mas parou, com a testa cada vez mais franzida. Seus olhos penetrantes se viraram para a janela. As telas do domo estavam novamente silenciosas.

– Eu achei que... senti um cheiro.

Os pelos da nuca de Cinder se arrepiaram. Se fosse qualquer outra pessoa e não Lobo, ela teria rido. Mas os sentidos dele eram sobrenaturais e ainda não tinham se enganado.

– Que tipo de cheiro? – perguntou ela.

– Não consigo identificar. Tem muitos corpos aqui, muitos odores. Mas houve alguma coisa... – Ele apertou os punhos. – Alguém próximo. Alguém que também estava no telhado de Nova Pequim.

O coração de Cinder disparou: *Kai!*

Mas não, Lobo teria reconhecido Kai sem dificuldade.

Tinha que ser um dos guardas reais que os atacaram.

Iko pegou o tablet, um aparelho que deixou os civis perplexos, e desligou a holografia.

Um grito agudo ecoou pelas ruas lá fora.

Cinder correu até a janela e encostou o corpo na parede, pronta para se abaixar e se esconder. Thorne grudou na parede ao lado.

– Você deveria se esconder – sussurrou ele.

– Você também.

Nenhum dos dois se mexeu.

Ela ficou olhando a cena abaixo e tentando entender, enquanto o horror crescia dentro de si. Incontáveis guardas marchavam pelas ruas, junto com pelo menos seis taumaturgos, ou ao menos era o que ela enxergava.

Um casaco branco atraiu sua atenção, e seu estômago deu um nó. O taumaturgo Aimery estava na beirada do chafariz central, bem onde Cinder esteve antes. Ele se portava como um príncipe com o rosto bonito e postura orgulhosa.

Mais reforços vinham aparecendo nas ruas estreitas que irradiavam da praça como raios em uma roda. Reforços demais para sufocar um levante simples em um setor minerador que não era ameaça para ninguém.

O nó no estômago de Cinder se apertou.

Eles sabiam que ela estava ali.

Os guardas estavam arrastando as pessoas para fora de casa e as empurrando para formarem filas uniformes ao redor do chafariz. Ela reconheceu o homem que apanhou dos guardas, ainda com hematomas e mancando. Ela viu a mulher idosa que vinha acumulando o que podia dos parques suprimidos havia anos e que já tinha oferecido entregar para quem fosse lutar em Artemísia. E viu o garoto de doze anos que ficou andando atrás de Iko a manhã toda com expressão sonhadora no rosto.

– Estão agrupando todo mundo no setor – sussurrou Maha, espiando pela janela ao lado. – Sem dúvida também vão revistar esses prédios. – A expressão dela era feroz quando recuou. – Vocês deviam se esconder. Nós vamos nos entregar. Pode ser que

não revistem esses andares de cima se acharem que todos estão lá.

Cinder engoliu em seco.

– Não vão parar de procurar.

Maha apertou a mão dela.

– Então se escondam bem.

Ela envolveu Lobo em um abraço apertado. Ele se inclinou para receber o gesto e os nós de seus dedos ficaram brancos quando a abraçou.

Eles ouviram a porta da fábrica ser aberta com um golpe no primeiro andar. Cinder deu um pulo. Ela queria segurar Maha e obrigá-la a ficar, mas Maha se soltou do abraço do filho e saiu andando de cabeça erguida. O resto dos cidadãos foi atrás. Sem uma palavra de Cinder, pareceu que eles concordaram com unanimidade que mantê-la em segurança era prioridade.

Um arrepio desceu por sua coluna enquanto os observava ir.

Não demorou para ela ouvir ordens gritadas pelos guardas e a voz calma de Maha declarando que eles estavam desarmados e descendo por vontade própria. Um momento depois, ela os viu sendo empurrados na direção da multidão na praça com armas apontadas para suas costas.

Scarlet ofegou.

– E Winter?

Cinder virou olhos arregalados para ela. Eles deixaram a princesa na casa de Maha, achando que era o lugar mais seguro, mas agora...

– Eu posso ir – disse Iko. – Eles não conseguem me detectar como detectariam qualquer um de vocês.

Cinder apertou bem os lábios enquanto pensava. Queria Iko junto de si, sua única aliada que não podia ser manipulada. Mas isso também fazia dela a melhor escolha para garantir a segurança da princesa.

Ela assentiu.

– Tome cuidado. Saia discretamente pela porta de carga.

Iko deu um aceno breve e também foi embora.

Cinder estava tremendo quando olhou para Thorne, Lobo e Scarlet. Ali do alto, ela não sentia a bioeletricidade dos taumaturgos na multidão, então estava confiante de que eles também não sentiriam a dela e a dos amigos lá em cima, mas isso não a consolou muito.

Eles foram atrás dela, Cinder sabia. E não tinha para onde ir. Onde se esconder.

Além do mais, ela não sabia se *queria* se esconder. Aquelas pessoas depositaram sua confiança nela. Como poderia abandoná-las?

A voz de Aimery chegou aos ouvidos dela. Apesar de ele não estar gritando, o som subiu e ecoou nas superfícies duras das paredes da fábrica. Cinder ajustou a interface de áudio para ter certeza de que captaria todas as palavras.

– Residentes do setor minerador de regolito nove – disse ele –, vocês foram reunidos aqui para enfrentar as consequências de seu comportamento ilegal. Ao abrigar e ajudar criminosos conhecidos, vocês são todos culpados de traição contra a coroa.
– Ele fez uma pausa para permitir que o impacto de suas palavras fosse absorvido. – A sentença para esse crime é a morte.

O corpo de Cinder se contraiu todo quando ela espiou novamente pela janela. As pessoas que foram reunidas em grupos ordenados foram obrigadas a ficar de joelhos. Havia mais de dois mil residentes, menos os que foram enviados como mensageiros para os setores vizinhos. Os corpos ajoelhados ocupavam as ruas até onde ela conseguia ver.

Ele não mataria todos. Não ousaria reduzir a força de trabalho de Luna tão drasticamente.

Ou ousaria?

Aimery encarou as pessoas reunidas à frente, enquanto a estátua de Levana as observava como uma mãe orgulhosa. Havia dois guardas de cada lado do chafariz. Cinder reconheceu o guarda ruivo e se perguntou se foi dele o cheiro que Lobo sentiu. O resto dos guardas estava espalhado com seus elmos e armaduras, apontando armas para os civis. Os outros taumaturgos ficaram misturados à multidão, com os braços enfiados nas mangas.

Cinder esticou os pensamentos o máximo que conseguiu. Procurando, alcançando a energia de Aimery. Se ela conseguisse tomar controle só dele poderia obrigá-lo a oferecer misericórdia. Ele poderia mandar as pessoas serem libertadas.

Mas não. Ele estava longe demais.

Ela se sentiu frustrada, sabendo que Levana seria capaz de exercer seu dom mesmo de tão longe. Levana controlaria facilmente Aimery ali de cima, provavelmente controlaria todos ali de cima. Cinder não se importava com o fato de que a tia tinha uma vida inteira de prática a mais do que ela. Ela deveria ser forte

assim. Deveria ser capaz de proteger as pessoas que a protegeriam.

Ofegante, ela voltou a atenção para os guardas mais próximos, posicionados embaixo da janela. Conseguiu detectá-los, pelo menos, mas eles já estavam sob controle de um dos taumaturgos.

O pânico tomou conta. Ela tinha que *pensar*.

Ainda tinha cinco balas na mão. Thorne e Scarlet também estavam armados. Estava confiante de que conseguiria acertar um dos guardas mais próximos e talvez até um taumaturgo, mas a tentativa entregaria a localização deles.

Além do mais, assim que Aimery percebesse que estavam sob ataque, começaria a usar os residentes do setor como escudos.

Ela não sabia se era capaz de arriscar.

Ela não sabia se tinha escolha.

– No entanto – disse Aimery, com o olhar escuro grudado na multidão –, Sua Majestade está preparada para oferecer anistia a todos. Cada um de vocês será poupado. – Os lábios dele se curvaram em um sorriso gentil. – Tudo o que precisam fazer é nos dizer onde estão escondendo a ciborgue.

CAPÍTULO
Quarenta

CINDER ENFIOU O DEDO DOBRADO NA BOCA E O MORDEU COM não gritar. Ela sentiu os olhares dos companheiros, mas não ousou encará-los.

– Você *não pode* ir lá para fora. – O sussurro de Scarlet foi ríspido, sem dúvida porque viu a indecisão no rosto de Cinder.

– Não posso deixar que morram por mim – respondeu ela.

Uma certa mão a segurou e a puxou para longe da janela. Lobo olhou com irritação para ela. O doce e feroz Lobo, cuja mãe estava lá embaixo, com *eles*.

Ela até esperava que ele a entregasse, mas ele só segurou os ombros de Cinder e apertou com firmeza.

– Ninguém vai morrer por *você*. Se alguém morrer hoje, vai ser porque finalmente tem alguma coisa em que acreditar. Nem pense em tirar isso deles.

– Mas não posso...

– Cinder, controle-se – disse Thorne. – Você é o coração dessa revolução. Caso se entregue agora, acabou. E quer saber? Ela provavelmente vai matar todas aquelas pessoas de qualquer jeito, só para garantir que isso não volte a acontecer.

Um tiro a fez dar um gritinho. Lobo colocou a mão em cima da boca de Cinder, mas ela se soltou e correu para a janela.

Pontos brancos surgiram em sua visão. Em seguida, vermelhos, quando a fúria a cegou.

Na praça abaixo, o corpo de um homem estava caído aos pés de Aimery, sangue espalhado no chão. Cinder não sabia quem era, mas não importava. Alguém estava morto. Alguém estava morto por causa *dela*.

Aimery observou os rostos abalados dos mais próximos com um sorriso agradável.

– Vou perguntar de novo. Onde está Linh Cinder?

Todos mantiveram os olhares grudados no chão. Ninguém olhou para Aimery. Ninguém olhou para a poça crescente de sangue. Ninguém falou.

Dentro da cabeça, Cinder estava gritando. O tiro ainda ecoava em seu crânio, sua interface de áudio o repetia sem parar. Ela apertou as mãos nos ouvidos, tremendo, furiosa.

Ela mataria Aimery. Ela o *destruiria*.

Um corpo se encostou nela por trás. Scarlet abraçou Cinder e escondeu o rosto na curva do pescoço dela. Para segurá-la e também para consolá-la.

Ela não se afastou, mas não se sentiu consolada.

Abaixo, Aimery fez sinal para uma mulher sete fileiras atrás, uma escolha estrategicamente aleatória que garantiria que ninguém se sentiria seguro. Mais um tiro foi disparado por um dos guardas. A mulher tremeu e caiu em cima da pessoa ao lado.

Um tremor percorreu a multidão.

Cinder chorou. Scarlet a abraçou com mais força.

Por quanto tempo isso se prolongaria? Quantos ele mataria? Quanto tempo ela aguentaria ficar ali esperando sem fazer nada?

– Basta uma pessoa me dizer o paradeiro dela para isto acabar
– disse Aimery. – Vamos deixar vocês seguirem suas vidas pacíficas.

Cinder sentiu uma umidade no pescoço. Scarlet estava chorando, tremendo tanto quanto ela. Mas seus braços não afrouxaram.

Ela queria afastar o olhar, mas se obrigou a não fazer isso. A coragem das pessoas a deixou ao mesmo tempo sem palavras e horrorizada. Ela se viu querendo que alguém a traísse para que aquilo terminasse. Para que a escolha não fosse mais dela.

Thorne segurou a mão dela e apertou. Lobo formou uma barreira do outro lado, os três agindo ao mesmo tempo como carcereiros e botes salva-vidas. Ela sabia que eles compartilhavam do horror, mas nenhum deles era capaz de entender a responsabilidade que ela sentia a corroê-la por dentro. Aquelas pessoas acreditavam que ela lutaria com elas, que lhes daria o futuro melhor que ela prometeu.

Importava o fato de estarem dispostas a morrer pela causa dela? Importava que sacrificariam as próprias vidas para ela ter sucesso?

Ela não sabia.

Ela não sabia.

Só via pontos brilhantes. Só ouvia tiros latejando pela cabeça.

Aimery apontou para outra vítima, e os joelhos de Cinder ficaram fracos. Era o garotinho que ficou tão encantado por Iko.

Cinder inspirou, preparada para gritar, para acabar com aquilo, para *berrar*...

– Não!

Aimery levantou a mão.

– Quem falou isso?

Uma garota algumas fileiras atrás do garoto começou a gritar histericamente.

– Não, por favor. Por favor, o deixem em paz. – Ela era mais ou menos da idade de Cinder. Irmã, supôs.

Uma nova tensão se espalhou pela multidão. Algumas pessoas por perto lançaram à garota olhares traídos, mas Cinder sabia que não era justo. Aquela garota não conhecia Cinder. Por que deveria protegê-la e não a uma pessoa que ela amava?

Aimery levantou a sobancelha.

– Você está preparada para revelar o paradeiro da ciborgue?

– Maha Kesley – gaguejou a garota. – A ciborgue estava sendo abrigada por Maha Kesley.

Com um estalo dos dedos de Aimery, o guarda que estava ameaçando o garoto baixou a arma.

– Onde está essa Maha Kesley?

Maha se levantou antes que alguém fosse obrigado a traí-la, um pilar no meio da multidão ajoelhada.

– Estou aqui.

Lobo inspirou, tremendo.

– Venha para a frente – disse Aimery.

Os ombros magros de Maha estavam empertigados enquanto ela caminhava entre os amigos e vizinhos. Uma mudança aconteceu no pouco tempo que se passou desde que Cinder a conheceu. Naquele primeiro dia, ela pareceu derrotada, com ombros pesados, medo. A mulher que se posicionou com desafio em frente ao taumaturgo-chefe da rainha era uma pessoa nova.

O que fez Cinder ficar ainda mais apavorada por ela.

– Qual é o número da sua residência? – perguntou Aimery.

Maha respondeu com voz firme.

Aimery fez um gesto para o capitão da guarda e para uma taumaturga. Eles saíram andando e fizeram sinal para mais um guarda se juntar aos dois a caminho da casa de Maha.

A atenção de Aimery voltou para Maha.

– Você estava abrigando a ciborgue Linh Cinder?

– Não conheço esse nome – disse Maha. – A ciborgue que eu conheço se chama princesa Selene Blackburn, e é a verdadeira rainha de Luna.

A multidão se agitou. Queixos foram erguidos. Ombros se empertigaram. Se alguém tinha esquecido por que estava arriscando a vida por uma estranha, a declaração de Maha lembrou a todos.

Aimery deu um sorrisinho. O sangue de Cinder gelou.

Enquanto ela olhava, Maha levantou as mãos acima da cabeça para que todos vissem. Em seguida, segurou o polegar direito e o puxou para trás, com força.

Cinder ouviu o estalo mesmo dali, seguido do grito de Maha. Ela não sabia se Aimery a tinha obrigado a quebrar o próprio polegar ou só a deslocá-lo, mas não se importava. Ela tomou uma decisão.

Num segundo, ela entrou na mente dos amigos e os obrigou a se afastarem dela.

Cinder se virou. Scarlet, Thorne e Lobo olharam para ela, consternados.

Lobo se recuperou primeiro.

– Cinder, não...

– A revolução é do povo agora, não minha. Lobo, você vem comigo. Vou manter sua mente sob controle, mas não seu corpo, como fizemos em Artemísia. Thorne, Scarlet, fiquem aqui e mirem em Aimery e nos outros taumaturgos, mas só atirem se tiverem mira direta, senão só vão entregar sua localização.

– Cinder, *não* – sibilou Scarlet, mas Cinder já estava deixando ela e Thorne para trás, obrigando Lobo a segui-la.

Ele rosnou.

– Eu tenho que fazer isso, Lobo – disse ela enquanto eles desciam a escada até o segundo patamar. Lá fora, abafado pelas paredes grossas, ela ouviu outro grito de dor de Maha. – Não posso não fazer nada.

– Ele vai matar você.

– Não se o matarmos primeiro. – Ela correu pelo último lanço de escadas e se preparou. Verificou se estava mesmo controlando a bioeletricidade de Lobo, para que nenhum taumaturgo pudesse tomá-lo, e abriu a porta da fábrica. Um terceiro grito de Maha pareceu uma facada no peito de Cinder. Uma olhada deixou claro que os primeiros três dedos de Maha estavam quebrados em ângulos horrendos. Lágrimas cobriam o rosto tomado de dor.

– Estou aqui – gritou Cinder. – Vocês me encontraram. Deixem-na em paz.

Em um movimento uniforme, todos os guardas se viraram, voltando as armas para Cinder. Ela inspirou, preparada para levar uma saraivada de balas, mas ninguém disparou.

Do outro lado do mar de trabalhadores prostrados, Aimery sorriu.

– Então a impostora finalmente nos agracia com sua presença.

Ela apertou os punhos e começou a andar na direção dele. As armas a acompanharam. Lobo também, com sua energia estalando.

– Você sabe muito bem que minhas reivindicações são verdadeiras – disse ela. – É o único motivo para Levana estar tão determinada a me matar.

Ela esticou o pensamento para as pessoas ao redor, mas nenhuma das mentes estava disponível. Já esperava por isso.

Ela tinha um assassino treinado ao lado e dois atiradores talentosos a cobrindo. Teria que bastar.

Ela chegou à primeira fileira de civis.

– Vocês vieram aqui me buscar, e eu estou aqui. Deixem essas pessoas em paz.

Aimery inclinou a cabeça. Avaliou Cinder com o olhar, da cabeça aos pés e de volta à cabeça, fazendo-a se sentir uma presa fácil. Ela sabia a aparência que tinha com as roupas simples, a mão de metal e as botas pesadas, o rabo de cavalo desgrenhado e provavelmente um monte de poeira espalhado no rosto. Ela sabia que não parecia uma rainha.

– Imagine como isso poderia ter sido diferente se você tivesse escolhido tomar as mentes dessas pessoas antes da nossa chegada – disse ele, descendo da beirada da fonte. – Mas você as deixou à deriva no oceano das fraquezas delas. Você as transformou em alvo e não fez nada para protegê-las. Você não é adequada para ser governante de Luna.

– Porque prefiro que meu povo conheça a liberdade no lugar da manipulação constante?

– Porque você não é capaz de tomar as decisões que uma rainha precisa tomar para o bem de todo o povo.

Ela trincou os dentes.

– As únicas pessoas que se beneficiaram do regime de Levana foram os aristocratas gananciosos de Artemísia. Levana não é rainha. É tirana.

Aimery baixou a cabeça, quase como se estivesse concordando.

– E você não é ninguém – sussurrou ele.

– Eu sou a verdadeira governante de Luna.

Embora ela tivesse colocado o máximo de convicção nas palavras, elas saíram secas. Em momentos, a chegada do taumaturgo-chefe da rainha desfez todo o progresso conquistado naquele setor. Com um estalo de dedos, Aimery tirou todo o poder dela e prostrou o povo à sua frente.

– Você é uma criança brincando de jogos de guerra – declarou Aimery. – E é ingênua demais para perceber que já perdeu.

– Estou *me rendendo* a você – disse ela. – E se isso quer dizer que preciso perder para essas pessoas ficarem em liberdade, que seja. O que *você* não parece perceber é que o problema aqui não sou eu. São as pessoas que viveram em opressão por tempo demais. O reinado de Levana está chegando ao fim.

O sorriso de Aimery cresceu. Atrás dele, o chafariz jorrava e borrifava água.

A energia de Lobo cresceu atrás dela, com os pelos eriçados.

Aimery abriu os braços para a multidão.

– Que fique sabido que, neste dia, a princesa impostora se rendeu à Sua Majestade, a rainha. Os crimes dela serão julgados de forma rápida e justa. – Os olhos dele brilharam. – No entanto, prometi que suas vidas seriam poupadas se algum de vocês revelasse a localização da ciborgue. – Ele estalou a língua. – É uma pena ninguém ter se adiantado antes. Não gosto de ficar esperando.

Um tiro foi disparado. Uma onda de choque pulsou pelo corpo de Cinder.

Ela não sabia de onde tinha vindo. Viu sangue, mas não sabia quem foi atingido.

Então, as pernas de Maha falharam e ela caiu de cara no chão. Os três dedos deformados ficaram esticados acima da cabeça.

Ainda tonta com o abalo do tiro, Cinder ficou olhando para o corpo de Maha, sem conseguir respirar. Sem conseguir se mexer.

Ela ouviu Lobo inspirar. A energia dele se cristalizou em uma coisa imóvel e frágil.

O mundo parou e se equilibrou na ponta de uma agulha. Silencioso. Incompreensível.

Outra arma disparou, esse tiro vindo de bem mais longe, e o barulho tirou o mundo de seu eixo. Aimery gemeu e cambaleou para trás quando um ponto em sua coxa se encheu de sangue. O olhar se virou para a fábrica. Outro tiro acertou o chafariz atrás dele.

Lobo rugiu e deu um pulo. O guarda mais próximo bloqueou o caminho, mas foi lento demais no disparo. Lobo o jogou longe como se fosse um mosquito irritante, e correu para Aimery com os dentes à mostra.

Uma cacofonia de barulho e corpos explodiu. Todos os cidadãos que deveriam estar do lado de Cinder se levantaram e foram para cima dela e de Lobo. O corpo de Cinder foi derrubado no chão. Ela perdeu Lobo de vista. Houve mais disparos.

Depois de dar um soco no maxilar de alguém, ela rolou uma vez e se levantou. Cinder viu um casaco vermelho, levantou a mão e disparou. Esperou o bastante para ver o taumaturgo cambalear e procurou outro alvo, mas não conseguiu dar outro disparo porque dezenas de mãos a seguraram, puxaram, empurraram para o chão.

Cinder se debateu para se soltar, soprando um cacho de cabelo do rosto. Ela viu Lobo. Ele também estava sendo segurado no chão, embora fossem necessários mais de dez homens para isso. Todos os membros estavam seguros, a bochecha encostada na poeira. Os corpos de dois guardas e uma mineira estavam caídos não muito longe.

Aimery estava de pé ao lado dele, ofegando, sem o sorriso constante no rosto. Uma das mãos apertava o ferimento na perna.

– Os disparos estão vindo daquela fábrica. Enviem uma equipe para procurar, e prendam esses dois antes que tentem qualquer coisa.

Cinder lutou contra as mãos que a seguravam. Se pudesse levantar o braço, dar um disparo direto...

Os braços foram movidos para trás e os pulsos amarrados. Ela gritou quando o ombro foi puxado quase a ponto de se deslocar. Cinder foi colocada de pé, engasgada com poeira, o corpo todo latejando.

Ela olhou ao redor em busca de um aliado, mas só rostos vazios a observavam.

Cinder sorriu com escárnio e desafio quando ela e Lobo foram obrigados a se ajoelhar na frente do rosto lívido de Aimery. Ela estava tonta com o ódio que sentia, mas, quando seus pensamentos se acalmaram, foi atingida com força total pelo sofrimento de Lobo ao seu lado.

Ele estava em agonia, com as emoções fragilizadas, e Cinder lembrou que o corpo da mineira ao lado era da mãe dele.

Cinder tremeu e teve que afastar o olhar. Ela viu que o taumaturgo de casaco vermelho em quem atirou estava imóvel e que outro, de uniforme preto, estava caído não muito longe.

Aquilo era tudo. Dois taumaturgos e dois guardas mortos, Aimery ferido. Foi tudo o que ela conseguiu pelo preço do sacrifício de Maha e as mortes corajosas de dois outros civis inocentes.

Cinder estava com mais raiva do que medo, alimentando-se da dor de Lobo e do horror das expressões vazias ao redor, todas aquelas pessoas usadas como marionetes.

Ela acreditava no que tinha dito antes. Levana poderia matá-la, mas Cinder tinha que acreditar que sua morte não seria o fim. Aquela revolução não pertencia mais a ela.

CAPÍTULO

Quarenta e um

– ESTÃO VINDO – DISSE SCARLET, ROSNANDO ENQUANTO SE AIA
janela.

O primeiro disparo dela foi baixo e acertou a coxa de Aimery, apesar de estar mirando na cabeça. O segundo disparo acertou o chafariz, foi inútil, mas a multidão estava densa demais para que continuasse atirando. Ela tinha ouvido pelo menos três tiros vindos de Thorne, mas não sabia se ele foi mais bem-sucedido.

Cinder e Lobo eram como porcos em um abatedouro lá embaixo, e ela e Thorne iriam logo atrás se não saíssem, e logo.

Thorne pegou o capacete que tinha roubado do guarda e colocou na cabeça, se transformando de amigo em inimigo. Ela torcia para que a transformação fosse convincente para os lunares.

– Me dê sua arma – disse ele.

Ela hesitou brevemente, mas a entregou. Thorne colocou a arma no bolso e segurou o cotovelo dela, depois a levou até a escada.

Eles estavam no primeiro patamar quando passos soaram embaixo.

– Encontrei uma! – gritou Thorne, fazendo-a pular. Ele segurou a arma apontada para a cabeça de Scarlet enquanto a arrastou

para o pé da escada. Quatro guardas os cercaram. – Havia dois atiradores. O outro pode ter fugido, mas verifiquem os andares superiores para ter certeza. Eu cuido dessa.

Scarlet fingiu se debater enquanto Thorne a arrastava pelos guardas, exalando autoridade. Os guardas subiram correndo a escada. Assim que sumiram, Thorne se virou e a soltou. Eles correram para a porta dos fundos e saíram no beco atrás da fábrica.

A confusão já tinha acabado, a julgar pelo silêncio terrível que se espalhava pelo domo.

Thorne deu as costas para a fábrica, mas Scarlet segurou o braço dele.

– Espere.

Ele olhou para trás com expressão dura, mas talvez fosse só o efeito da máscara sobre o rosto.

– Nós temos que tentar ajudá-los – disse ela.

Ele franziu a testa.

– Você viu como eles pegaram Lobo e Cinder com facilidade e acha que *nós* podemos fazer alguma coisa para ajudar?

Ela não achava. Não achava mesmo.

Mas se nem tentasse...

– Me dê minha arma – disse ela, esticando a mão.

Thorne a encarou.

– *Me dê minha arma.*

Com uma bufada, ele puxou a arma da cintura e colocou na mão dela. Scarlet se virou, sem saber se ele ia junto. Ele foi.

Quando dobraram a primeira esquina, ela viu a praça. Os cidadãos que tinham se preparado para atacar Cinder e Lobo

estavam ajoelhados de novo, plácidos, como se a briga nem tivesse acontecido.

Scarlet se perguntou quanto tempo demoraria para aqueles guardas revistarem a fábrica. Ela se perguntou se era louca de não dar as costas e sair correndo.

A arma estava quente em sua mão, o cabo deixava marcas na pele. Houve uma época em que segurar uma arma oferecia sensação de proteção, mas esse conforto fora afetado por saber que os lunares podiam virar a arma contra ela com facilidade.

Mesmo assim, se chegasse perto o bastante, faria um disparo ou dois, e desta vez não erraria.

O quanto podia chegar perto sem que a detectassem? O tamanho da multidão ajudaria a escondê-la, ou ela seria capturada pelo mesmo truque de lavagem cerebral quando chegasse perto demais? Ela não sabia como funcionava nem o quanto estaria vulnerável. Desejava ter perguntado mais a Cinder sobre aquilo tudo quando teve chance.

Eles se moveram furtivamente, Thorne bem quieto atrás dela.

Ela parou quando identificou Lobo e Cinder no meio dos inimigos. Os dois estavam com as mãos amarradas. Os ombros de Lobo estavam murchos. Ele olhava para o chão.

Não, ela percebeu com um tremor. Ele olhava para Maha.

Um fogo se acendeu nas entranhas dela. Eles tiraram tudo de Lobo. A liberdade, a infância, a família toda, e ele não fez nada, *nada*, para merecer isso.

Ela queria vingá-lo. Tirá-lo daquele lugar horrível, coberto de poeira. Oferecer a ele céu azul, tomates e paz.

Scarlet apertou mais a arma, sentindo o contato familiar do gatilho.

Mas estava muito longe. Ela tinha mais chance de atingir um aliado do que um inimigo dali.

Com o coração disparado, Scarlet observou o beco estreito, estimando quantos passos podia dar continuando escondida. Havia uma porta na parede da fábrica na qual ela podia se encostar, mas ser vista não era sua maior preocupação, não com os lunares sendo capazes de *senti-la*.

Soltando o ar bem devagar, levantou a arma e mirou na direção do coração de Aimery. Ela sustentou a mira por três respirações antes de bufar e baixar a arma. Estava certa antes. Longe demais.

Mais uma vez, pensou em chegar mais perto. Mais uma vez, hesitou.

Então, percebeu uma mudança na postura de Lobo. Ele virou a cabeça na direção dela.

Foi uma mudança sutil, quase imperceptível. Ele não olhou para ela. Não fez nenhum movimento que sugerisse que captou o aroma dela no meio de todas aquelas pessoas, mas Scarlet sabia que tinha sido exatamente isso. Havia uma tensão nos ombros dele que não estava lá momentos antes.

O coração dela pulou. Ela se imaginou sendo pega. Lobo vendo quando levassem uma arma à cabeça dela. Lobo, impotente quando dessem outra machadinha para ela. Lobo, cuja mãe tinha acabado de ser morta na frente dele, sem que pudesse fazer nada para impedir.

O corpo de Scarlet tremeu quando a lembrança da avó a atingiu como um martelo no crânio. O desespero que tomou conta dela. Toda a fúria e o ódio e a certeza a lembrando repetidamente de que ela devia ter sido capaz de impedir.

Mas não podia ter impedido.

Assim como Lobo não podia ter protegido Maha. Como não vai poder protegê-la.

Ela não podia fazer isso com ele.

Scarlet contraiu o rosto e engoliu um grito violento.

Não reaja, Scarlet, disse a si mesma. *Não reaja.*

Ela baixou a arma e recuou. Olhou para Thorne, e, apesar de haver dor estampada na testa dele também, ele assentiu em compreensão.

A voz calma de Aimery chegou até eles:

– Linh Cinder vai ser julgada e, sem dúvida, executada por seus crimes contra a coroa. É só pela misericórdia da rainha que vou poupar as vidas do resto de vocês. Mas saibam que qualquer pessoa pega falando da ciborgue e dos planos de traição dela ou conduzindo qualquer tipo de atividade rebelde vai receber punição veloz.

Scarlet olhou para trás a tempo de ver um guarda empurrar Lobo com força entre as omoplatas, e ele e Cinder foram levados.



– PRINCESA! – DISSE IKO, MANTENDO O VOLUME NO TOM MAIS ousava falar, e ainda assim não era tão alto. – Princesa, onde você está? – Ela andou pela casa e foi vasculhando cada aposento pela

terceira vez. Winter não estava em nenhum armário. Não estava debaixo da cama de Maha. Não estava no pequeno chuveiro nem...

Bem, isso era tudo. Aqueles eram os únicos esconderijos.

Era uma casa bem pequena, e Winter não estava lá.

Iko voltou para a sala, sentindo o barulho do cooler no peito, com ar escapando pelas fibras porosas nas costas. Ela ainda estava superaquecida por ter corrido pelo setor, entrando e saindo de casas abandonadas em uma tentativa de ser discreta.

Winter tinha sido encontrada? Iko chegou tarde demais?

Não tinha respostas. Obrigou-se a fazer uma pausa e organizar as informações que tinha.

Os asseclas de Levana estavam em MR-9. Havia reunido todos os cidadãos, e ela estava relativamente certa de que não era para dar uma festa.

Cinder e os outros ainda estavam naquela fábrica, pelo que ela sabia, e ela não tinha como saber se eles estavam em segurança enquanto não os visse.

Ela não sabia onde a princesa Winter estava.

Ela considerou suas opções. Voltar escondida para a fábrica para se juntar a Cinder parecia o próximo passo lógico, mas ela estaria se colocando em perigo. Essa perspectiva não a incomodava tanto quanto o medo de cair nas mãos inimigas. Os lunares não pareciam saber muito sobre sistemas de dados de andróides, mas, se dissecassem a programação dela, encontrariam muitas informações confidenciais sobre Cinder e suas estratégias.

Podia esperar que os amigos voltassem sãos e salvos, mas essa opção ia contra sua programação mais básica. Ela *desprezava* ser inútil.

Ainda estava em dúvida quando ouviu passos pesados em frente à porta. Levou um susto, correu para a cozinha e entrou embaixo de uma bancada.

A porta foi aberta. Uma pessoa entrou, e Iko captou a leve diferença auditiva nos passos. Havia três invasores na casa.

Eles pararam na sala.

Uma voz masculina disse:

– A base de dados confirma esta como sendo a residência de Maha Kesley.

Um breve silêncio foi seguido de uma voz feminina:

– Estou sentindo alguém, mas a energia é leve. Talvez esteja abafada atrás de alguma barreira.

Iko franziu a testa. Não era possível que eles pudessem senti-la. Cinder sempre insistiu que Iko não podia ser detectada pelo dom lunar, considerando que ela não produzia bioeletricidade.

– Na minha experiência com a ciborgue, ela nem sempre reage como se espera a controle mental e manipulação – disse uma terceira voz, também masculina. – Será que também é capaz de disfarçar sua energia?

– É possível – disse a mulher, embora parecesse em dúvida. – Kinney, procure ao redor e nas casas vizinhas. Jerrico, verifique os quartos.

– Sim, mestra Pereira.

Os passos se espalharam. A porta da frente se fechou de novo.

Era uma casa pequena. Poucos momentos se passaram até a mulher entrar na cozinha pequena e Iko ver as mangas de um casaco vermelho de taumaturga. Ela ficou de pé no meio da cozinha do tamanho de um armário, tão perto que Iko podia tocá-la. Mas ela não olhou para baixo nem se deu ao trabalho de abrir nenhum dos armários.

De sua posição agachada, Iko observou o perfil da mulher. O cabelo grisalho estava cortado acima dos ombros, e, apesar de ela ser uma das taumaturgas mais velhas que Iko tinha visto, ainda era bonita, com maçãs do rosto fortes e lábios carnudos. As mãos estavam enfiadas nas mangas.

Ela ficou imóvel por um longo momento, com a testa franzida. Iko desconfiava que estava procurando mais rastros de bioeletricidade, e ficou claro que não ia reparar em Iko ali, perto dela.

Iko ficou imóvel, feliz de não precisar sufocar a respiração; pelas boas estrelas do céu, quando ficou presa no armário da espaçonave com Cinder e os outros, o barulho da respiração deles foi *de romper o tímpano*.

Mas então o cooler dela foi acionado de novo.

A mulher olhou para baixo e levou um susto.

Iko levantou a mão em cumprimento.

A taumaturga a observou por um longo momento, até gaguejar:

– Uma *cascuda*?

– Quase.

Iko pegou um pano de prato na bancada e partiu para cima da mulher. Um gritinho escapou antes de Iko apertar o pano no

rosto dela, sufocando o grito. A taumaturga se debateu, mas Iko a segurou com firmeza contra a parede, sufocando o pedido de desculpas instintivo enquanto via o rosto da mulher empalidecer e os olhos se arregalarem de pânico.

– É só desmaiar que vou deixar você em paz – disse Iko, tentando parecer reconfortante.

– Ei!

Ela virou a cabeça quando o guarda real as viu pela janela da cozinha. Ele correu para a porta de trás e a abriu e...

Santas estrelas do céu.

Ela sempre achou que Kai fosse o humano mais atraente que já tinha visto, mas aquele homem era arrasadoramente lindo, com pele bronzeada e cabelo ondulado desgrenhado, e estava...

Ele estava...

Apontando uma arma para ela.

Iko puxou a taumaturga para a frente de si na mesma hora em que ele puxou o gatilho. A bala acertou a mulher no tronco e ela desabou, já fraca pela sufocação de Iko.

Iko largou a mulher e se jogou por cima do corpo, tentando pegar a arma do guarda. Ele a girou e bateu com as costas dela na bancada. O impacto reverberou pelos membros de Iko. O guarda puxou a arma e bateu com o outro punho em seu rosto. A cabeça dela foi jogada para trás e ela cambaleou dois, três passos antes de colidir com o fogão. O guarda falou um palavrão e balançou a mão.

Iko estava pensando que deveria ter instalado algum programa de artes marciais quando um segundo tiro soou por seus

receptores de áudio. Ela se encolheu e colocou as mãos em cima das orelhas, baixando o volume apesar de ser tarde demais.

Quando seus pensamentos clarearam, ela viu os guardas a encarando com as bocas abertas e olhos arregalados, as mãos ainda segurando a arma.

– O que... o que você é?

Ela olhou para baixo. Havia um buraco em seu peito, deixando à mostra fios soltando fagulhas e tecido de pele sintética rasgado. Ela gemeu.

– Isso acabou de ser trocado!

– Você é... – O guarda deu um passo para trás. – Eu tinha ouvido falar de máquinas terráqueas capazes de... que eram... mas você...

O rosto dele se contorceu, e Iko já tinha passado tempo suficiente analisando músculos faciais para reconhecer a expressão como repulsa total, desenfreada.

A indignação ardeu no peito dela e devia até estar escorrendo pelo novo buraco no peito.

– Não é educado ficar olhando, sabiam!

Uma forma apareceu na porta que levava até a sala. Era outro guarda, que Iko reconheceu do grupo pessoal de Levana. Ele era parte da equipe que os abordou no telhado de Nova Pequim.

– O que aconteceu? – gritou ele, observando a taumaturga caída, a arma abaixada do guarda bonito e Iko.

Seus olhos demonstraram reconhecimento, e ele sorriu.

– Que bela descoberta, Kinney. Acho que essa vinda até aqui não foi tão sem sentido quanto achei. – Ele passou por cima do corpo da taumaturga.

Iko levantou os punhos, tentando relembrar todas as dicas de luta que Lobo deu a Cinder.

– Onde está a ciborgue? – perguntou o guarda.

Iko rosnou para ele.

– Vá se ferrar.

Ele levantou uma das sobrancelhas.

– Não me provoque.

– Sir Solis – disse o outro guarda, Kinney. – Ela não é... essa coisa não é humana.

– Obviamente – disse ele, olhando para o buraco de bala na cavidade peitoral. – Acho que vamos ter que ser criativos na forma de extrair informações dela. Quer dizer, *disso*.

Ele tentou pegá-la. Iko desviou e fugiu, mas ele a encurralou com facilidade. Antes que seu processador entendesse, ele estava segurando as mãos dela presas nas costas. Iko lutou e tentou pisar em seu pé, mas ele desviou de todas as tentativas. Ele estava rindo quando amarrou as mãos dela e a virou para ele.

– Tanta tecnologia terráquea – disse ele, afastando para o lado o tecido da blusa para mexer nas fibras de pele destruídas –, mas você ainda é uma coisa inútil.

Raiva quente deixou sua visão vermelha.

– Vou mostrar o que é inútil!

Mas, antes que ela mostrasse qualquer coisa a ele, um grito demoníaco soou pela cozinha, e uma faca atacou o ombro de Jerrico. Ele ofegou e desviou. A lâmina rasgou a manga da roupa dele e deixou uma ferida vermelha. Iko cambaleou para trás.

Jerrico se virou e jogou a pessoa contra a parede, segurando o pescoço com uma das mãos enquanto com a outra segurava o

pulso, impedindo que a mão com a faca se movimentasse.

Winter não soltou a faca, e seu ódio enlouquecido não passou. Ela levantou o joelho bem entre as pernas dele. Jerrico grunhiu e a puxou da parede, mas só para jogá-la de novo. Desta vez, Winter chiou quando o ar foi forçado para fora dos pulmões.

– Kinney, vigie a androide – disse Jerrico entredentes.

Iko desviou a atenção da princesa Winter para o guarda bonito demais para ser um imbecil, mas Kinney não se importava mais com ela. O rosto dele estava horrorizado enquanto Jerrico segurava a princesa pelo pescoço.

– É a princesa Winter! Solte-a!

Uma gargalhada sem humor surgiu da boca de Jerrico.

– Eu sei quem é, idiota. Assim como sei que ela deveria estar morta.

– Eu também ouvi falar que ela estava morta, mas está claro que não está. Solte-a.

Revirando os olhos, Jerrico se virou e arrastou Winter para longe da parede.

– Não, ela *deveria* estar morta. A rainha ordenou que ela fosse morta, mas está na cara que alguém não teve estômago para ir até o fim. – Winter caiu para a frente, mas ele a segurou e a prendeu junto ao peito. – Que sorte, essa. Ando esperando para ficar sozinho com você há anos, mas aquele Sir Clay irritante sempre estava por perto, como um abutre em volta de carniça. – Jerrico passou o polegar pelo maxilar da princesa. – Parece que ele não está aqui agora, não é, princesa?

Os cílios de Winter tremeram. Ela olhou para Kinney com uma expressão atordoadada.

– Você...

– Ei. – Jerrico forçou o queixo dela para que o encarasse. – Você é meu prêmio, princesa. Que recompensa acha que vou ganhar por levar seu corpo morto para a rainha? Acho que ela não vai ligar para o estado em que vai estar, e, como bônus, posso provar que seu namorado é traidor, afinal.

Iko puxou as mãos, tentando desconectar os polegares dos encaixes e se soltar das cordas, mas não conseguiu impulso suficiente com os braços tão amarrados.

Ela estava prestes a se jogar para a frente e se chocar com a coluna de Jerrico com toda a força de seu crânio de metal quando Winter desabou, inerte como uma boneca de pano.

Jerrico levou um susto e mal conseguiu segurá-la. No mesmo momento, Winter enfiou a faca esquecida na lateral do corpo dele.

Jerrico gritou e a soltou. Winter cambaleou para longe das mãos do guarda, mas ele segurou seu pulso e a puxou de volta, depois deu um tapa na cara dela com as costas da mão. Winter caiu. A cabeça bateu na beirada da bancada.

Iko gritou quando o corpo da princesa desabou no chão.

Com uma série de xingamentos, Jerrico fechou a mão no cabo da faca, mas não puxou do ferimento. O rosto estava tão vermelho quanto o cabelo, e ele rosnou para a princesa:

– Essa estúpida, maluca...

Ele puxou o pé para chutá-la, mas Kinney levantou a arma e disparou. O tiro derrubou Jerrico contra a parede.

Iko se encolheu. Independentemente de quantas lutas e confusões participasse, ela sempre ficava perplexa com o quanto

a realidade era mais horrenda do que as novelas. Até a morte de um guarda tão desprezível, seu rosto contorcido de descrença enquanto a vida se esvaía, a levou a fazer uma careta.

O silêncio que veio em seguida parecia ter tomado o setor inteiro, e Iko se perguntou se o último tiro tinha danificado permanentemente seu áudio.

O guarda estava olhando para a arma na mão como se nunca a tivesse visto.

– Foi a primeira vez que puxei o gatilho por vontade própria.

Inspirando fundo, ele colocou a arma na bancada e se agachou por cima da princesa Winter. Esticou a mão para inspecionar a cabeça. Os dedos ficaram sujos de sangue.

– Ela está respirando – disse ele. – Mas talvez tenha sofrido uma concussão.

O processador de Iko hesitou.

– De que lado você está?

Ele levantou o rosto. Seu nariz tremeu quando ele olhou de novo para o buraco de bala, mas o olhar não permaneceu lá.

– Disseram que a princesa estava morta. Achei que outro guarda a tinha matado.

Iko ajeitou as dobras da blusa para cobrirem o ferimento.

– Um guarda chamado Jacin recebeu ordens da rainha de matá-la, mas a ajudou a fugir em vez de fazer isso.

– Jacin Clay.

Ela apertou os olhos.

– Por que você nos ajudou?

Com a testa contraída, Kinney colocou a princesa no chão de novo. Havia sangue para todo o lado. Da taumaturga. De Jerrico.

De Winter.

– Eu *a* ajudei – disse Kinney, como se a distinção fosse importante. Ele encontrou o pano de prato que Iko usou para sufocar a mestra Pereira e amarrou ao redor da cabeça de Winter, fazendo o melhor curativo que podia para o ferimento. Quando terminou, se levantou e pegou a faca ensanguentada.

Iko recuou.

Ele fez uma pausa.

– Você quer que eu corte a corda ou não?

Ela observou o rosto dele, desejando não se sentir tão compelida a ficar olhando.

– Sim, por favor.

Ela se virou, e ele trabalhou rápido para soltá-la. Ela até esperava encontrar fragmentos cortados de pele quando levantou as mãos, mas a lâmina nem a tocou.

– O que vai acontecer é o seguinte – disse Kinney, indicando a arma na bancada. Iko percebeu que ele não gostava de olhar para ela. Ficava procurando motivos para afastar o rosto. – Vou inventar um relatório dizendo que você arrancou a arma de mim e matou a mestra Pereira e Sir Solis, depois fugiu. Não vou contar nada sobre a princesa. Ninguém nem sabe que ela está viva. – Ele apontou para o nariz dela, ousando sustentar o olhar por mais de meio segundo. – E você vai levá-la para o mais longe daqui possível. Vai deixá-la escondida.

Ela firmou as mãos nos quadris.

– E nós só a enfiamos em uma casinha num setor mineiro completamente aleatório. Por que não passou pela nossa cabeça a ideia de *deixá-la escondida*?

O rosto de Kinney ficou ilegível por um longo momento, até ele perguntar:

– Você entende sarcasmo?

– Claro que entendo sarcasmo – disse ela. – Não é física teórica, né?

O maxilar do guarda trabalhou por um momento, mas ele balançou a cabeça e afastou o olhar.

– Só cuide dela.

Ele verificou a princesa mais uma vez e foi embora.

CAPÍTULO

Quarenta e dois

CINDER E LOBO FORAM LEVADOS PARA UM PORTO DE CARGA SU cheio de naves de entrega velhas e três naves reais, o que explicava por que a chegada dos inimigos não disparou nenhum alarme. Cinder só botou vigias na plataforma dos trens de levitação magnética.

Ela repreendeu a si mesma, torcendo para que um dia tivesse oportunidade de aprender com esse erro.

Com os pulsos amarrados, Cinder sentia que os braços podiam se soltar do corpo. Embora Lobo estivesse andando logo atrás, ela sentia a energia dele, agitada e letal. Tremendo de medo por Scarlet. Vazio e arrasado pelo que fizeram com Maha.

Um guarda real estava esperando. O cabelo estava desgrenhado, mas a expressão, vazia.

– Reporte-se – disse Aimery.

Ele estava mancando, e Cinder teve a fantasia de chutá-lo bem onde a bala entrou.

– A mestra Pereira e Sir Solis estão mortos.

Aimery levantou uma das sobrancelhas. Ele parecia só curioso com essa declaração inesperada.

– Como?

– Fomos emboscados dentro da casa de Kesley por uma androide terráquea – disse o guarda.

O coração de Cinder pulou.

– Uma luta aconteceu. A androide era imune a manipulação mental, e balas também não a afetavam muito. Ela... *essa coisa* sufocou a mestra Pereira, depois entrei em combate direto com ela. A coisa me desarmou e usou minha arma para atirar em Sir Solis e na nossa taumaturga. Enquanto a androide estava distraída, enfiei a faca nas costas dela, cortando sua... coluna, ao que parece. Isso a desabilitou.

Uma dor de cabeça pulsou atrás dos olhos de Cinder, sinal de lágrimas que jamais viriam. Primeiro, Maha, depois, Iko...

– Com a ameaça removida, eu conduzi uma busca detalhada do resto da casa e das propriedades ao redor – continuou o guarda. – Não encontrei cúmplices.

Era um pequeno alívio. Winter, pelo menos, não foi descoberta, e pelo que Cinder podia perceber, nem Thorne e Scarlet.

Aimery encarou o guarda por um longo tempo, como se estivesse procurando uma falha na história.

– O que aconteceu com a androide?

– Eu encontrei e destruí o que acredito ser a fonte de energia – disse o guarda. – Joguei o que sobrou no compactador público de lixo.

– Não! – Cinder cambaleou, mas o guarda atrás dela a puxou de volta.

O guarda lançou um breve olhar para ela e acrescentou:

– Deixei os corpos para trás. Devo voltar para buscar?

Aimery balançou a mão em um gesto desinteressado.

– Vamos mandar uma equipe.

Mais passos vieram da escada. Ainda tremendo pela notícia da perda de Iko, Cinder mal conseguiu levantar a cabeça. Ela viu que Lobo a observava. Embora os olhos estivessem solidários, o maxilar estava tenso de raiva.

Os dois perderam pessoas queridas hoje.

Cinder sentiu como se estivesse sufocando, como se as costelas estivessem apertando os pulmões, mas tirou forças da presença de Lobo. Sua fúria começou a aumentar. A dor virou lenha seca, que pega fogo rápido.

Ela se equilibrou de novo, e apesar de não poder se soltar da mão do guarda, obrigou-se a se empertigar.

Os passos viraram um taumaturgo de casaco preto e mais guardas.

– Não encontramos mais nenhum cúmplice nem descobrimos quem disparou em nós das janelas da fábrica – disse o novo taumaturgo. – É possível que tenham se deslocado para outro setor. Eles podem tentar a insurgência em outro lugar.

Aimery dispensou a preocupação do taumaturgo com um sorriso.

– Eles que tentem. Não temos medo do nosso próprio povo. – Os olhos escuros pousaram em Cinder. – Essa rebeliãozinha acabou.

Cinder levantou a cabeça, mas um rosnado baixo roubou a atenção de Aimery. Ele se virou para Lobo, cujos caninos afiados estavam à mostra. Ele parecia selvagem e com sede de sangue, pronto para fazer picadinho dos captores.

Em resposta, Aimery riu. Deu um passo à frente, segurou o queixo de Lobo nos dedos e apertou até as bochechas de Lobo ficarem espremidas.

– Além do mais, como podemos perder se temos animais como este à nossa disposição? – Soltando o queixo de Lobo, Aimery deu um tapa leve na bochecha dele. – Alfa Kesley, não é? Eu estava lá no torneio da rainha no dia em que você conquistou sua posição na matilha. Parece que você foi desencaminhado pelos terráqueos. O que vamos fazer sobre isso?

Lobo observou o taumaturgo com um ódio capaz de queimar a pele dele.

Sem aviso, um de seus joelhos cedeu, e ele se ajoelhou em frente a Aimery. Cinder se encolheu, pois sentiu o choque como se estivesse ricocheteando por suas juntas. No momento seguinte, Lobo baixou a cabeça.

Era repugnante de olhar. Toda aquela força. Toda aquela fúria. Reduzidas a nada mais do que uma marionete. Era ainda mais repugnante porque ela sabia quanta força mental e foco eram necessários para forçar Lobo a fazer *qualquer coisa*. Ela mal tinha começado a dominar essa habilidade, mas Aimery não demonstrava nenhum sinal de dificuldade.

– Bom cachorrinho – disse Aimery, fazendo carinho na cabeça de Lobo. – Vamos levar você para Sua Majestade e deixar que ela decida a punição para sua traição. Está bom para você, Alfa Kesley?

A voz de Lobo saiu rouca e robótica quando ele respondeu:

– Sim, mestre.

– Como pensei. – Aimery voltou a atenção para o resto do grupo. – Se houver algum resto de rebelião por aí, cuidem para que seja logo extinguido. Vai haver um casamento real amanhã, e não vamos tolerar mais perturbações.

Depois que os outros taumaturgos fizeram reverências e foram embora, Aimery enfiou as mãos nas mangas e se virou para Cinder.

– E isso só deixa a pergunta do que vai ser feito com você.

Ela sustentou o olhar dele.

– Você poderia se ajoelhar à minha frente como sua verdadeira rainha.

Aimery curvou os lábios.

– Matem-na.

Aconteceu muito rápido. Um dos guardas puxou a arma do coldre, segurou contra a testa de Cinder, soltou a trava de segurança, apertou o gatilho...

Cinder inspirou uma última vez.

– Pare. Mudei de ideia.

Com a mesma rapidez, a arma foi guardada no cinto do guarda.

Cinder oscilou, com a cabeça girando pela onda de medo repentino.

– Minha rainha pediu para ter o prazer de decidir seu destino. Acho que vou sugerir que ela ofereça sua cabeça para o imperador Kaito como presente de casamento.

– Taumaturgo Park?

Ele se virou para a mulher de casaco vermelho que falou. Ela estava com a palma da mão no painel lateral de uma pequena

nave.

– Esta é uma nave real – disse ela. – E parece ter chegado recentemente. – Ela levantou a mão. – Quase não tem pó. É estranho estar aqui.

Aimery fez um som desinteressado.

– Não estou surpreso de haver ladrões por aí, mas pode nos ajudar a localizar os rebeldes desaparecidos. Faça uma busca pelo número de rastreio e veja o que encontra.

Ele fez sinal para alguns guardas. Cinder e Lobo foram levados para a nave dele e sentados em bancos separados. Nenhuma palavra foi dita quando os motores foram ligados.

Em momentos, eles estavam indo para Artemísia.

Aimery continuou dando ordens, alguma coisa sobre cuidados médicos e um ferimento de bala, designando um novo capitão da guarda, e informando à rainha sobre as mortes e os prisioneiros. Os pensamentos de Cinder ficaram confusos, e ela se viu olhando para o perfil do guarda que matou Iko. “Isso a desabilitou”, ele dissera. E a jogou em um *compactador de lixo*.

As visões surgiram na mente dela repetidas vezes. Uma faca enfiada na coluna de Iko. Os dedos quebrados de Maha. Os residentes do setor ajoelhados aos pés de Aimery.

O ódio dela aumentou. Foi esquentando devagar em suas entranhas. Mas, quando Artemísia surgiu, ela estava fervendo.

A nave baixou para o porto subterrâneo de Artemísia. A rampa estava arriada e um guarda puxou Cinder com um aperto tão doloroso que ela teve que sufocar um grito de dor. Os passos pesados de Lobo eram ouvidos atrás dela.

Ela foi recebida com uma série de novas ameaças. Uma dezena de guardas, com bioeletricidade tão maleável quanto chips de personalidade recém-saídos da fábrica, e mais três taumaturgos, cuja força mental sempre tinha uma certa rigidez de ferro.

Seu dedo tremeu, e ela se perguntou com que rapidez carregaria uma bala e quanto tempo demoraria para matar todos. Ela estava de volta a Artemísia. Se escapasse, poderia agir sozinha, uma assassina solitária caçando a rainha.

Era só fantasia. Suas mãos ainda estavam amarradas.

Ela apertou a mão ciborgue em um punho inútil.

– Taumaturgo Park?

Cinder espiou o guarda que tinha matado Iko.

– Sir Kinney.

– Permissão para buscar cuidados médicos imediatos?

A atenção de Aimery se voltou para o sangue no uniforme dele. Havia muito, embora Cinder não soubesse onde exatamente ele estava ferido.

– Tudo bem – disse ele. – Apresente-se assim que estiver liberado para o serviço.

O guarda levou o punho ao peito e saiu andando na direção oposta.

Cinder e Lobo foram empurrados para longe das docas e até um labirinto de corredores. Sem saber o que mais fazer, Cinder tentou se concentrar em aonde a estavam levando. Ela contou os passos, criando um mapa rudimentar na mente e encaixando-o com o que sabia do palácio da rainha.

Eles foram levados até um conjunto de elevadores, escoltados por mais guardas. Houve uma pausa, na qual Aimery conversou com outro taumaturgo, e, apesar de Cinder ajustar sua interface de áudio, só captou algumas palavras: *alfa* e *soldado* no começo. Depois, *insurgência* e *MR-9* e *ciborgue*.

Aimery fez um gesto, e começaram a levar Lobo para longe, por um corredor separado.

– Esperem – disse Cinder, com o pânico se espalhando pelas veias. – Para onde vocês o estão levando?

Lobo rosnou e lutou contra os captores, mas sua luta foi anulada por controle mental.

– Lobo! *Não!* – Cinder cambaleou para a frente, mas braços a seguraram. As amarras faziam os pulsos dela arderem. – *Lobo!*

Não adiantou nada. Eles dobraram uma esquina e Lobo sumiu, deixando Cinder ofegante e tremendo. Ela sentiu umidade no pulso direito, onde a corda cortou a pele. Não era tão inocente em pensar que ela e Lobo pudessem resistir com sucesso aos inimigos, mas não se imaginou sendo separada dele tão rápido. Ela talvez nunca mais o visse. Talvez nunca mais visse *nenhum* deles.

Quando foi forçada a entrar no elevador, ocorreu-lhe que, pela primeira vez desde que aquilo tudo começou, ela estava sozinha.

– Desculpe por não podermos fazer o tour particular – disse Aimery. – Mas estamos envolvidos com os preparativos do casamento. Tenho certeza de que você entende.

As portas do elevador se fecharam e eles começaram a descer. E descer. Cinder sentia como se estivesse sendo levada para seu

túmulo.

Quando as portas se abriram, ela foi empurrada com um cutucão nas costas. Foi levada por um corredor escuro, com paredes ásperas e cheiro de ar parado, urina e corpos. Seu nariz se franziu de nojo.

– Espero que você ache suas acomodações aceitáveis para uma convidada tão *distinta* como você – continuou Aimery, como se o cheiro não o incomodasse. – Eu soube que você já está acostumada a celas de prisão.

– Eu não diria isso – disse Cinder. – A última só conseguiu me segurar por um dia.

– Esta vai ser bem mais adequada a você, tenho certeza.

Aquela prisão de pedras e cavernas não era nada como a estrutura moderna de Nova Pequim. Era horrível e sufocante, e, pior de tudo, Cinder não tinha a planta dela. Não tinha um mapa preciso, nem um plano, nem meios de avaliar sua localização em relação a... bem, em relação a nada.

Eles pararam, e houve um balançar de chaves e o gemido de dobradiças de metal antigas. Um cadeado antiquado. Que peculiar.

Se ela o alcançasse da cela, poderia arrombar em trinta segundos.

O pensamento ofereceu um toque de esperança, pelo menos.

Quando a porta se abriu, o cheiro se intensificou. Seus pulmões tentaram expulsar o ar assim que entrou.

– Você vai ficar aqui até que Sua Majestade, a rainha, tenha tempo de cuidar do seu julgamento e da sua execução – disse Aimery.

– Mal posso esperar – murmurou Cinder.

– É claro que você vai querer usar seu tempo para refazer o contato.

– Contato?

Um guarda cortou as cordas dos pulsos dela e a empurrou. O ombro bateu na beirada da porta de ferro quando ela cambaleou para a cela e se apoiou em uma parede áspera.

Alguém choramingou, e ela ficou imóvel. Não estava sozinha.

– Aprecie sua estada... *princesa*.

A porta foi fechada, e o barulho dela vibrou pelos ossos de Cinder. A cela era pequena e tinha uma janela com grades no topo da porta de ferro, que permitia a entrada de luz suficiente do corredor para que ela identificasse um balde no chão. A fonte do cheiro horrível.

Duas pessoas estavam abraçadas no canto.

Cinder ficou olhando para elas, querendo que os olhos se ajustassem. Ela acendeu a lanterna embutida no dedo. As duas pessoas tremeram e se esconderam atrás dos braços.

O reconhecimento a atingiu como um gancho de direita, e ela caiu contra a parede.

Adri.

Pearl.

– Isso não pode ser sério.

A madrasta e a irmã estavam tremendo de medo e a observavam com olhos arregalados. Cinder não conseguia nem começar a imaginar por que elas estavam ali, o que Levana queria com elas.

E, então, ela se deu conta.

Ficaria ali, presa com elas, até sua execução.

Ela passou a mão pelo rosto e odiou Levana tanto, tanto mais.

CAPÍTULO

Quarenta e três

NO SONHO DE WINTER, ELA ESTAVA NA COZINHA DE UMA FAZEN Terra, ou algo parecido com o que a imaginação dela achava que deveria ser uma fazenda na Terra. Sabia que era a casa de Scarlet, embora nunca tivesse estado lá. Ela estava em frente a uma pia lotada de pratos. Era vital que limpasse todos antes de qualquer pessoa chegar em casa, mas, toda vez que ela pegava um prato do meio da água cheia de espuma, ele quebrava nas suas mãos. Os dedos estavam sangrando de todos os cacos, pintando de vermelho as bolhas de espuma.

Quando o sétimo prato quebrou em suas mãos, ela se afastou da pia com uma sensação intensa de fracasso. Por que nunca fazia nada certo? Até essa tarefa simples virava um desastre com o toque dela.

Ela caiu de joelhos e começou a chorar. O sangue e a espuma fizeram uma poça em seu colo.

Uma sombra surgiu e ela levantou o rosto. A madrastra estava na entrada, os hectares de campos e o céu azul da Terra atrás dela. Segurava um pente com pedras preciosas na mão e, apesar de ser linda, o sorriso era cruel.

– Eles amam você – disse Levana, como se elas estivessem no meio de uma conversa. Ela entrou na cozinha. A barra do vestido

majestoso arrastou pela água cheia de espuma no chão. – Eles protegem você. E o que você fez para merecer isso?

– Eles me amam – concordou Winter, apesar de não ter certeza de quem elas estavam falando. O povo de Luna? Cinder e seus aliados? Jacin?

– E eles vão pagar o preço pela adoração. – Indo para trás dela, Levana começou a passar o pente pelos cachos de Winter. O toque era delicado. Maternal, até. Winter sentiu vontade de chorar de saudade, pois desejava o toque de uma mãe, mas também teve medo. Levana nunca foi tão gentil. – Vão saber de todas as suas fraquezas. Vão saber como você é cheia de falhas. E então vão ver que você nunca mereceu nada disso.

Uma dor aguda surgiu no crânio dela quando um dos dentes do pente afundou no couro cabeludo. Ela ofegou. A cabeça começou a latejar.

Um rosnado chamou a atenção dela para a porta. Ryu estava com as patas afastadas em posição defensiva, com os dentes à mostra.

Levana parou de pentear.

– Por que *você* se importa? Ela traiu você também. Permitiu que aquele guarda sacrificasse sua vida pela dela. Você não pode ignorar o egoísmo dela.

Ryu chegou mais perto. Seus olhos faiscaram.

Levana largou o pente e recuou.

– Você é um animal. Um assassino. Um *predador*. O que sabe sobre lealdade e amor?

Ryu fez silêncio e baixou a cabeça, como se repreendido. O coração de Winter se abriu para ele. Ela percebia que ele sentia

falta dela. Ele queria brincar de pegar, e não ser repreendido pelas palavras cruéis da rainha.

Winter levantou a mão até o couro cabeludo dolorido. O cabelo estava úmido. Ela olhou para o pente caído e viu que a poça de água tinha ficado escura de sangue.

– Você está enganada – disse ela, virando o rosto para a rainha.
– *Você é a assassina. Você é a predadora. Não sabe nada de lealdade e amor.* – Ela levantou a mão para Ryu, que farejou e apoiou a cabeça quente no joelho dela. – Nós podemos ser animais, mas nunca mais vamos viver na sua jaula.



QUANDO ELA ABRIU OS OLHOS, A FAZENDA TINHA SUMIDO substituída por paredes, móveis e cortinas de janelas cobertas de pó de regolito. As pálpebras tremeram quando ela tentou despertar em meio ao sono pesado e a uma dor de cabeça lancinante. Ainda sentia cheiro do sangue, e a cabeça doía no local onde o pente a furou.

Não, no local que ela batera na quina da mesa.

Alguém a colocou no sofá. Os pés pendiam da beirada.

– Oi, maluca.

Winter tirou o cabelo do rosto e encontrou uma toalha enrolada na cabeça. Ela olhou para Scarlet, que tinha levado uma cadeira da mesa de jantar para a sala e estava sentada nela de costas, com os braços apoiados no encosto. Ela estava usando o moletom com capuz de novo. A maioria das manchas tinha sumido, mas ainda parecia gasto e surrado. Ela também, na

verdade. Os olhos estavam vermelhos; o rosto, inchado e corado. A ferocidade normal tinha se transformado em exaustão amarga.

– Iko nos contou o que aconteceu – disse ela, com voz murcha e rouca. – Desculpe por não estar aqui, mas fico feliz que ela estivesse.

Winter se sentou. Iko estava sentada de pernas cruzadas no chão, puxando um fio de fibra de pele que estava aberta em seu peito. Thorne estava de pé, com as costas na porta de entrada. Usava um uniforme parcial de guarda lunar, e ela teve que olhar duas vezes para ter certeza de que era ele mesmo. Ela prestou atenção, mas a casa estava em silêncio.

Winter sentiu uma onda de medo.

– Onde estão os outros?

– O setor foi atacado – disse Thorne. – Levaram Lobo e Cinder, e... mataram Maha.

Scarlet apertou os braços no encosto da cadeira.

– Nós não podemos ficar aqui. Levamos os corpos daquele guarda e da taumaturga para o quarto de trás, mas aposto que alguém virá buscar.

– O guarda que nos ajudou me disse para levar Sua Alteza para algum esconderijo – contou Iko. – Sei que ele quis dizer fora deste setor, mas para onde podemos ir? Andei repassando os mapas de Luna, e os únicos lugares que parecem prováveis de oferecer mais segurança são subterrâneos. Pelo menos ficaríamos longe das pessoas, e a vigilância não é tão rigorosa quanto nos túneis e nas minas, mas também não parece uma solução perfeita.

– Não tem solução perfeita – disse Winter, afundando na almofada carocuda. – A rainha vai me encontrar aonde quer que

eu vá. Ela me encontra até nos meus sonhos.

– Você não é a única tendo pesadelos – murmurou Thorne. – Mas ainda tem chance de muitos civis zangados aparecerem em Artemísia daqui a quatro dias, exigindo um novo regime. Existe alguma chance de Cinder estar viva até lá?

Eles trocaram olhares, mas não havia muito otimismo.

– As execuções oficiais acontecem no Palácio de Artemísia – disse Winter. – É para lá que vão levá-la.

– Por que não a mataram aqui? – perguntou Scarlet. – Por que tiveram todo esse trabalho?

Thorne balançou a cabeça.

– Levana quer executá-la de uma forma que mostre a futilidade da rebelião.

– Você acha que ela planeja transmitir? – indagou Iko.

– Garanto que sim – respondeu Winter. – A rainha adora execuções públicas. São uma forma eficiente de destruir a determinação de qualquer cidadão que pode estar se sentindo rebelde.

Thorne massageou a testa.

– Ela vai matá-la logo, então. Esta noite, talvez, ou amanhã. Não há nada como uma execução no dia do seu casamento.

Winter puxou os joelhos até o peito, apertando com força. O dia tinha começado com tantas esperanças para os companheiros. A transmissão foi como planejado, as pessoas responderam ao chamado. Mas, agora, tinha acabado. Levana ainda era rainha, a querida Selene logo estaria morta, e Jacin também, se já não estivesse.

– Pare.

Ela levantou a cabeça, não tanto por causa da ordem de Thorne, mas por causa do tom duro por baixo. Scarlet e Iko também olharam.

– Parem de agir com desânimo, todas vocês. Não temos tempo para isso.

– Você não está desanimado? – perguntou Winter.

– Não faz parte do meu vocabulário. – Thorne se afastou da porta. – Iko, nós não entramos naquela casa da guarda e transmitimos a mensagem de Cinder por toda a Luna?

– Sim, capitão.

– E Scarlet, eu não salvei você e Lobo quando a cidade de Paris inteira estava sob cerco?

Ela levantou a sobrancelha para ele.

– Na verdade, tenho quase certeza de que Cinder...

– Salvei, sim. – Ele apontou para Iko. – Eu não salvei você e Cinder daquela cela de prisão e nos levei em segurança para a Rampion?

– Bem, na época eu não estava exatamente...

– Caramba, Iko, só responda à pergunta.

Scarlet batucou com os dedos.

– Aonde você quer chegar?

– Eu quero dizer que vou resolver isso, como sempre resolvo. Primeiro, vamos encontrar um jeito de entrar em Artemísia. Vamos encontrar Cress e salvar Cinder e Lobo. Vamos destronar Levana e, pelas estrelas do céu, vamos tornar Cinder rainha, para que ela possa nos pagar muito dinheiro dos fundos reais, assim vamos todos nos aposentar muito ricos e *muito vivos*, entenderam?

Winter começou a bater palmas.

– Que discurso brilhante. Quanto bom senso e bravata.

– Mas estranhamente desprovido de qualquer tipo de estratégia real – acrescentou Scarlet.

– Ah, que bom, fico feliz por você também ter reparado – disse Iko. – Fiquei com medo de meu processador estar com defeito. – Ela tateou pela nuca.

– Estou trabalhando nessa parte – resmungou Thorne. – Agora, precisamos sair deste setor. Vou pensar melhor quando não estiver preocupado com a chance de ser cercado por taumaturgos. Além do mais, se vamos pelo túnel do trem de levitação magnética, é uma longa caminhada até Artemísia.

– Sabe uma falha nesse plano que não é bem plano? – disse Scarlet, apontando para Winter com o polegar. – Nós não vamos levá-la para lá. É o oposto de deixá-la escondida.

Winter desenrolou a toalha da cabeça. Havia um ponto de sangue, mas não muito. Ela se perguntou se a dor de cabeça algum dia passaria.

– Você está certa. Eu vou para o subterrâneo, como Scarlet sugeriu.

– Você não é uma toupeira – disse Scarlet. – Não pode simplesmente *ir para o subterrâneo*. Para onde você vai? O que vai fazer? Tem pessoas lá embaixo? Você precisa de suprimentos? E se...?

– Ryu também estava no meu sonho. – Winter dobrou a toalha no joelho. – Ele estava tentando me proteger da rainha. Acho que me perdoou pelo que aconteceu.

Scarlet deu uma risada, um som cruel e delirante.

– Você está prestando atenção? Não entende? Cinder e Lobo se foram! Levana está com eles. Ela vai torturá-los e matá-los e... – Chorando, Scarlet baixou a cabeça entre os ombros trêmulos. – Ninguém liga para seus sonhos e ilusões idiotas. Eles se *foram*. – Ela limpou o nariz com as costas da mão. Não ficava bonita quando chorava, e Winter gostava disso nela.

Inclinando-se para a frente, ela apoiou a mão no ombro de Scarlet. Scarlet não a afastou.

– Entendo – disse ela. – Não seria seguro voltar para Artemísia, mas isso não quer dizer que não posso ajudar Selene e meu povo. Eu também tenho um plano que não é bem um plano.

Scarlet a observou com os olhos vermelhos.

– Estou com medo de perguntar.

– Thorne e Iko vão para Artemísia tentar salvar Selene, Lobo, Jacin e Cress, e eu e você vamos desaparecer no mundo subterrâneo, nos tubos de lava e nas sombras, e lá vamos reunir um exército nosso.

– Ah, nós vamos para o mundo subterrâneo reunir *um exército*, é? – Scarlet fungou e levantou as mãos no ar. – Por que eu me dou ao trabalho de falar com você? Você não está ajudando. Você é o *I* maiúsculo de *inútil*.

– Estou falando sério. Tem assassinos e tem animais e tem predadores querendo ser libertados. Você sabe disso, amiga Scarlet. Você já libertou um. – Winter se levantou e apoiou a mão na parede para se equilibrar, depois contornou a pequena mesa.

Scarlet revirou os olhos, mas foi Iko que falou.

– O alojamento – disse ela. – O alojamento onde Levana deixa os soldados fica nos tubos de lava.

Thorne desviou o olhar de Iko para Winter.

– Os soldados dela? Você quer dizer os soldados *lobos mutantes*?
Está maluca?

Winter começou a rir.

– Pode ser que eu esteja – respondeu ela, colocando a mão na bochecha de Thorne. – Pois é o que todo mundo me diz.

CAPÍTULO

Quarenta e quatro

– A RAINHA ESTÁ TENSA – DISSE JACIN ENQUANTO PRENDIA O C cima do uniforme. – Ela está quieta, tentando fingir que não tem nada acontecendo, para que as famílias não entrem em pânico. Mas dá para perceber que alguma coisa mudou.

De pernas cruzadas na cama, Cress estava aninhando o tablet junto ao peito. A tentação de mandar uma mensagem para Thorne e os outros ia aumentando com o tempo. A curiosidade estava acabando com ela, e a separação a deixou ansiosa e solitária. Mas ela não correria o risco do rastreio de um sinal. Não os colocaria em mais perigo do que estavam correndo, nem a si mesma, na verdade.

Mesmo assim. Estar tão desconectada era um sofrimento.

– Você não sabe se o vídeo foi transmitido? – perguntou ela.

Jacin deu de ombros e passou pelo processo de verificar a munição e a trava da arma com movimentos práticos. Ele a enfiou no coldre.

– Sei que a rainha gravou uma transmissão improvisada dela falando. Acho que arrastou o imperador junto, mas não passou em Artemísia, então não sei o que dizia. Podia ser só um comunicado de casamento inútil.

Cress lambeu os lábios.

– Se eu tivesse acesso ao centro de segurança de novo, poderia descobrir...

– Não.

Ela olhou para ele com raiva, e deu de cara com um dedo apontado para o nariz.

– Nós já corremos muito risco. Você vai ficar aqui. – Virando-se, ele ajustou a armadura no ombro, parecendo novamente um servo leal da rainha. – Tenho um longo turno hoje, estou de serviço durante todo o casamento e durante a festa. Mas a maioria de nós está, então as coisas por aqui devem ficar tranquilas, pelo menos.

Cress suspirou. Houve uma época em que o silêncio e a solidão seriam reconfortantes. Era com isso que ela estava acostumada no satélite, afinal. Mas, naquele momento, faziam com que ela se sentisse ainda mais prisioneira.

– Tchau – murmurou ela, acrescentando quase de brincadeira: – Me traga um pedaço de bolo.

Jacin fez uma pausa com a mão na porta. Sua expressão se suavizou.

– Vou fazer o possível.

Ele abriu a porta e congelou.

O coração de Cress pulou na garganta.

Havia outro guarda no corredor, com a mão levantada para bater na porta. Ele olhou de Jacin para Cress.

Recuperando-se mais rápido do que Cress, Jacin cruzou os braços e se encostou na moldura da porta, bloqueando a visão do guarda.

– O que você quer?

– Quem é ela? – perguntou o guarda.

– Isso é coisa *minha*.

– Ah, por favor. – O guarda empurrou o braço de Jacin e forçou caminho para entrar no quartinho. Cress se encostou na parede, apertando o tablet com tanta força que ouviu o plástico estalar. – Muitos guardas têm amantes, mas não você.

A porta se fechou.

Cress estava olhando para o estranho quando ouviu o estalo de uma trava de arma sendo solta.

O guarda ficou paralisado, de costas para Jacin. O olhar era de surpresa quando ele levantou as mãos ao lado das laterais da cabeça.

– Quem falou qualquer coisa sobre amante? – resmungou Jacin.

Cress engoliu em seco. Esse guarda era desconhecido, com olhos escuros e cabelo ondulado cortado acima das orelhas. Ela não se lembrava dele da emboscada nas docas, mas não tinha como ter certeza.

– Não é a recepção que eu esperava – disse o guarda.

Jacin manteve a arma apontada para as costas dele.

– Não gosto que as pessoas saibam das minhas coisas. – O rosto dele estava calmo. Tão calmo que apavorou Cress quase tanto quanto a presença do estranho. – Kinney, não é?

– Isso mesmo.

– Nunca cheguei a agradecer por você falar por mim no julgamento.

– Não foi nada.

– Pegue as armas dele.

Demorou um tempo para Cress perceber que Jacin estava falando com ela. Ela ofegou e se levantou da cama. O guarda, Kinney, não se moveu quando ela pegou a arma e a faca e recuou novamente, feliz de colocá-las na cama.

– Eu prefiro não matar você – disse Jacin. – Mas você vai ter que me dar um motivo muito bom para isso.

A sobrancelha de Kinney tremeu. Ele estava olhando para Cress de novo. Pareceu curioso, mas não com medo, como deveria.

– Eu salvei sua vida.

– Já falei disso.

– Que tal isto: o som da arma vai fazer todos os guardas virem correndo.

– A maioria já está em serviço. Eu aceito o risco.

Cress pensou ter detectado um sorriso, mas então Kinney se virou para olhar para Jacin.

– E que tal porque eu salvei a vida da princesa Winter?

Jacin apertou os olhos.

– Há boatos de rebelião nos setores externos. Acabei de voltar de uma incursão ao MR-9, e, enquanto revistava a casa de uma simpatizante conhecida dos rebeldes, fiquei chocado ao dar de cara com a princesa em pessoa. Eu acreditava que ela estava morta, como todo mundo. – Ele inclinou a cabeça. – Deve acabar com você todos acharem que você a matou por ciúme bobo. Admito que acreditei. Andei meio tentado a matar você como retribuição, e sei que não fui o único.

Um músculo tremeu no maxilar de Jacin.

– Peço desculpas por ter avaliado você mal. – Kinney baixou os braços e prendeu os polegares no cinto. Jacin não se mexeu. – Sei que você gosta dela mais do que qualquer um de nós.

Quando o silêncio se prolongou de forma dolorosa entre eles, Cress perguntou:

– Então... ela está viva?

Kinney olhou para ela e assentiu.

– Eu a mandei se esconder. Até onde eu sei, todo mundo pensa que ela está morta.

Jacin pareceu estar com areia na garganta quando perguntou:

– Ela pareceu bem?

Kinney curvou os lábios, achando graça.

– Eu diria que ela parecia bem melhor do que bem, mas aí você acabaria atirando em mim.

Franzindo a testa, Jacin baixou a arma, mas não a guardou.

– Então você a viu. Isso não explica como salvou a vida dela.

– Jerrico também estava lá. Acho que ele sabia que a rainha mandou matá-la. Ele queria matá-la e arrastar o corpo até aqui, então eu atirei nele.

Apesar de tentar parecer indiferente, Cress ouviu o tom dele oscilar.

– Você o matou? – perguntou Jacin.

– Matei.

Eles ficaram cara a cara por bastante tempo, até que Jacin disse:

– Eu odiava aquele sujeito.

– Eu também.

Os músculos de Jacin começaram a relaxar, embora a expressão ainda fosse desconfiada.

– Obrigado por me contar. Eu...ando preocupado com ela.

– Não foi por isso que eu vim aqui. Eu vim avisar você. Nós vimos uma nave real que não deveria estar lá, e estou disposto a apostar que vai ser rastreada até você. Se eu percebi, ela também vai perceber. A rainha pode achar que Winter está morta, mas vai descobrir a verdade cedo ou tarde. – Ele fez uma pausa. – Quem ela ameaçou matar se você não matasse a princesa?

Jacin engoliu em seco.

– Ninguém.

– Ah, tá. – Kinney olhou para as armas ao lado de Cress, mas não se mexeu para pegá-las. – Ela mandou minha irmãzinha ser morta uma vez, quando eu soltei uma criada que roubou um par de brincos da rainha.

Cress arregalou os olhos. Mas Jacin não pareceu surpreso.

– Bem, seja lá quem fosse – continuou Kinney –, vocês dois vão acabar mortos se não pararem de perder tempo e não saírem daqui antes que Levana descubra que você mentiu para ela. – Ele se virou para Cress. – Posso pegar minhas armas de volta? Tenho uns cinco minutos para me apresentar.

Depois de hesitar, Jacin fez que sim e guardou a própria arma. Ele ainda estava com a testa franzida enquanto Kinney pegava a arma e a faca.

– Por que você está arriscando o pescoço por mim... de novo?

– É o que a princesa iria querer. – Kinney foi até a porta, tomando o cuidado de não esbarrar em Jacin ao passar. – Sua Alteza convenceu a rainha a dar à minha irmã o emprego da

criada em vez de matá-la, então devo muito a ela. – Ele inclinou a cabeça na direção de Cress. – Seja lá quem você for, eu nunca vi você.

Jacin não tentou impedi-lo quando ele saiu pela porta.

O coração de Cress ainda estava disparado.

– Fico feliz de você não o ter matado – sussurrou ela.

– Ainda estou indeciso. – Ele olhou ao redor, mas Cress não sabia dizer o que ele estava avaliando. – Vamos esperar até a ala estar praticamente vazia, depois é hora de irmos.

Ela apertou o tablet, ao mesmo tempo empolgada e apavorada por sair da prisão e abrigo.

– Jacin, a Levana *realmente* ameaçou ferir alguém se você não matasse Winter?

– Claro. É assim que ela opera.

O coração dela rachou por ele, por Winter, por vítimas que ela nem sabia quem eram.

– Quem?

Ele se virou e começou a mexer em uma gaveta, mas ela percebeu que a movimentação era só para se ocupar.

– Ninguém – disse ele. – Ninguém importante.

CAPÍTULO

Quarenta e cinco

– **NÃO TEM NENHUM TIPO DE TRANSMISSÃO NESSA PEDRA ESQUEC** estrelas? – resmungou Kai, passando os dedos pela base do hológrafo, a versão de Luna do sempre presente netscreen.

– Nós estamos em uma ditadura, Vossa Majestade – disse Torin, com os braços cruzados enquanto olhava pela janela, na direção do lago cintilante abaixo. – Você acredita que o noticiário seria confiável se houvesse?

Ignorando-o, Kai passou o dedo no hológrafo de novo.

Ele tinha mandado uma mensagem para a rainha naquela manhã, dizendo que infelizmente o casamento teria que ser adiado se ele não tivesse permissão de encontrar seu conselheiro antes da cerimônia, pois ele era a pessoa mais conhecedora dos votos e costumes que cimentariam o casamento como união política reconhecida.

Para uma certa surpresa dele, ela concordou.

Foi um alívio ver Torin de novo e verificar que seu conselheiro não foi ferido, mas esse alívio veio acompanhado de frustração e inquietação crescentes. As redes de transmissão da rainha eram seu mais recente motivo de reclamação. Elas pareciam conter um monte de asneiras sem sentido e nada de útil.

– Quero saber o que está acontecendo lá fora – disse ele, desligando o hológrafo. – Sei que começou. Sei que Cinder fez alguma coisa.

Torin deu de ombros, de certa forma pedindo desculpas.

– Tenho tantas respostas quanto você.

– Eu sei. Não espero que tenha. É que é tão frustrante estar preso aqui com ela... com eles todos lá fora! Fazendo... o que estiverem fazendo! – Ele se juntou a Torin na janela e passou a mão pelo cabelo. – Como as pessoas aqui aguentam ficar desconectadas do resto do país? Sem comunicação, elas não têm como saber o que está acontecendo nos outros setores. Elas não ficam malucas com isso?

– Eu diria que não – disse Torin. – Veja o esplendor que podem apreciar, graças ao trabalho dos setores externos. Acha que as pessoas aqui querem a ilusão de paraíso delas destruída ao testemunhar a esqualidez do resto do país?

Kai fez cara feia. Ele já sabia disso e lamentava o quanto a pergunta soou inocente. Mas não entendia. Ele ainda se lembrava do dia em que Nainsi contou para ele as estatísticas de pobreza e pessoas sem lar na Comunidade, quando ele tinha dez anos. Nainsi deixou claro para ele que os números eram *bons*. Que, apesar de terem subido desde o espalhamento da letumose, continuavam mais baixos do que eram nas décadas seguintes à Quarta Guerra Mundial. Mesmo assim, Kai ficou uma semana quase sem dormir, pensando em todas aquelas pessoas, *seu* povo, que não tinham onde dormir e nem comida para comer, enquanto ele estava tão bem acomodado e bem cuidado no palácio. Ele até escreveu uma proposta para o aluguel de partes

do palácio para os cidadãos mais necessitados, oferecendo metade de seus aposentos pessoais se ajudasse, mas, apesar de o pai ter prometido ler a proposta, Kai duvidava que tivesse levado a sério.

Ele reconheceu o quanto sua proposta tinha sido infantil, mas não imaginava não querer fazer nada para ajudar os cidadãos da Comunidade, como não imaginava como os membros da corte de Levana podiam não ter compaixão pelas pessoas que construíram o paraíso que eles podiam agora apreciar.

– Seu rosto cicatrizou bem – comentou Torin. – Tenho certeza de que mal vai dar para reparar nas fotos do casamento.

Kai demorou um momento para entender.

– Ah, certo. – Ele levantou a mão e tocou na bochecha em que Lobo dera um soco. Estava só dolorida ao toque, e, sem espelhos para se ver, ele tinha se esquecido dela.

– Acho que esse artifício não ajudou em nada – murmurou ele, enfiando as mãos nos bolsos.

– Mas foi um esforço valoroso, mesmo assim – disse Torin. – Falando do seu tempo longe, você viu o relatório das forças militares americanas que chegou esta manhã?

Ele se virou.

– Claro que não. Ela pegou meu tablet.

Torin fez uma careta de solidariedade.

– Certo. Vou deixar o meu com você.

– Obrigado, Torin. Que relatório?

– Parece que encontraram a nave dos seus amigos orbitando no espaço, abandonada. Estão rebocando de volta para a República para começar a procurar evidências a serem usadas

contra seus sequestradores. Quando eles forem encontrados, claro.

Kai massageou a nuca.

– Eles sabiam que aconteceria, mas Thorne não vai ficar feliz quando descobrir.

– A nave *era* roubada. Independentemente do lado em que ele está agora, o sujeito é ladrão e desertor. Tenho dificuldade em ter solidariedade pela perda dele.

Kai não conseguiu sufocar um sorriso irônico.

– Eu não discordo, mas, quando virmos Thorne de novo, talvez devesse ser eu a dar a notícia para ele.

Ele deixou que seu olhar viajasse até a beira do lago, onde a água tocava no domo. Lá parecia o fim do mundo. A civilização dentro de uma cápsula perfeita, toda cintilante e imaculada. Depois dela, nada além de terreno inóspito. No horizonte, ele via a beirada de outro domo e se perguntou qual era.

Ele escolheu as palavras com cuidado. *Quando* vissem Thorne de novo, não *se*. Porque era assim que ele tinha que pensar em todos os seus aliados, seus amigos. Era assim que tinha que pensar em Cinder se queria passar por aquilo. Ele se perguntou onde ela estava, até onde tinha ido. Estaria segura?

Uma batida na porta assustou Kai, mas a surpresa foi sufocada pelo medo.

– Agora vai começar – murmurou ele. – Entre.

Mas não era um estilista do casamento, e sim um de seus guardas na porta, segurando um pequeno pacote envolto em tiras de veludo colorido.

– Perdoem a interrupção. Isto foi entregue por um servo como presente de casamento de Sua Majestade, a rainha. Fizemos testes em busca de produtos químicos e explosivos, e determinamos que é seguro e pode ser aberto. – Ele esticou o pacote para Kai.

– Você quer dizer que ela não pretende me explodir antes da cerimônia? – perguntou Kai, pegando a caixa. – Que decepcionante.

O guarda pareceu querer abrir um sorriso, mas resistiu. Ele fez outra reverência e saiu pelo corredor.

Kai abriu depressa o pacote, ansioso para acabar logo com o novo tormento que Levana tinha elaborado para ele. Ele estava imaginando uma bola de ferro com corrente pequeninha quando levantou a tampa.

Ele ficou paralisado. O sangue desceu da cabeça e se espalhou pelos pés.

Um dedo ciborgue estava sobre uma base de veludo branco. Havia graxa nas juntas do dedo e fios desconectados na parte de fora.

O estômago dele deu um nó.

– Ela está com Cinder – disse ele, passando a caixa para Torin. Atordoadado, andou até a janela, com os pensamentos enevoados de negação. Esse *presente* respondia tantas das suas perguntas, e ele percebeu que Torin estava certo.

Às vezes, era melhor não saber das coisas.



FAZIA SÉCULOS QUE LEVANA NÃO SE LEMBRAVA DE SENTIR TANT.

A sobrinha chata estava novamente em cativeiro, e logo não seria mais incômodo nenhum.

Sua enteada irritante estava morta, e Levana nunca mais teria que ouvir os murmúrios dela nem atender a seus pedidos frívolos.

Em poucas horas, estaria casada com o imperador da Comunidade das Nações Orientais e, em poucos dias, receberia uma coroa e o título de imperatriz. Não demoraria para que toda a Terra fosse dela. Recursos. Solo. Um lugar para seu povo apreciar a beleza e os luxos que os terráqueos não valorizavam.

Ela imaginou os textos de histórias de séculos depois, contando a saga da rainha lunar que conquistou o planeta azul e começou uma nova era. Uma era governada pelos mais valorosos.

Ela mal sentia o peso das pedras presas às mangas do vestido e penduradas na gola. Mal reparava nos servos se movendo ao redor, ajustando a saia do vestido de noiva, endireitando a armação, fazendo reparos finais ao caimento do corpete.

Sem espelho, Levana sabia que era bonita. Ela era a rainha mais bonita que Luna já tinha tido, e Kaito tinha sorte de ter uma noiva assim.

Estava sorrindo para si mesma quando finalmente dispensou os servos.

– Lindíssima, minha rainha.

Ela se virou e viu Aimery na porta.

– Que liberdades você toma ao entrar sem se anunciar – disse Levana, embora quase não houvesse veneno no tom dela. – Estou

me preparando para minha cerimônia de casamento. O que você quer?

– Eu não quero ser uma distração. Entendo que é uma ocasião especial, e para todos nós. Mas quero deixá-la tranquila quanto à... convidada especial desta noite. A ciborgue será levada à sala do trono durante a festa, como pedido. Tudo está preparado.

– Fico feliz em saber. Que surpresa será a presença dela para meu novo marido. – Ela passou o polegar pela base do dedo anelar enquanto falava, sentindo a tira de pedra gasta. Era uma lembrança constante do primeiro marido, o pai de Winter. Ele sempre seria seu único amor, e ela jurou tempos atrás que aquele anel jamais seria retirado do dedo.

Escondê-lo era tão natural para ela quanto o glamour dos lábios vermelhos e da voz serena.

– Tenho mais uma notícia para dar – disse Aimery –, apesar de ainda ser uma investigação em andamento e eu não querer aborrecê-la tão perto da hora de seu casamento.

– Enquanto a ciborgue estiver sob nossa custódia, nada mais pode me aborrecer – declarou Levana, com um sorriso.

– Fico feliz em ouvir, minha rainha. Pois descobrimos uma coisa suspeita na nossa visita ao setor de mineração. Havia uma nave real lá, e, após inspeção detalhada, descobrimos que a nave foi licenciada justamente para Sir Jacin Clay.

Levana se virou para dar atenção total a Aimery.

– Continue.

– Temos documentação dessa nave saindo de Artemísia quarenta e sete minutos depois da morte da princesa Winter. Claro, Sir Clay ainda estava aqui, no palácio, nessa hora, e não

sabemos quem estava pilotando. Também parece suspeito que, independentemente de quem estava a bordo daquela nave, a pessoa tenha ido parar no mesmo setor que a ciborgue e seus companheiros.

Embora a expressão de Aimery permanecesse neutra, era fácil perceber as desconfianças dele.

– Temos imagens de vídeo da morte de Winter, não temos?

– Temos, minha rainha. No entanto, como Vossa Majestade talvez possa se lembrar, tivemos dificuldades técnicas naquele dia, com falhas esporádicas de energia que afetaram a vigilância de todo o palácio. Permita-me.

Ele se aproximou do netscreen que Levana mandara ser colocado na moldura lindíssima que já tinha sido a do espelho de sua irmã, antes de todos os espelhos serem destruídos. Um momento depois, Levana estava vendo Jacin e Winter no jardim. O lobo andava atrás deles. Winter beijou o guarda com tanta paixão que Levana rosnou. Então, Jacin levantou a faca e enfiou nas costas dela. O corpo de Winter ficou inerte, e ele a colocou no chão com toda a delicadeza de um homem apaixonado. Sangue começou a se espalhar embaixo dela.

O vídeo terminou.

Ela levantou uma das sobrancelhas.

– Ela está morta, então.

– Talvez. Mas tenho receio de que essa morte tenha sido armada. É aqui que o vídeo termina. Não temos imagens de Jacin removendo o corpo ou matando o lobo para encobrir as pistas, como ele alega ter feito. Parece uma hora conveniente para essa câmera em particular ter parado de funcionar.

Levana inspirou fundo.

– Entendo. Detenha Sir Clay em uma cela por enquanto. Vou interrogá-lo depois da festa.

– Eu já tinha tomado a liberdade de mandar guardas buscarem-no, Vossa Majestade, e preciso dizer que ele sumiu.

Isso, mais do que qualquer coisa, a fez parar.

– Sumiu?

– Ele tinha que ter se apresentado ao serviço duas horas atrás, mas não foi visto. Dentre os guardas com quem falou, ninguém alega tê-lo visto depois que terminou o turno de ontem à noite.

O olhar de Levana se perdeu quando ela se virou para a janela, na direção do lindo lago, de sua linda cidade.

Jacin tinha fugido.

Só homens culpados fogem.

Só podia querer dizer que Winter estava viva.

Ela trincou os dentes de ódio, não só porque a enteada continuava a existir, mas pela audácia de um guarda de mente fraca em tentar fazê-la de tola. Mas se obrigou a respirar e deixou o ódio se esvair dos ombros tensos.

– Não importa – disse ela. – A princesa está morta se o povo acreditar que está. Isso não muda nada. Tenho assuntos bem mais importantes a resolver.

– Claro.

– Se Jacin Clay for encontrado, ele deve ser morto na hora. Se houver qualquer notícia da princesa, quero ser informada imediatamente.

Aimery fez uma reverência.

– Sim, minha rainha. Vou deixá-la com seus preparativos. Parabéns pela felicidade iminente.

O sorriso de Levana não foi forçado. *Felicidade iminente*. Ela gostou muito do som disso.

Aimery se virou para sair.

Levana ofegou.

– Espere, mais uma coisa.

Aimery parou.

– Os pais de Jacin Clay devem ser executados por traição, e publicamente, como lembrete de que esse tipo de coisa não será tolerada. Mande os guardas do setor dele fazerem isso agora, para que as mortes não estraguem a transmissão do casamento esta noite. – Ela ajeitou a frente do corpete. – Jacin vai saber que a culpa das mortes é toda dele.

CAPÍTULO

Quarenta e seis

KAI NÃO SABIA COMO ACABOU VESTIDO DE NOIVO OUTRA VEZ. ELE nada enquanto estilistas ajeitavam seu cabelo e suas roupas. Não seria capaz de identificar nenhum deles depois que fossem embora.

Cinder estava morta. Isso, ou Levana a estava mantendo presa em algum lugar. Ele não sabia qual das duas opções era pior.

Cinder.

O nome dela se repetia em sussurros em sua mente, toda vez um espinho novo cravado na pele.

A corajosa e determinada Cinder. A inteligente, criativa, sarcástica Cinder.

Ele se recusava a acreditar que ela estava morta. O que um dedo indicava, de verdade? Kai avaliou cada possibilidade. Era um dedo falso que Levana mandara fazer para atormentá-lo. Ou Cinder o tinha perdido em batalha, mas o resto dela escapara. Ou... deveria haver alguma outra explicação. Ela não poderia estar morta.

Não Cinder.

O cérebro dele estava enevoado, como se a tarde tivesse se passado em um sonho vago. Um *pesadelo* vago.

Quer o dedo significasse ou não o que ele temia, logo estaria casado com Levana. Depois de tudo, de todo o planejamento, de todas as esperanças. Era assim que tudo terminava, do jeito como Levana pretendeu desde o começo.

– O que eu estou fazendo? – perguntou ele quando Torin voltou após trocar de roupa.

A não ser que fosse um taumaturgo usando um glamour para incorporar Torin...

Ele apertou bem os olhos.

Odiava aquele lugar.

Torin suspirou e ficou de pé ao lado de Kai. A Terra parecia suspensa acima deles, sua forma quase cheia no céu lotado de estrelas.

– Você está acabando com uma guerra – disse seu conselheiro.
– E obtendo um antídoto.

Kai usou esses mesmos argumentos tantas vezes que eles começaram a perder o sentido.

– Não era para ser assim. Eu achei... Eu achei mesmo que ela tinha chance.

Ele sentiu a mão em seu ombro. Era tão reconfortante quanto podia ser.

– Você ainda não se casou com ela, Vossa Majestade. Ainda pode dizer não.

Uma gargalhada irônica escapou de sua boca.

– Enquanto estamos presos aqui? Ela nos massacraria.

Ir até Luna foi um erro. No final, suas boas intenções não importavam. Ele fracassou.

Um taumaturgo entrou e, apesar de estar ladeado por dois guardas pessoais de Kai, todo mundo no aposento sabia que ambos eram meros ornamentos.

– Vim escoltá-lo até o grande salão – disse o taumaturgo. – A cerimônia está prestes a começar.

Kai passou as mãos na camisa de seda. Em vez de úmidas e grudentas, estavam secas. Secas e geladas.

– Tudo bem – disse ele. – Estou pronto.

Torin ficou ao lado dele pelo tempo que pôde, seguindo o grupo pelos corredores enormes do palácio até ser obrigado a se juntar ao resto dos representantes e convidados da Comunidade. Tudo aconteceu em um borrão, e, embora Kai sentisse como se estivesse andando com sapatos de ferro, eles chegaram ao salão de baile rápido demais.

Respirou fundo enquanto sua descrença era interrompida por uma pontada de pânico.

Quando ensaiaram no dia anterior, tudo pareceu uma piada. Como se ele estivesse em um jogo e, pela primeira vez, tivesse as melhores cartas. Mas agora, enquanto o taumaturgo fazia um gesto indicando que ele devia tomar seu lugar no altar montado na frente do salão de baile, Kai vislumbrava centenas de lunares vestidos de forma exótica à frente, e tudo desmoronou.

Não era um jogo.

A primeira-ministra Kamin estava no tablado, atrás de um altar decorado de dourado e preto, coroado com centenas de pequenas esferas. Ela fitou os olhos de Kai enquanto ele se dirigia para a plataforma. Sua expressão era solidária. Kai se perguntou se ela percebia que Levana pretendia conquistar o país dela

também, depois que estivesse com a Comunidade sob domínio firme. Levana planejava conquistar todos eles.

Inspirar. Expirar. Ele se virou sem retribuir o quase sorriso de Kamin.

A multidão era maior do que ele imaginava; mil pessoas se reuniam com seus melhores trajes de gala. O contraste entre as cores pálidas dos terráqueos e os brilhos e fluorescentes dos lunares era risível. Havia um corredor no meio do salão, demarcado por candelabros com mais esferas claras, as luzes tremeluzindo como pequenas chamas. O tapete do corredor era preto, com pedrinhas imitando o céu noturno. Ou o céu de sempre, como era em Luna.

Um silêncio se espalhou pelo aposento, e Kai percebeu que não era um silêncio normal. Era controlado demais, impecável demais.

Seu coração bateu disparado no peito. Aquele era o momento que ele temia, o destino contra o qual lutou por tanto tempo. Ninguém ia interferir. Ele estava sozinho, grudado no chão.

Nos fundos do salão, as portas enormes se abriram, acompanhadas do som de trombetas. No final do corredor, duas sombras surgiram, um homem e uma mulher de uniformes militares carregando as bandeiras de Luna e da Comunidade das Nações Orientais. Depois que eles se separaram para colocar as bandeiras em dois mastros dos dois lados do altar, uma série de guardas lunares marchou para a sala, totalmente armados e sincronizados. Eles também se espalharam quando chegaram ao altar, como um muro protetor ao redor da plataforma.

Em seguida, apareceram seis taumaturgos de preto no corredor, andando em duplas, graciosos como cisnes negros. Eles foram seguidos de dois de vermelho e, finalmente, do taumaturgo-chefe Aimery Park, todo de branco.

Uma voz soou, vinda de alto-falantes escondidos:

– Todos se levantem para Sua Majestade Real, a rainha Levana Blackburn de Luna.

As pessoas se levantaram.

Kai uniu as mãos trêmulas nas costas.

Ela apareceu primeiro como uma silhueta nas luzes das portas, uma ampolheta perfeita terminando em uma saia cheia que flutuava atrás de si. Andou com a cabeça erguida, deslizando na direção do altar. O vestido era vermelho-escarlata, intenso como sangue, com correntes de ouro delicadas penduradas ao redor dos ombros. Lembrou a Kai uma papoula vermelho-sangue, com pétalas grandes e pendentes. Um véu dourado transparente cobria o rosto dela e tremia como uma vela conforme andava.

Quando estava perto o bastante, Kai identificou partes do rosto pelo véu. Os lábios foram pintados para combinar com o vestido, e os olhos ardiam de vitória. Ela andou até a plataforma e parou ao lado de Kai. A barra da saia se acumulou ao redor dos pés.

– Podem se sentar – disse a voz sem corpo.

As pessoas se acomodaram nas cadeiras. A primeira-ministra Kamin levantou o tablet, apoiado no altar.

– Senhoras e senhores, lunares e terráqueos – começou ela, com um microfone escondido que espalhava sua voz pela multidão. – Nós nos reunimos hoje para testemunhar uma união

histórica entre a Terra e Luna, uma aliança formada por confiança e respeito mútuos. É um momento importante na nossa história, que vai simbolizar para sempre o relacionamento duradouro do povo de Luna e do povo da Terra.

Ela fez uma pausa para as palavras serem absorvidas pela multidão. Kai sentiu vontade de vomitar.

A primeira-ministra se concentrou na noiva e no noivo.

– Estamos aqui para testemunhar o casamento do imperador Kaito da Comunidade das Nações Orientais e da rainha Levana Blackburn de Luna.

Kai encarou os olhos de Levana através do véu. O sorriso provocador o tirou do estado de negação.

Cinder estava capturada ou morta. O casamento aconteceria como planejado; a coroação seria feita em dois dias.

Restava só ele. A última linha de defesa entre Levana e a Terra. Que fosse.

Ele firmou o maxilar e voltou a olhar para a celebrante. Deu um pequeno aceno. O casamento começou.

CAPÍTULO

Quarenta e sete

– O NOIVO AGORA VAI PEGAR ESTA FITA E AMARRAR TRÊS VEZES EM pulso esquerdo da noiva, simbolizando o amor, a honra e o respeito que vai uni-los para sempre em matrimônio – disse a primeira-ministra Kamin, desenrolando um pedaço de fita de veludo de um carretel. Ela pegou a tesoura polida de prata na bandeja e cortou o tecido.

Kai tentou não fazer uma careta quando Kamin colocou a fita nas palmas de suas mãos. Era cintilante, cor de marfim, a cor da lua cheia, diferente da fita azul sedosa já enrolada no pulso dele, da cor da Terra.

Parecia que sua consciência estava pairando acima, observando-o enquanto seus dedos enrolavam a fita no pulso fino de Levana, uma, duas, três vezes, terminando com um nó simples. O gesto foi desajeitado e a fita devia estar frouxa demais, um efeito colateral de sua vontade de não tocar na pele dela com as pontas dos dedos. Quando ela amarrou a dele, praticamente fez uma massagem no pulso que o fez se contorcer por dentro.

– Agora vou amarrar as duas fitas uma na outra – disse a primeira-ministra Kamin, com a voz controlada e serena. Ela não hesitou nem uma vez durante a cerimônia. – Isso simboliza a unificação da noiva e do noivo e também de Luna e da

Comunidade das Nações Orientais, que representa o planeta Terra hoje, no oitavo dia de novembro do centésimo vigésimo sexto ano da terceira era. – Ela pegou as pontas de cada fita entre os dedos.

Kai assistiu, com um semblante distante de interesse, aos dedos escuros e finos unirem as duas fitas. Ela puxou as pontas e amarrou o nó. Kai continuou observando, sentindo sua mente desconectada.

Ele não estava ali.

Aquilo não estava acontecendo.

O olhar de ódio o traiu, virando-se para o rosto de Levana. Foi o mais breve dos olhares, mas ela percebeu. Ela sorriu, e espetos de gelo perfuraram a coluna dele.

Aquilo estava mesmo acontecendo. Aquela era sua noiva.

Os lábios de Levana tremeram atrás do véu. Embora a mulher não tivesse aberto a boca, ele ouviu a voz dela acusando-o de se deixar levar por uma paixonite acanhada, e o repreendendo por sua juventude e inocência em um momento desses. Ele não identificou se a voz era sua imaginação caçoando dele ou algo que ela estava injetando em seus pensamentos.

E jamais saberia.

Ele estava se casando com uma mulher que exerceria seu poder sobre ele para sempre.

Como ela era diferente de Cinder. Selene. *Sobrinha* dela, embora não parecesse possível que as duas tivessem qualquer coisa em comum, principalmente ancestrais.

Pensar em Cinder trouxe de volta a lembrança dolorosa do dedo ciborgue em uma base de seda, e Kai tremeu.

A celebrante parou, mas Kai já estava reconfigurando sua expressão. Ele soltou o ar com firmeza e fez um aceno leve para ela continuar.

Kamin pegou o tablet, e Kai aproveitou a pausa momentânea para tentar se recompor. Ele pensou nos mutantes assassinando civis inocentes. Pensou no pai morrendo na quarentena no palácio enquanto um antídoto existia no controle de Levana. Pensou em todas as vidas que estaria salvando ao acabar com a guerra e obter a cura.

– Vamos agora começar a troca de votos, como determinado pelo conselho de líderes da União Terráquea, começando com o noivo. Por favor, repita depois de mim. – Kamin ergueu o olhar para ter certeza de que Kai estava prestando atenção. – Eu, imperador Kaito da Comunidade das Nações Orientais da Terra...

Ele repetiu, tão obediente quanto um androide.

– ... recebo como esposa e futura imperatriz da Comunidade das Nações Orientais Sua Majestade Real, a rainha Levana Blackburn de Luna...

Ele estava fora do corpo de novo. Olhando para baixo. Ouvindo as palavras sem entendê-las. Elas não tinham significado.

– ... para governar ao meu lado com graça e integridade, honrar as leis da União Terráquea como determinadas por nossos ancestrais, ser defensora da paz e da justiça entre todos os povos.

Alguém acreditava em uma palavra desse lixo todo?

– Deste dia em diante, ela será meu sol ao amanhecer e minha lua à noite, e prometo amá-la e valorizá-la por todos os nossos dias.

Quem escrevia aqueles votos, afinal? Ele nunca tinha ouvido nada tão ridículo na vida.

Mas os disse sem emoção e com menos interesse ainda. A primeira-ministra Kamin assentiu, como quem quisesse dizer que ele fez bem, e se virou para Levana.

– Agora, a noiva vai repetir depois de mim...

Kai se desligou da voz de Levana e examinou os pulsos unidos. A fita ao redor de seu punho estava ficando mais apertada? Os dedos começavam a formigar. Ele estava perdendo a circulação. Mas a fita envolvia a pele de forma inocente.

Estrelas do céu, como estava quente ali!

– ... e prometo amá-lo e valorizá-lo por todos os nossos dias.

Kai riu com deboche. Alto.

Era para ficar só em pensamento, mas escapou.

Levana ficou tensa, e a celebrante o perfurou com um olhar intenso.

Kai tossiu, em uma tentativa de aliviar o momento.

– Desculpe. Tinha uma coisa na minha... – Ele tossiu de novo.

Rugas tensas se formaram ao redor da boca de Kamin quando ela se virou para a rainha.

– Vossa Majestade Real aceita os termos de casamento dispostos neste dia, tanto as regras do matrimônio entre dois seres quanto o laço que vai de agora em diante ser criado entre Luna e a Comunidade das Nações Ocidentais, resultando na aliança política dessas duas entidades? Se aceitar, diga “sim”.

– Sim. – A voz de Levana soou alta e doce, e gerou mil agulhas perfurantes no peito de Kai.

A cabeça dele estava latejando. De exaustão, de descrença, de infelicidade.

– Vossa Majestade Imperial aceita os termos de casamento dispostos neste dia, tanto as regras do matrimônio entre dois seres quanto o laço que vai de agora em diante ser criado entre a Comunidade das Nações Ocidentais e Luna, resultando na aliança política dessas duas entidades? Se aceitar, diga “sim”.

Ele olhou para a primeira-ministra Kamin e piscou.

Seu coração estava disparado no peito, e as palavras dela eram ecos vazios na cabeça vazia, e ele só precisava abrir a boca e dizer *sim* e o casamento acabaria e Levana seria sua esposa.

Mas seus lábios não se abriram.

Não.

Os músculos se contraíram no maxilar da primeira-ministra. O olhar dela ficou rígido, dando a deixa.

Não posso.

Ele sentiu o peso de mil convidados o observando. Visualizou Torin e o presidente Vargas e a rainha Camilla e todos os outros, assistindo, esperando. Visualizou os guardas e taumaturgos de Levana e aquele arrogante Aimery Park e mil aristocratas vaidosos e ignorantes aguardando o fim de seu silêncio.

Ele sabia que Levana podia forçá-lo a dizer as palavras, mas ela não fez isso. Embora imaginasse uma onda de ar gelado emanando de sua noiva a cada segundo, ela esperou como todos os outros.

Kai abriu os lábios, mas a língua estava pesada como ferro.

A celebrante inspirou com paciência e lançou um olhar preocupado para a rainha antes de voltar a encarar Kai. Sua

expressão denotava nervosismo.

Kai olhou para a tesoura que ela usara para cortar as fitas.

Ele se moveu rápido, antes que pudesse se questionar. A mão solta se esticou e pegou a tesoura no altar. Sangue latejou nos ouvidos quando ele se virou para Levana com o braço levantado e empurrou a tesoura na direção do coração dela.

Cinder deu um grito e levantou os braços em defesa. A ponta da tesoura cortou o tecido das luvas até os cotovelos, antes de parar ao tocar no corpete de prata do vestido. O braço de Kai tremeu com o esforço para fazer força contra o controle, mas sua mão estava entalhada em pedra. Com a respiração entrecortada, ele olhou para o rosto de Cinder. Sua aparência era a mesma da do baile, o vestido em frangalhos e as luvas manchadas, o cabelo úmido caindo ao redor do rosto. A única diferença era a fita azul que os unia e um único corte na seda das luvas.

Lentamente, como melado, sangue começou a escorrer pelo corte, manchando o tecido.

Cinder – não, *Levana* – viu o corte e rosnou. Seu controle sobre Kai falhou, e ele cambaleou para trás. O som da tesoura se chocando contra o chão tinha um tom de finalidade.

– Você ousa me ameaçar aqui? – sibilou Levana, e, apesar de ter tentado imitar a voz de Cinder, Kai percebeu a diferença. – Na frente dos nossos reinos?

A atenção de Kai ainda estava voltada para o sangue escorrendo pelo braço ferido.

Ele conseguiu. Por um momento, ultrapassou o glamour, a manipulação. Não era muito, mas ele a machucou de verdade.

– Não era para ser uma ameaça – disse ele.

Ela apertou os olhos.

– Nós dois sabemos que você pretende me matar no momento em que eu não for mais útil para você. Achei que era justo deixar claro que o sentimento é mútuo.

Levana olhou para ele com raiva, e foi irritante ver tanto ódio no rosto de Cinder.

Vibrando com adrenalina, Kai olhou para a plateia. A maioria dos convidados estava de pé, suas expressões eram uma mistura de choque e confusão. Logo à frente, Torin parecia prestes a se lançar por cima das duas fileiras de assentos e estar ao lado de Kai no momento em que fosse necessário.

Kai sustentou o olhar por tempo suficiente, esperava ele, para comunicar que estava bem. Ele a tinha machucado, Kai queria dizer. Era possível machucá-la. O que significava que era possível matá-la.

Kai firmou o maxilar e se virou para encarar a primeira-ministra Kamin. Ela também tremia, as mãos apertando o tablet.

– Sim – disse ele, ouvindo sua proclamação ecoar pelo altar.

O olhar da celebrante se alternava entre ele e a noiva, como se ela não soubesse se deveria prosseguir ou não. Mas Levana ajeitou o vestido de noiva, ou o vestido de baile de Cinder, na verdade. A reação que ela esperava arrancar dele ao manter o glamour, ele não daria, *não queria* dar a ela.

Quando o silêncio se prolongou por tempo demais, Levana grunhiu:

– Vá em frente logo.

Kamin engoliu em seco.

– Pelo poder dado a mim pelo povo da Terra, eu os declaro... marido e mulher.

Kai nem se mexeu.

– Pedimos que todas as filmagens sejam interrompidas para que o noivo possa beijar a noiva.

Kai esperou ser atingido por um muro de medo, mas até isso foi substituído por determinação fervorosa. Ele imaginou todos os hológrafos de Luna escurecendo e todas as atualizações da Terra se apagando. Imaginou seu povo olhando, e o horror que devia estar sentindo quando a atualização foi interrompida.

Ele se virou para Levana.

Sua noiva.

Sua *esposa*.

Ela ainda estava incorporando Cinder, mas o vestido do baile foi substituído pelo vestido vermelho vibrante e pelo véu transparente. Ela deu um sorriso demoníaco.

Ignorando-a, Kai segurou o véu mecanicamente entre os dedos e o puxou por cima da cabeça.

– Achei que você preferiria este visual – disse ela. – Considere um presente de casamento.

Kai não conseguiu reagir, por mais que quisesse refletir aquela arrogância de volta para ela.

– Prefiro mesmo. – Ele inclinou a cabeça na direção dela. – Selene é mais bonita do que você jamais conseguiria ser.

Ele a beijou. Foi um beijo abrupto e sem paixão que não se pareceu em nada com beijar Cinder.

A plateia soltou o ar de forma coletiva.

Kai recuou e colocou uma distância de um corpo entre eles. A plateia começou a aplaudir, educadamente no começo, depois com mais entusiasmo, como se estivesse com medo de as palmas não serem bastante educadas. Kai esticou o cotovelo para Levana segurar, com as mãos ainda amarradas, e juntos se viraram para olhar a plateia. Com o canto do olho, ele viu a imagem de Cinder sumir, o rosto ser substituído pelo de Levana, e ficou feliz de ela parecer irritada. Era uma vitória muito pequena, mas ele ficou feliz.

Eles ficaram ali parados ouvindo a gritaria trovejante, os dois furiosos.

Marido e mulher.

CAPÍTULO

Quarenta e oito

CRESS JÁ TINHA PERDIDO A NOÇÃO DE ONDE ESTAVAM E EM QU estavam indo. Jacin a arrastou por complicados labirintos de corredores no subterrâneo do palácio, escadas abaixo e túneis de trens de levitação magnética adentro. Embora parecesse que estavam andando havia horas, ela não sabia nem se tinham deixado os limites de Artemísia Central, considerando o quanto a rota fora circular.

Estavam se esgueirando por um túnel, colados às paredes para evitar trens, que tinham a tendência de surgir de repente e rápido demais sobre os ímãs silenciosos, quando o corte de energia os mergulhou na escuridão. Cress esticou a mão para alcançar Jacin, mas parou com os dedos a centímetros de onde achava que ele estaria. Ela fechou o pulso e puxou a mão de volta.

Corajosa. Ela era *corajosa*.

Ao longe, ouviram o guincho de um trem batendo nos trilhos e parando.

Um momento depois, luzes de emergência laranja iluminaram os trilhos aos pés deles e uma voz ecoou de alto-falantes invisíveis:

– Esta rota de trem foi desligada por prazo indeterminado. Sigam para a próxima plataforma a pé e preparem-se para uma

inspeção de segurança. A coroa pede desculpas pelos inconvenientes.

Ela olhou para Jacin.

– O que isso quer dizer?

– Meu palpite? O que Cinder está fazendo está funcionando. – Ele começou a andar de novo, seguindo com mais cuidado uma vez que a iluminação estava reduzida. – Devem estar limitando os transportes para a cidade.

Os nervos dela zumbiram.

– Nós vamos conseguir sair?

– Estamos quase na estação que recebe oitenta por cento dos nossos trens de suprimentos. Eles devem estar operacionais, considerando a quantidade de convidados que Levana tem que alimentar esta semana.

Cress correu atrás dele, torcendo para que estivesse certo. Ele não tinha sido muito claro em relação ao plano, e ela ainda não fazia ideia de onde estavam indo. Cress se perguntou se ele estava certo. Winter e Scarlet tinham conseguido levar a mensagem para o resto do grupo? Será que transmitiram o vídeo? Ela não tinha respostas. Se Levana estava ciente de um potencial levante futuro, estava guardando a informação só para si.

O túnel ficou mais largo, os trilhos se juntaram a outros dois, e Cress sentiu um cheiro pungente que a lembrou do grupo que Thorne e ela encontraram no Saara. De terra e animais.

Depois da curva seguinte no túnel, ela viu um brilho intenso e ouviu o eco de máquinas batendo e rodas girando. Jacin reduziu o ritmo.

Uma plataforma enorme apareceu. Um sinal holográfico exibia a cobertura do casamento real.

Doze trilhos de trens de levitação magnética seguiam em múltiplas direções, com trens de carga acima. A maioria dos vagões estava escondida nos túneis escuros, esperando para descarregar os produtos. Guindastes e roldanas ocupavam a doca, e Cress imaginou que seriam necessários incontáveis trabalhadores para cuidar de todo o maquinário, mas os únicos presentes eram um contingente de guardas uniformizados revistando os vagões à frente.

Jacin puxou Cress para as sombras do trem mais próximo. Um segundo depois, uma silhueta passou à frente, e o raio de uma lanterna se virou na direção deles. Jacin e Cress se abaixaram entre os vagões mais próximos, vendo o raio de luz tremeluzir no chão e desaparecer.

– A6 está limpo – gritou alguém, seguido de outro:

– A7, limpo.

Houve uma pausa e o zumbido dos ímãs. Em seguida, os três se deslocaram.

Jacin pulou no eixo para não ser pego nos trilhos, puxando Cress junto. Desta vez, ela segurou o braço dele quando o trem disparou, depois parou novamente. As portas se abriram.

Jacin pulou do eixo e levou Cress junto.

– Inspeção – sussurrou ele. – Para que ninguém tente entrar na cidade.

– E sair da cidade?

Ele apontou para a frente do trem.

– Temos que entrar em um dos vagões que já foram revistados. Este trem deve voltar para os setores agrários a partir daqui.

Eles seguiram até o outro lado do vagão. Apesar de haver plataformas nas duas laterais dos trilhos, a segunda só tinha um guarda, andando pelo perímetro com um fuzil de assalto na mão.

– Muito bem, docinho, quando aquele guarda estiver de costas para nós de novo, vamos seguir em frente o mais rápido possível. Quando ele começar a se virar, entre debaixo do trem e fique parada.

Cress olhou com raiva para a nuca dele.

– Não me chame de docinho.

À frente, alguém gritou:

– A8, livre! B1, livre!

O guarda deu as costas.

Jacin e Cress saíram correndo. O coração dela estava disparado enquanto mantinha um olho nas costas do guarda e na arma ameaçadora, e o outro nos trilhos embaixo dos pés. O guarda começou a se virar. Cress ficou de quatro e entrou debaixo do vagão. O cabelo na região da nuca estava grudado de suor.

– Aqu...!

Um grito foi interrompido, seguido de dois baques altos e do estalo de metal batendo em metal. O guarda com o fuzil se virou e correu na direção dos trilhos, pulando por cima de um eixo. Um tiro. Um grunhido.

– *Parado!*

Outro tiro.

Com a plataforma inesperadamente vazia, Jacin saiu de baixo do trem e fez sinal para Cress ir atrás. Ela raspou os cotovelos no chão duro quando se arrastou para fora. Jacin a puxou para ficar de pé, e eles saíram correndo na direção da frente do trem. Os sons de luta continuaram a soar na plataforma do outro lado do trem.

Eles chegaram ao vagão A7 e se grudaram na lateral para recuperar o fôlego. Só precisavam se esgueirar para o outro lado e subir no vagão sem serem vistos (e sem levarem um tiro, ela pensou), mas outro tiro a fez pular.

Cress olhou para trás e seu coração subiu para a garganta.

Havia uma garota no chão, entrando embaixo de um dos vagões, como Cress tinha feito segundos antes. Embora Cress visse bem pouco dela, a abundância de tranças sedosas tingidas em vários tons de azul era inconfundível.

– Iko!

Iko levantou o rosto. Seus olhos se arregalaram. Mas o olhar foi breve, pois ela virou a cabeça na direção de alguma coisa do outro lado do trem. Ela começou a se arrastar, com a barriga grudada no chão.

Jacin falou um palavrão e se jogou à frente de Cress. Sua arma já estava na mão quando correu para a confusão.

Cress foi atrás, mas com mais hesitação, sem arma nenhuma. Ela se agachou perto do vagão e esticou o pescoço.

Sua garganta ficou seca.

Thorne.

Ele estava usando um uniforme de guarda lunar, mas não havia como confundir.

Ela colocou as duas mãos sobre a boca para não gritar o nome dele. Thorne estava lutando com o guarda da plataforma. O fuzil não estava em lugar nenhum. Quatro outros guardas e duas lanternas, com os fachos de luz apontando para lugares aleatórios nos trilhos, estavam espalhados pela plataforma. Cress reparou em um borrimo de sangue em um dos vagões no mesmo momento em que Iko atacou e se jogou em um sexto guarda, que tentava disparar contra Thorne. Mas foi um ataque desajeitado. Parecia haver alguma coisa errada com o braço direito dela.

O guarda segurou Iko, a prendeu no chão e envolveu seu pescoço com as mãos, sem perceber que a entrada de oxigênio não seria problema.

Cress viu uma arma abandonada a alguns passos e correu para pegá-la. Mas, assim que a segurou e mirou na luta, seus braços começaram a tremer. Ela nunca tinha disparado uma arma.

Cress estava tentando controlar a mão para mirar, quando dois tiros sucessivos ecoaram por seu crânio. O primeiro derrubou o guarda que estava em cima de Iko; o segundo acertou o guarda lutando com Thorne.

O mundo pareceu parar, exceto pelas respirações pesadas. O silêncio imaculado deixou seus ofegos insuportavelmente altos.

Com a confirmação de que os dois guardas estavam mortos ou incapacitados, Jacin colocou a arma no coldre.

Thorne olhou para Jacin com choque no rosto, enquanto se levantava e ajustava a camisa. Ele parecia prestes a dizer alguma coisa quando Iko gritou “CRESS!” e correu para envolvê-la em um abraço de um braço só.

Cress cambaleou e se permitiu ser agarrada, mas seu olhar procurava Thorne. O queixo dele caiu quando enfim a encarou. Ele estava desgrenhado, ferido e sem fôlego. Thorne cambaleou e se aproximou até envolver Cress e Iko em um abraço enorme. Cress apertou bem os olhos na hora em que as lágrimas quentes começaram a embaçá-los. O braço dele ao redor de seus ombros. A barba por fazer roçando em sua testa. Uma das tranças de Iko em sua boca.

Ela nunca havia se sentido tão feliz.

Jacin grunhiu:

– Temos que ir.

Iko recuou, mas Thorne ocupou o espaço que ela deixou e aninhou o rosto de Cress nas mãos. Seu olhar se grudou ao dela, cheio de descrença. Seu polegar capturou a primeira lágrima de Cress.

De repente, ela se viu rindo e fungando e rindo mais. Baixou a cabeça e secou as lágrimas.

– Nada de chorar – disse ela. – Desidrata.

Os braços dele voltaram a envolvê-la. Ela sentiu o brado da voz de Thorne quando ele disse:

– É você. Graças às estrelas.

– Quando eu disse que temos que ir – disse Jacin –, quis dizer *agora*.

O braço de Thorne se contraiu e, com um aperto forte, ele a soltou e se virou para encarar Jacin. Um músculo tremeu em sua bochecha. Foi o único aviso antes de o pulso de Thorne acertar o maxilar de Jacin. Cress conteve um gritinho.

Jacin cambaleou para trás e levou a mão até o local machucado.

– Isso é por ter nos entregado na Terra – disse Thorne. – E isso é por ter cuidado de Cress. – Ele puxou Jacin para um abraço e afundou o rosto em seu ombro.

Jacin revirou os olhos para o teto cavernoso.

– Não me faça me arrepender dessa decisão. – Ele empurrou Thorne para longe. – Sua visão voltou. Que bom. Vamos revistar esses homens para pegar armas e sair daqui.

Com um movimento de cabeça, Thorne se inclinou sobre um dos corpos e soltou a faca do cinto do guarda. Para a surpresa de Cress, ele a entregou para Jacin, que hesitou por um instante, mas a enfiou no cinto.

– Como vocês souberam onde nos encontrar? – perguntou Thorne.

– Não sabíamos. Estávamos saindo daqui. – Jacin franziu a testa. – Onde está Winter?

– Ela e Scarlet foram se esconder – disse Iko. Ela estava cutucando o braço direito inerte e puxando os dedos mortos. – Bem, mais ou menos. É complicado.

Thorne olhou para a androide.

– O que aconteceu?

Ela fez beicinho.

– Um dos guardas me esfaqueou no ombro. Acho que cortou alguma coisa importante. – Ela se virou para mostrar um corte irregular nas costas e suspirou. – Parece que hoje é o dia de pegar no pé de Iko.

Cress apertou os lábios em solidariedade, mas o lembrete das partes cibernéticas de Iko a fez se dar conta...

– Onde está Cinder?

O rosto de Thorne ganhou um ar sombrio, mas, antes que ele pudesse responder, um sinal tocou no túnel. Cress pulou.

A tela holográfica na parede se acendeu com o rosto do taumaturgo Aimery Park.

– Povo de Luna, estou feliz em anunciar que a cerimônia de casamento está completa. Nossa honrada soberana, a rainha Levana, selou a aliança de casamento com o imperador Kaito, da Terra.

Iko grunhiu de um jeito nada feminino, atraindo os olhares de todos.

– Eu levo uma facada e *ela* se casa com Kai. Inacreditável.

– A cerimônia de coroação – prosseguiu Aimery –, na qual vamos receber o imperador Kaito como nosso honrado rei consorte, e Sua Majestade, a rainha Levana, receberá o título de imperatriz da Comunidade das Nações Orientais da Terra, vai acontecer daqui a dois dias, ao nascer do sol. – Os olhos de Aimery ganharam um brilho arrogante. – Nossa ilustre rainha pede que o povo de Luna participe da comemoração desta noite. O banquete de casamento será transmitido em todos os setores, e durante ele temos um julgamento especial planejado. A transmissão é obrigatória para todos os cidadãos e se iniciará vinte minutos depois do final deste anúncio.

O vídeo foi cortado.

– Julgamento especial? – perguntou Cress.

– É de Cinder – disse Thorne, olhando com raiva para o hológrafo. – Ela está com Cinder e Lobo. Acreditamos que os executará publicamente como forma de sufocar a insurreição.

Um tremor desceu pela espinha de Cress. *Vinte minutos.* Demoraria mais do que isso para voltarem ao palácio.

– Nós vamos salvá-la – disse Iko, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

– Desculpe – disse Jacin, falando com sinceridade. – Mas, se só temos vinte minutos, já é tarde demais.

CAPÍTULO

Quarenta e nove

CINDER ENFIOU A CHAVE DE FENDA QUE TINHA NO DEDO NA PARE da porta da cela. Um pouquinho de poeira e pedra caiu no chão, juntando-se à pilha aos pés dela. A pedra de lava era dura, mas as ferramentas de titânio eram mais, e a determinação estava mais forte do que nunca.

Ela estava com raiva. Estava frustrada. Estava com medo.

Estava consternada pela morte de Maha, que ficava se repetindo em sua memória, lhe dando vontade de enfiar a chave de fenda na própria têmpora para fazer com que parasse. Ela tinha avaliado a busca em MR-9 por todos os ângulos, torturando-se com possibilidades e cenários implausíveis, tentando encontrar um jeito de trazer Maha de volta à vida. De se libertar, junto com Lobo. De proteger os amigos. De derrotar Levana.

Estava ciente do quanto isso era inútil.

Talvez Aimery estivesse certo. Talvez ela devesse ter controlado todo mundo do setor desde o começo. Isso a teria transformado em tirana, mas também os teria mantido vivos.

Ela estava nauseada por causa do cheiro ruim vindo do balde perto da parede. Estava irritada pelo fato de os capangas de Levana terem levado sua melhor arma, o indicador cibernético

com a arma acoplada, e de a terem trancado com a madrasta e a meia-irmã, que quase não falaram desde que ela chegou.

Racionalmente, ela sabia que não havia como soltar as dobradiças da porta antes de os guardas irem buscá-la. Sabia que estava trabalhando freneticamente sem nenhum motivo lógico. Mas não conseguia simplesmente se sentar no chão, derrotada.

Como *elas* estavam.

Outra lasca de pedra caiu da parede.

Cinder soprou um cacho de cabelo para longe do rosto, mas a mecha caiu de volta no lugar.

De acordo com o relógio em sua cabeça, ela estava naquela cela havia mais de vinte e quatro horas. Ela não tinha dormido. E sabia que o casamento já teria terminado.

Esse pensamento gerou um nó em seu estômago.

Ocorreu a ela que, se tivesse deixado Levana levá-la de Nova Pequim, era lá que teria ido parar de qualquer forma. Ela ainda teria sido executada. Ainda ia morrer.

Ela tinha tentado fugir. Tinha tentado lutar. E tudo o que conseguiu foi uma espaçonave cheia de amigos que em breve levaria consigo.

– Por que ele chamou você de princesa?

Cinder parou e olhou com irritação para as marcas patéticas de arranhão que fez. Foi Pearl quem falou, sua voz frágil rompendo o silêncio pela primeira vez em horas.

Depois de empurrar a mecha rebelde com o pulso encharcado de suor, Cinder olhou para Pearl e Adri sem se dar ao trabalho de esconder seu desdém. Já tinha superado o ponto de sentir qualquer solidariedade por elas. Cada vez que uma pontada

surgia, ela se lembrava de Adri exigindo que Cinder mancasse sem o pé por uma semana inteira, como lembrete de que “não era humana”. Ou a vez que Pearl jogou a caixa de ferramentas de Cinder em uma rua lotada, estragando as luvas de seda que Kai tinha lhe dado.

Ela ficava lembrando a si mesma que, o que quer que acontecesse com elas, era merecido.

Não fazia com que se sentisse melhor. Na verdade, pensar no assunto a deixava se sentindo cruel e mesquinha, e também estava provocando uma dor de cabeça.

Ela afastou o pensamento.

– Eu sou a princesa Selene – respondeu, voltando ao trabalho.

Pearl riu, um som histérico e curto, cheio de descrença.

Adri ficou em silêncio.

A cela se encheu com os ruídos persistentes de Cinder. A pilha foi ficando maior, uma pedrinha atrás da outra.

Ela nunca ia sair dali.

– Garan sabia. – A voz de Adri soou rouca.

Cinder parou de novo. Garan era o marido de Adri, o homem que tomou a decisão de adotar Cinder. Ela mal o conheceu.

Ela ficou irritada quando sua curiosidade a obrigou a se virar. Trocou a chave de fenda pela lanterna e apontou para a madrastra.

– Como é?

Adri se encolheu com os dois braços ao redor da filha. Elas não se moveram de onde estavam.

– Garan sabia – disse ela de novo. – Ele não me contou, mas quando foi levado para a quarentena me disse para cuidar de

você. Disse que era para eu cuidar como se fosse a coisa mais importante do mundo. – Ela ficou em silêncio, como se o marido morto estivesse presente, acima delas todas.

– *Uau* – disse Cinder. – Você se saiu muito bem em atender ao pedido de um moribundo, não foi?

Adri apertou o olhar, cheia de uma repulsa que Cinder conhecia muito bem.

– Eu não vou tolerar que você fale comigo assim quando *meu* marido...

– *Você* não vai tolerar? – gritou Cinder. – Devo dizer todas as coisas que eu não vou tolerar? Porque é uma lista bem *longa*.

Adri se encolheu. Cinder se perguntou se Adri estaria com medo dela agora que ela era lunar e criminoso procurada. Sua reação confirmou.

– Por que papai não disse nada? – perguntou Pearl. – Por que não nos contou?

– Talvez ele soubesse que vocês me venderiam para obter um resgate na primeira oportunidade que tivessem.

Pearl a ignorou.

– E, se você é mesmo a princesa, por que está aqui?

Cinder olhou para ela com raiva. Esperou. Viu a compreensão surgir no rosto de Pearl.

– Ela quer matar você para poder continuar sendo rainha.

– A garota merece um prêmio – disse Cinder.

– Mas o que isso tem a ver com a gente? – Lágrimas começaram a surgir nos olhos de Pearl. – Por que nós estamos sendo punidas? Não fizemos nada. Nós não *sabíamos*.

A adrenalina e a raiva de Cinder estavam sumindo, e a exaustão passou a ocupar o espaço que antes era delas.

– Vocês me deram seus convites de casamento, o que me permitiu sequestrar Kai, o que deixou Levana enlouquecida. Obrigada por isso, aliás.

– Como você pode só pensar em você em um momento assim?

– perguntou Adri. – Como pode ser tão egoísta?

Cinder apertou as mãos em punhos.

– Se eu não cuidar de mim, ninguém cuida. Foi uma coisa que aprendi bem cedo, graças a você.

Adri puxou a filha e ajeitou o cabelo dela. Pearl se apoiou na mãe sem resistir. Cinder se perguntou se ela estava em choque. Talvez as duas estivessem.

Ela se virou para a parede e entalhou um C na pedra. As paredes estavam marcadas com centenas de palavras, nomes, súplicas, promessas, ameaças. Ela considerou acrescentar um “+ K”, mas a ideia de um capricho assim lhe deu vontade de bater com a cabeça na porta de ferro.

– Você é um monstro – sussurrou Adri.

Cinder deu um sorrisinho sem achar graça.

– Ótimo. Eu sou um monstro.

– Não conseguiu nem salvar Peony.

À menção da meia-irmã mais nova, uma nova onda de fúria surgiu como mil fios desencapados na cabeça de Cinder. Ela se virou.

– Você acha que eu não *tentei*?

– Você tinha um antídoto! – Adri também estava gritando, os olhos loucos, embora continuasse encolhida com Pearl. – Sei que

você deu para aquele garotinho. Salvou a vida dele. Chang Sunto! – Ela cuspiu o nome como se fosse veneno. – Você o escolheu no lugar de Peony. Como pôde fazer isso? Por acaso a provocou com o antídoto? Deu a ela falsas esperanças antes de vê-la morrer?

Cinder ficou olhando boquiaberta para a madrasta, a raiva eclipsada por uma onda surpreendente de pena. Aquela mulher era tão cheia de ignorância que era quase como se *quisesse* continuar assim. Ela via o que queria, acreditava em qualquer coisa que apoiasse sua visão limitada do mundo. Cinder ainda se lembrava de como se sentiu ao percorrer as quarentenas de peste. De como segurou com desespero o frasco de antídoto. De como sentiu tanta esperança de conseguir salvar a vida de Peony, e como ficou tão arrasada quando falhou.

Ela chegara tarde demais. Ainda não se perdoava por isso.

Adri jamais saberia, jamais entenderia. Para ela, Cinder era apenas uma máquina, incapaz de qualquer coisa que não fosse crueldade.

Ela viveu com aquela mulher durante cinco anos, mas Adri nunca viu Cinder como era de verdade. Como Kai a via, além de Thorne e Iko e todas as pessoas que confiavam nela. Todas as pessoas que a *conheciam*.

Ela balançou a cabeça e achou mais fácil do que esperava deixar as palavras da madrasta de lado.

– Não vou mais me explicar para você. Não vou mais procurar sua aprovação. Não quero mais saber de você.

Enquanto chutava a pilha de lascas de pedra, ela enfiou a chave de fenda na parede, e na mesma hora ouviu passos.

Seu maxilar se contraiu. Chegou a hora dela. Virando-se, alcançou Adri e Pearl em três passadas largas. As duas se encolheram.

Cinder segurou a parte da frente da blusa de Adri e a puxou.

– Se você *pensar* em contar para eles que meu pé pode ser removido com a mesma facilidade do dedo, vou obrigar você a arrancar seus próprios olhos com as unhas, nem que seja a última coisa que eu faça. Entendeu?

Adri ficou pálida e assentiu fracamente. A voz de um homem soou além da porta:

– Abra.

Cinder largou a madrastra no canto e se virou.

A porta se abriu, e a cela se encheu com a luz do corredor, um único guarda, o taumaturgo Aimery e quatro taumaturgos adicionais, usando uma mistura de vermelho e preto. *Cinco*. Que lisonjeiro.

– Sua Majestade exigiu o prazer da sua companhia – disse Aimery.

Cinder ergueu o queixo.

– Não posso prometer que minha companhia vai ser tão prazerosa quanto ela espera.

Ela andou até eles para mostrar que não estava com medo, mas de repente se sentiu jogada contra a parede. A dor subiu pela coluna, deixando-a sem ar nos pulmões. Isso a lembrou de todas as brigas de treino com Lobo na Rampion, só que cem vezes pior, porque Lobo sempre parecia se sentir culpado depois.

O guarda que a jogou na parede colocou as mãos no pescoço dela. Cinder olhou de cara feia, apesar de saber que ele estava

sendo controlado e que o verdadeiro agressor era um dos taumaturgos. O guarda olhou para ela.

– Esse foi seu primeiro aviso – disse Aimery. – Se você tentar fugir, se tentar lutar, se sentirmos você tentando usar seu dom, não vamos dar um segundo.

O guarda a soltou e Cinder cambaleou para trás, equilibrando-se com os joelhos firmes. Ela massageou o pescoço brevemente antes de seus pulsos serem puxados para as costas e amarrados.

O guarda a empurrou para a porta. Havia mais quatro no corredor, com as armas nas mãos. Infelizmente, eles já estavam sob o controle dos taumaturgos. Ela não tinha esperança de virar nenhum para seu lado.

Ainda.

Mas, se alguém escorregasse por um momento, ela não se daria ao trabalho de dar um *primeiro* aviso.

– Tragam as terráqueas também – disse Aimery.

Adri e Pearl choramingaram quando foram colocadas de pé, mas Cinder abaixou sua interface de áudio para não as ouvir. Não sabia por que Levana queria sua madrasta e sua meia-irmã, mas se achava que Cinder tinha alguma afeição por elas, ficaria decepcionada.

– Aonde estamos indo? – perguntou Cinder quando foi empurrada para longe da cela.

Houve um longo silêncio, e ela teve certeza de que estava sendo ignorada, mas Aimery acabou respondendo:

– Você será convidada de honra no banquete de casamento de Sua Majestade.

Ela contraiu o maxilar. *Banquete de casamento.*

– Mas eu esqueci meu vestido de baile na Terra.

Desta vez, foi uma das mulheres que riu.

– Não se preocupe – disse ela. – Você não ia querer mesmo sujar o vestido todo de sangue.

CAPÍTULO

Quinquenta

CINDER SE VIU EM FRENTE A UM PAR DE PORTAS AMEAÇADORAS ébano. Tinham o dobro da altura dela e, em um palácio feito quase todo de vidro e pedra branca, parar na frente delas era como estar na beirada de um buraco negro. Eram minimamente decoradas com duas maçanetas grossas de ferro preto que se arqueavam quase até o chão. A insígnia lunar tinha sido entalhada na madeira em detalhes mínimos, representando a capital Artemísia e, ao longe, a Terra.

Dois guardas abriram as portas e Cinder ficou de cara com um corredor de mais taumaturgos e guardas, e agora de soldados lobos mutantes também. A visão fez Cinder tremer. Eles não eram agentes especiais como Lobo. Esses homens foram transformados em algo bestial e grotesco. Os ossos dos maxilares eram deformados e reforçados para suportarem os enormes caninos; os braços pendiam desajeitados ao lado do corpo, como se as colunas não estivessem acostumadas ao peso dos novos músculos e dos membros prolongados.

Ocorreu a ela que eles não eram tão diferentes de ciborgues. Ambos eram feitos para serem melhores do que eram quando nasceram. Ambos não eram naturais. Só que, em vez de serem

montados com fios e aço, essas criaturas eram um quebra-cabeça de tecido muscular e cartilagem.

O guarda puxou o cotovelo de Cinder, e ela cambaleou para a frente. Os soldados a observaram com olhares afiados e famintos.

Lobo tinha lhe dito que aqueles soldados eram diferentes. Que eram erráticos e selvagens, desejando apenas violência e sangue. Uma lunar poderosa como a rainha poderia enganá-los para que percebessem um glamour, mas não passava disso. Nem os taumaturgos controlavam as mentes e corpos deles, e por isso tinham que treinar os soldados como cachorros. Se eles se comportassem mal, eram punidos com dor. Se tivessem um bom desempenho, eram recompensados. Só que as recompensas que Lobo mencionou não pareceram a Cinder tão atraentes.

Evidentemente, na Terra, cada morte sangrenta era uma recompensa em si. Eles estavam *ansiosos* para participar de uma guerra.

Cinder abriu a mente para eles, para tentar sentir as pulsações bioelétricas. A energia deles ardia quente e branca e violenta. Fome e tentação se retorciam embaixo da pele. Ela ficou tonta só com a ideia de tentar controlar tanta energia bruta.

Mas ela tinha que tentar.

Respirando de forma controlada, Cinder tentou alcançar a mente do soldado mais próximo. A energia dele era escaldante e faminta. Ela a imaginou esfriando, se acalmando. Imaginou o soldado olhando para ela e vendo não uma inimiga, mas uma garota que precisava ser salva. Uma garota que merecia sua lealdade.

Ela olhou nos olhos do soldado e viu sua boca se curvar em um sorriso doentio ao redor dos dentes irregulares.

Desanimada, Cinder desviou a atenção.

Ao chegar perto do final do corredor de soldados, ela tentou absorver o resto dos arredores. Havia conversas animadas e gargalhadas e o ruído caótico de copos. O aroma de comida a atingiu como uma nuvem de vapor liberada de uma panela fechada. Sua boca se encheu de saliva. Cebola e alho e carne assada e alguma coisa apimentada que fez seus olhos arderem...

O estômago gritou com ela. Uma tontura surgiu no cérebro, como uma névoa. Ela não comia havia um dia, e mesmo aquela refeição não fora satisfatória.

Ela engoliu em seco e tentou se concentrar, observando o aposento. À direita, janelas enormes davam vista para um lago, ladeado pelas alas curvas do palácio branco, como um cisne protetor enorme. O lago se estendia até onde ela conseguia ver. O chão do aposento se projetava como uma varanda acima da água. Embora formasse uma vista contínua, Cinder não podia negar a sensação de medo surgindo no estômago. Não havia amurada para impedir que uma pessoa caísse da beirada.

As conversas começaram a morrer, mas Cinder só viu a plateia à esquerda quando chegou ao fim da fila de soldados.

A luz laranja se acendeu em sua visão e não se apagou, não importava para onde ela olhava. Havia muito glamour ali.

No centro estava Levana, sentada em um trono branco enorme, com o encosto ornamentado com as fases da lua. Ela estava usando um vestido de noiva vermelho elaborado.

O display na retina de Cinder começou a captar as feições básicas da rainha. Era como estar no baile de novo, na primeira vez que fixou os olhos em Levana e percebeu que era possível enxergar embaixo do glamour com sua optobiônica. Mas não era uma tarefa fácil. Os olhos de ciborgue entravam em conflito com o cérebro dela e com a manipulação da rainha, e sua mente não identificava o que estava vendo. O resultado era um fluxo de dados constantes, cores manchadas, linhas fragmentadas tentando identificar o que era real e o que era ilusão.

Era perturbador e já estava provocando uma dor de cabeça. Cinder piscou para afastar os dados.

Cinco fileiras de assentos faziam um arco ao redor do trono, um crescente de observadores cercando Cinder por todos os lados, exceto o que dava caminho para a queda até o lago. A corte lunar. As mulheres usavam chapéus grandes com formato de pavão, e um homem tinha um leopardo das neves caído sobre os ombros; os vestidos eram feitos de correntes de ouro e rubis, sapatos plataforma tinham peixes beta nadando nos saltos, a pele tinha sido pintada de prateado, os cílios decorados com pedras e escamas de peixe...

Cinder precisou piscar por causa de tanto brilho. Glamour, glamour, *glamour*.

Uma cadeira foi empurrada. O coração de Cinder deu um pulo.

O noivo estava de pé ao lado do trono de Levana, usando uma camisa branca de seda com uma faixa vermelha. *Kai*.

– O que é isso? – perguntou ele, o tom de sua voz flutuando entre o horror e o alívio.

– Isso é nosso entretenimento desta noite – disse a rainha Levana, com o olhar cheio de humor. – Considere como meu presente de casamento para você. – Sorrindo, ela passou o nó do dedo na lateral do rosto de Kai. – *Marido*.

Kai recuou do toque dela e ficou com as bochechas vermelhas. Mas Cinder sabia que não era constrangimento nem acanhamento. Era pura fúria. Sentia na forma como o ar estalava ao redor dele.

Levana girou o dedo com uma unha comprida no ar.

– Os procedimentos desta noite serão transmitidos ao vivo para que meu povo possa testemunhar e participar das comemorações deste dia tão glorioso. E também para que saibam o destino da impostora que ousa se dizer *rainha*.

Ignorando-a, Cinder examinou o teto. Não havia câmeras visíveis, mas ela sabia que Levana tinha talento para criar aparatos de vigilância que eram praticamente invisíveis.

Considerando que a rainha não estava usando véu, era seguro supor que qualquer imagem de vídeo estaria direcionada para o “entretenimento”. Levana queria que o povo visse a execução de Cinder. Queria que perdessem as esperanças na revolução.

Levana levantou os braços.

– Que comecemos o banquete.

Servos uniformizados apareceram em fila única por trás de uma cortina. O primeiro se ajoelhou aos pés da rainha e levantou a tampa de cima de uma tigela, segurando-a acima da cabeça. O sorrisinho da rainha cresceu quando ela escolheu um camarão grande e rosado, e cortou a carne com os dentes.

Outro servo se ajoelhou na frente de Kai, enquanto os outros cercavam o aposento e ficavam de joelhos em frente aos convidados, revelando bandejas de ovas alaranjadas de peixe e ostras fumegantes, tiras grelhadas de carne e pimentões recheados. Cinder percebeu que Kai não era o único terráqueo no aposento. Ela reconheceu o conselheiro dele, Konn Torin, sentado na segunda fila, e o presidente americano, a primeira-ministra africana, o governador-geral australiano e... Ela parou de olhar. Estavam todos lá, como Levana queria.

Com o coração disparado, olhou para os servos, guardas e soldados de novo, torcendo para que Lobo também tivesse sido levado perante a rainha. Mas ele não estava ali. Cinder, Adri e Pearl eram as únicas prisioneiras.

Ela foi tomada de preocupação. Para onde o tinham levado? Será que ele já estava morto?

Cinder desviou o olhar para Kai novamente. Se ele tinha reparado na comida, ignorou. Ela conseguia ver seu maxilar trabalhando, querendo questionar a presença dela, querendo saber o que a rainha estava planejando. Conseguia vê-lo tentando arrumar um jeito lógico de sair daquilo, de encontrar um ângulo diplomático que pudesse usar para impedir que o inevitável acontecesse.

– Sente-se, meu amor – disse Levana. – Senão vai atrapalhar a visão dos convidados.

Kai se sentou rápido demais para que tivesse sido por vontade própria. Ele virou o olhar fulminante para a rainha.

– Por que ela está aqui?

– Você parece zangado, meu bichinho. Está insatisfeito com nossa hospitalidade?

Sem esperar resposta, Levana ergueu o queixo e olhou para Cinder, depois para Adri e Pearl.

– Aimery, pode prosseguir.

Ele andou pela frente do salão e deu um sorrisinho debochado para Cinder quando passou por ela. Embora o casaco tivesse sido lavado para limpar o sangue, ele ainda estava andando com rigidez para esconder a perna machucada.

Aimery ofereceu o cotovelo para Adri, que emitiu um som apavorado e meio estrangulado. Ela demorou para aceitar. Parecia que ia vomitar quando Aimery a levou até o centro da sala do trono.

Ao redor deles, o som de mastigação e dedos lambidos persistiu, como se as iguarias fossem tão interessantes quanto os prisioneiros. Os servos ainda estavam de joelhos, segurando as travessas acima das cabeças. Cinder fez uma careta. Será que aquelas travessas estavam muito pesadas?

– Apresento à corte Linh Adri, da Comunidade das Nações Orientais, União Terráquea – disse Aimery, soltando o braço de Adri para que ela ficasse sozinha, de pé sobre pernas trêmulas. – Ela foi acusada de conspiração contra a coroa. A punição para esse crime é a morte imediata pela própria mão, e que sua filha e dependente, Linh Pearl, seja entregue como serva para uma das famílias de Artemísia.

Cinder ergueu as sobrancelhas. Até o momento, estava preocupada com o próprio destino, e não ocorreu a ela que Adri

pudesse ter sido levada ali por qualquer outro motivo além de irritá-la.

Ela queria não se importar. Queria não sentir nada além de desinteresse pelo destino da madrasta.

Mas sabia que, com todos os defeitos que tinha, Adri não fez nada para merecer uma execução lunar. Era um jogo de poder por parte de Levana, nada mais, e era impossível não sentir uma pontada de pena da mulher.

Adri caiu de joelhos.

– Eu juro que não fiz nada. Eu...

Levana levantou a mão e Adri ficou em silêncio. Um momento agonizante veio em seguida, no qual a expressão de Levana se tornou ilegível. Finalmente, ela estalou a língua, como quem repreende uma criancinha.

– Aimery, continue.

O taumaturgo assentiu.

– Uma investigação mostrou que os dois convites com os quais os cúmplices de Linh Cinder invadiram o palácio de Nova Pequim para sequestrar o imperador Kaito foram dados por esta mulher. Os convites eram para ela e para a filha adolescente.

– *Não!* Ela roubou! *Roubou!* Eu jamais os daria para ela. Eu jamais a ajudaria. Eu a odeio... *odeio!* – Chorou de novo, com os ombros tão encolhidos que ela toda era praticamente uma bola no chão. – Por que isso está acontecendo comigo? O que eu fiz? Eu não... Ela não é minha...

Cinder estava achando mais fácil não se importar.

– Você precisa se acalmar, sra. Linh – disse Levana. – Vamos saber a verdade sobre sua lealdade em pouco tempo.

Adri choramingou e fez uma tentativa de se recompor.

– Assim é melhor. Você foi guardiã legal de Linh Cinder por quase seis anos, correto?

O corpo todo de Adri estava tremendo.

– É... é verdade. Mas eu não sabia o que ela era, eu juro. Foi meu marido que quis ficar com ela, não eu. *Ela* é a traidora! Cinder é uma criminosa, além de uma garota perigosa e falsa. Mas eu achava que ela era só uma ciborgue. Não fazia ideia do que estava planejando, senão eu mesma a teria entregado.

Levana passou uma unha pelo braço do trono.

– Você estava com Linh Cinder quando ela passou pelas cirurgias ciborgues?

Os lábios de Adri se curvaram de nojo.

– Pelas estrelas, não. A operação foi executada na Europa. Eu só a conheci quando ela foi levada para Nova Pequim.

– Seu marido estava presente na operação?

Adri piscou, desconcertada.

– Eu... eu acho que não. Nós nunca falamos disso. Mas ficou fora duas semanas quando foi... buscá-la. Eu sabia que ele ia ver uma criança que tinha sofrido um acidente de aerodeslizador. Mas nunca entendi *por que* ele achou que devia ir até a Europa para fazer caridade, e a filantropia dele foi recompensada só com sofrimento. Ele contraiu letumose nessa viagem, morreu semanas depois de voltar, me deixando para cuidar das minhas duas filhas pequenas e dessa *coisa* que deixou sob minha tutela...

– Por que você nunca tentou ganhar dinheiro com as invenções de seu marido após a morte dele?

Adri olhou para a rainha de boca aberta.

– Perdão, Vossa Majestade?

– Ele era inventor, não era? Deve ter deixado alguma coisa de valor.

Adri pensou nisso, talvez se perguntando por que a rainha lunar estava interessada em seu falecido marido. Seu olhar se desviou entre os guardas e os lunares.

– N-Não, Vossa Majestade. Se havia qualquer coisa de valor, nunca vi um único univ derivado dela. – Uma sombra recaiu sobre seu rosto. – Ele nos deixou sem nada, em pura desgraça.

A voz de Levana soou gelada:

– Você está mentindo.

Adri arregalou os olhos.

– Não! Não estou. Garan não nos deixou nada.

– Tenho provas do contrário, terráquea. Você me acha tola?

– Que provas? – gritou Adri. – Eu não... eu juro... – Mas o que ela queria dizer foi afogado por uma onda de soluços e choro.

Cinder trincou o maxilar. Não sabia que jogo Levana estava fazendo, mas sabia que a histeria de Adri não faria a menor diferença. Ela considerou usar seu dom lunar para interromper o choro descontrolado de Adri, para que ela pudesse morrer com um pouco de dignidade, mas endureceu o coração e não fez nada. Ela talvez precisasse de suas forças quando chegasse a hora de seu próprio julgamento. Quando fosse sua vez, ela se prometeu não desmoronar em tremores e choro.

– Aimery – disse Levana, suas palavras interrompendo o choro de Adri.

– Um dos nossos regimentos encontrou uma caixa de documentos no depósito alugado para Linh Adri no prédio dela.

Levana deu um sorrisinho.

– Você ainda quer manter sua defesa de que não houve nada de valor deixado pelo seu marido? Nenhuma papelada importante guardada no depósito?

Adri hesitou. Começou a balançar a cabeça, mas parou.

– Eu... eu não sei...

– Os documentos indicavam uma patente pendente de design de uma arma com o propósito de neutralizar o dom lunar – declarou Aimery. – Desconfiamos que essa arma tenha sido criada para ser usada logo contra *Vossa Majestade*.

Cinder estava se esforçando para acompanhar as acusações de Aimery. *Uma arma com o propósito de neutralizar o dom lunar*. Ela quase não conseguiu se controlar para não massagear a nuca, onde a invenção de Linh Garan, um dispositivo de segurança bioelétrica, tinha sido instalado na parte ciborgue dela. Era disso que estavam falando?

– Espere – disse Kai, sua voz trovejando. – Você tem esses papéis que supostamente provam a culpa dela?

Aimery inclinou a cabeça.

– Já foram destruídos, por questão de segurança real.

Os nós dos dedos de Kai ficaram brancos nos braços da cadeira.

– Você não pode destruir provas e depois tentar usá-las para condenar uma pessoa. Vocês não podem esperar que acreditemos que vocês encontraram essa caixa de documentos durante uma busca ilegal, devo acrescentar, e que eles tinham as patentes de uma arma direcionada aos lunares, e que Linh Adri tinha qualquer conhecimento disso. É *muita* especulação. Além

disso, vocês violaram uma quantidade de artigos do Acordo Interplanetário quando apreenderam uma cidadã terráquea sem motivo justificado e invadiram propriedade particular.

Levana apoiou a bochecha na mão.

– Por que não discutimos isso depois, querido?

– Ah, você quer discutir *depois*? Isso seria antes ou depois de você ter matado uma terráquea inocente?

Levana deu de ombros.

– Isso ainda vai ser resolvido.

Kai fez um ruído de desprezo.

– Você não pode... – Ele parou de falar de repente, obrigado a calar a boca.

– Você vai aprender logo, querido, que não gosto que me digam que eu não *posso*. – Levana voltou a atenção para Adri. – Linh Adri, você ouviu as acusações contra você. Como se declara?

Adri gaguejou.

– E-Eu sou inocente. Juro que nunca... eu não sabia... eu...

Levana suspirou.

– Eu quero acreditar em você.

– *Por favor* – implorou Adri.

Levana comeu outro camarão. Engoliu. Lambeu os lábios vermelho-sangue.

– Estou preparada para oferecer clemência.

Uma agitação de curiosidade se espalhou pela multidão.

– Essa decisão depende de você renunciar a todo o interesse legal na criança órfã, Linh Cinder, e de jurar lealdade a mim, a rainha de Luna por direito e futura imperatriz da Comunidade das Nações Orientais.

Adri já estava balançando a cabeça.

– Sim. Sim, eu juro. Com prazer, Vossa Graça. Vossa Majestade.

Cinder olhou com raiva para a nuca de Adri. Não por a decisão dela ser surpreendente, mas porque não achava que as coisas fossem ser tão fáceis. Levana estava planejando alguma coisa, e Adri estava caindo direto nas mãos dela.

– Que bom. Você está absolvida de todas as acusações. Pode demonstrar respeito por sua soberana. – Levana esticou a mão e Adri, depois de um momento de hesitação, se aproximou de joelhos e deu um beijo grato nos dedos da rainha. Ela começou a chorar de novo. – A criança não tem gratidão? – perguntou Levana.

Pearl gemeu, mas se aproximou lentamente e beijou as mãos de Levana.

Uma mulher na fila da frente, com a boca cheia, aplaudiu educadamente.

Levana assentiu e dois guardas se aproximaram para arrastar Adri e Pearl para a lateral do salão.

Cinder já tinha deixado de lado os pensamentos na madrasta, e estava se preparando quando Levana voltou a atenção para a ciborgue. A rainha não fez nenhuma tentativa de esconder o prazer quando falou:

– Vamos continuar com nosso segundo julgamento.

CAPÍTULO

Quinquenta e um

CINDER FOI DEVAGAR ATÉ O LOCAL ONDE ADRI SE SUJEITARA momentos antes. Firmou os pés e expulsou o ar do peito para se acalmar, embora fosse impossível ignorar o tremor da pulsação e a lista de trinta hormônios diferentes que o display da retina dizia que estavam se espalhando pelo seu sistema. O cérebro estava extremamente ciente do medo que ela sentia.

Dois guardas a ladearam.

– Nossa segunda prisioneira, Linh Cinder, foi acusada dos seguintes crimes – disse Aimery, andando na frente dela. – Emigração ilegal para a Terra, rebelião, ajuda a um traidor da coroa, conspiração contra a coroa, sequestro, intromissão em questões intergalácticas, obstrução de justiça, roubo, fuga da prisão e traição real. A punição para esses crimes é a morte imediata pela própria...

– Não – disse a rainha Levana. Sorrindo. Estava claro que ela tinha pensado muito nesse momento. – Já ficou provado que é muito difícil manipulá-la, então abriremos uma exceção. A punição dela será a morte imediata por... ah, por... o quê? Veneno? Afogamento? *Fogueira?*

Ela estreitou os olhos na última palavra, e Cinder teve uma lembrança ruim, um pesadelo que teve uma centena de vezes.

Uma cama com carvões quentes e vermelhos queimando sua pele, sua mão e sua perna virando cinzas.

– Desmembramento! – gritou um homem. – Começando por esses membros artificiais horríveis!

Essa sugestão recebeu um rugido de aprovação da multidão. Levana permitiu a confusão por um momento, mas levantou a mão pedindo silêncio.

– É uma sugestão cruel para uma garota cruel. Vou permitir.

Gritos explodiram pelo salão.

Kai ficou de pé.

– Vocês são *selvagens*?

Levana o ignorou.

– Outra ideia me vem à mente. Talvez a honra de executar essa punição deva ser de ninguém além da minha mais nova e leal súdita. Acredito que esteja ansiosa para agradar. – Levana curvou os dedos. – Linh Adri. Quer se aproximar de novo?

Adri parecia prestes a desmaiar. Ela deu dois passos incertos para a frente.

– Eis a oportunidade de você provar que é leal a mim, sua futura imperatriz, e que despreza sua antiga filha de criação tanto quanto ela merece.

Adri engoliu em seco. Estava suando.

– Vossa Majestade... quer que eu...

– Quero que a *desmembre*, sra. Linh. Acho que você vai precisar de uma arma. Do que gostaria? Vou mandar trazer. Uma machadinha, talvez, ou um machado? Acho que uma faca faria sujeira, mas um machado bem afiado...

– Pare com isso – disse Kai. – É repugnante.

Levana se encostou na cadeira.

– Estou começando a achar que você não está apreciando seu presente de casamento, meu querido. Pode ir embora se os procedimentos o incomodam.

– Eu não vou deixar que você faça isso – sibilou ele entredentes, com o rosto vermelho.

Levana deu de ombros para Kai.

– Você não pode me impedir. E não vai impedir a coroação. Tem coisas demais em jogo para arriscar por uma garota qualquer... uma *ciborgue*. Sei que você vai concordar.

Os nós dos dedos de Kai ficaram brancos, e Cinder o imaginou batendo na rainha ou tentando fazer alguma coisa igualmente idiota.

– *Cortador de fios* – disse ela, e o tom de voz e a declaração aleatória bastaram para atrair a atenção de todo mundo. Kai franziu a testa, mas só naquele momento entre a confusão e o início da manipulação. Ela procurou a energia dele, estalando e quente, e fez o melhor que pôde para acalmá-lo. – Está tudo bem – disse ela, aliviada de ver os músculos dele relaxarem.

Ele provavelmente ficaria com raiva por causa disso mais tarde.

Rosnando, Levana empurrou a bandeja de petiscos e se levantou, derrubando o servo para o lado. Ele saiu correndo.

– Pare de manipular meu marido.

Cinder riu, voltando o olhar para a rainha.

– Não seja hipócrita. Você o manipula o tempo todo.

– Ele é *meu*. Meu marido. Meu rei.

– Seu prisioneiro? Seu bichinho? Seu troféu? – Cinder deu um passo à frente e um guarda se aproximou e botou a mão em seu ombro para segurá-la, enquanto mais seis ficaram em alerta. Cinder fungou. Era bom saber que podia deixar Levana tensa, mesmo com as mãos amarradas. – Deve ser tão gratificante saber que todos os relacionamentos que você tem são baseados em mentiras.

Levana curvou o lábio e, por um momento, uma imagem confusa e inconsistente surgiu no display da retina de Cinder. Havia alguma coisa errada com o lado esquerdo do rosto de Levana. Uma pálpebra parcialmente fechada. Marcas estranhas na bochecha. Cinder piscou depressa, perguntando-se se a raiva de Levana estava fazendo com que ela perdesse o controle do glamour ou se era sua optobiônica tentando entender a anomalia à frente.

Ela piscou pela sobrecarga de dados visuais, tentando disfarçar a perda de foco.

Os guardas começaram a relaxar quando a rainha se acalmou.

– Você é a mentira – disse Levana, sua voz controlada. – Você é uma fraude.

A atenção de Cinder foi atraída pela boca da rainha, normalmente tão perfeita e vermelha. Mas alguma coisa estava estranha. Havia uma curva estranha para baixo que não se encaixava no sorriso indiferente de sempre.

Havia estrago por baixo do glamour. Algum tipo de cicatriz. Talvez até paralisia.

Cinder a encarou, a pulsação trovejando na cabeça. Uma ideia, uma esperança começou a surgir no fundo de sua mente.

– Acredite, já fui chamada de coisa pior – disse ela, obrigando-se a retomar a expressão de indiferença, embora percebesse que era tarde demais. Levana tinha visto a mudança nela, ou talvez tivesse sentido. A rainha ficou na defensiva na mesma hora, desconfiada.

Levana poderia se resguardar o quanto quisesse. Poderia usar o glamour em todo mundo naquele salão, em todo mundo no reino.

Mas não poderia enganar Cinder. Ou melhor, não poderia enganar o computador interno de Cinder.

Ela parou de resistir à enxurrada de dados sendo reunida pela interface do cérebro-máquina. O glamour era uma construção biológica. Era usar a bioeletricidade natural de uma pessoa para criar pequenos pulsos elétricos no cérebro, para mudar o que se via, pensava, sentia e fazia. Mas a parte ciborgue do cérebro de Cinder não poderia ser influenciada por bioeletricidade. Era tudo máquina, tudo dados, programação, e matemática e lógica. Quando dava de cara com um glamour lunar ou quando um lunar tentava manipulá-la, as duas partes do cérebro entravam em guerra, tentando decidir qual lado deveria ser dominante.

Desta vez, ela deixou o lado ciborgue vencer.

A enxurrada caótica de informações voltou com tudo. Peças tentando se acertar, como ver um quebra-cabeça feito de pixels e código binário se resolver em sua cabeça. Tal como uma câmera colocada em foco, todos os glamoures do salão foram substituídos pela verdade. A pele de leopardo das neves não passava de uma capa de pele falsa. Os sapatos de aquário não passavam de acrílico transparente. Levana estava mesmo usando

um vestido vermelho elaborado, mas havia partes onde estava apertado demais ou ficava frouxo demais, e a pele que aparecia no braço esquerdo era...

Tecido cicatricial. Nada diferente da pele de Cinder ao redor das próteses.

Quando o mundo se acertou e a realidade de retalhos parou de se mover e girar e se unir, Cinder mandou o cérebro começar a gravar.

– Sou culpada dos crimes que você listou – disse ela. – Sequestro e conspiração e todo o resto. Mas isso não é nada em comparação ao crime que você cometeu treze anos atrás. Se existe alguém nesta sala culpado de traição real, esse alguém é essa mulher sentada naquele trono. – Ela grudou o olhar em Levana. – No *meu* trono.

A multidão se agitou e Levana deu um sorrisinho, fingindo indiferença, apesar de as mãos estarem tremendo, e os detalhes delas ficarem variando entre dedos leves e pálidos e um mindinho murcho. As mudanças constantes dificultavam a concentração de Cinder.

– Você não passa de uma criminosa – disse Levana, com a voz retorcida. – E será executada por seus crimes.

Cinder dobrou a língua, testou seu uso, e ergueu a voz:

– Eu sou a princesa Selene.

Levana se inclinou para a frente.

– Você é uma impostora!

– E estou pronta para retomar o que é meu. Povo de Artemísia, essa é sua chance. Renunciem a Levana como rainha e jurem

lealdade a mim, ou juro que, quando eu colocar essa coroa, todas as pessoas neste salão serão punidas por sua traição.

– Já *basta*. Matem-na.

No primeiro momento, os guardas não se mexeram, e a breve hesitação foi toda a informação de que Cinder precisava. Levana, em sua histeria, perdeu o controle mental de seus protetores.

Antes que os taumaturgos percebessem o que tinha acontecido, Cinder entrou nas mentes deles. Doze guardas reais. Doze homens que eram, como Jacin já tinha dito, como marionetes sem cérebro. Marionetes para a rainha usar como quisesse. Doze protetores armados, prontos para obedecer a cada ímpeto dela.

O display da retina de Cinder se encheu de informações: seus batimentos acelerados, o disparo da manipulação bioelétrica, a adrenalina correndo em suas veias. O tempo ficou mais lento. As sinapses do cérebro dispararam mais rápido do que ela era capaz de reconhecer, com informações sendo gravadas e traduzidas e armazenadas antes que ela pudesse interpretar. Sete taumaturgos: dois de preto atrás da rainha, os quatro que levaram Cinder da cela até a porta e Aimery. O guarda mais próximo estava oitenta centímetros à esquerda. Seis soldados lobos: o mais próximo a 3,1 metros; o mais distante a 6,4 metros. Quarenta e cinco lunares na plateia. Kai e seu conselheiro e cinco líderes terráqueos, junto com dezessete representantes adicionais da União. Trinta e quatro servos ajoelhados como estátuas, tentando lançar olhares à garota que alegava ser rainha deles.

Doze guardas com doze armas e doze facas, todos pertencendo a ela.

Ameaças foram pesadas, avaliadas, medidas. Perigos viraram dados em uma calculadora mental. A faca surgiu na ponta do dedo de Cinder.

Todos os terráqueos se abaixaram para se esconder, inclusive Kai. Só depois ela percebeu que foi ela mesma quem o forçou.

Então, ela usou onze dos doze guardas para abrir fogo.

Onze armas foram disparadas, todas mirando nos seis lobos mutantes, enquanto o guarda mais perto de Cinder puxava a faca e cortava as amarras dos pulsos dela. Na pressa, ela sentiu a lâmina bater na palma de metal.

Suas mãos estavam livres. O corpo e a mente estavam em harmonia, como Lobo tinha ensinado. O cérebro fez a lista de ameaças.

Os soldados lobos pularam em cima dos guardas quando outra rodada de tiros explodiu ao redor.

O servo mais próximo ficou de pé e partiu para cima de Cinder, como se para derrubá-la.

Cinder o segurou e empurrou na direção de um taumaturgo. Eles colidiram com uma série de grunhidos e caíram no chão.

– *Matem-na!* – soou a voz de Levana.

Mais tiros fizeram os tímpanos de Cinder latejar. Corpos se moviam e cadeiras faziam ruído ao serem arrastadas no chão, e Cinder perdeu a noção de onde os guardas estavam e se algum soldado lobo tinha caído, e dois aristocratas estavam correndo para cima dela dos dois lados, e ela mandou os guardas se concentrarem nos taumaturgos, nos taumaturgos, *agora*. Houve outra saraivada de balas e os aristocratas gritaram e se

encolheram e tentaram sair do meio da confusão assim que foram libertados.

Um soldado lobo pegou Cinder por trás. Seu ombro explodiu em dor, os dentes caninos rasgando sua pele. Ela gritou. Sangue quente escorreu pelo braço. Cinder levantou a mão ciborgue e atacou cegamente, e a lâmina encontrou carne. O soldado a soltou com um rugido e ela girou, chutando-o para longe.

Tremendo da cabeça aos pés, tentou recuperar as mentes dos guardas, mas, naquele segundo de distração, a sala foi esvaziada das ondas bioelétricas deles. Dez estavam mortos, tinham sido destruídos pelos soldados, que se viraram contra eles com ferocidade surpreendente, apesar dos buracos de bala perfurando seus peitos e barrigas.

No caos, Cinder encontrou Kai, que a observava boquiaberto.

A ciborgue afastou os olhos e encontrou a rainha, ainda gritando e tentando dar ordens, mas os dois guardas que restavam não pertenciam mais a ela, os lobos não ligavam para quem estavam atacando, e os taumaturgos... mortos. Todos mortos. Cinder matou todos. Exceto talvez Aimery, que Cinder não encontrou no caos. Ela o queria, mas tinha outra pessoa que queria mais.

Com a mente lúcida, Cinder se inclinou para pegar uma arma de um dos guardas mortos. Ela levantou o braço, trincando os dentes por causa da dor ardente no ombro, e mirou no ponto entre os olhos da rainha.

Por uma fração de segundo, Levana pareceu apavorada.

Mas Kai se posicionou entre elas, o rosto frouxo por causa da manipulação.

Suor escorreu para os olhos de Cinder e borrou o mundo ao redor.

As portas pesadas se abriram, e logo veio o som de botas no corredor.

Os reforços tinham chegado.

Animada, Levana fez todas as pessoas que restavam no salão partirem para cima de Cinder. Os terráqueos e os aristocratas podiam não ter armas, mas tinham muitas mãos e muitas unhas e muitos dentes. Os novos guardas estariam logo atrás.

Qual tinha sido sua sentença? *Morte por desmembramento.*

Cinder baixou a arma, girou e correu. Passou pelos lunares marionetes e suas roupas cintilantes. Passou pelos servos desmiolados e pelos taumaturgos mortos e pelas manchas de sangue e pelas cadeiras caídas e por Pearl e Adri encolhidas no canto. Ela correu para a única rota de fuga: a varanda aberta acima da água.

A dor no ombro latejava, e ela usou-a como lembrete para correr mais rápido, os pés batendo com força no mármore.

Ela ouviu tiros, mas já tinha pulado. O céu negro se abriu à frente, e ela caiu.

CAPÍTULO

Quinquenta e dois

KAI ESTAVA GRUDADO NO CHÃO, UMA ESTÁTUA CERCADA DE Levana estava gritando, não, *berrando*; sua voz normalmente melódica estava rouca e insuportável. Estava dando ordens (*Encontrem-na! Tragam-na de volta! Matem-na!*), mas ninguém ouvia. Não tinha sobrado ninguém para ouvir.

Quase todos os guardas estavam mortos. Os taumaturgos estavam mortos. Os soldados lobos estavam mortos. Uma quantidade de corpos de servos e de aristocratas se espalhava pelo chão também, caídos em meio ao sangue e à mobília quebrada, vítimas de soldados híbridos famintos, soltos em uma multidão alheia e desarmada.

Ao lado dele, Levana arrancou o colar de uma mulher lunar e jogou para uma serva encolhida no chão, respingada de sangue.

– Você! Traga mais guardas! Quero todos os guardas e taumaturgos do palácio nesta sala agora. E *vocês...* limpem essa sujeira! Por que estão aí parados?

Os criados se dispersaram, meio engatinhando e meio escorregando na direção das saídas escondidas nas paredes.

A percepção começou a tomar o lugar do choque, e Kai olhou ao redor e viu um grupo de líderes terráqueos amontoados em

um canto. Torin estava entre eles. Parecia abalado. O terno estava desgrenhado.

– Você está machucado? – perguntou Kai.

– Não, senhor. – Torin foi até Kai e se segurou nas costas das cadeiras, para não escorregar no chão cheio de sangue. – E você?

Kai balançou a cabeça.

– Os terráqueos...?

– Todos aqui. Nenhum parece estar ferido.

Kai tentou engolir, mas sua garganta pareceu seca demais e a saliva ficou grudada até ele tentar novamente.

Ele viu Aimery saindo de uma das alcovas de servos, o único taumaturgo a sobreviver, embora mais tivessem chegado depois. Os membros da corte que ainda não tinham fugido da sala do trono estavam colados às paredes de trás, chorando histericamente ou falando sem parar, tentando reviver o evento traumático e juntando as partes da história. Quem viu o que e quais guardas atiraram em quem e aquela garota acreditava mesmo que era a princesa perdida?

Cinder, faminta e cercada de inimigos, provocou tanta destruição em tão pouco tempo, bem na frente da rainha. Era estranho. Impossível. Meio incrível.

Uma gargalhada subiu pela garganta de Kai, tremendo descontrolada em seu diafragma. Suas emoções estavam dilaceradas por medo, pânico e espanto. A histeria o atingiu como um soco no estômago. Ele colocou a mão sobre a boca na hora em que a gargalhada enlouquecida saiu e se transformou rápido em respiração acelerada de pânico.

Torin colocou a mão entre as omoplatas dele.

– Majestade?

– Torin – gaguejou Kai, lutando para respirar. – Você acha que ela está bem?

Apesar de Torin parecer em dúvida, ele respondeu:

– Ela se mostrou bastante resiliente.

Kai começou a atravessar a sala do trono, os sapatos do casamento deixando pegadas no sangue grudento. Ao chegar à beirada, ele espiou a água. Não deu para ver da cadeira onde estava sentado antes qual era o tamanho da queda. Quatro andares, pelo menos. Seu estômago deu um nó. Ele não via a margem oposta. Na verdade, o lago ia até tão longe que parecia chegar até a parede do domo.

Embora o ar estivesse parado, a água estava agitada e preta como tinta. Ele procurou e procurou qualquer coisa que indicasse um corpo, uma garota, um brilho de membro de metal, mas não havia sinal dela.

Ele tremeu. Cinder sabia nadar? O corpo dela tinha sido feito para nadar? Ele sabia que ela tinha tomado banho a bordo da Rampion, mas estar totalmente submersa...

– Será que ela sobreviveu?

Kai deu um pulo. Levana estava a poucos metros, com os braços cruzados e as narinas dilatadas. Kai se afastou dela, tomado pelo medo irracional de que ela fosse empurrá-lo. Mas, assim que recuou, ele lembrou que ela ainda poderia fazê-lo pular.

– Não sei – disse ele. Para provocá-la, acrescentou: – Foi um entretenimento maravilhoso, a propósito. Eu tinha altas expectativas, e você não decepcionou.

Ela rosnou, e ele ficou feliz de ter recuado.

– Aimery – disse ela, com rispidez. – Mande o lago ser todo examinado até de manhã. Quero que o coração da ciborgue seja servido em uma bandeja de prata.

Aimery fez uma reverência.

– Será feito, Vossa Majestade. – Ele assentiu para o grupo de taumaturgos que chegou depois de toda a ação, tentando passar a ideia de que a destruição na sala do trono não era tão chocante assim. Quatro saíram. – Infelizmente, tenho que informar Vossa Majestade de que houve uma confus...

– É óbvio que houve uma confusão! – berrou Levana. Ela apontou o dedo com unha vermelha para o lago. – Você acha que não estou vendo?

Aimery apertou os lábios.

– Claro, minha rainha, mas tem outra coisa.

O olhar dela pegou fogo.

– O que mais poderia ser?

– Como Vossa Majestade sabe, o julgamento e a execução de hoje foram transmitidos para todos os setores. Parece que, como resultado da fuga da ciborgue, o povo está... está se rebelando. Em vários setores, ao que parece. SB-1 é o mais próximo indicado por nossas câmeras de segurança, e também parece haver uma multidão razoável de civis começando a se aproximar de Artemísia vindo desde AT-6.

– Ela não fugiu. – A voz de Levana soou fina e tensa, prestes a se partir. Kai deu outro passo para longe dela. – Ela está morta. Diga para eles que ela está morta. Ela não pode ter sobrevivido à queda. E encontre-a! *Encontre-a!*

– Sim, minha rainha. Vamos montar uma transmissão para informar ao povo da morte de Linh Cinder imediatamente. Mas não podemos garantir que isso por si só vá acalmar as rebeliões...

– Já chega. – Levana empurrou o taumaturgo para poder passar, andou até o trono e se plantou na frente dele. – Bloqueiem os túneis dos trens de levitação magnética de entrada e saída de Artemísia. Fechem os portos. Ninguém entra ou sai deste domo até aquela ciborgue ser encontrada e os civis de Luna se arrependerem de suas ações. Se alguém tentar passar pelo bloqueio, mande atirarem.

– Espere – disse Bromstad, o primeiro-ministro da Europa, andando na direção de Levana. A sala do trono estava quase vazia de aristocratas lunares, só havia os servos, tentando tirar os corpos da sala, e os terráqueos, tentando não parecer tão abalados quanto estavam. – Você não pode trancar os portos. Fomos convidados para um casamento, não para uma zona de guerra. Meu gabinete e eu vamos partir esta noite.

Levana ergueu uma das sobrancelhas, e esse gesto simples e elegante deixou todos os pelos da nuca de Kai eriçados. Ela se aproximou do primeiro-ministro, e apesar de Bromstad não recuar um passo, Kai viu que ele estava arrependido do que tinha dito. Atrás dele, os outros líderes se aproximaram.

– Você quer ir embora esta noite? – perguntou Levana, a voz parecendo um ronrono novamente. – Muito bem, então. Permita-me ajudá-lo com isso.

Uma criada ali perto, que estava tentando permanecer invisível, parou de esfregar o chão e pegou um garfo. De joelhos,

com a cabeça baixa, a criada entregou o garfo para o primeiro-ministro Bromstad.

Assim que a mão se fechou no cabo do garfo, o medo surgiu no rosto dele. Não só medo. Mas um medo de saber que estava segurando uma arma e que Levana poderia obrigá-lo a fazer qualquer coisa, *qualquer coisa*, que quisesse.

– Pare! – disse Kai, segurando o cotovelo de Levana.

Ela olhou para ele com irritação.

– Como falei antes, não vou fazer de você minha imperatriz se você atacar o líder de um país aliado. Deixe que ele vá. Deixe que todos vão. Já houve banho de sangue suficiente para um dia.

Os olhos de Levana ardiam como carvões, e houve um momento no qual Kai achou que ela pudesse matar todos e simplesmente tomar a Terra com seu exército, com o caminho livre de todos os líderes mundiais.

Ele sabia que o pensamento passou pela cabeça dela.

Mas havia muita gente na Terra, bem mais do que em Luna. Ela não poderia controlar todo mundo. Uma rebelião na Terra seria bem mais difícil de controlar se ela tentasse usar a força.

O garfo se chocou contra o chão, e Bromstad soltou todo o ar de uma vez.

– Ela não vai salvar você – sibilou Levana. – Sei que você acha que ela está viva e que essa rebeliãozinha vai dar certo, mas não vai. Em pouco tempo, eu serei imperatriz e ela estará morta. Se já não estiver. – Ela recompôs as feições e passou a mão pela frente do vestido, como se pudesse ajeitar o desastre da hora anterior. – Não sei se vou voltar a vê-lo, querido marido, até estarmos juntos para a coroação. Infelizmente, ver você está me fazendo mal.

Graças a um olhar de aviso de Torin, Kai evitou fazer um comentário sobre essa decepção inesperada.

Com um estalo de dedos, Levana mandou um dos criados preparar um banho nos aposentos dela e sumiu, sangue grudado na barra do vestido conforme ela deixava a sala do trono.

Kai expirou, tonto com tudo aquilo. A ausência repentina da rainha. O odor de ferro do sangue misturado a produtos de limpeza e ao aroma de carne grelhada. O eco dos tiros em seus ouvidos e o fato de que ele nunca esqueceria a imagem de Cinder se lançando pela varanda.

– Vossa Majestade? – disse uma voz murcha e assustada.

Ao se virar, ele viu Linh Adri e Pearl agachadas em um canto. Os rostos estavam manchados de lágrimas e sujeira.

– Nós podemos... – Adri engoliu em seco, e ele viu o movimento trêmulo do peito que ela fazia ao tentar se controlar. – Seria possível o senhor... enviar a mim e minha filha para casa? – Ela fungou, e novas lágrimas surgiram em seus olhos. Com o rosto enrugado, ela relaxou os ombros, o corpo apoiado no canto da sala. – Estou pronta... Quero ir para casa. Por favor.

Kai contraiu o maxilar, sentindo tanta pena da mulher quanto sentia desprezo.

– Desculpe – disse ele. – Mas parece que ninguém vai embora até que isso acabe.

CAPÍTULO

Quinquenta e três

A ÁGUA A ATINGIU COMO CONCRETO. A FORÇA SE ESPALHOU POR
Cada membro vibrou, primeiro com o forte golpe da água e depois com o frio.

A água a engoliu. Ela ainda estava tonta pelo baque quando o ar sumiu dos pulmões em uma explosão de espuma e bolhas. O peito já estava queimando. O corpo rolou como uma boia, a perna esquerda pesada puxando-a para baixo.

Um aviso vermelho surgiu na escuridão:

IMERSÃO EM LÍQUIDO DETECTADA. INTERROMPENDO O FORNECIMENTO DE ENERGIA EM 3...

A contagem regressiva só foi até aí. A escuridão surgiu no fundo da mente de Cinder, como se um interruptor tivesse sido desligado. A vertigem tomou conta. Ela se forçou a abrir os olhos e olhar para a superfície, mas só conseguiu se orientar porque sentia a perna a puxando para baixo, para baixo.

Fagulhas brancas estavam surgindo nos cantos dos olhos. Os pulmões se apertaram e começaram a se contrair.

Algas escorregadias pareciam querer segurá-la, deslizando pelo ponto na panturrilha direita onde a calça tinha se amontoado, perto do joelho. Obrigando-se a ficar consciente,

Cinder apontou a lanterna do dedo para a escuridão aos pés e tentou acendê-la, mas nada aconteceu.

Com apenas a luz do palácio passando pela água turva, Cinder pensou detectar uma série de ossos pálidos presos nas algas. O pé de metal afundou em uma caixa torácica.

Ela deu um pulo de surpresa e a mente clareou na hora em que os ossos se esmagaram embaixo dela.

Trincando os dentes, Cinder usou toda a energia que restava para se empurrar a partir do fundo do lago, lutando para voltar à superfície. A perna e a mão esquerda não estavam respondendo a seus controles. Tinham se tornado peso morto, e o ombro parecia gritar no local em que o soldado mutante enfiara os dentes. Foi preciso usar toda a sua energia restante para subir.

Seu diafragma se contraiu. Acima, o brilho da superfície foi aumentando, as luzes tremeluzindo como uma miragem acima da água. Ela sentiu a força indo embora, a perna cheia de água tentando puxá-la para baixo...

Ela rompeu o espelho d'água cuspiendo e sugando ar com avidez para os pulmões. Nadou por um momento desesperado antes de ser puxada para baixo de novo. Os músculos arderam quando ela chutou e voltou à superfície, lutando para manter a cabeça acima da água.

Quando os brilhos em sua visão começaram a sumir, Cinder tirou água dos olhos. O palácio estava à frente, ameaçador e opressivo apesar da beleza, esticando-se pelos dois lados do lago. Sem a luz artificial do dia iluminando o domo, ela via a Via Láctea pelo vidro, hipnotizante.

Na varanda acima, Cinder viu sombras se movendo. Em seguida, uma onda a atingiu e ela foi parar debaixo d'água de novo, o corpo levado pela corrente. Ela perdeu o sentido de direção, onde era para cima e onde era para baixo. O pânico explodiu em sua cabeça, os braços lutaram para controlá-la nas ondas. O ombro latejava. Quando se sentiu afundando foi que conseguiu se reorientar e voltar para a superfície.

Ela tentou nadar para longe do palácio, na direção do centro do lago, embora não houvesse fim visível. Não tinha se deslocado muito quando os músculos começaram a queimar, e todas as juntas do lado esquerdo do corpo gritavam por causa do peso inútil das próteses. Os pulmões pareciam estar em carne viva, mas ela tinha que sobreviver. Não podia parar de lutar, não podia parar de tentar. Kai ainda estava lá em cima. Todos os amigos estavam em algum lugar de Luna, precisando dela, e o povo dos setores externos contava com ela, que tinha que seguir em frente, seguir em frente...

Cinder prendeu a respiração, mergulhou e tirou as botas, deixando que afundassem. Não era muito, mas ela se sentiu bem mais leve para lutar com o peso desequilibrado do corpo, lançando-se pelas ondas.

O lago parecia não ter fim, mas, toda vez que olhava para trás e via o quanto o palácio lunar estava longe, Cinder sentia uma nova onda de força. A margem estava iluminada por mansões e docas para pequenos barcos. O lado mais distante do lago tinha desaparecido no horizonte.

Ela flutuou de costas, ofegante. A perna estava pegando fogo, os braços pareciam feitos de borracha, o ferimento no ombro

era como um furador de gelo enfiado na pele. Ela não conseguia seguir em frente.

Uma onda bateu em seu corpo, e Cinder quase não se moveu para voltar à superfície. Ocorreu-lhe, então, que ela não sabia se tinha reserva de energia para chegar à margem. E se a estivessem esperando lá? Ela não conseguiria lutar. Não conseguiria manipular. Era seu fim. Ela era uma garota praticamente morta, derrotada.

A cabeça de Cinder bateu em uma coisa sólida.

Ela ofegou, e a perda de propulsão a jogou para baixo da superfície de novo.

Cinder bateu o pé, se forçou a subir e cuspiu água. As mãos tocaram na superfície dura e escorregadia na qual ela havia batido. O domo.

Ela tinha chegado à fronteira de Artemísia.

A parede curva enorme funcionava como represa e segurava o lago, enquanto do outro lado do vidro a cratera prosseguia por quilômetros em toda as direções, seca, cheia de marcas e perturbadoramente profunda.

Oscilando junto ao vidro, Cinder olhou para o fundo da cratera muitos metros abaixo. Ela se sentia como um peixe em um aquário. Presa.

Virou-se para a margem, mas não conseguiu se mover. Estava tremendo. O estômago estava vazio. A perna pesada a puxava para baixo, e foi necessária a força de mil soldados lobos para voltar à superfície. A água entrava na boca, e ela cuspia assim que a cabeça rompia o espelho d'água, mas era inútil.

Ela não conseguia.

Uma tontura a desnor-teou. Os braços bateram na água. A perna direita cedeu primeiro, cansada demais para dar mais um chute que fosse. Cinder ofegou e foi puxada para baixo, a mão deslizando pela parede de vidro liso.

Houve uma sensação estranha de libertação quando a escuridão a envolveu. Um orgulho de saber que, quando procurassem no lago, encontrariam seu corpo lá longe e saberiam o quanto ela lutou.

Seu corpo ficou inerte. Uma onda a empurrou, e a ciborgue bateu na parede, mas quase nem sentiu. De repente, alguma coisa a segurou e a puxou para cima.

Fraca demais para lutar, Cinder se deixou ser carregada. A cabeça rompeu a superfície e seus pulmões se expandiram. Ela tossiu. Braços a envolveram. Um corpo a encostou na parede.

Cinder pendeu para a frente e apoiou a cabeça em um ombro.

– Cinder. – Era uma voz de homem, tensa e vibrando pelo peito dela. – Pare de ser frouxa, tá? – Ele a ajeitou nos braços e moveu o peso dela para aninhá-la com um cotovelo. – Cinder!

Ela ergueu os olhos embaçados. Teve vislumbres do queixo, do perfil e do cabelo molhado grudado na testa. Devia estar delirando.

– Thorne? – A palavra grudou na garganta dela.

– É capitão... para você. – Ele trincou os dentes e lutou para nadar para a margem. – Pelas estrelas, como você é pesada! Ah, pronto! Que gentileza sua... ajudar...

– Sua boca gasta muita energia – resmungou alguém. *Jacin?* – Vire-a de costas para que o corpo dela não lute contra...

As palavras dele viraram um grito quando o corpo de Cinder escapou das mãos de Thorne e escorregou para o oscilar reconfortante das ondas.

CAPÍTULO

Quinquenta e quatro

CRESS E IKO ESTAVAM SE ABRAÇANDO NA MARGEM DO LAGO ENQU

Thorne e Jacin mergulharem. Cress estava tremendo, mais de medo do que de frio, e apesar de o corpo de Iko não emitir calor natural como o de um ser humano, ela sentia um consolo que vinha da solidariedade. As duas esperaram, mas não havia sinal de Thorne, Jacin e nem de Cinder. Eles estavam debaixo da água havia muito tempo.

Tempo demais.

Cress só percebeu que estava prendendo a respiração quando os pulmões berraram. Ela ofegou, e a sensação foi mais dolorosa porque sabia que os amigos estavam prendendo a respiração por todo aquele tempo.

Iko apertou a mão dela.

– Por que eles...? – Ela deu um passo para a frente, mas parou.

O corpo de Iko não foi feito para nadar, e Cress nunca tinha entrado em um corpo d'água maior do que uma banheira.

Elas eram inúteis.

Cress apertou a mão trêmula na boca e ignorou as lágrimas quentes no rosto. Fazia tempo demais.

– Ali! – gritou Iko, apontando. Duas, não, três cabeças apareceram nas ondas escuras e agitadas.

Iko deu outro passo.

– Ela está viva, não está? Ela... ela não parece estar se mexendo. Você a vê se mexendo?

– Tenho certeza de que está viva. Tenho certeza de que estão todos bem.

Ela olhou para Iko, mas não conseguiu fazer a pergunta que sabia que todos estavam pensando. A transmissão ao vivo do banquete de casamento mostrou tudo. O julgamento. O massacre. Cinder pulando da varanda no lago abaixo.

Cinder sabia nadar?

Todo mundo pensou nisso, mas ninguém perguntou.

Juntos, os quatro se esgueiraram pela cidade, agradecidos porque os poucos lunares que viram estavam ocupados demais comemorando o casamento da rainha para prestar atenção. Jacin foi na frente por estar familiarizado com a cidade e com o lago, por saber onde os corpos que caíam da sala do trono às vezes apareciam. Não houve hesitação entre eles, todos sabiam que tinham que encontrar Cinder enquanto Levana estava se recuperando do ataque.

Quando eles viram a forma escura de Cinder nas ondas, houve um suspiro alto de alegria e de alívio vindo do grupo todo, mas eles ainda não faziam ideia do estado dela.

Estaria viva? Estaria ferida? *Sabia nadar?*

Quando o trio na água estava perto o bastante, Cress soltou Iko e entrou na água para se juntar a eles. Juntos, puxaram o corpo de Cinder para a margem e a deitaram na areia.

– Ela está viva? – perguntou Iko, quase histérica. – Está respirando?

– Vamos levá-la para aquela casa de barcos – disse Jacin. – Não podemos ficar aqui fora.

Thorne, Jacin e Iko dividiram a tarefa de carregar o corpo inerte de Cinder enquanto Cress correu na frente para segurar as portas. Havia três barcos a remo pendurados nas duas paredes, com um quarto no meio, coberto por uma lona. Ela tirou remos e equipamentos de pesca de cima da lona e abriu espaço para colocarem o corpo de Cinder lá, mas Jacin a colocou no chão duro. Iko fechou as portas e deixou o local na escuridão. Cress ligou o tablet para fornecer uma luz azul fantasmagórica.

Jacin não se deu ao trabalho de verificar respiração ou pulsação, só se debruçou em Cinder e juntou as mãos acima do peito dela. Com olhar severo começou a bombear o esterno dela com movimentos rápidos e fortes. Cress fez uma careta com o som da cartilagem estalando.

– Você sabe o que está fazendo? – perguntou Thorne, agachado do outro lado de Cinder. Ele tossiu e limpou a boca com o braço. – Precisa de ajuda? Aprendemos isso no treinamento... eu me lembro... mais ou menos...

– Eu sei o que estou fazendo – disse Jacin.

E parecia saber *mesmo*, pois inclinou a cabeça de Cinder para trás e cobriu a boca com a dele.

Thorne não pareceu tranquilizado, mas não discutiu.

Ajoelhada aos pés de Cinder, Cress observou em silêncio quando Jacin recomeçou as compressões. Ela se lembrou das novelas em que a heroína era reavivada pelo herói com ressuscitação boca a boca. Parecia tão romântico. Cress até teve

fantasias de se afogar, sonhos em que o toque dos lábios de um homem poderia devolver a vida ao seu corpo inerte.

As novelas mentiram. Havia uma violência nisso que não era mostrada. Ela fez uma careta quando Jacin apoiou as mãos abertas no esterno de Cinder uma terceira vez, imaginando sentir a dor no próprio peito.

Ela teve a sensação de estar suspensa no tempo. Thorne foi vigiar a porta, espiando por uma janela pequena e imunda. Iko abraçou o próprio corpo, e parecia a ponto de se dissolver em lágrimas impossíveis.

Cress estava prestes a segurar a mão de Iko de novo quando Cinder deu um pulo. Ela começou a vomitar.

Jacin virou a cabeça dela para o lado, e água saiu pela boca, embora não tanto quanto Cress esperava. Jacin segurou Cinder, mantendo as vias áreas abertas, até que ela parasse de vomitar. Ela estava respirando de novo. Fraca e abalada, mas respirando.

Cinder abriu os olhos e Jacin a ajudou a se sentar. Seu braço direito tombou. Sua mão encontrou o braço de Jacin e o apertou. Ela cuspiu mais algumas vezes.

– Chegaram na hora certa – gemeu ela.

Havia água nos lábios e no queixo dela, mas Iko esticou o braço e limpou com a manga. Cinder olhou para ela e seus olhos se iluminaram, embora as pálpebras ainda estivessem pesadas de exaustão.

– Iko? Eu achei... – Com um gemido, ela caiu deitada.

Iko gemeu e pensou em se jogar em cima de Cinder, mas reconsiderou. Preferiu correr ao redor de Jacin para levantar os ombros de Cinder e aninhá-la no colo. Sorrindo com fraqueza,

Cinder fez carinho nas tranças de Iko. A mão ciborgue estava sem um dos dedos.

– Nós não podemos ficar aqui – disse Jacin, secando a água do cabelo. – Vão começar a procurar mais perto do palácio, mas não vão demorar para bloquear o lago todo. Temos que achar outro lugar para ela se recuperar.

– Alguma ideia? – perguntou Thorne. – Não estamos exatamente em território amigo.

– Preciso de suprimentos médicos – disse Cinder, de olhos fechados. – Um soldado me mordeu. Precisamos limpar o ferimento antes que infeccione. – Ela suspirou, exausta demais para continuar.

– Eu não me importaria de conseguir uma refeição quente e um secador de roupas, já que estamos fazendo exigências – disse Thorne. Inclinando-se para a frente, ele tirou a camisa encharcada.

Cress arregalou os olhos e os grudou em Thorne enquanto ele torcia a camisa para tirar tudo o que havia do lago nela. A água caía no concreto.

Jacin disse alguma coisa, mas ela não ouviu.

Thorne vestiu a camisa de novo, um pouco mais seca e amassada, e Cress conseguiu respirar de novo.

– Isso pode dar certo – disse Thorne, assentindo para Cinder. – Acha que consegue?

– Não – respondeu Cinder. – Eu não consigo andar.

– Não é longe – retrucou Jacin. – Achei que você fosse durona. Cinder olhou para ele com irritação.

– Eu não *consigo* andar. A água fez alguma coisa com minha interface. – Ela fez uma pausa. Respirou com dificuldade. – Minha perna e minha mão não estão funcionando. Também perdi o acesso à rede.

Quatro pares de olhos se desviaram para o pé de metal brilhante. Cress não tinha o hábito de pensar em Cinder como ciborgue, como uma coisa *diferente*. Como alguém que podia... parar de funcionar.

– Tudo bem – disse Jacin, se virando para Thorne. – Quer carregá-la primeiro ou devo começar?

Thorne levantou uma das sobrancelhas.

– Você sabe o quanto ela é *pesada*?

Cinder deu um chute nele.

Ele bufou.

– Tudo bem. Você primeiro.



– TEM CERTEZA? – SUSSURROU CRESS. ELA ESTAVA AGACHADA uma treliça coberta de trepadeiras, junto com Cinder, Thorne e Jacin, vendo Iko levantar a aljava dourada brilhante pela terceira vez.

– Eu já disse, eles não estão em casa – disse Jacin, irritado com a precaução de mandar Iko verificar a mansão com pilares antes de eles entrarem. – Essa família é popular na corte. Eles vão passar a semana toda no palácio.

Depois da quarta batida sem resposta, Iko se virou para eles e deu de ombros.

Cress passou o braço pela cintura de Cinder. Ela tinha uma boa altura para servir de muleta enquanto seguiam pelo jardim. O pé morto de metal de Cinder se arrastou, deixando uma marca no caminho de grama azul.

– E se estiver trancada? – perguntou Cress, olhando para a rua, apesar de eles não terem visto ninguém. Talvez o bairro todo fosse formado de membros populares da corte. Talvez a cidade toda estivesse fazendo uma comemoração agitada no palácio.

– Eu arrombo – disse Thorne.

A porta não estava trancada. Eles se viram em uma entrada grandiosa com uma escadaria curva e um mar de piso dourado e branco.

Thorne soltou um assobio baixo.

– Este lugar está perfeito para ser pilhado.

Iko respondeu:

– Posso pilhar o armário principal?

Jacin encontrou um vaso enorme de flores e o colocou em frente à porta, de forma que, se alguém a abrisse, ele cairia e se partiria em centenas de pedacinhos. Seria um bom aviso de que era hora de eles irem embora.

Eles não demoraram para encontrar uma cozinha maior do que o satélite de Cress. Ela e Iko levaram Cinder até um banco e ajudaram a levantar a perna dela enquanto Jacin mexia na despensa e voltava com uma variedade de nozes e frutas.

– O que acha que está acontecendo com você? – perguntou Iko.

Cinder bateu com a palma da mão na lateral da cabeça, como se quisesse colocar alguma coisa no lugar.

– Não é problema de energia – disse ela. – Meus olhos estão funcionando, pelo menos. É alguma coisa na conexão da interface entre cérebro-máquina e minhas próteses. Afetou minha mão e minha perna ao mesmo tempo, então deve ser uma conexão primária. Meu painel de controle deve ter ficado encharcado, sei lá. Alguns fios podem ter morrido. – Ela suspirou. – Acho que eu deveria me sentir sortuda. Se minha bateria tivesse morrido, eu teria morrido junto.

Todos pensaram nisso por um momento enquanto comiam.

Thorne olhou para a despensa.

– Você viu se tinha arroz lá? Talvez a gente pudesse encher a cabeça de Cinder com arroz cru.

Todo mundo ficou olhando para ele.

– Vocês sabem, para... absorver a umidade, sei lá. Não se faz isso?

– Não vamos colocar *arroz* na minha cabeça.

– Mas tenho certeza de que me lembro de alguém colocando um tablet em um saco de arroz depois de ter enfiado o aparelho sem querer na máquina de lavar e...

– *Thorne.*

– Só estou querendo ajudar.

– De que você precisa para consertar? – perguntou Cress, depois se encolheu toda quando todos os olhares se voltaram para ela.

Cinder franziu a testa, e Cress a viu avaliando as possibilidades. Em seguida, começou a rir, arrastando a mão boa pelo cabelo ainda molhado e embaraçado.

– De um mecânico – disse ela. – Um muito bom.

Iko abriu um sorriso.

– Isso nós temos. Além do mais, estamos em uma mansão. Deve ter muita tecnologia aqui. Só precisamos encontrar as peças e ferramentas, e você pode me guiar no processo de conserto. Certo?

Cinder franziu os lábios. Havia marcas escuras embaixo dos olhos dela e uma palidez nada saudável na pele. Cress nunca a tinha visto tão cansada.

Iko inclinou a cabeça. Ela também devia ter reparado, pois passou um momento avaliando Cinder, depois todo mundo no grupo.

– Vocês todos estão com aparência péssima. Talvez deversem descansar um tempo. Eu posso ficar vigiando.

Eles pensaram na ideia por um minuto, e Thorne disse:

– Não é má ideia.

Iko deu de ombros.

– Alguém precisa estar com a mente lúcida em uma situação de emergência. – Franzindo a testa, acrescentou: – Mas nunca achei que fosse ter que ser eu.

Thorne se virou para Cinder.

– Você vai pensar com mais clareza depois de um cochilo.

Ela o ignorou e olhou para a bancada. Seus ombros estavam caídos de um jeito que fazia com que ela parecesse derrotada, com um vazio no olhar.

– Acho que um cochilo não vai consertar isso – disse ela, levantando a mão ciborgue. Pendia inerte do pulso, com um buraco onde o dedo havia sido removido. – Não consigo acreditar que isso está acontecendo. Não posso lutar assim, nem

iniciar uma revolução, nem ser *rainha*. Não posso fazer nada assim. Estou quebrada. Estou literalmente *quebrada*.

Iko colocou a mão no ombro de Cinder.

– É, mas quebrada não quer dizer impossível de consertar.

CAPÍTULO

Quinquenta e cinco

– FOI UMA DECISÃO RUIM – DISSE SCARLET.

Winter olhou para ela. Havia inquietação no rosto de Scarlet, uma linha funda entre as sobrancelhas.

Winter esticou a mão e puxou um dos cachos de Scarlet.

– Você ainda não deu meia-volta.

Scarlet afastou a mão dela.

– É, porque não tenho mais ideia de onde estamos. – Scarlet olhou por cima do ombro. – Estamos vagando por essas cavernas há *horas*.

Winter acompanhou o olhar dela, mas a caverna estava tão escura que elas não enxergavam muita coisa antes que as sombras tomassem conta, iluminadas apenas pelos ocasionais globos no teto. Winter não conseguia avaliar o quanto ela e Scarlet haviam progredido pelos tubos subterrâneos de lava na busca pelos soldados lobos, na busca por um exército, e ainda não sabia o quanto teriam que andar. Mas, sempre que pensava em voltar, imaginava ouvir um uivo baixo ao longe, compelindo-a a ir em frente. Seu sonho com Ryu e Levana grudava em seus pensamentos como pólen, incitando a determinação dela repetidamente.

Levana acreditava que era capaz de controlar todo mundo naquela lua. O povo, os soldados, a própria Winter.

Mas estava enganada. Winter estava cansada de ser manipulada e sabia que não podia ser a única. Ela encontraria soldados para lutar por ela, e juntos se livrariam de sua madrasta e da crueldade dela.

Elas fizeram outra curva. As paredes escuras e ásperas nunca mudavam. O teto era irregular, mas o chão era liso de anos de pessoas passando por ali a pé. Marchando. Os soldados marchavam? Winter não tinha certeza. Não tinha prestado muita atenção ao exército da madrasta. Queria ter tido mais interesse no que Levana estava fazendo com aqueles garotos transformados em soldados. No que vinha planejando o tempo todo.

Fora o piso, a caverna estava igual a quando foi criada por lava derretida bilhões de anos antes. Naquela época, Luna era um lugar de calor e transformação. Era difícil imaginar, ali naquelas cavernas frias e áridas, a existência esquecida na escuridão silenciosa.

Quando os terráqueos construíram sua primeira colônia, fizeram dos tubos amplos e interconectados de lava sua casa enquanto os domos estavam em construção, e depois os converteram em depósito e trilhos de transporte.

Foi só recentemente que eles foram usados com um objetivo violento e grotesco.

– Um alojamento secreto para um exército secreto – sussurrou ela baixinho.

– Tudo bem, hora da pausa. – Scarlet parou e apoiou as mãos nos quadris. – Sabe para onde estamos indo?

Winter puxou um cacho do próprio cabelo desta vez, como uma mola em espiral ao lado da bochecha. A cabeça ainda estava com um galo, mas a dor tinha praticamente passado.

– Muitos dos tubos de lava que não foram usados para os trens foram convertidos em locais subterrâneos de treinamento. É onde os soldados vão estar. Pelo menos, os que não foram mandados para a Terra.

Scarlet piscou devagar.

– E quantos tubos de lava existem na superfície de Luna?

Winter também piscou devagar.

– Não sei. Mas você sabia que Luna começou a vida como uma bola gigante de magma, líquido e ardente?

Scarlet repuxou os lábios para o lado.

– Quantos regimentos de lobos ainda existem em Luna?

Desta vez, Winter não respondeu.

Scarlet expirou e massageou a testa.

– Eu deveria saber. Eu sabia que não deveria ouvir você. *Winter*. Nós podemos ficar vagando por aqui durante dias e não ver ninguém. E, mesmo se encontrarmos um desses regimentos, ou matilhas, sei lá como eles se chamam, é provável que acabem *comendo* a gente. Isso é suicídio! – Ela apontou para a direção de onde vieram. – Deveríamos estar procurando aliados, não inimigos.

– Pode voltar, então. – Winter continuou pelo túnel infinito.

Scarlet soltou um gemido contrariado e saiu andando atrás dela.

– Trinta minutos – disse ela. – Vamos andar mais trinta minutos, e, se não encontrarmos evidência de que estamos nos aproximando, vamos voltar, e não vou aceitar não como resposta. Bato na sua cabeça e a arrasto se precisar.

Winter bateu os cílios, achando a ideia engraçada.

– Vamos encontrá-los, amiga Scarlet. Eles vão se juntar a nós. Seu Lobo é prova de que eles são homens, não monstros.

– Eu queria que você parasse de compará-los com Lobo. Lobo é diferente. O resto... eles *são* monstros. Eu vi a matilha de Lobo em Paris, eles eram brutais e terríveis. Eram os agentes especiais dela, e *eles* ainda são mais humanos do que animais! Não dá para argumentar com esses monstros, assim como não dá para argumentar com uma...

– Matilha?

Scarlet fez cara feia.

– Exatamente.

– Ryu era meu amigo.

Scarlet levantou as mãos.

– O que você vai fazer, brincar de jogar *gravetos*? Você está pensando nisso de um jeito errado. Eles estão sob o controle de Levana, ou do taumaturgo que os comanda. Vão fazer o que mandarem, e vão mandá-los *comer* a gente.

– Eles eram garotos que foram forçados a entrar em uma situação difícil. Não pediram essa vida, assim como seu Lobo não pediu, mas fizeram o que foi preciso para sobreviver. Se tiverem a oportunidade de romper os grilhões da escravidão, vão agarrá-la. Acredito que vão ficar do nosso lado.

Winter ouviu um uivo distante e baixo, e tremeu. Mas Scarlet não pareceu escutar, então não disse nada.

– Você não faz ideia de que lado vão tomar. Eles foram tão maltratados que vão se juntar a quem oferecer um bife maior. – Scarlet hesitou. – O que foi? Você está tendo uma alucinação?

Winter forçou um sorriso.

– Só se você for obra da minha imaginação, mas como posso ter certeza se é ou não? Então, vou continuar acreditando que você é real.

Scarlet não pareceu impressionada com a lógica dela.

– Você sabe o que esses homens se tornam, não sabe? Sabe que nunca vão poder ser normais de novo.

– Eu pensei que você, dentre todas as pessoas, acreditaria na capacidade deles de mudar. Lobo mudou por causa do amor por você. Por que eles também não podem mudar? – Ela saiu andando de novo.

– Lobo é... não é a *mesma coisa*. Winter, sei que você está acostumada a piscar para todo mundo que passa e esperar que todos se apaixonem por você, mas isso não vai acontecer aqui. Eles vão rir e debochar de você, depois vão...

– Me comer. Sim, eu entendi.

– Você não parece entender o significado por trás das palavras. Isso não é uma metáfora. Estou falando sobre dentes e sistemas digestórios enormes.

– *Gordura e ossos e tutano e carne* – cantarolou Winter. – *Nós só queríamos um lanchinho.*

Scarlet grunhiu.

– Você é tão esquisita.

Winter passou o braço pelo de Scarlet.

– Não tenha medo. Eles vão nos ajudar.

Antes que Scarlet pudesse iniciar outra discussão, um cheiro peculiar as atingiu, intenso e pungente. Um cheiro animal, como o do jardim, mas diferente. Doce, salgado e odor corporal se misturando no ar estático da caverna, junto com uma coisa rançosa, como carne velha.

– Bem, acho que os encontramos – disse Scarlet.

Um arrepio desceu pelo pescoço de Winter. Nenhuma das duas se mexeu por um bom tempo.

– Se conseguimos sentir o cheiro deles, eles conseguem sentir o nosso – sugeriu Scarlet.

Winter levantou o queixo.

– Vou entender se você for embora. Posso seguir sem você.

Scarlet pareceu pensar no assunto, mas deu de ombros. A sua expressão era de indiferença.

– Estou começando a achar que vamos todos acabar sendo comida de lobo de qualquer jeito quando isso tudo terminar.

Winter virou-se para ela e segurou o rosto de Scarlet com as duas mãos.

– Não é feio se falar assim.

Scarlet contraiu o maxilar.

– Levaram Lobo e levaram Cinder, e, por mais que eu queira ver Levana em pedacinhos para alimentar os próprios mutantes dela, acho que não temos muitas esperanças sem eles. – Ela engoliu em seco, e seu ressentimento tomou conta. – E eu... não quero ver esse lugar. Ele foi treinado aqui, sabe. Tenho medo de ver de onde ele veio, o que ele... quem ele era.

– Ele é seu Lobo agora, e você é a alfa dele.

Scarlet riu.

– De acordo com Jacin, deve haver uma matilha para ser uma alfa.

Jacin. O nome trouxe luz do sol e sangue e beijos e rosnados à pele de Winter. Ela esperou um momento para que tudo afundasse até os ossos, depois inclinou a cabeça de Scarlet e deu um beijo no alto do cabelo furioso cor de fogo.

– Vou conseguir sua matilha.

CAPÍTULO

Quinquenta e seis

ELAS NÃO TINHAM ANDADO MUITO QUANDO DETECTARAI retumbando pela caverna. Eram baixos e intensos, como um trem distante. Elas chegaram a outra bifurcação no túnel, e, enquanto um caminho levava a mais escuridão e pedras e nada, o outro dava em um par de portas de ferro. Com dobradiças presas na parede de regolito, as portas pareciam antiquíssimas. A única decoração era uma marca no canto inferior de cada uma – **DEPÓSITO 16, SETOR EM-12.**

Havia uma telinha embutida na parede ao lado das portas. Era velha e antiquada, e o texto ficava piscando. **REGIMENTO LUNAR 117. MATILHAS 1009-1020.**

O chão e a parede vibravam com a atividade atrás das portas: gargalhadas, gritos e passos altos. Pela primeira vez desde que partiu na missão, Winter sentiu um tremor de nervosismo na barriga.

Scarlet olhou para ela.

– Não é tarde demais para voltar.

– Discordo.

Suspirando, Scarlet observou a tela.

– Onze matilhas, por volta de cem soldados, mais ou menos.

Winter cantarolou, um som descompromissado. Cem soldados.

Animais, assassinos, predadores, era o que todo mundo dizia. Ela estava mesmo louca por achar que podia mudá-los?

Seus olhos ficaram úmidos, e isso a surpreendeu. Ela não tinha percebido que pensar no próprio desequilíbrio a entristeceria, mas a sensação das costelas esmagando o coração era inconfundível.

– Por que você me seguiu? – perguntou ela, olhando para as portas sólidas. – Sabendo o que tem de errado comigo. Sabendo que tenho problemas.

Scarlet riu com deboche.

– É uma pergunta *excelente*.

Um baque alto foi seguido de gritos. As paredes reverberaram ao redor.

Elas não foram descobertas. Scarlet estava certa. Elas poderiam dar as costas e ir embora. Winter poderia admitir que sofria de alucinações e ninguém prestaria atenção nela. Ela era eficiente em tomar decisões erradas.

– Eu não podia deixar você seguir sozinha – disse Scarlet, quase sem veneno na voz.

– Por quê?

– Não sei. Pode me chamar de louca.

Winter fechou os olhos.

– Não vou fazer isso. Você não é problemática como eu. Não é formada de cem pedacinhos que vão ficando cada vez mais longe uns dos outros.

– Como você pode saber?

Winter inclinou a cabeça e ousou levantar o rosto de novo.

Scarlet se encostou na parede de regolito.

– Meu pai era mentiroso e bêbado. Minha mãe foi embora quando eu era criança e nunca olhou para trás. Eu vi um homem matar minha avó e rasgar a garganta dela com os dentes. Fiquei em uma jaula por seis semanas. Fui obrigada a cortar o próprio dedo. Tenho certeza de que estou me apaixonando por um cara geneticamente modificado e mentalmente programado para ser um predador. Considerando tudo, eu diria que tenho uma boa quantidade de partes quebradas em mim.

Winter sentiu sua determinação desmoronar.

– Você veio comigo porque era o caminho mais rápido até a morte, então.

Scarlet franziu a testa.

– Eu não sou *suicida* – disse ela, com a rispidez voltando à fala. – Eu vim com você porque... – Ela cruzou os braços sobre o peito. – Porque, desde que minha avó me acolheu, ouvi gente me dizendo que ela era maluca. Uma senhora idosa esquisita e agressiva, sempre assunto de piadas. Ninguém fazia ideia do quanto ela era brilhante. Aquela idosa maluca arriscou tudo o que tinha para proteger Cinder quando ela era bebê e, no final, sacrificou a própria vida para não entregar o segredo de Cinder. Ela era corajosa e forte, e todas as outras pessoas foram cegas demais para ver. – Ela revirou os olhos, irritada com a própria frustração. – Acho que só estou torcendo para que, apesar de todas as coisas absurdas que diz, você também possa ser meio brilhante. Que, desta vez, você possa estar certa. – Ela levantou o dedo. – Dito isso, se você vai me dizer o quanto essa ideia era idiota desde o

começo e que devemos sair correndo como loucas, então vou logo atrás de você.

Atrás da porta, alguma coisa caiu, e houve uma explosão de gargalhadas altas. Em seguida, um uivo. Um coral de mais uma dezena de vozes se reuniu a ele, um som vitorioso.

Um músculo se contraiu no maxilar de Winter, mas o lábio tinha parado de tremer. Ela não tinha chorado. Estava concentrada demais nas palavras de Scarlet para se lembrar de ficar chateada.

– Acredito que eles já foram garotos e podem ser garotos de novo. Acredito que posso ajudá-los, e eles vão me ajudar em troca.

Scarlet suspirou, parecendo um pouco decepcionada e meio resignada, mas não surpresa.

– E acredito que você não é maluca como todo mundo pensa que é.

O olhar de Winter se dirigiu a Scarlet, surpreso, mas Scarlet não o retribuiu. Ela deu um passo à frente e colocou a palma da mão em uma das pesadas portas.

– E aí, a gente bate?

– Acho que eles não nos ouviriam. – Outra série de uivos ecoou pela caverna. Winter passou os dedos pela tela, e o texto mudou.

IDENTIFICAÇÃO DE SEGURANÇA NECESSÁRIA

Ela apertou as pontas dos dedos na tela, que se iluminou, recebendo-a. As portas começaram a se abrir, gemendo em

dobradiças antigas. Quando Winter se virou, Scarlet estava olhando para ela, perplexa.

– Você percebe que acabou de alertar a rainha sobre onde está, certo?

Winter deu de ombros.

– Quando ela nos encontrar, vamos ter um exército para nos proteger ou já vamos ter virado carne e tutano e ossos.

Ela passou pelas portas e parou na mesma hora.

Scarlet estava certa. Havia cerca de cem homens no 117º regimento do exército de Levana, embora *homens* fosse um termo geral para o que eles tinham se tornado. *Soldados* também parecia inadequado. Winter vinha ouvindo histórias sobre o exército da madrastra havia anos, mas eles eram bem mais bestiais do que ela tinha imaginado, com corpos malformados, pelos nas laterais dos rostos e lábios repuxados ao redor de dentes enormes.

Aquele depósito, que no início fora um lar para os primeiros colonizadores, estava equipado para abrigar muito mais do que cem pessoas. O teto tinha a altura de três andares e era irregular, com musgo e estalactites onde bolhas de ar tinham se formado e lava tinha pingado tempos atrás. Apesar de a caverna ser antiga e impenetrável, alguém, havia muito tempo, teve a precaução de reforçá-la com colunas de pedra espaçadas. Incontáveis alcovas e mais corredores se espalhavam em todas as direções, levando a alojamentos adicionais ou locais de treinamento.

Ao redor da parte externa havia armários sujos e caixas, muitas das quais deixadas abertas e esquecidas. Bancos e equipamentos de exercício ocupavam o resto do espaço: sacos

de areia, barras, pesos. Muitos foram empurrados para o lado para abrir espaço para o entretenimento principal no centro do aposento.

Os uivos se dissolveram em gritos e berros novamente. Dentes caninos brilharam. A maioria estava parcialmente despido: sem camisa, de pés descalços, com uma quantidade absurda de pelos em lugares que Winter não sabia se eram naturais ou não.

Um tremor percorreu sua pele. As palavras de Scarlet ecoaram em sua mente: *Vão fazer o que mandarem, e vão mandá-los comer a gente.*

Scarlet estava certa. Foi um erro. Ela não era brilhante. Estava ficando louca.

As portas se fecharam, o que a fez pular. Um homem se virou para encará-las. Seu olhar pousou em Winter, foi até Scarlet e voltou. Primeiro com curiosidade, depois, inevitavelmente, fome.

Um sorriso torto e malicioso surgiu na boca.

– Ora, ora – refletiu ele. – Já está na hora do almoço?

CAPÍTULO

Quinquenta e sete

O HOMEM QUE FALOU PEGOU O SOLDADO MAIS PRÓXIMO PELO PE

jogou no centro do círculo. Gritos de surpresa e raiva se espalharam pelos homens reunidos quando alguns caíram sob o peso do colega. Em segundos, houve um furor de punhos e maxilares. Um homem atacou o primeiro que reparou nelas, unhas afiadas criando linhas de sangue no peito. Um segundo depois, ele também foi puxado e jogado no tumulto.

– *Bons modos* – gritou alguém, alto o bastante para a voz ecoar nas paredes, e Winter teve uma visão rápida e escaldante do domo de pedra de lava caindo sobre eles. Começaria com um tremor de paredes, depois algumas pedrinhas caindo, até que uma rachadura iria de um lado da caverna até o outro, se abrindo e...

– Tem *damas* presentes – disse o mutante que as viu primeiro. Seu nariz se franziu na palavra *damas*.

A atenção de cem soldados híbridos foi direcionada a Winter e Scarlet. Enquanto sobrancelhas eram erguidas e olhares penetrantes as examinavam, os homens pareceram esquecer a briga. Eles começaram a se espalhar. Corpos ágeis e musculosos se esgueiraram entre os equipamentos com paciência

agonizante. Narizes tremeram. Línguas percorreram dentes afiados.

Os cabelos da nuca de Winter se eriçaram, e ela se viu grudada no chão, chocada pelo silêncio repentino e respirável.

Quando a multidão se dispersou, ela viu que o foco era uma briga entre dois soldados, os dois sangrando, inchados e sorrindo, tão intrigados quanto o resto. Era impossível saber qual estava vencendo antes da interrupção.

Havia uma abundância de cicatrizes e hematomas em todos os homens, o que sugeria que brigas assim eram comuns. Uma forma de passar o tempo enquanto esperavam serem enviados para a Terra para participar da guerra de Levana.

O medo latejou no corpo de Winter. E se ela estivesse errada?

– Oi, moças bonitas – disse um dos soldados, massageando o maxilar peludo. – Estão perdidas?

Winter chegou perto de Scarlet, mas Scarlet se afastou e deu um passo à frente para se aproximar deles. Scarlet era a corajosa, a resiliente, e provou isso ao inclinar a cabeça em desafio fingido.

– Qual de vocês está no comando? – perguntou Scarlet, fechando as mãos e apoiando nos quadris. – Queremos falar com seu alfa.

Uma gargalhada se espalhou entre eles.

– Qual deles? Onze matilhas, onze alfas.

– O mais forte – disse Scarlet, perfurando-o com um olhar mais intenso do que Winter já tinha visto. – Se vocês não sabem qual é o mais forte, vamos esperar que briguem.

– Tem certeza de que não quer escolher, moça bonita? – perguntou um enquanto se aproximava por trás, entrando no

caminho da saída... não que Winter tivesse esperanças de sair correndo. Ela viu que eles estavam tentando intimidá-las, e sentia nos ossos o quanto estava dando certo. – Tenho certeza de que qualquer um de nós ficaria feliz em satisfazer qualquer necessidade que vocês tenham.

Scarlet olhou para ele de cara feia, com o canto do olho.

– Já tenho um companheiro alfa para satisfazer minhas *necessidades*, e ele poderia destruir qualquer um de vocês.

O homem latiu, e uma risada rouca ecoou entre os outros.

O primeiro soldado chegou mais perto de Scarlet e parecia intrigado de novo.

– Ela está falando a verdade – disse ele, silenciando as gargalhadas. – O cheiro dele está nela toda. Um de nós. – Ele apertou os olhos. – Ou... um agente especial?

– Alfa Ze’ev Kesley – disse Scarlet. – Já ouviu falar?

Um momento. Um sorrisinho.

– Não.

Scarlet estalou a língua.

– Que pena. Já posso dizer que ele é duas vezes mais homem e duas vezes mais lobo do que qualquer um de *vocês*. Poderia ensinar uma coisinha ou duas a vocês.

Os homens riram de novo, achando graça.

– Eu não sabia que estavam deixando nossos irmãos de matilha pegar companheiras na Terra. É mais um motivo para antecipar nosso envio.

Winter apertou as mãos suadas nas laterais do corpo, grata por Scarlet sustentar a atenção deles. Se tivesse sido obrigada a falar, sua boca teria emitido murmúrios incoerentes, e eles teriam rido

por um momento e enfiado os dentes nela no momento seguinte. Fechariam os maxilares nos membros dela. Cortariam os músculos até os ossos.

– Não estamos aqui para discutir minha vida amorosa. Nem a sua – disse Scarlet. – Você parece ser o mais falante. Se denomina o líder aqui?

Ele inclinou a cabeça de um jeito que a lembrou de Ryu, a forma como ele às vezes baixava as orelhas quando ouvia o guarda-caça chegando com comida.

– Alfa Strom ao seu serviço. – Ele fez uma reverência debochada. Apesar de não ser maior do que os outros, ele se movia com uma graça nada natural. Como Lobo. Como Ryu. – E ao serviço da coisinha bonita ali atrás. Sugiro que você fale rápido, moça bonita. Consigo ouvir o estômago da minha matilha roncando.

Um dos soldados passou a língua pelo lábio inferior.

Scarlet se virou e lançou um *olhar* para Winter.

Tremendo da cabeça aos pés, Winter esticou a mão para Scarlet e usou o ombro dela para se equilibrar.

Os soldados riram.

– *Winter* – sibilou Scarlet.

– Estou com medo, Scarlet.

A expressão de Scarlet ficou pétrea.

– Talvez você queira ir lá fora se recompor e podemos voltar depois – disse ela, falando entre os dentes.

Winter tremeu por causa da raiva de Scarlet, apesar de saber que ela tinha o direito de estar se sentindo assim. Ir até ali fora ideia *dela*. Se as duas morressem, seria culpa dela.

Mas ela não permitiria. Eles eram homens, lembrou a si mesma. Homens que mereciam vida e felicidade tanto quanto qualquer outro.

Agarrando-se a esse pensamento, ela se obrigou a se afastar de Scarlet e ficou grata quando a tontura passou.

– Sou Winter Hayle-Blackburn, princesa de Luna – disse ela, e percebeu como sua voz soava baixa. Bem diferente da de Scarlet.
– Preciso da sua ajuda.

Olhos brilharam, achando graça.

– Em troca, quero ajudar vocês.

Graça. Fome. Menos curiosidade do que ela esperava.

Ela engoliu em seco.

– A rainha Levana, minha madrastra, trata vocês com crueldade e injustiça. Ela tirou vocês das suas famílias e agiu como se não passassem de experimentos científicos dela. Ela trancou vocês nessas cavernas com o único objetivo de mandá-los para a Terra para lutarem na guerra dela. E o que vocês vão ganhar por esse serviço?

Eles todos esperaram, com os olhos severos e cintilantes, observando Winter como se ela fosse o lanchinho da tarde, ainda assando no espeto. Não era diferente dos olhares que recebia de incontáveis homens na corte de Levana.

– Nada – disse ela, empurrando o medo para o fundo do estômago. – Se sobreviverem às batalhas, vão voltar para cá e ser escravizados nessas cavernas até ela precisar de vocês de novo. Não vão poder voltar para suas famílias. Não vão voltar para a sociedade nem viver as vidas que talvez já tenham sonhado em viver, antes de serem... de serem...

– *Monstros* – sugeriu um dos homens, sorrindo com a palavra.

– Eu não acredito que vocês sejam monstros. Acredito que tiveram bem poucas escolhas e que estejam lidando com as consequências da melhor maneira que podem.

Alfa Strom deu uma risadinha debochada.

– Quem poderia imaginar que receberíamos um conselho desses da própria princesa hoje? Me diga, alteza bonita... essa sessão de terapia tem lanchinho junto?

– Sua amiga, talvez? – disse outro. – O cheiro dela é delicioso.

Scarlet cruzou os braços e afundou os dedos nos cotovelos.

Winter empertigou os ombros.

– Viemos aqui para dar outra escolha a vocês. O povo de Luna está planejando uma rebelião. Em dois dias, vamos marchar para o domo central de Artemísia. Planejamos vencer a rainha e a corte, destroná-la e pôr fim à tirania dela. Peço que vocês se juntem a nós. Que lutem por nós e nos ajudem a acabar com o reinado que tirou vocês de suas vidas e os transformou em soldados. Que garantam que não vão se tornar prisioneiros nunca mais, nem experimentos, nem... *animais* criados para a diversão de Levana. Nunca mais.

Um silêncio se espalhou por eles, como se estivessem esperando para ter certeza de que ela tinha terminado. Winter procurou indicações de que prestaram atenção.

Ela se sentia um cordeiro na toca deles.

– Ela diz palavras bonitas.

Winter se virou para a voz. Era um dos homens envolvidos na briga. Havia sangue secando no canto da boca.

Ele inclinou a cabeça quando viu que tinha a atenção dela, as pálpebras se entrefechando de forma sugestiva.

– Não tão bonitas quanto o rosto.

– Exceto por essas cicatrizes.

Ela deu um pulo e se virou. Não tinha ouvido esse soldado chegar tão perto, e ele estava bem à frente. Ele passou uma unha afiada pela bochecha dela.

– De onde veio isso, moça bonita?

Ela não conseguiu responder.

Um braço envolveu os ombros de Winter e a puxou de volta.

– Pare – disse Scarlet, botando Winter atrás de si, embora fosse inútil. Elas estavam cercadas. – Vocês prestaram atenção ao que ela disse? Vocês podem se chamar de soldados ou matilhas de lobos ou do que quiserem, mas a verdade é que não passam de escravos. Winter está oferecendo liberdade. Está dando uma escolha, que é bem mais do que Levana já ofereceu. Vocês vão nos ajudar ou não?

– Vocês vão ser massacradas – sussurrou alguém no ouvido de Winter.

Ela ofegou e se virou de novo, encostando as costas nas de Scarlet. Os soldados chegaram mais perto. Predadores brincando com a presa, se deleitando com a expectativa da refeição.

– Um bando de civis patéticos vai se rebelar contra a rainha? – disse outro. – Eles não têm a menor chance.

E outro:

– Vocês não sabem quem a rainha vai chamar para os controlar se houver gente demais para manipular?

– *A nós* – disse um terceiro. – O exército dela.

– Você quer dizer os cachorrinhos dela? – retrucou Scarlet, e, embora seu tom fosse de deboche, ela estava encostada em Winter, também fazendo força. – Os *bichinhos de estimação* dela?

Os rostos dos soldados se contorceram.

– Se vocês ficarem do nosso lado, podemos vencer – declarou Winter. – Nós *vamos* vencer.

– O que vai acontecer conosco se ficarmos do seu lado e você perder? – perguntou Alfa Strom.

Um deles passou o dedo pelo pescoço de Winter. O coração dela deu um pulo.

– Com vocês ao nosso lado, nós não vamos perder – respondeu ela, a voz tremendo. Seus olhos começaram a lacrimejar de medo. – Podem parar agora. Já nos assustaram o bastante. Sei que vocês não são as criaturas cruéis que fingem ser, que foram treinados e atormentados e construídos para ser. Vocês são homens. São cidadãos de Luna. Se me ajudarem, se lutarem por mim... posso ajudar vocês a recuperarem suas vidas. Vocês não podem me dizer que não querem isso!

Ela sentia o hálito deles. Via os pontinhos coloridos nas íris. Sentia o cheiro de suor e sangue na pele. Um dos homens estava sugando um dedo dobrado, como se mal esperasse para sentir o gosto da carne dela.

Eles eram o nó de uma força ficando cada vez mais apertado.

Com a pulsação saltando, Winter levou a mão até o pescoço, onde o soldado a tocou. Sentiu uma corda áspera ali. Apertando. *Espremendo*. Ela gritou e tentou passar os dedos ao redor, formar uma barreira entre a corda e o pescoço, mas já estava apertado demais.

– Princesinha mimada – sibilou um dos soldados, se inclinando para que ela sentisse o hálito dele na bochecha. Winter tremeu e soube que seu olhar estava úmido e suplicante. – Nós não lutamos por princesas. Nós *brincamos* com elas.

Alfa Strom deu um sorrisinho.

– Prontas para brincar?

CAPÍTULO

Cinquenta e oito

SCARLET EMPURROU WINTER COM FORÇA E A JOGOU NO CHÃO COM

Através de um véu de cabelo, viu Scarlet dar uma cotovelada no nariz de um dos mutantes. Ela tentou pegar a arma embaixo do moletom, mas os soldados já estavam segurando-a, prendendo seus braços na lateral do corpo. A arma caiu no chão, inútil.

Doze mãos enormes colocaram Winter de pé. Ela ficou inerte nos braços deles, as pernas fracas demais para sustentá-la. Estava tremendo da cabeça aos pés, e os homens oscilavam em seu campo de visão. Em um segundo, eram soldados criados em laboratório. No outro, eram uma matilha de lobos selvagens. À espreita e mostrando os dentes enormes.

Scarlet gritou alguma coisa. Um grito de guerra. Estava lutando como uma tigresa enjaulada, com o cabelo esvoaçando, os dentes batendo, enquanto Winter pendia, fraca e delicada, tentando bloquear a visão antes que fosse demais para ela. Sua cabeça estava pesada como pedra da lua e girando rápido como um asteroide em órbita. Carregando o peso do conhecimento brutal de que aquilo era real. Elas iriam morrer. Iriam ser *devoradas*.

As lágrimas surgiram rápido e logo escorreram pelas bochechas.

– Por que vocês estão sendo tão cruéis? Ryu não agiria assim. Ele teria vergonha de vocês.

– Aguento firme, Winter – resmungou Scarlet.

O mundo hesitou. Dissolveu-se em escuridão e voltou a tomar forma. Winter sabia que desmoronaria se eles a soltassem, mas não conseguia encontrar apoio na própria força.

– Espere... tive uma ideia! – disse ela com animação, levantando a cabeça. – Vamos fazer um jogo diferente. Como quando Jacin e eu brincávamos de casinha. Esse aqui pode ser nosso bichinho de estimação. – Ela se inclinou para a frente e tentou colocar a palma da mão no nariz do soldado mais próximo, mas ele se afastou, surpreso.

Ela se pôs a observá-lo. Tentando lembrar quem ele era. *O que* ele era.

– Não? Você prefere brincar de pegar?

O rosto dele foi de perplexo a furioso em meio segundo. Ele deu um rosnado de desprezo, com os dentes ocupando metade do rosto.

– Qual é o problema dela? – perguntou alguém.

– Eu posso ser o bichinho, se você preferir. – Ela oscilou nas mãos dos que a seguravam. – Galhos e ossos, galhos e pedras. Vamos brincar durante horas, mas nunca vou me cansar e sempre vou voltar, eu sempre vou voltar... – A voz dela falhou. – Porque Ryu sempre, sempre voltava. Galhos e ossos. Galhos e ossos...

– Doença lunar – murmurou alguém. Winter o procurou e encontrou um soldado de pele quente que poderia ser bonito antes de ter sido transformado em uma coisa tão feia. Ele olhou

para ela com a mesma fome de todos os outros, mas também podia haver solidariedade.

Winter não lembrava o que disse de louco. Do que estavam falando? De ir embora? Eles não estavam indo embora? Ela queria ir embora. Ou talvez estivessem fazendo planos para o jantar, para uma festa.

– Isso mesmo – disse Scarlet. Ela estava ofegante. – Ela se recusa a manipular as pessoas e a usar o glamour, mesmo quando seria *extremamente* benéfico para ela. Diferentemente das pessoas a quem vocês servem, é óbvio.

– Não vai fazer diferença no gosto dela – gritou alguém.

Winter começou a rir. Todos tinham se tornado animais. Até Scarlet estava lupina, com orelhas pontudas e uma cauda fofinha e pelo vermelho ardente. Winter virou o focinho para o teto cavernoso e cantarolou:

– *E a Terra está cheia esta noite, esta noite, e todos os lobos estão uivando, auuuuuuuu...*

Uma das mãos – patas? – no antebraço dela afrouxou.

Ela uivou de novo.

– Uma princesa de Artemísia que não usa o dom? – murmurou Alfa Strom. – Por escolha própria?

– Ela acha errado controlar as pessoas e não quer acabar como a rainha – disse Scarlet. – Dá para ver o preço que está pagando por isso.

A voz de Winter falhou e ela parou de uivar. Quando o corpo ficou inerte de novo, as mãos a soltaram e deixaram que caísse de joelhos. Ela gemeu de dor e olhou ao redor. Scarlet tinha voltado

a ser Scarlet, os homens tinham voltado a ser soldados. Ela piscou e ficou grata quando a alucinação não voltou.

– Desculpe – disse ela. – Eu não pretendia interromper sua refeição.

Scarlet gemeu.

– Quando ela diz que nunca vai manipulá-los, está falando sério. E pretende mesmo devolver a liberdade de vocês. Duvido que recebam uma proposta tão promissora novamente.

O barulho das dobradiças antigas assustou Winter. Os soldados se afastaram. As portas enormes de ferro se abriram e os soldados se separaram, formando filas organizadas com a rapidez de uma máquina lubrificada. Scarlet aproveitou a oportunidade para pegar a arma e prender na calça.

Atrás das portas havia oito taumaturgos, um de vermelho, de segundo nível, o resto de preto.

O taumaturgo de casaco vermelho, um homem de cabelo grisalho, viu Winter e Scarlet e deu um sorriso de víbora para elas.

– Oi, Alteza. Soubemos que você poderia estar aqui.

Alguns dos soldados chegaram para o lado, abrindo caminho entre os taumaturgos e Winter.

– Oi, taumaturgo Holt – respondeu Winter, levantando-se em pernas bambas, embora ainda estivessem doendo. Ela achava que devia sentir medo daqueles homens e mulheres; normalmente, só de ver os casacos e as runas bordadas era tomada de ansiedade e medo e mil lembranças de pessoas morrendo no chão da sala do trono. Mas todo o medo dela tinha se esgotado.

– Quando o sistema captou sua identificação, achei que devia ser erro. Eu não achei que você fosse louca o bastante para vir

aqui. – Ele olhou para os soldados. – Vocês não estavam com fome? Ou as garotas não são atraentes o bastante para seu gosto?

– Ah, eles estavam com muita fome, sim – disse Winter, lutando para ficar de pé. – Não é verdade, amigos alfas, amigos lobos? – Ela virou a cabeça para o lado. – Mas eu tinha esperanças de que pudessem me proteger e lutar por mim se eu lembrasse a eles que já foram homens, homens que não queriam ser monstros.

– Acontece que eles são só cachorros treinados de Levana, no fim das contas – disse Scarlet.

Um grupo de soldados olhou para elas com irritação.

O taumaturgo Holt riu com deboche.

– Eu já tinha ouvido falar da sua língua afiada. – O olhar se desviou para o cotoco de dedo na mão de Scarlet. – Pode dizer e pensar o que quiser, filha da Terra. Esses soldados sabem o dever deles. Foram criados para executar as ordens de Sua Majestade e fazem isso sem reclamar.

– É mesmo?

Winter não sabia qual deles tinha falado, mas as palavras foram tão carregadas de ódio que a pele dela se arrepiou.

Holt olhou com irritação para os homens ao redor, arrogante e cheio de ódio.

– Espero que não seja *discordância* o que estou detectando, Regimento 117. Sua Majestade ficaria decepcionada se soubesse que alguns dos estimados soldados demonstraram desrespeito pelos mestres.

– Cachorrinhos estimados, você quer dizer – murmurou Scarlet. – Cada um vai ganhar uma coleira de diamantes também?

– Amiga Scarlet – sussurrou Winter –, você não está tendo consideração.

Scarlet revirou os olhos.

– Eles estão prestes a nos matar, caso você não tenha percebido.

– Estamos, sim – disse Holt. – Homens, podem matar essas traidoras.

Winter inspirou fundo, mas Alfa Strom levantou a mão, e nenhum dos soldados se mexeu.

– Interessante você ter mencionado nossos mestres, pois parece que alguns estão faltando.

Os sete taumaturgos atrás de Holt continuaram imóveis, olhando para o regimento. Winter contou. Havia onze matilhas naquele regimento. Deveria haver onze taumaturgos para controlá-los.

– Vou perdoar sua ignorância nesse assunto – disse Holt entredentes. – Pois você não tinha como saber que nosso país está passando por um momento de tumulto. Alguns dos nossos taumaturgos de maior nível, além de guardas e até soldados como vocês, foram assassinados hoje, junto com uma tentativa de assassinato contra nossa rainha. Como você pode *perceber*, não temos tempo para discussões. Mandeí que vocês matassem essas garotas. Se vocês se recusam, eu mesmo vou matar, e vocês vão ser punidos por desobedecerem a uma ordem direta.

Winter sentiu corpos ao redor se moverem, como aconteceu quando eles as cercaram pela primeira vez. Aproximando-se de forma quase imperceptível. Como um nó se apertando.

– Pena que vocês alteraram tanto nossos cérebros – disse Alfa Strom. – Senão poderiam nos manipular, certo? Poderiam nos obrigar a seguir sua ordem. Mas vocês nos transformaram em um bando de animais selvagens.

– Uma matilha de lobos famintos – rosnou alguém.

– Assassinos – sussurrou Winter baixinho. – Predadores, todos.

Eles se moveram em torno de Winter e Scarlet como água ao redor de pedra. Winter segurou o pulso de Scarlet e a puxou para perto, seus ombros se tocando.

– Vocês não me fizeram para ser bom em matemática – continuou Strom. – Mas, pela minha contagem, não podem punir todos nós, mesmo que quisessem.

Eles tinham formado um semicírculo em volta dos taumaturgos, que pareciam inseguros.

– Chega – cortou Holt. – Eu mandei vocês...

A tensão explodiu antes que ele terminasse. Os soldados partiram para cima dos mestres, as bocas rosnando e as mãos enormes prontas para rasgar, arranhar e arrancar.

Como uma pulsação sônica, dezenas de soldados caíram no chão, se contorcendo e segurando a cabeça. Os nós de seus dedos ficavam brancos conforme apertavam as mãos nos crânios, gritando de dor. Os poucos que ficaram de pé pularam por cima dos colegas caídos com os rostos contorcidos de fúria.

Winter se encolheu enquanto via Alfa Strom, que tinha caído na frente dela, encolhido em posição fetal, gritando. Mas o grito foi interrompido e substituído por vômito e um choramingo, seus olhos bem apertados enquanto tentava bloquear o que estava sendo feito com ele.

Aquele choramingo atingiu Winter como uma lembrança, Ryu atrás dela. O som da faca de Jacin. O sangue quente e grudento.

Winter caiu no chão e rastejou até Strom, passou as mãos pelo rosto deformado, esforçando-se para acalmá-lo. As pontas de seus dedos rachadas, terrivelmente geladas.

A briga, se é que podia ser chamada de briga, acabou em segundos. Winter não lembrava se os taumaturgos tiveram tempo de gritar. Houve o barulho de ossos esmagados, de tecido rasgado, e acabou. Um olhar rápido confirmou oito corpos sangrentos na entrada da caverna, e uns vinte e quatro soldados de pé acima deles, limpando sangue do queixo e tirando carne de baixo das unhas.

A respiração de Winter formou uma névoa no ar. O frio estava no estômago também, congelando tudo.

Os dedos ainda estavam no cabelo de Strom quando ele de repente segurou a mão dela e empurrou.

Scarlet chegou lá em um segundo, passou os cotovelos por baixo dos braços de Winter e a puxou para longe. Ao redor, os que tinham caído estavam se recuperando do tormento que os mestres tinham infligido a eles. Os rostos estavam contorcidos de dor, mas também houve satisfação quando eles viram os taumaturgos mortos.

Strom se agachou e balançou a cabeça. O olhar penetrante encontrou Winter. Ela se encolheu junto à amiga flamejante, tremendo.

As palavras de Strom saíram arrastadas quando ele falou:

– Você tem doença lunar porque não consegue controlar as pessoas como eles controlam?

Winter olhou para os taumaturgos, ou para o que sobrou deles, e se arrependeu na mesma hora. Olhou então para as pontas dos dedos frágeis.

– Ah, talvez – gaguejou ela com lábios dormentes. – Mas sei como é ser controlada, a-assim como você.

Strom se levantou, recuperando a força com mais rapidez do que muitos outros. Ele avaliou Winter e Scarlet por um tempo.

Por fim, disse:

– Ela vai mandar mais cães de caça para nos punir por isso. Eles vão nos torturar até estarmos implorando aos pés deles, como os cachorros que somos. – Apesar de a voz soar rouca, um sorriso surgiu na boca cruel. – Mas conhecer o gosto e o cheiro de sangue de taumaturgo compensa.

Um soldado uivou em concordância, e logo vários uivos soaram juntos, perfurando os tímpanos de Winter e fazendo a caverna tremer. Alfa Strom se virou para o regimento, e houve um momento de celebração, punhos batendo em punhos e uivos que pareciam não terminar.

Winter se obrigou a se levantar, embora ainda estivesse com frio e tremendo. Scarlet ficou ao lado dela, um pilar.

A voz de Winter estava forte quando ela perguntou:

– Agora vocês estão saciados?

Strom se virou e as parabenizações agitadas entre os homens começaram a se dissipar. Os olhos ainda exibiam fome quando se viraram para as duas garotas.

– Seus desejos estão saciados? – perguntou Winter. – Sua fome foi aliviada?

– *Winter* – sibilou Scarlet. – O que você está fazendo?

Ela sussurrou em resposta:

– Eu estou descongelando.

Scarlet franziu a testa, mas Winter deu um passo para longe dela.

– E então? Vocês estão saciados?

– Nossa fome nunca é saciada – rosnou um dos soldados.

– Foi o que pensei – disse Winter. – Sei que vocês querem comer a mim e minha amiga, pois seríamos um lanchinho suculento e delicioso. – Ela sorriu, não tão apavorada com a ideia como estava antes. – Mas, se decidirem nos ajudar, talvez em pouco tempo possam se empanturrar com a própria rainha. E a carne dela vai ser mais satisfatória do que a nossa, não vai? Mais satisfatória até do que a dos seus mestres mortos ali na porta?

Um silêncio se espalhou por eles. Winter viu os cálculos por trás dos rostos e ouviu alguns deles sugando os dentes.

– Lutem comigo – disse ela quando bastante tempo tinha se passado e nem ela e nem Scarlet foram devoradas. – Não vou controlar vocês. Não vou torturar vocês. Me ajudem a acabar com o reinado de Levana, e vamos todos conquistar a liberdade.

Alfa Strom olhou nos olhos de alguns soldados (os outros alfas, presumiu ela) antes de fixar um olhar penetrante nela.

– Não posso falar pelo regimento todo – disse ele. – Mas aceito sua proposta. Se você jurar nunca nos controlar como eles fizeram, minha matilha vai lutar pela sua revolução.

Alguns homens assentiram. Outros rosnaram, mas Winter achou que era um rosnado de concordância.

Em resposta, ela levantou o nariz na direção do teto da caverna e uivou.

CAPÍTULO

Quinquenta e nove

SCARLET ESPEROU ATÉ OS UIVOS PARAREM DE ECOAR PELAS PA
caverna e se jogou na frente de Winter.

– Você entende que, ao aceitar nos ajudar, só pode atacar a rainha Levana e as pessoas que servem a ela – disse ela, apontando para Strom. – *Nada* de civis, em hipótese nenhuma, nem mesmo aqueles aristocratas irritantes, a não ser que eles se mostrem uma ameaça. Nosso objetivo é destronar Levana, não massacrar a cidade toda. E também não vamos dar a vocês um almoço grátis. Esperamos que vocês sigam ordens e sejam úteis. Isso pode querer dizer treinar algumas pessoas dos setores para lutar e usar armas, ou pode querer dizer tirar pessoas feridas do fogo cruzado... não sei. Mas *não* quer dizer que vocês podem sair correndo pelas ruas de Artemísia destruindo tudo o que veem. Podemos concordar com isso?

Strom sustentou o olhar dela, com a ferocidade novamente virando diversão.

– Entendo por que seu companheiro a escolheu.

– Não estou atrás de comentários pessoais – disse ela com rispidez.

Strom assentiu.

– Aceitamos suas exigências. E, quando Levana se for, seremos homens livres, podendo seguir a vida que escolhermos.

– Desde que essa vida siga as leis da sociedade... sim. Isso mesmo.

Strom observou a multidão. Se não fosse por todo o sangue, pareceria que as mortes dos taumaturgos não aconteceram.

– Alfa Perry? Alfa Xu?

Um a um, ele contou os alfas restantes, e um a um eles aceitaram os termos de Scarlet e Winter. Quando acabou, Winter se virou para Scarlet com um sorriso lacrimoso, mas encantador.

– Eu falei que eles se juntariam a nós.

Scarlet respirou fundo.

– Precisamos descobrir o que está acontecendo na superfície. Tem alguma forma de nos comunicarmos com os setores? Dizer para eles que a revolução vai acontecer, mesmo que Cinder...

Ela não conseguiu terminar a frase. Não fazia ideia do que tinha acontecido com Cinder, com Lobo.

Lobo. Ze'ev. Seu companheiro alfa.

Pensar nele abria um buraco em seu peito, então ela não pensaria. Acreditaria que ele estava vivo porque *tinha* que estar.

– Temos que ir para a superfície de qualquer jeito – disse Strom. – Esses tubos de lava não têm ligação com os trilhos dos trens de levitação magnética. Ou... têm, mas nos obrigariam a fazer um desvio muito grande. É melhor subirmos até o setor mais próximo e nos infiltrarmos nos túneis por lá.

– Qual é o setor mais próximo? – perguntou Scarlet.

– EM-12 – disse alguém. – Extração e produção de madeira. É um trabalho perigoso, com muitos acidentes. Duvido que sejam

simpatizantes de Sua Majestade.

– Talvez tenhamos a sorte de conseguir armas lá também – disse outro.

– Qual é a distância até lá? – perguntou Scarlet.

– Aqui era o depósito de EM-12. – Strom apontou para o teto. – Está bem acima das nossas cabeças.



QUANDO ELES VOLTARAM PARA AS CAVERNAS, DEMOROU MENOS minutos para um homem abrir uma porta de metal que levava a uma escadaria estreita. Parecia uma quantidade interminável de degraus. O espaço confinado logo ficou abafado e quente.

– Amiga Scarlet?

A voz frágil de Winter deixou Scarlet tensa. Ela fez uma pausa, olhou para baixo e viu a princesa usando o corrimão antigo preso à parede para se empurrar para a frente, ao mesmo tempo que usava as pernas. A respiração estava pesada, e não era por causa da subida.

– O que foi?

– Sou uma garota feita de gelo e neve – sussurrou a princesa. Seus olhos perderam o foco.

Scarlet falou um palavrão e contornou um grupo de soldados para chegar até a princesa. Todos pararam, e Scarlet se sentiu estranhamente tocada com a preocupação que viu nos olhos de alguns soldados.

Só Winter mesmo para deixar um bando de predadores sádicos e explosivos doidos por ela. Embora Scarlet não gostasse

de pensar que o que ela e Lobo tinham era construído com base em instintos animais, não deixou de se perguntar se o mesmo tipo de instinto estava em jogo ali. Uma vez que elas persuadiram os homens a se juntar à causa delas, estariam eles passando de predadores assassinos a predadores protetores? Talvez tivessem vivido com violência e escuridão por tanto tempo que uma mera rachadura na armadura bastava para que desejassem algo mais profundo.

Ou talvez fosse Winter, que era capaz de fazer uma pedra se apaixonar por ela se sorrisse do jeito certo.

– Você está tendo uma alucinação? – perguntou Scarlet, apertando a mão na testa de Winter, apesar de não ter certeza do que estava procurando ali. – Não está gelada. Consegue andar? Ainda está respirando?

Winter baixou o olhar.

– Meus pés estão presos em cubos de gelo.

– Seus pés estão ótimos. Tente andar.

Com um esforço absurdo, Winter subiu mais um degrau. Mas parou de novo, ofegante.

Scarlet suspirou.

– Tudo bem. Você é uma garota de gelo e neve. Alguém pode ajudá-la?

O soldado mais próximo segurou o pulso de Winter e passou o braço dela por seus ombros, para que ela se apoiasse no corpo dele para subir a escada. Em pouco tempo, ele a estava carregando.

Eles chegaram ao alto e saíram em um tanque de aço que devia ser usado para sustentar a atmosfera artificial enquanto os

domos estavam sendo construídos. Em pouco tempo, estavam do lado de fora.

Ou tão do lado de fora quanto possível em Luna, o que Scarlet achava que era uma representação triste.

– Isso deveria ser uma floresta? – murmurou ela, observando as árvores baixas e magrelas em fileiras perfeitas.

Depois dos troncos ao longe, ela via uma área ampla que tinha sido cortada recentemente e, do outro lado, hectares de árvores novas.

Bem à frente, no centro do domo, ela identificou a forma de um chafariz, idêntico ao do setor de mineração, situado em uma clareira entre as árvores. A grama ao redor parecia sem cuidados.

Alfa Strom foi na frente, na direção contrária ao chafariz, para as residências. Dava para ouvir barulho de gente. Muita gente. Quando eles chegaram às ruas residenciais principais, Scarlet viu dezenas de civis segurando uma variedade de armas (a maioria pedaços de pau), de pé em fileiras organizadas e sendo guiadas por uma série de manobras. Um homem de peito largo e barba estava andando pelas fileiras, gritando coisas como:

– Desviem! Ataquem! Tem alguém atrás de você!

Até os olhos destreinados de Scarlet viam que os movimentos das pessoas eram desajeitados e descoordenados e que elas formavam um grupo terrível, a maioria com aparência magra e faminta como as pessoas do setor mineiro. Mesmo assim, era animador saber que estavam atendendo ao chamado de Cinder.

Scarlet teve o pensamento horrível de que podiam estar enviando essas pessoas para a morte, mas afastou a ideia.

Um grito surpreso interrompeu o treinamento. Eles foram vistos.

Scarlet e cem mutantes saíram das sombras da floresta. O primeiro grito gerou outras dezenas, e as fileiras se separaram, recuaram. Mas as pessoas não correram. O que aconteceu foi que, conforme Scarlet e os soldados mutantes se aproximaram, as pessoas levantaram as armas, tentando esconder o terror por trás de coragem fingida. Ou talvez fosse a coragem mais verdadeira que existia.

As pessoas deviam estar esperando alguma coisa assim. Não seria surpresa Levana puni-las por essa exibição clara de rebelião. Mas *cem* soldados eram muito além das expectativas delas.

Fiéis à palavra, os soldados não atacaram, só seguiram em frente até estarem a vinte passos da primeira fila de cidadãos.

Scarlet prosseguiu e se separou do grupo.

– Sei que eles têm uma aparência assustadora – disse ela. – Mas não estamos aqui para machucar vocês. Somos amigos da princesa Selene. E vocês talvez reconheçam Vossa Alteza, a princesa Winter.

A cabeça de Winter rolou no ombro do homem que a carregava.

– É um grande prazer conhecer todos vocês – murmurou ela, parecendo meio bêbada. Scarlet sentiu orgulho dela pelo esforço.

As pessoas apertaram os pedaços de pau e as lanças, ou o que quer que aquelas coisas fossem.

O homem barbado abriu caminho até a frente da multidão, parecendo durão e ansioso ao mesmo tempo.

– A princesa Winter está morta.

– Não, não está – disse Scarlet. – A rainha tentou mandar matá-la, mas falhou. Tudo o que contou para vocês era mentira.

O homem ficou olhando para Winter por bastante tempo, seu rosto contorcido de desconfiança.

– Não é glamour – disse Scarlet. – É ela mesmo. – Ela hesitou, revirando os olhos. – Não que eu tenha forma de provar. Mas, se quiséssemos matar vocês, para que fazer isso tudo? Olhem, estamos aqui para nos juntar a vocês no cerco a Artemísia. Esses homens aceitaram lutar por nós.

O homem a observou.

– Quem é você?

– Meu nome é Scarlet Benoit. Sou... – Ela lutou para pensar em como se intitular. A piloto? A fêmea alfa?

– Ela é terráquea – disse alguém. Ela achava irritante que eles percebessem com tanta facilidade, como se ela tivesse uma marca.

– Sou amiga da princesa Selene – declarou ela. – E sou amiga da princesa Winter. E há bem pouco tempo eu era prisioneira da rainha Levana. Ela cortou meu dedo. – Ela levantou a mão. – E matou minha avó, e agora pretendo ajudar Selene a tirar *tudo* dela. – Ela indicou os soldados. – Esses homens escolheram nosso lado, e não o de Levana, assim como vocês, e são as melhores armas que temos. Talvez eles possam ajudar no treinamento de combate. – Ela se virou para Strom. – Certo?

Mas a expressão de Strom não foi tão conciliadora quando ele parou ao lado dela.

– Nós dissemos que íamos ajudar e vamos mesmo, mas não vamos ficar parados aqui a noite toda ouvindo negociações com um bando de lenhadores. Se não nos querem aqui, vamos encontrar um setor que queira.

Scarlet riu com deboche.

– Boa sorte.

Ele rosnou para ela. Ela rosnou para ele.

Com os lábios apertados, o homem barbado olhou dos civis nervosos com pedaços de paus afiados para os soldados fortes e cobertos de pelos.

– Mandamos mensagens para os setores próximos sempre que podemos, mas é difícil tentar coordenar o ataque. Os transportes não estão funcionando. E não somos guerreiros.

– Obviamente – resmungou um dos soldados.

Alguém na multidão sibilou:

– Conte sobre os guardas.

Scarlet levantou as sobrancelhas quando o medo da multidão foi substituído por peitos estufados e colunas empertigadas.

– Guardas?

– Um regimento de guardas armados ficou aqui durante anos e falamos em tentar dominá-los, até fizemos planos para isso antes, mas sempre pareceu sem sentido se Levana ia simplesmente mandar mais. Mas assim que a mensagem de Selene chegou... – Ele sorriu para os companheiros. – Nosso plano funcionou. Nós os desarmamos em minutos, e eles estão trancados em um dos depósitos na fábrica. – Ele cruzou os braços. – Houve fatalidades, mas sabíamos que isso aconteceria. Estamos dispostos a fazer o

que tem que ser feito, assim como as pessoas de MR-9. Acredito que Selene nos deu o que pode ser nossa única chance.

Scarlet piscou.

– O que tem as pessoas de MR-9?

– Dizem que Selene esteve lá, e que havia uma mulher que a abrigou. Ela era só uma mineira, não era ninguém especial, mas provou o quanto podemos ser corajosos.

– Maha Kesley – sussurrou Scarlet.

O homem levou um susto.

– Isso mesmo. – Ele olhou para o povo reunido, com o maxilar firme. – Ela foi morta por oferecer sua casa para nossa verdadeira rainha, mas a morte dela não vai ser em vão, assim como as mortes de todos os que resistiram a Levana no passado.

Scarlet assentiu, embora ainda estivesse meio tonta. Aimery queria que a morte de Maha fosse um aviso para qualquer pessoa que ficasse do lado de Cinder, mas ali, pelo menos, teve o efeito oposto.

Maha Kesley se tornou mártir.

– Você está certo – disse ela. – Selene não precisa que vocês sejam guerreiros. Maha Kesley não era, mas era corajosa e acreditava na nossa causa. É dessa determinação que a revolução precisa.

– Ter mais alguns guerreiros não faria mal – murmurou Strom, pegando um pedaço de pau do civil mais próximo, que se encolheu. – Pessoal, voltem à formação! Vamos ver se conseguimos fazer vocês parecerem um pouco menos patéticos.

CAPÍTULO
Sessenta

– **OS MORADORES DE GM-3 DOMINARAM OS GUARDAS ENVIAD** sufocar o levante que começou nas fábricas ontem à tarde – disse Aimery, recitando a informação a partir de um tablet, como se fosse coisa corriqueira. Levana permitiu a encenação e manteve o rosto calmo enquanto ouvia o relato. Só o pé ficava batendo no piso brilhante do solar, tremendo com fúria controlada. – Estamos enviando um novo regimento de guardas junto com um taumaturgo desta vez. O levante em WM-2 foi sufocado, com sessenta e quatro mortes civis e uma perda de cinco guardas. Estamos conduzindo um censo completo no setor, mas estimamos que cerca de duzentos civis tenham escapado antes da insurreição, junto com uma quantidade desconhecida de armas e munições roubadas. Os guardas de todos os setores vizinhos foram colocados em alerta.

Levana sufocou um longo suspiro. Andou até as enormes janelas que davam vista para a cidade. A cidade perfeita, imaculada e tranquila. Parecia impossível que tanto caos estivesse acontecendo no planeta dela, ainda mais com tudo ali tão calmo, tão *normal*.

E tudo por causa daquela ciborgue, do vídeo maldito e dos discursos idiotas.

– Dezesseis setores agrários se recusaram a carregar os trens de suprimentos que levamos – continuou Aimery. – E nos disseram que um trem desprotegido, transportando laticínios, muitos destinados às comemorações desta semana, foi tomado por um grupo de civis perto de AR-5 e esvaziado. Não conseguimos recuperar nada nem apreender os ladrões dessa vez. – Ele limpou a garganta. – No setor GM-19, os cidadãos bloquearam duas das três plataformas de trens, e hoje de manhã mataram vinte e quatro guardas enviados para derrubar os bloqueios. Estamos compilando um regimento controlado por taumaturgos para enviar para lá.

Levana ajeitou uma dobra no ombro.

– No setor SB-2...

O elevador apitou no centro da sala, afastando a atenção de Levana da cidade. O taumaturgo Lindwurm entrou e fez uma reverência apressada, com as mangas pretas roçando o chão.

– Vossa Majestade.

– Se você veio me dizer que os setores externos estão um caos e que as pessoas estão se rebelando, infelizmente você está atrasado. – Ela estalou os dedos para o servo ao lado das portas dos elevadores. – Traga vinho.

O servo saiu correndo.

– Não, minha rainha – disse Lindwurm. – Tenho notícias dos alojamentos, Regimento 117.

– O quê? *Eles* também estão se rebelando? – Levana riu, embora por baixo da histeria houvesse um medo crescente. Poderia aquela ciborgue ter virado o país todo contra ela com tanta facilidade?

– Talvez, minha rainha – respondeu Lindwurm.

Levana se virou para ele.

– O que você quer dizer com *talvez*? Eles são meus soldados. Não podem se rebelar contra mim.

Lindwurm baixou o olhar.

– Nossa equipe de segurança recebeu uma notificação duas horas atrás de que a identificação da princesa Winter foi rastreada na parte externa do alojamento.

O sorriso de Levana sumiu.

– Winter? – Ela olhou para Aimery, que se empertigou, com o interesse aguçado. – Então ela está mesmo viva. Mas o que estaria fazendo lá?

– O sistema captou as impressões digitais dela sendo usadas para entrar no alojamento. Depois de saber sobre a brecha na segurança, os oito taumaturgos que restaram do Regimento 117 foram enviados para verificar se a princesa era uma ameaça.

– Imagino que seja demais esperar que tenham encontrado a garota querida em pedacinhos sangrentos.

Era o que deveriam ter encontrado. Os animais deveriam ter matado Winter sem hesitação; foi isso que foram criados para fazer. Mas ela desconfiava que não tinha sido assim.

– Pelo que pudemos verificar, quando os taumaturgos chegaram, os soldados se viraram contra eles e os atacaram – informou Lindwurm. – Os oito estão mortos.

O sangue dela ferveu e latejou nas têmporas.

– E Winter?

– A princesa e os soldados abandonaram o alojamento. Câmeras de segurança mostraram todos eles subindo ao setor

mais próximo, EM-12. É um dos setores em revolta, mas não o estávamos considerando uma ameaça de alta prioridade.

– Você está dizendo que *meus* soldados ficaram do lado da garota?

Lindwurm baixou a cabeça.

O servo voltou carregando uma bandeja de prata com um decantador e um copo de cristal. Levana ouviu o decantador tremendo na beira do copo quando o vinho foi servido. Ela quase não sentiu o peso do copo na mão quando o pegou.

– Saia – ordenou ela, e o servo não conseguiu fugir rápido o bastante.

Ela foi até a janela. Sua cidade. Sua lua. O planeta que ela um dia governaria pairando no horizonte, quase cheio.

Quando deu a Jacin Clay a oportunidade de reconquistar sua boa vontade matando a princesa, imaginava que ele fosse tentar alguma coisa idiota, mas esperava que ele fosse perceber o quanto era inútil. Esperava que fosse escolher acelerar a morte de Winter para que a garota sofresse o mínimo possível, em vez de arriscar uma sentença mais brutal. Isso era misericórdia, afinal. *Misericórdia*.

Mas ele fracassou. Winter ainda estava viva, e estava tentando roubar o exército de Levana, assim como roubou a adoração das pessoas, assim como Selene estava estragando *tudo*.

Ela tentou imaginar a cena. A dócil e meio maluca Winter piscando os olhinhos para as feras brutais e eles *caindo nessa*. Ah, ficariam doidos por ela. Cairiam de joelhos e implorariam para obedecê-la. Seguiriam a amada princesa a qualquer lugar.

– Minha rainha – disse Aimery, levando o punho ao peito. – Sinto-me responsável por termos falhado na busca à princesa durante a ação em MR-9. Por favor, me dê essa chance de compensar o erro. Vou até esse setor para resolver a questão da princesa. Não vou falhar de novo.

Ela se virou para encará-lo.

– Você pretende matá-la, Aimery?

Uma pausa... bem rápida, mas que existiu.

– Claro, minha rainha.

Rindo, Levana tomou um gole de vinho.

– Não tem muito tempo que você pediu para se casar com ela. Você a acha bonita?

Ele riu.

– Minha rainha. Todo mundo acha a princesa bonita, mas ela não é páreo para Vossa Majestade. *Você* é a perfeição.

– Eu já comecei a me perguntar se a perfeição não é uma falha.

– Ela deu um sorrisinho. – Embora talvez uma falha possa contribuir para a perfeição. – Ela grudou o olhar em Aimery e ajustou o glamour, criando três arranhões intensos e sangrentos na bochecha direita.

Ele engoliu em seco.

– Eu conheço você há muitos anos, Aimery. Sei que *gosta* que elas sejam quebradas. Vocês seriam um bom casal, no fim das contas... você é tão patético quanto ela. – Ela jogou a taça. Aimery se abaixou e bloqueou o copo com o antebraço. A taça caiu no chão, o vinho se derramou como uma mistura de água e sangue, espirrando nos sapatos de Levana. – Você vai ter sua chance de provar sua lealdade, mas não no que diz respeito a Winter. Parece

que ninguém tem estômago para fazer o que precisa ser feito; nem você, nem Jacin Clay, nem mesmo meus amados bichinhos. Estou cansada de decepções.

Ela se virou de costas. Os pensamentos giravam com traição, nojo e inveja. Sim, até inveja. Tudo por causa daquela menina insignificante. Aquela coisinha fraca e frágil.

Se ao menos a tivesse matado anos atrás, antes de ela ficar tão bonita. Antes de se tornar uma ameaça. Levana deveria tê-la matado na primeira vez que a viu dormindo no berço. Deveria tê-la matado quando mandou a mão de Winter pegar aquela faca, quando tinha certeza de que uma leve desfiguração acabaria com todos os sussurros na corte, com toda a falação da enteada de treze anos já concorrendo ao título de *garota mais bonita de Luna*.

Não deveria ter feito aquela promessa idiota a Evret, tantos anos antes. O que eram promessas quando feitas aos mortos?

Quando sua respiração voltou a se regularizar, ela apagou as cicatrizes de sua pele perfeita.

O taumaturgo Lindwurm respirou fundo para lembrá-la de sua presença.

– Minha rainha, vamos criar uma força-tarefa para lidar com a princesa e com os soldados desertores. Devo mandá-los matar a princesa assim que a virem?

Ela olhou por cima do ombro.

– Eu sou uma boa rainha, não sou?

Lindwurm ficou tenso.

– Não há a menor dúvida disso.

– Eu mantive este país unido. Declarei uma guerra por ele, para que meu povo tenha acesso a tudo o que a Terra tem a oferecer. Fiz tudo por *elas*. Por que estão fazendo isso? Por que eles *a* amam, se ela não fez nada para merecer? Se não fosse tão bonita, eles veriam como ela é de verdade. Manipuladora, conspiradora... ela debocha de tudo o que defendemos.

Nem Aimery nem Lindwurm responderam.

Levana respirou fundo, trêmula, e disse com rispidez:

– Encontrem outro servo que me traga mais vinho.

Lindwurm fez uma reverência e saiu.

– A morte não é o bastante para ela – murmurou Levana baixinho, passando por Aimery. – A morte foi a escolha misericordiosa, porque fiz uma promessa para meu marido, mas ela perdeu o direito à misericórdia. Quero que todos vejam como ela é. Fraca e patética por fora, assim como é por dentro.

Aimery apertou os lábios. Parecia arrogante, mesmo quando assumia uma postura servil.

– Diga-me como posso melhor servi-la.

– A rebelião está durando muito. Nem comida nem suprimentos devem ser enviados para os setores externos, a não ser que estejam preparados para implorar por perdão. Está na hora de os cidadãos de Luna lembrarem o quanto têm sorte de me ter. – O coração dela pulou de expectativa. – E mande chamar o dr. Evans. Tenho uma tarefa especial para ele.

– E a princesa, minha rainha?

– Não se preocupe com sua querida princesa desfigurada. – Com expressão de desprezo, Levana se inclinou para a frente e passou o polegar pelo maxilar de Aimery, limpando uma gota de

vinho. – Eu mesma vou cuidar dela, como deveria ter feito muito tempo atrás.



LIVRO

Quatro

*“Você tem medo de veneno?”, perguntou a mulher idosa.
“Vou cortar a maçã ao meio. Coma a metade vermelha, e
eu vou comer a branca.”*



CAPÍTULO

Sessenta e um

CINDER ESTAVA FRUSTRADA COM SUA PRÓPRIA IMPOTÊNCIA. ELES T para a sala de recreação da mansão. Até então, Cinder não sabia que mansões *tinham* salas de recreação. Estava fazendo o melhor que podia para ditar aos outros o que precisava ser feito para extrair o vídeo que tentou fazer na sala do trono e para consertar a perna e a interface cérebro-máquina. Mas, enquanto eles corriam de um lado para outro reunindo suprimentos, ela ficava sentada em um sofá confortável com a perna de metal inútil. Cinder odiava saber que poderia fazer tudo funcionar de novo com facilidade se estivesse na oficina de Nova Pequim. Se tivesse as ferramentas certas. Se *ela* não fosse a máquina que precisava ser consertada.

Ela tentou sentir gratidão. Tinha sobrevivido à tentativa de execução da rainha e não se afogara no lago Artemísia. Estava com os amigos de novo, e Iko não tinha sido destruída; na verdade, havia sido ajudada por um dos soldados do próprio Aimery, que confirmou o que Jacin já tinha lhe dito uma vez. Nem todo mundo no palácio era tão leal a Levana quanto ela queria que pensassem.

Além disso tudo, ela *talvez* tivesse imagens em vídeo de Levana que mostrariam o que havia por baixo do glamour. Poderia ser a

melhor arma contra a rainha e seu controle mental.

Se as filmagens não tivessem sido destruídas pela água, claro.

– Thorne, tire o painel de trás daquele receptor, mas *delicadamente*. Jacin, o que você encontrou no painel de segurança?

– Um monte de fios. – Jacin colocou um amontoado de fios e uma placa de dados no chão.

Cinder mexeu nos fios com o pé bom.

– Alguns desses devem servir. Me ajude a virar essa mesa. É parecida com os jogos holográficos de tabuleiro que temos na Terra, eu acho...

Ela pegou uma das pernas da mesa com a mão boa, mas o ombro machucado resistiu quando tentou virá-la. Jacin tirou a mesa de suas mãos e a virou por conta própria, fazendo Cinder sentir um tremor no olho esquerdo. Tentou não ficar ressentida. Não era culpa dela ainda estar dolorida da mordida do soldado lobo, e pelo menos a pomada anestésica que encontraram estava fazendo milagres.

– Não vai sair sangue quando abirmos você, vai? – perguntou Thorne, carregando o receptor até Cinder, para ela poder mexer no que tinha dentro. – Estamos falando só de partes cibernéticas aqui, certo?

– Tomara que sim.

Ela observou a parte interna do receptor enquanto Thorne e Jacin desmontavam a mesa de jogos. A configuração era diferente de tudo o que eles tinham na Terra: fios de cores diferentes, plugues e conectores de tamanhos distintos, mas tudo

funcionava com tecnologia similar e com os mesmos princípios básicos.

– Não é exatamente uma cirurgia; é algo mais perto de uma manutenção. Nossa maior preocupação é se o hardware vai ser compatível ou não. A tecnologia é similar, mas mudou bastante desde que Luna e a Terra pararam de fazer comércio desse tipo... logo vamos descobrir. – Ela olhou para a mesa de jogos enquanto Thorne abria o painel lateral, revelando a parte interna. – Ah, perfeito! – Inclinando-se para a frente, ela puxou o conversor de fibra. – Podemos usar isto.

Iko e Cress entraram na sala, Cress carregando uma caixa de madeira.

– Tem uma oficina lá atrás – disse Iko.

Ela estava usando uma blusa rosa cintilante que encontrou na casa, mais para cobrir o buraco de bala no tronco e o corte na parte de trás do ombro direito. Cinder torcia para que, quando estivesse consertada, conseguisse ao menos fazer o braço de Iko funcionar de novo.

– Encontrei tudo da sua lista, menos o extrator de peças desmagnetizado de três pontas. Mas encontrei uma pinça no banheiro... – Ela girou a pinça entre os dedos bons.

Retorcendo a boca, Cinder pegou a pinça e tirou um pelo de sobrancelha que tinha ficado grudado na ponta.

– Vamos fazer com que sirva.

Ela observou a pilha de ferramentas e peças que reuniram, retiradas de aparelhos por toda a mansão. Sem ver o interior da própria cabeça e sem poder oferecer um diagnóstico preciso, era difícil saber o que precisariam consertar, mas, se não

estivesse incluído naquela pilha, eles tinham poucas esperanças de encontrar ali.

– Vamos precisar de uma lanterna, para você poder ver o que está fazendo. E que tal um espelho de mão? Podemos segurar de forma que eu consiga ver lá dentro.

Jacin balançou a cabeça.

– Não nesta cidade.

Cinder fez uma careta.

– Certo, tudo bem. Vamos extrair os dados do chip de vídeo primeiro, depois vamos nos concentrar no display da retina. Meus olhos ainda estão se comunicando com meu nervo óptico, então meu melhor palpite é que houve uma falha de transferência de dados do meu painel de controle até o display. Pode ser algo tão simples quanto um fio danificado. Quando fizermos isso funcionar, devo conseguir fazer meu diagnóstico interno e entender o que tem de errado com minha mão e minha perna. – Ela apontou para uma cadeira de visualização de realidade virtual. – Arrastem aquilo até aqui.

Jacin obedeceu e Cinder se acomodou na cadeira, virada de costas de forma a passar os braços pelo encosto. Ela apoiou a testa ali.

– Cress?

– Estou pronta quando você estiver.

– Tudo bem. Vamos ver o que encontramos.

Iko puxou o cabelo de Cinder para o lado e enfiou a unha na trava na parte de trás do crânio. Ela sentiu o painel sendo aberto.

– Ah, claro – disse Thorne. – Quando *eu* abro o painel da cabeça dela, ela grita comigo. Quando é Iko, ela é uma heroína.

Cinder olhou para ele com irritação por cima dos braços cruzados.

– *Você quer fazer isso?*

Ele fez uma careta.

– Nem um pouquinho.

– Então fique na sua e dê espaço para elas trabalharem. – Ela apoiou a testa de novo. – Muito bem, Iko. Tem um orifício para cabo do lado esquerdo do painel de controle.

Alguém acendeu uma luz, que se espalhou ao redor da visão dela.

– Estou vendo – disse Iko. – Cress, está com o tablet?

– E com o cabo de conexão, bem aqui.

Cinder ouviu as duas se mexendo atrás dela, afastando mais cabelo do caminho. Houve um clique abafado dentro de sua cabeça. Um tremor a percorreu. Fazia um tempo que um dispositivo externo não era ligado ao processador dela. A última vez foi quando esgotou sua fonte de energia para botar a Rampion no espaço, logo depois que fugiram da prisão de Nova Pequim. Thorne teve que recarregá-la com um plugue de nave de passeio.

Antes disso, ela só esteve em um laboratório de pesquisa, presa a uma mesa, enquanto um medidroide fazia download da estatística de sua formação cibernética.

Ela odiava ter coisas conectadas à cabeça.

Cinder se obrigou a respirar fundo. Eram só Iko e Cress. Ela sabia exatamente o que estavam ligando e que dados estavam extraindo. Não era violação. Não era invasão.

Mas era impossível não se sentir assim.

– A ligação deu certo – informou Cress. – Não parece haver nenhum buraco óbvio nos dados, então essa parte da sua programação não foi afetada pelo que cortou a energia dos seus membros. Só preciso encontrar o input visual e... pronto. Registros... cronológicos... deve estar nos mais recentes... não importa, deve ser isso. Vídeo, criptografado, um minuto e cinquenta e seis segundos de duração. E... transferindo.

O estômago de Cinder deu um nó. Ela não era fresca, mas sempre que seu painel estava aberto era impossível não pensar nos cirurgiões sem nome e sem rosto pairando acima de sua forma inconsciente. Ligando fios e sinapses ao cérebro, regulando seus pulsos elétricos, substituindo parte do crânio por uma placa de metal removível.

Ela apertou os antebraços até começarem a doer, tentando se distrair do zumbido dos mecanismos internos e do som dos dedos de Cress clicando no tablet.

– Oitenta por cento – disse Cress.

Pontos brancos piscaram na escuridão das pálpebras de Cinder. Ela respirou fundo e repreendeu a si mesma. Estava bem. Aquilo seria procedimento de rotina se estivesse trabalhando em um androide ou em outro ciborgue. Ela estava *bem*.

O zumbido parou e Cress disse:

– Pronto.

– Verifique antes de desconectar – disse Cinder, engolindo saliva azeda. – Veja se é o certo.

– Está mostrando... um monte de gente.

– Ali está Kai! – gritou Iko.

Cinder levantou a cabeça. Sentiu o puxão do fio ainda conectado ao tablet.

– Me mostre – disse ela, na mesma hora que um clarão tomou sua visão. Ela se encolheu e fechou os olhos de novo.

– Espere, fique parada – disse Cress. – Me deixe desconectar... Foi a última coisa que Cinder ouviu.



NOVAS CONEXÕES ENCONTRADAS

CIBERMÃO FABRICANTE REALITY T200-L-
PERSONALIZADA: CINCO UTILIDADES NÃO
RECONHECIDAS: APLICAÇÕES PADRÃO APROVADAS
CIBERPÉ FABRICANTE REALITY T60.9-L: APLICAÇÕES
PADRÃO APROVADAS
REINICIANDO EM 3... 2... 1...

Cinder acordou no sofá com o cobertor mais macio que já tinha visto ao redor dos ombros. Ela apertou os olhos diante da sombra estranha no teto, tentando afastar a sensação de confusão de acordar em um lugar estranho sem saber como tinha chegado lá. Sentou-se e esfregou os olhos embaçados. A sala estava bagunçada, com ferramentas e peças espalhadas por tapetes e mesas.

VERIFICAÇÃO DIAGNÓSTICA COMPLETA. TODOS OS
SISTEMAS ESTABILIZADOS. DUAS NOVAS CONEXÕES
ENCONTRADAS:
CIBERMÃO T200

CIBERPÉ T60.0

FAZER TESTE DE APLICATIVO AGORA?

Ela levantou a mão esquerda na frente do rosto. O brilho que tinha quando o dr. Erland lhe deu a mão sumiu depois de dois meses fazendo consertos na Rampion e vivendo em um deserto e dando um mergulho no lago Artemísia.

O mais impressionante foi que ela estava com todos os cinco dedos, embora o indicador, o dedo da arma que Levana tinha arrancado, não combinasse direito com os outros. O acabamento era diferente, era fino demais, e o ângulo do primeiro nó dos dedos estava torto.

Cinder fez o teste e viu os dedos se dobrarem um de cada vez. Flexionarem-se. Fecharem-se em um punho. O pulso girou de um lado para outro.

O pé dela passou por uma série similar de movimentos. Ela afastou o cobertor para olhar.

TESTE BÁSICO DE APLICATIVO COMPLETO.

APLICATIVOS PADRÃO APROVADOS PARA USO.

CINCO UTILIDADES NÃO RECONHECIDAS.

Cinco utilidades.

Cinder inspecionou a mão e enviou uma ordem para as pontas dos dedos se abrirem, o que fizeram sem problema. Mas, quando ela tentou ligar a lanterna, ejetar a faca e o cabo conector universal e girar a chave de fenda embutida, nada aconteceu. Ela não se deu ao trabalho de tentar carregar um projétil no dedo substituto.

Ainda assim, podia usar a mão novamente, e não podia reclamar.

– Você acordou!

Iko entrou na sala carregando uma bandeja com uma das mãos, com um copo de água e um prato de ovos fritos, junto com pão e geleia.

O estômago de Cinder começou a roncar.

– Você cozinhou?

– São só umas habilidades herdadas dos meus dias de Serv9.2. – Iko colocou o prato no colo de Cinder. – Mas não quero nem saber o quanto está delicioso.

– Ah, tenho certeza de que está *horrível* – disse Cinder, colocando uma colherada na boca. – *Bigada, Iko*. – Seu olhar pousou no braço defeituoso de Iko. Estava sem um dedo. Ela engoliu. – Pelo anexo também.

Iko fez um movimento com o ombro bom.

– Você tem alguns fios de androide-acompanhante agora. Aqueles da mesa de jogo não funcionaram.

– Obrigada. Foi muita generosidade sua.

Iko empurrou os pés de Cinder para o lado e se sentou.

– Você sabe que nós, androides, somos programados para sermos úteis, e tal.

– Você ainda é androide? – perguntou Cinder, depois de morder a torrada. – Às vezes eu esqueço.

– Eu também. – Iko baixou a cabeça. – Quando vimos a cena de você pulando da varanda, fiquei com tanto medo que achei que meus fios iam pegar fogo. E pensei: *Vou fazer qualquer coisa para que ela fique bem*. – Ela chutou uma pilha de parafusos no tapete. –

Acho que certas coisas de programação nunca passam, por mais evoluído que um chip de personalidade fique.

Lambendo geleia das pontas dos dedos, Cinder sorriu.

– Isso não é programação, sua maluca. É amizade.

Os olhos de Iko se iluminaram.

– Talvez você tenha razão.

– Já estava na hora de você acordar, preguiçosa. – Cinder olhou por cima do ombro e viu Thorne na porta. Cress e Jacin apareceram atrás dele. – Como está a mão?

– Funcionando quase perfeitamente.

– Claro que está funcionando quase perfeitamente – disse Iko.

– Cress e eu somos gênios. – Ela fez sinal de positivo para Cress.

– Eu ajudei – acrescentou Thorne.

– Ele segurou a lanterna – esclareceu Iko.

– Jacin não fez nada – retrucou Thorne, apontando.

– Jacin verificou sua pulsação e sua respiração, e cuidou para que você não morresse – falou Iko.

Thorne riu com deboche.

– Eu poderia ter feito isso.

– Por que eu apaguei? – interrompeu Cinder.

Jacin se agachou ao lado do sofá e verificou os batimentos no pulso de Cinder. Depois de um breve silêncio, ele soltou o braço dela.

– Estresse, provavelmente, junto com sua reação física a ter o tablet ligado à sua... – Ele fez um gesto na direção da cabeça dela.

– ... coisa de computador.

– E você *me* chama de fresco – disse Thorne.

Cinder apertou os olhos.

– Eu apaguei por causa de estresse? Só isso?

– Acredito que o termo seja *desmaiou* – disse Thorne.

Cinder deu um tapa nele.

– Considerando tudo pelo que você passou – disse Jacin –, é incrível não ter tido um colapso. Na próxima vez que você se sentir tonta ou estiver com dificuldade para respirar, me avise *antes* de desmaiar.

– A coisa boa foi que, com você inconsciente, Cress e eu pudemos fazer o diagnóstico completo – disse Iko. – Duas conexões consertadas, um novo cabo de dados, alguns softwares reinstalados e você está nova em folha! Bem, exceto...

– Pelas ferramentas da minha mão, já sei. – Cinder sorriu. – Mas tudo bem. Passei cinco anos sem uma lanterna embutida, vou sobreviver.

– É, isso, mas acho que pode haver alguns problemas com sua interface também. O diagnóstico demonstrou alguns erros com a conectividade de rede e com a transferência de dados.

O sorriso de Cinder sumiu. Ela era dependente do cérebro ciborgue desde que se lembrava, contava com a capacidade de fazer download de informações, de enviar mensagens, de monitorar noticiários. Era uma sensação desconfortável ficar sem isso, como se parte de seu cérebro tivesse sido apagada.

– Vou ter que dar um jeito – disse ela. – Estou viva e tenho duas mãos e pés que funcionam. Já estive pior. – Ela olhou de Iko para Cress. – Obrigada.

Cress baixou a cabeça, enquanto Iko jogava as tranças por cima do ombro.

– Ah, você sabe. Eu era aprendiz de uma mecânica brilhante em Nova Pequim. Ela pode ter me ensinado uma ou duas coisinhas.

Cinder riu.

– Falando em mecânicas brilhantes – disse Iko –, você acha que tem tempo de dar uma olhadinha no meu braço agora?

CAPÍTULO

Sessenta e dois

WINTER SE SENTOU EM BANCO IMPROVISADO, VENDO OS pedacinhos de gelo derreterem ao redor dos pés. Ela enfiou os dedos nas poças rasas que se formaram, impressionada com o quanto tudo podia ser real, os estalos, o frio, mesmo sabendo que não era.

Suspirando, levantou a cabeça, mesmo exausta, para ver as sessões confusas de treinamento acontecendo pela rua poeirenta. Manobras e táticas, com soldados treinados se esforçando para construir um exército. Ela observou a multidão em busca do cabelo flamejante de Scarlet, sem saber para onde a amiga tinha ido.

Em vez de ver Scarlet, o olhar dela captou uma coisa totalmente diferente. Uma cabeça de cabelos claros perto da parte de trás da multidão.

Seu coração deu um pulso.

Inspirando com tremor, ela se levantou do banco, mas ele já tinha sumido.

O olhar dela percorreu os rostos, procurando. Torcendo.

Ela apertou os punhos nas laterais do corpo, tentando afastar a onda repentina de euforia. Era seu desespero fazendo-a ver fantasmas. Sentia tanta falta dele. Ela ainda não sabia nem se ele

estava vivo. Esperava ver o rosto dele em todos os grupos de pessoas, a cada esquina.

Ali, ela viu de novo. Cabelo da cor do sol preso atrás das orelhas. Ombros largos escondidos nas roupas dos trabalhadores do setor. Olhos azuis que a grudavam no chão mesmo quando todo o seu corpo formigava. O ar encheu seus pulmões. Ele estava vivo. Ele estava *vivo*.

Mas Jacin levou um dedo aos lábios, fazendo-a parar antes que pudesse correr até ele. Baixando a cabeça no esforço de minimizar sua altura, ele contornou um grupo de trabalhadores e seguiu para a floresta. Olhou para trás uma vez e, com um tremor rápido de cabeça, desapareceu nas sombras.

Com as palmas das mãos úmidas, Winter procurou Scarlet, mas ela não estava em lugar nenhum. Ninguém estava olhando para ela. Ela se afastou, energizada, e andou entre os troncos finos das árvores.

Daria a volta pelo bosque e encontraria Jacin na metade do caminho. Ela se jogaria nos braços dele e não ligava se ele achasse apropriado ou não.

À frente, ouviu o borbulhar do chafariz.

– Princesa.

Winter levou um susto. Na pressa, tinha passado direto pela mulher sem nem reparar nela. Embora fosse uma criatura idosa com costas curvadas, tinha vida em sua expressão. Estava segurando uma cesta cheia de galhos e pedaços de casca de tronco recolhidos no piso da floresta.

– Sim, oi – disse Winter, afobada, fazendo uma reverência rápida. Seu olhar já estava se movendo, procurando o cabelo

louro e o sorriso provocador. Ela não viu nada. As árvores o escondiam dela.

– Você está procurando um rapaz jovem e bonito, acredito. – As rugas da mulher se espremeram em uma coisa parecida com um sorriso.

Winter começou a assentir, mas parou.

– Alguém passou por aqui agora?

– Só seu príncipe, minha querida. Não precisa ficar tímida. Ele é muito bonito, não é?

Ela não passava da clavícula de Winter, embora parte disso fosse por causa da corcunda na coluna. Winter se perguntou quantos anos de trabalho árduo pesavam naqueles ombros.

– Ele me pediu para dar um recado a você.

– Pediu? Jacin? – Winter olhou ao redor de novo. – Mas para onde ele foi?

– Ele disse para você não o seguir. Que é perigoso demais e que ele vai encontrar você quando voltar a ser seguro. – Ela inclinou a cabeça e olhou para a fileira de árvores, onde os alfas estavam gritando suas ordens.

Winter tentou esconder a decepção. Ele não poderia ter esperado para dar um sorriso, uma palavra gentil, um abraço rápido?

– Por que você não está com os outros?

A mulher deu de ombros com um certo esforço.

– Alguém disse que precisávamos de galhos. Não posso fazer muito, mas posso ajudar com isso.

– Claro – disse Winter. – Todos devemos fazer o que podemos. Me permita ajudar. – Ela pegou a cesta da mulher.

A mulher levantou um dedo, agora que o braço estava sem o peso.

– Eu quase esqueci. Seu príncipe deixou um presente. – Remexendo na cesta, ela encontrou uma caixa simples embaixo dos galhos. – Ele disse que essas são suas favoritas.

Winter sentiu o coração dar um pulo quando pegou a caixa. Ela sabia o que era sem nem abrir, e seu coração se expandiu no peito. Não conseguia imaginar o trabalho que Jacin teve para conseguir aquilo. E só para que ela soubesse que ele estava pensando nela?

A não ser que houvesse mais alguma coisa naquilo.

A não ser que houvesse uma mensagem.

Mordendo o canto dos lábios, ela abriu a tampa. Lá dentro havia duas balinhas de maçã azeda impecáveis, recém-saídas da vitrine da confeitaria.

– Mas como parecem gostosas – disse a mulher idosa, inclinando a cabeça para a frente para espiar a caixa. – Não como uma dessas desde que era criança. De maçã, não é?

– É. – Winter esticou a caixa na direção dela. – Por favor, pegue uma. Com minha gratidão por trazê-las.

A mulher pensou na oferta.

– Se você insiste... Acho que um pedacinho não vai me matar. Vou pegar esta, se você tem certeza de que não se importa. Está vendo, tem uma rachadura na cobertura, não está boa para uma princesa. – Seu olhar tinha algo de ousado quando ela pegou a bala com os dedos. – Mas só se você comer a outra. Seria uma grande honra dividir esse prêmio com Vossa Alteza, a *linda* princesa Winter em pessoa.

– Você é muito gentil. – Winter pegou a segunda bala da caixa. Olhou o forro na esperança de encontrar alguma pista que Jacin pudesse ter deixado, mas não viu nada.

Mesmo assim. Era um presente. Não só as balinhas, mas o fato de tê-lo visto de longe. De saber que ele estava bem.

Ela colocou a balinha entre os dentes. A mulher a estava observando, imitando os movimentos dela, e juntas elas morderam. Winter sentiu a casca dura se rachar antes de derreter em sua língua.

A mulher idosa sorriu, com pedacinhos de recheio vermelho grudados nos dentes.

– Isso foi mais satisfatório do que eu poderia imaginar.

Winter engoliu.

– Fico feliz. Foi um prazer poder... poder...

Ela piscou e captou um quê de familiaridade na forma como a mulher a olhava. Na curva do sorriso... alguma coisa arrogante que explodia de contentamento.

– Tem alguma coisa errada, querida criança?

– Não. Não. Por um momento, você me lembrou uma pessoa. Mas meus olhos me enganam às vezes. Não são muito confiáveis.

– Ah, criança doce e tola. – A curvatura nas costas da mulher começou a se esticar. – Nós somos lunares. Nossos olhos nunca são confiáveis.

Winter se encolheu. A cesta escorregou de sua mão e caiu no chão.

À frente da princesa, Levana abandonou o disfarce de mulher idosa como uma cobra trocando de pele.

– Meus pesquisadores me garantiram que a doença agiria rápido – disse a rainha, com os olhos frios percorrendo a pele de Winter. Curiosos. Satisfeitos.

Os pensamentos de Winter giraram, encontrando a verdade na ilusão. A vida toda dela foi passada encontrando verdades em ilusões.

Onde estava Jacin? Por que Levana estava aqui? Seria outro pesadelo, uma alucinação, um truque?

Seu estômago deu um nó. Ela se sentia enjoada.

– Os micróbios infectados estão sendo absorvidos pela sua corrente sanguínea agora mesmo.

Winter colocou a mão na barriga, sentindo a bala comida rolando dentro de si. Visualizou seu coração, suas artérias, sua fábrica de plaquetas. Soldadinhos vermelhos marchando pelas esteiras rolantes.

– Micróbios?

– Ah, não se preocupe. Sendo essa coisinha jovem e saudável que você é, deve demorar uma hora ou duas para que comece a exibir os sintomas. Uma série de bolhas de sangue vai surgir na sua pele perfeita. As pontas dos seus dedinhos delicados vão murchar e ficar azuis... – Levana sorriu. – Eu gostaria de poder ficar aqui para testemunhar.

Winter espiou pela floresta, na direção dos aliados. Levana a impediria se ela tentasse correr. Ela se perguntou se conseguiria gritar antes que Levana selasse seus lábios.

– Está pensando em avisar seus amigos? Não se preocupe. Vou deixar você ir, princesinha. Vou deixar que você volte até eles e

os infecte. Eles cometeram um erro quando escolheram você e não a mim, e vão pagar por isso.

Ela olhou para a madraستا de novo.

– Por que você me odeia?

– Odiar você? Ah, criança. É isso que você pensa? – Levana colocou os dedos frios na bochecha de Winter, em cima das cicatrizes que deu a ela anos antes. – Eu não odeio você. Só fico irritada com sua existência. – Seu polegar acariciou a bochecha de Winter. – Desde o dia em que nasceu, você sempre teve tudo o que quis. Sua beleza. O amor do seu pai. E agora a adoração do povo. *Meu* povo. – Ela afastou a mão. – Mas não por muito tempo. Seu pai morreu. Sua beleza em breve será maculada. E, agora que você é transmissora da febre azul, qualquer cidadão que chegar perto de você vai se lamentar em pouco tempo.

O nó no estômago de Winter se apertou. Ela imaginava sentir a doença sendo absorvida pelo interior do estômago. Penetrando as veias. Cada batimento do coração a espalhava mais pelo organismo. Era uma percepção quase objetiva. De todas as torturas que viu a madraستا elaborar para os outros, havia algo de misericordioso nessa morte. Uma aceitação lenta e calma.

– Você também poderia ter a adoração deles, sabe – disse ela, vendo o sorriso condescendente de Levana endurecer no rosto. – Se fosse gentil e justa com eles. Se não os enganasse para que sejam seus escravos. Se não ameaçasse a eles, assim como a seus entes queridos, por cada pequeno crime. Se compartilhasse as riquezas e confortos que temos em Artemísia...

A língua dela ficou imóvel.

– Eu sou rainha – sussurrou Levana. – *Eu* sou a rainha de Luna e eu vou decidir a melhor forma de governar meu povo. Ninguém, nem você nem aquela ciborgue horrenda, vai tirar isso de mim. – Ela ergueu o queixo e as narinas se dilataram. – Tenho que ir cuidar do meu reino. Adeus, Winter.

Winter cambaleou para trás e se virou para as pessoas. Se conseguisse ver alguém, dar um aviso...

Mas a floresta se fechou ao seu redor e ela desabou, inconsciente, no chão.

CAPÍTULO
Sessenta e três

– VOCÊ VIU WINTER?

Alfa Strom terminou de demonstrar o movimento de golpear para cima com o bastão e o devolveu para uma jovem antes de se virar para Scarlet.

– Não.

Scarlet olhou para a multidão confusa pela milésima vez.

– Nem eu, e tem muito tempo. Ela tem a tendência de sair por aí...

Strom inclinou a cabeça e farejou algumas vezes no ar, depois balançou a cabeça.

– Parece que ela não anda por aqui há um tempo. Talvez tenha encontrado um lugar para descansar.

– Ou talvez esteja furando o olho com um galho. Estou dizendo, não é bom ela ficar sozinha.

Resmungando, Strom indicou um dos membros beta da matilha e andou na direção de um banco. Parou para farejar de novo, desviando o olhar afiado para a multidão, depois se virou para a floresta.

– Você está agindo de uma forma sinistra – disse Scarlet.

– Você pediu minha ajuda.

– Não *tecnicamente*.

Quando Strom seguiu para as sombras da floresta que não era bem floresta, Scarlet foi atrás, embora não imaginasse por que Winter deixaria todo mundo para trás e sairia andando sozinha...

Não importava. Ela imaginava, sim.

– Ela veio por aqui – falou Strom, passando os dedos pelo tronco de uma árvore. Ele se virou para a direita e aumentou a velocidade. – Já a captei.

Scarlet correu ao lado dele.

– Ali.

Ela a viu no mesmo momento e saiu correndo antes de Strom.

– *Winter!* – gritou ela, ficando de joelhos.

O corpo de Winter estava caído na grama. Scarlet rolou a princesa para que ficasse deitada de costas e verificou se havia pulsação. Ficou aliviada de encontrar batimentos trêmulos no pescoço de Winter.

Uma mão segurou o capuz de Scarlet e a puxou para trás. Ela deu um gritinho e se debateu para se soltar, mas Strom ignorou os punhos dela.

– Me solte! O que você está fazendo?

– Ela está doente.

– O quê? – Scarlet abriu o moletom, tirou os braços das mangas e caiu ao lado de Winter de novo. – De que você está falando?

– Consigo sentir – resmungou Strom. Ele não chegou mais perto. – Carne doente. Terrível.

Scarlet franziu a testa para ele antes de se concentrar na princesa novamente.

– Winter, acorde – disse ela, dando alguns tapas na bochecha da princesa, mas Winter nem se mexeu.

Scarlet apertou a mão na testa dela. Estava suada e quente. Ela tateou na nuca de Winter, perguntando-se se a princesa tinha batido a cabeça de novo, mas não havia sangue, e o único galo era o da briga na casa de Maha.

– Winter!

Strom chutou alguma coisa, que quicou pela grama e acertou o joelho de Scarlet. Ela olhou e pegou o objeto. Era uma balinha de maçã azeda, do tipo que Winter sempre levava para ela no jardim, normalmente cheia de analgésicos. Uma mordida tinha sido dada. Scarlet pegou a mão de Winter e encontrou pedacinhos de bala derretida grudados nas pontas dos dedos.

– Veneno?

– Não sei – disse Strom. – Ela não está morta. Só morrendo.

– De algum tipo de doença?

Ele fez que sim brevemente.

– Você não deveria ficar tão perto dela. O cheiro...

Ele pareceu prestes a vomitar.

– Ah, controle-se. Tantos músculos e dentes, e você tem medo de um resfriadinho?

A expressão dele se fechou, mas ele não chegou mais perto. Na verdade, depois de um segundo, deu um passo para trás.

– Tem alguma coisa errada com ela.

– Obviamente! Mas o quê? E *como*? – Ela balançou a cabeça. – Olhe, eu vi uma clínica médica na rua principal. Você pode carregá-la até lá? Vamos pedir para um médico dar uma olhada nela. Ela pode precisar de uma lavagem estomacal ou...

O olhar de Scarlet pousou no braço de Winter, e ela ofegou. Afastou-se da forma inconsciente da princesa, com todos os

instintos lhe mandando prender a respiração. Limpar a pele que tinha entrado em contato com a princesa. Correr.

– Agora ela escuta.

Ignorando-o, Scarlet falou um palavrão alto.

– Quando você disse que ela estava com uma doença, eu não achei que quisesse dizer que ela estava com a *peste*!

– Eu não sei o que é isso – disse Strom. – Nunca senti esse cheiro antes.

Scarlet hesitou um momento mais e soltou um som sofrido e frustrado. Em seguida, forçou-se a se aproximar de Winter mais uma vez. Ela fez uma careta quando levantou o braço de Winter para inspecionar os pontos escuros espalhados pelo cotovelo. Os anéis vermelhos ao redor dos hematomas tinham inchado acima da pele, estufados e brilhosos como bolhas.

Pelo que tinha lembrança, a peste funcionava em fases previsíveis, embora o tempo que levassem para se manifestar variasse entre as vítimas. Quando os anéis roxos marcavam a pele da pessoa, ela podia ter três dias ou três semanas de vida. Mas, considerando que Winter só estava desmaiada havia uma hora, no máximo, a doença parecia estar trabalhando rápido demais.

Ela observou as pontas dos dedos de Winter e ficou aliviada por encontrá-las rosadas e saudáveis, sem o tom azulado. A perda de sangue nas extremidades era o sintoma final da doença antes da morte.

Ela fechou a cara. Cinder não tinha dito uma vez que os lunares eram imunes à letumose? Aquela doença não deveria nem estar ali.

– O nome é letumose – disse ela. – É uma pandemia na Terra. Age rápido e ninguém sobrevive. Mas... Levana tem um antídoto. É parte do motivo para o imperador Kaito estar se casando com ela. Nós só... precisamos manter Winter viva por tempo suficiente para consegui-lo. Temos que mantê-la viva até a revolução acabar. Está bem?

Ela passou a mão pelo cabelo, mas ficou presa em um emaranhado de cachos embaraçados, e ela desistiu antes de chegar às pontas.

– Isso pode demorar dias, até semanas – disse Strom. – Ela não está com cheiro de quem tem tanto tempo assim.

– Pare de falar do cheiro dela! – gritou Scarlet. – Sim, a doença é ruim. É *horrível*. Mas não podemos deixá-la aqui. Temos que *fazer* alguma coisa.

Strom se balançou nos calcanhares, olhando para a princesa com repulsa. O que ainda era melhor do que o brilho faminto que os olhos dele tinham antes.

– Ela precisa de um tanque de suspensão.

– De quê?

– Nós os usamos para a cura depois de cirurgias ou ferimentos sérios. – Ele deu de ombros. – Pode desacelerar o progresso da doença.

– Onde se consegue um?

– Imagino que tenham aqui. O trabalho neste setor é perigoso.

– Ótimo. Vamos.

Scarlet se levantou e limpou as mãos. Strom ficou olhando para ela e depois para Winter. Ele não chegou perto.

– Argh. Tudo bem. – Scarlet se agachou de novo e segurou os braços de Winter, e estava prestes a jogá-la no ombro quando Strom se aproximou e tomou a princesa nos braços.

– Mas que cavalheiro você é – murmurou Scarlet, e pegou seu moletom.

– Vamos logo – disse ele, com o rosto já contorcido pelo esforço de respirar pouco.

Eles praticamente correram de volta até as residências.

Scarlet saiu do meio das árvores correndo, vermelha e ofegante. Os que estavam reunidos ali se viraram e observaram Strom sair com Winter nos braços.

– A princesa Winter foi envenenada – disse Scarlet. – Está com uma doença fatal chamada letumose. A rainha tem o antídoto, mas Winter provavelmente vai morrer se não desacelerarmos o espalhamento da doença agora mesmo. – Ela viu o homem barbado que agiu como líder antes. – Tem algum tanque de suspensão neste setor?

– Tem, na clínica. Não sei... – Ele olhou para o homem de cabelo branco que estava saindo da multidão.

O homem de cabelo branco se aproximou de Winter, procurou a pulsação e levantou as pálpebras dela, uma de cada vez. Médico, supôs ela.

– O tanque não está em uso – disse ele, depois da rápida inspeção. – Vai demorar de quinze a vinte minutos para eu preparar o tanque e a garota para imersão.

Scarlet assentiu.

– Vamos, então.

O médico os guiou em meio à multidão. As pessoas abriram caminho e olharam para a princesa com expressão perturbada.

– Quem faria uma coisa dessas? – sussurrou alguém quando Scarlet passou.

– Com a *princesa* – acrescentou outra voz.

– Isso quer dizer que temos um traidor no meio do nosso povo? – perguntou o médico com voz baixa.

Scarlet balançou a cabeça.

– Acho que não. Quem fez isso tinha acesso à doença, de alguma forma, e a um doce caro. Deve ter vindo até aqui por causa de Winter e depois ido embora.

– Ou ainda está entre nós, usando um glamour.

Ela fungou. Os lunares idiotas e seus glamoures idiotas. Qualquer pessoa poderia ser inimiga. Qualquer pessoa por quem ela passava poderia ser um taumaturgo ou um daqueles aristocratas horrendos ou a própria rainha, e Scarlet não teria como perceber a diferença.

Mesmo assim, por que alguém iria até ali só para atacar Winter, mas deixaria o resto das pessoas em paz, sabendo que eles estavam planejando se juntar à revolução de Selene? Era um aviso? Uma ameaça? Uma distração?

Um pensamento horrível ocorreu a ela. Talvez não estivessem deixando o resto deles em paz. A letumose era altamente contagiosa e agia rápido. Em ambientes fechados, com ar reciclado...

– Aqui – disse o médico, levando-os para um prédio apenas um pouco maior do que as casas vizinhas e tão desgastado quanto.

Havia um tanque em formato de caixão encostado na parede, coberto de poeira e cheio de cobertores gastos em cima.

O médico empurrou tudo para o chão.

– Tem camas naquela sala se vocês quiserem deixá-la deitada enquanto preparo tudo.

Strom pareceu feliz em fazer isso. O rosto ainda estava contorcido quando ele voltou.

– Vou trazer alguns dos meus homens para levarem o tanque lá para fora.

O médico levantou o rosto.

– Lá para fora?

– O povo a admira. É bom que possam vê-la... um lembrete de por que estamos lutando.

O médico piscou por um instante, mas assentiu com a cabeça rapidamente.

– Tudo bem. Não vai afetar o tratamento.

Strom saiu da clínica e seus passos soaram na pequena varanda de madeira.

– Infelizmente, só temos esse tanque – disse o médico, parecendo estar com medo.

Scarlet sustentou o olhar dele.

– E daí?

Apertando os lábios, ele fez um gesto para ela. Scarlet seguiu o olhar até as próprias mãos. Nada. Nada. Então, ela viu a marca com contorno vermelho no braço e soltou um palavrão.

CAPÍTULO

Sessenta e quatro

ELE SONHOU COM RAN, SEU IRMÃO MAIS NOVO, DEPOIS QUE SE TO monstro. No sonho, ele viu Ran rondar a presa, músculos se contraindo sob a pele, saliva se reunindo nos cantos da boca. Ran fechou a mão e a abriu, revelando as unhas que tinha lixado para ficarem pontudas. Seus olhos brilharam por saber que a vítima não tinha para onde correr.

Com um rosnado, Ran enfiou as garras nas laterais da vítima e a arremessou. *Ela*. O sonho se apurou, a sombra borrada virou uma garota sendo jogada em uma estátua no centro de um chafariz seco. Ela estava sangrando, o cabelo ruivo estava sujo, os olhos injetados, tomados de sangue.

Lobo ficou olhando, mas não podia fazer nada. Estava encapsulado em pedra, e só seus pensamentos eram selvagens e alertas, repetindo que ele falhara com ela.

A cena mudou, e ele passou a ser só um garoto conhecendo a matilha. Ainda estava tentando se acostumar com o fato de que tinham tirado seu dom lunar e o transformado em uma coisa que não era natural. Uma coisa que o tornaria um soldado melhor para a rainha. O resto dos meninos olhou-o com ódio e desconfiança, apesar de ele não saber por quê. Ele era como os outros. Um peão, um mutante.

Como todos os outros.

O som de um tiro ricocheteou em sua cabeça, e ele estava de pé em uma praça lotada e poeirenta. A mãe desabou ao lado. Uma poça de sangue se formou a seus pés. Ela estava de quatro, tentando se afastar. Caiu de costas. Ele sentia o cheiro de sangue nela. Sentia o horror emanando dela em torrentes. Via o ódio nos olhos dela.

Desta vez, ele era o predador. Desta vez, ela estava olhando para *ele*.

Ele acordou com um susto. *Impeça Ran. Mate o alfa. Fuja. Salve-a. Encontre a mulher velha. Mate Jael e arranque o coração ainda pulsante dele do peito. Encontre seus pais. Junte-se à sua matilha. Arranque os membros deles do corpo. Esconda-se. Seja corajoso. Proteja-a. Encontre-a. Salve-a. Mate-a...*

– Uma ajudinha aqui!

Seus olhos estavam abertos, mas ele não via nada além das luzes fortes. Alguém estava segurando seus braços. Muitos alguéns. Rosnando, ele bateu os dentes para seus captores, mas só mordeu ar.

– Estrelas do céu – grunhiu alguém. – Nunca vi um deles acordar assim antes. Me passe o tranquilizante.

– Não. Não o tranquilize. – A segunda voz feminina era suave e calma, mas falava no imperativo. – Sua Majestade solicitou a presença dele.

Lobo soltou um braço. Fios estalaram ao redor. Alguma coisa o arranhou embaixo da pele do antebraço, mas ele estava exausto demais para prestar atenção. Segurou uma das formas borradas

pelo pescoço e jogou por cima. Um grito foi seguido de um estrondo de metal.

– O quê...

Lobo encontrou a segunda pessoa e botou as duas mãos ao redor do pescoço dela. *Só um estalo...*

Um choque de dor subiu por seus braços. Ele soltou e o estranho cambaleou para trás, tentando respirar.

Lobo desabou na mesa novamente. Apesar de a dor ter sido breve, a mão esquerda continuava a tremer.

Não era uma mesa, ele percebeu. Paredes baixas o cercavam. Havia dezenas de tubos, muitos ainda enterrados em sua carne. A sensação de puxão que ele sentiu antes foi de agulhas ainda meio enfiadas na pele. Fazendo uma careta, ele virou o rosto, pois a imagem embrulhou seu estômago.

Chega de agulhas. Chega de tanque. Chega de cirurgias.

Passos se aproximaram, e ele olhou para os pés. Havia o contorno de uma forma nas luzes fortes. Era uma taumaturga de vermelho, com o cabelo preto preso em um coque.

– Bem-vindo de volta, Alfa Kesley.

Lobo engoliu, embora o movimento machucasse sua garganta. Alguma coisa parecia errada. Muitas coisas pareciam erradas. Tinha alguma coisa no rosto dele. Uma máscara, ou...

Ele levou a mão à boca, mas os fios o seguraram, e desta vez ele não lutou.

– Terminem os procedimentos de reconstituição – disse a taumaturga. – Ele está bem amistoso agora.

Outra mulher apareceu, massageando o pescoço. Olhou para Lobo com cautela enquanto começava a tirar as agulhas dos

braços dele, depois soltou algumas sondas presas ao couro cabeludo. Ele fez careta em cada uma das vezes.

– Consegue se sentar? – perguntou a técnica de laboratório.

Lobo preparou os músculos e se elevou. A tarefa foi mais fácil do que ele esperava. O cérebro dizia que ele estava fraco, confuso, delirante. Mas o corpo parecia pronto para lutar. Os nervos zumbiam de energia potencial.

A técnica lhe entregou um copo de líquido laranja. Ele farejou primeiro, franziu o nariz de nojo, depois levou aos lábios.

Fez uma pausa. Baixou o copo de novo.

Levantou a mão livre e encostou na boca. No nariz. No maxilar.

Seu corpo teve uma convulsão de horror.

Estava feito. Depois de anos lutando para evitar se tornar um dos monstros da rainha, aconteceu.

– Tem alguma coisa errada, Alfa Kesley?

Ele fitou os olhos da taumaturga. Ela o encarava como alguém que assiste a uma bomba-relógio. Lobo sabia que não tinha palavras para expressar toda a confusão e o atordoamento e as necessidades selvagens que pulsavam por seu cérebro, necessidades que não era capaz de citar. De qualquer forma, não achava que fosse capaz de falar. Ele bebeu o líquido laranja.

O sonho voltou em pedaços intensos e fragmentados. O cabelo ruivo da garota. A fúria animalesca do irmão. A mãe caindo, morta, fora do alcance.

Sempre voltava para a garota bonita de língua afiada. A lembrança dela era a mais intensa de todas porque ele se lembrava claramente de como ela o *desprezava*.

Lembranças e medos se misturaram, em choque uns com os outros, e ele não conseguia mais distinguir verdade e ficção. Sua cabeça doía.

– Qual você disse que era a diferença entre ele e os outros? – perguntou a taumaturga, indo até o lado de Lobo.

A técnica analisou uma tela embutida na lateral do tanque.

– Os padrões do cérebro dele estavam mais ativos do que o habitual nos estágios finais da reengenharia, e normalmente quando eles acordam só estão... com fome. Não violentos. Isso vem depois, quando recuperam as forças.

– Ele parece estar com bastante força.

– Eu reparei. – A técnica balançou a cabeça. – Pode ser por termos acelerado o processo. Normalmente, ficamos com eles pelo menos uma semana. A mente e o corpo dele passaram por muita coisa em um período curto, o que pode estar causando a agressão.

– Ele está apto a servir à rainha?

A técnica olhou para Lobo. Ele amassou o copo na mão. Ela engoliu em seco e deu um passo para trás.

– Tão capaz quanto qualquer outro soldado. Sugiro alimentá-lo antes de colocá-lo na ativa. E, claro, normalmente eles passam meses treinando com um taumaturgo depois que as cirurgias são concluídas, para que o mestre aprenda os padrões bioelétricos deles e a melhor forma de controlá-los...

– Eles não são feitos para serem controlados.

A técnica franziu a testa.

– Eu sei. Mas podem aprender obediência. Ele é uma arma carregada. Eu não recomendaria levá-lo a uma sala cheia de

gente sem alguém antes aprender a lidar com ele.

– Parece que não sou capaz de lidar com ele?

A atenção da técnica se desviou da taumaturga para Lobo e para o copo amassado na mão dele.

– Só estou aqui para garantir que os corpos deles não rejeitem as modificações.

Lobo passou a língua pela ponta afiada do dente canino. Ele tinha levado meses para se acostumar aos implantes, e agora a sensação era toda errada de novo. Eram grandes demais. Afiados demais. Havia uma dor latejante em todo o maxilar.

A taumaturga andou ao redor do tanque.

– Alfa Ze’ev Kesley, você é mais uma vez um soldado no exército da rainha. Infelizmente, sua matilha de agentes especiais debandou depois do primeiro ataque em Paris, e não temos tempo para fazer você se acostumar a uma nova. Por enquanto, você vai servir como lobo solitário.

Ela sorriu. Lobo, não.

– Sou a taumaturga Bement, mas você vai se referir a mim como Mestra – continuou ela. – Uma grande honra lhe foi concedida. A rainha quer que você seja parte de seu comitê pessoal durante a coroação, na qual ela será coroada imperatriz da Comunidade das Nações Orientais da Terra. Como você tem histórico de tendências rebeldes, ela sente que sua presença, servindo como soldado leal, vai passar um recado a qualquer pessoa que ouse ameaçar a coroa. Você consegue adivinhar que recado é esse?

Lobo não disse nada.

O tom da taumaturga Bement virou uma ameaça sussurrada:

– Quando a rainha se aposa de você, você é dela para sempre.
– Ela bateu com os dedos na beirada do tanque. – Vamos ver se você se lembra disso desta vez.

Ela esperou uma resposta. Como ele não deu nenhuma, ela apertou os olhos.

– Você esqueceu seu treinamento? Quando seu taumaturgo fala com você, qual é sua resposta apropriada?

– Sim, Mes... Mestra.

Pareceu que as palavras foram arrancadas dele, um reflexo incutido durante anos e anos pelo taumaturgo Jael. *Arranque o coração ainda pulsante dele do peito.*

Lobo se encolheu e sua boca começou a salivar. Ele estava mesmo com fome.

– A quem você serve, Alfa Kesley?

A quem ele servia?

O belo rosto da rainha surgiu na memória, ela sentada no trono. Vendo as matilhas lutarem para conquistarem favores. Ele mesmo já desejou impressioná-la. Já matou por ela. Já sentiu orgulho.

– Eu sirvo à minha rainha – disse ele, com voz mais firme.

– Correto.

Bement se inclinou na direção do tanque, mas Lobo não afastou o olhar. Estava salivando. Sentia o cheiro do sangue pulsando embaixo da pele da mulher, mas uma lembrança de dor desceu por sua coluna quando ele pensou em experimentá-la.

– Eu soube que você arrumou uma companheira quando estava na Terra – disse ela.

Ele ficou tenso. O cabelo ruivo surgiu em seus pensamentos.

– O que você faria se a visse hoje?

Ele a viu sendo jogada na estátua. Andando de quatro. Olhando para ele com expressão apavorada e cheia de ódio.

Um rosnado soou no fundo de sua garganta.

– Os terráqueos têm a carne mais deliciosa.

Os lábios da taumaturga se curvaram em um sorriso.

– Ele vai se sair bem. – Afastando-se do tanque, ela passou pela técnica e pelo colega caído. – Deixe-o limpo. Você sabe que Sua Majestade gosta de manter as aparências.

CAPÍTULO

Sessenta e cinco

JACIN, CRESS E THORNE TINHAM SAÍDO, DEIXANDO CINDER CUID consertos de Iko. Ela soube na mesma hora que não conseguiria fazer a androide voltar ao normal. Além de Iko ter cedido seu dedo e alguns fios necessários para a destreza da mão, eles não tinham as peças de substituição nem fibras de pele para consertar a abertura no ombro e o buraco de bala no peito. Mas Cinder fez um remendo temporário e reconfigurou as juntas para que ela conseguisse mover o cotovelo e o pulso, pelo menos. Quando Iko suspirou de alívio, Cinder soube exatamente o que ela estava sentindo: era algo difícil se acostumar com a perda completa de um membro.

Enquanto Cinder trabalhava, Iko explicou que eles conseguiram entrar escondidos em Artemísia a bordo de um trem de suprimentos, que boa parte do sistema de transportes estava desativada e que os trens estavam sendo revistados, que Levana estava nervosa, isso se não estivesse apavorada.

Quando terminou, Cinder contou como foi transportada até Artemísia e que a separaram de Lobo. Que ele não estava no julgamento e que ela não fazia ideia do paradeiro dele. Ela contou para Iko que viu Kai na sala do trono e que ele parecia ileso até o momento.

Ela perguntou se a transmissão também exibira o julgamento de Adri.

– Adri? – Os cílios de Iko tremeram uma vez, duas, três, e ela disse: – Não computei.

– Adri e Pearl estão aqui, em Luna. Adri foi posta em julgamento antes de mim. Teve alguma coisa a ver com o fato de ela ter guardado patentes dos designs de uma arma que poderia neutralizar o dom lunar. Acho que Levana descobriu sobre a invenção de Garan, a que foi instalada na minha coluna.

Iko encostou os dedos de uma mão na outra, em uma imitação de reflexão.

– Acho que faz sentido Levana não querer que uma coisa assim exista.

– Eu sei. Não tinha me ocorrido antes, mas um dispositivo assim mudaria o equilíbrio de poder entre Luna e a Terra se pudesse ser fabricado. Se algum dia formos fazer uma aliança com Luna, um dispositivo assim seria a única forma dos terráqueos terem certeza de não estarem sendo manipulados.

– Isso é genial – disse Iko. – Eu sempre gostei de Garan. Ele era gentil comigo, mesmo depois que descobriram que meu chip de personalidade era defeituoso. Ele ao menos mantinha todos os meus softwares atualizados. Você sabe, até Adri mandar me desmontar. – Ela fez uma pausa. – Pela primeira vez.

Cinder deu um sorriso. Na primeira vez que viu Iko, ela não passava de um amontoado de peças de androide jogadas em uma caixa, esperando para serem montadas. Iko foi seu primeiro projeto, uma tentativa de provar seu valor para sua nova família

adotiva. Ela não tinha ideia na época de que Iko também se tornaria uma de suas melhores amigas.

Seu sorriso sumiu e virou desconfiança.

– Iko, pararam de fazer atualizações de software para os Serv9.2 mais de uma década atrás.

Iko puxou uma das tranças.

– Eu nunca pensei nisso. Você não acha que ele estava tentando consertar o bug que me transformava em... *mim*. Acha?

– Não sei. Acho que não. Ele criava sistemas de andróides, afinal. Tenho certeza de que, se quisesse reprogramar você para ser um andróide regular, ele poderia ter feito isso. – Ela hesitou. Se Linh Garan não estava atualizando o software de Iko nem tentando consertá-la, o que *estava* fazendo? – Acho que não importa. Garan inventou esse dispositivo, mas parece que Levana destruiu todas as anotações dele. Se meu software já não tivesse sido danificado o bastante pelo dr. Erland, duvido que aquele mergulho no lago tenha ajudado... – Ela parou de falar e apertou os olhos para Iko.

– O quê?

– Nada. – Cinder balançou a cabeça. Havia problemas demais para consertar, enigmas demais para resolver. O mistério do dispositivo de Garan teria que esperar. – Não consigo imaginar como Levana poderia saber sobre o dispositivo.

– Eu contei para ela.

Cinder virou a cabeça para a porta, onde Jacin estava tão imóvel e quieto quanto a própria porta, com um hematoma bem grandinho no maxilar, cortesia de Thorne.

– *Você* contou para ela?

– Informação tem valor. Eu troquei essa pela minha vida.

Era sempre difícil interpretar as emoções de Jacin, mas, se Cinder fosse dar um palpite, diria que ele estava irritado por ter feito essa troca. Ela tentou se lembrar de ter contado a Jacin sobre o dispositivo séculos antes, na pequena cidade oásis de Farafrah. O rosto dele assumiu uma curiosidade que beirava a fome quando soube que havia uma invenção que podia impedir um lunar de usar o dom e que impedia o dom de levá-los à loucura.

Ela sufocou um ofego.

Winter.

Claro.

Jacin virou o queixo para o corredor.

– Odeio apressar você, mas a coroa acabou de liberar um vídeo que você pode estar interessada em ver. Evidentemente, você está morta.

Ele e Iko a levaram até o *home theater* da mansão, com poltronas enormes com dispensador de bebidas embutido na lateral. Thorne e Cress estavam ao lado de um holograma enorme de Levana. Ela usava o véu, mas o som estava mudo. A enormidade da imagem fez Cinder se encolher.

– Jacin disse que encontraram meu corpo.

Thorne lançou um olhar rápido para ela.

– É o que dizem, garota-cadáver. Você foi retirada do lago ontem à noite. Tem até um manequim com mão pintada de metal, e ficam mostrando uma foto granulada dele. Fique um pouco aqui, você vai ver. Fica aparecendo com esse discurso de

Levana. Essa pedra aqui tem o entretenimento mais chato do mundo.

– O que ela está dizendo?

Thorne afinou a voz em imitação à rainha:

– A impostora da minha amada sobrinha se foi... Vamos deixar essa confusão para trás, enquanto seguimos em frente com a coroação... Sou uma maluca psicótica faminta por poder e meu bafo fede debaixo desse véu.

Cinder riu. Tentou ver a hora com o relógio interno, mas lembrou que não funcionava mais.

– Quanto tempo até a coroação?

– Nove horas – disse Iko.

Nove horas. Eles estavam naquela mansão havia um dia e uma noite inteiros e Cinder passara a maior parte do tempo dormindo.

– Tem também as atualizações de notícias... – Cress apontou para o holograma, embaixo do qual aparecia uma lista de setores, fazendo um anel flutuante constante ao redor de Levana.

– Essa é a parte interessante – disse Thorne. – Ela criou um decreto que afirma que qualquer setor encontrado violando o toque de recolher ou suspeito de ajudar “a impostora” será bloqueado e avaliado caso a caso depois da coroação. Em seguida, começa a falar sobre arrependimento e pedidos de perdão à rainha.

– Parece que muita gente se motivou com o que você fez no banquete de casamento – disse Jacin. – O número de setores bloqueados só cresce.

– Quantos?

– Oitenta e sete na última contagem – respondeu Cress.

– Inclusive MR-9 – acrescentou Thorne. – E todos os setores ao redor. Em vez de desencorajar a rebelião, a invasão parece ter irritado ainda mais as pessoas.

Oitenta e sete na última contagem.

– E você acha que todos... que todos esses setores... – Cinder engoliu em seco. Sua cabeça ainda estava enevoada. – O que acham que isso quer dizer?

– Quer dizer que a rainha está tendo um dia ruim – disse Jacin. Thorne assentiu.

– Pode ser em parte paranoia dela, mas, mesmo quando Iko e eu estávamos tentando chegar em Artemísia, havia boatos de setores bloqueando os próprios túneis para impedir que suprimentos fossem enviados para a cidade, ou pilhando as fábricas atrás de armas, esse tipo de coisa. E isso foi antes do seu julgamento. Claro, nós não sabemos se o povo acredita que você esteja mesmo morta, mas não sei se importa agora. Se você está viva, então é uma revolucionária e tanto. Se está morta, é uma mártir e tanto.

– Importa para mim – disse Cinder, vendo as atualizações passarem pela tela.

Oitenta e sete setores estavam prontos para lutar por ela, por eles mesmos. Pelo que ela viu, cada setor tinha pelo menos mil civis, às vezes bem mais do que isso. Devia ser mais do que suficiente para tomar a capital e destronar Levana...

Só que todas aquelas pessoas estavam encurraladas.

– Não desmaie – disse Thorne.

Ela olhou para ele.

– O quê?

– Você parece estressada.

Cinder fez cara feia e começou a andar de um lado para outro.

– Podemos fazer alguma coisa em relação a esses bloqueios? O povo não pode vir nos ajudar se estiver confinado em seus setores.

– Ah, querida – disse Thorne –, estamos tão mais adiantados do que você. Cress?

Cress abriu a holografia de Luna que eles passaram tanto tempo estudando a bordo da Rampion: todos os domos e túneis de metrô espalhados pela superfície rochosa e cheia de crateras da Lua. Ela foi marcando os setores bloqueados conforme eram listados na transmissão de Levana. Ainda era só uma fração de todos os setores de Luna, mas era possível que houvesse bem mais setores se rebelando que Levana desconhecia.

Levana estava se concentrado nos setores mais próximos de Artemísia, o que fazia sentido. Não era surpresa ela estar nervosa: a revolução já estava batendo na porta dela.

Cress ajustou a holografia, deu zoom em Artemísia e depois no palácio.

– Os controles dos bloqueios fazem parte da rede de segurança principal que opera no centro de segurança do palácio – disse Cress. – Eu poderia hackear remotamente, mas não sem disparar alarmes. Pelo menos não com o tempo que tenho para fazer. Então...

– Pensamos em invadir – disse Thorne. Ele tinha se sentado em uma das poltronas e levantado os pés.

– Claro que pensaram – disse Cinder.

– Se nós entramos no palácio de Nova Pequim, podemos entrar nesse. De lá, Cress desfaz os bloqueios nos setores externos e planeja que as barreiras ao redor do domo central se abram no final da coroação. – Ele encheu um cálice de aparência cara com uma bebida azul do dispensador da poltrona e deu um gole grande. – É o melhor jeito de coordenar um ataque surpresa e garantir que todos entrem em Artemísia ao mesmo tempo, mesmo sem ter um jeito de nos comunicarmos uns com os outros.

Cress afastou o foco da holografia e iluminou os oito túneis de trens de levitação magnética, que eram as únicas passagens para dentro e para fora da cidade, com exceção dos portos de espaçonaves.

Cinder massageou o pulso.

– É arriscado demais mandar vocês lá para dentro. Eu prefiro que Cress remova as barreiras remotamente, mesmo que gere alarmes.

– Somos dois – disse Thorne –, mas esse não é o único motivo de precisarmos entrar no palácio. Também precisamos ter acesso à sala de transmissão da rainha se queremos fazer alguma coisa com aquele vídeo seu. Levana desabilitou todo o acesso externo ao sistema depois da sua última artimanha, então, se queremos projetar no sistema todo, temos que fazer de dentro.

Cinder inspirou fundo.

– O vídeo... vale a pena?

– Ah! – Iko levou as mãos ao rosto. – *É apavorante!*

Thorne sorriu.

– É certo.

– Vou carregar no projetor – disse Cress, se virando para o nódulo holográfico.

– Não, por favor – pediu Iko. – Não precisamos ver tão grande daquele jeito de novo.

Cinder bateu o pé.

– Como vocês propõem que entremos no palácio? Posso usar meu glamour para transformar nós quatro em convidados da coroação se quisermos entrar escondidos...

– Pode ir esfriando os motores, jatinho – retrucou Thorne. – Você já tem uma função. Enquanto Cress e eu estivermos abrindo as passagens até a cidade, você, Iko e Jacin vão ficar posicionados nesses três setores – explicou, indicando-os na holografia, três dos domos adjacentes à Artemísia Central –, ou pelo menos nos túneis embaixo deles, recebendo todos os rebeldes que você despertou e organizando qualquer plano de batalha de último minuto. Em aproximadamente nove horas, com sorte, esta cidade vai estar sob cerco de um monte de lunares zangados. Eles vão precisar de alguém que os lidere.

– Vai ser você – esclareceu Iko.

– Mas achei que esse domo estivesse isolado. Como vamos chegar a esses setores se estamos presos aqui?

– Há unidades de depósito não muito longe daqui – disse Jacin –, onde algumas famílias guardam veículos de recreação, inclusive deslizadores de superfície.

– Deslizadores de superfície?

– Veículos feitos para andar fora dos domos. Eles podem se ajustar à gravidade não modificada e às condições atmosféricas, e encarar terrenos difíceis. Dunas. Crateras. Os ricos os usam por

diversão. Não são tão rápidos quanto naves, mas podemos fugir dos transportes e fazer rota direta até os setores mais próximos, para qualquer lugar que tenha acesso a docas externas. Levana não vai ligar para dois nobres passeando por aí.

– Nós vamos nos separar – constatou Cinder.

Iko passou o braço pela cintura de Cinder.

– Só temporariamente.

– É nossa melhor esperança de coordenar um ataque – falou Thorne. – E conseguir o máximo de pessoas possível na frente daquele palácio, que é o objetivo maior, não é? Força nos números?

O coração de Cinder voltou a bater forte, mas ela conseguiu assentir com a cabeça. Estava observando a holografia de novo quando uma anomalia chamou sua atenção.

– Qual é o problema desse setor? – perguntou ela, apontando para um marcado de vermelho no mapa.

Cress virou a holografia e botou o setor em foco.

– EM-12, extração e produção de madeira. Em quarentena?

– Quarentena de doença? – perguntou Cinder.

– É tudo de que precisamos – murmurou Thorne.

Mas Jacin estava balançando a cabeça.

– Faz muito tempo que não temos surto de nenhuma doença em Luna. Não existem muitas influências ambientais que não possamos controlar. – Ele cruzou os braços. – Mas temos medidas a tomar caso alguma coisa aconteça. Com os domos fechados como são, não demoraria muito para derrubar uma comunidade inteira se a doença fosse grave.

– É possível que seja letumose? – perguntou Iko, com um toque de medo vibrando na voz.

– É uma doença terráquea – respondeu Jacin. – Nunca tivemos nenhum caso aqui.

– Não é só uma doença terráquea – disse Cinder. – Não mais. O dr. Erland descobriu uma mutação na África, lembra? Os lunares podem não ser mais imunes, e... – Ela engoliu em seco. – E um monte de terráqueos chegou em Luna recentemente. Qualquer pessoa pode ser portadora. Um dos diplomatas, até um de nós. Pode ser que a gente nem saiba.

Jacin indicou a holografia.

– Algum de vocês andou por um setor madeireiro ultimamente?

Cinder apertou os lábios.

– Foi o que pensei. Duvido que qualquer um dos seus amigos políticos tenha ido também. Deve ser coincidência.

– Na verdade – disse Cress, afastando o olhar arregalado do tablet –, um de nós foi até lá. – Ela digitou um novo comando e transferiu a transmissão que estava vendo para o hológrafo.

Era uma compilação de vídeos de vigilância da rainha, todos com a legenda de EM-12. Eram escuros e granulados, mas, quando os olhos de Cinder se ajustaram, ela viu fileiras de árvores nas imagens externas e paredes cobertas de madeira nas internas. Concentrou-se em uma das mais cheias de gente, que parecia ser dentro de uma construção médica, embora não fosse nada como os laboratórios limpos e brilhantes de Nova Pequim.

Tinha muita gente ocupando os poucos leitos, enquanto outros estavam encostados nas paredes e caídos nos cantos.

Jacin chegou mais perto da imagem e aumentou uma das filmagens, dando zoom em uma série de anéis roxos e vermelhos no pescoço de um paciente e depois no travesseiro sujo de sangue embaixo da cabeça de outro.

– Parece letumose – disse Cinder, com o estômago se contraindo de medo instintivo.

– Isso é o que penso que é? – perguntou Iko, apontando.

– Soldados lunares – confirmou Cress, aumentando uma das filmagens externas que mostrava dezenas de homens mutantes entre os cidadãos. Muitos pareciam absortos em conversas inflamadas. Cinder nunca os vira sem estarem em modo de ataque, e se não fossem os rostos deformados, eles pareceriam ser só, bem, homens assustadores e muito grandes.

De repente, ela viu uma pessoa ainda mais chocante do que os mutantes. Uma garota de cabelo ruivo e moletom com capuz, e as mãos firmadas com teimosia nos quadris.

– Scarlet!

Ela estava bem viva e nem um pouco com medo dos predadores ao redor. Na verdade, enquanto Cinder olhava, Scarlet pareceu estar dando ordens a eles, apontando o dedo para a porta da clínica. Seis soldados assentiram e saíram.

– Não estou processando – disse Iko.

Thorne riu, com tanta jovialidade quanto Cinder sentia.

– Processar o quê? Elas disseram que iriam reunir um exército.

– É, mas Scarlet não estava com a gente no deserto. Como *ela* pode ser a portadora da nova doença?

Cinder levou um susto.

– Você está certa. Ela poderia... ter pegado de um de nós?

– Nenhum de vocês está doente.

Ela não tinha resposta. Queria que o dr. Erland estivesse ali, mas ele tinha morrido da mesma doença que estava tentando erradicar.

– O que estão tirando da clínica? – perguntou Thorne.

Jacin cruzou os braços.

– Um tanque suspenso de animação.

Quatro soldados estavam carregando o tanque enquanto os outros abriam a porta da clínica médica para eles passarem. Do lado de fora, centenas de civis se reuniram, os que ainda não estavam doentes. Os soldados abriram espaço para o tanque.

Jacin respirou fundo e chegou perto da holografia, melhorando o foco da imagem. Ele fez uma pausa. Voltou. Deu zoom.

– Ah, não – sussurrou Cinder. Outro rosto familiar estava embaixo da tampa de vidro do tanque. O da princesa Winter.

CAPÍTULO

Sessenta e seis

NÃO HAVIA ESPELHOS NO LABORATÓRIO, NEM MESMO NA SALA com o chuveiro esterilizado para o qual Lobo foi levado para tirar o gel grudento do cabelo. Mas não precisava de espelho para saber o que fizeram. Ele via a diferença na estrutura óssea quando olhava para suas mãos e seus pés. Sentia a diferença na boca projetada, nos dentes aumentados, no maxilar malformado. Tinham alterado sua estrutura óssea facial, abrindo espaço para a fileira de dentes caninos implantados. Havia uma nova curvatura nos ombros e um movimento estranho nos pés, que se pareciam mais com patas, feitas para correr e saltar em grandes velocidades. As mãos estavam enormes, equipadas com unhas reforçadas, parecidas com garras.

Ele até sentia o cheiro dentro de si. Novas substâncias químicas e hormônios bombeando pelas veias. Testosterona. Adrenalina. Feromônios. Ele se perguntou quando os novos pelos começariam a nascer na pele, completando a transformação.

Ele estava infeliz. Tinha virado tudo o que nunca quis ser.

Também estava morrendo de fome.

Tinham deixado um uniforme para ele, parecido com o uniforme que usou como agente especial. Era uma formalidade para seu papel na coroação. A maioria dos soldados

transformados por bioengenharia recebia roupas bem menos distintas, sendo mais animais do que homens.

E, agora, ele era um deles. Tentou controlar sua repulsa. Afinal, quem era ele para julgar seus irmãos?

Mas suas emoções continuaram flutuando. Furiosas e ardentes em um momento. Arrasadas e cheias de autodesprezo no seguinte.

Esse era o destino dele. Sempre fora o destino dele. Ele não imaginava como podia ter pensado diferente. Tinha mesmo acreditado que podia ser melhor? Que merecia mais? Ele estava destinado a matar e comer e destruir. Era tudo a que tinha direito.

De repente, seu nariz tremeu.

Comida.

Sua língua foi coberta de saliva, e ele a passou nos dentes afiados. Alguma coisa em seu estômago rugiu, irritada com o vazio.

Ele tremeu e se lembrou da fome de quando começou o treinamento como agente especial. Ao mesmo tempo, desejava e odiava os pedaços de carne pouco cozida que eram oferecidos e a forma como eles tinham que lutar por uma porção, confirmando a ordem hierárquica da matilha no processo. Mesmo naquela época, a fome não era tão ruim.

Ele engoliu com força e terminou de se vestir.

Seu corpo começou a tremer quando abriu a porta e o aroma de comida explodiu em suas narinas. Estava quase ofegante.

A taumaturga Bement e a técnica de laboratório ainda estavam ali, mas o homem inconsciente tinha sido retirado. A

técnica se encolheu quando viu a expressão de Lobo. Ela se posicionou atrás de outro tanque de suspensão, ocupado por alguma outra vítima.

– Essa expressão deve querer dizer que tem comida no prédio – disse ela.

– De fato. – A taumaturga estava encostada na parede, olhando para o tablet. – Está no elevador agora.

– Eu não tinha percebido que ele ia comer *aqui*. Você já viu algum deles comendo pela primeira vez?

– Eu cuido dele. Faça seu trabalho.

Lançando mais um olhar hesitante para Lobo, a mulher voltou a verificar as telas de diagnóstico no tanque.

Houve um apito no corredor, e o aroma de comida chegou cem vezes mais forte. Lobo agarrou a moldura da porta. Suas pernas estavam fracas de desejo, os joelhos prestes a ceder.

Um criado chegou, empurrando um carrinho de madeira coberto com uma toalha branca.

– Mestra – disse ele, fazendo uma reverência para a taumaturga. Ele foi dispensado.

Os sentidos de Lobo estavam sendo massacrados. Suas orelhas se apuraram com o sibilar do vapor. A barriga entrou em espasmos de desejo. *Cordeiro*.

– Está com fome?

Ele rosnou para a taumaturga. Podia pular nela, deixar a mulher em pedacinhos antes de ela perceber o que estava acontecendo, mas alguma coisa o segurou. Um medo profundo. Lembranças de outro taumaturgo o controlando.

– Eu fiz uma pergunta. Sei que você não passa de um animal agora, mas ainda acho que é inteligente o bastante para responder com um simples sim ou não.

– Sim – grunhiu Lobo.

– Sim o quê?

Uma fúria o cegou, mas ele a sufocou. Lobo fez uma careta para conter o surto de ódio.

– Sim, mestra.

– Ótimo. Não temos tempo para nos conhecer e construir o relacionamento de compreensão que um taumaturgo normalmente formaria com a matilha. Mas eu queria ilustrar dois princípios fundamentais, de forma que seu pequeno cérebro animal entenda. – Ela puxou a toalha branca e mostrou um prato lotado de carne e ossos, cartilagem e tutano.

Lobo tremeu de fome, mas também de nojo. Nojo da carne e nojo de seus próprios desejos. Uma lembrança estranha eclipsou essa nova vontade. Uma coisa brilhante e vermelha e explodindo de sumo: *tomate*.

São a melhor parte e foram plantados na minha própria horta...

– A primeira coisa que você precisa saber como membro do exército de Sua Majestade é que um cachorrinho bom sempre vai ser recompensado. – A taumaturga balançou o braço na direção da comida. – Vá em frente. Coma um pouco.

Ele balançou a cabeça, querendo afastar a voz desconhecida. Era aquela garota de novo. A garota ruiva que ficou tão repugnada por ele.

As pernas de Lobo se moveram por vontade própria e o levaram até o carrinho. Seu estômago desejava. Sua língua estava

lerda.

Mas, assim que ele esticou a mão cheia de unhas na direção do prato, suas entranhas foram tomadas de dor. Ele se curvou de sofrimento. As pernas cederam e ele se encolheu no chão, batendo com o ombro na beirada do carrinho e o empurrando até a parede mais próxima. A dor se prolongou, se espalhou por todos os membros, como mil adagas sendo enfiadas na carne.

A taumaturga sorriu.

A dor diminuiu. Lobo ficou tremendo no chão, com as bochechas molhadas de suor ou de lágrimas, ou das duas coisas.

A tortura não era novidade. Ele se lembrava dela do treinamento anterior, com Jael. Mas não a sentia desde que se tornou alfa. Um soldado estimado. Um bichinho leal e bom.

– E isso é o que vai acontecer se você me decepcionar – disse a taumaturga. – Estamos entendidos?

Ele assentiu com a cabeça trêmula, os músculos ainda tremendo.

– *Estamos entendidos?*

Ele tossiu.

– Sim. Mestra.

– Ótimo. – A taumaturga tirou a bandeja do carrinho e colocou no chão, ao lado dele. – Agora coma sua comida como um bom cachorro. Nossa rainha está esperando.

CAPÍTULO

Sessenta e sete

KAI ESTAVA COMEÇANDO A ENTENDER POR QUE LEVANA TINHA aquele horário para a coroação. A cerimônia ia acontecer no final da longa noite de Artemísia, duas semanas de escuridão iluminada só por luz artificial. Seria o primeiro nascer do sol verdadeiro que Kai veria desde que chegou a Luna. Um novo amanhecer, um novo dia, um novo império.

Era tudo muito simbólico.

Ele desejava simultaneamente que esse dia acabasse e que nunca chegasse.

Em meio às ondas do lago Artemísia, olhando para a água azul-enegrecida que ia até onde ele via, Kai torcia para que o novo amanhecer de Levana fosse bem diferente do que ela esperava, embora essa esperança fosse frágil. Ele não sabia se Cinder tinha sobrevivido à queda no lago nem se o povo de Luna atenderia ao chamado, nem se conseguiriam se tentassem.

Pelo menos, ele sabia com certeza que a filmagem do corpo recuperado de Cinder era falsa. Mesmo com as imagens distantes e borradas, Kai percebeu que não era ela, mas, sim, um manequim ou atriz ou alguma outra pobre vítima tirada do fundo do lago e alterada para se parecer com Cinder.

Se estavam forjando a morte dela, ela não tinha sido encontrada.

Ela estava viva. *Tinha* que estar.

Pelo menos, com a coroação chegando perto, a rainha havia começado a relaxar com algumas das restrições a Kai e aos outros convidados terráqueos. Ele finalmente tinha liberdade de andar pelo palácio e até de se aventurar na beira do lago, embora cada passo fosse acompanhado por uma dupla de guardas lunares.

Só que ele tinha passado a vida cercado de guardas. Foi ficando mais fácil ignorá-los.

Ela até devolveu o tablet dele, para que ele verificasse os noticiários terráqueos e confirmasse para eles que tudo estava bem em Luna.

Aham.

A areia escorregou embaixo de seus pés quando a onda se retraiu para o lago. O mundo se desintegrando embaixo dele. Kai estava levemente curioso para saber se aquilo era rocha lunar pulverizada até virar areia fina ou se tinha sido importada de alguma praia terráquea muito tempo antes. Tantas vezes, desde que chegou ali, desejou ter passado mais tempo pesquisando a história entre a Terra e Luna. Queria saber qual era o relacionamento quando Luna era uma colônia pacífica e, depois, uma república aliada. Durante anos, a Terra forneceu material de construção e recursos naturais, e Luna retribuiu com pesquisas valiosas nos campos de exploração espacial e astronomia. Saber que o relacionamento já foi benéfico sugeria que podia ser de novo.

Mas não com Levana.

Olhando as margens dos dois lados, Kai viu os guardas reais ainda procurando, esperando uma ciborgue enlameada aparecer na beira. Kai também os viu pela janela patrulhando as ruas da cidade, e se eles achavam que era possível que Cinder tivesse sobrevivido e se escondido, então Kai também acreditaria que era possível.

Enquanto isso, o palácio estava explodindo com os preparativos finais para a coroação. Os aristocratas (ou *famílias*) eram ótimos em fingir alegria inalterada. Até o caos da execução fracassada de Cinder foi deixado para trás como um incidente menor, que podia acontecer de tempos em tempos. Todo mundo parecia feliz em deixar a caçada nas mãos dos guardas enquanto prosseguia com a bebedeira e com a comilança e com a folia.

Se estavam preocupados com os clamores de Cinder por revolução, não estavam demonstrando. Kai se perguntou se um único integrante da corte sequer pegaria em armas contra o povo se fosse necessário, ou se eles se esconderiam nas mansões elegantes para esperar que acabasse, felizes de declarar fidelidade a quem se sentasse no trono quando o caos terminasse, fosse quem fosse.

Ao pensar nisso, Kai fechou os olhos e mordeu a língua para não dar um sorrisinho, sabendo que era uma fantasia mesquinha. Mas, *ah*, como ele amaria ver os rostos deles se, ou melhor, *quando* Cinder se tornasse rainha e informasse às *famílias* que seu jeito indulgente de viver estava chegando ao fim.

Alguém limpou a garganta atrás de Kai, chamando sua atenção. Torin estava de smoking, já vestido para a coroação, apesar de

faltarem horas.

– Vossa Majestade Imperial, imperador Rikan – disse Torin.

Era um código que eles tinham combinado com o resto dos convidados terráqueos: começar cada encontro mencionando alguma outra pessoa que estava presente quando os dois se conheceram. Foi ideia de Kai, para que sempre tivessem certeza de que estavam falando com a pessoa com quem achavam estar, em vez de um lunar usando glamour.

Kai deu um sorriso ao ouvir a menção ao pai. Ele não se lembrava de quando conheceu Torin, que era funcionário do palácio desde antes de seu nascimento.

– Minha mãe – disse ele, como resposta.

O olhar de Torin desceu até os pés descalços e a calça enrolada de Kai, mas não permaneceu lá.

– Alguma notícia?

– Nada. Você?

– Falei brevemente com o presidente Vargas mais cedo. Ele e outros representantes americanos se sentem ameaçados. Eles sentem que estamos sendo mantidos aqui como reféns.

– Homem esperto. – Uma onda bateu em Kai e ele oscilou junto, encolhendo os dedos na areia molhada. – Levana acredita que nos tem onde quer.

– Ela está errada?

Kai franziu a testa e não respondeu. Seu silêncio foi seguido de um suspiro.

Kai olhou para trás e viu Torin tirando os sapatos e as meias. Ele enrolou as barras da calça e se juntou a Kai na beira da água.

– Falei para o presidente Vargas que, quando Levana tiver o título de imperatriz, ela vai ficar menos na defensiva e vamos todos poder impor limites racionais nessa nova aliança terráqueo-lunar. – Ele hesitou e acrescentou: – Não falei nada sobre a princesa Selene. Achei que ele veria qualquer esperança nela como um mero conto de fadas.

Kai mordeu o lábio e torceu para não ser assim. Ele vinha colocando sua fé na princesa Selene mesmo antes de encontrá-la. Mesmo antes de saber que ela era a pessoa mais capaz, versátil e determinada que ele conhecia. Mesmo antes de começar a fantasiar com um casamento terráqueo-lunar que não envolvesse Levana.

– Vossa Majestade – disse Torin, com um tom que dizia que ele estava prestes a abordar um assunto que Kai não ia gostar. Kai se preparou para isso. – Já pensou em qual deve ser seu próximo gesto se o resultado que esperamos não acontecer?

– Você quer dizer se Cinder estiver morta e o povo não se rebelar, e se amanhã de manhã eu me encontrar preso a uma imperatriz que quer me matar e tomar controle da minha força militar e declarar guerra contra todos os meus aliados até todos sucumbirem à vontade dela?

Torin fez um som zombeteiro no fundo da garganta.

– Imagino que você esteja pensando nisso.

– Passou pela minha cabeça uma ou duas vezes.

Ele espiou Torin pelo canto dos olhos, surpreso em perceber que olhar para seu conselheiro era como olhar para uma versão mais velha e mais sábia de si mesmo. Não que eles se parecessem; Torin tinha cabelo grisalho arrumado, um nariz mais comprido e

lábios finos e severos. Mas, de pés descalços na água, cada um com as mãos nos bolsos e os rostos virados para o lago, Kai achou que não seria ruim envelhecer e ser estável e capaz como Konn Torin. Ou atencioso e inteligente como o pai.

Ele verificou se os guardas lunares estavam longe o bastante para perguntar:

– Qual é o status das bombas capazes de enfraquecer esses biodomos?

– Eu soube que temos doze montadas e prontas para uso, mas faltam semanas para que uma segunda leva fique pronta. O máximo que podemos esperar a esta altura é enfraquecê-los, mas acho que não seria o bastante para impedir Levana.

– A não ser que ataquemos o domo onde ela está – disse Kai.

Os lábios de Torin se curvaram para baixo.

– Também é o domo onde *nós* estamos.

– Eu sei. – Com um suspiro, Kai encolheu os dedos dos pés na areia. – Prepare a frota. Quero um regimento de naves armadas posicionado em espaço neutro, o mais perto de Luna que puder chegar sem despertar preocupação. Depois da coroação, se Levana não permitir que os outros líderes vão embora, nós podemos ameaçá-la até que permita. Eu gostaria que todas as outras pessoas estivessem fora desta lua o mais rápido possível.

– Todas as *outras* pessoas? E você?

Kai balançou a cabeça.

– Tenho que garantir que Levana entregue o antídoto contra letumose. Não sei onde ela guarda, mas se estiver aqui em Artemísia não podemos correr o risco de que seja destruído. Preciso ter certeza de que vamos pegá-lo e levá-lo para a Terra o

mais depressa possível. Tenho que conseguir isso, mesmo que não consiga mais nada.

– E, quando o antídoto estiver em lugar seguro – disse Torin –, nossa prioridade tem que ser sua segurança. Se ela pretende matar você para assumir controle da Comunidade, precisamos fazer alguma coisa para que isso não aconteça. Vamos mandar aumentar sua segurança em tempo integral. E sua separação física da rainha vai ser absolutamente necessária. Não quero que ela tome sua mente e o obrigue a cometer algum ato contra si mesmo.

Kai sorriu, tocado pela proteção na voz de Torin.

– São boas sugestões, Torin, mas nada disso vai ser necessário.

Torin se virou para ele, mas Kai estava olhando para o horizonte, onde a água preta encontrava o céu preto. A luz do sol cintilava em alguns domos ao longe, mas a mudança de noite para dia foi tão gradual que Kai quase não percebeu. Os nasceres do sol em Luna eram uma coisa desesperadamente lenta.

– Eu quase a matei no casamento. Cheguei tão perto. Eu poderia ter acabado com tudo, mas fracassei.

Torin deu uma risada debochada e frustrada.

– Você não é assassino. Acho difícil pensar nisso como fracasso.

Kai abriu a boca, mas Torin prosseguiu.

– E se você a *tivesse* matado, teria despertado a fúria de todos os taumaturgos e guardas naquela sala. Você teria sido morto, e sem dúvida todos os convidados terráqueos também. Entendo o impulso, mas fico feliz por você ter fracassado.

– Você está certo. Mesmo assim, não vai acontecer na próxima vez. – Kai enfiou a mão no bolso e encontrou o medalhão. O que Iko e Cress deram para ele a bordo da Rampion, declarando-o eternamente membro da tripulação, independentemente do que acontecesse. Ele o apertou na mão fechada. – Não vou embora de Luna sem resolver isso. Ela não pode governar a Terra. Se Cinder... se a princesa Selene falhar, eu não vou falhar.

– O que você está dizendo?

Kai se virou para Torin, apesar da dificuldade de soltar os pés da areia.

– Posso me tornar útil a ela por tempo suficiente para conseguir o antídoto. Ela não vai me matar imediatamente, não se eu a convencer de que tenho informações que ela quer: conhecimento sobre nossos procedimentos militares, recursos... Depois, quando o antídoto estiver em lugar seguro, vou mandar nossa força militar bombardear Artemísia.

Torin deu um passo para trás.

– Com você *dentro*?

Ele assentiu.

– É a única forma de garantir que Levana vai estar aqui quando o ataque acontecer. Ela não vai desconfiar. Enquanto eu estiver aqui, ela vai achar que tem controle sobre nós. Com um único ataque, podemos acabar com ela, com os taumaturgos e com os membros mais poderosos da corte. Não vão poder impedir. Não vai ter lavagem cerebral. Não vai ter manipulação. Vai haver um monte de mortes, mas podemos tentar manter a destruição nos setores centrais, e, quando Luna estiver em estado caótico, a Terra pode oferecer ajuda na reconstrução.

Torin tinha começado a balançar a cabeça. Os olhos estavam fechados, como se ele não suportasse mais ouvir os planos de Kai.

– Não. Você não pode se sacrificar.

– Já estou me sacrificando. Não vou deixar que ela tome meu país. A paz prevalece na União Terráquea há mais de um século. Não vou deixar que minhas decisões representem o fim disso. – Ele empertigou os ombros. – E é por isso que é tão importante que a Comunidade seja governada por uma pessoa inteligente e justa. Os Artigos da Unificação declaram que, caso o último da linhagem de imperadores tenha motivo para esperar sua morte sem antes providenciar um herdeiro para o trono, ele deve indicar uma pessoa para se tornar o novo imperador ou a nova imperatriz, e o povo vai indicar suas escolhas, e será feita uma eleição. – Ele olhou nos olhos de Torin. – Eu indiquei você antes de partirmos. Nainsi está com minha declaração oficial. Então... – Ele engoliu em seco. – Boa sorte na eleição.

– Eu não posso... não vou...

– Já está feito. Se você tiver um plano melhor, eu adoraria ouvir. Mas não vou deixar aquela mulher governar a Comunidade. Eu ficaria honrado em morrer a serviço do meu país. – Kai olhou para o palácio e para a varanda da sala do trono, projetada acima da cabeça deles. – Desde que eu possa levá-la comigo.

CAPÍTULO

Sessenta e oito

– **POR QUE CRESS SEMPRE USA AS MELHORES ROUPAS? – RESMUNC** cruzando os braços enquanto Cress treinava andar de um lado para outro nos sapatos plataforma ridiculamente altos. – Cress vai a um casamento real. Cress vai a uma coroação. Cress é que fica com *toda* a diversão.

– Eu não vou à coroação – disse Cress, tentando olhar para os pés sem cair. – Só estamos imitando convidados para podermos invadir o sistema de transmissão do palácio.

– Cress invade o sistema de transmissão do palácio.

– Cress está arriscando a vida para fazer isso. – Cinder jogou uma pilha de acessórios brilhantes na cama. – Algum desses combina?

Iko se sentou na cama e começou a mexer nos acessórios com desejo nos olhos.

– Acho que essas luvas se prendem nas coisas que se parecem com asas – disse ela, dando um sorriso lamentoso. – Eu queria que minha roupa viesse com luvas laranja sem dedos e até os cotovelos.

– Esses sapatos parecem pernas de pau – disse Cress, balançando. – Não tem uma coisa mais prática?

– Acho que *prático* não existe no vocabulário lunar – disse Cinder, voltando a mexer no armário. – Mas vou procurar.

Elas encontraram botas novas para Cinder, pelo menos, pois ela tinha perdido as dela no lago. Encontraram em um armário utilitário, junto com vários equipamentos esportivos, ou o que Cress achava que eram equipamentos esportivos. Infelizmente, não havia nada bastante pequeno para caber *nela*, e Iko insistiu que não combinaria com a roupa aristocrática, de qualquer maneira.

– Digam que não estou tão ridículo quanto pareço. – Thorne surgiu na porta, mexendo nos punhos da camisa.

Cress levou um susto, tropeçou e caiu em cima de Iko, o que fez as duas pararem no chão.

Cinder colocou a cabeça para fora do closet, observou a cena e apertou os lábios. Desapareceu lá dentro de novo, murmurando:

– É melhor eu encontrar outros sapatos.

Thorne ajudou Cress e Iko a ficarem de pé.

– Talvez ridículo seja o tema do dia – disse ele, inclinando a cabeça para avaliar a roupa de Cress, que era em parte vestido de noite, em parte fantasia de borboleta. Um tutu laranja que mal chegava ao meio da coxa e ficava bem espalhafatoso quando acompanhado de um corpete ajustado e brilhoso. Duas peças transparentes de tecido foram costuradas nas costas do corpete e se prendiam bem às luvas laranja até os cotovelos e com os dedos de fora que Iko desejava, então, quando Cress abria os braços, o efeito era de asas pretas e amarelas de borboleta se abrindo atrás dela. Para completar, Iko encontrou no baú de

acessórios um chapeuzinho azul que tinha um par de molas com bolinhas felpudas na ponta. Cress supôs que deviam se parecer com antenas.

– Eu me sinto melhor agora que estou vendo o que você está usando.

Thorne ajeitou a gravata-borboleta. Ele vestia um terno ameixa que servia surpreendentemente bem nele, apesar de ter sido tirado do armário de um estranho. A gravata-borboleta tinha luzes pequenininhas no tecido, fazendo a gola da camisa brilhar em tons diferentes de néon. Ele tinha decidido continuar com suas botas militares.

Thorne estava surreal e sexy, e Cress precisou se obrigar a afastar o olhar.

– Você vai se encaixar perfeitamente, pelo que percebi no banquete. – Cinder saiu com um par de sapatos que parecia mais confortável. – Todos estavam usando coisas doidas assim. Não duvido que boa parte das roupas fosse glamour, mas, quanto menos elementos da aparência você precisar acrescentar com glamour, mais fácil é sustentar a ilusão.

– Ei, capitão – disse Iko –, pare de ficar olhando para as pernas dela.

Cress se virou a tempo de ver o sorriso apreciativo de Thorne. Dando de ombros, ele ajeitou as mangas do paletó.

– Sou especialista, Iko. Veja só como esses sapatos a deixaram alta. – Ele hesitou. – Bem, meio alta.

Cress ficou vermelha e olhou para as próprias pernas à mostra.

Cinder revirou os olhos.

– Tome, Cress, experimente esses.

– Hã? Ah, certo. – Ela tirou os instrumentos de tortura e jogou para Iko, que ficou animadíssima de colocá-los nos pés.

Em segundos, Iko estava dançando pelo aposento como se tivesse sido elaborada com aqueles sapatos em mente.

– Ah, sim – disse ela. – Vou ficar com eles.

Depois que Cress colocou os novos sapatos nos pés, Thorne deu um peteleco em uma das bolas peludinhas das antenas e passou o braço pelos ombros dela.

– Como estamos?

Cinder coçou a nuca. Iko inclinou a cabeça de um lado para outro, como se a aparência deles pudesse melhorar se vista de outro ângulo.

– Acho que vocês parecem lunares – arriscou Cinder.

– Legal. – Thorne levantou a mão. Cress deu um tapinha constrangido.

Cinder ajeitou o rabo de cavalo.

– É claro que qualquer lunar que preste atenção vai saber que você é terráqueo e ela é cascuda. Então, tomem cuidado.

Thorne fez expressão de deboche.

– *Cuidado* é meu sobrenome. Vem logo depois de *Charmoso* e *Ousado*.

– Você ao menos sabe o que está dizendo na metade do tempo que fala? – perguntou Cinder.

Thorne pegou o chip para o qual tinham transferido o vídeo e entregou para Cress.

– Guarde em um lugar seguro.

Ela ficou olhando, sem saber o que significava segurança. Não tinha bolsos, nem bolsa e bem poucas roupas onde esconder qualquer coisa. Por fim, ela colocou dentro do corpete.

Thorne pegou o tablet de Cress na penteadeira e colocou em um bolso de dentro do paletó, onde ela também via o contorno da arma. Uma faquinha que tinham encontrado na cozinha sumiu nas mãos dele com tanta rapidez que ela não sabia onde ele tinha colocado.

– Acho que é tudo – disse Cinder, olhando as roupas de Thorne e Cress de novo. – Estamos prontos?

– Se alguém responder *não* a essa pergunta – disse Jacin, aparecendo no corredor com uma careta e batendo os dedos –, eu vou sem vocês.

Cress olhou para os amigos e se deu conta de que eles se separariam. De novo. Um tremor surgiu na boca do estômago.

Ela e Thorne iam para o palácio, enquanto Cinder, Iko e Jacin tentariam salvar Winter e Scarlet e organizar as pessoas que em pouco tempo invadiriam Artemísia.

Ela não queria deixá-los. Não queria se despedir.

Mas o braço de Thorne estava em seus ombros, reconfortante e firme. Quando ele puxou a lapela com a mão livre e disse para os outros que eles estavam prontos, Cress não discutiu.



– ALI ESTÁ A ENTRADA DOS FUNDOS – DISSE JACIN, APONTANDO para quase invisível na parte de trás da clínica médica e de pesquisa, meio escondida atrás de arbustos altos. Iko se esticou

atrás dele na tentativa de ver, mas ele colocou a mão na cabeça da androide e a obrigou a se abaixar quando dois homens de jalecos brancos passaram, os dois com a atenção grudada nos tablets.

Jacin examinou o pátio mais uma vez antes de sair do esconderijo e se ocultar na sombra do prédio. Pela parede do domo, ele via a paisagem desolada de Luna se estendendo ao longe.

Ele sinalizou com os braços e Cinder e Iko o seguiram, todos se reunindo nas sombras.

A porta se abriu com facilidade; não havia motivos para se trancar portas em um prédio aberto ao público. Mas Jacin se recusou a sentir alívio. Não haveria alívio para ele até que soubesse que Winter estava salva.

Eles correram por uma passagem escura, com paredes que precisavam ser pintadas. Jacin prestou atenção, mas só ouviu uma roda gemendo e um carrinho estalando em algum corredor distante.

– Tem uma sala de manutenção ali – disse ele, apontando. – E um armário de suprimentos em cada andar. Aquela porta leva à parte principal do prédio.

– Como você sabe disso tudo? – sussurrou Cinder.

– Fui residente aqui alguns meses antes de a rainha decidir que eu seria um bom guarda.

Ele sentiu o olhar de Cinder, mas não correspondeu.

– Verdade – murmurou ela. – Você queria ser médico.

– Não importa.

Ele andou até a tela ao lado da sala de manutenção e abriu um diagrama do mapa da clínica. Alguns pontos de exclamação piscavam em áreas diferentes, com notas incluídas. *PACIENTE MR-8: DERRAMAMENTO NÃO TÓXICO NO CHÃO. LAB 13: INTERRUPTOR COM DEFEITO.*

– Aqui – disse Cinder, apontando para o quarto andar no diagrama.

PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE DOENÇAS.

Havia uma escadaria de fundos do outro lado do prédio, que ao menos os levaria ao andar certo. Jacin esperava que a equipe de pesquisa tivesse tirado o dia de folga para participar das festividades da coroação. Ele não queria mais complicações, e gostaria de evitar matar qualquer pessoa se pudesse.

Mas isso não o impediu de afrouxar a arma.

A subida até o quarto andar aconteceu sem surpresas. Jacin abriu a porta de leve e observou o corredor iluminado. Ouviu o gargarejo de tanques de água e o zumbido de computadores e o ruído constante de máquinas, mas não pessoas.

Indicando para as duas ficarem perto, ele saiu da escada. Os sapatos fizeram barulhos no piso. Ao lado de cada porta, uma tela se iluminava quando eles passavam, indicando o propósito de cada sala.

AGRICULTURA: DESENVOLVIMENTO E TESTE DE MODIFICAÇÃO GENÉTICA

MANIPULAÇÃO BIOELÉTRICA: ESTUDO Nº 11 (CONTROLE E GRUPOS 1-3)

ENGENHARIA GENÉTICA: PACIENTES CANIS LUPUS Nº 16-20

ENGENHARIA GENÉTICA: PACIENTES CANIS LUPUS Nº 21-23
ENGENHARIA GENÉTICA: ALTERAÇÃO CIRÚRGICA

– ...aumentar manufat...

Jacin parou. A voz feminina vinha de algum ponto do corredor e foi seguida de uma porta ou armário sendo fechado.

– ...ser possível sustentar... recursos...

Outra porta se abriu e houve o som de passos.

Jacin esticou a mão para a porta mais próxima, mas estava trancada. Atrás dele, Cinder testou outra maçaneta e fez cara feia quando não abriu.

– Aqui – sussurrou Iko, abrindo uma porta no corredor.

Jacin e Cinder entraram atrás dela e fecharam a porta, tomando o cuidado de não fazer barulho.

O laboratório estava vazio, ou pelo menos sem pessoas. Pessoas *conscientes*. As paredes estavam cheias de prateleiras com tanques suspensos de animação, ocupando o espaço do chão ao teto. Cada tanque zumbia e gorgolejava, com os interiores iluminados por luzes verdes suaves que faziam os corpos parecerem cadáveres congelados. A parede mais distante estava cheia de mais tanques empilhados como gavetas fechadas, criando um painel de telas e estatísticas, luzes brilhando e solas de pés.

Cinder e Iko se esconderam atrás de dois tanques. Jacin se encostou na parede para ficar escondido se a porta fosse aberta e para pegar de surpresa a pessoa que a abrisse.

A primeira voz foi respondida por outra, masculina desta vez:

– ... muito em estoque, mas seria bom se nos dessem alguma indicação de que isso ia...

Jacin inspirou quando a voz ficou mais alta, até os passos estarem em frente à porta. Mas os passos e as vozes logo sumiram na outra direção.

Iko espiou pela base do tanque, mas ele levou um dedo aos lábios. O rosto de Cinder apareceu um segundo depois, questionador.

Jacin lançou um olhar rápido para o resto do laboratório. Cada tanque de suspensão tinha um pequeno tubo que o ligava a uma fileira de recipientes. Apesar de a maioria dos tubos estar límpida, alguns estavam vermelho-escuro, com sangue fluindo lentamente.

– Que lugar é este? – sussurrou Cinder. Seu rosto estava contorcido de horror. Ela olhava para a forma inconsciente de uma criança de talvez uns poucos anos de idade.

– São cascudos – disse ele. – Ela os deixa aqui para obter um infinito suprimento de sangue, que é usado para produzir o antídoto.

Quando um cascudo nascia e era levado, as famílias recebiam a informação de que eram mortos como parte das leis de infanticídio. Anos antes, eles ficavam presos em cativeiro, em alojamentos separados onde eram vistos como pouco mais do que prisioneiros úteis. Mas um dia esses cascudos aprisionados se rebelaram, e, como não era possível controlá-los, mataram cinco taumaturgos e oito guardas reais antes de serem contidos.

Desde então, eles passaram a ser considerados ao mesmo tempo úteis e perigosos, o que levou à decisão de deixá-los em

estado de coma permanente. Eles não eram mais ameaça, e o sangue podia ser colhido mais facilmente para as plaquetas usadas no antídoto para a letumose.

Poucas pessoas sabiam que as leis de infanticídio eram falsas e que os filhos perdidos ainda estavam vivos, mesmo que por pouco.

Jacin nunca tinha estado naquela sala antes, mas sabia que existia. A realidade era mais impressionante do que ele imaginou. Ocorreu-lhe que, se tivesse se tornado médico e escapado do destino como guarda de palácio, ele poderia ter acabado no mesmo laboratório. Só que, em vez de curar pessoas, as estaria usando.

Iko tinha ido até a porta.

– Não estou ouvindo ninguém no corredor.

– Certo. É melhor a gente ir.

Cinder passou as pontas dos dedos no tanque da criança pequena, os olhos tomados de tristeza, mas também, se Jacin sabia alguma coisa sobre ela, com um toque de determinação. Ele desconfiava que ela já estava planejando o momento em que voltaria ali e libertaria todos eles.

CAPÍTULO

Sessenta e nove

AS DUAS PESSOAS QUE ELES OUVIRAM NO CORREDOR NÃO EST perto. Eles logo encontraram a porta com a identificação pesquisa e desenvolvimento de doenças, bem onde o diagrama disse que estaria.

O laboratório estava ocupado com estações designadas, cada uma com um banco, uma mesa de metal, uma série de frascos e tubos de ensaio e placas de Petri organizados, um microscópio e um gaveteiro. Impecavelmente limpo. O ar tinha gosto estéril de água sanitária. Havia nódulos holográficos pendurados na parede, todos desligados.

Duas estações mostravam evidências de trabalho recente: holofotes iluminando placas de Petri e instrumentos abandonados nas mesas.

– Separem-se – disse Cinder.

Iko foi para os armários do lado mais distante da sala; Cinder começou a mexer nas prateleiras; Jacin foi até a estação de trabalho mais próxima, lendo as gavetas marcadas. Na de cima, ele encontrou um tablet antiquado, uma impressora de etiquetas, um escâner e um kit de frascos vazios. O resto estava cheio de seringas e placas de Petri e lentes de microscópio, ainda na embalagem.

Ele foi para a segunda estação.

– É isso?

A atenção de Jacin se voltou para Iko, que estava de pé na frente de um par de armários do chão ao teto com as portas abertas, deixando à mostra fileiras e fileiras de pequenos frascos, cada um com um líquido transparente.

Jacin se juntou a ela diante dos armários e levantou um frasco da bandeja. A etiqueta dizia bactéria patogênica ue1 – “letumose” tipo b – vacina Polivalente. Era idêntica à tampa do frasco seguinte e do outro também.

Jacin passou os olhos pelas centenas de bandejas.

– Vamos pegar um carrinho da manutenção e encher com o máximo de bandejas que conseguirmos. Provavelmente não vamos precisar disso tudo para um setor, mas prefiro que esteja conosco e não com Levana.

– Eu pego o carrinho – disse Iko, correndo até a porta.

Cinder passou o dedo por uma fileira de frascos, ouvindo-os estalar nas bandejas.

– Isto aqui é metade do motivo de Kai estar indo em frente com isso – sussurrou ela, e contraiu o maxilar. – Peony poderia ter sido salva.

– Winter vai ser salva.

Quando ouviu o carrinho no corredor, Jacin começou a tirar bandejas das prateleiras, e, juntos, eles lotaram o carrinho, empilhando bandeja em cima de bandeja de antídoto. A pulsação dele estava disparada. Cada vez que fechava os olhos, ele a via naquele tanque, tentando sobreviver. Quando tempo a imersão a protegeria? Quanto tempo ele tinha?

Iko pegou um pano grosso no armário da manutenção e eles o jogaram por cima do carrinho, prendendo o tecido nas beiradas das bandejas para estabilizá-las no trajeto.

Eles estavam empurrando o carrinho para a porta quando ouviram o apito do elevador. Pararam. Jacin colocou a mão em cima dos frascos cobertos para que não estalassem.

– Você parece não entender a situação complicada em que estamos – disse uma voz feminina aguda. – Precisamos que aqueles guardas retornem à ativa imediatamente. Não me importa se estão curados ou não.

– Taumaturga – sussurrou Cinder. Seus olhos estavam fechados, o rosto tenso de concentração. – E dois... vou tentar adivinhar, criados, talvez? Ou técnicos de laboratório? E mais um. Energia muito fraca. Possivelmente, um guarda.

– Pode deixar que não me ofendi – murmurou Jacin.

– Essas ordens vieram da própria rainha e não temos tempo a desperdiçar – continuou a taumaturga. – Parem de dar desculpas e façam seu trabalho.

Sem confiar no próprio corpo com um taumaturgo perto, Jacin pegou a arma e colocou na mão de Cinder.

Ela pareceu confusa primeiro, mas a compreensão veio rápido. Sua mão apertou a arma.

Passos se aproximaram e Jacin se perguntou se a taumaturga já os tinha sentido, parados e esperando dentro do laboratório. Talvez achasse que eram só pesquisadores.

A ideia seria descartada assim que ela os visse. Se passasse pelo laboratório. Ou se estivesse *indo* para o laboratório.

Mas, não, uma porta se abriu no corredor. Ele não a ouviu fechar, e não havia outras saídas. Para pegar a escada ou o elevador, eles teriam que voltar pelo caminho que tinham percorrido.

– Será que podemos esperar? – sugeriu Iko. – Eles vão ter que ir embora alguma hora.

Ele fechou a cara. *Alguma hora* não era rápido o bastante.

– Eu controlo o guarda e os outros dois – disse Cinder, os nós dos dedos ficando brancos. – Mato a taumaturga e espero até vocês terem saído para segui-los.

– Você vai despertar um monte de alarmes – disse Jacin.

O olhar dela ficou gelado.

– Eu já despertei um monte de alarmes.

– Eu vou – disse Iko. Ela estava com o queixo erguido e o rosto determinado. – Eles não podem me controlar. Vou atraí-los e encontrar um lugar para me esconder até vocês voltarem. Vocês têm que levar esse antídoto para Sua Alteza.

– Iko, não, nós deveríamos ficar juntas...

Iko botou as mãos no rosto de Cinder. Os dedos ainda não estavam funcionando, então o toque ficou meio torto, como se ela estivesse recebendo carinho de uma boneca enorme.

– Como falei, eu faria qualquer coisa para você ficar em segurança. Além do mais, se alguma coisa acontecer comigo, eu sei que você é capaz de consertar.

Iko piscou e saiu andando de forma corajosa para o corredor. Jacin fechou a porta depois que ela passou.

Eles ouviram os passos controlados de Iko no corredor e uma pausa.

– Ah, oi – soou a voz alegre dela, seguida do som de uma cadeira sendo empurrada no chão. – Ops, eu não queria dar um susto em você.

– O quê...? – A voz da taumaturga parou no meio da frase e assumiu um tom irritado. – Uma *cascuda*?

– Quase – disse Iko. – Caso você não tenha me reconhecido, sou uma boa amiga da princesa Selene. Imagino que você já tenha ouvido...

– Prendam-na.

– Acho que já ouviu.

Houve uma correria de passos, móveis caindo, dois tiros que fizeram Cinder se encolher.

– Detenham-na! – gritou a taumaturga, mais longe agora.

Uma porta se fechou.

– Pareceu ser na escada – disse Jacin.

O maxilar de Cinder estava contraído, os músculos, rígidos, mas ela respirou fundo e empertigou os ombros.

– É melhor a gente ir antes que eles voltem.

CAPÍTULO
Setenta

CRESS FICOU ALIVIADA AO DESCOBRIR QUE ELA E THORNE NÃO únicos convidados com roupas malucas andando pelo portão do palácio horas antes da coroação. A cidade toda tinha ido participar das festividades, como se o povo não tivesse nada a temer em relação a uma possível insurgência ou às alegações malucas de uma garota ciborgue.

A entrada principal do palácio era cercada de um muro imponente com remates afiados no alto. O portão principal estava aberto, revelando um pátio exuberante. O caminho estava ladeado de uma variedade de esculturas de feras místicas e deuses e deusas da Lua parcialmente vestidos.

Ninguém olhou duas vezes para Cress e Thorne quando eles passaram pelo portão e se juntaram à multidão de aristocratas reunidos, bebendo de garrafinhas com pedras preciosas e andando entre estátuas. Com a saia laranja de Cress e a gravata-borboleta iluminada de Thorne, eles se encaixavam perfeitamente.

Tentando evitar contato visual com os outros convidados, Cress deixou o olhar passear pelas portas em arco com detalhes em dourado do palácio. Como o portão, estavam bem abertas,

chamando os convidados da rainha para entrarem, embora houvesse guardas do palácio dos dois lados.

O coração dela disparou.

Parecia que ela e Jacin tinham acabado de escapar dali.

Ela já tinha entrado no palácio umas poucas vezes quando era menor, para executar diferentes tarefas de programação para Sybil. Vivia ansiosa para agradar na época. *Você pode rastrear as chegadas e partidas entre os setores ST-5 e GM-2? Pode criar um programa que vai nos alertar quanto a expressões específicas captadas pelos gravadores nos nódulos holográficos? Pode rastrear as naves que vêm e vão dos portos, e garantir que os destinos sejam os mesmos dos itinerários nos nossos arquivos?*

A cada sucesso, Cress foi ficando mais confiante. *Acho que sim. Vou tentar. Sim, mestra, posso fazer isso.*

Isso foi quando Cress ainda tinha esperanças de um dia ser bem-vinda ali, bem antes do aprisionamento a bordo do satélite. Ela devia ter percebido quando Sybil se recusava a levá-la pela lindíssima entrada principal e a carregava escondida pelos túneis subterrâneos, como uma coisa vergonhosa e secreta.

Pelo menos desta vez ela estava entrando no palácio ao lado de um aliado e amigo. Se havia alguém na galáxia em quem confiava, esse alguém era Thorne.

Como se tivesse escutado esses pensamentos, Thorne apertou as mãos na lombar dela.

– Finja que é daqui – murmurou ele no ouvido dela. – E todo mundo vai acreditar.

Finja que é daqui.

Ela soltou o ar lentamente e tentou imitar o gíngado de Thorne. Fingir. Ela era boa em fingir.

Naquele dia, era uma aristocrata lunar. Era convidada de Sua Majestade Real. Estava de braços dados com o homem mais bonito que já tinha visto, um homem que não precisava nem usar glamour. Mas o mais importante...

– Sou um gênio do crime – sussurrou ela. – E estou aqui para derrubar o regime.

Thorne sorriu para ela.

– Essa fala é minha.

– Eu sei – disse ela. – Eu roubei.

Thorne riu e se posicionou estrategicamente atrás de um grupo de lunares, perto o bastante para eles parecerem ser parte do grupo, e subiram pela escada de pedra branca. A porta foi ficando cada vez maior enquanto entravam na sombra do palácio. A falação do pátio foi substituída pelo eco do piso de pedra e pelas gargalhadas ressoantes de pessoas sem nada a temer.

Ela e Thorne estavam dentro do palácio. Pelo que percebia, os guardas nem olharam para eles.

Cress soltou o ar, mas a respiração entalou de novo quando ela percebeu a extravagância.

Mais aristocratas se reuniam em grupos na grande entrada, se servindo de bandejas de comida que flutuavam nas cubas de piscinas azuis cristalinas. Em toda a parte, havia colunas douradas e estátuas de mármore e arranjos de flores com o dobro da altura dela. O mais impressionante de tudo era uma estátua no centro do corredor, com a imagem da antiga deusa da lua, Ártemis.

Tinha três andares de altura e exibia a deusa usando uma coroa de espinhos no alto da cabeça e segurando um arco, com a flecha apontando para o céu.

– Bom dia – disse um homem, se adiantando para cumprimentá-los. Thorne afundou os dedos nas costas de Cress.

O homem usava o uniforme de um criado de alto ranking, mas o cabelo com *dreadlocks* estava pintado de um verde variado: clarinho nas raízes e esmeralda nas pontas. Apesar de Cress estar alerta, esperando desconfiança ou repulsa, o rosto do homem era pura jovialidade. Talvez servos, como os guardas, fossem escolhidos por terem pouco talento com o dom, e ele não sentia que Cress não passava de uma cascuda.

Ela só podia ter esperanças.

– Estamos felizes por vocês terem vindo para participar das festividades nesse dia tão celebrado – disse o homem. – Aproveitem as comodidades que nossa generosa rainha oferece a seus convidados. – Ele fez um gesto para a esquerda. – Nesta ala, vocês vão apreciar o jardim, cheio de animais albinos exóticos, ou ouvir uma variedade de apresentações musicais que vão acontecer no grande teatro ao longo do dia. – Ele levantou o braço direito. – Aqui há uma variedade de salas de jogos, caso queiram testar sua sorte, além de nossas famosas salas de companhia... *não* que o cavalheiro esteja precisando de mais companhia. É claro que uma variedade de bebidas está disponível por todo o palácio. A cerimônia de coroação vai começar no nascer do sol, e pedimos que todos os convidados sigam para o grande salão meia hora antes. Para a segurança dos convidados, não vai haver acesso aos corredores quando a coroação

começar. Se precisarem de qualquer outra coisa para tornar seu dia mais agradável, falem comigo ou com qualquer outro cortesão.

Com uma inclinação de cabeça, ele foi receber outro convidado.

– O que você acha que ele quis dizer com “salas de companhia”? – perguntou Thorne.

Quando Cress o olhou de cara feia, ele se empertigou e passou o dedo entre o pescoço e a gola da camisa.

– Não que eu esteja tentando a... ou... por aqui, certo?

– Vocês dois parecem perdidos – ronronou alguém.

Thorne se virou e empurrou Cress para trás de si. Um homem e uma mulher estavam não muito longe, olhando para Thorne como se ele estivesse em exibição na vitrine de uma loja de doces. Os dois usavam roupas cheias de strass.

O homem baixou um par de óculos de armação grossa até a ponta do nariz, e passou o olhar por Thorne da cabeça aos pés, e de volta até o rosto.

– Podemos ajudar você a encontrar o caminho?

Thorne foi rápido em abrir seu sorriso característico.

– Lisonjeado, moças – ronronou ele em resposta.

Cress franziu a testa, mas, ao se dar conta de que o homem devia ter usado glamour para parecer mulher, obrigou o rosto a assumir uma expressão de indiferença. Ela não poderia deixar ninguém saber que não era afetada por controle mental.

– Estamos em uma missão secreta agora – disse Thorne. – Mas vamos ficar de olho em vocês na coroação.

– Aah, uma missão secreta – comentou a mulher com entusiasmo, roendo a unha do dedo mindinho. – Vou querer ouvir *essa* história depois.

Thorne piscou.

– Eu vou querer contar.

Ele passou o braço pelo ombro de Cress e a afastou do casal. Quando estavam longe o bastante para ter certeza de que não seria ouvido, Thorne soltou um assovio baixo.

– Caramba. As mulheres deste lugar.

Cress se irritou.

– Você quer dizer os *glamoures* deste lugar. Uma delas era homem.

Thorne tropeçou e olhou para ela.

– Não me diga. Qual?

– Hã...a de óculos.

Ele olhou para trás em busca do casal no meio da multidão.

– Muito bem, lunares – murmurou ele, impressionado. Olhou para a frente de novo. – Jacin falou para entrarmos no terceiro corredor, certo? – Ele a puxou para um corredor curvo, onde janelas do chão ao teto ofereciam uma vista de tirar o fôlego do jardim da frente.

– Tente lembrar que eles podem alterar a aparência como quiserem – disse Cress. – Ninguém neste palácio é tão bonito quanto você pensa. É só controle mental.

Thorne sorriu e a apertou contra o corpo.

– Tenho certeza de que tem pelo menos uma exceção a essa regra.

Cress revirou os olhos.

– É. Os taumaturgos.

Ele riu e baixou o braço, e ela não entendeu direito qual foi a graça.

Eles passaram por um grupo de rapazes, e Cress os viu, impressionada, cambalearem pelo corredor. Um deles abriu uma porta de vidro e foi para a beira do lago e para o amplo jardim. Quase caiu da escadaria que levava ao gramado.

Balançando a cabeça, Cress olhou para a frente de novo e percebeu que estava sozinha.

Todos os músculos se contraíram quando ela se virou e ficou aliviada ao ver Thorne a alguns passos. Mas não ao ver que ele foi abordado por outra garota, que era bem bonita até aos olhos impossíveis de enganar de Cress. Ela estava sorrindo para Thorne pelos longos cílios, de uma forma ao mesmo tempo provocante e maligna.

Já Thorne só parecia surpreso.

– Pensei ter sentido um garoto terráqueo – disse a garota. Ela levantou a mão e tocou nas luzes da gravata-borboleta de Thorne, depois desceu o dedo pelo peito dele. – E um tão bem-vestido assim. Que achado!

Com a pulsação disparada, Cress observou o corredor. A multidão estava começando a ir na direção do salão, mas muitos convidados ainda estavam parados ou andando devagar, sem pressa aparente. Ninguém estava prestando atenção neles. Aquela mulher também parecia só ter olhos para Thorne. Cress pensou sobre uma forma de afastá-lo dali sem levantar desconfianças nem atrair atenção.

Então, a mulher passou os braços pelo pescoço de Thorne e todos os pensamentos sumiram da cabeça de Cress. Estupefato, Thorne não ofereceu resistência quando ela o puxou para um beijo.

CAPÍTULO

Setenta e um

A COLUNA DE CRESS SE ENRIJECEU DE INDIGNAÇÃO, AO MESMO TEMPO um grupo de mulheres lunares conversava ali perto.

– Bom olho, Luisa – disse uma delas, seguida de outra.

– Se você vir mais algum terráqueo bonito como esse, mande para cá!

Nem Thorne nem Luisa pareceram ouvir. Na verdade, enquanto Cress olhava, perplexa, Thorne passou os braços ao redor do corpo de Luisa e a puxou para perto.

Cress contraiu os punhos, os ombros, o corpo todo. Estava apavorada. Depois, ficou irritada. Em seguida, a lógica começou a tomar conta, e ela percebeu que, enquanto só deviam estar brincando com Thorne, não seriam tão gentis com ela se percebessem que era imune aos glamoures e manipulações.

Tremendo de desprezo, Cress recuou até uma alcova atrás de um pilar. Lá, esperou, com os braços cruzados e fagulhas vermelhas nos olhos enquanto Thorne beijava a garota.

E beijava.

E *beijava*.

As unhas de Cress tinham deixado marcas dolorosas na pele da mão quando eles, enfim, se separaram.

Luisa bateu os cílios, sem fôlego.

– Você está querendo isso tem um tempo, não é?

Cress revirou os olhos.

E Thorne disse...

Thorne disse...

– Acho que amo você.

Um prego perfurou o coração de Cress, e ela ofegou, *ofegou* de verdade por causa da dor. O queixo caiu, mas ela fechou a boca depressa. E o ferimento no peito logo se encheu de ressentimento.

Se ela tivesse que vê-lo ficar suspirando por mais alguém, iria gritar. Como era possível que *ela* fosse a única garota da galáxia que ele não tentava seduzir e paquerar?

Bem, ele a tinha beijado uma vez no telhado, mas foi como um favor, e nem contava.

Ela recuou na alcova, cheia de raiva, mas também magoada. Era isso, então. Ele nunca a desejaria, não como aquelas outras garotas que chamavam a atenção dele. Cress teria que aceitar o fato de que o beijo deles, o momento mais apaixonado e romântico da vida dela, não passou de um gesto de pena.

– Ah, você não é um *fofo*? – disse a mulher. – E também nem beija mal. Talvez possamos desfrutar um pouco mais da companhia um do outro mais tarde. – Sem esperar resposta, ela deu um tapinha no peito de Thorne e piscou, depois saiu andando pelo corredor.

As mulherezinhas que estavam assistindo também saíram andando, deixando Thorne no meio do corredor, perplexo. As bochechas estavam vermelhas; os olhos, escuros com o que Cress

supôs que fosse desejo; e o cabelo, desganhado onde Luisa enfiou as mãos.

Luisa. Que ele *amava*.

Cress apertou os braços sobre o peito.

Depois de um longo minuto atordado, Thorne afastou os efeitos da manipulação e olhou ao redor, fazendo um círculo completo. A mão ajeitou o cabelo.

– Cress? – perguntou ele, não muito alto no começo, mas com preocupação crescente. – Cress!

– Estou aqui.

Ele se virou para ela, e seu corpo tremeu de alívio.

– Espadas. Desculpe. Não sei o que acontece. Aquilo foi...

– Não quero saber. – Ela se afastou da parede e saiu andando pelo corredor.

Thorne correu atrás dela.

– Opa, ei, espere. Você está com raiva?

– Por que eu estaria com raiva? – Ela balançou as mãos em um gesto amplo. – Você tem o direito de flertar e beijar e proclamar seu amor por quem quiser. E isso é bom, porque é o que você *faz*. O tempo todo.

Thorne acompanhou o ritmo dela com facilidade, o que a irritou ainda mais, considerando que já estava sem fôlego por andar tão rápido.

– Então... – disse Thorne, seu tom provocante. – Você está com ciúmes?

Cress se irritou.

– Você percebe que ela só queria rir às suas custas, não é?

Ele riu, irritantemente bem-humorado, ao passo que Cress estava tão furiosa.

– É, percebo isso *agora*. Cress, espere. – Thorne segurou o cotovelo dela e a obrigou a parar. – Sei que eles não conseguem fazer isso com você, mas o resto de nós não pode *escolher* não ser controlado. Ela me manipulou. Não foi culpa minha.

– E imagino que você vá dizer que não gostou.

Ele abriu a boca, mas hesitou.

– Er. Bem...

Cress soltou o braço da mão dele.

– Sei que não foi culpa sua. Mas isso não justifica *todo o resto*. Quer dizer, veja lko!

– O que tem lko?

Ela engrossou a voz para imitar a de Thorne:

– *Eu sei mesmo escolher, não sei?*

Ele riu, e seus olhos brilharam em resposta ao deboche dela.

– Mas é verdade, não é? O corpo novo dela é lindo.

Cress fixou um momento de raiva intensa nele.

– Isso não foi a coisa certa a dizer. Desculpe. Mas eu tinha acabado de recuperar a visão.

– É, e só queria olhar para *ela*.

Thorne piscou, e uma compreensão repentina surgiu em seus olhos, mas Cress saiu andando antes que ele respondesse.

– Não importa. Vamos só...

– Com licença.

Um guarda do palácio bloqueou o caminho com um braço esticado, fazendo Cress parar na hora. Ela levou um susto e recuou até Thorne, que agarrou seu cotovelo. A boca de Cress

ficou seca. Estava tão irritada que não reparou nos dois guardas posicionados no corredor.

– Estamos pedindo que todos os convidados sigam para o salão, para que a cerimônia de coroação comece sem atraso. – O guarda indicou a direção de onde eles tinham vindo. – Por favor, sigam por ali.

O coração de Cress estava disparado, mas Thorne, sempre calmo, a afastou com um sorriso casual.

– Claro, obrigado. Acho que nos perdemos.

Assim que dobraram uma esquina, Cress puxou o braço da mão de Thorne. Ele se afastou sem discutir. Os dois estavam em um corredor mais tranquilo do que o principal, embora ainda houvesse alguns convidados caminhando por ali.

– Pare aqui – disse Thorne, e ela parou e deixou que ele a encostasse na parede. Ele parou perto demais dela, e para qualquer pessoa pareceria que estavam tendo uma conversa íntima, o que só serviu para irritar Cress ainda mais. Ela apertou os punhos e olhou com determinação para o ombro dele.

Thorne suspirou.

– Cress. Sei que está chateada, mas você pode fingir não estar por um segundo?

Ela fechou os olhos e respirou fundo. Não estava chateada. Não estava magoada. Não estava de coração partido.

Quando abriu os olhos, ela transformou a expressão no que esperava parecer um alegre flerte.

Thorne levantou uma das sobrancelhas.

– Isso é incomum.

Mas a voz dela ainda parecia sentida quando falou:

– Eu também sou garota, sabe. Posso não ser bonita como Iko nem corajosa como Cinder nem ousada como Scarlet...

– Espere, Cress...

– E eu nem quero saber que idiotice você disse quando viu a princesa Winter pela primeira vez.

Thorne fechou a boca, confirmando a desconfiança dela de que tinha dito uma coisa bem idiota.

– Mas eu não sou invisível! E você flerta com *todas* elas. Você flerta com qualquer pessoa que *olha* para você.

– Você já deixou isso claro. – O brilho provocativo no olhar dele sumiu, e o sorriso forçado de Cress também. Apesar de ele manter uma das mãos perto do quadril dela, parou de tocá-la.

– Era isso que você estava tentando me dizer, não era? – A voz dela tremeu. – No deserto. Quando ficou falando que sou muito *fofa* e que você não queria me magoar e... Você estava tentando me avisar, mas eu fui... ingênua e romântica demais para prestar atenção em você.

O olhar dele se suavizou.

– Eu não queria magoar você.

Ela cruzou os braços, na defensiva. Lágrimas borravam sua visão.

– Eu sei. É culpa minha de ter sido tão burra.

Thorne se encolheu, mas o movimento veio acompanhado de um olhar ao redor, o que fez Cress imitar o gesto e limpar os olhos antes que as lágrimas se acumulassem. O corredor estava quase vazio, e os poucos convidados que restavam não estavam olhando na direção deles.

Thorne esticou a mão ao redor de Cress e abriu uma porta na qual ela nem tinha reparado. Em um segundo, levou-a para dentro. Ela cambaleou pela rapidez do movimento e se equilibrou em um suporte de planta ao lado da porta. Eles estavam cercados de flores e vegetação de todas as cores imagináveis, o denso perfume fervendo na garganta dela. O teto era muito alto e feito do mesmo vidro emoldurado por chumbo das janelas do corredor principal. Havia sofás e poltronas de leitura em pequenos agrupamentos por toda a sala, e, bem à frente, viram uma série de mesas com vista para o lago.

– Que bom – disse Thorne. – Eu achei que me lembrava de ter visto alguma coisa relacionada a um átrio. Vamos esperar aqui até os corredores ficarem vazios. Espero que a gente consiga entrar em um dos corredores de criados e evitar mais encontros com guardas por um tempo.

Cress encheu os pulmões até quase explodirem e soltou o ar, mas a respiração não a refrescou. Ela entrou no local e abriu um espaço necessário em relação a Thorne.

Ela era uma idiota. Ele nunca deu qualquer indicação de que um relacionamento verdadeiro poderia estar no futuro deles. Deu todas as chances para ela se acostumar a esse fato. Mas, apesar de todas as tentativas de dissuadi-la de se apaixonar, o coração de Cress ainda estava em pedaços.

O que era pior: um beijo de lunar, logo isso, o partiu, e Thorne não poderia levar a culpa .

– Cress... escute...

Ele roçou o pulso dela com os dedos, mas ela se afastou.

– Não. Desculpe. Não foi justo da minha parte. Eu não deveria ter dito nada.

Ela limpou o nariz com o tecido fino da asa da roupa ridícula.

Thorne suspirou, e, com o canto do olho, ela o viu passar a mão pelo cabelo. Sentia o olhar dele em sua nuca, então se virou e fingiu observar uma enorme flor roxa.

Ele sabia, claro. Ela revelou todos os seus sentimentos; deveria ter revelado bem antes, mas ele estava preocupado demais com *magoá-la* para deixar claro que sabia.

Ela percebeu que ele queria falar mais. Sentia palavras não ditas pairando no ar entre os dois, sufocando-a. Ele pediria desculpas. Diria o quanto gostava dela... como amigo. Como integrante da tripulação.

Ela não queria ouvir. Não naquele momento. *Nunca*, mas principalmente não naquele momento, quando havia assuntos mais importantes a serem resolvidos.

– Quanto tempo vamos esperar aqui? – perguntou ela, e, apesar de a voz estar tomada de emoção, tinha parado de tremer.

Ela ouviu um movimento e um clique baixo de tablet.

– Mais alguns minutos, só para ter certeza de que já levaram os convidados mais lentos.

Ela assentiu.

Um segundo depois, ela ouviu outro suspiro.

– Cress?

Ela balançou a cabeça. As bolinhas das antenas balançaram no canto dos olhos... ela tinha esquecido que as estava usando. Cress ousou olhar para ele, e torceu para seu rosto não demonstrar a infelicidade que sentia.

– Estou bem. Só não quero falar sobre isso.

Thorne tinha se encostado na porta fechada, as mãos enfiadas nos bolsos. A expressão estava agitada. Parecia vergonha, talvez, misturada com dúvida e nervosismo, e uma coisa misteriosa e impetuosa que fez os dedos dos pés dela formigarem.

Ele olhou para ela por um longo momento.

– Tudo bem – disse ele por fim. – Eu também não quero falar sobre isso.

Ela começou a assentir, mas ficou surpresa quando Thorne se afastou da porta. Cress piscou e cambaleou para trás, assustada com o movimento repentino. Três, quatro passos. A parte de trás das coxas bateu em uma das mesas.

– Quê...?

Em um movimento, Thorne a colocou em cima da mesa e a encostou no vaso de uma enorme samambaia e... *ah*.

Cress tinha desenvolvido mil fantasias ao redor do beijo no telhado, mas *aquela* beijo foi completamente novo.

Enquanto antes o beijo fora delicado e protetor, agora havia algo de paixão. Determinação. O corpo de Cress se dissolveu em sensações. As mãos dele queimaram a cintura dela pelo tecido fino da saia. Os joelhos dela apertaram os quadris dele, e Thorne a puxou para mais perto, cada vez mais, como se não fosse possível aproximar-se dela o bastante. Um choramingo escapou da boca de Cress, mas foi engolido pela dele. Ela ouviu um gemido, mas poderia ter saído de qualquer um dos dois.

E, enquanto no telhado o beijo tinha sido interrompido pela batalha que acontecia ao redor, esse beijo continuou mais e mais e mais...

Por fim, quando Cress estava começando a achar que ia desmaiar, o beijo foi interrompido com uma inspiração intensa. Cress tremia e torcia para não ser recolocada de pé e informada de que estava na hora de trabalhar, porque duvidava ser capaz de dar dois passos e, menos ainda, de chegar ao outro lado do palácio.

Thorne não se afastou. Ele só passou os braços pelas costas dela, e ali estava a proteção delicada da qual ela se lembrava. A respiração dele estava tão errática quanto a dela.

– *Cress.*

Ele disse o nome dela como uma promessa.

Cress tremeu. Lambendo os lábios macios, ela forçou as mãos a descerem do cabelo e as levou até o peito dele.

Então, obrigou-se a se afastar.

Não o bastante para sair do abraço, mas para respirar e pensar e se preparar para a vida de arrependimento que estava prestes a gerar para si.

– Isso... – A voz dela falhou. Ela tentou de novo. – Não era isso que eu queria.

Thorne demorou um momento, mas seu olhar atordoadado endureceu, e ele se afastou ainda mais.

– Quer dizer, é – consertou ela. – Obviamente, é.

O alívio dele foi óbvio e aqueceu cada centímetro do corpo dela. O sorriso rápido e provocativo falava muito. Claro que era aquilo que ela queria. *Claro.*

– Mas... não ser só mais uma garota – disse ela. – Eu nunca quis ser só mais uma das suas garotas.

O sorriso sumiu de novo.

– Cress... – Ele pareceu dividido, mas também esperançoso e desprotegido. Respirou fundo. – Ela parecia você.

Ela não tinha percebido que estava encarando a boca de Thorne até afastar seus olhos para fitar os dele.

– O quê?

– A garota no corredor, a que me beijou. Ela parecia você.

O beijo com a garota lunar parecia ter acontecido séculos antes. A lembrança causou uma onda de ciúmes, mas Cress fez o melhor possível para sufocá-la.

– Isso é ridículo. Ela era morena e alta e...

– Não para mim. – Thorne prendeu uma mecha do cabelo de Cress atrás da orelha – Ela deve ter nos visto andando juntos. Talvez tenha visto como você era. Não sei, mas ela sabia... ela fez o glamour se parecer com você.

Com os lábios abertos, Cress se visualizou escondida naquela alcova de novo. Vendo a expressão de perplexidade de Thorne. De desejo. O jeito como ele a beijou e abraçou e...

– Eu pensei que estivesse beijando você – confirmou ele, roçando os lábios nos dela de novo. E de novo. Os dedos de Cress se fecharam na lapela dele, e ela o puxou para perto.

Mas não durou muito, pois outra lembrança lhe ocorreu.

Ela se afastou.

– Mas... você disse que a amava.

A expressão dele ficou paralisada, e o desejo abriu caminho para o alarme. Eles ficaram parados naquele momento por uma eternidade.

Finalmente, Thorne engoliu em seco.

– Certo. Aquilo. – Ele deu de ombros. – Quer dizer, eu estava...
nós estávamos...

Antes que terminasse, a porta se abriu atrás dele.

CAPÍTULO

Setenta e dois

OS DOIS FICARAM IMÓVEIS.

Com o maxilar contraído, Thorne sussurrou:

– Continuamos depois?

Ela assentiu e teve dificuldade de lembrar onde estavam.

Thorne se virou para a porta com o corpo protegendo Cress de quem tinha entrado. Espiando por trás do cotovelo dele, ela teve um vislumbre de um guarda do palácio delineado pela luz do corredor.

O guarda estava de cara feia quando levantou um dispositivo até o rosto.

– Só dois convidados – disse ele com voz mal-humorada. Ele apontou com o queixo para Thorne e Cress. – Preciso pedir que vocês saiam daqui. Todos os corredores e espaços públicos precisam ser esvaziados antes do começo da cerimônia.

Thorne limpou a garganta, puxou o paletó e ajustou a gravata-borboleta.

– Desculpe. Acho que nós... nos empolgamos aqui.

Cress tirou uma folha de samambaia da manga de Thorne. Suas bochechas ardiam de calor, em parte por vergonha, mas principalmente pela lembrança dos braços dele nos dela, dos beijos, da realidade enevoadada dos últimos minutos.

– Nós vamos sair daqui, então.

Thorne segurou o chapéu de antenas de inseto que fora parar no chão e entregou para Cress, depois a ajudou a descer da mesa.

As mãos trêmulas tiveram dificuldade para prender as antenas na cabeça novamente.

– Obrigado por nos deixarem usar o local – disse Thorne para o guarda, piscando, enquanto eles seguiam pelo corredor. Ele só permitiu uma falha na postura quando o guarda ficou para trás. Thorne soltou o ar lentamente.

– Tente agir de forma natural.

As palavras ecoaram na cabeça de Cress por um longo momento antes de ela compreendê-las. Agir de forma natural? Agir de forma *natural*? Quando suas pernas eram feitas de macarrão e o coração estava prestes a explodir para fora do peito e ele disse que a *amava*, pelo menos de certa forma? Qual era o significado de agir com naturalidade? Quando na vida ela soube agir de forma natural?

Ela começou a rir. Uma risada sufocada no começo, seguida de uma onda de risadinhas subindo pela garganta, até ela estar curvada com dificuldade de andar reto. As gargalhadas quase a sufocaram.

Thorne manteve o braço ao redor da cintura dela.

– Não era bem isso que eu tinha em mente – murmurou ele. – Mas é meio encantador mesmo assim.

– Desculpe. – Ela engasgou com as palavras, tossiu um pouco e tentou modelar o rosto para parecer *natural*, mas outro ataque de risadinhas roncava na barriga, deixando o peito em espasmos. Ela se curvou de novo.

– Hã. Cress. Você é adorável, mas preciso que se concentre por um segundo. Tivemos sorte por aquele guarda não ter nos reconhecido, mas se ele...

– Ei! Parem!

Thorne falou um palavrão.

As gargalhadas de Cress soaram cheias de pânico.

– Corra!

Ela correu, segurando a mão de Thorne. Eles dobraram uma esquina e depois outra. Ele os levou até uma alcova discreta com uma portinha e a empurrou por ali, chegando aos corredores dos criados.

– Esquerda! – ordenou ele, puxando a porta e pegando uma bandeja que fora deixada no corredor.

Ele a colocou no caminho enquanto Cress corria por prateleiras de suprimentos e equipamento de manutenção, armários de depósito e esculturas quebradas. Thorne a alcançou com facilidade e já tinha tirado a arma da jaqueta.

– Ainda está com aquele chip?

Ela encostou a mão no corpete e encontrou o pequeno chip com o vídeo de Cinder encostado na pele. Cress assentiu, correndo rápido demais para falar.

– Que bom.

Sem aviso, Thorne se jogou em cima de Cress e a levou para trás de uma roda enorme de fios elétricos. Ela se chocou com força na parede, ofegante.

– Dois corredores atrás tinha um elevador – disse ele. – Encontre um lugar para se esconder e vá para o centro de segurança. Eu vou distraí-los e volto para encontrar você.

Cress começou a balançar a cabeça.

– Não. Você não pode me deixar de novo. Não consigo fazer isso sem você.

– Claro que consegue. Não vai ser tão divertido, mas você consegue.

Passos soaram ao longe. Ela deu um gritinho.

– Eu vou encontrar você – sussurrou Thorne. Ele deu um beijo rápido na boca de Cress, e colocou a mão dela ao redor de uma coisa pesada e quente. – Seja heroica.

Ele saiu correndo de novo na hora em que ela ouviu passos os alcançando.

– Ali! – gritou alguém.

Thorne desapareceu, dobrando uma esquina.

Cress olhou para a arma que ele lhe deu. Aquela coisa pequena, tão sólida em sua mão, a apavorava ainda mais do que os guardas. Ela queria colocá-la no chão e se afastar.

Mas o que fez foi se encostar nos fios elétricos e tirar o dedo do gatilho, onde havia ido parar por instinto. É como um computador, disse a si mesma. *Os computadores só fazem o que a gente manda. A arma só vai disparar se o gatilho for apertado.*

Não era particularmente reconfortante.

Dois guardas passaram direto e nem olharam na direção dela.

Ela pensou em ficar onde estava, por mais exposto que o local fosse. Estava tremendo da cabeça aos pés, e cada fibra do corpo lhe dizia que se mover seria o mesmo que ser pega.

Mas a lógica dizia que o corpo estava mentindo. Eles voltariam. Enviariam reforços. Ela seria vista.

Disparos distantes a fizeram pular e entrar em ação. Os tiros foram seguidos de grunhidos e pelo barulho de uma luta.

Cress saiu do canto e voltou pela direção que ela e Thorne tinham vindo. Dois corredores antes, ele tinha dito. Havia um elevador.

Ela seguiu em silêncio desta vez, apertando com a mão a físgada na lateral do corpo. Passou por um corredor e ouviu mais passos, mas não identificou de que direção estavam vindo. Ela parou, observou as redondezas e abriu um dos armários de depósito.

Havia rolos de tecido decorativo de pé, muito mais altos do que ela, todos luxuosos e cintilantes em tons metálicos e de pedras preciosas.

Cress entrou e espremeu o corpo no espaço criado pelos rolos que caíram para o lado. Fechou a porta e colocou a arma no chão do armário. Teve o cuidado de botar o cano virado para longe dela.

Os passos foram ficando mais altos, e ela teve certeza de que tinha sido vista, mas ninguém gritou.

Até que...

– *Pare!*

Outro tiro, seguido de um grunhido instantâneo e de um corpo caindo no chão. Pareceu próximo. Cress apertou bem os olhos e encostou o queixo nos joelhos. *Thorne não. Por favor, Thorne não.*

Um suspiro pesado foi seguido de uma voz masculina tranquilizadora.

– Tudo isso por causa de um terráqueo incômodo? Vocês, guardas, são patéticos.

Cress apertou a mão na boca para que nenhum som escapasse. Ela olhou para a escuridão, tentando silenciar a respiração, embora tivesse medo de desmaiar se não respirasse direito em breve.

Alguém grunhiu. Não muito longe de onde ela estava escondida.

– Ele é definitivamente um dos aliados da ciborgue. A pergunta é: o que você está fazendo no palácio?

Um momento, e a voz de Thorne.

– Só estava beijando minha garota – disse ele, ofegando um pouco. Cress contraiu todo o rosto e o enterrou nos joelhos, sufocando o choro. – Eu não sabia que era... crime aqui.

O homem não pareceu achar graça.

– Onde está a garota que estava com você?

– Acho que fugiu de medo de você.

Outro suspiro.

– Não temos tempo para isso. Coloque-o em uma cela, vamos lidar com ele depois da coroação. Tenho certeza de que vai ser um ótimo bichinho terráqueo para uma das famílias. E vamos continuar procurando a garota; alertem-me assim que a encontrarem. Aumentem a segurança ao redor do salão. Eles estão tramando alguma coisa, e Sua Majestade vai nos matar se a cerimônia for interrompida.

Houve um baque e outro grunhido. Cress se encolheu, e sua cabeça se encheu com pensamentos de todas as coisas que eles

poderiam ter feito com Thorne para provocar aquele grunhido, todas as coisas que ainda poderiam fazer com ele.

Ela mordeu o lábio até sentir gosto de sangue, e só a dor a impediu de chorar enquanto os ouvia arrastando-o para longe.

CAPÍTULO

Setenta e três

– **JACIN– O TOM DE CINDER FOI CARREGADO DE ALERTA. –** IKC sacrificou para você bater numa cratera e nós dois morrermos.

– Calma. Eu sei o que estou fazendo – respondeu ele, fingindo estar calmo enquanto seu coração batia disparado no peito.

– Pensei que você tivesse dito que nunca pilotou um desses antes.

– E não pilotei mesmo. – Ele se inclinou de repente, e o deslizador de superfície virou para a esquerda, veloz e suave.

Cinder ofegou e esticou a mão para alcançar uma barra acima. Um sibilar de dor escapou em seguida, provavelmente o ferimento no ombro doendo de novo, mas ela não disse nada, e Jacin não diminuiu a velocidade.

O veículo era de longe o mais engenhoso que Jacin já tinha pilotado. Era pouco mais do que um brinquedo perigoso de algum artemisiano rico e pairava perto da superfície pedregosa e irregular de Luna, voando tão rápido que o chão branco virou um borrão embaixo deles. O teto era transparente, dando a impressão de que estavam lá fora no terreno sem ar, em vez de dentro de um veículo protegido.

Se bem que *protegido* era uma palavra subjetiva. Jacin tinha a sensação de que, se raspasse em alguma pedra, aquela coisa se

desmancharia ao redor deles como uma lata de alumínio.

Talvez fosse mesmo de alumínio.

Eles decolaram de um penhasco, e o deslizador entrou no modo antigravidade, mantendo-os em uma trajetória suave por cima da cratera, para depois descer do outro lado e continuar como se nada tivesse acontecido. O estômago de Jacin deu um nó, resultado tanto da alta velocidade quanto do fato de ele não ter se ajustado à falta de peso fora dos domos com gravidade controlada.

– Só uma observação – disse Cinder, entredentes –, mas temos *muitos* frascos frágeis e importantes na parte de trás dessa coisa. Acho que a gente não quer bater.

– Nós estamos bem.

Ele voltou a atenção para o mapa holográfico acima dos controles. Em qualquer outro dia, isso seria um jogo ousado, mas, naquele, eles tinham uma missão. Cada cantinho do deslizador estava cheio de frascos de antídoto, e cada momento que passava significava que as pessoas estavam morrendo.

E uma delas era Winter.

Um domo apareceu no horizonte. Mesmo de onde estava, ele via as linhas dos troncos das árvores de um lado e os tocos cortados do outro.

Jacin manobrou o deslizador ao redor de uma série de formações rochosas irregulares. Cinder ajustou o hológrafo e reposicionou o mapa para que Jacin visse melhor a rota para o destino deles. A maioria dos domos estava amontoada em grupos, primeiro porque foi mais fácil construir assim quando Luna estava sendo colonizada, e também para que se compartilhassem

portos que os ligavam ao exterior de Luna e permitiam entregas de suprimentos independentemente do sistema de transporte subterrâneo.

O vazio da paisagem enganava a noção de distância. Parecia que horas tinham transcorrido desde que o setor madeireiro apareceu, e cada momento que passava aumentava a ansiedade de Jacin. Ele ficava vendo aqueles soldados carregando o tanque suspenso de animação como se carregassem um caixão. Tentou dizer para si mesmo que não era tarde demais. Eles só colocaram Winter no tanque porque acreditavam que havia uma chance de salvá-la. O tanque tinha que desacelerar a doença para que ela ficasse em segurança até ele chegar lá. *Tinha que.*

– Opa, opa, *opa... parede!* – gritou Cinder, se preparando para o impacto.

Jacin desviou no último momento, virando o deslizador de lado enquanto contornava a curva externa do domo. O hológrafo ampliou o destino deles; a entrada da doca tremeu no canto da visão de Jacin, que calculou o tempo. *Ajeite a nave, reduza a propulsão, acione os flutuadores.* Ele foi jogado para a frente, preso pelo cinto, e o deslizador foi indo mais devagar.

E mais.

E mais.

E caiu. Uma pedra despencando de um penhasco.

Cinder deu um gritinho.

O domo e a paisagem rochosa desapareceram quando paredes escuras de caverna os cercaram. Jacin reativou a energia automática, e a descida deles passou de mortal a gradual, levando-os a uma flutuação firme e controlada. Uma pista de

pouso iluminada e uma câmara se abriram à frente deles, e Jacin levou o deslizador para dentro.

– Nunca mais entro em um veículo com você – disse Cinder, ofegante.

Jacin a ignorou, ainda com os nervos eletrizados, e não por causa da queda. Atrás deles, a porta da câmara se fechou e outra porta se abriu, uma fera de ferro enorme. Jacin levou o deslizador à frente, aliviado por não haver sinal de algo que poderia impedi-los.

O mapa holográfico mudou da disposição exterior de Luna para um mapa do porto e dos setores ao redor. Jacin segurou os controles de voo e traçou mentalmente a rota até a clínica onde Winter estava esperando.

Era ali que eles tinham que sair e fazer o resto do caminho a pé, levando o máximo de bandejas de antídoto que pudessem para os setores.

Afastando o olhar das coordenadas, ele espiou a escada de evacuação de emergência que levava à superfície. Um sinal indicava os domos mais próximos. EM-12 era o terceiro da lista e tinha até uma seta indicando que escada os levaria até lá.

Jacin calculou. Seu polegar acariciou o botão de energia.

– Jacin – disse Cinder, acompanhando o olhar dele. – Acho que não podemos...

O aviso dela se mesclou com um grito.

Ela estava errada. O deslizador de superfície *cabia* na escada, e ele só raspou nas paredes algumas vezes enquanto eles subiam e emergiam embaixo do biodomo EM-12. Quando ele ajustou o

veículo, Cinder estava encolhida no assento do copiloto, com uma das mãos cobrindo os olhos e a outra apertando a barra.

– Chegamos – disse ele, ajeitando o hológrafo de novo. A imagem os guiou embaixo da copa de árvores na direção da área mais próxima do domo, onde uma única rua de residências e lojas de suprimentos envolvia a floresta.

Ele reparou primeiro na diminuição do volume de árvores, depois nas formas chocantes das pessoas.

Muitas pessoas.

Uma multidão estava reunida na beirada da floresta. Todas as pessoas olhavam para o deslizador de superfície amarelo-néon emergindo da floresta tranquila. A multidão recuou, abrindo espaço, talvez com medo de ser acertada. Jacin baixou o deslizador até o chão e desligou a energia.

Ele esticou o dedo para o botão de abertura.

– Espere. – Cinder esticou a mão até o pé e pegou dois frascos de uma bandeja presa ali. – Nós também não somos mais imunes – disse ela, entregando um para ele.

Cada um tomou o antídoto sem cerimônia. Jacin abriu o veículo antes mesmo de engolir. Houve um ruído de ar quando o teto em bolha do deslizador de superfície se abriu no meio como uma noz partida.

Jacin soltou o cinto e pulou do veículo, caindo em uma área úmida de musgo. Cinder desceu de forma menos graciosa do outro lado.

Jacin não tinha pensado muito naquele momento. Sem dúvida havia gente naquele setor que precisava do antídoto, mas dizer que eles tinham bandejas cheias poderia levar a uma briga.

Depois de pegar um único frasco de uma bandeja presa no piso traseiro, Jacin o escondeu na mão e foi até a multidão.

Tinha dado quatro passos quando de repente deu de cara não com uma reunião de lenhadores desgrenhados, mas com um muro de lanças, estilingues e vários tipos de porrete.

Ele parou.

Ou estava distraído demais para reparar que eles estavam armados, ou eles tinham treinado para um momento assim. Um homem se adiantou do meio da multidão, segurando uma clava de madeira.

– Quem são...?

Mas o reconhecimento já surgia nos olhos deles quando Cinder se aproximou de Jacin. Ela levantou as duas mãos, mostrando o metal.

– Não tenho como provar para vocês que não estou usando glamour – declarou ela. – Mas eu *sou* a princesa Selene, e não viemos fazer mal a vocês. Jacin é amigo da princesa Winter. Foi ele que a ajudou a escapar do palácio quando Levana mandou matá-la. – Ela fez uma pausa. – Na primeira vez.

– Nenhum amigo nosso tem brinquedos artemisianos assim – disse o homem, apontando com a clava para o deslizador.

Jacin resmungou:

– Ela não disse que eu era *seu* amigo. Onde está a princesa?

– Jacin, não tente ajudar. – Cinder olhou para ele com irritação. – Sabemos que a princesa Winter está doente, além de muitos de seus amigos e familiares...

– O que está acontecendo aqui?

Um rosto familiar surgiu na multidão, com as bochechas sujas e os cachos ruivos pesados de oleosidade. Havia marcas escuras debaixo dos olhos e uma palidez doentia na pele dela.

Scarlet parou.

– Cinder! – Mas, assim que começou a sorrir, a desconfiança surgiu e ela levantou um dedo. – Onde você e eu nos conhecemos?

Cinder hesitou, mas só por um momento.

– Em Paris, em frente à ópera. Eu usei um tranquilizante em Lobo porque achei que ele estivesse atacando você.

O sorriso de Scarlet voltou antes que Cinder terminasse de falar. Ela a puxou em um abraço, mas falou um palavrão e recuou. Seis soldados a seguiram e estavam ao redor dela como seguranças ansiosos. Eles pareciam controlados no momento, mas também capazes de dizimar todas as pessoas da multidão em dez segundos se quisessem.

– Desculpe, você não deveria estar aqui. Levana... – Scarlet começou a tossir na dobra do braço e quase se curvou com a força inesperada do ataque. Quando recuperou o ar, havia marcas escuras de sangue na manga do moletom. – Não é seguro aqui – disse, como se não fosse óbvio.

– Winter está viva? – perguntou Jacin.

Scarlet cruzou os braços, mas não em desafio. Era mais como se quisesse esconder as provas da doença.

– Ela está viva – respondeu Scarlet. – Mas está doente. Muitos de nós estão doentes. Levana a envenenou com letumose, e a doença se espalhou rápido. Winter está em um tanque...

– Nós sabemos – disse Cinder. – Trouxemos antídoto.

Jacin mostrou o frasco que tinha tirado do deslizador.

Scarlet arregalou os olhos, e os que estavam ao redor deles se agitaram. Muitas armas foram baixadas desde que Scarlet e Cinder se abraçaram, mas não todas.

Jacin fez um movimento com o polegar por cima do ombro.

– Chame alguns dos seus fortões para ajudarem a esvaziar o deslizador.

– E pegue um para você – acrescentou Cinder. – Deve haver suficiente para todas as pessoas que estão com sintomas, e vamos cuidar para guardar adicionais para qualquer pessoa que ainda possa ficar doente.

Jacin apertou o frasco, se aproximou de Scarlet e baixou a voz:

– Onde ela está?

Scarlet se virou para os soldados ao redor dela.

– Deixem que ele veja a princesa. Ele não vai machucá-la. Strom, organize um grupo para distribuir o antídoto.

Jacin tinha parado de prestar atenção. Quando a multidão se abriu, ele viu a luz cintilando no vidro do tanque suspenso de animação e se pôs a seguir na direção dele.

Ali, no caminho de terra que separava a clínica médica comum da floresta escura, eles criaram um templo em volta dela. Galhos e gravetos cruzados formavam uma cerca em volta da base de metal do tanque, escondendo a câmara que continha os fluidos de sobrevivência e as substâncias químicas recicladas pelo corpo dela. Havia margaridas e ranúnculos espalhados por cima do tampo de vidro, embora muitos tivessem escorregado e passaram a cobrir o chão.

Jacin parou para absorver a imagem, pensando que talvez Levana não fosse tão paranoica assim. Talvez as pessoas amassem Winter a ponto de ela ser uma ameaça à coroa da madrastra, apesar de não ter sangue real.

O frasco esquentou em sua mão. Todas as vozes se abafaram aos ouvidos dele e foram substituídas pelo barulhinho das máquinas do tanque, o zumbido constante do equipamento de sustentação de vida, um apito da tela que exibia os sinais vitais.

Jacin passou o braço pelo tampo, espalhando as flores. Embaixo do vidro, Winter parecia estar dormindo, só que o líquido dava à pele dela um tom azulado, fazendo-a parecer doente e chamando atenção para as cicatrizes no rosto.

E havia também a infecção na pele. Círculos altos de pele escurecida se espalhavam pelas mãos, braços e pescoço. Alguns já tinham aparecido no queixo e ao redor das orelhas. Jacin se concentrou de novo nas mãos, e, apesar de ser difícil perceber com a pele morena e o líquido azulado, ele via uma sombra em torno das unhas. A última marca fatal da febre azul.

Apesar de tudo, ela ainda parecia perfeita, pelo menos para ele. O cabelo ondulado boiava no gel do tanque e os lábios carnudos estavam curvados para cima. Parecia que ela ia abrir os olhos e sorrir para ele a qualquer momento. O sorriso provocador, brincalhão, irresistível.

– O tanque desacelerou os sistemas biológicos, inclusive a progressão da doença.

Jacin levou um susto. Havia um homem idoso do outro lado do tanque, com uma máscara sobre a boca e o nariz. Primeiro Jacin achou que a máscara fosse para que ele não pegasse a doença,

mas depois viu as marcas embaixo das mangas do homem e percebeu que era para se impedir de contribuir com a epidemia.

– Mas não interrompeu a progressão da doença – acrescentou o homem.

– Você é médico?

Ele assentiu.

– Se abrirmos o tanque e seu antídoto não funcionar, ela vai morrer, provavelmente em uma hora.

– Quanto tempo ela vai viver se a deixarmos aí dentro?

O médico baixou o olhar para o rosto de Winter, depois se virou para a tela embutida no pé do tanque.

– Uma semana em uma visão otimista.

– E pessimista?

– Um ou dois dias.

Jacin trincou os dentes e levantou o frasco.

– Esse é o antídoto dos laboratórios de Sua Majestade. Vai funcionar.

O homem apertou os olhos e voltou o foco para um ponto atrás de Jacin. Virando-se, Jacin viu que Cinder e Scarlet o tinham seguido, embora estivessem mantendo uma distância respeitosa.

– Winter confiaria a vida a ele – disse Scarlet. – Sou a favor de abrirmos.

O médico hesitou por um momento antes de ir até o pé do tanque e digitar alguns comandos na tela.

Jacin ficou tenso.

Demorou um momento para que reparasse em alguma diferença, mas então viu uma bolha de ar se formar junto ao vidro conforme o líquido era drenado por baixo, o som suave de

sucção ao ser levado por algum tubo escondido. O perfil de Winter surgiu acima do líquido azulado. A diferença era impressionante, ver o vermelho dos lábios e o tremor ocasional embaixo das pálpebras.

Ela não era um cadáver.

Não estava morta.

Ele a salvaria.

Quando o líquido foi drenado, o médico digitou na tela de novo, e a tampa se abriu, deslizando pela base em trilhos finos e deixando uma cama rasa, onde Winter estava deitada.

O cabelo dela, úmido de gel, tinha se acumulado em mechas grudadas ao redor do rosto, e a pele brilhava onde a luz batia. Jacin desentrelaçou os dedos de Winter para segurar a mão dela. A pele estava grudenta, e o tom azul em volta das unhas ficou mais evidente.

O médico começou a retirar as agulhas e tubos do corpo dela, as forças vitais que mantiveram o sangue oxigenado sem ela respirar, que mantiveram o cérebro e o coração funcionando enquanto ela dormia na estase pacífica. O olhar de Jacin seguiu as mãos habilidosas e enrugadas, pronto para derrubar o homem se achasse que ele estava fazendo alguma coisa errada. Mas as mãos eram firmes e tinham experiência.

Aos poucos, o corpo de Winter começou a reconhecer que não estava mais sendo assistido. O peito começou a subir e descer. Os dedos frios tremeram. Jacin colocou o frasco ao lado do corpo dela e ficou de joelhos em meio aos galhos e flores espalhados. Colocou dois dedos no pulso de Winter. Os batimentos estavam ali, ficando mais fortes.

O olhar voltou para o rosto dela, esperando o momento em que as pálpebras se abrissem. Em que ela estaria acordada e viva e, mais uma vez, inacessível.

Ele se encolheu. Era tudo tão surreal que ele quase esqueceu. Winter, coroada com flores e descansando acima de uma decoração de galhos de árvores. Ela ainda era uma princesa e ele ainda não era nada.

O lembrete o assombrou conforme esperava. Memorizando o rosto adormecido, a sensação da mão dela na dele, a fantasia de como seria testemunhar sua forma adormecida diariamente.

Um passo soou logo atrás e ele se lembrou de que tinham plateia. A multidão estava se aproximando, não perto demais a ponto de ser sufocante, mas mais perto do que ele gostaria, considerando que tinha esquecido que aquelas pessoas estavam ali.

E ali estava ele, pensando em quartos e amanheceres.

Ficando de pé, Jacin acenou para a multidão.

– Vocês não têm uma rebelião para planejar nem nada?

– Só queremos saber se ela está bem – disse Scarlet. Ela segurava um frasco vazio.

– Ela está acordando – informou o médico.

Jacin se virou a tempo de ver as pálpebras dela tremerem.

O médico estava com uma das mãos no ombro de Winter e a outra segurando um tablet acima do corpo, para monitorar os sistemas.

– Os órgãos estão reagindo normalmente ao processo de reanimação. A garganta e os pulmões vão ficar doloridos por um

tempo, mas sugiro que sigamos em frente e demos o antídoto agora.

Os olhos de Winter se abriram, as pupilas dilatadas. Jacin segurou a beirada do tanque.

– Princesa?

Ela piscou depressa algumas vezes, como se tentasse afastar o restante do gel dos olhos. Ela olhou para Jacin.

Apesar de tentar se segurar, Jacin sorriu, tomado de alívio. Houve tantos momentos em que ele teve a certeza de que jamais a veria novamente.

– Oi, Encrenca – sussurrou ele.

Os lábios dela se esticaram em um sorriso cansado. A mão bateu na lateral do tanque como se ela quisesse esticar até ele, e Jacin a pegou e apertou. Com a outra mão, levantou o frasco de antídoto. E soltou a tampa com o polegar.

– Preciso que você beba isso.

CAPÍTULO

Setenta e quatro

WINTER SE LEMBRAVA VAGAMENTE DE JACIN TÊ-LA AJUDADO A SE inclinar o frasco nos lábios dela e de um líquido sem gosto se espalhar pela boca. Foi difícil engolir, mas ela apertou a mão de Jacin e forçou os músculos da garganta a cooperar. O mundo estava com cheiro de produtos químicos, e a pele parecia oleosa, e ela se encontrava sentada em uma cama com um tipo de gel grudento.

Onde estava? Ela se lembrava das cavernas de regolito e dos soldados lobos, dos taumaturgos e de Scarlet. Lembrava-se das pessoas e das árvores. Lembrava-se de uma velha toda torta e de uma caixa com balinhas.

– Princesa, como está se sentindo?

Ela se encostou no braço de Jacin.

– Com fome.

– Certo. Vamos buscar comida.

Era estranho vê-lo demonstrando tanta preocupação. Normalmente, as emoções dele estavam escritas em um código que ela não decifrava. Mas, no momento, ele olhava para além dela e perguntava:

– O que diz?

Acompanhando o olhar, Winter viu um homem idoso com máscara no rosto, segurando um tablet.

– Os sinais vitais estão voltando ao normal, mas é cedo demais para saber se é resultado de ter sido acordada da estase ou de ter recebido o antídoto.

Ocorreu a ela, como um quebra-cabeça confuso se encaixando, que eles estavam em um lugar aberto e cercados de pessoas. Winter inclinou a cabeça, e um cacho de cabelo úmido deslizou pelo ombro. Ali estava a vivaz Scarlet, assim como os soldados lobos que não as comeram, e havia muitos, muitos estranhos, todos curiosos e preocupados e esperançosos.

E ali estava a prima dela, com a mão de metal cintilando.

– Oi, amigos – sussurrou, falando com todo mundo de uma vez.

Foi Scarlet quem sorriu primeiro.

– Bem-vinda de volta, doidinha.

– Quanto tempo vai demorar para termos certeza de que funcionou? – perguntou Jacin.

O médico deslizou o tablet por cima do braço de Winter. Ela acompanhou o aparelho, reparando que parecia estar analisando as marcas e bolhas na pele.

– Não deve demorar.

Winter passou a língua pela boca seca e levantou a mão na direção da luz do dia falsa. Falsa, mas não por muito tempo. Raios de sol podiam ser vistos iluminando o horizonte. O nascer do sol estava chegando.

A irritação na pele estava forte, com círculos inchados uns em cima dos outros, alguns prestes a eclodir. Era horrível e grotesco.

Se os pulmões estivessem funcionando, ela talvez risse.

Pela primeira vez na vida, ninguém poderia dizer que era bonita.

Sua atenção se prendeu a uma mancha grande, do tamanho do comprimento do polegar, entre o pulso e a base da palma da mão. Estava se mexendo. Enquanto ela olhava, pernas cresceram, e a mancha saiu andando pelo braço, desviando das similares como se fossem parte de uma pista de obstáculos, correndo pela pele macia da parte interna do cotovelo. Uma aranha gorda andando pela pele.

– *Winter.*

Ela deu um pulo. Scarlet tinha chegado mais perto e estava de pé na ponta do tanque, com as mãos na cintura. Ela também tinha manchas escuras, e, apesar de não haver tantas quanto em Winter, se destacavam mais na pele clara.

– O médico fez uma pergunta.

– Não fale assim com ela – disse Jacin.

– Não a mime – cortou Scarlet.

Winter olhou para baixo a fim de verificar se a mancha fujona tinha voltado para o pulso antes de encarar o doutor com a máscara.

– Peço desculpas, Vossa Alteza. Posso colher uma amostra do seu sangue?

Ela assentiu e olhou com interesse enquanto ele inseria uma agulha no braço dela e colhia uma amostra. Sua fábrica tinha ficado bem ocupada enquanto ela dormia.

Ele colocou a amostra em um plugue especial na lateral do tablet.

– Ah, e beba isto – disse ele, como se só tivesse lembrado depois, indicando um copo de papel com um líquido laranja. – Deve ajudar com sua garganta.

Jacin tentou segurar o copo, mas ela o tirou da mão dele.

– Estou ficando mais forte – sussurrou ela.

Ele não pareceu tranquilizado.

– Sim. Excelente – disse o médico. – Os patógenos parecem estar neutralizados. Seu sistema imunológico está se recuperando com uma velocidade impressionante. – Ele sorriu. – Acho seguro dizer que o antídoto funcionou. Você deve começar a se sentir bem melhor em... ah, uma ou duas horas, eu acho, vão fazer uma diferença notável, embora possa demorar alguns dias até que você se sinta normal de novo.

– Ah, não se preocupe – disse Winter, com voz fraca mesmo dentro da própria cabeça. – Eu nunca me sinto totalmente normal. – Ela levantou um braço. – Vou ser um leopardo para sempre?

– As manchas vão sumir com o tempo.

– Vão deixar cicatrizes?

Ele hesitou.

– Não sei.

– Não tem problema, Winter – falou Scarlet. – O importante é que você está viva.

– Não estou triste. – Ela passou o dedo pela pele inchada. Era tão estranho. Era tão imperfeito. Ela poderia se acostumar com a imperfeição.

– Está provado, então – disse Cinder, surgindo ao lado de Jacin. – O antídoto funciona. Preciso de dois voluntários para ajudarem

com o resto da distribuição. Qualquer pessoa que tenha sintomas pode formar uma fila ali. Se alguém estiver com os dedos azuis, vá para a frente da fila. Nada de correr, e ajudem as pessoas fracas demais para se deslocarem sozinhas. Vamos lá. – Ela bateu palmas, e as pessoas correram para obedecer.

Jacin tirou parte da gosma do cabelo de Winter, o olhar ausente, como se não estivesse ciente do que estava fazendo. Em resposta, Winter levantou a mão e puxou uma mecha do cabelo louro dele.

– Você é de verdade? – perguntou ela.

Ele deu um sorrisinho.

– Eu pareço real?

Ela balançou a cabeça.

– Nunca. – Ela desviou o olhar para a multidão. – Selene já fez a revolução dela?

– Ainda não. A coroação é hoje. Mas estamos... – Ele fez uma pausa. – As coisas estão acontecendo.

Ela mordeu o lábio, lutando contra a decepção. Ainda não tinha acabado. Eles ainda não tinham vencido.

– Tem algum lugar aonde possamos ir para tirar esse troço dela? – perguntou Jacin.

– Tem dois banheiros na clínica, um em cada final de corredor.

Jacin pegou Winter no colo e a carregou para dentro da clínica. Ela encostou a cabeça embaixo do queixo dele, apesar de estar espalhando gosma por todo lado. Era bom estar junto, ao menos por um momento.

Ele encontrou o banheiro, que tinha um vaso sanitário, uma pia utilitária grande e uma banheira rasa. Jacin parou na porta e avaliou as opções com expressão infeliz.

– Seu rosto está machucado. – Ela passou um dedo pelo ferimento. – Você brigou?

– Thorne bateu em mim. – Seus lábios tremeram. – Mas acho que mereci.

– Faz você parecer durão. Ninguém desconfiaria que você é só um cisne gentil por dentro.

Ele riu e sustentou o olhar dela. De repente, ela sentiu os batimentos dele, mas não sabia se era por estarem mais fortes ou se ela tinha se sintonizado a eles naquele momento. Winter foi tomada pela timidez.

Na última vez que viu Jacin, ela o beijou. Confessou seu amor por ele.

Ela ficou vermelha. Perdeu a coragem e afastou o olhar primeiro.

– Pode me botar na banheira. Estou forte o bastante para me lavar.

Ele a acomodou com relutância na beirada da banheira de metal e começou a mexer nas torneiras. A água tinha um odor sulfúrico. Quando a temperatura estava alta, ele procurou em um armário e encontrou um frasco de sabonete líquido. Colocou ao alcance dela.

Winter passou a mão pelo cabelo e puxou um amontoado de gel com cheiro químico na palma da mão.

– Você não vê a doença quando olha para mim.

Mergulhando os dedos na banheira, Jacin ajustou a água mais uma vez. Ajudou a firmar Winter com uma das mãos quando ela virou na beirada da banheira e mergulhou os pés na água.

– Alguma vez eu vi a doença quando olhei para você?

Ela sabia que ele estava falando sobre a doença lunar, não sobre uma peste criada em laboratório. A doença na cabeça dela tinha cicatrizes próprias.

Cicatrizes, cicatrizes. Ela estava ficando com tantas. Perguntou-se se havia algo de errado em sentir orgulho delas.

– Como está? – perguntou Jacin, e ela demorou um momento para perceber que ele estava falando da água.

Ela observou a base marcada e escura da banheira e a água turva.

– Devo tomar banho de roupa?

– Sim. Não vou deixar você sozinha.

– Porque não consegue se separar de mim? – Ela piscou os cílios para ele, mas a sugestão provocadora foi logo substituída por uma percepção. – Ah. Porque você acha que vou ter uma visão e me afogar.

– Não podem ser as duas coisas? Vamos, entre.

Ela segurou o pescoço de Jacin enquanto ele a colocava na água, que estava apenas um pouco quente, fazendo a pele maltratada arder. A superfície da água ficou oleosa.

– Vou pegar...

Jacin fez uma pausa, imobilizado porque os braços dela não se soltaram do pescoço. Ele estava ajoelhado do outro lado da banheira, com os cotovelos enfiados na água.

– Jacin. Desculpe por não ser mais bonita.

Ele levantou uma das sobrancelhas e deu a impressão de que ia rir.

– Estou falando sério. – Seu estômago se contraiu de tristeza. – E desculpe por você ter que se preocupar comigo o tempo todo.

O quase sorriso dele sumiu.

– Eu gosto de me preocupar com você. É uma coisa em que pensar durante os turnos de trabalho longos e chatos no palácio. – Jacin empurrou o queixo dela para baixo e lhe deu um beijo na cabeça. Os braços dela o soltaram.

Ele se levantou e deu a ela uma ilusão de privacidade enquanto procurava mais toalhas.

– Você vai continuar como guarda real depois que Selene se tornar rainha?

– Não sei – disse ele, jogando uma toalhinha para ela. – Mas tenho certeza de que, enquanto você for uma princesa e precisar de proteção, vai ter que me aguentar.

CAPÍTULO

Setenta e cinco

ESTAVA QUENTE NO ARMÁRIO, E, QUANDO CRESS SE OBRIGOU A SE M perna esquerda formigou por causa da circulação prejudicada. Não queria. Por mais desconfortável que o armário fosse, dava uma sensação de segurança, e ela estava convencida de que, assim que saísse dali, alguém atiraria nela.

Mas não podia ficar ali para sempre, e o tempo não ia passar mais devagar por causa de sua falta de coragem. Depois de limpar o nariz com a asa falsa de borboleta, ela se obrigou a abrir a porta.

A luz do corredor a cegou, e Cress recuou, se escondendo atrás do braço. Suas emoções estavam esgotadas quando saiu do armário e espiou para os dois lados do corredor.

Seu olhar foi atraído por uma mancha de sangue não muito longe do armário. *Thorne*. Ela se encolheu e tentou apagar a imagem da memória antes que a paralisasse.

Cress bateu na perna para que o sangue circulasse e se levantou devagar. Prestou atenção, mas não ouviu nada além de máquinas distantes e do zumbido dos sistemas de aquecimento e de água que funcionavam por aquelas paredes.

Ela se preparou e verificou que o chip ainda estava preso no vestido antes de pegar a arma. As antenas tinham caído de novo, e ela as deixou no fundo do armário.

Seu estômago estava um nó, o coração estava em frangalhos, mas ela voltou até o corredor que Thorne tinha mencionado. Parou na esquina, espiou e recuou, com o coração disparado na caixa torácica.

Havia um guarda ali.

Ela deveria ter imaginado. Estariam todos os elevadores sendo vigiados? As escadas também?

Seus pensamentos já delirantes foram tomados de desesperança. Estavam procurando-a, e ela era vulnerável sem Thorne, além de não ter planos.

Não daria certo. Ela não era capaz de fazer tudo sozinha. Seria pega e aprisionada e morta, e Thorne seria morto, e Cinder fracassaria, e todos eles...

Ela apertou as mãos fechadas sobre os olhos até sentir o pânico diminuir.

Seja heroica, Thorne dissera.

Ela tinha que ser heroica.

Quase não ousando respirar por medo de chamar atenção, ela se esforçou para pensar em outra forma de chegar ao quarto andar.

Passos se aproximaram. Ela se escondeu atrás de uma estátua sem braço e se encolheu.

Seja heroica.

Ela tinha que se concentrar. Tinha que pensar.

A coroação começaria em breve. Ela tinha que chegar ao centro de controle antes que acabasse.

Quando o guarda foi embora e ela teve uma certeza relativa de que não ia hiperventilar, Cress levantou a cabeça e espiou de trás

da estátua. O corredor não era largo, mas estava lotado de coisas, de armários e quadros a tapetes enrolados e baldes de limpeza.

Com uma ideia se delineando em sua mente, ela usou a parede como apoio para se levantar e deu alguns passos se afastando da estátua. Ela se preparou, saiu correndo na direção da estátua e a empurrou com o ombro com o máximo de força que conseguiu.

O pé escorregou por causa da força, e ela caiu com tudo sobre um dos joelhos, trincando os dentes para não grunhir. A estátua balançou na base. Para trás. Para a frente. Para trás...

Cress cobriu a cabeça quando a estátua caiu na direção dela, batendo no quadril antes de se despedaçar no chão. Ela sufocou um grito nos dedos, mas se obrigou a mancar na direção dos elevadores e se esconder atrás de uma pilha de tapetes enrolados.

Não demorou para o guarda vir correndo e passar pelo esconderijo de Cress.

Ela ignorou a dor no joelho e no quadril, e saiu de trás dos tapetes. Correu o mais rápido possível na direção dos elevadores abandonados. Um grito de surpresa ecoou atrás dela. Ela bateu na parede e enfiou o dedo no botão. As portas se abriram.

Ela entrou, cambaleando.

– Portas, se fechem!

As portas se fecharam.

Uma arma disparou. Cress gritou quando uma bala entrou na parede atrás dela. Outra ricocheteou nas portas antes de se fecharem.

Ela caiu encostada na parede e grunhiu, apertando a mão no quadril machucado. Já dava para perceber que ia ficar um

hematoma enorme.

O elevador começou a subir, e ela se deu conta de que não tinha escolhido o andar. Sem dúvida o guarda estaria monitorando para ver em qual ela sairia.

Ela tinha que ser estratégica. Tinha que pensar como um gênio do crime.

Cress tentou se preparar para o que teria que encarar quando as portas se abrissem. Mais guardas. Mais armas. Mais corredores infinitos e esconderijos desesperados.

Apertando bem os olhos, ela tentou visualizar o mapa do palácio que tinha estudado na mansão. Visualizou a sala do trono com facilidade. Ficava no centro do palácio, a varanda acima do lago. O resto começou a aparecer conforme ela foi se concentrando. Os aposentos particulares dos taumaturgos e da corte. Um salão de banquetes. Salas e escritórios. Uma sala de música. Uma biblioteca.

E o centro de controle dos sistemas da rainha, incluindo o aposento onde a coroa gravava suas campanhas em conforto e segurança.

O elevador parou no terceiro andar. Tremendo, Cress escondeu a arma nas dobras da saia. As portas se abriram.

Um grupo de estranhos apareceu à frente. Cress gemeu. Seus pés queriam correr, o cérebro gritava para ela se esconder, mas não havia espaço para onde desaparecer quando os homens e mulheres a olharam com desprezo e desconfiança. Os mais perto do elevador hesitaram, como se considerassem esperar outro. Mas uma pessoa resmungou alguma coisa e entrou, e os outros foram atrás.

Cress se encostou na parede, mas a pressão dos outros corpos não aconteceu. Apesar de o elevador estar lotado, todo mundo estava tomando cuidado para não chegar perto demais dela.

A ansiedade começou a diminuir. Aquelas pessoas não eram lunares. Eram os convidados terráqueos e, a julgar pelos trajes formais, estavam indo para a coroação.

A última coisa que ela queria era ficar presa em meio a um grupo de pessoas indo para a coroação.

Quando as portas começaram a se fechar, Cress limpou a garganta.

– Perdão, mas eu gostaria de sair.

Ela se espremeu, sua saia se prendendo aos ternos e vestidos. Embora muitos a olhassem de cara feia, eles abriram caminho com satisfação.

Porque achavam que *ela* era lunar. Uma lunar de verdade, com a capacidade de manipulá-los, não uma cascuda.

– Obrigada – murmurou Cress para a pessoa que impediu que as portas se fechassem. Ela saiu para o hall de elevadores, a pulsação disparada.

Mais um lindo corredor. Mais vistas impressionantes. Uma dezena de pedestais exibindo estátuas e vasos pintados.

Cress se viu desejando o interior rústico da Rampion.

Ela se encostou na parede e esperou até ter certeza de que o elevador tinha ido embora para chamar outro. Precisava subir mais um andar. Ela precisava encontrar uma escada ou fugir pelo corredor dos criados. Sentia-se evidente demais ali. Exposta demais.

Um apito anunciou a chegada de um novo elevador, e Cress levou um susto e se escondeu. Quando as portas se abriram, estavam tomadas de gargalhadas e risadinhas, e Cress prendeu a respiração até se fecharem de novo.

Com o som de vozes vindo da esquerda, Cress se virou e foi para a direita. Passou por uma série de portas pretas, a escuridão contrastando intensamente com as paredes brancas. Cada uma estava marcada com um nome e afiliação com letras cursivas douradas. REPRESENTANTE MOLINA, ARGENTINA, REPÚBLICA AMERICANA. PRESIDENTE VARGAS, REPÚBLICA AMERICANA. PRIMEIRO-MINISTRO BROMSTAD, FEDERAÇÃO EUROPEIA. REPRESENTANTE ÖZBEK, PROVÍNCIA DA RÚSSIA DO SUL, FEDERAÇÃO EUROPEIA.

Uma porta se abriu, e uma mulher com cabelo louro grisalho e vestido longo azul-marinho saiu: Robyn Gliebe, porta-voz da Austrália. Quando Cress trabalhou para Levana, passou horas ouvindo os discursos de Gliebe sobre acordos de comércio e brigas trabalhistas. Não foram horas interessantes.

Gliebe fez uma pausa, pois levou um susto ao ver Cress ali de pé. Cress escondeu a arma nas costas.

– Posso ajudar? – perguntou ela, impondo-se com olhos apertados e reprovadores.

Claro, Cress tinha que dar de cara com a única diplomata terráquea que não se deixava intimidar por uma garota lunar perigosa se esgueirando pela ala dela.

– Não – disse Cress, baixando a cabeça em um pedido de desculpas. – Você me deu um susto, só isso. – Ela se moveu para passar pela mulher, com o olhar baixo.

– Você deveria estar aqui?

Hesitante, Cress olhou para ela.

– Como?

– Sua Majestade garantiu que não seríamos incomodados durante nossa estada. Acho que você deveria ir embora.

– Ah. Eu... tenho uma mensagem a entregar. Só vai levar um minuto. Desculpe por tê-la incomodado.

Cress se afastou, mas a mulher insistiu e franziu as sobrancelhas desenhadas. Dando um passo à frente, ela esticou a mão.

– Para quem é a mensagem? Vou cuidar para que a pessoa a receba.

Cress olhou para a palma da mão aberta, macia e enrugada.

– É... confidencial.

A mulher repuxou os lábios.

– Bem, se você não sair daqui imediatamente, vou ter que chamar um guarda para confirmar sua história. Prometeram-nos privacidade, e eu não...

– Cress?

O coração dela deu um pulo.

Kai.

Ele estava ali, olhando para ela como se achasse que talvez fosse um truque.

Um oceano de alívio desabou em cima de Cress e quase a derrubou. Ela se segurou com uma das mãos apoiada na parede.

– Kai! – Recuperando-se, ela consertou: – Quer dizer, imperador... Vossa Majestade. – Ela fez uma reverência afobada.

Com a sobrancelha franzida, Kai olhou para a porta-voz.

– Gliebe-dàren, você ainda não desceu?

– Eu estava a caminho – disse a mulher, e, apesar de Cress não olhar nos olhos dela, sentia a desconfiança. – Mas vi essa garota e... como você sabe, nos garantiram privacidade neste andar, e acho que ela não deveria...

– Está tudo bem – disse Kai. – Eu conheço essa garota. Eu cuido disso.

Cress observou o chão e ouviu o estalo da saia de tafetá.

– Com todo o respeito, Majestade, como posso ter certeza de que ela não está manipulando você para ficar do lado dela?

– Com todo respeito – disse Kai, parecendo exausto –, se ela quisesse manipular alguém, por que não teria manipulado *você* para que a deixasse em paz?

Cress mordeu o lábio enquanto o momento se prolongava entre eles. Por fim, a mulher fez uma reverência.

– Claro, o senhor deve saber das coisas. Parabéns pela iminente coroação.

Os passos da mulher ecoaram na direção do hall de elevadores. Quando ela sumiu, Cress esperou três segundos e se jogou nos braços de Kai com um soluço que não sabia que estava segurando.

Kai cambaleou de surpresa, mas retribuiu o abraço, deixando que ela chorasse na camisa de seda delicada.

O conselheiro fez um som estrangulado, e Cress sentiu a arma ser tirada da mão. Estava feliz de soltá-la.

– Calma – disse Kai, acariciando o cabelo dela. – Está tudo bem. Ela balançou a cabeça.

– Levaram Thorne. Atiraram nele e o levaram, e não sei se ele está vivo, e não sei... Não sei o que vão fazer com ele.

Cress desistiu de falar até os soluços começarem a passar. Ela baixou a cabeça, puxou as mãos e limpou as bochechas quentes.

– Desculpe. – Ela fungou. – Desculpe. É que... é muito, muito bom ver você.

– Está tudo bem. – Kai afastou Cress delicadamente para poder ver o rosto dela. – Comece do começo. Por que você está aqui?

Ela estava tentando controlar o redemoinho de emoções quando viu o ponto úmido que deixou na camisa dele.

– Ah... caramba. Desculpe. – Ela passou os dedos na camisa. Ele a sacudiu de leve.

– Está tudo bem. Cress. Olhe para mim.

Ela o encarou e passou os pulsos nos olhos de novo. Apesar da marca que ela deixou, Kai estava elegante na túnica de seda creme. Estava presa com alamares dourados e uma faixa listrada com as cores da bandeira da Comunidade das Nações Orientais: verde-mar, azul-petróleo, laranja da cor do pôr do sol. Se a faixa fosse vermelha, seria uma réplica exata da roupa que ele estava usando quando Cinder e os companheiros o sequestraram.

Mas, não. Ele já estava casado. Era marido da rainha Levana, o homem que estava a caminho de ser coroado rei consorte de Luna.

Ela olhou para o lado. O conselheiro real Konn Torin estava usando um smoking preto básico, e Cress sentia a preocupação dele apesar da compostura. Ele estava segurando o cabo da arma entre dois dedos e parecendo tão pouco à vontade quanto Cress.

– Cress – disse Kai, roubando a atenção dela novamente.

Ela lambeu os lábios.

– Thorne e eu tínhamos que chegar ao centro de controle dos sistemas, mas ele foi capturado. Disseram alguma coisa sobre levá-lo para uma cela. Eu escapei, mas agora eu...

– Por que você está tentando ir para o centro de controle?

– Para transmitir outro vídeo que Cinder gravou. Mostra a rainha... ah! Você não deve saber que Cinder está viva!

A expressão de Kai ficou paralisada por um momento, depois ele inclinou a cabeça para trás e soltou o ar devagar. Os olhos adquiriram uma luz nova quando ele olhou para Konn Torin, mas o conselheiro estava observando Cress, ainda não preparado para ficar aliviado.

– Cinder está viva – repetiu Kai. – Onde ela está?

– Está com Iko e Jacin e... é uma longa história. – Cress contraiu o rosto e sentiu o peso do tempo. Ela começou a falar mais rápido: – Jacin ia ver se conseguia encontrar o antídoto da letumose e distribuir para os setores externos, porque tem muita gente doente, inclusive a princesa Winter, e Scarlet também. Ah, e Levana pegou Lobo, e não sabemos onde ele está, e agora estão com Thorne! – Cress escondeu o rosto atrás das mãos em uma tentativa de não molhar a camisa de Kai mais do que já tinha molhado. Kai massageou os braços dela, mas, mesmo com esse gesto solidário, ela reparou que ele estava distraído.

Konn Torin limpou a garganta. Fungando, Cress baixou as mãos e viu um lenço sendo oferecido a ela, com o braço todo estendido, como se Torin estivesse com medo de a histeria dela ser contagiosa se ele chegasse muito perto.

Cress pegou o lenço e levou ao nariz.

– Obrigada.

– Do que você precisa?

Ela voltou a atenção para Kai.

– Salvar Thorne – disse ela, sem pensar. Mas então se lembrou das últimas palavras que ele lhe disse. *Seja heroica*. Ela engoliu em seco. – Não, eu... eu preciso ir ao centro de controle. Preciso passar esse vídeo pelo sistema de transmissão de Levana. Cinder está contando com isso.

Kai correu a mão pelo cabelo. Cress recuou quando ele passou do imperador arrumado e penteado a um adolescente preocupado com apenas um movimento. Ela via a indecisão dele. O quanto queria ajudar em contraste com o tamanho do perigo que seu envolvimento poderia significar para o país dele.

Cress sentiu o tempo passando.

– Vossa Majestade.

Kai assentiu para o conselheiro.

– Eu sei. Vão mandar um grupo de busca se eu não aparecer logo. Mas só preciso de um minuto para... para pensar.

– Pensar em quê? – perguntou Torin. – Você perguntou a essa garota do que ela precisava, e ela deu uma resposta bem concisa. Todos nós sabemos que você vai ajudá-la, então me parece perda de tempo discutir os prós e os contras dessa decisão.

Cress mexeu nas luvas e sentiu as asas de borboleta roçarem nos braços. O conselheiro parecia ao mesmo tempo severo e gentil quando devolveu para ela a arma pelo cabo.

Cress tremeu.

– Pode ficar se quiser.

– Não quero – respondeu Torin. – Nem pretendo me colocar em nenhuma situação em que *possa* querer.

Com um suspiro resignado, Cress tirou a arma da mão dele. Passou um momento pensando em onde guardar, mas sua roupa não oferecia nenhuma solução boa.

– Aqui. – Torin tirou o paletó do smoking e entregou a ela. Cress hesitou, ouvindo a voz de Iko em pensamento (*Isso não combina nada!*), mas afastou a voz e permitiu que ele a ajudasse a vestir. Ela sumiu no paletó, mas já se sentia mais composta, menos vulnerável.

– Obrigada – disse ela, encontrando um bolso interno e enfiando a arma dentro, com uma sensação enorme de alívio.

– Vossa Majestade é esperada no salão principal em dois minutos – disse Torin, depois olhou para Kai, que estava estupefato. – Tenho certeza de que consigo enrolá-los por pelo menos mais quinze.

CAPÍTULO

Setenta e seis

KAI NÃO SABIA SE ERA ELE OU CRESS QUE ESTAVA NA LIDERANÇA saíram correndo pelos corredores vazios, com passos altos e bruscos. Quando Cress começou a ficar para trás, lutando para acompanhá-lo, ele se obrigou a diminuir o ritmo.

– Vamos tentar fazer isso sem a arma – disse ele, como se estivessem discutindo o assunto, embora mal tivessem falado desde que se separaram de Torin. – Vamos cuidar disso de maneira diplomática. Ou... pelo menos sorrateiramente. Se pudermos.

– Não tenho problema nenhum com isso – disse Cress. – No entanto, não acho que, só porque você é imperador e está prestes a virar rei, eles vão deixá-lo entrar na sala de transmissão e começar a mexer no equipamento.

Cada porta pela qual passavam tinha um desenho diferente entalhado na madeira. Uma bela mulher segurando um coelho de orelhas compridas. Um homem com cabeça de falcão com uma lua crescente equilibrada na cabeça. Uma jovem vestida com a pele de uma raposa, carregando uma lança de caça. Kai sabia que eram simbologias da Lua. A importância daquilo nas culturas terráqueas tinha sido em grande parte perdida e esquecida. Nem Kai reconhecia mais os significados.

Eles entraram em outro corredor e passaram por uma passarela feita de vidro. Um riacho prateado passava embaixo.

– Você está certa – disse Kai. – Mas acho que consigo pelo menos botar você lá dentro. – Ele hesitou e acrescentou: – Cress, não vou poder ficar. Se eu me ausentar por muito tempo, Levana vai ficar desconfiada, e essa é a última coisa de que precisamos. Você entende, não é?

– Entendo. – Ela baixou a voz, embora os corredores estivessem vazios. Todos os convidados, todos os guardas, todos os criados estavam esperando a coroação começar. – Desconfio que a tranca da porta vai pedir senha. O plano era hackear, mas Thorne estava com o tablet.

Kai soltou o tablet do cinto.

– Dá para usar o meu?

Ela ligou o dispositivo.

– Você não... vai precisar?

– Não como você. Eu não poderia levar para a cerimônia, de qualquer modo. Todos os aparatos de gravação são proibidos.

Ele revirou os olhos e entregou o tablet para ela. Embora um tempo atrás ele fosse sentir como se estivesse abrindo mão de um de seus membros, se acostumou a ficar sem o tablet depois que Levana o confiscou.

Além do mais, parte dele estava em euforia com a ideia de ajudar a destruir a rainha.

– Como você sabe para onde ir? – perguntou Cress, colocando o tablet em um dos bolsos do paletó de Torin.

Kai fez uma careta.

– Eu tive a grande experiência de participar de um dos vídeos dela um tempo atrás.

Quando eles se aproximaram da ala do palácio no lado oposto do lago do grande salão, onde a coroação estava marcada para começar... ãhn... seis minutos antes, Kai levantou a mão e os fez parar.

– Espere aqui – sussurrou ele, levando um dedo aos lábios.

Cress se encostou na parede. Parecia pequena, apavorada e ridícula com aquela saia laranja bufante, e um instinto cavalheiresco disse a Kai que ele não deveria abandoná-la logo ali. Mas ele sufocou esse instinto e lembrou a si mesmo que ela também era o gênio que tinha desligado sozinha o sistema de segurança inteiro do Palácio de Nova Pequim.

Ajeitando a faixa patriótica, Kai dobrou a esquina. A ala estava isolada, pelo que Kai sabia, e só havia aquela porta para entrar e sair. Como esperado, havia um guarda na frente da porta, em posição de sentido. O mesmo guarda, pensou Kai, que estava de serviço quando Levana o arrastou até ali antes.

O guarda apertou os olhos ao ver Kai com a túnica de seda branca.

– Esta área não está aberta ao público – disse ele, com um tom entediado.

– Eu não sou “o público”. – Kai colocou as mãos nos bolsos, tentando parecer ao mesmo tempo obsequioso e desafiador. – Pelo que sei, as joias da Coroa ficam nesta ala, não ficam?

O guarda apertou o olhar com desconfiança.

– Mandaram-me buscar o Broche da... Luz Estelar Eterna. Tenho certeza de que você entende que meu tempo está

apertado.

– Tenho certeza de que você está acostumado a conseguir o que quer na Terra, *Vossa Imperadoriedade*, mas não vai ter permissão de passar por essa porta, nem de ver as joias da Coroa, sem documentação oficial da rainha.

– Eu compreendo e ficaria feliz de buscar tal documentação se Sua Majestade não estivesse nesse exato momento na ala oposta do palácio, vestida com trajes completos de coroação, já tendo sido ungida com um preparado de óleos sagrados da Comunidade das Nações Orientais para purificá-la para a cerimônia na qual ela vai se tornar imperatriz do meu país. Portanto, ela está meio ocupada no momento, e preciso encontrar o broche antes que a cerimônia se atrase ainda mais.

– Você acha que sou idiota?

– Estou começando a achar, na verdade. Só um idiota atrasaria a coroação de Sua Majestade. Você quer que eu vá até ela agora para explicar por que não podemos seguir em frente por causa dessa sua obstinação?

– Eu nunca ouvi falar desse “Broche da Luz Estelar Eterna”.

– Claro que não. Foi criado para representar especificamente a aliança entre Luna e a Terra, e foi dado como presente para um dos ancestrais da rainha mais de um século atrás. Infelizmente, como você deve saber, não houve aliança entre nós desde essa época, então o broche não foi necessário. Até hoje. O imbecil encarregado de preparar as joias da coroa esqueceu.

– E mandaram *você* para pegar? Você não deveria estar sendo ungido com óleos?

Kai soltou o ar devagar e ousou chegar ao alcance dos braços do guarda.

– Infelizmente, parece que sou a única pessoa nessa luazinha que faz ideia de como é. Agora... até o final desta noite, eu vou ser seu rei, e se você ainda quer ter seu trabalho amanhã de manhã, sugiro que me deixe entrar.

O guarda contraiu o maxilar. E não se mexeu.

Kai levantou os braços.

– Estrelas do céu, não estou pedindo que você abra a porta, feche os olhos e conte até dez. Obviamente, você vai comigo a fim de ficar de olho para que eu não roube nada. Mas o tempo está passando. Já estou dez minutos atrasado. Você gostaria de mandar uma mensagem para Sua Majestade para explicar o atraso?

Com uma bufada, o guarda deu um passo para trás e abriu a porta.

– Tudo bem. Mas, se você tocar em qualquer outra coisa além desse tal *broche*, vou cortar sua mão.

– Tudo bem. – Kai revirou os olhos de uma forma que esperava indicar uma falta total de preocupação e seguiu o guarda. Não que ele fosse para longe do posto: o cofre que abrigava as joias da coroa quando não estavam sendo usadas para uma coroação ficava bem à esquerda, atrás de uma porta de cofre enorme.

Kai desviou o olhar enquanto o guarda digitava um código em uma tela e usava as digitais para se identificar, depois girava o mecanismo de destravamento.

A porta, quando se abriu, era da grossura do crânio do guarda.

O cofre era forrado de veludo e tinha luzes embutidas que iluminavam pedestais vazios. A maioria das coroas, esferas e cetros que costumavam ficar ali já estava no grande salão.

Mas o cofre não estava vazio.

Kai respirou fundo e começou a andar pelo cofre. Inspeccionou cada anel, bainha de espada, coroneta e bracelete. Todas as peças reunidas ao longo dos anos para serem usadas em uma variedade de cerimônias. Kai sabia que a maioria fora presente da Terra muito, muito tempo antes. Uma exibição de boa vontade, antes que o relacionamento entre Terra e Luna fosse interrompido.

Ele ouviu passos abafados fora da porta do cofre, mas não ousou levantar o rosto.

– Aqui! – gritou ele, dando as costas para o guarda, com o coração na garganta enquanto imaginava Cress passando correndo. Ele tirou o medalhão do bolso, o que Iko deu a ele na Rampion no que pareciam ser séculos antes. Passou o polegar pela insígnia opaca e pelas palavras apagadas. *Octogésimo Sexto Regimento Espacial da República Americana*. – Encontrei – disse, levantando o medalhão para o guarda ver que ele estava segurando alguma coisa, mas sem poder ver direito o que era. Cress já tinha passado, e Kai não fingiu estar aliviado quando disse: – Ufa. Que bom. Não poderíamos fazer a coroação sem isto. Sua Majestade vai ficar feliz. Vou ver se conseguimos uma promoção para você, está bem? – Ele deu um tapinha no braço do guarda. – Acho que é só isso mesmo. Obrigado pela ajuda. É melhor eu voltar correndo.

O guarda grunhiu, e Kai sabia que ele não estava convencido, mas não importava.

Quando ele e o guarda voltaram para o corredor, Cress já tinha desaparecido.



CRESS DOBROU CORRENDO A PRIMEIRA ESQUINA E ENCOSTOU na parede, com o coração na garganta. Esperou até ouvir o guarda fechando a porta do cofre e saiu correndo, torcendo para que o barulho do mecanismo de tranca encobrisse o som dos passos.

Ela se lembrava daquele corredor de quando Sybil a levava lá, e foi fácil encontrar a porta do centro de controle quando se localizou. Ela parou e testou a maçaneta com hesitação. Ficou aliviada de encontrá-la trancada, uma boa indicação de que não havia ninguém ali. Estava confiante de que a equipe de segurança teria se posicionado em uma sala de controle via satélite mais perto do salão; era o procedimento durante eventos importantes quando ela trabalhava para Sybil. Mas estar confiante não era ter certeza. A arma, pesada no bolso do paletó de Torin, não ofereceria tranquilidade nenhuma se ela desse de cara com mais oposição.

Cress se agachou à frente do painel de segurança e pegou o tablet de Kai. Desenrolou o cabo conector universal.

Ela demorou vinte e oito segundos para invadir a sala, o que foi uma eternidade, mas estava distraída, pulando a cada ruído. Suor escorria pela coluna dela quando ouviu a porta se abrir.

Sua respiração estava rasa, mas aliviada. Não havia ninguém dentro. A porta se fechou depois que ela entrou.

A adrenalina de Cress estava bombeando como combustível de avião por suas veias quando examinou a sala. Ela estava cercada de invisíteis e hológrafos e programações, e a familiaridade de tudo afrouxou o nó no estômago. Instinto e hábito. Ela fez uma lista mental.

A sala era grande, mas cheia de mesas e cadeiras e equipamentos, painéis que mudavam de filmagens de vídeo nos setores externos para o mapa dos transportes subterrâneos e para atualizações de vigilância dos diferentes setores do palácio. Uma sala separada de gravação podia ser acessada por uma porta à prova de som. Luzes e equipamentos de filmagem cercavam uma réplica do trono da rainha. Um véu fino cobria uma cabeça de manequim, e a visão provocou um arrepio na espinha de Cress. Parecia que a estava vigiando.

Ela deu as costas para o manequim e se posicionou em uma das cadeiras de controlador. Tirou a arma do bolso do paletó e colocou junto com o tablet na mesa, os dois ao alcance da mão. Sentia a pressão do tempo tanto quanto Kai. Já tinha desperdiçado muito. Beijando Thorne no átrio. Escondida no armário. Percorrendo corredores como um coelhinho perdido.

Mas estava ali. Tinha conseguido. Fora heroica... quase.

Seus objetivos se desenrolaram em pensamento.

Ela colocou as pontas dos dedos na invisíteil mais próxima e começou a repassá-los, um a um.

Primeiro, reconfigurou os códigos de segurança para o transmissor da rainha. Colocou o arsenal do palácio em isolamento. Marcou uma retração para os bloqueios dos túneis que cercavam Artemísia.

Quebrar os códigos, navegar pelos protocolos... parecia uma dança coreografada, e, apesar de os músculos estarem cansados, ela ainda se lembrava dos passos.

Finalmente, ela tirou o chip do corpete. Visualizou o transmissor no alto do palácio, enviando o vídeo oficial da coroa por todo o domo. Uma transmissão fechada, protegida por um labirinto complexo de firewalls internos e códigos de segurança.

Cinco minutos podiam ter passado. Oito. Nove, no máximo.

Ok. Ok. Ok...

Ela ouviu passos no corredor quando estava inserindo o chip com o vídeo de Cinder no tablet. Ouviu o clique satisfatório.

Download, transferência de dados, tradução da encriptação.

Os dedos dela dançaram pelas telas, desafiando a codificação a acompanhar.

Botas do lado de fora, batendo mais rápido.

O cabelo grudado na nuca.

Ok. Ok.

Pronto.

Cress limpou as telas e disfarçou o que fez com alguns comandos rápidos.

A porta foi aberta. Guardas entraram.

Um silêncio confuso.

Espremida na alcova entre a série de telas e o mainframe de transmissão, Cress prendeu a respiração.

– Espalhem-se... e chamem técnicos aqui para descobrirem o que ela fez!

– Ela deixou um tablet – disse outra pessoa, e ela ouviu um estalo sutil na mesa quando o pegaram.

Tremendo, Cress olhou para a arma que tinha nas mãos. O estômago estava embrulhado de novo. Ela não conseguia afastar a sensação de que tinha pegado a coisa errada. Eles saberiam logo que o tablet era de Kai. Saberiam que ele a ajudou.

– Talvez estivesse planejando voltar.

– Você, fique aqui e espere o pessoal técnico. E quero um guarda posicionado em cada porta desta ala até ela ser encontrada. Vão!

A porta se fechou e Cress soltou o ar, tremendo, murchando pela injeção de adrenalina.

Ela estava encurralada. Thorne tinha sido capturado.

Mas eles foram heroicos.

CAPÍTULO

Setenta e sete

JACIN JÁ TINHA VOLTADO PARA O LADO DE FORA QUANDO WINTER limpar do cabelo a substância escorregadia como gel. Ela botou as roupas secas que alguém tinha levado.

Não conseguia parar de sorrir. Jacin tinha voltado e estava vivo.

Mas, ao mesmo tempo, seu coração doía. Pessoas iam morrer naquele dia.

Ela olhou os braços. A inflamação estava sumindo. Pelo menos algumas marcas estavam menos escuras, e o tom azulado tinha sumido das unhas.

Quando ela saiu da segurança do banheiro, encontrou a clínica lotada de gente: o único médico e dezenas de civis verificando pacientes que estavam doentes demais para fazer fila pelo antídoto lá fora. Sete mortes, disseram-lhe. No curto tempo desde que Levana contaminou Winter, sete pessoas naquele setor morreram de letumose.

Teria sido bem mais se Jacin e Cinder não tivessem chegado, mas isso não consolava Winter. Sete mortes. Sete pessoas que poderiam ter ido para o tanque de suspensão se não a tivessem colocado lá.

Winter passou lentamente pelos pacientes, sorrindo e oferecendo um aperto de ombro reconfortante enquanto seguia para a saída. Ela entrou na varandinha de madeira.

Uma comemoração surgiu no domo, centenas de vozes chegando a ela.

Winter parou e voltou para a cobertura da varanda. A multidão continuou comemorando, balançando as armas improvisadas acima da cabeça. Os soldados lobos começaram a uivar. Winter se perguntou se também deveria comemorar. Ou uivar. Ou se esperavam que ela falasse, embora a garganta ainda estivesse dolorida e o cérebro ainda estivesse confuso.

Scarlet apareceu ao lado, balançando os braços em uma tentativa de acalmar a multidão. Ela pareceu ao mesmo tempo feliz e irritada quando olhou para Winter. Ainda se via a evidência da peste na pele de Scarlet: sardas misturadas com hematomas e pele irritada. Embora ainda houvesse algumas bolhas escuras, a doença não progrediu tão depressa em Scarlet quanto em Winter e nos sete pobres residentes. Todos sabiam que ela teve sorte.

– O que está acontecendo? – perguntou Winter.

– Cinder e os alfas estão discutindo estratégia – respondeu Scarlet. – A coroação está marcada para começar a qualquer minuto. As pessoas estão ficando inquietas. Além do mais, todo mundo ama você, que surpresa, e todos estavam esperando para ver que você está bem.

Winter arriscou um sorriso, e as pessoas comemoraram de novo. Alguém assobiou, e outro soldado uivou.

Winter viu alguém de relance. Era Jacin, encostado na parede da clínica, observando-a com um sorrisinho sabido.

– Ainda não começaram a compor baladas em sua homenagem – disse ele. – Mas tenho certeza de que é só questão de tempo.

– Cress conseguiu! – gritou Cinder. Ela apareceu correndo por entre a multidão, com alguns soldados atrás. As pessoas abriram caminho para ela. – As barreiras nos túneis dos trens de levitação magnética foram removidas. Não tem mais nada bloqueando nosso caminho até Artemísia. Não tem nada que nos impeça que Levana seja levada à justiça!

Outro grito, bem mais alto do que o anterior, surgiu e vibrou pelo chão e ecoou no domo.

Winter olhou para a multidão, o coração se expandindo como um balão. As pessoas observavam Cinder com admiração, clareza e um leve brilho de esperança. Ela nunca tinha visto isso nos olhos dos cidadãos de Luna. Os rostos estavam sempre obscurecidos por medo e incerteza. Ou, pior ainda, olhando para a madrasta dela com adoração atordoada. Amor pela governante que lhes foi forçada, um lembrete de que eles não tinham liberdade, nem na mente e nem no coração.

Isso era diferente. As pessoas não estavam cegas pelo glamour de Cinder nem sendo manipuladas para a verem como sua rainha de direito. Elas a viam como realmente era.

– Alfa Strom, o mapa – disse Cinder com um gesto empolgado.

Strom entregou um nódulo holográfico para ela, e Cinder abriu uma imagem que todos podiam ver, delineando o caminho que fariam até a capital.

– Vamos nos dividir em dois grupos para conseguir uma passagem mais rápida pelos túneis – disse ela, indicando as rotas

no mapa. – Quando chegarmos a AR-4 e AR-6, vamos nos espalhar pelas oito entradas de Artemísia. Em cada setor que passarmos, vamos precisar de voluntários para convocarem o máximo de pessoas possível para nossa causa. Reúnam armas e suprimentos, e sigam em frente. Lembrem-se: nossa segurança está nos números. Ela mantém os setores separados por um motivo. Sabe que não tem poder se todos nos unirmos, e é exatamente o que vamos fazer!

Outro rugido da multidão, mas Cinder, de olhos arregalados e eufórica, já tinha se virado para os degraus.

Winter se empertigou, pela primeira vez orgulhosa de estar em frente à rainha.

– Já vimos evidências de que pelo menos oitenta e sete setores se juntaram à nossa causa, e tenho todos os motivos para acreditar que nosso número continua a aumentar. Com os transportes desabilitados, o deslizador de superfície é o melhor método que temos de espalhar nossa notícia com rapidez e garantir que todos os civis estejam unidos em uma força sólida indo para Artemísia. Jacin, fiz uma lista de setores para onde quero que você vá, os que já demonstraram evidência de rebelião e devem ter acesso a armas. Além disso, os mais próximos de Artemísia oferecem uma esperança sólida de aumentar nossos números depressa. Vá ao máximo que conseguir nas próximas duas horas, depois nos encontre nos túneis embaixo de AR-4 às...

– Não.

Cinder piscou. Os lábios ficaram entreabertos com uma palavra não dita. Ela piscou de novo.

– Como é?

– Não vou abandonar Winter.

Um tremor percorreu a pele de Winter, mas Jacin não olhou para ela.

Com a boca ainda aberta, Cinder olhou para Winter, depois para Scarlet, depois para Jacin. Fechou a boca com uma cara feia e se virou para Scarlet de novo.

– *Você* consegue pilotar?

– Nunca vi uma coisa dessas antes. Voa como uma espaçonave?

Cinder olhou com irritação para Jacin de novo.

– Preciso que você faça isso. Eu confio em você, e...

– Eu disse não.

Ela balançou a cabeça, sem acreditar. Depois, com raiva.

– O que você acha que vai acontecer com Winter, com *qualquer* um de nós, se perdermos?

Jacin cruzou os braços, pronto para discutir de novo, quando Winter colocou a mão no ombro dele.

– Eu vou com ele – disse ela com tom leve, para que as palavras aliviassem um pouco da tensão.

Não deu certo. O olhar irritado de Jacin se virou para ela.

– Não, você vai ficar aqui se recuperando de quase ter *morrido*. Além do mais, Levana já teve chances demais de matar você. Você não vai chegar nem perto de Artemísia.

Ela grudou o olhar nele e sentiu o renascimento da determinação que teve quando decidiu encontrar o exército da madrasta e trazê-lo para seu lado.

– Eu posso não conseguir lutar, mas *posso* ser útil. Vou com você, e vou falar com as pessoas. Elas vão me ouvir.

– Princesa, nós não precisamos...

– Já tomei minha decisão. Tenho tanto a perder quanto todo mundo.

– Ela é boa de argumentos – disse Cinder.

– Surpreendentemente – acrescentou Scarlet.

Jacin empurrou Winter para longe do círculo deles, em busca de um pouco de privacidade.

– Olhe – sussurrou, segurando os cotovelos dela. Ela sentia os calos nas mãos dele com mais clareza do que em qualquer outra ocasião. A pulsação disparou com a intimidade inesperada. – Se você quiser que eu faça isso por Cinder, vou fazer. Por *você*. Mas não vou... não *posso* perder você de novo.

Winter sorriu e levou as palmas das mãos às bochechas dele.

– Não tem lugar mais seguro para mim do que ao seu lado.

Ele contraiu o maxilar. Ela conseguia ver a batalha no pensamento dele, mas já estava determinada.

– Eu vivi com medo dela a minha vida toda – continuou ela. – Se essa é a única chance que vou ter de ir contra ela, então tenho que aproveitar. Não quero me esconder. Não quero ter medo. E *não* quero me separar de você novamente, nunca mais.

Ele começou a murchar os ombros, a primeira indicação de que ela venceu. Ele levantou o dedo entre eles.

– Tudo bem. Nós vamos juntos. Mas você não vai tocar em arma *nenhuma*, entendeu?

– O que eu faria com uma arma?

– Exatamente.

– Jacin, Winter. – Cinder estava batendo o pé, com os olhos enlouquecidos de impaciência crescente. – Nós estamos em uma

situação...

Como se o próprio céu estivesse ouvindo, o domo acima escureceu, e três telas enormes se acenderam no fundo escuro.

– Povo de Luna – disse uma voz feminina –, deem sua total atenção a essa transmissão obrigatória, ao vivo do Palácio de Artemísia. A cerimônia de coroação real está prestes a começar.

Um sorriso malicioso surgiu nos lábios de Winter. Ela se afastou de Jacin, encarou o povo e levantou os braços.

– Povo de Luna – disse ela, repetindo a transmissão e afastando a atenção deles do domo –, deem sua total atenção à verdadeira herdeira do trono lunar, a princesa Selene, ao vivo do seu próprio setor. – Os olhos dela brilharam quando apontou o braço na direção de Cinder. – Nossa revolução está prestes a começar.



LIVRO

Çinco

O espelho respondeu: “Você, minha rainha, é bonita; é verdade. Mas a jovem rainha é bem mais bonita do que você.”



CAPÍTULO

Setenta e oito

KAI DISPAROU PELO CORREDOR, FELIZ POR NINGUÉM ESTAR POR vê-lo correndo com as belas roupas da coroação, embora os pensamentos estivessem carregados demais para que ele se preocupasse com aparências. Cinder estava viva. Thorne tinha sido capturado. Cinder ia invadir Artemísia.

Hoje. *Agora.*

Ele ainda sentia culpa por deixar Cress sozinha. Deveria ter feito mais. Não deveria ter se importado com o quanto estava atrasado para a coroação, uma cerimônia da qual ele não desejava fazer parte. Ele deveria ter tido mais prazer em fazer Levana esperar. Devia ter fingido outro sequestro.

Falou um palavrão por dentro, desejando ter pensado nisso mais cedo.

Mas, não... seu sumiço geraria um rebuliço, e a última coisa de que Cress e os outros precisavam era um rebuliço. A melhor coisa que poderia fazer para desviar as desconfianças de Levana era ir em frente como se nada tivesse mudado.

A melhor coisa que poderia fazer era coroá-la imperatriz de seu país.

Ele ficava enjoado só de pensar nisso, mas seguiria o plano. Faria sua parte.

Dobrou uma esquina e quase derrubou uma estátua de um deus lunar musculoso. Segurou a estátua e a endireitou enquanto o coração subia até o pescoço. Quando ele e a estátua estavam calmos, abriu caminho pela porta dupla que levava a uma série de salas de espera particulares.

Dois guardas ladeavam a porta do grande salão. Torin estava sentado em um banco acolchoado ao lado de uma mulher de cabelo dourado bufante, que ofegou com tanto fervor que Kai achou que ela desmaiaria.

– Ah, graças a Ártemis! – disse ela, levando um lenço à testa – Por onde você *andou*?

– Eu falei que ele estava a caminho – disse Torin.

A mulher o ignorou e já começou a falar em um dispositivo preso ao pulso.

– O imperador chegou. A cerimônia vai começar em trinta segundos. – Ela colocou o tablet no cinto e se concentrou em Kai, observando-o com uma mistura de ansiedade e repulsa. – *Terráqueos* – murmurou ela, ajeitando a faixa e afastando o cabelo dele do rosto. – Vocês nunca têm orgulho da sua aparência.

Ele engoliu uma resposta envolvendo cabelos dourados e aceitou um copo de água de um servo.

Torin se levantou na frente do banco e colocou as mãos nos bolsos. Parecia alarmanamente casual sem paletó, e Kai se perguntou se ele também tinha sido criticado por aquela mulher, fosse ela quem fosse.

– Está tudo bem, Vossa Majestade?

As palavras foram ditas com indiferença calma, mas Kai percebeu a curiosidade tensa por baixo da expressão de Torin.

Apesar de não saber se era verdade, ele assentiu.

– Está tudo bem.

Atrás das portas duplas, ele ouviu a falação de centenas de vozes e se perguntou que boatos já estavam circulando sobre o atraso da cerimônia.

– Estou pronto.

– Sua Majestade também – disse a mulher. Ela empurrou Torin na direção da entrada. – Você, vá se sentar! Vossa Majestade, siga-me.

Kai a seguiu entre os guardas, pela porta dupla e para um corredor curto ladeado de pilares ornamentais.

Levana estava esperando, usando um vestido que combinava com a faixa de Kai, com as cores da Comunidade das Nações Orientais. Parecia uma bandeira ambulante gigante, com uma fileira de estrelas na base da barra do vestido e um lótus branco florescendo na lateral. Ela também estava de faixa, mas cor de laranja queimada: na Terra, a cor do sol nascente.

A imagem dela exibindo tanto patriotismo falso pela Comunidade despertou nele a vontade de arrancar aquela faixa e estrangulá-la com ela.

Ela esticou as mãos para Kai quando ele se aproximou. Embora estivesse irritado, não tinha escolha além de segurá-las. Os dedos dela estavam gelados.

– Meu querido marido – disse ela, com voz melosa. – Sinto que ficamos separados por muito tempo.

Ele a olhou de cara feia.

– Por quanto tempo você planeja levar essa farsa?

– Farsa? – Levana riu. – Uma esposa não pode sentir falta do marido sem que suas emoções sejam consideradas suspeitas?

– A não ser que você queira que eu vomite durante o procedimento, é melhor mudarmos de assunto.

A expressão dela endureceu.

– Nossa união por matrimônio é final e definitiva. É escolha *sua* como vai reagir a essa situação.

– Você está me dando alguma escolha? – Kai deu seu sorriso mais diplomático. – Quanta generosidade.

Levana equiparou a expressão dele.

– Pronto. Não foi tão difícil, foi? – Ela se virou para que eles olhassem para o salão, de braços dados. Kai teve um vislumbre do arranhão no antebraço dela, onde a cortou com a tesoura no casamento.

A imagem o fortaleceu quando as trombetas tocaram.

As portas foram abertas e revelaram uma multidão de observadores. Kai achou difícil observar as cores vibrantes e luzes piscantes e tecidos esvoaçantes se espalhando pela plateia e no corredor.

– Todos de pé para Sua Majestade Real, a Rainha Levana Blackburn de Luna, descendente direta do Primeiro Rei Cyprus Blackburn, e Sua Majestade Imperial, o Imperador Kaito da Comunidade das Nações Orientais da Terra.

O hino lunar começou a tocar. Kai e Levana marcharam pelo corredor. Se não fossem as roupas espalhafatosas nos bancos, o clima seria sombrio.

– Eu recebi uma informação interessante antes de você chegar – disse Levana, mantendo a expressão agradável para a

multidão. – Envolvendo um traidor que foi preso recentemente nas nossas celas subterrâneas.

O estômago de Kai deu um nó.

– Prossiga.

– Parece que encontraram um dos cúmplices de Linh Cinder andando pelo palácio. Aquele criminoso terráqueo... Acredito que o nome dele seja Carswell Thorne.

– Isso é mesmo interessante.

– Imagino que você não saiba o que ele estava tentando fazer aqui.

– Talvez tenha se aborrecido por não sido convidado.

Levana assentiu para as pessoas.

– Não importa. Nós o pegamos antes que ele provocasse confusão.

– Fico feliz em saber.

– Eu achei que, como você logo vai se tornar o rei consorte de Luna e ele foi seu prisioneiro antes de ser meu, eu talvez permita que você decida qual é a melhor forma de executá-lo.

Ele firmou o maxilar.

– Como minha esposa me honra.

Mas, na realidade, apesar de Levana estar tentando irritá-lo, ela lhe deu um presente. Foi um alívio saber que Thorne não estava morto.

Quando chegaram perto do fim do corredor, ele viu os colegas terráqueos perto da frente. Torin já estava lá (deviam tê-lo levado discretamente pela outra entrada), junto com dezenas de representantes da Comunidade e das outras nações. Ele até viu, com alguma surpresa, Linh Adri e Linh Pearl ao lado de um

representante americano. As duas estavam com sorrisos rígidos, e apesar de Kai ter um tipo especial de ódio pelas duas mulheres, também sentiu uma pontada de solidariedade. Levana estava brincando com elas, como um gato brinca com um rato antes de devorá-lo. Oferecendo favores, punindo-as, depois oferecendo favores de novo. Não era surpresa as duas parecerem apavoradas, com medo de fazer qualquer movimento repentino.

Havia uma dezena de pessoas no palco, uma mistura de taumaturgos e guardas reais e um soldado biotransformado vestido com um uniforme bonito que contrastava com o rosto e o corpo deformados.

Kai fez uma careta, perguntando-se o que passou pela cabeça de Levana ao levar uma criatura daquelas para a coroação. A presença deles não funcionou a favor de *nenhum* dos lados no banquete de casamento.

De repente, a luz bateu nos olhos da criatura, verdes, intensos, e Kai franziu a testa. Se ele não soubesse...

Ele teve um choque, e os pés se enrolaram no primeiro degrau. Ele se equilibrou e subiu com sucesso o resto dos degraus, sem cair de cara. O coração continuou disparado no peito, e ele se lembrou de Cress contando que levaram Lobo, mas ela não sabia o que tinha acontecido com ele.

Agora, ele sabia.

Aquela criatura era Lobo, mas não era. Os olhos eram turbulentos e sombrios, apontados para Kai, dando uma ideia de ferocidade que fervia por baixo da superfície.

Com um rosnado, Lobo afastou o olhar primeiro.

– Reconheceu meu estimado soldado? – perguntou Levana, quando chegaram ao altar todo decorado. – Acho que ele mudou bastante desde que você o viu pela última vez.

A fúria de Kai ardeu no peito. Ela só queria uma reação. Só queria que ele soubesse que ela estava no controle: do destino dele, do destino do país dele, do destino dos amigos dele.

Quando ele e Levana se viraram, Kai se preparou para encarar a plateia. Era o momento em que ele entregaria a Levana metade de seu poder. Em que diria a seu país que, se ele morresse, aquela mulher se tornaria a única governante.

Seu corpo latejou de repulsa, mas ele sabia que não havia opções.

Tomara que Cinder venha logo, uma voz repetiu no fundo de sua mente. *Tomara que ela venha logo*.

– Povo de Luna e da Terra – disse Levana, esticando as mãos na direção da plateia. – Vocês estão aqui para testemunhar um evento importante de nossa história. Hoje, vamos coroar um terráqueo como nosso rei: meu marido, o imperador Kai da Comunidade das Nações Orientais. E hoje eu vou ser coroada imperatriz, a primeira da nossa linhagem real a formar uma aliança com nossos irmãos terráqueos.

As pessoas comemoraram.

Bem, os lunares comemoraram. Os terráqueos só aplaudiram de forma meio educada.

– Peço que vocês se sentem – disse Levana.

Quando as pessoas começaram a se sentar, Kai e Levana foram até duas caixas decoradas com pedras preciosas colocadas no altar. Kai soltou o ar e abriu a fivela da caixa.

Dentro, sobre uma base de seda, estava a coroa de imperatriz, modelada no formato de uma fênix e cravejada de pedras flamejantes.

Seu coração travou, enchendo-o de uma emoção para a qual ele não estava preparado. Na última vez em que viu aquela coroa, foi na cabeça de sua mãe. Ela a usava durante o baile que comemorava a paz mundial todos os anos. Ela sempre foi tão linda.

Ele tremeu com a lembrança e com a blasfêmia que estava prestes a cometer.

Do outro lado do altar, Levana pegou sua coroa. Em comparação com as pedras preciosas terráqueas, a coroa de rei lunar era simples. Sete pontas finas e longas entalhadas de pedra da lua, com a pedra branca cintilando à luz das velas. Era antiga. A monarquia de Luna foi formada bem antes de a Quarta Guerra Mundial levar à formação da Comunidade das Nações Orientais e da família real dele.

Kai se preparou, pegou a coroa da mãe na caixa protetora e, juntos, ele e Levana se viraram para a plateia, erguendo suas coroas simbólicas. Kai olhou para Torin, e viu tristeza espelhada na expressão dele. Talvez ele também estivesse pensando na mãe de Kai.

Antes que Levana iniciasse o discurso sobre a importância simbólica da coroa e sobre como ela representava o poder do soberano e assim por diante, as portas no fundo da sala foram abertas.

A mulher de cabelo dourado veio andando pelo corredor, e embora a expressão fosse de horror, os movimentos eram

robóticos e a mantiveram seguindo na direção da rainha.

Kai baixou a coroa e as palmas das mãos ficaram quentes. A esperança se expandiu em seu peito. Quando a plateia se virou para olhar a mulher se aproximando, uma risadinha se espalhou entre as pessoas. Alguma coisa estava acontecendo. Kai não sentia medo vindo da multidão, e sim empolgação, como se não passasse de um drama de ficção para eles.

A mulher chegou aos degraus e se apoiou em um dos joelhos.

– Perdoe-me, minha rainha – gaguejou ela. – Recebemos um comunicado de que há um problema em vários setores próximos, inclusive nos domos ao redor da cidade de Artemísia.

Kai arriscou um olhar para Lobo, mas ele ainda estava se contorcendo e rosnando. Parecia prestes a morder com o maxilar enorme o primeiro pescoço que chegasse perto.

– Que tipo de problema? – rosnou Levana.

– Nós não sabemos como, mas os bloqueios nos setores rebeldes foram removidos, e as pessoas estão... elas estão vindo para cá. Lotando os túneis dos trens de levitação magnética. Estão dizendo que... a princesa Winter está com eles.

O rosto de Levana ficou vermelho.

– Não é possível.

– Eu... eu não sei, minha rainha. Foi só o que me disseram. E... e também que, supostamente, a ciborgue está com eles.

Kai sorriu. Não conseguiu evitar, e ele não fez nada para esconder quando Levana o olhou de cara feia. Com um movimento de ombros, ele disse:

– Ela *avisou* você.

Levana contraiu o maxilar. Ela se virou para a mulher.

– A ciborgue está morta e não vou tolerar boatos dizendo o contrário.

A mulher ficou boquiaberta.

– Os bloqueios ao redor de Artemísia estão mantidos?

– S-Sim, minha rainha. Até onde eu sei, eles não conseguiram transpor...

– Então não estamos sob ameaça imediata, estamos?

– Eu... acho que não, minha rainha.

– Então *por que* você está interrompendo esta cerimônia? – Levana mexeu o pulso. – Guardas, acompanhem esta mulher até uma cela de prisão. Não vou sofrer mais interrupções.

Os olhos dela estavam ardentes, impiedosos, quando a mulher se levantou e cambaleou para trás. Dois guardas a seguraram.

A plateia estava tentando sufocar seu entusiasmo, mas não estava conseguindo. Kai viu vários olhares de deboche voltados para a mulher sendo arrastada, apesar de certamente não ter sido ideia *dela* levar a notícia da insurreição a Levana.

Os pensamentos de Kai vibravam. Ele mordeu o lábio com força, enquanto a expressão contorcida no rosto de Levana se aliviou e voltou à serenidade agradável.

– Muito bem – disse ela, levantando a coroa lunar acima da cabeça. – Vamos prosseguir.

CAPÍTULO

Setenta e nove

CINDER FICOU À FRENTE DO PEQUENO EXÉRCITO, JUNTO COM ALF

túneis do metrô eram amplos o bastante para que eles andassem em filas de cinco, e Strom garantiu que todo mundo soubesse que aquela era a formação deles; qualquer alteração em local tão confinado causaria pânico e confusão. Eles tentaram ficar em silêncio, mas era impossível. Deslocavam-se como um trovão. Milhares de pés batendo no terreno rochoso nos túneis de lava.

Os soldados mutantes ficaram perto da frente, a primeira linha de defesa, enquanto as pessoas dos setores externos seguiam logo atrás.

Tinha se transformado em um jogo de números, e os números deles estavam crescendo. Cada setor pelo qual passavam tinha novos civis se juntando à causa, muitos se preparando desde o momento em que a primeira mensagem de Cinder foi transmitida.

Cinder repassou diversas vezes os cálculos em pensamento, mas ainda havia variáveis demais para incluir. Eles precisavam de civis suficientes para derrubar a rainha e os taumaturgos, e de lutadores não manipulados o suficiente para enfrentar os guardas e qualquer soldado lobo que Levana levasse para sua defesa. Ela estava contando com Jacin e Winter para espalharem

a notícia, e rápido. Se eles falhassem, seria um massacre, e não a favor deles. Se conseguissem...

Os túneis estavam mergulhados em escuridão, exceto por lampiões conseguidos em setores externos e por um punhado de lanternas. Cinder desejava ter um mapa na cabeça dizendo o quanto se deslocaram e o quanto faltava. Tinha se acostumado a ter dados infinitos ao alcance, e era desconcertante estar sem isso. Depois de cinco anos desejando ser como todo mundo, ela sentia falta de todas as conveniências que acompanhavam o fato de ser ciborgue.

Quatro vezes eles encontraram trens e vagões parados, ocupando o espaço confinado do túnel. Pareceram obstáculos insuperáveis de primeira, mas os soldados se adiantaram com zelo, arrancando painéis, soltando os assentos internos, abrindo caminho até o outro lado. Eles eram uma máquina de destruição eficiente, e o exército improvisado pôde passar.

Embora o sistema de trens de levitação magnética tivesse sido desligado, ainda havia energia sendo enviada, e as plataformas pelas quais passavam estavam iluminadas com um holograma do vídeo obrigatório com transmissão da coroa. Sem poder gravar a cerimônia em si, pois a rainha não estaria usando o véu, um narrador contava o evento momento a momento.

Quando eles entraram em AR-4, um dos setores adjacentes a Artemísia Central, Cinder ouviu a voz de Kai e parou. Ele estava recitando os votos para se tornar rei consorte de Luna.

O exército se dividiu em quatro regimentos. Cada um entraria na capital por um túnel diferente. Enquanto os alfas levavam suas

matilhas e civis em direções opostas, Cinder viu Strom a observando.

– Temos que seguir em frente – disse ele. – Meus homens estão famintos e agitados, e você nos colocou em um espaço fechado cheio de carne com cheiro doce.

Cinder levantou a sobancelha.

– Se eles precisarem fazer um lanchinho, diga para comerem uns aos outros por um tempo. Só quero ter certeza de que Jacin teve tempo para chegar ao máximo possível de setores externos.

Strom deu um sorrisinho, como se impressionado com a própria incapacidade de intimidar Cinder.

– Está na hora de ir – repetiu ele. – Nosso povo está quase em posição. A rainha e o grupo dela estão todos em um único lugar. Podemos ficar sentados aqui esperando semanas por mais civis que não vão aparecer.

Cinder acreditava que eles iriam. *Tinham* que aparecer. Mas também sabia que ele estava certo.

A coroação estava quase acabando.

Eles começaram a se deslocar pelos túneis de novo. As mãos apertavam as armas. O andar reduzia com a ansiedade crescente. Eles não tinham se deslocado muito quando a lanterna de Cinder encontrou barras de ferro ao longe. Strom levantou a mão, sinalizando para todos pararem.

– O bloqueio. – Cinder apontou a luz da lanterna para a parede ao redor da grade de ferro. Eles levariam dias para cavar ao redor.

– Não tem como passar – disse Strom. Ele estava rosnando quando olhou para Cinder, como se fosse culpa dela. – Se isso for uma armadilha, é das boas. Eles poderiam nos matar em um

piscar de olhos enquanto estamos enfiados como salsicha nestes túneis.

– Cress deveria ter aberto – disse ela. – Já deveriam ter sumido. A não ser que... – A não ser que Cress e Thorne tivessem falhado. A não ser que tivessem sido capturados. – Que horas são?

Ela olhou para Strom, mas ele não fazia ideia. Ele também não tinha relógio na cabeça.

Cress tinha que programar todos os bloqueios ao redor da cidade para serem desativados ao mesmo tempo, para impedir que revolucionários entusiasmados entrassem na cidade cedo demais e acabassem mortos ou revelassem a surpresa. Cress tinha falhado ou eles tinham chegado cedo? Kai ainda estava recitando seus votos. Cinder sufocou o pânico crescente.

Strom começou a rosnar.

– Estou sentindo um cheiro.

Os soldados ao redor levantaram os narizes e farejaram o ar.

– Alguma coisa sintética – disse Strom. – Alguma coisa terráquea. Uma máquina.

Cinder encostou a mão nas barras, mas os soldados a puxaram e formaram uma barreira protetora entre ela e o bloqueio. Como se ela fosse digna de ser protegida.

Cinder tentou não se irritar.

Passos soaram no túnel além da grade, ficando mais altos. Uma pedrinha chutada quicou pelo chão. Uma lanterna apareceu, embora quem a carregava ainda estivesse nas sombras.

O raio da lanterna percorreu os soldados, e a pessoa parou.

Os soldados rosnaram.

– Nossa – disse ela. – Que galerinha ameaçadora *vocês* são.

O coração de Cinder saltou.

– lko! – gritou ela, tentando abrir caminho, mas os corpos bloqueando a passagem eram irremovíveis.

lko chegou mais perto, e Cinder a viu no facho de luz. Ela ofegou e parou de lutar. O braço direito de lko estava inerte de novo, e havia buracos de bala, tecido sintético rasgado e fios estragados por todo o corpo. Ela não tinha orelha esquerda.

– Ah, lko... o que aconteceu?

– Mais guardas lunares idiotas, foi isso que aconteceu. Ele me encurralou no porão da clínica médica e fez isso. Tive que bancar a morta até ele me deixar em paz. Que bom que ninguém sabe matar um androide aqui.

– lko. Sinto muito.

lko fez um gesto casual com o braço bom.

– Não estou com vontade de falar sobre isso. Você está sendo mantida prisioneira ou esses valentões estão do nosso lado?

– Eles estão do nosso lado.

lko voltou a atenção para os lobos de novo.

– Tem certeza?

– Não totalmente – disse Cinder. – Mas eles são o exército que Scarlet e Winter recrutaram, e são o melhor que temos. Eles ainda não comeram ninguém.

Strom deu um sorrisinho para ela com as presas proeminentes.

– lko, que horas são? Os portões já não deveriam estar abertos?

– Estamos bem na hora. Faltam dezessete segundos pelo meu...

O som de máquinas gemeu e estalou nas paredes de pedra. A grade começou a descer para o chão rochoso.

Iko apertou os lábios.

– O relógio de Cress está errado, não o meu.

Cinder esvaziou os pulmões de alívio.

Enquanto a grade desaparecia, os lobos voltaram à formação, com as mãos nas costas e os queixos erguidos. Era o mais profissional que Cinder já tinha visto da parte deles, fazendo-os parecer mais homens e menos monstros. E os deixando muito, muito parecidos com soldados.

Assim que a grade baixou o bastante, Iko passou por cima e se jogou nos braços de Cinder, com a mão boa batendo nas costas dela.

– Você vai me consertar de novo, não vai?

Cinder a apertou.

– Claro que vou. Quebrada não quer dizer impossível de consertar.

Iko se afastou e sorriu, e o sorriso foi pontuado por uma fagulha saindo da cavidade auditiva vazia.

– Eu amo você, Cinder.

Cinder sorriu.

– Eu também amo você.

– Por que não estamos andando? – perguntou Strom, a voz trovejando pelo túnel. – Estamos ficando impacientes para fazer Levana e a corte dela em pedacinhos comestíveis. Vamos sugar o tutano dos ossos deles e beber o sangue como se fosse um bom vinho.

Iko grudou um olhar inquieto em Cinder.

– Que bom que eles estão do nosso lado.

CAPÍTULO
Qitenta

LOBO SE ESFORÇOU DURANTE TODA A CERIMÔNIA DE COROAÇÃO. doía pelo esforço, pela luta constante para controlar a fome, mas parecia que a sensação o corroía por dentro. Apesar de ter devorado a carne que lhe deram, a fome ainda ardia. Mil aromas enchiam suas narinas. Cada terráqueo. Cada lunar. Cada guarda e cada taumaturgo, cada um com um cheiro delicioso o bastante para ele não conseguir evitar se imaginar afundando os dentes na carne deles, rasgando os músculos dos ossos, se deleitando com a gordura...

O único instinto mais forte do que essa fome desvairada era o medo do que a taumaturga faria com ele caso se comportasse mal. Ele não suportaria passar por aquele sofrimento de novo. A dor de facada que disparava por cada músculo e cortava cada tendão.

Sua boca salivou, mas ele engoliu a saliva. E não se mexeu.

Sua atenção grudou na rainha. O imperador Kaito já tinha se ajoelhado à frente dela e aceitado a coroa lunar e o título de rei consorte, o que foi seguido de aplausos entusiasmados, embora a expressão do imperador fosse a mesma de quem aceita um frasco de veneno.

Era a vez da rainha.

O imperador levantou a coroa da Comunidade das Nações Orientais e repetiu o discurso da rainha, ruminando no poder político que havia em sua posição, nas obrigações e deveres, nas honras e expectativas, no simbolismo e na história contidos naquele pedaço de metal com cem pedras preciosas brilhantes.

Levana se ajoelhou. Ela vibrava de expectativa. Os lábios tremiam com um sorriso controlado. Os olhos devoravam a coroa quando Kai se virou para ela.

Lobo engoliu mais saliva. A carne da rainha era a mais tentadora de todas, adocicada pela sabedoria de que ela era sua mestra e sua inimiga. Ela mandou que Lobo fosse tirado da família. Mandou que ele fosse transformado nesse monstro. Era por ordem dela que os taumaturgos o torturavam.

Ele devoraria o coração dela se tivesse a oportunidade.

– Você jura – disse Kai – governar os povos da Comunidade das Nações Orientais de acordo com as leis e costumes criados pelas gerações de governantes passados, usar todo o poder concedido a você para perpetuar a justiça, ser misericordiosa, honrar os direitos inerentes a todos os povos, respeitar a paz entre todas as nações, governar com gentileza e paciência, e buscar sabedoria e conselho de nossos semelhantes e irmãos? Você promete fazer isso hoje e todos os dias de seu reinado como imperatriz da Comunidade das Nações Orientais, perante todas as testemunhas das terras e dos céus?

Ela estava olhando para a coroa, não para o imperador.

– Prometo – sussurrou ela.

A expressão de Kai era sombria. Ele hesitou, segurando a coroa no ar. Seus braços tremiam.

Lobo viu Kai se obrigar a colocar a coroa na cabeça de Levana. Ela fechou os olhos, a expressão beirando a euforia.

– Pelo poder concedido a mim pelos cidadãos da Comunidade das Nações Orientais e por nossos aliados da União Terráquea, como imperador da Comunidade das Nações Orientais, eu a proclamo...

Ele fez uma pausa. Esperou. Lobo ouvia a esperança murchando dentro dele e achou que entendia a tentação de esperar um segundo a mais, *só mais um segundo...*

O segundo passou, e Kai deixou a expressão no rosto pétrea.

– ... imperatriz Levana da Comunidade das Nações Orientais. A partir deste dia até o dia em que um de nós ou os dois morram, você é minha esposa e vou dividir com você meu trono.

A voz dele falhou na última palavra. Kai afastou as mãos da coroa como se tivesse se queimado.

A plateia explodiu, serpentina e pétalas de flores surgindo de bolsos escondidos, transformando a cerimônia sóbria e sagrada em uma cacofonia de barulho. Levana se levantou. Com os braços esticados, ela foi até a beirada do palco, aceitando a homenagem torrencial dos aristocratas lunares.

Antes que falasse, os gritos de triunfo foram interrompidos por um guincho repentino, o som perfurando os ouvidos de Lobo como agulhas entrando no cérebro. Ele se agachou e rosnou. A plateia se encolheu. O barulho surgiu de todos os lados ao mesmo tempo.

Lobo levantou a cabeça. Era sua chance. Embora o som tivesse deixado sua visão branca, e os ouvidos hipersensíveis lhe dessem

vontade de cair no chão em convulsões, seu ódio pela rainha era maior do que a dor.

Ele deu um salto, a visão preenchida por ela e seus pontos mais frágeis. O pescoço. A barriga.

Ele ouviu um grito de guerra. Um guarda pulou na sua frente, bloqueando o caminho. Lobo o cortou com as novas unhas afiadas e puxou a faca do guarda da bainha na lateral do corpo. Levantou a faca acima do ombro.

O grito do guarda tinha chamado atenção, mesmo em meio ao ruído. A rainha se virou quando a mão de Lobo se esticou.

O sofrimento tomou conta dele de repente, como tornos de metal ardente se prendendo nos dedos, no pulso, no braço. Ele lançou a faca meio segundo cedo demais, sabendo que errou no instante em que seus dedos congelados ficaram vazios. A lâmina raspou no pescoço da rainha, embora devesse ter se alojado no coração, e atravessou as cortinas pesadas atrás do altar.

Lobo desabou no chão, cego pela torrente de dor que rasgava sua pele, destroçava sua mente.

O barulho parou e, com ele, o tormento.

A ausência repentina era como um aspirador sugando todos os outros sons do grande salão. Eles ficaram no silêncio cristalizado, centenas de corpos paralisados de choque.

Lobo ficou caído no chão, ofegante, desejando estar morto.

Ele sabia que não haveria outra chance. Sabia que sua punição só tinha começado.

Levana também estava ofegante, os olhos ardendo. Os lábios pareciam mais vermelhos do que o habitual, combinando com o sangue que surgia na lateral do pescoço.

– *Controle-o!*

– Sim, minha rainha – disse a mestra Bement. – Não vai acontecer de novo, minha rainha.

Então, através do silêncio pesado, soou uma voz. O palácio parou para ouvir. Lobo se concentrou no teto, se perguntando se a dor o deixou delirante.

Era a voz de Cinder.

– Oi, minha querida tia Levana – disse ela com tom leve e provocador. – Lamento interromper, mas eu queria ter certeza de ter sua *total* atenção. Primeiro, permita-me parabenizá-la. Parece que você finalmente tem tudo o que sempre quis. Agora, é minha vez.

Houve uma longa pausa. Os alto-falantes estalaram.

A voz de Cinder não estava mais jovial quando ela falou:

– Você tem dez minutos para ir até o portão da frente do palácio e se render.

E só.

As pessoas esperaram mais. Mais provocações. Mais ameaças. Mais explicações. Mas a mensagem tinha acabado.

Levana parecia visivelmente abalada, enquanto o imperador parecia prestes a cair na gargalhada.

Mas Kai olhou para Lobo e o sorriso sumiu. Sua testa se franziu de preocupação.

Lobo estava com fúria nos olhos e se levantou sobre pernas fracas, feliz pelo fato de a taumaturga não o ter impedido.

– É um truque! – gritou Levana com voz fragmentada. – Ela não pode fazer *nada* comigo!

Um som de passos apressados interrompeu o acesso de fúria da rainha. Eles entraram por uma das portas laterais, o taumaturgo-chefe Aimery Park ladeado por dois guardas.

Um rugido tentou escapar da garganta de Lobo, e ele mal conseguiu sufocá-lo. Aquele homem tinha matado sua mãe.

– O quê? – disse a rainha com rispidez.

– Fomos informados que, desde que a falha na segurança ocorreu, nosso sistema não consegue passar informações dos túneis...

– *Rápido*, Aimery.

A expressão dele ficou sombria.

– Eles estão na cidade, minha rainha. Nossos oito bloqueios caíram.

– Quem está na cidade?

– A ciborgue. Civis dos setores externos. Até alguns dos nossos soldados se juntaram a eles.

Levana estava hiperventilando, fervendo de fúria.

– A próxima pessoa que usar a palavra *ciborgue* na minha presença vai perder um membro. – Ela inspirou fundo. – Por que eles não foram impedidos?

– Nossos recursos são poucos, Vossa Majestade. Muitos dos nossos homens foram enviados para os setores externos a fim de sufocar os levantes. Não podemos enviar reforços contra esses rebeldes sem enfraquecer nossa posição aqui no palácio.

Levana segurou a saia nas mãos e ergueu os ombros até tão perto do pescoço que uma mancha de sangue ficou na dobra da roupa.

– Tudo bem – sibilou ela. – Essa rebeliãozinha termina aqui.

– Além do mais, minha rainha, nós encontramos isto no centro de controle dos sistemas depois que descobrimos que nossa segurança tinha sido invadida. – Aimery segurou um tablet. – Parece que pertence a ninguém menos que nosso honrado rei consorte.

O olhar de Levana falava em assassinato quando se virou para o imperador Kaito.

– Eu estava me perguntando aonde isso tinha ido parar – disse ele, retorcendo a boca em um desafio. – E pensar que passei a manhã inteira procurando.

Levana dilatou as narinas, sua expressão era cruel e calculista. Ela pegou o tablet da mão de Aimery e o jogou no altar. A cobertura de plástico rachou.

– Esta celebração acabou – disse ela, a voz amplificada por alto-falantes ao redor do salão quando se virou para a plateia. – Parece que alguns dos meus subordinados escolheram esta noite para incitar o que veem como rebelião. Mas não fiquem alarmados. Tenho certeza de que não passa de uma exibição tola. – Ela estava recuperando aos poucos o controle sobre as emoções. – Para sua segurança, peço que todos, como meus distintos convidados, permaneçam sentados enquanto verifico o alvoroço.

Um burburinho se espalhou entre a plateia.

– Espere – disse uma voz de homem, falando das fileiras de terráqueos. – Você não pode esperar que fiquemos neste salão enquanto o palácio está sendo atacado. Essa guerra é sua, não nossa. Exijo permissão para voltar para minha espaçonave imediatamente.

O homem tinha um sotaque terráqueo europeu, e uma visão da garota ruiva surgiu nos pensamentos de Lobo. Ele franziu a testa e procurou o homem na multidão, enquanto um som de concordância surgia no meio dos terráqueos.

Levana franziu os lábios.

– Vocês vão ficar aqui – disse ela, cada palavra dura e fria como um cubo de gelo. – Até eu dar permissão para irem embora.

Na mesma hora, toda a discordância dos terráqueos sumiu. Levana voltou a atenção aos guardas.

– Bloqueiem as portas. Ninguém sai deste salão até eu permitir. – Ela olhou para Lobo e estalou os dedos. – Aquele ali fica do meu lado. Ele vai ser o escudo perfeito se eu precisar.

– Minha rainha – disse um dos guardas –, temos que insistir que nos permita escoltá-la até um lugar seguro. Os tubos de lava embaixo da cidade...

– De jeito nenhum – negou Levana, furiosa. – Esse é meu povo. É o meu reino. Não vou abandoná-los.

Ela saiu marchando para a saída principal, mas Kai a acompanhou.

– Esses terráqueos não são seus para que você os tranque. Nós não somos *reféns*.

– Tem certeza disso, marido? – Levana estalou os dedos para dois dos guardas mais próximos. – Levem-no de volta até os outros.

Eles se apressaram para obedecer e arrastaram Kai para longe da rainha, na direção do grupo de terráqueos controlados.

– Soltem-me! – gritou Kai. – Tenho o mesmo direito de dar ordens quanto você, para qualquer guarda ou soldado lunar!

Levana riu, e teria parecido achar graça se o som não tivesse sido quase histérico.

– Espero que você não acredite nisso.

Lobo estava ao lado de Kai quando ele foi afastado da rainha, mas saber que havia uma taumaturga observando seus movimentos o impediu de se adiantar em defesa do imperador. Um tremor o percorreu só de pensar em ter a reprovação dela de novo.

Quando a rainha fez sinal para que ele a seguisse, ele obedeceu.

CAPÍTULO

Quinta e um

EXPLORADORES FORAM ENVIADOS PARA GARANTIR QUE NÃO emboscada os esperando na plataforma dos trens. Foi ideia de Strom, e apesar de Cinder ficar um pouco irritada em ver outra pessoa assumindo o controle, também era bom ter outro líder se debruçando sobre a estratégia e cuidando para que Cinder não cometesse outro erro tático idiota. Era o tipo de coisa que Lobo faria se estivesse ali.

Não, ela não queria pensar em Lobo. Teve que contar para Scarlet que eles foram separados assim que foram levados para Artemísia e que não fazia ideia do que tinha acontecido com ele. A lembrança abria um ferimento que ainda era recente demais, que ela não teve tempo de deixar cicatrizar.

Ela tentou acalmar a pulsação disparada, concentrando-se nos aliados que ainda tinha. Iko estava a seu lado novamente. Scarlet estava em um dos outros túneis, junto com outro grupo de soldados e civis. Thorne e Cress estavam no palácio, e se a retirada dos bloqueios fosse indicação, eles ainda estavam seguros. Winter e Jacin estavam percorrendo os setores próximos, recrutando o máximo de reforços possível.

Ela sentia como se estivesse jogando um daqueles jogos de estratégia de Cress. Todos os peões dela se encontravam em

posição, e o ataque final estava prestes a começar.

Uma mão segurou a dela. Iko, oferecendo um último momento de alento.

Um uivo baixo ecoou pelo túnel sufocante.

O sinal.

Cinder apertou a mão de Iko e balançou o braço. Hora de ir.

Eles subiram na plataforma vazia, onde os netscreens anunciavam que a coroação tinha terminado. Levana era imperatriz.

Eles entraram na escadaria e seguiram para a luz do dia. Embora a noite artificial logo fosse aparecer no alto dos domos, a verdadeira luz do dia podia ser vista no horizonte, um pedacinho do sol ardente.

O nascer do sol.

Era lindo.

Os passos deles soaram nas ruas de pedra de Artemísia. Ela esperava que as ruas estivessem tão vazias quanto antes, mas, conforme o som da marcha deles ecoou nas paredes de mansões e por jardins bem-cuidados, silhuetas foram atraídas para as janelas.

Ela ficou tensa, se preparando para um ataque surpresa. Mas um dos lobos murmurou:

– Criados.

Ao olhar melhor, ela viu que ele estava certo. Vestidos com roupas simples, o olhar transbordando medo, eram as classes mais baixas que viviam nas sombras da cidade branca e cuidavam das necessidades e desejos de seus senhores.

Cinder torceu para alguns serem corajosos o bastante para lutar. Afinal, aquela era a hora de demonstrar. Mas, para sua decepção, a maioria voltou para algum lugar escondido. Ela tentou não guardar ressentimento. Sem dúvida, eles tinham sofrido anos de punições e lavagens cerebrais.

Ocorreu a ela que podia ser a primeira vez que eles ouviam falar da rebelião.

O palácio surgiu, cintilante e majestoso.

– Alfas! – gritou Strom, mais alto que o barulho dos passos firmes. – Espalhem-se e cerquem o palácio. Vamos nos aproximar dele por todas as ruas abertas.

Eles eram uma máquina bem lubrificada, e ver a segurança com que as matilhas se dividiram, cada uma liderando seu regimento de civis por várias ruas menores, provocou um arrepio em Cinder. Apesar de as pessoas parecerem ter medo, elas também ganhavam confiança nos homens bestiais que as lideravam. Era o tipo de confiança que ela não sabia se teria inspirado sozinha.

Quando chegaram aos portões do palácio, o barulho dos passos parou.

Não havia ninguém à vista. Até a torre da guarda estava vazia. O pesado portão de ferro estava aberto, convidando-os a entrar. Era como se Levana não fizesse ideia de que estava cercada... ou como se estivesse confiante demais para dar atenção às ameaças de Cinder.

Ou talvez fosse uma armadilha.

As portas douradas do castelo estavam bem fechadas.

Cinder saiu da linha de frente do exército e parou na frente do portão aberto. Havia uma energia vibrando nela, uma impaciência formigando na pele. Strom e Iko ficaram ao lado dela, prontos para protegê-la se um ataque viesse de uma das janelas do palácio.

Cinder examinou as janelas brilhantes, mas não viu sinal de vida. A expectativa foi envolvendo o corpo dela como uma corda, ficando cada vez mais apertada. Ela sentia como se estivesse na beirada de um penhasco, esperando ser empurrada.

Da linha de frente, viu surgirem os grupos que tinham se separado, ocupando os cruzamentos de todas as ruas da cidade. Os soldados esperavam em formação militar perfeita. O treinamento e a força de vontade os transformavam em estátuas ferozes, mas ela reparou no tremer de um músculo, no flexionar de um punho, na ansiedade estalando embaixo da pele deles.

Atrás, milhares de civis esperavam. Menos intimidantes, menos preparados, mas não menos determinados. Ela viu o cabelo ruivo de Scarlet na multidão.

Nem todo mundo que se juntou a eles veio de EM-12. Algumas pessoas foram com base na fé, por causa de alguns vídeos e da promessa de que a verdadeira rainha tinha voltado. Algumas pessoas foram encorajadas pelas mensagens que Cinder mandou. Algumas, esperava ela, ainda estavam a caminho.

Cinder inspirou fundo e forçou os pensamentos, procurando todas as pulsações elétricas ao seu alcance, e espalhou sua vontade pelos aliados. Era o que deveria ter feito em MR-9, antes que Aimery tivesse tomado o controle. Ela disse a si mesma que

era uma proteção contra Levana e os taumaturgos. Enquanto os civis estivessem sob o controle *dela*, a rainha não poderia tê-los.

Mas ela também sabia que os usaria se precisasse.

Ela os sacrificaria, até. Se precisasse.

Cinder ordenou a seus aliados mais fortes que fizessem a mesma coisa: tomassem controle dos colegas antes que Levana e a corte dela tivessem a chance. Eles não podiam controlar todo mundo, mas ela tinha que acreditar que Levana também não podia. Cinder precisava de gente suficiente para superar as defesas da rainha. Tinha que bastar. Eles tinham que bastar.

– Se Levana não se render, nós vamos tomar o palácio à força – gritou Cinder no silêncio sinistro. – Há entradas múltiplas neste andar principal. Tomem todas. Quebrem janelas. Mas não esqueçam que a rainha e os assecclas dela estão lá dentro.

Ela observou as janelas de novo, nervosa por ainda não haver sinal de oposição. Uma sensação de medo surgiu na boca do estômago.

Ela estava confiante no plano, mas não muito. Eles chegaram à porta da rainha sem sinal de resistência depois dos túneis bloqueados. Alguma coisa já deveria ter acontecido.

– Taumaturgos vão tentar manipular vocês – continuou ela. – Matem-nos se tiverem oportunidade, pois eles não vão hesitar na hora de matar vocês ou de usá-los para matarem seus amigos e vizinhos. Os guardas da rainha são soldados treinados, mas a mente deles é fraca. Usem isso em sua vantagem. Acima de tudo, lembrem por que estão aqui hoje. Esta noite, eu serei sua rainha, e vocês não serão mais escravos!

Um grito se espalhou pelo pátio, acompanhado de um uivo de gelar os ossos que percorreu o corpo de Cinder. Ela levantou o braço, mandando seus aliados ficarem prontos. Preparou-se para baixá-lo: o sinal para atacar. Ela observou Iko com o canto do olho, esperando que avisasse que os dez minutos tinham acabado.

Seu olho captou um movimento.

As portas do palácio estavam se abrindo.

Os soldados assumiram postura de luta. Um rosnado baixo fez o chão tremer, chegando às solas das botas roubadas de Cinder. Quando as portas se abriram, revelaram uma silhueta cintilante. Não um taumaturgo de casaco comprido nem a figura magra da rainha.

Um mutante. Um dos soldados da rainha.

Uma mão segurou o cotovelo de Cinder e a puxou para trás da linha de frente.

O soldado foi até a escada do palácio. Os movimentos dele eram graciosos e precisos. Havia uma familiaridade nele que Cinder lutou para localizar, algo diferente em relação aos soldados que a cercavam. O mesmo rosto deformado. Os mesmos dentes projetados. Olhos furiosos observando a multidão. Ele estava vestindo não os uniformes simples e práticos do regimento, mas um uniforme mais adequado à guarda real, todo cheio de compostura.

Sua respiração travou.

Era Lobo. Lobo, repugnante e bestial, parado na beirada da escada.

Seus pensamentos dispararam para Scarlet, mas ela não ousou se virar para ver a reação da amiga.

Outra pessoa saiu do castelo. A própria rainha Levana. O taumaturgo Aimery saiu atrás e, depois deles, taumaturgos de vermelho e preto, formando uma fila de expressões arrogantes e desprezo divertido, com as mãos enfiadas nas mangas amplas. As runas bordadas brilhavam na primeira luz natural que eles viam em semanas.

Pela primeira vez, Cinder não tinha detector de mentiras para lhe dizer que o glamour da rainha era ilusão. Também não tinha evidência de que aquele era Lobo, e não alguém com glamour para se parecer com ele.

Mas também não tinha motivo para duvidar.

Ela procurou novamente as linhas de força que a ligavam aos homens e mulheres cujo controle tinha assumido. Ela nunca tinha controlado tantas pessoas de uma vez, e o domínio parecia delicado e fraco.

– “Esta noite, eu serei sua rainha” – citou Levana, dando seu sorriso cruel – “e vocês não serão mais escravos.” Que palavras destemidas da garota que provoca caos e morte aonde quer que vá. – Levana levantou as mãos, como uma oferta de paz que não queria dizer nada. – Aqui estou eu, garota que alega ser a princesa Selene. Não vou fazer você me procurar. Vá em frente. Tente pegar minha coroa.

O olho de Cinder tremeu. Sua pulsação estava disparada por baixo da superfície, mas havia uma calma no centro da mente dela. Talvez porque, pela primeira vez, o cérebro ciborgue não estivesse revelando as estatísticas do mundo ao redor. Ela achava

que seus níveis de adrenalina estavam disparados e que a pressão sanguínea estava preocupante, mas, sem o fluxo vermelho de texto de aviso, ela não se importava.

Com o braço ainda levantado, ela abriu os dedos, indicando que as pessoas que a acompanhavam deviam esperar e não atacar.

Levana estava apostando na lealdade de Cinder a Lobo. Devia acreditar que Cinder não ia atacar enquanto ele pudesse ficar preso no fogo cruzado. Que ela não ousaria colocar o amigo em perigo.

Mas ela não tinha como ter certeza de que ele ainda era seu amigo. Ainda era Lobo ou era uma coisa diferente? Um monstro, um predador?

Ela contraiu o maxilar e reconheceu a hipocrisia de seus pensamentos. Ele era a mesma coisa que os soldados ao lado dela, prontos para lutar e morrer por sua liberdade. O que quer que Lobo tivesse se tornado, ela tinha que acreditar que ele ainda era seu aliado.

A verdadeira questão era se Lobo, seu amigo, seu aliado, seu professor, era ou não um sacrifício válido para vencer a guerra.

– *Princesa* – rosnou Strom –, ela trouxe reforços.

Cinder não ousou afastar o olhar de Levana, embora a curiosidade ardesse dentro dela.

– Sinto o cheiro deles se aproximando. Uma dezena de matilhas, talvez mais, junto com os mestres. Em pouco tempo, vamos estar cercados.

Cinder manteve a expressão controlada.

– Esta é sua última chance – disse ela, sustentando o olhar da tia pelo pátio. – Proclame perante todas essas testemunhas que sou Selene Blackburn, a herdeira por direito do trono lunar. Me dê sua coroa, e deixo você e seus seguidores viverem. Nenhuma vida precisa ser perdida.

Levana curvou os lábios vermelhos como sangue na pele branca.

– Selene está morta. Eu sou a rainha de Luna, e você não passa de uma impostora.

Cinder respirou fundo devagar e retribuiu o sorriso.

– É o que pensei que você diria.

Ela baixou o braço.

CAPÍTULO

Quinta e dois

O EXÉRCITO DE CINDER AVANÇOU. OS CIVIS PASSARAM PELOS abertos enquanto os soldados corriam para a cerca, escalavam até o alto e pulavam no jardim do outro lado.

A rainha nem tremeu. Os taumaturgos nem se mexeram.

Eles tinham chegado na base da escada de mármore quando Levana levantou a mão. Os taumaturgos fecharam os olhos.

Foi um momento de contrastes.

Os soldados mutantes, a primeira linha de ataque, caíram juntos. Os corpos enormes foram jogados no chão como brinquedos esquecidos, e cem homens uivaram por uma dor que Cinder só imaginava. Ela só tinha ouvido ruídos inumanos assim uma vez, quando torturou a taumaturga Sybil Mira, levando-a à insanidade.

Os civis cujas mentes estavam protegidas por Cinder e os com dom mais forte seguiram em frente, pulando os soldados lobos da melhor forma possível. Mas os outros começaram a cambalear e parar quando a rainha os tomava. Muitos caíram, e as armas despencaram no chão. Os que estavam sob o controle de Cinder os contornaram e passaram por cima, tropeçaram em corpos caídos e seguiram em frente com armas erguidas.

Os taumaturgos, pensou Cinder, encorajando-os mentalmente na direção dos casacos vermelhos e pretos. Cada taumaturgo morto era o mesmo que dezenas de soldados e cidadãos voltando para o lado deles.

Mas a onda de civis obteve resistência quando os guardas do palácio formaram um muro, separando a rainha e seu grupo dos atacantes que seguiam na direção deles.

Eles se chocaram como um rio em uma represa. Aço estalou. Lanças de madeira bateram e se partiram. Gritos de guerra e dor reverberaram pelas ruas.

Cinder tremeu e se adiantou, para se juntar à luta e abrir caminho até a rainha. Mas seu corpo não se moveu. Os membros pareciam presos em lama.

Sua pulsação saltou.

Não.

Ela não esperava... não pensava...

Trincando os dentes, tentou afastar a manipulação que estava sendo forçada em seus pensamentos. Imaginou as fagulhas de eletricidade no cérebro, os estalos de energia, enquanto Levana virava sua própria mente contra si. Ela sempre afastou o controle antes. Sempre conseguiu escapar, ser mais forte. Seu cérebro ciborgue conseguia superar os efeitos do...

Um tremor percorreu o cérebro dela.

Seu cérebro ciborgue estava quebrado.

Não. Não. Como ela poderia defender as mentes dos outros se não poderia proteger seus próprios pensamentos da rainha?

Ela trincou os dentes. Se conseguisse libertar um membro, provar para o corpo que podia ser feito...

Ela grunhiu e caiu sobre um joelho. O corpo pulsava com energia acumulada, e ela sentiu o estalo repentino. Seu controle tênue sobre os cidadãos sumiu. Os uivos de dor ao redor penetraram nos ouvidos de Cinder.

Em segundos, esses aliados também foram tirados dela.

A batalha terminou antes mesmo de começar de verdade.

Cinder ficou ofegante pela exaustão de tentar se libertar do controle da mente de Levana, e seus membros ainda pareciam pesados e descoordenados. Os gritos dos soldados viraram choramingos e grunhidos dos que morriam. Mesmo nesse breve choque, o cheiro férreo de sangue manchava o ar.

Levana começou a rir. Satisfeito e estridente, o som foi tão doloroso de ouvir quanto os gritos de cem guerreiros.

– O que é isso? – disse a rainha, batendo palmas. – Eu estava ansiosa por uma batalha de habilidade, jovem *princesa*. Mas parece que você não vai oferecer a luta que eu esperava.

Ela riu de novo. Levantando a mão, passou as unhas pelo cabelo de Lobo, um gesto ao mesmo tempo carinhoso e possessivo.

– Tem um petisco fácil para você, meu bichinho. Já preso na armadilha.

Ele rosnou e, quando desceu a escada, os dentes grandes brilharam. Os guardas abriram caminho, e ele passou por cima dos cidadãos caídos como se nem os visse.

Cinder tremeu. Tinha perdido a conta de quantas vezes encarou aqueles olhos verdes vibrantes, como inimigo e como amigo. Mas nunca antes esteve indefesa.

Ela tentou balançar a cabeça. Implorar para Lobo, ou para a parte de Lobo que ainda estivesse dentro da criatura.

– Ei, vossa rainhecência! Aqui!

Cinder arregalou os olhos. *Iko*.

Um tiro ricocheteou pela multidão. Levana cambaleou. Cinder viu o sangue borrifar as portas douradas enormes, e houve um momento, um momento pequenininho, no qual sentiu euforia. Ela levou um tiro. A rainha levou um tiro!

Mas foi Lobo quem gritou. Levana tinha se escondido atrás dele. A bala acertou-o perto do quadril, e o belo uniforme já estava ficando escuro com o sangue.

Iko deu um grito, horrorizada.

Levana rosnou, e a raiva se apertou ao redor de Cinder e das pessoas todas como uma força. O controle dela era estrangulador. Sufocante.

Lobo atacou, não na direção de Cinder, mas de *Iko*. Ela viu o instinto animal nos olhos dele. Atacar quem o atacou.

O estômago de Cinder deu um nó. Ela não conseguia se mexer. Não podia fazer nada. Mal conseguia respirar. Os pulmões ardiam, mas ela estava presa.

Lobo chegou a *Iko* enquanto ela continuava parada, segurando a arma, sem saber o que fazer. As garras a atacaram, rasgando mais fibras de pele do abdome já destroçado. Ela gritou e cambaleou para trás, sem querer atirar nele de novo. Ele a segurou no chão. Os dentes afundaram no braço sintético, e a arma caiu ao lado dela. Um fio soltou uma fagulha na boca de Lobo, e ele a largou.

Cinder suplicou para que seu painel de controle acordasse, lutasse, fosse mais forte que ela, *vencesse...*

– *Eu sou a princesa Selene.*

A voz soou acima da multidão. Determinada. Familiar, mas ao mesmo tempo, não.

O domo acima escureceu. Como uma tempestade chegando, o vidro turvou até ficar quase preto. Na superfície, uma série de quadrados se iluminou. Uma luz azul primeiro, antes de o vídeo começar a cristalizar.

A voz de Levana soou estridente ao redor de todos eles:

– *Você é uma impostora!*

Levana ergueu o olhar. Os guardas e taumaturgos ficaram tensos.

– *E estou pronta para retomar o que é meu. Povo de Artemísia, essa é sua chance. Renunciem a Levana como rainha e jurem lealdade a mim, ou juro que, quando eu colocar essa coroa, todas as pessoas neste salão serão punidas por sua traição.*

A sala do trono entrou em foco, vista da perspectiva de Cinder. Os criados e taumaturgos não tinham mudado de posição. Nem Kai, na fila da frente, apavorado e desesperado.

– Basta! *Matem-na.*

E ali estava Levana, mas não era Levana. Ela só era reconhecível pelo vestido de noiva vermelho.

Embaixo do glamour, o rosto era desfigurado, com sulcos e cicatrizes que fechavam seu olho esquerdo. A pele destruída descia pelo maxilar e pelo pescoço, desaparecendo embaixo da gola do vestido. O cabelo era mais fino e de um tom mais claro de castanho, e faltavam várias partes, onde as cicatrizes chegavam à

nuca. Viam-se mais cicatrizes no braço esquerdo, onde a manga de seda não as escondia.

Queimaduras.

Eram cicatrizes criadas por queimaduras.

Cinder sabia com certeza absoluta.

Um grito horrendo jogou um choque de água fria no corpo de Cinder.

– Desliguem! Desliguem! – berrou Levana. Ela se virou para longe do vídeo no céu e segurou braços e rostos dos taumaturgos perto dela, forçando-os a não olhar. – Não olhem! Parem de olhar! Vou mandar arrancar seus olhos, de todos vocês!

Cinder percebeu que não estava mais paralisada pelo controle mental de Levana; era seu próprio choque que a mantinha grudada no chão.

Estava funcionando. A rainha estava perdendo o controle. Estava sendo obrigada a ver a verdade por baixo de seu próprio glamour e não podia fazer nada para impedir.

O vídeo se dissolveu em um caos de balas e gritos, sangue e corpos.

Levana ficou olhando para as pessoas que não estavam mais sob seu controle. Seu glamour tinha sumido. Ela estava horrenda e desfigurada e, naquele momento, com medo.

Uma arma disparou, mas errou. A bala entrou nas portas do palácio. Alguém atrás de Cinder falou um palavrão. Arregalando os olhos, ela virou a cabeça para olhar. Era Scarlet, o cabelo ruivo como um holofote na multidão. Ela recarregou a arma e mirou.

Levana cambaleou para trás dois, três passos, depois se virou e voltou correndo para o palácio, abandonando seu grupo de

taumaturgos chocados. Deixando Lobo também, ainda em cima do corpo de Iko, embora ela não estivesse mais se mexendo. Ele estava olhando para Scarlet, o rosto deformado retorcido em reconhecimento e horror.

Por um momento, Cinder se viu imobilizada pelos próprios pensamentos dispersos. Não sabia o que fazer. Iko não estava se mexendo. Ela não sabia se podia confiar em Lobo. A rainha tinha fugido, mas o caminho até o palácio ainda estava bloqueado, e ainda havia taumaturgos suficientes para controlar a maioria dos soldados e dos civis, mas todos estavam chocados, imóveis, tontos com o vídeo...

Um uivo silenciou os pensamentos disparados dela.

Cinder ofegou, sem conseguir dizer de onde veio o som. Não sabia se foi de um dos soldados que se juntou ao lado dela ou se foi de uma das outras matilhas, que Strom mencionou que logo os cercariam.

O uivo foi seguido de outro e de outro. Então, tudo se dissolveu em caos.

CAPÍTULO

Quinta e três

DE PÉ NA PLATAFORMA ONDE TINHA SIDO COROADO REI DE LUNA, os braços e olhou com irritação para a plateia. Os líderes e diplomatas da União Europeia estavam com expressões pétreas, na tentativa de esconder a raiva que ardia embaixo da superfície. Levana os tinha trancado no salão com guardas do lado de fora de cada porta, junto com centenas de aristocratas lunares, que davam risadinhas dos terráqueos, como se eles fossem animais exóticos: adoráveis e fascinantes e inofensivos.

Ele ouvia os sons distantes de luta e pés correndo, mas eram abafados pelas paredes grossas.

A ameaça de revolta e massacre de milhares de conterrâneos não bastava para atrapalhar a festança. Eles agiam como se estivessem em um circo. Comemorando quando os sons de luta ficaram mais altos lá fora. Fazendo apostas em diferentes taumaturgos e em quem teria as maiores contagens de morte quando acabasse. Fazendo piadas grosseiras sobre quem entre eles ficaria sem casacos de casimira e vinho de mirtilo na próxima estação se os trabalhadores dos setores externos não parassem de brincar de guerra e voltassem a trabalhar, palhaços preguiçosos que eram.

Ouvir isso tudo fez a visão de Kai arder em vermelho. Ele não percebeu que estava apertando as mãos trêmulas em punhos até que Torin tocou seu ombro. Kai levou um susto, se obrigou a abrir as mãos e respirou fundo para se acalmar.

– Eles não fazem ideia – disse ele. – Não sabem como é nos setores externos, não têm gratidão nenhuma pelos trabalhadores que permitem que eles tenham os luxos que têm. Acreditam que é direito deles tudo o que sempre tiveram.

– Eu concordo, é doentio e talvez até imperdoável – respondeu Torin. – Mas temos que considerar que eles ficaram na ignorância tanto quanto as pessoas dos setores externos.

Kai rosnou. Não estava com humor para sentir empatia por aquelas pessoas.

– Parece que a lua de mel acabou.

– Eu diria que a rainha tem um talento para o drama. – Torin deu um sorriso malicioso para Kai. – E parece que a sobrinha dela também.

Kai sufocou uma pontada de orgulho. Cinder tinha mesmo gosto por fazer uma entrada de impacto.

– O que sabemos?

– Todas as saídas foram fechadas por fora, e, se podemos acreditar nos lunares, tem dois guardas posicionados em cada saída.

– Os guardas são fáceis de manipular, não são? – Kai indicou a plateia. – Esses lunares... você acha que eles conseguiriam controlar os guardas através das portas? Cinder sempre disse que detectava pessoas através de portas, mas não sei se também conseguiria manipulá-las. Mas se pudéssemos fazer alguns desses

lunares manipularem os guardas para que abrissem as portas a fim de abrirmos caminho até as docas... talvez pudéssemos levar todo mundo para um lugar seguro.

– As docas ofereceriam abrigo e um potencial de fuga se Linh-dàren fracassar – falou Torin. – Mas não imagino esses lunares escolhendo nos ajudar em momento nenhum.

Kai piscou. Era a primeira vez que ele ouvia alguém se referir a Cinder como Linh-dàren, um título de alta honra.

– Você está certo – disse ele. – Eles não vão nos ajudar, e são idiotas por isso. Por acaso pararam para pensar por que Levana também os trancou aqui? Eles acham que são invencíveis porque estão sob a proteção dela, mas Levana não liga para eles. Ela vai usá-los com a mesma rapidez com que faria com qualquer pessoa, se achar que vai ajudar sua causa.

Um rugido distante sacudiu o palácio, seguido de gritos graves e furiosos, do que poderiam ser mil vozes. Em seguida, uma chuva de balas.

Kai tremeu. Mesmo sabendo que Levana foi se encontrar com Cinder e com os aliados que persuadiu a se juntarem a ela, não parecia real. Uma revolução, uma batalha... era incompreensível. Mas agora havia armas, e pessoas estavam morrendo, e eles estavam encurralados.

– Isso foi uma bomba! – gritou um representante da Europa Ocidental. – Estão jogando bombas no palácio! Vão matar todos nós!

Um grupo de lunares próximos começou a rir e gritar com imitação de medo:

– *Uma bomba! Ah, pelas estrelas, uma bomba, não!*

Kai apertou os olhos. Ele não sabia se os sons foram causados por explosivos, mas o medo do companheiro lhe deu uma ideia.

O tablet que Levana jogou no chão ainda estava ao lado do altar. Ele foi até lá e juntou as peças. Alguns painéis de plástico tinham se quebrado, e havia um amassado permanente no canto, mas o aparelho ganhou vida quando Kai o ligou.

Mas, quando a tela se acendeu, estava embaralhada e pixelada, cheia de pontos pretos e ícones partidos. Ele falou um palavrão, passou os dedos pela tela, apertou os controles. Nada mudou.

– Vossa Majestade? – Torin se agachou ao lado dele.

Kai mostrou o tablet quebrado.

– O que Cinder faria? Como ela consertaria?

A testa de Torin se franziu.

– Você quer mandar uma mensagem pedindo ajuda?

– Mais ou menos.

Ele enfiou a mão no cabelo, pensando, pensando. Imaginou Cinder na barraca dela na feira. Ela estaria cercada de ferramentas e peças. Saberá o que fazer. Faria...

Ele ficou de pé com a pulsação disparada e bateu o canto do tablet com força no altar. Torin deu um pulo para trás.

Kai olhou de novo e soltou um grito animado. Metade da tela tinha se ajeitado.

Ele abriu uma mensagem.

– Como você fez isso? – perguntou Torin.

– Não sei – disse ele, digitando uma mensagem rápida. – Mas você ficaria surpreso de saber a frequência com que isso funciona.

Uma explosão de gargalhadas chamou novamente a atenção dele para a plateia. Um grupo de lunares tinha formado um círculo ao redor de uma serva que ficou trancada com eles. A garota estava dançando, mas com movimentos desajeitados e esquisitos. Havia lágrimas no rosto dela, apesar de os olhos estarem fechados e a expressão estar contorcida na tentativa de se imaginar em outro lugar. Isso fez o coração de Kai murchar no peito.

De alguma forma, ele soube que essa não era uma ocorrência incomum para a garota. Ele se perguntou se ela já tinha passado um dia inteiro sem a vontade de outra pessoa ser forçada nos membros dela.

– Isso não é valsa! – gritou um lunar, batendo no ombro do companheiro. – Deixe-me tentar. Posso deixá-la bem mais graciosa do que isso.

– Ela precisa de um par, não precisa? – disse outra pessoa. – Vamos pegar um daqueles terráqueos e fazer um teatro de marionetes enquanto esperamos.

– Ei... que tal aquela moça fofa da Comunidade, a parente da ciborgue? Lembra-se dela, do julgamento? Onde ela está?

Kai ouviu um choramingo. A madrastra e a meia-irmã de Cinder estavam ajoelhadas no chão entre duas fileiras de cadeiras, se abraçando, na tentativa de passarem despercebidas.

Ele afastou o olhar e prendeu o tablet no cinto.

– Já chega – disse ele, andando na direção do grupo – Soltem a criada agora mesmo!

– Ah, parece que o belo imperador também quer dançar.

Os gritos que receberam Kai soaram cruéis, mas, para seu alívio, ninguém tomou o controle do corpo dele, nem quando ele passou o braço ao redor da serva e a envolveu. Ela parou de dançar na mesma hora e despencou contra o corpo dele, exausta.

– Vocês estão falando com seu rei – disse ele, enunciando cada palavra. Ele estava feliz de ainda estar usando a coroa lunar pontuda, apesar de *rei consorte* não ser um título que carregasse muito poder. Mas só podia torcer para que nem todo mundo soubesse disso. – Vocês não parecem compreender a situação. Somos todos prisioneiros nesta sala, cada um de nós. Isso também nos torna aliados, quer nós gostemos ou não. – Ele apontou para a parede dos fundos. – Quando Levana se der conta de que suas forças são inferiores, e *são mesmo*, ela vai recuar. E para onde acham que ela vai?

Ele fixou o olhar nas pessoas mais próximas. Estavam rindo com deboche. Achando graça da fúria de Kai.

– Ela não nos trancou aqui para nossa *proteção* nem porque queria que continuássemos com a festa. Ela está nos deixando aqui como reservas. Quando os guardas morrerem, vocês serão os próximos na linha de defesa. Ela vai usar seus corpos como escudo. Vai transformar vocês em armas. Vai sacrificar todas as pessoas desta sala e não vai sentir nem uma pontada de remorso, desde que *ela* sobreviva. Não entendem? Ela não liga para vocês. Só quer ter mais corpos à disposição quando precisar.

Os olhos ao redor dele ainda brilhavam. Era impossível saber se suas palavras estavam tendo impacto, mas ele continuou:

– Não temos que ficar aqui parados esperando que ela volte. Com sua ajuda, podemos sair desta sala. Podemos ir todos para o porto real, onde ficaremos em segurança e onde Levana não vai poder nos usar para lutar as batalhas dela.

Um homem não muito longe estalou a língua.

– Ah, pobre e patético rei terráqueo, falando conosco como se fôssemos criancinhas indefesas que vão se curvar a ele só porque usa coroa. Não somos aliados, Vossa Graça, e jamais nos rebaixaríamos a ponto de nos considerarmos *semelhantes* aos seus. Nossa rainha pode ter visto benefício ao fazer de você marido dela e coroá-lo rei, mas, na verdade, você e os seus não são dignos de lavar os vãos entre os dedos dos nossos pés.

A sala explodiu em gargalhadas. O homem que falou riu com desprezo para Kai, enquanto suas palavras eram recompensadas com sugestões gritadas de todos os tipos de outras coisas horríveis de que os terráqueos não eram dignos.

– Tudo bem – rosnou Kai, com tom gelado. – Permitam-me persuadi-los.

Ele soltou o tablet e abriu um mapa holográfico de Luna, ampliando-o acima das cabeças deles. A imagem ocupou o espaço do grande salão, a superfície cheia de crateras da Lua tocando no teto alto. Kai ajustou o mapa para que todos tivessem uma boa visão de Artemísia Central e das oito cidades-setores das redondezas. Depois, iluminou a frota espacial que mandou assumir posição em espaço neutro naquele mesmo dia, sessenta naves que logo responderam à mensagem dele. Sessenta naves que estavam seguindo caminho na direção da capital de Luna.

– Cada uma dessas naves terráqueas carrega armas capazes de destruir seus biodomos. Temos munição suficiente para reduzir seu país todo a escombros.

Era mentira. Nem todas as naves tinham armas, mas havia o bastante, ele esperava, para provocar danos consideráveis. Para deixá-los com medo. A energia na sala mudou. Os sorrisos ficaram hesitantes. As gargalhadas ficaram inseguras.

– Enquanto vocês estavam ocupados provocando essa pobre criada, eu mandei uma mensagem para meus militares dando a ordem de abrir fogo assim que chegarem ao nosso alcance. Mas vou revogar essa ordem quando meu povo estiver reposicionado em segurança nos portos.

Uma mulher riu, mas foi um som agudo e ansioso.

– Você não ousaria arriscar um ataque enquanto está no palácio! Você e todos os seus amigos terráqueos estariam mortos.

Kai sorriu.

– Você está certa. Eu não atacaria Artemísia Central. Mas, se não estou enganado, a maioria das casas de *vocês* não fica no domo central, fica? A maioria fica nessas cidades-setores, não é?

As naves cintilantes na holografia chegaram mais perto. Mais perto.

Os aristocratas trocaram olhares, mostrando os primeiros sinais de nervosismo. Era como se ainda estivessem desafiando silenciosamente uns aos outros a tentar desmascará-lo, mas ninguém queria ser quem faria isso.

– Se não estou enganado – disse Kai –, temos menos de vinte minutos até as naves chegarem. Se vocês querem ver suas casas novamente, sugiro que ajam rápido.



– ISSO NÃO É BOM – DISSE A VOZ ANASALADA QUE CRESS TINHA I chamar, de forma não muito original, de Sinus, o técnico de computação estúpido da rainha.

Sinceramente. Se Sybil a tivesse deixado ficar em Luna, Cress, aos dez anos de idade, conseguiria tirar o emprego desse cara.

– Isso é muito, muito ruim – prosseguiu ele, com a voz tremendo pelo destino fatídico.

– Faça parar – gritou uma voz masculina mais grave. Cress tinha quase certeza de que era o mesmo guarda que fora posicionado no corredor antes.

– Não consigo! O vídeo já foi transmitido. Você quer que eu *destransmita*? – Sinus grunhiu. – Ela... ela vai me matar. A rainha vai mandar me executar por isso.

Segurando um suspiro, Cress se esforçou para mexer o tornozelo. Uma câimbra estava surgindo na panturrilha esquerda, e ela estava com a sensação de que ia aumentar com rapidez se não tivesse oportunidade de alongar o músculo logo. Ela mexeu o tornozelo um pouquinho, mas o movimento suave só lembrou aos músculos como estavam apertados naquela pequena alcova.

O técnico sabia que era tarde demais. Sabia que não poderia impedir a transmissão do vídeo. Por que ainda não tinha *saído* da sala?

– E então? – perguntou o guarda. – Ela deixou mais alguma surpresa para nós?

– De que mais você precisa? Aquele vídeo... a rainha vai... – Ele não terminou, mas Cress sentiu o tremor na voz dele.

Como já tinha visto o vídeo na mansão, Cress sabia que a visão não os abandonaria tão cedo. O rosto marcado de Levana, a órbita ocular vazia, a orelha cortada. Não era um rosto do qual se afastava o olhar, por mais que se quisesse. Não era um rosto que se esquecia.

E todos tinham visto. Cress esperava que a própria Levana tivesse visto. Ela desconfiava que não seria fácil recuperar o glamour depois de um choque daqueles.

Mas talvez não. Levana praticava sua enganação havia muito, muito tempo.

– Já a pegaram? – perguntou Sinus. – A garota que fez isso? Ela... ela sabia muito bem o que estava fazendo.

O comentário poderia ter deixado Cress lisonjeada se não estivesse em uma posição tão desconfortável. No momento, só queria que eles fossem falar sobre ela em outro lugar. Ainda estava segurando o cabo da arma que lhe dera Thorne, e ele tinha deixado marcas vermelhas incômodas na palma da mão.

– Isso não é problema seu – resmungou o guarda. – Só faça voltar ao normal. E se livre daquele vídeo antes...

Ele não terminou. Não havia *antes*. Eles já estavam no depois.

– Estou tentando – disse Sinus. – Mas as transmissões cruzadas foram todas reestruturadas e eu poderia levar dias para...

Cress parou de ouvir, com a atenção roubada pela câimbra na panturrilha direita. Ela ofegou e envolveu os músculos com as mãos, na tentativa de massagear para afrouxar a contração.

– O que foi isso? – indagou Sinus.

Cress estremeceu e saiu da alcova. Assim que ficou de pé, apontou a arma para o técnico, depois para o guarda e novamente para o técnico. Com aquela voz fraca, ela imaginou um cara não muito mais velho, mas ele parecia ter uns cinquenta anos.

O técnico empurrou a cadeira para trás. O guarda esticou a mão para a arma.

– Não se me... ah! – Cress fez uma careta quando o músculo na perna se contraiu, e ela caiu na mesa. A quina afundou no quadril ainda dolorido da estátua que tinha caído em cima dela no corredor dos criados. Gemendo, ela se abaixou para massagear o músculo.

Lembrando-se da arma, começou a levantá-la de novo, ao mesmo tempo que o guarda a tirou de sua mão. Cress gritou e tentou pegar de volta, mas a arma já estava longe. Choramingando, voltou a massagear o músculo e levantou a mão vazia em uma rendição exausta.

O guarda manteve a arma apontada para ela.

– Estou desarmada – disse ela docilmente.

Ele não pareceu se importar.

– Você... – Sinus olhou dela para as telas. – *Você fez isso?*

– Sim, senhor. – Ela deu um suspiro de alívio quando a dor começou a passar. – E posso fazer uma sugestão? Eu estava ouvindo vocês conversarem e tenho que me perguntar... Se vocês têm certeza de que Levana vai mandar executar vocês por não conseguirem impedir o vídeo, já pensaram em se juntar ao outro lado?

Os dois ficaram olhando para ela.

Cress fechou as mãos e bateu nas laterais da perna. Ela teria que começar a fazer exercícios de novo. Ou, pelo menos, parar de se esconder em espaços confinados.

– Estou falando sério – disse ela. – Eu conheço a princesa Selene e ela é bem legal. Ela não mandaria executar vocês, principalmente por uma coisa que não foi culpa sua.

– Vou levar você presa – disse o guarda, segurando o cotovelo dela.

– Espere! – gritou ela, incapaz de se soltar da mão dele. – Vocês não vão nem pensar? Prefeririam a execução nas mãos de Levana a... não serem executados?

O guarda deu um sorrisinho quando a afastou da série de invisitelas.

– A rebelião não vai ter sucesso.

– Vai, sim. Levana vai ser destronada e Selene vai ser nossa nova governante e...

Ela foi interrompida por um alarme soando em uma tela do outro lado do centro de controle. O guarda se virou para o som e segurou Cress junto ao peito, como se ela fosse uma ameaça, com a perna com câimbra e o vestido laranja.

– O que está acontecendo agora? – gritou o guarda.

Sinus já estava em frente à tela de alerta. Ele ficou olhando boquiaberto por um momento, e murmurou:

– Eu acho... acho que estamos sendo atacados.

– É claro que estamos sendo atacados!

Sinus balançou a cabeça e aumentou uma holografia. Acima dos domos cintilantes de Artemísia, um regimento de

espaçonaves saiu do espaço neutro e se movia com rapidez na direção da cidade.

– Não por civis – disse ele. Uma gota de suor escorreu pela têmpora. – São naves terráqueas militares.

Todos ficaram olhando para as naves, vendo as luzes piscantes chegarem cada vez mais perto. Foi Cress quem organizou os pensamentos primeiro. Ela tentou se empertigar, mas o guarda a segurava com muita força.

– Isso mesmo – disse ela, aliviada por sua voz não estar tremendo. – A princesa Selene se aliou à Terra. Se Levana não se render, estamos preparados para destruir vocês todos.

Ela passou a língua pelos lábios secos e inclinou o pescoço para olhar para o guarda. Torceu para ser convincente quando falou:

– Mas não é tarde demais para vocês se juntarem ao lado vencedor.

CAPÍTULO

Dezenta e quatro

IKO ESTAVA COMEÇANDO A ENTENDER POR QUE OS HUMANOS SE E em posição fetal quando sentiam medo. No chão, de lado, com o nariz encostado nos joelhos e o braço bom em cima da cabeça, ela não queria se mexer nunca mais. Lobo tinha mordido o braço já danificado, e ela percebeu que ele provocara um dano considerável no abdome e nas coxas também, não que estivessem muito bem antes do ataque.

O que ela tinha que atraía garras e dentes afiados? Balas também, na verdade. Era uma injustiça androide que precisava ser resolvida assim que a revolução ficasse para trás.

Uma bota se chocou contra o chão a centímetros de sua cabeça, e ela se encolheu ainda mais. Não queria se levantar. Não queria se mexer. Ela queria uma bateria para se conectar e, em seguida, acordar inteira de novo, depois que Cinder a tivesse consertado e...

Cinder.

Cinder não tinha a opção de ficar deitada em coma no meio da revolução. Cinder estava por aí, em perigo.

Choramingando, Iko ousou baixar o braço e observar os arredores. Para todo o lado, gritos de guerra e berros sobrecarregavam seu sensor de áudio, e o trovejar de passos fazia

seus membros tremem. Ela espiou pela torrente de pernas e armas: primeiro os soldados lobos, depois os homens e mulheres dos setores externos, segurando lanças e facas. Todos correndo para o castelo enquanto os taumaturgos tentavam retomar o controle.

Mas eram muitos, e os lobos eram difíceis de controlar. Era o que Lobo dizia desde o começo, não era? Os soldados foram feitos para serem soltos na Terra, um suplício de morte e terror. Eles não foram feitos para serem soldados afetados, adequados, bem organizados.

E havia tantos. Mais do que Cinder levou pelos túneis. Iko fez uma careta quando um novo regimento de soldados atacou na confusão, batendo os dentes. Pegando qualquer pessoa que se movesse. Ao redor, mutantes lutavam uns com os outros. Lâminas cortavam gargantas. Lanças afundavam na carne.

– Tudo bem, Cinder – sussurrou ela, se obrigando a se levantar.
– Estou chegando.

Seus sistemas internos estavam estragados, seu processador era uma mistura de mensagens misturadas, e ela sentia pelo menos dois fios desconectados soltando fagulhas na barriga. Pegou a arma no chão.

Demorou uma eternidade para encontrar Cinder, se movendo pelo caos com o braço ruim pendurado na lateral do corpo. Iko ficou com a arma em posição e atirava quando achava que poderia salvar alguém, ignorando os rasgos que apareciam como magia nas roupas e pele sintética. O que eram mais alguns arranhões a essa altura, afinal? Pela primeira vez, ela ficou feliz

por não ter terminações nervosas. Só esperava que o corpo não fosse se desligar com tantos danos.

Quando chegou a Cinder, não tinha mais balas. Graças às estrelas, Cinder estava longe do fogo cruzado. Algumas das estátuas de pedra no pátio foram derrubadas, e ela estava agachada atrás de uma delas, vendo a batalha como se estivesse esperando a oportunidade certa de entrar.

Iko parou ao lado dela e encostou as costas na estátua.

– Belo discurso mais cedo.

Com um susto, Cinder virou a cabeça e quase esmagou o nariz de Iko com um soco instintivo. Ela parou bem a tempo. Os olhos se tomaram de alívio.

– Você está bem – ofegou ela. – Lobo?

– Pode estar com problemas de controle de raiva. Scarlet?

Cinder balançou a cabeça.

– Eu a perdi.

Um soldado inimigo apareceu do nada. Cinder empurrou Iko de lado e com o punho de metal bateu a cabeça do soldado na estátua. A estátua rachou, um pedaço de pedra caiu no chão e o soldado desabou, inconsciente.

– Cinder, você está sangrando – disse Iko.

Cinder olhou para o ombro, onde o ferimento com curativo feito na mansão estava sangrando. Ela não pareceu incomodada, e pegou o cotovelo de Iko e a puxou para a proteção que a estátua oferecia.

– Levana voltou para o palácio. Preciso entrar lá.

– Você acha que Kai também está lá?

– Provavelmente.

Iko assentiu.

– Então eu vou com você.

Um grito trêmulo chamou a atenção de Iko para a briga a tempo de ver uma mulher do setor madeireiro virar a faca para si e afundar no próprio peito. Iko arregalou os olhos. Não conseguiu afastar o olhar quando a mulher caiu de joelhos, olhando boquiaberta para as próprias mãos traiçoeiras.

Ao lado dela, Cinder soltou um grito de guerra e correu na direção de um taumaturgo. Pegou uma faca da mão de um guarda antes de ele atacar e no mesmo movimento...

Iko se encolheu. Já tinha testemunhado morte suficiente, mesmo aquele sendo um inimigo.

– Iko, venha!

Ela levantou a cabeça de novo, e viu Cinder pular por cima do taumaturgo caído e continuar correndo para as portas do palácio. Ainda estava segurando a faca do guarda, mas Iko não sabia quanto do sangue no objeto era novo.

– Certo. Vamos só matar todos os maus. – Iko olhou para a mão inerte, balançou-a um pouco e viu os dedos oscilarem inutilmente. – Bom plano.

Ela se preparou e correu no meio da briga, desviando entre os mortos e os que lutavam. Alcançou Cinder quando ela correu pelas portas abertas do palácio. Iko foi atrás e parou de repente. O olhar subiu e subiu e subiu até o alto da enorme escultura de deusa no meio do saguão.

– Nossa.

– Iko.

Ela viu Cinder ofegante do outro lado da estátua, virando a atenção de um lado para outro. A faca suja de sangue ainda estava apertada na mão branca.

– Para que lado você acha que ela foi? – perguntou Cinder.

– Para os portos, para fugir e nunca mais ser vista?

Cinder deu um olhar sério para ela.

– Ou foi pedir reforços?

– Talvez. Precisamos encontrar Kai. Levana vai usá-lo contra mim se puder.

Iko puxou uma trança, feliz de que, por pior que seu corpo estivesse, o cabelo ainda estava bonito.

– A coroação ia acontecer no salão principal. Podemos começar lá.

Cinder assentiu.

– Não tenho mais acesso às plantas do palácio. Você pode ir na frente?

As sinapses internas de Iko trabalharam por alguns momentos antes de computarem as palavras de Cinder. Ela repassou todos os planos e estratégias, todos os diagramas e mapas que eles tinham elaborado. Levantou a mão boa e apontou:

– O salão é por ali.



SCARLET OUVIA A VOZ DA AVÓ, GENTIL E FIRME, ENQUANTO explodia ao redor. Já tinha usado dois pentes e tinha visto mais abdomes rasgados por garras e gargantas destroçadas por dentes do que os pesadelos poderiam ter mostrado. Ainda assim,

soldados continuavam chegando. Ela sabia que havia um regimento do lado deles, mas não conseguia nem começar a adivinhar quantos estavam contra, e, independentemente de quantos morressem, sempre haveria mais prontos a substituí-los.

Com medo de atirar em um aliado com todos os civis cobertos de sangue parecendo inimigos, Scarlet se concentrou nos alvos óbvios. Os taumaturgos de casacos cor de vinho e pretos eram fáceis de encontrar na confusão. Cada vez que Scarlet sentia a consciência vindo perturbá-la (era uma vida, uma *vida humana* que ela estava prestes a tirar), via um civil levar uma arma à própria cabeça ou esfaquear um integrante da própria família e escolhia um taumaturgo que estivesse com o rosto contraído de concentração, e todas as inquietações desapareciam.

Segure a arma com as duas mãos, dizia a avó. Sei que é diferente nas novelas, mas os que fazem as novelas não passam de idiotas. Mire no alvo usando a visão da frente e de trás. Não puxe o gatilho... aperte. Vai disparar quando estiver pronto.

A taumaturga em quem ela estava mirando cambaleou para trás, com uma mancha escura surgindo no casaco.

Clique. Clique.

Scarlet levou a mão ao bolso de trás.

Vazio.

Ela falou um palavrão. Enfiando a arma na cintura, virou-se e procurou outra arma no chão. Por estar tão concentrada nos inimigos, ficou surpresa ao se ver em um mar de corpos e sangue.

Uma gota de suor escorreu pela têmpora.

Quantos eles tinham perdido? Parecia que a luta tinha acabado de começar. Como havia tantas pessoas mortas? Seus pulmões se

encheram de consternação.

Aquilo era um campo de batalhas. Um massacre. E ela estava bem no meio.

Ela soltou o ar e desejou expirar o terror que sentia. A voz da *grand-mère* desapareceu assim que ela guardou a arma. Só havia o som da matança. Berros e gritos de guerra. O fedor de sangue.

Ao ver um machado, ela se inclinou para pegar e só percebeu que a lâmina estava afundada em um corpo quando sentiu resistência. Com uma careta, fechou os olhos, trincou os dentes e o soltou. Não verificou de quem era o corpo em que estava preso.

Estava exausta de todas as formas, exausta a caminho do delírio. Sua atenção se voltou para uma mulher de meia-idade que, a uma primeira olhada, a lembrou de Maha, porém mais velha. A mulher estava tremendo de choque e o braço estava cortado, arrancado por dentes, Scarlet supôs, e ela usava a mão boa para arrastar um homem ferido para um lugar seguro.

Scarlet cambaleou para a frente, segurando o cabo do machado. Deveria ajudá-la.

Ela quis largar o machado, mas seus dedos tremeram, o que foi seu primeiro aviso. Arregalando os olhos, observou a mão. Os nós dos dedos estavam brancos no cabo do machado, apertando-o com mais força. Um tremor percorreu o corpo dela.

Outra pessoa estava no controle de suas mãos.

Mas não pensou em controlar sua língua, pelo menos.

– Saiam de perto de mim! – gritou ela para ninguém em particular. Para qualquer pessoa perto o bastante para ouvir. – *Corram!*

A mulher parou e a encarou. Não havia tempo. As pernas descoordenadas de Scarlet tropeçaram na direção dela, e ela segurou o machado nas duas mãos e o levantou acima da cabeça, os músculos se contraindo com o peso.

– *Corra!* – gritou ela de novo, o pânico apertando sua garganta, a mente sufocada pela terrível realidade de estar sob o controle de um taumaturgo.

O rosto da mulher foi tomado de compreensão, e ela cambaleou para trás. Tentou correr, mas tropeçou.

Scarlet gritou de angústia. A mulher levantou as mãos para se proteger. Scarlet fechou os olhos, afastando lágrimas que não sabia que estavam lá, e os braços golpearam com o machado na direção da barriga da mulher.

O machado parou de repente, no meio do golpe.

Ofegante e com os batimentos disparados, Scarlet ousou olhar para cima.

Uma forma enorme, escura e coberta de sangue parou à frente dela. Scarlet choramingou. De alívio, de gratidão, com mil sentimentos que não podiam ser expressados por palavras.

– *Lobo.*

Os olhos dele continuavam de um verde tão vibrante como sempre, apesar de estarem mais afundados do que antes, resultado do nariz e do maxilar proeminentes.

O braço de Scarlet tentou puxar o machado, mas ele arrancou a arma da mão dela.

Os dedos independentes mudaram de tática e procuraram uma fraqueza, apesar de não haver muitas. Os polegares foram na direção dos olhos dele.

Lobo a pegou com facilidade, ainda segurando o machado enquanto os braços envolveram Scarlet e prenderam os dela na lateral do corpo. Ela gritou, mas não sabia se era sua própria frustração ou a de um taumaturgo gritando por ela. Suas pernas se debateram e chutaram e pisotearam, com o corpo se contorcendo no aperto de ferro de Lobo. Ele estava imóvel e impiedoso, curvando o corpo ao redor dela como um casulo.

O taumaturgo desistiu e foi controlar uma vítima mais fácil. Scarlet sentiu a libertação como um elástico estalando nos membros. Ela tremeu e derreteu no abraço de Lobo com um soluço.

– Ah, pelas estrelas! – chorou ela, escondendo o rosto no peito dele. – Eu quase... eu teria...

– Mas não fez.

A voz estava um pouco mais rouca, mas ainda era a dele.

Scarlet apoiou as mãos no peito dele, se afastou e o observou. A respiração ainda estava agitada nos pulmões e os sons da batalha ainda ecoavam nos ouvidos dela, mas havia dias que ela não sentia tão pouco medo. Levantou a mão, hesitante no começo, e passou os dedos pelas novas maçãs do rosto proeminentes, pela testa estranha. Lobo fez uma careta. A mesma que ele tinha feito quando ela descobriu as presas dele.

Ela encontrou a cicatriz na sobrancelha esquerda e a cicatriz na boca, e estavam bem onde ela se lembrava, da noite em que o beijou a bordo do trem a caminho de Paris.

– Ainda é você, não é? Eles não... mudaram você?

Ela viu o maxilar dele trabalhando.

– Sim – disse ele, engasgado. E então: – Não sei. Acho que sim. – O rosto dele desmoronou, como se ele fosse começar a chorar, mas não começou. – *Scarlet*. Estou tão cansado do gosto de sangue.

Ela passou o polegar pelo lábio inferior dele até encontrar um canino afiado.

– Que bom – disse ela. – Não servimos muito sangue na fazenda, então vamos ter que trabalhar na sua dieta. – Ao reparar em uma mancha de sangue seco na bochecha dele, ela tentou limpar, mas logo desistiu. – Você viu Cinder? A gente deveria procurar...

– *Scarlet*. – A voz dele tremeu de desespero e medo. – Eles me modificaram. Sou perigoso agora. Sou...

– Ah, por favor. Nós não temos tempo para isso.

Ela afundou as mãos no cabelo dele, o mesmo cabelo macio, denso, desganhado, e o puxou para perto. Não tinha certeza de como seria um beijo, e foi diferente e desajeitado naquele momento apressado e roubado, mas ela tinha confiança de que eles poderiam melhorar depois.

– Você *sempre* foi perigoso. Mas é meu alfa e eu sou a sua, e isso não vai mudar porque alteraram seus dentes. Agora, venha. Nós temos que...

Atrás de Lobo, um soldado soltou um grito de dor e caiu no chão, sangrando de vários ferimentos diferentes. Lobo puxou *Scarlet* para trás e a protegeu. Havia sangue cobrindo sua lateral, e ela lembrou que Iko tinha atirado nele, mas ele mal parecia perceber o ferimento.

Ela olhou de novo, verificando as armas, os membros, os corpos.

Menos caos do que antes. A batalha estava começando a esfriar.

Não havia tanta gente para lutar, e mesmo assim ela enxergou taumaturgos reunidos ao longe. Alguns tinham morrido, certamente, mas eles permaneciam numerosos. Era fácil demais tomarem controle dos civis, e com os soldados lobos os mantendo ocupados...

Era possível que eles estivessem perdendo?

Um civil controlado se aproximou dela correndo, com uma lança acima da cabeça. Lobo o empurrou para longe e partiu a lança no meio antes que Scarlet reagisse. Virando-se, ele rosnou e puxou Scarlet para o lado momentos antes de uma faca cortar o ar. Com um único movimento do punho de Lobo, o homem caiu inconsciente. Embora ainda estivesse segurando o machado, Lobo não o levantou. Afinal, eles eram aliados, mesmo se tornando armas para o inimigo.

Quanto mais caíssem, mais fácil seria para os taumaturgos tomarem o controle...

– Fique abaixada! – gritou Lobo, empurrando Scarlet para o chão e se encolhendo em cima do corpo dela. Um escudo vivo. O instinto dele ainda estava presente, pelo menos. O desejo de protegê-la acima de tudo.

Essa era toda a confirmação de que ela precisava.

Sentindo-se mais segura do que deveria, Scarlet ficou abaixada e verificou, no caos, se encontrava algum sinal de Cinder ou de Iko ou de Alfa Strom ou...

Ela viu um soldado lobo que não reconheceu prestes a se jogar neles.

– Lobo!

Lobo rosnou e mostrou os dentes.

O soldado hesitou. Farejou o ar uma vez, olhou de Lobo para Scarlet e para Lobo novamente. Em seguida, virou-se e saiu correndo para procurar outra vítima.

Depois de umedecer os lábios secos, Scarlet colocou a mão no cotovelo de Lobo.

– Nós estamos perdendo? – perguntou ela, tentando contar, mas era impossível saber quantos soldados lobos eram deles e quantos eram de Levana. Ela sabia que os civis estavam morrendo cada vez mais rápido, com a balança se virando a favor dos taumaturgos.

– Não por muito tempo – disse Lobo.

Ela inclinou a cabeça para cima. Os olhos dele ainda brilhavam perigosamente, procurando ameaças imediatas.

– O que você quer dizer?

O nariz dele tremeu.

– A princesa Winter está perto e... trouxe reforços.

CAPÍTULO

Quinta e cinco

– ESTAMOS QUASE LÁ – DISSE IKO, QUANDO ELA E CINDER SEGUI
corredor principal do palácio.

Elas ainda ouviam os sons da batalha ao longe, mas o palácio estava em silêncio em comparação. Não havia sinal de Levana desde que elas entraram, e Iko quase esperava que a rainha maluca pulasse de um esconderijo e tentasse perfurá-las com os sapatos de saltos finos.

Ver Levana nos degraus do palácio foi a primeira vez que Iko colocou os olhos na rainha lunar, e o rosto deformado fez a androide desejar não ser imune a glamour. Depois de anos ouvindo sobre a famosa beleza da rainha, a verdade foi uma grande decepção.

Mas a verdade foi revelada. Graças ao vídeo de Cinder, todo mundo sabia o que se escondia embaixo da ilusão. Com sorte, elas encontrariam a rainha enquanto ainda estivesse abalada com a revelação.

Cinder apertou a faca suja de sangue.

– Dois guardas à frente.

Elas dobraram a esquina, e ela estava certa: havia dois guardas na frente de um par de portas decoradas, com armas enormes já apontando para elas.

Iko parou e levantou a mão boa em uma demonstração de inocência. Tentou dar um sorriso doce, mas, com a orelha cortada e um músculo na bochecha em espasmos, não estava se saindo da melhor maneira.

De repente, o reconhecimento soltou fagulhas no processador dela.

– *Você!* – gritou ela. – Ele... ele é o cara que salvou Winter.

Embora o guarda estivesse imóvel, provavelmente graças a Cinder, o rosto estava livre para se contorcer de repulsa quando seu olhar percorreu o corpo maltratado de Iko, com fios mortos, partes soltas e tudo.

– E você é aquela robô horrível.

Iko se irritou.

– O termo correto é *androide-acompanhante*, seu ignorante, mal-educado...

– Iko.

Ela fechou a boca, embora as sinapses ainda estivessem pegando fogo.

Cinder inclinou a cabeça para o lado.

– Então foi você quem matou o capitão da guarda de Levana?

– Matei – disse ele.

O segundo guarda rosnou, olhando alternadamente para o companheiro e para Cinder.

– *Traidor.*

Uma gargalhada baixa e sem humor ecoou pela garganta do primeiro guarda; Kinney, Iko lembrou.

– Você está desperdiçando energia ao me controlar. Não tenho intenção de atirar em você.

– Tudo bem – disse Cinder, mas Iko percebeu que ela não confiava nele. – Enquanto você não tentar nos machucar, não vou ter motivo para manipular você.

Não era bem uma concessão. Se ele tentasse qualquer coisa, Iko sabia que Cinder poderia detê-lo.

Os músculos nos braços de Kinney relaxaram.

– Então você é a ciborgue que está causando tanta confusão.

– Uau – refletiu Iko. – Ele é bonito *e* inteligente.

O nariz franzido dele a fez se perguntar se ela estava começando a exagerar no sarcasmo, mas seu ego ferido a deixou furiosa. Tinha se acostumado às pessoas olhando para ela como se fosse humana. Não só humana, mas *bonita*. Mas agora estava limitada, com um braço inerte e tecido de pele destroçado e sem a orelha, e tudo o que aquele guarda via era uma máquina quebrada.

Não que a opinião dele importasse. Ele era um cretino.

Exceto por aquela história de salvar a vida de Winter, o que deveria ter sido um golpe de sorte.

– Levana está aí dentro? – perguntou Cinder, indicando as portas fechadas.

– Não, só os convidados da coroação. Nossas ordens foram de detê-los até a rainha ou um taumaturgo os soltar... Desconfio que ela esteja se preparando para massacrar todos os terráqueos se vocês não se renderem.

– É a cara dela – disse Cinder. – Mas duvido que ela tenha forças para fazer glamour em tantas pessoas ao mesmo tempo agora. Se tivesse, acho que teria vindo direto para cá.

Kinney franziu a testa, especulativo. Talvez ele não tenha visto o vídeo. Não sabia que a verdade por baixo do glamour de Levana tinha sido revelada.

– Para que outro lugar ela iria? – perguntou Cinder. – Se ela quisesse me atrair para algum lugar, um lugar em que se sentisse segura e poderosa.

Ele deu de ombros.

– Para a sala do trono, eu acho.

Cinder contraiu o maxilar.

– Foi onde aconteceu o banquete da outra noite? Com a varanda acima do lago?

Kinney tinha começado a assentir, quando o segundo guarda virou a cabeça para trás e cuspiu. *Cuspiu* mesmo naquele piso lindo.

– Ah! – gritou Iko. – Seu bárbaro!

– Quando ela pegar você – rosnou o guarda –, minha rainha vai comer seu coração com sal e pimenta.

– Bem – disse Cinder, despreocupada –, meu coração é parcialmente sintético, então é provável que ela tenha indigestão.

Kinney pareceu quase achar graça.

– Nós, guardas, costumamos ser bem tratados aqui. Você vai ver que muitos de nós vão permanecer leais a Sua Ma... a Levana.

– O nome de batismo da rainha saiu com constrangimento, e Iko se perguntou se ele já o tinha dito antes.

– E por que você não? – perguntou Cinder.

– Alguma coisa me diz que vou gostar mais da sua proposta. – O olhar dele se desviou para Iko. – Mesmo você andando com umas

companhias estranhas.

Ela bufou.

Dando um passo à frente, Cinder desarmou o segundo guarda e ficou com a arma dele para si.

– Talvez quando isso acabar eu os convença de que também pretendo tratar vocês bem.

Cinder se virou, e Iko viu o conflito nos músculos do rosto dela.

– Fique com Kai. Caso ela envie um taumaturgo atrás deles, quero alguém aqui que não possa ser controlado. E tente tirá-lo daqui, junto com qualquer terráqueo. – Ela inspirou fundo. – Eu vou atrás de Levana.

– Não, espere – disse Iko. – Eu deveria ir com você.

Ignorando-a, Cinder apontou o dedo para Kinney.

– Se você é leal a mim, então vai ser leal ao imperador terráqueo. Proteja-o com sua vida.

O guarda hesitou, mas levou um punho ao coração.

Com a nova arma em uma das mãos e a faca na outra, Cinder se virou e começou a correr na direção de onde elas tinham vindo.

– Cinder, espere! – gritou Iko.

– Fique com Kai!

– Mas... *tome cuidado!*

Assim que Cinder dobrou a esquina, Iko se virou para os dois guardas, na hora em que o segundo guarda se deu conta de que tinha controle do próprio corpo de novo. Com o olhar sombrio, ele levantou uma arma e mirou em Iko.

Kinney bateu na cabeça dele com a coronha do fuzil. Iko deu um pulo para trás quando o guarda caiu de cara no chão.

– Acho que eu devia ir com ela – disse Kinney.

Rosnando, Iko passou por cima do guarda caído e apontou um dedo para o peito dele.

– Eu a conheço há bem mais tempo que você, moço, e, se tem um de nós que deveria ir com ela, esse alguém sou *eu*. Agora, abra as portas.

Uma sobrancelha escura e grossa foi erguida. Ela percebeu que ele lutava para dizer alguma coisa ou *não* dizer nada. Ele desistiu e se virou, empurrando a barra que atravessava a porta. Ele abriu a passagem.

Iko deu dois passos para dentro do salão e parou.

O recinto não estava cheio de centenas de aristocratas lunares e líderes terráqueos e seu lindo imperador. Na verdade, só uns dez lunares vestidos com cores vibrantes ocupavam um canto do ambiente. O chão estava cheio de cadeiras, muitas viradas, e mal havia espaço para andar, dificultando a travessia.

– Ele nos obrigou! – gritou uma mulher lunar, chamando a atenção de Iko. – Nós não queríamos ajudar os terráqueos, mas ele ameaçou bombardear a cidade. Ah, por favor, não contem para a rainha.

Iko olhou para trás, mas, a julgar pela forma como a boca de Kinney estava aberta, ele estava tão surpreso quanto ela. Ela começou a abrir caminho por entre as cadeiras, e ocorreu-lhe que a pessoa que as espalhou fez de forma intencional, para desacelerar qualquer um que tentasse persegui-los.

Quando se aproximaram, Iko viu uma porta aberta atrás de um altar enorme; uma cortina fechada a manteria escondida normalmente.

– Aquela porta leva ao corredor dos criados – disse Kinney. – Mas também devia estar vigiada.

– Ah, você está com aparência *terrível*! – berrou a primeira mulher, cobrindo a boca ao observar os ferimentos de Iko. – Por que alguém faria um glamour para ficar *assim*?

Antes que Iko elaborasse uma resposta indignada, Kinney disse:

– O imperador Kaito está levando os outros terráqueos para os portos?

Os lunares assentiram e alguns apontaram para a porta.

– Por ali – disse a mulher desagradável. – Você vai conseguir pegá-los se correr. E não se esqueça de dizer para Sua Majestade que *nós* ficamos aqui!

Eles a ignoraram e correram para a porta.

Iko começou a procurar o caminho mais direto para o porto, mas ficou óbvio que Kinney sabia que caminho seguir, então ela permitiu que ele fosse à frente. Eles não estavam correndo havia muito tempo, quando o sensor de áudio dela captou vozes ecoando no corredor.

Eles dobraram uma esquina, e Iko viu a fonte do barulho à frente: havia centenas de aristocratas lunares organizados em uma fila confusa, esperando para passar por uma porta até uma escada que os levaria para baixo, para os subníveis embaixo do palácio.

Em meio à falação, a entrada de áudio dela reconheceu uma voz.

Kai.

Ela acelerou. Os lunares, que só repararam nela quando chegou logo atrás deles, gritaram de surpresa, e muitos se

jogaram contra a parede para deixar que ela passasse.

– Kai!

A multidão se moveu. Kai e seu conselheiro, Konn Torin, estavam ao lado da porta que levava à escada, pedindo às pessoas que fossem mais rápido, que mantivessem o ritmo.

O olhar dele se encontrou com o dela. Alívio. Felicidade.

– Iko?

Ela se jogou nos braços de Kai, pela primeira vez sem se importar com os painéis queimados na lateral do rosto nem com os buracos no tronco. Ele retribuiu o abraço.

– Iko. Graças às estrelas.

Com a mesma rapidez com que a abraçou, ele a afastou e olhou para trás dela, mas sua alegria sumiu quando só viu Kinney ao lado.

– Onde está Cinder?

Iko também olhou para trás. Kinney estava olhando com desprezo para a mão de Kai no braço quebrado de Iko. Ela apertou os lábios e também fez expressão de desprezo.

– Ela está procurando Levana. Achamos que foi para a sala do trono.

– Sozinha?

Iko assentiu.

– Ela queria que eu viesse ver se você estava bem.

Dando um suspiro frustrado, Kai empurrou Iko e Kinney para a parede, abrindo caminho para os lunares que ainda esperavam para descer.

– Estamos levando todo mundo para os portos de naves espaciais. Vai ser o lugar mais seguro enquanto a luta continuar, e

vai afastar qualquer possível marionete das mãos de Levana. – Ele apertou a mão de Iko, e os fios dela zumbiram de prazer. – Acha que consegue abrir os portais para deixar as naves saírem se eu levar você lá para baixo?

Kinney respondeu antes dela.

– Eu sei o código de acesso.

Iko se virou para ele.

– Eu fiz treinamento de piloto – disse ele, dando de ombros com indiferença.

Kai fez um gesto de apreciação com a mão, e, se estava impressionado ao receber a ajuda de um guarda real, não demonstrou.

– Então vamos terminar isso e vamos procurar Cinder.

CAPÍTULO

Quinta e seis

JACIN ESTAVA SEGURANDO A MÃO DELA COM OS DEDOS FORTES

como se tivesse medo de que ela fosse desaparecer caso ele afrouxasse o aperto. Eles saíram com uma multidão de gente dos túneis dos trens em Artemísia Central. O lar da infância de Winter. De Jacin também. Ela se sentia um fantasma. Sentia-se uma conquistadora.

Eles demoraram horas para atravessar Luna, visitando dezenas dos setores mais próximos, espalhando a história da sobrevivência de Selene e o chamado às armas, e pedindo às pessoas para se juntarem a eles. Foi preciso menos persuasão do que ela esperava. Já estimulados pelo vídeo que Cinder transmitira e irritados pela tentativa de Levana de assassinar a princesa (de novo), as pessoas estavam em frenesi quando Jacin e Winter chegaram e deram a notícia. Muitas já estavam a caminho da capital.

Assim que ela e Jacin saíram na superfície, as pessoas foram correndo para o palácio, rugindo e segurando as armas. Winter tentou acompanhá-las, mas o aperto de Jacin aumentou e a puxou para o lado dele, mantendo-a protegida da multidão.

O pátio em frente ao palácio já era um depósito de cadáveres, apesar de ainda haver gente se esforçando para continuar na

batalha. Um batalhão de taumaturgos e incontáveis lobos não perdeu tempo e partiu para cima dos recém-chegados, e os gritos corajosos de guerra das linhas de frente logo viraram berros. Ainda havia mais gente vindo, saindo dos túneis e ocupando as ruas, e Winter reconheceu muitos dos seus próprios soldados tentando arrancar os mutantes de cima dos aliados. A confusão reinava. Civis controlados por taumaturgos viravam inimigos, e às vezes era impossível saber quais dos soldados lobos estavam do lado deles.

Garras abriram o peito de uma pessoa.

Uma bala rasgou a lateral do rosto de uma mulher.

Uma lança empalou o abdome de um homem.

Uivos de dor e de vitória, indistinguíveis. O odor forte de sangue. Mais pessoas chegavam e chegavam e chegavam. As pessoas que ela levava até ali.

A cabeça de Winter doía com aquilo tudo. Os pés estavam grudados no chão. Ela estava feliz por Jacin tê-la segurado.

– O palácio vai ficar encharcado de sangue – sussurrou ela. – As águas do lago Artemísia vão ficar vermelhas, e até os terráqueos vão ver.

Os olhos de Jacin se tomaram de preocupação.

– Winter?

Ela mal ouviu Jacin em meio à algazarra dentro do crânio. Afastando-se dele, cambaleou para a frente e desabou em cima do corpo de um dos soldados lobo. Havia familiaridade na posição do maxilar, nos olhos mortos olhando para o alto.

Afastando uma mecha suja de sangue da testa do homem, Winter começou a chorar.

Era Alfa Strom.

E era culpa dela, *culpa dela* ele estar ali. Winter lhe pediu para lutar por ela, e agora ele estava morto, e...

Jacin segurou o braço dela.

– Winter, o que você está fazendo?

Ela caiu chorando em cima do corpo de Strom.

– Eu estou morrendo – choramingou ela, afundando os dedos no tecido imundo da camisa de Strom.

Jacin falou um palavrão.

– Eu sabia que isso era má ideia. – Ele a puxou, mas ela arrancou o braço da mão dele e observou a batalha furiosa ao redor.

– Eu estou destruída – disse ela. A bochecha estava coberta de lágrimas, misturadas com todo aquele sangue. – Não sei nem se uma pessoa sã consegue se recuperar. Então, como eu poderia?

– É precisamente por isso que deveríamos ir. Venha.

Desta vez, ele não deu escolha, passou as mãos debaixo dos dois braços dela e a puxou para que ficasse de pé. Winter escorregou para perto dele e permitiu que ele a encaixasse no corpo. Um grito surpreendente chamou a atenção dela novamente para o palácio, e ela viu os taumaturgos fugindo para dentro. Muitos tinham sido vencidos e estavam mortos ou morrendo na escada do palácio. Eles foram dominados. Havia gente demais para os asseclas da rainha os controlarem, como Cinder esperava que acontecesse.

Exércitos estavam caindo... dos dois lados.

Tantas mortes.

Animadas pela vitória, as pessoas correram para o palácio, entrando pelas enormes portas e correndo atrás dos taumaturgos.

Winter notou um vulto de cabelos ruivos e seu coração saltou.

– *Scarlet!* – gritou ela, lutando contra Jacin, embora ele a segurasse com firmeza. – Não, Scarlet! Não entre lá! As paredes estão sangrando! – Suas palavras viraram choro, mas deu certo. Scarlet se virou e olhou. Procurou na multidão quem tinha dito seu nome.

Jacin arrastou Winter para baixo do toldo de uma loja de vestidos e a encostou no abrigo da porta.

– Não é seguro! – gritou Winter, esticando a mão para além dele, na direção da amiga, mas não conseguia mais ver Scarlet na confusão. Ela olhou nos olhos de Jacin, que estavam em pânico. – Não é seguro lá dentro. As paredes... o sangue. Ela vai se machucar e vai morrer e todos vão morrer.

– Tudo bem, Winter. Se acalme – disse ele, acariciando o cabelo de Winter. – Scarlet é forte. Ela vai ficar bem.

Ela choramingou.

– Não é só Scarlet. Todo mundo vai morrer, e ninguém sabe, ninguém vê, só eu... – A voz dela falhou, e ela começou a soluçar. Histericamente. Winter desabava, mas Jacin a segurou e a puxou contra si, deixando que chorasse em seu peito. – Eu vou perder todos eles. Eles vão se afogar no próprio sangue.

Os sons de luta estavam distantes e abafados dentro das paredes do palácio, substituídos nas ruas e no pátio pelos gemidos de morte e tosse sangrenta. A visão de Winter estava borrada quando ela olhou por cima do ombro de Jacin. Na maior

parte, eram corpos e sangue, mas havia algumas pessoas andando. Algumas dezenas de pessoas seguindo caminho em meio à destruição. Tentando cuidar dos que ainda estavam vivos. Tirando corpos de cima de outros corpos. Uma garota de avental surpreendentemente limpo arrancou os botões do casaco preto de um dos taumaturgos.

– Eu deveria ter deixado você com os lenhadores – murmurou Jacin.

A garota de avental reparou neles, levou um susto e saiu correndo para o outro lado do pátio, para remexer nos bolsos de outras vítimas. Uma serva da cidade, supôs Winter, embora não a reconhecesse.

– Eu poderia ter sido você – sussurrou Winter na direção dela. Os dedos de Jacin afundaram nas costas dela. – A filha humilde de um guarda e uma costureira. Eu deveria ter sido ela, pilhando restos. Não da realeza. Não isto.

Segurando o rosto dela com as duas mãos, Jacin a obrigou a olhá-lo.

– Ei – disse ele, meio severo e gentil ao mesmo tempo. – Você é minha princesa, certo? Sempre seria minha princesa, independentemente de como nasceu, independentemente de com quem seu pai se casou.

Os olhos dela estavam embaçados. Ela levantou a mão e dobrou os dedos nos antebraços de Jacin.

– E você sempre vai ser meu guarda.

– Isso mesmo. – Um toque levíssimo. O polegar calejado dele na têmpora dela. O corpo todo de Winter tremeu. – Venha. Vou tirar você daqui.

Ele começou a se afastar, mas ela afundou os dedos no braço dele com força.

– Você precisa ajudar Selene, Scarlet e o resto.

– Não. Ou ela está ganhando ou está perdendo. Minha presença não vai fazer diferença a essas alturas. Mas você... eu posso cuidar de você. Pela primeira vez.

– Você sempre cuida de mim.

Os lábios dele se apertaram e ele voltou a atenção para as cicatrizes dela antes de afastar o olhar. Estava prestes a falar de novo quando Winter percebeu um movimento.

A criada de avental tinha se aproximado e estava com um olhar vazio no rosto. Ela levantou uma faca ensanguentada acima da cabeça.

Winter ofegou e puxou Jacin para o lado. A ponta da faca roçou a parte de trás do braço dele e rasgou a camisa. Rosnando, ele se virou contra a agressora e segurou o pulso dela antes que pudesse golpear de novo.

– Não a machuque! – berrou Winter. – Ela está sendo manipulada!

– Eu reparei – grunhiu ele, puxando os dedos da mulher até ela soltar a faca. Caiu com um estalo no piso de pedra. Jacin a empurrou e ela desabou de lado.

No mesmo movimento, Jacin puxou as tiras do ombro que prendiam a arma e a faca, e jogou o mais longe que conseguiu na pista de obstáculos de corpos. Antes que fossem usadas contra eles. Antes que suas próprias mãos virassem armas contra ele.

– Espero que você não ache que *isso* vá fazer diferença.

Choramingando, Winter se encostou na porta.

Aimery. Ele estava de pé na rua... sem sorrir. Pela primeira vez, sem nem fingir sorrir. Não arrogante, nem cruel, nem provocador.

Ele parecia desequilibrado.

A criada, liberada do controle dele, se afastou de quatro o mais rápido que pôde em uma viela. Winter ouviu o rastejar dela virar uma corrida apressada. Aimery a deixou ir. Nem olhou para ela.

Jacin se posicionou entre Winter e Aimery, embora ela não soubesse por quê. Aimery poderia ter obrigado Jacin a chegar para o lado com um leve pensamento. Aimery poderia brincar com eles como se fossem peões em um jogo de damas.

– Como você é inútil com seu dom – disse Aimery, os olhos escuros em chamas. – Talvez você não entenda que não precisamos de armas e facas para provocar danos. Quando se tem o poder que tenho, o mundo todo é um arsenal, e tudo nele é uma arma.

Aimery enfiou as mãos nas mangas, embora não estivesse com a postura de sempre. A expressão era exausta e raivosa.

– Você poderia ser estrangulado com o próprio cinto – continuou ele, falando devagar. – Poderia se empalar com um garfo. Poderia enfiar os próprios polegares nos olhos.

– Você acha que *eu* não sei o tipo de coisa que você é capaz de fazer? – O corpo de Jacin estava rígido, mas Winter achava que Aimery ainda não tinha tomado o controle dele.

Ainda não.

Mas poderia.

Ali estava o sorriso de pesadelo de Aimery, mas misturado a uma expressão de desprezo.

– Você é tão inferior a mim quanto um rato. – Ele voltou a atenção para Winter. Seu lábio se curvou de repulsa. – Mesmo assim, ela fez a escolha dela, não fez?

O coração de Winter pulava na caixa torácica, as palavras de Aimery ecoando no crânio confuso. *Estrangular. Empalar. Enfiar.*

Ele faria isso. Ainda não. Mas, depois, sim.

Um arrepio percorreu a pele dela, pelo puro ódio que Winter viu no rosto de Aimery.

– Você deveria ter me aceitado quando teve a chance – retrucou ele.

Ela tentou engolir, mas sua saliva parecia pastosa.

– Eu poderia – disse ela. – Mas não teria sido mais real do que as visões que me afligem.

– Então você escolheu um guarda patético.

Os lábios dela tremeram.

– Você não entende. Ele é a única coisa que é real.

A expressão de Aimery ficou sombria.

– E logo ele estará morto, princesinha. – Ele cuspiu o título dela como se fosse um insulto. – Real ou não, eu vou ter você. Se não for como esposa ou amante por vontade própria, então como uma posse para ser exibida em uma bela caixa decorada. – Seus olhos assumiram um tom de loucura. – Eu esperei anos demais para perdê-la assim agora.

Jacin estava de costas para Winter, os ombros contraídos. Um filete de sangue desceu pelo cotovelo e pingou do pulso. Caiu no chão abaixo. Ele estava impotente para fazer qualquer coisa além de ficar ali e dizer coisas frias e cruéis, e torcer para ninguém perceber o quanto ele realmente estava assustado e frustrado.

Mas Winter sabia. Ela tinha vivido a vida com aquele medo.

Aimery pareceu satisfeito ao olhar novamente para Jacin.

– Estou esperando isso desde que você foi levado perante a corte. Eu deveria ter visto você sangrar no piso da sala do trono naquele dia.

Winter tremeu.

– Deve ter sido uma decepção tão grande para você – disse Jacin.

– Foi mesmo – concordou Aimery. – Mas acho que vou apreciar esse momento mais ainda. – A bochecha dele tremeu. – Como vai ser? Pela minha mão? Pela sua? – Os olhos dele brilharam. – Pela *dela*? Ah... como ela ficaria inconsolável em ser o instrumento da morte do amado. Talvez eu faça com que ela bata na sua cabeça com uma pedra. Talvez eu a mande sufocar você com esses dedos bonitos.

Ela foi tomada de náusea.

Jacin...

Jacin.

– Gostei bastante dessa ideia – refletiu Aimery.

As mãos de Winter tremeram. Ela não sabia se estrangulariam, sufocariam, bateriam ou empalariam. Só sabia que Aimery a dominava, e que Jacin estava em perigo, e que esse era o fim. Não havia área indefinida. Não havia vencedores. Ela era uma tola, tão tola, tão tola.

Winter manteve os olhos bem abertos contra as lágrimas quentes.

Jacin se virou para encará-la quando as mãos envolveram seu pescoço. Os polegares dela pressionados contra a pele da

garganta dele. Houve um ofego e, se ele quisesse empurrá-la, Aimery não deixaria.

Winter não podia olhar. Não podia assistir. Estava chorando descontroladamente, e a sensação horrível da garganta de Jacin debaixo dos polegares dela era horrível demais, frágil demais...

Um brilho vermelho surgiu entre as lágrimas que se acumulavam.

Era Scarlet, chegando por trás de Aimery. Esgueirando-se entre os corpos caídos. Com uma faca na mão.

Ao perceber que Winter a tinha visto, Scarlet levou um dedo aos lábios.

Aimery virou a cabeça.

Não na direção de Scarlet, mas na direção de uma figura enorme, rugindo.

Aimery riu e balançou a mão no ar. Lobo estava a alguns passos de distância quando caiu, uivando de dor.

– Eu sou o taumaturgo da própria rainha! – gritou Aimery, seus olhos ardendo enquanto olhava com desprezo para o corpo de Lobo, se contorcendo. – Você acha que não o sinto se aproximando de mim? Acha que não sou capaz de lutar contra um mutante patético, um guarda de mente fraca e uma *terráquea*?

Ele se virou para olhar para Scarlet. Ela ainda estava a alguns passos de distância dele e parou, com os dedos apertando o cabo da faca.

O sorriso de Aimery sumiu. Sua testa tremeu quando ele se deu conta de que a bioeletricidade ao redor do corpo de Scarlet já tinha sido tomada por alguém.

Ele apertou os olhos e procurou no campo de mortos onde eles estavam, mas não havia ninguém ali para controlar Scarlet. Ninguém que superasse os poderes dele. Exceto...

Scarlet chegou mais perto. O andar era manco e desajeitado. O braço tremeu quando ela ergueu a faca.

Aimery deu um passo para trás, e sua atenção se voltou para Winter. No momento em que ele foi distraído por Lobo, o pobre e torturado Lobo, ele soltou as mãos e a mente de Winter. Jacin ainda estava massageando o pescoço e lutando para respirar, e Winter...

Winter estava olhando para Scarlet. Horrorizada. Tremendo. Mas determinada.

Jacin soltou a mão e deu um tapa na cara de Winter. Ela se chocou contra a parede da loja, mas não sentiu a força do golpe. Seu foco estava em Scarlet, só Scarlet, Scarlet e a faca.

Winter estava chorando e se odiando. Estava arrasada e se sentindo cruel, mas não hesitou e forçou Scarlet a entrar em batalha. Aimery cambaleou para trás de novo e levantou as mãos em defesa. Scarlet pulou em cima dele. Aimery tropeçou na perna de um civil morto e caiu para trás. Scarlet caiu de joelhos ao lado dele e se adiantou. Seus olhos estavam confusos, a boca estava frouxa de descrença, mas o corpo agiu com perversidade e determinação quando enfiou a faca na carne dele.

CAPÍTULO

Quinta e sete

A REALIDADE SE DESINTEGROU. O MUNDO ERA FORMADO POR /
indefinidos se partindo, deixando espaços pretos no meio, depois
se juntando com fagulhas cegantes.

Winter se encolheu o máximo que pôde na porta da loja da via principal de Artemísia. Os braços trêmulos formaram um escudo protetor ao redor do corpo, e os pés se encurvaram com força. Ela perdera um sapato. Não sabia como nem quando.

Aimery estava morto.

A amiga Scarlet o esfaqueou nove vezes.

Winter o esfaqueou nove vezes.

A querida Scarlet. A selvagem, teimosa e dona de uma mente fraca Scarlet.

Depois que ela começou, Winter não conseguiu detê-la. *Nove vezes.* Fazia anos que não manipulava ninguém, e nunca com intenções violentas. Aimery, em sua determinação de domar todos com seu dom, só tentou fugir depois da segunda facada. Mas então Winter já tinha se perdido. Não conseguia detê-la. Só pensava em apagar para sempre aquele sorriso horrendo e encantador. Em destruir a mente dele, para não ser obrigada a colocar as mãos no pescoço de Jacin de novo e terminar o que começou.

E Aimery estava morto.

As ruas estavam cheias do sangue dele. Fediam com o odor.

– O que há de errado com ela? – gritou uma voz distante. – Por que ela está agindo assim?

– Dê um espaço a ela.

Essa ordem foi seguida de um grunhido. Jacin? Será que era o guarda dela, tão próximo, sempre tão próximo?

Jacin foi quem agarrou Scarlet e arrancou a faca dela, interrompendo a força de Winter sobre a garota. Se não fosse assim, ela sabia que teria continuado a esfaquear e esfaquear e esfaquear, até Aimery não ser nada além de pedacinhos de carne e sorriso.

A cabeça de Winter estava cheia de distrações, coisas demais para compreender. A placa da loja balançava. Havia uma cortina rasgada atrás do vidro quebrado. Buracos de bala nas paredes. Tetos afundados. Vidro estilhaçado debaixo dos pés dela.

– Temos que encontrar Cinder. – A voz era insistente, mas apavorada. – Temos que ver se ela está bem, mas não posso... não quero deixar Winter...

Winter arqueou as costas e enfiou as unhas nos cabelos, ofegando por uma overdose de sensações. Cada centímetro de sua pele era uma colmeia de abelhas picando.

Braços a envolveram. Ou talvez estivessem ali havia muito tempo. Ela mal conseguia senti-los fora do casulo que erigiu, apesar de estar coberto de fraturas finas.

– Está tudo bem. Estou com Winter. Vão.

Um casulo.

Um envoltório de gelo.

Um cinto de espaçonave a estrangulando, a tira cortando sua pele.

– Vão!

Winter agarrou as tiras, tentando se soltar. Os mesmos braços fortes tentaram segurá-la. Tentaram impedir que ela se debatesse. Ela bateu os dentes, e o corpo se afastou. Ela foi tirada da porta, os corpos foram reposicionados, para que os braços pudessem controlá-la sem estarem em perigo. Ela lutou com mais força. Chutou e se contorceu.

E gritou.

esfaqueando e esfaqueando e esfaqueando e esfaqueando e esfaqueando e

Sua garganta ardia.

Talvez ela estivesse gritando havia muito tempo.

Talvez o som estivesse aprisionado dentro do casulo, preso como ela. Talvez ninguém fosse ouvi-la. Talvez ela fosse gritar até a garganta sangrar e ninguém saberia.

Seu coração se partiu em dois. Ela era um animal. Uma assassina e uma predadora.

Os gritos viraram uivos.

Uivos tristes e arrasados.

Uivos assombrados e furiosos.

– Winter? Winter!

Os braços ao redor dela eram incansáveis. Ela achou que talvez houvesse uma voz, familiar e gentil, em algum lugar ao longe. Achou que pudesse haver boas intenções naquela voz. Achou que, se seguisse o som, ele a levaria para um lugar seguro e calmo, onde ela não era mais assassina.

Mas Winter já estava sufocando sob o peso de seus crimes.

Animal. Assassina. Predadora. *E os lobos todos uivam,*
auuuuuuuuuu...

CAPÍTULO

Oitenta e oito

CINDER VERIFICOU A MUNIÇÃO DA ARMA E CONTOU AS BALAS corria. Estava respirando pesado, mas não se sentia cansada nem dolorida. A adrenalina corria quente por suas veias, e, pela primeira vez, ela ficou ciente disso só porque conseguia se sentir tremendo, e não porque a interface do cérebro estava avisando.

Os sons de batalha ecoavam pelo palácio, baixos e distantes. Muitos pisos abaixo. Eles estavam dentro, ela percebeu. Haveria muitas mortes, ela sabia.

Ela sentia que eles podiam estar ganhando. *Ela podia ganhar.*

Mas tudo desmoronaria se ela não terminasse o que foi fazer. Se não encontrasse uma forma de acabar com a tirania de Levana de vez, as pessoas estariam sob o controle dela já de manhã.

Ela subiu a escada dois degraus de cada vez. Sentiu os cabelos da nuca se eriçarem, quando chegou ao corredor do quarto andar. Ela espiou o corredor vazio, com suas obras de arte e tapeçarias e pisos brancos brilhantes, prestando atenção em qualquer som que indicasse uma emboscada.

Não que emboscadas tivessem barulhos de alerta.

Tudo estava sinistro e assombrado depois do caos do pátio.

Não era consolo, para Cinder, ter chegado à sala do trono sem incidentes. Não era a cara de Levana facilitar as coisas para ela, o que queria dizer que Levana estava tão abalada pelo vídeo que não estava mais pensando direito ou, mais provável, que Cinder estava entrando em uma armadilha.

Ela segurou a arma com uma das mãos, a faca com a outra, e tentou acalmar o coração disparado. Fez o melhor que pôde para pensar em algum plano para quando chegasse à sala do trono, supondo que Levana estivesse lá, provavelmente com um grupo de guardas e taumaturgos.

Se os guardas já não estivessem sob o controle de alguém, ela os roubaria e formaria uma barreira protetora ao redor de si mesma. Assim que uma oportunidade se apresentasse, ela atiraria em Levana. Sem hesitar.

Porque Levana não hesitaria em matá-la.

Ela se viu em frente às portas da sala do trono, com a insígnia lunar entalhada na superfície. Engoliu em seco e desejou conseguir sentir quantas pessoas estavam dentro, mas a sala estava muito bem selada. O que havia atrás daquelas portas era um mistério.

Uma emboscada, o bom senso sussurrou. *Uma armadilha*.

Lambendo o sal dos lábios, ela se preparou e chutou uma das portas, entrando antes que pudesse se chocar de volta contra ela. Seu corpo estava tenso, preparado para um impacto, um soco, uma bala, qualquer outra coisa além da imobilidade que a recebeu.

Só havia duas pessoas na sala, o que a fez parecer infinitamente maior do que durante o banquete de casamento.

As cadeiras da plateia ainda estavam ali, mas muitas foram empurradas contra as paredes ou esmagadas na destruição que ela provocou.

Mas o trono não tinha sido movido, e Levana estava sentada nele como antes. Em vez de parecer arrogante e cruel como sempre, ela estava caída no trono enorme com um ar de derrota. Estava usando as cores da bandeira da Comunidade das Nações Orientais no vestido, um deboche de tudo o que Kai e seu país defendiam. O glamour tinha voltado. Ela estava com o rosto virado para longe de Cinder, escondido atrás do muro de cabelos brilhantes, e Cinder só via a ponta do nariz e um toque de lábios vermelhos.

A segunda pessoa na sala era Thorne. Ela sentiu uma dor no coração, mas logo foi tomada de uma esperança leve. Talvez fosse só um lunar com um glamour para *parecer* Thorne. Ela apertou os olhos com desconfiança, sem ousar entrar mais na sala.

– Bem, estava mais do que na hora – disse Thorne, com um tom de deboche reconfortante na voz. – Você não faz ideia de como esses últimos minutos foram constrangedores.

O coração de Cinder se apertou e a esperança morreu. Era Thorne, sem dúvida, e ele estava perto demais da varanda da sala do trono, de onde Cinder tinha pulado. As mãos estavam nas costas, provavelmente presas. A gravata-borboleta piscante tinha sumido e o terno roxo havia sido reduzido à camisa, desabotoada na gola. Havia um buraco na coxa da calça e sangue seco acima do joelho. Uma área levantada acima do tecido sugeria um curativo apressado.

Cinder o procurou com os pensamentos, mas Levana já o tinha tomado e segurava os pés dele com a força de aros de ferro.

O olhar de Thorne percorreu as roupas sujas de sangue de Cinder e as armas em cada uma das mãos dela. Uma sobrancelha se ergueu.

– Dia difícil?

Cinder não respondeu. Ela ainda estava esperando o ataque surpresa. Um tiro no coração. Um guarda aparecendo das sombras e a derrubando no chão.

Nada aconteceu.

Nenhum som além de sua respiração pesada.

– Sua perna? – perguntou ela.

Thorne deu de ombros.

– Dói à beça, mas não vai me matar. A não ser que a prisão estivesse cheia de bactérias nojentas e o ferimento infeccione, o que, vamos ser sinceros, é plausível.

Olhando para trás para ter certeza de que ninguém estava se aproximando pelo corredor, Cinder deu um passo hesitante à frente.

Thorne deu um passo para trás. Um passo para mais perto da varanda.

Cinder parou.

– Não chegue mais perto – disse Levana. A voz dela estava fraca e cansada, bem diferente da alegria arrogante com que ordenou a execução de Cinder. Ela não levantou a cabeça. – Sugiro que também não levante as armas. A não ser que você ache que ele é sortudo como você.

– Tenho certeza de que ele é mais.

Thorne assentiu em concordância, mas não disse nada, e Cinder não se mexeu. Olhando para ele, ela fez movimentos labiais formando uma única palavra: *Cress?*

A indiferença dele sumiu, e ele balançou a cabeça de leve. Ela não sabia se isso queria dizer que ele não sabia onde ela estava ou se alguma coisa ruim tinha acontecido e ele não queria falar naquele momento.

Sua curiosidade foi interrompida quando Cinder sentiu sua mão tremendo. Ela estava levantando a arma para a própria cabeça.

Estava na metade do caminho quando trincou os dentes e obrigou seu membro a parar. Para seu alívio, funcionou.

Rosnando, baixou a arma para a lateral do corpo.

Levana riu, mas o som saiu mais frágil do que satisfeito.

– Achei que isso pudesse acontecer – disse ela, massageando a testa. – Eu... não sou eu mesma no momento. Mas parece que você também não.

Cinder franziu a testa e se perguntou por que Levana conseguiu controlá-la no pátio, mas não agora. Era porque sua força mental estava frágil demais naquele momento, tentando manter o controle de tanta gente, ou era a rainha que estava ficando fraca? Talvez o vídeo mostrando a verdadeira cara dela tivesse fragmentado suas habilidades.

Não parecia afetar a habilidade dela de manipular Thorne, mas, para ser justa, Cinder tinha certeza de que um bebê lunar seria capaz de manipular Thorne.

Levana suspirou.

– Por quê, Selene? Por que você quer tirar tudo de mim?

Cinder apertou os olhos.

– Foi você quem tentou *me* matar, lembra? É você quem está sentada no *meu* trono. Foi você quem se casou com *meu* namorado!

A palavra saiu antes de ela pensar nisso, e Cinder achou que era a primeira vez que a pronunciava. Ela nem sabia se era verdade. Mas parecia certo, exceto pela história de ele ter se casado com a tia dela.

Mas Levana não parecia estar prestando atenção.

– Você não entende o quanto me esforcei por tudo isso. Quantos anos de planejamento, de construção de bases eu tive. A doença, os cascudos, o antídoto, os soldados, os agentes especiais, os ataques cuidadosamente orquestrados. – Ela apertou a mão pálida na têmpora. Parecia infeliz. – Foi feito. Foi *perfeito*. Ele teria anunciado nosso noivado no baile, mas, não... você tinha que estar lá. Voltando dos mortos para me assombrar. E vem aqui, e pede ao meu povo para me odiar, e mostra aquele... aquele vídeo horrível, e enche as cabeças deles com suas mentiras.

– *Minhas* mentiras! É você quem faz lavagem cerebral neles. Eu só mostrei a verdade.

Levana se encolheu e virou a cabeça ainda mais, como se não suportasse ser lembrada do que estava escondendo embaixo da ilusão de beleza.

Expirando bem alto, Cinder deu um passo à frente.

Thorne deu um passo para trás.

Ela fez uma careta. Não havia mesmo como esperar que Levana estivesse absorta demais nas ilusões para deixar de prestar atenção.

– O que não entendo é como você pôde fazer aquilo comigo – disse Cinder, aliviando o tom. – Eu era só uma criança, e você... – Ela virou a cabeça. – Sei que as cicatrizes que você tem são de queimadura. Tenho o mesmo tipo de tecido de cicatriz onde perdi a perna. Sabendo como é, tendo que viver com isso... como você pôde fazer com outra pessoa?

– Você não deveria ter *sobrevivido* – cortou Levana, como se isso tornasse tudo melhor. – Pelo menos eu teria tido a misericórdia de matar você, de acabar com tudo de uma vez.

– Mas eu não morri.

– É, eu reparei. Não é culpa minha alguém ter achado que valia a pena salvar você. Não é culpa minha terem transformado você... *nisso*. – Ela fez um gesto desanimado na direção de Cinder.

Cinder trincou os dentes, querendo discutir, mas mordeu a língua. Levana vivia com suas desculpas havia muito tempo.

Ela lançou um olhar para Thorne. Ele estava sugando os dentes e olhando para o teto. Parecia entediado.

Cinder deu um passo para trás como um sinal de paz, mas Thorne ficou onde estava.

– Quem fez isso com você, afinal? – perguntou ela, tentando ser gentil. – Quem machucou você assim?

Levana fungou e finalmente ousou olhar para Cinder. Havia toda aquela beleza cintilando na superfície, mas, uma vez que Cinder tinha visto o que havia por baixo, não dava para esquecer a verdade. Fosse a programação ciborgue dela ou a fraqueza de Levana, ela enxergava como a tia era. Marcada e deformada.

Houve uma pontada de solidariedade na barriga dela, mas só uma pontada.

- Você não sabe? – perguntou Levana.
- Por que eu deveria?
- Criança burra. – Uma mecha de cabelo caiu no rosto de Levana. – Porque foi sua mãe.

CAPÍTULO

Deitenta e nove

A PALAVRA MÃE ERA ESTRANHA AOS OUVIDOS DE CINDER. ERA UMA MULHER que a trouxe ao mundo, mas só isso. Ela não tinha lembranças dessa mulher, só tinha ouvido boatos; eram histórias horríveis que diziam que a rainha Channary era ainda mais cruel do que Levana, embora seu reinado tivesse sido curto.

– Minha própria doce irmã – ronronou Levana. – Você quer saber como aconteceu?

Não.

Mas Cinder não conseguiu pronunciar a palavra.

– Ela tinha treze anos e eu tinha seis. Ela estava aprendendo a usar o dom, tendo um prazer enorme em manipular as pessoas ao redor, embora eu fosse sempre o alvo favorito. Ela era muito boa. Como eu sou. Como você é. Está no nosso sangue.

Cinder tremeu. *Está no nosso sangue.* Ela odiava pensar que tinha o mesmo sangue que qualquer pessoa daquela família.

– Naquela idade, o truque favorito dela era me convencer de que me amava muito. Como eu nunca senti amor dos nossos pais, não era difícil de acreditar nisso. Então, quando ela tinha certeza de que eu faria qualquer coisa por ela, me torturava. Nesse dia em particular, ela me mandou colocar a mão na lareira. Como me recusei, ela me obrigou. – Levana sorriu quando contou a

história, uma expressão perturbada. – Como você viu, quando ela me soltou, não foi só minha mão que sofreu.

A boca de Cinder estava se enchendo de bile. Uma criança tão pequena, tão impressionável.

Seria tão *fácil*.

Mas era uma crueldade impossível de imaginar.

Sua *mãe*?

– Depois disso, começaram a me chamar de princesa feia de Artemísia, a pobre criaturinha deformada. Enquanto Channary era a bonita. Sempre a bonita. Mas eu treinei meu glamour e disse para mim mesma que um dia as pessoas esqueceriam o fogo e as cicatrizes. Um dia, eu seria rainha e garantiria que as pessoas me amariam. Eu seria a rainha mais bonita que Luna já teve.

Cinder apertou as armas.

– Foi por isso que você a matou? Para ser rainha? Ou foi porque ela... fez isso? Com você.

Uma das sobrancelhas perfeitas de Levana se ergueu.

– Quem disse que eu a matei?

– Todo mundo diz. Até na Terra já ouvimos os boatos. Que você matou sua irmã, seu próprio marido e *a mim*, tudo por causa de suas ambições.

Uma frieza surgiu no rosto de Levana, e ela se inclinou lentamente para se encostar no trono.

– O que fiz, eu fiz por Luna. Minhas lutas, meus sacrifícios. Tudo foi por Luna. Por toda a minha vida, só eu me importei, só eu vi potencial para nosso povo. Estamos destinados a algo muito maior do que essa *pedra*, mas Channary só se importava com vestidos e conquistas. Ela era uma péssima rainha. Era um

monstro. – Ela fez uma pausa, as narinas dilatadas. – Mas, não. Eu não a matei, apesar de ter desejado mil vezes ter matado. Eu deveria tê-la matado antes de ela estragar tudo. Antes de ela ter *você*, um bebê saudável que cresceria e ficaria igual a ela!

Cinder rosnou.

– Eu não sei quem eu teria me tornado se tivesse crescido aqui – disse ela. – Mas eu *não* sou como ela.

– Ah, é – refletiu Levana, pulando de palavra em palavra como um riacho sobre pedras. – Nisso eu acredito que você esteja correta. Quando vi seu glamour pela primeira vez no baile da Comunidade, fiquei surpresa com o quanto você se parecia com ela quando a sujeira e a graxa e essas extremidades horríveis de metal foram removidas. Mas parece ser aí que as similaridades terminam. – Ela repuxou os lábios vermelho-sangue, curvando-os ao redor de dentes perfeitos de pérola. – Não, sobrinhazinha. Você é muito mais parecida comigo. Disposta a fazer qualquer coisa para ser admirada. Para ser querida. Para ser *rainha*.

O corpo de Cinder ficou rígido.

– Eu também não sou como você. Estou fazendo isso porque você não me deu escolha. Você *teve* sua chance. Mas não podia ser justa. Ser uma boa governante que trata o povo com respeito. E a Terra! Você queria uma aliança, a Terra queria paz... por que você não pôde... simplesmente concordar? Por que a doença? Por que os ataques? Você realmente acreditou que esse era o jeito de fazer com que eles amassem você?

Levana olhou para ela, furiosa e cheia de ódio. Mas seus lábios se retorceram em algo parecido com um sorriso. Um sorriso furioso e cheio de ódio.

– O amor – sussurrou ela. – O amor é uma conquista. O amor é uma guerra. Não passa disso.

– Não. Você está errada.

– Tudo bem. – Levana passou os dedos pelo braço do trono. – Vamos ver o quanto seu amor vale. Abra mão de todos os direitos que você tem ao meu trono e eu não vou matar seu amigo.

Cinder apertou os lábios.

– Que tal nós levarmos à votação? Que o povo decida quem quer que o governe.

Thorne deu um passo para trás. O calcanhar esquerdo estava na beirada, e ele fez uma expressão de consternação quando olhou para o lago abaixo.

Cinder recuou.

– Espere. Eu posso prometer ceder meu trono a você, mas ainda vai haver dezenas de milhares de pessoas lá fora exigindo que você abdique. O segredo foi revelado. Eles sabem que sou Selene. Não posso anular isso.

– Diga que você mentiu.

Ela expirou alto.

– Além do mais, assim que você o matar, eu vou matar você.

Levana inclinou a cabeça para o lado, e, apesar de estar com o glamour, Cinder estava vendo a mulher do vídeo. Era seu olho bom, ela percebeu.

– Então vou mudar os termos da minha proposta – disse Levana. – Se você se sacrificar, não vou matá-lo.

Cinder olhou para Thorne, que pareceu indiferente ao fato de que estavam negociando pela vida dele. Ele estalou a língua.

– Até eu vejo que é um acordo ruim.

– Thorne...

– Você me faz um favor?

Ela franziu a testa.

– Diga a Cress que eu estava falando a sério.

Seu estômago se contraiu.

– Thorne...

Ele olhou nos olhos de Levana.

– Tudo bem, Vossa Rainhecência. Eu pago pra ver, já que ela não paga.

– Eu não estou negociando com *you* – cortou Levana.

– Se você me matar, vai perder sua última ficha de apostas e Cinder vai ganhar. Então, vamos falar das suas opções. Você pode aceitar que seu tempo como rainha acabou e deixar nós dois irmos embora, e talvez Cinder tenha misericórdia e não mande executar você como traidora. Ou pode me jogar dessa varanda e...

– Tudo bem.

Thorne arregalou os olhos. Ele deu um passo para fora da beirada da varanda. Com um grito, levantou os braços, um pulso ainda amarrado, a outra mão segurando a faca de cozinha que pegou na mansão. Ofegando, girou os braços; seu equilíbrio era precário.

Cinder largou as armas e correu para ele.

Thorne caiu... mas jogou o corpo para a frente no último minuto. Uma das mãos segurou a beirada. Ele grunhiu. Cinder mergulhou.

Levana se inclinou para a frente.

Os dedos de Thorne soltaram a borda na hora em que Cinder esticou a mão para segurar o braço dele. O ombro machucado doeu, mas ela o agarrou firme.

Thorne olhou para ela, com uma expressão que revelava, de longe, a maior dose de medo que Cinder já o viu demonstrar.

– Obrigado – ofegou ele.

A mão livre subiu e deu um soco no maxilar de Cinder. Ela se encolheu e desviou, mas sem soltar.

– Desculpe! Não fui eu!

– Eu sei – grunhiu ela. Apoiando a outra mão no chão, ela se empurrou para trás, arrastando Thorne consigo até o tronco dele estar na varanda, os pés tentando se apoiar. Ela não ousou soltá-lo mesmo quando ele jogou o corpo no chão.

Cinder sabia que, assim que o soltasse, Levana o jogaria lá de cima para que morresse.

Tarde demais, ocorreu-lhe que ele tinha soltado as mãos atadas. Ele devia ter passado todo o tempo que ela estava discutindo com Levana tentando se soltar. A queda podia não o ter matado, e com os braços livres ele conseguiria nadar. Mas agora estava...

Thorne enfiou a faca na coxa dela.

Cinder gritou.

– Continua não sendo eu – disse ele, sem ar, enquanto puxava a faca. Ele levantou o braço acima da cabeça, se preparando para esfaqueá-la de novo.

Cinder o derrubou e tirou a arma da mão dele.

Thorne deu uma cotovelada no pescoço dela. Cinder ficou sem ar e pontos brancos mancharam sua visão. Thorne se

afastou, mas não correu para a varanda.

Cinder colocou a mão no pescoço e massageou os músculos, incentivando-os a tomar ar novamente. Ainda tonta, obrigou-se a levantar com pernas bambas, pronta para pular em Thorne de novo.

Ela ouviu o clique da trava de uma arma ser solta.

Ela parou. Thorne tinha ido bem mais longe do que ela esperava e estava perto da entrada da sala, segurando a faca e a arma que ela tinha largado quando foi tentar salvá-lo. O cano estava mirando na cabeça dela.

Cinder oscilou. Cambaleou uma vez. Recuperou o equilíbrio.

Um tiro ecoou nas paredes de pedra da sala. Cinder se encolheu, esperando uma pontada de dor, mas só ouviu um xingamento berrado. A arma que Thorne havia pegado escorregou pelo chão. Cinder afastou a tontura e olhou para ele, que encarava a própria mão, horrorizado. O braço ainda estava erguido, mas a mão estava vazia e coberta de sangue.

– Desculpe! – gritou Cress. Ela estava no chão perto da porta, tentando se levantar. O coice da arma tinha tirado seu equilíbrio.
– Desculpe, capitão!

Thorne falou outro palavrão. A testa estava coberta de suor. Mas, quando olhou para Cress com o queixo caído, sufocou a dor e gritou:

– Belo tiro!

– Cress – grunhiu Cinder. – A rainha, Cress. Atire na rainha!

Apesar de choramingar, ela desviou a mira e apontou a arma para Levana.

Cinder correu para a arma que havia sido tirada da mão de Thorne com um tiro.

Thorne correu também, chamando a atenção de Cress de volta para ele. Em um só movimento, derrubou o braço da garota com o ombro, enquanto, ao mesmo tempo, com a mão ilesa, enfiou a faca na barriga dela até o cabo.

Cinder pegou a arma no chão. Cress largou a dela. Sangue se espalhou pelo vestido. Ela olhou para Thorne, e foi impossível saber qual dos dois estava mais tomado de horror. A mão de Thorne ainda estava ao redor do cabo da arma.

Cinder se virou para o trono e disparou, mas Levana se jogou no chão, e a bala ricocheteou no encosto entalhado do trono. Enquanto Cinder recarregava a arma, Levana se levantou e escorregou na saia imensa ao correr para trás do trono. Cinder disparou de novo, a bala passando de raspão na perna da rainha conforme ela desaparecia.

– *Não* – ofegou Cress.

Uma dor perfurante surgiu na lateral de Cinder. Ela caiu de quatro. Deitando-se de costas, ela se afastou, uma das mãos pressionando o ferimento. Thorne estava em cima dela, segurando a faca. Cress pendurava-se no braço dele em uma tentativa de puxá-lo, mas ele era forte demais, e ela estava tentando deixar uma das mãos sobre o ferimento na barriga. A frente da roupa já estava coberta de sangue.

– Desculpe – disse Thorne, chorando. Todos os sinais da confiança habitual tinham sumido. – Desculpe, desculpe...

Cress o mordeu nessa hora, afundando os dentes na carne da mão na tentativa de fazê-lo soltar a faca. Ele sufocou um grito por

entre os dentes trincados, mas não soltou.

Pegando a arma de novo, Cinder se levantou do chão, tentando tirar a faca da mão de Thorne. Com um grunhido, ela apoiou o pé no peito dele e o chutou, arrancando a faca. Ele caiu para trás e bateu os ombros em uma das cadeiras da plateia. O rosto mal registrou a dor. As ações dele estavam ficando menos graciosas, mais rígidas.

Talvez por causa dos ferimentos, mas mais provavelmente porque Levana estava ficando cansada demais para continuar o controlando.

Cress caiu de joelhos com as mãos na barriga. As bochechas estavam manchadas de lágrimas.

– Cinder...

Cinder parou na frente deles, a arma na mão esquerda e a faca ensanguentada na direita, com todos os músculos tremendo.

– Estrelas...

Ela virou a cabeça para a porta. Scarlet e Lobo tinham chegado.

– Não. Corram! Saiam daqui!

Scarlet olhou nos olhos dela e começou a balançar a cabeça.

– O qu...?

Mais armas. Mais inimigos em potencial. Mais pessoas que ela amava e que Levana poderia tirar dela. Trincando os dentes, Cinder tentou agarrar a bioeletricidade deles.

Tarde demais. Lobo não podia mais ser controlado, e Scarlet já tinha sido tomada.

CAPÍTULO
20 *vent*a

CINDER OLHOU PARA LEVANA, QUE ESTAVA ESPIANDO OS RECÉM- por cima de um dos braços entalhados do trono. Em seguida, Levana olhou para a segunda arma, caída esquecida perto da porta.

Scarlet ofegou quando o corpo se deslocou por vontade própria.

Cinder também mergulhou para pegar a arma e deslizou pelo chão liso. Havia armas demais, ameaças demais, e ela não tinha mãos suficientes.

Em vez de pegar a arma, ela a empurrou e a viu passar deslizando por Scarlet, na direção da plataforma erguida da plateia. Um segundo depois, o peso do corpo de Scarlet caiu em cima dela. Scarlet a segurou pelo cabelo e puxou sua cabeça, quase quebrando seu pescoço. Cinder gritou de dor e rolou, empurrando Scarlet para longe. Mantendo a arma firme, ela virou o braço e bateu com a parte de trás da mão de metal na têmpora de Scarlet.

Ela fez uma careta com o impacto, mas deu certo. Scarlet a soltou, deslizou por metade da sala e ficou caída no chão.

A culpa não teve tempo de ser absorvida; quando ouviu um rugido, o medo levou sua atenção novamente para Lobo.

Rosnando, furioso. Ele já estava correndo na direção dela.

A arma. A faca. Era Lobo, mas não era Lobo, e ela não tinha forças para lutar contra ele, não agora, não de novo...

Quando uma gota de suor caiu no olho, Cinder contraiu o rosto e levantou a arma.

Mas o foco de Lobo era o corpo caído de Scarlet, e, quando pulou, passou longe de Cinder. Ela se virou, perplexa, quando Lobo pegou Scarlet nos braços e a aconchegou perto de si.

Lobo, que era um monstro, que era uma das feras incontroláveis da rainha...

Ainda era Lobo, afinal.

Engolindo em seco, tossindo, engolindo de novo, Cinder se levantou. Ela perdeu o equilíbrio e caiu sobre um joelho.

– Lobo – gaguejou ela. – Por favor... ajude Cress e Thorne... *Por favor...*

Ele ergueu a cabeça, os olhos verdes ardendo, mas olhou para onde Cress estava, com as mãos na barriga, mortalmente pálida. Para onde Thorne estava, encolhido junto a uma cadeira caída, parecendo querer ir até Cress, mas apavorado de o próprio corpo não ser confiável se chegasse perto.

Lobo assentiu com compreensão.

Aliviada porque, mesmo que nada desse certo, ela poderia confiar em Lobo para tirar os amigos dali e começar a cuidar dos ferimentos deles, Cinder tentou se levantar de novo. Desta vez, conseguiu. Cambaleou na direção do trono, segurando a arma em uma das mãos e a faca na outra. Quando contornou a plataforma, viu Levana de joelhos, uma das mãos enfiada nas dobras do vestido enquanto se agarrava ao encosto do trono com a outra. O

vestido da coroação esvoaçava ao redor do corpo, elegante e distinto, um contraste intenso com o rosto grotesco. Ela tinha desistido de tentar usar o glamour.

Cinder odiou a própria mente por rotular a rainha como grotesca. Ela já tinha sido uma vítima, assim como Cinder. E quantos rotularam seus membros de metal como grotescos, não naturais, repugnantes?

Não. Levana era um monstro, mas não por causa do rosto que manteve escondido ao longo de todos aqueles anos. As monstruosidades dela estavam escondidas bem mais fundo do que isso.

Outra gota de suor caiu nos cílios de Cinder, e ela a limpou com as costas da mão. Em seguida, levantou a arma e mirou no coração de Levana.

Ao mesmo tempo, Levana levantou a mão que estava escondida no tecido luxuoso. Estava segurando a arma que Cinder tinha empurrado na direção da plataforma. O braço tremia como se a arma fosse impossivelmente pesada, e ficou claro pela forma como segurava que ela nunca tinha segurado uma arma antes. Era rainha, afinal. Tinha assecclas para matar por ela.

A rainha trincou os dentes de concentração, e Cinder sentiu os músculos do braço direito se contraírem nos ossos. Os tendões começaram a sentir uma câimbra, os ligamentos se apertaram.

Ela fez uma careta e olhou para a arma na mão. Para o dedo no gatilho.

Ela tentou puxar o gatilho.

Mandou o dedo puxar. Implorou.

Aperte o gatilho.

Aperte.

A mão começou a tremer, a arma balançando no fim do braço. A respiração saiu em ofegos curtos e sufocados, enquanto o gatilho afundava na almofadinha do dedo.

Mas ela não conseguia puxar. Não conseguia.

O terror de Levana começou a sumir. Os lábios se contorceram no que podia ser alívio, se a testa não estivesse franzida com tanta concentração. Ela controlou com firmeza o braço de Cinder, o dedo, a arma.

A língua de Levana serpenteou para fora da boca, molhando os lábios secos.

– Ah – sussurrou ela, com o olhar brilhando de orgulho. – Você também está cansada, pelo que vejo.

Cinder rosnou. Um terremoto abalou seu corpo. Ela concentrou o olhar na mão trêmula da rainha e disparou com os pensamentos.

Levana arregalou os olhos. O cabelo estava grudado no tecido cicatricial do rosto. Ela olhou para a própria mão, tão traidora quanto a de Cinder.

Cinder forçou o braço de Levana a se dobrar. Guiou a arma para cima, cada centímetro, uma batalha. Cada momento, uma luta.

Levana ficou vermelha. Apertou os dentes em concentração renovada, e Cinder sentiu o próprio braço fazer o mesmo. Sua mão traidora ergueu a arma e apertou o cano na própria

têmpora. Ela era uma imagem espelhada da tia, cada uma preparada para atirar.

– Era assim que a noite do baile deveria ter terminado – sussurrou Levana. – É como tinha que ser. – Ela sorriu como uma louca e olhou para o lugar onde a arma pressionava a pele úmida de Cinder.

Cinder se lembrava claramente da noite, como um pesadelo que jamais esqueceria. Levana controlou o braço dela, obrigando-a a pegar a arma de Jacin e apontar para a própria têmpora. Cinder teve certeza de que ia morrer, mas sua programação ciborgue a salvou.

Não a salvaria desta vez.

– Adeus, sobrinha.

Cinder não conseguia afastar o próprio braço, mas o corpo ardia de determinação. Ela impediria que o dedo apertasse o gatilho. Não deixaria que Levana o apertasse. *Não* deixaria.

O dedo tremeu. Latejou, dividido entre duas mestras. Um membro tão pequeno. Um dedinho pequenininho.

O resto da força de vontade dela apertou a mão de Levana. Ela sentia a bioeletricidade estalando no ar entre as duas. Ouviu o barulho de energia. Havia um fluxo e refluxo nas forças e fraquezas delas. Cinder achava que estava fazendo progresso e dobrava o dedo de Levana para dentro, mas sentia o próprio dedo tremer, fora de controle. Uma gota de suor pingou na parte interna do cotovelo. Um fio de cabelo grudou nos lábios. O cheiro de ferro atacou suas narinas. Cada sentido era uma distração. A cada momento, ela sentia que ficava mais fraca.

Mas a testa de Levana também estava franzida. Levana também estava suando, com o rosto contorcido pelo esforço. As duas estavam lutando para respirar, e então...

Um *snap* estalou alto dentro da cabeça de Cinder.

Ela ofegou e baixou a mão para a lateral do corpo. Seus músculos doíam pelo esforço, mas eram dela novamente. Ela engoliu ar, tonta com o esforço.

Levana soluçou de frustração. O corpo oscilou.

– Tudo bem. Tudo bem. Eu me rendo. – Ela falou tão baixo que Cinder não sabia se tinha ouvido direito. Apesar de ainda estar controlando a mão de Levana e de ainda estar com a arma apontada para a têmpora dela, a rainha parecia ter esquecido que estava ali. Seu rosto desmoronou e o corpo murchou no vestido enorme. – Eu entrego minha coroa a você, meu país, meu trono. Pegue tudo. Só... só me deixe em paz. Deixe-me ter minha beleza de novo. *Por favor.*

Cinder observou a tia. As cicatrizes, o cabelo sem vida e o olho com a pálpebra permanentemente fechada. O lábio trêmulo e os ombros derrotados. Ela estava exausta demais até para fazer o próprio glamour. Fraca demais para lutar.

Uma onda de pena tomou conta dela.

Aquela mulher infeliz e horrível ainda não fazia ideia do que era ser verdadeiramente bonita ou amada.

Cinder duvidava que um dia soubesse.

Ela engoliu em seco, apesar da dificuldade com a língua seca.

– Eu aceito – disse Cinder, atordoada.

Ela continuou controlando o dedo de Levana no gatilho, mas permitiu que a tia baixasse a arma. Cinder esticou a mão, e

Levana ficou olhando por um momento antes de estender o braço e colocar a arma na palma de Cinder.

No mesmo movimento, ela pegou a faca esquecida e deu um salto, afundando a lâmina no coração de Cinder.

Ela ficou sem ar na mesma hora, como se os pulmões tivessem implodido. Como se um raio a tivesse atingido da cabeça aos pés. Um choque explodiu em seu peito, e ela caiu para trás. Levana caiu com ela, o rosto contorcido de fúria. Ela estava com as duas mãos no cabo da faca, e, quando a girou, cada nervo na cabeça de Cinder explodiu de dor. O mundo ficou enevoado, vago, manchado na visão dela.

Somente o instinto a fez levantar a arma e disparar.

O tiro derrubou Levana. Cinder não viu onde a bala foi parar, mas viu uma linha de sangue jorrar em arco no encosto do trono.

Sua visão ficou vidrada, toda branca com estrelas dançando. O corpo era pura dor e escuridão e calor e estava grudento de sangue. *Estrelas*. Não era só na cabeça dela, ela percebeu. Alguém tinha pintado estrelas no teto da sala do trono. Uma galáxia se espalhava à frente dela.

No silêncio do espaço, Cinder ouviu um milhão de ruídos ao mesmo tempo. Distantes e inconsistentes. Um grito. Um rugido, como um animal furioso. Passos altos. Uma porta batendo em uma parede.

Seu nome.

Abafado. Ecoante. Seus pulmões tremeram, ou talvez fosse o corpo todo em convulsão. Ela sentiu gosto de sangue no fundo da língua.

Uma sombra passou na frente dela. Olhos castanhos tomados de terror. Cabelo preto desgrenhado. Lábios que todas as garotas da Comunidade admiraram mil vezes.

Kai olhou para ela, para o ferimento, para o cabo da faca, a lâmina ainda enterrada. Ela viu os lábios dele formando o nome dela. Ele se virou e gritou alguma coisa por cima do ombro, mas a voz estava perdida para ela; muito alta, mas muito, muito, *muito distante*.

CAPÍTULO

Doventa e um

– JÁ FALEI QUE ESTOU BEM – INSISTIU SCARLET, EMBORA SEU TOM cansado. – É que foram meses bem longos.

– “Bem”? – gritou Émilie.

Pela forma como os olhos ficaram borrados e os cachos louros ocuparam a tela toda, Scarlet percebeu que a garçonete, a única amiga que tinha em Rieux, estava segurando o tablet perto demais do rosto.

– Você estava desaparecida há meses! Sumiu no meio dos ataques, e aí a guerra começou, e descobri aqueles criminosos na sua casa, e então... *nada!* Eu tinha certeza de que você estava morta! E agora você acha que pode me mandar uma mensagem, e me pedir para continuar fertilizando o jardim como se tudo estivesse... bem?

– Tudo *está* bem. Olhe... eu não estou morta.

– Estou vendo que você não está morta! Mas, Scar, você está em *todos* os noticiários daqui! Todo mundo só fala disso. Essa... essa revolução lunar, e nossa pequena Scarling no centro de tudo. Estão chamando você de heroína na cidade, sabe. Gilles fica falando que vai botar uma placa na taverna, dizendo que a heroína de Rieux, Scarlet Benoit, ficou de pé *naquele balcão* e gritou com todos nós, e estamos morrendo de orgulho dela! –

Émilie inclinou a cabeça, como se isso fosse permitir que ela visse melhor o que tinha atrás de Scarlet. – Onde você está, afinal?

– Eu... – Scarlet olhou a luxuosa suíte do palácio de Artemísia. O aposento era mil vezes mais extravagante do que a fazendinha dela, e ela o odiava com todas as forças. – Ainda estou em Luna, na verdade.

– *Luna!* Posso ver? É seguro aí?

– Ém, pare de gritar, por favor. – Scarlet massageou a têmpora.

– Não me mande parar de gritar, Mademoiselle Ocupada Demais para Mandar uma Mensagem para Avisar que Não Está Morta.

– Eu era prisioneira! – gritou Scarlet.

Émilie ofegou.

– Prisioneira! Machucaram você? Você está com o olho roxo ou é meu tablet? Minha tela anda estranha ultimamente... – Émilie passou a manga na tela.

– Escute, prometo que vou contar a história toda quando chegar em casa. Só me diga que ainda está cuidando da fazenda. Diga que tenho para onde voltar.

Émilie fez cara feia. Apesar da histeria, ela foi uma visão bem-vinda. Bonita e alegre e tão distante de tudo pelo que Scarlet passou. Ouvir a voz dela lembrava a Scarlet seu lar.

– É claro que ainda estou cuidando da fazenda – disse Émilie, em um tom que sugeria que estava magoada por Scarlet ter duvidado. – Você me pediu para fazer isso, afinal, e eu não queria pensar que você estava morta, apesar... apesar de todo mundo acreditar, e eu também, por um tempo. Estou tão feliz por você não estar morta, Scar.

– Eu também.

– Os animais estão bem e seus andróides alugados ainda estão vindo... Você deve ter pagado muito adiantado.

Scarlet deu um sorriso apertado, lembrando qualquer coisa sobre Cress ter planejado pagamentos adiantados na ausência dela.

– Scar?

Ela levantou as sobrancelhas.

– Você encontrou sua *grand-mère*?

Seu coração tinha construído uma muralha forte o bastante para a pergunta não tirar seu ar, mas Scarlet ainda sentiu a dor da lembrança. Era impossível afastar as lembranças das prisões embaixo da ópera. O corpo machucado da avó. O assassinato dela, com Scarlet olhando sem poder fazer nada.

Era isso, e só isso, que ela temia em seu retorno. A casa não seria a mesma sem o pão da avó crescendo na cozinha e sem as botas lamacentas deixadas na porta.

– Ela está morta – contou Scarlet. – Morreu nos primeiros ataques a Paris.

O rosto de Émilie se contraiu.

– Sinto muito.

Um silêncio se espalhou, aquele momento em que nada é adequado de se dizer.

Scarlet empertigou a coluna, precisando mudar de assunto.

– Você se lembra daquele lutador de rua que foi à taverna durante um tempo?

A expressão de Émilie se iluminou.

– Aquele dos *olhos*? – perguntou ela. – Como uma garota poderia esquecer?

Scarlet riu.

– Ah, pois é. Acontece que ele é lunar.

Émilie conteve um gritinho.

– *Não!*

– E nós estamos meio que namorando.

A visão na tela tremeu quando Émilie colocou a mão sobre a boca.

– Scarlet Benoit! – Ela gaguejou por um momento e disse: – Vai levar semanas para que você explique isso tudo para mim, não é?

– Provavelmente. – Scarlet jogou o cabelo por cima do ombro.

– Mas eu vou contar. Prometo. Olhe, tenho que ir. Só queria que você soubesse que estou bem e queria saber da fazenda...

– Vou dizer para todo mundo que você está bem. Mas quando você vem para casa?

– Não sei. Em pouco tempo, eu espero. E, Ém? Não deixe Gilles pendurar uma placa falando de mim.

A garçonete deu de ombros.

– Não prometo nada, Scarling. Você é nossa pequena heroína.

Scarlet desligou o tablet e jogou-o na cama. Suspirando, ela olhou pela janela. Abaixo, via a destruição do pátio e centenas de pessoas tentando ajeitar tudo.

Artemísia tinha uma beleza própria, mas Scarlet estava pronta para ar fresco e comida caseira. Estava pronta para ir para casa.

Houve uma batida antes que a porta se abrisse, só uma fresta primeiro, com Lobo hesitante do outro lado. Scarlet sorriu e ele

ousou entrar, fechando a porta ao passar. Estava segurando um buquê de margaridas azuis e parecia profundamente culpado.

– Eu estava xeretando – confessou ele, encolhendo os ombros até quase as orelhas.

Ela deu um sorriso provocador.

– Qual é o sentido de ter audição sobre-humana se você não puder xeretar de vez em quando? Entre. Eu não esperava que você voltasse tão rápido.

Lobo deu outro passo e parou. Estava mancando de leve da bala que acertou a lateral do corpo, mas a cicatrização estava sendo rápida. Era uma das coisas boas das alterações: Lobo foi feito para ser resistente.

Por fora, pelo menos.

Ele franziu a testa para as flores, enquanto afundava os dentes ferozes no lábio inferior.

Ele tinha voltado até a casa naquela manhã, seu lar de infância. Apesar de o corpo da mãe já ter sido levado para um dos grandes cemitérios na aridez de Luna, era importante para ele ver a casa uma última vez. Ver se havia alguma coisa lá que valesse ser salva, qualquer coisa que fosse uma lembrança dos pais ou até do irmão.

Scarlet se ofereceu para ir com ele, mas ele queria fazer isso sozinho.

Ela entendia. Algumas coisas tinham que ser feitas sozinho.

– Você... encontrou alguma coisa?

– Não – disse ele. – Não tinha nada que eu quisesse. Tudo da minha infância tinha sumido, e... ela não tinha muita coisa, sabe. Fora isso.

Ele se aproximou dela, sem manter contato visual, e entregou o buquê de flores. Metade dos caules delicados tinha sido esmagada ou quebrada nas mãos indelicadas de Lobo.

– Quando eu era criança, colhia flores do campo para minha *grand-mère*. Ela deixava em um vaso até começarem a murchar, depois esmagava com papel-pergaminho para que durassem para sempre. Aposto que ela tem uma caixa inteira de flores secas em algum lugar. – Ela passou o dedo por algumas das pétalas macias. – É o que vamos fazer com estas. Em homenagem a Maha. – Ela colocou as flores em um copo de água pela metade que haviam lhe entregado junto com o café da manhã.

Quando ela se virou, Lobo tinha posto de lado o tablet e se sentado na beirada da cama enorme. Scarlet tinha quase certeza de que os lençóis tinham sido feitos por trabalho escravo, e o pensamento a deixava inquieta sempre que ela se deitava neles.

Assim que se sentou, Lobo começou a balançar a perna com energia ansiosa. Scarlet apertou o olhar. Isso não era luto.

Ele estava nervoso.

– O que foi? – perguntou ela, se sentando ao lado dele. Pousou a mão no joelho de Lobo e a deixou lá.

Os olhos brilhantes se concentraram nela.

– Você disse para sua amiga que estamos namorando.

Scarlet piscou, e uma gargalhada repentina fez cócegas, mas, ao ver a expressão abalada de Lobo, ela segurou a risada.

– Pareceu mais fácil do que tentar explicar todo o sistema de pareamento alfa.

Ele olhou para as mãos agitadas.

– E... você disse para ela que vai voltar para a fazenda.

– É claro que vou voltar para a fazenda. – Ela inclinou a cabeça, e começou a ficar nervosa. – Quer dizer, não *amanhã*, mas quando as coisas estiverem mais calmas.

O outro joelho de Lobo começou a balançar.

– Lobo?

– Você ainda... – Ele coçou atrás da orelha. – Você ainda quer que eu vá com você? Agora que eu... que eu... – Ele inspirou fundo.

– Você ainda me quer?

Lobo pareceu estar com dor. Dor de verdade. Seu coração se suavizou.

– Lob... – Ela fez uma pausa e engoliu. – Ze'ev.

Ele voltou o olhar para ela com surpresa. O tablet apitou, mas Scarlet ignorou a mensagem. Ela se mexeu na cama para encará-lo, e encaixou o pé embaixo da coxa dele. Disse com firmeza:

– Eu ainda quero você.

A perna agitada parou devagar.

– É que... eu sei que não sou o que você tinha em mente.

– É mesmo? Porque eu estava visualizando um sujeito grande e robusto que fosse capaz de cortar lenha e manejar a perfuratriz de solo, e você se encaixa direitinho na descrição. Claro que eu e minha avó nos virávamos muito bem, mas, sinceramente... estou ansiosa para ter ajuda.

– Scarlet...

– Ze'ev.

Ela inclinou a cabeça na direção de Lobo. Nem hesitou quando olhou para ele. Nem para os dentes enormes e para as mãos monstruosas. Nem para a inclinação inumana dos ombros e nem

para a forma como o maxilar se projetava das maçãs. Era tudo superficial. Não tinham modificado quem *ele* era.

– Você é o único, Ze’ev Kesley. Sempre vai ser o único.

As sobrancelhas dele se ergueram com o reconhecimento das palavras que uma vez disse a ela.

– Não vou dizer que não vai ser preciso me acostumar. E pode demorar um tempo até convenceremos as crianças vizinhas a não morrerem de medo de você. – Ela ajeitou uma mecha do cabelo dele. A mecha voltou para o lugar na mesma hora. – Mas vamos dar um jeito.

O corpo dele tremeu.

– Eu amo você – sussurrou ele.

Scarlet passou as mãos pelo cabelo desgrenhado.

– É mesmo? Nem deu para perceber.

O tablet apitou de novo. Fazendo cara feia, ela esticou a mão e o silenciou, depois se inclinou e cutucou o nariz de Lobo com o dela. Lobo hesitou só um momento e a beijou. Scarlet se afundou nele. Foi um beijo tão carinhoso quanto um mutante metade humano e metade lobo podia dar.

Mas, quando se afastou, ele estava com a testa franzida.

– Você acha mesmo que as crianças da vizinhança vão ficar com medo de mim?

– Sem dúvida – disse ela. – Mas tenho a sensação de que você vai conquistá-las no final.

Ele enrugou os olhos.

– Vou me esforçar.

Em seguida, o sorriso ficou malicioso. Ele agarrou o tecido na altura da lombar de Scarlet e caiu na cama, puxando-a junto.

– *Scarlet!* Scar... ah.

Os dois pararam. Grunhindo, Scarlet se apoiou nos cotovelos. Iko estava com metade do corpo dentro da suíte, segurando a maçaneta. O corpo de androide estava coberto de curativos, que eram puramente estéticos, mas não havia lojas de suprimentos androide em Luna, e ela dissera para Scarlet que estava cansada de todo mundo a encarando.

– Desculpe! Eu deveria ter batido. Mas você não respondeu as mensagens e... – Iko sorriu, com mais felicidade do que uma pessoa que funcionava à base de fios e baterias deveria demonstrar. – Cinder acordou!

CAPÍTULO

Doventa e dois

VERIFICAÇÃO DIAGNÓSTICA COMPLETA. TODOS OS
SISTEMAS ESTABILIZADOS. REINICIANDO EM 3... 2... 1...

Cinder abriu os olhos de repente e deu de cara com um teto branco e com luzes cegantes. Ela deu um pulo e sibilou pelo choque de dor que sentiu no peito.

A mulher que estava curvada sobre a mão de Cinder deu um grito e caiu do banco com força no chão. Um saca-fusíveis de metal se estatelou ao lado.

Kai pulou de uma cadeira no canto do quarto e correu para perto de Cinder, tirando o cabelo desgrenhado dos olhos.

– Está tudo bem – disse ele, apoiando Cinder enquanto ela apertava a mão no peito. Sentiu um volume de atadura ali, logo acima da dor.

Ela desviou a atenção assustada para a mulher, uma estranha, e se virou para Kai.

Cinder piscou. Reparou primeiro no quanto ele estava lindo, e depois, no quanto parecia exausto.

Uma série de dados começou a surgir na visão dela em letras verdes estéreis.

IMPERADOR KAITO DA COMUNIDADE DAS NAÇÕES
ORIENTAIS

IDENTIDADE: #0082719057

NASCIDO EM 7 DE ABRIL DO ANO 108 DA TERCEIRA
ERA

FF 107.448 APARIÇÕES NA MÍDIA, ORDEM
CRONOLÓGICA REVERSA

POSTADO EM 13 DE NOVEMBRO DA TERCEIRA ERA: EM
UM PRONUNCIAMENTO FEITO ESTA MANHÃ, O IMPERADOR
KAITO INFORMOU À IMPRENSA QUE ADIOU O RETORNO À
TERRA POR TEMPO INDETERMINADO, DECLARANDO QUE
SUA PRESENÇA É NECESSÁRIA PARA SUPERVISIONAR A
RECONSTRUÇÃO DA CAPITAL LUNAR...

Cinder apertou os olhos e ordenou que o texto sumisse de sua
visão. Esperou os batimentos se acalmarem e abriu os olhos
novamente.

Seu colo estava coberto por um cobertor de linho branco tão
fino que dava para ver um afundamento no tecido onde a pele da
coxa esquerda encontrava o alto da prótese na perna. A mão
esquerda estava aberta sobre o cobertor, virada para cima. A
câmara da palma estava exposta, revelando um monte de fios
desconectados.

– O que você está fazendo com minha mão? – grunhiu ela.

A mulher ficou de pé e ajustou o jaleco branco.

– Consertando.

– Aqui, beba isto. – Kai esticou um copo de água na direção
dela. Cinder ficou olhando por mais tempo do que deveria, o

cérebro trabalhando na confusão, depois pegou a mão dele. – Esta é a dra. Nandez – disse Kai, vendo-a beber. – Ela é uma das melhores cirurgiãs cibernéticas da Terra. Pedi que viesse para Luna ontem a fim de... dar uma olhada em você. – Ele apertou os lábios, como se não tivesse certeza se tinha ultrapassado um limite entre os dois.

Depois de devolver o copo para Kai, Cinder observou a médica, que estava de braços cruzados, batendo com o saca-fusíveis no antebraço. Cinder levou a mão até a parte de trás da cabeça, onde o painel estava bem fechado.

– Eu não estou morta?

– Você quase morreu – respondeu Kai. – A faca penetrou em uma das câmaras de seu coração prostético, o que levou seu corpo ao modo sobrevivência. Essa câmara se apagou enquanto o resto do seu coração continuou funcionando... mais ou menos. – Kai olhou para a médica. – Eu expliquei direito?

– Foi bem perto – disse a dra. Nandez com um sorriso fraco.

O coração de Cinder latejava a cada respiração.

– O display na minha retina está funcionando de novo.

A médica assentiu.

– Você precisava de uma nova unidade de processamento; a que estava instalada não foi feita para total submersão em água. Você teve sorte de ter entrado em modo de preservação, senão não teria conseguido função nenhuma na mão ou na perna.

– Eu fiquei sem por um tempo. – Cinder tentou mover os dedos cibernéticos, mas eles ficaram imóveis sobre o tecido. – Desculpe por ter assustado você.

– Sua reação era esperada. – A dra. Nandez indicou a mão de Cinder. – Posso?

Um constrangimento subiu pela coluna de Cinder: a palma da mão aberta e vulnerável, bem na frente de Kai.

Mas ela se sentiu boba e vaidosa, e assentiu.

A dra. Nandez se aproximou novamente de Cinder e colocou um tablet na cama. Um holograma surgiu no ar acima da tela: uma réplica exata da mão e da fiação interna de Cinder.

– Você deveria se deitar – aconselhou Kai. – Você foi esfaqueada, sabe.

– Eu me lembro. – Fazendo uma careta, ela apertou mais a mão no ferimento. A pressão aliviava um pouco o latejamento.

– Foram quarenta e dois pontos, e alguma coisa me diz que você pode ter arrancado alguns. Vamos lá, deite-se.

Ela deixou que Kai a guiasse novamente até o travesseiro. Afundou na cama macia com um suspiro, embora a luz cirúrgica da médica estivesse novamente a cegando, e Kai tivesse assumido um brilho sobrenatural.

– Levana está morta? – murmurou ela.

– Levana está morta.

Com a confirmação e a lembrança clara de um tiro e um jorro de sangue fundida na mente, ela abriu o cérebro para todas as outras perguntas. Elas despencaram como uma cachoeira em seus pensamentos. *Cress, Thorne, Scarlet, Lobo, Winter, Jacin, Iko...*

– Todos estão vivos – disse Kai, como se os pensamentos estivessem escritos em texto verde nas íris dela. – Mas Cress está... os sinais vitais estão estáveis, e há esperança de recuperação, mas ela ainda não saiu da suspensão. Scarlet teve

uma leve concussão, mas está bem. Thorne perdeu dois dedos, mas é um candidato excelente a receber próteses se quiser. Lobo está... bem, não dá para desfazer a bioengenharia sem arriscar danos sérios, mas ele está vivo e parece, sabe, o Lobo de sempre. Jacin sofreu alguns ferimentos, mas nada que ameace sua vida, e a princesa Winter...

Ele baixou o olhar.

Cinder sentiu um puxão no pulso, e o polegar tremeu descontroladamente por um momento antes de haver outro puxão e o movimento parar.

– Ela está inconsolável desde a revolta. Tiveram que mantê-la contida. E muitas pessoas morreram, dos dois lados, mas... deu certo. Os setores externos responderam com multidões, gente demais para os taumaturgos controlarem ao mesmo tempo. Ainda tinha gente vindo dos setores externos horas depois que a luta acabou.

Outro puxão de eletricidade, depois, o estalo de um trinco de metal.

– Experimente – disse a dra. Nandez, desligando o holograma.

Cinder levantou a mão. Tinha sido polida até estar brilhando, e ela via o contorno de seu cabelo escuro na superfície. Dobrou os dedos um de cada vez, depois rolou o pulso de um lado para outro. Abriu os dedos e testou o funcionamento das ferramentas; todas, exceto a arma, que ela torcia para nunca mais disparar.

Depois de fechar as pontas dos dedos, olhou para a médica.

– Obrigada.

– Foi um prazer – disse a dra. Nandez, se levantando. – Volto para dar uma olhada em você daqui a algumas horas.

Assim que ela saiu, Cinder sentiu o ar mudar. Uma tensão repentina, uma imobilidade.

Ela lambeu os lábios secos.

– Você é rei de Luna agora?

Kai pareceu surpreso com a pergunta.

– Não. Como Levana nunca foi a verdadeira rainha, ela não tinha poder legal para indicar alguém como rei consorte. Sou tecnicamente viúvo, mas acho que consigo anular o pequeno incidente.

– Pequeno incidente?

Considerando que era uma coisa que ela arriscara a vida para impedir várias vezes, Cinder não sabia se podia considerar o casamento de Kai um “pequeno incidente”.

– Um erro temporário – disse ele, afastando a luz da cirurgia, para que não cegasse mais Cinder. – Com tudo o que estava acontecendo, nós nem tivemos tempo de consumir.

Cinder tossiu.

– Informação desnecessária.

– É mesmo? Você não ficou curiosa?

– Eu estava tentando não pensar nisso.

– Bem... não pense mais. Ainda estou agradecendo às estrelas, uma a uma.

Cinder teria rido se não doesse tanto.

Kai andou ao redor da cama e se sentou no banquinho da médica. As rodas estalaram no chão quando ele chegou tão perto que os joelhos encostaram na armação da cama.

– O que mais você precisa saber antes que eu a deixe descansar?

Ela passou a língua pelo céu da boca, desejando ter bebido mais água.

– Eu... eles acham que eu...?

– Rainha?

Ela assentiu.

– Sim, Cinder. Você é a rainha de Luna. – As palavras eram implacáveis. Tão impiedosas. – Examinaram seu DNA quando você estava inconsciente, e você é mesmo Selene. De acordo com a lei lunar, isso quer dizer que você era princesa regente até seu décimo terceiro aniversário, quando se tornou rainha de Luna. Levana era a impostora. Estão chamando você de “rainha perdida”. Estão comemorando sua volta desde a noite da batalha. É claro que vão querer fazer uma cerimônia em algum momento, mais por tradição do que por qualquer outra coisa.

Cinder mordeu o lábio, pensando nos anos que passou sob os cuidados de Adri. Como mecânica, criada, um bem. O tempo todo ela era da realeza, e não tinha ideia.

– Até os taumaturgos, os que ainda estão vivos, dizem que a lealdade deles é ao trono lunar e a quem se senta nele. Pelo menos, é o que estão dizendo. Vamos ver como vão se sentir quando as coisas começarem a mudar por aqui. – Kai coçou atrás da orelha. – O exército está sendo problemático. Estamos chamando de volta todos os que foram enviados à Terra, mas alguns soldados... bem, não estão convencidos de que a guerra acabou. Alguns desertaram na Terra, e os militares terráqueos estão fazendo o melhor que podem para rastreá-los, mas estamos torcendo para que...

Ela segurou as mãos dele, silenciando-o.

Ainda estava se acostumando com o fato de que era rainha.

Ela era a rainha de Luna.

Cinder lembrou a si mesma que era isso que queria. Essa responsabilidade, esse dever, esse *direito* era seu objetivo o tempo todo. A chance de livrar o mundo de Levana e mudar o país onde nasceu. Mudar para melhor.

Os dedos de Kai cobriram os dela. Só nessa hora ela percebeu que o tinha segurado com a mão ciborgue.

– Desculpe – disse Kai. – Você não precisa se preocupar com isso agora. Torin e eu estamos cuidando de tudo. Providenciando para que os feridos sejam cuidados, para que a cidade seja limpa... ah, e o antídoto. Estamos preparando grandes carregamentos para a Terra, e os técnicos estão trabalhando para produzir mais. Já enviamos mais de mil doses com os diplomatas, e dizem que vamos ter o triplo disso pronto para ser levado amanhã à noite, se bem que... – Ele hesitou, e uma sombra cruzou seu rosto. – O antídoto é produzido usando sangue cascudo, e tem um monte de leis complicadas sobre os cascudos, e não me senti à vontade de fazer nada sem você. É uma coisa que vamos ter que resolver quando você estiver pronta.

Ele parou de falar, embora Cinder percebesse os dilemas em seus olhos. O alívio de ter o antídoto ao dispor dele, junto com as coisas horríveis que Levana estava fazendo para obtê-lo.

Ela tentou sorrir, mas sabia o quanto devia parecer exausta.

– Obrigada, Kai.

Ele moveu a cabeça e mechas de cabelo caíram na testa.

– Desculpe. Eu devia ter deixado você dormir. É que... é muito bom vê-la acordada. Falar com você sobre isso.

– Por quanto tempo fiquei inconsciente?

– Quase três dias.

Ela virou o olhar para o teto.

– Três dias. Que luxo.

– E bem merecido. – Kai levantou a mão dela e apertou os lábios contra os nós dos dedos. – Leve o tempo que precisar para se recuperar. A parte difícil passou.

– Passou?

Ele hesitou.

– Bem. A parte *perigosa* passou.

– Você pode fazer uma coisa por mim?

Kai franziu a testa, como se não quisesse encorajar ideias malucas, mas o momento foi curto.

– O que você quiser.

– Todos os líderes terráqueos voltaram para a Terra?

– Não. Nós conseguimos tirar todos os terráqueos de Artemísia durante a luta quando abrimos o porto, mas a maioria voltou depois de saber que você teve sucesso. Acho que estão todos esperando para conhecê-la.

– Você pode convocar uma reunião? Eu, você, os líderes terráqueos... e... Luna... eu tenho um gabinete, um primeiro-ministro, alguma coisa?

Os lábios dele tremeram, como se quisesse fazer uma provocação, mas segurou a vontade.

– Normalmente, o taumaturgo-chefe agiria como segunda pessoa na linha de comando, mas o taumaturgo Aimery está morto. Sua corte está em triste desordem, infelizmente.

– Bem, qualquer pessoa que você ache que deva ser convidada, então, para uma reunião oficial. Uma reunião importante.

– Cinder...

– E minha madrasta? Ela ainda está aqui?

Ele franziu a testa.

– Na verdade, sim. Ela e a filha receberam um lugar a bordo da nave de um dos nossos representantes, mas a nave só parte amanhã.

– Leve-a também. E talvez aquela médica que estava aqui.

– Cinder, você precisa descansar.

– Eu estou bem. Tenho que fazer isso... o mais rápido possível, antes que outra pessoa tente me matar.

Ele sorriu, mas a expressão foi de carinho.

– Tem que fazer o que exatamente?

– Assinar o Tratado de Bremen. – Dizer as palavras levou um sorriso de verdade aos lábios dela. – Quero tornar nossa aliança oficial.

CAPÍTULO

Doventa e três

JACIN AFUNDOU NA CADEIRA DE VISITANTE E OBSERVOU O MÉDICO os sinais vitais de Winter com uma inveja que não era pouca. Ele queria ser a pessoa a cuidar das necessidades dela, saber pela leitura das estatísticas como ela estava e o que se podia fazer para deixá-la melhor. Mas ele tinha que ficar ali, fingindo ser paciente, e esperar que o médico o informasse mais uma vez que não havia nada a ser feito. Tinham que esperar para ver se ela se recuperaria.

Recuperaria.

Jacin odiava essa palavra. Cada vez que era dita, ele ouvia a voz de Winter, assustada e com medo. *Não sei nem se uma pessoa sã se recuperaria. Então, como eu posso me recuperar?*

– Os batimentos dela estão acelerados – disse o médico, guardando o tablet. – Mas, pelo menos, ela está dormindo. Vamos dar outra olhada quando ela acordar.

Jacin assentiu, segurando todas as respostas que tinha. Quando ela acordar chutando e gritando. Quando ela acordar chorando. Quando ela acordar *uivando* de novo como um lobo triste e solitário. Quando ela acordar e nada tiver mudado.

– Não entendo – resmungou Jacin, pousando o olhar na testa de Winter. Pelo menos ela estava dormindo calmamente. – Usar

o dom devia tê-la feito melhorar. Não piorar. Ela não deveria estar assim depois de tantos anos lutando contra.

– Todos esses anos são precisamente o que provocou isso. – O médico suspirou e também olhou com tristeza para a princesa. Com tristeza *demaís*. Jacin se irritou. – Talvez ajude a entender se pensar no cérebro e no nosso dom como um músculo. Se você não usa esse músculo por muitos anos, aí um dia decide usá-lo em todo o seu potencial, é mais capaz de estirá-lo do que de fortalecê-lo. Ela fez muita coisa rápido demais e... danificou a mente de maneira extensiva.

Eu estou destruída, ela dissera. Não danificada. *Destruída*.

E isso foi antes até de Aimery aparecer.

Assim que o médico saiu, Jacin puxou a cadeira para perto da cama de Winter. Verificou as amarras acolchoadas nos membros dela; estavam firmes, mas não apertadas demais. Ela acordou várias vezes se debatendo e arranhando, e um assistente médico quase perdeu um olho, e então decidiram que era melhor prendê-la. Jacin odiava vê-los fazendo aquilo, mas até ele concordava que era melhor. Ela tinha se tornado um perigo para si mesma e para os outros. Os dentes haviam até feito um corte impressionante no ombro dele, mas ele ainda não aceitava que foi Winter que o atacou. A doce e gentil Winter.

A danificada e destruída Winter.

Jacin apoiou os dedos no pulso dela por mais tempo do que era necessário, mas não havia ninguém para repreendê-lo além dele mesmo.

As marcas da doença iam ficando mais imperceptíveis a cada dia. Ele duvidava que fossem deixar muitas cicatrizes, e o que

ficasse não seria nítido na pele escura. Não seriam como as cicatrizes na bochecha, que ficavam mais claras com o tempo.

Ele odiava e admirava aquelas cicatrizes. Por um lado, lembravam-no de uma época em que ela sofria. De uma época em que ele não pôde protegê-la.

Por outro lado, também o lembravam da bravura e da coragem que tão poucas pessoas viam nela. Com seu jeito sutilmente desafiador, ela ousou ir contra os desejos de Levana e as expectativas da sociedade várias vezes. Ela foi obrigada a escolher suas batalhas, mas as escolheu, e tanto as perdas quanto as vitórias lhe custaram muito.

Os médicos não sabiam o que fazer com ela. Tinham pouca experiência com doença lunar. Poucas pessoas escolhiam deixar a sanidade se deteriorar como ela fez, e só dava para supor quais seriam os efeitos a longo prazo.

E tudo porque ela se recusava a ser como Levana e Aimery e todo os lunares que abusavam e manipulavam e usavam os outros para realizar seus desejos egoístas.

Mesmo em seu último ato desesperado, quando ela usou a mão de Scarlet para matar Aimery, Jacin sabia que ela fez para salvá-lo, não a si mesma. Nunca a si mesma.

Assim como ele faria qualquer coisa para salvá-la.

Ele passou a mão pelo rosto, tomado de exaustão. Tinha passado todas as noites desde a batalha ao lado dela e estava sobrevivendo com pouca alimentação e menos sono ainda.

Seus pais, ele ficou chocado de saber, não estavam mortos. Ele tinha certeza de que desafiar a ordem de Levana e ajudar Winter a fugir acabariam na execução pública deles, como Levana tinha

ameaçado, mas um toque de ironia poupou as vidas de ambos. O pai tinha sido transferido para um setor madeireiro anos antes. Quando a chamada de Cinder para a revolução foi transmitida, os civis se rebelaram e aprisionaram todos os guardas e suas famílias. Quando a ordem de Levana de que eles fossem mortos foi emitida, os pais de Jacin não estavam mais sob o domínio dela. No fim das contas, o setor madeireiro era o mesmo onde Winter foi envenenada.

Ele ainda não os tinha visto, pois todos os guardas estavam esperando julgamento no novo regime. A maioria receberia a oportunidade de jurar lealdade à rainha Selene e se juntar à nova guarda real que ela estava construindo. Ele sabia que seu pai, um bom homem que sofreu muito sob o comando de Levana, ficaria feliz com a mudança.

O próprio Jacin estava nervoso de se reencontrar com a família. Depois de anos afastando todo mundo que amava, era difícil imaginar uma vida na qual ele era livre para cuidar das pessoas, sem medo de elas se tornarem peões usados contra si.

Ele sabia que eles adorariam ver Winter de novo também, pois era como se ela fizesse parte da família deles na infância. Mas... não assim. Vê-la assim partiria os corações deles.

Vê-la assim...

Winter choramingou, um som patético como o de um animal morrendo. Jacin ficou de pé e colocou a mão no ombro dela, no que esperava que fosse um gesto reconfortante. Ela virou a cabeça de um lado para outro algumas vezes, os olhos se deslocando embaixo das pálpebras fechadas, mas não acordou. Quando se acalmou novamente, Jacin deu um suspiro pesado.

Ele queria que ela ficasse melhor. Que tudo aquilo acabasse. Queria que ela abrisse os olhos e não se debatesse nem mordesse nem uivasse. Queria que olhasse para ele com reconhecimento e felicidade e aquele toque de malícia que capturou seu coração bem antes de ela ser a garota mais bonita de Luna.

Ele puxou um cacho de cabelo de cima dos lábios, do rosto dela.

– Eu amo você, princesa – sussurrou ele, pairando acima dela por muito tempo, passando o dedo em seu rosto e na curva dos lábios, e se lembrando de quando ela o beijou no jardim. Ela lhe disse naquela ocasião que o amava, mas ele não teve coragem suficiente de dizer o mesmo.

Mas agora...

Ele colocou a mão do outro lado do corpo dela e se apoiou. O coração estava disparado, e ele se sentiu um idiota. Se alguém o visse, acharia que era um dos admiradores sinistros de Winter.

Não mudaria nada. Toda a lógica do mundo dizia isso. Um beijo idiota e idealista não poderia consertar a cabeça dela.

Mas ele não tinha nada a perder.

Winter continuou dormindo, o peito subindo. Descendo.

Subindo e descendo e subindo.

Jacin percebeu que estava enrolando. Aumentando as esperanças, mas também erigindo um muro ao redor de si para quando nada acontecesse. Porque nada aconteceria.

Ele se inclinou sobre ela, deixou um leve espaço entre os dois e curvou os dedos no lençol fino do hospital.

– Eu amo você, Winter. Sempre amei.

Ele a beijou. Sendo unilateral, tinha pouco da paixão que houve no jardim, mas muito mais esperança. E um monte de tolice.

Ao se afastar, ele engoliu em seco e ousou abrir os olhos.

Winter estava olhando para ele.

Jacin deu um pulo para trás.

– Caramba, Winter. Você... quanto tempo... – Ele massageou a nuca. – Você estava fingindo dormir?

Winter ficou olhando para ele, com um meio sorriso sonhador nos lábios.

A pulsação de Jacin tremeu com aquele olhar, sua atenção voltando aos lábios dela. *Era possível...?*

– Win... Princesa?

– Oi – disse ela, com voz rouca, mas não menos doce do que o habitual. – Você está vendo a neve?

A testa dele se franziu.

– Neve?

Winter olhou para o teto. Apesar de os pulsos estarem bem presos, ela abriu a palma da mão, tentando pegar alguma coisa.

– É mais bonita do que eu imaginava – sussurrou ela. – Sou a garota de gelo e neve, e acho que estou muito feliz em conhecer você.

A decepção tentou se infiltrar no peito de Jacin, mas o muro que ele erigiu fez seu trabalho, e o sentimento foi repelido tão rápido quanto apareceu.

Pelo menos, ela não estava tentando mordê-lo.

– Oi, garota da neve – disse ele, dobrando os dedos dela ao redor de um floco de neve imaginário. – Também estou feliz em conhecer você.

CAPÍTULO

Doventa e quatro

AINDA COM AS PERNAS FRACAS, CINDER SE SEGUROU NO BRAÇO enquanto ele a guiava pelo palácio de Artemísia pela primeira vez desde a insurreição. Ao redor, as janelas enormes e as paredes de azulejos cintilavam na luz do sol. Era tão lindo. Ela tinha dificuldade de acreditar que era dela.

Seu palácio, seu reino, seu *lar*.

Ela se perguntou quanto tempo demoraria para se tornar real.

Iko escolheu seu vestido, bem simples, tirado do armário de Winter, e prendeu o cabelo dela em um penteado arrumado. Cinder estava com medo de mover a cabeça e tudo despencar. Ela sabia que deveria se sentir majestosa e poderosa, mas se sentia uma garota fraca brincando de faz de conta.

Ela tirou forças da presença de Kai de um lado e de Iko do outro, apesar de Iko não parar de levantar a mão e ajeitar seu cabelo. Cinder bateu na mão dela.

Pelo menos o braço de Iko estava funcionando de novo. A dra. Nandez tinha conseguido recuperar boa parte da funcionalidade do corpo, mas ainda havia muitos danos a serem consertados.

Quando eles dobraram uma esquina, ela viu seu novo guarda pessoal, Liam Kinney, junto com o conselheiro de Kai, Konn Torin. Ao lado deles estavam Adri e Pearl.

Cinder hesitou, com a pulsação acelerando.

– Cinder.

Ela olhou nos olhos de Kai, para o sorriso encorajador, e sentiu o coração dar um nó por um motivo completamente diferente.

– Sei que isso é estranho – disse ele –, mas estou aqui se você precisar de mim. Só que você não vai precisar de mim. Vai se sair muito bem.

– Obrigada – murmurou ela, resistindo a uma vontade enorme de abraçá-lo, de se aninhar nos braços dele e se esconder do resto da galáxia. Talvez para sempre.

– Além disso... – Ele baixou a voz. – ...você está linda.

Foi Iko quem respondeu:

– Obrigada por reparar.

Kai riu, enquanto Cinder, com os pensamentos flutuando em todas as direções, baixou a cabeça.

Cinder seguiu mancando, fazendo questão de não olhar para a família adotiva. Quando estava perto o bastante, Konn Torin fez uma reverência para ela. Respeito diplomático, pensou Cinder, lembrando-se dos muitos olhares severos que recebeu daquele homem desde que o viu pela primeira vez no baile anual. Mas, quando ele levantou a cabeça, estava sorrindo. Na verdade, parecia bem simpático.

– Vossa Majestade – disse ele. – Em nome do povo da Comunidade das Nações Orientais, quero agradecer por tudo o que você fez e tudo o que vai fazer.

– Ah, hã. É. Disponha.

Engolindo em seco com dificuldade, ela ousou olhar para Adri.

O rosto da madrasta estava meio cadavérico. O número de cabelos brancos tinha triplicado nas últimas semanas.

Houve um momento em que Cinder pensou em mil coisas que poderia dizer para aquela mulher, mas nenhuma delas parecia mais importante.

Adri baixou o olhar para o chão. Ela e Pearl fizeram reverências constrangidas.

– Vossa Majestade – disse Adri, parecendo estar mastigando um limão amargo.

Ao lado dela, Pearl também resmungou, de maneira quase imperceptível:

– Vossa Majestade.

Iko fez um ruído debochado, um som de desprezo que Cinder não achava que acompanhantes eram capazes de fazer.

Olhando para o alto da cabeça de Pearl e Adri, ela tentou dar uma resposta graciosa, alguma coisa que Kai diria. Coisas que uma boa rainha teria feito para aliviar a tensão. Para oferecer perdão.

Mas ela só se virou.

Kinney levou o punho ao peito, e Cinder deu o que esperava que fosse um aceno real, e Kai a levou por um par de portas. Ela pediu a ele para encontrar um lugar neutro para a reunião; nem a sala do trono, que tinha visto tanto sangue, nem o solar da rainha, nem o local onde Levana conduziria esse tipo de coisa. Ela entrou em uma sala de reuniões com uma mesa de mármore enorme e dois nódulos holográficos desligados.

A sala já estava cheia. Ela engoliu em seco, o silêncio sepulcral quase a fazendo voltar para o corredor. Reconheceu a maioria

das pessoas, mas a interface do cérebro não perdeu tempo nenhum em levantar os perfis da base de dados na rede.

Presidente Vargas, da República Americana.

Primeira-ministra Kamin, da União Africana.

Rainha Camilla, do Reino Unido.

Governador-geral Williams, da Austrália.

Primeiro-ministro Bromstad, da Federação Europeia.

A dra. Nandez, aclamada cirurgiã cibernética, e Nainsi, a androide que Cinder consertou para Kai tanto tempo antes. Ela foi levada para Luna para gravar essa ocasião para os registros oficiais da Terra.

Adri e Pearl foram levadas ao redor da mesa.

Só sobravam Iko, Kai, Konn Torin e a própria Cinder... ou Sua Majestade Real, rainha Selene Channary Jannali Blackburn de Luna. Ela se perguntou se não seria um problema pedir que todo mundo a chamasse de Cinder.

Antes que pudesse falar, os líderes mundiais se levantaram e começaram a aplaudir. Cinder se encolheu.

Um a um, contornaram a sala e fizeram reverências.

Sentindo um pânico repentino, Cinder olhou para Kai. Ele mexeu um ombro só, dando a ideia de que, sim, é esquisito, mas você se acostuma.

Quando o círculo chegou a ele, Kai também levou o punho ao peito e inclinou a cabeça, a melhor reverência que podia fazer ainda a apoiando com um braço.

– O-Obrigada – gaguejou ela, perguntando-se se deveria fazer uma reverência, mas não seria capaz de fazer uma reverência graciosa nem em seus melhores dias, e seria desastroso com

todos os seus ferimentos. Então esticou a mão ciborgue para eles.
– Hã, sentem-se por favor.

Os aplausos morreram, mas ninguém se sentou.

Kai levou Cinder até a cabeceira da mesa e a ajudou a se sentar. Só então os outros se sentaram, Kai na cadeira à direita de Cinder. Adri e Pearl ficaram entre Konn Torin e o presidente Vargas. Elas pareciam extremamente constrangidas.

– Hum. Obrigada a todos por virem tão subitamente – começou Cinder. Ela tentou cruzar as mãos em cima da mesa, mas pareceu estranho, então as apoiou no colo. – Tenho certeza de que todos vocês estão ansiosos para voltar para casa.

– Peço desculpas por interromper – disse a rainha Camilla, sem parecer lamentar nada. – Mas eu gostaria de aproveitar esse momento para dar meus *parabéns* pela recuperação do trono.

Outra salva de palmas começou seguindo as palavras da rainha, e Cinder teve a impressão de que não a estavam parabenizando por se tornar rainha, mas, sim, a si mesmos por não terem mais que lidar com Levana.

– Obrigada. Obrigada. Espero que vocês compreendam que eu... hã. Espero que vocês tenham paciência comigo. Isso tudo é novo para mim, e eu não...

Eu não sou rainha de verdade.

Ela olhou ao redor, para os rostos ansiosos e esperançosos a observando como se ela fosse alguma espécie de heroína. Como se ela tivesse feito uma coisa incrível. Seu olhar percorreu a mesa, e ela foi ficando mais nervosa e se sentindo mais inadequada a cada pessoa que via, mais velha, mais sábia, mais experiente... até Kai.

Assim que teve a atenção dela, ele piscou.

O estômago dela deu um nó.

Ela se virou e empertigou os ombros.

– Eu pedi que vocês viessem aqui hoje porque o relacionamento entre a Terra e Luna anda tenso há muito tempo, e meu primeiro ato como... – Ela hesitou e passou as mãos por cima da mesa de novo, entrelaçando os dedos. Alguns olhares se desviaram para o membro ciborgue, mas todos tentaram fingir que não tinham reparado. – Como meu primeiro ato como rainha de Luna, quero criar uma aliança de paz com a União Terráquea. Mesmo que seja apenas simbólica no começo, espero que seja o começo de um proveitoso e mutuamente benéfico... hã... – Ela olhou para Kai.

– Relacionamento? – sugeriu ele.

– Relacionamento. Relacionamento político. – Ela ajeitou a coluna, torcendo para não parecer tão idiota quanto se sentia. Mas, ao redor, os diplomatas estavam assentindo, cheios de respeito e concordância. – Estou ciente de que uma aliança pacífica vai começar com todas as unidades militares lunares sendo removidas de solo terrestre, e vou tentar garantir que a transição seja efetuada o mais rápido possível.

Um suspiro de alívio se espalhou entre os reunidos.

– Na verdade – prosseguiu Cinder –, o que eu sei é que, por instrução de Kai... do imperador Kai... Kaito? – Ela levantou as sobrancelhas para ele, percebendo que era a primeira vez que tinha que ser formal em sua presença.

Em resposta, Kai pareceu querer rir. Ela o encarou com irritação.

– Por instrução do imperador Kaito – continuou ela –, algumas dessas unidades militares já estão voltando para Luna.

Uma série de movimentos de cabeça. Eles já sabiam.

Ela engoliu em seco. Os ferimentos estavam começando a coçar junto com o latejar constante, sufocado por remédios. Ela esperava que seu primeiro ato como rainha não fosse um desmaio.

– Luna também vai continuar a produzir e distribuir o antídoto da letumose conforme for necessário e nossos recursos permitirem. Como vocês sabem, o antídoto estava sendo obtido a partir de lunares sem o dom, obrigados a ficar em estado de coma constante para que seu sangue fosse extraído, uma violação de direitos. Eu soube que pode ser possível fabricar plaquetas desenvolvidas em laboratório que imitem as de um cascudo... hã, de lunares sem dom, e espero orientar os esforços de pesquisa de Luna nessa direção, para encontrar uma solução que seja justa para todos. É claro que todas as amostras do antídoto que já temos em estoque serão enviadas para a Terra imediatamente.

Sinais de concordância. Sorrisos. Alívio e gratidão.

Cinder se preparou.

– Dito isso, eu tenho alguns... pedidos a fazer para vocês.

Quando o ar de vitória ao redor da mesa deu lugar a uma paciência fingida e a um toque de tensão, Cinder prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Quero deixar claro que esses pedidos são só... pedidos. Suas respostas não vão mudar nenhuma das promessas que fiz. Isso não é uma negociação.

Ela chegou mais perto da mesa.

– Primeiro. – Ela tentou manter contato visual com as pessoas, mas achou impossível e baixou o olhar para as mãos enquanto falava. – Durante anos, os ciborgues foram tratados como cidadãos secundários... – Ela limpou a garganta, sentindo a presença ardente de Kai ao lado. – Eu tive a experiência de crescer na Comunidade das Nações Orientais. Ciborgues menores de idade são vistos mais como um bem do que como uma pessoa, com direitos similares aos dos andróides. Existe um preconceito contra nós, uma ideia de que, porque ganhamos habilidades não naturais, habilidades *feitas pelo homem*, nós somos um perigo para a sociedade. Mas não é verdade. Nós só queremos aceitação, como qualquer pessoa. Portanto, meu pedido é que todas as leis relacionadas a ciborgues sejam reexaminadas e que recebamos igualdade e os mesmos direitos básicos de todo mundo.

Ousando levantar o olhar, viu mais de um rosto vermelho, e ninguém arriscava fazer contato visual com ela. A nova rainha ciborgue de Luna.

Exceto Kai, que parecia com vergonha de estar no mesmo grupo dos outros. Mas, apesar da decisão dele de acabar com o recrutamento de ciborgues para os testes de letumose, a Comunidade continuava perpetuando muitas das mesmas injustiças do resto do planeta.

Kai foi o primeiro a assentir.

– A Comunidade concorda com seu pedido. Essas leis são injustas e antiquadas.

Depois de um longo silêncio, a rainha Camilla limpou a garganta.

– O Reino Unido também concorda. Vamos começar a reexaminar as leis assim que eu voltar.

O primeiro-ministro Bromstad admitiu timidamente que teria que convocar uma votação parlamentar antes de qualquer mudança poder ser feita na lei, assim como nas outras repúblicas, mas houve concordância geral na mesa. Não era um acordo genuíno, Cinder percebeu, e ela tentou disfarçar o quanto isso a repugnava. Ela sabia que não era porque uma ciborgue tinha salvado o mundo que eles estariam dispostos a abrir mão de gerações de preconceitos, mas esperava que fosse um começo.

– Segundo. Peço que todas as restrições sobre a imigração lunar sejam removidas. Os lunares devem ser livres para ir e vir entre Luna e a Terra como queiram; não quero que Luna pareça mais uma prisão para seus cidadãos. Da mesma forma, assim que estivermos preparados, vou abrir os portos de Luna para qualquer viagem e imigração terrestre. Como era quando Luna se tornou um país, e os negócios e as viagens eram encorajados. Sinto que é a única forma de nossas duas sociedades começarem a confiar uma na outra.

Enquanto falava, ela reparou em muitos olhares trocados entre os outros líderes.

Foi o governador-geral da Austrália quem ousou falar:

– Apesar de entender seus motivos, como vamos confiar que os lunares que vão para nossos países não vão... – Ele hesitou.

– Manipular vocês? – disse Cinder. – Fazer lavagem cerebral no seu povo? Cometer crimes indescritíveis contra a humanidade,

sabendo o quanto seria fácil saírem impunes?

Ele deu um sorriso constrangido.

– Exatamente.

– Acredito que terráqueos e lunares podem coexistir pacificamente – disse Cinder. – Já vimos em Farafrah e em outras cidades do norte da África na última década, onde perto de quinze por cento da população é formada de imigrantes lunares. Eles trabalham juntos. Confiam uns nos outros.

– Quinze por cento? – repetiu a primeira-ministra Kamin. – Eu nunca ouvi essa estatística.

– Eles não divulgam, mas não pareceu ser segredo, nem mesmo para os terráqueos locais. Eles tinham formado um relacionamento mutuamente benéfico.

– Por mais romântico que esse pensamento seja – disse Kamin –, com todo o respeito, você é muito jovem, Vossa Majestade. Pode não estar ciente de que houve uma época em que se encorajava viajar entre a Terra e Luna, e que, naquela época, vivenciamos episódios de lavagem cerebral em massa do nosso povo, forçando suicídios, estupros... Além de ser difícil provar quando um lunar manipulou um terráqueo, em metade das vezes não conseguimos nem saber que um crime foi cometido. – Ela parou quando sua voz começou a se elevar. – Claro que não falo com desrespeito à senhora, Vossa Majestade.

– Não houve desrespeito – falou Cinder. – Na verdade, estou bem familiarizada com o Massacre de New Haven do ano 41 da Terceira Era, com as Marchas Irracionais do ano 18 da Terceira Era, com o caso altamente divulgado de Roget contra Caprice na

Segunda Era e, ah, uns mil outros exemplos notáveis de lunares usando o dom no povo da Terra.

Kamin pareceu surpresa. Na verdade, a mesa toda pareceu bastante surpresa.

Inclinando-se para a frente, Cinder falou com clareza.

– Eu tenho um computador no *cérebro* – afirmou ela. – Então, embora eu não vá dizer para você que sou a pessoa mais inteligente nem a mais experiente desta sala, eu sugeriria que ninguém use minha juventude para acreditar que também sou *ignorante*.

– Claro – respondeu Kamin, tensa. – Me perdoe. Eu não quis ofender.

– Suas preocupações são legítimas – comentou Cinder. – Se eu pudesse oferecer uma solução, uma promessa de que nenhum terráqueo seria manipulado novamente, ou que pelo menos teria a oportunidade de se proteger contra a manipulação, vocês concordariam com meu pedido?

– Poderia ser analisado – disse o presidente Vargas. – E posso dizer que eu estou morrendo de vontade de saber que solução é essa.

– Certo. – Cinder indicou a madrastra com a mão. – Esta é Linh Adri, cidadã da Comunidade das Nações Orientais.

Adri levou um susto e percorreu a mesa de pessoas muito importantes com o olhar.

– O marido de Adri, um homem chamado Linh Garan, foi um inventor que se especializou em sistemas de andróides e cibernética. Ele faleceu, mas, quando estava vivo, inventou um... dispositivo. É acoplado ao sistema nervoso de uma pessoa e pode

protegê-la de ser manipulada pelo dom lunar. Levana soube recentemente sobre esse dispositivo e fez o que pôde para destruir todas as patentes e esquemas do dispositivo, chegando ao ponto de prender Adri, a dona da tecnologia por direito, aqui em Luna.

Adri tinha ficado pálida.

– Desculpem-me, mas não sei nada sobre isso. Esse dispositivo, se é que existiu, já não existe há muito...

– Bem, mais ou menos não existe – interrompeu Cinder. – Até onde eu sei, só houve dois protótipos em funcionamento. Um estava em uma mulher terráquea chamada Michelle Benoit, que foi morta durante os ataques a Paris. O outro está dentro de mim.

– Ela se virou para a dra. Nandez, cujo interesse parecia ter aumentado desde que a reunião começou.

Inclinando-se para a frente, a médica apoiou o queixo na mão.

– No seu eixo? – disse ela. – Eu vi no seu holograma, mas não sabia o que era.

Cinder assentiu.

– Estou com esperanças de que você me diga que o dispositivo pode ser removido com segurança e que o hardware pode ser reproduzido. Se conseguirmos copiá-lo, pode chegar um momento em que todo mundo que quiser evitar a manipulação bioelétrica vai ter o poder para isso.

Uma agitação descrente.

– Isso é possível? – perguntou o presidente Vargas.

– Sem dúvida – respondeu Cinder. – Funcionou em mim e funcionou em Michelle Benoit.

– Odeio ser pessimista – disse a dra. Nandez –, mas seu dispositivo instalado pareceu estar com danos sérios. Apesar de ser possível usá-lo para criar um projeto de hardware, é preciso considerar que qualquer programação pode ter sido permanentemente danificada. Se a rainha Levana de fato mandou destruir os dados, não sei com que facilidade pode ser reproduzido.

– Você está certa. O meu foi destruído. – Cinder lançou um olhar para Adri e Pearl, que estavam franzindo a testa enquanto tentavam acompanhar a conversa. – Por sorte, Linh Garan criou um backup do software do dispositivo. Ele foi inteligente o bastante para esconder em um lugar onde ninguém pensaria em procurar. *Você sabe, Linh-jie?*

Surpresa com o termo formal, Adri balançou a cabeça.

– Ele escondeu dentro do chip de personalidade de um Serv9.2 inferior.

Iko deu um gritinho.

Um rubor subiu para as bochechas de Adri. Uma compreensão foi surgindo, junto com horror.

– Ah... mas eu... mas o androide... eu não sabia que ela era...

– Valiosa? – Cinder deu um sorriso irônico. – Eu sei. Adri mandou desmontar a androide em questão e vender as peças como sobressalentes.

Houve um burburinho de horror ao redor da mesa, e muitos olhares furiosos lançados a Adri e Pearl.

– Tudo – acrescentou Cinder –, menos o chip de personalidade defeituoso que ninguém queria. Ninguém, exceto Linh Garan... e eu. – Ela indicou Iko. – O chip está dentro da minha amiga

androide-acompanhante aqui, e não tenho dúvida de que é possível extrair as informações registradas nele.

– Hã – disse Iko, levando os dedos às têmporas. – Eu me lembro de quando ele fez upload desses arquivos. Achei que eram proteção contra malware.

– Claro que Linh Adri é a dona da patente e da tecnologia, então é justo que seja compensada – continuou Cinder. – Espero que vocês consigam pensar em algum tipo de royalty pela fabricação do dispositivo.

Ruídos de concordância soaram por toda a mesa, exceto por parte de Adri.

– Royalty? – Ela olhou para Pearl e novamente para Cinder. – Quanto... quanto de royalty?

Iko baixou a mão e resmungou:

– Uma quantidade que vai ser alta demais.

Cinder sufocou um sorriso.

– Isso é entre você e as entidades do governo para as quais você vai vender. – Inclinando-se por cima da mesa, ela grudou um olhar na madrasta. – Sugiro que você *não* fique gananciosa.

Após a advertência, Adri afundou na cadeira. Mas uma luz surgiu nos olhos dela quando alguém do outro lado da mesa mencionou o mercado potencial de um dispositivo assim. Milhões, possivelmente bilhões poderiam ser reproduzidos ao longo da próxima década...

Adri esticou a mão para segurar a da filha. Pearl olhou para a mãe e também pareceu finalmente entender.

O dispositivo de Linh Garan tinha o potencial de fazê-las ficarem bem ricas.

Cinder percebeu com uma certa surpresa que não sentia tanta amargura quanto achava que sentiria. Que Adri ficasse com suas riquezas e seus royalties, sua filha e sua vida. Depois daquele dia, Cinder pretendia nunca mais pensar em nenhuma das duas.

Seu único lamento era Peony não estar presente. Ela nunca brincaria de se vestir com lko nos armários reais. Os olhos dela não brilhariam quando Cinder colocasse a coroa pela primeira vez. Ela não conheceria Kai, que tinha se tornado bem mais para Cinder do que seu príncipe ou seu imperador ou um sonho impossível.

– Isso me leva ao meu pedido final – disse Cinder, determinada a acabar com a reunião antes que qualquer emoção, boa ou ruim, tomasse conta dela. – E tem a ver só com dois de vocês. Presidente Vargas e governador-geral Williams. – Cinder se ajeitou na cadeira. – Envolve um homem chamado Carswell Thorne.

CAPÍTULO

Doventa e cinco

A ENFERMEIRA NÃO PARAVA DE PEDIR DESCULPAS ENQUANTO LEVAV a clínica para o palácio. Longe de estar curada, Cress teve que ser transportada em uma cadeira de levitação magnética, que era o aparato flutuante mais estranho que já tinha visto. Não era bem uma maca, mas também não era bem uma cadeira de rodas. Durante o momento em que se deixou levar pela imaginação, sentiu-se uma princesa exótica da primeira era sendo levada em um trono luxuoso nos ombros de homens bem fortes.

Mas então a enfermeira recomeçou a pedir desculpas e destruiu a fantasia. A clínica estava tão lotada, explicou ela, e os médicos eram tão poucos, e já que Cress tinha saído do estado crítico...

Cress não se importou com a mudança. Estava feliz por estar fora da clínica estéril.

Apesar de ter sido tirada da animação suspensa quatro horas antes, ela já tinha visto Iko, Scarlet, Lobo e até Jacin, exausto, que lhe contou sobre a vitória deles e que Cinder tinha assinado o Tratado de Bremen, e que os cascudos haviam sido despertados, e que os pesquisadores estavam tentando descobrir a melhor forma de ajustá-los à vida em Luna enquanto também cumpriam

as necessidades de antídoto da Terra. A cabeça de Cress ficou girando.

Mas, no topo dos pensamentos dela, sempre, sempre, estava Thorne.

Ele não estava lá.

Ninguém mencionou o nome dele, e Cress sentiu que todos estavam prendendo a respiração. Querendo dizer alguma coisa, mas esperando, inseguros.

Ela tinha destruído dois dedos dele com um tiro. Podia ser um ferimento pequeno em comparação ao que ela e Cinder sofreram, mas, mesmo assim... foi *ela* que o provocou. Por vontade própria.

A enfermeira a levou para a familiar ala de convidados. Foi ali que ela deu de cara com Kai.

– Chegamos – disse a enfermeira, abrindo uma porta. – Se você precisar de qualquer coisa...

– Eu estou bem. – Cress usou os controles no braço da cadeira para entrar no quarto. Uma cama com dosséis estava coberta de sedas cintilantes, o piso de pedra estava encerado, brilhando. A janela dava vista para um jardim de flores do palácio, cheio de gazebos e estátuas. – Obrigada.

– Nós cuidamos para que você fique perto dos seus amigos – disse a mulher. – O sr. Kesley e a srta. Benoit estão a duas portas à esquerda, e o imperador Kaito está logo depois da esquina. O sr. Thorne está em frente.

Cress virou a cadeira. Sua porta ainda estava aberta, e de onde estava ela via a porta fechada de Thorne.

– Está?

– Quer que eu veja se ele está no quarto?

Cress ficou vermelha.

– Ah. Não, tudo bem. Obrigada.

– Então preciso voltar para a clínica. Quer ajuda para se deitar na cama antes de eu ir?

– Não, acho que vou ficar sentada apreciando a vista um pouco. Obrigada.

A enfermeira saiu e fechou a porta.

Cress respirou fundo. Os melhores aposentos de hóspedes tinham cheiro de produto de limpeza de limão e de um buquê de lilases em cima da mesa. Mas já estavam murchando, e Cress se perguntou quanto tempo fazia que estavam ali. Talvez aquele quarto tivesse sido preparado para outra pessoa, quem sabe um dos diplomatas terráqueos que já tinham ido embora.

O sr. Thorne está em frente.

Ela ficou olhando para a porta, desejando que ele aparecesse.

Seu estômago estava latejando onde Thorne a tinha esfaqueado quando estava sob o controle de Levana. Ela apertou os dedos nas ataduras sobre os pontos, tentando aliviar a dor. Perguntou-se se poderia ter pedido à enfermeira para deixar algum remédio para a dor.

Ela respirou fundo, sentindo a dor nas costelas quando os pulmões as pressionaram. Seria corajosa. Seria heroica. Faria seu próprio destino.

Levou a cadeira flutuante até a porta e a puxou.

Thorne estava no corredor.

Ele deu um pulo e juntou as mãos nas costas, uma postura rigidamente formal. Estava barbeado, com o cabelo bem

penteados, e usava roupas novinhas: uma camisa de gola azul dobrada até os cotovelos, e uma calça cáqui enfiada em botas marrons.

Cress se espremeu contra o encosto da cadeira e se sentiu deslocada. Apesar de ter tomado banho para tirar a gosma do tanque de suspensão, ela ainda estava com a camisola fina da clínica e não teve oportunidade nem de pentear o cabelo.

– Capitão – sussurrou ela.

– Desculpe – disse ele, batendo os calcanhares. – Você estava saindo?

– Não. Eu... pensei em ir ver você.

Thorne pareceu desprevenido, mas um sinal de alívio surgiu na lateral da boca. Ele se inclinou e colocou as mãos nos apoios de braços dela. A mão direita estava envolta em gesso.

– Você deveria estar *descansando* – disse ele, empurrando-a para trás e fechando a porta com o pé. Ele a levou até a janela e olhou ao redor. – O que posso trazer para você? Um tablet? Um massagista? Uísque com gelo?

Ela não tirava os olhos dele. Mesmo sabendo que ele estava vivo, não tinha acreditado até aquele momento.

– Você parece... – Ela não conseguiu terminar. Seus olhos começaram a lacrimejar.

Um sorriso pela expectativa de um elogio logo virou pânico.

– Ah, ei, por que você está assim? – Ele se agachou na frente dela. – Acho que chorar não vai ser muito bom na sua condição.

Ela mordeu o lábio com força. Ele estava certo. A respiração entrecortada já estava fazendo seu abdome latejar. Sufocou as lágrimas.

Thorne segurou as mãos de Cress e colocou o gesso entre elas. Sua pele parecia bronzeada e áspera perto da dela.

– Desculpe – disse ele. – Eu queria estar lá quando tiraram você do tanque, mas estava em uma reunião quando Scarlet mandou uma mensagem para me dizer, e eu não podia sair, e eu achei... Eu não sabia... – Ele expirou, a boca exibindo frustração.

– Reunião? – disse Cress, sem saber se essa explicação fazia com que se sentisse melhor ou pior.

A expressão dele se iluminou.

– Você não vai acreditar nisso. O próprio presidente Vargas queria me conhecer. O *verdadeiro* presidente da República Americana. Adivinhe o que ele disse.

Ela pensou.

– Ele vai dar a você uma medalha de honra pela sua coragem?

– Quase isso. – Os olhos azuis de Thorne brilharam. – Ele vai me dar a Rampion.

Ela arregalou os olhos.

Thorne se levantou e começou a andar de um lado para outro.

– Bem, quer dizer, ele vai me *emprestar* a Rampion, mas posso começar a fazer pagamentos para comprá-la dos militares. Cinder pediu que ele me perdoasse se eu promettesse não roubar mais, blá-blá-blá, e ela recomendou a mim e à minha tripulação para chefiar a força de distribuição do antídoto de letumose. Mas preciso de uma nave para isso, e foi por essa razão que o presidente Vargas fez o acordo. Você devia ter visto como ele parecia infeliz. Acho que ele não é um grande fã meu, mas... ele aceitou mesmo assim.

Cress bateu palmas.

– Estou tão feliz por você.
– Você me imagina em um emprego legítimo?
– É um emprego que vai ajudar pessoas. – Ela sorriu. – Imagino com facilidade.
– Tenho certeza de que você é a única. – Ele parou de andar por tempo suficiente para sorrir para ela.

Um calor inundou o rosto de Cress, e ela olhou para baixo e reparou novamente no gesso. Ele teria que se treinar para pilotar com os ferimentos.

– D... Desculpe pela sua mão – gaguejou ela.
– Não diga isso – retrucou ele de pronto, como se estivesse esperando um pedido de desculpas. – Scarlet e eu vamos abrir um clube de gente sem dedo. Talvez a gente deixe Cinder ser membro honorário. – Sentando-se na beirada da cama, ele olhou para o gesso e o girou na luz. – Além do mais, estou pensando em arrumar uns substitutos ciborgues. Sabe esse jeito de Cinder fazer todo tipo de truque? Eu achei que poderia ser legal ter sempre um palito de dentes à mão. Ou talvez um pente. – Ele parecia distraído, como se as palavras e pensamentos não estivessem em sintonia. Quando ousou levantar o rosto de novo, havia ansiedade no olhar. – Eu também peço desculpas, Cress. Eu... eu quase matei você e...

– Levana quase me matou.
Ele contraiu o maxilar.
– Era eu quem estava segurando a faca. Eu senti. Senti acontecer, e não houve nada que eu pudesse fazer...
– Não houve nada que você pudesse fazer – concordou ela.

Apoiando os cotovelos nos joelhos, ele se inclinou para a frente, a cabeça pesada entre os ombros.

– Não. Eu sei. – Ele passou a mão boa pelo cabelo. – Sei que pela lógica foi ela, não eu. Mas... Cress. – Ele suspirou. – Vou ter pesadelos com aquele momento pelo resto da minha vida.

– Não foi culpa sua.

– Cress, isso não é... – Massageando a nuca, ele olhou para ela, mas o olhar foi tão intenso que ela teve dificuldade de sustentá-lo. Ficou ainda mais vermelha. – Eu... – Ele colocou as mãos nos joelhos e se preparou. – Você quer ficar na minha tripulação?

Os pensamentos dela se perderam.

– Na sua... tripulação?

– Eu sei. – Ele limpou a garganta. – Você passou a vida toda no espaço, longe da civilização. Entendo se disser não. Se você quiser ficar aqui em Luna ou até... até se quiser que eu a leve para a Terra. Tenho certeza de que você poderia ficar um tempo com Kai, que, você sabe, mora em um palácio. – A expressão de Thorne ficou sombria. – Que deve ser bem tentador em comparação à nave de carga que *eu* estou oferecendo.

Ele começou a andar de novo.

– Mas Lobo e Scarlet vão ficar aqui... só temporariamente, até a doença estar sob controle. E eu tive uma ideia. Essa tarefa vai nos levar por toda a República. Não que fôssemos passear muito, mas vai ter... hã. Florestas. E montanhas. E todo tipo de coisas. E quando terminarmos, se houver qualquer lugar para onde você queira voltar, podemos fazer isso. E ficar um tempo. Ou eu posso levar você... para qualquer lugar. Para qualquer lugar que você queira ver.

A agitação dele andando de um lado para outro a estava deixando tonta.

– Você está me oferecendo um... emprego.

– S... não. – Ele hesitou. – Quer dizer, mais ou menos. Isso tudo foi bem mais suave quando ensaiei ontem à noite.

Ela apertou um olho para ele.

– Capitão, eu ainda estou tomando muitos medicamentos, e não sei se estou acompanhando.

Ele observou a camisola do hospital e a cadeira flutuante como se tivesse esquecido.

– Pelas estrelas, eu sou ruim nisso, não sou? Quer se deitar? Você deveria se deitar.

Sem esperar resposta, ele passou um braço por baixo dos joelhos dela e a levantou da cadeira, com delicadeza, como se estivesse pegando uma boneca de valor inestimável. Ela segurou um sibilar de dor na garganta enquanto ele a carregava até a cama.

– Melhor? – perguntou ele, colocando-a em cima das cobertas.

– Melhor – admitiu ela.

Mas ele não a soltou, e estava muito perto quando ela fitou seus olhos.

– Cress, olhe só. Obviamente, eu não sou bom nisso. Pelo menos, não quando é... quando é com *você*. – Ele pareceu frustrado. Seus dedos se dobraram e seguraram o tecido fino da camisola do hospital. – Mas eu sou bom *nisso*.

Ele se inclinou para mais perto, e seus lábios encontraram os dela, pressionando-a nos travesseiros macios. Ela ofegou e afundou os dedos na camisa dele, com medo de que ele se

afastasse antes que ela memorizasse o momento. Mas ele não se afastou, e Cress aos poucos ousou retribuir o beijo. O colchão se moveu, Thorne levantando um joelho para não a esmagar. O gesso esbarrou no quadril dela, desajeitado, mas um pouco menos quando ele o levou até a lateral do rosto para passar o polegar pelo maxilar dela. E os lábios acompanharam. Até o queixo dela. Até o pescoço. Até a clavícula.

O corpo dela ficou líquido, e ela pensou que, se pudessem engarrafá-lo, Thorne seria o melhor remédio para dor.

Ele parou de beijá-la, mas ela ainda sentia o cabelo dele tocando em seu maxilar, o calor do hálito no ombro.

– Vinte e três – disse ele.

– Hã? – Ela abriu os olhos atordoados. Thorne se afastou com expressão culpada e preocupada, o que fez parte da euforia dela passar.

– Você me perguntou uma vez quantas vezes eu disse para uma garota que a amava. Estou tentando me lembrar de todas e tenho quase certeza de que a resposta é vinte e três.

Ela piscou, o olhar lento e oscilante. Os lábios se repuxaram em uma pergunta que demorou um tempo para se formar.

– Incluindo a garota lunar que beijou você?

Ele franziu a testa.

– Ela conta?

– Você disse, não disse?

Ele olhou para o lado.

– Vinte e quatro.

Cress ficou boquiaberta. *Vinte e quatro garotas.* Ela nem conhecia vinte e quatro *pessoas.*

– Por que você está me contando isso?

– Porque preciso que você saiba que nunca falei de coração. Falei porque achava que era o que eu tinha que dizer, mas não significou nada. E é diferente com você. Agora é a primeira vez que sinto medo. Medo de você mudar de ideia. Medo de fazer besteira. Pelas estrelas, Cress, estou *morrendo de medo* de você!

O estômago dela tremeu. Ele não *parecia* morrendo de medo.

– A questão é a seguinte. – Thorne passou por cima das pernas dela e se deitou ao lado, com botas e tudo. – Você merece coisa melhor do que um ladrão que vai acabar na cadeia de novo. Todo mundo sabe. Até *eu* sei. Mas você parece determinada a acreditar que sou um cara decente que merece você. Então, o que mais me dá medo... – Ele girou uma mecha de cabelo dela entre os dedos. – ...é que um dia até você perceba que consegue coisa melhor.

– Thorne...

– Não se preocupe. – Ele beijou a mecha de cabelo. – Sou uma mente criminoso genial e tenho um plano. – Limpando a garganta, ele começou a enumerar as coisas no ar. – Primeiro, conseguir um emprego legítimo: *ok*. Comprar minha nave legalmente: *em desenvolvimento*. Provar que sou herói ajudando Cinder a salvar o mundo: ah, isso eu já fiz. – Ele piscou. – Ah, e tenho que parar de roubar coisas, mas isso é meio óbvio. Então acho que, quando você se der conta do quanto eu não mereço você... posso meio que ter passado a merecer. – O sorriso dele ficou arrogante. – Era *assim* que o discurso deveria ter sido.

– Foi um bom discurso – disse ela.

– Eu sei. – Chegando mais perto, ele beijou o ombro dela.

O braço de Cress explodiu em arrepios.

– Capitão?

– Cress.

Ela não poderia deixar de dizer, apesar de saber que ele estava certo. Era meio assustador. Bem mais assustador do que na primeira vez que ela falou no deserto. Era diferente agora. Era real.

– Eu amo você.

Ele riu.

– Eu esperava que sim depois de tudo isso. – Ele se debruçou e deu um beijo na têmpora dela. – E eu também te amo.

CAPÍTULO

Doventa e seis

WINTER PEGOU UMA VARETA NO CHÃO E A JOGOU NA DIREÇÃO Dredor da jaula, mas o fantasma Ryu só inclinou a cabeça para o lado.

Suspirando, ela colocou as mãos no colo.

As crises ainda iam e vinham, mas os médicos a consideraram lúcida o bastante para tomar a decisão: ela preferia ficar na clínica, onde podia ser amarrada quando tinha as crises explosivas, ou preferia usar braceletes de choque que podiam incapacitá-la quando necessário? Ela escolheu essa liberdade imaginária, pensando em Ryu e na coleira que jamais o deixava sair da jaula, mesmo que tenha parecido fácil de escapar no começo.

Jacin odiou a ideia. Ele argumentou que a mente dela já era bem frágil sem o medo dos choques aleatórios. Mas Winter precisava sair da clínica. Precisava fugir dos pesadelos que a assombravam.

Ela ia com frequência ao jardim desde que foi liberada, pois o achava um dos poucos lugares serenos em uma cidade tomada de conversas sobre reconstrução e mudança política. Tudo isso era muito importante, claro. Ela sempre quis que seu país fosse um local onde as pessoas pudessem falar abertamente o que

pensavam e serem tratadas com justiça, onde as pessoas tivessem escolhas sobre a vida que queriam viver. Mas a falação fazia a cabeça dela doer. Quando o mundo começava a girar e sair do controle, ela preferia se recolher a um lugar pacífico e solitário, onde não podia machucar ninguém além de si mesma.

Os delírios não eram mais constantes como nos dias seguintes à batalha, apesar de sua mente ainda a enganar e fazê-la ver a sombra da madrastra no palácio, esperando com uma faca afiada e palavras cruelmente gentis. Ou o brilho dos olhos de Aimery a seguindo pelos corredores. Era comum que ela sentisse cheiro de sangue escorrendo pelas paredes.

Na primeira vez em que foi ao jardim, o fantasma de Ryu a estava esperando.

Na incerteza da revolução, os guarda-caças fugiram e ainda não tinham sido encontrados. Os animais estavam famintos e inquietos, e Winter passou o dia indo até os depósitos onde ficava a comida, limpando as jaulas e transformando o jardim no santuário que sempre tinha sido para ela. Quando Jacin foi procurá-la, convocou criados para ajudarem também.

Ocupar-se foi bom para ela. Não era uma cura, mas ajudou. Até onde os outros sabiam, ela era a guarda-caça, apesar de todo mundo ainda a chamar de *princesa* e fingir que ela não estava com cheiro de bosta.

Ryu pousou a cabeça no colo de Winter, e ela o acariciou entre as orelhas, esse fantasma triste que não brincaria mais de pegar.

– Princesa.

Ryu evaporou. Jacin estava encostado no muro, não muito longe de onde tinha fingido seu assassinato. Onde ela o beijou e

ele a beijou de volta.

Com essa lembrança, Winter ficou submersa. Em água e gelo, em quente e frio. Ela tremeu.

A testa de Jacin se contraiu de preocupação, mas ela sufocou a lembrança. Não era uma alucinação. Só uma fantasia normal, que uma garota normal podia ter quando tinha uma quedinha normal pelo melhor amigo.

– Você não precisa me chamar assim, sabe – disse ela, tirando o cabelo dos ombros. – Houve uma época em que você me chamava de *Winter*.

Ele apoiou os cotovelos no muro.

– Também houve uma época em que eu podia visitar você sem a sensação de que precisava jogar pedaços de pão para chamar sua atenção.

– Pedaços de pão? Eu pareço um ganso?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Você também não parece um lobo do ártico, mas é isso que a placa me diz que estou vendo.

Winter se apoiou nas mãos.

– Eu não vou brincar de pegar – disse ela. – Mas posso uivar se você pedir direito.

Ele sorriu.

– Eu já ouvi seu uivo. Também não é muito lupino.

– Andei treinando.

– Você não vai me morder se eu entrar aí, vai?

– Não garanto nada.

Jacin pulou a grade e se sentou ao lado dela. Ela ergueu uma das sobrelanceiras.

– Você também não parece um lobo do ártico.

– Eu também não uivo. – Ele pensou. – Mas posso brincar de pegar, dependendo do prêmio.

– O prêmio é outra brincadeira de pegar.

– Sua negociação é implacável.

Ela curvou os lábios para cima, mas, quando pareceu que Jacin ia retribuir o sorriso, ele afastou o olhar.

– Você e eu temos um pedido de Cin... Selene. Agora que o tratado está assinado, ela quer começar a discutir o acordo de comércio entre Luna e a Terra. Além de comunicação aberta, viagens, acesso à mídia terrestre, coisas assim.

Ryu bateu com a cabeça entre as omoplatas de Winter. Ela esticou o braço para trás e tentou coçar embaixo da orelha dele, mas assim que o tocou ele sumiu.

Jacin a estava observando.

– O lobo de novo?

– Não se preocupe. Ele perdoou você.

Ele franziu a testa.

– O que podemos fazer para ajudar Selene com a política dela?

– Ah, considerando que você é tão terrivelmente encantadora e que fez um trabalho tão bom ao convocar os soldados lobos a se juntarem a nós, e que todo mundo gosta tanto de você...

– Tantos elogios seguidos? Sinto que estou indo para uma armadilha.

– Exatamente. Cinder acha que você seria uma boa embaixadora. *A primeira* embaixadora dela.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– O que eu teria que fazer?

– Não sei direito. Ir à Terra. Jantar com gente chique. Mostrar que os lunares não são todos monstros.

Ela sorriu, sentindo-se lupina.

– Eu falei para ela que perguntaria – acrescentou Jacin. – Mas você não é obrigada a aceitar. Precisa se cuidar primeiro.

– Você iria comigo?

– Claro. – Ele cruzou os tornozelos. – Mas você pode dizer não, e eu também vou estar com você nesse caso. Não vou mais servir ninguém. – Ele se apoiou nos cotovelos novamente. – Quem sabe. Talvez um dia eu comece a estudar para ser médico de novo. Mas, até lá, sou seu guarda, para fazer o que você quiser.

– Então vai ser uma brincadeira de a Princesa e o Guarda – disse ela, lembrando-se da brincadeira que eles faziam quando pequenos. Fingia ser uma versão bem mais mandona de como era, enquanto Jacin imitava os pais dos dois, estoico, sério e se esforçando para obedecê-la. Quando Winter ficava sem ordens para dar, eles fingiam que havia assassinos e sequestradores indo pegar a princesa, e ele a protegia deles.

Jacin sorriu.

– Espero que seja com menos sequestros.

Ela encostou a bochecha no ombro dele.

– Se é o que Cinder deseja, eu ficaria honrada em encantar o povo da Terra.

– Eu achava que você iria dizer isso. – Ele se encostou e passou a mão na testa.

Ryu uivou, abrindo a alma para o teto de vidro coberto de trepadeiras. Ele não costumava ficar tão agitado. Talvez fosse a presença de Jacin. Talvez Ryu estivesse tentando falar com ela.

Talvez fosse a insanidade dela, e não significasse nada.

Winter começou a falar, mas parou. Ela olhou para Jacin, mas ele estava cobrindo os olhos com a mão. Ela se perguntou se ele andava dormindo direito ultimamente.

– A dra. Nandez disse que talvez consiga finalizar um protótipo do dispositivo de Cinder em uma semana.

Jacin levantou a mão.

– Já?

– Ela ainda não sabe se vai funcionar. Precisa de uma cobaia primeiro.

– Princesa...

– Eu já me voluntariei. Você pode tentar me convencer a não fazer isso, mas estou preparada para ignorar você.

Com o maxilar contraído, Jacin se empertigou de novo.

– *Cobaia*? Não sabemos quais vão ser os efeitos colaterais. Não sabemos nem se vai funcionar. Deixe que outra pessoa experimente primeiro.

– Eu quero fazer isso. Sou um dos casos mais severos de doença lunar até o momento. – Ela afundou os dedos no pelo do lobo. – Mas já me ocorreu que, se funcionar, eu não vou voltar a ver Ryu. – Ela deu um sorriso triste. – E se... e se as pessoas não gostarem mais de mim?

Jacin balançou a cabeça.

– Elas gostam de você não por você ser maluca. Gostam porque...

Ela esperou.

– Porque você foi boa com elas quando ninguém mais foi. Porque você se importa. Esse dispositivo não vai mudar quem

você é.

– Você quer que eu seja consertada, não quer?

Jacin recuou, como se ela tivesse jogado alguma coisa nele.

– Você não está *com defeito*.

A visão dela começou a ficar borrada.

– Sim, Jacin. Estou.

– Não, você... – Ele rosnou, um som grave e frustrado que a deixou tonta. – Olhe, eu adoraria não precisar me preocupar mais com você. Não ter medo de você se machucar ou de alguém tirar vantagem de você. Mas *você* não... você...

– Eu sou delirante e maluca e estou danificada. Já sei há muito tempo, nós dois sabemos. Scarlet me diz o tempo todo.

– Você é perfeita – disse ele, terminando o pensamento como se ela não o tivesse interrompido. – Não ligo se você vê lobos mortos e vira uma escultura viva de gelo quando está tendo um dia ruim. Não ligo se tenho uma marca dos seus dentes no meu ombro. Não ligo se você for... *consertada*. – Ele cuspiu a palavra como se tivesse gosto ruim. – Quero que você fique bem e feliz. Só isso.

Winter bateu os cílios para ele, e Jacin se virou.

– Não me olhe assim.

– Eu quero ser a cobaia. – Ela esticou a mão para a dele. – Vou ficar bem e feliz quando não tiver mais medo da minha própria mente.

Jacin apertou bem os lábios e assentiu. Devagar.

– Só não gosto da ideia de você ser a primeira – resmungou ele.

– Jacin?

Ele fitou os olhos dela de novo.

Winter chegou mais perto, e encaixou o braço no dele.

– Você me acha perfeita?

Ele não afastou o olhar. Não pareceu tímido nem nervoso. Só a observou, como se ela tivesse perguntado se Luna girava ao redor da Terra.

Então, ele se inclinou e deu um beijo na testa dela.

– Mais ou menos – disse Jacin. – Você sabe. Em um dia bom.

CAPÍTULO

Doventa e sete

– **TODOSES?**

Cinder sorriu com a exuberância de Iko. Ela já tinha se divertido mais com a forma como Iko sorria para as fileiras e fileiras e *mais fileiras* de vestidos do que se divertiria com os próprios vestidos.

– Cada um deles – disse Cinder. – Nunca mais quero olhar para eles.

Ela já tinha passado mais tempo cercada por Levana do que pretendia. O perfume, os vestidos, as joias dela. Não tinha interesse no guarda-roupa da tia... mas Iko tinha, então poderia ficar com tudo.

Ela nunca tinha visto Iko tão satisfeita. Nem quando Thorne levou para ela o corpo de androide-acompanhante que encontrou no deserto. Nem quando o carregamento da Terra finalmente chegou com as partes para consertar o corpo quase destruído. Cinder tinha dito a ela que, com aquela quantidade de danos, seria mais econômico instalar o chip de personalidade em um corpo novo. Ela podia escolher o modelo que quisesse. Mas Iko recusou. Ela disse que tinha se apegado àquele, e, além do mais, o corpo de nenhum dos amigos era descartável, então por que o dela deveria ser?

Cinder não tinha um contra-argumento.

A única melhoria que Iko tinha pedido foi um par de olhos novos que mudavam de cor conforme o humor dela. Hoje, os olhos estavam amarelo-solar. Ela estava feliz, feliz, feliz.

– Você não vai se importar de vê-los em mim, vai? – perguntou Iko, puxando um laranja justo do cabide e o segurando junto ao peito.

– Não se eles deixarem você feliz assim.

– Onde vou usá-los? – Antes que Cinder respondesse, ela balançou a mão. – Deixe pra lá. Onde eu *não* os usaria? – Iko pendurou o vestido de volta e olhou para o armário de novo. Seus olhos escureceram, ficando mais alaranjados com um toque verde-limão nas beiradas. – Acho que me sinto culpada.

– Culpada?

Bufando, Iko apoiou as mãos nos quadris. Sua preocupação durou alguns momentos, mas logo ela sorriu de novo.

– Já sei. Vou escolher meus dez favoritos e vou vender o resto nas redes de roupas para andróides. Podemos usar o lucro para construir escolas nos setores externos, ou em alguma outra coisa benéfica assim. – Passando o dedo por uma manga de renda, ela olhou para Cinder. – O que você acha?

Se os olhos de Cinder refletissem *seus* humores, estariam azul-safira de orgulho.

– Acho uma ótima ideia.

Iko sorriu e começou a mexer nas araras de novo, selecionando os favoritos, enquanto Cinder se virava para olhar o reflexo no espelho que tinha sido emprestado de uma das naves terráneas. Ela ainda estava se acostumando a se ver tão... *rainha*.

Seu vestido era novinho. Apesar de ter pretendido usar uma das roupas de Winter novamente, algumas costureiras de Artemísia pediram permissão para criar o vestido de sua coroação, dizendo que seria uma honra. Cinder nem sabia que tinha expectativas até o vestido superá-las.

Feito com as cores oficiais de Luna, branco, vermelho e preto, o vestido continha mais tecido do que ela já tinha visto na vida. A saia branca pesada a envolvia como um sino, com uma cauda enorme que a seguiria pelo longo corredor. Havia pedras vermelhas e pretas por toda a barra da saia e no corpete. Um decote modesto, com manguinhas de meia cava, caía com perfeição nela.

Ela esperava que as costureiras também fizessem luvas para cobrir a mão ciborgue, mas não fizeram.

– Nada de luvas – disse uma delas quando Cinder perguntou. – E nada de véu.

Uma batida chamou a atenção dela para a porta, e o guarda, Kinney, entrou.

– Vossa Majestade – cumprimentou. A expressão respeitosa se tornou azeda quando ele se dirigiu a Iko. – Madame conselheira.

Os olhos de Iko ficaram acobreados de orgulho pelo título novo, apesar de ela retribuir a expressão do guarda.

– Sim, Kinney? – disse Cinder.

– O capitão e a tripulação dele estão pedindo uma audiência.

– Rá! – A voz de Thorne foi ouvida vinda do corredor. – Eu falei que conseguia fazer com que ele me chamasse de capitão.

Cinder revirou os olhos.

– Deixe que entrem.

Eles entraram antes que Kinney pudesse admiti-los, todos sorrindo e vestidos formalmente para a ocasião. Até Lobo estava de terno, embora Cinder não imaginasse que tivesse sido fácil encontrar um que coubesse no corpo alterado com tanta rapidez. A camisa vermelha combinava com o vestido deslumbrante de Scarlet, o tecido contrastando espetacularmente com o cabelo. Thorne estava de smoking e gravata-borboleta. Ele entrou empurrando Cress no aparelho flutuador; Cinder tinha sido informada de que os ferimentos dela estavam cicatrizando bem, e esperava-se que ela já estivesse fazendo pequenas caminhadas até o final da semana. Cress estava usando um vestido amarelo leve de Winter, ajustado a ela. Jacin estava de uniforme de guarda, mas tinha substituído a armadura tradicional dos ombros por dragonas impressionantes, deixando-o parecido com um príncipe ao lado de Winter, que estava ainda mais estonteante do que o habitual com um vestido branco que pareceria comum em qualquer outra pessoa. Kai acompanhava o grupo, com uma camisa preta social de gola chinesa.

Ele estava carregando uma bandeja de prata com um bolo redondo coberto com espirais de glacê amarelo. Cinder soube na mesma hora que não era de um dos chefs reais, cujas criações eram quase imaculadas demais para serem tocadas. Esse bolo, com o glacê desajeitado e pouca decoração, era incrivelmente despretensioso.

Com uma reverência, o guarda saiu pela porta. Iko mostrou a língua para as costas dele.

– O que está acontecendo? – perguntou Cinder. – A coroação começa em vinte minutos. Vocês todos já deviam estar em seus

lugares.

– Foi ideia minha – disse Iko, se balançando nas pontas dos pés.
– Eu sabia que você ficaria nervosa e pensei em fazer uma comemoração primeiro.

– E você fez um bolo?

– Foi Scarlet – disse Thorne.

Scarlet tirou o cabelo do ombro.

– É bolo de limão. É a receita especial da minha avó. Mas... – O olhar dela percorreu o vestido de Cinder. – ... talvez você queira esperar até depois da coroação, para não se sujar de glacê.

Winter riu e pegou a bandeja da mão de Kai.

– Não vamos ser cruéis. Nunca se deve guardar bolo para depois se pode ser comido agora. – Ela colocou o bolo em um divã de seda de valor inestimável.

– Eu nunca comi bolo – disse Cress, atraindo muitos olhares surpresos. Ela estava segurando a mão de Thorne, mas pela primeira vez não se encolheu para mais perto dele, mesmo sendo o centro das atenções.

Iko cruzou os braços.

– Podemos fazer o favor de não começar a listar todas as comidas maravilhosas e sensacionais que nunca comemos?

– Isso resolve a questão – respondeu Thorne. – Quem trouxe talheres?

Ninguém tinha levado, então Jacin ofereceu sua faca. Eles se revezaram cortando pedaços pequenos de bolo e cobertura, comendo com os dedos até o bolo parecer a superfície cheia de crateras da Lua.

Naturalmente, Cinder sujou um pouco o vestido, deixando uma mancha de glacê amarelo na saia ampla. Ela ficou envergonhada, mas Iko ajeitou o caimento da saia para que as dobras a escondessem.

– Foi inevitável – disse Iko, com uma piscadela. – É parte do seu charme.

Cinder começou a rir, mas ficou em silêncio de repente por causa de um soluço no peito.

Ela olhou ao redor, para os sorrisos e braços passados por ombros, e para Winter lambendo glacê dos dedos. Para o bolo caseiro. Para a reunião de amigos. Uma comemoração para *ela*. Eram coisas bobas demais para deixarem uma pessoa impressionada, mas ela não conseguiu evitar. Nunca tivera esse tipo de coisa.

Um sentimento de gratidão inflou seu peito, e, apesar de ainda estar nervosa, ainda *apavorada*, ela percebeu que estava mais leve do que se sentia em dias.

– Vossa Majestade?

Ela levantou o rosto. Kinney tinha voltado.

– Está na hora.

Cinder engoliu em seco e se levantou, o coração disparado. O clima festivo ficou sério.

Lobo, que estava segurando a faca, comeu alguns pedaços de bolo antes de devolvê-la para Jacin. Jacin lançou um olhar para a lâmina coberta de glacê e farelos e enfiou no bolo, para que ficasse guardada.

– Estou pronta – disse Cinder. Sua respiração ficou difícil e o vestido apertava sua barriga. – Eu estou pronta, não estou?

– Espere. – Iko virou Cinder para si. – Sorria.

Cinder deu um sorriso nervoso, e Iko assentiu com orgulho.

– Não tem nada nos seus dentes. Eu diria que você está pronta.

Os amigos se reuniram em torno dela e deram um abraço atrás do outro.

Até que chegou em Kai, que passou os braços pela cintura dela e a beijou. Ele estava com gosto de glacê de limão.

Thorne assobiou. Iko ficou extasiada. O beijo terminou rápido demais.

– Qual foi o objetivo disso? – sussurrou Cinder para ele.

Kai passou o braço ao redor do ombro dela e a guiou para fora dos aposentos da rainha.

– Eu só estava pensando no futuro bom – disse ele. – Aquele que vai incluir você.



A COROAÇÃO OFICIAL DA RAINHA SELENE CHANNARY JANNALI foi, em alguns aspectos, um evento íntimo e, em outros, uma sensação intergaláctica. Cinder fez um sorteio de ingressos para que todos os setores de Luna fossem representados, e todos os convidados juntos formavam uma plateia de algumas centenas de pessoas, que não ocupavam nem metade das cadeiras que foram colocadas para a cerimônia de Levana e Kai algumas semanas antes.

A filmagem foi transmitida, não só para todos os setores de Luna como também para todas as atualizações de notícias da

Terra que se mostraram interessadas. Foi a transmissão mais vista da terceira era.

Enquanto Cinder andava pelo corredor infinito com o tapete preto, tentou não pensar em todas as pessoas do universo que lhe assistiam. Tentou não se perguntar se a estavam julgando e admirando, com medo ou admiração. Ela tentou não adivinhar quantos a viam como uma princesa perdida ou como uma ciborgue patética, uma justiceira ou uma criminosa, uma revolucionária ou uma mecânica inferior que tinha tido sorte.

Ela tentou não pensar na mancha de glacê amarelo no vestido de valor inestimável.

Kai e Winter estavam no altar, iluminados pelo brilho de esferas cintilantes, Winter segurando a coroa de rainha e Kai, um cetro cerimonial. Juntos, eles representavam Terra e Luna aceitando o direito dela de governar. Os outros amigos estavam nos assentos reservados na fileira da frente. Thorne, no corredor, esticou a mão quando Cinder passou. Ela riu e deu um “toca aqui” antes de subir a escada.

Winter piscou para ela.

– Muito bem, amiga Cinder. Você não tropeçou. A parte difícil já passou.

Kai deu um sorriso que era só para Cinder, apesar de o universo todo estar olhando.

– Ela está certa, essa é mesmo a parte difícil.

– Graças às estrelas – sussurrou Cinder. – Agora vamos acabar logo com isso.

Respirando fundo, trêmula, ela se virou para encarar seu reino.



O SANGUE TINHA SIDO LIMPO DO PISO DA SALA DO TRONO, M ainda estava um desastre. Havia cadeiras caídas e corrimões quebrados, pisos e painéis rachados onde balas os tinham atingido. Até a pedra do trono estava danificada, de quando Cinder tentou atirar em Levana. A sala tinha cheiro de produtos químicos e de água sanitária da limpeza.

Os horrores da rebelião estavam começando a sumir. Talvez não para os que perderam amigos e familiares, e Cinder sabia que ainda havia muito a ser feito para que Luna juntasse as peças do governo de Levana. Mas eles estavam ansiosos para começar a recolhê-los o mais rápido possível.

Ela tinha começado a compilar conselhos formados de membros da corte de Artemísia e de cidadãos indicados dos setores externos, para cobrir o vazio entre as classes, e a pensar na melhor forma de realocar fundos e trabalho. As “famílias” e os taumaturgos estavam começando a apresentar resistência, mas tudo bem. Levaria um tempo, mas eles se ajustariam.

Ela estava sentada no trono, no ar silencioso e tomado de produtos químicos, pelo que podiam ser horas, vendo a cidade de Artemísia cintilar à frente e a Terra girar acima do horizonte.

As portas se abriram. Kai apareceu, e Cinder ficou tensa e culpada por ser pega no trono, mesmo sendo o trono *dela*, sozinha na escuridão.

– Aí está você – disse ele.

– Desculpe – falou ela. – Estou meio escondida. Você acreditaria que, quando se é rainha, é *muito* difícil conseguir um

momento de privacidade?

Com um sorrisinho, Kai fechou a porta. Manteve uma das mãos nas costas ao se aproximar dela.

– Posso sugerir que você compre um moletom com capuz? É um disfarce surpreendentemente adequado. – Ele fez uma pausa quando viu a Terra acima da varanda, toda linda e enorme no céu escuro. – É uma visão e tanto.

Cinder assentiu.

– Não querendo justificar o que Levana fez, mas eu até entendo por que ela queria tanto a Terra.

Como ele não disse nada, ela o encarou, e logo soube o que Kai tinha ido até ali para dizer. Seu coração doeu.

– Você vai embora, não vai?

Ele se virou de costas para a vista.

– Em dois dias. Dois dias *terráqueos*. – Ele franziu a testa em um pedido de desculpas. – Já passei tempo demais longe.

Ela tentou sufocar o desespero que tomou conta de si. Kai iria embora. Thorne, Cress, Lobo e Scarlet já tinham ido, Winter e Jacin partiriam na primeira viagem diplomática nos próximos dias, e ela ficaria sozinha.

Bem, ela e Iko ficariam sozinhas.

Ela estava esperando. Sabia que ele não poderia ficar para sempre. Ele tinha o próprio país para governar.

– Certo – disse ela, fingindo confiança. – Eu entendo. Você foi de grande ajuda, você e Konn-dàren. Ele... ele também vai?

Kai fez uma careta.

– Vai. Desculpe.

– Não. Vocês... vocês têm que voltar para casa. Claro que têm.

– Você deveria ir nos visitar – disse ele, falando rápido. – Em breve. Seria simbólico, eu acho, para a nova aliança... – Ele parou de falar e coçou a nuca, com uma das mãos ainda escondida. – Ou eu poderia criar um dilema político que precisássemos resolver, se ajudar.

Cinder forçou um sorriso.

– Eu gostaria de ir visitar. Eu... lko e eu vamos sentir sua falta.

– Acho que você vai descobrir que ser rainha não deixa muito tempo sobrando para a solidão.

– Vamos ver.

De repente, pareceu estranho estar sentada no trono enquanto Kai estava logo abaixo. Ela se levantou e cruzou os braços, chegando perto da varanda. A ansiedade já estava crescendo dentro dela. *Dois dias. Mais dois dias e ele vai embora.*

Havia tanta coisa que queria dizer a ele, e dois dias não seriam suficientes para expressar tudo... principalmente com todas as palavras ainda presas na garganta.

– É estranho – disse Kai, juntando-se a ela na sacada de vidro, com o olhar grudado na Terra de novo. – Eu passei todo esse tempo tentando evitar uma aliança de casamento com Luna. E agora que o tratado está assinado e a guerra acabou... de alguma forma, uma aliança de casamento não parece tão ruim.

O coração dela pulou. O olhar de Kai dançou até ela, e ele sorria de um jeito que parecia ao mesmo tempo tímido e confiante. Era o mesmo sorriso que deu no dia em que se conheceram na feira. Depois de um momento longo e constrangido, ele riu.

– Você não é capaz mesmo de ficar vermelha, não é?

Uma mistura de alívio e decepção tomou conta dela, que enfiou as mãos debaixo dos braços para esconder o tremor.

– Isso não foi legal.

– Só se você achar que eu não estava falando com sinceridade.

A testa dela se franziu.

– Aqui, tenho uma coisa para você.

– É melhor não ser uma aliança de noivado.

Kai fez uma pausa acompanhada de um beicinho, como se o pensamento não tivesse lhe ocorrido e, por isso, ele lamentasse.

– Nem luvas – acrescentou Cinder. – Não funcionou muito bem da última vez.

Sorrindo, Kai deu um passo à frente e se apoiou em um dos joelhos.

Ela arregalou os olhos.

– Cinder...

O coração dela disparou.

– Espere.

– Estou esperando há muito tempo para dar isso a você.

– Kai...

Com expressão tão séria quanto política, ele tirou a mão das costas. Nela havia um pequeno pé de metal, com fios saindo da cavidade e juntas cheias de graxa.

Cinder soltou o ar e começou a rir.

– Você... *ugh*.

– Você está terrivelmente decepcionada? Tenho certeza de que Luna tem ótimas joalherias, se você queria que...

– Cale a boca – disse ela, pegando o pé. Ela o virou nas mãos e balançou a cabeça. – Eu fico tentando me livrar dessa coisa, mas

ela vive arrumando um jeito de voltar para mim. O que fez você guardar?

– Percebi que, se eu encontrasse a ciborgue em quem esse pé cabe, devia ser um sinal de que fomos feitos para ficar juntos. – Ele repuxou os lábios para o lado. – Mas então me ocorreu que provavelmente caberia em uma criança de oito anos.

– De onze, na verdade.

– Quase a mesma coisa. – Ele hesitou. – Para ser sincero, acho que era a única coisa que eu tinha para me conectar a você quando achei que nunca mais a veria.

Ela desviou o olhar do pé.

– Por que você ainda está de joelhos?

Kai alcançou a mão prostética dela e roçou os lábios nos dedos recém-polidos.

– Vai ter que se acostumar com as pessoas se ajoelhando diante de você. Faz parte do pacote.

– Vou criar uma lei que corrige o jeito de se dirigir a um soberano como sendo com um tapinha na mão.

O sorriso de Kai aumentou.

– Isso é genial. Eu também.

Cinder puxou a mão de volta e se sentou, deixando as pernas penduradas na beirada. Os pensamentos ficaram sérios de novo enquanto ela olhava para o pé de metal.

– Na verdade, tem uma coisa sobre a qual eu queria sua opinião.

Kai se sentou ao lado dela. Sua expressão tornou-se de curiosidade, e ela afastou o rosto e se preparou.

– Eu acho... – Ela parou. Engoliu em seco. Recomeçou. – Eu decidi dissolver a monarquia lunar.

Ela apertou os lábios e esperou. O silêncio ficou sólido no espaço entre os dois. Mas Kai não perguntou “Por quê?” nem “Como?” nem disse: “Você está maluca?”

O que disse foi:

– Quando?

– Não sei. Quando as coisas tiverem se acalmado. Quando eu achar que eles vão aceitar. – Ela respirou fundo. – Vai acontecer de novo. Algum rei ou rainha vai fazer lavagem cerebral nas pessoas, vai usar seu poder para escravizá-las... Tem que haver alguma divisão de poder, algum equilíbrio... então, decidi fazer de Luna uma república, com representantes eleitos e tudo. – Ela mordeu o lábio. Sentia-se tola falando de política como se entendesse das coisas, e só quando Kai assentiu, pensativo, foi que se deu conta do quanto a aprovação dele era importante para ela. Cinder engoliu em seco. – Você acha uma boa ideia?

– Eu acho que vai ser difícil. As pessoas não gostam de mudanças, e mesmo os cidadãos que eram oprimidos por Levana aceitaram você imediatamente como nova rainha. Além do mais, eles têm toda aquela superstição sobre a linhagem real. Mas... eu acho que você está certa. Acho que é disso que Luna precisa.

Ela sentiu como se uma lua inteira tivesse sido tirada dos ombros.

– O que você vai fazer, então? Depois que abdicar?

– Não sei. Ouvi falar que Thorne está procurando um mecânico em tempo integral. – Ela deu de ombros, mas Kai continuou com expressão pensativa. – O quê?

– Acho que você deveria voltar para a Comunidade. Você poderia ficar no palácio como embaixadora lunar. Seria uma demonstração de boa-fé. Prova de que a Terra e Luna podem trabalhar juntas, em concordância.

Cinder mordeu o lábio.

– Achei que o povo da Comunidade me odiasse – disse ela. – Por causa do sequestro. E de todas as outras coisas que aconteceram.

– Por favor. Você é a princesa perdida que os salvou do reinado da *imperatriz* Levana. Eu soube que tem um fabricante de brinquedos que quer fazer bonequinhas suas. E querem botar uma estátua onde ficava sua barraquinha na feira.

Ela fez uma careta.

Rindo, Kai segurou a mão dela.

– Sempre que você voltar, vai ser recebida de braços abertos. E, depois de tudo o que aconteceu, provavelmente vai ter duzentos mil caras querendo levar você ao Baile Anual da Paz no ano que vem. Minha expectativa é que as propostas comecem a chegar a qualquer momento.

– Duvido muito.

– Espere só para ver. – Ele inclinou a cabeça, com mechas de cabelo caindo nos olhos. – Achei que não faria mal botar meu nome na lista antes que outra pessoa roube você. Se começarmos agora e planejarmos visitas frequentes entre a Terra e Luna, pode ser até que eu tenha tempo de ensinar você a dançar.

Cinder mordeu o lábio para disfarçar um sorriso.

– Por favor, diga sim – disse Kai.

Mexendo nos fios soltos do pé antigo, ela perguntou:

– Eu vou ter que usar vestido?

– Eu não ligo se você usar coturnos e calça cargo.

– É bem capaz de eu usar isso mesmo.

– Que bom.

– Iko me mataria. – Ela fingiu estar pensando, e ergueu o olhar para o céu. – Posso levar meus amigos?

– Vou convidar pessoalmente toda a tripulação da Rampion. Vamos transformar o evento em um reencontro.

– Até Iko?

– Vou arrumar um par para ela.

– Porque tem uma regra que proíbe andróides de irem ao baile, sabe.

– Acho que conheço uma pessoa que pode mudar essa regra.

Sorrindo, ela chegou um pouco mais perto. A ideia de voltar ao baile e encarar todas aquelas pessoas que a observaram com tanto horror e desprezo a encheu de quantidades absurdas de tudo, de ansiedade e medo a alegria indescritível.

– Eu ficaria honrada – disse ela.

Os olhos dele se aqueceram.

– E aquelas aulas de dança?

– Não force a barra.

Kai puxou o queixo dela e a beijou. Ela não sabia qual era o número desse; tinha enfim descoberto como desligar a função de contagem automática do cérebro e não ligava para quantas vezes ele a tinha beijado. Mas gostava do fato de cada beijo não dar mais a sensação de ser o último.

Só que, quando Kai se afastou, um toque de tristeza tinha surgido na expressão dele.

– Cinder, eu acho que você seria uma ótima governante. Acredito que essa decisão é uma grande prova disso. – Ele hesitou. – Mas também sei que você nunca quis ser rainha. Não de verdade.

Cinder nunca tinha lhe dito isso e se perguntou se ficou tão óbvio durante todo aquele tempo.

– Mas eu tenho que perguntar... – Kai hesitou. – Você acha que, *um dia*, pode considerar ser imperatriz?

Cinder se obrigou a sustentar o olhar dele e a engolir a piada que surgiu na ponta da língua. Ele não a estava provocando com anéis de noivado e aulas de dança. Era uma pergunta de verdade, de um imperador de verdade, que tinha o futuro verdadeiro do país a levar em consideração.

Se ela quisesse ser parte do futuro dele, teria que fazer parte de tudo.

– Eu consideraria – disse ela, e respirou fundo pela primeira vez em dias. – Um dia.

O sorriso dele voltou, com força e alívio.

Ele passou o braço ao redor dela, e Cinder não escondeu o sorriso quando se encostou nele, olhando o lago Artemísia e a cidade branca e o planeta Terra cercado de estrelas. Ela girou o pé incômodo e odioso nos dedos. Desde que conseguia se lembrar, aquele pé fora um peso. Um lembrete constante de que ela era inútil, de que não era importante, de que não passava de uma ciborgue.

Ela segurou o pé acima da água e o soltou.



E todos viveram felizes até o fim de seus dias.



AGRADECIMENTOS

MEU CORAÇÃO TRANSBORDA DE GRATIDÃO...

Por todo mundo da Macmillan Children's, inclusive, mas não apenas: Jean Feiwel, Liz Szabla, Jon Yaged, Nicole Banholzer, Molly Brouillette, Lauren Burniac, Mariel Dawson, Lucy Del Priore, Liz Fithian, Courtney Griffin, Angus Killick, Johanna Kirby, Anna Roberto, Caitlin Sweeny, Mary Van Akin, Allison Verost, Ksenia Winnicki e incontáveis pessoas que lutaram pelos livros dos bastidores. Vocês são tão brilhantes e criativos, e tenho muita sorte de trabalhar com vocês. Também quero fazer um agradecimento especial ao designer das capas, Rich Deas, e ao ilustrador, Michael O., que juntos criaram as capas mais lindas que um autor pode querer. Agradeço também a minha editora, Anne Heausler, por sua atenção cuidadosa e conhecimento surpreendentemente excelente da geologia da Lua.

Por Rebecca Soler, a narradora absurdamente talentosa dos audiolivros, junto com Samantha Edelson e toda a equipe da Macmillan Audio, por dar vida a essas histórias de uma forma tão viva e tangível.

Por minha intrépida agente e sua equipe: Jill Grinberg, Cheryl Pientka, Katelyn Detweiler e Denise St. Pierre. Obrigada pela constante fé, orientação e zelo de comemorar cada feito. (*Winter* acabou... viva!)

Por minhas leitoras beta, Tamara Felsing, Jennifer Johnson e Meghan Stone-Burgess, que estão comigo desde o começo dessa jornada maluca. Várias vezes vocês me forçaram a ir mais fundo e mais longe, e seu feedback valioso fez uma diferença enorme nesta série e para mim como escritora. Além do mais, eu adoro vocês todas.

Pelo fandom de *Sailor Moon*, pelos que me deram coragem quando eu era uma escritora iniciante de fanfics, por alguns dos meus amigos mais queridos que me fazem rir com suas travessuras. (Pronto, eu botei Jacin de toalha. *Estão felizes??*)

Muitas vezes falamos sobre o fato de escrever ser uma profissão solitária, mas é difícil saber disso quando se está cercada de amigos escritores maravilhosos como eu. Sou grata às minhas parceiras no crime – Gennifer Albin (sentimos sua falta!), Martha Brockenbrough, Corry Lee, Mish McBride, Ayesha Patel e Rori Shay – por me manterem inspirada e concentrada durante nossos muitos encontros e retiros de escrita. Sou muito feliz por ter conhecido cada uma de vocês. Agradeço também a Mary Christine Weber e Jay Asher, que se juntaram a mim em uma entrevista superdivertida na versão brochura de *Cress*, e a tantos escritores que brincaram, me inspiraram, se solidarizaram, me motivaram, me ensinaram, fizeram turnê comigo e me encorajaram durante essa missão épica de escrever livros: Anna Banks, Leigh Bardugo, Stephanie Bodeen, Jennifer Bosworth, Jessica Brody, Alexandra Coutts, Jennifer Ellison, Elizabeth Eulberg, Elizabeth Fama, Nikki Kelly, Robin LaFevers, Emmy Laybourne, Beth Revis, Leila Sales e Jessica Spostwood, com

sinceros pedidos de desculpas a qualquer pessoa que eu possa ter esquecido.

Pelos bibliotecários, escritores, livreiros e blogueiros que divulgaram essa série. De discussões a tarefas de arte, de seleção de funcionários a críticas no Goodreads, seu entusiasmo apresentou incontáveis leitores às Crônicas Lunares, e sou imensamente grata por tudo o que vocês fizeram.

Por meus amigos e familiares, que planejam festas de lançamento, tiram fotos, fazem jantares, cuidam de crianças, divulgam meus livros para pessoas aleatórias no supermercado, arrumam meu cabelo, fazem coroas, compartilham recomendações dos livros, me ajudam a comprar roupas de gala e sempre me lembram das coisas importantes da vida. Obrigada. Eu amo vocês.

Por Jesse, que faz tantas coisas para eu poder ficar concentrada em escrever e sonhar, sonhar e escrever. Amo você com todo o meu coração. E por Sarah e Emily, cujos sorrisos tornaram este o ano mais iluminado da minha vida.

Por fim, tenho uma gratidão infinita pelos leitores (é, você!). Ao longo dos últimos anos, vocês fizeram *fan arts* e escreveram cartas, tiveram discussões profundas sobre os méritos de várias OTPs, compartilharam comigo suas lutas e alegrias, fizeram maratonas de leitura, usaram fantasias e saltos vermelhos, dirigiram por horas para ir a um evento de autógrafos, sonharam com escalação de atores para os filmes, fizeram bolinhos das Crônicas Lunares, criaram Tumblrs e compilaram painéis no Pinterest e tantas outras coisas. Essa história é de vocês tanto quanto minha, e eu não poderia sentir que estou colocando-a em

mãos melhores. Se vocês precisarem de mim, agradecerei a todas as estrelas por cada um de vocês, um a um.

Título Original
Book Four
WINTER

Copyright do texto © 2015 *by* Rampion Books.

Primeira publicação por Feiwel and Friends, um selo da
Macmillan Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Jill Grinberg
Literary Management LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais
LORENA PIÑEIRO

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

GUILHERME PERES

Revisão de arquivo ePub
PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: Setembro, 2016.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56w

Meyer, Marissa

Winter [recurso eletrônico] / Marissa Meyer; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.
recurso digital (Crônicas lunares; 4)

Tradução de: Winter - The Lunar Chronicles Book 4

ISBN 978-85-7980-310-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Fantasia. 3. Livros eletrônicos. 1. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

16-34306

CDD:813

CDU:821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

A Autora

MARISSA MEYER MORA EM TACOMA, WASHINGTON, COM O MARI
dois gatos. É fã de muitas coisas nerds (*Sailor Moon*, *Firefly*, organizar as estantes por cor...) e é apaixonada por contos de fadas desde criança – e não pretende abandonar isso. Ela pode ser ou não um ciborgue.

Índice

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Sumário](#)

[Cinder](#)

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[LIVRO UM](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[LIVRO DOIS](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[LIVRO TRÊS](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[LIVRO QUATRO](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)

[Scarlet](#)

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[LIVRO UM](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[LIVRO DOIS](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Catorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)
[Capítulo Dezesete](#)
[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Capítulo Vinte](#)
[Capítulo Vinte e Um](#)
[Capítulo Vinte e Dois](#)
[Capítulo Vinte e Três](#)

[LIVRO TRÊS](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)
[Capítulo Vinte e Cinco](#)
[Capítulo Vinte e Seis](#)
[Capítulo Vinte e Sete](#)
[Capítulo Vinte e Oito](#)
[Capítulo Vinte e Nove](#)
[Capítulo Trinta](#)
[Capítulo Trinta e Um](#)
[Capítulo Trinta e Dois](#)
[Capítulo Trinta e Três](#)
[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[LIVRO QUATRO](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)
[Capítulo Trinta e Seis](#)
[Capítulo Trinta e Sete](#)
[Capítulo Trinta e Oito](#)
[Capítulo Trinta e Nove](#)
[Capítulo Quarenta](#)
[Capítulo Quarenta e Um](#)
[Capítulo Quarenta e Dois](#)
[Capítulo Quarenta e Três](#)
[Capítulo Quarenta e Quatro](#)
[Capítulo Quarenta e Cinco](#)
[Capítulo Quarenta e Seis](#)
[Capítulo Quarenta e Sete](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)

[Cress](#)

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[LIVRO UM](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[LIVRO DOIS](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[LIVRO TRÊS](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Capítulo Trinta e Nove](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[LIVRO QUATRO](#)

[Capítulo Quarenta e Três](#)

[Capítulo Quarenta e Quatro](#)

[Capítulo Quarenta e Cinco](#)

[Capítulo Quarenta e Seis](#)

[Capítulo Quarenta e Sete](#)

[Capítulo Quarenta e Oito](#)

[Capítulo Quarenta e Nove](#)

[Capítulo Cinquenta](#)

[Capítulo Cinquenta e Um](#)

[Capítulo Cinquenta e Dois](#)

[Capítulo Cinquenta e Três](#)

[Capítulo Cinquenta e Quatro](#)

[Capítulo Cinquenta e Cinco](#)

[Capítulo Cinquenta e Seis](#)

[Capítulo Cinquenta e Sete](#)

[Capítulo Cinquenta e Oito](#)

[Capítulo Cinquenta e Nove](#)

[Capítulo Sessenta](#)

[Capítulo Sessenta e Um](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)

[Winter](#)

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[LIVRO UM](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[LIVRO DOIS](#)

[Capítulo Vinte e um](#)

[Capítulo Vinte e dois](#)

[Capítulo Vinte e três](#)

[Capítulo Vinte e quatro](#)

[Capítulo Vinte e cinco](#)

[Capítulo Vinte e seis](#)

[Capítulo Vinte e sete](#)

[Capítulo Vinte e oito](#)

[Capítulo Vinte e nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e um](#)
[Capítulo Trinta e dois](#)
[Capítulo Trinta e três](#)
[Capítulo Trinta e quatro](#)
[Capítulo Trinta e cinco](#)
[Capítulo Trinta e seis](#)
[Capítulo Trinta e sete](#)
[Capítulo Trinta e oito](#)

[LIVRO TRÊS](#)

[Capítulo Trinta e nove](#)
[Capítulo Quarenta](#)
[Capítulo Quarenta e um](#)
[Capítulo Quarenta e dois](#)
[Capítulo Quarenta e três](#)
[Capítulo Quarenta e quatro](#)
[Capítulo Quarenta e cinco](#)
[Capítulo Quarenta e seis](#)
[Capítulo Quarenta e sete](#)
[Capítulo Quarenta e oito](#)
[Capítulo Quarenta e nove](#)
[Capítulo Cinquenta](#)
[Capítulo Cinquenta e um](#)
[Capítulo Cinquenta e dois](#)
[Capítulo Cinquenta e três](#)
[Capítulo Cinquenta e quatro](#)
[Capítulo Cinquenta e cinco](#)
[Capítulo Cinquenta e seis](#)
[Capítulo Cinquenta e sete](#)
[Capítulo Cinquenta e oito](#)
[Capítulo Cinquenta e nove](#)
[Capítulo Sessenta](#)

[LIVRO QUATRO](#)

[Capítulo Sessenta e um](#)
[Capítulo Sessenta e dois](#)
[Capítulo Sessenta e três](#)
[Capítulo Sessenta e quatro](#)
[Capítulo Sessenta e cinco](#)

[Capítulo Sessenta e seis](#)
[Capítulo Sessenta e sete](#)
[Capítulo Sessenta e oito](#)
[Capítulo Sessenta e nove](#)
[Capítulo Setenta](#)
[Capítulo Setenta e um](#)
[Capítulo Setenta e dois](#)
[Capítulo Setenta e três](#)
[Capítulo Setenta e quatro](#)
[Capítulo Setenta e cinco](#)
[Capítulo Setenta e seis](#)
[Capítulo Setenta e sete](#)

[LIVRO CINCO](#)

[Capítulo Setenta e oito](#)
[Capítulo Setenta e nove](#)
[Capítulo Oitenta](#)
[Capítulo Oitenta e um](#)
[Capítulo Oitenta e dois](#)
[Capítulo Oitenta e três](#)
[Capítulo Oitenta e quatro](#)
[Capítulo Oitenta e cinco](#)
[Capítulo Oitenta e seis](#)
[Capítulo Oitenta e sete](#)
[Capítulo Oitenta e oito](#)
[Capítulo Oitenta e nove](#)
[Capítulo Noventa](#)
[Capítulo Noventa e um](#)
[Capítulo Noventa e dois](#)
[Capítulo Noventa e três](#)
[Capítulo Noventa e quatro](#)
[Capítulo Noventa e cinco](#)
[Capítulo Noventa e seis](#)
[Capítulo Noventa e sete](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)